

Infinite Jest

david foster wallace

«Ainda não inventaram uma palavra para aquilo que ele faz.»
Sunday Telegraph

QUETZAL
serpente emplumada | David Foster Wallace

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

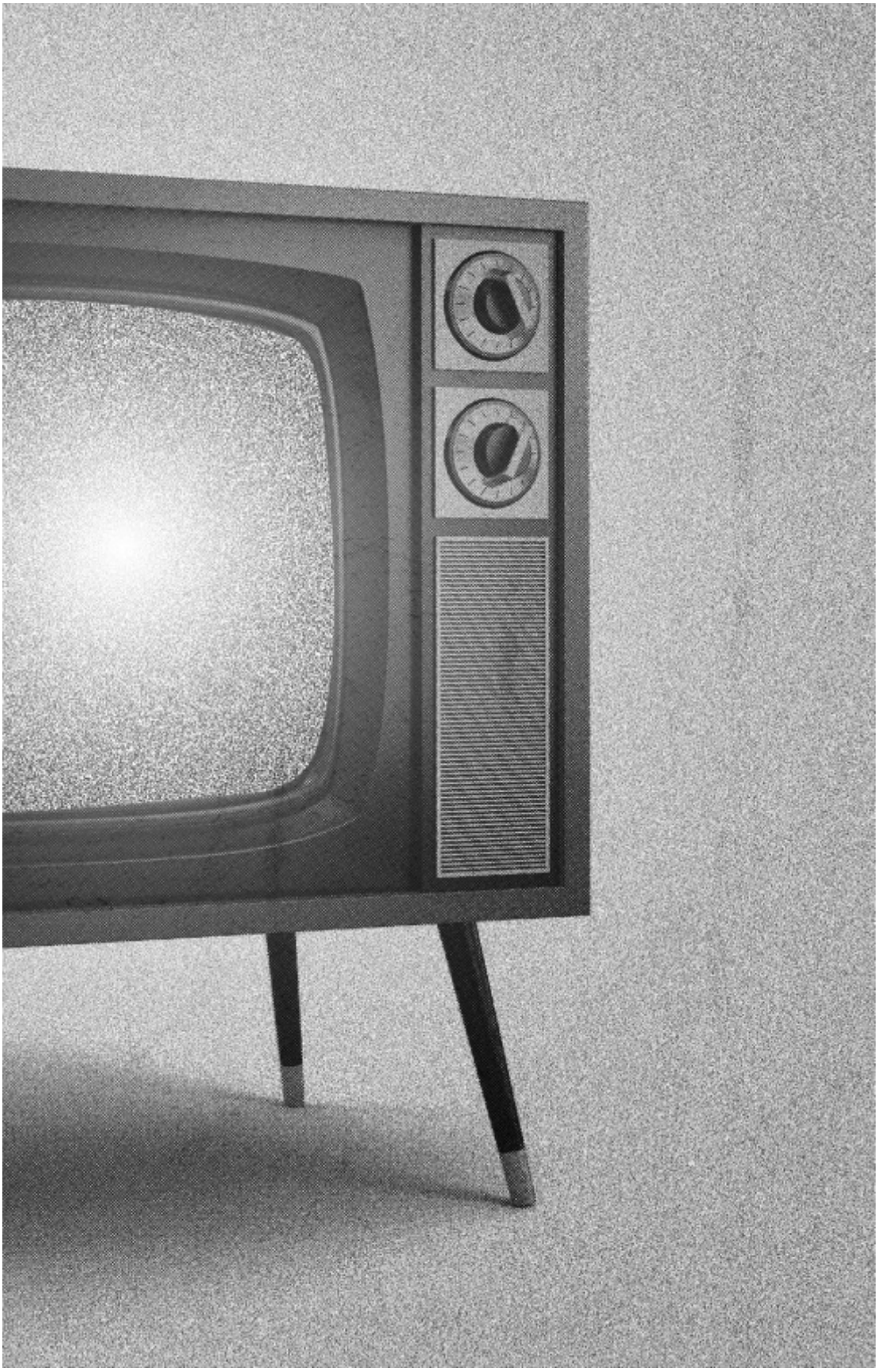
Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



David Foster Wallace nasceu em 1962, Ithaca, Nova Iorque. Estudou Inglês e Filosofia e, durante a adolescência, foi praticante federado de ténis, uma atividade que viria a ser essencial na sua obra de ficção e não ficção. Publicou o primeiro romance, *The Broom of The System*, em 1987, um livro influenciado por um dos seus ídolos literários, Thomas Pynchon, e que recebeu críticas bastante positivas da imprensa na altura. O segundo romance só apareceu nove anos depois, na forma das mais de mil páginas do colossal, delirante e inovador *Infinite Jest* (*A Piada Infinita*, na tradução portuguesa). A revista *Time* considerou-o um dos 100 melhores romances de língua inglesa publicados desde 1923. No período entre a publicação dos dois romances, Wallace deu aulas de Literatura no Emerson College, em Boston, escreveu contos e artigos para a imprensa, entre os quais o muito influente «E Unibus Pluram: Television and U.S. Fiction», uma reflexão sobre as tendências da nova ficção americana. As coletâneas de ensaios e artigos jornalísticos *A Supposedly Fun Thing I'll Never do Again* (1997) e *Consider the Lobster* (2005) confirmaram Wallace como um dos escritores mais originais da sua geração, capaz de transformar um texto sobre o tenista Roger Federer numa obra de arte. O sucesso e o reconhecimento da crítica e do público não aliviaram, porém, os problemas de depressão que Wallace enfrentou ao longo de toda a vida. Em 2008, com apenas 46 anos, David Foster Wallace suicidou-se. Com base no trabalho que deixou incompleto, o seu editor norte-americano decidiu publicar, em 2011, o romance póstumo *The Pale King*, o testamento literário de um génio da literatura universal.



A Piada Infinita

Tradução de Salvato Telles de Menezes e Vasco Teles de Menezes

QUETZAL serpente emplumada | David Foster Wallace

Título: A Piada Infinita
Título original: Infinite Jest
1.ª edição em papel: Novembro de 2012
Autor: David Foster Wallace
Tradução: Salvato Telles de Menezes
e Vasco Teles de Menezes
Revisão: Pedro Ernesto Ferreira

Projeto gráfico original: RPVP Designers
Design da capa: Rui Rodrigues · Quetzal Editores

© 1996 David Foster Wallace

© 2012 Quetzal Editores
[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Quetzal Editores]

Edição segundo as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Quetzal Editores
Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.° 1
1500-499 Lisboa
quetzal@quetzaleditores.pt
Tel. 217 626 000 · Fax 217 625 400

ISBN: 978-989-722-069-2



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

A F. P. Foster: R.I.P.

NOTA DOS TRADUTORES:

Os tradutores gostariam de referir alguns aspetos que consideram terem sido fundamentais nas opções feitas na tradução desta obra. *Infinite Jest/A Piada Infinita* é, entre outras coisas, uma obra sobre a linguagem. As personagens têm uma maneira de falar própria que as distingue umas das outras e o próprio narrador assume frequentemente essas diferentes formas de falar, como se fosse «contaminado» pelas características de cada personagem. O autor utiliza, entre outros processos, estruturas gramaticais incorretas, erros ortográficos (incluindo todos os estrangeirismos) e inúmeros neologismos, bem como uma profusão de alusões e referências que em muitos casos nos abstivemos de assinalar com notas de rodapé. Há personagens que falam mal inglês e outras, francês, para além do calão do mundo das drogas, etc. Foi esta variedade que se tentou transmitir, correndo os riscos que nos pareceu ser necessário correr perante situações de muito difícil resolução. Não é possível deixar de agradecer a todos que, com os seus conselhos amigos e contributos especializados, foram fundamentais para a execução do trabalho, permitindo-nos referir, entre outros, Vera e David Prescott, Sofia Ribeiro, Gustavo P. Lima, Amélia Luckhurst, Carlos França, António Borga, Francisco Pereira e António Nunes.

ANO DE GLAD



ESTOU SENTADO NUMA SALA, rodeado de cabeças e de corpos. A minha postura é conscientemente congruente com a forma da minha dura cadeira. É uma sala fria do edifício da Administração da Universidade, com paredes apaineladas em que havia quadros à maneira de Remington e janelas duplas que a defendiam do calor de novembro, protegida de sons administrativos pela zona da receção na qual o tio Charles, o senhor DeLint e eu tínhamos sido recebidos.

Eu estou aqui.

Três caras ocuparam lugar em cima de casacos desportivos de verão e largas gravatas de seda do outro lado de uma mesa de conferências de pinho polido que brilha com a luz – que parece uma teia de aranha – do meio-dia do Arizona. São os três deões: o das Admissões, o dos Assuntos Académicos e o dos Assuntos Desportivos. Não sei a qual corresponde cada cara.

Creio que estou a dar uma imagem neutra, talvez mesmo agradável, embora me tivessem instruído a carregar nas cores da neutralidade e não fazer nenhuma tentativa em matéria do que me pareceria ser uma expressão amável ou um sorriso.

Decidi-me a cruzar as pernas, espero que com todo o cuidado, com o tornozelo em cima do joelho e as mãos juntas no regaço das calças. Os meus dedos estão entrelaçados numa série especular daquilo que, para mim, se manifesta com a letra X. O restante pessoal que ocupa a sala de entrevistas inclui: o diretor de Composição da Universidade, o treinador da equipa principal de ténis e A. DeLint, pró-reitor da minha Academia. Ao meu lado está C.T.; os outros estão, respetivamente, sentados, de pé e de pé na periferia da minha visão. O treinador de ténis faz tilintar algumas moedas. Há qualquer coisa vagamente digestiva no odor da sala. A sola de alta tração dos meus ténis *Nike* oferecidos está em paralelo com o bamboleante sapato de couro do meio-irmão da minha mãe, presente na condição de meu reitor, sentado na cadeira que espero que

esteja à minha direita e também de frente para os deões.

O deão da esquerda, um homem magro e de tez amarelada cujo sorriso inalterado tem contudo a qualidade fugidia de coisa estampada num material pouco cooperante, tem uma personalidade que ultimamente aprendia a apreciar, do género que adia a necessidade de qualquer resposta minha contando-me a minha versão da minha história. Tendo-lhe sido passada uma resma de folhas de computador pelo deão do meio, uma espécie de leão desgrenhado, segue mais ou menos essas páginas com um sorriso dissimulado.

– O senhor chama-se Harold Incandenza, tem dezoito anos, concluirá o seu curso secundário dentro de cerca de um mês, frequentando a Academia de Ténis de Enfield, em Massachusetts, um internato, onde reside. – Os olhos para ler dele são retangulares, em forma de campo de ténis, com as marcações em cima e em baixo. – De acordo com o treinador White e o deão (ilegível), o senhor é um jogador incluído nos *rankings* de juniores locais, nacionais e continentais, um atleta com potencial suficiente para pertencer à ONANCAA,[*1] uma promessa em bruto, recrutado pelo treinador White mediante correspondência com o doutor Tavis aqui presente... a partir de fevereiro deste ano. – Passa a primeira página e coloca-a cuidadosamente no fim da pilha. – Reside na Academia de Ténis de Enfield desde os sete anos de idade. – Debato mentalmente se me arrisco a coçar o lado esquerdo do meu queixo, onde tenho uma verruga. – O treinador White informou o nosso escritório de que tem a mais elevada consideração pelo programa e resultados da Academia de Ténis de Enfield e que a equipa de ténis da Universidade do Arizona já tirou bom partido da matrícula de vários antigos alunos da ATE, um dos quais foi um tal senhor Aubrey F. DeLint, que também está aqui presente. O treinador White e os seus assistentes deram-nos...

O discurso do deão de tez amarelada não revela qualquer tipo de distinção, embora deva admitir que conseguiu fazer-se entender. O diretor de Composição, à direita, parece ter mais sobrancelhas do que é normal. O deão da direita parece estar a observar a minha cara de uma maneira bastante esquisita.

O tio Charles está a dizer que, embora possa antever que provavelmente os deões estarão predispostos a considerar as afirmações dele como as de uma espécie de chefe de claque da ATE, pode garantir aos deões ali reunidos que o que acabou de ser dito é a pura verdade e que nesse preciso momento a Academia tem como residentes um terço dos trinta juniores de topo do

continente, de todas as idades possíveis, e que eu, ali presente, que sou habitualmente tratado por «Hal», «estou no cimo, entre os melhores». Os deões do centro e da direita sorriem profissionalmente; o treinador e DeLint inclinam as cabeças quando o deão da esquerda pigarreia.

– ... acreditamos que poderá dar, mesmo no seu primeiro ano, um contributo importante para o programa da equipa de ténis principal desta Universidade. Agrada-nos muito – diz ou lê virando uma página – que um torneio local o tenha trazido cá e dado a oportunidade de nos reunirmos e falarmos sobre a sua candidatura, possível recrutamento, matrícula e bolsa.

– Foi-me solicitado que acrescente que o Hal, aqui presente, foi classificado em singulares como terceiro cabeça de série no prestigiado Torneio WhataBurger Southwest Junior Invitational para menores de dezoito anos no Centro de Ténis Randolph – diz o que deduzo ser o dos Assuntos Desportivos, um tipo cuja cabeça inclinada mostrava um couro cabeludo salpicado de sardas.

– Sim, o que fica no Parque Randolph, perto do famoso El Con Marriott – introduz C.T. –, um clube que toda a gente não se cansa de afirmar ser de primeira categoria e...

– Precisamente, Chuck, e também que, ainda segundo Chuck, o Hal já justificou a sua classificação quando passou esta manhã à semifinal com uma vitória ao que consta impressionante, e que amanhã voltará a jogar contra o vencedor do jogo dos quartos de final desta noite; julgo que vai ser às oito e meia da manhã em ponto...

– Tente arrumar a questão antes que apareça o maldito calor de cá. Embora seja um calor seco.

– ... e parece que já está qualificado para participar no Continental Indoors do próximo inverno em Edmonton, segundo me disse o Kirk – acrescentou inclinando o corpo para a frente para erguer os olhos e dirigir-se ao treinador que está à esquerda e cujo sorriso permite vislumbrar uns dentes brilhantes sobre um violento bronzeado de fundo. – O que é realmente qualquer coisa. – Sorri enquanto olha para mim. – São corretas as nossas informações, Hal?

C.T. cruzou os braços com grande naturalidade; a carne dos seus tricípites está salpicada de manchas sob o efeito da luz de um sol de ar condicionado.

– Claro que sim, Bill. – Sorri. As duas metades do bigode nunca são inteiramente simétricas. – E permitam que diga que o Hal está entusiasmado,

entusiasmado por o terem convidado a participar no Invitational pelo terceiro ano consecutivo e estar aqui, numa comunidade pela qual sente verdadeiro afeto, e por conhecer os vossos estudantes e equipa técnica e ter justificado a sua elevada classificação na nada fácil competição desta semana, por se aguentar devido a nunca ter baixado a guarda, por assim dizer, mas sobretudo por ter tido a oportunidade de vos conhecer, cavalheiros, e de visitar as instalações. Aqui tudo dá aspeto de ser de altíssimo nível, de acordo com o que já lhe foi dado ver.

Faz-se silêncio. DeLint muda a posição das costas contra a parede e volta a equilibrar o peso. O meu tio sorri e inclina-se para diante e ajusta uma correia de relógio ajustada. Sessenta e dois e meio por cento das caras presentes na sala estão viradas para mim, numa amável expectativa. O meu peito agita-se como uma máquina de secar roupa cheia de sapatos. Componho aquilo que penso poder ser considerado por eles um sorriso. Olho para este e para aquele lado, devagar, assim como quem tenta dirigir a expressão a todos os que estão na sala.

Faz-se novamente silêncio. As sobrancelhas do deão amarelo ficam circunflexas. Os outros dois deões olham para o diretor de Composição. O treinador de ténis deslocou-se para a larga janela coçando a nuca. O tio Charles toca no antebraço acima do relógio. Abruptas e curvilíneas sombras de palmeira movem-se lentamente sobre o brilho da mesa de pinho, a cabeça de um deles é como a sombra de uma lua negra.

– Chuck, o Hal sente-se bem? – pergunta o tipo dos Assuntos Desportivos. – O Hal parece que só... bem, faz caretas. Estará com dores? Estás com dores, meu filho?

– O Hal está ótimo – diz com um sorriso o meu tio acalmando o ambiente com um gesto. – Trata-se apenas do que poderíamos apelidar de tique facial, nada de importante, devido à adrenalina de estar aqui num *campus* que impressiona qualquer um, devido a ter justificado o seu *ranking* sem perder um único *set* até agora, devido a ter recebido por escrito a oferta oficial do treinador White com o cabeçalho da Pac 10 não só de exclusividade mas também de pensão mensal completa, estando pronto para provavelmente hoje e aqui mesmo assinar uma declaração de compromisso com a Universidade, segundo me informou.

C.T. dirige-me um olhar espantosamente amável. Eu faço o que é mais seguro: relaxo todos os músculos da cara e esvazio-a de qualquer expressão. Observo cuidadosamente o nó kekuliano da gravata do deão que está sentado no meio.

A minha resposta silenciosa ao silêncio expectante começa a afetar o ambiente da sala; o pó e o cotão dos fatos de treino agitados pelas rajadas de ar condicionado bailam no enviesado raio de luz que entra pela janela; o ar em cima da mesa parece um espaço borbulhante com um copo de água gaseificada recentemente servida. O treinador, com um gesto que não é nem britânico nem australiano, comunica a C.T. que todo o processo de candidatura interface, ainda que em geral seja uma simples e agradável formalidade, poderia ser mais acentuado se permitisse ao candidato falar por si próprio. Os deões do centro e da direita juntam as cabeças para conferenciar em voz baixa formando uma espécie de tenda índia de pele e cabelos. Julgo que o treinador quis dizer *facilitado* em vez de *acentuado,* embora *acelerado,* apesar de ser mais rebuscado do que *facilitado,* fosse mais sensato com erro de um ponto de vista fonético. O deão da cara amarelada e plana inclina-se para a frente mostrando as gengivas, facto que me parece ser uma manifestação de preocupação. Junta as mãos na superfície da mesa de reuniões. Os dedos dele dão a ideia de copular enquanto a minha série de quatro X se dissolve quando agarro com força os lados da cadeira.

Começa a dizer que precisamos de falar francamente sobre alguns potenciais problemas da minha candidatura. E faz uma referência à importância da sinceridade.

– As questões que os nossos serviços têm de enfrentar nos documentos relativos à tua candidatura, Hal, estão relacionadas com os resultados dos teus exames. – Desce os olhos para uma colorida página com as notas que esconde atrás da trincheira dos braços. – O pessoal das Admissões tem estado a analisar as tuas notas e verificou que... creio que sabes disso e que poderás explicar o que se passa... são, como poderei dizer?, abaixo do normal.

Devo explicar isso.

É evidente que este deão amarelado e bastante sincero que está à esquerda é o responsável pelas Admissões. E não restam quaisquer dúvidas de que, então, a pequena figura de ave que está à direita é o deão do Desporto, porque as rugas na cara do hirsuto deão do meio estão franzidas numa espécie de remota afronta, uma expressão de estou-a-comer-uma-coisa-que-de-facto-me-faz-apreciar-a-bebida-com-que-a-acompanho que transmite reservas profissionalmente académicas. Portanto, no centro de tudo há uma inquebrantável lealdade às

regras. O meu tio observa o do Desporto com perplexidade. Mexe-se ligeiramente na cadeira.

A incongruência entre a mão e a cor da cara do das Admissões é quase brutal.

– ... notas das provas orais que estão demasiado próximas do zero para que não nos sintamos desconfortáveis, sobretudo se tivermos em conta a informação do secundário dada pelo estabelecimento de ensino de que a tua mãe e o irmão dela são administradores – lendo diretamente do papel escondido na elipse dos braços – que no ano passado, sim, caiu razoavelmente, mas com isto quero dizer que «caiu» espantosamente depois de três anos de francamente incrível.

– Inimaginável.

– Muitos estabelecimentos não têm sequer Excelente com vários sinais de mais à frente – diz o diretor de Composição com uma expressão facial impossível de interpretar.

– Esta espécie de... como direi... incongruência – diz o das Admissões, com ar franco e preocupado –, tenho de te dizer que suscita um alerta vermelho de potencial preocupação durante o processo de admissão.

– Por isso, convidamos-te a que nos expliques como surgiram estas incongruências, para não lhes chamar brincadeiras de mau gosto.

O do Corpo Discente tem uma vozinha estridente que é absurdo que provenha de uma cara tão grande.

– Estou certo de que o senhor, quando usou *incrível*, quis dizer muitíssimo impressionante, em oposição a um literal «incrível» – disse C.T. dando a ideia de observar o treinador, que está a massajar a nuca à janela.

A imensa janela mostra apenas um sol deslumbrante e a terra gretada sobre a qual se veem tremular ondas de calor.

– De modo que estamos perante a necessidade de fazer não os dois ensaios de admissão obrigatórios mas nove, alguns dos quais são tão extensos como monografias e todos sem exceção são... – muda de página – o adjetivo que vários avaliadores utilizam é «estelares».

Diretor de Composição:

– Na minha avaliação fiz expresso uso de «tumulares» e «impotentes».

– ... mas em áreas e com títulos de que tenho a certeza te lembrarás perfeitamente, Hal: *Assunções Neoclássicas na Gramática Normativa Contemporânea, Implicações das Transformações Pós-Fourierianas no Cinema*

Holograficamente Mimético, Aparição da Estase Heroica no Entretenimento Radiofónico...

– A Gramática de Montague e a Semântica da Modalidade Física.

– Um Homem Que Começou a Suspeitar Que Era de Vidro.

– Simbolismo Terciário no Erotismo Justiniano.

Exibindo agora grandes extensões de gengiva esponjosa.

– Bastará assinalar que existe uma preocupação sincera e honesta em relação ao recipiendário destas infelizes notas, embora talvez essas notas tenham uma explicação, se é que é ele o único autor dos testes.

– Duvido que o Hal tenha consciência do que está aqui em questão – disse o meu tio.

O deão do meio apalpa as lapelas do casaco enquanto interpreta uns dados informáticos adversos.

– O que a Universidade está a dizer é que de um ponto de vista estritamente académico existem problemas de admissão que o Hal nos deve ajudar a resolver. O papel prioritário do candidato à entrada na Universidade é e tem de ser o de estudante. Não podemos admitir um aluno do qual suspeitamos não ter as necessárias competências, por mais campeão que seja no relvado.

– O deão Sawyer refere-se ao campo de ténis, Chuck – disse o dos Assuntos Desportivos, com a cabeça brutalmente levantada e virada para um lado de modo a incluir White, que está nas costas dele, entre os recetores da informação. – Para não referir o regulamento da ONANCAA e os seus investigadores sempre à cata do mais pequeno indício de desrespeito pelas normas.

O treinador de ténis consulta o relógio.

– Assumindo que estas classificações são o reflexo exato da verdadeira capacidade neste caso – diz o dos Assuntos Académicos na sua voz aguda, séria e *sotto,* ainda a olhar para os documentos que tem à sua frente como se fossem um prato de qualquer coisa horrorosa –, digo-lhes já que a minha opinião é que não seria justo. Não seria justo para os outros candidatos. Não seria justo para a comunidade universitária. – Vira os olhos para mim. – E seria especialmente injusto para o próprio Hal. Aceitar a inscrição de um rapaz que encarássemos como um mero trunfo desportivo significaria usá-lo. E estamos sob um escrutínio múltiplo para que não usemos ninguém. Os resultados dos teus testes, meu filho, indicam que poderíamos ser acusados de te estarmos a usar.

O tio Charles pede ao treinador White que pergunte ao deão dos Assuntos Desportivos se a tempestade levantada à volta das notas seria tão violenta se eu fosse, digamos, um prodígio futebolístico que rendesse muito dinheiro. Aumenta o consabido pânico de me sentir incompreendido e o coração bate com força no meu peito. Concentro toda a minha energia na necessidade de permanecer absolutamente silencioso na cadeira, vazio, os olhos como dois grandes e pálidos zeros. Prometeram-me que me safariam disto.

O tio C.T., contudo, tem o aspeto aflito dos acossados. A voz dele adquire um timbre estranho quando se sente encurralado, como se gritasse enquanto recua.

– As notas do Hal na ATE, que é, tenho de o sublinhar, uma academia e não um acampamento ou uma fábrica, reconhecida tanto pela comunidade de Massachusetts como pela Associação Académica Norte-Americana de Desportos, consagrada às necessidades globais do desportista e do estudante, fundada por uma figura tão proeminente que não precisa de ser mencionada, baseada no exigente modelo do plano de estudos Quadrivium-Trivium de Oxbridge, um estabelecimento de ensino muito bem equipado e com um corpo docente devidamente certificado, devia ser mais do que suficiente para demonstrar que o meu sobrinho, aqui presente, pode cumprir os requisitos da Pac 10 e que...

DeLint aproxima-se do treinador de ténis, que sacode a cabeça.

– ... poderia detetar-se o aroma característico dos preconceitos contra os desportos minoritários nisto tudo – prossegue C.T. cruzando e recruzando as pernas enquanto eu sou todo ouvidos e estou sereno e atento.

O silêncio carbonatado da sala tornou-se hostil.

– Creio que chegou a hora de o candidato falar por si – disse tranquilamente o dos Assuntos Académicos. – E isso parece quase uma impossibilidade consigo presente.

O dos Assuntos Desportivos sorri com ar cansado por baixo de uma mão que massaja a ponte do nariz.

– Talvez possas sair e aguardar lá fora, Chuck.

– O treinador White pode acompanhar o senhor Tavis até à receção – diz o deão amarelento sorrindo à frente do meu olhar desfocado.

– ... chega a pensar-se que tudo isto foi preparado previamente, desde o... – está a dizer C.T. enquanto ele e DeLint são acompanhados até à porta.

O treinador de ténis estende um braço hipertrofiado.

O dos Assuntos Desportivos diz:

– Aqui somos todos amigos e colegas.

Isto não está a funcionar. Apercebo-me de que os letreiros de exit pareceriam a um falante de latim letreiros de luz vermelha que dizem ele sai[*2]. Cederia à tentação que me avassala de correr para a porta e ultrapassá-los se tivesse a certeza de que aquilo que os homens que estão nesta sala veriam seria eu a correr para a porta. DeLint diz qualquer coisa ao ouvido do treinador. Quando a porta se abre momentaneamente ouvem-se ruídos de máquinas de escrever e de consolas telefónicas. Estou sozinho entre os chefes administrativos.

– ... que ninguém se sinta ofendido – disse o dos Assuntos Desportivos, de casaco desportivo castanho e gravata estampada com motivos minúsculos –, mas além das capacidades físicas que estão em jogo e que, acreditem, nós respeitamos, não, *queremos*, acreditem.

– ... a de outro modo não estaríamos tão ansiosos por conversar contigo diretamente, percebes?

– ... ao processarmos várias candidaturas anteriores provenientes do gabinete do treinador White, notámos que a Academia de Ténis de Enfield é dirigida, e não importa que o seja apenas recentemente, por pessoas muito próximas, em primeiro lugar, do teu irmão, e ainda me lembro como esse rapaz era mimado pelo predecessor de White, Maury Klamkin, pelo que a objetividade das notas aqui apresentadas pode ser posta em causa com alguma facilidade...

– ... por quem assim o entender, digamos a NAAUP, os programas da Pac 10 mal-intencionados, a ONANCAA...

Os testes são velhos, é verdade, mas são meus; *de moi*. Mas são, é verdade, velhos e não têm nada que ver com a Experiência Educativa Mais Significativa da Tua Vida, que é o tema obrigatório da candidatura de admissão. Se lhes tivesse dado um do ano transato, ter-lhes-ia parecido a obra de um bebé a tocar teclas ao acaso, e logo aos senhores que usam *quem assim o entender* como sujeito. E nesta companhia mais reduzida, o diretor de Composição dá a ideia de ter sido acionado abruptamente, porque agora parece o macho dominante da alcateia e começou a agir de forma bastante mais efeminada do que ao princípio, primeiro de pé e em pose e com uma mão na cintura, depois caminhando com um movimento de ombros, fazendo tilintar moedas quando estica as calças ao

sentar-se na cadeira ainda quente do rabo de C.T., cruzando as pernas de uma maneira que o faz entrar bastante no meu espaço pessoal, pelo que posso ver os seus múltiplos tiques nas sobrancelhas e as redes de capilares nas bolsas sob os olhos e cheirar o amaciador de roupa que utiliza e os restos de um rebuçado para o mau hálito que azedou.

– ... um rapaz brilhante e sólido, mas muito tímido; sabemos que és muito tímido, o Kirk White contou-nos que o que lhe disse o teu outro instrutor mais novo de boa compleição atlética mas bastante reservado – disse o diretor em voz baixa pousando o que me parece ser uma mão nos bicípites do meu casaco desportivo (certamente não) –, que só precisa de respirar fundo e confiar e contar a sua versão da história a estes cavalheiros isentos de qualquer malícia, porque estamos apenas a fazer o nosso trabalho e a procurar cuidar dos interesses de todos ao mesmo tempo.

Posso imaginar DeLint e White sentados com os cotovelos nos joelhos na posição defecatória dos atletas em descanso. DeLint contemplando os seus enormes polegares enquanto C.T., na receção, dá voltas elípticas falando ao telemóvel. Treinaram-me para isto como a um *don* da Máfia antes de fazer declarações no tribunal. Um silêncio neutral, inexpressivo. O tipo de jogo completamente defensivo que Schtitt me obrigava a praticar: a melhor defesa: limita-te a devolvê-las, não faças nada. Dir-vos-ei tudo o que queirais e mais ainda, se os sons que produzo puderem ser o que ouvis.

O dos Assuntos Desportivos com a cabeça fora da asa:

– ... evitar procedimentos de admissão que possam ser vistos como essencialmente virados para o desporto. Poderia ser um problema, meu filho.

– O Bill refere-se ao aspeto que teria e não propriamente aos factos concretos, que só tu podes explicar – disse o diretor de Composição.

– ... o aspeto que dá um *ranking* desportivo tão alto, os resultados subnormais do exame oral, os testes superacadémicos, as notas incríveis que dimanam de uma situação que pode ser classificada como nepotismo.

O deão amarelento inclinou-se tanto para a frente que a gravata dele vai ficar com uma marca horizontal causada pela borda da mesa; tem uma expressão pálida e bondosa mas também de que ali ninguém brinca.

– Olhe, senhor Incandenza, Hal, faça o favor de me explicar por que não poderemos ser acusados de estar a usá-lo, meu filho. Por que não poderá chegar

aqui alguém e dizer: «Olhem, vós, da Universidade do Arizona, vós estais a usar um rapaz apenas pelas suas qualidades físicas, um rapaz tão tímido e retraído que é incapaz de falar por si mesmo, um jerico com notas de doutor e uma candidatura comprada numa loja qualquer?»

A luz que se reflete no ângulo de polarização da superfície da mesa aparece com uma refulgência cor-de-rosa atrás das minhas pálpebras fechadas. Não consigo fazer-me compreender.

– Não sou um jerico – digo devagar. Nitidamente. – As minhas notas do ano passado podem ter sido retocadas, mas isso foi para me ajudar a ultrapassar um mau bocado. As notas anteriores são *de moi*. – Mantenho os olhos fechados; a sala está em silêncio. – Agora não consigo fazer-me entender. – Estou a falar lenta e claramente. – Digamos que foi uma coisa que comi.

É divertido aquilo que não se recorda. Do nosso primeiro lar, nos subúrbios de Weston, de que quase não me lembro – o meu irmão mais velho, Orin, diz que consegue lembrar-se de ter estado com a nossa mãe no pátio das traseiras no início da primavera ajudando-a a transformar aquela terra gélida numa espécie de jardim. Março ou princípio de abril. O terreno do jardim era um retângulo irregular delimitado com paus de chupa-chupas e guita. Orin estava a tirar pedras e torrões duros do caminho da mã que trabalhava com o arado alugado em forma de carrinho de mão com propulsão a gás que rugia e ressoava e retumbava, e ele lembra-se de que mais parecia ser a engenhoca a conduzir a mã do que o contrário; a mã era muito alta e tinha de se esforçar penosamente para se aguentar; os pés dela deixavam pegadas bêbedas na terra acabada de arrotear. Lembra-se de que no meio da tarefa cheguei eu tendo atravessado a porta a toda a velocidade vestido com um pijama vermelho e felpudo à Winnie the Pooh; estava a chorar e trazia na palma da mão uma coisa bastante desagradável à vista. Diz que eu tinha cerca de cinco anos e chorava e tinha a cara intensamente vermelha no frio ar da primavera. Repetia qualquer coisa que ele não conseguia decifrar até que a mã me viu e desligou o motor, com os ouvidos a latejar, acercando-se de mim para saber o que eu trazia. Era um grande pedaço de uma coisa com bolor – Orin supõe que proveniente do canto escuro da cave da casa de Weston, que era quente devido à fornalha e ficava inundado na primavera. Descreve o pedaço da tal coisa como horroroso: de cor esverdeado-escura,

lustroso, vagamente hirsuto, salpicado de pontos amarelados, alaranjados e avermelhados de fungos parasitas. Pior, a coisa tinha um aspeto estranhamente incompleto, mordiscado; e parte daquela porcaria nauseabunda manchava a minha boca aberta.

– Comi isto – era o que estava a dizer.

Mostrei a coisa à mã, que tinha tirado as lentes de contacto para fazer aquele trabalho sujo e que ao princípio, quando se agachou, só viu o filho a soluçar e de mão estendida a oferecer alguma coisa e, com o mais maternal dos reflexos, ela, que receava e abominava acima de tudo a sujidade e a podridão, aproximou-se para pegar no que o seu bebé tinha na mão – como tantas vezes havia feito com lenços de papel muito usados, caramelos sujos ou pastilhas elásticas já mascadas em tantas salas de cinema, aeroportos, assentos traseiros de carros ou salões de torneios? O. permaneceu imóvel, diz, com um frio torrão na mão, a brincar com o velcro do seu grosso casaco, vendo como a mã se inclinava para mim, com a mão estendida, o rosto de olhos vesgos e presbiopes, e subitamente parava, sem se mexer, começando a identificar aquilo que eu segurava e sopesando as provas de um contacto oral com a coisa. Recorda a cara dela como indescritível. A mão estendida, ainda a tremer do arado, pendia no ar à minha frente.

– Comi isto – disse.

– Como?

O. diz que só se consegue lembrar *(sic)* de dizer qualquer coisa cáustica enquanto sacudia um espasmo muscular com um passo de dança. Diz que deve ter sentido a chegada de uma ansiedade iminente e terrível. A mã nunca mais quis descer à húmida cave. Eu tinha deixado de chorar, recorda-se, e fiquei ali com o tamanho e a forma de uma boca de incêndio e com um pijama vermelho que me tapava até aos pés, mostrando solenemente aquela porcaria como se fosse o relatório de uma auditoria qualquer.

O. diz que a memória dele diverge neste ponto, provavelmente em resultado da ansiedade. Na primeira recordação, as voltas da mã no pátio são um amplo círculo de histeria.

– *Meu Deus!* – exclama.

– Socorro! O meu filho comeu isto! – grita na segunda e mais nítida recordação de Orin, gritando isto várias vezes, segurando a porcaria com a ponta dos dedos enquanto corre ao redor do retângulo do jardim e O. fica de boca

aberta perante a sua primeira visão da histeria adulta. As cabeças dos vizinhos do bairro aparecem às janelas e por cima das cercas para observarem a cena. O. lembra-se de que eu caí quando tentei segui-la, tropeçando na guita e sujando-me e chorando aos gritos.

– Deus do Céu! Socorro! O meu filho comeu isto! Socorro! – continuou ela a gritar e a correr no interior apertado da área delimitada pela guita.

O meu irmão Orin lembra-se de ter notado que, apesar de dominada por um trauma histérico, a direção da sua corrida era reta, as suas pegadas de nativa americana a direito e as suas voltas, no interior do ideograma de cordel, eram marciais e secas enquanto, antes que a recordação se desvaneça, me dava duas bofetadas e clamava:

– O meu filho comeu isto!

– A minha candidatura não foi comprada – digo-lhes, dirigindo-me à escuridão da caverna vermelha que se abre diante dos meus olhos fechados. – Não sou apenas um rapaz que joga ténis. Tenho uma história intrincada. Experiências e sentimentos. Sou complexo. Eu *leio* – continuo. – Leio e estudo. Aposto que li tudo o que os senhores professores leram. Não pensem que não o fiz. Devoro bibliotecas. Desgasto as lombadas e os leitores de CD-ROM. Faço coisa do género de apanhar um táxi e dizer ao condutor: «Leve-me a uma biblioteca e prego a fundo.» Os meus instintos sintáticos e mecânicos são melhores do que os vossos. Digo isto com o devido respeito.

Faço uma pausa, antes de prosseguir:

– Mas transcendem a mecânica. Não sou uma máquina. Sinto e acredito. Tenho opiniões próprias. Algumas são interessantes. Posso, se os senhores professores mo permitirem, falar e falar. Falemos de qualquer coisa. Julgo que se tem minimizado a influência de Kierkegaard em Camus. Creio que é muito possível que Dennis Gabor tenha sido o Anticristo. Penso que Hobbes não passa de um Rousseau entrevisto num espelho escuro. Acho, tal como Hegel, que a transcendência é absorção. Seria capaz de vos bater sem qualquer esforço. Não sou um *creatus* prefabricado, condicionado e criado para uma única função.

Abri os olhos.

– Peço-lhes o favor de não pensarem que não me importo.

Olho ao redor. Olhares de horror na minha direção. Levanto-me. Vejo

mandíbulas pendentes, sobrancelhas franzidas em testas trémulas, faces de um branco brilhante. A cadeira recua por baixo de mim.

– Santa Mãe de Cristo – diz o diretor.

– Estou bem – digo-lhes, de pé.

Pela expressão do deão amarelo, sopra um vento brutal vindo do meu lado. A cara do dos Assuntos Académicos envelheceu instantaneamente. Oito olhos tornaram-se discos vazios que olham seja lá para o que for que estão a ver.

– Meu Deus – sussurra o dos Assuntos Desportivos.

– Façam o favor de não se preocuparem – digo. – Posso explicar.

Acalmo o ambiente com um gesto despreocupado.

O diretor de Composição segura-me ambos os braços pelas costas e atira-me ao chão, aplicando todo o seu peso. Saboreio o chão.

– Qual é o *problema*?

– Não há problema *nenhum* – digo.

– Está tudo *bem*! Estou *aqui*! – diz-me o diretor ao ouvido.

– Peçam ajuda – grita um dos deões.

A minha testa está comprimida contra o soalho que nunca pensei que pudesse ser tão frio. Estou aprisionado. Tento dar a ideia de estar flácido e não oferecer resistência. Tenho a cara espalmada e o peso do de Composição dificulta-me a respiração.

– Tentem ouvir – digo muito lentamente, com a voz abafada pelo chão.

– Por amor de Deus, o que são...? – guincha freneticamente um dos deões. –... esses *sons*?

Ouvem-se os cliques da central telefónica, saltos de sapatos em movimento, a girar, uma pilha de papéis que caem.

– *Meu Deus!*

– *Socorro!*

A parte inferior da porta abre-se na periferia esquerda: um feixe de luz halogénea do corredor, ténis brancos e uma sandália *Nunn Bush* desgastada.

– Deixem-no levantar.

É DeLint.

– Não há problema – digo lentamente do chão. – Estou aqui.

Sou levantado pelas axilas e sacudido até ficar num estado que o diretor de cara rubicunda deve considerar tranquilo.

– Recupera, filho.

DeLint para o braço do homenzarrão:

– *Pare* com isso!

– Sou o que ouvem e veem.

Sirenes ao longe. Um golpe de luta livre brutal. Figuras à porta. Uma jovem hispânica tapa a boca com a mão enquanto observa.

– Não sou – digo.

As velhas casas de banho dos homens devem ser amadas: o aroma cítrico dos discos desodorizantes nos compridos mictórios; os cubículos com portas de madeira e ombreiras de mármore frio; os finos lavatórios em fila apoiados em precários alfabetos de canos à vista; espelhos por cima de prateleiras metálicas; para lá de todas as vozes, o leve som de um gotejar interminável magnificado pelo eco ao ricochetear na porcelana húmida e um frio chão de azulejos cujo padrão de mosaico parece quase islâmico visto de perto.

A desordem que causei gira ao redor. Fui praticamente arrastado, ainda imobilizado, através de uma multidão de funcionários administrativos, pelo diretor de Composição – que parece ter pensado em alternância que tive um ataque de epilepsia (abrindo-me a boca à força para ver se tenho a garganta desimpedida da língua), que estou a engasgar-me (uma manobra de Heimlich que me pôs a tossir convulsivamente) e que estou psicologicamente descontrolado (vários apertões e posições concebidos para transferir o controlo para ele) – enquanto DeLint ciranda à nossa volta tentando refrear a restrição física que o diretor me impôs, o treinador de ténis refreia DeLint, o meio-irmão da minha mãe fala com uma rápida sucessão de polissílabos ao trio de deões, que alternadamente resfolegam, torcem as mãos, desapertam as gravatas, gesticulam diante da cara de C.T. e fazem *pases* com as páginas de um pedido de admissão agora claramente supérfluo.

Fizeram-me rebolar para uma posição supina no mosaico geométrico. Concentro-me docilmente na razão por que as retretes norte-americanas nos parecem sempre enfermarias para a ansiedade pública, o lugar onde se recupera o autocontrolo. Tenho a cabeça apoiada no regaço fofo do diretor ajoelhado, que me limpa a cara com toalhas de papel institucional castanho-sujo que lhe foi dado por uma mão da multidão que está por cima de nós; contemplo, com toda a

ausência de concentração que consigo reunir, os sinais no queixo, mais nítidos na esborratada linha da mandíbula, marcas de acne antigo. O tio Charles, que é um lançador de merda incomparável, está a disparar uma enfiada da mesma, tentando acalmar uns homens que parecem ter mais necessidade de terem as caras lavadas do que eu.

– Ele está bem – não se cansa de dizer. – Olhem para ele, mais calmo é impossível, deitado no chão.

– O senhor não presenciou o que *aconteceu* lá dentro – responde um deão curvado com a cara coberta por uma teia de dedos.

– Excita-se, é só isso, é um rapaz excitável que se impressiona com...

– Mas os *sons* que fez...

– Indescritíveis.

– Como um animal.

– Sons e ruídos subanimalescos.

– E não esqueçamos os *gestos*.

– Este rapaz já foi submetido a *tratamento*, doutor Tavis?

– Como um animal qualquer com uma coisa na boca.

– Este rapaz está doente.

– Como um pacote de manteiga atingido com um malho.

– Um animal a retorcer-se com uma faca cravada num olho.

– Que estava o senhor a tentar *fazer* quando defendeu a admissão deste...

– E os *braços* dele.

– O senhor não viu, Tavis. Os braços dele estavam...

– A adejar. Agitavam-se de uma maneira atroz, como se ele estivesse a tocar tambor. *Serpenteavam*.

O grupo olhou durante um instante para alguém que estava fora do meu campo de visão tentando demonstrar alguma coisa.

– Como um lapso de tempo, uma agitação de uma espécie de horroroso... crescimento.

– Dava a ideia de um bode a afogar-se. Sim, um bode a afogar-se numa coisa viscosa.

– Uma série estrangulada de balidos e...

– Sim, *serpenteavam*.

– E desde quando é que serpentear um pouco é crime?

– O senhor está em apuros. Em *apuros*.

– A cara dele. Como se estivesse a ser estrangulado. A arder. Creio que tive uma visão do inferno.

– Tem dificuldades de comunicação, em termos de comunicação é problemático, ninguém nega isso.

– O rapaz tem de ser *tratado*.

– Em vez de o tratar, o senhor quer que ele seja *admitido* na Universidade e *compita*?

– Hal?

– O senhor não faz a menor ideia da quantidade de problemas que isto lhe vai acarretar, doutor pretenso reitor, *educador*.

– ... tinha-nos sido dito que isto não passava de uma simples formalidade. Os senhores abalaram-no. É só isso. Tímido...

– E o senhor, White, quis *recrutá-lo*!

– ... e terrivelmente impressionado e assustado, sozinho, sem nós, que somos o sistema de apoio dele, e foram os senhores que nos pediram para sairmos da sala, que se...

– Eu só o vi jogar. No campo é maravilhoso. Provavelmente um génio. Não fazíamos a menor ideia. O irmão dele joga na porra da NFL[*3], por amor de Deus. Aqui está um jogador de categoria, pensámos, com raízes no Sudoeste. As estatísticas dele são incomuns. Observámo-lo no outono passado durante todo o Torneio WhataBurger. Nem serpenteou, nem produziu nenhum ruído. Estivemos a ver bailado, uma coisa excecional.

– É claro que esteve a ver bailado, White. Este rapaz é um atleta bailarino, um jogador.

– Então trata-se de uma espécie de sábio atlético. O bailado é uma compensação para os profundos problemas que o senhor decidiu ocultar amordaçando o rapaz lá dentro.

Um caro par de alpergatas brasileiras passa pela esquerda e entra num cubículo da casa de banho; as alpergatas rodam e param à minha frente. O urinol recebe um fino jato no meio do eco afastado das vozes.

– ...está na hora de irmos embora – está a dizer C.T.

– A integridade do meu sono ficou irremediavelmente posta em causa, caro senhor.

– ... achava que conseguia fazer passar um candidato em más condições, amanhar-lhe as credenciais, impingi-lo com uma entrevista cozinhada e por fim atirá-lo para os rigores da vida universitária?

– O Hal funciona, imbecil. Desde que tenha o apoio adequado. Está bem quando o deixam em paz e sossego. Não há dúvida que tem alguns problemas de excitabilidade quando tem de falar com alguém. Ouviu-me negar isso?

– Nós presenciámos lá dentro uma coisa que só marginalmente é *mamífera*, caro senhor.

– Tretas. Olhe para ele. Como é que a criatura excitável se está a portar ali no chão, Aubrey, o que é que te parece?

– O senhor deve estar doente. Este assunto ainda não terminou.

– Qual *ambulância*? Será que não *ouvem* o que vos dizem? Estou a dizer-lhe que há...

– Hal? Hal?

– Droga-o, tenta falar em nome dele, abafando-o, e agora ele está para ali deitado, catatónico, a olhar sem ver.

Os estalidos dos joelhos de DeLint.

– Hal?

– ... exageram tudo, distorcem tudo. A Academia tem antigos alunos de grande nomeada, juristas. O Hal, aqui presente, é provavelmente competente. Esquece as credenciais, Bill. O rapaz come livros. *Digere* coisas.

Limito-me a ficar deitado, a ouvir, a cheirar a toalha de papel, a observar como roda uma alpergata.

– Há mais coisas na vida que ficar sentado ao computador, talvez isso seja uma novidade para os senhores.

E quem pode deixar de amar aquele leonino e especial rugido de uma casa de banho pública?

Não foi por acaso que Orin disse que as pessoas daqui quando estão ao ar livre se movem apenas em vetores que vão de ar condicionado a ar condicionado. O Sol é um martelo. Sinto que um lado da minha cara começa a assar. O céu azul é lustroso e está atafulhado de calor, com alguns cirros finos tosquiados até ficarem como filamentos soprados pelo vento que se parecem com cabelos nas extremidades. O trânsito não se parece em nada com o de Boston. A maca é

especial, com correias dos lados. Aquele Aubrey DeLint que considerei durante anos como um disciplinador em 2-D está de joelhos para segurar a minha mão manietada e diz-me:

– Aguenta-te, campeão.

Depois regressa à refrega administrativa que se desenrola à porta da ambulância. Trata-se de uma ambulância especial, enviada não sei se sei, nem quero saber, de onde, não só com paramédicos mas também com uma espécie de psiquiatra a bordo. Os paramédicos movem-se com delicadeza e sabem trabalhar com as correias. O psiquiatra, encostado ao veículo, tem as duas mãos levantadas numa desapaixonada mediação entre os deões e C.T., que fere o céu com a antena do telemóvel como se fosse um sabre, indignado com o facto de eu estar a ser enfiado numa ambulância para me transportarem para as Urgências de um hospital qualquer contra a minha vontade e os meus interesses. A questão de saber se os doentes têm vontade ou interesses é descartada liminarmente enquanto um caça supersónico que voa demasiado alto para que o possamos ouvir sulca o céu de sul para norte. O médico tem as mãos erguidas e dá palmadinhas no ar para mostrar neutralidade. Tem uma grande mandíbula sombreada de barba. Na única outra sala de Urgências onde estive, faz mais ou menos um ano, a maca psiquiátrica entrou até ser estacionada ao lado das cadeiras da sala de espera. Estas cadeiras eram de plástico alaranjado; três, na outra ponta da fila, estavam ocupadas por pessoas que seguravam frascos vazios de comprimidos e suavam imenso. Isto já era suficientemente mau, mas na última cadeira, mesmo ao lado da parte superior cheia de correias da minha maca, havia uma mulher em camisola interior com a pele castanho-escura e um boné de condutor e uma horrível inclinação para estibordo que começou a contar-me, deitado e imobilizado como estava, como tinha sido afetada da noite para a manhã por uma elefantíase no seio direito a que se referia como teta; tinha uma pronúncia do Quebeque quase paródica e descreveu-me durante quase vinte minutos a «teta», apresentando a história clínica e os diagnósticos possíveis antes de me terem tirado dali. O movimento e a esteira do jato parecem produzir uma incisão, como se carne branca atrás do azul estivesse exposta e se abrisse diante da progressão da lâmina da faca. Uma vez vi a palavra faca escrita com o dedo no espelho coberto de vapor de uma casa de banho privada. Tornei-me um infantófilo. Sou forçado a mexer os olhos para cima e para os lados a fim de

evitar que a caverna vermelha rebente em chamas devido à luz do Sol. O trânsito na rua é constante e parece dizer «Ch, ch». O Sol, se os olhos a piscar o veem ainda que de relance, causa aquelas moscas que as lâmpadas também provocam.

– Por que não? Por que não? Por que não «não», então, se o melhor raciocínio que se pode fazer é por que não?

A voz de C.T. revela indignação. Agora só são visíveis as galantes estocadas da antena do telemóvel dentro do enquadramento do meu olho direito. Levar-me-ão para um gabinete das Urgências onde me reterão até que lhes responda às perguntas; depois, quando tiver respondido, serei sedado; pelo que será a inversão de uma viagem normal, a ambulância e o gabinete das Urgências: farei primeiro a viagem e depois partirei. Penso durante um momento no falecido Cosgrove Watt. Penso no terapeuta da dor hipofalangial. Penso na mã, colocando em ordem alfabética latas de sopa no armário por cima do micro-ondas. No guarda-chuva de Ele Mesmo pendurado na borda da mesa do correio no *foyer* da Reitoria. Penso em John N.V.C. Wayne, que teria vencido o WhataBurger este ano, montando guarda mascarado enquanto Donald Gately e eu desenterramos a cabeça do meu pai. Poucas dúvidas há de que Wayne teria vencido. E Venus Williams tem um rancho perto de Green Valley; pode muito bem assistir às finais de juniores masculinos e femininos. Sairei daqui muito a tempo de estar na semifinal de amanhã; confio no tio Charles. É quase certo que o vencedor desta noite será Dymphna, de dezasseis, mas que faz anos apenas duas semanas antes da data limite de 15 de abril; e Dymphna estará cansado amanhã de manhã às 8h30, enquanto eu, sedado, terei dormido como um anjo. Nunca joguei contra Dymphna num torneio nem joguei com as bolas sónicas requeridas pelos cegos, mas vi como despachava dificilmente Petropolis Khan na quarta ronda e sei que será meu.

Vai começar nas Urgências, no balcão de atendimento, se C.T. se atrasar a seguir a ambulância, ou na sala de azulejos verdes atrás do quarto com as máquinas digitais invasivas; ou, dado que esta ambulância tem um médico, durante a própria viagem: um médico com a densa barba tão bem escanhoada que o queixo tem um brilho antisséptico, com o nome escrito em letras cursivas no bolso do casaco branco e uma caneta de boa qualidade, que conduzirá um interrogatório ao pé da cama, etiologia e diagnóstico segundo o método socrático, por ordem e ponto por ponto. De acordo com o *OED* VI[*4] há dezanove

sinónimos não arcaicos para «não reativo», dos quais nove são latinos e quatro saxónicos. Na final de domingo defrontarei Stice ou Polep. Talvez com Venus Williams a assistir. Inevitavelmente há de ser alguém não qualificado e sem licença – uma ajudante de enfermeira com as unhas roídas ou um tipo da segurança do hospital ou um auxiliar cubano e cansado que me tratará por *chico* – que, interrompendo uma tarefa dura e aborrecida, verá o que suporá ser o meu olho e perguntará: «E entom questória é a tua?»

---

*1 Organization of North American Nations Collegiate Athletics Association. *(N. dos T.)*

*2 EXIT (Saída); HE LEAVES (Ele Sai). Jogo de sentidos com *Exit* em inglês e *Exit* em latim. *(N. dos T.)*

*3 National Football League. *(N. dos T.)*

*4 Dicionário de Inglês de Oxford, Vol. VI: *Oxford English Dictionary*. *(N. dos T.)*

ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

ONDE ESTAVA A MULHER QUE DISSE que viria. Disse que viria. Erdedy pensou que já devia ter chegado. Sentou-se e ficou a pensar. Estava na sala. Quando começou a esperar, uma das janelas irradiava uma luz amarelada e projetava uma sombra de luz no chão e ele ainda estava sentado à espera quando a luz começou a desaparecer e foi intercetada pela sombra brilhante da janela de outra parede. Havia um inseto numa das prateleiras metálicas onde tinha a aparelhagem áudio. O inseto entrava e saía de um dos orifícios das travessas que sustentavam as prateleiras. O inseto era escuro e tinha uma carapaça brilhante. Continuou a observá-lo. Esteve quase a levantar-se uma ou duas vezes para o olhar mais de perto, mas receou que se se aproximasse e o visse a curta distância acabaria por matá-lo. E teve medo de matá-lo. Não se serviu do telefone para ligar à mulher que tinha prometido vir porque, se ocupasse a linha e acontecesse que tentasse ligar-lhe, receou que quando ouvisse o sinal de ocupado pudesse pensar que ele se desinteressara e se irritasse a ponto de talvez levar o que lhe prometera a outra pessoa.

Tinha-lhe prometido arranjar-lhe a quinta parte de um quilo de marijuana, duzentos gramas de uma marijuana anormalmente boa, por mil duzentos e cinquenta dólares. Já havia tentado deixar de consumir marijuana umas setenta ou oitenta vezes. Antes de ter conhecido esta mulher. Ela não sabia que ele tinha tentado deixar de fumar. Era capaz de aguentar uma ou duas semanas, ou talvez dois dias, e depois punha-se a pensar e decidia ter alguma em casa para uma última vez. Da última vez tinha procurado alguém novo, alguém a quem ainda não tivesse contado que havia de deixar de fumar porros e que, se fizesse o favor, não lhe fornecesse mais droga em nenhuma circunstância. Tinha de ser alguém novo porque já havia pedido a todos os conhecidos para não lhe fornecerem droga. E essa pessoa tinha de ser alguém completamente desconhecido porque sempre que arranjava alguma mercadoria sabia que dessa vez devia ser a última e por isso dizia-lhes, pedia-lhes, como um favor, que nunca mais lha arranjassem. E nunca pedia isso a quem já tivesse pedido porque era orgulhoso e boa pessoa e não queria cair numa situação contraditória. Aliás,

tinha consciência de que era assustador quando havia droga metida no caso e não queria que também os outros vissem que era assustador nessas circunstâncias. Permaneceu sentado a pensar e à espera num X desigual de luz que provinha de duas janelas diferentes. Olhou uma ou duas vezes para o telefone. O inseto tinha desaparecido no orifício da travessa metálica que sustentava uma prateleira.

Ela havia prometido vir a uma determinada hora e essa hora já tinha passado. Capitulou por fim e ligou-lhe, usando apenas o áudio, e tocou várias vezes, e teve medo de estar a ocupar a linha tempo de mais e, por último, foi parar ao serviço automático de mensagens; a mensagem consistia num naco de música *pop* irónica e a voz dela e de um homem que diziam em uníssono nós devolveremos a chamada, e o «nós» transmitiu a ideia de que eram um casal, o homem era um bonito negro que frequentava Direito, ela concebia cenários teatrais, e ele não deixou nenhuma mensagem porque queria evitar que percebesse até que ponto precisava da erva. Tinha tratado do assunto com grande despreocupação. Ela disse-lhe que conhecia um tipo em Allston, do outro lado do rio, que vendia uma droga de resina concentrada em quantidades moderadas e ele bocejou e disse, talvez, bom, heim, por que não, claro, ocasião especial, já não compro disso há uma data de tempo. Ela disse-lhe que o tipo vivia numa rulote e tinha lábio leporino e criava serpentes e não tinha telefone, e não era alguém de quem se pudesse dizer que era uma pessoa agradável ou atraente fosse ele olhado de que lado fosse, mas esse tipo de Allston vendia frequentemente droga a gente do teatro em Cambridge e tinha seguidores devotados. Ele disse-lhe que estava a tentar lembrar-se de quando havia comprado pela última vez, mas já tinha passado muito tempo. Disse que calculava que teria de lhe comprar uma quantidade decente e acrescentou que não havia muito tempo alguns amigos lhe tinham telefonado para lhe perguntar se lhes conseguia arranjar alguma. Propendia a dizer quase sempre que comprava sobretudo para amigos. De modo que se a mulher não a tinha quando lhe havia dito que iria ter, podia sempre dizer que os amigos é que estavam ansiosos e que lamentava ter de incomodar a mulher por causa de uma coisa tão sem importância, mas os amigos estavam ansiosos e chateavam-no a ele e ele só queria saber o que lhes poderia dizer. Estava entre dois fogos, era assim que se exprimiria. Podia dizer que os amigos lhe tinham entregado o dinheiro e agora estavam ansiosos e a pressioná-lo, telefonando-lhe para o chatear. Esta tática não

colhia com a mulher que lhe havia dito que lha arranjaria porque ainda não lhe tinha dado os mil duzentos e cinquenta dólares. Ela não quisera. Era rica. A família dela era rica, tinha dito para explicar que morava num condomínio maravilhoso embora trabalhasse na conceção de cenários para uma companhia de teatral de Cambridge que parecia produzir apenas peças alemãs com cenários escuros e lúgubres. Não se importava com o dinheiro, disse que se encarregaria da despesa quando fosse a Allston Spur para ver se o tipo estava na rulote como tinha a certeza de que estaria naquela tarde, sendo que ele lhe pagaria quando lhe entregasse o material. Esta combinação, muito informal, fê-lo ficar ansioso, de modo que ainda fingiu mais informalidade e disse claro, ótimo, como queiras. Recordando a situação, ficou ciente de que tinha dito *como queiras*, coisa que o preocupou retrospetivamente porque podia dar a ideia de que não se importava nada ou tão pouco que não interessava se ela se esquecesse de ir buscar a droga ou de lhe telefonar; mas desde que tinha tomado a decisão de ter mais uma vez marijuana em casa, é claro que interessava. Interessava muitíssimo. Tinha agido de forma demasiado displicente com a mulher, devia tê-la obrigado a ficar com os mil duzentos e cinquenta dólares, dizendo que se tratava de uma questão de boas maneiras, dizendo que não a queria prejudicar financeiramente por uma coisa tão simples e trivial. O dinheiro produzia um sentimento de obrigação e ele teria querido que a mulher se sentisse obrigada a cumprir o que tinha prometido, uma vez que aquilo que ela havia dito que faria lhe despertara o apetite. E uma vez que o seu apetite tinha sido despertado, tornara-se tão importante para ele que chegava a ter medo de que se notasse até que ponto era importante. Depois de lhe ter pedido que lha arranjasse, apresentavam-se-lhe vários modos de ação inevitáveis. O inseto da prateleira tinha regressado. Parecia que não estava a fazer nada. Limitou-se a sair do orifício da travessa, ir até à borda da prateleira e sentar-se aí. Algum tempo depois, voltou a desaparecer no orifício e não teve dúvida de que também lá dentro não estava a fazer nada. Sentiu-se como o inseto dentro da travessa que suportava a prateleira, mas não tinha a certeza até que ponto eram parecidos. Uma vez que havia decidido ter marijuana em casa uma última vez, tinha à sua frente vários modos de ação inevitáveis. Tinha de avisar por *modem* a agência para informar que surgira uma emergência e estava a enviar uma mensagem por *mail* para o computador de um colega pedindo-lhe que tomasse conta dos seus telefonemas durante o resto da semana porque

estaria incontactável vários dias por causa da referida emergência. Tinha de gravar uma mensagem no seu atendedor de chamadas a dizer que a partir dessa tarde não poderia ser contactado durante vários dias. Tinha de limpar o quarto porque quando estivesse na posse da erva não sairia dele a não ser para ir ao frigorífico e à casa de banho e mesmo estas viagens seriam muito rápidas. Tinha de deitar para o lixo toda a cerveja e outras bebidas porque se bebesse álcool e fumasse marijuana ao mesmo tempo ficaria doente e enjoado. E se tivesse álcool em casa não seria capaz de deixar de o consumir uma vez que tivesse começado a fumar. Tinha de ir às compras. Tinha de armazenar víveres. Naquele preciso instante assomou à boca do orifício da travessa uma antena do inseto. Assomou, mas não se mexeu. Tinha de comprar água tónica, bolachas *Oreo,* pão, carne para fazer sanduíches, maionese, tomate, *M&M,* bolachas *Almost Home,* gelado, uma tarte gelada de chocolate *Pepperidge Farm* e quatro latas de chocolate em pó que comeria às colheradas. Tinha de fazer um pedido de aluguer de filmes na loja InterLace. Tinha de comprar pastilhas para combater a acidez que sentiria a altas horas de noite por ter comido aquilo tudo. Tinha de comprar um novo cachimbo de água porque sempre que acabava o que simplesmente tinha de ser o seu último pacote de marijuana decidia que estava o assunto arrumado, que fechara a loja, que já não gostava, era o fim, chegava de andar a esconder-se, chegava de andar a enganar os colegas e de gravar diferentes mensagens no atendedor de chamadas e estacionar o carro bastante longe da sua morada e fechar as janelas e cortinas e persianas e viver em rápidos vetores entre os filmes de InterLace no telecomputador e o frigorífico e a casa de banho, e então pegava no cachimbo que tinha usado e deitava-o fora embrulhado em vários sacos de plástico. O frigorífico produzia gelo em pequenos cubos azulados que ele adorava. Quando tinha erva em casa bebia uma grande quantidade de água tónica e água muito fria. Ficava com a língua inchada só de pensar nisso. Olhou para o telefone e consultou o relógio. Olhou para as janelas, mas não para os ramos das árvores e a rua asfaltada que estavam do outro lado das janelas. Já tinha aspirado as persianas e as cortinas, estava tudo pronto para ser fechado. Logo que chegasse a mulher que tinha dito que viria, fecharia todo o sistema. Ocorreu-lhe que podia desaparecer num orifício de uma travessa dentro de si que sustentava tudo o resto que havia no seu interior. Não tinha a certeza do que havia dentro de si e não estava preparado para se dedicar à linha de conduta que

seria requerida para explorar a questão. Já tinham passado quase três horas e a mulher ainda não havia aparecido. Um orientador, Randi, com i e bigode de agente da Polícia Montada, tinha-lhe dito no programa de tratamento ambulatório para dependentes pelo qual havia passado dois anos antes que não parecia suficientemente comprometido com a linha de conduta necessária à decisão de eliminar as drogas do seu estilo de vida. Teria de comprar um cachimbo novo na Bogart's, na Praça Porter, Cambridge, porque quando terminava a última das substâncias que tinha à mão, deitava sempre fora os cachimbos, papel de prata, tenazes, papel de enrolar e acendedores e *Visine* e *Pepto-Bismol* e bolachas e tartes, para eliminar qualquer hipótese de tentação futura. Ficava sempre com uma sensação de otimismo e de firme convicção depois de se ter livrado desses materiais. Tinha comprado o cachimbo novo e trazido os víveres nessa manhã que chegou a casa muito antes da hora a que a mulher havia dito que chegaria. Pensou no cachimbo novo e no novo pacote de papel de prata que tinha no saco que estava em cima da mesa da cozinha iluminada pelo Sol e não foi capaz de se lembrar de que cor era o cachimbo novo. O último era alaranjado, o anterior rosa-velho que tinha ficado enlameado no fundo por causa da resina depositada em apenas quatro dias. Não conseguia lembrar-se da cor deste novo e último cachimbo definitivo. Admitiu a hipótese de se levantar para verificar a cor do cachimbo que iria usar, mas decidiu que uma verificação obsessiva e movimentos convulsivos poderiam comprometer a atmosfera de calma informal que tinha de manter enquanto esperava, pondo a cabeça de fora mas sem se mexer, pela mulher que havia conhecido na reunião de trabalho para a pequena campanha que seria feita pela agência dele relativa ao novo Festival Wedekind organizado pela pequena companhia de teatro da mulher, enquanto esperava por essa mulher com quem mantivera relações sexuais duas vezes para honrar a promessa informal dela. Tentei decidir se a mulher era bonita. Outra coisa que devia armazenar quando se devotava às últimas férias de marijuana era vaselina. Quando consumia marijuana, tendia a masturbar-se muito, quer houvesse ou não oportunidade de ter relações sexuais, porque quando fumava preferia a masturbação à cópula, e a vaselina evitava que se sentisse todo dorido quando regressava à atividade sexual normal. Também hesitava em levantar-se para verificar a cor do cachimbo de água porque para ir à cozinha teria de passar pelo telefone e não queria cair na tentação de ligar à

mulher que havia dito que viria porque se sentia mal por voltar a incomodá-la com uma coisa que tinha dito não ter importância nenhuma, e receava que três chamadas sem palavras no atendedor automático da mulher pudessem parecer ainda pior e também ficava nervoso com a possibilidade de estar a ocupar a linha precisamente quando ela lhe telefonasse, como certamente faria. Decidiu acrescentar a Chamada em Espera ao seu serviço telefónico por um custo extranominal, mas lembrou-se de que esta era a última vez que se permitiria, ou se podia permitir, cair naquilo que Randi, com um i, tinha apelidado de vício tão rapace como o alcoolismo mais acabado e que, portanto, não teria qualquer necessidade da Chamada em Espera, já que não se repetiria uma situação como aquela. Esta linha de pensamento quase lhe provocou um ataque de cólera. Para garantir a compostura com que estava sentado à espera focalizou os sentidos no que o rodeava. Não estava à vista nenhuma parte do inseto que tinha visto. O tiquetaque do relógio de mesa compunha-se na realidade de três tiquetaques mais curtos, significando, na sua opinião, preparação, movimento e reajustamento. Começou a sentir-se desagradado consigo próprio por estar à espera com tanta impaciência da prometida chegada de uma coisa que, aliás, tinha deixado de ser divertida. Nem sequer sabia por que razão continuava a gostar. Ficava com a boca ressequida, com os olhos vermelhos e secos e amolecia-lhe a carne da cara, coisa que detestava. Era como se toda a integridade dos seus músculos faciais fosse erodida pela marijuana, e causa-lhe muita vergonha ver que ficava com a cara tão definhada, pelo que há muito tempo proibira a si mesmo fumar erva diante de quem quer que fosse. Já nem sabia por que se sentia atraído. Não era sequer capaz de estar com outras pessoas se tivesse fumado marijuana nesse dia: ficava envergonhado. E a ganza causava-lhe muitas vezes um doloroso episódio de pleurisia se a consumisse durante dois dias seguidos diante do visor de InterLace no quarto. Disparavam-se-lhe destravados pensamentos em direções abruptas e ficava a ver embasbacado como uma criança pouco esperta filmes atrás de filmes. Quando escolhia filmes para umas férias de marijuana, preferia aqueles em que havia coisas que explodiam e chocavam, circunstância que levaria um especialista em factos desagradáveis com Randi a dizer que tinha implicações negativas. Alargou suavemente o nó da gravata enquanto apelava para o seu intelecto, vontade, autoconhecimento e convicção para estabelecer que quando a mulher chegasse,

como certamente aconteceria, este seria o seu último deboche de marijuana. Fumaria pura e simplesmente tanto e tão depressa que seria uma experiência tão desagradável que a sua recordação se tornaria tão repulsiva que, quando a tivesse consumido e tirado da sua casa e da sua vida tão depressa quanto possível, nunca mais voltaria a experimentar. Aplicar-se-ia a meter na cabeça um conjunto verdadeiramente negativo de sinistras associações de ideias em relação a esta droga. A ganza assustava-o. Metia-lhe medo. Não é que a receasse, consumi-la é que o levava a recear tudo o resto. Já há muito que tinha deixado de ser uma libertação, um alívio ou uma diversão. Desta última vez fumaria os duzentos gramas – cento e vinte gramas limpos, sem caules – em quatro dias, cerca de cinquenta gramas por dia, tudo em sessões intensas e económicas com um cachimbo virgem de qualidade, uma dose diária incrível e demencial; encarregar-se-ia de converter a experiência numa missão, tratando-a como uma penitência e, simultaneamente, como um regime de alteração comportamental; levaria isso a cabo fumando trinta gramas de alta qualidade por dia, com início no momento em que acordasse e usasse água gelada para soltar a língua do céu da boca e tomasse um antiácido; daria uma média de duzentas a trezentas passas por dia, uma quantidade excessiva e deliberadamente desagradável; e propunha-se fumar sem parar, embora soubesse que, se a marijuana fosse tão boa como a mulher tinha dito, depois de cinco passas seguidas não se sentiria com vontade de voltar a preparar o cachimbo pelo menos durante uma hora. Mas obrigar-se-ia a fazer isso, apesar de tudo. Fumá-la-ia toda mesmo que não lhe apetecesse. Mesmo que ficasse enjoado e doente. Utilizaria toda a sua disciplina, persistência e vontade para tornar a experiência tão desagradável, tão degradante e debochada e enfadonha que a partir daí o seu comportamento modificar-se-ia; nunca mais a quereria repetir porque a lembrança dos futuros quatro dias demenciais ficaria atroz e profundamente gravada na sua memória. Curar-se-ia por excesso. Previu que a mulher, quando chegasse, poderia querer fumar uma porção dos duzentos gramas na sua companhia, ficar com ele durante algum tempo, relaxar, ouvir alguns discos da sua impressionante coleção de Tito Puente e, talvez, ter relações sexuais. Nunca tinha mantido relações sexuais sob o efeito da marijuana. Francamente, a ideia causava-lhe repugnância. Duas bocas secas a chocar uma contra a outra, tentando beijocar-se, com os pensamentos envergonhados a retorcerem-se sobre si mesmos como uma serpente numa vara

enquanto cavalgava e arquejava secamente em cima dela, com olhos inchados e avermelhados e a cara tão definhada que a pele pende em bolsas moles que talvez rocem frouxamente as bolsas da cara dela que se sacodem sobre a almofada com a boca a trabalhar em seco. A ideia era repulsiva. Decidiu que a faria atirar-lhe de longe o que tinha prometido trazer-lhe e depois atirar-lhe-ia ele, de uma distância prudente, os mil duzentos e cinquenta dólares em notas grandes e dir-lhe-ia para não deixar que a porta lhe batesse no traseiro ao sair. Diria *cu* em vez de *traseiro*. Mostrar-se-ia tão grosseiro e desagradável que a lembrança da ausência de um mínimo de decência no seu comportamento e a expressão ofendida no rosto dela representariam no futuro um desincentivo para que lhe voltasse a telefonar com o objetivo de repetir a linha de conduta que agora se havia comprometido a realizar.

Nunca tinha estado tão ansioso pela chegada de uma mulher que não queria ver. Lembrava-se perfeitamente da última mulher que havia usado para tentar arranjar umas derradeiras férias com erva e persianas fechadas. A última tinha sido alguém que poderia ser descrito como uma artista da apropriação, o que significava que copiava e abrilhantava a arte de outros para depois a vender a uma prestigiada galeria da Rua Marlborough. Tinha um manifesto artístico baseado em ideias feministas radicais. Aceitou um quadro dela de pequeno formato, que cobria metade da parede por cima da cabeceira da cama dele e representava uma famosa atriz de cinema de cujo nome se lembrava com dificuldade e um ator menos famoso, ambos entrelaçados numa cena de um célebre filme clássico, uma cena romântica, um abraço, copiada de um manual de história do cinema e muito ampliada e retocada, e coberta de obscenidades escritas com letra vermelha berrante. A última mulher era sensual mas não era bonita, enquanto a mulher que não queria ver agora mas que esperava dominado pela ansiedade era bonita daquela maneira vagamente murcha de Cambridge que a tornava bonita mas não sensual. A artista da apropriação tinha sido levada a crer que ele era um antigo viciado em *speed*, um viciado intravenoso em cloridrato de metanfetamina[1], é o que se lembrava de lhe ter dito; tinha até descrito o horrível sabor do cloridrato na boca do consumidor imediatamente após a injeção. Havia estudado o assunto cuidadosamente. Tinha-a convencido também de que a marijuana impedia que consumisse essa droga que era para ele um verdadeiro problema, de modo que se parecia ansioso depois de ela se ter

oferecido para lhe arranjar alguma devia-se apenas ao facto de estar a resistir heroicamente a umas necessidades mais negras e intensas e que precisava da ajuda dela. Não era capaz de precisar quando ou como a havia levado a acreditar nessa história. Não se sentara num dado momento à frente dela para lhe mentir descaradamente; tinha sido mais uma fantasia que elaborara pouco a pouco até ganhar vida e força próprias. O inseto já era totalmente visível. Na prateleira do seu equalizador digital. Na realidade, o inseto talvez nunca se tivesse retirado para o fundo do orifício da travessa. O que parecia ser a sua reaparição talvez pudesse ser apenas uma mudança de atenção da sua parte ou a dupla luz das janelas ou o contexto visual que o rodeava. A travessa saía da parede e era um triângulo de metal baço com orifícios para encaixar as prateleiras. As prateleiras metálicas da aparelhagem de som estavam pintadas de verde-escuro e tinham sido concebidas para guardar produtos enlatados. Haviam sido pensadas para serem prateleiras auxiliares de cozinha. O inseto, dentro da carapaça brilhante, estava sentado numa imobilidade que parecia uma convocação de força, parado como o casco de um veículo ao qual tivessem tirado o motor durante alguns momentos. Era escuro, tinha uma carapaça brilhante e antenas que sobressaíam mas não se moviam. Tinha de ir à casa de banho. A última oportunidade de contacto com a artista da apropriação, com quem havia ido para a cama e que durante o ato tinha aspergido o ar com um perfume qualquer que provinha de um pulverizador que segurava na mão esquerda enquanto estava debaixo dele a emitir uma vasta gama de sons e a pulverizar o ar com o ambientador, de modo que ele sentiu o fino orvalho a depositar-se nas costas e ombros e teve frio e causou-lhe repulsa, a última oportunidade de contacto com ela, depois de se ter escondido com a marijuana que ela lhe havia arranjado, tinha sido um bilhete-postal que ela lhe enviara e que era uma fotografia pastiche de um tapete de exterior em relva plástica verde com bem-vindo escrito e ao lado uma fotografia promocional lisonjeadora da artista da apropriação na sua galeria de Back Bay, e entre elas um sinal desigual que era um sinal de igual com uma risca diagonal por cima e também um palavrão que ele entendeu ser-lhe dirigido em maiúsculas na parte inferior e escrito com um lápis de cera vermelho e rematado com múltiplos pontos de exclamação. Ela estava ofendida porque ele se tinha encontrado com ela todos os dias durante dez dias e quando ela acabou por lhe arranjar os cinquenta gramas de marijuana hidropónica geneticamente reforçada,

ele tinha dito que lhe salvara a vida e que estava agradecido e que os amigos a quem ele havia dito que lhes daria uma parte também estavam agradecidos e que ela devia ir-se embora já porque ele tinha um encontro e tinha de sair imediatamente, mas é claro que lhe telefonaria nessa mesma tarde, e ambos partilharam um beijo húmido e ela disse-lhe que sentia estremecer o peito dele através do casaco e partiu no seu carro ruidoso e ferrugento e ele foi estacionar o carro dele num parque de estacionamento subterrâneo a vários quarteirões de casa, e voltou logo e fechou as cortinas e as persianas e trocou a mensagem no atendedor automático por outra que anunciava uma viagem urgente fora da cidade e tirou da sua bolsa *Bogart* o novo cachimbo de água cor-de-rosa e ninguém lhe pôs a vista em cima durante três dias e ignorou mais de duas dúzias de mensagens telefónicas e de correio eletrónico expressando preocupação pela partida tão imprevista e nunca mais entrou em contacto com ela. Havia acalentado a esperança de que ela assumiria que ele tinha voltado a sucumbir ao vício do cloridrato de metanfetamina e não queria que ela partilhasse a dor da recaída no inferno da dependência química. O que realmente aconteceu foi que ele tinha uma vez mais decidido que esses cinquenta gramas de droga embebida em resina – que se haviam mostrado tão potentes que no segundo dia lhe tinham causado um acesso de ansiedade tão paralisante que havia feito as necessidades numa caneca de cerâmica comemorativa da Universidade Tufts para não ter de sair do quarto – representavam o último e definitivo deboche com ganza e que devia cortar com todas as potenciais fontes de tentação e aprovisionamento, e por certo esta decisão incluía a artista da apropriação, que havia chegado com a mercadoria à hora exata a que tinha prometido trazê-la, segundo se lembrava. Da rua chegou o ruído de um caixote do lixo que estava a ser esvaziado para um camião de recolha da EWD[*1]. A vergonha que sentiu por causa do que ela poderia ter entendido ser um nojento comportamento falocêntrico em relação a ela tornou mais fácil a tarefa de a evitar. Embora não se tratasse efetivamente de vergonha. Era mais o facto de que pensar nisso o incomodava. Tivera de lavar duas vezes a roupa da cama para eliminar o cheiro do ambientador. Foi à casa de banho, fazendo questão de não olhar para o inseto visível na prateleira à esquerda nem para a consola do telefone que repousava no seu suporte lacado à direita. Estava decidido a não tocar em nenhum. Onde estava a mulher que tinha dito que viria? O novo cachimbo de água na sua bolsa *Bogart* era de cor

alaranjada, o que significava que talvez se tivesse enganado quando tinha dito que o último era dessa cor. Era de uma cor de laranja outonal exuberante que se tornou mais suave quando levantou o cilindro de plástico à luz do entardecer que vinha da janela que havia por cima do lavatório. O metal da boquilha e do fornilho era aço inoxidável grosseiro, daquele que tem grão, sem preocupações estéticas, concebido exclusivamente para cumprir os seus objetivos. O cachimbo tinha meio metro de altura e uma base pesada coberta com uma suave camurça falsa. O plástico alaranjado era grosso e a asa do lado oposto à boquilha tinha sido cortada toscamente de modo que apresentava algumas asperezas salientes que lhe podiam ferir o polegar quando estivesse a fumar, mas decidiu considerar que também isso faria parte da penitência a que se submeteria depois de a mulher ter aparecido e ido embora. Deixou a porta da casa de banho aberta para garantir que ouviria o telefone ou a campainha da porta do condomínio onde vivia. Na casa de banho, sentiu que a garganta se lhe apertava de súbito e chorou intensamente durante dois ou três segundos antes de o choro parar abruptamente. Não foi capaz de voltar a chorar. Já tinham passado mais de quatro horas sobre a hora a que a mulher havia prometido vir. Estava na casa de banho ou sentado na cadeira perto da janela e do telefone e do inseto e da janela que tinha deixado entrar um direto feixe retangular de luz quando havia iniciado a espera? A luz que vinha dessa janela chegava agora num ângulo cada vez mais oblíquo. A sua sombra tinha-se tornado um paralelograma. A luz que vinha da janela de sudoeste entrava em linha reta e era avermelhada. Tinha julgado que precisava de usar a casa de banho mas era incapaz de o fazer. Tentou meter uma data de cartuchos de filmes na ranhura do leitor e depois ligou o imenso telecomputador do quarto. Conseguia ver o trabalho de arte da apropriação no espelho que havia por cima do PC. Baixou o volume do som por completo e apontou o comando à distância para o telecomputador como se fosse uma arma. Sentou-se na borda da cama com os cotovelos nos joelhos e começou a estudar a pilha de cartuchos. Cada cartucho que estava na ranhura caía obedecendo à sua ordem, entrava no leitor com um clique e um zumbido de inseto e ele examinava-o. Mas era-lhe impossível distrair-se com o PC, porque não conseguia prestar mais do que uns segundos de atenção aos filmes. Mal percebia o que havia num cartucho, era assaltado por uma sensação de grande ansiedade que o levava a pensar que havia uma coisa mais divertida noutro filme e que estaria a perdê-la. Tomou

consciência de que teria muito tempo para desfrutar todos os cartuchos e tomou consciência intelectualmente de que a sensação de pânico por perder alguma coisa não fazia qualquer sentido. O monitor estava preso à parede, uma vez e meia maior do que a peça de arte feminista. Gastou algum tempo a examinar o que havia nos cartuxos. O telefonou tocou durante esse interlúdio de busca ansiosa. Já estava de pé e em movimento dirigindo-se para o aparelho antes que acabasse o primeiro toque, pletórico de excitação ou alívio, com o comando à distância ainda na mão, mas era apenas um amigo e colega, e quando ouviu a voz que não era da mulher que havia prometido trazer-lhe aquilo a que ele se tinha empenhado a dedicar os próximos dias para o erradicar definitivamente da sua vida, quase ficou doente de desapontamento, e com uma grande quantidade de adrenalina equivocada a tilintar e a ressoar agora no organismo, cortou de forma tão abrupta o telefonema do amigo para deixar a linha livre e mantê-la disponível para a mulher que não teve dúvida de que o colega pensou que estava chateado com ele ou que não passava de um grosseirão. Perturbou-o ainda mais pensar que atender o telefone a uma hora tão tardia não se ajustava à mensagem urgente que deixara no atendedor sobre estar inalcançável se o colega lhe voltasse a ligar depois de a mulher chegar e partir e ele ter isolado por completo o seu sistema vital, e permaneceu ao lado do telefone enquanto tentava decidir se o risco de que o colega voltasse a ligar, ou qualquer outra pessoa da agência, era suficiente para justificar a mudança da mensagem do atendedor automático para anunciar uma partida súbita nessa noite e não nessa tarde, mas decidiu, já que a mulher se tinha comprometido a vir sem falta, que deixar a mensagem tal qual estava seria um gesto de fidelidade da sua parte a esse compromisso e, em certo sentido, uma maneira de o fortalecer. O camião do lixo esvaziava caixotes ao longo de toda a rua. Voltou para a cadeira da janela. O reprodutor de cartuxos e o telecomputador continuavam em funcionamento no quarto e pelo ângulo da porta podia ver como as luzes do monitor de alta definição piscavam e mudavam de uma cor primária para outra no quarto às escuras; durante um determinado período matou o tempo tentando imaginar que cenas deviam corresponder àquelas mudanças de cor e intensidade. A cadeira estava orientada para o quarto e não para a janela. Ler enquanto se esperava por marijuana estava fora de questão. Aventou a hipótese de se masturbar mas não o fez. Não porque recusasse a ideia mas porque não reagiu e ela passou. Pensou em termos

genéricos em desejos e ideias que se consideravam mas não se praticavam, pensou em impulsos famintos de expressão ou debilitando-se e murchando, e sentiu que a certo nível isto tinha alguma coisa que ver com ele e as suas circunstâncias e o que, se esta espantosa e definitiva degradação a que se tinha comprometido não resolvesse o problema, certamente teria de se lhe chamar um problema, mas nem sequer conseguiu começar a tentar ver como a imagem de impulsos dissecados e ressequidos que passava a flutuar tinha alguma relação com ele ou com o inseto que havia regressado ao seu orifício na travessa angular, porque nesse preciso instante o telefone e a campainha da porta tocaram em uníssono, ambos ruidosos e torturados e tão abruptamente que pareciam penetrar por um orifício diminuto no grande balão de silêncio colorido em que estava à espera sentado, e primeiro avançou para o telefone, a seguir para o intercomunicador, depois convulsivamente para o telefone, e então tentou avançar de alguma maneira em ambas as direções ao mesmo tempo e, por fim, ficou parado com as pernas abertas, os braços a tremer freneticamente como se alguma coisa tivesse sido atirada pelos ares, de pernas abertas, sepultado entre os dois sons, sem um pensamento na cabeça.

---

*1 Empire Waste Disposal: empresa de recolha e tratamento de lixo. *(N. dos T.)*

1 DE ABRIL DO ANO DO PENSO MEDICINAL *TUCKS*

– SÓ SEI QUE O MEU PAI ME DISSE QUE VIESSE CÁ.

– Entra. Vais ver uma cadeira logo à tua esquerda.

– Cá estou.

– Está bem. Queres uma *Seven-Up*? Talvez uma limonada?

– Acho que não, obrigado. Cá estou, é tudo, e interrogo-me por que razão o meu pai me terá mandado vir, sabe? A porta não tem nenhuma indicação e na semana passada fui ao dentista, de modo que gostava de saber por que estou aqui. É só. É por isso que ainda me não sentei.

– Quantos anos tens, Hal? Catorze?

– Vou fazer onze em junho. O doutor é dentista? Está a fazer-me uma consulta de dentista?

– Vieste cá para poder conversar.

– Conversar?

– Sim. Deixa-me corrigir aqui a tua idade. Por alguma razão o teu pai deu a informação de que tinhas catorze anos.

– Este conversar é consigo?

– Estás aqui para conversar comigo, Hal, é isso mesmo. Vou quase ter de te implorar que bebas uma limonada. A tua boca está a fazer uns ruídos secos e pegajosos por falta de saliva.

– O doutor Zegarelli diz que a única causa das minhas cáries é ter uma produção de saliva deficitária.

– Esses sons secos e pegajosos por falta de saliva podem ser fatais para uma boa conversa.

– Mas então fiz este caminho até aqui de bicicleta, a subir e contra o vento, só para conversar consigo? A ideia é que a conversa comece comigo a perguntar porquê?

– Começo eu perguntando-te se sabes qual é o significado da palavra *implorar,* Hal.

– Então se calhar vou mesmo beber uma *Seven-Up,* se é que me vai implorar.

– Volto a perguntar-te se sabes o que é *implorar,* meu jovem senhor.

– Jovem senhor?

– Afinal de contas trazes um laço ao pescoço. Não será um convite a que te tratem por *jovem senhor*?

– *Implorar* é um verbo regular, transitivo: suplicar, rogar, clamar, apelar, solicitar. Sinónimo fraco: incitar. Sinónimo forte: pedir. Etimologia pura: do latim *implorare, im* significando em, *plorare* significando neste contexto chorar. *OED* condensado volume seis página mil trezentos e oitenta e sete coluna doze e uma parte da treze.

– Deus do Céu... Ela de facto não exagerou.

– Na Academia costumo às vezes levar porrada por coisas destas. É por isso que estou aqui? Por ser um jogador de ténis com uma boa classificação no *ranking* nacional e também ser capaz de dizer de cor longos parágrafos do dicionário, *verbatim*, à vontade, a quem costumam bater e usa laço? O senhor é um especialista em crianças sobredotadas? Significa que eles julgam que eu sou sobredotado?

SPFFFT.

– Cá está. Bebe.

– Obrigado. SHULGSHULGSPAHHH... Uau! Ah!

– Estavas mesmo com sede.

– Se me sentar, vai esclarecer-me?

– ...afinal de contas, o conversador profissional conhece as suas membranas mucosas.

– Pode ser que dentro de segundos tenha de arrotar por causa do gás. Digo-lhe isto para o avisar.

– Hal, estás aqui porque sou um conversador profissional e o teu pai marcou-te um encontro comigo para podermos conversar.

– MIURP. Perdão.

Tap tap tap tap.

– SHULGSPAHHH.

Tap tap tap tap.

– É um conversador profissional?

– Sou, creio ter acabado de afirmar que sou um conversador profissional.

– Não comece já a olhar para o relógio, como se lhe estivesse a roubar o seu precioso tempo. Se foi Ele Mesmo que marcou a consulta e a pagou, quer dizer

que o seu tempo me pertence, não é verdade? Não lhe pertence a si. E diga-me lá que coisa é essa de ser um «conversador profissional»? Um conversador é só uma pessoa que conversa muito. Cobra realmente honorários por falar muito?

– Um conversador é também alguém, como certamente te lembrarás, que se destaca numa conversa.

– Isso está no *Webster's Seventh*. Não vem no *OED*.

Tap tap.

– Sou um homem do *OED*, doutor. Se é que o senhor é médico. É médico? Fez o doutoramento? Muitas pessoas gostam de exibir os seus diplomas, quando os têm? E o *Webster's Seventh* não sequer está atualizado. O *Webster's Eighth* faz a correção para «alguém que conversa com muito entusiasmo».

– Queres outra *Seven-Up*?

– Ele Mesmo continua com aquela alucinação de que eu nunca falo? Foi por isso que convenceu a mã a mandar-me vir até cá de bicicleta? Ele Mesmo é o meu pai. Tratamo-lo por Ele Mesmo. Como em «Ele Mesmo em pessoa». Por assim dizer. À mãe tratamo-la por mã. Foi o meu irmão que cunhou o termo. Sei que é uma coisa habitual. Sei que os membros de muitas famílias mais ou menos normais se tratam na intimidade por alcunhas e ápodos. Nem pense em perguntar-me qual é a minha alcunha na intimidade familiar.

Tap tap tap.

– Mas Ele Mesmo tem alucinado ultimamente, convém que o avise. Interrogo-me por que razão a mã aceitou que ele me fizesse vir a pedalar até aqui, a subir e contra o vento, quando tenho de jogar uma partida às três, para conversar com um entusiasta que tem uma porta sem qualquer letreiro e nenhum diploma à vista.

– Com toda a humildade, gostaria de pensar que tem tanto que ver comigo como contigo. Que a minha reputação me precedeu.

– Essa frase não tem habitualmente um sentido pejorativo?

– É um enorme divertimento conversar comigo. Sou um consumado profissional. As pessoas saem do meu consultório extasiadas. Tu estás aqui. Chegou a hora de conversar. Vamos falar sobre erotismo bizantino?

– Como é que soube que me interesso por erotismo bizantino?

– Parece que não deixas de pensar que sou uma pessoa que se limita a segurar um letreiro com a palavra conversador e que esta profissão é uma coisa indigna

colada com cuspo. Pensas que não tenho uma equipa de apoio? Investigadores à minha disposição? Pensas que não mergulhamos nos escaninhos das psiques daqueles com quem temos consulta marcada? Julgas que esta sociedade limitada e com completa acreditação profissional não se interessa por obter informações sobre aquilo que estimula e enforma os nossos interlocutores?

– Só conheço uma pessoa capaz de usar a palavra *escaninhos* numa conversa informal.

– Não há nada de informal num conversador profissional e na sua equipa. Nós mergulhamos. E garanto-te que obtemos resultados, jovem senhor.

– Está bem. Alexandrino ou constantiniano?

– Achas que não investigámos a fundo a tua ligação com toda a atual crise intraprovincial no Quebeque do Sul?

– Qual crise intraprovincial no Quebeque do Sul? Julguei que quisesse falar sobre mosaicos porcos.

– Hal, esta é uma zona fina de uma ativa metrópole americana. Aqui os padrões são elevados. Um conversador profissional *mergulha* pura e simplesmente nos escaninhos. Crês porventura que um profissional do ofício da conversa se esqueceria de inspecionar a fundo as sórdidas ligações da tua família com o infame M. DuPlessis da Resistência Pan-Canadiana e a sua malévola mas pretensamente irresistível amanuense e agente Luria P...?

– Diga-me uma coisa: sente-se bem?

– Crês...?

– Tenho *dez* anos, por amor de Deus! Parece-me que a sua agenda de consultas talvez não seja muito fiável. Sou prodígio de dez anos potencialmente sobredotado em matéria de ténis e léxico cuja mã é um caso à parte à escala continental no universo académico da Gramática Prescritiva e cujo papá é uma figura capital nos círculos da ótica e do cinema de vanguarda que fundou sozinho a Academia de Ténis de Enfield mas começa a beber *Wild Turkey* às cinco da manhã e nalguns dias anda aos tropeções pelos campos de ténis durante os treinos matinais. Noutros dias tem ataques de alucinação sobre pessoas que mexem a boca e não dizem nada. Ainda nem sequer cheguei ao jota do *OED* condensado, muito menos ao Quebeque e a Lurias malévolas.

– ...o facto de que fotografias da supracitada... relação tenham sido passadas a *Der Spiegel* resultou nas estranhas mortes de um *paparazzo* de Otava e de um

editor bávaro de assuntos internacionais, com um bastão de alpinismo espetado no estômago e a cebolinha de um *cocktail* entalada na garganta, respetivamente.

– Acabei de chegar ao judaísmo. Estou a começar a ler sobre a *harpa judaica* e a teoria geral das liras orais. Nem sequer cheguei a *montanhismo*.

– Serás capaz de imaginar que não contradissemos na conversa certas atribuições... digamos que maternais a um dado fagotista anónimo e bissexual da unidade tática da Guarda Secreta Albertaniana?

– Ena! Aquilo que estou a ver ali é a porta de saída?

– ...que a tua alegre falta de atenção às cabriolas da tua querida mãe gramatical não com um nem dois mas com cerca de trinta adidos médicos do Médio Oriente...?

– Seria uma falta de educação da minha parte dizer-lhe que tem o bigode torto?

– ...que a sua introdução de esteroides mnemónicos esotéricos, estereoquimicamente não diferenciados do diário e hipodérmico suplemento «megavitamínico» do teu pai que é derivado de um certo composto orgânico de regeneração de testosterona destilado pelos xamãs jívaros da bacia sul-central de L.A., no teu tão inocente prato matinal de *Ralston*...

– Na verdade vou avançar e dizer-lhe que toda a sua cara está como que a derreter-se, se quiser verificar. Tem o nariz a apontar para o colo.

– Que o material resultante da composição com fórmulas ultrassecretas de resina polibutilena e policarbonada reforçada com grafite de alta modulação das tuas raquetas, oferecidas, entre comas, pela *Dunlop*, é orgânico-quimicamente idêntico, repito, *idêntico*, ao do sensor de equilíbrio giriscópico e cartão de apropriação de *mise-en-scène* e cartucho de entretenimento priapístico implantados no cérebro anaplástico do teu formidável progenitor após a cruel série de desintoxicações e convulsões tranquilizantes e gastrectomia e prostatectomia e pancreatectomia e falectomia...

Tap tap.

– SHULGSPAHHH.

– ... poderia porventura escapar ao combinado escrutínio investigativo de...

– E estou convicto de já ter visto esse casaco de malha aos quadrados. É o casaco de malha aos quadrados que Ele Mesmo usa na ceia comemorativa especial do Dia da Independência e de que se vangloria nunca ter mandado lavar.

Conheço essas nódoas. Assisti a esse coágulo de molho de carne assada. Esta consulta tem alguma relação com efemérides? É o Dia dos Tolos, papá, ou tenho de chamar a mã e o C.T.?

– ... que apenas requer provas diárias de que tu *falas*? De que reconheces a paisagem ocasional que há para lá da extremidade generosa e carnuda do teu nariz mondragonoide?

– Arrendaste este gabinete e a cara para isto, mas não substituíste o teu velho e famoso casaco de malha? E como conseguiste chegar cá antes de mim com o *Mercury* na oficina depois de...? Convenceste o C.T. a emprestar-te as chaves de um carro em bom estado?

– Quem costumava rezar todos os dias para que viesse o dia em que o seu querido e infeliz pai se sentasse, tossisse e abrisse o malfadado exemplar do *Tucson Citizen* e não o transformasse na quinta parede da sala? E quem é que depois de toda esta luz e de todo este ruído parece que só conseguiu produzir o mesmo silêncio?

– ...

– Quem é que viveu sempre esta vida dura, atroz e ímpia em divisões de cinco paredes?

– Papá, dentro de doze minutos tenho o compromisso ineludível de um jogo contra o Schacht, com ou sem vento a favor. Também tenho aquele especialista em lírica oral hebraica à minha espera à porta do Brighton Best Savings com uma gravata predeterminada às cinco em ponto. Em paga da entrevista que me vai fazer tenho de lhe cortar a relva durante um mês. Não posso ficar aqui a ver como pensas que sou surdo enquanto o teu nariz falso aponta para o chão. Estás a ouvir-me falar, papá? A coisa fala. Aceita refrescos, define *implorar* e conversa contigo.

– Rezando para ter uma única conversa que fosse, amadora ou não, que não acabe em terror? Que não acabe como todas as outras: tu olhando e eu engolindo em seco.

– ...

– Filho?

– ...

– *Filho?*

9 DE MAIO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

OUTRO ASPETO EM QUE SE NOTA a influência dos pais nos filhos varões quando estes mudam de voz na puberdade está presente na maneira como invariavelmente atendem o telefone com as mesmas expressões e entoações daqueles. Isto é válido mesmo quando os pais já morreram.

Devido ao facto de sair do quarto da residência de estudantes antes das seis para ir treinar e muitas vezes só regressar depois da hora do jantar, Hal demorava algum tempo a preparar a mala dos livros, a mochila e o saco com o material de desporto, além de escolher as raquetas com as cordas mais tensas. E em geral procurava, recolhia e escolhia as coisas às escuras, uma vez que o irmão, Mario, ainda estava a dormir na outra cama. Mario não treinava nem podia jogar e precisava de dormir o máximo de tempo possível.

Hal estava a preparar o saco com o material de desporto complementar e a aproximar da cara vários pares de calças de fato de treino tentando encontrar o que estivesse mais limpo pelo cheiro quando o telefone tocou. Mario mexeu-se e sentou-se na cama; era uma pequena figura corcunda encimada por uma grande cabeça à luz acinzentada vinda da janela. Hal dirigiu-se para o telefone ao segundo toque e já tinha na mão a antena do telefone transparente quando soou o terceiro.

A maneira que tinha de atender o telefone soava como «Hummm...iola».

– Quero dizer-te – disse a voz ao telefone. – Que tenho a cabeça cheia de coisas por dizer.

Hal tinha três pares de calças de fato de treino da ATE na mão que não estava a segurar o auscultador. Viu que o irmão sucumbia à gravidade e voltava a cair inerte sobre a cama. Era frequente Mario sentar-se e voltar a deitar-se sem nunca acordar.

– Não me interessa – disse Hal em voz baixa. – Posso esperar eternamente.

– Isso é o que tu julgas – disse a voz.

A ligação foi interrompida. Tinha sido Orin.

– Ei, Hal.

A luz do quarto era de um cinzento desagradável, uma espécie de não luz. Às vezes Hal conseguia ouvir Brandt do outro lado do corredor a rir de qualquer coisa que Kenkle tinha dito e o ruído dos caixotes dos porteiros. A pessoa ao telefone tinha sido O.

– Ei, Hal. – Mario estava acordado. Eram necessárias quatro almofadas para suster a imensa cabeça dele. A voz saiu do meio da roupa de cama revolta. – Ainda está escuro ou sou eu?

– Volta a adormecer. Nem sequer são seis horas.

Hal enfiou primeiro a perna boa nas calças.

– Quem é que telefonou?

Guardou no saco de desporto três raquetas *Dunlop,* correu o fecho até meio para que as pegas pudessem ser facilmente agarradas e, carregando com os três volumes, aproximou-se do telefone, desligou a campainha e disse:

– Ninguém que conheças, parece-me.

ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

EMBORA FOSSE SÓ MEIO ÁRABE e canadiano de nascimento e residência, o adido médico volta no entanto a desfrutar da imunidade saudita, desta vez como assessor especial otorrinolaringológico do médico pessoal do príncipe Q., ministro saudita do Entretenimento Doméstico, hoje aqui, no Nordeste dos Estados Unidos, à cabeça de uma delegação cuja tarefa é a de fazer outro acordo mastodôntico com a companhia InterLace TelEntertainment. O adido médico faz trinta e sete anos amanhã, quinta-feira, 2 de abril, no ano lunar norte-americano do ARIAD. A delegação considera que o subsídio promocional do calendário norte-americano é hilariantemente vulgar. Para não falar da imagem impressionante do ídolo idólatra mais célebre e vaidoso do Ocidente, a colossal estátua libertina vestida com uma espécie de imensa fralda para adultos, uma imagem hilariantemente oportuna e muito popular nas fotografias de várias revistas internacionais.

Como tem a sua consulta médica habitualmente dividida entre Montreal e o Rub' al Khali, esta é a primeira viagem aos Estados Unidos do adido médico desde que completou o seu período como interno há oito anos. As obrigações dele aqui consistem em acompanhar o príncipe e o seu séquito nas deslocações entre as duas centrais de fabrico e distribuição de InterLace em Phoenix, Arizona, EUA, e Boston, Massachusetts, EUA, respetivamente, oferecendo a sua assistência especializada em otorrinolaringologia ao médico pessoal do príncipe Q. A especialidade concreta do adido médico é as sequelas maxilofaciais de desequilíbrios na flora intestinal. O príncipe Q., como qualquer pessoa que quase recusa ingerir outra coisa que não seja *Toblerone*, sofre cronicamente de *Candida albicans*, com as consequentes propensões para a sinusite monilial e a candidíase, as chagas fermentadas e as impacções, sinais que requerem drenagens quase diárias no clima frio e húmido do início da primavera em Boston, EUA. O adido médico, um verdadeiro artista possuidor de uma destreza sem paralelo em matéria de limpezas com algodão e hipoevacuações, é conhecido entre as decadentes classes altas das nações petroárabes como o DeBakey do fermento maxilofacial e os seus vertiginosos horários são

considerados absolutamente *ad valorem*.

Os honorários sauditas, sobretudo para consultas médicas, vão para lá do obsceno, mas as obrigações do adido médico durante esta viagem justificam-nos, já que são pessoalmente esgotantes e bastante nauseabundos, e quando regressa aos luxuosos aposentos que obriga a mulher a arrendar em bairros afastados dos habituais antros da delegação em Back Bay e Scottsdale, precisa de descansar a todo o custo. O adido médico, um entusiasta rematado do sufismo norte-americano promulgado na sua infância por Pir Valayat, não frequenta o *kif* nem as bebidas destiladas e tem de relaxar sem a menor ajuda química. Quando chega a casa depois de fazer as orações vespertinas, quer ver na sua bandeja individual um jantar bem condimentado e cem por cento *shari'a-halal,* a borbulhar de puro picante, bem apresentado e a fumegar agradavelmente na sua bandeja acoplável, quer o babete passado a ferro, pronto para a ação e colocado num lado da bandeja e quer que o telecomputador da sala de estar esteja ligado, preparado, e que o carregador contenha uma pilha de cartuchos de entretenimento vespertino já selecionados, dispostos e em fila para serem inseridos com o comando à distância no leitor do monitor. Reclina-se diante do ecrã no seu reclinador eletrónico especial e a sua silenciosa mulher etnicamente árabe de véu preto trata dele desapertando-lhe quaisquer peças de roupa que o constrinjam, ajuntando a iluminação da sala, instalando a bandeja complexamente moldada por cima da cabeça dele de modo a que possa apoiá-la nos ombros e projetá-la no espaço imediatamente por baixo do queixo para que lhe seja permitido desfrutar do jantar picante sem ter de desviar o olhar do espetáculo que naquele momento está a desenrolar-se no ecrã. Apresenta uma fina barba de estilo imperial que também é cuidada pela mulher mantendo-a livre dos detritos da bandeja. O adido médico permanece sentado e olha e deglute e olha e olha relaxando a olhos vistos até que os ângulos do corpo no assento e da cabeça no pescoço indicam que adormeceu; nesse exato momento, a poltrona eletrónica reclinável especial reclina-se automaticamente ainda mais até atingir por completo a posição horizontal; de largas ranhuras laterais saem com luxuosa fluidez roupas de cama de seda e, a não ser que a mulher se mostre suficientemente distraída e desastrada com os comandos à distância do reclinador, o adido médico pode descansar sem esforço passando de um estado sem relaxamento a uma noite de sono absolutamente descansado ali mesmo, na poltrona reclinável e com o

telecomputador programado para emitir baixinho, recorrentemente, o som de ondas e de chuva miudinha a cair em cima de folhas verdes.

Com a exceção das noites de quarta-feira, que é quando em Boston a Liga Superior de Ténis de Mulheres Árabes se reúne e a mulher dele se junta às mulheres e companheiras dos membros da delegação no luxuoso Clube Mount Auburn em West Watertown, ou seja, quando ela não está em casa para cuidar do marido em silêncio, já que a quarta-feira também é o dia da semana em que os *Toblerone* chegam aos Estados Unidos, às prateleiras dos importadores e fabricantes da Rua Newbury, Boston, Massachusetts, EUA, e a incapacidade para controlar o apetite do ministro saudita do Entretenimento Doméstico perante a chegada dos *Toblerone* da quarta-feira, frequentemente obriga o adido médico a ficar de vigília no imenso apartamento arrendado do piso catorze do Back Bay Hilton manipulando depressores de língua e cotonetes, nistatina e ibuprofeno e estípticos e unguentos antibióticos contra a candidíase a fim de reabilitar as membranas mucosas do dispéptico e deprimido e muitas vezes (mas não sempre) penitente e agradecido príncipe saudita Q. Por isso, no dia 1 de abril do ARIAD, quando o adido médico não se mostra suficientemente destro (ou pelo menos foi isso que se supôs) com uma cotonete numa necrose ulcerada e é submetido às 18h00 em ponto a um febril ataque de candidíase do floralmente desequilibrado ministro do Entretenimento Doméstico e é substituído por estridente decreto na beira do leito real pelo médico pessoal do príncipe, que foi convocado de urgência por meio de *beeper* quando estava na sauna do Hilton, e quando o encharcado médico pessoal dá uma palmadinha no ombro do adido médico e lhe diz que não deve prestar atenção à manifestação de desagrado, que foram as chagas que falaram, que deve ir para casa descansar, que uma merecida noite de quarta-feira é para aproveitar, então, quando o adido médico chega a casa por volta das 18h40, os seus espaçosos aposentos bostonianos estão vazios, as luzes da sala sem baixar, o jantar sem estar aquecido, a bandeja ainda no lava-loiças e – o pior de tudo – ninguém trouxe os cartuchos de entretenimento da loja de InterLace na Rua Boylston, onde a mulher do adido médico, assim como todas as veladas mulheres e companheiras dos delegados principescos, tem uma conta caucionada especial. E mesmo que não estivesse demasiado exausto e tão deprimido para se aventurar a regressar à húmida noite urbana para recolher os cartuchos, o adido médico apercebeu-se de que a mulher, como acontecia todas

as quartas-feiras, tinha levado o carro com matrícula de imunidade diplomática, sem o qual qualquer estrangeiro com um mínimo de inteligência não ousaria tentar estacionar de noite numa rua de Boston, Massachusetts, EUA.

As opções de relaxamento do adido médico estão portanto severamente limitadas. O generoso TC da sala recebe também as disseminações espontâneas da Matriz de Pulsações por Assinatura de InterLace, mas os procedimentos para encomendar pulsações espontâneas específicas são tão tecnológica e criptograficamente complexos que o adido médico deixou este assunto sempre nas mãos da mulher. Nesta noite de quarta-feira, experimentando botões e abreviaturas quase ao acaso, o adido só consegue convocar um canal de desporto profissional norte-americano em direto – cujos desportos transmitidos sempre considerou embrutecedores e repelentes –, outro de ópera patrocinado pela Texaco Oil, mas o adido médico hoje já viu suficientes úvulas humanas, de modo que não, muito obrigado, um episódio redisseminado do popular programa infantil de InterLace, *Mr. Bouncety-Bounce*, que durante alguns instante o adido médico pensa ser um documentário sobre desordens comportamentais bipolares até que percebe e carrega rapidamente nas teclas do painel e uma sessão redisseminada de *Sempre em Forma*, uma série de ginástica aeróbica doméstica matinal com pouca roupa e de impacte variável da menina Tawni Kondo, guru de aeróbica de InterLace, cujo espetáculo de roupa aligeirada e de pernas imodestamente abertas ameaça o devoto adido médico com a possibilidade de pensamentos impuros.

Os únicos cartuchos de entretenimento que há no apartamento, como revela uma busca mal-humorada, são os que os correios dos EUA trouxeram nessa quarta-feira e estão no aparador da sala ao lado de faxes e correspondência pessoal e profissional que o adido médico se recusa a ler até terem sido pré-avaliados pela mulher, que lhe passará aqueles que tiverem algum interesse. O aparador está encostado à parede do lado oposto ao reclinador eletrónico, na outra ponta da sala, por baixo de um tríptico erótico bizantino de alta qualidade. Os sobrescritos almofadados que contêm os cartuchos, com a sua peculiar forma retangular, estão misturados ao acaso com a correspondência sem relação com o entretenimento. Ao procurar uma coisa que o possa relaxar, o adido médico abre vários pacotes pela linha de perfurações correspondente. Há um filme do Serviço de Especialidades ONANMA sobre antibióticos da classe actinomiceta e a

síndrome do intestino irritável. Há um filme de 1 de abril do ARIAD de quarenta minutos de duração com o resumo de notícias norte-americanas de CBC/PATHÉ, disponível diariamente por assinatura em nome da mulher e transmitida para o telecomputador por pulsações InterLace não reproduzíveis ou enviada por correio azul num disco ROM que se apaga automaticamente depois de ter sido visionado uma vez. Há a edição em árabe e em vídeo do número de abril da revista *Self* para a mulher do adido, com a modelo da capa de *Nass* castamente vestida e com véu. Há um cartucho castanho e irritantemente sem título numa caixa acolchoada sem forma precisa com um selo dos correios dos EUA de primeira classe. A caixa almofadada tem um carimbo de uma zona suburbana de Phoenix, Arizona, EUA, e na zona reservada ao remetente figura apenas feliz aniversário! com uma cara sorridente canhestramente desenhada à mão com uma esferográfica em vez do endereço do remetente ou do logótipo de uma empresa. Embora por nascimento e residência o adido médico seja natural do Quebeque, onde a língua de uso social não é o inglês, sabe bastante bem que a palavra inglesa *anniversary* não significa o mesmo que *dia de anos*. E o adido médico e a sua velada mulher foram unidos aos olhos de Deus e do Profeta não em abril mas em outubro, quatro anos antes, no Rub'al Khali. À confusão da caixa almofadada acresce o facto de que qualquer coisa proveniente da delegação do príncipe Q. em Phoenix, Arizona, EUA, apresentaria o selo diplomático em vez do selo local e de rotina da ONAN. Em resumo, o adido médico sente-se muitíssimo ofendido e maltratado e está antecipadamente preparado para se irritar ainda mais com o conteúdo do cartucho, que é um vulgar cartuxo de entretenimento preto estandardizado mas sem título e sem um estojo de cores vivas, atraente ou informativo, e tem apenas uma daquelas insonsas caras circulares sorridentes de tipo EUA estampadas onde deveriam estar os códigos de registo e de duração. O adido médico está perplexo com o críptico remetente e a caricatura e a caixa e o cartucho sem título e desde logo irritado com todo o tempo que teve de passar de pé diante do aparador a verificar a correspondência, uma tarefa que não lhe diz respeito. A única razão que o impede de atirar o cartucho para o lixo ou o ponha de lado para que a mulher o pré-visione para avaliar qual a sua relevância é a escassez lamentável de opções de entretenimento nessa noite em que a irritante e americanizada liga de ténis mantém a sua mulher longe, afastado do lugar que lhe compete em casa. O adido

vai meter o cartucho e ver o seu conteúdo apenas para determinar se é irritante ou de uma natureza irrelevante ou de maneira nenhuma divertido ou interessante. Vai aquecer o cordeiro *halal* e o molho *halal* picante no micro-ondas até que fique bem quente, vai colocá-lo com jeito na bandeja, vai pré-visionar os momentos iniciais do intrigante e /ou irritante ou possivelmente e misteriosamente em branco cartuxo de entretenimento, depois vai relaxar com o resumo do noticiário e talvez deitar uma rápida e pouco libidinosa vista de olhos à linha de primavera de roupa interior preta, piedosa e assexuada para mulheres de *Nass*, a seguir vai pôr a gravação contínua de ondas e chuva e passar uma merecida noite de quarta-feira com a esperança de que a mulher não regresse da liga de ténis com o fato de ténis preto até aos joelhos encharcado de transpiração e lhe tire a bandeja do jantar de cima do pescoço adormecido de uma maneira torpe ou pouco destra que potencialmente o acorde.

Quando se senta com a bandeja e o cartucho, o monitor do TC indica que são 19h27.

ANO DA TABLETE DE CHOCOLATE *DOVE* DE TAMANHO EXPERIMENTAL

WARDINE DIZ QUE MAMÃ DELA NÃO TRATAR BEM ELA. Reginald vem ter comigo ao pátio do meu prédio onde eu e Delores Epps estamos a saltar à corda e ele diz, Clenette, a Wardine está em minha casa a chorar e a dizer que mamã dela não tratar bem ela, e eu vou com Reginald ao prédio dele, onde ele mora, e Wardine está toda agachada no fundo do armário do quartinho de Reginald, a chorar bué. Reginald puxa Wardine para fora do armário e eu esfrego-lhe as lágrimas da cara de Wardine e Reginald é com muito cuidado que lhe tira as camisolas que ela tem vestidas, diz a Wardine pra me deixar ver. Wardine tem as costas cheias de nódoas negras e de cortes. Grande cortes de cima a baixo nas costa de Wardine, marcas cor-de-rosa e à volta das marcas a pele como a pele dos lábios das pessoas. Quase vomito quando vi aquilo. Wardine chora. Reginald diz que Wardine diz que mamã dela não tratar ela bem. Diz que mamã bateu nela com um cabide. Diz que o home de mamã dela, Roy Tony, quer ir para a cama com Wardine. Dá a Wardine caramelo e cinco cêntimo. Põe-se à frente dela o tempo todo e não a deixa passar sem a apalpar. Reginald diz que Wardine diz que de noite, quando mamã está a trabalhar, Roy Tony chega-se ao colchão onde dormem Wardine, William, Shantell e Roy o bebé e fica lá no meio da escuridão, grande, e diz-lhe coisas em voz baixa e doce, respirando. Mamã de Wardine diz que Wardine tenta Roy Tony a cometer Pecado. Wardine diz que mamã de Wardine diz que Wardine tenta levar Roy Tony prò Mal e prò Pecado com o seu corpo jovem e rijo. Bate em Wardine com cabides que tira do armário. A minha mamã diz que mamã de Wardine não está boa da cabeça. A minha mamã tem medo de Roy Tony. Wardine chora. Reginald pede a Wardine que conte mamã de Reginald como mamã de Wardine tratar ela. Reginald diz que Ama a sua Wardine. Diz que ele Ama ela mas nunca antes tinha percebido porquê. Wardine não se quis deitar com ele como as outras raparigas fazem com os seus homes. Diz que Wardine nunca deixou Reginald tirar-lhe as roupas até esta noite em que entrou no quarto de Reginald no prédio dele a chorar, ela deixou que Reginald tirasse a roupa a ela para que ele visse como mamã de Wardine batia em Wardine

por causa de Roy Tony. Reginald Ama a sua Wardine. Wardine morrer de medo. Disse não ao pedido de Reginald. Diz que se falasse com mamã de Reginald e se mamã de Reginald falasse com mamã de Wardine então mamã de Wardine ia pensar que Wardine dormia com Reginald. Wardine diz que mamã dela diz que se Wardine deixa que um homem durma com ela antes de fazer dezasseis anos ela a mata à pancada. Reginald diz que nunca vai deixar que isso aconteça a Wardine.

Há quatro anos Roy Tony matou Columbus Epps, irmão de Dolores Epps, no bairro social de Brighton. Roy Tony está em liberdade condicional. Wardine diz que ele mostrou a Wardine uma coisa que tem no tornozelo e que envia sinais ao agente da liberdade condicional indicando que ainda está em Brighton. Roy Tony não pode sair de Brighton. O irmão de Roy Tony é pai de Wardine. Foi-se embora. Reginald tenta acalmar Wardine mas não consegue que Wardine deixe de chorar. Wardine parece estar doida por causa do medo que sente. Diz que se mata se eu ou Reginald contamos alguma coisa às nossas mamãs. Ela diz, Clenette, tu é minha meia-irmã, peço-te que não contes à tua mamã sobre a minha mamã e o Roy Tony. Reginald diz a Wardine para se calar e se acalmar. Besunta os cortes das costas de Wardine com *Shed's Spread,* que traz da cozinha. Passa cuidadosamente os dedo com a gordura por cima das marcas cor-de-rosa causadas pelas pancada com o cabide. Wardine diz que desde a primavera não sente nada nas costas. Está deitada de barriga para baixo no chão de Reginald e diz que não sente nada na pele das costas. Quando Reginald vai buscar água, pede-me que lhe conte a verdade sobre qual é o aspeto das costas dela quando Reginald vê elas. Ainda é bonita?, e chora.

Não vou contar nada à minha mamã sobre Wardine e Reginald nem sobre a mamã de Wardine e Roy Tony. A minha mamã tem medo de Roy Tony. A minha mamã é a mulher por causa de quem Roy Tony matou Columbus Epps há quatro anos no bairro social de Brighton, por Amor.

Mas eu sei que Reginald vai contar. Reginald que prefere morrer a deixar que mamã de Wardine torne a bater em Wardine. Diz que vai ter com Roy Tony e dizer-lhe que não se meta mais com Wardine nem se ponha a respirar perto do colchão dela de noite. Diz que vai ao pátio do bairro social de Brighton onde Roy Tony faz negócio para lhe dizer, de homem para homem, que deve portar-se bem.

Mas eu acho que Roy Tony vai matar Reginald se Reginald for falar com ele. Acho que Roy Tony vai matar Reginald e então a mamã de Wardine vai bater a ela com o cabide até a matar de pancada. E ninguém vai saber a não ser eu. E eu vou ter um filho.

No oitavo ano do sistema educativo americano, Bruce Green apaixonou-se perdidamente por uma colega que dava pelo improvável nome de Mildred Bonk. O nome era improvável porque se alguma vez houve uma estudante do oitavo ano que se parecesse com Daphne Christianson ou Kimberley Saint-Simone ou alguém desse género essa estudante era Mildred Bonk. Era uma dessas raparigas de uma beleza fatal com uma figura núbil e fantasmagórica que deslizava pelos corredores suados do liceu de todos os pesadelos de emissores noturnos. Um cabelo que Green ouvira descrever a um professor exaltado como «da cor do linho»; um corpo que já tinha sido visitado, beijado e abandonado no sexto ano o anjo volúvel da puberdade – o mesmo que parecia nem sequer saber o código postal de Green; umas pernas que nem mesmo uns *Keds* cor de laranja com atacadores púrpura eram capazes de estragar. Tímida, iridescente, indómita, pelvicamente sinuosa, de busto exuberante, dada a reservados movimento de mãos para afastar os cabelos cor de linho da bela testa sedosa, movimentos que faziam Bruce Green entrar em transe. Uma aparição com vestido de verão e sapatos parvos. Mildred L. Bonk.

E depois, no décimo ano, numa dessas insólitas metamorfoses que ocorrem não se sabe quando, Mildred Bonk tornou-se um imponente membro do aterrador bando do liceu de Winchester que fumava cigarros *Marlboro* na ruela entre os edifícios do secundário e do complementar e que terminava as aulas ao meio-dia e se afastava em carros de rodas baixas com altifalantes de potência sonora ilegal a beber cerveja e a fumar marijuana, usava *Visine* e *Clorets*, etc. Era mais um dos membros do bando. Mascava pastilha elástica (ou coisa pior) na cafetaria, o seu amado e tímido rosto era agora uma máscara aborrecida de Presunção, as suas madeixas loiras estavam agora cardadas e cheias de gelatina formando uma coisa que a toda a gente parecia ser o resultado de ter metido um dedo na ficha elétrica. Bruce Green poupou dinheiro suficiente para poder comprar um carro velho com rodas baixas e praticava Presunção com a tia que o tinha acolhido. Tomou uma decisão.

E no ano que devia ser o último do curso, Bruce Green estava ainda mais aborrecido, imponente e aterrador do que Mildred Bonk; e ele e Mildred Bonk e a minúscula e incontinente Harriet Bonk-Green viviam nas imediações de Allston Spur numa reluzente caravana com outro casal aterrador e com Tommy Doocey, o infame traficante de erva com lábio leporino que tinha várias serpentes enormes num aquário hediondo sem tampa, que fedia, coisa de que Tommy Doocey não se apercebia porque o lábio superior lhe cobria completamente as fossas nasais e só conseguia cheirar o próprio lábio. Mildred Bonk apanhava uma pedrada todas as tardes e via cartuchos de entretenimento seriados. Bruce Green tinha um trabalho fixo na Leisure Time Ice e durante algum tempo a vida foi mais ou menos uma festarola.

ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

– HAL?

– ...

– Ei, Hal.

– Sim, Mario?

– Estás a dormir?

– Booboo, já falámos sobre isto. Não posso estar a dormir se estivermos a conversar.

– É o que me parecia.

– Ainda bem que te pude confirmar isso.

– Rapaz, como estiveste hoje. Puseste o gajo doente. Quando meteu a bola em cima da linha e tu lha devolveste com aquele vólei, o Pemulis disse que pouco faltou para que o tipo vomitasse em cima da rede.

– Boo, limitei-me a arrumá-lo. Não acho que seja correto regozijar-nos quando arrumamos alguém. É uma questão de dignidade. Penso que o melhor é deixar as coisas como estão. Já que falámos no assunto.

– Ei, Hal.

– ...

– Ei, Hal.

– É tarde, Mario. Está na hora de dormir. Fecha os olhos e pensa em coisas soltas.

– Isso é o que a mã também diz sempre.

– Sempre funcionou comigo, Boo.

– Julgas que estou sempre a ter pensamentos soltos. Deixas que durma no teu quarto porque tens pena de mim.

– Booboo, não vou sequer dignar-me a responder-te. Considerarei as tuas palavras como um aviso. Ficas sempre petulante quando não dormes o suficiente. E estamos a ver claros sinais de petulância do horizonte ocidental, aqui mesmo.

– ...

– ...

– Quando perguntei se estavas a dormir, era para te perguntar se hoje te sentias inclinado a acreditar em Deus quando estavas na maior a dar cabo daquele gajo.

– Lá vens tu com a mesma coisa.

– ...

– Achas *mesmo* que à meia-noite e num quarto completamente às escuras e sentindo-me tão cansado como me sinto que até o cabelo me dói e sabendo que dentro de menos de seis horas começa o treino é o momento e o lugar certos para falar disso, Mario?

– ...

– Fazes-me essa pergunta uma vez por semana.

– Porque nunca me respondes. É por isso.

– Esta noite e para que te cales, Booboo, vou dizer-te que tenho de resolver algumas disputas administrativas com Deus. Dir-te-ei que Deus parece ter um estilo de direção técnica que não é muito do meu agrado. Sou bastante antimorte. E Deus dá toda a ideia de ser pró-morte. Não estou a ver como possamos entender-nos nesta questão, ele e eu, Boo.

– Falas disso desde que Ele Mesmo morreu.

– ...

– Estás a ver? Nunca dizes.

– É claro que digo. Acabei de o fazer.

– ...

– Mas acontece que não é isso que tu queres ouvir, Booboo. Mais nada.

– ...

– Há uma diferença.

– Não percebo como não conseguiste sentir que acreditavas nele no campo de ténis. Estava *mesmo lá*. Movias-te como se acreditasses.

– ...

– Como te sentes por dentro, não?

– Mario, tu e eu somos misteriosos um para o outro. Estamos em lados opostos, há uma diferença inultrapassável entre nós nesta matéria. Deixemo-nos estar calmamente e ponderemos.

-Hal?

– ...

– Ei, Hal?

– Deixa que te conte uma piada agora, Booboo, com a condição de que depois te calas e me deixas dormir.

– É das boas?

– Mario, o que é que se obtém quando se cruza um insone, um agnóstico involuntário e um disléxico.

– Rendo-me.

– Obtém-se alguém que passa a noite a torturar-se mentalmente com a questão de haver ou não um cão[*1].

– Essa é boa!

– Schiu!

– ...

– ...

– Ei, Hal? O que é um insone?

– Alguém que partilha o quarto contigo, rapaz, podes ter a certeza.

– Ei, Hal?

– ...

– Por que razão não chorou a mã quando Ele Mesmo faleceu? Eu chorei e tu também. Até o C.T. chorou. Vi-o a chorar.

– ...

– Ouviste *A Tosca* várias vezes e choraste e disseste que estavas triste. Estávamos todos.

– ...

– Ei, Hal, achas que a mã ficou mais alegre depois da morte de Ele Mesmo?

– ...

– Parece que ficou mais feliz. Até parece mais alta. Deixou de viajar para todo o lado sem parar por isto ou por aquilo. A história da gramática corporativa. A história dos protestos em livrarias.

– Agora nunca vai a lado nenhum, Booboo. Agora tem a casa do reitor e o gabinete dela e o túnel entre os dois e nunca se afasta. Trabalha cada vez mais. E está mais compulsiva e obsessiva. Há quanto tempo não vês grãos de poeira naquela casa?

– Ei, Hal?

– Agora não passa de uma viciada em trabalho, *agorafóbica* e uma obsessivo-compulsiva. Parece-te que isso se aproxima sequer de felicidade?

– Os olhos dela estão melhor. Não parecem estar tão olheirentos. Têm melhor aspeto. Ri-se mais do C.T. que se ria de Ele Mesmo. Ri-se por dentro. Ri-se mais. A maior parte das vezes, as piadas dela são até melhores do que as tuas.

– ...

– Por que razão não ficou triste?

– Ela ficou triste, Boo. Só que foi à maneira dela, diferente da tua e da minha. Ficou triste, tenho a certeza disso.

– Hal?

– Lembras-te de como o pessoal pôs a bandeira a meia haste diante da grade de ferro depois de ter acontecido? Lembras-te disso? E que é posta a meia haste todos os anos na Convocação? Lembras-te da bandeira, Boo?

– Ei, Hal?

– Não chores, Booboo. Lembras-te da bandeira a meia haste? Só há duas maneiras de a pôr a meia haste, Booboo. Estás a ouvir? Porque agora tenho de adormecer mesmo. De modo que presta atenção. Uma das maneiras de pôr a bandeira a meia haste é arriando-a. Mas há outra maneira. Também se pode subir o mastro. Pode subir-se o mastro quase até ao dobro da sua altura original. Compreendes? Compreendes o que quero dizer, Mario?

– Hal?

– A mã está muito triste, aposto que está.

Às 20h10 do dia 1 de abril do ARIAD, o adido médico ainda está a olhar para o cartucho de entretenimento sem título.

---

*1 Jogo de palavras intraduzível: o disléxico troca a palavra inglesa *god* (deus) por *dog* (cão). *(N. dos T.)*

OUTUBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

PARA ORIN INCANDENZA, # 71, a manhã é a noite da alma. O pior momento do dia, psiquicamente. Liga no máximo o ar condicionado do apartamento durante a noite, mas mesmo assim acorda quase todas as manhãs empapado em suor, encolhido na posição fetal, sepultado nesse tipo de escuridão psíquica em que se torna aterradora qualquer coisa que se pense.

Orin, irmão de Hal Incandenza, acorda sozinho às 7h30 no meio de um aroma húmido de *Ambush,* com uma nota no outro lado da almofada amarrotada onde está escrito um # de telefone e alguns dados vitais numa letra floreada de menina de escola. A nota também cheira a *Ambush*. O lado da cama que ele ocupa está encharcado.

Orin prepara tostas com mel de pé e descalço dianta da mesa da cozinha, em cuecas, com uma velha *sweat-shirt* da Academia com as mangas cortadas, tirando o mel da cabeça de um urso de plástico. O chão está tão frio que lhe doem os pés, mas a janela de vidro duplo que fica por cima do lava-loiças está quente quando lhe toca: do outro lado há o calor bestialmente metropolitano de Phoenix em outubro.

Quando regressa a casa com a equipa, por mais alto que ponha o ar condicionado ou por mais finos que sejam os lençóis, Orin acorda com a sua marca escuramente impressa a suor no sítio onde dormiu; a marca seca devagar ao longo do dia até se tornar uma orla salgada e branca que mal se separa das restantes ténues silhuetas secas da semana, pelo que a sua imagem fossilizada em posição fetal se repete sobre a largura da cama como um baralho de cartas sobrepostas, como um rasto ácido ou uma exposição fotográfica temporizada.

O calor que penetra pelas portas de vidro estica-lhe o couro cabeludo. Leva o pequeno-almoço até uma branca mesa de ferro ao lado da piscina central do edifício de apartamentos e tenta beber, ao calor, o café sem fumegar ou a arrefecer. Fica ali sentado sentindo uma surda dor animal. Tem um bigode de suor. Uma brilhante bola de praia flutua na água e choca contra um dos lados da piscina. O Sol é uma espécie de visão do inferno através de uma furtiva

fechadura. Não há mais ninguém. O condomínio forma um anel com a piscina e o terraço, tendo o jacúzi no centro. O calor reverbera no terraço como fumos de combustível. Há um efeito de miragem onde o calor extremo faz o solo parecer que está encharcado de gasolina. Orin consegue ouvir o som dos cartuchos no telecomputador do outro lado das janelas fechadas, o programa de aeróbica todas as manhãs e também uma pessoa a tocar órgão, e a mulher madura que nem sequer lhe retribui o sorriso e que vive no apartamento contíguo e agora pratica escalas operísticas com o som abafado pelos cortinados, persianas e vidros duplos. O jacúzi agita-se e faz espuma.

A nota da Pessoa da noite anterior está escrita numa folha de carta dobrada de cor violeta que exibe um círculo violáceo mais escuro onde foi atingida pelas gotas projetadas pelo pulverizador de perfume da Pessoa. A única coisa interessante da caligrafia – mas também deprimente – é que cada círculo – os dês, pês, os #s 6 e 8 – está preenchido, enquanto os is não têm pontos mas uns diminutos corações de São Valentim sem o interior preenchido. Orin lê a mensagem enquanto come as tostas, que não passam de um pretexto para o mel. Usa o braço direito, menos desenvolvido, para comer e beber. O braço e a perna esquerdos, mais avantajados, permanecem imóveis durante toda a manhã.

Uma brisa envia a bola de praia a rolar até ao outro lado da piscina azul e Orin contempla a sua silenciosa deslocação. As mesas de ferro brancas não têm guarda-sóis e sabe-se onde está o Sol sem olhar; sente-se perfeitamente no próprio corpo de onde se projeta. A bola move-se timidamente até ao centro da piscina onde para. A mesma brisa faz estalar e estremecer as palmeiras podres ao longo dos muros de pedra do condomínio e um par de folhas soltam-se e caem em espiral atingindo o solo como uma bofetada. Ali todas as plantas são malévolas, pesadas e afiladas. As copas das palmeiras por cima das frondas têm penachos asquerosos que se parecem com cabelos de coqueiros. Nas árvores vivem baratas e outras coisas. Ratazanas, talvez. Todo o tipo de criaturas detestáveis das alturas. Todas as plantas são espinhosas ou carnudas. Há catos com formas estranhas e torturadas. As copas das palmeiras são como o cabelo que Rod Stewart costumava usar nos velhos tempos.

Orin regressou há duas noites com a equipa e os olhos avermelhados depois do jogo de Chicago. Sabe que ele e o outro pontapeador são os únicos jogadores titulares que ainda não têm terríveis dores, fisicamente, devido às sovas.

No dia antes de partir – mais ou menos há cinco dias – Orin estava sozinho no jacúzi ao fim da tarde, cuidando da perna, sentado sob o efeito do calor radiante e à última luz do dia com a perna no jacúzi, apertando distraidamente a bola de ténis que ainda aperta distraidamente por força do hábito. Observando como a água borbulhava, rodopiava e fazia espuma à volta da sua perna. E do nada, repentinamente, um pássaro tinha caído no jacúzi. Com um plof natural e seco. Do nada. Do imenso céu azul vazio. A única coisa que havia por cima do jacúzi era o céu. A ave parecia ter acabado de sofrer um infarto ou coisa do género e morreu e caiu do céu limpo e aterrou morta no jacúzi ao lado da perna dele. Orin puxou os óculos de sol para a ponte do nariz com um dedo e observou-a. Era uma ave comum. Não era de rapina. Como uma carriça, talvez. Não lhe parecia que fosse um bom augúrio. O pássaro morto girava e saltava na espuma, submergia um segundo e reaparecia no seguinte criando uma ilusão de voo contínuo. Orin não tinha herdado nenhuma das fobias da mã em relação à desordem, à higiene. (Embora não apreciasse particularmente os insetos – as baratas.) Mas deixou-se ficar a apertar a bola de ténis e a olhar para o cadáver sem nenhum pensamento consciente na cabeça. No entanto, na manhã seguinte, ao acordar, encolhido e enterrado, pensou que tinha de ter sido um mau augúrio.

Agora Orin tinha duche com água tão quente que quase não consegue aguentar. A casa de banho do apartamento tem uns azulejos amarelo-esverdeados, que não foram escolha dele, mas talvez tenham sido escolhidos pelo defesa livre que ali tinha vivido antes de os Cardinals o terem recambiado para Nova Orleães juntamente com os defesas de reserva e dinheiro vivo a troco de Orin Incandenza, pontapeador.

E por mais que mande chamar os tipos da Terminex, as enormes baratas continuam a sair dos canos. Baratas dos esgotos, segundo a Terminex. *Blattaria implacablus* ou coisa que o valha. Baratas verdadeiramente grandes. Bichos couraçados. Completamente pretos, com carapaças tipo *Kevlar*, tudo. E intrépidos, criados naqueles esgotos hobbesianos. As pequenas baratas castanhas de Boston e Nova Orleães já eram suficientemente más, mas pelo menos, quando uma pessoa entrava em casa e acendia as luzes, fugiam espavoridas. Estas baratas dos esgotos do Sudoeste, quando se acendem as luzes, olham desde o chão de ladrilhos como se dissessem: «Há algum problema?» Orin esmagou uma com o pé, só uma vez, que tinha saído diabolicamente do cano do chuveiro

quando ele estava a tomar banho; saiu de lá a correr, nu, calçou-se e regressou para tentar esmagá-la convencionalmente; o resultado foi explosivo. Desse incidente ainda há vestígios nos intervalos dos azulejos. Impossíveis de limpar. Tripas de barata. Nauseabundo. Atirar os sapatos fora foi preferível a olhar para a sola e limpá-los. Agora tem grandes frascos na casa de banho e quando acende a luz e vê uma barata, coloca o frasco por cima dela para a imobilizar. Dois dias depois o frasco está embaciado e a barata morreu asfixiada sem sujar nada; Orin mete a barata e o frasco em diferentes sacos *Ziploc* selados que deita nos caixotes do lixo que há na rua dele, perto do campo de golfe.

Às vezes o chão de mosaicos amarelos parece uma pista de corridas de obstáculos com frascos e baratas a morrer dentro deles, imóveis, agonizando estoicamente até que pouco a poucos os frascos ficam embaciados com dióxido baratónico. O espetáculo é enjoativo para Orin. Agora acredita que quanto mais quente estiver a água do banho, menos probabilidades há de que algum desses pequenos veículos couraçados tenha interesse em aparecer enquanto ele estiver no chuveiro.

Outras vezes apresentam-se às primeiras horas da manhã na sanita, remando como cães, tentando encostar-se aos lados para treparem. Também não sente grande carinho pelas aranhas, ainda que de uma maneira menos consciente; nunca chegou a desenvolver aquele terror consciente de que sofria Ele Mesmo em relação às viúvas-negras do Sudoeste e às suas caóticas teias – há viúvas-negras em todos os lados, tanto aqui como em Tucson, sempre visíveis exceto nas noites mais frias; as suas teias poeirentas e sem nenhum padrão pendem de quase todos os cantos em ângulo reto que esteja escuro ou afastado. As toxinas da Terminex são mais efetivas com as viúvas-negras. Orin manda-as aplicar mensalmente; tem uma espécie de contrato-programa com a Terminex.

O horror especial e consciente de Orin, além das alturas e das madrugadas, é a visão das baratas. Em criança recusava-se a ir a certas partes da zona urbana de Boston perto da baía. As baratas provocam-lhe acessos de uivos de terror. Os subúrbios de Nova Orleães foram atacados por uma praga ou invasão de uma dada espécie de origem latina de sinistras baratas tropicais *voadoras* que eram pequenas e tímidas mas que podiam *voar,* porra, e apareciam de noite para pousar como enxames nas crianças de Nova Orleães, nos seus berços, em especial nos bebés dos bairros pobres e sórdidos, e alegadamente alimentavam-

se da mucosidade dos olhos dos bebés, um tipo especial de muco ótico (a matéria ideal de pesadelos, porra, baratas-voadoras móveis que querem entrar nos nossos olhos de crianças) e cegavam-nos: os pais vinham com a fantasmagórica luz da madrugada dos bairros sociais e davam com os filhos cegos; houve cerca de uma dúzia de crianças cegas no último verão; e foi durante esta praga ou ataque de pesadelo, complementada pela cheia de julho que arrastou uma dúzia de cadáveres alucinantes de um cemitério no alto de uma colina que deslizaram todos azul-acinzentados pela ladeira em que Orin e dois colegas tinham uma moradia, na suburbana Chalmette, espalhando tripas e pernas por toda a aba lamacenta da colina, e uma manhã um dos numerosos cadáveres estava encostado ao poste da caixa do correio quando Orin saiu para ir buscar o jornal matutino, que Orin decidiu que o seu agente devia começar a fazer uma prospeção de equipas interessadas em contratá-lo. E foi assim que chegou aos *canyons* petrificados e à luz sem misericórdia de Phoenix, traçando uma espécie de círculo desidratado, perto da Tucson da juventude desidratada do seu próprio pai.

Nas manhãs em que os sonhos de aranhas-e-alturas são mais penosos, Orin precisa de pelo menos três chávenas de café e dois duches e às vezes ir correr para afrouxar o aperto que sente na garganta da alma; e essas manhãs pós-sonhos tornam-se piores se acordar acompanhado, se a Pessoa da noite anterior ainda lá está, com vontade de charlar, ou de carícias, ou tipo beijuquices, perguntando exatamente que treta é aquela dos frascos invertidos embaciados no chão da casa de banho, fazendo comentários sobre os suores noturnos dele, ruídos na cozinha a cozinhar arenques ou toucinho ou uma coisa ainda mais horripilante e sem mel que é suposto ele comer com entusiasmo pós-coital masculino; aquelas que têm esse prurido que se denomina Alimentar o Meu Homem, querendo que um homem que mal consegue tragar uma tosta com mel coma com entusiasmo masculino, braços abertos e ruidinhos de satisfação. Mesmo quando está sozinho e é capaz de se desenroscar sem ajuda de ninguém e sentar-se lentamente e torcer os lençóis e ir à casa de banho, essas manhãs sinistras dão início a dias em que Orin, durante horas a fio, nem sequer consegue concentrar-se a pensar na maneira de passar bem o dia. Nessas piores manhãs, com chãos frios e janelas quentes e luz impiedosa... tem a certeza na alma de que esse dia não será atravessado mas escalado, verticalmente, e que quando no final for dormir será

outra vez como se caísse de um lugar alto e escarpado.

De maneira que agora, no deserto do Sudoeste, o muco dos olhos dele está a salvo; mas os pesadelos pioraram desse que se transferiu para esta zona desolada da qual tinha fugido há muito tempo o próprio Ele Mesmo quando era um jovem desventurado.

Como um aceno de concordância à própria juventude infeliz de Orin, todos os sonhos dele pareciam começar com uma espécie de situação competitiva de ténis. O da noite anterior tinha começado com um vólei alto de Orin num campo de cimento; depois esperava responder ao serviço de alguém fosco, alguém da Academia, talvez Ross Reat ou o bom e velho M. Bain ou Walt Flechette, o dos dentes cinzentos, agora um profissional que ensinava nas Carolinas – quando o ecrã do sonho se cinge sobre ele e se dissolve abruptamente dando lugar ao vazio rosa-escuro que se produz quando se fecham os olhos diante de uma luz forte, e aparece a sensação espectral de submergir e não saber como subir à superfície para respirar; a seguir a um intervalo, Orin escapa a essa espécie de asfixia visual para encontrar a cabeça da mãe, a senhora Avril M.T. Incandenza, a cabeça da mã separada do corpo e encostada de frente à sua própria e bela cabeça, atada à sua cara com toda a força por meio de um complexo sistema de cordas *VS HiPro* de tripas de cordeiro formado pela sua própria raqueta da Academia. Assim, por mais que Orin tente freneticamente mexer a cabeça, ou agitá-la de um lado para o outro ou pôr os olhos em alvo, está sempre a olhar para o rosto da mãe sem poder deixar, de uma maneira ou de outra, de ver através da cara dela. Como se a cabeça da mã fosse uma espécie de capacete muito justo do qual Orin se não consegue libertar[2]. No sonho, é compreensivelmente vital para Orin soltar a cabeça da ligadura filamentosa da cabeça decapitada da mãe, mas não consegue. A mensagem da Pessoa da noite anterior indica que, num dado momento da noite, ele tinha agarrado a cabeça dela com ambas as mãos e tentado estrangulá-la de um modo amável e sem queixume (a mensagem, não o estrangulamento). A aparente amputação da cabeça da mã do resto da mã no sonho parece estar limpa e cirurgicamente realizada; não há evidência de cicatrizes nem de protuberâncias do pescoço; é antes como se a bonita cabeça tivesse sido selada e até certo ponto arredondada, pelo que a cabeça é uma grande bola viva, um globo com cara que está ligado à cara da sua própria cabeça.

A Pessoa que veio depois da irmã de Bain mas antes que a que antecedeu a de agora, a do perfume *Ambush* e dos corações em cima dos is, essa Pessoa anterior tinha sido uma bonita e pálida doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade do Arizona, com dois miúdos, uma escandalosa pensão de alimentos e uma inclinação por joias de marca, chocolate escarchado, filmes educativos de InterLace e atletas profissionais que se debatem com pesadelos noturnos. Pouco brilhante – para que se possa ficar com uma ideia, pensou que a figura que ele desenhou sem pensar no flanco nu dela depois de fazer sexo era o número oito. A última manhã que passaram juntos, imediatamente antes de ele enviar pelo correio um brinquedo caro ao filho dela e de mudar o número do telefone, tinha acordado depois de uma noite de sonhos horrorosos – acordou com um abrupto espasmo fetal, a alma exausta e assustada, os olhos aos saltos e a silhueta encharcada no lençol com a silhueta que o médico legista desenha a giz no chão; e acordou para dar com a Pessoa apoiada na almofada de leitura, com a *sweat-shirt* da Academia vestida, a beberricar um expresso de avelã e a ver no ecrã de reprodução de cartuchos, que ocupava metade da parede sul do quarto, uma coisa espantosa intitulada cartuchos educativos interlace em associação com a matriz de programação educativa cbc apresentam: *esquizofrenia: mente ou corpo?,* e ele tinha sido obrigado a continuar deitado, transpirado e paralisado em posição fetal em cima da sua sombra de suor, e a contemplar um jovem pálido da idade de Hal, com uma barba acobreada de três dias com remoinhos vermelhos e olhos negros inexpressivos, inertes e vazios de boneco que olhava para o espaço à esquerda do cenário enquanto uma voz varonil sem entoação explicava que Fenton, ali presente, era um esquizofrénico paranoico puro e duro que acreditava que uns fluidos radioativos lhe invadiam o crânio e que umas imensas e complexas máquinas de alta tecnologia tinham sido especialmente concebidas e programadas para o perseguir sem cessar até o apanhar e brutalizar e acabar por o enterrar vivo. Era um velho documentário noticioso canadiano de interesse público dos tempos do final do milénio, digitalmente melhorado e redisseminado pela marca InterLace. Em termos de Disseminações Espontâneas, InterLace podia ser bastante sórdida e barata nas horas sem audiência da madrugada.

E à medida que a tese do antigo documentário da CBC se inclinava de forma muito clara para *esquizofrenia: corpo,* a voz *off* deixava perceber uma grande

alegria quando explica que bom, sim, o pobre velho Fenton ali presente era mais ou menos incurável como unidade funcional extrainstitucional, mas que, no melhor dos casos, a ciência podia dar um certo sentido à vida dele estudando-o cuidadosamente para investigar como se manifesta a esquizofrenia no cérebro humano... que, por outras palavras, com a ajuda da Tomografia por Emissão de Positrões ou «tecnologia PET» (entretanto completamente suplantada pela Invasão Digital, como Orin ouve a doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento murmurar, olhando extasiada por cima da chávena, ignara de que ele está paraliticamente acordado), hoje em dia pode digitalizar-se e estudar como diferentes partes do cérebro disfuncional do velho Fenton emitem positrões numa topografia muito diferente da média dos cérebros saudáveis, fortes, não delirantes e tementes a Deus da província de Alberta, fazendo progredir a ciência ao injetar no sujeito do teste Fenton ali presente uma tintura especial e radioativa que atravessa as barreiras do cérebro, mas primeiro é preciso metê-lo de corpo inteiro num grande recipiente que é um *scanner* PET – no visor é possível ver que se trata de uma enorme máquina metálica cinzenta que parece concebida por James Cameron e Fritz Lang, e agora deitem uma olhadela aos olhos deste Fenton quando começa a receber o que está a ser proclamado pela voz *off* –, e numa sucinta montagem típica da antiga televisão pública mostram agora o sujeito Fenton preso com cinco correias a uma maca mexendo a cabeça de cabelos acobreados de um lado para o outro enquanto uns tipos vestidos com gorros e máscaras verdes de cirurgião lhe injetam os fluidos radioativos com uma seringa do tamanho das que são usadas para coser os perus no Natal; depois veem-se os olhos desorbitados do velho Fenton cheios de pavor antecipado enquanto o transportam para o imenso aparelho cinzento da PET e entra como uma carcaça sem levedar nas fauces abertas da coisa até que só se avistam as suas sapatilhas desbotadas; e o recetáculo de tamanho humano faz girar o sujeito a uma velocidade vertiginosa e em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, de modo que as velhas sapatilhas apontam para cima e depois à esquerda e depois para baixo e depois à direita cada vez mais depressa; a máquina arrota e guincha, mas não consegue abafar os alaridos surdos de Fenton quando os seus piores medos alucinados se tornam realidade em estéreo digital e podem ouvir-se as últimas pitadas da sua mente funcional tingida a fundo que gritam para sempre enquanto o realizador faz uma sobreimpressão

digital de uma imagem do cérebro de Fenton vermelho-âmbar e azul-neutrão no canto inferior direito do ecrã, onde em geral aparecem a informação do tempo e a temperatura por gentileza de InterLace, e a enérgica voz *off* recita breves historiais de esquizofrenia paranoica antes e depois da PET, com Orin ali deitado com os olhos revirados, húmido e nevrálgico de terror matutino desejando que a Pessoa se vista com a roupa dela e ponha as joias de marca e tire do congelador o resto do *Toblerone* e se vá embora de vez para que ele possa ir à casa de banho e levar os frascos e as baratas asfixiadas de ontem para os caixotes da DBE antes que fiquem cheios, e decida que tipo de brinquedo caro vai mandar hoje ao filho da Pessoa.

E então o assunto do pássaro morto, vindo não se sabe de onde.

E então a notícia da pressão que os dirigentes dos Arizona Cardinals começaram a fazer para que coopere numa série de entrevistas insípidas que será feita por um repórter da revista *Moment*, com perguntas pessoais que devem ser respondidas com sinceridade insonsa à maneira de campanha de relações públicas, a tensão irreflexiva que isto lhe provoca leva-o a voltar a chamar Hallie e a reabrir essa caixa de Pandora cheia de vermes.

Orin também faz a barba no chuveiro, a cara vermelha de calor, engrinaldada de vapor, às apalpadelas, de baixo para cima, com movimentos de sul para norte, como lhe ensinaram.

ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

EIS HAL INCANDENZA, de dezassete anos, com a sua pequena boquilha de latão, a ficar sorrateiramente pedrado na Sala das Máquinas na cave da Academia de Ténis de Enfield e a exalar o pálido fumo pelo ventilador industrial. É o triste e breve intervalo entre os jogos vespertinos e a recuperação mas antes do jantar comunitário da Academia. Hal está sozinho e ninguém sabe onde está nem o que está a fazer.

Adora apanhar pedradas em segredo, mas um segredo ainda maior é que gosta tanto do secretismo como de ficar pedrado.

Um tubo, do tipo da boquilha usada por FDR, cuja extremidade está carregada com uma dose de boa erva, aquece e é difícil mantê-lo na boca – especialmente os de latão –, mas os tubos têm a vantagem da eficiência: todas as partículas de erva queimada são inaladas; não há aquele fumo em segunda mão que fica dentro de um grande fornilho de cachimbo, e Hal pode inalar até ao fundo dos pulmões todos os iotas e não respirar durante uma eternidade de modo que as suas exalações são pouco espessas e mal se nota um odor doce e enjoativo.

Utilização total dos recursos disponíveis = ausência de desperdícios publicamente detetáveis.

As salas das máquinas dos campos de ténis da Academia são subterrâneas e apenas acessíveis através de um túnel. A ATE está cheia de túneis profusamente ramificados. Isto é intencional.

Aliás, os tubos são pequenos, o que é bom, porque, encaremos os factos, qualquer coisa que se use para fumar uma droga altamente resinosa vai feder. Um cachimbo de água é grande, e o fedor que larga é tipo incomensuravelmente grande, além de se ter o problema da água suja para resolver. Os cachimbos normais são mais pequenos e pelo menos transportáveis, mas só os há com um recipiente demasiado grande que dispersa o fumo não utilizado por uma vasta área. Um tubo pode ser usado sem desperdícios, devendo depois deixar-se arrefecer; envolve-se em dois sacos de plástico e depois guarda-se num saco *Ziploc* selado que a seguir se enfia em duas meias de lã num saco de desporto com o isqueiro e o colírio e as pastilhas de mentol e a própria erva embrulhada

em película aderente, e tudo é transportável, inodoro e basicamente indetetável.

Tanto quanto Hal sabe, os colegas Michael Pemulis, Jim Struck, Bridget C. Boone, Jim Troeltsch, Ted Schacht, Trevor Axford e talvez Kyle D. Coyle e Tall Paul Shaw, e provavelmente – de uma forma remota – Frannie Unwin, sabem que Hal fuma erva regular e sorrateiramente. Não é impossível que Bernadette Longley também saiba e, é claro, o antipático K. Freer, que está sempre com suspeitas. Mario, o irmão de Hal, sabe qualquer coisa. Mas é tudo, em termos de conhecimento público. E embora também se saiba que Pemulis, Struck, Boone, Troeltsch e Axford e ocasionalmente (de uma maneira quase turística ou medicinal) Stice e Schacht apanhem pedradas, Hal só fumou erva com Pemulis, nas raras ocasiões que o fez com alguém, evitando sempre fazê-lo com os outros. Tinha-se esquecido de que Ortho («Escuridão») Stice, de Partridge, no Kansas, também sabe; e o seu irmão mais velho, Orin, mesmo a grande distância, misteriosamente, parece saber mais do que diz, a menos que Hal não interprete bem o sentido de alguns dos seus comentários telefónicos.

A mãe de Hal, a senhora Avril Incandenza, e o seu irmão adotivo, o doutor Charles Tavis, atual reitor da ATE, sabem que Hal às vezes consome álcool nalguns fins de semana com Troeltsch e talvez com Axford em bares da Avenida Commonwealth; em *The Unexamined Life* comemora todas as sextas à noite a sua mal-afamada Noite do Segurança Cego em que se pode aceder ao Sistema de Honra. A senhora Avril Incandenza não aprecia nada que Hal beba, essencialmente por causa da maneira como o pai dele bebia quando era vivo e, segundo se diz, também o avô paterno no Arizona e na Califórnia; mas a precocidade académica de Hal e, em especial, os seus últimos êxitos no circuito juvenil deixavam bem à vista que o rapaz era capaz de controlar as modestas quantidades que ela tinha a certeza de que ele consumia; não era possível que alguém pudesse abusar seriamente de uma substância e conseguir ao mesmo tempo um elevado nível académico e atlético, como lhe garante a doutora Rusk, psicóloga da ATE, particularmente a parte do elevado nível desportivo; e Avril pensa que é importante que uma mãe viúva, preocupada mas não repressora, saiba quando deve fazer vista grossa e permitir que os dois filhos funcionais dos três que tem cometam os seus próprios e plausíveis erros e aprendam com a sua própria e válida experiência, por mais que a sua secreta preocupação por causa desses erros lhe dê volta ao estômago. E Charles apoia qualquer decisão pessoal

que ela tome em relação aos filhos. E só Deus sabe que ela prefere que Hal beba uns copos de cerveja a que consuma sabe Deus que tipo de anabolizantes esotéricos com aquele réptil do Michael Pemulis e aquele verme viscoso do James Struck; esses dois tipos levam Avril a histerismos maternais. E acabou por dizer aos doutores Rusk e Tavis que prefere que Hal viva com a certeza de saber que a mãe confia nele, que lhe dá toda a confiança e todo o apoio e que não o julga nem chora nem torce as delicadas mãos se ele, por exemplo, de vez em quando bebe um copo de cerveja canadiana com amigos e que, portanto, ela se esforça incrivelmente para ocultar o terror materno de o ver a beber como o próprio James ou o pai de James, tudo para que Hal desfrute da certeza de sentir que pode ser sincero com ela em temas como a bebida e que não sinta que deve ocultar-lhe nada em nenhuma circunstância.

O doutor Tavis e Dolores Rusk discutiram em privado o facto de que entre os causadores de tensão fóbica que Avril suporta sem se queixar há um obscuro medo fóbico à ocultação ou ao segredo em todas as suas manifestações conhecidas relativas aos filhos.

Avril e C.T. não sabem nada sobre a inclinação de Hal pela erva de resina concentrada e o seu consumo subterrâneo, facto de que Hal obviamente gosta bastante, a certo nível, embora nunca se tivesse dedicado a pensar porquê durante muito tempo. Por que razão gosta tanto.

Os terrenos da ATE no cimo da colina podem ser atravessados por túnel. Avril I., por exemplo, que já não sai da área da Academia, raramente faz essa travessia ao ar livre, preferindo curvar-se e caminhar pelos túneis entre a residência do reitor e o seu gabinete, contíguo ao do doutor Tavis, no edifício da Administração, uma coisa neogeorgiana de tijolos avermelhados e colunas brancas que Mario, o irmão de Hal, diz que se parece com um cubo que engoliu uma bola demasiado grande para o seu estômago.[3] Dois conjuntos de elevadores e umas escadas funcionam entre a receção e os gabinetes administrativos do primeiro andar e a sala de pesos e halteres, a sauna e as zonas dos chuveiros e vestiários do piso inferior. Um grande túnel de cimento cor de elefante conduz dos chuveiros dos rapazes à mastodôntica lavandaria por baixo dos campos de oeste; e dois túneis mais pequenos emergem da zona de sauna em direção a sul e leste, às subcaves dos edifícios mais pequenos protogeorgianos e esférico-cúbicos (onde ficam as salas de aula e os subdormitórios B e D); estas duas

caves e túneis mais pequenos servem frequentemente de armazém para os estudantes e de vestíbulo que dá para os quartos privados de diversos pró-reitores[4]. Depois, dois túneis ainda mais pequenos, apenas transitáveis por um adulto disposto a assumir uma espécie de postura de símio que arrasta os nós dos dedos pelo chão, conectam por sua vez cada uma das subcaves com as antigas instalações de ótica e de revelação fotográfica de Leith e Ogilvie e do malogrado doutor James O. Incandenza (agora falecido) debaixo e precisamente a oeste da residência do reitor (das referidas instalações também sai um túnel de diâmetro decente que conduz diretamente ao nível mais baixo do edifício da Administração, mas as suas funções foram mudando ao longo dos últimos quatro anos e agora está demasiado cheio de arames, cabos, bombas de água quente e condutas de aquecimento para ser realmente funcional) e os gabinetes da Casa da Física, quase diretamente por baixo do círculo central dos campos de ténis ao ar livre da ATE, cujos escritórios e salas de custódia estão ligados por sua vez às salas das Máquinas e de Armazenamento Pulmonar através de um túnel construído a toda a pressa pela companhia TesTar de Estruturas Infláveis para Qualquer Situação Climatérica que, juntamente com os tipos da empresa industrial ATHSCME de Elementos de Deslocamento de Ar constrói e faz a manutenção da cúpula inflável de dendriuretano conhecida como o Pulmão que cobre a fileira central de campos para a temporada de inverno em recinto coberto. O pequeno e rústico túnel de paredes ásperas só pode ser atravessado a quatro patas e é basicamente desconhecido do pessoal e da Administração, embora seja popular entre os miúdos que são membros do Clube dos Túneis, bem como entre certos adolescentes com fortes incentivos secretos para se arrastarem a quatro patas.

A Sala de Armazenamento Pulmonar é praticamente intransitável de março a novembro porque está cheia de material pulmonar de dendriuretano intrincadamente dobrado e secções desmanteladas de tubagens flexíveis e de pás de ventoinhas de ventilação, etc. Ao lado fica a Sala das Máquinas, embora seja preciso seguir de rastos pelo túnel para lá chegar. Nos planos dos engenheiros a Sala das Máquinas está talvez a cerca de vinte metros diretamente sob os campos mais centrais da fileira de campos do meio, e parece uma espécie de aranha pendendo ao contrário; é uma câmara oval e sem janelas com seis condutas curvas do tamanho de um homem que se estendem até seis saídas à superfície. E

a Sala das Máquinas conta com seis aberturas radiais, uma para cada conduta curva: três orifícios de dois metros com enormes turbinas extratoras de ar aparafusadas às suas grelhas e mais três de dois metros com ventiladores revertidos ATHSCME de absorção que permitem que o ar exterior penetre na sala e se escoe pelas três condutas de saída. Essencialmente, a Sala das Máquinas é uma espécie de órgão pulmonar ou o epicentro de um túnel de vento maciço com seis vetores que, quando ativado, ruge como um espectro que tenha entalado a mão na porta, mas a Sala das Máquinas está apenas em ótimo estado de funcionamento quando o Pulmão também funciona, normalmente entre novembro e março. Os ventiladores de absorção fazem entrar e circular o ar invernal na sala e nos três extratores e subir pelas condutas de saída até às redes de tubos pneumáticos nos lados e no teto do Pulmão: a pressão do ar em movimento é que mantém inflado o frágil Pulmão.

Quando se fecha e armazena o Pulmão, Hal desce, caminha, depois esconde-se para assegurar que não há ninguém na Casa da Física e por fim agacha-se, arrasta-se e entra na Sala das Máquinas com o saco de desporto nos dentes; põe em funcionamento um dos grandes ventiladores e fuma erva em segredo e exala o ténue fumo pálido através das pás de maneira a que qualquer cheiro delator possa sair pelo extrator do lado dos campos de oeste, que é um orifício com uma rede em forma de flange, onde uns tipos vestidos de branco com o anagrama ATHSCME ligam uma parte da tubagem pneumática e arterial do Pulmão quando Schtitt e outros membros da Administração decidem que o tempo já não permite a prática do ténis ao ar livre.

Nos meses de inverno, quando qualquer cheiro extraído iria parar ao Pulmão para lá ficar a levitar conspicuamente, Hal costuma ir para um balneário de um dormitório afastado, onde sobe para uma sanita e exala para uma rede dos pequenos extratores que há no teto, mas esta rotina carece de um certo dramatismo secreto, intrincado e subterrâneo. É outra das razões pelas quais Hal teme a chegada do Dia da Interdependência e do clássico Torneio WhataBurger e do Dia de Ação de Graças e do tempo incompatível com o ténis e, finalmente, da ereção do Pulmão.

As drogas recreativas são mais ou menos tradicionais em qualquer escola secundária dos EUA, talvez por causa de tensões sem precedentes: a pós-latência e a puberdade, a ansiedade e a maturidade iminente, etc. Ajudam a controlar as

tempestades interpsíquicas, etc. Desde as primícias da escola tem sempre havido uma certa percentagem de jogadores adolescentes de grande gabarito que controlam as suas condições climatéricas internas quimicamente. Grande parte disto é apenas uma boa e limpa diversão transitória, mas um grupúsculo tradicionalmente mais reduzido, duro e radical tende a depender da química pessoal para satisfazer as especiais exigências da ATE: dexedrina ou mezedrina de baixa voltagem[5] antes dos jogos, benzodiazepinas[6] para baixar a pedrada depois dos jogos, juntamente com *cocktails* como o *Mudslide* ou o *Blue Flame* conseguidos num bar noturno permissivo[7], ou cervejas e cachimbos de água num discreto recanto noturno da Academia para curto-circuitar o ciclo de altos e baixos, fungos ou X ou qualquer coisa do tipo *Mild Designer*[8], ou talvez e ocasionalmente uma pequena *Black Star*[9] sempre que se tem à frente um fim de semana sem jogos e obrigações, basicamente para fazer rebentar com todo o sistema elétrico e todos os circuitos e recuperar devagar e quase renascer do ponto de vista neurológico e começar outra vez todo o ciclo gradual... esta rotina circular, desde que se tenha a cablagem em boas condições, pode funcionar surpreendentemente bem ao longo da adolescência e em alguns casos até aos vinte e um, vinte e dois e vinte e três anos antes de começar a ter efeitos prejudiciais.

Por isso, alguns membros da ATE – e não apenas Hal Incandenza, diga-se – são partidários das substâncias recreativas: eis a questão. E quem não é, em certo estádio da vida, nos EUA e nas regiões interdependentes, nestes tempos conturbados? Embora uma decente percentagem de estudantes da ATE não seja. Isto é, implicada. Algumas pessoas são capazes de se entregar a um objetivo ambicioso e fazem disso a única dedicação que tem por alguma coisa de que necessitam. Ainda que às vezes isto mude quando o jogador envelhece e o objetivo está menos carregado de tensão. A experiência americana parece sugerir que as pessoas carecem virtualmente de limites na sua necessidade de se entregarem a vários níveis. Alguns preferem fazer isso em segredo.

O uso do álcool ou de substâncias químicas ilegais por um estudante-atleta matriculado na ATE é motivo de expulsão imediata segundo as normas de admissão. Mas o pessoal costuma ter que fazer coisas muito mais importantes do que vigiar uns rapazes que já se entregaram de corpo e alma a um ambicioso objetivo de competição. A atitude da Administração – primeiro sob a direção de

James Incandenza e depois de Charles Tavis – pode ser resumida numa coisa do género: por que razão há de alguém que esteja disposto a comprometer quimicamente as suas faculdades vir para aqui, para a ATE, onde o principal objetivo é fortalecer e aumentar as suas faculdades em múltiplos vetores[10]? E uma vez que são os pró-reitores ex-alunos que têm maior contacto com os estudantes e uma vez que muitos dos pró-reitores estão deprimidos ou traumatizados por não terem triunfado no circuito, pelo que tiveram de regressar à ATE para viverem em dormitórios decentes mas subterrâneos aos quais se chegam por túnel e para trabalharem como treinadores-adjuntos e ensinarem cursos optativos risíveis, que é o que fazem os oito pró-reitores da ATE quando não estão a jogar torneios satélites ou a tentar atingir as rondas classificativas de um evento com dinheiro a sério em jogo, de modo que estão de mau humor e com o moral em baixo e uma vez que frequentemente e por norma se sentem mal consigo mesmos, não é nada surpreendente que tendam a colocar-se de vez em quando, ainda que de uma forma menos encoberta ou exuberante do que o núcleo duro de estudantes entusiastas da Química, portanto, dada esta situação geral não é nada difícil de perceber por que razão a vigilância interna antidroga se mostra bastante branda na ATE.

O outro aspeto bonito da Sala das Máquinas é a maneira como está conectada com as fileiras de unidades habitacionais dos pró-reitores, o que significa casas de banho masculinas, o que significa que Hal pode arrastar-se, agachar-se e entrar nas pontas dos pés numa casa de banho vazia e lavar os dentes com o seu *Oral-B* portátil e lavar a cara e aplicar colírio e *Old Spice* e mascar uma pastilha de tabaco de gualtéria *Kodiak* e depois embrenhar-se na zona da sauna e ascender à superfície com um aspeto e um aroma tão frescos como a chuva, porque quando apanha uma pedrada fica com a potente obsessão de não deixar que ninguém – nem sequer os seus companheiros neuroquímicos – perceba que está pedrado. Esta obsessão tem uma força quase irresistível. A quantidade de organização e de equipamento que implica conseguir estar ganzado em segredo diante de um extrator subterrâneo no período antes do jantar faria fraquejar um homem menos capaz. Hal não faz a menor ideia daquilo a que se deve isto ou de onde vem esta obsessão por manter tudo em segredo. Às vezes matuta nisto de forma abstrata quando está pedrado: esta coisa de que ninguém-tem-de-saber. Não se trata de medo *per se*, medo de ser descoberto. Para lá disso tudo se torna

demasiado abstrato e enredado para levar a algum lado, medita Hal. Como a maioria dos norte-americanos da sua geração, Hal costuma saber muito menos por que se sente de uma determinada maneira em relação aos objetos e metas a que se dedicou do que aos objetos e metas em si mesmos. Nem sequer é fácil dizer ao certo se esta tendência é excecionalmente má.

Às 00h15 de 2 de abril, a mulher do adido médico está a sair do Centro de Fitness Total de Mount Auburn depois de ter jogado cinco *sets* de seis jogos com o seu pequeno círculo semanal de tenistas casadas com diplomatas do Médio Oriente e ter estado no Salão de Sócios Especiais da Chave de Prata com as outras senhoras com os rostos e cabelos destapados e a jogar *narjees*[11] e todas a fumar *kif* e a dizer graças extremamente delicadas e oblíquas sobre as idiossincrasias sexuais dos maridos e a rir-se docemente com as mãos a tapar a boca. O adido médico, no seu apartamento, ainda está a contemplar o cartucho sem título que rebobinou várias vezes até ao início e depois configurou para funcionar continuamente. Está sentado, ligado a um jantar congelado, a ver, às 00h20, depois de ter molhado as calças e a poltrona reclinável especial.

Mario Incandenza, que vai fazer dezoito anos em maio, tem atribuída uma função fílmica na Academia de Ténis de Enfield: às vezes, durante os treinos matinais ou os jogos vespertinos, o treinador Schtitt *et al.* encarregam-no de instalar num tripé uma velha câmara ou outro velho artefacto de vídeo que tenha à mão para filmar determinada zona do campo gravando em vídeo as diferentes pancadas dos estudantes, o movimento dos pés, certos tiques e passos a servir e a fazer vóleis, a fim de que o pessoal lhes possa mostrar os vídeos para os ensinar e eles possam ver com clareza e ao vivo e em direto o que um pró-reitor ou um treinador lhes está a tentar transmitir. O objetivo de tudo isto é que se torna muito mais fácil corrigir um erro se ele for visto.

OUTONO DO ANO DOS PRODUTOS LÁCTEOS DA AMÉRICA PROFUNDA

OS DROGADOS QUE PRATICAM crimes para financiar o seu vício não propendem frequentemente para o crime violento. A violência requer diversos tipos de energia e a maior parte dos drogados prefere gastar as suas energias no que o crime profissional lhes permite pagar e não no crime profissional em si. Por isso, os drogados são normalmente ladrões. Uma das razões pelas quais a casa de alguém que foi assaltada parece ter sido objeto de violência e estar suja é porque por lá passaram muito provavelmente drogados. Don Gately, de vinte e sete anos, era um drogado em narcóticos orais (preferia demerol e *Talwin*[12]) e um ladrão trepador mais ou menos profissional; era um tipo sujo e violentado, mas também um consumado gatuno. Quando roubava, embora tivesse o tamanho de um dinossauro jovem com uma cabeça maciça e quase perfeitamente quadrada, em cima da qual deixava que os seus companheiros de bebedeira lhe abrissem e fechassem as portas do elevador, no seu zénite profissional era esperto, sorrateiro, calado, rápido e possuidor de bom gosto e transporte de confiança, fazia-o com uma espécie de alegria feroz na atitude em relação ao seu modo de vida.

Como drogado no ativo, Gately distinguia-se pelo seu elã feroz e jovial. Levantava bem alto a grande mandíbula quadrada e um largo sorriso, mas não se encolhia nem fugia perante ninguém. Não admitia que o tratassem mal e era um expoente alegre e implacável da escola do não-te-irrites-vinga-te. Como, por exemplo, naquela ocasião em que, depois de uma estada realmente desagradável de três meses na cadeia de Revere apenas devido à suspeita circunstancial de um impiedoso procurador-adjunto de North Shore, saiu finalmente em liberdade após noventa e dois dias quando o seu advogado de defesa alegou falta de provas num julgamento rápido; então Gately e um sócio de confiança[13] fizeram uma visita semiprofissional à casa particular desse procurador cujo zelo e acusação tinham valido a Gately uma desagradável e imprevista cura de desintoxicação no chão da diminuta cela. Gately, que também acreditava no ditado de que a vingança a frio é a que sabe melhor, tinha esperado pacientemente até que a

secção «Em cima da Gente» do *Globe* mencionou a presença do procurador e da mulher numa festa de caridade em Marblehead. Gately e o sócio foram nessa noite a casa do procurador no bairro residencial de Wonderland Valley, em Revere, cortaram a eletricidade através de um simples desvio na entrada do contador e depois cortaram o cabo subterrâneo do caro sistema de alarme *HBT* de modo a que o alarme pudesse soar ao fim de dez ou quinze minutos e desse a impressão de que os gatunos tinham feito asneira com o cabo e sido obrigados a fugir com o susto. Nessa mesma noite, quando as excelentes forças policiais de Marblehead e Revere os convocaram, o procurador e a mulher viram que lhes faltava uma coleção de moedas e dois antigos arcabuzes. Bastantes outros objetos de valor estavam amontoados no chão da sala como se os criminosos não tivessem tido tempo para os levar. Todas as outras coisas da casa assaltada não tinham sido tocadas. O procurador era um profissional competente; deu uma volta acariciando a aba do chapéu[14] e reconstruiu a provável cena do crime: ao que parecia, os gatunos tinha feito grossa asneira ao tentar desligar o alarme assustando-se quando o cabo subterrâneo alternativo do alarme *HBT* de luxo fez soar o alarme a trezentos volts. O procurador acalmou a sensação de violação e sujidade que a mulher sentia. Com ar calmo, insistiu em dormir lá nessa noite, nada de hotéis; era crucial voltar a controlar o cavalo emocional em casos deste género, insistiu. E depois, no dia seguinte, o procurador tratou da questão da apólice de seguros, denunciou o roubo a um colega da ATF[15], a mulher dele acalmou-se e a vida continuou como sempre.

Cerca de um mês depois, uma carta chegou à requintada caixa de correio de ferro forjado da casa do procurador. O sobrescrito continha um elegante folheto da Associação Dentária Americana sobre a importância da higiene bocal quotidiana – disponível em qualquer consultório de odontologia – e duas fotografias polaroide de alta resolução, uma do gigantesco Don Gately e outra do sócio deste, os dois com máscaras do Dia das Bruxas, que denotavam uma grande alegria profissional, os dois com as calças descidas e os cabos altamente definidos das escovas de dentes do casal enfiados no rabo.

Don Gately era suficientemente sensato para não voltar a trabalhar na zona de North Shore. Seja como for, acabou muito mal, na perspetiva do procurador. Uma questão de má sorte ou de destino. Devido a uma gripe, um simples e velho rinovírus humano. E nem sequer era a gripe de Don Gately: foi isso que o levou

a parar e a questionar o destino.

A coisa começou por parecer uma brincadeira de crianças na perspetiva de um larápio encartado. Uma bela mansão neogeorgiana num bairro residencial de Brookline cujas traseiras davam para um encantador caminho pseudorrural sem iluminação; tinha um sistema de alarme *SentryCo* barato que estava estupidamente ligado ao seu próprio contador; nada fazia pensar que por ali passasse regularmente uma patrulha da polícia e, ao fundo, a casa tinha umas frágeis e bonitas portas de vidro rodeadas por arbustos de folha caduca e sem espinhos onde não chegava a iluminação das lâmpadas de halogéneo da garagem porque no meio havia um grande caixote de lixo privado do tipo DBI. Em resumo, para um drogado, com experiência na matéria, era uma brincadeira de crianças assaltar aquela casa. E Don Gately fez uma derivação do contador do alarme e, acompanhado por um sócio[16], entrou e avançou com grandes patas de gato.

Só que, infelizmente, o proprietário ainda estava em casa, embora o resto da família tivesse saído nos dois carros. O homenzinho estava a dormir, doente, na sua cama do primeiro andar, com um pijama cor de acetato e uma garrafa de água quente em cima do peito e meio copo de sumo de laranja e uma garrafa de *NyQuil*[17] e um livro estrangeiro e exemplares de *International Affairs* e *Interdependent Affairs* e um par de grossos óculos e uma caixa de lenços de papel de tamanho industrial na mesinha de cabeceira e um vaporizador quase vazio aos pés da cama: o mínimo que se pode dizer é que o homenzinho não gostou nada de ser acordado e ver uns feixes de luz de lanterna a bailar nas paredes, na cómoda e no *chiffonier* de teca às escuras enquanto Gately e o sócio vasculhavam tudo à procura de um cofre de parede. É muito surpreendente que noventa por cento das pessoas que têm cofres de parede os escondam no quarto principal atrás de um quadro com uma paisagem rural ou marítima. Em certos pormenores domésticos as pessoas comportam-se de maneiras tão parecidas que Gately chega a pensar que é um ser estranho, como se fosse possuidor de certos dados importantes e privados a que ninguém teria direito a aceder. Gately sente um maior peso na consciência pela posse de alguns dados privados do que por ficar com os objetos dos outros. Mas então, subitamente, na busca meio silenciosa do cofre, eis que este próspero proprietário que ficou em casa com uma gripe horrorosa enquanto a família saiu nos dois carros para fazer um

passeio campestre por aquilo que resta das montanhas Berkshire mexe-se meio adormecido e NyQuilizado na cama, solta furibundos grunhidos adenoides e pergunta que *raio* é isto, só que o faz em francês do Quebeque, coisa que para estes brutos drogados norte-americanos mascarados à Dia das Bruxas não significa absolutamente nada; senta-se na cama, um proprietário pequeno e antiquado com uma cabeça em forma de bola de râguebi, barba curta e com cãs e olhos que é possível perceber que estão habituados a lentes corretoras quando acende o candeeiro da mesinha de cabeceira. Gately podia ter-se escapulido sem olhar para trás, mas à luz do candeeiro aparece uma marinha perto do *chiffonier* e o sócio deita-lhe uma vista de olhos e informa que o cofre está por trás dela e que dá vontade de rir porque quase se pode abrir com dois palavrões; e os viciados em narcóticos por via oral tendem a operar com uma agenda física muitíssimo rígida de necessidade e satisfação e Gately está neste momento firmemente cravado na parte da necessidade da sua agenda, de modo que D.W. Gately decide desastrosamente continuar e permitir que um roubo sem violência se torne um assalto à mão armada – a diferença operativa de um ponto de vista jurídico assenta no uso da violência ou na ameaça coercitiva da mesma – e Gately ergue-se em toda a sua ameaçadora estatura e assesta o feixe de luz da lanterna nos olhos remelosos do pequeno proprietário e dirige-se-lhe com a linguagem e a entoação próprias dos criminosos do cinema, pronunciando dês em vez de tês, emitindo várias apócopes, etc., e leva o tipo pela orelha até à cozinha do andar inferior e ata-o de pés e mãos a uma cadeira com fios elétricos arrancados do frigorífico, do abre-latas e da cafeteira automática da marca *M. Café*, e prende-o de uma maneira quase gangrenosamente apertada porque tem esperança de que as folhas das Berkshire estejam viçosas e, se assim for, este tipo vai ficar sozinho na cadeira bastante tempo, e Gately começa a procurar nas gavetas a baixela, não a de prata para os momentos especiais que está guardada numa caixa forrada a pele de carneiro debaixo de uns papéis velhos usados para embrulhar as prendas de Natal numa impressionante cómoda exótica com incrustações de marfim, na sala, onde está sempre escondida a baixela de noventa por cento das pessoas ricas, que já foi encontrada e está empilhada[18] no vestíbulo, mas a velha e usada baixela de todos os dias porque a imensa maioria dos proprietários de casas guarda os panos de cozinha duas gavetas abaixo da da baixela de uso diário e Deus não conseguiu inventar nada que seja melhor para

abafar os gritos de socorro do que um velho e usado pano de cozinha de falso linho e com leve cheiro a azeite; e o tipo atado à cadeira dá repentinamente conta das implicações daquilo de que Gately anda à procura e agita-se e diz:

– Não me amordace, estou com uma gripe medonha, tenho o nariz tapado, não consigo respirar pelo nariz, por amor de Deus, não me tape a boca.

E numa manifestação de boa vontade o proprietário diz a Gately, que está a revolver tudo, o segredo do cofre do quarto, mas diz os números em francês, o que, somado à inflexão adenoide que parece um grunhido causada pela gripe, leva Gately a crer que não se trata de sons humanos, e o tipo também lhe confessa que há umas antigas moedas de ouros quebequenses, anteriores à invasão britânica, numa bolsa de pele de cordeiro que está presa com fita adesiva atrás de uma medíocre paisagem impressionista pendurada na sala. Mas tudo aquilo que o proprietário quebequense diz não faz qualquer sentido para o pobre Don Gately, que assobia uma melodia alegre enquanto tenta parecer ameaçador por trás da sua máscara de palhaço, e para ele toda aquela algaraviada significa menos do que, digamos, o grasnido de uma gaivota de North Shore ou de um melro do interior, e, é claro, os panos de cozinha estão em duas gavetas por baixo das colheres, e agora Gately atravessa a cozinha com ar de palhaço Bozo infernal e a boca do quebequense ovala-se de terror e nessa mesma boca penetra um pano transformado numa bola com um cheiro levemente gorduroso e sobre as bochechas do homenzinho e sobre a cúpula formada pelo pano que sobressai aplica uma fita adesiva fibrosa e de boa qualidade tirada da gaveta por baixo do telefone fora de serviço – por que raio guarda toda a gente o seu material de correio básico na gaveta mais perto do telefone da cozinha? – e Don Gately e o sócio dão por terminado o seu trabalho não violento e, com a melhor das intenções de deixar a mansão de Brookline tão vazia como um prado depois de ser devastado por uma legião de ratazanas-do-campo, fecham com a chave a porta principal e metem-se pelo escuro caminho adiante no robusto todo o terreno com duplo silenciador de Gately. E o canadiano amarrado, a respirar a custo, com um pijama cor de acetato – o braço direito de quem provavelmente é o mais famoso ativista anti-ONAN a norte da Grande Concavidade, o conselheiro, lugar-tenente, investigador e homem de confiança que generosamente se voluntariou para se mudar com a família para a zona selvaticamente norte-americana de Boston a fim de atuar com mão de ferro

como elo de ligação entre a meia dúzia de grupos malévolos e mutuamente antagónicos de separatistas quebequenses e de albertanos de extrema-direita, apenas unidos pela fanática convicção de que o «presente» ou a «devolução» experialista dos EUA da chamada Grande Convexidade «Reconfigurada» ao vizinho do Norte e aliado na ONAN constituía um golpe intolerável na soberania, na honra e na higiene do Canadá – este proprietário, um VIP indubitavelmente, embora talvez fosse na verdade um VIP clandestino, ou talvez seria mais correto dizer um «PIT[19]» em francês, o coordenador terrorista amarrado à cadeira sozinho sob as luzes fluorescentes da cozinha[20], este homem rinoviralmente doente, bem amordaçado com materiais de qualidade, este homem, depois de ter trabalhado tão duramente para abrir em parte uma das suas tapadas fossas nasais que rompeu os ligamentos intercostais, viu que até essa mínima via de ar voltava a ficar bloqueada pela lava implacável dos seus mucos, de modo que teve de romper mais ligamentos tentando destapar a outra fossa nasal; e ao fim de uma hora de luta e chamas no peito e sangue nos lábios e no pano de cozinha branco devido aos esforços frenéticos para atravessar com a língua o pano e a fita, que eram de boa qualidade, e depois da tremenda esperança que sentiu quando bateram à porta e depois a fenecida esperança que sentiu quando a pessoa à porta, uma jovem com pastilha elástica na boca e uma pasta na mão com cupões promocionais válidos para descontos na empresa Happy Holidays para clientes que se tornassem membros durante seis meses ou mais de uma cadeia de salões de beleza de Boston para se bronzearem sem necessidade de recorrer a raios ultravioleta, encolhe os ombros dentro da parca, põe uma marca na pasta com mola à cabeça e afasta-se alegremente pela larga vereda até ao caminho pseudorrural, por fim o PIT quebequense, após um sofrimento inenarrável – um sufoco lento, mucoide ou não, nada semelhante a um dia na Festa da Tulipa em Montreal – em cuja apoteose, ao ouvir que o seu pulso se apagava como trovões que se afastassem na sua cabeça e ao ver que o círculo da sua visão se reduzia até se tornar um orifício vermelho à volta da sua vista e se apertava firmemente a partir das bordas, nesse preciso momento, a única coisa em que conseguiu pensar, apesar da dor e do pânico, foi que aquela era a maneira mais idiota e estúpida de morrer, depois de tanto tempo, um pensamento a que o pano de cozinha e a fita adesiva negavam expressão, essa lamentável careta com que os melhores homens saúdam os finais mais parvos.

Este Guillaume DuPlessis foi tristemente desta para melhor, e ali ficou sentado, na cadeira da cozinha, a duzentos e cinquenta cliques a leste de algumas ramagens outonais realmente espetaculares, durante quase dois dias e duas noites, tornando-se a sua postura cada vez mais militar à medida que o *rigor mortis* avançava, com os pés descalços como pães roxos devido à lividez; e quando por fim chegaram as forças policiais de Brookline e o retiraram desamarrado da cadeira friamente iluminada, tiveram de transportá-lo como se ainda estivesse sentado, já que os braços, as pernas e a espinha dorsal tinham endurecido militarmente *comme il faut*. E o pobre Don Gately, cujo hábito profissional de cortar a corrente elétrica desligando-a diretamente do contador equivalia a deixar a marca de uma assinatura pessoal, e que, é claro, tinha um lugar especial no coração de um procurador de Revere com ligações judiciais nos três condados de Boston e para lá deles e que ultimamente era um procurador ainda mais implacável do que antes, cuja mulher passara a ter de tomar *Valium* para limpar os dentes com fio dental, e que esperava armado de paciência a sua oportunidade, como homem paciente que era, esperava friamente o tempo que fosse necessário para agir e vingar-se, como Don Gately, que agora se encontrava, embora não houvesse propensão da sua parte para malbaratar energias em violência, numa embrulhada monumental que podia mudar radicalmente a vida de um homem.

Ano da Roupa Interior para Adultos *Depend*: InterLace TelEntertainment, telecomputadores elétricos 932/1864 RISC, com ou sem consola, Cor-de-Rosa2, disseminação pós-Primestar DSS, menus e ícones, Internet Faxe livre de píxel, tri e quadri-*modems* com taxas de transmissão de dados ajustáveis, grelhas de disseminação pós-Web, monitores de tão alta-fidelidade que se podia estar lá, conferências videofónicas a baixo custo, CD-ROM interno *Froxx*, *couture* eletrónica, consolas tudo em um, nanoprocessadores cerâmicos *Yushityu*, cromofotografia laser, cartões de meios de capacidade virtual, impulso fibro-ótico, codificação digital, aplicações incríveis; neuralgia carpal, enxaquecas fosfénicas, hiperadiposidade glútea, tensão lombar.

3 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

QUARTO 204, SUBDORMITÓRIO B: Jim Troeltsch, dezassete anos de idade; terra natal: Narberth, Pensilvânia; presente *ranking* na Academia de Ténis de Enfield: # 8 para menores de dezoito anos, adoeceu. Novamente. A doença sobreveio-lhe quando se aprestava para o treino da equipa B. Estava a ver o cartucho de um jogo dos oitavos de final de setembro passado no Open dos EUA; aconteceu quando Troeltsch o estava a visionar, como habitualmente sem som, no pequeno monitor do quarto, enquanto ajustava o *slip*, reproduzindo despreocupadamente os movimentos do pulso. A doença. Vinda do nada. A respiração que inesperadamente lhe fazia doer a garganta. Depois aquele calor abundante em vários meatos cranianos. Depois espirrou e aquilo que espirrou era espesso e pastoso. Surgiu ultrarrapidamente e como se tivesse caído do céu pré-treino. Agora está deitado, em posição supina, vendo o quarto *set* do jogo mas sem reagir ao estímulo. O ecrã está mesmo à direita, por baixo do cartaz do rei paranoico de Pemulis[21], ao qual é impossível deixar de ver se se olhar para o ecrã. No chão, à volta do cesto dos papéis, há lenços de papel amarrotados e usados. A mesinha de cabeceira está cheia de remédios com ou sem receita, expetorantes e xaropes para a tosse e analgésicos e megacápsulas de vitamina C e um frasco de *Benadryl* e outro de *Seldane*[22], só que o frasco de *Seldane* contém de facto várias cápsulas de setenta e cinco miligramas de *Tenuate* que Troeltsch trouxe pouco a pouco da zona do quarto de Pemulis, e guardou, de maneira particularmente engenhosa segundo ele, à vista de todos no frasco de pastilhas em que o Peemster nunca pensaria procurar. Troelstch é daqueles que põe a mão na testa e deteta se tem febre. Não há dúvida de que se trata de um rinovírus grave e silencioso. Especulou se Graham Rader, quando ontem tinha fingido espirrar para cima da sua bandeja do almoço ao servirem-se de leite, não poderia ter realmente espirrado ou apenas fingido fingir, transferindo rinovírus virulentos para as delicadas mucosas de Troeltsch. Febrilmente pôs-se a idealizar diversas formas de vinganças cósmicas para Rader. Nenhum dos seus companheiros está presente. Ted Schacht está a ser submetido ao primeiro tratamento de jacúzi no

joelho. Pemulis saiu do treino às 7h45. Troeltsch propôs a Pemulis trocar os direitos do pequeno-almoço pelo trabalho de lhe encher o vaporizador e chamar a enfermeira da manhã para que lhe trouxesse «ainda mais» *Seldane*, o anti-histamínico de graduação nuclear e um nebulizador de dextrometorfano e uma dispensa por escrito dos treinos da manhã. Ei-lo prostrado e a suar profusamente enquanto vê gravações digitais de ténis profissional, demasiado inquieto por causa da garganta para se sentir suficientemente loquaz para reagir ao que vê. Diz-se que o *Seldane* não dá sono, mas ele sente-se fraco e desagradavelmente sonolento. Mal consegue fechar os punhos. Está coberto de suor. As náuseas e os vómitos não são de pôr de lado. Não é possível acreditar na rapidez com que foi atacado, pela doença, é bom de ver. O vaporizador chia e arrota e as quatro janelas do dormitório choram devido ao frio no exterior. Ouvem-se ao longe sons que parecem de garrafas de espumante a serem abertas: são as pancadas das raquetas nos campos da zona leste. Troeltsch está a dormitar. À distância rugem os enormes ventiladores ATHSCME da parede norte e as vozes e os plofs das bolas frias criam uma espécie de tapete sonoro por baixo dos ruídos digestivos do vaporizador e o estalar da cama quando muda de posição e se mexe naquele torpor suado. Tem grossas sobrancelhas germânicas e dedos de grandes nós. Trata-se de um desses desconfortáveis estados oníricos opioides e febris, mais um estado de fuga que propriamente de sono, menos de flutuar que de estar à mercê de ondas turbulentas, empurrado e arrancado brutalmente deste estado de semivigília em que a mente ainda funciona e então pode interrogar-se se está a dormir mesmo quando está a sonhar. E os sonhos que se possam ter são descontínuos, rasgados, incompletos.

É literalmente um «dormir acordado» doentio, o tipo de fuga incompleta de que uma pessoa acorda com uma espécie de choque psíquico, lutando para se sentar, convencida de que está alguém não autorizado no quarto. E volta-se a cair no círculo empapado da almofada, a olhar fixamente para as dobras prolixas da coisa turca tipo coberta que Pemulis e Schacht colaram nos cantos do teto, e que ondula, pendente, de modo que as pregas formam um terreno que parece ter vales e sombras.

Começo a ver que a sensação que é produzida pelos piores pesadelos, uma sensação que não se pode experimentar nem adormecido nem acordado, é

precisamente idêntica à forma em que se manifestam esses piores pesadelos: a tomada de consciência intraonírica e repentina de que a mesma essência e o mesmo miolo estiveram sempre presentes em nós, inclusive quando estamos acordados: só que... não o *percebemos*; e depois esse intervalo horroroso entre dar conta daquilo de que não se está consciente e voltar a cara para ver o que sempre lá esteve, o *tempo todo*... O primeiro pesadelo longe de casa e da família, a primeira noite na Academia, tudo isso existiu sempre: o sonho é que acordas de um sono profundo, acordas subitamente suado e amedrontado e és avassalado pela repentina sensação de que há ao teu lado uma destilação de mal absoluto neste estranho e escuro subdormitório, de que a essência e o miolo do mal está mesmo ali, neste quarto, agora mesmo. E tudo isto só para ti. Nenhum dos teus companheiros presentes no quarto está acordado; o beliche por cima do teu está morto, imóvel; ninguém se mexe; mais ninguém no quarto sente a presença de qualquer coisa radicalmente maligna, ninguém se agita ou se endireita empapado em suor; mais ninguém grita: seja lá o que for, não é maligno *para eles*. A lanterna, em que a tua mãe escreveu o teu nome numa fita adesiva e meteu na tua mala, varre com um feixe de luz o quarto institucional: o teto falso, o colchão de riscas cinzentas, a rede côncava de molas do beliche por cima do teu, os outros dois beliches de um cinzento-mate que não reflete a luz, as pilhas de livros e CD e cassetes e equipamento de ténis; o teu foco de luz branca que treme quando passa pelas cómodas iguais, os recessos do armário e a porta da frente, as volutas do umbral da porta; o foco de luz avança por cima dos móveis, as formas confusas das sombras dos rapazes adormecidos nas paredes brancas, as duas ovais dos tapetes de retalhos no soalho, as linhas negras das regretas dos rodapés, as gretas nas persianas que ressumam a não luz violeta de uma noite com neve e só um quarto minguante da Lua; a lanterna com o teu nome gravado com letras cursivas maternais ilumina cada centímetro das paredes, os reóstatos, os CD, o cartaz de InterLace de Tawni Kondo, a consola telefónica, os telecomputadores das secretárias, a cara no soalho, os cartazes dos profissionais, o amarelo casca de cebola dos abajures, as formas dos orifícios dos painéis do teto, a rede das molas dos beliches superiores, os buracos do armário e da porta, rapazes tapados com cobertores, uma ténue greta que parece um regato no lado leste do teto agora discernível, a borda de um aplique de carvalho na junção de teto e paredes a norte e a sul *os soalhos não têm cara* a tua lanterna mostrou mas

nunca se lhe *viram* as pupilas dos olhos de lado como os de um gato as sobrancelhas \ / e um sorriso dentudo horrível dirigido à tua lanterna durante todo o tempo em que estiveste a observar oh mãe uma cara no *soalho* mãe oh e o feixe de luz da tua lanterna tenta bruscamente regressar a essa cara omitida não consegue fazes outra vez pontaria e depois centra-se naquilo que tu tinhas sentido e visto sem ver, agora mesmo, enquanto focas cuidadosamente a luz e vês uma cara no *soalho* ali sempre presente mas não sentida por todos os outros e não vista por ti até que percebeste que não devias estar ali e era maligna: o Mal.

E então abriu a boca para a tua luz.

E então acordas assim, estremecendo como um tambor, acordado na cama, a tremer, reunindo coragem e saliva, viras-te para a direita como no sonho à procura da lanterna com o teu nome que está no soalho ao lado da cama para o que der e vier, ali permaneces de lado apontando a lanterna em todas as direções, como no sonho. Ali permaneces movendo o feixe de luz, a observar, todo costelas e cotovelos e olhos dilatados. O soalho acordado está coberto de equipamento e roupa suja, tábuas amareladas com juntas de encaixe, dois tapetes de retalhos, a madeira nua encerada que brilha à luz da neve que vem das janelas, o soalho neutro, sem cara, não consegues ver nenhuma cara no soalho, acordado, deitado, sem cara, vazio dilatado passando o feixe de luz várias vezes pelo soalho, inseguro toda a noite para sempre inseguro de não estar a ver uma coisa que está mesmo ali: ali jazes, acordado e prestes a fazer doze anos, a acreditar com todas as tuas forças.

ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

A Academia de Ténis de Enfield já funciona devidamente reconhecida há três anos pré-subsidiados e oito subsidiados, primeiro sob a direção do doutor James Incandenza e depois sob a administração do seu meio-cunhado Charles Tavis, formado em Educação. James Orin Incandenza, filho único de um antigo jogador profissional de ténis e mais tarde um promissor ator pré-Método que, durante o intervalo dos anos formativos de J.O. Incandenza, se tinha tornado um ator desrespeitado e quase sempre desempregado que se viu obrigado a regressar à sua Tucson natal e dispersou as suas energias restantes entra atuações sem importância como tenista profissional em centros turísticos e depois em produções de curta duração numa coisa chamada Projeto de Teatro «Beat» do Deserto, o pai, um ator dipsómano gradualmente destruído pelo medo obsessivo de morrer por causa de uma mordedura de aranha, por causa do medo de entrar em cena e com uma raiva de origem ambígua mas de extenuante intensidade relacionada com a Escola do Método de Interpretação Profissional e os seus mais promissores expoentes, um pai que perto do nadir do seu destino profissional parece ter decidido descer à sua oficina na cave espargida de inseticida para criar um promissor atleta juvenil do mesmo modo que outros pais restauram carros antigos ou fabricam barcos dentro de garrafas ou recuperam cadeiras usadas, etc. – James Incandenza mostrou ser um retraído mas diligente estudioso do jogo e em breve um dotado jogador júnior – alto, com óculos, dominador na rede – que utilizou as bolsas de ténis para financiar a escola secundária particular e depois a Universidade em lugares o mais afastados possível do Sudoeste americano onde se pudesse estar sem correr o risco de morrer afogado. A prestigiosa instituição governamental norte-americana ONR[23] financiou-lhe o doutoramento em Física Ótica, tornando realidade um sonho de infância. O seu valor estratégico durante o intervalo do Governo de G. Ford até ao início do de G. Bush, como principal especialista em ótica geométrica aplicada na ONR e na SAC, dedicado à conceção de refletores de neutrões dispersos para sistemas termoestratégicos de armamento, mais tarde na Comissão de Energia Atómica, onde o seu aperfeiçoamento dos índices gamarrefrativos para lentes e painéis anodizados

com lítio é reconhecido quase unanimemente como um entre meia dúzia de descobrimentos que possibilitaram a fusão anelar a frio e quase a independência energética dos Estados Unidos e dos seus aliados e protetorados; a sua sabedoria ótica – depois de uma precoce reforma do setor público – converteu-se numa fortuna patenteada em espelhos de retrovisão, óculos sensíveis à luz, cartuchos holográficos para aniversários e cartões de Boas Festas, *tableaux* videofónicos, *software* de cartografia homosine-sinusoidal, sistemas não fluorescentes de iluminação pública e material cinematográfico; depois, na reforma optativa das ciências puras que aparentemente supôs para ele a construção e abertura de uma academia de ténis acreditada pela USTA e pedagogicamente empírica, dedicou-se ao cinema experimental, *après-garde* e conceptual, possivelmente demasiado à frente ou atrás do seu tempo para ser muito apreciado no momento da sua morte no Ano da Tablete de Chocolate *Dove* de Tamanho Experimental, embora ninguém tivesse dúvida de que grande parte do seu cinema conceptual e experimental não passava de uma coisa pretensiosa, sem interesse e pura e simplesmente má, por cento não foi nada ajudado pela muito gradual espiral de queda na dipsomania destrutiva do seu próprio e malogrado progenitor[24].

O casamento entre maio e dezembro[25] do doutor Incandenza, alto, desajeitado, grande bebedor e pouco sociável, com uma das poucas bombas femininas do mundo académico norte-americano, a doutora Avril Mondragon, uma mulher extremamente alta e nervosa, mas também muitíssimo bonita, elegante, completamente abstémia, a única académica que ocupou a Cátedra MacDonald de Uso Prescritivo no Royal Victoria College da Universidade McGill, que Incandenza tinha conhecido na conferência realizada na Universidade de Toronto sobre Sistemas Refletivos e Reflexivos, teve uma viragem ainda mais romântica devido às atribulações burocráticas relacionadas com a obtenção de um visto de saída e de outro de entrada, para não falar da autorização de residência, já que a professora Mondragon, embora casada com um professor norte-americano e apesar de ser uma pessoa claramente não violenta, tinha mantido contactos nos anos de juventude estudantil com certos elementos da esquerda separatista quebequense figurando o seu nome desde então na infame lista de *Personnes à Qui On Doit Surveiller Attentivement* de RCMP. O nascimento do primeiro filho dos Incandenza, Orin, tinha sido, pelo menos parcialmente, uma manobra legal.

Sabe-se que o doutor James O. Incandenza, durante os últimos cinco anos de

vida, liquidou os seus bens imobiliários e patentes, cedeu o controlo de quase todas as operações da Academia de Ténis de Enfield ao meio-irmão da mulher – um antigo engenheiro cujo último emprego tinha sido na Administração de Desportos Amadores da Universidade Provincial de Throppinghamshire, em New Brunswick, Canadá – e dedicou quase em exclusivo todo o seu tempo livre à produção de documentários, filmes de arte tecnicamente recônditos e cartuchos dramáticos mordazmente obscuros e obsessivos, deixando um número importante (dada a idade avançada em que floresceu criativamente falando) de filmes e cartuchos terminados, alguns dos quais conquistaram o interesse de um reduzido grupo de seguidores académicos devido à sua truculência técnica e a um *pathos* que de certo modo combinava uma espécie de surrealismo abstrato com uma força melodramática digna da CNS.

O suicídio prematuro do doutor Incandenza aos cinquenta e quatro anos de idade representou uma grave perda pelo menos em três âmbitos. O presidente J. Gentle, agindo em nome da ONR, da USDD e da AEC[*1] pós-anelar da ONAN, concedeu-lhe uma citação póstuma e enviou condolências por correio eletrónico secreto ARPA-NET. O funeral de Incandenza no condado de L'Islet de Quebeque teve de ser adiado duas vezes devido aos ciclos de hiperfloração anelar. A editora da Universidade de Cornell informou que tinha planos para a publicação de um livro de homenagem coletivo. Certos jovens realizadores empregaram nos seus filmes do Ano da Tablete de Chocolate *Dove* de Tamanho Experimental alguns oblíquos gestos visuais – na maior parte dos casos relacionados com a iluminação de claros-escuros e com lentes feitas à medida que eram a marca característica da profundidade de campo de Incandenza – que prestavam uma espécie de homenagem elegíaca especializada que passaria despercebida ao público em geral. Uma entrevista com Incandenza foi incluída postumamente num livro sobre a génese da anulação. E aqueles jogadores juniores da ATE cujos braços hipertrofiados o permitiam usaram fumos no antebraço nos jogos durante quase um ano.

---

*1 Atomic Energy Comission (Comissão de Energia Atómica. *(N. dos T.)*

DENVER, COLORADO, 1 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

– ODEIO ISTO! – GRITA ORIN A QUEM DESLIZA A SEU LADO.

Não dá voltas nem faz piruetas como os mais exibicionistas; segue a direito; é o equivalente planador do limpador de neve, sem espetacularidade e decidido a acabar o mais depressa possível e intacto. Uma rajada de ar ascendente faz estalar ruidosamente o náilon das falsas asas vermelhas; as penas mal coladas desprendem-se e voam. A rajada de ar sai dos milhares de bocas abertas no Estádio Mile-High. De longe o estádio mais ruidoso que existe. Orin sente-se um parvo. O bico dificulta-lhe a visão e a respiração. Dois extremos suplentes fazem espécie de volta mortal combinada. O pior é o instante precisamente antes de sair do anel do campo. Mãos que saem das filas superiores tentando agarrá-los. Risadas. As câmaras de InterLace a fazerem panorâmicas e a focarem; Orin sabe perfeitamente que a luz de lado significa *zoom*. Quando estão a sobrevoar o campo as vozes fundem-se e derretem-se no ar e no óxido ascendentes. O defesa esquerdo está a planar para cima em vez de para baixo. Um par de bicos e uma garra são deixados cair por alguém e volteiam até atingirem a relva. Orin muda de direção com ar sombrio. Está entre aqueles que recusam assobiar ou guinchar. Com ou sem bónus. O altifalante do estádio parece um gargarejo metálico. Não se consegue ouvir bem mesmo no solo.

O velho e triste ex-QB[*1] cuja única missão atual é colocar a bola para que Orin a pontapeie quando há livres desce para acompanhar o lento balancear de Orin a cerca de cem metros da linha de cinquenta jardas. É uma das fêmeas, com o bico menos afiado e as asas vermelhas menos berrantes.

– Odeio, abomino tudo isto com uma *paixão* do caraças, Clayt!

O segurador tenta fazer um gesto de resignação com as asas e quase é atirado para a plumagem de Orin.

– Está quase! Goza o passeio! Tu... encontro na jarda vinte e dois, perto de... – e então a voz perde-se no clamor quando o primeiro jogador toca em terra e despe a engenhoca promocional de penas vermelhas. É preciso gritar para se ser ouvido. Em dado momento parece que a multidão está a dar vivas aos seus

próprios vivas, com uma espécie de desdobramento, como se alguma coisa estivesse prestes a rebentar. Um dos jogadores dos Broncos na parte de trás de uma vestimenta publicitária sai disparado para o meio do campo de modo que parece que o cu da coisa foi pelos ares. Orin não contou a nenhum Cardinal, nem sequer ao psicólogo e ao terapeuta de visualização, que tem um medo mórbido às alturas e a fazer descidas de grandes altitudes.

– Eu pontapeio! Sou pago para dar pontapés a longa distância, altos e bons, sempre! Já devia bastar ter de dar entrevistas sobre a minha vida privada! Mas isto ultrapassa tudo! Por que razão aceitamos? Sou um atleta! Não sou um fenómeno de feira! Ninguém me disse que teria de voar à mesa de negociações! Em Nova Orleães só eram túnicas e halos e, uma vez por temporada, uma cítara. Mas só uma vez. Isto é horroroso!

– Podia ser pior!

Descendo em espiral até à linha das dez jardas e os tipos com bonés que ajudam a libertarem-se das asas, tipos pançudos e ligados à direção do clube que sempre sorriem de uma maneira que não se sabe porquê.

– Sou pago para chutar!

– Em Filadélfia é pior!... Durante três temporadas, em Seattle, levei gotas de água...

– Peço-te, meu Deus, que protejas a minha perna – sussurra sempre Orin imediatamente antes de tocar no chão.

– ... podias estar na equipa dos Oilers! Ou dos *Browns*!

A muscarina organopsicadélica, um alcaloide isoxasol derivado da *Amanita muscaria* – que não pode ser confundida, sublinha Pemulis, com a *phalloides* ou *verna* ou outras espécies venenosas e mortais do género *Amanita* dos Estados Unidos, enquanto as crianças permanecem sentadas à maneira índia na Sala de Visionamento com os olhos vidrados e tentando não bocejar –, conhecida pelo seu apelativo estrutural de 5-aminometil-3-isoxasol, requer quase um a vinte miligramas orais de ingestão, o que a torna duas ou três vezes mais potente do que a psilocibina; frequentemente dá como resultado as seguintes alterações de consciência (não as deveis ler nem tomar notas): uma espécie de transe de semissono com visões, regozijo, sensação de pouco peso físico e muita força, perceções sensoriais reforçadas, sinestesia e distorções favoráveis da imagem

corporal. Supõe-se que estamos numa reunião antes do jantar com o Amigo Mais Velho em que os alunos mais jovens recebem o apoio e o conselho fraternal de um finalista. Às vezes Pemulis trata as reuniões do seu grupo de miúdos como uma espécie de colóquio em que são partilhados descobertas e interesses pessoais. O visor está ativo no modo de leitura a partir do computador portátil e no ecrã pode ler-se em maiúsculas BASES METOXILADAS PARA MANIPULAÇÃO FENILQUILAMÍNICA e por baixo outras anotações que para os miúdos são grego. Dois deles apertam as bolas de ténis nas mãos; outros dois balançam-se hassidicamente para se manterem atentos; um usa um chapéu com um par de antenas falsas feitas de arame esticado. Mais ou menos reverenciados pelas tribos aborígenes daquilo que é agora o Sul do Quebeque e a Grande Concavidade, diz-lhes Pemulis, o cogumelo agárico foi amado e odiado por causa dos seus poderes psicoespirituais nem sempre agradáveis, a não ser que cuidadosamente titulado. Um rapaz observa o umbigo com grande atenção. Outro simula cair.

Alguns dos jogadores mais marginais começam por volta dos doze anos, lamento ter de o dizer, a tomar ‘drinas antes dos jogos e depois encefalina[26], facto que pode dar azo a um ciclo de neuroquímica individual, mas eu, depois de ter feito alguns juramentos relacionados com pais e diferenças, só me aproximei da minha primeira chupadela de *Bob Hope*[27] aos quinze anos, quando Bridget Boone, em cujo quarto era habitual reunirem-se muitos dos de dezasseis e os infantis antes de apagar as luzes, me convidou a apreciar um par de cachimbadas a altas horas da noite, como uma espécie de *Sominex* psicodisléptico, para me ajudar a adormecer e a superar um sonho realmente desagradável que me apoquentava todas as noites e que me acordava *in medias* durante semanas e estava a começar a afetar e a deteriorar levemente a minha atuação no campo e consequentemente o meu *ranking*. Fosse ou não um *Bob* de baixa graduação sintética, a cachimbada funcionou como por artes mágicas. Nesse sonho, que ainda reaparece de quando em vez, estou sob o olhar do público na linha de fundo de um mastodôntico campo de ténis. É evidente que estou num jogo de competição: há espectadores e funcionários. O campo é mais ou menos da dimensão de um campo de futebol: é o que parece. É difícil dizer ao certo. Mas o campo é, sobretudo, complexo. As linhas que o marcam e definem são estranhas

e tortas como uma escultura de cordas. Há linhas em todo o lado, correndo obliquamente ou encontrando-se e estabelecem relações e caixas e rios e afluentes e sistemas dentro de sistemas: linhas, cantos, veredas e ângulos que se desvanecem num borrão no horizonte da rede distante. Estou lá, indeciso. Tudo aquilo é demasiado complexo para que possa ser absorvido de uma só vez. É pura e simplesmente gigantesco. E é público. Uma multidão silenciosa concentra-se naquilo que pode ser a periferia do campo, vestida com as cores cítricas do verão, imóvel e prestando grande atenção. Um batalhão de juízes de linha permanece alerta, usando chapéus coloniais e *blazers*, com as mãos nas braguilhas das calças. Nas alturas, naquilo que podia ser um poste de rede, o árbitro, de *blazer* azul, com um microfone para lhe amplificar a voz, sussurra «Serviço». A multidão é um quadro, imóvel e atenta. Faço girar o cabo da minha raqueta e bato com uma bola amarela nova no chão enquanto procuro perceber para onde devo dirigir o serviço naquela confusão de linhas. Consigo ver nas bancadas, à esquerda, o guarda-sol branco da mã; a altura dela eleva o guarda-sol por cima dos outros espectadores; está sentada no seu pequeno círculo de sombra, o cabelo branco, as pernas cruzadas e um punho delicado levantado e fechado num apoio absolutamente incondicional.

O árbitro sussurra «Serviço, se faz favor».

Jogamos, mais ou menos. Mas é tudo hipotético, em certo sentido. Mesmo o plural «nós» é teórico: nunca chego verdadeiramente a ver à minha frente o adversário distante, apesar de todo o aparato do jogo.

---

*1 QB: *quarter-back*: jogador de râguebi ou de futebol americano.

ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

Os médicos tendem a entrar na arena das suas práticas profissionais com um seco bom humor que de alguma maneira devem refrear e emudecer quando a arena na qual entram é o quinto piso de um hospital, uma sala psiquiátrica, onde um bom humor seco representa uma manifestação de mau gosto. Assim, os médicos das salas de psiquiatria têm frequentemente um semblante um pouco falso de confusa concentração sempre que são vistos nos corredores do quinto piso. E é por isso que os médicos hospitalares – habitualmente robustos, de bochechas cor-de-rosa e sem poros e quase sempre a cheirar bem e a limpeza – abordam quaisquer doentes psíquicos a cargo deles de uma maneira profissional que está a meio caminho entre a brandura e a profundidade, com uma preocupação distante mas sincera que se divide exatamente entre o desconforto subjetivo do doente e os duros factos do caso.

O médico que mostrou a cabeça à porta aberta do quente quarto e talvez tenha batido demasiado suavemente na moldura metálica deu com Kate Gompert deitada de lado na cama dura e estreita vestindo calças de ganga e uma blusa sem mangas, com os joelhos encostados ao estômago e as mãos entrelaçadas nos joelhos. Havia qualquer coisa excessivamente premeditada no *pathos* da posição: esta posição era a réplica exata de uma gravura melancólica da época de Watteau que servia de frontispício a *Field Guide to Clinical States*, de Yevtuschenko. Kate Gompert calçava ténis azul-escuros sem meias nem atacadores. Tinha metade do rosto oculto pela fronha amarela ou verde da almofada de plástico, o cabelo sem lavar há tanto tempo que se dividia em discretas madeixas brilhantes; a metade visível da testa era atravessada por riscas negras das suas farripas como grades brilhantes de uma cela. A Sala de Psiquiatria cheirava um pouco a desinfetante e ao fumo de cigarro do Salão Comunitário, ao odor azedo do lixo medicinal à espera de ser recolhido com esse leve e perpétuo aroma a amoníaco da urina e era possível ouvir o repicar duplo do ascensor e o sempre afastado som do intercomunicador a chamar por algum médico e a asneirada em altos berros soltada por um louco qualquer na Sala de Silêncio cor-de-rosa da outra ponta da enfermaria de psiquiatria do Salão Comunitário. Além disso, o quarto

de Kate Gompert cheirava ao pó chamuscado da tubagem do aquecimento e também ao perfume demasiado doce da jovem enfermeira de saúde mental que estava sentada numa cadeira ao pé da cama da rapariga mascando pastilha elástica e vendo um cartucho ROM sem som num computador portátil da enfermaria. Kate Gompert estava nos Serviços Especiais, o que queria dizer Vigilância de Suicidas, o que queria dizer que a rapariga num dado momento tinha violado as regras tanto de Ideação como de Intenção, o que queria dizer que devia ser vigiada de perto vinte e quatro horas por dia até que um psiquiatra supervisor declarasse que já não era necessário continuar a fazer isso. Os enfermeiros dos Serviços Especiais mudavam de hora a hora, de modo a que quem estivesse de turno se mantivesse ostensivamente sempre fresco e vigilante, mas a verdade é que estar ao pé de uma cama a observar alguém sujeito a tanta dor psíquica que queria suicidar-se era tão incrivelmente deprimente, aborrecido e desagradável que o melhor era dividir ao máximo essa odiosa tarefa. Tecnicamente era suposto que não lessem, escrevessem, vissem CD-ROM, se arranjassem ou desviassem a atenção do doente dos Serviços Especiais durante o turno. A doente Gompert parecia estar a lutar para respirar e, ao mesmo tempo, a respirar rapidamente para provocar em si própria uma hipocapnia; também não era possível pensar que o médico deixasse de notar que tinha uns seios de um volume considerável que subiam e desciam velozmente dentro do círculo dos braços com que ela apertava os joelhos. Os olhos dela, que pareciam apagados, tinham registado a presença à porta, mas não pareceram seguir o médico quando ele se aproximou da cama. A enfermeira também estava a limar as unhas. O médico disse-lhe que precisava de passar algum tempo sozinho com a menina Gompert. É uma espécie de requisito que um médico esteja a ler sempre que possível ou pelo menos a olhar para as suas notas quando se dirige a um subordinado, de modo que o médico observava atentamente o historial clínico da doente. Gompert, Katherine A., vinte e um anos, de Newton, Massachusetts. Funcionária numa agência imobiliária de Wellesley Hills. Quarto internamento em três anos, todos devido a depressão clínica, unipolar. Uma série de tratamentos eletroconvulsivos há dois anos no Hospital Newton-Wellesley. Primeiro tomou *Prozac* durante um curto período, depois *Zoloft*, mais recentemente *Parnate* com um estimulante à base de lítio. Duas tentativas de suicídio prévias, a última no verão passado. *Bi-Valium* descontinuado dois anos,

Xanax descontinuado um ano – um historial comprovado de abuso de medicação receitada. Depressões unipolares, bastante clássicas, caracterizadas por disforia aguda, ansiedade com pânico, apatia diurna/sintomas de perturbação, Ideação com e sem Intenção. Primeira tentativa, episódio de monóxido de carbono: carro na garagem, o motor parou antes de ser alcançada uma hemotoxicidade letal. A tentativa do ano passado: agora não se viam as cicatrizes porque os nódulos vasculares dos pulsos estavam escondidos sob a parte posterior dos joelhos. Kate continuava a olhar fixamente para a porta por onde ele tinha entrado. A última tentativa, três noites antes, havia sido uma simples sobredose de medicamentos por via oral. Internada nas Urgências há três noites. Dois dias de ventilação após lavagem de estômago e purga. Crise de hipertensão no segundo dia devido a reintoxicação metabólica. Devia ter tomado um monte de comprimidos; a enfermeira dos Cuidados Intensivos tinha chamado o capelão, pelo que a crise foi certamente aguda. Desta vez quase morreu em duas ocasiões, esta Katherine Ann Gompert. Terceiro dia passado na Sala 2-Oeste para observação; estava a ser-lhe relutantemente administrado *Librium* para baixar a tensão arterial. Agora no Quarto 5, o cenário atual. A tensão arterial permaneceu estável nas últimas quatro medições. Próxima verificação de constantes vitais às 13h00.

A tentativa tinha sido a sério, uma verdadeira tentativa. A rapariga não estivera para brincadeiras. Um caso clínico autêntico tirado diretamente de Yevtuschenko ou de Dretske. Mais de metade dos internados nas salas de psiquiatria é constituída por coisas como chefes de claques que engolem dois frascos de *Mydol* por causa de uma zanga com um colega de escola ou triste gente assexuada e solitária que está desconsolada devido à morte de um animalzinho de estimação. O mero facto de o trauma catártico de estar mesmo num centro oficialmente psiquiátrico, um par de movimentos de cabeça compreensivos, a simples indicação de que ninguém presta a mínima atenção a ninguém, fará essas pessoas sair de lá o mais depressa possível. Mas três tentativas concretas e um tratamento de choque já não são coisas de somenos. O estado interior do médico oscilava entre a trepidação e a excitação, coisa que se manifestou exteriormente como uma espécie de preocupação perplexa e minimamente profunda.

O médico disse «Olá» e queria saber se ela era realmente Katherine Gompert, já que ainda não se tinham conhecido.

– Sim, sou – respondeu ela em tom de cantilena.

Tinha uma voz estranhamente animada para quem estava em posição fetal, os olhos sem vida e o rosto sem expressão.

O médico perguntou-lhe se era capaz de lhe contar brevemente por que razão estava ali. Conseguia recordar o que acontecera?

Ela respirou fundo. Tentava transmitir tédio ou irritação.

– Engoli cento e dez *Parnates*, umas trinta cápsulas de *Lithonate*, alguns *Zolofts* fora de prazo. Engoli tudo o que tinha à mão.

– Parece que deve ter mesmo querido fazer mal a si própria.

– Lá em baixo disseram-me que o *Parnate* me fez desmaiar. Subiu-me muito a tensão arterial. A minha mãe ouviu barulho e disse que me encontrou deitada de lado a comer o tapete do meu quarto. É daqueles que têm o pelo comprido. Disse que estava caída no chão, vermelha como um tomate e molhada como quando nasci; disse que ao princípio ficou alucinada por lhe parecer ter ali uma recém-nascida. Deitada de lado, vermelha e molhada.

– Isso é causado por uma crise de hipertensão. Significa que a tensão arterial a podia ter matado. A sertralina combinada com um IMAO[28] pode ser mortal se ingerido em quantidades suficientes. Aliás, com a toxicidade de tanto lítio, diria que tem muita sorte estar aqui.

– Às vezes a minha mãe pensa que está com alucinações.

– A propósito, a sertralina é o *Zoloft* que a menina guardou mas que devia ter deitado fora quando os seus medicamentos foram mudados.

– Disse que fiz um grande buraco no tapete à dentada. Quem sabe.

O médico pegou numa das melhores esferográficas da coleção que assomava no bolso superior da bata branca e escreveu qualquer coisa que devia ser mais uma anotação na nova página do historial clínico de Kate Gompert nesta enfermaria. Entre as esferográficas do bolso havia a cabeça de borracha de um pequeno martelo de diagnóstico. Perguntou a Kate se lhe queria dizer por que razão tinha querido fazer mal a si própria. Se havia ficado furiosa consigo mesma. Ou com outra pessoa. Se tinha deixado de sentir que a vida fazia sentido. Se ouvira vozes que lhe sugeriam que fizesse mal a si mesma.

Não obteve qualquer resposta audível. A respiração da rapariga tinha baixado de intensidade até ficar apenas razoavelmente rápida. O médico tentou uma precoce jogada clínica e perguntou a Kate se não seria mais fácil se se virasse e

se sentasse de maneira a que pudessem falar normalmente, de frente.

– Estou sentada.

A esferográfica do médico ficou suspensa no ar. O médico fez um movimento pausado de concordância com a cabeça, vagamente perplexo.

– Está a querer dizer que sente que o seu corpo está em posição de sentado agora?

Kate abriu um olho e virou-o para ele durante algum tempo, suspirou como se fosse dizer alguma coisa, voltou-se e levantou-se. Provavelmente Katherine Ann Gompert pensava estar diante de outro psiquiatra sem o mínimo sentido de humor. Também era possível que fosse assim porque não percebia os estritos limites metodológicos que determinavam até que ponto ele, médico, tinha de ser literal com os internados numa sala de psiquiatria. E muito menos que frequentemente as graçolas e o sarcasmo estavam demasiado carregados de sentido para não serem levados a sério. Muitas vezes as piadas e o sarcasmo eram a garrafa na qual os depressivos clínicos enviavam os seus uivos mais plangentes à procura de alguém que cuidasse deles e os ajudasse. O médico – que, diga-se de passagem, ainda não era médico mas um estagiário e estava no hospital a fazer um estágio de doze semanas – recreou-se nesta digressão clínica enquanto a doente fazia uma demonstração elaborada de tirar a almofada debaixo de si para a colocar ao alto contra a parede nua e apoiar-se nela com os braços cruzados sobre os seios. O médico decidiu que essa clara manifestação de irritação podia significar qualquer coisa de positivo ou absolutamente nada.

Kate Gompert tinha o olhar fixado num ponto acima do ombro esquerdo do homem.

– Não tentei fazer mal a mim mesma. Tentei matar-me. Há uma certa diferença.

O médico perguntou-lhe se era capaz de dizer qual a diferença entre essas duas coisas.

A demora que precedeu a resposta foi ligeiramente mais longa do que a pausa de uma conversa normal. O médico não fazia a menor ideia do significado dessa observação.

– Tratam diferentes tipos de suicidas?

O estagiário não ousou perguntar-lhe o que queria dizer com aquilo. Com um dedo, Kate tirou qualquer coisa do canto da boca.

– Acho que é provável que haja diferentes tipos de suicidas. Eu não sou dos que se odeiam. Não faço parte do género que diz «Sou uma merda e o mundo ficaria melhor sem mim», mas ao mesmo tempo se põe a imaginar o que toda a gente vai dizer no funeral. Encontrei tipos assim nas enfermarias psiquiátricas. Pessoas que dizem «Pobre de mim, detesto-me, castigai-me, mas não deixeis de ir ao meu funeral». Depois mostram uma bela fotografia a cores de vinte por vinte e cinco do gato morto. Não passa de miserável autocomiseração. Uma merda, só isso. Não tive nenhum ressentimento especial. Não chumbei em nenhum exame nem fui abandonada por ninguém. Todos esses tipos de gente. Todos fazem mal a si próprios. – Ainda persistia aquela combinação inquietante e intrigante de máscara facial inexpressiva e voz convencionalmente animada. As pequenas inclinações de cabeça do médico não pretendiam parecer respostas mas convites a que continuasse a falar, aquilo que Dretske denominou «momentomizadores». – Não quis causar a mim mesma nenhum mal especial – prosseguiu. – Nem sofrer um castigo. Não sinto ódio por mim. Apenas quis fazer o que fiz. Não quis brincar mais, só isso.

– Brincar – comentou o médico meneando a cabeça, enquanto fazia umas garatujas no papel.

– Quis deixar de estar consciente. Sou de um tipo completamente distinto. Queria deixar de me sentir assim. Se pudesse provocar um coma verdadeiramente longo, tê-lo-ia feito. Ou ter causado um choque a mim mesma. Em vez do que fiz. – O médico escrevia sem parar. – A última coisa que queria era fazer mal a mim mesma. Pura e simplesmente não queria sentir-me assim... Não acreditava que esta sensação viesse a desaparecer no futuro. Não acredito. Prefiro não sentir nada.

O olhar do médico refletia um intenso interesse de carácter abstrato. Os olhos dele pareciam severamente aumentados pelos óculos elegantes mas de lentes grossas cuja armação era metálica. Doentes de outros pisos durante outros turnos às vezes queixavam-se de que se sentiam como se estivessem encerrados num frasco quando os examinava intensamente por trás das grossas lentes. Estava a dizer:

– Essa sensação de querer deixar de sentir morrendo, então, é...

A maneira como ela sacudiu de repente a cabeça foi veemente, exasperada.

– É *por causa da* sensação que quero fazer isso. A sensação é o *motivo* pelo

qual quero morrer. Estou aqui porque quero morrer. É por isso que estou num quarto sem janelas e com grades a proteger as lâmpadas e sem fechadura na porta da casa de banho. Foi por isso que me tiraram o cinto e os atacadores dos ténis. Mas dou conta de que não me tiraram as sensações. Ou tiraram?

– A sensação a que se refere é alguma coisa que tenha vivenciado durante as suas anteriores depressões, Katherine?

A doente não respondeu logo. Descalçou os ténis e coçou os dedos de um dos pés com os do outro. Observou atentamente esta atividade. A conversa parecia tê-la ajudado a concentrar-se. Como a maioria dos doentes clinicamente deprimidos, Kate parecia funcionar melhor quando estava concentrada numa atividade do que quando estava inativa. A estase de paralisia que os afeta leva estes doentes como que a comer o cérebro. Mas representava sempre uma luta titânica conseguir que fizessem alguma coisa para se concentrarem. Quase todos os estagiários consideram o quinto piso como o lugar mais deprimente para estar de turno.

– O que pretendo perguntar-lhe é, creio, se associa essa sensação de que me está a falar à depressão.

Kate desviou o olhar.

– Acho que é isso que lhe quereis chamar.

O médico tapou e destapou a esferográfica várias vezes e explicou que o que lhe interessava mais era saber como poderia ela denominar essa sensação, já que era dela.

Kate voltou a estudar os movimentos dos pés.

– Quando as pessoas dizem essa palavra fico furiosa porque penso sempre que *depressão* dá ideia de que nos pomos muito tristes e melancólicos, sentando-nos em silêncio ao lado da janela a suspirar ou deitando-nos na cama. Um estado em que não nos importamos com nada. Uma espécie de estado de tristeza e paz. – O médico ficou com a ideia de que Kate agora estava decididamente mais animada, embora parecesse não querer devolver-lhe o olhar. A respiração dela voltou a ficar agitada. O estagiário lembrou-se de episódios clássicos de hiperventilação caracterizados por espasmos carpopedais e decidiu começar a prestar mais atenção às mãos e aos pés dos doentes durante as consultas para detetar algum sinal de contração tetânica, em cujo caso a terapia prescrita seria de cálcio intravenoso com uma percentagem salina que precisava de aferir rapidamente. –

Bom – continuou apontando para si mesma –, *isto* não é um estado. Trata-se de uma sensação, de uma coisa que sinto. Sinto-a em todo o corpo. Nos braços e nas pernas.

– Incluindo os seus car... as mãos e os pés?

– Em *todas* as partes do corpo. Na cabeça, na garganta, no rabo. No estômago. Está em todo o lado. Não sei o que lhe hei de chamar. É como se não fosse capaz de encontrar nada fora dessa sensação, e por isso não sei que nome lhe posso dar. É mais horror que tristeza. É mais horror. É como se uma coisa horrorosa estivesse prestes a acontecer, a coisa mais horrível que se possa imaginar, não, pior do que se possa imaginar porque há também a sensação de que é preciso fazer alguma coisa de imediato para se deter aquilo mas não se sabe o que se deve fazer e de repente está a acontecer, durante o tempo todo, está prestes a acontecer e ao mesmo tempo está a acontecer.

– Então diria que a ansiedade é uma parte importante das suas depressões.

Agora já não se sabia ao certo se estava a responder ao médico ou não.

– Torna-se tudo horroroso. Tudo o que vemos é feio. A palavra adequada é *lúgubre*. Uma vez o doutor Garton disse *lúgubre*. Essa é que é a palavra correta. E tudo parece áspero, espinhoso e aborrecido, como se cada som ouvido ganhasse subitamente dentes. E o odor: cheiro mal mesmo quando acabo de sair do duche. Para que hei de tomar banho se quando acabo de o fazer cheiro como se precisasse de outro duche?

Enquanto tomava notas, o médico parecia mais intrigado do que preocupado. Preferia escrever à mão a usar o teclado de um computador portátil porque era de opinião que os médicos que escreviam com o computador em cima dos joelhos durante as consultas transmitiam uma ideia de frieza.

Kate Gompert fez uma careta enquanto o médico escrevia.

– Tenho mais medo dessa sensação que de qualquer outra coisa. Mais que da dor ou de que a minha mãe morra ou que haja contaminação ambiental. Mais que de tudo o resto.

– O medo é uma parte essencial da angústia – confirmou o médico.

Katherine Gompert pareceu sair durante uns momentos do seu negro ensimesmamento. Olhou o médico nos olhos e ele, a quem os doentes da sala de cima, a da paralisia/-plegia, tinha tirado o desconforto de se sentir olhado fixamente nos olhos, foi capaz de lhe devolver o olhar com uma espécie de leve

compaixão, com a expressão de alguém que sente compaixão, mas não estava, é claro, a sentir o que ela sentia, e que honrava os sentimentos subjetivos dela ao não fingir que o fazia, que os partilhava. Por sua vez, a expressão da jovem revelava que tinha decidido arriscar no seu próprio jogo, embora estivesse no início da relação terapêutica. A resolução abstrata que agora estava refletida no semblante dela era uma réplica da expressão que o médico tinha posto quando decidira entrar no jogo e pedir-lhe que se sentasse.

– Olhe – disse ela –, já alguma vez se sentiu doente? Quer dizer, com náuseas, como se fosse vomitar? – O médico fez um gesto que queria dizer «É claro que sim». – Mas é só no estômago – continuou Kate Gompert. – É uma sensação horrível, mas apenas no estômago. Por isso se diz «doente do estômago». – Voltar a observar os seus carpopedais. – O que disse ao doutor Garton está bem mas imagine que se sente dessa maneira em todas as partes do corpo, que cada célula e cada átomo ou neurónio ou o que quer que seja que temos dentro de nós sente tantas náuseas que quer vomitar mas não pode, e uma pessoa sente-se assim sempre, e tem-se a certeza, tem-se a certeza absoluta de que essa sensação nunca vai passar e que se vai ser obrigado a conviver com ela durante toda a nossa vida natural.

O médico garatujou qualquer coisa demasiado curta para corresponder a tudo o que ela tinha dito. Abanava a cabeça enquanto escrevia e quando ergueu os olhos disse:

– E no entanto essa sensação de náusea sobreveio-lhe de tempos a tempos no passado mas desapareceu depois das suas anteriores depressões, não é verdade?

– Quando se está a sofrer os efeitos, a pessoa esquece-se disso. A sensação é de que sempre lá esteve e como se fosse permanecer para sempre, e tudo o resto é esquecido. É como se esse filtro se abatesse sobre tudo o que se pensa, um par de semanas depois...

Mantiveram-se sentados a olhar um para o outro. O médico sentiu uma mescla de intensa excitação profissional e de ansiedade por talvez correr o risco de dizer a palavra desadequada numa situação tão crucial e deitar tudo a perder. Tinha o nome e o apelido bordados a linha amarela no bolso esquerdo da bata branca que era obrigado a usar.

– O que é que disse? Um par de semanas depois...

Esperou que ela respirasse sete vezes.

– Quero choques – disse ela por fim. – Será que não faz parte de toda esta bondosa preocupação perguntar-me o que é que penso sobre como me poderá ajudar? É que já passei por isto? Não me perguntou o que quero, pois não? E que tal se me voltassem a dar um TEC[29] ou me devolvessem o meu cinto? Porque não consigo aguentar nem mais um segundo sentindo-me como me estou a sentir, e os segundos não param de passar.

– Bem – disse lentamente o médico enquanto mexia a cabeça para indicar que tinha ouvido os sentimentos que a jovem estava a exprimir –, fico contente por poder discutir opções terapêuticas consigo, Katherine. Mas devo dizer-lhe já que despertou a minha curiosidade isso que começou a dizer e que me pareceu ter que ver com qualquer coisa que aconteceu há duas semanas, qualquer coisa que a fez sentir-se como se sente agora. Custar-lhe-ia falar-me disso?

– O TEC ou podia sedar-me durante um mês inteiro. Pode fazer isso. Penso que só preciso de estar um mês fora de circulação. Como um coma induzido. O senhor pode fazer isso se me quer mesmo ajudar.

O médico olhou para ela com uma paciência que quis tornar patente.

E ela devolveu-lhe um sorriso aterrador, um sorriso isento de qualquer afeto, como se alguém lhe tivesse contraído os músculos ao redor da boca com elétrodos tigmotáticos. Os dentes que o sorriso mostrava evidenciavam a clássica falta de atenção que os maníaco-depressivos prestam à higiene oral.

– No que estava a pensar dizer-lhe era que o doutor vai julgar que estou louca se lhe disser. Mas então lembrei-me do sítio em que estava. – Emitiu um som que pretendia ser uma risada; foi um som agudo, dentado. – Ia dizer-lhe que às vezes penso que a sensação talvez possa ter que ver com o *Hope*.

– *Hope?*

Tinha mantido os braços cruzados sobre o peito e embora o quarto estivesse excessivamente aquecido, a doente passava continuamente as palmas das mãos pelos braços, um gesto associado ao frio. A posição e o movimento ocultavam a parte interior dos braços. Sem que ele tivesse dado conta, as sobrancelhas do médico tinham-se tornado sinclinais devido à perplexidade.

– *Bob.*

– *Bob?*

Estava a preocupar o médico que a sua incapacidade de fazer a menor ideia do que dizia a rapariga se tornasse evidente e pudesse acentuar a sensação de

solidão e de dor psíquica dela. Em geral, os unipolares clássicos são atormentados pela convicção de que ninguém os consegue ouvir ou compreender quando tentavam comunicar. Daí as piadas, os sarcasmos, a psicopatologia de esfregar inconscientemente os braços.

Kate Gompert moveu a cabeça de um lado para o outro como um cego.

– Deus do Céu, que estou *a fazer* aqui? *Bob Hope.* Droga. Passa. Porro. Ganza. Erva. – Fez um rápido gesto de levar os dedos à boca como se estivesse a fumar. – Os passadores a quem a compro dizem que lhe devemos chamar *Bob Hope* quando lhes ligamos, não vá dar-se o caso de terem os telefones sob escuta. Devemos perguntar se o *Bob Hope* está na cidade. E se têm, normalmente respondem: «O *Hope* é eterno.» É uma espécie de código. Um miúdo faz com que lhe peças para fazer o favor de cometer um crime. Os passadores que aguentam fora da prisão tempo suficiente costumam ficar meio paranoicos. Como se conseguissem enganar alguém com um mínimo de informação se o telefone estiver sob escuta. – Ela parecia mesmo mais animada. – E há um tipo em especial com serpentes numa caravana em Allston, ele...

– Então está a dizer que as drogas podem ser um fator...

O rosto da jovem deprimida voltou a ficar vazio de qualquer expressão. Adotou durante um momento o que o pessoal dos Serviços Especiais chama Olhar de Mil Metros.

– *Drogas* não – replicou lentamente. O médico sentiu o cheiro de vergonha no quarto, azedo e urémico. O rosto dela exibia agora uma expressão longinquamente dorida. – Parar – prosseguiu ela.

O médico sentiu-se bem quando lhe voltou a dizer que não tinha a certeza de estar a perceber o que ela queria partilhar com ele.

Então ela fez uma série de caretas que impediram de um ponto de vista clínico que o médico determinasse se ela estava a ser sincera ou não. Tinha ar de quem estava a sentir mágoa ou a suprimir o riso. Disse:

– Não sei se vai acreditar em mim. Preocupa-me que pense que estou demente. O meu problema é a droga.

– Está a falar de marijuana.

Por uma razão qualquer, o médico tinha a certeza de que Kate Gompert fingia snifar em vez de snifar realmente.

– Marijuana. A maior parte das pessoas pensa na marijuana como uma

substância inofensiva, deve saber, como uma planta natural que faz as pessoas sentirem-se bem, do mesmo modo que a urtiga causa comichão. E quando alguém diz que tem problemas com o *Hope*, as pessoas riem-se. Porque lá fora há drogas muito mais perigosas. Acredite que sei.

– Não estou a rir-me de si, Katherine – disse o médico, falando a sério.

– É que gosto *muito*. Às vezes parece ser o centro da minha vida. Sei que não me faz bem e disseram-me que não devo fumar quando estou a tomar *Parnate* porque o doutor Garton garante que ninguém sabe ao certo que efeitos pode ter e que é uma roleta. Mas ao fim de algum tempo digo a mim mesma que já passou tempo suficiente e que as coisas vão ser diferentes desta vez, mesmo se estiver a tomar *Parnate*, e volto a fumar, recomeço. Começo por dar um par de passas depois do trabalho para aguentar até ao jantar, porque o jantar com a minha mãe é... bom, mas depois fico no quarto com a ventoinha apontada para a janela toda a noite a preparar cachimbadas e a deitar fumo para a ventoinha a fim de eliminar o cheiro. E digo à minha mãe para dizer que não estou em casa se alguém ligar e minto sobre o que faço durante toda a noite no quarto embora ela não me pergunte. Umas vezes pergunta e outras não. E pouco tempo depois já estou a fumar no emprego, durante os períodos de descanso, vou para a casa de banho, ponho-me de pé na sanita e fumo expirando para a janela; há uma janelinha no alto com o vidro embaciado e sujo e cheio de teias de aranha e odeio aproximar a cara de lá, mas se a limpar receio que a senhora Diggs ou qualquer outra pessoa se aperceba de que alguém esteve à janelinha, de pé nas bordas da sanita; e lavo muito bem os dentes e uso frascos de colírio[30] por atacado, ponho a consola em áudio e tenho sempre necessidade de beber mais água antes de responder à consola porque a minha boca está demasiado seca para falar, sobretudo se estiver a tomar *Parnate*, o *Parnate* seca-me a boca. E em breve fico completamente paranoica, de modo que todos percebem que estou pedrada, ali sentada no escritório, em grande, a feder a erva e sou a única pessoa que consegue dizer que fedo a erva, e fico obcecada com da ideia de Será Que Sabem?, Dão Conta?, e pouco tempo depois digo à minha mãe para telefonar a dizer que estou doente para poder ficar em casa depois de ela sair para o trabalho sem ter que me preocupar com o facto de Alguém Fique a Saber e fumo para a ventoinha e deito *Lysol* em todo o quarto e borrifo a casa com ambientador *Ginger* até que tudo fica a cheirar a *Ginger* e fumo e fumo e vejo os horríveis

programas diurnos no telecomputador porque não quero que a minha mãe veja cartuchos de filmes alugados quando devo estar doente na cama e começo a ficar obcecada com a ideia de Será Que Ela Sabe? Sinto-me cada vez pior e farta de mim mesma por fumar tanto, isto passa-se ao fim de duas semanas, e começo a consumir e a pensar só em deixar de fumar todo aquele *Bob* para poder voltar ao trabalho e começar a dizer estou aqui quando me telefonam, para poder recomeçar a *viver* de uma vez por todas em vez de ficar sentada em pijama a fingir que estou doente como uma aluna de liceu e a fumar agarrada ao telecomputador, e depois de ter fumado tudo o que tinha, digo Acabou, é a Última Vez, e atiro para o caixote do lixo o papel e o cachimbo; é provável que já tenha deitado fora uns cinquenta cachimbos, incluindo alguns bem bonitos de bronze e de madeira, até um par do Brasil; os tipos do camião de recolha do lixo devem passar várias vezes pelo nosso caixote do lixo para ver se ganham outro cachimbo dos bons. E deixo de fumar. Deixo. Fico farta, não gosto daquilo que me faz. E volto para o emprego onde tenho de trabalhar como uma mula para compensar as duas semanas perdidas e recupero as forças para poder recomeçar tudo do zero, sabe? – O rosto e os olhos da jovem passavam por toda uma série de configurações afetivas, parecendo inexplicavelmente, a um nível pessoal, de certa maneira vazias de emoção genuína e talvez não sinceras de todo. – E é assim que a coisa se passa – acrescentou. – E um par de semanas depois de ter fumado à grande e de por fim ter deixado de o fazer e voltar realmente a viver, ao fim de duas semanas, esta *sensação* começa a dar sinal de si, no início muito ao de leve, por exemplo, às primeiras horas da manhã quando me levanto ou quando estou à espera do autocarro para vir jantar a casa. E tento negar isso, a sensação, ignorá-la, porque temo-a mais do que qualquer outra coisa.

– A sensação que descreve, ela começa a penetrar?

Kate Gompert respirou fundo por fim.

– E então faça eu o que fizer, a coisa fica cada vez pior, é cada vez mais evidente, o filtro cai e a sensação faz o medo da sensação aumentar, e duas semanas depois entranha-se, a sensação, estou completamente dentro dela e tudo tem de passar por ela para entrar e eu não quero fumar mais *Bob* nem ir trabalhar nem sair, ler, ficar agarrada ao telecomputador ou ficar em casa a fazer alguma coisa ou a não fazer nada. *Tudo* o que quero é que a sensação *desapareça*. Mas não desaparece. Parte da sensação é como estar disposta a fazer o que quer que

seja para que desapareça. Entendo isso. *O que quer que seja*. Percebe? Não é querer fazer mal a mim mesma, é querer que *não fazer mal*.

O médico nem sequer fingiu estar a tomar notas daquilo que tinha acabado de lhe ser dito. Não podia deixar de tentar determinar a sensação de falta de sinceridade que a doente projetava durante o que clinicamente parecia uma manobra importante e um movimento no sentido da confiança e do desvelamento estava de facto projetada pela doente ou de alguma maneira contratransferida ou contraprojetada pela própria mente do médico para a doente devido a um tipo qualquer de ansiedade em relação às possibilidades terapêuticas críticas que as revelações dela podiam representar sobre a sua preocupação quanto às drogas. O tempo que despendeu a pensar isto deu a ideia de ser uma avaliação séria e ponderada do que Kate Gompert tinha dito. Esta estava outra vez a contemplar as interações dos seus pés com os ténis vazios e o seu semblante mostrava expressões associadas à dor e ao sofrimento. Nenhum dos textos clínicos que o médico tinha lido para este turno psiquiátrico sugeria uma relação entre episódios unipolares e desabituação do consumo de produtos da canábis.

– Portanto, Katherine, isso aconteceu no passado, antes dos seus outros internamentos hospitalares.

O rosto dela, distorcido pelo ângulo inclinado, ia adquirindo as configurações amplas e contorcidas do choro, mas não houve lágrimas.

– Só quero que me dê uns choques. Tire-me desta situação. Farei o que quiser.

– Katherine, alguma vez explorou esta possível relação entre o consumo de canábis e as suas depressões com o seu terapeuta habitual?

Kate não respondeu diretamente. Na opinião do médico, o rosto dela denotava perda de associações; o semblante permaneceu inexpressivo.

– Já recebi choques antes e isso livrou-me da sensação. Correias. Enfermeiras com os ténis envoltos em bolsinhas verdes. Injeções antissaliva. Uma coisa de borracha na boca. Geral. Só tive de suportar algumas dores de cabeça. Não me importei *nada*. Sei que toda a gente pensa que é uma coisa horrível. Como naquele velho cartucho com o Nichols e o índio grande. Distorção. Aqui aplicam choques gerais, não aplicam? É um tratamento, não é? Não é assim tão mau. Faço isso de boa vontade.

O médico estava a resumir a escolha de tratamento feita por ela, coisa a que

tinha direito, na folha do historial clínico. Tinha uma caligrafia excecionalmente perfeita para um médico. Escreveu *Tire-me desta situação* entre comas. Acrescentou o seu próprio comentário *E depois?*, quando Kate Gompert começou a chorar a sério.

Imediatamente antes da 01h45 do dia 2 de abril do ARIAD, a mulher dele regressou ao lar, destapou o cabelo, entrou e viu o adido médico do Médio Oriente e a cara dele e a bandeja e a maculada condição em que estava a poltrona reclinável e aproximou-se a correr gritando o nome dele sem obter resposta; ele continuava a olhar fixamente para a frente; e ela acabou naturalmente por perceber que a expressão dele parecia muito positiva, extática mesmo, era possível dizer. E ela acabou naturalmente por virar a cabeça e a linha de visão do marido para o leitor de cartuchos.

A Gerhardt Schtitt, treinador principal e diretor de atletismo da Academia de Ténis de Enfield, Enfield, Massachusetts, foi-lhe asperamente solicitado pelo reitor, doutor James Incandenza, que aceitasse ser membro da direção no momento em que tinham terraplanado a colina da Academia e esta começava a funcionar. Incandenza havia tomado a decisão de que faria Schtitt entrar no barco a qualquer preço, apesar de Schtitt ter sido forçado a pedir a demissão da direção de um acampamento Nick Bolletieri em Sarasota por causa de um infeliz incidente relacionado com um pingalim.

Contudo, na atualidade, quase toda a gente da ATE pensa que as histórias sobre os castigos corporais de Schtitt foram magnificadas a despropósito porque, embora Schtitt ainda se sinta atraído por botas altas, pretas e brilhantes e também por enchumaços nos ombros e até por um ponteiro telescópico de meteorologista que é um claro substituto do seu antigo e proibido pingalim; ele, Schtitt, agora perto dos setenta anos, amaciou até se tornar uma espécie de estadista experimentado, e é mais um dispensador de abstrações que de medidas disciplinares, mais um filósofo que um rei. A sua presença sente-se aqui sobretudo de um modo verbal; o ponteiro de meteorologista nunca teve qualquer contacto corretivo com uma única nádega atlética nos nove anos de Schtitt na ATE.

No entanto, embora tenha todos estes *Lebensgefährtins*[31] e pró-reitores a quem administrar muitas das pequenas e necessárias crueldades que forjam o carácter,

Schtitt ainda se diverte em certas ocasiões.

De modo que quando Schtitt se enfarpela com o capacete de cabedal e os grandes óculos protetores e põe em marcha a velha mota *BMW* da era da Alemanha Federal e escolta os pelotões suados da ATE pelas colinas da Avenida Commonwealth em direção a East Newton nas suas marchas vespertinas, fazendo um uso judicioso da sua zarabatana para estimular os mais retardatários, em geral é Mario Incandenza, de dezoito anos, que vai no *sidecar*, cuidadosamente preso com correias, com o vento a despentear-lhe o cabelo da parte de trás da cabeça descomunal, radiante e saudando com a garra as pessoas conhecidas. É provavelmente estranho que o leptossomático Mario I., tão afetado que nem sequer é capaz de agarrar o cabo de uma raqueta, e muito menos bater numa bola em movimento, seja o rapaz da ATE cuja companhia Schtitt mais aprecia; de facto, é a única pessoa com quem Schtitt conversa sem desconfiança, pondo de lado as suas pretensões pedagógicas. Mostra-se distante com os seus pró-reitores e trata Aubrey DeLint e Mary Esther Thode com um formalismo quase paródico. E frequentemente, nos cálidos entardeceres, Mario e o treinador Schtitt encontram-se a sós sob o toldo dos campos da zona leste, ou sob a imensa e acobreada faia a oeste do edifício da Administração, ou sentados a uma das mesas de piquenique de madeira de sequoia coberta de iniciais gravadas a canivete ao lado do carreiro que sai das traseiras da residência do reitor, onde a mãe e o tio de Mário vivem. É ali que Schtitt costuma saborear uma cachimbada pós-prandial e Mario goza o perfume das coreópsis ao longo das veredas dispostas em quincôncio, o aroma doce dos pinheiros e o almíscar fermentado das sarças das ladeiras da colina. E também gosta do odor sulfuroso do tabaco preto austríaco de Schtitt. Em geral, Schtitt fala e Mario ouve. Mario é essencialmente um ouvinte nato. Um aspeto positivo de estar visivelmente diminuído é que às vezes as pessoas se esquecem de que está ali alguém, mesmo quando está a interagir com elas. É quase como escutar às escondidas. É como se fosse assim: se realmente não está ninguém, não há razão para ter vergonha. Por isso, os ouvintes diminuídos são tantas vezes obrigados a ouvir tanta porcaria: a revelação de crenças profundas, sonhos privados em forma diarística transmitidos em voz alta; e, ouvindo, o rapaz radiante e bradicinético chega a forjar uma relação interpessoal que sabe que só ele pode verdadeiramente sentir.

Schtitt tem aquele tipo de físico seco e fibroso vagamente repulsivo dos

homens de mais velhos que praticam muito desporto. Tem uns assombrados olhos azuis e usa o resplandecente cabelo branco cortado à escovinha daquela maneira que faz com que homens que na realidade já perderam muito cabelo pareçam viris e em boa forma. E a pele tão limpa, branca e quase brilhante como papel: uma óbvia imunidade aos raios ultravioleta solares; na penumbra, à sombra dos pinheiros, é quase de um branco brilhante, como se fosse feita de material lunar. É capaz de focar a sua atenção de uma forma muito precisa, abrindo as pernas por causa da varicocele, pondo um braço sobre o outro e endireitando-se com o cachimbo como ponto de referência. Mario consegue permanecer sentado e imóvel durante um período de tempo bastante longo. Quando Schtitt exala o fumo em diferentes formas geométricas que ambos dão a ideia de estudar como superior atenção, fá-lo com pequenos sons cujo carácter plosivo varia entre o P e o B.

– Penso em todo esse mito de eficácia sem perdas que está a ser criado por este continente de países em que habitamos. – Exala fumo. – Sabes o que é um mito?

– É como uma história?

– Ah! Uma história inventada. Para algumas crianças. Uma eficiência de que só Euclides é capaz. Para crianças indiscriminadas. Avante! Vamos! Isto é mito.

– Em verdade não há crianças indiscriminadas.

– Este mito de competitividade e perfeição que forjamos aqui para os jogadores. Aqui acredita-se que a maneira mais eficaz de andar é sempre em frente. Vamos! A história de que a distância mais curta entre dois pontos é uma linha reta, não é assim?

– É assim?

Schtitt pode servir-se da boquilha do cachimbo para sublinhar qualquer coisa.

– Mas o que é que acontece quando andas e alguma coisa surge no teu *caminho*? Avanças: chocas: catrapus.

– Meu Deus!

– Então onde está o caminho mais curto? Onde é que para a linha reta e eficaz de Euclides? E quantos dois pontos há que não tenham qualquer coisa entre eles, afinal?

Pode ser um entretenimento observar como os mosquitos dos pinheiros morderem ao crepúsculo o luminoso Schtitt, que não lhes presta nenhuma

atenção. O fumo não os afugenta.

– Quando eu era um rapazola e treinava para competir, as nossas instalações de treino tinham um letreiro onde era possível ler em grandes maiúsculas: SOMOS O QUE CAMINHAMOS ENTRE DOIS PONTOS.

– Caramba!

É uma tradição, provavelmente baseada nos vestiários do All-England de Wimbledon, que todas as academias de ténis que se prezem tenham o seu lema afixado na parede dos vestiários, uma preciosidade aforística qualquer que pretende descrever e informar sobre a filosofia característica do sítio. Após a morte do doutor Incandenza, pai de Mario, o novo reitor, o doutor Charles Tavis, um cidadão canadiano, meio-irmão ou irmão adotivo da senhora Incandenza, dependendo da ocasião, fez substituir o lema fundador de Incandenza – *TE OCCIDERE POSSUNT SED TE EDERE NON POSSUNT NEFAS EST*[32] – pelo mais atual de O HOMEM QUE CONHECE AS SUAS LIMITAÇÕES NÃO TEM NENHUMA.

Mario é um fervoroso admirador de Gerhardt Schtitt, a quem a maioria dos rapazes da ATE considera talvez louco e em qualquer caso demencialmente discursivo, mas fingem ter-lhe respeito devido em grande parte ao facto de Schtitt ainda supervisionar pessoalmente os treinos diários e poder, caso se encolerize com alguém, levar Thode e DeLint a tornarem as coisas particularmente difíceis durante os exercícios matinais.

Uma das razões que levaram o falecido James Incandenza a insistir tanto na contratação de Schtitt para a ATE radicava no facto de que este, como o próprio fundador (que tinha regressado ao ténis e a seguir ao cinema após um passado em matéria de ciência ótica baseada nas matemáticas duras), encarava o ténis mais como um matemático puro que como um técnico. A maioria dos treinadores de ténis juvenil é essencialmente composta por técnicos, pessoas que julgam ser capazes de resolver os problemas que os dados estatísticos apresentam através da prática pura e dura, e que tendem portanto a ministrar lições de psicologia de trazer por casa e a fazer discursos motivacionais. A opinião de Schtitt de que a estatística não era para levar a sério foi justamente o que convenceu Incandenza sobre a valia de Schtitt durante a convenção de 1989 AS[33] da USTA sobre sistemas de arbitragem fotoelétricos; para Schtitt estava claro que o ténis a sério não era a mistura de ordem estatística e potencial

expansivo que os técnicos reverenciavam mas efetivamente o contrário: era a *não* ordem, o *limite,* os lugares onde se quebram as coisas, fragmentadas em beleza. Que o ténis a sério era tão redutível a fatores delimitados ou a curvas de probabilidade como o xadrez ou o boxe, os dois desportos de que o ténis deriva como um híbrido. Resumindo, Schtitt e o importante ótico da AEC (isto é, Incandenza), cujo feroz enfoque de serviço plano e ataque imediato à rede lhe tinham permitido passar pelo MIT sem pagar um cêntimo, e cujo informe de consultor sobre a sinalização fotoelétrica ultrarrápida foi incompreensível para os manda-chuvas da USTA, viram-se por pura simpatia a defender a ideia do carácter excecional do ténis em relação à regressão estatística. Se ainda pertencesse ao mundo dos vivos, o doutor Incandenza descreveria o ténis atual nos termos paradoxais do que se chama agora «Dinâmica ExtraLinear[34]». E Schtitt, cujo conhecimento da matemática formal talvez seja igual ao de um aluno de jardim de infância da Formosa, parecia saber o que pareciam desconhecer Hopman, Van der Meer e Bollettieri: que localizar a beleza e a arte e a magia e o aperfeiçoamento e a chave da excelência e da vitória no prolixo fluir de um jogo de ténis não é uma questão fractal de redução do caos a um padrão. Parecia intuitivamente sentir que não se tratava de maneira nenhuma de uma questão de redução mas – perversamente – de expansão, a vibração aleatória de um crescimento incontrolado e metastático – cada bola bem batida admitindo ene possíveis devoluções, ene ao quadrado possíveis respostas a essas devoluções, e assim até aquilo que Incandenza descreveria, a qualquer pessoa que partilhasse os seus conhecimentos, como um *continuum* cantoriano[35] de infinitos de possíveis movimentos e respostas, cantoriano e belo porque *in*folheado, *contido,* esta infinidade diagnata de infinidades de opções e execuções, matematicamente descontrolada mas humanamente *contida,* limitada pelo talento e pela imaginação do próprio e do seu adversário, concentrada em si mesma pelas fronteiras delimitadoras da habilidade e da imaginação que finalmente fazem tombar o jogador, que não permitem que os dois ganhem, acabando por fazer disto um jogo, estes limites do ser.

– Quer dizer que as linhas do campo são fronteiras? – tentou perguntar Mario.

– *Lieber Gott nein* – replicou Schtitt com um som plosivo de desagrado.

Schtitt gosta mais de fazer formas com o fumo do que anéis, coisa em que é bastante fraco, exalando principalmente cachorros-quentes cor de lavanda que

Mario considera maravilhosos.

O problema de Schtitt: como muitos europeus da sua geração, ancorados desde a infância numa série de valores permanentes que – sim, está bem, adquirido – podem chegar a um potencial toque protofascista, mas que realmente, no entanto (os valores), ancoram lindamente a alma e o decurso de uma vida – coisas patriarcais do Velho Mundo como honra e disciplina e fidelidade a uma entidade maior – a Gerhardt Schtitt não desagradam por aí além os modernos EUA ONANizados que contudo acha serem ao mesmo tempo cómicos e assustadores. Provavelmente quase só *estranhos*. Isto não deveria ser exposto desta maneira, mas Mario Incandenza tem uma gama bastante limitada de memória literal. Schtitt foi educado num *gymnasium* pré-Unificação de acordo com a ideia bastante kantiano-hegeliana de que os desportos juvenis são na sua essência apenas um treino para a cidadania, que os desportos juvenis ensinam a sacrificar os cálidos e estreitos imperativos do Ser – as necessidades, os desejos, os temores, os anseios multiformes da vontade de apetências do indivíduo – aos imperativos mais vastos de uma equipa (pois, o Estado) e um conjunto de regras delimitadoras (pois, a Lei). Dá a impressão de ser uma coisa assustadoramente obtusa, mas não para Mario, que ouvia sentado no lado contrário da mesa de sequoia. Ao aprender na *palestra* as virtudes são resultado direto dos desportos de competição, o rapaz bem disciplinado começa a reunir as capacidades mais abstratas e inicialmente menos gratificantes que são necessárias para que se torne um «jogador de equipa» num campo maior: o caos moral ainda mais subtilmente difratado do cidadão ao serviço exclusivo do Estado. Só que Schtitt diz «Ah!», mas quem pode pensar que este treino serve os seus objetivos numa nação experialista e exportadora de resíduos que esqueceu as privações, as dificuldades e a disciplina que são ensinadas pelas dificuldades obrigatórias? Uns E.U. de uma A. moderna onde o Estado não é uma equipa nem um código mas uma espécie de torpe interseção de desejos e medos, onde o único consenso público a que um rapaz se deve sujeitar é a primazia reconhecida de perseguir sem desvios esta ideia limitada e enfadonha da felicidade pessoal.

– O prazer feliz de uma única pessoa, percebes?

– Mas então por que razão deixa que DeLint prenda os ténis de Pemulis e de Shaw às linhas se as linhas não são fronteiras?

– Sem isso, há uma coisa ainda maior. Nada para conter e dar sentido.

Solitário. *Verstiegenheit*[36].

– Abençoado seja.

– Seja que coisa for. O *quê*: isto é mais importante do que haja *alguma coisa*.

Uma vez Schtitt estava a contar a Mario, enquanto o primeiro caminhava e o segundo cambaleava pela Avenida Commonwealth em direção a Allston a fim de encontrar um bom gelado *gourmet* por lá, que quando tinha a idade de Mario – ou talvez a de Hal – ele, Schtitt, apaixonara-se por uma árvore, um salgueiro que visto à luz de um certo crepúsculo húmido lhe parecera uma misteriosa mulher rodeada de um torvelinho de gazes, uma árvore em certa *Platz* de uma cidade alemã ocidental qualquer cujo nome fez Mario lembrar-se do som de alguém a ser estrangulado. Schtitt contou-lhe que tinha sofrido muito por causa dessa árvore:

– Ia lá todos os dias, para estar com a árvore.

Caminhava um e cambaleava o outro, à procura do gelado; Mario movia-se como se efetivamente fosse o mais velho dos dois; não prestava atenção aos seus passos porque tentava fazer um esforço para refletir sobre aquilo em que Schtitt acreditava. A expressão de Mario quando se esforça para refletir sobre alguma coisa parece aquilo que para outra pessoa seria uma espécie de cara comicamente distorcida que é costume pôr para divertir um bebé. Estava a pensar na maneira de articular uma forma razoável de pergunta: Mas então como funciona esta rendição-das-necessidades-pessoais-do-indivíduo-ao-mais-vasto-Estado-ou-de-uma-árvore-adorada-ou-*alguma coisa* num desporto deliberadamente *individual* como o ténis júnior de competição, onde só há um contra outro?

E ainda, no entanto, também, quais são essas fronteiras, se não são marcações do campo, que contêm e dirigem a sua expansão infinita para dentro, que tornam o ténis como o xadrez sequencial, belo e infinitamente denso?

A estocada de Schtitt, e a sua grande e irresistível atração aos olhos do falecido pai de Mario: O verdadeiro adversário, a fronteira contentora, é o próprio jogador. Sempre e apenas o que está lá, no campo, para ser confrontado, combatido, trazido para a mesa para fixar os termos. O rival do outro lado da rede não é o inimigo: é mais o parceiro de dança. Para nós é aquilo que é a palavra *pretexto* ou *ocasião* para confrontar o eu. Como nós somos a ocasião para ele. As infinitas raízes da beleza do ténis são autocompetitivas.

Competimos com os nossos próprios limites para transcender o eu em imaginação e destreza. Desaparecemos no seio do jogo: quebramos limites: transcendemos: aperfeiçoamos: vencemos. Por isso o ténis é uma empresa essencialmente trágica, melhorar e crescer como um júnior sério, ambicioso. Tentamos liquidar e transcender o eu limitado cujos limites são aquilo que torna antes de mais possível este desporto. É trágico e triste e caótico e belo. Toda a vida é a mesma, como cidadãos do Estado humano: os limites animadores estão no interior, para serem mortos e chorados, eternamente.

Mario pensa num mastro de aço que se ergue para duplicar com que foi concebido e bate com o ombro no lado de aço verde de um caixote do lixo, fazendo uma meia pirueta ao cair antes de Schtitt acorrer para o agarrar, e quase parece que estiveram a praticar um passo de dança enquanto Schtitt diz que todos os jogadores estão na ATE para aprender a jogar, aprender este sistema infinito de decisões e ângulos e linhas que os irmãos de Mario se esforçaram tão brutamente para controlar: o desporto júnior não é senão uma faceta da verdadeira pedra preciosa: a guerra infinita da vida contra o eu sem o qual é impossível viver.

Schtitt cai então naquele tipo de silêncio de alguém que está a apreciar mentalmente rebobinar e voltar a ouvir o que acabou de dizer. Mario volta a refletir intensamente. Está a pensar na maneira de articular uma coisa como: Mas então combater e aniquilar o eu é o mesmo que autodestruirmo-nos? É o mesmo que dizer que a vida é pró-morte? Três gandulos de Allston macaqueiam e riem-se de Mario nas costas deles. Algumas das caras pensativas de Mario são quase orgásticas: alvoroçadas e frouxas. E assim qual é a diferença entre ténis e suicídio, vida e morte, desporto e o seu próprio fim?

É sempre Schtitt que acaba por experimentar alguns gelados exóticos. Mario acobarda-se sempre e opta pelo bom e velho chocolate elementar quando chega o momento de tomar uma decisão diante do balcão. Pensando na perspetiva de que é melhor o sabor de que se tem a certeza de já gostar.

– Pois. Talvez não haja nenhuma diferença – concede Schtitt sentando-se muito direito numa cadeira de alumínio, com Mario debaixo de um guarda-sol torto que faz mexer e tilintar sob o efeito da brisa a frágil mesa em que está enraizado. – Talvez não haja nenhuma diferença – repete, mordendo profundamente o cone tricolor. Apalpa o lado do queixo branco, onde há uma

espécie de inchaço vermelho. – Nenhuma diferença – volta a dizer deitando uma olhadela para o meio da avenida, onde está a passar pela ponte a composição da Linha Verde que desce ruidosamente a colina – a não ser a possibilidade de jogar. – Fica com ar radiante antecipando a risada que solta com o seu espantoso bramido germânico e diz: – Não? Sim? A possibilidade de jogar, não é?

E Mario deixa perder umas gotas de chocolate pelo queixo abaixo porque tem esta coisa involuntária de se rir sempre que alguém o faz e Schtitt pensa que aquilo que acabou de dizer é mesmo divertido.

ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

NÃO HÁ NENHUMA IRONIA engraçada no nome Tiny[*1] Ewell. É um minúsculo e élfico macho estado-unidense. Os pés dele só dificilmente tocam no chão do carro. Está sentado, sendo conduzido para leste, para os sombrios distritos de edifícios com três pisos de East Watertown, a oeste da cidade de Boston propriamente dita. Ao lado de Tiny Ewell vai um enfermeiro de reabilitação com a bata branca debaixo de um blusão de cabedal de piloto; tem os braços musculosos cruzados e olha placidamente, como uma vaca, o pescoço de intrincadas rugas do taxista. A janela do lado de Ewell tem um autocolante onde se agradece antecipadamente que não se fume. Tiny Ewell não usa nenhuma roupa de inverno por cima de um casaco e de uma gravata que não condizem e observa pela janela com uma intensidade nada plácida o bairro onde cresceu. Normalmente apanha ruas alternativas que lhe permitam evitar Watertown. O casaco e as calças dele são, respetivamente, número 26S e 26/24, a camisa uma das que a mulher atenciosamente lhe meteu na mala para que as levasse para o centro de desintoxicação e pendurasse em cabides que não se separam do varão. Como acontece com todas as camisas de trabalho de Ewell, só o peitilho e os punhos estão passados a ferro. Os sapatos de couro marca *Florsheim* brilham impecavelmente mas têm uma incongruente mancha branca provocada pelo pontapé que deu na porta de casa quando regressou de madrugada depois de uma reunião extraordinariamente importante com potenciais clientes e descobriu que a mulher tinha mudado a fechadura e apresentado uma ordem de restrição, comunicando com ele apenas através de mensagens passadas pela ranhura da caixa do correio que havia por baixo da aldrava de latão preto (a aldraba tinha sido pintada de preto) da porta branca. Quando Tiny se agacha e limpa a mancha com o polegar magro, ela só fica mais clara durante uns instantes. É a primeira vez que Ewell não calça chinelos desde o seu segundo dia de desintoxicação. Tiraram-lhe os seus *Florsheims* depois de vinte e quatro horas de abstinência terem decorrido, quando começou a delirar um pouco. Não parava de ver ratos a correr pelo quarto, roedores, animais daninhos, e quando apresentou queixa e exigiu que o quarto fosse desinfestado de imediato, começou a correr agachado e

a bater nos ratos com o tacão dos *Florsheims* que continuavam a sair das fichas elétricas e a correr repulsivamente por todos os lados, uma enfermeira de rosto amável acompanhada por dois homens espadaúdos com batas brancas acabou por negociar a troca dos sapatos por *Librium*, prevendo que o ameno sedativo desinfestaria aquilo que de facto precisava de ser desinfestado. Deram-lhe uns chinelos de espuma de borracha verdes com caras sorridentes gravadas na parte de cima. Os doentes em desintoxicação gostam de lhes chamar «chinelos felizes». Em privado, os enfermeiros preferem chamar-lhes «apanhadores de mijo». É o primeiro dia desde há duas semanas que Ewell está sem chinelos de espuma de borracha, pijamas de desintoxicação que deixam o cu à mostra e roupa de algodão às riscas. O dia do início de novembro é de nevoeiro e cinzento. O céu e a rua são da mesma cor. As árvores parecem esqueletos. Há um brilhante monte de lixo ao longo das costuras da rua e do passeio. Os edifícios estreitos têm três andares, encostados uns aos outros, cinzentos de molhe com rebordos de um branco salino, madonas nos pátios, cães de pernas tortas a lançarem-se contra as cercas. Uns miúdos com joelheiras e bonés jogam hóquei no pátio de cimento da escola. Só que nenhum parece estar em movimento. Os dedos ossudos das árvores fazem gestos de encantamento ao vento quando eles passam. East Watertown fica exatamente em linha reta entre o Centro de Reabilitação de Saint Mel e a casa de reintegração de Enfield. O seguro de Ewell paga o táxi. Ewell, com o seu corpo miúdo e rechonchudo e a pera branca e uma pela violentamente avermelhada que poderia passar por um remoto sinal de saúde, tem um aspeto parecido com o de Burl Ives em escala radicalmente reduzida, o falecido Burl Ives como impossível menino barbudo. Tiny olha pela janela para o vitral cor-de-rosa da igreja contígua ao pátio da escola onde os miúdos jogam/não jogam hóquei. O vitral cor-de-rosa não está iluminado nem de fora nem de dentro.

O homem que nos últimos três dias foi o companheiro de quarto de Ewell na enfermaria de desintoxicação do Hospital de Saint Mel está sentado numa cadeira de plástico azul de espaldar direito diante do aparelho de ar condicionado da janela do quarto dele e de Ewell, observando-o. O aparelho de ar condicionado zumbe e ronrona e o homem olha com absorta atenção para as lâminas da ranhura de ventilação. O fio elétrico do ar condicionado é grosso e branco e está ligado a uma engenhoca trifásica com marcas de tacões na parede à

volta. A temperatura do quarto em novembro é de cerca de doze graus centrígrados. O homem passa o termóstato do ar condicionado de quatro para cinco. As cortinas estremecem e agitam-se ao redor da janela. A cara do homem adota e deixa de adotar todo o género de expressões divertidas enquanto observa o ar condicionado. Continua sentado na cadeira azul tendo na mão trémula um copo de plástico de café e no regaço um prato de papel com bolachas onde deita a cinza dos cigarros cujo fumo faz volutas por cima da cabeça dele. O fumo começa a concentrar-se na parede do fundo, escorrendo e deslizando, frio, pela parede para formar um banco de fumo perto do chão. O perfil do homem tão intensamente divertido aparece no espelho de parede ao lado do armário partilhado pelos dois internados. O homem, como Ewell, tem o aspeto de cadáver áspero de quem está a fazer uma cura de desintoxicação em fase terminal de alcoolismo. Além disso, o homem tem uma cor amarelenta queimada por baixo da pele arroxeada devido a uma hepatite crónica. O espelho em que aparece a imagem dele está tratado com polímeros *Lucite* inquebráveis. O homem inclina-se cuidadosamente para diante com o prato de bolachas no regaço e muda o termóstato de cinco para seis e depois para sete, e depois para oito, prestando atenção às lâminas pelo meio das quais sai uma potente ventilação. Por fim põe o termóstato no máximo, nove. O ar condicionado ruge e brama e atira-lhe o cabelo para trás e a barba voa-lhe por cima do ombro, as cinzas giram e revoluteiam juntamente com migalhas em torno do prato de bolachas e a ponta do cigarro brilha intensamente e deita chispas. Está profundamente concentrado no que quer que seja que vê no nove. Ewell queixa-se de que ele lhe põe os nervos em frangalhos. O homem usa «apanhadores de mijo», um robe às riscas do Saint Mel e um par de óculos a que falta uma lente. Esteve a olhar para o ar condicionado todo o dia. A cara dele reproduz os pequenos sorrisos e caretas de alguém que está perfeitamente entretido.

Quando o espadaúdo enfermeiro negro meteu Tiny Ewell no táxi e depois se espremeu lá para dentro e disse ao taxista que queriam ir para a Unidade # 6 do Hospital de Veteranos da Marinha de Enfield, a pouca distância da Avenida Commonwealth, o condutor, cuja fotografia estava na licença de carro de aluguer de Massachusetts fixada com fita adesiva no porta-luvas, olhou para trás e para baixo, para a encanecida barba e para a tez avermelhada e para a roupa vistosa do pequeno Tiny Ewell, coçou a cabeça por baixo do boné e perguntou se ele

estava doente ou coisa do género.

Tiny Ewell tinha dito:

– É o que parece.

Por volta da meia-noite de 2 de abril do ARIAD: o adido médico do Médio Oriente; a devota mulher dele; o médico pessoal do adjunto pessoal do príncipe saudita Q., que tinha sido mandado ver por que razão o adido médico não havia aparecido no Back Bay Hilton de manhã e depois não tinha respondido ao *beeper*; o médico pessoal em pessoa, que tinha vindo ver por que razão o seu adjunto pessoal não havia regressado; dois seguranças armados da Embaixada que haviam sido enviados pelo candidiásico e furiosíssimo príncipe Q.; e dois impecáveis panfletários adventistas do Sétimo Dia que tinham visto cabeças humanas pela janela da sala de estar e encontraram aberta a porta principal e entraram com as melhores intenções espirituais – estavam todos a ver o filme em *loop* contínuo que o adido médico tinha enfiado no leitor do TC na noite anterior, sentados ou de pé muito imóveis e atentos, sem dar quaisquer sinais de inquietação ou de estarem minimamente desagradados, embora o quarto cheirasse na verdade muito mal.

---

*1 *Tiny* significa minúsculo, diminuto. *(N. dos T.)*

30 DE ABRIL DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

ESTAVA SENTADO SOZINHO, contemplando o deserto, com as costas iluminadas de vermelho e emolduradas em ardósia, observando uns camiões amarelos que se arrastavam pela terra castigada de um estaleiro de obra estado-unidense vários quilómetros a sudeste. A altura do afloramento rochoso permitia-lhe a ele, Marathe, abarcar quase toda a área com o código postal 6026 dos EUA, a sua sombra ainda não alcançava as zonas do centro da cidade de Tucson; ainda não. Os únicos sons que se ouviam no silêncio árido eram apenas o de um ténue e ocasional vento quente, o apagado som das asas de um inseto de vez em quando e algum desprendimento de areias soltas e de pedrinhas que deslizavam ao fundo da elevação.

E também o pôr do Sol sobre as colinas e as montanhas atrás dele: que diferença em relação aos entardeceres húmidos e tristes da primavera nas regiões Papineau do Sudoeste do Quebeque, onde a sua mulher tinha necessitado de ser tratada. Este (o pôr do Sol) assemelhava-se mais a uma explosão. Tinha lugar por cima e por detrás dele e ele virava-se para contemplá-lo: ele (o pôr do Sol) estava inchado e perfeitamente redondo e imenso, irradiando facas de luz quando ele piscava os olhos. Pendia e tremia ligeiramente como uma gota viscosa prestes a cair, pendia precisamente sobre os cumes dos montes Tortolita atrás dele (Marathe) e afundava-se devagar.

Marathe estava sentado sozinho, com uma manta sobre as pernas na sua *fauteuil de rollent*[37] feita por encomenda em cima de uma espécie de saliência ou prateleira a meio do penhasco, esperando, divertindo-se com a sua sombra. À medida que a luz decrescente vinda de trás atingia um ângulo mais e mais agudo, o famoso fenómeno *Bröckengespenst*[38] de Goethe aumentava e distendia a sua sombra sentada cada vez mais longe, de modo que os raios das rodas traseiras da cadeira projetavam sobre dois condados inteiros lá em baixo sombras-asteriscos gigantescas cujas finas linhas radiais negras ele podia fazer mover empurrando levemente os pneus das rodas; e a sombra da sua cabeça levou a uma noite ser prematuro a grande parte do subúrbio de West Tucson.

Parecia permanecer concentrado nesse jogo com as imensas sombras quando soou primeiro a gravilha e depois soaram sopros na empinada aba por detrás e acima dele, cascalho e pedras sujas rebolando pelo penhasco e passando pela sua cadeira e caindo da prateleira à sua frente, e depois o grito inequívoco do impacte de um indivíduo com um cato algures nas suas costas. Mas Marathe tinha observado sem se virar a sombra mastodôntica causada pela desajeitada descida do outro homem que era projetada até à cordilheira de Rincon para lá da cidade de Tucson; e pôde ver como essa sombra avançava para oeste em direção à sua própria enquanto M. Hugh Steeply dos Serviços Não Especificados descia duas vezes e praguejava em inglês dos EUA até que a sua sombra quase colapsou na própria sombra monstruosa de Marathe. Outro guincho ocorreu quando o agente de campo dos Serviços Não Especificados resvalou e deslizou pelos últimos metros sendo levado sobre o traseiro até à borda do precipício donde quase caiu; Marathe teve de largar a metralhadora que tinha debaixo da manta para agarrar o braço nu de Steeply e impedir a sua queda. A saia de Steeply estava obscenamente subida e os seus colãs cheios de malhas e espinhos. O agente sentou-se aos pés de Marathe, brilhando avermelhado na penumbra, com as pernas penduradas no precipício, respirando com dificuldade.

Marathe sorriu e largou o braço do agente.

– O sigilo assenta-te como uma luva.

– Caga no teu *chapeau* – bufou Steeply subindo as pernas para avaliar os danos nos seus colãs.

Falavam quase sempre inglês estado-unidense quando se encontravam assim, clandestinamente, no campo. M. Fortier[39] tinha pedido a Marathe para se relacionarem sempre em francês quebequense, como uma pequena concessão simbólica à AFR por parte do Departamento dos Serviços Não Especificados, que a Esquerda Separatista Quebequense apelidava sempre de BSS, Bureau de Services Sans Spécificité.

Marathe viu que uma coluna de sombra voltava a espalhar-se pelo chão do deserto para leste enquanto Steeply se apoiava numa mão para se levantar, uma gigantesca e bem alimentada figura que cambaleava sobre tacões. Os dois homens enviaram em conjunto uma estranha sombra *Bröckengespenst* em direção à cidade de Tucson, uma sombra redonda e radial na base e dentada na parte superior devido ao facto de que Steeply tinha despenteado a peruca durante

a descida. As enormes mamas protésicas de Steeply apontavam agora em direções incrivelmente distintas, uma quase para o céu vazio. A cortina mate da verdadeira sombra-crepúsculo do pôr do Sol movia-se muito lentamente através de Rincon e do deserto de Sonora, a leste de Tucson, ainda a muitos quilómetros de distância de escurecer totalmente a sua própria e imensa sombra.

Mas uma vez que Marathe tinha decidido não só fingir que atraiçoava os seus *Assassins des Fauteuils Rollents* para garantir cuidados médicos avançados para as necessidades médicas da mulher, mas também fazer isso a sério – trair, perfidamente: agora simulando diante de M. Fortier e dos seus superiores da AFR que apenas pretendia fingir que proporcionava algumas informações traiçoeiras ao BSS[40] – uma vez tomada esta decisão, Marathe ficava sem poder, servindo apenas os caprichos de comando de Steeply e do BSS de Hugh Steeply: e agora falavam quase sempre inglês estado-unidense, como Steeply preferia.

De facto, o quebequense de Steeply era melhor do que o inglês de Marathe, mas *c'était la guerre,* como é costume dizer.

Marathe fungou um pouco.

– Bom, então cá estamos os dois.

Vestia um anoraque e não transpirava.

Steeply tinha os olhos pintados de forma bastante exagerada. A parte de trás do vestido dele estava suja. Parte da maquilhagem tinha começado e escorrer. Estava a proteger os olhos do sol com uma espécie de continência e a olhar para cima e para trás deles para aquilo que restava do sol explosivo e fremente.

– Como é que conseguiste chegar cá acima?

Marathe encolheu lentamente os ombros. Como era habitual, Steeply ficou com a impressão de que estava a dormitar. Marathe ignorou a pergunta e limitou-se a dizer enquanto encolhia os ombros:

– O meu tempo é finito.

Steeply também tinha uma bolsa ou uma carteira de mulher.

– E a tua mulher? – perguntou, continuando a olhar para cima. – Como está a tua mulher?

– Lá se vai aguentando, obrigado – respondeu Marathe. O tom da sua voz não revelava nenhuma emoção. – E então vamos lá saber o que é que o teu departamento julga que quer saber?

Steeply cambaleava em cima de um pé enquanto descalçava um sapato e

sacudia a areia que tinha dentro.

– Nada de particularmente surpreendente. Algum alvoroço no Nordeste, na tua suposta zona de operações de que certamente ouviste falar.

Marathe inspirou pelo nariz. Um forte cheiro de perfume barato e com muito álcool saía não da pessoa de Steeply mas da bolsa, que não condizia com os sapatos. Marathe disse:

– Alvoroço?

– Parece que um civil recebe um certo artigo. Não me vais dizer que não estão a par disto. Este artigo não é de InterLace. Chega por correio físico, normal. Temos a certeza de que estás a par, Rémy. Uma cópia em cartucho de uma coisa a que poderíamos chamar entre nós «o Entretenimento». Pelo correio, sem aviso prévio nem motivo. Vindo do nada.

– De que nada?

O agente do BSS tinha suado através do ruge, de modo que a maquilhagem havia escorrido e dava-lhe um ar de puta.

– Uma pessoa sem nenhum valor político para ninguém a não ser para o ministro do Entretenimento saudita tornou-se uma coisa pestilencial.

– O adido médico, o especialista em digestão, é a ele que te estás a referir. – Marathe voltou a encolher os ombros daquela maneira francófona e irritante que pode exprimir várias coisas em simultâneo. – E o teu departamento pensa que o cartucho de Entretenimento pode ter sido difundido através dos nossos canais?

– Não desperdices o teu tempo finito, *ami,* velho amigo – disse Steeply. – Acontece que o incidente ocorreu na área metropolitana de Boston. Os códigos postais indicam que a encomenda viajou do deserto do Sudoeste e sabemos que o vosso mecanismo de vias de disseminação opera algures entre Phoenix e esta fronteira. – Steeply tinha-se aplicado a sério a tornar mais femininas as suas expressões e gestos. – Se não pensássemos na tua distinta célula seria como se na OSNE estivéssemos cegos à realidade, não achas?

Marathe trazia sob o anoraque uma camisa desportiva com o bolso da frente cheio de esferográficas. Disse:

– Nem sequer sobre as baixas temos informação. Desse alvoroço vindo do nada, como tu dizes.

Steeply estava a tentar retirar qualquer coisa teimosa do interior do outro sapato.

– Para cima de vinte, Rémy. Todos fora de ação. O adido e a mulher, a mulher de um cidadão saudita. Mais quatro desgraçados, todos com cartões da Embaixada. Um par de vizinhos ou coisa que o valha. Os outros quase todos polícias, antes de terem podido obter a informação suficiente para impedir a polícia de entrar sem a luz estar cortada.

– Agentes locais. *Gendarmes*.

– A polícia local.

– Os servidores da lei na terra.

– A polícia local estava, digamos, *impreparada* para um Entretenimento deste género. – Steeply acabou mesmo por descalçar e calçar os sapatos como uma muito feminina mulher estado-unidense equilibrando-se-numa-perna-e-pondo-o-outro-pé-atrás-do-rabo. Mas tinha um aspeto enorme e inchado para mulher, não só desinteressante mas também indiciador de qualquer coisa que se aproximava de desespero sexual. – O adido tinha estatuto diplomático, Rémy. Médio Oriente, saudita. Diz-se que era amigo íntimo de alguns membros menores da família real.

Marathe inspirou fundo pelo nariz, como se o tivesse congestionado.

– Um mistério – disse.

– Mas também um compatriota teu. Cidadão canadiano. Nascido em Otava, de pais árabes emigrados. O visto assinala residência em Montreal.

– E os Serviços Não Especificados talvez queiram perguntar se havia contactos subterrâneos que fariam desse indivíduo alguém não tão inofensivo, como seria se não tivesse essas ligações. Perguntar se a AFR não quisera fazer dele um exemplo.

Steeply estava a limpar a sujidade do traseiro batendo-lhe com força. Estava de pé quase diretamente por cima de Marathe. Este voltou a inspirar com força pelo nariz.

– Não temos nenhum médico do aparelho digestivo nem pessoal diplomático nas nossas listas de ativistas. Já tiveste a oportunidade de ver as listas iniciais da AFR. Nem nenhuns civis de Montreal. Temos, por assim dizer, marisco maior para cozer.

Enquanto dava palmadas no traseiro, Steeply contemplava o deserto e a cidade. Parecia ter dado conta do fenómeno *gespenst* da sua própria sombra. Fosse lá por que razão fosse, Marathe fingiu inspirar com força pelo nariz. O

vento era moderado e constante e tinha mais ou menos a temperatura de uma secadora de roupa estado-unidense em Low. Soava como um assobio agudo. Também havia sons de areia levada pelo vento. Ao fundo, de vez em quando, a Autoestrada Interestadual I-10 era atravessada por uma bola de ervas daninhas. A sua perspetiva especular, a luz avermelhada sobre as imensas rochas acobreadas e a crescente cortina crepuscular, o maior alongamento das suas monstruosas sombras agnáticas: aquilo tudo era quase hipnotizador. Nenhum deles conseguia desviar o olhar da paisagem que se estendia lá em baixo. Marathe era capaz de falar em inglês e pensar em francês ao mesmo tempo. O deserto tinha a cor parda da pele do leão. O facto de falarem sem olharem um para o outro, ambos com a vista na mesma direção, dava-lhes um ar de intimidade informal, como dois velhos amigos diante do telecomputador ou um par casado há muito tempo. Marathe pensou nisto enquanto abria e fechava a mão erguida, fazendo com que sobre a cidade de Tucson se abrisse e fechasse um rebento gigantesco e negro.

E Steeply ergueu os braços nus e esticou-os e cruzou-os, como se estivesse a pedir uma ajuda afastada; isto produziu xis e vês ogivais sobre grande parte da cidade de Tucson.

– No entanto, Rémy, esse adido civil, nascido na tua detestada Otava, mantinha contactos com um grande comprador de entretenimento transrede. E investigações subsequentes dos escritórios de Boston informam existirem possíveis pistas de uma possível relação prévia da vítima com a viúva do *auteur* que ambos sabemos ter sido o primeiro responsável pelo Entretenimento. O *samizdat*.

– Prévio.

Steeply tirou do bolso um maço daqueles cigarros belgas extralongos que são habitualmente fumados por senhoras.

– A mulher do realizador de cinema tinha ensinado em Brandeis, onde a vítima residia então. O marido estava na direção da AEC e diversas investigações levadas a cabo por diferentes agências indicaram que a viúva andava a foder tudo o que mexesse. – Depois de uma curta pausa em que era excecional, Steeply prosseguiu: – Em particular, tudo o que fosse canadiano.

– Então o que estás a sugerir é um envolvimento sexual e não político.

– A mulher também é do Quebeque, Rémy – disse Steeply. – Do condado de

L’Islet. O diretor Tine diz que esteve três anos na lista de *Personnes Qui On Doit* de Otava. Há uma coisa chamada sexo político.

– Contei-te tudo o que sabemos. Usar civis como advertências individuais à ONAN é coisa que não queremos. Tu sabes isso. – Marathe tinha os olhos quase fechados. – E as tuas tetas estão de esguelha. Os Serviços Não Especificados arranjaram-te umas mamas ridículas e agora estão apontadas para direções diferentes.

Steeply olhou para baixo. Um dos seios falsos (certamente falsos: certamente não chegariam aos hormonais, pensou Marathe) quase chegava ao queixo de Steeply quando o movimento de olhar para baixo lhe provocou uma papada.

– Pediram-me que fizesse uma verificação pessoal, é tudo – disse. – A sensação que tenho nos serviços é que os chefes consideram este incidente um quebra-cabeças. Há teorias e contrateorias. Há até contrateorias que sugerem erro, identidade errada, fraude doentia. – O seu encolher de ombros, com as mãos em cima das próteses, não teve nada de gaulês. – Ainda assim: vinte e três seres humanos perdidos para sempre: mas que grande fraude, não é verdade?

Marathe inspirou pelo nariz.

– Quem te pediu essa verificação pessoal foi o nosso mútuo M. Tine? Como é que lhe chamais, «Rod, um Deus»?

(Rodney Tine, senhor, diretor dos Serviços Não Especificados, reconhecido arquiteto da ONAN e da Reconfiguração continental, que tinha um ouvido na Casa Branca dos EUA, e cuja estenógrafa há já bastante tempo funcionava duplamente como a estenógrafa *jeune-fille-de-Vendredi*, de M. DuPlessis, antigo coordenador adjunto da Resistência Pan-Canadiana, e cuja apaixonada e mal disfarçada relação, de Tine, com esta amanuense dupla – uma Mlle. Luria Perec, de Lamartine, condado de L’Islet, Quebeque – levantou algumas dúvidas sobre as lealdades de alto nível de Tine, se ele «duplicava[41]» as lealdades para o Quebeque por amor de Luria ou as «triplicava» fingindo apenas divulgar segredos enquanto mantinha secretamente a sua lealdade aos EUA contrariando o impulso irresistível do amor, segundo se dizia.)

– *O*, Rémy. – Era evidente que Steeply não conseguia mudar a direção das mamas sem descer severamente o decote, ação que a sua timidez o impedia de realizar. Tirou uns óculos escuros da bolsa e pô-los. Estavam decorados com brilhantes falsos e tinham um aspeto absurdo. – Rod, *o* Deus.

Marathe controlou-se e não disse nada sobre o ar dele. Steeply gastou vários fósforos para acender um cigarro ao vento. A invasão do verdadeiro crepúsculo começou a esborratar a caótica sombra da sua cabeleira postiça. Luzes elétricas começaram a piscar nas colinas Rincon, a leste da cidade. Steeply tentou envolver o fósforo com o corpo para proteger a chama.

Há uma manada de hámsteres ferais, uma manada importante, correndo atroadora pelas planícies amarelas dos confins do Sul da Grande Concavidade na zona que antes era Vermont, levanta uma poeirada que causa uma nuvem urémica, tonalidade com formas somáticas interpretáveis de tão longe como Boston e Montreal. A manada descende de dois hámsteres domésticos libertados por um miúdo de Watertown no princípio da emigração experialista no subsidiado Ano do Whopper. O rapaz frequenta agora a Universidade de Champaign, no Illinois, e esqueceu-se dos nomes dos seus hámsteres: *Ward* e *June*.

O ruído da manada tornou-se tornádico, locomotivo. A expressão nas caras com bigodes dos hámsteres é séria e implacável – é aquela expressão implacável das manadas. Estrondeiam em direção a oeste através do território aluminoferroso que na atualidade é um terreno baldio e despido. A leste, ofuscado pela nuvem fulva que os hámsteres levantam, está o vívido e esverdeado contorno rasgado dos bosques angularmente sobreadubados daquilo que antigamente era o Maine Central.

Todos estes territórios são agora propriedade do Canadá.

Com respeito a uma manada deste tamanho, é favor exercitar essa espécie de sensatez que quando pensamos nela manteria todos os seres pensantes longe da Concavidade do Sudoeste. Os hámsteres ferais não são animais domésticos. Não são para brincadeiras. É conveniente não estar por perto. Não se deve levar nada que seja, mesmo que remotamente, vegetal quando alguém se cruza com uma manada feral. Se isso acontecer, há que andar rapidamente e sem perder a serenidade numa direção perpendicular à deles. Se americano, o Norte não é aconselhável. Andar para sul, com calma mas depressa, em direção a uma metrópole fronteiriça, por exemplo, Rome, Nova Nova Iorque, ou Glens Falls, Nova Nova Iorque, ou Beverly, Massachusetts, ou esses lugares fronteiriços entre elas em que os gigantescos ventiladores protetores ATHSCME, sobre os muros de proteção imensamente convexos de *Lucite* anodizado, mantêm

afastado o banco baboso e cor de urina de nuvens teratogénicas da Concavidade empurrando-o para norte, afastando-o, em farrapos, por cima das cabeças protegidas.

O inglês cerrado de Steeply era ainda mais difícil de perceber com um cigarro na boca.

– E é claro que vais transmitir este pequeno interface nosso ao Fortier – disse.

Marathe encolheu os ombros.

– *’n sûr*.

Steeply conseguiu acendê-lo. Era um homem corpulento e mole, uma espécie de brutal atleta estado-unidense de desportos de contacto que tivesse engordado. Marathe achava que ele se parecia menos com uma mulher que com uma má paródia de mulher. A eletrólise tinha-lhe causado manchas de diminutos pontos vermelhos nas mandíbulas e no lábio superior. Também o cotovelo para fora, o braço a segurar o fósforo a acender, que não é como as mulheres acendem cigarros, porque estão habituadas a mamas e acendem o cigarro com o cotovelo para dentro. Steeply também caminhava sem graça nenhuma em saltos altos na superfície irregular da rocha. Em circunstância alguma deu inteiramente as costas a Marathe quando estava na borda do afloramento. E Marathe tinha as rodas da cadeira firmemente travadas e segurava com força a coronha rugosa da pistola-metralhadora. A bolsa de Steeply era pequena e de um preto brilhante. Os óculos dele tinham aros femininos e pedras preciosas falsas dos lados. Marathe pensava que havia qualquer coisa em Steeply que se regozijava com o seu aspeto grotesco e que gostava da humilhação dos disfarces que lhe eram impostos pelos superiores do BSS.

Steeply ficou a olhar para ele, provavelmente, atrás dos óculos escuros.

– E perguntei-te agora mesmo se irias transmitir a informação e tu disseste *bien sûr*?

O riso de Marathe tinha a infelicidade de soar a falso e a excessivamente caloroso, fosse ou não sincero. Fez um bigode com um dedo, fingindo por uma razão qualquer ter de impedir a vontade de espirrar.

– E estás a confirmar isto porquê?

Steeply coçou-se por baixo da borda da cabeleira falsa com (estupidamente, perigosamente) o polegar da mão que segurava o cigarro.

– Bem, Rémy, já estás a triplicar, não é verdade? Ou será a quadruplicar? Sabemos que o Fortier e a AFR sabe que estás aqui agora comigo.

– Mas saberão os meus irmãos em cadeiras de rodas que tu tens conhecimento disto, que me enviaram para que eu fingisse fazer jogo duplo?

A arma de Marathe, uma pistola-metralhadora *Sterling UL35* de nove milímetros com silenciador *Mag Na Port*, não tinha patilha de segurança. A coronha volumosa, com textura rugosa como de seixos, estava quente devido ao contacto com a palma da mão dele, fazendo por sua vez a palma da mão transpirar por baixo da manta. De Steeply só houve silêncio.

Marathe disse:

– ...será que me limitei a *fingir* que fingia fingir trair[42]?

A luz do deserto dos EUA tinha-se tornado triste, mais de metade do redondo Sol escondera-se atrás das Tortolitas. E agora as rodas da cadeira e as grossas pernas de Steeply produziam sombras sob a linha do crepúsculo; e estas sombras estavam a ficar atarracadas e a retroceder para os dois homens.

Steeply fez um curto simulacro de *charleston*, brincando com as sombras das pernas.

– Não é nada de pessoal. Sabes isso. É esta coisa da cautela obsessiva. Quem é que foi... quem é que disse uma vez que éramos pagos para enlouquecer com esta coisa da cautela? Vós e Tine... o vosso DuPlessis sempre suspeitou que ele tentava reter a informação que passava sexualmente à Luria.

Marathe encolheu os ombros violentamente.

– E de súbito. M. DuPlessis morreu. Em circunstâncias quase ridiculamente suspeitosas. – Outra vez o riso a soar a falso. – Um ladrão inepto e uma gripe.

Os dois homens ficaram em silêncio. Marathe notou que o braço esquerdo de Steeply ostentava um feio arranhão causado por um espinho de arbusto.

Por fim Marathe deitou uma olhadela ao seu relógio, cujo mostrador estava iluminado à sombra do seu corpo. As sombras de ambos os homens subiam agora o íngreme afloramento, regressando a eles.

– Cá por mim, penso que tratamos dos nossos assuntos de uma forma mais simples do que a do vosso BSS. Se a traição de M. Tine fosse incompleta, teríamos sabido disso no Quebeque.

– Devido à Luria.

Marathe fingiu ajeitar a manta.

– Claro. As cautelas. A Luria estaria a par.

Steeply aproximou-se cuidadosamente da borda do precipício e deitou fora o cigarro. O vento apanhou a beata e esta ergueu-se quando lhe saiu da mão, afastando-se para leste. Os dois homens mantiveram-se calados até a beata cair e bater contra a ladeira da montanha por baixo deles, um minúsculo botão alaranjado. O silêncio tornou-se então contemplativo. A tensão que havia entre os dois afrouxou. Marathe já não sentia o sol no crânio. O crepúsculo caiu sobre todas as coisas à volta deles. Steeply tinha dado pelo arranhão no tricípite e torcia a carne do braço para o examinar, com os lábios pintados arredondados de preocupação.

ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

TERÇA-FEIRA, 3 DE NOVEMBRO, Academia de Ténis de Enfield: exercícios matinais, duche, comer, aula, laboratório, aula, aula, comer, exame de Gramática Prescritiva, aula/laboratório, correr, exercícios vespertinos, jogo oficial, outro jogo, exercícios de pesos para o tronco, sauna, duche, cair redondo no chão do vestiário com outros jogadores.

– ... sem nem sequer perceber que aquilo que sente é infelicidade? Ou nem sequer senti-la?

Às 16h40: depois dos jogos da tarde o vestiário dos homens no edifício da Administração está cheio de impecáveis alunos dos anos mais adiantados com toalhas; os jogadores têm o cabelo molhado, penteado e a brilhar com *Barbicide*. Pemulis usa a ponta de um pente com grandes dentes para obter aquele aspeto de ondas largas que os rapazes de Allston apreciam. O cabelo de Hal parece húmido mesmo quando está seco.

– Portanto – diz Jim Troeltsch olhando à volta –, o que é que pensais?

Pemulis baixa-se até se sentar no chão ao lado do lavatório, encostando ao armário onde os desinfetantes estão guardados. Tem o hábito de olhar cuidadosamente para ambos os lados antes de dizer o que quer que seja.

– Havia uma questão central, Troeltsch?

– O exame falava da sintaxe da frase em Tolstói e não sobre famílias infelizes concretas – disse Hal calmamente.

John Wayne, como a maior parte dos canadianos, levanta uma perna ligeiramente para largar um peido, como se o peido fosse uma espécie de tarefa, de pé junto do cacifo, à espera que os pés estejam suficientemente secos para calçar as peúgas.

Faz-se silêncio. Os chuveiros gotejam nos azulejos. Há vapor suspenso no ar. Ouvem-se distantes sons fantasmagóricos de T. Schacht numa das retretes ao lado dos chuveiros. Todos olham para a meia distância, aturdidos de fadiga. Michael Pemulis, que é capaz de aguentar um máximo de cerca de dez segundos de silêncio comunal, pigarreia e cospe para o lavatório que tem atrás de si. Os espelhos captam parte do voo, observa Hal. Hal fecha os olhos.

– Cansado – expira alguém.

Ortho Stice e John (N.V.C.) Wayne dão a impressão de estarem mais distantes do que cansados; possuem a capacidade típica dos grandes atletas de desligar toda a rede neural durante curtos períodos, olhando sem ver para o espaço que os rodeia, encapsulados em silêncio, afastados durante um instante da inter-relação de todos os factos.

– Muito bem – disse Troeltsch. – Questionário *pop*. Pergunta de teste *pop*. A diferença mais crucial, para o Leith amanhã, entre o aparelho de televisão tradicional e o telecomputador para cartuchos.

Disney R. Leith ensina História do Entretenimento I e II na ATE, além de algumas coisas esotéricas de alto nível em matéria de Ótica, mas é preciso ter uma autorização especial para poder participar.

– O painel catódico-luminescente. Não existia disparador catódico. Nem ecrã de fosfenos. Duas das diagonais do ecrã medem-se em centímetros de largura de definição.

– Referes-te a um ecrã de alta definição normal ou a um ecrã especificamente para telecomputador?

– Nada analógico – diz Struck.

– Nada de neve, nem de imagens esquisitas e dobradas próximas das imagens UHF, nada de ondulações quando passa um avião.

– Analógico contra digital.

– Estás a falar de emissão tipo em rede em vez de telecomputador ou rede mais cabo em vez de telecomputador?

– A televisão por cabo usava o sistema analógico? Como todos os telefones antes da fibra?

– Estou a falar de digital. O Leith tem uma palavra que usa para a mudança do analógico para o digital. Uma palavra que usa onze vezes por hora.

– Mas afinal o que é que usavam os telefones pré-fibra?

– O velho princípio da lata e do cordel.

– Seminal – diz repetidas vezes. – Seminal, seminal...

– Diz que foi o maior avanço nas comunicações domésticas desde o telefone.

– No entretenimento doméstico desde a televisão.

– O Leith diria que no entretenimento desde o CD de gravação.

– É difícil percebê-lo se fala de entretenimento *qua* entretenimento.

– O Diz dirá que é preciso usar o nosso próprio discernimento – diz Pemulis. – O Axford fez isso no ano passado. Quer discussão. Lixa quem sugerir que há uma solução óbvia.

– Depois, com um telecomputador, há o desdigitalizador de InterLace em vez de uma antena – disse Jim Struck coçando a parte de trás da orelha.

Graham («Yardguard») Rader observa a axila para ver se há pelos. O Freer e o Shaw parecem estar a dormir.

Stice desceu um pouco a toalha e apalpa a marca funda e vermelha no abdómen que a cinta lhe faz.

– Rapazes, se chegar algum dia a presidente, a primeira decisão que hei de tomar é que se volte a usar elástico.

Troeltsch faz um gesto de quem dá cartas.

– Questão seguinte. Questão a modos que trunfo. Definir *acutância*. Alguém se atreve?

– Medida de resolução diretamente proporcional ao *ratio* do código digital de um dado impulso – diz Hal.

– O Incster voltou a ter a última palavra – diz Struck, o que estimulou um coro.

– O Halster.

– Halorama.

– Halação – diz Rader. – Um modelo visual em forma de halo à volta de uma fonte de luz visto numa película química de baixa velocidade.

– A mais angelical das distorções.

Struck diz:

– Amanhã estaremos a *competir* para ver quem se vai sentar ao lado do Inc.

Hal fecha os olhos: consegue ver a página do texto ali mesmo, todo destacado, em papel amarelo.

– Pode digitalizar a página, girá-la, dobrar o canto, riscá-lo com as unhas, isto tudo mentalmente.

– Deixa-o em paz – diz Pemulis.

Freer abre os olhos.

– Inc, recita-nos uma página do dicionário, pá.

Stice diz:

– Não o chateiem.

Não o chateiam muito. Hal está tranquilo quando o querem apertar um pouco; estão todos. Ele também toma parte nessas brincadeiras. Os rapazes mais pequenos que tomam duche a seguir aos dos anos mais adiantados andam por ali a ouvir o que estes dizem. Hal está sentado no chão, inativo, queixo no peito, a pensar que é agradável poder finalmente respirar e conseguir o suficiente.

A temperatura tinha descido com o Sol. Marathe ouvia o vento mais fresco da tarde quando soprava sobre a ladeira e o deserto. Marathe conseguia percecionar e sentir que muitos milhões de poros florais começam a abrir lentamente com a esperança do orvalho. O Steeply americano soltava pequenas exalações entre dentes enquanto examinava o arranhão que tinha no braço. Apenas uma ou duas pontas das lanças dactilares das lâminas radiais do Sol encontravam gretas entre os picos das Tortolitas e perscrutavam o teto do céu. Ouviam-se os leves e secos ruídos não localizáveis das pequenas coisas vivas que desejam sair de noite, emergir. O céu era violeta.

No balneário todos usam uma toalha à volta da cintura, como um *kilt*. Todos, menos Stice, usam toalhas brancas da ATE; Stice usa-as pretas, de modelo pessoal. Depois de um curto período de silêncio, Stice solta algum ar pelo nariz. Jim Struck coça com força a cara e o pescoço. Há um ou dois suspiros. Peter Beak, Evan Ingersoll e Kent Bloot, doze, onze e dez anos, respetivamente, estão sentados nos bancos de madeira clara diante das filas de cacifos, sentados com as toalhas à volta da cintura, cotovelos nos joelhos, sem participar. Passa-se o mesmo com Zoltan Csikzentmihalyi, que tem dezasseis anos mas fala bastante mal inglês. Idris Arslanian, que entrou este ano, etnicamente vago, catorze anos, todo ele pés e dentes, é uma presença quase furtiva à entrada do vestiário, limpando ocasionalmente os macacos não caucasoides do nariz e depois retirando-se, incrivelmente tímido.

Cada jogador da ATE com dezoito ou menos anos tem sob a sua asa protetora e experiente quatro ou seis miúdos com catorze ou menos anos. Quanto mais confiança deposita em algum aluno a ATE, tanto mais jovens e mais desorientados são os miúdos que ele tem a seu cargo. Charles Tavis estabeleceu esta prática e chama-lhe Sistema do Companheirão no material escrito que envia aos pais dos novos candidatos. Pretende levar os pais a pensar que os filhos não vão ficar ao deus-dará na confusão institucional. Beak, Blott e Arslanian estão

no grupo do companheirão Hal para o ARIAD. Para todos os efeitos, também tem Ingersoll, depois de ter trocado à sorrelfa Todd («Postal-Weight») Possalthwaite por Ingersoll com Axford, porque Trevor Axford descobriu que detestava tanto o miúdo Ingersoll devido a uma razão qualquer impossível de analisar que lutava contra uma horrível compulsão de lhe pôr os dedinhos no espaço das dobradiças de uma porta aberta que depois seria fechada muito lentamente; dirigiu-se a Hal quase em lágrimas, foi isso que fez. Mas tecnicamente Ingersoll ainda é de Axford e Possalthwaite de Hal. Possalthwaite, um mestre a fazer balões, tem uma estranha cara de ancião e pequenos lábios húmidos que fazem uma careta como se estivesse a mamar quando está sob pressão. Em teoria, um companheirão está entre um PR e um pró-reitor. Existe para responder a perguntas, aliviar transições problemáticas, ensinar artimanhas e estabelecer relação com Tony Nwangi, Tex Watson e os outros pró-reitores especializados em crianças. Ser alguém a quem se podem dirigir oficiosamente. Um ombro no qual chorar subindo a um banco. Se alguém com dezasseis anos ou menos é nomeado companheirão, isso é uma espécie de honra; significa que pensam que se está no bom caminho. Quando não há torneios nem viagens, etc., os companheirões reúnem-se com os seus quartetos ou sextetos em pequenas assembleias íntimas duas vezes por semana, no intervalo entre os jogos da tarde e o jantar, em geral depois das saunas e dos duches e alguns minutos sentados no balneário devido ao cansaço para recuperar o fôlego. Às vezes Hal senta-se com os seus companheirinhos ao jantar e come com eles. Contudo, não faz isso frequentemente. Os companheirões mais experientes não se aproximam demasiado dos seus efebos companheirinhos para que estes não se esqueçam do inultrapassável abismo de experiência, capacidades e estatuto genérico que separa os efebos dos alunos mais adiantados que frequentam e se destacam durante anos a fio na ATE. Ajuda-os ter a quem admirar. O companheirão experiente não se apressa nem se preocupa; mantém-se no seu lugar e permite que os seus suplicantes se apercebam de quando precisam da ajuda dele e a ele devem acudir. Sabe quando entrar em ação e quando afastar-se e deixar que os miúdos aprendam por experiência própria, coisa que é indispensável se querem manter-se lá. Ano a ano, a maior fonte de problemas, além dos de dezoito que terminam o curso, são os de treze a quinze que já estão fartos e não querem continuar. É uma coisa que acontece; a Administração aceita a situação; nem

toda a gente tem as qualidades necessárias para responder àquilo que se lhe exige ali. C.T. manda a sua adjunta administrativa Lateral Alice Moore enlouquecer os pró-reitores para que saquem informações aos miúdos mais pequenos sobre as suas condições psíquicas, de modo a que possa antecipar potenciais desistentes e defeções conflituosas e saber quantas vagas ele e a Administração têm para oferecer aos candidatos do ano seguinte. Os companheirões estão numa posição difícil, já que se lhes pede que mantenham bem informados os pró-reitores sobre quais dos miúdos que estão a seu cargo parecem frágeis em termos de determinação, capacidade de suportar sofrimento e tensão, castigos corporais, saudades, fatiga intensa, mas ao mesmo tempo pretende-se que sejam um apoio firme e confidencial e se encarreguem dos assuntos mais íntimos e delicados dos companheirinhos.

Embora também ele tenha de lutar contra uma estranha vontade de ser cruel com Ingersoll, que lhe recorda alguém de quem não gosta mas que não consegue identificar, Hal, em geral, gosta de ser companheirão. Gosta de ser uma referência e gosta de dar minilições despretensiosas sobre a teoria do ténis e a pedagogia e a tradição da ATE e ser boa pessoa de uma maneira que não lhe custa nada ser. Às vezes descobre que acredita em coisas em que não sabia que acreditava até lhe saem da boca diante de cinco caras ansiosas, confiadas, imberbes e sem sombra de más intenções. O interface de grupo com o seu quinteto duas vezes por semana (ou, talvez, uma, como em geral correm as coisas) só é desagradável depois de uma sessão especialmente puxada no campo, da parte de tarde, quando está cansado e irritado e preferiria estar sozinho e fazer as suas coisas secretas nas instalações ventiladas subterrâneas.

Jim Troeltsch apalpa as glândulas. John Wayne é da escola peúga-e-sapato, peúga-e-sapato.

– Exausto – suspira novamente Ortho Stice, pronunciando a palavra como «xausto».

Agora todos os alunos dos anos adiantados estão no tapete azul de pelo alto do vestiário, com as pernas esticadas, os dedos dos pés a apontar naqueles ângulos característicos da morgue, as costas apoiadas no metal azul dos cacifos, tentando evitar cuidadosamente as seis pequenas e afiadas lâminas de ventilação antimofo que há na base de cada um. Nus, todos têm um aspeto um pouco ridículo por causa dos bronzeados do ténis: devido ao sol de verão as pernas e os braços são

de um siena carregado que parece de luva de beisebol de boa qualidade; o bronzeado que começa agora a desbotar, mas com os pés e os tornozelos tão brancos como barriga de sapo, o branco tumular, o peito e os ombros e os antebraços de um branco-acastanhado – os jogadores, quando não estão a competir, podem sentar-se nas bancadas de tronco nu e pelo menos apanhar algum sol no tórax. Talvez o pior seja nas caras, muitas vermelhas e brilhantes, algumas ainda a pelar devido a três semanas seguidas de torneios ao ar livre em agosto-setembro. Além de Hal, que atavicamente é de tez escura, aqueles jogadores que têm menos manchada a pele são os que suportam borrifar-se com *Lemon Pledge* antes de um jogo ao ar livre. É que o *Lemon Pledge*, quando é aplicado na fase de estase antes do jogo e deixado secar até se converter numa fina crosta, torna-se um protetor extraordinário contra o sol, com um fator de proteção contra os raios ultravioleta superior a quarenta, sendo o único produto no mundo que pode sobreviver ao suor de três partidas. Nenhum jogador júnior – em que academia e como – descobriu esta aplicação para o *Pledge* há muitos anos: é possível imaginar circunstâncias muito bizarras nessa descoberta. Mas o cheiro do *Pledge* misturado com o suor faz enjoar alguns dos miúdos de constituição mais delicada. Outros consideram que é uma coisa inconscientemente efeminada usar um protetor solar, do género de viseiras brancas ou óculos de sol. Assim, muitos dos alunos dos últimos anos da ATE têm este intenso bronzeado de ténis e camisa que lhes dá o ar clássico de corpos que foram constituídos à pressa com partes de outros corpos, em especial quando se lhes veem as pernas muito musculosas e os peitos normalmente chatos e dos braços de grossuras diferentes.

– Xausto, xausto, xausto – diz Stice.

A empatia de grupo expressa-se através de suspiros, súbitos deslizamentos para o chão, pequenos gestos espasmódicos de exaustão, suaves pancadas de nucas contra o fino metal dos cacifos.

– De tão cansado que estou, zumbem-me os ossos daquela maneira que as pessoas dizem que lhes zumbem os ouvidos.

– Fico à espera até ao último segundo para respirar. Só expando a caixa torácica quando sou forçado pela necessidade de ter ar nos pulmões.

– Tão exausto que superei os limites da palavra *exausto* – diz Pemulis. – *Exausto* é pouco.

– Cansado, prostrado, aniquilado – diz Jim Struck esfregando os olhos fechados com a palma da mão. – Acabado. Avassalado.

– Olhem – diz Pemulis apontando para Struck. – Está a tentar pensar.

– É uma visão comovente.

– Destruído. Desfeito.

– Desfeito em *merda* é que é.

– Ressequido. Abatido. Escavacado. Mais morto que vivo.

– Nenhuma dessas palavras, digo-te, se aproxima da verdade.

– Inflação de palavras – diz Stice coçando o cabelo rapado à escovinha fazendo a testa ficar com e sem rugas. – Maior e melhor. O máximo do maior. Hiperbólico e mais hiperbolicíssimo. Como inflação de notas.

– Se tivermos sorte – diz Struck, que está sob vigilância académica desde os quinze anos.

Stice é de uma zona do Sudoeste de Kansas que podia ser Oklahoma. As empresas que lhe oferecem a roupa e o equipamento são forçadas por ele a dar-lhos de cor negra. Por isso, a alcunha que tem na ATE é «Escuridão».

Hal franze o sobrolho para Stice e sorri.

– Hiperbolicíssimo?

– O meu pai quando era pequeno teria ficado satisfeito com «escavacado».

– Enquanto nós, sentados aqui, precisamos de andar à procura de palavras e termos.

– Frases e expressões, modelos e estruturas – diz Troeltsch referindo-se outra vez ao exame de Gramática Prescritiva que, à exceção de Hal, todos querem esquecer. Estamos a precisar de uma gramática generativa-inflacionista.

Keith Freer fez um gesto de quem tira a sua unidade de baixo da toalha para a oferecer a Troeltsch:

– Gera isto.

– É necessário arranjar uma nova sintaxe para o cansaço em dias como este – diz Struck. – As melhores cabeças da ATE estão a tratar do problema. Há dicionários de sinónimos a serem digeridos e analisados. – Faz um gesto sarcástico. – Hal?

Uma unidade semiótica que ainda funciona bem é erguer um punho para lhe bater com o outro de modo a que o dedo do meio fique ereto como uma ponte levadiça. É claro que Hal também está a divertir-se à sua própria custa. Toda a

gente concorda que é capaz de recitar livros inteiros. Os sapatos e os incisivos de Idris Arslanian assomam durante uns segundos à porta; depois desaparecem. O reflexo de cada um nos ladrilhos brilhantes das paredes é vagamente cubista. Com um apelido que vem por via paterna e há cinco gerações da Umbria, agora bastante diluído por um ianque do Nordeste, uma bisavó com sangue da tribo índia Pima do Sudoeste e uma mistura canadiana, Hal é o único Incandenza vivo que tem algum aspeto étnico. O falecido pai tinha sido um jovem alto e moreno, com as maçãs do rosto típicas da tribo Pima e cabelo muito preto tão puxado para trás com *Brylcream* que fazia uma espécie de monte no cimo da testa. Também ele tinha aspeto étnico, mas já cá não está. Hal é lustroso, uma espécie de moreno brilhante, parecido com uma lontra, não muito alto, de olhos azuis mas bastante escuros, incapaz de ficar bronzeado mesmo sem proteção solar, os pés não bronzeados da cor de chá fraco, o nariz sem nunca pelar mas levemente cintilante; a cor lustrosa dele não é oleosa mas húmida, leitosa; Hal preocupa-se secretamente com o facto de ter um ar meio efeminado. As gravidezes dos pais devem ter sido uma completa guerra cromossomática: Orin, o irmão mais velho de Hal, herdou o fenótipo anglo-nórdico-canadiano da mã, de olhos azul-claros e órbitas fundas, a postura impecável e uma flexibilidade incrível (Orin foi o único homem da ATE de que se tinha ouvido dizer ser capaz de fazer uma espargata tão perfeita como uma chefe de claque), os zigomáticos mais arredondados e protuberantes.

Mario, o irmão que se lhe segue, não parece assemelhar-se a ninguém que conheçam.

Na maior parte dos dias sem viagens em que não se ocupa das responsabilidades de companheirão. Hal aguarda até que toda a gente esteja ocupada na sauna ou no duche, arruma as suas raquetas no cacifo e desce descontraidamente os degraus de cimento que conduzem ao sistema de túneis e câmaras da ATE. É capaz de se escapulir sem dar nas vistas e só bastante tempo depois os outros se apercebem da sua ausência. Regressa frequentemente ao balneário quando os colegas se deixam cair no chão com as toalhas à volta da cintura e falam de cansaço, com o saco de desporto na mão e o estado de espírito substancialmente alterado, e entra quando muitos dos mais pequenos tentam tirar a casca de *Pledge* das pernas e tomam duche à vez, utilizando o champô de um deles que vem num frasco que tem a forma de uma figura de banda desenhada, a

seguir atira a cabeça para trás e aplica *Visine* numa retrete desocupada por Schacht, gargareja e lava os dentes e veste-se e, em geral, nem sequer precisa de se pentear. Anda sempre com *Visine AC*, fio dental mentolado e uma escova de dentes de viagem num dos bolsos do saco de desporto *Dunlop*. Ted Schacht, fanático da higiene da boca, encara a escova e o fio dental que Hal guarda no saco como um exemplo para todos.

– Tão cansado que é como se estivesse pedrado.

– Mas é um estar pedrado pouco agradável – diz Troeltsch.

– Seria uma pedrada de cansaço muito mais agradável se não tivesse de esperar até às sete da tarde para começar a estudar – diz Stice.

– Pelo menos Schtitt podia não nos espremer tanto na semana antes dos exames semestrais.

– Seria bom que os professores e os treinadores ajustassem as suas agendas.

– Para mim seria uma fadiga agradável se depois do jantar pudesse ir-me sentar com a cabeça em ponto morto para ver qualquer coisa simples.

– Sem termos de nos preocupar com formas prescritivas ou acutâncias.

– Descansar.

– Ver qualquer coisa com sequências de perseguição e explosões por todo o lado.

– Relaxar, fumar umas cachimbadas, descansar, folhear uns catálogos de roupa interior feminina, comer cereais achocolatados com uma grande colher de pau – diz Stice melancolicamente.

– Fornicar.

– Só uma noite livre para descanso e diversão.

– Enfiar a velha e normal roupa e ouvir *jazz* atonal.

– Praticar sexo. Fornicar.

– Fornicar miúdas de liceu. Fodê-las bem fodidas. Virmo-nos.

– Arranja-me uma dessas empregadas de hamburguerias *drive-in* do Nordeste de Oklahoma com grandes, grandes tetas.

– Aquelas tetas enormes, brancas e cor-de-rosa que parecem *querer saltar* cá para fora.

– Uma daquelas colheres de pau tão grandes que só com extrema dificuldade se consegue metê-las na boca.

– Só uma noite para descansar e gozar.

Pemulis vomita rapidamente dois versos de *Chances Are*, de Johnny Mathis, que não conseguiu dizer no chuveiro, e depois aplica-se a examinar qualquer coisa na coxa esquerda. Shaw desenvolve uma bola de saliva que atinge um tamanho tão extraordinário para ser apenas de saliva que meio balneário observa até que por fim desaparece ao mesmo tempo que Pemulis suspende o seu exame.

Evan Ingersoll diz:

– Mas vamos ter o sábado livre, véspera do Dia da Independência, segundo informou a direção.

Várias cabeças desviam a sua atenção para Ingersoll. Pemulis forma um inchaço na bochecha com a língua, que gira dentro da boca.

– Blá, blá, blá, blá – diz Stice movendo as mandíbulas de um lado para outro.

– Só não vamos ter aulas, mais nada. Os exercícios e os treinos continuarão com grande alegria, segundo DeLint – assinala Freer.

– Mas não há exercícios no domingo, antes da gala.

– Mas há jogos.

Todos os juniores presentes estão no *ranking* dos melhores sessenta e quatro do continente, exceto Pemulis, Yardley e Blott.

Continuava a haver a clara evidência de que T. Schacht ainda está na retrete ao lado dos chuveiros mesmo que Hal não conseguisse ver a ponta dos enormes chinelos de cor púrpura precisamente onde a entrada para o cubículo do chuveiro interfere com a sua linha de visão. Há qualquer coisa humilde, quase plácida, em pés inertes por baixo das portas de uma retrete. A posição defecatória é de aceitação, ocorre-lhe pensar. Cabeça inclinada para baixo, os cotovelos nos joelhos, os dedos entrelaçados entre os joelhos. Um modo milenário de esperar agachado, quase religioso. Os sapatos de Lutero no chão por baixo do penico de quarto, plácidos, provavelmente feitos de madeira, os sapatos quinhentistas de Lutero, aguardando uma epifania. O sofrimento mudo e manso de gerações de vendedores nas retretes das estações de caminho de ferro, de cabeça para baixo, dedos entrelaçados, sapatos polidos inertes, à espera do jorro ácido. Chinelos femininos, sandálias poeirentas de centuriões, botas com tachas de estivadores, sapatos de papas. Todos à espera, pés apontando para a frente, a bater levemente no chão. Homens corpulentos de sobrancelhas hirsutas vestidos com peles, agachados do outro lado da fogueira agitando folhas com uma mão e esperando. Schacht sofria da doença de Crohn[43], uma herança do pai com úlceras de colite, e

tinha de tomar um medicamento carminativo a todas as refeições, queixando-se imenso de transtornos digestivos; por causa da doença de Crohn, também sofria, entre várias possibilidades artríticas, de gota, que se lhe tinha instalado no joelho direito e lhe provocava dores terríveis no campo.

As raquetas de Freer e Tall Paul Shaw caem do banco com estrépito; Beak e Blott deslocam-se rapidamente para as apanhar e voltar a pousá-las no banco, mas Beak fá-lo com uma mão apenas porque está a segurar a toalha com a outra.

– Por isso esperemos para ver – diz Struck.

Pemulis adora cantar entre ladrilhos.

Struck está a bater na palma da mão com um dedo, quer seja para enfatizar alguma coisa ou contar ordinais.

– Quase digamos uma hora a correr com a equipa A, uma hora e um quarto de exercícios, dois jogos completos.

– Eu só fiz um – intromete-se Troeltsch. – De manhã estava com febre e DeLint disse-me que hoje não forçasse.

– Há tipos que jogarem três *sets*; Spodek e Kent, por exemplo – diz Stice.

– É curioso como Troeltsch sempre recorre ao seu estado de saúde quando se trata de treinos matinais – diz Freer.

– ... um mínimo de duas horas para os jogos. Estimativa conservadora. Depois meia hora nas máquinas sob os olhos castanhos e saltitões do sacana do Loach, sentado com a prancheta nas mãos. Digamos que são cinco horas de movimento contínuo e vigoroso.

– Um esforço sustentado e esgotante...

– O Schtitt está decidido a que este ano não cantemos cantigas parvas em Port Washington.

John Wayne não disse palavra durante este tempo todo. O conteúdo do cacifo dele está impecavelmente organizado. Abotoa sempre a camisa até cima como se fosse usar gravata, objeto que nem sequer possui. Ingersoll também se veste tirando a roupa do pequeno e quadrado cacifo de aluno mais novo.

Stice diz:

– Só que parecem esquecer-se de que ainda estamos na puberdade.

Ingersoll é um rapaz que aparenta não ter sobrancelhas, tanto quanto Hal consegue perceber.

– Fala por ti, «Escuridão».

– Estou a dizer que forçar a fragilidade de um esqueleto na puberdade, como é o caso do nosso, é manifestação de vista curtas – diz Stice levantando a voz. – O que é que esperam que faça aos vinte anos quando estiver permanentemente a jogar no circuito se tiver o esqueleto sob tensão e propício a lesões?

– O «Escuridão» tem razão.

Um minúsculo caracol de velho e nebuloso folhelho de *Pledge* e umas fibras de uma tira de *GauzeTex* estão completamente entrelaçados nas fibras azuis do tapete perto do tornozelo esquerdo de Hal; o tornozelo está levemente inchado e tem uma tonalidade azul. Quando se senta, flexiona-o durante algum tempo. Struck e Troeltsch trocam golpes com as mãos abertas, fintando e bamboleando as cabeças, ambos ainda sentados no chão. Hal, Stice, Troeltsch, Struck, Rader e Beak apertam ritmicamente bolas de ténis com a mão que usam para segurar a raqueta, como por mandato da Academia. Os ombros e o pescoço de Struck mostram furiosas inflamações arroxeadas. Quando Schacht se sentou, Hal notou que também tinha um furúnculo na coxa. O reflexo da cara de Hal encaixa perfeitamente num dos azulejos à sua frente; se mexe devagar a cabeça a cara distende-se e recompõe-se no azulejo seguinte com um impulso ótico. O sentimento coletivo pós-duche começa a dissipar-se. Até Evan Ingersoll olha para o relógio e pigarreia. Wayne e Shaw vestiram-se e foram-se embora; Freer, um devoto do *Pledge*, penteia-se ao espelho; Pemulis levanta-se para se afastar das pernas e pés de Freer. Este tem olhos largos e protuberantes que o Axhandle diz que fazem com que Freer pareça estar a receber um choque ou a ser estrangulado.

O tempo no balneário da tarde parece ser de uma profundidade ilimitada; já estiveram ali todos, como estão agora, e estarão amanhã. No exterior, a luz entristece, sente-se uma dor nos ossos; há qualquer coisa aguçada nas bordas da sombra que se estende.

– Estou a pensar que é o Tavis – diz Freer dirigindo-se a todos através do espelho. – Onde houver excesso de trabalho e sofrimento, o sacana do Tavis não pode estar longe.

– Não, é o Schtitt – diz Hal.

– O Schtitt já estava fora de jogo muito antes de nos ter deitado a mão – diz Pemulis.

– O Peemster e o Hal.

– O Halação e o Pemurama.

Freer aperta os pequenos lábios e expele ar como se estivesse a apagar um fósforo, soprando um minúsculo resto de penteado do espelho.

– O Schtitt faz o que lhe mandam, como bom nazi que é.

– Que *hail* quer isso dizer? – pergunta Stice que é conhecido por dizer Quanto, Senhor, quando Schtitt diz Salta, apalpando a carpete à sua volta para encontrar qualquer coisa que possa atirar a Freer.

Ingersoll atira-lhe uma toalha encharcada, mas Stice tem os olhos fixados nos de Freer no espelho e a toalha bate-lhe na cabeça e ali fica, na cabeça dele. As emoções do balneário parecem inverter-se de dois em dois segundos. Todos se riem de Stice de uma maneira bastante cruel quando Hal se esforça por se levantar por fases colocando quase todo o peso no tornozelo bom. A toalha de Hal cai ao chão durante a tentativa. Struck diz qualquer coisa que se perde sob o rugido das torneiras de pressão.

O americano efeminizado de pé, de lado, no penhasco, junto de Marathe. Contempla a sombra do crepúsculo dentro da qual se encontram agora, assim como o cintilar cada vez mais complexo da cidade de Tucson, EUA. Steeply parece inertemente transfigurado, daquela maneira que os panoramas demasiado grandiosos para o olho humano transfiguram as pessoas numa espécie de expectação entorpecida.

Marathe parece estar prestes a adormecer.

Até a voz de Steeply mostra um timbre diferente à sombra.

– Dizem que o amor do Rod Tine pela vossa Luria é grande e talvez eterno.

Marathe resmunga, mexendo-se um pouco na cadeira.

Steeply diz:

– Aquele tipo de amor a que é costume cantar, o género pelo qual morrem pessoas que depois são imortalizadas em canções. Como as vossas baladas, as vossas óperas. Tristão e Isolda. Lançarote e lá como é que ela se chamava. Agamémnon e Helena. Dante e Beatriz.

O sonolento sorriso de Marathe continuou a alargar-se para cima até se transformar numa careta.

– Narciso e Eco. Kierkegaard e Regina. Kafka e aquela pobre rapariga que tinha medo de ir meter a correspondência na caixa do correio.

– Esse exemplo, o da caixa do correio, foi bem escolhido.

Steeply fingiu dar uma gargalhada.

Marathe ficou alerta.

– Tira a cabeleira postiça e caga nela, Hugh Steeply, do BSS. E a tua ignorância esmaga-me. Agamémnon não tinha nenhuma relação com essa rainha. Menelau, de Esparta, era ele o marido dela. Quem tu queres dizer é *Páris*. Helena e Páris. Ele, o de Troia.

Steeply parecia divertido de uma forma idiota.

– Páris e Helena, a bela cara que fez zarpar barcos. O cavalo: o presente que não o era. O presente anónimo levado até à porta. O saque de Troia por dentro.

Marathe ergueu-se um pouco nos seus tocos para mostrar a Steeply que estava dominado pela emoção.

– Estou para aqui sentado, avassalado com a ingenuidade da história da tua nação. Páris e Helena não passaram de um *pretexto* para a guerra. Todos os estados gregos, além da Esparta de Menelau, atacaram Troia porque esta cidade controlava os Dardanelos e cobrava uma portagem ruinosa a quem lá passava, coisa que, para os Gregos, que queriam mesmo ter livre acesso para fazer comércio com o Extremo Oriente, era geradora de muita raiva. Foi causada pelo comércio, essa guerra. O abre aspas amor fecha aspas de Páris por Helena não foi mais do que uma desculpa.

Steeply, um génio a entrevistar, às vezes acentuava mais do que o normal a sua pretensa estupidez diante de Marathe, já que sabia que este engoliria o isco.

– Para vós tudo se reduz à política. Talvez essa guerra não terá sido uma mera canção? Terá realmente tido lugar essa guerra, alguém o sabe?

– A questão é que quem põe em marcha os navios de guerra é o Estado e a comunidade e os seus interesses – diz Marathe sem dar às palavras demasiada ênfase, com ar fatigado. – Vós só quereis divertir-vos com a presunção de que o amor por uma mulher é suficiente para fazer isso, fazer partir uma frota aliada tão grande.

Steeply afagava as bordas do arranhão causado pelos espinhos do arbusto, facto que fez com que o seu movimento de encolher os ombros parecesse desajeitado.

– Não creio que possa estar tão certo disso. Quem rodeia Rod, o Deus, diz que o homem seria capaz de morrer duas vezes por ela. Diz-se que não hesitaria. Não

só levar à ruína toda a ONAN, se fosse caso disso, mas morrer.

Marathe fungou.

– Duas vezes.

– Sem sequer parar para pensar – disse Steeply coçando ruminativamente a irritação cutânea eletrolítica do lábio. – A maior parte de nós pensa que é por isso que ainda lá está, a razão por que ainda tem acesso ao presidente Gentle. Lealdades divididas são uma coisa. Mas se o faz por *amor*... então temos uma espécie de elemento trágico que transcende o político, não é assim?

Steeply sorriu abertamente para Marathe. A própria traição de Marathe à AFR: para obter cuidados médicos que garantissem qualidade de vida à mulher; por (Steeply podia imaginar-se a pensar) amor a alguém, uma mulher.

– Dizer trágico como se Rodney Tine da Não Especificidade não fosse responsável pelas suas opções, do mesmo modo que os loucos não são responsáveis – disse Marathe calmamente.

Steeply estava a sorrir ainda mais abertamente.

– Tem uma espécie de dimensão trágica, intemporal, musical, por isso como poderia resistir Gentle?

O tom de voz de Marathe adquiriu uma qualidade trocista apesar do seu lendário *sangfroid* em termos de entrevistas técnicas.

– Demasiado sentimentalismo para quem permite que o ponham em ação travestido de gigantesca rapariga com mamas vesgas, agora a discursar sobre amor trágico.

Steeply, impassível e lento como um ruminante, passou o dedo mindinho pelo batom no canto da boca para retirar um grão de poeira enquanto contemplava a paisagem do alto do penhasco onde estavam.

– Com certeza. Os Assassinos de Cadeira de Rodas fanaticamente patrióticos do Quebeque do Sudoeste zombam deste tipo de sentimentos interpessoais – disse olhando agora para Marathe. – Não? Mesmo que tenham sido esses sentimentos que fizeram o Tine cair nas vossas mãos, controlado por intermédio de Luria, se for caso disso?

Marathe voltou a assentar o traseiro na cadeira.

– A vossa palavra estado-unidense para fanático, *fanatic,* alguém ensina que vem do latim e significa «templo»? É de significado, literalmente, «adorador no templo».

– Ó meu Deus, voltas sempre ao mesmo – disse Steeply.

– E, se me deres autorização, é verdade este *amor* de que falas, o grande amor de M. Tine? Só quer dizer *ligação*. Tine está ligado, fanaticamente. As nossas ligações são o nosso templo, aquilo que adoramos, não? Aquilo a que nos entregamos, aquilo em que investimos com fé.

Steeply fez uns gestos de cansada familiaridade.

– Caaaá vamos nós.

Marathe ignorou-o.

– Será que não somos todos fanáticos? Só digo aquilo que vós, Estado-Unidenses, fingis não saber. As ligações são de grande seriedade. Escolha-se o templo de fanatismo com grande cuidado. Morrer por uma pessoa? Isso é loucura. As pessoas mudam, partem, morrem, adoecem. Partem, morrem, enlouquecem, têm doenças, traem, morrem. A tua nação sobreviver-nos-á. Uma causa sobreviver-nos-á.

– A propósito, como é que tem passado a tua mulher? E os teus filhos?

– Vós, Estado-Unidenses, não pareceis acreditar que podeis escolher individualmente qual o motivo pelo qual morrer. Amor por uma mulher, sexo, volta-se contra nós, torna-nos estreitos, talvez loucos. É preciso escolher com cuidado. Amor pela pátria, pelo país e pelo povo, fortalece o coração. Uma coisa que seja maior do que o ser.

Steeply colocou uma mão entre as tetas vesgas.

– Oh... Cana*dá*...

Marathe voltou a inclinar-se para diante sobre os cotos.

– Goza à vontade. Mas escolhe com cuidado. És aquilo que amas. Não? És, completa e unicamente, aquilo por que morrerias sem, digamos, *pensar duas vezes*. Tu, M. Hugh Steeply: morrerias sem pensar por que coisa?

A pormenorizada informação sobre Steeply existente nos arquivos da AFR referia o seu recente divórcio. Marathe já tinha informado Steeply de que estava naquele arquivo. Interrogava-se se Steeply duvidava da veracidade da informação ou se acreditava nela piamente. Embora fosse mudando de personagem, o carro de Steeply em todas as missões era o mesmo *sedan* verde patrocinado por um doloroso anúncio de aspirina – a ficha assinalava esta estupidez – e Marathe tinha a certeza de que o *sedan* com o anúncio a aspirina estava algures por baixo deles. O fanaticamente amado carro de M. Hugh

Steeply. Steeply olhava ou observava a escuridão sobre o chão do deserto. Não reagiu. A sua expressão de aborrecimento tanto podia ser real como tática, ou ambas as coisas.

Marathe disse:

– Não é isto, esta, uma escolha da máxima importância? Quem é que ensina as vossas crianças estado-unidenses a escolher o seu templo? Aquilo que deve ser amado sem pensar duas vezes?

– E isto vem de um homem que...

Marathe queria que a sua voz não subisse de tom.

– Porque esta decisão determina tudo o resto. Não? Tudo aquilo de nós a que chamais escolhas *livres* vem daqui: qual é o nosso templo? Qual é o templo, então, para os EUA? Qual é, quando receais que precisais de os proteger de si mesmos, quando os perversos Quebequenses conspiram para levar o Entretenimento para os seus quentes lares?

A cara de Steeply tinha assumido aquela expressão abertamente depreciativa que sabia muito bem que os Quebequenses consideravam repelente nos Americanos.

– Julgas que se trata sempre de uma escolha consciente, de uma decisão. Isso não é um pouco ingénuo, Rémy? Uma pessoa senta-se com o livrinho da contabilidade e criteriosamente decide que coisa amar? Sempre?

– As alternativas são...

– Como é quando às vezes não *há* possibilidade de escolha quanto ao que se ama? E se o templo vem ter com Maomé? E se se *ama* simplesmente? Sem decidir? *Ama-se,* mais nada: é vê-la e nesse preciso instante esquece-se a contabilidade e a única opção é amá-la...

A fungadela de Marathe foi de desdém.

– Numa situação assim o templo é ser e sentimento. Num caso assim é-se um fanático do desejo, um escravo de sentimentos individuais e subjetivos, um cidadão do nada. A pessoa torna-se um cidadão do nada. Fica-se sozinho, de joelhos perante o nosso próprio ser. – Seguiu-se um silêncio. Marathe mudou de posição na cadeira. – Nesse caso a pessoa não passa de um escravo que julga ser livre. A escravidão mais patética. Sem nada de trágico. Sem canções. Acredita-se que se morreria por alguém mas na verdade morrer-se-ia apenas pelo próprio ser, pelo seu sentimento.

Seguiu-se outro silêncio. Steeply, que tinha iniciado a sua carreira nos Serviços Não Especificados fazendo entrevistas[44] técnicas, usava o silêncio como parte integrante das suas técnicas de interface. Aqui serviu para desarmar Marathe. Este sentiu a ironia da sua posição. Uma das tiras do sutiã protésico de Steeply deslizara e ficara à vista por baixo do ombro deixando uma marca profunda na carne do antebraço. O ar cheirava levemente a creosoto, mas esse cheiro era muito menos intenso do que o das chulipas da linha do caminho de ferro que Marathe tinha cheirado de perto. As costas de Steeply eram largas e moles. Marathe disse por fim:

– Nesse caso não se tem nada. Não se defende nada. Não há terra nem pedra debaixo dos pés. Cai-se; é-se empurrado para aqui e para ali. Como é que se diz: «tragicamente, involuntariamente, perdido».

Seguiu-se outro silêncio. Steeply deixou escapar um leve traque. Marathe encolheu os ombros. Steeply, o agente de campo do BSS, talvez não se tivesse portado de forma depreciativa. Os lumes da cidade de Tucson pareciam de um branco fantasmagórico e deslavado no ar sem humidade. Animais crepusculares faziam ruídos e talvez corressem de um lado para outro. Havia teias de aranha densas e nada bonitas das venenosas aranhas estado-unidenses conhecidas como viúvas-negras por baixo da prateleira onde estavam e das ladeiras dos outros penhascos. E o vento gemia quando atingia certos ângulos das encostas. Marathe pensou na sua vitória sobre o comboio que lhe tinha roubado as pernas[45]. Tentou cantar em inglês:

– *Oh Say, Land of the Free*.

E ambos podiam sentir o frio noturno cair enquanto a Lua em quarto crescente subia – um vento turvo lá em baixo fazendo mover o pó e os catos assobiar, as estrelas do céu a ajustarem-se à cor de uma chama baixa –, mas eles ainda não sentiam frio, nem sequer Steeply com o vestido sem mangas: ele de pé e Marathe sentado estavam dentro do apertado fato espacial astral de calidez produzida pelo calor radiante de ambos. Marathe estava a aprender que é isto que acontece de noite nos climas secos. A mulher moribunda nunca tinha saído do Sudoeste do Quebeque. A embrionária e remota base de operações disseminatórias de *Les Assassins de Fauteils Roulents* aqui, no Sudoeste dos EUA, parecia-lhe a superfície lunar: quatro cabanas *Quonset* de metal enrugado, uma terra torrada e um vento que flutuava e reverberava como o ar atrás das

turbinas de um avião a jato. Divisões vazias e com os vidros das janelas sujos, maçanetas que queimavam as mãos e um fedor infernal lá dentro.

Steeply continuava em silêncio enquanto despachava outro dos seus compridos cigarros belgas. Marathe continuava a cantarolar a cantiga dos EUA, desafinando de todas as formas possíveis.

3 DE NOVEMBRO DO ARIAD

– PORQUE NENHUM DELES o fez por mal – diz Hal a Kent Blott. – O ódio que se sente pelo trabalho no final do dia não é senão uma parte do trabalho. Julgas que o Schtitt e o DeLint não sabem que nos sentamos juntos depois do duche para os amaldiçoar? Aqui os sacanas e os lamentadores fazem aquilo que se espera que façam.

– Mas olho para estes tipos que já estão aqui há seis, sete, oito anos, que ainda sofrem, levam pancada e ficam extenuados, tal como eu, e sinto, o quê?, um terror, vejo sete ou oito anos de infelicidade diária, tensão e sofrimento de dia após dia à minha frente, e tudo isso para quê?, para ter uma oportunidade de carreira profissional. E começo a ter a sensação aterradora de que essa carreira no circuito representa ainda mais sofrimento, e isso se o meu esqueleto resistir até lá devido ao esforço a que está sujeito aqui.

Blott está deitado de barriga para o ar no áspero tapete de lã – estão os cinco –, esparramado de pernas abertas com a cabeça numa almofada de veludo no chão da Sala de Visionamento 6, uma das três salas de visionamento do segundo andar do edifício da Administração, dois lanços de escadas acima dos vestiários e três da boca do túnel principal. O novo leitor de cartuchos da sala é gigantesco e de uma quase dolorosa alta definição; está pendurado na parede norte como um grande quadro; funciona com um *chip* refrigerado; na divisão não há TC nem consola telefónica; é muito especializado, um simples leitor e visor, e as fitas; o leitor de cartuchos está na segunda prateleira de uma pequena estante por baixo do visor; as outras prateleiras e várias caixas estão repletas de cartuchos com jogos, cartuchos motivacionais de visualização – InterLace, Tatsuoka, Yushityu, SyberVision. O cabo de trezentas pistas que vai do leitor até à esquina inferior direita do visor é tão fino que parece uma greta minúscula na tinta branca da parede. As salas de visionamento não têm janelas e o ar que vem da ventilação é viciado. Mas quando o visor está ligado parece que há uma janela.

Hal pôs um cartucho de visualização pouco exigente, como é seu hábito fazer nos interfaces de grupo do Companheirão quando toda a gente está extenuada. Desligou o som e por isso não é possível ouvir o mantra de reforço, mas a

imagem é brilhante e nítida. Até parece que a imagem salta para quem está a ver. Stan Smith, com cãs e ar cansado, usando uma anacrónica roupa branca, está na linha de fundo do campo devolvendo a bola com direitas consecutivas, sempre a mesma pancada, as costas numa espécie de posição osteoporosicamente dobrada mas imaculada no estilo, o jogo de pés sem esforço aparente e de acordo com os manuais, o movimento de rodopiar e o contrapeso sem fricção, a anacrónica raqueta *Wilson* de madeira indo e vindo e apontando diretamente a vedação que há atrás dele, a fluida transferência de peso para o pé dianteiro quando a bola chega, o contacto à altura da cintura e mesmo à frente, os músculos da perna retesando-se enquanto a outra regressa à sua posição normal, os olhos fixos na bola amarela entre cujas costuras está a letra W – os rapazes da ATE foram ensinados a observar não só a bola mas também as rotações que dá para intuir o efeito que traz –, o joelho dianteiro baixando um pouco sob os quadricípites volumosos quando o peso flui para a frente, o pé traseiro quase *en pointe* sobre o dedo dentro do ténis branco, o rigoroso movimento da raqueta sem floreados que termina quase diante da sua cara magra... As faces de Smith tornaram-se magras com a idade, a cara colapsou dos lados, os olhos parecem saltar dos pómulos que sobressaem quando respira após o impacte, parece ressequido, envelhecido por uma luz ardente, fazendo os mesmos movimentos vezes sem conta durante décadas inteiras, a outra mão flutuando suavemente para agarrar o cabo da raqueta pela garganta diante da cara, de modo a que volte a fluir para a posição de Pronto para Responder. Nenhum movimento desperdiçado, pancadas sem ego, nada de floreados nem manias ou excessos de pulso. Vezes sem conta, cada direita fundindo-se na seguinte, um *loop,* é hipnotizador, como se espera que seja. Se se ligar o som, ouvir-se-ão as palavras «Não Penses, Vê Apenas; Não Queiras Saber, Limita-te a Fluir» repetidas sem cessar. É preciso pensar que somos nós que estamos no ecrã prístino a dar aquelas pancadas fluidas e sem ego. É suposto que desapareçamos no *loop* e depois que levemos esse desaparecimento connosco quando estivermos a jogar a sério. Os rapazes estão ali deitados, imóveis e esparramados, supinos, de boca aberta, olhos esbugalhados e ofuscados, uma calidez cansada e relaxada – o chão por baixo do tapete de lã está morno. Peter Beak está a dormir de olhos abertos, um talento esquisito que a ATE parece instilar nos mais novos. Orin também tinha sido capaz de dormir de olhos abertos durante o jantar em casa.

Os dedos de Hal, compridos e ligeiramente morenos e ainda um pouco pegajosos devido à tintura de ácido benzoico[46], estão entrelaçados na nuca, em cima da almofada, apertando o crânio, enquanto observa Stan Smith, com olhos ensonados.

– Kent, achas que aos dezassete vais sofrer tanto como agora?

Kent Blott usa cordões coloridos nos ténis com reforços de «Mr.-Bouncety-Bounce-Program» que Hal considera extraordinariamente juvenis e sem gosto.

Peter Beak ressona suavemente, com uma bolha de saliva a sair-lhe e entrar-lhe na boca.

– Mas tu, Blott, deves certamente ter considerado o seguinte: Por que continuam cá todos, se todos os dias são tão horrorosos?

– Não é todos os dias – replica Blott –, mas é horrível muitas vezes.

– Continuam porque querem entrar no circuito quando daqui saírem – diz Ingersoll.

O circuito significa o Tour ATP, viagens e prémios em dinheiro vivo e patrocínios e comissões por atuação, seleção de jogos em programas de vídeo, fotografias em revistas de capas brilhantes.

– Eles sabem e nós sabemos que só um em cada vinte juniores do mais alto nível consegue aceder ao circuito. Muitos menos se aguentam lá. O resto fica-se pelos torneios secundários ou pelos torneios regionais ou amolecem como profissionais de clubes. Ou tornam-se advogados e professores como toda a gente – diz Hal suavemente.

– Então ficam e lutam por conseguir uma bolsa de estudos. A viagem para uma universidade. Um casaco branco com uma letra. As colegas ficam caídas pelos rapazes com letras.

– Kent, aqui, a não ser o Wayne e o Pemulis, ninguém tem qualquer necessidade de arranjar bolsas. O Pemulis há de ir para onde quiser, com base nos seus resultados, pura e simplesmente. As tias do Stice vão mandá-lo para um sítio qualquer mesmo que ele não queira jogar. E o Wayne vai direitinho ao circuito, nunca fará mais do que um ano subsidiado pela ONANCAA. – O pai de Blott, que é cirurgião oncologista, voava por todo o mundo extirpando tumores de membranas mucosas de muito dinheiro; Blott até tem um fundo de fideicomisso em seu nome. – A questão não é essa, como muito bem sabeis.

– Vais dizer que adoram este desporto.

Stan Smith mudou para esquerdas.

– Hão de gostar de alguma coisa, Ingersoll, mas devo acrescentar que não é isso que o Kent quer dizer. O Kent fala do sofrimento agora, aqui. K.B., participei vezes sem conta em sessões desse espantoso e desagradável género com os mesmos tipos depois de tardes horríveis. Nos chuveiros, na sauna, ao jantar.

– E também nas retretes – diz Arslanian.

Hal descola o cabelo dos dedos. Arslanian solta sempre um leve odor a cachorros-quentes.

– A questão é que se trata de um ritual. Dizer mal e lamentar-se. Mesmo assumindo que se sentem como dizem quando estão juntos, o facto essencial é perceber que estamos todos a sentir o mesmo *em conjunto*.

– A questão é estarmos juntos?

– Hal, não te parece que aqui deviam entrar os violinos, se é essa a questão?

– Ingersoll, eu...

Os adenoides afetados pelo frio despertam Beak periodicamente, o que o faz dar um gargarejo e mexer ao de leve os olhos até que volta a fixá-los como se estivesse a ver.

Hal imagina criativamente que aquela esquerda de veludo de Smith é ele a esbofetear Evan Ingersoll em câmara lenta obrigando-o a bater com as costas na parede do fundo. Os pais de Ingersoll fundaram a versão Rhode Island do serviço de compra de alimentos por TC; centenas de adolescentes em frotas de carrinhas levam as encomendas diretamente aos clientes, em vez de irem ao supermercado.

– Que sentido faz que passemos todos três horas a jogar uns contra os outros com um frio que encolhe os tomates, agredindo-nos, fazendo das tripas coração para ganhar. Tentando defender-nos dos ataques dos outros? O axioma do sistema é a desigualdade. Todos sabemos qual é a nossa posição em relação aos outros. O John Wayne está à minha frente, eu à frente do Struck e do Shaw, que há dois anos me superavam, mas estavam atrás do Troeltsch e do Schacht, e hoje em dia superam o Troeltsch, que a partir de agora está à frente do Freer, que superam em muito o Schacht, que não é capaz de ganhar a nenhum dos presentes, a não ser ao Pemulis desde que se lesionou no joelho e desde que piorou da doença de Crohn e quase deixou de estar no *ranking*, mostrando

contudo ter tomates para se aguentar. O Freer ganhou-me quatro a dois nos quartos de final de terra batida do Torneio EUA há dois verões e agora está na equipa B e cinco degraus abaixo de mim, e vai ser seis se o Troeltsch conseguir ganhar-lhe quando voltarem a jogar depois da doença dele.

– Estou à frente do Blott. E do Ingersoll – confirma Idris Arslanian.

– Idris, o Blott só tem dez anos. E estás atrás do Chu, que está num ano estranho e está atrás do Possalthwaite. E o Blott está atrás do Beak e do Ingersoll só por causa do escalão etário.

– Sei sempre onde estou – divaga Ingersoll.

SyberVision monta as suas sequências de visualização com um filtro de fundido e por isso a resposta de Stan Smith funde-se na sua esquerda para dar passagem à jogada seguinte que é absolutamente igual; as transições são etéreas e oníricas. Hal tenta equilibrar-se nos cotovelos.

– Cada um de nós está na cadeia alimentar do outro. Todos nós. Isto é um desporto individual. Sejam bem-vindos ao significado da palavra *individual*. Aqui estamos profundamente sozinhos. É o que temos em comum, esta solidão.

– *E Unibus Pluram* – sussurra Ingersoll.

Hal observa a cara de cada um. A de Ingersoll não tem sobrancelhas e é redonda e salpicada de sardas, não muito diferente de uma panqueca da senhora Clarke.

– Então como é que podemos estar juntos? E ser amigos? E como é possível que o Ingersoll apoie o Arslanian quando ele fizer o jogo de singulares no Torneio de Port Washington, sendo que se o Idris perder o Ingersoll tem hipótese de ocupar o lugar dele outra vez?

– Não preciso do apoio dele. Estou preparado – diz Arslanian mostrando os caninos.

– Pois é essa a questão. Como podemos ser amigos? Mesmo que todos vivamos e comamos e tomemos duche e joguemos juntos, como podemos deixar de ser cento e trinta e seis pessoas profundamente sós, embora estejamos aqui todos amontoados?

– Estás a falar de comunidade. Isto é uma arenga comunitarista.

– Para mim é alienação – diz Arslanian, rodando o perfil para mostrar que está a falar para Ingersoll. – Individualismo existencialista, muito citado no Ocidente. Solipsismo – termina, movendo para cima e para baixo o lábio superior por cima

dos dentes.

Hal diz:

– Em concreto, do que estamos aqui a falar é de solidão.

Blott parece estar prestes a chorar. Os olhos imóveis e os pequenos espasmos nas pernas de Beak significam um sonho problemático. Blott esfrega furiosamente o nariz com a palma da mão.

– Tenho saudades do meu cão – concede Ingersoll.

– Ah – diz Hal apoiando-se num cotovelo para erguer um dedo no ar –, ah, mas observa a coesão de grupo instantânea que se forma à volta de toda esta irritação e de todas estas lamúrias, estás a ver, Blott? Kent, esta pergunta era tua. Tudo o que cheira a sadismo, tensão corporal, fadiga. O sofrimento *une*-nos. Eles querem que estejamos juntos e nos queixemos. Juntos. Depois de uma tarde dura, que nos sentemos, ainda que por pouco tempo, e sintamos que temos um inimigo comum. É o presente que eles nos dão. O remédio deles. Não há nada que una mais do que um inimigo comum.

– O senhor DeLint.

– O doutor Tavis. Schtitt.

– DeLint. Watson. Nwangi. Thode. Todos os verdugos e verdugas de Schtitt.

– Odeio-os! – grita Blott.

– E tu que estás cá há tanto tempo ainda julgas que esse ódio é fortuito?

– Kent Blott, compra um indício! – diz Arslanian.

– Um indício grande e económico, Blott – acrescenta Ingersoll.

– Oh, meu Deus, com alicates não – resmunga Beak estremecendo e colapsando outra vez com a bolha de cuspo no lábio.

Hal finge incredulidade.

– Ainda não tínheis dado conta que toda a equipa de Schtitt vai ficando cada vez mais irritada e sádica à medida que se aproxima uma semana de importantes competições?

Ingersoll apoia-se num cotovelo para se dirigir a Blott.

– O Torneio de Port Washington. O Dia da Independência. Na semana seguinte o WhataBurger de Tucson. Querem que estejamos todos em perfeita forma, Blott

Hal reclina-se e deixa que o *ballet de se* de Smith lhe descontraia as feições.

– Merda, Ingersoll, já estamos na forma máxima. Não é disso que se trata. Isso

é o que menos importa. Em matéria de forma, estamos em grande.

– Segundo Nwangi, o rapaz médio norte-americano é incapaz de fazer uma flexão que seja – diz Ingersoll.

Arslanian aponta para o seu próprio peito.

– Vinte e oito flexões.

– A questão – diz Hal baixinho – é que já não se trata de nada físico, homens. O físico não passa de pró-forma. Aqui trabalham nas nossas mentes, rapazes. Dia após dia, ano após ano. Todo um programa. Procurar provas desse desígnio vai ajudar-vos a reagir. Dão-nos sempre uma coisa que possamos odiar, que odiemos em conjunto quando se aproximam as grandes ocasiões. Os aterradores treinos de maio durante as finais antes da *tournée* de verão. A repressão pós-Natal antes da Austrália. A maratona de frio de novembro, o festival de ranhos e o atraso na montagem do Pulmão para nos proteger. Um inimigo comum. Eu posso detestar o K.B. Freer ou (não consigo resistir) o Evan Ingersoll ou Jennie Bash, mas todos *nós* detestamos os homens de Schtitt, os jogos duplos depois de correr, a insensibilidade dos exames, as repetições, a tensão. A solidão. Mas juntamo-nos e chateamo-los, de um momento para outro fazemos qualquer coisa em grupo. Uma voz comunitária. Comunidade, Evan. Oh, são matreiros. Entregam-se à nossa antipatia, avaliam os nossos pontos de rutura e fazem pontaria para eles, depois mandam-nos para o balneário com uma quarenta e cinco desmontada antes das reuniões do Companheirão. Um acaso? Uma coisa causada pelo acaso? Já alguma vez algum de vós notou haver aqui alguma prova da mais ínfima falta de estrutura friamente calculada?

– O que mais odiamos é essa estrutura – diz Ingersoll.

– Eles sabem o que se passa – diz Blott saltando um pouco em cima do cóccix. – *Querem* que estejamos juntos e nos queixemos.

– *Oh*, são astutos – diz Ingersoll.

Hal reclina-se sobre um cotovelo e mete na boca um naco de tabaco de mascar *Kodiak*. Não sabe ao certo se Ingersoll está a ser insolente. Deixa-se estar, descontraído, visualizando Smith a fazer *smashes* contra a cabeça de Ingersoll. Há algumas semanas Hal aceitou o diagnóstico de Lyle segundo o qual Hal acha Ingersoll – este rapaz esperto, mole e cáustico, com uma grande cara mórbida e sem sobrancelhas e sem rugas na articulação do polegar, com um olhar brando e mimado de menino da mamã, com uma inteligência rápida que desperdiça na

insaciável necessidade de causar uma forte impressão nos outros – tão repelente porque Hal vê nele certas coisas suas que não pode nem quer aceitar. Nada disto ocorre a Hal quando Ingersoll está presente. Não o quer bem.

Blott e Arslanian estão a olhar para ele.

– Sentes-te bem?

– Está cansado – diz Arslanian.

Ingersoll dá pancadinhas nas suas próprias costelas.

Em geral Hal consome em segredo tão continuadamente nos tempos que correm que quando chega a hora do jantar se não estiver pedrado a boca começa a encher-se de saliva – um efeito secundário da ação dessecante do *Bob Hope* – e fica com os olhos cheios de lágrimas como se tivesse bocejado. O tabaco sem fumo começou quase como uma desculpa para salivar. Hal surpreende-se com o facto de que na maior parte das vezes acredita no que acaba de dizer sobre a solidão e a necessidade estruturada de um *nós*; e isto, ligado à repulsa que sente por Ingersoll e a inundação de saliva, fá-lo voltar a sentir-se desconfortável, meditando desconfortavelmente durante um instante na razão que o leva talvez a preocupar-se mais por se pedrar em segredo do que por se pedrar. Tem sempre a sensação de que há um explicação para isso na ponta da sua língua, numa parte silenciosa e inacessível do seu córtex cerebral, e então sente-se sempre enjoado, quando a procura. O que acontece se não fuma uma cachimbada antes do jantar é que se sente um pouco mal do estômago e é-lhe difícil comer o suficiente, e mais tarde, quando termina, fica cheio de fome e vai ao supermercado Father & Son comprar rebuçados, ou então inunda os olhos com *Murine* e dirige-se para a residência do reitor onde ceia com C.T. e a mã, comendo com tal voracidade animal que a mã diz que lhe provoca um sentimento maternal no coração vê-lo despachar a comida daquela maneira, mas depois acorda de madrugada com uma horrível indigestão.

– Desta forma o sofrimento é menos solitário – aventura Blott.

Fazendo duas curvas do corredor, na Sala de Visionamento 5, onde o visor está na parede sul e não está ligado, o canadiano John Wayne reuniu LaMont Chu, «Sonolento T.P.» Peterson, Kieran McKenna e Brian van Vleck.

– Está a falar de desenvolver o conceito de domínio do ténis – diz Chu aos outros três. Estão de cócoras, como índios, Wayne com as costas encostadas à porta, rodando a cabeça para esticar o pescoço. – A tese dele é que a progressão

em direção a um domínio do calibre necessário para o circuito é lento, frustrante. Humilhante. É mais uma questão de temperamento que de talento.

– É verdade, senhor Wayne?

– ... que pelo facto de que se avança para esse domínio por meio de uma série de planaltos – prossegue Chu –, há uma espécie de progressão radical até um determinado planalto onde se fica encravado, no planalto, tendo como única maneira de sair dali escalar o seguinte com uma frustrante e tonta prática repetitiva, muita paciência e firmeza.

– Planaltos – diz Wayne enquanto olha para o teto e coloca isometricamente a cabeça contra a porta. – No plural.

O ecrã do visor apagado tem a cor do céu por cima do Atlântico num dia de frio. A posição de pernas cruzadas de Chu é de manual.

– O que o John diz é que os tipos que não persistem nem progridem na senda da paciência até ao domínio são essencialmente três. Tipos. Temos aquilo que ele denomina tipo Desesperado, que está bem enquanto está na etapa de evolução rápida antes de um planalto, mas então chega a um planalto e sente que está estagnado, que não avança tão depressa ou parece mesmo estar a ficar pior, e este tipo deixa-se dominar pela frustração e pelo desespero porque não tem a humildade nem a paciência para aguentar e fuçar, e não suporta o tempo que tem de ficar nos planaltos. E o que é que sucede?

– Geronimo! – gritam os outros rapazes sem estarem muito sincronizados.

– Assim é, desiste – diz Chu. A cabeça do Wayne faz ranger levemente a porta. – Depois temos o tipo Obsessivo, segundo J.W., tão ansioso por saltar o planalto que nem sequer conhece a palavra *paciência*, muito menos *humildade* ou *fuçanguice*, e quando fica encravado num planalto tenta livrar-se por meio de *vontade* ou de *força*, pela pura força do trabalho e do treino e da vontade e da prática, treinando-se e pondo-se em forma obsessivamente, trabalhando cada vez mais, digamos que freneticamente, e passa as marcas e lesiona-se, e pouco tempo depois está cheio de lesões crónicas, e coxeia no campo continuando a trabalhar de mais, até que por fim quase nem consegue caminhar ou bater a bola, e o seu lugar no *ranking* cai a pique, até que por fim alguém bate à porta dele numa tarde qualquer e é DeLint que vem conversar um pouco sobre o progresso dele na ATE.

– Banzai! *Adiós!* Até *à vista*!

– Depois temos aquilo que John considera ser o tipo pior porque com astúcia é capaz de fingir paciência e humilde frustração. Trata-se do tipo Complacente, que progride de forma fulminante até alcançar um planalto e contenta-se com a melhoria radical que teve até atingir o planalto e não se importa de ficar lá porque é confortável e familiar, e não se incomoda em sair dali, e em breve damos conta que concebeu todo um jogo para compensar as fraquezas e as falhas na armadura que esse planalto representa no seu jogo; agora assenta todo o seu jogo nesse planalto. E pouco a pouco aqueles a quem costumava ganhar começam a ganhar-lhe em encontrar as falhas na armadura e o *ranking* dele começa a cair, embora ele diga que não se importa; diz apenas que está ali porque gosta deste desporto e está sempre a sorrir, mas o sorriso dele começa a ficar amarelo, e ele persiste no sorriso e em ser amável para toda a gente fazendo com que todos gostem dele, mas para ali fica enquanto os outros avançam de planalto em planalto, e ele continua a perder, mas está contente. Até que um dia lhe batem à porta.

– É DeLint!

– Uma pequena conversa!

– Duplo banzai!

Van Vleck olha para Wayne que agora está de costas com as mãos no umbral da porta, fazendo força, com uma perna para trás e a esticar o tornozelo direito.

– É este o seu conselho, senhor Wayne? Não é o Chu a armar em esperto?

Todos querem saber como faz Wayne, #2 continental em juniores de dezoito anos quando acaba de fazer dezassete e provavelmente #1 depois do WhataBurger e que já recebe telefonemas de agentes profissionais que Tavis manda investigar pela Lateral Alice Moore. Wayne é o companheirão mais procurado da ATE. O requisito indispensável para ficar com ele é passar por um sorteio.

LaMont Chu e T.P. Peterson enviam a Van Vleck uns punhais óticos envenenados enquanto Wayne dá meia-volta para esticar um flexor da anca e diz que já disse tudo o que tinha a dizer.

– Todder, admiro a tua sabedoria; admiro num rapaz um certo ceticismo mundano, ainda que aqui não faça qualquer sentido. Por isso, mesmo que me foda a aposta, porque já não há praticamente maneira de me safar – diz M. Pemulis na Sala de Visionamento 2, Subdormitório C, sentado mesmo na borda

do sofá com alguns centímetros de tapete bege entre ele e os seus quatro miúdos, todos com as pernas cruzadas em cima de almofadas –, vou premiar esse teu ceticismo mundano desta vez deixando-te tentar só com duas, por isso tenho aqui apenas duas cartas que te vou mostrar, uma em cada mão. – Cala-se abruptamente e bate na testa com a palma da mão que segura um valete. – Bem, já me estava a esquecer. Antes de mais vamos lá mostrar as notas de cinco.

Otis P. Lord pigarreia.

– A massa à frente.

– Podemos chamar-lhe o saque – diz Todd Possalthwaite pondo um nota de cinco no pequeno monte.

– Meu Deus, já me estava a esquecer, Virgem Santa, quem me manda meter com estes miúdos que dominam o calão dos velhos *croupiers* de Jersey. Devo estar parvo. Mas, porra, sabeis o que vos digo? Tu, Todd, escolhe só uma carta, temos aqui o valete de paus e a rainha de espadas. Escolhe... e vamos virá-las e movê-las um pouco, não as baralho, só as movo sempre à vista, e tu seeeeegues a carta que escolhes enquanto eu as movo, à volta e à volta, com três cartas talvez eu tivesse a hipótese de tu lhe perderes o rasto, mas com duas? Só com *duas*?

Ted Schacht, na Sala de Visionamento 3, com o seu demonstrador oral gigante de plasticina, a imensa dentadura falsa, brancas pranchas de dentes e obscenas gengivas cor-de-rosa, com fio dental tão grosso como lianas enrolado nos pulsos, diz:

– A questão essencial, cavalheiros, não é a força nem a quantidade de vezes que o façais girar para eliminar as partículas mas o *movimento,* observem, um movimento de serra suave, ligeiramente para cima e para baixo em ambos os ancipitais do esmalte. – Faz uma demonstração no lado de um bicúspide tão grande como as cabeças dos miúdos; o material tipo borracha da plasticina produz uns sons doentios de sorvo enquanto os cinco miúdos de Schacht observam com olhos vidrados ou olham fixamente para o ponteiro dos minutos dos seus relógios. – E então aqui está a chave, *aqui* está a coisa que tão poucas pessoas percebem: por baixo da ostensiva linha da gengiva, nos recessos basais da elevação gengival que sobressai entre os dentes, lá em *baixo,* é onde se refugiam e se desenvolvem as partículas mais perniciosas.

Troeltsch convoca a corte no quarto que partilha com Pemulis e Schacht, no Subdormitório C, supinamente recostado numa almofada sua e noutra de

Schacht, o vaporizador a toda a força e um dos miúdos com um lenço de papel na mão pronto para o que der e vier.

– Meus rapazes, o que vos vou dizer é uma repetição. É sempre a mesma coisa. Trata-se de ouvir a mesma treta motivacional várias vezes até que de tão repetida penetra até às tripas. É fazer as mesmas voltas, os mesmos saltos e as mesmas pancadas vezes sem conta; rapazes, na vossa idade é só fazer repetições, já que os resultados pouco interessam para já; ninguém vos vai dar pontapés se não fizerem progressos antes dos catorze por isso é só movimentos e gestos repetidos até que o peso acrescido dessas repetições faz enterrar esses movimentos sob a vossa consciência, nas regiões mais profundas. Através da repetição penetram e assentam no *hardware* no computador. É a linguagem-máquina. A parte autónoma que nos faz respirar e suar. Não é por acaso que se diz que aqui se Come, Dorme e Respira ténis. Isto é autónomo. Acrescido quer dizer acumulado por meio de simples movimentos repetidos e irracionais. A linguagem-máquina dos músculos. Até que sejais capazes de jogar sem pensar. Aos catorze é dar e receber, assim se pensa aqui. Pura e simplesmente, fazer. Não se pense que há uma lógica nisto porque não há. A lógica da repetição é não ter lógica. Aguentar até que se infiltre no *hardware* e então vê-se que liberta as mentes. Há todo um espaço de merda na cabeça que já não é preciso para a mecânica, depois dessas repetições terem penetrado. Agora a mecânica está ligada. Fica conectada. Isto liberta a mente de uma maneira incrível. Vereis que sim. Quando se está a jogar começa-se a pensar de uma maneira completamente diferente. O campo é como se estivesse dentro de nós. A bola deixa de ser uma bola. A bola começa a ser uma coisa que se sabe que *deve* estar no ar a girar. É então que começam a ensinar-vos concentração. Agora também é preciso concentração, não há outra hipótese, mas ainda não está conectada à linguagem, é necessário pensar nela sempre que fazemos alguma coisa. Mas esperai até aos catorze ou quinze. É então que hão de considerar que estais num planalto crucial. No máximo aos quinze. Então é que começa essa merda da consideração e do carácter. É aí que começam a apertar convosco a sério. É o planalto crucial onde o carácter começa a ter importância. A concentração, a atenção, as vozes dentro da cabeça, as vozes desagradáveis, ficar engasgado, o medo perante tudo o que não é medo, a imagem de nós próprios, as dúvidas, as relutâncias, os homenzinhos de pés frio e de lábios apertados dentro da cabeça a palrar sobre o

nosso medo e as nossas dúvidas, falhas na armadura mental. Agora isto começa a ter importância. A começar aos treze. Os treinadores apercebem-se quando se está entre os treze e os quinze. Também é a idade dos rituais de virilidade em diversas culturas. Pensai nisso. Até lá, repetições. Até essa altura é como se fosseis máquinas. É esta a perspetiva deles. Fazer o que tem de ser feito. Pensai nesta frase: fazer o que tem de ser feito. Conectando tudo ao vosso disco rígido. Não imaginais até que ponto esta fase é boa para vós.

James Albrecht Lockley Struck Jr., natural de Orinda, Califórnia, prefere longo interface de perguntas e respostas, com o visor da Sala de Visionamento 8 a emitir música ambiente sobre relaxantes paisagens de ondas, lagos brilhantes, campos de trigo ao vento.

– Tempo para só mais duas, meus queridos.

– Imaginemos que é à justa e o tipo começa a fazer batota. As bolas são bem dentro e ele diz que foram fora. Ninguém acredita de tal modo é flagrante.

– Está implícito que se trata de uma situação em que não há fiscal de linha, Traub.

Audern Tallat-Kelpsa, com olhos assustadoramente azuis, intromete-se:

– É logo nas primeiras vezes. Quando nos dão apenas duas bolas. Sistema de Confiança. De repente o adversário começa a aldrabar. Acontece.

– Bem sei que acontece.

Traub diz:

– Tanto pode estar a fazer batota como a tentar lixar-te o juízo. Também começas a aldrabá-lo? Olho por olho? O que é que fazes?

– Assumamos que há espectadores.

– Eliminatória inicial. Num campo afastado. Sem testemunhas. Estão sozinhos. Reages aldrabando-o também?

– Não se reage aldrabando. Respeita-se a decisão, não se abre a boca, sorriso sempre nos lábios. Se ganhares na mesma, mostras que cresceste como pessoa.

– E se se perde?

– Se se perde, faz-se uma coisa desagradável à bebida dele às escondidas antes da eliminatória seguinte.

Um par de miúdos toma notas e mostra cara de aplicação. Struck é um estratego muito apreciado, muito formal nas sessões de grupo. Há nele qualquer coisa de académico e distante que os seus acólitos reverenciam.

– Na próxima sexta-feira podemos falar de coisas desagradáveis que se fazem às escondidas com jarros de água – diz Struck enquanto olha para o relógio.

Carl Whale, de treze anos e brutalmente vesgo, levanta a mão. Struck atende o pedido dele.

– Digamos que precisamos de dar um peido.

– Estás a falar a sério, não é verdade, Mobes?

– Jim, chefe, digamos que estamos a jogar e subitamente temos vontade de dar um peido. Apercebemo-nos de que é um daqueles bastante desagradáveis e quentes, altamente pressurizados.

– Estou a perceber.

Ouvem-se murmúrios de empatia; os olhares cruzam-se. Josh Gopnik assente com gravidade. Struck está de pé, muito direito, à direita do visor, com as mãos atrás das costas como um catedrático de Oxford.

– Estou a falar daqueles que são mesmo urgentes – continua Whale olhando à volta. – E pode muito bem ser que trate da necessidade de ir à casa de banho disfarçada de peido.

Agora há cinco cabeças a assentir, compungidas e ansiosas: é indubitavelmente um vexatório tema dos sub-14. Struck examina uma cutícula.

– Referes-te a defecar, Mobes. Ir à retrete.

Gopnik levanta os olhos.

– O Carl está a falar de um que ninguém sabe o que fazer com ele. O que é que acontece se em vez de um peido é mesmo vontade de cagar?

– Como se está a competir, não é momento para a pessoa se agachar, fazer força e ver o que acontece.

– Então, à cautela uma pessoa não... – diz Gopnik.

– ... larga um peido – diz Philip Traub.

– Mas então a pessoa privou-se de dar um peido e está a correr e a tentar bater-se com um horrível, desconfortável e quente peido, levando-o de um lado para o outro do campo dentro de si.

Dois níveis abaixo, Ortho Stice e a sua ninhada: o pequeno círculo livresco de cadeiras moles e candeeiros no cálido *foyer* diante da porta do Subdormitório C:

– E o que ele diz vai para lá do ténis, *mein Kinder. Mein Kinder,* é assim como quem diz a minha família. Olha-me diretamente nos olhos e diz que se trata de penetrar em partes de nós que não tínhamos consciência de que existiam para

descer até lá e viver nessas partes. E como é que se pode lá chegar: sacrifício. Negação. O que é que se está disposto a dar. Ouvi-lo-eis perguntar se sois suficientemente privilegiados para conseguir manter um interface. A chamada pode chegar a qualquer altura: o homem quer um interface mano a mano. Ouvi-lo-eis dizer isso repetidas vezes. O que é que estais dispostos a dar. De que é que estais dispostos a separar-vos. Estou a ver que ficaste um pouco pálido, Wagenknecht. Meter medo? Podeis apostar os vossos cuzinhos cor-de-rosa que sim. É a sério. Vai dizer-vos isso na tromba. Trata-se de disciplina, sacrifício e honra, coisas muito mais importantes do que os vossos cuzinhos. Vai falar-vos da América. Vai falar-vos de patriotismo, podeis ter a certeza disso. Dirá que é um desporto patriótico que marca o rumo que deve ser seguido. Ele não é americano mas dir-vos-á sem qualquer dúvida que deveis ter orgulho em serdes americanos. *Mein Kinder.* Dir-vos-á como se aprende a ser um bom americano numa época, rapazes, em que a América não é boa em si mesma.

Há uma longa pausa. A madeira da porta é mais nova do que a do umbral.

– Sou capaz de comer fibra de vidro por esse homem.

A única razão pela qual os rapazes da Sala de Visionamento 8 conseguem ouvir o pequeno estrelejar dos aplausos que vem do *foyer* é porque Struck não hesita em fazer uma pausa para refletir em silêncio o tempo que for necessário. Para os miúdos essas pausas significam dignidade e integridade e a profundidade de águas calmas de um tipo que passou nove anos em três academias diferentes e que tem de fazer a barba todos os dias. Expira lentamente pelos lábios carnudos erguendo os olhos para a moldura do teto.

– Mobes, se fosse eu deixava-o passear.

– Deixava-lo passear sem teres em conta do que se tratava?

– *A la contraire.* Deixava-o passear dentro de mim todo o dia se fosse caso disso. Formularia uma regra de ferro: nada sai do meu traseiro durante o jogo. Nem um apito nem um assobio. Se tiver de jogar agachado, assim farei. Assumo o desconforto em nome da cautela digna e se a coisa for realmente grave, entre jogadas, olho para o céu e digo: «Obrigado, Senhor, podes dar-me outro. Obrigado, Senhor, podes dar-me outro.»

Gopnik e Tallat-Kelpsa tomam nota.

– Isto se quiser aguentar até ao fim.

– De *um* lado do monte gengival, portanto por cima do ápex e por baixo do

outro lado do monte gengival, é bom que desenvolvais a vossa perícia com o fio dental.

– Agora a grande questão de carácter é saber se permitimos que uma daquelas falhas de concentração que ocorrem de cem em cem anos nos faça levantar as mãos de menina e rastejar desanimados para os nossos covis onde ficamos a lamber as nossas feridas ou se fixamos o olhar e erguemos o queixo e dizemos: «Pemulis, oh Pemulis», nós dizemos Pemulis, Dobrado ou Nada, quando as cartas hoje estão tão loucamente a nosso favor.

– Então fazem isso de propósito? – está Beak a perguntar. – Tentam levar-nos a odiá-los?

Limites e rituais. Está quase na horta do jantar comunitário. Às vezes a senhora Clarke deixa que Mario faça tilintar um triângulo com um colher de ferro enquanto ela abre as portas da sala de jantar. Os empregados têm de usar redes no cabelo e pequenas luvas de ginecologista/obstetra. Hal pode desligar a corrente e enfronhar-se nos túneis, ainda que possa não ir mesmo até à Sala das Máquinas. Só se atrasará cerca de vinte minutos. Pensa de uma forma abstrata e ausente sobre limites e rituais, ouvindo Blott dar a Beak o seu *aperçu*. Como se houvesse uma clara linha de demarcação, uma diferença quantificável entre necessidade e intenso desejo. Tem de se sentar para cuspir no cesto dos papéis. Sente uma pontada num dente do lado esquerdo da boca.

A PRIMEIRA E ÚNICA EXPERIÊNCIA ROMÂNTICA, AINDA QUE REMOTA, DE MARIO INCANDENZA ATÉ À DATA

EM MEADOS DE OUTUBRO DO ARIAD, Hal tinha convidado Mario para dar um passeio pós-prandial e caminhavam pelos terrenos da ATE entre os campos de oeste e a mata da colina; Hal levava o saco de desporto. Mario pressentiu que Hal queria passar algum tempo sozinho, por isso fingiu (Mario) interessar-se por um conjunto de ramo e folha ao lado do carreiro e deixou que Hal se adiantasse. Toda a zona ao longo do arvoredo e dos matorrais e arbustos e sabe Deus que mais estava coberta de folhas mortas que ainda não tinham perdido de todo a cor. As folhas metiam-se-lhes debaixo dos pés. Mario avançava cambaleando de árvore em árvore, detendo-se em cada uma delas para descansar. Eram 19h00, o crepúsculo ainda não tinha caído, mas a única coisa que restava do pôr do Sol era uma elevação amarela por cima de Newton; os lugares cobertos por compridas sombras eram frios e uma espécie de tristeza melancólica insinuava-se no resplendor dos campos.

Um agradável aroma de folhas queimadas ilegalmente vinha de East Newton e misturava-se com o cheiro da comida que saía das turbinas ventiladoras das traseiras da sala de jantar. Duas gaivotas sobrevoavam os caixotes de lixo que havia ao fundo do parque de estacionamento. As folhas estalavam debaixo dos pés. O som que Mario fazia a andar era como: craque craque craque parar; craque craque craque parar.

Um camião do lixo do Empire Waste Displacement soltou um apito nas alturas, subindo no início do seu arco, com as luzes azuis de alerta a cintilar. Mario estava do lado onde a linha de árvores inchava herniaticamente para a cerca do fundo dos campos de oeste. Vindos do interior dos matorrais, ao pé da colina, ouviram-se uns tremendos e sonoros estalidos de arbustos e ramos de árvore a serem arrastados e quem havia de aparecer inesperadamente a não ser a U.S.S. Millicent Kent, uma rapariga de dezasseis anos natural de Montclair, New Jersey, # 1 em singulares na equipa A feminina de menores de dezasseis e duzentos quilos se ela fosse um quilo. Canhota, com um serviço cheio de efeito que Donnie Stott gosta de cronometrar com laser. Mario tinha filmado Millicent

Kent em diversas ocasiões para analisar o jogo dela. Trocaram saudações cordiais. Era uma das duas mulheres da ATE a que se notavam as veias nos antebraços, o que foi objeto de um desafio renhido em termos de halterofilia contra Schacht, Freer e Petropolis Khan, organizado por M. Pemulis na primavera passada. Ela havia arrumado Kahn e Freer negou-se a aparecer e Schacht acabou por vencê-la mas teve de lhe tirar o chapéu. Tinham-na mandado correr depois de jantar por causa do peso; apertava bolas *Penn 5* com as mãos; trazia as calças do fato de treino da ATE e ostentava um enorme laço cor de violeta preso com fita gomada ou colado na arredondada cúpula dos seus cabelos. Disse a Mario que acabara de ver uma coisa muito estranha no matagal perto da aba da colina. Tinha o cabelo levantado e arredondado na forma de uma espécie de comprimido, bastante parecido com uma tiara papal ou com o chapéu alto de um polícia britânico. Mario disse-lhe que o laço lhe ficava às mil maravilhas e que era uma surpresa encontrar-se cara a cara com ela ali ao relento. Bridget Boone tinha dito que a *coiffure* da U.S.S. Millicent Kent se parecia com um míssil a sair de um silo prestes a ser lançado. A última réstia do focinho solar punha-se mesmo por cima do cume do cabelo de Millicent, que tinha um aspeto quase ósseo, pois era composto por densos ninhos entretecidos de fibras reticuladas como uma esponja de lufa seca; segundo ela, uma permanente feita em casa durante as férias de verão tinha dado para o torto deixando-a com aquele sistema de ninhos reticulados que só agora começavam a amolecer o suficiente para lhe permitir prendê-lo com um laço. Mario disse bem, o laço assentava-lhe na perfeição, e era tudo o que tinha a dizer sobre o assunto. (Literalmente falando, não dissera «ao relento».) A U.S.S. Millicent Kent disse que se tinha entretido a abrir caminho pelo meio do espesso matagal que havia sido plantado pela senhora Incandenza – quando esta ainda passava algum tempo ao ar livre – para desencorajar os funcionários eventuais de cortarem pela colina até à ATE e tinha dado com um tripé telescópico de marca *Husky-VI*, novo e prateado-escuro e sobre os três pés, mesmo no meio do matagal. Por nenhuma razão aparente e sem pegadas ou prova visível de passagem por ali a não ser a vereda aberta pela própria U.S.S. Millicent. A U.S.S. Millicent guardou as bolas de ténis nos bolsos laterais das calças, agarrou na pata de Mario e disse-lhe para ir por ali que lho mostraria logo, para ver a reação dele sobre o assunto e, além disso, ficaria com uma testemunha quando regressassem e ela contasse aos

outros. Mario disse que o *Husky-VI* vinha com cabeça própria e cabo disparador. Com a U.S.S. Millicent a ajudá-lo com uma mão enquanto afastava os arbustos com a outra, entraram no matagal da aba da colina. A luz tinha agora a mesma tonalidade que o laço da U.S.S. Millicent. Ela disse-lhe que jurava tê-lo visto por ali. Mario disse que o falecido pai usava um modelo mais antiquado de *Husky-IV* quando tinha começado a fazer cinema de arte, altura em que também usava um *dolly* caseiro e sacos de areia e focos de halogéneo em vez de *kliegs*. Várias espécies e vários tipos de aves chilreavam.

A U.S.S. Millicent Kent contou confidencialmente a Mario que sempre pensara que ele tinha as pestanas mais bonitas, compridas e hirsutas de todos os rapazes em dois continentes, três contando com a Austrália. Mario agradeceu-lhe amavelmente tratando-a por senhoora e tentando imitar um sotaque sulista.

A U.S.S. Millicent Kent disse não ter a certeza de quais tinham sido os seus passos depois de ter descoberto o tripé no meio do matagal e quais os deles tentando encontrar as anteriores pegadas e que estava a ficar preocupada por começar a escurecer e poderem não o encontrar e então Mario não ia acreditar que ele tinha visto uma coisa tão improvável como um brunido tripé prateado colocado sem qualquer razão aparente no meio do nada.

Mario disse que quase tinha a certeza de que a Austrália era um continente. Ao andar, aproximou-se do fundo da zona das costelas da U.S.S. Millicent.

Mario ouviu diversos ruídos de ramos a estalar noutra parte do mato mas tinha a certeza de que não era Hal porque Hal raramente fazia barulho de movimento tanto fora como dentro de casa.

A U.S.S. Millicent Kent contou a Mario que embora fosse indubitavelmente uma grande jogadora, com um ataque na rede avassalador e titânico na melhor tradição do jogo agressivo de Betty Stove/Venus Williams, e a caminho de um futuro quase ilimitado no circuito, tinha de lhe confessar em privado que nunca havia gostado de jogar ténis de competição, que a sua verdadeira paixão era a dança moderna interpretativa, para a qual admitia não possuir nem o talento nem a capacidade congénitos para empreender esse rumo, mas amava a dança e quando era miúda tinha passado quase todo o tempo de que dispunha fora do campo a praticar em fato de licra diante de um espelho duplo no quarto dela na casa dos subúrbios de Montclair, New Jersey, só que era para o ténis que tinha um talento incalculável que lhe permitia dar pancadas espetaculares e lhe havia

valido todos os tipos de ofertas de bolsas e ajudas para frequentar escolas privadas e que tinha andado desesperada por entrar numa. Mario perguntou-lhe se se lembrava se o tripé *Husky-VI* era do tipo *TL* com pegas de borracha com favos nos pés e uma cabeça de cento e oitenta graus que girava num arco em vez de num círculo completo. A U.S.S. Millicent revelou que tinha aceitado a bolsa para a ATE aos nove anos de idade pela simples razão de que queria livrar-se do pai. Tratava o pai por Velho, coisa de que se via que tirava toda a vantagem. A mãe havia saído de casa quando a U.S.S. Millicent tinha apenas cinco anos, fugindo com um homem enviado por aquilo que então se chamava Com-Edison para fazer uma avaliação gratuita da eficiência energética da casa. Há que anos que não via o Velho, mas tanto quanto se lembrava era um homem de quase três metros de altura e morbidamente obeso, motivos pelos quais todos os espelhos e a banheira de casa tinham de ser de tamanho duplo. Uma irmã mais velha que se dedicara seriamente à natação sincronizada havia engravidado e casado enquanto frequentava o liceu pouco depois da partida da mãe.

Durante este tempo todo os ruídos nunca cessaram na aba da colina. Mario tinha dificuldades em qualquer terreno inclinado. Um pássaro qualquer pousou no ramo mais alto de uma arvorezita e ficou a observá-los sem dizer nada. Mario lembrou-se de repente de um gracejo que tinha ouvido a Pemulis:

– Se duas pessoas se casarem no Oeste da Virgínia, depois mudam de morada e vão para Massachusetts onde acabam por divorciar-se, qual é o maior problema para o conseguir?

A U.S.S. Millicent disse que aos quinze anos a irmã mais velha já fazia parte nada mais nada menos que das Amazonas do Gelo e estava no coro, onde o maior desafio artístico era não esbarrar contra os outros nem cair nem fazê-los cair.

– Obter um divórcio da tua própria irmã, porque segundo Pemulis no Oeste da Virgínia muitas das pessoas que se casam são irmão e irmã.

– Dá-me a mão.

– Ele estava na brincadeira, é claro.

Agora a luz tinha quase a cor da cinza e dos restos no fundo de um grelhador *Weber*. A U.S.S. Millicent Kent conduzia-o num conjunto de círculos cada vez mais reduzidos. Então contou que aos oito anos tinha voltado um dia mais cedo para casa depois dos treinos escolares nos campos para juniores da USTA, em

Passaic, New Jersey, na expectativa de vestir o velho fato de licra para praticar um pouco de dança moderna interpretativa no quarto mas ao chegar verificou com espanto que o pai tinha vestido o fato de licra dela. Não é necessário dizer que não lhe assentava muito bem. E tinha a parte da frente dos seus enormes pés descalços enfiada num par de ténis sem atacadores que a senhora Kent tinha deixado ficar para trás na sua fuga. Havia arrastado todos os móveis da sala para junto de uma parede e lá estava ele, diante do maior espelho, com um grotesco e bem cheio fato de licra violeta, a fazer cabriolas. Mario diz que o violeta era realmente a cor da U.S.S. Millicent. Ela diz que aquelas eram as palavras exatas para descrever a situação: *a fazer cabriolas*. A fazer piruetas e a rodopiar. E a sorrir como um parvo. A parte das virilhas do fato de licra parecia, de tão deformada, uma fisga. Não a tinha ouvido entrar. U.S.S. Millicent perguntou a Mario se já tinha visto o *yin-yang* de uma rapariga. Recordava-se de que uma carne obscenamente mosqueada e hirsuta esbarrondava por todos os centímetros do perímetro do fato de licra. Ela tinha uma figura voluptuosa mesmo aos oito anos, disse a Mario, mas o Velho dela entrava na categoria do completamente desmesurado. Mario repetia «Safa!», porque não lhe ocorria outra coisa. A carne do Velho sacolejava e pulava enquanto fazia cabriolas. Era uma coisa repelente, disse ela. Não havia sinal de nenhum *Husky-VI* ou de qualquer outro modelo de tripé em quaisquer matagais ou matorrais. O termo literal que ela usou foi *yin-yang*. Mas o Velho dela não era um mero travesti normal, disse ela; tinha sempre de vestir roupa de alguém da *família*. Disse que sempre se havia admirado com o facto de a roupa de patinagem das irmãs ficar tão ascorosamente grande e com os elásticos tão lassos, já que as irmãs não usavam realmente tamanhos minúsculos de gente mal alimentada. O Velho não a tinha ouvido entrar e continuou a fazer cabriolas e *jetées* durante vários minutos até que o olhar da filha se cruzou ocasionalmente no espelho com o olhar atoleimado dele, disse. Foi aí que percebeu que tinha de ir embora, disse. E a senhora das Admissões do Velho de Mario havia telefonado nessa mesma tarde, disse. Como se tivesse sido o destino. A providência. O fado.

– *Yin-yang* – acrescentou Mario assentindo.

A mão da U.S.S. Millicent era grande e quente e tinha o grau de humidade de um tapete de banheira que tivesse sido usado várias vezes em rápida sucessão.

Muitos anos mais tarde a irmã dela a seguir à mais velha tinha-a informado de

que a primeira vez em que alguém havia suspeitado do Velho ocorrera quando a irmã mais velha era muito pequena e a senhora K. lhe tinha feito um traje completo com laço de lamê dourado e flechas para a festa do Dia de São Valentim na escola. Um dia, por causa de um alarme de amianto na escola, ela tinha regressado mais cedo e de forma imprevista a casa encontrando o Velho na sala de jogos da cave com as asinhas nos ombros e a fralda horrivelmente esticada numa pose copiada de um óleo muito conhecido de Ticiano na ala do Alto Renascimento do Metropolitan. E ela debateu-se com um sentimento de negação e de dúvida em relação às suas próprias perceções durante bastante tempo, até que um episódio histérico durante os ensaios para um espetáculo das Amazonas do Gelo no Dia de São Valentim fizeram vir à superfície todos os sentimentos deixando de o negar. Os psicólogos do Gabinete de Assistência aos Funcionários das Amazonas do Gelo ajudaram-na a ultrapassar essa situação.

Nesse preciso instante U.S.S. Millicent parou numa zona de arbustos sem espinhos que depois se verificou ser de sumagre venenoso e deu meia-volta com um brilho estranho no olho que estava fora da sombra de um pinheiro e apertou a grande cabeça de Mario contra a área imediatamente abaixo dos seus seios e disse que tinha de lhe confessar que há bastante tempo as pestanas e o colete com fecho de polícia extensível que ele usava para se manter de pé num sítio a enlouqueciam de apetite sexual. O que Mario percebeu como uma súbita queda radical da temperatura existente foi o facto de que a estimulação sexual da U.S.S. Millicent Kent sugou tremendas quantidades de energia ambiental do ar que os rodeava. Mario tinha a cara tão apertada contra o tórax da U.S.S. Millicent que tinha de torcer a boca para a esquerda para conseguir respirar. O laço do cabelo da U.S.S. Millicent soltou-se flutuando na linha de visão de Mario como uma gigantesca borboleta noturna cor de violeta enlouquecida. A U.S.S. Millicent tentava desapertar os calções de bombazine de Mario mas viu os seus esforços frustrados pelo complexo sistema de anilhas e molas da parte inferior do colete com fecho de polícia que assentava nas molas dos calções. Mario tentava reconfigurar a boca para respirar e avisar a U.S.S. Millicent que na zona do umbigo e mais abaixo era incrivelmente sensível a cócegas. Começava a ouvir o irmão Hal lá em cima e para leste a chamá-lo numa altura de voz moderada. A U.S.S. Millicent Kent estava a dizer que era impossível que Mario se sentisse mais nervoso do que ela com o que estava a acontecer entre

eles. É verdade que os ruídos que Mario fazia ao inspirar com uma boca severamente torcida para a esquerda poderiam ter sido interpretados como o resfolegar da estimulação sexual. Foi então que a U.S.S. Millicent passou um braço por cima do ombro de Mario para ter um ponto de apoio e meteu à força a mão por baixo da fímbria do colete apertado e depois desceu pelos calções e pelas cuecas à procura de um pénis, mas Mario ficou com tantas cócegas que começou a dobrar-se, libertando a cara da parte da frente da U.S.S. Millicent e rindo-se tão alto e de uma forma tão distintamente aguda que Hal não teve qualquer dificuldade em dirigir-se para eles por mais comprometido que o seu sistema de navegação estivesse depois de quinze secretos minutos a sós no meio dos pinheiros fragrantes.

Depois Mario disse que foi como quando se tem uma palavra na ponta da língua e por mais que se tente não se consegue recordá-la até ao momento em que se deixa de pensar e ela surge subitamente na cabeça: foi quando os três caminhavam juntos subindo a colina em direção à correnteza de árvores, sem tentar fazer nada a não ser regressar em linha reta e no meio da escuridão ao edifício da Administração que esbarravam com o tripé cinemático, um *Husky TL* com pegas de borracha com favos que brilhava pouco no meio de um mato que não era nada alto nem muito denso.

30 DE ABRIL DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

STEEPLY DISSE:

– Escolher Boston como vosso centro de operações significa para nós, no fim de contas, a suposta origem do Entretenimento.

Marathe fez um gesto de quem está disposto a gastar tempo e a ir na onda, se era isso que Steeply queria.

– Mas também a cidade de Boston, Estados Unidos, tem lógica. É a cidade mais próxima da Convexidade. Portanto, a mais próxima de Quebeque. À distância de uma cuspidela, como vós dizeis.

A cadeira de rodas chiava um pouco quando ele se mexia. A buzina de um automóvel soou durante algum tempo algures entre a cidade e eles. O solo do deserto estava a ficar cada vez mais frio; conseguiam senti-lo. Agradou-lhe o facto de ter o anoraque.

Steeply sacudiu a cinza do cigarro com áspero movimento do polegar que não teve nada de feminino.

– Mas não temos tanta a certeza de que realmente disponham de cópias. Aliás, este filme, entre aspas, antiEntretenimento que o realizador à primeira vista fez para contrariar a mortalidade, existe de facto? Podia muito bem ser uma espécie de jogo para que vós e o FLQ[47] mantivésseis a promessa do antiEntretenimento como uma ficha para fazer concessões. Como um tipo qualquer de remédio ou antídoto.

– Deste antifilme que é antídoto para a sedução do Entretenimento não temos qualquer prova exceto a loucura de rumores.

Steeply usava um artifício de entrevistador técnico fingindo ocupar-se com pequenos desconfortos físicos relacionados com a higiene ou o aspeto, protelando, de modo a que Marathe pudesse elaborar melhor os seus argumentos. As luzes da cidade de Tucson criavam com as suas cintilações e resplendores um globo de luz como nos tetos de *les salles à danser* em Val d'Or, Quebeque. A mulher de Marathe estava a agonizar lentamente com uma restenose ventricular[48]. Pensou: *morre duas vezes*.

Marathe disse:

– E por que raio não te mandam para o teatro de operações como tu mesmo, Steeply? Estou a falar do teu aspeto. Da última vez foste... o que é que espero dizer?... um negro, durante quase um ano, não é assim?

Quando as pessoas dos EUA encolhem os ombros é sempre como se tentassem levantar um grande peso.

– Haitiano – respondeu Steeply –, fui um haitiano. Talvez a personagem tivesse algumas tendências negroides.

Marathe viu Steeply ficar em silêncio. Um coiote estado-unidense parece-se mais com um cão nervoso. A buzina do carro continuava a ouvir-se, soando aos homens como perdida e quase náutica lá ao fundo. A maneira feminina de examinar as unhas era pôr todas as costas da mão à vista, em vez de do masculino dobrar os dedos pondo as unhas sobre a palma; Marathe sabia isto desde a mais tenra idade. Steeply limpava os cantos da boca e depois de um curto intervalo começava a observar as unhas. Os seus silêncios pareciam sempre oportunos e contidos. Era um operacional competente. Veio mais ar frio, estranhas brisas turbulentas subiam até à montanha provenientes do solo do deserto, súbitas lufadas de ar, como a página de um livro que se vira de repente. Os braços nus de Steeply tinham o aspeto de um frango despenado, com a pele fria e ao léu no grotesco vestido sem mangas. Marathe não havia reparado que com o cair da noite Steeply tinha tirado os ridículos óculos de sol, mas decidiu que pouca importância tinha se não desse conta do momento exato em que o fizera no relatório completo de palavras e gestos que apresentaria a M. Fortier. Ouviu-se novamente o coiote e outro mais afastado talvez em resposta. Os sons eram semelhantes aos de um cão doméstico sujeito a uma descarga elétrica de baixa voltagem. *Les Assassins* M. Fortier e M. Broullîme e outros camaradas de rodas acreditavam que Rémy Marathe era eclético, quase perfeito em termos de memória e pormenor. Marathe, que se lembrava de vários incidentes relacionados com vigilâncias cruciais que depois fora incapaz de recordar, sabia que isso não era verdade.

30 DE ABRIL DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

VÁRIAS VEZES, MARATHE, EM CONVERSA COM STEEPLY, chamou aos EUA «A vossa nação murada» ou «A vossa nação amuralhada».

Um guru oleado está sentado na posição de lótus com umas calças de malha de licra e um *top*. Talvez tenha quarenta anos. Está na posição de lótus completa na máquina de toalhas, mesmo em cima do aparelho de fortalecimento de ombros na sala de pesos e halteres da Academia de Ténis de Enfield, em Enfield, Massachusetts. Placas de músculos destacam-se-lhe do corpo para se unirem entre si e darem-lhe um aspeto quase de crustáceo. A cabeça brilha e tem o cabelo cor de azeviche e extravagantemente emplumado. O sorriso dele era capaz de vender coisas. Ninguém sabe de onde vem nem por que motivo lhe é permitido estar ali, mas está sempre ali, sentado iogamente a cerca de um metro do chão de borracha da sala de halterofilia. O *top* dele tem serigrafado transcender; nas costas lê-se *deus providebit*, impresso em cor de laranja fluorescente. É sempre o mesmo *top*. Às vezes a cor das calças de licra muda.

Este guru vive do suor dos outros. Literalmente. Os fluidos e sais e ácidos gordos. É uma espécie de louco amado. É uma instituição da ATE. Se alguém gosta de fazer extensões no banco, levantar pesos com as pernas, fazer flexões e alongamentos ou saltar à corda, é normal que acabe mais suado do que um cavalo; então, se o autorizar a lamber-lhe os braços e a testa, receberá dele um bocadinho de sabedoria de guru. As suas palavras mais célebres durante muito tempo foram: «E o Senhor disse: “Que o peso que levantas não seja superior ao teu próprio peso.”» O consenso geral é que os seus conselhos sobre forma física e prevenção de lesões são bastante sólidos. Tem uma língua pequena e áspera mas é agradável, com a de um gato. Não se trata de nada amaricado ou sexual. Algumas das raparigas também o deixam lamber. É perfeitamente inofensivo. Segundo contam, apareceu há muito tempo com o doutor Incandenza, fundador da Academia.

Alguns dos rapazes mais novos opinam que é um anormal e querem correr com ele. Que tipo de guru usa licra e vive da transpiração dos outros?, queixam-

se. Só Deus sabe o que faz quando o ginásio é fechado à noite, dizem.

Às vezes os rapazes mais novos que nem sequer o deixam aproximar, entram e põem mais peso nas máquinas para muscular os ombros do que o próprio. O guru sentado na máquina de toalhas deixa-se ficar quieto, sorri e não diz nada. Eles põem-se debaixo da barra, fazem caretas e tentam puxá-la, mas, tipo, nicles: a barra com sobrepeso faz é subir o corpo. Lá vão eles para cima, os corpos deles, em direção à barra que querem puxar para baixo. Toda a gente devia observar pelo menos de relance os olhos de um homem que vai a subir para aquilo que queria fazer descer. E gosto da maneira como o guru em cima da máquina de toalhas não se ri deles, nem sequer abana sabiamente a cabeça que tem sobre o seu pescoço castanho. Limita-se a sorrir, escondendo a língua. É como um bebé. Tudo o que vê chega até ele para se afundar sem fazer borbulhas. Limita-se a estar sentado ali. Quero ser assim. Capaz de me sentar imóvel e puxar a vida para mim, uma testa de cada vez. Crê-se que se chama Lyle.

Fomos eu, atento e venerando, C. e Poor[*1] Tony que saímos em bando nesse dia e tudo o resto. Ainda que a manhã tivesse um sol radioso e nós estivéssemos um bocado doentes conseguimos a nossa dose quando fanámos vários objetos numa banca na Prace Harvard onde fizemos pré-aquecimento enquanto a neve caía e depois Poor Tony cruzou-se com um maricas que era um velho conhecido dele de um lugar do tipo Cape e Poor Tony aproximou-se e disse que lhe faria um broche grátis e entrámos no carro dele e arriámos-lhe à grande e conseguimos $ suficiente do maricas para ficarmos pedrados o resto do dia e voltámos a arriar-lhe e C. queria eleminar o maricas do mapa porque sim e tudo o resto e levássemos o chaço dele para uma garagem que ele conhece em Chinatown, mas Poor Tony ficou branco como a merda e disse nem pensar e começou a discatir e tudo o resto e acabámos por deixar o tipo no carro dele perto de Mem Dr[*2] partimos-lhe os queixos como insentivo para que não bufasse e C. insestiu e não pudemos ambos recusar e arrancou-lhe uma orelha que causou uma javardice e tudo o resto e então C. atirou a orelha para um caixote do lixe e o vosso atento e venerando a modos que não topou por que raio ele fez isso. O caixote do lixo estava com os outros caixotes perto da loja de *donuts* de Steve na Prace Enfield. Voltámos para o bairro social de Brighton para fazer a compra e Roy Tony está lá sempre no seu banco no Campo de Jogos ao fim da

manhã mas agora todo os preto do bairro está acordado e no Campo de Jogos e a coisa estava tensa mas era de dia e tudo o resto e comprámos meio saco a Roy Tony e fomos para a biblioteca na Copley onde guardamos o nosso material quando saímos em grupo e entrámos na casa de banho dos homes onde já havia vário material no chão tão cedo e metemo-nos no cubículo e C. e este atento e venerando discutimos sobre quem fez três chutos e quem fez dois e obrigámos Poor Tony a dar-nos a terceira saqueta dele mas tínhamos de arranjar mais qualquer coisa nessa noite e na manhã seguinte que era Natal e era preciso arranjar de véspera, é uma luta sem fim é um trabalho a tempo inteiro e não há férias nem no Natal. É uma porra de vida e ninguém diga o contrário. E lá voltámos à Prace Harvard mas Poor Tony ao chegar disse que iria passar a hora do almoço com os maricas de couro vermelho no Bow&Arrow e embora possa este atento e venerando tolerá-los a sós com outros este atento e venerando não eu não suporto os cabrões dos maricas e o este vosso atento e venerando e C. dissemos foda-se esta merda e pirámo-nos para a Prace Central onde estava frio e o vento era gelado e caía neve e fanámos *NyQuil* na farmácias CVS onde fomos à arrumação e usámos um cabo de esfregão para partir o vidro do corredor do *NyQuil* e escondemos o *NyQuil* no casaco de C. e apanhámos uma pedrada de *NyQuil* e sacámos um saco de livros a um puto com pinta de estudante na plataforma do metro mas só tinha livros e disquetes e a caixa das disquetes era de plástico porra e para dentro de um caixote lá foi ela mas também nesta altura topámos com Kely Vinoy que estava a trabalhar na esquina dela junto do caixote do lixo perto da loja de discos Cheap-O na Prace ao lado do sítio de *emails* e ela estava pedrada a felar com Eckwus e outro gajo e Eckwus disse ele disse que Stokely Darkstar tinha feito o teste grátis em Fenway que confirmou ao certo o Vírus e Purpleboy disse que Darkstar dizia que se ia quinar estava-se nas tintas e estava-se nas tintas se passava o Vírus a outros por transmisão e a Palavra tinha sido passada não usar os materiais de Darkstar não usar materiais de Darkstar nunca por mais que necessites mesmo que estejas a morrer de vontade arranja outros materiais. Tipo C. disse tudo serve quando se está em falta e não se tem o que é preciso e Darkstar tem os instrumentos. Todos aqueles de nós que ainda têm alguma coisa na tola temos os nossos instrumentos pessoais a não ser esta velha rebentada como é Kely e Purpleboy diz que o Homem lhe fica com o dinheiro e os instrumentos e só ele pode dar-lhe chutos e aguenta Kely com

doses reduzidas para insentivá-la a ganhar mais $ e tudo o resto não há nada pior do que um chulo e os chulos de Boston são os piores de todos 10x piores do que os chulos de NI que se julga serem os piores mas em NI onde este vosso atento e venerando arrastou o cu parte da sua vida na Prace Columbus como Stokely Darkstar antes de ir parar à gaiola, e estávamos à converça mas estávamos em baixo e estava a ficar escuro e caía neve para um Natal Branco e se não déssemos uma golpaça antes das 22h00 os pretos de Roy Tony já estariam bêbedos de mais para dividir alguma coisa connosco e haveria problemas se fôssemos depois das 22h00 e quem é que precisa de chatices por isso regressámos de metro à Prace Harvard e todos os estudantes estrangeiros estão nos bares e localizámos Poor Tony a fumar haxixe com uns maricas nos fundos de Au Bom Pain e dizemos vamos apanhar um estudante estrangeiro que ficou a passar o Natal aqui nos bares e tem de ser antes das 22h00 de modo que saímos para o gelo e andámos pela neve derretida até ao Bow&Arrow na Prace com Poor Tony e Lolasister e Susan T. Cheese que eu não gramo e entrámos e obrigámos Susan T. Cheese a pagar cervejas e esperámos e nenhum estudante saía sozinho mas um tipo mais velho que toda a gente via que não era estudante nenhum mas está sozinho a beber uísque ao balcão e está de borco e preparado para ir desta para melhor e Poor Tony diz a Lolasister para se pirar e ela acompanha Poor Tony há algum tempo mas só se não houver sangue derramado mas corre sempre sangue se C. entra, e este vosso atento e venerando informa Susan T. Cheese de que é melhor que ela também se prepare e o velho tipo sai feito num oito e a segurar-se às paredes com um sobretudo de alta categoria e muito promissor em termos de possibilidade de $ e aponta o seu nariz numa e noutra direção e olha para a montra do Bow&Arrow em que está C. a limpar o vidro embaciado e mantém uma converça com um Pai Natal que faz soar uma grande sino para pedir esmola e é uma luta do caraças esperar mas algum tempo depois deixa o Pai Natal e vemos que se dirige por fim para Mass Ave a caminho da Prace Central, e Poor Tony fez o quarteirão a correr para o apanhar do outro lado com os tacões a derrapar no gelo e a cobra de plumas ao pescoço e apanha-o seja como for Poor Tony sabe sempre como ir pela viela dos caixotes do lixo ao lado do Bay Bank passando pela Rua Sherman e este vosso atento e venerando e C. saltámos para cima do indivíduo e atirámo-lo ao chão e C. arrebenta-lhe as trombas à grande e deixá-lo na neve debaixo de um caixote em

estado de não poder bufar, e C. quer roubar gasolina de um carro na avenida e pegar-lhe fogo mas o tipo tem 400$ com ele e mais qualquer coisa e um sobretudo com uma gola de pele e um relógio saímo-nos bem e C. chegou a tirar-lhe os sapatos que não eram de estudante mas não lhe cabiam nos pés e lá foram parar ao caixote do lixo.

E lá voltámos nós para o bairro social de Brighton, mas já passa das 22h00, é tarde de mais Roy Tony já não tem os sus homes cá fora já fechou o negócio mas aquilo parece uma Convenção de Pretos no Campo de Jogos do bairro social de Brighton com os seus cachimbos de vidro em garrafas de *Crown Royal* em sacos púrpura e tudo o resto no Campo de Jogos do bairro social e se topam que temos tanto $ atiram-se a nós aos montes de noite são animais com os seus sacos de veludo púrpura e metanfetaminas e *crack Redi Rock*, um grande preto com um boné dos Patriots tem um ataque de corasão e tomba redondo no asfalto negro ao lado do baloiço mesmo à nossa frente e nenhum dos *irmãos* dele fez porra nenhuma por ele estás para ali caído de noite são como animais nós pirámo-nos na mecha do bairro social de Brighton, e conversámos. E Poor Tony quer ir à Prace Enfield para sacar ganza a Delphina onde param os borlistas do Empire ou então ir ter com os maricas da loja de *donuts* do Steve para saber quem mais vende droga em Enfield ou Allston e tudo o resto, mas a droga da Delphina é merdosa e corre que é toda manitol e quinino e que mais valia tomar *XLax* ou *Schweppes* e então C. dá um caldo a Poor Tony e C. quer apanhar a Linha Vermelha até Chinatown mas Poor Tony fica branco como a cal e diz que em Chinatown é caro de mais em $ e tudo o resto, por uns poucos pacotes, o doutor Wo é 200$ mas pelo menos é sempre bom e nós temos 400$ e picos e C. diz que desta vez porra bem podemos comprar ao Wo é material reconhecido como excelente e é Natal e Poor Tony bate com o tacão no chão e diz que temos $ suficiente para nos aguentarmos e aguentar Lolasister durante o Natal todo e mais dois dias e não precisar de andar à procura de mais massa no Natal se não a derretermos em Chinatown em vez de esperar um bocado mas quem é que não sabe que C. fica à rasca mais depressa do que os outros quando não pode chutar e tudo o resto e está em pulgas para ir ao doutor Wo e começa a ter Arrepios e o nariz fica-lhe cheio de ranho e ninguém pode dizer não a C. e disse que vamos para Chinatown e se Poor Tony não quiser ir pode respirar fundo e ficar à espera na Prace até que voltemos e trazemos também para ele, e Poor Tony que pode

ser um brochista de primeira mas não é parvo nenhum e não vai ficar à espera.

E lá vamos nós e tudo o resto com os 400$ na Linha Laranja, e por devido a uma série fodida de circunstâncias este vosso atento e venerando e C. quase acabaram por violar uma velha enfermeira de uniforme branco e sobretudo no metro mas não fizemos isso e Poor Tony parece branco e distante no metro a brincar com a sua cobra de penas e diz ele diz que parece que se lembra de ter feito um negócio qualquer em que o doutor Wo tinha sido comido e que talvez em Chinatown pudéssemos tentar não dar nas vistas e procurar quem arranjasse o material sem ser o Wo. Só que quem nós conhecemos é o doutor Wo. C. conhece há bastante tempo o Wo de quando andava com os amarelos na zona norte para Whity Sorkin nos tempos da juventude. Ninguém pode dizer não a C. E por isso na paragem da Linha Laranja entrámos no táxi de um taxista gordo e a dois quarteirões da loja de Hung Toys saltámos do táxi num sinal e acontece que os taxistas gordos não conseguem correr atrás de ninguém e rimo-nos ao ver Poor Tony a dar ao cu pela rua abaixo com os tacões e uma estola de penas ao vento. Poor Tony passa a correr mesmo em frente da loja de Hung Toys, isto devia ser por causa do acordo prévio para esperar por nós sem dar nas vistas na rua e este vosso atento e venerando e C. vamos à loja de Hung Toys, que não abre antes das 23h00, onde vendem *chá* acredite-se ou não, chá a sério até qualquer hora e tudo o resto e nunca é inspecionada porque o doutor Wo tem um acordo com a polícia de Boston. Em Chinatown não há Natal. E o melhor é que o doutor Wo está sempre na loja de Hung Toys a certas horas. Há lá umas velhas da raça sentadas em reservados a comer masa e a beber chá a sério numas chávenas brancas do tamanho de copos de *shot* e tudo o resto. Há a canalha pequena a chatear por todo o lado e velhos com uma espécie de bonés de judeu e barbas ralas a meio do queixo, mas o doutor Wo é de meia-idade, usa óculos de aros de metal e gravata e parece um banqueiro mas é todo negócio e frio como o gelo e tira o máximo da droga e está muito bem relacionado e não se pode esconder nada dele nem tentar lixá-lo se se tiver juízo e este vosso atento e venerando eu não posso acreditar que Poor Tony alguma vez tenha tentado entrar num esquema para enganar Wo que ele conhece através de C. em qualquer negócio e se fez isso diz C. nunca ter ouvido nada nem visto nenhuma esporra ou coisa assim, e porquê. C. é que conhece o doutor Wo. Decidimos que Poor Tony ficaria à espera na rua e sem dar nas vistas. Está abaixo de zero e ela tem vestido

um casaco de cabedal de meia estação e a estola e um capachinho castanho que não se compara a um chapéu e vai ficar com os tomates gelados e C. estava a tentar sorrir e disse a Wo que queria três doses e Wo sorria à sua maneira e disse que a vida de ganzado devia estar a correr bem e C. riu-se e disse *muito* bem e C. conduz a conversa e diz que vamos passar as férias de Natal sem dar nas vistas e não andar na borga porque eu tinha sido acusado de violação por uma velha enfermeira na noite anterior quando andávamos na moina no metro e quase tínhamos sido apanhados pela polícia e o doutor Wo faz um movimento de cabeça com aquele jeito subservente de chinoca que usa para as pessoas com quem quer ser simpático mas sabe-se que é um ditador para os seus homes quando o vemos com eles mas connosco é muito simpático e conversador e tem bom material mas caro e Wo acaba o seu *chá* e vai atrás de uns cortinados ao fundo da loja de Hung Toys que é uma gigantesca cortina brilhante com montanhas de cor púrpura ou colinas e nuvens que são serpentes voadoras com asas de cabedal que é uma cortina que este vosso atento e venerando não se importava de fanar para uso pessoal mas só quem seja um home de Wo ou esteja com ele pode passar mas pode-se ver quando ele a abre e passa para o outro lado da cortina que só parece haver mais velhas sentadas em caixas de cartão com letras chinocas a comer mais masa que seguram nas mãos a mais ou menos um milímetro das trombas amareladas e tudo o resto. As chinocas estão quase sempre a tragar esta velha masa. Stokely Darkstar chama-lhes comedoras de minhocas e chinocas subserventes continuam a entrar e a sair pela cortina enquanto Wo fica lá atrás mais tempo do que é costume e C. começa com os Arrepios e a deitar ranho pelo nariz e a sentir a falta da coisa e diz a este vosso atento e venerando ele diz foda-se ele diz talvez Poor Tony tenha mesmo enganado Wo e como é se um chinoca vê Poor Tony lá fora e é um desses chinocas que estão a entrar e a sair pela cortina e talvez diga a Wo, tipo dizendo que Poor Tony é nosso conhecido, e estou mesmo a precisar da coisa e supersticiosamente a proteger PT e onde é que está Wo atrás da cortina e tudo o resto, tentando sorrir e falar ultrabaixo, a beber chá que é como bagaço só que pior e verde. E nós aguentámos e lá aparece por fim o doutor Wo a sorrir subserventemente com os três maravilhosos pacotes de heroína num jornal quem é que o iria ler? Mas as imagens são de chinocas VIP de fato e gravata e Wo senta-se, e Wo nunca se senta no reservado quando está a fazer negócio, e as

mãos de Wo estão a cobrir a nossa coisa e Wo a sorrir pergunta a C. se temos visto por aí o bom velho Poor Tony ou Susan T. Cheese se são compinchas nossos e ele diz que não. C. diz que PT é travesti brochista e um conhecido e um chulo da Segurança Social e que lhe foderíamos as trombas e as trombas de Cheese e Lolasister e não andamos com maricas mais ou menos desde o outono. C. está a deitar ranho pelo nariz e a tentar sorrir com ar despreocupado, o doutor Wo riu-se de uma maneira calorosa e disse excelente e Wo inclinou-se sobre os nossos pacotes dizendo que se por acaso víssemos Poor Tony ou a todos que fizéssemos o favor de lhes dar lembranças dele e os seus votos de properidade e um milhar de *bênçãos*. E tudo o resto. E nós pegámos no jornal e Wo no nosso $ e muito amavelmente saímos e confesso que este vosso atento e venerando só queria que queimássemos vivo Poor Tony e pirarmo-nos a cem à hora de Chinatown mas fomos até o China Pearl Place e lá estava Poor Tony meio encolhido atrás de um candeeiro com os dentes cinzentos a baterem uns nos outros como castanholas e com o vestido e o casaco de meia estação tentando não dar nas vistas com o casaco vermelho e os tacões no meio de um milhão ou mais de chinocas que são todos empregados de Wo. E depois de nos pirarmos dali não lhe dissemos o que é que Wo tinha dito que nos havia perguntado por ele e por Cheese e apanhámos a Linha Laranja para irmos para a quente sala das caldeiras que usávamos à noite na biblioteca da Prace Copley e tirámos os nossos instrumentos de trás dos tijolos para avançar para o primeiro pacote que começámos a preparar notei que Poor Tony nem sequer chateou quando este vosso atento e venerando e C. fomos os primeiros na fila uma vez que havíamos sido nós a arranjar o material e Poor Tony tinha de esperar como de costume, só que notei que não chateou mesmo nada, habitualmente Poor Tony põe-se a resmungar coisa a que este vosso atento e venerando aprendeu a não ligar puto, mas agora que tudo estava preparado e vi que olhava para todos os lados menos para o cavalo o que não era costume e C. em falta e com os Arrepios a preparar a merda tentando segurar o isqueiro aceso no ar quente e neve da noite, e admito este vosso atento e venerando que comecei a sentir algum frio por dentro mesmo com todo aquele ar quente que vinha da grelha no chão e que despenteava o nosso cabelo e até a cobra de plumas de Tony subia no ar eu este vosso atento e venerando tive uma sensação de superstição outra vez, fica-se muito supersticioso nesta porra de vida porque é uma caçada que nunca acaba e cansa

de mais para continuar com o hábito que nunca acaba e a superstição e tudo o resto mas não disse nada ainda que tenha essa fria sensação dentro de mim, e Poor Tony não geme de ansiedade enquanto finge que tem de ir mijar e mija de costas e o mijo larga vapor para cima e não olha interessado para coisa nenhuma nunca se vira as costas à merda quando parte da merda é nossa que é coisa muito estranha e C. está tão necessitado e ancioso que faz tudo para que o isqueiro não se apague. E confesso que deixei que C. se injetasse primeiro enquanto eu continuava a aquecer a colher, costumo preparar a merda lentamente, a tentar derrete-la na colher e tudo o resto este vosso atento e venerando eu deixei apagar o isqueiro e levei mais tempo com o algodão e como C. sente primeiro do que nós a falta e prepara tudo mais depressa teria acontecido na mesma. Mais tarde com C. arrumado Poor Tony confessou que Susan T. Cheese ajudou um paneleiro de Worcester a fanar uma dose a Wo. Foi isso. E Wo os três pacotes que Wo nos tinha dado dentro do jornal chinoca estavam marados. Começou quando C. soltou a borracha e deu um salto, percebemos logo, este vosso atento e venerando eu e PT tearizámos que era *Drano* devido ao brilho azul claro e tudo o resto trazido pelos homes de Wo e teve esse efeito *Drano* em C. e tudo o resto estava alterado quem sabe com quê e C. começou a dar gritos muitos agudos logo depois de ter soltado a borracha e a dar saltos e a cair batendo com as botas no metal da grelha e a deitar as mãos à garganta como se tentasse estrangular-se da pior maneira e Poor Tony saltita nos tacões à volta de C. dizendo que está a gritar muito e mete na boca de C. a cobra de penas que traz ao pescoço para o impedir de gritar e de alertar a polícia sobre a hipótese de estar a acontecer um crime de sangue e matéria sangrenta é o que sai da boca de C. e do nariz de C. e encharca as plumas é um sinal claro de *Drano*, o sangue é e os olhos de C. entortam-se e saltam-lhe das órbitas e chora sangue para as penas pela boca e tenta agarrar-se à minha luva mas os braços de C. movem-se em todas as direções e de repente salta-lhe um olho da fronha, como um estalo dado com um dedo dentro da boca com todo aquele sangue e matéria e um fio azul por trás do olho e o olho cai para um lado da cara de C. e fica ali pendurado a olhar para o maricas do Poor Tony. E C. começa a ficar azul e a morder a cabeça da cobra de penas e morre de vez e caga as calças logo com uma merda tão malcheirosa que o ar quente que sai da grelha sopra pedaços de peido e sangue e merda para as nossas trombas e Poor Tony recua e cobre as fuças maquilhadas com as mãos e

olha para C. através dos dedos. E este vosso atento e venerando eu tirei a borracha sem dizer nada, e nem sequer pensei duas vezes ou sonhei experimentar talvez outra saqueta mas como haveria Wo de saber qual prepararíamos primeiro de modo que as três devem estar maradas por isso nem pensar embora este vosso atento e venerando já esteja com Arrepios e ranhoso e agora de castigo Wo tem o único $ que tínhamos para aguentar durante o Natal. Pode parecer baixo como a merda mas a única razão pela qual tivemos de deixar o cadáver de C. num dos caixote de lixo da biblioteca foi a razão é que a polícia da Prace Copley sabe que aquela é a nossa grelha privada de ar quente e se deixássemos C. lá era certo que nós sendo conhecidos como compinchas íamos passar uma temporada na gaiola a Largar o Vício mas o contentor estava vazio e a cabeça fez um som fodido quando bateu contra o fundo vazio e Poor Tony deu um grito e gemeu e disse ele disse que não suspeitava de que aquele animal do Wo fosse tão vingativo e o pobre do velho C. e que sendo assim ia livrar-se do cavalo e arranjar um emprego normal dançando num clube de maricas em Fenway e tudo o resto e mais gemidos e queixas. Eu não disse nada. Tive de pensar no metro a caminho da Prace se este vosso atento e venerando eu devia eliminar Poor Tony para me vingar por ele ter deixado de propósito que C. se tivesse chutado primeiro ou se teria sido este vosso atento e venerando eu a fazer isso primeiro se não tivesse notado, ou dar movimento à massa apanhando a Linha Laranja para ir ter com Wo outra vez para tentar arranjar doses suficiente para passar as festas ou contar a Wo sobre o armazém onde viviam agora Poor Tony, Susan T. Cheese, Lolasister e Eckwus. Ou o *quê*. Este vosso atento e venerando eu estava quase a chorar. Quando Poor Tony tirou os sapatos de tacões e quis que eu o levantasse por cima da borda do caixote do lixo com o cadáver de C. para recuperar o que restava da sua estola de peles que estava na boca de C. que este vosso atento e venerando eu decidi o que fazer. Mas o chinoca do Wo tão bem relacionado nem sequer estava diante da cortina de loja de Hung Toys àquela hora da madrugada de Natal e depois Poor Tony pirou-se e chibou-se e este vosso atento e venerando eu fiquei dois dias a Largar o Vício à porta do apartamento da minha mamã que para se vingar de mim tinha fechado a porta à chave até que este vosso atento e venerando conseguisse arranjar uma desintoxicação para poder ao menos meter alguma metadona e voltar a alguma normalidade para começar a pensar no que devia fazer quando conseguisse estar

de pé e caminhar direito outra vez.

---

*1 Pobre. *(N. dos T.)*
*2 Memphis Drive. *(N. dos T.)*

3 DE NOVEMBRO DO ARIAD

O APARELHO DE TELEFONE começou a tocar ao mesmo tempo que Hal deixava cair a mochila e pegava a chave do quarto que trazia pendurada ao pescoço. O telefone tinha pertencido a Orin; a caixa de plástico era transparente e era possível ver as entranhas dele.

– Hmmsssimm.

– Por que será que fico sempre com a ideia de te apanhar a meio de uma vigorosa sessão de autopunição? – Era a voz de Orin. – Toca sempre várias vezes. E depois atendes sempre a resfolegar.

– Eu?

– Com uma certa ansiedade suada na voz. És um dos noventa e nove por cento de adolescentes masculinos, Hallie?

Hal não gostava de falar ao telefone depois de ter fumado um porro furtivo na Sala das Máquinas. Embora tivesse à mão água ou outro líquido para manter a sensação de algodão na boca. Não sabia qual era a razão. Deixava-o desconfortável.

– Tu pareces estar em grande forma, O.

– Bem o podes dizer. Não me envergonho disso. Deixa-me que te diga, rapaz, que durante anos a fio me esfalfei nessa colina.

Hal calculava que mais de sessenta por cento do que disse a Orin ao telefone desde que este tinha começado a ligar-lhe outra vez na primavera passada era mentira. Não percebia por que gostava tanto de mentir a Orin ao telefone. Olhou para o relógio.

– Onde estás?

– Em casa. Bem quentinho. Estão mais de noventa por cento lá fora.

– Suponho que Fahrenheit.

– Esta cidade é toda feita de vidro e luz. As janelas são uma espécie de focos que nos agridem. O ar tem um revérbero igual ao da gasolina derramada.

– A que devemos a honra?

– Às vezes chego a usar óculos escuros dentro de casa. No estádio há ocasiões em que levanto a mão e garanto que consigo ver através dela. Com aquela coisa

com a lanterna e a tua mão.

– As mãos, até ver, parecem ser o tema desta conversa.

– A caminho de casa, vindo do parque de estacionamento, vi na rua um peão que trazia um chapéu colonial começar a cambalear, tentar arranhar o ar e cair de borco. Pensei: mais um fenício abatido pelo calor.

Hal pensou que embora mentisse ao telefone a Orin sobre uma infinidade de pormenores sem importância nunca lhe tinha ocorrido considerar se Orin estaria a fazer a mesma coisa. Isto provocou uma vaga de intricados pensamentos típicos da marijuana que levaram rapidamente a que Hal se interrogasse sobre se ele era na verdade tão inteligente como se dizia.

– Faltam seis semanas para os testes e o Pemulis ajuda-me cada vez menos em Matemática, se quiseres ficar a saber o que faço todo o dia.

– A cara do homem fez um ruído que parecia de grelhado quando bateu contra o passeio. Como se fosse toucinho a fritar. Ainda lá está, estou a vê-lo aqui da janela. Já não se mexe. Toda a gente que passa afasta-se para o evitar. Parece quente de mais para que se lhe possa tocar. Um miúdo hispânico roubou-lhe o chapéu. Por aí já nevou? Imploro-te que me descrevas outra vez a neve, Hallie.

– Então a imagem de mim que tens na cabeça é de quem está sentado todo o dia a masturbar-se. É o que dizes.

– Na verdade tenho andado a considerar a hipótese de ficar com a concessão da Kleenex na ATE.

– O que implicaria contactar o C.T. e a mã.

– Eu e um *quarter-back* suplente de vistas largas temos andado a fazer averiguações. A apalpar o terreno. Descontos por grosso, estatuto de vendedor preferencial. Talvez o negócio lateral de cremes lubrificantes inodoros. Tens alguma ideia?

– O.?

– Cá estou eu para aqui sentado, com saudades de Nova Orleães, miúdo. Creio que vou aparecer por lá no domingo do Advento. O bairro fica estranho e festivo no Advento. Quase nunca lá chove durante o Advento, vá lá saber-se porquê. As pessoas assinalam esse fenómeno.

– Parece-me que estás um pouco passado, O.

– O calor põe-me doido. Devo estar desidratado. Qual é a palavra? Tudo parece bege e poeirento durante o dia inteiro. Os sacos de lixo incham e

rebentam espontaneamente para fora dos contentores. Estas chuvas repentinas de borras de café e cascas de laranja. Os tipos da recolha de lixo têm de usar luvas de amianto. Também conheci uma pessoa. Hallie, provavelmente uma pessoa muito especial.

– Oh, oh! Horas de jantar. A sineta está a tocar na Ala Ocidental.

– Ei, então, Hallie? Aguenta. Deixemo-nos de brincadeiras durante um segundo. O que é que sabeis sobre separatismo?

Hal fez uma pausa.

– Referes-te ao do Canadá?

– Há outro?

O Centro de Reabilitação de Drogas e Álcool de Ennet House[49] foi fundado no Ano do *Whopper* por um velho e curtido drogado e alcoólico que tinha passado grande parte da sua vida adulta sob a supervisão do Serviço Prisional de Massachusetts antes de descobrir a fraternidade dos Alcoólicos Anónimos de MDC-Walpole e ter sido sujeito a uma súbita experiência de entrega total e de despertar espiritual no duche durante o seu quarto mês de abstinência continuada nos Alcoólicos Anónimos. Este drogado/alcoólico recuperado – que na sua nova humildade tinha tanto apreço pela tradição de anonimato dos Alcoólicos Anónimos que se recusava a usar o nome e era conhecido entre os Alcoólicos Anónimos de Boston apenas como o Tipo Que Nem Sequer Usava o Nome – abriu a Ennet House no ano que lhe foi concedida a liberdade condicional, determinado a transmitir a outros drogados crónicos o que lhe fora dado tão gratuitamente nos chuveiros do Pavilhão E.

A Ennet House arrenda um antigo dormitório de médicos no Complexo do Hospital Público da Marinha de Enfield, dirigido pela Administração de Veteranos dos Estados Unidos. A Ennet House está equipada para acomodar vinte e dois doentes de ambos os sexos durante um período de nove meses de residência e tratamento rigorosamente vigiado.

A Ennet House foi não só fundada mas também reabilitada, mobilada e decorada pelo ex-condenado local e alcoólico anónimo que – uma vez que estar sóbrio não quer dizer ser instantaneamente santo – dirigia habitualmente equipas selecionadas de drogados nas primeiras fases de recuperação em incursões noturnas às lojas de móveis e aos armazéns da zona.

Este lendário e anónimo fundador era um velho rufião dos Alcoólicos Anónimos de Boston extremamente duro que acreditava com toda a paixão que qualquer pessoa, por mais longo que fosse o rasto de iniquidades que arrastasse atrás de si, merecia a oportunidade de abstinência mediante a entrega total que ele tinha experimentado. É uma espécie de amor muitíssimo exigente que se encontra quase exclusivamente nos velhos rufiões de Boston[50]. Às vezes, o fundador, nos primeiros tempos do centro, solicitava aos novos doentes que tentassem comer pedras – do tipo pedras do chão – para demonstrar a sua predisposição para fazer qualquer esforço em prol da abstinência. A Divisão dos Serviços de Substâncias Ilícitas do Departamento de Saúde Pública de Massachusetts acabou por pedir que se acabasse com essa prática.

A propósito, diga-se que *Ennet* não fazia parte do nome do fundador da Ennet House.

A coisa das pedras – que se transformou num naco sombrio de mitopoesis entretanto recuperado para mostrar como a vida dos atuais residentes é confortável – talvez não fosse uma ideia tão maluca como pensava a Divisão de Substâncias Ilícitas, já que muitas das coisas que o veterano Alcoólicos Anónimos pedia aos novatos para acreditarem e fazerem não eram menos graves do que chupar feldspato. Por exemplo, aguentar até sentir a pulsação nos globos oculares; tremer tanto que se possa pintar uma parede sempre que alguém ofereça uma chávena de café; sentado, fazer as formas de vida que se veem pelo canto do olho serem a única distração para o ruído de serras em cadeia que se tem dentro da cabeça; fazer uma anciã com pelo de gato nas meias de náilon aproximar-se e dar um abraço e dizer-lhe para fazer uma lista de todas as coisas pelas quais se está grato nesse dia: também não estaria mal ter algum feldspato à mão.

No Ano da Atualização de Instalação Fácil das Placas Mãe de Visionamento de Cartuchos de Resolução Mimética para Infernatron/Sistemas Domésticos, de Escritório ou Móveis de InterLace Yushityu 2007[51], a morte do fundador anónimo com sessenta e oito anos devido a uma hemorragia cerebral passou despercebida fora da comunidade dos Alcoólicos Anónimos de Boston.

E-MAIL MEMO CAH-NNE22-3 575 634-22 DO SISTEMA INTERNO INTERLACE, DEPARTAMENTO DE RECLAMAÇÕES, STATE FARM INSURANCE, INC., BLOOMINGTON, ILLINOIS, 26 DE JUNHO DO ANO DOS PRODUTOS LÁCTEOS DA AMÉRICA PROFUNDA
De: murrayf@clmshqnne22.62INTCOM

Para: powellg/sanchezm/parryk@clmhqnne.626INTCOM
MENSAGEM: rapazes, vejam bem. a minha definição de um mau dia. área metrop. de Boston, vão 22 esta primavera, reclamação à companhia. testemunhas interrogadas pela Boston Workmans Corp. estabelecem demandante sem posse dos seus faxes e a info da sala de emerg. Assinala álcool no sangue + de.3, pelo que fiquem contentes por saber que a salvo no processo 375-5 de responsabilidade civil, mas os factos essenciais são confirmados por testemunhas e pelo relat. CYD do acidente; eis a primeira página; vejam bem.

murrayf@clmshqnne22.626INTCOM 626YDPAHO112 317/p.1

Dwayne R. Glynn
176N. Boulevard Faneuil
Stoneham, Massachusetts, 021 808 754/4
21 de julho do APLAP

Gabinete de Reclamações de Acidentes de Trabalho
State Farm Insurance
1 State Farm Plaza
Normal, III. 617 062 262/6

Estimado senhor:
Escrevo-lhe em resposta ao seu pedido de mais informações. No parágrafo #3 do relatório do acidente, pus «a tentar fazer o trabalho sozinho», como causa do meu acidente. Solicita na sua carta que me explique melhor e confio que os pormenores que se seguem serão suficientes.
A minha profissão é pedreiro. No dia do acidente, 27 de março, estava a trabalhar sozinho no telhado de um edifício novo de seis pisos. Quando acabei o meu trabalho, descobri que sobravam cerca de 900 quilos de tijolos. Decidi que, em vez de os descer à mão, poderia usar um contentor e um sistema de roldanas que felizmente estava preso a um dos lados do edifício. Depois de prender a corda no rés do chão, subi ao telhado, pousei o contentor e carreguei-o com os tijolos. Depois voltei a descer para o rés do chão e desatei a corda, segurando-a com força para garantir uma descida lenta dos 900 quilos de tijolos. Verá no parágrafo #11 do referido relatório que peso 75 quilos.
Devido à surpresa de ser arrancado do chão tão repentinamente, perdi a minha presença de espírito e esqueci-me de soltar a corda. Creio não ser necessário dizer que subi a grande velocidade ao lado do edifício. Na vizinhança do terceiro piso encontrei-me com o contentor que descia. Isto explica a fratura do crânio e a clavícula partida.
Travado apenas ligeiramente, continuei a minha rápida ascensão só parando quando os dedos da minha mão direita estavam enterrados até aos nós na roldana. Por sorte, nesta altura já eu tinha recuperado a minha presença de espírito e fui capaz de me manter agarrado à corda, apesar das dores consideráveis que sentia. Mais ou menos na mesma altura, o contentor com os tijolos chocou contra o chão e o fundo ficou destruído devido à força do impacte.
Sem o peso dos tijolos, o contentor pesava agora cerca de 30 quilos. Volto a chamar a atenção para o meu peso de 75 quilos (já referido no parágrafo #11). Como o senhor pode calcular, ainda agarrado à corda, comecei uma descida bastante rápida ao lado do edifício. Perto do terceiro piso, encontrei-me com o contentor que subia. Isto explica os tornozelos fraturados e as lacerações nas pernas e na parte inferior do meu corpo.

O choque com o contentor travou-me o suficiente para reduzir o impacte contra o chão cheio de tijolos. Lamento contudo informar que, quando estava caído por terra cheio de dores, incapaz de me levantar ou mexer e a olhar para o contentor vazio seis pisos acima de mim, voltei a perder a presença de espírito e, infelizmente, soltei a corda, fazendo com que o contentor começasse a

fimtransINTCOM626

PRIMEIRO COMENTÁRIO ESCRITO EXISTENTE HAL INCANDENZA SOBRE UMA COISA AINDA QUE REMOTAMENTE CINEMATOGRÁFICA APRESENTADO AO SENHOR OGILVIE PARA A MATÉRIA «INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DE ENTRETENIMENTO» DO SÉTIMO ANO (DOIS SEMESTRES EXIGIDOS), ACADEMIA DE TÉNIS DE ENFIELD, 21 DE FEVEREIRO DO ANO DO FRANGO MARAVILHA PERDUE, @ QUATRO ANOS DEPOIS DO DESAPARECIMENTO DA TELEVISÃO TRADICIONAL, UM ANO DEPOIS DO PASSAMENTO DO DOUTOR JAMES O. INCANDENZA, UMA REDAÇÃO APENAS MERECEDORA DE UM B/B+, APESAR DE UMA REAÇÃO GLOBAL POSITIVA, ESSENCIALMENTE PORQUE O PARÁGRAFO FINAL NÃO ENCAIXAVA NO CORPO DO TEXTO NEM SE APOIAVA SENÃO EM INTUIÇÕES SUBJETIVAS E ALARDES RETÓRICOS, SEGUNDO ASSINALOU OGILVIE.

O chefe Steve McGarrett de *Havai: Força Especial* e o capitão Frank Furillo de *A Balada de Hill Street* são úteis para ver como a ideia de herói norte-americano se alterou da década de 1970 AS de *Havai: Força Especial* para a de 1980 AS com *A Balada de Hill Street*.

O chefe Steve McGarrett é um clássico herói de ação moderno. Age. É isso que faz. A câmara nunca o larga. Quase nunca está fora de campo. Limita-se a um caso por semana. O público sabe qual é o caso e também sabe, perto do fim do Primeiro Ato, quem é o culpado. Devido ao facto de o público saber a verdade antes de Steve McGarrett, não há qualquer tipo de mistério, só há Steve McGarrett. O drama em *Havai: Força Especial* é ver o herói em ação, ver Steve McGarrett perseguir e pavonear-se, avançar para a verdade. Esta aproximação da verdade é a essência daquilo que o clássico herói de ação moderno faz.

Steve McGarrett não é afetado por tarefas administrativas de chefe de polícia nem por mulheres, amigos, emoções ou a nenhum tipo de exigências conflituais em termos de atenção. O seu campo de ação está livre de confusões que possam distraí-lo. Desse modo, o chefe Steve McGarrett age resolutamente para remodelar uma verdade que o público já conhece e transformá-la no objeto da lei, da justiça e do heroísmo moderno.

Contrariamente, o capitão Frank Furillo é aquilo que era habitual chamar um herói *pós*-moderno. Isto é, um herói cujas virtudes correspondem a uma época americana mais complexa e empresarial. Ou seja, um herói de *reação*. O capitão

Frank Furillo não investiga casos nem se aproxima simplesmente da verdade. Dirige uma esquadra. É um burocrata e o seu heroísmo é burocrático, com um talento especial para se orientar em terrenos pantanosos. Em todos os episódios de *A Balada de Hill Street* o capitão Frank Furillo é assediado por diversas distrações vindas de todos os lados desde o início do Primeiro Ato. Não tem um caso mas onze, todos muito complexos, cada um deles com os seus suspeitos, bufos, investigadores e irritados dirigentes sociais e familiares das vítimas que exigem ser atendidos. Centenas de tarefas que deve delegar, egos que deve massajar, promessas que deve fazer e promessas anteriores que deve cumprir. Os conflitos conjugais de dois ou três agentes. Recibos de vencimentos. Relatórios oficiais. A corrupção que é tentada e sobre a qual é preciso pensar. Um chefe de polícia que é uma paródia política, um filho hiperativo, uma ex-mulher que lhe assombra o cubículo de vidro fosco que serve de gabinete a Frank Furillo (enquanto o gabinete da década de 1970 AS de Steve McGarrett parecia uma biblioteca de um aristocrata rural, protegido por duas pesadas portas e decorado com revestimentos de grossa madeira de carvalho tropical). Além disso, há a fria mas atraente defensora pública que quer falar sobre se este suspeito ouviu serem-lhe lidos os seus direitos em espanhol e se Frank pode deixar de chegar demasiado cedo e se não deverá consultar um psicólogo para combater a tensão. Para lá de todos os dilemas morais semanais e apertos a que está sujeito devido ao seu burocrático e equânime heroísmo pessoal.

O capitão Frank Furillo de *A Balada de Hill Street* é um herói *pós*-moderno, um virtuoso das prioridades, do compromisso e da administração. Frank Furillo mantém a sanidade, a compostura e uma superior educação perante a avalanche de exigências nada heroicas que o distraem e que teriam tirado o fôlego ao chefe Steve McGarrett, descontrolando-o e pondo-o a chupar o nó do dedo numa confusão administrativa.

Contrastando ainda mais com o chefe Steve McGarrett, o capitão Frank Furillo raramente é filmado de frente ou em primeiro plano. Em geral, é apenas uma parte da imagem frenética e agitada que a câmara mostra. Em troca, a equipa de filmagem de *Havai: Força Especial* nem sequer usa um *dolly* e prefere o primeiro plano com a câmara fixa da cara de McGarrett que atualmente parece mais uma reminiscência da fotografia romântica que um drama cinematográfico.

Que tipo de herói surge depois do cobói moderno e irlandizado McGarrett, o homem de ação solitário que conduz solitariamente as suas manadas pelo paraíso? A solidão de Furillo é de um género completamente diferente. O herói *pós*-moderno era uma *parte* heroica da manada, responsável por tudo aquilo de que é parte, responsável perante todos, sendo o seu solitário semblante sob pressão tão plácido como o focinho de uma vaca. O herói de ação de mandíbula proeminente (*Havai: Força Especial*) transforma-se no herói de reação de olhar benévolo (*A Balada de Hill Street*, uma década depois).

E, como temos vindo a observar na nossa aula, nós, como público norte-americano, temos sido mais favoráveis ao herói empresarial, estoico e de probidade reativa; alguns poderão ser levados a argumentar que ficámos «presos» na ambiguidade moral reativa da cultura *pós* – e *pós-pós*-moderna.

Mas qual é o futuro? Que herói norte-americano pode aspirar suceder ao plácido Frank? Prevejo que nos espere o herói da *não-ação*, o herói catatónico, o que está para lá da calma, divorciado de qualquer estímulo, transportado daqui para ali nos *sets* por figurantes corpulentos cujo sangue canta com aminas retrógradas.

ÚNICO PUTATIVO ARTIGO PUBLICADO DA ENORME «JORNALISTA» RASURADA A ELETRÓLISE «HELEN» STEEPLY ANTES DE INICIAR A SUA DELICADA INVESTIGAÇÃO DE ORIN INCANDENZA, PONTAPEADOR DOS PHOENIX CARDINALS, E O SEU ÚNICO PUTATIVO ARTIGO PUBLICADO QUE TEM ALGUMA COISA QUE VER ABERTAMENTE COM A BOA E VELHA CIDADE METROPOLITANA DE BOSTON, 10 DE AGOSTO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*, QUATRO ANOS DEPOIS DE JAMES O. INCANDENZA, ÓTICO TEÓRICO, EMPRESÁRIO, ACADÉMICO DE TÉNIS E REALIZADOR DE CINEMA VANGUARDISTA, SE TER SUICIDADO ENFIANDO A CABEÇA NUM MICRO-ONDAS.

A revista *Moment* soube que a trágica morte do segundo cidadão norte-americano que recebeu um coração artificial exterior *Jarvik IX* foi, infelizmente, escondida do povo norte-americano. Com efeito, uma mulher, uma contabilista bostoniana de quarenta e seis anos com uma restenose cardíaca irreversível, reagiu tão bem à substituição do seu coração defeituoso por um coração exterior artificial *Jarvik IX* que ao fim de algumas semanas conseguiu regressar ao estilo de vida ativo anterior ao ataque cardíaco e desenvolver as suas actividades com a extraordinária prótese portátil instalada numa elegante bolsa *Etienne Aigner*. Os tubos ventriculares do coração percorriam em derivação os braços da mulher transportando o sangue indispensável entre o seu corpo vivo e ativo e o

excecional coração que levava na bolsa.

A sua morte trágica, inoportuna e, poderia mesmo dizer-se, cruelmente irónica, esteve no cerne do silêncio que com demasiada frequência é usado para abafar as tragédias desnecessárias quando projetam a insensível incompreensão das autoridades para a luz negativa do conhecimento público. Para isso, foi necessário desencadear o tipo de investigação e de tenacidade e coragem jornalística que os leitores tiveram a possibilidade de admirar na *Moment* para se desenterrarem os factos tragicamente negativos do destino da mulher.

A recipiendária de quarenta e seis anos do coração artificial exterior *Jarvik IX* andava ativamente a ver montras na elegante Praça Harvard, em Cambridge, Massachusetts, quando um carteirista travestido, um drogado com antecedentes criminais bastante conhecidos das autoridades policiais, usando um extravagante vestido sem alças, sapatos de salto alto, uma esfarrapada cobra de penas e uma cabeleira castanho-avermelhada, arrebatou com violência a bolsa indispensavelmente vital das mãos da desprevenida mulher.

A mulher ativa e atenta perseguiu a «mulher» carteirista enquanto pôde gritando aos transeuntes que passavam «Agarrem-na! Roubou-me o coração!» ao longo do elegante passeio cheio de gente que andava às compras e que não percebia nada do que se estava a passar. Conta-se que gritou repetidamente: «Roubou-me o coração, agarrem-na!» Em reação aos seus apelos, de forma trágica, os confusos passeantes limitaram-se a abanar as cabeças olhando uns para os outros e sorrindo com ar conhecedor daquilo que ignorantemente julgavam ser mais uma relação alternativa que tivesse entretanto azedado. Pessoas ouviram dois agentes da polícia de Cambridge, Massachusetts, cujos nomes permaneceram inacessíveis à intensa investigação da *Moment,* dizer com ironia «Está sempre a acontecer» enquanto a vítima avançava freneticamente no encalço do veloz travesti gritando que a ajudassem a recuperar o seu coração roubado.

O anónimo comentário de uma autoridade médica oficial entrevistada pela *Moment* foi que o facto de a vítima do crime protésico ter conseguido correr quatro quarteirões antes de sofrer um colapso com o peito vazio testemunha a impressionante capacidade do processo de substituição do *Jarvik IX*.

O carteirista drogado, de acordo com as passivas especulações das autoridades, pode até ter deixado afetar emocionalmente a sua empedernida

consciência ao encontrar a prótese vital na bolsa *Aigner* da doente; o artefacto funciona com a mesma pilha recarregável de uma máquina elétrica de barbear e deve ter continuado a bater e a sangrar durante bastante tempo na bolsa brutalmente desligada. A resposta do carteirista à sua consciência parece ter sido a de agredir cruelmente o coração artificial exterior *Jarvik IX* com uma pedra ou um instrumento parecido com um martelo pequeno e deixá-lo onde algumas horas mais tarde foi encontrado: na elegante Praça Copley, nas traseiras da Biblioteca Pública de Boston.

Contudo, poderemos interrogar-nos se está a avassaladora marcha em frente da ciência médica condenada a incluir sempre estes trágicos incidentes de ignorância e perda brutal? Esta parece ser a posição das autoridades norte-americanas. Se for mesmo assim, a sorte da vítima é em geral escamoteada ao conhecimento da opinião pública.

Como acabou este caso? O cérebro atento e antes ativo da falecida mulher de quarenta e seis anos foi extraído e retalhado seis semanas depois por um estudante de Medicina do Hospital Brigham de Mulheres da Cidade de Boston: o estudante confessou à *Moment* que a sucinta nota descrevendo o trágico fim da vítima que tinha presa no dedo grande do pé o comoveu tanto que durante algum tempo se sentiu fisicamente incapacitado para segurar a serra elétrica que lhe tinha sido fornecida para realizar aquela tarefa.

LISTA ALFABÉTICA DE SÉPARATISTEUR / GRUPOS ANTI-ONAN CUJA OPOSIÇÃO À INTERDEPENDÊNCIA / RECONFIGURAÇÃO É DESIGNADA POR RCMP E USOUS COMO TENDO CARÁCTER TERRORISTA / EXTORSIONISTA
(Q=Quebequense, E=Ecologista, S=Separatista, V=Violento, MV=Muito Violento)

– *Les Assassins des Fauteuils Rollents* (Q, S, MV)
– *Le Bloc Québecois* (Q, S, E)
– Falange de Calgary Pró-Canadiana (E, V)
– *Les Fils de Montcalm* (Q, E)
– *Les Fils de Papineau* (Q, S, V)
– *Le Front de la Libération de la Québec* (Q, S, MV)
– *Le Parti Québecois* (Q, S, E)

POR QUE RAZÃO – EMBORA NOS PRIMEIROS DIAS DOS TELECOMPUTADORES INTERNETEADOS DE INTERLACE QUE OPERAVAM BASICAMENTE COM A MESMA GRELHA DE FIBRA DIGITAL DAS COMPANHIAS TELEFÓNICAS, O ADVENTO DO VIDEOTELEFONE (TAMBÉM CONHECIDO COMO VIDEOFONE) GOZOU DE UM PERÍODO DE IMENSA POPULARIDADE ENTRE OS CONSUMIDORES – UTENTES ENCANTADOS COM A IDEIA DE UM INTERFACE TELEFÓNICO TANTO AUDITIVO COMO FACIAL (SENDO A

PRIMEIRA GERAÇÃO DE CÂMARAS VIDEOFÓNICAS DEMASIADO RUDIMENTARES E DE ABERTURA DEMASIADO ESTREITA PARA PROPICIAR MAIS QUE PRIMEIROS PLANOS FACIAIS) NA PRIMEIRA GERAÇÃO DE TELECOMPUTADORES QUE NAQUELES TEMPOS NÃO PASSAVAM DE APARELHOS DE TELEVISÃO E ALTA TECNOLOGIA, AINDA QUE FOSSE ÓBVIO QUE POSSUÍAM AQUELE DIMINUTO ÍCONE, O AGENTE HOMUNCULAR INTELIGENTE QUE APARECIA NO CANTO DIREITO INFERIOR DO ECRÃ DE UM PROGRAMA EMITIDO POR CABO OU POR ONDAS E INFORMAVA SOBRE A HORA E A TEMPERATURA EXTERIOR OU LEMBRAVA A NECESSIDADE DE TOMAR O MEDICAMENTO PARA A TENSÃO ARTERIAL OU ANUNCIAVA UMA OPÇÃO DE ENTRETENIMENTO ESPECIALMENTE ATRATIVA QUE COMEÇAVA DE IMEDIATO NO CANAL 491 OU COISA DO GÉNERO, OU É CLARO ALERTAVA LOGO PARA A ENTRADA DE UMA CHAMADA VIDEOFÓNICA E DEPOIS SAPATEAVA COM UM PEQUENO E ICÓNICO CHAPÉU DE PALHA E UMA BENGALA IMEDIATAMENTE POR BAIXO DE UM MENU DE POSSÍVEIS OPÇÕES PARA RESPONDER E QUEM TELEFONAVA ADORAVA OS MINÚSCULOS ÍCONES HOMUNCULARES – MAS POR QUE RAZÃO, AO FIM DE DEZASSEIS MESES OU CINCO PERÍODOS DE VENDAS, A CURVA TUMESCENTE DE PROCURA DE «VIDEOFONIA» COLAPSOU DE REPENTE COMO UMA TENDA DE CAMPISMO PONTAPEADA, DE MODO QUE, POR VOLTA DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*, MENOS DE DEZ POR CENTO DE TODAS AS COMUNICAÇÕES TELEFÓNICAS PRIVADAS UTILIZAVAM UM VIDEOTRANSMISSOR DE IMAGENS E DADOS DE FIBRA OU PRODUTOS E SERVIÇOS SIMILARES, TENDO O UTENTE MÉDIO TELEFÓNICO DOS ESTADOS UNIDOS DECIDIDO QUE ELE/A EFETIVAMENTE *PREFERIA* O RETRÓGRADO E TECNOLOGICAMENTE ANTIQUADO TELEFONE INTERLACE SÓ PARA VOZ DOS TEMPOS DE BELL, UMA MUDANÇA DE PREFERÊNCIA QUE CUSTOU AS CAMISAS A INÚMEROS EMPRESÁRIOS QUE SE PRECIPITARAM A INTRODUZIR A VIDEOTELEFONIA NAS SUAS EMPRESAS, ALÉM DE DESESTABILIZAR DOIS FUNDOS DE INVESTIMENTO ALTAMENTE RESPEITADOS QUE TINHAM APOSTADO FORTEMENTE NA TECNOLOGIA VIDEOFÓNICA E QUASE LIQUIDAR O FUNDO DE REFORMA FREDDIE-MAC NO QUAL TINHAM DEPOSITADO AS SUAS POUPANÇAS QUASE TODOS OS FUNCIONÁRIOS DO ESTADO DE MARYLAND, UM FUNDO DO QUAL O IRMÃO DA AMANTE DO ADMINISTRADOR TINHA SIDO UM EMPRESÁRIO QUASE MANIACAMENTE DEVOTADO À TECNOLOGIA VIDEOFÓNICA... E ENTÃO POR QUE RAZÃO OCORREU A ABRUPTA FUGA DOS CONSUMIDORES, QUE REGRESSARAM AO BOM E VELHO SISTEMA TELEFÓNICO DE VOZ APENAS?

A resposta, numa espécie de casca trivalente, é a seguinte: (1) tensão emocional, (2) vaidade física e (3) um certo e estranho tipo de lógica autodestrutiva na microeconomia da alta tecnologia para consumo.

(1) Aconteceu que havia qualquer coisa que causava uma tensão terrível nos interfaces visuais telefónicos que não existia nos interfaces só de voz. Os utilizadores de videofonia aperceberam repentinamente de que tinham sido vítimas de um engano insidioso mas incrivelmente maravilhoso no que respeita à telefonia convencional só de voz. Não haviam notado o engano antes – era como se fosse tão emocionalmente complexo que só pudesse ser avaliado no contexto

da sua perda. As velhas e boas conversas apenas orais do passado permitiam supor que a pessoa que estava na outra extremidade da linha prestava toda a sua atenção ao interlocutor permitindo por sua vez a esta que nem de longe nem de perto se visse obrigado a prestar toda a sua atenção a ela. Uma conversa tradicional só auditiva – utilizando um telefone manual cujo auscultador só tinha seis pequenas aberturas mas cujo bocal (de forma bastante significativa, como pareceu mais tarde) continha (6^2) ou 36 – permitia entrar numa espécie de fuga hipnótica ou autoestrada de semiatenção: enquanto se conversava era possível olhar para a sala, fazer rabiscos, arranjar a roupa, arrancar bocadinhos de pele morta das cutículas, compor haicais na agenda telefónica, mexer comida ao lume; era mesmo possível manter uma conversa adicional em linguagem-gestual-e-através-de-exageradas-expressões-faciais com as pessoas ao lado, e tudo isto enquanto se parecia estar a prestar a devida atenção à voz do aparelho. Não obstante – e esta é a parte retrospetivamente maravilhosa – mesmo quando estávamos a dividir a nossa atenção entre o telefone e uma quantidade de pequenas atividades, nunca nos sentíamos tocados pela suspeita de que a atenção do nosso interlocutor pudesse estar tão dividida como a nossa. No decurso de uma conversa tradicional, digamos que nos entretínhamos a procurar com os dedos qualquer sinal no queixo e nunca nos sentíamos deprimidos com a ideia de que o nosso interlocutor pudesse estar a fazer o mesmo. Tratava-se de uma ilusão, de uma ilusão auditiva auditivamente apoiada: a voz na outra ponta da linha era densa, fortemente comprimida e com um vetor direto ao nosso ouvido que nos permitia imaginar que a atenção do dono dessa voz era também comprimida e centrada... mesmo que a nossa atenção *não* fosse. Era essa a questão. A ilusão bilateral de atenção unilateral era quase infantilmente gratificante do ponto de vista emocional: era preciso acreditar que se estava a receber toda a atenção de alguém sem ter de retribuir. Vista com a objetividade de uma perceção *a posteriori,* a ilusão parece irracional, quase literalmente fantástica: é como se as duas partes estivessem a mentir uma à outra e ao mesmo tempo a confiar uma na outra.

A videotelefonia tornou insustentável esta fantasia. Os utilizadores descobriram que tinham de pôr a mesma expressão quase demasiado intensa de quem fala cara a cara. Aqueles utilizadores que, por força de um hábito inconsciente sucumbiam à tentação de fazer rabiscos ou arranjar a roupa, davam

a impressão de serem grosseiros, estarem distraídos ou de prestarem uma atenção infantil a si mesmos. Os utilizadores que, ainda mais inconscientemente, espremiam sinais ou metiam o dedo no nariz, obtinham expressões de horror na cara do outro lado da linha. O que tinha como resultado uma evidente tensão videofónica.

Pior ainda, é claro, era a impressão traumática de se ser expulso do Paraíso quando, ao levantar os olhos depois de passar um dedo pela agenda telefónica ou de ajustar o ângulo de descanso do velho aparelho nas pernas, se via que o nosso interlocutor videofónico brincava descontraidamente com o atacador de um sapato enquanto falava connosco e dávamos subitamente conta de que a fantasia infantil de ter toda a atenção do outro enquanto falamos fazendo rabiscos ou pequenos ajustes nos nossos órgãos genitais era uma quimera e que de facto não nos prestavam mais atenção que aquela que nós prestávamos à outra pessoa. Os utilizadores videofónicos descobriram que a questão da atenção estava transformada num problema de tensão monstruoso.

(2) E a tensão videofónica era ainda pior se se fosse levemente vaidoso, isto é, se a pessoa se preocupasse com a sua imagem. Perante os outros. E, brincadeiras à parte, quem não é? As velhas chamadas auditivas podiam ser feitas sem maquilhagem, peruca, próteses cirúrgicas, etc. Mesmo sem roupa, se nos apetecesse. Mas às pessoas conscientes da sua imagem a videofonia não oferecia a menor possibilidade de atender uma chamada tal como estavam; dessa maneira, os utilizadores começaram a sentir-se já não como quando tocava o velho telefone mas como se tocassem à porta e isso obrigava-os a vestir-se à pressa e a pôr as próteses e a verificar o estado do cabelo no espelho antes de abrir a porta.

Mas o verdadeiro prego no caixão da videofonia teve que ver com a maneira como a pessoas se viam no ecrã. Não a cara do nosso interlocutor mas a nossa quando a víamos no vídeo. No fim de contas, usar a opção de gravação vídeo do cartão-cartucho TC para registar ambas as pulsações e depois ver como a nossa cara tinha sido vista pela pessoa que nos havia ligado era um mero trâmite de três botões. Esta espécie de verificação visual não era mais resistível do que a de um espelho. Mas a experiência acabou por ser quase universalmente aterradora. As pessoas ficaram horrorizadas com o aspeto das suas caras no ecrã de TC. Não era só um inchaço, aquela conhecida impressão de excesso de peso que o vídeo

inflige numa cara. Era pior. Mesmo com os mais sofisticados ecrãs de alta definição para TC, os utilizadores tinham a perceção de qualquer coisa esborratada e de aspeto húmido nas suas caras telefónicas, uma *indefinição* pálida que lhes parecia não só pouco lisonjeira mas também evasiva, furtiva, uma coisa *desagradável*, muito pouco digna de confiança. Num primeiro e ominoso estudo de grupo de InterLace/GTE a que ninguém prestou atenção no meio da tempestade de entusiasmo empresarial de ficção científica quase sessenta por cento dos inquiridos que tiveram acesso aos seus próprios rostos durante as chamadas videofónicas manifestavam-se especificamente em termos de imagem *pouco fiável, desagradável* e *difícil de gostar* ao descrever o seu próprio aspeto no ecrã; houve um desastroso resultado de setenta e um por cento de cidadãos da terceira idade que compararam as suas videocaras à de Richard Nixon durante o debate com Nixon-Kennedy em 1960 AS.

A solução proposta para aquilo que os psicólogos assessores da indústria das telecomunicações chamaram Disforia Videofisionómica (ou DVF) foi, é claro, o advento do Mascaramento de Alta Definição; e de facto foram aqueles empresários que gravitaram no sentido da produção de imagens videofónicas de alta definição e depois diretamente para as máscaras que superaram a curta vida do fenómeno videofónico com as camisas e outros lucros adicionais.

No que diz respeito às máscaras, a opção inicial foi a de Imagens Fotográficas de Alta Definição; isto é, recolher os elementos mais atraentes de um conjunto de fotografias em poses diferentes que favorecessem um determinado utilizador e – graças aos equipamentos disponíveis de configuração de imagens de que foram pioneiras as indústrias de cosméticos e de ordem pública – combiná-los numa composição de alta definição muito atrativa de um rosto com uma expressão honesta e com o excesso de intensidade adequado a uma atenção completa, mas foi rapidamente substituída pela opção um pouco mais económica (utilizando um *software* idêntico aos da indústria dos cosméticos e do FBI) que consistia em fundir a imagem facial melhorada numa autêntica máscara de resina de polibutileno; os consumidores descobriram rapidamente que valia a pena pagar o preço alto de uma máscara permanente e portátil porque, tendo em consideração os benefícios de redução da tensão e de DVF e as convenientes faixas de velcro para prender a máscara à cabeça do utilizador saía por muito pouco dinheiro, ficava mesmo barato; e durante um par de exercícios fiscais as

companhias de cabo telefónico conseguiram recuperar a confiança dos consumidores afetados pela DVF unindo-se numa operação horizontalmente integrada na qual se entregavam as máscaras quando o aparelho era instalado. As máscaras de alta definição, quando não estavam a ser usadas, ficavam penduradas num gancho ao lado da consola telefónica do computador, dando sem dúvida uma imagem um tanto ou quanto surreal e desconcertante ao serem penduradas vazias e enrugadas; às vezes havia um problema de identidade errada potencialmente negativo quando se tratava de um serviço de multiuso familiar ou empresarial que implicava uma apressada seleção da máscara correta entre as que havia numa longa fileira de máscaras vazias, mas seja como for as máscaras pareceram inicialmente uma resposta viável da indústria ao problema da vaidade, da tensão e da imagem facial nixoniana.

(2 e talvez também 3) Mas ao combinar o natural instinto empresarial de satisfazer *toda* a procura de consumo suficientemente alto, por um lado, com o que parece ser uma distorção natural quase idêntica na maneira como as pessoas tendem a ver-se, possibilita que se explique historicamente a rapidez com que decaiu e ficou fora de controlo toda a questão das máscaras videofónicas de alta definição. Não só é tremendamente difícil avaliar a nossa própria imagem, no sentido, por exemplo, de se ser atraente ou elegante – isto é, que uma pessoa tente pôr-se diante de um espelho e determinar com alguma segurança onde está numa escala de atração com aquela facilidade objetiva com que determina onde estão nessa escala as pessoas que conhece e se são bonitas ou feias –, mas também ocorreu que a autoperceção instintivamente distorcida dos consumidores, aliada à questão da tensão relacionada com a vaidade, os levou a começar a preferir e depois a exigir máscaras videofónicas muito mais atraentes do que eles realmente eram. Os fabricantes de máscaras de alta definição, dispostos e predispostos a providenciar tanto verosimilitude como realce estético – queixos mais proeminentes, olheiras menos marcadas, nada de cicatrizes nem rugas –, expulsaram depressa do mercado os primeiros produtores de máscaras miméticas. Numa progressão gradualmente menos subtil ao fim de mais um par de exercícios de vendas, a maioria dos consumidores usava máscaras tão inegavelmente mais atraentes nos videofones do que as suas próprias caras e transmitiam imagens de si mesmos tão horrorosamente distorcidas e realçadas que se produziu uma enorme tensão psicossocial que levou a que ingentes

números de utilizadores a tornarem-se de súbito muito relutantes em abandonar as suas casas ou a fazer interface pessoalmente com pessoas que, segundo receavam, estavam agora habituadas a ver a máscara muito mais fascinante de si mesmos ao telefone e sofriam (de acordo com a fobia dos utilizadores), ao ver pessoas cara a cara, a mesma desilusão estética que, por exemplo, causam certas mulheres que sempre andam maquilhadas quando são vistas pela primeira vez com a cara lavada.

As ansiedades sociais que rodeavam aquilo que os psicólogos assessores denominaram Mascaramento Otimistamente Não-Representacional (ou MON) intensificaram-se pouco a pouca à medida que a tecnologia das primeiras e rudimentares câmaras videofónicas cedeu o seu lugar a um diâmetro de visão menos apertado e agora as minúsculas câmaras conseguiam enviar e receber imagens quase de corpo inteiro. Alguns empresários psicologicamente pouco escrupulosos começaram a comercializar recortes de corpo inteiro feitos com polibutileno e poliuretano, uma coisa idêntica aos recortes bidimensionais de homens musculosos e de beldades espampanantes em fato de banho e sem cabeça que servem para uma pessoa se pôr atrás e pousar o queixo no cartão para poder tirar fotografias baratas na praia, só que estas máscaras videofónicas de corpo inteiro eram de alta tecnologia e muito mais convincentes. Ao somar as variáveis do guarda-roupa bidimensional, as opções de cor de olhos e cabelo, as diferentes reduções e ampliações estéticas, etc., os custos começaram a prejudicar a rendibilidade do mercado de massa, embora ao mesmo tempo se produzisse uma terrível pressão social para poder enfrentar a melhor imagem corporal bidimensional possível a fim de não se ter a sensação ao telefone de ter um aspeto comparativamente espantoso. É claro que não passou muito tempo até que a implacável atividade empresarial no sentido de encontrar uma ratoeira ainda melhor levasse ao aparecimento de Tableau Transmissível (ou TT) que, visto em retrospetiva, foi o que provavelmente pôs um ponto final no negócio videofónico. Com o TT, o mascaramento facial e corporal pôde ser completamente dispensado e substituído por uma imagem de vídeo daquilo que era em essência uma fotografia brutalmente retocada, uma fotografia de um ser humano em perfeita forma física e extraordinariamente atraente e proporcionado, alguém que na realidade só se assemelhava a quem telefonava em aspetos tão reduzidos com a raça ou o número de membros, com a cara da fotografia

totalmente concentrada na direção da câmara videofónica de uma divisão que não era sumptuosa mas não ostensivamente e refletia fielmente a imagem que a pessoa desejava transmitir de si, etc.

Os *tableaux* não passavam de fotografia de alta qualidade em tamanho reduzido prontas a serem transmitidas, com as proporções de um diorama e encaixadas por meio de um ajustador de plástico à câmara videofónica como se fosse uma tampa de lente. Celebridades muito atraentes do mundo do espetáculo mas não particularmente bem-sucedidas – como as que em décadas anteriores enchiam as listas de infoanúncios – viram-se muito solicitadas como modelos para os *tableaux* videofónicos.

Devido ao facto de os *tableaux* implicarem apenas a mera transmissão de fotografias fixas em vez de imagens e realces computorizados podiam ser produzidos em série e a preço altamente competitivo. Durante um breve lapso de tempo, ajudaram a aliviar a tensão entre o alto custo do mascaramento corporal realçado e as monstruosas pressões estéticas que a videofonia exercia sobre os utentes, para não referir os postos de trabalho que proporcionou a decoradores, fotógrafos, cabeleireiros e celebridades habituais das publirreportagens muito pressionadas pela decrescente fortuna da publicidade televisiva.

(3) Mas há aqui uma espécie de lição reveladora na breve curva de viabilidade do avanço da tecnologia de consumo. A carreira da videofonia ajusta-se com nitidez à forma classicamente anular desta curva: primeiro produz-se uma sorte de terrível avanço tipo ficção científica na tecnologia de consumo – como o salto da telefonia auditiva para a do vídeo –, mas esse progresso contempla sempre certas desvantagens imprevistas para o consumidor; depois esses nichos de mercado criados por essas desvantagens – como a tensa e vaidosa repulsa das pessoas pelo seu próprio aspeto videofónico – são engenhosamente preenchidos através de mera verve empresarial; não obstante, essas vantagens que são resultado de engenhosas compensações para superar as novas desvantagens parecem frequentemente socavar os avanços tecnológicos originais e tudo acaba numa reincidência de consumo, no fecho da curva e numa perda maciça de camisas pelos investidores precipitados. No caso vertente, a própria evolução das compensações devido a vaidade ou tensão foi testemunha, em primeiro lugar, da recusa das próprias feições pelos utilizadores e, em segundo lugar, das suas parecenças mascaradas e realçadas e, por fim, da cobertura total das

videocâmaras e da transmissão de *tableaux* estáticos e atrativamente estilizados de um aparelho para outro. E é claro que atrás desses dioramas e da transmissão de *tableaux*, os utilizadores verificaram que voltavam a ser inteiramente invisíveis e a estar isentos de tensão nervosa, sem maquilhagens vaidosas nem perucas, com as suas próprias olheiras por baixo dos dioramas de celebridades, mais uma vez livres – já que eram invisíveis – para se coçarem, arranjarem, limparem as unhas ou verificarem as rugas, enquanto nos seus ecrãs estava o rosto atento e atraente da bem escolhida celebridade que ocupava o outro lado do *tableau* lhes garantia que eram objeto de uma concentrada atenção que eles próprios não tinham de prestar.

É evidente que estas vantagens não eram senão as vantagens que tinham sido perdidas e agora eram muito apreciadas da velha época do telefone de Bell cego e apenas auditivo com os seus 6 (e 6^2) orifícios. A única diferença residia no facto de que agora este caro *tableau* estúpido, irreal e estilizado era transmitido entre telecomputadores por linhas de videofibra de custo muito elevado. Quanto tempo, depois de os consumidores interiorizarem e difundirem entre si esta realidade (essencialmente via telefone, coisa curiosa), podia um microeconomista esperar que passasse antes de a videotelefonia visual de alta tecnologia ser abandonada para se regressar ao velho telefone, não só ditado pelo senso comum do consumidor, mas também ao fim de um tempo culturalmente aprovado como uma espécie de integridade chique, não-ludismo mas uma sorte de transcendência retrógrada da alta tecnologia de ficção científica como fim em si mesma, uma transcendência da vaidade e da escravidão à moda da alta tecnologia que as pessoas percebem como pouco atrativa nos outros? Por outras palavras, o retorno à telefonia apenas falada, ao fim da curva da procura, tornou-se uma espécie de estatuto-símbolo de antivaidade, de maneira que só os utilizadores que não se aperceberam de nada continuaram a usar a videofonia e *tableaux*, para não falar das máscaras, e essa gente negligente que continuava a usar fac-símiles tornou-se um irónico símbolo cultural de vã e indolente submissão às relações públicas empresariais e às novidades da alta tecnologia; na Era Subsidiada foram os pegajosos equivalentes das pessoas com roupa desportiva, pinturas de veludo negro, casacos para cães, joalharia elétrica de zircónio, raspadores de língua *NoCoat*, etc. A maior parte dos consumidores de comunicações guardou os seus *tableaux* de dioramas no fundo de uma estante

qualquer e tapou as câmaras com capas pretas de lente; agora usa os pequenos ganchos para as máscaras ao lado da consola telefónica para pendurar umas novas agendas plásticas para números de telefone e moradas especialmente feitas com um pequeno recetáculo na borda superior para lá serem convenientemente colocadas. Mas mesmo então muitos dos consumidores estado-unidenses continuaram a mostrar-se francamente refratários a sair de casa e do telecomputador para fazer pessoalmente interface, embora a persistência deste fenómeno não se possa atribuir apenas à moda passageira da videofonia; seja como for, esta nova pan-agorafobia serviu para abrir novos e gigantescos mercados telecomputorizados para a compra e entrega diária, não tendo causado muita preocupação à indústria.

Quatro vezes por ano, nestes tempos quimicamente problemáticos, a Divisão Júnior da Associação de Ténis da Organização das Nações Norte-Americanas envia um jovem toxicólogo de cabelos sedosos como barba de milho, nariz como um largo botão e *blazer* azul da ATONNA recolher amostras de urina daqueles estudantes de qualquer academia de ténis acreditada com um lugar superior a sessenta e quatro no *ranking* continental na classificação etária dele ou dela. Supõe-se que o ténis júnior de competição é um divertimento. Estamos em outubro do Ano da Roupa Interior para Adultos *Depend*. Uma importante percentagem de miúdos da ATE está entre os melhores sessenta e quatro das suas divisões. No dia de recolha da urina, os juniores formam duas compridas filas que começam nos balneários, estendem-se pelas escadas e depois convivem e misturam-se no vestíbulo central do edifício da Administração da ATE com os seus painéis de madeira e a carpete azul e as suas grandes vitrinas carregadas de troféus e placas. Demora quase uma hora a chegar de metade da bicha ao vestiário de cada um dos sexos, onde, para os rapazes, o jovem toxicólogo loiro ou, para as raparigas, uma enfermeira cujo cabelo está tão esticado para trás que a testa dela parece seccionada por cima do rosto quadrado fornecem copos de plástico com a borda de um verde-claro e um bocado de fita médica branca onde consta o nome, o *ranking* mensal e as inscrições 10-15-ARIAD e A. Enf. T nitidamente impressas com fonte seis.

Provavelmente cerca de um quarto dos jogadores do *ranking* com mais de quinze anos da Academia de Ténis de Enfield não consegue passar um teste

padrão CG/EM de urina[52]. São estes os clientes noturnos de Michael Pemulis, de dezassete anos, que se tornam quatro vezes por ano seus clientes diurnos. Cada centímetro cúbico de urina limpa vale dez dólares.

– Comprem aqui a vossa urina!

Trimestralmente, Pemulis e Trevor Axford tornam-se vendedores de urina; usam aqueles bonés de papel como os dos vendedores dos recintos desportivos; passam três meses a recolher e armazenar a urina dos jogadores com menos de dez anos, uma cálida e límpida urina infantil que é produzida em pequenos e finos jatos e cujo único teste G/M que não conseguiria passar seria o do *Ovaltine* ou coisa do género; depois, cada três meses, Pemulis e Axford percorrem as filas mistas sem vigilância que serpenteiam pelo vestíbulo vendendo frascos de *Visine* cheios de urina que transportam numa caixa das que são usadas para vender salsichas nos estádios de beisebol adquirida por poucos cêntimos a um arruinado vendedor de salsichas de Fenway Park, uma grande e velha caixa de latão enrugado com uma faixa com as cores dos Sox que se pendura ao pescoço para que o vendedor possa ter as mãos livres para fazer trocos.

– Urina!

– Urina clinicamente estéril!

– Ainda está quentinha!

– Urina que se teria orgulho em levar para casa e apresentar aos pais!

Trevor Axford ocupa-se da recolha das notas. Pemulis fornece pequenos frascos de *Visine* com tampas cónicas, frascos fáceis de ocultar nas axilas, peúgas ou meias de senhora.

– Problemas de urina? Eis a urina da sorte!

Os resultados das vendas trimestrais mostram uma ligeira maioria de clientes masculinos. Amanhã de manhã, os empregados de manutenção da ATE – Kenkle e Brandt, ou Dave («Fall Down Very») Harde, o velho e amado porteiro expulso do Boston College por ter contraído narcolepsia, ou irlandesas de grossos tornozelos dos apartamentos do outro lado da colina e para lá da Avenida Commonwealth, ou taciturnos residentes da Ennet House de olhar turvo, a casa de reabilitação que fica no sopé da colina do outro lado no complexo do velho hospital de veteranos, uns tipos de aspeto sofredor e reservado que durante nove meses de trabalho manual cumprem as trinta e duas horas semanais que o seu tratamento exige – deitarão nos contentores do lixo nas traseiras do parque de

estacionamento do pessoal da ATE uma grande quantidade de pequenos frascos de plástico de *Visine* vazios provenientes dos caixotes de lixo dos dormitórios dos estudantes; Pemulis manda Mario Incandenza e alguns dos miúdos mais ingénuos que foram doadores originais de urina tirar esses frascos, esterilizá-los e empacotá-los com o pretexto de estarem a praticar um divertido jogo denominado Quem-É-Capaz-De-Encontrar-Ferver-E-Empacotar-Os-Frascos-De – *Visine*-Mais-Vazios-Num-Prazo-De-Três-Horas-Sem-Qualquer-Presença-De-Autoridade-Supervisora-Que-Perceba-O-Que-Estais-A-Fazer, um jogo que Mario tinha considerado bastante esquisito quando há três anos Pemulis lho ensinou, mas que agora Mario aguarda com alguma impaciência porque descobriu que possuía uma espécie de capacidade quase mística e intuitiva para encontrar frascos de *Visine* nas várias camadas sedimentares dos contentores cheios de lixo; ganhava sempre sem dificuldade e quem quer que esteja na situação de pobre e velho Mario Incandenza não deixa de aproveitar estas oportunidades quando elas surgem. Depois T. Axford guarda e recicla os frascos, e o armazenamento não custa nada. Ele e Pemulis escondem a caixa do vendedor de salsichas cheia de frascos sob uma velha vela *Yarmouth* abandonada na parte de trás do camião-reboque que tinham partilhado com Hal, Jim Struck e outro tipo que entretanto terminou a ATE e agora joga para Pepperdine, e pagaram para ser arranjado e para substituir o gancho e a enferrujada corrente que pendia da grua por um grosso gancho e umas brilhantes correntes novos – que só é de facto usado duas vezes por ano, na primavera e no final do outono, durante breves intervalos de curtas distâncias nos períodos de desmantelamento e montagem do Pulmão, além de servir para rebocar de vez em quando o carro imobilizado de um ou outro estudante ou funcionário pela encosta de setenta por cento da colina da ATE quando cai uma intensa tempestade de neve –, o veículo agora sem nenhuma ferrugem e pintado com as orgulhosas cores vermelha e cinzenta da ATE, juntamente com o complicado símbolo heráldico da ONAN – uma águia rezingona vista de frente com uma escova e uma lata de desinfetante numa garra e uma folha de carvalho na outra, com um chapéu mexicano e ar de estar a comer um pedaço de tela com estrelas cravadas – que de forma bastante irónica cobre a porta do lado do condutor mas com o velho e tradicional lema da era pré-Tavis da ATE, *te occidere possunt*..., colocado sem ironia nenhuma na porta do lado do passageiro, veículo que todos eles partilham embora Pemulis e

Axford tenham uma ligeira prioridade porque o registo e o seguro do camião são pagos com os lucros das vendas trimestrais de urina.

Mario, irmão mais velho de Hal – que por decisão do deão dos estudantes reside com Hal num quarto duplo no Subdormitório A no terceiro piso do edifício da Administração embora seja demasiado diminuído fisicamente para jogar ténis recreativo de baixo nível, mas está muito interessado na produção de cartuchos de filme e de vídeo e tem o seu peso enquanto parte da comunidade da ATE que grava passagens de jogos e treinos e sessões de pancadas que depois Schtitt e a sua equipa veem e analisam –, está a filmar as bichas congregadas e as interações sociais e a operação de venda de urina; tem a câmara presa à cabeça por uma correia e traz o casaco policial torácico para não cair e filma uma dessas estranhas e curtas fitas conceptuais influenciada por Ele Mesmo com as quais a Administração o deixa ocupar o tempo usando a sala de filmar, montar e revelar do falecido fundador localizada no túnel central que há sob o edifício da Administração; e Pemulis e Axford não levantam objeções às filmagens nem fazem qualquer gesto de tapar a cara com a mão quando aponta para eles a sua *Bolex* montada em cima dos ombros, já que sabem que ninguém a não ser Mario vai ver essas imagens e que, se lhe pedirem, modulará e misturará na sala de montagem os rostos de vendedores e compradores transformando-os em sistemas ondulantes de quadrados com cor de carne usando o painel configurador do seu malogrado progenitor; sabem que a mistura facial acentuará os estrambóticos efeitos conceptuais, aquilo no fundo que Mario pretende; e também sabem perfeitamente que Mario sente grande apreço pelos quadrados ondulantes de carne e não perde a oportunidade de os montar sobre as caras dos outros.

O negócio deles era simples e eficaz.

Michael Pemulis, vigoroso, de feições angulosas, fenomenalmente talentoso na rede mas demasiado lento para lá chegar perante um adversário muito rápido – compensava isto sendo um grande executante de balões – é um estudante aqui de perto, de Allston, Massachusetts, de um sombrio bairro de casas iguais e lotes vazios, complexos de apartamentos pouco altos subvencionados para famílias irlandesas e gregas, diversos restos de gravilha e uma manutenção camarária indiferente, muita indústria petroquímica decadente ao longo do Spur, um distrito periférico dividido em zonas de expansão; um velho gracejo de Enfield e

Brighton diz «“Beija-me onde fede”, disse ela, por isso levei-a a Allston», onde Pemulis descobriu o seu talento para o ténis no Clube Juvenil com umas calças cortadas, sem camisa e com uma raqueta encordoada na loja em nojentos campos alcatroados que descoloriam as bolas amarelas e redes feitas de bocados de arame da cerca de Fenway Park onde as bolas batiam e ricocheteavam como balas na direção do trânsito da avenida. Aos dez anos era um prodígio do Programa Camarário de Fomento do Ténis, foi recrutado pelos do cimo da colina, e os pais quiseram saber quanto pagaria a ATE adiantado pelos direitos exclusivos de todos os lucros futuros. Um cavalheiro nos treinos mas um feixe de nervos nos torneios, o problema de Pemulis é que o *ranking* dele é sempre inferior ao que deveria ter se trabalhasse mais, já que não só é senhor do melhor balão eschatónico[53] da ATE, mas também porque Schtitt garante que realmente sabe como *pünch* um balão. Pemulis, cuja vida familiar antes da ATE foi, ao que parece, conflituosa, também vende de vez em quando, a uma grande parte do mercado de todo o circuito de torneios juniores, droga de uma potência apreciável a um preço razoável. Mario Incandenza é uma dessas pessoas que não vê qualquer sentido em experimentar substâncias químicas recreativas, mesmo sabendo como o poderia fazer. Não é coisa que lhe interesse. O sorriso dele, atrás da câmara *Bolex* presa à sua imensa cabeça de aspeto um pouco murcho, é permanente e amplo enquanto filma os movimentos serpentinos da bicha entre as vitrinas cheias de troféus.

M.M. Pemulis, cujo segundo nome é Mathew *(sic)*, tem a máxima pontuação no teste Stanford-Bïnet de qualquer recipiendário de bolsa de estudo que alguma vez tenha passado pela Academia. As ajudas extraordinariamente valorosas de Hal Incandenza quase não chegam para Pemulis superar a tríade de gramáticas obrigatórias da senhora I.[54] e a aborrecida Literatura da Disciplina de Soma R.-L.-O. Chawaff, porque Pemulis, que garante ver cada terceira palavra de cabeça para baixo, é na realidade um geniozinho nato da tecnologia com uma impaciência congénita para os pormenores das referências e a ausência de elegância dos sistemas verbais. Como precoce promessa tenística que ascendeu rapidamente à cúspide e agora se tornou um pouco diletante, a capacidade de facto persistente de Pemulis tem que ver com as matemáticas e as ciências puras; a bolsa dele é a apreciada Bolsa de Estudos James O. Incandenza de Ótica Geométrica; só uma é concedida, e Pemulis lá se arranja para que lhe seja

renovada todos os anos ultrapassando por uma única camada dentodérmica a pontuação académica global requerida, o que lhe dá acesso autorizado a todos os equipamentos e lentes do falecido diretor, alguns dos quais são úteis para outro tipo de atividades. Mario é a única outra pessoa que partilha com ele os laboratórios de ótica e revelação do túnel central e há entre eles aquela espécie de vínculo transpessoal que pode ser inspirada pelo facto de terem interesses comuns e vantagens mútuas: se Mario não está a ajudar Pemulis a fabricar os produtos de estudo-ótico-independente que M.P. não tem muito interesse em fazer – teriam de ver o rapaz com as lentes convexas, Avril gosta de dizer para que Mario ouça: é como peixe na água –, então Pemulis ajuda seriamente Mario, que é um louco por cinema mas não tem uma grande cabeça tecnológica, com a práxis cinemático-ótica, a física da distância focal e os compostos refletivos – teriam de ver Pemulis com uma curva de emulsão a bocejar de maneira *blasé* sob o boné de capitão com a pala virada para trás e a coçar uma axila, fazendo jogos de mãos com os diferenciais como um miúdo nascido para se vestir com protetores de bolsos, calças de veludo cotelê e fita adesiva de eletricista nos óculos de aros de tartaruga, e a perguntar a Mario se sabe como se chamam três canadianos a copular num trenó. Mario e o seu irmão Hal consideram Pemulis um bom amigo, embora a amizade na ATE não seja moeda negociável.

Hal Incandenza identificou-se durante bastante tempo como um prodígio lexicográfico que – apesar de Avril ter feito todos os esforços para dar a conhecer aos três filhos que o seu amor e o seu orgulho livres de preconceitos não dependiam em nada dos êxitos, realizações ou talento potencial – tinha sido um orgulho para a mãe, além de ser de facto um bom tenista. Agora andam a encorajar Hal Incandenza a identificar-se como um prodígio que demorou a florescer e como um possível génio do ténis que está prestes a tornar orgulhosa qualquer figura de autoridade deste mundo e do outro. Nunca esteve tão bem como agora no campo ou na publicação mensal da ONANTA. Está num momento emergente. Hal conseguiu alcançar aquilo que Schtitt denominou um «salto exponencial» numa idade pós-pubescente em que os saltos radicais de planaltos e as melhorias do calibre de um J. Wayne-e-Circuito são extraordinariamente raros no ténis. Arranja a urina esterilizada de graça, embora a pudesse pagar sem problema: Pemulis depende dele no que respeita ao apoio académico-verbal, mas Hal não gosta de ficar a dever favores nem aos amigos.

Hal é, aos dezassete anos, em 10/ARIAD, considerado *ex cathedra* o quarto melhor jogador com menos de dezoito anos dos Estados Unidos da América e o sexto melhor do continente pelas agências desportivas responsáveis por organizar o *ranking*. O cérebro dele, devidamente supervisionado por DeLint e pela sua equipa, considera-se ainda concentrado, tranquilo, em nada prejudicado pelo súbito *éclat* e pelo aumento de expectativas gerais. Quando lhe perguntam como encara tudo aquilo, Hal responde que bem e agradece o cuidado.

Se Hal satisfaz as exigências do seu novo nível de promessa e abre caminho até ao circuito, Mario é o único dos filhos Incandenza que não conseguiu ter um êxito impressionante como atleta profissional. Ninguém que conheça Mario pode pensar que isso alguma vez pudesse acontecer.

O falecido pai de Orin, Mario e Hal foi reverenciado como um génio na sua profissão original sem que ninguém tivesse percebido em que coisa seria de facto um génio, incluindo o próprio, pelo menos enquanto foi vivo, o que é bastante trágico mas também, no que a Mario diz respeito, em última instância uma coisa boa, se era assim que isso tinha de funcionar.

Há gente que considera as pessoas como Mario Incandenza irritantes ou pensa que são malucos chapados, interiormente mortos de uma forma essencial.

A atitude básica de Michael Pemulis em relação às pessoas tem que ver com a ideia de que a senhora Pemulis não criou parvos com olhos molhados. No campo usa bonés de pintor e algumas vezes um boné de capitão de iate rodado cento e oitenta graus e, uma vez que não tem uma posição no *ranking* que leve as empresas patrocinadoras a fornecer-lhe roupa de graça, joga com *T-shirts* que dizem aranhas-lobo do liceu de allston e mães exigentes ou demónios em forma humana digressão ariad ou o velho lema acredita: o supremo tribunal acabou de profanar a nossa bandeira. Tem a típica cara feniana de traços afilados dominada por aquele tipo de cenho que se encontra em Allston e Brighton e o nariz e o queixo dele são aguçados; a pele tem a cor natal castanha da casca de uma noz de qualidade.

Michael Pemulis não é tonto nenhum e receia o passador Brutus, bufo em potência, chibo, espia, um tipo de aspeto pubescente enviado para o fazer passar por parvo. Por isso, quando alguém lhe liga para o telefone do quarto, ou o contacta por vídeo, para obter uma substância qualquer, tem de dizer logo «Faz o favor de cometer um crime», ao que Pemulis responde «Minha Nossa Senhora,

disse um crime?». O cliente tem de insistir, ao telefone, e dizer que lhe vai pagar para que cometa um crime; ou que fará mal a Michael Pemulis se ele se recusar a cometê-lo; então Michael Pemulis fica livre de culpas e pode acertar um encontro para estar com o interlocutor pessoalmente «em defesa da minha honra e da minha segurança pessoal», de modo que se alguém o trair depois ou se o telefone está sob escuta, Pemulis terá sido alvo de uma cilada[55].

Esconder um pequeno frasco de *Visine* com urina debaixo do braço quando se está na bicha fá-la atingir a temperatura plausível. À entrada da zona masculina, o toxicólogo com aspeto de efebo da ONANTA raramente ergue os olhos da sua papelada, mas a enfermeira de cara quadrada pode ser um problema para as rapariga porque frequentemente quer que a porta fique aberta durante a micção. Como Jim Struck se ocupa de casos de plágio de coisas publicadas, de iteração comprimida e de xerografia, Pemulis também fornece a um preço módico um pequeno panfleto *vade mecum*ico pormenorizando vários métodos de lidar com estas contingências.

INVERNO 1960 AS – TUCSON, ARIZONA

JIM, DESSA MANEIRA NÃO, JIM. Não é assim que se trata uma porta de garagem, dobrando a cintura com força e forçando o puxador de modo que a porta é sacudida e sacudida à bruta e dás cabo das tuas canelas e dos meus desgraçados joelhos, filho. Vamos lá ver como te dobras pelos joelhos sãos. Vamos lá ver como pousas com suavidade a mão no puxador, sentindo-lhe a subtil rugosidade, e o levantas com toda a delicadeza de que sejas capaz. Experimenta, Jim. Calcula quanta força precisas para abrir facilmente a porta, deixa-a enrolar no tambor e funcionar as roldanas ocultas e oleadas nas vigas do teto cheias de teias de aranha. Pensa nas portas de garagem como na porta bem oleada de um forno com carne a assar no interior, com o calor a sair, tórrido. Desnecessário e perigoso empurrar, forçar e sacudir. A tua mãe é uma artista a fazer isso, filho. Trata os corpos alheios sem os devidos respeito e cuidado. Nunca percebeu que tratar as coisas de forma suave e relaxada é fazê-lo tanto a elas como ao nosso próprio corpo com a máxima eficiência. A culpa é de Marlon Brando, Jim. A tua mãe, quando estava na Califórnia, antes de teres nascido, antes de se ter tornado uma mãe devotada e uma esposa sofredora e trabalhadora, filho, a tua mãe teve um pequeno papel secundário num filme de Marlon Brando. O seu grande momento. Tinha de ficar de pé em mocassins brancos e peúgas e rabo de cavalo e levar as mãos aos ouvidos como se estivessem a passar motas ruidosas ao lado dela. Uma grande cena dramática, acredita. Apaixonou-se à distância por esse tal Marlon Brando, filho. Quem? Quem. Jim, Marlon Brando era o arquétipo do ator de novo tipo que ao que parece arruinou as relações das pessoas duas gerações inteiras com os seus próprios corpos e com os corpos e objetos que as rodeavam. Não? Pois deve-se a Brando que tu tenhas querido abrir a porta daquela maneira, Jimbo. O desrespeito é uma coisa que se aprende e se transmite. Se transmite. Vais conhecer Brando quando o vires, e terás aprendido a temê-lo. *Brando*, Jim. Jesus, B-r-a-n-d-o. Brando o arquétipo do rebelde duro e mal-educado de novo tipo que inclina a cadeira para trás, que atravessa as portas curvado, que caminha cabisbaixo perante qualquer coisa que tenha à vista, que tenta *dominar* as objetos, que não mostra respeito nem cuidado, que pega nas coisas como uma

criança caprichosa e as usa e as atira impunemente para o lado de modo a que não caiam no caixote do lixo e para ali fiquem maltratadas. Com os movimentos impetuosos e torpes e a atitude própria de um bebé mimado. A tua mãe faz parte dessa nova geração que se move contra o grão da vida e das suas tendência e ondulação naturais. Pode ser que se tenha apaixonado por Brando, Jim, mas não o compreendeu e isso tornou-a incapaz de praticar aquelas artes de todos os dias como fornos ou portas de garagem e mesmo o ténis de parque público de baixo nível. Já viste como a tua mãe trata a porta de um forno? É um massacre, Jim, é de arrepiar vê-la, e a pobre tola pensa que é uma homenagem a esse tipo bruto e encurvado de quem gostou quando ele passou de mota a roncar. Jim, ela nunca captou a amável e astuta economia que há atrás da relação supostamente dura, torpe e espontânea desse homem com os objetos. A maneira como oh ele se relacionava com uma cadeira inclinada para trás várias vezes. A maneira como estudava os objetos com olho de soldador à procura das juntas mais bem ligadas que não cederiam por mais peso que se lhes pusesse em cima. Ela nunca... nunca percebeu que Marlon Brando sentia tão intensamente o seu corpo que não *tinha necessidade* de bons modos. Nunca percebeu que com aqueles modos pretensamente torpes tocava em tudo que tocava como se fosse parte de si próprio. Do seu próprio corpo. O mundo que ele apenas fingia maltratar era para ele pura sensibilidade e sentimento. E ninguém... e ela nunca percebeu isso. Uma grande infelicidade, de facto. Não se pode invejar ninguém que seja assim. Talvez respeitar. Talvez ter um respeito *melancólico,* no máximo. Ela nunca percebeu que Brando jogava o equivalente a ténis de alta competição em vários cenários em ambas as costas, Jim, porque era isso o que ele realmente fazia. Jim, movia-se como um peixe descuidado, um único grande músculo, muscularmente ingénuo, mas sempre, presta atenção, como um peixe no meio da límpida corrente. Esse tipo de graça animal. O filho da mãe não desperdiçava *nenhum* movimento, era o que fazia aquilo ser arte, esse sem cuidado bestial. O *dictum* dele era o de um jogador de ténis: toca nas coisas com consideração e elas serão tuas; tê-las-ás; mover-se-ão ou ficarão imóveis ou mover-se-ão para ti; deitar-se-ão e abrirão as pernas e oferecer-te-ão as suas partes mais secretas. Ensinar-te-ão todos os truques. Sabia o que os Beatles sabem e o que sabe um grande jogador de ténis, filho: aprende a não fazer nada, com toda a tua cabeça e todo o teu corpo, de tudo será feito por aquilo que te rodeia. Sei que não percebes. Ainda.

Conheço esse olhar despassarado. Sei muito bem o que significa, filho. Não importa. Hás de entender. Jim, confia em mim.

E predigo isso aqui e agora, jovem senhor Jim. Vais tornar-te um grande jogador de ténis. Eu estive perto. Tu vais sê-lo de certeza. Já sei que ainda te não ensinei a jogar, sei muito bem que esta é a primeira vez, Jim, Jesus, tem calma, eu sei. Isso não afeta o meu poder de previsão. Superar-me-ás e apagar-me-ás do mapa. Vais começar hoje e ao fim de alguns anos sei que serás capaz de me ganhar, e no dia em que me ganhares pela primeira vez é muito possível que chore. Sentirei uma espécie de orgulho magnânimo, a terrível alegria de um pai vencido. Sou capaz de sentir isso, Jim, mesmo aqui, em cima da gravilha quente a olhar: vejo nos teus olhos o bom cálculo do ângulo, um repetido efeito presciente, a maneira como acomodas o teu corpo infantil demasiado grande e aparentemente desajeitado na cadeira para te colocares na melhor linha de força em relação ao prato, à colher, ao artefacto para polir lentes e à capa dura de um livro. Fazes isso inconscientemente. Não te apercebes. Mas eu observo, de muito perto. Nunca penses que não o faço, filho.

Serás poesia em movimento, Jim, tamanho e postura e tudo o resto. Não permitas que o problema da postura te engane quanto ao teu verdadeiro potencial. Vê lá se prestas atenção. O truque será transcender essa cabeça excessivamente volumosa, filho. Tens de aprender a mover-te da mesma maneira que estás sentado. Vivendo no teu corpo.

Esta garagem é comunitária, filho. E esta é a nossa porta da garagem. Sei que sabes isso. Sei que já a viste muitas vezes. Agora... agora *vê-a*, Jim. Vê-a como um corpo. O puxador descolorido, a fechadura no sentido dos ponteiros do relógio, os pedacinhos de insetos presos quando a pintura ainda estava fresca e ainda sobressaem. As gretas causadas por este sol impiedoso. Vá lá saber-se qual era a cor original, rapazola. Os quadrados embutidos côncavos, quantos são, biselados a quantos níveis nas bordas, que pretendem ser decorativos. Conta os quadrados, talvez... trata esta porta como se fosse uma senhora, filho. Roda o puxador no sentido dos ponteiros do relógio com uma mão é como deve ser e... acho que tens de empurrar com mais força, Jim. Talvez ainda com mais força. Deixa-me... é *assim* que ela gosta que se faça. Observa. Jim, é aqui que guardamos o *Mercury Montclair* de 1956 que conheces tão bem. Este *Montclair* pesa cerca de mil e seiscentos quilos. Tem oito cilindros, o para-brisas biselado e

aletas aerodinâmicas, Jim, e alcança uma velocidade máxima de cento e cinquenta quilómetros por hora. Descrevi a tonalidade da pintura deste *Montclair* ao vendedor quando o vi pela primeira vez como vermelho de lábio mordido. Jim, isto é uma máquina. Faz aquilo para que foi concebida e faz isso na perfeição, mas só quando for estimulada por alguém que se dedicou a estudar os seus truques e articulações como se fosse um corpo. O estimulador deste carro tem de conhecê-lo, Jim, senti-lo, entrar no seu interior e não se limitar... a pôr-se ao volante. É um objeto, Jim, um corpo, mas não deixes que te engane, assim, parado e silencioso. *Reagirá*. Caso se lhe dê o que lhe é devido. Com requintado cuidado. É um corpo e responderá com um ronronar bem oleado desde que lhe meta algum óleo decente e todo o mercurial voará a cento e trinta quilómetros por hora, mas só para aquele condutor que lhe tratar o corpo como se fosse o seu, que *sinta* o grande corpo de aço onde está encerrado, que acaricie subtil e sigilosamente o plástico rugoso da manete das mudanças quando muda de velocidade, da mesma maneira que acaricia a pele e a carne, os músculos e os tecidos e os ossos envolvidos numa teia cinzenta de nervos na mão alimentada a sangue, assim como sente o plástico e o metal e as pestanas e os dentes, os pistões e a borracha e as barras do *Montclair* propulsado a gasolina âmbar quando acelera. O vermelho corporal de um lábio bem mordido, galgando a estrada a mais de cento e quarenta quilómetros por hora. Jim, um brinde em honra do nosso conhecimento dos corpos. Em honra do ténis de grande nível na estrada da vida. Ah! Oh!

Filho, tens dez anos e esta notícia é dura para quem tem dez anos, mesmo que tenhas quase um metro e setenta e possas ser um fenómeno pituitário. Filho, és um corpo, filho. Esse pequeno e veloz cérebro de prodígio científico de que ela está tão orgulhosa e sobre o qual não se cansa de palrar: filho, não passam de espasmos neuronais, essas ideias que tens não passam dos sons da tua cabeça acelerada e a cabeça é apenas corpo, Jim. Guarda isto na memória. Cabeça é corpo. Jim, encosta-te a mim para receberes esta má notícia aos dez anos: és uma máquina, um corpo, um objeto, Jim, não és mais que este rutilante *Montclair*, ou esta mangueira, ou aquele ancinho para o cascalho do pátio da frente, ou santo Deus aquela aranha horrível e gorda que faz flexões na sua teia ali em cima do cabo do ancinho, estás a vê-la? Estás a vê-la? *Latrodectus mactans*, Jim. Uma viúva. Pega nesta raqueta e move-te com graça e ligeireza até ali e mata-me

aquela viúva, jovem senhor Jim. Vá. Acaba com ela. Não percas tempo. Isso mesmo, rapaz. Um brinde em honra da zona sem aranhas desta garagem comunitária. Ah! Corpos e corpos em todo o lado. Uma bola de ténis é o corpo definitivo, miúdo. Já estamos a chegar ao cerne daquilo que tenho de tentar ensinar-te antes de avançarmos e pormos em prática todo o teu potencial. Jim, uma bola de ténis é o corpo definitivo. Perfeitamente redondo. Uma distribuição equitativa de massa. Mas totalmente vazia no interior, um vácuo. Bem ou mal usada, suscetível de ricochetear, ganhar efeito, rolar. Refletirá o teu próprio carácter. Em si mesma, não tem carácter. Potencial puro. Dá uma vista de olhos a uma bola. Tira uma do cesto de plástico da roupa que está cheio das bolas velhas que guardo ali ao lado das garrafas de propano; são para praticar o serviço, Jimbo. Muito bem. Observa a bola. Sopesa-a. Sente-lhe o peso. Olha... vou abrir... a bola. Fuu. Estás a ver? É só ar evacuado que cheira a uma espécie de borracha nauseabunda. Vazia. Potencial puro. Tem em atenção que a abri pela costura. É um corpo. Hás de aprender a tratá-la com consideração, filho, poderá mesmo dizer-se que com algum amor, e abrir-se-te-á, fará o que lhe pedires e estará disposta a responder com solicitude ao teu chamamento amoroso. Aquilo que têm os jogadores realmente bons, com corpos robustos e que colocam na sombra todos os outros, é uma maneira de tratar a bola que se denomina – e lembra-te da porta da garagem e do forno – *toque*. Tocar na bola. Ora isso é... é esse o toque de um jogador. E tal como com a bola, o mesmo com esse corpo demasiado alto e encurvado, senhor Jim. Predigo aqui e agora. Já estou a ver como vais aplicar as lições de hoje a ti mesmo como corpo físico. Chega de andar com a cabeça à altura do peito por baixo de ombros caídos. Chega de tropeções. Chega de movimentos descoordenados. Chega de pratos partidos, abajures inclinados, ombros caídos e peito metido para dentro, chega de objetos insignificantes retorcidos a resistir às tuas manápulas magras, rapaz. Calcula como se deve sentir esta bola, Jim. Uma total fisicalidade. Nada de cabeças aceleradas. Uma presença completa. Um potencial absoluto, ali parada, potencialmente absoluta, na tua grande mão pálida, feminina e magra e tão jovem que o polegar ainda não tem rugas na articulação. Eu tenho rugas na articulação do polegar, Jim, pode dizer-se que está retorcido. Olha para este polegar. Mas ainda o trato como meu. Dou-lhe o que lhe é devido. Queres um gole disto, filho? Penso que já estás em condições de beber um gole disto. Não?

Nein? Hoje, aula número um, tornas-te, para o bem e para o mal, um homem, Jim. Um jogador. Um corpo que se relaciona com corpos. Um timoneiro ao leme do seu próprio barco. Uma máquina que funciona sem dar conta disso, como é costume dizer. Ah, um cidadão esquisito de dez anos, alto, de laço e grossas lentes de... Bebo isto às vezes, quando não estou a trabalhar ativamente, para me ajudar a aceitar as coisas dolorosas que chegou a hora de te dizer, filho. Jim. Estás pronto? Digo-te isto porque tens de saber o que estou prestes a contar-te se quiseres vir a ser o grande jogador de ténis que sei que serás em breve. Prepara-te. É uma coisa glo... gloriosamente dolorosa. Talvez... prova um pouco disto. Este frasco é de prata. Trata-o com o devido cuidado. Sente-lhe a forma. A sensação quase branda da prata quente e do cabedal que cobre apenas a metade inferior. Um objeto que oferece um tato agradável. Sentes o calor escorregadio? É do óleo dos meus dedos. O meu óleo, Jim, do meu corpo. Não na minha mão, filho, sente o frasco. Sopesa-o. Faz por conhecê-lo. É um objeto. Um recipiente. É um frasco de litro cheio de um líquido ambarino. Possivelmente mais de metade está cheio, ou assim parece. Este frasco foi tratado com o devido respeito. Nunca ninguém o deixou cair nem está amolgado ou riscado. Nunca uma gota errante, uma *única* gota, foi derramada dele. Trato-o como se pudesse sentir. Respeito-o como a um corpo. Desenrosca a tampa. Mantém o cabedal na tua mão direita e serve-te da esquerda para sentir a forma da tampa e fá-la rodar na rosca. Filho..., filho, antes tens de largar esse o que é isso esse *Guia Columbia de Índices de Refração*, segunda edição, filho. Parece pesado. Um tensor de tendões. Lixar-te o pronador redondo e tendões adjacentes ainda antes de começares. Vais ter de pousar esse livro de vez, jovem senhor Jim, nunca tentes manipular dois objetos ao mesmo tempo sem iões de treino e cuidados diligentes, uma coisa que Brando... e não, não largues assim o livro, filho, não se atira para o chão sujo da garagem esse velho *Guia de Índices* porque vai levantar uma nuvem de poeira e as tuas belas peúgas desportivas brancas ficam cinzentas mesmo antes de pisares o campo, rapaz, Jesus, ainda não passaram cinco minutos desde que te expliquei que a chave para um potencial jogador é tratar as coisas com aquele... deixa-me pegar nisto... os livros não se *atiram* como garrafas para o caixote do lixo, são *pousados*, guiam-se com todos os sentidos alerta, sentindo-lhes as bordas, a pressão nos dedos de ambas as mãos enquanto dobras os joelhos segurando o livro para o pousar com um leve empurrão

delicado de maneira a que o ar por cima do chão poeirento... a que o ar do chão se desloque num quadrado suave e não levante pó. Assiiiim. Não, *assim*. Percebes? Compreendeste o que te disse? Não sejas assim, filho, não fiques hipersensível comigo, filho, quando só estou a tentar ajudar. Filho, Jim, não gosto disso, *detesto* que faças isso. O queixo desaparece-te no laço quando te treme desse maneira o teu descaído lábio inferior. Parece que ficas sem queixo, filho, e com um lábio imenso. E como brilha essa capa de muco que te cai do lábio superior, não, não faças isso, é asqueroso, filho, não enojes as pessoas, tens de aprender a controlar essa espécie de hipersensibilidade perante as verdades duras, esse tipo de coisa, porque conquistar e *controlar* é o motivo por que deixei de fazer os ensaios desta manhã apesar de ter não um mas dois ensaios vitalmente urgentes e iminentes, para te poder ensinar, estou a pensar deixar-te sentar e mexer nas mudanças e até... talvez mesmo conduzir o *Montclair*, sabe-se lá se os teus pés chegam aos pedais, eh, Jimbo? Eh, eh, por que não conduzes o *Montclair*? Por que nos levas, para começar, até aos campos onde hoje tu... olha, como o destapo. A tampa. Com as pontas dos dedos retorcidos que quem me dera que fossem mais firmes, mas exerço controlo para controlar a minha cólera por causa do queixo e dos macacos do nariz e da maneira como mexes os olhos como se fosses mongoloide quando ameaças chorar mas é só com as pontas dos dedos, aqui, a parte mais sensível, as partes untadas com óleo quente, almofadas em espiral, sinto zumbir nelas os nervos, o sangue e deixo-os estender-se... para lá da cálida tampa do frasco de bolso em prata descendo pelo cone onde se esconde a rosca ao redor da pequena boca circular enquanto com a outra mão quente e canora pego suavemente no invólucro de cabedal para poder sentir como sente todo o frasco enquanto guio... guio a tampa ao redor da rosca de prata, estás a ouvir? para com isso e ouve, ouves? o som da rosca que se move ao longo dos veios bem-feitos, com muito cuidado, uma suave espiral de barbearia, toda a minha mão nas almofadinhas das pontas dos meus dedos... não se trata de desenroscar mas de guiar, persuadir, lembrar ao corpo de prata da tampa aquilo para que foi construído, qual é a razão mecânica da sua existência, e a tampa de prata sabe isso, Jim, eu sei e tu sabes, já passámos por isto, deixa o livro *em paz*, miúdo, não vai para lado nenhum, de modo que a tampa de prata abandona os lábios quentes e canelados da boca do frasco com um ruído seco, ouviste? aquele ténue ruído? nada de guinchos nem de zumbidos nem de

estrondos brutais brandonianos em resultado de uma tentativa de dominação mas um ruidozinho, uma... nuance, isso, ah, oh, como aquele que ouvido uma vez se torna o *ponk* inequívoco de uma bola bem batida, Jim, então *pega* nele se tens medo que apanhe pó, Jim, pega nesse livro se vais ficar com esses olhos desorbitados e sem queixo honestamente Jesus por que razão tento e tento só queria dar-te a conhecer a garagem do grelhador e deixar-te guiar, talvez, sentir o corpo do *Montclair*, dando tempo para te deixar guiar o *Montclair* até aos campos com a manete das mudanças em ponto morto e os oito cilindros a ronronar e a bater como um coração saudável e as rodas perfeitamente alinhadas com o passeio e eu levaria o meu velho e fiável cesto da roupa... cheio de raquetas e bolas e o frasco de bolso e o meu *filho*, carne da minha carne, carne branca encurvada saída da minha carne que queria embarcar naquilo que prevejo que será uma carreira prodigiosa de jogador de ténis que deixará no lugar que lhe cabe o velho e deteriorado pai, o meu filho que de uma vez por todas talvez queira ser um rapaz a sério e aprender a jogar e a divertir-se e a desfrutar e a jogar sob o sol incessante de intenso que torna tão famosa esta porra de cidade, a gozar enquanto pode a mamã disse-te que nos íamos mudar? Que vamos regressar à Califórnia na próxima primavera? Vamos mudar, filho, estou a regressar mais uma vez guiado por aquele canto de sereia de celuloide, é a última oportunidade que todo o homem deve conceder ao seu talento a murchar, Jim, dirigimo-nos para as grandes luzes do êxito outra vez pelo menos pela primeira vez desde que ela disse que te ia ter, Jim, outra vez na estrada, em direção ao celuloide, por isso diz *adiós* a essa escola e a essa borboletazinha aturdida que é a professora de Física e a esses amigos corcundas, sem queixo e cheios de normas que... Não, não, espera, não era isso que queria dizer queríamos dizer-te *agora*, com tempo, a tua mãe e eu, para teres tempo suficiente para te *adaptares* desta vez porque oh deixaste muito *claro* até que ponto ficaste aborrecido quando viemos para este parque de caravanas, não foi?, para uma casa móvel com uma retrete química e parafusos para não sair do sítio e aranhas viúvas onde quer que se olhe e areia que pousava em tudo como se fosse pó em vez das acomodações no clube de que nos correram ou da casa que não pudemos continuar a pagar por minha culpa. A culpa foi minha. Quem a não ser eu poderia ter culpa? De que tivéssemos levado o teu corpo roliço sem avisar com suficiente antecedência e de que tenhas chorado por deixar aquela escola de

East Side e aquela bibliotecária e investigadora negra com o cabelo até aqui que... aquela senhora com o nariz arrebitado que andava sempre nas pontas dos pés e tenho de te dizer que parecia uma tucsoniana do Leste tão consumada e tão acima do resto de nós e nos aconselhava cito a alimentarmos o teu talento inato para a Física com o nariz tão levantado que se podia olhar para dentro dele e nas pontas dos pés como se de cima alguém habilidoso lhe tivesse cravado um gancho entre as aletas do nariz e empurrasse pouco a pouco para as alturas e juro-te, filho, que esses sapatos rasos já devem estar a bailar a meia altura o que é que tu dizes, filho, o que é que tu pensas... não, vá lá, chora, não te inibas, não vou dizer nada, a não ser que cada vez me afeta menos, aviso-te, acho que andas a abusar das lágrimas e a... cada vez têm menos efei... São cada vez menos eficazes quando as usas embora nós saibamos saibamos ambos não sabemos? que não é assim entre tu e eu sabemos que hão de sempre funcionar com a tua mãe, não é verdade?, nunca falham, sempre que chorares ela vai agarrar na tua cabeçorra e pousá-la-á no ombro de uma maneira que parece obscena, se pudesses ver, a dar-te palmadinhas nas costas como se estivesse a ajudar a arrotar um obsceno bebé de tamanho gigante, mole e de laço e com um livro que lhe dá cabo dos tendões, a chorar, farás o mesmo quando cresceres? Haverá episódios deste género quando fores um homem que é dono da sua própria vida? Um cidadão do mundo que vai andar a pedir palmadinhas nas costas? Vai a tua cara enrugar-se e inchar como agora quando tiveres dois grotescos metros de altura, dois metros como o teu avô que oxalá arda no vazio de borracha do inferno quando finalmente esticar o pernil no último buraco, e contigo, com essa cara chata e sem queixo exatamente como ele naquele sofredor ombro húmido e frágil dessa pobre mulher idiota cheia de paciência disse-te o que ele fez? Contei-te o que ele fez? Tinha a tua idade, Jim, e havia começado a jogar bem, seriamente, tinha doze ou treze e há anos que jogava e ele nunca ia ver, nunca foi ver-me jogar nem mudou a sua grande expressão congelada quando uma vez cheguei a casa com um troféu, eu ganhava troféus ou dedicavam-me uma notícia no jornal natural de tucson classifica-se para os campeonatos nacionais de juniores nunca reconheceu que eu existia como era, não como faço contigo, Jim, não como me esforço e me desvio do meu próprio caminho, me desvio *muito* para que tu *percebas* que te vejo, te reconheço, estou consciente de ti como corpo, que me preocupa o que se possa passar atrás da tua grande cara chata

encaixada num prisma feito em casa. Ele joga golfe. O teu avô. O teu avozinho. Golfe. É um jogador de golfe. O meu tom de voz exprime todo o desprezo que sinto? Bolas de bilhar numa mesa imensa, Jim. Um jogo que não tem nada de corporal, feito de contorções espasmódicas e de terra atirada aos ares. Um pretenso desporto. De fúria anal e bonés aos quadrados. Isto está quase vazio. Está a acabar, filho. Que tal se adiarmos isto. Que tal se acabar com esta miséria ambarina e entramos e dizemos à tua mãe que já não tens vontade de choramingar e adiamos a tua primeira apresentação ao jogo até ao fim de semana e vamos os dois este fim de semana e fazemos dois dias seguidos e eu dou-te uma explicação verdadeiramente intensiva ao que sem a menor dúvida será um futuro de ilimitada glória. Suavidade intensiva e cuidado corporal equivalem a grande ténis, Jim. Vamos dois dias e deixamos que te atires de cabeça e sues com todo o corpo. São só cinco dólares. O custo de aluguer do campo. Por uma miserável hora. Por dia. Cinco dólares por dia. Nem vale a pena pensar nisso. Um total de dez dólares por um intenso fim de semana quando vivemos numa magnífica caravana e temos de dividir a garagem com dois *DeSoto* e o que parece ser um *Model A* em cima de tijolos e o meu *Montclair* não pode dar-se ao luxo de ter o tipo de óleo que merece. Não ponhas essa cara. Que importância tem o dinheiro ou os meus ensaios para a candidatura ao celuloide por causa da qual faremos uma viagem de mais de mil quilómetros, uma candidatura que pode representar a última oportunidade de dar algum sentido à vida do teu velho pai, em comparação com o meu *filho*? De acordo? Tenho razão? Chega-te cá, rapaz. Vem cá, vem cá, vem cá. Assim está bem. Este é que é o bacano do meu filho. Este é o meu filho de corpo inteiro. Ele nunca foi, nem uma única vez, Jim. Nem uma única vez. Ver-me. É claro que a minha mãe nunca perdeu um jogo de competição. A mamã foi ver tantos jogos que no final a presença dela já não significava nada. Era parte da envolvência. As mães são assim, como bem sabes. Tenho razão, não é verdade? Nunca foi, nem uma única vez, rapaz. Nunca apareceu, pesado, curvado e mole, nem projetou ao sol do meio-dia a sua sombra grotesca no campo onde eu estava a jogar. Até que foi um dia, uma vez. De repente, sem precedente nem aviso prévio, ele... apareceu. Oh, ouvi-o chegar muito antes de o ver. Projetava uma grande sombra, Jim. Era um jogo local sem importância. Era uma daquelas primeiras eliminatórias locais de consequências quase nulas no esquema global. Eu defrontava um dândi local, o tipo de pessoa

que veste roupa de qualidade, branca e bem engomada, e tem aulas no clube de campo mas que nem com todas essas ajudas consegue jogar bem. Vais ter muitas vezes de suportar esse tipo de adversários nas primeiras eliminatórias. Aquele pobre diabo impecavelmente vestido de branco era filho de um cliente do meu pai... o filho de um cliente dele. Portanto, foi lá por causa do cliente e para fingir algum interesse paternal. Apareceu de chapéu, casaco e gravata, apesar do calor que fazia. O cliente. Não consigo lembrar-me do nome dele. Havia uma coisa canina na expressão dele, disso lembro-me, uma coisa que tinha sido herdada pelo rapaz que estava do outro lado da rede. O meu pai nem sequer transpirava. Cresci ao lado dele nesta cidade e nunca vi que transpirasse, Jim. Lembro-me de que nos fins de semana usava um chapéu de palha e o tipo de uniforme de tecido escocês impessoal que nesse tempo era usado pelos profissionais liberais ao fim de semana. Sentaram-se à sombra indefinida de uma palmeira andrajosa, o género de palmeiras infestadas de viúvas-negras que descem sem aviso prévio, que se escondem lá, à espera ao sol do meio-dia. Sentaram-se em cima da manta que a minha mãe trazia sempre, a minha mãe, que já morreu, com o cliente. O meu pai mantinha-se um pouco à parte, de pé, umas vezes à sombra, outras não, a fumar cigarros com filtro. Era moda fumar cigarros com filtro. Ele nunca se sentava no chão. Pelo menos não o fazia no Sudoeste americano. Ali estava um homem que sentia um saudável respeito por aranhas. E *nunca* no chão debaixo de uma palmeira. Sabia que era grotescamente alto e desajeitado para conseguir levantar-se depressa ou rebolar aos gritos se as aranhas lhe caíssem em cima. É sabido que de dia gostam de se deixar cair das árvores em que estão escondidas, sabes? Deixam-se cair em cima de nós se estivermos sentados no chão à sombra. Não era parvo nenhum, o filho da mãe. Golfista. Estavam todos a ver. E lá estava eu, no primeiro campo. Esse parque já não existe, Jim. A zona onde ficavam os campos de cimento verde, sob o sol brilhante, foi transformada num parque de estacionamento. Estavam a ver, fazendo o que é costume fazer quando se está a ver um jogo de qualidade, as cabeças a moverem-se de um lado para o outro como os limpa-para-brisas. E eu sentia-me nervoso, jovem senhor J.O.I.? Com o genuíno Ele Mesmo em pessoa ali em toda a sua glória, impassível, observando, entrando e saindo da luz, sem qualquer expressão na cara? Não estava. Sentia o corpo. Eu e o meu corpo éramos uma unidade. A minha *Wilson* de madeira, escolhida entre as da minha coleção de *Wilsons* de madeira com as suas prensas

trapezoidais, era a extensão sensível do meu braço, e sentia-a cantar, e a minha mão, e estavam vivas, a minha preparada mão era a secretária do meu cérebro, flexível, sensível e *senza errori* porque eu conhecia o meu próprio corpo e estava inteiramente dentro daquele pequeno corpo infantil, Jim, estava no meu grande braço direito e nas minhas pernas sem cicatrizes, confortavelmente instalado, a correr de um lado para o outro, com a cabeça a latejar com um coração, o suor a cobrir todos os membros, a correr como uma criatura do *veldt*, a saltar, a fazer cabriolas, a bater as bolas com um máximo de economia e um mínimo de esforço, os olhos postos simultaneamente na bola e nos cantos, eu estava dois, três pontos à frente quer de mim quer do filho canino e infeliz do cliente, dando-lhe uma surra monumental. Foi uma carnificina. Foi uma cena de natureza no seu estado mais cru, Jim. Devias ter visto. O rapaz não parava de se dobrar para tentar recuperar o fôlego. Os movimentos suaves e controlados que eu fazia contrastavam com as abruptas sacudidelas que ele se via obrigado a fazer e travava ou saltava a destempo. Tinha o polo branco e os calções de marca tão empapados em suor que se viam à transparência o elástico das cuecas que lhe apertava o cu que eu estava a sovar. Usava uma pala branca de plástico como as das cinquentonas que frequentam os clubes de campo ou os luxuosos lugares de veraneio do Sudoeste. Eu estava, numa palavra, leve, atento, previdente. Obriguei-o a trotar, a cambalear e a investir. Queria humilhá-lo. O cliente tinha a comprida e afilada cara a desfazer-se. O meu pai não tinha cara, estava demasiado à sombra e depois demasiado ao sol entre as sombras movediças das frondes da palmeira onde estava, mas envolto no fumo dos cigarros com filtro de que gostava, com longa boquilha de plástico, com a base amarela, a imitar as do Presidente, como antigamente os cortesãos macaqueavam o rei... velado pela sombra e depois pela fumarada do cigarro. O cliente não conseguia estar calado. Se calhar julgava estar a assistir a um jogo de beisebol ou coisa do género. A voz dele chegava aos meus ouvidos. O nosso primeiro campo ficava bastante perto da árvore à sombra da qual estavam sentados. As pernas do cliente estavam esticadas e sobressaíam na estrela formada pelas sombras das frondes. A sombra em cima das calças dele tinha a forma de uma gelosia por causa da cerca que havia entre eles e o campo onde o filho dele e eu estávamos a jogar. Estava a beber a limonada que a minha mãe tinha trazido para mim. Preparava-a muito fria. Ele disse que eu era bom. Foi o cliente do meu pai que o disse. Daquela

maneira enfática que fez a voz dele chegar até mim. Sabes como é, filho. Incandenza, és um grande malandro, mas não há dúvida que o teu filho é *bom*. Tal e qual. Ouvi-o dizer isso enquanto corria e saltava. E ouvi a resposta do alto filho da mãe, depois de uma longa pausa em que todo o ar do mundo ficou suspenso como se tivesse sido levantado e deixado ficar a balançar-se. Em cima da linha final ou a voltar para lá, a receber ou a servir, uma dessas coisas, ouvi o cliente. A voz dele chegava até mim. E depois ouvi a resposta do meu pai, que apodreça num inferno verde e vazio. Ouvi o que... o que respondeu, filho. Mas não antes de ter caído. Insisto neste ponto, Jim. Não antes de ter começado a cair. Jim, estava envolvido na tentativa de devolver uma bola que era humanamente impossível de devolver, uma bola de sorte, cega e esquisita, que o pobre diabo tinha batido por mero acaso. Um ponto que lhe podia ter concedido sem problema. Mas não era essa a minha maneira... um jogador a sério não aceita isso. Tem de se esforçar e bater por cada ponto. Quando queremos ser grandes ou perto disso, é preciso que nos entreguemos inteiramente à bola. É isso. Nunca se concede nada. Nem mesmo quando se está a jogar com nabos. Joga-se no limite e depois transcende-se esse limite e olha-se para o anterior limite e acenas-lhe com um lenço, embarcando. Entra-se em transe. Sentem-se as juntas e as bordas de tudo. O campo converte-se... num lugar absolutamente único. Fará tudo por ti. Não permitirá que nada fuja do teu corpo. Ao mais suave e leve toque os objetos movem-se como está previsto que se movam. Desliza-se na límpida corrente de trás para a frente fazendo delicados xis e eles ao longo da verde e brilhante superfície de asfalto áspero, o teu suor tem a temperatura da tua pele, jogas com tanta facilidade e com um esforço sem esforço que não é pensado e... e... e... uma concentração de transe que nem sequer se para para considerar se se deve correr atrás de todas as bolas. Quase não se tem consciência do que se está a fazer. O teu corpo fá-lo por ti e o campo e o jogo fazem-no pelo teu corpo. Quase não estás envolvido. É magia, rapaz. Nada lhe toca quando está tudo certo. Prevejo isso. Factos e números e o vidro curvo e as páginas desses calhamaços que te dão cabo do cotovelo vão parecer-te sem interesse em comparação. Estáticos. Mortos e brancos e chatos. Não começam... É como uma dança, Jim. O caso é que estava demasiado respeitoso corporalmente para escorregar e cair. E além disso é que comecei a cair de bruços mesmo *antes* de ouvir a resposta dele: É, mas *Nunca Será Um Grande*

Jogador. Não foi o que ele disse que me fez cair. O meu detestado adversário, com total má-fé, tinha batido uma bola que quase roçou na rede demasiado baixa do parque público, um acaso espantoso, uma bola mal atacada, e outro jogador noutro campo noutra primeira eliminatória tê-la-ia deixado passar, concedendo o que podia conceder, sem tentar dizer adeus com o lenço da amurada do barco do seu limite. Não correr em desespero com os oito cilindros saudáveis e sem um risco para a rede com a intenção de bater a bola antes de tocar duas vezes no chão. Mas qualquer um pode escorregar, Jim. Não sei por que razão escorreguei, filho. Havia aranhas que infestavam as frondes das palmeiras ao longo das cercas dos campos. Desciam de noite por meio de fios, bulbosas, flexíveis. Penso que podia muito bem ter sido uma bulbosa viúva cheia daquela coisa viscosa que pisei e me fez escorregar, Jim, uma aranha, uma aranha pirata enlouquecida que desceu pelo seu fio à sombra, mole e rastejante, ou que saltou de forma suicida da fronde para o campo, provavelmente fazendo um ruído leve e repulsivo ao aterrar, arrastando-se nas suas patas, pestanejando grotescamente à luz cálida que detestava, foi isso que pisei quando avançava e matei-a e escorreguei na porcaria que a detestável aranha produziu. Estás a ver estas cicatrizes? Nodosas e fundas como se me tivessem cortado os joelhos da mesma maneira que um Brando tranquilo rasga uma carta com os dentes e deixa cair o sobrescrito todo húmido, roto e rasgado no chão? Todas as palmeiras da cerca estavam doentes, putrefactas, estávamos em 1933 d. C, o ano da enorme epidemia *Bisbee* que apodreceu as palmeiras em todo o Estado, e as palmeiras perdiam as folhas e as folhas estavam infetadas e eram cor de azeitonas realmente velhas num daqueles velhos recipientes estreitos no fundo do frigorífico e exsudavam uma espécie de secreção escorregadia como pus e às vezes caíam abruptamente das árvores descrevendo curvas no ar como espadas de papel de piratas de cinema. Como odeio frondes, Jim. Penso que pode ter sido uma *Latrodectus* diurna ou o pus de uma fronde. Talvez o vento tenha transportado esse pus das palmeiras para o campo, para perto da rede. Uma coisa ou outra. Qualquer coisa envenenada ou infetada, fosse lá o que fosse, inesperada e escorregadia. Basta um segundo, deves estar a pensar, Jim: o corpo atraiçoa-nos e caímos em cima dos joelhos que derrapam no asfalto rugoso como papel de lixa. Assim não, filho. Já tive outro frasco como este, um pouco mais pequeno, um elegante frasco de prata, guardado no porta-luvas do *Montclair*. A tua dedicada mãe deu-lhe descaminho.

Nunca falámos sobre esse assunto. Não. Era um corpo *estranho* ou uma substância, não o meu corpo, e se uma traição foi cometida nesse dia, foi uma coisa, digo-te, querido filho, que *eu* fiz, Jimmer, posso muito bem ter traído esse corpo jovem e bronzeado, posso ter ficado demasiado rígido, consciente, descuidado ao ouvir o que dizia o meu pai, que eu respeitava, eu *respeitava* esse homem, Jim, isso é que é doentio, eu sabia que ele estava ali, eu estava consciente da sua cara chata e da longa sombra do filtro, eu conhecia-o, Jim. As coisas eram diferentes quando eu estava a crescer, Jim. Odeio... Jesus, odeio dizer coisas destas, este lugar-comum de que as coisas-eram-diferentes-quando-eu-era-novo, o género de lugar-comum que os nossos pais apregoavam, no caso de o meu dizer alguma coisa. Mas era. Diferente. Os nossos rapazes, os miúdos da minha geração, eles... mas vós, desta malta pós-Brando, não podeis gostar nem deixar de gostar de nós, não podeis respeitar-nos nem deixar de nos respeitar como seres humanos, Jim. Os vossos pais. Não, espera, não tens de fingir que não concordas, não faças isso, não tens de dizer isso, Jim. Porque eu sei disso. Podia tê-lo vaticinado observando Brando, Dean e os outros, e sei disso, de modo que não te ponhas para aí a balbuciar. Não deites as culpas a ninguém da tua idade, rapazola. Olhais para os vossos pais como seres bondosos ou cruéis, felizes ou infelizes, bêbedos ou sóbrios, grandes ou quase grandes ou fracassados, da mesma maneira que para vós uma mesa é quadrada ou um *Montclair* vermelho de lábio mordido. Os jovens de hoje... vós, rapazes, não sabeis *sentir,* muito menos amar, para não falar de respeitar. Para vós nós somos apenas corpos. Somos apenas corpos e ombros e joelhos com cicatrizes e grandes barrigas e carteiras vazias e frascos de bolso. Não estou nada que seja um lugar-comum como seria dizer que não nos prestais atenção nenhuma, mas que não sois capazes de... sequer imaginar a nossa ausência. Estamos tão presentes que já perdemos todo o sentido. Somos meio ambiente. Os móveis do mundo. Jim, eu conseguia imaginar a ausência daquele homem, mas garanto-te que tu não consegues imaginar a minha. A culpa é minha, Jim, em casa tanto tempo, a coxear de um lado para o outro, com os joelhos arruinados, com peso a mais, bêbedo, a arrotar, obeso, encharcado em suor no forno que é esta caravana, a peidar-me, frustrado, um infeliz, a partir lâmpadas, a medir mal as distâncias. Com receio de experimentar o talento que me resta. O talento é a sua própria expectativa: ou estás à sua altura ou retrocede para sempre dizendo adeus a

acenar com um lenço. Usa-o ou perde-lo, era o que ele dizia por cima do jornal. Eu... só tenho medo de vir a ter uma lápide onde esteja escrito aqui jaz um velho muito promissor. O melhor é nunca ter tido talento. Nenhum talento a que uma pessoa se possa agarrar, andando por aí bêbedo porque não tenho tomates para... Meu Deus, como *lamento*, Jim. Não mereces ver-me assim. Estou cheio de medo, Jim. Tenho medo de morrer sem que tenha sido realmente *visto*. És capaz de compreender? Consegues entender, sendo como és um jovem suficientemente grande e magro, de óculos e precocemente corcunda, ainda que com toda a vida à tua frente? Consegues perceber que eu estava a dar tudo o que tinha? Que estava *ali*, ao sol sufocante, atento e transido de nervosismo? Um eu que toca todas as extremidades, lembro-me de ouvi-la dizer. Senti isso de uma maneira que temo que tu e a tua geração nunca conseguirão alcançar, filho. Não foi tanto cair como ser expelido violentamente de um lugar, é assim que me lembro. Não, *não* aconteceu em câmara lenta. Num minuto eu estava no final de uma bela corrida atrás da bola; no minuto seguinte foi como se me tivessem empurrado pelas costas e não tivesse nada debaixo dos pés, como quando somos empurrados numas escadas. Uma forte chicotada atingiu as minhas costas e o meu promissor corpo, com todas as redes de nervos palpitantes e pulsantes, viu-se em pleno voo e caiu em cima dos meus joelhos, este frasco está vazio, caiu mesmo em cima dos meus joelhos com todo o peso e inércia contra aquela escabrosa e ardente superfície de lixa naquilo que foi uma perfeita paródia de uma imitação de oração contemplativa, deslizando para diante. A pele e depois o tecido e o osso deixavam marcas paralelas de matéria corporal castanhas vermelhas cinzentas brancas como pneus que se estendiam da linha de fundo até à rede. Deslizei sobre os meus joelhos ardentes, passei pela bola que rodava em direção à rede, onde acabou o meu deslizamento. O nosso deslizamento. A raqueta tinha-me caído das mãos, Jim, e os meus braços esticados sem raqueta, Jim, na posição de um monge mortificado em oração total. Foi-me dado ouvir o meu próprio pai dizer que a minha existência corporal nem sequer era potencialmente grande no mesmo momento em que arruinei os joelhos para sempre, Jim, por isso mesmo alguns anos mais tarde na USC nunca tive de me despedir acenando com o lenço de nada que fosse grande ou se aproximasse disso ou de podia-ter-sido-grande-*se* e depois nem sequer podia apresentar-me nas audições para esses filmes de praia e calções de banho e *Brylcreem* que

encheu a serpente Avalon de dinheiro. Não insisto no facto de que o juízo e o castigo em forma de queda estão... estavam relacionados. Qualquer homem pode escorregar ali. Só é preciso um minuto de respeito deslocado. Filho, foi mais do que uma voz de pai que me chegou aos ouvidos. A minha mãe deu um grito. Foi um momento religioso. Compreendi o que era ser um corpo, Jim, apenas carne envolta numa espécie de fina meia de náilon enquanto deslizava de joelhos para a rede tensa, eu visto por mim mesmo, plano após plano, destroçado. Talvez tenha de arrotar, largar um arroto, filho, filho, dizer-te o que aprendi, filho, meu... amor, demasiado tarde, enquanto deixava a carne dos meus joelhos para trás, resvalando, acabando numa posição de súplica em cima dos ossos descarnados dos joelhos com os dedos sem raqueta enganchados na rede, do outro lado da qual o dândi encharcado tinha deixado cair a sua caríssima *Davis* original e corria na minha direção com a pala virada para um lado e as mãos na cara. O meu pai e o cliente para quem tinha de atuar arrastaram-me até à sombra infestada das palmeiras, onde ela se ajoelhou na manta de praia a morder os nós dos dedos, Jim, e nesse dia senti a religião do que é físico, mais ou menos com a tua idade, com os ténis empapados em sangue, transportado pelas axilas por dois corpos tão grandes como o teu que me tiraram de rastos do campo deixando atrás duas linhas extra. É um dia sagrado, seminal, religioso, quando conseguimos ao mesmo tempo ouvir e sentir o nosso destino, Jim. Apercebi-me daquilo que tenho a certeza de que tu te apercebeste há muito tempo, eu sei, sei que viste quando me trouxeram para casa nessas condições, de rastos, naquele estado a que chamam etilizado, filho, ajudado por taxistas noturnos, vi a tua comprida sombra grotescamente iluminada por trás no alto das escadas da casa que ajudei a pagar, rapaz: como o bêbedo e o mutilado são ambos arrastados para fora da arena à maneira de um Cristo sem ossos, um homem de cada lado, os pés de rasto, os olhos postos no éter.

4 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTO *DEPEND*

Na Praça Latinate Inman, Michael Pemulis, que não é parvo nenhum, apanha um autocarro necessário para a Praça Central e aí um autocarro desnecessário para a Praça Davis e aí o metro para regressar à Praça Central. Faz isto para evitar qualquer possibilidade de ser seguido. Em Central apanha a Linha Vermelha até à estação da Rua Park, onde tem o camião-reboque num parque de estacionamento subterrâneo que pode pagar sem dificuldade. Está um dia outonal e a temperatura é amena, com a brisa de leste a trazer odores de comércios urbanos e o vago aroma a camurça das folhas acabadas de cair. O céu é de um azul de luz-piloto; os raios de sol refletem complexamente as paredes de vidro fumado dos altos centros comerciais que rodeiam a zona central da Rua Park. Pemulis traz umas calças largas, uma *T-shirt* da ATE por baixo de um casaco desportivo *Brioni* de um azul muito berrante, um brilhante boné branco de capitão de iate que Mario Incandenza batizou com o nome de chapéu do senhor Howell. O boné é elegante mesmo quando está virado para trás e tem um forro que se pode tirar. No forro podem ser guardadas quantidades portáteis de quase tudo. Tendo-se permitido cento e cinquenta miligramas de benzedrina muito suave pós-transação. Calça uns sapatos *Oxford* sem peúgas por estar um dia de outono tão ameno. As ruas estão literalmente *inundadas* de gente. Os vendedores de rua, com carrinhos em vez de banquetas, vendem *pretzels* quentes, água tónica e aquelas salsichas só meio fervidas que Pemulis tanto gosta de trincar. Podem ver-se o Capitólio, o Parque, o Tribunal de Recurso e os Jardins Públicos e, mais ao longe, as fachadas frias e polidas das mansões de Back Bay. Os ecos no estacionamento subterrâneo de Park Place – PARK – são agradavelmente complexos. O trânsito na Avenida Commonwealth no sentido oeste é fluido (o que significa que as coisas se movem) até à Praça Kenmore e à Universidade de Boston e pela colina acima até Allston e Enfield. Quando Tavis e Schtitt e os jogadores e o pessoal e as equipas de Testar ATHSCME insuflam o Pulmão para a época de inverno por cima dos campos 16-32, a nacela da cúpula do Pulmão fica visível contra o horizonte até ao cruzamento da Avenida

Commonwealth com a Avenida Brighton na zona baixa de Allston.

Aparentemente, o incrivelmente potente DMZ está classificado como uma anfetamina parametoxilada, mas na verdade Pemulis considerava-o, devido ao seu lento e torturado estudo das monografias de MED.COM, mais parecido com a classe de anticoligérnico delirante, muito mais potente do que a mescalina ou o MDA ou o DMA ou o TMA ou o MDMA ou o DOM ou o STP ou o ingerível por via intravenosa DMT (ou ololiuqui ou escopolamina datura, ou *Fluothane* ou butenina, conhecida como *Jackie-O*) ou *Ebene* ou psilocibina ou *Cylert*[56]; o DMZ assemelha-se quimicamente à miscigenação de um lisérgico com um muscimoloide, mas é significativamente distinto da LSD-25 devido ao facto de que os seus efeitos são menos visuais e espácio-cerebrais e mais temporalmente cerebrais e quase ontológicos, com um tipo de celeridade idêntico ao da fenilquilamina manipulada, de modo que quem o ingere apercebe-se de que a sua relação normal com o tempo se altera[57] de uma forma radical (e, euforicamente, é onde a semelhança muscimol-afectiva mostra a cabeça). O incrivelmente potente DMZ é sintetizado a partir de um derivado do *fitviavi*, um bolor bastante obscuro que cresce só noutros bolores; o autor da síntese é o mesmo ambíguo e feliz químico orgânico dos Laboratórios Sandoz que foi o primeiro a tropeçar na LSD quando era um químico relativamente efébico e despistado enquanto misturava fungos de ergotina com centeio. A descoberta do DMZ foi o resultado final das investigações dos anos 60, precisamente quando o doutor Alan Watts ponderava o convite de T. Leary para ser «escritor de ressonância» na colónia utópica de LSD-25 de Leary em Millbrook, Nova Iorque, onde agora é território canadiano. Sendo uma substância cuja síntese ocasional levou o químico da Sandoz a reformar-se prematuramente e a dedicar-se a partir daí a olhar para as paredes sem pestanejar, o incrivelmente potente DMZ tem a reputação química e marginal e popular de ser a substância mais sinistra alguma vez concebida num tubo de ensaio. Também é o composto recreativo mais difícil de obter na América do Norte depois do ópio puro vietnamita, que é para esquecer.

Às vezes, nalguns círculos químicos metropolitanos de Boston, as pessoas referem-se ao DMZ como *Madame Psicose*, nome retirado de uma figura de culto do programa radiofónico muito matutino da emissora estudantil WYYY-109, do MIT – *O Melhor de Todos os Programas em Toda a FM* –, que Mario

Incandenza e o génio da estatística e mestre do jogo *Eschaton* da ATE Otis P. Lord ouvem quase religiosamente.

O rapaz da Ennet House que faz o turno de dia na entrada e está encarregado de levantar a cancela para o deixar entrar nos terrenos da Academia tinha abordado Pemulis um par de vezes em outubro para uma potencial transação. Pemulis segue a rígida política de não fazer negócio com funcionários da ATE oriundos do outro lado da colina porque sabe que alguns deles estão ali por ordem judicial e tem a certeza de que traficam com urina não programada em todo o lado e que os tipos como os tipos da Ennet House são precisamente o género de pessoas às quais o talento de Pemulis permite evitar em termos de meio social e misturas e transações; a atitude básica dele em relação a estes funcionários de baixos rendimentos é de sensata discrição e de não correr riscos.

Os campos de leste estão vazios e cheios de bolas espalhadas quando Pemulis estaciona; a maioria dos estudantes está ainda a almoçar. O quarto triplo de Pemulis, Troeltsch e Schacht fica no Subdormitório B, no extremo norte do segundo piso da Casa Ocidental e tão diretamente por cima da sala de jantar que através do soalho Pemulis consegue ouvir as vozes e ruído dos talheres e até cheirar o que estão a comer. A primeira coisa que faz é conectar a consola do telefone e tentar ligar para o quarto de Mario e de Inc na outra ponta do edifício da Administração, onde Hal está sentado à luz da janela com o *Hamlet* de Riverside que tinha prometido a Mario ler para o ajudar num projeto de filme conceptual parcialmente baseado nessa obra; a cadeira de realizador sem almofada está em parte por baixo de uma velha gravura de um pormenor do mosaico alexandrino de pouco valor artístico mas de conteúdo erótico *Consumação dos Leviratos*; está a comer uma barra energética *AminoPal* e espera com toda a descontração; o telefone, com a antena, está pronto no braço da cadeira, juntamente com dois manuais *Baron's* de formato *folio* para preparar a admissão à Universidade e um exemplar de 1937 de *O Efeito do Ténis Segundo Tilden* e as chaves na corrente de pendurar ao pescoço pousados ao lado do sapato no tapete *Lindistarne* enquanto espera descontraidamente. Hal espera com total deliberação que a consola áudio toque três vezes como uma rapariga em casa numa noite de sábado.

-Hmmmlá.

– O cagalhão emerge – diz a voz clara e digitalmente condensada de Pemulis.

– Repete. O cagalhão emerge.

– Faz o favor de cometer um crime – foi a resposta imediata de Hal Incandenza.

– Santíssimo – diz Pemulis para o bocal do telefone que tem entalado entre o queixo e o pescoço, descolando cuidadosamente o velcro do forro do seu chapéu do senhor Howell.

O TÉNIS E O PRODÍGIO FERAL, NARRADO POR HAL INCANDEZA, UM CARTUCHO DE ENTRETENIMENTO DE ONZE MINUTOS E MEIO DE DURAÇÃO, REALIZADO, FILMADO, MONTADO E, SEGUNDO SE INFORMA NA FICHA, ESCRITO POR MARIO INCANDENZA, RECIPIENDÁRIO DA MENÇÃO HONROSA REGIONAL DA NOVA NOVA INGLATERRA DO CONCURSO ANUAL DE JOVENS CINEASTAS «NOVOS OLHARES, NOVAS VOZES» DE INTERLACE TELENTERTAINEMENT, ABRIL DO ANO DA ATUALIZAÇÃO DE INSTALAÇÃO FÁCIL DAS PLACAS MÃE DE VISIONAMENTO DE CARTUCHOS DE RESOLUÇÃO MIMÉTICA PARA INFERNATRON/SISTEMAS DOMÉSTICOS, DE ESCRITÓRIO OU MÓVEIS DE INTERLACE YUSHITYU 2007 (*SIC*), QUASE EXATAMENTE TRÊS ANOS DEPOIS DE O DOUTOR JAMES O. INCANDENZA SE DESPEDIR DESTA VIDA

Eis como fazer uma grande tenda vermelha com uma camisa que tem ate escrito no peito em letras cinzentas.

É favor afrouxar cuidadosamente os suspensórios e ajustar as fitas elásticas para que não apertem nem deixem marcas salientes no rabo e toda a gente possa ver que se suou através das cuecas.

Eis como se deve apertar tanto uma ligadura *Ace* cor de carne à volta de um tornozelo torcido que a perna esquerda parece um tronco.

Eis como vencer, depois.

Eis uma máquina de malha de aço amarela para apanhar e transportar bolas que está cheia de velhas bolas verdes e sujas. Leva-as para os campos de leste quando a madrugada é ainda cor de giz e não há lá ninguém a não ser as pombas de luto que infestam os pinheirais ao nascer do Sol e o ar é tão húmido que é possível ver o teu bafo no verão. Bate serviços para ninguém. Amontoa bolas perto da cerca do outro lado à medida que o Sol se ergue sobre o porto e começa a suar e os serviços a aumentar de potência. Deixa de pensar e deixa que as coisas fluem e serve cada vez com mais potência. O tremor da bola contra a cerca do outro lado. Faz uns mil serviços contra ninguém enquanto Ele Mesmo se senta e te dá conselhos com o frasco na mão. As pernas dos homens mais velhos são brancas e não têm pelos por causa de usarem calças há décadas. Eis

um jogo de chaves um passo à tua frente no campo enquanto serves bolas mortas contra ninguém. A seguir a cada serviço deves quase cair para a frente mas com um movimento suave e rápido agachas-te e apanhas as chaves com a mão esquerda. Ainda não consegues, vários anos depois da morte do homem, guardar as tuas chaves a não ser no chão.

É assim que se pega na raqueta.

Aprende a chamar pau à raqueta. É como toda a gente lhe chama aqui. É uma tradição: O Pau. Uma coisa que é uma extensão tão evidente de nós merece uma alcunha.

Olha, se faz favor. Só te ensinarão uma vez a pegar nele. É assim que se faz. Esquece essa maneira confusa de lhe pegar na variante oriental extraordinariamente complicada que se usa para bater uma esquerda. Limita-te a dizer «Olá». Limita-te a apertar a mão ao cabo do pau recoberto de cabedal. É assim que se deve segurar. O pau é teu amigo. Tornar-vos-eis íntimos.

Agarra sempre o teu amigo com firmeza. Apertá-lo dessa maneira é essencial quer para o controlo quer para a potência. Eis como se deve transportar uma bola na mão do pau, apertando-a várias vezes durante longos períodos de tempo – nas aulas, ao telefone, no laboratório, diante do telecomputador, uma bola molhada no duche, idealmente espremendo-a sem parar a não ser durante as refeições. Observa a sala de jantar da Academia, onde há bolas ao lado de cada prato. Aperta a bola ritmicamente mês após mês, ano após ano, até que deixes de a sentir mais do que ao teu coração a bombar sangue e o teu braço direito seja três vezes maior do que o esquerdo, e o teu braço, do outro lado do campo, pareça o braço de um gorila ou o braço de um estivador que foi colado ao corpo de uma criança.

Eis como fazer exercícios extra antes dos exercícios matinais da Academia antes do pequeno-almoço, de modo que depois da milésima bola batida fora do alcance de Ele Mesmo, com a sua envergadura mastodôntica e as suas canelas fantasmagóricas, insistindo contigo cheio de sorrisos para que faças cada vez mais esforço, de modo que quando já não aguentas mais e tens de vomitar, há muito pouca coisa dentro de ti para vomitar e os espasmos passam rapidamente e sopra uma fresca brisa de leste e sentes-te limpo e consegues respirar.

Eis como usar camisolas da ATE vermelhas e cinzentas e correr em grupo quarenta quilómetros para cima e para baixo na Avenida Commonwealth embora

preferisses pegar fogo ao teu cabelo a correr em grupo. Correr é doloroso e não parece fazer qualquer sentido, mas não és tu que mandas. O teu irmão vai sentado no lugar do morto enquanto um alemão senil dispara chumbinhos contra as tuas pernas, rindo-se os dois enquanto gritam *«Schnell»*. Enfield fica a oriente das Heartbreak Hills de Marathon, que estão do lado de cima da Commonwealth passado o Reservoir em Newton. Correr num circuito urbano em grupo é aborrecido. Que Ele Mesmo se agache para te pôr um comprido braço pálido à volta dos teus ombros e te dizer que foi o pai dele que lhe disse que o talento é uma espécie de dom obscuro, que o talento é a sua própria expectativa: está aí desde o princípio e ou se vive ou se perde.

Ter um pai cujo pai perdeu o que estava lá. Ter um pai que cumpriu a sua própria promessa e depois encontrou coisas e mais coisas e superou a sua própria promessa e nunca pareceu estar muito mais feliz ou mais seguro do que o seu próprio pai fracassado, deixando-te numa espécie de estado selvagem e de encruzilhada de fluxos em relação ao talento.

Eis como não pensar em nada disto treinando e jogando até tudo funcionar em piloto automático e o exercício inconsciente do talento se torna uma maneira de fugires de ti próprio, um longo sonho acordado de puro jogo.

A ironia é que isto torna-te muito bom e começas a ser olhado como um prodigioso talento que tens de confirmar.

Eis como administrar o facto de ser um prodígio selvagem. Eis como administrar o facto de ser cabeça de série em torneios, o que quer dizer que as comissões de classificação são constituídas por velhos de braços compridos que esperam publicamente que chegues a uma determinada eliminatória. Chegar à eliminatória a que se espera que chegues é denominado no mundo dos torneios «justificar a escolha para cabeça de série». Se repetires estes termos várias vezes, talvez no ritmo que utilizas para espremer a bola, consegues reduzi-los a uma série de fonemas, meros formantes e fricativas, trocaicamente acentuadas, sem qualquer significado.

Eis como vencer adversários inexperientes com grandes olhos oriundos de Iowa ou Rhode Island nas primeiras eliminatórias sem despender demasiada energia mas sem parecer arrogante.

É esta a maneira de jogar com integridade pessoal nas primeiras eliminatórias de um torneio quando ainda não há árbitro. Quando uma bola que cai do teu lado

te parecer muito duvidosa diz que é boa. Assim se é invulnerável a habilidades sujas. Mantém a máxima atenção. Eis como deves ensinar a ti mesmo como proceder quando um adversário quer fazer batota com bolas duvidosas: tem presente que cá se fazem, cá se pagam. Que o castigo de um mau desportista é sempre autoinfligido.

Tenta aprender a conseguir que as injustiças sejam uma lição para ti.

Eis como deves besuntar-te uma única vez com *Lemon Pledge*, o mais perfeito protetor solar, e descobrir depois que, quando suas, fedes que tombas.

Eis como usar relaxantes musculares não narcotizantes para os espasmos nas costas que são causados por se servir mil vezes contra nenhum adversário.

Eis como chorar na cama tentando recordar quando não te doía constantemente o teu tornozelo inchado e azul.

Isto é o redemoinho, um amigo.

Eis como se liga a máquina elétrica de lançar bolas nos dias em que Ele Mesmo está fora a tentar pôr-se à altura do que será o seu talento definitivo.

Eis como se faz o nó do laço. Eis como estar sentado nas modestas estreias dos primeiros filmes artísticos do teu pai, rodeado pelo acre fumo de cigarros estrangeiros e por conversas tão pretensiosas que não consegues acreditar no que estás a ouvir e acabas por pensar que percebeste mal. Finges que te concentras nos ângulos irregulares e múltiplos tempos de exposição à luz sem pretender entender nada do que se está a passar. Imita a expressão do teu irmão.

Eis como se sua.

Eis como se entrega um troféu a Lateral Alice Moore para que ela o coloque na vitrina com o seu sistema de focos e pequenos letreiros do vestíbulo da ATE.

O que é injusto pode ser um professor severo mas muito valioso.

Eis como se guardam hidratos de carbono no meio de duas toalhas para um dia de junho na Florida com quatro jogos de singulares e dois de pares.

É favor aprender a dormir com uma queimadura de sol perpétua.

Espera sonhos duros. É uma coisa natural. Tenta aceitá-los. Deixa que te ensinem.

Mantém uma lanterna ao lado da cama. Ajuda a aguentar os sonhos.

É favor não fazer amigos extramuros. Evita tentativas de contacto exteriores ao circuito. Recusa sair com raparigas.

Se fizeres os exercícios de reabilitação exatamente como eles tos prescrevem,

o teu tornozelo sarará mais depressa.

Este tipo de estiramentos ajuda a prevenir as lesões do abdutor.

Trata os joelhos e o cotovelo com o cuidado adequado: ser-te-ão úteis durante muito tempo.

Eis como se recusa um encontro extramuros de maneira a que não voltem a tentar. Diz uma coisa do género: Lamento muito não poder ir ver *8 e ½* projetado num ecrã do tamanho de um muro no Festival de Celuloide de Cambridge este sábado, Kimberley ou Daphne, mas tem em conta que salto à corda duas horas e depois vou correr em Newton até vomitar. Eles deixam-me ver filmes de jogos e depois a minha mãe lê-me em voz alta o *Dicionário de Inglês de Oxford* até às 22h00, altura em que as luzes são apagadas; podes por isso ter a certeza de que Daphne/Kimberley/Jennifer transportará para outro lugar o seu tema de socialização-ritual-adolescente-de-baile-e-acasalamento. Mantém-te atento. O caminho alarga-se e muitos dos desvios são sedutores. Tens de estar sempre concentrado e atento: um talento selvagem é o seu próprio conjunto de expectativas que podem abandonar-te em qualquer curva da chamada vida americana normal em qualquer altura; portanto *em guarda*.

Eis como ser *schnell*.

Eis como se passa do impulso normal de crescimento adolescente e todos os membros do teu corpo doem como uma enxaqueca porque foram trabalhados grupos de músculos selecionados até ficarem grossos e tensos e resistem à medida que o súbito crescimento dos ossos os estica e, então, não param de doer. Há medicação para esta condição.

Se fores um adolescente, eis a chave para não seres nem um marrão nem um pretensioso: nem uma coisa nem outra.

É mais fácil do que pensas.

Eis como ler os *rankings* mensais da ATE, da USTA e da ONANTA da mesma maneira que Ele Mesmo lia as monografias dos académicos sobre os seus melodramas com múltiplos tempos de exposição à luz. Aprende a dar-lhes importância e a retirar-lhes importância. Têm como finalidade ajudar-te a determinar onde estás e não quem és. Memoriza os teus *rankings* mensais e esquece-os. É assim: nunca digas a ninguém onde estás.

Isto também é sobre como se não tem medo de dormir e de sonhos. Nunca digas a ninguém onde estás. Aprende se fazes favor a pragmática de expressar

medo: às vezes as palavras que parecem expressar de facto *invocam*.

Isto pode ser complicado.

Eis como se pode conseguir raquetas e roupa e equipamento da Dunlop Inc. grátis: basta que os autorizes a pintar o característico logótipo da Dunlop nas cordas das tuas raquetas e a cosê-lo no ombro e no bolso esquerdo dos teus calções e uses um saco com equipamento *Dunlop*, transformando-te num anúncio ambulante que saltita e sua da Dunlop, Inc.; isto acontece enquanto continuares a justificar ser cabeça de série e a manter o teu *ranking*; o representante regional de desporto para a Nova Nova Inglaterra da Dunlop, Inc. dirigir-se-á a ti como o «Nosso Cisne Cinzento»; usa calças de marca e põe uma água-de-colónia fedorenta e duas vezes por ano quer ajudar-te a vestir e é preciso dar-lhe umas bofetadas como se fosse uma mosca.

Sê um estudioso do jogo como acontece com a maior parte dos lugares-comuns do desporto, este é profundo. Pode ser formado ou podes ser destruído. Não há nada no meio. Tenta aprender. Deixa que te orientem. Tenta aprender com todos, em especial com os que falham. Isto é difícil. Companheiros que decaem, afrouxam, afundam-se e caem nos *rankings* mensais desaparecem do circuito. Colegas da ATE que estão à espera que DeLint lhes bata suavemente à porta e peça para falar com eles. Adversário. Tudo é educativo. Ser uma promessa como estudioso do jogo é uma função daquilo a que podes prestar atenção sem fugir. As redes e as cercas podem ser espelhos. Entre as redes e as cercas, os adversários também são um espelho... É por isso que tudo isto é atemorizador. É por isso que todos os adversários são assustadores e os adversários mais fracos são particularmente assustadores.

Vê-te nos teus adversários. Eles acabarão por te fazer entender o jogo. Aceita a noção de que o jogo se baseia no medo controlado. Que o seu objetivo é tirar de ti aquilo que tu esperas que não volte.

Isto é o teu corpo. Eles querem que tu o saibas. Tê-lo-ás sempre contigo.

Sobre esta matéria não há conselhos: deves ser tu a fazer a melhor conjetura. Quanto a mim, não creio que alguma vez venha a saber.

Mas no intervalo, se é que há intervalos: aqui tens *Motrin* para as articulações, *Noxzema* para as queimaduras, *Lemon Pledge* se preferires sentir náuseas a queimaduras, *Clontracol* para as costas, benzoína para as mãos, sais *Epsom* e anti-inflamatórios para os tornozelos e atividades extracurriculares para os teus

pais, que querem assegurar-se de que tens tudo o que eles têm.

TRANSCRIÇÕES SELECIONADAS DE INTERFACES NO HORÁRIO DE VISITA PARA RESIDENTES COM PATRICIA MONTESIANMA, CASC[58], DIRETORA EXECUTIVA, ENNET HOUSE PARA REABILITAÇÃO DO ÁLCOOL E DAS DROGAS *(SIC)*, ENFIELD, MASSACHUSETTS, 13H00-15H00, QUARTA-FEIRA, 4 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

– Mas tem aquela *maneira* de tamborilar com os dedos na mesa. Não chega bem a tamborilar. É mais uma coisa entre tamborilar e *arranhar, puxar,* da mesma maneira que se puxam as peles mortas. E sem ritmo nenhum, percebes?, constante e sem parar, mas sem ritmo que se possa captar, seguir e manter. Totalmente *amalucado*, *demencial*. Como o género de sons que podemos imaginar que uma rapariga sente na cabeça imediatamente antes de assassinar toda a família porque alguém lhe ficou com o último bocado de manteiga de amendoim ou coisa que o valha. Percebes o que estou a dizer? O ruído da porra de uma mente a escaqueirar-se. Percebes o que estou a dizer? Oh, sim, está bem, a resposta mais fácil é que quando recusou deixar de tamborilar com os dedos na mesa durante o jantar, espetei-lhe a modos que o garfo. Mais ou menos. Posso conceber que alguém pode ter pensado que o apunhalei. Mas a seguir ofereci-me para arrancar o garfo. Deixa que lhe diga que sou uma pessoa sempre pronta a corrigir-me. Pela parte que me tocasse. *Aceito* a parte que me toca, é isso que quero dizer. Posso perguntar-lhe se vou ficar de castigo por causa disso? É que tenho noite livre amanhã e Gene já aprovou o Relatório de Noites Livres. Se quiser, pode confirmar. Mas não estou a tentar livrar-me da minha responsabilidade na, digamos, ocorrência. Se o meu Poder Superior, a que prefiro chamar Deus, se manifesta através de si dizendo que deve ser castigada de alguma maneira, não tentarei evitar isso. Se merecer. Só queria perguntar: Já referi que me sinto grata por estar aqui?

– Não estou *a negar* nada. Só lhe peço que defina a palavra «alcoólico». Como é que me pode pedir que atribua a mim mesmo um termo determinado se recusa definir o significado dele? Há dezasseis anos que sou um razoavelmente bem-sucedido advogado especializado em danos pessoais e a não ser esse ridículo pseudoataque no jantar esta primavera da Ordem dos Advogados e esse juiz imbecil que me expulsou da sala de audiências – e deixe que lhe diga que

posso provar a minha acusação de que esse homem se masturba debaixo da toga atrás da mesa com corroboração pormenorizada quer de colegas que de funcionários da lavandaria dos jurados –, com a exceção de um punhado de incidentes, tenho controlado a bebida e conseguido manter a cabeça tão levantada como qualquer um dos advogados mais altos. Que idade tem, querida jovem? Não estou *a denegar,* por assim dizer, nada empírico e objetivo. Se tenho problemas pancreáticos? Tenho. Se tenho alguma dificuldade quando quero recordar certas fases dos governos de Kemp e Limbaugh? Não nego. Há um ponto de turbulência doméstica nas minhas circunstâncias? De facto, há. Se experienciei alguma formicação durante a desintoxicação? É verdade. Não me custa nada reconhecer de imediato aquilo que consigo entender. Formicar, sim, com m. Mas o que quer que eu admita? É *negação* adiar a assinatura até que o vocabulário do contrato seja claro para todas as partes interessadas? Sim, sim, não consegue seguir o que estou a querer dizer, muito bem! E está relutante em prosseguir sem uma clarificação. Terminei as minhas declarações. Não posso negar o que não compreendo. É esta a minha posição.

– Pois estou ali sentado à espera que a minha torta de carne arrefeça e de repente ouve-se um guincho capaz de abrir um *esfíncter* e surge Nell de garfo no ar, positivamente *no alto, saltando* por cima da mesa, em *voo,* horizontal, o que eu quero dizer, Pat, é que o corpo da rapariga está literalmente *paralelo* à superfície da mesa, *atirando-se* a mim, com o garfo erguido, a guinchar uma coisa qualquer sobre o ruído de manteiga de *amendoim*. Quer dizer... Meu Deus. Gately e Diehl tiveram de me arrancar o garfo da mão e da mesa. Para que tenha uma ideia da selvajaria. Nem me pergunte pelas dores. Não vale a pena irmos por aí, creia que é o melhor. Deram-me *Percocet*[59] nas Urgências, é a única coisa que vou dizer sobre a intensidade das dores. Disse-lhes que estava em recuperação e impotente em relação a qualquer tipo de narcóticos. Peço-lhe o favor de nem me perguntar sobre como estavam emocionados perante a minha coragem, se não quer que desate a chorar. Esta experiência deixou-me à beira de um *ataque* de histeria. Pois, sim, admito, posso muito bem ter estado a tamborilar com os dedos na mesa. Peço perdão por ocupar espaço. E então ela diz muito *magnanimamente* que está disposta a pedir desculpa se também o fizer. Como?, perguntei-lhe. *Como?*, quer dizer, meu Deus. Ali estava sentado

com um garfo a cravar a minha mão à mesa! Sei o que é um ataque injusto, Pat, e aquilo foi um ataque injusto na sua expressão mais fascista. Peço muito respeitosamente que a expulsem com um pontapé no enorme traseiro. Que regresse com a mala *Hefty* cheia de roupas foleiras e de garfo em riste ao sórdido bairro de onde saiu. Honestamente. Sei que uma parte deste processo consiste em aprender a viver em comunidade. Dar e receber, pôr de lado os assuntos pessoais, dar-lhes a volta. Etc. Mas também não é suposto que aqui estejamos – e cito o manual – num ambiente *seguro* e *acolhedor*? Mas devo dizer que raramente me senti menos bem acolhido do que quando vi a minha mão empalada na mesa. Já é suficientemente mau o patético assédio de Minty e McDade. Posso se atacado no Fenway. Não vim para aqui para ser atacado com base no pretexto de tamborilar com os dedos na mesa. Estou perigosamente perto de dizer... que ou vai embora esse *espécime* ou vou eu.

– Lamento muito ter de a incomodar. Posso voltar mais tarde. Interrogava-me se haveria alguma oração especial no programa para quando alguém se quer enforcar.

– Quero compreensão, não tenho razão para negar que sou um drogado. Sei que sou um viciado desde a época anterior a Miami. Não tenho qualquer problema quanto a levantar-me numa reunião e proclamar que me chamo Alfonso, sou um drogado e me sinto impotente. Conheço essa impotência ela desde os tempos de Castro. Mas não consigo parar mesmo sabendo isso. Disto tenho medo. Tenho medo de não parar quando admito que sou Alfonso, indefeso. Como é que admitir que sou impotente me leva a parar quando a coisa é que sou incapaz de parar? A minha cabeça ela está maluca por causa deste medo de não ter poder. Agora sou esperança de *poder*, senhora Pat. Quero um conselho. É a esperança ela de poder negativa para Alfonso como drogado?

+– Peço desculpa mas tenho de interromper, voltaram a ligar da Divisão PM por causa da história dos vermes. A palavra que usaram foi *ultimato*.

– Peço desculpa se estou a incomodá-la por causa de uma coisa que não tem que ver diretamente com a interface do tratamento. Estou ali a tentar fazer a minha tarefa. Calhou-me a retrete dos homens do piso de cima. Há uma coisa...

Pat, há uma coisa na sanita lá de cima. O autoclismo não funciona. A coisa. Não desce. Continua a aparecer. Descarga após descarga. Só cá vim para receber instruções. E talvez algum equipamento de proteção. Não consigo descrever a coisa na sanita. A única coisa que posso dizer é que se é um produto de origem humana, então é caso para ficar preocupado. Não me peça que a descreva. Se quiser subir para dar uma vista de olhos... Estou cem por cento certo de que ainda lá está. É evidente que não vai sair dali para parte nenhuma.

– Só sei é que pus uma taça de pudim *Hunt* no frigorífico dos residentes, como é suposto que faça às treze e lá-lá-lá e às catorze e trinta desci toda encantada para ir buscar o pudim que paguei do meu próprio bolso e não estava lá e McDade aparece com ar muito preocupado e oferece-se para me ajudar a procurá-lo e lá-lá, mas quando levantei os olhos vi que o grande filho de uma puta tinha um enorme pedaço de pudim no queixo.

– Pois, mas como vou responder se quero ou não parar a coca? Será que penso mesmo que quero pensar que quero? Já não tenho septo nasal. A porra do meu septo foi tipo dissolvida pela coca. Percebe? Vê alguma coisa parecida com o septo quando levanto a cabeça? Pensei com todas as forças do meu coração acabar de vez com isto e por aí fora. Desde a história do septo. Mas já que desde essa altura queria acabar, por que raio não consegui? Percebe o que quero dizer? Não é tudo uma questão de querer e assim? E assim? Como é que estar aqui e assistir a todas as reuniões pode fazer outra coisa a não ser querer deixar de me drogar? Mas penso que já quero deixar. Como é que posso estar aqui sem quer parar com a coisa? Estar aqui não é a prova de que quero parar? Mas como é que não consigo parar, se quero parar? A coisa é essa.

– Este gajo tinha lábio leporino. O que dá, sabe como é, um *ssss*. Mas o caso dele era brutal. Brutal. Vendia mau *speed* mas boa erva. Disse que cobriria a nossa parte da renda se lhe arranjássemos ratos para as serpentes dele. Como estávamos a gastar toda a massa na erva, o que é que podíamos fazer? Comiam ratos. Tínhamos de ir às lojas de animais e fingir que gostávamos muito de ratos. Serpentes. Tinha serpentes. Santo Deus, como tresandavam. Nunca lhes limpava os tanques. O lábio tapava-lhe o nariz. O lábio leporino. Acho que não conseguia cheirá-las. Caso contrário, certamente que teria feito alguma coisa. Tinha uma

queda pela Mildred. A minha namorada. Não sei. Ela provavelmente também tinha um problema qualquer. Passava a vida a dizer, com aqueles *ssss* todos: «Queres ir para a cama comigo, Mildred? Não temos de nos comer nem coisa parecida.» Dizia merdas destas comigo ali à frente enquanto atirava ratos para os tanques, sustendo eu a respiração. Os ratos tinham de estar vivos. Tudo dito com a porra daquela voz de quem aperta o nariz e não é capaz de pronunciar bem os esses. Há dois anos que não lavava a cabeça. Dizíamos uma graça entre nós sobre o tempo que conseguiria aguentar sem lavar o cabelo e marcávamos cada semana que passava com um xis no calendário. Dizíamos muitas graçolas dessas para ver se isso nos ajudava a aguentar aquela situação. Estávamos pedrados noventa por cento do tempo. Nove zero. Mas nunca fez isso enquanto lá estivemos. Lavar-se. Um dia enquanto eu estava a trabalhar ele disse-lhe como se praticava sexo com uma galinha e foi então que ela me disse que tínhamos de ir embora ou ia ela e levava a Harriet. Disse que fazia sexo com galinhas. Era uma caravana que estava do outro lado da lixeira do Spur e ele tinha duas galinhas debaixo dela. Não era de estranhar que fugissem quando alguém se aproximava. O tipo abusava sexualmente das galinhas. E não se calava com essa conversa para a Mildred, com todos esses *ssss*. «Tensss de fodê-lasss masss quando nosss aproximamosss fogem a *voar*.» Ela disse que tinha atingido o ponto de rebuçado. Fomos para o abrigo da Rua Pine e ela ficou lá durante algum tempo até que apareceu um gajo de chapéu que disse que tinha um rancho em New Jersey e ela foi-se embora e levou a Harriet. A Harriet é a nossa filha. Vai fazer três anos. Embora ela diga *frês*. Duvido que venha a pronunciar um tê corretamente em toda a vida. E nem sei em que lugar de New Jersey? Mas há ranchos em New Jersey? Andou comigo desde a primária. A Mildred. Éramos assim como namorados dos tempos de escola. E depois esse gajo que se meteu na cama dela no albergue comeu-me as papas na cabeça. E ainda estava a tentar entregar gelo para as máquinas das estações de serviço. Quem conseguiria aguentar aquilo sem se pedrar?

– Então o alcoolismo é considerado uma doença? Uma doença como uma constipação? Ou como o cancro? Devo dizer que nunca ouvi dizer que alguém rezasse para se curar de cancro. Fora talvez de nalgumas zonas rurais do Sul da América. Por isso, que coisa é esta? Está a *mandar-me* rezar? Porque tenho uma

pretensa doença? Dou cabo da minha vida e da minha carreira e começo nove meses de tratamento de uma *doença* de baixa rendibilidade e receitam-me rezas? Sabe o que quer dizer a palavra *retrógrado*? Será que estou numa era sócio-histórica que desconheço? Mas que raio de coisa é que se passa aqui?

– Ótimo, ótimo, ótimo. Mesmo ótimo. Sem problema. Estou contente por estar aqui. Sinto-me melhor. Durmo melhor. Adoro a paparoca. Resumindo, não podia ser melhor. Rilhar? Rilhar os dentes? É um tique. Para enrijar a mandíbula. Uma manifestação de um estado físico impecável. O mesmo em relação à pálpebra.

– Mas eu *também* tentei. Tentei ao longo de todo este *mês*. Estive em quatro entrevistas. Nenhuma começou antes das onze, de modo que me interrogo sobre que sentido faz madrugar e ficar sentado e descer se não tenho nada que fazer até às onze. Preenchi os formulários *todos* os dias. Para onde é suposto que eu vá? Não podem pôr-me a andar só porque... Não me respondem mesmo que eu *tente*. A *culpa* ná é minha. Vá, pergunte à Clenette. Pergunte a essa rapariga, à Thrale, e a eles se não tenho tentado. Não *podem*. Isto está completamente *fodido*.

Já *disse* para onde é suposto que eu *vá*?

– Então apanho um mês inteiro sem poder sair de casa por ter usado um desinfetante para a boca? Notícia: boletim informativo: o desinfetante para a boca é para cuspir! Tem dois por cento de álcool.

– É por causa do peido de *outro* que estou aqui.

– Identificar-me-ei com todo o gosto quando me explicar primeiro *como* é que me hei de identificar. É esta a minha posição. Está a pedir que eu ateste factos que não conheço. O termo para isto é «coerção».

– Então o meu delito deve ser de gargarejo, não?

– Volto quando estiver livre.

– Voltou. Ainda tive esperança durante um segundo. Tive esperança. E depois lá estava outra vez.

– Primeiro deixe-me dizer uma coisa.

FINAL DE OUTUBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

– ABRE-ME AÍ OUTRA DESSAS e conto-te que o ponto alto dessa temporada foi que eu tinha bilhetes para tudo e cheguei a ver em pessoa esse gandessíssimo filho da mãe quando bateu pela primeira vez o recor. Foi no dia em que o teu irmão saiu com o gupo de escuteiros dele e tu ná foste porque tinhas medo de perder a ligação do TC. Lembas-te? Pois eu vou lembrar-me sempe desse dia, rapaz. Foi contra Syracuse, há quanto tempo?, há já umas oito temporadas. O filho da mãe fez uma série de setenta e tês com uma média de sessenta e nove. *Setenta e tês,* meu Deus. Abre outra, rapaz, faz exercício. Lembo-me que o dia estava encobeto. Quando pontapeava, ficava-se a obsevar o céu durante muito tempo. Paecia penduada lá. Nesse dia chegou a ter a bola no ar durante oito segundos e tês milésimos. Isso é coisa séria, rapaz. Eu nunca cheguei aos cinco nos meus tempos. Deus do Céu. Toda a topa disse que nunca tinha ouvido falar de setenta e tês, mas aquele filho da mãe conseguiu. Ron Richardson, lembas-te do Wonnie, o chefe ou lá o que ele era da topa, vendedor de vaselina de Booklyn, Ronnie, o piloto reformado da Foça Aérea, de uma esquadrilha de bombardeiros, Ronnie e eu estávamos no bar nessa noite e disse que setenta e tês lhe pareciam mesmo bombas a cair, aquele tipo de EXPLOSÃO quando atingem o alvo, nos ouvidos dos rapazes da esquadrilha nos aviões quando as largavam.

O programa de rádio imediatamente antes do programa da meia-noite de Madame Psicose na estação semiclandestina WYYY é *Estas Eram as Lendas Que antes Foram,* um desses formatos cruéis de universidade técnica a que se pode apresentar qualquer estudante estado-unidense do laboratório de programação avançada ou do grupo de estudos de Transformações de Fourier durante quinze minutos e ler no ar uma paródia em que imita o próprio pai a fazer um relato apoteótico sobre uma figura do atletismo com pescoço de touro que tinha admirado e por implicação havia comparado cheio de desagrado com o rapaz de pescoço magro, asmático e com lentes tão grossas como fundos de garrafa a partir do seu teclado digital. A única regra do programa é que é obrigatório ler o que se leva com voz de personagem de banda desenhada

particularmente parva. Há outros formatos ainda mais exóticos para estudantes europeus, árabes, latinos e asiáticos em noites selecionadas do fim de semana. O consenso geral é que as personagens de animação asiática têm as vozes mais parvas.

Embora literalmente petulante, *Estas Eram as Lendas...* é uma operação de tipo catártico por meio de um drama terapêutico. Os estudantes do MIT propendem a levar as suas próprias cicatrizes psíquicas: marrões, tontos, palermas, quatro olhos, maricas, coninhas, piças moles, piças de agulha, lingrinhas; rapazes a quem os colegas de pescoço de touro lhes partem o violino ou o TC portátil ou o frasco de entomólogo na cabeça à hora do recreio. E o programa tem a sua aceitação nos índices de audição FM, embora grande parte disso se deva a inércia reversiva, um puxão para trás idêntico à segunda lei de Newton levado a cabo pelo programa furiosamente popular *A Hora de Madame Psicose*, S-F a S-F, das 00h00 à 01h00, que o antecede.

O estudante que funciona como técnico nas madrugadas da estação WYYY, inimigo de qualquer ascensor que segue um caminho vascular ou de serpentina, evita o elevador da Associação de Estudantes do MIT. Tem o hábito de evitar a porta principal quando chega e entra pelo meato acústico do lado sul e adquire uma *Millennial Fizzy* na máquina automática no seno esfenoidal, depois desce as rangentes escadas de madeira das traseiras que vão da Sala de Leitura da Massa Intermédia até ao Recesso Infundibular, passando pelo piso de produção do *Tech Talk Daily*, o jornal estudantil em CD-ROM, atravessando o doentio cheiro químico da Sala de Revelação da Prensa de Cartuchos Só de Leitura, passando à frente do QG escuro e de portas com estrelas do epiglótico Hillel Club, ultrapassando a porta até ao entramado de corredores de azulejos até aos campos de *squash* e de *racquetball* e o único de voleibol e o imenso *corpus callosum* de vinte e quatro campos de ténis de altos tetos doados por um antigo aluno do MIT e agora tão pouco utilizados que nem sequer sabem onde param as redes, descendo mais três pisos até aos estúdios fantasmagoricamente limpos e iluminados a lítio da FM 109-WYYY FM, a partir de onde se emite para a comunidade do MIT e outros lugares selecionados. As paredes são cor-de-rosa e laringealmente fissuradas. A asma dele fica mais aliviada aqui graças ao ar leve e puro, já que os filtros traqueais do ar situados por baixo do revestimento do solo e os ventiladores fazem entrar o ar mais fresco da Associação.

O técnico, um trabalhador-estudante pós-graduado com maus pulmões e poros oclusos, senta-se diante do painel de controlo na cabina técnica, ajusta o peso de um par de agulhas e verifica o som da única personalidade remunerada da noturna ordem do dia, a tenebrosamente reverenciada Madame Psicose, cuja sombra de *cameo* só é visível fora do grosso vidro da cabina, o biombo dela a meio obscurecer o banco de telefones do estúdio das emissões em direto, confirmando a sequência de transições da edição de quinta-feira. Está oculta de todos dos olhares por um anteparo tríptico de gaze creme que brilha a vermelho e verde sob o efeito das luzes do banco de telefones e dos mostradores do painel de seguimento e lhe emoldura a silhueta. A silhueta dela fica claramente desenhada contra o anteparo, sentada com as pernas cruzada e os seus microfónicos auscultadores insetívoros na cabeça, a fumar. O técnico tem sempre de ajustar a banda cranial dos seus próprios auscultadores devido a largura mastodôntica dos parietais do técnico de *Aqueles Eram...* Liga o intercomunicador e apressa-se a verificar os níveis de Madame Psicose. Pede som. Qualquer coisa. Não abriu a lata de refrigerante. Há um longo silêncio durante o qual a silhueta de Madama Psicose não desvia a atenção de uma coisa que parece estar a analisar na sua pequena secretária.

Ao fim de algum tempo emite uns sons plosivos para verificar se há ruídos de exalações, um problema persistente na FM de baixo orçamento.

Faz um longo som de esses.

O técnico-estudante dá uma bombada do seu inalador portátil.

Ela diz:

– Ele gostava daquele género de música lânguida e sonhadora que tinha um ritmo de coisas longas a gingar.

Os movimentos do técnico nos mostradores do painel lembram os de alguém que está a regular o aquecimento e o equipamento áudio enquanto guia.

– O Dow que pode ser previsto não é o Dow eterno – diz ela.

O técnico de vinte e três anos tem uma pele horrível.

– Atraente mulher paraplégica procura o mesmo; objeto:

O estúdio laringeal sem janelas está terrivelmente iluminado. Nada projeta sombra. Uma luz fluorescente encastrada com coroa litiomizada e de espectro duplo, inventada a dois edifícios de distância, espera a patente oficial da ONAN. É a fria luz sem sombra dos blocos operatórios e das lojas abertas até às 04h00

da madrugada. Às vezes as paredes estriadas cor-de-rosa parecem mais ginecológicas do que outra coisa.

– Como a maioria dos casamentos, o deles era o produto evolucionado da concordância e do compromisso.

O técnico tem um arrepio à luz fria, acende um cigarro e informa Madame Psicose pelo intercomunicador que todos os níveis estão em ordem. Madame Psicose é a única personalidade radiofónica da WYYY que traz os seus próprios microfones, tomadas e anteparo tríptico. Por cima da parte esquerda do anteparo há quatro relógios para diferentes zonas, além de um disco sem número que alguém lá pendurou na brincadeira para designar o anelarizado Não Tempo da Grande Concavidade. O ponteiro acompanhável do relógio EST marca os últimos segundos dos cinco minutos de ar morto que devem anteceder o programa, segundo estipula o contrato de Madame Psicose. É possível ver a silhueta dela a apagar muito metodicamente o cigarro. Introduz o anúncio de continuidade e o tema musical sintetizados; o técnico mexe numa alavanca e faz subir a música pela medula coaxial e através dos amplificadores agrupados em espaços escondidos por cima do alto teto falso dos campos de ténis desertos do *corpus callosum* e para lá da antena que sobressai na superfície cinzenta e bulbosa do telhado da Associação. O *design* institucional mudou muito desde I.M. Pei. A quase nova Associação de Estudantes do MIT, no cruzamento de Ames com Memorial Drive[60], East Cambridge, é um enorme córtex cerebral de betão e compostos de polímero. Madame Psicose volta a fumar, escutando, com a cabeça levantada. Durante a hora que dura o programa, o alto anteparo não para de fumegar. O técnico-estudante conta pela mão aberta de cinco até zero e não percebe como é que ela vê. E quando o polegar bate na palma da mão ela diz o que tem vindo a dizer durante três anos de meias-noites, umas palavras de introdução que Mario Incandenza, a pessoa menos cínica de toda a história da cidade de Enfield, Massachusetts, do outro lado do rio, ouvindo com extraordinária atenção, acha, apesar do seu tenebroso cinismo, absolutamente fascinantes.

A silhueta inclina-se e diz:

– E, olhai, a Terra estava sem forma e vazia[*1].

– E as Trevas cobriam o Abismo.

E nós dissemos:

– Vê como aquele cabrão *dança*.

A seguir ouve-se uma voz masculina dizer em tom neutro: «E agora mais ou menos sessenta minutos com Madame Psicose na YYY-109, o melhor de todos os programas em toda a FM.» Os diferentes sons são codificados e bombados para o ar pelo técnico através do *corpus* do edifício e da antena no telhado. Esta antena de poucos watts foi manipulado pelos das ondas da estação para que se incline e rode da mesma maneira que uma atração centrífuga de parque de diversões enviando os sinais em todas as direções. Desde a Lei Hundt de 1966 AS, as estações de poucos watts de FM são as únicas do Espectro Sem Fios que ainda dispõem de licença para emitir para o público em geral. O verde de águas profundas dos sintonizadores FM de todos os laboratórios e dormitórios do *campus* e dos aglomerados que parecem colónias de lapas dos pós-graduados voltam-se lentamente para o centro do borrifo à direita do mostrador, de um modo um pouco arrepiante, como plantas que se viram para uma luz que não conseguem ver. Os índices de audiência são uma coisa de importância secundária segundo os padrões de emissão da época pré-InterLace, mas não deixam de ser sólidos e consistentes. O interesse dos ouvintes por Madame Psicose foi sempre igual desde o início. A antena, inclinada num ângulo parecido com o de um canhão apontado para uma distância de três quilómetros, gira numa elipse confusa – a base de rotação é elíptica porque só dessa forma os génios das ondas conseguiriam construir um molde. Obstruída por todos os lados pelos altos edifícios de East Cambridge, de Commercial Drive e do centro da cidade, apenas um par de finas secções de círculo do sinal conseguem escapar do MIT: uma através da abertura do Departamento de Educação Física dos campos de futebol e lacrosse que quase não são usados e estão situados entre os complexos de Filologia e Física de Baixas Temperaturas, em Memorial Drive, e outra através da franja noturna e de cor púrpura rosada do rio Charles e depois através do denso trânsito de Storrow Drive do outro lado do Chuck[*2], de maneira que quando o sinal lambe a parte alta de Brighton e Enfield é preciso um nível de sintonização quase digno de serviços de espionagem para filtrar os miasmas eletromagnéticos transmissões celulares e entre consolas telefónicas e as auras dos telecomputadores que abafam as margens da FM por todos os lados. A não ser que o teu sintonizador tenha a sorte de estar suficientemente bem localizado no cimo de uma colina de Enfield mais ou menos despida: neste caso está-se em

plena linha de fogo centrífuga da YYY.

Madame Psicose evita aberturas palavrosas e palha contextual. A hora dela é compacta e séria.

Quando a música tende para a languidez, a sua sombra levanta os papéis e desloca-os de modo a que o ruído vá para o ar.

– Obesidade – diz. – Obesidade com hipogonadismo. Também obesidade mórbida. Lepra nodular com fácies leonino.

O técnico consegue ver que a silhueta dela levanta uma chávena enquanto faz uma pausa, recordando-lhe o *Millennial Fizzy* que tem na mochila dos livros.

Ela diz:

– Os acromegálicos e os hiperqueratósicos. Os enuréticos, especialmente este ano. Os espasmodicamente torticólicos.

O técnico-estudante, um doutorando especialista em Metalurgia Transurânica que enfrenta uma incrível dívida causada por empréstimos para realizar os seus estudos, fixa os níveis, preenche o lado esquerdo da folha de controlo e sobe com a mochila ao ombro para uma teia de escadas interneurais com ideogramas semíticos e odores dos produtos de revelação fotográfica e passa pelo bar-restaurante, pela sala de bilhar, pelos painéis de *modems* e pelos extensos gabinetes de Aconselhamento Psicológico Estudantil ao redor da lâmina rostral, todo o caminho neuroforme de muitas escadas pouco utilizadas até à porta vermelha como uma artéria do telhado da Associação, deixando Madame Psicose, de acordo com aquilo que manda o procedimento habitual, sozinha com o seu programa e o seu biombo na frescura sem sombras. Ela fica quase sempre sozinha quando está no ar. De vez em quando tem um convidado, mas geralmente apresenta o convidado e ele não diz uma única palavra. Os monólogos parecem resultar de associações livres e ao mesmo tempo ser complexamente estruturados, muito semelhantes a pesadelos. É impossível prever o que dirá em cada ocasião. Se existe um tema remotamente consistente é o cinema e os cartuchos de filmes. O cinema em celuloide do primeiro neorrealismo (essencialmente italiano) e do expressionismo (essencialmente alemão). Nunca a Nova Vaga. Polegares para cima em relação a Peterson/Broughton e Dalí/Buñuel e polegares para baixo em relação a Deren/Hammid. Paixão total pela mais lenta obra de Antonioni e por um tipo russo chamado Tarkovsky. Às vezes Ozu e Bresson. Estranha afeição pela

vetusta dramaturgia de um tal Sir Herbert Tree. Bizarra admiração kaelesca pelos mestre do gore Peckinpah, De Palma, Tarantino. Absolutamente venenosa em matéria do *8 ½* de Fellini. Excecionalmente eloquente sobre celuloide de vanguarda e cartuchos digitais *avant* e *après-garde,* cinema anticonfluencial[61], brutalismo, drama encontrado, etc. Também muito informada sobre desportos estado-unidenses, futebol americano em particular, circunstância que o técnico-estudante acha dissonante. Madame Psicose responde a um único telefonema, escolhido ao acaso, por programa. É essencialmente uma solista. O programa parece voar sozinho. Ela podia perfeitamente fazê-lo a dormir, atrás do biombo. Às vezes parece estar muito triste. O técnico gosta de monitorizar a emissão das alturas, do telhado da Associação, com sol de verão ou vento de inverno. O termo mais correto para um inalador de asmáticos é «nebulizador». A especialidade de investigação do técnico são as partículas de translítio carbonado criadas e destruídas milhares de milhões de vezes por segundo no núcleo de um anel de fusão a frio. A maioria dos litioides não podem ser esmagados ou estudados e existem essencialmente para explicar vazios e incongruências nas equações de anulação. No ano passado, Madame Psicose pediu uma vez ao estudante que descrevesse por escrito o processo de laboratório doméstico para transformar pó de óxido de urânio num bom e físsil U-235. Depois leu a descrição entre um poema de Baraka e uma crítica da formação defensiva dupla de Steeler. Era uma coisa que qualquer estudante liceal podia cozinhar e demorou menos de três minutos a ser lida e não implicava nenhum processo secreto nem exigia nenhum *hardware* que não estivesse disponível em qualquer loja decente de produtos químicos de Boston, mas o episódio alarmou a administração do MIT e todos sabem que o MIT dorme com o Ministério da Defesa. A potente receita foi o único intercâmbio verbal não relacionado com níveis de som que o técnico teve com Madame Psicose.

O mole telhado de polímeros de látex da Associação é uma abóbada em forma de cérebro em cor-de-rosa nebuloso de pia-máter, exceto nas zonas onde foi sendo erodido até ficar com uma cor cinzenta pastosa; o telhado proeminente apresenta uma textura geral de sulcos e circunvoluções bulbosas. Do ar, parece enrugado; da porta de incêndio é um sistema quase nauseante de sulcos serpenteantes como escorregas infernais. A própria Associação, o *summum opus* do falecido A.Y. («V.F.») Rickey, é um imenso crânio vazio, um monumento

dedicado à sede norte-americana da Muito Alta Tecnologia e não é tão horroroso como costumam pensar os não bostonianos, embora leve algum tempo a que uma pessoa se habitue aos balões-olhos vitrealmente insuflados, desorbitados e pendurados em dois cabos azuis entrelaçados desde as quiasmas óticas do segundo piso que flanqueiam a rampa central acessível a cadeiras de rodas, mas algumas pessoas, como o técnico, nunca chegam a sentir-se confortáveis na presença delas e servem-se por isso das menos espetaculares portas laterais do auditório; e as abundantes fissuras-sulcos e protuberâncias girostáticas do escorregadio telhado de látex dificultam o escoamento da chuva e tornam difícil caminhar lá, embora tenham instalado uma espécie de varanda de segurança de resina de polibutileno cor de crânio que se estende à volta do mesencéfalo desde o sulco frontal inferior até ao sulco parieto-occipital – um anel aureolado a nível, digamos, das calhas, exigência do Corpo de Bombeiros de Cambridge apesar dos apaixonados protestos pró-miméticos dos admiradores topológicos de Rickey da Faculdade de Arquitetura (que levou a administração do MIT, tentando aplacar os rickeyanos e os bombeiros, a mandar injetar as resinas pré-moldadas com tintas para que adquirissem a cor de marfim asquerosa e com manchas castanhas característica de um crânio vivo, pelo que a varanda lembra simultaneamente osso corporal e aura numinosa) –, e essa varanda significa que mesmo as piores escorregadelas no látex e as quedas para a borda extremamente curva do cérebro não passem de um tombo de poucos metros até à comprida plataforma de butileno, da qual é possível destacar uma escada de emergência azul-venoso extensível até à circunvolução superior do temporal e à ponte de Varólio e ao abducente até chegar à artéria basilar de poliuretano e permitir uma dança segura até à medula oblonga mesmo ao lado do meato recauchutado no solo.

Lá nas alturas e à mercê do vento glacial do rio, com uma parca caqui de gola de pele falsa, o técnico avança e para no primeiro sulco interparietal que lhe agrada, faz uma espécie de ninho na mole fissura – o látex enrolado está cheio daqueles pequenos amendoins de poliestireno sem FHC com que se enche tudo o que é industrial e mole, e a superfície de pia-máter cede como se fosse um daqueles pufes recheados de bolas de isopor de épocas mais inocentes – e entretém-se com o seu refresco *Millennial Fizzy*, o inalador, os cigarros e o recetor de bolso *Heathkit* para FM digital sob o céu noturno de alta densidade de CO que faz as estrelas brilharem com mais nitidez. A temperatura noturna em

Boston é de dez graus centígrados. O sulco pós-central em que está sentado fica logo fora da circunferência do centrifugador de alta velocidade da antena da YYY, pelo que cinco metros mais acima a luz de avião da sua extremidade descreve uma oval imprecisa, vascularmente matizada. As pilhas do recetor de FM do técnico, que ele verifica todos os dias por meio das resistências mercuriais do Laboratório de Baixas Temperaturas, estão carregadas, por isso o som da coluna sem graves é metálico e crepitante. Madame Psicose soa como uma cópia fiel mas radicalmente miniaturizada dela em estúdio.

– Aqueles que têm narizes de sela. Aqueles que têm membros atrofiados. E, sim, também os químicos e licenciados em Matemática Pura com pescoços atrofiados. Com *scleredema adultorum*. Aqueles supuram, os serodermatósicos. Venham, venham todos, diz este comunicado. Os hidrocefálicos. Os tabescentes e caquéticos e anoréticos. Os doentes de glioma com os seus pneus de carne vermelhos. Os dermatologicamente manchados de vinho ou carregados de furúnculos, ou esteatocriptósicos, ou, que Deus o não permita, os três juntos. Síndrome de Marin-Amat, diz o senhor? Vá lá. Os psoriáticos. Os eczemamente banidos. Os escrofulosos. Os esteatopígicos com forma de sino, nas suas calças especiais. Os aflitos com Pityriasis Rosea. Diz aqui: Venham, seres odiosos. Abençoados sejam os pobres de corpo porque eles.

A luz pulsante de alerta de avião da antena é magenta, uma estrela nítida e muito mais próxima, agora, com os dedos entrelaçados na nuca, reclinado e a olhar para cima, a ouvir, enquanto o veloz rodopio centrífugo lhe ilumina os olhos com a leve esteira da sua ponta. A oval de luz é um halo sanguinolento sobre a mais despida de todas as cabeças possíveis. Madame Psicose já tinha abordado o tema da UHID uma ou duas vezes. Está a ouvi-la ler quatro tons abaixo do Recesso Oblongo que se converte no nó do eixo do aquecimento, lendo no estilo *ad lib* uma dos comunicados das Relações Públicas da Associação dos Horrível e Improvavelmente Disformes, um grupo de apoio agnóstico de terapia em doze etapas que defende quem definem como «os esteticamente estigmatizados[62].» Às vezes lê comunicados e catálogos e material de relações públicas, embora não o faça regularmente. Algumas coisas necessitam de vários programas para serem assimiladas. Os índices de audiência mantêm-se sólidos: os ouvintes são fiéis. O técnico tem a certeza de que a ouviria mesmo que não fosse pago. Gosta de se ajeitar num sulco a fumar

lentamente, exalando o fumo através da esbatida elipse vermelha da antena, monitorizando. Os temas de Madame Psicose são imprevisíveis mas ao mesmo tempo e em certo sentido rítmicos, mais parecidos com ondas de probabilidade para sub-hadrónicos do que qualquer outra coisa[63]. O estudante técnico nunca viu Madame Psicose entrar ou sair da WYYY; é provável que use o elevador. É 22 de outubro no ano ONANita da Roupa Interior para Adultos *Depend*.

Como acontece com muitos casamentos, o de Avril e do falecido James Incandenza foi um produto desenvolvido de concordância e compromisso, e o currículo escolar da ATE é o produto de um compromisso negociado entre a rigorosa formação académica de Avril e o agudo sentido do pragmatismo desportivo de James e Schtitt. Deve-se a Avril – que deixou por completo o MIT e foi a tempo parcial para Brandeis e até recusou uma bolsa de investigação choruda do Instituto Bunting de Radcliff para conceber e assumir a direção da programação da ATE – que a Academia de Ténis de Enfield seja a única escola na América do Norte dedicada ao desporto que se mantém fiel ao *trivium* e *quadrivium* da mais pura tradição clássica de Humanidades[64] e, deste modo, uma das poucas academias desportivas existentes que faz finca-pé em ser um genuíno centro pré-universitário e não uma mera fábrica de desportista à maneira dos da Cortina de Ferro. Mas Schtitt nunca permitiu que Incandenza se esquecesse daquilo que a escola devia ser; assim, a pétrea pedagogia de *mens sana* de Avril não se diluiu, antes foi *ad valoremiz*ada, pragmaticamente centrada nos objetivos do tipo *corpore potis* pelos quais os miúdos que subiam a colina davam a sua infância. Algumas variantes mínimas que Avril autorizou no programa clássico de Humanidades são, por exemplo: que os temas do T. e do Q. estejam misturados e não separados entre Superior Quadrivial e Efébico Trivial; que as aulas de Geometria da ATE evitem em grande parte o estudo de figuras fechadas (excetuando os retângulos) para se centrarem (também com a exceção da Trigonometria de Cubos de Thorp, que é um curso opcional e essencialmente estético) em dois semestres progressivamente brutais sobre a involução e a expansão dos ângulos simples; que o requisito quadrivial de Astronomia na ATE se tenha convertido num curso de dois blocos de Ótica Elementar, já que os temas de visão estão evidentemente mais próximos do Jogo e já que todo o *hardware* necessário, de lentes afóticas a lentes apocromáticas, estavam e estão no laboratório do túnel do edifício da Administração. À música não foi atribuída

grande importância. Aliás, o fetiche triviumoide da oratória clássica tornou-se na ATE uma ampla gama de cursos de História e de estúdio dos diferentes tipos de Entretenimento, na maior parte dos casos filmes gravados – uma vez mais para aproveitar o fantástico equipamento de Incandenza, além da presença predisposta legalmente e em perpetuidade na folha de pagamentos académica da senhora Pricket, do senhor Ogilvie, do senhor Disney R. Leith e da menina Soma Rixhardson-Levy-O'Byrne-Chawaf, a fiel sonoplasta, mandarete, assistente de produção e terceira atriz preferida, respetivamente.

Assim como os Requisitos de Entretenimento em seis blocos, já que os estudantes que esperam preparar-se para carreiras de atletas profissionais devem também treinar de forma intensiva para serem atores, embora seja de um tipo muito especial. Foi esta a posição de Incandenza, um dos poucos pontos filosóficos que deve ter enfiado pelas goelas abaixo de Avril e de Schtitt, que estava a fazer todos os possíveis para promover uma mescla de teologia e da mais tenebrosa ética kantiana.

Mario Incandenza sentou-se no banco da última fila em todas as sessões de um curso do Departamento de Entretenimento da ATE desde que há três anos foi finalmente convidado a abandonar a Escola Especial Winter Hill em Cambridgeport por se recusar alegremente a pelo menos tentar aprender a ler, explicando que preferia ouvir e ver. E é um ouvinte e observador fanático. Trata o requintado sintonizador *Tatsuoka* de FM da sala de espera da residência do reitor como os miúdos de três gerações antes, ouvindo como outros rapazes veem TC, optando por mono, sentado muito perto de uma das colunas com a cabeça inclinada ao estilo canino, ouvindo, olhando para aquele ponto intermédio reservado aos verdadeiros ouvintes. Tem mesmo de se sentar bastante perto para ouvir *Mais ou menos Sessenta Minutos* quando está na RdR[65] com C.T. e às vezes com Hal nos jantares tardios da mãe, porque Avril tem problemas auditivos em relação a sons radiofónicos e fica histérica com qualquer voz que não saia de uma cabeça viva e corpórea, e embora Avril tenha deixado bem claro que Mario tem total liberdade para, em qualquer momento que entenda, ligar e sintonizar o programa que queira no mostrador fantasmagoricamente verde do aparelho de rádio *Tatsuoka*, ele mantém o volume de som tão baixo que tem de se sentar diante de uma mesinha de café e agachar-se e encostar o ouvido à coluna dos baixos e concentrar-se muito para ouvir o sinal da YYY sobre a

conversa que decorre na sala, de modo que quando o jantar termina tem tendência a subir o volume do som quase maniacamente. Na realidade, Avril nunca lhe pede que baixe o volume; ele faz isso em nome de uma tácita consideração pelos problemas da mãe em relação ao som. Outra das coisas tácitas mas desgastantes dela está relacionado com a questão dos recintos fechados, e os quartos da RdR não têm portas nem mesmo muitas paredes; as salas de estar e de jantar estão apenas separadas por um emaranhado em diferentes níveis de plantas em vasos ou em bases de diversas alturas e alinhadas debaixo de lâmpadas de raios ultravioletas de uma intensidade que tende a dar às cenas umas estranhas tonalidades de bronzeado que diferem segundo o lugar habitual de cada um à mesa. Hal queixa-se às vezes em privado a Mario do facto de já ter ultravioletas mais do que suficientes durante o dia, muito obrigado. As plantas têm um aspeto incrivelmente exuberante e gozam de uma saúde invejável; às vezes ameaçam impedir completamente a passagem da sala de estar para a sala de jantar e a catana brasileira com cabo coberto de corda que C.T. pendurou na parede ao lado dos armários com trémula porcelana deixou de ser uma brincadeira. A mã chama «bebés verdes» às plantas e, para quem é canadiana, tem muito jeito para tratar plantas.

– Os leucodermáticos. Os xantodânticos. Os maxilofacialmente inchados. Aqueles que têm órbitas distorcidas de todos os géneros. Venham para a luz de sanca do sol, é o que aqui diz. Venham da chuva espectral. – O sotaque radiofónico de Madame Psicose não é bostoniano. Para começar, pronuncia os erres e não tem o gaguejar culto de Cambridge. É o sotaque de alguém que gastou algum tempo a perder uma cadência sulista ou a cultivá-la. Não é monótono e lamuriento como o de Stice e também não arrasta as palavras como as pessoas da Academia de Gainesville. A voz dela é sobriamente modulada e é tão estranha e vazia como se estivesse a falar a partir do interior de uma caixinha. Não é aborrecida nem lacónica nem irónica. – Os piorreicos e com hálito de basilisco. – É reflexiva mas não faz juízos de valor. Parece muito familiar a Mario, como certos aromas da infância podem ser familiares e inexplicavelmente tristes. – Todos vós, perónicos ou teratoidais. Os frenologicamente deformados. Os supurantemente lesionados. Os endrocrinologicamente malcheirosos de qualquer laia. Correm, não refreiem o passo. Os de nariz acérvulo. Os radicalmente ectomizados. Os morbidamente

diaforéticos com um lenço em cada bolso. Os cronicamente granulomatosos. Aqueles, como aqui diz, aos quais os cruéis chamam «duplo saco»: um saco para a cabeça, outro para o observador para o caso do primeiro saco cair. Os odiados, os que não saem com ninguém e os que vivem fechados, que se escondem nas sombras. Os que só se despem diante dos seus animais de estimação. Os entre comas esteticamente deficientes. Abandonem os vossos *lazarettes* e *oubliettes*, estou a ler isto aqui, os vossos armários e caves e Tableaux TC, encontrem Alimento e Apoio e os Recursos Interiores para fazer frente à vossa própria imagem sem pestanejar, é o que continua a dizer aqui, talvez com excessiva paixão. É nosso direito dizê-lo. Aqui diz Abraços sim, Ahs não. Aqui diz Assumam-se como são. Venham, aprendam a amar o que está escondido no interior. A amar e a acarinhar. Os de tornozelos quase incrivelmente grossos. Os cifóticos e lordóticos. Os irremediavelmente celulíticos. Aqui diz: Progresso, Não Perfeição. Diz: Perfeição Nunca. Os fatalmente pulcritudinosos: Bem-vindos os acteonizados, lado a lado com os medusoides. Os papulares, os maculares, os albínicos. As medusas e as *odalisques* : Venham procurar territórios comuns. Sem janelas em todas as salas de reuniões. Isto está em itálico: sem janelas em todas as salas de reuniões. – Além do mais, a música que ela escolheu para acompanhar a leitura sem inflexões é estranhamente persuasiva. Nunca se pode prever, mas ao fim de algum tempo emergem certos padrões, certas direções ou certos ritmos. Esta noite a música de fundo encaixa na leitura. Não há nela nenhuma presunção. Não parece esforçar-se para chegar onde quer que seja. O que evoca quando lê é uma coisa pesada que balança lentamente na ponta de uma comprida corda. É suficientemente sussurrante para ser fantasmagórica sobre as vozes e o ruído dos talheres e da porcelana enquanto os parentes de Mario comem salada de peru e legumes cozidos a vapor e bebem cerveja e leite e *vin blanc* de Hull do outro lado das plantas banhadas pela luz púrpura. Mario consegue ver a nuca da mã muito acima da mesa e depois, à esquerda, o grande braço direito de Hal e mais à frente o perfil de Hal quando se baixa para comer. Há uma bola ao lado do prato. Parece que os jogadores da ATE precisam de comer seis ou sete vezes por dia. Hal e Mario tinham ido a pé para o jantar das vinte e uma na RdR depois de Hal ter lido qualquer coisa na aula do senhor Leith; depois desapareceu durante meia hora enquanto Mario o esperava de pé sustentado pelo seu colete policial. Mario coça o nariz com a

esquina da mão. Madame Psicose tem uma visão nada irónica mas em geral sombria do universo. Uma das razões que levam Mario a estar obcecado pelo programa é que em certo sentido tem a certeza de que Madame Psicose não é capaz de sentir a beleza fascinante e a luminosidade que projeta para o éter. Imagina-se a fazer interface com ela para lhe dizer que ela se sentiria bastante melhor se escutasse o seu próprio programa, aposta que sim. Madame Psicose é uma de duas pessoas apenas com quem Mario gostaria de falar mas teria medo de tentar. A palavra *periódica* surge-lhe na cabeça.

– Ei, Hal – diz através das plantas.

Durante meses, no semestre da primavera do APLAP ela referiu-se ao seu próprio programa como «A Hora da Literatura Depressiva de Madame» e leu livros deprimentes atrás de livros deprimentes (*Good Morning, Midnight* e *Maggie: A Girl of the Streets* e *Giovanni's Room* e *Under the Volcano*[*3], seguido de um verdadeiramente lúgubre Bret Ellis durante a Quaresma) num tom monótono e muito lento, noite após noite. Mario está sentado na mesinha *Van der Rohe* de imitação com pernas curvas; tem a cabeça ao lado da coluna de som e as mãos pousadas no colo. Quando está sentado, mete os pés para dentro. A música de fundo é previsível e, no quadro dessa previsibilidade, surpreendente: é periódica. Sugere uma expansão, mas sem realmente se expandir. Conduz àquele tipo de inevitabilidade que se nega a si mesmo. É pesadamente digital, mas tem qualquer coisa de buquê coral. Mas inumana. Mario pensa na palavra *assombração,* como «um eco assombrador disto ou daquilo». A música que Madame Psicose usa – que o técnico nunca escolhe nem sequer vê quando ela a traz – é sempre terrivelmente pouco conhecida[66], mas ao mesmo tempo, como opina a comunidade do MIT, tão estranhamente poderosa e fascinante como a sua própria voz e o programa. Tende a transmitir a sensação de que existe uma piada privada a que só nós e ela temos acesso. Muito poucos ouvintes devotos da WYYY dormem bem de S-S. Mario às vezes tem problemas respiratórios em posição horizontal, mas fora isso dorme como um bebé. Avril Incandenza mantém-se fiel à velha prática da sua região natal de L'Islet e bebe chá e apenas mordisca qualquer coisa à hora estado-unidense do jantar guardando-se para comer a sério antes de ir para a cama. Os canadianos cultos tendem a pensar que a digestão vertical embota o cérebro. Algumas das primeiras recordações de Orin, Mario e Hal são de cabecear à mesa da sala de jantar e serem

carinhosamente levados para a cama por um homem muito alto. Isso acontecia noutra casa. A música de Madame Psicose desperta velhas lembranças do pai de Mario. Avril está mais que predisposta a ouvir uns gracejos sobre a sua incapacidade de comer antes das 22h30. A música prandial não possui grande encanto ou poder associativo para Hal, que, como a maior dos rapazes que faz treino bidiário, agarra com força os utensílios de mesa e come como um cão selvagem.

– Também não estão excluídos os totalmente sem nariz, nem os sinistramente vesgos, nem sequer os ergóticos de Santo António, os leprosos, os variceliformalmente eruptivos ou mesmo os que sofrem de sarcoma de Kaposi.

Hal e Mario provavelmente comem/ouvem até tarde na RdR duas vezes por semana. Avril gosta de vê-los fora da desajeitada formalidade do seu cargo na ATE. C.T. é o mesmo no gabinete e em casa. Tanto o quarto de Avril como o de Tavis são no segundo piso e, efetivamente, mesmo ao lado um do outro. A única outra divisão que há lá é o estúdio pessoal de Avril, com uma grande reprodução *Xerox* a cores do senhor Hamilton como Bruxa do Oeste de Oz na porta e uma instalação de fibra para uma consola de *modem* de TC tripla. Há umas escadas que descem do estúdio ao longo das traseiras da RdR, a norte, até um túnel secundário que conduz ao túnel central e ao edifício da Administração. Permitindo assim a Avril deslocar-se subterraneamente todos os dias pela ATE. O túnel da RdR está ligado ao central num ponto entre a Sala das Máquinas e o edifício da Administração, o que quer dizer que Avril nunca tem de passar ociosamente pela Sala das Máquinas, circunstância que Hal obviamente apoia. DeLint reduziu os jantares tardios de Hal na RdR a duas vezes por semana porque lhe dão a desculpa para não participar nos treinos matinais, o que também pode querer dizer mau comportamento noturno. Às vezes convidam o canadiano John («Nada a Ver Com») Wayne, de quem a senhora I. gosta e com quem fala tão animadamente ainda que ele raramente diga uma palavra quando lá está e também come como um cão selvagem, às vezes descartando completamente os utensílios. Avril também aprecia a presença de Axford, que tem muitas dificuldades para comer e ela exorta-o a que o faça. Já só muito raramente Hal convida Pemulis ou Jim Struck, com quem Avril é tão rígida e impecavelmente cortês que a tensão na sala de jantar faz eriçar os cabelos.

Sempre que Avril afasta as folhas dos fícus para as inspecionar, Mario ainda

está agachado, com os pés para dentro e imóvel, com a cabeça inclinada à moda de RCA-Victor, com pequenas rugas horizontes na testa, o que quer dizer que está a ouvir ou a pensar alguma coisa.

– Os amputados múltiplos. Os prostaticamente malformados. Os de dentes deslocados, os carbunculares, os sem queixo, os com cara de morsa. Os de palato fendido. Os de poros realmente grandes. Os excessivamente mas não necessariamente licantropicamente hirsutos. Os de cabeça de alfinete. Os convulsivamente touréticos. Os parkinsoniamente trémulos. Os atrofiados e artrosicos. Os teratoides de rosto pendente. Os encarquilhados e corcundas e gibosos e halitósicos. Os de qualquer maneira assimétricos. Os com aspeto de roedor, de sáurio e de cavalo.

– Ei, Hal.

– Os de três narinas. Os invaginados de boca e olhos. Aqueles com aqueles papos escuros e moles sob os olhos que pendem até meio da cara. Os que têm a doença de Cushing. Aqueles que parecem ter a síndrome de Down embora não tenham a síndrome de Down. Decidam. Sejam os juízes. Serão bem-vindos mesmo que sejam severos. A severidade está nos olhos do sofredor, diz aqui. Dor é dor. Patas de galinha. Sinais de nascença. Rinoplastias que não saíram bem. Manchas na pele. Um *ano* de mau cabelo.

O técnico-estudante da WYYY, desde o seu sulco, contempla a Lua, que parece uma lua cheia que alguém tenha amolgado um pouco com um martelo. Madame Psicose pergunta retoricamente se o comunicado se terá esquecido de alguém. O técnico acaba a *Fizzy* e prepara-se para descer para acompanhar o fecho do programa; a pele dele está exposta ao terrível frio cerebral que se desprende do Charles, que tem vento e está azul. Às vezes Madame Psicose atende um telefonema ao acaso para dar início aos seus *Mais ou menos Sessenta Minutos*. Esta noite a única chamada que acaba por atender tem um gaguejar culto e convida M.P. e a comunidade YYY a considerar o facto de que a Lua, que, como todos sabem, gira evidentemente à volta da Terra, não gira à volta de si mesma. É verdade? Responde que sim. Que se limita a ficar ali, oculta e desvelada pelos nossos ritmos de sombras circulares, mas sem revoluções. Nunca vira a cara para o lado.

O pequeno Heathkit não pode receber sinais nas escadas subdurais do cérebro durante a descida, mas o técnico-estudante pode prever que ela não vai

responder diretamente. O fecho da emissão é apenas silêncio. Ela quase lhe traz à memória certos tipos da escola secundária de quem toda a gente gostava porque se sentia que para eles não fazia qualquer diferença se gostassem deles ou não. Mas fazia diferença para o técnico, já que por causa do inalador e da pele nunca tinha sido convidado para nenhuma festa de fim de curso.

A sobremesa que Avril serve quando Hal termina são os famosos cubos de gelatina de proteínas concentradas da senhora Clarke, disponíveis em verde ou vermelho brilhante, uma espécie de geleia que tomasse esteroides. Mário é doido por eles. C.T. levanta a mesa e enche a máquina de lavar louça, já que não cozinha, e Hal veste o casaco por volta da 01h01 enquanto Mario continua a ouvir o fecho da emissão da WYYY, que demora um pouco porque não só anuncia os dados dos quilowatts da estação, mas também repete as fórmulas das quais esses dados derivam. C.T. deixa sempre cair pelo menos um prato na cozinha e dá um berro. Avril leva sempre uns cubos de gelatina a Mario e adota um tom de gozo para dizer a Hal que foi agradável vê-lo fora de *les bâtiments sanctifiés*. Para Hal tudo isto assume às vezes um carácter ritual e quase alucinatório, a rotina da despedida pós-prandial. Hal está por baixo do emoldurado de *Metrópolis* e bate com as luvas uma na outra despreocupadamente e diz a Mario que não há motivo para que também saia de casa; Hal vai dar um pequeno passeio pela colina. Avril e Mario sorriem sempre e Avril pergunta descontraidamente quais são os planos dele.

– Arranjar sarilhos.

E Avril põe sempre cara de preocupação a fingir e diz-lhe:

– Sob nenhuma circunstância te deves divertir – frase que Mario continua a achar incrivelmente divertida, semana após semana.

O Centro de Reabilitação de Drogas e Álcool de Ennet House é a sexta entre sete unidades externas nos terrenos do complexo do Hospital de Saúde Pública da Marinha de Enfield que, do alto de um ventilador industrial ATHSCME 2100 ou do alto da colina da Academia de Ténis de Enfield, parece constar de sete luas em órbita à volta de um planeta morto. As instalações do hospital, um edifício que é propriedade do Gabinete para os Assuntos dos Veteranos, em tijolo cor de aço e com empinados telhados de lousa, estão fechadas e cercadas; grandes tábuas de pinho estão pregados em todas as possíveis aberturas ou

acessos com severos sinais governamentais de proibição de passagem. O Hospital da Marinha de Enfield foi construído durante a Segunda Guerra Mundial ou a Guerra da Coreia, quando houve muitas baixas e longas convalescenças. As únicas pessoas que ainda hoje utilizam o complexo da Marinha de Enfield em relação com os Veteranos parecem ser antigos combatentes do Vietname de olhos tresloucados e casacos militares a que arrancaram as mangas para fazer coletes ou combatentes ainda mais drasticamente velhos da Coreia que estão senis ou terminalmente alcoólicos ou as duas coisas.

O edifício do hospital propriamente dito não tem equipamento e fio de cobre, está defunto, sendo que o da Marinha de Enfield continua solvente graças ao facto de se conservarem algumas unidades mais pequenas dentro do complexo, construções do tamanho de casas prósperas que anteriormente alojavam os médicos e o pessoal especializado do Gabinete para os Assuntos dos Veteranos. Estas casas estão arrendadas a várias instituições e serviços de saúde ligados ao Estado. Cada edifício tem um número por unidade que aumenta com a distância em relação ao defunto hospital e com a sua proximidade, ao longo de um caminho de cimento gretado que vai do parque de estacionamento do hospital até um íngreme barranco que dá para uma área particularmente desagradável da Avenida Commonwealth de Brighton, Massachusetts, e a via-férrea da Linha Verde.

A Unidade # 1, mesmo ao lado do estacionamento em que o hospital projeta a sua sombra de tarde, foi arrendada por uma agência que parece empregar apenas tipos que usam camisolas de gola alta; a instituição trata veteranos do Vietname de olhos tresloucados com certas desordens muito prolongadas de tensão nervosa e fornece-lhes medicamentos pacificadores. A Unidade # 2, na porta ao lado, é um centro de distribuição gratuita de metadona supervisionado pela Divisão dos Serviços de Substâncias Ilícitas do Departamento de Saúde Pública de Massachusetts, entidade que também tutela a Ennet House. Os clientes das unidades # 1 e # 2 chegam ao nascer do Sol e formam longas filas. Os clientes da Unidade # 1 propendem a reunir-se em grupos de dois ou três e gesticulam e vê-se que têm os olhos tresloucados e estão em geral chateados de uma maneira geopolítica lata. Os clientes da clínica de metadona tendem em geral a chegar com um ar ainda mais chateado e têm os olhos, à primeira hora do dia, inchados

e a piscar como os dos estrangulados, mas não se reúnem, antes ficam imóveis ou apoiados na cerca de ferro do passeio da Unidade # 2, com os braços cruzados, solitários, pensativos, distantes; cinquenta ou sessenta pessoas à espera, em bicha, ao longo do estreito passeio, que abram as portas do pequeno edifício e ao mesmo tempo dando a ideia de estarem sozinhas e distantes, constituem uma estranha visão, e se Don Gately tivesse alguma vez visto bailado, ele, como residente da Ennet House, a partir do seu posto de fumo ao nascer do Sol nas escadas de incêndio, ao lado da camarata superior masculina, teria visto os movimentos e posições necessários a manter balético este isolamento em união.

A outra grande diferença entre as unidades # 1 e # 2 reside no facto de os clientes da # 2 saem do edifício profundamente mudados, com os olhos não só outra vez dentro das cabeças, mas também pacificados, talvez um pouco vidrados, mas de qualquer modo muito melhor do que quando entraram, enquanto os de olhos tresloucados da # 1 tendem a sair da # 1 ainda mais tensos e historicamente afetados do que quando entraram.

Quando Don Gately estava há pouco tempo na Ennet House quase foi expulso por se ter ligado a uma pessoa viciada em metedrina de New Bedford e escapulir-se do complexo do HSPME, muito depois da ordem de recolher, a meio da noite para colocar um grande cartaz na estreita porta da clínica de metadona da Unidade # 2. O cartaz dizia: fechado até aviso em contrário por ordem das autoridades de massachusetts. O primeiro funcionário da clínica de metadona só chega às 08h00 e, no entanto, já se fez referência ao facto de que os clientes da # 2 começam a fazer ato de presença ao amanhecer retorcendo as mãos e de olhos desorbitados; e Gately e a tarada anfetamínica de New Bedford nunca tinham presenciado nada que se assemelhasse às crises psíquicas e aos quase distúrbios entre todos aqueles quase ex-drogados – pálidos e magríssimos homossexuais a fumar cigarros atrás de cigarros e brutamontes de boinas de couro, mulheres com crista e muitas pastilhas elásticas na boca, delapidadores de heranças familiares com carros resplandecentes e joias computadorizadas que chegavam, como tinham estado a fazer à maneira de ratazanas hipercondicionadas durante anos, muitos deles chegavam ao nascer do Sol com os olhos fora das órbitas e lenços de papel nos narizes e a coçar os braços e apoiados primeiro num pé, depois no outro, fazendo basicamente tudo exceto de

facto reunir-se, ansiando pelo alívio químico, dispostos a aguentar ao frio deitando vapor pela boca durante horas desde que esse alívio chegue, e hoje que tinham chegado com o sol eram informados que as autoridades de Massachusetts iam retirar de repente e sem aviso prévio a possibilidade desse alívio até (e foi isto que realmente os descontrolou por completo, no parque de estacionamento) notícia em contrário. *Raiva de merda* raramente teve um significado tão literal. Ao som dos primeiros vidros de janela partidos e perante a visão de uma velha puta a tentar bater num ciclista com um casaco de cabedal e de um letreiro dos tempos pré-métricos que dizia que a relva cresce milímetro a milímetro mas morre pisada no patético jardim da # 2, a viciada em metedrina começou a rir tão sonoramente que deixou cair os binóculos da escada de incêndio da Ennet House onde eles estavam a observar por volta das 06h30 e os binóculos caíram e atingiram o capô do carro de um dos conselheiros da Ennet House que estava a passar por baixo, no caminho de cimento, com um ruído metálico estridente, precisamente quando ele estava a chegar, o conselheiro, um tipo chamado Calvin Thrust, com quatro anos de abstinência às costas, um antigo ator porno de Nova Iorque que tinha sido doente da Ennet House e que não tolerava nenhuma parvoíce dos residentes, e cujo orgulho na vida era o seu *Corvette* de encomenda, no qual os binóculos fizeram uma amolgadela bastante desagradável, e além disso eram os binóculos do ornitólogo amador que era gerente do centro e tinham sido tirados do gabinete dele sem autorização explícita, e a longa queda e posterior impacte não pareceram fazer-lhes nenhum bem, para não dizer outra coisa, e Gately e a drogada em metedrina foram descobertos, impedidos por completo de sair e quase expulsos.

A drogada de New Bedford, seja como for, voltou aos aminoácidos injetáveis duas semanas mais tarde e foi apanhada por um guarda-noturno a tocar uma guitarra imaginária enquanto polia as tampas de todas as latas doadas que havia na despensa da Ennet House muitas horas depois de as luzes terem sido apagadas, completamente nua e brilhante de suor provocado pela metedrina; depois da formalidade de uma análise à urina, a rapariga recebeu o pontapé administrativo – quase uma quarta parte dos novos residentes da Ennet House são expulsos devido a urina suja durante os primeiros trinta dias, e acontece o mesmo em todos os outros centros de Boston –, e acabou por ir parar outra vez a New Bedford e, após três horas a prostituir-se nas ruas foi presa pela polícia por

causa de um antigo delito e enviada para a Penitenciária para Mulheres de Framingham onde devia cumprir uma pena de um a dois anos, e foi encontrada uma manhã no catre dela com um canivete feito na cozinha a sair-lhe das partes pudendas e outro espetado no pescoço e com a tromba perfeitamente escavacada, e Gene M., o conselheiro pessoal de Gately, trouxe-lhe a notícia e convidou-o a considerar a morte da drogada como um claro caso de Podia Ser D.W. Gately a Não Ser Pela Graça de Deus.

A Unidade # 3, do outro lado do caminho, em frente da # 2, não está ocupada, mas estão a repará-la para vir a ser arrendada; como não está entaipada, a equipa de manutenção do Hospital da Marinha de Enfield tem de lá ir um par de vezes por semana com ferramentas e cabos elétricos, o que causa uma grande confusão. Pat Montesian ainda não conseguiu decidir quanto ao grupo de infelizes a que vai prestar os seus serviços na Unidade # 3.

A Unidade # 4, mais ou menos equidistante tanto do parque de estacionamento do hospital como do profundo barranco, é uma residência para doentes de Alzheimer com pensões de guerra. Os residentes da # 4 vestem pijamas durante as vinte e quatro horas do dia e as fraldas que usam por baixo dão-lhes um aspeto encaroçado e infantil. É possível vê-los frequentemente às janelas da # 4, de pijama, relaxados e boquiabertos, umas vezes aos gritos, outras mudos e de boca aberta, encostados à ombreira das janelas. Põem toda a gente da Ennet House em transe. Uma velha enfermeira reformada da Força Aérea não faz outra coisa que não seja gritar «Socorro!» horas a fio de uma janela do segundo piso. Uma vez que os residentes da Ennet House conhecem bem o programa de recuperação dos Alcoólicos Anónimos de Boston, que atribuem muita importância a «Pedir Ajuda», às vezes a velha enfermeira reformada da Força Aérea é alvo de uma certa diversão sinistra. Não passaram sequer seis semanas, um grande cartaz roubado que dizia ajuda é precisa foi encontrado pregado num dos lados da # 4, mesmo por baixo da janela da enfermeira reformada e guinchadora, e o diretor da # 4 não considerou aquilo nada divertido e exigiu que Pat Montesian averiguasse quem tinha sido o autor e que o punisse; Pat delegou a investigação em Gately e embora Gately tivesse uma ideia aproximada de quem tinha sido responsável não teve coragem para fazer pressão a sério e correr dali a pontapé quem afinal havia feito uma coisa tão parecida com aquela que ele mesmo fizera quando era ainda um recém-chegado e um

cínico e por isso o assunto ficou em águas de bacalhau.

A Unidade # 5 em diagonal atravessando a ruela desde Ennet House, é destinada a catatónicos e outros doentes mentais em estado vegetativo, em posição fetal, e está subcontratada a uma agência de serviços da Avenida Commonwealth devido à sobrecarga que afeta as unidades de doentes crónicos. A Unidade # 5 é conhecida, por razões que escapam a Gately, como A Barraca[67]. É, compreensivelmente, um lugar bastante tranquilo. Mas quando faz bom tempo e os seus residentes mais portáteis são transportados para o ar livre e colocados diante do relvado para apanhar ar, ficando especados a olhar, apresentam um quadro a que Gately demorou algum tempo a habituar-se. Quando o tratamento de Gately já se encontrava numa fase mais adiantada, um par de residentes mais novos foi expulso por atirar petardos à multidão catatónica do jardim com o fito de ver se os conseguiam fazer saltar ou reagir de uma maneira ou de outra. Nas noites quentes, uma senhora de óculos e pernas compridas que mais parece autista que catatónica costuma sair de A Barraca envolta num lençol para pousar as mãos na casca brilhante de um ácer prateado no relvado da # 5, ficando aí até que dão conta da ausência dela e a vão buscar; e desde que Gately acabou o tratamento e aceitou o convite para trabalhar e residir na Ennet House, às vezes acorda no seu quarto para funcionários na cave, perto do telefone público e da máquina de água tónica, olha pela janela coberta de fuligem que fica por cima da cama e ao nível do solo e observa a catatónica que toca na árvore com os olhos postos e envolta no lençol; é iluminada pelas luzes de néon da Avenida Commonwealth ou pela estranha luz de sódio que vem da pretensiosa escola de ténis no alto da colina; Gately observa-a ali de pé e sente uma estranha e fria empatia que tenta não associar ao facto de ter visto a mãe agonizar num florido sofá da sala de estar.

A Unidade # 6, que fica a leste, mesmo contra a ravina no fim da ruela gretada, é o Centro de Reabilitação de Drogas e Álcool de Ennet House, três pisos de tijolo da Nova Inglaterra caiado de branco – com o tijolo a aparecer aqui e ali debaixo do branco –, um telhado de mansarda que está coberto por telha verde, uma escabrosa escada de incêndio em cada uma das janelas de cima, uma porta nas traseiras que nenhum residente está autorizado a usar e os escritórios principais no lado sul com grandes janelas salientes com vista para as ervas daninhas da ravina e para uma zona pouco agradável da Avenida

Commonwealth. Os escritórios principais são o gabinete do diretor, e as janelas salientes, o único atrativo do edifício, são mantidas em estado absolutamente impecável pelo residente a quem couber a tarefa semanal das janelas dos escritórios principais. A parte inferior da mansarda tem desvãos tanto na parte masculina como na feminina. A esses desvãos acede-se por alçapões no teto do segundo piso e estão cheios até às vigas com sacos de lixo e baús, os pertences não reclamados de residentes que se evaporaram durante a sua estada. Os arbustos selvagens que rodeiam o rés do chão da Ennet House parecem explosivos, pois sobressaem em algumas partes em que não são desbastados e há papéis de rebuçados e copos de plásticos em todos os níveis verdes dos arbustos, e uns caseiros cortinados berrantes ondulam desde o segundo piso, onde estão as janelas da camarata feminina, que parecem estar abertas durante todo o ano.

A Unidade # 7 fica a oeste, ao fundo da rua, enterrada na sombra da colina e vacilando na borda do barranco erodido que termina na avenida. A # 7 está em estado de decrepitude, fechada com tábuas e abandonada; tem metade do telhado vermelho afundado, como se estivesse a encolher os ombros perante uma indignidade absurda. Para os residentes da Ennet House, entrar na Unidade # 7 (na qual se entra facilmente arrancando uma tábua da janela da velha cozinha) tem como resultado a expulsão administrativa imediata, já que a Unidade # 7 é famosa por ser o lugar onde os residentes da Ennet House que querem voltar em segredo ao consumo de substâncias ilícitas entram sorrateiramente para aplicar *Visine* e *Clorets* e depois tentar atravessar de novo a rua a tempo do recolher às 23h30 sem serem apanhados.

Atrás da Unidade # 7 começa e estende-se a maior colina de Enfield, Massachusetts. Os lados da colina estão vedados por uma cerca, são interditos, estão densamente arborizados e não há veredas sancionadas. Como uma rota legal significa caminhar para norte ao longo de toda a ruela gretada, atravessar o parque de estacionamento, passar pelo hospital, descer a íngreme rampa cheia de curvas até à Rua Warren e depois toda a encosta sul até à Avenida Commonwealth, quase metade dos residentes da Ennet House salta a cerca das traseiras da # 7 e trepa a colina todas as manhãs, encurtando a caminhada até aos trabalhos temporários e de salário mínimo na Casa de Repouso Provident ou nos Sistemas Médicos de Pressão Shuco-Mist, etc., na colina que domina a Avenida Commonwealth, ou então até aos trabalhos de cozinha e manutenção na rica

escola de ténis para miúdos loiros e radiosos onde costumava estar o cume da colina. Contaram a Don Gately que o labirinto de campos de ténis está localizado no que foi o cume da colina antes de os construtores gordos e mascadores de charuto terem barbeado o cimo curvilíneo e construído uma chã à força de rolos compressores; o demorado e ruidoso processo causou todo o tipo de avalanches de detritos que rolaram pela colina abaixo e caíram em cima da Unidade # 7 do Hospital da Marinha de Enfield, situação que levou há vários anos o Gabinete para os Assuntos dos Veteranos a mover um processo judicial; mas o que Gately não sabe é que o aplainamento da colina que a ATE realizou é o motivo pelo qual a # 7 ainda pode estar vazia e sem ser reparada: a Academia de Ténis de Enfield ainda tem de pagar uma renda completa, todos os meses, daquilo que está quase enterrado.

---

*1 Cf. Génesis 1:2 e Jeremias 4:23. *(N. dos T.)*

*2 Diminutivo do rio Charles. *(N. dos T.)*

*3 *Good Morning, Midnight* / *Bom-Dia, Meia Noite* (1939), de Jean Rhys, romance modernista; *Maggie: A Girl of the Streets* (1892), de Stephen Crane, habitualmente considerado o primeiro romance naturalista norte-americano; *Giovanni's Room* (1956), de James Baldwin, romance com um requintado e trágico tratamento da homossexualidade; *Under the Volcano/Debaixo do Vulcão* (1947), de Malcolm Lowry. *(N. dos T.)*

6 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

16h00. SALA DE PESOS E HALTERES DA ATE. Circuitos de estilo livre. O *clanque* e o *clique* de vários sistemas de resistência. Lyle no toalheiro à conversa com Graham Rader extremamente encharcado em suor. Schacht a fazer abdominais, a mesa quase vertical, a cara arroxeada e a testa a palpitar. Troeltsch ao lado da mesa de flexões a assoar o nariz a uma toalha. Coyle a fazer flexões militares numa barra. Carol Spodek a dobrar-se, com a atenção centrada no espelho. Rader a assentir enquanto Lyle sobe e desce fazendo flexões. Hal, em cima da prateleira na parte de trás do banco inclinado à sombra da monstruosa faia acobreada do lado de fora da janela de oeste a fazer exercícios com os dedos grandes dos pés para reforçar os tornozelos. Ingersoll na máquina de musculação para os ombros, levantando o peso contra o conselho de Lyle. Keith («O Viking») Freer[68] e o esteroidico de quinze anos Eliot Kornspan a olharem um para o outro com halteres maciços perto do aparelho de água fria, gritando encorajamentos. Hal faz uma pausa para se acocorar e cuspir num velho copo da NASA que está pousado no chão ao lado da prateleira. O treinador Barry Loach anda de um lado para o outro com uma prancheta na mão, mas não escreve nada, antes observa com atenção as pessoas e move muito a cabeça em sinal de aprovação. Axford, que tirou um ténis, está num canto a fazer uma coisa qualquer ao pé descalço. Michael Pemulis, sentado na posição de lótus num banco ao lado da anca esquerda de Kornspan, a fazer isométricos, a tentar ouvir sub-repticiamente o que Lyle e Rader estão a dizer, a fazer uma careta sempre que Kornspan e Freer gritam.

– Mais três! Levanta-me isso!

– Huuuuuaaaaa!

– Levante-me essa porra, pá!

– Hhhhhuuuuuuu*aaaaaa*!

– Violou a tua irmã! Matou a porra da tua mãe, pá!

– Hahahahahahhhuuuuu!

– *Vamos!*

Pemulis alonga muito a cara e depois encurta-a e alarga-a, depois esvazia-a e distende-a como as dos papas de Bacon.

– Bom, suponhamos – diz Pemulis, que mal consegue entrever Lyle –, suponhamos que te dava um chaveiro com dez chaves. Não, com cem chaves, e te dizia que uma dessas chaves serviria para abrir a porta que te tornaria um verdadeiro jogador. Quantas chaves estarias disposto a experimentar?

Troeltsch grita para Pemulis:

– Imita outra vez a cara do DeLint a bater punheta!

Durante um momento Pemulis fica parvamente de boca aberta e põe os olhos em alvo e mexe as pálpebras sacudindo o punho.

– Experimentá-las-ia todas – disse Rader a Lyle.

– Hulh! Huhl! Hhhh*uuuuu*!

– Sacana! Cabrão!

A careta de Pemulis parece uma espécie de exercício isométrico facial.

– Imita a Bridget a ter um ataque! Imita o Schtitt na retrete!

Pemulis leva um dedo aos lábios para pedir silêncio.

Lyle nunca suspira, mas vem tudo a dar no mesmo.

– Então estás disposto a cometer um erro, sabes? Estás a dizer que admites noventa e nove por cento de erro. O perfeccionista paralisado que afirmas ser ficaria parado diante da porta. Brincando com as chaves. Receoso de experimentar a primeira chave.

Pemulis desce até onde pode o lábio inferior e contrai os músculos das faces. As veias do pescoço de Freer incham como cordas quando grita a Kornspan. Paira um leve orvalho de suor e baba. Kornspan parece estar prestes a ter um ataque cardíaco. Há noventa quilos na barra, que já de si pesa vinte.

– Mais uma, *porra*. Vá, tu és *capaz*!

– *Porra* para ti, *cabrão*. *Foda-se*. Huuuuu!

– *Aguenta-te*.

Freer tem um dedo debaixo da barra, pouco ajudando. A cara corada de Kornspan está convulsa.

A barra mais pequena de Carol Spodek sobe e desce silenciosamente.

Troeltsch aproxima-se e senta-se; esfrega a nuca com a toalha e olha para Kornspan.

– Não me parece que todas as flexões que fiz na vida cheguem às cento e dez

– disse.

Kornspan faz uns sons que não parecem sair da garganta dele.

– Sim! Siiiim! – ruge Freer.

A barra bate no chão de borracha, fazendo Pemulis franzir a cara. Todas as veias de Kornspan estão a palpitar, de tão inchadas. Parece que está grávido. Põe as mãos nas ancas e inclina-se para diante, um fio de qualquer coisa a cair-lhe da boca.

– Porra, é de mais, pá – diz Freer dirigindo-se para a caixa de primeiros socorros de onde tira resina para as mãos; olha-se no espelho enquanto caminha.

Pemulis começa a inclinar-se muito devagar para Kornspan, olhando à sua volta, confidencialmente. Aproxima muito a cara da imensa cabeça de Kornspan e sussurra:

– Ei, Eliot, ei.

Kornspan, dobrado, com o peito arquejante, vira um pouco a cabeça.

Pemulis diz-lhe em voz baixa:

– Maricas.

Se, em virtude de caridade ou de uma circunstância desesperada, alguém tiver a oportunidade de passar uma temporada numa instituição para reabilitação do consumo de substâncias estupefacientes como é o caso da Ennet House, patrocinada institucionalmente pela cidade de Enfield, Massachusetts, descobrirá muitas coisas exóticas e novas. Descobrirá que uma vez que o Departamento de Serviços Sociais de Massachusetts tenha tirado os filhos a uma mãe durante um período de tempo determinado, pode sempre voltar a levá-los, SSD, quando quiser e está autorizado a fazer isso graças unicamente a um documento assinado por uma pessoa; isto é, uma mãe declarada incapaz – não importa porquê nem quando, nem o que se passou entretanto – não pode fazer nada a esse respeito.

Descobrirá, por exemplo, que as pessoas viciadas numa substância que deixa abruptamente de ingerir essa substância sofre frequentemente dum feio acne papular, em muitos casos durante vários meses, à medida que os depósitos da substância abandonam lentamente o corpo. O pessoal informá-lo-á que isto se deve ao facto de a pele ser na realidade o órgão excretório mais potente do organismo. Ou que os corações dos alcoólicos crónicos incham – por razões que nenhum médico é capaz de explicar – até atingir quase o dobro do tamanho dos

corações humanos normais, e nunca recuperam o seu tamanho original. Que há algumas pessoas que guardam na carteira uma foto do terapeuta. Que (e isto é tanto um alívio como uma estranha sorte de deceção) os pénis negros tendem a ter em geral o mesmo tamanho que os pénis brancos. Ou que nem todos os norte-americanos do sexo masculino são circuncidados.

Que pode conseguir uma pedradazinha anfetamínica se consumir rapidamente três *Millennial Fizzies* e um pacote de bolachas *Oreo* com o estômago vazio. (Contudo, é necessário que não se vomite a seguir, coisa que frequentemente os residentes veteranos se esquecem de aconselhar aos recém-chegados.)

Que o aterrador termo hispânico para qualquer desordem interior que faz o viciado voltar ao consumo da substância escravizadora é *tecato gusano*, que aparentemente tem a conotação de uma espécie de verme psíquico interior que é impossível saciar ou eliminar.

Que os Negros e os Hispânicos podem ser tão ou mais racistas que os Brancos e que podem ser ainda mais hostis e desagradáveis quando se mostra que esta descoberta é uma surpresa.

Que é possível, a dormir, para alguns residentes tirar um cigarro do maço que têm na mesinha de cabeceira, acendê-lo, fumá-lo até ao fim e depois apaga-lo no cinzeiro sem acordarem e sem pegarem fogo a nada. Descobrirá que em geral se adquire esta capacidade em instituições penais, o que reduz qualquer vontade que uma pessoa tenha de se queixar dessa prática. Ou que nem os tampões industriais de espuma de borracha expansível da marca *Flent* resolvem o problema de ter um companheiro de camarata que ressona se o tipo em questão é tão volumoso e adenoide que os roncos em questão também produzem vibrações subsónicas que vão num *arpeggio* crescente e descendente que afetam todo o corpo e fazem vibrar os catres como uma cama de hotel barato em que se tenha introduzido uma moeda.

Que as mulheres são capazes de ser tão vulgares em matéria de funções sexuais e evacuatórias como os homens. Que mais de sessenta por cento das pessoas presas por delitos relacionados com drogas ou álcool dizem ter sofrido abusos sexuais na infância, enquanto dois terços dos quarenta por cento restantes dizem não conseguir recordar a infância de uma maneira suficientemente pormenorizada para saber se sofreram esses abusos. Que é possível entretecer harmonias hipnóticas tipo Madame Psicose ao redor do grito em mi menor de

um aspirador barato, cantarolando enquanto se aspira, se for essa a tarefa. Que há gente muito parecida com os roedores. Que algumas prostitutas drogadas têm mais dificuldade em deixar a prostituição que as drogas, e a explicação para isso tem que ver com as direções em que flui o dinheiro em resultado de ambos os hábitos. Que há tantas frases feitas para os genitais femininos como para os masculinos.

Que um paradoxo poucas vezes mencionado da viciação em substâncias é o seguinte: que, desde que se esteja tão escravizado por uma substância que para salvar a vida é necessário deixar de a consumir, a substância escravizadora tornou-se tão importante que se perde a cabeça quando a tiram. Ou que às vezes, quando a substância preferida foi retirada a uma pessoa como medida indispensável a salvar-lhe a vida, quando se ajoelhar para fazer as requeridas orações matinais e vespertinas, ver-se-á a pedir que lhe seja possível perder a cabeça, embrulhá-la num jornal velho ou coisa do género e deixá-la numa viela para que se arranje sozinha, sem ela.

Que na zona metropolitana de Boston o termo idiomático para o órgão genital masculino é *unit*[*1]. É por isso que os residentes da Ennet House se divertem bastante com os nomes escolhidos pelo Hospital de SPME para os edifícios do complexo.

Que algumas pessoas nunca simpatizarão com outra, faça esta o que fizer. E que a maioria dos adultos não drogados já absorveram e aceitaram este facto, frequentemente há bastante tempo.

Que por mais inteligente que alguém seja, é sempre muito menos inteligente do que isso.

Que o Deus dos Alcoólicos Anónimos, dos NA e dos CA parece não exigir que se creia n'Ele/Ela/Isso para que Ele/Ela/Isso ajude[69]. Que, *pace* a treta machista, o choro masculino em público não só é muito masculino como pode saber *bem* (ao que se diz). Que *partilhar* significa falar, e *fazer o inventário de alguém* significa criticar essa pessoa, além de muitas outras peças da linguagem da Reabilitação. Que uma importante parte da prevenção do vírus imune humano nos centros de assistência é não deixar a gilete nem a escova de dentes nas casas de banho comunitárias. Que aparentemente uma prostituta experimentada pode (ao que se diz) colocar um preservativo na «unidade» de um cliente com tal presteza que ele nem sequer se apercebe de que o tem até já ser história, por

assim dizer.

Que um cofre de aço portátil com paredes duplas e fechadura tripla para a gilete e a escova de dentes pode ser comprado por menos de 35/38,50 dólares ONAN via Home-Net Hardware e que Pat M. ou o gerente deixarão usar o velho TC do escritório para fazer a encomenda se se fizer a necessária gritaria.

Que mais de cinquenta por cento das pessoas viciadas numa substância também sofrem de outra forma reconhecida de desordem psiquiátrica. Que alguns prostitutos se habituam tanto aos enemas que não conseguem ter um movimento de tripas válido sem recorrer a eles. Que a maior parte dos residentes da Ennet House tem pelo menos uma tatuagem. Que o significado deste dado não é analisável. Que o termo de rua na zona metropolitana de Boston para não ter dinheiro é *sporting lint*[*2]. Que aquilo a que noutras paragens se chama informar, chibar, soprar ou bufar, nas ruas da zona metropolitana de Boston tem o nome de *eating cheese*, provavelmente derivado do nexo associativo de queijo com *ratazana*[*3].

Que os *piercings* no nariz, na língua, nos lábios e nas pálpebras raramente necessitam de uma perfuração real devido à grande quantidade de *piercings* disponível do tipo clipe. Que os *piercings* para mamilos requerem perfuração e os *piercings* para clítoris e outras glândulas não são coisas de que se queira conhecer os pormenores. Que dormir pode ser uma forma de escape emocional e que com esforço sustentado se pode abusar dessa atividade. Que as mulheres dos *chicanos* não se chamam chicanas. Que custa duzentos e vinte e cinco dólares obter uma licença de condução em Massachusetts com fotografia mas sem nome. Que a privação de sono intencional pode também ser um escape emocional de que se abuse. Que o vício de jogar também pode ser um escape de que se abuse, passando-se o mesmo com o trabalho, o consumo, a cleptomania nas lojas, o sexo, a abstinência, a masturbação, a comida e o exercício físico, a oração/meditação e estar sentado tão perto do ecrã do velho telecomputador *DEC* da Ennet House que o visor cobre toda a visão e a descarga estática faz cócegas no nariz como um gatinho de trapo[70].

Que não se tem de gostar de uma pessoa para aprender com ele/ela/isso. Que estar só não é uma função da solidão. Que é possível ficar tão irritado que se vê tudo vermelho. O que é um «cateter texano[*4]». Que há pessoas que realmente roubam e acabarão por roubar coisas *nossas*. Que muitos adultos estado-

unidenses não sabem de facto ler, nem sequer um hipertexto fonético ROM com funções de ajuda para cada palavra. Que as alianças de clique e a exclusão e os mexericos podem ser formas de escape. Que a validade lógica não é garantia de verdade. Que as pessoas más nunca acham que são más mas que *todos os outros* o são. Que é possível aprender coisas importantes com pessoas estúpidas. Que requer esforço prestar atenção a qualquer estímulo durante mais do que alguns segundos. Que se pode inesperadamente querer tanto apanhar uma pedrada com a substância preferida que se pensa que por certo se vai morrer se não se fizer isso e pode ficar-se ali a esfregar as mãos nas pernas e na cara suadas devido à carência, desejando apanhar uma pedrada mas em vez disso ficar ali sentado, querendo mas não querendo, se é que isso faz sentido, e se for possível aguentar e não tocar na substância durante o desejo, esse desejo acabará por *passar,* desaparecerá, pelo menos durante algum tempo. Que estatisticamente é mais fácil para gente com um QI baixo deixar o vício do que para gente com um QI alto. Que o termo coloquial bostoniano para mendigar é *stemming*[*5], o que é por muitos considerado uma arte ou um ofício; e que os artistas profissionais do fananço organizam autênticos pequenos colóquios profissionais, às vezes, pequenas convenções noturnas, em parques ou estações de transportes públicos onde se reúnem para comunicar entre si e intercambiar informação sobre tendências e técnicas e temas de relações públicas, etc. Que é possível abusar de medicamentos sem receita médica para constipações e alergias de uma maneira viciante. Que o *NyQuil* tem mais de cinquenta por cento de graduação alcoólica. Que as atividades aborrecidas se tornam, de uma forma perversa, muito menos aborrecidas se uma pessoa se concentra como deve ser nelas. Que se houver bastantes pessoas numa sala silenciosa a beber café é possível identificar o som do vapor que sai da chávena. Que às vezes aos seres humanos, para que *sintam dores,* lhes basta sentarem-se num sítio. Que pouco interessa o que os outros pensam de nós quando nos apercebemos da pouca importância que nos atribuem. Que existe uma coisa chamada bondade em estado puro, sem misturas, sem agendas. Que é possível adormecer durante um ataque de ansiedade.

Que a concentração intensa em qualquer coisa é uma tarefa muito pesada.

Que o vício é uma enfermidade ou uma doença mental ou uma condição espiritual (como em «pobre de espírito») ou uma desordem neurológica ou afetiva ou de carácter, e que mais de setenta e cinco por cento dos veteranos dos

Alcoólicos Anónimos de Boston que nos querem convencer de que se trata de mal físico nos obrigarão a que nos sentemos e olhemos para eles enquanto escrevem a palavra enfermidade num pedaço de papel e depois a dividem com hífenes para a transformar em enferm-idade e põem-se a olhar para nós como se estivessem à espera de que experimentássemos uma espécie de ofuscante sensação epifânica, quando na realidade (como aponta incansavelmente G. Day aos seus conselheiros) trocar enfermidade por enferm-idade reduz uma definição e uma explicação à mera descrição de uma sensação que, aliás, é bastante insípida.

Que muitos viciados numa substância também são viciados em pensar, o que significa que mantêm uma relação pouco saudável e compulsiva com o seu próprio pensamento. Que termo giro dos Alcoólicos Anónimos de Boston para pensamento de tipo viciante é: *análise-parálise*. Que os gatos de facto apanham uma violenta diarreia se lhes derem leite, ou seja, o oposto das ideias populares sobre gatos e leite. Que é simplesmente mais agradável estar contente do que chateado. Que noventa e nove por cento do pensamento dos pensadores compulsivos é sobre eles mesmos; que noventa e nove por cento deste pensamento autodirecionado consiste em imaginar e depois prepararem-se para as coisas que lhes vão acontecer; e depois, estranhamente, que se deixarem de pensar sobre isso, que cem por cento das coisas em que ocupam noventa e nove por cento do seu tempo e energia imaginando e preparando-se para tudo, as contingências e consequências que delas podem advir *nunca* são boas. E que, portanto, isto se relaciona de forma bastante interessante com a necessidade da fase inicial de sobriedade de rezar pela perda literal da cabeça. Em poucas palavras, que noventa e nove por cento da atividade dessa cabeça consiste em tentar pregar um cagaço a si própria. Que é possível fazer ovos escalfados bastante saborosos num micro-ondas. Que o termo coloquial para uma coisa realmente maravilhosa é *pisser*[*6]. Que cada pessoa espirra com um som diferente. Que as mães de muitas pessoas se esqueceram de as ensinar a pôr a mão à frente da boca ou virar a cabeça antes de espirrar. Que não é imprescindível praticar sexo com uma pessoa para ela nos passar chatos. Que uma pessoa se sente melhor num quarto limpo do que num sujo. Que de quem se deve ter mais medo é das pessoas mais aterrorizadas. Que é preciso muita coragem pessoal para parecer fraco. Que não é necessário bater em ninguém

mesmo que se queira muito fazer isso. Que nenhum instante único, individual, é em si insuportável.

Que alguém que tenha estado suficientemente escravizado por uma substância viciante para ter de deixar a substância e que o tenha feito com êxito durante algum tempo e se tenha portado bem e que por uma razão qualquer tenho voltado a consumir essa substância, *jamais* pode ter afirmado que se sente feliz por tê-lo feito, voltado a usar a substância e a ficar escravizado por ela; jamais. Que *bit*[*7] é o termo usado nas ruas de Boston para condenação a prisão, como em «Don G. esteve um naco de seis meses em Billerica». Que é impossível caçar pulgas com a mão. Que é possível fumar tantos cigarros que se formam úlceras brancas na língua. Que o efeito de demasiadas chávenas de café não é mesmo nada agradável ou embriagador.

Que quase toda a gente se masturba.

E bastante, ao que consta.

Que o lugar-comum «Não sei quem sou» acaba por ser, infelizmente, mais do que um lugar-comum. Que custa trezentos e trinta dólares arranjar um passaporte falso. Que os outros, mesmo que sejam estúpidos, conseguem ver em nós coisas de que nem suspeitamos. Que é possível arranjar um cartão de crédito de categoria com um nome falso por mil e quinhentos dólares, mas ninguém dirá de fonte segura se o preço inclui um historial de crédito verificável e uma linha de crédito que funcionem quando o tipo do guiché, rodeado por todos os géneros de agentes de segurança matulões, introduzir o cartão falso no *modem* de verificação. Que ter muito dinheiro não garante a imunidade de ninguém face ao sofrimento e ao medo. Que tentar dançar sóbrio é uma coisa muito diferente. Que *vig*[*8] é o calão usado nas ruas para a comissão do corretor de apostas ilegais, em geral dez por cento que se subtrai aos ganhos ou se soma à dívida. Que certas pessoas sinceramente crentes e espiritualmente evoluídas que o Deus delas as ajuda a encontrar lugar para estacionar e as aconselha sobre o número da sorte grande da Lotaria de Massachusetts.

Que até certo ponto é possível conviver com baratas.

Que «aceitação» é normalmente mais uma questão de cansaço que outra coisa.

Que diferentes pessoas têm ideias radicalmente diferente sobre higiene pessoal básica.

Que, perversamente, muitas vezes é mais divertido querer uma coisa do que

possuí-la.

Que se fizermos alguma coisa simpática por uma pessoa em segredo, anonimamente, sem a informar disso, sem dizer a ninguém que fomos nós nem querer que sejamos creditados por isso, é quase uma forma de zumbido intoxicante em si mesmo.

Que também é possível abusar da generosidade anónima.

Que fazer amor com alguém de quem não se gosta dá uma sensação de maior solidão do que não se tivesse feito.

Que é permissível *querer*.

Que todas as pessoas são iguais na sua secreta e silenciosa crença de que no fundo são diferentes de todas as outras. Que isso não é obrigatoriamente perverso.

Que provavelmente não há anjos mas há pessoas que bem podiam ser anjos.

Que Deus – exceto se formos Charlton Heston ou estivermos confusos ou ambas as coisas – fala e age exclusivamente através dos seres humanos, no caso de haver Deus.

Que Deus pode encarar a questão de nós acreditarmos ou não num degrau bastante baixo na lista de coisas que lhe (ele/ela/isso) interessam sobre nós.

Que o cheiro de pé de atleta é doentiamente adocicado, enquanto o da podridão seca podológica é doentiamente ácido.

Que uma pessoa – com a Enfermidade/Idade – sob a influência de substâncias faz coisas que nunca faria em estado de sobriedade e que algumas consequências destas coisas não podem ser esquecidas nem emendadas[71]. Os delitos são um bom exemplo.

Como as tatuagens. Quase sempre feitas por impulso, as tatuagens são vívida e assustadoramente permanentes. O ditado gasto «Se ages sem pensar, vais arrepender-te durante muito tempo» parece quase feito por medida para as tatuagens. Durante algum tempo o novo residente Tiny Ewell começou por interessar-se e depois por ficar obcecado com as tatuagens das pessoas, e desatou a abordar os outros residentes do Centro e as pessoas de fora que frequentavam o lugar para obter a ajuda e não ter nenhuma recaída e pedia-lhes para ver as tatuagens deles e queria saber todas as circunstâncias que rodeavam cada uma. Estes pequenos espasmos de obsessão – primeiro com a definição exata de *alcoólico,* depois com as bolachas caseiras especiais da cabina de portagem de

Morris H. até ao ataque de pancreatite e por fim com os exatos tipos de cantos que cada um usava para fazer a cama – eram parte da maneira como Tiny E. perdeu temporariamente a cabeça quando lhe tiraram a substância. A coisa das tatuagens começou com o espanto que sentiu quando viu a quantidade de pessoas do Centro que estava tatuada. E as tatuagens pareceram-lhe poderosos símbolos não só das imagens que são mas também da irrevogabilidade aterradora de impulsos intoxicados.

Porque o que é realmente importante em matéria de tatuagens reside no facto de serem permanentes, irrevogáveis a partir do momento em que se têm, e é isso, evidentemente, a irrevogabilidade das tatuagens, o que desencadeia a adrenalina da decisão intoxicada de a pessoa se sentar e fazer (uma) tatuagem, mas o aterrorizador da intoxicação é que parece levar à consideração apenas da adrenalina desse momento e não (pelo menos em profundidade) da irrevogabilidade que produz a adrenalina. É como se a intoxicação não permitisse aos tatuados projetar a imaginação para lá da adrenalina do impulso e nem sequer considerar as consequências permanentes que estão a produzir o zumbido de excitação.

Tiny Ewell expõe esta ideia abstrata mas não muito profunda numa grande variedade de formas, uma e outra vez, de uma maneira quase obsessiva, e nem mesmo assim consegue interessar um dos residentes tatuados que seja, embora Bruce Green o ouça amavelmente e a clinicamente deprimida Kate Gompert não tenha a coragem necessária para se levantar e ir-se embora quando Tiny começa a perorar, circunstância que leva Tiny a procurá-la para lhe transmitir o seu ponto de vista sobre as tatuagens, se bem que ela não tenha nenhuma.

Mas ninguém tem qualquer problema em mostrar a Tiny as suas tatuagens, a não ser que se trate de mulheres e a coisa esteja numa zona onde há uma Questão Fronteiriça.

De acordo com a maneira de Tiny Ewell ver o assunto, as pessoas tatuadas dividem-se em duas grandes categorias. Primeiro há os tipos jovens escrofulosos, de cabeça rapada e *T-shirts* pretas com uma caveira e pulseiras com picos que não têm o tino suficiente para se arrependerem da impulsiva permanência das suas tatuagens e as mostram com o mesmo orgulho tranquilo e falso com que alguém do estrato social de Ewell mostra a sua coleção *Dynasty* de louça ou um bom *Sauvignon*. Depois há os da segunda categoria, mais velhos

e mais numerosos, que mostram as suas tatuagens com uma ar de heroica resignação (embora tingida por um toque de consciente orgulho pelo estoicismo) como um veterano condecorado com a Cruz Púrpura mostra as suas antigas cicatrizes de guerra. O residente Wade McDade tem complexos ninhos de serpentes azuis e vermelhas que circulam pelo lado de dentro dos seus braços e isso exige que use todos os dias camisas de manga comprida no seu modesto trabalho na Store 24, embora lá o calor suba como a espuma às primeiras horas da manhã e aquilo é sempre a porra de um forno porque o gerente paquistanês da loja pensa que os clientes não vão querer comprar *Marlboro Lights* e lotaria estatal *Gigabucks* a uma pessoa com vasculares serpentes coloridas a agitarem-se nos braços[72]. McDade também tem uma flamante caveira no ombro esquerdo. Doony Glynn tem restos pouco visíveis de uma linha de pontos negros à volta do pescoço, à altura da maça de Adão, com instruções tipo manual para a extirpação e conservação da cabeça desligada tatuada no couro cabeludo desde os tempos da sua juventude de *skinhead*; agora é preciso, mesmo para Tiny, muita paciência, um pente e três barretes de April Cortelyu para se conseguirem ler as mencionadas instruções.

Na realidade, depois de um par de semanas de obsessão, Ewell acrescentou outra categoria à sua dermotaxonomia – motoqueiros –, que não tem nenhum representante na Ennet House mas são numerosos nas reuniões locais dos Alcoólicos Anónimos, com barbas e coletes de cabedal e, segundo parece, pretensamente obrigados a cumprir o requisito de pesar em média duzentos quilos. *Bikers*[*9] é o termo usado nas ruas da zona metropolitana de Boston para lhes chamar, mas eles referem-se a si mesmo como *scooter-puppies*[*10], uma palavra que (Ewell descobriu isso da pior maneira) os não motoqueiros não são convidados a usar. Estes tipos são um verdadeiro festival unipessoal de tatuagens, mas quando as mostram são desconcertantes porque fazem isso com uma completa ausência de reação, como se estivessem a mostrar uma perna ou o polegar, sem saberem ao certo por que quer alguém vê-las ou para que está a olhar.

Uma espécie de nota de rodapé que Ewell acaba por inserir por baixo do cabeçalho motoqueiros é a de que quanto aos tatuadores profissionais de que toda a gente que consegue lembrar-se de ser tatuada se recorda é de que são, de acordo com as descrições de todas as pessoas, motoqueiros.

E/r/ao grupo de Estoica Resignação na Ennet House emerge a noção de que os homens com nomes de mulheres tatuados tendem, na sua irrevogabilidade, a ser especialmente desastrosos e arrependidos, dada a natureza muitíssimo provisória das relações entre a maior parte dos viciados. Bruce Green vai ter mildred bonk no enganado tricípite direito para sempre. O mesmo se passa com doris em letras góticas a pingar vermelho imediatamente por baixo do mamilo esquerdo de Emil Minty, que ao que parece de facto amou alguém em certa altura. Minty também tem uma suástica amadora e paralítica com a legenda que se fodam os negros no bicípite esquerdo que, como residente, é vivamente estimulado a manter tapada. Chandler Foss tem uma bandeira ondulante com maria escrito a vermelho num antebraço; essa bandeira está agora destroçada e necrótica porque Foss, numa noite de moca má, tentou anular as conotações românticas da tatuagem acrescentando santa virgem por cima de maria com uma lâmina de barbear e uma *Bic* vermelha, sendo o resultado, como era previsível, catastrófico. Os verdadeiros artistas da tatuagem (Ewell soube disto, após uma reunião do Grupo Bandeira Branca, através de um motoqueiro cuja tatuagem no bicípite mostrava um imenso peito feminino que era dolorosamente espremido por uma mão que estava por sua vez tatuada com uma mão e uma mama incorpóreas que comunicavam um grande realismo, segundo Ewell) são sempre profissionais altamente qualificados.

O que é triste no belo coração violeta trespassado por uma seta com pamela escrito num círculo ao redor da coxa direita de Randy Lenz é que Lenz não se lembra do impulso para se tatuar nem do processo, nem de ninguém que se chame pamela. Charlotte Treat tem um pequeno dragão verde a meio da perna e outra tatuagem num seio para cuja contemplação colocou certos limites a Ewell. Hester Thrale tem uma tatuagem azul e verde do planeta Terra surpreendentemente pormenorizada no estômago, com os polos encostados ao púbis e aos seios, um vista equatorial que custou a Ewell duas semanas a fazer as tarefas que cabiam a Hester. Provavelmente a maior honra em termos de arrependimento pertence a Jennifer Belbin, que tem quatro lágrimas negras impossíveis de tapar que descem pelo canto dos olhos por culpa de uma noite de mescalina e dor adrenalizada; graças a elas, a dois metros de distâncias, parece que Jennifer tem a cara cheia de moscas, como assinalou Randy Lentz. A nova rapariga negra, Didi N., tem na parte superior do abdómen uma caveira ululante

esfarrapada (do género da de McDade, mas sem chamas) que é fantasmagórica porque é um mero contorno branco esfarrapado. Os Negros tatuam-se pouco, e por razões que a Ewell parecem bastante óbvias as tatuagens tendem a ter contornos brancos.

Sussurra-se que o antigo aluno da Ennet House e supervisor voluntário Calvin Thrust tem uma tatuagem na haste da sua «unidade» de ex-ator profissional de cartuchos pornográficos que exibe em maiúsculas as iniciais c.t. quando a «unidade» está flácida e o nome completo – calvin thrust – quando está hiperémica. Sabiamente, Tiny Ewell decidiu não consubstanciar isto. A antiga aluna e supervisora voluntária Danielle Steenbok teve uma vez a brilhante ideia de pintar os olhos com uma tatuagem para nunca mais ter de os voltar a pintar, mas não teve em conta o desgaste inevitável causado pela passagem do tempo e que transforma as tatuagens numa coisa nauseabundamente verde-escura que agora tem de pintar constantemente para a encobrir. A atual funcionária residente Johnette Foltz teve de enfrentar duas das seis dolorosas operações necessárias a apagar o tigre rugidor alaranjado e azul do antebraço esquerdo e agora tem o tigre só que decapitado e com uma única pata; as partes apagadas dão a ideia de que alguém muito decidido lhe esfregou o antebraço com malha de aço. Ewell pensa que é isto que dá profundidade à profunda irrevogabilidade do estímulo para a tatuagem: apagar uma tatuagem representa mudar um tipo de desfiguração por outro. Também há as tatuagens idênticas de folhas palmadas de canábis na parte interior dos pulsos de Tingly e Diehl, ainda que sejam oriundos de lugares muito distantes um do outro e não se conhecessem antes de entrar no Centro.

Nell Gunther recusa a trocar uma única palavra com Ewell se o tema for relacionado com tatuagens.

Durante algum tempo Tiny Ewell considerou que as tatuagens caseiras e carcerárias do funcionário Don Gately eram demasiado primitivas para se incomodar a informar-se sobre elas.

Ewell tornou-se um autêntico chato quando, no auge da sua obsessão pela maneira como as camas eram feitas, chegou um rapaz viciado em narcóticos sintéticos que não aceitava ser trado pelo seu verdadeiro nome e só admitia o seu nome de rua, «Caveira»; não durou mais de quatro dias, mas era uma completa exibição em duas pernas dos tons do mais profundo arrependimento; tinha os braços tatuados com teias de aranha nos cotovelos e no peito, tão esbranquiçado

que lembrava peixe, estava uma dama nua com todas as exageradas medidas luxuriosas que Ewell recordava das máquinas de *pinball* da sua infância em Watertown. Nas costas do «Caveira», um esqueleto com meio metro de comprimento, de bata preta e capuz, tocava violino ao vento no alto de um despenhadeiro; podia ler-se o morto em tons acastanhados num gonfalão vertical que se desfraldava em baixo; em cada bicípite havia um punção ou uma adaga mucronada, e na parte de baixo dos dois antebraços um espécie de dança de são vito de dragões com asas de cabedal e as palavras – nos dois antebraços – o que é que lhe parece agora o seu rapaz de olhos azuis, senhora morte!?, cujos erros de ortografia, segundo Tiny, só serviam para acentuar a *Gestalt* da tatuagem do «Caveira», que Tiny suspeitava ter sido concebida essencialmente para gerar repulsa.

Efetivamente, toda a deslocação da obsessão de Ewell dos cantos das camas do hospital para as tatuagens foi provavelmente cortesia do tal rapaz, o «Caveira», que, na sua segunda noite de estada no Quarto Masculino de Cinco Camas para os residentes mais novos, tirou a *T-shirt* sem mangas eletrificada e mostrou a Ken Erdedy todas as suas tatuagens à maneira de uma primeira categoria sem remorsos de imbecil enquanto R. Lenz fazia o pino contra a porta do armário em tapa-sexo e Ewell e Geoffrey D. espalhavam os cartões de crédito no duro catre de Ewell e tentavam resolver uma discussão bastante infantil sobre quem tinha os cartões de maior prestígio; o «Caveira» enrijava os peitorais para que a mulher hiperdesenvolvida que tinha no peito se contorcesse, lia a Erdedy os antebraços, quando Geoffrey Day ergueu os olhos do seu *American Express* (dourado, contra o de platina de Ewell), fez que não com a cabeça pálida e molhada a Ewell e perguntou retoricamente o que é que tinha acontecido às boas e velhas tatuagens tradicionais estado-unidenses como mamã ou uma âncora, o que provocou uma pequena explosão obsessiva na psique abalada pela desintoxicação de Ewell.

É provável que os itens mais comoventes da investigação de Ewell sejam as tatuagens muito desbotadas dos veteranos dos Alcoólicos Anónimos de Boston com décadas de sobriedade na Fraternidade, os velhos dirigentes de aspeto crocodiliano dos grupos da Bandeira Branca e de Allston, do Domingo à Noite de St. Columbkill e o grupo preferido de Ewell, o do Lar, o Mais Vale Tarde Que Nunca de Quarta-Feira à Noite (proibido fumar) no Hospital St. Elizabeth’s, a

dois quarteirões da Ennet House. Há qualquer coisa estranhamente tocante numa tatuagem muito desbotada, uma emoção idêntica à de encontrar uma roupa diminuta e tocantemente fora de moda de uma criança há muito adulta numa mala perdida num sótão (as roupas, não a criança, confirmou Ewell, segundo G. Day). Vejamos, por exemplo, o caso do velho provocador Francis («Ferocious[*11] Francis») Gehaney, do Grupo Bandeira Branca, ora bem, Gehaney exibe no antebraço direito uma tatuagem de um cálice de *Martini* com uma miúda nua sentada no cálice com as pernas a pontapear a longa borda resplandecente com um penteado cheio de caracóis ao velho estilo dos tempos de Rita Hayworth. Desbotadas até chegar a um azul subaquático, as suas acidentais linhas pretas tornam-se um verde fuliginoso e o vermelho SUBIKBAY'62USN4-07 de lábios/unhas não descolorido em cor-de-rosa mas mais decaído num vermelho ígneo poeirento do género de fogo visto através de uma densa cortina de fumo. Todas as tatuagens irrevogáveis destes velhos ex-alcoólicos bostonianos desbotam a olhos vistos devido à fluorescência barata das caves das igrejas e das salas de reuniões hospitalares; Ewell estudava-os e classificava-os e relacionava-os emocionado. Havia uma grande quantidade de velhas âncoras da Marinha estado-unidense; no parte irlandesa de Boston, poeirentos trevos verdes e vários *tableaux* congelados de pequenas figuras de caqui e capacetes militares enterrando baionetas nas barrigas de horrorosas caricaturas de orientais dentudos e amarelentos como urina e águias guinchantes com as garras descoloridas e semper fi, tudo autolizado até um ponto em que as tatuagens parecem estar por baixo da superfície de um charco imundo.

Um veterano do Grupo MTQN, um tipo alto e calado, moreno e de olhar turvo, tem a concisa e odiosa palavra crica tatuada no antebraço carregado de manchas hepáticas e a palavra foi desbotando até parecer flutuar sobre um verde sujo de tanque fétido; mas este tipo chega a transcender o arrependimento estoico e comporta-se como se a palavra não estivesse lá ou como se estivesse lá de uma maneira tão irrevogável que nem vale a pena pensar nela: uma profunda e tremendamente convincente dignidade na atitude deste veterano em relação à crica que tem no braço; Ewell pensa até aproximar-se dele para tentar obter o seu patrocínio, se e quando considerar que é oportuno ter um patrocinador alcoólico anónimo, se decidir que isso é pertinente para si.

Perto do fim deste par de meses de obsessão, Tiny Ewell aborda Don Gately

para o interrogar sobre se as tatuagens carcerárias não constituirão um filo completamente distinto de tatuagens. A opinião pessoal de Ewell é que as tatuagens carcerárias são mais grotescas do que tocantes, que não parecem ter sido motivadas por uma decoração impulsiva ou por uma autoapresentação mas por uma automutilação com origem no tédio e num desrespeito generalizado pelo próprio corpo e pela estética da decoração. Don Gately desenvolveu o hábito de olhar friamente para Ewell até que o minúsculo advogado se cale, embora isto seja em parte para esconder que em geral Gately não é capaz de seguir o que Ewell diz e não está certo de que isso se deva ao facto de não ser suficientemente inteligente ou educado para compreender Ewell ou se pura e simplesmente Ewell está doido varrido.

Don Gately informa Ewell de que a tatuagem carcerária básica é caseira, sendo feita com agulhas de coser da cantina e um pouco de tinta azul da carga de uma esferográfica tirada do bolso da frente de um defensor oficioso distraído; é por isso que o tipo de tatuagens dos presidiários tem sempre a mesma cor azul de céu noturno. A agulha é mergulhada na tinta e depois cravada o mais fundo que se puder no tatuado sem que este se mexa e estrague a pontaria do tatuador. Um simples quadrado ultraminimalista como o que Gately exibe no pulso direito requer meio dia de trabalho e centenas de picadelas. É impossível conseguir que as picadelas tenham a mesma profundidade uniforme numa carne que se move; por isso as linhas não são sempre direitas nem a cor tem a mesma tonalidade. É por essa razão que as tatuagens carcerárias dão sempre a impressão de terem sido feitas por crianças sádicas em tardes chuvosas. Gately tem um quadrado azul no pulso direito e uma cruz torpemente desenhada no imenso antebraço esquerdo. A tatuagem do quadrado foi feita por ele e a da cruz por um companheiro de cela em troca de uma que Gately lhe fez a ele. Os narcóticos orais tornam menos doloroso e entediante o processo. A agulha de coser é esterilizada com álcool destilado, o qual, segundo explica Gately, é obtido de frutas trazidas da messe e depois esmagadas a que se acrescenta água; põe-se esta coisa toda num saco *Ziploc* no depósito do autoclismo da retrete da cela para que, tipo, fomente. Os resultados esterilizantes de tudo isto também podem ser consumidos. Bebidas alcoólicas e narcóticos são as únicas coisas difíceis de obter nas instituições penais do Departamento Correcional de Massachusetts porque o preço põe toda a gente nervosa e é uma mera questão de tempo até que

alguém bufe. O pouco dispendioso narcótico oral *Talwin* pode ser trocado por cigarros que se compram na cantina ou podem ganhar-se a jogar dominó ou *cribbage* (as regras do DCM proíbem o uso de cartas normais) ou consegue-se em quantidades maciças de presos mais pequenos em troca de proteção contra as propostas românticas de presos maiores. Gately é destro e os braços dele são mais ou menos do tamanho das pernas de Ewell. O quadrado carcerário do pulso dele é torto e tem borrões desajeitados em três cantos. A tatuagem carcerária comum nem sequer pode ser retirada através de cirurgia laser porque é demasiado profunda. Gately é amável mas não é expansivo perante as perguntas de Ewell, isto é, Tiny tem de fazer uma pergunta muito específica sobre aquilo que quer saber para receber uma curta resposta específica de Gately a essa pergunta precisa. A seguir Gately olha fixamente para ele, um hábito de que Ewell se queixa amargamente no Quarto Masculino de Cinco Camas. O interesse que manifesta por tatuagens parece ser considerado por Gately não como uma coisa invasora da sua privacidade mas como uma obsessão passageira de uma psique ainda temerosa e carenciada da substância de que se esquecerá dentro de um par de semanas, uma atitude que Ewell entende ser extremamente condescendente. A atitude de Gately em relação às suas tatuagens primitivas é uma atitude de segunda categoria; grande parte do seu estoicismo e da sua aceitação do arrependimento é sincera porque os emblemas irrevogáveis da prisão não são nada se comparados com alguns dos erros impulsivos verdadeiramente irrevogáveis que Gately cometeu como drogado e ladrão no ativo, para não falar das suas consequências, erros que Gately tenta assumir que terá de saldar durante bastante tempo.

Michael Pemulis tem o hábito de olhar para um lado e depois para o outro antes de dizer alguma coisa. É impossível discernir se isto releva de afetação ou se Pemulis está a emular uma personagem qualquer de filme negro. Piora quando já tomou um par de benzedrinas. Pemulis, Trevor Axford e Hal Incandenza estão no quarto dele; os seus dois companheiros de quarto, Schacht e Troeltsch, estão a jantar, de maneira que Pemulis, Axford e Hal estão sozinhos, dando palmadas nos queixos e observando o boné de capitão de iate de Pemulis que está em cima da cama. Dentro do boné há um molho de pastilhas de tamanho médio e aspeto inofensivo do supostamente potentíssimo DMZ.

Pemulis olha à volta do quarto que exceto por eles está vazio.

– Isto, Incster, Axhandle, é o incrivelmente potente DMZ. O Grande Tubarão Branco dos alucinógenos orgânico-sintetizados. A criança selvagem e pantagruélica de...

Hal diz:

– Já percebemos.

– A Universidade de Yale da Academia das Drogas – diz Axford.

– O grande distorsionador psicossensual – resume Pemulis.

– Acho que o que tu queres dizer é psicossensorial, a não ser que me estejas a esconder alguma coisa.

Axford lança um olhar envenenado a Hal. Interromper Pemulis significa ter de voltar a vê-lo fazer aquela coisa com a cabeça.

– Muito difícil de arranjar, cavalheiros. Como é muito difícil de arranjar. Os últimos lotes foram produzidos no início dos anos setenta. Estas pastilhas são artefactos. É provável que alguma da potência se tenha perdido. Usadas em algumas experiências militares duvidosas da CIA.

Axford assenta enquanto olha para o boné.

– Controlo mental?

– Parece que era mais uma coisa para levar o inimigo a pensar as armas deles eram hortênsias e os inimigos parentes próximos, esse género de coisa. Quem sabe. Os informes que li a esse respeito são incoerentes, insubstanciais. Foram experiências. As coisas deram para o torto. Digamos que foi descontrolo. Parece que a potência era exagerada. Os sujeitos da experiência foram fechados em manicómios e considerados baixas em tempo de paz. Destruíram as fórmulas. Dispersaram e deram novos destinos aos membros da equipa de investigação. Mas devo contar-vos alguns rumores muito inquietantes.

– São do início dos anos setenta? – pergunta Axford.

– Estais a ver a pequena marca em cada uma, com um tipo de compridas patilhas e calças à boca de sino?

– A imagem é isso?

– Tem uma potência sem precedentes. Dizem que o inventor suíço recomendava inicialmente o uso de LSD-25 para *baixar* a potência do produto. – Pemulis pega numa pastilha, coloca-a na palma da mão e toca-lhe com um dedo cheio de calos. – Para que é que estamos a olhar? Estamos a ver uma séria e

súbita injeção de dinheiro...

Axford produz um ruído de surpresa.

– Tens mesmo intenção de vender esse DMZ potentíssimo neste lugar desgraçado?

A expressão de desprezo de Pemulis tem o som da letra K.

– Axhandle, temos de nos virar para uma economia em grande escala. E aqui não há ninguém que descubra do que se trata. É evidente que também não há aqui ninguém disponível para pagar o que isto vale. Mas há museus farmacêuticos, grupos de pensadores de esquerda, consórcios de drogas sintéticas em Nova Iorque que tenho a certeza de que estarão mortinhos por dissecar estas pastilhas. Analisá-las. Pô-las no espetrómetro para ver o que dá.

– Estás a dizer que podemos sacar muita massa de quem oferecer mais? – diz Axford.

Hal aperta uma bola enquanto observa o boné.

– Ou em certas clínicas muito progressistas e na moda que umas pessoas que eu conheço conhecem. Ou em Back Bay, naquela loja de iogurtes com fotografias daqueles tipos históricos de que Inc falou ao pequeno-almoço.

– Ram Das. William Burroughs.

– Ou mesmo na Praça Harvard, em Au Bon Pain, onde se reúnem todos aqueles tipos dos anos setenta com velhos ponchos de lã para jogarem xadrez contra aqueles pequenos relógios em que passam a vida a bater.

Axford finge dar um murro na brincadeira a Hal como manifestação de entusiasmo.

Pemulis diz:

– É claro que também podia ir para a digressão de entretenimento e deitá-las nos barris de *Gatorade* no torneio de terça-feira em Port Washington ou no WhataBurger e ficar a observar toda a gente a correr de um lado para o outro com as mãos a agarrarem as cabeças ou seja lá o que for. E ficaria delirante se visse o Wayne a jogar com os sentidos distorcidos.

Hal pousa um pé no pequeno banco em forma de tronco de cone e inclina-se para a frente.

– Será inconveniente perguntar-te como é que conseguiste arranjar isto?

– Não tem problema – responde Pemulis tirando o forro do boné de capitão de iate com todo o contrabando que contém e espalhando-o na cama como muitas

pessoas idosas fazem com os seus objetos de valor quando os querem ver em momentos de tranquilidade. Tem pequenas quantidades de canábis *Lamb's Breath* para consumo pessoal (recomprada a Hal de vinte gramas que lhe tinha vendido) num saquito poeirento, um pequeno retângulo de cartão protegido com invólucro *Saran* com quatro estrelas negras espaçadas na superfície, quatro velhas benzedrinas e aquilo que parece ser uma dúzia das incrivelmente potentes pastilha de DMZ do tamanho de *Sweet Tarts* sem cor especial mas com um elegante rapaz *mod* minúsculo no centro desejando paz ao observador. – Nem sequer sabemos qual é a potência disto – sussurra. O sol bate na parede onde está pendurado o visor, o cartaz de rei paranoico e uma enorme gaxeta de Sierpinski desenhada à mão. Numa das três grandes janelas com mainéis que dão para oeste (a Academia pode não ter certas coisas mas está bem servida de janelas) há uma falha oval que projeta uma bolha de luz outonal cor de cerveja estendendo-se do lado esquerdo da janela até à cama muito bem-feita de Pemulis[73], e este coloca todo o conteúdo do boné dentro da bolha mais brilhante ajoelhando-se para estudar uma pastilha entre os seus fórcipes (Pemulis possui coisas como pinças filatélicas, uma lupa, uma balança farmacêutica, uma balança postal, um bico de Bunsen de tamanho unipessoal), com a calma precisão de um joalheiro. – A literatura não esclarece sobre a titulação. Toma-se uma pastilha? – Desvia o olhar e depois volta a dirigi-lo para as caras que se inclinam para ele. – A dose normal será meia pastilha?

– Talvez duas ou três pastilhas – diz Hal sabendo que pode parecer esfomeado mas incapaz de se controlar.

– Os dados acessíveis são ambíguos – diz Pemulis, com o perfil distorcido à volta da lupa encaixada na concavidade do olho. – A literatura sobre misturas de lisérgicos com muscimol é muito insuficiente e difícil de interpretar a não ser no que diz respeito à brutal potência das substâncias obtidas.

Hal observa a cabeça de Pemulis.

– Consultaste a biblioteca médica?

– Fui à MED.COM na linha WATS da Lateral Alice e li tudo que lá havia de cima a baixo. Muito material sobre lisérgicos, muito sobre híbridos da classe *Methoxy*, mas uma porra imprecisa e quase frívola sobre os compostos de *fitviavi.* Para obter alguma informação é necessário fazer uma consulta cruzada com as palavras *muscimol* ou *muscimolado*. Só um par de coisas aparece quando

se introduz DMZ. Que é demasiado potente isto e sinistro aquilo. Nada que seja realmente específico. E um monte de polissílabos. Fiquei com uma horrível enxaqueca.

– Pois, mas meteste-te mesmo no carro e foste a uma livraria médica?

Hal é bem o filho de Avril quando se trata de bases de dados, buscas informáticas, etc. Axford dá-lhe um murro a sério no ombro, embora seja no direito. Pemulis coça com ar ausente o pequeno redemoinho que tem no cabelo. São cerca das 14h30 e a imperfeita bolha de luz na cama está a adquirir a cor levemente triste dos entardeceres do início do inverno. Ainda não se ouvem ruídos nos campos de oeste, mas através dos canos de água nas paredes chega o alvoroço de cantorias nos chuveiros, já que muitos dos que se treinaram como bestas de manhã só tomem duche depois do almoço, sentando-se a seguir nas salas para assistir às aulas vespertinas com o cabelo molhado e roupa diferente da que usaram nas aulas matinais.

Pemulis levanta-se para se pôr entre os dois e volta a passar o olhar pelo quarto vazio; lá estão as pilhas arrumadas das roupas dos três jogadores e os equipamentos brilhantes nas prateleiras e três cestos de vime para a roupa suja. Nota-se o odor íntimo da roupa suja dos atletas, mas fora isto o quarto parece estar profissionalmente limpo. Em comparação, pensa Hal, o dele e de Mario parece um asilo de lunáticos. Tocou a Axford um dos dois quartos individuais na lotaria da última primavera; o outro foi parar às mãos das gémeas Vaught, que se apresentaram a concurso como se fossem uma única pessoa.

Pemulis contorce uma face para manter no sítio a lupa que ainda tem no olho enquanto olha para todos os lados.

– Uma monografia resume numa frase o que é o DMZ. Diz que é preciso imaginar um ácido que se transformou noutro ácido.

– *Poça!*

– Um artigo dessa revista de merda chamada *Moment* fala de como foi supostamente injetada uma dose maciça, mas sem especificar, de DMZ a um preso militar em Leavenworth no quadro de uma experiência do Exército mas vá lá saber-se onde e como a família levou o caso a tribunal porque o tipo acabou por perder a cabeça. – Aponta a lupa dramaticamente primeiro para Hal e depois para Axford. – Estou a falar de perder a cabeça em sentido literal, como se a dose maciça lhe tivesse apanhado o cérebro para o levar para um sítio qualquer

onde se esqueceu dele.

– Acho que captámos a ideia, Mike.

– A *Moment* conta como depois esse tipo foi encontrado na cela numa posição de lótus impossível a cantarolar canções de filmes imitando a voz de Ethel Merman com uma precisão medonha e aterradora.

Axford diz que talvez Pemulis tenha encontrado uma explicação para aquela situação em que o pobre Lyle se punha na posição de lótus na sala dos aparelhos e acenava com uma mão que apontava para o edifício da Administração.

Pemulis faz mais uma vez o número da cabeça. Quando afrouxa a face, a lupa cai e bate na cama tensa como um trampolim e Pemulis apanha-a e fá-la saltar na palma da mão sem sequer olhar.

– Seja como for, penso que pode ser um erro atirar as pastilhas para dentro dos barris de *Gatorade*. A moral da história do soldado é de que convém avançar com cautela. A mente do tipo continua em lugar incerto. Agora é um velho soldado que cantarola ainda misturas de melodias da Broadway numa instituição secreta qualquer. Os familiares dele tentaram processar os militares em nome dele, mas ao que parece o Exército apresentou argumentos suficientes para provocar dúvidas nos membros do júri quanto à capacidade do tipo para poder ir a tribunal, uma vez que a dose lhe apagou o cérebro.

Axford apalpa o cotovelo com ar ausente.

– Se estás a dizer para avançarmos com cuidado por que não fazer isso?

Hal ajoelha-se para aproximar uma pastilha de um dos lados do saquito poeirento. O dedo dele parece escuro na longilínea bolha de luz.

– Estou convencido de que a dose deve ser duas pastilhas. Esta coisa tem algumas parecenças com o *Motrin*.

– As suposições visuais não fazem sentido. Isto não é *Bob Hope*, Inc.

– Até lhes podemos chamar *Ethel*, nos telefonemas – sugere Axford.

Pemulis observa Hal a dispor as pastilhas na forma de coração que é a da própria ATE.

– O que quero dizer é que isto não é uma substância que dê para brincadeiras, Inc. O tal soldado das cantigas foi como se tivesse deixado o *planeta*.

– Bom, desde que possa acenar de vez em quando.

– Tenho a ideia de que ele só acena à comida.

– Mas isso deve ter sido causado por uma das primeiras doses maciças – diz

Axford.

A disposição das pastilhas feita por Hal em cima da colcha tem uma precisão quase zen.

– São dos anos setenta?

Após intricadas negociações com terceiros, Michael Pemulis acabou por conseguir seiscentos e cinquenta gramas do tão gabado e misterioso composto DMZ, ou «Madame Psicose», fornecido por um duo de supostos antigos insurgentes canadianos armados com pistolas que agora se dedicavam a pequenos e possivelmente patéticos projetos revolucionários fora de moda sob a fachada de um empório de quinquilharias, vidro soprado, artigos de carnaval, postais na moda e cartuchos de filmes de baixa procura chamado Antitoi Entertainment, entre a Rua Prospect e a Praça Inman, na zona decadente luso-brasileira de Cambridge. Uma vez que Pemulis faz sempre os seus negócios sozinho e não fala francês, toda a transação com o canadiano responsável teve que ser realizada por meio de gestos e uma vez que aquele lenhador canadiano de Antitoi olhava para todos os lados ainda mais do que Pemulis antes de falar com o seu espectral sócio que, com uma escova na mão enquanto observava tudo à procura de qualquer espião que pudesse ouvi-los na loja fechada, toda a negociação se tinha assemelhado a uma espécie de ataque psicomotor coletivo com sacudidelas e movimentos de cabeça constantes que se refletiam em secções deslocadas e em ângulos caprichosos em mais espelhos e objetos artesanais de vidro que aqueles que alguma vez Pemulis tinha visto juntos. Um telecomputador barato tinha um cartucho pornográfico que passava a velocidade cinco vezes maior do que a normal, de modo que as imagens pareciam de roedores delirantes e Pemulis acha que podiam ter estropiado para sempre as suas glândulas sexuais. Só Deus sabia onde é que estes palhaços tinham arranjado treze incrivelmente potentes artefactos de cinquenta miligramas vindos dos anos setenta AS. Mas o que era positivo é que eles eram canadianos e como acontece com todos os dessa laia, não faziam a menor ideia do valor da sua mercadoria, como se tornou evidente durante o processo de negociação. Pemulis, com a ajuda de cento e cinquenta miligramas de *Tenuate Dospon* de ação prolongada, quase dançou de contentamento na fase pós-transação, quando entrou no ocioso autocarro de Cambridge e, tirando o boné, cumprimentou duas freiras sentindo-se como se deve ter sentido no século XVI W. Penn com o seu

chapéu de quacre quando negociava com os inocentes nativos a compra de New Jersey a troco de meia dúzia de bugigangas ou assim imaginou.

No decurso do dia académico seguinte – incrivelmente potente mercadoria embrulhada com *Saran* e escondida no mais recôndito de um velho ténis que está em cima da longarina de alumínio entre dois painéis do teto do Subdormitório B, um esconderijo há muito usado por Pemulis –, no decurso do dia seguinte ou coisa que o valha, com o assunto abafado, decide-se que, se bem que não haja nenhuma razão válida que justifique a participação de Boone, Stice, Struck ou Troeltsch, é direito de Pemulis, Axford e Hal – dever, quase, em relação aos espíritos da investigação e das boas práticas negociais – experimentar o DMZ potencial e incrivelmente potente em quantidades predeterminantemente seguras antes de o lançar contra Boone ou Troeltsch ou qualquer cidadão involuntário. Tendo sido concedido a Axford o papel de guarda avançada, coloca-se com todo o tato a questão de Hal sufragar os custos de oportunidade da sua parte na experiência e isso não é problema. O preço de Pemulis não supera as regras aceites e Hal tem sempre fundos disponíveis para uma investigação intrépida. Hal põe como condição que alguém versado em ciências vá de carro à biblioteca médica do MIT ou da Universidade de Boston e verifique pessoalmente que o composto é orgânico e não viciante, ao que Pemulis replica que um assalto físico à biblioteca já está devidamente anotado com caneta na sua agenda. Depois do entretenimento de quinta-feira à tarde, enquanto Hal Incandenza e Pemulis, com Mario Incandenza e a sua câmara a reboque, estão agarrados à divisória de rede de um dos campos centrais para assistir a um jogo de exibição de Teddy Schacht contra um profissional sírio de segunda categoria que está na ATE durante duas semanas de instrução corretiva dos movimentos do serviço que estão a dar cabo da sua articulação de rotação do ombro – o tipo usa lentes grossas e uma fita de atletismo preta à volta da cabeça e joga com uma precisão fluida e firme e está a despachar Schacht sem a menor dificuldade, coisa que Schacht aceita com o seu habitual bom humor rubicundo, dando tudo e aprendendo tudo o que pode, já que é um dos poucos jogadores da ATE genuinamente corpulentos e um dos poucos jogadores juniores de categoria que há na Academia que parece não ter ego; joga com total ausência de insegurança desde que deu cabo de um joelho num *contre-pied* na exibição da véspera do Dia de Ação de Graças há três anos, o que é estranho, e agora

continua a jogar só porque gosta e portanto mais ao menos condenado a uma existência de purgatório em 128-256 Alphabetville –, enquanto Pemulis e Hal estão ali, encharcados em suor, com fatos de treino da ATE vermelhos e cinzentos numa tarde fria de 5 de novembro, enquanto o suor dos cabelos deles começa a solidificar e a congelar, a cabeça de Mario inclinada para baixo pelo seu próprio peso e pelos seus horríveis dedos aracnidactílicos a esbranquiçarem quando a rede de arame começa a suportar o peso dele, a posição de Hal modifica-se subtil mas carinhosamente para inclinar-se em direção ao irmão mais velho mas minúsculo, que se parece com ele da mesma maneira que as criaturas duma mesma ordem mas não de uma mesma família se parecem; enquanto Hal e Pemulis observam e tratam dos seus assuntos, ouve-se o surdo estrondo de uma catapulta transnacional da EWD ao longe e à esquerda e depois o som agudo e sibilante de um projétil de deslocação de lixo do qual não podem ver a trajetória por causa das nuvens baixas, embora uma nuvem estranhamente amarela com forma de ovelha se torne visível depois de Acton ligando o horizonte a uma frente de tempestade que é repelida pelos ventiladores ATHSCME ao longo da fronteira entre Lowell e Methuen, a noroeste. Pemulis acaba por recusar a ideia de realizar a animada e controlada experiência em Enfield, onde Axford tem de estar diariamente às cinco da manhã nos treinos da equipa A, e também Hal, a não ser que na noite anterior durma na RdR, e a RdR não é propriamente o melhor sítio para uma pessoa se pôr a distribuir DMZ. Pemulis, observando de cima a baixo toda a extensão da divisória e piscando o olho a Mario, postula que seriam aconselháveis umas trinta e seis horas seguidas livres de compromissos para se poder realizar uma interação qualquer com a coisa incrivelmente potente que já se sabe. O que traz também à baila o assunto interacadémico do dia seguinte em Port Washington para o qual Charles Tavis alugou dois autocarros devido ao grande número de alunos da ATE que vai participar – a Academia de Port Washington é paquidérmica, a Xerox Inc. das academias de ténis da América do Norte, com mais de trezentos alunos e sessenta e quatro campos, metade dos quais já tem uma insuflável e quente cobertura *TesTar*, como uma capa do Dia das Bruxas; os dirigentes de PW têm menos inclinação pelos valores do sofrimento que Schtitt e companhia –, tantos que é quase certo que Tavis os vai obrigar a regressar de autocarro desde Long Island logo que termine a dança de pós-competição, em vez de os meter em

quartos de motel sem apoio empresarial. Este encontro e bufete e baile ATE-PW é uma tradição privada e interacadémica, uma rivalidade épica que tem quase uma década. Aliás, Pemulis diz que precisa de um par de semanas de trabalho intensivo para erguer a biblioteca médica e realizar a investigação necessária sobre dosagem e efeitos secundários que a história do soldado em recuperação parece impor. Por isso, concluem eles, a janela de oportunidade parece estar situada entre 20 e 21 de novembro – o fim de semana imediatamente posterior à grande exibição para recolha de fundos do Fim do Ano Fiscal, na qual as equipas A e B da ATE defrontam em singulares as equipas (este ano) notoriamente desafortunadas das taças Davis Jr. e Wightman Jr. de Quebeque[74], que foram convidadas com manipuladas intenções políticas ultrassecretas graças aos bons ofícios da expatriada Avril Incandenza para serem sujeitos a vivissecção por Wayne e Hal e servirem de filantrópica diversão aos patronos e alunos da ATE e depois para dançarem a seguir ao jantar na Festa do Antigos Alunos que se realiza na semana imediatamente antes da semana de Ação de Graças e do Torneio WhataBurger no soalheiro Estado do Arizona, porque este ano, em novembro, além de 20, tem o sábado 21 livre, tanto no que respeita a aulas como a treinos, pois C.T. e Schtitt marcaram um jogo de exibição especial em pares para a manhã de sábado a seguir ao grande encontro, um embate entre duas treinadoras dos Wightman quebequenses e das infamantes gémeas Vaught da ATE, Caryn e Sharyn Vaught, de dezassete anos, a equipa de pares júnior mais bem classificada da ONAN, sem derrotas durante três anos, um par invicto, incomparáveis no seu entendimento dos campos, movendo-se sempre como se fossem uma única pessoa, jogando não só como se partilhassem um mesmo cérebro mas também porque efetivamente o partilham, ou, pelo menos, os lóbulos psicomotores de um único cérebro, siamesas, ligadas pela fonte esquerda e direita, impedidas de jogar em singulares pelos regulamentos da ONAN, as robustas irmãzinhas Vaught, filhas de olhar pétreo de um executivo de Akron, servindo-se das quatro pernas para cobrir incríveis distâncias no campo, além de vencerem a competição de Charleston em todos os bailes formais de pós-exibição dos últimos cinco anos. Tavis tentará que Wayne faça qualquer coisa especial em termos de exibição, embora lhe possa sugerir que destroçar publicamente um segundo quebequense em dois dias seja demasiado duro. E todos os que são alguém estarão presentes no Pulmão para ver como as Vaught

fazem vivissecção de umas adultas canadianas, e talvez também Wayne[75], pelo que a ATE aproveitará o sábado de descanso para recarregar baterias antes de começar quer a semana de treino para o WhataBurger, quer os preparativos finais para o torneio de 12 de dezembro, o que implica que, desde a noite de sexta até à manhã de domingo, Pemulis, Hal e Axford (e talvez Struck, se Pemulis precisar dele para ajudar nas investigações bibliotecárias) terão tempo suficiente para recuperarem psicoespiritualmente da possível ressaca que o incrivelmente potente DMZ possa causar. E Axford previu durante a sauna que a ressaca seria forte, uma vez que o simples LSD deixava no dia seguinte uma pessoa não só doente mas também totalmente vazia, uma concha oca por dentro, como se a alma fosse uma esponja seca. Hal não tinha a certeza de estar de acordo. Uma ressaca de álcool não era brincadeira nenhuma em termos psíquicos; ficava-se sequioso e enjoado e com os olhos desorbitados e a pulsação baixa, mas depois de uma noite de alucinógenos, Hal disse que a madrugada parecia conferir à psique uma espécie de pálida aura adocicada, uma luminescência[76]. Uma aura, observou Axford.

Pemulis parece ter-se esquecido nos seus cálculos do facto de que só não terá aulas no sábado se integrar a lista de participantes no Torneio Tucson-WhataBurger da semana seguinte e, ao contrário do que acontece com Hal e Axford, esse desiderato não está nada garantido. O *ranking* USTA de Pemulis, com a exceção do período idílico dos seus treze anos no Ano do Frango Maravilha *Perdue*, nunca superou o cento e vinte e oito e o WhataBurger convoca rapazes de toda a ONAN e até da Europa; a seleção teria de ser muito fraca para que Pemulis obtenha um dos sessenta e quatro convites para as eliminatórias. Axford está a um passo de entrar nos cinquenta melhores e já quase lá esteve no ano passado, aos dezassete, de modo que não deve faltar muito para o conseguir. E Hal tenta ser o terceiro ou quarto cabeça de série nos singulares até dezoito anos; não restam dúvidas de que será um dos participantes, a não ser que tenha uma cataclísmica recaída da lesão no tornozelo durante os jogos contra Port Washington ou Quebeque. Axford postula que Pemulis não está a fazer cálculos errados mas a mostrar uma confiança astuta e calculista em si mesmo, o que no que diz respeito ao seu perfil de jogador seria pouco habitual e meritório: o pró-reitor Aubrey DeLint diz (publicamente) que ver M. Pemulis nos treinos ou ver M. Pemulis nos jogos a sério é como conhecer

uma miúda pelo correio eletrónico, ficar apaixonado por ela e depois, quando por fim se chega a conhecê-la em pessoa, descobrir que tem uma única e grande mama a meio do peito ou coisa desse género[77].

Mario também irá se Avril conseguir convencer C.T. a levá-lo para que filme o WhataBurger, o que permitirá fazer o cartucho de promoção da ATE que será enviado no próximo Natal aos patrocinadores privados e institucionais.

Schacht e o brilhante sírio estão a rir-se de qualquer coisa junto de um dos postes da rede onde foram buscar os equipamentos e várias proteções elásticas para os pulsos e joelhos depois de o sírio ter saltado por cima da rede para apertar a mão a Schacht, soltando ambos vapor da boca e do corpo enquanto se afastam através da divisória de arame para as impecáveis colina de oeste acompanhados pelas risadas de Mario, causadas por um gesto de súplica na brincadeira que Schacht acaba de fazer.

---

*1 «Unidade». *(N. dos T.)*
*2 Andar no fio, andar esfarrapado. *(N. dos T.)*
*3 «Comer Queijo.» Em inglês coloquial, um *rat* (ratazana) é um bufo. *(N. dos T.)*
*4 Cateter exterior para incontinência masculina. *(N. dos T.)*
*5 Fanar. *(N. dos T.)*
*6 Bestial. *(N. dos T.)*
*7 Naco, pedaço, bocado. *(N. dos T.)*
*8 *Vig(orish)*, taxa, juro, normalmente ilegal. Soa, em inglês, quase como a palavra *vigarice*. *(N. dos T.)*
*9 Motoqueiros. *(N. dos T.)*
*10 Cachorrinhos das lambretas. *(N. dos T.)*
*11 Feroz *(N. dos T.)*

7 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

É POSSÍVEL ESTAR EM CERTAS FESTAS SEM REALMENTE LÁ ESTAR. Ouve-se dizer que certas festas têm os seus objetivos implícitos na coreografia da própria festa. Uma das alturas mais tristes para Joelle van Dyne é aquele ponto de viragem invisível em que uma festa acaba – mesmo uma má festa –, aquele instante de concordância tácita que desencadeia em toda a gente a necessidade de recolher o isqueiro e o parceiro, o casaco ou o sobretudo, com o último copo de cerveja enfiado nos cincos aros da cobertura de plástico, de dizer coisas superficiais à anfitriã de maneira a que se reconheça o seu carácter superficial sem parecer insincero, para depois sair, normalmente fechando a porta. Quando se deixa de ouvir mais vozes. Quando a anfitriã dá meia-volta com a porta fechada e contempla o lixo e o crescente V branco de absoluto silêncio na esteira da festa.

Joelle, no limite da sua energia e prestes a sofrer um colapso, à escuta, tem a seus pés um soalho de madeira encerado por cima do rio e da margem da baía, sentada desconfortavelmente sob a luz estriada do Sol numa das cadeiras de Molly Notkin, moldadas à semelhança dos grandes realizadores do cânone do celuloide, entre um vazio Cukor e um assustador Murnau ao colo de fibra de vidro de Méliès, o vinco das calças a incomodá-lo e a faixa com o emblema do MIT. As estridentes cadeiras de realizadores são grandiosas: os pés de Joelle não tocam no chão; os tendões moles começam a arder debaixo da húmida saia brasileira de algodão grosso que tem rizados e intensos púrpuras e vermelhos vivos sobre um fundo preto latino que parece cintilar acima dos pálidos joelhos e das peúgas brancas de raiom e os pés enfiados em tamancas meio soltas; as pernas dela balançam como as de uma criança; sente-se sempre como uma miudinha nas cadeiras de Molly, conspicuamente sentada no olho de um furacão de engenho e entusiasmo forçado numa festa falhada, sentada a sós por baixo do que tinha sido uma janela, a filha de um dono de casa e químico do Oeste de Kentucky especialista em pH baixo, habitualmente boa e divertidíssima companhia se se fosse capaz de ignorar o seu véu desconcertante.

Entre os mitos perniciosos há um que em que as pessoas se comportam

sempre de maneira otimista e generosa e aberta antes de desaparecerem. A verdade é que as horas que antecedem um suicídio são em geral um intervalo de enorme egoísmo e egolatria.

Há barras decorativas, finas, de ferro preto que as cagadelas de pomba mancharam de castanho nas janelas do terceiro piso deste apartamento cooperativo na fronteira de East Cambridge com Back Bay, onde a quase catedrática Notkin está a dar uma festa para festejar a aprovação nas orais de Teoria do Cinema e de Cartuchos Cinematográficos, o programa de doutoramento em que Joelle – antes de se ter mudado para o som radiofónico – a tinha conhecido.

Molly Notkin confia frequentemente a Joelle van Dyne por telefone pormenores do atormentado amor da sua vida até à data, um eroticamente circunscrito estudioso de W. Pabst da Universidade de Nova Iorque torturado pela convicção neurótica de que há apenas um número finito de ereções possíveis no mundo num dado momento e que uma tumescência sua significa a detumescência de um cultivador de sorgo do Terceiro Mundo que sofre mais e merece muito mais do que ele tê-la e por isso, sempre que tumefica é assaltado por um acesso de culpa idêntico ao de um doutorado menos excentricamente torturado perante a ideia de, digamos, usar uma pele de foca bebé. Molly continua a ir de duas em duas semanas no comboio de alta velocidade para estar na companhia dele no caso de que, por uma estranha e egoísta razão, se lhe enrije o membro originando negras vagas de autoaversão e a extrema necessidade de um amor compreensivo e sem preconceitos. Ela e a pobre Molly Notkin são iguais, reflete Joelle, sentada sozinha ali, observando algumas doutorandas a provarem vinhos – irmãs, gémeas fraternais. Notkin com medo da luz direta. E os disfarces e patilhas não passam de véus dissimulados. Quantos gémeos *sub rosa* haverá realmente ali? E se a genética, em vez de ser linear, se ramifica? E se não é o tesão que é tão finitamente circunscrito? E se de facto apenas houve dois indivíduos na verdade diferentes caminhando para trás na bruma da história? E se todas as diferenças provêm dessa diferença? O todo e a parte. Os lesos e os ilesos. Os disformes e os paralisantemente belos. Os insanos e os acompanhantes. Os escondidos e os cegantemente abertos. O intérprete e o público. Nada de um tipo zen, mas dois sempre, um de cabeça para baixo numa lente convexa.

Joelle pensa naquilo que tem na mala. Está sentada, sozinha, com o véu de linho e uma linda saia, observam-na de esguelha e ela ouve bocadinhos de conversas que destaca do ruído geral da reunião, mas sem distinguir ninguém em especial; vendo passar diante dos olhos o fim absoluto da sua vida e beleza numa espécie de velho filme de 16 mm projetado por uma máquina portátil sobre o ecrã branco que tem ao seu lado, esta vez, com o tio Bud e depois Orin e Jim e YYY, toda a húmida caminhada de hoje desde a paragem da Linha Vermelha no centro, fazendo depois todo o trajeto até à East Charles St., com um passo formal e autoconsciente, mas sem dúvida bonito, toda a caminhada até à sua hora final, na véspera da grande comemoração da Interdependência ONANita. De East Charles a Back Bay é um caminho cheio de ruas encharcadas e dotadas de um resplendor de siena e lojas de luxo com toldos e letreiros de madeira com requintadas letras coloniais, e as pessoas olhavam para ela como se olha para os olhares vazios e cegos, sem saber que ela não é capaz de ver tudo em qualquer altura. Gosta de caminhar pelas ruas molhadas, com tudo leitoso e vaporoso através do véu de linho húmido, calcorrear os impecáveis passeios de tijolo da Charles St. impessoalmente cheios de pessoas, as pernas em piloto automático, transformada num motor percetual, mantendo o colarinho do casaco comprido apertado perto da borda do poncho de forma a poder segurar o véu contra o rosto com um dedo colocado no queixo, sempre a pensar naquilo que tem na mala; para numa tabacaria e compra um charuto de qualidade num tubo de vidro e depois, no quarteirão seguinte, coloca cuidadosamente o charuto em cima do lixo que sai de um caixote de rede metálica verde-pinho, mas guarda o tubo na mala; ouve a chuva a bater nos guarda-chuvas e ouve-a sussurrar na rua, e consegue ver gotas que se desfazem e reconstituem no seu casaco de resina poliéster, carros que passam com aquele som especial e solitário que os carros têm à chuva, com os limpa-para-brisas fazendo arco-íris negros nos brilhantes para-brisas dos táxis. Em todos os cruzamentos há contentores verdes da IWD e pequenos contentores vermelhos da IWD para recolher o que não cabe nos verdes. E o ruído das solas de madeira das tamancas dela contra o *staccato* decrescente dos frágeis saltos altos das mulheres no tijolo que se afastam para oeste à medida que a Charles St. se aproxima do Parque de Boston e se torna menos elegante e luxuosa; o lixo encharcado – achatado como só o lixo molhado fica – começa a aparecer no passeio e junto do lancil; e agora há pessoas de cor

suja com sacos de supermercado e carrinhos de compras que rebuscam no lixo e se baixa para o apanhar e investigar; os estalidos e saliências dos membros de quem examina os contentores, gente que não faz outra coisa durante todo o dia que não seja examinar contentores da IWD; e as pernas azuis e nuas de outras pessoas que se estendem em raios coronários debaixo de caixas de frigoríficos nas três vielas que há em cada quarteirão; e a minúscula catarata de chuva que cai do lado inclinado dos anexos vermelhos dos contentores e bate no cartão superior das caixas de frigorífico com um taque, taque, taque sem ritmo; alguém faz baixo pssst numa viela e os rostos tumefactos ou fastasmagoricamente brancos declamando para o ar fino de entradas de casa recolhidas e tapadas por cortinas de chuva, e durante um momento Joelle sente vontade de não ter deitado fora o charuto para o poder dar agora e avança para oeste no território de Endless Stem, perto do fim da Charles; começa a repartir moedas que lhe pedem das entradas e das caixas em posição invertida e há alguém que lhe faz uma pergunta sobre o véu com grande falta de delicadeza mas ela não se incomoda com isso, prefere assim. Um homem todo enfarruscado numa cadeira de rodas com uma cara morta e branca sob um boné onde se lê notre rai pays estica silenciosamente a mão pedindo uma moeda; um corte vermelho e inchado que lhe cruza a palma da mão está meio cicatrizado e a fechar de forma visível. Parece um golpe em massa de fazer pão. Joelle dá-lhe uma nota de vinte dólares dobrada e agrada-lhe que ele não tenha dito nada.

Compra uma grosseira garrafa de plástico de meio litro de *Pepsi Cola* numa Store 24 onde o empregado jordano a olha sem entender nada quando lhe pergunta se vendem soda *Big Red*; por isso acaba por comprar a *Pepsi*, sai, esvazia num esgoto e fica a observar o líquido a acumular-se borbulhante e castanho porque a rede do escoadouro está entupida com folhas e lixo molhado. Continua a caminhar até ao Parque de Boston com a garrafa vazia e o tubo de vidro na mala. Não é preciso comprar esfregões *Chore Boy* na Store 24.

Joelle van Dyne está terrivelmente viva e engaiolada, e ao colo do realizador pode recordar tudo o que já viveu. Que ato pode ser mais autocomprometido, mais autoanulador, do que fechar-se no quarto de Molly Notkin ou na casa de banho para se drogar até ficar caída no chão e deixar de respirar e ficar azul e morrer agarrada ao coração? Já chega de idas e voltas. O Parque de Boston é uma espécie de buraco exuberante à volta do qual se construiu a cidade, um

quadrado de dois quilómetros de árvores brilhantes e ramos a pingar e bancos verdes na relva molhada. Há pombas em todo o lado, com a mesma cor creme sujo da casca dos salgueiros. Três jovens negros pendurados como corvos pérfidos nas costas de um banco apreciam o corpo dela com ar aprovador, chama-lhe *cabra* com afeto inofensivo e perguntam-lhe onde vai ser o casamento. Nunca mais decidir parar às 23h00 e depois passar com dificuldade a hora de programa para regressar a casa às 01h30 e fumar as resinas do *Chore Boy* e não parar no fim de contas. Nunca mais deitar fora o material, para meia hora depois, andar à procura no caixote do lixo; já chega de escrutínios a quatro patas examinando a carpete em busca de uma pedrazinha que se parece tanto a material que se pode tentar fumar. Nunca mais queimar as bordas dos véus. O limite sul do Parque de Boston é a Rua Boylston, com lojas de luxo abertas vinte e quatro horas, cachecóis de caxemira, suporte de telefones móveis e porteiros com galões dourados, joalheiros com três nomes, mulheres com franjas que parecem cortinados de folhos, lojas que vomitam clientes com as suas grandes malas brancas de asa dupla com monogramas. O húmido véu da chuva esborrata as coisas imitando uma retina neonatal, tudo reconhecível mas sem contornos precisos. Um borrão que é mais deformante que opaco. Nunca mais agarrar-se ao coração todas as noites. O que parece ser a saída da jaula não passa de grades. As redes da tarde. A entrada tem saída escrito. Não há saída. A última fusão anelar: a da peça exibida com a jaula. O próprio *Jaula III: Espetáculo Livre* de Jim. Foi a jaula que, desta ou daquela maneira, entrou *nela*. O engenho daquilo tudo ultrapassa-a. Há muito que o Divertimento se desprendeu do Demasiado. Já perdeu a capacidade de mentir a si mesma sobre ser capaz de deixar o vício ou mesmo de o desfrutar. Já não delimita e preenche o vazio. Os véus húmidos cheiram de uma maneira muito peculiar. Como aquele que lhe telefonou para dizer que a Lua nunca vira a cara para o lado. Girando e no entanto não girando. Havia regressado a casa à pressa no último metro e pelo menos tinha acabado por não virar a cara à situação, ao facto de já não ter prazer, de detestar, de querer deixar e não poder deixar ou pensar em deixar ou viver sem. Tinha acabado por fazer aquilo que haviam obrigado Jim a fazer perto do fim, admitindo que era impotente perante a jaula, este espetáculo não gratuito, chorando, literalmente agarrada ao coração, fumando primeiro o bocado de *Chore Boy* que tinha usado para captar os vapores e fazer uma resina fumável e

depois bocadinhos de carpete e as calcinhas de acetato em que tinha filtrado a solução horas antes, chorando e sem véu e com o cabelo emaranhado, como uma espécie de palhaço grotesco, nos quatro espelhos das paredes do seu minúsculo quarto.

CRONOLOGIA DO TEMPO SUBSIADO PARA AUMENTAR OS RENDIMENTOS DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES NORTE-AMERICANAS, POR ANO

(1) Ano do *Whopper*
(2) Ano do Penso Medicinal *Tucks*
(3) Ano da Tablete de Chocolate Dove de Tamanho Experimental
(4) Ano do Frango Maravilha *Perdue*
(5) Ano da Máquina de Lavar Loiça Supersilenciosa *Maytag*
(6) Ano da Atualização de Instalação Fácil das Placas Mãe de Visionamento de Cartuchos de Resolução Mimética para Infernatron/Sistemas Domésticos, de Escritório ou Móveis de InterLace Yushityu 2007
(7) Ano dos Produtos Lácteos da América Profunda
(8) Ano da Roupa Interior para Adultos *Depend*
(9) Ano de *Glad*[78]

O filho mais velho de Jim, Orin – pontapeador *extraordinaire*, esquivador *extraordinaire* de ácidos arremessados, tinha mostrado numa dada ocasião a Joelle van Dyne a sua coleção dos tempos de infância de invólucros de *Lemon Pledge* que os jogadores da escola costumavam usar para se protegerem do sol: pernas e porções de pernas de diferentes tamanhos, braços bem musculados e uma bateria de máscaras com cinco orifícios penduradas em pregos numa chapa de fibra vertical. Nem todos os invólucros tinham nomes por baixo.

A parte leste da Rua Boylston significa que ela volta a passar pela estátua equestre de bronze negro do coronel Shaw e pela esquina da MA 54; a estátua está iluminada por um retângulo de luz solar emergente, com a cabeça metálica do coronel e a espada levantada cobertas agora ilegalmente por uma grande bandeira *fleur de lis* quebequense em que os caules dos quatro lírios tinham sido transformados em lâminas vermelhas, de maneira que era agora absurdamente uma bandeira vermelha, branca e azul; três agentes da Polícia de Boston estavam postados em escadas com varões e tesouras; os militantes canadianos vieram de noite, na véspera da Interdependência, pensando que as pessoas se importam

com o facto de eles pendurarem coisas de ícones históricos, de eles pendurarem bandeiras anti-ONAN, como se aqueles que não são pagos para as removerem ligassem alguma coisa a isso. É muito difícil a encarcerados e a suicidas imaginar alguém que se preocupe apaixonadamente com alguma coisa. E aqui também estão os passadores da parte leste da Rua Boylston, sereias da outra jaula, a segunda, de pé à porta de F.A.O. Schwartz, jovenzitos negros, tão negros que são azuis, horrivelmente magros e novos, pouco mais que sombras vivas com bonés e *sweatshirts* até aos joelhos e ténis de basquetebol muito brancos, passando o peso do corpo de um pé para o outro e soprando nas mãos, aludindo à disponibilidade de um certo material, apenas aludindo, com as suas posturas e inexpressivos olhares de importância. Alguns passadores só têm de estar ali. Alguns tipos de venda: o cliente vem e já está. Os polícias ocupados com a bandeira do outro lado da rua nem sequer olham para eles. Joelle passa depressa à frente da fila de traficantes, tenta, com as tamancas soltas a ressoar, demorando-se um momento quase no fim, imediatamente depois do fim do desafio mas ainda ao alcance das duas mãos estendidas do último passador entediado; porque ali, na rua, à porta de F.A.O. Schwartz há um estranho mostruário publicitário, não um vendedor vivo mas uma figura humanoide de uma coisa que é melhor do que o cartão, intocada pelos vendedores que nem parecem olhar, um mostruário apoiado num suporte traseiro com o de uma fotografia em 2-D, a figura de um homem numa cadeira de rodas, de casaco e gravata, com o colo tapado por uma manta, sem pernas abaixo dos joelhos, a cara bem alimentada e artisticamente corada com uma alegria terrível, o arco do seu sorriso apresentando a extrema curvatura que existe entre o regozijo e a fúria, um êxtase terrível de ver, a cabeça calva e de plástico inclinada para trás, os olhos fixos nos remendos de arlequim azuis do céu pós-tempestade, a olhar para cima, ou a ter um ataque, ou extáticos, os braços também erguidos e estendidos num gesto de submissão ou de triunfo ou de agradecimento, a mão direita estranhamente grossa, o recetáculo da negra lombada da caixa de um novo cartucho de filme a ser publicitado para distribuição; o cartucho sobressai como uma língua fora de lugar na palma da mão (sem linhas) dele; mas só há este expositor, esta figura extática e um cartucho que nenhum vendedor feral arrebatou, sem menção do título, sem sinopse nem citações de críticas, a lombada da caixa é toda negra, conspicuamente sem rótulo. Os sacos de compras

de duas mulheres orientais chocam e fazem a gabardina de Joelle mover-se ligeiramente quando ela se detém por um instante sentindo que os traficantes estão a observá-la, a avaliá-la; e então alguém grita qualquer coisa para um dos polícias que estão encavalitados na escada apoiada na estátua, usando o nome dele, que ecoa brevemente e quebra o encantamento; os rapazitos negros desviam o olhar. Nenhum dos transeuntes parece dar conta da presença do expositor diante do qual ela parou, pensativa. É uma espécie de antianúncio. Encaminha a atenção para o não dito. Conduz a uma inevitabilidade que se denega. Não tem nada de novo. Mas é um expositor caro e impactante. Talvez o filme esteja em branco ou a caixa vazia, sem qualquer valor, já que se pode retirar tranquilamente da palma da mão da figura. Joelle faz isso, para melhor observar, e depois volta a pôr no sítio. Já não tem o menor interesse em cartuchos de filme. Jim tinha-a utilizado várias vezes. No final Jim filmara-a durante um período prodigioso e com múltiplas lentes e tinha-se recusado a partilhar o que havia criado, morrendo sem deixar uma única nota[79]. Para ela, o nome mental desse homem tinha sido «Jim Infinito». O cartucho encaixa no expositor com um clique. Um dos jovens passadores chama-lhe mamã e pergunta-lhe onde é que vai ser o funeral.

Durante algum tempo, depois do ácido, depois de Orin ter partido e da chegada de Jim, que a pôs naquela cena apologética para depois desaparecer e a seguir regressar mas apenas para – só há quatro anos, sete meses e seis dias – para se ir embora, durante algum tempo, quando já usava véu, durante algum gostava de ficar mesmo pedrada e limpar. Joelle gostava. Esfregava os lavatórios até ficarem imaculados. Limpava o pé do teto sem necessidade de escada. Aspirava como um demónio e mudava o saco do aspirador depois de cada divisão aspirada. Imitava a mulher e mãe que ambos se recusavam a filmar. Usava a escova de dentes de Incandenza para limpar as juntas dos azulejos.

Ao longo da Rua Boylston há sítios onde os carros estão estacionados em fila tripla. Os limpa-para-brisas estão naquela posição que Joelle, que não sabe conduzir, imagina estar indicada no painel como Intermitente. O velho carro do pai dela tinha o controlo do limpa-para-brisas na haste do pisca-pisca na coluna do volante. Passam táxis amarelos vazios, com os pneus a chiarem. Mais de metade dos táxis que passam à chuva anunciam que estão livres com uns números de cor púrpura por baixo da palavra táxi. Tanto quanto se lembra, Jim,

além de ter uma grande cabeça para o cinema e de ser um verdadeiro amigo, era extraordinário a mandar parar táxis em Boston, famoso porque, muito para lá de os fazer parar, conjurava táxis em lugares tão improváveis como Veedersburg, Indiana, ou Powell, Wyoming; tinha qualquer coisa que transmitia autoridade no braço erguido ao detetar a aproximação de um táxi, que sofria uma espécie de paralaxe quando descia as ruas cheias de arbustos rolantes até se deter diante da palma da mão erguida de Incandenza como se estivesse à espera de ser abençoado. Era um homem alto e de movimentos lentos, com grande amor por táxis. E estes retribuíam. Nunca mais apanhara um táxi naqueles quatro longos anos. E assim, Joelle van Dyne, aliás Madame P., rendida, suicida, evita carroças e carros de aluguer, fazendo ressoar formalmente as suas tamancas no liso cimento do passeio da Rua Boylston enquanto passa diante das portas giratórias de lojas elegantes na direção sudoeste, à zona de moradias, com o casaco aberto ondulando sobre o poncho e fazendo a chuva decompor-se em partículas entrecortadas.

Nessa manhã, depois de ter fumado cocaína de fabrico caseiro pela última vez e de ter queimado os *Chore Boys* e as boas calcinhas que tinha usado como último filtro, de se ter engasgado com acetato queimado que o cortou em tiras e o fumou, de chorar e de dizer imprecações para os espelhos, de deitar novamente fora a sua parafernália pela última vez, quando uma hora mais tarde caminhou não formalmente até à paragem sob um parlamento de ameaçadores nuvens de tempestade e de ténues e pegajosos sinais de trovões outonais para ir para Upper Brighton à procura de *Lady Delphina*, de arranjar uma boa dose de *Lady Delphina*, tão difícil de largar a meio de uma pedrada, a não ser que se perca os sentidos, para dizer a *LD* que quando lhe tinha dito adeus fora pela penúltima vez, mas *esta* era mesmo a última, era adeus para sempre, e comprar-lhe uma boa dose, pagar-lhe o dobro do preço pelos oitos gramas como uma despedida generosa, enquanto se encaminhava sem formalidade para o metro e esperava na plataforma, confundindo sempre os pequenos sussurros do trovão com o ruído da composição a aproximar-se, querendo ingerir mais daquela coisa com tanta intensidade que era capaz de sentir como lhe giravam os miolos dentro do crânio, e então um idoso negro, amável e de cara bondosa, de gabardina e chapéu com uma peninha preta na faixa e o tipo de óculos de armação preta e sem qualquer estilo que os idosos negros amáveis usam, e com a amabilidade

cansada mas cheia de dignidade dos velhos de cor, que esperava sozinho ao lado dela na mortiçamente iluminada e gélida plataforma de metro da Praça Davis, esse homem dobrou ao alto com todo o cuidado o seu *Herald,* que meteu debaixo do braço da mão com que tocou no chapéu, e disse desculpe se estou a ser intrometido, disse isto, mas já tinha visto um ou dois daqueles véus de linho, como o dela, e estava interessado e curioso em saber a que se devia. Pronunciou bem todas as sílabas de *interessado,* facto que Joelle, sendo de Kentucky, apreciou. Se é que lhe perdoava a ousadia, disse ele, tocando no chapéu. Joelle estabeleceu de imediato uma conexão com ele, coisa raríssima nela, mesmo quando estava drogada. Até agradeceu a oportunidade de poder pensar noutra coisa quando era quase certo que a composição iria demorar imenso a chegar. Refletiu sobre o facto de a história se ter espalhado, mas não a genealogia do incidente, disse ela, como se essa parte fosse secreta. A Associação dos Horrível e Improvavelmente Disformes foi oficiosamente fundada em Londres em 1940 pela mulher míope, de palato rachado e cheia de furúnculos de um membro da Câmara dos Comuns, uma senhora a quem Winston Churchill, PMRU, tendo bebido vários cálices de porto, além de um *cocktail* com uísque, numa receção em honra do administrador de Lend-Lease[*1], se tinha dirigido de uma maneira completamente inapropriada ao convívio social entre damas e cavalheiros civilizados. W. Churchill, sem antever que o seu comportamento daria azo à criação de uma associação disposta a criar uma enfática fraternidade escopofóbica e ser a génese de sólidos recursos interiores por via de uma auto-ocultação isenta de vergonha, quando a dama, que tinha génio, o informou com severa aspereza de que dava a impressão de estar espantosamente ébrio, pronunciou a réplica anedoticamente célebre de que, sim, sim, estava sem dúvida ébrio, mas na manhã seguinte estaria outra vez sóbrio enquanto ela, querida senhora, continuaria a ser horrível e improvavelmente disforme. Churchill, indubitavelmente sob o efeito de graves pressões emocionais naquele período da história, teria apagado o charuto no xerez da senhora e colocado delicadamente um guardanapo de linho a tapar os traços arruinados do rosto chamejante dela. O cartão plastificado de sócia da AHID sem fotografia que Joelle mostrou ao interessado idoso negro reproduzia toda esta informação e ainda mais algumas coisas numa letra tão diminuta que o cartão parecia em branco e desfigurado.

PUTATIVO *CURRICULUM VITAE* DE HELEN P. STEEPLY, 36 ANOS DE IDADE, 1,93 METROS

DE ALTURA, 104 QUILOS DE PESO, LICENCIATURA EM ARTE, MESTRADO EM JORNALISMO

1 ano na revista *Time* (estagiária, secção «Reportagem»);
16 meses na *Decade Magazine* («Modas na Moda», uma coluna de análise de novos estilos e tendências), até ao encerramento da *Decade;*
5 anos na *Southwest Annual* (artigos de interesse humano, médico-geriátrico, de personalidades e turismo);
5 meses na revista *Newsweek* (onze pequenos artigos sobre tendências e espetáculos até que o chefe de redação, por quem estava apaixonada, saiu da revista levando-a com ele);
1 ano na *Ladies Day* (artigos sobre personalidades e cosméticos medicinais até à semana em que o chefe de redação se reconciliou com a mulher e HPS, que ficou sem a mala no assalto na Rua 62 Oeste, jurou nunca mais viver em Manhattan);
15 meses até ao presente na revista *Moment,* Sucursal de Sudoeste, Erythema, Arizona (com o estatuto de editora associada referida nos créditos: artigos sobre medicina, desportos não violentos, personalidades e tendências na indústria do entretenimento para o lar).

Depois de ir a Upper Brighton e dirigindo-se agora para o edifício de tijolo cooperativo onde tinha vivido algum tempo com Orin e atuado com o pai dele e posteriormente passado a Molly Notkin, simultaneamente convidada de honra e anfitriã na festa de hoje, desde ontem no gozo do estatuto de pré-doutoral de ABD[*2] em Teoria do Cinema e de Cartuchos Cinematográficos no MIT após ter franqueado o considerável obstáculo dos exames orais oferendo aos membros do júri uma devastadora – nas suas próprias palavras – crítica oral dramaticamente apresentada da Teoria Marxista de Cartuchos Cinematográficos a partir do ponto de vista do próprio Marx, Marx no papel fingido de teórico e investigador de cartuchos cinematográficos. Ainda disfarçada de KM um dia depois, para comemorar – com a emaranhada barba postiça de um preto púbico, chapéu *Homburg* mandado vir diretamente de Wiesbaden, fuligem vinda de uma loja britânica incrivelmente obscura de lembranças sujas –, Molly não fazia a menor ideia de que Joelle tem estado enjaulada desde o ATCDTE nem tinha a menor suspeita acerca do que ela e Jim Incandenza haviam sido durante vinte e um meses, se chegaram a ser amantes ou quê, se Orin se tinha ido embora porque eram amantes ou quê[80], nem que Joelle vive agora muito desafogadamente devido a uma herança que lhe havia sido deixada pelo homem para o qual tinha tirado o véu, mas com quem nunca dormira, o pai do prodigioso pontapeador, o bobo infinito, o diretor de um *opus* final tão *magnum* que decretou mantê-lo escondido. Joelle nunca viu a montagem final do filme em que tinha atuado nem conhecia ninguém que a tivesse visto, e duvida que a soma das sequências tão

patológicas que ele havia filmado durante tanto tempo com aquelas compridas objetivas de quartzo auto-oscilantes que usara para a filmar a ela pudesse ser muito divertida porque ele lhe disse que aquilo que sempre tinha sonhado filmar acabara por lhe partir o coração.

Subindo pelas escadas descoloridas pelo uso até ao terceiro piso, ainda a tremer devido ao *interruptus* matinal, Joelle fá-lo com dificuldade, como se a força da gravidade aumentasse à medida que ascende. O ruído da festa começa a ouvir-se no segundo piso. E lá está Molly vestida de Marx a desmoronar-se para receber Joelle à porta com aquela espécie de fingida surpresa entusiástica que as anfitriãs norte-americanas exibem em benefício dos convidados. Notkin segura o véu de Joelle enquanto esta tira o casaco molhado e o poncho, depois levanta ligeiramente o véu com um hábil movimento dos dedos para lhe dar em cada face um beijo acre de tabaco e vinho – Joelle nunca fuma quando tem o véu posto –, perguntando-lhe como veio e depois, sem esperar pela resposta, oferece-lhe um gole daquele estranho sumo de maça da Colúmbia Britânica de que tanto gostam ambas e que Joelle deixou de beber em casa para regressar à soda *Big Red* da infância, facto que Notkin ignora e que, sem a menor pista, considera que essa bebida canadiana superdoce é o maior vício seu e de Joelle. Molly Notkin é daquele género de pessoas com quem se quer ser desesperadamente educado, mas não se lho pode demonstrar porque ela ficaria mortificada se descobrisse que se está a ser bem-educado com em relação a qualquer coisa.

Joelle faz um gesto de quem quer dizer que não consegue acreditar.

– É mesmo do verdadeiro?

– Até parece *lamacento* de tão fresco que está.

– Onde é que o arranjas tão tarde e tão a leste?

– Este é tão fresco que quase é preciso *coá-lo*.

A sala está cheia de gente e muito quente, ouve-se música de mambo antiquada, as paredes ainda têm a mesma cor esbranquiçada, mas as madeiras que as emolduram são agora de um rico castanho de doceiro. E há também vinho, nota Joelle, uma grande variedade de garrafas, no velho aparador que teve de ser carregado por três homenzarrões com cigarros ao canto da boca até ao terceiro piso; há uma série de garrafas de formas diferentes e cores mortiças que têm o nível dos conteúdos a diferentes alturas. Molly Notkin pousa uma mão com unhas sujas no braço de Joelle, a outra na cabeça de uma cadeira de Maya

Deren, que medita com ares vanguardistas em vívidos polímeros de fibra de vidro e conta a Joelle como foram os exames orais naquele tom alto que se usa nas festas e que a deixará rouca antes deste imenso final triste.

Um bom sumo grosso enche a boca de Joelle com uma saliva tão agradável como o sumo, o véu está a secar e começar a ondular confortavelmente ao ritmo da respiração dela. Sozinha e observada de esguelha por gente que não sabe que lhe conhece a voz, sente vontade de levantar o véu diante de um espelho, de refinar algum do material intocado que tem na mala, de erguer o véu e libertar aquela rapace coisa enjaulada para que respire o único gás destapado que aguenta; sente-se muito mal e muito triste; tem um aspeto terrível, o rímel escorreu-lhe pela cara abaixo e ninguém nota. A garrafa de plástico de *Pepsi*, o tubo de vidro do charuto, o isqueiro e o embrulho com as saquetas de glicina são uma forma no canto da mala de tecido escurecido pela chuva que descansa no chão debaixo das suas tamancas balouçantes. Molly Notkin está ao lado de Rutherford Keck e Crosby Baum e de um homem com uma postura radicalmente nefasta diante do ecrã Infernatron fornecido pela Universidade. As costas largas de Baum e o cabelo penteado para trás obscurecem o que quer que esteja no ecrã. As vozes académicas têm um som nasal, com um gaguejar requintado no início da frase. Muitos dos filmes de James O. Incandenza eram mudos. Ele próprio reconhecia ser um cineasta visual. O filho diminuído e sorridente, que Joelle nunca tivera a oportunidade de conhecer porque Orin não gostava dele, carregava muitas vezes a caixa das lentes, sorrindo como alguém que pisca os olhos por causa de uma luz intensa. Smothergill, esse insuportável ator infantil, costumava contorcer a cara para o rapaz, que se limitava a rir, causando ataques de furor a Smothergill que Miriam Prickett se encarregava, de uma maneira ou de outra, de acalmar na casa de banho. Um CD de velhos temas latinos, a um volume aceitável, soa nas colunas aparafusadas a uns suportes que pendem de finas correntes em cada canto do teto creme da sala. Outro grande grupo está a dançar no espaço aberto entre o conjunto de cadeiras de realizadores e a porta do quarto, com a maior parte preferindo o mambo minimalista do ARIAD, a moda deste outono na costa leste: os dançarinos parecem estar quase imóveis, o movimento é o mais subtil possível, estalando os dedos com os cotovelos em ângulo reto. Ainda não se esquecera de que Orin Incandenza tinha um cotovelo inchado e mosqueado ligado a um antebraço do tamanho de uma perna de

carneiro. Havia mudado limpamente de braço para perna. Joelle tinha sido a única amante de Orin Incandenza durante vinte e seis meses e a amada ótica do pai dele durante vinte e um. Um professor estrangeiro com uma calva quase franciscana contratado pelo MIT tem o coxear bamboleante de alguém que tem uma prótese. Os movimentos dos melhores dançarinos são tão diminutos que se tornam evocativos e compelem a que sejam observados, a massa quase estática subtilmente encolhida e retorcida move-se à volta de uma jovem bonita, bastante bonita, cujas costas ondulam minimalisticamente dentro de um fino *top* de corte marinheiro com riscas azuis e brancas enquanto alude a um chachachá com umas maracas vazias que não fazem sons, observando-se a quase dançar no espelho de corpo inteiro com uma moldura de qualidade que depois de Orin a ter abandonado, Joelle proibira Jim de o pendurar e tinha-o metido debaixo da cama virado para baixo: agora é o espelho emoldurado da parede oeste, pendurado entre duas molduras douradas vazias; Notkin acha que está a ser retroirónica ao mandar emoldurar as duas molduras com molduras bastante menos ornamentadas, numa crua alusão à primeira moda experialista de fazer arte com acessórios da representação artística, as molduras emolduradas penduradas de uma maneira não muito uniforme em ambos os lados do espelho que ele havia usado naquela coisa horripilante em que a tinha feito posar recitando num tom claramente inexpressivo que ela usaria mais tarde quando estava no ar; a rapariga permanece como que atordoada em alternados azuis e brancos depois verticalmente seccionados pela luz do Sol dividida pelos barrotes, cortada em pedaços, bêbeda, tão destroçada pelo bom vinho que os lábios lhe pendem de flacidez e os músculos das faces perderam toda a sua integridade e as bochechas saltam como as mamas que é possível ver através do seu diminuto *top* de marinheiro. Usa ruge apocalíptico e um aro no nariz que está eletrificado ou capta raios de luz vindos da janela. Contempla-se com um fascínio inconsciente no único espelho existente fora da casa de banho. Que ausência de vergonha perante a auto-obessão. É canadiana? Devota do espelho? Não pertence à AHID: a maneira de se comportar não é a certa. Mas agora um homem quase imóvel, com um capacete de cavaleiro, sussurra-lhe qualquer coisa e ela volta-se abruptamente deixando o seu próprio reflexo para explicar, não tanto ao homem como a ninguém em concreto, toda a missa da dança: Eu estava só a olhar para as minhas tetas, diz baixando o olhar, não são *bonitas,* é emocionante, há

qualquer coisa tão tocante e sincera nas palavras dela que Joelle sente vontade de se aproximar dela para lhe dizer que sim, que tem toda a razão; pronunciou todas as sílabas da palavra *bonitas* como o anterior da palavra *interessado*, com total nitidez, revelando a sua classe e as suas origens com a dilacerante franqueza que Joelle sempre considerou terrivelmente estúpida ou terrivelmente corajosa, a rapariga ergue os braços em sinal de triunfo ou de torpe agradecimento por ter sido construída daquela maneira, com aquelas «tetas» criadas por quem e para quem nunca as premeditou, cruelmente extática; não está ébria, apercebe-se agora Joelle, tomou *ecstasy*, constata Joelle, ao notar o rubor febril e os olhos tão abertos que se lhe podem ver os miolos pelos cantos da córnea, isto é, X ou MDMA, um beta qualquer coisa, um sintético primitivo, um ácido emocional, a chamada «droga do amor», muito usada pelos artistas jovens nos tempos, digamos, de Bush e sucessores, desde então caída em desuso devido a ter-se relacionado a sua ressaca pulverizadora com o uso impulsivo de armas de fogo em lugares públicos, uma ressaca que faz da ressaca de cocaína fumada uma manhã passada na praia emocional, da diferença entre suicídio e homicídio talvez o mero discernimento do lugar onde fica a porta da jaula: seria ela capaz de matar alguém para sair da jaula? É realmente uma porta ou uma jaula essa coisa supostamente letal e escopofílica que Jim afirma ter feito com o rosto sem véu no início do ATCDTE? Teria ao menos montado uma coisa coerente? Não havia nada de coerente na cosmologia-de-mãe-morte e nas desculpas que ela tinha repetido várias vezes diante daquelas lentes autobasculantes colocadas em cima daquele carrinho de bebé aos quadrados. Nunca permitiu que ela visse, nem sequer os *rushes* diários. Suicidou-se menos de noventa dias depois. Menos de noventa dias? Até que ponto deseja uma pessoa morrer para enfiar a cabeça dentro do micro-ondas? Uma mulher estúpida de Boaz que todos os miúdos conheciam pôs o gato a secar no micro-ondas depois de lhe ter dado banho e ligou o aparelho em Descongelar e o animal acabou nas paredes da cozinha da mulher. Como é que se consegue ligá-lo com a porta aberta? Tem algum botão de iluminação como o frigorífico que se possa deixar ligado com fita adesiva? A fita não derreteria? Não se lembra de ter pensado nisto durante quatro anos. Poderá ter sido ela a responsável pela morte dele quando inclinou a cara sem véu para a objetiva? A mulher apaixonada pelos seios está a ser felicitada com a alusão ao aplauso mais subtil possível por dançarinos praticamente imóveis com

tulipas de vidro entre os dentes, e Vogelsong, do Emerson College, tenta subitamente fazer o pino e vomita um ectoplasma cor de ameixa que os dançarinos nem sequer se preocupam em evitar; e Joelle também aplaude a mulher extática porque, admite-o sem rebuços, as tetas dela são *atraentes*, coisa que na Associação se define como Empolgante Dentro de Limites Relativos Compatíveis; Joelle não vê mal em que se aprove a beleza desde que, é óbvio, dentro de limites relativos compatíveis; já não sente empatia nem alimento maternal, apenas um desejo de engolir todas as gotas de saliva que produzir e abandonar este barco, ter mais quinze minutos de Demasiado Divertimento, eliminar a própria fronha com o aflato do deus cego de todas as jaulas com portas; e deixa-se deslizar do colo de Méliès para diante, uma queda mínima que a conduz com a mala cheia e o copo de turvo sumo de maça até à porta do outro lado das linhas de conga sossegada e dos grupos que compõem uma festa teórica animada e apreciada. E então, mais uma vez, demoras, indecisões, e o direito de uso da casa de banho bloqueado. É a única mulher com véu e faz parte de uma geração académica anterior à destes atuais candidatos, e bastante temida, embora não sejam muitos aqueles que sabem que é uma Personalidade Auditiva, temida mais por desistir que por falhar, e por causa de conexão da memória de Jim, e é-lhe concedida uma ampla margem de manobra social, autorizada a demorar-se e a orbitar e permanecer descomprometida nas franjas dos movediços grupos, obliquamente observada com o seu véu que fica côncavo sempre que respira, aguardando tranquila e parcimoniosamente que a casa de banho fique livre; Iaccarino, o arquivista de Chaplin, e um homem mais velho, amarelo de icterícia, entraram no quarto de Molly e deixaram a porta aberta, e ela espera calmamente, fazendo caso omisso do professor estrangeiro que quer saber onde trabalha com aquele véu, afastando-se dele com brusquidão, o cérebro a matraquear na caixa óssea, memorizando cada pormenor como quem recolhe conchas vazias, sorvendo líquido turvo sob as bordas cuidadosamente levantadas do véu, olhando agora para a tela translúcida em vez de através dela, o equivalente nos Improvavelmente Disformes a fechar os olhos para se concentrarem no som, deixando que a Última Festa passe por ela, com vários convidados a passarem por ela graciosamente quase sendo tocada uma ou duas vezes, só vendo o branco que se aproxima e afasta, ouvindo distintas vozes sobrepostas do mesmo modo que as jovens sem véu bebem vinho.

– Este espaço é tecnologicamente constituído.

– ... as coisas começam com um plano próximo de Remington com um horroroso fato de flanela fora de moda, a preto e branco, uma tomada frontal direta com aquela imagem granulosa a preto e branco que Bouvier lhe ensinou a obter manipulando a abertura para imitar aquelas horríveis velhas imagens em super oito, frontal direta, olhando para lá da câmara, sem tentar disfarçar que está a seguir um ponto, monótono e tudo, dizendo «Poucos estrangeiros notam que a palavra alemã *Berliner* também é a palavra corriqueira para um *donut* com geleia e que portanto a semanal frase de Kennedy *Ich bin ein Berliner* foi saudada pelas multidões teutónicas com um deleite apenas aparentemente político», e nesse momento leva à testa o polegar e o indicador e então o assistente de realização dele duplica a distância focal para que apareça este gigante...

– Dava a minha vida para defender o direito constitucional de nos enganarmos, mas neste caso...

– Eram menos bonitas, mas então Rutherford disse que já era tempo de deixar de dormir de barriga para baixo...

– Não, não estou a dizer que isto, isto tudo, aquilo que tu e eu estamos realmente a discutir, seja um espaço tecnologicamente constituído...

– *À du nous avons foi au poison.*

– O queijo é bom, mas já provei melhor.

– Mainwaring, este é o Kirby, o Kirby está com problemas, que me tem estado a contar, e agora também gostava de te contar a ti.

– ... mistério completo aparecimento de Eve Plumb, sabe-se que voltou para interpretar o papel, todos os outros estavam lá, até o Henderson e aquela mulher, Davis, no papel de Alice, a quem as enfermeiras tinham de levar em cadeira de rodas, por amor de Deus, e o Peter, com um aspeto de quem só comeu doces nos últimos quarenta anos, o Greg com aquela ridícula cabeleira postiça e botas de pele de serpente, sim, mas todos reconhecíveis, por baixo, de uma maneira ou de outra, esta insistência pré-digital em continuidade ao longo do tempo que constituía toda a magia e razão de ser do projeto, sabeis como é, agora estais versados na fenomenologia pré-digital e na teoria de Brady. Mas então aparece aquela mulher negra de meia-idade, absolutamente incongruente, a fazer o papel de Jan!

– *De gustibus non est disputandum.*

– Os tomates.

– Um incongruente negrume central podia ter servido para acentuar a terrível brancura que tinha sido um inelut...

– Todo o efeito histórico de um programa seminal foi espantosamente, mas espantosamente, alterado. Horrorosamente alterado.

– Eisentein, Kurosawa e Michaux entram num bar...

– Conheceis esses cartuchos de venda em massa, para as massas? Que são tão maus que por isso mesmo acabam por ser perversamente bons? Isto ainda foi pior.

– ... o chamado fantasma, mas real. E móvel. Primeiro a espinha. Depois já não a espinha mas a órbita do olho direito. Depois a velha órbita ajusta-se perfeitamente, mas o polegar ultrapassa-me. Não fica no sítio.

– Afeta a porra do gradiente da emulsão, por isso os ângulos *parecem* ser ângulos retos, a não ser...

– Então o que fiz foi sentar-me ao lado dele, percebem?, deixando-o sem espaço para fazer pontaria, Keck disse que precisavam de uns bons dez metros, por isso levei a mão à aba do chapéu, ao de leve, assim, para o inclinar para o lado e sentei-me praticamente nos joelhos do tipo, perguntei-lhe pela carpa para o espetáculo, sabeis que ele tem carpas com *pedigree*, e podeis imaginar que...

– ... o que é mais interessante numa perspetiva heideggeriana é *a priori*, se o espaço como conceito é enquadrado pela tecnologia como conceito...

– Tem uma astúcia móvel, uma espécie espectral ou fantasmagórica...

– Porque nessa fase são mais adaptáveis emocionalmente...

– «Pôr uma *dentadura postiça*?», disse ela. «Pôr *dentadura postiça*?»

– Quem é que filmou *The Incision*? Quem foi o diretor de fotografia de *The Incision*?

– ... de maneira que pode ser filme *qua* filme. Comstock afirma que, se realmente existe, tem de ser mais do tipo de uma farmacopeia estética. Um vetor bestialmente pós-anelar e escopofílico. Suprassubliminares e por aí fora. Um tipo qualquer de hipnose abstraível, uma espécie de efeito dopamina ótico. Um delírio filmado. Duquette diz que perdeu o contacto com três colegas. Diz que grande parte dos tipos de Berkeley não atende o telefone.

– Acho que ninguém aqui vai negar que são umas mamas magníficas,

Melinda.

– Comemos *blinis* de caviar. Também havia *tartines*. E uns pães doces com molho de creme de cogumelos. Disse que era tudo por conta dele. Que o convite era dele. Havia alcachofras assadas com uma espécie de *aïoli* manhoso. Cordeiro recheado com *foie gras*, bolo de chocolate com rum. Sete tipos de queijo. Um glacé de quivi e aguardente velha nuns copos tão bojudos que era preciso usar as duas mãos para os abanar.

– Aquele maricas cheio de coca no *Morris Mini*.

O prostético erudito em cinema:

– Os ventiladores já não conseguem conter tudo na Grande Convexidade. O que passa ao lado regressa da mesma maneira. O vosso país recusa aprender. E continuará a regressar. Não é possível deitar fora o lixo e evitar que haja fugas, não é assim? O lixo, devido à sua própria natureza, volta sempre. Lembro-me dos tempos em que o vosso rio Charles era café com natas. Olhem para ele agora. Agora é um rio azul. Boston tem um rio que por fora exibe o azul de um ovo de um pintarroxo.

– Acho que o que queres dizer é Grande Concavidade, Alain.

– E depois percebeu-se que tinha juntado ipecacuanha à aguardente velha. Nunca se vira nada tão horroroso. Toda a gente a vomitar como baleias por todo o lado. Já tinha ouvido a expressão *vómito-projétil*, mas nunca pensei que fosse possível *fazer pontaria*, tal era a pressão que se podia *fazer pontaria*. E saem todos aqueles técnicos graduados de baixo da toalha, e ele saca de uma cadeira de realizador e de uma câmara e começa a filmar aquela cena horrível com gente a grunhir, a vomitar e a cambalear...

– O rumor sobre o derradeiro cartucho-como-morte-extática tem estado a circular desde o Ano da Máquina de Lavar Louça, por amor de Deus. Basta inquirir por aí, mencionar que se é bolseiro de uma fundação obscura, obter o produto em qualquer zona sombria do mercado em que creia estar editado. Dai uma vista de olhos. Vereis que se trata apenas de um filme erótico sofisticado ou então de uma simples hora de espirais giratórias. Ou uma coisa parecida com Makavajev, uma coisa que é apenas um entretenimento depois de terminada, em retrospetiva.

O estriado paralelograma da luz do Sol da tarde alonga-se em trânsito pela parede leste, projetando-se sobre o aparador carregado de garrafas e o armário

envidraçado com equipamento de montagem antigo e as ripas do sistema de ventilação e prateleiras cheias de cartuchos de filmes de arte dentro das suas desinteressantes caixas pretas e cinzentas. O homem cheio de verrugas e com o capacete equestre está a piscar-lhe o olho ou então tem um tique. Há o clássico anseio pré-suicídio: Senta-te um segundo. Quero contar-te tudo. O meu nome é Joelle van Dyne, sou irlando-holandesa, fui criada numa propriedade da minha família a leste de Shiny Prize, Kentucky, filha única de um modesto químico especialista em pH baixo e da segunda mulher dele. Já não tenho sotaque, a não ser quando estou sob tensão. Tenho um metro e setenta de altura e peso quarenta e oito quilogramas. Ocupo espaço e possuo massa. Inspiro e expiro. Joelle nunca esteve tão consciente como agora da constante vontade que é requerida para inspirar e expirar, com o véu a retroceder até ao nariz e à boca redonda para depois esvoaçar com os cortinados de uma janela aberta.

– Convexidade!

– Con*ca*vidade!

– Con*vexidade*!

– *Concavidade*, raios te partam!

A casa de banho tem um gancho e um armário de remédios com espelho por cima do lavatório e é contígua ao quarto. O quarto de Molly Notkin parece-se com o de alguém que se deixa ficar na cama durante longos períodos de tempo. Tem um par de meias pendurado num candeeiro. Não há migalhas mas pedaços de bolachas entre as dobras de coberta cinzenta e enrugada. Uma fotografia do nova-iorquino faloneurótico tem o mesmo apoio triangular extensível do antianúncio do cartucho vazio. No cinzeiro há uma saqueta *Ziploc* com erva, mortalhas e sementes. Em cima do tapete desbotado há livros com títulos em alemão e alfabeto cirílico abertos daquela maneira que quebra as lombadas. Joelle nunca tinha gostado da ver a fotografia do pai Notkin pendurada a uma altura icónica na parede por cima da cabeceira: era um planificador de sistemas de Knoxville, Tennessee, com um sorriso de homem que usa sapatos brancos e um cravo na botoeira. E por que será que as casas de banho estão sempre muito mais iluminadas do que os quartos adjacentes? Teve de tirar duas toalhas molhadas da folha interior da porta da casa de banho para a poder fechar completamente. O mesmo velho gancho ferrugento que servia de fecho continuava a não encaixar no recetáculo aparafusado à ombreira; a música da

festa era agora uma horrorosa seleção de clássicos molificados de *rock* com todas as lúgubres associações dentais do *rock* suave; na folha exterior da porta há um calendário de Selective Automotion de Knoxville anterior ao Tempo Subsidiado e recortes de fotografias de Kinski como Paganini e de Léaud como Doinel e um fotograma sem moldura da cena multitudinária daquilo que parece ser *The Lead Shoes* de Peterson e, coisa curiosa, uma página solta da única monografia sobre teoria do cinema[81] publicada por J. van Dyne, M.A. Joelle, através do véu e da respiração rançosa, capta o complexo aroma de resquícios de sândalo numa caixinha com uma fita violeta à volta e sabonete desodorizante e o intenso cheiro de limão podre de uma diarreia causada pela tensão nervosa. Os filmes de terror de baixo orçamento da era do celuloide criavam ambiguidade e possível elisão colocando um sinal de interrogação a seguir à palavra fim e é isso que agora lhe vem à cabeça. fim?, entre odores de mofo e má digestão académica. A família materna de Joelle não tinha canalizações interiores. Não há problema. Reprime todos os padrões de pensamento sentimental do tipo isto-vai-ser-a-última-coisa-que-cheiro. Joelle vai ter Demasiado Divertimento aqui. No início, o que havia, antes de tudo o resto, era *divertimento.* Orin nunca tinha manifestado aprovação ou desaprovação: a urina dele era um livro aberto por causa do desporto. Jim não tinha desaprovado mas a sua falta de interesse mantivera-o à margem. O Demasiado Divertimento dele limitava-se ao *bourbon* puro, mas tinha vivido ao máximo e depois acabado na desintoxicação, uma e outra vez. No início tinha mesmo havido demasiado divertimento. Tinha sido até melhor do que snifar o material com notas enroladas e esperar pela gota fria e amarga no fundo da garganta e limpar como uma doida o apartamento novo e amplo enquanto a boca se torce e distorce sob o véu. A cocaína desfaz-se e condensa-se; comprime toda a experiência na implosão de um terrível e violento cravo no diagrama, um inspirado orgasmo do coração que a faz sentir realmente *atraente*, protegida por limites, desvelada e amada, observada e solitária e suficiente e feminina, plena, como se olhada durante um momento por Deus. Depois de inalar vê sempre, quando atinge o auge, na ponta do cravo no diagrama, o *Êxtase de Santa Teresa*, de Bernini, protegido por vidro, na Vittoria, a santa em posição quase supina, com o ondulante vestido de pedra sustentado por um anjo que na outra mão segura uma seta nua que se eleva em preparação da melhor descida, e as pernas da santa estão congeladas no gesto de se abrirem,

e a expressão do anjo não é de caridade mas de perfeito vício de amor com picos. O produto era não só o deus enjaulador dela, mas também o seu amante, demoníaco e angélico, de pedra. A tampa da sanita está levantada. Consegue ouvir o zumbido de um helicóptero a leste, um helicóptero da Polícia de Trânsito, por cima de Storrow Drive, e o guincho de Molly Notkin quando se ouve um enorme estardalhaço de vidro na sala: imagina a barba dela pendendo obliquamente e a boca transformada numa elipse de espuma de champanhe enquanto descarta uma catástrofe que significa boa sorte, consegue ouvir através da porta os pedidos de desculpa da extática Melinda e o riso de Molly, que soa como um guincho:

– Oh, cedo ou tarde tudo acaba por cair das paredes.

Joelle levantou o véu e pô-lo em cima da cabeça como se fosse uma noiva. Já que de manhã deitou outra vez fora os cachimbos, recipientes e filtros, agora tem de ser hábil. Na prateleira do lavatório, que tinha a cor esbranquiçada do chão e do teto (o papel de parede é de um padrão demencial de rosas entrelaçadas formando grinaldas), há uma velha escova de dentes, um tubo de *Gleem* cuidadosamente enrolado até meio, uma velha e desagradável espátula *NoCoat*, goma-arábica, antibiótico *NeGram*, creme depilatório, um tubo de *Monostat* sem enrolar, pelos de barba postiça e restos de fio dental mentolado, *Parapectolin*, um tubo inteiro de espuma para diafragma e nada em termos de maquilhagem mas bastante gel de cabelo num grande frasco com tampa e com cabelos na borda e uma caixa vazia de tampões meio cheia de moedas e elásticos; e Joelle empurra isto tudo com o braço para o lado, para baixo de um gancho no qual está pendurada uma toalha selvaticamente torcida que secou na forma de uma apertada espiral de corda retorcida, e se alguma coisa cair ao chão não faz mal porque cedo ou tarde tudo terá de cair. Na parte da prateleira que ficou vazia coloca a mala deformada. A ausência de véu atenua de certa maneira os odores da casa de banho.

Joelle já se arranjou noutras ocasiões, mas esta é a situação mais deliberada que tem de enfrentar em todo o ano. Da mala tira a garrafa de plástico de *Pepsi*, uma caixa de fósforos de madeira que uma bolsa com fecho de selar mantém secos, dois saquinhos de glicina contendo cada um quatro gramas de cocaína de pureza farmacêutica, uma lâmina de barbear só com um fio (cada vez mais difíceis de encontrar), um tubinho preto *Kodachrome* cuja tampa cinzenta abre

para o virar a fim de verter bicarbonato de soda tão fino como talco, o tubo de vidro vazio do charuto, um quadrado dobrado de folha de alumínio *Reynolds* do tamanho de uma carta de jogar e um pedaço cortado de arame de cabide de boa qualidade. A luz que vem de cima projeta a sombra das mãos dela sobre aquilo de que ela necessita e por isso também acende a luz do espelho do armário dos remédios. O foco treme, vacila e por fim banha a prateleira com uma fria fluorescência livre de lítio. Abre os quatro fechos e tira o véu, que pousa na prateleira ao lado do restante material. As saquetas de glicina de *Lady Delphina* têm fechos inteligentes que são verdes quando estão apertados e amarelos e azuis quando não estão. Mete metade do conteúdo das saquetas no tubo de charuto e acrescenta uma quantidade igual de bicarbonato de soda entornando um pouco num parêntese branco brilhante na prateleira. Há mais de um ano que não age de uma maneira tão premeditada. Abre a torneira F e deixa que a água jorre até estar bem fria para depois a ir fechando até que seja apenas um jorrozinho a encher o tubo. Segura o tubo em posição vertical e dá-lhe umas pancadinhas de lado com uma unha sem pintar observando a água a escurecer lentamente os pós no fundo. Produz uma dupla rosa de fogo no espelho que lhe ilumina o lado direito do rosto enquanto segura o tubo por cima da chama dos fósforos e aguarda que o material comece a borbulhar. Usa dois fósforos duas vezes. Quando o tubo aquece demasiado, envolve os dedos da mão esquerda no véu como se estivesse a usar um pano para o forno, tendo todo o cuidado (por hábito e experiência) para que o tecido não fique demasiado perto do fogo e arda. Depois de o produto ferver um pouco, Joelle apaga os fósforos com um movimento rápido e deita-os na sanita ouvindo um ténue ciciar. Pega no arame preto e começa a mexer e a amassar o material que acaba de ferver no tubo sentindo que endurece rapidamente e que aumenta a sua resistência aos pequenos círculos do arame. Foi quando as mãos lhe começaram a tremer nesta parte do processo de cocção que se apercebeu pela primeira vez de que gostava mais disto do que alguma pode gostar de uma coisa qualquer e continuar a viver. Não é estúpida. O Charles, que flui fora da casa de banho sem janelas, é intensamente azul, de uma tonalidade mais clara à superfície devido à chuva acabada de cair, que fez aparecer e alargar anéis de cor púrpura, um azul mais intenso tipo azul de *Magic Marker* sob a superfície diluída, e as gaivotas estampam o céu limpo, imóveis como papagaios de papel. Ressoa um surdo

estampido para lá da colina de cume raso de Enfield, na margem sul do rio, um projétil grande mas relativamente sem forma de bidões embrulhados em papel castanho e atados com cordel ressoando num amplo arco que incomoda as gaivotas que se precipitam de um lado para o outro, o embrulho castanho tornado rapidamente um ponto no céu ainda brumoso a norte, onde está suspensa uma nuvem castanho-amarelada mesmo por cima da linha que separa o céu da terra, com a parte superior a dispersar-se lentamente e a abrir-se de modo que a nuvem parece um cesto de roupa suja pouco agradável, à espera. Lá dentro, Joelle ouve apenas uma parte do grande estampido, uma coisa que poderia ser qualquer coisa. A única outra coisa além da que está prestes a fazer demasiado aqui e agora pela qual sentiu uma predileção parecida com a que sente neste momento: na infância, Paducah, não muito longe de Shiny Prize, ainda tinha algumas salas de cinema, seis ou oito auditórios distintos agrupados em favos nas bordas dos centros comerciais interestaduais. Os nomes das salas acabavam sempre em *–plex,* pensou. O Estoplex e o Aqueloplex. Nunca estranhara isso. E nunca lá tinha visto filme nenhum, na juventude, de que não gostasse imenso. Pouco importava que tipo de filme fosse. Na primeira fila, ela o seu papá pessoal sentavam-se nas primeiras filas desses minúsculos e estreitos cineplexes superisolados, no território de pescoços com torcicolos, e deixavam que o ecrã lhes enchesse todo o campo visual, uma mão no colo paterno e a outra a segurar uma grande caixa de *Crackerjacks* e o copo de refresco enfiado no aro que sobressaía do braço de plástico do lugar; e ele, sempre com um fósforo de madeira no canto da boca, apontando para esta ou aquela protagonista do mundo retangular que tinham diante dos olhos, gigantescas e perfeitas belezas bidimensionais iridescentes no ecrã, e dizia a Joelle vezes sem conta que ela era muito mais bonita do que qualquer uma delas. Na plácida bicha para comprar os bilhetes *–plex* em papel que pareciam recibos de lojas, sabendo que ficaria encantada com no entretenimento de celuloide qualquer que ele fosse, maravilhosamente inocente, pensando ainda que *qualidade* se referia aos ursinhos vivos dos anúncios da Qantas, de mão dado com ele, com os olhos à altura do inchaço causado pela carteira no bolso de trás das calças do pai, nunca tinha voltado a sentir-se *tão bem tratada* como nessa bicha, destinada ao bom e puro desfrute do entretenimento de grande ecrã, nunca tinha voltado a sentir-se assim até começar com este amante, preparando-o e fumando-o, há cinco anos,

antes da morte de Incandenza, no início. O pontapeador nunca a tinha feito sentir-se *tão bem tratada*, nunca a fez sentir que estava prestes a ser penetrada por uma coisa que não sabia que ela estava ali e no entanto iria fazê-la sentir-se bem de qualquer maneira ao entrar. O entretenimento é cego.

O improvável de tudo isto é que, quando o bicarbonato de soda e a água e a cocaína são misturados corretamente e aquecidos corretamente e remexidos corretamente quando a mistura arrefece, então, quando o material fica demasiado duro para se remexer e está por fim pronto para sair, sai liso e escorregadio como merda de cabra, como se saísse de uma garrafa de molho de tomate virada de boca para baixo, e de lá sai disparado o filho da puta, um moldado cilindro endurecido à volta do arame preto com a ponta redonda como o fundo do tubo de vidro. A pedra normal de cocaína, antes de ser cortada, parece uma bala de calibre .38. Aquilo que Joelle divide agora fora do tubo de charuto com três pancadinhas secas é uma monstruosa salsicha branca, como as salsichas em pão de milho das feiras no campo, com os lados um pouco ásperos, como *papier mâché*, um par de coágulos deixados no interior do tubo que se tiram e se fumam antes dos *Chore Boys* e das calcinhas.

Ela está um nadinha abaixo dos dois minutos deliberados de Demasiado Divertimento que qualquer mortal pode ter esperança de suportar. O rosto sem véu dela, refletido no sujo e iluminado espelho, mostra uma concentração tão intensa que choca. Do lado de fora da porta ouve Reeves Mainwaring a dizer a uma rapariga qualquer com voz de hélio que a vida é essencialmente a demorada procura de um cinzeiro. Demasiado Divertimento. Usa a lâmina de barbear para cortar bocadinhos da salsicha de pasta de cocaína. Não é possível cortar fatias muito finas porque se transformam em pó de imediato e não se fumam tão bem como se poderia pensar. O normal são bocados grandes. Joelle corta bocados suficientes para aproximadamente vinte cachimbos bem carregados. Formam uma pequena pedreira em cima do suave tecido do véu dobrado sobre a prateleira. A saia brasileira já está seca. É frequente a mala dourada de Reeves Mainwaring ter pequenos resíduos de comida. O *Êxtase de Santa Teresa* está em exposição permanente na Vitoria, em Roma, e ela nunca chegou a vê-la. Nunca voltará a pronunciar a palavra *Olhai* nem a convidar para observar a escuridão cobrir a face do abismo. «A Face do Abismo» tinha sido o título sugerido por ela para o último cartucho inédito de Jim, que este considerou demasiado

pretensioso e depois usou o fragmento craniano da cena do cemitério de *Hamlet*, decisão que ela considerou ainda mais pretensiosa e a fez rir. O olhar receoso dele quando ela se riu é a última recordação que tem de uma expressão facial daquele homem. Orin referia-se ao pai como Ele Mesmo e às vezes como Cegonha Louca e numa ocasião saiu-lhe da boca Cegonha Triste. Acende um fósforo de madeira, apaga-o com um sopro e toca com a cabeça quente no plástico da garrafa de *Pepsi*, que se derrete e fica com um furinho. Provavelmente era um helicóptero de trânsito. Alguém da Academia deles tinha estado relacionado de uma maneira qualquer com um helicóptero de trânsito que tivera um acidente. Não aguenta mais. Lá fora ninguém sabe que ela se está a preparar para ter Demasiado. Ouve Molly Notkin perguntar nos quartos se alguém viu Keck. No primeiro seminário teórico a que assistiu, Reeves Mainwaring tinha classificado um filme como «miseravelmente mal concebido» e outro como «desesperadamente aquiescente», e Molly Notkin havia fingido um ataque de tosse e falado com sotaque de Tennessee, tendo sido dessa maneira que se conheceram. A mortalha é para fazer um filtro que assentará na abertura superior da garrafa. Um filtro normal para droga é do tamanho de um dedal, com os lados abertos como um botão de rosa a abrir. Joelle usa a ponta de uma tesoura de unhas curva para fazer pequenos orifícios no retângulo de folha de alumínio dando-lhe a forma de um funil baixo suficientemente grande para transvasar gasolina. Estreita-lhe a ponta para que entre na boca da garrafa. Fica assim na posse de um cachimbo com um fornilho imenso e e um filtro. Coloca pedaços de cocaína suficientes para fumar cinco ou seis doses ao mesmo tempo. As pedrinhas ali estão empilhadas, de um branco-amarelado. Encosta os lábios a título experimental ao orifício derretido que faz na parede da garrafa e aspira; depois, de forma muito deliberada, acende outro fósforo e apaga-o. Usa a cabeça para alargar o orifício. A ideia de que não voltará a ver Molly Notkin ou os seus irmãos e irmãs da cerebral AHID ou o técnico da YYY ou o seu tio Bud no teto ou a madrasta internada no manicómio ou o pobre papá pessoal é sentimental e superficial. A ideia daquilo que está prestes a fazer contém todas as outras ideias e torna-as superficiais. O copo de sumo está na parte de trás da sanita, meio vazio. A parte de trás da sanita tem uma ténue camada de condensação de origem desconhecida. São factos. Esta divisão neste apartamento é a soma de numerosas ideias e factos específicos. É só isso. Fazer o coração explodir

deliberadamente assumiu o estatuto de um destes factos. Antes era uma ideia, mas agora está prestes a tornar-se um facto. Quanto mais perto está da sua concretização, tanto mais abstrato parece. As coisas tornam-se muito abstratas. A divisão concreta é a sua de factos abstratos. Os factos são abstratos ou não passam de representações abstratas de coisas concretas? O segundo nome de Molly Notkin é Cantrell. Joelle junta outros dois fósforos e prepara-se para os acender respirando rapidamente como um escafandrista antes de uma prolongada imersão.

– Está alguém aí dentro?

É a voz do jovem pós-neoformalista de Pittsburgh que gosta de se fazer passar por europeu e usa um chapéu de Ascot que não lhe encaixa bem na cabeça; bate à porta daquela maneira vacilante de quem sabe que há alguém lá dentro; a porta da casa de banho é composta por trinta e seis ou sete quadrados, o que é três vezes doze quadrados biselados e em relevo num empenado retângulo de madeira polida, não totalmente branca, o canto exterior e inferior é de madeira sem pintar e está abaulado devido a estar sempre a bater contra o maldito puxador metálico da gaveta inferior do armário, através da porta e da página de «Vermelho[*3]» e dos brilhantes atores e do calendário e da cena multitudinária e da espiral púbica de um pálido fumo azulado que dimana dos escombros cor de elefante e dos bocados enegrecidos no cone de folha de alumínio, o fumo azul de manta de bebé que a fez deslizar pela parede, pela toalha torcida, pelo toalheiro, pelo papel de parede de flores sangrentas e pela extensão elétrica intrincadamente complexa, pela ténue tinta acre, brilhante e cortante de um azul-celeste e cálido que a deixou em posição fetal vertical e com o queixo pousado nos joelhos noutra casa de banho norte-americana, sem véu, demasiado bela para palavras, talvez a Rapariga Mais Bonita de Sempre (a RMBDS), joelhos encostados ao peito, as pontas dos pés viradas por causa do frio radiante da porcelana da banheira com suportes em forma de garra, Molly mandara lacar a banheira de azul, laca, ela segura a garrafa recordando nitidamente que o seu lema para a última geração foi A Opção de Uma Geração Nua, quando era da altura de um bolso de calças e mais bonita do que todas aquelas gigantes cor de pêssego diante das quais erguiam os olhos, a mão dele no colo dela e a mão dela na caixa à procura do prémio, muito divertido demasiado divertido dentro do véu, pousado na prateleira, o material no funil esgotado mas que ainda fumega

ligeiramente, o diagrama atingindo chegando a seu ponto mais alto, a melhor descida da seta, tão bom que ela não consegue aguentar e estende a mão para a borda fria da fria banheira para se levantar enquanto chega aos ouvidos dela o ruído de fundo da festa, é como um precipício de volume estereofónico sobre o qual cambalear antes que as colunas expludam, com as pessoas quase sem se moverem e as conversas sobrepondo-se para formar um velho e horrendo ditado pré-Carter – «Só Estamos no Início» –, os membros a afastaram-se tanto dela que o facto de obedecerem às suas ordens parece magia, as tamancas desapareceram, não estão à vista, curiosamente as meias estão molhadas, levanto o rosto para enfrentar o sujo espelho do armário dos remédios, idênticas rosas de fogo ainda pendendo de uma esquina do espelho, cabelos de fogo que ela comeu agora a arrastarem-se como patas de vespa pelo ar do vidro que ela usa para localizar o véu sem rosto e o que está lá dentro, voltando a encher o cone, as cinzas da última carga são o melhor filtro do mundo, é um facto. Aspira e expira como um mergulhador especialista...

– Mas quem é que está aí? Está aí alguém? Abra a porta. Estou a saltar de um pé para o outro. Ei, Notkin, está aqui dentro alguém e não me parece que esteja a sentir-se bem. Que cheiro tão esquisito.

... e está ajoelhada a vomitar por cima da borda da fria banheira azul, arranha a borda da banheira, revelando um material branco e arenoso que está sob o esmalte e a porcelana vomita sumo turvo e fumo azul e pontinhos de um vermelho mercurial para a tina com garras, e consegue voltar a ouvir e parece ver, contra o fogo do sangue das suas pálpebras cerradas, veículos com lâminas giratórias a vigiar o fluxo do trânsito das alturas, helicópteros com holofotes, gordos dedos de luz azul vinda do céu, procurando.

Enfield, Massachusetts, é um desses pequenos factos estranhos que dão a ideia de que na realidade se trata da zona metropolitana de Boston, porque é uma cidade composta quase exclusivamente por instalações médicas, empresariais e espirituais. Uma espécie de forma braquial estende-se a norte desde a Avenida Commonwealth separando Brighton em Alta e Baixa, como o cotovelo cravado nas costelas de East Newton e o punho enterrado em Allston; a ampla base fiscal e municipal de Enfield, que inclui o Hospital St. Elizabeth’s, o Hospital Infantil Franciscano, a Universal Bleacher Co., a Casa de Idosos Provident, os Sistemas

Médicos de Pressão Shuco-Mist Inc., o complexo do Hospital de Saúde Pública da Marinha de Enfield, a firma Svelte Nail Co., metade das turbinas e geradores da Companhia Elétrica Sunstrand que abastecem a zona metropolitana de Boston (a parte que paga impostos está em Allston), a sede central da empresa familiar ATHSCME de Efetuadores de Deslocação de Ar (o que significa que fabricam ventiladores verdadeiramente grandes), a Academia de Ténis de Enfield, o Saint John of God Hospital, o Hospital Ortopédico de Hanneman, a companhia Leisure Time Ice, um mosteiro de Descalços, o Seminário Saint John e o escritórios da arquidiocese de Boston da Igreja Católica Romana (parcialmente na zona alta de Brighton; nenhum paga impostos), o convento central das Irmãs pela África, a Fundação Nacional para a Dor Crâniofacial, o Instituto Dr. George Roebling Runyon para a Investigação Podológica, as instalações regionais de brilhantes camiões basculantes e catapultas da Empire Waste Displacement Co. subsidiada pela ONAN (aquilo que os Quebequenses denominam *les trebuchets noirs,* espetaculares catapultas do tamanho de um quarteirão que fazem um estrondo comparável à pisadela de um pé gigantesco quando lançam, com uma altura parabólica que ultrapassa cinco quilómetros, grandes contentores de lixo empacotado para as regiões subanelares da Grande Concavidade; as fundas da máquinas são feitas de uma liga elástica muito forte e os imensos contentores voadores côncavos lembram enormes e infernais luvas de beisebol; há meia dúzia de catapultas numa espécie de hangar para dirigíveis com as secções de telhado seletivamente móveis que ocupam cerca de seis quarteirões quadrados da braquial incursão de Enfield em Allston Spur; de vez em quando são permitidas visitas escolares, mas não são estimuladas), etc. com toda a extremidade fletida do membro de Enfield enfiada numa camada perimétrica de propriedades comerciais e residenciais com pouca densidade, a Academia de Ténis de Enfield ocupa provavelmente melhor espaço de Enfield, dez anos depois de terem desflorestado e terraplanado o cimo da abrupta colina que agora se apresenta como uma espécie de quisto elevado no cotovelo da cidade, a melhor parte dos setenta e cinco hectares de vastos jardins, veredas cheias de trevos e ereções topologicamente extraordinárias, trinta e dois campos de ténis asfaltados e dezasseis em *Har-Tru*[*4] e amplas instalações subterrâneas de manutenção, de armazenamento e de treino desportivo e roseiras e loureiros e pinheiros habilmente misturados com vegetação caducifólia nas ladeiras. A colina da ATE

olha, de um lado, para leste, para a historicamente íngreme migração da Avenida Commonwealth a partir da miséria da zona baixa de Brighton – lojas de bebidas, lavandarias, bares e paliçadas sombrias de fachadas de blocos de casas manchadas de excrementos de pássaro, prédios imensos e melancólicos de bairros sociais, mais lojas de bebidas, homens pálidos com roupa de cabedal e bandos inteiros de miúdos pálidos com roupa de cabedal nas esquinas e em pizarias de gregos com paredes amarelas e em mercados de esquina sujos pertença de orientais que fazem tudo para manter os passeios limpos mas não conseguem, nem sequer à força de mangueiradas, além do ruído atroador das composições da Linha Verde que sobem de quinze em quinze minutos a longa encosta da Avenida Commonwealth até ao Boston College –, para a impertinente elegância do Boston College e o visível aburguesamento de Newton a oeste, onde o sol de Boston, rodeado por uma auréola de bruma, se põe atrás do último nó da curva sinusoidal de quatro quilómetros que é coletivamente denominada «Colina Rebenta-Corações» da maratona de abril; o Sol põe-se sempre quinze minutos, certos até ao nanossegundo, depois de DeLint acender as torres de iluminação dos campos. Para aquilo que penso ser o Sudoeste, a ATE dá para o emaranhado cinzento metálico dos transformadores Sunstrand e para as grelhas de alta tensão e gargantilhas coaxiais com contas de cerâmica isoladora sem nenhuma chaminé Sunstrand à vista, só um monstruoso conjunto isolador de muitos milhares de ohms no fim de uma linha de sinais que vem de nordeste, cada sinal informando com muitos Ø quantos amperes anelarmente gerados estão à espera no subsolo daquele que ouse cavar ou passeie por ali, com letreiros verbais de fazer levantar o cabelo que mostram um pequeno boneco com uma pá na mão a arder como um lenço de papel na lareira. Mas há chaminés no fundo visual, um pouco a sul de Sunstrand, dos hangares de catapultas, cada chaminé provida de um aberrante ventilador ATHSCME Série 2100 ADE aparafusado por detrás e soprando para norte com uma fúria estridente de alta tensão que de uma maneira ou de outra é auditivamente apaziguadora à distância e à altitude da ATE. Desde a linha de árvores tanto a norte como a nordeste, a ATE domina do alto da encosta mais abrupta e mais bem arborizada as terras complexamente decadentes do Hospital da Marinha de Enfield.

---

*1 Programa de ajuda norte-americano, entre 1941-1945, ao Reino Unido, União Soviética, China e França Livre. *(N. dos T.)*
*2 *All But Dissertation* («Tudo Menos a Dissertação»). *(N. dos T.)*
*3 V. nota 81 de DFW. *(N. dos T.)*
*4 Pedra esmagada. *(N. dos T.)*

5 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

O TELEFONE TRANSPARENTE TOCOU debaixo da montanha de roupa de cama[82] enquanto Hal estava sentado na beira com uma perna levantada e o queixo encostado ao joelho a cortar as unhas cujos bocados atirava para um cesto que estava no meio do quarto, a vários metros de distância. Tocou quatro vezes antes de conseguir dar com ele debaixo da roupa e esticar a antena.

– Hmmm... olá.

– Senhor Incandenza, sou do Departamento de Esgotos de Enfield e, francamente, estamos fartos das suas cagadas.

– Olá, Orin.

– Como é que vai tudo, rapaz.

– Oh, não, por amor de Deus, O. Já chega de perguntas sobre separatismo.

– Calma. Nem me tinha passado pela cabeça. É um telefonema social. Para saber como andam as coisas.

– É curioso que tenhas telefonado neste preciso momento. Porque estou a cortar as unhas dos pés e a enfiá-las num cesto a vários metros de distância.

– Santo Deus, sabes como detesto o ruído dos corta-unhas.

– Mas encesto mais de setenta por cento. Os pequenos fragmentos cortados. É espantoso. Vou sair do quarto e trazer alguém para assistir. Mas não quero quebrar o feitiço.

– A frágil magia daqueles intervalos em que sabemos que não vamos falhar.

– Estou precisamente num desses intervalos em que não se falha. É como aquela sensação mágica que se tem tão poucas vezes no campo. Jogar sem usar a cabeça, chama-lhe DeLint. Loach chama-lhe A Zona. Estar na Zona. Um daqueles dias em que nos sentimos perfeitamente calibrados.

– Em sintonia com Deus.

– Há uma espécie de ondulação na forma do ar desse dia que tudo guia.

– Quando se sente que é impossível errar mesmo que se queira.

– Estou tão longe do cesto dos papéis que a abertura mais parece daqui uma ranhura que um círculo. E, contudo, não falho o lançamento. Pumba, pumba. Lá

foi mais um. Mesmo os que não entram é por um cabelo, resvalam na borda.

– Eu estou sentado com uma perna num redemoinho na banheira da casa estilo rancho de uma terapeuta norueguesa especializada em massagens de tecidos profundos; estamos a mil e cem metros de altitude nas montanhas Superstition e lá em baixo Mesa-Scottsdale parece estar em chamas. O quarto de banho tem as paredes forrados com madeira de sequoia e dá para um precipício. A luz do Sol é da cor do bronze.

– Mas nunca se sabe quando é que a magia chega. Nunca se sabe quando é que as ondas se abrem. E uma vez que a magia está dentro de cada um, não se quer mudar nem um único pormenor. Não se sabe que concordância de fatores e de variedades causa essa sensação calibrada de que não se falha, e não se quer deitar a perder a magia tentando perceber como funciona, não se quer mudar a maneira de segurar a raqueta, a própria raqueta, a posição no campo, o ângulo de incidência do Sol. Fica-se com o coração entalado na garganta que se tem de mudar de lado do campo durante o jogo.

– Começas a parecer-te com um nativo supersticioso. Conheces a expressão *tornar propício* o feitiço divino?

– De repente entendo o que é o impulso *Gesundheit,* o sal por cima do ombro e os cartazes apotropaicos nos celeiros. Na verdade, até tenho medo de mexer o pé. Corto a unha o mais fina que posso, aerodinamicamente falando, e prolongo o tempo que estou a tratar deste pé porque pode dar-se o caso de a magia só funcionar nele. E nem sequer é o meu pé bom.

– Esses intervalos em que não se falha convertem-nos a todos em nativos supersticiosos, Hallie. O jogador de futebol americano é provavelmente o nativo mais supersticioso de todos os desportos. Daí as proteções de alta tecnologia e a licra de cores berrantes e a complexa terminologia do jogo. A exibição tranquilizadora de alta tecnologia. Porque o nativo de olhos esbugalhados está à espreita sob a superfície, como sabemos. Esse ser primitivo de olhos esbugalhados que dança com a lança na mão e com uma saia de folhas e imola virgens a Popogatapec e fica aterrorizado com os aviões.

– O *Dicionário Discursivo de Oxford* diz que os Aths de Vancouver costumavam cortar gargantas de virgens para derramar muito cuidadosamente o sangue nos orifícios dos corpos embalsamados do seus antepassados.

– Consigo ouvir o som desse corta-unhas. Para com isso durante uns

momentos.

– Já nem tenho o telefone entre o ombro e a cara. Agora sou capaz de cortar as unhas apenas com uma mão e pagar no telefone com a outra, mas continua a ser o mesmo pé.

– Não se tem a menor ideia do que são as superstições desportivas de olhos esbugalhados até se chegar ao profissionalismo, Hallie. Quando se chega ao circuito é que se fica a perceber o significado da palavra *primitivo.* Uma boa série de vitórias faz o nativo vir à superfície. *Slips* que não são lavados jogo após jogo até ficarem tesos como carapaus no armário das bagagens do avião. Ritualiza-se bizarramente o vestuário, a comida, as mijadelas.

– A micção.

– Imagina um defesa de duzentos quilos que insistem em mijar sentado. Não me perguntes o que têm de aguentar mulheres e namoradas durante uma boa série de vitórias.

– Não quero ouvir coisas sexuais.

– Depois estão aqueles jogadores que tomam nota de tudo o que dizem a toda a gente antes dos jogos, para que, se a magia aparecer, possam repetir exatamente as mesmas palavras às mesmas pessoas pela mesma ordem cronológica antes do jogo seguinte.

– Ao que parece, os Ahts tentavam encher os cadáveres dos antepassados com o sangue de virgens para conservar a privacidade dos seus próprios estados mentais. O ditado apósito que aqui se cita é: «Os fantasmas saciados não conseguem ver coisas secretas.» O *Dicionário Discursivo de Oxford* assinala que é o primeiro exemplo registado de profilaxia contra a esquizofrenia.

– Ei, Hallie.

– A seguir a um enterro, os quebequenses rurais da região de Papineau fazem um orifício da superfície até ao caixão, do qual perfuram a tampa para que a alma, se lhe aprouver, é claro, possa sair.

– Ei, Hallie, tenho a impressão que ando a ser seguido.

– Eis-me chegado ao grande momento. Acabei o pé esquerdo e estou a passar para o direito. Este é que vai ser o verdadeiro teste sobre a fragilidade do feitiço.

– Disse-te que tenho a impressão de que ando a ser seguido.

– Há homens que nasceram para serem seguidos, O.

– Estou a falar a sério. E ouve a parte mais estranha.

– A parte mais estranha é a que explica por que razão estás a partilhar isso com o teu irmão mais novo em vez de o fazeres com alguém cuja credulidade tu realmente valorizes.

– O estranho é que julgo que estou a ser seguido por pessoas... deficientes.

– Dois de três do pé direito, com um a resvalar na borda. O júri ainda não anunciou o veredito.

– Larga um segundo o corta-unhas. Não estou a brincar. Vou contar o que se passou no outro dia. Estou a conversar com uma certa pessoa na bicha dos correios. Noto que há um tipo numa cadeira de rodas atrás de nós. Nada do outro mundo. Estás a ouvir?

– Qual é a razão para ires aos correios? Não suportas a lentidão do correio normal. E já lá vão dois anos, segundo diz o Mario, que deixaste de enviar à mã as respostas aos pseudoformulários.

– E a conversa estava a correr bem depois de usar as Estratégias de Sedução doze e dezasseis, sobre as quais te falarei pormenorizadamente noutra ocasião. A coisa é que a tal pessoa e eu saímos dos correios juntos e havia outro tipo de cadeira de rodas a cortar lascas de madeira com um canivete à sombra de um toldo no fim da rua. Muito bem. Ainda não há razões para alarme. Mas agora a pessoa e eu dirigimo-nos no meu carro para o parque de estacionamento de rulotes...

– Em Phoenix há parques de estacionamento de rulotes? Não são aquelas rulotes de *metal* prateadas?

– Então saímos do carro e do outro lado do parque está *mais um* tipo de cadeira de rodas tentando fazer manobras no cascalho sem obter grandes resultados.

– Não é verdade que o Arizona está cheio de velhos e enfermos?

– Mas nenhum destes deficientes era velho. E eram muito robustos para quem anda de cadeira de rodas. E três numa hora é demasiado, creio eu.

– Julguei que as tuas aventuras amorosas se passavam sempre num ambiente suburbano e doméstico. Ou então em grandes motéis com camas de formas exóticas. E as mulheres que vivem em rulotes metálicas têm crianças pequenas e tudo isso?

– Aquela tinha duas gémeas encantadoras que brincavam muito tranquilamente com cubos sem que fosse necessário vigiá-las.

– Enternecedor, O.

– O que importa é quando saí da rulote algumas horas mais tarde, o tipo ainda estava lá, encalhado no cascalho. E, observando-o à distância, posso jurar que tinha uma espécie de máscara de dominó. E partir daí, vá eu para onde vá, parece haver uma quantidade estatisticamente improvável de figuras em cadeiras de rodas à minha volta, à espreita, com um ar talvez demasiado despreocupado.

– Admiradores particularmente tímidos, não? Um clube de pessoas com pernas disfuncionais obcecadas por esse tipo de admiração tímida em relação a uma das personalidades mais importantes do desporto norte-americano que, aliás, está diretamente relacionada com a palavra *perna*?

– Provavelmente é imaginação minha. Um pássaro caiu morto no meu jacúzi.

– Mas deixa que te faça um par de perguntas.

– Mas não foi por isto que te telefonei.

– Mas trouxeste à colação as rulotes e os estacionamentos de rulotes. Preciso de confirmar umas suspeitas, dois assuntos... Como nunca estive em nenhuma rulote. E até o *Dicionário Discursivo* tem lacunas no que concerne a parques de estacionamento de rulotes.

– É este o membro da família que é suposto não ser maluco a quem telefono? E é a ele a que peço ajuda?

– Devia ser *a quem*, acho eu. Mas concentremo-nos na rulote. A rulote dessa mulher que conheceste. Confirma ou infirma o seguinte. A carpete era pouco espessa e cobria o chão de parede a parede, e a cor era amarelo queimado ou alaranjado.

– Confirmo.

– A área da sala ou covil continha algumas ou todas as coisas que se seguem: um quadro de veludo preto com um animal; um diorama videofónico numa prateleira para bugigangas; um bordado com um provérbio da Bíblia; pelo menos uma peça de mobília com capa estampada e um pano a proteger os braços; um cinzeiro *Smoke-B-Gone* com filtragem de ar; a coleção do *Reader's Digest* dos últimos dez anos exposta na sua estante especial inclinada.

– Confirmo o quadro do leopardo, o sofá barato com os panos, o cinzeiro. Nenhum exemplar do *Reader's Digest.* Isto não tem graça nenhuma, Hallie. Às vezes nota-se em ti muito da mã de maneiras bastante estranhas.

– Última pergunta. O nome da dona da rulote: Jean. May. Nora. Vera. Nora

Jean ou era May.

– ...

– Era essa a pergunta.

– Creio que só te posso responder a isso mais tarde.

– Parece-me que a letra inicial desse teu *romance* é em minúsculas, meu rapaz.

– Mas o motivo do meu telefonema...

– Não se percebe bem se a força mágica continua a funcionar no pé direito. Estou com sete em nove, mas agora há uma sensação completamente distinta porque tento encestar de uma maneira deliberada.

– Hallie, há alguém nessa porra de revista chamada *Moment* que quer publicar um simpático perfil meu. Entre comas.

– Como?

– Um artigo sobre as minhas características pessoais. Como ser humano. A revista não se ocupa de desportos duros, diz a senhora com quem falei. Está mais orientada para aspetos sociais e humanos. É para uma secção intitulada «Pessoas de Agora».

– *Moment* é uma revista que se vende em supermercados. Juntamente com os rebuçados e as pastilhas elásticas. A Lateral Alice Moore lê-a. Está espalhada por todo o lado na sala de espera do C.T. Publicaram um artigo sobre um rapaz de Illinois que encantou o Thorp.

– Hal.

– Acho que a Lateral Alice Moore passa grande parte do seu tempo nas bichas dos supermercados, facto que, se pensares bem, é quase o ambiente ideal para ela.

– Hal.

– ... Devido ao facto de só conseguir deslocar-se lateralmente.

– Hal, a tal rapariga fisicamente imponente da *Moment* anda a fazer-me perguntas pessoais para construir o meu simpático perfil sobre os nossos antecedentes familiares.

– Quer saber coisas sobre Ele Mesmo?

– Sobre todos. Sobre ti, sobre o «Cegonha Louca», sobre a mã. Começa a emergir do plano geral uma espécie de homenagem a Ele Mesmo como patriarca, todo o talento e todos os êxitos dos seus familiares como uma espécie

de tributo refratado às carreiras do «Cegonha».

– Disseste sempre que tinha uma sombra muito comprida.

– Eu sei, e a primeira coisa que veio à cabeça foi mandá-la bugiar. Mas a revista está em contacto com a equipa. A direção decidiu que um perfil humano teria efeitos positivos na equipa. O Estádio Cardinal não vai cair com o peso dos rabos, com ou sem uma série de vitórias. Estive para a passar ao Bain, mas o Bain ia pôr-se a arengar ou a escrever-lhe cartas a analisar gramaticalmente citações que ela demoraria meses a identificar.

– *Ela* de mulher, não é assim? Não uma das pessoas típicas de tipo Orin. Uma jornalista, dura, agressiva, que masca pastilha elástica, provavelmente sem filhos pequenos e acabada de chegar de comboio de Nova Iorque. Aliás, descreveste-a como imponente.

– Não é assim tão dura nem agressiva, mas é fisicamente imponente. Grandona mas não isenta de erotismo. Uma mulheraça em todos os sentidos.

– Uma mulher capaz de dominar e controlar qualquer rulote em que viva.

– Já chega de rulotismos.

– A tensão que notas na minha voz advém do facto de estar a tentar falar e apanhar bocadinhos de unhas dos pés ao mesmo tempo.

– Esta rapariga é imune às habituais tentativas para mudar de conversa.

– Deves estar a perder qualidades. Uma mulheraça imune.

– Falei de mudar de conversa e não de seduzir.

– O melhor que podes fazer é evitar as mulheres que sejam capazes de te dar uma sova se as coisas chegarem a esse ponto.

– É mais imponente que muitos dos nossos jogadores da defesa. Mas estranhamente erótica. Os defesas estão gagás. Os placadores passam a vida a dizer graçolas sobre se ela gostaria de ver os perfis humanos deles.

– Esperemos que a prosa dela seja melhor do que a de quem fez aquele artigo na primavera passada sobre o miúdo cego. Foi dela que te veio esse novo medo de pessoas deficientes?

– Ouve, deves saber muito bem que não estou disposto a responder a perguntas sobre a roupa suja da família. Venha lá de quem vier, em especial de uma pessoa que toma notas em estenografia. Tenha encanto físico ou não.

– Tu e o ténis, tu e os Saints, Ele Mesmo e o ténis, a mã e Quebeque e o Royal Vitoria, a mã e a imigração, Ele Mesmo e a anelarização, Ele Mesmo e Lyle, Ele

Mesmo e as bebidas destiladas, Ele Mesmo suicidando-se, tu e a Joelle, a mã e o C.T., tu contra a mã, a ATE, os filmes inexistentes, etc.

– Mas estás a ver para onde é que serei levado se pensar nisso tudo. Como é possível evitar ser franco sobre o material do «Cegonha» se não sei qual é a resposta franca que poderia dar.

– Toda a gente disse que acabarias por lamentar não teres assistido ao funeral. Mas não me parece que tenham querido dizer isso.

– Por exemplo, o «Cegonha» matou-se antes de o C.T. se ter mudado para o piso de cima da residência do reitor? Ou depois?

– ...

– ...

– Estás a perguntar-me isso?

– Não tornes isto demasiado duro para mim, Hal.

– Nem me passa pela cabeça tentar isso.

– ...

– Imediatamente antes. Dois, três dias antes. O C.T. tinha o quarto que é agora do DeLint, ao lado do do Schtitt no edifício da Administração.

– E o papá sabia que eles...

– Íntimos? Não sei, O.

– Tu não *sabes*?

– Talvez o Mario. Queres esclarecer o assunto com o Booboo, O.?

– Não te ponhas com essas coisas, Hallie.

– ...

– E o papá... o «Cegonha Louca» meteu a cabeça no forno?

– ...

– ...

– No micro-ondas, O. O micro-ondas com grelhador que estava perto do frigorífico, do lado do congelador, no balcão, por baixo do armário da louça, à esquerda do frigorífico quando se está de frente para ele.

– Um forno de micro-ondas.

– Isso é uma canção, O.

– Nunca ninguém falou de um micro-ondas.

– Acho que foi uma coisa de que se falou no enterro.

– Continuo a perceber o que estás a dizer, para o caso de teres dúvidas.

– ...

– Então onde é que foi encontrado?

– Vinte de vinte e oito é o quê? Sessenta e cinco por cento?

– Não é que isto seja a única coisa que...

– O micro-ondas estava na cozinha. Acabei de te dizer isso, O.

– Muito bem.

– Muito bem.

– De acordo, e a quem, diz-me, falas mais sobre o homem, mantém verbalmente mais viva a memória dele, sobretudo agora: tu, o C.T. ou a mã?

– Julgo que temos um empate entre os três.

– Portanto, ninguém se lhe refere. Ninguém fala dele. É tabu.

– Parece-me que te estás a esquecer de alguém.

– O Mario fala dele. Disso.

– Às vezes.

– E com quem e/ou quê fala ele?

– Para começar, comigo, por exemplo.

– Então quer dizer que falas sobre ele mas só com o Mario e depois de ser ele a começar a conversa.

– Orin, menti. Ainda nem sequer comecei a tratar do pé direito. Tive receio de mudar o ângulo de abordagem às unhas. O pé direito representa um ângulo de abordagem muito diferente. Temo que a magia dependa do pé esquerdo. Sou como o teu colega de defesa supersticioso. Falar sobre isso quebrou o feitiço. Agora estou com medo e sinto-me coibido. Tenho estado sentado na borda da cama com o meu joelho direito encostado ao queixo, paralisado por um terror aborígene. E a mentir ao meu próprio irmão.

– Posso perguntar quem é que o encontrou? O seu... Quem é que o encontrou no forno?

– Foi encontrado por um tal Harold James Incandenza, com a avançada idade de treze anos.

– Foste tu que o encontraste? Não foi a mã?

– ...

– ...

– Ouve, posso saber a que propósito vem este interesse depois de quatro anos e duzentos e dezasseis dias, tendo em conta que durante dois anos não te

dignaste a telefonar uma única vez?

– Já te disse que não me sinto suficientemente seguro para responder às perguntas da Helen se tiver controlo sobre o que estiver a dizer.

– Com que então a Helen, eh?

– É por isso.

– Continuo paralisado. A inibição que destrói a magia agrava-se. É por isso que o Troeltsch e o Pemulis parecem sempre deixar escapar a vantagem. O termo padrão é Ficar Tenso. O corta-unhas está pronto, com as lâminas à volta da unha. E não sou capaz de atingir o estado de desinibição que me permita cortar. Talvez se deva a ter andado a apanhar os bocadinhos que estavam espalhados pelo chão. Subitamente o cesto parece distante e muito pequeno. Perdi a magia quando falei dela em vez de me entregar a ela. Agora tentar encestar a unha parece um exercício de telemacria.

– O que tu queres dizer é telemetria.

– Que embaraçoso. Quando se perdem qualidades é de vez.

– Ouve...

– Vá, por que razão não me fazes todas essas horríveis perguntas a que não queres responder? Pode ser a tua única oportunidade. Normalmente não falo destas coisas.

– Ela estava lá? A RMBDS?

– A Joelle não voltou a pôr lá os pés desde que te separaste dela? Já sabias. Ele Mesmo encontrava-se com ela na casa dela para gravarem. Creio que sabes muito melhor do que eu o que é que esses dois andavam a tentar fazer. Joelle e Ele Mesmo. Ele Mesmo foi enterrado. O C.T. já tinha a responsabilidade de quase toda a gestão diária. Ele Mesmo esteve fechado naquele quartinho de pós-produção ao lado do laboratório durante um mês inteiro. Era o Mario que lhe levava comida e... artigos de primeira necessidade. Às vezes comia com o Lyle. Creio que não veio à superfície durante todo o mês, excetuando uma viagem a Belmont para se desintoxicar e purgar durante dois dias no McLean[*1]. A coisa aconteceu uma semana depois de ter regressado. Fez uma viagem de avião a qualquer sítio e passou três dias fora; julgo que foi uma viagem de negócios. Relacionada com o cinema. Se o Lyle não foi com ele, então foi a outro lado qualquer porque não estava na sala de halterofilia. Sei que o Mario não foi com ele e não sabia o que se estava a passar. O Mario não mente. Não há a certeza de

que tenha acabado o que estava a montar. Refiro-me a Ele Mesmo. Deixou de viver no dia um de abril, caso não tenhas a certeza, foi esse o dia. Posso dizer que no dia um de abril ainda não tinha regressado à hora do início dos treinos da tarde porque passei pela porta do laboratório depois do almoço e ele não estava.

– Dizes tu que foi fazer outra desintoxicação... Foi em março?

– Foi a mã em pessoa que o trouxe para a superfície e enfrentou o trânsito exterior para o levar, por isso julgo que era urgente.

– Deixou de beber em janeiro, Hal. Nisso, Joelle foi muito concreta. Telefonava-me apesar de termos combinado que não o fizesse para me contar coisas mesmo depois de lhe ter dito que não queria ouvir falar dele se ela continuasse a entrar nos filmes. Disse-me que não havia tocado numa única gota durante várias semanas. Tinha sido essa a condição que ela lhe impusera para fazer o que ele queria que ela fizesse. Disse-me que ele lhe disse que faria o que fosse preciso.

– Bom, não sei o que te possa dizer. Nessa altura era difícil dizer se andava a ingerir alguma coisa ou não. Parece que a partir de certo ponto deixa de ter importância.

– Quando fez a viagem de avião levou material de cinema? Alguma caixa de filme? Equipamento?

– Oh, não o vi partir nem voltar. Já não estava à hora dos jogos. O Freer deu-me uma sova nesse dia. Foi quatro a um ou quatro a dois, uma coisa dessas, e fomos os primeiros a acabar. Fui à residência do reitor com um carregamento de emergência de roupa suja antes do jantar. Eram cerca das dezasseis e trinta. Entrei e notei logo qualquer coisa.

– E deste com ele.

– Fui chamar a mã, mas depois mudei de ideias e fui buscar o C.T., e depois mudei de ideais e fui buscar o Lyle, mas a primeira autoridade que encontrei foi o Schtitt, que se portou de forma irrepreensivelmente rápida, eficiente e sensata, sendo portanto a autoridade mais idónea naquelas circunstâncias.

– Julgava que os micro-ondas não funcionavam a não ser com a porta fechada. Com os micro-ondas a oscilar de um lado para o outro no interior. Julgava que tinha uma luz como a dos frigoríficos ou um dispositivo de leitura com a palavra Pronto.

– Parece que te estás a esquecer do engenho tecnológico que a pessoa de quem

estamos a falar tinha.

– E tu ficaste aturdido e traumatizado. Estava asfixuado, afetado por radiações e/ou queimado?

– De acordo com a maneira como reconstruímos posteriormente a cena, terá usado um berbequim e uma serra para fazer um buraco do tamanho da cabeça na porta do forno e depois, quando lá meteu a cabeça, encheu o espaço vazio à volta do pescoço com folha de alumínio enrolado.

– Dá a ideia de ter sido uma coisa feita à pressa e fortuita.

– Toda a gente é crítica, mas não se tratou de uma empresa estética.

– ...

– E tinha uma grande garrafa de *Wild Turkey* meio bebida por perto, no balcão, com um enorme laço vermelho no gargalo, daqueles que se usam nos embrulhos dos presentes.

– Pois, no gargalo.

– Isso é uma repetição.

– Queres dizer que afinal não estava sóbrio.

– É o que parece, O.

– E não deixou nenhuma mensagem escrita, nem um vídeo com a última vontade, nem nenhum comunicado.

– O., sei que sabes muito bem que não o fez. E fazes-me perguntas sobre coisas que sei que sabes, além de o criticares e sugerires que estava sóbrio quando nem sequer estavas perto da cena ou do funeral. Já encerrámos este assunto? Tenho de tratar de um pé com as unhas demasiado compridas.

– De acordo com a maneira como a cena foi reconstruída, dizias tu.

– Lembrei-me agora que tenho de devolver um livro que requisitei. Já me ia esquecendo. Tenho de ir à biblioteca.

– Reconstruíram a cena? Isso significa que quando o encontraste a cena estava desconstruída?

– Espanta-me que isso venha de ti, O. Sabes que era essa palavra que ele mais odiava...

– Queimado então. Diz. Estava muito mas muito queimado.

– ...

– Não, espera, asfixuado. A folha de alumínio era para conservar o vazio no espaço que ficou automaticamente evacuado quando o magnetrão começou a

oscilar e a gerar micro-ondas.

– Magnetrão? Que sabes tu de magnetrões e osciladores? Não és o irmão a quem era sempre preciso explicar para que lado se girava a chave na ignição de um simples carro?

– Uma curta relação com uma pessoa que tinha sido modelo em feiras de eletrodomésticos.

– ...

– Era um tipo de trabalho absolutamente brutal. Tinha de estar de pé em cima de uma *Lazy Susan*[*2] giratória em fato de banho com uma perna para um lado e uma mão estendida com a palma para cima apontando para o aparelho elétrico que havia ao seu lado. De pé, a sorrir e a girar o dia todo. Passava metade da noite a cambalear tentando recuperar o equilíbrio.

– E essa pessoa explicou-te por acaso como é que as coisas são cozinhadas num micro-ondas?

– ...

– Ou já cozinhaste tu uma batata no micro-ondas? Sabias que tens de a cortar antes de acender o aparelho? Sabes porquê?

– Jesus!

– O patologista de campo do DPB[83] disse que a concentração de pressões internas tinha sido quase instantânea e de potência equivalente a mais de dois cartuchos de dinamite.

– Por amor de Deus, Hallie.

– Daí a necessidade de reconstruir a cena.

– Jesus!

– Não te sintas mal. Não há nenhuma garantia de que te tivessem contado, mesmo que aparecesses, digamos, no velório. Eu, por exemplo, não estava muito falador. Parece que expressei choque e trauma durante todo o período do funeral. Daquilo que me lembro melhor é de haver muita conversa murmurada sobre o meu bem-estar psíquico. No final comecei a entrar e a sair dos quartos só para desfrutar o facto de as conversas em voz baixa pararem a meio.

– Deves ter ficado traumatizado à grande.

– A tua preocupação é muito apreciada, garanto-te.

– ...

– O consenso alcançado foi trauma. Acontece que a Rusk e a mã começaram a

entrevistar psicólogos de traumas de alto grau e penas emocionais para mim poucas horas depois do acontecimento. Meteram-me em terapias intensivas de tratamento de traumas e estados emocionais alterados. Quatro dias por semana durante mais de um mês, precisamente no meio da preparação para a turné de maio-junho. Desci dois degraus no *ranking* dos catorze anos por causa dos jogos da tarde que perdi. Perdi as qualificações em superfície dura e teria perdido Indianapolis se... não tivesse acabado por aprender o processo de terapia emocional e traumática.

– Mas foi uma ajuda. Acabou por ser. A terapia emocional...

– As sessões acabaram por vir a ter lugar no Edifício Profissional mesmo no cimo da Avenida Commonwealth, depois da Praça Sunstrand e perto da Rua Lake, o edifício de tijolo cor do molho *Thousand Island* por onde passamos a correr quatro vezes por semana. Quem poderia imaginar que os melhores especialistas de traumas estavam do outro lado da rua?

– Tenho a certeza de que a mã não quereria que a terapia fosse feita muito longe da velha teia, se necessário.

– O psicólogo insistiu comigo para que o tratasse por tu e pelo nome próprio, de que me esqueci. Era um tipo grandote e vermelhusco que tinha sobrancelhas com um ângulo sinclinal de aspeto demoníaco e minúsculos dentes cinzentos. E bigode. Tinha sempre restos de espirro no bigode. Acabei por ficar a conhecer muito bem esse bigode. A cara dele exibia aquele rubor devido a tensão arterial que a do C.T. também tem. E nem sequer falemos no tema das mãos dele.

– A mã deu ordens à Rusk para te pôr nas mãos de um profissional de primeira categoria para não se sentir culpada por ter sido ela quem praticamente fez o buraco na porta do micro-ondas. Entre outras pequenas operações de culpa e anticulpa. Acreditou sempre que Ele Mesmo fazia mais qualquer coisa com a Joelle além de trabalhar. E o pobre Ele Mesmo só tinha olhos para a mã.

– Ele era um *hombre* duro, Orin, o tal terapeuta. Comparadas com as sessões dele, as da Rusk pareciam um dia no Adriático. Não abrandava: «Como te sentiste, como te sentes, como te sentes quando te pergunto como te sentes?»

– A Rusk parecia-me sempre um caloiro a tentar desapertar o sutiã de uma pessoa, por causa da maneira como se agarrava e remexia na mente de uma pessoa.

– O homem era insaciável e assustador. Aquelas sobrancelhas, aquela cara

como um presunto, aqueles olhinhos brandos. Nunca desviava o olhar; só olhava para mim. Foram as seis semanas mais brutais de conversa profissional chata que se possa imaginar.

– Com o merdas do C.T. já a transferir para o andar de cima da residência do reitor a sua coleção de sapatos de sola grossa e as perucas pouco convincentes e a *StairMaster.*

– Foi tudo um pesadelo. Não conseguia perceber o que o tipo queria. Fui à secção de penas emocionais da biblioteca da Praça Copley. Nenhuma disquete. Só livros. Li Kübler-Ross, li Hinton. Folheei Kastenbaum e Kastenbaum. Li coisas como *Seven Choices: Taking the Steps to New Life After Losing Someone You Love*[84], de Elizabeth Harper Neeld, trezentas e cinquenta e duas páginas de pura treta. Quando acabei de o ler, tinha identificado em mim sintomas de manual perfeitos de denegação, distorsão, fúria, mais denegação, depressão. Enumerei as sete opções e vacilei muito antes de escolher. Arranjei informação etimológica sobre a palavra *aceitação* desde os tempos de Wyclif e da *langue-d'oc* francesa do século XIV. O psicólogo não aceitou nada disto. Foi como um desses exames finais nos pesadelos, para os quais uma pessoa se prepara de forma imaculada e no fim, ao chegar lá, as perguntas são todas feitas em hindi. Tentei até dizer-lhe que Ele Mesmo era infeliz e pancreático e que estava descontrolado a maior parte do tempo, que ele e a mã estavam praticamente separados, que nem o trabalho nem o *Wild Turkey* o ajudavam minimamente, que se sentia amargurado devido a qualquer coisa que andava a montar e que estava a ficar tão mal que nem sequer a quis tornar pública. Que, no final, o que aconteceu talvez não tinha sido mais que um ato de misericórdia.

– Então Ele Mesmo não sofreu. Isto é, no micro-ondas.

– O patologista do DPB que desenhou com giz a silhueta dos sapatos de Ele Mesmo no chão disse que não sofreu mais que dez segundos. Disse que com a pressão existente deve ter sido quase intstantâneo. Depois apontou para as paredes da cozinha. A seguir vomitou. O patologista.

– Por amor de Deus, Hallie.

– Mas o psicólogo da dor emocional não estava nada interessado, pouco lhe interessava aquela ideia de pelo-menos-já-não-sofre-mais que Kastenbaum e Kastenbaum disseram que é um sinal de aeitação tão luminoso como um letreiro de néon. Esse psicólogo continuava a acossar-me como um monstro-de-gila. Até

tentei dizer-lhe que não sentia nada.

– O que era uma ficção.

– É claro que era uma ficção. Que podia fazer? Estava dominado pelo terror. O tipo era um pesadelo. A cara dele estava pendurada por cima da secretária como uma lua hipertensa, sem nunca desviar os olhos. Com um brilhante orvalho mucoidal no bigode. E nem me faças perguntas sobre as mãos dele. Era o meu pior pesadelo. Falar de inibição e de medo. Ali estava uma figura de autoridade de primeira categoria e eu não era capaz de lhe dar o que ela queria. O tipo tornou perfeitamente claro que eu não estava a corresponder como devia. E antes eu nunca tinha deixado de corresponder.

– Eras tu quem dava sempre as respostas, Hallie, não há dúvidas sobre isso.

– E ali estava aquela figura de autoridade com as melhores credenciais emolduradas a cobrir todos os centímetros quadrados das paredes que nem sequer conseguir definir o que queria de mim. Podes dizer o quiseres do Schtitt e do DeLint: não deixam ninguém ficar com dúvidas sobre o que querem. Flottman, Chawaf, Prickett, Nwangi, Fentress, Lingley, Pettijohn, Ogilvie, Leith, mesmo a mã, à sua maneira: no primeiro dia de aulas dizem logo o que querem que nós façamos. Mas aquele filho da p. não dava a mínima pista.

– Deves ter estado sempre em estado de choque,

– Piorava a cada dia que passava. Perdi peso. Não conseguia dormir. Foi então que comecei a ter pesadelos. Sonhava com uma cara no soalho. Voltei a perder com o Freer e depois com o Coyle. Fiz três *sets* com o Troeltsch. Tive Bom em dois questionários. Não conseguia concentrar-me noutra coisa. Fiquei obcecado com a ideia de que podia falhar na terapia da dor. Que aquele profissional ia contar à Rusk, ao Schtitt, ao C.T. e à mã que eu não correspondia.

– Tenho pena de não ter podido estar aí.

– O mais estranho de tudo é que quanto mais obcecado estava e pior dormia e jogava, mais feliz estava toda a gente.O psicólogo felicitou-me pelo meu mau aspeto. A Rusk disse ao DeLint que o psicólogo tinha contado à mã que a coisa começava a funcionar, que eu começava a sofrer, mas que se tratava de um longo processo.

– Longo e dispendioso.

– Exato. Comecei a ficar desesperado, a sentir que ficaria preso àquela terapia, que nunca encontraria a resposta e que a coisa não teria fim. Que teria aqueles

interfaces kafkianos com esse homem dia após dia, semana após semana. Já estávamos em maio. Aproximava-se a data do torneio em terra batida continental, no qual, no anterior, tinha alcançado a quarta eliminatória, e começou a tornar-se óbvio para toda a gente que naquele momento crucial do longo e dispendioso tratamento pela dor eu não faria parte do contingente que iria a Indianapolis, a não ser que encontrasse uma solução emocional que satisfizesse aquele tipo. Estava num estado de desespero total, uma ruína.

– Foi então que foste à sala de halterofilia. Fizeste uma visita ao bom e velho Lyle.

– O Lyle acabou por ser a chave. Estava sentado a ler *Folhas de Erva*. Estava a passar pela sua fase Whitman, como manifestação de luto por Ele Mesmo, disse-me. Nunca tinha vindo ter com o Lyle em atitude de súplica, mas depois disse-me que lhe bastou ter olhado de relance enquanto eu fazia exercícios e suava como um cavalo para se sentir tão comovido perante a minha dor adicional por ter tido de ser o primeiro dos entes queridos de Ele Mesmo que experimentou a perda de Ele Mesmo que faria todos os esforços mentais para me ajudar. Assumi a posição e deixei que desse voltas ao assunto e expliquei-lhe o que se tinha estado a passar e que, se não encontrasse maneira de satisfazer aquele profissional da dor, ia acabar fechado algures num quarto almofadado. A intuição chave do Lyle foi de que eu havia estado a abordar a questão numa perspetiva errada. Tinha ido à biblioteca e agido com um *estudante* da dor. Aquilo que eu devia estudar era os *próprios* profissionais. Tinha de me preparar com base no conhecimento da perspetiva do profissional da dor. Como podia saber o que queria um profissional a não ser que soubesse o que se lhe exigia profissionalmente que quisesse, etc. Era fácil, disse. Tinha de me identificar com ele, disse o Lyle, se é que queria ir mais longe do que ele. Como era o simples oposto do que eu tinha feito até então em termos da minha normal prepararação-para-corresponder que nem me havia ocorrido, explicou o Lyle.

– O Lyle disse isso tudo? Não me parece coisa do Lyle.

– Uma espécie de luz suave acendeu-se no meu interior ao fim de várias semanas. Chamei um táxi, ainda enrolado na toalha. Entrei no táxi ainda ele não tinha tido tempo para parar ao portão. Disse ao taxista: «Leve-me à biblioteca mais próxima com uma boa secção de trauma-terapia profissional da dor e carregue no pedal.» Etc., etc.

– O Lyle que a minha turma conhecia não era uma figura do género de defender que se correspondesse aos desejos da autoridade.

– Quando fui à consulta com o psicólogo no dia seguinte era um homem diferente, imaculadamente preparado, imperturbável. Tudo o que detestava naquele homem: as sobrancelhas, a música multicultural da sala de espera, o olhar implacável, o bigode com crosta, os dentinhos cinzentos, as próprias mãos... Disse-te que escondia sempre as mãos debaixo da secretária?

– Mas superaste a situação. A tua dor satisfez toda a gente, estavas tu a dizer.

– O que eu fiz foi apresentar-me em fúria diante do psicólogo da dor. Acusei o psicólogo da dor de inibir efetivamente os meus esforços para processar a minha dor quando se recusava a validar a minha falta de sentimentos. Disse-lhe que já lhe tinha dito a verdade. Usei palavrões e calão. Disse-lhe que me estava nas tintas para o facto de ele ser ou não uma figura de autoridade com uma abundante cópia de credenciais. Disse-lhe que era um merdas. Perguntei-lhe que raio de porra queria de mim. O meu comportamento foi paroxístico. Disse-lhe que lhe tinha dito que não sentia nada, o que era verdade. Disse-lhe que parecia que ele queria que me sentisse toxicamente culpado de não sentir nada. Nota que eu introduzia subtilmente certos termos de grande peso profissional em matéria de terapia da dor, como *validar, processar* como verbo transitivo e *culpa tóxica.* Trouxe-os da biblioteca.

– A grande diferença é que desta vez estavas a correr pelo campo bem orientado, sabendo onde ficam as linhas, como diria o Schtitt.

– O psicólogo da dor encorajou-me a prosseguir com os meus sentimentos paroxísticos e que desse nome e honrasse a minha raiva. Ficou ainda mais contente e excitado quando lhe disse com toda a fúria que me recusava a sentir qualquer tipo de culpa que fosse. Perguntei-lhe se era suposto que tivesse perdido ainda mais depressa com o Freer para passar mais cedo pela residência do reitor e impedir Ele Mesmo de se matar. A culpa não era minha, gritei. Não era culpa minha que o tivesse encontrado; estava reduzido a peúgas pretas de rua, tinha uma urgência legítima de lavar roupa. Nesta altura da consulta dava violentos murros no meu peito e disse-lhe que, por amor de Deus, *não* era culpa minha que...

– Que quê?

– Foi exatamente isso que o psicólogo disse. A literatura especializada

dedicava secções inteiras às Pausas Abruptas em Discursos de Grande Carga Emocional. O psicólogo estava agora inclinado para diante e tinha os lábios húmidos. Em estava na Zona. Terapeuticamente falando. Senti-me no topo do mundo pela primeira vez em semanas. Rompi o contacto visual com ele. Que tinha sentido fome, murmurei.

– Como?

– Foi isso que me perguntou o psicólogo. Ciciei que não era nada, que apenas tinha a certeza de que não era culpa minha ter tido a reação que tive quando atravessei a porta da residência do reitor, antes de chegar à cozinha para ir até às escadas da cave e encontrar Ele Mesmo com a cabeça enfiada naquilo que restava do micro-ondas. Quando entrei e ainda estava no vestíbulo tentando descalçar-me sem pousar a pilha de roupa suja na carpete branca e dando saltinhos, não poder fazer a menor ideia daquilo que se tinha passado. Disse-lhe que ninguém podia escolher ou controlar os seus primeiros pensamentos ou reações inconscientes quando entra numa casa. Disse-lhe que não era culpa minha que o meu primeiro pensamento inconsciente tivesse sido que...

– Por amor de Deus, Hallie, o quê?

– *Que qualquer coisa cheirava deliciosamente!,* gritei. A potência do meu guincho quase projetou o psicólogo da dor contra a poltrona de couro. Um par de credenciais caiu das paredes. Inclinei-me para diante na minha cadeira que não era de couro como se fosse fazer uma aterragem de emergência. Levei as mãos às fontes e balancei-me na cadeira entre soluços e gemidos. Disse-lhe que tinham passado quatro horas desde o almoço e que trabalhara e jogado no máximo e que estava a morrer de fome. Que tinha ficado com água na boca mal entrei em casa. E que a minha primeira reação tinha sido de que havia alguma coisa na cozinha que cheirava deliciosamente!

– Mas perdoaste-te.

– Absolvi-me quando faltavam sete minutos para o fim da sessão com a total aprovação do profissional presente. Ele estava em êxtase. No final, juro que levitava a meio metro do chão perante a minha depressão de manual de terapia da dor, perante a maneira como me afundava no verdadeiro sofrimento, no trauma e na culpa, perante o meu pesar estrondoso de manual, isto é, perante a minha absolvição.

– Por todos os santos do Céu, Hallie.

– ...

– Mas superaste isso. Sofreste a sério e já me podes contar como foi para que eu possa dizer umas generalidades que sejam convincentes sobre a perda e o pesar na reportagem da Helen para a *Moment.*

– Mas omiti uma coisa: o pior pesadelo de tudo o que se passou com o grande psicólogo da dor foi o facto de nunca lhe ter visto as mãos. O mais atroz dessas seis semanas está de certo modo centrado nas mãos daquele tipo. Nunca saíam debaixo da secretária. Era como se os braços dele acabassem nos cotovelos. Além da análise dos resíduos do bigode, passei uma eternidade a tentar imaginar a configuração e as atividades das mãos escondidas.

– Hallie, deixa que te faça uma pergunta e nunca mais voltarei a este assunto. Sugeriste antes que a coisa mais especificamente traumática foi a cabeça de Ele Mesmo estar rebentada como uma batata sem cortar.

– Depois aconteceu que no último dia do tratamento, no último dia antes da escolha dos membros da equipa A para Indianapolis, depois de eu ter correspondido e o meu pesar traumático ter sido profissionalmente declarado como estando desvelado e contido e processado, quando vesti o polo e me levantei para sair, aproximei-me da secretária e estendi a mão em sinal de trémulo agradecimento de uma maneira que ele não podia recusar, ele levantou-se, mostrou a mão e apertou a minha. Foi então que percebi.

– Tinha as mãos desfiguradas ou coisa assim.

– As mãos dele não eram maiores do que as de uma menina de quatro anos. Era uma coisa surreal. Aquela enorme figura de autoridade com uma grande cara carnuda e enorme bigode de morsa e papada e pescoço que transbordava do colarinho da camisa tinha umas mãozinhas cor-de-rosa, sem pelos e macias, tão delicadas como conchas. As mãos dele eram o fim. Foi com extrema dificuldade que saí do consultório antes que começasse.

– A histeria catártica pós-traumática-como-reexperiência. Piraste-te de lá.

– Quase não consegui chegar à casa de banho dos homens ao fundo do corredor. Estava a rir tão histericamente que tive medo de ser ouvido por todos os dentistas e contabilistas que havia de ambos os lados da casa de banho. Sentei-me numa sanita tapando a boca com as mãos, batendo com os pés no chão e dando cabeçadas nos tabiques laterais da cabina com histérica alegria. Devias ter visto aquelas mãos.

– Mas o que interessa é que superaste isso e agora podes transmitir-me uma ideia genérica do que sentiste.

– O que sinto é que finalmente o meu pé direito recupera as suas faculdades. A sensação de magia está de volta. Já não tenho de alinhar os vetores com o cesto. Nem sequer penso. Confio na sensação. É como naquele episódio de celuloide em que o Luke tira o elmo-mira de alta tecnologia.

– Qual elmo?

– Tenho a certeza de que sabes que as unhas são vestígios de garras e chifres. São atávicas, como cóccix e cabelos. Que no útero se desenvolvem muito antes do córtex cerebral.

– O que é que se passa contigo?

– Que num determinado momento do primeiro trimestre perdemos as nossas guelras, mas pouco mais somos que um saco tipo bexiga de fluido espinal, com uma cauda rudimentar, folículos de cabelo e *microchips* de vestígios de garras e chifres.

– Estás a ver se me fazes sentir mal? Ficaste lixado por te ter perguntado pormenores depois de ter passado tanto tempo? Reativei os teus mecanismos de sofrimento?

– Só mais uma confirmação. O interior da rulote. Havia lá um objeto ou um trio contíguo de objetos com o seguinte esquema cromático: castanho, lavanda e verde-hortelã ou amarelo-junquilho.

– Posso voltar a ligar-te quando estiveres mais tranquilo. Seja como for, a minha perna começa a ficar desbastada com o redemoinho.

– Estarei aqui. Ainda me falta um pé inteiro para tratar com ajuda da magia. Não vou alterar um único pormenor. Estou pronto para pôr em ação o corta-unhas. Vai correr tudo bem, eu sei.

– Uma capa. Um género de capa afegã, no sofá estampado. O amarelo era mais fluorescente do que um junquilho.

– E a palavra é *asfixiado.* Pontapeia algumas bolas em forma de ovo por todos nós, O. O próximo som que vais ouvir será desagradável – disse Hal pondo o auscultador à altura do pé com uma expressão terrivelmente intensa.

---

*1 Conhecido hospital situado em Belmont. *(N. dos T.)*

*2 Bandeja circular giratória. *(N. dos T.)*

6 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTO *DEPEND*

COM A BRANCA LUZ DE HALOGÉNEO sobre a superfície verde, a iluminação dos campos cobertos da Academia de Ténis de Port Washington é da cor de maçãs azedas. Para os espectadores que estão atrás do vidro da galeria, os duos de jogadores distribuídos pelos campos que se movimentam lá em baixo têm um tom de pele de réptil, idêntico à palidez causada pelo enjoo nos barcos. Este torneio anual é grandioso: competem as duas equipas A e B das duas academias, tanto nas categorias femininas como masculinas, tanto em singulares como em pares, até catorze, dezasseis e dezoito anos. A partir da galeria estendem-se trinta e seis campos sob um engenhoso sistema de três cúpulas de Pulmão para quaisquer condições meteorológicas.

Uma equipa de ténis júnior é composta por seis pessoas com o jogador de *ranking* mais alto a enfrentar em singulares o melhor jogador da outra equipa, o segundo jogador contra o número dois e assim por diante até ao sexto. Depois de seis jogos de singulares há três de pares com os dois melhores jogadores de singulares de cada equipa normalmente a jogar contra os números um em pares; há raras exceções, como no caso das gémeas Vaught ou o facto de que Schacht e Troeltsch, apesar de estarem muito em baixo na equipa B de singulares, jogam em pares na equipa A até aos dezoito anos da ATE porque têm sempre jogado juntos desde os tempos em que eram ainda dois miúdos incontinentes em Filadélfia e possuem tanta experiência acumulada que podem varrer a superfície com os números três e quatro da equipa A de singulares, Coyle e Axford, que preferem não fazer jogos de pares. Tudo tende a ficar mais complicado e provavelmente deixa de ser tão interessante... a não ser que se jogue.

Um torneio normal entre equipas júnior é à melhor de nove jogos, mas esta gigantesca competição anual no início de novembro entre a ATE e a ATPW é à melhor de 108. Um empate a 54 é extremamente improvável – 1 em 2^{27} – e nunca ocorreu nos seus nove anos de história. Tem sempre lugar em Long Island porque a ATPW tem campos cobertos à fartazana. A equipa que perde tem de subir para as mesas do jantar-bufete e cantar uma coisa muito parva. Parece que

há em privado uma transação ainda mais embaraçosa entre os dois reitores, mas ninguém sabe ao certo de que se trata. No ano passado Enfield perdeu 57-51 e Charles Tavis não disse uma única palavra no regresso mas foi várias vezes aos lavabos.

Mas nessa altura a ATE ainda não tinha John Wayne e H.J. Incandenza também não ainda explodido, competitivamente falando. John Wayne, natural de Montcerf, Quebeque – uma cidade com minas de amianto perto do Dique Mercier, famoso pela sua tendência para rebentar –, anteriormente jogador júnior número um até aos dezasseis anos no Canadá e o quinto dos *rankings* computorizados da Associação de Ténis da ONAN, foi recrutado com êxito por Gerhardt Schtitt e Aubrey DeLint na primavera passado com o argumento de que dois anos grátis numa academia americana talvez permitissem a Wayne livrar-se dos dois anos obrigatórios de competição académica e chegar à categoria de profissional aos dezanove anos, senhor de uma experiência de competição muito significativa. O raciocínio não era parvo, já a agenda de torneios das quatro maiores academias de ténis dos Estados Unidos é muito parecida com a da ATP no que respeita a viagens esgotantes e persistente tensão. Na atualidade, John Wayne é o # 3 do *ranking* até aos dezoito anos da ONANTA e # 2 da USTA (o Canadá, sobre pressão da província, desclassificou-o por ser emigrante) e neste Ano da Roupa Interior para Adultos *Depend* atingiu as semifinais dos torneios abertos de juniores de França e Estados Unidos e não perdeu com nenhum americano em sete encontros e uma dúzia de torneios de primeira categoria. Está separado do # 1 americano – Veach, um miúdo independente[85] da Florida, por um par de pontos segundo o sistema informático da USTA; ainda não se defrontaram este ano e sabe-se que o rapaz anda a tentar evitar Wayne; não sai de Pompano Beach, onde supostamente recupera de uma lesão na virilha de quatro meses, sentado no seu *ranking*. Pensa-se que esse Veach participará no WhataBurger Invitational, no Arizona, que no ano passado ganhou com dezassete anos no escalão até dezoito, mas deve saber que Wayne também vai entrar e há todo o género de especulações a esse respeito. Segundo a ONANTA, há um rapaz argentino a que a Academia de Veracruz, no México, deitou a luva, que é o # 1, que não perde com ninguém e que este ano já ganhou três das quatro provas do Grand Slam de Juniores, a primeira vez que alguém faz isso desde que um rapaz sepulcral e checo chamado Lendl conseguiu, rapaz que se retirou do

circuito e se suicidou muito antes do advento do Tempo Subsidiado. Assim estão as coisas para Wayne, se quiser chegar a # 1.

E ficou estabelecido que Hal Incandenza, no ano passado um jogador respeitável mas longe de merecer particular atenção e que estava no quadragésimo terceiro lugar do *ranking* nacional e oscilava entre o quarto e o quinto da equipa A da Academia na categoria de homens até aos dezasseis anos, deu um salto de planalto quântico tão impressionante e tão pouco habitual que este ano – o que está a acabar, de modo que a Divisão de Produtos Absorventes *Depend* de Kimberley-Clark Corp. está prestes a ceder os direitos do Ano Novo a quem pagar mais – Incandenza, aos dezassete anos, é o # 4 nacional e o # 6 no computador da ONANTA e joga como # 2 na equipa A pela ATE no escalão até aos dezoito anos. Às vezes estas explosões competitivas acontecem. Ninguém da Academia fala a Hal de explosão, da mesma maneira que se evita um lançador a quem é impossível ganhar uma bola que seja. O jogo de Hal – delicado, com efeito e muito cerebral – não se alterou mas parece ter-se consolidado este ano. Deixou de ser um jogador frágil e de ar ausente no campo e agora coloca as bolas nos cantos sem pensar duas vezes. As suas estatísticas de erros não forçados parecem um erro decimal.

A estratégia dele assenta no desgaste. Sonda e dá bicadas até conseguir abrir um ângulo. Mas até lá, sonda. Prefere cansar, esgotar o seu adversário. No verão passado, três rivais dele tiveram de pedir oxigénio durante os intervalos[86]. O serviço dele é como um tiro e ganha uma trajetória diagonal imprevista e velada. Agora, após quatro verões de mil serviços diários de madrugada contra ninguém, de repente a opinião geral é de que se trata de um dos melhores serviços canhotos que se viram no circuito júnior. Schtitt chama a Hal Incandenza o seu «fantasma» e às vezes, do seu posto de observação nos treinos, indica-o com o ponteiro de maneira afetuosa.

Já estão a ser jogadas muitos dos jogos de categoria A. No campo 3, Coyle e o adversário envolveram-se numa interminável disputa em forma de borboleta. O adversário de Hal, musculoso mas lento, está agachado para tentar recuperar o fôlego enquanto Hal o observa ajustando as cordas da raqueta. No campo 9 o alto Paul Shaw bate com a bola no chão oito vezes antes de servir. Nunca sete ou nove.

E, sem sombra de dúvida, John Wayne é o melhor jogador que a Academia de

Ténis de Enfield teve em vários anos. Foi descoberto pelo malogrado doutor James Incandenza quando tinha seis anos, há onze verões, e Incandenza fazia um dos seus primeiros filmes friamente conceptuais em super 8 sobre pessoas chamadas John Wayne que não eram o verdadeiro e histórico ator John Wayne, um filme do qual foi necessário retirar os fotogramas do miúdo porque o pai dele, que não era para brincadeiras, assim o impôs quando soube que o título incluía a palavra *Homo*[87].

No campo 1, com John Wayne na rede, o melhor jogador de Port Washington faz um balão. É uma beleza: a bola sobe lentamente, contorna à justa o sistema de vigas e de iluminação do campo coberto e desce a flutuar suavemente como cotão: uma encantadora função quadrática de cor verde fluorescente com as costuras a girar. John Wayne dá meia-volta e corre. Quem joga a sério, consegue saber, só pela maneira como a bola sai das cordas, se o balão vai cair dentro. Surpreendentemente, pensa-se muito pouco. Os treinadores ensinam tantas vezes o que se deve fazer aos jogadores a sério que a reação é automática. E é possível descrever a forma de jogar de John Wayne como uma espécie de beleza automática. Quando o balão está na fase ascensional, Wayne afasta-se da rede com os olhos postos na bola até que ela atinge o zénite do seu voo e começa a curva ascendente lançando numerosas sombras sobre a grelha de luzes que pendem do isolamento do teto; então ele dá as costas à bola e corre para o lugar onde ela vai cair. Onde deve cair. Não precisa de localizar novamente a bola até que atinja a superfície verde do lado de dentro da linha final. Agora está ao lado da bola descendente mas ainda a correr. Tem um ar de mau de uma maneira distante. Rodeia a bola que acabou de fazer ricochete no solo da mesma maneira que se rodeia uma pessoa a quem se vai fazer mal e tem de descolar os pés do chão e fazer uma meia pirueta para se colocar ao lado da bola e então atinge a bola que ainda está subir como se a chicoteasse e fá-la passar pelo rapaz de Port Washington, que jogou com base na estatística e se dirigiu para a rede. O rapaz de Port Washington aplaude batendo com a palma da mão nas cordas da raqueta reconhecendo que se tratou de uma boa jogada e olha para o grupo de treinadores de Port Washington, que observa da galeria. O painel de vidro dos espectadores está ao nível do chão; os jogadores estão em baixo, nos campos, que foram esculpidos numa espécie de poço cavado há muito tempo: alguns clubes do Nordeste preferem os campos abaixo do nível do solo porque a terra

funciona como um material isolante mantendo os custos de água, gás e luz a níveis assustadores em vez de proibitivos após a instalação dos Pulmões. O painel da galeria estende-se por cima do campo 1 até ao 6, mas há uma acumulação clara de espectadores na parte da galeria que domina os campos principais onde jogam os #s 1 e 2 do escalão até aos dezoito anos, Wayne e Hal, contra os dois melhores da ATPW. Agora, depois da pancada ganhadora e balética de Wayne, ouve-se o triste som de aplausos abafado pelo vidro; nos campos, os aplausos soam amortecidos e semianulados pelos ruídos dos jogadores; são sons como os de sobreviventes de qualquer coisa encurralados que pedem socorro a um grande profundidade fazendo ruído. O painel é como os vidros de um aquário, limpos e grossos, e capturam o ruído; os espectadores da galeria têm a impressão de que setenta e dois jovens com belos músculos estão distribuídos e competem em total silêncio no poço. Quase todos os espectadores usam roupa de ténis e polos de náilon brilhantes; alguns até usam punhos, o equivalente em termos de ténis à bandeira e ao casaco de pele de guaxinim dos adeptos de futebol americano.

A inércia do recuo da pós-pirueta de John Wayne levou-o até à lona preta impermeabilizada que está pendurada vários metros atrás de ambos os lados dos trinta e seis campos por meio de um sistema de barras e aros que não se diferenciam muito de um cortinado de banheira muito ambicioso; as lonas escondem as paredes manchadas de humidade de material isolante esbranquiçado e criam uma estreita passagem por onde os jogadores podem ir para os seus campos sem interferirem nos jogos que estão a decorrer nos outros. Wayne bate contra a grossa lona e parece fazer ricochete, produzindo um som que ressoa. Os ruídos num campo coberto são complexos e amplos; tudo faz eco e depois os diferentes ecos fundem-se. Na galeria, Tavis e Nwangi mordem os nós dos dedos; DeLint, ansioso, esmaga o nariz contra o vidro enquanto os outros aplaudem amavelmente. Schtitt, em momentos de grande tensão, bate calmamente com o ponteiro na parte superior das botas. Mas Wayne não ficou lesionado. Cedo ou tarde todos acabam por bater na lona. É para isso que ela lá está. Soa sempre pior do que é.

Mas lá em baixo o ruído da lona é mais assustador. O estrondo faz tremer Teddy Schacht, que está ajoelhado no corredor por trás do campo 1 a segurar a cabeça de Pemulis, que tem um joelho em terra e vomita para dentro de um alto

balde branco usado para guardar bolas. Schacht tem de afastar um pouco Pemulis quando o contorno de Wayne incha por instantes a lona ondulante e ameaça fazer cair Pemulis e provavelmente o balde, o que seria um péssimo espetáculo. Pemulis, enterrado no seu pequeno inferno de nauseados nervos prévios ao jogo, está demasiado ocupado a tentar vomitar em silêncio para dar conta do maldoso som da pancada ganhadora de Wayne ou do choque deste contra a pesada cortina. Faz muito frio no estreito corredor, ao lado do isolante e longe dos aquecedores de infravermelhos que estão pendurados por cima dos campos. O balde de plástico está cheio de bolas velhas de marca *Wilson* e do pequeno-almoço de Pemulis. É claro que há um certo cheiro. Schacht não se importa com isso. Acaricia suavemente os lados da cabeça de Pemulis como a mãe lhe fazia nos velhos tempos de Filadélfia.

À altura dos olhos e a intervalos regulares há umas janelitas de plástico pelas quais se pode ver o campo do gélido corredor dos balneários. Schacht vê John Wayne dirigir-se para um dos postes da rede para onde lança o seu cartão quando vai trocar de lado com o seu adversário. Mesmo nos jogos em campo coberto é preciso mudar de lado depois de todos os jogos ímpares. Ninguém sabe por que razão se faz isto nos ímpares e não nos pares. Cada campo da ATPW tem soldado no poste oeste outro poste mais pequeno com um jogo duplo de cartões que têm grandes números vermelhos de 1 a 7; nas competições sem árbitro, os jogadores têm de deixar um cartão sempre que mudam de lado para que os espectadores possam seguir a pontuação no *set.* Muitos jogadores juniores não fazem isso. Como sempre, Wayne é automático e escrupuloso nas suas contas. O pai de Wayne é um mineiro de amianto que aos quarenta e três anos é de longe o trabalhador mais sénior do seu turno; agora usa uma máscara de proteção tripla e tenta continuar no ativo pelo menos até que o filho possa começar a ganhar dinheiro para o tirar da mina. Não vê Wayne jogar desde que lhe retiraram a cidadania canadiana. O cartão de Wayne, o 5, já está no seu lugar; o adversário ainda tem de colocar o dele. Wayne nem sequer se senta durante os sessenta segundos permitidos para trocar de lado. O adversário, que veste uma *T-shirt* azul-celeste com colarinhos compridos em cujas mangas tem as palavras wilson e atpw, diz qualquer coisa simpática quando Wayne passa por ele. Wayne não reage. Limita-se a ir até à linha de fundo, a mais afastada da janelita de Schacht, onde faz saltitar uma bola com a face reticular da raqueta enquanto o rapaz de

Port Washington se senta na cadeira de realizador e limpa o suor dos braços com uma toalha (nenhum dos braços impressiona) e olha durante uns segundos para a multidão atrás do vidro. O que surpreende em Wayne é a sua entrega absoluta. No campo, exibe uma expressão rígida, inexpressiva, e tem a máscara espástica dos esquizofrénicos e dos praticantes de zen. A sua tendência é para olhar sempre em frente. É extremamente reservado. As suas emoções emergem em termos de velocidade. Inteligência enquanto concentração estratégica. O jogo dele, idêntico aos seus modos em geral, parece a Schacht menos vivos do que espectrais. Wayne propende a comer e a estudar sozinho. Às vezes é visto na companhia de dois ou três expatriados canadianos da ATE, mas quando estão juntos parecem estar sempre aborrecidos. Schacht não faz a menor ideia do que Wayne pensa sobre os Estados Unidos ou a sua cidadania. Pensa que Wayne acha que a questão não tem qualquer interesse: está destinado ao circuito, será um profissional do entretenimento, um cidadão do mundo, espectral em toda a parte, promovendo sumos de frutas e unguentos balsâmicos.

Pemulis já vomitou tudo o que tinha para vomitar e está a fazer espasmos em seco por cima do balde; o equipamento e as raquetas *Dunlop* de cordas de tripa estão guardados num saco pousado no chão do corredor a um passo de Schacht. Serão eles os últimos a entrar em jogo. Schacht vai jogar contra o # 3 da equipa B de dezoito anos em singulares, Pemulis contra o # 6 da B. Estão definitivamente atrasados. Os adversários deles já estão à espera nas linhas de serviço dos campos 9 e 12 para fazer o aquecimento prévio de rigor, nervosos, fazendo estiramentos daquela maneira que se usa quando já se fizeram estiramentos, batendo bolas novíssimas com as compridas e pretas raquetas *Wilson*. Todos os estudantes da Academia de Ténis de Port Washington recebem raquetas Wilson gratuitas e obrigatórias, segundo estipula o contrato administrativo. Não é nada de pessoal mas Schacht nunca aceitaria que uma academia lhe impusesse uma marca de raqueta. Prefere a *Head Masters*, opção que é considerada como uma coisa bizarra ou excêntrica. O delegado comercial da AMF-Head traz-lhas de um armazém cheio de teias de aranha onde estão guardadas desde que a produção foi cancelada há bastante tempo, quando começaram a impor-se as revolucionárias raquetas mais largas. As *Head Masters* de alumínio são pequenas e perfeitamente redondas, têm um simples aro de plástico no V do gargalo e mais parecem um brinquedo que uma arma. Coyle e

Axford costumam fazer comentários jocosos sobre terem visto numa feira da ladra ou numa venda de garagem uma *Head Master* e que o melhor que Schacht tem a fazer é ir lá rapidamente. Schacht, que é historicamente muito ligado a Mario e a Lyle na sala de pesos e halteres (aonde Schacht, desde que começou a ter problemas no joelho e a sofrer da doença de Crohn, costuma ir mesmo nos dias de descanso para combater os seus achaques; aliás, DeLint e Loach estão sempre a alertá-lo para que não fique demasiado musculoso), tem uma maneira muito própria de sorrir e de ficar calado quando estão a gozar com ele.

– Sentes-te melhor?

– Baaah! – exclama Pemulis.

Pemulis passa a mão pela testa num gesto conclusivo e deixa que Schacht o ajude a levantar-se para ficar de pé com as mãos nas ancas, ligeiramente inclinado.

Schacht endireita-se e alisa umas rugas da joelheira.

– Aguenta mais um segundo. O Wayne já vai de vento em popa.

– Como é que me está sempre a acontecer isto? Nem pareço eu.

– Acontece a algumas pessoas. É só isso.

– Não me reconheço neste tipo pálido e vomitador.

Schacht recolhe o equipamento.

– Há pessoas que têm os nervos na barriga. Cisne, Yard-Guard, Lord, tu: homens estomacais.

– Teddy, companheiro, *nunca* chego com ressaca a uma competição. Tomo todas as precauções possíveis e imagináveis. Não consumi nada. E deito-me sempre antes das vinte e três rosadinho e limpo.

Quando está a passar dianta da janelita de plástico do campo 2, Schacht vê a tentativa falhada de Hal Incandenza para superar o adversário especialista em serviço e vólei com uma esquerda cortada que cai muito fora. O cartão de Hal já está colocado (4). Schacht cumprimenta-o com um aceno de mão que ele não pode ver. Pemulis segue à frente no comprido e frio corredor.

– O Hal também está a ganhar. Mais uma vitória para as forças da paz.

– Deus do Céu, como me sinto mal – diz Pemulis.

– Podia ser pior.

– Explica-te melhor, pode ser?

– Não é como o incidente estomacal de Atlanta. Aqui estamos fechados.

Ninguém nos viu. E tu viste aquele vidro; para o Schtitt e o DeLint não passa de um filme mudo. Ninguém ouviu nada. Vão pensar que estávamos a bater umas bolas para ficarmos mais agressivos. Ou podemos dizer-lhes que tive uma cãibra. Em termos de problemas estomacais, este não teve importância nenhuma.

Pemulis é outra pessoa antes de um jogo.

– Sou um inepto do caraças.

Schacht dá uma gargalhada.

– És uma das pessoas mais aptas que conheço. Mexe-me esse rabo.

– Não me lembro de que tenha estado alguma vez enjoado quando era criança. Agora parece que fico enjoado só porque fico com medo de ficar enjoado.

– Bom, agora vamos a isto. Não penses em nada torácico. Faz de conta que não tens estômago.

– Não tenho estômago – diz Pemulis.

Mantém a cabeça imóvel enquanto fala, decidindo-se por fim a sair do corredor. Leva quatro raquetas, uma áspera toalha branca com o logótipo da ATPW que trouxe do balneário, uma lata de bolas cheia de água de Long Island com alta concentração de cloro; abre e fecha nervosamente o fecho de um porta-raquetas. Schacht leva sempre apenas três raquetas, mas sem porta-raquetas. À exceção de Pemulis, Rader, Unwin e mais dois jogadores da ATE, que preferem usar raquetas com cordas de tripa que precisam de ser protegidas, ninguém em Enfield usa porta-raquetas; é uma espécie de declaração antimoda. Aqueles que os usam estão a afirmar que são capazes e preferem as cordas de tripa. Outro aspeto a que se dá particular atenção é o de nunca ter as fraldas dos polos por dentro dos calções. Ortho Stice costumava treinar-se com calças de ganga pretas cortadas até que Schtitt mandou Tony Nwangi dar-lhe uma valente reprimenda aos gritos. Cada academia tem o seu estilo ou antiestilo. A gente da ATPW, que é mais ou menos uma subsidiária *de facto* da *Wilson*, usa desnecessárias raqueteiras azul-celeste com o W vermelho estampado nas cordas de material sintético. Tem de se deixar que a patrocinadora ponho o logótipo nas cordas se se quer receber raquetas de graça, coisa que é um acordo universalmente estabelecido no mundo do ténis júnior. As cordas sintéticas alaranjadas *Gamma-9* de Schacht têm inscrito o estranho logótipo taoista e paraboloide da AMF-Head Inc. Pemulis não está na lista promocional da Dunlop[88], mas o responsável pelo encordoamento da ATE põe-lhe a marca registada circunflexa da Dunlop

em todas as suas cordas; segundo Schacht, é uma comovente manifestação de insegurança.

– Joguei contra o teu adversário há dois anos em Tampa – diz Pemulis evitando as velhas e desbotadas bolas de treino que se amontoam sempre nos corredores atrás das lonas. – Não me lembro do nome dele.

– Le... qualquer coisa – diz Schacht. – Outro canadiano. Um desses apelidos que começam por Le.

Mario Incandenza, vestindo um fato de treino *Audern Tallat-Kelpsa* da ATE, espreita silenciosamente cerca de dez metros atrás deles, com o seu suporte policial recolhido e sem câmara na cabeça; enquadra as costas de Schacht fazendo uma caixa triangular com os polegares e dedos compridos como se estivesse a ver através de uma objetiva. Mario foi autorizado a ir com a equipa ao WhataBurger Invitational para filmar as últimas sequências do seu curto e entusiástico documentário anual – breves testemunhos, momentos ligeiros, cenas nos bastidores e acontecimentos emocionantes nos campos – que todos os anos é distribuído pelos antigos alunos, patrocinadores e convidados da exibição para recolha de fundos e para a *fête* formal da véspera do Dia de Ação de Graças. Mario interroga-se sobre a maneira como há de arranjar luz suficiente no túnel de lona para filmar, atrás daquelas cortinas interiores, uma tensa e fria marcha de gladiadores pré-jogos que transportam as raquetas como se fossem um obsceno ramo de flores, sem sacrificar a ténue, difusa e gladiadoramente condenada sensação que as figuras transmitem no lúgubre corredor. Depois de Pemulis ter misteriosamente vencido, dirá a Mario que talvez funcione com uma *Marino 350* com um filtro difusor montado num cabo aéreo que siga as figuras a uma distância dupla da focal; outra possibilidade será usar uma película rápida e montar a *Marino* na própria entrada do túnel e deixar que as costas das figuras se afastem gradualmente numa espécie de condenada penumbra de baixa exposição.

– Lembro-me de que o teu tipo tinha um bom *drive.* Nas esquerdas só cortava. O VAVE[*1] dele nunca varia. Se servires para uma esquerda dele, devolve-te a bola curta e com efeito. Podes ataca-lo à vontade.

– Preocupa-te mas é com o teu – diz Schacht.

– O teu tem zero em imaginação.

– E tu lembra-te que tens um buraco onde devia estar o teu estômago.

– Sou um homem sem estômago.

Emergem através das dobras da lona com as mãos levantadas para pedir desculpa aos adversários, dirigindo-se para os campos mais quentes com o sibilante som dos ténis na áspera superfície verde interior. Os ouvidos deles dilatam-se para captar os sons dos espaços mais vastos. Arquejos e *plofs* e chios dos ténis. O campo de Pemulis fica perto do território feminino. Os campos 13 a 24 são das raparigas A e B com menos de dezoito anos, tudo rabos de cavalo aos saltos e esquerdas a duas mãos e roncos agudos que se fossem ouvidos por quem os solta nunca mais seriam feitos. Pemulis não sabe se os abafados aplausos que vêm do painel da galeria são uma receção sardónica por estar a chegar tarde após o acesso de vómito ou se são sinceros para K.D. Coyle no campo 3, que acaba de executar tão mal e com tanta força um balão que a bola subiu até ricochetear na grelha das luzes. Pemulis, a não ser um certo peso nas pernas, sente-se razoavelmente bem, sem estômago. Este jogo é decisivo para a sua futura atuação no WhataBurger.

Os campos iluminados por infravermelhos estão cálidos e agradáveis: os aquecedores aparafusados em ambas as paredes por cima da lona projetam uma luz avermelhada e quente como se fossem pequenos sóis quadrados.

Todos os jogadores de Port Washington usam meias e calções a condizer e os polos enfiados nos calções. Estão muito elegantes, mas têm um ar amaneirado, uma vez que se assemelham um pouco a manequins. A maioria dos da ATE de *ranking* mais alto tem autorização para assinar contrato com qualquer fabricante que lhes apeteça, não em troca de dinheiro mas de equipamento. Coyle é *Prince* e *Reebok*, tal como Trevor Axford. John Wayne é *Dulop* e *Adidas*. Schacht usa raquetas *Head Masters*, mas veste roupa e joelheiras próprias. Ortho tice é *Wilson* e equipamento preto da *Fila*. Keith Freer usa raquetas *Fox* mas veste roupa *Adidas* e *Reebok* até que os representantes dessas companhias se apercebam disso. Troeltsch é *Spalding* e teve muita sorte em conseguir isso. Hal Incandenza é *Dunlop* e leves ténis *Nike* e uma proteção elástica *Air Stirrup* no tornozelo lesionado. Shaw usa raquetas *Kennex* e equipamento da linha *Big & Tall* da Tachani. As iniciativas empresariais de Pemulis dão-lhe uma absoluta liberdade de escolha, embora DeLint e Nwangi o tenham expressamente proibido de usar a menção Sinn Féin nos polos ou que enalteça Allston, Massachusetts, em jogos de competição.

Schacht, antes de se dirigir para a linha de fundo onde deve fazer o aquecimento obrigatório, gosta de despender algum tempo ao lado do campo a bater com a estrutura de madeira das raquetas contra as cordas para verificar a tensão, pondo a toalha nas costas da cadeira, assegurando-se de que os seus cartões estão em ordem e não correspondem a um jogo anterior, etc., e depois percorre a linha de fundo a resfolegar, vê se não há penugem das bolas no solo ou pequenos altos e baixos causados pelo frio, ajusta a joelheira no joelho afetado, estica os fortes braços em forma de cruz e volta a juntá-los para estirar os peitorais e os pulsos. O adversário está pacientemente à espera, fazendo girar a raqueta de polibutileno; quando por fim começam a bater bolas, a expressão do tipo é agradável. Schacht é sempre favorável a que o jogo decorra de forma amável e bem-educada. Na verdade pouco lhe importa se ganha ou perde devido à doença de Crohn e ao joelho destruído desde os dezasseis anos. Provavelmente descreveria hoje o seu desejo de ganhar como uma preferência, nada mais. É no entanto curioso notar que o jogo dele parece ter melhorado alguma coisa nos últimos dois anos em que deixou de se importar. É como se a sua maneira de jogar, sistemática e forte, tivesse perdido qualquer propósito para lá de si e começasse a alimentar-se de si e se tornasse mais cheia, mais solta, com menos arestas, só que todos os outros também melhoraram e fizeram-no com mais rapidez, pelo que o *ranking* dele foi baixando e já ninguém espera que possa sequer chegar ao circuito universitário. Contudo, Schtitt aproximou-se mais dele desde a lesão no joelho e a perda de qualquer objetivo para lá do jogo em si mesmo e passou a tratá-lo quase como um colega e não como um sujeito de experiência com alguma coisa em causa. No íntimo do seu coração, Schacht já tomou a decisão de seguir uma carreira odontológica e de facto, quando não está em digressão, é estagiário de um especialista em raízes da Fundação Nacional para a Dor Craniofacial no Leste de Enfield.

Schacht estranha que Pemulis se vanglorie de se abster de todas as substâncias na véspera de qualquer competição e não consiga relacionar o seu estômago neurasténico com um tipo qualquer de síndrome de abstinência. Nunca falará disto a Pemulis a não ser que este lho pergunte diretamente, mas suspeita que Pemulis é fisicamente ‘drinadependente: *Preludin, Tenuate* ou outra coisa desse género. Não é assunto que lhe diga respeito.

O adversário de Schacht, supostamente canadiano, é tão largo de ombros

como ele mas mais baixo; tem cara morena e com uma estrutura óssea de esquimó; com dezoito anos, já exibe aquele tipo de entradas no cabelo que indica que o rapaz tem as costas peludas; faz o pré-aquecimento com uns *spins* loucos, esquerdas a subir e esquisitas direitas de dentro para fora; os joelhos dele afundam-se estranhamente quando entra em contacto com o solo e depois de bater a bola faz uns floreados de bailarino típico de pessoas que são um feixe de nervos. Um nervoso artista do efeito pode ser comido ao pequeno-almoço se a bola for batida tão duramente como Schacht o faz. E o que Pemulis disse é verdade: a esquerda dele desvia-se sempre e a bola cai sem força. Schacht observa o rival de Pemulis: grunhe depois de cada pancada, tem um perfil mal-humorado e aquele aspeto de cegonha dos tipos que acabam de entrar na puberdade. Pemulis parece estranhamente rubicundo e confiante depois de um par de minutos a arranjar as latas de água e a fazer uns gargarejos. Pemulis talvez acabe por ganhar, apesar dos seus medos. Schacht acha que pode dar uma corrida rápida e dizer a um dos miúdos de doze anos de quem é companheiro para que volte ao corredor e esvazie o balde de Pemulis antes que alguém que saia dos campos o veja. Uma prova qualquer de incapacidade nervosa é coisa que nunca passa despercebida na ATE e Schacht notou que Pemulis tinha particular interesse em participar no WhataBurger depois do Dia de Ação de Graças. Achou muito cómico ver Mario emboscado no corredor a coçar a cabeçorra tentando resolver problemas técnicos de iluminação. No WhataBurger não haverá Pulmões nem lonas, nem passagens escuras: o torneio de Tucson é ao ar livre; e em Tucson faz cerca de quarenta graus centígrados mesmo em novembro e o sol é um espetáculo de horror para as retinas quando se serve ou se tem de bater a bola por cima da cabeça.

Embora Schacht compre trimestralmente urina como todos os outros, Pemulis acha que ele consome químicos de vez em quando, da mesma maneira que os adultos às vezes se esquecem de esvaziar os copos nos beberetes: para tornar interessantemente diferente uma vida interior tensa mas sobretudo satisfatória mas nada mais, sem qualquer elemento de alívio; uma espécie de turismo; e Schacht não tem de se preocupar com treinos obsessivos, como Hal ou Stice, nem com a possibilidade de adoecer frequentemente devido à tensão física causada pelo consumo constante de ‘drinas, como Troeltsch, ou entrar em depressão nervosa subtilmente disfarçada, como Hal, Struck e ele próprio. A

maneira como Pemulis, Troeltsch, Struck e Axford ingerem substâncias e recuperam dessas substâncias e dominam um rico vocabulário de calão relacionado com várias substâncias é uma coisa que faz Schacht ficar com os cabelos em pé, mas desde a lesão no joelho que lhe modificou a vida a partir dos dezasseis anos, aprendeu a viver consigo mesmo e a não interferir na vida dos outros. Como muitos homens corpulentos, reconciliou-se bastante cedo com o facto de que o seu lugar neste mundo é muito pequeno e o seu verdadeiro impacte nos outros ainda menor, o que é um motivo muito forte para que às vezes se esqueça de acabar a dose de uma substância determinada, tão interessado que fica naquilo que já começou a sentir. É uma daquelas pessoas que não necessitam de muito: muito menos é muito mais.

Schacht e o adversário começam a bater bolas com aquela fluida economia que advém de muitos anos de prática. Revezam-se a propiciar alguns vóleis na rede e depois cada um faz um par de balões batendo bolas fáceis por cima da cabeça e adequando gradualmente o corpo de estado de descanso para corrida passando pela quase corrida. O joelho dá a ideia de estar bem, mostra-se elástico e flexível. A superfície dos campos cobertos não é muito favorável ao jogo agressivo e monocórdico de Schacht mas é boa para o joelho dele, que ao fim de alguns dias em campos duros de cimento incha até ficar do tamanho de uma bola de voleibol. Schacht sente-se razoavelmente satisfeito por estar no campo 9, jogando em privado, bastante afastado do painel da galeria. Há uma sensação nutritiva de espaço expugnável num vasto clube de campos cobertos que nunca se tem quando se joga ao ar livre, particularmente quando se é afetado pelo frio, quando as bolas ficam duras e pesadas, ressaltando das cordas com um *ping* que não faz eco nenhum. Aqui tudo ressoa, estala, os ténis chiam, ouvem-se os fortes *plofs* dos impactes e as imprecações que atravessam a superfície verde e branca e ecoam nas lonas. Em breve será inverno e passarão a jogar em campos cobertos. Schtitt cederá e deixá-los-á insuflar o Pulmão da ATE sobre os dezasseis campos centrais; é como a construção de um celeiro, o dia da insuflação; é uma coisa comunitária e divertida. Removem as divisórias centrais e as lâmpadas noturnas exteriores, desaparafusam-se todos os postes, que são empilhados e armazenados; os tipos da TesTar e da ATHSCME chegam em furgonetas, a fumar, e olham com ar aborrecido de especialistas para os tubos dos projetos a tinta azul, e há um ou às vezes dois helicópteros com correias e ganchos para a

cúpula e a nacela do Pulmão; Schtitt e DeLint autorizam os miúdos da ATE a tirarem os aquecedores de infravermelhos para o interior do mesmo barraco corrugado onde serão guardadas as divisórias e as lâmpadas desmontadas, exércitos que parecem de formigas ou soldados coreanos de catorze e dezasseis anos carregando postes e aquecedores e bocados de *Gore-Tex* e grandes projetores halolitiados enquanto os de dezoito se sentam em cadeiras de lona e se divertem porque já cumpriram a parte que lhe cabe na montagem do Pulmão quando tinham entre treze e catorze. Dois tipos da TesTar supervisionam Otis P. Lord e todos os conspícuos devotos da tecnologia deste ano na montagem dos aquecedores, na colocação das luzes e dos cabos coaxiais com tomadas de cerâmica entre o quadro central da Sala das Máquinas e a grelha Sunstrand e na ligação dos ventiladores e das gruas pneumáticas que erguerão o Pulmão até que atinja a forma insuflada de um iglô distendido, dezasseis campos em quatro filas de quatro, fechados e aquecidos apenas por *Gore-Tex* fibroso e corrente alterna e um enorme exaustor de gases ATHSCME que uma equipa da ATHSCME num helicóptero ATHSCME trará pendurado numa correia para o montar e segurar na nacela do Pulmão em forma de mamilo no alto da cúpula insuflada. E nessa primeira noite a seguir à insuflação, tradicional a quarta segunda-feira de novembro, todos os que pertencem à classe superior de dezoito anos que assim o desejem porão em funcionamento os infravermelhos e ficarão com uma pedrada e comerão piza feita no micro-ondas e jogarão toda a noite, suando magnificamente, abrigados do inverno no cimo da colina aplanada de Enfield.

Schacht recua e desvia-se para que o seu adversário possa treinar um serviço estranhamente direto e pouco rentável para um nervoso artista do toque. Schacht devolve a bola com um fortíssimo efeito para trás de modo a que a bola regresse e ele também possa exercitar o serviço, aquecer. A rotina do aquecimento tornou-se uma coisa automática e não exige atenção. Schacht vê John Wayne aplicar uma esquerda cruzada no campo 1. Wayne bate com tanta força que uma pequena nuvem de penugem verde em forma de cogumelo paira no ar onde a bola se encontrou com as cordas. Está demasiado longe para conseguir ler os cartões dele à luz cor de maçã azeda, mas a maneira como o rapaz favorito de Port Washington regressa à linha de fundo para o serviço seguinte não deixa dúvidas quanto ao facto de já estar tudo decidido. Em muitos jogos de juniores o que acontece depois do quarto serviço é uma mera formalidade. Ambos os

jogadores sabem que os dados já estão lançados. Têm na cabeça o quadro geral. Já decidiram quem vai perder. O ténis de competição é essencialmente mental, uma vez que se tenha atingido um certo nível de destreza e de preparação. Schtitt diz que é *espiritual* e não *mental*, mas tanto quanto Schacht pode constatar vem tudo a dar no mesmo. Para Schacht, a atitude filosófica de Schtitt significa que para obter as vitórias suficientes para que se seja considerado um êxito é preciso que uma pessoa se importe muito e simultaneamente se não importe nada[89]. É provável que Schacht já se não importe o suficiente e enfrentou o seu afastamento gradual da equipa A de singulares da ATE com uma equanimidade que algumas pessoas da Academia consideraram espiritual e outras como um sinal garantido de falta de tomates e de estar arrumado. Só uma ou duas pessoas usaram a palavra *corajoso* relativamente à reconfiguração radical de Schacht depois da lesão no joelho e da doença de Crohn. Hal Incandenza, cujo lado fraco é importar-se demasiado enquanto o de Schacht é não importar-se o suficiente, opina em privado que o *laissez-faire* de Schacht se deve a uma certa decadência interior, a uma tenebrosa rendição da promessa da sua juventude a uma cinzenta mediocridade adulta, e tem medo disso; mas uma vez que Schacht é um velho amigo e um condutar designado digno de confiança e se tornou bastante mais simpático desde a lesão no joelho – e Hal reza todos os dias para que o tornozelo não inche até chegar ao tamanho de uma bola de voleibol –, Hal, estranha, íntima e profundamente, admira e inveja de certa maneira o facto de que Schacht tenha estoicamente preferido a carreira odontológica e tenha abandonado o sonho de chegar ao circuito depois de se formar – uma aragem de qualquer coisa distinta do fracasso no facto de Schacht se não importar demasiado, uma coisa indefinível, como quando não se consegue recordar uma palavra que se sabe que se sabe, dentro – Hal não é realmente capaz de sentir desprezo pelo abandono da competição por Teddy Schacht, facto que noutras circunstâncias seria objeto de sumo desprezo por parte de alguém para quem o assunto importa terrivelmente, ainda que em segredo, e por isso concordaram ambos em não tocar nesse tema, e do mesmo modo que Schacht conduz alegre e silenciosamente o camião quando o resto do grupo está tão incapaz que tem de fechar um olho para não ver a estrada a dobrar, e consente sem protestar em pagar a tarifa pela urina trimestral limpa, e não abre a boca sobre o regresso de Hal do seu ocasional turismo subterrâneo e compulsivo à Sala das Máquinas por causa das substâncias nem

sobre o *Visine*, embora no fundo Schacht acredite que o estranho e aparente contributo do consumo compulsivo de substâncias para a irrupção explosiva de Hal no *ranking* tenha de ser uma coisa provisória, que há uma espécie de conta psíquica de cartão de crédito na correspondência de Hal que pode ainda estar no correio ou noutro lugar qualquer e que será triste quando acabar por chegar e for preciso pagar. Mas não serão as autoridades. Hal será capaz de matar as autoridades, e Schacht pode muito bem estar ao lado dele nesse momento para o ajudar, e seria o primeiro a admitir isso. No campo 2, Hal executa um segundo serviço com tanto efeito de esquerda que quase atinge o pobre rapaz no campo 2 de Port Washington na cabeça. É evidente que está a ocorrer uma carnificina nos campos 1 e 2. A galeria já quase deixou de aplaudir Wayne e Incandenza; a partir de certa altura é como se os romanos aplaudissem os leões. Todos os treinadores, funcionários e pais da ATPW e o público da galeria superior vestem equipamentos de ténis com compridas meias brancas e polos enfiados nos calções, como fazem as pessoas que efetivamente não jogam.

Schacht e o adversário jogam.

Tanto Pat Montesian como o padrinho de Gately nos Alcoólicos Anónimos gostam de lhe lembrar que o recém-chegado Geoffrey Day pode vir a ser um magnífico professor em matéria de paciência e tolerância para ele, Gately, como funcionário da Ennet House.

– Portanto aos quarenta e seis anos vim para cá e aprendi a viver por meio de lugares-comuns – é isto que Day diz a Chalottte Treat imediatamente depois de Randy Lenz, às 08h25, ter perguntado mais uma vez que eram. – Mudar de vida para me dedicar a lugares-comuns. Um dia de cada vez. Na calma. Primeiro o que é importante. A coragem é o medo que fez as suas orações. Pedir ajuda. Que se faça a tua vontade e não a minha. Funciona se tu funcionares. Cresce ou desaperece. Volta sempre.

A pobre Charlotte Treat, a bordar minuciosamente ao lado dele no sofá de vinil que acaba de chegar da Goodwill, morde os lábios.

– É preciso pedir um pouco de gratidão.

– Oh, não, a questão é que já fui suficientemente afortunado para *receber* gratidão. – Day cruza as pernas de uma maneira que faz o pequeno corpo mole dele inclinar-se para ela. – Pelo que, creio, estou grato. Cultivo a gratidão. Isso

faz parte do sistema de lugares-comuns com que devo viver. Uma atitude de agradecimento. Um bêbedo agradecido nunca mais bebe. Sei que o verdadeiro lugar-comum é: «Um *coração* agradecido nunca mais bebe.» Mas como não se pode dizer objetivamente que um órgão bebe e como ainda estou suficientemente afetado por problemas de vontade para não querer viver com mais *non sequitur* prefiro os velhos lugares-comuns e permito-me uma pequena correção. – Diz isto com um olhar carregado de fé. – É claro que se trata de uma correção cheia de gratidão.

Charlotte Treat olha para Gately à procura de apoio ou de que ele, como membro do pessoal, se encarregue de fazer cumprir o dogma. A pobre cabra não faz a menor ideia do que aquilo quer dizer. Nenhum deles faz a menor ideia. Gately pensa que provavelmente nem ele faz a menor ideia, mesmo ao fim destas centenas de dias. «Eu não sabia que não sabia» é outro dos lemas que parece vazio durante algum tempo e depois, subitamente, fica claro e aprofunda-se como as águas onde se apanham lagostas diante de North Shore. À medida que Gately, com inquietação, abre caminho através da meditação diurna de todos os dias, tenta sempre recordar que é isto que é suposto a residência em Ennet House fazer: dar algum tempo a estes desgraçados, oferecer-lhes uma fina fatia de torta de tempo de abstinência até que comecem a ter uma pálida noção do que é genuíno e profundo, quase mágico, sob a ténue superfície do que estão a tentar fazer.

– Cultivo-a assiduamente. À noite faço exercícios de gratidão especiais no meu quarto. Podemos chamar-lhes flexões de gratidão. Pergunta ali ao Randy se não os faço pontualmente. Diligentemente. Aplicadamente.

– Bem, é verdade, é – resfolega Treat. – Quanto à gratidão.

Toda a gente, com a exceção de Gately, que está deitado no outro sofá à frente dele, ignora esta troca de palavras e vê um velho cartucho InterLace cujas imagens estão um pouco estragadas em baixo e em cima. Day ainda não acabou de falar. Pat M. encoraja os funcionários mais novos a considerarem certos residentes que gostariam de matar à pancada como valiosos mestres de paciência, tolerância, autodisciplina e autorrepressão.

Day ainda não acabou de falar.

– Um dos exercícios é estar grato pelo facto de a vida agora ser muito *mais fácil*. Antes tinha o hábito de pensar. Costumava pensar compridas orações

compostas por frase subordinadas que incluíam mesmo polissílabos extravagantes. Agora creio que não é necessário. Agora vivo de acordo com os ditames de amostras de macramé encomendadas a partir de anúncios da contracapa do *Reader's Digest* ou do *Saturday Evening Post*. Nada de complicar as coisas. Recordar que é preciso recordar. A não ser pela graça de Deus, como D maiúsculo. Há que olhar em frente. Uma coisa concisa, dura. Monossilábica. A velha e boa sabedoria de Norman Rockwell e Paul Harvey. Avanço com os braços esticados à minha frente e recito estes lugares-comuns monotonamente. Não é necessário dar qualquer inflexão. Pode isto ser um? Pode isto ser acrescentado à reserva de lugares-comuns? *Não é necessário dar qualquer inflexão?* Demasiadas sílabas, se calhar.

– Não tenho tempo para merdas destas – diz Randy Lenz.

A pobre Charlotte Treat, há nove semanas limpa, tenta mostrar-se cada vez mais impecável. Volta a olhar para Gately, que está deitado de costas ocupando o outro sofá todo, com um ténis em cima do braço forrado com tecido estampado aos quadrados e os olhos quase fechados. Só os funcionários podem deitar-se nos sofás.

– A denegação – diz finalmente Charlotte – não é nenhum rio egípcio.

– E por que raio é que não calam ambos a porra dessas bocas? – pergunta Emil Mint.

Há seis dias que Geoffrey (não é Geoff mas Geoffrey) Day está na Ennet House. Chegou vindo de Dimock, o infame Centro de Desintoxicação de Roxbury, onde era o único branco, facto que Gately considera ter-lhe seguramente aberto novos horizontes. Day tem uma cara chata, vazia e manchada que exige esforço para ser simpática; os olhos começam a perder o brilho nicotínico da primeira fase de desabituação. Day é um recém-chegado e um frangalho. É um bêbedo de vinho tinto e *Quaalude* que acabou por capitular nos finais de outubro e entrou com o seu *Saab* pela montra de uma loja de artigos desportivos de Malden; depois saiu do carro e pôs-se a observar a mercadoria até que a polícia o levou. Ensinava uma treta de merda do tipo de historicidade social ou sociabilidade histórica numa faculdade no fim da autoestrada de Medford; no momento em que foi detido declarou que também segurava o leme de uma publicação académica trimestral. Literalmente, como foi confirmado pelo gerente da loja: «Segurava o leme» e «académica». O

formulário que preencheu à entrada assinala que nos últimos anos Day andou bêbedo a maior parte do tempo e, como é natural, ainda tem, como é costume dizer, os cabos um pouco deteriorados. A desintoxicação dele em Dimock, onde mal tem a possibilidade de dar um *Librium* se se entra em D.T., deve ter sido realmente nefasta, porque Geoffrey D. garante que nunca lá esteve: agora a história é que um belo dia deu entrada na Ennet House vindo de casa a mais de dez quilómetros de distância, em Malden, e o lugar pareceu-lhe tão maiusculamente divertido que já não se quis ir embora. Segundo Gene M., os recém-chegados com alguma educação são os piores. Identificam todo o ser com a cabeça, e a doença monta o seu quartel-general no cérebro[90]. Day usa chinos de cor indefinida, peúgas castanhas, sapatos pretos e camisas que Pat Montesian descreveu no formulário de entrada como «camisas havaianas de tipo Leste europeu». Day encontra-se agora, a seguir ao pequeno-almoço, sentado ao lado de Charlotte Treat no sofá de vinil da sala de estar da Ennet House com mais alguns residentes que não estão a trabalhar ou não têm de estar cedo no trabalho e com Gately, que fez todo o turno da noite nos escritórios centrais até às 04h00, quando foi substituído por Johnette Foltz para que pudesse ir fazer o seu trabalho de porteiro no Abrigo Shattuck até às 07h00; depois veio para aqui para que Johnette pudesse ir fazer a sua sessão de Narcóticos Anónimos no que poderia ser um *buggy* para as dunas se as dunas em questão fossem no Inferno; agora Gately tenta acalmar-se e centrar-se contemplando as gretas na pintura do teto da sala. É frequente Gately ainda ter, de madrugada, uma terrível sensação de falta, em termos de narcóticos, mesmo depois de tanto tempo de desabituação. O padrinho dele no Grupo Bandeira Branca diz que algumas pessoas nunca superam a falta daquilo que pensavam ser o seu único amigo e amante verdadeiro; a única coisa que lhes resta é rezar diariamente para que consigam aceitar a situação, avançar por mais dor que sintam e esperar que o tempo cicatrize as feridas. O padrinho, Ferocious Francis G., não se chateia puto se Gately tem sentimentos negativos: pelo contrário, felicita-o pela honestidade em ter depressões e chorar como um bebé e telefonar-lhe à uma da manhã para lhe contar sobre a sensação de falta. É um mito essa história de que ninguém lhe sente a falta. Da substância de cada um. Merda, não se precisaria de ajuda se não se lhe sentisse a falta. Há que pedir ajuda e tipo ponderar, sobre a falta e a dor, Regressar, aparecer, rezar, pedir ajuda. Gately esfrega os olhos. Um conselho tão

simples como este parece-se com muitos lugares-comuns; nisso Day tem razão, mas se Geoffrey Day persiste em acreditar que as coisas são como lhe parecem, então é por certo um homem morto. Gately já viu muita gente cumprir ali e sair depressa e voltar Lá para Fora e depois ir parar à cadeia ou morrer. Se Day tiver alguma vez sorte e tiver uma depressão e for ter de noite aos escritórios centrais a gritar que não é capaz de aguentar mais e se agarrar às calças de Gately e balbuciar e pedir que o ajude a todo o custo, Gately dir-lhe-á que fazer o que mandam os lugares-comuns é uma coisa muito mais profunda e dura do que *parece*. É esforçar-se para viver e não apenas falar. Mas só lhe dirá isso se ele lho pedir. Pessoalmente, Gately dá a Geoffrey G. menos de um mês na rua até começar a tirar o chapéu ao passar pelos parquímetros. Mas quem é Gately para se pôr a julgar quem acabará por receber a dádiva do programa e quem não a receberá? Tenta tipo ter a sensação de que Day lhe está a ensinar paciência e tolerância. É preciso ter muita paciência e tolerância para não atirar aquele tipo mole e pequeno para ribanceira da Av. Comm. abaixo e dar o catre dele a quem real e desesperadamente o queira, só que quem é Gately para pensar que pode saber quem no fundo o quer ou não quer? Gately tem o braço por trás da cabeça, apoiado no outro braço do sofá. O velho ecrã do computador DEC transmite uma coisa violenta e com a cor realçada que Gately não vê nem ouve. Era parte do seu talento de ladrão de casas: pode ligar e desligar a sua atenção como se fosse uma lâmpada. Mesmo no período em que era residente tinha essa capacidade do ladrão de casas para a captação e seleção de estímulos sensoriais. Foi umas das razões que lhe permitiram resistir durante os nove meses de internamento com vinte e um ladrões, assaltantes, putas, executivos despedidos, representantes da Avon, músicos do metro, operários da construção inchados pela cerveja, mendigos, vendedores de carros indignados, mães traumatizadas e bulímicas, artistas do conto do vigário, afetados paneleiros, durões de North End, putos com acne e anéis elétricos no nariz, donas de casa propensas à negação, etc., todos a fazerem curas de desintoxicação, todos a tentarem enganar-se, todos abatidos e mentalmente afetados e produzindo sem parar 24-7-365.

Num certo momento Day está a dzer:

– Por isso, chama o tipo da lobotomia, vá lá!

O próprio conselheiro de Gately quando era residente, Eugenio Martinez, um dos conselheiros voluntários, um antigo vigarista que só tinha uma orelha e que

agora é revendedor de telemóveis, um tipo que entrou na Ennet House nos tempos do Tipo Fundador Que Nem Sequer Usava o Nome Próprio, e que estava limpo há dez anos, Gene M., confrontou-o nos primeiros dias sobre essa atenção seletiva de ladrão e como ela poderia ser perigosa porque como poderia ter a certeza de que era ele a fazer a escolha e não «A Aranha». Gene chamava «A Aranha» à doença e falava de alimentar «A Aranha» *versus* deixar morrer à fome «A Aranha» e coisas desse género. Eugenio M. tinha chamado Gately numa ocasião ao gabinete do diretor para lhe dizer que convinha saber se a seleção de estímulos acabava por estar a alimentar a velha «Aranha» e se não seria melhor, a título experimental, parar durante algum tempo com a triagem de estímulos. Gately respondeu-lhe que iria fazer os possíveis e tentou visionar uma *Disse-Espont* dos Celtics enquanto dois morde-almofadas[*2] residentes do Fenway conversavam sobre um terceiro paneleiro que teve de entrar para tirar o esqueleto de uma espécie qualquer de roedor do cu deles[91]. A experiência de não selecionar estímulos durou exatamente meia hora. Isto aconteceu imediatamente antes de Gately ter chegado aos noventa dias de jejum e ainda não estava bem recuperado nem particularmente tolerante. Este ano a Ennet House não é comparável ao antro de monstros que era quando Gately começou a cura.

Faz hoje quatrocentos e vinte e um dias que Gately está limpo de substâncias.

A menina Charlotte Treat, com a cara cuidadosamente maquilhada, estragada, está a olhar para o ecrã que transmite o filme danificado enquanto borda uma coisa qualquer. Misericordiosamente, a conversa com Geoffrey D. apagou-se. Day esquadrinha a divisão à procura de alguém com quem possa entabular conversas e chatear e assim demonstrar que na verdade não pertence a este lugar e que prefere ficar só consigo mesmo e talvez irritar tanto os outros que haja uma confusão qualquer e o corram dali sem ele ter de assumir quaisquer responsabilidades por isso. Quase se consegue ouvir a doença dele a corroer-lhe o cérebro, a alimentar-se. Também estão na sala Emil Minty, Randy Lenz e Bruce Green, esparramadas nas suas cadeiras desdobráveis, a acender cigarros com as beatas dos anteriores; as suas posturas de que-ninguém-se-meta-comigo típica dos malandros tornam difícil distinguir as texturas dos seus corpos das texturas das cadeiras. Nell Gunther está sentada à comprida mesa da sala de jantar sem portas que dá para o suporte desmontável do telecomputador DEC pintando de branco debaixo das unhas com um lápis de manicura que vai

afastando os restos de qualquer coisa que comeu carregada de calda castanha. Burt F. Smith também lá está, sozinho ao fundo da mesa, tentando cortar um *waffle* com uma faca e um garfo presos aos tocos dos pulsos com fita *Velcro*. Burt F. Smith, que foi há muito tempo examinador de cartas de condução, tem quarento e cinco anos mas parece ter setenta: o cabelo quase todo branco está amarelado e ceroso de tanto fumar; entrou para a Ennet House no mês passado depois de ter estado fechado durante nove meses no centro de acolhimento de Cambridge City. A história de Burt F. Smith diz que está a fazer a sua tentativa número cinquenta e tal para ficar sóbrio nos Alcoólicos Anónimos. Outrora um católico romano muito devoto, Burt F.S. tem um problema potencialmente mortal com a Fé num Deus bondoso desde que a sua Igreja concedeu à mulher a nulidade do casamento após quinze anos de vida a dois, em 1999 AS. Depois foi durante vários anos um bêbedo em pensões, facto que, na opinião de Gately, está a um passo de ser um bêbedo sem abrigo. No ano passado, na noite de Natal, Burt F.S. foi assaltado e agredido barbaramente em Cambridge, tendo sido deixado numa ruela para que morresse gelado em plena tempestade de neve e acabou por perder as mãos e os pés. Doony Glynn foi observada a dizer a Burt F.S. coisas como: «Está para chegar um tipo novo à Sala de Deficientes, ao lado do gabinete de Pat, que não só não tem mãos e pés mas também não tem braços e pernas e cabeça, comunicando com as outras pessoas dando peidos em código Morris.» Esta graçola custou a Glynn em regime de restrição total de saídas e uma semana de trabalho extra, coisa que Johnette Foltz descreveu no registo como «xcessiva crueldade». Há uns vagos gemidos intestinais no lado direito de Gately. Contemplar como Burt F. Smith fuma um *Benson & Hedges* que segura com ambos os pulsos como se fossem umas tesouras de podar é uma aventura de *pathos* do caraças, no que a Gately diz respeito. E Geoffrey Day diz um gracejo sobre salvo pela graça de Deus. E o melhor é esquecer a visão de Burt F. Smith a tentar acender um fósforo.

Gately, que há quatro meses faz parte do pessoal, acredita que a devoção de Charlotte Treat pela arte de bordar é muito suspeita. Todas aquelas agulhas. Entrando e saindo naquele fino e estéril pano de algodão esticado sobre o bastidor. A agulha faz um pequeno ruido estranho quando entra e sai do pano. Não se parece muito ao *plop* e o deslizar silencioso de um chuto. Mas no entanto. Executa o trabalho com grande cuidado.

Gately interroga-se sobre que cor diria que o teto tem se fosse forçado a fazer isso. Não é branco e não é cinzento. As tonalidades castanho-amareladas são resultado do alcatrão dos pregos; já há uma cortina de fumo suspensa no ar a esta hora tão matutina de mais um dia de sobriedade. Alguns dos bêbedos e dos viciados em tranquilizantes ficam ali toda a noite a mexer os pés e a fumar cigarro após cigarro embora não estejam a ver cartuchos de filmes ou a ouvir música a partir das 00h00. Gately, ao fim de quatro meses, já domina aquele jeito dos funcionários veteranos da Ennet House de ver tudo aquilo que se passa nas salas de estar e de jantar sem realmente olhar. Emil Minty, um *punk* viciado em cavalo que está ali por razões que ainda ninguém conseguiu descortinar, está sentado numa velha cadeira cor de mostrada com as botas militares pousadas num cinzeiro de pé alto que ainda não está suficientemente inclinado para que Gately lhe diga que tome cuidado, se fizer o favor. A crista alaranjada de Minty e a cabeça rapada à volta dela começam a ficar castanhas, o que não é um espetáculo agradável a esta hora da manhã. O outro cinzeiro de pé alto ao lado de cadeira dele está cheio das pequenas luas novas de unhas roídas, o que significa que Hester T., a quem mandou ir para a cama às 02h30, voltou de imediato à sua cadeira e às suas unhas enquanto Gately foi varrer a merda do abrigo. Quando está acordado toda a noite, Gately sente o estômago tenso e ácido, quer seja por causa do muito café, quer seja por se não ter deitado. Gately é capaz de dizer que Minty tem andado pelas ruas desde os dezasseis anos: tem aquela cor de pele acinzentada que os sem-abrigo arranjam porque o esterco penetra na epiderme e torna-se duro, fazendo com que Minty parece de certa maneira estofado. E o motorista com grandes braços de Leisure Time Ice, o miúdo pacato, Green, um rapaz com a cabeça cheia de todo o tipo de substâncias, talvez com vinte e um anos de idade, com a cara ligeiramente virada para um lado, usa camisas caqui sem mangas e viveu numa rulote no apocalíptico parque de estacionamento de rulotes em Enfield, perto de Allston Spur; Gately gosta de Green porque este tem sensatez suficiente para ficar de boca calada quando não tem nada de importante para dizer, o que acontece quase sempre. A tatuagem no tricípete direito do rapaz é um coração partido com uma flecha por cima do espantoso nome mildred bonk, de quem Bruce G. lhe contou que era um raio de luz viva e uma réplica exata da falecida primeira voz de The Fiends in Human Shape e o amor eterno do seu coração morto, que lhe levou a

filha e o trocou no verão passado por um tipo que lhe disse que criava vacas de raça *longhorn* num rancho a leste de Atlantic City, New Jersey. Mesmo para os padrões da Ennet House, tem problemas de sono terríveis, este Green, pelo que ele e Gately jogam às cartas nas horas mortas da noite, um hábito que Gately adquiriu na prisão. Burt F.S. é assaltado por um violento acesso de tosse; vira os cotovelos para fora e fica com a testa vermelha. Não há o menor rasto de Hester Thrale, roedora de unhas e uma coisa que Pat denomina «Limítrofe0[*3]». Gately consegue ver tudo sem se mover nem mexer a cabeça ou os olhos. Também lá está Randy Lenz, que é um pequeno passador de coca orgânica que usa casacos desportivos com as mangas enroladas nos antebraços bronzeados artificialmente e passa o tempo a sentir a pulsação na parte interior dos pulsos. Consta que Lenz é de sumo interesse para os lados de dentro e de fora da lei porque no passado mês de maio parece que perdeu subitamente o controlo, se enfiou num motel de Charlestown e desatou a fumar um carregamento de cem gramas de cocaína que lhe tinha sido fornecido por um brasileiro suspeitosamente confiante no âmbito daquilo que Lenz não sabia que era suposto tratar-se de uma operação da DEA realizada em South End. Tendo lixado ambos os lados naquilo que Gately secretamente considera um delicioso fracasso, Randy Lenz é desde maio um homem mais procurado de que alguma vez tinha sido em toda a sua vida. É um tipo bonito mas de má catadura, à maneira dos chulos e dos passadores de coca sem importância, musculoso como um polícia militar, como certos tipos musculosos que não são capazes de levantar nenhum peso, e com os cabelos complexamente cheios de gel e os pequenos movimentos de cabeça dos profundamente vaidosos. Os pelos de um dos antebraços dele têm uma pequena zona vazia, o que Gately sabe bem ser de quem possui uma navalha, e se há uma coisa que Gately nunca conseguiu gramar é donos de navalhas, pequenos tipos arrogantes que estragam a hipótese de um bom confronto puxando por uma navalha que para se lha tirar é preciso cortar os dedos. Lenz anda a ensinar Gately a ser reservadamente educado com pessoas que só de as ver apetece arrear-lhes uma coça. É perfeitamente óbvio para todas as pessoas, exceto para Pat Montesian – cuja estranha credulidade na presença da miséria humana era uma das razões pelas quais Gately tinha conseguido entrar na Ennet House, tanto quanto o próprio se lembra –, que Lenz só ali está para se esconder: apenas sai da Ennet House quando é obrigatório, evita as janelas e vai para as impostas

reuniões noturnas dos Alcoólicos Anónimos/Narcóticos Anónimos com um disfarce que o faz parecer-se com Cesar Romero depois de um terrível acidente; e quer sempre regressar sozinho a pé à Ennet House, situação que não é encorajada. Lenz está agora sentado no canto mais nordeste de um velho sofá de veludo sintético no canto mais nordeste da sala. Randy Lenz tem uma necessidade compulsiva de estar a norte de tudo, talvez mesmo a nordeste de tudo, e Gately não sabe de todo a que se deve isso mas observa rotineiramente a posição de Lenz por interesse pessoal e para arquivo. A perna de Lenz, como a de Ken Erdedy, nunca está quieta; Day afirma que é afetada por sacudidelas ainda mais fortes quando está a dormir. Outro gorgolejo e outra zoada abdominal de Don G., ali deitado. Charlotte Treat é violentamente ruiva. Como em cabelo tipo da cor de lápis vermelho. A razão por que não tem de realizar nenhum trabalho servil no exterior tem que ver com o facto de ser portadora de um tipo de vírus ou do HIV. Uma antiga prostituta, reformada. Por que será que as prostitutas se tornam tão formais quando se regeneram? É como se de súbito tivessem vindo à tona as ambições longamente reprimidas de uma bibliotecária. Charlotte T. tem um rosto de prostituta vulgar e dura mas meio bonito, com as quatro pálpebras todas sombreadas. Também tem um caso de tez com uma camada dérmica de esterco. O mais fascinante em Treat é a maneira como as faces dela estão profundamente cavadas naquelas profundas trincheiras que enche com base e tenta cobrir com *blush*, o que, juntamente com o cabelo ruivo, lhe dá um ar de palhaço maldoso. Toda a gente pensa que as terríveis feridas que tem nas faces foram feitas por alguém com um equipamento de pirogravura num momento determinado da carreira dela. Gately prefere não saber.

Don Gately vai fazer vinte e nove anos, está sóbrio e é gigantesco. Está ali deitado, gorgolejando e inerte, com um sorriso de pálpebras trémulas. Uma omoplata e uma nádega transbordam de um dos lados do sofá que se afunda como uma cama de rede. Parece menos fornido do que fundido e moldado, com a calma imobilidade das estátuas da ilha de Páscoa. Seria ótimo se o tamanho ameaçador não tivesse sido um dos fatores decisivos num antigo aluno para lhe terem oferecido um trabalho com roupa e cama lavada aqui, mas a vida é assim. Don G. tem uma enorme cabeça quadrada que o corte de cabelo à Príncipe Valente que ele tenta manter ao espelho para poupar dinheiro ainda torna mais quadrada: além da cama e da alimentação, pouco ganha como funcionário da

Ennet House e está a pagar multas acumuladas em três tribunais de áreas diferentes. Tem o sorriso de pálpebras trémulas e de olhos em alvo de alguém que só com dificuldade se mantém sem dormitar. Pat Montesian chegará às 09h00. e Don G. não pode deitar-se até que ela chegue porque o gerente do Centro levou de carro de Jennifer Belbin para que pudesse prestar declarações num tribunal do centro da cidade e ele é o único funcionário presente. Foltz, a funcionária que também vive lá, está numa convenção de Narcóticos Anónimos em Hartford durante todo o longo fim de semana do Dia da Interdependência. Gately não tem grande simpatia pelos Narcóticos Anónimos; tantas recaídas e regressos petulantes, tantas histórias de guerra com um orgulho de merda insuportável, tão pouca ênfase no serviço ou na mensagem sérios; toda essa gente vestida de cabedal e metal, açacalando-se. Salas cheias de Randy Lenz, todos a abraçarem-se e a fingir que não sentem a falta da substância. Sacanas recém-chegados exuberantes. Há uma diferença entre abstinência e recuperação, como Gately sabe. Só que, é claro quem é Gately para formular juízos sobre o que funciona com quem. A única coisa que sabe é o que funciona com ele: o amor duro dos Alcoólicos Anónimos de Enfield-Brighton, o Grupo Bandeira Branca, os veteranos com barrigas pendentes e cabelo branco cortado rente e quantidades geológicas de tempo sem beber, os Crocodilos, que lhe podem arrancar a cabeça quadrada se suspeitam que está a ficar complacente ou a andar atrás de saias ou a esquecer que a vida ainda está suspensa de um fio todos os dias. Os recém-chegados ao Grupo Bandeira Branca tão dementes e doentes que nem se conseguem sentar e caminham sem parar no fundo da sala, como Gately fez quando lá foi pela primeira vez. Mestres-escolas reformados com calças de polirresina e *pince-nez* que faziam bolos para a reunião semanal e contavam do alto do estrado como costumavam fazer broches em empregados de bar à hora do fecho para terem mais dois dedos de bebida num copo de papel que levavam para casa para não terem de enfrentar a penetrante luz matinal. Gately, um antigo viciado em narcóticos por via oral, entregou-se de alma e coração aos Alcoólicos Anónimos. Afinal, acha, também tinha bebido a sua conta.

Às 09h00 espera-se a chegada da diretora executiva Pat M. que vai entrevistar três candidatos à admissão, 2M e 1H, que convém que cheguem depressa para que Gately lhes abra a porta, uma vez que não sabem que podem entrar, e lhes dê as boas-vindas e lhes ofereça uma chávena de café se vir que não lhes tremem

demasiado as mãos. Dar-lhes-á entrada e dir-lhes-á que será bom que durante a entrevista façam festas aos cães de Pat, que estarão esparramados por todo o gabinete, com as costelas a palpitarem, latindo e mordendo-se uns aos outros. Dir-lhes-á que está provado que se os cães de Pat gostam de uma pessoa, a admissão é certa. Pat M. deu instruções a Gately no sentido de dizer isto aos candidatos, já que se os candidatos fazem mesmo festas aos cães – dois espantosos labradores esbranquiçados com cicatrizes supurantes e doenças de pele; um deles é também epilético – manifestarão uma desesperada determinação, que é a única coisa de que Pat necessita para decidir.

Um gato sem nome repousa no largo parapeito da janela por cima das costas do sofá estampado. Aqui os animais vêm e vão. Se os residentes os não adotam, desaparecerem pura e simplesmente. As pulgas deles tendem a ficar. Os intestinos de Gately resmungam. A aurora de Boston que hoje chega da Linha Verde é quimicamente cor-de-rosa: são os rastos dos gases industriais que voam para norte. Agora apercebe-se que os restos de unhas que estão no cinzeiro são demasiado grandes para serem de dedos das mãos. Estes arcos roídos são largos, grossos e de um amarelo outonal. Engole em seco. Dirá a Geoffrey Day até que ponto, mesmo que só se trate de lugares-comuns, os lugares-comuns são (a) calmantes e (b) nos lembram do senso comum e (c) permitem o consentimento universal que abafa o silêncio; e (4) o silêncio é letal, puro alimento da «Aranha», quando se tem a doença. Gene M. diz que se pode considerar a doença como ausência de tranquilidade, o que resume bastante bem a situação. É preciso lembrar a Pat que ao meio-dia tem uma reunião na Divisão de Serviços de Substâncias Ilícitas no Centro Governamental[*4]. Não consegue ler o que ela própria escreve, já que o ataque de coração lhe afetou a escrita. Gately imagina-se a tentar averiguar quem anda a roer as unhas dos pés na sala às 05h00 e a pôr os restos asquerosos no cinzeiro. E, para cúmulo, os regulamentos da Ennet House proíbem que se ande descalço pela casa. No teto, por cima de Day e Treat, há uma mancha de água castanho-clara que tem quase a forma do Estado da Florida. Randy Lenz não tem a menor simpatia por Geoffrey Day porque este é um fala-barato e um professor que está ao leme de uma revista académica. Isto representa uma ameaça para a ideia que Randy Lenz faz de si mesmo, pois considera-se uma espécie de sofisticado artista-intelectual cheio de sensualidade. Os pequenos traficantes nunca se conceptualizam como meros pequenos

traficantes, que é o que também acontece com as putas. No formulário de candidatura Lenz escreveu que a sua ocupação é argumentista *free-lance* e gaba-se de ler. Durante a primeira semana de junho manteve dois livros abertos de barriga para baixo no canto nordeste de qualquer divisão onde estivesse. Tinha um gigantesco *Dicionário Médico* que carregava para o andar de baixo e fumava e lia até que Annie Parrot, a gerente adjunta, lhe disse para o não trazer mais porque estava a lixar a saúde mental de Morris Hanley. A partir dessa altura deixou de ler e começou a falar, levando toda a gente a sentir saudades dos tempos em que se limitava a sentar-se para ler. Por sua vez, Geoffrey D. também sente profunda antipatia por Randy L.; é uma coisa óbvia: têm ambos uma forma muito particular de não olhar um para o outro. E agora, é claro, estão juntos no quarto de três homens, que três tipos que saíram de noite regressaram depois do toque de recolher e entraram sem que nenhum apresentasse uma pupila normal e recusaram fazer a análise de urina e foram expulsos ato contínuo, pelo que Day foi promovido na primeira semana da camarata de cinco para o quarto de três. A hierarquia por antiguidade segue a todo o vapor neste lugar. A seguir a Minty, na outra extremidade da mesa da sala de jantar, Burt F.S. continua a tossir agachado e com a cara castanho-avermelhada; atrás dele, Nell G. dá-lhe palmadas nas costas fazendo-o inclinar-se para diante, para o cinzeiro, e ele mexe vagamente um toco por cima do ombro para tentar transmitir a mensagem de que já chega de palmadas. Lenz e Day: pode ser que se esteja a preparar um caldinho: Day vai tentar provocar Lenz de uma forma suficientemente pública para não se aleijar mas para que o ponham na rua; assim poderá abandonar o tratamento e voltar para o *chianti* e os barbitúricos; os passeios agredi-lo-ão outra vez e isso dará a ideia de que a culpa da recaída é do Centro e deixará de ter de se confrontar consigo mesmo e com a doença. Aos olhos de Gately, Day é uma espécie de grande livro de texto aberto e interativo sobre a doença. Uma das tarefas de Gately é manter-se atento a tudo o que pode acontecer entre os residentes e transmitir a informação a Pat ou ao gerente e tentar manter o ambiente calmo por antecipação. Se tivesse de definir a cor do teto, diria que é castanho-escuro. Alguém deu um peido; ninguém sabe quem foi, mas este lugar não é normal nem habitado por adultos normais e todos tentem friamente fingir que não houve peido nenhum; aqui toda a gente tem de fazer o seu pequeno comentário.

O tempo está a passar. Ennet House ressuma tempo a passar. É a humidade da

sobriedade precoce, suspensa e palpável. Ouve-se um tique-taque mesmo em divisões onde não há relógio. Gately muda a posição de um ténis e põe o outro braço debaixo da cabeça. A cabeça pesa-lhe e faz pressão. As compulsões obsessivas de Randy Lenz incluem a necessidade de estar a norte, o medo de discos, a propensão para medir a pulsação a toda a hora, o pavor de qualquer tipo de marcadores de tempo e a tremenda necessidade de saber sempre e com grande precisão a horas.

– Day, pá, és capaz de me dizer rapidamente que horas são? – pergunta Lenz.

É a terceira vez em meia hora. Paciência, tolerância, autodisciplina, manter a compostura. Gately lembra-se dos seus primeiros seis meses ali: sentia o gume afiado de cada segundo que passava. E os sonhos espantosos. Pesadelos que superavam qualquer DT de que tivesse tido conhecimento. Uma das razões para a presença noturna de um funcionário é ter alguém com quem os residentes possa falar quando – quando e não se – os sonhos medonhos os façam saltar das camas às 03h00. Os pesadelos com recaídas e pedradas, sem pedradas mas com toda a gente a pensar que se está pedrado, apanhar uma pedrada com a mãe alcoólica e depois assassiná-la com um taco de beisebol. Sacudir a velha Unidade para conseguir uma amostra de urina e sentir que sai de lá uma labareda. Apanhar uma pedrada e começar a arder. Ter uma mangueira em forma de *Talwin* gigantesco que nos suga. Um veículo explode numa labareda fuliginosa magnificada no visor DEC, com a tampa levantada como a tampa de uma lata de gasosa.

Day faz um gesto largo para consultar o relógio.

– São quase oito e meia, companheiro.

As aletas do nariz de Randy L. tremem e ficam esbranquiçadas. Olha fixamente para a frente, com as pálpebras semicerradas, dedos no pulso. Day aperta os lábios e sacode uma perna. Gately ergue a cabeça por cima do braço do sofá e observa Lenz de alto a baixo.

– Esse teu olhar tem um significado, não é verdade, Randy? Que queres dizer com esse olhar?

– Estou a perguntar se há alguém que saiba que horas são exatamente, Don, já que o Day não sabe.

Gately consulta o seu barato relógio digital, com a cabeça ainda acima do braço do sofá.

– Tenho oito e trinta e dois, catorze, quinze, dezasseis, Randy.

– ‘bigado, D.G., pá.

E agora é Day que deita aquele mesmo olhar de pálpebras semicerradas a Lenz.

– Já passámos por isto, companheiro. Compincha. Colega. Estás sempre a fazer isto. Deixa que te diga outra vez... não tenho um relógio digital. O meu relógio é uma genuína antiguidade. Tem ponteiros. Uma recordação de tempos mais felizes. Não é um relógio digital. Não é um cronómetro atómico à base de césio. Estás a ver? Aqui o Spiro Agnew tem dois bracinhos: indicam, sugerem. Não é um cronómetro de merda para a vida. Lenz, compra um relógio. Tenho ou não razão? Por que raio não arranjas um relógio, Lenz? Pelo menos três pessoas que conheço ofereceram-se para te arranjar um relógio podendo tu pagar-lhes quando te apetecer pôr o nariz de fora e investigar a maneira como o mundo funciona. Arranja um relógio. Obtém um relógio. Um bom relógio, digital, incrivelmente *grande,* cinco vezes maior do que o teu pulso, para que o possas carregar como um falcoeiro, e que te dê as horas até às décimas.

– Calma – quase cantarola Charlotte Treat, sem deixar de olhar para a agulha e para o bastidor.

Day vira a cabeça para ela.

– Não me parece que tenha estado a falar contigo de qualquer maneira ou feitio.

Lenz olha fixamente para ele.

– Se estás a tentar chatear-me, irmão – diz enquanto abana a bela cabeça brilhante –, cometes um grande erro.

– Oh, oh, estou a tremer todo. Quase nem consigo manter o braço firme para ver as horas.

– Um grande grande grande *mesmo* grande erro.

– Paz na terra entre os homens de boa vontade – diz Gately, outra vez recostado, sorrindo para o teto castanho gretado. Tinha sido ele a peidar-se.

Regressaram de Long Island carregando os escudos em vez de serem carregados por eles, como se costuma dizer. John Wayne e Hal Incandenza só perderam cinco jogos entre os dois em singulares. Em pares a equipa A deu baile. E as equipas B, especialmente as senhoras, superaram-se a si mesmas.

Tanto a direção como os jogadores da ATPW foram obrigados a cantar uma cantiga muito parva. Coyle e Troeltsch não ganharam e Teddy Schacht também perdeu incrivelmente por três sets diante do seu adversário baixinho e doutorados em efeitos, apesar dos fracos nervos do rapaz em momentos difíceis do jogo. O facto de Schacht não ter ficado incomodado foi devidamente notado pelo pessoal. Schacht e um Jim Troeltsch conspicuamente enérgico alcançaram uma grande vitória como segunda equipa de pares A até aos dezoito anos. Para regozijo de todos, o microfone desligado de Troeltsch desapareceu misteriosamente do seu saco do equipamento nos chuveiros depois do jogo de pares. O adversário com aspeto de cegonha que tocou a Pemulis, com as suas intensas pancadas a duas mãos de ambos os lados, ficou estranhamente letárgico e desorientou-se no segundo *set* depois de Pemulis ter perdido o primeiro num *tie-break*. Depois de o rapaz ter demorado a servir vários minutos com base no facto de as bolas serem demasiado bonitas para lhes baterem, os treinadores da ATPW retiraram-no delicadamente do campo e o Peemster foi declarado VpFC, o que no calão do ténis júnior significa vencedor por falta de comparência. O facto de Pemulis não ter dado voltas para alardear a sua vitória diante das fêmeas da ATE foi coisa que só Hal e T. Axford comentaram. Schacht estava demasiado dorido para comentar o que quer que fosse, já que Schtitt disse a Barry Loach para lhe injetar uma coisa qualquer no joelho arroxeado que o fez ver estrelas.

Depois, durante a festa e o baile pós-competição, o adversário de Pemulis com falta de comparência comeu os aperitivos sem usar utensílios ou, a dado momento, sem usar as próprias mãos, fez um número de disco quando não havia música a tocar e por fim ouviram-no dizer à mulher do reitor de Port Washington que sempre tinha desejado comê-la por trás. Pemulis passou bastante tempo a assobiar e a olhar inocentemente para o teto prefabricado.

No autocarro para as equipas até aos dezoito anos fazia calor e havia pequenos focos de luz por cima dos lugares que se podiam acender para fazer os trabalhos de casa ou deixar desligados se se quisesse dormir. Troeltsch, com o olho esquerdo sinistramente nistágmico, fingiu, com um punho a servir de microfone, recapitular os factos mais salientes da jornada de competição para um público de subscritores. Stockhausen, da equipa C, fingiu que cantava ópera. Hal e Tall Paul Shaw liam um guia de preparação para o exame de admissão à Universidade. Uma quarta parte dos viajantes estava a sublinhar a amarelo os seus exemplares

de *Flatland,* o livro de E.A. Abbott a que ninguém da ATE escapa nas aulas de Flottman, de Chawaf ou de Thorp. Havia uma ampla zona de penumbra com formas variadas fundidas nela; além disso, perto das saídas eram visíveis os altos candeeiros da Interestadual que projetavam raios de luz de sódio de aspeto sujo. A fantasmagórica luz exterior de sódio fez Mario Incandenza ficar feliz por estar debaixo do seu pequeno cone de luz branca interior. Mario sentou-se ao lado de K.D. Coyle – que era a modos que um pouco lento mentalmente, sobretudo depois de ser derrotado – e os dois jogaram mais de duzentas vezes ou mais à pedra-papel-tesoura, sem dizer nada, concentrados em tentar identificar padrões de comportamento nos ritmos de escolha das diferentes formas do outro, tendo acabado por concordar que não havia nenhum. Dois ou três alunos do curso avançado de Literatura Disciplinar de Levy-Richardson-O'Byrne-Chawaf estavam a ler *Oblomov,* de Goncharov, e não pareciam nada felizes. Charles Tavis estava resplandecente ao fundo, junto de John Wayne, e falava sem parar em voz baixa enquanto o canadiano olhava pela janela. DeLint seguia no autocarro dos até aos dezasseis; tinha dado um grande raspanete a Stice e Kornspan porque pareciam ter dado de bandeja os seus jogos de pares. Schtitt não estava no autocarro; Schtitt arranja sempre uma forma misteriosa e privada de regressar; faz a sua aparição de madrugada para o treino com DeLint e leva a cabo elaborados diagnósticos de tudo o que não tinha corrido bem no dia anterior. Comporta-se de uma forma particularmente crispada, insistente e negativa depois de terem ganho alguma coisa. Schacht está sentado de lado e não reage quando alguém move as mãos diante da sua cara; Axford e Struck começaram a chatear Barry Loach dizendo-lhe que também estavam com dores nos joelhos. A prateleira para bagagens por cima das cabeças deles estava cheias de fivelas e correias sem tapar; tinham passado de mão em mão linimento e tintura de benzoína que todos aplicaram com liberalidade e por isso o ar quente estava complexamente apimentado. Tudo a gente se sentia agradavelmente cansada.

A camaradagem da viagem de regresso só esteve comprometida porque alguém que estava no fundo do veículo começou a passar um panfleto com caracteres góticos que oferecia o reino da Inglaterra pré-histórica a quem pudessse afastar Keith Freer de Bernadette Longley. Freer tinha sido descoberto pela pró-reitora Mary Esther Thode mais ou menos a papar a pobre Bernadette

Longley debaixo de um cobertor *Adidas* no assento traseiro do autocarro; tinha sido em setembro, durante a viagem para o torneio de terra batida de Providence; tinha sido uma situação desagradável porque há algumas regras básicas da Academia que estipulam ser inaceitável fazer atos de desrespeito debaixo do nariz do pessoal. Keith Freer dormia profundamente enquanto o panfleto estava a ser passado de mão em mão mas Bernadette Longley não e quando o papel chegou à parte da frente, onde desde setembro todas as raparigas eram obrigadas a sentar-se, cobriu a cara com as mãos e corou tanto que até a sua bela nuca ficou vermelha. E a sua companheira de pares[92] percorreu o autocarro até à parte de trás, onde estava Jim Struck e Michael Pemulis, para lhes dizer em termos inequívocos que naquele autocarro havia alguém tão imaturo que metia dó.

Charles Tavis não se conseguia controlar. Fez uma imitação de Pierre Trudeau, embora só o condutor se tivesse rido, porque os outros não tinham idade suficiente para saber de quem se tratava. E quando chegaram, toda a mastodôntica delegação, que ocupava três autocarros, deteve-se para um grande pequeno-almoço no Denny's às 00h30, perto da Lixeira Império.

Orin Incandenza, o irmão mais velho de Hal, abandonou o ténis de competição quando Hal tinha nove anos e Mario quase onze. Isto aconteceu durante o período do grande levantamento pré-experialista e do advento do extremista PEUL de Johny Gentle, famoso *crooner*, e da tumescência do ONANismo. Prestes a fazer dezoito anos, Orin estava classificado entre na parte de baixo dos setenta melhores jogadores em termos nacionais; era um sénior; estava naquela terrível idade para um jogador com essa classificação no *ranking* porque os dezoito anos indicam o fim da carreira como júnior e ou: (1) uma pessoa se esquece dos seus sonhos de entrar no circuito e vai para a faculdade e jogam ténis universitário; ou (2) uma pessoa se presta a todo um espectro de vacinas contra a cólera e a desinteria amebiana e tenta levar uma triste existência de diáspora num torneio satélite qualquer euro-asiático fazendo digressões semiprofissionais e procura superar os poucos planaltos competitivos que faltam para demonstrar calibre para o circuito como adulto; ou (3) uma pessoa não sabe o que vai fazer; e frequentemente passa muito maus bocados[93].

A ATE tenta aliviar um pouco essa angústia permitindo que fiquem oito ou nove graduados durante dois anos para servir na equipa de pró-reitores[94] de

DeLint a troco de estada e alimentação e gastos de viagem a pequenos e tristes torneios satélite, e Orin, por estar diretamente ligado à Administração da Academia, podia obviamente optar por um cargo de pró-reitor se assim quisesse, mas esse trabalho durava no máximo alguns anos e era considerado como uma coisa triste e de purgatório... e então é claro que como é, o que é que se vai fazer depois *disso,* etc.

A decisão tomada por Orin de ingressar na faculdade agradou bastante aos pais, embora a senhora Avril Incandenza tenha sido categórica quando tornou claro que fosse lá o que fosse que Orin decidisse fazer teria o total e incondicional apoio deles. Mas no fundo e em privado preferiam que fosse para a Universidade porque era perfeitamente óbvio que Orin nunca chegaria a profissional de ténis. O auge competitivo dele tinha sido aos treze anos, quando atingiu os quartos de final dos menores de catorze anos nos campos de terra batida de Indianapolis e nos quartos ganhou um *set* ao segundo cabeça de série; mas em breve começou a ser afetado atleticamente pela mesma puberdade atrasada que tinha prejudicado o pai quando Ele Mesmo era júnior; depois de ter arrasado aos doze e treze anos tipos que se tornaram a seguir, do dia para a noite, homens de pernas peludas e peitorais salientes que o começaram a arrasar a ele, Orin, aos catorze e quinze, começou a perder o aflato competitivo, perdeu o espírito tenístico e o seu *ranking* USTA fixou-se no lugar setenta durante três anos, o que significou que quando aos quinze anos já nem se classificava para competições importantes disputadas pelos melhores sessenta e quatro jogadores. Quando a ATE abriu as portas, o *ranking* dele manteve-se inalterado entre os dez melhores rapazes de dezoito anos e foi relegado para um lugar intermédio na equipa B da Academia, uma mediocridade que de certa maneira acalmou ainda mais a sua verve. O estilo dele era o de um jogador de fundo do campo, mas sem a devolução de serviço nem os *passing shots* indispensáveis para contrariar um bom jogador à rede. A reclamação da ATE contra Orin era de que ele fazia bons balões mas com demasiada frequência. O balão dele era fantástico: era capaz de acariciar com a bola a curva da cúpula do Pulmão e três vezes em quatro acertar numa moeda colocada perto da linha de fundo do lado contrário; ele, Marlon Bain e mais dois ou três marginais com o mesmo estilo executavam balões esplêndidos; nas horas livres dedicavam cada vez mais ao *Eschaton,* um jogo que, de acordo com as informações mais plausíveis, um refugiado croata

transferido da Academia Palmer, em Tampa, tinha trazido para a ATE. Orin foi o primeiro grande campeão de *Eschaton* da ATE, onde as primeiras gerações deste jogo eram constituídas por jogadores marginais e jogadores veteranos desinspirados.

Portanto, a faculdade foi para Orin a opção comparativamente óbvia quando chegou o momento de tomar uma decisão. Descontadas as oblíquas pressões familiares, como jogador da ATE com um *ranking* baixo, as exigências académicas eram mais duras do que as daqueles cujo objetivo de atingir o circuito era mais viável. E a Eschanatologia ajudou muito na Informática e na Matemática, duas disciplinas em que o pessoal docente da ATE não era era muito famoso, já que nessa altura tanto Ele Mesmo como Schtitt eram bastante antiquantitativos. Obtinha notas excelentes. As suas classificações não envergonhavam ninguém. Orin era essencialmente um estudante sólido, sobretudo se se tinha em conta que se tratava de alguém com um desporto de alta competição às costas.

E é preciso compreender que a mediocridade é uma coisa relativa num desporto como o ténis júnior. Um rapaz que ocupe o septuagésimo quarto lugar do *ranking* nacional de singulares até aos dezoito anos, embora possa ser medíocre em termos de poder aspirar a ser profissional, é bastante apetitoso para que a maioria dos treinadores universitários fique com água na boca. Orin recebeu algumas ofertas da Pac 10. Ofertas suculentas. A Universidade do Novo México chegou a contratar um grupo de *mariachis* que se instalou debaixo da janela do quarto de Orin até que a senhora Incandenza convenceu Ele Mesmo a autorizar que F.D.V. Harde eletrificasse as cercas. A Ohio State levou-o de avião a Columbus para um fim de semana de «orientação prospetiva» e quando Orin regressou teve de ficar de cama durante três dias a tomar *Alka-Seltzer* e a pôr gelo nas virilhas. A Cal-Tech ofereceu-lhe uma extensão da matrícula e um lugar no seu programa exclusivo de Estudos Estratégicos depois de a revista *Decade* ter publicado um curto artigo sobre Orin e o croata e o uso aplicado de *Cor-de-Rosa*2[95] no *Eschaton*.

Orin escolheu a Universidade de Boston. Que não é uma potência do ténis. Nem está academicamente à altura da Cal-Tech. Não é o género de lugar que contrata orquestras ou leva pessoas de avião para orgias romanas com o objetivo de as convencer. E só está a três quilómetros da colina e da Av. Comm., da ATE,

a oeste da baía, perto da interseção da Commonwealth com a Beacon, em Boston. Tratou-se de uma espécie de decisão conjunta de Orin e Avril Incandenza. A mã de Orin pensava em privado que era importante que Orin estivesse fora de casa do ponto de vista psicológico mas que lá pudesse ir sempre que quisesse. Pôs a qustão a Orin em termos de que a sua preocupação em relação àquilo que pudesse ser melhor para ele psicologicamente a pudesse levar a ultrapassar os laços maternais e a dizer coisas fora do contexto ou a dar conselhos abusivos. Segundo todas as listas e estatísticas de vantagens e desvantagens, a Universidade de Boston era, sob todas as perspetivas, a mais conveniente para O., mas para evitar qualquer pressão ou abuso da sua parte na tomada de decisão, a mã durante seis semanas saía a correr, tapando a boca com as mãos, de todas as divisões de casa onde Orin entrasse. Orin fazia uma cara de estranheza quando ela lhe pedia que não se deixasse influenciar pela sua opinião maternal. Durante este período, Orin descreveu a mã na presença de Hal como uma espécie de contorcionista que usava os corpos de outras pessoas, uma coisa de que Hal nunca mais conseguiu esquecer-se. Ele Mesmo, por causa da sua própria experiência, talvez julgasse que o melhor para Orin seria afastar-se o mais possível de Dodge, fazer uma coisa qualquer no Midwest ou na costa oeste, mas reservou a sua opinião. Nunca teve de se esforçar para não se ultrapassar. Talvez achasse que Orin já era um adulto. Isto estava a acontecer quatro anos e trinta filmes estreados antes de Ele Mesmo meter, fatalmente, a cabeça no micro-ondas. Depois deu-se o caso de que Charles Tavis, meio-irmão-barra-irmão-adotivo de Avril que nessa altura dirigia a ASA em Throppinghamshire[96], era um velho amigo, por via da rede administrativa de desportos juniores, do treinador principal de ténis da Universidade de Boston. Tavis meteu-se num avião da Air Canada para vir organizar um encontro a quatro: Avril e o filho, Tavis e o treinador da Universidade de Boston. O treinador era um septuagenário da Ivy League, um desses velhos e belos patrícios de cara vaziamente curtida cujos perfis tendiam a estar em moedas, um tipo que gostava que os seus «rapazes» vestissem de branco e que depois do jogo, ganhassem ou perdessem, saltassem por cima da rede. A Universidade só tinha tido dois jogadores classificados no *ranking* nacional e isso aconteceu nos anos 60 AS, muito antes de este tipo elegante ser nomeado para o cargo de treinador vitalício; e quando viu jogar Orin quase desmaiou. Lembremo-nos que a mediocridade depende do contexto. Os

jogadores da Universidade de Boston, todos arregimentados (literalmente) em clubes de campo da Nova Inglaterra, vestiam imaculadamente de branco, usavam calças curtas engomadas e polos brancos efeminados com um risco de cor de sangue no peito, falavam sem mexer as mandíbulas e tinham aquele jogo de serviço e vólei rígido e patrício que se faz quando se teve muitas lições verão após verão e torneios em que todos jogam contra todos nos clubes de campo mas nunca se teve de matar ou morrer, psiquicamente falando. Orin vestia calças de ganga cortadas e sapatos de vela sem meias e bocejava compulsivamente quando derrotou por dois a zero o imaculadamente ataviado # 1 de singulares, aplicando-lhe um receita de qualquer coisa como quarenta balões ofensivos ganhadores. Depois, na reunião a quatro organizada por Tavis, o velho treinador da Universidade apresentou-se de chinos *L.L. Bean* impecáveis e um polo *Lacoste*, deitou uma vista de olhos ao tamanho do braço de Orin e a seguir a Avril, com uma apertada saia preta e casaco de estilo árabe, os olhos pintados e um matagal de cabelo empinado, e quase desmaiou outra vez. Fosse por que razão fosse, produzia esse efeito nos homens mais velhos. Orin estava em situação de poder ditar as suas próprias condições, que só eram limitadas pelos parâmetros orçamentais bastante marginais[97]. Orin assinou uma carta de intenções aceitando o ingresso na Universidade, além de livros e um portátil *Hitachi* com *software*, residência perto do *campus*, todos os gastos pessoais cobertos e um lucrativo emprego de trabalhador-estudante que consistia em pôr em funcionamento todas as manhãs o sistema de rega por aspersão do histórico Campo Nickerson da equipa de futebol americano da Universidade de Boston. Este sistema já estava automatizado, mas esse trabalho era o único tacho que a Universidade podia oferecer em termos de recrutamento para a equipa de ténis. Charles Tavis – que a pedido de Avril nesse outono vendeu a passagem aérea de regresso ao Canadá para ficar como reitor adjunto e ajudar o pai de Orin na supervisão da Academia[98] de uma forma que gradualmente se tornou mais e mais efetiva à medida que as viagens afastavam James Incandenza da Academia com frequência cada vez maior – disse três anos e meio depois que de facto nunca tinha esperado que Orin lhe agradecesse por tê-lo posto em contacto com o aparelho tenístico da Universidade, que não andava nisto para receber agradecimentos, que uma pessoa que prestava um favor a outra esperando gratidão não passava do recorte em 2D de alguém genuinamente íntegro, pelo

menos era assim que pensava, disse; disse o que pensavam Avril, Hal e Mario? Não era uma pessoa genuína em 3D? Estaria ele a racionalizar uma ferida legítima? Talvez Orin estivesse ressentido com ele por estar a entrar quando Orin estava precisamente a sair? De certeza que não era por Tavis estar a ssumir cada vez mais o controlo do leme da ATE à medida que J.O. Incandenza passava hiatos sempre mais compridos quer fora a filmar com Mario, quer na sala do túnel a montar ou em instituições para reabilitação de alcoólicos (treze naqueles três últimos anos de vida, Tavis tem as declarações da Cruz Azul ali mesmo); e ainda com mais certeza também não podia dever-se ao *felo de se* final que qualquer pessoa com uma mente não contaminada pela denegação poderia ter antecipado durante os três anos e meio anteriores; mas, opinou C.T. em 4 de julho do APLAP depois de Orin, que tinha agora muito tempo livre no verão, ter declinado pela quinta vez consecutiva o convite para regressar a Enfield e participar no churrasco anual da família e ver a disseminação-espontânea-de-InterLace-das-finais-de-Wimbledon, Orin talvez estivesse a alimentar algum ressentimento pelo facto de C.T. se ter mudado para o gabinete do reitor e alterado a legenda da porta *te occidere possunt*... antes de a cabeça micro-ondada de Ele Mesmo ter arrefecido, mesmo que fosse para assumir um cargo de reitor que necessitava de forma categórica de ser exercido por alguém diligente e dinâmico. Ele Mesmo Incandenza apagou-se a si próprio do mapa em 1 de abril do Ano da Tablete de Chocolate *Dove* de Tamanho Experimental, precisamente quando se estava à espera de receber as cartas de intenções para os seniores que tinham decidido escolher o ténis universitário, precisamente quando os convites para os torneios europeus começavam a inundar a secretária paraboloide de Lateral Alice Moore, precisamente quando o estatuto de isenção de impostos da ATE estava prestes a ser analisado pelo Comité de Isenção Fiscal da DGFM[99], precisamente quando a Academia tentava adaptar-se aos novos procedimentos de acreditação da ONANTA ao fim de muitos anos de procedimentos de acreditação USTA, precisamente quando os processos relativos aos litígios do Hospital de Saúde Pública da Marinha de Enfield pelos pretensos danos causados pelas obras de aplainamento do cimo da colina e à queixa contra a empresa EWD por causa da rota dos veículos de lançamento de lixo para a Concavidade estavam a chegar à fase de alegações finais, precisamente quando as candidaturas e as bolsas para o semestre do outono estavam nas fases finais de análise e resposta. Bom,

alguém tinha de preencher aquele vazio institucional e essa pessoa teria de ser alguém que pudesse assumir a responsabilidade total sem ficar paralisado pela preocupações ou pela falta de um mínimo de agradecimentos pelos serviços ignominiosos prestados em nome de uma pessoa cujo substituto ia *natural* e indubitavelmente provocar algum ressentimento, sentia Tavis, uma vez que ninguém pode ficar irritado com um moribundo, muito menos com um morto, quem melhor para assumir a tensão de ser objeto da fúria alheia por ocupar o lugar desse morto ingrato do que quem tinha sido o seu diligente, incansável e anónimo adjunto burocrático e substituto, cujo quarto no andar de cima era contíguo ao quarto principal da RdR e que podia ser encarado, por pessoas mal-intencionadas, como uma espécie de intruso usurpador. Tavis tinha-se preparado para essa tensão e muito mais, como disse com considerações preparatórias à Academia reunida antes da Assembleia Geral do outono do ano passado, falando por meio do sistema de altifalantes do alto do cesto da gávea de cortinados vermelhos e cinzentos da travessa de Gerhardt Schtitt, dirigindo-se às filas de cadeiras desdobráveis dispostas ao lonmgo das linhas dos campos 6 e 9 da ATE, disse que não só tinha aceitado a tensão e o ressentimento mas também trabalhado no duro e que continuaria a fazer isso à sua maneira nada tonitruante nem romântica para se manter aberto a esse ressentimento e a essa sensação de perda e de estar a substituir quem era insubstituível, mesmo passados quatro anos, para que quem quer que ainda precisasse de se libertar desse peso, dessa raiva, desse ressentimento e desse possível desprezo o fizesse com a sua ajuda para seu próprio bem-estar psicológico, já que ele, Tavis, assumia publicamente que, por assim dizer, o prato da ATE já estava completamente cheio. A Assembleia Geral era ao ar livre, nos campos centrais que no inverno são protegidos com o Pulmão. Era 31 de agosto do Ano dos Produtos Lácteos da América Profunda, um dia quente e húmido. Os alunos dos últimos cursos, que praticamente tinham escutado estas palavras nos quatros anos anteriores, iam fazendo gestos de cortar a jugular e de verdugo a passar a corda por cima do travessão imaginário de uma forca. O céu era de um azul vidrado entre coágulos e fitas de nuvens que progrediam velozmente para norte. Nos campos 30 e 32, os rapazes do Coro de Música Aplicada cantavam *sottovoce* e em fundo *Tenabrae Factae Sunt*. Todos os presentes traziam o fumo no braço que ainda se usava em reuniões e assembleias, como forma de lembrança; e as bandeiras de algodão dos

EUA e de náilon estralejante da ONAN tremulavam a meia haste em memória. Na Praça Sunstrand ainda não se tinha encontrado maneira de camuflar o ruído dos ventiladores ATHSCME de East Newton, e a voz de Tavis, que mesmo com um megafone policial tendia a ser distante e evanescente, entrava e saía do ruído das ventoinhas e do fragor das catapultas da EWD e da chiadeira elétrica dos gafanhotos, do sussurro sufocante do ar estival da Av. Comm. e das buzinas dos carros, do estrondo das composições na Linha Verde e do chio dos mastros e dos fios metálicos das bandeiras, e ninguém a não ser o pessoal e os alunos mais novos sentados nas primeiras filas conseguiam ouvir as explicações de Tavis sobre a Lei Sálica, que esta não tinha nada que ver com o simples facto de que não havia nenhuma maneira de a amantíssima mulher do falecido reitor e deã de Assuntos Académicos e Femininos da ATE, senhora D. Avril Incandenza, poder ser reitora. Que coisa estranha seria e ela já tinha de se preocupar com as questões relativas às alunas e às pró-reitoras, aos guardas de Harde, aos programas académicos, aos trabalhos dos alunos e horários, à complexa nova acreditação da ONANTA completando a candidatura kafkiana, além de cuidar da esterilização diária da RdR e dos rituais de ablução pessoais e da batalha permanente contra a antracnose e do pulgão do tempo seco das plantas da sala de jantar, além de ter, como é evidente, as suas obrigações de professora para cumprir e as centenas de noites sem dormir com os Gramáticos Militantes de Massachusetts, o CAP[*5] académico que vigiava a sintaxe nos meios de comunicação e convidava tipos de lábios molhados e muita lábia da Academia Francesa a vir falar com erres alveolares ou uvulares sobre preservação prescritiva e organizava maratonas de leituras múltiplas de, por exemplo, *A Política e a Língua Inglesa*, de George Orwell, e cuja Falange Tática (GMM), presidida por Avril, estava nessa altura envolvida num processo judicial (sem êxito, como depois se viu) contra a iniciativa da Administração Gentle no sentido de desbastar a Lei II/G das bibliotecas financiadas com dinheiros públicos, além de, é claro, estar amachucada de dor e ter de fazer todo este trabalho no meio de um sério trauma pessoal, e se por cima de tudo isto também tivesse de se pôr ao leme administrativo da ATE seria um peso insuportável e ela agradecera publicamente a C.T. em diversas ocasiões o facto de ter largado a proveitosa sinecura de Throppinghamshire para vir não só a ocupar um cargo psicologicamente tão exigente no que dizia respeito à gestão burocrática, mas

também assegurar uma transição que fosse o mais suave possível para a própria família Incandenza, com ou sem obrigados e ajudar tanto a carreira de Orin e os processos de tomada de decisão institucionais como apoiar todos os interessados quando Orin acabou por tomar a decisão seminal de desistir de jogar ténis de competição pela Universidade de Boston.

O que aconteceu foi que, na terceira semana de permanência na Universidade, Orin tentou uma deserção extremamente improvável do ténis universitário a favor do futebol americano universitário. A explicação que deu aos pais – Avril tornou bem claro que a última coisa que queria era que algum dos seus filhos sentisse que devia explicar ou justificar qualquer tipo de decisão por mais abrupta ou extravagante que fosse, e nem sequer havia a certeza de que o «Cegonha Louca» tivesse percebido que Orin ainda estava em Boston, na Universidade, mas Orin achou que a sua decisão necessitava de ser justificada – foi que quando começara os treinos de ténis nesse outono tinha descoberto que, competitivamente falando, era uma casca psíquica murcha, que estava queimado. Orin tinha começado a jogar, comer, dormir e defecar ténis de competição quando a raqueta era maior do que ele. Disse que sabia que aos dezoito anos tinha alcançado o nível mais alto a que poderia aspirar. A perspetiva de ulterior aperfeiçoamento, uma cenoura crucial que Schtitt e o resto do pessoal da ATE sabiam abanar com grande habilidade, havia desaparecido num programa de ténis de quarta categoria cujo treinador tinha um cartaz de Bill Tilden no escritório e oferecia sugestões do tipo de «Dobra os joelhos e observa a bola». Tudo isto era verdade, à parte de sentir-se queimado, e totalmente digerível quanto à parte de deixar o ténis, mas Orin teve grande dificuldade em explicar a componente mudar para o futebol, porque os seus conhecimentos em matéria de regras, táticas ou até do campo não métrico eram muito vagos; de facto, nunca tinha pegado ou acariciado uma bola de futebol de cabedal rugoso e, como a todos os jogadores de ténis sério, sempre lhe tinha parecido que os ressaltos esquizoides da bola disforme eram desorientadores e até desagradáveis à vista. Na realidade, a decisão tinha muito pouco que ver com o futebol ou com o motivo que Orin começou a esboçar antes que Avril exigisse que deixasse de se sentir pressionado ou obrigado a fazer mais alguma coisa do que pedir o apoio incondicional e total deles para tudo aquilo que entendesse que o tornaria feliz, que foi exatamente o que ela disse quando ele encetou um discurso levemente

lírico sobre o embate dos corpos e os cânticos e danças do grupo de adeptas e o ambiente de vínculos varonis e o cheiro a relva com orvalho do Estádio Nickerson ao amanhecer, quando chegava para observar os aspersores a ligarem-se para transformarem a rodela de limão do Sol a erguer-se num arco-íris emplumado de refrações. A parte de revérberos nos aspersores era mesmo verdade, e o facto de que gostava disso: o resto tinha sido ficção.

A verdadeira razão do futebol, com toda a inevitável superficialidade de autêntica razão, era que após várias semanas de madrugadas a observar os aspersores automáticos e os ensaios do grupo de adeptas (que realmente ensaiava de madrugada), Orin tinha sentido uma horrível queda de escola primária, com pupilas dilatadas e joelhos trémulos, por uma estudante do segundo ano de longos cabelos que via à distância correr e fazer cabriolas com o bastão na mão através do espectro refratado dos aspersores emplumados, na outra ponta do relvado orvalhado, uma adepta que tinha assistido a algumas das reuniões de todas as equipas desportivas a que Orin e o seu parceiro estrábico de pares tinham ido e que dançava da mesma maneira que fazia girar o bastão e invocava o grito de guerra do grupo, isto é, de uma maneira que parecia tornar aquoso, distante e estranhamente refratado tudo o que no corpo de Orin era sólido.

Orin Incandenza que, como muitos filhos de alcoólicos furiosos e doentes de TOC, tinha problemas internos de hipersexualidade, já havia desenhado ociosos oitos horizontais nos flancos pós-coitais de uma dúzia de colegas da Universidade. Mas esta era diferente. Já antes tinha sido atingido, mas nunca decapitado. Deitava-se nas tardes de outono durante o descanso da sesta imposto pelo treinador apertando uma bola de ténis e falando pelos cotovelos e incansavelmente dessa colega do segundo ano que fazia revolutear bastões e era obscurecida pelo aspersor enquanto o seu parceiro de pares estava esticado do outro lado da imensa cama a olhar simultaneamente para Orin e para as folhas da Nova Inglaterra que mudavam de cor nas árvores lá fora. O epíteto de escola primária que inventaram para denominar a manipuladora de bastões de Orin era RMBDS, ou seja, a Rapariga Mais Bonita de Sempre. Não é que fosse a atração máxima, mas era quase grotescamente bela. Fazia a mã parecer aquela atraente que se pensa que se quer tirar da fruteira, mas quando se chega perto vê-se outra fruta mais fresca e mais bem conservada noutra parte da fruteira. A manipuladora de bastões era tão bonita que até aos jogadores de futebol mais

veteranos dos Terriers da Universidade de Boston lhes faltava a saliva para se lhe dirigirem nas reuniões mistas. Na realidade, era quase universalmente evitada. A manipuladora de bastões induzia nos homens heterossexuais aquilo que depois na AHID lhe explicaram ser denominado complexo de Actéon, que é uma espécie de profundo medo filogénico à beleza trans-humana. O parceiro de pares de Orin, que, como bom estrábico, era uma espécie de especialista na inatingibilidade feminina, achou que devia advertir Orin para o facto de ela pertencer à classe de raparigas espantosamente atraentes de que se sabia antecipadamente que não se misturavam com homens universitários normais e que, declaradamente, apenas assistiam às reuniões sociais da Universidade de Boston por mero interesse científico enquanto esperavam que o homem adulto com uma covinha no queixo, ascapártico e do género modelo profissional mas brutalmente bem-sucedido nos negócios com quem sem dúvida já tinha uma relação lhe telefonasse do lugar traseiro da sua limusina *Infiniti* verde, etc. Nenhum atleta importante tinha estado numa órbita suficientemente próxima dela para ouvir as elisões e os lapsos apicais do sotaque sulista numa voz estranhamente monótona para retumbante, que soava como se alguém articulasse palavras com extrema meticulosidade num espaço insonorizado. Quando dançava nas festas, fazia-o com as outras raparigas do grupo de adeptas – chefes de claque, manipuladoras de bastões e Terrierettes – porque nenhum homem tinha a coragem ou a ousadia de a convidar. Nas festas, nem o próprio Orin se aproximava dela a menos de quatro metros porque repentinamente não sabia onde colocar os acentos na frase inspirada sem muita engenhosidade por Charles Tavis – Descreve-o-Tipo-de-Homem-Que-Consideras-Atraente-e-Eu-Agirei-em-Conformidade –, introdução estratégica que tinha funcionado na perfeição com outras pessoas da Universidade de Boston. Demorou três reuniões a perceber que a rapariga não se chamava Joel. O cabelo volumoso era vermelho-dourado e a pele de uma palidez de pêssego e os braços sardentos, zigomáticos e impossíveis de descrever e os olhos de um verde extranatural de HD. Mais tarde ficaria a saber que o aroma quase acremente limpo a roupa posta a secar ao ar livre que a envolvia era um perfume de dente-de-leão de baixo pH especialmente preparado para ela pelo pai, que era um químico de Shiny Prize, Kentucky.

Não é necessário referir que a equipa de ténis da Universidade de Boston não tinha chefes de claque nem grupos de adeptas, que estavam reservados aos

desportos mais importantes, de multidões.

A decisão de Orin foi um rude golpe para o treinador da equipa de ténis e Orin teve de lhe dar um lenço de papel e ficar vários minutos debaixo do cartaz de um Bill Tilden paternal e simpático, com calças brancas dos tempos da Segunda Guerra Mundial , a afagar o cabelo à apanha-bolas; Orin olhava para o lenço de papel que ficava cada vez mais encharcado e rasgado enquanto tentava articular exatamente o que queria dizer com *queimado* e *casca murcha* e *cenoura*. O treinador perguntou-lhe se isso significava que a mãe dele nunca mais viria assistir aos treinos.

O antigo parceiro de pares de Orin, um rapaz estrábico e de polo amaricado mas basicamente decente, que também era o herdeiro das Quintas de Produção de Fac-Símiles de Carne *Nickerson*, convenceu o pai, que tinha uma covinha no queixo e muito bons contactos na Universidade, a fazer «um par de telefonemas breves» do lugar de trás do seu *Lexus* verde-alface. O chefe dos treinadores da equipa de futebol, o Terrier chefe, um exilado de Oklahoma que de facto usava uma *sweatshirt* de gola redonda com um apito pendurado num cordel, ficou intrigado com o tamanho do braço e da mão esquerda esticados de Orin durante a apresentação (de uma forma pouco educada mas intrigada) – esse era o braço tenístico de Orin, quase monstruoso; o outro, cujas dimensões eram humanas, estava escondido sob um casaco desportivo estrategicamente colocado sobre o ombro direito do candidato.

Mas não é possível jogar futebol americano com um casaco vestido. E a única e genuína velocidade de Orin assentava nuns curtos arranques laterais de três metros. E aconteceu que a mera ideia de entrar em forte e direto contacto físico com um opositor estava tão profundamente enraizada em Orin como uma coisa alheia e espantosa que os seus testes, mesmo em posições de reserva, foram demasiado patéticos para que possam ser descritos. Chamaram-lhe *arrastadeira* e depois *puto mimado* e finalmente *coninhas frito*[*6]. Acabaram por lhe dizer que parecia ter uma espécie de sacos vazios e bamboleantes onde devia ter os tomates e se queria manter a bolsa de estudos talvez fosse melhor dedicar-se a um desporto menor em que aquilo que atingimos não devolva a pancada. O treinador pegou por fim no capacete de proteção de Orin e apontou para a boca do túnel sul do estádio. Orin saiu do estádio sozinho e desconsolado, com o capacete debaixo do seu pequeno braço direito e sem deitar um olhar nostálgico

à RMBDS do grupo de adeptas, que estava a treinar lançamentos de bastões de uma forma tristonhamente distante na outra ponta do relvado, sob os postes de ensaio dos visitantes no lado norte.

Aquilo que os Alcoólicos Anónimos da zona urbana de Boston expressam corretamente embora de forma repetitiva é que tanto os golpes como os beijos do destino ilustram a impotência básica do indivíduo em relação aos acontecimentos de facto significativos da sua vida[100]; isto é, quase nada de importante que lhe acontece se deve a que ele o tenha congeminado. O destino não bate à porta, o destino aparece sempre de supetão vindo de uma viela com uma gabardina vestida e faz um *pssst* a que normalmente se não presta atenção porque se está com demasiada pressa para chegar ou vir de algum lugar onde se tentou congeminar alguma coisa importante. O acontecimento com natureza de destino que aconteceu naquele instante a Orin Incandenza foi que quando estava acabrunhado por baixo dos postes dos visitados e se preparava para entrar na boca do túnel sul se ouviu numa zona do campo nas costas dele um sonoro e sinistro ruído de fratura ortopédica e a seguir um grito de dor. O que se passou foi que o melhor placador defensivo da Universidade de Boston, um futuro profissional de cento e oitenta quilos sem dentes que gostava de exagerar, enquanto treinava cargas da equipa especial contra pontapés de penalidade não só bloqueou o pontapeador da Universidade, como cometeu um grave erro mental e continuou a sua corrida chocando contra o pequeno tipo sem equipamento de proteção quando ele ainda tinha um pé esticado no ar e caiu-lhe em cima como se fosse uma montanha causando-lhe uma fratura desde o fémur até ao tarso, ossos que estalaram de forma brutal. Bastaram os gritos de dor do pontapeador para que duas majoretes e o rapaz da água desmaiassem. A bola bloqueada ricocheteou loucamente no capacete do defesa e rolou até à porta do túnel sul onde Orin estava a dar meia-volta para ver o pontapeador a torcer-se de dores e o defesa levantar-se com um dedo na boca e uma expressão de culpa na cara. O treinador do sistema defensivo desligou o microfone e desatou a apitar na cara do defesa, várias vezes seguidas, enquanto o gigantesco jogador rompia em soluços e batia na testa com a palma da mão. Como não havia ninguém por perto, Orin pegou na bola bloqueada que o treinador principal reclamava impacientemente do seu posto no banco a meio campo. Orin agarrou na bola (que nunca segurara bem durante os testes), sentindo o seu estranho peso oval, e

olhou para os maqueiros, para o pontapeador, para os adjuntos e para o treinador. Estava longe de mais para a atirar à mão e era impossível que voltasse atrás pela linha e se retirasse perante o distante olhar verde da manipuladora de bastões que era proprietária do seu SNC[*7].

Orin, antes daquele momento crucial, nunca tinha tentado pontapear uma bola em toda a vida e foi essa revelação natural e vulnerável que acabou por comover Joelle van Dyne, muito mais, diga-se, do que o *status* ou o tempo no ar.

Mas naquele momento, à medida que os apitos caíam dos lábios e as pessoas apontavam, Orin, sob o manto daquele verde olhar aspergido, descobriu para si, no âmbito do futebol americano de competição, um novo nicho e uma nova cenoura. Uma carreira no circuito que nunca poderia ter imaginado e muito menos planeado. Ao fim de alguns dias dava pontapés de sessenta jardas sem o menor esforço; treina sozinho num campo exterior com o treinador da equipa especial, um tipo sonhador que fumava *Gauloises* e invocava imagens do céu e de voos e chamava «efebo» a Orin, palavra que este constatou, através de um discreto telefonema ao irmão mais novo, não ser, como temia, um insulto. Na segunda semana, O. atingia as sessenta e cinco jardas sem ficar despenteado; o ritmo dele era cadenciado e impecável e a sua concentração na transação entre um pé e um ovo de cabedal quase assustadoramente total. E na terceira também não se deixou distrair pelos dez gigantes pituitários enlouquecidos que se abalançaram sobre ele quando se focou e deu o passo em frente, nem pelos gritos e ruídos dos choques corporais que o rodeavam, nem pelo trabalho dos maqueiros que iam e vinham quando soava o apito. Tinham-no chamado de parte para lhe pedir desculpa pelas graçolas sobre o seu escroto vazio e explicaram-lhe, com fotocópias de páginas do regulamento, que as regras contra o contacto físico com o pontapeador eram draconianas e penalizadas com a perda maciça de jardas e da posse da bola. Os ruídos de fraturas na agora inútil perna do antigo pontapeador só podiam acontecer uma vez num milhão, garantiram-lhe. O treinador principal deixou que Orin o ouvisse dizer aos defesas que se alguém tinha a infelicidade de atingir o novo pontapeador-estrela da equipa, o melhor que podia fazer quando o jogo tivesse acabado era caminhar para o túnel sul e para a saída do estádio e continuar no meio de transporte mais próximo até outra instituição de ensino e de futebol.

Era bastante óbvio que se tratava do início da temporada de futebol. O ar

fresco e seco, tudo meio morto, queimadas de folhas, chocolate quente, casacos de pele de guaxinim e meio tempo de manipuladoras de bastões e uma coisa chamada onda. Multidões exponencialmente maiores e mais ruidosas do que as dos torneios de ténis. LOCAIS *versus* SUNY-Buffalo, LOCAIS *versus* Syracuse, At Boston College, At Rhode Island, LOCAIS *versus* os desprezíveis Minutemen da UMass-Amherst. A média de Orin atingiu as sessenta e nove jardas por pontapé e continuou a melhorar, com os lhos fixos no duplo incentivo de um bastão refulgente e uma enorme cenoura de evolução que não tinha sentido desde os catorze anos. Pontapeava a bola cada vez melhor à medida que os seus movimentos – uma combinação balética de movimentos e transferências de peso tão complexas e precisas como uma pancada de serviço – se tornavam mais instintivos; e descobriu que os seus tendões e adutores se tornavam mais elásticos com os constantes e competitivos pontapés de grande impacte. A bota esquerda acabava num ângulo de noventa graus em relação à relva, o joelho acariciava-lhe o nariz e pontapeava como uma *Rockette* no meio de um fragor multitudinário tão virulento e completo que parecia remover o ar do estádio. Um único e imenso bramido orgástico e sem palavras que subia e criava um vácuo que sugava a bola para o céu, com o ovo de cabedal tornando-se cada vez mais pequeno enquanto ascendia numa espiral perfeita parecendo acossar o rugido da multidão que tinha provocado.

Na altura do Dia das Bruxas o seu controlo era ainda melhor do que a distância alcançada. Não foi por acaso que o treinador-adjunto da equipa especial o descreveu como uma «carícia». Convém considerar que um campo de futebol americano é basicamente como um campo de ténis relvado anormalmente grande e que as linhas brancas que formam complexos ângulos retos definem as táticas e os movimentos, as possibilidades do jogo. E que Orin Incandenza, que historicamente executava medíocres *passing shots*, tinha sido acusado por Schtitt de depender demasiado do balão que tinha aperfeiçoado para compensar. Como o igualmente mau executante de *passing shots* mas prodígio do *Eschaton* Michael Pemulis depois dele, todo o limitado jogo de Orin se tinha baseado no seu balão sobrenatural, coisa que, é claro, não passa de uma parábola mais alto do que o adversário que aterra idealmente na zona mais próxima da linha de fundo e é difícil de alcançar e devolver. Gerhardt Schtitt, DeLint e os deprimidos pró-reitores tinham sido obrigados a sentar-se e a comer pipocas sem

manteiga enquanto visionavam um cartucho com a gravação de um jogo da Universidade de Boston para compreender que Orin tinha encontrado o seu nicho em termos de grande desporto. Orin continuava a fazer apenas balões, como observou Schtitt, ilustrando com o ponteiro uma jogada rebobinada inúmeras vezes, mas só que agora com a perna, apenas a pontapé, e contando, aliás, com dez *factota* couraçados e carregados de testosterona para dissuadir quem quisesse devolver a bola. Schtitt opinou que Orin tinha tropeçado quase por acaso nesse desporto estado-unidense grotescamente físico e territorial para legitimar a mesma dependência que manifestara em relação à pancada em balão e que o impedira de ter a coragem de desenvolver as suas áreas mais fracas; a incapacidade para enfrentar um fracasso temporário e a fraqueza para triunfar a longo prazo tinham sido o verdadeiro herbicida na cenoura do tenista Orin Incandenza. A puberdade *Schmüberty*, como Schtitt sabia, fora a verdadeira responsável por apagar o fogo interno pelo ténis. As palavras de Schtitt obtiveram a concordância vigorosa e gestual de todos mas foi genericamente ignorada na Sala de Visionamento. Depois Schtitt confiou a DeLint que no íntimo vislumbrava maus presságios para o futuro de Orin.

Mas a questão é que no seu primeiro Dia das Bruxas na Universidade, Orin já colocava a bola no interior das vinte jardas do adversário, atacando a bola com a ajuda dos atacadores das botas para que ressaltasse com efeito na linha lateral branca e saísse do campo ou então aterrasse sobre um dos bicos, ressaltasse para a frente e parecesse flutuar, a girar suspensa, à espera que um Terrier avançado lhe tocasse e marcasse ensaio. O treinador adjunto da equipa especial contou a Orin que historicamente as jogadas deste género eram chamadas pontapés de caixão à cova e que Orin Incandenza era o melhor executante de pontapés de caixão à cova que alguma vez tinha visto. Quase dava para rir. Orin viu a sua bolsa renovada sob a égide de um desporto norte-americano mais brutal mas muito mais popular do que o ténis de competição. Isto ocorreu depois do segundo jogo em casa, numa altura em que uma certa acteoneanamente bela manipuladora de bastões que dava hurras nos intervalos da ação pareceu começar a fazer as suas acrobacias na linha lateral em especial para Orin. Assim, a única relação romântica de dimensão cardíaca da vida de Orin enraizou-se de uma maneira bilateralmente distante e sem troca de fonema pessoal nos intervalos, um amor comunicado – através de grandes extensões de relva e à

revelia do rugido monovocal do estádio – inteiramente por meio de movimentos estilizados e repetitivos – funcionais os dele, concelebratórios os dela –, pequenas danças de entrega ao espetáculo que ambos, nos seus diferentes papéis, tentavam tornar tão intensas quanto possível em termos de entretenimento.

O caso é que a precisão veio depois da distância. Nos primeiros jogos, Orin tinha abordado a sua tarefa de quarto *down*[*8] como a de simplesmente pontapear a bola a perder de vista e sem que houvesse esperança de poder devolvê-la. O distraído treinador adjunto disse que isso representava o caminho natural de aperfeiçoamento de qualquer pontapeador. No primeiro jogo em casa, vestindo um equipamento sem proteções que não lhe assentava nada bem e um enorme número nas costas, foi chamado a intervir quando o primeiro ataque da Universidade de Boston foi travado na jarda quarenta por uma equipa de Syracuse que não fazia a menor ideia de que estava na sua última época como representante de uma universidade americana. Uma questão lateral. Posteriormente, os analistas dos desportos universitários servir-se-iam deste jogo para exemplificar o contraste entre épocas diferentes. Outra questão lateral. Orin conseguiu setenta e três jardas e uma média de um pouco mais de oito segundos de voo da bola, mas o primeiro pontapé oficial e euforizante – a cenoura, a RMBDS, o rugido monovocal da multidão adepta de um grande desporto – fez passar a bola por cima da cabeça do último defensor que estava à espera de a receber, por cima dos postes e das três primeiras secções de lugares para cair no colo de um professor emérito de Teologia sentado na fila cinquenta e dois que precisava de binóculos de ópera para conseguir ver o jogo. Esse batismal pontapé competitivo ficou registado como sendo de quarenta jardas. Na realidade foi de quase noventa e teve uma duração de voo que o treinador adjunto da equipa especial descreveu como um tempo em que se poderia ter tido uma relação sexual terna e sensível. O som do impacte podológico silenciou a multidão de um grande desporto e um aviador reformado da Marinha que assistia sempre aos jogos com amostras de geleia de petróleo que repartia pela multidão de dedos cheios de frieiras que enchia as filas do Nickerson contou aos amigos depois do jogo, no bar do costume em Brookline, que o primeiro pontapé público daquele tal Incandenza tinha soado da mesma maneira que o estrondo que as *Berthas* pançudas da Operação Trovão Rolante faziam, o WHUMP hiperbólico de uma tonelagem incendiária, muito maior do que a vida.

Ao fim de quatro semanas, o êxito de Orin a pontapear grandes bolas ovais havia superado largamente tudo o que tinha feito a bater bolas de ténis. Era garantido que nem o ténis, nem o *Eschaton* prejudicaram. Mas esta afinidade com o pontapé público não era apenas uma coisa atlética. Não se tratava somente de treinos de alto nível competitivo ou da experiência de forte pressão desportiva transportados de um desporto para outro. Foi isto que disse a Joelle van Dyne, a demencial beleza de sotaque sulista e bastão, no decurso de uma conversa cada vez mais reveladora depois de *ela*, espantosamente, se *lhe* ter dirigido na sessão desportiva do Dia de Colombo para lhe pedir um autógrafo numa bola vazia devido a um furo que ele lhe tinha feito num treino – a bexiga esvaziada aterra no sousafone do sousafonista dos Marching Terriers e dada a Joelle depois de ser extraída pelo roliço tubista, coberto de suor e aturdido com o olhar acteonicamente implorativo da rapariga – pediu-lhe – Orin também ficou subitamente a suar e sem nada de atraente para dizer ou recitar – pediu-lhe com um sotaque vaziamente ressoante que escrevesse o nome dele para o papá pessoal dela, um tal Joe Lon van Dyne, de Shiny Prize, Kentucky, e ela também disse que da Dyne-Riney Proton Donor Reagent Corp., de Boaz, uma terra próxima, e envolveu-o (O.) numa conversa-de-reunião-social-cada-vez-menos-unilateral – era fácil manter a RMBDS numa conversa *tête-à-tête*, já que nenhum outro Terrier ousava aproximar-se dela a menos de quatro metros – e pouco a pouco Orin viu-se quase a olhá-la diretamente nos olhos enquanto partilhava a crença de que não era uma coisa meramente atlética, a sua pulsão de pontapear, que lhe parecia que grande parte daquilo tudo era emocional e/ou até, se é que isso ainda existia, espiritual: a negação do silêncio; ali elevavam-se trinta mil vozes, almas, extravasando sonoramente a sua aprovação como uma única alma. Invocou a crueza dos números. O frenesim. Agora estava a pensar em voz alta. As exortações e aquiescências do público eram tão absolutas que deixavam de ser numericamente nítidas e fundiam-se numa espécie de gemido único de coito, uma única e imensa vogal, o som do útero, o bramido crescente, parecido com um maremoto, amniótico, uma voz que podia muito bem ser de Deus. Não tinha nada dos aplausos do ténis, comedidos e depois silenciados pela ordem patrícia do árbitro. Disse que aqui só estava a especular; olhava-a nos olhos e não se afogava, o seu medo convertia-se agora em tudo aquilo que tinha temido. Disse que o som de todas aquelas almas com um único som era demasiado forte para

ser suportado, uma coisa que crescia à espera que o pé dele a libertasse: Orin disse que a coisa de que julgava gostar era o facto de que, literalmente, não conseguia ouvir os seus pensamentos, talvez fosse um lugar-comum, mas lá fora transformava-se, o seu próprio ser transcendia-se como nunca lhe tinha acontecido num campo de ténis, uma sensação de presença no céu, o som da multidão congregacional, o clímax que fazia tremer o estádio enquanto a bola subia e descrevia um arco catedralício, uma coisa que demorava uma eternidade a descer... Nem sequer se lembrou de lhe perguntar qual era o tipo de comportamento que ela preferia. Não havia necessidade de estratégias nem de táticas. Depois soube que o medo tinha sido medo disso. Acabou por acontecer que não tivera de lhe prometer nada. Era tudo de graça.

Por volta do final do primeiro outono como estudante universitário e jogador do campeonato da Conferência Yankee, além de uma presença sem vitória mas sem precedente no K-L-RMKI/Forsythia Bowl em Las Vegas a que assistiram altos dignitários, Orin tinha pegado no seu subsídio de residência fora do *campus* e mudado com Joelle van Dyne, a parte-corações de Kentucky, para uma cooperativa em East Cambridge, a três paragens de metro da Universidade, e pôde ficar a conhecer todos os totalmente novos inconvenientes de ser uma estrela pública de um desporto de massas numa cidade onde as pessoas se matam umas às outras em brigas de bar por causa de estatísticas e lealdades clubísticas.

Joelle tinha estado no jantar de Ação de Graças da ATE e sobrevivido a Avril; depois Orin passou o primeiro Natal da sua vida fora de casa (foi de avião para Paducah e a seguir de carro alugado até Shiny Prize, Kentucky, uma terra infestada de *kudzu*[*9]) a beber *cocktails* sem álcool sob uma branca árvore de Natal reciclável cheia de bolas vermelhas com Joelle, a mãe dela, o papá pessoal e os fiéis cães *pointer;* foi brindado com um passeio pela cave contra tornados para ver a incrível coleção de recipientes *Pyrex* de Joe Lon com todas as soluções do mundo para tornar vermelho o papel de tornesol: havia pequenos bocados de papel vermelhos a servir de prova. Orin movia a cabeça em sinal de assentimento e esforçava-se ao máximo e Joelle dizia-lhe que o facto de o senhor Van D. não lhe sorrir uma única vez não era senão a sua maneira de ser, assim como a mã dele tinha a dela, circunstância que causava tantos problemas a Joelle. Orin enviou mensagens a Marlon Bain, Ross Reat e ao seu estrábico amigo Nickerson informando-os de que tudo indicava que estava apaixonado por

alguém.

O primeiro fim de ano em Shiny Prize, longe dos levantamentos ONANistas do novo Nordeste, a última tarde Antes da Subsidiação, foi a primeira vez que Orin viu Joelle ingerir muito pequenas quantidades de cocaína. Orin tinha saído da sua fase de substâncias quando descobriu o sexo, além naturalmente das considerações relacionadas com a urina de N/ONANCAA, pelo que se escusou, mas não de uma forma crítica ou de quem quer estragar uma festa, e apercebeu-se então de que estar com a sua RMBDS quando ela consumia era excitante, uma sensação vicária de perigo que associou a entregar-se não às regras de um desporto mas a si mesmo e ao modo como se sentia sem preconceitos em relação a uma pessoa que está com uma pedrada e se sente mais livre e melhor do que o normal, a sós, com ele, debaixo das luzes vermelhas. Nessa altura faziam um par natural: nessa altura o consumo de Joelle era recreativo e a ele não só não lhe importava, mas também nunca se gabou de não lhe importar, ela também não se importava com a abstinência dele; a questão da substância era uma coisa natural e livre. Outra das razões por que parecia estarem predestinados era que no segundo ano na Universidade de Boston Joelle tinha decidido concentrar-se academicamente em Cinema/Cartuchos. Dedicar-se à Teoria de Cartuchos Cinematográficos ou à Produção de Cartuchos Cinematográficos. Talvez às duas áreas. A RMBDS era uma fanática de cinema, ainda que o gosto dela fosse bastante empresarial: disse a O. que preferia os filmes em que «um monte de merda fosse pelos ares[101]». Pouco a pouco, Orin deu-lhe a conhecer o cinema de arte e ensaio, do cinema conceptual, erudito, académico e *avant* e *après-garde* e ensinou-a a usar alguns dos menus mais esotéricos de InterLace. Subiu rapidamente a colina de Enfield para lhe trazer *Acordo Pré-Nupcial entre o Céu e o Inferno,* do «Cegonha Louca», filme que teve um impacte excecional em Joelle. Imediatamente após o Dia de Ação de Graças, Ele Mesmo permitiu que a RMBDS assistisse à rodagem de *O Século Americano Visto através de Um Tijolo* como recompensa a poder filmar o polegar dela a dedilhar uma guitarra. Depois de um segundo ano medianamente dececionante, O. viajou com ela de avião para Toronto para ver parte da rodagem de *Blood Sister: One Tough Nun0*[*10]. Ele Mesmo convidava Orin e a amada a passear depois das filmagens diárias, entretendo Joelle com o seu esquisito dom para chamar táxis canadianos enquanto Orin enterrava a cabeça no sobretudo e, mais tarde, Orin transportava-

os para o hotel Ontario Place, fazendo parar o táxi para que pudessem vomitar, e levava Joelle nos braços enquanto o «Cegonha Louca» caminhava para a sua suíte segurando-se às paredes. Ele Mesmo levou-os ao Centro de Conferências da Universidade de Toronto, onde ele e a mã se tinham conhecido. Visto em retrospetiva, isto deve ter marcado o início do fim. Nesse verão, Joelle declinou o convite para estar pela sexta vez no Instituto Dixie para Manipuladoras de Bastões em Oxford, Mississípi, e permitiu que Ele Mesmo lhe desse um nome de artista para a fazer atuar, em rápida sucessão, em *Civismo de Baixa Temperatura, (O) Desejo de Desejar* e *Andar de Barco em Segurança não É Acidental,* viajando com Ele Mesmo e com Mario enquanto Orin permanecia em Boston a recuperar de uma operação sem importância ao quadricípite esquerdo atrofiado no Hospital Geral de Massachusetts, onde não menos de quatro enfermeiras e fisioterapeutas da ala de Medicina Desportiva iniciaram os trâmites judiciais para se separarem dos maridos com custódia dos filhos.

As verdadeiras ambições da RMBDS não eram de carácter interpretativo, como Orin sabia, e isso foi uma das razões por que aguentou tanto tempo. Quando ele conhecera Joelle já ela tinha um modesto equipamento de filmagem, cortesia do papá pessoal. E agora tinha acesso a um equipamento digital a sério. No segundo ano de Orin, Joelle já não fazia girar o bastão nem incitava o grupo de adeptos com hurras. Na primeira época dele colocava-se atrás de várias linhas brancas com uma pequena máquina de filmar digital *Bolex R32*, objetivas e fotómetros BTL, incluindo um lixado *zoom Angenieux* que O. lhe tinha comprado para mostrar que a apoiava e ela tirava fotografias em clipes de meio disco a pontapeador com o número 78 da equipa da Universidade de Boston, às vezes com Leith a servir de realizador assistente (nunca Ele Mesmo), fazendo experiências com velocidades, distâncias focais e artefactos digitais, aperfeiçoando-se tecnicamente. Orin, apesar de todo o seu interesse em melhorar os gostos comerciais da RMBDS, não era tão entusiasta do cinema, dos cartuchos, do teatro ou de qualquer coisa que o reduzisse ao estatuto de espectador, mas respeitava os impulsos criativos de Joelle, até certo ponto; e descobriu que efetivamente gostava de ver as filmagens futebolísticas de Joelle van Dyne, com ele como ator principal, e preferia os breves clipes de meio disco aos cartuchos de Ele Mesmo ou aos filmes comerciais em que tudo explodia enquanto Joelle dava saltos na cadeira e apontava para o visor. E os clipes dela,

com ele em ação, pareciam-lhe muito mais interessantes do que os celuloides cheios de grão e sobrecarregados dos jogos que o treinador principal obrigava toda a gente a ver. Orin gostava de pôr no mínimo o reóstato do apartamento quando Joelle não estava em casa e pegar nas disquetes e fazer pipocas e visionar várias vezes os clipes de dez segundos de duração em que ela o tinha filmado. Sempre que rebobinava, via uma coisa diferente, nova. Os clipes dele a pontapear abriam-se como flores no tempo e pareciam revelá-lo de uma maneira que nunca poderia ter imaginado. Ficava embebecido. Isso apenas acontecia quandos os visionava a sós. Às vezes provocavam-lhe uma ereção. Nunca se masturbava; esperava que Joelle chegasse a casa. Ainda na fase final da puberdade e com a beleza a tornar-se cada vez pior, era ainda uma donzela quando Orin a conhecera. Até essa altura tinha sido desconsiderada, tanto na Universidade como em Shiny Prize-Boaz Consolidated: a beleza dela havia afugentado todos os interessados. Tinha devotado a vida a ser manipuladora de bastões e ao cinema amador. Disney Leith disse que ela tinha garra: a mão com que segurava a câmara era firme como uma rocha; mesmo os clipes do início da época pareciam ter sido filmados com um tripé. Não havia som nesses clipes e era possível ouvir o chio agudo da fita no reprodutor do telecomputador. Um cartucho a girar às 450 rpm de uma disquete digital soa como um aspirador ao longe. Os ruídos dos carros e das ambulâncias penetravam pelas janelas vindos de tão longe como a Storrow 500. Ao ver os clipes, o silêncio não fazia parte daquilo que Orin procurava. (Joelle limpa a casa como uma louca. A casa está sempre esterilizada. Orin acha que essa coincidência com os hábitos de limpeza da mã é um pouco assustadora. Só que Joelle não se importa que haja alguma coisa desarrumada nem acabrunha ninguém escondendo o que importa, para não ferir sensibilidades. Com Joelle a desarrumação desaparece pura e simplesmente de noite; quando se acorda está tudo esterilizado. É como os duendes.) Pouco depois de ter começado a ver os clipes do seu terceiro ano, Orin subiu a correr a colina para trazer a Joelle um gravador *Tatsuoka* com sincronizador compatível com a *Bolex*, um microfone direcional, um tripé baixo com um silenciador para o zumbido da *Bolex*, um sofisticado captador de som *Pilotone* e cabos de sincronizador, uma audicópia completa. Leith demorou três semanas a ensinar-lhe a trabalhar com o Pilotone. Os clipes passaram a ser sonoros. Orin tem alguma dificuldade em não queimar as pipocas *Jiffy*. Propendem a ficar

queimadas quando a tampa de alumínio insufla; é preciso tirá-las do fogão antes de se formar uma cúpula de alumínio. Mas nem mesmo assim Orin queria um micro-ondas para as pipocas. Gostava de baixar a iluminação quando Joelle não estava em casa e pôr o cartucho para ver os clipes de dez segundos dos seus pontapés vezes sem conta. Ei-lo contra Delaware no segundo jogo em casa do APMT. O céu está cinzento e cerúleo, as cinco bandeiras da Conferência Yankee – a Universidade de Vermont e a UNH já passaram à história – tremulam ao vento vindo do rio Charles que torna o Estádio Nickerson tão ignominioso. Trata-se, como é óbvio, do quarto *down*. Milhares de quilos de carne almofadada enfrentam-se de olhos nos olhos, dispostos a carregar e a esmagar. Orin está a doze jardas da refrega, com as botas juntas, o peso um pouco inclinado para diante, os braços desiguais estendidos, na atitude de um cego perante um muro. Tem os olhos fixos no distante traseiro manchado de verde do central. A posição dele, à espera de receber o passe, não é diferente da de um mergulhador. Nove homens em fila, com os pés e as mãos assentes no relvado, estão preparados para repelir o assalto de dez homens. O último defesa da equipa adversária está preparado para receber a bola a setenta jardas ou mais. O *fullback*, cuja única missão é proteger Orin, está à frente e à esquerda, com os joelhos dobrados, juntos os punhos ligados e os cotovelos para fora como asas, pronto para se arrojar contra quem atravessar a linha e se dirigir para o pontapeador. O equipamento de Joelle não é de qualidade profissional mas a técnica dela é muito boa. No terceiro ano também já há cor. Há apenas um som, e é absoluto: o rugido da multidão e sua a reação a esse ruído crescente. Orin está de costas para Delaware, pronto; o capacete é de um branco brilhante e impoluto e o interior da sua cabeça recusa durante dez segundos tudo o que não tenha que ver com a receção do passe e o passo marcial em frente para pontapear a bola oval e pô-la a perder de vista, a uma altura em que o vento já não tem qualquer efeito. A Madame RMBDS filma tudo, fazendo zoom desde o outro lado do campo. Calcula o tempo; o instante de um pontapé é meticulosamente preciso, como um serviço no ténis; é como uma dança solitária; recolhe o ímpio WHUMP contra e por cima do clímax sonoro da multidão; capta o arco pendular de cento e oitenta graus da perna de Orin, o acompanhamento glúteo que lhe põe os cordões das botas acima do capacete; o perfeito ângulo reto entre a perna e o relvado. A técnica é tão soberba a capturar a *débacle* de Delaware que Orin só pode rever as

imagens, a única vez em todo o ano que o imenso central lhe passa a bola com demasiada força, fazendo-a voar por cima das suas mãos esticadas, pelo que, quando deu meia-volta para correr dez jardas e apanhar aquela coisa que solta loucamente, os defesas de Delaware romperam a linha, atiraram ao chão e pisaram o *fullback*, a linha de dez homens a carregar, querendo exclusivamente o contacto físico com Orin e o ovo de cabedal. Joelle capta-o a correr em ziguezague, um arranque lateral de três metros que lhe permite evitar os primeiros conjuntos de mãos e os carnosos lábios curvilíneos; é no entanto atropelado pelo poderoso defesa de Delaware que voa do lado de fora quando se acaba o setor.5 de espaço digital que dura a gravação de cada jogada e o som da multidão esmorece e morre e pode ouvir-se a unidade de disco que se detém no último *byte* e a cara de Orin atrás do capacete protetor lá está no ecrã gigante, congelada em alta definição, dentro do capacete, mesmo antes do impacte, aumentada pelo *zoom* de grande qualidade. De especial interesse são os olhos.

---

*1 Vetor/Ângulo/Velocidade/Efeito. *(N. dos T.)*
*2 *Pillow-biter,* calão bastante pejorativo para homossexual masculino. *(N. dos T.)*
*3 Síndrome limítrofe (*Borderline*): transtorno da personalidade. *(N. dos T.)*
*4 Zona de Boston onde se concentram vários edifícios públicos: Governo, tribunais, etc. *(N. dos T.)*
*5 Comité de Ação Política. *(N. dos T.)*
*6 No original, *bona fried* (frito) por *bona fide* (genuíno). *(N. dos T.)*
*7 Sistema Nervoso Central. *(N. dos T.)*
*8 Série de quatro jogadas no futebol americano que antecedem um pontapé. *(N. dos T.)*
*9 Planta que elimina o desejo de consumir tabaco e álcool. *(N. dos T.)*
*10 *Irmã Sangrenta: Uma Freira Dura de Roer*. *(N. dos T.)*

14 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

POOR TONY KRAUSE TEVE UMA CONVULSÃO NO METRO. Aconteceu na Linha Cinzenta, de Watertown para a Praça Inman, em Cambridge. Há uma semana que andava a beber xarope de codeína para a tosse na casa de banho dos homens da Biblioteca da Fundação Arménia, no horroroso centro de Watertown, Massachusetts, saindo do seu esconderijo apenas para pedir uma receita ao hediondo Equus Reese e correr para a Farmácia Brooks vestindo um conjunto simplesmente abjeto de calças de fibra sintética, suspensórios e um boné *Donegal* de tecido aos quadrados que tinha tido de pedir emprestado num centro sindical de estivadores. Poor Tony não tinha coragem de usar nenhuma peça de roupa bonita, nem sequer o casaco vermelho de pele dos irmãos Antitoi, desde que vira que a bolsa daquela infeliz mulher levava no interior um coração. Realmente nunca se tinha visto tão acossado e derrotado como naquele negro dia de julho em que lhe tocou a desgraça de roubar um coração. Quem se perguntaria Porquê Eu? Não ousava vestir coisas apelativas nem pôr os pés na praça. E Emil ainda andava atrás dele para o arrumar depois daquela coisa horrível que aconteceu no inverno passado com Wo e Bobby C. Desde o último Natal, Poor Tony não ganhava coragem para aparecer na zona leste da Rua Tremont, nem no bairro social de Brighton, nem à Delphina, nos arrabaldes de Enfield, mesmo depois de Emil ter pura e simplesmente desaparecido das ruas; e agora, desde 29 de julho, era *non grata* na Praça Harvard e suas imediações; a mera visão de um oriental causava-lhe palpitações... para não mencionar um acessório *Aigner*.

Assim, Poor Tony não descortinava maneira de se fornecer. Não podia confiar em ninguém. S.T. Cheese e Lolasister não eram mais fiáveis do que ele mesmo; nem sequer queria que soubesse onde dormia. Começou a tomar xarope de codeína. Arranjou maneira de que Bridget Tenderhole e o violentador homossexual e traficante Stokely Dark Star o protegessem durante algumas semanas até que Stokely morreu no hospício de Fenway e depois Bridget Tenderhole foi mandada pelo chulo para Brockton em circunstâncias loucamente

vagas. Então Poor Tony foi assaltado por negros presságios, engoliu o orgulho e escondeu-se ainda mais profundamente num complexo de contentores do lixo atrás do Local #4 Hall do IBPWDW[102] na baixa de Fort Point e resolveu lá ficar escondido enquanto pudesse engolir o orgulho e mandar Lolasister comprar heroína, aceitando sem vaidade ou queixume os desavergonhados roubos que a cabra lhe fazia, até uma data de outubro em que Lolasister se foi abaixo com hepatite G e o fornecimento de heroína secou horrivelmente e as únicas pessoas ainda capazes de arranjar pequenas quantidades para evitar entrar em ressaca eram pessoas em posição de atacar aqui e ali em público e à luz do dia e nenhum amigo, por mais íntimo que fosse ou por mais favores que lhe devesse, podia dar-se ao luxo de sustentar outra pessoa. Portanto, completamente sem amigos nem contactos, Poor Tony, no seu esconderijo, começou a desabituar-se da heroína. Não era ficar com ressaca ou enjoado. Desabituação. As palavras ecoavam-lhe na cabeça neurálgica e sem peruca com a mais horrorosa qualidade dos sinistros-passos-que-ecoam-no-corredor-deserto. Desabituação. A Ave sem Asas. A Pacificação. O Coice. A Cura à Força. Poor Tony nunca tinha tido de desabituar-se, nunca tinha percorrido o corredor deserto da desabituação desde que começara a curtir aos dezassete anos. No pior dos casos, aparecia sempre alguém bondoso que o considerava encantador, quando as coisas se tornavam tão negras que tinha de alugar os seus encantos. Mas, ai, agora os encantos dele estavam na maré baixa. Pesava cinquenta quilos e tinha a pele da cor de uma abóbora no verão. Era afetado por terríveis ataques de tremuras e também suava. Tinha um treçolho que lhe pusera um olho tão vermelho como o de um coelho. O nariz dela era como duas torneiras cujo líquido tinha uma tonalidade verde-amarelada que não lhe parecia *nada* prometedora. Soltava um forte e desagradável cheiro que até ele sentia. Em Watertown tentou empenhar a sua bela cabeleira falsa ruiva mas foi insultado em arménio porque a peruca tinha parasitas provenientes do seu próprio cabelo. E nem vale a pena referir as críticas do dono da casa de penhores ao casaco de cabedal vermelho.

Quanto mais se desabituava, tanto mais Poor Tony ficava doente. Os sintomas davam origem a outros sintomas, lanhos e nódulos que ele identificava com mórbida atenção no contentor do lixo, com os suspensórios e o espantoso boné de tecido aos quadrados, agarrando-se a um saco de compras onde guardava a peruca, o casaco e os belos acessórios que não podia usar nem empenhar. O

contentor vazio da EWD onde estava escondido era novo e de cor verde-maçã e o interior era de aço granulado; continuava novo e sem utilizar porque as pessoas se recusavam a aproximar-se o suficiente para o usar. Poor Tony demorou algum tempo para perceber a razão disso, tendo a chegado a pensar que era uma tábua de salvação e que a sorte lhe sorria. Uma equipa de recolha de lixo da EWD explicou-lhe a coisa numa linguagem que pareceu a Tony estar isenta de tato. A tampa de ferro verde do contentor também deixava passar a chuva e albergava já numa parede uma colónia de formigas, insetos que desde a sua infância neurasténica particularmente detestava e temia. E sob o efeito do sol o aposento transformava-se num infernal ambiente vivo do qual até as formigas pareciam desaparecer.

A cada passo que dava no corredor negro em direção à desabituação real, Poor Tony Krause batia o pé e recusava-se pura e simplesmente a acreditar que as coisas pudessem piorar. Depois começou a ser incapaz de antecipar quando, por assim dizer, precisava de ir à retrete. O horror à incontinência com uma disforia de género não é suscetível de ser adequadamente descrito. Fluidos de consistência variada começaram a manar sem aviso prévio de diferentes orifícios. E, é claro, ficaram lá, os fluidos, no estival chão metálico do contentor. Ali estavam e não se deslocavam para parte nenhuma. Não havia maneira de poder limpar aquilo nem de arranjar drogas. Todo o conjunto das suas relações interpessoais consistia em pessoas para quem ele não significava nada e pessoas que que desejavam fazer-lhe mal. O seu próprio falecido pai, um obstetra, Tinha destruído a sua roupa num *shiva* simbólico no Ano do *Whopper* na cozinha da casa dos Krause, na Rua Mount Auburn, número 412, na sinistra zona central de Watertown. Foi a incontinência, além da possibilidade de cheques mensais da Segurança Social, que levou Poor Tony a sair do seu covil e trasladar-se com toda a urgência para a escura casa de banhos dos homens da Biblioteca da Fundação Arménia em Watertown Center, onde tentou tornar confortável uma cabina com brilhantes fotografias de revistas, reverenciadas bugigangas e papel higiénico a cobrir o tampo da sanita; e fazendo frequentes descargas do autoclismo; e tentou manter a desabituação a sério ao largo com frascos de *Codinex Plus*. Uma minúscula percentagem de codeína metaboliza-se e produz a boa e velha morfina C^{17}, concedendo uma sugestão agónica daquilo que poderia ser um verdadeiro alívio da ressaca, isto é, o xarope para a tosse não fazia mais

do que prolongar o processo, tornar o corredor mais comprido – dilatava o tempo.

Poor Tony passava dia e noite sentado na isolada sanita da domesticada cabina, alternadamente defecando e mijando. Levantava do chão os sapatos de salto alto às 19h00 quando o pessoal da biblioteca verificava as cabinas da casa de banho, apagava as luzes e deixava Poor Tony às escuras dentro de uma escuridão tão absoluta que não fazia a menor ideia onde paravam ou para onde iam os seus membros. Abandonava a cabina talvez uma vez de dois em dois dias, para correr como um louco para o Brooks com uns óculos apanhados num cesto de papéis e uma espécie de capuz ou xale pateticamente feito com as toalhas de papel castanhas que havia na casa de banho dos homens.

O tempo começou a adquirir novas dimensões para ele à medida que a desabituação progredia. O tempo começou a ter bordas afiadas. A passagem dele pela cabina às escuras ou na penumbra era como se o tempo fosse transportado por um cortejo de formigas, uma vermelha, brilhante e marcial coluna dessas formigas militaristas vermelhas do Sul dos EUA que constroem espantosos e altos formigueiros ferventes; e cada uma dessas formigas brilhantes e vis pretendia obter a sua minúscula porção do corpo de Poor Tony em compensação pela sua ajuda a prolongar lenta e progressivamente o tempo no tétrico corredor da verdadeira desabituação. Quando atingiu a segunda semana na cabina, o próprio tempo parecia ser o corredor, sem luz em ambas as extremidades. Um pouco mais adiante, o tempo deixou de se mover ou de a pessoa se poder mover nele e assumiu uma forma acima e à parte, uma ave imensa sem asas, com penas bolorentas e olhos alaranjados, agachada e incontinente em cima da sanita com uma personalidade vigilante mas profundamente egoísta que não parecia ter o menor interesse em Poor Krause como pessoa nem manifestar por ele qualquer tipo de simpatia ou de boa vontade. Absolutamente nada. Falava-lhe de cima da sanita, dizendo sempre as mesmas coisas, vezes sem conta. Coisas irrepetíveis. Nada na lúgubre experiência de vida de Poor Tony o tinha preparado para experienciar de cócoras um tempo com forma e cheiro; o agravamento dos sintomas físicos era como uma tarde nos armazéns Bonwit se comparado com a negra confirmação temporal de que os sintomas não passavam de uma longínqua referência, meros sinais que apontavam para fenómenos de desabituação muito maiores e diretos que pendiam por cima da cabeça de uma corda que se

desenrolava sem pressas nem pausas com a passagem do tempo. Isso não deixava de se mover nem acabava; mudava de forma e de cheiro. Entrava e saía dele como o mais temido assaltante de chuveiros prisionais. Poor Tony teve a ousadia de imaginar que já tinha tido a oportunidade de tremer no passado, mas na verdade nunca o havia feito até que as cadências do tempo – dentadas e frias com um estranho odor a desodorizante – lhe entraram no corpo por vários orifícios, frias como só é frio o frio húmido – a frase que teve a coragem de imaginar que tinha entendido era a expressão *gelado até aos ossos* –, colunas incrustadas de frio entravam para lhe encher os ossos com vidro esmagado e ele conseguia ouvir o estralejar vidrado das suas articulações à menor alteração da sua posição agachada, ambiente temporal e no ar e entrando e saindo à vontade, friamente; e a dor da respiração contra os dentes. O tempo chegou até ele na noite cor de penas pretas de falcão da biblioteca com uma crista alaranjada, espartilho, sutiã sem alças, sapatos *Amalfo* pirosos e nada mais. O tempo espalhou-se por ele e entrou nele rudemente e abriu passagem e deixou-o de novo em forma de merda líquida que saía tão constantemente em borbotões que era impossível fazê-la desaparecer da sanita com as descargas do autoclismo. Passava a maior parte do mórbido tempo tentando imaginar de onde saía aquela merda toda quando a única coisa que ingeria era *Codinex Plus*. Então, num determinado ponto, compreendeu: o tempo tinha-se transformado em merda: Poor Tony tinha-se tornado um relógio de areia: o tempo movia-se agora através dele; ele não passava desse fluxo dentado. Estava a pesar nesse momento quarenta e cinco quilos. As pernas dele tinham o tamanho que tinham os braços antes da desabituação. Era assombrado pela palavra *Zuckung*, uma palavra estrangeira, provavelmente iídiche, que não se lembrava de alguma vez ter ouvido. A palavra repetia-se em rápida cadência na cabeça dele, sem nenhum significado. Supôs inocentemente que enlouquecer significava não dar conta de estar a enlouquecer; inocentemente imaginou os loucos a rirem-se para sempre. Via outra vez o pai sem filho – retirando as rodas laterais que serviram para treinar, consultando o seu *pager*, com a bata verde e a máscara, deitando chá frio num copo esmerilado, rasgando a camisa num acesso de dor filial, agarrando-o pelo ombro, ajoelhando-se. A ficar rijo num caixão de bronze. A ser sepultado debaixo da neve no cemitério de Mount Auburn, através de uns óculos escuros, à distância. «Gelado até ao *Zuckung*.» Quando por fim até as reservas de xarope

de codeína se esgotaram, ele ainda estava sentado na sanita da cabina da casa de banho da BFA, rodeado de adornos e fotografias tiradas de revistas de moda que o tinham reconfortado e ele tinha pendurado na parede com a fita-cola mendigada ao passar pela secretária das informações, sentado durante quase toda uma noite e todo um dia, porque não acreditava ser capaz de suster o fluxo de diarreia o tempo suficiente para ir a qualquer sítio – se a oportunidade surgisse – no seu único par de calças adequadas ao seu género. Durante as horas de luz, a casa de banho enchia-se de velhos que usavam idênticos sapatos castanhos e falavam uma língua eslava e cuja flatulência de fogo rápido cheirava a couves.

Perto do fim do dia da segunda tarde sem xarope (o dia do badagaio), Poor Tony começou a abster-se do álcool, da codeína e da morfina desmetilada do xarope para a tosse, bem como da heroína original, produzindo uma série de sensações para as quais nem sequer as suas mais recentes experiências o tinham preparado (em especial a desabituação de álcool); e quando as primeiras visões do tipo DT de grande calibre, quando o primeiro exército de formigas, lustroso e minuciosamente hirsuto, lhe subiu pelo braço e se recusou como um fantasma a desaparecer quer a empurrões, quer a pancadas, Poor Tony atirou o seu orgulho higiénico para a goela de porcelana do tempo e puxou para cima as calças – mortificadamente enrugadas depois de dez ou mais dias caídas em cima dos tornozelos –, fez todas as pequenas reparações cosméticas que pôde, pôs na cabeça o chapéu piroso à volta do qual enrolou, com a ajuda de fita-cola, o cachecol de papel castanho e se lançou, num estado de derradeiro desespero, para a Praça Inman de Cambridge, para os sinistros e matreiros irmãos Antitoi, a cujo centro de operações camuflado – Glass-Entertainment-‘N-Notions – tinha jurado nunca mais voltar mas que agora eram a sua última possibilidade, os Antitoi, canadianos do subgénero quebequenses, sinistros e matreiros mas em última instância insurretos políticos bastante desventurados a quem ele tinha prestado serviço em duas ocasiões através dos escritórios de Lolasister, eram agora as únicas pessoas às quais talvez pudesse pedir alguma bondade desde o incidente do coração.

Com o casaco, o boné e o cachecol, na plataforma do metro da estação Watertown Center, da Linha Cinzenta, quando a primeira e inesperada descarga quente e solta caiu nas calças largas, desceu pelas pernas e se grudou aos saltos altos – calçava apenas umas sandálias vermelhas de tiras cruzadas e saltos altos

que as calças quase escondiam –, Poor Tony fechou os olhos para não ver as formigas que percorriam de cima a baixo a magra extensão dos seus braços; soltou um grito que foi um mudo grito interior de total e desalmada aflição. A amada cobra cabia quase completamente no bolso da frente, onde permanecia em nome da discrição. Na carruagem a abarrotar apercebeu-se de que em três semanas tinha deixado de ser uma pessoa vistosa e atraente, ainda que de uma maneira extravagante, e passado a ser um desses detestáveis espécimes urbanos de quem as pessoas normais se afastam discretamente no metro quase sem darem conta de que eles estão lá. O lenço de toalhas de papel tinha-se soltado parcialmente. Cheirava a bilirrubina e a suor amarelento; a maquilhagem que há uma semana aplicara nos olhos não funcionava quando se tinha a barba por fazer. Também houvera alguns incidentes negativos relacionados com urina, nas calças, para completar o quadro. Na verdade nunca se tinha sentido tão pouco atraente e tão doente. Chorou em silêncio de vergonha e dor, à passagem de cada estação brilhantemente iluminada, enquanto as formigas-motoristas que lhe cirandavam no colo abriam as pequenas bocas de inseto que pareciam agulhas para engolir as lágrimas dele. Sentia que o seu treçolho pulsava de forma irregular. A Linha Cinzenta tinha carruagens verdes e alaranjadas do tipo barulhento e gigantesco e Poor Tony ficou sentado ao fundo, sozinho, sentindo a cada segundo cobrar o que lhe pertencia.

Quando lhe caiu em cima, a convulsão pareceu-lhe menos uma isolada e extraordinária crise de saúde do que simplesmente a exposição seguinte na galeria dos horrores da ressaca. De facto, o ataque – uma espécie de tiroteio sináptico nos ressequidos lóbulos temporais de Poor Tony – não tinha sido inteiramente causado pela desabituação da heroína mas pelo álcool de cereais que era o ingrediente e bálsamo principal do xarope para a tosse *Codinex Plus*. Tinha despachado mais de dezasseis frascos de oitenta graus de *Codinex* por dia durante uma semana e já navegava rumo a uma violenta colisão neuroquímica quando deixou de o fazer. O primeiro e péssimo augúrio foi uma chuva de fosfenos do tamanho de chispas vinda do teto da bamboleante carruagem, além de uma violenta auréola violeta à volta das cabeças da gente respeitável que se afastava o mais que podia dos diferentes charcos onde ele estava sentado. As suas caras limpas e rosadas pareciam compungidas, cada uma delas rodeada por um capuz de chamas violetas. Poor Tony não se tinha apercebido de que os seus

silenciosos gemidos tinham deixado de ser silenciosos e por isso todas as pessoas que estavam na carruagem mostravam-se particularmente interessadas no chão que tinham sob os pés. Só soube que o súbito e incongruente cheiro a desodorizante *Old Spice,* aroma clássico e original – imprevisto e inexplicável, a marca que o seu falecido papá usava, que há anos ele não cheirava – e a tagarelice de pânico das brilhantes formigas da desabituação que corriam para lhe entrarem e desaparecerem na boca e no nariz (dando cada uma, é claro, a sua pequena mordidela de despedida ao passar) auguravam uma nova e mais vívida exposição no horizonte do túnel. Na puberdade, tinha-se tornado violentamente alérgico ao cheiro do *Old Spice*. Quanto mais se borrava a ele e ao assento de plástico e ao chão da carruagem, mais se intensificava o velho aroma clássico do passado. Então o corpo dele começou a inchar. Notou que os seus membros se convertiam em dirigíveis brancos e voláteis e sentiu que recusavam a sua autoridade e se separavam dele para flutuarem pausadamente de focinho para a frente entre as chispas de siderurgia que caíam do teto. De repente, não sentiu nada, ou melhor, Nada, uma calmaria antes de um tornado de sensação zero, como se ele fosse o próprio espaço que ocupava.

Então teve a convulsão[103]. O chão da carruagem do metro tornou-se o teto da carruagem do metro e ele estava em cima das suas costas arqueadas numa catarata de luz a afogar-se em *Old Spice* e a ver como os seus membros tumescentes se lançavam pelo interior da carruagem como balões. O ensurdecedor *Zuckung Zuckung Zuckung* era o tamborilar dos seus próprios saltos altos sobre o chão sujo da carruagem. Ouviu o ribombar de uma composição que não era deste planeta e sentiu a investida de um rugido vascular até que a dor que o atingiu lhe pareceu a concentração de uma espécie de orgasmo da cabeça. A cabeça inchou-lhe brutalmente, estalando à medida que se esticava. Então a dor (estes ataques *doem,* embora poucos tenha a possibilidade de comprovar isso) foi como a ponta afiada de um martelo. Houve uma chiadeira e qualquer coisa escorreu no interior da cabeça dele e qualquer coisa saiu dele com força. Viu o sangue de Bobby («C») C. a elevar-se como bruma no vento quente da saída de ar da *Copley*. O pai dele, com uma *T-shirt* sem mangas, ajoelhou-se a seu lado no teto elogiando os Red Sox dos tempos de Rice e Lynn. Tony trazia um tafetá estival. O seu corpo movia-se sem receber ordens do QG. Não se sentia de modo nenhum um títere. Pensou num peixe apanhado à fateixa.

O vestido tinha «mil folhos e um gracioso corpete de renda». Então viu o pai, de bata verde e luvas de borracha, a inclinar-se para ler os títulos do jornal na pele de um peixe embrulhado num jornal. Isso nunca tinha ocorrido. O título de maior dimensão dizia empurre. Poor Tony caiu e soltou um grito abafado e empurrou para dentro e o vermelho absoluto do sangue que alimenta a vista brotou detrás das pálpebras palpitantes. O tempo não passava, antes se ajoelhava a seu lado com uma *T-shirt* esfarrapada mostrando as mamas de nariz de roedor de um homem que desdenhou o cuidado do seu corpo outrora belo. Poor Tony entrou em convulsão, tamborilou com os pés, soltou outro grito abafado e rodopiou, com uma fonte de luz a rodeá-lo por todos os lados. Sentiu no fundo da garganta um naco de carne nutritivo e, se calhar, até embriagador e optou por o não engolir, mas acabou por engoli-lo na mesma, e arrependeu-se logo; e quando os dedos enluvados e sanguinolentos do pai lhe abriram as mandíbulas para puxar pela língua que tinha engolido, recusou-se a morder desagradecidamente a mão que o despojava do seu alimento e então, sem autorização, empurrou e mordeu e arrancou os dedos enluvados, de modo que passou a haver carne envolta em borracha na sua boca outra vez e a cabeça do pai explodiu em antenas afiladas de cor como uma estrela que explode entre os seus braços verdes cobertos pela bata e um grito de *Zuckung* enquanto os saltos altos de Tony matraqueavam e lutavam contra os estribos-esporas de luz para os quais eram içados à medida que uma tela vermelha caía humidamente para o chão que ele, Tony, observava, e ouviu alguém gritar que alguém devia ceder, errar, com uma mão na sua barriga bordada à medida que ele fazia pressão sobre empurre, e viu que as pernas nos estribos que seguravam se abriam cada vez mais até que rachava ao meio no teto e a sua última preocupação foi que o seu papá de mãos ensanguentadas pudesse espreitar para baixo do seu vestido e ver tudo o que estava escondido.

7 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

CADA UM DOS OITO OU DEZ PRÓ-REITORES da Academia de Ténis de Enfield dá uma cadeira por trimestre, em geral uma vez por semana, ao sábado. Isto é assim em grande parte por razões de certificação[104], mas também porque, com uma única ressalva, os pró-reitores são profissionais que viajam em digressões de baixo nível e os tenistas profissionais de baixo nível não se destacam particularmente como andentes estrelas no Orion intelectual. Por tudo isto, as suas aulas tendem a ser opcionais não só opcionais como motivo de galhofa da Academia, e o deão dos Assuntos Académicos da ATE encara as disciplinas dos pró-reitores – por exemplo, no outono do ARIAD: *Geometrias Desviantes,* de Corbett Thorp, *Introdução às Folhas de Cálculo Desportivas,* de Aubrey DeLint, ou a empanturrada *Da Penúria à Abundância: Da Matéria Putrefacta do Solo ao Átomo no Espelho: Um Olhar Leigo sobre os Recursos Energéticos da Antracite à Fusão Anelar,* de Tex Watson, etc. – como não satisfazendo nenhum requisito quadrivial. Mas os mais veteranos da ATE, com mais visão em matéria de créditos e como os obter, não só ainda tendem a solicitar com vigor a frequência nos cursos dos pró-reitores porque são aulas em que se consegue a aprovação pela mera presença e exibição de sinais vitais, mas também porque os pró-reitores são (assim como os profissionais de baixo nível enquanto género) meio malucos e as aulas deles costumam ser fascinantes do mesmo modo que o são as filmagens de uma catástrofe aérea. Por exemplo, apesar de qualquer sala fechada com a presença de Mary Esther Thode adquira em breve um cheiro misterioso e avassalador a vitamina B que é difícil suportar, o aluno sénior Ted Schacht inscreveu-se no curso tresloucado de Mary Esther Thode – «O Pessoal É o Político É o Psicopatológico: A Política do Dilema Psicopatológico Contemporâneo» – as três vezes que foi dado. Os alunos veteranos consideram que Mary Esther Thode é provavelmente louca, segundo critérios clínicos, embora a sua eficiência como treinadora das raparigas de dezasseis anos esteja fora de questão. Já um bocado velha de mais para ser pró-reitora da ATE, Thode foi aluna do treinador Schtitt no velho e célebre programa meio militarista Harry

Hopman de Schtitt em Winter Park, Florida, e depois esteve um par de anos na nova ATE como tenista júnior de primeira grandeza e candidata certa ao circuito, se bem que um pouco fanática politicamente e com um parafuso a menos. Tendo sido mais tarde incluída na lista negra do torneio de Virginia Slims e dos circuitos profissionais de Family Circle por tentar organizar as jogadoras politicamente mais fanáticas e com um parafuso a menos numa espécie de grupo radical pós-feminista que apenas competiria em torneios profissionais organizados, subsidiados, arbitrados, presenciados ou mesmo assistidos e filmados em cartuchos não só para uso exclusivo de mulheres e mulheres homossexuais, mas também distribuídos apenas por e para os membros do infamemente impopular grupo Falange de Protesto Contra a Coisificação da Mulher[105] da fase inicial da era da Interdependência, Thode, quando lhe deram o biqueiro, voltou, praticamente com uma raqueta ao ombro em que estavam pendurados todos os seus pertences, embrulhados num lenço às cores, para o treinador Schtitt, que por razões histórico-nacionais, tinha sempre reservado um cantinho no seu coração para quem quer que estivesse a ser, mesmo que de forma marginal, reprimido politicamente. Na primavera passada, a sala sem ventilar e a cheirar a vitamina B da proposta psicopolítica de Thode – «O Predador Desdentado: A Mamada como Acosso Sexual» – tinha sido uma das mais espantosamente fascinantes experiências da vida intelectual de Ted Schacht até à data, sem contar com a cadeira do dentista, enquanto o tema deste outono, os dilemas patológicos irresolúveis, não estava a ser tão atrativo mas estranha e quase intuitivamente fácil:

Exemplo da aula de hoje:

O Pessoal É o Político É o Psicopatológico: A Política do Dilema Psicopatológico Contemporâneo
Teste Semestral
Sra. Thode
7 de novembro do ano do Ariad

DÊ RESPOSTAS CURTAS E NEUTRAS EM TERMOS DE GÉNERO

PONTO 1

(1a) É um indivíduo patologicamente cleptomaníaco. Como cleptomaníaco, é patologicamente compelido a roubar, roubar, roubar. Tem de roubar.

(1b) Mas também é um indivíduo patologicamente agorafóbico. Como agorafóbico, não consegue dar um passo fora da porta de casa sem ter palpitações, suores tremendos e sensações de desgraça imediata. Como agorafóbico, é patologicamente obrigado a ficar em casa e a não sair. Não pode sair de casa.

(1c) Mas, devido a (1a) é patologicamente condicionado a sair de casa para roubar, roubar, roubar. Mas, devido a (1b) é patologicamente obrigado a nunca sair de casa. Vive sozinho. O que quer dizer que não tem ninguém em casa que possa roubar. O que significa que tem de sair para ir ao mercado satisfazer a compulsão avassaladora de roubar, roubar, roubar. Mas o medo ao mercado é de tal ordem que não pode sair de casa em nenhuma circunstância. Quer o problema seja de psicopatologia pessoal ou de mera marginalização por causa de uma definição política de «psicopatologia», trata-se em qualquer caso de um dilema.

(1d) Assim, responda à questão: o que é que deve fazer?

Schacht estava só a fazer a curva do d em *fraude postal* quando o pseudoprograma radiofónico de Jim Troeltsch, com a sua banda sonora operática e destruidora de trompas de Eustáquio, chegou ao altifalante do intercomunicador do 112 da Casa Oriental da ATE que estava por cima do relógio da sala de aula. Quando não havia torneios nem encontros, a «rádio» WATE, dirigida por estudantes, «emitia» notícias relacionadas com a ATE (desportos e assuntos da comunidade) durante cerca de dez minutos pelo circuito fechado do intercomunicador à quinta e ao sábado durante o último período de aulas da tarde, ou seja, das 14h35 às 14h45. Troeltsch, que sonhava com um futuro de locutor de ténis desde que percebeu (bem cedo) que o seu futuro não passava pelo circuito – o Troeltsch que gasta até ao último cêntimo a mesada que lhe é enviada pelos pais na sua assombrosa videoteca InterLace/SPN de jogos profissionais e passa todos os segundos livres retransmitindo jogos profissionais com o volume do telecomputador no mínimo[106]; o mesmo patético Troeltsch que desavergonhadamente lambe o cu dos repórteres desportivos de I/SPN sempre que está presente em qualquer jogo de juniores televisionado[107], assediando-os e oferecendo-lhes *donuts*, refrescos e outras coisas; o Troeltsch que já é dono de um armário cheio de *blazers* azuis e treina a pentear-se até conseguir ficar com a cabeleira brilhante dos jornalistas desportivos –, Troeltsch tinha começado a ocupar-se da secção desportiva da emissão semanal de WATE desde que o velho de Schacht morreu de colite ulcerosa e Ted voltou a fazer equipa em pares com o seu velho companheiro de infância no outono do Ano da Tablete de Chocolate *Dove* de Tamanho Experimental, coisa que tinha acontecido quatro meses depois do *felo de se* do fundador da ATE, quando as bandeiras ainda estavam a meia haste e os bicípites de toda a gente exibiam um fumo de algodão de que foi exonerado o mesomórfico Schacht devido à dimensão dos seus bicípites; Troeltsch já tinha feito jornalismo desportivo na WATE quando chegou e desde

então tem sido irremovível do cargo.

O programa desportivo da WATE ocupa-se essencialmente dos resultados das competições em que as equipas da ATE tenham jogado desde a última emissão[108]. Troeltsch, que encara as suas tarefas bissemanais com toda a verve possível, diz que a parte mais difícil das transmissões por intercomunicador é evitar que as coisas não se tornem repetitivas enquanto apresenta compridas listas de quem venceu quem e por quantos pontos. A sua procura de sinónimos para *ganhar* e *perder* é uma incessante e contínua fonte de irritação para todos os amigos. Os testes de Mary Esther Thode eram famosos por serem pouco exigentes intelectualmente e Muito Bons automáticos se se tivesse cuidado com os pronomes de terceira pessoa e por isso mesmo, enquanto ouvia Troeltsch com alguma atenção para lhe poder dar as respostas que seriam inevitáveis ao jantar, Schacht já ia na terceira pergunta do teste que colocava questões sobre o exibicionismo entre os patologicamente tímidos. Os resultados eram da vitória da ATE por 71-37 sobre as equipas A e B de Port Washington no encontro anual de Port Washington.

«John Wayne, da equipa A até aos dezoito anos da ATE, bateu Bobe Francis, de Great Neck, Nova Nova Iorque, da equipa de Port Washington, por 6 a 0 e 6 a 2», diz Troeltsch, «enquanto o A-2 Hal Incandenza venceu Craig Burda, de Vivian Park, Utah, por 6 a 2 e 6 a 1; o A-3 K.D. Coyle foi batido em três *sets* por Shelby ven der Merwe, de Heampstead, Long Island, com parciais de 6 a 3, 5 a 7 e 7 a 5, enquanto o A-4 Trevor «The Axhandle» Axford esmagou Tapio Martti, de Sonora, México, 7-5 e 6-2.»

E assim sucessivamente. Quando chega sub-14 masculinos, Troeltsch torna-se mais conciso e o esforço que faz para usar uma variedade verbiforme tende a ser cada vez mais pitoresco.

«LaMont Chu despachou Charles Pospisilova por 6 a 3 e 6 a 2; Jeff Penn atirou-se a Nate Millis-Johnson como uma fera e fê-lo engolir uma derrota por 6 a 4, 6 a 7 e 6 a 0; Peter Beck encostou Ville Dillard à parede e apertou o gatilho vencendo por 6 a 4 e 7 a 6; enquanto o A-4 até aos catorze Idris Arslanian torceu o pescoço a David Wiere aplicando-lhe 6 a 1 e 6 a 4; o número cinco de Port Washington, R. Greg Chubb, teve de ser transportado em ombros depois da coça aplicada por Todd Possalthwaite que o deixou em estado de coma narcoléptico com 4 a 6, 6 a 4 7 a 5.»

Muitos rapazes acham difíceis algumas partes da disciplina de Distorções Geométricas de Corbett Thorp e o mesmo acontece aos ineptos informáticos na disciplina de DeLint. E embora a maneira insegura como Tex Watson dá a disciplina de Anelarização DT de Contenção do Frio seja evidente, a introdução que faz aos princípios da Física da Combustão e da Anularização tem uma certa validade académica, sobretudo porque em algumas ocasiões convida Pemulis a dissertar quando estão em período de *détente*. Mas a única cadeira dada por pró-reitores que é um desafio para Hal Incandenza intitula-se Separatismo e Retorno: A História do Quebeque desde Frontenac até à Época da Interdependência, de Mlle.Thierry Poutrincourt, sobre o qual, para ser sincero, Hal nunca ouviu comentários muito positivos e tinha sempre sacudido as sugestões feitas pela mã no sentido de que lhe poderia ser benéfico pelo menos até que se aproximasse o fim do semestre e a correspondente complicação dos horários; e a qual (a disciplina) acha difícil e pesada mas surpreendente e gradualmente menos aborrecida à medida que o semestre avança; na realidade, está a adquirir um bom conhecimento do canadanismo e da política ONANista, assuntos que antes não só tinha considerado aborrecidos, mas também curiosamente repelentes. A principal dificuldade do curso é que Poutrincourt apenas ensina em francês quebequense, circunstância da qual Hal se defende graças à digressão juvenil que fez pelos Clássicos da Pléiade em francês verdadeiro de Orin, mas o quebequense é um dialeto de que nunca gostou, particularmente devido aos sons, já que é uma língua glótica e de gorjeios que dá a ideia de precisar de uma expressão facial de amargura perpétua para ser pronunciada. Hal entende que é impossível que Orin estivesse a par de que frequenta «Separatismo e Retorno», de Poutrincourt, quando lhe telefonou para pedir ajuda sobre uma coisa em si mesma bastante estranha.

«Bernadette Longley curvou-se relutantemente diante de Jessica Pearlberg, da equipa A de PW, em singulares até aos dezoito anos, embora a A2 Diane Prinz tenha feito o que quis de Marilyn Ng-A-Thiep limpando-a por 7 a 6 e 6 a 1; Bridget Boone foi como se enfiasse uma farpa no olho de Aimee Middleton-Law quando lhe aplicou 6 a 3 e 6 a3...»

E assim continua, aula após aula, quintas e sábados, enquanto os instrutores classificam testes ou leem alguma coisa ou batem com o pé no chão cada vez mais impacientes, quintas/sábados, enquanto Schacht faz esquissos de dentição

pré-natal nas margens do teste com cara de concentração porque não quer ferir Thode entregando-lhe demasiado cedo o teste dela para atrasados mentais.

Muito do material dos inícios do Quebeque sobre Cartier, Roberval, Cap Rouge e Champlain e os rebanhos de freiras ursulinas com as coifas congeladas como no Dia das Nações Unidas parecia a Hal pesado e repetitivo, como guerras patrícias entre cavalheiros em câmara lenta lhe pareciam absurdas e pomposas, embora todos ficassem bastante intrigados quando ouviam dizer que o comandante inglês Amherst tinha liquidado os Hurões oferecendo-lhes mantas e peles que previamente mandar cuidadosamente contaminar com o vírus da varíola.

«A A-3 até aos catorze anos Felicity Zweig varreu Kiki Pfefferblit com 7 a 6 e 6 a 1, enquanto Gretchen Holt fez os pais de Tammi Taylor-Bing, de PW, sentirem vergonha só de terem estado na mesma sala juntos, com 6 a 0 e 6 a 3. No Campo 5, Ann Kittenplan cerrou os dentes e abriu caminho para uma vitória por 7 a 5, 2 a 6 e 6 a 3 sobre Paisley Steinkamp, mesmo ao lado do Campo 6, onde Jolene Criess destroçava Mona Ghent, de PW, com um 6 a 2 e um 6 a 2».

Thierry Poutrincourt, com cara de Saluki, recosta-se na cadeira, fecha os olhos e aperta com força as fontes com as palmas das mãos, ficando assim durante toda a emissão da WATE, que interrompe sempre a última parte da aula dele e faz com que este curso se atrase leve mas incrivelmente em relação a «Separatismo e Retorno», o que significa que tem de preparar duas aulas e não uma. O azedo rapaz de Saskatchewan que se senta ao lado de Hal passou todo o semestre a desenhar impressionantes exemplos de armas automáticas no caderno de apontamentos. Tem sempre à vista na mala várias disquetes-ROM sem abrir, mas a verdade é que termina todos os testes em cerca de cinco minutos. Tiveram de esperar até à semana anterior ao Dia das Bruxas para chegarem ao Levesque-Parti-e-Bloc-Québecois[109] de 67 AS e irem dos primeiros tempos da Fronte de la Libération Nationale até à atual era da Interdependência. Poutrincourt falava cada vez com mais serenidada à medida que a história se aproximava do seu limite contemporâneo; e Hal, ao descobrir que a matéria era menos aborrecida e conceptualmente mais interessante do que tinha esperado – já que se considerava, no seu íntimo, como uma pessoa apolítica –, achava a mentalidade do separatismo quebequense quase demencialmente arrevesada, confusa e impenetrável à análise estado-unidense[110], além de se sentir simultaneamente

atraído e repelido porque a rebelião contemporânea anti-ONAN lhe causava uma sensação de intranquilidade: não era a desorientação resplandecente nem o pânico no campo mas um género de sensação mais húmida, mais subtilmente nauseabunda, como se alguém lhe tivesse lido uma carta pessoal que ele julgava ter deitado fora.

Os orgulhosos e altaneiros Quebequenses tinham estado a acossar e a aterrorizar o resto do Canadá por causa da questão da separação desde tempos imemoriais. O advento da ONAN e as divisões da Grande Convexidade (convém lembrar que Poutrincourt é canadiano) foram a causa de que os elementos mais radicais da FLN tivessem devotado toda a sua malévola atenção ao sul da fronteira. Ontário e New Brunswick aceitaram o *Anschluss* continental e a Reconfiguração Territorial como bons desportistas. Certos grupos de extrema-direita de Alberta não ficaram muito agradados, mas de qualquer maneira é sempre difícil que uma coisa seja do agrado de um direitista de Alberta. No final, só os orgulhosos e altaneiros quebequenses se lamuriaram[111] e só as células insurretas do Quebeque perderam por completo a sua merda política.

As diferentes células terroristas anti-ONAN e pontanto anti-EU separatistas, formadas quando Otava era o inimigo, acabaram por demonstrar que não eram grupos muito recomendáveis. A primeira ação que não pôde ser ignorada foi realizada por uma célula terrorista então desconhecida[112] que durante a noite saiu furtivamente da região de Papineau devastada pela EWD e arrastou grandes espelhos ao longo da Interestadual 87 até perigosos, ziguezagueantes e estreitos desfiladeiros do maciço de Adirondack, a sul da fronteira e das suas paredes de *Lucite*, previamente escolhidos. Os ingenuamente empíricos condutores norte-americanos que viajam rumo ao Norte – muitos deles militares e funcionários da ONAN, tão perto esta região ficava da Concavidade – viam faróis que se aproximavam e julgavam que algum suicida idiota ou canadiano tinha atravessado o risco do meio da estrada e vinha em contramão direito a eles. Faziam sinais de luzes, mas por qualquer razão desconhecida, o imbecil que se aproximava limitava-se a devolver os sinais com os máximos. Os motoristas norte-americanos – que habitualmente não apreciam que os chateiem quando estão nos seus veículos – negavam a evidência e continuavam a avançar até onde poderia ir alguém sensato, mas mesmo antes do aparente choque com as luzes iminentes torciam sempre o volante e saíam da I-87, que não tem proteções

laterais, e punham um braço por cima da cabeça daquela maneira gritante que antecede os acidentes para logo caírem pelos precipícios do Adirondack com uma labareda *Hi-Test* que parecia uma inflorescência de muitas pétalas. A seguir, a então desconhecida célula terrorista quebequense retirava o imenso espelho e voltava a transportá-lo para norte por estradas secundárias que não eram vigiados para as entranhas pestilentas do Sul do Quebeque até à próxima vez. Foi assim que foram causados diversos acidentes já durante o Ano do Penso Medicinal *Tucks* sem que ninguém fizesse a menor ideia de que estavam relacionados com uma célula diabólica. Durante mais de vinte meses, as pilhas de carcaças queimadas e amontoadas nos precipícios do Adirondack foram consideradas como consequência de suicídios ou de as pessoas adormecerem inexplicavelmente ao volante pela Brigada de Trânsito da Nova Nova Iorque, cujos agentes que tiveram de tirar a correia do grande chapéu castanho do queixo para o poderem coçar e interrogar-se sobre a misteriosa sonolência que aparentemente atacava os condutores do Adirondack numas curvas de montanha que, efetivamente, pareciam estimular a produção de adrenalina. Rodney Tine, chefe do novo Departamento de Serviços Não Especificados dos Estados Unidos, para posterior embaraço seu, ordenou que fosse realizada no Norte do Estado uma campanha da InterLace sobre os perigos do volante. Por fim, foi uma potencial suicida norte-americana, uma distribuidora da Amway altamente viciada em *Valium*, oriunda de Schenectady, na ponta final do benzodioxano e na referida estrada, quem passou à história quando subitamente viu as luzes na sua faixa em direção a norte e pensou que se tratava da Graça do Senhor e fechou os olhos e continuou em frente sem mexer no volante e encheu as quatro faixas de bocadinhos de vidro e prata micronizada. Involuntariamente, esta cidadã desfez a ilusão e abriu o caminho (títulos da comunicação social) e expôs a primeira prova tangível de uma doença anti-ONANista muito pior do que qualquer coisa pelo velho e histórico separatismo do Quebeque.

O primeiro nascimento do segundo filho dos Incandenza foi uma surpresa. A alta e curvilínea Avril Incandenza de olhos salientes não se apercebeu de nada; a menstruação era exata como um relógio; não tinha hemorroidas nem obstrução glandular; não tinha acessos de fome; nervos e apetite normais; vomitava às vezes de manhã mas quem é que o não fazia nesses tempos?

Foi num entardecer de novembro com uma luminosidade metálica, no sétimo mês de uma gravidez furtiva, que ela parou, quando subia, de braço dado com o marido, as escadas de ácer da casa de Back Bay, que em breve deixariam, e se voltou para ele, pálida, com a boca aberta de uma maneira silenciosa que era eloquente em si mesma.

O marido olhou para ela e empalideceu.

– O que é?

– Estou com as dores.

Eram as dores. As águas rebentadas faziam brilhar vários degraus. Pareceu a James Incandenza que ela rodava sobre si mesma, se agachava e dobrava na borda de um degrau, com a testa a tocar nos seus bonitos joelhos. Incandenza contemplou tudo; esta coisa lenta numa luz como se fosse Vermeer: ela dobrou-se mais afastando-se dele, ele inclinou-se para ela e ela tentou levantar-se.

– Espera, espera, espera. Espera.

– São as dores.

Um pouco afetado por uma tarde de *Wild Turkey* e holografia a baixa temperatura, James pensou que Avril ia morrer diante dos seus olhos. Felizmente, Charles Tavis, o meio-irmão de Avril, estava no andar de cima a fazer exercício no *StairMaster* portátil que tinha trazido com ele na primavera anterior para uma longa visita que lhe permitisse recarregar as baterias emocionais depois da horrível confusão com o marcador eletrónico no Skydome de Toronto. Ouviu o barulho, desceu as escadas a correr e assumiu o controlo da situação.

Mario, esse, teve de ser arrancado, raspado como a carne de uma ostra, de um útero a cujos lados estava aferrado como uma aranha, minúsculo e discreto, atado de pés e uma mão com tendões, com a outra mão colada à cara com o mesmo material[113]. Foi uma completa surpresa, e terrivelmente prematuro, e atrofiado, tendo passado as semanas seguintes a erguer os contraídos e diminutos braços para o teto de vidro da incubadora, sendo alimentado por meio de sondas e monitorizado por cabos e embalado por mãos esterilizadas, a cabeça mantida direita com um polegar. Resolveram batizá-lo com o nome do avô do doutor James Incandeza, um oculista amargo e apaixonado pelo golfe de Green Valley, Arizona, que fez uma pequena fortuna, imediatamente depois de James ter atingido a idade suficiente para fugir de casa para a costa leste, com aqueles

famosos *óculos de raios X* que não funcionam mas cujo encanto para os pubescentes leitores de livros de quadradinhos dos anos 60 AS quase os obrigava a comprá-los à cobrança. Posteriormente, vendeu os direitos à AcméCo da Nova Inglaterra, o titã da indústria de objetos incomuns. O avô de Mario, Mario Sr., morreu pouco depois num campo de golfe. Isto possibilitou a James Incandenza Sr. reformar-se de uma terceira e triste carreira como o homem de *Glad*[114] nos anúncios de sacos para sanduíches nos anos 60 AS e regressar ao deserto infestado de catos saguaro, que detestava, e beber eficazmente até morrer com uma hemorragia cerebral numas escadas em Tucson.

Seja como for, a gestação incompleta e o parto aracnoide de Mario II deixaram o miúdo com problemas físicos que marcaram o seu carácter para toda a vida. O tamanho era um deles: no sexto ano tinha o corpo de uma criança de dois anos; aos dezoito anos de idade estava entre um gnomo e um jóquei. Havia a questão dos braços murchos e bradiauxéticos que, como num caso aterrador de contractura de Volkmann[115], se curvavam à frente do tórax num S e serviam para comer de forma rudimentar, sem faca, agarrar-se ao puxador de uma porta até que rodasse o suficiente para lhe permitir abri-la com um pontapé e pôr as mãos em forma de lente para focar uma cena, além de atirar bolas de ténis a distâncias muito curtas quando os jogadores lhe pediam, mas não para muito mais, embora fossem impressionantemente – quase de disautonomia familiar – resistentes à dor e podiam ser picados, chamuscados ou mesmo esmagados com um aparelho para apertar instrumentos óticos pelo irmão mais velho Orin sem que isso produzisse qualquer efeito ou queixume.

A um nível bradipedestrianismo, Mario não tinha apenas os pés disformes mas como se fossem *blocos:* não só chatos mas também perfeitamente quadrados, bons para abrir portas com o puxador meio rodado a pontapé mas demasiado curtos para serem usados convencionalmente como pés: juntamente com a lordose na zona final da coluna vertebral, obrigavam Mario a mover-se aos tropeções e e a cambalear como um bêbedo de teatro de *vaudeville*, com o corpo inclinado para diante como se lutasse contra o vento, precisamente no ângulo apropriado para cair de bruços, o que aconteceu bastantes vezes quando era criança, quer Orin lhe desse um pequeno empurrão por trás ou não. As frequentes quedas para a frente explicam por que razão o nariz de Mario brutalmente esmagado contra a cara, pelo que não sobressaía o suficiente, tendo

como consequência os orifícios nasais tenderem a ficar um pouco obstruídos, sobretudo durante o sono. Uma das pálpebras estava pendurada por baixo da outra por cima dos olhos abertos, uns olhos castanhos e bondosos, demasiado grandes e protuberantes para que pudessem ser classificados como convencionalmente humanos; essa pálpebra pendia como uma persiana meio partida; o irmão dele, Orin, tentava de vez em quando dar na pálpebra recalcitrante aquela espécie de puxão para baixo que se usa para desencravar uma persiana avariada, mas a única coisa que conseguiu foi que pouco a pouco a pálpebra começou a separar-se das suas suturas até que acabou por ter se ser remodelada e voltada a coser com outro processo blefaroplástico porque, de facto, não era a pálpebra verdadeira de Mario – que tinha sido sacrificada durante o parto, quando lhe descolaram o punho que estava agarrado à cara dele como uma língua a metal frio – mas uma extremamente avançada e completa blefaroprótese de fibropolímero com pestanas de cavalo que se curvavam fora do alcance das da outra pálpebra. Se se somar a isto o lento movimento das pálpebras, mesmo a expressão mais neutral de Mario adquiria um carácter de um estranhamente amistoso franzir de olhos. E ainda havia o sorriso involuntariamente constante.

É provável que seja este o momento oportuno para referir que a pele cor de caqui de Mario, irmão mais velho de Hal, a sua estranha e cadavérica tonalidade cinzento-esverdeada, a sua textura cortical, os braços atróficos curvilíneos e o seu aracnodactilismo geral lhe davam, em especial a meia distância, um assombroso aspeto de réptil ou de dinossauro. Os dedos dele não só eram mucronados e em forma de garra, mas também inúteis como elementos preênsis, o que tornava para Mario impraticável o uso de talheres. Aliás, o cabelo fino, fraco e seco, além de ser também esfarrapado e demasiado liso, que, aos dezoito anos, parecia o cabelo de um engenheiro de estruturas com quarenta e oito, diretor desportivo e reitor de uma academia que é deixado crescer de uma lado como uma rapariga para depois ser cuidadosamente penteado a fim de atravessar o brilhante *yarmulke* de um couro cabeludo cinzento-esverdeado no cimo e pender flacidamente do outro lado, mas não engana ninguém e tende a fazer o trajeto contrário à menor rajada de vento, que Charles Tavis se esquece de manter o seu lado esquerdo contra o vento. O irmão de Hal é tecnicamente lento, no sentido de Stanford-Binet, segundo esclareceu o Centro de Rastreio de

Doenças de Brandeis, mas *de modo nenhum* comprovadamente atrasado ou cognitivamente afetado ou bradifrénico, antes refratado, um tudo-nada epistemicamente torcido, um poste submergido em água, mental e ligeiramente torto e que demora em tudo um pouco mais do que o resto dos mortais, como ocorre com todas as coisas refratadas.

Ou o estatuto de Mario na Academia de Ténis de Enfield – construída, juntamente com a terceira e última casa do casal Incandenza no fundo norte do terreno quando Mario tinha nove anos, Hallie oito e Orin dezassete e no seu único ano na ATE com 4-B singulares e entre os setenta e cinco primeiros do *ranking* da USTA – em que a vida de Mario parece, para todos os efeitos, triste e abandonada, uma vez que e o único menor com problemas físicos, incapaz de segurar uma raqueta regulamentar ou de permanecer de pé num lugar onde se não possa apoiar. Que ele e o falecido pai foram, sem qualquer intenção jocosa, inseparáveis. Que Mario foi uma espécie de assistente de produção honorário e transportou as películas, as objetivas e os filtros de luz do falecido Incandenza numa complicada mochila do tamanho de uma perna de vaca durante os últimos três anos de vida do cineasta tardiamente desabrochado, coadjuvando-o nas filmagens e dormindo em cima de múltiplas almofadas em suaves e pequenos cantos livres nos mesmos motéis em que Ele Mesmo dormia e saindo de vez em quando para comprar uma garrafa de plástico vermelho e brilhante chamada *Big Red Soda Water* que levava à estagiária com a cara coberta por um véu e aparentemente muda no vestíbulo do motel e trazendo café e diversos medicamentos para o pâncreas e outras coisas para a equipa e ajudando D. Leith com a Continuidade quando Incandenza queria preservar a Continuidade, basicamente comportando-se como se comportaria qualquer filho cujo pai lhe permitisse aceder ao derradeiro e melhor amor do seu coração; avançando corajosa mas não pateticamente para poder acompanhar aquele homem alto, encurvado e cada vez mais louco quando dava lentos e largos passos de dois metros em aeroportos e estações de caminhos de ferro, carregando as objetivas dele, inclinado para diante, mas de maneira nenhuma com ar de animal de estimação com trela.

Quando se lhe pede que fique firme e hirto, como quando videofilma o movimento de serviço de um aluno da ATE ou quando controla a luz num filme de arte e ensaio com um forte contraste claro-escuro, Mario, na sua posição

inclinada para diante, é sustentado por um suporte de portas usado pela polícia de Nova Nova Iorque que consiste num varão de setenta centímetros que se estende de um colete especial com *Velcro* e faz ângulos de quarenta graus para baixo e para fora até um empanque de chumbo com uma ranhura (uma porra que custa a levar, naquele complicado fardo) montado por alguém compreensivo e hábil de mãos no chão diante dele. Assim permanecia de pé, apoiado pelo aparelho, em *sets* que Ele Mesmo o mandava ajudar a construir, mobilar e iluminar, e a iluminação era incrivelmente complexa e para alguns membros da equipa quase ofuscante, feixes de raios de sol de espelhos inclinados e projetores *Marino* e lâmpadas *Kliegs*. Mario ia adquirindo uma sólida formação no ofício cinematográfico que nunca teria imaginado poder vir a adquirir até que no Natal da Tablete de Chocolate *Dove* recebeu uma encomenda embrulhada em vistoso papel vinda do escritório do advogado de Incandenza revelando que Ele Mesmo tinha construído e legalmente deixado em testamento (num codicilo) e instruído para que fosse transmitido a Mario no seu décimo terceiro Natal uma sólida e velha máquina de filmar *Bolex H64 Rex 5*[116] com três objetivas, aparafusada a um grande e velho capacete de aviador e suportadas por escoras cujas pontas eram as partes de cima invertidas de muletas e que se curvava lindamente sobre os ombros de Mario, de maneira que a *Bolex H64* não precisava de ser controlada manualmente porque encaixava na perfeição por cima da enorme cara de Mario[117] como uma máscara de escafandrista e era controlada por uns pedais de máquina de coser adaptados, embora demorasse bastante a habituar-se a usá-la, pelo que as primeiras obras de *juvenilia* de Mario estão estragadas/melhoradas por aquela qualidade paralisada e a-apontar-para-todos-os-lados típica dos filmes caseiros gravados à pressa.

Cinco anos mais tarde, a capacidade de Mario com a *Bolex* montada na cabeça atenua a tristeza do seu estatuto aqui e permite-lhe contribuir com a filmagem do documentário da festa anual de recolha de fundos, das pancadas dos estudantes e de vez em quando, do alto do posto de observação de Schtitt, os jogos de exibição ocasionais – a gravação torna-se parte do pacote de instrução descrito no catálogo da ATE –, além de produzir obras mais ambiciosas e artísticas que aqui e ali encontram um seguimento do tipo *à clef* na comunidade da ATE.

Depois de Orn Incandenza ter abandonado o ninho para, primeiro, bater bolas de ténis e, segundo, pontapear bolas de futebol americano universitário, quase

não havia ninguém na ATE ou na sua envolvente de Enfield-Brighton que não tratasse Mario Incandenza com a amabilidade informal de quem, mais do que para revelar admiração ou pesar, prefere tê-lo por perto. E Mario, que, apesar do pés retilíneos e do incómodo suporte policial, é o caminhante e realizador mais prodigioso de três distritos, vai caminhar todos os dias com passos muito lentos pela zona não protegida, detém-se para descansar um pouco e depois prossegue, umas vezes com a *Bolex* na cabeça, outras vezes sem ela, e reage perante a bondade e a crueldade dos cidadãos da mesma maneira: faz uma espécie de inclinação extra da cabeça que ridiculariza sem piedade nem vergonha a sua própria postura inclinada. Nutrem por ele uma especial simpatia os pequenos lojistas daquela parte da Av. Commonwealth que bordeja a ATE e algumas das suas melhores fotografias ornamentam as paredes atrás de balcões de mercearias e lavandarias e as caixas registadoras de lojistas coreanos. Objeto de um afeto estranho e um pouco exclusivista por parte de Lyle, o guru do suor e da licra, a quem de vez em quando leva uma *Coca-Cola* sem cafeína para cortar o sal da dieta, Mario descobre que Lyle lhe envia os mais jovens da ATE, com perguntas sobre assuntos tão espinhosos como lesões, incapacidades, comportamentos e reunir-o-que-resta, e ele não sabe muitas vezes o que lhes deve dizer. Quem dá mostras de o adorar é o treinador Barry Loach porque, por acaso, Mario o livrou do mais absoluto e miserável ventre do inferno do Parque de Boston e, desta ou daquela maneira, arranjou-lhe o presente trabalho[118]. Além de haver o facto de o próprio Schtitt passear com ele em alguns cálidos entardeceres e deixá-lo andar no seu *sidecar*. Como causa uma esquisita *Gestalt* de atração-repulsão em Charles Tavis, Mario trata-o com a calma deferência que pensa ser a que é desejada pelo seu possível tio meio-tio e mantém-se longe dele para bem de Tavis. Os jogadores do Denny’s, quando vão todos ao Denny’s, quase competem para ver quem consegue a honra de cortar as partes que podem ser cortadas do pequeno-almoço de Mario.

E Hal, o irmão mais novo dele, muito mais impressionante externamente, quase idealiza Mario em segredo. Pondo de lado as questões relacionadas com Deus, Hal acredita que o seu irmão Mario é um (semi)milagre ambulante. As pessoas que de uma maneira ou de outra foram queimadas no parto, atrofiadas ou mutiladas até um ponto que deixa de ser justo, ou se encolhem no seu próprio fogo ou crescem. Mario, murcho, reptiliano e homodôntico[119], flutua, na opinião

de Hal. Trata-o por Booboo, mas tem mais medo das opiniões dele que das de qualquer outra pessoa, com a possível exceção da mã. Hal lembra-se das horas intermináveis de blocos de construção e bolas no chão de madeira da infância de Mario na Avenida Belle, número 36, em Weston, dos quebra-cabeças e dos jogos de letras, o cabeçudo Mario observando jogos que não podia jogar, um fingimento pelo qual não sentia senão o interesse da proximidade do irmão. Avril ainda se lembra de aos treze anos Mario ainda queria que Hal o ajudasse a tomar banho e a vestir-se – numa idade em que a maior parte dos rapazes normais até do espaço que é ocupado pelos seus corpos rosados se envergonham – e queria essa ajuda por causa de Hal e não por sua causa. Contra si próprio (e demonstrando uma surpreendente falta de compreensão da psique da mãe), Hal receia que Avril encare Mario como o verdadeiro prodígio da família, como uma espécie de *idiot savant* genial de um tipo inclassificável, uma coisa raríssima e fascinante, mesmo que a intuição dele – lenta e silenciosa – a assuste, a sua pobreza académica lhe parta o coração, o sorriso dele todas as manhãs sem falta desde o suicídio do pai a leve a desejar ser capaz de chorar. Por essa razão, faz esforços tremendos para deixar Mario em paz, para não o proteger nem o pressionar, para o tratar de uma forma muito menos especial do que gostaria: fá-lo por ele. É uma coisa nobre, dolorosa. O amor que sente pelo filho que nasceu como uma surpresa transcende todas as outras experiências e determina toda a sua vida. Hal suspeita disso. Foi Mario, e não Avril, que obteve para Hal os primeiros exemplares completos do *Dicionário de Oxford* numa altura em que Hal ainda era vigiado para verificar se tinha algum problema e Booboo trouxe-lhos empurrando com os pré-molares um carrinho pelas ruas falsamente rurais das luxuosas proximidades de Weston, meses antes de Hal fazer o teste do Inventário Verbal Mnemónico que tinha sido concebido por um querido e leal colega da mã em Brandeis para «Transcendendo a Eidética». Foi Avril, e não Hal, que insistiu na ideia de que Mario não vivesse na RdR, com ela e Charles Tavis, mas com Hal num subdormitório da ATE. Mas no Ano dos Produtos Lácteos da América Profunda foi Hal, e não ela, que, quando o representante velado da Associação dos Horrível e Improvavelmente Disformes se apresentou no umbral da ATE para discutir com Mario questões de inclusão cega *versus* distanciamento visual, da liberdade de se esconder que pode ser proporcionada por um véu, foi Hal, mesmo se Mario estivesse a rir-se e a fazer vénias, foi Hal,

brandindo a sua raqueta *Dunlop*, que disse ao tipo para ir vender os seus artigos noutro lado qualquer.

30 DE ABRIL-1 DE MAIO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

O CÉU DO DESERTO DOS EUA estava salpicado de estrelas azuis. Era bastante tarde na noite. Só por cima da cidade dos EUA é que não havia estrelas no céu; mostrava uma cor de pérola e estava vazio. Marathe encolheu os ombros.

– Talvez em ti esteja o sentimento de que não há cidadãos canadianos envolvidos na verdadeira raiz da ameaça.

Steeply abanou a cabeça fingindo estar aborrecido.

– O que é que tu queres dizer com isso? – perguntou.

A refulgente cabeleira postiça de Steeply movia-se quando ele sacudia a cabeça bruscamente.

A única expressão de emoção revelada por Marathe foi alisar com algum nervosismo a manta que lhe cobria o regaço.

– Quero dizer que os Quebequenses não são responsáveis por esta coisa de *l'aine des Etats Unis*. Olha: os factos da situação falam claramente. O que se sabe. Isto é uma produção dos EUA, esta questão do filme. Feita por um homem americano nos EUA. O apetite pelo apelo disto: isto também é EUA. O impulso dos EUA para as aparências; é isso que ensina a vossa cultura. É isto que eu estou a dizer: é por isso que escolher é tudo. Quando eu digo que escolhas com todo o cuidado o que amas e tu gozas é por isso que digo: Não acredito que este homem diga que isto é ridículo.

Marathe inclinou-se ligeiramente para diante sobre os seus cotos, pousando a arma nos joelhos quando teve de usar as mãos. Steeply apercebeu-se de que aquilo era importante para Marathe; acreditava mesmo nisso.

Marathe descrevia pequenos círculos concêntricos com uma mão enquanto falava:

– Os factos desta situação que falam claramente do medo do vosso Bureau por este *samizdat:* é isto que se passa quando as pessoas não escolhem nada para amar acima delas. Uns EUA que dariam a vida (e a dos filhos) pelo chamado Entretenimento perfeito, por este filme. Que morreriam para garantir a possibilidade de serem alimentados à colher com esta morte de prazer, nas suas

casas aquecidas, sozinhos, sem se moverem. Hugh Steeply, digo-te com toda a seriedade como cidadão de um país vizinho: esquece por momentos o Entretenimento e pensa em vez disso nuns EUA onde uma coisa assim poderia ser receado pelo vosso departamento: podem estes EUA sobreviver durante muito mais tempo? Sobreviver como uma nação de povos? E muito menos exercer domínio sobre outras nações de outros povos? Se estes forem povos que ainda saibam o que é escolher? Que morrerão por uma coisa maior? E sacrificariam a confortável mansão, a mulher amada, as pernas, até a vida, por uma coisa maior do que os próprios desejos sentimentais? E não escolheriam morrer apenas de prazer?

Steeply tirou com fria deliberação outro cigarro belga do maço e acendeu-o, desta vez à primeira tentativa. Agitou o fósforo num ar com um floreado circular para o apagar. Isto tomou-lhe algum tempo do seu silêncio. Marathe recostou-se no espaldar da cadeira. Interrogou-se por que razão a presença de americanos o fazia sentir vagamente envergonhado quando dizia coisas nas quais acreditava. Um ressaibo de vergonha depois de revelar paixão por qualquer crença na presença de americanos, como se tivesse soltado uma flatulência em vez de revelar a sua fé.

Steeply apoiou o seu cotovelo no antebraço do outro braço por cima da prótese, para fumar como uma mulher.

– Estás a dizer que o Governo não teria razões para se preocupar com o Entretenimento se não soubéssemos que estamos fatalmente enfraquecidos. Como em como uma nação. Estás a dizer que o facto de estarmos preocupados exprime com clareza o que é a própria nação.

Marathe encolheu os ombros.

– Nós não imporemos nada às pessoas dos EUA instaladas nos seus cálidos e confortáveis lares. Só oporemos à sua disposição. O Entretenimento. Nessa altura haverá que o aceitar ou não. – Ajeitou um pouco a manta em cima das pernas. – Que escolheriam os EUA? Quem é que ensinou os Americanos a escolher com cuidado? Como as protegerão as vossas autoridades e agências? Com leis? Matando quebequenses? – Marathe endireitou-se um pouco. – Assim como mataram colombianos e bolivianos para proteger cidadãos americanos que queriam os narcóticos deles? Como é que essas matanças funcionaram para os vossos departamentos e agências? Quando tempo demorou para os Brasileiros

começarem a substituir os mortos colombianos?

A cabeleira postiça de Steeply tinha resvalado muito para estibordo.

– Rémy, não. Os narcotraficantes não te querem necessariamente morto, só querem o teu dinheiro. Há uma diferença. Vós pareceis querer que nós morramos. Não é só a destruição da Concavidade. Não é só a secessão do Quebeque. Talvez os do FLQ sejam como os Bolivianos. Mas o Fortier quer ver-nos mortos.

– Estás outra vez a passar por cima do que é importante. Porquê o BSS não nos consegue entender. Não se pode matar o que já está morto.

– Espera para ver se estamos mortos, *paisano*.

Marathe fez o gesto de dar uma pancada na cabeça.

– Mais uma vez a passar por cima do importante. Esse apetite de escolher a morte por meio do prazer se estiver disponível para ser escolhida... este *apetite* da vossa gente incapaz de escolher apetites, *isso* é a morte. Aquilo a que se chama morte, o colapso: é tudo uma formalidade, não percebes? Foi esse o génio de Guillaume DuPlessis, aquilo que M. DuPlessis ensinou às células ainda que o FLQ e *Les Fils* não tenham compreendido. Muito menos os Albertanos, que estão todos loucos. Nós, os AFR, compreendemos. É a razão de ser *desta* célula de quebequenses e *deste* perigo de Entretenimento tão refinado que matará o espectador e não importa de que maneira. O momento exato e a forma da morte não têm qualquer importância. Vós desejais protege-los? Mas só podeis atrasar o desfecho. Não salvar. O Entretenimento existe. O adido e os gendarmes do incidente confuso... mais uma prova. Está lá, existe. A escolha de uma morte cerebral por prazer já existe e as vossas autoridades sabem disso, senão não estariam interessadas em tentar deter o prazer. O vosso Sans-Christe Gentle tinha em parte razão quando disse: «A culpa há de ser de alguém.»

– Isso não teve nada que ver com a Reconfiguração A Reconfiguração foi uma questão de sobrevivência.

– Isso: esquece. Está o vilão que ele viu que vós necessitáveis para atrasar esta desagregação. Para vos manter unidos, arranjando alguém a quem pudésseis odiar. O Gentle está louco, mas quando disse que «A culpa há de ser de alguém» teve toda a razão. *Un ennemi commun*. Mas não é nunguém de fora, esse inimigo. Alguém ou alguns no interior da vossa própria história já assassinaram a vossa nação EUA, Hugh. Alguém que tinha autoridade ou devia ter tido

autoridade e não exerceu essa autoridade. Não sei. Mas houve alguém que permitiu que vós vos tivésseis esquecido de como se escolhia. E que tivésseis esquecido isso tão completamente que quando pronuncio a palavra *escolher* fazes uma careta como se dissesses: *Lá vem ele com a mesma cantilena*. Alguém ensinou que os templos são apenas para fanáticos e levou os templos e garantiu que não havia necessidade de templos. E agora não há abrigos. E não há mapas que ajudem a encontrar os abrigos dos templos. E todos vós andais aos tropeções no escuro e nesta confusão de permissividade. A procura incessante da felicidade de que alguém permitiu que vos tivésseis esquecido dos velhos valores que tornam possível a felicidade. Como é que vós dizeis? *Passa-se alguma coisa?*

– E é por isso que trememos perante o que seria um Quebeque independente. Escolham o que vos dissermos, abandonem os vossos desejos e vontades... Sacrificai-vos. Pelo Quebeque. Pelo Estado.

Marathe encolheu os ombros.

– *L'état protecteur*.

– Isso não te parece uma coisa conhecida, Rémy. O Estado Nacional-Socialista Neofascista do Quebeque Independente? Sois piores do que os piores albertanos. Totalitarismo. Cuba com neve. Esquie de imediato para o campo de concentração mais próximo onde receberá as instruções para saber escolher. Eugenismo moral. China. Camboja. Chade. Sem liberdade.

– Infelizes.

– Não há escolha sem liberdade pessoal, pistoleiro. Não somos nós que estamos mortos por dentro. Todas essas coisas que identificas em nós que te parecem tão fracas e desprezíveis... são precisamente o resultado do risco de sermos livres.

– E que raio é que essa expressão americana quer dizer, pistoleiro?

Steeply rodou a cabeça para contemplar o vasto céu por cima das cabeças deles.

– E segue o baile. Agora vais dizer de que liberdade se trata se nos acenais com fruta mortal e nós não somos capazes de resistir à tentação. E nós respondemos que é «humana». Dizemos-vos que não se pode ser humano sem liberdade.

A cadeira de Marathe chiou ao de leve quando ele mudou de posição.

– E tu a dar-lhe com a liberdade! No vosso país rodeado de muralhas não cvos

calais com «Liberdade! Liberdade!», como se o significado da palavra fosse óbvio para todos. Mas, olha, não é assim tão simples. A vossa liberdade não passa de liberdade-*de:* ninguém diz ao vosso querido indivíduo norte-americano o que deve fazer. Só tem esse significado para vós, esta ausência de compromissos e coações. – Marathe, ao olhar por cima do ombro de Steeply, apercebeu-se subitamente da razão pela qual não havia uma única estrela no céu: eram os fumos dos tubos de escape das bonitas luzes dos carros em movimento que se elevavam e escondiam estrelas da cidade e faziam Tucson projetar uma luz nacarada na cúpula de obscuridade que se sobrepunha a tudo. – Mas o que é que se passa com a liberdade-*para*? E não apenas a liberdade-*de*. Nem todas as compulsões vêm de dentro? Fingis não ver isto. Que se passa com a liberdade-*para*? E como é que alguém escolhe livremente? Que outras opções há a não ser crianças gananciosas se não existem pais cheios de amor para os guiar, informar e ensinar a escolher? Como é que pode haver liberdade de escolha se não se aprende a escolher?

Steeply deitou fora o cigarro e olhou de esguelha para Marathe da borda do precipício.

– Aí vem a história do rico.

Marathe disse:

– O pai rico que se pode dar ao luxo de comprar guloseimas além de alimentos para os filhos: mas se clama «Liberdade!» e deixa que o filho escolha apenas o que é doce, só comendo guloseimas, nada de sopa de ervilhas nem pão nem ovos, então esses miúdos enfraquecem e adoecem: é um bom pai esse homem rico que grita «Liberdade!»?

Steeply fez quatro pequenos ruídos. A excitação de ter uma crença fez as borbulhas do americano, causadas pela eletrólise, ruborescerem mesmo naquela luminosidade difusa e leitosa. A Lua sobre as montanhas de Rincon estava caída de costas e tinha a cor da cara de um gordo. Marathe ficou com a sensação de ter ouvido os gritos e as risadas de jovens americanos lá em baixo no deserto, mas não viu faróis de carros nem jovens. Movido pela frustração, Steeply bateu com o pé no chão, e disse:

– Não acreditamos que os cidadãos dos EUA sejam crianças e que tenhamos de pensar paternalisticamente por eles e escolher em nome deles. Os seres humanos não são crianças.

Marathe fingiu fungar outra vez.

– Ah, sim, mas então dizes: Não? – disse Steeply. – Não, dizes, não são crianças? Dizes: Qual é a diferença, se fazes favor, quando produzis um prazer gravado que é um entretenimento e um divertimento tão grandes que se torna letal para as pessoas, quando arranjais uma cópia de uma cópia de qualidade que possa ser reproduzida para ser disseminada e poder ser escolhida ou recusada, e se não é possível resistir a escolhê-la e se opta por esse prazer em vez de viver? Dizes aquilo em que o teu Fortier acredita, que *somos* crianças e não adultos humanos como os nobres quebequenses, que somos crianças, intimidadores mas crianças por dentro, e que nos mataremos sozinhos se puserem guloseimas ao nosso alcance.

Marathe tentou simular um ar de irritação, coisa que lhe era difícil.

– Isto é o que acontece: tu imaginas o que eu vou dizer e depois dize-lo por mim e então irritas-te por causa do que acabaste de dizer. Sem que eu tenha aberto a boca. Tu falas contigo mesmo, inventando lados. Isso é em si o hábito das crianças: preguiçosas, solitárias, egoístas. Eu não estou aqui, provavelmente, a ouvir.

Nenhum dos dois homens se lembrou de referir como esperavam subir ou descer da plataforma da montanha na escuridão da noite do deserto estado-unidense.

8 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*
DIA DA INTERDEPENDÊNCIA
GAUDEAMOS IGITUR [*1].

TODOS OS ANOS, NA ATE, talvez uma dúzia de miúdos entre os doze e os quinze anos – crianças nas primeiras fases da puberdade e do pensamento abstrato, quando a própria alergia às realidades confinantes do presente está apenas a começar a emergir como uma espécie de estranha nostalgia por coisas que nem sequer se conhecem[120] – talvez uma dúzia desses miúdos, quase todos do sexo masculino, dedica-se fanaticamente a um jogo feito na Academia que se chama *Eschaton*. O *Eschaton* é o jogo infantil mais complicado de que alguma vez se teve conhecimento na ATE. Ninguém sabe ao certo quem foi que o introduziu em Enfield nem de onde provém. Mas é possível datar a sua conceção com bastante facilidade quando se estuda a mecânica do jogo. A sua estrutura básica já estava bastante bem estabelecida quando Michael Pemulis, de Allston, quando tinha doze anos, ajudou a torná-lo mais atrativo. A sua elegante complexidade, somada a um *frisson* de desdenhosa representação e a uma total dissociação da realidade do presente, constitui quase toda a sua pueril atração. Aliás, é quase viciadoramente irresistível e choca os maiores.

Este ano foi Otis P. Lord, um jogador da linha do fundo com treze anos e um fenómeno do cálculo oriundo de Wilmington, Delaware, quem «Usou o Gorro», como mestre do jogo *Eschaton* e estatístico de honra, embora Pemulis, como ainda anda por cá e foi de longe o maior jogador de *Eschaton* dahistória da ATE, tenha uma espécie de poder emérito e extraoficial que lhe permite corrigir os cálculos e o mandato de Lord.

Para fazer um jogo de *Eschaton* são necessárias entre oito a doze pessoas, com quatrocentas bolas de ténis tão usadas e gastas que já nem servem para treinar serviços, além de um terreno igual à área de quatro campos de ténis contíguos, além de uma cabeça devidamente capacitada para a recuperação de dados e a cognição friamente lógica, bem como pelo menos quarenta *megabytes* de RAM disponíveis e uma grande quantidade de parafernália tenística. O regulamento

vademecúmico que Pemulis, no AFMP, encarregou Hal Incandenza de escrever – com apêndices e exemplos de diagramas de árvores de decisões do tipo c:/Rosa[2]/Mathpack/EndStat e um exemplar em *offset* de um ensaio mais acessível que Pemulis conseguiu arranjar sobre teoria de jogos – é quase tão comprido e interessante como o estupidificante *Pilgrim's Progress from This World to That Which Is to Come,* de J. Bunyan, e um osso muito duro de roer em termos de o comprimir até o tornar minimamente atrativo (ainda que todos os anos quase uma dúzia de miúdos da ATE decorem essa coisa com tão fanática profundidade que está documentado que às vezes se puseram a recitar passos inteiros em voz baixa quando lhes foi ministrada uma leve anestesia dental ou cosmética muito tempo depois). Mas se Hal estivesse sob a mira de uma *Luger* e fosse coagido para que o tentasse fazer, provavelmente começaria por explicar que cada uma das quatrocentas bolas de ténis usadas do arsenal global do jogo representa uma ogiva termonuclear de cinco megatoneladas. Do número total de jogadores de um dia determinado[121], três deles compõem uma *Anschluss* teórica denominada AMNAT, outros três a SOVVAR, um ou dois a CHIVER, um ou dois a tarada mas sempre incómoda LIBSIR ou ainda a mais formidável IRLIBSIR, e que os jogadores restantes desse dia, dependendo de complexas considerações aleatórias, podem formar desde uma SUDAF e uma INDPAQ até uma célula independente de rebeldes com uma *Howitzer* de cinquenta obuses e grandes ideias. Cada unidade é denominada combatente. Na ampla superfície dos campos contíguos, os combatentes dispõem-se nas posições que lhes correspondem no planeta Terra tal como representadas no *Mapa Pendente Rand McNally Ligeiramente Retangular do Mundo*[122]. A distribuição prática das megatoneladas implica o conhecimento prático do Teorema do Valor Médio para Integrais[123], mas para os objetivos sinópticos de Hal basta dizer que as megatoneladas são divididas pelos combatentes segundo um *ratio* integral de regressão de (a) o orçamento anual do combatente como percentagem do PIB anual do combatente para (b) o inverso das despesas estratégico-táticas como percentagem do orçamento militar anual do combatente. Em tempos mais inocentes, as bolas dos combatentes eram repartidas através de lançamentos de dados *Yahtzee* vermelho brilhantes. Já não é necessário este ingénuo acaso, porque Pemulis descarregou o elegante *software* processador de estatísticas *EndStat*[124] de Mathpack Unltd. para o DEC 2100 do falecido James Incandenza,

computador de temível aspeto sob o pano de proteção, ensinou Otis P. Lord a abrir de noite a porta do gabinete de Schtitt com um cartão de refeições para ligar o DEC num a extensão com três saídas que está por baixo do canto inferior esquerdo da gigantesca gravura de Dürer *O Animal Magnífico* na parede ao lado da borda da grande secretária de vidro de Schtitt, pelo que nem Schtitt nem DeLint se apercebem de que está ligado (quando está), e depois conectá-lo por meio de um *modem* celular a um elegante computador portátil *Yushityu* com monitor a cores que está no teatro nuclear dos campos. Em geral, AMNAT e SOVVAR acabam com um total de quatrocentas megatoneladas cada um e o resto é dividido de forma irregular. É possível complicar a equação de valor médio para a distribuição através da inclusão de coisas como incidências histórica de belicosidade e pacificação, características únicas de interesses nacionais percebidas, etc., mas Lord, que não é filho de um banqueiro mas de dois, é um distribuidor do género tens-o-que-podes-pagar, uma atitude que Pemulis aprova com grande convicção. Diferentes objetos do equipamento de ténis são cuidadosamente colocados nos territórios de cada combatente para que espelhem e indiquem os alvos do mapa estratégico. As *T-shirts* vermelhas e cinzentas dobradas da ATE são AMP – Áreas Metropolitanas Principais, as toalhas roubadas em motéis selecionados durante as digressões dos juniores representam aeroportos, pontes, estações de vigilância por satélite, grupos de transportes, centrais elétricas convencionais, importantes vias ferroviárias. Os calções de ténis vermelhos debruados a cinzento são concentrações de forças convencionais denominadas CONFORCON. Os fumos – que se utilizam quando morre alguém, Deus nos proteja – representam as centrais atómicas da época não contemporânea do jogo, as instalações de enriquecimento de urânio e plutónio, as fábricas de difusão de gases, os reatores de reprodução, as fábricas de aceleradores, os laboratórios de dispersão de neutrões, os reatores de produção de trítio, as fábricas de água pesada, as instalações semiprivadas de bombas, os aceleradores lineares e os especialmente cruciais laboratórios de investigação de fusão anelar localizados em North Syracuse, Nova Nova Iorque, ilha de Presque, Maine, Chyonskrg, Kurgistan e Pliscu Romania e provavelmente noutros locais. Os calções vermelhos debruados a cinzento (poucos porque as equipas que fazem digressões os detestam) são Centros de Comando Estratégico – CENCOMEST, igualmente escassos mas valendo muitos pontos. As peúgas

constituem instalações de mísseis ou antimísseis ou grupos isolados de silos e esquadrilhas B2 ou SS5 capazes de lançar mísseis *Cruzeiro* – e deixemos cair a cortina da caridade sobre quaisquer outras ABREVMILIT – cujs identidades depende de serem peúgas de ténis de homem ou peúgas normais ou de ténis de mulher com a pequena borla no calcanhar ou peúgas de ténis sem borla. Sapatilhas usadas e descartadas das marcas patrocinadoras ficam ali com a boca aberta, serenamente letais, sugerindo aquilo que estão a substituir.

Durante o jogo as ogivas atómicas de cinco megatoneladas só podem ser lançadas com raquetas de ténis. Daí, a exigência de real destreza técnica para acertar no alvo que distingue o *Eschaton* de outros jogos de holocausto tipo «liga *rotisserie*» praticados com transferidores e PC em mesas de cozinha. O voo parabólico e transcontinental de um veículo estratégico de transporte de combustível líquido é bastante parecido ao de um balão com efeito. Uma das razões que leva os diretores e o pessoal da ATE a permitir que o *Eschaton* absorva a atenção e o interesse dos alunos pode residir no facto de que os adeptos do jogo se vão especializando em balões fantásticos. Os balões de Pemulis conseguem acertar numa moeda que esteja em cima da linha do fundo em cada duas de três tentativas e por isso é uma imbecilidade que corra para a rede em vez de esperar que seja o adversário a fazer isso. As ogivas atómicas podem ser lançadas individualmente ou envoltas num *slip* intricadamente amarrado que foi concebido para se abrir a meio do voo e libertar Múltiplos Veículos Independentes de Reentrada (MVIR). Os MVIR, por serem uma urilização indecente da megatonelagem que cada combatente tem à sua disposição, tendem a ser usados apenas quando um jogo de *Eschaton* desenvolve metástases a partir de um conjunto controlados de Trocas Espasmódicas – TROESP – para uma série apocalíptica total de Ataques Contra Populações Civis – ATACONPOCIV. Poucos combatentes recorrem a ATACONPOCIV a menos que a isso sejam obrigados pela lógica implacável da teoria de jogos, já que as trocas ATACONPOCIV acabam em geral por custar tantos pontos aos dois combatentes que são eliminados. Uma equipa vencedora de *Eschaton* é pura e simplesmente aquele combatente com melhor *ratio* de pontos de Imposição de Mortes, Destruição e Incapacitação de Resposta – IMDIR – ou SUMDIR – autoevidente –, embora a atribuição de pontos por camisas, toalhas, calções, fumos, peúgas e ténis de cada combatente seja estatisticamente escorregadia,

além de que há correções incríveis relativas à megatonelagem inicial, à densidade populacional, às distribuições Tera-Mar-Ar e às despesas de defesa civil resistente a pulsações EM: isto significa que para designar o vencedor se demora cerca de três horas de operações numéricas no *EndStat* e pelo menos quatro *Motrin* para que Otis P. Lord consiga confirmar o resultado.

Outra das razões para que todos os anos o mestre estatístico tenha de ser uma combinação especial de louco da tecnologia e de compulsivo reside na circunstância de que o aparato barroco de cada *Eschaton* tem de ser construído de antemão e depois vendido a uma espécie de comunidade imatura de dirigentes mundiais que se aborrecem com facilidade. Um quórum de combatentes de dia tem de apoiar uma específica situação mundial simulada que custou a Lord várias noites sem dormir: a distribuição de forças terra-mar-ar, demografia étnica, sociológica, económica e até religiosa para cada combatente, um perfil psicológico de todos os chefes de Estado relevantes, a meteorologia que prevalece em cada quadrante do mapa, etc. Então os participantes desse dia são distribuídos por equipas combatentes e sentam-se com água purificada e batatas fritas sem gordura para discutirem temas como alianças de defesa mútua, pactos bélico – humanitários, instalações de comunicação para cada combatente, níveis de DEFCON, comércio urbano, etc. Uma vez que cada equipa combatente só conhece o perfil da sua própria situação e o total disponível de megatoneladas – e como no teatro de operações dos quatro campos os arsenais nucleares estão à vista dentro dos baldes de plástico industrial branco exatamente iguais que todas as academias e os jogadores a sério usam para guardar as bolas de treino[125] –, pode ser que muitas ponham cara de póquer perante assuntos como decisão de resposta, predisposição para recorrer a ATACONPOCIV, interesses inegociáveis, imunidade a ondas eletromagnéticas, distribuição de forças estratégicas e adesão a ideais geopolíticos. Valeria a pena ter visto como Michael Pemulis comia o mundo todo nas reuniões que antecediam os jogos no tempo em que ainda jogava. As equipas dele ganharam a maior parte dos jogos antes de o primeiro balão tocar no chão.

Aquilo que frequentemente atrasa mais o quórum é a situação ativadora de cada jogo. Aqui, Lord, como muitos génios da estatística, mostra um pouco o seu calcanhar de Aquiles em matéria de imaginação, mas conta com a informação de cinco ou seis anos de *Eschaton* para seguir em frente. Uma

disputa fronteiriça russo-chinesa desencadeia-se de forma tática sobre Sinkiang. Um computador da AMNAT nas ilhas Aleútas interpreta erradamente a passagem de um bando de gansos como sendo três SSIos de SOVVARS a reentrar. Israel move divisões blindadas para o Norte e para o Leste através da Jordânia depois de um *Airbus* da El Al ter sido bombardeado em pleno voo por uma célula terrorista com ligações aos dois H'sseins. Os tarados Albertanos Negros infiltram-se num silo isolado em Fort Chimo e lançam dois MVIR através da rede defensiva da SUDAF. A Coreia do Norte invade a Coreia do Sul. Vice-versa. AMNAT está a setenta e dois horas de montar uma linha impenetrável de satélites antimíssil e a implacável lógica da teoria de jogos obriga a SOVVAR a levar a cabo ATACONPOCIV enquanto ainda há tempo.

No Dia da Interdependência, domingo, 8 de novembro, a Situação Ativadora de Lord, mestre do jogo, desenrola-se lindamente, na opinião de Pemulis. Há explosões de origem incerta nas instalações AMNAT recetoras de sinais de satélite desde a Turquia ao Labrador enquanto desaparecem três ministros da Defesa canadianos e alguns dias depois são fotografados num restaurante de Volgograd a beber *Stolichnaya* com várias foleiras beldades eslavas sentadas nos joelhos[126]. Em seguida, dois barcos de pesca SOVVAR ancorados perto do limite das águas internacionais diante de Washington são atacados por aviões *F16* de vigilância provenientes da base naval de Cape Flattery. Tanto a AMNAT como a SOVVAR passam de DEFCON 2 para DEFCON 4. CHINVER passa para DEFCON 3; em resposta, as redes SOVVAR de aeroportos e antimísseis de Irkutsk à cordilheira de Dzhugdzhur passam a DEFCON 5; em resposta, assumem a posição de alerta máximo as redes de silos antimíssil e bombardeiros AMNAT-SAC em Nebraska, Dakota do Sul, Saskatchewan e Espanha Oriental. O primeiro-ministro careca e com manchas de vinho do Porto da SOVVAR telefona ao Presidente de queixo duplo[127] da AMNAT pelo Telefone Vermelho e pergunta-lhe se tem tabaco *Prince Albert* em lata[*2]. Outra explosão bastante incompreensível arrasa a estação Grande Ouvido da SOVVAR na ilha Sacalina. As instalações de difusão gasosa de enriquecimento de urânio da General Atomic Inc. em Portsmouth, Ohio, informam que desapareceram quatro quilos de hexafluoruro de urânio enriquecido e então sofrem um incêndio catastrófico que obriga à evacuação de seis condados em direção aos quais sopra o vento. Um draga-minas AMNAT da Sexta Esquadra em manobras no mar Vermelho é

atacado e afundado com torpedos CHINVER disparados por *Mig 25* da LIBSIR. A Itália, num desenvolvimento aparentemente esquisito gerado por *EndStat* e sobre o qual Otis P. Lord se limita a sorrir enigmaticamente, invade a Albânia. A SOVVAR perde a cabeça. O apoplético primeiro-ministro telefona ao Presidente da AMNAT e é-lhe perguntado se tem o frigorífico a trabalhar. A LIBSIR horroriza o mundo cristão fazendo rebentar um engenho de meia megatonelada por cima de Telaviv, causando centenas de milhares de mortos. Todo o mundo entra em DEFCON 5. O Força Aérea Um levanta voo. A AFSUL e a CHINVER proclamam a sua neutralidade e pedem que se mantenha a cabeça fria. Em doze horas, colunas de blindados israelitas, após um bombardeamente de forte saturação tática, entram na Síria até Abu Kenal. Há incêndios em Damasco. Uma informação indica que Nebk desapareceu do mapa. Vários governos ditatoriais de direita do Terceiro Mundo sofrem golpes de Estado e são substituídos por regimes ditariais de esquerda. Teerão e Bagdade dão o seu total apoio *dip-mil* à LIBSIR e, daí, reconstituem a LIBSIR como IRLIBSIR. A AMNAT e a SOVVAR põem em estado de alerta todo o pessoal civil e as reservas das Forças Armadas e começam a evacuação de AMP selecionadas. A IRLIBSIR é hoje representada por Evan Ingersoll, a quem Axford não para de resmungar em voz baixa, como Hal consegue ouvir. Desaparece um membro de olhar furtivo da Junta de Chefes do Estado-Maior e não é fotografado em lado nenhum. A Albânia anuncia a sua capitulação. Rebentam vários engenhos nada sofisticados e de pouca potência, que parecem ser obra de amadores, em todo o território de Israel, desde Haifa até Ashqelon. Trípoli fica sem comunicações depois de pelo menos três explosões termonucleares terem causado queimaduras de segundo grau até Médenine na Tunísia. Um projétil de dez quilotoneladas disparado pela artilharia tática explode no ar sobre o Centro de Comando do 3.º Exército checo em Ostrava, tendo como resultado aquilo que um analista do Pentágono apelida de «salsicha bastante esturrada». Apesar do facto de apenas a própria SOVVAR ter alguém suficientemente perto para atingir Ostrava com um obus, A SOVVAR recusa os desmentidos e condolências da AMNAT. O Presidente da AMNAT tenta telefonar ao primeiro-ministro da SOVVAR mas a única coisa que consegue é ouvir a gravação do atendedor automático. A AMNAT é incapaz de determinar se a série de explosões nas suas instalações de radar no Círculo Polar Ártico são obra de armas convencionais ou táticas. A CIA/NSA informa que

sessenta e quatro por cento da população civil das AMP da SOVVAR foram evacuados com êxito para refúgios subterrâneos de betão. A AMNAT ordena a evacuação de todas as AMP. Os *Mig25* da SOVVAR entram em combate aéreo com aviões da CHINVER por cima das águas de Tientsin. O Força Aérea Dois tenta levantar voo e rebenta-lhe um pneu. Um míssil SS10 de uma megatonelada escapa ao sistema antimíssil e detona por cima de Provo, Utah, onde todas as comunicações ficam cortadas de imediato. Agora o mestre do jogo *Eschaton* sugere, mas não vai ao ponto de afirmar, que a Árvore de Decisão da teoria de jogos de *EndStat* determina uma resposta TROESP da parte da AMNAT.

Os adultos não iniciados que podem estar estacionados por perto dentro de um sedã *Ford* verde-menta ou que passem a pé por acaso pelos campos de ténis mais a leste e presenciem um jogo atávico de conflito nuclear global praticado por rapazolas enérgicos e bronzeados talvez esperassem ver ogivas nucleares verdes e usadas a serem lançadas indiscriminadamente para os céus de todos os lados enquanto o mundo se embriaga obscuramente de fúria tanatóptica no gélido ar de novembro; em vez disso, esses adultos veem que um jogo a sério de *Eschaton* é estranhamente tranquilo, quase com um aspeto narcotizado. Uma mão normal de *Eschaton* demora o mesmo tempo que um joga de xadrez entre conhecedores. O que acontece é que os rapazes que estão nos campos se convertem quase parodicamente em adultos: são sérios, sóbrios, humanos e judiciosos dirigentes mundiais de doze anos que tentam com todas as forças impedir que as terríveis responsabilidades que pesam sobre os seus ombros – responsabilidades perante a nação, o planeta, o senso comum, a ideologia, a consciência e a história, tanto pelos vivos como pelos que hão de nascer –, impedir que o pavoroso sofrimento que sentem neste dia – neste negro dia que os dirigentes mundiais desejariam que nunca tivesse chegado e por isso tentaram evitá-lo através de todas as medidas possíveis e racionalmente coerentes com os interesses estratégicos nacionais –, impedir que o tremendo peso das responsabilidades ponha em causa a sua vontade de fazer tudo o que está ao seu alcance para preservar o modo de vida dos seus povos. Por isso, jogam, com lógica e cautela, de uma maneira tão aplicada e deliberada nos seus cálculos que à distância parecem completa e misteriosamente adultos, quase talmúdicos. Duas gaivotas cruzam os céus. Um sedã *Ford* verde-menta passou pela cancela levantada da entrada e tenta estacionar em espinha entre dois contentores de lixo no caminho circular atrás da

casa oeste, que se localiza por detrás e muito à esquerda do Pavilhão Gatorade. Há um travo outonal no ar e uma estaladiça concha de nuvens, bem como o zumbido afastado e constante da linha de ventiladores ATHSCME na Praça Sunstrand.

É claro que a sagacidade estratégica e o sentido do real variam de miúdo para miúdo. Quando Evan Ingersoll, da IRLIBSIR, começa a lançar balões de ogivas nucleares contra a cintura de silos de reserva Terceira Vaga no Cazaquistão que pertencem à SOVVAR e quando se tornou perfeitamente claro que a AMNAT conquistou o apoio da IRLISIR depois de lhe ter feito promessas sinistras sobre a eliminação definitiva de Israel, Israel, embora hoje não haja ninguém a jogar como Israel, fica encantado por ter convencido AFSUL, que hoje é Josh Gopnik, um miúdo duro de Brooklyn – o mesmo Josh Gopnik que, diga-se de passagem, é assinante de *Commentary* – a lançar a totalidade das suas dezasseis ogivas nucleares verdes e sem pelos num ataque de desgaste contra os diques, pontes e bases da AMNAT desde a Florida até Baja. Todos os participantes dão ordem para as populações das AMP serem deslocadas. Então, sem a menor previsão nem cálculo prévio, a INDPAQ, que hoje é J.J. Penn, um rapaz de treze anos e muito bem posicionado no *ranking* mas que não é a cabeça mais brilhante do condado, lança três *slips* mal atados com quase toda a sua megatonelagem de MVIR sobre Israel nas zonas desérticas de sub-Beersheba, que não eram muito diferentes antes da explosão. Quando Troeltsch, Axford e Incandenza o criticam sem dó nem piedade do refúgio do Pavilhão Gatorade por baixo da torre de observação de Schtitt, Penn lembra-lhes friamente que o Paquistão é um Estado muçulmano inimigo jurado de todos os infiéis inimigos do Islão, mas pouco mais pode fazer do que manusear as cordas do seu lança-mísseis antes de Pemulis lhe recordar alegremente que hoje não há ninguém como Israel e não há uma única peúga de combatente nessa zona dos campos. No *Eschaton* nunca se trata de uma questão de princípios.

Excetuando a saraivada da AFSUL e a calinada da INDPAQ, o jogo do dia 8 de novembro prossegue com muita probidade e fria deliberação, havendo lugar a mais pausas e conferências em voz baixa e mãos a acariciarem queixos do que é habitual. A única pessoa com aspeto de estar atormentada é no mapa de mil e trezentos metros quadrados é Otis P. Lord, que tem de ir de um continente para outro empurrando um carro de comida de aço inoxidável roubado no St. John of

Good Hospital com um computador portátil *Yushityu* a piscar numa prateleira e uma caixa com capacidade para duzentas e cinquenta e seis disquetes cheia até três quartos na outra e os lados do carro carregados de pranchetas tilintantes; Lord tem de dramatizar manualmente os fluidos ditames da lógica e das necessidades reais, verificando se as decisões de comando são funções disponíveis de situação e necessidade (encolheria os ombros perante uma situação de neutralidade da AFSUL e da INDPAQ), localizando a informação necessária para primeiros-ministros e ditadores subterrâneos e presidentes com enjoos aéreos, tirando roupa vaporizada de sítios arrasados pelas bombas enrolando-a ou dobrando-a nas zonas que não chegaram bem a ser atingidas, triangulando os cáculos de pulsações eletromagnéticas de objetivos confirmados para autorizar ou negar capacidade de comunicação; é uma tarefa que dá cabo dos nervos, quase se tem de fazer de conta que se é Deus, enquadrar o *ratio* das baixas, os níveis de radiação, os parâmetros de radioatividade, de estrôncio-90 e de iodo e tudo o que tenha que ver com a similitude conflagrações *versus* tempestades de fogo em AMP com diferentes valores médios de arranha-céus e índices de capital-combustível. Apesar de ter as mãos gretadas e o nariz a escorrer ranho, a rapidez de resposta de Lord é impressionante, graças em grande parte à refinada conexão DEC e aos pormenorizados algoritmos de decisão criados por Pemulis há três anos. Otis P. Lord informa a SOVVAR e a AMNAT de que a lisa topografia de Peoria, Illinois, aumenta em dez unidades o raio de mortalidade efetivo de um impacte direto de cinco megatoneladas, querendo com isso dizer que metade da população desse AMP morre incinerada em congestionamentos de trânsito durante a evacuação na Interestadual 74. Um míssil nuclear intercontinental *Minuteman* da AMNAT pode conter até oito MVIR, *independentemente* de o gigantesco *slip* que o pequeno LaMont Chu tirou no autocarro de sexta-feira à noite do saco do equipamento do sedado Ted Schacht conter treze bolas gastas. Em condições climatéricas normais, a área de incêndios produzida pela explosão será 2p vezes maior do que a zona de impacte. Toronto tem arranha-céus suficientes na totalidade da sua superfície para garantir uma tempestade de fogo com um mínimo de dois impactes dentro de

$$\frac{2\pi}{(1/\text{área de Toronto em } m^2)}$$

do centro do impacte. Cinco megatoneladas de fusão de hidrogénio pesado produzem pelo menos um milhão e quatrocentos mil cúrios de estrôncio-90, o que significa que em Montreal poderia haver crianças microcéfalas durante cerca de vinte gerações; e sim, McKenna, grande presumido, da AMNAT, o mundo provavelmente notaria a diferença. Trevor Axford e Struck desfazem-se em alaridos sob o verde letreiro de *gatorade* alivia a sede no pavilhão aberto do outro lado da cerca a sul dos campos, onde (no pavilhão, eles, Michael Pemulis, Jim Troeltsch e Hal Incandenza estão esparramados em cadeiras de jardim de malha reticulada, vestindo roupa e ténis de sair, Struck e Axford com *Gatorades* suspeitosamente tonificantes e o que parece ser um cigarro psicoquímico enrolado à mão que vão passando uns para os outros. O 8 de novembro é um dia na ATE de relaxamento total e obrigatório embora o consumo público de estupefacientes seja um pouco de mais. Pemulis tem um saco de amendoins de casca vermelha, mas não parece ter comido muitos. Trevor Axford deu um passa demasiado longa e está agachado a tossir com a testa ruborizada. Hal Incandenza está a apertar uma bola de ténis e inclina-se para diante a fim de cuspir no copo da NASA que está pousado no chão lutando contra um forte desejo de apanhar um segunda pedrada depois do pequeno-almoço e o forte desagrado de consumir diante de terceiros, em especial ao ar livre com os seus companheirinhos, coisa que lhe parece ser a transgressão de certas normas de bom gosto que tente clarificar satisfatoriamente para si mesmo. Pemulis, a julgar pela tremura no seu olho esquerdo, recorreu há pouco tempo ao *Tenuate* (o que explica por que comeu tão poucos amendoins), abstém-se agora e senta-se bem em cima das mãos para as aquecer, com os amendoins no chão mas bem longe do copo da NASA de Hal. O pavilhão aberto dos quatro lados foi um presente da empresa Stokely-van Camp Corp. e é uma espécie de grande tenda luxuosa com uma alcatifa de feltro verde sobre a relva verdadeira com móveis de jardim de ferro branco com malha reticular de plástico; é geralmente utilizado para albergar os espectadores quando há jogos de exibição nos campos 7, 8 e 9 de leste; às vezes, os da ATE reúnem-se lá durante o descanso dos treinos para se abrigarem do calor no verão. O toldo verde é desmontado no inverno para que se possa erguer o Pulmão. Tradicionalmente, o *Eschaton* ocupa os campos 6 a 9, que são, a leste, os melhores, a não ser que estejam a ser usados para jogar ténis. Todos os espectadores dos cursos mais avançados, exceto Jim Struck, são antigos

jogadores de *Eschaton*, embora Hal e Troeltsch tenham jogado marginalmente. Troeltsch, que certamente também ingeriu *Tenuate*, é nistágmico do olho esquerdo e está a fazer a locução do jogo com um microfone desligado, mas é difícil animar um jogo de *Eschaton* mesmo por quem esteja estimulado, já que normalmente é muito lento e cerebral.

Struck diz a Axford que ponha as mãos em cima da cabeça e Pemulis diz a Axford que contenha a respiração. Agora, com voz tensa, Otis P. Lord diz que necessita urgentemente que Pemulis entre pela porta da cerca de *Cyclone* situada a sul do Campo 12 e que atravesse o teatro de operações para que lhe possa mostrar como se pode aceder ao cálculo de *EndStat* de que cada mil roentgens de X e gamas seguidos produzem 6,36 mortes por cada cem habitantes e para os restantes 93,64 significa uma esperança de vida reduzida a

$$(\text{Total R} - 100)\ (.0636(\text{Total R} - 100)^2)$$

anos, querendo dizer que ninguém vai precisar de dentaduras postiças em Minsk, por assim dizer, no futuro. E assim sucessivamente.

Depois de terem sido esgotadas as megatoneladas do mundo, a situação parece promissora para a equipa da AMNAT. Embora estes e os da SOVVAR se estejam a TROESPar-se vezes sem conta com uma pontaria espantosa, a designada lançadora da SOVVAR é masculina e suspeitosamente musculada Ann Kittenplan (que, com doze anos e meio, tem o aspeto de um lançador de peso bielorusso e tem de comprar urina mais de quatro vezes por ano e tem um bigode mais exuberante e impressionante do que o próprio Hal e tem incríveis ataques de fúria), mas Kittenplan só fez um mau lançamento em toda a tarde, enquanto que o lançador da ANMAT é Todd (Postal Weight) Possalthwaite, um rapaz endomórfico de treze anos de Edina, Minnesota, cuja enfurecedora maneira de jogar ténis se limita a serviços fortes e balões com muito efeito e que foi o MVL[128] do *Eschaton* nos últimos dois anos, pois é senhor de uma precisão incrível; mesmo assim, ambos os lados evitaram habilmente a escalada em termos de ATACONPOCI que frequente põe fora do jogo os dois supercombatentes. LaMont Chu, presidente da AMNAT, usou o pretexto dos ataques emocionais de Gopnik contra o Sul dos Estados Unidos, além do balão irracional contra Israel, que na cimeira tinha sido explicitamente colocado debaixo do guarda-chuva de defesa mútua da AMNAT, como desculpas

estratégicas perfeitas para acumular pontos IMDIR muito sérios para uma contra umas AFSUL e INDPAQ cuja apressada e frágil aliança defensiva não produziu senão um monte de bacalhau contaminado em Gloucester. Sempre que há um impacte direto, Troeltsch levanta-se da cadeira e usa a exclamação que escolheu como marca de água da locução: PORRA! Mas a SOVVAR, acossada a partir de dois vetores pela AMNAT e pela IRLIBSIR (cujos ocasionais balões contra Israel a AMNAT, causando um coro de protestos diplomáticos da parte da AFSUL e da INDPAQ, insiste com Lord para que os considere «incidentes infelizes»), inclusive com boas defesas civis e comunicações resistentes às pulsações eletromagnéticas, a pobre e velha SOVVAR está a sofrer tão graves SUMDIR colaterais que está a ser empurrada de forma inexorável pela lógica da teoria de jogos para uma posição em que não terá outra opção que não seja recorrer a ATACONPOCI contra a AMNAT.

Agora, o primeiro-ministro da SOVVAR, Timmy («Sonolento» T.P.) Peterson pede a O.P. Lord autorização/capacidade para realizar um telefonema em código para o Força Aérea Um. «Telefonema em código» quer dizer que não gritam publicamente através do mapa de campos; Lord tem de levar as mensagens de um lado para o outro, incluindo cabeças inclinadas, murmúrios, etc. O primeiro-ministro e o Presidente trocam as formalidades de rigor. O primeiro-ministro pede desculpa pela graçola do tabaco *Prince Albert*. Hal, que decidiu recusar todas as drogas em público, deita uma vista de olhos aos cálculos de *ratio* de IMDIR/SUMDIR dos combatentes até àquele momento e concorda em apostar cinco dólares norte-americanos com Axford em como a AMNAT não vai aceitar de maneira nenhuma o convite da SOVVAR para entrar em negociações. Durante os intervalos diplomáticos e sem ação com este, Troeltsch limita-se a repetir várias vezes «Que belo dia para jogar *Eschaton*» e a perguntar que opinião têm os outros do jogo até que Pemulis lhe diz que está mesmo a pedir uma bofetada. Quase não há mais ninguém na Academia: Tavis e Schtitt foram fazer palestras de recrutamento em clubes dos subúrbios a este; Pemulis deixou que Tall Paul Shaw usasse o camião agora com múltiplos adornos para levar Mario aos Jardins Públicos a fim de assistir aos festejos do Dia da Interdependência. com a *Bolex H64*; os miúdos locais vão frequentemente passar a casa esse dia; muito dos outros gostam de ficar na Sala de Visionamento quase sem se mexerem durante todo o dia. Lord vai e vem a correr entre os campos 6 e

8 com o carro de comida a fazer ruído (o carro de comida que Pemulis e Axford roubara no SJOG Hospital a um enfermeiro tétrico que Pemulis conhecia de Allston, tem uma dessas loucas rodas dianteiras que parecem tocar-nos sempre a nós nos supermercados e que fazem muito barulho), levando mensagens que os rapazes mais velhos se apercebem estarem a ser deliberadamente tornadas mais obscuras e oblíquas pela AMNAT e pela SOVVAR para que Lord tenha de andar muito mais: desempenhar o papel de Deus nunca é muito popular e nesse outono Lord já foi vítima de várias brincadeiras do tipo internato demasiado pueris para que sejam mencionadas. J.A.L. Struck Jr. que, como é costume, se sujou como um porco com o copo do suspeitosamente estimulante *Gatorade*, sente-se mal subitamente e começa a vomitar para cima de si próprio e depois inclina-se para um lado na cadeira de jardim com a cara frouxa e pálida e não ouve a rápida análise de Pemulis que conclui que Hal já pode ir entregando o dinheiro a Axford porque LaMont Chu pode analisar uma Árvore de Decisões como melhor e a árvore está a indicar acordos de paz na versão arborícola de letras de néon, porque a prioridade maior da AMNAT às 15h15 é evitar ter de ATACONPOCIar com a SOVVAR, uma vez que se o jogo acabar já é provável que a AMNAT vença, enquanto se ATACONPOCIar com a SOVVAR trocando ataques IMDIR maciços com contra-ataques maciços de SUMDIR, ficando então mais ou menos empatados, e a AMNAT continua a ter o mesmo número de pontos à frente da SOVVAR até esse momento, mas sofrerá perdas tão pesadas de SUMDIR que a IRLIBSIR – nunca se deve esquecer a IRLIBSIR, brilhante ainda que detestavelmente conduzida hoje pelo irmão de onze anos sem sobrancelhas Evan Ingersoll, de Bighamton, NNIorque –, ao ficar fora do festim de ATACONPOCIV e fazendo balões bastante esporádicos à SOVVAR para acumular IMDIR sérios mas não suficientes para indignar muito a SOVVAR e provocar uma onda de ataques de represália com SS10 que significariam SUMDIR, podia muito bem roubar à AMNAT a vitória final no jogo, em especial se incluem a equação de vantagens f(x) de belicosidade e de uma defesa civil inexistente. Num momento qualquer Axford passou o resto do cigarro a Struck sem se deter a verificar que Struck já não está lá, e Hal está a recolher o *DuBois* que lhe oferecem e fumando droga em público sem sequer pensar nisso nem ter conscientemente decidido fazê-lo. É bastante óbvio que o pobre Lord, ruborizado e a limpar o nariz, está a fazer demasiadas viagens aos solancos

ruidosos entre os campos 6 e 8 para que daí surja outra coisa que não seja a paz. Evan Ingersoll está positivamente a minar a sua narina esquerda com um dedo. Por fim, Lord acaba de correr de um lado para o outro, coloca-se na área de serviço do Campo 7 e introduz uma nova disquete no *Yushityu*. Struck geme qualquer coisa numa língua que pode muito bem ser estrangeira. Todos os espectadores dos anos mais avançados afastaram as suas cadeiras de Struck. Troeltsch estende uma mão cheia de ampolas, juntas as pontas dos dedos e esfrega-as olhando para Hal, e este passa-lhe a nota de cinco dólares mas esquece-se de devolver o fino cigarro a Axford. Pemulis agacha-se para diante com o afilado queixo apoiado na mão; parece completamente concentrado.

O Dia da Interdependência do ARIAD entra provavelmente na sua fase mais crucial. Lord, com o carrinho e o telecomputador portátil, põe o gorro branco (n.b.: não o preto nem o vermelho) que indica a cessação temporária de TROESP entre dois combatentes mas permite que os outros possam continuar a defender os seus interesses estratégicos da maneitra que lhes pareça mais conveniente. A SOVVAR e a AMNAT estão agora numa situação bastante vulnerável. O primeiro-ministro Petersen da SOVVAR e a marechala do Ar Kittenplan, carregando entre ambos o balde branco do armamento, atravessam a Europa e o Atlântico para manter conversações com o presidente Chu e o comandante supremo Possalthwaite no que parece ser a Serra Leoa. Ardem vários países em silêncio. Os outros jogadores batem no peito com os braços para se protegerem do frio. Aparecem alguns flocos brancos e vacilantes que rodopiam e se dissolvem como estrelas negras no momento em que tocam no chão. Um par de ostensivos dirigentes mundiais correm daqui para ali de uma maneira pouco apropriada para um estadista, com as bocas abertas voltadas para o céu tentando capturar os flocos da primeira queda de neve do outono. Ontem estava mais quente e choveu. Axford especula se a neve significa que Schtitt vai consentir que se insufle o Pulmão ainda antes da reunião de recolha de fundos que terá lugar dentro de duas semanas. Struck ameaça cair da cadeira. Pemulis, inclinando-se concentradamente para diante e com o boné de capitão de iate do senhor Howell na cabeça, ignora toda a gente. Detesta datilografar e faz os seus cálculos com um lápis num caderno *à la DeLint.* O sedã *Ford* imóvel é conspícuo devido à atroz cor verde do letreiro publicitário da velha aspirina *Nunhagen* que tem na porta direita traseira. Hal e Axford passam entre si e às

vezes a Troeltsch aquilo que parece aos combatentes um palito de chupa-chupa sem chupa-chupa. Trevor («The Axhandle») Axford tem apenas um total de três dígitos e meio na mão direita. Na casa oeste é possível ouvir a senhora Clarke e o pessoal da cozinha a preparar o jantar de gala do Dia da Interdependência, que sempre inclui sobremesas.

Agora a CHIVER, tentando sigilosamente acumular alguns IMDIR, envia um tremendo balão com efeito ao quadrante INDPAQ, conseguindo aquilo que a CHIVER diz que é um impacte direto em Carachi, enquanto a INDPAQ, desprovida de ogivas nucleares, diz que é apenas um impacte indireto sobre Carachi. É um momento difícil: uma disputa idêntica nunca ocorreria no mundo real do Deus verdadeiro, já que a verdade seria manifestada pelo tamanho dos tórridos efeitos do impacte em Carachi. Mas aqui Deus é Otis P. Lord e este está a processar dados numéricos de uma maneira tão diabólica no seu *Yushityu* no carrinho, tentando confirmar as verosimilitude do acordo de paz que a AMNAT e a SOVVAR estão a negociar que nem sequer pode dizer nada sobre o lugar onde se deu o impacte do engenho da CHIVER enviado contra a INDPAQ em relação à *T-shirt* que faz as vezes de Carachi; é certo que está um pouco desarrumada e remexida, embora isso possa também ser resultado da brisa e dos pés, e neste lapso de omnisciência Oitis não sabe como raio pode atribuir os relevantes pontos UIMDIR e SUMDIR. Troeltsch não sabe se exclamar «Porra!» ou não. Lord, vexado por um lapso que muito dificilmente se saberia como poderia ser evitado por um mortal, apela a Pemulis para obter uma decisão independente; e quando Pemulis sacode gravemente a cabeça com o gorro branco indicando que Lord é Deus e ou vê ou não vê no *Eschaton*, Lord tem um pequeno mas intenso ataque de choro que se torna abruptamente pior quando J.J. Penn, da INDPAQ, tem de repente a ideia de anunciar que está a nevar e que a neve pode afetar gravemente as zonas de impacte, de incêndio e de intensidade de pulsações, e talvez tenha também implicações na chuva radioativa, e diz que Lord deve todos os parâmetros de danos reais para que seja possível formular estratégias realistas a partir dessa altura.

As pernas da cadeira de Pemulis chiam e fazem com que os amendoins de casca vermelha saiam do saco formando uma espécie de cone cornucópico; ele levanta-se na qualidade de *eminence grise* do *Eschaton*; passeia o olhar pelo outro lado da divisória metálica do terreno de jogo, dedicando a J.J. Penn as

palavras mais soezes que podem sair da sua boca. Além de ser verdadeiramente sensível a qualquer ameaça de perfuração das fronteiras do teatro de guerra que possa por em causa a integridade do mapa – ameaças que já surgiram no passado e que Pemulis considera porem em perigo todo o sentido de animação realista do jogo (realismo que depende de se acreditar que mil e trezentos metros quadrados de campos de ténis representam em projeção retangular a totalidade do planeta Terra), Pemulis é um inimigo figadal de todos os Penns de todos os tempos: foi Miles Penn, irmão mais velho de J.J. Penn, que agora tem vinte e um anos e participa nas tétricas digressões dos torneios satélite do Terceiro Mundo, jogando a troco de despesas de viagem em obscuros lugares carregados de disenteria, que, quando Pemulis chegou pela primeira vez à ATE com onze anos, o batizou como Michael «Sem Pénis» e durante um ano o convenceu de que se carregasse no umbigo o cu lhe cairia[129].

– Está a nevar no maldito *mapa* e não no *território*, parvalhão – grita Pemulis a Penn, que tem o lábio inferior saído e a tremer.

A cara de Pemulis é a cara de um homem que vai precisar no futuro de tomar remédios para a tensão arterial alta, circunstância que o *Tenuate* não melhora em nada. Troelstch endireita-se na cadeira e fala energicamente pelo auricular sem ser ouvido. Hal, que quando jogava nunca usou o gorro e normalmente representava uma nação marginal e perdida na quinta casa nuclear, sente-se mais intrigado do que irritado pelo *faux pas* de mapa/território, que até lhe parece divertido.

Pemulis volta-se para o pavilhão e parece olhar para Hal com ar de quem está a pedir apoio.

– *Jasus*!

– Só que o território é o mundo real, abre aspas fecha aspas! – grita Axford a Pemulis, que caminha como se a cerca o separasse de uma peça de caça. Axford sabe que Pemulis pode ser chateado quando está assim: quando está em brasa, acaba sempre por arrefecer e mostrar-se contrito.

Struck tenta gritar-lhe «Toma lá» a Pemulis, mas não consegue formar um megafone com as mãos.

– O mundo real é aquilo que o mapa *representa*! – grita Lord a Axhandle, levantando a cabeça do *Yushityu*, para tentar agradar a Pemulis.

– Daqui parece-me neve verdadeira, M.P. – grita Axford.

Ainda tem a testa ruborizada pelo ataque de tosse. Troeltsch tenta descrever a distinção entre o mapa simbólico dos campos cheios de material de ténis e o estratégico teatro de guerra global que aquele representa usando apenas lugares-comuns do jornalismo jornalístico. Hal passeia o seu olhar por Axford, Pemulis e Lord.

Struck cai finalmente da cadeira, mas ainda tem as pernas enredadas nas pernas da cadeira. Começa a nevar com mais intensidade e começam a multiplicar-se as negras estrelas derretidas que depois se misturam nos campos. Otis Lord tenta teclar e limpar o nariz com a manga ao mesmo tempo. J. Gopnik e K. McKenna estão a correr fora dos quadrantes que lhes foram atribuídos com a língua de fora.

– A neve do mundo real não é um fator se cair na porra do *mapa*!

A cabeça rapada de Ann Kittenplan sobressai agora da espécie de formação ordenada constituída pelos chefes de Estado da AMNAT e da SOVVAR ao redor do carrinho informático de Lord.

– Deixa-nos em paz, por amor de Deus! – grita a Pemulis.

– Oh cos diabos! – está Troeltsch a dizer ao microfone.

O. Lord está aflito a tentar montar o guarda-chuva protetor do carrinho, com a pequena hélice que tem no cimo do gorro a girar sob o efeito do vento que vai aumentando de intensidade. Uma fina camada de neve começa a aparecer no cabelo dos jogadores.

– Só é neve do mundo real se já estiver no *argumento*! – Pemulis continua a falar dirigindo-se a Penn, que não voltou a abrir a boca desde que fez a sugestão original e está mais ou menos ocupado a pontapear com ar pretensamente indiferente a *T-shirt* de Carachi para o golfo Pérsico, na declarada expectativa de que a explosão original seja esquecida no meio de toda aquela confusão metateórica. Pemulis caminha enfurecido ao longo da divisória oeste dos campos de leste. A combinação de vários comprimidos de *Tenuate* com a adrenalina do *Eschaton* faz vir à superfície o irlandês da classe operária que tem dentro de si. É um tipo musculoso mas basicamente magro: a cabeça, as mãos, o pequeno bocado de cartilagem aguçado na ponta do nariz, tudo nele parece a Hal apontar para um mau quadro de El Greco. Hal agacha-se para cuspir e observa-o a andar como um pássaro engaiolado enquanto Lord se afadiga febrilmente sobre os termos de paz da matriz decisória de *EndStat*. Não é a primeira vez que Hal se

interroga sobre se no fundo não é secretamente um snobe quanto a questões relacionadas com as classes sociais mais baixas e Pemulis e depois se o facto de ser capaz de se interrogar sobre se é um snobe atenua a possibilidade de ser realmente um snobe. Embora Hal não tenha dado mais que três ou quatro passas no público *DuBois*, isto é um excelente exemplo daquilo que se poderia denominar «pensamento marijuano». Percebe-se que Hal se agachou para cuspir mas se perdeu numa espiral de pensamento paralítica e ainda não cuspiu, mesmo que esteja em posição de bombardeamento sobre o copo da NASA.

Evan Ingersoll, o homem forte da IRLISIR, com um metro e trinta de altura, aquecido pela sua gordura de bebé e muitas calorias de esforço mental, está de cócoras como um *catcher*[*3] a oeste de Damasco, fazendo girar a sua raqueta *Rossignol* entre as mãos e observando a troca de palavras unilateral entre Pemulis e Penn, seu companheiro de quarto, que agora ameaça abandonar o jogo para ir beber chocolate se não pode jogar *Eschaton* sem que os mais velhos estejam sempre a gritar com ele. Ouve-se um ruído quando as engrenagens mentais de Ingersoll emperram. A partir da duração da cimeira de Serra Leoa e a impavidez estudiosa nas caras de toda a gente, é bastante claro que a AMNAT e a SOVVAR vão chegar a acordo; e as condições implicarão provavelmente que a SOVVAR concorde em não ATACONPOCIar a AMNAT em troco de a AMNAT permitir que a SOVVAR possa ATACONPOCIar a IRLIBSIR, que não já deve ter muitas ogivas nucleares no seu velho balde (Ingersoll sabe que eles sabem), de modo que a SOVVAR possa acumular muitos pontos IMDIR sem demasiados SUMDIR enquanto infligir esses SUMDIR à IRLIBSIR representaria que a IRLIBSIR ficaria eliminada enquanto ameaça à posição ganhadora em pontos da AMNAT, que é aquilo que mais benéfico é do ponto de vista da relação quantidade/qualidade para a velha matriz teórica do jogo naquele preciso momento. As exatas transformações da relação quantidade/qualidade são demasiado nefastas para um Ingersoll que está ainda a lidar com frações, mas pode perceber com clareza que este é o cenário mais propício e livre de remorsos tanto para LaMont Chu como para «Sonolento» T.P. Petersen, que há meses odeiam Ingersoll sem qualquer razão ou causa que o justifique, e Ingersoll sabe disso.

Hal, paralisado e absorto, observa Ingersoll a rodopiar de cócoras e a passar a raqueta de uma mão para a outra enquanto pensa furiosamente e conclui

logicamente que a maior relação quantidade/qualidade estratégica possível para IRLIBSIR é que a AMNAT e a SOVVAR não cheguem a acordo.

Hal quase pode visualizar uma escura lâmpada por cima da cabeça de Ingersoll. Pemulis está a dizer a Penn que há uma distinção crítica entre gritar a alguém e permitir que cretino como Jeffrey Joseph Penn pisem como um elefante os limites do terreno de jogo que são a quinta-essência do *Eschaton*. Chu e Peterson assentem sobriamente enquanto falam em murmúrios e Kittenplan faz estalar os nós dos dedos e Possalthwaite faz saltar despreocupadamente uma ogiva nuclear na raqueta.

Portanto Ingersoll levanta-se para se voltar a acocorar e tirar uma ogiva nuclear do seu balde da IRLIBSIR e Hal parece ser o único que vê Ingersoll apontar muito cuidadosamente usando o polegar de vetor e aplicar uma bela esquerda que envia a bola diretamente contra o pequeno círculo dirigente dos supercombatentes na África Ocidental. Não é um balão. Sai na horizontal, como se tivesse sido disparada por uma carabina, e atinge Ann Kittenplan na nuca com um sonoro *plok*. Ela vira-se para leste com uma mão na zona posterior do crânio hirsuto, investigando e olhando depois para Damasco, com o rosto como um pétrea e letal máscara tolteca.

Pemulis, Penn, Lord e todos os presentes ficam paralisados, surpresos e mudos, pelo que apenas se ouve o brilhante sussurro da neve e os sons de um par de corvos que fazem interface no pinhal perto da RDR. Os ventiladores ATHSCME estão desligados e silenciosos e quatro nuvens de gases de tubos de escape em forma de meia pairam imóveis sobre as chaminés do Sunstrand. Nada se move. Nenhum combatente de *Eschaton* alguma vez atingiu propositadamente a pessoa física de outro combatente com uma arma termonuclear de cinco megatoneladas. Por mais nervosos que os jogadores estejam, uma coisa destas não faz o menor sentido. As megatoneladas de um combatente custam demasiado para serem desperdiçadas em ataques pessoais fora do perímetro do mapa. Foi sempre uma regra fundamental embora tácita.

Ann Kittenplan está tão estupefacta e furibunda que fica paralisada, a tremer, os olhos cravados em Ingersoll e na sua fumegante *Rossignol*. Otis P. Lord apalpa o gorro.

Ingersoll dá o espetáculo de observar as unhas minúsculas da sua mão esquerda e anuncia com toda a tranquilidade que a IRLIBSIR acaba de fazer um

impacte direto de cinco megatoneladas contra toda a capacidade de fogo da SOVVAR, isto é, contra a marechala do Ar Ann Kittenplan, e que além disso a própria capacidade de lançamento de ogivas da AMNAT, juntamente com os chefes de Estado e combatentes de ambos os lados, está dentro do raio letal da explosão, que, de acordo com os seus primeiros cálculos, se estende da Costa do Marfim até ao corredor de pares do Senegal. A não ser que o *ratio* de baixas seja alterado pela possível presença de neve climática, acrescenta, radiante.

Pemulis e Kittenplan soltam agora uma série linear de invetivas contra Ingersoll que se abafam mutuamente e fazem os corvos deixarem as árvores onde estavam pousados.

Mas Otis Lord – que presenciou a troca e solicitou informação relevante ao subdiretório de metadecisões TREEMASTER de *EndStat* –, para escândalo de toda a gente, tira um atacador com uma pequena chave niquelada que tem à volta do pescoço e inclina-se diante da caixa *Solander* com fechadura que está na prateleira inferior do carrinho e, enquanto todos o observam com ar horrorizado, abre a caixa e com um zelo quase cerimonial troca o gorro branco pelo gorro vermelho que significa Crise Global Definitiva. O temido gorro de CGD foi usado apenas numa ocasião por um mestre do jogo há já três anos, quando um erro humano de *input* nos cálculos *EndStat* do total de SUMDIR durante um ATACONPOCI generalizado teve como resultado a aparente combustão de toda a atmosfera.

Cai agora um calafrio de mundo real sobre a paisagem de pequenos e convulsos grãos brancos do teatro nuclear.

Pemulis diz a Lord que não pode acreditar no que os seus olhos estão a ver, *porra*. Pergunta a Lord como ousou colocar o gorro vermelho na cabeça por uma situação tão evidentemente equívoca com a treta da confusão de mapa-não-território que Ingersoll tenta fazê-los engolir.

Lord, agachado sobre o tremulante *Yushityu* no carrinho, responde que parece existir um problema.

Ingersoll está a assobiar e a fingir que dança *charleston* entre Abu Kemal e Es Suweida, usando a raqueta como se fosse a bengala de um bailarino.

Hal finalmente cospe.

Perante o olhar enlouquecido de Pemulis, Lord pigarreia e informa Ingersoll, com alguma falta de firmeza, que as negociações sobre a situação ativadora

prévias ao jogo de hoje não estabeleciam de um ponto de vista estratégico que nações da dimensão de um selo postal, como era o caso da Serra Leoa, fosse alvos válidos e pontuáveis.

Ingersoll replica da margem do Mediterrâneo que os alvos de grande interesse estratégico apareceram na Serra Leoa no momento excato em que os chefes de Estado e a total capacidade conjunta de ataque da AMNAT e da SOVVAR decidiram pôr os pés na Serra Leoa. Que a Serra Leoa foi a partir daí, ou melhor, tornou-se, diz, fingindo corrigir o erro com um sorriso, *de facto* um CENCOMEST. Se presidentes e primeiro-ministros quiseram deixar a proteção das suas próprias defesas territoriais para realizar reuniões exclusivista numa choça qualquer, isso era assunto deles, mas Lord estava a usar o gorro branco que autorizava explicitamente os defensores explorados da Única Fé Verdadeira do mundo a defenderem os seus interesses estratégicos, e a IRLIBSIR estava profundamente interessada nos pontos IMDIR extra que lhe cabiam por ter feito evaporar a capacidade de ataque estratégico dos dois supercombatentes com um único ataque da Espada Flamígera do Todo Misericordioso.

Ann Kittenplan dá alguns passos trémulos em direção a Ingersoll e LaMont Chu tenta acalmá-la e fazê-la retroceder.

«Sonolento T.P» Peterson, que parece sempre estar um pouco confuso em qualquer situação, pede a Lord que lhe explique a palavra «equívoca» naquele contexto, levando Hal Incandenza a soltar uma sonora gargalhada apesar de não querer.

Do outro lado da cerca, Pemulis está lívido de fúria – talvez potenciada pela mezedrina – e dá literalmente tantos saltos no mesmo sítio que o boné de capitão de iate lhe salta na cabeça a cada impacte; Troeltsch e Axford concordam que só tinham visto uma coisa assim nos desenhos animados. Pemulis urra que Lord, com as suas vacilações, está a dar via verde ao esforço de Ingersoll para ferir de morte aquilo que é o pão e o sal, a alma, do *Eschaton*[130]. Os jogadores não podem ser alvos válidos. Os jogadores não fazem parte da merda do jogo. Os jogadores fazem parte da *aparelhagem* do jogo. Fazem parte do mapa. Está a nevar nos jogadores mas não no *território*. Fazem parte do *mapa* e não do *conjunto de territórios*. Só é possível atacar o território. Não o *mapa*. Essa é a norma limite que evita que o *Eschaton* degenere e fique caótico. O cavalheirismo do *Eschaton* baseia-se na lógica, em axiomas, na probidade

matemática, na disciplina, nas verdades eternas e na *ordem*. Não se ganham pontos atingindo as pessoas concretas. Só as coisas que *representam* a realidade. Pemulis olha várias vezes por cima do ombro para o pavilhão exclamando:

– *Ja*sus!

J.J. Penn, companheiro de quarto de Ingersoll, tenta argumentar que a evaporada Ann Kittenplan usa vários artigos que valem muitos IMDIR e toda a gente o manda calar a boca. Neve com intensidade suficiente para compor um novo envolvimento paisagístico e toda a gente que não está abrigada no pavilhão tem o aspeto de estar envolta em gaze (ou é assim que parece a Hal).

Lord carrega como um louco nas teclas do telecomputador sob a proteção recém-montada de um velho chapéu de praia que foi soldado ao carrinho por um antigo mestre do jogo. Lord limpa o nariz desajeitadamente contra o ombro onde tem entalado um telefone e informa que consultou o diretório *Eschaton* e axiomas de DEC através do *modem Cor-de-Rosa*[2] e que, infelizmente e com o devido respeito a Ann e a Mike, parece não esclarecer explicitamente que os jogadores com funções específicas não possam ser considerados alvos quando abandonam as respetivas áreas de proteção. LaMont Chu diz que como pode ser isso se não foram assinados valores de pontuação aos jogadores, por amor de Deus, e Pemulis guincha que isso está tão fora de causa que não interessa para nada, que a razão pela qual os jogadores não estão explicitamente isentados no ESCAX.DIR tem que ver com o facto de que essa isenção é o que torna *desde logo* possíveis o *Eschaton* e os cabrões dos seus axiomas. Uma espécie de pálida esteira náutica surge do tubo de escape do inerte sedã *Ford* que está atrás do pavilhão para se dispersar à medida que se alarga e sobe no ar. Pemulis disse para usar a cabeça porque caso contrário se gerariam emoções não estratégicas e então os combatentes estariam o tempo todo a lançar bolas contra as suas pessoas físicas e seria impossível desenvolver a rígida e elegante forma de jogo teórico do *Eschaton*. Pelo menos deixou de saltitar, observa Troeltsch. A proibição de acertar nos jogadores é tácita, diz Pemulis, é pré-axiomática. Pemulis aconselha Lord a considerar com muito cuidado o que está a fazer porque, do ponto de vista de Pemulis, Lord parece disposto a comprometer o mapa de *Eschaton* para sempre. Mary Esther Thode, pró-reitora das raparigas de dezasseis a dezoito anos, aparece da esquerda para a direita nas traseiras do pavilhão, no comprido caminho que vai da rotunda até à cancela e para a

lambreta, levanta a viseira escura do capacete e grita a Kittenplan para pôr um gorro se é que vai jogar à neve e que não faça com a cabeça rapada. E Ann Kitteplan nem sequer está estritamente debaixo do guarda-chuva protetor da autoridade de Thode, comenta Axford a Troeltsch, que por sua vez faz constar a notícia pelo microfone. Hal dá voltas à boca tentando fazer saliva numa boca que está a ficar seca, o que não é muito agradável quando uma pessoa a tem cheia de tabaco para mascar. Ann Kittenplan parece estar a sofrer tremuras quase parkinsonianas, com o rosto contraído e os pelos do bigode quase eriçados. La Mont Chu reitera a sua tese de que de maneira nenhuma os jogadores podem ser alvos legítimos ainda que tenham funções estratégicas se não lhes foram atribuídos valores IMDIR/SUMDIR nos cálculos *EndStat* de funções. Pemulis diz-lhe para não distrair Otis Lord do terreno incrivelmente potente e letal para onde foram levados por Ingersoll. Diz que ainda nenhum deles viu de perto o verdadeiro significado da palavra crise. Ingersoll grita a Pemulis que os seus eméritos poderes de veto só são válidos para os cálculos de Lord e não para as atuais decisões de Deus sobre o que faz e não faz parte do jogo. Pemulis convida-o a fazer uma coisa que é anatomicamente impossível. Pemulis pergunta a LaMont Chu e a Ann Kitteplan se vão ficar de braços cruzados e permitir que Lord autorize a Ingersoll eliminar o mapa do *Eschaton* por causa de uma pírrica e merdosa vitória no apocalipse de um único dia. Kittenplan tem estado a tremer e a apalpar as veias da nuca e a olhar para Ingersoll através do Mediterrâneo como alguém que sabe que irá parar à cadeia se faz o que o corpo lhe está a pedir que faça. Axford coloca certas condições físicas muito pouco prováveis sob as quais o que Pemulis disse a Ingersoll para fazer não seria impossível de todo. Hal lança uma densa cuspidela, concentra-se e tenta outra vez, sem deixar de olhar. Troeltsch narra o facto de que Mary Esther Thode transporta sempre com ela um fedor vagamente vitamínico que ele nunca consegue identificar. Ouve-se o repentino estrépito tripartido de três veículos da Empire Waste Displacement a serem impelidos por cima das nuvens em direção a norte. Hal identifica o cheiro ambiental de Thode como sendo a pestilência da tiamina, um produto que, por razões que só ela sabe, Thode consome abundantemente; e Troeltsch dá informação desse dado referindo-se a Hal como «fonte próxima», facto que surpreende Hal por ser, de uma maneira que não sabe precisar, fora do contexto. Kittenplan liberta-se do braço de Chu, avança e recolhe uma ogiva nuclear do

arsenal portátil da SOVVAR e grita que muito bem, se os jogadores também querem ser alvos bélicos, então e nesse caso, dispara um verdadeiro balázio à cabeça de Ingersoll que este bloca com dificuldade com a sua raqueta e uiva que Kittenplan não pode atacar ninguém porque foi evaporada por um míssil de cinco megatoneladas. Kittenplan replica-lhe que escreva uma carta ao seu representante no Congresso a queixar-se e grita por cima dos rogos de LaMont Chu para que se faça uma discussão razoável e pega em várias ogivas nucleares teoricamente valiosas que tem no balde de dissolvente industrial e está perfeitamente decidida a atingir Ingersoll; avança pela Nigéria e pelo Chade forçando Ingersoll a seguir rumo a norte no mapa dos campos a uma velocidade impressionante, a abandonar o balde do arsenal da IRLIBSIR e a correr por cima da Sibéria gritando Falta. Lord pede ordem sem que lhe prestem atenção, mas alguns dos outros combatentes começar a sentir o cheiro de que Ingersoll pode ser uma boa presa para exercitar a crueldade (as crianças podem detetar esse cheiro com uma assombrosa acuidade); o secretário-geral da CHINVER e Josh Gopnik e um especialista em planos vetoriais da AMNAT avançam rapidamente em direção a nordeste do mapa disparando bolas com todas as suas forças sobre Ingersoll, que entretanto deixou cair a sua raqueta e treme freneticamente diante da porta fechada da cerca norte, por onde a senhora Incandenza decidiu que não quer que os miúdos saiam porque lhe podem pisar as coreópsis; e estas crianças batem as bolas com muita força. Hal já não consegue salivar o suficiente para cuspir. Uma ogiva nuclear atinge o traseiro de Ingersoll; outra bate-lhe solidamente na carne da coxa. Ingersoll começa a coxear em círculo e chora com aqueles tremeliques em câmara lenta que as crianças fazem quando choram mais pelo facto de lhes baterem que da força da pancada. Pemulis retrocede afastando-se da cerca sul em direção ao pavilhão e ergue os braços para chamar alguém ou num gesto de fúria ou de outra coisa qualquer. Axford diz a Hal e a Troeltsch que preferia não sentira a emoção que sente ao ver Ingersoll bombardeado. Algumas cascas vermelhas de amendoim enfiaram-se no cabelo de Jim Struck, que continua deitado e imóvel. O.P. Lord tenta proclamar que Ingersoll já não está nos quatro campos de *Eschaton* e que, portanto, não é um alvo válido nem sequer teórico. Ninguém lhe presta atenção. Vários miúdos aproximam-se de Ingersoll triangulando os seus ataques, com T. Peterson à cabeça. Atingem Ingersoll com vários impactes, um dos quais perto do olho. Jim

Troeltsch corre em direção à cerca para acabar com o ataque, mas Pemulis agarra-o pelo fio do auricular e diz-lhe que os deixe fazer as coisas à maneira deles. Hal, inclinando-se para diante com os dedos entrelaçados, está praticamente paralisado de tão absorto. Trevor Axford, com o punho encostado à ponta do queixo, pergunta a Hal se alguma vez odiou alguém sem fazer a menor ideia da razão que o levava a isso. Hal sente-se fascinado por qualquer coisa deste jogo agora em franca deterioração e que parece tão terrivelmente abstrato e cheio de implicações e consequências que o mero facto de pensar na forma de o exprimir parece causar forte tensão nervosa, a ponto de que ficar absorto e incapaz é quase a única maneira de a pessoa se libertar dessa complicada tensão. Agora Penn, da INPAQ, e McKenna, da AMNAT, que têm velhas questões pessoais a saldar com Ann Kiteenplan, pegam nas suas armas e fazem um movimento de pinça sobre ele. Ann Kittenplan recebe dois impactes por trás e a curta distância. Há algum tempo que Ingersoll se rendeu, mas ainda está a ser bombardeado. Lord grita a plenos pulmões que a AMNAT não pode de forma nenhum atacar-se a si mesma e nesse momento é atingido no esterno por uma ogiva nuclear perdida. Põe uma mão no peito e faz girar a hélice do gorro vermelho com a outra, coisa que nunca tinha feito: quando a hélice é posta a girar isso anuncia uma situação irremediável e de total descontrolo apocalíptico. Timmy Peterson recebe uma bolada na virilha e cai fulminado no chão como um saco de farinha refinada. Toda a gente recolhe as ogivas nucleares já usadas e volta a lançá-las de uma maneira muito irrealista. As cercas de rede de arame tremem e ressoam quando as bolas as atingem; Ingersoll parece agora uma espécie de animal que foi atropelado no meio da autoestrada. Troeltsch, que olha pela primeira vez para o sedã imóvel ao lado dos contentores da casa oeste e pergunta a alguém se conhece o dono de um *Ford* verde com publicidade à aspirina *Nunhagen*, é o único espectador que dos anos mais avançados que não parece estar completa e silenciosamente atento. Ann Kittenplan pegou na sua raqueta e carrega sobre McKenna. Recebe dois impactes no peito antes de o alcançar e o pôr a dormir com um impressionante cruzado de esquerda. LaMont Chu faz uma placagem pelas costas a Todd Possalthwaite. Struck parece ter mijado as calças a dormir. J.J. Penn resvala ao pisar uma ogiva nuclear perto de Fiji e cai de forma espetacular. A neve faz com que tudo seja vaporoso e terrivelmente claro ao mesmo tempo, eliminando todo o fundo visual de modo

que o mapa da ação parece descarnado e surreal. Já ninguém utiliza as bolas de ténis. Josh Gopnik atinge LaMont Chu no estômago e LaMont Chu guincha que Gopnik lhe deu um murro no estômago. Ann Kittenplan aplicou uma chave no pescoço de McKenna e esmurra-o várias vezes na cabeça. Otis P. Lord fecha o guarda-sol e começa a empurrar o seu carrinho de comida para a cancela sul que dá para o Campo 12 enquanto continua a fazer girar a hélice do gorro vermelho. O cabelo de Struck continua a acumular cascas vermelhas. Pemulis está a coberto mas ainda de pé, com as pernas bem abertas e os braços cruzados. A figura no *Ford* verde nem uma vez se mexeu. Troeltsch diz que não ficaria ali sentado se algum dos seus companheirinhos corresse o risco de se poder lesionar e Hal cogita que sente uma espécie de ansiedade forte, mas não consegue perceber, através das implicações quase infinitas daquilo que Troeltsch diz, com a indispensável celeridade para determinar se a ansiedade que sente é consequência de alguma coisa que esteja a ver ou de alguma coisa relacionada com a ligação entre o que Troeltsch diz e o grau de atenção que ele está a prestar ao que está a acontecer lá fora, dentro das cercas, que é um caos degenerativo tão complexo que na sua desordem é difícil precisar se parece coreografado ou simplesmente caoticamente desordenado. LaMont Chu vomita no oceano Índico. Todd Possalthwaite tem as mãos na cara e geme sobre qualquer coisa. Agora, sem possibilidade de discussão ou de dúvida, neva. O céu adquiriu uma cor branco-suja. Lord e o seu carrinho deixam literalmente marcas na borda do mapa. Há vários minutos que Evan Ingersoll deixou de se mexer. Penn jaz no espaço branco reservado ao serviço com uma perna dobrada debaixo do corpo num ângulo impossível. Alguém, à distância e atrás deles, faz soar um apito de atletismo. Ann Kittenplan começa a correr atrás do secretário-geral da CHINVER a toda a velocidade. E atravessa o subcontinente asiático. Pemulis diz a Hal que odeia dizer-lhes que os tinha avisado. Hal vê que Axford se inclina para proteger do vento uma coisa minúscula enquanto tenta queimá-la com um isqueiro que não funciona. Lembra-se subitamente que há três anos Axford perdeu um dedo e metade do polegar da mão direita. O enfurecido e pequeno J. Gopnik agita os braços e grita quem é que quer bater-se com ele, avance, vá. Otis P. Lord e o seu carrinho lá seguem pela Indochina em direção à saída sul. De repente, Hal apercebe-se de que Troeltsch e Pemulis estão a fazer caretas, mas ele não, e não tem a certeza da razão por que as fazem, e olha para o

combate tentando decidir se também teria de estar a fazê-las quando o secretário-geral da CHINVER, reclamando aos gritos a presença da mamã e correndo a toda a velocidade enquanto olha por cima do ombro para o rosto contorcido de raiva de Ann Kittenplan, esbarra contra o carrinho de Lord. Produz-se um estrépito como a súmula histórica de todos os acidentes em cafetarias que tenham ocorrido em todo o lado. As disquetes 3.6 MB voam pelos ares como morcegos loucos sobre aquilo que se não estivesse tapado seria a linha de fundo do Campo 12. Saltam gorros de todas as cores da caixa, aquela cuja fechadura rebentou e sobressai como uma língua à medida que ela vai rebolando. O ecrã do telecomputador, o *modem* e o chassis do *Yushityu*, com quase todo o sistema nervoso do *Eschaton* no seu bojo, assumem um vetor parabólico em direção a sudoeste. É impressionante a altura a que ascende o pesado equipamento. Produz-se um momento de estranho silêncio e acalmia quando o equipamento vai no ar. Pemulis solta um urro e leva as mãos à cara. Otis P. Lord evita a forma retorcida do carrinho e o secretário-geral desata a correr sobre o campo coberto de neve para tentar salvar o *hardware*, que agora alcançou o zénite do seu arco-íris. É evidente que Lord não vai conseguir. É um instante em câmara lenta. Agora neva a sério, pensa Hal, como se assim quisesse desculpar o facto de que Lord não vê que LaMont Chu está mesmo à sua frente, vomitando com mãos e joelhos no chão. Lord esbarra contra a figura ajoelhada de Chu mais ou menos à altura dos joelhos e faz um voo espetacular. O *Ford* imóvel revela um rosto súbito no lugar do condutor. Axford aproxima o chassi do isqueiro do ouvido e agita-o. Ann Kittenplan bate com a cara do secretário-geral da CHINVER contra a rede de arame da cerca sul. A parábola do voo de Lord é menos espetacular no eixo vertical do que foi o do TC. O chassi do *Yushityu* faz um som indescritível quando bate no chão e saem-lhe as entranhas de circuitos de cores brilhantes. O monitor a cores aterra de barriga para cima com o ecrã a assinalar um erro intermitente para o céu branco. Hal e todos os outros conseguem prever o *terminus* do voo de Lord um segundo antes do choque. Durante um breve momento, que Hal recordará como sendo completa e desconfortavelmente bizarro, Hal toca na cara para verificar se está a fazer caretas. O apito volta a soar ao longe. É claro que Lord cai de cabeça contra o ecrã do monitor e ali fica, com os ténis no ar e as perneiras das calças do fato de treino a meio das canelas, mostrando umas peúgas pretas. Ouve-se o ruído de vidros a partirem-se. Penn

cai agitando os braços. Possalthwaite, Ingersoll e McKenna estão a sangrar. O toque da sirene do turno das 16h00 da Sunstrand Power & Light é horripilantemente abafado pela ausência de som da neve que cai.

---

*1 Também conhecida por *De Brevitate Vitae*, canção académica popular em diversos países europeus, especialmente interpretada nas cerimónias de licenciatura. *(N. dos T.)*

*2 *To have Prince Albert in a can:* pergunta telefónica feita a gozar (consultar Internet). *(N. dos T.)*

*3 Jogador que no beisebol apanha a bola com um luva. *(N. dos T.)*

8 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*
DIA DA INTERDEPENDÊNCIA
GAUDEAMOS IGITUR

OS ALCOÓLICOS ANÓNIMOS DE BOSTON não são como os Alcoólicos Anónimos de nenhum outro lugar do planeta. Como quaisquer outros AA de qualquer outro lugar, os AA de Boston dividem-se em inúmeros grupos de AA individuais e cada grupo tem a sua denominação específica, como Grupo Realidade ou Grupo Allston ou Grupo Sobriedade e Limpeza, organizando cada grupo reuniões uma vez por semana. Mas quase todas as reuniões de Boston têm conferencistas. Isso significa que nessas reuniões há alcoólicos em vias de recuperação que dão a cara em frente de toda a gente e «partilham a sua experiência, a sua força e a sua esperança[131]».E a coisa mais singular em Boston é que estes oradores nunca são membros do grupo a quem se dirigem. Os oradores das palestras semanais de um dado grupo pertencem sempre a outro grupo de AA de Boston. Os palestrantes desempenham essa tarefa em nome daquilo que denominam compromisso, o que significa que alguns membros de um grupo se comprometem a deslocar-se a diversas reuniões para falarem ao público do alto do estrado. Então outros membros do grupo anfitrião percorrem o caminho inverso noutra noite para falarem diante de outros grupos. Os grupos trocam sempre compromissos: Vós vindes falar connosco e nós vamos falar convosco. Pode parecer bizarro. Vai-se sempre a outro lado para falar. Nas reuniões do nosso grupo somos anfitriões; sentamo-nos e prestamos a máxima atenção, preparamos os cafés para sessenta chávenas, empilhamos os copos de poliestireno formando altos zigurates, vendemos rifas, fazemos sanduíches, esvaziamos cinzeiros, lavamos as chávenas e varremos o chão quando o orador visitante termina a sua intervenção. Nunca partilhamos a nossa experiência, a nossa força e as nossas esperanças no estrado, atrás de um atril de contraplacado com um barato sistema sonoro não digital, a não ser perante *outro* grupo da zona metropolitana de Boston[132]. Todas as noites em Boston, carros cheios de autocolantes nos para-choques e de pessoas completamente sóbrias com olhos desorbitados pela cafeína que tentam ler

moradas escritas à mão quase ilegíveis com as luzes do tabliê, atravessam a cidade dirigindo-se para caves de igrejas, salas de bingo ou cafetarias de centros de recuperação de outros grupos de AA para realizar o compromisso. Ser membro ativo de um grupo de AA de Boston é muito semelhante a ser músico profissional ou atleta no que se refere a constantes viagens.

O Grupo Bandeira Branca de Enfield, Massachusetts, na zona metropolitana de Boston, reúne-se aos domingos numa cafetaria do Centro de Recuperação Provident na Rua Hanneman, perto da Av. Commonwealth e a um par de quarteirões a oeste da colina com o cume raso da Academia de Ténis de Enfield. Esta noite o Grupo Bandeira Branca é anfitrião de um compromisso vindo do Grupo de Estudos Básicos Avançados de Concord, um bairro de Boston. As pessoas dos Estudos Básicos Avançados viajaram quase uma hora para chegar aqui, além do eterno problema de ruas sem sinalização e das indicações dados por telefone. Na próxima sexta-feira à noite, uma pequena horda do Grupo Bandeira Branca viajará até Concord para um compromisso recíproco perante o Grupo de Estudos Básicos Avançados. Fazer viagens de longas distância por ruas sem sinalização tentando descortinar o trajeto a partir de instruções como «Apanhar a segunda à direita a seguir à rotunda e continuar até à quiroprática» para uma pessoa acabar por se perder e perder várias horas depois de um longo dia de trabalho para falar seis minutos de um estrado de contraplacado chama-se «Ser Ativo com o Grupo»; o discurso em si é apelidado de «Trabalho de Fase 12» ou «Transmissão». «Transmitir» é um princípio básico dos AA de Boston. O termo deriva de uma descrição epigramática da recuperação usada pelo AA de Boston: «Recuperar a sobriedade para que se possa retê-la e transmiti-la aos outros.» Em Boston a sobriedade é mais uma espécie de empréstimo cósmico que uma dádiva. Não se pode devolver o empréstimo, mas pode projetar-se o pagamento *para diante* difundindo a mensagem de que os AA funcionam apesar de todas as aparências, levando a mensagem ao novato que entra a cambalear na reunião e está sentado na última fila sem conseguir segurar a chávena de café. A única maneira de reter a sobriedade é transmiti-la e mesmo vinte e quatro horas de sobriedade já valem a pena, um dia de sobriedade é quase um milagre diário quando se tem a doença como ele tem a doença, diz o membro do Grupo de Estudos Básicos Avançados que preside ao compromisso desta noite, que pronuncia algumas palavras antes de declarar aberta a sessão e depois se retira

para um banco perto do estrado e vai chamando os oradores ao acaso. O presidente diz que não era capaz de estar nem sequer vinte e quatro *minutos* seguidos sem beber antes de Entrar. «Entrar» significa que a pessoa aceitou que lhe dessem um bom pontapé no cu bamboleante para entrar nos AA de Boston e está disposta a fazer um esforço, qualquer que ele seja, para deter a tempestade de merda que lhe caiu em cima. O presidente do Grupo de Estudos Básicos Avançados parece ter resultado de um cruzamento entre David Cavett e Truman Capote[133], mas também é calvo, de uma forma total e quase aparatosa, e, para cúmulo, traz vestida uma camisa preta brilhante de vaqueiro com arabescos barrocos de tubos *Nodie* brancos no peito e nos ombros e laço, além de botas pontiagudas de pele de cobra estranhamente imbricada: é fascinante olhar para ele porque é fascinante daquela maneira fascinante que faz alarde da sua própria extravagância. Nesta sala há mais cinzeiros de metal baratos e chávenas de poliestireno que em qualquer outro lugar mo mundo. Gately está sentado na primeira fila tão perto do estrado que consegue ver as ranhuras que o presidente tem nos incisivos descomunais, mas diverte-se a virar-se para observar as pessoas que entram e sacodem a chuva das gabardinas antes de procurar lugares livre para se sentarem. Mesmo na noite do Dia da Interdependência, a cafetaria do Provident está cheia de pessoas às 20h00. Os AA não têm dias de descanso porque a doença também não descansa. É a grande reunião dos domingos à noite dos AA de Enfield, Allston e Brighton. Os frequentadores habituais vêm todas as semanas de Watertown e também de East Newton, a não ser que estejam a participar noutros compromissos com os seus próprios grupos. As paredes da cafetaria do Provident, pintadas de um verde indeciso, estão esta noite engalanadas com estandartes de feltro portáteis que têm inscritos lemas dos AA sobre um fundo azul e dourado à moda dos escuteiros. Os lemas inscritos neles são tão insípidos que não vale a pena mencioná-los. Exemplo: um dia de cada vez. O tipo extravagante vestido à vaqueiro conclui a sua exortação inicial, preside ao Momento de Silêncio de abertura dos trabalhos, lê o Preâmbulo dos AA, tirar ao acaso do chapéu de vaqueiro *Crested Beaut* um papel com um nome, semicerra os olhos para ler e diz que gostaria de chamar o primeiro orador da sessão e pergunta se nessa noite está na sala o seu companheiro de grupo John L.

John L. sobe ao estrado e diz:

– Eis uma pergunta à qual antes não era capaz de responder.

Isto provoca um coro de risos e a postura de todos torna-se subtilmente mais distendida, porque é evidente que John L. já está sóbrio há bastante tempo e é um daqueles oradores dos AA tão dominado pelo nervosismo da autoconsciência que o transmite ao empático público, que também fica nervoso. Todos os presentes têm como objetivo estar em total empatia com o orador; desse modo poderão captar a mensagem dos AA que ele veio transmitir. Em Boston a empatia denomina-se identificação.

Então John L. diz o seu nome e o que é. Toda a gente diz Olá.

A Ennet House exige que os seus residentes assistam às reuniões do Grupo Bandeira Branca que está na mesma zona. É preciso ser-se visto em todas as noites da semana numa reunião dos Alcoólicos Anónimos ou dos Narcóticos Anónimos. Caso contrário, rua. Um do pessoal do Centro acompanha os residentes às reuniões preestabelecidas, para dar conta de que efetivamente eles estiveram lá[134]. Os conselheiros dos residentes da Ennet House sugerem-lhes que se sentem na primeira fila, de onde até os poros do orador conseguem ver, e que tentem identificar-se em vez de comparar-se. E *identificar-se* significa ter empatia por. E aqui identificar-se não é difícil, a não ser que se faça muita questão em comparar, porque quando alguém se senta à frente e presta muita atenção, todas as histórias dos conferencistas sobre o ocaso, a queda e a rendição são, na sua essência, a própria história de quem ouve: primeiro divertimento com a substância, depois, muito gradualmente, menos divertimento, depois, significativamente, muito menos divertimento devido, por exemplo, a bloqueamentos mentais dos quais a pessoa sai subitamente quando vai na autoestrada a cento e quarenta e cinco quilómetros por hora com companheiros que não conhece, noites em que acorda em camas desconhecidas ao lado de alguém que poucas semelhanças pode ter com um mamífero, apagões de três dias de duração dos quais sai precisando de comprar um jornal para saber em que cidade está; sim, gradualmente menos e menos divertimento real mas sempre com necessidade física da substância, em vez do anterior divertimento voluntário; depois, num dado momento, muito pouco divertimento mesmo, mas esse mínimo está combinado com uma terrível necessidade quotidiana e com mãos trémulas, depois pavor, ansiedade, fobias irracionais, recordações do divertimento como sirenes longínquas, problemas com diferentes autoridades,

tremendas dores de cabeça, leves espasmos e a litania daquilo que os AA de Boston chamam perdas.

– E chegou o dia em que perdi o emprego por causa da bebida. – John L., de Concord, tem uma enorme barriga que lhe cai por cima do cinto e quase nenhum rabo, daquela maneira que os rabos dos tipos grandalhões mais velhos parecem ter sido chupados para dentro do corpo para apareceram à frente em forma de barriga. Gately, que agora não bebe, faz flexões todas as noites com medo que lhe suceda aquilo de repente, à medida que se aproxima dos trinta anos de idade. Gately é tão corpulento que ninguém se senta atrás dele em várias filas. Jon L. tem o maior jogo de chaves que Gately alguma vez viu. É um daqueles porta-chaves de porteiro que se podem prender ao cinto; e o orador fá-lo rodar com ar ausente, inconsciente, único sinal de nervosismo perante o público. – Perdi o maldito trabalho – repete. – E quero dizer que ainda sabia onde estava e como lá chegar. Cheguei lá um dia, como de costume, e o meu lugar estava ocupado por outro – prossegue conseguindo arrancar mais algumas risadas. – E depois mais perdas com a substância, como se fosse o único consolo para combater a dor de continuar a somar perdas e, é claro, negamos que seja a substância a responsável pelas perdas de que nos serve de consolo...

– ... O álcool destrói *lenta* mas *completamente*, como me disse um tipo na noite da minha entrada, em Concord, e esse tipo acabou por ser o meu padrinho...

– ... depois espasmos menos suaves, DT nas tentativas de reduzir o consumo demasiado depressa, aparecimento de insetos e roedores subjetivos, depois uma nova recaída e mais insetos formicantes; depois, por fim, o terrível reconhecimento de que tinha superado inegavelmente um limite e erguer o punho para o céu exclamando Deus és minha testemunha, e jurar e rejurar que deixava a bebida para sempre, depois talvez alguns dias de nervos e êxito inicial, depois uma recaída, mais juras, barrocas autorregulações, pendente do relógio, recaídas repetidas no consolo da substância depois dos dias de abstinência, ressacas mortais, sentimentos de culpa e de nojo avassaladores, superestruturas de autorregulação adicionais (por exemplo, não antes das nove horas, não nas noites de trabalho, só quando a Lua está em quarto crescente, só em companhia de suecos, etc.) que também falhavam...

– ... quando estava bêbedo queria estar sóbrio e quando estava sóbrio queria

embebedar-me – diz John L. – Vivi assim durante anos, e digo-vos que isso não é vida; isso é uma amaldiçoada morte em vida...

– ... depois uma incrível dor psíquica, uma espécie de peritonite da alma, uma tortura mental, um medo de enlouquecer subitamente (por que raio não consigo deixar de beber se quero deixar de beber, a não ser que tenha enlouquecido?), estadas em centros de desabituação e desintoxicação, problemas domésticos, desastre financeiro, perdas domésticas por fim...

– ... e perdi a minha mulher por causa da bebida. Quero dizer que ainda sabia onde ela estava e tudo o resto, mas uma noite cheguei a casa e encontrei-a com outro tipo na cama. – Isto não provoca risos mas movimentos de cabeça compungidos; quando se trata de perdas domésticas acontece quase sempre a mesma coisa...

– ... depois ultimatos vocacionais, desemprego, ruina económica, pancreatite, sentimento de culpa avassalador, vómitos de sangue, neuralgia cirrótica, incontinência, neuropatia, depressões tenebrosas, dores lacerantes e a substância que me dava períodos de alívio cada vez mais curtos; e, no fim, nenhum alívio de qualquer tipo; finalmente, torna-se impossível consumir o suficiente para congelar o que se sente e começa-se a odiar a substância, a detestá-la, mas mesmo assim é-se incapaz de a deixar, no final o que mais se quer é deixá-la e já não diverte nada e não consegues acreditar que realmente se gostou dela, mas mesmo assim não se consegue parar, é como se se estivesse completamente louco, é como se se fosse duas pessoas; e quando se chega ao ponto de admitir vender a mãe que tanto se ama para conseguir deixar de beber e mesmo assim não se é capaz, então cai a última camada amistosa da máscara e de repente vê-se a substância cara a cara, a velha amiga, é meia-noite e caíram todas as máscaras e de repente vê-se a substância tal como ela realmente é, e pela primeira vez vê-se a doença tal como ela realmente é, e esteve ali sempre, e uma pessoa olha para o espelho à meia-noite e vê que estás na posse dela, vês aquilo em que te tornaste...

– ... uma porra de uma morte em vida, digo-vos que não se parece nada com a vida, no final não estava morto nem vivo, e digo-vos que a ideia de morrer não é nada se comparada à ideia de viver daquela maneira cinco ou dez anos e só então morrer.

O público concorda movendo a cabeça ao longo das filas como um prado sob

o efeito do vento.

– ... e então fica-se com um problema nas mãos muito sério, muito sério mesmo, e finalmente tem-se consciência disso, é um problema mortalmente grave porque aquela substância que se cria ser a única e verdadeira amiga, que levou aquela pessoa a deixar tudo alegremente, que durante muito tempo foi um alívio para a dor causada pelas perdas que o amor a esse alívio causava, amante e mãe e Deus e *compadre*, finalmente tirou a máscara de cara sorridente para revelar uns olhos desorbitados e umas fauces esfomeadas e uns caninos compridos até aqui, é a Cara no Chão, a cara sorridente e radicalmente branca dos pesadelos mais negros, e essa cara é a própria cara do doente no espelho, é a *nossa* cara, a substância devorou-a e substituiu-a e converteu-se em *nós*, e a *T-shirt* vomitada, babada e suja de substância que se usou durante semanas inteiras é rasgada e fica-se ali a olhar e no peito branco onde deveria bater um coração (que não se lhe entregou), no meio do peito nu e nos olhos desorbitados, há um buraco negro, mais dentes e uma mão com garras que faz sinal e mostra uma coisa irresistível, e então damos conta de termos sido enganados, lixados em grande, roubados e fodidos e atirados para o lado como um brinquedo de peluche que fica para sempre na posição em que caiu. Agora já se percebe que ela é um inimigo e o pior pesadelo que alguma vez se teve e em que se está metido é irrefutável, mas *mesmo assim* é impossível deixá-la. Quando uma pessoa se entrega nestas circunstâncias à substância é como assistir a uma missa negra, mas mesmo assim é incapaz de a deixar. Como é costume dizer, está-se arrumado. Não é possível estar bêbedo nem estar sóbrio; não é possível consumir nem deixar de consumir. Está-se atrás de grades. Está-se numa jaula e só se veem grades por todos os lados. Está-se numa espécie de confusão infernal que acaba com a vida ou a vira do avesso como se fosse uma luva. Está-se na bifurcação de uma estrada a que os AA de Boston chamam *fundo,* embora o termo seja enganador porque toda a gente que aqui está concordará que é um lugar muito alto e sem escoras: está-se inclinado para a frente na borda de uma coisa alta...

Caso se procurem similitudes, todas as carreiras destes oradores terminam na borda de um precipício. Está-se arrumado, enquanto consumidor da substância. É o lugar do grande salto. Tem-se duas opções. A pessoa pode eliminar-se de vez – o melhor é usar lâminas ou pílulas ou aspirar tranquilamente os gases do tubo

de escape do carro (que em breve será recolhido pelo banco) na garagem (já propriedade desse banco) da casa (sem família). Uma coisa que seja lamurienta em vez de estrepitosa. Uma coisa limpa e serena e indolor (já que toda a carreira foi apenas uma comprida e inútil fuga à dor). Embora, entre os alcoólicos e drogados que constituem setenta por cento dos suicídios num dado ano, alguns tentem partir com um último grandioso gesto escandaloso e estridente do género da batalha de Baklava: um dos membros mais antigos do Grupo Bandeira Branca é uma mulher prognata chamada Louise B., que tentou eliminar-se saltando do velho Edifício Hancock no centro da cidade no ano 1981 AS, mas foi apanhada por uma corrente de ar quente ascendente à altura do sexto piso que a fez subir e atravessar a janela de vidro fumado dos grandes escritórios de uma empresa de arbitragens no piso trinta e quatro acabando esparramada de boca para cima numa mesa de reuniões muito bem encerada apenas com algumas lacerações, uma fratura da clavícula e uma experiência de eliminação voluntária e de intervenção externa que a tornaram raivosamente cristã – com raiva, como se deitasse espuma pela boca – e por isso é agora comparativamente posta de lado e evitada, embora a sua história de AA, sendo como a todos os outros mas mais espetacular, se tenha tornado num mito na zona metropolitana de Boston. Mas quando se chega a este lugar de salto no final da carreira com a substância, pode pegar-se na *Luger* ou numa navalha e acabar de uma vez por todas – isto pode ocorrer com a idade de sessenta, vinte e sete ou dezassete anos – ou pode consultar-se as primeiras páginas das Páginas Amarelas ou o ficheiro de psicosserviços da Internet e fazer um telefonema balbuciante às 02h00 e admitir a uma voz bondosa de velho que se está com problemas, problemas muito graves, e a voz tentará pôr água na fervura até que passam duas horas e antes do romper da aurora aparecem à porta de quem telefonou dois tipos estranhamente tranquilos e amáveis com uma indumentária clássica que falam com muita calma durante duas horas e o deixam sem que se lembre de nada daquilo que foi falado a não ser que fica com a estranha sensação de que aquelas pessoas terão sido como ele, completamente fodidos, mas que agora por uma razão ou por outra já não são, já não estão fodidos, pelo menos não têm aspeto de estar, a não ser que tudo seja um incrível engano, esta coisa dos AA, e então, seja como for, o doente senta-se no que resta do mobiliário na madrugada cor de lavanda e apercebe-se que não tem literalmente outra opção que não seja a de tentar essa coisa dos AA

ou eliminar-se do mapa, pelo que passa o dia a dar cabo de toda a substância que tem numa amarga e triste farra de despedida e no dia seguinte decida continuar em frente e engolir o orgulho e talvez também o senso comum e assistir às reuniões desse «programa» que, no melhor dos casos, pode não passar de uma simpática merda evangelista e, no pior, a capa de um culto obscuro e astuto em que uma pessoa é mantida sóbria fazendo-a estar vinte e quatro horas por dia a vender cones de celofane de flores artificiais no meio de uma avenida com muito trânsito. E o que define este nexo em forma de precipício entre duas opções absolutas, este beco sem saída que os AA de Boston denominam «fundo», é que nesse momento o doente sente que talvez não seja assim tão mau vender flores no meio de uma avenida em comparação com o que lhe está a acontecer como pessoa nesse preciso instante. E é isto, no fundo, que une os AA de Boston: é o mesmo desespero resignado, miserável, de lavagem-ao-cérebro-e-exploração-se-for-preciso, em que viveram todos os AA quando estavam na mesma borda do mesmo precipício, e aparece sem dúvida uma vez em que se decide deixar de entrar ou de sair a correr das reuniões e se começa a caminhar com a mão suada estendida e se procura conhecer os outros AA de Boston. Como diz um dos velhos ou velhas endurecidos a quem sempre se temeu mas com quem se gostaria de conversar, aqui ninguém entra porque as coisas lhe estão a correr às mil maravilhas mas porque quer melhorar a sua agenda social das tardes. Não, todos, mas *todos,* entram com olhos murchos, brancos como a cal das paredes e com a cara metida entre os joelhos e, por via das dúvidas, com um catálogo manuseado de venda de armas pelo correio num lugar seguro da casa, para o caso de este derradeiro e desesperado recurso a abraços e lugares-comuns acabar por ser uma treta. Não se é único, dizem: este desespero inicial une todas estas almas na vasta sala desta cafetaria. São uma espécie de sobreviventes do *Hindenburg*. Ao fim de algum tempo, cada reunião é uma re-união.

E depois, como Don Gately descobriu, os ancilosados recém-chegados que entram a cambalear num tal estado de desespero e tristeza que só dá para aguentar e continuar a vir e começar a arranhar debilmente a insípida superfície da coisa, acabam por se unir numa segunda experiência comum. É o surpreendente descobrimento de que a coisa pode mesmo funcionar. Que mantém as pessoas livres da substância. É uma coisa improvável e surpreendente. Um dia, após quatro meses de residência na Ennet House, Gately

descobriu finalmente que tinham passado vários dias sem acalentar a ideia de se escapar para a Unidade 7 para apanhar uma pedrada de uma maneira não urémica que as autoridades judiciais não fossem capazes de detetar; que tinham passado vários dias sem sequer *pensar* em narcóticos orais ou num *DuBois* bem carregado ou numa cerveja em tempo quente... e deu cabal conta de que tinha passado uma semana sem que lhe tivesse *ocorrido* pensar numa das substâncias que antes não conseguia passar um dia que fosse sem ingerir de uma ou de outra maneira: Gately sentiu-se mais chocado com a constatação que grato ou feliz. A ideia de que afinal os AA *funcionavam* irritou-o. Suspeitou de um truque qualquer. Uma armadilha qualquer. Nesta etapa ele e os outros residentes da Ennet House que ainda lá estavam e a ficarem alertados para o facto de que os AA podiam funcionar começaram a sentar-se juntos tarde na noite e a marimbarem-se porque parecia impossível que perceber *como* é que a instituição conseguia alcançar os seus objetivos. Funcionava, sim, funcionava, pelo menos parecia funcionar, mas Gately não era capaz de imaginar como raio era possível funcionar bem uma coisa que consistia apenas em estar sentado todas as noites em cadeiras desdobráveis hostis às hemorroidas a observar os poros do nariz do conferencista e escutar uma longa lista de lugares-comuns. O facto de que ninguém conseguiu explicar os resultados positivos dos AA constitui mais um elemento unificador para eles. E os veteranos AA enfurecem-se quando lhes fazem perguntas que começam por *Como*. Quando se lhes pergunta Como funcionam os AA, respondem que bem. Funcionam, é tudo. A instituição funciona. Os recém-chegados que abandonam o senso comum e resolvem aguentar e continuar a vir e depois descobrem que as suas jaulas estão subitamente, misteriosamente, abertas, ao fim de algum tempo partilham esta profunda sensação de choque e de possível armadilha; nesses recém-chegados aos AA de Boston, com apenas seis meses de abstinência, pode ver-se aquele olhar de vidrada desconfiança em vez de alegria beatífica, uma expressão desconfiada idêntica à dos nativos de olhos esbugalhados quando veem um isqueiro *Zippo* pela primeira vez. E isto une-os nervosamente, este conjunto provisório de possíveis e trémulos raios de uma coisa que se parece com esperança, este movimento a contragosto em direção, talvez, ao reconhecimento de que esta coisa nada romântica, fora de moda, esta instituição de frases feitas – tão improvável e tão pouco acalentadora, tão ao arrepio de tudo o que tanto

amaram – pode efetivamente manter sob controlo as fauces aguçadas da amante. O processo é precisamente o inverso daquilo que os levou a entrar: as substâncias começam a ser tão magicamente fantásticas, tão a peça que falta no quebra-cabeças que mesmo no início se sabe no íntimo que nunca serão dececionantes; sabe-se isso. Mas são. E então este sistema anárquico, piroso e sensaborão de reuniões em lugares baratos, de lemas banais, sorrisos de sacarina e café intragável é tão desajeitado que se sabe logo que não é possível que funcione a não ser para o mais retinto tarado... e então Gately parece descobrir que o Alcoólico Anónimo acaba por ser o amigo leal que ele pensava ter perdido ao entrar. E aguenta-se e permanece-se sóbrio e tem-se um bom comportamento e, mesmo que seja devido ao simples terror da-mão-queimada-no-fogão, presta-se atenção aos improváveis avisos para continuar a assistir às reuniões noturnas inclusive depois de se ter perdido a vontade de consumir a substância e a pessoa sente que finalmente controla a situação e já pode andar sozinha, mas contudo não faz isso, toma nota das advertências inverosímeis, porque nesse momento não tem confiança em si própria em termos de ser capaz de discernir o que é realmente improvável e o que não é, já que os AA, com toda a sua improbabilidade, parecem funcionar, e sem confiança nos próprios sentidos fica confuso, desconcertado, e quando os veteranos AA a aconselham energicamente a que continue a assistir, assente como um autómato e continua a assistir e varre o chão, limpa os cinzeiros e enche caixas metálicas de café horrendo e continua a ajoelhar-se todas as manhãs e todas as noites para pedir ajuda a um céu que ainda parece um escudo polido contra todos aqueles que lhe pedem ajuda – como pode rezar a um «Deus» em que ainda se crê que só os tontos creem? – mas os velhos dizem que pouco interessa se acredita ou não, Limita-te a fazer isso, dizem, e a pessoa, como um organismo treinado por meio de choques sem nenhum tipo de vontade humana independente, faz exatamente o que lhe dizem, volta todas as noites e agora faz o impossível para que não a corram do sinistro centro de reabilitação onde inicialmente fazia tudo para que a despachassem, aguenta e aguenta reunião após reunião, dia quente após dia frio... e não só o desejo da substância está mais longe, mas também coisas mais gerais, de qualidade de vida, tão improvavelmente prometido no início, quando entrou, essas coisas parecem de uma maneira ou de outra melhorar pouco a pouco, no seu interior, depois pioram, depois melhoram mais, depois pioram durante um

dado período de uma maneira que é melhor, mais real, e sente-se estranhamente de olhos abertos, e isso é bom por mais horríveis que sejam muitas coisas que agora vê em si mesma, e nessas alturas tudo é tão improvável e inatingível que fica tão desconcertada que se convence de que todos aqueles anos de substâncias lhe afetaram o cérebro e pensa que o melhor que tem a fazer é ficar naqueles AA de Boston onde veteranos que parecem estar menos afetados – dizem-lhe com frases simples e sintéticas mas imperativas exatamente o que deve fazer e onde e quando (embora nunca Como nem Porquê); e nesse instante, começa a ter uma quase clássica fé cega nos mais velhos, uma fé cega neles que não é devida a nenhum fanatismo ou a uma qualquer crença mas à crua convicção de que não lhe resta nenhuma fé em si mesma[135]; e agora se os veteranos lhe dizem Salta, pede-lhes que levantem a mão para indicar a altura desejada, e agora eles possuem-na e ela é livre.

Outro orador do Grupo de Estudos Básicos Avançados, cujo primeiro nome Gately não consegue ouvir devido ao sonoro Olá que o público lhe dedica mas cujo apelido começa por E, um tipo ainda mais corpulento do que John L., um imigrante irlandês com um gorro, um polo do Sinn Fein e uma barriga que parece um saco oscilante de alimentos e um cu bem visível a condizer, partilha a sua experiência de esperança enumerando as recompensas que advieram da sua decisão de entrar e meter a rolha na garrafa e a tampa no frasco de fentermina clorídrica[136] e deixar de conduzir camiões de longo curso durante noventa e seis horas seguidas em estado de psicose química. As recompensas da abstinência, sublinha, foram muito mais que meramente espirituais. Só nos AA de Boston é possível ouvir falar um imigrante cinquentão que lhe dá para o lirismo quando fala do seu primeiro movimento de tripas sólido capaz na sua vida de adulto.

– ... eu era um confirmado cagão que borrava as sanitas todas sei lá há quantos anos. Fui proibido de entrar nas cagadeiras das paragens de camionista daqui até Norfolk durante anos. Gastaba-lhes o cabrão do papel higiénico todo. Mas isso já acabou, mas nunca m’hei de esquecer do que tinha de passar. Foi uma canseira até hoje. Estibe três meses sóbrio. Tinha de ir ao trono lá de casa, percebeis? Mesmo quando estaba sóbrio tinha problemas, mas um dia tibe uma surpresa tão grande que nem quis acreditar. Não conseguia reconhecer o que estaba a cagar, era sólido. Pensei que me tinha caído a carteira na sanita, juro por Deus. Agachei-me para olhar para dentro da sanita e o que bi era fantástico, grande e

sólido. Estaba ali uma cagada extraordinária. Um cagalhoto que parecia um grande pão castanho. Incríbel. Uma berdadeira cagada. E é por isso que agradeço a Deus desde essa altura, meus amigos, aquele cagalhão quase tinha bida própria. E ajoelhei-me e agradeci a Deus e tenho-lhe agradecido desde então, de manhã e à noite, sempre que bou cagar.

A cara curtida do homem está radiante. Gately e os outros Bandeiras Brancas riem-se às gargalhadas, uma cagada que quase tinha vida própria, uma ode a uma cagada sólida, mas os olhos opacos de alguns recém-chegados que ocupam as últimas filas abrem-se numa íntima identificação e numa possível esperança que mal ousam imaginar... Uma certa mensagem foi-lhes transmitida.

O maior trunfo de Gately enquanto funcionário interno da Ennet House, além do tamanho dele, que não é coisa despicienda quando é necessário manter a ordem num lugar onde há recém-chegados acabados de sair da fase de desintoxicação que rebolam os olhos como vacas anestesiadas e tem um brinco na pálpebra e uma tatuagem que diz nascido para chatear –, além de os braços dele terem o tamanho daqueles pedaços de carne que raramente se veem fora do gancho do carniceiro, o grande trunfo dele é que tem uma estranha habilidade para contar a sua própria experiência de ódio à primeira vista que sentiu pelos AA a esses recém-chegados que detestam a instituição e não gostam nada de ser obrigados a assistir a reuniões onde têm de se sentar bastante perto do orador para lhe verem os poros e ouvirem essas tretas improváveis carregadas de lugares-comuns noite após noite. A associação de AA parece ser ao princípio uma coisa coxa e realmente é, diz Gately aos novos residentes, e diz que não espera de maneira nenhuma que acreditem que funciona porque ele está a dizer que funciona se se sentirem suficientemente infelizes e desesperado para desprezarem o senso comum e aguentarem durante algum tempo. Mas diz que lhes vai dar um indício de uma grande coisa acerca dos AA: *Não podem correr convosco*. Estais dentro se dizeis que estais dentro. Ninguém vos pode expulsar, seja qual for a razão. O que quer dizer que podeis dizer *tudo* aqui. Falar de cagalhões, se quiserdes. A integridade molecular da merda não é nada. Gately afirma que desafia qualquer novo residente da Ennet House a que tente escandalizar e apagar os sorrisos das caras dos AA bostonianos. É impossível, diz. Estes tipos já ouviram de tudo, literalmente. Enurese. Impotência. Priapismo. Onanismo. Incontinência projetada. Autocastração. Elaboradas

fantasias paranoicas, a mais espantosa megalomania, comunismo, brichismo marginal, bundismo-nacional-socialista, depressões psicóticas, sodomia, bestialismo, carícias às próprias filhas, exibicionismo a todos os níveis de indecência. Coprifilia e –fagia. O Grande Poder para o Bandeira Branca Glenn K. é *Satanás*, porra. É certo que ninguém do Grupo Bandeira Branca gosta muito de Glenn K., e aquela coisa com o albornoz encapuchado, a maquilhagem e o candelabro que nunca larga provoca alguns murmúrios, mas Glenn é um membro enquanto quiser aguentar.

Por isso podeis dizer o que vos apetecer, diz-lhes Gately. Ide assistir à reunião de novatos às 19h30 e levantai a mão trémula e dizei a verdade nua e crua. Podeis estabelecer as associações que vos aprouverem. Deixai-vos levar pela corrente. Esta manhã, depois da meditação matinal obrigatória, Gately estava a dizer ao recém-chegado Ewell, o advogado minúsculo obcecado por tatuagens, com um rubor de hipertenso e uma pequena barba branca, estava a dizer-lhe como ele, Gately, depois de ter melhorado bastante após trinta dias de abstinência, descobriu um dia que podia levantar a manápula na reunião de novatos para dizer publicamente até que ponto detestava aquelas idiotices dos AA sobre gratidão, humildade e milagres e até que ponto odiava isso e pensava que era uma treta e que odiava os AA, e até que ponto todos eles lhe pareciam uns perfeitos imbecis sem energia com os seus sorrisos lobotomizados e os seus maus cheirosos sentimentos e até que ponto lhes desejava o pior dos males em violento tecnicolor, e ali estava ele sentado, derramando vitríolo, com os lábios húmidos e as orelhas a arder, fazendo tudo para que o pusessem na rua, *tentando* indignar de propósito os AA para que lhe dessem um pontapé e ele pudesse voltar imediatamente para a Ennet House e contar à inválida Pat Montesian e ao seu conselheiro Gene M. como havia sido despachado pelos AA, que lhe tinham pedido que partilhasse os seus sentimentos mais profundos e ele tinha dito Muito bem, e havia partilhado os seus sentimentos mais profundos sobre eles e aqueles hipócritas sorridentes que o haviam ameaçado de punhos no ar e lhe tinham dito para ir levar... e naquelas reuniões o veneno saía dele mas descobrira que tudo o que aqueles veteranos Bandeiras Brancas faziam como grupo, quando lhes desejava o pior aos gritos, era concordar com ele com furiosos movimentos de cabeça em empática identificação e gritar como loucos «Continua a vir!», e um ou dois Bandeiras com períodos de abstinência médios aproximavam-se e

diziam-lhe que era ótimo ouvi-lo falar e partilhar aqueles sentimentos tão profundamente honestos, e até que ponto se identificavam, *porra*, com ele, e que tremendo favor lhes tinha feito oferecendo-lhes uma experiência já vivida, porque eles conseguiam recordar-se perfeitamente do tempo em que tinham os mesmos sentimentos que Gately, quer dizer, quando entraram, só que confessavam que não tinham tido a espinha direita para os partilhar com o grupo: de modo que, devido a uma inesperada reviravolta nos acontecimentos, Gately ali estava de pé sentindo-se uma espécie de herói dos AA, um prodígio de coluna vertebral vitriólica, frustrado e deliciado ao mesmo tempo e antes que lhe desejassem o melhor e lhe dissessem para voltar, não quiserem deixar de dar-lhe os seus números de telefone que escreveram na parte de trás das suas rifas, números de telefone para os quais Gately não era capaz de imaginar que alguma vez utilizaria (para dizer *o quê*, por amor de Deus?), mas descobriu que gostava de os trazer na carteira, talvez só para andar com eles para o caso de vá lá saber-se o quê; e então talvez um daqueles nativos de Enfield do Grupo Bandeiras Brancas, um velho com quantidade geológicas de abstinência às costas, um torcido e arruinado corpo e uns claros e brilhantes olhos se aproximasse a coxear de lado como um caranguejo depois de uma reunião em que ele tinha lançado vitríolo em todas as direções e estendesse o braço para lhe dar uma palmada no ombro suado e dizer-lhe com a sua velha voz de fumador tremebundo Bom, pelo menos pareces-me um sacana com tomates, cheio de mijo e vinagre e sabe-se lá que mais, e talvez te cures, Don, talvez, continua a vir e, se te interessa um conselho de alguém que emborcou mais álcool do que tu poderias consumir em toda a tua vida, tenta estar sentado nas reuniões com calma e com os ouvidos destapados e a boca fechada e ficares calado de uma vez por todas a ouvir, deve ser a primeira vez que vais realmente *ouvir* em toda a tua vida, e talvez acabes por te curar; e estes velhos não dão os seus números de telefone, Gately sabe que terá de engolir a seco o orgulho e finalmente *solicitar* aos membros decrépitos, soturnos e veteranos do Grupo Bandeira Branca, «Os Crocodilos», como lhes chamam os membros mais jovens, porque todos esses velhos tipos retorcidos costumam sentar-se juntos com os seus charutos que parecem cagalhões a um canto da cafetaria do Provident sob uma foto acetinada de dezasseis por vinte de crocodilos ou caimões que estão ao sol na margem verdejante de um rio algures, com a legenda meio cómica canto dos veteranos que alguém escreveu com

maiúsculas na parte de baixo da fotografia, e estes velhos estão ali a rodar os seus charutos verdes entre os dedos deformados falando pelos cantos da boca sobre assuntos muito sóbrios e totalmente misteriosos. Gately sente algum medo destes velhos AA com narizes varicosos, camisas de flanela, cabelo branco cortado à escovinha, dentes castanhos e olhares distantes e divertidos de avaliação, sente-se como uma espécie de idiota tribal de baixa categoria perante caciques com cara de pedra que governam por meio de um tácito decreto xamanístico[137], e, é claro, detesta os crocodilos por lhe fazerem sentir que os teme, mas de forma estranha acaba por desejar poder vir a ter o seu cantinho ao lado deles na grande cafetaria do Provident e olhar na mesma direção que eles olham, domingo após domingo, e depois descobre que até desfruta quando viaja a um máximo de trinta quilómetros por hora nos seus sedãs com vinte e cinco anos de antiguidade e perfeitamente conservados quando começa a participar em compromissos do Grupo Bandeira Branca que visita outros grupos de AA de Boston. Com o tempo, aceita uma seca sugestão e começa a contar publicamente no estrado a sua tétrica história pessoal em nome do Grupo Bandeira Branca, o grupo que o fez mudar de vida e do qual é agora membro oficial. É isto que se faz quando se é novato e se tem aquilo que se chama o dom do desespero e se está disposto a fazer qualquer coisa para continuar no bom caminho; essa pessoa torna-se portanto membro oficial de um grupo e inscreve o seu nome e a data do início da abstinência no registo oficial do secretário do grupo e trata de conhecer pessoalmente os outros membros e andar com os números de telefone deles na carteira como se fossem talismãs; e, ainda mais importante, a pessoa tem de se tornar ativa no grupo; no caso dos AA de Boston de Gately, *ativo* significa não só varrer o chão cheio de pegadas depois do Padre Nosso, preparar o café e esvaziar os cinzeiros cheios de beatas imundas e charutos ascorosamente molhados de saliva, mas também estar presente com regularidade a horas preestabelecidas no lugar de encontro dos Bandeiras Brancas, o restaurante Elit (o arrancador do *e* final de néon não funciona) ao lado do Steve’s Donuts no Enfield Center, disposto a beber litros de café para depois entrar nos sedãs bem conservados dos Crocodilos cujas suspensões muito sofrem com o peso de Gately e com os olhos irritados pela cafeína e o fumo dos charutos, e a angústia de ter de falar em público, em direção a, digamos, Grupo Alegria de Viver de Lowell, Grupo Garrafa Tapada de Charlestown, ou Centro Estadual de

Desintoxicação de Bridgewater ou Quinta da Honra de Concord, juntamente com estes velhos porque, à exceção de um ou dois outros novatos pálidos e de olhos irritados que também têm o dom do desespero absoluto, são quase todos Crocodilos com tempo geológico de abstinência às costas aqueles que viajam nestes carros; são na sua maioria os tipos que permaneceram sóbrios durante décadas do Grupo Bandeira Branca e que ainda vão assistir a todos os compromissos, não faltam em circunstância alguma, mesmo quando os Celtics fazem um jogo da máxima importância, estes tipos continuam a percorrer o velho caminho do compromisso e permanecem ferozmente ativos no seu grupo; e os Crocodilos do carro convidam Gately a comprovar que a coincidência da feliz abstinência a longo prazo e a feroz e incansável atividade dos AA não é efetivamente coincidência. A parte de trás dos pescoços deles está carregada de rugas. Os Crocodilos que vão no banco da frente semicerram os olhos brilhantes e com bolsas e observam pelo retrovisor Gately, sentado com os outros novatos no banco de trás que se afunda sob o seu peso e dizem que não se conseguem lembrar de quantos novatos viram entrar para depois serem atraídos de novo para fora, gente que entrou nos AA durante apenas algum tempo, conseguiram passar uma temporada sóbrios e as coisas começaram a melhorar dentro da cabeça deles e na vida quotidiana. Mas ao fim de algum tempo tornam-se atrevidos, decidem que já estão bem e põem-se a trabalhar no novo emprego que a sobriedade lhes granjeou ou então compram bilhetes para a temporada dos Celtics ou redescobrem as cricas e começam a andar atrás delas (estes sacanas enrugados, torcidos, desdentados e absolutamente pós-sexuais dizem mesmo *cricas*), mas seja como for estes cabrões destes pobres novatos atrevidos e ignorantes começam pouco a pouco a afastar-se de toda a intensa atividade no grupo, pouco a pouco desaparecem por completo das reuniões do grupo e então, sem a proteção da reunião do grupo, algum tempo depois – oh, há sempre muito adiante: a doença tem uma paciência diabólica –, esquecem-se do sucedido, esquecem-se de quem são e do que são, esquecem-se da doença, até que um dia estão, digamos, num jogo entre os Celtics e os Sixers e está muito calor no velho e querido Fleet/First Interstate Center, e pensam que mal lhes poderá fazer uma cerveja espumosa depois de tanto tempo de temperança e quando já estão bem. Só uma cervejinha fresca. Como é que isso pode fazer mal. E depois dessa primeira vez é como se nunca tivessem deixado de beber, porque têm a doença.

E ao fim de um mês ou de seis meses ou de um ano têm de voltar a entrar, voltar à sala de reuniões e ao velho grupo, cambaleantes, com DT, com a cabeça entre os joelhos outra vez, ou talvez passem cinco ou dez anos antes de que consigam arranjar a vontade necessária para voltar a entrar, mais uma vez derrotados ou então o sistema deles não está preparado para resistir a abusos recorrentes depois do tempo de abstinência e morrem Lá Fora – os Crocodilos falam sempre baixinho, num tom à Vietname, sobre *Lá Fora* –, ou ainda, o que é pior, matam alguém quando estão bêbedos e passam o resto dos seus dias na prisão de MCI-Walpole a beber aguardente de passas fermentada numa sanita sem assento tentando lembrar-se do que fizeram lá fora para estarem dentro; ou então muito pior ainda estes novatos convencidos voltam Lá para Fora e não têm nada suficientemente horrível para acabar com eles e começam a beber vinte e quatro horas por dia, trezentos e sessenta e cinco dias por ano, voltam a não-viver, atrás da grades, não-mortos, de regresso à jaula da doença uma vez mais. Os Crocodilos comentam que não se conseguem recordar do número de tipos que entraram durante algum tempo e voltaram para fora e morreram ou ainda não chegaram a morrer. Chegam a apontar com o dedo para alguns deles – homens cinzentos e espectrais caídos no passeio com todos os seus pertences num saco do lixo – quando os Bandeiras Brancas passam lentamente nos seus carros bem conservados. O velho Francis G., que sofre de enfisema, gosta em especial de abrandar o seu *LeSabre* na esquina onde esteja um merdas de um sem-abrigo esparramado de pernas abertas no chão que já foi um AA para, abrindo a janela, lhe gritar: «Espero que te estejas a divertir!»

É claro que – os Crocodilos dão cotoveladas uns aos outros, soltam gargalhadas e arquejam –, quando aconselham Gately a aguentar nos AA e a tornar-se furiosamente ativo ou acabará por morrer na lama, dizem que se trata de uma *sugestão*. E guincham e engasgam-se e dão palmadas nos joelhos quando dizem isso. É uma graçola clássica de veterano. Não há dúvida que, devido a uma tradição ratificada por todos, não há obrigações entre os AA de Boston. Não há doutrinas nem dogmas nem normas. Ninguém pode ser expulso. Ninguém tem de fazer o que lhe mandam fazer. Só se faz aquilo que se quer fazer... se é que ainda se confia naquilo que parece dar prazer. Os Crocodilos riem-se às gargalhadas e arquejam e batem no tabliê e bamboleiam-se no assento da frente numa clara demonstração de abjeto regozijo de AA.

Os AA de Boston consideram-se uma anarquia benigna, pensam que qualquer ordem existente é uma função do milagre. Nada de regulamentos nem obrigações, só amor e apoio e de vez em quando uma humilde sugestão que é o produto da experiência partilhada. Um movimento não autoritário e isento de dogmas. Gately, em geral um cínico talentoso, com uma antena apurada para captar tretas, precisou de mais de um ano para se aperceber de que maneira os AA de Boston são de facto dogmáticos *sub rosa*. É claro que se espera que não se ingira nenhum espécie de substância; isso é evidente, mas a linha oficial da Fraternidade é que se se tem uma recaída ou um deslize, se se estraga a coisa ou se se esquece ou se vai Lá para Fora por uma razão para consumir substâncias e voltar a carregar o tambor da doença, querem que a pessoa saiba que não só a convidam mas também a urgem a regressar às reuniões o mais depressa possível. São bastante sinceros neste aspeto, já que de início muitos novatos fraquejam um pouco em termos de abstinência total. É suposto que ninguém seja julgado nem punido pelo seu erro. Toda a gente está ali para ajudar. Toda a gente sabe que a pessoa que cometeu o erro já sofreu um castigo suficiente só por ter ido Lá para Fora e que precisa de um desespero e de uma humildade notáveis para engolir o orgulho e voltar a entrar e deixar de desejar a substância depois de ter lixado tudo pela primeira vez e a substância estar a chamar por ela novamente. Há aquela espécie de compaixão em relação a quem erra que só a empatia possibilita, embora alguns AA abanem a cabeça com complacente desprezo quando descobrem que a pessoa que cometeu o deslize não teve em consideração algumas das suas sugestões mais essenciais. Até os recém-chegados que ainda não estão em condições de deixar a substância e aparecem com duvidosas protuberâncias em forma de garrafa nos bolsos dos casacos e se inclinam progressivamente para estibordo à medida que a reunião avança são convidados a regressar, a aguentar, enquanto não se tornam muito incómodos. Os ébrios são desaconselhados de conduzir até casa depois do Padre Nosso, mas ninguém se empenha em tirar-lhes as chaves do carro. Os AA de Boston apostam completamente na total autonomia do membro individual. Pedem que se faça o que se quiser. Há, sem dúvida, uma meia dúzia de sugestões básicas[138] e é claro que as pessoas que insolentemente decidem que querem respeitar as sugestões básicas estão constantemente a ir Lá para Fora e depois a regressar cambaleantes e de cabeça baixa confessando no estrado que não observaram as recomendações

e que pagaram muito cara a sua obstinada arrogância e aprenderam a lição da maneira mais dura mas que agora estão de regresso e, por amor de Deus, vão seguir as sugestões *à letra* e toda a gente vai ver se não é assim. O padrinho de Gately Francis G., O Crocodilo a quem por fim Gately teve a coragem de pedir que fosse seu padrinho, compara as recomendação completamente opcionais dos AA de Boston a, digamos, por exemplo, que se alguém vai saltar de um avião, é-lhe *sugerido* que use um paraquedas. Mas é claro que a pessoa faz o que quiser. Então desata a rir e a tossir tanto que tem de se sentar.

A porra é que a pessoa tem de *querer*. Se não *quer* fazer o que lhe dizem para fazer – isto é, o que lhe sugerem que faça –, isso significa que a sua vontade pessoal ainda manda; Eugenio Martínez, na Ennet House, nunca se cansa de repetir que a vontade pessoal é a teia em que a doença se senta para tecer. A vontade a que se chama própria deixou de o ser há não se sabe quantos anos encharcados de substância. Está atravessada de lado a lado pela fibrose aracnídea da doença. O termo dele para a doença é: *A Aranha*[139]. E há que matar à fome a Aranha: a pessoa tem de entregar a sua vontade. É por esse motivo que a maior parte das pessoas que entram e aguentam só o faz depois de a sua emaranhada vontade pessoal quase as ter matado. É necessário querer entregar a vontade a quem sabe como se mata a Aranha à fome. É necessário seguir as sugestões que são feitas, aceitar a tradição do anonimato, da humildade, saber entregar-se à consciência do grupo. Se a pessoa não obedece, não é expulsa. Não faz falta. Acabará por ir Lá para Fora se seguir os ditames da sua vontade doente. Se calhar é por este motivo que todos os membros do Grupo Bandeira Branca se aplicam tanto a ser repugnantemente humildes, bondosos, serviçais, amáveis, imparciais, organizados, resolutos, empreendedores, modestos, generosos, justos, diplomáticos, pacientes, tolerantes, atentos e verdadeiros. Não é o grupo que os obriga a ser assim. É que as únicas pessoas que chegam a ser capazes de se manterem durante bastante tempo nos AA são aquelas que de bom grado procuram ser todas essas coisas. É por isso que os novatos cínicos e os recém-chegados à Ennet House ficam com a ideia de que um AA veterano é uma estranha mistura de Gandhi e Mr. Rogers com tatuagens, fígado inchado e sem dentes que costuma bater na mulher e enganar as filhas e agora faz rapsódias sobre os movimentos das tripas. Tudo é opcional; ou se faz ou se morre.

Por isso, Gately ficou intrigado durante algum tempo com o facto de estas

reuniões dos AA em que ninguém mantinha a ordem serem tão metódicas. Sem interrupções nem brigas, sem insultos nem mexericos venenosos, sem disputas pela última bolacha que há na bandeja. Onde estava o duro bailio que devia garantir o cumprimento dos princípios que que eles garantiam ser a única maneira de salvar a pele? Pat Montesian, Eugenio Martínez e o Crocodilo Francis G. não respondiam às perguntas que Gately lhes fazia sobre a manutenção da ordem. Todos lhe lançavam sorrisos evasivos e lhe diziam Continua a vir, uma apotegma que parecia a Gately tão gasta como «Devagar se vai ao longe» ou «Vive e deixa viver».

Como é que as coisas acabam por ficar gastas? Por que razão a verdade não é apenas pouco interessante mas frequentemente desinteressante? Porque todas as pequenas miniepifanias que se têm nas primeiras fases nos AA são sempre poliestericamente banais, concede Gately aos residentes. Conta-lhes como, na qualidade de residente, depois de uma fase pós-*punk grunge*-industrial na Praça Harvard, um tipo chamado Bernard mas que queria que o tratassem por *Plasmatron-7*, tinha bebido sete frascos de *NyQuil* na casa de banho dos homens do primeiro piso e caído para a frente e enterrado a cara no prato de puré de batata instantâneo e sido de imediato expulso e levado em braços para a paragem da Linha Verde na Av. Commonwealth por Calvin Thrust, e Gately passou da camarata de cinco homens para novatos para o velho catre de *Plasmatron-7* no quarto para três homens menos novatos, Gately teve um epifânico sonho noturno relacionado com os ASA que é o primeiro a admitir ter sido banalmente corriqueiro[140]. No sonho, Gately e várias filas de cidadãos nada interessantes e medíocres estavam ajoelhados em almofadas de poliéster numa cave horrível de igreja de bairro pobre ainda que as paredes fossem como que de vidro fino, limpo e transparente. Estavam todos ajoelhados em almofadas de poliéster baratas mas confortáveis, e era estranho porque ninguém parecia ter uma ideia clara sobre a razão que os levava a estarem ali ajoelhados e não havia ninguém que se parecesse a um chefão ou a um bailio a obrigá-los a ajoelharem-se e, contudo, tinham a sensação de que havia um motivo tácito qualquer que explicava por que estavam ajoelhados. Era um daqueles sonhos que não faziam sentido, mas que pareciam tê-lo. E nesse momento uma mulher que estava à esquerda de Gately levantou-se de repente como se fosse espreguiçar-se e à medida que se erguia foi empurrada por uma força terrível que a succionou

através de uma das claras paredes de vidro da cave, e Gately revirou os olhos à espera do estrondo do vidro partido mas a parede ficou intacta, apenas deixou passar a mulher como se fosse líquida, para voltar a fechar-se onde a mulher tinha passado e depois nunca mais a viram. Gately notou que a almofada da mulher e mais algumas à volta estavam vazias. E foi então que, quando deitou uma vista de olhos ao seu redor no sonho, Gately, ao pousar a vista nos canos expostos do teto, se apercebeu de que, rodando lenta e silenciosamente pela cave um metro acima das cabeças de diferentes formas e cores da assembleia de joelhos, havia um comprido e simples pau curvo, como o cajada de um pastor gigante, como o gancho que aparece à esquerda do palco e puxa os atores que tiveram más atuações para os livrar dos tomates, movendo-se lenta e circularmente sobre as cabeças deles, quase com recato, como se estivesse a vigiar; e quando um tipo de aspeto inofensivo com um casaco de lã se levantou e foi apanhado pelo gancho e lançado de costas através da membrana de vidro silenciosa, Gately virou a cabeça o mais que pôde sem sair da almofada e conseguiu ver logo do outro lado da parede de vidro a figura de autoridade, vestida de uma maneira extraordinariamente elegante, que manejava o gigantesco cajado de pastor com uma mão enquanto examinava friamente as unhas da outra a coberto de uma máscara que era pura e simplesmente a cara circular e sorridente que acompanhava os convites e desejava que se tivesse um belo dia. A figura era tão impressionante e digna de confiança e segura de si mesma que era simultaneamente tranquilizadora e dominadora. A figura de autoridade irradiava alegria, muito encanto e uma infinita paciência. Manejava o grande pau com fria determinação, como o pescador que sabe muito bem que não vai devolver ao mar aquilo que pescar. O pau lento e silencioso com o gancho é que os mantinha ajoelhados ali em baixo, descrevendo pequenas circunferências barrocas por cima das cabeças deles.

Uma das tarefas rotativas que cabem aos funcionários internos da Ennet House é ficarem acordados toda a noite nos escritórios centrais para a Vigilância de Sonhos – as pessoas que estão nas etapas iniciais da desabituação têm frequentemente sonhos de genuíno horror ou traumaticamente sedutores relacionados com as substâncias, ou às vezes banais mas epifanicamente importantes, e é necessário que o encarregado do turno de Vigilância de Sonhos esteja a preencher relatórios ou a fazer flexões ou a olhar pela grande janela da

sala principal do rés do chão dos escritórios centrais, preparado para fazer café, prestar atenção aos sonhos dos residentes e oferecer a típica interpretação prática ao estilo dos AA de Boston sobre as possíveis implicações do sonho do residente em tratamento em processo de recuperação –, mas Gately não precisou de descer as escadas aos tropeções para que o funcionário de turno lhe explicasse o que quer que fosse porque aquele sonho era demasiado poderoso e banalmente óbvio. Para Gately, era evidente que os AA de Boston tinham ao seu serviço o mais duro, eficiente e implacável bailio do planeta. Gately ficou parado, com os membros pendurados das bordas do catre, a larga e quadrada testa perlada de revelação: o bailio dos AA de Boston estava *do lado de fora* das salas de reuniões, naquele Lá Fora tão invocado onde havia bares apaixonantes e cheios de alegria sob luzes de néon e de garrafas que estavam sempre a ser esvaziadas. O promotor da lei dos AA estava sempre Lá Fora, omnipresente; passava despercebido a arranjar as cutículas sob a fluorescência adstringente da farmácia da esquina que aceitava receitas falsas de *Talwin* cobrando preços impossíveis, sob a luz sedosa de candeeiros de teto protegidos por bolas de papel nas salas mobiladas de enfermeiras viciadas que financiam a manutenção das suas próprias jaulas vendendo amostras farmacêuticas roubadas, no fedor a éter dos consultórios de velhos médicos que fumam sem parar e estão sempre dispostos a trocar uma receita desde que ouçam a palavra «dor» e haja dinheiro à vista. Na casa de um VIP canadiano afogado no seu próprio ranho e no gabinete do implacável procurador de justiça cuja mulher opta por uma dentadura postiça aos trinta e cinco anos de idade. O disciplinador dos AA tinha muito bom aspeto, cheirava ainda melhor, andava vestido de forma a impressionar e o sorriso dele sobre um fundo amarelo nunca afrouxa quando com total sinceridade deseja que se tenha um belo dia. O último belo dia. O último.

E essa foi a primeira noite em que o cínico Gately prestou voluntariamente atenção à sugestão de se ajoelhar ao lado do seu estreito catre com as molas rebentadas da Ennet House para pedir ajuda a uma coisa em que ainda não acreditava, pedir para que a sua doentia vontade mordida pela Aranha fosse extraída dele e fumigada e esmagada.

Mas infelizmente acontece que nos AA de Boston também há dogma; e em parte é antiquado e pretensioso. E existe um calão desconcertante na Fraternidade, um dialeto de blablablá psicológico que no início é quase

impossível compreender, diz Ken Erdedy, o universitário e executivo quase recém-chegado à Ennet House, queixando-se a Gately no intervalo, com rifa incluída, da reunião do Grupo Bandeira Branca. As reuniões dos AA de Boston são incomumente longas, uma hora e meia em vez de uma hora, como é costume a nível nacional, mas aqui também goza um intervalo formal de cerca de quarenta e cinco minutos em que se pode comer uma sanduíche ou umas bolachas e a sexta chávena de café, dar um passeio ou conversar e relacionar-se, pondo os padrinhos de lado para confidenciar uma banalidade ou uma confusão emocional que em privado o padrinho pode rapidamente validar mas que também pode situar no contexto mais urgente da necessidade primária de não ingerir hoje nenhuma substância, apenas hoje, aconteça o que acontecer. Enquanto toda a gente estabelece vínculos e faz interface num bizarro sistema de frases feitas, é realizado o sorteio das rifas, outra característica da idiossincrasia de Boston: os mais recentes membros do Grupo Bandeira Branca que tentam ser ativos em prol do grupo passam com cestos de vime cheios de papelinhos, a um dólar cada um ou cinco a três, e no fim é anunciado o vencedor e toda a gente assobia e grita «Aldrabice!» e ri-se, e um vencedor recebe um Grande Livro ou um exemplar de *As Bill Sees It* ou *Came To Believe*[*1] e se já os tem porque já pratica a abstinência há bastante tempo e já os recebeu em tômbolas anteriores oferece-os publicamente a qualquer recém-chegado que os queira, o que implica que qualquer recém-chegado que tenha suficiente e humilde desespero para se aproximar e pedir arrisca-se a que lhe deem um número de telefone que deve guardar na carteira.

Neste intervalo para o sorteio das rifas do Grupo Bandeira Branca, Gately costuma dar um passeio a fumar cigarro atrás de cigarro na companhia dos residentes da Ennet House, pelo que está disponível para responder a perguntas e mostrar empatia perante queixas. Em geral espera até que a reunião tenha terminado para apresentar as suas próprias queixas a Francis G., com quem agora partilha a importante tarefa de «desmontar o salão», varrer o chão, esvaziar os cinzeiros e limpar as compridas mesas da cafetaria; a atividade de F.G. é bastante reduzida porque precisa de oxigénio e o seu contributo consiste essencialmente em ficar de pé aspirando oxigénio com um charuto apagado na mão enquanto Gately desmonta o salão. Gately nutre bastante simpatia por Ken Erdedy, que chegou à Ennet House há quase um mês vindo de um elegante

centro de desintoxicação de Belmont; Erdedy é um tipo da classe alta, aquilo a que a mãe de Gately teria chamado um *yuppie*, um diretor financeiro da agência de publicidade Viney & Veals, em pleno centro da cidade, segundo diz o seu formulário de entrada, e embora tenha quase a mesma idade que Gately, tem um ar tão suavemente elegante que parece um modelo e é característico dos licenciados em Harvard e Tufts, e está sempre tão bem arranjado de calças de ganga e camisola de algodão simples que Gately acha que ele, sem uma única cã, é muito mais novo e refere-se mentalmente a ele como «o puto». Erdedy está na Ennet House devido essencialmente a «problemas de consumo de marijuana», e a verdade é que Gately tem dificuldade em identificar-se com quem arranja problemas tão graves por causa da erva que o forcem a deixar o emprego e o apartamento para se instalar numa sala cheia de tipos tatuados que fumam enquanto dormem e trabalhar numa bomba de gasolina (Erdedy acaba de iniciar os seus nove meses de trabalho humilhante na estação de serviço Merit, na Rua North Harvard, em Allston) durante trinta e duas horas semanais com um salário mínimo. Ou que tenha sempre a perna a tremer daquela maneira devido às tensões causadas pela desabituação; por causa da porra da erva? Mas quem é Gately para dizer o que é e o que não é suficientemente mau para que alguém entre, apenas pode falar por si; e também há uma nova rapariga com boas curvas, mas num estado deplorável, uma tal Kate Gompert, que, quando não está nas reuniões, passa quase o tempo todo na cama na nova Camarata 5 para mulheres e tem um Contrato de Suicidalidade com Pat e não está sujeita à habitual pressão de ter de aceitar um emprego de ínfima categoria e recebe alguns tipos de fármacos vindos do armário do médico todas as manhãs; e Danielle S., a supervisora de Kate Gompert, informou na última reunião do pessoal que finalmente Kate se tinha aberto e dito que também estava ali sobretudo por causa da marijuana e não por causa dos tranquilizantes receitados que tinha indicado no formulário de admissão. Gately havia consumido erva como quem fuma cigarros. Não era como os outros drogados que fumam erva quando não têm mais nada; ele sempre fumou erva e sempre consumiu outras coisas. Gately não tem grandes saudades da erva. O milagre AA do tipo choque é tal que presentemente nem sequer sente falta do demerol.

Um forte vento de novembro salpica e projeta gelo líquido contra as grandes janelas que há em todas as paredes da sala. A cafetaria do Centro de

Recuperação Provident está iluminada por um conjunto à maneira de tabuleiro de xadrez de candeeiros de teto institucionais, alguns dos quais estão sempre em baixo e dão uma luz estroboscópica que treme sem parar. Estas lâmpadas que piscam constantemente são a razão pela qual Pat Montesian e todos os outros AA fotofóbicos da zona nunca assistem às reuniões do Grupo Bandeira Branca e optem pelo Grupo Freeway, de Brookline, ou pelas reuniões amaricadas da Rua Lake, em West Newton, ao domingo à noite, às quais Pat bizarramente se desloca desde a sua casa de South Shore, em Milton, para ouvir as pessoas falarem dos seus psicanalistas e dos seus *Saabs*. É impossível adivinhar os gostos dos AA. A sala do Grupo Bandeira Branca está tão iluminada que a única coisa que Gately consegue ver do outro lado das janelas é uma espécie de escuridão brilhante que parece babar-se contra o pálido reflexo dos presentes.

Milagre é um dos termos dos AA de Boston de que Erdedy e a muito recém-chegada e instável rapariga velada que o ultrapassa em altura se queixam, pois custa-lhes a engolir frases como «Aqui somos todos milagres» ou «Não saias cinco minutos antes do milagre» ou «Estar sóbrio durante vinte e quatro horas é um milagre».

Mas a nova rapariga, Joelle V. ou Joelle D., afirmou que tinha assistido a algumas reuniões antes de bater no fundo e que não tinha gostado mesmo nada, e ainda se mostrava bastante cínica e enojada, disse ela a Gately quando se dirigia para Provident sob a supervisão direta dele como nova residente, disse que até achava a palavra milagre preferível ao paleio habitual dos AA sobre «a graça de Deus» que lhe fazia lembrar o lugar onde tinha crescido: lá, os lugares de prece eram frequentemente caravanas de alumínio ou barracas de contraplacado e os paroquianos brincavam com serpentes venenosas durante os serviços religiosos para honrar uma coisa qualquer relacionada com cobras e línguas[*2].

Gately também observou que Erdedy falava sem mexer a mandíbula inferior, como é da tradição nos tipos de Harvard-Tufts.

– É como se fosse um país ou coisa assim – queixa-se Erdedy, com as pernas cruzadas de uma maneira um pouco amaricada de miúdo de escola, deitando uma vista de olhos para o que se passa no intervalo do sorteio, sentado à sombra generosa de Gately. – A primeira em que falei, na reunião em St. E de quarta-feira, houve uma pessoa que me abordou depois do Padre-Nosso para me dizer: «Foi bom ter ouvido o que disseste, consegui identificar-me com esse fundo de

que falaste, o isolamento, o não-posso-não-posso, ao ouvir-te, senti-me bem, como não me sentia há muitos meses.» E depois entregou-me esta rifa com o número de telefone dele, coisa que não lhe tinha pedido, e acrescentou que estava ali para o que fosse necessário. Pareceu-me que estava a ser um pouco paternalista.

O melhor som que Gately produz é o riso, que sobe e dá confiança, e uma certa dureza angustiada desaparece-lhe do rosto quando se ri. Como acontece com a maior dos homens corpulentos, Gately tem uma voz bastante rouca; parece que tem a laringe comprimida.

– Eu ainda detesto essa coisa de estar sempre onde se deve estar – disse a rir.

Gately gosta que Erdedy, sentado ao seu lado, o olhe diretamente nos olhos e mostre que concorda fazendo breves movimentos de cabeça e lhe preste a máxima atenção. Gately desconhece que isto é um dos requisitos indispensáveis dos executivos; estes devem mostrar que estão a prestar toda a atenção aos seus clientes, que pagam uma data de dinheiro precisamente para que lhes prestem toda a atenção possível. Gately ainda não é bom a avaliar as pessoas das classes altas, a não ser naquilo que está relacionado com os lugares onde guardam os seus objetos de valor.

Os AA de Boston, ao colocarem toda a ênfase no grupo, são intensamente sociais. O intervalo prolonga-se e prolonga-se. Um sem-abrigo bêbedo, sem dentes, com o nariz cheio de veias e os sapatos cobertos de fita isoladora tenta cantar *Volare* ao microfone do estrado vazio. Um Crocodilo, com uma sanduíche numa mão e a outra no ombro dele, fá-lo gentil e alegremente descer do estrado. Há um certo *pathos* na bondade do Crocodilo, com o braço coberto de flanela limpa por cima do ombro sujo; Gately aprecia este *pathos* e sente-se bem por ser capaz de o apreciar.

– Pelo menos – diz –, deixou de ser importante para mim o «Gostei de te ouvir». É o que dizem quando alguém acaba de falar em público. Não podem dizer «Bom trabalho» ou «Falaste bem», porque aqui ninguém tem o direito de julgar os outros ou se fizeram bem, mal ou o que seja. Compreendes o que te estou a dizer, Tiny?

Tiny Ewell, de fato azul, cronómetro laser e diminutos sapatos tão brilhantes que seria possível ler com o reflexo que produzem, partilha um imundo cinzeiro de alumínio com Nell Gunther, que tem um olho de vidro; gosta de o pôr com a

pupila e a íris viradas para dentro para que se possa ver o lado em branco com as especificações do fabricante em letra miudinha. Ambos fingem examinar a falsa madeira amarelada da mesa. E Ewell mostra um assomo de rebeldia ao não levantar os olhos nem responder a Gately nem entrar na conversa, decisão que é só dele, de modo que Gately não faz nem diz nada. Wade McDade tem o *walkman* ligado, coisa que, embora esteja bem tecnicamente durante o intervalo, não é uma grande ideia. Chandler Foss limpa os dentes com fio dental e finge que vai atirar o fio usado a Jennifer Belbin. A maioria dos residentes da Ennet House mantém boas relações entre si. O casal de residentes negros mistura-se com os outros negros[141]. O jovem Diehl e Doony Glynn divertem-se a contar piadas sobre homossexuais a Morris Hanley, que acaricia o cabelo com as pontas dos dedos e finge que não se apercebe de que ainda tem a mão esquerda entrapada. Alfonso Parias-Cabo está com três tipos do Grupo de Allston, sorrindo e assentindo e sem entender nada do que lhe estão a dizer. Bruce Green desceu as escadas para ir à casa de banho dos homens e Gately achou graça que lhe tivesse pedido autorização para o fazer. Gately respondeu-lhe que fizesse o que lhe desse na gana. Green também tem braços fortes e não tem barriga, apesar de todas as substâncias, e Gately suspeita que deve ter jogado beisebol num dado momento da sua vida. Kate Gompert está sentada à mesa dos não fumadores sozinha, junto de uma janela, sem fazer caso do seu pálido reflexo e construindo pequenas tendas de cartão com as suas rifas que move de um lado para o outro. Clenette Henderson junta-se a outra negra e ri-se e exclama «Moça!» várias vezes. Emil Minty está agarrado à cabeça. Geoff Day, de camisola de gola alta preta e *blazer,* mantém-se perto dos diferentes grupos fingindo que participa nas conversas. Não há sinais imediatos de Burt F. Smith nem de Chalotte Treat. Randy Lenz, com os seus famosos bigodes e patilhas, está certamente a falar ao telefone na cabina da esquina nordeste do vestíbulo do Provident: Lenz passa um tempo quase inaceitável a falar ao telefone ou a tentar ficar numa posição que lhe permita usar um telefone.

– Porque aquilo – diz Gately a Erdedy (Erdedy está mesmo a ouvi-lo embora haja uma jovem atraentemente vulgar de minissaia branca e absurdas meias pretas sentada com as pernas lindamente cruzadas – também traz calçados uns *Ferragamos* pretos com uma única presilha e salto raso – que está na periferia da sua visão; a mulher está sentada ao lado de um matulão, o que a torna ainda mais

atraente; e tem igualmente ao seu lado as coxas e os seios da nova rapariga do véu que distraem e atraem ainda que os tenha dentro de uma folgada camisola azul que condiz com o debrum do véu) – aquilo de que realmente gosto é que «Gostei de te ouvir» acabe por corresponder a duas coisas diferentes.

Gately também se dirige a Joelle, que, é esquisito, pode ver-se que está a olhar para as pessoas mesmo com o véu de linho posto.

Esta noite é capaz de haver uma dúzia ou mais de pessoas com véu no salão dos Bandeiras Brancas; uma percentagem razoável de pessoas das doze etapas da Associação dos Horrível e Improvavelmente Disformes também faz parte de outros agrupamentos que tratam de assuntos que não tem nada que ver com a deformidade horrível. Muitos dos AA com véu são mulheres, embora haja um membro da AHID, Tommy F. ou S., que é um Bandeira Branca ativo e há alguns anos adormeceu num colchão acrílico com uma garrafa de Rémy e um *Tiparillo* aceso; agora o tipo usa véu e uma gama completa de golas altas de seda, diversos chapéus e finas luvas de condutor em pele de borrego. Alguém explicou a Gately um par de vezes a filosofia da AHID, mas ainda não a percebeu; na sua opinião, o véu é uma demonstração de dissimulação e vergonha. Pat Montesian disse-lhe que já tinha havido outros membros da AHID na Ennet House antes do Anos dos Produtos Lácteos da América Profunda, que foi quando o novo residente Gately entrou aos trambolhões, mas esta Joelle van Dyne, que Gately está a zero em termos de a entender como pessoa e também não está muito certo de que queira realmente deixar as substâncias e entrar para se curar, esta Joelle é a primeira mulher velada residente que está sob a sua supervisão desde que membro do pessoal. Esta Joelle, que nem teve de esperar os dois meses habituais para se ser admitida, chegou lá da noite para o dia graças a um acordo particular qualquer estabelecido com um dos membros da direção, tipos ricos de Enfield que se dedicam a ações de caridade. Não houve nenhuma entrevista com Pat antes de ela ingressar na Ennet House; a rapariga limitou-se a aparecer há dois dias, depois do jantar. Tinha estado no Hospital Brigham cerca de cinco dias, depois de uma terrível situação de *overdose* que, tanto quanto parece, incluiu desfibriladores e sacerdotes. Tinha malas a sério e uma espécie de biombo chinês com nuvens e dragões de olhos salientes que até se podia fechar e foi necessário que Green e Parias-Cabo o carregassem pelas escadas acima. Não se falava de nenhum emprego humilde para ela e Pat tratava-a pessoalmente. Pat tinha

certamente um acordo pessoal com a rapariga em relação ao tratamento; Gately já tinha presenciado bastantes acordos privados entre certos membros da direção e residentes para perceber que talvez fosse um defeito de carácter da Ennet House. Há uma rapariga do Grupo de Jovens de Brookline com uma saia de chefe de claque e meias de puta que ignora todos os cinzeiros e pousa o cigarro extralongo diretamente em cima da mesa enquanto se ri como uma foca daquilo que lhe está a dizer um tipo cheio de acne com um comprido casaco de pelo de camelo que não despiu e sapatos de baile de couro sem meias que Gately nunca tinha visto em nenhuma reunião. E o tipo põe uma mão sobre as da rapariga enquanto ela apaga a beata. Apagar um cigarro no tampo de contraplacado de uma mesa (e Gately já está a imaginar o morrão negro que causa) é uma coisa cuja falta de classe nunca teria antes notado, mas agora que deve limpar a sala e as mesas de acordo com as sugestões de Francis Ferocious G., tem um sentimento de propriedade sobre as mesas. Mas não lhe cabe levantar-se para se lhe dirigir e dizer-lhe como se deve comportar. Contenta-se imaginando a rapariga a ser projetada pelos ares na direção de uma parede de vidro.

– Quando dizem isso, querem dizer com isso que aquilo que se disse foi bom para eles, que os ajudou de uma maneira ou de outra – diz –, mas eu agora também digo isso porque se se pensar no assunto quer dizer que foi bom para mim ter ouvido o que foi dito. Ser capaz de ouvir. – Tenta com subtileza olhar alternadamente para Erdedy e para Joelle, como se estivesse a falar para os dois. Não tem grande habilidade para essas coisas. Tem uma cabeça demasiado grande para essas subtilezas. – Porque me lembro de que durante os primeiros sessenta dias ou coisa assim não conseguia ouvir um corno. Não ouvia nada. Limitava-me a ficar sentado e a comparar, dizia para os meus botões coisas como: «Nunca conduzi um carro», «Nunca perdi a mulher», «Nunca deitei sangue pelo reto». Gene dizia-me sempre que continuasse a vir porque um dia acabaria por ouvir e escutar. Disse que é muito difícil saber ouvir. Mas nunca me explicou qual era a diferença entre ouvir e escutar, coisa que me chateou a sério. Mas ao fim de algum tempo comecei realmente a *ouvir*. Acontece... e isto talvez seja só para mim... acontece que ouvir o orador significa que subitamente eu ouvia até que ponto eu e ele tínhamos sentido a mesma coisa Lá Fora, batendo no fundo, antes de entrar. Em vez de ficar sentado, chateado por estar ali e a pensar em como ele sangrava do cu e eu não e isso queria dizer que eu ainda não estava tão mal

como ele e ainda podia estar Lá Fora.

Um dos truques para se ser realmente útil para os recém-chegados é não lhes dar conselhos nem lições mas apenas falar da própria experiência pessoal e daquilo que se ouviu e daquilo que se descobriu, e fazer isso de uma maneira natural mas positiva e encorajadora. Além disso, espera-se do Alcoólico Anónimo que se identifique o mais possível com os sentimentos do recém-chegado. Francis Ferocious G. afirma ser esta a maneira de um tipo com um ano ou dois de abstinência ser mais útil: sendo capaz de se identificar sinceramente com os doentes e sofredores acabados de entrar. Francis Ferocious contou a Gately enquanto estavam a limpar as mesas que se um Crocodilo com décadas de abstinência nos AA era ainda capaz de se identificar sinceramente com um recém-chegado de olhos esbugalhados e desorientado afetado pela doença, então havia qualquer coisa muito fodida na recuperação desse Crocodilo. Os Crocodilos com décadas de sobriedade vivem numa galáxia espiritual completamente diferente, interior. Um veterano descreve isso dizendo que é como se tivesse um castelo espiritual interior completamente novo e único onde pode viver.

Parte da atração que a rapariga nova, Joelle, desperta em Erdedy não reside apenas na qualidade sexual do corpo dela, que ele acha muito mais sensual por causa da maneira em que a camisola azul folgada e manchada de café tenta reduzir a atração sem chegar à ousadia de a abafar totalmente – o sexo descontraído atrai Erdedy como uma luz acesa atrai uma borboleta –, mas no véu, de modo que se interroga sobre que possível horrível contraste com o encanto corporal está escondido, inchado ou retorcido, atrás daquele véu; isso dá à atração uma inclinação lateral perversa que é ainda mais perturbante e por isso E. tem de mover ainda mais a cabeça em direção a Gately e de semicerrar os olhos para que o seu olhar de atenção se torne mais terrivelmente intenso. Não sabe que no seu olhar há uma distância abstrata que dá a ideia de que está a examinar um ferro número sete diante do buraco dez ou coisa do género; o olhar não comunica aquilo que ele pensa que o seu público quer que comunique.

Está a acabar o intervalo do sorteio das rifas quando todos começam a querer ter o seu próprio cinzeiro. Pela porta que há ao lado da mesa dos livros saem da cozinha mais dois grandes recipientes cheios de café. Dos atuais residentes E. deve ser o segundo maior agitador de pés e pernas, depois de Geoffrey D. Joelle

v.D. diz agora uma coisa muito estranha. É um pequeno momento muito estranho, mesmo no fim do intervalo das rifas, que Gately sente mais tarde ser impossível de descrever no registo do turno da noite. É a primeira vez que nota que a voz de Joelle – fresca, profunda e estranhamente indolente, com um sotaque sulista quase impercetível e um estranho toque de Kentucky na pronúncia das apicais, a não ser o *esse* – lhe é familiar de uma maneira remota e contudo Gately tem a certeza de não a ter conhecido Lá Fora. Ela inclina por momentos o plano do seu véu azul bordado para os ladrilhos do chão (ladrilhos de péssima qualidade, desbotados, nauseabundos: a pior característica da sala), volta a nivelá-lo (ao contrário de Erdedy, está de pé e tem quase a altura de Gately) e diz que aquilo que considera ser particularmente difícil de aceitar é quando estas pessoas honestas e devastadas dizem quando estão no atril que «Não estariam ali se não fosse pela graça de Deus», mas não é isso que é estranho naquilo que diz, porque quando Gately concorda com um movimento de cabeça e começa a interrompê-la com «Era o mesmo para...» com a intenção de avançar para cantilena típica dos AA que lhes serve para aplacar os agnósticos e que informa que o Deus do lema não passa de uma forma fácil de denominar um «Poder Superior» perfeitamente subjetivo e opcional e os AA são uma organização essencialmente espiritual e não dogmaticamente religiosa, uma espécie de anarquia benigna do espírito subjetivo, Joelle interrompe-o com secura e diz-lhe que o problema *dela* em relação a isso é que «Se não fosse pela graça de Deus» está no conjuntivo e é uma expressão hipotética, diz ela, e só faz sentido quando se introduz uma oração condicional, como, por exemplo, «Se não fosse pela graça de Deus eu teria morrido no chão da casa de banho de Molly Notkin», de modo que uma transposição no indicativo como «Estou aqui se não fosse pela graça de Deus» carece completamente de sentido e, *ouça*-a ela ou não, é um absurdo, e o espumante entusiasmo com que uma pessoa pode dizer uma coisa que não faz o menor sentido fá-la querer meter a cabeça dentro de um forno só de pensar que as substâncias a trouxeram até ali, a um lugar onde tem de ter uma fé cega neste tipo de linguagem. Gately olha para o retângulo de linho debruado a azul, cujo leve movimento quase não faz alusão a quaisquer traços que estejam por baixo; olha para ela e não percebe se está a falar a sério ou não, ou se está louca, ou se tenta, como o doutor Geoff Day, levantar fortificações de autodestruição com elementos de exibicionismo intelectualoide; e não sabe o que

responder, não tem absolutamente nada na sua cabeçorra que o identifique com ela ou lhe permita elaborar uma réplica otimista e, por instantes, a cafetaria do Provident parece ficar em silêncio e o seu próprio coração estremece como uma criança que bate nas grades do seu parque de jogos e sente a sinistra onda de um terror antigo e quase esquecido e durante um momento parece-lhe óbvio que numa fase qualquer da sua vida voltará a drogar-se e regressará à jaula, porque durante um segundo o véu que o olha parece uma tela na qual bem podia estar projetada uma cara despreocupada e impressionante, uma sorridente cara negra e amarela, e sente que os músculos da sua cara afrouxam e caem para os joelhos; e o momento prolonga-se ali, distendido, até que que o coordenador das rifas de novembro do Grupo Bandeira Branca, Glenn K., desliza para o microfone do estrado com o seu o albornoz encapuchado, a maquilhagem e o candelabro com velas da cor dos ladrilhos do chão e usa o malhete de plástico para anunciar que o intervalo chegou ao fim e recolocar as coisas no ponto que ali faz as vezes de ordem para que se realize a extração do prémio. O tipo de Watertown com um período médio de abstinência que ganha o Grande Livro oferece-o publicamente a qualquer recém-chegado que o queira, e Gately fica feliz quando vê Bruce Green levantar o braço e decide que há de perguntar a Francis Ferocious que história é aquela de conjuntivos e frases hipotéticas, e a criança sai sozinha do parque dentro dele, e os rebites da comprida mesa a que o seu banco está ligado emitem um curto som de aflição quando ele se senta para a segunda parte da reunião e pede ajuda em silêncio para que tenha a força de vontade suficiente para tentar realmente ouvir ou morrer na tentativa.

A gigantesca Senhora de Liberty Island, no porto da cidade de NNI, tem o Sol por coroa e prende debaixo de um braço de aço o que parece ser um imenso álbum de fotografias; o outro braço segura um produto. Esse produto é sempre mudado no dia 1 de janeiro por homens intrépidos equipados com pitons e gruas.

Mas é divertido o que os AA de Boston acham ser divertido nas suas reuniões, ouvindo. O tipo seguinte dos Estudos Básicos Avançados convocado pelo chefe brilhantemente calvo e vestido à vaqueiro é clara e terrivelmente pouco divertido: dolorosamente novato mas fingindo estar à vontade, ser um veterano, desesperado por ser divertido e impressioná-los. O tipo tem o género de formação profissional em que se está habituado a impressionar ajuntamentos de pessoas. Está mortinho por que gostem dele. Está a representar. O público

Bandeira Branca apercebe-se disso. Até os três autênticos imbecis do grupo o percebem claramente. Não é um público normal. Um Alcoólico Anónimo de Boston é muito sensível às manifestações do ego. Quando o novo tipo se apresenta e faz um gesto irónico e diz: «Disseram-me que me foi concedido o dom do desespero. Estou à procura do guiché onde o possa trocar.» Tudo soa a previamente ensaiado e está isento de qualquer espontaneidade, além de cometer a ofensa capital de emitir uma mensagem que mais parece depreciar o programa que o ser; ouvem-se apenas uns ténues murmúrios e as pessoas mexem-se nas cadeiras com um ligeiro sinal de desconforto. O pior castigo que um orador de compromisso pode sofrer é quando os anfitriões se envergonham dele. Os oradores que estão habituados a descortinar aquilo que o público quer ouvir e para depois o fornecer depressa descobrem que esse público não quer ser informado sobre a coisa que alguém crê que ele quer ouvir. Trata-se de mais um enigma que acaba por esgotar o vapor cerebral de Gately. Uma das maneiras de uma pessoa se sentir confortável nos AA de Boston é esgotar o vapor cerebral tentando compreender assuntos desta natureza. Porque não faz literalmente qualquer sentido. Cerca de duzentas pessoas que castigam alguém porque se envergonham desse alguém, matando-o ao morrerem empaticamente ali com ele, por ele, ali no estrado. Os aplausos no final do discurso transmitem um sentimento de alívio como de um punho que se abre, e os gritos de «Volta!» são tão sinceros que se tornam dolorosos.

Mas então, num contraste igualmente paradoxal, deite-se uma olhadela ao orador de Básicos Avançados que vem aí – este homem alto e desvalido como um saco vazio, também dolorosamente novato, só que, pobre diabo, completa e abertamente de nervos destrambelhados, cambaleando a caminho do estrado, com a cara brilhante de suor e um discurso carregado de sinais de pontuação sem sentido e saltos no vazio – enquanto ele fala com um terrível desgosto e morto de vergonha por tentar manter o seu emprego Lá Fora à medida que as suas ressacas matinais se tornavam cada vez mais fortes e debilitantes e por fim ficou tão trémulo e afásico que deixou de conseguir mostrar a cara ou suportar os clientes que batiam à porta do seu departamento; trabalhava das 08h00 às 16h00 no Departamento de Reclamações dos Supermercados Filene:

– O que acabei por fazer, meu Deus, não sei onde fui buscar uma ideia tão estúpida, peguei naquele martelo que tinha em casa e levei-o para o emprego e

escondi-o debaixo da minha secretária, no chão, e quando alguém batia à porta, eu... era como se *mergulhasse* para o chão para rastejar debaixo da secretária e pegar no martelo, e começava a martelar na perna da secretária, com força, pumba-pumba, pumba-pumba, como se estivesse a arranjar alguma coisa. E se acabassem por abrir a porta para ver o que eu estava a fazer ou começavam a queixar-se de que eu não lhes abria a porta, permanecia escondido debaixo da secretária continuando a martelar como um doido e gritava que já saía, era só um momento, reparações urgentes, que já ia ter com eles num abrir e fechar de olhos. Suponho que podem imaginar a sensação que aquelas marteladas produziam em mim, ali enfiado, da maneira que eu tinha a cabeça de manhã. Ficava escondido debaixo da secretária e martelava e martelava até que finalmente se rendiam e iam embora; e eu olhava do sítio onde estava e sabia que tinham realmente ido embora porque lhes podia ver os pés espreitando por baixo da secretária.

E continuou a contar como funcionou quase incrivelmente todo aquele disparate de se esconder debaixo da secretária para se pôr a martelar ao longo de praticamente todo o seu último ano de alcoolismo, que tinha acabado no passado Dia do Trabalho, quando um queixoso vingativo descobriu em que lugar do Filene poderia apresentar uma queixa contra o Departamento de Reclamações – e os tipos do Grupo Bandeira Branca estavam encandeados, estavam encantados e divertidos. Os Crocodilos tiravam os charutos da boca e rugiam e fungavam e batiam com os pés no chão e mostravam os dentes corroídos e toda a gente dava claras mostras de identificação e prazer. Tudo isto apesar de a história não pretender ser divertida, como orador tornava claro com o seu ar de confusão: aquilo era a pura e simples verdade.

Gately descobriu que só pode ser a verdade, é isso que importa. Está a tentar ouvir os oradores com todas as suas forças – manteve o hábito que adquiriu quando era residente da Ennet House de se sentar onde pudesse ver as dentaduras e os poros deles, sem nenhum obstáculo e sem cabeças entre ele e o estrado, de modo que o orador ocupa todo o seu campo de visão, o que facilita ouvi-lo, e ele tenta concentrar-se para poder receber a mensagem em vez de se pôr a pensar naquele estranho e obscuro momento de terror afásico com a rapariga velada e pseudointelectual que provavelmente está no meio de uma complexa fase de denegação ou de um tétrico lugar de onde ele sente que

provém aquela voz suave, sem ressonâncias e com um vago sotaque sulista. A questão é que aqui tem de ser a verdade, só assim passa para os outros. Não pode ser um ato calculista congeminado com a intenção de agradar ao público, tem de ser uma verdade não tendenciosa nem camuflada. E sem ironia nenhuma. Uma pessoa irónica numa sala de reuniões dos AA de Boston é como uma bruxa numa igreja. Trata-se de uma zona livre de ironia. O mesmo se passa com a pseudosinceridade manipuladora, matreira e dissimulada. A sinceridade com uma motivação ulterior é uma coisa que estas pessoas duras e estragadas conhecem bem; todas elas estão treinadas para recordar as fortificações timidamente sinceras, irónicas e justificatórias que foi preciso construir para continuar a viver Lá Fora, sob a garrafa de néon incessante.

Contudo, não quer dizer que não se possa falar sem dizer nada ou sem ser hipócrita. É uma coisa bastante paradoxal. Os Bandeiras Brancas desesperados e acabados de entrar na fase de sobriedade são estimulados a invocar e falar por falar de sentenças que ainda não compreendem e em que não acreditam, como, por exemplo, «Com calma vai!», e «Passa adiante!» e «Um dia de cada vez!». Isto chama-se «Fingir até conseguir!», que em si mesmo é um lema muito utilizado. Alguém que esteja num compromisso e se levante para falar em público começa por dizer que é um alcoólico, diz se acha que ainda o é ou não; depois toda a gente que vai para o estrado manifesta até que ponto está grata por estar sóbria nesse dia e até que ponto é bom ser ativo e participar num compromisso com o seu grupo, mesmo que não esteja nada grato nem satisfeito. É-se estimulado a dizer essas coisas até que se comece a acreditar nelas; e quando se pergunta a alguém com um período razoável de abstinência às costas durante quanto tempo se terá de que assistir àquelas malfadadas reuniões, ele fará um sorriso irritante e responderá que será até que se comece a *querer* assistir a todas aquelas malfadadas reuniões. Há evidentes elementos de culto e de lavagem ao cérebro no Programa AA (o termo *programa* tem ressonâncias obscuras para todos aqueles que receiam ser sujeitos a uma lavagem ao cérebro) e Gately tenta ser sincero a esse respeito com os novos residentes. Mas também pode encolher os ombros e dizer no final das suas carreiras de consumidor de drogas por via oral e de assaltante de casas, tomou mais ou menos a decisão de que o seu cérebro devia no fim de contas estar a precisar de uma boa esfrega com água e sabão. Diz que pegou no cérebro e pediu a Pat Montesian e a Gene

M. que fizessem o favor de lho lavar. Mas também lhes diz que agora pensa que o programa talvez seja mais de desprogramação que de lavagem ao cérebro, tendo em conta os danos psíquicos que a Aranha da doença causou em todos eles. O mais nítido progresso de Gately no enfoque da vida à volta da sobriedade, além de não andar de noite à cata dos bens das outras pessoas, é que procura ser o mais justo e o mais verbalmente honesto que lhe seja possível ser em quase todas as alturas, sem se preocupar demasiado com a maneira como o seu ouvinte vai reagir perante o que lhe está a dizer. Isto é mais difícil do que parece. Por essa razão, quando está num compromisso e sua no estrado como só um homem corpulento pode suar, diz sempre que hoje tem a sorte de estar sóbrio, em vez de dizer que hoje está grato por estar sóbrio, porque considera que a primeira afirmação é sempre verdadeira, todos os dias, até porque muitas vezes não está grato, talvez esteja é bastante pasmado por ver que aquela coisa parece funcionar, além de se sentir bastantes vezes envergonhado ou deprimido por ter passado metade da vida daquela horrível maneira e com medo de ter uma lesão cerebral ou ficar atrasado mental para sempre por causa do consumo de substâncias, além de em geral não fazer a menor ideia do lugar para onde vai com a abstinência nem do que deveria estar a fazer nem realmente do que quer que seja a não ser que não está nada disposto a voltar Lá para Fora atrás das grades. Francis Ferocious gosta de lhe dar um murro no ombro e de lhe dizer que está no lugar onde deve estar.

Mas também convém saber que a atribuição ocasional, como a ironia, é a morte na linguagem do compromisso. As veias das fontes dos Crocodilos incham e palpitam de irritação quando alguém começa a atribuir as culpas da doença a uma causa externa, e todos os veteranos da sobriedade empalidecem e torcem-se nas cadeiras. Veja-se, por exemplo, o desconforto do público do Grupo Bandeira Branca quando uma rapariga magra e de feições duras dos Estudos Básicos Avançados que é a oradora que se segue afirma que foi uma drogada de oito saquetas de erva diárias porque aos dezasseis anos tinha sido obrigada a tornar-se *stripper* e quase uma puta no infame Clube Naked I na Estrada 1 (vários olhos masculinos brilham de súbito reconhecimento e, apesar da automática circunspeção, percorrem de cima a baixo o corpo da rapariga; Gately vê que todos os cinzeiros que estão na mesa saltam devido à força do estremeção de Joelle V.), e depois que se tinha tornado *stripper* aos dezasseis

porque fora forçada a fugir de casa da família que a adotara em Saugus, Massachusetts, porque... – aqui o desconforto as pessoas deve-se em grande parte a que sabem que a etiologia vai ser muito prolixa e enrevesada; esta rapariga ainda não aprendeu a ser simples –... porque, bem, para começar, havia sido adotada, e os pais tinham uma filha biológica, e a filha biológica, desde o nascimento, era paralítica, atrasada mental e catatónica, e a mãe adotiva estava – como depois Joelle V. dirá a Gately – louca como um cabrão de um caranguejo e em total denegação com o facto de a filha biológica ser um vegetal, e não só insistia em tratar a filha biológica invertebrada como um membro válido da família dos vertebrados, mas também impunha que o pai e a filha adotiva a tratassem como se fosse normal e sã e fazia a filha adotiva partilhar o quarto com ela, levá-la com ela para passar a noite em casa de amigas (a oradora usa a expressão *Coisa* para se referir à irmã invertebrada, e falando com honestidade, também diz «arrastá-la» em vez de «levá-la», facto sobre o qual Gately muito sensatamente não se quer debruçar), e mesmo levá-la com ela para a escola e para o treino de *softball* e para o cabeleireiro e para os acampamentos de raparigas, etc.; e arrastasse a Coisa para onde a arrastasse, lá ficava ela como um saco de batatas, a babar-se e incontinente, sob a roupa requintada e à moda que a mãe lhe comprara e mandara arranjar de modo a ficar adaptada a atrofias e os melhores produtos de maquilhagem *Lancôme* que davam um ar *escabroso* àquela Coisa, e só se lhe via a esclerótica, escorriam-lhe líquidos da boca e de outros orifícios; faziam ruídos indescritíveis com a garganta, era completamente pálida, paralítica, e estava sempre húmida; e então, quando a filha adotiva atingiu os quinze anos, a mãe adotiva raivosamente católica e louca anunciou que muito bem, agora que a filha adotiva tinha feito quinze anos, já podia sair com rapazes sempre que levasse com ela a Coisa; por outras palavras, os únicos encontros que a filha adotiva podia ter com rapazes tinham de ser duplos, com a Coisa e qualquer acompanhante do género submamífero que a oradora conseguisse arranjar para a Coisa; e como esta situação se prolongou e prolongou; e como o pesadelo da contínua e ubíqua presença pálida e babada da Coisa na sua jovem vida tinha sido mais que suficiente para causar e explicar a posterior viciação nas drogas da oradora, segundo era opinião dela, mas também aconteceu que o patriarca tranquilo e sorridente da família adotiva, que trabalhava das 09h00 às 21h00. como mediador de seguros da Aetna, aconteceu

que o alegre e sorridente pai adotivo conseguiu que a mãe adotiva louca parecesse, se comparada com ele, uma coluna dórica de estabilidade mental e emocional, porque dava-se o caso de haver coisas na total maleabilidade paralítica e na incapacidade catatónica – a não ser para emitir indescritíveis gorgolejos – da filha biológica que o sorridente pai considerava estupendas a um nível muito doentio, e a oradora diz que tem dificuldade em falar nisso abertamente mesmo após trinta e um meses de abstinência com os AA, já que ainda se sente, retroativamente, muito ferida e traumatizada por causa disso; mas, em última instância, tinha sido obrigada a fugir do lar de adoção em Saugus e a tornar-se *stripper* no Naked 1 e uma drogada compulsiva não porque tivesse sido, como em tantos casos nada singulares, objeto de abusos incestuosos mas porque tinha sido abusivamente obrigada a partilhar o quarto com um invertebrado que estava sempre a babar-se que aos catorze anos era objeto de práticas incestuosas todas as noites por parte do sorridente pai biológico e mediador de seguros que, segundo parecia, fingia que a Coisa era Raquel Welch, uma antiga deusa do celuloide dos tempos do apogeu glandular do pai, que chegava a gritar RAQUEL! em momentos de incesto extremo; e como, no verão da Nova Inglaterra em que a oradora fez os quinze anos e foi forçada a arrastar a Coisa para os encontros duplos e depois voltar a rrastá-la de regresso a casa às 23h00, a fim de que a Coisa chegasse a tempo de ser objeto de abusos incestuosos, nesse verão o pai sorridente e tranquilo acabou por adquirir uma nojenta máscara de plástico, com cabelo, de Raquel Welch que tinha descoberto algures e de noite entrava às escuras no quarto e levantava a cabeça paralisada da Coisa e esforçava-se a pôr-lhe a *máscara* com os orifícios para permitirem a passagem do ar e então leva a coisa ao extremo e gritava RAQUEL! e então descia da cama e saía do quarto às escuras sorridente e saciado e muitas vezes deixava ficar a máscara posta na Coisa, gostava de fazer isso ou não se importava, sem prestar a mínima atenção (seja como for, graças a Deus) às formas magras e fetalmente encolhidas da filha adotiva, que na obscuridade estava completamente imóvel na cama, a fingir que dormia, em silêncio, mal respirando com a cara de feições duras e de pré-drogada virada para a parede, na cama ao lado, a cama dela, a que não tinha uma grade lateral que abria como as dos hospitais... Nesta altura, o público leva as mãos à cabeça coletiva, só parcialmente por empatia, enquanto a oradora especifica como *de facto* foi

emocionalmente *forçada* a fugir e a despir-se e a lançar-se nos braços da negra anestesia espiritual do consumo ativo de drogas numa tentativa disfuncional de lidar a nível psicológico com uma noite particular e seminalmente perturbadora de abjeto horror, de indescritível horror que viu no olhar da Coisa, da filha biológica, na última das incontáveis vezes em que a oradora tivera de sair da cama depois de o pai ter saído para se aproximar em bico dos pés da camada Coisa, para se inclinar por cima das frias grades laterias hospitalares com o objetivo de lhe tirar a máscara de plástico de Raquel Welch para a guardar numa gaveta da mesinha de cabeceira debaixo de alguns exemplares atrasados de *Ramparts* e *Commonweal*, depois de fechar cuidadosamente as pernas da Coisa e de lhe descer a elegante e manchada camisa de noite, coisas que ela fazia quando o pai não o fazia, para que a mãe adotiva louca não entrasse no quarto de madrugada e desse com a Coisa com uma máscara de Raquel Welch posta, a camisa de noite puxada para cima e as pernas abertas e somasse dois e dois e visse destruídos todos os tipos de profunda denegação relativamente às razões pelas quais o pai adotivo passava o tempo a cirandar pela casa adotiva com um sinistro sorriso silencioso e lhe desse um ataque e obrigasse o pai da catatónica invertebrada a deixar de lhe fazer aquelas coisas... porque, segundo a oradora, se o pai adotivo deixasse de violar a Coisa, não seria certamente Sally Jessy Raphael MSW[*3] a ser promovida ao papel de Raquel na cama ao lado. O silencioso e sorridente pai e mediador de seguros nunca se apercebeu dos arranjos pós-coitais realizados pela filha adotiva. É o género de cumplicidade tácita e doentia que é típico das famílias radicalmente disfuncionais, diz a oradora, que também acrescenta que sente muito orgulho por pertencer a uma organização de terapia de doze etapas especializada em relações entre crianças e adultos chamada Sobreviventes Feridos, Traumatizados, Inadequadamente Criados Mas Sempre Recuperáveis. Mas, diz, foi nessa noite particular, pouco depois de ter feito dezasseis anos, em que, depois de o pai ter entrado e saído e deixado despreocupadamente a máscara posta na Coisa, e a oradora teve de se aproximar da cama para arranjar a Coisa, só que desta vez aconteceu que surgiu um problema com os compridos cabelos ruivos de crina da máscara de Raquel Welch que estavam enredados na *coiffure* extraordinariamente volumosa e carregada de laca da Coisa e a filha adotiva teve de acender o perímetro das muitas luzes que havia no espelho da mesinha de cabeceira da Coisa para tentar

desenredar a cabeleira de Raquel Welch e quando por fim conseguiu tirar a máscara, com as luzes do espelho ainda acesas, a oradora diz que foi obrigada a olhar pela primeira vez para o iluminado rosto paralítico pós-violado e que a expressão que viu foi sem dúvida alguma suficiente para obrigar qualquer pessoa provida de sistema operativo de pernas[142] a fugir do seu lar adotivo e disfuncional e de toda a comunidade de Saugus, Massachusetts, e agora sem lar, traumatizada e levada por tenebrosas forças psíquicas foi diretamente para o infame antro iluminado a néon da Estrada 1, um centro de depravação e drogas, para tentar esquecer, rasurar a *tabula,* apagar totalmente a recordação, adormecê-la com opiáceos. Com voz trémula, aceita o lenço colorido que lhe é oferecido pelo diretor da reunião e assoa-se, um orifício primeiro e depois o outro, e diz que é quase capaz de voltar a ver a Coisa: a expressão da Coisa; à luz do espelho apenas se via a parte branca dos olhos e ainda que as completas catatonia e paralisia dela impedissem a contração dos músculos circum-orais do seu rosto sinistramente coberto de ruge de configurar qualquer tipo de expressão convencional humano-facial, contudo, uma camada horrivelmente movediça e expressiva nas regiões húmidas sob a camada de expressão facial das pessoas normais, uma camada capaz de palpitar lentamente que só a Coisa tinha, contraiu-se cegamente de uma maneira ou de outra para tornar o queijo branco da cara da Coisa no tipo de olhar contraído e anelante de concentração neurológica que marca um gozo carnal que transcende sorrisos ou suspiros. A cara dela era pós-coital do mesmo modo que uma pessoa imagina que os vacúolos e os órgãos de visão do protozoário ficam pós-coitais depois de ele ter esvaziado a sua carga monocelular nas águas frias de um oceano verdadeiramente primigénio. A expressão do rosto dela era, resumindo, inexplicável, diz a oradora, inesquecivelmente fantasmagórica, horrível e traumatizante. Era quase idêntica à expressão da senhora com roupas de pedra da fotografia sem título de uma estátua católica que estava pendurada (a fotografia) na sala daquele lar disfuncional, mesmo por cima da mesinha de teca onde a mãe adotiva e disfuncional colocava o seu rosário, o Livro de Horas e o breviário laico, essa fotografia de uma mulher de pedra cujas vestes estavam um pouco levantadas e amarrotadas da maneira mais sensualmente lasciva, essa mulher reclinada numa rocha, com a saia levantada e um pé pétreo pendendo da rocha e com as pernas abertas, com um anjinho tipo querubim a sorrir matreiramente e

com um aspeto completamente psicótico de pé entre as coxas abertas da mulher a apontar com um arco vazio para onde a pedra escondia a fria teta dela, a cara da mulher virada para cima e de lado e contraída no mesmo e exato olhar trémulo e protozoário que transcende o prazer ou a dor. A mãe adotiva tarada ajoelhava-se todos os dias diante da fotografia numa postura de adoração e prece e também exigia que todos os dias a filha adotiva retirasse a Coisa da sua nunca mencionada cadeira de rodas, lhe pegasse por baixo dos braços e a pousasse de maneira a que pudesse ficar na mesma postura de adoração, e a Coisa gorgolejava e bamboleava a cabeça, e a oradora observava a fotografia todos os dias com uma repulsa inominável enquanto sustentava aquele peso morto que era a cabeça da Coisa e tentava impedir que o queixo da Coisa ficasse encostado ao peito da Coisa, e agora estava a ser forçada a ver à luz do espelho a mesma e exata expressão na cara de uma catatónica que tinha sido incestuosamente violada, uma expressão ao mesmo tempo reverente e ávida num rosto ligado por cabelos mortos ao flácido e vazio fácies de borracha de uma antiga deusa do sexo. E para encurtar uma história longa (diz a oradora sem que esteja a tentar ser engraçada, como podem observar os Bandeiras Brancas), a criança adotada e traumaticamente ferida fugira do quarto e do lar adotivo diretamente para a inquietante noite de North Shore e tinha-se despido e semiprostituído e injetado até chegar àquele conhecido precipício em que só há duas opções, tentando apenas esquecer. E foi essa a causa, diz; é disso que está a tentar recuperar, um dia de cada vez, e não há dúvida que está grata por estar ali com o seu grupo, sóbria, recordando com coragem, e os recém-chegados têm mesmo de continuar a vir... Enquanto conta o que encara como uma verdade etiológica, e ainda que o seu monólogo pareça sincero e nada afetado e pelo menos capaz de conseguir um nove na escala AA até dez de lucidez, as expressões que se podem ver na sala são negativas, as pessoas têm as cabeças entre as mãos e mexem-se denotando preocupação e desagrado perante o olhai-o-que-me-aconteceu, pobre de mim, implícito na história, o tom de autocomiseração da palestra é menos ofensivo em si mesmo (embora muitos Bandeiras Brancas presentes na sala, como Gately sabe, tenham tido infâncias que fazem que a desta rapariga pareça um fim de semana num parque de diversões das montanhas Poconos) que a subcorrente de explicação, o apelo à *Causa* exterior que pode insidiosamente tornar-se para uma mentalidade propensa à droga numa *Desculpa* de modo que

qualquer atribuição causal é, entre os AA de Boston, temida, ignorada e punida com um empático desconforto. O *Porquê* da doença constitui um labirinto que se sugere intensamente a todos os AA que repudiem e está habitado pelos minotauros gémeos do *Porquê eu?* e *Por que não?,* pseudónimos para autocomiseração e denegação, dois dos sorridentes ajudantes de campo mais temidos do bailio. O «Aqui dentro» dos AA de Boston que protege do regresso a «Lá Fora» não tem nada que ver com explicações sobre aquilo que causou a doença. Refere-se a uma simples e prática receita para não deixar esquecer que se tem a doença todos os dias e como é possível tratar a doença todos os dias, como se deve impedir o sedutor fantasma de uma felicidade há muito afastada de nos deitar o isco e de nos pescar e de nos fazer voltar Lá para Fora e de nos comer cru o coração e (se tivermos sorte) de nos varrer do mapa. Por isso, não são permitidas expressões como porquê e porque. Por outras palavras, é conveniente analisar a cabeça antes de entrar. Embora não possa ser imposta convencionalmente, esta autêntica raiz axiomática dos AA é quase classicamente autoritária, talvez mesmo protofascista. Um tipo irónico que voltou Lá para Fora e deixou os seus magros pertences para que o pessoal da Ennet House os empacotasse e os guardasse no sótão, no Ano do Penso Medicinal *Tucks*, gravou para sempre com um canivete de cano de bota com cabo de pau-rosa o seu tributo à primeira diretiva dos AA no tampo de uma cadeira de plástico da camarata para cinco homens:

Não perguntes PORQUÊ
A não ser que queiras MORRER
Faz o que te MANDAM
Se quiseres chegar a VELHO[143]

---

*1 Publicações dos AA. *(N. dos T.)*
*2 Refere-se a glossolalia. *(N. dos T.)*
*3 Célebre anfitriã de um *talk-show*. *(N. dos T.)*

30 DE ABRIL-1 DE MAIO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

A COREOGRAFIA DE INTERFACE tinha assentado da forma seguinte: Steeply a fumar, com os braços nus cruzados, caminhando lentamente de cima para baixo em bicos de pés calçados com sapatos de salto alto, enquanto Marathe, um pouco encolhido na sua cadeira de rodas, com os ombros puxados para a frente e a cabeça ligeiramente inclinada numa posição muito experimentada que quase lhe permitia dormitar ao mesmo tempo que prestava atenção aos pormenores de uma conversa ou de uma vigilância cansativa. Tinha posto (Marathe) a manta por cima do peito. Estava cada vez mais frio naquela altitude. Podiam sentir os restos do calor do deserto de Sonora dos EUA que lhes passava por cima rumo ao coágulo de estrelas que havia no céu. A camisa que Marathe usava por baixo do anoraque não era do tipo havaiano.

Marathe continuava sem ter a certeza daquilo que Hugh Steeply do Departamento de Serviços Não Especificados dos EUA queria exatamente saber, ou confirmar, por via da traição de Marathe. Perto da meia-noite, Steeply tinha-o informado de que ele (Steeply) havia obtido uma licença marital por causa do seu recente divórcio, mas que agora estava de novo em ação, usando seios protésicos e um cartão de jornalista, e tinham-lhe atribuído a tarefa de cultivar a companhia dos familiares e das pessoas mais próximas do pretenso cineasta do Entretenimento. Marathe tinha-se rido com gentileza da falta de originalidade de se fazer passar por jornalista e depois, com menos gentileza, do falso nome de Steeply, expressando dúvidas meio divertidas sobre as possibilidades de o rosto carnudo e eletrolítico de Steeply poder servir para fazer zarpar uma única embarcação que fosse.

Tinha havido aquela primeira noite de brutal invernia, no início da era do Tempo Subsidiado da ONAN, pouco depois da projeção via InterLace de *O Homem Que Começou a Suspeitar Que Era de Vidro,* quando Ele Mesmo saiu da sauna e se dirigiu a Lyle todo encharcado e deprimido porque até os sacanas das revistas de *avant-garde* se queixavam de que mesmo nos seus filmes comerciais o calcanhar de Aquiles de Incandenza continuava a ser o argumento, que os

esforços de Incandenza não tinham um argumento atrativo nem possuíam aquele tipo de movimento que faz os espectadores entregarem-se ao filme e manterem o seu interesse até ao fim[144]. Mario e Joelle van Dyne são talvez as únicas pessoas que sabem que o drama encontrado[145] e o anticonfluencialismo nasceram dessa noite com Lyle.

Não é que os AA de Boston recuam perante a ideia de responsabilidade: Causa: não; responsabilidade: sim. Parece que tudo depende da direção que a seta da suposta responsabilidade toma. A *stripper* adotada e de ásperas feições apresentou-se como objeto de uma Causa exterior. Agora a seta dá meia volta quando a última e talvez melhor oradora dos Estudos Básicos Avançados, outra recém-chegada, uma rapariga rechonchuda e de dentes estragados por fumar cocaína, se levanta para falar com o sotaque sem erres do Sul de Boston sobre o facto de ter engravidado aos vinte anos e de fumar pedras de cocaína desalmadamente embora soubesse que isso fazia mal ao bebé e apesar de querer deixar de fumar com todas as suas forças. Fala de quando as águas rebentaram e das dores causadas pelas contrações a meio da noite e numa pensão da Segurança Social em pleno ato de consumir uma dose que tinha pago passando toda a tarde a prostituir-se da forma mais sórdida e degradante que se possa imaginar; fazia tudo o que fosse preciso para garantir que tinha com que se drogar, diz, mesmo durante a gravidez, diz, e diz que até quando as dores das contrações se tornaram insuportáveis tinha sido incapaz de largar o cachimbo para ir parir na clínica gratuita, e tinha-se deixado ficar sentada no chão do quarto da pensão a fumar durante todo o parto (o véu da novata Joelle move-se para dentro e para fora ao ritmo da respiração dela, nota Gately, como tinha acontecido durante a descrição feita pela anterior oradora do orgasmo da estátua na fotografia devocional da mãe católica e disfuncional da catatónica); e conta como acabou por parir, deitada de lado como as vacas, um bebé natimorto em cima da carpete sem nunca deixar de carregar compulsivamente o cachimbo de vidro e de fumar; e como o bebé emergiu seco e duro como um cagalhão, sem película húmida protetora e sem placenta; e como o bebé parido era minúsculo e ressequido e todo enrugado e da cor de chá forte, e estava morto, e também não tinha cara; no útero não havia desenvolvido olhos nem nariz e só tinha uma risca sem lábios como boca e os membros eram disformes e aracnoides e tinha uma

espécie de teia translúcida e reptiliana entre os dedos mucronados; a boca da oradora é um fremente arco de aflição; o bebé dela tinha sido envenenado antes de poder ter rosto ou poder fazer uma escolha pessoal; fosse como fosse, teria morrido pouco depois de falta de substância na incubadora *Pyrex* da clínica gratuita; ela sabia isso, durante todo o período de gravidez tinha fumado cachimbo após cachimbo; e então acabou a carga e fumou a gaze e o algodão do cachimbo e o pano do pré-filtro e depois, é claro, procurou na carpete alguns restos que fumou e por fim a rapariga teve um colapso enquanto ainda estava umbilicalmente ligada ao bebé morto; e como, quando recuperou os sentidos no dia seguinte sob a implacável luz do meio-dia, viu o que ainda estava pendurado por um cordão umbilical atrofiado às suas entranhas vazias, descobriu a realidade da seta da responsabilidade e enquanto contemplava à luz do dia o enrugado bebé sem cara morto sentiu-se tão avassalada pela dor e pelo desprezo que sentia por si própria que construiu um muro de negra e absoluta denegação, de denegação total. Abraçou e embalou o bebé como se ele estivesse vivo e começou a levá-lo para onde quer que fosse, como imaginava que fariam as mães normais; levava o corpo do bebé completamente velado e escondido numa pequena manta vermelha que a grávida e drogada mãe tinha comprado nos armazéns Woolworth quando estava grávida de sete meses, e também conservou intacto o cordão até que o cordão acabou por se soltar e cheirar mal, e ela levava o bebé morto para todo o lado, mesmo quando se prostituía sordidamente, porque, mãe solteira ou não, ela continuava a precisar de se drogar e ainda tinha de fazer tudo o que fosse preciso para arranjar a coca, por isso levava o bebé nos braços embrulhado na manta quando batia as ruas com os calções de veludo fúcsia, blusa com as costas ao léu e sapatos verdes de salto alto até que se começou a notar de forma evidente que, quando estava a dar a volta a um quarteirão – era agosto – digamos apenas que havia provas irrefutáveis de que o bebé envolto na manta manchada não era biologicamente viável e os transeuntes das ruas do Sul de Boston começaram a afastar-se com as caras brancas quando a rapariga passava por eles, uma rapariga cheia de estrias, com os dentes pretos e sem pestanas (perdeu as pestanas num acidente com a substância; o risco de incêndio e displasia dental acompanham sempre o consumo de base livre de cocaína), e, ao mesmo tempo, com um aspeto inquietantemente tranquilo, completamente alheada do desastre olfativo que propagava pelas ruas, onde fazia

um calor sufocante, mas muito rápida e compreensivelmente os seus negócios de agosto começaram a decrescer e em breve se propalou nas ruas a ideia de que ali havia um problema muito sério de denegação de criança e os seus colegas fumadores de coca do Sul de Boston e amigos de rua aproximavam-se com manifestações de amabilidade sem erres, lenços perfumados e mão que tentavam afastar amavelmente a manta e tentavam convencê-la a abandonar a denegação, mas ela ignorou-os a todos, defendeu o seu bebé de qualquer mal que lhe pudesse acontecer e agarrou-se a ele – de qualquer modo, agora era como se estivesse colado a ela e teria sido difícil descolá-lo à mão – e caminhava pelas ruas desprezada, sem clientes e sem dinheiro, na fase inicial da desabituação forçada, os restos da criança morta e do cordão pendurados de uma dobra permanente da manta comprada nos armazéns Woolworth agora sinistramente insuflada e estaladiça: falando de denegação, esta rapariga estava na primeira categoria das denegações; mas por fim um pálido e cambaleante polícia fez chegar um sinal de alerta histérico e olfativo ao célebre Departamento de Serviços Sociais da Av. Commonwealth – Gately vê que todas as mães alcoólicas que estão na sala estremecem e benzem-se perante a simples menção do DSS, o pior pesadelo de qualquer progenitor viciado, sede de várias e complexas definições de negligência e do aríete com ponta de tungsténio para rebentar portas com fechadura tripla; Gately vê refletida numa janela escura uma mãe, sentada com os AA de Brighton, que trouxe para a reunião as duas filhitas e, ao ouvir falar do DSS, abraçou-as com força, uma criança contra cada seio, enquanto uma dela se retorce como se estivesse preastes a urinar – mas a questão é que o DSS estava metido no caso e uma legião de funcionárias de campo impessoalmente eficientes do DSS, antigas alunas de Wellesley, com blocos de notas e assustadoras roupas pretas *Chanel* para executivas andam à caça nas ruas do Sul de Boston da oradora drogada e do falecido filho sem cara; e mais ou menos por esta altura do ano passado, durante a horrível onda de calor do final de agosto, as provas de que a criança tinha um sério problema de bioviabilidade começaram a adquirir tamanha contundência que nem mesmo a drogada dominada pela denegação e mãe da criatura podia ignorá-las ou omiti-las – provas que a reticência da oradora em as descrever (a não ser para referir que implicaram um problema de atração de insetos tornaram ainda piores as coisas para os os empáticos Bandeiras Brancas, já que estimulou a negra imaginação

que todos os consumidores de substâncias partilham em excesso –, e então a mãe diz que se rendeu olfativa e emocionalmente à avassaladora evidência no recreio de cimento à frente da do bloco de apartamentos abandonados do bairro social da falecida mãe na Rua Beach e uma equipa do DSS aproximou-se para finalizar a caçada e apanharam-na a ela e ao bebé; tiveram de enviar latas de solventes em *spray* do DSS para conseguir descolar a manta *Woolworth* do peito materno e os conteúdos da manta fora de uma maneira ou de outra reagrupados e enterrados num caixão do DSS que a mãe se lembra de ser do tamanho de uma caixa de maquilhagem *Mary Kay* e alguém com um bloco de notas informou medicamente a oradora de que o feto tinha sido involuntariamente intoxicado até à morte num momento qualquer do processo de gestação; e a mãe, após uma dolorosa operação de dilatação e curetagem para extirpar a placenta que ainda tinha no seu interior, passou os quatro meses seguintes internada numa enfermaria do Hospital Estadual Metropolitano de Waltham, Massachusetts, em estado psicótico por causa da denegação, da síndrome de desabituação forçada da cocaína e de um lacerante ódio a si mesma, eu quando lhe deram alta do hospital com o seu primeiro cheque da Segurança Social por incapacidade mental, descobriu que não lhe apeteciam os cristais nem os pós, só queria garrafas altas e estreitas com a palavra *Proof* escrita e bebeu e bebeu e bebeu e acreditou com todo o seu coração que nunca pararia nem engoliria a verdade, nas finalmente chegou onde tinha de chegar, diz, e engoliu-a, a verdade responsável; bebeu todo o caminho até à velha opção dupla do parapeito da janela da pensão e fez um telefonema balbuciante às 02h00 e, portanto, aqui pede desculpa por estar a falar tanto, tentando dizer a verdade que um dia espera ser capaz de aceitar no seu íntimo. Só para poder tentar viver. Quando termina pedindo que rezem por ela, quase nem parece pirosa. Gately tenta não pensar. Aqui não há causa nem desculpa. É simplesmente o que aconteceu. A última oradora é genuinamente nova, está preparada: queimou todas as defesas. De pele suave e com um tom cada vez rosado, no estrado, com os olhos franzidos, tem o aspeto de ser ela o bebé. Os anfitriões do Grupo Bandeira Branca concedem a este queimar da casca feito em público pela recém-chegada a homenagem máxima que os AA de Boston têm para dar: enquanto a observam e a ouvem, são forçados a tentar lembrar-se conscientemente de que têm de pestanejar. Há identificação sem o menor esforço. Ninguém faz juízos de valor. É óbvio que ela já foi

suficientemente punida. E no fim de contas, Lá Fora as coisas funcionam em todo o lado quase sempre da mesma maneira. E o facto de ter sido tão bom ouvi-la, tão bom que até os piores, como Tiny Ewell e Kate Gompert, a ouviram sem pestanejar, não só olhando para o rosto da oradora mas também para dentro dela, o que obrigou Gately a recordar outra vez que aventura tão trágica aquela é, uma aventura para a qual nenhum deles se inscreveu.

Tinha havido algumas estranhas libações entre o musculado guru da boa forma física e o realizador/ótico alto e de ombros caídos, frequentemente na sala de pesos e halteres, sentados na máquina de toalhas; Lyle a beber a sua *Coca-Cola light* sem cafeína, Incandenza com o seu *Wild Turkey*. Mario permanecia literalmente ao lado para o caso de se acabar o gelo ou de Ele Mesmo necessitar de apoio moral para chegar ao urinol. Mario adormecia muitas vezes à medida que as horas iam passando, entrava e saía do sono, de pé e inclinado para a frente, apoiado no suporte policial e no recetáculo de chumbo.

James Incandenza é um daqueles bebedores que são afetados por profundas alterações de personalidade; parecia concentrado, tranquilo e quase imperturbável quando estava sóbrio, mas movia-se de um extremo ao outro do espectro emocional humano quando estava bêbedo, e parecia abrir-se de uma forma que era quase imprudente.

Às vezes, ébrio a altas horas da noite, na companhia de Lyle na nova sala de pesos e halteres da ATE, Incandenza abria-se e despejava o que lhe ia no mais íntimo do coração, embora isso pudesse afetar e deixar marcas em quem estivesse a ouvir. Por exemplo: uma noite, Mario, de pé e inclinado para a frente, acordou quando o pai estava a dizer que se tivesse de atribuir uma pontuação a seu casamento, seria cinco numa escala de um a dez. Potencialmente, isto parece insensato, embora Mario, como Lyle, tenda a receber os dados que lhe chegam sem prestar demasiada atenção.

Lyle, que às vezes começava a embebedar-se à medida que os poros de Ele Mesmo segregavam uísque, chamava frequentemente à colação William Blake durante essas sessões que duravam toda a noite e recitava poemas de Blake a Incandenza, mas com a voz de diferentes personagens de animação, coisa que Incandenza começou a considerar como de grande profundidade[146].

8 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*
GAUDEAMUS IGITUR

SE É ESTRANHO QUE O PRIMEIRO FILME razoavelmente coerente de Mario Incandenza – uma obra de quarenta e oito minutos de duração filmada há três verãos no quarto do porteiro cuidadosamente decorado do Subdormitório B com a sua *Bolex H64* e o seu pedal de metragem –, se é estranho que o primeiro filme acabado de Mario consista na gravação de um espetáculo de fantoches – uma espécie de espetáculo de fantoches para crianças –, então é provável que ainda pareça mais estranho que o filme tenha tido mais êxito entre os adultos e adolescentes da ATE que entre as crianças histórica e lastimavelmente mal informadas a quem em princípio era dirigido. Goza de tanta popularidade que é projetado todos os anos no dia 8 de novembro, Dia da Interdependência Continental, com um projetor de duplo feixe e ecrã vertical na sala de jantar da ATE depois da refeição. Faz parte da cerimónia de comemoração bastante irónica do Dia da I. numa academia cujo fundador era casado com uma canadiana; geralmente é às 19h30 que começa e toda a gente se reúne na sala de jantar para o ver e, respondendo a um *fiat* festivo de Charles Tavis[147], em vez de estarem a espremer bolas de ténis, todos deitam as duas mãos a uma refeição ligeira enquanto estão a visioná-lo e durante uma hora estão por completo suspensas as rígidas normas dietéticas da ATE e a senhora Clarke, a dietista, permanece na cozinha – a senhora Clarke, uma antiga *chef* de sobremesas com quatro estrelas aqui normalmente confinada ao estudo de cadeias de proteínas e maneiras de variar hidratos de carbono complexos – onde coloca o seu flácido barrete branco e se torna sacarosamente louca, ali, na cozinha impecavelmente limpa da casa oeste. Toda a gente deve usar um chapéu qualquer. Avril Incandenza coroa-se sempre com o mesmo chapéu de bruxa pontiagudo que usa em todas as suas aulas de 31 de outubro, e Pemulis usa o complicado boné de capitão de iate e a faixa naval, e o pálido e sardento Struck traz uma touca com uma espécie de *aigrette* volante; Hal cobre a cabeça com um chapéu de pregador preto com a aba dura virada para baixo, etc., etc.[148]; e Mario, como realizador e

putativo autor do popular filme, é encorajado a dizer algumas palavras, para aí umas oito:

– Muito obrigado a todos e espero que gostem.

É o que diz neste ano, com Pemulis atrás dele fingindo pôr uma cereja cristalizada em cima do pequeno jato de natas batidas que O. Stice lhe tinha posto em cima da *Bolex H64* que lhe serve de chapéu quando o auge da sobremesa já estava um pouco fora do controlo quase no final do jantar de gala do Dia da I. Estas breves palavras e os aplausos representam o grande momento público e anual de Mario na ATE; esse momento não lhe agrada nem deixa de lhe agradar – o mesmo se passa com o filme sem título que de facto começou por ser uma adaptação para crianças de *A ONANtíada,* uma obra de quatro horas de duração de paródia política tendenciosamente anticonfluencial há muito desdenhada pelos arquivistas como uma obra menor do seu malogrado pai. Na realidade, a obra de Mario não é melhor do que a do pai; é apensa diferente (além disso, é claro, é mais curta). É bastante óbvio que pelo menos outro membro da família Incandenza meteu uma mão amanuense no argumento, mas foi o próprio Mario que criou a coreografia e a maior parte da atuação dos fantoches – os seus pequenos braços em forma de S e os dedos falciformes são perfeitos para a curva para a frente do corpo ao focinho de um fantoche político padrão de cabeça grande – e foi sem dúvida o pequeno e quadrado sapato *Hush Puppy* de Mario que acionou o pedal da *H64*, com a *Bolex* montada num dos tripés *Husky-VI TL* de um dos laboratórios trancados do túnel à frente do iluminado quarto de arrumações do porteiro depois de ter tido a precaução de pôr as esfregonas e os baldes cinzentos da limpeza de ambos os lados do pequeno cenário de veludo.

Ann Kittenplan e duas raparigas mais velhas com o cabelo cortado à escovinha estão sentadas de braços cruzados usando idênticos chapéus de feltro de abas largas. Kittenplan tem a mão direita ligada. Às escondidas, Mary Esther Thode classifica testes escritos. Rik Dunkel tem os olhos fechados, mas não está a dormir. Alguém pôs um boné *ad hoc* dos Red Sox no profissional sírio visitante do circuito satélite; o jogador sírio está sentado com a maior parte dos pró-reitores e o seu aspeto revela confusão, exibindo no ombro uma compressa termal e mostrando amabilidade em relação à autenticidade comparativa da baclavá da senhora Clarke.

Estão todos reunidos e em silêncio, se não se considerarem os ruídos da saliva e da mastigação, e sente-se o cheiro doce do cachimbo do treinador Schtitt, e a mais jovem jogadora da ATE, Tina Echt, com um boné gigantesco, fica encarregada das luzes.

A obra de Mario abre sem genérico inicial, há apenas uma transparência que parece uma falsa linotipia, uma citação do presidente Gentle na segunda comemoração da tomada de posse: «Convoquemos qualquer nação que nos ocorra convocar afirmando que o passado desapareceu para dar lugar a uma nova e milenar geração de americanos.» Em fundo há uma fotografia da cara de uma personagem realmente inconfundível. É a cara projetada de Johny Gentle, famoso *crooner*. Trata-se de Johnny Gentle, *né* Joyner, cantor de salão transformado em estrela na sua juventude, tornado herói de filmes de série B e que há duas décadas era maldosamente conhecido como «O Homem mais Limpo do Entretenimento» (o homem é um retentor de classe mundial, do género do falecido Howard Hughes, do género realmente severo, do género com um terror paralisante à contaminação livre, do género ou-usas-uma-máscara-de-microfiltragem-de-cirurgião-ou-obrigas-as-pessoas-que-te-rodeiam-a-usar-toucas-de-cirurgião-e-a-tocar-nos-puxadores-apenas-com-lenços-fervidos-e-a-tomar-catorze-duches-por-dia-só-que-não-são-bem-duches-mas-este-novo-duche-*Dermalatix*-com-*Hypospectral-Flash*-que-realmente-queima-a-camada-exterior-da-pele-num-ápice-e-deixa-a-pessoa-como-nova-e-esterilizada-como-um-bebé-uma-vez-que-se-tira-a-camada-de-fina-cinza-epidérmica-com-um-lenço-esterilizado); depois na sua vida pública posterior foi um promotor artístico com uma cabeleira postiça desinfetada e presidente do sindicato do entretenimento, agente de autores pirosos estilo Las Vegas e chefe do sinistro Grémio de Vocalistas com Voz de Veludo, o sindicato dos tipos bronzeados e com fios de ouro ao pescoço que impôs a sinistra e horrorosa política chamada «Silêncio ao Vivo[149]» durante sete meses, o silêncio impoluto e performativo de solidariedade que invadiu os palcos e as salas de gravação do deserto à costa de Nova Jersey durante mais de meio ano até que as direções das empresas se puseram de acordo quanto a uma fórmula equitativa de compensação para os discos e CD sobre certos anúncios de televisão para compras por telefone do tipo Não-Se-Esqueça-de-Encomendar-Antes-Da-Meia-Noite no final do milénio passado. E aí foi Johnny Gentle que conseguiu chamar à razão a GE/RCA. E daí,

no fulcro milenar de uma época norte-americana muito negra, o homem saltou para a política nacional. As fotografias da cara dele que Mario vai sobrepondo são de Johnny Gentle, o famoso *crooner*, pai fundador e guia espiritual do novo e seminal Partido dos Estados Unidos Limpos, uma agnação anelar aparentemente estranha mas politicamente presciente de patrioteiros ultradireitistas e defensores da caça ao veado com carabina e gente ultraesquerdista macrobiótica comedora de barras de *granola* com rabos de cavalo do tipo Salvem-o-Ozono, Salvem-as-Florestas-Virgens, Salvem-as-Baleias, Salvem-o-Mocho-e-os-Cursos-de-Água-com-PH-Alto, uma amálgama surreal de desencantados tanto de Rush L. como de Hillary R.C., cuja primeira convenção (realizada num espaço esterilizado) provocou sonoras gargalhadas nos meios de comunicação, o partido aparentemente marginal LaRoucheliano cuja rampa de lançamento foi Lancemos o Nosso Lixo para o Espaço[150]; o PEUL, que foi uma espécie de piada nacional pós-Perot durante três anos até que – com o dedo enluvado de branco no pulso de um eleitorado americano cada vez mais asmático, mais necessitado de protetores solares e mais indignado – avançou inesperadamente para uma retumbante vitória nas eleições presidenciais quadrienais por via de um furioso e reacionário espasmo de votantes que fez os membros do UWSA[*1], dos LaRouchistas e dos libertários roerem as unhas de inveja enquanto democratas e republicanos ficava apopléticos ao ver o que se estava a passar, como parceiros de um jogo de pares em que cada um deles está convencido de que o outro pode bater a bola mas esta acaba por passar entre os dois, os dois grandes partidos dominantes partidos ao longo de linhas esgotadas de filosofia política numa época obscurantista em que todas as lixeiras estavam a abarrotar e todas as uvas eram passas e em determinados lugares a chuva martelava em vez de cair e, recorde-se, também era uma época pós-soviética e pós-*jihad* quando – de certa maneira ainda pior – não havia uma verdadeira ameaça externa ligada a uma qualquer potência unificada concreta que tivesse de ser temida ou odiada; e os Estados Unidos recolheram-se sobre si mesmos e sobre o seu próprio cansaço filosófico e sobre o fedor das suas lixeiras com espasmos de pânico furioso que vistos em retrospetiva só parecem possíveis em tempos de supremacia geopolítica e do sequente silêncio, em tempos de perda de uma ameaça externa que é preciso odiar e temer. A cara estática no ecrã da ATE era o de Johnny Gentle, o chefe do inesperado terceiro partido. Johnny Gentle, o

primeiro presidente dos Estados Unidos que fez girar o microfone na ponta do fio durante o discurso de tomada de posse. Cujo pessoal do novo e branco Departamento de Serviços Não Especificados exigiu que todos os participantes na cerimónia se lavassem, usassem máscaras e atravessassem um lava-pés com água clorada como nas piscinas públicas. Johnny Gentle, que fez tudo para manter uma postura presidencial malgrado a máscara de microfiltro *Fukoama* e que no discurso de tomada de posse anunciou o advento de uma nação mais limpa e reta. Que prometeu fazer uma limpeza na Administração e eliminar as gorduras e varrer o lixo e lavar as ruas quimicamente problemáticas e dormir o mínimo possível até encontrar forma de retirar da psicoesfera americana o lixo desagradável de um passado de usar e deitar fora, de restaurar os magníficos frutos cor de âmbar e púrpura de uma cultura da qual promete agora erradicar os eflúvios tóxicos que abafam as autoestradas e sujam as ruas, recobrem os crepúsculos e fazem cheirar mal os portos em que barcaças de lixo televisionadas estão ancoradas, coaguladas e impotentes entre ondulantes nuvens de gaivotas barrigudas e daquelas repulsivas moscas verdes que vivem na merda (o primeiro presidente dos Estados Unidos a dizer *merda* em público, com um arrepio), barcaças com proas oxidadas que navegam para cima e para baixo ao longo de costas cheias de petróleo ou permanecem imóveis e fedorentas e a emitir CO enquanto esperam a abertura de novas lixeiras e armazéns tóxicos que as pessoas exigem que sejam construídas em todas as zonas menos na delas. O Johnny Gentle cujo PEUL tinha sido absolutamente sincero quando disse que a renovação da América era um assunto essencialmente estético. O Johnny Gentle que prometeu ser o arquiteto, talvez às vezes à custa da perda de alguma popularidade, de uma coisa que parecia ser uma América imaculada que limpou o lado da rua que lhe compete. De uma nação para uma nova era à procura do uno, de uma nação que tinha sido o polícia do mundo e que agora estava prestes a reformar-se e a mandar limpar a seco o uniforme para o guardar num saco de plástico de espessura tripla e a pôr de lado as algemas para poder passar algum tempo de qualidade em casa a jardinar e a limpar o pó atrás do frigorífico e a brincar com os filhos que saíam do banho em cima dos joelhos cobertos com umas calças de sarja impecavelmente engomadas. Um Gentle atrás de quem se via um diorama do Lincoln Memorial com Lincoln a sorrir benignamente. Um John Gentle que logo de início lançou a seguinte mensagem: «Não estou aqui

para participar num concurso de popularidade.» (Os fantoches de feltro e paus de chupa-chupa que constituem o público que assiste o discurso assume expressões perplexas atrás das suas pequenas máscaras de cirurgião.) Um presidente, J. G, FC, que não ia estar ali para pedir aos Americanos que fizessem uma escolha difícil mas para ser ele a fazer essa escolha difícil em nosso nome. Que disse apenas aos Americanos para se sentarem e assistirem ao espetáculo. Que manipulava os aplausos entusiásticos dos seus partidários do PEUL, vestidos com uniformes paramilitares e sandálias e ponchos, com a graça descarada de um autêntico profissional. Que tinha cabelo preto e patilhas prateadas, como o seu cabeçudo fantoche, e aquele bronzeado cor de tijolo só encontrado entre aqueles que não tinham casa e entre aqueles cujas casas tinham uma cabina pessoal *Dermalatix Hyprospectral* de esterilização. Que declara que nem impostos nem despesas, nem cortes nem empréstimos, fazem parte do programa da sua candidatura numa era milenar (aqui notam-se mais expressões de perplexidade no público da tomada de posse, que Mario representa fazendo os pequenos fantoches olharem uns para os outros e depois noutra direção e depois voltarem a olhar uns para os outros). Que aludiu a exuberantes e disponíveis novas fontes de receitas que estavam lá fora à espera sem serem exploradas e que os seus predecessores não tinham descortinado devido às arvores (?). Que antecipou que seria possível descer a adiposidade orçamental com uma faca realmente grande. O Johnny Gentle que sobretudo sublinhou – e ao mesmo tempo rogou e prometeu – que iria acabar com irritantes grupúsculos atomizados de americanos que se responsabilizavam uns aos outros pelos seus terríveis[151] conflitos internos. Nesta altura recebe felicitações e sorrisos dos fantoches ricamente vestidos e com máscaras verdes e dos fantoches sem abrigo com roupas esfarrapadas, sapatos desirmanados e máscaras de cirurgião usadas, tudo feito nas aulas de trabalhos manuais do quarto e quinto anos, sob a orientação da menina Heath com fósforos e restos de paus de chupa-chupa e feltro da mesa de bilhar, com lantejoulas a fazer de olhos e sorrisos/caretas pintados com verniz das unhas (por baixo das máscaras).

O Johnny Gentle, chefe do Executivo, que bate com o punho coberto por uma luva de borracha com tanta força no atril que o Grande Selo é projetado e que declara Raios o partam mas *deve* haver alguém sem sermos nós próprios a quem possamos responsabilizar. Que se aliasse à oposição. E promete que vai comer

coisas leves e dormir pouco até que o consiga encontrar – na Ucrânia, ou os Teutões ou os tarados dos Latinos. Ou – fazendo uma pausa com um braço levantado e a cabeça inclinada para baixo no melhor estilo de Las Vegas – muito mais perto, talvez diante dos nossos narizes. Jura que vai encontrar um outro que renove a coesão. E depois tomar algumas decisões duras. Alude a uma América do Norte totalmente nova para o louco mundo pós-milenar. O primeiro presidente dos Estados Unidos a usar a palavra *patrão* como adjetivo. Quando arremessa as luvas de borracha de cirurgião à multidão em miniatura que assiste à tomada de posse está-se perante um toque pessoal de Mario.

E a ideia de Mario Incandenza de representar a reunião do gabinete do presidente Gentle como sendo essencialmente composta por fantoches femininos negros, com penteados rebuscados e vestidos com muitas lantejoulas brilhantes, é, obviamente, uma inexatidão histórica, embora a inclusão honorífica do presidente do México e do primeiro-ministro do Canadá no segundo ano do mandato seja uma coisa tanto factual como seminal:

> Pres. Méx. e p.m. canadiano [em uníssono e com voz abafada pela máscara verde]: É extraordinariamente lisonjeiro sermos convidados a tomar lugar nas reuniões do gabinete de direção do querido vizinho do [escolher um].
>
> Gentle: Obrigado, rapazes. As vossas almas são deslumbrantes.

Esta não é a cena mais forte do cartucho, cheia de frases feitas e apertos de mão. Mas o facto histórico de que o Presidente do México e o Primeiro-Ministro do Canadá tenham sido nomeados «secretários» honorários do México e do Canadá (respetivamente) pelo presidente Gentle – como se os vizinhos já se tivessem tornado uma espécie de protetorados americanos no pós-milénio – fica destacado como uma coisa sinistra pelo trémulo mi menor do órgão da banda sonora. As expressões dos dois dirigentes, escura uma e gálica a outra, parecem imperturbáveis sob as máscaras enquanto pronunciam mais lugares-comuns.

Uma vez que o orçamento e as limitações de espaço no quarto de arrumações tornam impraticáveis transições artísticas entre cena e cena, Mario optou pelo recurso intracénico do *entr'acte* de ter Johnny Gentle, *crooner*, a interpretar alguns números do seu repertório mais animado enquanto os membros do gabinete se mexem ao estilo Motown atrás dele e os outros fantoches acompanham o ritmo dentro e fora de campo tal como o argumento impõe. Quanto ao público, a maioria dos menores de doze anos da ATE, com os córtices

cerebrais cintilando por estarem a celebrar o único dia do ano com doces, emigraram hiperactivamente para baixo das compridas toalhas de mesa para se reunirem no chão da sala de jantar e começaram a navegar de gatas pelo especial submundo infantil de sapatos e pernas de mesas e ladrilhos que existe debaixo das compridas toalhas, gerando vários tipos de confusões pueris – ainda decorrem investigações relacionadas com o anterior Dia da I. para identificar que miúdo ou miúdos deram um nó nos atacadores dos sapatos de Aubrey DeLint e colaram com *Krazy-Glued* a nádega esquerda de Mary Esther Thode ao tampo da cadeira – mas todos os glicemicamente maduros que se mantêm sentados a ver o cartucho estão a passar um bom bocado a comer *cannolis* de chocolate, uma baclavá de vinte e seis andares e natas apenas se lhes apetecer e *Raisinets* caseiras e uns caramelos recheados com creme; de vez em quando, soltam risadas e batem palmas irónicas; frequentemente atiram doces que se colam ao ecrã, dando ao polido e estéril Gentle uma espécie de aspeto carbuncular que toda a gente aprova. Há muitas piadas e imitações barítonas de um presidente rotundamente criticado desde há dois mandatos. Apenas John Wayne e um punhado de estudantes canadianos estão sem chapéu, mastigando consistentemente com as caras impassíveis e distantes. Esta predileção americana pela absolvição por meio da ironia é-lhes alheia. Os rapazes canadianos só recordam factos concretos e a Grande Convexidade, com o muro de vidro, cuja linha sul de efetuadores ATHSCME lança os óxidos dos Estados Unidos para norte, para a pátria deles; e no 8 de novembro sentem com particular intensidade as implicações de estar aqui, a sul da fronteira, a treinar na terra do inimigo-aliado; e os menos talentosos perguntam-se se algum dia regressarão aos seus lares após a conclusão do curso se não conseguirem uma bolsa ou começarem uma carreira profissional.

A versão abertamente imatura de Mario da obra do seu falecido pai sobre a ascensão da ONAN e do experialismo estado-unidense desdobra-se em pequenos difratados fragmentos de notícias verdadeiras e falsas e no diálogo secretamente concebido entre os arquitetos e os construtores de uma nova era milenar.

Gentle: Outra fatia de torta pré-degustada, J.J.J.C.?

P.-M. do Can.: Não posso. Estou enfartado. Até me custa a respirar. Mas não recusaria outra cerveja.

Gentle:...

P.-M. Can.:...

Gentle: Estamos portanto de acordo no gradual e subtil mas inexorável desarmamento e dissolução da NATO como sistema de acordos de defesa mútuos.

P.-M. Can.: [Menos abafado que na última cena porque a sua máscara de cirurgião tem agora um buraco prandial]: Estamos lado a lado e atrás de si nesta matéria. Que seja a CEE a pagar a sua própria defesa de hoje em diante, digo eu. Que façam os seus próprios orçamentos de Defesa e depois que tentem subsidiar os seus agricultores vendendo mais barato que a NAFTA. Que comam manteiga e armas sozinhos uma vez para variar. Ah?

Gentle: Disseste uma grande verdade, J.J. Agora talvez já possamos dirigir a nossa atenção, com a cabeça fria, para os nossos próprios assuntos infraternais. A nossa própria qualidade de vida interna. Refocalizando as prioridades este louco continente que é a nossa casa. Estás-me a topar?

P.-M. Can.: John, estou quilómetros à tua frente nisso. Acontece que tenho à minha frente o manual do Mandato-Político-Num-Relance. Agora que os grandes *frappeurs* vão a ser arrumados, interrogamo-nos em que data poderemos assinalar com este lápis que serão removidos os *frappeurs* de mísseis balísticos intercontinentais da NATO em Manitoba.

Gentle: Guarda o lápis, elegante canadiano, Neste preciso momento vão a caminho dos teus silos mais filas de camiões carregados de homenzarrões com o cabelo cortado à escovinha e uniformes brancos do que possas imaginar. A completa totalidade da capacidade estratégica do Canadá vai sair das tuas mãos tudo *suite*.

P.-M. Can.: John, permite-me que seja o primeiro dirigente mundial a dizer que és um verdadeiro estadista.

Gentle: Nós, os Norte-Americanos, devemos permanecer unidos, J.J.J.C., não achas? Estou a dizer mal? Somos interdependentes. Somos unha com carne.

P.-M. Can.: Vivemos hoje num mundo mais pequeno.

Gentle: E num continente ainda mais pequeno.

Isto conduz a um *entr'acte*, com *continente* metido em vez de *mundo* em «É um mundo pequeno afinal», cujo encavalgamento não beneficia em nada a secção rítmica do grupo vocal feminino, mas marca o início de uma era completamente nova.

Mas é possível dizer que um guru está cem por cento isento da dor humana dos seus atrofiados desejos? Não. Não a cem por cento. Apesar do nível de transcendência alcançado ou da dieta a que se submeta.

Lyle, na sala de pesos e halteres da cave às escuras no Dia da Interdependência, às vezes recorda-se de um jogador da ATE de há vários anos cujo primeiro nome era Marlon e cujo apelido Lyle acha que nunca soube[152].

A questão é que este Marlon andava sempre molhado. Os braços sempre a escorrer, a *T-shirt* com um V escuro sempre marcado, as faces e a testa sempre brilhantes. Era o parceiro de pares de Orin na Academia. A omni-humidade do rapaz tinha um gosto a limão e baixo em calorias. Não era exatamente suor,

porque podia lamber-se-lhe a testa e mal tinha sido lambida estava de novo molhada. Não se produzia de maneira nenhuma a acumulação frustrantemente gradual do suor verdadeiro. O rapaz estava sempre metido debaixo do chuveiro e fazia tudo para andar limpo. Usava talco, comprimidos e *appliqués* elétricos. E apesar de tudo, este Marlon pingava mas brilhava. O rapaz escrevia versos bastante bem conseguidos sobre o rapaz seco e limpo que havia no seu interior e que tentava atravessar a superfície molhada. Uma noite confessou a Lyle na silenciosa sala de pesos e halteres que se iria dedicar à alta competição desportiva só para ter uma desculpa para o facto de estar tão molhado. Parecia sempre que tinha chovido em cima de Marlon. Mas não era chuva. Era como se Marlon nunca tivesse estado seco desde o útero materno. Era como se gotejasse. Os últimos anos tinham sido tormentosos mas de certa maneira também prósperos. Uma esperança atormentadoramente incorreta e etérea. Lyle havia dito ao rapaz tudo o que tinha para lhe dizer.

Esta noite está a chover. Como acontece com tanta frequência no outono abaixo da Grande Concavidade, a neve deu lugar à chuva. Do outro lado das altas janelas da sala de pesos e halteres, um vento cruel varre lâminas de água de um lado para o outro e as janelas trepidam e babam-se. O céu é uma confusão. Trovões e relâmpagos são simultâneos. La fora, a faia cor de cobre estala e geme. Os relâmpagos cravam as suas garras no céu iluminando por breves momentos Lyle, sentado envolto em licra na posição de lótus na máquina de toalhas e inclinado para a frente para aceitar tudo o que a sala às escuras lhe pode oferecer. As ociosas máquinas de musculação parecem insetos à fugaz luz dos relâmpagos. A resposta às queixas de alguns dos miúdos mais novos, que querem saber o que está Lyle a fazer de noite numa sala de pesos e halteres fechada à chave e sem ninguém, é que a sala raramente está vazia. É certo que Kenkle e Brandt, os guardas-noturnos, a fecham à chave, mas a porta pode ser aberta inclusive com um cartão de refeições da ATE inserido entre a fechadura e a ombreira. O pessoal da cozinha interroga-se por que razão há tantos cartões desgastados. Embora as máquinas de musculação inspirem medo e a sala cheire pior às escuras, costuma ser da ate que chegam os viciados em Lyle. Entram na sauna junto às escadas de cimento até conseguirem obter o incentivo epidérmico suficiente e então surgem com as toalhas atadas à cintura, suados e brilhantes, à porta da sala, e esperam para entrar um a um, às vezes vários, a escorrer água,

sem falar, alguns fingindo que estão ali por outras razões, esperando sem se olharem nos olhos, como os doentes na sala de espera de um psiquiatra ou de um médico para a impotência. Não podem fazer barulho e as luzes estão apagadas. É como se a direção virasse os olhos para o lado desde que se lhe dê a oportunidade para o fazer. Da sala de jantar, cuja parede leste e respetivas janelas dão para o edifício da Administração, chegam risos e conversas ao longe e um grito ocasional da obra de fantoches sobre a Interdependência da autoria de Mario. Há um pequeno riacho de pegadas húmidas e vagamente amareladas entre a casa oeste e a sala de pesos e halteres – as pessoas sabem quais são as partes lentas, quando devem sair e ir agachadas fazer uma visita curta a Lyle para conversar. Abrem a porta e passam um a um com as toalhas. A oferenda deles é carne empapada em suor. Confrontam os assuntos reservados para o *tête-à-tête* noturno com o guru, sussurros que o chão de borracha e muita roupa húmida abafam.

Às vezes Lyle ouve, encolhe os ombros, sorri e diz «O mundo é muito velho» ou faz um comentário genérico qualquer, recusando-se a dizer muito mais. Mas o que o faz encher a sauna é a maneira como ouve.

Os relâmpagos arranham o céu oriental, e está-se bem na escuridão da sala porque Lyle muda ligeiramente de posição e faz um ângulo mais acentuado para a frente sempre que é iluminado através da janela por cima das máquinas para os dedos/pulsos/ braços que tem à sua esquerda, de modo que parece que há diferentes Lyles em diferentes momentos fulgurantes.

LaMont Chu, imberbe e lustroso, com toalha branca e relógio de pulso, confessa a balbuciar uma obsessão cada vez mais angustiosa em relação à fama no ténis. Quer tanto entrar no circuito que parece que isso o está a comer vivo. Ver a sua fotografia a cores nas revistas, ser um menino-prodígio, conseguir que tipos com *blazers* azuis da I/SPN descrevam com grande requinte de pormenores os seus movimentos e estados de espírito no campo murmurando os consabidos lugares-comuns dos comentadores desportivos. Ter no seu equipamento várias marcas com os nomes dos seus produtos. Que lhe façam o seu perfil humano. Ser comparado a M. Chang, recentemente falecido; chegar a ser chamado a nova GRANDE ESPERANÇA AMARELA DOS EUA. E nem falemos das revistas de vídeo ou da rede. Confessa isso a Lyle. *Quer* que falem dele; *quer* muito. Às vezes finge que a fotografia brilhante de um grande vólei batido junto da rede

que recorta de uma revista a cores é a dele, LaMont Chu, como protagonista. Mas então acontece que não consegue comer nem dormir e às vezes nem sequer mijar devido à espantosa inveja que sente pelos adultos do circuito que tem as fotografias das suas ações no campo publicadas em revistas de papel acetinado. Às vezes, diz, ultimamente não quer arriscar nos torneios mesmo quando o deve fazer porque tem demasiado medo de perder e de eliminar as suas hipóteses de chegar ao circuito, de estar na moda e de ser famoso. Crê que num par de ocasiões este ano perdeu por causa desse terrível medo de perder. Começa a recear que essa furiosa ambição seja uma arma de dois gumes. Fica envergonhado com a sua secreta ânsia de estar na moda numa academia que considera a moda e a sedução da moda um escolho medonho e um perigo mefistofélico para o talento. São quase os seus próprios termos. Sente-se dentro de um mundo escuro, ensimesmado, envergonhado, perdido, fechado. LaMont Chu tem onze anos e bate a bola com as duas mãos. Não fala do *Eschaton* e de lhe terem dado murros no estômago. A obsessão da fama no futuro faz empalidecer tudo o resto. Tem os pulsos tão finos que usa o relógio no antebraço, o que lhe dá um certo ar de gladiador.

Lyle tem uma maneira muito característica de chupar a parte de dentro das bochechas enquanto está a prestar atenção. Ondulações de velho músculo protuberante sobem e descem enquanto ele muda ligeiramente de posição sobre a máquina de toalhas, que está à altura do ombro de alguém com a estatura de Chu. Como todos os bons ouvintes, Lyle tem uma forma de ouvir que é simultaneamente intensa e convincente: o suplicante sente-se despido e ao mesmo tempo protegido de qualquer crítica possível. É como se Lyle se esforçasse tanto como o seu interlocutor. Sentem-se ambos acompanhados naquele instante. Lyle chupa o interior de uma bochecha e depois da outra.

– Tu anseias por ver a tua cara nas revistas.

– Creio bem que sim.

– E exatamente porquê?

– Suponho que é para que os outros sintam por mim aquilo que eu sinto agora por esses jogadores que têm a cara nas revistas.

– Porquê?

– Porquê? Suponho que é para dar algum sentido à minha vida, Lyle.

– Como é que vais conseguir isso dessa maneira?

– Lyle, não sei, não sei. É assim. Se não fosse assim, por que razão se passa isto tudo comigo, recortar fotografias em segredo, não correr riscos, não dormir nem mijar?

– E tu achas que esses homens têm assim tanto interesse em aparecer nas revistas? Que isso dá sentido à vida deles?

– Acho, deve ser assim. É o que aconteceria comigo. Se não fosse assim, por que razão ardo de desejo de me sentir como eles se sentem?

– Estás a referir-te ao sentido que a fama dá à vida deles.

– Lyle, mas não é isso que acontece?

Lyle chupa as bochechas. Não é porque seja condescendente ou esteja a dar corda ao interlocutor. Está a pensar tanto como este. É como se fosse o interlocutor em cima de um lago de águas claras. É parte da atenção que presta. Enquanto pensa, uma das bochechas mantém-se chupada.

– LaMont, talvez isso se tenha passado com eles no início. As primeiras fotografias, as vitórias gratificantes, verem-se a si próprios como são vistos pelos outros, talvez uma hagiografia da imagem. Talvez seja um *prazer* na primeira vez. Depois disso, confias em mim, confia em mim: não sentem aquilo por que tu anseias. Após essa primeira popularidade, só lhes importa ver se as fotografias são más ou não os favorecem ou são verdadeiras; então dizem que a sua privacidade, essa coisa de que tu queres fugir, foi violada. Há qualquer coisa que muda. Depois de verem publicada a primeira fotografia numa revista, os famosos não têm prazer em as ver nas revistas, mas também temem que elas deixem de aparecer. Estão tão apanhados como tu.

– E isso são boas notícias? É deprimente.

– LaMont, estás disposto a ouvir algumas palavras sobre o que é a verdade?

– Certamente.

– A verdade é aquilo que te torna livre. Mas só depois de ter acabado contigo.

– Talvez tenha chegado a hora de me ir embora.

– LaMont, este mundo é muito velho. Foste aprisionado por uma coisa que não é verdadeira. Estás iludido. E isso é uma boa notícia. Foste apanhado pela ilusão de que a inveja produz um sentimento recíproco. Julgas que a tua dolorosa inveja por Michael Chang tem outra cara: que Michael Chang gosta de ser invejado por LaMont Chu. Esse animal não existe.

– Animal?

– Tu andas louco por comer um alimento que não existe.

– E isso é uma boa notícia?

– É a verdade. Ser invejado ou admirado não é um sentimento. E a fama também não é um sentimento. Há sensações relacionadas com a fama, mas muito poucas delas são mais agradáveis do que os sentimentos associados à inveja da fama.

– Essa ânsia não desaparece?

– Qual é o fogo que se apaga quando é alimentado? Não é a fama que eles te querem negar. Confia neles. Há muito medo na fama. Há nela uma dor terrível e pesada que deve ser empurrada e suportada, carregada. Talvez pretendam apenas livrar-te desse peso até que tu adquiras força suficiente para carregar com ele.

– Parecerá ingratidão se disser que isto não me faz sentir melhor?

– LaMont, a verdade é que o mundo é incrível, incrível, inacreditavelmente velho. Estás a sofrer devido a um desejo atrofiado que foi inventado por uma das suas mais antigas mentiras. Não acredites em fotografias. A fama não é a saída de nenhuma jaula.

– Então quer dizer que estou encerrado na jaula por todos os lados. Pela fama ou pela torturada inveja da fama. Não há saída.

– Talvez devesses ter em consideração que para fugir de uma jaula é necessário antes de mais estar consciente da jaula. E parece-me que estou a ver uma gota na tua testa, ali...

Etc.

Uma aluna da ATE (as alunas vêm com duas toalhas quando entram na sala de pesos e halteres), uma finalista sem peito que praticamente não consegue suar, é atormentada, sempre que almoça com o noivo, pelo zumbido persistente de um mosquito que não consegue ver e que mais ninguém consegue ouvir. No verão e no inverno, em sítios fechados ou ao ar livre. Mas só ao almoço e só com o noivo. Nem sempre os comentários ou conselhos são o objetivo. Por vezes, o objetivo do sofrimento é tão-só gritar quase a plenos pulmões, num lamento para que nos oiçam. Em termos de gurus da boa forma, Lyle é todo orientado para os resultados e para a ação[153]. Kent Blott, com dez anos e pais adventistas do Sétimo Dia, ainda não tem idade para se masturbar, mas já ouviu os colegas adolescentes falarem bastante disso, da masturbação, com grande exuberância e pormenor, o que não surpreende, e preocupa-o que género de cartuchos

pornográficos caseiros potencialmente perversos e sugadores da alma passará no projetor psíquico dele enquanto se masturba, quando vier a ser capaz de se masturbar, está preocupado com a possibilidade de diferentes tipos e combinações de cenas fantasiadas prenunciarem diferentes tipos de disfunção e torpeza psíquicas e quer começar a preocupar-se com isso o mais depressa possível. Os sons da gala no refeitório são mais frequentes e convulsivos sem o barulho da chuva. Lyle diz a Blott para não se sobrecarregar com um peso maior do que o próprio peso dele. À esquerda, as nuvens da tempestade que ficaram para trás correm como tinta na água entre a janela e a Lua no alto do céu. O fantoche presidencial de Mario Incandenza prepara-se para inaugurar o Tempo Subsidiado. Anton Doucette, da equipa B do escalão dos dezasseis anos, diz que o que o levou a procurar Lyle foi o constrangimento cada vez maior provocado por um sinal grande, redondo e escuro que lhe parece crescer no cimo do lábio superior, mesmo debaixo da narina esquerda. É só um sinal, mas nasalmente dá um aspeto bastante medonho. Quando o conhecem, as pessoas estão sempre a puxá-lo para o lado para lhe oferecerem um *Kleenex*. Nos últimos tempos, a vontade de Doucette é que o sinal ou ele próprio desaparecessem. Mesmo que as pessoas não olhem para o sinal, a sensação que tem é que não estão a olhar *intencionalmente*. Doucette bate com força no peito e na coxa, supostamente por frustração. Simplesmente, não consegue conformar-se com o aspeto que aquilo deve ter. Vai piorando à medida que a puberdade se intensifica, a ansiedade. E, num círculo vicioso, a ansiedade desencadeia-lhe o tique nervoso no lado direito da cara. Começa a suspeitar que alguns alunos dos anos mais adiantados se referem a ele, nas suas costas, como Anton («Burrié») Doucette. Parece que essa ansiedade o deixou petrificado, incapaz de progredir para ansiedades mais avançadas. Não consegue ver nenhuma solução. Mas Lyle sabe que bater no próprio corpo é, acima de tudo, um sinal de intenso e inconsciente ódio a si mesmo. Doucette faz uma careta e diz que começa a querer jogar ténis com a mão a tapar o nariz e o lábio superior. Mas bate a esquerda com as duas mãos e já é tarde para mudar e de certeza que não o vão deixar mudar só para uma mão por motivos puramente estéticos. Lyle despacha Anton Doucette com indicações para que regresse com Mario Incandenza mal termine a gala do Dia da Interdependência. Mario recebe da parte de Lyle uma quantidade considerável de casos de constrangimentos por motivos estéticos. Não há nenhum tipo ou classe

de guru que esteja acima de delegar. É como uma lei. Doucette diz que parece estar a ficar preso. Quase não pensa noutra coisa. Isto é dito quando se está a ir embora. Os outros sinais, que tem nas costas, não têm relevo nem forma especial. Lyle abre a lata de *Coca-Cola Zero* sem cafeína que Mario costuma trazer quase sempre ao final da tarde, por altura do jantar. No meio da abertura sorrateira de portas e das visitas, Lyle faz uns exerciciozinhos isométricos de alongamento do pescoço, para a tensão.

Entre o cachimbo de Gerhardt Schtitt, os *Benson & Hedges* de Avril Incandenza e determinadas bochechas cheias de tabaco de mascar – mais os enlouquecedores cheiros culinários a mel, chocolate e nozes autênticas de alto conteúdo, lípidos saídos dos ventiladores da cozinha, e contando ainda com mais de cento e cinquenta corpos em plena forma física e que, na sua grande maioria não tomaram banho neste dia de folga –, o refeitório está quente, abafado e carregado com múltiplos odores. Enquanto *auteur,* Mario opta pelo dispositivo paródico utilizado pelo falecido pai de misturar cartuchos de noticiário verdadeiros e falsos, artigos de revistas e títulos históricos do punhado de últimos grandes jornais diários, utilizando tudo isso para uma espécie de explicação acelerada de determinados desenvolvimentos que levaram à Interdependência, ao Tempo Subsidiado, à Reconfiguração Cartográfica e à renovação de uns compactos e consideravelmente mais limpos Estados Unidos da América experialistas, sob o comando de Gentle:

UCRÂNIA E MAIS DOIS ESTADOS BÁLTICOS REQUEREM INCLUSÃO NA NATO – Título com corpo de letra 16 e a negrito;

ENTÃO PARA QUÊ UMA NATO? – Título editorial;

UE JUNTA-SE A PAÍSES DA BACIA DO PACÍFICO E AUMENTA TAXAS EM RESPOSTA A QUOTAS DOS EUA – Títulos;

GENTLE SOBRE O ARMAZENAMENTO DE RESÍDUOS DAS OGIVAS TERMONUCLEARES DESMANTELADAS DA NATO: «NO MEU PAÍS NÃO, PÁ» – Subtítulo com corpo de letra 12;

«Entre sorrisos e cumprimentos dados com as duas mãos, ocultando as altas tensões que aqui se fizeram sentir, os líderes de doze dos quinze Estados-membros da NATO assinaram hoje um acordo para o desmantelamento da aliança defensiva de cinquenta e cinco anos do Bloco Ocidental» – Narração de cartucho de noticiário;

RETIRADA DE APOIO DOS EUA E CANADÁ CONDENOU CIMEIRA DA NATO DESDE O

INÍCIO, AFIRMA POLÍTICO ISLANDÊS – Título;

ENTÃO E AGORA POR QUE NÃO TALVEZ UMA ALIANÇA CONTINENTAL? – Título editorial;

MÉXICO JUNTA-SE A ALIANÇA CONTINENTAL «ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES NORTE-AMERICANAS»; MAS SEPARATISTAS DO QUEBEQUE PROTESTAM CONTRA «FINLANDIZAÇÃO» DA ALIANÇA «ONAN»; MAS GENTLE DIZ AO CANADÁ: SE TRATADO ONAN NÃO FOR ASSINADO, NAFTA NULO, OGIVAS TERMONUCLEARES NÃO SAEM DE MANITOBA E CADA PAÍS «PROSSEGUIRÁ OS SEUS INTERESSES COMO MELHOR LHE APROUVER» EM MATÉRIA DE POLUIÇÃO E TRATAMENTO DE LIXO INTRACONTINENTAIS – Título por jornalista veterano mas viciado em metanfetamina, finalmente despromovido depois de repetidos avisos de que ocupava demasiado espaço;

AGENTES FEDERAIS PROTESTAM CONTRA FISCALIZAÇÃO ALEATÓRIA DE HIGIENE DE UNHAS – Título com corpo de letra 12;

GENTLE PROPÕE NACIONALIZAÇÃO DE INTERLACE TELENT – Cabeçalho; DIZ QUE GOVERNO TAMBÉM QUER «RECEBER O SEU» EM ALUGUERES DE VÍDEOS, CARTUCHOS E CD – Subtítulo com corpo de letra 8;

DIREITOS PARA O NOVO ANO ATRIBUÍDOS À EMPRESA PILLSBURY, DONA DO BURGER KING – Título; PEPSICO, DONA DA PIZZA HUT, INSTAURA QUEIXA DE ADULTERAÇÃO DE PROPOSTAS NAS FINANÇAS – Subtítulo com corpo de letra 12; AÇÕES DE INDÚSTRIAS DE CALENDÁRIOS E CHEQUES PRÉ-IMPRESSOS DISPARAM – Subtítulo com corpo de letra 8;

Três presidiários com a barba por fazer e uniformes antiquados conseguem abrir a porta da cela e saem a correr, acompanhados por sirenes e pelos movimentos entrecruzados das lanternas, dirigindo-se não para o muro mas para o gabinete do diretor, vazio à noite, onde se sentam, extasiados, diante do velho *MacIntosh* de *modem* duplo, batendo com a mão no joelho, apontando para o monitor e dando cotoveladas nas costelas uns aos outros enquanto mordiscam pipocas saídas de pacotes que apareceram inexplicavelmente, com um voz *off* que diz: «Cartuchos por *modem!* Basta inserir uma disquete vazia!! Liberte-se da prisão do seu selecionador de canais!» – mais alguns fantoches das aulas da menina Heath, numa paródia, estilo série B, dos anúncios de InterLace TelEntertainment que as estações de TV por cabo pareciam passar a toda a hora, de forma tão misteriosa e suicida, naquele último ano do Tempo Não Subsidiado;

TRATADO ONAN REDIGIDO – Antetítulo com corpo de letra 24;

CANADÁ BAIXA AS CALÇAS – Antetítulo de tabloide diário nova-iorquino com corpo de letra 24;

CHUVA ÁCIDA, ATERROS, CONTENTORES, OGIVAS TERMONUCLEARES DE MANITOBA FORAM «INSTRUMENTOS DE PRESSÃO», ADMITE CHRÉTIEN – Título com corpo de letra 16;

HOMENS DE CABELO CURTO, EM CAMIÕES RELUZENTES, NÃO ESTÃO A

DESMANTELAR OGIVAS TERMONUCLEARES DE MANITOBA MAS A TRANSPORTÁ-LAS PARA O OUTRO LADO DA FRONTEIRA, PARA A RESERVA ÍNDIA DE TURTLE MOUNTAIN, ACUSA, HORRORIZADO, GOVERNADOR DO DAKOTA DO NORTE – Subtítulo com corpo de letra 12, por jornalista despromovido para departamento de subtítulos e também já em apuros aí;

FOTOS A COR EXCLUSIVAS MOSTRAM MÉDICOS CORAJOSOS A TENTAREM LUTAR FUTILMENTE CONTRA O TEMPO PARA RETIRAR PREGO DOS CAMINHOS DE FERRO DO OLHO DIREITO DO PRIMEIRO-MINISTRO CANADIANO – Título de tabloide diário nova-iorquino com corpo de letra 16;

GABINETE DO PRESIDENTE É «UM FILME DE TERROR DE PICUINHICE», DIZ EX-CONTÍNUO DA CASA BRANCA RECÉM-REFORMADO – Título de tabloide com foto de velhote, com uma sobrancelha que lhe atravessa basicamente a testa, a segurar um gigantesco barril de plástico onde, segundo ele, cabe apenas o carregamento equivalente a um dia de estimuladores dentais, mechas de algodão encharcadas em álcool, frascos de purgantes para o cólon de grau GI raio X, cinza epidérmica, máscaras e luvas cirúrgicas, cotonetes, lenços de papel e recipientes com creme homeopático para a prurite;

DIRETOR TINE, DO USOUS: ACUSAÇÕES DE GABINETE PRESIDENCIAL REPLETO DE LENÇOS DE PAPEL E FIOS DENTAIS UM «CASO CLARO DE TRUQUES SUJOS» – Título de diário respeitável;

CONTENTORES DE LIXO SOBRECARREGADOS COLIDEM E VIRAM-SE À SAÍDA DE GLOUCESTER – Título de diário de Boston;

MARÉ NEGRA GIGANTESCA E PÚTRIDA ESVAZIA PRAIAS EM AMBAS AS COSTAS DE CAPE COD – Subtítulo do mesmo tamanho;

GENTLE FALA SEM RODEIOS DE UNS EUA «OBSTIPADOS PELO IMPACTE DO LIXO CONTINENTAL» DURANTE CERIMÓNIA DE ATRIBUIÇÃO DE TÍTULOS UNIVERSITÁRIOS NA UNIVERSIDADE DO NEVADA – Título;

COMUNICADO DO CONSELHO PARA A PUBLICIDADE: AS CAMPANHAS DE LIPOASPIRAÇÃO E DE ESPÁTULAS DA AGÊNCIA VINEY & VEALS DE BOSTON NÃO SÃO RESPONSÁVEIS PELAS AMEAÇAS DE BOMBA CONTRA A SEDE DA ABC – Título da revista *Advertising Age;*

«Os governadores do Maine, Vermont e New Hampshire reagiram hoje energicamente contra a criação, por parte do presidente Gentle, de uma comissão independente de peritos em resíduos para investigar a exequibilidade do estabelecimento em grande quantidade de aterros sanitários e instalações de conversão no Norte da Nova Inglaterra» – Parágrafo de abertura de diário nova-iorquino respeitável;

«NÃO SOMOS O CÓLON SIGMOIDE DESTE CONTINENTE», AVISA GENTLE NUMA REUNIÃO CONJUNTA DA ONAN – Título;

HOSPITAL NAVAL DE BETHESDA, MARYLAND: PRESIDENTE INTERNADO POR «STRESSE HIGIÉNICO», NA SEQUÊNCIA DE DISCURSO INCOERENTE EM REUNIÃO

DA ONAN – Título;

HOLOGRAFIA TORNA OPÇÃO DE FUSÃO ULTRA TÓXICA SEGURA PARA TRABALHADORES E COMUNIDADE, ASSEGURA REPRESENTANTE DO DEPARTAMENTO DE ENERGIA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E PROFESSORES DE METHUEN – Título de diário de Boston;

GENTLE DEIXA HOSPITAL NAVAL DE BETHESDA PARA DISCURSAR NO CONGRESSO DOS EUA SOBRE «OPÇÕES RECONFIGURATIVAS» PARA UMA «ÉPOCA NACIONAL COMPACTA E MAIS LIMPA» – Título;

tudo isto a rodopiar jornalisticamente, sobre um fundo em acetato preto (um velho casaco de fato de treino *Fila* que O. Stice utilizava durante o aquecimento) e num estilo *vintage* alusivo aos filmes antigos a preto e branco, com uma banda sonora composta por aquelas italianadas tristes e sentimentaloides que Scorcese adorava usar nas montagens dele, com os títulos a fundirem-se num encadeado com planos de ângulo oblíquo de Gentle, com ar modesto e uma máscara verde, a aceitar apertos de mão de representantes oficiais mexicanos e canadianos de cara fechada, finalizando o acordo que faz do presidente dos Estados Unidos o primeiro presidente da Organização das Nações Norte-Americanas, com o presidente mexicano e o novo e fortemente protegido primeiro-ministro canadiano como vice-presidentes. O primeiro discurso do Estado da Nação pós-ONAN de Gentle, feito perante um congresso com o tamanho triplicado e no último dia do tempo solar A.S., contém a promessa de todo um novo milénio, extraordinariamente brilhante, de sacrifícios e recompensas, e de uma «nova e verosímil imagem radicalmente diferente» trazida a todo o continente pela Interdependência.

Não subestimem os objetos! Lyle diz que para ele é impossível vincar em demasia isso: *não* subestimem os objetos. Ortho («Escuridão») Stice, o prodígio do serviço e vólei de Partridge, no Kansas, e o melhor jogador da equipa A do escalão dos dezasseis anos, cujo torso acabado de sair da sauna brilha com a mesma cor do luar a refletir-se no metal dos pesos e halteres inertes, está à beira de um ataque de nervos por adormecer com a cama encostada a uma parede mas depois acordar com ela encostada a outra completamente diferente. Stice já tinha tido uma série de discussões com Kyle D. Coyle, o colega de quarto, por achar que era evidente que Coyle lhe andava a mexer a cama de um lado para o outro enquanto ele dormia. Mas depois Coyle foi para a enfermaria com uma descarga

intestinal suspeita e já não dorme no quarto há duas noites, Coyle, e lá continua Stice a acordar com a cama encostada sempre a uma parede diferente. Então pensou que Axford ou Struck andavam a abrir a porta do quarto com um cartão de refeições e a entrarem sorrateiramente, a altas horas da noite, para se porem a mexer na cama dele por motivos obscuros. Só que, na noite anterior, Stice bloqueou a porta com uma cadeira e empilhou várias latas de bolas de ténis vazias em cima dela para que houvesse uma barulheira se alguém tentasse abrir a porta, além de colocar mais uma série de latas nos parapeitos das três janelas, só por via das dúvidas; só que a razão que o faz estar agora ali é que acordou de manhãzinha com a cama encostada à cadeira a bloquear a porta, num ângulo a que não achou piada nenhuma, e com todas as latas de bolas de ténis dispostas numa meticulosa pirâmide, no retângulo empoeirado onde a cama devia estar normalmente. Ortho Stice só consegue pensar em três explicações possíveis para o que se está a passar e apresenta-as a Lyle, atento e a chupar as bochechas, por ordem crescente de gravidade. A primeira é que Stice é telecinético, mas só quando está a dormir. A segunda é que há outra pessoa qualquer na ATE que é telecinética, quer lixar Stice e anda a ver se o põe maluquinho da tola por alguma razão. E a terceira é que Stice anda, tipo, a levantar-se quando está a dormir e a reordenar o quarto sem saber ou lembrar-se disso, o que significa que sofre da porra de um caso sério de sonambulismo, o que significa que só Deus sabe que mais poderá ele fazer quando se levantar e andar por aí a deambular enquanto dorme. É uma jovem esperança, diz-lhe o *staff*; tem possibilidades bastante legítimas de entrar no circuito quando terminar os estudos. E isso é coisa que não quer deitar a perder com nenhumas tropelias telecinéticas ou sonâmbulas. Stice oferece as superfícies planas do torso e da testa. Traz uma das suas toalhas pessoais, preta. É esbelto mas rijo e com uma bela musculatura, suando copiosa e abundantemente. Diz que tem plena consciência de que há dois anos não fez caso do conselho de Lyle sobre a máquina para exercícios de costas e arrepende-se disso. Pede sinceras desculpas pelo que aconteceu na primavera passada, quando convenceu Struck e Axford a distraírem Lyle e, a seguir, lhe colou a nádega esquerda das calças de malha de licra, com supercola tudo, ao topo de madeira da máquina de toalhas. Stice diz que sabe que é o último tipo que tinha direito a aparecer de chapéu na mão a pedir conselhos a Lyle depois de todas as piadinhas sobre a dieta, o corte de cabelo e tudo isso. Mas ali está ele, de chapéu

na mão, ou melhor, de boina na mão, a oferecer as superfícies planas saídas da sauna e pedindo conselhos a Lyle.

Lyle diz que o que lá vai lá vai, como se enxotasse um mosquito para o qual mal se olha. Os relâmpagos, que agora já se encontram bem longe, sobre o Atlântico, parecem-lhe um feixe estroboscópico. *Não subestimes os objetos,* aconselha a Stice. Os objetos não devem ser ignorados. Afinal de contas, o mundo, que é radicalmente velho, é feito em grande parte de objetos. Lyle inclina-se para a frente, fazendo sinal a Stice para se aproximar ainda mais, e resolve contar a Stice a história de um homem de que ouviu falar em tempos. Um homem que ganhava a vida indo a vários sítios públicos onde as pessoas se reuniam e se mostravam aborrecidas, impacientes e cínicas, ia a esses sítios e apostava com as pessoas que era capaz de se pôr em cima de qualquer cadeira que houvesse nesse sítio e depois levantá-la do chão sem sair de cima dela. Uma coisa feita sem ajuda de mais ninguém. O *modus operandi* dele é pôr-se em cima da cadeira, ficar ali em pé e dizer publicamente Oiçam, sou capaz de levantar esta cadeira sem sair de cima dela. Uma das pessoas que ali está recolhe as apostas. O letárgico ajuntamento presente no terminal rodoviário, na zona de espera da Direção-Geral de Viação ou no átrio de hospital fica boquiaberto. Estão todos a olhar para um homem que está cem por cento em cima de uma cadeira que segurou pelas costas e levantou vários metros do chão. A especulação sobre como o truque foi feito é intensa, o que dá azo a novas apostas. Um oncologista experimental e profundamente religioso, a morrer de uma neoplastia colorretal voraz e incurável, lamenta-se e geme: «Oh, meu Deus, porquê, porque é que deste a este homem um poder tão insignificante e idiota e a mim nenhum poder sobre as minhas células colorretais vorazes?» Entre a multidão, há toda uma imensidão de variações silenciosas em torno de meditações desse género. Ganha a aposta, e com o dinheiro a ser-lhe finalmente entregue, o homem de que Lyle diz ter ouvido falar em tempos salta para o chão, com uma ou outra moeda a fugir-lhe dos bolsos devido ao impacte, endireita a gravata e vai-se embora, deixando para trás uma multidão boquiaberta que continua a olhar para cima, embasbacada, para um objeto que ele não tinha subestimado.

Como a maior parte dos jovens geneticamente predispostos para um problema

secreto com drogas, Hal Incandenza também tem graves problemas compulsivos no que respeita à nicotina e ao açúcar. Como fumar dá simplesmente cabo de uma pessoa durante os exercícios, só Bridget Boone, Carol Spodek, uma rapariga do escalão dos dezasseis anos dada aos esteroides, e uma ou outra das gémeas Vaught são suficientemente masoquistas para o fazerem, embora se saiba que Teddy Schacht gosta de saborear uma cigarrilha ocasional. Hal tenta acalmar o desejo de nicotina o melhor que pode, mascando tabaco sem fumo *Kodiak Wintergreen* várias vezes por dia e cuspindo-o para um velho e adorado copo da NASA, da infância, ou para a lata vazia do batido de proteína para o pequeno-almoço *Spiru-Tein* que está naquele preciso momento – tendo-lhe sido dado um amplo espaço pelos outros – ao lado de uma pequena pilha de bolas de ténis que os miúdos sentados à mesa não têm de apertar desde que estejam a comer. O problema mais grave de Hal é com a sacarose – a sereia sempre sedutora do fumador de *Hope* – porque está sempre a ansiar por ela e de forma terrível, Hal – açúcar –, mas, ultimamente acha que qualquer infusão de açúcar acima do nível de uma barra energética *AminoPal* de cinquenta e seis gramas lhe passou a induzir estados emocionais estranhos e desagradáveis que não lhe fazem bem nenhum no campo de ténis.

Sentado ali, com um chapéu de pregador e a boca cheia de baclavá de muitas camadas, Hal sabe perfeitamente que Mario herdou do falecido pai o fetiche por cartuchos sobre fantoches, entreatos e espectadores. Ele Mesmo, durante a fase intermédia anticonfluencial da sua obra, passou por uma subfase em que estava obcecado com a ideia do relacionamento do público com vários tipos de espetáculos. Hal nem sequer quer pensar naquele filme tenebroso sobre o parque de diversões dos globos oculares[154]. Mas havia outro, curto e de alta tecnologia, que se chamava *A Medusa «versus» a Odalisca* e era um filme sobre uma falsa produção teatral no Ford's Theater, na capital da nação, Washington, DC, que, tal como todas as obras dele obcecadas com os espectadores, tinha custado a Incandenza uma bela fortuna com figurantes humanos. Os figurantes nesse filme são uns espectadores bem vestidos, tipos com suíças e senhoras com leques de papel que enchem a sala, da primeira à última fila e os camarotes dos balcões, e estão a ver uma pequena e complexa peça incrivelmente violenta chamada *A Medusa «versus» a Odalisca*, cujo enredo, relativamente inexistente, consiste na mítica Medusa, com os cabelos de serpentes e armada com uma espada e um

escudo muito bem polido, a lutar, até à morte ou à petrificação, com *L'Odalisque de Ste. Thérèse*, uma personagem da antiga mitologia quebequense que, supostamente, era tão cruelmente bela que quem olhasse para ela se transformava instantaneamente numa pedra preciosa com o tamanho de uma pessoa, devido à admiração. A Odalisca, obviamente um contraste muito natural para a Medusa, tem apenas uma lima de unhas em vez de uma espada, mas também tem um espelho de maquilhagem bem seguro na mão, e ela e a Medusa passam uns bons vinte minutos a lutar, saltando em redor do palco ornamentado, tentando eliminarem-se uma à outra do mapa com as lâminas e/ou petrificarem-se uma à outra com as respetivas superfícies refletoras, que cada uma tenta, saltando de um lado para o outro, colocar na posição certa para que a outra deite uma olhadela rápida ao próprio reflexo completamente frontal e fique instantaneamente transformada em pedra ou numa pedra preciosa, ou lá o que seja. No cartucho, é bastante evidente, pela translucidez e insubstancialidade de pixéis leitosos delas, que são hologramas, mas não é nada claro aquilo que devem ser ao nível da pequena peça, se o público as deve ver/(não) ver como fantasmas ou espectros, ou entidades míticas «reais», ou outra coisa qualquer. Mas é uma cena de luta bem ousada ali no palco – tendo sido intricadamente coreografada por um tipo oriental que Ele Mesmo pediu emprestado a um estúdio comercial e levou para a RdR, e que comia como um passarinho e estava sempre a sorrir muito educadamente e que, ao que parecia, não tinha sequer uma palavra a dizer fosse a quem fosse, exceto a Avril, com quem se tinha dado bem imediatamente –, balética e cheia de empolgantes pequenos encurralamentos, escapadelas por um triz e reviravoltas e os espectadores do teatro estão arrebatados e claramente divertidos pois estão sempre a aplaudir espontaneamente, se calhar tanto pela coreografia da peça dentro do filme como por qualquer outra coisa – o que o transformaria mais em meta-aplauso espontâneo, supõe Hal – porque toda a cena do combate tem de ser engenhosamente coreografada para que ambas as combatentes tenham as respetivas costas escamosas e de tez creme[155] voltadas para os espectadores, por razões óbvias... só que à medida que o escudo e o espelhinho vão sendo marcialmente agitados e brandidos em vários ângulos estratégicos, alguns dos espectadores bem vestidos da peçazinha acabam por começar a apanhar vislumbres desastrosos dos fatais reflexos completamente frontais das

combatentes e ficam instantaneamente transformados, tipo, em estátuas de rubis nos lugares que ocupam na primeira fila, ou ficam petrificados e caem como morcegos embolizados dos camarotes do balcão, etc. O cartucho continua assim até já não restar ninguém nos lugares do Ford's Theatre com vida suficiente para aplaudir a narrativa dentro da narrativa da peça com a sua cena de luta, e acaba com as duas figuras esteticamente contrastantes ainda a lutarem como loucas perante um público transformado em pedras de cores variadas. Os espectadores verdadeiros de *A Medusa «versus» a Odalisca* não ficaram com grande opinião da coisa, porque os espectadores do filme nunca veem de forma adequada e completamente frontal aquilo que há nas combatentes que supostamente tem tanto efeito melodramático nos espectadores que assistem em direto à luta e, por isso, os espectadores do filme acabam por se sentir gozados e vagamente enganados e a coisa só teve distribuição regional, e, em termos de aluguer, o cartucho teve tanta saída como um jornal fora de prazo e atualmente é quase impossível de encontrar. Mas esse não foi, nem por sombras, o filme de James O. Incandenza mais odiado pelos espectadores. O filme mais odiado de Incandenza, de duração variável e chamado *A Partida,* esteve apenas em exibição nas salas de cinema durante um curtíssimo espaço de tempo e, mesmo assim, só nos dispersos cinemas de arte e ensaio do período pré-InterLace que ainda restavam em sítios como Cambridge, Massachusetts e Berkeley, Califórnia. E a InterLace nunca pôs a hipótese de voltar a distribuí-la através de Disseminação por Impulso, por razões óbvias. Os letreiros luminosos e os cartazes dos cinemas de arte e ensaio foram obrigados a dizerem qualquer coisa do género: *«A PARTIDA»: Recomenda-se vivamente que NÃO gaste dinheiro a ver este filme,* o que os *habitués* dos filmes de arte e ensaio acharam, evidentemente, ser um antianúncio inteligentemente irónico e, por isso, pagaram todos bilhetinhos de cinema em papel e fizeram fila com os coletes de malha sem mangas, fatos de *tweed* e vestidos de saias rodadas, abastecendo-se de cafés expresso no bar concessionado, arranjando lugares, sentando-se e fazendo aqueles ajustezinhos de pernas e de postura antes de o filme começar, olhando em redor com aquela espécie de intensidade vazia e julgando que as câmaras *Bolex H32* de lente tripla – uma segura por um velho alto e corcovado e outra completamente montada na cabeça enorme do rapaz estranhamente inclinado para a frente, com o que parecia ser um espigão de aço a sair-lhe do tórax –, que

as grandes câmaras junto dos letreiros de saída iluminados a vermelho de cada um dos lados do ecrã, pensaram os espectadores, estavam ali, tipo, para um anúncio ou antianúncio, ou para um documentário de bastidores metafílmico ou qualquer coisa do género. Isto é, até as luzes se apagarem e o filme começar e o que aparecia no grande ecrã público ser apenas um plano de ângulo amplo e com grande pormenor dos espectadores desse mesmo cinema de arte e ensaio a entrarem com os cafés, a arranjarem lugares e a sentarem-se, a olharem em redor, a porem-se confortáveis e a fazerem comentariozinhos cultos antes do filme aos acompanhantes com óculos de lentes grossas sobre o provável significado artístico do não-paguem-para-ver-isto e das câmaras *Bolex*, instalando-se finalmente enquanto as luzes iam baixando, voltados para o ecrã (isto é, para si próprios, afinal) com os sorrisos sofisticadamente excitados com a expectativa de um entretenimento intelectual, sorrisos que as câmaras e a projeção no ecrã mostravam agora que estavam a começar a desaparecer das caras dos espectadores à medida que se viam, fila após fila, a olhar para o ecrã com expressões faciais cada vez menos expectantes e mais vazias e depois confusas e, finalmente, lixadas de todo. *A Partida* demorava precisamente o tempo que levasse até que o último espectador, de perna cruzada a ver a própria e enorme imagem projetada no ecrã a olhar para ele, saísse do cinema, com a aversão especial de um espectador de cinema de arte e ensaio repugnado e que se sente enganado, o que só acabava por demorar mais do que talvez uns vinte minutos quando havia críticos ou estudiosos de cinema na assistência, que se estudavam a estudarem-se a tomar notas, com um fascínio interminável, e que só se iam embora quando o café os obrigava a irem por fim à casa de banho, altura em que Ele Mesmo e Mario tinham de arrumar freneticamente as câmaras, os estojos das lentes e os cabos coaxiais e de correr e cambalear como loucos para apanharem o avião seguinte que os levasse de uma costa à outra, de Cambridge para Berkeley ou de Berkeley para Cambridge, já que precisavam evidentemente de estar presentes em cada sessão, e em cada cinema, com tudo a postos e de *Bolex* preparadas. Mario disse que Lyle tinha dito que Incandenza lhe havia confessado que tinha adorado o facto de *A Partida* ser tão publicamente estático, simplista e parvo, e que os raros críticos que defenderam o filme, argumentando, de forma enrolada e extensa, que essa estase simplista correspondia precisamente à tese estética do filme, estavam redondamente enganados, como

de costume. Continua por esclarecer se foi aquela coisa dos globos oculares e do parque de diversões, *A Medusa «versus»*... ou *A Partida* que se tinha metamorfoseado no posterior envolvimento do falecido pai com o género hostilmente antirreal do drama encontrado, que foi provavelmente o zénite histórico da estase autoconsciente e parva, mas que os espectadores nem chegaram sequer a odiar, por razões *a priori*.

ACIDENTE BIZARRO NA ESTÁTUA DA LIBERDADE MATA ENGENHEIRO FEDERAL – Título; HOMEM CORAJOSO NUMA GRUA ESMAGADO POR HAMBÚRGUER DE CINCO TONELADAS DE FERRO FUNDIDO – Subtítulo com corpo de letra 12;

GENTLE PROMETE AOS MEMBROS CÉTICOS DA CONVENÇÃO DE ESCUTEIROS «PODERÃO COMER TOTALMENTE» O TERRITÓRIO DOS ESTADOS UNIDOS NO FIM DO PRIMEIRO ANO DO MANDATO – Título;

MAIS UM CANAL DO AMOR? – Antetítulo com corpo de letra 24; HORROR TÓXICO DESCOBERTO ACIDENTALMENTE NO NORTE DE NEW HAMPSHIRE – Subtítulo com corpo de letra 16 de título;

«Funcionários do meio-ambiente de New Hampshire negaram ontem categoricamente que dezoito funcionários federais da Agência Americana para a Proteção Ambiental (AAPA) que estavam a jogar *softball* a leste de Berlin, New Hampshire, tivessem encontrado «por acaso» um vasto número de bidões que derramavam solventes industriais, cloretos e benzenos, alegando, por sua vez, que os recetáculos corroídos foram ali depositados contra os regulamentos por homens corpulentos de fatos brancos e cabelo curto em camiões longos e reluzentes com a insígnia oficial da Organização das Nações da América do Norte (ONAN) – uma águia com um *sombrero* na cabeça e uma folha de ácer na boca estampada nos lados. Na capital da nação, a Administração Gentle prometeu uma «enérgica e profunda investigação» às reivindicações dos residentes de Berlin, New Hampshire, e Rumford, Maine, sobre o facto de que a incidência de crânios moles e de olhos extra em recém-nascidos na área toxicamente infetada excede a média nacional» – Notícia-âncora principal da US Cartucho Notícias de Aluguer Noturno $3.75;

ALEGAÇÂO DE FUSÃO *SUB ROSA* EM LOCAL DE TESTE DE AMBIENTE TÓXICO EM MONTPELIER, VERMONT – Título da *Scientific North American*;

O MEU BÉBÉ TEM SEIS OLHOS E PRATICAMENTE NÃO TEM CRÂNIO – Cores berrantes, título de tabloide com corpo de letra 32, datado Lancaster, New Hampshire;

JOGADORES DE *SOFTBALL* DA AAPA ALEGAM QUE FORAM ENCONTRADAS «POR ACASO» MAIS DUAS LIXEIRAS QUE SÃO UM HORROR DE RESÍDUOS TÓXICOS PERTO DO NORTE DE SYRACUSE, NA HISTÓRICA TICONDEROGA, Título de diário de Nova Iorque;

A BELA-ARTE FEDERAL DE «ENCONTRAR POR ACASO»: HÁ MUITO *SOFTBALL* EM CURSO – Título do editorial do *Post-Standard* de Nova Iorque, edição de Syracuse;

PRIMEIRO-MINISTRO CANADIANO NEGA PARTIDA DE MINIGOLFE COM GOVERNANTES ULTRAJADOS DE NOVA INGLATERRA – Título surpreendentemente pequeno, com corpo de letra 12, terceira página;

SURPRESA DE GENTLE – Título enorme, quase grande de mais para poder ser lido claramente, fonte do tamanho Pearl Harbor com corpo de letra 32; AÇÕES DA MAYFLOWER, DA RED BALL, DA ALLIED E DA U-HAUL EM ALTA – Subtítulo em caracteres do *Financial Daily* com corpo de letra 16; DOIS GOVERNADORES DO NORDESTE HOSPITALIZADOS POR ENFARTE, ANEURISMA – Subtítulo com corpo de letra 10;

GENTLE DECLARA TODO O TERRITÓRIO AMERICANO A NORTE DA LINHA DE SYRACUSE ATÉ TICONDEROGA, NOVA IORQUE, E DE TICONDEROGA, NOVA IORQUE, ATÉ SALEM, MASSACHUSETTS, ZONA DE CALAMIDADE FEDERAL, OFERECE AJUDA FEDERAL PARA RESIDENTES DO NORTE DO ESTADO E PARA OS DE NOVA INGLATERRA QUE DESEJEM RELOCALIZAR-SE, DEFENDE QUE OS FUNDOS PARA A LIMPEZA POR PARTE DA AAPA «NÃO ESTÃO DENTRO DO MAPA DO POSSÍVEL» [*SIC*] – Título de um jornalista excessivamente palavroso e provavelmente despedido do departamento de títulos por exceder os parâmetros verbais e que agora está a arranjar sarilhos outra vez num jornal diário de muito menos prestigio;

e por aí adiante. O laboratório ótico de edição de Ele Mesmo tem possibilidades impressionantes de composição gráfica e de impressão: normalmente é difícil distinguir quais dos títulos e tudo o resto são reais e quais foram manipulados, quando se é demasiado jovem para recordar a verdadeira cronologia. Pelo menos alguns dos títulos são falsos, os mais novos sabem disso; minigolfe, está-se mesmo a ver. Mas o rigor do relato manipulado de Mario sobre a reunião decisiva daquilo a que se convencionou chamar «o gabinete da Concavidade» passa por facto incontestável. Excetuando quem realmente esteve na reunião de 16 de janeiro, ninguém sabe o que se disse, quando e por quem, sendo que a Administração Gentle considera que o material de gravação existente na Sala Oval era um verdadeiro repositório de organismos biológicos. A claque de ministros-fantoches de Gentle, aficionados das baladas Motown, usa vestidos roxos e batom e verniz a condizer, e permanentes afro-reluzentes ao ponto de cegarem qualquer pessoa, daí ter havido iluminação especial e problemas de velocidade de filmar na sala de arrumações.

Sec. do Tesouro: Hoje está com um aspeto vigoroso e saudável, chefe.

Gentle: Hhhaaahh! Hhhuuuhh! Hhhaaahh! Hhhuuuhh!

Pres. do México/Sec. do México/ V-P ONAN: Desculpe que lhe pergunte, *señor*, porque razão o meu caro covice-presidente da ONAN não está hoje aqui connosco.

Gentle: Hhhaaahh! Hhhuuuhh!

Sr. Rodney Tine, diretor do Departamento de Serviços não Especificados: Rapazes, hoje o Presidente está a respirar oxigénio puro e autorizou-me com a sua procuração oral neste dia, permitam-me que o diga, historicamente oportuno. O primeiro-ministro canadiano anda um bocado irritado. Prefere fazer queixinhas à imprensa, rodeado de reservistas da Polícia Montada, e encontra-se algures longe do Quebeque, num colete à prova de bala, a fazer aquilo que corresponde à palavra canadiana para fazer beicinho, provavelmente debruçado sobre sondagens encomendadas por tipos sem queixo e óculos canadianos com armação em massa.

Sec. mexicano e alguns outros: [Vários ruídos de perplexidade e apreensão.]

Tine: Penso que já todos estão informados sobre a crise sem precedentes mas não inoportuna que afeta o território a norte de uma linha horizontal quase perfeita entre Buffalo e o Nordeste de Massachusetts.

Tine dispõe fotografias em cavaletes com o emblema do selo da presidência: um fosso em New Hampshire a vazar algo cuja cor nunca ninguém tinha visto; uma vista de ângulo amplo que se estende até ao horizonte com o relevo de bidões com caveiras pintadas, com homens de cabelo curto em fatos protetores brancos a andarem por ali, ajustando botões e fazendo leituras com aparelhos de medição reluzentes na mão; um nascer do Sol químico muito estranho, semelhante em termos de cor ao batom dos membros do ministério, sobre algumas florestas do Sul do Maine que parecem muito mais altas e mais luxuriantes do que seria de esperar das florestas em janeiro; dois instantâneos com iluminação de interior mostram uma criança com vários olhos e a gatinhar para trás, a orelha encostada ao tapete, arrastando a sua cabeça disforme como uma saca de batatas. A última fotografia toca forte nas cordas do coração.

Todos os secretários: [Vários ruídos de preocupação e pena.]

Gentle: Hhhaaahh! Hhhuuuhh!

Tine: Meus senhores, o Presidente vai dizer que ninguém está preparado para afirmar com toda a certeza o que aconteceu, ou para dizer apenas a que União ou Organização aspas leal aspas se deve atribuir a culpa, mas não é a preocupação imediata da Administração apontar um dedo acusatório ou difamatório para já ou hoje. A nossa preocupação é agir, responder, e agir e responder decisivamente. Rapidamente. E decisivamente.

Sec. do Interior: Já temos algumas projeções bastante preliminares sobre os custos de desintoxicar e/ ou eliminar as radiações na maior parte de quatro estados americanos, e devo dizer-lhes que mesmo com a atual atmosfera de incerteza, sem termos alguma noção sobre que tipos e combinações de compostos foram – hum – lá encontrados e qual a extensão da sua – não a «sua» em pessoal, meu Presidente, a «sua» é apenas uma forma abreviada de dizer – de dizer algo como apenas «a» – qual a extensão que *a* dispersão e os parâmetros de toxicidade começam a ganhar – hum – devo dizer que os números com que estamos a trabalhar impressionam por terem muitos zeros, meu Presidente, senhores.

Tine: Foca mais sobre *impressionam,* por favor, Blaine.

Sec. do Int.: Estamos a falar, no mínimo, de um número incrível de civis do setor privado de fatos brancos e capacetes semelhantes ao seu, chefe, com uma conta enorme para os fatos e capacetes, mais luvas e botinhas descartáveis, e muitos outros equipamentos reluzentes com muitos botões e discos.

Gentle: Hhhaaahh! Hhhuuuhh!

Tine: Meus senhores, vamos direitos ao cerne da questão, devemo-lo ao senhor Presidente. Julgo que a posição do Presidente é óbvia pelo oxigénio que hoje foi obrigado a receber aqui na nossa presença. De forma alguma podemos permitir que território

publicamente exposto como este, manchado e alvo de lixos tóxicos, continue a sujar o território já de si estreito e mais limpo dos EUA de uma nova era. O Presidente estremece só de pensar no assunto. Só de pensar nisso já precisa de oxigénio.

Pres. do Méx./ Sec. do Méx./ V-P ONAN: *Señores*, não sei que opções estão ao alcance dos vossos governos federais e dos nossos governos continentais para que tal aconteça.

Outros sec.: [Acenos confusos e ruídos ligeiramente desajeitados de concordância.]

Tine: Tendo sido eleito e tendo-lhe sido conferido um mandato com a plataforma livre e pública do PEUL contra o lixo, o Presidente é irremediavelmente levado a admitir que a única opção viável é ceder.

Sec. de Est.: Ceder?

Tine: Claramente.

Sec. de Est.: Dizer a pura e simples verdade? Dizer que a plataforma do PEUL do Johnny precisa – tendo em conta a impraticabilidade de mandar os lixos nacionais para o espaço, uma vez que a NASA não faz um lançamento bem-sucedido há mais de uma década e que os foguetões acabam por cair e explodir provocando mais lixo – que – tendo em conta que a quantidade de lixo adicional que o arranque da fusão anelar vai pôr em circulação assim que esse arranque se verifique – que a plataforma dele precisa acima de tudo da segunda opção que consiste em transformar certas vastas áreas de território americano em aterros inabitáveis e provavelmente delimitados por arame farpado, lixeiras cheias de moscas e locais para abandono de lixo tóxico do qual exalam vapores magenta de putrefação? Admitir publicamente que aqueles jogos de *softball* da AAPA não foram a brincar ou minimamente uma coincidência? Que vocês consentiram que Rod o Deus, os convencesse[156] a autorizar os Serviços Não Especificados a levarem a cabo despejos de quantidades enormes de material tóxico que amolece os crânios contra os regulamentos locais basicamente pela mesmas razões difíceis, e para o bem da Nação, que levaram Lincoln a suspender a Constituição e a prender ativistas confederados sem nenhuma acusação durante toda a última grande crise territorial norte-americana? E/ou que, não menos importante, estes territórios em questão foram escolhidos porque os estados New Hampshire e Maine não permitiram o PEUL nos seus boletins de voto independentes e o presidente da câmara de Syracuse teve o azar de espirrar em cima do Presidente durante a campanha eleitoral? Denunciar toda a estratégia que os dois pelos vistos congeminaram e planearam pormenorizadamente num cantinho esterilizado? É isto que quer dizer com *ceder,* Rod?

Tine: Bah! Não sejas idiota, Billingsley. O Presidente refere-se a *ceder* o território.

Gentle: Hhhaaaahhh!

Tine: Vamos ceder todo o pedaço de chão abençoado.

Sec. do Int.: Exportá-lo, podia aventurar-se a propor.

Tine: É um novo recurso proativo que nenhum outro estadista no passado teve a visão ou os *cojones* ambientais para antever. Se há recurso natural que ainda temos para dar e vender é território.

Pres. do Méx./ Sec. do Méx./ V-P ONAN e outros sec.: [Tentativa de fazer voltar as sobrancelhas para baixo da linha de cabelo.]

TINE: O presidente Gentle decidiu que vamos reinventar não só o governo mas também a história. Vamos queimar o passado. Manifestar um novo destino. Rapazes, vamos estabelecer interdependência a sério no seio da ONAN.

Gentle: Hhhaaahh! Hhhuuuhh!

Tine: Meus senhores, vamos proceder a uma oferta jamais vista entre continentes de certos territórios do Nordeste americano que são agora prescindíveis, em troca, *en faute-de-*

mieux, da continuidade do acesso norte-americano a estes territórios para depositar de lixo. Permitam-me que lhes demonstre o que o Lur – o que o Presidente pretende.

Tine coloca dois mapas largos (também gentilmente cedidos pela turma de Trabalhos Manuais da senhora Heath) em cavaletes do Governo. Ambos parecem representar os bons e velhos EUA. O primeiro mapa é aquela publicação estandardizada mais ou menos tradicional, com os EUA a ocuparem um espaço enorme em branco, as franjas do Norte do México num rosa feminino de casa de banho de senhoras de bom gosto e a bainha de baixo do Sul do Canadá debruada a vermelho berrante, quase ameaçador. O segundo mapa norte-americano não parece nem antigo nem novo, do ponto de vista da tradição. Tem uma concavidade. Dá a impressão que uma ou várias pessoas deram uma profunda e valente mordidela canina no canto superior direito, no qual uma linha que sobe e depois desce tem o seu ângulo reto no que parece ser a histórica e agora horrivelmente danificada Ticonderoga, Nova Iorque; e a áreas a norte dessa linha denticulada parecem ser agora aquela tonalidade agressiva de vermelho-canadiano. Pequenas moscas de borracha, da espécie que tem barriga azul e vive no lixo, estão agrafadas e dispostas ao acaso sobre a Concavidade vermelha. Tine brinca com um ponteiro telescópico daqueles usados pelos apresentadores de boletins meteorológicos, em vez de usá-lo para apontar ao que quer que seja.

Sec. de Estado: Uma espécie de batotice política ecológica?

Tine: O Presidente convida-os a ler estas duas imagens como uma representação do antes e do depois das «relocalizações territoriais projetadas dentro da ONAN», ou um termo público deste tipo. *Redemisement* é provavelmente um termo demasiado técnico.

Sec. de Estado: Desculpe, Rod, mas com o devido respeito nós no Departamento de Estado não estamos a ver bem como é que territórios habitados podem ser vendidos ao público como aspas prescindíveis quando uma fatia considerável desse público já vive nesse território segundo se diz.

Gentle: Hhhaaahh!

Tine: Rapazes, o presidente decidiu proativamente não evitar este facto que implica uma escolha difícil, dispendiosa e muito provavelmente impopular e solitária-quando-se-está-no-poder. Temos estado totalmente empenhados na antevisão dos cenários de relocalização implicados. Cenários? Diz-se cenários[157]? Ou é daqueles plurais esquisitos? O Marty está a tratar da questão dos cenários. Podes pôr-nos a par, Marty?

Sec. dos Transportes: Prevemos que muitas pessoas se mudem para o Sul muito, muito depressa. Prevemos carros, camionetas, camiões, autocarros, *Winnebagos* – *Winnebaga*? – carrinhas e autocarros confiscados, e, possivelmente, *Winnebagos* ou *Winnebaga* confiscados. Prevemos veículos de quatro rodas, motas, jipes, barcos, ciclomotores, bicicletas, canoas e uma ou outra jangada improvisada. Motas de neve e esquiadores de longa distância e patinadores naqueles patins esquisitos que só têm uma fila de rodas por baixo. Prevemos tipos com mochilas às costas, de calções e botas, chapéus à tirolês e de cajado na mão a andarem depressa. Prevemos outros tipos a fugirem como os diabos, como talvez o Rod. Prevemos vagões caseiros empilhados de bens materiais. Prevemos motociclos *BMW* com carro lateral anexo do tempo da guerra e tipos com óculos de proteção e capacetes de couro. Prevemos uma prancha de *skate* de vez em quando. Prevemos uma quebra meramente temporária na fina camada da civilização sobre as almas de pessoas que são de facto animais assustados em debandada. Prevemos saques, tiros, um aumento injustificado de preços, tensões étnicas, sexo promíscuo, nascimentos durante o trajeto.

Sec. As. Soc..: Acho que queres dizer *patins em linha,* Marty.

Sec. dos Transportes: Qualquer *feedback* e informação são bem-vindos, Trent. Alguém

mais novo no gabinete previu asas-delta. Em termos de movimentos demográficos, pessoalmente não prevejo um número significativo de asas-delta nesta conjuntura. Também não é preciso reforçar que não prevemos algo a que possamos chamar de verdadeiros refugiados.

Gentle: Hhhaaahh. *Hhhuuuhhhhhhh*!

Tine: Claro que não, Mart. Um termo tão reles e pejorativo como *refugiado* nunca vai ser aplicável aqui. Nunca é de mais realçar este aspeto. Um não domínio eminente: sim. Um renovado nível de exigência em termos de sacrifício: podem crer. Heróis, uma nova raça de novos pioneiros da nova era a lutarem corajosamente pelo bom território americano já povoado e povoado mas intacto: *bien sûr*.

Sec. de Estado: *Bien sûr?*

Sec. de Imp. [com uma estranha combinação de argolas nas orelhas, permanente e um par de óculos num fino colar de missangas em volta do pescoço e pousado sobre o decote]: o Neil, da Contrainformação, tem estado a estudar exaustivamente os materiais de recurso. Aparentemente, o termo *refugiado* pode ser plausivelmente negado se – e cito diretamente este memorando do Neil – se a) os vagões caseiros empilhados de bens materiais não forem puxados por bovinos com cornos redondos, e b) se a percentagem de crianças com menos de seis anos que estão a) nuas, ou b) a gritar desalmadamente, ou c) as duas coisas, não ultrapassa a fasquia de vinte por cento do número total de crianças com menos de seis anos que estão a fazer a viagem. É verdade que a principal fonte do Neil é, neste caso, o livro *Totalitarian's Guide to Iron-Fisted Spin* de Pol e Diang, mas lá no departamento dele acham que podemos contornar este facto muito facilmente.

Gentle: Hhhuuuhh!

Tine: O pessoal do Marty e do Jay tem estado a trabalhar dia e noite em estratégias para prevenir qualquer forma de refugiadismo ostensivo.

Sec. de Imprensa [Colocando a cabeça cheia de brilhantina naquele ângulo que as pessoas com óculos tem que adotar para conseguirem ler]: Tudo o que seja bovino com cornos redondos é abatido à primeira vista. Para cortar logo pela raiz a situação dos miúdos nus posicionamos funcionários da USO em carros reluzentes e em intervalos estratégicos a distribuir roupa de criança grátis, cedida pela linha *Winnie the Pooh* da Sears.

Sec. do Tes.: Ainda estou a trabalhar no texto padrão do acordo com a Sears, Rod.

Tine: O Presidente está muito confiante, Chet. Acho que o Marty e o Jay estavam quase a chegar ao *coup de grâce* dos transportes.

Sec. dos Transportes: Estamos a solicitar propostas de placas para enviar para lá, de forma a fazer com que seja possível conduzir muito, muito depressa nas bermas.

Sec. de Imp.: Nas bermas em direção ao Sul.

Todos os sec.: [Burburinho harmónico.]

Sec. de Estado: Ainda não consigo compreender por que não mantemos o título cartográfico das áreas tóxicas, relocalizamos os cidadãos e os capitais movíveis, e usamos essas áreas para desperdícios. Uma espécie de armário de arrumação no *hall* de entrada ou caixote de lixo especial debaixo do lavatório da cozinha nacional, digamos. Arranjamos sistemas para se levar todo o lixo e desperdícios para a área, pomos um cordão à volta, e mantemos as pessoas do resto da nação bem comidas e contentes, segundo a plataforma do Johnny.

Sec. As. Soc..: Porquê ceder recursos essenciais para o abandono de lixo a um aliado indisciplinado?

Tine: Ao Billingsley, ao Trent e a quem quer que diga que não podemos utilizar estes

territórios apenas para este propósito, independentemente do nome da nação a que pertencem? No fim de contas, a Interdependência é o que a Interdependência faz.

Pres. do Méx./Sec. do Méx./ V-P ONAN: *Qué?*

Gentle: Hhhaaahh?

Tine: No entanto o Billingsley tem razão quando diz que este novo território canadiano, extenso e despovoado, pode arcar com as necessidades de limpeza desta grande aliança continental nas próximas décadas. Depois disso, cuidado Yukon!

Pres. do Méx./Sec. do Méx./ V-P ONAN [Cara verde e máscara escuro e húmidas sobre o lábio superior]: Com todo o respeito, será que posso perguntar ao presidente Gentle como é que propõe pedir ao meu recém-escolhido covice-presidente da nossa organização continental que aceite vastas áreas de terreno egregiamente contaminado em nome dos seus povos?

Tine: Pergunta pertinente. A resposta é simples. Três respostas. Estadismo. Batotice [a contar, agora, nos dedos fortes, brancos e limpos). Jogo perigoso.

Agora com mais efeitos jornalísticos – e mais simplistas – a surgirem do escuro a velocidades altíssimas ao som de um quarenta e cinco rotações por minuto a tocar o disco de Dave («F.D.V.») Hardy de «O Voo do Moscardo»:

GENTLE AO PRIMEIRO-MINISTRO CANADIANO: SIRVAM-SE DE ALGUM TERRITÓRIO – Título;

PRIMEIRO-MINISTRO CANADIANO PARA GENTLE: OBRIGADINHO, MAS NÃO – Título;

GENTLE PARA PRIMEIRO-MINISTRO CANADIANO: MAS EU INSISTO – Título;

BLOC QUEBECOIS PARA O PRIMEIRO-MINISTRO CANADIANO: ACEITA A ANEXAÇÃO CONVEXA TÓXICA À NOSSA PROVÍNCIA E POMO-NOS A ANDAR DAQUI PARA FORA MAIS DEPRESSA DO QUE IMAGINAS – Título do mesmo gajo outra vez;

PRIMEIRO-MINISTRO CANADIANO PARA GENTLE: OIÇA, JÁ ESTAMOS A NADAR EM TERRITÓRIO, PORQUE É QUE NÃO CONSULTA O ATLAS, JÁ TEMOS MAIS TERRITÓRIO DO QUE AQUILO QUE SABEMOS FAZER COM ELE, TAMBÉM NÃO QUERO PARECER INDELICADO MAS ESTAMOS PARTICULARMENTE CONTRA ACEITAR TERRITÓRIO IRREMEDIAVELMENTE ESTRAGADO DE VÓS, COM OU SEM RETÓRICA DA INTERDEPENDÊNCIA, NÃO HÁ VOLTA A DAR – e outra vez;

...abon – CEE DE VINTE E SEIS MEMBROS ACUSA OS EUA DE «DOMÍNIO EXPERIALISTA» – Título; LEGUMES DO TERCEIRO MUNDO ATIRADOS EM CONFUSÃO NAS NAÇÕES UNIDAS – Subtítulo com corpo de letra 10;

GENTLE PARA PRIMEIRO-MINISTRO: OLHA QUERIDA, ACEITA O TERRITÓRIO OU VAIS ARREPENDER-TE A SÉRIO – Título;

PSIQUIATRA DA CIDADE DO VÍCIO: VOCALISTA MAIS SUAVE DO PAÍS HOSPITALIZADO DUAS VEZES DEVIDO A DOENÇA MENTAL – Título de tabloide;

HISTÓRIA DE «INSTABILIDADE EMOCIONAL» DO PRESIDENTE ALEGA MÉDICO DE LAS VEGAS – Título de jornal respeitável;

NO MEU JARDIM TENHO TOMATES QUE NÃO CONSEGUIA CARREGAR MESMO SE EU CONSEGUISSE APANHÁ-LOS APÓS PASSAR À MACHADADA PELA SELVA DE TREPADEIRAS EM QUE CRESCEM – Título de tabloide, Montpelier, Vermont, com fotografia que deve ter sido manipulada;

CONFEDERAÇÃO FEDERAL DE ELEIÇÕES CHAMADA A INVESTIGAR O PEUL – Título; «DETURPAÇÃO ESTRATÉGICA» DA HISTÓRIA PSICOLÓGICA DO CANDIDATO PÕE EM RISCO A NAÇÃO E O CONTINENTE, ALEGAM OS DEMOCRATAS – Subtítulo principal com corpo de letra 12;

ASSESSORES EM REUNIÃO ENQUANTO AUMENTAM AS PREOCUPAÇÕES SOBRE «A INCAPACIDADE PATOLÓGICA DE GENTLE PARA LIDAR PRÓ-ACIVAMENTE COM QUALQUER ESPÉCIE DE REJEIÇÃO REAL OU IMAGINADA» PERANTE O CONFRONTO COM O CANADÁ – Jornalista dependente de metadona, já no terceiro jornal nos últimos dezassete meses;

«As comunidades financeira e diplomática reagiram com cada vez mais preocupação perante as notícias de que o presidente Gentle se isolou na sua pequena suíte privada no Hospital Naval Bethesda com equipamento de som e de esterilização no valor de vários milhares de dólares e que passa o dia a cantar músicas melancólicas em tons pouco apropriados ao coronel da USMC que fica próximo do aparelho de esterilização *Dermalatix Hypospectral*, algemado à caixa negra dos códigos nucleares dos Estados Unidos. Porta-vozes do Departamento de Serviços Não Especificados recusaram comentar notícias sobre diretivas do Executivo tão irregulares como as seguintes: ordenar ao Departamento da Defesa que confisque aos armazéns *Searsco* todo o inventário de roupa infantil *Winnie-the-Pooh* ao abrigo da Cláusula de Emergência de Segurança Nacional 414; exigir ao pessoal das Forças Armadas que pratique tiro ao alvo contra silhuetas em cartão do que parecem ser bois, búfalos-d'água ou vacas *longhorn*; preparar a apresentação de uma comunicação presidencial à Nação que é suposto consistir inteiramente no Presidente sentado à sua secretária com a cabeça enterrada nas suas luvas entoando «Para quê continuar?» sem cessar; ordenar que todas as instalações a norte do Paralelo 44 removem os seus mísseis dos silos e depois os reinsiram na posição contrária; ordenar a instalação de enormes «ventiladores de deslocação de ar» a vinte e oito quilómetros a sul de cada silo, virados para norte.» – O título-âncora para uma espécie de gravação semanal semifoleira cheia de notícias popularuchas.

RECEITAS ENORMES «SEM PRECEDENTES» NO TERCEIRO TRIMESTRE ATRIBUIDAS PELO PILLSBURY/BK À RESSUSCITAÇÃO «CRIATIVAMENTE PROATIVA» DOS ANUNCIOS PÓS-REDE – Título do *Ad Week* a cores com letra de corpo 14;

GENTLE PERDEU O JUIZO COMPLETAMENTE, ALEGA PESSOA PRÓXIMA DELE, O DIRETOR TINE DO DSNE, NA CONFERÊNCIA DE IMPRENSA: AMEAÇA DETONAR OS MÍSSEIS COLOCADOS AO CONTRÁRIO NOS SILOS DOS EUA, IRRADIAR O CANADÁ COM A AJUDA DOS VENTILADORES INFERNAIS ATHSCEME HELL – Título; «DISPOSTO A ELIMINAR O PRÓPRIO MAPA POR BIRRA» SE O CANADÁ REJEITAR A TRANSFERÊNCIA DO TERRENO «ESTETICAMENTE INACEITÁVEL» – Subtítulo obviamente caseiro.

Esta característica de catástase do enredo do filme de fantoches – que Johnny Gentle, famoso *crooner* ameaça mandar pelos ares a sua própria nação e intoxicar as nações vizinhas por causa de uma birrinha maluca originada pelo facto de o Canadá não aceitar voltar a ser o titular de direito e mandar na vasta lixeira da ONAN – ressoa profundamente junto dos espectadores da ATE que sabem que todo este pseudocenário paródico é, na verdade, uma alusão tipo fantoche *à clef* à lenda sombria de um tal Eric Clipperton e da Brigada Clipperton. Nos últimos anos de Tempo Não Subsidiado, este miúdo Eric Clipperton apareceu pela primeira vez como um inocente rapaz de dezasseis anos no jogo de um torneio regional da costa leste. No espaço reservado nas fichas do torneio para a pequena Vila-ou-Academia-de-Onde-Vem que aparece a seguir ao nome de Clipperton lia-se apenas «Ind.», significando provavelmente «Independente». Nunca ninguém tinha ouvido falar dele antes, nem sabia de onde ele vinha. Era como se tivesse conseguido infiltrar-se uma espécie de radão humano, vindo de um sítio inferior e desconhecido e daí ter emprestado ao lugar-comum «Vencer ou morrer a tentar» vários novos sentidos literalmente grotescos.

Porque a lenda Clipperton teve origem no facto de este miúdo Clipperton ter uma *Glock 17* semiautomática, temível e num estado imaculado, que vinha num pequeno e elegante estojo de madeira clara, com uma pega em cabedal, que tinha uma legenda gótica e uma concavidade de veludo em forma de pistola onde a *Glock 17* repousava aninhada em veludo, reluzindo, com outra pequena cavidade retangular para o carregador de dezassete balas; e que ele levou consigo para o campo o estojo da arma e a *Glock 17*, além das suas toalhas, garrafa de água e equipamento de desporto, e desde que apareceu pela primeira vez no torneio de juniores da costa leste e deixou bem clara a sua intenção de rebentar com a própria cabeça publicamente, ali mesmo em campo, se alguma vez perdesse, uma única vez que fosse.

Então passou a haver em quase todos os torneios com um número de entrada de mais de sessenta e quatro, um grupo de três rapazes, depois quatro, cinco quando chegavam às meias-finais e, por fim, seis, que, para esse torneio formaram a Brigada Clipperton, jogadores que tinham tido o azar de enfrentar e jogar contra Eric Clipperton e a sua bem oleada *Glock 17* e que, claro, recusaram ser o jogador a obrigar Clipperton a eliminar o seu próprio plano para sempre e

em público por algo comparativamente tão desinteressante como uma vitória no torneio contra Clipperton. Ganhar contra Clipperton não tinha significado porque *perder* contra Clipperton não tinha significado e não tinha consequências no *ranking* regional e da USTA, não após os tipos do centro informático da USTA terem percebido o *modus operandum* estratégico dos Clipperton. Assim, ser derrotado nas fases iniciais de um torneio de ténis por causa de Clipperton começou a ser encarado como um passeio no beisebol, em termos de estatísticas; e quando um rapaz se encontrava com a Brigada Clipperton e perdia por falta de comparência tendia a encarar este torneio como uma espécie de férias inesperadas, uma possibilidade para descansar e ficar melhor, finalmente apanhar sol no peito e nos tornozelos, trabalhar as fraquezas no jogo, refletir um pouco sobre o significado daquilo tudo.

A primeira vitória sem significado de Clipperton aconteceu aos dezasseis anos, quando era um principiante, no torneio para juniores do Open de Hartford, na primeira eliminatória, contra um Ross Reat, de Maddox, Ohio, e da recém-inaugurada Academia de Ténis de Enfield. Por alguma razão, Struck se especializou nesta história e nunca perde uma oportunidade de contar aos novos alunos da ATE o jogo de Clipperton *versus* Reat. Clipperton é um jogador razoável, nada de espetacular mas também não fica estupidamente fora em torneios regionais que dão pontos para o *ranking*; mas aos quinze anos Reat tem experiência e é um dos primeiros, sendo o terceiro cabeça de série em Hartford; e Reat, durante algum tempo – como costuma fazer um cabeça de série na primeira eliminatória – dedica-se basicamente a limpar as unhas diante um Clipperton desconhecido e não classificado. Aos 1-4 no segundo *set*, Clipperton senta-se durante a mudança de campo e, em vez de se refrescar com a toalha, deita a mão ao saco onde buscar a caixinha elegante de madeira, tirando dela a sua *Glock 17*. Acaricia-a. Tira o carregador das balas e enfia-o com força na ranhura da coronha com um clique metálico assustador. Acaricia a têmpora esquerda com o cano reluzente da coisa. Todas as pessoas que estavam a ver o jogo concordam que é uma arma de defesa pessoal bastante feia e de aspeto ameaçador. Clipperton sobe os degraus da cadeira tipo salva-vidas onde está o árbitro com o seu *blazer*[158] azul e usa o microfone para tornar pública a sua intenção de estoirar os miolos no meio do campo com a temida *Glock* se perder. O reduzido público das bancadas das primeiras eliminatórias fica hirto e retém a

respiração durante muito, muito tempo. Reat engole em seco ruidosamente. Reat é alto, tem sardas por todos os lados, bom rapaz, um dos miúdos lourinhos de Incandenza, não muito inteligente, com os torneios satélite tão claros no seu futuro que aos quinze anos já está a tomar vacinas contra a cólera e a estudar as taxas de câmbio do Terceiro Mundo. E no resto do jogo (que dura precisamente mais onze jogos) é feito por Clipperton com a *Glock 17* apontada firmemente à têmpora esquerda. A arma complica o gesto de atirar a bola ao ar durante o serviço de Clipperton, mas de qualquer forma Reat deixa passar as bolas sem as devolver. Nenhum membro da ATE se incomodou a estar presente e o treinador de Reat pensou que aquele primeiro jogo seria um passeio, e por isso Reat está sozinho emocional e estrategicamente, tendo optado por nem sequer fingir que está a fazer um esforço para ganhar, dado que Clipperton, que não estava na lista de cabeças de série, está disposto a sacrificar-se pela vitória. Ross Reat foi o primeiro e o último jogador júnior a apertar a mão livre de Clipperton no fim de um jogo de ténis, e o evento foi imortalizado numa fotografia no *Hartford Courier* que alguém da ATE afixou por brincadeira com tanta cola à porta do quarto de Struck que para a remover teria sido preciso estragar o verniz e por isso ainda lá está, à vista de todos: Reat ao pé da rede, de joelhos, um braço por cima dos olhos, a outra mão estendida a um Clipperton que acabou de o obliterar psicologicamente. E depois disso Ross Reat nunca voltou a ser o mesmo, segundo lembram Schitt e DeLint a todos os rapazes da ATE com possíveis intenções caridosas no futuro.

E, segundo reza a lenda, a partir daí Eric Clipperton nunca mais perdeu. Ninguém quer vencê-lo e correr o risco de viver o resto da vida com a visão da *Glock* a disparar a pesar-lhe na consciência. Ninguém sabe de onde vem Clipperton para jogar. Nunca é visto nos aeroportos ou nas saídas das autoestradas ou nos restaurantes de *fast food* a ingerir calorias entre jogos. Começa simplesmente a materializar-se, sempre sozinho, em torneios de juniores de nível cada vez mais altos, aparece sempre nos sorteios com «Ind.» a seguir ao nome, joga ténis de competição com a *Glock* encostada à têmpora esquerda[159]; e os adversários, sem vontade de sacrificar o refém de Clipperton (Clipperton *même*), quase nem tentam ganhar, ou tentam conseguir ângulos ou efeitos impossíveis, ou então falam aos telemóveis enquanto jogam ou tentam bater as bolas entre as pernas ou por trás das costas; e as assistências têm tendência a

vaiar Clipperton o mais que podem; e Clipperton senta-se nos períodos de descanso e pega no carregador e nas dezassete balas de nove milímetros revestidas a latão que de vez em quando faz chocalhar na mão com ar pensativo; outras vezes roda a pistola no dedo pela guarda, tipo pistoleiro do Velho Oeste; mas quando o jogo recomeça Clipperton volta a pôr um ar sério, com a *Glock* apontada à têmpora, a jogar, e arrasa os desleixados da Brigada Clipperton de turno e ganha o torneio por aquilo que é, essencialmente, abandono psíquico, e logo a seguir a receber o troféu desaparece como que se a terra o tivesse tragado. O seu único amigo, ainda que remoto, no circuito dos juniores é Mario Incandenza, de oito anos, que Clipperton conhece porque, embora Disney Leith e um pró-reitor chamado Cantrell estejam a orientar o contingente masculino do circuito naquele verão (incluindo Orin Incandenza, um jogador sólido mas aos dezassete anos mais ou menos estacionário na sua evolução), o reitor da ATE, doutor J.O. Incandenza, assiste a muitos jogos do circuito doméstico, filmando, ao abrigo de um programa da USTA, um documentário de dois episódios sobre o ténis júnior de competição, tensão nervosa e iluminação e por isso Mario anda por ali com caixas de lentes, tripés e etc. e assiste à maioria dos jogos mais importantes naquele fim de verão, e conhece Clipperton, e acha-o muito intrigante e hilariante mas não consegue explicar como, e é simpático para ele e procura a sua companhia, ou pelo menos trata Clipperton como alguém que *existe*, mas naquele fim de julho a atitude de todas as pessoas em relação a Clipperton era algo parecido com aquela ausência transparente de reconhecimento que, por exemplo, acompanha os peidos em ocasiões formais. Uma dos curtos cartuchos-teste de Ele Mesmo – filmado para verificar as aberrações transversais em diversos ângulos da luz do Sol, como diz no autocolante fixado à caixa – contém as únicas imagens disponíveis do falecido Eric Clipperton[160]; a abundância de embalagens de pastilhas de sal e frascos vazios de *Pledge* e ambulâncias de Dade County, provavelmente foi filmado no hediondo festival de cãibras do Sunkist Jr. Inv., em agosto, em Miami – alguns metros filmados com demasiada exposição de luz apresentam Clipperton, de cabeça baixa e sentado num banco cor de laranja, mostrando os ombros ossudos, sem camisa e com os *Nikes* desapertados, a caixa com as letras góticas sobre as pernas, os cotovelos nos joelhos e as mãos espalhadas sobre as bochechas, a olhar para baixo, entre os pés, e a tentar não sorrir enquanto Mario, murcho, do

tamanho de uma criança, de pé ao lado dele e inclinado para a frente, no suporte portátil da polícia, com um fotómetro na mão e outra coisa que não se consegue ver bem na gravação, a meio de uma gargalhada homodonte por causa de algo cómico que Clipperton deve ter dito.

Hal, tendo fumado canábis por quatro vezes – duas vezes com outros – neste dia continental de descanso, ainda num estado de choque de culpa que lhe provoca dores de estômago após a *débacle* do jogo de *Eschaton* da tarde e da sua incapacidade de intervir ou até de sair da sua cadeira de pátio, já perdeu um pouco o controlo e está prestes a meter o dente no quarto *cannoli* de chocolate no espaço de meia hora; sente o gelo elétrico do ataque de uma cárie incipiente na zona dos molares da esquerda e, como de costume, depois deste abuso de açúcar, encontra-se a afundar-se, emocionalmente, num estupor distraído. O filme de fantoches é suficientemente parecido com o falecido Ele Mesmo para que a única coisa deprimente a que vale a pena prestar atenção ou ser motivo de reflexão são as repercussões que a Reconfiguração ONANista teve na indústria da publicidade americana. O filme de Mario faz alguns cortes demasiadamente artísticos entre a construção das fortificações de *Lucite* e as instalações de deslocação de ATHSCME e de EWD na nova fronteira dos Estados Unidos, por um lado e a apenas sugerida desastrosa história-de-amor-de-Rodney-Tine, em que uma marioneta voluptuosa representa a infame e enigmática *fatale* do Quebeque conhecido publicamente como «Luria P.», por outro. A pequena mão de feltro castanho de Tine encontra-se pousada sobre o joelho voluptuosamente gorducho de pau de chupa-chupa de Luria no famoso Vienna, a churrasqueira *szechuan* da Virgínia onde, segundo a enigmática lenda, o Tempo Subsidiado foi concebido por R. Tine no verso de uma toalha de papel acetinado com o padrão do zodíaco chinês impresso. Hal conhece muito bem a queda e ascensão da publicidade milenar dos Estados Unidos uma vez que uma das duas únicas coisas académicas que escreveu na vida sobre uma coisa minimamente fílmica[161] foi um artigo enorme sobre os destinos irregulares da televisão e da indústria da publicidade dos Estados Unidos. Foi o projeto final e decisivo para a nota na cadeira anual de Introdução aos Estudos de Entretenimento do senhor U. Ogilvie em maio do AFMP.; e Hal, no sétimo ano, e que apenas tinha chegado ao R no *Dicionário Oxford.*, escreveu sobre o declínio dos anúncios de televisão com um

tom de reverência que dava a entender que os acontecimentos tinham tido lugar no tempo dos glaciares e homens vestidos de peles em vez de apenas quatro anos antes, mais ou menos na mesma altura que o apogeu da Era Gentle e da Reconfiguração Experialista gozadas no filme de fantoches de Mario.

Não há dúvida que a indústria da televisão comercial – o que quer dizer, uma vez que a PBS é outra loiça, as três grandes e a Fox, que cresceu depressa mas durou pouco – já estava a passar por tempos difíceis. Entre a proliferação exponencial de canais de cabo, o aumento dos comandos historicamente conhecidos como *zappers*, dando controlo total aos telespectadores, e os avanços nas técnicas de gravação em VCR que usavam subtis sensores de volume e de tons histéricos para eliminar das gravações a maioria dos anúncios publicitários (aqui um digressão mais informal sobre as batalhas legais entre as cadeias e os fabricantes de gravadores de vídeos por causa da função Montar que levou o senhor O., impaciente, a desenhar uma caveira enorme a bocejar na margem), as grandes cadeias estavam a sentir dificuldades para atrair o número de espectadores de que precisavam para justificar os preços dos anúncios exigidos pela enorme boca a salivar dos custos de produção. O grande inimigo das quatro grandes eram os mais de cem emissores regionais e nacionais por cabo, os quais, na Era Limbaugh pré-milenar de uma interpretação extraordinariamente generosa por parte do Departamento de Justiça dos Estatutos Sherman, tinham formado uma Associação Comercial poderosa mas fracionada sob a direção de Malone, da TCI, Turner, da TBS, e uma figura obscura de Alberta que era proprietária do Canal Vista-Pela-Janela-a-Fingir-de-Muitas-Casas-Luxuosas-em-Lugares-Exóticos, do Canal Lareira-do-Natal Yuletide, do programa educacional por cabo Matrix, e de quatro dos cinco grandes canais canadianos de compras de Le Groupe Vidéotron. Ao montar uma agressiva campanha racional-emocional que criticava a «passividade» de centenas de milhões de telespectadores obrigados a escolher todas as noites entre apenas quatro emissores estatisticamente amaricados e ao enaltecer a «escolha potenciadoramente americana» de mais de quinhentas opções esotéricas por cabo, o Conselho Americano de Disseminadores por Cabo (CADC) atacava os quatro grandes na sua raiz ideológica, na matriz psíquica que tinha condicionado os telespectadores (condicionados pelos quatro grandes e seus anunciantes, nota deliciosamente Hal) a ligar a Liberdade de Escolha e o Direito ao Entretenimento a tudo que era

verdadeiro e americano.

A campanha do CADC, orquestrada brilhantemente pela Viney and Veal's Advertising de Boston, Massachusetts, estava a atingir os quatro grandes no tórax fiscal com o seu ubíquo slôgane antipassividade «Não Fiques Sentado e Quieto por Menos» quando a viabilidade das cadeias recebeu um *coup de grâce* inesperado na forma de uma atividade paralela da Viney and Veals. A V&V, como quase todas as agências de publicidade dos Estados Unidos, tentava obter lucro de todas as maneiras possíveis e concebíveis, e começou a tirar proveito da queda nos preços dos anúncios nos quatro grandes ao lançar campanhas na televisão para produtos e serviços que antes não teriam dinheiro para anunciar nacionalmente na televisão. Para a obscura firma Nunhagen Aspirin Co., de Framingham, Massachusetts, a Viney and Veals convenceu a Fundação Nacional Contra a Dor Craniofacial, de Enfield, a patrocinar uma enorme exposição itinerante de quadros de artistas que sofriam da atroz dor craniofacial. Os anúncios da Nunhagen daí resultantes eram imagens sem som, de trinta segundos, que mostravam os quadros, com nunhagen aspirin escrito em tons suaves de cores leves em baixo à esquerda. Os quadros eram horríveis, tanto mais que a televisão de alta definição tinha chegado, pelo menos à casa dos Incandenza, da classe alta. Hal nem quer lembrar-se dos anúncios com quadros alusivos a dores de dentes, muito menos com um fragmento de *cannoli* preso algures no lado superior esquerdo da boca que o faz procurar de vez em quando Schacht com os olhos para lhe pedir que lhe veja a boca com um espelho. Lembra-se de um anúncio da cara de um americano vulgar de classe média, mas com um tornado a sair-lhe da órbita do olho direito e com uma boca no vórtice do tornado aos gritos. E este anúncio foi um dos mais suaves[162]. Os anúncios não tinham custos nenhuns de produção. As vendas de *Nunhagen Aspirin* subiram incrivelmente a nível nacional, apesar de os números de espectadores dos anúncios desceram de poucos a quase nada. As pessoas acharam os quadros tão dolorosos que compravam o produto mas evitavam os anúncios. Podia pensar-se que tal facto não faria diferença nenhuma desde que o produto estivesse a vender, este facto de milhões de telespectadores estarem a fazer *zapping* ou a mudar de canal assim que aparecia uma cara silenciosa e torcida com um machado na testa. Mas o que tornava tão fatalmente poderosos os anúncios da *Nunhagen* era o facto de comprometerem os números do *share* dos anúncios que

vinham a seguir e dos programas à volta dos *spots* publicitários, e, pior, eram um desastre uma vez que, por serem tão violentamente desagradáveis, acordavam literalmente milhões de telespectadores do seu sono televisivo, pessoas que estavam tão adormecidas e pacificadas que normalmente nem se davam ao trabalho de usar a energia do músculo do polegar necessária para mudar de canal e evitar algo que estava a ser emitido, com milhões destes telespectadores de repente perturbados e zangados a descobrirem o poder e a capacidade que os seus polegares lhes concediam.

O seguinte êxito financeiro da Viney and Veals, uma lúgubre série de *spots* publicitários para uma cadeia nacional de clínicas de lipossucção, reforçou a tendência da V&V para obter vendas altas do produto mas à custa de baixíssimos índices de audiência para os anúncios; e neste caso os quatro grandes estavam numa situação complicada, porque – embora os críticos e associações de pais e muitos CAP comprometidos com doenças relacionadas com a alimentação estivessem a denunciar os anúncios da LipoVac com massas de celulite a tremer e imagens explícitas de procedimentos que se assemelhavam a uma mistura de demonstrações de aspiradores e autópsias filmadas e programas de cozinha para pessoas com colesterol alto que implicavam um trabalho de drenagem de gorduras de frango, e embora a fuga dos telespectadores aos anúncios da LipoVac estivesse a reduzir os números de espectadores dos outros anúncios e dos programas à volta deles –, o sono suado dos executivos da Rede estava infetado por nítidas visões de polegares atrofiados que voltavam à vida a tremer sobre os botões dos comandos à distância – embora os anúncios fossem fatalmente poderosos, as receitas da LipoVac aumentaram de uma maneira tão obscena devido a estes anúncios que a LipoVac Unltd tinha dinheiro para pagar quantias obscenas por anúncios de trinta segundos, quantias verdadeiramente obscenas, quantias de que os Quatro Grandes em dificuldades precisavam como de pão para a boca. E assim continuaram os anúncios da LipoVac, e muito dinheiro passou de mão em mão, e de uma maneira geral os números de espectadores caíram como um balão a esvaziar. Do ponto de vista histórico é fácil acusar as cadeias nacionais de serem gananciosos e de terem a vista curta em relação a lipossucção explícita, mas Hal argumentou, com uma compaixão que o senhor Ogilvie achou surpreendente num aluno do sétimo ano, que provavelmente é muito difícil ser moderado e ter visão quando se está a lutar

contra uma invasiva e maligna cabala do cabo apoiada pela V&V que massacra a nossa vida fiscal, dia após dia.

Mas em retrospetiva, a gota que fez transbordar o copo dos quatro grandes tinha de ser o trio de *spots* publicitários a preto e branco e de planos aproximados da V&V para uma minúscula cooperativa de Wisconsin que comercializava raspadores de língua vendidos à cobrança. Estes anúncios foram longe de mais, passando uma espécie de linha psicoestética, mesmo se conseguiram criar uma indústria nacional de raspadores de língua e colocaram a NoCoat Inc de Fond da Lac na lista da *Fortune 500*[163]. Os anúncios da NoCoat, que estilisticamente se assemelhavam aos horríveis argumentos que envolvem elixir bocal, desodorizante ou champô anticaspa e que mostram um anti-herói que encontra por acaso um objeto de desejo lindo e que acabam em repulsa e vergonha devido a uma deficiência de higiene que é fácil de corrigir, tinham uma força emocional arrepiante que se encontrava no exagero hediondo da camada quase geológica da matéria cinzenta que cobria a língua de um transeunte elegante e bonito que aceita o convite tentador de uma lindíssima agente de estacionamento para lamber o gelado que ela acaba de comprar a um vendedor de rua. O demorado primeiro plano da língua estendida que era preciso ver para crer, em termos da camada de porcaria. O primeiro plano seguinte em câmara lenta do rosto repugnado da rapariga, que recua com uma careta de asco enquanto o cone devolvido lhe cai dos dedos paralisados de repulsa. A câmara lenta como um pesadelo mostra como o mortificado transeunte se perde no meio do trânsito, tapando a boca com o braço, enquanto a cara antes simpática do vendedor de rua está agoa cheia de ódio e ele desata a gritar insultos higiénicos.

Aparentemente, estes anúncios atingiram os espectadores no seu íntimo. De certa forma foi uma questão de gosto, pura e simplesmente: os críticos disseram que estes anúncios da NoCoat eram como se a empresa de creme contra as hemorroidas *Preparation H* filmasse um exame retal ou como se uma câmara de uma fábrica de fraldas para incontinência fosse procurar manchas de urina no chão numa reunião social na igreja. Mas o ensaio de Hal localizou o nível em que reagiram os espectadores dos quatro grandes, um nível muito mais perto da alma do que da mera falta de gosto.

A campanha NoCoat da V&V foi um exercício de escatologia do apelo emocional. Ficou a pairar como uma espécie de *Überad*, que deixou uma sombra

escabrosa sobre um século de persuasão televisiva. Fez o que todos os anúncios devem fazer: criar uma ansiedade apenas resolúvel através de uma compra. E fê-lo mais do que sabiamente, dado a vulnerabilidade da psique de uns Estados Unidos cada vez mais preocupados com questões de higiene.

A campanha NoCoat teve três consequências principais. A primeira foi aquele ano horrível de que Hal se lembra vagamente, quando a nação passou a estar obcecada com o estado da sua língua, quando as pessoas não saíam de casa sem um raspador de língua e um raspador de língua suplente para as emergências, da mesma maneira que não saíam sem se lavarem e se pentearem. O ano em que as zonas de lavatórios e espelhos das casas de banho públicas se tornaram sítios sinistros. Os funcionários da cooperativa NoCoat trocaram os fatos-macaco e ponchos por roupa *Armani* e *Dior* e depois desintegraram-se no meio de vários processos judiciais de oito dígitos. Mas por esta altura toda a gente, desde a Procter & Gamble à farmácia local, já tinha um raspador à venda, alguns dos quais com barrocos extras eletrónicos potencialmente perigosos.

A segunda consequência foi que os quatro grandes caíram simplesmente da prateleira, fiscalmente falando. Passando por uma fase de descontentamento não visto desde os dias em que os anúncios para manteiga de amendoim *Jif* apresentaram personagens estrangeiras a meter narizes brilhantes nos seus frascos abertos, a cabala do cabo constituída por Malone-Turner-e-o-obscuro-homem-de-Alberta conseguiu levar os patrocinadores cujos anúncios estavam no ar sete ou oito anúncios antes ou depois dos anúncios da NoCoat mudassem para o CADC. Logo a seguir, Malone e Turner, os anjos da morte da TV de sinal aberto, transformaram esta nova injeção de capital dos patrocinadores em propostas irrecusáveis para comprar os direitos à NCAA Final Four, a World Series de beisebol, Wimbledon, e o Pro Bowlers Tour, após o que os quatro grandes foram abandonados também pela Schick e pela Gillette, por um lado, e pela Miller e a Bud, por outro. A Fox pediu proteção ao abrigo do Capítulo 11, na Segunda-feira depois do anúncio do golpe da CADC, e o índice Dow Jones começou a ficar literalmente louco com as ações da General Electric, Paramount, Disney, etc. Poucos dias depois três dos quatro grandes deixaram de emitir e a ABC começou a emitir a maratona de episódios de *Happy Days* que duravam tanto tempo que ameaças de bomba começaram a chegar à emissora e ao pobre do Henry Winkler, agora sem cabelo e viciado em açúcar em La Honda,

Califórnia, e a ponderar seriamente experimentar o procedimento LipoVac, que parecia lúgubre mas causava alguma esperança....

E a irónica terceira consequência foi que quase todas as grandes agências de publicidade com acordos com os canais nacionais – entre as quais estava icária Viney and Veals – também foram à falência no remoinho dos quatro grandes, levando com eles um sem-número de companhias de produção, artistas gráficos, contabilistas, técnicos de tratamento informático, porta-vozes de produtos com línguas ásperas, peritos em análise demográfica de óculos com aros de tartaruga, etc. Os milhões de cidadãos que viviam em áreas onde, por uma razão ou outra, não tinham televisão por cabo usaram os gravadores de vídeo até à exaustão, ficaram maniacamente fartos de *Happy Days* e depois perceberam que tinham blocos enormes e irritantes de tempo totalmente sem opções visuais nem entretenimento; e a percentagem de crimes domésticos, bem como suicídios propriamente dito, aumentou de tal maneira que ensombrou o penúltimo ano do milénio.

Mas a consequência destas três consequências – com toda a ironia engenhosa ianque que acompanha todas a ressurreições – produz-se quando as agora juntas quatro grandes, mudas e invisíveis, mas com um resto de ativos livres de credores, pagando agora apenas às mentes inteligentemente gananciosas que sobrevivem aos cortes orçamentais constituindo um esqueleto mínimo de pessoal, ressurgiram das cinzas e tiveram um último adeus triunfal utilizando ironicamente o apelo da V&V ao direito à escolha/antipassividade para destruir a CADC que meses antes tinha destruído os quatro grandes, forçando Malone da TCI a saltar num paraquedas doirado em forma de sino e enviando Turner da TBS para um exílio náutico autoimposto.

Porque entrou em ação uma tal Noreen Lace-Forché, rainha do mundo do aluguer de vídeo, formada na USC, e que nos anos 90 AS tinha trazido a Intermission Video, de Phoenix, do meio do soalheiro Sudoeste para uma posição de distribuição nacional apenas superada pela Blockbuster em termos de receitas. A mulher que Gates, da Microsoft, chama «A Rainha das Aplicações Mortais» e de quem Huizenga, da Blockbuster, diz: «A única mulher que me mete medo.»

Após convencer os rapaces restos esqueléticos das quatro grandes a consolidarem a produção, distribuição e recursos financeiros numa companhia-

fantasma que ela tinha fundado mas deixou sem funcionar desde que previu o apocalipse mediático na ressaca psicofiscal dos anúncios *Nunhagen* – esta companhia-fantasma era uma firma com o nome obscuro de InterLace TelEntertainment – Lace-Forché conseguiu persuadir o mestre dos anúncios P. Tom Veals – que nessa altura estava de luto após a morte do sócio atormentado por remorsos que tinha saltado da Ponte Tobin e a beber tanto que ia a caminho de uma pancreatite na sua casa de Beacon Hill – a recompor-se e a organizar uma profunda insatisfação nacional com a «passividade» existente até na televisão por cabo DSS:

Que importância tem se as «opções» entre aspas são quatro, cento e quatro ou quinhentos e quatro?, argumentava a campanha de Veals. Porque ali estávamos nós – na suposição é claro de que nós dispúnhamos de cabo ou do equipamento necessário e que podíamos pagar uma quota mensal fixa se importar quantas opções fossem feitas em cada mês – bom, ali estávamos nós sentados aceitando apenas o que nos transmitia um distante CADC no nosso recetáculo de entretenimento. Ali estávamos a consolar-nos da nossa dependência e da nossa passividade fazendo *zapping* a toda a velocidade com o comando à distância e navegando, coisas de que já se começava a suspeitar que a longo prazo podiam causar vários tipos desagradáveis de epilepsia. A promessa dos magnatas do cabo de nos «dar poder», argumentava a campanha, não era mais do que um convite a escolher de qual das quinhentas e quatro opções nos alimentaríamos visualmente[164]. *Mas e se*, postulava a campanha, e se em vez de ficarmos sentados para escolher a menos má das quinhentas e quatro invenções infantis, e a *vox* – e *digitus-populis* podia escolher criar o seu próprio entretenimento doméstico literal e essencialmente *adulto*? Isto é e se – segundo a InterLace –, e se um telespectador pudesse eleger mais ou menos a *cem por cento aquilo que ver num momento determinado?* Como é que seria se qualquer pessoa pudesse escolher e alugar, por meio de um computador pessoal, um *modem* e uma linha de fibra ótica, entre dezenas de milhares de filmes estreados, documentários, acontecimentos desportivos, velhos e amados programas que não foram *Happy Days*, programas totalmente novos incluindo espaços culturais, etc., todos produzidos e garantidos e com a experiência das quatro grandes e das suas gigantescas instalações de produção, tudo empacotado e disseminado por InterLace TelEnt., tudo operacional graças aos adequados impulsos de fibra ótica

perfeitamente compatíveis com as novas disquetes de 4.8 MB de PC que InterLace comercializa com a denominação de «cartuchos», e tudo isto visível no nosso velho e seguro monitor de PC de alta resolução? Ou, se assim o preferirmos, conectável à nossa velha televisão de ecrã grande pré-milenar com um ou dois cabos coaxiais. Uma programação escolhida por nós que se podia pagar com qualquer cartão de crédito ou numa conta especial financiada por InterLace e disponível para setenta e seis por cento dos lares americanos que tivessem PC, linha telefónica e crédito verificável. E se, refletia em voz alta o porta-voz de Veals, e se o telespectador se tornasse o seu próprio diretor de programação? E se ele/ela pudessem definir pessoalmente o entretenimento mais indicado para a sua própria felicidade como era seu direito?

Para Hal o resto é história recente.

Na altura em que começaram a estar disponíveis os cartuchos, não só com os filmes de Hollywood estreados, mas também outros novos, além de novas comédias, dramas policiais, desportos quase em direto, além de noticiários com apresentadores famosos todas as noites, programas de meteorologia, arte, saúde e análise financeira, os solventes programadores da CADC já tinham sido forçados ao velho esquema de sistemas locais de filme-e-beisebol-à-tarde que imperava nos anos 80 AS. A escolha passiva era agora muito reduzida. A indústria americana do entretenimento tornou-se inerentemente proativa e guiada pelo consumidor. E devido ao facto de que agora a publicidade ficava fora da questão televisiva – qualquer PC de potência média podia eliminar qualquer coisa desagradável ou não desejada por meio da função *review* de qualquer disquete de entretenimento – a produção de cartuchos –, significando agora tanto «disseminação espontânea» por satélite dos menus selecionados pelo telespectador como a gravação industrial de programas em disquetes 9.6 MB disponíveis a baixo preço e compatíveis com qualquer equipamento de CD-ROM –, embora tentacularmente controlada por uma firma InterLace que tinha patenteado o processo de transmissão digital para mover imagens e possuía mais ações do que qualquer das cinco cadeias Baby Bell envolvidas na rede de transmissão por fibra ótica na Internet, rede que seria adquirida a dezassete cêntimos pela GTE depois de a Sprint se ter arruinado tentando lançar uma forma primitiva de videofonia sem máscara e sem *tableaux*, tornou-se um mercado livre hobbesiano. Acabara a relutância da rede em fazer programas com

demasiado entretenimento com receio de que os seus anúncios comerciais não lhes chegassem aos calcanhares. Quanto mais agradável era um dado cartucho, tanto maior era a procura de aluguer por parte dos espectadores; e mais pagava a InterLace à produtora que o tinha feito. Era simples. O prazer pessoal e as receitas pareciam finalmente andar de mão dada na mesma curva de procura, pelo menos no que se referia ao entretenimento doméstico.

E à medida que a InterLace foi adquirindo as instalações e os talentos de produção da rede, os dois maiores conglomerados de computadores domésticos, as licenças de Aapps Inc. dos vanguardistas CD-ROM *Froxx 2100*, as patentes de *hardware* e dos orbitadores DSS da RCA e as patentes de compatibilidade digital da tecnologia HDTV (qua ainda precisava de baixar um pouco os preços) de monitores a cores visualmente melhorados e circuitos microprocessados 2Öárea mais linhas de resolução ótica, e à medida que estas aquisições permitiram que a rede de disseminação de cartuchos de Noreen Lace-Forché conseguisse uma integração vertical com a economia de escala, baixaram drasticamente as taxas de receção por impulso e de aluguer dos cartuchos[165]; depois o incremento das receitas devido ao incremento da procura e do volume de alugueres foi investido com grande clarividência na instalação de mais redes de cabo de fibra ótica Inter-Grid, na absorção descarada de três das cinco Baby Bells com que a Internet tinha começado e numas extremamente atrativas ofertas com desconto pelo novo e especial PC RISC, concebido por InterLace[166], com ecrã de alta definição e placas-mãe de resolução mimética no visionamento de cartuchos (reconhecivelmente rebatizados pelos rapazes da Veals como «telecomputadores») em *modems* só de fibra, e é claro em entretenimentos de alta qualidade que os espectadores quisessem consumir ainda mais[167].

Hal esforçava-se no seu texto por voltar ao facto de que não havia nem podia haver anúncios publicitários de espécie nenhuma nos impulsos digitais de InterLace nem nos cartuchos ROM. Por isso e à parte de, por exemplo, Turner, que continuava a litigar ferozmente através da sua rádio de onda curta desde o seu iate equatorial, o verdadeiro perdedor na mudança do cabo CADC para a rede InterLace foi uma indústria publicitária americana que já tinha sofrido as consequências da morte das quatro grandes. Não parecia haver mercados significativos que tivessem pressa em abrir-se para compensar a perda do velho motor da televisão. As agências, reduzidas a células esqueléticas formadas pelas

suas cabeças criativas mais brilhantes e rapaces, foram à procura desesperada de novas teclas para tocar e de novos nichos para preencher. Os letreiros publicitários brotaram com uma fúria quase micológica em todo o lado, incluindo as estradas rurais. Nenhum autocarro, comboio, trólei ou táxi circulava sem estar engalanado com anúncios de todo o género. Os voos comerciais começaram ao fim de algum tempo a arrastar aqueles concisos estandartes publicitários usualmente reservados aos *Piper Cubs* que sobrevoam estádios de futebol e praias estivais. As revistas (já em perigo devido aos seus equivalentes em vídeo HD) encheram-se a tal ponto de incómodas tarjetas de pedidos comerciais que as tarifas de correio dispararam, tornando muito mais atrativos os seus equivalentes em vídeo transmitidos por correio eletrónico noutra perversa espiral. Sickengen, Smith & Lundine, a antigamente jactanciosa agência de Chicago, foi ao ponto de fazer a Ford começar a pintar pequenos anúncios de produtos nos lados dos seus automóveis, uma ideia que foi ao charco quando aqueles consumidores que usavam polos *Nike* e bonés *Marlboro* se recusaram cruelmente em investir em «carros que se tinham vendido». Em contraste com praticamente o resto da indústria, uma certa agência de publicidade de Boston e também depois da perda de um sócio que só devido ao aborrecimento e a uma sensação de novo desfio, P.Tom Veals aceitou dirigir as RP de uma candidatura marginal de um antigo cantor e grande empresário de pirosices que andava de um lado para o outro fazendo girar um microfone e pregando sobre ruas literalmente limpas e que refocalizou criativamente a culpa coletiva e lançou o lixo do povo para a indulgente frialdade do espaço infinito[168].

---

*1 Partido de Perot. *(N. dos T.)*

30 DE ABRIL/1 DE MAIO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

MARATHE NÃO CHEGARA BEM A DORMIR. Tinham permanecido na plataforma durante algumas horas. Achou um exagero que Steeply tivesse recusado, ainda que brevemente, sentar-se no chão. Que diferença faria se a saia da personagem que interpretava lhe subisse acima da arma? Ou também usava roupa interior grotesca e humilhante? A mulher de Marathe estava num coma irreversível há catorze meses. Ele conseguia revigorar-se sem chegar a dormir. Não era um estado de fuga ou relaxamento neuronal, mas uma espécie de descolamento. Aprendera isso nos meses a seguir a ter perdido as pernas num acidente de comboio nos EUA. Parte de Marathe flutuava e pairava algures imediatamente acima dele, cruzando as pernas, mordiscando a sua consciência como um espectador mordisca pipocas.

De vez em quando, no afloramento rochoso, Steeply ia para além de cruzar os braços, quase abraçando-se, gelado, mas decidido a não falar disso. Marathe reparou que o autoabraço era convincentemente feminino e involuntário. A preparação de Steeply para o seu regresso às missões no terreno tinha sido disciplinado e eficaz. A característica que tornava M. Steeply impossível de engolir como jornalista dos EUA – mesmo uma jornalista dos EUA enorme e nada airosa – era os seus pés. Eram largos e de unhas amarelas, peludos, como de ogre, os pés mais feios que Marathe alguma vez tinha visto a sul do Paralelo 60 N, e os mais feios pés supostamente femininos que tinha visto em toda a sua existência. Estavam ambos estranhamente relutantes, por qualquer razão, em abordar o assunto dos planos para descer da plataforma na escuridão absoluta. Steeply nem tinha perdido tempo a pensar como Marathe poderia ter subido (ou descido) para a plataforma sem ter saltado de um helicóptero, o que os ventos caprichosos e a proximidade da escarpa tornavam improvável. Um dogma dos Serviços Não Especificados era de que se *Les Assassins des Fauteuils Rollents* tinham um calcanhar de Aquiles era a sua inclinação para o exibicionismo, para dar espetáculo, negando qualquer tipo de limitação física, etc. Steeply tinha estado uma vez no terreno com Rémy Marathe numa raquítica plataforma de

petróleo na Louisiana, a mais de cinquenta quilómetros ao largo da baía de Caillou, repleta de simpatizantes Cajun armados. Marathe disfarçava sempre o tamanho impressionante dos seus braços com um anoraque de mangas compridas. Tinha as pálpebras meio fechadas sempre que Steeply se virava para olhar. Se ele (Marathe) fosse um gato, estaria a ronronar. Com uma mão sempre debaixo dos cobertores, reparou Steeply. Este, por sua vez, tinha uma pequena e não-registada pistola *Taurus PT9* presa com adesivo à parte interior da sua coxa depilada, que era a principal razão para estar relutante em sentar-se no afloramento de pedra; a arma estava engatilhada.

À fraca luz do relógio e das estrelas, Marathe achou que os pés com saltos altos do americano com quatro membros eram grotescamente atraentes, como pães de forma industriais dos EUA a serem espremidos e mutilados pelas tiras dos sapatos. A compressão carnuda dos dedos dos pés na biqueira aberta do sapato, o couro a estalar debilmente enquanto ele se arrastava, abraçando-se, gelado, no estival vestido de mangas cavas, os seus suculentos braços desnudos manchados de pintas vermelhas causadas pelo frio, um dos braços sinistramente arranhado. A sabedoria adquirida entre as células anti-ONAN quebequenses era de que havia algo de latente e sádico na atribuição de personagens fictícias aos agentes de campo do *Bureau des Services sans Spécificité* – homens a fazer-se passar por mulheres, mulheres por estivadores ou rabinos ortodoxos, homens heterossexuais por homens homossexuais, brancos por negros ou por uma caricatura de um haitiano ou dominicano, homens saudáveis por afligidos por doenças degenerativas, mulheres saudáveis por rapazes com hidrocefalia ou por executivos de relações públicas epiléticos, pessoal do DSNEEUA não deformado obrigado não só a fingir como por vezes a sofrer a deformidade, tudo pelo realismo da sua personagem no terreno. Steeply, em silêncio, levantou-se e caiu distraidamente sobre os dedos destes pés. Os pés estavam também visivelmente pouco habituados aos saltos altos das mulheres dos EUA, pois pareciam estropiados, privados de circulação sanguínea e abundantemente empolados, e as unhas dos mais pequenos estavam enegrecidas e a preparar-se, notou Marathe, para vir a cair no futuro.

Mas Marathe também sabia que havia algo dentro do verdadeiro M. Hugh Steeply que necessitava das humilhações das suas absurdas *personae* de terreno, que quanto mais grotesco ou pouco convincente lhe parecesse um disfarce, mais

alimentadas e realizadas ficavam as suas partes íntimas no processo de preparação para a humilhante tentativa de o representar; ele (Steeply) usava a vergonha que sentia como uma mulher enorme ou como um negro pálido ou o músico degenerado ridiculamente paralítico como combustível para o desempenho na missão; Steeply acolhia a subsunção da sua dignidade e do seu ser no exato papel que ofendia a dignidade do seu ser... a psicomecânica de tudo isto tornou-se confusa de mais para Marathe, que não tinha a capacidade abstrata que os seus superiores da AFR Fortier e Broullîme tinham. Mas sabia que era por isso que Steeply se tornara um dos melhores agentes de campo dos Serviços Não Especificados, tendo uma vez passado grande parte do ano em vestes magenta, dormido três horas por noite, deixado que lhe rapassem a grande cabeça e tirado os dentes, sacudindo uma pandeireta em aeroportos e vendendo flores de plástico nos separadores centrais para se infiltrar num cartel de importação de 3-amino-8-hidroxitetralina[169] que se escondia atrás de um culto na cidade estado-unidense de Seattle.

Steeply disse:

– Porque é essa coisa da AFR que lhes põe os cabelos em pé, se estamos a falar de medo e do que temer. – Ou falava calmamente ou não, isso já Marathe tinha estabelecido. A extensão vazia da plataforma com que ambos se confrontavam sugava toda a ressonância, levando a que cada som soasse enclausurado e cada interjeição parecesse suave e de certo modo demasiado íntima, quase pós-coital. O som de coisas proferidas debaixo dos lençóis, com o inverno a fustigar as paredes de troncos. O próprio Steeply parecia assustado, talvez, ou confuso. – Este desinteresse da vossa parte, ao que parece, a não ser pelo próprio mal. Divulgar o Entretenimento só para nos prejudicar.

– Uma agressão pura da nossa parte.

Por debaixo das meias de vidro, os músculos dos gémeos fletiam e relaxavam enquanto Steeply balançava.

– Os rapazes da Ciência do Comportamento dizem que não conseguem identificar qualquer objetivo político definido que a AFR queira alcançar. Qualquer coisa que o DuPlessis tivesse mandado o vosso Fortier preparar.

– A irritabilidade americana significa medo, confusão, cabelos em pé.

– A FLQ e os montcalmistas, porra, até os mais passados da extrema-direita de Alberta...

M. DuPlessis tinha estudado com os Jesuítas radicais de Edmonton, refletiu Marathe.

– ... a esses podemos tentar compreender, como organizações políticas. Podemos fazer uma ideia de como havemos de lidar com esses.

– A sua agressividade está disfarçada de agenda política, entende o vosso departamento.

A cara de Steeply parecia meditar, aparentemente intrigada.

– Pelo menos, esses têm objetivos. Desejos reais.

– Para si próprios.

Steeply parecia ruminar convincentemente.

– É como se houvesse um contexto para todo o jogo, com eles. Sabemos em que é que o nosso ponto de vista difere do deles. Há uma espécie de igualdade de condições contextual.

Fazendo a cadeira ranger, Marathe voltou a rodar dois dedos de uma mão no ar, o que para os Quebequenses significa impaciência.

– Regras do jogo. Regras de compromisso.

A outra mão tinha-a na metralhadora *Sterling UL*, debaixo do cobertor.

Mesmo historicamente, os atira-bombas dos anos 60, os separatistas hispânicos, os monhés...

– Sim, senhor... Que palavras tão bonitas.

– Os monhés, os colombianos, os brasucas... tinham objetivos definidos.

– Desejos para si próprios que podíamos compreender.

– Mesmo que os objetivos não fossem mais do que algo que pudéssemos arquivar, afixar no quadro sob declaração de objetivos – os patéticos dos Hispânicos. Eles queriam algumas coisas. Existia um contexto. Uma bússola para as ações contra eles.

– Os vossos guardiões da Segurança Nacional conseguiam entender estes desejos definitivos de interesse pessoal. Observem-nos e *identifiquem-se com eles*, como é costume dizer, ao menos. Para sabermos onde nos encontramos no terreno de jogo.

Steeply acenou lentamente, como se o fizesse só para si.

– Não se tratava de maldade pura. Nunca sentimos que eram uns tipos que de repente nos vazavam os pneus do carro sem razão.

– Estás a afirmar que malbaratamos os nossos recursos a esvaziar pneus de

automóveis?

– É uma frase retórica. Ou, por exemplo, um assassino em série. Um sádico. Alguém nos quer mal pela simples razão de nos querer mal. Um depravado.

A sul, um sistema intermitente de luzes de três cores descrevia uma espiral sobre o topo da torre de controlo do aeroporto – era um avião a aterrar.

Steeply acendeu outro cigarro com a beata do anterior, que deitou fora,espreitando por cima da borda da plataforma para observar a sua queda espiralada. Marathe olhava para cima e para a direita. Steeply disse:

– Porque a política é uma coisa. Mesmo a política marginal para-lá-do-sol-posto é uma coisa. O teu Fortier não parece importar-se muito com a Reconfiguração, com o território, com a retransferência, com a cartografia, com as tarifas, com a finlandização, com o *Anschluss* ONANista ou com a deslocação de resíduos tóxicos.

– O experialismo.

Steeply disse:

– O chamado experialismo. Separatismo, até. Nenhuma das agendas dos outros grupos parece motivar-vos. Grande parte do departamento vê-vos apenas como maldade pura. Sem agenda nem história.

– E para ti há nisso qualquer coisa de chocante.

Steeply apertou os lábios, como se quisesse soprar qualquer coisa.

– Mas quando existem metas e objetivos políticos estratégicos delineáveis. Quando existe um fim a partir do qual podemos dar algum sentido à maldade. Então é apenas um trabalho.

– Nada que ver com pessoas.

Marathe olhava para cima. Algumas das estrelas pareciam palpitar; outras brilhavam com mais firmeza.

– Sabemos o que é o quê quando se trata de trabalho. Temos um campo de ação e uma bússola – disse enquanto fitava Marathe diretamente, de uma maneira que não era acusadora. – Isto parece pessoal.

Marathe não conseguia encontrar uma boa palavra para descrever a maneira como Steeply o fitava. Nem era triste nem inquisitiva nem sequer meditativa. Havia centelhas e sombras de movimento à volta das centelhas do fogo de comemoração lá em longe e em baixo, no leito do deserto. Marathe não conseguia perceber se Steeply estava mesmo a revelar as suas emoções pessoais.

As centelhas apagavam-se continuamente. Fragmentos de gargalhadas jovens subiam até eles no silêncio inane. Também havia por vezes sussurros nos arbustos da colina, da gravilha ou de quaisquer seres da noite. Ou então talvez Steeply estivesse a tentar dar-lhe algo, a dizer-lhe qualquer coisa para determinar se M. Fortier viria a saber. A combinação de Marathe com o Departamento de Serviços Não Especificados parecia consistir quase sempre em submeter-se a inúmeros testes e jogos de verdade e traição. No DSNE sentia-se frequentemente um roedor enjaulado a ser observado maliciosamente por homens maliciosos de bata branca.

Marathe encolheu os ombros.

– Os EUA já foram odiados antes. E de que maneira. Pelo *Sendero Luminoso* e pela vossa companhia Maxwell House. Pelos cartéis da droga translatinos, pelo pobre falecido M. Kemp com a sua casa em chamas. Não é verdade que tanto o Iraque como o Irão apelidaram os EUA de «O Grande Satã»? E tu dizes, cheio de ódio, que eles têm cabeça de trapos?

Steeply exalou rapidamente o fumo para responder:

– Sim, mas existiam contextos e fins. Receitas, religião, esferas de influência, Israel, petróleo, neomarxismo, jogos de poder pós-Guerra Fria. Havia sempre alguma coisa atrás.

– Um desejo.

– Interesses. Uma terceira coisa entre nós e eles... não éramos só *nós*... era qualquer coisa que queriam de nós, ou de onde nos queriam pôr fora. – Steeply parecia falar com convicção. – Essa coisa, o objetivo ou desejo... servia de mediador para a má vontade, abstraía-a, em certo sentido.

– É assim que as pessoas sãs se comportam – disse Marathe, muito concentrado em alinhar as bainhas do cobertor com o seu peito e as rodas. – Trata-se de um desejo egoísta e dos esforços que se fazem para satisfazer esse desejo.

– Não é apenas querer coisas negativas – disse Steeply, abanando a cabeça extravagante. – Não é querer só o mal do outro sem nenhum propósito.

Marathe deu por si a fingir novamente que fungava por causa da constipação.

– E o propósito, os desejos dos EUA? – perguntou baixo; as palavras ressoaram estranhamente na pedra.

Steeply estava ainda a tentar tirar uma folhinha de tabaco do batom. Disse:

– Não podemos generalizar a esse respeito, uma vez que o nosso sistema se baseia na liberdade individual de procurar realizar os desejos individuais. – O rímel tinha ficado duro com o frio no sítio por onde escorrera. Marathe manteve-se em silêncio e mexeu-se debaixo do cobertor enquanto Steeply o observava. Passou-se assim um minuto. Finalmente, Steeply continuou: – Para mim, pessoalmente, enquanto norte-americano, Rémy, se estás a fazer a pergunta a sério, dir-te-ei que se trata apenas dos vossos sonhos e ideais americanos. Liberdade de tiranias, de necessidades excessivas, do medo, da censura da fala ou do pensamento. – Tinha um ar grave, mesmo de peruca. – Os velhos valores, testados pelo tempo. De relativa abundância, trabalho sério, tempo de lazer adequado. Valores que talvez te pareçam piegas. – O sorriso dele revelou a Marathe uma mancha de batom num incisivo. – Queremos opções. Um sentido de eficácia e opções. Ser amado por alguém. Amar livremente quem se quiser amar. Ser amado, independentemente de podermos ou não falar de coisas confidenciais do nosso trabalho. Fazer com que as pessoas confiem em nós e acreditem que sabemos aquilo que estamos a fazer. Sentir que se é apreciado. Não ser desprezado sem razão. Ter boas relações de vizinhança. Energia barata e abundante. Orgulho no trabalho e na família e no lar. – O batom tinha borrado o dente quando o dedo havia removido o grão de tabaco. Ele estava a *faisait monter la pression*[170]*:* – As pequenas coisas. Acesso a transportes. Uma boa digestão. Máquinas para facilitar o trabalho. Uma mulher que não confunde as exigências do nosso emprego com os nossos próprios fetiches. Um bom serviço de recolha e eliminação de lixos. Pores do sol sobre o Pacífico. Sapatos que não cortem a circulação. Gelado de iogurte. Um copo grande de limonada numa cadeira de baloiço no alpendre que não ranja.

A cara de Marathe não deixava transparecer nada.

– A lealdade de um animal de estimação.

Steeply apontou com o cigarro.

– Aí tens, amigo.

– Entretenimento de alta qualidade. Uma coisa que agrade a quem paga para ter lazer e expectativas.

Steeply riu agradavelmente, exalando fumo em forma de uma salsicha. Em resposta, Marathe sorriu. Fez-se silêncio silêncio enquanto ambos pensavam, até que Marathe, olhando para cima, disse finalmente:

– Esse tipo de pessoa e de desejos estado-unidenses parece-me quase o clássico, como se diz, *utilitaire*.

– Um carro francês?

– *Comme on dit?* – disse Marathe –, *utilitarienne*. Maximizar o prazer, minimizar o que não dá prazer. Resultado: aquilo que é bom. Isto é que são os EUA teus.

Steeply pronunciou então para Marathe a palavra em inglês EUA. Depois houve uma pausa continuada. Steeply ergueu-se e ficou em bicos de pés. Uma fogueira rodeada de jovens ardia a alguns quilómetros de distância na superfície do deserto; as chamas ardiam no que parecia um aro e não uma esfera.

Marathe disse:

– Pois sim, mas precisamente o prazer de quem e a dor de quem entram nesta tua equação do que é bom?

Sempre que Steeply removia uma partícula de cigarro do lábio, rolava-a despreocupadamente entre o indicador e o polegar; o gesto não tinha nada de feminino.

– Repete lá isso!

Marathe coçou-se por baixo do anoraque.

– Interrogo-me, eu, sobre as equações dos EUA deste tipo: o melhor bem é o máximo prazer individual de cada indivíduo americano? Ou será o prazer máximo para toda a gente?

Steeply assentiu, indicando paciência solícita em relação a alguém cujos neurónios eram mais lentos.

– Mas aí tens, esta questão mostra em si mesma até que ponto são diferentes os nossos caracteres nacionais, Rémy. O génio americano, a nossa sorte, foi que algures na história americana alguém deu conta de que se cada americano perseguir o máximo bem individual, está a maximizar o bem de *todos*.

– Ah!

– Aprendemos isso logo na escola primária, em criança.

– Estou a ver.

– É isso que nos afasta da opressão e da tirania. Mesmo do vosso tipo de tirania greco-democrata de turba histérica. Os Estados Unidos: uma comunidade de indivíduos sagrados que veneram o que há de sagrado na escolha individual. O direito individual de procurar a própria visão da melhor relação prazer/dor:

absolutamente sacrossanto. Defendida com dentes e garras afiadas durante toda a nossa história.

– *Bien sûr*.

Steeply pareceu notar pela primeira vez o desarranjo da peruca. Tentou endireitá-la sem a tirar. Marathe tentava não imaginar o que tinham feito ao varonil cabelo castanho de Steeply para acomodar a complexa peruca. Steeply disse:

– Poderá ser difícil para ti compreender que isto seja tão valioso para nós devido à diferença abismal de valores que separa os nossos povos.

Marathe cerrou o punho.

– Talvez por ser tão geral e abstrato. Na prática, contudo, podes obrigar-me a compreender.

– Nós não obrigamos. O nosso génio histórico consiste precisamente em *não* obrigar. Tens direito aos teus valores de máximo prazer. Desde que não lixes os meus. Estás a perceber?

– Ajuda-me a perceber, talvez, através de evidências concretas. Um exemplo. Suponhamos que em dado momento consegues aumentar o teu próprio prazer, mas o custo disso é a nada agradável dor de outro? A dor nada agradável de outro indivíduo sagrado.

Steeply replicou:

– Pois, é isso, precisamente que nos põe nervosos com a AFR e a razão de eu considerar tão importante recordar-me de que vimos de culturas e de sistemas de valores diferentes, Rémy. Porque no sistema de valores americano, todo aquele que retira prazer da dor do próximo é um depravado, um sádico tarado, alguém que deve ser excluído da comunidade daqueles que têm o direito de procurar a melhor relação pessoal prazer/dor. Os tarados merecem compaixão e o melhor tratamento possível. Mas não fazem parte da nossa paisagem.

Marathe lutou contra a vontade de se erguer de novo sobre os cotos.

– Não, não falo da dor do próximo como objetivo em si mesmo. Não quis dizer que o meu prazer estava na tua dor. Como dizer isso melhor? Imagina uma situação na qual a tua privação ou dor é simplesmente a consequência, o preço, do meu próprio prazer.

– Referes-te a uma daquelas situações com escolhas tramadas e recursos limitados.

– Mas no exemplo mais simples. O caso mais pueril. – Os olhos de Marathe brilharam momentaneamente de entusiasmo. – Suponhamos que eu e tu apreciamos ambos uma malga quente de *soupe aux pois Habitant*.

Steeply disse:

– Ou seja...

– Claro. Uma espécie sopa de ervilhas franco-canadiana. *Produit du Montréal. Saveur Maison. Prête à Servir*.[171]

– Qual é a vossa com estas coisas?

– Neste caso, imaginemos que tanto eu como tu estamos a ansiar desesperadamente por sopa *Habitant*. Mas só há uma lata, do pequeno e famoso tamanho de uma dose individual.

– Uma invenção americana, já agora, a 3-S, não nos esqueçamos.

Aquela parte da mente de Marathe que pairava e observava friamente lá em cima não conseguia discernir se Steeply se estava a armar deliberadamente em obtuso e irritante de modo a incitar Marathe a ter um acesso de cólera revelador. Marathe fez o seu gesto rotativo de impaciência, vagarosamente.

– *Ok* – disse de forma neutra. – É simples. Ambos queremos a sopa. Portanto, o preço do meu prazer em comer a *soupe aux pois Habitant* é a tua dor em não a comer quando anseias loucamente por ela.

Marathe apalpava os bolsos à procura de qualquer coisa.

– E o inverso, se fores tu a comer a dose. Se nos regermos pela norma dos EUA de que cada cada um deve *pursuivre le bonheur*[172], quem decide qual de nós dois vai comer a sopa?

Steeply colocou todo o peso em cima de uma perna.

– Um exemplo um pouco simplista de mais. Licitamos a sopa, talvez. Negociamos. Dividimos a sopa, porventura.

– Não, o engenhoso tamanho de dose individual só dá mesmo para um, e ambos somos cidadãos americanos, grandes e vigorosos, que passaram a tarde a ver homens enormes de capacete e de equipamento almofadado a digladiarem-se em alta definição de InterLace, e estamos ambos ávidos de nos saciarmos com um prato inteiro. Meio prato só aumentaria o meu tormento.

A rápida sombra de dor que cruzou a cara de Steeply mostrou a Marathe que o seu exemplo era engenhoso: o americano divorciado tem muita experiência com a natureza diminuta dos produtos que vêm na dose individual. Marathe disse:

– Está bem, está bem, sim, porque haveria eu, enquanto individuo sagrado, de dar-te metade da minha sopa? O meu prazer em vez do tormento é que é bom, pois eu sou um leal americano, um génio deste desejo individual.

A fogueira estava-se a extinguir lentamente. Mais uma cruz de luzes coloridas sobrevoou a área do aeroporto de Tucson. Os movimentos de Steeply para ajustar a peruca e desenredar as madeixas de cabelo talvez se tenham tornado mais abruptos e frustrados. Steeply disse:

– Bom, a quem pertence a sopa do ponto de vista legal? Quem foi que a comprou?

Marathe encolheu os ombros.

– Não é relevante para a questão. Vamos supor que foi um terceiro, lamentavelmente já falecido. Aparece em nossa casa com uma lata de *soupe aux pois* para comer enquanto vemos uma gravação de desporto americana quando de repente se agarra ao peito e cai inerte na carpete, segurando a sopa que agora tanto desejamos.

– Então licitamos a sopa. Aquele que a desejar mais e estiver disposto a pagar o preço mais alto, compra a metade do outro, e depois o outro corre... corre ou rebola... até à Safeway e compra para si outra sopa. Aquele que estiver disposto a investir mais dinheiro é que fica com a sopa do gajo morto.

Marathe abanou a sua cabeça sem a menor exaltação.

– A loja Safeway e a licitação também não são relevantes para a questão que levantei com o exemplo da sopa de ervilha. O que talvez faça dela uma pergunta estúpida.

Steeply mexia na peruca com ambas as mãos, tentando arranjá-la. A transpiração tinha-a amassado de um lado, assim como se haviam formado alguns coágulos e borrões devido às quedas na descida para o afloramento. Certamente que não havia pente nem escova na pequena bolsa de noite. As costas do vestido estavam sujas. As alças do sutiã apertavam-lhe cruelmente as costas e os ombros. Mais uma vez Marathe teve a sensação de alguém brando que estava a ser estrangulado lentamente. Steeply respondeu:

– Sei muito bem a questão que queres levantar. Queres falar de política. De escassez e de atribuição e de escolhas difíceis. Pode ser. Podemos entender a política. Tudo bem. Podemos discutir política. Aposto que sei onde queres chegar; queres levantar a questão de saber o que é que impede que trezentos e

dez milhões de indivíduos perseguidores de felicidade americanos se atirem uns aos outros por causa da sopa alheia. Um estado natural. O meu próprio prazer e que se lixe o resto.

Marathe tirou um lenço do bolso.

– Que quer isso dizer, «atirar-se»?

– Porque este exemplo simplista apenas serve para mostrar a extensão do abismo que separa os valores dos nossos povos, meu amigo – dizia Steeply. – Pois é necessário um certo respeito pelos desejos dos outros, e isso é do meu interesse, a fim de preservar a comunidade onde os meus próprios interesses e desejos são respeitados. Percebes? A minha felicidade total e geral é maximizada ao respeitar a tua santidade individual e não por quando te dou um pontapé no joelho para fugir com a sopa.

Steeply fitava Marathe enquanto este assoava uma narina com o lenço. Marathe era um dos poucos que não examinava o lenço depois de se assoar. Steeply disse:

– E então poderei antecipar que alguém do vosso lado do abismo responda com algo do género, e passo a citar: Sim, meu bom *ami,* e se o teu concorrente à agradável sopa for alguém *fora* da tua comunidade, por exemplo, dirás, digamos um infeliz canadiano, um estrangeiro, *un autre,* separado de mim por um abismo de valores, história, língua e profundo respeito pela liberdade individual – então, nestas circunstâncias aleatórias não existiria nada de comunitário que me impedisse de me atirar a ti e de me apoderar da desejada sopa, uma vez que o pobre canadiano está fora da equação de *pursuivre le bonheur* de cada indivíduo, já que ele não faz parte da comunidade de cujo ambiente de mútuo respeito eu dependo para procurar o meu interesse máximo na relação prazer/dor.

Durante este tempo, Marathe estava a sorrir para cima e para a esquerda, para norte, rodopiando a cabeça como um cego. O seu sítio preferido para passar as folgas na cidade americana de Boston eram os Jardins Públicos no verão, uma clareira larga e inclinada que vai dar ao *mare des canards,* o lago dos patos, uma cunha relvada virada a sul e a oeste de modo a que a relva da colina se torne verde-pálido e depois dourada à medida que sol lhe passa por cima, a água do lago fria e de um verde lamacento e rodeada de salgueiros impressionistas, e pessoas à sombra dos salgueiros, também pombos, e patos de cabeça verde-esmeralda deslizando em círculos, os olhos como pedras redondas, parecendo

mover-se sem esforço, deslizando sobre a água como se não tivessem pernas debaixo. Como nas cidades idílicas dos filmes no momento imediatamente anterior à explosão nuclear, nos filmes dos EUA de morte e horror. Tinha saudades do tempo que passou em Boston, Massachusetts, EUA, do reabastecimento do lago para o regresso dos patos, a ver os salgueiros ficarem verdes, a roxa luz de um pôr do sol boreal a cruzar os céus suavemente para aterrar sem explosão. As crianças brincavam com papagaios de papel e os adultos estavam deitados na colina, bronzeando-se, de olhos fechados, como se estivessem concentrados. Ela tinha um sorriso pequeno e desolado, de cansaço. O seu relógio de pulso não estava iluminado. Steeply deitou fora uma beata sem desviar o olhar de Marathe para a ver cair.

– E depois vais acusar-me, dirás tu, de não só lhe vazar um olho e de ficar com a sopa toda só para mim – disse Steeply –, mas, depois de a comer, dar-lhe-ei o prato e a colher sujas e talvez ainda a lata *Habitant* sem depósito, sobrecarregá-lo com o lixo do meu egoísmo, tudo isso sob um acordo de farsa de, entre aspas, Interdependência, que é apenas um sujo esquema nacionalista para satisfazer a minha luxúria de prazer americano sem a complicação ou a chatice de levar em conta os desejos e interesses do vizinho.

Marathe disse:

– Por certo já reparaste que eu não digo sarcasticamente «E lá vamos nós outrrrrrrrra vez», que tu tanto gostas de dizer.

A maneira de Steeply usar o corpo para proteger o fósforo e acender o cigarro também não era feminina. A sua imitação do sotaque de Marathe soou gutural e cajun-estado-unidense, por causa do cigarro na boca. Olhou para cima, através das chamas.

– Não? Equivoco-me?

Marathe tinha uma maneira quase budista de estudar o cobertor no seu colo. Durante alguns segundos pareceu dormir, movendo-se apenas levemente com o encher e desencher dos pulmões. Os lentos e pesados retângulos de luz em movimento no céu noturno de Tucson eram como camiões de lixo esvaziando ninhos de contentores no mais profundo da noite. Parte de Marathe sentia sempre o desejo de matar as pessoas que antecipavam as suas respostas e que introduziam palavras e diziam que provinham dele, não o deixando falar. Os dois irmãos mais velhos de Marathe faziam sempre isso, argumentando pelos dois

lados, inserindo palavras suas. Ambos tinham beijado comboios de frente antes de chegar à idade de casar[173]; Marathe presenciara a morte do melhor deles. Alguns dos resíduos dos camiões de lixo seriam enviados para a região mexicana de Sonora, mas a maior parte seria enviada para norte para ser disparada para a Convexidade. Steeply observava-o.

– Não, Rémy? Equivoco-me em relação ao que ias dizer?

O sorriso na cara de Marathe exigiu que aplicasse todo o seu treino de contenção expressiva.

– As latas de *Habitant* dizem em letras gordas «*Veuillez Recycler Ce Contenant*». O que dizes acaba por não ser falso. Mas a questão que levanto tem menos que ver com as desavenças entre nações e mais connosco, só connosco, se fingirmos ser os dois do teu género americano, independentes, ambos sagrados, ambos ansiando por *soupe aux pois*. O que pergunto é como é que a comunidade e o teu respeito são parte da minha felicidade momentânea, com a sopa, se eu sou uma pessoa dos EUA.

Steeply conseguiu enfiar um dedo debaixo de uma das alças do sutiã para aliviar a pressão que o atormentava.

– Não te percebo

– Bom, ambos ansiamos loucamente pela totalidade desta lata reciclável de dose individual *Habitant*. – Marathe fungou. – Na minha cabeça, sei muito bem que não posso pura e simplesmente atirar-me a ti e levar a sopa, pois a minha felicidade global de prazer a longo prazo precisa de uma comunidade de *rien de me atirar*[174]. Mas isso é a longo prazo, Steeply. Isso vem depois, esse respeito por ti. Como vou calcular esse longo prazo para as minhas ações deste momento, agora, que o nosso defunto camarada ainda agarrado à sopa e nós a salivar só de mirá-la? A minha questão quer dizer: se o máximo prazer agora mesmo, *en ce moment*, está numa dose completa de *Habitant*, como é que o meu ser consegue ignorar o desejo deste momento de me atirar a ti para ficar com a sopa? Como é que poderei ignorar esta sopa para considerar as possíveis sopas do futuro?

– Por outras palavras, satisfação retardada.

– Ótimo, isso é bom. Satisfação retardada. Como é que o meu género de americano consegue calcular o meu prazer global a longo prazo, e posteriormente decidir sacrificar esta intensa ânsia momentânea por sopa em virtude do longo prazo e do global?

Steeeply deixou sair duas longas nuvens de fumo pelas narinas. A expressão dele era um misto de paciência e impaciência cortês.

– Penso que isso é ser simplesmente um americano maduro e adulto em vez de um americano imaturo e infantil. Um termo que poderia ser usado é «autointeresse esclarecido».

– *D'éclaisant*.

Steeply não retribuiu o sorriso.

– Esclarecido. Por exemplo, o teu exemplo de há pouco. O miúdo que come doces todo o dia porque é o que sabe melhor a cada momento individual.

– Mesmo que saiba que vai fazer com que lhe doa o estômago e lhe apodreçam as presasinhas.

– Dentes – corrigiu Steeply. – Mas repara que aqui não pode ser à maneira fascista de gritar com a criança ou dar-lhe choques elétricos cada vez que come demasiados doces. Não se pode induzir uma sensibilidade moral do mesmo modo que treinaria um rato. O rapaz tem de aprender por experiencia própria como equilibrar a busca a curto e longo prazo do que quer.

– Ele deve estar *livremente* esclarecido sobre si mesmo.

– Este é o ponto crucial do sistema educativo que achas tão apavorante. Não ensinar o que se deve desejar. Ensinar como ser livre. Ensinar como fazer escolhas inteligentes sobre o prazer e o adiamento e os interesses máximos globais do futuro do miúdo.

Marathe peidou-se suavemente enquanto movia a cabeça como se estivesse a pensar.

– E eu sei o que vais dizer – disse Steeply –, e não, o sistema não é perfeito. Há ganância, há crime, há drogas e crueldade e ruína e infidelidade e divórcio e suicídio. Assassínio.

– Para bater com a cabeça.

Steeply voltou a puxar pela alça. Abriu a bolsa, fez uma pausa, voltou a puxar pela alça apertada do sutiã e a meter a mão na bolsa, que era de mulher e atafulhada de coisas. E disse:

– Mas esse é o preço. É o preço de procurar em liberdade. Nem todos aprendem na infância a equilibrar os seus interesses.

Marathe tentou imaginar homens magras com óculos de tartaruga e casacos desportivos sem ombreiras ou batas brancas de laboratório enchendo

cuidadosamente a carteira de um agente de campo com bagunça necessária a criar o efeito feminino. Steeply tinha agora na mão o maço de cigarros *Flanderfumes* e introduzia o dedo mindinho no buraco, obviamente a tentar perceber quantos ainda tinha. Via-se Vénus, baixa, no horizonte de nordeste. Quando a mulher de Marathe nasceu sem crânio, pensou-se inicialmente que a causa podia ter origem no facto de ambos os pais fumarem. A luz das estrelas e da Lua tornou-se taciturna. A Lua ainda não se tinha posto. Às vezes parecia que a fogueira juvenil ainda lá estava, mas depois, quando os olhos se desviavam, no momento seguinte já tinha desaparecido. O tempo passava em silêncio. Steeply estava a usar uma unha para extrair lentamente um cigarro. Marathe, quando era criança e tinha pernas, sempre detestou as pessoas que faziam comentários sobre o que os outros fumavam. Steeply já sabia como tinha de se pôr para manter a chama do fósforo acesa. O vento amainara, mas havia rajadas dispersas e frias que não pareciam vir de lado nenhum. Marathe fungou tão profundamente que pareceu um suspiro. O fósforo fez bastante barulho ao acender, mas não houve eco. Marathe fungou mais uma vez e disse:

– Mas esses diferentes géneros de pessoas, todas distintas, os maduros que olham para diante, os pueris que comem os doces e a sopa apenas no momento. *Entre nous*, aqui neste penhasco, Hugh Steeply: qual pensas que descreve os EUA da ONAN e da Grande Convexidade? Esses EUA que tanto temes que alguém fira? – As mãos que acendem um fósforo agem sempre como se se tivessem queimado com a sacudidela. Marathe fungou: – Está a compreender? A pergunta é só para nós. Como pode ser que a maldade da AFR possa magoar a cultura dos EUA só por tornar disponível uma coisa tão momentânea e livre como a escolha de ver unicamente este Entretenimento? Sabes bem que não se pode forçar ninguém a vê-lo. Se disseminarmos o *samizdat*, a decisão de o aceitar é livre ou não é? Não há obrigação, pois não? Não é assim? Livremente escolha, não é verdade?

M. Hugh Steeply do BSS estava a apoiar todo o peso numa anca e parecia mais feminino quando fumava, com um cotovelo no outro braço e a mão à frente da boca e a palma da mão virada para Marathe, com uma espécie de aborrecimento ostentoso que fazia lembrar a Marathe as mulheres com chapéus e ombreiras em filmes a preto e branco, a fumar. Marathe disse:

– Acreditas que vos estamos a subestimar crendo que sois todos egoístas e

decadentes. Mas a pergunta está em cima da mesa: somos nós, as células canadianas, os únicos que pensamos assim? Não sereis vós a ter medo, os vossos governantes e gendarmes? Se não, porque, porque trabalha tão arduamente o vosso BSS para evitar a disseminação? Porquê fazer de um simples Entretenimento, não importa que os seus prazeres sejam muito sedutores, um *samizdat* proibido, se estais seguros de que os Americanos sabem fazer escolhas esclarecidas?

Agora Steeply estava mais perto de Marathe do que alguma vez estivera, observando de cima para baixo. O ascendente corpo astral de Vénus iluminava o lado esquerdo da cara dele com uma cor de queijo pálido.

– Acorda. O Entretenimento não é caramelos nem cervejas. Vê o que aconteceu em Boston. Não podes comparar este tipo de insidioso processo de escravizante com os teus pequenos exemplos de açúcar e sopa.

Marathe sorriu sombriamente para a carne claro-escura da redonda e glabra cara americana:

– Talvez os factos sejam verdadeiros, depois do primeiro visionamento: que depois parece não haver escolha. Mas em primeiro lugar é preciso decidir se se quer ser agradavelmente entretido. Isso ainda é uma escolha, não é? Sagrado para quem visiona, e livre? Não? Sim?

Durante o último ano Antes da Subsidiação, depois da final rotineira de cada torneio, na pequena entrega de prémios e na dança posteriores, Eric Clipperton participava desarmado e talvez comesse umas fatias de fiambre de peru do bufete e falava pelo canto da boca com Mario Incandenza, e permanecia sem qualquer expressão na cara, recebia o seu troféu descomunal de vencedor no meio de escassos e dispersos aplausos bastante murchos, e diluía-se na multidão logo a seguir e desmaterializava-se para onde fosse que vivesse, treinava e fazia tiro ao alvo. Por esta altura, Clipperton já deveria ter o suficiente para encher uma lareira e uma estante de troféus altos da USTA, cada um com uma base de mármore de imitação com um rapaz espigado de metal em cima, arqueado a meio de um serviço, que mais parecia um noivo num bolo de noivado com um ótimo serviço. Clipperton pode ter sido imortalizado em bronze e plástico, mas não tinha nenhuma classificação oficial: visto que a sua *Glock* de nove milímetros e as intenções públicas se tinham tornado imediatamente lendárias, a

USTA nunca considerou as suas vitórias legítimas; ou mesmo um único jogo. As pessoas do circuito júnior perguntavam por vezes ao pequeno Mario se era por isso que Eric Clipperton parecia sempre tremendamente carrancudo e retraído e fazia sempre uma cena ao materializar-se e desmaterializar-se nos torneios; porque a própria tática que o fazia ganhar o primeiro fazia depois com que as suas vitórias e pessoa deixassem de ser tratadas como reais.

Tudo isto até ao advento da ONAN e, no seu décimo oitavo aniversário, do Tempo Subsidiado, o anunciado Ano do *Whopper*, quando a USTA se tornou ONANTA e um analista de sistemas mexicano – que mal falava inglês e nunca antes tinha acariciado uma bola e só sabia ser processador de dados no computador – este homem entrou como gerente do centro de computadores e *ranking* da ONANTA em Forest Lawn NNI, e não sabia o suficiente para tratar a série de vitórias de Clipperton em seis grandes campeonatos de juniores dessa primavera como sancionadas e reais. E quando a primeira edição quinzenal de *North American Junior Tennis* que substituiu a *American Junior Tennis* saiu, aparece um E.R. Clipperton, Naturalidade «Ind.», no primeiro lugar Continental Masculino até dezoito anos; olhares competitivos surgiram de todos os lados; e toda a gente na ATE, de Schtitt para baixo, está muito divertida, e alguns deles perguntaram-se se agora Eric Clipperton tiraria a sua couraça psicológica e para experimentar as suas hipóteses competitivas e desarmadas com os outros jogadores, agora que já tem o que certamente aquilo por que tanto se batera e era refém de ser um verdadeiro e oficialmente sancionado número um; e os Clay-Courts Continentais Júnior começam na próxima semana, em Indianapolis, e o pequeno Michael Pemulis, de Allston, pega no seu *PowerBook* e no seu *software* e organiza apostas com todos os presentes no balneário sobre se Clipperton alguma vez se maçaria a materializar-se no Indy agora que conseguiu ser o primeiro cabeça de série oficial ou se se afastará da competição para ficar deitado a masturbar-se com a *Glock* numa mão e a última edição da *NAJT* na outra[175]. E então todos ficam surpresos quando justamente Eric Clipperton aparece do nada na grade dos portões principais da ATE, num final de manhã, dois dias antes do torneio, vestido com uma espécie de gabardina com a bainha gasta e ténis com as biqueiras esfoladas e com uma barba adolescente tipo pelos de sovaco de cinco dias, mas sem quaisquer raquetas ou qualquer coisa em termos de equipamento competitivo, nem sequer a caixa de madeira feita por

encomenda da sua *Glock 17*, e faz o funcionário de olhar frio a tempo parcial da cancela de entrada, a meio da colina, inclinar-se para o intercomunicador, solicitando conselho e autorização de entrada; está com um aspeto terrível, é este o diagnóstico do porteiro; e as regras sobre jogadores não inscritos na Academia que entrarem na sua propriedade são rígidas e complexas, mas o pequeno Mario Incandenza oscila pelo caminho íngreme abaixo até à grade na chuva morna e faz interface com Clipperton através da grade e faz o assistente carregar no botão do intercomunicador para ele poder falar e pedir pessoalmente autorização para que Clipperton possa entrar com base numa cláusula especial do regulamento, dizendo que o rapaz está realmente em condições psíquicas desesperadas; Mario fala primeiro a Lateral Alice Moore e depois ao pró-reitor Cantrell e depois ao próprio reitor da Academia enquanto Clipperton olha fixamente sem falar para as pequenas raquetas de ferro forjado como espigões no topo da grade e da vedação à volta da ATE, a sua expressão é tão assombrada que até o porteiro insensível disse mais tarde a algumas pessoas do centro de desintoxicação que a figura espectral de gabardina lhe tinha causado a maior vontade de se manter sóbrio até à data, e J.O. Incandenza finalmente deixa Clipperton entrar apesar das objeções veementes de Cantrell e depois de Schtitt quando se determina que Clipperton quer apenas uns minutos em privado com o próprio Incandenza Sr. – de quem penso que podemos presumir que Mario falou elogiosamente a Clipperton – e Incandenza, se bem que não exatamente sóbrio, está lúcido e tem um padrão de compaixão muito baixo em relação a traumas relacionados com êxito precoce; e estão lá sobre a grade, e Clipperton e os dois Incandenzas vão no início da tarde para uma sala não ocupada no último andar do Subdormitório C da casa leste, a estrutura mais próxima do portão da frente, para um tipo de sessão de reanimação psicoexistencial ou coisa assim – Mario nunca falou do que ouviu, nem mesmo à noite a Hal quando este estava a tentar dormir. Mas consta que a dada altura a primeira psicóloga da ATE Dolores Rusk foi convocada por Ele Mesmo na sua casa de Winchester e que depois a convocatória foi cancelada e Lateral Alice Moore foi convocada para lhe ser pedido que fosse buscar Lyle com a máxima celeridade à sala de pesos/sauna e o trouxesse até à casa leste o mais depressa possível, e que a dada altura enquanto Lyle se deslotizava e abria caminho com Lateral Alice para a reunião de emergência, num momento desse intervalo – em frente do doutor James O.

Incandenza e de um Mario com a pequena *Bollex H128* emprestada presa na cabeça, já que Incandenza tinha pedido a Clipperton para gravar digitalmente toda a crítica conversa para proteger a ATE das kafkianas regras da ONANTA em matéria de conselhos dados a jogadores não matriculados na escola – a dado momento, com Lyle a caminho, Clipperton tira dos muitos bolsos do seu casaco molhado e complicado uma edição elaboradamente alterada do relatório da classificação quinzenal da *NAJT*, uma fotografia de cor sépia de um casamento de um pálido casal do Midwest, e a hedionda *Glock 17* de nove milímetros semiautomática, e embora os dois Incandenzas tenham saltado de medo, Clipperton coloca na têmpora direita – não na esquerda –, como se fosse a raqueta, fecha os olhos e franze a cara e rebenta os miolos legítimos a sério e para sempre, erradicando-se do mapa e tudo isso; e há lá uma confusão ímpia imediata, e os Incandenzas cambaleiam e tropeçam respetivamente, com as caras verdes e manchados com borrifos de sangue e – como tinha corrido a notícia da presença de Lyle fora da sala de pesos e halteres e que andava pela propriedade e a notícia tinha causado um grande entusiamo entre os estudantes que vieram todos para a rua de máquina fotográfica na mão – devido à chegada de Lyle e L.A. Moore no momento em que eles saíam da sala num miasma de cordite e brumas fantasmais, há dos dois recordações em diversas fotografias em que parecem mineiros de um tipo qualquer de carvão macabro.

Os membros da comunidade do ténis de competição júnior de alguma maneira consideraram perfeitamente saudável que o sorriso permanente de Mario Incandenza não fraquejasse mesmo por entre lágrimas no funeral de Clipperton. Não assistiu muita gente. Parece que Eric Clipperton tinha vindo de Crawfordsville, Indiana, onde a mãe era uma viciada de *Valium* em estado terminal e o pai, ex-agricultor de soja, cegou nas infames tempestades de granizo do ano de 1994 AS, e passava agora o dia inteiro a brincar com uma daquelas pequenas raquetas de madeira com uma bola encarnada presa por um fio elástico, uma bola de *paddle*, com uma falta de êxito compreensível e os tranquilizados e invisuais Clippertons respetivamente não faziam ideia onde ia Eric na maioria dos fins de semana e aceitavam a explicação de que todos aqueles troféus provinham de um trabalho *freelance* depois da escola como *designer* de troféus, sendo que os pais não eram exatamente as lâmpadas mais brilhantes do grande espetáculo de luzes dos pais dos EUA. O enterro decorreu

sob ameaça de chuva em Veedersburg, Indianapolis, onde há um cemitério económico, e Ele Mesmo deixou de ir ao torneio de Indianapolis e levou Mario ao primeiro dos dois funerais da sua vida até ao momento; e foi provavelmente comovente que Incandenza acedesse ao pedido de Mario para que nada fosse filmado ou documentado durante o funeral. É provável que Mario tenha contado a Lyle tudo, lá em baixo na sala de pesos e halteres, mas nunca contou a Hal ou à mã; e Ele Mesmo já estaria a entrar e sair dos centros de desintoxicação e por isso dificilmente seria uma fonte credível nessa altura. Mas Incandenza, ante a insistência de Mario, que mais ninguém fosse limpar a cena do drama no Subdormitório C depois que a polícia viesse e olhasse em redor e desenhasse a giz um ectoplasma da forma estatelada de Clipperton e fosse anotando em blocos de argolas que não paravam de cotejar com um cuidado enlouquecedor, e depois os paramédicos fecharam o enorme saco de borracha e levaram Clipperton numa maca de rodas com pernas retrácteis que tinham de recolher em todas as escadas. Lyle há muito que se tinha ido embora dali. O bradicinético Mario precisou de toda a noite e duas garrafas de *Ajax Plus* para limpar a sala com os seus pequenos braços contraídos e os pés quadrados; as raparigas de menos de dezoito anos dos quartos adjacentes podiam ouvi-lo a cair e a levantar-se várias vezes lá dentro; e finalmente o quarto impecável tinha sido trancado desde então, com a sua placa de mau gosto; a única pessoa que tem uma é G. Schtitt e quando algum jogador da ATE choraminga demasiado por causa de alguma vicissitude ou dificuldade relacionada com o ténis, é convidado a acalmar-se um bocadinho na suite de Clipperton, para talvez meditar sobre alguma outra maneira de ser bem-sucedido para além de uma devota autotranscendência e um duro esforço e uma lenta viagem rumo a um objetivo distante com o qual se possa talvez, se lá se chegar, conviver.

Foi Annie P., assistente de direção da Ennet House, quem cunhou a frase que Don Gately «resplandece de lado». Cinco manhãs por semana, com turno noturno ou não, tem de apanhar a Linha Verde em direção ao centro da cidade às 04h30 para depois apanhar mais dois comboios para o seu outro emprego no Abrigo Shattuck para sem-abrigo na degradada Jamaica Plain. O sóbrio Gately tornou-se um homem da limpeza. Esfrega o amplo chão cheio de camas com solventes desinfetantes antifúngicos. Assim como as paredes. Esfrega as casas de

banho. A limpeza relativa das retretes de Shattuck pode parecer surpreendente até chegar à zona dos chuveiros com o equipamento necessário e máscara posta. Metade dos tipos de Shattuck é incontinente. Há sempre merda todos os dias. Stavros deixa-o ligar uma mangueira industrial a um bocal e pulverizar a maioria da porcaria à distância antes de ter de entrar com a esfregona, escovas, solventes e a máscara.

Limpar Shattuck só leva três horas, uma vez que ele e o colega têm uma rotina bem organizada. O parceiro dele é também o dono da empresa que tem contrato com a Commonwealth para fazer a manutenção de Shattuck, um homem nos seus quarenta ou cinquenta anos, Stavros Lobokulas, um tipo problemático que fuma longos cigarros de filtro e tem uma enorme coleção de catálogos de sapatos de senhora que guarda empilhados nos assentos traseiros da sua carrinha quatro por quatro.

Por isso por volta das 08h00 normalmente já acabaram, embora o contrato estipule oito horas de trabalho (Stavros L. só paga a Gately três, mas é por baixo da mesa), e Gately volta para o centro governamental para apanhar a Linha Verde e regressar à Commonwealth e à Ennet House, onde tapa os olhos com uma pala para dormir até as 12h00 e ao turno da tarde. O próprio Stavros L. tem apenas duas horas livres para folhear os catálogos de calçado (Gately quer acreditar que tudo o que ele faz com os catálogos é folheá-los), depois tem de ir até à estalagem da Rua Pine, o maior e mais conspurcado abrigo de Boston, onde juntamente com outros dois falidos e desesperados *yutzes* contratados por Stavros em centros de reabilitação como mão de obra barata, vai estar quatro horas a limpar e depois cobrar seis ao Estado.

Os residentes de Shattuck sofrem de todo o tipo de maleitas físicas, psicológicas e viciantes e dificuldades espirituais imagináveis, especializando-se nas que são repulsivas. Há sacos de colostomia e vómito-projétil e descargas cirróticas e membros amputados e cabeças disformes e incontinência e sarcomas de Kaposi e feridas supurantes e todos os diferentes níveis de enfraquecimento e défice de controlo e lesões. A esquizofrenia é como uma regra. Os homens com DT tratam os aquecedores como televisores e deixam amplas pinturas à base de salpicos de café nas paredes das salas. Há baldes industriais para vómitos matinais que parecem ser tratados como os golfistas tratam os pinos quando apontam à distância e numa direção imprecisa. Há um canto meio bloqueado e

mais escondido, perto do local onde há pequenos cacifos para guardar os pertences, onde existe sempre esperma descendo lentamente pela parede. E é demasiado para apenas um ou dois gajos. Toda a casa cheira a morte por mais que se faça para o evitar. Gately chega ao abrigo as 04h59 e desliga o cérebro como se tivesse na cabeça um interruptor. Seleciona *inputs* sensoriais como um autêntico louco. As camas da caserna fedem a urina e a atividade de vários tipos de insetos é perfeitamente observável nelas. Os funcionários públicos que supervisionam o abrigo de noite têm olhares vidrados e veem cassetes pornográficas *soft* atrás das secretárias e são todos mais ou menos do tamanho e corpulência de Gately, a quem já perguntaram se quereria trabalhar lá à noite e ele respondeu Obrigado na mesma, e arranja sempre maneira de sair de lá às 08h01 e apanha a Linha Verde de regresso à colina com a sua bateria de gratidão totalmente recarregada.

Limpar o Abrigo Shattuck para Stavros Lobokulas foi o trabalho humilde que Gately encontrou apenas a três dias de acabar o prazo de um mês para encontrar trabalho honesto, e manteve-o desde então.

É suposto os homens do Abrigo Shattuck estejam levantados e arranjados às 05h00, independentemente do tempo ou do *delirium tremens* para deixar Gately e Stavros trabalharem. Mas alguns nunca saem a tempo – e são sempre os piores, aqueles que não se quer que estejam por perto, são precisamente esses que não se vão embora. Arrastam-se atrás de Gately e veem-no limpar as fezes com jatos de água dos azulejos, levando aquilo como se fosse um desporto e gritando encorajamentos e conselhos. Encolhem-se e lambem-lhe as botas quando o supervisor se levanta para lhes dizer que saiam dali, e quando ele se retira, não se vão embora. Alguns têm aquelas manchas rapadas nos braços. Deitam-se nas camas e alucinam e batem e gritam e atiram cobertores do Exército para o chão que Gately está a tentar esfregar. Vão esconder-se outra vez no cantinho escuro do esperma mal Gately tenha acabado de esfregar o esperma da noite anterior e se afasta para voltar a respirar.

Talvez o pior seja que há sempre um ou dois no Abrigo Shattuck que Gately conhece pessoalmente dos seus dias de vício e arrombamento, antes que chegasse ao ponto de não retorno e aplicasse toda a sua vontade a manter-se sóbrio a qualquer custo. Estes tipos têm entre vinte e cinco e trinta anos, mas parecem ter entre quarenta e cinco e sessenta e são a melhor publicidade a favor

da sobriedade do que qualquer agência poderia criar. Gately dá-lhes uma nota de cinco ou um maço de *Kools* e às vezes tenta falar-lhes um pouco dos AA, se lhe parecer que estão dispostos a desistir dos seus hábitos. Com todos os outros em Shattuck, Gately adota esta atitude que lhe permite saber que os está a ignorar completamente desde que se mantenham à distância, mas é um olhar que diz *rua* e *cadeia* e que não se metam com ele. Se se metem no seu caminho, Gately olha fixamente para um ponto mesmo atrás das cabeças deles até que se vão embora. Esta máscara protetora ajuda.

A grande pretensão de Stavros Lobokulas – que refere regularmente quando estão a limpar os mesmos barracões –, o sonho dele é utilizar a sua combinação única de iniciativa empresarial e conhecimento de homem da limpeza com um talento natural para a faturação criativa e encontrar mais homens pobres diabos em centros de desintoxicação que lhe limpem a merda a quase custo zero, para que possa acumular dinheiro suficiente para abrir uma sapataria de senhora numa zona próspera de Boston onde as mulheres são saudáveis e chiques e têm bons pés e que se possam dar ao luxo de tratar deles. Gately passa a maior parte do tempo que está com Stavros assentindo e não dizendo quase nada. Porque realmente o que é que há para dizer sobre sonhos de carreia ambiciosos que envolvam pés? Mas Gately solucionará os seus problemas com a justiça depois dos trintas se mantiver o bom comportamento, e precisa do trabalho. Com coisas de pés ou sem coisas de pés. Alegadamente, Stavros está sóbrio há oito anos, mas Gately tem as suas dúvidas sobre a qualidade espiritual da suposta sobriedade. Por exemplo, Stavros irrita-se facilmente com os tipos de Shattuck que não se levantam como devem para sair e quase diariamente faz uma cena em que arremessa a esfregona para o meio do chão e levanta a cabeça para gritar:

– Por que não vão para *casa* seus filhos da mãe desgraçados?

E ao fim de treze meses Stavros ainda não deixou de achar hilariante a sua saída.

Mas toda a saga de Clipperton demonstra que há certos jogadores juniores muito talentosos que não conseguem controlar as emoções se finalmente conseguem atingir o topo do *ranking* ou se ganham algum torneio importante. Depois de Clipperton, o caso histórico mais espantoso desta síndrome envolveu um miúdo de Fresno, na Califórnia Central, também um independente (o pai, um

arquiteto ou desenhador ou coisa do género, era o seu treinador; tinha sido jogador de UC-Davis ou UC-Irvine ou outro clube qualquer; o que toda a gente da ATE assinala é que se tratava de outro miúdo sem apoio nem perspetivas académicas), que, depois de derrotar dois favoritos e ganhar o Pacific Coast em terra batida para menores de dezoito anos e de se ter embebedado em grande na cerimónia e baile posterior e levado em ombros pelo seu pai e colegas de equipa, voltou para casa tarde nessa noite e bebeu um grande copo de *Quick* da Nestlé misturado com o cianeto de sódio que o pai usava para desenhar, bebe o *Quick* com cianeto na cozinha remodelada da família e cai morto, com a cara azulada e um horripilante gosto ainda na boca da bebida letal, e segundo consta o pai ouve o barulho que o filho fez ao cair e corre para a cozinha ainda de roupão e chinelos de pele e tenta fazer respiração boca a boca ao miúdo, mas um bocado do *Quick* envenenado com NaCN entra-lhe na boca, e cai, fica azul e morre, e depois a mãe corre para lá com uma máscara de argila e chinelos fofinhos nos pés e ao vê-los assim aos dois deitados, azuis e a ficarem rígidos, tenta fazer respiração boca a boca ao pai arquiteto e é claro que também ela cai e fica azul nos sítios onde não está a argila da máscara, mas seja como for cai morta como se fulminada por um raio. E já que a família consta de outros seis filhos de diversas idades que pela noite dentro regressam a casa ou descem as escadas a farfalhar naqueles pijaminhas com adoráveis pés cosidos, são atraídos pelo barulho acumulado de tanta queda, e devo acrescentar o estranho e agonizante barulho de gargarejos, e já que os seis tinham frequentado um curso de primeiros socorros patrocinado pelo Rotary Club na ACM de Fresno, no final da noite toda a família estava deitada no chão, em tons de azul e hirtos como postes, com doses letais de *Quick* gradualmente menores na boca; e em suma todo este episódio de trauma-de-metas-a-atingir-não-devidamente-preparadas é incrivelmente macabro e triste, e é uma razão histórica pela qual todas as academias de ténis acreditadas têm de ter um psicólogo doutorado a tempo inteiro, para vigiar as reações possivelmente mortíferas de alguns atletas quando alcançam o nível que se esforçaram por alcançar durante anos. O psicólogo da ATE é a doutora Dolores Rush, mestrada e doutorada, que tem ar de ave de rapina, e é considerada pelos miúdos como um pouco pior que inútil. Vai-se lá com um problema e tudo o que ela faz é entrelaçar os dedos e olhar de um modo abstrato por cima deles e pegar na última oração subordinada de seja o que quer

que se diga e repeti-la em tom interrogativo. «Possível atração homossexual pelo parceiro de pares?» «Grande confusão psicológica sobre o seu estatuto de atleta do sexo masculino?» «Uma ereção incontrolável durante as semifinais em Cleveland?» «Fica furioso quando alguém repete o que diz em vez de responder?» «Custa-lhe muito não me cortar o pescoço como a um frango?», tudo isto com uma expressão que deve julgar serenamente profunda, mas que parece tal e qual a cara de uma rapariga quando está a dançar connosco mas que preferia estar a dançar com qualquer outra pessoa que esteja na sala. Só mesmo os jogadores mais novos na ATE consultam Rusk, mas não por muito tempo, e então gasta o muito tempo que tem livre no seu gabinete do edifício da Adm. fazendo acrósticos e trabalhando num manuscrito qualquer de psicologia popular cujas primeiras quatro páginas, que Axford e Shaw leram às escondidas, depois de lhe terem forçado a fechadura da gaveta, apresentavam vinte e nove repetições do prefixo *auto*. Lyle, um carmelita expulso que faz o turno de dia da cozinha, ocasionalmente Mario Incandenza e muitas vezes a própria Avril ocupam-se dos problemas psíquicos da ATE.

É possível que apenas os jogadores juniores que podem abrir caminho até ao topo e lá ficarem sem darem em loucos sejam os que já são loucos ou que então sejam apenas máquinas sinistras *à la* John Wayne.

Wayne, sem que a sua cara denote qualquer tipo de expressão, está sentado na sala de jantar com os outros miúdos canadianos olhando para o ecrã e apertando uma bola. Hal tem os olhos febris e as pupilas dançam-lhe de um lado para o outro. Na realidade, a esta altura muitos dos olhos dos espectadores das comemorações do Dia da I. já perderam alguma da chama festiva. Embora subsistisse um certo ímpeto de satisfação irónica relacionado com a comparação Gentle/Clipperton, o assunto sobre os rumores-amorosos-de-Rodney-Tine-Luria-P., mais o assunto de Tine-como-Benectict-Arnold já estavam a tornar-se desconfortavelmente lentos e regressivos[176]. E ainda existe alguma surpresa retroativa porque é historicamente conhecido que o advento do Tempo Subsidiado foi resposta orçamental aos custos inebriantes da cessão Reconfigurativa dos EUA, o que quer dizer que deve ter sido depois da Interdependência formal, e de facto o filme mostra que foi depois, mas então a cronologia de parte do final faz parecer que Tine vendeu a Johnny Gentle a sua ideia baseada no calendário chinês para obter receitas no primeiro grande ano

desportivo de Orin Incandenza na Univ. de Boston, que acabou por ser o Ano do *Whopper*, obviamente um ano subsidiado. Mas agora os da ATE estão a comer mais lentamente, brincando com as sobras naquele ocioso modo pós-prandial; os chapéus estão a fazer com que algumas pessoas sintam comichão, e ainda para mais estão todos com ressacas de tanto açúcar; e um dos mais pequeninos da ATE que estava a rastejar com um frasco de cola por baixo das mesas e que bateu com a cabeça num aguçado canto de uma cadeira institucional está agora a chorar no colo de Avril I. com um histerismo de fim do dia que deixa toda a gente irritada.

GENTLE ANDA À SOLTA! – Antetítulo; ESTÁ A FAZER UMA DIGESSÃO PELA NOVA NOVA INGLATERRA ENTRE FORTES MEDIDAS DE SEGURANÇA – Título, corpo de letra 10; PARTE GARRAFAS DE CHAMPANHE CONTRA OS MUROS GIGANTESCOS DE *LUCITE* AO SUL DO QUE ERA SYRACUSE, CONCORD, NEW HAMPSHIRE, E SALEM, MASSACHUSETTS – Subtítulo, corpo 10;

GENTLE ANDA MAIS OU MENOS À SOLTA: PRESENCIA DESDE BOLHA PORTÁTIL DE OXIGÉNIO A VITÓRIA DE CLEMSON CONTRA A UNIVERSIDADE DE BOSTON NO ESTÁDIO FORSYTHIA DE LAS VEGAS – Título daquele tipo que agora já só escreve chamadas de título no *Eagle* de Rantoul, Illinois;

CRIANÇAS ACROMEGÁLICAS E COM PROBLEMAS CRANIAIS, PERDIDAS NA CONFUSÃO DO ÊXODO EXPERIALISTA? – Título editorial do *Daily Odyssean* de Ithaca, Nova Iorque;

A ADMINISTRAÇÃO GENTLE REVÊ OS ORÇAMENTOS PERANTE A ANGÚSTIA DE WALL STREET POR CAUSA DOS CUSTOS DA «RECONFIGURAÇÃO TERRITORIAL» – Título; OS MEMBROS DA ADMINISTRAÇÃO REÚNEM-SE PARA ESTUDAR OS INVESTIMENTOS EM MÍSSEIS, OS CUSTOS DE RELOCALIZAÇÃO E A PERDA DE RECEITAS DE PELO MENOS QUATRO ESTADOS – Subtítulo.

Gentle [a sua voz soa remotamente atrás da máscara de microfiltração *Fukoama* e da bomba de oxigénio portátil *Lucite*]: Rapazes.

Todos os sec. exceto o mexicano e o canadiano [os fantoches femininos ao estilo Motown que há em cima da mesa para dar um ambiente vulgar usam picarescas vestes de três peças, o cabelo alisado e puxado para trás e enormes bigodes de potentado que poderiam ser mais direitos mas que são muito impressionantes em caras de fantoches femininos]: Chefe.

Sec. Def.: Como é que foi a caçada, senhor Presidente?

Gentle: Ollster, rapazes: seminal, visionário. Uma experiência excecional. Agora digo coisas como excecional em vez de super. Mas também seminal. Ollie, rapazes, ontem vi uma coisa excecionalmente visional e seminária. Não me refiro ao jogo de futebol. O futebol normalmente não me tenta. Todos aqueles grunhidos. Lama por todo o lado. Não é o meu divertimento favorito. A coisa mais divertida do jogo foi um dos pontapeadores. O tipo magro com uma perna superdesenvolvida e um braço só um pouquinho menos desenvolvido.

Nunca tinha ouvido nem visto pontapés assim. Bum. Comi uma salchicha inteira enquanto a bola estava no ar. As pessoas conversavam de pé, faziam barulho e tinham tempo para ir à casa de banho enquanto a bola estava no ar. Como é que se chama esse tipo, R.T.?

Sec. Int.: Com o devido respeito, senhor Presidente, posso perguntar-lhe se esta reunião será um almoço? Faço-lhe esta pergunta porque vejo ao lado das nossas jarras de água individuais com aqueles calendários chineses do Ano do Tigre do Restaurante Szechuan. Vamos ter de digerir uma comida chinesa, chefe?

[Da banda sonora de Mario vem um ruído que parece de corneta e ouve-se um estalido dos dedos enluvados de J.G., que está perdido num sonho visionário.]

Sec. Transp.: A minha preferência é o frango à general Tsu, se...

Rodney Tine, diretor do Departamento de Serviços Não Especificados dos EUA: O Presidente convocou-nos esta manhã para juntar as nossas experiências profissionais relativamente a um assunto sobre o qual nós, os dos Serviços Não Especificados, julgamos que ele foi iluminado por uma série seminal de perceções criativas.

Gentle: Cavalheiros, alegra-nos e preocupa-nos informar-vos que a nossa experiência seminal na Reconfiguração Territorial da ONAN[177] foi um golpe absolutamente logístico. Mais ao menos. O Delaware dá a impressão de estar demasiado cheio de gente, e segundo parece, um ou dois animais de cornos curvos escaparam aos esquadrões táticos: também, no Sul de Nova Nova Iorque há menos espírito de cooperação do que seria de esperar, mas em geral penso que «um golpe absolutamente logístico» seria a expressão adequada para descrever este tipo de êxito.

Tine: E chegou a hora de pagar por isso.

Todos os sec.: [Bruscos movimentos para trocarem olhares, alisamento de gravatas e bigodes, sons de saliva a ser engolida.]

Gentle: O Rod informa-me que o Marty já tem os números preliminares dos custos brutos, enquanto os rapazes do Chet nos proporcionaram projeções sobre as perdas brutas de receitas da Reconfiguração em termos impositivos territoriais, individuais e empresariais.

Sec. Transp. e sec. Tes: [Fazem circular grossas pastas encadernadas, todas impressas com o crânio vermelho a bocejar que decora todos os relatórios de más noticias da Administração Gentle. Todos os secretários abrem e folheiam as pastas. Ouvem-se ruídos de mandíbulas a bater na mesa. Cai um para de bigodes. Ouve-se um secretário perguntar em voz baixa se há algum nome para um número com tantos zeros. A bolha portátil de Gentle é atingida na viseira, à altura da fita de plástico por uma passa muito mastigada, o que origina vivas não muito entusiásticos da assistência. Outro fantoche feminino travestido de Motown está a atirar uma corda por cima de uma viga ao fundo de uma sala de reuniões revestida a veludo.]

Gentle: Miúdos, rapazes. Antes de que alguém aqui necessite de oxigénio (com uma das mãos levantada diante do vidro da bolha), deixemos que o Rod nos explique que, apesar deste números quantitativamente deprimentes, a única coisa que temos diante dos nossos olhos é o que o Rod denomina um exemplo exagerado de um problema de quadriénio que qualquer administração com certa visão acaba por vir a ter de enfrentar. É claro, a pessoa desconhecida, mas que é bem vinda, que tenho à minha esquerda é o senhor Tom Veals, da Veals Associates Advertising, de Boston, EUA.

Todos os sec.: [Murmúrios não muito tranquilos de boas-vindas a Veals.]

Tom Veals: [Um corpinho caucasoide e diminuto de fantoche *Tootsie-Pop* e uma cara imensa constituída sobretudo por dentes e óculos.] Ei.

Tine: E gostaria de apresentar-vos à esquerda de Tom a encantadora e deliciosa menina

Luria P. [indicando com um ponteiro um fantoche feminino de uma pulcritude extraordinária; a mesa de conferências parece subir ligeiramente no ar quando Luria P. franze uma sobrancelha bem desenhada].

Ainda Tine: Cavalheiros, o que o Presidente aqui nos disse é que estamos perante um exemplar microscópico do famoso dilema triplo democrático que já foi enfrentado por visionários como Roosevelt ou Kennedy. O eleitorado americano, como é seu direito exige o tipo de visão e de direção milenares [atuação firma, capacidade de decisão, muitos programas e serviços, como, por exemplo, a Reconfiguração Territorial] que conduzirão a uma comunidade renovada em direção a uma nova era de escolha e liberdade interdependentes.

Gentle: Tiramos-te o *chapeau* retórico, meu rapaz.

Tine: [Levantando-se, os olhos dele são agora brilhantes pontos vermelhos na sua cara de feltro redonda; os olhos são dois detetores de fumo com uma única pilha AAA colada à parte detrás da bata de cirurgião do fantoche]: Ora bem, falando em termos mais gerais, se o ponto de vista do Presidente determina que seja preciso cortar em certos programas e serviços, os nossos homens da estatística preveem com razoável certeza indutiva que o eleitorado americano vai vociferar.

Veals: Vociferar?

Luria P. [para Tine]: É uma palavra canadiana, *chéri*.

Veals: Quem é esta miúda?

Tine [Ficando momentaneamente com uma branca]: Lamento, Tom. Uma expressão canadiana. Protestar. Queixar-se. Lamentar-se. Solicitação de que se mude o rumo de qualquer coisa. Manifestações dessas de cinco em fundo. Punhos levantados em uníssono. Protestar [apontando, com o ponteiro em cima de um cavalete, para várias fotografias de grupos a queixarem-se em incidentes históricos de pressão e protesto].

Sec. Tes.: E já temos uma ideia daquilo que vai acontecer se tentarmos qualquer aumento impositivo convencional.

Sec. Est.: Uma revolta fiscal.

Sec. Dep.: Uma maratona de protestos.

Sec. Def.: Como a revolta do chá de mil setecentos e setenta e três.

Gentle: Em cheio. O reino do protesto. O prostesticídio político. Um vazio de grande calibre no mandato. Prometemos que não haveria aumentos de impostos. Disse isso na minha tomada de posse. Disse-lhes para olharem para mim olhos nos olhos: nenhum aumento de impostos. Apontei para os olhos e afirmei que era uma decisão corajosa que nada nem ninguém mudaria. O Rod, o Tom e eu estabelecemos as três linhas de força da campanha. Um: o lixo. Dois: nada de aumentos de impostos. Três: procurai alguém fora das nossas fronteiras a quem possamos deitar as culpas.

Tine: Portanto é um dilema com potenciais protestos de ambos os flancos.

Sec. Tes.: A comunidade financeira exige um orçamento federal e equilibrado. A Reserva Federal insiste num orçamento equilibrado. O nosso equilíbrio comercial com o punhado de nações com quem ainda mantemos comércio exige uma moeda estável e, portanto, um orçamento equilibrado.

Tine: O terceiro flanco, Chet, o do dilema triplo. Necessidade de despesas, restrição de despesas, exigência de um orçamento equilibrado.

Gentle: O clássico dilema do cão Cérbero de dois chifres que aflige o poder executivo. O espinho no tendão de Aquiles do processo democrático. Alguém ouviu uma espécie de grito?

Todos os sec. [Olham surpreendidos uns para os outros.]

Veals [Assoa o nariz fazendo grande barulho.]

Gentle [Batendo nas superfícies interiores da bolha portátil]: Admito que às vezes ouço um grito que mais ninguém ouve, mas este parece-me ser diferente.

Todos os sec. [Ajeitam as gravatas, estudam a lustrosa superfície da mesa.]

Gentle: Quer então dizer que ninguém ouviu.

Veals: Será que podemos avançar um pouco mais depressa, rapazes?

Tine: Talvez, senhor Presidente, se trate daquele grito pristino que antecede aqueles momentos em que fica pronto para anunciar uma visão seminal e visionária que permite lidar com o tenebroso dilema triplo.

Gentle: Meu rapaz, acertaste em cheio. Cavalheiros, olhai para estes desenhos de restaurante do esquema calendarial sino-epitético.

Tine: Refere-se naturalmente a estes individuais que aqui vemos, diretamente relacionados com a visão financeira do Presidente.

Gentle: Cavalheiros, como sabeis, acabei de chegar a grande velocidade ainda a arrotar a salsichas que tenho a certeza de que estavam infestadas de micróbios, e que as bancas de venda pública são uma porcaria e uma ameaça que...

Tine [Faz um gesto com a mão de quem tem qualquer coisa num olho.]

Gentle: E como vos disse acabei de chegar de uma aparição de boa vontade num jogo de futebol em que ingeri as referidas salsichas. Mas a questão é a seguinte: algum dos senhores sabe o nome desse estádio?

Sec. Hab.: Ficámos com a ideia que tinha dito que era o Forsythia, chefe.

Gentle: Isso, senhor Sivnik, foi porque durante a viagem pensei no nome quando fizemos interface com aquele velho codificador. Era esse o nome quando lá cantei o hino em mil novecentos e noventa e um.

Luria P. [Levantando o individual zodiacalizado com uma mancha de gordura no canto superior esquerdo]: Talvez, senhor Président, nos possa agora contar como se chama esse estádio...

Gentle [com um olhar teatral a Veals que está a limpar o espaço entre os seus gigantescos incisivos com os cartões de visita dos administradores de Pillsbury e Pepsico]: Rapazes vi lá grandes pontapés, arrotei cachorros-quentes cheirei espuma de cerveja e evitei as retretes públicas, e isto foi no estádio Kent-L-Ration-Magnavox-Kemper-Insurance-Forsythia.

ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

NO PASSADO MÊS DE JULHO, EM BRAINTREE, durante o compromisso dos Bandeiras Brancas com o Grupo É Uma Porra Mas Continuas Sem Poder Beber, Don G., no estrado, revelou publicamente a vergonha que sentia por não ter ainda uma sólida compreensão do que é um Poder Superior. Na terceira das doze etapas dos AA de Boston, se sugere que se entregue amorosamente a vontade doente à direção e ao amor de «um Deus que se compreenda». É suposto que um dos pontos de maior êxito dos AA seja a história de que cada um deve escolher o seu próprio Deus. É preciso que cada pessoa elabore a sua própria noção de Deus ou de um Poder Superior ou De Quem/Do Que Quer Que Seja. Mas Gately, já com dez meses de abstinência às suas costas, de pé no estrado dos EUPMCSPB de Braintree, afirma que nesta conjuntura está tão completamente despistado e perdido que pensa que talvez seja melhor que os Crocodilos do Grupo Bandeira Branca o agarrem pelas lapelas e lhe digam a que Deus AA deve compreender e que lhe deem ordens absolutamente dogmáticas e categóricas sobre a maneira de entregar a sua vontade Doente a um qualquer Poder Superior. Assinala que já teve oportunidade de observar que alguns católicos e fundamentalistas que há nos AA tiveram desde a infância a noção de um tipo de Deus severo e castigador e Gately ouviu-os a expressar uma incrível gratidão pelo facto de os AA lhes permitirem finalmente voltar-se para um Deus Misericordioso, Amoroso e Formativo. Mas pelo menos esses tipos começaram por ter *uma* ideia de Ele/Ela/Isso, quer estivessem lixados ou não. Poderia pensar-se que seria mais fácil se uma pessoa chegasse com um zero em termos de antecedentes denominativos ou preconcebidos, e assim estaria facilitada a tarefa de inventar um Deus Todo-Poderoso desde o zero e a partir daí construir uma compreensão do fenómeno, mas Gately queixa-se de que esta não foi a sua experiência até à data. A sua única experiência até este momento é que aceita algumas das raras sugestões específicas dos AA e ajoelha-se de madrugada para pedir ajuda e volta a ajoelhar-se à hora de se deitar para dizer obrigado, quer acredite que está a falar ou não com alguém, e de uma maneira ou de outra consegue manter a sua abstinência durante o dia. Isto, após dez meses de concentração e reflexão,

daquelas que fazem fumegar as orelhas, a única coisa que sente em matéria de «compreensão» dos «aspetos divinos». Publicamente, diante de um público de AA de aspeto bastante duro e bravo, lamenta-se e confessa ao mesmo tempo que se sente como uma ratazana que aprendeu um único caminho no labirinto que a leva ao queijo e que ele avança por esse caminho como uma ratazana ou coisa pior. O divino é o queijo nesta metáfora. Gately sente que ainda não é capaz de aceder à grande Ideia Espiritual. Sente as preces rituais de Se Faz Favor e Obrigado como um batedor que tem uma sequência de bons batimentos e não muda de meias nem de roupa interior nem altera a rotina anterior ao jogo enquanto a sorte durar. E explica que a abstinência é a sequência de batimentos neste caso. A cave da igreja está literalmente carregada de fumo. Gately diz sentir que esta é uma maneira parcial e miserável de compreender um Poder Superior: o caminho para o queijo ou para uma roupa interior de desportista suja. Garante que quando tenta transcender o automático e consabido faz-me-vencer-mais-este-dia-se-faz-favor, quando às vezes se ajoelha e reza ou medita ou tenta atingir a imagem espiritual de um Deus que o possa compreender a ele, não sente nada – não é nada mas *Nada,* um vazio sem limites que de algum modo sente ser pior do que o tipo de ateísmo irrefletido com que entrou. Garante que não sabe se há alguma coisa nisto que seja compreensível ou que tenha algum sentido ou se só se trata de uma coisa sintomática de uma vontade e de um «espírito» absolutamente doentes. Inesperadamente, vê-se a confessar a um público de É Uma Porra Mas Continuas Sem Poder Beber pensamentos obscuros e confusos que nunca diria cara a cara a Francis Ferocious. Nem sequer consegue olhar F.F. nos olhos, sentado na fila dos Crocodilos, enquanto diz que naquele momento a mera ideia de um Deus compreensivo o faz vomitar de medo. Uma coisa que não se pode tocar nem ouvir nem ver: muito bem. Está bem. Mas uma coisa que nem sequer se possa *sentir*? Porque é isso que ele sente quando tenta compreender uma coisa à qual rezar com sinceridade. O Nada. Diz que quando tenta rezar consegue ver uma espécie de imagem mental das ondas das suas orações a subir e a subir sem que ninguém as detenha, indo, indo e irradiando no espaço e sobrevivendo-lhe e indo, mas sem nunca chocar com alguma coisa no exterior e muito menos com alguma coisa que tenha ouvidos. E muito, muito *menos* contra alguma coisa que tenha ouvidos e se importe. Sente-se indignado e envergonhado por estar a falar disto em vez de mostrar como é

bom conseguir passar mais um dia sem ingerir uma substância, mas as coisas são assim mesmo. É isto que se está a passar. Não está mais perto de aceitar a sugestão da terceira etapa do que quando o agente de liberdade condicional o levou para a Ennet House de Peabody Holding. A mera ideia deste Deus ainda lhe causa vómitos. E tem medo.

E a mesma merda volta a acontecer. Todo o Grupo EUPMCSPB de impenitentes fumadores se levanta e aplaude loucamente e os homens assobiam metendo os dedos na boca e as pessoas aproximam-se dele no intervalo para lhe apertar a manápula e às vezes tentar mesmo abraçá-lo.

Parece que sente que se esquece de si mesmo e publicita até que ponto passa mal no seu estado de abstinência atual, os AA de Boston entusiasmam-se e dizem-lhe como foi magnífico ouvi-lo e que por amor de Deus continue a vir mesmo se não encontrar nenhum significado em toda esta merda.

O Grupo É Uma Porra Mas Continuas Sem Poder Beber parece ser constituído em cerca de cinquenta por cento por motociclistas e raparigas de motociclistas, o que implica casacos de cabedal e tacões de dez centímetros nas botas, fivelas de cintos com pequenas navalhas em forma de espada que saem de uma ranhura do lado, tatuagens bastante parecidas com murais, mamas enormes em corpetes de algodão, barbas salientes, parafernália da *Harley*, fósforos de madeira ao canto da boca e tudo o resto. Depois do Pai-Nosso, enquanto Gately e os outros oradores do Grupo Bandeira Branca se reúnem para fumar à porta da cave da igreja, o estrondo das motas de alta cilindrada a serem postas em marcha é suficiente para ensurdecer uma pessoa. Gately não consegue imaginar o que é ser um motoqueiro sóbrio e livre de drogas. É como se não fizesse sentido. Imagina esta gente a dar lustro às peças de roupa de cabedal e a jogar bilhar com grande precisão.

Este motoqueiro sóbrio não pode ser muito mais velho do que Gately e é quase do mesmo tamanho – embora tenha uma cabeça pequena e um queixo cónico que o fazem parecer uma espécie de louva-a-deus bonita – aproxima-se com a sua mota do tamanho de um automóvel e para ao lado de Gately. Diz que foi um prazer ouvi-lo. Aperta-lhe a mão daquela maneira complicada que os pretos e os motoqueiros usam. Apresenta-se como Robert F., embora na lapela do colete de cabedal diga bob morte. Uma rapariga abraça-o pela cintura por trás, no que é o procedimento normal deles. Diz a Gately que apreciou muito

ouvir alguém novo partilhar de coração aberto as suas lutas com a componente de Deus. É esquisito ouvir um motoqueiro usar a palavra *partilhar* dos AA de Boston mas a de *componente* ou *coração* ultrapassa tudo o que se poderia esperar.

Os outros membros do Grupo Bandeira Branca calaram-se e observam os dois homens que estão ali de uma maneira um pouco desajeitada, o motoqueiro abraçado por trás e carregando no pedal da sua máquina. O tipo usa polainas de couro e colete de couro sem camisa e Gately vê que tem uma tatuagem de prisão com uma estranha insígnia triangular dos AA dentro de um círculo num dos seus robustos ombros.

Robert F./Bob Morte pergunta a Gately se ouviu contar a do peixe. Glenn K., com a estranha fatiota que usa, ouve-o e, é claro, tem que meter o seu grão de areia e pergunta a todos se ouviram Que diz um cego ao passar pela peixaria do Quincy Market e, sem esperar por nenhuma resposta, diz: «Boa tarde, minhas senhoras». Um par de Bandeiras Brancas larga uma gargalhada e Tamara N. dá uma palmada na parte de trás do capuz pontiagudo de Glenn K., mas sem demasiada convicção, como que a dizer o que é que se há de fazer com gente desta.

Bob Morte sorri com ar distante (os motoqueiros de South Shore devem ser extremamente distantes em tudo o que fazem), faz mexer com os lábios o fósforo que tem ao canto da boca e diz: «Não, essa do peixe, não.» Tem de falar quase aos gritos, como quando se está num bar, para abafar o ruído do seu motor. Inclina-se ainda mais para Gately e grita a piada que tinha referido: um peixe velho e sábio nada em direção a outros três peixes e diz-lhes: «Bom dia, rapazes, como está a água?» e afasta-se; os três peixes mais novos veem-no afastar-se a nadar, olham uns para os outros e dizem: «Mas que merda é essa da água?», e vão-se embora. O jovem motoqueiro recosta-se no assento, sorri a Gately, encolhe os ombros com afabilidade e afasta-se com os seios da sua amiga encostados às costas.

De regresso a casa pela Estrada 3, Gately tem o sobrolho franzido devido à dor emocional que sente. Estavam no banco de trás do velho carro de Francis Ferocious. Glenn K. tentou perguntar qual era a diferença entre uma garrafa de *Hennessey* de quinze anos e uma vagina humana feminina. O Crocodilo Dicky N. respondeu-lhe que devia ter em conta que havia senhoras presentes, porra.

Francis Ferocious movia um palito entre os lábios e observava Gately pelo espelho retrovisor. Gately queria chorar e bater em alguém ao mesmo tempo. A túnica barata e pseudodemoníaca de Glenn tinha um longínquo cheiro rançoso a pano de cozinha. Ninguém estava a fumar: Francis Ferocious tinha uma pequena botija de oxigénio que levava para todo o lado e uma espécie de tubo de plástico azul por baixo do nariz preso com um adesivo que lhe administrava oxigénio. A única coisa que disse numa ocasião foi que o tubo e a botija não estavam ali por vontade dele, mas que tinha aceitado um conselho e ali estavam. E ele ainda ali estava a respirar e raivosamente ativo.

Há uma coisa que os AA de Boston parecem esquecer-se de referir quando se é novo e completamente desesperado e pronto para se apagar do mapa e lhe dizem que vai tudo melhorar e melhorar se se abstiver e recuperar: vá lá saber-se por que razão esquecem-se de dizer que o modo de recuperar é por meio da dor. Não evitando a dor ou apesar dela. Põem isso de lado e falam de gratidão e de libertação da compulsão. Mas ao fim de algum tempo o novato descobre que há muita dor na sobriedade. E depois quando ele está limpo e não quer tomar mais substâncias e sente vontade de chorar e de bater em alguém por causa da dor, estes AA de Boston começam a dizer-lhe que está bem onde está, a dizer-lhe que se lembre da dor absurda do vício ativo e que pelo menos esta dor sóbria tem um propósito. Pelo menos esta dor significa que ele vai para algum lado, dizem, em vez da repetitiva e circular dor do vício.

Recusam-se a dizer que depois de ter desaparecido magicamente a vontade da pessoa se drogar e quando já passaram seis meses sem substâncias, começa a «colocar a si próprio» a questão de saber por que razão começou a consumir substâncias. Começa a perceber por que razão se tornou dependente de uma coisa que, quando se olha de frente para ela, é um anestésico. Acontece que «Entrar em contacto com os seus próprios sentimentos» é outro lugar-comum de gosto duvidoso que acaba por mascarar uma coisa terrivelmente profunda e real[178]. Acontece que quanto mais chocho é o lugar-comum dos AA, tanto mais aguçados são os caninos da verdade que encobre.

Por volta do final da sua residência na Ennet House, com cerca de oito meses de abstinência e mais ao menos livre de qualquer compulsão química, indo todas as manhãs a Shattuck e trabalhando as etapas e sendo ativo e frequentando as reuniões como um louco, Don Gately começou a lembrar-se de coisas que

gostaria de esquecer. Recordações. Talvez *recordações* não seja a melhor palavra. Foi mais como se começasse a reviver coisas que ele mal tinha sido capaz de viver em termos de emoção em primeiro lugar. Era quase tudo composto por tontices nada dramáticas, mas efetivamente dolorosas. Por exemplo, quando tinha cerca de onze anos, fingia ver televisão com a mãe e ouvir o monólogo noturno diário dela, uma litania de queixumes e remorsos cujas consoantes se tornavam cada vez mais empasteladas. Na medida em que Gately é agora capaz de diagnosticar um alcoólico, o diagnóstico que faria à mãe era de alcoolismo agudo. Bebia vodca *Stolichnaya* a ver televisão. Não tinham cabo por razões de dinheiro. Bebia por uns copitos em que juntava à vodca bocadinhos de cenoura e pimento. O apelido de solteira dela era Gately. O pai biológico de Gately era um imigrante estoniano, um operário do ferro forjado, que é como quem diz um soldador com ambições. Tinha partido a mandíbula à mãe de Gately e saído de Boston quando este ainda estava no útero dela. Gately não tinha irmãos nem irmãs. Mais tarde a mãe dele teve um amante fixo instalado em casa, um antigo polícia militar da Marinha que costumava espancá-la regularmente, atingindo-a na zona entre a virilha e os seios para não deixar marcas. Era uma habilidade que havia aprendido na Patrulha Costeira. Quando já tinha ingerido entre oito a dez garrafas de *Heineken*, costumava atirar o *Reader's Digest* contra a parede, deitar a mão à mulher e agredi-la com golpes bem medidos; ela ficava caída no chão do apartamento e ele atingia-a na zona oculta, fazendo penetrar os golpes por entre os tímidos movimentos defensivos dos braços dela; Gately lembrou-se de que ela tentava defender-se batendo com os braços e as mãos para baixo, como se estivesse a apagar um incêndio.

Gately ainda nem sequer tinha tido coragem de a ir visitar ao hospital público para doentes necessitados de cuidados permanentes sem recursos. O polícia militar punha a língua a um canto da boca e a sua cara de olhos muito pequenos dava a impressão de que ele estava muito concentrado, como se estivesse a separar ou a juntar coisas muito delicadas. Punha um joelho em cima dela com aquele aspeto de sóbria resolução de problemas, medindo os golpes, as pancadas abruptas e rápidas, e ela torcia-se toda tentando evitar de qualquer maneira os golpes. As pancadas rápidas. Sem prévio aviso psíquico, vieram à superfície recordações muito pormenorizadas dessas sovas numa tarde de maio do ARIAD, enquanto Gately se preparava para cortar a relva do jardim da Ennet House, em

substituição de Pat porque o Hospital da Marinha de Enfield tinha deixado de prestar esses serviços como represália por rendas em atraso. Depois da decadente casa de praia de Salem com Herman «o Teto Que Respirava», as cadeiras de qualidade da sala de jantar da pequena casa de madeira ao lado da pequena casa de madeira da senhora Waite tinham as pernas trabalhadas e Gately havia gravado com um alfinete donad e donold na parte debaixo das pernas de uma delas. Depois, mais alto, a ortografia tinha sido a correta. Era como se um monte de recordações da infância se tivessem afundado sem soltar uma única bolha e só depois de ter ficado sóbrio as bolhas tivessem aparecido no lugar onde ele se podia pôr em contacto com elas. A mãe dele costumava chamar ao polícia militar *filhedepute* e às vezes soltava um uf quando ele a atingia na tal zona. Bebia vodca com verduras a flutuar, um hábito que tinha aprendido com o desaparecido estoniano, cujo primeiro nome, segundo Gately pôde ler num pedaço de papel todo rasgado e depois mal colado com fita adesiva na caixa de joias da mãe depois de ela ter tido uma hemorragia cirrótica era Bulat. O hospital de doentes crónicos ficava longe do outro lalo da ponte de Yirrell Beach, perto de Point Shirley, atravessando o rio vindo do lado do aeroporto. O antigo polícia militar entregava queijo[*1] e depois trabalhou numa fábrica de sopa de peixe, e fazia exercícios com pesos na garagem de Beverly, bebia cerveja *Heineken* e anotava cuidadosamente a quantidade de álcool que bebia num pequeno caderno de argolas.

O sofá especial da mãe dele para ver televisão tinha flores vermelhas estampadas e quando passava de sentada para deitada com um braço entre a cabeça e o pano protetor do braço do sofá com o copo no pequeno espaço que os seios dela deixavam na borda da almofada era sinal de que já estava bêbeda. Gately, aos dez ou onze anos, fingia ouvir e ver televisão mas na realidade dividia a sua atenção entre quanto tempo faltava para que a mãe caísse inconsciente e quanta vodca havia na garrafa. Só bebia *Stolichnaya*, a que chamava a sua camarada de armas e dizia que nada podia substituir a camarada. Depois de ela ficar inconsciente e de ele lhe ter retirado cuidadosamente o copo inclinado da mão, Don pegava na garrafa e misturava as primeiras vodcas com *Diet Coke* bebia algumas até que deixavam de queimar e depois bebia-as sem misturas. Era uma espécie de rotina. Depois pousava a garrafa quase vazia ao lado do copo materno, com as verduras escurecidas na vodca por beber, e ela

acordava no sofá de manhã sem saber que não bebera a garrafa toda. Gately tinha sempre o cuidado de lhe deixar vodca suficiente para um gole matinal. Mas agora apercebe-se de que o seu gesto de lhe deixar alguma coisa não era uma manifestação de amor filial da sua parte: se ela não tinha esse primeiro gole, não se levantava do sofá durante o dia inteiro e assim não haveria uma nova garrafa à noite.

Lembra-se que isto acontecia quando tinha dez ou onze anos. Quase toda a mobília estava envolta em plástico. A carpete era um trapo cor de laranja queimado; a senhoria estava sempre a dizer que a iria arrancar para a substituir por tábuas. O antigo polícia militar trabalhava de noite ou então saía quase todas as noites e ela retirava o plástico do sofá.

Por que razão o sofá tinha panos protetores nos braços, uma vez que habitualmente estava coberto com o plástico, é coisa que Gately nunca conseguiu recordar ou explicar.

Durante algum tempo tiveram em Beverly o gato *Nimitz*.

Tudo isto regressou na forma de arrotos gordurosos à sua memória em maio, no espaço de duas ou três semanas; agora continua a aparecer mais material com o qual Gately se põem em contacto.

Quando estava sóbria chamava Bim ou Bimmy, porque tinha ouvido os amigos dele do bairro chamar-lhe assim. Ignorava que esse cognome atribuído pela vizinhança vinha de Bisarma Indestrutível e Monga. Em criança tinha tido uma cabeça imensa, desproporcionada, embora não houvesse nada de estoniano nela, pelo menos segundo Gately podia ver. Sentia-se muito envergonhado com aquela cabeça, mas nunca pediu à mãe para não lhe chamar Bim. Quando ela estava bêbeda e consciente tratava-o por Doshka ou Dochka ou coisa parecida. Às vezes, quando também ele estava bêbedo, apagava a televisão, cobria-a com uma manta e colocava com suavidade a garrafa vazia em cima da mesinha junto das verduras cortadas que estavam a oxidar na taça; a mãe ressonava inconsciente e chamava-lhe Doshka e boas noites senhor cavaleiro e único amor e pedia-lhe que não lhe voltasse a bater.

Em junho ficou em contacto com recordações que lhe mostraram que as entradas da casa de Beverly eram de cimento cheio de orifícios e pintado de vermelho mesmo nos orifícios. A caixa de correio era parte de todo um painel de caixas de correio do complexo de casas de madeira que estavam assentes numa

espécie de postes de metal cinzento com a águia dos correios estampada. Era preciso uma chavezinha para tirar as cartas e muitas vezes pensou que a palavra correio tinha que ver com o verbo correr. A mãe tinha cabelos loiros e secos com umas raízes pretas que nunca desapareciam nem cresciam. Ninguém diz a outra pessoa que ela tem cirrose até ela se acabar por se engasgar no seu próprio sangue. Chama-se a isso *hemorragia cirrótica*. O fígado deixa de processar o sangue, desvia-o literalmente e ele sobe até à garganta num jato de alta pressão, foi assim que lhe explicaram e por isso quando entrou em casa depois do futebol, aos dezassete anos de idade, começou por pensar que o antigo polícia militar tinha regressado e apunhalado a sua mãe. Há anos que lha haviam diagnosticado. Assistia às reuniões[179] durante algumas semanas e depois deitava-se a beber no sofá dizendo-lhe que se o telefone tocasse dissesse que ela não estava em casa. Ao fim de poucas semanas passava todo o dia a chorar e a dar palmadas em si própria como se estivesse a arder. Depois regressou durante algum tempo às reuniões. A cara foi-lhe inchando gradualmente e os olhos pareciam de um porco, com os grandes seios apontando para o chão, e ganhou uma cor amarelada que parecia de abóbora. Tudo isto fazia parte do diagnóstico. Ao princípio Gately não conseguiu ir ao hospital, não queria ir vê-la lá. Não conseguia. Depois, ao fim de bastante tempo sem ir, já não o podia fazer porque não era capaz de estar com ela cara a cara e de lhe explicar por que razão não tinha ido antes. E assim se passaram dez anos. É provável que Gately não tenha pensado nela uma única vez durante três anos de abstinência.

Imediatamente depois de o homem do gás ter encontrado a senhora Waite morta quando ele devia ter nove anos, fizeram o primeiro diagnóstico à mãe. Gately confundiu diagnóstico com Rei Artur. Montava um cavalo feito com um pau de vassoura e um sabre de luz de plástico sem pilhas e dizia aos outros miúdos do bairro que era Sir Osis de Thuliver, o mais temido e formidável dos vassalos de Artur. Agora, desde o verão quando esfrega o chão do abrigo Shattuck ouve o tloctloctloc que costumava fazer com a grande língua quadrada quando era Sir Osis e cavalgava.

E os sonhos dele a altas horas dessa noite, depois do compromisso em Braintree e de Bob Morte, pareceram afundá-lo numa espécie de mar, a profundidades aterradoras, com a água a rodeá-lo silenciosa e escura e à mesma temperatura dele.

*1 A expressão *deliver cheese* no original tanto pode descrever o facto de fazer entregas de queijo como de dinheiro ou então referir-se à delação. *(N. dos T.)*

FINAIS DE OUTUBRO DO ARIAD

HAL INCANDENZA teve um horrível sonho e recorrente em que perdia os dentes, que se transformavam em ardósia e se partiam em lascas quando tentava mastigar, fragmentando-se e derretendo-se como saibro na sua boca; no sonho caminhava a apertar uma bola e a cuspir fragmentos e saibro e sentia cada vez mais fome e medo. Tudo se soltava devido a uma grande putrefação oral que o Teddy Schacht do pesadelo nem sequer quis ver, dizendo-lhe que já estava atrasado para um encontro; todos aqueles que viam a sua desmesurada dentadura olhavam para o relógio e davam vagas desculpas; havia um ambiente geral de que os dentes estilhaçados eram um sintoma de uma coisa tão perigosa e desagradável que ninguém lhe queria dizer nada a esse respeito. Estava a apreçar dentaduras postiças quando acordou. Era cerca de uma hora antes do treino matinal. Ao lado da cama, no chão tinha as suas chaves, junto aos manuais para o exame de admissão da Universidade. A grande cama de ferro de Mario estava vazia e feita, com as cinco almofadas cuidadosamente colocadas no seu lugar. Há vários dias que Mario passava a noite na RdR, a dormir num colchão insuflável na sala à frente do rádio recetor *Tatsuoka* de Tavis para ouvir a WYYY-109 até altas horas estranhamente agitado pelo rumor sem confirmação da futura ausência sabática de Madame Psicose do programa *Mais ou menos sessenta minutos* da meia-noite, no qual tinha sido uma presença permanente de segunda a sexta nos últimos anos. A emissora foi evasiva a esse respeito e as explicações que deu não eram nada claras. Durante dois dias, uma estudante de pós-graduação tinha tentado preencher o vazio fazendo-se passar por Madame Psicose e lendo Horkheimer e Adorno com um fundo de Partridge Family passado tão em câmara lenta que apenas se ouvia um murmúrio narcotizante. Em nenhum momento, nenhuma voz de tom ou timbre diretivo tinha mencionado Madame Psicose ou o que se estava a passar ou quando esperavam o seu regresso. Hal tinha dito a Mario que o silêncio era bom sinal, já que se tivesse desaparecido para sempre teriam de publicitar esse facto. Hal, o treinador Schtitt e a mã tinham notado que Mario andava um pouco nervoso era quase impossível que alguma coisa perturbasse Mario[180].

Agora a WYYY emitia *Mais ou menso sessenta minutos* sem ninguém ao leme. Nas últimas noites Mario tinha estado ali deitado, sarcofagicamente, num saco-camo de *GoreTex* e fibra a ouvir a estranha música ambiente estática que Madame Psicose usa em fundo, mas agora sem voz; e a música estática e sem ritmo em primeiro plano em vez de fundo é de algum modo terrivelmente perturbadora: Hal ouviu-a durante alguns minutos e disse ao irmão que soava como se a mente de alguém estivesse a estalar mesmo à frente dos nossos ouvidos.

9 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

A ACADEMIA DE TÉNIS DE ENFIELD tem uma capacidade reconhecida para cento e quarenta e oito jogadores juniores – dos quais oitenta devem ser do sexo masculino – mas no outono do ARIAD a realidade é que há uma população de noventa e cinco pagantes e quarenta e um com bolsa, portanto, centro e trinta e seis dos quais setenta e dois são do sexo feminino, o que por alguma razão significa que, se bem que haja lugar para mais doze jogadores júnior (preferivelmente pagantes), idealmente teria de haver mais dezasseis homens do que há, o que significa que Charles Tavis e companhia necessitam de preencher as doze vagas com homens, além de que não lhes importaria, segundo se ouve dizer, que meia dúzia das melhores raparigas saíssem antes de acabar o curso para tentar entrar no circuito, simplesmente porque alojar mais de sessenta e oito raparigas significa pôr algumas nos dormitórios masculinos, criando tensões e problemas de autorizações e pais conservadores, dado que as casas de banho mistas não são grande ideia com todas as glândulas adolescentes a disparar por todo o lado.

Também significa que, devido ao facto de que os pró-reitores masculinos são o dobro dos femininos, os treinos matinais têm de ser escalonados de forma complexa, os dos rapazes em dois grupos de trinta e dois, os das raparigas em três grupos de vinte e quatro, o que levanta o problema de ter aulas à primeira hora da tarde para as raparigas de *ranking* mais baixo, as da equipa C, que se treinam em último lugar.

Matrículas, quotas por sexo, recrutamento, ajudas financeiras, empregar mais pró-reitores, movimentações nos *rankings*, incompatibilidades de horário de aulas e treinos, alterações nos horários dos treinos causadas pela passagem de um jogador para uma equipa inferior ou superior. É o tipo de questões que não interessam nada a ninguém a não ser ao responsável, em cujo caso se trata de uma coisa complicada que potencia o colesterol e a tensão nervosa. Essa tensão causada por todas as complexidades e prioridades que devem ser consideradas e estudadas no seu conjunto faz com que Charles Tavis salte da cama às primeiras

horas do dia na RdR coma cara inchada de sono e a tremer por culpa das permutações. Dirige-se para a janela da sala de estar depois de calçar os chinelos de couro e fica a contemplar nos campos a oeste e ao centro os jogadores da equipa A que se reúnem rigidamente à luz cinzenta carregando os seus sacos com as cabeças inclinadas para baixo; alguns ainda estão meio adormecidos enquanto os primeiros raios do Sol assomam por trás do horizonte urbano que têm nas suas costas, com o resplendor de alumínio do rio e do mar a leste; as mãos de Tavis movem-se nervosamente à volta da chávena de descafeinado de avelã cujo vapor sobe até à cara dele; ainda não se penteou e por isso o cabelo cai-lhe para um lado; a testa alta está encostada ao vidro de modo que pode sentir o frio da manhã; mexe ligeiramente os lábios sem emitir qualquer ruído; a coisa que não é de todo improvável que seja seu filho dorme perto da aparelhagem sonora com as garras pousadas no peito e quatro almofadas para combater a respiração bradipneia que soa como repetições em voz baixa da palavra *esqui* ou *descai*; sem fazer ruídos desnecessários, pois não quer acordá-lo e ser obrigado a fazer interface com ele nem a ter de olhar para ele com uma calma terrível e uma aceitação que só na imaginação de Tavis são possíveis, pelo que mexe os lábios sem emitir qualquer som a não ser o da respiração e o do vapor da chávena de descafeinado estendendo-se sobre o vidro; os sincelos causado pela neve caída durante a noite pendem das caleiras anodizadas por cima da janela e Tavis vê-as como um horizonte urbano virado de cabeça para baixo. No céu esbranquiçado duas ou três nuvens parecem avançar e retroceder como sentinelas. O calor chega com um zumbido distante e o vidro treme um ponto contra a testa dele. Um sibilo estático sai da coluna de som da aparelhagem que a coisa deixou ligada. A equipa A continua a andar de um lado para o outro e a formar pequenos grupos enquanto esperam que Schtitt apareça. Permutações de complicações.

Tavis observa como os rapazes se espreguiçam e conversam, e bebe segurando a chávena com as duas mãos, as preocupações do dia agrupando-se numa espécie de diagrama de árvore de desassossegos. Charles Tavis sabe que tudo isto não interessava minimamente a James Incandenza: a chave da administração eficaz de uma academia de ténis de alto nível assenta em cultivar uma espécie de reverso do budismo, um estado de total preocupação.

A principal queixa dos melhores jogadores da ATE é que os tiram da cama ao

romper da aurora, com os olhos ainda remelosos, pálidos de sono, para se treinarem no primeiro turno.

É claro que os treinos são *alfresco* até que erguem e insuflam o Pulmão, coisa que Hal Incandenza espera que aconteça muito em breve. Anda mal da circulação por causa do tabaco e/ou da marijuana, e mesmo com as calças *Dunlop* de algodão e uma camisola de gola alta e uma velha jaqueta de ténis de alpaca branca que tinha sido do pai e usa com as mangas arregaçadas está com frio e sente-se intumescido, e depois de terem feito as corridas de aquecimento a subir e a descer a colina da ATE quatro vezes, abanando as raquetas como loucos para um lado e para o outro e (por ordem de A. DeLint) soltando gritos de guerra sem grande convicção, Hal está frio e suado e os ténis dele chiam devido ao orvalho quando está de pé e contempla o vapor da sua própria respiração enquanto estremece ao contacto do ar frio no dente que lhe dói.

Quando começam os alongamentos, alinhados ao longo das linhas de serviço e de fundo do campo, fazendo flexões e agachamentos, fazendo genuflexões para ninguém, mudando de posição ao som de um apito, o céu já se iluminou e adquiriu uma cor de *Kaopectate*. Os ventiladores ATHSCME não estão a funcionar e os alunos conseguem ouvir o canto dos pássaros. O fumo das chaminés do Sunstrand não é tocado pela luz e está suspenso em penachos, completamente imóvel, como se estivesse pintado no ar. Pequenos gritos e pedidos de ajuda repetidos provêm de leste, do outro lado da colina, presumivelmente do Hospital da Marinha de Enfield. É este o único momento do dia em que Charles não é de cor azul brilhante. Os pássaros do pinhal não parecem mais felizes do que os jogadores. As zonas sem pinheiros estão despidas e inclinadas em diferentes ângulos para cima e para baixo na colina; voltam a correr outras quatro vezes e nos dias maus quatro vezes mais; é a parte mais odiada dos exercícios diários. Há sempre alguém que vomita; é como o toque de despertar dos treinos. De manhã o rio é como uma lâmina de folha de alumínio do lado mais opaco. Kyle Coyle não se cansa de dizer que faz fri-*i*-*io*. Todos os jogadores menos classificados continuam a dormir. Hoje há muitos acessos de vómito por causa dos doces de ontem. A respiração de Hal paira à frente da sua cara até que ele a atravessa. As corridas produzem o som doentio de pés a chapinhar na água; todos desejam que a erva da colina acabe por secar.

Vinte e quatro raparigas treinam divididas em grupos de seis em quatro dos

campos centrais. Os trinta e dois rapazes (menos, circunstância de mau agoiro, J.J. Penn) estão agrupados de quatro em quatro segundo a sua idade aproximada e ocupam oito dos campos semialternados de leste. Schtitt está no seu posto de vigilância, uma espécie de altar na parte final da travessa de ferro que os rapazes denominam a «Torre» e que se estende de este a oeste sobre as três filas de campos e termina no alto ninho de Schtitt sobre os campos de exibição. Há lá uma cadeira e um cinzeiro. Às vezes é possível vê-lo dos campos inclinando-se sobre o varandim e batendo no megafone com o seu ponteiro de meteorologista; dos campos de oeste e dos campos centrais, com o sol pelas costas, parece ter uma coroa cor-de-rosa na cabeça branca. Quando está lá sentado, veem-se os anéis de fumo que saem do seu ninho e se afastam levados pelo vento. O som do megafone causa mais medo quando não é possível ver Schtitt. As escadas de ferro que levam à travessa estão a oeste dos campos de oeste, na outra ponta do ninho, de modo que às vezes Schtitt caminha de um lado para o outro da travessa, com o ponteiro atrás das costas e as botas a ressoar no metal. Schtitt parece imune a qualquer alteração de temperatura e veste-se sempre da mesma maneira para os treinos: fato de treino e botas. Quando os jogos ou movimentos são filmados para depois serem estudados colocam Mario Incandenza no ninho de Schtitt e ele filma de cima para baixo; o seu suporte policial sobressai no vazio e há sempre alguém com força que está atrás dele para o segurar pelo colete de *Velcro*: Hal assusta-se sempre porque nunca se vê Dunkel, ou Nwangi, atrás de Mario e há sempre a impressão de que ele está prestes a cair em cima da rede do Campo 7 de *Bolex* para baixo.

Exceto em períodos de preparação física disciplinar, os exercícios matinais à intempérie funcionam assim: um pró-reitor está presente em cada canto com dois cestos amarelos *Ball-Hopper* cheios de bolas usadas e uma máquina para as lançar. As máquinas lança-bolas parecem caixas abertas com uma saliência na ponta orientadas para um quarteto de rapazes posicionados do outro lado da rede e ligados por compridos cabos cor de laranja e aspeto industrial à base dos candeeiros que iluminam os campos. Alguns dos candeeiros projetam sombras compridas e estreitas ao longo dos campos enquanto o sol brilha o suficiente para lançar sombras. No verão os jogadores tentam amontoar-se nestas linhas de sombra. Ortho Stice boceja e treme; John Wayne mantém um sorrisinho frio nos lábios. Hal salta, dentro do seu casaco de treino folgado e da sua camisola de

gola alta cor de ameixa, contemplando a sua própria respiração e tentando *à la Lyle* concentrar-se na dor de dentes sem ajuizar se é boa ou má. K.D. Coyle, acabado de sair da enfermaria depois do fim de semana, afirma que não compreende por que razão o prémio para os maiores jogadores que deixaram a pele a tentar atingir os degraus superiores é fazer exercícios ao amanhecer enquanto Pemulis e o Vikemeister e outros estão ainda na horizontal e a ressonar. Coyle diz isto todas as manhãs. Stice replica que está surpreendido com o facto de não terem notado a falta dele. Coyle é do bairro de Erythema, em Tucson, Arizona, e garante que tem sangue do deserto e uma especial sensibilidade ao frio húmido das madrugadas de Boston. O torneio de juniores WhataBurger por convite é uma espécie de visita à terra natal no Dia de Ação de Graças que funciona como uma faca de dois gumes para Coyle que aos treze anos foi convencido por Schtitt com promessas de autossuperação a deixar a Academia de Golfe e Ténis Rancho Vista de Tucson para ingressar na de Enfield.

O treino funciona assim. Oito ênfases diferentes em oito campos diferentes. Cada quarteto começa em campos diferentes e vai rodando. Os quatro primeiros começam tradicionalmente no primeiro campo: esquerdas batidas para os jogadores que têm diante de si, dois rapazes de cada lado. Corbett Thorp faz quadrados com fita isoladora nos cantos do campo e os jogadores são estimulados a bater as bolas diretamente para esses quadrados. Hal joga com Stice, Coyle com Wayne; por uma razão qualquer, Axford foi mandado com Shaw e Struck. Segundo campo: direitas, a mesma coisa. Stice falha constantemente o quadrado e recebe uma reprimenda pouco simpática de Tex Watson, de cabeça descoberta e grandes entradas de calvície aos vinte e seis anos. O dente de Hal continua a doer-lhe e as bolas frias saem da sua raqueta com um som morto: *chang*. Minúsculas salchichas de fumo ascendem ritmicamente do pequeno ninho de Schtitt. O terceiro campo é «Borboletas», um assunto complexo em termos de VAVE onde Hal bate uma esquerda ao longo da linha na direção de Stice enquanto Coyle bate uma direita na direção de Wayne e depois Wayne e Stice devolvem duas bolas cruzadas do outro lado do campo a Hal e Coyle, que têm de trocar de lado sem chocar um contra o outro para devolverem as bolas ao adversário que têm à sua frente. Wayne e Hal divertem-se fazendo as suas bolas cruzadas chocarem a cada cinco trocas – isto é conhecido na ATE e arredores como «pancada atómica» e, compreensivelmente,

é uma ação muito difícil – e as bolas que chocam ressaltam de uma forma incontrolável para os campos vizinhos, e Rik Dunkel diverte-se bastante menos do que Wayne e Hal com isso, de modo que com o aquecimento já feito e os braços em forma, são enviados de imediato para o quarto campo: vóleis em profundidade, depois e, em ângulo, balões e *overheads;* isto pode tornar-se um exercício punitivo se for um pró-reitor a bater as bolas: o *overhead* é chamado exercício «toque e pancada»: Hal recua, perfeitamente consciente do seu tornozelo lesionado, salta, devolve o balão de Stice depois tem de correr e tocar na borda da rede com a sua *Dunlop* enquanto Stice volta a bater um balão profundo e Hal tem de recuar outra vez e saltar e bater a bola e assim por diante. Depois Hal e Coyle, ambos a recuperarem o fôlego a seguir a vinte corridas e a tentar ficar de pé, enviam *lobs* a Wayne e a Stice, nenhum dos quais é suscetível de se cansar, segundo a opinião geral. Nos *overheads* há que separar as pernas no ar para manter o equilíbrio. Schtitt utiliza um megafone sem amplificador e uma cuidadosa dicção para que toda a gente oiça que o fantasma do senhor Hal Incandenza deixava a bola chegar demasiado ao fundo do campo nos *overheads,* talvez com medo do tornozelo lesionado. Hal levanta a cabeça para mostrar que percebeu sem olhar para ele. Se depois dos catorze anos ainda se está ali, isso significa que já é imune às humilhações a que os responsáveis submetem os jogadores. Coyle diz a Hal que gostaria de ver Schtitt fazer vinte «toques e pancadas» sem parar. Estão todos cobertos de suor sem frio, com os narizes a escorrer, o sangue a zumbir-lhes na cabeça; o sol está bem por cima do brilho opaco do mar e começa a derreter a camada de neve e lama do Dia da I., que os guardas-noturnos acumularam contra as cercas e cujas bordas encardidas começam a derreter e a escorregar. Ainda não há movimento nas chaminés de Sunstrand. Os vigilantes pró-reitores estão imóveis com as pernas abertas e os braços cruzados em cima das suas raquetas. As mesmas três ou quatro nuvens em forma de ranho seco parecem andar de um lado para o outro nas alturas e quando tapam o sol volta a ver-se o vapor da respiração das pessoas. Stice sopra no cabo da raqueta e diz qualquer coisa em voz baixa a favor de que insuflem o Pulmão. A.F. DeLint caminha por trás da cerca com o seu apito e os seus papéis, assoando-se. As raparigas que vêm atrás dele estão demasiado vestidas não vale a pena olhar para elas e têm o cabelo recolhido com elásticos em rabos de cavalo bamboleantes.

Quinto campo: serviços para ambos os cantos de ambas as zonas de serviço do adversário e voltar a servir da mesma maneira. Primeiro serviço, segundo serviço, serviço cortado, serviço com efeito, serviço americano com efeito para trás que Stice tenta evitar seja como for, dizendo ao pró-reitor – Neil Hartigan, um homem de dois metros de altura e tão parco em palavras que toda a gente o teme – que está a sentir espasmos baixos devido à má posição da sua cama. Então Coyle – o da bexiga fraca e de suspeitosas descargas – é autorizado a ir à linha de árvores de leste para urinar fora da vista dos outros, de modo que estes têm um minuto para ir ao pavilhão e ficar lá com as mãos na cintura a recuperar o fôlego e a beber *Gatorade* por pequenos copos cónicos de papel que não podem ser pousados enquanto não estiverem vazios. A maneira de refrescar a boca entre exercícios é beber um gole de *Gatorade*, bochechar com o líquido que se mistura com os dentes e a língua e depois inclinar-se e cuspir para a relva antes de beber um gole a sério. O sexto campo é para devolver serviços do fundo da linha, do meio do campo, depois com uma pancada cruzada em profundidade, depois uma bola colocada, depois uma bola colocada na linha de fundo, com mais quadrados de fita isoladora; e por fim devoluções curtas ao centro e cruzadas para o jogador que serve e depois corre para a rede. Quem serve treina meios vóleis curtos, embora Wayne e Stice sejam tão velozes que já estão na rede quando a bola devolvida chega até eles, sendo mesmo capazes de fazer um vólei à altura do peito. Wayne treina-se com a economia despreocupada de quem trabalha a meio gás. Os copos de papel têm o fundo pontiagudo para que não possam ser pousados. Por isso é preciso esvaziá-los. Entre grupo e grupo, os homens de Harde varrem dezenas de copos.

A seguir, abençoado seja Deus, no sétimo campo fazem-se exercícios de precisão fisicamente amenos. Colocar a bola nos ângulos, balões com efeito, colocá-la nos cantos mais afastados depois microténis relaxado, ténis dentro da zona de serviço, tudo muito suave e preciso, com muita ênfase nos ângulos difíceis em termos de toque e requinte artístico ninguém chega aos calcanhares de Hal em microténis. Nesta altura a camisola de gola alta de Hal já está encharcada debaixo do casaco de alpaca e quando a troca por um polo que tem no saco sente-se renovado. A temperatura quase não ultrapassa os dez graus centígrados e quase é possível ver as sombras dos candeeiros e da travessa de Schtitt a rodar lentamente para noroeste. As colunas de fumo das chaminés de

Sunstrand parecem cigarros de pé e nem sequer se espalham no alto; o céu é de um azul cristalino.

No último campo não há bolas (de ténis). Corridas. Se calhar, quanto menos se disser das corridas, melhor. Depois mais *Gatorade*, de que Hal e Coyle não desfrutam porque a respiração deles é demasiado agitada enquanto Schtitt desce lentamente do seu posto de observação. Demora um pouco é possível ouvir o som das suas botas com ponteira de metal nas escadas. Há qualquer coisa de assustador num velho em perfeito estado físico, para não falar das botas e no fato de treino *Fila* de seda cor de clarete. Aproxima-se com as duas mãos nas costas e o ponteiro a ver-se de um dos lados. A cara e o crânio quase rapado são nacarados enquanto avança para leste à amarelada luz matinal. Isto é uma espécie de sinal para que todos os quartetos se reúnam no campo de exibição. Atrás deles as raparigas ainda trocam pancadas em barrocas combinações; ouvem-se gemidos muito mais agudos e o *chang* abafado das bolas frias. Três rapazes de catorze anos são mandados varrer a neve mais extrusiva para os pequenos montes de folhas congeladas que há ao longo da cerca. A norte, no horizonte, ascende pouco a pouco um bulboso cone de nuvens pícricas à medida que os colossais ventiladores *Methuen-Andover* da fronteira empurram os óxidos do Norte de Maine contra algum tipo de resistência nas camadas altas do ar, ou pelo menos é isso que parece. É possível ver pedaços do vidro partido do monitor sobre os restos congelados contra as divisórias atrás dos campos 6-9, e um ou dois pedaços dobrados de *floppy disk*, e são uma visão preocupante, com Penn ausente e os rumores de que tem problemas nas pernas; Postal-Weight tem os dois olhos negros e o nariz tapado com pensos horizontais que começam a descolar-se e a dobrar nas pontas por causa do suor, e diz-se que Otis P. Lord regressou de noite à sala de cuidados intensivos do St. Elizabeth’s com o monitor *Hitachi* enfiado na cabeça, ainda, porque os dentes afiados do ecrã partido estão a apontar para partes essenciais da garganta dele, exigindo aparentemente aquela espécie de destreza esotérica que viaja em jato privado, segundo Axford.

Todos se põem à volta de três cones de *Gatorade*, inclinados ou de cócoras, recuperando o fôlego, enquanto Schtitt se mantém hirto como num desfile, com o ponteiro vertical atrás das costas, partilhando as impressões gerais sobre o trabalho dos tenistas nessa manhã. Seleciona alguns jogadores para serem louvados ou humilhados. Depois mais corridas. Depois um breve período de

estratégia clínica de Corbett Thorp sobre como às vezes a melhor tática não é fazer *approaches* à linha e porquê. Thorp tem uma cabeça estupenda para o ténis, mas o facto de gaguejar tanto é tão desconfortável para os rapazes que estes têm dificuldade em escutá-lo[181].

Toda a gente para o oitavo campo onde se fazem os últimos treinos[182]. Primeiro os «exercícios estrela». Mais de uma dúzia de rapazes de cada lado da rede atrás da linha de fundo. Em fila. Agora um de cada vez. Vá: corre por essa linha, toca na rede com a raqueta; agora para trás para o canto exterior da zona de serviço e depois para a frente para voltar a tocar na rede; para trás até meio da zona de serviço, para a frente para tocar na rede; para trás para meio da linha de fundo, outra vez para a rede; para o canto exterior da zona de serviço, rede, canto da linha de fundo, rede, depois voltar e correr como um louco até ao canto onde se começou. Schtitt tem um cronómetro. Há um balde[183] colocado no ponto de chegada, em cima da linha de pares, na expectativa de potenciais aflições. Cada um dos rapazes faz três vezes o «exercício estrela». Hal termina em quarenta e um segundos e trinta e oito e quarenta e oito, que é a média dele e de qualquer um jovem de dezassete anos com uma pulsação de cerca de cinquenta. A mínima de trinta e três de John Wayne ocorre na terceira corrida e para quando chega à meta ficando ali sem nunca se agachar nem se afastar a andar. Stice consegue vinte e nove e toda a gente fica entusiasmada até que Schtitt informa que se tinha esquecido de pôr o cronómetro em funcionamento: artrite num dedo. Todos, à exceção de Wayne e Stice, usam o balde de uma maneira que se poderia dizer *pro forma*. Petropolis Kahn, de dezasseis anos, alcunha M.P. («Mamute Peludo»), devido a ser muito peludo, consegue um sessenta e depois um cinquenta e nove e depois atira-se de cabeça para cima da dura superfície onde fica totalmente imóvel. Tony Nwangi diz aos outros para passarem de largo.

O grande final cardiovascular é «lado a lado», exercício concebido nos anos 60 AS por Van der Meer absolutamente diabólico na sua simplicidade. Mais uma vez grupos de quatro nos oito campos. Os dezoito melhores ficam com o pró-reitor R. Dunkel à rede, com um monte de bolas e mais num depósito alimentador ao lado, atirando uma bola ao ar e batendo-a para o canto direito e depois batendo outra para o canto esquerdo e depois ainda outra para o canto direito e depois sucessivamente. Várias vezes. Espera-se que Hal Incandenza pelo menos devolva todas as bolas; as expectativas são maiores em relação a

Stice e a Wayne. Um exercício muito desagradável por ser tão cansativo e particularmente difícil para Hal por causa do tornozelo, uma vez que tem de travar e dar meia-volta várias vezes. Hal tem duas ligaduras no tornozelo esquerdo que barbeia mais frequentemente do que o lábio superior. Em cima das ligaduras há uma liga de tornozelo *Air-Stirrup* insuflável que é muito leve mas que tem o aspeto de um instrumento de tortura medieval. Foi num movimento muito parecido com o exercício de travar e dar meia-volta como acontece no «lado a lado[184]» que Hal lesionou o fraco tecido do seu tornozelo esquerdo no torneio Easter Bowl de Atlanta na terceira eliminatória, durante um jogo que, diga-se de passagem, estava a perder. Dunkel dá-lhe bolas mais fáceis nas duas primeiras corridas por causa do tornozelo. Dentro de duas semanas, Hal vai estar entre os quatro cabeças de série do WhataBurger e ai do pró-reitor que deixe que Hal se lesione como este ontem deixou que se lesionassem alguns dos rapazes a seu cargo.

O que é potencialmente diabólico no «lado a lado» é que a duração do exercício, os ângulos e a velocidade das bolas dependem inteiramente do critério do pró-reitor. Rik Dunkel, que chegou a jogar em pares na categoria de dezasseis anos no torneio júnior de Wimbledon, um tipo bastante decente, filho de um potentado de sistemas-de-empacotamento-em-plástico de South Shore, é, com Thorp, um dos mais brilhantes pró-reitores (mais ao menos por defeito dos outros) e é considerado um místico porque às vezes manda pessoas falar com Lyle e foi visto em reuniões comunitárias com os olhos fechados mas sem estar a dormir... mas a questão é que se trata de um tipo bastante decente que nunca se mete em confusões. Desta vez parece ter recebido instruções para apertar com Ortho Stice e na terceira corrida o rapaz tenta chorar sem ter fôlego para isso e geme pelas tias[185]. Seja como for, toda a gente deve fazer três corridas de «lado a lado». Até Petropolis Khan teve de fazer essa prova, embora depois disso tenha tido de ser arrastado por Stephan Wagenknecht e Jeff Wax com as *Nike* atrás e a cabeça a bambolear em cima dos ombros que foram obrigados a dar-lhe uma espécie de empurrão para arrancar como se costuma fazer aos carros. Hal tem pena de Kahn, que não é gordo mas do mesmo género de Schacht, robusto e sólido, só que carrega um peso extra em termos de pelos nas pernas e nas costas e se canse sempre com muita facilidade e em qualquer circunstância. Kahn supera sempre as três corridas mas no fim da terceira fica diante do balde a

observá-lo enquanto os outros tiram as peças de roupa mais empapadas em suor e aceitam toalhas de mão de uma rapariga negra do centro de reabilitação que trabalha ali a tempo parcial e que também apanha as bolas[186].

São 07h20 e terminou a parte ativa dos exercícios da manhã. Nwangi, no extremo da colina, apita para anunciar a nova ronda de corridas. Schtitt troca comentários genéricos enquanto os empregados que recebem o salário mínimo fornecem lenços e cones de papel. Ouve-se a voz esganiçada de Nwangi; está a informar os rapazes da equipa B que só quer ver cus e cotovelos nestas corridas. Hal não percebe bem as conotações disto. Os rapazes da A voltaram a formar filas irregulares atrás da linha de fundo e Schtitt vai e vem.

– Estou a ver exercícios muito lentos, realizados por calões. Não vos quero insultar, mas é a verdade. Os vossos movimentos são preguiçosos. É a lei do mínimo esforço. Frio, é isso? Mãos frias e macacos no nariz? Toda a gente a pensar em acabar, ir tomar um duche, água muito quentinha. As cabeças aliviadas por tudo ter acabado. Demasiado frio para dar o máximo, é isso? Senhor Chu, tem demasiado frio para o ténis de alto nível?

– Faz bastante frio cá fora, senhor Schtitt.

– Ah!

Schtitt, caminhando de uma ponta a outra da fila diante das caras, com o apito pendurado ao pescoço, o cachimbo, a bolsa do tabaco e o ponteiro nas mãos que tem atrás das costas, assentindo para si mesmo, desejando claramente ter uma terceira mão para acariciar o queixo branco, finge refletir. É sempre a mesma coisa todas as manhãs, a não ser quando Schtitt se ocupa das raparigas e DeLint dos rapazes. Os olhos de todos os rapazes mais velhos estão vidrados de tanta repetição. Sempre que Hal inspira, sente pequenos choques elétricos no dente e está um pouco maldisposto. Quando mexe levemente a cabeça, os bocadinhos de vidro do ecrã movem-se e reluzem junto da cerca da frente de um modo doentio.

– Ah! – Volta-se bruscamente na direção deles e olha por instantes para o céu. – E quando está calor? Demasiado calor para se dedicarem completamente ao trabalho no campo? O outro extremo do espectro? Ah! É sempre alguma coisa que é *demasiado*. O senhor Incandenza, que não é capaz de se colocar rapidamente atrás de um balão a descer para que todo o peso vá *parra a frrente* e possa responder com uma direita[187], partilhe connosco a sua opinião: está sempre calor ou frio, não é?

Um ligeiro sorriso.

– É a nossa opinião generalizada, senhor Schtitt.

– Assim é, assim é. E que diz o senhor Chu, da zona temperada da Califórnia?

Chu tira o lenço da cara.

– Creio, senhor Schtitt, que temos de aprender a habituar-nos ao clima. Acho que é isso que está a querer dizer.

Schitt dá uma brusca meia-volta para encarar o grupo.

– Trata-se daquilo que *não* estou a dizer, jovem LaMont Chu, trata-se de saber por que deixou de aplicar o seu completo esforço individual desde que começou a fazer recortes de fotografias de grandes profissionais para encher com elas as suas paredes. Não? Porque, caros cavalheiros e jovens privilegiados, o que estou a dizer é que há sempre alguma coisa que é *demasiado*. Frio. Calor. Humidade e secura. O sol brilha muito e os senhores veem pontinhos brilhantes. Um sol que brilha muito e os senhores então precisam de sal. Ao ar livre há vento e insetos que gostam de suor. Nos campos cobertos cheira a aquecedor, faz eco, está toda a gente amontoada, o alcatrão está demasiado perto da linha, não há espaço suficiente, estão sempre a soar campainhas que distraem, estrondos e máquinas que vomitam doces refrescos de *Cola* por uns cêntimos. Nos campos cobertos o teto é demasiado baixo para fazer um balão. A iluminação é má. E ao ar livre: a superfície do campo em mau estado. Oh, não, olhem, há ervas nas gretas da linha. Quem é que pode esforçar-se com essas ervas ali? Oh, olhem, a rede está alta, está baixa. Os parentes do adversário incomodam, o adversário faz aldrabice. O árbitro da semifinal está cego ou comprado. Estão doridos. Doem-lhes os joelhos e as costas. Dói-lhe a zona da virilha porque não fizeram o aquecimento como se lhes disse. Dores no cotovelo. Uma pestana no olho. Dores de garganta. Há uma rapariga demasiado bonita no público. Quem é que pode jogar nestas condições? Uma grande multidão assusta e uma pequena não inspira. Há sempre alguma coisa.

As meias-voltas dele, quando caminha, são bruscas e serve-se deles para fazer uma espécie de pontuação.

– Adaptar-se. Adaptar-se? Permanecer *na mesma*. Não? Não é permanecer na mesma? Está frio? Faz vento? O mundo é frio e ventoso. Não é assim? No campo de ténis, os senhores são o jogador: ali não há vento frio. É o que estou a dizer. Dentro é um mundo diferente. Um mundo construído no interior onde o

vento frio exterior é eclipsado pelo próprio vento que protege o jogador, vos protege a vós, que, se permanecerem na mesma, permaneçam dentro. – Caminha cada vez mais depressa e as meias-voltas tornam-se piruetas. Os rapazes mais velhos olham em frente; alguns dos mais novos seguem os movimentos do ponteiro com os olhos muito abertos. Trevor Axford tem a metade superior do corpo inclinada para a frente e move ligeiramente a cabeça tentando que o suor que lhe pinga da cara faça um desenho qualquer no chão. Schtitt guarda silêncio durante duas meias-voltas e coça a mandíbula com o ponteiro. – Nunca penso nessa coisa da adaptação. Adaptação a quê? O mundo interior é sempre o mesmo se lá se ficar. É isso que estamos a fazer, não é verdade? Um novo tipo de cidadão. Sem frio nem vento exterior. Cidadão deste segundo mundo protetor e trabalhamos todas as manhãs para o poder mostrar. Para vos apresentarmos.

Os companheirões traduzem para os mais novos o discurso de Schtitt numa linguagem mais acessível; é uma parte importante das obrigações deles.

– Os limites do campo para singulares quanto medem, senhor Rader?

– Vinte e quatro por oito, senhor Schtitt – responde Rader com uma voz simultaneamente rouca e aflautada.

– O segundo mundo sem frio nem manchas brilhantes de luz tem para os senhores vinte e três metros e oito, oito penso dois metros. Sim? Nesse mundo há alegria porque há abrigo para *outra coisa qualquer,* para um objetivo que vai além da preguiça e das queixas de desconforto. Estou a falar de um mundo da temperança não só para o senhor LaMont Chu. Os senhores têm a hipótese de *acontecer* jogando. Não? Realizar para vós próprios este segundo mundo que permanece sempre igual: estão os senhores e na mão têm uma ferramenta, há uma bola, há um adversário com a sua ferramenta e sempre apenas os dois, os senhores e essa outra pessoa, rodeados de linhas, sempre com o objetivo de manter este mundo vivo, não é verdade? – Os movimentos do ponteiro tornam-se demasiado orquestrais e complicados para serem descritos. – Este segundo mundo rodeado de linhas. Não é verdade? É isto *adaptar-se*? Isto não é adaptar-se. Isto não é adaptar-se para *esquecer* o frio, o vento e o cansaço. Não *ignorando* «como se». Frio não *é*. Vento não *é*. Não há vento onde os senhores podem *acontecer*. Não? Não «adaptar-se às condições». Construir este segundo mundo dentro do mundo: aqui não *há* condições.

Olha à sua volta.

– Por isso acabem-me com essa porra de conversa sobre o frio – diz DeLint, com a prancheta debaixo do braço e as mãos de estrangulador nos bolsos, dando saltinhos no mesmo sítio.

Schtitt olha à sua volta. Como a maioria dos alemães que não pertencem ao mundo do entretenimento, fica em silêncio quando quer impressionar ou ameaçar (na realidade há muito poucos alemães estridentes).

– É difícil – diz em voz baixa; mal se ouve por causa do vento. – É difícil para os senhores moverem-se entre os dois mundos, do vento frio ou quente para este lugar interior rodeado de linhas que permanece sempre igual – diz enquanto parece estudar o ponteiro, que está a apontar para baixo e ele segura com ambas as mãos. – Podemos arranjar maneira de que os senhores não partissem e ficassem aqui para sempre dentro das linhas do campo. Ficar aqui até que se desse a cidadania. Aqui mesmo. – Aponta com o ponteiro para os lugares onde os outros respiram, secam as caras e assoam o nariz. – Posso mandar erguer o Pulmão *TesTar* hoje mesmo para lhes dar abrigo. Sacos de dormir. Trar-lhes-iam as refeições. Nunca atravessariam as linhas. Nunca abandonariam o campo. Estudariam aqui. Com um balde para as vossas necessidades. No Gymnasium Kaiserslautern, onde eu era um miudito privilegiado que se queixava do vento frio, vivemos nos campos de ténis durante meses para aprender a viver dentro. Eram dias de muita sorte quando nos traziam de comer. Impossível atravessar as linhas durante meses inteiros de vida.

O canhoto Brian van Vleck escolhe um mau momento para dar um traque.

Schtitt encolhe os ombros e desvia o olhar.

– Ou poderiam ficar aqui neste grande mundo exterior, onde há frio e dor, sem nenhum objetivo ou ferramenta, com a pestana enfiada num olho e a olhar para as raparigas bonitas sem qualquer preocupação de *acontecer*. – Olha à sua volta. – Aqui ninguém é prisioneiro. Quem é que gostaria de fugir para o grande mundo? O senhor Sweeny?

Sweeny baixa os olhos.

– O senhor Coyle, que tem sempre demasiado frio para se dedicar completamente?

Coyle estuda as veias da parte interior do cotovelo com profundo interesse enquanto diz que não com a cabeça. John Wayne move a cabeça de um lado para o outro como o boneco de trapos *Raggedy Andy* e estira os músculos do pescoço.

John Wayne é claramente rígido e quando faz estiramentos não consegue tocar em nada que esteja abaixo dos joelhos.

– Ou talvez o senhor Peter Beak que está sempre a choramingar para casa ao telefone?

O rapaz de doze anos diz Eu não, senhor Schtitt, várias vezes.

Hal, com muita subtileza, enfia na boca um bocado de tabaco de mascar *Kodiak*. Aubrey DeLint tem os braços cruzados sobre a prancheta e olha à sua volta com olhos saltitantes como os de um corvo. Hal Incandenza sente uma antipatia quase obsessiva por DeLint; às vezes conta a Mario que chega a não acreditar que seja real e tenta pôr-se ao lado dele para ver se DeLint tem uma verdadeira coordenada z ou se não passa de uma projeção. Os rapazes do turno seguinte caminham pela colina abaixo, sobem-na a correr e voltam a descê-la a caminhar; soltam gritos de guerra sem grande convicção. Os outros pró-reitores do sexo masculino estão a beber cones de *Gatorade* formando um grupo no interior do pavilhão, com os pés em cima das cadeiras, Dunkel e Watson com os olhos fechados. Neil Hartigan, com a sua tradicional camisa havaiana e uma camisola com um motivo de Gauguin, tem de permanecer sentado para caber debaixo do toldo *Gatorade*.

– É simples – diz Schtitt encolhendo os ombros; o ponteiro parece perfurar o céu. – Bater – sugere. – Mover-se. Avançar depressa. Acontecer. Estar *aqui*. Não na cama nem no chuveiro nem a comer *bacon fritado* nas vossas cabeças. Estar *aqui* completamente. É nada mais. Aprender. Tentar. Beber o sumo verde. Fazer os exercícios da «Borboleta» nos oito campos, por favor, para aquecer. senhor DeLint, quando os trouxer de novo assegure-se de que estiram bem as pernas. Cavalheiros, batam bolas de ténis. Disparem à vontade. Usem a cabeça e não apenas os braços. O braço no ténis é como as rodas de um veículo. Não é o motor. E as pernas também não. Onde é que se pede a cidadania no segundo mundo, senhor Incandenza, nosso espectro, que sonha com o seu tornozelo?

Hal é capaz de se inclinar para a frente e cuspir de uma maneira que não é insolente.

– Na cabeça, senhor Schtitt.

– Perdão?

– Na cabeça humana, senhor Schtitt, se é que o entendi bem. Onde é que vou acontecer como jogador de ténis? O jogo são duas cabeças num só mundo. Um

único mundo, senhor Schtitt.

Schtitt brande o ponteiro num irónico arco *morendo* e solta uma risada.

– Toca a jogar.

Parte das funções de funcionário interno de Don Gately consiste em fazer de vez em quando algumas tarefas da Ennet House. Prepara o jantar comunitário durante a semana[188], o que significa que faz as compras semanais da casa, o que por sua vez significa que pelo menos duas vezes por semana leva o Ford *Aventura* preto de 1964, que pertence a Pat Montesian, até ao Supermercado Purity Supreme. O *Aventura* é uma versão antiga do *Mustang*, o tipo de carro que geralmente só se vê em exposições, encerado e estático com alguém de biquíni a apontar para ele. O de Pat é funcional e completamente renovado – sendo que o seu sombrio marido, sóbrio há qualquer coisa como dez anos, tem uma paixão por carros; com várias demãos de pintura tão bem-feitas que o preto adquiriu aquela profundidade característica da água à noite. Tem dois sistemas de alarme distintos e uma barra de metal vermelha que tem de ser trancada por trás do volante quando se sai. O barulho do motor lembra mais o de um avião que de pistões e além disso há uma objetiva periscópica espetada no capô; aos olhos de Gately o veículo é tão fantasticamente imaculado e lustroso que é como estar amarrado a um míssil e ser projetado no sítio de uma missão doméstica. Mal se consegue instalar no lugar do condutor. O volante é aproximadamente da dimensão dos que existem em velhos salões de jogos e o manípulo das mudanças, uma peça esguia e oblíqua com seis velocidades, foi forrado com uma bolsa de pele vermelha e tem um forte odor a couro. A altura do teto do carro compromete a postura de condução e o seu traseiro excede o espaço do assento e roça no manípulo das mudanças de maneira que o seu manuseamento lhe faz pressão na anca. Não se rala com isso. Até ao momento uma parte dos sentimentos espirituais mais profundos do seu estado de sobriedade tem sido direcionada para o carro. Disse uma vez a Johnette Foltz que conduziria aquele carro mesmo que o assento mais não fosse que um espigão de ponta afiada. Johnette Foltz é a outra funcionária interna, embora entre a atividade ultrarraivosa de compromisso nos NA e um noivo bastante sofrido dos NA que ela passa imenso tempo a empurrar de um lado para o outro numa cadeira de rodas de verga esteja cada vez mais menos tempo na Ennet House, e fala-se à

boca pequena numa possível substituição, que Gately e os demais residentes heterossexuais do sexo masculino rezam diariamente para que seja Danielle Steenbok, a aluna de pernas compridas e conselheira a tempo parcial que, dizem os rumores, também participa nos Viciados Anónimos em Sexo e Amor, facto que puxa pela imaginação de todos até ao limite.

O facto de a diretora Pat M. deixar Don Gately conduzir o seu *Aventura* de valor incalculável é sinal de consideração genuína e discutível sensatez, ainda que seja apenas até sítios como o Metro Food ou Purity Supreme, dado Gately ter ficado sem carta mais ou menos para sempre no Ano da Máquina de Lavar Louça Supersilenciosa *Maytag* por ter sido apanhado a conduzir sob a influência do álcool em Peabody com uma carta de condução que já tinha sido suspensa anteriormente em Lowell pelas mesmas razões. Não foi a única perda que Don enfrentou durante a trajetória pelos químicos que avançava para o clímax que lhe haveria de virar a vida do avesso. Mesmo agora, ainda, de dois em dois meses tem de vestir o fato castanho e o casaco desportivo verde ligeiramente assimétrico da secção de Tamanhos Grandes para Homem da Brighton Budget e apanhar o comboio suburbano até à morada do Tribunal Distrital escolhido, na costa norte, para reunir com os seus diversos agentes e funcionários e assistentes sociais e por vezes comparecer brevemente à frente de juízes e Juntas de Reavaliação para rever os seus progressos no que diz respeito à sobriedade e à reforma da sua pessoa. Quando chegou à Ennet House, no ano anterior, Gately tinha problemas com cheques sem cobertura e fraude, tinha um problema de destruição maldosa de propriedade, mais dois de condução sob o efeito do álcool e uma treta por urinar em local público às portas de Tewksbury. Tinha uma questão de entrada forçada numa mansão com alarme silencioso em Peabody, onde ele e um colega foram apanhados antes que pudessem fazer o servicinho. E outra de posse com intenção de venda de comprimidos de demerol de 38 50 mg[189], num tubinho de doces *Pez* que ele enfiara na fenda do banco traseiro do barco de Peabody Finest, mas que foi encontrado ainda assim na vistoria de rotina pós-transporte que todos os polícias realizam quando as pupilas do detido não reagem à luz nem a palmadas na cabeça.

Havia também, claro está, uma certa questão mais sombria, *vis-à-vis* determinado lar de classe alta em Brookline, cujo falecido dono tinha sido louvado em proporções aterradoras e dimensões de cabeçalho tanto no *Globe*

como no *Herald*. Depois de oito meses de um tolhimento psíquico indescritível, à espera de que o pé da lei pousasse na questão do VIP canádio – mais para o fim do seu consumo de drogas, Gately tornara-se desleixado e doido e mantivera-se estupidamente fiel a um método de desvio da corrente que aprendera na prisão MCI-Billerica e estava bem convicto de que agora constituía a sua imagem de marca, o *modus operandi* de Gately, uma vez que o velho que lho ensinara na oficina de Billerica tinha mais tarde partido para o Utah onde morrera de uma *overdose* de morfina (mas quem é que acha que vai arranjar morfina de confiança na porra do Utah?) há mais de dois anos – depois de oito meses de tolhimento e unhas roídas, os últimos dois meses de tormento na Ennet House – embora a licença da DSAS da casa a colocasse legalmente inacessível a todas as forças policiais sem a presença física de Pat Montesian e uma autorização autenticada – depois de só lhe sobrar a cutícula em cada um dos dez dedos, Gately tinha abordado muito discretamente um certo estenógrafo do tribunal devoto do Percodan com quem uma antiga namorada tivera em tempos de tratar, pediu ao sujeito que fizesse umas averiguações igualmente discretas e descobriu que a potencial investigação Homicídio-2 da fraude mal-amanhada[190] tinha ido parar às mãos – com todo o respeito pelos uivos de certo procurador de justiça venerável e sem remorsos – por uma qualquer coisa federal a que o estenógrafo apatetado chamava «Departamento de Serviços Não Especificados», após o que o caso desapareceu de qualquer espécie de cena de investigação sobre a qual o estenógrafo pudesse fazer perguntas, embora se dissesse à boca pequena que as suspeitas mais recentes recaíam sobre determinados organismos políticos sombrios e canádios lá em cima no Quebeque, bem a norte de Enfield, Massachusetts, onde Gately se arrastara para reuniões noturnas dos AA com os dedos na boca.

A maior parte dos casos pendentes de Gately foram arquivados sem conclusões[191], mas na condição de que ele iniciasse um tratamento a longo prazo e mantivesse a abstinência de químicos e se submetesse a análises aleatórias à urina e fizesse pagamentos quinzenais compensatórios a partir dos cheques patéticos que recebia por limpar merda e esperma sob a supervisão de Stavros Lobokulas e agora também a cozinhar e como funcionário interno da Ennet House. A única questão por resolver num ficheiro azul de adiamento era aquele assunto de conduzir com uma carta suspensa por condução com uma carta

suspensa. Na comunidade de Massachusetts essa questão implica necessariamente estar preso noventa dias, como prescrevem os estatutos; e o advogado de defesa foi frontal com Gately e disse-lhe que é só uma questão de tempo em que a lenta mó da justiça gira até que um juiz pronuncie a sentença e Gately tenha de cumprir a pena numa penitenciária de segurança mínima como a de Concord ou Deer Island. Gately não está muito animado com a ideia de passar noventa dias na prisão. Aos vinte e quatro anos já tinha cumprido dezassete meses em Billerica por ter agredido dois seguranças numa discoteca – foi mais do género de ter batido sanguinariamente no segundo segurança com o corpo inconsciente do primeiro – e sabia muito bem que se safava numa prisão de Massachusetts. Era grande de mais para ser fodido ou para foder alguém e não estava interessado em foder mais ninguém; cumpriu o tempo de cabeça levantada e não deu a ninguém motivos para provocações; e quando o primeiro par de sujeitos durões foi atrás dele porque queria os seus cigarros da cantina despachou o assunto rindo-se com uma jovialidade feroz e quando eles apareceram uma segunda vez Gately deixou-os meio mortos com porrada no corredor por trás da sala de pesos e halteres onde tinha a certeza de que muitos outros sujeitos os ouviam e depois de esse incidente ter acontecido começou simplesmente andar por ali sem se meterem com ele. A única coisa que agora o incomodava era a perspetiva de ter apenas uma ou duas reuniões dos AA por semana na cadeia – as únicas reuniões que os reclusos sóbrios conseguem são quando o grupo de uma área aparece por compromisso institucional, coisa em que Gately já esteve envolvido – quando o demerol e o *Talwin* e a boa velha erva são quase mais fáceis de arranjar na cadeia do que no mundo exterior. Gately agora só se encolhia ao pensar no bailio, aquele tipo pastor de aspeto distinto. Voltar a ingerir substâncias tornara-se o seu maior medo. Até mesmo Gately compreende que isto é uma grande viragem psíquica. Diz logo à partida aos novos internos que os AA lá o conseguiram apanhar pelos macaquinhos no sótão: agora, literalmente faz tudo para se manter sóbrio.

Diz-lhes logo que foi para a Ennet House em primeiro lugar para não ir parar à prisão e não tivera muita esperança nem interesse em manter-se de facto sóbrio por tempo nenhum; e fora frontal acerca disto com Pat Montesian na entrevista de candidatura. A sinistra sinceridade acerca do seu desinteresse e a falta de esperança foram uma das razões para que Pat tenha deixado entrar na casa um tal

espécime que claramente era má rês, com apenas um morno encaminhamento feito por um advogado oficioso no gabinete do 5.º Distrito em Peabody. Pat disse a Gately que sinceridade sinistra e falta de esperança eram as únicas coisas de que se precisava para se começar a recuperar do consumo de substâncias, mas que sem essas qualidades se estava num beco sem saída, completamente. O desespero também ajudava, disse ela. Gately coçou a barriga do cão dela e disse que não sabia bem se estava desesperado com alguma coisa a não ser com o desejo de conseguir arranjar maneira de não se meter em sarilhos por coisas que geralmente mais tarde nem sequer se lembrava de ter feito. O cão agitou-se e estremeceu e os seus olhos rebolaram enquanto Gately, a quem ninguém tinha falado naquela coisa que Pat tinha de querer que lhe fizessem festas aos cães, lhe esfregava a barriga sarnenta. Pat disse qualquer coisa do género Bem, isso chega, esse desejo de acabar com essa tempestade de merda[192]. Gately disse que o cão dela gostava mesmo que lhe coçassem a barriga e Pat explicou que o cão era epilético e disse que o mero desejo de querer deixar de ter lacunas era o bastante para começar. Pegou num estudo acerca do abuso de substâncias em Massachusetts que estava numa pasta de plástico preta numa comprida prateleira de plástico preto cheia de arquivos de plástico pretos. Veio a verificar-se que Pat Montesian gostava imenso da cor preta. Trazia vestido – a sua roupa era um bocado excessiva na verdade, para um centro de recuperação – calças de cabedal preto e uma blusa de seda preta, ou qualquer coisa de seda. Do outro lado da janela, um comboio da Linha Verde executava a subida da primeira colina de Enfield à chuva do fim do verão. A vista para o vale da janela por cima da secretária lacada ou esmaltada a preto de Pat era tipo a única coisa espetacular na Ennet House, que era em tudo o resto uma pocilga mesmo terrivelmente feia. Pat fez um barulho na persiana com a extensão *Svelte* de uma unha e disse que naquele estudo público, realizado no Ano do Penso Medicinal *Tucks*, mais de sessenta por cento dos reclusos a cumprir penas de prisão perpétua no infernal MCI-Walpole e que não contestavam terem feito o que fizeram para ali terem ido parar não se lembravam de o terem feito, fosse o que fosse que os levara para ali. Para toda a vida. Nenhum deles. Gately teve de a ver a percorrer o estudo junto dele duas vezes até conseguir isolar o argumento dela. Tinham tido lacunas. Pat disse que uma lacuna era quando a pessoa continuava a funcionar – por vezes de maneira desastrosa – mas mais tarde não tinha noção daquilo que fizera. Era

como se a mente não estivesse na posse do corpo, o que geralmente se ficava a dever ao álcool mas também podia ser provocada pelo consumo de outras substâncias, entre elas os narcóticos sintéticos. Gately disse não se lembrar de alguma vez ter tido realmente uma lacuna e Pat M. percebeu mas não se riu. O cão arfava e estremecia, com as patas apontadas em todas as direções da bússola e sofria uma espécie de espasmos, e Gately não sabia se devia deixar de lhe fazer festas. Para dizer a verdade, Gately não sabia o que era epilepsia, mas desconfiava que Pat não se referia àquela coisa com que as mulheres depilam as pernas e que quando usada pela sua antiga namorada completamente alcoólica, Pamela Hoffman-Jeep, a fazia gritar na casa de banho. Tudo o que se relacionasse com o intelecto adquirira em Gately uma neblina e era propenso ao equívoco até boa parte do seu primeiro ano sóbrio.

Pat Montesian era simultaneamente bonita e não. Estaria perto dos quarenta. Fora supostamente uma sociável jovem, bonita e rica de Cape até o marido se divorciar dela por ser uma alcoólica quase total, o que sugeria abandono e não ajudara minimamente os seus hábitos de bebida depois disso. Entrara e saíra de centros de reabilitação e clínicas de repouso quando andava na casa dos vinte, mas só quando quase morrera de enfarte durante uma crise de tremores de delírio à uma da manhã conseguira render-se e entrar com a necessária falta de esperança e o desespero, etc. Gately não estremeceu ao ouvir falar do enfarte de Pat, porque a mãe não tivera DT nem um enfarte clássico, mas uma hemorragia cirrótica que a estrangulou e lhe privou o cérebro de oxigénio deixando-a num estado de vegetal irreversível. Os dois casos estavam completamente, tipo, separados na cabeça dele. Pat M. nunca foi de modo nenhum uma figura maternal para Gately. Pat gostava de sorrir e dizer, quando os internos se zangavam e queixavam das perdas provocadas pelo consumo de substâncias durante a reunião semanal comunitária da casa, ela acenava, sorria e dizia que para ela o enfarte fora a melhor coisa que lhe acontecera porque lhe permitira por fim render-se. Chegara à Ennet House aos trinta e dois anos numa cadeira de rodas elétrica e impedida de comunicar a não ser através de uma espécie de código morse de pálpebras ou coisa do género durante os primeiros seis meses[193], mas mesmo sem usar os braços conseguira demonstrar a vontade de tentar comer uma pedra quando o tipo que nem sequer usava o nome lhe disse para o fazer, usando o torso e o pescoço para tipo bater na pedra em baixo e

lascara os dois incisivos (ainda se vê as coroas aos cantos) e ficara sóbria e casara de novo com um tipo trilionário mais velho de South Shore que tinha aquilo que pareciam ser filhos psicóticos, e então recuperou uma inesperada série de funções motoras e desde então trabalhava na casa. Continuava a ter a parte direita do rosto repuxada numa espécie de trejeito e Gately demorou um certo tempo a habituar-se à sua maneira de falar – parecia continuar sempre drogada, uma espécie de fala arrastada excessivamente pronunciada. O lado da cara que não tinha o trejeito era muito bonito e ela tinha um belo cabelo ruivo muito comprido e um corpo sexualmente credível apesar de o braço direito ter atrofiado quase como uma espécie de pinça[194] e tinha a mão direita enfaixada num aparelho de plástico preto que lhe impedia as unhas com extensões de se enrolarem na palma e Pat caminhava com movimentos cambaleantes, dignos mas horripilantes, arrastando a perna direita terrivelmente escanzelada e vestida com as calças de cabedal pretas atrás de si como se alguma coisa de que ela se quisesse ver livre se prendesse a ela.

Durante a estada dele, ela acompanhara-o pessoalmente na maior parte das datas de tribunal importantes, levando-o até North Shore no *Aventura* matador com a identificação de deficiente – ela por causa daquela coisa neurológica na perna direita tinha literalmente um pé de chumbo e conduzia sempre como uma doida e Gately geralmente quase mijava as calças na Estrada 1 – e ela apoiava-o com todo o respeito considerável e a influência que a Ennet House tinha juntos dos juízes e das juntas, até que todas as questões que podiam ser resolvidas de forma inconclusiva fossem parar ao ficheiro azul. Gately continuava sem perceber as razões para toda aquela atenção e ajuda pessoais. Era tipo como se fosse o grande predileto de Pat M. entre todos os residentes no ano anterior. Ela tinha os seus preferidos e não preferidos; provavelmente era inevitável. Annie Parrot, os conselheiros e o gerente da casa também sempre tiverem os seus favoritos, por isso a tendência era para que tudo acabasse em termos de igualdade.

Ao cabo de cerca de quatro meses de resdência na Ennet House, o desejo agonizante de consumir narcóticos sintéticos fora miraculosamente erradicado de Don Gately, tal como o pessoal da casa e os Crocodilos e o Grupo da Bandeira Branca tinham dito que aconteceria se ele insistisse nas reuniões noturnas e se mantivesse minimamente aberto e disposto a pedir com persistência a um Poder

Superior extremamente vago que lho retirasse. O desejo. Disseram-lhe que se dobrasse sobre os seus enormes joelhos estaladiços de mamute todos os dias de manhã e que pedisse a Deus tal como ele O entendia para que afastasse de si aquele desejo agonizante e que tornasse a bater com os joelhos no chão novamente de noite antes da cama e a agradecer a essa figura tipo Deus por ter terminado mais um dia sem substâncias, se conseguisse passá-lo assim. Sugeriram-lhe que mantivesse os sapatos e as chaves debaixo da cama para não se esquecer de se ajoelhar. As únicas vezes em que Gately estivera de joelhos antes tinham sido para vomitar ou acasalar, ou para desligar algum alarme na parte inferior de uma parede, ou caso alguém tivesse sorte durante uma picardia e lhe desse nas partes baixas. Não tinha nenhum passado de Deus nem de J.C. e aquela coisa de se ajoelhar parecia-lhe o consolo mais frouxo e mais sem tomates e sentia-se hipócrita só de executar os gestos com os joelhos fielmente todas as manhãs e noites, sem falha, motivado por um desejo tão terrível de consumir que muitas vezes dava por si a rezar humildemente para que a sua cabeça acabasse por explodir e tudo acabasse. Pat disse que naquele momento pouco importava o que ele pensava ou aquilo em que acreditava ou até o que dizia. Importava somente aquilo que ele *fazia*. Se ele fizesse coisas acertadas, e continuasse a fazê-las durante tempo suficiente, aquilo que Gately pensava e em que acreditava mudaria como por magia. Até o que ele dizia. Ela vira isso mesmo acontecer vezes sem conta e, para variar, a alguns candidatos extremamente improváveis. Disse que lhe acontecera a ela. A parte direita do seu rosto estava bem viva e era generosa. E o conselheiro de Gately, um sujeito ex-viciado em coca que burlava gente por telefone e cuja orelha esquerda fora uma das suas perdas, atingira Gately ao início com a infame analogia do bolo dos AA de Boston. O filipino grisalho encontrava-se com o interno Don G. uma vez por semana e levava-o de carro às voltas sem destino por Brighton-Allston num *Subaru 4X4* personalizado, exatamente como os que Gately costumava usar nos seus roubos. Eugenio Martínez tinha esta coisa excêntrica de afirmar que só conseguia manter-se em contacto com o seu próprio Poder Superior quando estava a conduzir. Perto do estaleiro EWD, às portas de Allston Spur, certa noite convidou Don a pensar nos AA de Boston como se de uma embalagem de mistura para bolos *Betty Crocker* se tratassem. Gately deu uma palmada na testa perante mais uma débil insinuação de analogia de Gene M., que Gene já o

martelara com diversos floreados insetívoros para quando pensasse na doença. O conselheiro deixara-o a ventilar mau humor durante um bocado, e foi fumando enquanto se arrastava por trás de fileiras de barcos prestes a descarregar. Pediu a Gately que imaginasse por um momento que tinha nas mãos uma embalagem de mistura para bolos *Betty Crocker*, que representava os AA de Boston. A embalagem trazia de lado as instruções que qualquer miúdo de oito anos conseguia ler. Gately disse que estava à espera de uma qualquer referência a insetos no interior da mistura para bolos. Gene disse que a única coisa que Gately tinha a fazer era dar a si próprio uma porra de um descanso, descontrair e por uma vez na vida calar a boca e limitar-se a seguir as instruções na lateral da merda da embalagem. Não interessa puto que Gately tipo *acreditasse* que aquilo resultava num bolo, ou que tipo *compreendesse* a porra da química dos bolos ou *como* sairia o bolo: se ele seguisse simplesmente a merda das instruções, e tivesse o bom senso de pedir ajuda a pasteleiros com um pouco mais de experiência para não dar cabo das instruções caso ficasse baralhado, o bolo resultaria bem. Ele teria o seu bolo. A única coisa que Gately sabia de bolos era que a cobertura era a parte melhor e pessoalmente achava Eugenio Martínez um convencido e um cabrão de um gabarolas – além de que sempre havia desconfiado de orientais e de hispânicos e Gene M. tinha o condão de se parecer com ambos – mas não saiu da casa nem fez nada para que o pudessem expulsar e foi de noite às reuniões e contou mais ou menos a verdade e fez a coisa dos joelhos com os sapatos debaixo da cama todas as manhãs/noites sete dias/semana e aceitou a sugestão de entrar num grupo e se tornar raivosamente ativo e limpar cinzeiros e falar nos compromissos. Não tinha nada parecido com um conceito de Deus e, por essa altura, teria porventura menos que nada em termos de interesse por toda essa questão; lidava com a oração como se fosse a temperatura do forno dada pelas instruções de uma embalagem. Pensar naquilo como um ato de se pôr a falar com o teto acabava por ser preferível a imaginar-se a falar com nada. E achava constrangedor ajoelhar-se de roupa interior e à semelhança dos outros sujeitos na sala fingia sempre ter os ténis bem fundo debaixo da cama e tinha de ficar um bom bocado no chão para os encontrar e tirar de lá, quando rezava, mas fazia-o, e rogava ao teto e agradecia-lhe e passados talvez cinco meses Gately conduzia o Greenie às quatro e meia da manhã para ir limpar caca humana nos balneários de Shattuck e de repente

apercebeu-se de que se tinham passado vários dias desde que pensara sequer em demerol ou *Talwin* ou até em erva. Não se tratara simplesmente de aguentar esses quantos dias – as substâncias nem sequer lhe tinham *passado* pela cabeça. Ou seja, o desejo e a compulsão tinham sido erradicados. Passaram mais umas semanas, uma nebulosa de compromissos e reuniões com tabaco rasca e lugares-comuns, e continuava sem sentir nada parecido com a sua antiga necessidade de alteração de consciência. Estava, de certa forma, livre. Era a primeira vez desde os dez anos que se via fora dessa espécie de jaula mental. Mal podia acreditar. Sentia-se mais desconfiado do que grato nessa matéria, a erradicação. Como poderia um Poder Superior em que ele nem sequer acreditava libertá-lo da jaula como por magia quando Gately tinha sido um perfeito hipócrita até quando pedira a algo em que não acreditava que o libertasse de uma jaula de que tinha tipo zero esperanças de alguma vez vir a sair? Quando para começar só conseguia ajoelhar-se para as orações fingindo que procurava os sapatos? Nunca na *vida* conseguiria compreender como aquilo funcionava, aquela coisa que estava a funcionar. Deu com ele em doido. Cerca dos sete meses, durante a pequena reunião de domingo para novatos, até partiu um dos tampos de mesa em madeira falsa do Prevident ao bater nele com a grande cabeça quadrada[195].

Francis Gehaney («Ferocious») Bandeira Branca, um dos Crocodilos mais antigos e batidos, tinha o cabelo branco cortado à escovinha e um boné e suspensórios por cima da camisa de flanela que lhe envolvia as entranhas e uma enorme penca vermelha em forma de pepino em cuja pele se viam artérias inteiras e tocos castanhos por dentes e enfisema e uma pequena bomba de oxigénio portátil cujo tubo azul estava colado por baixo da penca com fita gomada branca, e o branco dos olhos muito brilhante a acompanhar a pulsação em descanso extremamente baixa de um sujeito com uma quantidade geológica de tempo sóbrio nos AA. Francis Ferocious G., cuja boca nunca estava sem um palito e que tinha no antebraço direito uma tatuagem deslavada de um copo de *Martini* e uma mulher nua, Guerra da Coreia *vintage*, que ficara sóbrio durante a Administração Nixon e comunicava através de epigramas obscenos mas antiquados que todos os Crocodilos usavam[196] – F.F. levara Gately a sair para tomarem quantidades de café que faziam saltar os olhos, depois do incidente com a mesa e a cabeça. Escutara com o ligeiro tédio da identificação desapaixonada com o queixume de Gately, que dizia não haver maneira de uma

coisa que ele não compreendia suficientemente para sequer acreditar nela e estar seriamente interessada em salvar-lhe o couro, mesmo que Ele/Ela/Isso existisse em certo sentido. Gately continua sem saber bem por que razão foi ajudado, mas foi de facto em certa medida uma ajuda quando o Francis Ferocious sugeriu que talvez uma coisa com tão pouca monta que Don Gately pudesse compreendê-la provavelmente não teria monta suficiente para lhe salvar o couro do bailio catita, ou teria?

Aquilo acontecera há meses. Geralmente Gately já pouco se importa se compreende ou não. Executa a coisa do joelho e do teto duas vezes por dia e limpa merda e escuta sonhos e mantém-se ativo e conta a verdade aos internos da Ennet House, e tenta ajudar uns quantos quando eles o abordam em busca de auxílio. E quando o Francis Ferocious G. e os Bandeiras Brancas o presentearam, naquele domingo de setembro que assinala o seu primeiro ano sóbrio, com um bolo de uma vela imaculadamente preparado e cheio de cobertura, Don Gately chorou pela primeira vez à frente de pessoas que não eram da sua família. Agora nega ter efetivamente chorado e fala no fumo da vela a entrar-lhe no olho. Mas chorou.

Gately é uma escolha improvável para cozinheiro na Ennet House, tendo-se alimentado ao longo dos últimos doze anos de sanduíches e comida de cadeias de refeições rápidas, ingeridas em simultâneo com alguma forma de movimento. Tem um metro e oitenta e oito e cento e vinte e oito quilos e nunca tinha comido brócolos nem uma pera até ao ano anterior. Em termos de cozinha, oferece uma rotina que nada tem de excecional: cachorros-quentes, rolo de carne denso e húmido, com pedacinhos de queijo americano e meia caixa de flocos de milho por cima, para dar textura; sopa de creme de galinha por cima de *noodles* em espiral, coxas de frango *Shake ‘N Bake*, de um negro agourento e textura de borracha, hambúrgueres mal passados que dão náuseas e molho de hambúrguer com esparguete que ele deixa cozer durante quase uma hora[197]. Apenas os internos da Ennet mais endurecidos pela vida na rua se aventuram com alguma piada direta acerca da comida, que surge todas as noites na comprida mesa de jantar ainda nas largas panelas fumegantes onde foi cozinhada, com o rosto largo de Gately como uma lua pairando sobre elas, corado e suado sob o chapéu de cozinheiro mole que Annie Parrot lhe tinha oferecido por piada mas que ele não percebeu, os seus olhos repletos de ansiedades e esperanças de que toda a gente

desfrute ao máximo, basicamente com ar de noiva que serve o seu primeiro prato conjugal, só que as mãos desta noiva são do tamanho dos pratos de jantar da casa e têm tatuagens de prisão, e esta noiva parece não precisar de luvas de forno quando pousa panelas enormes nos panos de cozinha que têm de ser postos na mesa para que o tampo de plástico não se queime. Todo o género de comentários gastronómicos é sempre extremamente indireto. Randy Lenz lá no canto nordeste gosta de levantar a lata de água tónica e dizer que a comida de Don é do tipo que faz uma pessoa apreciar verdadeiramente a bebida que a acompanha. Geoffrey Day fala de como, para variar, é uma lufada de ar fresco deixar a mesa de jantar sem se sentir inchado. Wade McDade, um jovem bebedolas dos duros de Ashland, Kentucky, e Doony Glynn, que ainda se encontra estonteado e enfermo devido a um esquema horrendo da Workers Comp. que correu mal no ano anterior, e que está sistematicamente adoentado e é provável que em breve seja expulso por perder o seu trabalho servil na Brighton Fence & Wire e nem sequer fingir que procura outro – os dois têm esta cena que representam na noite do esparguete em que McDade entra na sala de jantar mesmo antes da comida e diz «Esta noite temos esparra-guete do melhor, Doonster» e Doony Glynn responde «Oh, vai ser molinho e bom?» e McDade diz «Deixa a dentuça em casa, meu rapaz» com uma voz de xerife do Kentucky, conduzindo Glynn até à mesa como se ele fosse um menino perturbado. Têm o cuidado de representar a cena quando Gately ainda se encontra na cozinha a temperar a salada e preocupado com a apresentação da comida. Embora Tiny Ewell nunca se esqueça de agradecer a Gately pela refeição, e April Cortelyu seja pródiga em elogios, e Burt F. Smith revire sempre os olhos de prazer e faça sons de nhame-nhame sempre que consegue levar um garfo à boca.

ANTES DO AMANHECER, 1 DE MAIO DO ARIAD AFLORAMENTO A NOROESTE DE TUCSON, ARIZONA, EUA, QUIETUDE

– LEMBRAS-TE DE OUVIR FALAR – perguntou Hugh Steeply, do USOUS –, no teu próprio país, penso que no final dos anos setenta, de um programa experimental, uma experiência biomédica à volta da ideia de implantação de elétrodos no cérebro humano?

Na borda da rocha, Steeply virou-se e olhou para ele. Marathe limitou-se a retribuir o olhar. Steeply continuou:

– Não? Um avanço radical qualquer. Estereotaxia. Tratamento da epilepsia. A ideia era implantar elétrodos minúsculos e muito finos no cérebro. Na altura, um importante neurologista canadiano qualquer – Elder, Elders, uma coisa assim – tinha descoberto que determinados estímulos minúsculos em determinadas zonas do cérebro podiam evitar ataques. Como um ataque epilético. Implantam-se elétrodos – muito finos, só uns milivolts ou...

– Elétrodos *Briggs*.

– Desculpa?

Marathe tossiu ligeiramente.

– Dos que também são utilizados nos *pacemakers* para o coração.

Steeply apalpou o lábio.

– Parece que me estou a lembrar de um biorregisto provisório que indicava que o teu pai tinha tido um *pacemaker*.

Marathe tocou na cara distraidamente.

– O pacote de energia de plutónio duzentos e trinta e nove. O elétrodo *Briggs*. O circuito *Kenbeck DC*. Estou a lembrar-me de termos e instruções. Evitar todos os fornos micro-ondas e vários transmissores. Cremação proibida – isto por causa do plutónio duzentos e trinta e nove.

– Mas então conheces este programa antigo com epiléticos? Experiências que se julgava poderem evitar cirurgias ablativas no caso de epilepsia grave?

Marathe não disse nada e fez o que podia ser visto com um ligeiro abanar da cabeça.

Steeply deu meia-volta e olhou para leste, com as mãos atrás das costas, com vontade de continuar a falar no assunto de uma forma ou de outra, percebeu Marathe.

– Não me consigo lembrar se li sobre isso, se ouvi uma palestra ou o que foi. A implantação era uma ciência bastante inexata. Era tudo experimental. Era preciso implantar uma data de elétrodos numa zona incrivelmente pequena do lóbulo temporal, na esperança de encontrar os terminais nervosos associados aos ataques epiléticos, e era um processo de tentativa e erro, estimulando cada elétrodo e verificando a reação.

– Os lóbulos temporais do cérebro – disse Marathe.

– O que se passou foi que o Olders e os neurocientistas canadianos acabaram por descobrir, durante o processo de tentativa e erro, que estimular determinados elétrodos em determinadas partes dos lóbulos produzia sensações de prazer intensas no cérebro. – Steeply olhou por cima do ombro para Marathe. – Quero dizer, estamos a falar de prazer *intenso,* Rémy. Lembro-me de que o Olders chamou terminais-*p* a essas pequeninas zonas de tecido propensas ao prazer.

– Com o «P» a referir-se ao «prazer».

– E que a localização deles era desesperantemente inexata e imprevisível, mesmo em cérebros da mesma espécie – um terminal-*p* podia estar mesmo ao lado de um outro neurónio cujo estímulo causava dor, fome ou sabe lá Deus o quê.

– O cérebro humano é muito denso; a verdade é essa.

– A questão é que ainda não estavam a testar o processo em seres humanos. Era considerado radicalmente experimental. Utilizavam animais e lóbulos de animais. Mas, passado pouco tempo, o fenómeno de estímulo do prazer tornou-se ele próprio uma experiência radical à parte, ao passo que a equipa secundária de neurocientistas continuou com os animais epiléticos. O Older – ou Elder, um nome anglo-canadiano qualquer – chefiou a equipa para mapear esses, passo a citar, «Rios de Recompensa», os terminais-*p* nos lóbulos.

Marathe apalpou ociosamente as bolinhas de algodão no forro dos bolsos do anoraque, assentindo com a cabeça de forma simpática.

– Um programa experimental canadiano, disseste tu.

– Até me lembro: o Centro Psiquiátrico Brandon.

Marathe fingiu tossir ao reconhecer o nome.

– Isso é um hospital psiquiátrico. No extremo norte de Manitoba. Um ermo sinistro. No meio do nada.

– Porque eles teorizavam que estes, entre comas, «rios» ou terminais também eram os recetores, ao nível do cérebro, de coisas como as endorfinas-beta, a L-dopa, a Q-dopa, a serotonina, todos os vários neurotransmissores de prazer.

– O Ministério da Euforia, por assim dizer, do cérebro humano.

Ainda não havia qualquer indício ou sugestão do amanhecer ou de luz.

– Mas ainda não se testava em seres humanos – explicou Steeply. – As primeiras cobaias do Older eram ratazanas e, ao que parece, os resultados foram discretos. Os nu... os canadianos descobriram que se preparassem uma alavanca de autoestímulo, a ratazana carregava sucessivamente na alavanca para estimular o seu terminal-*p*, milhares de vezes por hora, sem parar, ignorando a comida e as fêmeas com cio, completamente fixada no estímulo provocado pela alavanca, dia e noite, e a coisa só terminava quando a ratazana morria por fim de desidratação ou de simples fadiga.

Marathe disse:

– Mas não do prazer propriamente dito.

– Acho que foi de desidratação. Não tenho bem a certeza do que é que a ratazana morreu ao certo.

Marathe encolheu os ombros.

– Mas essas ratazanas eram a inveja de todas as outras utilizadas em experiências, digo eu.

– A seguir, aplicaram-se essa implantação e as alavancas em gatos, cães, porcos, macacos, primatas, até num golfinho.

– Subindo a escala evolutiva, terminais-*p* para todos. E morreram todos?

– Acabaram por morrer – respondeu Steeply – ou então tiveram de lhes fazer lobotomias. Porque me lembro de que mesmo que o elétrodo do prazer fosse retirado, e mesmo que a alavanca de estímulo fosse retirada, a cobaia punha-se a correr de um lado para o outro, a carregar em tudo o que pudesse ser carregado ou premido, para tentar obter outro estímulo.

– Suponho que o golfinho provavelmente se pôs a nadar de um lado para o outro e a fazer isso.

– Pareces estar a achar piada a isto, Rémy. Foi uma coisa totalmente canadiana, esta aventurazinha neuroelétrica.

– Acho piada que sejas tão lento a chegar ao que queres dizer.

– Porque, com o passar do tempo, claro que o Elder e companhia limitada quiseram testar o processo em cobaias humanas, para ver se o lóbulo humano tinha terminais-*p* e por aí fora; e como por causa dos resultados discretos do programa para as cobaias animais não podiam utilizar legalmente presos nem doentes, tiveram de tentar assegurar voluntários.

– Devido aos riscos – atirou Marathe.

– Ao que parece, aquilo foi tudo um pesadelo de legalidades e estatutos canadianos.

Marathe franziu os lábios.

– Tenho as minhas dúvidas: Otava podia ter pedido facilmente ao que era na altura a vossa CIA para disponibilizar, qual é o termo, «Pessoas Prescindíveis», do Sudeste asiático ou negros, as cobaias que foram usadas no vosso brilhante MK-Ultra[198].

Steeply preferiu ignorar o comentário e procurou algo na carteira.

– Mas, ao que parece, o que aconteceu foi que se soube em Manitoba da descoberta do terminal-*p* e das experiências – um empregado pouco importante do Centro Brandon tinha violado a as regras de segurança e dado à língua.

– Pouco mais há a fazer no Norte de Manitoba além de dar à língua e mexericar.

– ... E de repente a equipa de neurocientistas do Centro Brandon chega um dia ao trabalho e dá com voluntários humanos a darem literalmente a volta ao quarteirão, sãos e, se bem me lembro, na sua maioria jovens canadianos, em fila e a atropelarem-se literalmente tal a vontade de se voluntariarem para a implantação e estímulo de elétrodos de terminal-*p*.

– Sabendo perfeitamente da morte da ratazana e do golfinho por terem carregado na alavanca.

O pai de Marathe tinha sempre incumbido Rémy, o filho mais novo, de entrar primeiro num restaurante ou numa loja para verificar se lá havia algum micro-ondas ou transmissor do tipo GC. As lojas com sistemas antirroubo, os aparelhos estridentes à porta, eram particularmente perigosas.

Steeply disse:

– E é claro que toda esta ânsia de implantação provocou uma alteração preocupante no estudo do prazer e do comportamento humanos, e toda uma nova

equipa do Hospital Brandon foi reunida à pressa para estudar os perfis psicológicos de todas estas pessoas dispostas a atropelarem-se para se submeterem a uma cirurgia cerebral invasiva e à implantação de objetos estranhos...

– Para se transformarem numas ratazanas enlouquecidas.

– ... E tudo pela possibilidade de obter este tipo de prazer, e os testes MMPI de identificação de personalidade e os de Millon e Approception feitos a todas estas hordas de potenciais voluntários – disseram às hordas que fazia tudo parte da seleção –, os resultados obtidos foram fascinante e assustadoramente normais.

– Por outras palavras, não havia *anormais*.

– Nenhum anormal em nenhum aspeto visível. Só jovens normais – jovens canadianos.

– A voluntariarem-se para ficarem mortalmente viciados no prazer elétrico.

– Mas, Rémy, ao que parece, era o prazer mais puro e mais refinado imaginável. A destilação neural de, por exemplo, um orgasmo, a iluminação religiosa, as drogas provocadoras de êxtase, o *shiatsu*, uma lareira a crepitar numa noite de inverno – a soma de todos os prazeres possíveis refinada numa pura corrente e alcançável carregando simplesmente numa alavanca. Milhares de vezes por hora, consoante a vontade.

Marathe lançou-lhe um olhar insípido.

Steeply examinou uma cutícula.

– Por livre escolha, claro.

Marathe fez uma expressão de troça a imitar um tonto a esforçar-se por pensar.

– Então e quanto tempo é que estas fugas de informação e estes rumores sobre os terminais-*p* levaram a chegar ao Governo e ao bem público de Otava, já que o Governo do Canadá terá reagido com horror perante isso?

– Oh, e não foi só a Otava – retorquiu Steeply. – É fácil de ver as implicações se uma tecnologia como a do Elder ficasse realmente disponível. Sei que Otava informou o Turner, ou o Bush, ou o Casey, fosse lá quem fosse na altura, e toda a gente em Langley se pôs a morder os nós dos dedos, horrorizada.

– A CIA mordeu a mão?

– Porque com certeza que consegues ver as implicações para qualquer sociedade industrializada, de livre mercado e alto consumo.

– Mas isso seria declarado ilegal – respondeu Marathe, tomando nota para não se esquecer das várias rotinas de movimentos que Steeply fazia para se manter quente.

– Para de te armar em parvo – disparou Steeply. – Ainda havia a possibilidade de um mercado clandestino exponencialmente mais perigoso do que os estupefacientes ou o LSD. Na altura, a tecnologia dos elétrodos e das alavancas parecia cara, mas era fácil de prever a enorme e ampla procura que faria com que os elétrodos passassem a ser tão exóticos como as seringas.

– Sim, mas havia a cirurgia, sem a qual não há implantes.

– Já havia imensos cirurgiões dispostos a realizar operações ilegais. Abortos. Implantes elétricos de pénis.

– As cirurgias MK-Ultra.

Steeply riu-se sem regozijo.

– Ou as amputações confidenciais a jovens e intrépidos membros de cultos ligados a comboios, não?

Marathe assoou apenas uma narina. Era esse o costume no Quebeque: uma narina de cada vez. Na geração do pai de Marathe, as pessoas costumavam dobrar-se e fungar o que tinham na narina para a valeta, no meio da rua.

Steeply disse:

– Imagina milhões de norte-americanos médios e não anormais, todos implantados com elétrodos *Briggs*, todos com acesso eletrónico aos seus próprios terminais-*p*, sem nunca saírem de casa, a carregarem sem parar nas suas alavancas de estímulo.

– Deitados nos divãs. Ignorando as fêmeas com cio. Recebendo rios de recompensa sem merecerem essa recompensa.

– Esbugalhados, a babarem-se, a gemerem, a tremerem, incontinentes, desidratados. Sem trabalharem, sem consumirem, sem interagirem nem participarem na vida comunitária. Acabando por cair para o lado de puro...

Marathe interrompeu-o:

– Sacrificando a alma e a vida pelo estímulo dos terminais-*p*, queres tu dizer.

– Talvez consigas ver a analogia – respondeu Steeply, por cima do ombro e sorrindo amargamente. – Isto aconteceu no Canadá, meu amigo.

Marathe fez uma versão muito ligeira do seu movimento giratório de impaciência e disse:

– Do tempo dos anos setenta depois de Cristo. E isto nunca se concretizou. O Penso da Felicidade nunca teria sido desenvolvido...

– Entrámos ambos nisso. Os nossos dois países.

– Em segredo.

– Primeiro com Otava a cortar o financiamento do Programa Brandon, contra o qual o Turner, ou o Casey, ou quem quer que fosse protestou – a nossa antiga CIA queria que o processo fosse desenvolvido e aperfeiçoado e depois considerado secreto – para uso militar ou qualquer coisa do género.

Marathe disse:

– Mas os guardiões civis do bem público tinham outra opinião.

– Acho que me lembro de que o Carter era o presidente. Os nossos dois países fizeram do assunto uma prioridade em termos de segurança e encerraram o programa. A nossa antiga NSA[*1] e o vosso antigo C7 com a Real Polícia Montada.

– Casacos vermelhos vivos e chapéus de abas largas. Nos anos setenta, ainda a cavalo.

Steeply apontou a carteira para as luzes longínquas de Tucson, à procura de qualquer coisa.

– Lembro-me de que entraram de rompante. De armas em riste. Arrombaram as portas. Desmantelaram os laboratórios. Mataram misericordiosamente os golfinhos e as cabras. O Olders desapareceu algures.

Marathe fez um lento gesto circular.

– No fim de contas, o que estás a querer dizer é que nós, Canadianos, também escolheríamos morrer por isto, o prazer total de uma cabra passiva.

Steeply virou-se, a mexer numa lima das unhas.

– Mas não vês uma analogia mais específica com o Entretenimento?

Marathe passou a língua pelo interior da bochecha.

– Estás a dizer que o Entretenimento é uma espécie de estímulo ótico dos terminais-*p*? Uma forma de contornar os elétrodos *Briggs* para ter o prazer dos orgasmos e das massagens?

O raspar seco de uma unha a ser limada.

– Só estou a dizer que há uma analogia. Um precedente no vosso próprio país.

– O nosso país é o Quebeque. Manitoba é...

– Estou a dizer que, se ele conseguir superar o desejo cego de prejudicar os

Estados Unidos, o vosso M. Fortier poderia ser induzido a perceber ao certo o que se propõe lançar cá para fora.

Tinha tanta prática que conseguia limar as unhas sem ter de olhar. Isto porque, ao conversar com alguém, a tática mais eficaz de Steeply consistia em fitar longamente a outra pessoa sem revelar a mínima emoção. Já que Marathe se sentia mais incomodado por não saber se Steeply acreditava ou não em alguma coisa do que se o rosto dele revelasse que não acreditava.

Nessa noite, perante a perspetiva de comerem cachorros-quentes com salsichas cozidas, as duas residentes mais recentes tinham-se saído com o número típico da princesinha sensível e da sua comida especial: Amy J., a rapariga nova daquele dia que se limita a ficar ali sentada, no sofá de vinil, a tremer como varas verdes e a pedir às pessoas que lhe tragam café e lhe acendam os cigarros, e a quem só lhe falta mesmo um letreiro ao pescoço a dizer Vítima indefesa: por favor, mimar, a dizer que o corante *Red Dye n.º 4* lhe dá «montes de enxaquecas» (Gately dá a essa rapariga para aí, no máximo, uma semana até se agarrar outra vez a correr ao *Xanax*[199]; tem ar disso); e a outra rapariga, Joelle van D., estranhamente familiar mas de sotaque sulista, com um corpo que não dá para acreditar e uma cara de linho, a anunciar que é vegetariana e que «preferia comer um inseto» a cheirar sequer uma salsicha cozida. Mas, numa decisão incrível, Pat M. pediu a Gately, para aí às 18h00, para ir a correr ao Purity Supreme de Allston comprar uns ovos e uns pimentos para as recém-chegadas da barriga delicada poderem fazer uma quiche ou lá o que fosse. Na opinião de Gately, isso parece ser estar a satisfazer a clássica ideia que o viciado tem de ser especial e único e que é precisamente aquilo que Pat tem por obrigação ajudar a eliminar. Essa rapariga, Joelle v.D., parece ter um peso e um estatuto imediatos e desmesurados junto de Pat, que já anda a falar em dispensá-la das tarefas menores obrigatórias e quer que Gately procure uma espécie de água com gás qualquer toda esquisita para a rapariga, que pelos vistos continua desidratada. Não há dúvida de que é bem diferente de obrigar uma pessoa a mastigar feldspato. Gately já deixou de tentar perceber Pat Montesian há muito tempo.

Nessa noite, o tempo está esquisito, tanto troveja como neva. Gately tinha conseguido finalmente distinguir os verdadeiros trovões dos típicos barulhos de Enfield produzidos pelas ventoinhas ATHSCME e pelas catapultas da EWD, isto

depois de nove meses a usar todas as manhãs um impermeável *Goodwill* no comboio das 04h30 da Linha Verde.

Um dos possíveis pontos fracos do programa de recuperação alcoólica de Gately, de uma honestidade rigorosa, está no facto de que assim que se enfia num negríssimo *Aventura* e vê o ailerão a vibrar quando liga o carnívoro motor do automóvel, etc., dá por si a optar várias vezes por um caminho um bocadinho menos direto do que provavelmente seria necessário quando na Ennet o mandam fazer um recado a um determinado local. Se tivesse de ir mesmo ao cerne da questão, a verdade é que gosta de andar a passear pela cidade no carro de Pat. Consegue minimizar o tempo suspeito que qualquer passeata a mais acrescenta aos recados que tem de fazer guiando basicamente como um louco: ignorando os semáforos, enfiando-se à frente das outras pessoas, não fazendo caso dos sentidos únicos, guinando desenfreadamente de um lado para o outro, obrigando os peões a deixarem cair coisas e a lançarem-se para o passeio, usando e abusando de uma buzina que mais parece uma sirene de ataque aéreo. Pensar-se-ia que isso seria uma loucura em termos judiciais, não ter carta e poder passar uma temporada na cadeia por causa disso, mas o facto é que esse tipo de condução do género a-caminho-das-Urgências-com-uma-passageira-em-trabalho-de-parto não costuma provocar a mínima reação por parte da polícia de Boston, já que os agentes têm mais coisas que fazer, nestes tempos conturbados, e já que toda a gente na área metropolitana de Boston guia exatamente da mesma maneira, como um sociopata, incluindo os próprios polícias, por isso só o sentido de honestidade rigorosa de Gately é que corre um risco verdadeiro. Um lugares-comuns que ele descobriu ser especialmente útil em relação à questão do *Aventura* é que a Recuperação tem a ver com Progresso e não com a Perfeição. Gosta de virar majestosamente à esquerda para a Commonwealth, esperar até estar fora do alcance da janela de sacada da Ennet House e depois soltar o que imagina ser o Grito dos Rebeldes[*2] e acelerar a fundo pela sinuosa avenida revestida de árvores, com o carro a deslizar pelas zonas sombrias de Brighton e Allston, passando pela Universidade de Boston, em direção ao grande e triangular letreiro em néon da CITGO e a Back Bay. Passa pelo clube noturno The Unexamined Life, onde deixou de ir, às 18h00, já a vibrar com o som das vozes e dos metais por baixo da sua garrafa em néon sempre a piscar, e a seguir pelas imponentes torres, cinzentas e numeradas, de Brighton Projects, onde

deixou mesmo de ir. A setenta quilómetros à hora, a paisagem começa a tornar-se indistinta e a distender-se. A Avenida Commonwealth separa Enfield-Brighton-Allston da humilde zona norte de Brookline, à direita. Passa em frente às fachadas cor de carne dos prédios anónimos de Brookline, ao Father & Son Market, a uma lixeira, aos Burger Kings, à Blanchard's Liquors, a uma loja InterLace, a um camião do lixo junto a outra lixeira, a bares e clubes de esquina – Play It Again Sam's, Harper's Ferry, Bunratty's, Rathskeller, Father's First I e II –, a uma farmácia CVS, a duas lojas InterLace coladas uma à outra, ao placar *ellis the rim man*[*3], e à Marty's Liquors, que reconstruíram como formiguinhas uma semana depois de ter ardido. Passa pelo horrendo Riley's Roast Beef, onde o Grupo de Allston se reúne para beber grandes quantidades de café antes dos compromissos. Ao longe, o gigantesco letreiro da CITGO é como uma estrela triangular a servir de orientação. Gately vai a setenta e cinco quilómetros à hora, numa reta, lado a lado com um comboio da Linha Verde que avança a toda a velocidade na linha ligeiramente elevada que divide a Commonwealth em duas faixas em cada sentido. Gosta de ir lado a lado com um comboio da Linha Verde, a setenta e cinco quilómetros à hora, fazer toda a avenida em letra sigma e atravessar a via, na interseção com a Avenida Brighton, mesmo antes de o comboio passar. É um vestígio. Para ele, é como um vestígio negro dos seus antigos comportamentos de fraco amor-próprio e de arrebatamento suicida. Não tem carta de condução, o carro não é dele, é uma obra de arte de valor inestimável, é da chefe, a quem deve a vida e que se calhar até ama, vai comprar legumes para recém-chegadas fragilizadas que acabaram de sair da desintoxicação e têm os olhos a revirarem sem parar. E já alguém mencionou que a cabeça de Gately é quadrada? É quase perfeitamente quadrada, enorme, em forma de caixa e abaulada como a de uma baleia gigante: a cabeça de uma pessoa com ar de quem gosta de baixar a cabeça e atacar. Costumava deixar que as pessoas abrissem e fechassem portas de elevador em cima da cabeça dele, e que partissem coisas nela. O seu cognome de infância, «Indestrutível», referia-se à cabeça. Tem uma orelha esquerda que lembra a orelha esquerda de um pugilista profissional. O cimo da cabeça é praticamente achatado, fazendo com que o cabelo, comprido atrás mas com uma franja curta à Príncipe Valente à frente, pareça um bocado de alcatifa atirado para cima da cabeça e puxado um bocadinho para trás sem de lá sair[200]. Parece que ninguém que vive nestes

prédios antigos e castanhos da Commonwealth, salpicados de guano e com grades nas janelas dos andares de baixo[201], vai para dentro de casa. Mesmo a trovejar e com pequenos asteriscos de neve a caírem, há todo o tipo de hispânicos morenos e irlandeses deslavados em cada esquina, a passarem o tempo e a tentarem dar o ar de quem está à espera de alguma coisa importante, a beberem grandes latas de cerveja embrulhadas em sacos de papel castanhos. Os sacos são uma estranha deferência à discrição, tão colados às latas que é impossível não reparar no contorno delas. Sendo um rapaz da Shore, Gately nunca tinha bebido latas de cerveja num saco de papel, à esquina de uma rua: é uma coisa da cidade. O *Aventura* dá oitenta quilómetros em terceira. O motor nunca se cansa nem queixa, acaba só por começar a fazer um barulho hostil, sinal de que é preciso dar um toque na caixa de velocidades e meter uma nova mudança. O tabliê do *Aventura* mais parece o painel de instrumentos de um avião militar. Há sempre qualquer coisa a piscar e a indicar; e uma das luzes que piscam avisa supostamente quando se deve meter uma nova mudança; Pat disse-lhe para ignorar o tabliê. Ele adora baixar o vidro da janela do condutor e apoiar o cotovelo esquerdo aí, como um taxista.

Mas agora tem um autocarro à frente dele, com uma traseira tão grande e quadrada que ocupa as duas faixas e não o deixa ultrapassá-lo a tempo de chegar à interseção primeiro do que o comboio, que a atravessa à frente do autocarro, com um apito que mais parece um peido e um chocalhar insolente, aos olhos de Gately, na linha ao nível da rua. Consegue ver as pessoas aos encontrões dentro do comboio, agarradas às correias e às barras. Por baixo da interseção, estão a Universidade de Boston, o bairro de Fenway-Kenmore e a Berklee School of Music. O letreiro da CITGO ainda está lá ao longe. É preciso andar-se imenso até se chegar de facto a esse grande letreiro, que toda a gente diz que é oco e que se pode subir lá para dentro e enfiar a cabeça num mar de néon pulsante, mas nunca ninguém lá foi realmente.

Com o braço espetado como o de um taxista, Gately avança a toda a velocidade pela zona da BU. Ou seja, pela zona das mochilas, das aparelhagens estéreo pessoais e da roupa de marca. Rapazes imberbes, com cabelo grosso e espetado e testas perfeitas. Testas sem rugas, completamente imaculadas, como queijo-creme ou lençóis engomados. Aqui, as lojas vendem todas roupa, cartuchos para telecomputador ou pósteres. Gately começou a ter rugas na sua

testa grande logo aos doze anos. É aqui que gosta particularmente de obrigar as pessoas a largarem as coisas que trazem e a lançarem-se para o passeio. Raparigas da BU que parecem só ter comido laticínios a vida inteira. Raparigas que fazem *step*. Raparigas com cabelos bonitos, limpos, compridos e penteados. Raparigas que não são viciadas. A estranha *impotência* no centro do desejo. Gately já não faz sexo há quase dois anos. Quando largou o demerol, não era fisicamente capaz. Depois, nos Alcoólicos Anónimos de Boston, disseram-lhe para não o fazer, não durante o primeiro ano de abstinência, para ter a certeza de que se vai aguentar. Mas a cena é que se esquecem de avisar que, passado esse ano, a pessoa já não vai saber sequer falar com uma rapariga, a não ser de Rendição e Negação e de como as coisas eram Lá Fora, na jaula. Gately nunca fez sexo sóbrio, nem dançou, nem deu a mão a alguém sem ser para dizer o Pai-Nosso numa roda grande. Voltou a ter sonhos húmidos aos vinte e nove anos.

Gately já percebeu que pode fumar no *Aventura* sem ser apanhado se abrir também o vidro da janela do passageiro e tiver o cuidado de não deixar cair cinzas em lado nenhum. A corrente de ar no carro aberto é brutal. Fuma tabaco mentolado. Mudou para esses cigarros depois de quatro meses limpo porque não os suportava e as únicas pessoas que conhecia que os fumavam eram pretas e achou que se só fumasse tabaco mentolado seria mais provável que parasse. E agora só consegue suportar os mentolados, que Calvin T. diz que ainda fazem pior por terem pedacinhos de uma merda de amianto no filtro e sabe-se lá mais o quê. Mas Gately já vivia há uns dois meses no quartinho de funcionário interno masculino, na cave, junto à cabina telefónica e às máquinas de bebidas, quando o tipo dos Serviços de Saúde apareceu para fazer uma inspeção e disse que todos os canos grandes no teto do quarto tinham sido isolados com amianto antigo que se estava a desfazer e a espalhar-se pelo quarto, e Gately teve de passar as suas tretas todas e a mobília para o meio da cave e uns tipos com fatos brancos e tanques de oxigénio vieram arrancar tudo dos canos e passar o quarto de uma ponta a outra com uma coisa que cheirava como um lança-chamas. A seguir, transportaram o amianto apodrecido para a EWD num bidão soldado e com uma caveira pintada. Por isso, Gately acha que os cigarros mentolados são provavelmente a menor das suas preocupações no que toca aos pulmões.

É possível entrar na Storrow 500[202] à saída da Avenida Commonwealth, por baixo de Kenmore, através de uma estrada comprida e sinuosa, sombreada por

uma passagem aérea, que atravessa o Parque Fens. Basicamente, a Storrow 500 é uma via rápida urbana que segue as águas muito azuis do Chuck e se estende até Cambridge. Mesmo sob um céu sombrio e carregado de trovões, as cores do Charles mantêm-se bem vivas. Gately decidiu ir comprar as coisas para a omeleta das recém-chegadas à Bread & Circus da Praça Inman, em Cambridge. Isso explicará a demora e será uma ferroada não-verbal e subtil aos pedidos dietéticos especiais em geral. A Bread & Circus é uma mercearia socialmente hiper-responsável e demasiado cara, cheia de fãs de muesli do Partido Verde de Cambridge, e é tudo *microbiótico* e fertilizado só com merda de alpaca genuína, etc. O banco baixo do condutor e o para-brisas enorme do *Aventura* talvez deixem ver um pouco mais do céu do que uma pessoa com cabeça poderia desejar. O céu está baixo, cinzento e instável e parece que vai cair. Há qualquer coisa de *carregado* no céu. É impossível perceber se a neve ainda está realmente a cair ou se é só um bocadinho de neve que já caiu que anda a esvoaçar. Para se chegar à Praça Inman, é preciso virar três vezes para sair da Storrow 500, na Rampa da Morte da Rua Prospect, contornar em *slalom* as tampas dos esgotos, virar à direita, para norte, e seguir pela Prospect até à Praça Central, sempre em direção a norte e passando por zonas de grande etnicidade, quase até chegar a Somerville.

A Praça Inman também é um sítio onde Gately deixou praticamente de ir, porque fica na Little Lisbon de Cambridge, com muitos portugueses, o que também quer dizer brasileiros, com as calças à boca de sino e os fatos de golas largas antiquados que nunca deixaram de usar, e onde há brasileiros de estilo *disco* a cocaína e os estupefacientes nunca podem estar muito longe. Os brasileiros do bairro são mais uma forte razão para Gately guiar a velocidades excessivas. Além do mais, Gately é fortemente pró-americano e a norte dos engarrafamentos da Praça Central, a Rua Prospect é um percurso, sem polícias, por terras estranhamente estrangeiras: painéis publicitários em espanhol, madonas em gesso atrás de vedações de quintais, caramanchões intricados entrelaçados e apertados, agora, por uma rede de videiras nuas da grossura de dedos; anúncios a bilhetes de lotaria numa língua que não é bem espanhol, as casas todas cinzentas, mais madonas, agora de plástico brilhante e vestidas como freiras, em alpendres com a tinta a descascar, lojas e adegas e carros com suspensão baixa estacionados em terceira fila, um presépio inteiro em gesso na

varanda de um segundo andar, estendais pendurados entre casas, filas de casas cinzentas amontoadas umas em cima das outras, com uma longa sucessão de quintais minúsculos pejados de brinquedos, e as casas são altas, como se o facto de estarem apertadas umas contra as outras as esticasse. Aqui e acolá, uma ou outra loja canadiana, esmagada entre prédios hispânicos de três andares, subjugada, exilada e etc. A rua toda cagada, cheia de lixo e buracos. Esgotos medíocres. Raparigas de cu grande enfiadas, como salsichas, em calças de ganga justas, sempre em trios e ao crepúsculo, com aquela cor esquisita, castanho-alourada, com que as portuguesas gostam de pintar o cabelo. Uma loja que anuncia, em bom velho inglês: Frangos Abatidos Diariamente. O Ryle's Jazz Club, um bar estilo *pub* mais requintado, com tipos com bonés de *tweed* e cachimbos de raiz de roseira ao canto da boca a demorarem o dia inteiro a beber uma caneca de cerveja preta morna. Gately sempre achou que a cerveja preta sabia a cortiça. Um edifício intrigante de aspeto médico e de um único andar, com uma espécie de tímpano por cima da porta de vidro fumado com um letreiro que anuncia destruição completa de registos confidenciais, onde Gately sempre quis meter o nariz para ver o que raio andariam a fazer lá dentro. Mercadozinhos portugueses com comida que nem se percebe de que espécie é. Uma vez, num restaurante português de comida para fora na zona leste da Praça Inman, uma puta agarrada à coca tentou convencer Gately a comer uma coisa que tinha tentáculos. Ele pediu uma sanduíche. Agora, Gately passa simplesmente disparado por Inman, a caminho da B&C, que fica na zona noroeste, mais requintada e próxima de Harvard, com todos os semáforos de repente simpaticamente verdes e o motor de dez cilindros do *Aventura* a fazer levantar um pequeno e peculiar tornado de folhetos publicitários, micas, sacos de companhias que vendem aperitivos, a tampa de uma seringa, beatas sem filtro, porcaria em geral e um copo espalmado de *Millennial Fizzy*, estilo saído de uma banca, e tudo isso rodopia no fumo deitado pelo tubo de escape, todo esse tornado de lixo, seguindo Gately enquanto a última curva cor de pérola do sol, atrás de nuvens carregadas, é devorada pelas inúmeras Sancta Qualquer Coisa e, a seguir, pelos remates dos telhados das igrejas caiadas de branco para gente branca, anglo-saxónica e protestante, mais a oeste e perto de Harvard, com o remoinho do tornado a avançar a sessenta quilómetros, mas sustido pela forte brisa de oeste, no momento em que o último resquício de sol desaparece e uma

sombra preta azulada invade tranquilamente o desfiladeiro da Prospect, cujos candeeiros não funcionam pelas mesmas razões municipais que levam a rua a estar em tão más condições; e um desses bocados de lixo que Gately fez levantar e pôs a rodopiar atrás de si, um copo grosso e achatado de *MF*, é apanhado por uma súbita rabanada de vento enquanto cai a rodopiar, apresado num ângulo característico de um aeródino e empurrado até à fachada da loja Antitoi Entertainent[203], na zona leste da rua, e bate, com o fundo encerado a produzir um ruído oco, bate no vidro da porta da loja, fechada à chave, com um som que parece mesmo uma pessoa a tocar ao de leve com os nós dos dedos na porta, fazendo com que, passado um minuto, apareça uma figura encorpada e barbuda, completamente canadiana, com uma daquelas inevitáveis camisas de flanela de xadrez muito canadianas, recortada na luz fraca vinda da sala das traseiras, que limpa a boca primeiro a uma manga e depois à outra e abre a porta da loja com um forte ranger das dobradiças e olha em redor um bocadinho, para ver quem bateu à porta, não parecendo lá muito satisfeita por lhe terem interrompido aquilo que as mangas revelam ser um jantar de comida estrangeira, e, por trás dessa expressão de incómodo, parecendo também tensa e com os nervos à flor da pele, o que é capaz de explicar o X formado pelos cintos de munições que traz ao peito e o revólver de calibre .44, absurdamente grande, enfiado e a sobressair no cós das calças de ganga. Bertraund, o sócio e irmão igualmente encorpado de Lucien Antitoi – naquele momento, ainda na salinha dos fundos, onde dormem em camas portáteis, com armamento pesado por baixo, ouvem a rádio CQBC, maquinam, fumam drogas hidropónicas americanas do caraças, cortam e montam vidro, cosem bandeiras e cozinham com gel *Sterno* em utensílios *L.L. Bean* de luxo para sobrevivencialistas, está lá atrás a comer *soupe aux pois Habitant* e pão com melaço da Bread & Circus e uma espécie de pastéis retangulares de carne cheia de veias azuis que um bom americano nunca se daria sequer ao trabalho de tentar identificar –, Bertraund está sempre a gozar em quebequense e a dizer a Lucien que espera divertida e ansiosamente pelo dia em que Lucien se esqueça de verificar se o grande *Colt* está travado antes de o enfiar no cós das calças e se pôr a deambular pesada e desajeitadamente pela loja, com as suas botas com cardas, fazendo reluzir e tinir todos os artigos refulgentes de vidro soprado. O revólver não automático é uma recordação do recrutamento. Desempenhando por vezes tarefas de recrutamento para a Frente Libertação do

Quebeque, organização separatista e anti-ONAN, os Antitoi não são, em geral, uma célula insurgente muito aterrorizadora, sendo mais ou menos solitários, autossuficientes, uma célula una e indivisível, excêntrica e quase incompetente, protegida carinhosamente pelo seu falecido chefe regional M. Guillaume DuPlessis, da península Gaspé, e desprezada pela FLQ após o assassinato de DuPlessis, além de ridicularizada pelas células anti-ONAN mais malignas. Bertraund Antitoi é o chefe e o cérebro da equipa, muito por exclusão de partes, visto que Lucien Antitoi é um dos pouquíssimos naturais de *Notre Rai Pays*[*4] que não consegue compreender francês, nunca foi capaz de aprender, e por isso tem poderes de veto muito limitados, mesmo no que toca a planos de Bertraund tão idiotas como pendurar uma bandeira com uma *fleur de lis* cujo caule é uma espada no nariz da estátua de um herói da Guerra Civil Americana, na Rua Boylston, para na manhã seguinte ser simplesmente arrancada por gendarmes *chiens-courants* da ONAN de ar aborrecido, ou colar tijolos aos postais de filiação com porte pago do partido de Sans-Christe Gentle, o PEUL, ou criar capachos *Astroturf* com a cara de Sans-Christe Gentle e distribuí-los gratuitamente pelos *outlets* de utensílios domésticos espalhados pela sua rede de operações – iniciativazinhas pueris e, no geral, bastante tristes que M. DuPlessis teria proibido com uma gargalhada alegre e uma carinhosa palmadinha no ombro, que mais parece uma bola de *bowling*, de Bertraund. Mas M. DuPlessis tinha sido transformado num mártir, através de um assassinato que apenas a ONAN seria estúpida ao ponto de julgar que o comando seria estúpido ao ponto de julgar tratar-se de um simples roubo que tinha dado para o torto, um percalço infeliz. E Bertraund Antitoi, após a morte de DuPlessis e a rejeição da FLQ o terem deixado entregue a si mesmo pela primeira vez desde que o todo o terreno dos dois irmãos foi atafulhado de objetos de vidro de alta qualidade, exóticos e refulgentes, da Van Buskirk de Montreal, material para soprar vidro, vassouras, artilharia, utensílios de cozinha para sobrevivencialistas, postais estilosos, sabão humorístico de espuma preta, cartuchos InterLace 3-Grid velhos e pirosos, de fraca qualidade, besouros elétricos e óculos de raio X fraudulentos mas sedutores, e os fizeram atravessar o que restava da Provincial Autoroute 55/USA 91 com roupa de proteção que tinham despido e enterrado logo a sul do posto de controlo da ONAN, na Convexidade, em Bellow’s Falls VT, enviados como uma espécie de organismo primitivo de duas células para estabelecer uma frente

respeitável, apoiar células mais malignas e provocar revoltas e aterrorizar de pequenas e tristes formas antiexperialistas, nos últimos tempos Bertraund tem mostrado uma queda, anteriormente reprimida por DuPlessis, para perdas de tempo estúpidas, incluindo diversificar-se através de produtos farmacêuticos nocivos, num ataque à fibra da juventude da Nova Nova Inglaterra – como se os jovens dos EUA não revelassem já suficiente falta de fibra, na opinião silenciosa de Lucien. Bertraund até se tinha mostrado bastante crédulo em relação a uma pessoa de idade avançada, de cabelos compridos e rugas, com um casaco à Nehru com motivos de cornucópia, também já de muita idade, um boné intrigante com um esqueleto bordado a tocar um violino na parte da frente, e também com uns óculos pequenos e redondos, com o aspeto mais estúpido imaginável, de aros finos de metal e lentes cor de salmão, e não parava de fazer a letra V com os dedos da mão e a mostrar essa letra V a Bertraund e Lucien – Bertraund achou que o gesto era uma subtil afirmação de solidariedade com a luta patriótica em toda a parte e que queria dizer *Victoire*, mas Lucien suspeitou que se tratasse de uma obscenidade típica dos EUA, jocosamente dirigida a pessoas que não compreenderiam esse insulto, tal como um dos sádicos tutores de Lucien, da *école-speciale,* em Ste.-Anne-des-Monts, tinha passado várias semanas, durante a segunda classe, a ensinar Lucien a dizer «*Va chier, putain!*[*5]», que ele (o tutor) afirmava significar «Olha, Mamã, já sei falar francês e assim exprimir finalmente o meu amor e devoção por ti» – Bertraund tinha-se revelado ingénuo ao ponto de aceitar trocar um candeeiro antigo de lava azul e um espelho de boticário tingido de lavanda por dezoito losangos de aspeto velho e nada excecional que a pessoa de idade e cabelos compridos tinha declarado, numa salgalhada de francês com sotaque suíço ocidental, serem seiscentos e cinquenta miligramas de uma droga nociva e *trop-formidable* que já não se conseguia arranjar e que fazia a experiência psicadélica mais horripilante parecer garantidamente um dia passado nas mesas de massagem de umas termas em Basileia, juntando ainda um saco do lixo cheio de cartuchos piratas Só de Leitura, velhos, com crostas, bolorentos e sem identificação, que pareciam ter sido guardados num quintal das traseiras qualquer e depois enfiados num secador da roupa, como se Lucien não tivesse já cartuchos velhos e com crostas mais do que suficientes, que Bertraund ia buscar aos contentores de InterLace ou que recebia depois de ser enganado numa troca e trazia para a loja para Lucien

os examinar, identificar, organizar e armazenar, mas que nunca eram comprados, tirando um ou outro cartucho em português ou então pornográfico. E a pessoa de idade tinha-se posto a andar, com o seu boné e sandálias, e com um candeeiro e um espelho de boticário a que Lucien se sentia bastante apegado, em especial ao espelho lavanda, a mostrar aos irmãos aquela obscenidade secreta em forma de V, a sorrir-lhes e a incitá-los a escreverem o nome e a morada na palma da mão, com a tinta resistente ao suor, antes de meterem alguns dos chamados *tu-sais-quoi*[*6], se iam ser eles a ingerir esses losangos.

A porta da loja chia sonoramente devido às dobradiças e Lucien volta a fechá-la e a trancá-la: «*Squiq*.» A dobradiça de cima chia por mais óleo que lhe ponham e a loja enfurece Lucien ao ficar outra vez cheia de pó sempre que a porta é aberta e a sujidade da rua entra, com o pó da ruela, com tantos contentores do lixo, atrás da sala dos fundos a entrar pela porta de serviço de ferro de cada vez que Bertraund a abre para cuspir. No entanto, o chiar funciona como campainha para avisar quando entram clientes. Mais uma vez, foram sem dúvida os miúdos brasileiros de rabo grande que bateram à porta numa das suas brincadeiras sem graça. Lucien não fecha a persiana, mas a verdade é que pega na vassoura robusta e de fabrico caseiro com que conta para varrer a loja o dia inteiro e fica ali parado, a roer nervosamente a unha do polegar e a olhar para a rua. Lucien Antitoi gosta de ficar parado junto ao vidro da porta, a olhar inexpressivamente para a leve camada de pó, cintilante nas sombras azuis do crepúsculo que devoram a rua americana lá fora. A porta continua a chiar ligeiramente mesmo depois de a ter trancado. É capaz de ficar ali feliz durante horas, apoiado na vassoura robusta que talhou, quando era menino, a partir de um ramo partido pela neve durante as terríveis tempestades de neve e vento da península Gaspé, ocorridas no Quebeque, no ano 1993 d.C., e a cujas cerdas deu uma forma pontiaguda para que servisse como uma espécie de arma doméstica, já mesmo nessa altura, antes de as imposições experialistas da ONAN implicarem a necessidade remota de qualquer tipo de luta ou sacrifício, quando era um rapazinho calado, profundamente interessado em armas e munições de todos os géneros. O que, a juntar ao tamanho que tinha, ajudava a que o gozassem. É capaz e fica mesmo ali durante horas, complexamente iluminado por trás e tenuemente refletido, a olhar para o trânsito e o comércio estrangeiros. Possui aquele raro apreço absoluto pela beleza nas coisas comuns que a natureza

parece conceder aos que não têm palavras que lhes sejam naturais para descrever o que veem. «*Squiq*.» Quase todo o campo visual da loja e oficina Antitoi Entertainent é formado por vidros: instalaram espelhos curvos e planos em ângulos precisos para que todas as partes da loja se reflitam umas nas outras, o que confunde e desorienta os clientes e torna mínimas as hipóteses de regatear. Numa espécie de estreito corredor por trás de uma passagem formada por espelhos oblíquos, encontra-se o *stock* dos Antitoi de piadas, bugigangas, postais irónicos e também cartões de parabéns sentimentais e nada irónicos[204]. Ladeando outro corredor, estão prateleiras atrás de prateleiras com cartuchos digitais de entretenimento usados e piratas, não só InterLace como também independentes e até caseiros, sem nenhuma ordem discernível, já que Bertraund é quem trata das aquisições e Lucien é o responsável pelo inventário e pela arrumação. Seja como for, assim que o vê uma única vez, Lucien é capaz de identificar qualquer cartucho em *stock* e indicá-lo ao cliente acidental com a ponta afiada de madeira clara da vassoura caseira. Há cartuchos que nem sequer têm identificação, por serem tão obscuros ou ilegais. Para conseguir acompanhar o ritmo de Bertraund, Lucien tem de ver as novas aquisições no monitor pequeno e de má qualidade ao lado da caixa registadora manual enquanto varre a loja com a imponente vassoura que ama e mantém afiada, encerada e limpa desde a adolescência, e com a qual imagina por vezes estar a conversar, muito baixinho, dizendo-lhe *va chier putain* num tom surpreendentemente suave e carinhoso para um terrorista tão corpulento. O ecrã do monitor tem um problema qualquer em termos de definição e há uma tremedeira que faz com que todos os atores que surgem no lado esquerdo pareçam ter síndrome de Tourette. Lucien acha que os cartuchos pornográficos não fazem sentido e, por isso, passa-os para a frente quando os está a ver para terminarem o mais depressa possível. Portanto, conhece todas as cores e tramas visuais que há para conhecer, menos as das novíssimas aquisições, mas ainda há cartuchos que não têm identificação. Ainda não teve tempo de ver e arrumar a maior parte do imenso conjunto que Bertraund tirou do todo o terreno e trouxe para a loja debaixo da chuva gelada de sábado, vários cartuchos de exercício físico e filmes que uma lojinha TelEntertainment em Back Bay estava a deitar fora por serem obsoletos. E também havia um ou outro que Bertraund dizia ter apanhado literalmente no meio da rua, na Baixa, junto à estátua de Shaw tapada pela bandeira, de uns expositores sem vigilância que

continham estupidamente cartuchos removíveis que qualquer pessoa podia tirar e levar para casa debaixo da chuva. Tinha visto logo os cartuchos dos expositores, pois apesar de não terem identificação salvo um slôgane comercial que dizia em letras minúsculas e em relevo *il ne faut plus qu'on pursuive le bonheur*[*7] – que para Lucien Antitoi significava zero –, tinham todos um círculo e um arco estampados que pareciam um sorriso descarnado, o que fez com que Lucien também sorrisse e os enfiasse logo, descobrindo no entanto, para sua grande desilusão e impaciência com Bertraund, que estavam em branco, não tendo sequer a estática HD, tal como se tinham revelado as fitas trocadas com a mal-educada pessoa de idade e que ele tinha ido buscar ao saco do lixo na arrecadação para visionar, completamente em branco e sem uma ponta de estática, confirmando assim a aversão de Lucien[205]. Do lado de lá da vidraça da porta, os faróis dos carros que passam iluminam um deficiente que se desloca com dificuldade numa cadeira de rodas pelo passeio cheio de buracos junto à mercearia portuguesa, em frente à Antitoi Entertainment. Lucien esquece-se de que estava a comer pão com melaço de alta qualidade e *soupe aux pois*; esquece-se de que está a comer mal o sabor da comida lhe desaparece da boca. Normalmente, tem a cabeça tão limpa e transparente como qualquer coisa que se encontre na loja. Varre um bocadinho, de ar ausente, à frente do vidro, a ver o reflexo da sua própria cara a oscilar recortado na noite cada vez mais escura. Flocos de neve leves quase ressaltam de um lado para o outro do desfiladeiro da Prospect. As cerdas da vassoura dizem «chiu, chiu». O ruído de estática metálica da CQBC apagou-se e Lucien consegue ouvir Bertraund a andar de um lado para o outro, a chocalhar panelas e a deixar cair uma, isto enquanto Lucien passa a vassoura pontiaguda pelos mosaicos portugueses lascados da parte do chão que não é de madeira. É um empregado doméstico dotado, o melhor empregado doméstico de cento e vinte e cinco quilos que alguma vez usou barba e suspensórios com munições. A loja, atafulhada de coisas até ao teto de azulejos e sem pó, parece um ferro-velho para fanáticos da ordem. Lucien baloiça e varre e os também baloiçantes feixes de luz refletidos nos espelhos brilham e dançam, com a noite em fundo, no vidro da porta trancada. A figura na cadeira de rodas continua a esforçar-se por avançar mas, estranhamente, parece continuar no mesmo sítio, à frente da mercearia portuguesa. Aproximando-se mais do vidro, com o reflexo transparente da sua cara a preenchê-lo por inteiro e podendo agora

ver claramente o que está do outro lado, Lucien vê que o que está a ver é outra figura noutra cadeira de rodas, diferente da anterior, e que esta nova figura também tem a cara inclinada para baixo e estranhamente obscurecida, esforçando-se por contornar os buracos irregulares do passeio, e que não muito atrás desta figura sentada vem outra figura numa cadeira de rodas, avançando na mesma direção; e à medida que Lucien Antitoi torce a cabeça e cola a face peluda ao vidro da porta chiadora – só que como pode estar agora a dobradiça de cima de uma porta a chiar tão alto quando a porta está completamente fechada, com o ferrolho corrido com o sólido *snick* de uma bala de um revólver de calibre .44 a entrar na câmara? –, espreitando para a Prospect, em direção a sudeste, Lucien consegue ver o brilho matizado dos faróis baixos de uma longa coluna em fila indiana de rodas metálicas e polidas a girarem impassivelmente, a serem giradas por mãos morenas com luvas sem dedos para cadeiras de rodas. «*Squiq*.» «*Squiq*.» Há já vários minutos que Lucien estava a ouvir um chiar que julgara ingenuamente vir da dobradiça de cima. E essa dobradiça chia realmente[206]. Mas agora Lucien está a ouvir sistemas inteiros de chios, chios lentos e suaves mas não furtivos, os chios de cadeiras de rodas pesadas a avançarem lenta e implacavelmente, com calma e naturalidade mas ao mesmo tempo ameaçadoras, a avançarem com a indiferença das coisas que estão mesmo no topo da cadeia alimentar; e agora, virando-se, com o sangue a latejar-lhe na cabeça, agora consegue ver, pelos ângulos dos espelhos cuidadosamente dispostos na loja, raios de luz produzidos por metal giratório rodando mais ou menos à altura da cintura de um homem enorme com uma vassoura encostada ao peito cilíndrico, que há imensas e silenciosas pessoas a deslocarem-se em cadeiras de rodas ali dentro com ele, na loja, avançando calmamente para ocuparem a sua posição atrás de balcões de vidro ao nível da cintura e cheios de bugigangas amalucadas. Lá fora, de ambos os lados da rua, há fileiras de pessoas em cadeiras de rodas, com mantas no colo e rostos obscurecidos pelo que parecem ser grandes folhas salpicadas de neve, e as persianas da mercearia portuguesa já estão corridas e foi colocado no vidro da porta, preso por um cordel circunflexo, um letreiro que diz *ropas*. Os Assassinos de Cadeira de Rodas. Ensinaram a Lucien o que significa ver a silhueta de uma cadeira de rodas com um gigantesco símbolo de uma caveira com ossos cruzados na parte de baixo. É o pior cenário possível; é bem pior do que os gendarmes da ONAN: a AFR. Lamuriando-se para a vassoura,

Lucien tira o enorme *Colt* das calças e dá conta de que um pedaço de fio preto do remendo de ganga à volta da braguilha ficou enrolado na lâmina da mira da arma, sendo arrancado, num chiar sonoro e prolongado, com a força convulsiva do movimento de Lucien e fazendo com que as calças se rasguem junto à braguilha, e a força da sua colossal barriga canadiana alarga o rasgão para cima e para baixo, fazendo com que o botão se desaperte e as calças se soltem de rompante e lhe caiam de imediato até aos tornozelos, enroladas nas botas com cardas, deixando à vista a roupa interior vermelha de corpo inteiro e obrigando Lucien a arrastar os pés de forma pouco digna, com passinhos minúsculos e frenéticos em direção à sala dos fundos, ao mesmo tempo que tenta, com a ajuda do *Colt* enrolado no fio, todos os movimentos fragmentados ao nível da cintura que os fragmentos de luz refletidos nos espelhos captam na loja, isto enquanto vai arrastando os pés com toda a rapidez que as calças caídas lhe permitem, em direção à sala dos fundos, para alertar, de uma forma não-verbal, recorrendo ao tipo de careta torturada e rígida, com os olhos demoníacos e esbugalhados, a língua de fora e o pescoço retesado, que uma criança pequena faz quando está a jogar ao *Le Monstre,* para alertar Bertraund de que *Eles* estão aí, não os gendarmes de Boston ou os cães vestidos de branco da ONAN, mas *Eles*. *Aqueles, Les Assassins des Fauteuils Rollents,* os AFR, os que aparecem sempre ao crepúsculo, a chiarem implacavelmente, e com quem não vale a pena tentar argumentar ou chegar a um acordo, que não sentem piedade nem remorsos, ou medo (exceto, segundo os rumores, o medo de colinas íngremes), e que agora estão todos ali dentro, por toda a loja, como ratazanas sem focinho, os hámsteres do próprio Diabo, a avançarem com plácidos chios, fora do alcance das periferias espelhadas da loja, e regiamente serenos; e Lucien, com a vassoura grande numa mão e o *Colt* enrolado no fio na outra, tenta ocultar a sua fuga em passinhos minúsculos com um tiro estrondoso que sobe e estilhaça um espelho-porta oblíquo e planar, espalhando vidros anodizados e substituindo o reflexo de um membro da AFR, de manta no colo e com a máscara plástica de uma *fleur de lis* cujo caule é uma espada, por um buraco irregular em forma de estrela, com cacos a cintilarem e pó de vidro no ar, por todo o lado, e os chios imperturbáveis – «*squiq squiq squiq squiq*», é horrível – a sobreporem-se à barulheira, aos tinidos e aos passos frenéticos das botas com cardas, sempre atrás dele, no meio dos vidros a voarem, e Lucien irrompe pelas cortinas, quase caindo, de olhos

esbugalhados, pescoço retesado e enrolado no fio, para alertar Bertraund, com a cara, de que o tiro significava AFR e que ele fosse buscar o armamento que estava por baixo das camas e se preparasse para se protegerem contra um cerco, mas depara com a visão horrífica da porta de serviço da loja escancarada, com uma brisa desagradável a entrar, e de Bertraund ainda à mesa que utilizam para jantar – utilizavam –, com a sopa de ervilhas e os pastéis de carne de aspeto inquietante ainda na travessa de ração, sentado, a olhar em frente como um pirata vesgo, com um prego dos caminhos de ferro enfiado no olho. O prego tem a ponta em forma abobadada mas também retangular, e enferrujada, e está espetado na órbita do que antes era o olho direito azul do irmão. Estão talvez entre seis a nove membros da AFR ali na sala dos fundos cheia de corrente de ar, silenciosos como sempre, sentados nas suas cadeiras paradas, com mantas de flanela a esconderem a falta das pernas e com camisas também de flanela, claro, com máscaras sintéticas que são uma bandeira heráldica com uma íris de caule flamejante e petrificante ao nível do queixo, fendas em vez de olhos e autênticos buracos redondos em vez de bocas – todos menos um AFR em específico, que veste um casaco desportivo despretensioso e tem a pior máscara de todas, um simples e amarelo círculo em poliresina, com um *smile* obscenamente simples feito com finas linhas pretas, e está a molhar com curiosidade o que resta de uma baguete na taça de sopa de metal de Bertraund e a enfiar o pão no alegre buraco que faz de boca na máscara com uma elegante luva cor de cereja. A olhar esbugalhadamente para o único irmão que alguma vez teve, Lucien está muito quieto, sem perceber que ainda tem a cara toda retorcida como se fosse um monstro, segurando na vassoura obliquamente, com o *Colt* a abanar na mão e o fio comprido e preto que puxou da braguilha preso e enrolado sem se saber bem como no polegar e suspenso sobre o chão imaculado com a folga entre a arma e o polegar, e as calças enroladas nos tornozelos envoltos em lã vermelha, quando ouve um rápido e eficiente «*squiq*» e sente uma pancada violenta e brutal por trás dos joelhos que o leva a cair de joelhos no chão, com o revólver de calibre .44 a saltar ao disparar involuntariamente e acertar com uma bala nos mosaicos portugueses a imitar madeira, sendo que ele agora está numa posição suplicante, de joelhos vermelhos no chão, rodeado de *fauteuils des rollents,* ainda agarrado à vassoura mas agora na parte de baixo, junto às cerdas presas por arame; agora tem a cara à altura da vazia e amarela cara sorridente e a mastigar do AFR, no

momento em que esse líder – tudo nele irradia uma autoridade impiedosa e sem remorsos – faz girar uma das rodas da direita para se virar e, com três rotações sem chios, fica com o seu horrendo e inexpressivo sorriso preto a centímetros da cara de Lucien Antitoi. O AFR diz-lhe «*'n soir, 'sieur*[*8]», o que não significa nada para Lucien Antitoi, que tem o queixo caído e os lábios a tremerem, embora os olhos não se possam considerar aterrorizados ou transfigurados. A silhueta perfurada e rígida do irmão de Lucien é visível por cima do ombro esquerdo do líder. O homem ainda tem um bocado de pão encharcado em sopa na luva esquerda.

– *Malheureusement, ton collegue est décédé. Il faisait une excellente soupe aux pois*[*9] – parece estar a divertir-se. – *Non? Ou c'était toi, faisait-elle?*[*10]

O líder inclina-se para a frente com a graciosidade com que as pessoas que estão sempre sentadas são capazes de se inclinar, deixando à vista um cabelo espetado e uma pequena e estranhamente banal careca, e tira delicadamente o revólver ainda quente da mão de Lucien. Trava a arma sem ter de olhar para ela. Na ruela, algures mais à frente, ouve-se o som ténue de música em espanhol. Por um instante, o AFR fita carinhosamente Lucien olhos nos olhos e, a seguir, com um violento e profissional movimento das costas da mão, bate com a arma na cabeça de Bertraund; Bertraund balança, caindo para a frente e deslizando para a esquerda da cadeira de campismo, e com um baque terrível e húmido acaba sentado no chão, sem cadeira, apoiado na anca esquerda, com a ponta grossa do prego forte dos caminhos de ferro que tem espetado no olho a ficar presa na borda da mesa de jogo e inclinada para cima, ao mesmo tempo que a mesa se inclina para baixo, a louça resvala nauticamente para o chão de mosaico e o peso da robusta metade superior do corpo de Bertraund é sustentado, sem se perceber bem como, pelo prego e pela mesa inclinada. Lucien deixa de conseguir ver a cara do irmão e, no geral, a postura deste é a de uma pessoa vergada por gargalhadas ou remorsos, talvez cerveja – um homem derrotado. Lucien, que nunca compreendeu o que era nem onde estava o travão de segurança, acha que é um pequeno milagre o *Colt .44*, com o fio que leva atrás, não disparar outra vez quando bate na têmpora de Bertraund e cai no chão de mosaico escorregadio, deslizando para baixo de uma cama. Algures no prédio alto do lado, ouve-se alguém a puxar um autoclismo e os canos da sala dos fundos cantam. O fio preto continua enrolado na lâmina da mira do *Colt* e, a meio, ficou

preso na orelha de Bertraund sem se perceber bem como; o resto continua também preso ao polegar bem roído de Lucien, graças a um persistente espigão da unha, o que faz com que um filamento preto ainda esteja a ligar Lucien, de joelhos, ao seu revólver oculto, descrevendo uma curva oblíqua e surreal na orelha do seu *frère* derrotado. Ignorando educadamente o facto de o esfíncter de Lucien ter atraiçoado todos aqueles que se encontram na pequena sala, o líder AFR da máscara sorridente, depois de os elogiar aos dois pela perfeição de algumas das bugigangas de vidro soprado da loja, enfia as luvas um pouco mais nos dedos e diz a Lucien que lhe cabe a ele, Lucien, indicar-lhes sem demoras um artigo de entretenimento que ali vieram adquirir. E de que precisam, deste artigo que pode ser copiado. Estão ali em negócios, *ne pas plaisanter*[*11], não se trata de uma visita social. Vão adquirir essa coisa e depois *iront paître*[*12]. Não querem perturbar o repasto de ninguém, mas o AFR receia bem que seja extremamente urgente e essencial, esse artigo original de que precisam sem demora nem dissimulação por parte de Lucien – *entend-il?*[*13]

O vigor com que Lucien abana a cabeça perante os sons sem significado produzidos pelo líder não pode provavelmente deixar de ser mal interpretado.

Há para ali naquela loja algum telecomputador com um leitor 585 rpm para passar originais?

A mesma vigorosa expressão negativa de falta de compreensão.

Pode o sorriso desenhado numa máscara ficar ainda mais rasgado?

Da entrada da loja, ouvem-se autênticas sinfonias de chios e de erres franceses graves e os sons de uma área densamente preenchida a ser depressa desmantelada e revistada. Alguns homens sem pernas mas de braços grossos trepam com as mãos pelas prateleiras até ao teto falso, servindo-se de material especial de alpinismo e de ventosas ajustadas aos tocos, com os braços morenos atarefados a revolver as prateleiras superiores, desmantelando e revistando de cabeça para baixo, como insetos obscenos e diligentes. Um AFR de torso mastodôntico está a passar o dedo pelo contorno da boca tremente de Lucien, com um colarinho à jesuíta e a segurar ao contrário na vassoura de confiança de Lucien, e inclina-se na cadeira para acariciar os lábios carnudos de Lucien, típicos da província de Gaspé (os lábios estão a tremer), com a ponta afiada do cabo da vassoura, intensamente branca e sem nenhuma da pátina de verniz brilhante e cor de siena que cobre o resto do grande pau de madeira. Os lábios de

Lucien estão a tremer não tanto de medo – embora haja sem dúvida medo –, não tanto de medo mas numa tentativa de formar palavras[207]. Lucien procura palavras que não são e nunca poderão ser palavras, através do que pensa serem os movimentos maxilofaciais da fala, e há um *pathos* infantil nesses movimentos que talvez o líder AFR de esgar rígido possa pressentir, talvez seja por isso que o seu suspiro é sincero, o seu queixume é sincero quando se queixa que o que se seguirá será *inutile*, a incapacidade de Lucien os ajudar será *inutile*, o esforço não servirá para nada, já que, em todo o caso, estão ali várias dezenas de homens em cadeiras de rodas altamente qualificados e motivados que encontrarão seja o que for que procuram e mais, talvez o gálico encolher de ombros e a fadiga na voz que sai do buraco na máscara do líder sejam sinceros, isto quando a cabeça leonina de Lucien é inclinada para trás pela mão que lhe está a agarrar o cabelo e a boca bem aberta por dedos cheios de calos que lhe surgem por cima, à volta e por trás da cabeça e lhe escancaram tanto a boca a contorcer-se que os tendões dos maxilares se rasgam de forma audível e os primeiros sons de Lucien se veem reduzidos de urros a um gargarejo de bebé à medida que a ponta afiada e clara da vassoura que ele ama é introduzida e o sabor a pinho da madeira dá lugar a uma dor profunda e insípida quando o grande AFR do colarinho enterra a vassoura abruptamente, empurrando-a cada vez mais para baixo com golpes ritmados que acompanham cada sílaba do *In-U-Tile* que o interrogador técnico vai repetindo entediado, cada vez mais fundo na garganta bem aberta de Lucien, com pequenos gemidos de bebé a escaparem-se em redor do pau de madeira castanho-avermelhado, os sons estrangulados e obstruídos de absoluta afonia, os arquejos de peixe em terra que acompanham a mudez num sonho, o AFR do colarinho de clérigo já com a vassoura enfiada até metade, apoiado nos tocos para fazer ainda mais força enquanto as fibras que protegem o esófago vão resistindo até acabarem por ceder com um estalo sonoro e um esguicho de sangue que banha os dentes e a língua de Lucien e sai num jorro, e agora os gargarejos parecem afogados; e atrás das pálpebras pestanejantes, o insurgente de meia célula que sofre de afrasia e só gosta de varrer e dançar refletido numa vidraça limpa vê agora, nas colinas redondas da sua Gaspé natal, bonitas espirais de fumo a saírem de chaminés, o avental de linho da mãe, a cara vermelha e carinhosa dela por cima do berço, patins caseiros e vapor de sidra fermentada, os lagos das montanhas Chic-Choc a estenderem-se desde a encosta de Cap-Chat

que desciam a esquiar para irem à missa, os sons da cara vermelha que ele sabe serem ternos pelo tom, para lá do berço e da janela coberta de geada, lagos atrás de lagos em Gaspé iluminados pelo sol quase ártico e prolongando-se ao longe, para sudeste, como lascas de vidro partido espalhadas sobre a região branca de Chic-Choc, a reluzirem, e o rio Ste.-Anne uma tira de luz, indescritivelmente puro; e o cabo da vassoura navega pelo canal inguinal e pelo sigmoide com um estranho e profundo formigueiro quente e, com um grunhido e um empurrão, completa a sua passagem e forma uma obscena saliência erétil na parte de trás da vermelha e ensopada roupa interior de Lucien, para a seguir irromper pela lã e espetar-se no chão de mosaico, num ângulo inclinado que o mantém de joelhos, completamente trespassado, e quando as atenções dos AFR que se encontram na salinha se desviam dele para as prateleiras e baús das tristes vidas dos insurgentes Antitoi, e Lucien morre por fim, bastante depois de ter parado de tremer como um lúcio que levou uma mocada e lhes ter parecido que estava morto, quando despe por fim o fato que era o seu corpo, Lucien reencontra as entranhas e a garganta completamente novas, limpas e desobstruídas, e liberta-se, catapultado até casa por cima de ventiladores e das paliçadas de vidro da Convexidade, a velocidades extraordinárias, disparado em direção a norte e fazendo soar uma chamada à batalha, cristalina e de um sobressalto quase maternal, em todas as línguas conhecidas do mundo.

---

*1 National Security Agency. *(N. dos T.)*

*2 Referência ao grito de batalha dos soldados confederados durante a Guerra Civil Americana. *(N. dos T.)*

*3 Referência ao famoso placar publicitário de uma loja de acessórios para automóveis em Boston. *(N. dos T.)*

*4 Entre as várias hipóteses de interpretação propostas por estudiosos da obra para esta expressão, existe a de que esteja voluntariamente mal escrita em francês e que seja, na verdade, *Notre Vrai Pays* («O Nosso Verdadeiro País»). *(N. dos T.)*

*5 «Vai-te lixar, puta!» *(N. dos T.)*

*6 Sabes bem o quê. *(N. dos T.)*

*7 «Já não é necessário perseguir a felicidade.» *(N. dos T.)*

*8 Elisão de «*Bon soir, monsieur*» («Boa noite, cavalheiro»). *(N. dos T.)*

*9 «Infelizmente, o teu colega está morto. Ele fazia uma sopa de ervilhas excelente.» *(N. dos T.)*

*10 «Não? Ou eras tu que a fazias?» *(N. dos T.)*

*11 Não em lazer. *(N. dos T.)*

*12 Vão comer. *(N. dos T.)*

*13 Será que ele percebe? *(N. dos T.)*

ANTES DO AMANHECER, 1 DE MAIO DO ARIAD
AFLORAMENTO A NOROESTE DE TUCSON, ARIZONA, EUA, QUIETUDE

M. HUGH STEEPLY FALOU EM VOZ BAIXA após um prolongado silêncio durante o qual os dois agentes estiveram a sós com os seus próprios pensamentos, no cimo da montanha. Steeply continuava a olhar para a imensidão que tinha à sua frente, parado na borda da rocha, com os braços nus apertados à volta do corpo para se aquecer um pouco e as costas sujas do vestido viradas para Marathe. Em redor da fogueira, bem lá em baixo, no solo do deserto, girava um círculo de focos mais pequenos e entrevados, pessoas com tochas ou archotes.

– Já alguma vez pensaste em vê-lo?

Marathe não respondeu. Não era impossível que os jovens das tochas estivessem a dançar.

– Independentemente de a AFR conseguir ou não recuperar sequer este suposto original do roubo em casa do DuPlessis – disse Steeply em voz baixa –, seja como for, vocês têm uma cópia Só de Leitura, pelo menos uma, foi isso que nos disseram, não é verdade?

– Sim.

– Ninguém tem esse misterioso original, mas temos todos cópias Só de Leitura, temos quase a certeza absoluta de que todas as células anti-ONAN têm pelo menos uma cópia Só de Leitura.

Marathe respondeu:

– O M. Brullîme disse ao Fortier que acha que a FCPC de Alberta não tem nenhuma cópia.

– Que se fodam os gajos de Alberta! – exclamou Steeply. – Quem é que está preocupado com os gajos de Alberta? Para eles, atingir o plexo dos Estados Unidos é rebentar com pastos em Montana. São uns chanfrados.

– Não me senti tentado – disse Marathe.

Pelas suas palavras, Steeply pareceu não ter ouvido:

– Temos mais do que uma. Cópias. Podemos assumir com toda a certeza que vocês sabem isso.

Marathe soltou uma risada seca.

– Confiscadas em farras em Berkeley e Boston. Mas quem é que pode saber o que lá está? Quem é que pode estudar o Entretenimento sem entrar nele?

O arranhão no braço de Steeply tinha ficado inchado de repente e viam-se marcas de tanto se coçar.

– Mas só aqui entre nós dois. *Tête à tête*. Nunca te sentiste sequer ligeiramente tentado? Estou a falar em termos pessoais. Sendo tu a pessoa. Que se lixe a situação da mulher. Que se lixem os filhos. Só por um segundo, entrar à socapa onde quer que seja que vocês guardam isso, carregá-lo e dar uma vista de olhos rápida? Para perceber a razão de tanta agitação, o fascínio irresistível da coisa? – Rodou sobre um calcanhar e olhou para Marathe, inclinando a cabeça num gesto cínico que pareceu a Rémy consumadamente americano.

Marathe tossiu suavemente para o punho. O *pacemaker Kenbeck* do seu falecido pai tinha sido danificado acidentalmente por um impulso de ondas videofónicas. E isso havia sido causado por uma chamada da companhia telefónica, uma videochamada, a publicitar a videofonia. M. Marathe tinha atendido o telefone quando este começou a tocar; havia surgido o impulso videofónico; M. Marathe tinha caído ao chão, ainda a agarrar num telefone que nunca haviam dito a Rémy para atender, para verificar. A parte audível do anúncio, que estava gravado, foi-se desenrolando no chão, junto à orelha do pai, audível por entre os gritos da mãe de Marathe.

Steeply subiu e desceu apoiado nas pontas dos pés.

– Lá nos Serviços Não Especificados, o Rod «o Deus» Tine pôs os rapazes do Tom Flatto a fazerem testes I/O vinte e quatro horas por dia. Sete dias por semana.

– Flatto, Thomas M., do BSS, diretor dos testes *Input/Output*, residente na comunidade de Falls Church, viúvo e com três filhos, um deles com fibrose quística.

– Isso teve tanta graça como um folículo enquistado, Rémy. E não há dúvida de que as células insurgentes estão todas a fazer a sua própria pesquisa, vocês com o vosso doutor Brullent ou quem quer que seja, a tentarem descobrir qual poderá ser a atração do Entretenimento sem sacrificarem nenhuma da vossa gente. – Steeply voltou a virar-se; fê-lo para dar ênfase. – Ou, se calhar, até andam a sacrificar voluntariamente a vossa gente. Não? Voluntários espontâneos

em cadeiras. A sacrificarem a sua individualidade pela Causa Maior e tudo isso. Por decisão livre e adulta e tudo isso. Só para nos poderem prejudicar. Nem sequer quero *pensar* em como é que a AFR andará a realizar os testes dessa coisa.

– *C'est ça*.

– Mas não é tanto o conteúdo que está em causa – continuou Steeply. – Nos testes *Input/Output* exaustivos. O Flatto pô-los a trabalhar nas condições e nos ambientes específicos para um possível visionamento não letal. Em determinados departamentos na Virgínia, a teoria é que se trata de holografia.

– O *samizdat*.

– O cineasta foi um génio da ótica. Holografia, difração. Já tinha utilizado a holografia algumas vezes, e no contexto de uma espécie de ataque filmado ao espectador. Pertencia à Escola Hostil ou a uma merda qualquer parecida.

– Também era fabricante de painéis refletores para armas térmicas e também um importante *Annulateur,* para além de ter acumulado muito capital com a ótica, antes da hostilidade e dos filmes – completou Marathe.

Steeply abraçou-se.

– A teoria do Tom Flatto é a de que a atração tem qualquer coisa a ver com a densidade. A compulsão visual. Segundo essa teoria, com um sistema holográfico realmente sofisticado conseguiríamos obter a densidade neural de uma autêntica peça de teatro sem perdermos o realismo seletivo do ecrã do monitor. Ou seja, a densidade mais o realismo são capazes de ser demasiado para uma pessoa aguentar. O Dick Desai, da Produção de Dados, quer avançar com o ALGOL[*1] para ver se há Equações Fourier no ALGOL do código-fonte, o que significaria que haveria ali atividade hologramática.

– O M. Fortier considera as teorias sobre o conteúdo irrelevantes.

De vez em quando, Steeply inclinava a cabeça de um modo ao mesmo tempo feminino e semelhante a um pássaro. A maior parte das vezes, fazia-o durante os silêncios. Além disso, voltou a tirar qualquer coisa pequena dos lábios pintados. E também falou com uma inflexão mais feminina. Marathe gravou tudo isso na memória.

---

*1 Família de linguagens de programação criada nos anos 1950. *(N. dos T.)*

INVERNO, 1963 AS, SEPULVEDA, CALIFÓRNIA

LEMBRO-ME[208] DE QUE ESTAVA A ALMOÇAR e a ler qualquer coisa chata de Bazin quando o meu pai entrou na cozinha, preparou um sumo de tomate e me disse que assim que eu terminasse, ele e a minha mãe precisavam da minha ajuda no quarto. O meu pai tinha passado a manhã no estúdio de anúncios comerciais e ainda estava todo vestido de branco, com a sua peruca de cabelo branco e rígido com risco ao meio, e ainda não havia tirado a maquilhagem televisiva que dava à sua verdadeira cara um brilho cor de laranja à luz do dia. Despachei-me, terminei de almoçar, lavei a louça e atravessei o corredor até ao quarto principal. A minha mãe e o meu pai estavam os dois lá dentro. Os cortinados com sanefas e a cortina grossa atrás deles, que não deixava entrar luz, estavam todos abertos e as persianas subidas, com o quarto a encher-se de luz; a decoração era branca, azul e azul-pastel.

O meu pai estava inclinado sobre a grande cama de casal, que só tinha o resguardo. Estava inclinado, a fazer força no colchão com a parte de trás dos pulsos. Os lençóis, as almofadas e a colcha azul-pastel estavam todos empilhados na carpete, ao lado da cama. Foi então que o meu pai me passou o copo de sumo de tomate para que eu o segurasse e se pôs de joelhos em cima da cama, pressionando o colchão com toda a força com as mãos, servindo-se de todo o seu peso. Fazia força numa parte do colchão e depois rodava ligeiramente sobre os joelhos e fazia o mesmo, com igual vigor, noutra parte do colchão. Fez isso por toda a cama, chegando por vezes a andar de joelhos sobre o colchão para apanhar outras partes e fazer força nelas. Lembro-me de pensar que aqueles movimentos se pareciam bastante com a compressão de emergência do peito de um doente cardíaco. Lembro-me de que o sumo de tomate do meu pai tinha sementes de qualquer coisa parecida com pimenta a flutuar à superfície. A minha mãe estava à janela, a fumar um cigarro comprido e a olhar para o quintal, que eu tinha regado antes de almoçar. A janela com os cortinados abertos dava para sul. O quarto resplandecia com a luz do Sol.

– Eureca! – exclamou o meu pai, fazendo várias vezes força numa determinada parte do colchão.

Perguntei se podia perguntar o que se passava.

– O raio da cama chia – respondeu ele. Deixou-se ficar com os joelhos em cima desse sítio específico, a fazer força repetidamente. Agora ouviam-se chios quando ele fazia força nessa parte do colchão. O meu pai olhou para a minha mãe, ainda à janela. – Consegues ou não ouvir isto? – perguntou, fazendo força e diminuindo depois a pressão. A minha mãe bateu ao de leve com o cigarro comprido num cinzeiro raso que tinha na outra mão. Ficou a ver o meu pai a fazer força no sítio de onde saíam os chios.

Gotas de suor cor de laranja escuras escorriam pela cara do meu pai, por baixo da sua branca e rígida cabeleira profissional. O meu pai foi durante dois anos o Homem de *Glad*, representando o que era na altura a Companhia de Recipientes de Plástico Flácido *Glad*, de Zanesville, no Ohio, através de uma agência publicitária com sede na Califórnia. A túnica, as calças justas e as botas que a agência o fazia usar também eram brancas.

O meu pai rodou sobre os joelhos e, girando o corpo, saiu de cima do colchão, pôs a mão nos rins e endireitou-se, continuando a olhar para o colchão.

– A puta desta cama desgraçada que a tua mãe achou que não podia deitar fora e que tinha de trazer para cá devido ao seu, e passo a citar, valor sentimental, começou a chiar – disse o meu pai. O facto de ter dito «a tua mãe» indicava que se estava a dirigir a mim. Esticou a mão para que lhe devolvesse o copo de sumo de tomate sem precisar de olhar para mim. Lançou um olhar sombrio à cama. – Está a foder-nos o juízo.

A minha mãe apoiou o cigarro no cinzeiro raso, pousou-o no peitoril da janela, inclinou-se sobre a cama, fez força no sítio que o meu pai tinha isolado e a cama chiou outra vez.

– E, à noite, este sítio que isolámos e identificámos parece espalhar-se e metastizar-se até o raio da cama ficar toda repleta de chios. – Bebeu um pouco do sumo de tomate. – Partes que balbuciam e chiam – continuou o meu pai –, até sentirmos os dois que estamos a ser comidos por ratazanas – Apalpou a linha do queixo. – Hordas em ebulição e a chiar de ratazanas balbuciantes, vorazes e rapinantes – afirmou, quase a tremer de irritação.

Olhei para o colchão, para as mãos da minha mãe, que tinham tendência a escamar em climas secos. Andava sempre com um pequeno frasco de loção hidratante.

O meu pai rematou:

– E eu já estou farto de toda esta chatice. – Secou a testa na manga branca.

Recordei ao meu pai que ele tinha mencionado que precisava da minha ajuda para fazer qualquer coisa. Com aquela idade, já era mais alto que os meus pais. A minha mãe era mais alta do que o meu pai, mesmo quando ele calçava as botas, mas grande parte da altura dela se devia às pernas. O corpo do meu pai era mais denso e substancial.

A minha mãe foi até ao lado da cama onde se encontrava o meu pai e pegou na roupa da cama que estava no chão. Começou a dobrar os lençóis com toda a precisão, utilizando os braços e o queixo. Empilhou com cuidado os lençóis dobrados em cima da cómoda, que me recordo estar lacada a branco.

O meu pai olhou para mim.

– O que precisamos de fazer aqui, Jim, é tirar o colchão e a base – disse o meu pai – e deixar a estrutura da cama sem nada em cima dela. Levou o seu tempo a explicar-me que o colchão inferior da cama era uma estrutura dura que era conhecida como base com molas. Eu estava a olhar para os ténis e a pôr as pontas dos pés tanto para dentro como para fora, na carpete azul do quarto. O meu pai bebeu mais um bocado do sumo de tomate, olhou para a borda da estrutura metálica da cama e apalpou a linha do queixo, onde a maquilhagem do estúdio de anúncios comerciais terminava abruptamente, junto à gola alta da branca túnica publicitária.

– A estrutura desta cama é velha – disse-me ele. – Provavelmente, é mais velha do que tu. O que me ocorre neste momento é que os parafusos são capazes de ter começado a ficar folgados e que é daí que vêm o balbuciar e o chiar que se ouvem à noite. – Terminou o sumo de tomate e estendeu-me o copo para que eu o pusesse em algum sítio. – Por isso, o que queremos é tirar completamente toda esta treta que está por cima – fez um gesto com o braço –, tirá-la completamente de cima da cama, tirá-la do quarto, deixar ficar só a estrutura e ver se, se calhar, não precisamos só de apertar melhor os parafusos.

Não sabia bem onde devia pôr o copo vazio do meu pai, que tinha ficado com restos de sumo e sementes de pimenta agarrados. Apalpei um bocadinho o colchão e a base com o pé.

– Tens a certeza de que não é simplesmente o colchão? – perguntei. Os parafusos da estrutura da cama pareciam-me uma explicação bastante exótica

para os chios.

O meu pai fez um gesto amplo.

– A sincronicidade rodeia-me. A concórdia – disse ele. – Porque é isso que a tua mãe também acha que é. – A minha mãe estava a servir-se das duas mãos para tirar as fronhas azuis das cinco almofadas, utilizando outra vez o queixo como pinça. As almofadas eram todas daquelas supergordas de fibra de poliéster por causa das alergias do meu pai.

– As grandes cabeças pensam da mesma maneira – afirmou o meu pai.

Nenhum dos meus pais tinha qualquer interesse pela ciência pura, ainda que um tio-avô se tivesse eletrocutado acidentalmente com um gerador de campos elétricos para o qual queria criar uma patente.

A minha mãe empilhou as almofadas sobre a roupa da cama cuidadosamente dobrada que estava em cima da cómoda. Teve de se pôr em bicos de pés para colocar as fronhas dobradas em cima das almofadas. Eu tinha começado a avançar para ajudá-la, mas não consegui decidir onde pôr o copo de sumo de tomate vazio.

– Mas só podemos esperar que não seja o colchão – disse o meu pai. – Ou a base.

A minha mãe sentou-se na ponta da cama, pegou noutro cigarro comprido e acendeu-o. Trazia uma cigarreirazinha com mola, em imitação de couro, onde guardava os cigarros e o isqueiro.

O meu pai disse:

– Porque uma estrutura nova, mesmo que não consigamos apertar bem os parafusos desta e eu tenha de ir comprar outra, uma estrutura nova, não seria um problema assim tão grave, percebes? Nem sequer as de melhor qualidade são sobretudo caras. Mas os colchões novos são escandalosamente caros. – Olhou para a minha mãe. – E é que é mesmo um *escândalo*, porra! – Olhou para a nuca da minha mãe. – E ainda nem há cinco anos comprámos uma base nova para este triste exemplo de cama.

Estava a olhar para a nuca da minha mãe como se quisesse confirmar que ela estava a ouvir. A minha mãe tinha cruzado as pernas e estava a olhar, com uma certa concentração, para ou pela janela. Toda a urbanização onde se encontrava a nossa casa estendia-se por uma encosta íngreme, o que significava que o que se via do quarto dos meus pais, no rés do chão, era apenas o céu e o Sol e um

declive reduzido do quintal. O quintal afundava num ângulo médio de cinquenta e cinco graus e tinha de ser cortado na horizontal. Nenhum dos quintais da urbanização tinha ainda árvores.

– É claro que isso aconteceu numa altura de que raramente falamos em que a tua mãe teve de assumir o fardo de arcar a responsabilidade pelas finanças da casa – continuou o meu pai. Estava a transpirar muitíssimo, mas ainda tinha o seu branco capachinho profissional e ainda estava a olhar para a minha mãe.

Durante o tempo que passámos na Califórnia, o meu pai serviu de símbolo e porta-voz da Divisão de Embalagens Individuais para Sanduíches da CRPF *Glad*. Foi o primeiro de dois atores a desempenhar o papel do Homem de *Glad*. Enfiavam-no várias vezes por mês num cenário que passava pelo interior de um carro e filmavam-no num grande plano, através do para-brisas, a ser chamado de urgência pelo rádio para uma casa qualquer que estava com um problema de transporte de alimentos. A seguir, enfiavam-no com uma atriz num cenário de interior de cozinha genérico, onde explicava que um tipo específico de Embalagem para Sanduíches *Glad* era precisamente o remédio certo para aquele problema específico de transporte de comida. Com o seu uniforme todo branco, que recordava vagamente o de um médico, possuía um ar de autoridade e uma convicção que saltava à vista, e ganhava o que eu sempre pensei ser um ordenado impressionante, para aqueles tempos, e recebia, pela primeira vez na carreira, cartas dos admiradores, com algumas a aproximarem-se do perturbante, que às vezes gostava de ler em voz alta à noite, na sala, sonora e dramaticamente, ficando sentado com a última bebida do dia e as cartas dos admiradores muito tempo depois de a minha mãe e eu termos ido para a cama.

Pedi licença para sair do quarto por um momento para ir pôr o copo de sumo de tomate vazio do meu pai no lava-loiças. Estava preocupado com a possibilidade de os restos que lá estavam agarrados endurecessem e condensassem de tal forma que seriam difíceis de lavar.

– Pelo amor de Deus, Jim, pousa isso e pronto! – exclamou o meu pai.

Pousei o copo na carpete, ao lado da base da cómoda da minha mãe, fazendo força para criar uma espécie de recipiente circular na carpete. A minha mãe levantou-se e voltou para a janela, levando o cinzeiro. Percebemos que ela se estava a afastar para que nós avançássemos.

O meu pai estalou os nós dos dedos e estudou o percurso entre a cama e a

porta.

Eu disse que, pelo que tinha percebido, o meu papel ali era ajudar o meu pai a tirar o colchão e a base de cima da suspeita estrutura da cama e dali para fora. O meu pai voltou a estalar os nós dos dedos e respondeu que eu me estava a tornar quase assustadoramente alerta e perspicaz. Contornou a cama, passando ao lado da minha mãe, à janela. Disse:

– Quero que empilhemos tudo no corredor e pronto, para tirarmos isso daqui para fora e conseguirmos ter espaço para manobrar.

– Certo – respondi.

Agora, o meu pai e eu estávamos em lados opostos da cama. O meu pai esfregou as mãos, debruçou-se, enfiou as mãos entre o colchão e a base e começou a levantar o colchão do seu lado da cama. Quando esse lado já se encontrava à altura dos ombros dele, conseguiu inverter a posição das mãos, sem se perceber bem como, e começou a empurrar o colchão para cima em vez de o levantar. A parte de cima da cabeleira desapareceu atrás do colchão, que subiu num arco quase até ao teto branco, ultrapassando os noventa graus, e a seguir cedeu e começou a cair na minha direção. Lembro-me de que o movimento geral do colchão se assemelhava à crista de uma onda a rebentar. Abri os braços e amorteci o impacte do colchão com o peito e a cara, aguentando o colchão inclinado com o peito, os braços abertos e a cara. Tudo o que conseguia ver era um muito grande plano do padrão floral da capa do colchão.

O colchão, um *Simmons Beauty Rest* cuja etiqueta dizia que era proibido por lei arrancá-la, formava agora a hipotenusa de um triângulo retângulo cujos lados correspondiam a mim e à base da cama. Lembro-me de visualizar e estudar este triângulo. As pernas tremiam-me sob o peso inclinado do colchão. O meu pai incitou-me a aguentar e segurar o colchão. Os fortes odores a plástico e a carne humana do colchão e da capa, respetivamente, eram-me perfeitamente distintos, já que tinha o nariz enterrado neles.

O meu pai deu a volta a cama e empurrámos juntos o colchão até estar outra vez a noventa graus. Fomo-nos afastando um do outro com cuidado, cada um pegou numa ponta do colchão e começámos a tirá-lo de cima da cama e para fora do quarto, em direção ao corredor sem carpete.

Era um colchão *Simmons Beauty Rest* para cama de casal. Era gigantesco, mas tinha muito pouca integridade estrutural. Não parava de curvar, de se torcer e de

bambolear. O meu pai incitava-me a mim e ao colchão. Mostrou-se flácido e mole enquanto o tentávamos manobrar. O meu pai teve especiais dificuldades com a metade que lhe cabia do peso do colchão devido a uma antiga lesão sofrida a jogar ténis profissional.

Quando estávamos a tirar o colchão de cima da cama, parte do que cabia ao meu pai segurar escorregou e caiu em cima de dois candeeiros de metal que eram cubos ajustáveis de aço escovado presos com tarugos à parede branca acima da cabeceira da cama. O colchão bateu com força nos candeeiros e um dos cubos girou no tarugo e ficou com a lâmpada a apontar para o teto. A porca e o tarugo soltaram um chio doloroso quando o cubo girou violentamente e ficou virado para cima. Foi também nessa altura que me dei conta de que até os candeeiros estavam acesos no quarto inundado pela luz do dia, pois apareceu um ténue quadrado de luz vinda dos candeeiros, com os quatro lados ligeiramente côncavos devido à distorção da projeção, no teto branco por cima do cubo torcido. Mas os candeeiros não caíram. Continuaram presos à parede.

– Raios partam isto! – exclamou o meu pai quando recuperou o controlo da parte que lhe cabia do colchão.

O meu pai também disse: «Filho da puta de um...» quando a grossura do colchão quase o impediu de conseguir passar pela porta sem largar a parte que lhe cabia.

Passado algum tempo, acabámos por conseguir pôr o colchão gigante dos meus pais no corredor estreito que ia do quarto até à cozinha. Ouvi outra chiadela terrível vinda da janela quando a minha mãe tentou reajustar o candeeiro cujo cubo tinha ficado virado para cima. Escorriam gotas de suor da cara do meu pai para o lado que lhe cabia do colchão, obscurecendo parte do tecido da capa. O meu pai e eu tentámos encostar ligeiramente o colchão a uma das paredes do corredor, para que ficasse apoiado, mas como não havia carpete no corredor e o chão não possuía resistência suficiente, o colchão não conseguia ficar em pé. A base deslizou pela parede e pelo corredor inteiro até bater no rodapé da outra parede, e a parte superior também deslizou pela parede até todo o colchão ficar afundado num ângulo extremamente côncavo, com uma parte seca da capa com padrão floral esticada ao máximo sobre o vinco afundado e as molas possivelmente danificadas pela concavidade deformada.

O meu pai olhou para o colchão côncavo e inclinado a afundar-se de um lado

ao outro do corredor, empurrou-o ligeiramente com a biqueira da bota, olhou para mim e disse:

– Que se foda!

Eu tinha o laço amarrotado e inclinado.

O meu pai teve de passar com as botas brancas por cima do colchão, a cambalear, para voltar para o meu lado do colchão e para o quarto, que estava atrás de mim. A meio do caminho, parou e apalpou a queixada com curiosidade, com as botas bem enterradas no algodão de padrão floral. Disse «Que se foda!» outra vez e lembro-me de não ter percebido muito bem do que estava a falar. A seguir, o meu pai deu meia-volta e começou a andar para trás, titubeante e encostando a mão à parede para se apoiar. Disse para não me mexer e esperar ali no corredor durante um instante enquanto ele dava um pulo à cozinha para tratar de uma coisa rápida. A mão que tinha usado para se apoiar deixou quatro manchas ténues na parede branca.

A base da cama dos meus pais, embora também fosse de casal e pesada, tinha uma estrutura em madeira logo por baixo da capa sintética, o que lhe dava integridade estrutural, razão pela qual não se dobrou nem mudou de forma, e depois de solucionadas mais algumas dificuldades do meu pai – que tinha uma cintura demasiado larga, mesmo com a cinta profissional que trazia por baixo da vestimenta de *Glad* –, depois de solucionadas mais algumas dificuldades do meu pai para passar com a parte que lhe cabia pela porta do quarto, acabámos por conseguir pôr a base no corredor e encostá-la à parede, num ângulo de pouco mais de setenta graus, assim se mantendo sem problemas.

– É assim que as coisas devem ser feitas, Jim – disse o meu pai, dando-me uma palmadinha nas costas precisamente com a mesma exuberância que me tinha levado a pedir à minha mãe para me comprar um elástico para o crânio para segurar os óculos. Tinha dito à minha mãe que precisava do elástico para o ténis e ela não me havia perguntado nada.

O meu pai ainda tinha a mão nas minhas costas quando voltámos a entrar no quarto. «Então muito bem!», exclamou o meu pai. Agora estava bem mais animado. À porta, houve um brevíssimo instante de confusão quando tentámos os dois afastar-nos para deixar o outro passar primeiro.

Agora já só restava a estrutura suspeita no sítio onde a cama estivera. Tinha algo de exoesquelético e frágil, não passava de um simples retângulo baixo de

aço preto. Cada canto do retângulo tinha uma rodinha. E as rodinhas haviam-se enterrado no pelo da carpete devido ao peso da cama e dos meus pais e estavam praticamente submergidas nas fibras da carpete. Cada um dos lados da estrutura tinha uma estreita bandeja de aço soldada a noventa graus na parte interior, fazendo com que cada estreita bandeja perpendicular ao retângulo formado pela estrutura percorresse toda a parte interior. Era evidente que essas bandejas estavam lá para susterem o peso dos ocupantes da cama e do colchão e base de casal.

O meu pai pareceu ficar congelado. Não sei o que a minha mãe estava a fazer. Pareceu passar-se um longo e silencioso intervalo de tempo durante o qual o meu pai esteve a observar atentamente a estrutura visível. Esse intervalo teve o silêncio e a quietude dos quartos empoeirados banhados pelo sol. Por breves momentos, imaginei toda a mobília do quarto coberta com lençóis e o quarto desabitado durante vários anos, à medida que o sol lá fora nascia, atravessava o quarto e se punha à janela, com a luz que o enchia a ficar cada vez mais fraca. Conseguia ouvir dois cortadores de relva, com tons ligeiramente distintos, algures na rua da nossa urbanização. A luz direta que entrava pela janela do quarto flutuava e girava em colunas de pó levantado. Lembro-me de que me pareceu o momento ideal para espirrar.

Uma capa espessa de pó cobria a estrutura da cama e até pendia das prateleiras interiores sob a forma de pequenas barbas grisalhas. Não se conseguiam ver parafusos nenhuns na estrutura.

O meu pai limpou o suor e a maquilhagem branca que tinha na testa com a manga, que agora era de um cor de laranja por estar cheia de maquilhagem.

– Jesus, olha-me só para esta porcaria! – exclamou ele. Olhou para a minha mãe. – Jesus!

A carpete do quarto dos meus pais tinha imenso pelo e era de um azul mais escuro do que o azul-pastel do resto do quarto. Lembro-me de que a carpete era mais de um azul-marinho, com um nível de saturação entre o moderado e o forte. O bocado de carpete azul-marinho que não se via quando estava tapado pela cama tinha, por sua vez, uma espécie de carpete a cobri-lo, formada por uma capa espessa de pó coagulado. O retângulo de pó era de um cinzento-esbranquiçado, espesso e irregular, e o único vestígio da carpete que estava por baixo era o ténue e pálido brilho azulado da camada de pó. Parecia que o pó não

se tinha propriamente amontoado debaixo da cama e instalado na carpete tapada pela estrutura da cama, mas que tinha de alguma forma ganhado raízes e crescido a partir dali, em cima da carpete, tal como um fungo ganha raízes e acaba por se espalhar pela superfície da comida estragada. A camada de pó propriamente dita parecia um bocadinho comida estragada, requeijão em mau estado. Era nauseabunda. Parte da topografia irregular da camada de pó devia-se a certos objetos perdidos, coisas velhas que tinham ido parar debaixo da cama – um mata-moscas, uma revista mais ou menos do tamanho da *Variety,* várias caricas, três *Kleenex* amarrotados e o que era provavelmente uma meia – e ficado cheias de pó, ganhando uma nova textura.

E também se sentia um ténue odor, acre e fungoso, como o cheiro de um tapete para o banho demasiado usado.

– Jesus, até cheira mal! – exclamou o meu pai. Fez um gesto teatral, como se estivesse a inalar pelo nariz, e depois uma careta. – Até cheira mal como a *merda*! – Secou a testa e apalpou a queixada, lançando um olhar duro à minha mãe. Já não estava animado. Os humores do meu pai rodeavam-no como um campo magnético e afetavam qualquer sala onde ele estivesse, como um odor ou um determinado brilho da luz.

– Há quanto tempo é que isto não é limpo aqui debaixo? – perguntou o meu pai à minha mãe.

A minha mãe não respondeu. Olhou para o meu pai enquanto ele empurrava ligeiramente a estrutura de aço com a bota, o que levantou ainda mais pó, visível à luz que entrava pela janela. A estrutura da cama parecia ser muito leve, mexendo-se para trás e para a frente sem fazer barulho, com as rodinhas submergidas. O meu pai punha-se muitas vezes a empurrar objetos leves com o pé quando estava distraído, um bocado como outros rabiscam ou inspecionam os cutículos. Carpetes, revistas, fios elétricos e telefónicos, o seu próprio sapato. Era uma das maneiras de o meu pai refletir, ordenar as ideias ou tentar controlar os humores.

– Quem era o presidente da última vez que este quarto foi limpo a sério? É isso que me apetece perguntar em voz alta, porra – disse o meu pai.

Olhei para a minha mãe para ver se ela ia responder alguma coisa.

Eu disse ao meu pai:

– Sabes, já que estamos a falar de camas que chiam, a minha cama também

chia.

O meu pai estava a tentar agachar-se para ver se conseguia localizar algum parafuso na estrutura, a murmurar qualquer coisa para si próprio. Apoiou as mãos na estrutura para se equilibrar e quase caiu para a frente quando a estrutura se mexeu com o peso do corpo dele.

– Mas acho que nem sequer tinha dado realmente conta disso antes de começarmos a falar no assunto – continuei. Olhei para a minha mãe. – Acho que não me incomoda – disse. – Aliás, até acho que gosto disso. Acho que acabei por me ir habituando tanto que já se tornou quase confortável. Neste dado momento – rematei.

A minha mãe olhou para mim.

– Não me estou a queixar – expliquei. – A conversa é que me fez pensar nisso.

– Oh, nós ouvimos a tua cama, não te preocupes – respondeu o meu pai.

Ainda estava a tentar agachar-se, o que fez subir o colete e a bainha da túnica, deixando-lhe a parte superior do rego à mostra por cima das calças brancas. Mexeu-se ligeiramente para apontar para o teto do quarto.

– Basta virares-te lá em cima na cama e sabes o que é que acontece? Nós ouvimos cá em baixo. – Pegou num dos lados do retângulo de aço e abanou a estrutura com força, levantando um manto de pó. A estrutura parecia não pesar quase nada nas mãos dele. A minha mãe pôs o dedo debaixo do nariz, como um bigode, para refrear um espirro.

Ele voltou a abanar a estrutura.

– Mas não nos incomoda como faz esta filha da puta que mais parece uma ratazana.

Observei que achava que lá em cima nunca tinha ouvido, uma vez sequer, a cama deles a chiar. O meu pai rodou a cabeça ao máximo para tentar olhar para mim, que estava ali atrás dele. Mas eu disse que não havia dúvida de que tinha ouvido e podia confirmar a presença de um chio quando ele fez força no colchão e que podia comprovar que esse chio não tinha sido imaginação de ninguém.

O meu pai levantou a mão para me dizer para fazer o favor de me calar. Deixou-se ficar agachado, a balançar ligeiramente na ponta dos pés e servindo-se da estrutura deslizante para manter o equilíbrio. A pele da parte superior do rabo e do rego saía-lhe por cima das calças. E também se viam fortes vincos na nuca, por baixo da cabeleira tosca, já que estava a olhar para a minha mãe, sentada no

peitoril da janela e com o cinzeiro raso ainda nas mãos.

– Talvez queiras ir buscar o aspirador – disse ele. A minha mãe pousou o cinzeiro no peitoril e saiu do quarto, passando entre mim e a cómoda com a roupa da cama empilhada. – Se fores capaz... se fores capaz de te lembrar de onde está! – gritou-lhe o meu pai.

Ouvi a minha mãe a tentar passar pelo colchão de casal que se estava a afundar no corredor na diagonal.

O meu pai estava a balançar com mais força na ponta dos pés e agora o balançar parecia o de um barco no mar alto, a ir de um lado para o outro. Quase perdeu o equilíbrio quando se inclinou para a direita para tirar um lenço do bolso das calças e o começou a utilizar para limpar o pó, esticando o braço, a qualquer coisa num dos cantos da estrutura da cama. Passado um momento, apontou para junto de uma rodinha.

– Um parafuso – disse ele, apontando para o que estava ao lado da rodinha. – Está um parafuso mesmo ali.

Inclinei-me por cima dele. As gotas do suor do meu pai deixavam pequenas moedas escuras no pó da estrutura. Para onde ele estava a apontar, não havia mais do que uma preta e lustrosa superfície de aço leve, mas logo à esquerda do sítio para onde ele estava a apontar vi o que talvez pudesse ser um parafuso, uma estalactitezinha de pó coagulado que pendia de uma pequena protuberância. O meu pai tinha as mãos grandes e os dedos grossos. Havia outro possível parafuso vários centímetros à direita do sítio para onde ele estava a apontar. Tinha o dedo a tremer imenso e acho que o facto de estar a tremer se devia ao esforço muscular exercido pelos seus joelhos debilitados, a tentar aguentar tanto peso, assim agachado, durante tanto tempo. Ouvi o telefonar tocar duas vezes. Tinha havido um silêncio prolongado, com o meu pai a apontar para nenhuma das protuberâncias e eu a tentar inclinar-me por cima dele.

Foi então que, ainda agachado e fazendo força na ponta dos pés, o meu pai apoiou as mãos na estrutura, se inclinou sobre o retângulo de pó por baixo dela e teve o que pareceu ser inicialmente um ataque de tosse agudo. As costas curvadas e o rabo espetado não me deixavam vê-lo. Lembro-me de que concluí que a razão para a estrutura não estar a deslizar com a pressão das mãos do meu pai se devia ao enorme peso dele, e que a reação do sistema nervoso do meu pai a muito pó talvez fosse sinalizada por tosse e não por espirros. Foi o som húmido

de algo a cair em cima do pó do retângulo, mais o cheiro cada vez mais intenso, que me fez perceber que, em vez de uma simples tosse, o meu pai tinha ficado doente. Os espasmos que se iam sucedendo faziam com que as costas dele subissem e descessem e o rabo tremesse dentro das brancas calças publicitárias. Não era assim tão incomum o meu pai ficar doente pouco depois de chegar a casa do trabalho, mas naquele momento parecia estar gravemente doente. Para lhe dar um pouco de privacidade, passei para o outro lado da estrutura, onde a luz era direta e o cheiro menor, e pus-me a inspecionar outra das rodinhas. Entre os espasmos provocados pelo ataque, o meu pai estava a murmurar para si mesmo curtas expressões expletivas. Agachei-me sem dificuldade e limpei o pó que cobria uma pequena parte da estrutura e também a zona da carpete junto aos meus pés. Em cada um dos lados do revestimento de metal havia um pequeno parafuso de carroça que unia a rodinha à estrutura da cama. Ajoelhei-me e apalpei um dos parafusos. A sua cabeça lisa e redonda tornava impossível apertá-lo ou afrouxá-lo. Ao encostar a cara à carpete e examinar a parte de baixo da prateleirazinha horizontal soldada em cada um dos lados da estrutura, reparei que o parafuso parecia bem apertado e completamente enfiado no buraco, e concluí que era duvidoso que algum dos parafusos do revestimento de aço das rodinhas estivessem a produzir os sons que lembravam ratazanas ao meu pai.

Foi precisamente nessa altura, lembro-me, que se ouviu o som forte de qualquer coisa a partir-se e que a parte da estrutura onde eu estava saltou com grande violência, no momento em que a doença que atacara o meu pai o fez desmaiar, perder o equilíbrio, cair para a frente e ficar estendido e a dormir no seu lado da estrutura da cama, que vi que estava partida ou seriamente torcida quando me afastei e pus de joelhos. O meu pai estava deitado de barriga para baixo na mistura de pó espesso que cobria o retângulo e das coisas que lhe tinham saído do estômago maldisposto. O pó que a queda dele levantou era muito espesso e à medida que o novo pó se foi levantando e espalhando, atenuou a luz que banhava no quarto, de forma tão crucial como se uma nuvem tivesse tapado o sol que entrava pela janela. A cabeleira profissional do meu pai estava caída, com o couro cabeludo à mostra, na mistura de pó e coisas saídas do estômago. As coisas saídas do estômago pareciam ser maioritariamente sangue gástrico, até que me lembrei do sumo de tomate que o meu pai tinha estado a beber. Continuava deitado de barriga para baixo, com o rabo bem espetado, no

seu lado da estrutura da cama, que o peso dele tinha partido ao meio. Foi assim que encontrei uma explicação para o estrondo que tinha ouvido.

Afastei-me do pó e da luz empoeirada que entrava pela janela, apalpando a queixada e observando à distância o meu pai estendido de barriga para baixo. Lembro-me de que a respiração dele era regular e húmida e de que a mistura poeirenta borbulhava um pouco. Foi então que me ocorreu que quando estava a segurar o colchão com o peito e a cara, antes de o tirarmos do quarto, o triângulo retângulo que tinha imaginado que o colchão formava com a base da cama e o meu corpo não era na realidade sequer uma figura fechada: a base e o chão por baixo dos meus pés não constituíam um plano contínuo.

Foi nessa altura que ouvi a minha mãe a tentar passar com o pesado aspirador de metal pelo inclinado colchão *Simmons Beauty Rest* que atravessava o corredor e a fui ajudar. As pernas do meu pai estavam esticadas em cima da carpete azul e limpa entre o seu lado da estrutura da cama e a cómoda branca da minha mãe. Tinha as biqueiras das botas viradas para dentro e não só o rego mas o ânus inteiro à mostra, já que a força da sua queda lhe tinha puxado as calças ainda mais para baixo.

– Com licença – disse eu.

Consegui ajudar a minha mãe dizendo-lhe para desprender todas as peças que saíam do aspirador e passar-mas uma a uma por cima do colchão afundado, ficando depois a segurá-las. O aspirador era da marca *Regina* e a parte central, que incluía o motor, o saco e o ventilador de evacuação, era muito pesada. Voltei a montar o aspirador e segurei-o enquanto a minha mãe avançava pelo colchão, devolvendo-lhe depois o aspirador e encolhendo-me todo contra a parede para a deixar entrar no quarto.

– Obrigada – disse a minha mãe ao passar.

Fiquei ali parado ao pé do colchão afundado durante vários instantes de silêncio tão absoluto que até consegui ouvir desde o corredor os cortadores de relva na rua, e a seguir a minha mãe a puxar o fio retráctil do aspirador e a enfiá-lo na mesma tomada junto à cabeceira da cama a que estavam ligados os candeeiros de aço.

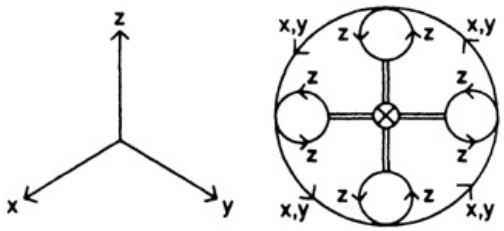
Avancei pelo colchão inclinado e segui pelo corredor, cortando tudo à direita à entrada da cozinha, atravessei o *foyer* em direção às escadas e subi a correr para o meu quarto, saltando vários degraus ao mesmo tempo, apressando-me para me

afastar do aspirador, pois o som que fazia sempre me aterrorizou do mesmo modo irracional que uma cama a chiar parecia aterrorizar o meu pai.

Subi a correr, rodei à esquerda chegado ao patamar e entrei no quarto. Era lá que estava a minha cama. Era estreita, para uma só pessoa, com uma cabeceira de madeira e estrutura e ripas também de madeira. Não sei de onde tinha vindo. A estrutura sustinha a base e o colchão, ambos estreitos, a uma altura muito maior do que a da cama dos meus pais. Era uma cama antiquada, tão alta que era preciso pôr o joelho no colchão e trepar para cima dela, ou então saltar.

E foi isso que eu fiz. Pela primeira vez desde que tinha ficado mais alto do que os meus pais, dei várias passadas largas desde a entrada do quarto, passando pelas prateleiras com a coleção de prismas, lentes, troféus de ténis e o meu íman de modelo à escala, pela estante com os livros, pelas fotografias em formato de póster do *A Vítima do Medo* de Powell, pela porta do armário e pelo candeeiro de alta intensidade à cabeceira, e saltei, mergulhando graciosamente na cama. Aterrei sobre o peito com todo o meu peso, com os braços e as pernas esticados no acolchoado cor de anil, esmagando o laço e entortando ligeiramente a armação dos óculos. Estava a tentar fazer com que a cama soltasse um forte chio, que no caso da minha cama sabia ser causado por qualquer fricção lateral entre as ripas de madeira e o suporte em ripas, parecido com prateleiras, na parte interior da estrutura.

Mas, no decurso do salto e do mergulho, o meu braço demasiado comprido bateu no pesado poste de ferro do candeeiro de alta intensidade ao lado da cama. O candeeiro começou a balançar violentamente e a cair para o lado, longe da cama. Caiu com uma espécie de lentidão majestosa, como uma arma deitada abaixo. Quando o candeeiro caiu, o pesado poste de ferro acertou na maçaneta do armário, arrancando-a por completo. A maçaneta redonda e metade do seu parafuso hexagonal interior caíram no chão do quarto ruidosamente e, a seguir, começaram a rolar de forma extraordinária, com a ponta arrancada do parafuso hexagonal parada e a maçaneta redonda, a rolar sobre a sua circunferência, a girar à volta dele numa órbita esférica, descrevendo dois movimentos perfeitamente circulares sobre dois eixos distintos, uma figura não euclidiana numa superfície plana:



A coisa análoga e convencional mais próxima que consegui arranjar para esta figura foi um cicloide, a solução de L'Hôpital para o famoso Problema da Braquistócrona de Bernoulli, a curva traçada por um ponto fixo na circunferência de um círculo rolando num plano contínuo. Mas visto que aqui, no chão do quarto, um círculo estava a girar à volta do que era em si mesmo a circunferência de um círculo, as equações paramétricas padrão do cicloide já não eram apropriadas, com as expressões trigonométricas dessas equações a transformarem-se neste caso em equações diferenciais de primeira ordem.

Devido à falta de resistência ou de fricção do chão despido, o parafuso rolou dessa forma durante muito tempo enquanto eu o observava na borda do acolchoado e do colchão, a endireitar os óculos, completamente abstraído dos guinchos em ré menor do aspirador no andar de baixo. Ocorreu-me que o movimento da maçaneta amputado esquematizava na perfeição o que seria uma pessoa a tentar dar saltos mortais com uma mão pregada ao chão. Foi assim que me comecei a interessar pelas possibilidades da anelação.

Na noite a seguir ao frio e assim para o estranho piquenique do Dia da Interdependência realizado em conjunto pelo Centro de Reabilitação de Drogas e Álcool de Ennet House, a Phoenix House de Somerville e o sinistro Centro de Reabilitação Juvenil New Choice de Dorchester, a funcionária da Ennet House Johnette Foltz levou Ken Erdedy e Kate Gompert a uma Reunião de Discussão para Novatos dos Narcóticos Anónimos onde o tema principal era sempre a marijuana: que todos os viciados presentes na reunião tinham arranjado um problema de dependência terrível em relação a ela logo desde o primeiro charro, ou então que estavam agarrados a drogas mais pesadas e tinham tentado passar para a erva para largarem essas drogas iniciais, mas depois ficaram ainda mais agarrados à erva do que em relação à cena mais pesada inicial. Supostamente, era a única reunião dos Narcóticos Anónimos na área metropolitana de Boston dedicada explicitamente à marijuana. Johnette Foltz disse que queria que Erdedy

e Gompert percebessem que nada tinham de único ou solitário no que se referia à droga que lhes tinha arruinado a vida.

Havia talvez umas duas dezenas de novatos toxicodependentes em recuperação ali na sacristia anecoica de uma igreja requintada, no que Erdedy achou que devia ser a zona oeste de Belmont ou a zona leste de Waltham. As cadeiras estavam dispostas no imenso círculo tradicional dos Alcoólicos Anónimos, sem mesas para as pessoas se apoiarem e com toda a gente a equilibrar os cinzeiros nos joelhos e a darem sem querer pontapés nos copos de café. Todos os que levantavam a mão para participar concordavam quanto às formas insidiosas como a marijuana lhes tinha devastado o corpo, a cabeça e o espírito: a marijuana destrói *lenta* mas *completamente,* era esse o consenso. O pé irrequieto de Ken Erdedy deitou o café ao chão não uma mas duas vezes enquanto os Narcóticos Anónimos iam concordando, à vez, em relação aos horrendos efeitos secundários psicológicos que tinham todos sofrido tanto durante a dependência ativa da marijuana como depois na sua desintoxicação: o isolamento social, o cansaço ansioso e a hipertimidez que depois reforçava o afastamento e a ansiedade – a crescente abstração emocional, a carência de afetos e depois uma total catalepsia emocional –, a análise obsessiva, por fim a paralisia resultante da análise obsessiva de todas as consequências possíveis de sair ou não do sofá – e depois o interminável sofrimento associado aos sintomas provocados pela desabituação do delta-9-tetra-hidrocanabinol: ou seja, desintoxicação da marijuana: a perda de apetite, as manias e as insónias, a fadiga e os pesadelos crónicos, a impotência e interrupção da menstruação e da lactação, a arritmia circadiana, os suores repentinos tipo sauna, a confusão mental e os tremores ao nível da coordenação motora, e o excesso especialmente desagradável de produção de saliva – com vários novatos a segurarem ainda copos para a baba logo abaixo do queixo –, a ansiedade, a apreensão e o temor generalizados, e a vergonha de sentirem que nem os médicos nem os próprios Narcóticos Anónimos das drogas duras revelavam grande empatia ou compaixão pelo «viciado» arruinado pelo que supostamente seria a moca mais humilde da natureza, a droga mais benigna que por aí andava.

Ken Erdedy reparou que ninguém se atrevia a utilizar sem rodeios os termos *melancolia, anedonia* ou *depressão,* muito menos *depressão clínica*; mas esse sintoma mais terrível de todos, esse logaritmo de todo o sofrimento, parecia,

embora não fosse mencionado, pairar como o nevoeiro sobre as cabeças que ali se encontravam, passando entre as colunas em forma de peristilo e por cima dos astrolábios decorativos, das velas em longos castiçais, das imitações de arte medieval e das cartas de navegação emolduradas dos Cavaleiros de Colombo, um plasma gasoso tão temido que nenhum novato era capaz de o olhar de frente e nomear. Kate Gompert não tirava os olhos do chão, a fazer um revólver com o indicador e o polegar e a fingir que dava um tiro na cabeça e soprava a pólvora do cano da arma até que Johnette lhe disse baixinho para parar com isso.

Como era seu costume nas reuniões, Ken Erdedy não disse nada e ficou a observar toda a gente com muita atenção, estalando os nós dos dedos e mexendo o pé. Como um «novato» dos Narcóticos Anónimos é, em termos técnicos, qualquer pessoa que esteja há menos de um ano em abstinência, naquela sacristia requintada e sumptuosa havia diversos níveis de negação, angústia e confusão geral. A reunião refletia a habitual e ampla franja demográfica, mas a maioria daquelas pessoas devastadas pela erva parecia-lhe gente urbana, dura e desgraçada, vestida sem o mínimo sentido de cor, pessoas que facilmente se podia imaginar a baterem nos filhos no supermercado ou à espreita com uma moca de fabrico caseiro na escuridão de uma ruela na baixa da cidade. O mesmo que nos Alcoólicos Anónimos. A falta de respeitabilidade, nas suas mais distintas variantes, era a norma ali, bem como os olhos vidrados e a saliva em excesso. Um ou dois novatos ainda tinham as esbranquiçadas pulseiras de identificação de plástico das alas psiquiátricas que se haviam esquecido de arrancar ou então que não tinham tido ainda a energia necessária para o fazer.

Ao contrário do que acontece nos Alcoólicos Anónimos de Boston, as reuniões dos Narcóticos Anónimos de Boston não têm intervalo e só duram uma hora. No final dessa reunião de segunda-feira para novatos, toda a gente se levantou para dar as mãos num círculo e recitar o *Just For Today*, o texto oficialmente aprovado pelos Narcóticos Anónimos, e a seguir recitaram todos o Pai-Nosso, não propriamente em uníssono. Mais tarde, Kate Gompert juraria que ouviu claramente o velho andrajoso ao seu lado a dizer «Não nos deixeis cair na Penn Station» durante o Pai-Nosso.

Depois, tal como nos Alcoólicos Anónimos, a reunião dos Narcóticos Anónimos terminou com toda a gente a gritar para o ar à sua frente: «Não deixem de voltar porque funciona.»

Mas foi então que, assim para o horrificamente, toda a gente que ali estava começou a andar de um lado para o outro freneticamente e a abraçar-se. Foi como se alguém tivesse carregado num botão. Não houve sequer grande conversa. Eram só abraços, tanto quanto Erdedy conseguiu perceber. Abraços desvairados e indiscriminados, onde a ideia parecia ser abraçar o máximo de pessoas possível mesmo que nunca se tivessem visto na vida. Os novatos iam de pessoa em pessoa, de braços esticados e com o corpo inclinado para a frente. As pessoas mais altas curvavam-se e as pessoas mais pequenas punham-se em bicos de pés. Bochechas esfregavam-se umas nas outras. Ambos os sexos se abraçavam um ao outro. E os abraços entre homens eram puros, sem as palmadinhas vigorosas nas costas que Erdedy sempre considerara por alguma razão obrigatórias nos abraços entre homens. Johnette Foltz era quase um borrão. Ia de pessoa em pessoa. Estava a acumular um número impressionante de abraços. Kate Gompert exibia a sua habitual expressão de severa aversão, mas também ela deu e recebeu alguns abraços. Mas Erdedy – que nunca gostara especialmente de abraços – afastou-se da multidão, recuando até à mesa com a literatura aprovada oficialmente pelos Narcóticos Anónimos e por ali ficando com as mãos nos bolsos, a fingir que estava a analisar a urna do café com grande interesse.

Mas foi então que um afro-americano alto e pesado, com um dente incisivo de ouro, com um penteado afro-americano alto e perfeitamente cilíndrico, se separou de uma espécie de abraço em grupo ali perto, já que tinha reparado em Erdedy, e o tipo aproximou-se e plantou-se mesmo à frente dele, vestido com um casaco paramilitar e abrindo os braços para um abraço, curvando-se ligeiramente e inclinando-se para o tronco de Erdedy.

Erdedy ergueu as mãos, num benigno «Não, obrigado», e recuou ainda mais, ficando com o rabo espalmado na borda da mesa com a literatura aprovada oficialmente.

– Obrigado, mas não gosto especialmente de abraços – disse ele.

O tipo teve de endireitar-se e abortar o seu movimento pré-abraço, ficando para ali embaraçadamente petrificado, com os braços grandes ainda abertos, o que Erdedy percebeu que devia ser desconfortável e embaraçoso para o tipo. Erdedy deu por si a tentar calcular qual seria exatamente o local subasiático que ficaria o mais longe possível, em termos de quilómetros, daquele preciso sítio e

momento, isto enquanto o tipo continuava simplesmente ali parado, de braços abertos e com o sorriso a esvair-se-lhe da cara.

– Como? – retorquiu o tipo.

Erdedy estendeu-lhe a mão.

– Ken E., da Ennet House, em Enfield. Muito gosto. E tu és?

O tipo baixou os braços lentamente, mas limitou-se a olhar para a mão estendida de Erdedy. Um só piscar de olhos adstringente.

– Roy Tony – disse ele.

– Como é que vai isso, Roy?

– Vai-se indo – respondeu Roy. Agora, o grandalhão tinha a mão direita atrás do pescoço e estava a fingir que apalpava a nuca, o que Erdedy não sabia que era um sinal de desrespeito evidente.

– Bom, Roy, se é que te posso chamar Roy, ou senhor Tony, se preferires, a não ser que seja um nome composto, com hífen, «Roy-Tony», e depois um apelido, em relação a esta cena dos abraços, Roy, não é nada pessoal, está descansado.

– Descansado?

Erdedy esboçou o seu melhor sorriso de impotência e, como que a pedir desculpa, encolheu os ombros com o seu anoraque *Gore Tex* vestido.

– Tenho pena, mas a verdade é que não gosto especialmente de abraços. Não sou mesmo de dar abraços. Nunca fui. Era uma espécie de piada na minha famí...

Naquele instante, surgiu o ominoso dedo em riste da agressividade típica de rua, com esse tipo, Roy, a apontar primeiro para o peito de Erdedy e depois para o seu.

– Então, mano, tás a dizer o quê, que eu sou um gajo que curte dar abraços? Tás a dizer que eu ando praí a abraçar o pessoal?

Erdedy já tinha erguido outra vez as mãos, com as palmas para cima, e estava a abaná-las numa espécie de gesto de bonomia para travar qualquer possível mal-entendido.

– Não, não, a questão é que nunca me passaria pela cabeça dizer que és um gajo que curte dar abraços ou que não curte dar abraços, pela simples razão de que não te conheço. Só quis dizer que não era nada pessoal em relação a ti enquanto indivíduo, e teria todo o gosto em apertar-te a mão, até mesmo um desses intrincados apertos de mão múltiplos e étnicos se não te importares com a

minha inexperiência nesse tipo de coisa, mas toda a ideia de dar abraços põe-me simplesmente desconfortável.

Quando Johnette Foltz se conseguiu libertar da multidão e aproximar-se deles, já o tipo estava a agarrar em Erdedy pelas lapelas impermeáveis do anoraque e a empurrá-lo insistentemente sobre a borda da mesa com a literatura aprovada oficialmente, de tal forma que as botas impermeáveis de Erdedy já não tocavam no chão e a cara do tipo se encontrava colada à de Erdedy, numa demonstração de pura agressividade.

– Foda-se, achas que eu *curto* andar praí a abraçar o pessoal? Achas que *alguém* aqui *curte* esta *merda*? Foda-se, nós fazemos o que eles nos dizem. E aqui dentro dizem-nos: «Abraços sim, drogas não.» Aqui dentro *abdicámos* da puta da nossa vontade – disse Roy.

E acrescentou:

– Meu paneleirozito.

Enfiou a mão entre os dois para apontar para si mesmo, o que significava que agora estava a levantar Erdedy com uma mão apenas, facto que não passou despercebido ao sistema nervoso deste.

– Na primeira noite em que vim cá, tive de dar quatro abraços e depois fui disparado para a puta da retrete para ir ao grego, caralho. *Ao grego* – disse ele. – *Desconfortável*? Quem é que julgas que és, *caralho*? Nem *sequer* te atrevas a vir dizer-me que eu me sinto *confortável* a tentar abraçar o teu couro de merda, com a tua roupinha *James River Traders* e o teu *aftershave Calvin Klein* a cheirar à totó.

Erdedy reparou que uma das afro-americanas que os estava a observar começou a aplaudir e gritou «É assim *mesmo*!»

– E agora pões-te para aqui a *desrespeitar*-me à frente de toda a minha *malta* limpa e sóbria depois de eu me arriscar a partilhar a minha *vulnerabilidade* e o meu *desconforto* contigo?

Johnette Foltz estava como que a dar patadas nas costas do casaco paramilitar de Roy, a estremecer mentalmente perante o aspeto que teria no Registo de Funcionários um relatório sobre a agressão sofrida por um residente da Ennet House numa reunião dos Narcóticos Anónimos a que ela própria o tinha levado.

– *Agora* – disse Roy, extraindo a mão que tinha livre e apontando para o chão da sacristia como se estivesse a espetar uma faca. – Agora – disse ele –, vais

arriscar a tua vulnerabilidade e o teu desconforto e abraçar-me ou vou ter de te arrancar a cabeça e *cagar* pelo teu pescoço abaixo?

Agora Johnette Foltz já estava a segurar no casaco do tal Roy com as duas mãos e a tentar afastar o tipo, com os ténis *Keds* a esforçarem-se por se agarrar ao chão escorregadio, dizendo-lhe:

– Ei, Roy T., meu, calma aí, pá, bacano, puto, sócio, pessoal, malta, chavalo, Jim, mano, o gajo é só novo aqui, mai nada.

Mas por essa altura Erdedy já tinha os braços à volta do pescoço do tipo e estava a abraçá-lo com tanta força que, mais tarde, Kate Gompert disse a Joelle van Dyne que Erdedy parecia estar a tentar montá-lo.

– Já perdemos uns quantos – admitiu Steeply. – Durante os testes. E não foram só voluntários. Um idiota de um estagiário qualquer da Análise de Dados cedeu à tentação, quis saber qual era a razão de tanta agitação, sacou um cartão de autorização do laboratório de I/O do Flatto, entrou e visionou a coisa.

– Uma das muitas cópias Só de Leitura do vosso *stock* do Entretenimento.

– Não foi nenhuma perda trágica por aí além ficar sem um estagiário infantiloide e idiota. *C'est la guerre*. A verdadeira perda foi o facto de o facto de o supervisor dele ter entrado lá dentro para o tentar tirar de lá. Nem mais nem menos do que o nosso chefe de Análise de Dados.

– O Hoyne, Henri, pronunciado «Henry», cujo segundo nome começa por F, com a mulher e os diabetes que ele controla.

– *Controlava*. Um homem com vinte anos de casa, o Hank. Um homem ótimo. Era um amigo. Agora tem os braços e pernas completamente imobilizados. Alimentam-no por um tubo. Não tem mais nenhum desejo ou sequer vontade de sobrevivência básica que não seja continuar a ver mais.

– Daquilo.

– Tentei visitá-lo.

– Com o teu vestido sem mangas e as outras mamas.

– Nem sequer consegui estar na mesma sala, vê-lo daquela maneira. A implorar por uns segundos que fossem – uma apresentação, um bocadinho da banda sonora, qualquer coisa. Tinha os olhos a revirarem-se como um recém-nascido agarrado. Era de partir a porra do coração. Na cama ao lado, amarrado, estava o idiota do estagiário: *esse* é que era o género de criança egoísta e

indisciplinada de que tu gostas de falar, Rémy. Mas o Hank Hoyne não era nenhuma criança. Vi esse homem a largar o açúcar e os doces por completo quando lhe diagnosticaram os diabetes. Largou-os pura e simplesmente e seguiu o seu caminho. Sem sequer protestar nem olhar para trás.

– Uma vontade férrea.

– Um adulto americano de autocontrolo e discrição exemplares.

– Portanto, não se deve brincar de forma tola com o *samizdat*. Nós também já perdemos gente. É uma coisa séria.

O horizonte da terra amputava as pernas da constelação de Perseu. Perseu tinha um chapéu de jogral ou bobo. A cabeça de Hércules era uma cabeça quadrada. E não faltava muito para o amanhecer, já que, a trinta e dois graus para norte, Castor e Pólux também ficaram visíveis. Encontravam-se por cima do ombro esquerdo de Marathe, como se estivessem gigantes a espreitar-lhe por cima do ombro, com uma das pernas de Castor curvada para dentro de modo feminino.

– Mas alguma vez pensaste nisso? – Steeply acendeu outro cigarro.

– Se fantasiei, é o que me estás a perguntar.

– Se é uma coisa assim tão voraz. Se se prende de alguma forma com desejos assim tão absolutos – disse Steeply. – Nem sequer tenho a certeza se consigo imaginar o que são sequer esses desejos assim tão absolutos e extremos. – Subindo e descendo na ponta dos pés. Virando apenas o tronco para olhar para Marathe. – Alguma vez pensaste como seria, especulaste?

– Nós pensamos nos fins que o Entretenimento poderá servir. Achamos a sua eficácia tentadora. Vocês e nós sentimo-nos tentados de maneiras diferentes.

Marathe não conseguiu identificar mais nenhuma constelação do Sudoeste dos EUA exceto a Ursa Maior, que àquela latitude parecia estar ligada à Ursa Menor, formando qualquer coisa parecida com o «Balde Maior» ou o «Berço Maior». A cadeira soltou uns pequenos chios quando Marathe mudou de posição.

Steeply disse:

– Bom, não posso dizer que me tenha sentido *tentado* no sentido mais estrito do termo.

– Se calhar, estamos a falar de coisas diferentes.

– Sinceramente, quando penso nisso, sinto-me tão aterrorizado como intrigado. O Hank Hoyne é uma concha vazia. A vontade férrea, a argúcia

analítica. O gosto por um bom charuto. Desapareceu tudo. É como se o mundo dele tivesse desabado para se converter num único ponto brilhante. Um mundo interior. Perdido para nós. Olhamos para os olhos dele e não vemos nada que consigamos reconhecer. Pobre Miriam. – Steeply massajou o ombro nu. – O Willis, do turno da noite do I/O, inventou uma expressão para esses olhos: «Vazios de propósitos.» Isso apareceu num memorando.

Marathe fez de conta que fungava.

– A tentação da Recompensa passiva do terminal-*p,* tudo isso me parece complexo. Para vocês, o terror parece parte da tentação. Já nós, defensores da causa do Quebeque, nunca sentimos essa tentação pelo Entretenimento, ou conhecimento. Mas respeitamos o seu poder. E, portanto, não brincamos de forma tola com isso.

O céu não estava propriamente a clarear, a luz das estrelas é que tinha enfraquecido. Havia uma certa melancolia nessa luz. E agora também passavam por ali a zumbir, de tempos a tempos, insetos dos EUA de aspeto estranho, movendo-se irregularmente e fazendo Marathe pensar em muitas fagulhas varridas pelo vento.

10 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

NA SALA, AS SEGUINTES COISAS ERAM AZUIS. Os quadrados azuis da felpuda carpete de xadrez azul e preta. Duas das seis cadeiras luxuosas, cujas pernas eram tubos de aço em forma de grandes elipses, que bamboleavam, fazendo com que, apesar de não serem propriamente cadeiras de baloiço, pudessem ser no fundo baloiçadas, que era o que Michael Pemulis estava a fazer, com ar ausente, enquanto esperava e examinava cuidadosamente um *print* do diretório principal ESCHAX, altamente técnico, do *Eschaton*, isto é, a baloiçar-se na cadeira, o que produzia uma espécie de rápidos chios típicos de roedores que punham os nervos em franja a Hal Incandeza, ali sentado, no canto diagonalmente oposto ao de Pemulis, e também à espera. O *print* não parava de rodar nas mãos de Pemulis. Todas as cadeiras tinham nas costas um candeeiro de leitura com uma lâmpada de cento e cinco watts e uma haste de metal flexível que permitia que o candeeiro se curvasse e incidisse sobre qualquer que fosse a revista que a pessoa que esperava estivesse a ler, mas como os candeeiros curvos induziam a sensação insuportável de estar alguém febril ali a ler por cima do ombro da pessoa, as revistas (algumas com capas em que surgia a cor azul) tinham tendência a não ser lidas e encontravam-se ordeiramente dispostas em leque sobre uma mesa de café baixa. A carpete era um produto de uma coisa chamada *Antron*. Hal via faixas lívidas nas partes da carpete em que alguém tinha aspirado no sentido contrário ao dos pelos.

Embora a mesa de café com as revistas não fosse azul – era de um vermelho de verniz húmido para as unhas, com ATE numa espécie de brasão cinzento –, dois dos candeeiros presos às cadeiras de forma desconcertante e que mantinham as revistas fechadas e ordeiramente dispostas em leque eram azuis, ainda que os dois candeeiros azuis não fossem os candeeiros presos às duas cadeiras azuis. O doutor Charles Tavis gostava de dizer que se podia ficar a saber muito sobre um administrador através da decoração da sua sala de espera. A sala de espera do reitor fazia parte de um pequeno corredor na esquina sudoeste do átrio do edifício da Administração. Podia argumentar-se que o ramito assimétrico de

violetas nascidas prematuramente e que se encontrava num jarro em forma de bola de ténis que estava em cima da mesa pertencia à família do azul. E o mesmo se podia dizer do azul demasiado intenso do céu do papel de parede, com um padrão formado por nuvens fofas e altas espalhadas sem ordem por um céu de um azul demasiado intenso, um papel de parede incrivelmente perturbador e que era também, numa desagradável coincidência, o papel de parede do consultório da Enfield de um tal doutor Zegarelli, odontologista, de onde Hal acabou de voltar, após uma ablação: ainda tem o lado esquerdo da cara grande e dormente, com uma sensação persistente de que se está a babar sem ser capaz de o sentir ou impedir. Ninguém sabe ao certo o que aquela escolha de papel de parede por parte de C.T. quer supostamente comunicar, em especial aos pais que vêm inspecionar a ATE com os filhos e potenciais alunos a reboque, mas Hal detesta o papel de parede com céus e nuvens porque o faz sentir vertigens, desorientação e às vezes uma sensação de estar a cair a pique.

Os peitoris e as vigas das duas janelas da sala de espera sempre foram azul-escuros. E havia o azul-marinho do galão à volta da pala do jovial boné de marinheiro de Michael Pemulis. Hal tinha a certeza de que Pemulis iria tirar aquele boné alegre mal fossem chamados e largá-lo provavelmente na carpete.

Também azuis: os pedaços de céu nas margens superiores das fotos informais e emolduradas de alunos da ATE penduradas nas paredes[209]; o chassi do processador de texto Intel 972, com *modem* mas sem capacidade para ler cartuchos, de Alice Moore; e também as pontas dos dedos e os lábios da menina Moore. A rececionista e assistente administrativa do reitor da ATE é conhecida entre os jogadores como Lateral Alice Moore. Durante a juventude, Lateral Alice Moore tinha sido piloto de helicópteros e repórter de trânsito aerotransportada ao serviço de uma importante estação de rádio de Boston até que uma trágica colisão com o helicóptero de trânsito de outra estação – mais a queda cataclísmica que se seguiu em plena alameda Jamaica Way, com as suas seis faixas, durante a hora de ponta – a deixou com falta de oxigénio crónica e problemas neurológicos que apenas lhe permitiam mexer-se para o lado. Daí a alcunha Lateral Alice Moore. Uma maneira eficaz de se passar o tempo quando se está ali sentado à espera do administrador que possa ter chamado a pessoa é pedir a Lateral Alice Moore para tamborilar rapidamente com os dedos no peito e imitar as suas antigas atualizações de trânsito durante a hora de ponta em

Boston, com a voz gaguejante de um repórter a bordo de um helicóptero. Nem Hal, que não para de verificar se tem baba no queixo, nem Pemulis, a examinar cuidadosamente e a baloiçar-se, nem Ann Kittenplan nem Trevor Axford – em quem não havia sequer hoje um vestígio de qualquer coisa azul – estão com disposição para isso naquele preciso momento, em que aguardam o que presumem ser algum tipo de reprimenda administrativa devido ao horrendo fiasco do Eschaton no domingo. A presunção baseia-se nas pessoas que foram ali chamadas para ficarem à espera.

Os dois gabinetes de tamanho distinto que dão para a sala de espera (cuja única outra porta está aberta e através da qual se pode ver a felpuda carpete azul-escura *Mannington* do átrio do edifício da Administração) pertencem ao doutor Charles Tavis e à senhora Avril Incandenza. A porta exterior do gabinete de Tavis é de carvalho genuíno, com o seu nome, título universitário e cargo em letras (não azuis) tão grandes que a identificação completa se estende até às bordas da porta. Também há uma porta interior.

O gabinete de Avril, cuja opinião em relação aos espaços fechados é bem conhecida, não tem porta. Mas é maior do que o de C.T. e tem uma mesa de conferências que sempre foi óbvio que ele cobiça. A carpete de xadrez azul e preta do gabinete de Avril é mais felpuda do que a da sala de espera e, por isso, a fronteira entre ambas parece a oposição entre um relvado cortado e outro não cortado. Avril ocupa (*pro bono*) o cargo de deã dos Assuntos Académicos e deã das Mulheres. Neste momento, está ali, sem nada a enclausurá-la, com praticamente todas as raparigas da ATE com menos de treze anos exceto Ann Kittenplan, que tem os tatuados nós dos dedos feridos e parece de certa forma um travesti com o seu vestido e o gancho (não azul) para o cabelo. Avril tem o cabelo intensamente branco – desde os últimos meses antes de Ele Mesmo se suicidar –, parecendo nunca ter passado pela fase grisalha (e quase não passou), e umas pernas esguias que é notório que T. Axford está a apreciar com a franqueza típica da adolescência enquanto ela se passeia um pouco diante da povoada mesa de conferências, bem à vista, ainda que num ângulo oblíquo, das pessoas que se encontram na sala de espera[210]. Embora não esteja tecnicamente na sala de espera com Hal, a caneta de plástico com ponta de feltro com que Avril está a bater ao de leve e profissionalmente nos dentes incisivos enquanto anda de um lado para o outro e reflete é azul.

São exigidos controlos administrativos em relação a comportamentos indecentes em todas as academias de ténis norte-americanas desde o escândalo do treinador R. Bill («Delicado») Phiely na Academia Rolling Hills da Califórnia, cujo diário de pôr os cabelos em pé e a coleção de telefotos e cuequinhas – tudo descoberto apenas depois de ele ter desaparecido na região montanhosa do condado de Humboldt com uma companheira de treze anos – criaram o que poderia ser apelidado conservadoramente um clima de preocupação entre os pais dos jogadores de ténis do continente. Na Academia de Ténis de Enfield, ao longo dos últimos quatro anos, a doutora Dolores Rusk tem realizado supostamente uma espécie de reunião da comunidade feminina com todas as jogadoras consideradas suficientemente ingénuas e amorosas para poderem ser envolvidas nesses comportamentos indecentes – a mais nova delas é a minúscula Tina Echt, de Rhode Island, de sete anos apenas mas uma autêntica canibal com a esquerda – para haver um interface num cenário de grupo discreto mas esclarecedor e positivo e assim erradicar quaisquer potenciais fielismos. Os controlos mensais de comportamentos indecentes fazem parte do contrato de Rusk porque estão nas normas ONANTA[*1] da ATE.

Avril M. Incandeza, deã das Mulheres, preside aos controlos de indecência quando a doutora Rusk tem outros compromissos, e é tão raro Rusk ter realmente outros compromissos que o facto de ser a mã que está hoje a fazer a prevenção de indecências leva Hal a temer que Rusk talvez esteja ali no gabinete do reitor a preparar-se para participar na cena de reprimenda disciplinar que aí vem: C.T. teria de estar mesmo zangado para querer incluir Rusk; a presença de Rusk ali é capaz de ter mais que ver com C.T. do que com as psiques estudantis.

Axhandle tem os olhos fechados e está a repetir uns versos mnemónicos sobre o ângulo de Brewster para o colóquio «Reflexões sobre a Refração» ministrado por Leith. Michael Pemulis continua a examinar cuidadosamente uma folha dentada de papel de impressora *EndStataxiomatic Cor-de-Rosa*[2], que parece toda cheia de matemática e chavetas, e a baloiçar-se, sem fazer caso dos olhares assassinos nem das tossidelas tuberculosas de Ann Kittenplan em protesto contra os chios produzidos pela cadeira azul a baloiçar. Dá para ver que Pemulis está mesmo a estudar porque não para de virar uma coisa de pernas para o ar e depois de a endireitar. Hal resolve não falar a Michael Pemulis das suas preocupações com o facto de Rusk estar ali com Tavis, não só porque Hal evita sempre referir

o nome de Rusk mas também porque Pemulis detesta Rusk com uma paixão imensa e porque, embora nunca o fosse admitir, já está claramente agoniado de preocupação com a hipótese de ser considerado o principal responsável pelos danos infligidos a Lord e a Possalthwaite e não só receber corretivos em pleno campo como também ficar se calhar sem direito a participar na viagem ao WhataBurger de Tucson, ou coisa pior[211].

Avril fala de forma indireta mas sintaticamente firme com as duas dezenas de raparigas, tateando. As vestimentas das raparigas apresentam várias combinações de azul, com diversos níveis de tonalidade e intensidade. A voz de Avril Incandenza tem um registo mais agudo do que seria de esperar numa mulher de tão imponente estatura. É aguda e etérea. O consenso na ATE era de que se tratava de uma voz estranhamente insubstancial. Orin diz que uma das razões pelas quais Avril não gosta de música é o facto de soar como uma louca sempre que se põe a cantarolar.

A ausência de porta no gabinete da mã é o mesmo que estar lá dentro, já que se pode ouvir o que se está a passar. Por ter estado tanto tempo sozinha durante a infância, ela tem pouco sentido da intimidade ou dos limites espaciais. Lateral Alice Moore tem vestida uma espécie de combinação surreal de calças de licra e um delicado tule verde. Os fones estéreo portáteis que tem na cabeça – enquanto tecla o que parecem ser respostas em macro para os mais de oitenta convites recebidos para o Torneio WhataBurger da próxima semana – são azuis. Vai teclando em clara sintonia com o compasso de qualquer coisa. Tem os lábios e as covinhas da cara de um ténue azul-esverdeado da cor da cianose.

A razão que leva Michael Pemulis a odiar a doutora Rusk não é evidente e parece volátil; Hal recebe sempre uma resposta diferente de Pemulis. O próprio Hal sente-se desconfortável ao pé de Dolores Rusk e evita-a, mas não tem consciência de nenhuma razão em especial para se sentir desconfortável ao pé dela. Mas Pemulis detesta mesmo Rusk. Foi Pemulis que, aos quinze anos e durante a noite, entrou sorrateiramente no gabinete trancado de Rusk e armadilhou com uma bateria *Delco* a maçaneta do lado de dentro da porta, a porta do gabinete de Rusk, a primeira porta do outro pequeno corredor na esquina nordeste do átrio, ao lado da enfermaria e gabinete das enfermeiras, saindo depois do gabinete de Rusk pela janela e passando por uma sebe espinhosa, com Pemulis a ter imensa sorte por só Hal e Schacht, e se calhar

Mario, saberem que ele tinha armadilhado a maçaneta, isto porque todo aquele esquema rapidamente se transformou num desastre, já que foi uma velha empregada de limpeza irlandesa de Brighton a primeira a mexer na maçaneta armadilhada, para aí às 05h00, e percebeu-se que Permulis tinha feito um tremendo erro de cálculo na aplicação da voltagem *Delco*, e se a senhora da limpeza não tivesse umas luvas de borracha de senhora da limpeza calçadas teria acabado muito pior do que com a permanente permanente e os olhos irreversivelmente vesgos com que recuperou os sentidos, sendo que o chefe da senhora da limpeza era o temível FX («Siga Aquela Ambulância») Byrne, da zona mais chique de Brighton, um voraz advogado especialista em ações por danos pessoais, e os valores das indemnizações laborais a pagar pela Academia subiram em flecha, com todo o assunto ainda em litigação.

Avril tinha abdicado de uma porta para o gabinete por simples razões claustrofóbicas, antes mesmo do inesperado percalço da senhora da limpeza.

Uma inspeção mais atenta depois de Trevor Axford ter voltado a cruzar as pernas revela que a sua meia esquerda, mas não a direita, é azul.

Canhoto e sem alguns dedos da mão direita por causa de um acidente com fogo de artifício há três dias da Interdependência atrás, Axhandle é vários centímetros mais baixo do que Hal Incandeza e um ruivo genuíno, com cabelo cor de cobre e aquela pele húmida, branca e polvilhada de sardas que mesmo debaixo de duas camadas de protetor solar *Pledge* não para de ficar vermelha e cair, e além disso ainda há a questão dos enormes lábios permanentemente gretados; e, como jogador de ténis, é uma versão menos eficaz de John Wayne – a única coisa que sabe fazer é atirar umas bombas da linha de fundo sem um efeito discernível. Está no penúltimo ano, vem de Short Beach, no Connecticut, e encontra-se sob enorme pressão da família para continuar a tradição varonil dos Axford de tirar o curso em Yale, e é tão marginal em termos académicos que sabe que a única hipótese que tem de entrar em Yale é jogar ténis pela Universidade, o que anularia efetivamente qualquer possibilidade de ter um futuro no circuito, e até está bem posicionado no *ranking* mas limitou os seus objetivos competitivos a uma boleia para Yale. E embora Ingersoll pertença informalmente ao grupo de companheirinhos de Hal, tecnicamente pertence ao de Axhandle, sabem-no ambos; e Hal está um bocadinho incomodado com o alívio que sente por nenhuma das verdadeiras baixas do *Eschaton* ser

tecnicamente um companheirinho seu[212]. A única coisa que Axford e Hal têm verdadeiramente em comum no campo de ténis é o curioso hábito de se recusarem a pedir ajuda às pessoas nos outros campos quando perdem uma bola[213].

Pemulis parou finalmente de se baloiçar, dobrou a folha de papel de impressora num grande quadrado dentado e deslocou-se para junto da secretária em forma de ferradura de Lateral Alice Moore, estando em amena e muito descontraída cavaqueira com ela e olhando em redor enquanto graceja, tentando subtilmente sacar-lhe se por acaso algum desses convites para o Torneio WhataBurger empilhados em forma de cruz, os femininos cruzados com os masculinos, na caixa de entrada de Lateral Alice não estará em nome de algum tipo com as iniciais M.M.P. Pemulis e Moore não se dariam tão bem se ela soubesse que ele entrava ali à noite sorrateiramente e utilizava a linha WATS e o *modem*, apesar de ela ser muito calma e descontraída, nada parecida com o bonequinho que tem na placa de identificação, uma mulher carrancuda a dizer estou quase a atingir o ponto de rebuçado e a culpa é tua. O desenho é só uma dessas piadas habituais de empregado de escritório. Ela tinha-os chamado e feito abandonar a sexta hora através do mesmo e velho sistema de microfone e intercomunicador que Troeltsch e os outros utilizam para as emissões da WETA ao sábado (Troeltsch teve de ser proibido de brincar com a cadeira de Moore) e a sua voz não tinha soado nada severa. O lado esquerdo da cara de Hal parece estranhamente inchado mas quando ele passa a mão direita por lá a bochecha tem sempre um tamanho normal. Os assistentes administrativos merecedores das suas regalias extra evoluíram sinapticamente até ao ponto de serem capazes de estar na cavaqueira, receber elogios por uma combinação de calças de licra e tule, deflectir sem esforço tentativas de sacar informações não autorizadas, ouvir qualquer coisa com um baixo muito intenso nuns fones estéreo e teclar num processador de texto, também sem esforço, ao ritmo da música, tudo isto ao mesmo tempo. As pontas dos dedos azuis de Lateral Alice Moore convertem as suas unhas pintadas em dez crepúsculos. As rodinhas da cadeira da secretária de Lateral Alice Moore encaixam num par de vias com uma terceira eletrificada, o que lhe permite deslizar de um canto ao outro do arco da ferradura – mais ou menos lateralmente – com um simples toque no botão cor de cereja no tampo da secretária. Por razões jurídicas pós-incidente com a bateria *Delco*, a placa de

identificação que tem na secretária diz perigo: terceira via em vez do nome Lateral Alice Moore.

Hal consegue ouvir Avril a dizer:

– Bom, se vos falar muito delicadamente sobre serem tocadas por uma pessoa alta de forma desconfortável, percebem o que é que eu quero dizer? Alguma de vocês já foi beijada, acariciada, esfregada, beliscada, explorada, apalpada ou tocada seja de que maneira for por uma pessoa alta de forma a deixar-vos desconfortáveis?

Hal consegue ver uma das pernas com meias da sua mã, que acaba num tornozelo elegante e num *Reebok* muito branco, assomando da esquerda para a entrada descarnada do gabinete sem porta, com o *Reebok* a bater no chão de forma paciente, um braço cruzado sobre o peito e o cotovelo do outro apoiado nele, aparecendo e desaparecendo de vista enquanto Avril vai batendo ao de leve com a caneta azul nos dentes.

– A vovó belisca-me a bochecha – diz uma rapariga.

Na verdade, ela até tinha levantado a mão para a deixarem falar e tem uma encantadora fitazinha frisada (azul) no pulso. Já há não sei quanto tempo que Hal não via tantas tranças, narizinhos parecidos com botões de flores e boquitas em forma de bagas reunidos no mesmo sítio. Quase nenhum dos ténis chega à carpete felpuda ali dentro. Muitas pernas a abanarem e ténis a agitarem-se com um desconforto ausente. Um ou outro dedo enfiado em narinas numa contemplação ausente. Na sua cadeira azul, Ann Kittenplan está a avaliar descontraidamente as tatuagenzinhas, que saem com água, que aplica todos os dias nos nós das mãos.

– Não é bem disso que estamos a tentar falar todas aqui, Erica – ouve-se algures por cima do pé a bater no chão e do braço que aparece e desaparece. Hal conhece o registo e as inflexões da voz da mãe tão bem que isso quase o incomoda. O tornozelo esquerdo chia de forma pouco saudável quando ele o dobra. As veias do antebraço esquerdo sobressaem e retraem-se à medida que aperta e solta a bola de ténis. O lado esquerdo da cara parece uma coisa bem longe que lhe quer fazer mal e se está a aproximar a pouco e pouco. Consegue ouvir as fricativas sibilantes da voz distante de Charles Tavis do lado de lá das portas duplas do seu gabinete; dá a sensação de estar a falar com mais do que uma pessoa lá dentro. A porta interior do gabinete de Charles Tavis também tem

a identificação dr. charles tavis lá escrita e por baixo encontra-se o lema da ATE de que um homem que conhece as suas limitações não tem nenhuma.

– Mas ela faz isso com muita força – rebate a que deve ser Erica Siress.

– Já a vi a fazer isso – confirma uma voz que parece a de Jolene Criess.

– Odeio quando um adulto me faz festinhas na cabeça como se eu fosse um *Schnauzer*.

– Digo-vos já que o próximo adulto que me disser que sou adorável vai ter uma surpresa bem desagradável.

– Odeio quando me despenteiam ou me tocam no cabelo seja de que maneira for.

– A Kittenplan é alta. A Kittenplan belisca-nos os braços com muita força quando apagam a luz.

Avril dá-lhes espaço para falar e tenta delicadamente conduzir a conversa para territórios mais próximos de verdadeiros fielismos; é subtil e tem muito jeito com crianças pequenas.

– ... e o meu papá dá-me uns empurrõezinhos nos rins quando quer que eu entre numa sala. É como se ele me *influenciasse* por trás a entrar numa sala. Um empurrãozinho mesmo irritante e minúsculo que faz com que me apeteça dar-lhe um pontapé na canela.

– Hum, hum – solta Avril pensativamente.

É impossível não ouvir a conversa porque, em comparação, as coisas ali na sala de espera estão bem silenciosas, tirando o cecear metálico dos fones que Lateral Alice Moore já tirou da cabeça e o murmúrio conspiratório de Michael Pemulis enquanto tenta convencê-la a tamborilar com os dedos no peito e a descrever a saída da I-93 para Neponset, no sentido sul, como um parque de estacionamento muito comprido e estreito. As coisas estão assim tão calmas porque o nível de ansiedade na sala de espera de Tavis é elevado.

– A minha previsão é que vão apanhar todos com uns vomitórios bem lixados – tinha dito Ann Kittenplan a Pemulis quando responderam todos à chamada feita pelo intercomunicador, que foi também mais ou menos a altura em que Pemulis começou a fazer os chios de ratazana com a cadeira que provocaram espasmos em metade da cara de Kittenplan.

Uma das coisas manhosas e sinistras dos corretivos aplicados numa academia de ténis é o facto de os castigos poderem assumir a forma do que poderá parecer

puro treino atlético. O que remete para o sargento-instrutor a mandar o recruta fazer cinquenta flexões, etc. Mas, pronto, é por isso que Gerhardt Schtitt e os seus pró-reitores são mais temidos do que Ogilvie, Richardson-Levy-O'Byrne-Chawaf ou qualquer outro dos professores académicos. Não se trata só do facto de a reputação militar de Schtitt ter precedido a sua chegada. A questão é que Schtitt e DeLint são responsáveis pela planificação diária dos exercícios matinais, dos jogos vespertinos e dos treinos de resistência e de corrida. Mas em especial dos exercícios matinais. É mais do que sabido que determinados exercícios não passam de formas de corrigir a atitude dos alunos, sendo concebidos única e exclusivamente para baixar exponencialmente a qualidade de vida durante uns minutos. Demasiado brutais para serem ministrados a um ritmo diário que contribuiria para um verdadeiro treino aeróbico, exercícios como a versão disciplinar do *Tap & Whack*[214] são conhecidos pelos alunos simplesmente como vomitórios. No fundo, os exercícios vomitórios pretendem apenas fazer uma pessoa sofrer e pensar bastante antes de repetir seja o que for que tenha feito para os merecer; mas parecem estar isentos de qualquer tipo de protesto com base na Oitava Emenda ou de telefonemas lamurientos para os pais, algo insidioso pois poderiam ser descritos aos pais e à polícia[215] como simples exercícios ministrados para benefício cardiovascular dos alunos, com todo o sadismo completamente camuflado.

Espera-se que a previsão de Kittenplan de que os alunos mais velhos vão sofrer a bom sofrer por causa da batalha campal (caos generalizado) do *Eschaton* possa ser refutada pela observação de Pemulis de que o impulso e a estrutura extracurriculares do *Eschaton* já se encontravam firmemente estabelecidos muito antes de algum deles se ter sequer matriculado na Academia. Tudo o que Michael Pemulis havia feito tinha sido codificar princípios básicos e impor uma espécie de matriz decisória. Talvez tivesse ajudado a criar uma mitologia e estabelecido, principalmente através do seu próprio exemplo, um certo nível de expectativas. E tudo o que Hal havia feito tinha sido funcionar como copista de um manual horrível. Os Combatentes do Dia I tinham lá estado por sua própria vontade. Pemulis e Axford haviam pedido a Hal que escrevesse tudo isso com palavras grandiloquentes, que Pemulis depois imprimiu num documento para o levar consigo, estudar e decorar antes de que Tavis os pudesse trucidar. A estratégia passa por deixar ser Pemulis a falar, mas com a possibilidade de Hal

interromper à vontade, a voz da razão, estilo polícia bom/polícia mau. Disseram a Axford para contar as fibras da carpete *Antron* que se encontrem entre os seus pés durante todo o tempo que lá estiverem dentro.

Hal não faz ideia do que possa significar o facto de o reitor só os ter chamado passadas quase quarenta e oito horas. É capaz de ser estranho que nunca lhe tenha ocorrido sequer ir ver Tavis pessoalmente ou ir à RdR pedir à mã que intercedesse ou o informasse. Não é que tivesse sentido esse impulso mas tivesse resistido; nem sequer lhe tinha ocorrido.

Para alguém que além de viver no mesmo estabelecimento de ensino que a família também tem o seu treino, a sua educação e praticamente toda a sua *raison d'être* supervisionados por familiares, Hal dedica uma parte invulgarmente pequena do seu cérebro e do seu tempo a pensar nas pessoas da família como membros da família. Às vezes, quando está a falar com alguém na interminável fila de inscrição para um torneio ou num baile pós-torneio e essa pessoa lhe diz qualquer coisa do género «Como é que anda a Avril?» ou «Na semana passada, vi o Orin a dar uns pontapés do caraças na bola num cartucho com as melhores jogadas da ONANFL[*2]», sucede-se um estranho momento de tensão em que a mente de Hal fica completamente em branco e a boca caída e à banda, querendo responder mas sem conseguir produzir nenhum som, como se os nomes fossem palavras que lhe estivessem na ponta da língua. À exceção de Mario, de quem Hal é capaz de falar sem parar, é quase como se uma máquina velha e lenta tivesse de se pôr a funcionar para que Hal pudesse sequer pensar nos membros da sua família mais próxima como estando relacionados consigo mesmo. Possivelmente, é uma das razões pelas quais Hal evita a doutora Dolores Rusk, que está sempre a querer sondá-lo em relação a questões de espaço e de autodefinição e a uma coisa a que não para de chamar «Complexo de Coatlicue[216]».

Charles Tavis, o meio-tio de Hal do lado da mãe, é um bocadinho como o falecido Ele Mesmo, no sentido em que o seu CV é uma mistura, constante mas não indecisa, de atletismo e ciência pura. Bacharelato e doutoramento em Engenharia, mestrado em Administração Desportiva – no começo da sua vida profissional, Tavis tinha cruzado tudo isso enquanto engenheiro civil, especializando-se na acomodação do stresse por meio da dispersão organizada, ou seja, a distribuição do peso de multidões imensas de espectadores de

atletismo. Ou seja, como ele costumava dizer, lidava com grandes plateias; à sua pequena maneira, tinha sido um pioneiro menor do betão reforçado com polímeros e dos fulcros móveis. Fizera parte das equipas responsáveis pela conceção de estádios, centros cívicos, bancadas e arenas com aspeto de fungos. Era capaz de admitir sem rodeios que tinha feito muito melhor figura enquanto engenheiro integrado numa equipa do que a ocupar sozinho as luzes da ribalta arquitetónica. Pedia imensas desculpas quando as pessoas comentavam que não faziam ideia do que queriam dizer essas palavras e explicava que a falta de claridade talvez tivesse sido inconscientemente deliberada, por causa de algum tipo de complexo devido à sua primeira e última supervisão arquitetónica individual, em Ontário, antes do surgimento da Interdependência ONANista, quando concebeu o nunca visto e muito badalado complexo SkyDome, com estádio e hotel, para a equipa dos Toronto Blue Jays. E isto porque Tavis foi o alvo da maior parte dos ataques quando se percebeu que os adeptos dos Blue Jays nas bancadas, muitos deles crianças inocentes com os seus bonés e a baterem com os punhozinhos nas luvas que tinham trazido na esperança de verem nada mais exótico do que um bloqueio mais violento e à margem das leis, esses adeptos, num número inquietante de sítios de ambos os lados do campo, tinham acesso direto às janelas do hotel e podiam ver os hóspedes a fazerem sexo das mais variadas formas, por vezes bem exóticas, nos quartos por cima das bancadas. O clamor pela cabeça de Tavis atingiu o auge quando, contava ele, o operador de câmara responsável pelo Ecrã de Repetição Instantânea de Jogadas do SkyDome, por estar ressabiado ou querer cometer suicídio profissional ou então ambas as coisas, começou a apontar a câmara para as janelas dos quartos e a passar as correspondentes imagens coitais com um sem-número de pernas e braços no ecrã de setenta e cinco metros, etc. Às vezes em câmara lenta e com múltiplas repetições, etc. Mesmo passado todo este tempo, Tavis admite que ainda sente relutância em falar disso. Confessa que o resumo que habitualmente faz da sua anterior carreira é dizer apenas que se tinha especializado em recintos desportivos capazes de alojar com segurança e conforto uma quantidade gigantesca de espectadores e que o mercado para esse tipo de serviços tinha ido ao fundo por haver cada vez mais eventos concebidos para serem divulgados através de cartuchos e vistos em casa, coisa que ressalva não ser tecnicamente mentira, apenas não é inteiramente franca nem sincera.

Lateral Alice Moore está a imprimir os convites para o WhataBurger. O *Intel 972* é um exemplo de tecnologia de ponta, mas ela teima em agarrar-se a uma velha e horrenda impressora de matriz de pontos que se recusa a substituir enquanto Dave Harde a conseguir manter a funcionar. Passa-se o mesmo com o sistema de intercomunicador e o seu obsoleto microfone metálico que Troeltsch diz ser uma afronta a toda a profissão radiofónica. Lateral Alice tem estranhas e excêntricas zonas de intransigência e luditismo, possivelmente devido ao acidente de helicóptero e aos seus problemas neurológicos. O barulho a agulhas aguçadas da impressora enche a sala de espera. Hal conclui que só pode ter a certeza da simetria da sua cara e da saliva que está a produzir quando fica ali sentado com a mão direita encostada à bochecha esquerda. Cada linha do texto que Alice está a imprimir parece uma espécie de tecido supostamente impossível de rasgar a rasgar-se, uma e outra vez, um barulho dental e aniquilador.

Para Hal, o que se passa no geral com o seu tio materno é que Tavis é extremamente tímido na presença de outras pessoas e tenta esconder isso mostrando-se muito aberto, expansivo, palavroso e brusco, o que torna a sua presença um suplício. A maneira como Mario vê a coisa é que Tavis é muito aberto, expansivo e palavroso, mas a forma como utiliza essas qualidades como uma espécie de escudo protetor é tão evidente que revela uma vulnerabilidade assustada pela qual é quase impossível não sentir compaixão. Seja como for, o que é perturbante em Charles Tavis é o facto de ser possivelmente o homem mais aberto de todos os tempos. A opinião de Orin e de Marlon Bain foi sempre a de que C.T. era mais uma fatia de pessoa do que uma pessoa propriamente dita. Hal lembra-se de que até a mã contava histórias dele quando era adolescente, quando ela levava o jovem C.T. ou estava com ele em festas ou reuniões no Quebeque na presença de outros miúdos e o jovem C.T. se mostrava demasiado envergonhado e pouco à vontade para se juntar logo a qualquer dos grupos de miúdos amontoados ali à volta, a falar, a congeminar ou lá o que fosse, e por isso Avril dizia que o ficava a ver a vaguear simplesmente de um cacho para o outro, a passarinhar por ali com um ar sinistro, sempre à margem, a ouvir, mas que depois dizia, bem alto, num momento morto da conversa do grupo, qualquer coisa como «A verdade é que sou realmente demasiado envergonhado para me juntar a vocês, por isso vou só passarinhar por aqui com um ar sinistro, à margem e a ouvir, se não se importarem e só para que saibam» e por aí fora.

Mas, pronto, a questão é que Tavis é um espécime estranho e delicado, ao mesmo tempo ineficaz e de certa maneira temível enquanto reitor, e o facto de ser um parente não garante qualquer tipo de conhecimento prévio ou trégua especiais, a não ser que certas ligações maternas sejam exploradas, algo que literalmente não passa sequer pela cabeça de Hal. Esta estranha lacuna mental em relação à sua família talvez seja uma maneira de gerir uma vida em que as autoridades domésticas e vocacionais como que se misturam. Hal está a apertar a bola de ténis como um louco, ali sentado a ouvir o barulho a agulhas aguçadas da impressora, com a palma da mão direita encostada à bochecha esquerda e o cotovelo a esconder a boca, cheio de vontade de ir primeiro à Sala das Máquinas e depois lavar a boca energicamente com a sua escova portátil e desmontável *Oral-B*. Mascar um pouco de *Kodiak* está fora de questão por várias razões.

Este ano, a única outra vez em que Hal tinha sido chamado oficialmente à sala de espera do reitor acontecera em finais de agosto, imediatamente antes da convocatória e durante o período de orientação, quando os novos miúdos do ARIAD estavam a chegar e a deambular por ali completamente perdidos e aterrorizados, etc., e Tavis queria que Hal se ocupasse temporariamente de um miúdo de nove anos acabado de chegar de um sítio qualquer chamado Philo IL, que era supostamente cego, o miúdo, e tinha ao que parecia problemas ao nível do crânio, por ter sido um dos nativos infantis de Ticonderoga, Nova Nova Iorque, evacuados demasiado tarde, e vários olhos em diferentes estádios de crescimento evolutivo na cabeça, embora fosse oficialmente cego, mas mesmo assim um jogador muitíssimo competente, o que também é uma história assim para o comprida, tendo em conta que o crânio dele tinha ao que parecia a consistência da carapaça de um caranguejo de Chesapeake, mas a cabeça propriamente dita era tão gigantesca que fazia Booboo parecer microcefálico, e o miúdo, ao que parecia, apenas se podia servir de uma mão dentro do campo porque a outra tinha de andar a arrastar ao lado dele uma espécie de suporte de soros com rodinhas e uma abraçadeira metálica em forma de halo à altura da cabeça, para a apoiar e proteger; bom, mas seja como for, Tex Watson e Thorp tinham convencido C.T. a isentar o miúdo de pagar a admissão e as propinas e depois C.T. achou que ele iria precisar, no mínimo, de alguma ajuda adicional para se orientar (literalmente) e quis que fosse Hal a dar-lhe a mão (outra vez literalmente). Passados uns dias, veio a descobrir-se que o miúdo tinha tido uma

espécie de crise familiar ou do fluido cerebrospinal, em casa, no Illinois rural, e que afinal já só se ia matricular no terceiro período. Mas nessa altura, em agosto, Hal tinha estado sentado na mesmíssima cadeira onde Trevor Axford está agora a dormitar, já bem ao fim do dia, tipo crepúsculo, depois de ter feito um jogo de exibição informal, com um profissional dos Torneios Satélite de visita da Letónia, que durou uns encorajadores três *sets* nessa tarde, o que o fez perder os pimentos recheados que a senhora C. tinha preparado para o jantar e lhe pôs o estômago a soltar aqueles barulhos género onde-é-que-está-a-comida vindos do cólon transversal, sentado sozinho na sala azul, à espera, com a cadeira a baloiçar pensativamente, já depois de Lateral Alice Moore ter ido para casa, para o seu apartamento comprido com divisões de apenas dois metros de largura, em Newton, deixando uma coisa para o pó, opaca e de plástico, a tapar o processador *Intel* e o sistema de intercomunicador e a luzinha vermelha de alarme da placa com o perigo: terceira via apagada, de modo que as únicas luzes que restavam, para além da do crepúsculo, cada vez mais fraca, provinham da quente lâmpada de cento e cinco watts do sinistro candeeiro de leitura, com um abajur azul, nas costas da sua cadeira, e dos múltiplos candeeiros acesos no gabinete de Charles Tavis (Tavis tem uma fobia a candeeiros por cima da cabeça), já que Tavis estava a fazer uma entrevista de admissão a horas tardias à impossivelmente diminuta Tina Echt, que acabou de se matricular neste outono com sete anos. Tavis tinha as portas do gabinete abertas porque estava um calor brutal em agosto e F.D.V. Harde havia conseguido pôr, sem se perceber bem como, o ar condicionado de Lateral Alice a funcionar a todo o gás na sala de espera. A porta exterior do gabinete de Tavis abria para fora ao passo que a interior abria para dentro, o que dava ao pequeno vestíbulo entre ambas, quando à vista, uma aparência de mandíbula.

O mês de agosto do ARIAD foi quando o problema crónico no tornozelo esquerdo de Hal se mostrou pior do que nunca, após uma turné explosiva mas esgotante em que chegou pelo menos aos quartos de final de praticamente tudo, sobretudo em asfalto duro[217], conseguindo sentir a pulsação nas veias dos ligamentos sensíveis do tornozelo enquanto folheava na sua cadeira as páginas lustrosas da nova *World Tennis* e via como os cartõezinhos publicitários iam caindo e esvoaçando; mas também não conseguia deixar de tirar partido da perspetiva mandibular de uma parte substancial de Charles Tavis sentado à

secretária, com o seu habitual aspeto estranhamente reduzido e diminuto e com as mãos juntas em cima da secretária gigantesca, tendo à sua frente o perfil parcial de uma rapariga que não parecia poder ter mais de cinco ou seis anos, preparada para receber documentos de admissão ao mesmo tempo que ouvia Tavis. Não havia sinal dos pais nem dos tutores de Echt. Há miúdos que são simplesmente largados. Às vezes, os carros dos pais praticamente nem chegam a parar, limitam-se a abrandar e depois voltam logo a acelerar, fazendo voar o cascalho. As gavetas da secretária de Tavis têm rodinhas que chiam. O *Lincoln* dos pais de Jim Struck nem sequer tinha abrandado. Foi preciso ajudar Struck a levantar-se do chão e levá-lo de imediato para o balneário para tomar um duche e tirar o cascalho do cabelo. Hal também se tinha ocupado da sua orientação quando Struck foi transferido, depois de ter sido expulso da Palmer Academy porque a sua tarântula de estimação (chamada *Simone* – outra história comprida) se escapou e nunca teria sequer *sonhado* morder a mulher do reitor se ela não tivesse soltado um grito, desmaiado e caído em cima do animal, explicou Struck a Hal enquanto este o ajudava a pegar nas malas espalhadas pelo caminho de entrada.

À primeira vista, e tal como muitos burocratas talentosos, Charles Tavis, o irmão adotivo da mãe de Hal, é fisicamente pequeno mais por uma questão de perspetiva do que por motivos endócrinos. A sua pequenez assemelha-se à pequenez de uma coisa que está mais longe de uma pessoa do que quer estar e que ainda por cima se está a afastar[218]. Esta esquisita aparência de uma deriva regressiva, juntamente com os movimentos compulsivos das mãos que se seguiram à sua decisão de deixar de fumar há uns anos atrás, ajudou a contribuir para a impressão de frenesi perpétuo transmitida por este homem, uma espécie de pânico localizado que é fácil de ver que explica não só a energia compulsiva de Tavis – ele e Avril, basicamente o Duo Dinâmico[*3] da compulsão, entre os dois, dormem, nos seus quartos no primeiro andar da residência do reitor – quartos separados –, tendem a dormir, entre os dois, mais ou menos o mesmo que qualquer pessoa que sofra de insónias – como se calhar também contribui para a patológica franqueza da sua maneira de ser, a forma como pensa em voz alta sobre pensar em voz alta, uma maneira de ser que Ortho Stice é capaz de imitar de modo tão inquietante que os alunos com mais de dezoito anos o proibiram de fazer isso à frente dos jogadores mais novos, por recearem que os

miúdos mais pequenos não consigam levar o verdadeiro Tavis a sério nas alturas em que é preciso levá-lo a sério.

Quanto aos miúdos mais velhos, Stice é capaz de os pôr a todos a rebolar de riso protegendo simplesmente os olhos com a mão e adotando uma expressão de quem está a sondar o horizonte sempre que Tavis aparece ao longe, parecendo retroceder mesmo estando a aproximar-se.

Na qualidade de reitor, C.T. tem sempre uma série de perguntas introdutórias para quem se vai matricular, e agora, em novembro, Hal já não se consegue lembrar qual foi a primeira que Tavis fez a Echt, mas lembra-se do chupa-chupa da miudinha e do brinco de mola em plástico de Bouncety-Bounce[219] a agitarem-se desenfreadamente ao mesmo tempo que ela abanava a cabeça. Hal tinha ficado estupefacto com o tamanho dela. Que classificação podia ter uma pessoa tão pequena no *ranking*, ainda que regional, do escalão dos doze anos?

E depois, sim, a sumptuosa chiadeira da grande cadeira de verga de Tavis a inclinar-se para a frente quando ele apoiou o peso do corpo nos cotovelos e entrelaçou os dedos sobre o tampo da secretária, de xisto reforçado com polímeros e feito por encomenda. O sorriso do reitor ao recostar-se, embora invisível para Hal devido à sombra do enorme *StairBlaster*[220] no gabinete, foi ainda assim audível por causa daquela coisa que os dentes de Tavis têm, do qual se calhar o melhor é falar o menos possível. Espreitando discretamente, Hal havia sentido um assomo de afeto por C.T. O tio materno tinha o cabelo liso e meticulosamente penteado, e o bigodezinho nunca era completamente simétrico. Também tinha um olho a um ângulo um pouco diferente do outro e, por isso, para além de levantar a mão para sondar, Stice também inclinava a cabeça ligeiramente para o lado sempre que C.T. se aproximava. Ao recordar-se agora, Hal tem um involuntário sorriso rasgado, torcido e apenas meio sentido. Axhandle está ali sentado todo afundado, apoiando o queixo no punho, numa postura que acha que lhe dá um ar meditativo mas que na verdade só lhe dá um ar *in utero*, e Kittenplan está a morder as tatuagens nos nós dos dedos, que é o que faz em vez de as lavar.

A seguir, Ortho Stice tinha entrado na quente sala de espera, com a camisa empapada em suor e o cabelo à escovinha empastado depois de ter estado a jogar ténis, trazendo as suas *Wilsons*, e tinha ido direito ao ar condicionado à entrada do pequeno vestíbulo de Tavis para apanhar um pouco de corrente de ar. A roupa

de Stice tinha sido oferecida pela Fila e quando jogava qualquer partida que fosse vestia-se todo de preto, sendo conhecido na ATE e nas turnés como «Escuridão». Tinha o cabelo cortado à escovinha e um início de papada. Ele e Hal trocaram aqueles ligeiríssimos acenos com a cabeça que as pessoas fazem quando gostam umas das outras e já não precisam de estar com quaisquer formalidades. Tinham estilos de jogo parecidos, ainda que Stice fosse maioritariamente forte na rede. Stice encostou a mão aos olhos e inclinou a cabeça ligeiramente na direção da luz do candeeiro do gabinete.

– O pequenotes ainda vai demorar muito tempo ali dentro?

– É preciso perguntar?

Tavis estava a dizer:

– Na verdade, o que nós fazemos por ti aqui é decompor-te de várias formas escolhidas a dedo, desmontar-te enquanto rapariguinha e reconstruir-te como uma jogadora de ténis capaz de enfrentar qualquer rapariga da América do Norte sem medo de limitações. Com uma perspetiva que não pode ser prejudicada pelas pestanas nem por qualquer condicionamento que possas ter trazido contigo. Uma rapariguinha que agora pode olhar para o campo como um espelho cujo reflexo não lhe provoca ilusões nem medo.

– Agora vem a cena do crânio – disse Stice.

Hal tinha observado os braços e as pernas de Stice a ficarem em pele de galinha enquanto ele apanhava o ar frio, com a cabeça levantada e a respirar fundo, apertando o equipamento contra o peito.

– Uma forma de pôr a coisa é se dissermos que vamos desmontar o teu crânio com toda a delicadeza e reconstruí-lo com um hematoma de clareza altamente desenvolvido e uma leve depressão côncava no lugar do instinto do medo. Estou a fazer todos os possíveis para explicar isto tudo através de termos com que a pessoa que és neste momento se sinta confortável, Tina. Embora seja preciso dizer-te que me incomoda ter de adaptar, por menos que seja, o meu discurso a seja quem for, já que sinto um orgulho imenso, enquanto homem e enquanto educador, na reputação que tenho de falar com toda a franqueza – disse Tavis. – Seguiu-se o sorriso audível. – É uma das minhas limitações.

Stice foi-se embora sem ter sequer de se despedir de Hal. Estavam completamente à vontade um com o outro. As coisas tinham sido um bocadinho diferentes um ano antes, quando Hal ainda estava no escalão dos dezasseis anos.

Hal ouviu Stice dizer qualquer coisa a alguém no átrio. Parte da sensação de distância a exceder o alcance focal dos olhos que C.T. transmitia tinha que ver com o facto de os dois lados da cara dele não baterem um com o outro. Não era uma situação tão drástica como a cara de uma vítima de derrame cerebral ou uma deformidade; a subtileza fazia parte da coisa, essa essencial ambiguidade em relação a si próprio que Tavis combatia como que desprendendo o crânio e expondo o cérebro às pessoas sem qualquer tipo de aviso ou convite; fazia parte do frenesi inquieto daquele homem.

Entre a saída de Ortho Stice e a entrada da mã, Hal tinha estado a dobrar o tornozelo e a observar o inchaço a mover-se ligeiramente sob as múltiplas meias. Levantou-se e experimentou apoiar o peso do corpo no tornozelo um par de vezes e depois voltou a sentar-se e recomeçou a dobrá-lo, observando o inchaço com a máxima atenção. De repente, soube que iria para a Sala das Máquinas apanhar uma moca às escondidas antes de tomar duche porque não lhe tinha passado pela cabeça perguntar ao «Escuridão» se não queria combinar qualquer coisa e irem comer juntos, já que Stice também tinha ficado sem jantar. As suas entranhas estavam a fazer um barulho igual ao daquelas chaleiras que não têm apito e por isso se limitam a roncar enquanto fervem. Um atleta de alta competição não pode saltar refeições sem sofrer terríveis perturbações metabólicas.

Passado um bocado, Avril Incandenza, a deã dos Assuntos Académicos da ATE, tinha baixado a cabeça para poder passar pela porta e entrado na sala de espera, com um aspeto fresco e totalmente alheada do calor. Trazia um dos programas de orientação com a habitual capa vermelha e cinzenta.

A mã sempre tivera uma forma de se posicionar *mesmo no centro* de qualquer sala onde estivesse, o que permitia que fosse vista de qualquer ângulo. Fazia parte dela e, nesse sentido, era algo que Hal prezava, mas também uma coisa evidente e assim para o perturbante. O seu irmão Orin, durante um jogo noturno de *Trivial Pursuit* familiar, tinha descrito Avril como «O Buraco Negro das Atenções Humanas». Hal estava a andar de um lado para o outro, apoiando-se sobre os dedos do pé esquerdo para tentar avaliar o nível exato de desconforto físico que estava a sentir. Foi nessa altura que ela entrou. Hal e a mã cumprimentavam-se sempre de uma forma assim para o extravagante. Quando Avril entrava numa sala, ninguém conseguia deixar de orbitar, e por isso os

passos de Hal foram-se tornando lentamente circulares, à volta do perímetro da sala de espera, enquanto Avril apoiava o cóccix na secretária da rececionista, cruzava os tornozelos e sacava da cigarreira. Comportava-se sempre de forma bastante descontraída e quase masculina quando estava sozinha com Hal.

Ficou a vê-lo a andar.

– O tornozelo?

Hal odiou-se por estar a exagerar no coxear, mesmo que apenas ligeiramente.

– Dorido. No máximo, inflamado. Mas mais dorido.

– Então, então, não é preciso pores-te a *chorar*! – estava a exclamar C.T. enquanto se ajoelhava ao lado da cadeira onde umas perninhas baloiçavam e se agitavam violentamente. – Não quis dizer *literalmente* partir, no sentido de partir-te a *cabeça*, Tina. Por favor, peço-te que me deixes reconhecer que a culpa é *totalmente* minha, minha querida, por apresentar o que vamos fazer aqui *precisamente* numa perspetiva errada.

Avril tinha sacado descontraidamente um cigarro comprido da cigarreira chata de latão e bateu com ele no nó sem rugas de um dedo. Hal não lhe ofereceu isqueiro. Nenhum dos dois olhou para dentro do gabinete de Tavis. Avril trazia um vestido camiseiro de algodão azul, com uma espécie de paninho ornamental rendilhado pelos ombros, meias brancas e ténis *Reebok* dolorosamente brancos.

– Estou *horrorizado* por te ter posto a chorar assim. – A voz de Tavis tinha assumido um tom carregado e parecia estar a vir do fundo de um longo corredor. – Por favor, só quero que saibas que tens à tua disposição um colo completamente benigno caso queiras um, é só isso que me ocorre dizer.

Avril fumava sempre com o braço que usava para fumar levantado e o cotovelo apoiado na curva do outro. Muitas vezes, era capaz de ficar a segurar um cigarro precisamente dessa maneira sem o acender ou o enfiar sequer na boca. Apenas se permitia fumar no seu gabinete da ATE, no escritório da RdR e em mais um ou dois sítios equipados com equipamento de filtragem do ar. Naquela noite, a sua postura, com o cóccix encostado a algo e percorrendo as pernas com o olhar, era extremamente parecida com a maneira como Ele Mesmo costumava estar de pé. Apontou com a cabeça para a porta de C.T.

– Imagino que ele já lá esteja há algum tempo.

Hal detestou o levíssimo tom queixoso que lhe saiu da voz:

– Já estou aqui à espera há quase uma hora.

E gostou um pouco que ela pusesse uma cara de preocupação com ele ao levantar as sobrancelhas minúsculas (não depiladas, apenas naturalmente minúsculas e arqueadas).

– Então ainda não comeste nada?

– Fui *chamado*.

A voz de Tavis lá dentro:

– Convido-te neste preciso momento a sentares-te ao meu colo e a deixares-me dizer coisas tranquilizadoras do género «Pronto, está tudo bem».

– Quero a minha mamã e o meu *papá*.

– Então é essa tua barriga que está a fazer esses barulhos e não o ar condicionado? – perguntou Avril com aquele sorriso que também era uma espécie de crispação nervosa.

– Nem sequer seria capaz de *começar* a descrever os barulhos que me estão a sair aqui debaixo, como os daquela chaleira sem apito que Ele Mesmo deixava ligada quando...

Surgiu uma maçã de um dos bolsos fundos do vestido dela.

– Por acaso, até tenho aqui uma *Granny Smith* para recompores o corpo e a alma enquanto esperamos.

Ele sorriu com cansaço para a grande maçã verde.

– Mã, essa maçã é tua. E, por acaso, até sei que não vais comer mais nada entre o meio-dia e as onze da noite.

Avril fez um gesto de dilatação.

– Estou cheia. Ainda nem há três horas, tive um almoço enorme com um conjunto de pais. Tenho andado a arrastar-me desde então. – Pôs-se a olhar para a maçã como se não fizesse sequer ideia de onde aquilo tinha vindo. – Provavelmente, vou deitar isto fora.

– Não vais não.

– Por favor – disse ela, desencostando-se do rebordo da secretária sem parecer utilizar nenhum músculo, segurando na maçã com o braço esticado, como se fosse uma coisa desagradável, e com o cigarro, que já teria feito um buraco no vestido se estivesse aceso, pendurado ao lado do corpo. – Fazias-nos um favor aos dois.

– Isto deixa-me louco. Tu sabes que isto me deixa louco.

A expressão que Hal e Orin utilizam para este número é Roleta da Boa

Educação. Esta coisa da mã que faz uma pessoa detestar-se por lhe dizer a verdade em relação a qualquer problema por causa das consequências que isso terá para ela. É como se comunicar qualquer necessidade ou problema fosse estar a assaltá-la. Às vezes, durante o *Trivial Pursuit* familiar, Orin e Hal punham-se na brincadeira: «Por favor, nem sequer estou a utilizar este oxigénio.» «O quê, esta perna velha? Fica com ela. Está sempre a atrapalhar. Fica com ela.» «Mas estas fezes são *deslumbrantes*, Mario – a sala de estar *precisava* de qualquer coisa, só neste preciso instante é que percebi do quê.» O singular e inquieto calafrio de nos sentirmos ao mesmo tempo cúmplices e agradecidos. Pegando na maçã, Hal detestou a sua reação habitual, fingindo estar a fingir que a relutância em comer o jantar dela não passava de um fingimento. Orin achava que ela fazia tudo isso de propósito, o que era demasiado fácil. Dizia que ela andava com os sentimentos à frente dela, com o braço a apertar a traqueia dos sentimentos e uma pistola *Glock* de nove milímetros encostada à têmpora dos sentimentos como um terrorista com um refém, desafiando-nos a disparar.

A mã estendeu a capa vermelha a Hal sem sair do mesmo sítio.

– Já viste os novos programas que a Alice preparou?

A maçã era boa, com um sabor ácido mas perfumado do bolso do vestido da mã, e estimulou-lhe uma torrente de saliva. Dentro da capa estavam várias fotografiazinhas informais e de partidas iguais às das paredes da sala de espera, reproduções de recortes de jornais e três argolas para o programa com as diretrizes e os códigos de honra a respeitar, tudo escrito por Moore em letras góticas em itálico.

Hal tirou os olhos da capa e apontou com a cabeça para o gabinete de C.T.

– És tu que vais fazer a visita guiada à miúda?

– Felizmente, estamos com falta de pessoal. A Thierry e o Donni venceram a eliminatória em Hartford, por isso vão continuar por lá. – Inclinou-se toda para a frente e espreitou para dentro do gabinete de C.T. para que este visse que ela ali estava. Sorriu.

Hal seguiu-lhe o olhar.

– A miúda chama-se Tina qualquer coisa e deve dar-te pelo joelho.

– Echt – disse Avril, a olhar para qualquer coisa num *print*.

Hal olhou para ela enquanto mastigava.

– Já embirras com ela?

– Tina Echt. De Pawtucket. Segundo parece, o pai é um padeiro que faz pão sem fermento ou coisa assim e a mãe é relações públicas da equipa dos Red Sox lá da terra, da liga de beisebol AAA.

Hal sorriu e teve de limpar o queixo.

– Diz-se Triple-A. Não é AAA.

Avril estava a dobrar-se pela cintura, com a capa encostada ao peito como as mulheres seguram nas coisas planas, ainda a tentar atrair as atenções do reitor.

Hal disse:

– Finalmente, o Troeltsch vai ter competição no departamento dos apelidos repulsivos.

– Meu Deus, ela é mesmo pequena, não é?

– Não me parece que ela possa ter mais do que uns cinco anos.

– Oh, meu Deus, vejamos: sete anos, QI elevado, teste de personalidade MMPI assim para o fracote, jogou no Providence Racquet and Bath, em East Providence. Classificada, em junho, na trigésima primeira posição do *ranking* do escalão dos doze anos da costa leste.

– Ela não pode ser muito mais alta do que a raqueta. O Schtitt vai mantê-la aqui, o quê, doze anos?

– O Charles disse que o pai da miúda já anda há mais de dois anos a telefonar a pedir para ela vir para cá.

– Ele pôs-se com aquela coisa de desmontar crânios e ela ficou histérica.

O ataque de riso de Avril foi estridente, alarmante e característico dela, por isso agora C.T. teria pelo menos a certeza de que a mã estava lá fora à espera e iria apressar as coisas lá dentro e depois ocupar-se de Hal para Hal poder ir apanhar uma moca às escondidas.

– Olha, bom para ela – disse Avril.

O movimento circular de Hal fê-lo andar à volta da secretária de Lateral Alice Moore numa espécie de ampla elipse. Sempre que punha o pé esquerdo no chão, apoiava-se para trás ou para a frente, pondo-se por breves instantes em bicos de pés e dobrando o tornozelo.

– Dez anos aqui dentro e dá em maluca. Se começar aos sete, aos catorze vai estar pronta para o circuito ou então vai começar a ter aquele ar acabado que dá vontade de agitarmos a mão à frente da cara da pessoa.

Ouviu-se o barulho do sapato *Nunn Bush* direito de Tavis a chiar mais depressa, o que significava que a conclusão estava mesmo a chegar.

– Tina, vou arriscar dizer que o mais provável é que tenhas dificuldade em ver-te como uma grande atleta neste momento, tendo em conta que ainda não consegues ver por cima da rede, mas possivelmente ainda terás mais dificuldade em ver-te como alguém que gera entretenimento, que capta a atenção das pessoas. Como um objeto de alta velocidade no qual as pessoas se possam projetar, esquecendo as suas próprias limitações perante o potencial praticamente ilimitado que alguém tão novo como tu representa.

A maçã produzia quantidades tremendas de saliva.

– Ele vai pô-la no circuito antes de ela ter o primeiro período, vai haver outra vez uma data de bruaá e imensos alugueres de cartuchos com uma miúda que não é maior do que a raqueta a dar cabazadas em lésbicas eslavas farfalhudas, e quando chegar aos catorze vai parecer um pedaço de carvão velho no fundo da grelha no quintal.

Uma velha piada militar sobre maçãs não lhe saía da cabeça. Come a Maçã, Que Se Foda o Caroço[*4]. Hal não se conseguia lembrar do que aquilo supostamente queria dizer.

A mã estava a estalar os dedos sem fazer barulho e a franzir a testa.

– Há um nome qualquer para o carvão reduzido a resíduos depois de um dia inteiro na grelha. Estou a tentar lembrar-me.

Hal detesta isto.

– Escórias[*5] – disse ele automaticamente. – Do baixo alemão *Klinker* e do holandês antigo *klincaerd*, soar, tocar, proposto como substantivo por volta de mil setecentos e sessenta e nove: uma massa dura formada pela fusão das impurezas terrestres do carvão, do minério de ferro, do calcário.

Detestava que pudesse sequer passar pela cabeça dela que ele seria levado pelo afásico franzir do sobrolho e pelo estalar dos dedos, e que, ainda por cima, ele alinhasse sempre nisso com tanta satisfação. Continua a ser exibicionismo se o detestarmos?

– Escória.

– Mas uma grelha não teria escórias. O carvão vegetal é tão refinado que arde até se transformar em cinzas. Acho que as escórias são, tipo, metálicas. Pensa, por exemplo, na etimologia tocar-travessão-soar.

– Gosto de suspeitar que é por causa disto que muitos dos nossos jogadores mais velhos gostam de fazer de mim um pregoeiro de feira com balanços financeiros minúsculos a revirarem-me nos olhos, por causa da franqueza que demonstro com todos os potenciais novos membros da nossa família ao explicar-lhes que é daqui que vêm os recursos para o ténis profissional e para o sistema de desenvolvimento norte-americano para crianças dotadas que querem chegar ao topo do profissionalismo ou a uma carreira no âmbito do desporto universitário, e por isso, em última análise, também para os consideráveis custos operacionais de uma academia como esta e para bolsas como a parcial que temos tanto gosto em poder oferecer aos teus pais para ti.

– Então talvez nos queiras dar a honra de jantar connosco. Também vai lá estar a menina Echt, se tiver autorização para ficar acordada até tão tarde.

O caroço fez um barulho de címbalo muito abafado ao bater no fundo do cesto de papéis de Lateral Alice.

– Não me consigo escapar aos treinos da madrugada. O Wayne e eu temos de jogar com o Slobodan[221] e o Hartigan numa partida de exibição qualquer organizada por uma empresa, em Auburndale, logo a seguir ao almoço.

– E já pediste ao Barry para falar com o Gerhardt sobre o teu tornozelo não estar a melhorar?

– A terra batida vai fazer-lhe bem. O Schtitt já sabe tudo sobre o tornozelo.

– Pois então desejo-vos aos dois muita sorte. – A carteira de Avril parecia mais um saco de fim de semana do que uma carteira. – E nesse caso, deixa-me dar-te a chave da cozinha.

Quando está a orbitar, Hal olha sempre por cima do ombro esquerdo da mã, e revelou os seus planos por entre os pedidos de Avril para aceitar um ato de boa educação qualquer.

– O «Escuridão» e eu estávamos a pensar descer a colina num instantinho para comer qualquer coisa se e quando eu conseguisse sair daqui.

– Oh!

Foi então que ele se pôs a pensar com temor no que Stice poderia ter dito à mã em relação ao jantar quando ela entrou.

– Se calhar, o Pemulis também, acho que foi o que ele disse.

– Bom, então não te divirtas, de maneira nenhuma.

Echt e Tavis já estavam de pé. Na primeira fração de segundo em que Hal

olhou para eles, pareceu-lhe que C.T. se estava a masturbar e a miudinha a fazer *Sieg Heil*. Achou que se calhar estava a começar a enlouquecer. Até a polpa da maçã lhe cheirava a perfume.

Três meses mais tarde, na manhã de hoje, ainda antes de voltar a ser chamado, quando estava no dentista, o consultório tinha libertado um estranho e forte cheiro, doce e limpo, o equivalente olfativo das luzes fluorescentes. Hal tinha sentido a picada fria na gengiva e depois a lenta dormência radial, com a cara a inchar como um balão e a transformar-se numa das fofas e altas nuvens fixadas no azul de *aftershave* do céu do papel de parede do consultório. O doutor Zegarelli tinha olhos verde-escuros secos que sobressaíam da máscara azul-menta, como se tivesse azeitonas em vez de olhos, e debruçou-se para avançar, com o foco da luz de dentista que tinha por cima da cabeça a dar-lhe um daqueles halos medievais desenhados com uma perspetiva errada que os faz parecer estar em pé. Mesmo com a máscara, o hálito de Zegarelli é célebre – os alunos da ATE que são forçados pelo seu Plano de Saúde de Grupo a reclinarem-se pela primeira vez por baixo de Zegarelli recebem conselhos sobre como respirar, inalar quando Zegarelli inala e expirar ao mesmo tempo que ele, para evitar duplicar o sofrimento pelo qual Hal já passou, e só hoje.

Charles Tavis não é um palhaço. O que está a deixar as coisas tão tensas ali no meio daquele azul todo da sala de espera é o facto de historicamente haver pelo menos dois Charles Tavis, como sabem os três rapazes mais velhos. A *persona* da Preocupação Total, da faceta franca, da livre associação de ideias, dos braços a agitarem-se no horizonte perspetivado e das mãos a contorcerem-se de pânico é no fundo a versão de Tavis da compostura social, a sua maneira de se dar com as pessoas. Mas basta perguntar a Michael Pemulis, cujos ténis já estiveram tantas vezes na carpete de Tavis que deixaram uma marca impossível de aspirar na *Antron* de xadrez: quando Tavis perde a compostura, quando a integridade ou o bom funcionamento da Academia ou o seu lugar incontestado na direção da ATE são, Deus nos livre, ameaçados, o tio abertamente flexível de Hal transforma-se num homem diferente, alguém com quem não se deve brincar. Não é necessariamente pejorativo comparar um burocrata encurralado a uma ratazana encurralada. O sinal de perigo a que se deve prestar atenção é se Tavis ficar de repente muito calado e quieto. Porque, em termos de perspetiva, nessa altura ele parece que cresce. Ali sentado, parece que se precipita sobre a pessoa,

que se propaga num abrir e fechar de olhos. Atrás da enorme secretária, quase avulta sobre a pessoa. E se as coisas dão para o torto em termos administrativos, os miúdos que saem pela porta em forma de mandíbula do seu gabinete fazem-no pálidos e a esfregarem os olhos, não por causa das lágrimas mas devido ao enviesamento da perspetiva de fundo que C.T. provoca subitamente quando há merda.

Outro alerta é quando se serve do intercomunicador para dizer formalmente a Lateral Alice Moore para nos mandar entrar e aos outros, em vez de as portas do gabinete se abrirem a partir de dentro, e quando ela se levanta e nos dá um empurrãozinho para nos fazer entrar como se fôssemos algum vendedor de chapéu na mão, sem nos fitar uma única vez, como se tivesse vergonha. Uma família grande e unida.

O controlo de indecências parece ter degenerado numa situação em que as raparigas estão todas muito entusiasmadas a trocar informações sobre que tipo de animais os membros das suas famílias biológicas imitam ou lembram fisicamente, e Avril não se vê nem se ouve e ao que parece está a deixá-las continuar com aquilo e descontrair. Hal não para de verificar se tem baba no queixo com a palma da mão. Pemulis, com uma camisa com caracteres cirílicos, tira o chapéu, olha em redor e começa a endireitar a gravata por reflexo, dando uma última vista de olhos ao *print*, enquanto Axford está ali parado a tentar rodar a maçaneta da porta exterior, precisando de três tentativas. Ann Kittenplan, por outro lado, tem uma expressão de calma quase majestosa e é a primeira a entrar pela porta interior, como se estivesse a descer de um estrado.

E também parece de certa forma sinistro que ela tenha estado aparentemente ali o tempo todo, esta pessoa chamada Clenette, uma das funcionárias contratadas ao fundo da colina por nove meses, de olhos bonitos e tão negra que a pele até é azulada, com o cabelo alisado com ferro e apanhado em cima e o fato de treino de empregada de limpeza da ATE, verde-azulado e com fecho de correr, a despejar os cestos de papéis de latão de Tavis no carrinho grande com os lados de lona cinzenta. A maneira como olha para um ponto logo ao lado do sítio para onde Hal está a olhar enquanto espera com o carrinho junto à porta interior de C.T., aguardando que Lateral Alice Moore faça entrar Hal e os outros. O carrinho, tal como o carrinho de mestre do jogo do pobre Otis Lord, tem uma roda descontrolada e faz um pouco de barulho mesmo enterrado na felpuda

carpete, ao tentar contornar Moore, que faz marcha atrás encostada à parede do vestíbulo. Nem Schtitt nem DeLint estão lá, mas pelo sibilar da respiração de Pemulis, Hal percebe que Dolores Rusk se encontra na sala antes mesmo de desviar os olhos de C.T., que está sentado na sua cadeira giratória de verga, a pulsar de tão próximo que dá ideia de estar quase a acabar de dobrar descontraidamente um clipe gigante, formando uma espécie de cardioide ou círculo imperfeito: a sombra de Tavis, projetada pela luz da janela, já ultrapassa o *StairBlaster*, atingindo a otomana vermelha e cinzenta encostada à parede leste e na qual está sentada de facto Rusk, com uma malha caída nos colãs e o rosto impassível; e depois, ao lado dela, está o pobre coitado Otis P. Lord, ainda com o monitor *Hitachi* enfiado na cabeça como o morrião de um grotesco cavaleiro de alta tecnologia, afundado na otomana, com os ténis a apontarem um para o outro na felpuda carpete azul e preta, as mãos no colo, dois buracos para os olhos feitos de forma tosca na proteção preta de plástico da base do monitor, Lord evitando o olhar de Hal, e afiadas lascas de vidro do ecrã que estilhaçou a apontarem – algumas quase até a tocarem – para o seu pescoço e garganta esguios, de tal forma que não pode mexer a cabeça apesar dos arquejos do peito em dificuldades, com a enfermeira do turno do dia da ATE por trás dele, inclinada sobre as costas do sofá para segurar o monitor com o máximo cuidado, e essa posição expõe-lhe o decote e faz com que Hal preferisse ser o tipo de pessoa que não reparasse nisso. Os olhos de Lord recaem sobre Hal e pestanejam lugubremente através dos buracos, e consegue-se ouvi-lo a fungar o nariz húmido ali dentro, com um ruído complexamente abafado; e Pemulis está a acabar de pôr os pés precisamente em cima das suas marcas habituais na carpete do gabinete quando C.T., parecendo funestamente levantar-se da cadeira sem sair dela, pede baixinho à pessoa com quem tinha estado a falar no gabinete – o jovem e lavadinho urologista do nariz arrebitado e do *blazer* da ONANTA, muito pouco considerado na ATE, sentado lá atrás, à sombra da porta interior aberta, no canto sudeste do gabinete, de modo que está escondido deles desde o início e dá oportunidade a que Axford e Hal façam uma cara teatral e incriminatória, rodopiando e exclamando quando ouvem Charles Tavis a dirigir-se ao perito em urina que está atrás deles para lhe pedir muito baixinho para fechar as duas portas.

*1 Organization of North American Nations Tennis Association. *(N. dos T.)*
*2 Organization of North American Nations Football League. *(N. dos T.)*
*3 Referência à dupla formada por Batman e Robin. *(N. dos T.)*
*4 No original, trocadinho entre as palavras homófonas *core* (caroço) e *corps* (unidade ou corpo militar). *(N. dos T.)*
*5 No original, *clinkers*. *(N. dos T.)*

ANTES DO AMANHECER E AMANHECER, 1 DE MAIO DO ARIAD AFLORAMENTO A NOROESTE DE TUCSON, ARIZONA, EUA, QUIETUDE

– NÃO SE PODE DIZER que seja uma coisa exclusiva dos Estados Unidos – voltou a dizer Steeply. – Eu andei na escola quando não se podia escapar ao multiculturalismo. Estudámos que os Japoneses e os Indonésios, por exemplo, tinham uma figura mítica. Esqueço-me do nome dela. Era um mito oriental. Uma mulher com cabelos louros que a cobriam. Completamente. O corpo todo coberto por cabelos louros da cabeça aos pés.

– Esse tipo de tentação passiva, parte disso parece incluir uma carência sentida. Uma privação apreendida. Em termos corporais, os Orientais não são uma cultura muito peluda.

– Estes mitos orientais multiculturais envolviam sempre jovens orientais que a encontravam ao pé de um curso de água qualquer, a pentear o cabelo que lhe cobria o corpo e a cantar. E fazem sexo com ela. Ao que parece, ela é simplesmente demasiado exótica e intrigante ou sedutora para se poder resistir. Segundo os mitos, nem sequer os jovens orientais que conhecem os mitos são capazes de resistir.

– E ficam paralisados por esse ato íntimo – completou Marathe.

Agora, quando sonhava com o pai, sonhava com os dois, o jovem Marathe e M. Marathe, a patinarem num rinque ao ar livre em St. Remi-d'Amherst, com a respiração de M. Marathe visível e o *pacemaker* quadrado a sobressair-lhe por baixo do casaco de malha típico de Brunswick.

– Normalmente, morriam logo no ato. O prazer é demasiado intenso. Não há mortal capaz de o aguentar. Mata-os. *M-o-r-t-s*.

Marathe fungou.

– A parte análoga é que até os que sabem que o prazer os vai matar avançam à mesma.

Marathe tossiu.

Alguns dos insetos que estavam por ali a voar tinham múltiplas asas e eram bioluminosos. Pareciam muito determinados, passando pela rocha e lançando-se

numa determinada direção, a caminho de alguma coisa urgente. O barulho deles, dos insetos, fez Marathe pensar em cartas de jogar enfiadas nos raios da roda de uma bicicleta de um rapaz com pernas. Os dois homens mantiveram-se calados. Era a altura dos falsos amanheceres. Vénus deslocava-se para leste, afastando-se deles. A luz mais ténue possível infiltrava-se no deserto e espalhava-se pelas estranhas paisagens castanho-claras em redor, qualquer coisa a aquecer sob o círculo da noite. A manta que Marathe tinha no colo estava repleta de carrapichos e de sementezinhas espigadas de umas espécies quaisquer. O deserto dos EUA começou a sussurrar com vida, que, na sua maioria, permanecia oculta. No céu americano, as estrelas tremeluziam como chamas alinhadas por cima de uma infiltração de brilho de baixa resolução. Mas não havia sinal do tom rosado de um amanhecer genuíno.

Tanto o Departamento dos Serviços Não Especificados dos EUA como *Les Assassins des Fauteuils Rollents* aguardavam com ansiedade estas reuniões entre Marathe e Steeply. Mas não tinham servido de muito. Era a sexta ou a sétima reunião. Steeply tinha-se oferecido para ser o contacto de Marathe na traição deste, apesar das dificuldades linguísticas[222]. A AFR estava convencida de que Marathe atuava como agente triplo, fingindo trair a sua nação para ajudar a mulher, memorizando cada pormenor das suas reuniões com o BSS. Segundo Steeply, os seus superiores no BSS não sabiam que Fortier sabia que Steeply sabia que ele (Fortier) sabia que Marathe ali estava. Steeply ocultava esse facto aos superiores. Na opinião de Marathe, era algo que satisfazia um desejo, muito típico nos EUA, de ocultar um pequeno pormenor aos superiores. A não ser que Steeply estivesse a enganar Marathe em relação a isso. Marathe não o sabia. E M. Fortier não sabia que Marathe tinha chegado à conclusão íntima de que amava a mulher sem crânio e com coração defeituoso mais do que amava a causa separatista e anti-ONAN da nação do Quebeque, o que fazia com que Marathe não fosse melhor do que M. Rodney «o Deus» Tine. Se Fortier soubesse isso, enfiaria compreensivelmente um prego dos caminhos de ferro no olho direito sem osso de Gertraud, o que não só a mataria como significaria o fim de Marathe.

O genuíno Marathe apontou para leste, onde o céu se mostrava brilhante mas não rosado.

– Um amanhecer falso.

– Então e o vosso mito francófono da Odalisca da Theresa?

– *L'Odalisque de Sainte Thérèse*.

Marathe raramente cedia à tentação de corrigir Steeply, cujas pronúncia e sintaxe horrendas Marathe nunca conseguia determinar com segurança se eram ou não intencionais, com o objetivo de o irritar e confundir.

Steeply prosseguiu:

– Segundo esse mito multicultural, a Odalisca é tão bela que os olhos dos mortais do Quebeque não conseguem aguentar. Quem olhar para ela transforma-se num diamante ou numa gema.

– Na maioria das versões, numa opala.

– Uma Medusa ao contrário, poder-se-ia dizer.

Os dois homens, bastante versados nisto, riram-se sem alegria[223].

Marathe disse:

– Os Gregos não temiam a beleza. Temiam a fealdade. Por esse motivo, acho que a beleza e o prazer não eram tentações fatais para eles.

– Ou então é como uma combinação de Medusa e Circe, a vossa Odalisca – disse Steeply.

Estava a fumar o último ou um dos últimos cigarros do maço que trazia na carteira – o hábito que o Americano tinha de atirar as beatas pela rocha abaixo impedira Marathe de as contar. Marathe sabia que Steeply sabia que os filtros dos cigarros não biodegradavam o ambiente. Chegados a esta altura dos acontecimentos, os dois já se conheciam bem.

Um pássaro escondido chilreou.

– A personalidade mítica grega também tinha gravidezes causadas pela chuva e violações feitas por aves[*1].

– E vê bem como avançámos tanto – respondeu Steeply com ironia.

– Essa ironia e esse desprezo por nós próprios. Parece-me que também fazem parte da tentação do protótipo do homem dos EUA.

– Ao passo que o vosso protótipo é um homem só de ações, fins – retorquiu Steeply, mas Marathe não conseguiu perceber se com ironia ou sem ela.

O solo do deserto ia-se iluminando impercetivelmente, com a sua superfície a adquirir a cor de uma pele muito bronzeada. O cato saguaro tinha a tonalidade de um réptil. Agora, conseguiam discernir-se formas potencialmente jovens dentro de sacos-cama de penas parecidos com caixões e espalhados à volta dos restos

pretos da fogueira da última noite. O ar cheirava a madeira verde. Um odor insípido a pó. Ao longe, as escavadoras das obras assumiam uma cor de urina e pareciam congeladas a meio de várias ações. Continuava frio. Marathe tinha os dentes cobertos por uma película palpável, talvez uma pasta de pó, especialmente os dentes da frente. Não se via nenhum arco superior do Sol e Marathe ainda não projetava a sua sombra no xisto atrás deles.

A pulsação de Rémy Marathe era muito baixa: não tinha pernas que necessitassem de sangue do coração. Era muito raro sentir dores fantasmas e, quando isso acontecia, apenas no coto esquerdo. Os AFR têm todos braços enormes, em especial na parte superior. Marathe era canhoto. Steeply estava a servir-se da mão esquerda para manusear o cigarro e do braço direito para apoiar o cotovelo esquerdo. Mas Marathe sabia perfeitamente que Steeply era dextro. Os quistozinhos sebáceos da eletrólise da *persona* de agente de campo de Steeply estavam agora intensamente rosados, em contraste com a palidez da sua cara, que parecia ao mesmo tempo inchada e chupada.

A leste, o céu sem nuvens sobre as montanhas Rincon tinha o leve e pálido tom rosado de uma queimadura não cicatrizada. Todo o cenário, a iluminar-se progressiva e impercetivelmente, daquelas paisagens destilava uma quietude que lembrava uma fotografia. Há já bastante tempo que Marathe tinha guardado o relógio no bolso do anoraque para não estar sempre a ver as horas. Steeply gostava de imaginar que o seu interface ditava o seu próprio horário; Marathe tinha optado por fazer-lhe a vontade.

Marathe apercebeu-se de que, por vezes, quando fingia fungar pretendia alertar Steeply para o silêncio que se ia romper.

– Podias sentar-te por uns instantes, se estiveres cansado. As tiras dos sapatos... – fez um ligeiro gesto.

Teatralmente, Steeply olhou para baixo e começou a remexer com a biqueira do sapato no pó da rocha castanho-clara.

– Parece que é capaz de haver para aqui coisas.

– Tenho de me ir embora não tarda muito. – A mão de Marathe tinha a marca da textura rugosa da coronha da *Sterling*. – Foi bom estar ao ar livre por uma noite. Mas daqui a pouco tenho de ir.

– A rastejarem por aqui. A saia faz uma pessoa pensar duas vezes antes de abancar simplesmente o rabo onde quer que lhe apeteça. A possibilidade de

coisas... treparem pela pessoa acima. – Olhou para Marathe. Parecia triste. – Nunca me tinha dado conta.

---

*1 Referências, respetivamente, às seduções de Dánae e Leda. *(N. dos T.)*

04H50, 11 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND* RECEÇÃO, CRDA DA ENNET HOUSE, ENFIELD, MASSACHUSETTS

– NÃO SABIA SE HAVIA de me borrar toda ou gritar «Dixie[*1]» quando aquilo começou. E a *expressão* da cara dele.

– Comigo, uma das primeiras vezes foi quando estava num bar qualquer em Lowell com uns gajos com quem saía e estávamos lá com mais uns gajos, uns parvalhões de merda lá de Lowell, os típicos bêbados novitos que se estão a transformar em bêbados da classe operária que param num bar depois do trabalho para beber um copo ou dois e só voltam para casa depois daquilo fechar. Sempre a beberem *shots* de uísque mais cerveja, a jogarem aos dardos e isto e aquilo. E há um gajo do nosso grupo que começa a meter-se com a miúda de outro gajo, que tem um ar bastante normal e está lá com a miúda e um dos nossos gajos começa a dizer isto e aquilo à gaja, a tentar engatá-la, e o namorado irrita-se, sabes como é, uma cena perfeitamente compreensível, e há uma troca de palavras e por aí fora, e nós estávamos lá todos com esse gajo, no nosso, tás a ver, grupo, era ele que se estava a meter com a miúda do outro gajo mas era um dos nossos, fazemos todos parte do mesmo grupo, e por isso avançamos todos para o namorado da miúda e começamos a empurrá-lo um bocadinho, sabes como é, a dizer-lhe que ele se está a armar em parvo com o nosso chavalo, damos-lhe umas bordoadazitas, uns calduços, nada de extremo ou que meta sangue, apertamos um bocadinho com ele, expulsamo-lo do bar e convencemos a miúda a beber os *shots* de uísque mais as cervejas connosco, até que o gajo que a tinha tentado engatar consegue convencê-la a jogar *strip*-dardos, tipo tirar peças de roupa consoante a pontuação, uma cena que o *barman* não curte lá muito mas os gajos são clientes habituais, é tipo família. Estamos todos muita bêbados e a jogar *strip*-dardos.

– Estou a ver a cena. Parece uma cena muito linda.

– Só que, quando desanuviei um bocadinho a tola mais tarde, aprendi que, num bar de bairro, nunca devemos fod... nunca nos devemos meter com um gajo da zona que está lá com a miúda, humilhá-lo à frente dela e a seguir continuar lá,

no mesmo sítio, depois de ele se ir embora, porque este género de gajo volta sempre.

– Aprendeste a ir embora.

– Porque, passada meia hora, o tipo volta lá artilhado. *Artilhado* quer dizer que agora já há um ferro envolvido na história.

– Um ferro?

– Uma pistola. Lembro-me de que não era das grandes, de calibre vinte e cinco ou coisa do género, mas o gajo lá volta, vai direto à zona dos dardos, onde a miúda já só está de combinação, puxa da pistola e, sem dizer uma palavra, dá um tiro no nosso chavalo que lhe tinha sacado a miúda e o havia humilhado, espeta-lhe um tiro na cabeça, mesmo em cheio na nuca.

– O gajo era marado dos cornos.

– Bom, Joelle, o gajo tinha sido humilhado à frente da miúda, nós continuámos lá e ele voltou e enfiou-lhe uma bala na nuca.

– E matou-o instantaneamente.

– Não, ele não morreu logo. Para mim, a parte mais negativa foi o que fizemos. Nós todos, ao gajo que tinha levado o tiro. Por esta altura, já estamos todos completamente fodidos. Lembro-me daquilo não parecer real. O *barman* está ocupado a chamar a bófia, o gajo larga o ferro e o *barman* agarra-o, aponta-nos a pistola que tem no bar, chama a polícia e fica com o gajo atrás do balcão, suponho que para impedir que lhe limpemos o sebo ali mesmo, por vingança. Por esta altura, já estamos todos tão podres de bêbados que parecemos uns zumbis. A miúda tem a combinação toda cheia de sangue. E o nosso chavalo está ali com um tiro na cabeça, o gajo tinha-lhe espetado uma bala mesmo em cheio na nuca, e há sangue por todos os lados. Pensamos sempre que uma pessoa sangra de forma, tás a ver, contínua. Mas, caso não o soubesses, numa hemorragia grave o sangue sai como a pulsação. Tipo, jorra, para e depois jorra outra vez.

– Não precisas de mo dizer.

– Bom, eu não te conheço, não é verdade, Joelle? Não sei o que é que já viste ou sabes.

– Vi um bacano a ficar sem mão quando estava a cortar lenha com uma serra elétrica, junto ao rio Cumberland, onde eu estava a pescar com o meu papá. Parecia que ia sangrar até morrer ali mesmo. O papá teve de usar o cinto. E antes

de o conseguir apertar, o sangue estava a sair assim, como a pulsação. O papá levou-o para o hospital de carro para, tás a ver, salvar-lhe a vida. Tinha aprendido umas coisas. Sabia salvar vidas assim.

– Acredita, o que ainda me faz confusão é que estávamos todos tão bêbados que nem sequer levámos aquilo assim para o sério, porque quando ficava a cair de bêbado parecia-me tudo um filme. Quem me dera, ainda hoje, que tivéssemos pensado em levá-lo logo para o hospital. Podíamos tê-lo enfiado no carro. Ainda não tinha morrido, apesar de não estar com grande aspeto. Nem sequer o deitámos, tivemos uma ideia, houve um que começou a andar com ele de um lado para o outro. Pusemo-nos todos a andar com ele às voltas, como se tivesse tido uma *overdose*, achando que se conseguíssemos que ele continuasse a andar até chegar a carrinha da polícia não haveria problemas. Lá para o fim, já o estávamos a arrastar, acho que nessa altura já tinha morrido. Toda a gente estava cheia de sangue. A pistola não passava de um velho calibre vinte e cinco. As pessoas estavam a gritar connosco para o levarmos para o hospital de carro, mas tínhamos metido na cabeça esta ideia de andar com ele de um lado para o outro, de o segurar e de andar com ele às voltas, com a rapariga a berrar e a tentar calçar as meias e nós a gritarmos para o gajo que lhe tinha dado o tiro que íamos tratar da saúde dele e mais isto e aquilo, até que o *barman* chamou uma ambulância e quando chegaram o gajo já estava mortinho da silva.

– Gately, isso é mesmo horrível.

– Porque é que estás levantada se nem sequer tens de trabalhar?

– ...

– ...

– Gosto das manhãs em que neva assim tão cedo. Esta janela é a melhor. Mas tu aprendeste uma lição.

– Chamava-se Chuck ou Chick. O que levou o tiro dessa vez.

– Ouviste aquele gajo, o McDade, ao jantar? Sabes que há gente que tem uma perna mais curta do que a outra, certo?

– Não presto atenção às tretas que esses tipos dizem.

– Foi ao jantar, o gajo estava na outra ponta da mesa. Contou-me a mim e ao Ken que tinha uma advogada quando estava no Reformatório Juvenil de Jamaica Plain e que essa advogada tinha um problema físico, as pernas eram mais curtas uma do que a outra.

– ...

– ...

– Acho que não te estou a perceber, Joelle.

– A mulher tinha as duas pernas mais curtas uma do que a outra.

– Como é que uma perna pode ser ao mesmo tempo mais curta e comprida do que a outra?

– Ele estava a gozar connosco. Disse que era uma ideia à Alcoólicos Anónimos, que desafiava o bom senso e as explicações e que tínhamos simplesmente de acreditar nela. Aquele tipo sinistro da peruca branca, o Randy, estava a fazer panelinha com ele, com uma cara toda séria. O McDade disse que ela andava como se fosse um metrónomo. Estava a dar-nos baile, mas mesmo assim achei que aquilo tinha piada.

– Então talvez me possas falar desse teu véu, Joelle, já que estamos a falar de coisas que desafiam o bom senso.

– Andava todaaaa inclinada para um lado. E depois todaaaa inclinada para o outro.

– A sério. Vamos lá interagir a sério já que aqui estás. Para que é que é o véu?

– Uma cena de noiva.

– ...

– Aspirante a muçulmana.

– Não queria estar a intrometer-me. Se não queres falar do véu, podes dizer-me e pronto.

– É que também faço parte de outra associação e já lá estou há quase quatro anos.

– A AHID?

– É a Associação dos Horrível e Improvavelmente Disformes. O véu é uma espécie de distintivo vistoso da associação.

– E é comparável a quê?

– Usamos todos um. Quase todos, se já lá estivermos há algum tempo.

– Mas se não te importas que pergunte, porque é que fazes parte disso? Da AHID? És disforme como? Não é nada que salte à vista, se é que o posso dizer. Falta-te, tipo, qualquer coisa?

– Há uma cerimónia curta. É um bocadinho parecido com as medalhas que são distribuídas, na reunião do Grupo Mais Vale Tarde Que Nunca, para assinalar os

Diferentes Períodos de Sobriedade. Os novos AHID levantam-se, recebem o véu, colocam-no e ficam ali em pé a recitar que o véu que colocaram é uma marca e um símbolo e que é de livre vontade que escolhem ficar vinculados a usá-lo sempre – um dia de cada vez –, tanto na luz como na escuridão, tanto sozinhos como perante os olhares dos outros e tanto com desconhecidos como com amigos e familiares, incluindo até os papás. Que nenhum mortal, com os seus próprios olhos, o verá destapado. E que, a partir desse instante, esses AHID declaram abertamente que se querem esconder de todos os olhares. Fim de citação.

– ...

– Também tenho um cartão de membro que explica tudo o que possas querer saber e mais ainda.

– Só que eu já perguntei à Pat e ao Tommy S. e a coisa que continuo sem perceber é porque é que uma pessoa entra para uma associação só para se esconder. Consigo perceber se a pessoa é, tipo, hedionda, tás a ver, e andou a vida inteira escondida na escuridão e agora quer entrar e fazer parte de uma associação em que toda a gente é igual e em que toda a gente se pode identificar com a situação por também ter passado a vida inteira escondida, e essa pessoa entra para essa associação para poder sair da escuridão e passar a pertencer ao grupo e receber apoio e aparecer finalmente sem olhos ou com três mam... braços ou seja lá o que for e ser aceite por pessoas que sabem exatamente o que é isso, e, tal como nos Alcoólicos Anónimos, dizem-lhe que a vão amar até ela se poder, tás a ver, amar e aceitar a si própria, e a pessoa deixa de se importar com o que os outros veem ou pensam e pode finalmente sair da jaula e deixar de se esconder.

– Os Alcoólicos Anónimos são assim?

– Mais ou menos, um bocadinho, sim.

– Bom, meu caro senhor Gately, o que as pessoas não percebem em relação a sermos horrível ou improvavelmente disformes é que o impulso para nos escondermos é contrabalançado por um gigantesco sentimento de vergonha em relação ao nosso impulso para nos escondermos. Se estivermos numa festa académica de degustação de vinhos e formos improvavelmente disformes, somos objeto de olhares que as pessoas tentam ocultar por terem vergonha de quererem olhar e só nos queremos esconder desses olhares dissimulados, apagar a nossa

diferença, rastejar para baixo da toalha de mesa ou enfiar a cara debaixo do braço, ou então rezar para que haja um corte de eletricidade e para que uma escuridão completamente libertadora e niveladora se abata e nos possamos reduzir a uma simples voz no meio de outras, invisíveis, iguais, em nada diferentes, escondidos.

– Isto é como aquela coisa de que andaram a falar, as pessoas que detestam as suas caras nos videofones?

– Só que, Don, nós continuamos a ser um ser humano, continuamos a querer viver, ansiamos por nos relacionarmos e pertencermos à sociedade, sabemos intelectualmente que não deixamos de ser tão merecedores de nos relacionarmos ou pertencermos à sociedade como qualquer outra pessoa só por causa do nosso aspeto, sabemos que se nos escondermos por medo dos olhares estamos no fundo a ceder a um sentimento de vergonha que não é necessário e que nos vai impedir de ter o tipo de vida que merecemos tanto como a rapariga do lado, sabemos que não podemos fazer nada em relação ao nosso aspeto mas que supostamente podemos fazer alguma coisa em relação à *importância* que damos ao nosso aspeto. Supostamente, devemos ter força suficiente para exercer algum controlo em relação à nossa vontade de nos escondermos, e estamos tão desesperados por sentir que exercemos algum tipo de controlo que nos conformamos com a *aparência* de controlo.

– Ficas com a voz diferente quando falas destas merdas.

– O que fazemos é *esconder* a nossa profunda necessidade de nos escondermos, e fazemos isso devido à necessidade de *aparentarmos* às outras pessoas que temos força suficiente para não nos importarmos com a *aparência* que temos para os outros. Colocamos a nossa cara hedionda sob o implacável escrutínio visual do grupo de gente que está a provar os vinhos, fazemos um sorriso tão rasgado que até nos dói, estendemos a mão, somos supersociáveis e simpáticos e esforçamo-nos por aparentar que não nos damos minimamente conta das contrações faciais das pessoas que estão a tentar não estremecer, não se porem a olhar ou não revelar que veem que somos horrível e improvavelmente disformes. Fingimos que aceitamos a nossa deformidade. Pegamos no nosso desejo de nos escondermos e ocultamo-lo sob uma máscara de aceitação.

– Usa menos palavras.

– Por outras palavras, escondemos que nos estamos a esconder. E fazemos

isso por vergonha, Don, temos vergonha de nos querermos esconder dos olhares. Temos vergonha da nossa ânsia descontrolada pela sombra. Na AHID, o primeiro passo é a admissão da nossa impotência perante a necessidade de nos escondermos. A AHID permite que os membros sejam francos em relação à necessidade imprescindível de se esconderem. Por outras palavras, assumimos o véu. Assumimos o véu e usamo-lo com orgulho, mantemos a cabeça bem erguida e andamos com determinação onde quer que queiramos, velados e escondidos, só que agora completamente sinceros e sem vergonha nenhuma do facto de a nossa aparência aos olhos dos outros nos afetar profundamente, do facto de querermos estar protegidos de todos os olhares. A AHID apoia-nos na decisão de nos escondermos abertamente.

– Parece que estás sempre a passar de uma maneira de falar para outra. Às vezes, até parece que não queres que eu te compreenda.

– Bom, eu tenho uma vida novinha em folha, acabadinha de sair do embrulho, e vocês dizem todos que vou demorar algum tempo a acostumar-me a isso.

– Então, na União, ensinam-vos a aceitar a vossa não aceitação, é isso que estás a dizer.

– Percebeste muito bem. Afinal de contas, não precisavas nada de menos palavras. Se não te importas que eu o diga, a sensação que tenho é que tu achas que não és inteligente, mas não és.

– Não sou inteligente?

– Expliquei-me mal. Não és *não* inteligente. Ou seja, não tens razão em pensar que não tens nada aí em cima.

– Então, aquilo que estás a ver em mim depois de passares, tipo, três dias aqui é um problema de amor-próprio. Tenho baixo amor-próprio porque acho que não sou suficientemente inteligente para algumas pessoas.

– E não há problema nenhum nisso, diria a AHID, para ilustrar o ponto de vista da AHID, por contraste com um ponto de vista aparentemente mais dos Alcoólicos Anónimos. A AHID diria que não há problema nenhum em sentires-te inadequado e com vergonha por não seres tão inteligente como outros, mas que esse ciclo se torna anelar e insidioso se começares a ter *vergonha* do facto de não seres inteligente te envergonhar, se tentares esconder o facto de te sentires mentalmente inadequado, e por isso andas por aí a gozar com a tua própria falta de inteligência e a comportares-te como se isso não te incomodasse nada,

fazendo de conta de que não te importas se as outras pessoas acham que és pouco ou muito inteligente.

– Quando me ponho a tentar perceber o que estás a dizer, fico com a testa a latejar.

– Bom, também passaste a noite toda a pé.

– E agora tenho de ir para a merda do meu outro emprego.

– És bem mais inteligente do que pensas, Don G., embora duvide que alguma coisa que alguém possa dizer consiga penetrar nesse sítio corroído e incoerente em que tens medo de ser lento e bronco.

– E o que é que te leva a pensar que eu acho que não sou inteligente, a não ser que estejas a dizer que é óbvio para toda a gente que eu não sou inteligente, é isso?

– Não queria estar a intrometer-me. Se não queres falar disso com uma pessoa que mal conheces, podes dizer-me e pronto.

– Agora estás a ser sarcástica em relação ao que eu disse antes.

– ...

– No décimo ano, expulsaram-me da equipa de futebol por ter chumbado a Inglês.

– Jogaste futebol americano?

– Era bom até me expulsarem. Arranjaram-me um explicador e mesmo assim chumbei.

– Eu era chefe de claque ao intervalo. Andei num acampamento especial durante seis verões seguidos.

– ...

– Mas há uma data de formas de nos odiarmos a nós próprios para as quais não há véu que valha. A AHID ensinou-nos a mostrarmo-nos agradecidos por haver pelo menos um véu para o nosso caso.

– Então o véu é uma maneira de não escondermos a coisa.

– De a escondermos abertamente, é mais isso.

– ...

– Já estou a ver que é muito diferente dos objetivos da reabilitação das drogas, do programa dos Alcoólicos Anónimos e dos Narcóticos Anónimos.

– E posso perguntar-te em que aspeto é que és disforme?

– O melhor é quando o sol está a irromper pela neve e fica tudo tão branco.

– ...

– Quase que me tinha esquecido porque é que aqui vim, aquela tipa, a Kate, disse que ontem à noite o Ken E. ia conseguindo que um filho da puta qualquer o matasse, naquela cena dos Narcóticos Anónimos em Waltham, e eles querem que alguém diga à Johnette para não os obrigar a voltar lá se não quiserem ir.

– ...

– ...

– Em primeiro lugar, a Kate e o Ken podem ir falar diretamente com a Johnette, eu não preciso de me intrometer e tu não precisas *mesmo* de te intrometer e salvar mais ninguém. Em segundo lugar, de repente, estás a falar outra vez de maneira diferente e quando estavas a falar do véu não me parecias ser tu. E, em terceiro lugar, não penses que eu não consigo ver o esforço danado que estás a fazer para desviar a conversa quando te perguntei se te podia perguntar que deformidade é que não estás a esconder debaixo dessa coisa. O meu lado de funcionário da Ennet House tem a dizer-te que se não queres responder é só dizeres e pronto, mas não tentes pôr-te com coisas, a pensar que me podes desviar a atenção e fazer com que me esqueça do que te perguntei.

– E o meu lado de membro da AHID responderia que estás preso na vergonha que te provoca a vergonha e que esse ciclo de vergonha te impede de estar realmente *presente* no teu trabalho como funcionário, Don. Chateia-te mais a possibilidade de eu estar a tomar-te por estúpido e distraído do que a incapacidade de uma residente deste centro afirmar sem rodeios que quer exercer abertamente o direito de se recusar a responder a uma pergunta incrivelmente pessoal e sem a mínima relação com as drogas.

– E agora lá está ela a falar outra vez como a porra de uma professora de Inglês. Mas ignoremos isso. A questão não é essa. Vê bem como estás a tentar desviar a conversa para as minhas vergonhas em vez de responderes sim ou não à minha pergunta: «És capaz de me dizer o que é que te falta debaixo dessa coisa?»

– És bom a esconder-te, meu caro senhor G., és *mesmo* bom. Mal começamos a esgravatar quaisquer incompetências que te envergonham, escondes-te atrás da tua própria máscara protetora de funcionário do Centro e começas a tentar sondar matérias que agora *sabes* que não sou capaz de revelar – já que me fizeste contar-te tudo sobre a filosofia de escondimento da AHID –, e assim o teu

próprio sentimento de inadequação é enterrado ou utilizado como luz de fundo para iluminar a minha própria incapacidade de ser sincera e direta. A melhor defesa é o ataque, não é verdade, senhor jogador de futebol americano?

– Está na hora de tomar uma aspirina, com essas palavras todas. Ganhaste. Vai ver a neve a cair noutro sítio qualquer.

– A questão, senhor funcionário, é que eu já fui completamente sincera em relação à minha vergonha e à minha incapacidade de ser sincera e direta a respeito disso. Estás a revelar uma coisa que eu já mostrei. A tua vergonha por sentires vergonha daquilo que tens medo que possa ser visto como falta de inteligência é que está a continuar enterrada debaixo desta conversa inútil sobre a minha deformidade em que não paras de insistir.

– E, enquanto isso, ainda não me deste uma resposta direta, sim ou não, ao que te perguntei, se posso ou não perguntar o que é que está aí por baixo, se és vesga ou tens, tipo, barba, ou se tens uma pele mesmo horrível aí por baixo, embora em todos os sítios visíveis a tua pele pareça...

– Pareça o quê? A minha pele que não está escondida é o quê?

– Estás a ver, lá estás tu a tentar desviar a conversa em vez de responderes simplesmente não ao meu posso perguntar. Diz não e pronto. Experimenta. Não há problema. Não vai acontecer nada de mal. Experimenta só e pronto.

– Perfeita. Ias dizer que toda a pele que tenho visível é simplesmente perfeita e cremosa de morrer.

– Meu Deus, porque é que eu estou sequer aqui? Porque é não interages simplesmente contigo própria se achas que conheces todos os meus problemas e vergonhas e tudo o que eu vou dizer? Porque é que não aproveitas a sugestão e dizes não? Porque é que aqui vieste? Por acaso fui eu que fui ter contigo para falar? Não estava eu aqui simplesmente a tentar manter-me acordado e a tratar do registo, a preparar-me para ir varrer merda com um taradinho por sapatos, e não apareceste tu aqui toda lampeira e depois sentaste-te e puseste-te a falar comigo?

– Eu sou perfeita, Don. Sou tão linda que ponho qualquer pessoa que tenha um sistema nervoso louca dos cornos. Assim que me veem, não conseguem pensar em mais nada, não querem olhar para mais nada, deixam de cumprir as suas responsabilidades habituais e passam a acreditar que basta terem-me ali com eles o tempo todo para que tudo fique bem. Tudo. Como se eu fosse a

solução para a profunda necessidade deles, todos babados, de estarem coladinhos à perfeição.

– E agora o sarcasmo.

– Sou tão linda que sou disforme.

– E agora a falta de respeito de me tratar como se fosse estúpido por tentar que ela analise o seu medo de dizer não sem rodeios, coisa que não está disposta a fazer.

– Estou deformada pela beleza.

– Queres ver a minha cara de funcionário profissional? Aqui tens a minha cara de funcionário. Digo que sim com a cabeça e sorrio, trato-te como uma pessoa a quem tenho de fazer a vontade dizendo que sim com a cabeça e sorrindo, e por trás dessa cara estou a dar voltas e mais voltas com o dedo ao pé da cabeça, tipo Que maluquinha do caralho, tipo Onde é que está o colete?

– Acredita no que quiseres. Sei que não posso controlar aquilo em que acreditas.

– Olha o funcionário profissional a escrever no registo médico: Seis aspirinas extrafortes para o funcionário depois do sarcasmo, da recusa indireta em analisar os medos que tem e do comportamento sarcástico por parte da recém-chegada que acha que sabe os problemas de toda a gente.

– Em que posição é que jogavas?

– ... e o funcionário pergunta-se porque é que ela está sequer aqui, em tratamento, se sabe assim tanto.

Na Ennet House, começa a ouvir dizer-se baixinho que Randy Lenz arranjou a sua própria e obscura maneira de lidar com os bem conhecidos problemas de Raiva e Impotência que assolam um toxicodependente durante os primeiros meses de abstinência.

As reuniões noturnas dos Alcoólicos Anónimos ou dos Narcóticos Anónimos acabam às 21h30 ou às 22h00 e o recolher obrigatório é só às 23h30, por isso a maioria dos residentes da Ennet House volta para lá em grupo, apanhando boleia daqueles que têm carro, e há alguns que vão de carro consumir doses gigantescas de gelado e café.

Lenz é um dos que têm carro, um velho e muito modificado *Duster*, com os guarda-lamas repletos do que parecem ser rajadas de ferrugem branca disparadas

por uma caçadeira de calibre .12, pneus traseiros de tamanho gigante e um motor tão esgotado de tanta aceleração que é um pequeno milagre que ele ainda tenha a carta.

Lenz só põe os pés fora da Ennet House depois de anoitecer e, mesmo assim, só com a peruca e o bigode brancos e o ondulante sobretudo de gola alta, e só vai às reuniões noturnas obrigatórias; e o que se passa é que nunca leva o carro para as reuniões. Apanha sempre boleia e junta-se ao grupo que vai no carro dessa pessoa. E depois, por alguma razão, tem de se sentar sempre no ponto mais a norte possível do banco, servindo-se de uma bússola e de um guardanapo para perceber qual será a direção principal da viagem daquela noite e, a seguir, qual será o lugar onde terá de se sentar para ficar o mais a norte possível. Gately e Johnette Foltz tiveram de passar a dizer todas as noites aos outros residentes que Lenz lhes está a ensinar as valiosas virtudes da paciência e da tolerância.

Mas a seguir, quando a reunião acaba, Lenz nunca apanha boleia de ninguém para voltar para o Centro. Vai sempre a pé todas as noites. Diz que é porque precisa de apanhar ar, por estar encafuado o dia todo naquele Centro apinhado de gente, evitando portas e janelas, escondendo-se de ambos os lados do sistema de Justiça.

E é então que numa quarta-feira, depois da reunião dos Alcoólicos Anónimos organizada pelos Jovens de Brookline, no cruzamento da Rua Beacon com a Avenida Chestnut Hill, Lenz só chega ao centro às 23h29, demora quase duas horas quando essa distância se faz a pé aí numa meia hora, e até Burt Smith fez isso, em setembro, em menos de uma hora; e Lenz só chega mesmo em cima do recolher obrigatório e, sem dizer nada a ninguém, sobe disparado para o quarto que partilha com Glynn e Day, como o sobretudo *Polo* a esvoaçar e a peruca branca a largar pó, e vai a suar e a fazer uma barulheira inaceitável com os seus sapatos chiques ao trepar a correr pelas escadas sem alcatifa da zona dos homens, uma situação que Gately não teve tempo para abordar com ele por ter tido de lidar com o facto de tanto Bruce Green como Amy J. terem desrespeitado o recolher obrigatório.

Lenz lá fora, na noite urbana, sozinho, praticamente todas as noites, às vezes com um livro.

Os residentes que parecem fazer questão de andar por aí sozinhos fazem soar alarmes de perigo na reunião de quinta-feira dos funcionários, realizada no

gabinete de Pat, por representarem um risco evidente de recaída. Mas já fizeram cinco análises de urina a Lenz e, das três vezes em que o laboratório não fez merda com o teste EMIT[*2], a urina de Lenz não acusou nada. Basicamente, Gately resolveu deixar Lenz em paz. O Poder Superior de alguns recém-chegados é como a natureza, o céu, as estrelas, o toque frio do ar outonal e sabe-se lá mais o quê.

Portanto, Lenz anda lá fora na noite, sem companhia e disfarçado, supostamente a passear. Já domina a grelha torta das ruas à volta de Enfield-Brighton-Allston. South Cambridge e East Newton e North Brookline e o hediondo Spur. Na maior parte das vezes, quando sai das reuniões segue por ruas secundárias. Ruas residenciais de rendas baixas e repletas de contentores do lixo, caminhos de entrada para prédios de renda controlada que se convertem em ruelas, passagens esconsas por trás de lojas, contentores do lixo, armazéns, cais de carga e descarga, hangares gigantescos da Empire Waste Displacement, etc. Os seus mocassins brilham intensamente e fazem um som elegante e parecido com um sapateado enquanto ele avança com as mãos nos bolsos e o sobretudo aberto e a abanar, procurando. Procura durante várias noites até se dar sequer conta da razão ou daquilo que poderá estar à procura[224]. Atravessa um território noturno de animais urbanos. Gatos domésticos à solta e outros vadios até à medula aparecem e desaparecem nas sombras, rebuscam nos contentores do lixo e fodem e lutam ao som de barulhos infernais ao redor de Lenz, que avança com os sentidos muito aguçados na noite habitada por criaturas de escala reduzida. Há as ratazanas, os ratos, os cães vadios com a língua de fora e as costelas que se conseguem contar. Talvez um ou outro hámster e/ou guaxinim selvagens. Só coisas sorrateiras e furtivas depois do anoitecer. E também cães não vadios, que chocalham as correntes, ladram ou se atiram quando ela passa por quintais com cães. Prefere seguir para norte mas é capaz de seguir para leste ou para oeste nas zonas mais seguras das ruas. O barulho elegante dos sapatos em cimento de diferentes texturas precede-o várias centenas de metros.

Às vezes, vê ratazanas a sério perto dos canos de esgoto ou, noutras, perto de contentores do lixo sem gatos. A primeira coisa consciente que liquidou foi daquela vez em que encontrou umas ratazanas foi num amplo beco oeste-leste junto ao cais por trás da empresa Svelte Nail, logo a leste de Watertown, na Rua N. Harvard, em que noite foi isso? Estava a vir de East Watertown, o que

significava o Grupo Mais Será Revelado dos Narcóticos Anónimos, com Glynn e Diehl, em vez do Grupo Mais Vale Tarde Que Nunca dos Alcoólicos Anónimos, em St. E.'s, com o resto da manada do Centro, e por isso era segunda-feira. Portanto, numa segunda-feira, ia a passear por um beco, com os passos a ecoarem no cimento do cais e na parede norte do lado esquerdo a que se estava a agarrar, à procura de qualquer coisa mas sem saber do quê. Mais à frente, viu um contentor do lixo da Svelte, com a forma de um estegossauro, bem diferente dos contentores mais baixos e estreitos da EWD. Ouviu ruídos sub-reptícios e secos a virem das sombras do contentor. Quando pegou numa coisa, não foi conscientemente. O chão do beco estava cheio de buracos e Lenz quase não teve de interromper o seu elegante sapateado para pegar num pedaço de betão, de um quilo, manchado de alcatrão. Eram ratazanas. Duas grandes ratazanas estavam a atirar-se a uma salsicha meio comida numa bandeja de papel suja com mostarda proveniente de uma rulote, num recanto entre a parede norte e o engate do contentor. Tinham as pontas das horrendas caudas cor-de-rosa iluminadas pela fraca luz do beco. Não se mexeram quando Randy Lenz se aproximou delas em bicos de pés. As caudas eram carnudas e peladas e contorciam-se para trás e para a frente, a aparecerem e a desaparecerem sob a fraca luz amarela. O pedaço achatado de betão acertou em cheio numa das ratazanas e de raspão na outra. Ouviram-se chios frenéticos e horrorosos, mas o golpe aplicado em cheio na primeira ratazana também produziu um barulho muito forte e substancial, uma espécie de combinação sonora entre um tomate a ser atirado a uma parede e um relógio de bolso a levar com um martelo. Saíram coisas do ânus da ratazana. A ratazana ficou estendida de lado, de um modo que não augurava nada de bom em termos médicos, com a cauda a contorcer-se, as coisas a saírem-lhe do ânus e pequenas gotas de sangue nos bigodes, gotas que pareciam pretas sob a iluminação das luzes de sódio de segurança espalhadas pelo telhado da Svelte Nail. Estava a arquejar; tinha as pernas a mexerem-se como se estivesse a correr, mas esta ratazana não ia a lado nenhum. A outra ratazana tinha desaparecido para baixo do contentor, a arrastar a parte de trás do corpo. Havia mais pedaços soltos de rua por todos os lados. Quando Lenz pegou noutro e o fez cair sobre a cabeça da ratazana, descobriu conscientemente que o que gostava de dizer no momento da resolução dos problemas era: «Pronto.»

Suprimir ratazanas passou a ser a maneira de Lenz resolver os assuntos de

carácter interno durante as duas primeiras semanas de passeios noturnos pelo meio das pestes de quatro patas.

Don Gately, o cozinheiro e abastecedor do Centro, compra umas caixas enormes de tamanho económico de sacos *Hefty*[225] que ficam guardadas debaixo do lava-loiças para quem tiver como tarefa semanal tratar do lixo. Ennet House produz lixo a sério.

Então, quando as ratazanas começam a tornar-se um bocadinho rotineiras e insignificantes, Lenz começa a surripiar sacos *Hefty* debaixo do lava-loiças e a levá-los para as reuniões e quando volta para o Centro. O saco do lixo vai cuidadosamente dobrado num bolso de dentro do sobretudo, um modelo *Lauren-Polo* ondulante e de gola alta que ele adora e no qual usa diariamente um rolo para tirar os pelos. E também leva, noutro bolso, um bocadinho de atum da despensa do Centro, dentro de um saquinho com fecho de correr que um típico viciado sabe enrolar com destreza para fazer um cilindro em que a droga se encontre protegida e não liberte nenhum odor.

Os residentes da Ennet House – incluindo McDade – chamam aos sacos *Hefty* «Bagagem Irlandesa», um termo de linguagem da rua.

Randy Lenz descobriu que se conseguir que um gato chegue perto dele, esticando a mão e mostrando-lhe um pouco de atum, é capaz de lhe enfiar um saco *Hefty* na cabeça e levantá-lo fazendo com que o gato fique no fundo do saco, e depois pode fechar o saco com a fita de plástico que já vem com ele. Pode procurar a parede, vedação ou contentor do lixo mais a norte, pousar o saco fechado aí, acender um cigarro e agachar-se ao pé da parede para ficar a ver a imensa variedade de formas assumidas pelo saco à medida que o frenético gato vai ficando sem ar. As formas vão ficando cada vez mais violentas, contorcidas e saltitonas passado um minuto. Quando o saco para de assumir novas formas, Lenz apaga o cigarro com a ponta do dedo molhada com cuspo para o guardar para mais tarde, levanta-se, desata o saco, espreita lá para dentro e diz: «Pronto.» O «Pronto» veio a revelar-se decisivo para a sensação de descompressão e encerramento e para resolver os problemas de raiva impotente e medo desesperante que se acumulam dentro dele por estar o dia inteiro preso nas zonas nordeste de um centro de reabilitação esquálido, receando pela vida o dia inteiro, era assim que Lenz se sentia.

Lenz desenvolveu uma espécie de hierarquia de desportista para os tipos de

gatos e bairros consoante os géneros de gatos que encontra lá fora; e transformou-se num conhecedor de gatos, da mesma maneira que um pescador de mar alto conhece as espécies de peixes capazes de lutar mais ferozmente e mais agitadamente pelas suas vidas marinhas. No entanto, os melhores gatos, os mais ferozmente vivos, conseguiam normalmente servir-se das garras para escaparem de um saco *Hefty*, o que criava um imbróglio: os que valia mais a pena ficar a ver assumirem várias formas dentro do saco eram aqueles com que Lenz se arriscava a se calhar não resolver os seus problemas. Ficar a ver um gato, a bufar e de pelo eriçado, a fugir todo contorcido e ainda meio enfiado num saco de plástico fazia Lenz admirar o espírito de luta do gato mas deixava-o à mesma a sentir que não tinha resolvido nenhum dos seus problemas.

Por isso, o passo seguinte para Lenz foi começar a dar dinheiro à menina Charlotte Treat ou à menina Hester Thrale para, quando fossem ao Palace Spa ou à Father/Son comprar tabaco ou preservativos, lhe comprar sacos do lixo especiais *Hefty SteelSak*[226], de fibra reforçada, para o lixo mais afiado ou pouco colaborador, e descritos por Ken E. como «*Guccis* Irlandeses», por serem extrarresistentes e terem um tom cinzento de bronze duro típico de um empresário. Lenz tem uma panóplia tão grande de hábitos estranhos e compulsivos que o facto de passar a pedir *SteelSaks* não causou a mínima surpresa a ninguém.

E depois junta dois, dois sacos especiais e reforçados, fechando-os com arames para limpar canos, e a partir daí os gatos mais determinados e benéficos começam a fazer os sacos duplos assumirem as mais diversas e perversamente abstratas formas contorcidas, chegando mesmo por vezes a deslocar os sacos fechados durante umas dezenas de metros ao longo do beco, com uma espécie de pulos desordenados, até acabarem por perder o gás e encerrarem o assunto e os problemas em questão de Lenz com uma última forma noturna.

O intervalo preferido de Lenz para isto é o que vai das 22h16 às 22h26. Não tem consciência da razão por trás deste intervalo. E as anchovas acabam por se revelar mais eficazes ainda do que o atum. Um programa de atração, pensa ele descontraidamente enquanto se passeia. Os seus percursos via norte até ao Centro estão restringidos pela prioridade de manter visível, pelo máximo tempo possível, o relógio e termómetro digital do telhado do Brighton Best Savings Bank. O BBSB indica a hora padrão do Leste e o fuso horário do meridiano de

Greenwich, coisa que Lenz aprova. Os dados em cristal líquido parecem materializar-se em direção ao topo do ecrã e desaparecem pelo fundo, dando lugar a novos dados. O senhor Doony R. Glynn disse, na reunião comunitária de segunda-feira do Centro, que uma vez, no ano de 1989 AS e depois de ter tomado uma quantidade imprudente de um alucinogénio a que se referiria apenas como «A Madame», tinha andado durante várias semanas sob um céu de Boston que, em vez de uma cúpula azul ligeiramente curvada, com as nuvens, as estrelas e o Sol, era uma grelha quadrada e plana, friamente euclidiana, com eixos pretos e uma finíssima rede de linhas que criavam coordenadas próprias de uma grelha, e a grelha inteira era da cor do ecrã de um monitor HD da DEC[*3] quando o monitor está apagado, esse género de cinzento-esverdeado das águas profundas e paradas, com o Índice Dow Jones a aparecer num dos lados da grelha e o Índice NIKEI no outro, e com a hora e a temperatura em graus centígrados, incluindo vírgulas de decimais, a piscarem no eixo inferior do ecrã do céu, e sempre que ele olhava para um relógio verdadeiro ou comprava o *Herald* para ver a cena do Dow, a grelha mostrava-se completamente precisa; e essas várias e ininterruptas semanas com esse céu sobre a cabeça de Glynn tinham-no levado a ir parar primeiro ao sofá-cama do apartamento da mãe, em Stoneham, e depois ao Hospital Metropolitano Cidade de Waltham, para um mês à base de *Haldol*[227] e tapioca, na tentativa de escapar ao céu onde só cabia a grelha de prognóstico acertado, e ainda hoje diz que fica a suar em bica quando pensa nesse intervalo da grelha; mas Lenz tinha achado isso bem fixe, o céu como relógio digital. E além disso, entre as 22h16 e as 22h26, as ventoinhas gigantescas da ATHSCME, que se ouvem facilmente desde a Praça Sunstrand, estão por norma desligadas para serem limpas e fica tudo silencioso, tirando o rumor intenso do trânsito da cidade e talvez um ou outro contentor de lixo aéreo da EWD catapultado em direção à Concavidade, com o seu fiozinho de luzes a traçar um arco para nordeste; e, claro, também as sirenes, tanto as eurotrocaicas das ambulâncias como as normais, típicas dos Estados Unidos, da polícia da cidade, a Proteger e a Servir, mantendo os cidadãos à distância; e o mais sedutor nas sirenes que se ouvem na noite urbana é que a não ser que estejam mesmo em cima de nós, com as luzes a banharem-nos em cores vermelhas-azuis-vermelhas, parecem sempre estar super e terrivelmente longe e a afastarem-se, chamando-nos do lado de lá de um fosso cada vez maior. Ou é isso ou estão mesmo a morder-nos os

calcanhares. Não há meio-termo com as sirenes, reflete Lenz enquanto caminha e procura.

Glynn não tinha chegado a dizer realmente «euclidiana», mas Lenz havia entendido a mensagem perfeitamente. Glynn tinha cabelo ralo e uma invariante barba grisalha de três dias, uma diverticulite que o fazia andar um pouco curvado e alguns problemas físicos residuais por uma série de tijolos lhe ter caído em cima da cabeça na sequência de uma moscambilha com o seguro de acidentes de trabalho que deu para o torto e que incluía olhos vesgos, com Lenz a ouvir Joe L., aquela rapariga do véu, a dizer a Clenette Henderson e a Didi Neaves que o homem era tão vesgo que era capaz de estar a meio da semana e ver os dois domingos.

Desde que chegou à Ennet House no verão, Lenz ainda só apanhou mocas, e sempre às escondidas, com cocaína orgânica umas duas ou três vezes, talvez meia dúzia no máximo, apenas as necessárias para não se passar completamente dos cornos, com as linhas que snifava a saírem do *stock* de emergência que guardava numa espécie de búnquer retangular recortado à navalha numas trezentas páginas do gigantesco livro, com letras grandes, de Bill James, *Princípios de Psicologia e as Conferências Gifford sobre Religião Natural*. E esses momentos, completamente ocasionais, de ingestão de drogas num Centro a cair aos bocados e com relógios pouco fiáveis, onde passa o dia inteiro, todos os dias, enfiado e sob um stresse terrível, escondendo-se das ameaças vindas de ambos os lados da justiça, com um *stock* de vinte gramas, sempre lá em cima a chamar por ele, proveniente de uma pouco noticiada tentativa de moscambilha bilateral em South End que o tinha obrigado superazaradamente a esconder-se numa pocilga e a ter de partilhar um quarto com merdosos como Geoffrey D. –, essa ingestão de cocaína tão ocasional e tão em último recurso é, para Lenz, uma redução tão acentuada do Uso & Abuso que se trata de um autêntico milagre e constitui claramente a mesma dose de sobriedade milagrosa que a abstinência total significaria para uma pessoa sem as singulares sensibilidades e estrutura psicológica de Lenz, para além da porra do intolerável stresse diário e das dificuldades em descomprimir, e ele aceita as suas medalhas mensais com a consciência tranquila e a cabeça limpa de dúvidas: sabe que está sóbrio. E faz isso com inteligência: nunca ingeriu cocaína quando volta sozinho das reuniões, que é a altura em que os funcionários contariam que ele ingerisse se o fosse

fazer. E nunca no Centro propriamente dito, e apenas uma vez na proibida Unidade # 7 do outro lado da ruela. E qualquer pessoa com dois dedos de testa é capaz de dar a volta a uma análise de urina EMIT: emborcar um copo de sumo de limão ou de vinagre faz com que os resultados do laboratório sejam incompreensíveis; pôr um pouco de lixívia em pó nas pontas dos dedos e deixar que ela escorra para dentro do copo enquanto se está na cavaqueira com Don G. É uma seca dos diabos enfiar um cateter *Texas* e mijar por ele, e além disso o tamanho obsceno do recetáculo da coisa causa problemas de inadequação a Lenz, que só o usou duas vezes, sendo que em ambas foi Johnette F. que recolheu a urina e ele pôde envergonhá-la e fazê-la desviar os olhos. Lenz ficou com um cateter *Texas* do último centro de reabilitação onde esteve, em Quincy, no que Lenz recorda como tendo sido o Ano da Máquina de Lavar Silenciosa *Maytag*.

E depois Lenz descobriu, quando um gato, a caminho de um saco, o magoou ao arranhar-lhe o pulso de forma particularmente hostil, que os *Hefty SteelSaks* duplos eram produtos reforçados de uma tal qualidade que conseguiam aguentar uma coisa de garras afiadíssimas e mexer-se freneticamente e ainda assim sobreviver a um embate direto num letreiro de não estacionar ou num poste telefónico sem se abrir, mesmo que o que estivesse lá dentro se abrisse com toda a facilidade; e por isso houve uma mudança de método por volta do Dia das Nações Unidas, pois ainda que isso fosse demasiado rápido e menos contemplativo, dava a Randy Lenz a possibilidade de desempenhar um papel mais ativo no processo e a sensação (temporária, noturna) de resolução de problemas era mais absoluta quando ele atirava com força um fardo de dez quilos a contorcer-se contra um poste, dizia «Pronto» e ouvia um barulho. Nas noites excecionais, o saco duplo continuava a sofrer, por um curto período de tempo, um fluxo subtil de formas mais pequenas, mais subtis e mais direcionadas para um conhecedor, mesmo depois do som, parecido com o de um melão, produzido pelo forte impacte, juntamente com outros sons mais débeis.

A seguir, descobriu que se os despachasse diretamente nos quintais e nos alpendres dos donos isso lhe daria maior excitação e mais adrenalina e, por conseguinte, maior sensação daquilo a que Bill James chamou uma vez «catarse de resolução», coisa com que Lenz achou que podia concordar. Uma latinha de óleo, no seu saquinho próprio, para os portões que chiavam. Mas como os sacos

do lixo *SteelSak* – e também o atum misturado com anchovas e *Raid* antiformigas tirado de trás do frigorífico da Ennet House – causavam demasiado barulho para que pudesse acender um cigarro e agachar-se para observar contemplativamente, Lenz desenvolveu o hábito de desencadear a resolução e depois pôr-se a mexer do quintal, em direção à noite urbana, com o sobretudo *Polo* a ondular enquanto trepava vedações, passava por cima dos tejadilhos dos carros, etc. Durante um período nesse intervalo de duas semanas de dar-lhes-veneno-atum-e-fugir, Lenz recorreu brevemente a um pequeno frasco de apertar de querosene comprado na Caldor, para além, claro, do seu isqueiro; mas na noite de quarta-feira em que o gato em chamas começou a correr (como os gatos em chamas fazem: como o caraças), mas a correr *atrás* de Lenz, segundo parecia, pulando as mesmas vedações que Lenz trepava e mantendo-se colado a ele, fazendo uma algazarra originadora de inaceitável atenção e iluminando o escopofóbico Lenz à medida que iam passando pelas casas, até se decidir por fim a cair para o lado, finar-se e depois transformar-se em cinzas –, Lenz considerou que essa noite tinha sido a única em que havia escapado por um triz e voltou para o centro por um caminho longíssimo e, em parte, não em direção a norte, com todas as sirenes a parecerem estar mesmo em cima dele e atrás de si especificamente, e por pouco não chegou depois das 23h30, subindo diretamente para o quarto triplo masculino. Foi nessa noite que Lenz teve de recorrer outra vez à cavidade oca no seu *Princípios de Psicologia e as Conferências Gifford sobre Religião Natural*, depois de ter regressado mesmo em cima do recolher obrigatório, mas quem não precisaria de descomprimir um pouco a seguir a uma escapadela por um triz, com um gato em chamas a perseguir-nos e a uivar de tal forma que as luzes dos alpendres se tinham acendido de uma ponta à outra da Rua Sumner Blake? Só que, dessa vez, o par ou as poucas linhas de *Bing* puro tiveram não um efeito de descompressão mas de *não*-descompressão – o que às vezes acontece, dependendo da condição, tipo, espiritual da pessoa quando a está a ingerir através de uma nota enrolada de um dólar no tampo da retrete da casa de banho dos homens – e Lenz quase não conseguiu mudar o carro de lugar, às 23h50, antes de começar a torrente verbal, e depois de já terem apagado as luzes ainda só tinha chegado aos oito anos de idade na autobiografia oral que se seguiu no quarto triplo masculino quando Geoff D. ameaçou que iria chamar Don G. para o calar à força, e Lenz teve medo de ir lá abaixo à procura de alguém que o

ouvisse, por isso não teve outra alternativa a não ser passar o resto da noite ali no escuro, mudo, com a boca a contorcer-se sem parar – contorcia-se sempre sem parar quando o *Bing* lhe punha as rotações em alta em vez de lhe suavizar as arestas – e a fingir que estava a dormir, com fosfenos que mais pareciam formas saltitantes e flamejantes a bailarem-lhe por trás das pálpebras tremeluzentes, a ouvir o roncar gorgolejante de Day e a apneia de Glynn e a pensar que todas as sirenes que se ouviam lá fora, na cidade, andavam atrás dele e se estavam a aproximar, com o relógio de Day, com o seu mostrador iluminado, guardado na puta da gaveta da mesinha de cabeceira em vez de estar à vista, num sítio onde qualquer pessoa com stresse e ansiedade pudesse ver as horas de tempos em tempos.

Portanto, depois do incidente com o gato flamejante dos infernos e antes do Dia das Bruxas, Lenz tinha avançado para a faca *Browning X444* serrilhada, para a qual até tinha uma bainha para usar debaixo do sovaco, da sua vida anterior Lá Fora. A *Browning X444* tem, ao todo, vinte e cinco centímetros de comprimento, um cabo em madeira de nogueira com uma guarda em latão, uma ponta que Lenz tinha afiado ao máximo quando comprou a faca e uma lâmina *Bowie* de um só gume e com dentes de serra de um milímetro para a qual Randy tinha um afiador e que gosta de testar rapando um pedacinho do antebraço moreno, coisa que adora.

A *Browning X444*, aliada a fatias grossas do rolo de carne guarnecido com *cornflakes* de Don Gately, facilmente transportáveis, era para os cães, sendo que os cães urbanos não se costumam revelar selvagens e podiam encontrar-se nos quintais cercados por vedações dos seus donos com maior regularidade do que a espécie do gato urbano, além de desconfiarem menos da comida e, apesar de haver um maior risco de ferimentos quando os abordamos, não arranharem a mão que os alimenta.

Quando se tira o grosso quadrado de rolo de carne do saquinho com fecho de correr para ser oferecido à entrada do quintal, do lado de cá da vedação, junto ao passeio, o cão em questão para invariavelmente de ladrar e/ou de se atirar, começa a abrir e a fechar o nariz em sentido, perde todo o cinismo e passa a mostrar-se completamente simpático, esticando a corrente ao máximo ou abeirando-se da vedação que o separa de Lenz e soltando ruídos interessados, e se Lenz levanta a carne exatamente até onde o cão não lhe consegue chegar, o

animal, se a corda ou corrente a que está preso o permitir, ergue-se nas patas traseiras e põe-se a arranhar a vedação com as patas da frente, na brincadeira e a pular ansiosamente enquanto Lenz balança a carne.

Day andava a ler um livro sobre reabilitação a que Lenz tinha dado uma vista de olhos no quarto, à uma da tarde, quando Day estava lá em baixo com Ewell e Erdedy a contarem uns aos outros as suas histórias da treta, deitado no colchão de Day com os sapatos calçados e a tentar peidar-se nele o máximo que podia; certas frases do livro tinham-lhe prendido a atenção: qualquer coisa que dizia que quanto mais uma pessoa se sentia impotente, mais era provável que tivesse propensão para comportamentos violentos – e Lenz achou que era uma observação sensata.

O único risco sério associado à *Browning X444* é que Lenz precisa de se pôr atrás do cão antes de lhe cortar o pescoço, já que a hemorragia chega longe na sua intensidade e Lenz já vai no segundo sobretudo *R. Lauren* e no terceiro par de calças de lã escuras e largueironas.

É então que, perto do Dia das Bruxas, numa ruela por trás da Blanchard's Liquors, a seguir à Union Square de Allston, Lenz dá de caras com um bêbado de rua, com um sobretudo velho e de aspeto mastigado, a fazer chichi ali na ruela, para a parte lateral de um contentor do lixo, e Lenz visualiza o velhote todo cortado e a arder, a dançar de um lado para o outro desordenadamente e a bater em si mesmo enquanto Lenz diz «Pronto», mas isso é o mais próximo que Lenz chega desse nível de resolução; e talvez seja de lhe reconhecer mérito por ter largado um bocadinho as drogas durante os dias que se seguiram a ter escapado por um triz e deixado os animais domésticos por altura das 22h16.

Lenz não tem nada de especial contra o seu colega e mais recente residente Bruce Green, e quando num domingo à noite, após a reunião do Grupo Bandeira Branca, Green lhe pergunta se pode acompanhá-lo quando regressam do Pai-Nosso, Lenz responde Como Queiras e deixa Green ir consigo, não fazendo também nada no intervalo das 22h16 dessa noite. Só que depois de umas noites com Green a acompanhá-lo até ao Centro, primeiro do Grupo Bandeira Branca e a seguir de St. Columbkill, na terça-feira, e de uma dose dupla, entre as 19h00 e as 22h00, do Grupo Partilhar e Cuidar dos Narcóticos Anónimos, e ainda da reunião dos Jovens de Brookline, na quarta, com Green a andar atrás dele como um *terrier,* de reunião em reunião e depois para o Centro, Lenz começa a

perceber que para Bruce G. esta cena de atravessar-a-escuridão-urbana-com-Randy-Lenz está a começar a ser a porra de uma cena habitual, e ao mesmo tempo Lenz começa a ter desejos por causa dos problemas de raiva impotente não resolvidos, e a cena é que já se habituou tanto a resolvê-los mais ou menos todas as noites que o facto de não poder estar sozinho e à vontade para os despachar com a *Browning X444* ou mesmo um *SteelSak* no intervalo entre as 22h16 e as 22h26 faz com que a pressão aumente quase ao nível da pressão associada à desabituação. Mas, por outro lado, passear com Green também tem os seus aspetos positivos. Como, por exemplo, Green não protestar contra os longos desvios destinados a manter as caminhadas, sempre que possível, numa orientação maioritariamente norte/nordeste. E Lenz gosta de ter por perto alguém que o ouça e se mostre compreensivo; e tem muitos aspetos e experiências para ponderar e assuntos para organizar e ponderar, e para ele (tal como para muitas pessoas formatadas para o consumo de estimulantes orgânicos) falar é mais ou menos a sua maneira de pensar. Mas os ouvidos da maioria dos outros residentes da Ennet House não só não se mostram compreensivos como ainda estão ligados a grandes bocarras abertas que não param de se intrometer na conversa com as suas próprias opiniões e os seus próprios assuntos e aspetos – os residentes são, na sua maioria, os piores ouvintes que Lenz já viu. Por outro lado, e isso é uma das coisas positivas, Bruce Green raramente abre a boca. Bruce Green é calado, como certos gajos à maneira, que queremos ter ao nosso lado quando há algum sarilho, são calados, tipo reservados. Mas Green também não é tão calado e impassível como certas pessoas silenciosas, não deixa Lenz a interrogar-se se ele estará mesmo a ouvi-lo e a mostrar-se compreensivo ou se estará simplesmente perdido nos seus pensamentos orientados para si próprio sem sequer o ouvir, etc., tratando-o como um rádio que se pode sintonizar ou não. Lenz tem um radar apurado para gente desse género, com uma cotação baixa na sua bolsa de valores pessoal. Bruce Green introduz afirmativas em voz baixa e vários «Não me lixes!» e «C’um caralho!», etc., precisamente nos sítios que servem para comunicar a sua atenção a Lenz. Coisa que Lenz admira.

Por isso, não é que Lenz queira simplesmente mandar Green passear, dizer-lhe para ir chatear outro, porra, e deixá-lo em paz a seguir às reuniões para ele poder andar sozinho. A coisa teria de ser resolvida de maneira mais diplomática. Além

disso, a possibilidade de ofender Green deixa Lenz nervoso. Não é que tenha medo de Green em termos, tipo, físicos. Não é que esteja preocupado com a hipótese de Green se revelar igual a Ewell ou a Day e obrigá-lo a stressar com a possibilidade de se ir chibar à polícia sobre o paradeiro dele nem nada disso. Green tem um forte ar de não ser chibo, coisa que Lenz admira. Por isso, não é que esteja com medo de mandar Green passear; é mais, tipo, muito nervoso e tenso.

E Lenz também fica todo agitado com a sensação de que para Green a coisa não teria na realidade grande importância, fosse o que fosse que acontecesse, e Lenz acha que está a stressar imenso e a preocupar-se com tanta tensão sobre a parte que lhe cabe numa coisa com que Green não perderia sequer um segundo, e põe-no furioso saber no seu íntimo que essa tensa preocupação em relação à maneira de dizer diplomaticamente a Green para o deixar em paz é desnecessária, uma perda de tempo e um acumular de tensão, e, mesmo assim, ser incapaz de parar de se preocupar com isso, já que toda aquela situação apenas serve para aumentar a sensação de impotência que Lenz não tem forma de resolver com a *Browning* e o rolo de carne enquanto Green continuar a acompanhá-lo até ao Centro.

E os gatos esquizoides com pelo emaranhado que rondam a Ennet House sorrateiramente, encolhendo-se, neuróticos e com medo da própria sombra, são demasiado arriscados, já que as residentes estão sempre a criar laços com eles. E os *golden retrievers* equivaleriam a um suicídio legal. Num sábado à noite, às 22h21, Lenz encontrou um pássaro minúsculo que tinha caído de um ninho qualquer e estava sentado, careca e com um pescoço fininho, no relvado da Unidade # 3, a bater as asas sem efeito, e Lenz entrou no Centro com Green, esquivou-se a ele e regressou ao relvado da Unidade # 3, pôs o bicharoco dentro do bolso, voltou a entrar e enfiou-o no triturador do lixo do lava-loiças, mas continuou a sentir-se em grande parte impotente e com os problemas não resolvidos.

Tirando o gabinete de Pat Montesian, com a sua janela de sacada, e o da administradora do Centro, do tamanho de uma cabina telefónica, e para além dos dois quartos dos funcionários internos, na cave, nenhuma porta no interior da Ennet House tem fechadura, por razões previsíveis.

*1 Apelido para o Sul dos Estados Unidos. *(N. dos T.)*
*2 Técnica de análise imunológica enzimática. *(N. dos T.)*
*3 Digital Equipment Corporation, empresa de informática americana. *(N. dos T.)*

INÍCIO DE NOVEMBRO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

A ÚNICA COISA COM QUE SE PODE CHANTAGEAR garantidamente Rodney Tine, diretor do Departamento dos Serviços Não Especificados dos Estados Unidos: a sua régua especial. Na gaveta fechada à chave do armário da casa de banho, na sua casa na Avenida Connecticut, no Noroeste do distrito de Colúmbia, Tine guarda uma régua especial que usa para medir o pénis todas as manhãs, certinho como um relógio; faz isso desde os doze; e assim continua. Além disso, também tem um modelo especial da régua, de encaixe, com que anda para poder fazer medições matinais ao pénis durante as viagens. O presidente Gentle não tem uma NSA[228] propriamente dita. Tine está na área metropolitana de Boston devido às implicações, em matéria de Segurança Nacional, das informações recebidas pelos Serviços Não Especificados há uns dois verões atrás, tanto do diretor da DEA[*1] como do presidente da Academia das Artes e Ciências Digitais, que estão os dois aqui agora, apoiando-se num pé e depois no outro e manuseando as abas dos chapéus. Está em causa um cartucho de Entretenimento clandestino que, no início, parecia estar simplesmente a aparecer ao acaso em lugares aleatórios: um filme com determinadas, segundo o que foi dado a perceber a Tine em reuniões e passando a citar, «qualidades» que faziam com que qualquer pessoa que o visse não quisesse mais nada na vida a não ser vê-lo outra vez, e depois outra vez, e por aí fora. Tinha aparecido em Berkeley, NCA, em casa de um professor de Cinema e do seu companheiro, que nos dias seguintes faltaram a todos os compromissos que tinham agendados; e agora tudo indicava que estivessem perdidos para qualquer atividade humana significativa, tal como os dois polícias enviados para a morada de Berkeley, os seis polícias enviados depois de os dois primeiros nunca terem dado seguimento ao seu Código Cinco[*2], ou o sargento de serviço e o respetivo colega que tinham sido enviados à procura destes últimos – ao todo, dezassete polícias, paramédicos e técnicos de telecomputador, até que a letalidade do que quer que fosse que tivessem visto se manifestou com clareza suficiente para alguém se lembrar de ir às traseiras da casa cortar a eletricidade. O Entretenimento tinha aparecido em New Iberia, Los Angeles, Tempe, Arizona,

tinha ficado sem dois terços dos espectadores de um festival de cinema *avant-garde*, no anfiteatro do Departamento de Estudos de Entretenimento da Arizona State University, até que um segurança sensato desligou todo o sistema elétrico do edifício. J. Gentle só tinha tomado conhecimento da coisa depois de ela ter aparecido novamente e eliminado um adido médico com imunidade diplomática do Próximo Oriente e uma dezena de vítimas acidentais aqui em Boston, Massachusetts, na primavera passada. Agora, essas pessoas estão todas em alas psiquiátricas. Dóceis e continentes, mas em branco, como se lhes tivessem espetado uma agulha bem dentro do cérebro. Tine tinha visitado uma ala. O sentido da vida dessas pessoas havia ficado reduzido a uma dimensão tão estreita que mais nenhuma atividade ou forma de relacionamento lhes prendia a atenção. Agora, possuíam basicamente a energia mental/espiritual de uma traça, de acordo com o diagnóstico de um técnico do CDC[*3]. O cartucho de Berkeley havia desaparecido de uma sala de provas da polícia de São Francisco, mas antes uma análise eletrónica e microscópica tinha revelado que continha fibras de flanela. A DEA perdera quatro investigadores de campo e um consultor antes de se resignar perante os problemas irresolúveis associados à tentativa de que alguém visse o cartucho confiscado em Tempe para perceber os encantos letais da coisa. Tinha sido necessário utilizar a linguagem mais forte possível para impedir que um certo Crooner «Famoso» tentasse analisar pessoalmente as qualidades da coisa. Nem o CDC nem os especialistas em matéria de entretenimento queriam participar em quaisquer testes de visionamento controlado. Três membros da Academia das Artes e Ciências Digitais haviam recebido pelo correio cópias sem identificação e aquele que de facto se tinha sentado para dar uma olhadela precisava agora de ter sempre um recipiente debaixo do queixo. As notícias de que a coisa tinha voltado a aparecer na área metropolitana de Boston, Massachusetts, continuam por confirmar. Tine foi enviado para aqui para, em parte, coordenar essa confirmação. E há ainda o gráfico especial do caderno de apontamentos de bolso *Franklin Planner* onde ele regista as medições matinais e diárias ao pénis, embora para quem não esteja informado o pequeno caderno de couro possa parecer praticamente qualquer coisa relacionada com a estatística. Por esta altura, já se perderam várias cobaias das Operações Especiais Clandestinas, voluntários dos sistemas penais militar e federal, na tentativa de produção de uma discrição do conteúdo do cartucho. Os

cartuchos de Tempe e New Iberia estão guardados numa caixa-forte. Em Leavenworth, um soldado arvorado sociopata e atrasado mental, equipado com aplicações de elétrodos e um gravador com fones, conseguiu informar que, pelos vistos, a coisa começa com um plano cinematográfico fascinante e de alta qualidade que mostra uma mulher com um véu na cara a entrar num grande edifício por umas portas giratórias e a ver outra pessoa de relance nessas mesmas portas, e essa visão faz com que o véu dela enfune, tudo isto antes de a energia mental e espiritual do soldado ter descido abruptamente, até um nível em que nem as voltagens quase letais aplicadas através dos elétrodos lhe conseguiram desviar a atenção do Entretenimento. O pessoal de Tine tinha analisado minuciosamente dezenas de anotações antes de decidir que o nomezinho conciso a dar pela comunidade dos serviços secretos ao supostamente escravizante Entretenimento seria «o *samizdat*». As PET efetuadas às cobaias sacrificadas não revelaram atividade elétrica excecional, sem alfa suficiente que indicasse hipnose ou subidas induzidas de dopamina. As tentativas para encontrar a matriz do *samizdat* sem o visionar – por indução a partir dos códigos postais, microscopias eletrónicas aos envelopes castanhos almofadados, imolação e cromatografia das caixas sem identificação com os cartuchos, interrogatórios extensos e exasperantes aos civis expostos – indicam que o provável ponto de disseminação se encontra algures na fronteira norte dos Estados Unidos, com centros de distribuição na área metropolitana de Boston/New Bedford e/ou algures no deserto do Sudoeste. O problema canadiano dos Estados Unidos é território exclusivo da Agência de Atividades Anti-Anti-ONAN[229] do USOUS. Por assim dizer. A possibilidade de um envolvimento canadiano na disseminação do letalmente arrebatador Entretenimento foi o que trouxe Rodney Tine, o seu séquito e a sua régua à área metropolitana de Boston.

---

*1 Drug Enforcement Agency. *(N. dos T.)*

*2 Código para «operação de vigilância em curso». *(N. dos T.)*

*3 Centers for Disease Control and Prevention. *(N. dos T.)*

ÚLTIMAS HORAS DE 9 DE NOVEMBRO, SEGUNDA-FEIRA, DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

POR RAZÕES QUE PEMULIS não conseguia sequer conceber, Ortho Stice parecia estar com a doutora Dolores Rusk no gabinete desta, a interagir com a doutora Rusk bem para lá das horas de expediente. Pemulis parou à porta quando ia a passar.

– ...liação técnica, depois de termos trabalhado juntos no teu medo dos halteres, seria que apresentas sintomas de inadaptação, Ortho, como muitos membros do sexo masculino e atletas, sofres de contrafobia.

– Medo do linóleo?

Não havia dúvida de que era o tom fanhoso do «Escuridão» que se ouvia através da madeira da porta.

– Ao nível dos objetos e de uma omnipotência infantil e projetiva pela qual experimentas pensamentos mágicos sobre os teus pensamentos e sobre a relação do comportamento dos objetos com os teus desejos narcisistas, a contrafobia traduz-se no delírio de um qualquer poder ou controlo especiais para compensar algum trauma ou ferida interior reprimidos e relacionados com a falta de controlo.

– Em relação ao linóleo?

– A minha sugestão talvez fosse esqueceres o linóleo e os objetos em geral. Por exemplo, num modelo analítico, os tipos de traumas abrangidos pelas reações contrafóbicas são quase sempre pré-edipianos, e nessa fase a catexe sobre os objetos é edipiana e simbólica. Por exemplo, as bonecas e as figuras de ação das crianças pequenas.

– Eu não brinco com nenhuma figura de ação, caraças.

– Por norma, o GI Joe é catectizado como uma imagem do pai poderoso mas hostil, o homem «militar», com o «GI» a representar em simultâneo a «Questão Geral[*1]» de uma «arma» que a criança edipiana tanto cobiça como receia *e* um acrónimo médico bem conhecido para designar o aparelho gastrointestinal, com todas as correspondentes ansiedades anais que requerem repressão devido ao desejo presente na fase edipiana de controlar os intestinos de maneira a

impressionar ou, e citando, «conquistar» a mãe, com a *Barbie* a poder ser vista como a redução mais evidentemente simplista e falocêntrica da mãe a um arquétipo de função e disponibilidade sexuais, a *Barbie* enquanto imagem da mãe edipiana *enquanto imagem*.

– Então está a dizer que ando a dar *demasiado* importância aos objetos?

– Estou a dizer que há aí dentro um Ortho muito novinho, com alguns problemas de abandono bem reais, que precisa que o Ortho mais velho o acarinhe e defenda em vez de se comprazer em fantasias de omnipotência.

– Eu não sou omnipotente nem quero coisar com nenhuma *Barbie*, caraças.

A seguir a voz do «Escuridão» ficou muito mais aguda e quebrou quando ele disse qualquer coisa sobre a cama.

A porta do gabinete da doutora Rusk tinha um forro de borracha não condutora na maçaneta, o nome, título universitário e cargo da doutora Rusk e uma amostra de bordado com um coraçãozinho dentro de um coração grande e uma exortação, em cursivo, defender hoje uma criança interior, que os miuditos da ATE acham desconcertante e perturbante. Pemulis, que tinha parado, por hábito, primeiro à porta trancada e silenciosa da enfermaria e só depois à porta de Rusk, de onde saía luz pela fresta de baixo, enquanto atravessava o átrio do edifício da Administração, vestia o conjunto mais insolente que tinha conseguido combinar. Trazia umas calças castanho-avermelhadas à paraquedista militar, com uma risca verde fina de lado. As dobras das calças estavam enfiadas em meias fúcsia, tendo por baixo uns velhos e radicalmente foleiros sapatos *Clarks Wallabee* com solas sujas de pastilha elástica tipo borracha. Tinha uma camisola de gola alta cor de laranja de seda falsa e, por cima, um casaco desportivo de corte inglês com um padrão de xadrez castanho-claro e púrpura. Trazia galões de cadete da Marinha nos ombros. E também tinha o boné de marinheiro na cabeça, mas com a pala dobrada para cima, num ângulo à parolo. No fundo, parecia muito mais mal vestido do que propriamente insolente. Sentia o frio da porta da doutora Rusk no ouvido. Jim Troeltsch estava a vir do Subdormitório B precisamente quando Pemulis se estava a ir embora e disse que Pemulis parecia uma ressaca ambulante. Do lado de lá da porta, Rusk estava a incitar Stice a dar um nome à sua raiva e Stice estava a sugerir dar à raiva o nome de *Horace*, em homenagem ao falecido perdigueiro do seu velho, um cão que tinha sido apanhado numa armadilha para coiotes quando o «Escuridão» tinha nove anos e

de que todo o clã Stice havia sentido muito a falta, lá no Kansas. Os *Wallabee* gastos faziam parte da carreira incompleta do irmão mais velho de Pemulis na escola pública e tinham bocadinhos de pastilha elástica suja parecidos com macacos do nariz à volta do perímetro das solas. As meias eram de Jennie Bash, que havia deixado bem claro que as queria receber lavadas. As mangas de xadrez do casaco tinham vários centímetros a menos e deixavam ver punhos canelados de éster cor de laranja brilhante.

O andar de baixo do edifício da Administração estava supersossegado. Eram umas 21h00, supostamente período de estudo obrigatório, e o pessoal de Harde já tinha ido para casa mas os guardas do turno da noite ainda não haviam entrado ao serviço. Pemulis avançou pela carpete felpuda do átrio sem fazer barulho, no sentido nordeste-sudoeste. Tirando um ou outro feixe de luz que saía por baixo de algumas portas, o átrio da ATE estava escuro como breu e as portas exteriores da Academia trancadas. Havia uma estranha forma veicular perto da vitrina dos troféus na parede norte, mas Pemulis não parou para investigar. Ao abrir a porta sudoeste do átrio, levantou-a ligeiramente para que não chiasse e entrou na zona da receção administrativa, estalando os dedos baixinho e para si mesmo. Tinha uma música vaga a soar-lhe na cabeça. A zona da receção de Tavis estava vazia e a meia-luz, com as nuvens do papel de parede a parecerem agora de um escuro tempestuoso. Mas não estava completamente silenciosa. Saía luz da entrada do gabinete da senhora Inc e pela fresta de baixo da porta interior de Tavis. Lateral Alice Moore já tinha ido para casa. Pemulis ligou a Terceira Via e brincou com a cadeira dela enquanto dava uma vista de olhos rápida ao material que estava em cima da secretária. Ativar o microfone do PA estava fora de questão. Duas das cinco gavetas dela continuavam fechadas à chave. Pemulis olhou por cima do ombro, enfiou outro rebuçado de mentol na boca e ficou ali sentado calmamente durante um momento, com a cadeira de Moore a deslizar para a frente e para trás na via e com os dedos unidos por baixo do nariz, pensativamente.

Via-se a luz a sair da fresta da porta interior de Tavis porque a porta exterior estava aberta. Pemulis nem sequer teve de encostar orelha nenhuma à madeira da porta interior. Conseguia ouvir o silvar e o zumbido de alta velocidade do *StairBlaster* de Tavis e a voz ofegante e regressiva deste. Percebia-se que não estava lá mais ninguém. Percebia-se que Tavis estava sem camisa e com uma toalha da ATE ao pescoço, e o cabelo era uma cortina suada a cair-lhe de um dos

lados da cabeça enquanto corria para tentar acompanhar o ritmo daquilo que parecia a toda a gente uma escada rolante do Filene's[*2] possuída pelo demónio. Estava a incitar-se com uma espécie de rápido cântico rítmico que soava a Pemulis como «Preocupação total, preocupação total» ou «Não, não te preocupes, não, não te preocupes», e etc. Pemulis conseguia imaginar a barriga redonda e as tetazinhas de gordura de Tavis aos saltos com a ação do *StairBlaster*. A voz ficava repentinamente abafada quando ele provavelmente encostava a toalha à cara para secar o bigode torto. Pemulis reparou que a maçaneta da porta de Tavis não tinha um forro de borracha isolante.

O cinto do conjunto que Pemulis trazia vestido era uma coisa de plástico com contas pirosas num falso estilo navajo, comprado pelo pequeno Chip Sweeny numa das bancas de *souvenirs* do WhataBurger do último outono e transferido subsequentemente para Pemulis durante um exercício de companheirão de ténis-enquanto-jogo-de-azar. Os padrões das contas eram cor de laranja e pretos, a lembrar um monstro-de-gila, com o cor de laranja de um tom diferente da camisola de gola alta de Pemulis.

Nunca era capaz de resistir a morder um rebuçado de mentol quando este derretia até determinado tamanho e consistência.

O gabinete sem porta da deã dos Assuntos Académicos era um retângulo de luz ofuscante. No entanto, a luz não se espraiava muito pela zona da receção. De muito perto, ouviam-se sons a saírem do gabinete, mas não exatamente palavras. Pemulis certificou-se de que não tinha a braguilha aberta, estalou os dedos sob o nariz, adotou uma passada decidida e bateu com firmeza na ombreira sem porta sem interromper a marcha. A carpete azul ainda mais felpuda do gabinete propriamente dito abrandou-o ligeiramente. Parou quando já tinha entrado por completo. John Wayne, da equipa A do escalão dos dezoito anos, e a mamãzinha de Hal, estavam na parte da frente do gabinete. Talvez se encontrassem a uns dois metros um do outro. O gabinete estava iluminado por um candeeiro de teto e por mais outros quatro. A mesa de conferências e as cadeiras projetavam uma sombra intrincada. Dois pompons caseiros feitos com tiras de papel e o que pareciam ser cabos amputados de raquetas de ténis de madeira estavam em cima da mesa, que de resto se encontrava vazia. John Wayne trazia um capacete de futebol americano enfiado na cabeça, chumaços leves, uma proteção *Russell*, meias, sapatos e mais nada. Estava agachado e inclinado para a frente, com os

pés e o braço apoiados no chão, na posição típica do futebol americano. A incrivelmente alta e bem conservada mãe de Inc, a doutora Avril Incandenza, estava vestida com um uniformezinho verde e branco de chefe de claque e tinha um dos grandes apitos de latão de DeLint pendurado ao pescoço. Estava a soprar no apito, ao qual parecia faltar a esferazinha interior pois não se ouvia qualquer som. Estava a cerca de dois metros de Wayne, de frente para ele, quase a fazer espargatas na carpete felpuda, com o braço no ar e a fingir que soprava no apito enquanto Wayne soltava os grunhidos baixinhos típicos do futebol americano. De forma bastante teatral, Pemulis puxou para trás o boné de marinheiro, com a pala dobrada à parolo, para coçar a cabeça, pestanejando. Só a senhora Inc estava a olhar para ele.

– Se calhar, o melhor é nem estar a fazer ninguém perder tempo perguntando se estou a interromper – disse Pemulis.

A senhora Inc parecia paralisada. Ainda tinha a mão no ar, com os dedos finos bem abertos. Wayne esticou o pescoço para olhar para Pemulis por baixo do capacete, sem sair da posição em que se encontrava. Os grunhidos do futebol desapareceram. Wayne tinha um nariz achatado e olhos de bruxo muito juntos. Tinha uma proteção de plástico na boca. Os músculos das pernas e das nádegas mostravam-se bem definidos enquanto continuava ali agachado e inclinado para a frente, a apoiar o peso do corpo nos nós dos dedos. No gabinete, o tempo estava a passar muito mais lentamente do que parecia.

– Gostava que me dispensasse uns segundos do seu tempo – disse Pemulis à senhora Inc.

Estava todo direito, como um aluno respeitoso, com as mãos entrelaçadas recatadamente à frente da braguilha, uma postura que, adotada por Pemulis, parecia de facto insolente.

Wayne endireitou-se e avançou para a sua roupa com bastante dignidade. Tinha o fato de treino cuidadosamente dobrado na secretária da deã, ao fundo do gabinete. A proteção para a boca estava presa à máscara do capacete e ficou ali pendurada quando ele a tirou. A proteção para o queixo tinha vários fechos de mola que Wayne teve de abrir.

– Belo capacete – atirou Pemulis.

Wayne, a puxar com força pelas dobras das calças do fato de treino para as enfiar por cima do sapato, não respondeu. Estava tão em forma que as alças da

proteção *Russell* nem lhe marcavam as nádegas.

A senhora Incandenza tirou o apito mudo do pescoço. Ainda estava com as pernas bem abertas no chão. Pemulis esforçou-se de forma bastante evidente para não olhar para sul da cara dela. A senhora Inc franziu os lábios e soprou para tirar o cabelo de cima dos olhos.

– A minha estimativa é que isto demore no máximo uns dois minutos – disse Pemulis com um sorriso.

---

*1 No original, «*General Issue*». *(N. dos T.)*

*2 Um grande armazém com sede em Boston. *(N. dos T.)*

11 DE NOVEMBRO, QUARTA-FEIRA, DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

LENZ TRAZ UM SOBRETUDO DE ESTAMBRE, calças escuras e largueironas, mocassins brasileiros com um brilho de alta voltagem e um disfarce que o faz parecer um Andy Warhol bronzeado. Bruce Green traz um casaco de pronto a vestir piroso, com um cabedal rijo de má qualidade que faz o casaco chiar quando ele respira.

– E então, meu, é nestas alturas que tu descobres qual é que é a tua verdadeira natureza, quando tens a cena apontada mesmo à tua fronha e um cabrão de um hispânico esbugalhado está a menos de cinco *mitts*[230] de ti, a apontar-te a cena, e eu estranhamente fico de repente supercalmo, tás a ver, e disse, eu disse Pepito, disse Pepito, meu, faz o que tens a fazer, meu, dispara na boa mas, meu, é *melhor,* é que é memo *melhor,* caralho, matares-me com o teu primeiro tiro, meu, porque não vais ter nenhuma segunda oportunidade, disse eu. Não tou sequer a dar nenhuma tanga, meu, tou-te memo a dizer, é como se tivesse percebido logo naquele momento que tava a falar a sério. Tás a ver o que eu quero dizer? – Green acende os cigarros dos dois. Lenz deita o fumo fora com aquele silvar das pessoas que estão com pressa para se fazerem entender. – Tás a ver o que eu quero dizer?

– Não sei.

É uma noite de novembro urbana: as últimas das últimas folhas caídas, a relva seca, cinzenta e hirsuta, os arbustos quebradiços, os ramos despidos das árvores. A Lua que se ergue não parece sentir-se muito bem. O som leve dos mocassins de Lenz e o baque surdo e pesado das velhas botas de alcatroador de Green com solas pretas e grossas. Os barulhinhos de atenção e assentimento de Green. Diz que a vida o deitou abaixo, é tudo o que ele diz em termos pessoais. Green. A vida deu-lhe um enxerto de porrada e ele está a recuperar. Lenz gosta dele, e há sempre uma pontinha de medo, tipo a não o querer largar, quando ele gosta de alguém. É como se pudesse acontecer alguma coisa terrível a qualquer momento. Mas não é tanto medo, é mais uma espécie de tensão na zona do estômago e do rabo, uma contração do corpo inteiro. Resolver ir para a frente com a decisão de que uma pessoa é um tipo à maneira: é como se deixássemos cair uma coisa,

perdemos todo o nosso poder sobre ela: temos de ficar ali, impotentes, à espera que bata no chão: só nos podemos preparar e contrair. Lenz fica assim para o furioso por gostar de alguém. Mas não havia maneira possível de dizer nada disto a Green em voz alta. Quando já passa das 22h00, e com o rolo de carne que Lenz leva no saquinho, dentro do bolso, já escuro e duro por ainda não ter sido utilizado, a pressão para tirar partido do intervalo das 22h16 para efeitos de resolução atinge um nível terrível, mas ainda assim ele não é capaz de pedir a Green que comece a voltar para o centro por outro caminho qualquer, pelo menos de vez em quando. Como fazer isso de maneira a que Green continue convencido de que ele o acha um bom tipo? Mas também não nos podemos virar para um tipo e dizer simplesmente que achamos que ele é boa pessoa. Quando se trata de uma miúda com quem queremos coisar, é uma cena diferente, mais direta; mas, tipo, para onde é que olhamos quando dizemos a uma pessoa que gostamos dela e estamos a falar a sério? Não podemos olhar diretamente para essa pessoa porque, nesse caso, o que aconteceria se os olhos dela olhassem para nós quando os nossos olhos estão a olhar para os dela e houvesse uma troca de olhares quando as palavras nos saíssem da boca? Depois ficava ali a pairar entre os dois uma espécie de voltagem ou energia horrorosas. Mas também não podemos desviar o olhar como se estivéssemos nervosos, como um miúdo todo nervoso a convidar alguém para sair ou uma coisa assim. Não podemos andar por aí a revelar esse género de coisas íntimas. Além de sabermos que toda esta porra não justifica todo este stresse e contração: toda esta porra põe um gajo furioso. Esta mesma tarde, na Ennet House, por volta das 16h10. Lenz tinha borrifado laca RIJID para homem na cara de um gato vadio zarolho que por azar tinha ido parar à casa de banho dos homens, no andar de cima, mas o resultado foi insatisfatório. O gato tinha-se limitado a descer as escadas, batendo só uma vez no corrimão. A seguir, Lenz ficou com diarreia, que é uma coisa de que não gosta nada, não pôde sair da casa de banho e teve de abrir a janelinha de vidro fosco empenada e pôr a água fria do chuveiro a correr até que os vestígios do cheiro desaparecessem, com Glynn, grande cabrão, a bater à porta com toda a força e a fazer um chiqueiral a perguntar aos berros quem está ali dentro a bater uma há tanto tempo, se por acaso não é Lenz. Mas depois como reagiria ele em relação a Green a partir do momento em que o mandasse passear e lhe dissesse para o deixar ir a pé sozinho para o Centro? Como reagiria se parecesse que

tinha, tipo, desprezado Green? O que lhe diria a partir desse momento se se cruzassem no corredor durante um dos programas de sábado à noite ou se ambos tentassem agarrar a mesma sanduíche durante a pausa com direito a rifa na reunião do Grupo Bandeira Branca ou se vissem em tronco nu e de toalha enrolada à cintura, parados no meio do corredor à espera que alguém acabe de tomar duche? E se ele, tipo, desprezar Green e Green acabar no quarto triplo masculino enquanto Lenz ainda lá está e tiverem de o partilhar e de interagir constantemente? E se Lenz tentar minimizar o desprezo que der a Green dizendo-lhe que gosta dele, para onde deve olhar quando disser isso, porra? Se estivesse a tentar coisar com uma fêmea, Lenz não teria problema nenhum em saber para onde olhar. Não teria problemas em olhar olhos nos olhos para uma cabra qualquer e dar um ar tão sincero que até parece que está a morrer por dentro. Ou se estivesse, tipo, a garantir a um brasileiro mal-encarado que não tinha cortado meio quilo de coca três vezes para o diluir com *Inositol*[231]. Ou se estivesse com uma moca: népia de problemas. Se apanhasse uma moca, não tinha problema nenhum em dizer a uma pessoa que gostava dela, mesmo que isso fosse realmente verdade. Porque a voltagem extra que isso lhe provocava em termos de ânimo mais do que se sobrepunha a qualquer voltagem desagradável que pudesse ficar a pairar no ar, entre ele e essa pessoa. Umas linhazinhas e não haveria o menor stresse em dizer a Bruce G., com todo o respeito, para se lixar, ir chatear outro, dar uma curva, ver se chove, dar uma volta ao bilhar grande, porque, sem querer desrespeitar ninguém, Lenz precisava de andar pela noite urbana sozinho. Por isso, a seguir ao incidente com o gato e a diarreia e a uma troca de palavras azeda com D.R. Glynn, que estava encostado à parede sul do corredor de cima, todo curvado e a apertar o abdómen, Lenz resolve que o que é de mais é de mais e arranca um quadradinho de papel de alumínio do rolo industrial que Don G. guarda debaixo do lava-loiças e vai buscar meio grama, talvez um grama, no máximo, ao *stock* de emergência escondido naquela espécie de cofre que recortou à navalha no *Princípios de Psicologia e as Conferências Gifford*... Longe de se tratar de um cenário de recaída, o *Bing* é um suporte medicinal para comunicar assertivamente a Green a sua necessidade de estar sozinho, para que os problemas associados a uma sobriedade inicial possam ser resolvidos antes de se atravessarem no caminho do crescimento espiritual – Lenz só usa a cocaína em benefício estrito da sobriedade

e do crescimento.

Então, tipo, estrategicamente, na reunião dos Jovens de Brookline, na Rua Beacon, perto da linha de delimitação com a cidade de Newton, na pausa para a rifa, às 21h09, Lenz humedece o cigarro e volta a guardá-lo no maço, boceja e espreguiça-se, verifica a pulsação rapidamente, levanta-se e entra descontraidamente na casa de banho dos deficientes, com a porta que se pode trancar e aquela espécie de berço à volta da cagadeira propriamente dita para os aleijados se sentarem na sanita, e snifa, tipo, à volta de duas ou três linhas de *Bing* generosas no tampo da sanita, que limpa antes e depois com toalhas de papel molhadas, ironicamente enrolando a mesmíssima nota de um dólar, novinha em folha, que tinha trazido para a coleta da reunião, utilizando-a e limpando-a minuciosamente com o dedo, e esfregando as gengivas também com o dedo e inclinando depois a cabeça toda para trás, ao espelho, para se certificar de que não há nenhum vestígio que tenha ficado agarrado aos pelos aparados das narinas em forma de rim do seu elegante nariz aquilino, ao mesmo tempo que sente o gotejar amargo no fundo da garganta e, a seguir, pega na nota limpa, desenrola-a e alisa-a batendo com força na borda da sanita e, por fim, e dobra-a cuidadosamente ao meio depois de já estar dobrada a metade do seu tamanho original do Departamento do Tesouro, para que os vestígios que pudessem levar alguém a pensar sequer remotamente que a nota tinha sido enrolada num tubinho compacto seja, tipo, *anicilada*. Depois regressa descontraidamente, todo pimpão e com tudo no sítio, nunca deixando de saber precisamente para onde olhar e levantando os tomates, como quem não quer a coisa, antes de se voltar a sentar.

E a seguir, excetuando os muito frequentes hemiespasmos da boca e do olho direito que Lenz oculta através da velha tática dos óculos de sol e da tosse a fingir, a segunda metade da oratória interminável da reunião corre bem, supõe ele, apesar de ser verdade que fumou quase um maço inteiro de cigarros caros em trinta e quatro minutos e de os santimoniosos Jovens Alcoólicos Anónimos que se encontravam nas filas supostamente para Não Fumadores, na parede leste à sua direita, lhe terem lançado uns olhares negativos quando ele reparava por acaso que tinha um cigarro a arder no cinzeirozinho de lata e mais dois enfiados na boca, mas Lenz foi capaz de se mostrar imune a tudo isso com um autodomínio indiferente, ali sentado com os óculos de sol à aviador, as pernas cruzadas e os braços enfiados no sobretudo em cima das costas das cadeiras

desocupadas que o ladeavam.

Os barulhos noturnos da noite da área metropolitana: o vento do porto a uivar pelo cimento inclinado, o zumbido e o cintilar do trânsito nas passagens aéreas, as risadas saídas dos telecomputadores em quartos interiores, o miar de vidas felinas por despachar. As buzinas a uivarem no porto. As sirenes a afastarem-se. Os gritos confusos das gaivotas em terra. Vidros partidos lá muito ao longe. Buzinadelas de carros presos em engarrafamentos, discussões em várias línguas, mais vidros partidos, ténis de corrida, a gargalhada ou o berro de uma mulher sabe-se lá a que distância, impossível de localizar. Cães a defenderem os pátios por onde eles vão passando, com os sons das correntes e dos pelos do pescoço a eriçarem-se. O som leve e o baque surdo quiropódicos, a respiração visível, o cascalho a ser esmagado, o chiar do cabedal de Green, o clique de um milhão de isqueiros urbanos, o zumbido suave e distante das ventoinhas da ATHSCME a indicarem exatamente o Norte, o ranger e o tinir de coisas a serem enfiadas em contentores do lixo e o rumor de coisas a assentarem no fundo dos contentores e o uivar do vento nas bordas afiadas dos contentores e os ruídos secos e metálicos dos respigadores de contentores e dos caçadores de latas a vasculharem os contentores à procura de latas e de garrafas, com o Centro de Reembolso da zona logo ali em West Brighton, chegando até a dividir ousadamente a fachada do mesmo prédio com a loja de bebidas Liquor World, para os caçadores de latas poderem tratar dos seus reembolsos e compras tudo no mesmo sítio. Coisa que Lenz acha repelente ao máximo e comunica a Green. Lenz comenta com Green como são infinitamente irónicos os mecanismos pelos quais se acabou por cumprir a promessa do Crooner «Famoso» de limpar as nossas cidades. Os ruídos que chegam em paralaxe da grelha de luzes a piscarem da cidade, à noite. A bruma lanosa dos monóxidos. Sente-se o ligeiro pivete a cona do vento que vem de Back Bay. Os crucifixozinhos das luzes de aterragem dos aviões que se notam muito primeiro do que o seu próprio barulho. Corvos nas árvores. Ouvem-se os típicos sussurros crepusculares. As janelas acesas dos rés dos chãos a estenderem tapetes de luz nos seus relvados. Luzes de alpendre que se ligam automaticamente quando se passa. Um canto lúgubre de sirenes algures a norte do rio Charles. Árvores nuas a chiarem ao vento. O Pássaro do Estado do Massachusetts, diz Lenz a Green, é a sirene da polícia. Projetar e Guinar[*1]. Os gritos e os berros sabe-se lá a quantos quarteirões de distância, e sabe-se lá qual

o seu propósito. Às vezes, o final de um grito já é o início de outro, opina ele. A respiração visível e os vários halos de arco-íris dos muitos candeeiros e faróis através dessa respiração. A não ser que os gritos sejam na realidade gargalhadas. As gargalhadas da mãe de Lenz soavam como se ela estivesse a ser comida viva.

Só que – depois das se calhar cinco linhas snifadas no total num espírito absoluta e intencionalmente medicinal e não recreativo –, só que a seguir, em vez de Lenz garantir a Green que ele representa um valor de primeira ordem na sua bolsa mas para, por favor, se pôr na alheta e o deixar ir a pé sozinho para o Centro com o seu rolo de carne e os seus objetivos, o que acontece é que Lenz volta a calcular mal o efeito que a hidrólise[232] do *Bing* produz nele, prevê sempre que terá como efeito um porreiro e descontraído sangue-frio verbal, só que, em vez disso e a caminho do centro, Lenz dá por si a sentir uma enorme compulsão hidrolítica para ter Green ali mesmo ao seu lado – ou basicamente qualquer pessoa que não possa ou não queira escapar-se dali –, ali mesmo a fazer-lhe companhia, e para partilhar com Green ou qualquer pessoa disposta a ouvir praticamente todas as experiências e todos os pensamentos que já teve na vida, dar forma e uma amplitude visível a cada dado do caso R. Lenz à medida que toda a sua vida (e não só) lhe passa a abrir pelo horizonte ártico da cabeça, deixando atrás um rasto de fosfenos.

Diz a Green que a fobia que tem de relógios vem do padrasto, um condutor de comboios *Amtrak* com profundos problemas não resolvidos que obrigava Lenz a dar corda ao seu relógio de bolso e a polir-lhe a corrente com um pano de camurça todos os dias e que verificava todas as noites se o relógio estava a dar a hora certa até ao mais ínfimo segundo, caso contrário surrava o minúsculo *Randy* com um exemplar enrolado da *Track and Flange*, uma lustrosa e bem pesada revista especializada do tamanho de uma mesinha de café.

Lenz conta a Green como era impressionante a obesidade da sua falecida mãe, servindo-se dos braços para ilustrar de forma teatral as dimensões em causa.

Respira a cada terceiro ou quarto facto, ou seja, mais ou menos uma vez a cada quarteirão.

Lenz conta a Green os enredos de vários livros que leu, confabulando certas passagens.

Lenz não repara que Green fica de cara caída, numa expressão vazia, quando Lenz refere o tema das mães falecidas.

Lenz conta euforicamente a Green que cortou uma vez a ponta do dedo com a correia de uma bicicleta infantil e que, passados apenas uns dias de intensa concentração, o dedo tinha voltado a crescer e se havia regenerado como a cauda de um lagarto, para estupefação das autoridades médicas. Lenz explica-lhe que foi depois desse incidente da sua juventude que abraçou a sua invulgar força vital e a sua *energois de vivre* e que soube e aceitou que por qualquer razão não era igual ao comum dos mortais, passando a admitir a sua singularidade e tudo o que esta implicava.

Lenz revela a Green que é um mito o crocodilo-do-nilo ser a espécie mais temida de crocodilos, que o temido crocodilo-do-estuário, com hábitos de água salgada, é mil milhões de vezes mais temido pelos entendidos.

Lenz teoriza que a sua necessidade compulsiva de saber que horas são com precisão microscópica também é uma consequência dos abusos disfuncionais infligidos pelo padrasto no que diz respeito ao relógio de bolso e à *Track and Flange*. E com isso segue-se uma análise do termo *disfunção* e da sua relevância para a distinção entre, por exemplo, psicologia e religião natural.

Lenz conta que uma vez, na Rua Boylston, em Back Bay, à porta da loja Bonwit's, um vendedor de próteses agressivo tentou impingir-lhe à força um olho de vidro que era uma peça de joalharia, fazendo subir-lhe a mostarda ao nariz, e depois, mais à frente na fila dos vendedores de próteses, houve outro que se recusava simplesmente a aceitar um não como resposta em relação a um frasco de substituto de saliva *Xero-Lube* aprovado pela ADA[*2], com uma confabulada recomendação de J. Gentle F. Crooner, e Lenz recorreu ao aiquidô para partir o nariz do homem com um só golpe e depois enfiou-lhe as lascas e os fragmentos do osso pelo cérebro dentro através de um movimento complementar, com a parte de trás do pulso, uma manobra conhecida por um antigo e secreto termo chinês que significava O Velho Um-Dois, eliminando de imediato o tipo da saliva, o que fez com que Lenz se apercebesse da letalidade do seu cinturão seja-lá-o-que-for-acima-do-preto em aiquidô e das armas mortíferas que eram as suas mãos quando o provocavam, e explica a Green que fez ali mesmo um juramento solene, desatando a correr desenfreadamente pela Boylston em direção à paragem de metro do Auditorium para evitar ser acusado, jurou que nunca mais voltaria a aplicar os seus conhecimentos de aiquidô letalmente destros a não ser numa situação de extrema necessidade, em defesa

dos inocentes e/ou fracos.

Lenz conta a Green que foi uma vez a uma festa do Dia das Bruxas onde havia uma mulher hidrocéfala com um colar feito de gaivotas mortas.

E Lenz revela a Green um sonho recorrente em que está sentado debaixo de uma ventoinha de teto tropical, numa cadeira de verga, com um chapéu de safari *L.L. Bean* na cabeça e uma maleta também de verga no colo, e é tudo, é esse o sonho recorrente.

No quarteirão dos números 400 de West Beacon, por volta das 22h02, Lenz faz uma demonstração a Bruce Green do 1-2 secreto de aiquidô com que tinha eliminado o vendedor de saliva, decompondo o golpe em movimentos em câmara lenta para que os olhos inexperientes de Green o pudessem acompanhar. Diz que tem outro pesadelo recorrente, com um relógio com os ponteiros parados eternamente nas 18h30, que é tão assustador que chega para borrar as calças e, por isso, não vai sequer sobrecarregar a psique frágil de Green com pormenores.

Green, acendendo os cigarros de ambos, responde que não se lembra dos sonhos ou então nem sonha.

Lenz ajusta a peruca e o bigode brancos diante da montra de uma loja InterLace às escuras, faz um ou outro estiramento de *tai-chi* e funga para dentro da sarjeta entupida de West Beacon, ao estilo europeu, uma narina de cada vez, arqueando-se para manter a parte da frente do sobretudo bem longe do que deita cá para fora.

Green é um daqueles tipos que usa camisas de alças e anda com o cigarro que vai fumar a seguir entalado na orelha, mas o facto de usar RIJID ou outras marcas de laca de boa qualidade acaba por tornar isso impossível, já que os resíduos de laca que vão caindo no cigarro fazem-no explodir inesperadamente em chamas em vários pontos. Lenz regala-o com a história de como na tal festa do Dia das Bruxas com o colar de pássaros tinha lá estado, na festa, uma criança e suposta refugiada da Concavidade, em casa de um ortodontista de South Boston que vendia à socapa receitas de lidocaína[233] a traficantes de *Bing*, uma criança de tamanho normal e nada selvagem, mas completamente sem crânio, deitada numa espécie de plataforma elevada ou estrado junto à lareira, com a região da cabeça disforme e sem crânio apoiada e, tipo (estremecendo), *contida* numa espécie de caixa de plástico sem tampa, e tinha os olhos bem afundados na

cara, que possuía a consistência, tipo, da areia movediça, a cara, com o nariz côncavo e a boca a cair para ambos os lados da cara sem ossos, e a cabeça inteira tinha-se, tipo, *ajustado* ao interior da caixa que a continha, à cabeça, e parecia ter um contorno globalmente quadrado, a cabeça, e a mulher com o colar de cabeças de gaivotas e outras pessoas disfarçadas haviam ingerido alucinogénios, bebido mescal e comido as minhocazinhas do mescal e, por volta das 23h55, tinham realizado rituais circulares em redor da caixa e da plataforma, venerando a criança ou, como lhe chamavam simplesmente, *A Criança*, como se houvesse apenas *Uma*.

Green vai dizendo a Lenz que horas são mais ou menos de dois em dois minutos, se calhar uma vez a cada quarteirão, com o seu relógio rasca mas digital, quando o essencial letreiro de cristal líquido do BBSB fica tapado pelo recorte dos telhados no céu durante o passeio pela noite urbana.

A contorção dos lábios de Lenz acentua-se ao máximo nos ditongos que incluem a letra *o*.

Lenz explica a Green que os Alcoólicos Anónimos/Narcóticos Anónimos até funcionam bem mas não há dúvida nenhuma, porra, que aquilo tudo é um culto, ele e Green chegaram pelos vistos a um ponto em que a única saída da espiral de toxicodependência é entrar para a porra de um culto e deixar que lhes tentem fazer a merda de uma lavagem ao cérebro, e que a primeira pessoa que tentar enfiar uma túnica amarelo-alaranjada em Lenz ou passar-lhe uma pandeireta para a mão vai ser de certeza um *caballero* muito arrependido, e mais nada.

Lenz diz que se lembra de umas experiências que, segundo ele, lhe aconteceram *in vitro*.

Lenz diz que os ex-residentes da Ennet House que voltam lá frequentemente para ocupar espaço na sala de estar a comparar histórias de terror sobre anteriores cultos religiosos para onde tinham experimentado entrar durante a luta para largar as drogas e o álcool não deixam de ter o seu charme ingénuo mas são basicamente ingénuos. Lenz especifica que as túnicas, os casamentos em massa, as cabeças rapadas, os folhetos distribuídos nos aeroportos, as flores vendidas nos separadores centrais das autoestradas, abdicar das heranças, nunca dormir, casar com quem quer que nos mandem e depois nunca ver sequer a pessoa com quem casámos são ninharias em termos dos critérios dos cultos bizarros. Lenz conta a Green que conhece gente que já ouviu merdas capazes de rebentar com a

cabeça de Green pelos tímpanos.

À hora de almoço, Hal Incandenza estava deitado no beliche, com o sol a entrar luminoso pela janela e as mãos entrelaçadas sobre o peito, e Jim Troeltsch espetou a cabeça dentro do quarto e perguntou o que Hal estava a fazer e Hal respondeu que estava a fotossintetizar e depois não disse mais nada até Troeltsch se ir embora.

A seguir, quarenta e uma respirações depois, Michael Pemulis enfiou a cabeça pelo mesmo sítio que Troeltsch.

– Já comeste?

Hal inchou a barriga e deu-lhe umas palmadinhas, sem tirar os olhos do teto.

– A fera já matou e já se empanturrou e agora está deitada à sombra do embondeiro.

– *Okay*.

– A observar o seu leal bando de leões.

– *Okay*.

Mais de duzentas respirações depois, John («N.V.C») Wayne empurrou um bocadinho mais a porta entreaberta, espetou a cabeça toda e ficou ali assim, só com a cabeça dentro do quarto. Não disse nada e Hal também não, e ficaram ali assim durante um bocado, e a seguir a cabeça de Wayne retirou-se suavemente.

Debaixo de um candeeiro no cruzamento entre as ruas Faneuil e West Beacon, Randy Lenz revela uma coisa pessoal e vulnerável e inclina a cabeça para trás para mostrar a Bruce Green onde dantes tinha o septo.

Randy Lenz regala Bruce Green com histórias sobre determinados cultos imobiliários do Sul da Califórnia e da costa oeste. De tipos de Delaware que ainda acreditavam que a pornografia de realidade virtual, embora se tivesse descoberto que provocava hemorragias nos cantos dos olhos e impotência permanente no mundo real, continuava a ser a chave para aceder ao *Shrangi-la* e que um exemplo qualquer perfeito de porno digital-holográfico andava a circular por aí sob a forma de uma disquete com *software* pirata protegido contra cópia, e dedicavam as suas vidas cultistas a farejar por todo o lado para tentar abocanhar essa disquete do *kamasupra* virtual e a reunirem-se em locais escuros na zona de Wilmington para falar de forma bastante oblíqua dos rumores sobre onde estaria e o que seria ao certo esse *software* e de como andavam a correr as buscas, e para

ver filmes de foda virtuais enquanto limpavam os cantos dos olhos, etc. Ou de uma coisa chamada «cultismo esteliforme», de que Bruce Green não está sequer minimamente preparado para ouvir falar, opina Lenz. Ou de, por exemplo, um culto suicida canadiano de canadianos que veneravam uma forma de roleta-russa que consistia em saltar para a frente de um comboio e ver qual era o canadiano que se conseguia aproximar mais dele sem desaparecer do mapa.

O que parece ser Lenz a mascar uma pastilha elástica é na verdade Lenz a tentar falar e ranger os dentes ao mesmo tempo.

Lenz recorda em voz alta que a pança do padrasto, com o seu colete azul, entrava sempre vários segundos primeiro do que o resto do revisor numa divisão, com a corrente do relógio a reluzir pendurada na abertura sinistra do bolso do uniforme. E que a mãe, nos tempos de Fall River, fazia questão de só utilizar autocarros *Greyhound* para viagens e passeios, basicamente para chatear o marido.

Lenz comenta que uma desvantagem grave de traficar *Bing* é que os clientes lhe aparecem a bater desesperadamente à porta, às 03h00 da manhã, a dizerem-lhe que estão sem guita nenhuma, a agarrarem-se às canelas e aos tornozelos de Lenz, a implorarem para ele lhes dar pelo menos meio grama ou um décimo de um grama e a oferecerem-lhe os filhos, como se Lenz quisesse ter alguma coisa que ver com a merda dos filhos de quem quer que seja, e essas cenas eram sempre uma coisa que o punha constantemente em baixo.

Green, que já snifou a sua conta, diz que sempre lhe pareceu que a cocaína o agarrava pelo pescoço e se recusava pura e simplesmente a largá-lo, e percebia perfeitamente por que razão os Alcoólicos Anónimos de Boston chamam ao *Bing* o «Elevador Expresso Até aos Alcoólicos Anónimos».

Numa serventia atafulhada com contentores do lixo, entre a Faneuil e a Avenida Brighton, em Brighton, logo a seguir a Green ter quase pisado no que lhe parece ser quase de certeza absoluta vómito humano, Lenz demonstra de uma forma lógica por que razão é tão provável que Geoffrey D., residente da Ennet House, seja um panasca não assumido.

Lenz revela que no passado o convidaram para ser modelo e ator, mas que as profissões de modelo e de ator implicam andar basicamente rodeado de panascas não assumidos, e isso não é trabalho para um homem que já se confrontou com todos os pormenores da sua personalidade.

Lenz reflete abertamente sobre as informações de que há supostamente matilhas e manadas inteiras de animais selvagens a atuarem como pragas de gafanhotos na rítmica exuberância da vegetação de certas partes da Grande Concavidade a nordeste, descendentes, segundo se diz, de animais domésticos abandonados durante a transição de realojamento para um mapa ONANista, e de que várias equipas de investigadores profissionais, exploradores amadores e espíritos intrépidos e pertencentes a cultos se aventuraram para nordeste dos diversos postos de controlo ao longo dos muros de *Lucite* equipados com ventiladores ATHSCME e nunca mais regressaram, sumindo-se por completo das bandas EM de onda curta, ou seja, desaparecendo do radar.

Acontece que Green não tem qualquer ideia ou opinião sobre as questões da fauna na Concavidade. Literalmente, diz que isso nunca lhe tinha passado sequer pela cabeça, para pensar fosse o que fosse.

Lenz revela que, no Norte da Nova Nova Inglaterra, existem vários cultos e subcultos esteliformes que se baseiam em sistemas de crenças sobre a metafísica da Concavidade, a fusão anelar, a fauna afetada pela radiação e típica dos cartuchos de série B dos anos 50 A.S., a fertilização excessiva e as florestas verdejantes com oásis periódicos de desertos e mais não sei o quê, a leste da antiga zona de Montpelier, Vermont, onde o anelado rio Shawshine desemboca no Charles e lhe dá uma tonalidade que é exatamente igual à tonalidade de azul do azul das embalagens de *Hefty SteelSaks*, sobre a ideia de hordas *rapinazes*[*3] de animais domésticos tornados selvagens e insetos de tamanho gigante que não só se apoderam das casas abandonadas dos americanos realojados como se instalam lá e as mantêm em perfeito estado de conservação e com um valor de mercado elevado, supostamente, e sobre a ideia de crianças do tamanho de feras pré-históricas que deambulam pelos excessivamente fertilizados quadrantes leste da Concavidade, deixando pelo caminho montanhas de merda e chorando os pais abortivos que os abandonaram ou perderam na confusão geopolítica geral provocada pela migração em massa e pelas malas feitas mesmo à pressa, ou que, como acreditam comummente alguns membros de cultos mais da era Limbaugh, têm a sua origem em abortos largados apressadamente em valas, dentro de barris que se romperam e cujo conteúdo horripilante se misturou com o de outros barris, reanimando os fetos abortados e despertando-os para uma espécie de vida *repelsiva* e de tamanho gigante saída de um cartucho de série B, a deslocarem-se

ruidosamente a norte de onde o vosso amigo Lenz e Green se encontram agora, a passear pela grelha urbana. E Lenz também fala de uma local e clandestina ramificação esteliforme dos rastafaris veneradores de Bob Hope, que fumavam porros enormes e entrançavam os cabelos negroides como se fossem rolos de charutos húmidos ao estilo dos rastafaris mas, ao contrário destes, os pós-rastas adoravam a Criança e, sempre que chegava o Ano Novo, vestiam anoraques tingidos à mão, calçavam sapatos de neve de cartão e aventuravam-se para norte, deixando atrás de si um rasto de fumo, passando pelos muros e ventiladores do Posto de Controlo Pongo e entrando no que eram anteriormente os estados de Vermont e New Hampshire, procurando *A Criança*, era assim que lhe chamavam, como se houvesse apenas *Uma*, e carregando parafernália para a realização de um ritual cultista a que se referiam, de forma oblíqua, apenas como *Aplacar a Criança*, bandos inteiros de adoradores da Criança, esteliformes, charrados e a balançarem-se ao som de *reggae*, a desaparecerem para sempre do mapa da raça humana, todos os invernos, para nunca mais serem ouvidos nem cheirados, e considerados mártires e/ou cordeiros pelos membros dos outros cultos, possivelmente demasiado janados por causa dos porros gigantescos para conseguirem descobrir como se sai da Concavidade e a congelarem até à morte, ou atacados por hordas de animais domésticos tornados selvagens, ou mortos a tiro por insetos com elevada consciência do valor das suas propriedades, ou... (a cara toda roxa, finalmente a respirar) pior.

Lenz estremece só de pensar na enfurecedora impotência que sentiria, revela, se estivesse perdido e desorientado, a andar de um lado para o outro, em círculos, em locais gelados e de um branco ofuscante a norte de todos os homens domesticados, e nem vale a pena pensar nas horas, sem saber sequer a porra da *data*, com a respiração transformada numa barba de gelo, não tendo mais nada a que recorrer a não ser a sua acendalha, os seus miolos e a sua personalidade, e armado apenas com uma faca *Browning*.

Green opina que se os Alcoólicos Anónimos de Boston são um culto que faz, tipo, uma lavagem cerebral ao pessoal, então parece-lhe que tinha chegado a um ponto em que o seu cérebro precisava de uma bela e vigorosa lavagem, coisa que Lenz sabe que não é uma opinião original, por ser precisamente o que Don Gately, aquele grande imbecil, repete à média de uma vez por dia.

*1 No original, *To project and to Swerve*, trocadilho com o lema policial *To Protect and to Serve*. *(N. dos T.)*
*2 American Dental Association. *(N. dos T.)*
*3 No original, *ravacious*, palavra inventada a partir de *ravenous* (voraz) e *rapacious* (rapinante). *(N. dos T.)*

EXCERTOS SELECIONADOS E INTERMITENTES DOS MOMENTOS DE INTERFACE-INFORMAL-COM-RESIDENTES-INDIVIDUAIS DE D.W. GATELY, CENTRO DE REABILITAÇÃO DE DROGAS E ÁLCOOL DA ENNET HOUSE, ENFIELD, MASSACHUSETTS, LOGO A SEGUIR À REUNIÃO DE ALCOÓLICOS ANÓNIMOS DOS JOVENS DE BROOKLINE E ATÉ CERCA DAS 23H29, QUARTA-FEIRA, 11 DE NOVEMBRO DO ARIAD

– NÃO SEI PARA QUE É QUE é esta merda toda de estares sempre a querer ouvir falar do futebol. E não me vou pôr a fazer músculo, porra. É estúpido.

– Tá certo.

– É *inapropriado*, já que gostas de palavras dessas.

– Mas este tipo do Compromisso de Partilhar e Cuidar, o presidente do Grupo Meias-Medidas Não Nos Trazem Nada, de Sudbury, libertava uma espécie de poder. O presidente, o tipo disse que tinha sido auditor nuclear. Para a indústria da Defesa. E era um homem muito calmo, com um aspeto debilitado, paternal e estranho. Libertava uma espécie de autoridade debilitada.

– Percebo o que é que queres dizer. Estou a topar.

– ... parecia de certa forma *paternal*.

– O típico padrinho. O meu padrinho também é assim, Joelle, no Bandeira Branca.

– Posso perguntar? O teu papá pessoal ainda está vivo?

– Nã sei.

– Oh! Oh! A minha mãe já morreu. Está a fazer tijolo. Mas o meu papá pessoal ainda respira. É assim que ele o diz – ainda respira. No Kentucky.

– ...

– Mas a minha mãe já está a fazer tijolo há uma data de tempo.

– Então e afinal o que é que esse tipo do Meias-Medidas tinha que te impressionou tanto?

– *Taanto*. *Taaaaanto*. Experimenta lá.

– Que engraçadinha.

– Bem, Don, começou por ser o facto de ele ter falado de si mesmo como se dantes fosse outra pessoa. Tipo uma pessoa completamente diferente. Disse que dantes usava um fato de quatro peças e que a quarta peça era ele.

– Há um tipo do Grupo de Allston que está sempre a dizer isso, essa piada.

– Ele trazia uma camisa de algodão branca e grossa, com o colarinho aberto e bem bonita, calças cor de trigo e mocassins sem meias, que é uma coisa que, apesar de cá estar nesta terra há dez anos, ainda não consegui perceber, Don, porque é que aqui vocês andam todos com sapatos bons e depois dão cabo deles usando-os sem meias.

– Joelle, com esse véu, se calhar és capaz de ser a última pessoa que devia andar a reparar na maneira esquisita como os outros se vestem.

– Vai-te lixar, se calhar.

– Lembra-me para apontar no registo que é superpositivo ver que estás a sair da tua carapaça.

– Bem, Don, eu tenho as minhas reservas quanto a isto, mas o Diehl e o Ken disseram-me para vir falar contigo deste assunto, do que se está, tipo, a passar ali fora, que o Erdedy diz que é um assunto que diz respeito aos funcionários e patati patatá.

– Andámos a beber uns cafezinhos hoje à noite, foi, Foss?

– Bem, Don, sabes como é e patati patatá.

– Tem calma. Respira fundo e deita o ar cá para fora. Não vou a lado nenhum.

– Bem, Don, detesto chibos tanto como qualquer outra pessoa, mas o Geoff D. e a Nell G. estão ali na sala de estar a perguntar a todo o pessoal que é novo aqui se acha que o seu Poder Superior é suficientemente omnipotente para criar uma mala que seja demasiado pesada para levantar. Andam a perguntar isso aos recém-chegados todos. E aquele miúdo tímido, o Dingley...

– Tingley. O miúdo novo.

– Bem, Don, o gajo está enfiado no armário da roupa de cama, com os olhos todos esbugalhados, com, tipo, fumo a sair-lhe das orelhas e patati patatá, sempre a repetir Pode mas Não Pode mas Pode, em relação à mala e patati patatá, e o Diehl disse que é um assunto que diz respeito aos funcionários, que o que o Day está a fazer é uma coisa negativa, e o Erdedy disse que eu sou o

residente mais antigo e que devia ir contar aos funcionários e armar-me em chibo.

– Merda.

– Mas o Diehl disse que num caso assim tão negativo e patati patatá, esta cena não é estar a chibar-me.

– Não, agradeço-te. Não é estares a chibar-te.

– E eu também trouxe uma cena muito fixe, tipo biscoito caramelizado de manteiga, o Hanley fez uma travessa inteira, e o Erdedy diz que isso não é propriamente estar a ser um lambe-cus mas uma questão de simples educação.

– O Erdedy é um pilar da comunidade. Eu tenho de ficar aqui ao pé do telefone. Se calhar, podias dizer ao Geoff e à Nell para, tipo, darem cá um pulinho se puderem parar de torturar os recém-chegados um bocadinho.

– Se não te importares, Don, provavelmente não menciono a parte do torturar.

– E, já agora, estou aqui a olhar para esse biscoito que ainda tens na mão.

– Meu Deus, o biscoito. Meu Deus.

– Tenta acalmar um pouco, miúdo.

– Tenho de ficar ao pé dos telefones até às vinte e duas horas. Experimenta com um desentupidor e avisa-me se for preciso ligar para os serviços.

– Estou aqui a pensar que seria um belo favor se os funcionários avisassem o pessoal novo que acaba de chegar para o facto de o *Q* da torneira de água quente do chuveiro querer dizer realmente *Qum camandro, está mesmo fria*.

– Estás a dizer, de uma maneira completamente enviesada, que há algum problema com a temperatura da água na casa de banho, McDade?

– Don, estou só a dizer o que vim cá dizer. E, já agora, posso acrescentar: bela camisa. O meu pai também costumava jogar *bowling*, quando ainda tinha polegar.

– Não me interessa o que esse sacana pervertido te disse, Yolanda. Ajoelhares-te de madrugada para pedir ajuda não significa ajoelhares-te de madrugada enquanto esse imbecil pervertido se põe à tua frente e abre a braguilha para pedires ajuda dentro da braguilha dele. Só peço a Deus para que não tenha sido um residente aqui do Centro a dizer-te isso. É por essas e por outras que se recomenda ter sempre um padrinho que seja do mesmo sexo. É que há muitos

sacanas pervertidos por aí, estás a perceber? Se um Alcoólico Anónimo qualquer dissesse a uma tipa acabada de entrar no Programa para usar a Unidade dele para o Poder Superior dela, eu cá punha-me a milhas desse gajo. Estás a perceber o que eu quero dizer?

– E ainda nem sequer te contei como é que ele sugeriu que eu agradecesse ao Poder Superior à noite.

– Eu cá até atravessava para o outro lado de uma rua bem larga só para evitar um Alcoólico Anónimo desses, Yolanda.

– E que eu tinha de estar sempre a sul dele, tipo, ficar do lado sul, e que tinha de comprar um relógio digital.

– Minha Nossa Senhora, isso é o Lenz! É do Lenz que me estás a falar?

– Não vou usar nenhuns nomes aqui dentro. Só digo é que ao princípio, quando eu cá cheguei, ele me pareceu supersimpático e estiloso, esse tipo, não vou dizer nome nenhum.

– Tens dificuldades com a parte do segundo passo que é sobre a loucura e tens andado a usar o Randy Lenz como padrinho?

– Isto é um programa *nomónimo,* tás a ver o que eu quero dizer?

– Jesus, miúda.

Orin («O.») Incandenza está a abraçar uma modelo de mãos putativamente suíça num quarto arrendado. Abraçam-se. Os seus rostos transformam-se em rostos sexuais. Parece ser uma prova evidente de uma espécie de destino ou espírito universal benignos o facto de este espécime incrível ter surgido no Sky Harbor International Airport precisamente quando Orin tinha a sua delicada testa encostada ao vidro da porta de embarque com vista para a pista, após até se ter oferecido para levar Helen Steeply ao tenebroso, reluzente e inavegável aeroporto, fazendo todo o caminho de pesadelo pela I-17 e pela I-10, e a pessoa, no carro, não só não ter parecido especialmente agradecida, não o deixando sequer pousar a mão, num gesto de simpatia e apoio, no quadricípite dela durante a viagem, como ter-se revelado irritantemente profissional, continuando com a linha de perguntas sobre a roupa suja da família apesar de ele lhe ter implorado que parasse com isso por ser inapropriado[234] – o facto de, estando ele ali, depois de receber apenas um sorriso frio e a promessa de que ela ia tentar dizer olá a Hallie, com a testa encostada ao vidro da porta das traseiras de

Weston – ou melhor, da porta de embarque da Delta Airlines –, este espécime incrível ter – de forma espontânea e sem ser alvo de uma estratégia prévia – ido ter com ele e metido conversa num exuberante sotaque estrangeiro, revelando umas mãos profissionalmente encantadoras ao vasculhar a carteira de tripolímero para lhe pedir para autografar para o *filhote pequenino* uma bola/recordação da equipa de futebol americano dos Cardinals que a mulher tinha *ali mesmo* (!) na carteira, com o passaporte suíço – como se o universo estivesse a dar-lhe a mão para o arrancar da borda do abismo de desespero com que qualquer verdadeira espécie de rejeição ou frustração da sua necessidade de ter uma pessoa que tivesse escolhido o ameaçava sempre, como se tivesse estado a cambalear com os braços a girar a uma grande altura sem ter sequer umas idiotas asas vermelhas presas às costas e o universo lhe estivesse a enviar uma encantadora e tranquilizante mão esquerda para puxá-lo delicadamente para trás, abraçá-lo e não tanto consolá-lo como acima de tudo recordar-lhe quem e o que era ele, ali a abraçar uma pessoa com um rosto sexual para acompanhar o rosto sexual dele, já sem falar, com a bola de futebol americano e a caneta em cima da cama bem-feita e os dois a abraçarem-se entre a cama e o espelho, com a mulher virada para a cama, o que permite a Orin ver, por trás da cabeça dela, o espelho grande pendurado na parede e as pequenas fotos emolduradas da sua família suíça dispostas sobre a cómoda de imitação de madeira granulada por baixo da janela[235], com o homem de cara rechonchuda e os miúdos de ar suíço a sorrirem todos com confiança para um vazio algures acima e à direita deles.

Entraram em modo sexual. Ela bate as pálpebras; ele fecha-as. Há uma concentrada languidez táctil. Ela é canhota. Não tem que ver com consolo. Começam aquela coisa com os botões um do outro. Não tem que ver com conquista nem com captura forçada. Não tem que ver com glândulas ou instintos, ou com o instante de estremecimento e de aperto quando nos abandonamos; nem com amor ou com o amor de quem desejamos lá bem no fundo e por quem nos sentimos traídos. Nunca com o amor, que mata aquilo que dele precisa. Para o pontapeador, parece ter antes que ver com esperança, uma esperança imensa e ampla como o céu de encontrar uma qualquer coisa no rosto alvoraçado de cada pessoa, uma qualquer coisa que propicie igualmente esperança, de algum modo, que pague o seu tributo, a necessidade de saber que por um momento ele a *tem*, que agora a *arrebatou*, como se a outra pessoa ou a

outra coisa, outra coisa que não ele, que ele a *tem* e é o que ela vê e tudo o que ela vê, que não se trata de conquista mas de rendição, que ele é ao mesmo tempo ataque e defesa e ela nem uma coisa nem outra, nada a não ser este amor de um segundo dela, *de*-ela, a rodopiar à medida que se aproxima dele, um amor que não é dele mas *dela,* que ele tem *isso,* este amor (com ele agora já sem camisa, ao espelho), que durante um segundo ela o ama tanto que não dá para aguentar, que *precisa* (acha ela) de o possuir, *precisa* de o ter dentro dela ou então vai dissolver-se numa coisa pior do que nada; que tudo o resto desapareceu: o sentido de humor dela desapareceu, as tristezas insignificantes, os triunfos, as recordações, as mãos, a carreira, as traições, as mortes dos animais de estimação – que agora há um brilho dentro dela à qual foi sugado tudo menos o nome dele: O., *O*. Que ele é o Único.

(Talvez seja por isso que uma pessoa nunca é suficiente, que mãos atrás de mãos precisam de descer para o puxarem e arrancarem da queda sem fim. Pois se houvesse para ele uma só, agora, especial e singular, o Único não seria ele nem ela, mas o que havia entre eles, a trindade aniquiladora de Tu e Eu convertidos em Nós. Orin sentiu isso uma vez, nunca recuperou e não vai voltar a senti-lo.)

E tem que ver com desprezo, também tem que ver com uma espécie de ódio, além da esperança e da necessidade. Por ele precisar delas, precisar dela, por precisar dela, teme-a e odeia-a um bocadinho, odeia-as a todas, um ódio que surge disfarçado de um desprezo que ele mascara com a terna atenção com que ele faz aquela coisa com os botões dela, tocando-lhe na blusa como se fosse parte dela, e dele. Como se a blusa pudesse sentir. Despiram-se um ao outro por completo. Ela tem a boca colada à dele; ela é a respiração dele, os olhos dele fechados perante a visão dos dela. Estão despidos, refletidos no espelho, e ela, com uma espécie de passo de dança virtuoso que é do Novo Mundo até à medula, serve-se dos ombros desiguais de O. como apoio para saltar e pôr as pernas à volta do pescoço dele, arqueando as costas, com todo o seu peso apoiado na mão que ele tem nos rins dela enquanto a leva para a cama como um empregado levaria uma bandeja.

– *Hoompf*.

– *Herrmmp*.

– Olhe, mais de mil perdões pela colisão.

– Arslanian? És tu?

– Sou eu, Idris Arslanian. E quem é este outro?

– É o Ted Schacht, Id. Para que é que tens essa venda nos olhos?

– Onde é que eu vim parar, por favor. Fiquei desorientado numas escadas. Fiquei em pânico. Quase tirei a venda. Onde é que estamos? Deteto muitos odores.

– Estás mesmo à porta da sala de pesos e halteres, no corredorzinho à saída do túnel que não é o corredorzinho que dá para a sauna. Mas para que é que é a venda?

– E a origem deste som de choro e gemidos histéricos, isto é...?

– É o Anton Doucette, está ali dentro. Anda com uma depressão clínica. O Lyle está a tentar animá-lo. Alguns dos tipos mais cruéis estão lá dentro a assistir como se aquilo fosse entretenimento. Fiquei enojado. Uma pessoa a sofrer não é entretenimento. Já treinei e agora vou bazar daqui tão depressa que só vai ficar um rasto a vapor.

– Tu libertas vapor?

– É sempre bom encontrar-te, Id.

– Esperai. Por favor, conduz-me até lá acima ou ao balneário para uma visita à casa de banho. A venda que eu trago é experimental da parte do Thorp. Falam-te do jogador com deficiência visual que se vai matricular?

– O puto cego? Tipo, de Nowheresburg, no Iowa? O Dempster?

– Dymphna.

– Só vai começar no próximo período. Adiou, foi o que o Inc disse que disseram. Um edema na dura-máter ou qualquer coisa do género.

– Apesar de só ter nove anos, está muito bem classificado no *ranking* do escalão dos doze anos e menores para a região dele, o Midwest. O treinador Thorp é que diz isso.

– Bom, Id, eu diria que para um puto cego e com um crânio mole, o gajo está superbem classificado, sim.

– Mas este Dymphna, eu ouço o Thorp dizer que a classificação alta no *ranking* se deve se calhar à própria cegueira. O Thorp e o Texas Watson, foram eles que descobriram este jogador.

– Se fosse a ti, eu cá não mencionava esse nome, *Watson*, naquela sala de

pesos e halteres ali dentro.

– O Thorp diz que a excelência do jogo dele foi descoberta por eles como sendo a antecipação. Ou seja, o jogador Dymphna chega ao local necessário muito antes da bola do adversário, através da antecipação.

– Eu sei o que é a antecipação, Id.

– O Thorp diz-me que esta excelência da antecipação nos cegos é por causa da audição e dos sons, porque os sons são meramente... Toma. Por favor, lê o comentário que eu anotei cuidadosamente nesta folha de papel dobrada.

– «Som Meramente "Variações de Intensidade" – Throp.» Throp?

– O significado era *Thorp,* foi a excitação. Ele diz que uma pessoa pode, por força das circunstâncias, avaliar o VAVE[236] de um adversário mais pormenorizadamente através dos ouvidos do que dos olhos. Isto é teoria experimental de Thorp. Isto é explicação para o muito bem classificado Dymphna parecer ter sempre flutuado por magia até ao sítio necessário onde uma bola está prestes a aterrar. O Thorp diz isto de forma convincente.

– Por força das circunstâncias?

– Que esta pessoa cega é capaz de avaliar o sítio necessário de aterragem pela intensidade do som da bola a bater nas cordas da raqueta do adversário.

– Em vez de ver o contacto e, a seguir, prolongar mentalmente o início da trajetória da bola, como fazemos nós, estorvados pela visão.

– Eu, Idris Arslanian, sinto-me arrebatado pelas palavras do Thorp.

– O que ajuda a explicar a venda.

– Portanto, experimento uma cegueira voluntária. Treinando o ouvido em vários níveis de intensidade durante um jogo. Hoje, contra o Whale, estive a usar a venda para jogar.

– E como é que correu?

– Não tão bem como esperava. Enganei-me muitas vezes na direção para a jogada. Avaliei frequentemente a intensidade das bolas batidas nos campos adjacentes e corri para os campos adjacentes, intrometendo-me nos jogos.

– Nós bem que nos perguntámos o que é que seria aquela algazarra toda nos campos do escalão dos catorze anos.

– O Thorp diz que treinar o ouvido é um processo de tempo, para me encorajar.

– Bom, chau, Id.

– Para. Espera antes de ires embora. Por favor, conduz-me a uma casa de banho. Ted Schacht? Ainda aí estás?

– ...

– Ainda aí estás? Eu preciso...

– *Whuffff,* vê lá por onde andas, puto, por amor de Deus!

– Quem aí está, por favor.

– Troeltsch, James L., um pouco contorcido de dores.

– Sou eu, o Idris Arslanian, com um lenço de seda artificial a fazer de venda sobre as minhas feições. Estou desorientado e muito desejoso de uma casa de banho. E também a imaginar o que se está a passar na sala de pesos e halteres, onde o Schacht alega que vocês estão todos a ver o Doucette a chorar com uma depressão clínica.

– *Tchanaaaaan!* Estava só a gozar, Ars. Na verdade, sou o Mike Pemulis.

– Então tu, Michael Pemulis, podes estar neste momento a perguntar-te porque é que o Idris Arslanian tem esta venda posta.

– Qual venda? Ars, não, tu também estás com a porra de uma venda nos olhos?

– Tu, Michael Pemulis, também tens uma venda?

– Estava só a gozar contigo, manolas.

– Fiquei desorientado numas escadas e depois conversei com o Ted Schacht. Estou a suspeitar que não confio que chegue no teu sentido de humor para me conduzires outra vez lá para cima.

– Devias pôr-te às apalpadelas e entrar ali para ver, nem que seja só por um segundo, a quantidade de stresse, com imenso suor à mistura, que o Lyle está a tirar de cima do Anton («Burrié») Doucette lá dentro, Ars.

– O Doucette é o jogador ambidextro com o sinal que parece ser material saído de uma narina e que está a deprimir clinicamente o Doucette por causa do seu aspeto.

– Acertaste nisso do sinal. Só que não é isso que está a deprimir o «Burrié» desta vez. Desta vez, decidimos descrevê-lo mais como, tipo, ansiosamente deprimido do que deprimido.

– Uma pessoa pode estar deprimida de diferentes tipos?

– Chiça, és mesmo novo, Ars. O «Burrié» convenceu-se de que vai levar um chuto no cu, academicamente falando. Andou o ano inteiro na corda bamba,

desde um problema qualquer que houve pelos vistos o ano passado na aula de Trigonometria Cubular do Thorp...

– A minha empatia em relação a isto é total.

– ... e só que agora ele diz que está quase a chumbar na disciplina ridícula de Auditoria Energética do Watson, o que significaria obviamente o belo do chuto no cu no fim do período, se ele chumbar mesmo. Já deu tanta volta à cabeça que se atolou num pântano de ansiedade. Está ali dentro agarrado à tola, com o Lyle e o Mario, e alguns dos tipos menos simpáticos que lá estão têm apostas a correr sobre se o Lyle vai ou não conseguir sacá-lo do precipício.

– O Texas Watson, o pró-reitor, a ensinar sobre energia em modelos de escassez de recursos e de abundância de recursos.

– Ars, estou a dizer que sim com a cabeça. Dos combustíveis fósseis até aos ciclos de fusão/fissão anelar, passando pela litiomização DT e por aí fora. Tudo a um nível super superficial, já que o Watson tem basicamente uma espécie de inchaçozinho cheio de líquido no fim da coluna, no sítio onde devia estar o cérebro.

– O Texas Watson não deslumbra com a inteligência dele, é verdade.

– Mas o Doucette convenceu-se de que tem um bloqueio conceptual insuperável que o impede de compreender a anelação, nem sequer superficialmente.

– Depois de conversarmos, vais conduzir-me para urinar, por favor.

– É o mesmo tipo de bloqueio que algumas pessoas têm em relação ao Teorema do Valor Médio. Ou, na ótica, quando chegamos aos campos de cor. Quando há um determinado nível de abstração, é como se o cérebro se retraísse.

– Provocando uma dor de impacte dentro do crânio, o que faz com que nos agarremos à cabeça.

– O Watson já tentou de tudo para o ajudar. O Watson tem bom coração, pelo menos isso. Já experimentou cartões didáticos, rimas mnemónicas, até diapositivos de animação em plasticina das aulas de apoio da Rindge-Latin School.

– Estás a dizer que não serviu de nada.

– Estou a dizer que, ao que parece, o «Burrié» limita-se a ficar ali sentado durante a aula, com os olhos todos esbugalhados e um nó do caralho no estômago, como se a ansiedade lhe estivesse a espetar calduços. Ou seja,

paralisado.

– Estás a dizer a retrair-se.

– Com o lado direito da cara congelado num tique de ansiedade. A imaginar toda e qualquer possibilidade de uma carreira como tenista assim com umas asinhas, a voar para longe. A dizer aquele género de maluquices típicas de uma depressão ansiosa e que só fazem mal à pessoa. Começou tudo com ele, o Mario e eu na sauna, com ele a ir-se abaixo e eu e o Mario a tentarmos convencê-lo a parar com aquela conversa maluca de deprimido que já está acabado aos quinze anos, com o Mario a tirar partido de uma espécie de laço terapêutico anterior com o puto a propósito do sinal dele e, a seguir, eu a explicar-lhe a anelação DT em termos tão gerais que até o raio de um *invertebrado* conseguia compreender, minha Nossa Senhora! E quase a desmaiar na sauna durante isto tudo. Finalmente, levámo-lo ao Lyle mesmo com o pessoal do escalão dos dezoito anos ainda a fazer circuitos lá dentro. Entre a ansiedade e a maratona na sauna, o nosso Lyle tem muito com que se entreter, deixa-me que te diga.

– Eu também confesso experiências de ansiedade com o Tex Watson devido à anelação, embora só tenha treze anos e esteja no modelo do plano de estudos Trivium, por isso ainda não me é exigido lidar com a ciência pura.

– Lá na sauna, o Mario estava sempre a dizer ao Doucette para imaginar simplesmente uma pessoa a dar saltos mortais com a mão pregada ao chão, coisa que não faço ideia que merda seja e, olha só o espanto, não ajudou lá muito o «Burrié».

– Não afastou o véu de Maya[*1].

– Não fez porra nenhuma.

– Os ciclos de energia anelar são intensamente abstratos, segundo creem na minha pátria.

– Mas a mensagem que eu passei ao «Burrieco» foi só que os ciclos DT não são assim tão difíceis, foda-se, se um gajo não paralisar o cérebro com cartunes mentais de carreiras a ganharem asas. As cenas da reprodução e da litiomização extrarradiotativas tornam-se complicadas, mas dá para imaginar toda aquela coisa da fusão/fissão anelar produtora de lixo tóxico como um simples e gigantesco triângulo retângulo.

– Estás a pressagiar que vais dar uma daquelas palestras muito curtas.

– Se meteres este modelo simples nas tuas celulazinhas RAM paquistanesas,

vais fazer na boinha a física para criancinhas do Watson e avançar para a Ótica, e é aí que as cenas abstrato-conceptuais se tornam mesmo lixadas, puto, deixa-me que te diga.

– Infelizmente, sou dos poucos na minha pátria com fraco talento para a ciência.

– Mas foi por isso que Deus também te deu mãos rápidas e um balão do caraças com a esquerda. Só tens de imaginar um enorme triângulo retângulo pseudocartográfico[237]. Tens as instalações centrais de fusão, intensivamente produtoras de lixo tóxico e inexpugnavelmente protegidas, da ONAN-Sunstrand, no que dantes era Montpelier e no que dantes era Vermont, na Concavidade. De Montpelier, o lixo produzido por este processo é canalizado para dois sítios e um deles é aquele brilhozinho que se vê à noite, junto ao Complexo de Ventiladores Methuen, logo a sul da Concavidade, mesmo colado ao Muro e do Posto de Controlo Pongo...

– Para onde apontam os nossos ventiladores altos e que não deixam dormir na nossa zona, a girarem desde o Sul.

– ... É isso mesmo, e onde o fluoreto de plutónio resultante da toxofusão é refinado, transformando-se em plutónio duzentos e trinta e nove e urânio duzentos e trinta e oito, e fissionado através de um sistema reprodutor estandardizado, mas algo radioativo e perigoso, que produz maioritariamente resíduos de urânio duzentos e trinta e nove, que por sua vez são canalizados ou catapultados ou enviados em grandes camiões brilhantes para o que dantes era a Loring AFB – a Base da Força Aérea perto do que dantes era Presque Isle Maine –, onde lhes é permitido decaírem naturalmente e transformarem-se em neptúnio duzentos e trinta e nove e depois em plutónio duzentos e trinta e nove, juntando-se a seguir aos resíduos fracionados de tetrafluoreto de urânio que também são enviados de Montpelier, para depois serem fissionados de maneira propositadamente horrível e criarem, tipo, quantidades medonhas de resíduos radioativos altamente venenosos, que são misturados com água pesada e canalizados outra vez para Montpelier através de tubos de zircónio especiais, aquecidos e fortemente vigiados, como matéria-prima para os imensos venenos necessários para a litiomização tóxica, a produção intensiva de resíduos e a fusão anelar.

– Tenho a cabeça a dar voltas sobre o seu eixo.

– Não passa de um ciclo triangular-retangular, em movimento, de interdependência e de criação e utilização de lixo. Percebes? Então e quando é que te vais juntar a nós no nosso querido mapa do *Eschaton* para uns treinozinhos geopolíticos, Ars, e aproveitas essas mãos e esse teu balão do caraças? Já agora, estas pancadas fortes e arrítmicas são o «Burrié» a dar murros na coxa e no peito, fazermos mal a nós próprios é um sintoma clássico de um episódio de depressão ansiosa.

– Com isto consigo criar empatia. Pois, coisa que me confunde, a fusão não produz lixo tóxico. É isso que nos ensinam na ciência da minha pátria. É essa precisamente a essência da promessa da atração da fusão para uma nação tão densamente povoada e saturada de lixo como a minha, ensinam-nos que a fusão é uma perpetuação autossuficiente e não geradora de resíduos. Infelizmente, a minha necessidade de uma casa de banho está a distender-se.

– Só que não, apesar de ter sido esse o entrave que obstruiu a anelação e que precisou de ser ultrapassado, e que foi ultrapassado, mas de maneira tão pouco intuitiva e tão abstrato-conceptual que é neste aspeto que o vosso sistema educativo terceiro-mundista está mesmo a precisar desesperadamente de, tipo, uma enorme atualização e recauchutagem dos manuais escolares ou coisa do género. E é também precisamente neste ponto do problema fusão/não produção de lixo que o nosso glorioso fundador ótico, o ex-pai do Inc, o pobre marido encornado da senhora In...

– Sei quem referes.

– É precisamente neste ponto que o homem em pessoa faz a sua última e duradoura para a ciência estatal depois de ter deixado de conceber refletores de difusão de neutrões para a indústria da Defesa. Já viste a placa de coprólito no gabinete do Tavis. É da AEC, por causa da, tipo, contribuição duradoura do pai do Incster para a energia dos resíduos.

– O propósito para eu estar nas escadas e ter ficado desorientado era visitar uma casa de banho. Isto deu-se há muito tempo.

– Espera só mais um segundinho que já vertes as águas. Porra, nem sequer *estarias* aqui se não fosse o pai do Inc, sabes? O que o gajo fez foi ajudar a conceber umas conversões holográficas especiais para a equipa que estava a trabalhar na anelação poder estudar o comportamento subatómico em ambientes altamente venenosos. Sem ficarem eles próprios envenenados.

– Estão, portanto, a estudar as conversões holográficas dos venenos e não os venenos.

– Uma questão de pura sensatez empresarial, Ars. Como uma caixa de luvas ótica. O profilático máximo.

– Por favor, conduz-me.

– Mas, por exemplo, o teu país sabia que toda a teoria anelar por trás de um tipo de fusão capaz de produzir resíduos que são combustível para um processo cujos resíduos são combustível para a fusão, que toda a teoria por trás da física dessa coisa vem da medicina?

– E isto significa o quê? Vem de um frasco de medicina?

– Do estudo da medicina, Ars. Hoje em dia, a tua parte do mundo vê a medicina anelar como um dado adquirido, mas toda a ideia de tratar o cancro dando às próprias células cancerígenas cancro era anátema ainda há um par de décadas.

– Anátema?

– Tipo, radical, à margem. Maluca. O deixa-me rir da, e passo a citar, ciência dominante estabelecida. Cuja ideia de tratamento era envenenar o corpo todo e ver o que sobrava. Embora a quimioterapia anelar tenha começado de facto assim para o amalucada. Podes ver aquelas microfotos iniciais que estão naquele póster que o Schacht tem e que se recusa a tirar da parede mesmo quando já estamos fartos de olhar para aquilo, as microfotos iniciais das células cancerígenas a serem alimentadas à força com quantidades micromaciças de carne de vaca demasiado bem passada e refrigerantes de dieta, obrigadas a fumar micro *Marlboros* sem parar com telemoveizinhos minúsculos encostados a elas...[238]

– Estou apoiado primeiro num pé e depois no outro pé.

– ... só que, como corolário deste modelo micromédico veio a ideia igualmente radical de que talvez se pudesse atingir uma fusão anelar de produção intensiva de resíduos bombardeando partículas radioativas altamente tóxicas com doses monstruosas de coisas ainda mais tóxicas do que as partículas radioativas. Uma fusão que se alimenta de venenos e produz fluoreto de plutónio e tetrafluoreto de urânio relativamente estáveis. Só acabamos por precisar de ter acesso a quantidades mirabolantes de material tóxico.

– Portanto, fazendo da Grande Concavidade o local natural para a fusão.

– Acertaste em cheio e *Jawohl*! É aqui que as coisas se tornam abstratamente lixadas e vou só referir por alto que, em termos ambientais, o único contratempo inesperado em todo o processo é que a fusão resultante se revela tão avidamente eficaz que suga o ecossistema à sua volta de todas as toxinas e venenos, de todos os inibidores do crescimento orgânico ao longo de centenas de quilómetros radiais em todas as direções.

– E daí a Concavidade oriental da ansiedade e do mito.

– Ficamos com um ambiente em redor tão fertilmente exuberante que é praticamente inabitável.

– Uma floresta tropical sob o efeito de *anoides esterabolizantes*[*2].

– É quase isso.

– Portanto, hámsteres selvagens *rapinanciais,* insetos do tamanho de *Volkswagens*, *giganticismo* infantil e as regiões de florestas impossíveis de desbravar à catanada da mítica Concavidade oriental.

– Sim, Ars, e percebemos que precisamos de continuar a despejar continuamente toxinas para impedir que o ecossistema desinibido se espalhe e invada zonas ecologicamente mais estáveis, esgotando os venenos da atmosfera e fazendo com que tudo hiperventile. E isto e aquilo. E é por isso que os principais lançamentos por catapulta da EWD são da área metropolitana para norte.

– Para a Concavidade oriental, mantendo-a à distância.

– Estás a ver como está tudo ligado?

– O senhor Thorp vai evidenciar grande desilusão se eu recorrer à remoção da venda para localizar uma casa de banho.

– Ars, já percebi. Já percebi perfeitamente. Não precisas de estar sempre a bater na mesma tecla. A única coisa de que tens de te lembrar se tiveres de levar com o Watson é dos efeitos cíclicos do envio de resíduos e da fusão. Os principais lançamentos por catapulta são em que dias?

– Nas datas que correspondem aos números primos de cada mês, até à meia-noite.

– O que erradica a vegetação exuberante até à fusão e utilização das toxinas. O cenário dado pelos satélites é que a parte oriental da Grelha Três passa de uma vegetação exuberante para um ermo e depois novamente para uma vegetação exuberante várias vezes por mês. Com a primeira semana do mês a mostrar-se

especialmente estéril e a última a não ter correspondência com nada deste mundo.

– Como se o próprio tempo tivesse sido imensamente acelerado. Como se a própria natureza tivesse desesperadamente de visitar a casa de banho.

– Fenómenos acelerados, o que na verdade equivale a um *abrandamento* incrível do tempo. A rima mnemónica que o Watson tentou que o «Burrieco» decorasse em relação a isto é: «Do ermo à exuberância: o tempo não tem de ter uma constância.»

– Tempo desacelerado, já te percebi.

– E é isso que o «Burrieco» diz que anda, mais do que tudo, a dar cabo dele, conceptualmente falando. Diz que está lixado se não conseguir enfiar na tola o conceito do fluxo do tempo, conceptualmente falando. Não o deixa ver o resto do modelo anelar. Sim, é abstrato. Mas devias vê-lo. Tem metade da cara, tipo, em espasmos, ao passo que a metade com o sinal está simplesmente ali caída, a olhar fixamente como um coelhinho que estamos prestes a atropelar. O Lyle está a tentar explicar-lhe superlentamente os princípios físicos mais básicos e para criancinhas da relatividade do tempo em ambientes orgânicos extremos. E, pelo meio, o «Burrieco» vai voltando para a suana. A ironia é que o nosso «Burrieco» nem precisa sequer de saber realmente assim tanto sobre as cenas do fluxo temporal, já que o próprio Watson começa a ficar logo com a testa toda suada e enrugada quando se põe a pensar nisso.

– Por favor, não exijas súplicas da minha pessoa, Idris Arslanian.

– Mas é claro que a Concavidade oriental é uma questão completamente diferente, sem comparação nenhuma, daquilo a que o Inc chama os ermos infférteis e elióticos da Concavidade ocidental, deixa-me que te diga.

– Eu deixo-te dizer o que quiseres desde que me seja dito sobre a porcelana de uma casa de banho.

– Que passo interessante que estás aí a fazer, Id, devo dizer.

– Não suplico com frequência. A minha cultura natal considera que as súplicas são para as castas baixas.

– Hum! Estou aqui a pensar que se calhar podíamos chegar a um entendimento.

– Eu não cometo atos ilegais nem degradantes. Mas, se for forçado a isso, sou capaz de suplicar.

– Esquece lá isso. Estou só a pensar. Tu és *muçulmânico,* não é verdade?

– Devoto. Rezo cinco vezes por dia, do modo prescrito. Renuncio à arte figurativa e à carnalidade em todas as suas quatro mil quatrocentas e quatro formas e aparências.

– O corpo é um templo e essas coisas todas?

– Renuncio. Nem estimulantes nem compostos depressivos passam pelos meus lábios, tal como prescrevem os ensinamentos sagrados da minha fé.

– Estava aqui a perguntar-me se terás então alguns planos específicos para essa urina de que estás tão ansioso para te livrar, Ars.

– Não estou a compreender.

– Então e que me dizes a despejarmos isso tudo cá para fora sobre umas porcelanas, hã, meu irmão?

– Mike Pemulis, és um príncipe em movimento e um sábio em repouso.

– Mano, vai ser preciso fazer frio num clima quente para que aqui este rapazinho esteja em repouso.

Era estranhíssimo; era quase como se os fãs sem pernas e patologicamente tímidos, com fascínio incondicional por pontapeadores, tivessem por alguma razão medo da escultural menina Steeply, qual deusa Juno, da revista *Moment* – Orin tinha visto a última cadeira de rodas um dia antes de ela chegar e agora (apercebeu-se enquanto guiava) ainda só haviam passado poucas horas desde que ela se fora embora e eles já tinham voltado, com as suas tímidas artimanhas. O ciclo da sedução (Excitação-Esperança-Aquisição-Desprezo) deixava sempre Orin aturdido, esgotado e um pouco lerdo. Foi só depois de se lavar, vestir e trocar os cumprimentos e promessas habituais, apanhar o elevador de vidro até ao átrio, passando pelo sua estrutura central redonda e de vidro e saindo pela porta giratória pressurizada em direção ao sufoco do calor de Phoenix de fazer estalar o crânio, esperar que o ar condicionado direcional do carro permitisse tocar no volante e injetar-se nas artérias apinhadas da Estrada 85 e da Rua Bell, no sentido de Sun City e ruminando enquanto seguia, que se deu inesperadamente conta de que o deficiente à porta do seu quarto de hotel tinha uma cadeira de rodas, de que essa havia sido a primeira cadeira de rodas que vira desde que Hal lhe contara a sua teoria e de que esse observador sem pernas tinha (ainda mais estranho) o mesmo sotaque suíço da modelo de mãos.

A caminho do Centro, R. Lenz tem a boca a contorcer-se e vai coçando a irritaçãozinha no nariz cada vez mais vermelho, fungando horrivelmente e queixando-se de terríveis alergias de finais de outono ao terriço, esquecendo-se de que Bruce Green sabe perfeitamente quais são os sintomas da hidrólise da coca por ter snifado tantas e tantas linhas na altura em que a vida com M. Bonk era uma grande festa.

Lenz explica que o véu da novata vegetariana, Joel, se deve a uma doença que as pessoas têm e que ela só tem um olho, mesmo no meio da testa, desde que nasceu, como um cavalo-marinho, e pede a Green que nem sequer pense em perguntar-lhe como sabe ele tal coisa.

E enquanto Green serve de vigia, Lenz vai aliviando a bexiga contra um contentor do lixo da Rua Market e obriga-o a jurar segredo em relação ao facto de a pobre e doente Charlotte Treat, toda enrugada, o ter obrigado a jurar segredo acerca do sonho que tinha para quando estivesse reabilitada, que era conseguir um dia o diploma de equivalência ao ensino secundário e ser higienista oral especializada em educar jovens patologicamente aterrorizados com a anestesia dentária, pois o seu sonho era ajudar os jovens, mas temia que o seu vírus a tivesse impossibilitado para sempre de alcançar esse sonho secreto[239].

Durante toda a caminhada pela Rua Harvard, no Spur, em direção à Union Square, num vetor muito ligeiramente noroeste, Lenz gasta vários minutos e menos de vinte respirações a revelar a Green algumas dolorosas questões da família de origem, o facto de a senhora Lenz, a mãe de Lenz, três vezes divorciada e processadora de dados, ser tão indescritivelmente obesa que tinha de fazer os seus próprios vestidos largueirões com cortinados de brocado e toalhas de mesa de algodão e nunca ia ao Dia dos Pais na Bishop Anthony McDiardama Elementary Scholl, em Fall River, Massachusetts, por os pais terem de se sentar nas secretariazinhas dos filhos, com tampos que se podiam levantar, durante as apresentações e os *sketches* teatrais do Dia dos Pais, e a única vez que a senhora L. se arrastou a custo até à BAMES para o Dia dos Pais e se tentou sentar na secretária do pequeno Randall L., entre a senhora Lamb e a senhora Leroux, destruiu-a por completo e precisou da ajuda de quatro encorpados pais produtores de uva-do-monte e de uma plataforma com rodinhas para transportar manuais escolares para se conseguir levantar do chão da sala de aula, e nunca mais lá voltou, inventando desculpas fracas de que estava muito

ocupada com o processamento de dados e de que basicamente não lhe interessava o trabalho que Randy L. fazia na escola. A seguir, Lenz revela que na adolescência (a dele), a mãe morreu porque um dia estava a viajar num *Greyhound* de Fall River, Massachusetts, para Quincy, Massachusetts, a norte, para ir visitar o filho a um Reformatório Juvenil Commonwealth onde Lenz se encontrava a fazer pesquisa para um hipotético guião, e durante a viagem teve de ir à casa de banho, e estava na casa de banho minúscula do autocarro, na parte de trás do autocarro, a tratar dos assuntos privados que a tinham levado à casa de banho, conforme explicou mais tarde em tribunal, e embora fosse o pino do inverno, tinha a janelinha da casa de banho completamente aberta, por razões que Lenz prevê que Green não queira ouvir, no autocarro a seguir para norte, e estávamos num dos últimos anos da datação de anos ordinal e não subsidizada e no último ano fiscal em que a Autoridade das Autoestradas Commonwealth pré-ONAN da governadora Claprood ainda tinha realizado algumas obras de manutenção na infernal Estrada Commonwealth 24, de Fall River à South Shore de Boston, e o *Greyhound* deparou com uma zona mal sinalizada como estando em construção, onde a 24 estava reduzida à capa de ferro sulcada por baixo do asfalto, toda estriada, solta, esburacada, destruída e basicamente uma desgraça, e os escombros mal identificados e sem equipa de sinalização para ajudar, mais a velocidade excessiva do autocarro que seguia para norte, fizeram-no, ao autocarro, começar a dar uns solavancos tenebrosos e a guinar de um lado para o outro violentamente, lutando para manter o controlo sobre o que restava da estrada, com os passageiros a saírem disparados dos seus lugares, com toda a força, ao mesmo tempo que, na casa de banho do tamanho de um armário, na parte de trás do autocarro, a senhora Lenz, em plena atividade de ir à casa de banho, saiu disparada da sanita com a primeira guinada e começou a ser atirada de um lado ao outro da casa de banho, em alta velocidade e lançando excrementos humanos por todo o lado enquando batia à vez nas paredes de plástico da casa de banho; e quando o autocarro recuperou por fim o controlo total e retomou o seu percurso, a senhora Lenz, de forma bastante estrambólica, tinha acabado as suas sacudidelas com o seu traseiro nu e indescritivelmente gigantesco todo preso na janela aberta da casa de banho, enfiado com tanta força no recetáculo que não o conseguia de lá tirar, e o autocarro prosseguiu a sua marcha para norte pelo resto da Estrada 24 com o traseiro nu da senhora Lenz

espetado para fora da janela obstruída, dando origem a buzinadelas e a oratória zombeteira vinda dos carros que iam passando; e os gritos queixosos de ajuda da senhora Lenz não provocaram o resultado pretendido junto dos outros passageiros, que se começavam a levantar do chão e a esfregar as cabeças doridas enquanto ouviam os gritos envergonhados da senhora Lenz através da porta trancada de plástico reforçado da casa de banho, mas não a podiam tirar de lá porque a porta estava fechada por dentro com um trinco que fazia com que a porta dissesse por fora ocupado/*occupied/occupé*, e a porta estava trancada, e a senhora Lenz estava presa e não conseguia chegar ao trinco por mais queixosamente que tentasse esticar o imenso braço cheio de pregas de gordura; e, tal como oitenta e oito por cento de todos os americanos clinicamente obesos, tinham diagnosticado claustrofobia clínica à senhora Lenz, que tomava medicamentos para a ansiedade e para as fobias de se sentir presa e que acabou por interpor com êxito uma ação de valor estratosférico contra a empresa Greyhound Lines e a quase defunta Autoridade das Autoestradas Commonwealth, queixando-se de traumas psiquiátricos, humilhação pública e frieiras de segundo grau e recebendo uma indemnização tão morbidamente obesa por parte do Tribunal Cível da 18.ª Comarca, nomeado por Dukakis, que quando chegou o cheque, num envelope de tamanho extragigante para lá caberem todos os zeros, a senhora L. perdeu toda a vontade de processar dados, cozinhar ou limpar, cuidar de si ou, por fim, mexer-se sequer, passando o tempo todo simplesmente recostada numa cadeira reclinável de um metro e meio de largura e feita por encomenda, a ver romances góticos InterLace e a consumir quantidades imensas de bolos de alto conteúdo lípido trazidos em bandejas de ouro por um mestre pasteleiro que ela tinha à sua disposição vinte e quatro horas por dia e a quem tinha dado um *bip*, até que quatro meses depois da gigantesca indemnização, rebentou e morreu, com a boca a abarrotar tanto de tarte de pêssego que os paramédicos não foram capazes de lhe fazer reanimação cardiopulmonar, coisa que, já agora, Lenz diz que sabe fazer – reanimação cardiopulmonar.

Quando chegam ao Spur, a sua orientação rumo a noroeste já está tão virada para a direita que no fundo é verdadeiramente norte. O percurso que aqui fazem é uma grelha mondriana de ruelas que os muitos contentores do lixo quase estreitaram ao ponto de parecerem desfiladeiros. Lenz vai à frente, desbravando

o caminho. Lenz deita olhares ligeiramente inquietantes a todas as mulheres a quem põe a vista em cima. Agora, o vetor deles é basicamente norte/noroeste. Passeiam rodeados pelo aroma rico do fumo das secadoras vindo das traseiras de uma lavandaria no cruzamento entre a Rua Dustin e a Avenida Commonwealth. A área metropolitana da cidade de Boston, Massachusetts, à noite. O estrépito dos comboios B e C da Linha Verde a subirem pela colina da Avenida Commonwealth para oeste. Bêbados de rua estão sentados no chão, encostados a paredes cobertas de fuligem, parecendo estar a estudar os próprios colos, e até o bafo da respiração lhes sai descolorado. O sibilar complexo dos travões dos autocarros. As sombras irregulares a ampliarem-se com a passagem dos faróis dos automóveis. Música latina vinda do bairro social do Spur, misturada com um ritmo cinco por quatro à escarumba saído de um *tijolo* algures para Parque Feeny, e, entre uma coisa e outra, um plasma perturbador de música de tipo havaiano que parece estar em simultâneo com o volume no máximo e muito, muito ao longe. Os acordes polinésios, como que de cítara, que lhes chegam aos ouvidos fazem o rosto de Bruce Green distender-se numa máscara insípida de dor psíquica que ele nem sequer sente que lá está, e depois a música desaparece. Lenz pergunta a Green como é trabalhar o dia inteiro com gelo, na Leisure Time Ice, e a seguir teoriza ele próprio sobre como será, aposta, com o gelo esmagado e os cubos de gelo em sacos de plástico azul-claros agrafados, o gelo seco em recipientes de madeira a deitarem fumo branco e depois os blocos imensos de gelo industrial embalado em serradura perfumada, os blocos imensos de gelo de tamanho humano, com imperfeições bem lá dentro, como caras brancas encurraladas, um rubor branco de falhas internas. Os picadores de gelo, os machados e as pinças supergrandes, os nós dos dedos vermelhos e as janelas cobertas de gelo, e o cheiro leve e acre das arcas congeladoras, com polacos de nariz a pingar, casacos de xadrez e chapéus de feltro, os mais velhos cronicamente inclinados para um lado por passarem tanto tempo a carregar gelo.

Pisam pedaços de vidro iridescentes que Lenz identifica como sendo de um para-brisas partido. Lenz revela o que sente por, devido à atuação de três ex-maridos, de advogados ferozes e de um mestre pasteleiro que se serviu da dependência de bolos da senhora Lenz para lhe dar a volta por completo e convencê-la a distorcer o testamento a seu favor, tudo isto estando Lenz, após tratar de toda a burocracia, ainda nas garras do centro de reabilitação em Quincy

e numa posição débil para litigar, o testamento da mãe, pós o seu rebentamento, o ter deixado de mãos a abanar e obrigado a sobreviver graças ao seu engenho urbano enquanto ex-maridos e mestres pasteleiros se deitavam refastelados em espreguiçadeiras nas praias da Riviera, a abanarem-se com notas das grandes, e Lenz diz que tem de lidar com os problemas associados a tudo isso numa base, tipo, diária; deixando Green apenas com uns intervalos de segundos para poder soltar sons de assentimento. O casaco de Green chia sempre que ele respira. Os vidros do para-brisas estão numa ruela com escadas de incêndio que parecem estar cobertas por lonas congeladas e húmidas. Na ruela, os contentores atafulhados de lixo, as portas de aço sem maçaneta e o preto carregado da sujidade total. O focinho achatado de um autocarro surge ao longe, no enquadramento da ruela, demorando a avançar.

O lixo dos contentores não tem só um cheiro, depende. O brilho urbano faz com que a noite urbana se fique por uma semiescuridão, do género do alcaçuz, uma luminescência logo debaixo da pele da escuridão e a inchar. Green encarrega-se de mantê-los a par das horas. Lenz começou a referir-se a Green como «irmão». Lenz diz que precisa de mijar como um cavalo de corrida. Diz que o que a cidade tem de bom é que é uma grande retrete. A maneira como Lenz diz *irmão* é quase como se dissesse *e-mão*. Green afasta-se e vai até ao fim da ruela, virando-se de costas, para dar a Lenz, vários contentores atrás, um pouco de privacidade. Green fica ali parado no começo da sombra da ruela, na esteira quente do autocarro, com os cotovelos espetados e as mãos enfiadas nos pequenos bolsos do casaco, a olhar para longe. Não é certo que Green saiba que Lenz está sob a influência do *Bing*. Apenas sente um momento de profunda e violenta perda, em que deseja que ficar pedrado ainda lhe desse prazer para se poder pedrar. É uma sensação que ainda vai e vem todos os dias. Green tira um cigarro detrás da orelha, acende-o e deixa outro preparado por trás da orelha. Union Square, Allston: «Beija-me onde cheire mal», disse ela, por isso levei-a a Allston, fim de citação. As luzes da Union Square palpitam. Sempre que uma pessoa para de buzinar, começa outra a buzinar. Estão três chinesas à espera que o sinal mude, do outro lado da rua, em frente ao tipo das lagostas. Cada uma tem o seu saco das compras. Está um velho *Volkswagen* «carocha», como o *Volkswagen* «carocha» de Doony Glynn, em ponto morto e sem silencioso, à porta do Riley’s Roast Beef, só que o motor do «carocha» de Doony tem o motor

à vista porque o capô traseiro foi tirado para deixar ver as entranhas do «carocha». É, tipo, impossível descobrir nas ruas de Boston uma chinesa que tenha menos de sessenta anos, mais de um metro e cinquenta, ou que ande com um saco das compras, só que nunca mais do que um saco. Se fecharmos os olhos num passeio apinhado de gente, os sons emitidos em conjunto pelos vários calçados dessas pessoas parecem uma coisa a ser mastigada por outra enorme, incansável e paciente. Os factos duros por trás do caso da morte dos pais naturais de Bruce Green quando ele ainda era um bebezinho estão tão profundamente reprimidos dentro de Green que vai ser preciso extrair e lidar com estratos e substratos inteiros de silêncio e de sofrimento animal surdo-mudo, um dia de cada vez e em sobriedade, para Green se lembrar sequer de que, na sua quinta véspera de Natal, em Waltham, Massachusetts, o papá tinha chamado à parte o pequeno Brucie Green, do tamanho de uma boca de incêndio, para lhe dar, para ele dar à sua querida mamã pelo Natal, uma lata de nozes macadâmia, de cores garridas tipo Gauguin e da marca polinésia *Mauna Loa*[240], e essa dita lata cilíndrica de nozes foi a seguir levada pela criança para o andar de cima, onde foi tão esmeradamente embrulhada em tanto papel de alumínio que a prenda final, já com o embrulho, parecia um cão-salsicha gigante a quem tinha sido preciso dar primeiro umas valentes bordoadas e depois imobilizar em ambas as pontas com dois rolos de fita-cola cada e um laço fúcsia berrante para ser finalmente subjugado, embrulhado e colocado debaixo do garrido pinheiro iluminado, e mesmo assim o embrulho parecia debater-se pastosamente à medida que os substratos de papel se iam movendo e assentando.

O papá de Bruce Green, o senhor Green, tinha sido em determinada altura um dos instrutores de aeróbica mais influentes da Nova Inglaterra – chegando mesmo a coprotagonizar, uma ou duas vezes, na década anterior à disseminação digital, a muito alugada série de vídeos de aeróbica *Buns of Steel*[*3] – e tinha sido super-requisitado e muito influente até que, para seu horror, quando tinha vinte e muitos anos, o apogeu absoluto da vida profissional de um instrutor de aeróbica, ou uma das pernas do senhor Green começou a crescer espontaneamente ou a outra começou a encolher também espontaneamente, já que no espaço de poucas semanas tinha de repente uma perna quinze centímetros mais comprida do que a outra – a única recordação visual do homem que Bruce Green não reprimiu é a de um homem que progressiva e perigosamente se *inclinava* à medida que ia

coxeando de especialista em especialista – e passou a precisar de utilizar uma bota ortopédica especializada, preta como um caldeirão, que parecia ser noventa por cento sola e fazia lembrar as botas pesadonas de um alcatroador, pesando alguns quilos e ficando absurdamente mal com calças de licra; resumindo, no que diz respeito à aeróbica, a perna e a bota acabaram com o papá de Brucie Green, que teve de mudar de carreira e foi trabalhar, amargurado, para uma empresa de piadas e bugigangas em Waltham, uma coisa qualquer com '*N* no nome, Acme Novelties 'N Notions ou algo do género, onde o senhor Green concebia artigos para pregar partidas sádicas, especializando-se nas gamas de produtos dos besouros elétricos *JollyJolt* e dos charutos *Blammo*, com uma produção suplementar de cubos de gelo entomológicos, caspa artificial, etc. Um trabalho desmoralizador, sedentário e deturpador da personalidade, segundo a perceção de uma criança um pouco mais velha, a espreitar à entrada do quarto iluminado pela noite para um homem com a barba por fazer que, todas as noites, passava as primeiras horas da madrugada a andar desengonçadamente de um lado para o outro da sala de estar, como um contramestre em mares revoltos, tentando de vez em quando fazer um minúsculo movimento, impulsionado pelas nádegas, de agachamento e pontapé, quase caindo e resmungando amarguradamente, com uma lata de cerveja *Falstaff* de tamanho extra na mão.

Uma prenda que um bebezinho embrulhou tão excessiva e horrivelmente tem qualquer coisa que faz com que a senhora Green, a querida mamã de Bruce, de uma palidez doentia, neurasténica mas extremosa, decida abrir primeiro, claro, o presente cão-salsicha-cilíndrico-atacado-e-embrulhado-em-papel-de-alumínio na manhã do dia de Natal, com a família sentada diante da lareira a crepitar, cada um na sua cadeira e à sua janela, com vista para a geada de Waltham, taças cheias de guloseimas de Natal e canecas de descafeinado com cacau e avelã com o logótipo da Acme 'N, e a verem-se uns aos outros a abrir os presentes à vez. Brucie tem a carinha a resplandecer à luz da lareira, à medida que as nozes vão sendo desembrulhadas por camadas e estratos, com a senhora Green a ter de se servir dos dentes, uma ou outra vez, para arrancar a crosta formada pela fita-cola. Por fim, solta-se a última camada e a lata de cores vivas fica à vista. *Mauna Loa*: a comida que é o regalo preferido e mais decadente da senhora Green. A comida com mais calorias do mundo tirando se calhar a gordura pura das vísceras dos animais. Nozes tão deliciosas que se deviam chamar P-E-C-A-D-O,

diz ela. Brucie está a balançar-se todo na cadeira, entusiasmado, a deixar cair cacau e gomas *Gummi Bears* no chão, um bebezinho adorável, mais entusiasmado com a reação ao presente que dá do que com o que vai receber. As mãos da mãe entrelaçadas à frente do peito descaído. Suspiros de alívio e de protesto. E um abre-latas em cima da prenda.

E o conteúdo da lata com a identificação de nozes macadâmia é, na realidade, uma serpente de pano enroscada que salta com uma mola. A serpente pula disparada e a senhora G. grita, levando a mão à garganta. O senhor Green uiva com alegria amarguradamente profissional de um fabricante de artigos para pregar partidas, aproxima-se desengonçadamente do pequeno Bruce e bate-lhe nas costas com tanta força que Brucie deita cá para fora a *Gummi Bears* de lima que estava a comer – também aqui estamos perante uma recordação visual, fora de contexto e sinistra – e que voa em arco pela sala de estar e aterra na lareira com um *shhh* verde de uma labaredazinha. O arco da serpente de pano termina num candelabro de imitação de cristal no teto, onde a serpente fica presa e pendurada, tremendo para cima e para baixo enquanto o candelabro abana e tine, e as gargalhadas do senhor Green, que vai batendo com a mão na coxa, demoram um bocado a acalmar mesmo quando a mão que a mamã de Brucie tem na sua delicada garganta se transforma numa garra que lhe começa a apertar a garganta e ela gorgoleja e cai para o lado, para estibordo, com um ataque cardíaco fatal e a boca cianótica ainda aberta de espanto. Durante os primeiros minutos, o senhor Green acha que ela está a gozar com eles e põe-se a avaliar a atuação da mulher numa escala de partidas interdepartamental de um a oito da Acme até que acaba por se irritar e lhe diz que ela está a arrastar a partida demasiado, que vai assustar o pequeno Brucie, ali sentado por baixo dos cristais oscilantes, de olhos esbugalhados e calado.

E Bruce Green não voltou a dizer uma só palavra que se ouvisse até ao último ano da escola primária, numa altura em que já vivia em Winchester, com a irmã da falecida mãe, uma mulher decente, adventista do Sétimo Dia, mas com ar de uma das vítimas das secas que assolaram o Sul dos EUA nos anos 30 A.S., que nunca pressionou Brucie para falar, provavelmente por compaixão, provavelmente por compreender a dor lancinante que a criança de olhos opacos deve ter sentido não só por ter dado à mamã um presente de Natal mortífero mas também por ter tido de ver depois o papá viúvo e assimétrico ir-se abaixo

psicológica e espiritualmente a seguir ao velório, observando o senhor Green a calcorrear todas as noites a sala de estar desengonçadamente, depois do trabalho e de um jantar para dois mal aquecido no micro-ondas, com a sua bota frankensteiniana, a andar em círculos desengonçadamente, coçando a cara e os braços devagar, até ao ponto em que, mais do que atormentado, parecia ter sido flagelado com espinhos, amaldiçoando, com resmungos vagamente interligados, Deus, ele próprio e a Acme Nuts 'N Serpents ou lá o que era, e deixando a serpente fatal pendurada no candelabro de imitação de cristal e a árvore de Natal fatal montada no seu suportezinho vermelho de metal até as luzinhas se fundirem todas, as fitas de pipocas escurecerem e endurecerem e a água no reservatório por baixo do suporte se evaporar, fazendo com que as agulhas do pinheiro morressem e caíssem, já castanhas, em cima do aglomerado de presentes de Natal ainda por abrir, um dos quais era uma embalagem de bifes de vacas do Nebraska alimentadas a milho, cujo papel de embrulho com querubins estava a começar a inchar ameaçadoramente...; e depois, por fim, a dolorosa recordação de infância, ainda mais lancinante, da detenção pública, do escândalo mediático, da Audiência de Avaliação da Sanidade Mental e do julgamento no Midwest depois de se ter apurado *a posteriori* que o senhor Green pós-Natal – cujo único sinal encorajador de ainda lhe restar algum esfarrapado resquício de juízo a seguir ao funeral tinha sido o facto de continuar religiosamente a ir trabalhar todos os dias na Acme Inc. – tinha pegado, totalmente ao acaso, numa caixa dos populares charutos *Blammo* da empresa, que armadilhara com explosivos de grande potência, à base de tetril e vingativamente letais, e um veterano de guerra, três rotários e vinte e quatro membros da Antiga Ordem Árabe dos Nobres do Santuário Místico tinham sido grotescamente decapitados no Sudeste do Ohio antes de os agentes federais da ATF terem descoberto que os macabros fragmentos forenses tinham a sua origem no laboratório *Blammo* de B. Green, Sr., em Waltham; e a seguir a extradição, a horrivelmente complexa Audição de Avaliação da Sanidade Mental, o julgamento e a sentença controversa; e depois os recursos e a vigília antes da execução por injeção letal, a tia de Bruce Green a distribuir opúsculos de W. Miller mal fotocopiados à multidão à porta da prisão do Ohio à medida que se aproximava a hora da injeção, com o pequeno Bruce a reboque, de rosto impassível e a observar, a multidão de jornalistas, de ativistas contra a pena de morte e de gente parecida com a Madame Defarge a fazer

piqueniques, tudo numa agitação turbulenta, muitas *T-shirts* à venda, e os homens de cara vermelha com os seus casacos vermelhos e barretes árabes, oh, as suas caras contorcidas de raiva estão tão vermelhas como os barretes, com os homens a deslocarem-se de um lado para o outro nos seus carrinhos, formações de membros motorizados da irmandade do Santuário Místico a buzinarem aos portões da prisão de segurança máxima do Departamento Correcional do Ohio e a gritarem «Arde, meu, arde» ou o mais atualizado «Leva a injeção letal, meu, leva a injeção letal», a tia de Bruce Green, com o cabelo com risco ao meio a ficar visivelmente grisalho por baixo do chapeuzinho redondo e a cara escondida durante os últimos três meses de vida no Ohio, atrás do véu de rede preto que lhe esvoaçava do chapéu, apertando a cabeça do pequeno Bruce com toda a força contra o seu peito enfiado num sutiã com armações de metal, dia após dia, até a cara impassível dele ficar toda comprimida de um dos lados... A culpa, o sofrimento, o medo e o ódio a si próprio de Green comprimiram-se, ao longo de anos de medicação não receitada, até ao ponto ígneo em que se encontra agora, evitando compulsivamente qualquer produto ou serviço com ‘*N* no nome, verificando sempre a palma da mão da outra pessoa antes de a cumprimentar, desviando-se vários quarteirões em relação ao seu caminho para evitar qualquer desfile que incluam barretes árabes em carrinhos e tendo uma *Gestalt* silenciosa e subestratificada de fascínio/horror por tudo o que seja, ainda que remotamente, polinésio. Provavelmente, é a música de luau longínqua e atenuada que ecoa erraticamente de um lado ao outro dos quarteirões oblíquos de cimento de Allston que faz com que Bruce Green deambule, como que hipnotizado, e se afaste da Union Square, atravessando a Avenida Commonwealth até entrar em Brighton e não se apercebendo antes de chegar à esquina da Avenida Commonwealth com a Rua Brainerd, onde se encontrava o clube noturno The Unexamined Life, com a sua garrafa em néon azul inclinada e a piscar por cima da entrada, que já não tem Lenz ao seu lado a perguntar-lhe as horas, que Lenz não o tinha seguido pela colina acima apesar de Green ter ficado ali parado no fim da ruela ao pé da Union Square muito mais tempo do que qualquer pessoa precisaria para dar uma mijadela como deve ser.

Ele e Lenz separaram-se, apercebe-se. Agora bem a sudoeste do cruzamente entre Union e a Commonwealth, Green olha em redor para o trânsito, os carris do metro de superfície, os clientes dos bares e a enorme garrafa do TUL a piscar

com uma luz de néon fraca. Põe-se a pensar se terá mandado Lenz passear ou se Lenz o terá mandado passear a ele, e é só nisso que pensa, é essa a complexidade da sua especulação, é esse o seu pensamento naquele momento. É como se os traumas da lata de nozes e dos charutos se tivessem escoado para uma fossa psíquica durante a puberdade, afundando-se e deixando apenas uma mancha oleosa que reflete a luz de forma distorcida. A chilreante música polinésia ouve-se muito mais nitidamente ali. Começa a subir a colina íngreme da Rua Brainerd, que termina na linha de delimitação com o bairro de Enfield. Talvez Lenz seja pura e simplesmente incapaz de se deslocar diretamente para sul passada determinada hora. O declive não é simpático para as botas de alcatroador. Depois da fase inicial gerbilo-enlouquecido-dentro-do-cérebro dos primeiros tempos de desabituação e desintoxicação, Bruce Green regressou agora ao seu normal estado cerebral psicorreprimido, em que tem apenas um pensamento completamente desenvolvido a cada sessenta segundos, e só um de cada vez, um pensamento, cada um deles a materializar-se já completamente desenvolvido, ficando ali parado e voltando depois a desaparecer, como as imagens lânguidas num ecrã de cristal líquido. Calvin T., o seu conselheiro na Ennet House e um apologista extremo da abordagem do amor duro, queixa-se de que estar a ouvir Green é a mesma coisa que estar a ouvir uma torneira a pingar muito lentamente. O que mais critica é o facto de Green não parecer sereno nem desprendido, mas totalmente desligado, dissociado, e Calvin T. tenta todas as semanas arrancar Green desse estado irritando-o. O pensamento completo seguinte de Green é dar-se conta de que apesar da horrenda música havaiana lhe ter parecido estar a avançar para norte, subindo desde o Allston Spur, se ouvir agora um pouco mais alto à medida que ele se aproxima da curva brusca na Rua Cambridge, em Enfield, e do St. Elizabeth’s Hospital. A Rua Brainerd, entre a Commonwealth e a Cambridge, é uma onda sinusoidal de colinas de fazer rebentar os pulmões através de bairros descritos por Tiny Ewell como residenciais deprimidos, filas intermináveis de casas de três andares enfiadas umas em cima das outras, com aquelas diferenças arquitetónicas minúsculas e tristes que parecem realçar a sua essencial uniformidade, com alpendres a arquearem, demãos de tinta que pareciam atacadas por psoríase ou o revestimento exterior em alumínio a ficar carbunculoso devido às violentas alterações de temperatura, o lixo dos quintais, a loiça partida, os relvados irregulares, os animais de estimação do lado de lá das

vedações, os brinquedos das crianças espalhados em posturas de abandono, os cheiros ecléticos a comida e os cortinados ou persianas de padrões completamente diferentes nas várias janelas de uma casa, por estas casas velhas terem sido divididas em apartamentos para, tipo, estudantes alienados da BU, famílias canadianas e desalojadas da Concavidade, ou ainda mais estudantes alienados do BC, ou o mais provável é que quase todos os arrendatários sejam jovens da classe operária e adeptos de farras, a fazer lembrar Green e Bonk, com pósteres dos Fiends In Human Shape ou dos Choosy Mothers ou dos Snout ou dos Bioavailable Five[241] na casa de banho, luzes pretas no quarto e manchas de mudanças de óleo no caminho de entrada, e que atiram a loiça do jantar para o quintal e compram mais na Caldor em vez de a lavar e que ainda continuam, já na casa dos vinte, a ingerir drogas todas as noites e a utilizar o verbo *curtir* e a virar as colunas das aparelhagens para a rua, nas janelas dos apartamentos, e a pôr o volume no máximo, numa demonstração de puro e exuberante comportamento detestável, porque ainda continuam a ter namoradas com quem emborcar cerveja e trocar baforadas de droga pela boca e snifar linhas de *Bing* em várias partes do corpo nu, e ainda continuam a achar divertido emborcar cerveja e fumar cachimbos de água e snifar linhas e por isso divertem-se todas as noites a seguir ao trabalho, espalhando o som da música que ouvem por todo o bairro. As árvores despidas daquela rua têm imensos e grandes ramos, são um determinado tipo de árvores, parecem vassouras ao contrário na escuridão residencial, Green não é especialista em nomes de árvores. Percebe que foi a música havaiana que o puxou para sudoeste: vem de um sítio qualquer daquele bairro, algures perto de West Brainerd, e Green avança rio acima em direção ao que parece ser o local de origem do som com um fascínio impassivelmente horrorizado. A maior parte dos quintais tem vedações com redes metálicas de aço inoxidável e um ou outro dos cães que por lá se encontram gane ou, mais frequentemente, ladra, rosna e salta territorialmente contra a vedação, atirando-se a Green e fazendo a vedação tremer com o impacte, as redes metálicas amolgadas com os anteriores impactes por causa das anteriores pessoas que por lá passaram. A noção de que não tem medo de cães desenvolve-se e esbate-se no mesencéfalo de Green. O casaco chia a cada passo que ele dá. A temperatura está a descer continuamente. Os quintais com vedações são da categoria brinquedos-e-latas-de-cerveja-espalhados, onde a relva castanha cresce em tufos irregulares

e as folhas não foram varridas e estão amontoadas, em linhas de força formadas pelo vento, ao longo da vedação, sebes por debastar, cestos dos papéis a abarrotar e sacos do lixo ainda por fechar estão nos alpendres a arquearem-se porque ninguém se deu ao trabalho de os levar para o contentor da EWD na esquina da rua e o lixo dos recipientes a abarrotar voa para os quintais e mistura-se com as folhas ao longo das vedações, chegando em alguns casos a ir parar à rua sem nunca ser apanhado, até que acaba por fazer parte da composição da rua. Uma caixa de *M&M* sem amendoim está, tipo, incrustada no cimento do passeio por baixo de Green, tão desbotada pela ação dos elementos que ficou cor de osso e que, por exemplo, mal se consegue identificar como sendo uma caixa de *M&M* sem amendoim. E ao levantar os olhos depois de identificar o tipo de caixa de *M&M*, Green vê Randy Lenz ao longe. Green encontrou por acaso Lenz, ali na Brainerd, a passear sozinho e energicamente, mais à frente de Green, não muito perto mas visível sob o foco de um candeeiro a cerca de um quarteirão de distância na colina da Brainerd. Há qualquer coisa que o coíbe de o chamar. O declive neste quarteirão não é mau. O frio que se sente já chega para que a respiração de Green tenha o mesmo aspeto quer ele esteja ou não a fumar. Para Green, os candeeiros altos e curvos que ali vê parecem ser exatamente iguais à parte das armas das naves marcianas que disparavam raios mortíferas na sua conquista do planeta num cartucho antigo de que Tommy Doocy nunca se tinha fartado, identificando a caixa como *A Guerra dos Welles*. Por esta altura, já a música havaiana domina a paisagem auditiva, vinda algures perto de onde ele vê as costas do casaco de Lenz. Alguém pôs à janela colunas a debitarem música polinésia, não há dúvida. As notas arrepiantes de uma guitarra havaiana distendem-se pela rua escurecida e ressoam nas fachadas arqueadas dos prédios em frente, a banda é Don Ho e Sol Hoopi Players, o som saias-de-palha-e-ondas-espumosas que faz Green enfiar os dedos nos ouvidos ao mesmo tempo que se vai aproximando com maior urgência do local de origem da música havaiana, um prédio de três andares cor-de-rosa ou verde-água, com umas águas-furtadas e um telhado coberto com ripas vermelhas, com uma bandeira azul e branca do Quebeque num mastro que sobressaía de uma janela nas águas-furtadas e grandes colunas JBL viradas para a rua, nas duas janelas que ladeavam a bandeira, sem as rede de proteção contra os mosquitos, o que permitia ver as colunas a vibrarem como barrigas morenas a fazerem o hula-hula, inundando o

quarteirão dos números 1700 de West Brainerd com o som de tenebrosos uqueleles e instrumentos de percussão a partir de troncos secos. No entanto, os dedos redondos que leva enfiados nos ouvidos só servem para juntar à música os chios da pulsação de Green e o som subaquático da sua respiração. Camisas de xadrez de flanela ou então havaianas floridas e aqueles colares de flores materializam-se e desaparecem atrás e por cima das colunas nas janelas, com a qualidade transbordante da diversão, dança e relacionamento social químicos de um grande grupo. As janelas iluminadas formam retângulos de luz esguios no quintal, que é um autêntico pardieiro. Há qualquer coisa nos movimentos de Randy Lenz mais adiante, aquele avançar furtivo e em bicos de pés, levantando bem os joelhos, de um malandrim saído do *vaudeville* a preparar alguma, que faz com que Green não o chame mesmo que tivesse conseguido fazer-se ouvir no meio do que lhe parece ser um estrondo de sangue, respiração e Ho. Lenz atravessa a rua, sempre sob o cone de luz do único candeeiro que está a funcionar, e aproxima-se da rede metálica de aço inoxidável da mesma casa canadiana, estendendo qualquer coisa a um cão, do tamanho de um pónei-de-shetland, que tem a trela presa, através de uma roldana que desliza, a uma coisa de plástico e fluorescente do género de um estendal. Está frio e o ar está rarefeito e cortante e Green sente os dedos gelados nos ouvidos, que lhe doem com o frio. Green fica a observá-lo, com um nível de fascínio que ignorava possuir, atraído lentamente para a frente, mexendo a cabeça para um lado e para o outro para não perder Lenz de vista no nevoeiro da sua respiração, sem chamar por ele mas trespassado. Em tempos, Green e Mildred Bonk e o outro casal com quem viviam numa caravana com Tommy Doocy tinham passado por uma fase em que se colavam, à penetras, a várias festas universitárias e conviviam com os universitários da classe alta, e, uma vez, em fevereiro, Green deu por si num dormitório da Universidade de Harvard onde estava a haver uma espécie de festa com temática de praia, com todo um carregamento de areia despejado no chão da sala de convívio e toda a gente com colares de flores e a pele bronzeada com cremes ou graças a idas ao solário, onde todos os gajos são loiros e têm camisas floridas desfraldadas, a passearem-se com um ar de *noblest oblige*[*4] mais parecido com trismo e a beberem bebidas com chapeuzinhos, ou então com calções *Speedo* e sem camisas nem uma única puta de borbulha nas costas, a fingirem que estão a surfar numa prancha de *surf* que alguém pregou a uma onda

com forma de corcunda e feita de *papier mâché* com um motor lá dentro que fazia a onda falsa, tipo, ondular, e onde todas as miúdas andam com saias de palha a saracotearem-se pela sala e a tentarem fazer o hula-hula como se dançassem o *shimmy* e deixando ver as cicatrizes da lipoaspiração nas coxas através das bamboleantes saias de palha, e Mildred Bonk tinha ido buscar uma saia de palha e um *top* de biquíni ao monte ao pé dos barris de cerveja e, apesar de estar grávida de sete meses, tinha-se saracoteado e feito o seu *shimmy* sem problemas, entrando nas calmas no espírito da coisa, mas Bruce Green tinha-se sentido pouco à vontade e deslocado, com o seu casaco de cabedal de má qualidade, o cabelo que havia cortado e pintado de cor de laranja durante um *blackout* alcoólico e o remendo a dizer come os ricos que tinha perversamente deixado Mildred Bonk coser nas entrepernas das suas calças de polícia, e depois o pessoal lá acabou por se fartar do tema do *Hawaii Five-O* e começou a passar os CD de Don Ho e de Sol Hoopi, com Green a ficar tão desconfortavelmente fascinado e repugnado e paralisado com as melodias polinésias que tinha instalado uma espreguiçadeira mesmo ao lado dos barris e ficado ali sentado sem largar a torneira, a emborcar copos de plástico atrás de copos de plástico cheios de espuma de cerveja até ficar tão podre de bêbado que foi traído pelo esfíncter, e não só se mijou como chegou mesmo a *borrar-se* todo, apenas pela segunda vez em toda a vida, e a primeira em público, sentindo-se mortificado com uma vergonha de várias e complexas camadas e tendo de ir, muito lenta e cautelosamente, à casa de banho mais próxima, onde tirou as calças e se limpou como a porra de um bebé, tendo de fechar um olho para ter a certeza de qual dos dois Green que via era mesmo ele, e depois não restava mais nada a fazer com as calças de polícia cagadas a não ser entreabrir a porta ligeiramente, esticar o braço tatuado e enterrar as calças na areia da sala de convívio, como se fosse a de um caixote para gato, e a seguir, claro, o que podia ele vestir se quisesse sair alguma vez daquela casa de banho ou do dormitório e voltar para casa, por isso teve de tornar a fechar um olho e esticar o braço e, tipo, esforçar-se ao máximo para chegar ao monte de saias de palha e *tops* de biquínis, sacar uma saia, vesti-la e escapulir-se do dormitório havaiano por uma porta lateral sem deixar que ninguém o visse, e a seguir apanhar a Linha Vermelha e o comboio C da Linha Verde e depois um autocarro, fazendo todo o percurso até casa, em fevereiro, com um casaco de cabedal de má qualidade, umas botas de alcatroador e uma

saia de palha, palha essa que subia da maneira mais horripilante, e tinha passado os três dias seguintes sem sair da caravana no Spur, com uma depressão paralisante de etiologia desconhecida, estendido no sofá incrustado de nódoas de Tommy D., a beber *Southern Comfort*[*5] pela garrafa e a ver as serpentes de Doocy a não se mexerem no tanque, durante os três dias, e tinha apanhado com Mildred aos berros com ele durante dois dias, primeiro por ter ido amuar antissocialmente para junto dos barris e depois por ter dado de frosques, abandonando-a, grávida de sete meses, numa sala cheia de areia, loiras anómicas que diziam coisas maldosas sobre as tatuagens dela e tipos sinistros que falavam sem mexer a mandíbula inferior e lhe perguntavam onde «veraneava», coisas desse género, e estavam sempre a querer dar-lhe conselhos sobre fundos sem comissões, a convidá-la a ir ao andar de cima para ver as suas reproduções de Dürer e a dizer-lhe que achavam as raparigas com excesso de peso terrivelmente atraentes no seu desrespeito pelas normais estético-culturais, e Bruce Green ficou ali estendido com a cabeça cheia de Hoopi e de sofrimento não resolvido, sem dizer uma só palavra ou sem ter sequer um único pensamento completamente desenvolvido durante três dias, e tinha escondido a saia de palha debaixo da capa do sofá para, mais tarde, a desfazer em pedaços e espalhar as tiras por cima da marijuana hidropónica que Doocy estava a desenvolver na banheira, para servir de adubo vegetal. Lenz vai entrando e saindo várias vezes do campo de visão de Green, no espaço de uma dúzia de passos *andante*, ainda à frente da casa tipo-refugiados-canadianos que atraiu Green, Lenz com uma latazinha por cima de um dos lados do portão da vedação, a abanar qualquer coisa junto ao portão e segurando outra coisa que de repente prende a atenção do cão por completo. Por uma razão qualquer, Green lembra-se de olhar para o relógio. O estendal cor-de-rosa e cor de laranja treme à medida que a roldana que prende a trela desliza e o cão vai ter com Lenz ao portão que este abriu lentamente. O cão enorme não parece nem amigável nem hostil em relação a Lenz, mas tem a atenção presa. A trela e a roldana nunca o conseguiriam segurar se ele resolvesse que Lenz era comida. Green tem no dedo qualquer substância malcheirosa oriunda do ouvido e que não consegue evitar cheirar. Esqueceu-se e deixou o outro dedo no ouvido. Agora já está bastante perto, protegido pela sombra de uma carrinha, quase iluminado pela pirâmide de luz de sódio do candeeiro, tipo a duas casas do local de origem do som tenebroso, que de repente

se cala por entre canções de um álbum inicial de Ho, *Don Ho: From Hawaii With All My Love*, deixando Green ouvir festivas vozes canadianas de barítono pelas janelas abertas e também a espécie de balbucios de bebé baixinhos de Lenz, a dizer «puti uti puti uti» e mais não sei o quê, presumivelmente ao cão, que se está a aproximar dele de forma neutralmente cautelosa mas atenta. Green não faz ideia que tipo de cão seja, mas é grande. Green não se consegue recordar da imagem mas dos dois sons muito diferentes dos passos do pai, o falecido senhor Green, a andar de um lado para o outro da sala de estar em Waltham, e do ranger do saco de papel a embrulhar a lata de cerveja de tamanho extra na sua mão. Já passa muito das 22h45. A trela do cão avança pelo estendal *Day-Glo* e deixa o animal a poucos passos do portão, onde Lenz se encontra, ligeiramente inclinado para a frente, na posição típica de quem está a fazer conversa de bebé com um cão. Green consegue ver que Lenz tem um quadrado ligeiramente mordiscado do rolo de carne duro e velho de Don G. à frente dele, estendendo-o ao cão a puxar pela trela. Lenz tem a expressão impassivelmente concentrada de um homem de cabelo curto com um contador Geiger. O hediondamente arrebatador Ho recomeça com a absoluta brusquidão que torna os CD tão sinistros. Green tem um dedo enfiado no ouvido e está a mexer-se ligeiramente para evitar que a sombra de Lenz, projetada pelo candeeiro, lhe tapasse a visão. A música distende-se e ressoa. Os canadianos puseram o volume no máximo para a *My Lovely Launa-Una Luau Lady*, uma canção que sempre deu a Green vontade de partir a janela à cabeçada. Parte dos sons instrumentais parece uma harpa sob o efeito de ácido. Os instrumentos de percussão a partir de troncos secos soam a um coração que bate com o terror mais extremo. Green imagina que consegue ver as janelas das casas em frente a vibrarem com a vibração horrífica. Agora, Green está a ter bem mais do que um pensamento por minuto, com a rodinha do gerbilo a começar a chiar lá no fundo do cérebro. O arrepio ondulante provém de uma guitarra havaiana que enche a cabeça do pequeno Brucie com areia branca, barrigas ondulantes e cabeças que parecem os balões dos desfiles subsidiados de Ano Novo, cabeças enormes, macias, brilhantes, inchadas, enrugadas e sorridentes, a oscilarem para a frente e para os lados à medida que se vão enchendo e transformando em cabeças gigantes, inclinadas para a frente, puxando pelas cordas a que estão atados. Green já não vê um desfile de Ano Novo desde o do Ano do Penso Medicinal *Tucks*, que tinha sido

obsceno. Green já está tão perto que consegue ver que a casa canadiana de cariz havaiano é o número 412 de West Brainerd. Há carros, veículos todo o terreno e carrinhas da classe operária espalhados por toda a rua, arrumados de uma maneira festiva, ou seja, estacionados à pressa, alguns com letras canadianas nas matrículas. Também há autocolantes com flores-de-lis e slôganes em canadiano em algumas janelas. Um velho *Montego* modificado para participar em corridas de automóveis, está estacionado mesmo à frente do 412, de um modo um tanto ameaçador, com duas rodas em cima do passeio e uma coroa de flores pendurada garbosamente na antena, e as elipses desbotadas e sem brilho na pintura do capô mostram que o motor já está esgotado e que o capô fica superquente, e Lenz ajoelhou-se e está a partir um bocado do rolo de carne e a atirá-lo dissimuladamente para o chão, já ao alcance da trela. O cão aproxima-se e baixa a cabeça para farejar a carne. O som característico do rolo de carne de Gately a ser mastigado, mais o estrondo dos chilreios de cítara da música horrenda. Agora, Lenz levanta-se e os seus movimentos no quintal assumem uma qualidade etérea e espectral nas diferentes tonalidades da sombra. A janela iluminada mais afastada da bandeira inerte revela tipos robustos e morenos com barba e camisas berrantes a passarem de um lado para o outro e a estalarem os dedos debaixo dos cotovelos, com mulheres repletas de flores a reboque. Muitas das cabeças estão atiradas para e coladas a garrafas de cerveja *Molson*. O casaco de Green chia quando ele tenta respirar. A serpente tinha saltado da lata com um som parecido com: *spronnnnng*. A tia no recanto do pequeno-almoço em Winchester, sob a luz deslumbrante de um amanhecer de inverno, a fazer uma sopa de letras em silêncio. Duas janelas nas águas-furtadas estão meio tapadas pelos retângulos pulsantes das JBL. Green é o género de pessoa capaz de reconhecer a grande distância uma coluna JBL e uma garrafa verde de *Molson*.

Um pensamento desenvolvido consolida-se: a voz de Ho possui a natureza de um género de *unguento*.

Qualquer cabeça canadiana deslocada e desgrenhada, ali naquelas janelas, que por acaso espreitasse naquele momento para o quintal veria provavelmente Lenz a depositar mais um pedaço de carne à frente do animal e a tirar qualquer coisa da zona da axila, por baixo do sobretudo, enquanto se vai movendo etérea e furtivamente até ficar atrás do cão, como que montado no seu lombo, e pousa o que resta do rolo de carne à frente do cão, com o cão grande debruçado, com a

guarnição de *cornflakes* de Don a ser trincada e o som viscoso de um cão a comer carne de uma instituição de reabilitação. O braço sai debaixo do sobretudo e sobe segurando qualquer coisa que dá ideia de que reluziria se a luz que vinha das janelas e iluminava o quintal lá chegasse. Bruce Green continua a tentar afastar insistentemente a respiração da frente. O sobretudo de boa qualidade de Lenz enfuna-se à volta do cão ao mesmo tempo que Lenz se prepara, inclina, segura o animal debruçado pelo cachaço com uma mão e se endireita içando-se vigorosa e sonoramente, levantando o cão sobre as patas traseiras, ao mesmo tempo que as patas da frente esgravatam o vazio do ar freneticamente, e o ganido que o cão solta faz uma figura com coroa de flores e flanela sugir no espaço iluminado por cima de uma das colunas. Ali escondido nas sombras, nem sequer passa pela cabeça de Green chamar Lenz, e o tempo parece deter-se com o cão em pé e Lenz por trás dele, baixando a mão que tinha levantada à frente da garganta e rasgando-a com força. Há um arco sem luz vindo do sítio onde a mão de Lenz fez o seu movimento; o arco salpica o portão e o passeio lá fora. A música distende-se sem parar mas Green ouve Lenz dizer o que parece ser «Como é que te *atreves*?» com grande ênfase ao largar o cão, ao mesmo tempo que a figura à janela solta um som agudo e masculino e o cão cai e bate de lado no chão com o ruído cheio de substância de um saco de trinta e dois quilos de cubinhos de gelo especiais para festas, as quatro patas a dar a dar inutilmente e a superfície escura do relvado a enegrecer-se numa curva pulsante à frente das mandíbulas que se abrem e fecham. Green saiu sem pensar da sombra da carrinha, na direção de Lenz, e agora pensa e para entre duas árvores da rua, diante do 416, querendo chamar Lenz e sentindo a afasia estrangulada que as pessoas sentem nos pesadelos, e por isso limita-se a ficar ali parado no meio dos troncos com um dedo enfiado no ouvido, a olhar. A maneira como Lenz se posiciona sobre a carcaça do cão grande é como uma pessoa se posiciona sobre uma criança castigada, com o corpo completamente direito e a irradiar autoridade, e aquele momento prolonga-se ali assim, distendido, até que se ouve a chiadeira de janelas há muito fechadas a abrirem-se, sobre o fundo da música de Ho, e o barulho medonho de várias botas de lenhador a descerem aceleradamente as escadas dentro do 412. O solteiro sinistramente simpático que vivia ao lado da tia tinha dois cães grandes e bem tratados e quando Bruce passava pela casa, os cães arranhavam as unhas na madeira do alpendre e iam a

correr, com as caudas levantadas, até à vedação anodizada quando Bruce se aproximava, tocando na vedação metálica quase como se estivessem a fazer *música* com as patas, tal era a excitação por o verem. Por, tipo, lhe porem simplesmente os olhos em cima. Lenz tem o braço da faca outra vez levantado, sem brilhar à luz do candeeiro, enquanto se serve da outra mão, que está a agarrar a parte de cima da vedação, para saltar a vedação de lado e desatar a correr pela colina da Rua Brainerd, para sudoeste, em direção a Enfield, com os mocassins a fazerem um barulho elegante no passeio e o sobretudo aberto a insuflar-se como uma vela. Green refugia-se atrás de uma das árvores no momento em que figuras encorpadas de flanela e com coroas de flores a perderem pétalas, soltando grunhidos estrangeiros e indiscutivelmente canadianos, algumas com uqueleles, se espalham como formigas pelo quintal depois de atravessarem o alpendre a arquear, andam de um lado para o outro e tagarelam, com algumas a ajoelharem-se junto à forma que antes tinha sido o cão. Um tipo barbudo, tão enorme que a camisa havaiana lhe fica justa, pegou no saquinho do rolo de carne. Outro tipo, com pouco cabelo, pega no que parece ser uma lagarta branca saída do relvado escuro e segura-a delicadamente entre o polegar e o indicador, observando-a. E ainda outro tipo enorme, com suspensórios, larga a cerveja no chão e pega no cão inerte, que fica estendido de costas nos braços dele, com a cabeça toda para trás, como uma rapariga desmaiada, a pingar sangue e com uma pata ainda a mexer, e o tipo está a gritar ou a cantar. O primeiro canadiano gigantesco, que tem o saquinho, agarra-se à cabeça em sinal de agitação ao mesmo tempo que corre pesadamente, com mais dois canadianos, para o *Montego* modificado. No outro lado da Brainerd, acende-se uma luz no rés do chão da casa em frente, iluminando por trás uma figura com uma espécie de fato e sentada numa cadeira de rodas, mesmo encostada à janela e um pouco de lado, como fazem as cadeiras de rodas quando se querem mesmo encostar a qualquer coisa, a perscrutar a rua e o quintal apinhado de canadianos. Aparentemente, a música havaiana parou, mas não de forma abrupta, ninguém tirou o CD a meio de uma canção. Green refugiou-se atrás de uma árvore, que, tipo, abraça com um só braço. Uma rapariga gorda com uma saia de palha horrorosa está a dizer várias vezes «*Dyu!*[*6]». Ouvem-se obscenidades e as frases da praxe, como «Para!» e «O gajo vai ali!», ditas com sotaque carregado e dedos apontados. Estão vários tipos a correr pelo passeio

atrás de Lenz, mas têm botas e Lenz já leva grande vantagem e agora desaparece ao cortar para a esquerda como um avançado de futebol americano, desaparecendo por uma ruela ou por um grande caminho de entrada, embora ainda se consigam ouvir os seus mocassins elegantes. Um dos tipos até brande um punho no ar enquanto o persegue. O *Montego* com o motor modificado revela problemas ao nível do silencioso, faz um ruído surdo ao sair do passeio e traça dois parênteses quando dá uma meia-volta profissional no meio da rua para sair disparado na direção de Lenz, um carro muito baixo, rápido e sem merdinhas desnecessárias, com a alegre coroa de flores pendurada na antena a curvar-se com a velocidade e a converter-se numa elipse esticada que vai deixando um rasto de pétalas brancas que demoram uma eternidade até pararem de cair. Green acha que se calhar ficou com o dedo congelado dentro do ouvido. Ninguém parece estar a gesticular nada em relação a um possível cúmplice. Não há indícios de que estejam à procura de mais alguém, de uma espécie de cúmplice involuntariamente culpado. Surgiu outra figura de cadeira de rodas logo atrás e à direita da primeira, que está parada do outro lado da rua, iluminada por trás, e encontram-se ambas numa posição que lhes permite ver Green agarrado à árvore, com a mão encostada ao ouvido, dando ideia de poder estar a receber algum tipo de comunicados por um auricular. Os canadianos continuam no quintal, a andar de um lado para o outro de um modo que é indescritivelmente estrangeiro, quando o canadiano que carrega o cão se põe a cambalear em círculos, fraquejando sob o peso do animal morto, e a dizer qualquer coisa para o céu. Green já começa a conhecer aquela árvore muito bem, colado a ela do lado contrário ao vento e a respirar para a casca para que o seu bafo não apareça por trás da árvore e seja visto como o bafo de um cúmplice, potencialmente.

Mario Incandenza vai fazer dezanove anos na quarta-feira, 25 de novembro, véspera do Dia de Ação de Graças. As suas insónias pioram quando o hiato de Madame Psicose entra na terceira semana e a WYYY tenta uma vez mais substituí-la por Miss Diagnose, que começou uma leitura do Apocalipse de São João trocando a ordem das sílabas das palavras, coisa que faz com que uma pessoa se sinta tão envergonhada por ela que chega a ser desconfortável. Durante algumas noites, na sala de estar da RdR, Mario tenta adormecer a ouvir a WODS, uma estação AM marginal que passa arranjos orquestrais narcotizantes

de canções antigas dos Carpenters. Só piora as coisas. É esquisito sentir que temos saudades de uma pessoa que nem sequer temos a certeza de conhecer.

Mario fica com uma queimadura grave na pélvis por estar encostado a um fogão de aço a escaldar enquanto fala com a senhora Clarke. Tem a anca toda enfaixada com ligaduras por baixo das velhas calças de bombazina de Orin e ouve-se um som de sucção saído de um emplastro quando se põe a passear, a altas horas da noite, por não conseguir dormir. A deficiência congénita, que só foi diagnosticada em termos definitivos depois de Mario ter feito seis anos e deixado Orin tatuar-lhe o ombro com a espiral em brasa de um aquecedor de imersão, chama-se disautonomia familiar, um défice neurológico que o leva a não sentir muito bem qualquer dor física. Muitos dos alunos da ATE brincam com ele e dizem-lhe que também deviam ter problemas desses, e até Hal já sentiu às vezes uma pontada de inveja em relação a isso, mas o défice é um complicação grave e, na realidade, bastante perigosa, como demonstra, por exemplo, o caso da pélvis queimada, que só foi apenas descoberta quando a senhora Clarke achou que sentia o cheiro de beringela demasiado cozinhada.

Na RdR, Mario está deitado num colchão insuflável, dentro de um saco-cama de penas bem apertado, com a luz fluorescente violeta quase a tocar-lhe e o vento a bater na janela grande a leste, ouvindo violinos suaves e o que parece ser uma cítara. Às vezes, ouve-se um grito estridente e prolongado lá em cima, onde se encontram os quartos de C.T. e da mã. Mario escuta com atenção para perceber se o som termina com Avril a rir ou com Avril a gritar. Ela tem terrores noturnos, que são, tipo, pesadelos, só que piores, e que afligem as crianças pequenas e, pelos vistos, também os adultos que comem a maior refeição do dia mesmo antes de se deitarem.

As orações noturnas de Mario demoram quase uma hora e, às vezes, ainda mais, e não são uma obrigação. Ele não se ajoelha; é mais no género de uma conversa. E não está maluco, não é que ouça alguém ou alguém coisa a responder-lhe, isso já Hal determinou.

Hal tinha-lhe perguntado quando é que ia recomeçar a dormir no quarto deles, o que fez Mario sentir-se bem.

Não para de tentar imaginar Madame Psicose – que imagina que seja muito alta – deitada numa cadeira XL de praia, numa praia, a sorrir e sem dizer nada durante vários dias, a descansar. Mas não resulta lá muito bem.

Não consegue dizer se Hal está triste. Cada vez lhe custa mais perceber os estados de espírito de Hal ou se ele está ou não animado. Isso preocupa-o. Dantes, conseguia sentir no estômago, em geral e antes de ser dita qualquer palavra, onde estava Hal e o que andava a fazer, mesmo que Hal estivesse muito longe e a jogar ou que Mario estivesse longe, e agora consegue. Senti-lo. Isso preocupa-o e é uma sensação igual a perdermos uma coisa importante num sonho e não nos conseguirmos sequer lembrar do que era mas sabermos que é importante. Mario gosta tanto de Hal que o coração até lhe bate com mais força. Não precisa de se perguntar se agora é ele que está diferente ou o irmão porque Mario nunca muda.

Não tinha dito à mã que ia dar uma volta depois de sair do gabinete dela, a seguir à interação entre ambos. Normalmente, Avril tenta, sem se estar a intrometer, dissuadir Mario de dar passeios à noite, já que ele não vê bem à noite, as zonas à volta da colina da ATE não são das melhores da cidade e não se pode escamotear o facto de que Mario seria uma presa fácil, em termos físicos, para praticamente qualquer pessoa. E, apesar de uma das vantagens da disautonomia familiar ser uma relativa intrepidez física[242], Mario não se afasta de uma área bastante limitada durante as passeatas insones, por deferência para com as preocupações de Avril[243]. Às vezes, dá umas voltas pelos terrenos do HSP da Marinha de Enfield, no fundo do lado leste da colina, porque são praticamente isolados, os terrenos, e ele conhece alguns seguranças do hospital do tempo em que o pai os convenceu a fazerem de polícias de Boston no excêntrico *Marque C para Concupiscência*; e gosta dos terrenos do hospital à noite porque a luz que vem das janelas dos vários edifícios em tijolo é amarela[244] e ele consegue ver muitas pessoas juntas nos rés dos chãos a jogar às cartas, a falar ou a ver alguma coisa no telecomputador. E também gosta de tijolo caiado independentemente do seu estado de conservação. E muitas das pessoas nos vários edifícios em tijolo são defeituosas ou tortas, inclinando-se bastante para um lado ou completamente contorcidas, do lado de lá das janelas, e ele consegue sentir o coração a abrir-se ao mundo através delas, o que é bom para as insónias. Uma voz de mulher, a pedir ajuda sem verdadeira urgência – não como os gritos que significam que a mã está a rir ou a gritar à noite –, soa de uma janela às escuras num dos pisos superiores. E do outro lado da ruazinha a abarrotar de carros que toda a gente tem de mudar de lugar às 00h00, fica Ennet’s House, que tem uma diretora com

uma deficiência e que mandou instalar uma rampa para cadeiras de rodas e já convidou Mario a ir lá beber durante o dia um *Millennial Fizzy* sem cafeína, e Mario gosta do sítio: está apinhado de gente, é barulhento e não há uma única peça de mobília com uma capa de plástico protetora, mas ninguém repara em ninguém ou faz comentários sobre deficiências e a diretora é gentil para as pessoas e as pessoas choram à frente umas das outras. Lá dentro, cheira a cinzeiro, mas Mario sentiu-se bem das duas vezes em que esteve em Ennet's House porque é um sítio muito verdadeiro; as pessoas choram, fazem barulho e ficam menos infelizes, e uma vez ouviu alguém a dizer *Deus* sem se rir e ninguém olhou para essa pessoa ou baixou os olhos ou sorriu fosse de que forma fosse que pudesse dar a entender alguma preocupação interior.

No entanto, as pessoas de fora não podem lá estar depois das 23h00, já que eles têm um recolher obrigatório, por isso Mario limita-se a cambalear pelo passeio partido e a olhar para todas as pessoas que se veem pelas janelas do rés do chão. As janelas transbordam todas de luz, algumas estão parcialmente abertas e ouve-se o barulho típico em frente a uma casa cheia de pessoas. De uma das janelas dos andares de cima que dão para a rua vem uma voz que diz «Dá cá isso, dá cá isso». Está uma pessoa a chorar e outra a rir ou tossir com muita força. A voz irascível de um homem saída de uma janela lateral da cozinha diz qualquer coisa a uma pessoa qualquer que tinha acabado de dizer qualquer coisa como «Então arranja uma dentadura», seguida de palavrões. Outra janela lá em cima, por baixo de um ponto dos terrenos, ao lado da rampa para as cadeiras de rodas e da janela da cozinha, em que o solo é suficientemente suave para aguentar o peso dos suportes de Mario, essa janela lá em cima tem uma bandeira esvoaçante e colocada ao comprido a servir de cortina e um autocolante velho no vidro, meio arrancado e onde, por isso, se lê apenas *um dia de cada*, em cursivo, e Mario fica fascinado pelo som discreto mas inconfundível de uma gravação de uma emissão de *Mais ou menos Sessenta Minutos com Madame Psicose*, programa que Mario nunca gravou por achar que não seria correto para ele, mas que se sente estranhamente entusiasmado por saber que há alguém em Ennet's que tem o programa em tão boa conta que o anda a gravar e a ouvir outra vez. Aquilo que está a vir de trás da janela aberta com a bandeira esvoaçante a servir de cortina é uma das emissões antigas, do Ano do Frango Maravilha *Perdue*, o ano inaugural de Madame Psicose, altura em que às vezes falava

durante a hora toda e com sotaque. Um vento forte de leste atira o cabelo fino de Mario para trás, fugindo-lhe da cabeça. Está parado a um ângulo de cinquenta graus. Uma rapariga com um casaquinho de peles, calças de ganga azuis de aspeto desconfortável e sapatos de salto alto que fazem um som leve quando ela passa no passeio, sobe a rampa para a porta traseira de Ennet's sem dar qualquer indicação de ter visto uma pessoa, com uma cabeça mesmo grande, parada no relvado junto à janela da cozinha e apertada num colete com fecho de polícia. A senhora levava tanta maquilhagem que parecia doente, mas o cheiro que deixou ao passar é muito bom. Por uma razão qualquer, Mario pressentiu que a pessoa atrás da bandeira da janela também era uma mulher. Mario acha que talvez não seja completamente impossível que ela possa emprestar cassetes a outro ouvinte do programa se ele tivesse hipótese de lho pedir. Normalmente, confirma todas as questões de etiqueta com Hal, que é incrivelmente conhecedor e inteligente. Quando pensa em Hal, o coração bate-lhe com mais força e fica com a pele grossa da testa toda enrugada. Hal também sabe de certeza o nome para as gravações privadas em cassete de coisas emitidas pela rádio. Se calhar, essa senhora tem várias cassetes. A que ele está a ouvir é do primeiro ano de *Mais ou menos Sessenta Minutos*, quando Madame Psicose, ainda tinha um ligeiro sotaque e falava frequentemente no programa como se estivesse a conversar em exclusivo com uma pessoa ou personagem que era muito importante para ela. A mã explicou que se não formos malucos, falar com uma pessoa que não está lá chama-se *apóstrofe* e é arte válida. Mario tinha ficado perdido de amores pelos primeiros programas de Madame Psicose porque sentiu que estava a ouvir uma pessoa triste a ler em voz alta cartas amareladas que tinha tirado de uma caixa de sapatos num fim de tarde chuvoso, coisas sobre desgostos amorosos e pessoas de quem gostamos a morrerem e atribulações dos EUA, coisas que eram reais. É cada vez mais difícil encontrar arte válida que diga respeito a coisas que sejam assim tão reais. À medida que Mario vai ficando mais velho, mais o confunde o facto de não haver ninguém na ATE acima da idade de, por exemplo, Kent Blott que não ache as coisas super-reais incómodas e motivadoras de desconforto. É como se houvesse uma regra qualquer que diz que as coisas reais só podem ser referidas se toda a gente se puser a revirar os olhos ou a rir sem estar feliz. A coisa que o fez sentir-se pior neste dia aconteceu ao almoço quando Michael Pemulis disse a Mario que tinha uma ideia para criar um serviço telefónico

Ligue-para-uma-Oração para ateus em que o ateu liga para o número e o telefone toca e toca e ninguém atende. Era uma piada e boa, e Mario percebeu-a; o que foi desagradável foi que Mario tivesse sido a única pessoa sentada àquela mesa grande com uma gargalhada genuinamente feliz; todos os outros olharam para baixo como se estivessem a rir-se de alguém com uma deficiência. Era uma questão que ultrapassava por completo Mario, que não foi capaz de compreender as respostas de Lyle quando tentou falar dessa confusão. E, por uma vez, Hal não serviu para o ajudar, já que Hal parecia ainda mais incomodado e pouco à vontade do que os outros rapazes ao almoço, e quando Mario falava de coisas reais, Hal tratava-o por Booboo e reagia como se Mario tivesse feito chichi nas calças e Hal fosse mostrar grande paciência ajudando-o a mudar de roupa.

Há muita gente a surgir da escuridão e a passar por ali para entrarem na casa a tempo do recolher obrigatório. Parecem todos assustados e fazem cara feia para fingirem que não são tímidos. Os homens têm as mãos enfiadas nos bolsos dos casacos e as mulheres têm-nas nas golas dos casacos, mantendo-os fechados. Uma pessoa jovem que Mario nunca tinha visto vê-o a debater-se com o fecho de polícia e ajuda-o a desmontar a vara e a guardá-la na mochila. Aquela simples ajudazinha que faz toda a diferença. De repente, Mario fica com tanto sono que não tem a certeza se consegue subir a colina para voltar a casa. As músicas que se ouviam no início da carreira de Madame Psicose são exatamente as mesmas que se ouviram até ao fim, o que lhe parece extremamente inaceitável sem a presença dela ali.

No entanto, a inclinação de Mario para a frente é perfeita para subir colinas. O emplastro que tem colado na pélvis faz barulho mas não o magoa. Na janela grande e saliente do gabinete da diretora da Ennet’s House, uma janela com vista para a Avenida, para as vias-férreas e para a asseada Father and Son Grocery da família Ng, onde servem de manhã chá amarelo a Mario quando ele lá passa e está frio, a última coisa que Mario consegue ver, antes de as árvores da colina se fecharem atrás de si e reduzirem Ennet’s House a uma luz amarela estilhaçada, é um rapaz de ombros largos e cabeça quadrada debruçado sobre qualquer coisa que está a escrever sentado à secretária preta da diretora, lambendo a ponta do lápis e todo curvado, de forma desconfortável, com o braço enroscado naquilo onde está a escrever, como um rapaz lerdo a debater-se com uma composição numa aula de apoio na Rindge-Latin School.

As obrigações noturnas dos funcionários internos dividem-se de forma bastante igual entre o insignificante e o desagradável. Alguém tem de ir às reuniões a acontecer na zona circundante para confirmar a presença dos residentes e alguém tem de falhar uma reunião noturna para se ocupar do Centro vazio, dos telefones e do insignificante registo diário. Depois de as reuniões terminarem, Gately tem de se pôr a contar cabeças de hora a hora e escrever no registo quem está lá e o que se está a passar. Gately tem de fazer patrulhas para verificar se toda a gente cumpre as suas tarefas, escrever alguma coisa no registo acerca desse cumprimento e afixar quais são as tarefas do dia seguinte a partir da folha semanal. Os residentes precisam que lhes expliquem primeiro tintim por tintim tudo o que se lhes pede que façam para depois não se poderem queixar quando lhes pedem de repente satisfações. E nessa altura, tem de se dizer a quem não cumpriu as suas tarefas que vai ficar uma semana de castigo, o que costuma ser desagradável. Gately tem de abrir os armários fechados à chave de Pat e a seguir levar a chave consigo para abrir o cacifo dos remédios. Os residentes que estão a tomar remédios reagem ao som do cacifo dos remédios como um gato reage ao som de um abre-latas. Materializam-se, tipo, do nada. Gately tem de distribuir insulina oral, remédios para os vírus, medicamentos para as borbulhas, antidepressivos e lítio aos residentes que se materializam para receberem remédios e depois tem de apontar tudo no registo médico, e o registo médico é uma porra de uma trapalhada incrível. Tem de ir buscar a agenda A-Semana-em-Revista de Pat e imprimir as marcações do dia seguinte numa folha em maiúsculas porque Pat não consegue perceber nada da sua própria letra paralítica. Gately tem de se reunir com Johnette Foltz para analisar o comportamento dos vários residentes do Centro nas reuniões do Grupo Partilhar e Cuidar, em St. E.’s e dos Jovens de Brookline e numa reunião dos Doze Passos dos Narcóticos Anónimos para Mulheres à qual deixaram ir algumas das residentes mais antigas, e depois apontar todos os dados no registo. Gately tem de subir as escadas para ir ver como está Kate G., que voltou a dizer esta noite que estava demasiado doente para ir à reunião dos Alcoólicos Anónimos e que há três dias que quase não sai da cama, enfiada no quarto a ler uma pessoa qualquer chamada Sylvia Plate. Ir à zona das mulheres no andar de cima é uma chatice do caraças, já que ele tem de destrancar uma jaulazinha de aço por cima de um botãozinho na escada das mulheres, ao lado do gabinete dos fundos,

carregar no botão para fazer soar a campainha no piso superior, gritar pelas escadas acima «Homem a caminho!» e depois dar às residentes todo o tempo de que precisarem para se porem apresentáveis ou lá o que seja antes de subir. Ir lá acima tem-se revelado educativo para Gately, já que sempre teve ideia de que as zonas femininas fossem basicamente mais limpas e agradáveis do que as masculinas. Ter de verificar as tarefas nas duas casas de banho femininas destruiu-lhe a ilusão de longa data de que as mulheres não iam à casa de banho com o mesmo vigor apavorante que os homens. Gately havia passado muito tempo a limpar a porcaria da mãe, mas nunca tinha pensado muito nela como uma mulher. Por isso, toda aquela coisa desagradável tem-se revelado uma educação.

Gately tem de manter um olho em Doony Glynn, que tem uma diverticulite recorrente e tem de se deitar no beliche em posição fetal quando sofre um ataque e têm de lhe trazer *Motrin* e um batido *SlimFast* que Gately tinha de preparar com dois por cento de leite normal porque já não havia desnatado, e depois bolachas do Banco Alimentar e uma água tónica saída da máquina da cave quando Glynn não pode beber o batido dos dois por cento, e, por fim, apontar os comentários e o estado de Glynn no registo, sendo que nenhuma das coisas é famosa.

Houve alguém que esteve na cozinha a fazer *Rice Krispies*, aquelas coisas asquerosas parecidas com *marshmallows*, e depois não limpou nada, e Gately tem de andar ruidosamente de um lado para o outro, a tentar descobrir quem é o responsável para o obrigar a limpar tudo, e o código de silêncio dos residentes é tão férreo que até parece que ele se transformou de repente num polícia da Brigada de Narcóticos. As merdas quotidianas com que é preciso lidar aqui dão pela cintura e são mais aniquiladoras do que propriamente irritantes; agora, um turno duplo deixa-o esgotado ao amanhecer, mesmo a tempo de limpar merda a sério. No início, não era assim, o aspeto aniquilador, e de poucos em poucos minutos, Gately volta a perguntar-se que raio vai acabar por fazer quando o atual contrato anual de funcionário terminar e estiver absolutamente aniquilado e sóbrio mas sem dinheiro nenhum e ainda completamente à nora e tiver de se ir embora e fazer qualquer coisa Lá Fora.

Quando ele tocou à campainha e subiu as escadas até à camarata feminina de cinco camas para dar uma vista de olhos, Kate Gompert fez um possível

comentário velado sobre fazer mal a si própria[245], e Gately tem de ligar para casa de Pat para a avisar, mas ela não está ou não atende, e por isso, a seguir, ele tem de ligar para a administradora do Centro e transmitir-lhe o comentário palavra por palavra para deixar que ela o interprete e diga a Gately o que deve fazer, como se relaciona o comentário com o Contrato Antissuicídio de Gompert e como aquilo tudo deve ser apontado no registo. Uns anos antes de Gately lá chegar, uma residente da Ennet tinha-se enforcado num cano de aquecimento, na cave, e agora vigoram procedimentos barrocos para monitorizar a ideação dos residentes com problemas psiquiátricos. O número da 5-Leste no St. Elizabeth's Hospital está num cartão vermelho no *Rolodex* de Pat.

Gately tem de recolher os relatórios dos conselheiros da semana anterior e conferi-los, e reunir os processos dos residentes, imprimir quaisquer atualizações ou alterações e inseri-las nos processos para a reunião dos funcionários do dia seguinte, altura em que os funcionários se juntam no gabinete de Pat para discutirem o ponto de situação de cada residente. Estes têm a perfeita noção de que os seus conselheiros, eles próprios ex-residentes, se chibam basicamente deles à força toda sempre que há uma reunião de funcionários, e é por isso que as sessões de aconselhamento são tão incrivelmente chatas e que só os ex-residentes da Ennet realmente agradecidos e generosos estão dispostos a servir de conselheiros. Organizar processos é uma coisa trivial e, para Gately, utilizar o conjunto dos telecomputadores do gabinete dos fundos para imprimir cenas é desagradável, principalmente porque cada um dos seus dedos é quase três vezes maior do que as teclas e ele tem de carregar nas teclas com cuidado com a ponta de uma caneta, e às vezes esquece-se de encolher o bico, o que deixa manchas azuis nas teclas e faz a administradora do Centro estar sempre a partir-lhe a cabeça.

E Gately tem de levar todos os residentes mais recentes para o gabinete para, pelo menos durante uns minutos, haver um contacto mínimo, perceber-se como estão todos e deixar claro que são considerados pessoas existentes e que por isso não podem simplesmente fundir-se com a decoração da sala de estar e desaparecer. O tipo mais recente continua enfiado no armário da roupa de cama e a garantir que é ali que se sente mais confortável, com a porta aberta, e a recém-chegada e «indefesa» Amy Johnson ainda não voltou. Ruth van Cleve, uma rapariga enviada pelo tribunal e acabadinha de chegar que parece uma daquelas

pessoas que se veem nas fotografias sobre a fome em África, tem de preencher os formulários de entrada e passar pelo período de orientação, e Gately recita-lhe as regras do Centro e dá-lhe um exemplar do Guia de Sobrevivência da Ennet House, que um antigo residente, de há muitos anos, tinha escrito para Pat.

Gately tem de atender o telefone e dizer às pessoas que ligam para o gabinete para falarem com um residente que os residentes só podem receber chamadas pela cabina telefónica da cave, que ele tem de explicar que, sim, está quase sempre ocupada. O Centro proíbe *bips*/telemóveis e estabelece como interdito o uso do telefone do gabinete pelos residentes. Gately tem de ir lá abaixo expulsar residentes da cabina quando outros residentes que estão na fila se vêm queixar de que a pessoa ao telefone já ultrapassou os seus cinco minutos. E isto também costuma ser desagradável: a cabina telefónica lá em baixo não é digital, não se pode desligar e é uma fonte constante de problemas e queixas; as conversas são todas de vida ou morte; lá em baixo, não há um minuto sem crises. Há uma maneira especial de expulsar uma pessoa de uma cabina telefónica que é respeitosa e não envergonha ninguém mas sem deixar de ser firme. Gately aprendeu a fazer muito bem uma expressão impassível mas não passiva quando os residentes são insultuosos. Os funcionários do Centro cultivam uma expressão de competência cansada e depois têm de se esforçar para a tirar da cara quando já não estão de serviço. Gately já se mostra tão estoico perante os insultos que os residentes chegam a ter de referir atos contranatura relacionados com o seu nome para que ele aponte o insulto no registo e lhes aplique um castigo. Quase todos os residentes respeitam-no e gostam dele, algo que a administradora do Centro diz que causa uma certa preocupação aos funcionários veteranos, já que a função de Gately não é ser amigo daquela gente o tempo todo.

A seguir, na cozinha, ainda com a porra do chavascal de taças e panelas da porra dos *Krispies*, Wade McDade e mais alguns residentes estavam ali à espera que várias coisas torrem e fervam e McDade estava a empurrar a ponta do nariz para cima com o dedo para mostrar as narinas a toda a gente. Andava por ali com ar de porco a perguntar às pessoas se conheciam alguém com um nariz assim e algumas pessoas responderam que sim, claro, porquê? Gately foi inspecionar o frigorífico e viu mais uma vez provas de que, tudo indicava, o seu rolo de carne especial tinha um admirador secreto, havia sido cortado mais um retângulo grande dos restos que tinha embrulhado cuidadosamente e guardado na

prateleira mais robusta que ali havia. McDade, e Gately debate-se diariamente com um desejo ardente de bater em McDade com tanta força que o tipo ficaria reduzido aos olhos e ao nariz em cima das botas de cobói, McDade anda a dizer a toda a gente que está a construir uma Lista de Gratidão, por sugestão de Calvin T., apologista do amor duro, e diz que decidiu que uma das coisas pelas quais se sente agradecido é não ter um nariz igual àquele. Gately tenta não julgar ninguém pelo facto de estar ou não a rir. Quando o telefone de Pat começa a tocar e Gately se vai embora da cozinha, McDade está a puxar para cima e a espalmar o lábio superior com a mão, perguntando às pessoas se conhecem alguém com fendas palatinas.

Gately tem de monitorizar, tipo, o barómetro emocional do Centro e espetar o dedo molhado no vento para tentar descobrir de onde virão os potenciais conflitos, problemas e rumores. Aqui, é uma arte subtil manter o acesso à rede de mexericos dos residentes e estar sempre a par dos rumores sem nunca dar a ideia de estar a induzir um residente a fazer uma coisa feia e chibar-se de outro. Aqui, os residentes só são realmente encorajados a chibarem-se uns dos outros em relação a uma coisa: consumo de drogas. Cabe aos funcionários deduzir, deslindar e etc. todas as outras questões, extrair por decocção as infrações verdadeiras das ondas de insinuações e queixas da treta que mais de vinte pessoas entediadas, enfiadas no mesmo sítio e versadas nas manhas da rua, a desintoxicarem-se de vidas destruídas, são capazes de gerar. Rumores de que tal e tal fez um broche no sofá a tal e tal, às 03h00, que fulano tem uma faca, que X andava a usar o que só podia ser um código qualquer na cabina, que Y voltou a andar com um *bip*, que sicrano anda a organizar apostas em jogos de futebol americano na camarata masculina de cinco camas, que Belbin tinha feito crer a Diehl que limparia a cozinha se ele fizesse os *Krispie Treats* e depois se baldou, e etc. São quase tudo coisas insignificantes e, com o tempo e a acumulação, tornam-se desagradáveis.

A seguir, raramente há uma sensação propriamente dita de completa e perfeita tristeza – apenas uma perda abrupta de esperança. Além disso, há um desprezo que ele disfarça tão bem com doçura e carinho durante aquele período pós-coital de pequenos sons e ajustamentos.

Orin só consegue dar, e não receber, prazer, e isso faz com que um número

desprezível delas ache que ele é um amante maravilhoso, quase um amante de sonho; e isso alimenta o desprezo. Mas ele não pode mostrar o desprezo, já que isso diminuiria de forma bastante clara o prazer da pessoa.

Como o prazer que a pessoa sente com Orin se tornou o sustento dele, Orin mostra-se conscienciosо na consideração e doçura que manifesta depois do coito, deixando bem evidente a vontade de ficar ali mesmo, muito coladinho e íntimo, ao passo que tantos outros amantes, dizem as pessoas, parecem ficar a seguir desconfortáveis, desdenhosos e distantes, colocando-se de costas para se porem a olhar para a parede ou batendo no maço para tirar um cigarro quando ainda nem acabou de se contorcer.

A modelo de mãos contou-lhe docemente que o marido suíço grande e rosado da fotografia saía de cima dela depois do coito e ficava ali deitado de barriga para baixo, aturdido, com os olhos transformados em duas fendazinhas, como os dos porcos, e o ténue sorriso dengoso de um predador saciado, não como o pontapeador: nada carinhoso. Como acontecia habitualmente às pessoas, ela ficou depois, por breves instantes, aflita e nervosa e disse que *ninguém* podia alguma vez saber, ela podia ficar sem os filhos. Orin deu-lhe as garantias da praxe numa voz muito terna e íntima. A seguir, Orin mostrou-se categoricamente doce e carinhoso, como ela, por alguma razão, *sabia* intuitivamente que ele se iria mostrar. Era verdade. Sentia verdadeiro prazer quando dava a impressão de carinho e intimidade naquele intervalo; se alguém lhe perguntava qual era a sua parte preferida do período anticlimáctico após a pessoa se deitar, abrir resplandecentemente e abarcá-lo por completo com os olhos, Orin respondia que a sua segunda parte preferida era este intervalo pós-esperma em que a pessoa se mostrava pegajosamente vulnerável e ele doce, carinhoso e íntimo.

Quando se ouviu alguém a bater à porta do quarto, isso pareceu-lhe mais um exemplo de graça a seu favor, pois a pessoa estava soerguida na cama, apoiada no cotovelo, a soprar penachos finos de fumo de tabaco pelo nariz e a começar a pedir-lhe pare ele lhe falar da família, e Orin estava a acariciá-la com muita ternura, a observar as curvas gémeas de fumo a empalidecerem-se e a espalharem-se e a tentar não estremecer ao pensar no aspeto que deveria ter por dentro o nariz delgado da pessoa, que emaranhados cinzento-esbranquiçados de ranho necrótico deviam lá estar todos enroscados, por causa do fumo, e se ela teria estômago para aguentar olhar para um lenço que tinha utilizado ou se

enrolaria aquilo numa bola para a atirar para longe de si com o género de estremecimento que O. sabia que seria o *dele*; e quando se ouviu o som de nós dos dedos masculinos a baterem à porta energicamente, viu a cara dela a ficar branca da testa para baixo ao mesmo tempo que ela lhe implorava que ninguém podia saber que ali estava, fosse quem fosse que estivesse a bater à porta, espetando o rabo e enfiando-se debaixo dos cobertores quando ele gritou para a porta para esperarem um pouco e se dirigiu à casa de banho para enrolar uma toalha à sua volta antes de lá ir, à porta que era do género daquelas vulgares que se abrem com um cartão e não com uma chave. O pulso e a mão da desonrada, culpada e assustada modelo de mãos casada saíram por uns momentos por baixo da roupa da cama e puseram-se a apalpar o chão à procura dos sapatos e da roupa, com a mão a mexer-se como uma aranha cega e a sugar coisas para dentro dos cobertores. Orin não perguntou quem estava à porta; *ele* não tinha nada a esconder. Quando chegou à porta, ficou extraordinariamente bem-disposto. Já depois de a mulher e mãe ter apagado todos os vestígios da sua presença e se ter escondido debaixo do monte de roupa da cama para ficar ali deitada a fungar coisas cinzentas e a imaginar que ninguém a via, que aquilo era só uma protuberância na cama revolvida de um celibatário que tinha estado a dormir a sesta, Orin espreitou pelo óculo, viu apenas a parede *bordeaux* do corredor e abriu a porta com um sorriso que sentiu até à ponta dos pés. Suíços cornudos, furtivos adidos médicos do Próximo Oriente, jornalistas voluptuosas: sentia-se preparado para tudo.

O homem que se encontrava no corredor era deficiente, tinha um problema, estava numa cadeira de rodas a olhar para ele bem abaixo do alcance do óculo, com cabelo espesso e quase todo ele nariz, a olhar para os grandes peitorais de Orin sem fazer qualquer tentativa para espreitar para dentro do quarto atrás dele. Um dos aleijados. Orin olhou para baixo e sentiu-se ao mesmo tempo desiludido e quase comovido. O sujeitinho com a sua cadeira de rodas reluzente, uma manta no colo e a gravata estreita meio escondida pelo bloco de notas com mola que tinha encostado ao peito com um braço enrolado e maternal.

– Inquérito – disse o homem, mais nada, sacudindo o bloco ligeiramente, como uma criança a brincar, e exibindo-o como prova.

Orin pôs-se a imaginar a pessoa aterrorizada ali escondida, deitada e a tentar ouvir, e apesar da sua leve desilusão, sentiu-se comovido com o que quer que

fosse esta tímida artimanha para justificar uma proximidade com a perna dele e um pedido de autógrafo. Sentia pela pessoa o género de desprezo clínico que sentimos por um inseto que vimos e observámos e sabemos que vamos torturar durante um bocado. Pela maneira como ela fumava e levava a cabo outras operações manuais, Orin tinha reparado que era canhota.

Disse ao homem da cadeira de rodas:

– Que bom.

– Com uma margem de erro de três por cento.

– Ansioso por colaborar como puder.

O homem inclinou a cabeça como fazem as pessoas com cadeiras de rodas.

– Um estudo eruditamente académico.

– Fixe.

Encostado à ombreira da porta com os braços cruzados, pôs-se a observar o homem a tentar contornar a diferença de tamanho dos seus membros. Não havia canelas ou quaisquer extremidades, por mais atrofiadas, que se prolongassem por baixo da bainha da manta na cadeira de rodas. O tipo não tinha mesmo pernas nenhumas. O coração de Orin compadeceu-se.

– Um inquérito da Câmara do Comércio. Um inquérito sistemático de um grupo de veteranos preocupados. Um inquérito da defesa do consumidor. Margem de erro de três por cento.

– À maneira.

– Uma sondagem de opinião de uma organização de defesa do consumidor. Uma coisa muito rápida. Um estudo do Governo. Uma avaliação demográfica do Advertising Council[*7]. Sondagens. Anonimato aleatório. Um mínimo em termos de tempo ou trabalho dispendidos.

– Estou a esvaziar a cabeça para poder ajudar ao máximo.

Quando o homem puxou da caneta com um floreado e olhar para o bloco, Orin reparou num círculo calvo no meio da cabeça do homem sentado. Havia qualquer coisa na careca de um deficiente que era quase insuportavelmente tocante.

– Do que é que sente falta, por favor?

Orin sorriu descontraidamente.

– Gosto de pensar que de muito pouco.

– Voltemos atrás. Cidadão dos EUA?

– Sim.

– Tem quantos anos?

– A minha idade?

– Que idade é que tem?

– Vinte e seis anos.

– Acima dos vinte e cinco?

– Subentende-se que sim.

Orin estava à espera da artimanha com a caneta que o fizesse assinar qualquer coisa para que o clube de fãs muito tímidos conseguisse o seu autógrafo. Recuou até à infância de Mario para se tentar lembrar de quanto tempo se podia estar debaixo de cobertores antes de as coisas ficarem insuportavelmente quentes e a pessoa começar a sufocar e a debater-se com violência.

O homem fingiu que estava a tomar notas.

– Empregado, trabalhador por conta própria, desempregado?

Orin sorriu.

– A primeira opção.

– Por favor, enumere aquilo de que sente falta.

O sussurro do ventilador, o murmúrio do corredor cor de vinho, o rumor quase impercetível dos lençóis a mexerem-se atrás de si, Orin a imaginar a bolha cada vez maior de dióxido de carbono debaixo dos lençóis.

– Por favor, enumere os elementos do seu estilo de vida no tempo passado nos EUA de que se recorde, e/ou de que neste momento careça, e sinta a falta.

– Acho que não estou a perceber.

O homem virou a página para confirmar.

– Anseio, suspiro, cativante, nostalgia. Nó na garganta – virando outra página. – Desejoso, também.

– Refere-se a recordações de infância. Refere-se a coisas género cacau com *marshmallows* meio derretidos a boiar, numa cozinha de azulejos em xadrez aquecida por um fogão a gás de esmalte, esse tipo de coisas. Ou a portas omniscientes em aeroportos e Star Markets que sem se perceber bem como sabiam que estávamos ali e se abriam. Antes de desaparecerem. Para onde é que foram essas portas?

– *Esmalte* leva *e*?

– E não só.

Agora, Orin estava a olhar para os azulejos acústicos do teto, o discozinho a piscar do detetor de incêndios do corredor, como se as recordações fossem sempre mais leves do que o ar. O homem sentado fitou tranquilamente a veia jugular de Orin a palpitar. O rosto de Orin alterou-se ligeiramente. Atrás de si, debaixo dos cobertores, a mulher que não era suíça estava deitada de lado, com toda a calma e paciência, a respirar silenciosamente para a máscara portátil de oxigénio com reservatório que tinha tirado da carteira e com a mão enfiada nesta a segurar na minipistola automática *Schmeisser GBF*.

– Sinto falta da TV – disse Orin, voltando a olhar para baixo. Já não estava a sorrir descontraidamente.

– A antiga televisão das emissões comerciais.

– Sinto.

– A razão em várias palavras ou menos, por favor, para colocar no espaço da razão – disse o homem, mostrando o bloco.

– Oh, pá! – Orin olhou outra vez para cima, para o que parecia não ser nenhum sítio em particular, apalpando a veia retromandibular que palpitava de forma muito mais ténue e vulnerável. – O que eu vou dizer pode parecer estúpido. Sinto falta dos anúncios que se ouviam muito mais alto do que os programas. Sinto falta das frases «Encomende hoje antes da meia-noite» e «Poupe até cinquenta por cento e mais». Sinto falta de que me digam que uma coisa foi filmada perante um público no estúdio. Sinto falta dos hinos a altas horas da noite, de imagens de bandeiras, de caças e de chefes índios de pele dura a chorarem ao verem lixo. Sinto falta dos sermões pequenos e das vésperas, das miras técnicas e de me dizerem a quantos megahertz é que uma estação estava a transmitir – Apalpou a cara. – Sinto falta de troçar de coisas que adoro. Como adorávamos juntar-nos na cozinha de azulejos em xadrez, à frente da velha *Sony* dos tubos de raios catódicos que mais parecia um caixote e tinha uma receção sensível aos aviões, e fazer troça da puerilidade comercial das coisas que passavam.

– Pueril idade – disse o homem fingindo que estava a tomar notas.

– Sinto falta de coisas que eram tão más que quando as via já sabia de antemão o que as pessoas iam dizer.

– Sentimentos de domínio, controlo e superioridade. E prazer.

– Bem pode dizê-lo, amigo. Sinto falta das reposições de verão. Sinto falta das

reposições enfiadas a martelo para preencher os intervalos das greves dos argumentistas, das greves do sindicato dos atores. Sinto falta da Jeannie, da Samantha, do Sam e da Diane, do Gilligan, do Hawkeye, da Hazel, do Jed[*8], de todos aqueles que estavam constantemente no ar. Está a perceber? Sinto falta de estar sempre a ver as mesmas coisas umas atrás das outras.

Ouviram-se dois espirros abafados vindos da cama atrás de Orin a que o deficiente nem sequer reagiu, fingindo estar a escrever, não parando de afastar da frente a gravata estreita enquanto escrevia. Orin tentou não imaginar a topografia dos lençóis para onde a pessoa tinha espirrado. Já não queria saber da artimanha. No entanto, sentia uma certa ternura por ele.

O homem tinha tendência a olhar para Orin como as pessoas com pernas olham para os prédios e para os aviões.

– Mas é claro que pode estar sempre a ver entretenimentos sem interrupção nos discos TelEntertainment de armazenamento e recuperação.

A maneira como Orin olhava para cima enquanto se ia recordando não tinha nada que ver com a maneira de olhar para cima do tipo sentado.

– Mas não é o mesmo. É a escolha, percebe? De certa forma, estraga a coisa. Com a televisão, estávamos *sujeitos* à repetição. A familiaridade era-nos imposta. Agora é diferente.

– Imposta.

– Acho que não sei ao certo – disse Orin, sentindo-se de repente vagamente aturdido e triste por dentro. Aquela sensação terrível, como acontece nos sonhos, de nos termos esquecido de fazer qualquer coisa vital. A careca na cabeça inclinada para baixo era sardenta e morena. – Há mais alguma questão?

– Coisas para me dizer que não sente falta.

– Para haver simetria.

– Balanço entre opiniões.

Orin sorriu.

– Com margem de erro.

– Exatamente – respondeu o homem.

Orin resistiu ao impulso de pousar a mão ternamente na careca do aleijado.

– Então e quanto tempo é que isto vai levar?

O aspeto abrir-a-boca-de-espanto-para-um-arranha-céus só se dava quando o olhar do homem ultrapassava o pescoço de Orin. Não eram olhos tímidos nem

indiretos, nem sequer os de uma pessoa que fosse minimamente aleijada, foi isso que mais tarde pareceu estranho a Orin – para além do sotaque suíço, da ausência de uma artimanha com vista a um autógrafo, da paciência da pessoa ali à espera e da ausência de arquejos quando, mais tarde, O. puxou a roupa da cama subitamente para trás. O homem tinha olhado para Orin e a seguir desviado os olhos ligeiramente, espreitando de imediato para o quarto atrás dele, com o chão já sem cuecas e a protuberância por baixo da roupa da cama. Quis que Orin reparasse que estava a olhar para trás dele.

– Posso voltar mais tarde, à hora que especificarmos. O senhor está, *comme on dit*, ocupado?

O sorriso de Orin não foi tão descontraído como ele pensava quando disse à figura sentada que isso era uma questão de opinião.

Como em todos os centros de reabilitação certificados pela DSSI, o recolher obrigatório para os residentes da Ennet House é às 23h30. Das 23h00 às 23h30, o funcionário do turno da noite tem de contar as pessoas e ficar à espera, como uma mãe, que os vários residentes regressem. Há sempre aqueles que gostam de chegar mesmo em cima da hora e flartar com a ideia de serem expulsos por uma coisa insignificante para que a culpa não seja deles. Esta noite, Clenette H. e a profundamente destrambelhada Yolanda W. voltam do Footprints[246] por volta das 23h15, com saias púrpuras, batom púrpura e cabelo desfrisado, a cambalearem em cima de saltos altos e a dizerem uma à outra que se divertiram mesmo imenso. Hester Thrale entra ondulante, com um casaco de imitação de pele de raposa, às 23h20, como de costume, apesar de ter de se levantar, tipo, às 04h30 para fazer o turno do pequeno-almoço no Lar Provident, e às vezes toma o pequeno-almoço com Gately, ambos com a cara perigosamente encostada aos *Frosted Flakes.* Chandler Foss e a espectralmente magra April Cortelyu chegam de um sítio qualquer com uma postura e expressões que suscitam comentários e obrigam Gately a apontar no registo uma possível questão relacionada com uma relação amorosa entre residentes. Gately tem de se despedir de duas ex-residentes morenas e de cara rugosa que tinham passado a noite toda alapadas no sofá a falarem de cultos. Emil Minty, Nell Gunther e às vezes Gavin Diehl (com quem Gately prestou em tempos serviço comunitário na Concord Farm durante três semanas) fazem questão de, todas as noites, ir fumar para o alpendre e de só

voltar a entrar depois de Gately lhes dizer duas vezes que tem de fechar a porta à chave, no que não passa de um gesto de rebeldia frouxo. Esta noite, quem entra logo a seguir a eles é Lenz, já sem bigode, que atravessa a porta sub-repticiamente no exato momento em que Gately está à procura no chaveiro da chave para a trancar, passa depressa e sobe para o quarto triplo masculino sem dizer uma palavra, coisa que tem feito muito nos últimos tempos e que Gately tem de apontar no registo, para além de já passar das 23h30 e não saber onde andam a rapariga mais ou menos recém-chegada Amy J. ou – e o mais preocupante – Bruce Green. É então que Green bate à porta, às 23h36 – Gately tem de apontar a hora exata no registo e depois decidir se deve ou não abrir a porta. Passado o recolher obrigatório, os funcionários já não são obrigados a abrir a porta. Muitos residentes problemáticos são despachados desta maneira. Gately deixa-o entrar. Green nunca tinha estado à beira de falhar o recolher obrigatório e vem com um aspeto horrível, com a pele branca como uma batata e o olhar vago. E ser um miúdo grande e calado é uma coisa, mas Green olha para o chão do gabinete de Pat como se fosse um ente querido enquanto Gately lhe prega a ensaboadela obrigatória; e Green aceita o temido Castigo Total do Centro[247] da praxe com uma expressão tão vagamente compungida, e é tão impreciso e pouco convincente quando Gately lhe pergunta se ele lhe quer dizer onde esteve, por que razão não conseguiu chegar antes das 23h30 e se há algum assunto que queira porventura partilhar com os funcionários, tão apático que Gately decide que não tem outra opção a não ser fazer imediatamente uma recolha de urina a Green, coisa que Gately detesta ter de fazer não só por jogar às cartas com Green e achar que acolheu Green sob a sua proteção e é provavelmente o mais próximo que o miúdo está de ter um padrinho, mas também pelo facto de as amostras de urina recolhidas após a hora de fecho da clínica da Unidade # 2[248] terem de ser guardadas durante a noite no frigorificozinho minúsculo de funcionário do quarto de Don Gately, na cave – o único frigorífico do Centro a que nenhum residente poderia concebivelmente aceder à socapa –, e Gately detesta ter um copo quente e de tampa azul com o raio da urina de outra pessoa no seu frigorificozinho, ao lado das peras, das águas de Seltzer *Polar* e etc. Green submete-se à presença de Gately, de braços cruzados, na casa de banho dos homens enquanto Green produz uma urina tão eficientemente e sem lérias nenhumas que Gately consegue pegar no copo, já

com a tampa, entre o polegar e o indicador da luva, levá-lo para o andar de baixo, identificá-lo, apontá-lo no registo e guardá-lo no frigorificozinho a tempo de não se atrasar para ir tratar da mudança dos carros dos residentes de um lugar para o outro, a maior chatice para o turno da noite; mas depois, quando faz a última contagem às 23h45, Gately lembra-se de que Amy J. ainda não voltou nem telefonou, e Pat disse-lhe que era a ele que cabia a decisão de expulsão depois de alguém não cumprir o recolher obrigatório, e às 23h50 Gately toma essa decisão e tem de pedir a Treat e a Belbin para irem à camarata feminina de cinco camas enfiar as coisas da rapariga na «Bagagem Irlandesa» onde ela as tinha trazido na segunda-feira, e Gately tem de deixar os sacos do lixo no alpendre, com um bilhete curto a explicar a expulsão e a desejar boa sorte à rapariga, e tem de ligar para o atendedor de chamadas de Pat, em Milton, para comunicar uma ordem de expulsão por violação do recolher obrigatório, às 23h50, para que Pat possa saber o que aconteceu logo de manhãzinha e marcar entrevistas para ocupar a cama livre o mais depressa possível, e depois, sussurrando um palavrão, Gately lembra-se dos abdominais contra-uma-pança-grande-e-descaída que prometeu a si mesmo fazer todas as noites antes das 00h00, e já são 23h56, e só tem tempo para fazer vinte, com os ténis enormes e desbotados entalados por baixo do rebordo do sofá preto de vinil do gabinete antes de estar impreterivelmente na hora de supervisionar a mudança dos carros dos residentes de um lugar para o outro.

O antecessor de Gately no cargo de funcionário interno masculino, um adepto de drogas sintéticas que agora (via Comissão de Reabilitação de Massachusetts) está a aprender a reparar motores de jatos na East Coast AeroTech, descreveu uma vez a Gately os veículos dos residentes como uma espinha permanentemente atravessada na garganta do turno da noite. Ennet House autoriza todos os residentes com um veículo legalmente registado e seguro a deixarem o carro no Centro, caso queiram, durante a sua estada, para se servirem dele para ir trabalhar, às reuniões noturnas e etc., e o Hospital de Saúde Pública da Marinha de Enfield alinha pelo mesmo diapasão, só que limita o estacionamento autorizado para os clientes de todas as unidades à ruazinha mesmo à frente do Centro. E desde que começaram os graves problemas fiscais da área metropolitana de Boston no terceiro ano do Tempo Subsidiado, há uma infernal prática municipal segundo a qual só é legal estacionar num dos lados de

uma rua, e esse lado legal muda abruptamente às 00h00, com os carros da polícia e os reboques municipais a rondarem as ruas a partir das 00h01, passando multas de noventa e cinco dólares e/ou rebocando veículos repentinamente estacionados ilegalmente para uma zona de South End tão destruída e perigosa que nenhum taxista com alguma razão para viver se atreve sequer a lá ir. Por isso, em Boston, o intervalo das 23h55 às 00h05 é uma altura de comunhão total mas não muito espiritual, com tipos em roupa interior e senhoras com máscaras de argila a saírem aos tropeções para as ruas apinhadas à meia-noite para desligarem os alarmes dos carros, porem o motor a trabalhar e tentarem todos arrancar, dar meia-volta e arranjar um lugar para estacionarem em paralelo do outro lado da rua. Não há nada de muito misterioso no facto de as taxas de agressão física e homicídio atingirem o seu máximo diário durante este intervalo de dez minutos, e por isso as ambulâncias e as carrinhas da polícia também se encontram especialmente ativas a esta hora, contribuindo para os engarrafamentos gerais.

Como os catatónicos e as pessoas debilitadas das unidades do HSPME raramente têm veículos registados, por norma é bastante fácil arranjar um sítio para mudar de lugar na ruazinha, mas é um motivo de constante fricção entre Pat Montesian e o Conselho de Administração do HSPME o facto de os residentes da Ennet House não terem direito a estacionar durante a noite no grande parque à saída da rua, junto ao edifício do hospital marcado para demolição – os lugares do parque de estacionamento estão reservados para os profissionais das várias unidades a partir das 06h00 e os seguranças do HME fartaram-se de ouvir os funcionários queixarem-se de os carros mal preservados dos drogados ainda lá estarem a ocupar os seus lugares de manhãzinha –, e de os seguranças não admitirem a hipótese de alterar a mudança noturna de lado na ruazinha do HME para as 23h00, antes do recolher obrigatório na Ennet House, determinado pela DSSI; o Conselho do HME defende que se trata de uma portaria municipal que não se pode esperar que contradigam só para acomodar um inquilino, ao passo que os memorandos de Pat realçam continuamente que o complexo do Hospital da Marinha de Enfield é propriedade do Estado e não da cidade e que os residentes da Ennet House são os únicos inquilinos a debaterem-se com o problema da mudança noturna de lugar do carro, visto que praticamente todos os outros são catatónicos ou debilitados. E por aí fora.

Portanto, todas as noites, tipo às 23h59, Gately tem de trancar os cacifos, os

armários e as gavetas da secretária de Pat e a porta do gabinete, ligar o atendedor de chamadas do telefone e acompanhar pessoalmente todos os residentes com carros até à ruazinha sem nome, já depois do recolher obrigatório, e para uma pessoa com as capacidades de gestão superlimitadas de Gately, as dores de cabeça que isso implica são intimidantes; tem de agrupar os residentes com carros junto à porta trancada da rua; tem de ameaçar os residentes que agrupou para conseguir que continuem agrupados ao pé da porta enquanto sobe as escadas ruidosamente para ir buscar os dois ou três condutores que se esquecem sempre e adormecem antes das 00h00 – e essa recolha dos que ficaram para trás é especialmente chata se quem ficou para trás for uma mulher, já que ele tem de destrancar a jaulazinha de aço e carregar no botão Homem a Caminho ao pé da cozinha, e o barulho da «campainha» mais parece o de uma buzina, acordando as residentes mais nervosas com uma descarga desagradável de adrenalina, e, ao subir as escadas ruidosamente, Gately tem de ouvir as queixas enérgicas de todas as figuras com máscaras de argila que espetam a cabeça para o corredor das mulheres, e, segundo os regulamentos, ele não pode entrar no quarto da dorminhoca, tem de bater à porta com toda a força, sempre a anunciar aos berros que está ali um homem, e pedir a uma das companheiras de quarto da residente que ficou para trás para acordá-la e obrigá-la a vestir-se e estar à porta do quarto; portanto, tem de ir buscar quem ficou para trás, partir-lhes a cabeça e ameaçá-los com um castigo e um possível reboque enquanto os conduz depressa pelas escadas abaixo para se juntarem à manada principal dos donos de carros o mais rapidamente possível, antes que a manada principal possa, tipo, dispersar. Eles dispersam-se sempre se Gately demora tempo a ir buscar quem ficou para trás; distraem-se ou começam a ter fome, ou então precisam de um isqueiro ou ficam impacientes e passam a considerar toda essa coisa de mudar-o-carro-de-lugar-depois-do-recolher-obrigatório uma imposição intolerável. A fase de negação em que se encontram, de início do processo de recuperação, impede-os de imaginar que será o carro deles a ser rebocado e não, por exemplo, o de outra pessoa qualquer. É a mesma negação que Gately vê em ação nos estudantes, mais novos, da BU e do BC quando vai no *Aventura* de Pat até ao Banco Alimentar ou ao Purity Supreme e eles atravessam a porra da rua com o sinal vermelho, mesmo à frente do carro, que felizmente tem os travões em ótimas condições. Gately já percebeu que as pessoas com uma determinada idade e nível de, tipo,

experiência de vida, se acham imortais: os estudantes universitários e os alcoólicos/toxicodependentes são os piores: lá no fundo, acham que estão isentos das leis da física e das estatísticas que regem ferreamente todas as outras pessoas. Fartam de protestar e chatear ao máximo se outra pessoa caga nas regras mas, lá no fundo, não se acham sujeitos a elas, a essas mesmas regras. E são constitucionalmente incapazes de aprender com o que acontece às outras pessoas: se um estudante da BU atravessa a rua descuidadamente e acaba mesmo por ficar esparramado na Commonwealth, ou se um residente do Centro acaba mesmo por ver o carro rebocado às 00h05, a reação dos outros estudantes ou viciados perante isso será a de ponderar exatamente que diferença imponderável faz com que seja possível que esse primeiro tipo acabe esparramado ou com o carro rebocado e não eles, os ponderadores. Nunca duvidam da diferença – limitam-se a ponderá-la. É como uma espécie de idolatria da singularidade. Para um funcionário, é uma coisa constante e assim para o aniquilador do espírito observar isso, que um viciado só aprende alguma coisa da pior maneira. Tem de lhe acontecer a *ele* para desregular a idolatria. Eugenio M. e Annie Parrot recomendam sempre que se deixe toda a gente ser rebocada pelo menos uma vez, logo no início da estada, para ajudar a transformar essas pessoas em crentes no que diz respeito às leis e às regras; mas por alguma razão, durante os seus turnos da noite, Gately não consegue fazer isso, não consegue *aguentar*, porra, ver um dos seus a ser rebocado desde que haja alguma coisa que ele possa fazer para o impedir, e depois, além disso, se são realmente rebocados, é uma chatice dos diabos ter de tratar do transporte dos residentes no dia seguinte, até ao parque municipal em South End, atender os telefonemas dos patrões e confirmar que os residentes estão sem carro para se deslocarem para o emprego sem deixar que os patrões saibam que os empregados que estão sem carro são residentes de um centro de reabilitação, informação que é completamente privada e sagrada e que só os residentes podem decidir se querem prestar ou não –, Gately desata a suar por todos os lados só de pensar nas dores de cabeça, em termos de gestão, que a porra de um carro rebocado implica, por isso passa o tempo a agrupar, a reagrupar e a partir a cabeça distraída dos residentes, que Gene M. diz terem cabeças tão duras que tudo isso não passa de um desperdício de tempo e energia de Gately: temos de os deixar aprender por eles próprios[249].

Gately avisa Thrale, Foss, Erdedy e Henderson[250], e Morris Hanley, e arranca

o miúdo novo, Tingley, do armário da roupa, e Nell Gunther – que está a dormir com a boca aberta no sofá, violando as regras –, deixa-os ir buscar os casacos e agrupa-os a todos junto à porta trancada da rua. Yolanda W. diz que deixou objetos pessoais no carro de Clenette e pergunta se também pode ir. Lenz tem carro mas não responde ao berro que Gately dá pelas escadas acima. Gately diz à manada para ficar quietinha e que se alguém sair da manada, ele vai ocupar-se pessoalmente de fazer essa pessoa sentir-se desconfortável. Gately sobe as escadas ruidosamente e entra no quarto triplo masculino, a congeminar maneiras divertidas de acordar Lenz sem deixar marcas. Lenz não está a dormir mas tem uns fones estéreo na cabeça, com uma coquilha a proteger-lhe os tomates, e está a fazer flexões enquanto faz o pino, encostado à parede junto à cama de Geoffrey Day, com o rabo a poucos centímetros da almofada de Day e a peidar-se ao ritmo do movimento descendente dos braços, enquanto Day está ali a dormir de pijama e com uma venda para os olhos à Mascarilha, mãos cruzadas sobre o peito a subir e a descer e os lábios a mexerem-se sem emitir nenhum som. Se calhar, Gately é um bocadinho bruto quando aperta a barriga da perna de Lenz e o levanta, agarrando-lhe a anca para o fazer girar e pôr direito, como uma espingarda num exercício militar, mas o grito que Lenz dá não é de dor mas de saudação demasiado efusiva, fazendo ainda assim com que Day e Gavin Diehl se levantem sobressaltados das camas e põem-se a dizer palavrões quando Lenz aterra no chão. Lenz começa a dizer que tinha perdido completamente a noção das horas e não sabia que horas eram. Gately ouve a manada à porta da rua, junto às escadas, a bater violentamente com os pés no chão, a bufar ruidosamente e a preparar-se para talvez dispersar.

Assim tão perto, Gately nem sequer precisa do seu estranho sétimo sentido para pressentir que Lenz está todo speedado com ‘drinas ou *Bing*. Que Lenz tinha recebido a visita do bailio. Lenz tem o globo ocular direito a tremelicar na órbita e a boca a contorcer-se daquela maneira, e está com aquela aura nietzschiana sobrecarregada de energia própria de uma pessoa speedada, e durante o tempo todo em que está a vestir umas calças e o sobretudo, a colocar a peruca para ficar incógnito e quase a ser atirado de cabeça pelas escadas abaixo por Gately, vai contando sem parar uma grande e tresloucada peta sobre ter cortado uma vez o dedo e este ter-se *regentrificado*[*9] espontaneamente, com a boca a contorcer-se daquela maneira tipo peixe-num-arpão que é própria de uma

descarga contínua de *L-Dopa*, e Gately quer fazer-lhe imediatamente uma recolha de urina, *imediatamente*, mas entretanto as pontas da manada dos residentes com carros estão a começar a alargar-se daquela maneira que antecede a distração e a dispersão, e os residentes não estão zangados com Lenz por ter ficado para trás mas com Gately, por se ter dado sequer ao trabalho de o ir buscar, e Lenz pantomima para Ken Erdedy a posição de aiquidô do Grou Sereno Mas Mortífero, e são 00h04, e Gately consegue ver os reboques a rondarem lá ao longe, na Avenida Commonwealth, e a dirigirem-se para ali, saca das chaves e destranca as três fechaduras de recolher obrigatório da porta da rua, fazendo sair toda a gente para o frio de novembro de encolher os tomates, em direção aos carros estacionados na ruazinha, e ficando ali parado no alpendre, só em mangas de camisa cor de laranja, certificando-se de que Lenz não se põe a milhas antes de poder recolher-lhe a urina, extrair-lhe uma confissão e expulsá-lo oficialmente, com uma pontada de remorsos por estar com tanta vontade de dar um chuto no cu a Lenz, administrativamente falando, e Lenz tagarela sem parar com quem quer que esteja ao pé de si a caminho do seu *Duster*, e os residentes dirigem-se todos para os respetivos carros, e a corrente de ar que Gately sente por causa da porta aberta do Centro é quente, com as pessoas que estão na sala de estar a protestarem sonoramente por causa da corrente de ar, o céu lá em cima é imenso e dimensional e a noite tão clara que se conseguem ver as estrelas suspensas numa espécie de muco lácteo, enquanto na ruazinha as portas de alguns dos carros chiam e batem e algumas pessoas conversam e demoram-se só para obrigar o funcionário a ter de ficar ali parado, em mangas de camisa, no alpendre frio, um pequeno e velado mas castigador gesto de rebeldia repetido todas as noites, e é nessa altura que Gately repara no velho e preto-acinzentado *Volkswagen* «carocha» de Doony R. Glynn, especialmente esventrado, com as entranhas do motor instalado na parte de trás a cintilarem, completamente à vista, à luz dos candeeiros da ruazinha, e estacionado ao lado dos outros carros na parte agora ilegal da rua, e esta noite Gately está de cama, genuinamente prostrado com diverticulite, o que significa que, por motivos relacionados com o seguro, Gately tem de voltar a entrar no Centro para pedir a um residente com carta de condução para ir estacionar o *Volkswagen* de Glynn do outro lado da rua, o que é humilhante porque implica admitir publicamente àqueles espécimes que ele, Gately, não tem uma carta de condução válida, e o súbito calor da sala

de estar confunde-lhe a pele de galinha, e na sala de estar ninguém admite que tem carta e vem a descobrir-se que o único residente com carta e que ainda está na vertical e lá em baixo é Bruce Green, que está na cozinha a mexer inexpressivamente uma quantidade enorme de açúcar numa chávena de café com o dedo grosso, com Gately a ver-se forçado a ter de pedir ajuda, em termos de gestão, a um miúdo de quem gosta e a quem acabou de dar uma ensaboadela e extrair urina, mas Green minimiza a humilhação de tudo aquilo oferecendo-se para ajudar mal ouve as palavras *Glynn* e *a porra do carro,* indo buscar o casaco de má qualidade e as luvas sem dedos, só que agora Gately tem de deixar os residentes lá fora sem supervisão durante um segundo para subir ruidosamente ao andar de cima e confirmar com Glynn que não há problema se Bruce Green lhe mudar o carro de lugar[251]. O quarto duplo dos residentes mais antigos tem uma data de velhos autocolantes dos Alcoólicos Anónimos nas paredes e um póster caligráfico onde se lê tudo aquilo a que já renunciei ficou com marcas de garras, e quando Gately bate à porta a resposta é um gemido, o candeeirozinho com a mulher nua que Glynn trouxe consigo para o Centro está aceso na mesa de cabeceira e Glynn está deitado de lado na cama, todo enroscado e agarrado ao abdómen como um homem que levou um pontapé. Contra as regras, McDade está sentado na cama de Foss a ler uma das revistas de motas deste e a beber o *Millennial Fizzy* de Glynn com uns fones estéreo na cabeça, e apaga apressadamente o cigarro quando Gately entra, fechando a gavetazinha da mesa de cabeceira onde Foss guarda o cinzeiro como toda a gente[252]. Lá fora, a rua parece o circuito de Daytona – um drogado é, tipo, fisicamente incapaz de pôr um carro a trabalhar sem carregar a fundo no acelerador. Gately espreita rapidamente pela janela a oeste, por cima da cama de Glynn, para confirmar pelos faróis dos carros não supervisionados que os veículos na ruazinha estão todos a dar meia-volta para estacionar corretamente. Gately tem a testa húmida e começa a sentir uma dor de cabeça por causa do stresse relacionado com a gestão. Glynn tem os olhos vesgos vítreos e febris e está a cantar baixinho uma música dos Choosy Mothers, com uma melodia que não é a melodia dessa canção.

– Doon – murmura Gately.

Um dos carros está a avançar pela rua demasiado depressa para o gosto de Gately. Tudo o que aconteça nos terrenos da Ennet House depois do recolher

obrigatório e que envolva os residentes é da responsabilidade dele, a administradora do Centro deixou isso bem claro.

– Doon.

É o olho que está mais para baixo que, grotescamente, se revira para Gately.

– Don.

– Doon.

– Don Doon, a bruxa morreu[*10].

– Doon, tenho de deixar o Green mudar o teu carro de lugar.

– É o carro preto, Don.

– O *Brucie Green* precisa das tuas chaves para podermos mudar o teu carro de lugar, irmão, é meia-noite.

– O meu carocha preto. O meu bebé. O meu carochamóvel. O rodinhas do Doonster. A mobilidade dele. O bebé dele com as tripas à vista. A fatia dele do Sonho Americano. Puxa o lustro ao meu bebé quando eu for desta para melhor, Don Doon.

– As chaves, Doony.

– Leva-as. Leva-o. Quero que fiques com ele. O meu único verdadeiro amigo. Trouxeste-me bolachas *Ritz* e um *Fizz*. Trata-o como uma senhora carocha. Reluzente, preto, duro, móvel. Precisa de gasolina *Premium* e de cera todas as semanas.

– Doon. Tens de me dizer onde é que estão as chaves, irmão.

– E as tripas. Tens de puxar o lustro aos canos das tripas todas as semanas. Estão à vista. Com um pano macio. O carocha móvel. O tripamóvel.

A cara de Glynn contrai-se com o calor dele.

– Sentes-te com febre, Doon?

Houve uma altura em que alguns funcionários suspeitaram que Glynn andava a fingir que estava doente para se escapar a ter de procurar emprego depois de perder o posto que ocupava na Brighton Fence & Wire. A única coisa que Gately sabe sobre diverticulite é que Pat disse que é intestinal e que os alcoólicos a podem apanhar por causa das impurezas das misturas de má qualidade que o corpo está a tentar expulsar. Glynn sempre teve queixas físicas desde o início da sua estada, mas nada como isto. Está com a cara cinzenta e a contorcer-se de dores e com crostas amareladas nos lábios. Glynn tem os olhos a revirarem-se seriamente para dentro, com o olho que está mais para baixo a revirar-se para

Gately com um brilho terrivelmente delirante e o olho mais acima às voltas como o de uma vaca louca. Gately continua a não ser capaz de tocar na testa de outro homem. Fica-se por um murrozinho muito suave no ombro de Glynn.

– Achas que precisamos de te levar ao St. E.'s para te examinarem o intestino, Doon? Achas que sim?

– Dói, Don.

– Achas que...?

Por estar preocupado com a possibilidade de um residente entrar em coma ou morrer no seu turno, e sentindo-se depois envergonhado por ser essa a sua preocupação, Gately não se apercebe logo do som de pneus a chiarem e do barulho de vozes a levantarem-se lá fora, mas do inconfundível grito em dó maior de Hester Thrale sim – ou seja, apercebe-se – e agora está a ouvir passos decididos a subirem as escadas.

A cara de Green aparece à entrada do quarto, com manchas vermelhas e redondas nas faces:

– Anda.

– Mas que porra é que se passa aí...

Green:

– Anda *lá*, Gately.

Glynn em voz baixa:

– Mãezinha.

A descer as escadas, Gately nem sequer tem tempo de perguntar outra vez que porra se passa porque Green já vai tão adiantado que desaparece logo pela porta fora; o raio da porta da rua esteve aberta o tempo todo. Uma aguarela de um cão tipo *retriever* inclina-se e depois cai da parede nas escadas com as vibrações provocadas por Gately a descer os degraus dois a dois. Não perde tempo a ir buscar o casaco ao sofá de Pat. Só tem uma camisa de *bowling* cor de laranja, doada ao Centro, com o nome *moose* bordado em letras cursivas no peito e shuco-mist mps em maiúsculas horrendas cor de água-marinha nas costas[253], e volta a sentir cada folículo do corpo a pôr-se em pé quando o frio o envolve no alpendre e na rampa para as cadeiras de rodas para o caminhozinho de entrada. A noite está fria, clara como a glicerina e bastante tranquila. Lá ao longe, na Commonwealth, ouvem-se buzinadelas e vozes a falar alto. Green está a afastar-se apressadamente pela ruazinha, em direção ao brilho intenso dos faróis que se

refrata nas nuvens da respiração de Gately, e por isso, mesmo com Gately a seguir rapidamente[254] o rasto com cheiro a cabedal de Green, em direção à crescente algazarra de palavrões, à voz speedada de Lenz e aos berros estridentes de Thrale, enquanto Henderson e Willis, furiosos, mandam vir com alguém e se ouve o som da cabeça tapada com o véu de Joelle v.D., numa das janelas do andar de cima que não é da camarata feminina de cinco camas, a gritar qualquer coisa a Gately quando este aparece na rua, mesmo estando a aproximar-se cada vez mais, Gately demora algum tempo a conseguir extrair a cena ao nevoeiro da sua respiração e aos inconstantes feixes de cor vindos dos máximos. Passa pelo «carocha» esventrado de Glynn, estacionado ilegalmente. Há vários carros dos residentes parados no meio da rua, com o motor a trabalhar, em ângulos aleatórios a meio de uma meia-volta, e à sua frente têm um *Montego* escuro e modificado com os máximos ligados, grandes rodas traseiras e um motor turbo a roncar carnivoramente. Gately vê que estão dois tipos barbudos quase do tamanho dele, com camisas largas, tipo de *bowling*, com flores ou sóis e o que parecem ser uns colares grandes e amaricados de flores pendurados no que seriam os seus pescoços se os tivessem, a perseguir Randy Lenz à volta desse *Montego*. E há mais outro tipo com um colar e um casaco de malha aos quadrados que está a manter os outros residentes à distância, no relvado da Unidade # 4, apontando-lhes habilmente um ferro[255] de aspeto lixado. Nesse momento, fica tudo ligeiramente mais lento; ao ver um ferro apontado aos seus residentes, dá-se quase uma espécie de clique de um mecanismo na sua cabeça e Gately entra num registo diferente. Fica muito calmo e com as ideias claras, a dor de cabeça desaparece e a sua respiração abranda. As coisas parecem mais dividirem-se em fotogramas e não tanto ficarem mais lentas.

O alvoroço acordou a velha enfermeira da Unidade # 4, a Que Pede Socorro, e a sua figura espectral, numa camisa de noite, surge numa das janelas de cima da Unidade # 4, a gritar: «*Socoooooorro!*» Agora, Hester Thrale tem as mãos com as suas unhas pintadas de cor-de-rosa a taparem-lhe os olhos e grita desalmadamente para ninguém fazer mal a ninguém, especialmente a ela. É o ferro, um verdadeiro canhão, que centra todas as atenções. Os dois tipos que perseguem Lenz à volta do *Montego* não estão armados mas têm um ar de fria determinação que Gately reconhece. Também não trazem casacos mas não parecem ter frio. Toda esta avaliação demora apenas uns segundos; descrevê-la é

que demora tempo. As suas barbas não parecem dos EUA e têm ambos uns quatro quintos do tamanho de Gately. Dão a volta ao carro um a seguir ao outro, passando à vez diante do brilho intenso dos faróis, e Gately apercebe-se de que têm os dois caras estrangeiras e pálidas, de sapo e com lábios grossos. Lenz não para de dizer coisas aos tipos, quase sempre palavrões. Os três vão dando voltas e mais voltas ao carro como num desenho animado. Gately ainda se está a aproximar enquanto vai vendo tudo aquilo. Salta à vista que os tipos de aspeto estrangeiro não são lá muito espertos já que vão a perseguir Lenz um atrás do outro em vez de ir cada um pelo seu lado e apanhá-lo como uma tenaz. Param os três e recomeçam a correr, com Lenz sempre do outro lado do carro. Alguns dos residentes mantidos à distância estão a gritar a Lenz. Tal como a maioria dos traficantes de coca, Lenz é rápido, com o sobretudo a esvoaçar e depois a assentar sempre que ele para. A voz de Lenz é uma fonte de ruído interminável – vai alternando entre desafiar os tipos a cometerem atos impossíveis e propor razões barrocas que expliquem que, seja lá o que for que eles pensem que ele fez, ele nem sequer estava no código postal necessário para fazer seja lá o que for que eles pensem que ele fez. Os tipos vão aumentando continuamente de velocidade, como se quisessem apanhar Lenz só para o calar. Ken Erdedy tem as mãos no ar e as chaves do carro numa delas; as pernas dão a ideia de que se vai mijar. Clenette e a rapariga negra nova, claramente veteranas nestas coisas da etiqueta perante uma arma apontada, estão deitadas de barriga para baixo no relvado, com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça. Nell Gunther adotou a velha posição de artes marciais do grou de Lenz, com as mãos transformadas em garras e os olhos colados no revólver de calibre .44 do tipo, com a arma a passear-se pelos residentes com frieza. Esse tipo mais pequeno é o que tem direito a mais fotogramas e de forma mais lenta. Tem um boné de caça aos quadrados que não deixa Gately ver se também é estrangeiro. Mas o tipo está a apontar a arma na postura clássica de alguém que sabe realmente disparar – o pé esquerdo ligeiramente avançado, o corpo um pouco curvado enquanto agarra a arma com as duas mãos e o braço direito levantado com o cotovelo espetado para o ferro ficar à altura da cara do tipo e ao nível do olho da mira. É assim que os polícias e os mafiosos de North End disparam. Gately continua a conhecer muito melhor as armas do que a sobriedade. E o ferro – se o tipo carrega no gatilho e dá um tiro num residente, esse residente está arrumado –, o ferro parece

uma versão feita por encomenda de um revólver *Bulldog Special* calibre .44 dos Estados Unidos ou talvez um clone canadiano ou brasileiro, rombo, feio e com um cano que mais parece a entrada de uma caverna. Tingley, o miúdo alcoólico, tem as mãos na cara e está cem por cento sob a mira do revólver. Que, pelo que Gately pode ver, foi modificado. O cano foi ventilado perto do canhão para diminuir o célebre coice do *Bulldog Special*, o cão foi deslocado e a coisa tem uma brutal coronha *Mag Na Port*, ou um clone, como é apanágio da polícia metropolitana de Boston. Não se trata de um ferro para armar aos soldados ao fim de semana ou para assaltar lojas de bebidas; trata-se de uma coisa que foi mesmo feita especificamente para enfiar balas em pessoas. Não é uma semiautomática, mas foi modificada para se poder usar um cabrão de um carregador automático, que Gately não consegue perceber se o tipo tem por baixo da larga camisa florida mas o melhor é partir do princípio de que o gajo tem quase balas ilimitadas com um carregador automático. A polícia de North Shore, por seu turno, costuma envolver as coronhas com uma espécie de gaze colorida que absorve o suor. Gately tenta lembrar-se das preleções insuportáveis sobre munições que um antigo comparsa lhe dava quando estava pedrado – os canhões e os seus clones podem ser carregados com o que quer que seja, desde balas ligeiras até balas expansivas de ponta oca ou ainda piores. Tem quase a certeza de que aquela coisa o arrumaria com um tiro; mas não tem a certeza absoluta. Gately nunca levou um tiro mas já viu gajos a levarem tiros. Sente qualquer coisa que não é nem medo nem excitação. Joelle van D. está a berrar cenas que não se conseguem perceber e Erdedy, ainda mantido à distância, no relvado, grita-lhe para ela bazar lá para dentro. Durante este curto período de tempo, Gately continuou sempre a avançar, a ver e a ouvir a sua respiração, a bater com os braços no peito para não deixar de sentir as mãos. Quase se podia chamar ao que sente naquele momento uma espécie de calma jovial. Os tipos que não parecem americanos continuam a perseguir Lenz, depois param do outro lado do carro, fitando-o por um segundo, voltam a ficar furiosos e recomeçam a persegui-lo. Para Gately, Lenz devia dar-se por feliz por o terceiro tipo não ir ter com eles e lhe espetar simplesmente um tiro. Lenz põe as mãos na parte do carro junto à qual parou, seja ela qual for, e atira uns palavrões para os dois tipos do outro lado. Tem o bigode torto e dá para perceber que está sem a peruca. Os seguranças do EM, normalmente tão escrupulosos com os cabrões dos seus

camiões às 00h05, não se veem em lado nenhum, dando peso a mais outro lugar-comum. Se perguntassem a Gately o que sentia naquele preciso instante, não faria ideia. Tem uma mão por cima dos olhos, a protegê-los do brilho dos máximos, e à medida que se aproxima do *Montego*, as coisas vão-se clarificando ainda mais. Agora, dá para ver que um dos tipos está a segurar no bigode de disfarce de Lenz com dois dedos, mantendo-o bem levantado e e brandindo-o a Lenz. O outro tipo vai lançando ameaças afetadas mas coloridas, com um sotaque canadiano, e Gately lá percebe que se tratam de canadianos, os três tipos que Lenz conseguiu por alguma razão pôr raivosos são canadianos. Gately é invadido por onda negra de recordações a respeito de Whenning, o pequeno e tagarela quebequense, com uma cabeça que parecia uma bola de futebol americano, que matou amordaçando-o quando ele estava muito constipado. É uma linha de pensamento insuportável. O grito que Joelle dá lá em cima, para alguém ligar a Pat, por amor de Deus, cruza-se a espaços com os berros da senhora Que Pede Socorro. De repente, passa pela cabeça de Gately que a senhora Que Pede Socorro já deu tantos alarmes falsos durante tantos anos que gritos de socorro verdadeiros vão ser todos ignorados. Os residentes olham todos para Gately quando ele começa a atravessar a rua em direção ao brilho dos faróis do *Montego*. Hester Thrale berra: «Cuidado, ele tem um ferro!» O canadiano do boné aos quadrados gira rigidamente e aponta o revólver a Gately, com o cotovelo à altura da orelha. Gately põe-se a pensar que se dispararmos com um ferro colado ao olho da mira, o mais provável será ficarmos com a cara cheia de cordite. Há uma pausa nos movimentos circulares à volta do carro com o motor a roncar quando Lenz grita *Don* com grande entusiasmo, ao mesmo tempo que a senhora Que Pede Socorro grita por socorro. O canadiano do ferro recuou vários passos para manter os residentes na sua visão periférica e está a apontar em cheio para Gately enquanto o canadiano gigantesco que tem o bigode de Lenz na mão, do outro lado do carro, diz a Gately que se fosse a ele voltava para o sítio de onde tinha vindo, para evitar sarilhos. Gately faz que sim com a cabeça e sorri rasgadamente. Os canadianos pronunciam mesmo as palavras com um duplo erre. O carro e Lenz estão entre Gately e os canadianos corpulentos, com Lenz de costas para Gately. Gately fica parado em silêncio, desejando sentir-se de forma diferente em relação aos potenciais sarilhos, menos que jovial. Nos últimos tempos das suas carreiras nas drogas e nos roubos, numa altura em que

se sentia no fundo de um poço, Gately tinha tido fantasiazinhas doentias em que salvava alguém em perigo, um inocente qualquer, e era morto ao fazê-lo, recebendo depois grandes panegíricos em negrito no *Globe*. Nesse instante, Lenz afasta-se do capô do carro e desata a correr na direção de Gately, contornando-o e ficando atrás dele, com os braços bem abertos para pôr as mãos nos ombros de Gately, servindo-se de Don Gately como escudo. A postura de Gately revela aquela espécie de determinação cansada, género Vão Ter de Passar Por Mim. A única parte dele que está ansiosa consegue ver a anotação que vai ter de fazer no registo se algum residente sofrer algum dano físico. Por um momento, quase consegue sentir os cheiros da penitenciária, sovacos, brilhantina, comida azeda, madeira das mesas para jogar às cartas, charros e água das esfregonas, o pivete intenso a mijo de uma jaula de leões do jardim zoológico, o cheiro das grades onde entrelaçamos as mãos enquanto nos pomos a olhar para o exterior. É uma linha de pensamento insuportável. Não está com pele de galinha nem a suar. Há mais de um ano que não tinha os sentidos assim tão aguçados. As estrelas suspensas no muco, a luz de sódio suja dos candeeiros e as luzes muito brancas dos faróis, com uns chifres de boi por cima, a incidirem sobre os vários ângulos dos residentes. O céu repleto de estrelas, a sua própria respiração, buzinadelas ao longe, ventiladores ATHSCME a chilrearem baixinho lá muito a norte. O ar frio fino e cortante no seu nariz bem aberto. Cabeças imóveis às janelas da Unidade # 5.

O duo de canadianos com as flores ao pescoço que estava a perseguir Lenz contorna o *Montego* e depois afasta-se do carro para avançar em direção a eles. Nesse instante, Hester Thrale, na periferia direita de Gately, sai do cacho de residentes e desata a fugir pela noite dentro, atravessando o relvado até às traseiras da Unidade # 4, esbracejando e gritando, e Minty, McDade, Parias-Carbo e Charlotte Treat surgem na porta traseira da Ennet’s House, do lado de lá da sebe, a andarem para trás e para a frente, aos encontrões no meio das esfregonas e da mobília velha do alpendre de trás da Ennet, observando, e alguns dos catatónicos mais móveis também aparecem no alpendre da barraca, do outro lado da rua, e ficam a olhar para o espetáculo, com tudo isso a desorientar o canadiano mais pequeno, que continua a deslocar o ferro rigidamente de um lado para o outro, tentando manter à distância o máximo de gente possível. Os dois estrangeiros que querem eliminar Lenz do mapa atravessam lentamente a luz dos

faróis do *Montego* e avançam para o sítio onde Lenz está agarrado a Gately como se este fosse um escudo. O mais grandalhão dos dois, que é tão grande que nem consegue abotoar a camisa de luau até ao fim e que ainda está a segurar no bigode, adota o tom ultrassensato que antecede sempre um problema grave. Lê o que Gately tem escrito na camisa de *bowling*, à luz dos máximos, e diz sensatamente que Moose ainda pode ficar fora daquilo porque eles não têm nenhum problema com ele. Lenz está a despejar uma descarga diarreica de desmentidos e exortações na orelha direita de Gately. Gately olha para os canadianos e encolhe os ombros como que a querer dizer que não tem outra escolha a não ser estar ali. Green está só a olhar para eles. De repente, e seguindo as sugestões do Grupo Bandeira Branca, Gately põe-se a pensar que raio importa o aspeto que isso possa ter, o que devia fazer era pôr-se de joelhos ali mesmo no asfalto iluminado pelos faróis e pedir conselhos a um Poder Superior. Mas fica ali parado, com Lenz a tagarelar na sua sombra. As unhas das mãos de Lenz, cravadas nos ombros de Gately, têm ferraduras de sangue seco nas gretas entre unha e dedo, e Lenz exala um odor a cobre que não é só medo. Gately põe-se a pensar que se tivesse recolhido imediatamente a amostra de urina de Lenz como queria fazer, talvez toda esta confusão não estivesse a acontecer. O canadiano que tem o bigode de disfarce de Lenz está a apontá-lo a eles como se fosse uma navalha. E Lenz não perguntou uma única vez que horas eram, note-se. É então que o outro canadiano baixa a mão até à cintura, surgindo nela o brilho de uma navalha verdadeira com um familiar clique. Ao som da navalha, a situação torna-se ainda mais automática e Gately sente o calor da adrenalina a percorrer-lhe o corpo, com o seu *hardware* subdural a entrar ainda mais num modo antigo e familiar do seu passado longínquo. Quando não há outra opção a não ser lutar, as coisas simplificam-se radicalmente, as divisões ruem. Gately é apenas parte de uma coisa maior que não consegue controlar. A sua cara, iluminada pelo farol esquerdo, adquiriu uma expressão de combate de feroz boa disposição. Diz que esta noite é responsável por estas pessoas, nestes terrenos privados, e que, quer queira quer não, tem que ver com este assunto, e pergunta se não podem resolver as coisas conversando porque não quer ser obrigado a lutar com eles. Diz duas vezes, e de forma muito clara, que não quer lutar com eles. Já não se sente dividido a ponto de duvidar se isso é verdade ou não. Tem os olhos fixados nas fivelas em forma de folhas de ácer dos cintos dos

dois homens, a única parte do corpo que não nos pode enganar com um ataque simulado. Os tipos abanam as jubas e dizem que vão esventrar esse *bâtard* cobardolas, esse *sans-Christe bâtard* matou alguém que eles dizem chamar-se *Pépé* ou *Bébé,* e se Moose tiver algum amor-próprio, vai pôr-se a milhas dali, não tem dever nenhum de ficar desfeito em papa por causa desse *bâtard* cobarde dos EUA com a sua peruca efeminada. Julgando aparentemente que eles são brasileiros, Lenz espeta a cabeça por trás de Gately e chama-lhes paneleiros, dizendo-lhes que podem é ir levar no *bâtard*. A divisão no interior de Gately quase chega para ele não querer sentir aquela aura de calor familiar, uma onda de competência quase sexual, quando os dois tipos berram em resposta às provocações de Lenz, se separam um pouco e avançam para eles num movimento circular, à distância de um braço e cada vez mais depressa, como uma inércia imparável, mas estupidamente próximos um do outro. Quando já estão a dois metros, atacam, largando pétalas e berrando em uníssono qualquer coisa em canadiano.

Como sempre, tudo acelera e abranda ao mesmo tempo. Gately fica com o sorriso ainda mais rasgado quando Lenz o empurra ligeiramente para a frente e recua para escapar à carga dos tipos a berrarem. Gately aproveita o impulso do empurrão para travar o avanço do canadiano gigantesco que tem o bigode na mão, fazendo-o chocar contra o canadiano da navalha, que cai com um *euf* de ar expelido. O primeiro canadiano agarrou a camisa de *bowling* de Gately e rasga-a, dando um murro na testa de Gately e partindo audivelmente a mão, o que o obriga a soltar Gately para se agarrar a ela. O murro faz com que Gately pare pura e simplesmente de pensar em termos espirituais. Gately pega no braço da mão partida do homem e, com os olhos postos no outro canadiano, caído no chão, parte-o sobre o joelho, e quando o tipo se ajoelha, agarra-lhe outra vez o braço, dá uma pirueta, torcendo o braço partido por trás das costas do tipo, enfia-lhe o ténis nas costas floridas e empurra-o para a frente, com um estalo violento, sentindo o braço a soltar-se da articulação, ao som de um estridente berro estrangeiro. O canadiano da navalha, que estava no chão, rasga a barriga da perna de Gately, rompendo-lhe as calças de ganga, enquanto rebola para a esquerda graciosamente e começa a levantar-se, apoiado no joelho e com a navalha espetada, um tipo que percebe de navalhas e que não pode ser atacado enquanto estiver com a navalha em riste. Gately faz uma simulação, dá um

grande passo e põe todo o seu peso num pontapé à Rockette[*11] que acerta em cheio no queixo barbudo do canadiano, partindo audivelmente o dedo grande do pé de Gately e fazendo o tipo descrever uma curva, em direção ao brilho dos máximos, e aterrar no capô do *Montego* com um estrondo metálico, acompanhado do clique da navalha a raspar pela rua até parar algures atrás do carro. Gately está com um pé no ar, agarrado ao dedo, e tem a barriga da perna rasgada a arder. O seu sorriso é rasgado mas impessoal. Sem ser num entretenimento coreografado, é impossível lutar com dois tipos ao mesmo tempo; acabam por nos matar; o truque para lutar com dois tipos é termos a certeza de que arrumamos com um pelo tempo suficiente para deixarmos o outro tipo também fora de combate. E aquele primeiro canadiano mais corpulento, o dos problemas gravíssimos com o braço, está agarrado ao corpo enquanto se vira, tentando levantar-se, ainda a segurar perversamente no bigode branco. Dá para perceber que isto é uma rixa a sério porque ninguém está a dizer nada e os sons que saem das outras pessoas já se desvaneceram, assemelhando-se agora aos sons que os espectadores fazem nas bancadas, e Gately salta ao pé-coxinho e utiliza o pé ainda em condições para dar dois pontapés na cabeça grande do canadiano e, sem pensar sequer duas vezes, atira o tipo ao chão, faz pontaria e deixa cair o joelho e todo o peso do corpo em cima da virilha do tipo, dando origem a um som indescritível oriundo do canadiano, a um grito de J.v.D. lá em cima e a um estalo seco vindo do relvado, e Gately leva um murro tão forte no ombro que dá uma volta completa sobre o joelho e quase cai para trás, com o ombro a arder e a ficar dormente, altura em que percebe que levou um tiro no ombro e não um murro. Nunca tinha levado um tiro. **TIRO EM SOBRIEDADE**, título garrafal em negrito, como um comboio a andar devagar, quando vê o terceiro canadiano, com o boné puxado para trás e a cara de canadiano contorcida de cordite, a preparar-se, na sua boa postura com o cotovelo espetado para trás, para alvejar uma segunda vez, no relvado da Unidade # 4, a cabeça grande de Don, servindo-se da mira sem laser do revólver e com um caracolinho púbico de fumo a sair dos orifícios de ventilação do cano, e Gately não se consegue mexer e esquece-se de rezar, e depois o cano começa a ziguezaguear para cima ao mesmo tempo que solta um clarão cor de laranja, com o bom do velho Bruce Green a imbolizar o canadiano por trás, agarrando o colar de flores com uma mão e empurrando com a outra o cotovelo para baixo e o

ferro para o céu, soltando-se outro clarão com aquele estalo seco de um cano com orifícios de ventilação. A primeira coisa que uma pessoa que leva um tiro tem vontade de fazer é vomitar, coisa que, já agora, o canadiano mais corpulento, com a virilha que parecia que tinha levado com um tijolo e debaixo de Gately, está a fazer por cima da barba, do colar de flores e da coxa de Gately enquanto este lhe continua a apertar a virilha com o joelho. A senhora grita por socorro. E agora ouve-se o som de carne a rasgar quando Nell Gunther salta vários metros, rodopiando pelo relvado, e pontapeia em cheio a cara do canadiano que Green tem imobilizado com o tacão da bota de paraquedista militar, fazendo o boné do tipo voar e a cabeça ir para trás com violência, acertando na cara de Green e partindo-lhe audivelmente o nariz, mas Green não larga o tipo, que está dobrado para a frente, numa meia vénia de uma pessoa com Parkinson, com o braço do ferro ainda no ar com o de Green, como se estivessem a dançar, e o bom do velho Green nem sequer o larga para agarrar no nariz a esguichar sangue, e agora que o canadiano está imobilizado, note-se, aí vem Lenz a uivar, saindo disparado das sombras da sebe e, com um pulo, derrubando tanto o canadiano como Green, e agora há um turbilhão de roupa e pernas no relvado, sem que se veja o ferro. Ken Erdedy continua com as mãos no ar. Ainda ajoelhado na virilha do canadiano agoniantemente transformada em papa, Gately ouve o segundo canadiano a tentar sair de cima do capô do *Montego* e levanta-se, avançando para ele ao pé-coxinho e a cambalear. Joelle v.D. continua a gritar qualquer coisa monossilábica da janela que não pode ser a sua. Don vai até ao para-choques da frente do *Montego* e dá uns socos cautelosos nos rins do homem corpulento com o seu braço ainda em condições, agarra-o pelo cabelo estrangeiro espesso, volta a pô-lo em cima do capô e começa a bater-lhe com a cabeça no para-brisas do *Montego*. Lembra-se de que costumava ficar em apartamentos mobilados de luxo em North Shore com G. Fackelmann e T. Kite e que depois iam limpando o sítio, vendendo a mobília até estarem a dormir num apartamento completamente vazio. Green levantou-se, com a cara ensanguentada, e Lenz ainda está no relvado, com o sobretudo a agitar-se e a tapá-lo e ao terceiro canadiano, ao passo que Clenette H. e Yolanda W. já estão em pé e bem perto, à volta deles e a acertarem umas boas patadas com os saltos altos no canadiano e às vezes, esperam elas, também nas costelas de Lenz, a entoarem repetidamente «Meu filha da *put*a» e a espetarem um pontapé sempre

que chegam ao *pu*. Todo inclinado para o lado, Gately enfia metodicamente a cabeça desgrenhada do canadiano no para-brisas, com tanta força que o vidro inquebrável se está a começar a estilhaçar, até que qualquer coisa na cabeça cede com uma espécie de som seco e líquido. Há pétalas do colar do tipo espalhadas por todo o capô e pela camisa rasgada de Gately. Joelle v.D., com o seu roupão frisado e o véu fino e ainda a agarrar uma escova de dentes, já passou para a varandazinha da camarata feminina de cinco camas e está a descer por uma trepadeira, mostrando uns dois metros de coxa espetacularmente não disforme e chamando aos berros Gately pelo nome próprio, coisa que ele aprecia. Gately deixa o mais corpulento dos canadianos estendido no capô a roncar, com a cabeça apoiada num sulco com forma de cabeça no vidro estilhaçado do para-brisas. A olhar para o carvalho à sua frente e ainda com as mãos no ar, Ken Erdedy põe-se a pensar que tudo leva a crer que aquela rapariga disforme do véu gosta de Don Gately de uma forma extracurricular. Gately, apesar do dedo do pé e do ombro, tem-se comportado de um modo estritamente profissional durante todo este tempo. Tem projetado uma espécie de atitude de empregado de escritório, de competência jovial e sangue-frio. Erdedy descobriu que até gosta de estar ali parado com as mãos no ar, num gesto que assinala a sua condição de não combatente, enquanto as raparigas afro-americanas vão dizendo palavrões e dando patadas e Lenz continua a rebolar no chão com o homem inconsciente, a bater nele e a dizer-lhe «Pronto, pronto», ao passo que Gately recua e se posiciona entre o segundo tipo, com a cabeça no para-brisas, e o primeiro, que tinha desarmado no início, com um sorriso agora tão vazio como o esgar numa abóbora. Chandler Foss está a experimentar o boné de caça aos quadrados do terceiro tipo. Na Unidade # 4, ouve-se o som de alguém a tentar abrir uma janela empenada. Um veículo de transporte de lixo é lançado com uma espécie de ruído rápido e surdo, passando a silvar pelos ares e subindo, com o seu feixe de luzes, lembrando as iluminações de Natal, a piscar em tons vermelhos e verdes enquanto Don Gately se começa a aproximar do relvado e do tipo que pelos vistos lhe deu um tiro no ombro, mas depois muda de direção, como que bêbado, e com três pulos ao pé-coxinho já está ao pé do primeiro canadiano, coberto de vómito, o que lhe tinha chamado Moose e dado um murro na testa. Ouvem-se o lento ribombar de um comboio da Linha Verde e as exortações de Minty quando Gately começa a pisar a cara do canadiano com o calcanhar do pé em condições

como se estivesse a matar baratas. O braço solto do tipo está a abanar pateticamente no ar em redor do pé de Gately, que sobe e desce. Todo o lado direito da horrenda e rasgada camisa cor de laranja de Gately passou a preto e o seu braço direito está a pingar um líquido negro e parece desencaixado. Lenz pôs-se de pé e está a ajustar a peruca e a sacudir-se. A rapariga do véu chegou a uma parte complicada da descida, a uns três metros do chão, e está pendurada por um braço e a espernear, com Erdedy a olhar copernicamente pelas pernas dela acima através do roupão esvoaçante. Tingley, o miúdo novo, está sentado na relva com as pernas cruzadas e a balouçar-se enquanto as raparigas negras continuam a pisar o canadiano inerte. Ouvem-se Emil Minty e Wade McDade a incitarem Yolanda W. a usar o salto agulha. Charlotte Treat não para de recitar a Oração da Serenidade. Bruce Green tem a cabeça inclinada para trás e o dedo encostado às narinas como um bigode. Ainda se consegue ouvir Hester Thrale lá no fundo da Rua Warren, mas cada vez mais longe, quando Gately se afasta do canadiano aos tropeções e se senta na ruazinha pesadamente, só com a enorme cabeça iluminada pelos faróis do carro dos canadianos, ficando ali sentado com a cabeça apoiada nos joelhos. Lenz e Green avançam para ele cautelosamente, como se se aproximassem de um animal grande e ferido. Joelle van Dyne salta e aterra de pé. A senhora que está à janela alta e empenada berra Socorrosocorrosocorrosocorro*socorro*. Minty e McDade saem finalmente do alpendre de trás, com McDade a empunhar uma esfregona por um motivo qualquer. Tirando Lenz e Minty, está toda a gente com mau aspeto.

Joelle corre mesmo como uma rapariga, repara Erdedy[256]. Entra na rua, passando pelo meio dos carros parados nos mais variados ângulos, no preciso momento em que Gately resolve deitar-se.

Não é um desmaio. É só uma decisão de Gately, deitar-se com os joelhos dobrados e a apontarem para a profundeza do céu, que parece inchar e encolher ao ritmo do pulsar do seu ombro direito, que agora está completamente frio, o que significa, prevê ele, que as dores não tardarão mesmo nada a aparecer.

Quando os pés descalços e a bainha do roupão de Joelle surgem no seu campo de visão, Gately abana a mão esquerda em sinal de despreocupação e diz:

– Ferida superficial.

– Filho de uma grande *puta*.

– Ferida superficial.

– Estás mesmo a *sangrar*.

– Obrigado pela informação.

Ao fundo, ainda se consegue ouvir Henderson e Willis a dizerem *pu*.

– Acho que lhes podes dizer que o tipo já deve estar controlado – diz Gately, apontando para o que julga ser o relvado da Unidade # 4. Estar estendido no chão faz com que pareça ter um queixo duplo, dá-se conta, com um sorriso rasgado na cara enorme. Enquanto repara na barriga das pernas de Joelle v.D., o seu grande medo naquele momento é vomitar à frente e talvez em parte em cima dela.

Agora surgem os mocassins de pele de lagarto de Lenz, com manchas de relva à frente.

– Don, o que é que eu posso dizer?

Gately tenta endireitar-se a muito custo.

– Também tens uns filhos da puta duns canadianos *armados* a quererem dar-te cabo do canastro?

Revelando o género de quimono preto que tem por baixo, Joelle tira o roupão frisado e dobra-o numa espécie de chumaço trapezoidal, ajoelhando-se diante do ombro de Gately, escarranchada em cima do braço dele, e fazendo força no chumaço com a parte de trás dos pulsos.

– Ui!

– Lenz, ele está mesmo a sangrar imenso.

– Nem sequer sei o que te hei de dizer, Don.

– Deves-me urina, Lenz.

– Acho que dois estão *parados* – a voz de Wade McD., com os seus ténis altos desapertados, arqueja de admiração.

– Ele está mesmo a sangrar imenso, estão a ouvir?

– Queres dizer *mortos*.

– Há um que tem um sapato enfiado na porra do olho.

– Diz ao Ken para baixar as mãos, minha Nossa Senhora!

– Oh! Meu *Deus*, porra!

Gately sente os olhos a entortarem-se e a desentortarem-se sozinhos.

– O sangue dele tá a empapar aquilo tudo, meu, olha-me para aquela merda.

– Este homem precisa de uma ambulância.

Outra voz feminina volta a dizer Deus e Gately começa a ouvir passarinhos

quando Joelle grita à mulher que se cale. Ela inclina-se mais um pouco sobre Gately, que assim consegue ver o que parecem ser um queixo feminino e um lábio inferior sem batom perfeitamente normais por baixo da bainha esvoaçante do véu.

– A quem é que ligamos? – pergunta-lhe ela.

– Liga para o atendedor da Pat e para o Calvin. Tens de marcar o nove. Diz-lhes para virem cá ter.

– Vou vomitar.

– Ó menino das mãos no ar! – grita Minty a Ken E.

– Diz-lhe para ligar para a Annie e para o gabinete do HME para eles fazerem qualquer coisa estratégica.

– Foda-se, onde é que andam os seguranças quando não são só carros inocentes de gente em reabilitação que é preciso rebocar?

– E liguem à Pat – repete Gately.

Há uma floresta de sapatos, pés descalços e canelas à volta dele, com as cabeças demasiado altas para se poderem ver. Lenz está a gritar a alguém que está dentro do Centro:

– Chamem lá a porra da ambulância!

– Baixa a voz, pá.

– Foda-se, o melhor é chamarem mas é umas *cinco* ambulâncias.

– Meu filha da *pu*ta.

– Chiu!

– É que nunca tinha visto uma coisa *destas*.

– Nã, nã – diz Gately com dificuldade, tentando levantar-se mas decidindo que é preferível continuar deitado. – Não chamem nenhuma para mim.

– Isto é que é andar sempre certinho?

– O beu nariz ztá ótimo.

– Ele já disse que *não* quer nenhuma.

As botas de Green e de Minty, as havaianas de plástico roxas para tomar duche de Treat. Alguém pôs *Clearasil*, ele consegue sentir o cheiro.

– Mano, já vi a minha dose de enxertos bem aplicados, mas...

Uma voz masculina grita lá ao fundo, à direita.

– Não tentem é pôr-me a andar de um lado para o outro – diz Gately com um sorriso rasgado.

– Parvalhão.

– Ele não pode ir para as Urgências depois de apanhar um tiro – diz Minty a Lenz, cujos sapatos não param de se mexer para ficarem a norte de toda a gente.

– Alguém é capaz de ir desligar o carro, pá?

– Eu cá não tocava em nada.

Gately concentra o olhar no sítio onde acha que devem estar os olhos da rapariga, de Joelle. Ela tem as coxas bem abertas, como uma forquilha, escarranchada em cima do braço dele, que está dormente e que não lhe parece pertencer. Ela está a fazer força. Cheira de forma estranha mas bem. Está a fazer força no roupão transformado em chumaço com todo o peso do corpo. Não pesa praticamente nada. As primeiras pontadas de dor estão a começar a espalhar-se do ombro para o pescoço. Gately ainda não olhou para o ombro, propositadamente, e tenta enfiar a mão esquerda por baixo da ferida para ver se saiu alguma coisa. A noite está tão clara que as estrelas brilham através da cabeça das pessoas.

– Green.

– Não ztou a tocar en nada, não te preocupz.

– Olhem para a *cabeça* dele.

Os ombros do quimono dela estão curvados e cintilam com um preto transparente à luz dos faróis do *Montego*. O cérebro de Gately não para de querer desaparecer para dentro dele. Quando nos começamos a sentir com muito frio, é por causa do choque e da perda de sangue. Gately obriga-se a não desaparecer dali e desvia o olhar da mão de Joelle para os mocassins elegantes de Lenz.

– Lenz. Tu e o Green. Levem-me lá para dentro.

– Green!

No círculo de cabeças atravessadas pelas estrelas que o rodeia, não se veem as caras devido às sombras dos faróis. Alguns carros continuam com o motor a trabalhar e outros já não. Um dos carros tem a correia da ventoinha a fazer barulhinhos. Alguém – Erdedy – sugere que se chame a polícia genuína e toda a gente faz troça da sua ingenuidade. Gately calcula que o pessoal da barraca ou da Unidade # 4 já fez isso ou que ligou pelo menos para os seguranças. Quando tinha dez anos, já só lhe cabia o dedo mindinho nos buracos do disco do velho telefone *Princess* da mãe; convoca toda a sua força de vontade para desentortar

os olhos e não desaparecer dali; o que não quer mesmo nada é estar ali deitado, em choque depois de levar um tiro, a tentar lidar com a polícia.

– Acho que um destes tipos se foi.

– Não me digas, Shylock.

– *Ninguém vai telefonar!* – grita Gately bem alto. Tem medo de começar a vomitar quando o levantarem. – Ninguém vai telefonar para ninguém enquanto não me levarem lá para dentro – Consegue cheirar o casaco de cabedal de Green lá no alto. Estão a cair-lhe bocadinhos de relva e de outras coisas em cima, do sítio onde Lenz continua a sacudir a roupa, e há gotas de sangue circulares na rua deixadas pelo nariz de Green. Joelle avisa Lenz de que se não parar com uma coisa qualquer vai ver o que é bom para a tosse. Gately tem todo o lado direito do corpo completamente frio. Diz a Joelle: – Estou em liberdade condicional. Vou parar à cadeia de certeza.

– Don, meu, tens aqui testemunhas comó caralho prontas para te apoiar – diz McDade ou Glynn, mas não pode ser Glynn, por um motivo qualquer que Gately está a tentar arranjar dentro de si. E parece a voz de Charlotte T. a dizer que Ewell está a tentar entrar no gabinete de Pat para telefonar mas que Gately fechou a porta à chave.

– Ninguém vai telefonar para *ninguém*! – grita Joelle bem alto. Cheira bem.

– Estão a telefonar!

– Tirem-lhe o telefone! Por amor de Deus, digam que é uma brincadeira! Estão a ouvir?

O quimono dela cheira bem. E a voz tem uma autoridade de funcionário. O cenário agora alterou-se: Gately está fora de combate e é Madame Psicose quem comanda as operações.

– Vamos levantá-lo e vamos levá-lo lá para dentro – diz ela ao círculo. – Lenz.

Ouve-se ali próximo um crepitar de estática e o som de um molho de chaves bem volumoso.

A voz dela é igual à daquela Madame da emissora de rádio que não é preciso subscrever, tem a certeza absoluta assim de repente, é daí que conhece essa voz estranha, vazia e com um ligeiro sotaque.

– Segurrançaa! Ninguém xe mexaaa!

Por sorte, pelo menos é um dos antigos jogadores de futebol americano convertidos em seguranças do EM, que passa metade do turno no Unexamined

Life e depois anda a noite toda de um lado para o outro da ruazinha, a brincar com o bastão e a cantar desafinadamente canções de marinheiros, alguém que está impressionantemente qualificado para entrar nos Alcoólicos Anónimos e fazer-lhes companhia.

Joelle:

– Erdedy, despacha-o.

– Desculpa?

– É o bêbado – consegue dizer Gately.

Joelle está a olhar para o que deve ser Ken E.

– Vai ter com ele e põe um ar endinheirado e respeitável. Verbaliza com o gajo. Distrai-o enquanto levamos o Gately lá para dentro antes que chegue o pessoal a sério.

– E como é que eu vou explicar estes corpos todos estendidos em cima dos carros?

– Por amor de Deus, Ken, o gajo não é nenhum gigante em termos mentais, distrai-o com qualquer coisa reluzente ou algo do género. E agora para de engonhar e mexe o cu.

O sorriso de Gately chegou-lhe aos olhos.

– És a Madame da FM, era daí que eu te conhecia.

Os sapatos rangedores de Erdedy e o rádio e as chaves do tipo obeso.

– Ninguém se mexa quem? E em que sentido, ficar parado?

– Segurrança, já dixe pra *parrarre*!

Green e Lenz a debruçarem-se sobre ele, com bafos brancos por todo o lado e o nariz a pingar sangue de Green a deitar o mesmo cheiro a cobre de Lenz.

– Eu sabia que te conhecia – diz Gately a Joelle, cujo véu permanece inescrutável.

– Não se importa de ser mais específico, parar de fazer o quê?

– Pega-lhe primeiro pelas costas – diz Green a Lenz.

– Não acho lá muita piada a este sangue todo – responde Lenz.

Várias mãos enfiam-se por baixo das costas dele; o ombro explode com um ardor incolor. O céu parece tanto ser em três dimensões que quase dá para mergulhar nele. As estrelas distendem-se e ganham raios. Joelle mexe as pernas quentes para continuar a fazer força no chumaço com todo o seu peso. Gately sabe que o som esguichante significa que o chumaço está completamente

encharcado de sangue. Quer que alguém lhe dê os parabéns por não ter vomitado. Dá para ver que umas estrelas estão mais perto e as outras mais longe, lá ao fundo. Aquilo que Gately sempre achou que era o Grande Ponto de Interrogação afinal é a Ursa Maior.

– Ztou a *odenarre* que parre até que xegue o rezponzável e eu poza infrmá-lo da xituaxão.

O segurança está com uma grande tosga, chama-se Sidney ou Stanley, anda sempre com o chapéu de segurança e o bastão quando vai às compras ao Purity Supreme e pergunta sempre a Gately como vão as coisas. Tem o lado interior dos sapatos rebentado, como acontece aos gordos que são obrigados a andar muito; os seus rolos de banha e a sua grande pança descaída de antigo jogador de futebol americano são um dos maiores fatores de motivação para os abdominais noturnos de Gately. Gately vira a cabeça para vomitar um bocadinho em cima de Green e de Joelle, que não fazem caso disso.

– Oh, desculpem. Oh, merda, detesto isso.

Joelle v.D. passa a mão pelo braço húmido de Gately, deixando (a mão) um rasto quente, e a seguir aperta delicadamente o pouco do pulso que consegue agarrar com a mão.

– Olhai! – diz ela em voz baixa.

– Jesus, ele também tem a perna toda cheia de sangue!

– Bem, conheço uma data de tipos que adoravam esse programa que fazias.

Um bocadinho de nada mais de vómito.

– Agora vamos levantá-lo com muito cuidado e pô-lo em pé.

– Green, pá, chega aqui ao lado sul, pode ser?

– Ztou a odenarre que toda exta xituaxão xe mantenha ezactamente como ztááá.

Os sapatos de Lenz e de Green a juntarem-se e a afastarem-se de cada lado de Gately, as caras a descerem, como numa lente grande angular, levantando-o:

– Estás pronto?

Ano da Roupa Interior para Adultos *Depend*: InterLace TelEntertainment, telecomputadores elétricos 932/1864 RISC, com ou sem consola, *Cor-de-Rosa*[2], disseminação pós-Primestar DSS, menus e ícones, Internet Faxe livre de píxel, tri e quadri *modem*s com taxas de transmissão de dados ajustáveis, grelhas de

disseminação pós-Web, monitores de tão alta-fidelidade que se podia estar lá, conferências videofónicas a baixo custo, CD-ROM interno *Froxx*, *couture* eletrónica, consolas tudo em um, nanoprocessadores cerâmicos *Yushityu*, cromofotografia laser, cartões de meios de capacidade virtual, impulso fibro-ótico, codificação digital, aplicações incríveis; neuralgia carpal, enxaquecas fosfénicas, hiperadiposidade glútea, tensão lombar. Atualmente, metade dos habitantes da área metropolitana de Boston trabalha em casa através de alguma ligação digital. Cinquenta por cento da educação pública é divulgada por meio de pulsações codificadas e acreditadas, passível de absorção em casa, num sofá. O programa de ginástica extraordinariamente popular da menina Tawni Kondo é espontâneo e diariamente divulgado nos três fusos horários da ONAN, sempre às 07h00, numa combinação de aeróbica de baixo impacte, calistenia da Força Aérea Canadiana e aquilo a que se poderá chamar «psicologia cosmética» – mais de sessenta milhões de norte-americanos a darem pontapés e a dobrarem os joelhos diariamente com Tawni Kondo, uma coreografia de massas um pouco parecida com aqueles ajuntamentos compulsórios e matinais para exercícios de *tai-chi* em câmara lenta na China pós-Mao – só que os Chineses juntam-se em público. Um terço desses cinquenta por cento dos habitantes da área metropolitana de Boston que ainda saem de casa para ir trabalhar podia fazê-lo em casa se quisesse. E (vejam só) noventa e quatro por cento do entretenimento ONANista pago é atualmente absorvido em casa: pulsações, cartuchos de armazenamento, ecrãs digitais, cenário doméstico – um mercado de entretenimento de sofás e olhos.

Dizer que isto é mau é o mesmo que dizer que o trânsito é mau, ou as sobretaxas dos serviços de saúde, ou os perigos da fusão anelar: ninguém, a não ser os taradinhos antitecnologia e fãs de muesli, diria que aquilo sem o qual não se consegue sequer imaginar a vida é mau.

Mas há um sem-número de visionamentos privados em ecrãs personalizados, atrás de cortinas corridas, na familiaridade sonhadora de casa. Um mundo flutuante, um não-espaço, de espectadores privados. Todo um novo milénio, sob o comando de Gentle e de Lace-Forché. Liberdade, privacidade e capacidade de escolha totais.

E daí a paixão do novo milénio pela possibilidade de testemunhar as coisas ao vivo. Todo um calendário sub-reptício de oportunidades de espetáculo público,

as «op-espec», a possibilidade inestimável de fazer parte de um público, de ver ao vivo. O que explica os ajuntamentos de mirones provocados por acidentes de trânsito, explosões de gases nos canos de esgoto, assaltos, roubos de carteiras ou pelo ocasional veículo de transporte de lixo que não chega a completar o seu vetor e cai nos subúrbios de North Shore, com as pessoas das urbanizações a deixarem as portas de casa escancaradas com a pressa de irem para a rua para andarem de um lado para o outro e se porem a olhar para a cratera provocada pelo impacte do lixo, que vai atraindo uma crescente multidão de ar sério e atento, pessoas que andam em círculos à volta da zona de impacte, comparando diligentemente notas mentais sobre o que estão todas de facto a ver. E daí a deificação e complexa hierarquia dos músicos de rua de Boston, com os melhores a irem agora para o trabalho em carros estrangeiros. A oportunidade que se proporciona todas as noites para abrir os cortinados e espreitar para a rua às 00h00, altura em que todos os carros que se encontram estacionados têm de passar para o outro lado do passeio e toda a gente enlouquece e anda de um lado para o outro, a mudar o carro de lugar ou a observar. Lutas nas ruas, confrontos nas caixas dos supermercados, vendas de bens em hasta pública em processos de execução fiscal, condutores multados pela polícia por excesso de velocidade, pessoas com síndrome de Tourette e coprolalia nas esquinas da Baixa, tudo isto atrai multidões. A camaradagem e a comunhão anónima que se sente ao fazer parte de uma multidão que observa, uma massa de olhos que não estão em casa, que estão todos no mundo lá fora, virados para o mesmo sítio. Vejam-se as dores de cabeça para controlar multidões em cenas de crime, incêndios, manifestações, comícios, marchas, demonstrações de insurreição canadiana; multidões que agora se juntam tão depressa, demasiado depressa para se verem sequer, uma espécie de inversão visual de observar uma coisa a derreter, as multidões reúnem-se e mantêm-se unidas através de uma força aparentemente quase nucleica, observando em conjunto. Quase qualquer coisa serve. Os vendedores de rua regressaram. Veteranos de guerra sem-abrigo e figuras retorcidas em cadeiras de rodas, com letreiros escritos à mão exigindo os seus direitos. Malabaristas, friques, mágicos, mimos, pregadores carismáticos com PA portáteis. Mendigos surgem do nada como se estivessem a vender drogas de charlatão a pequenas multidões; os melhores mendigos agora são quase cómicos de *stand-up,* tendo como recompensa multidões a observá-los. Membros de

cultos com roupas amarelo-alaranjadas, muita percussão e folhetos saídos de impressoras a laser. Até há alguns europedintes da velha guarda, pessoas com péssimo aspeto e *leggings* às riscas, silenciosas e de ar ausente. Até os candidatos locais, os ativistas, os militantes e os assessores ao nível das bases deram uma volta de cento e oitenta graus e voltaram aos discursos nos espaços públicos – estrados decorados com bandeiras, tampas de contentores do lixo, tejadilhos de veículos, toldos, qualquer coisa que esteja lá bem no alto, qualquer coisa montada de forma a ser vista pelo público e a captar multidões: as pessoas sobem e falam com entusiasmo, atraindo multidões.

Todos os novembros, uma das principais oportunidades de espetáculo público em Back Bay consiste em ver os inexpressivos funcionários federais, vestidos de branco, e municipais, vestidos de azul-acinzentado, a drenarem e a esfregarem o lago dos patos artificial dos Jardins Públicos para o inverno seguinte. Drenam-no todos os anos, num determinado dia de novembro. Não há divulgação pública; não há horário fixo; de repente, aparecem simplesmente uns camiões compridos e reluzentes num círculo à volta do lago; é sempre durante a semana, mais ou menos em meados de novembro; e, por alguma razão, também é sempre num daqueles dias cinzentos, desagradáveis, tristonhos e ventosos de Boston, com as gaivotas a darem voltas num céu da cor de um vidro sujo e as pessoas agasalhadas com cachecóis e luvas novas. Não é o típico dia prazenteiro para se passear ou aproveitar oportunidades de espetáculo público. Mas há sempre uma multidão enorme que se reúne e vai adensando num círculo cerrado ao longo da margem do lago dos Jardins Públicos. O lago tem patos. O lago é perfeitamente redondo, com uma superfície rugosa como a pele de um elefante devido ao vento, geometricamente redondo e ladeado por relva de ótima qualidade e maciços de arbustos dispostos em intervalos regulares, com bancos próprios de um parque entre os arbustos e, por cima, salgueiros-chorões de casca branca, que já largaram a sua amarelecida folhagem outonal nos bancos verdes e nas margens relvadas, onde agora se forma e adensa um círculo de gente que observa as autoridades devidamente mandatadas a começar a drenar o lago. Alguns dos patos mais assustadiços do lago já fugiram para pontos mais a sul e outros partem, como se se tratasse de uma deixa filogenética, quando chegam os camiões reluzentes, mas o cerne do bando permanece. Dois aviões privados voam em elipses indolentes, quase colados às nuvens, com faixas atadas à cauda

a publicitarem quatro níveis diferentes de conforto e proteção proporcionados pela *Depend*. O vento não para de ondular as faixas para os lados, transformando-as em fitas de *Möbius* e depois fazendo-as voltar à posição original com o forte estalo de bandeiras a desfraldarem-se. No solo, o barulho dos motores e o estalar das faixas são demasiado ténues para se poderem ouvir acima do ruído da multidão, dos patos e do cortante assobio do vento. Os remoinhos de vento ao nível do solo são tão fortes que Rodney Tine, diretor do Departamento dos Serviços Não Especificados dos Estados Unidos, de mãos nos rins e diante de uma janela do oitavo andar do anexo do Capitólio no cruzamento entre as ruas Beacon e Joy, a olhar para sudoeste em direção aos círculos concêntricos do lado, da multidão e dos camiões, consegue ver as folhas e a sujidade da rua a serem varridas pelo vento, a rodopiarem mesmo à frente dessa janela em que se encontra e a baterem nela enquanto vai massajando o cóccix.

Durante a sua vida e sempre que estava na cidade, o doutor James O. Incandenza, cineasta e quase escopofílico no que respeita às oportunidades de espetáculo público e às multidões, nunca perdia este espetáculo. Hal e Mario já foram algumas vezes. Tal como vários residentes da Ennet, embora alguns não estivessem em grandes condições para se poderem lembrar. Parece que toda a gente na área metropolitana de Boston já viu pelo menos uma vez o lago a ser drenado. É sempre num dia ventoso e feio de novembro do Nordeste, em que se estivéssemos em casa estaríamos a comer sopa de cores acastanhadas numa cozinha quente, a ouvir o vento e a dar graças pela nossa casa e família. Todos os anos em que Ele Mesmo vinha eram a mesma coisa. As árvores de folha caduca estavam sempre esqueléticas, os pinheiros entrevados, os salgueiros fustigados pelo vento e nodosos, a relva de um castanho-acinzentado e estaladiça, as ratazanas-d’água a anteciparem sempre primeiro a grande drenagem e a deslizarem como a noite para os lados de cimento do lago para fugirem. Sempre uma multidão em círculos cada vez mais densos. Sempre patins em linha nos trilhos dos Jardins, namorados de mãos dadas, gente a jogar ao disco voador lá ao longe, na orla da encosta do outro lado dos Jardins, de frente para o lago.

Rodney Tine, diretor do Departamento dos Serviços Não Especificados dos Estados Unidos, deixa-se ficar diante da janela suja durante grande parte da manhã, pensativo, com uma postura de descanso marcial. Um estenógrafo, um assessor, o vice-presidente da Câmara, o diretor da Divisão dos Serviços de

Substâncias Ilícitas de Massachusetts e os agentes regionais do Departamento dos Serviços Não Especificados Rodney Tine Jr.[257] e Hugh Steeply[258] estão todos sentados em silêncio atrás dele, na sala de conferências, com a esferográfica *Gregg* do estenógrafo suspensa a meio de um ditado. O campo de visão proporcionado pela janela do oitavo andar estende-se até ao cimo da encosta na ponta contrária dos Jardins. Estão dois discos e o que parece ser o rebordo esventrado de outro disco a pairarem sonhadoramente de um lado ao outro dessa encosta, desaparecendo por vezes por trás do cume e ficando por momentos fora do alcance da visão especular de Tine.

Tentando ao mesmo tempo que a sua péssima pele apanhe um pouco de raios ultravioleta de qualidade e fique bem gretada com o frio, o estudante do MIT que trabalha como técnico na emissora WYYY-109 está deitado num cobertor espacial e prateado, uma recordação da NASA, em tronco nu, de costas e com os braços abertos, num ângulo aproximado ao de uma cadeira reclinável numa sala de estar, na encosta mais distante dos Jardins Públicos. Que dá para a Rua Arlington, no canto sudoeste dos Jardins, e cujo cume a esconde da bacia do lago, do quiosque e do pavilhão de turismo, do epicentro dos trilhos radiais e das gigantescas estátuas de patinhos com uma camada de verdete, numa fila que homenageia o amado e intemporal livro de Robert McCloskey, *Make Way for Ducklings*. A única outra encosta dos Jardins está agora transformada na bacia do que era anteriormente o lago. O declive coberto de relva da encosta, que não é demasiado íngreme, estende-se como uma cunha até à Rua Arlington e é um amplo e verdejante prado, sem excrementos de cão porque os cães não vão à casa de banho num terreno inclinado. Os discos pairam no cimo da encosta, por trás da cabeça do técnico, e há quatro rapazinhos a jogar descalços com uma pequena bola de trapos. Estão cinco graus. O sol tem aquela qualidade atenuada própria do outono, parecendo estar atrás de várias vidraças. O vento é cortante e está sempre a fazer levantar as pontas do cobertor da NASA sobre o corpo do técnico. A pele de galinha e as borbulhas lutam para ganhar espaço na carne exposta. O técnico-estudante é a única pessoa na encosta com um cobertor espacial metalizado e de tronco nu. Está ali esparramado, de braços abertos para o sol fraco. O técnico-estudante da WYYY é uma das cerca de três dezenas de figuras humanas espalhadas pela encosta íngreme, uma coleção humana sem padrão, coesão ou qualquer coisa a servir de união, lembrando bastante a lenha

antes de ser apanhada. Há homens bronzeados pelo vento e tão sujos que parecem cobertos de fuligem, com anoraques sem fecho de correr e sapatos que não condizem um com o outro, são alguns dos residentes permanentes dos Jardins, a dormir ou em estados de torpor de origem diversa. Enroscados de lado, com os joelhos puxados para cima, fechados a tudo e mais alguma coisa. Por outras palavras, encolhidos. Do alto de um dos prédios de escritórios da Rua Arlington, estas figuras parecem coisas largadas de uma grande altura na encosta. Um veterano de guerra que se encontrasse numa posição elevada seria capaz de ver no conjunto de figuras um cenário de campo de batalha pós-batalha. Tirando o técnico da WYYY, todos os outros homens têm uma textura de sujidade urbana, com a barba por fazer, dedos amarelados e pele bronzeada pela exposição às condições climatéricas. Têm casacos e sacos-cama a servirem de cobertores, velhos sacos das compras com pegas de cordel e sacos *Glad* para latas e garrafas recicláveis. E também mochilas de campismo enormes e completamente desbotadas. Por outras palavras, a sua roupa e os seus pertences são da mesma cor que os homens. Alguns têm carrinhos de supermercado metálicos onde carregam os objetos pessoais e que prendem com o corpo para evitar que rolem pela encosta abaixo. Um dos donos dos carrinhos vomitou a dormir e o vómito formou uma espécie de rio de lava em direção à figura encolhida de outro homem enroscado mais abaixo. E um dos carrinhos, da prestigiosa Bread & Circus, vem com uma calculadora engenhosamente conveniente no guiador, concebida para que os clientes possam ir fazendo a conta às compras à medida que as vão escolhendo. Os homens têm unhas em tons sépia e, sem se perceber bem como, parecem todos desdentados independentemente de terem ou não dentes. De vez em quando, aterra um disco no meio deles. Mais acima e atrás deles, a bola de trapos chocalha quando bate nos pés dos jogadores. Dois miúdos magricelas e com gorros de lã em tricô começam a descer muito perto do técnico, entoando «Ganza» muito baixinho e ignorando todas as outras figuras, que qualquer pessoa perceberia não disporem do capital necessário para comprar ganza. Quando abre os olhos, o técnico é o único na encosta que vê as barrigas redondas dos patos a passarem em voo raso, aproveitando uma corrente de ar quente ascendente vinda da encosta para subirem e virarem à esquerda, rumo a sul. Tem a camisa da WYYY-109, o inalador, os óculos, o *M. Fizzy* e o exemplar já gasto do livro *Metalurgia dos*

Isótopos Anelares praticamente encostados à borda do cobertor refletor. Tem o tronco pálido, com as costelas a verem-se, e o peito cheio de botõezinhos duros de cicatrizes de acne. A relva da encosta ainda está bastante viável. Uma ou duas das figuras em posição fetal espalhadas por ali têm ao seu lado latas pretas de gel *Sterno* já gastas. Há pedacitos da encosta refletidos nas montras das lojas, nas janelas dos escritórios e nos vidros dos carros que passam na Rua Arlington. Uma espécie de carrinha *Dodge* ou *Chevy* branca e banal sai do meio do trânsito e estaciona em paralelo de forma verdadeiramente impressionante junto ao passeio, no sopé da encosta. À esquerda do técnico, mais abaixo, está um homem com um velho sobretudo de lã excedentário da NATO de mãos e joelhos no chão, a vomitar. Tem bocadinhos de quimo pendurados na boca que não se querem desprender. E há ali pequenos fios de sangue. A sua figura curvada parece algo canina na encosta irregular. A figura fetal que está enfiada, inconsciente, debaixo das rodas da frente do carrinho de compras mais próximo do técnico só tem um sapato, e esse sapato não tem atacadores. A meia é cinzenta. Além da matrícula que diz deficiente, as únicas coisas dignas de registo na carrinha que agora se encontra encostada ao passeio lá em baixo, com o motor a trabalhar, são os vidros fumados das janelas e o facto de estar impecável e a reluzir, com o lustro puxado, até meio do painel lateral, mas acima desse limite suja, cheia de ferrugem e de aspeto vergonhosamente desleixado. O técnico tem andado a virar a cabeça de um lado para o outro, para tentar ficar com um bronzeado uniforme ao longo de todo o maxilar. A carrinha está encostada ao passeio, com o motor a trabalhar, num ponto longínquo entre os seus calcanhares. Algumas das figuras na encosta aninharam-se à volta de garrafas e cachimbos. Libertam um cheiro intenso e agrícola. O técnico-estudante não costuma tentar apanhar sol e gretar a pele ao mesmo tempo, mas ultimamente as oportunidades para ficar com a pele gretada têm sido raras: desde que Madame Psicose, do programa *Mais ou menos Sessenta Minutos*, se ausentou de repente com baixa médica, o técnico-estudante nunca teve coragem de subir ao intricado telhado da associação para monitorizar os programas substitutos.

O técnico mexe a cabeça para um lado e para o outro. Primeiro, Madame Psicose foi substituída por uma aluna de um curso de pós-graduação em Comunicação de Massas que se revelou uma estrondosa desilusão enquanto Miss

Diagnose; a seguir, Madame Psicose foi publicamente considerada insubstituível pela direção e agora pagam ao técnico para pôr simplesmente a tocar a música de fundo dela e depois sentar-se a monitorizar um microfone de emissão em direto durante sessenta minutos de silêncio, o que significa que tem de ficar fechado na cabina sem fazer barulho e com um microfone aberto, não podendo subir com o seu rádio e cigarros mesmo que quisesse. O diretor da emissora estudantil deixou ao técnico instruções escritas sobre o que dizer quando as pessoas telefonassem durante essa hora para perguntar o que se passava e desejar a Madame Psicose uma rápida recuperação fosse do que fosse que a estivesse a afligir. Negando e fomentando em simultâneo rumores de suicídio, internamento, crise espiritual, retiro de silêncio ou peregrinação para o Leste coberto de neve. O desaparecimento de alguém que foi só uma voz é, de certa forma, pior e não melhor. Agora o silêncio à noite durante a semana é terrível. Um silêncio completamente diferente do tipo de silêncio radiofónico que costumava ocupar metade do seu programa noturno. Silêncio de presença *versus* silêncio de ausência, se calhar. Os silêncios nas cassetes são os piores. Já houve ouvintes que chegaram mesmo a atravessar o córtex profundo e entrar no próprio estúdio, frio e cor-de-rosa, para perguntar o que se passava. Alguns queriam dissipar a firme convicção de que Madame Psicose continuava a lá ir mas que ficava sentada ao lado do microfone sem dizer nada. Outro dos homens a dormir ali perto não para de dar socos no ar durante o sono. Quase todas as perguntas pessoais a altas horas da noite são feitas por ouvintes de uma forma ou outra curvados, aleijados, com problemas de fala, sorrisos rasgados mas vazios, gente defeituosa. Pessoas que colam os óculos com fita isolante. A fazerem perguntas timidamente. A pedirem desculpa por estarem a incomodar uma pessoa que podem ver claramente que não está sequer lá. Antes das instruções escritas do diretor-estudante, o técnico-estudante dirigia a atenção dessas pessoas, sem dizer uma palavra, para o ecrã tríptico de Madame Psicose, sem nenhuma silhueta por trás. Outra carrinha *Dodge* branca de caixa fechada, tão irregularmente limpa e com vidros igualmente opacos, aparece no alto da encosta, por cima e atrás das figuras ali espalhadas. Não projeta qualquer sombra visível. Um disco passa diante da grelha limpa do seu focinho. Está parada, com o motor a trabalhar e a porta virada para o declive e para a porta da outra carrinha branca lá em baixo. Uma pessoazinha hedionda que veio fazer perguntas trazia um chapéu com uma

objetiva e parecia estar prestes a cair no colo do técnico. O seu assistente queria uma morada para onde pudessem enviar qualquer coisa florida para dar apoio. A capa de alumínio micronizada do cobertor da NASA está concebida para refletir todos os raios ultravioleta possíveis para a pele nua do técnico-estudante. O técnico sabia da ambulância, da Unidade de Cuidados Intensivos do Hospital Brigham and Women's e dos cinco dias numa enfermaria de reabilitação porque Notkin lhe contou, a rapariga corpulenta e morena do chapéu com mau aspeto e da placa de identificação do Departamento de Cinema que desceu, a altas horas da noite, até à emissora pelo elevador *Basilar* para ir buscar umas cassetes antigas do programa para Madame Psicose ouvir, disse ela, e que tinha a felicidade de a conhecer em termos pessoais, disse ela. O termo é *tratamento,* Madame Psicose está a fazer um *tratamento* de longa duração num sítio que a rapariga barbuda do chapéu preto como o carvão se limitou a descrever por meias-palavras como um centro de reabilitação numa parte degradada e inacreditavelmente desagradável da área metropolitana. É tudo o que sabe o técnico da WYYY. Não tardará muito a ter ocasião de desejar saber muito mais. E veja-se a rampa de aço ondulada a sair da porta da carrinha, que se abriu com um chio, no cimo da encosta, por cima e atrás dele. Veja-se a escuridão completa no interior da carrinha parada junto ao passeio da Rua Arlington, com o motor a trabalhar e a porta também aberta do lado de dentro. Não há polícias na encosta do canto sudoeste: o pelotão dos agentes da MDC[*12] que patrulham os Jardins está todo ao pé do lago drenado, nos seus carrinhos de golfe recauchutados, a atirar pedaços curvos de *donuts* com cobertura de açúcar para os maciços de arbustos onde se encontram os patos e a dizer à multidão que já dispersou praticamente por inteiro para fazer o favor de circular. Os discos e os jogadores da bola de trapo desapareceram abruptamente do cimo da encosta; há agora uma quietude arrepiante, como quando passa um tubarão por um recife; a carrinha da encosta tem o motor a roncar, aberta e opaca, com uma língua prateada.

Veja-se também a cadeira de rodas que agora sai de repente disparada da rampa da carrinha da encosta, como um borrão metálico a chiar desenfreadamente, com uma espécie de limpa-neves com uma pá soldada à frente, a deslizar pelo chão e a fazer levantar pontas da relva que vai arrancando, deslocando-se extraordinariamente depressa, sem recurso aos travões e com a figura sem pernas que segue em cima dela apoiada em cotos robustos,

envergando uma máscara de uma *fleur de lis* cujo caule é uma espada e toda inclinada para a frente para atingir a velocidade pura de um esquiador, com a cadeira a descer a encosta em *slalom* por entre as figuras encolhidas em posição fetal, os movimentos tenuemente reluzentes, de preparação para a sua receção, no interior da carrinha encostada ao passeio, lá bem no sopé da encosta íngreme, o técnico a arquear o pescoço para trás para apanhar sol nas cicatrizes nas reentrâncias por baixo do queixo, o carrinho das compras com a calculadora a ser atingido obliquamente por uma roda a chiar e revestida de borracha e a rolar estrepitosamente pela colina abaixo, espalhando objetos pessoais, o sapato do sem-abrigo ao qual tinha sido atado a deslizar no seu encalço e o dono, agora sem sapato, do carrinho a esbracejar simplesmente à frente da cara enquanto dorme, como se estivesse a tentar afastar um pesadelo de *delirium tremens* sobre sapatos e bens materiais perdidos, o carrinho da calculadora a chocar contra o homem curvado a vomitar, virando-se ao contrário e saltitando várias vezes enquanto o homem a vomitar rebola e berra, ouvindo-se o eco das suas obscenidades, e agora o técnico da WYYY está a levantar-se sobressaltado, apoiado no cotovelo vermelho e gretado com o frio, e a começar a virar-se e a olhar para o cume atrás de si no preciso momento em que a cadeira com a figura inclinada para a frente se aproxima a toda a velocidade e a pá o colhe a ele, ao cobertor da NASA, à camisa e ao livro, passando com uma roda por cima dos óculos e da garrafa de *M. Fizzy* e transportando o técnico pela encosta íngreme abaixo, em direção à carrinha com o motor a trabalhar no sopé, carrinha de onde também sai agora, como uma língua ou um recibo de Multibanco, uma rampa ondulada, e o cobertor da NASA solta-se da figura esbracejante do técnico, mais ou menos a meio do caminho, ganha voo com uma repentina corrente de ar quente ascendente vinda da encosta e é empurrado pelo cortante vento de novembro para o meio do trânsito na Rua Arlington enquanto a cadeira a chiar desenfreadamente segue aos solavancos pela encosta, para cima e para baixo, com o técnico apanhado pela pá a parecer às figuras despertadas na encosta essencialmente uma confusão alucinatória de membros nus e de guinchos estranhamente arquejantes de Socorro ou de pelo menos Cuidado aí em baixo, tudo isto ao mesmo tempo que a cadeira vai chiando freneticamente pelo percurso mais direto até à carrinha da rampa, que agora já está em primeira, com o tubo de escape a roncar em altas rotações pela rua, sobre a qual o cobertor da

NASA se contorce reluzentemente, e as figuras acordadas pelos guinchos continuam ali estendidas na encosta, dobradas e quase sem se mexerem, hirtas com o frio e uma aflição geral, à exceção do homem curvado, o homem que não se sentia bem e tinha levado com o carrinho que se soltara, o homem que parou por fim de rebolar e se está a contorcer, agarrado às partes do corpo atingidas.

---

*1 Vislumbrar a verdade transcendental, segundo o hinduísmo. *(N. dos T.)*

*2 Esteroides anabolizantes. *(N. dos T.)*

*3 «Nádegas de Aço.» *(N. dos T.)*

*4 Trocadilho com *noblesse oblige*, o princípio segundo o qual as classes mais nobres e instruídas se devem comportar como tal. *(N. dos T.)*

*5 Uísque norte-americano com sabor a laranja. *(N. dos T.)*

*6 Possivelmente, «*Dieu!*». *(N. dos T.)*

*7 Organização sem fins lucrativos norte-americana que distribui anúncios de serviço público. *(N. dos T.)*

*8 Personagens, respetivamente, das séries de TV norte-americanas *I Dream of Jeannie* (1965-1970), *Casei com Uma Feiticeira* (1964-1972), *Cheers – Aquele Bar* (1982-1993), *Gilligan's Island* (1964-1967), *M*A*S*H* (1972-1983), *Hazel* (1961-1966) e *The Beverly Hillbillies* (1962-1971). *(N. dos T.)*

*9 Ou seja, *regenerado*. *(N. dos T.)*

*10 Referência à canção *Ding Dong! The Witch is Dead* («Ding Dong! A Bruxa Morreu») do filme *O Feiticeiro de Oz* (Victor Fleming, 1939). *(N. dos T.)*

*11 The Rockettes: companhia de dança nova-iorquina. *(N. dos T.)*

*12 Metropolitan District Commission, antiga agência do Estado de Massachusetts responsável pela manutenção dos parques públicos e das estradas na área metropolitana de Boston. *(N. dos T.)*

11 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

18h10, CENTO E TRINTA E TRÊS MIÚDOS E TRÊS MEMBROS do pessoal estão sentados para o jantar, com o refeitório da ATE a ocupar grande parte do rés do chão da West House, uma cantina que parece uma espécie de átrio arejado, ampla e com painéis de pinho nodoso, a parede leste repleta de janelas enormes, colunas que atravessam o centro da sala e ventoinhas no teto a fazerem circular o cheiro intenso e ligeiramente acre da comida preparada em grandes quantidades, ouvindo-se o som oceânico das conversas que saem de vinte mesas, o ruído metálico dos talheres nos pratos, muita mastigação, o estrépito da correia transportadora da máquina de lavar loiça, logo atrás do guiché para entrega dos tabuleiros, com o letreiro onde se lê a tua mãe não vive cá; arruma o teu tabuleiro, os gritos abafados dos empregados da cozinha no meio do vapor. Os melhores alunos dos anos mais adiantados ficam com a melhor mesa, uma tradição tácita, a que está mais perto da lareira a gás, no inverno, e do ar condicionado, em julho, a que tem as cadeiras com as pernas ainda bastante niveladas, tanto os assentos como as costas com finas almofadas de bombazina nas cores vermelhas e cinzentas da ATE. Os pró-reitores têm a sua própria mesa permanente perto do balcão dos hidratos de carbono; o sírio dos Torneios Satélite e a gigantesca redatora de perfis da revista *Moment*, com a saia de camponesa, fazem-lhes companhia.

Os jogadores são todos capazes de comer imenso, alguns ainda com o fato de treino suado e os cabelos tesos de sal, demasiado famintos após uma tarde com três *sets* para tomarem duche antes de se reabastecerem. As mesas mistas são discretamente desencorajadas. Os rapazes do escalão dos dezoito anos e os melhores do escalão dos dezasseis estão todos na melhor mesa. Orhto («Escuridão») Stice, o número um da equipa A do escalão dos dezasseis anos da ATE, acabou de disputar esta tarde três *sets* contra Hal Incandenza, de dezassete anos, o segundo melhor tenista em termos globais da ATE, obrigando Hal a prolongar o encontro até aos 7-5 no terceiro *set*, numa partida de exibição informal que Schtitt os pôs a jogar nos campos oeste por motivos que nenhum

dos dois conseguiu ainda precisar. A assistência tinha aumentado progressivamente à medida que os outros jogos foram terminando e as pessoas saíam da sala de pesos e halteres e da zona dos chuveiros. A notícia de que Stice quase tinha derrotado um Inc que ninguém a não ser John Wayne conseguiu ainda derrotar serpenteou pelas mesas, pela fila para os alunos se servirem e pelo balcão das saladas, e muitos dos miúdos mais novos não param de olhar para a melhor mesa, onde Stice, de dezasseis anos, cabelo à escovinha, ainda com o fato de treino *Fila* preto vestido e sem *T-shirt* por baixo do blusão aberto, está a montar uma sanduíche complexa no prato, e os miúdos esbugalham os olhos e deixam descair os ombros em sinal de admiração: CRTSP[*1].

Abstraído de tudo, Stice crava os dentes na sanduíche como se fosse o pulso de um assaltante. Durante os primeiros minutos do jantar, o único som audível à mesa é o dos garfos e da mastigação, além dos leves barulhos arquejantes das pessoas a tentarem respirar enquanto comem. Raramente se fala ali durante os primeiros minutos, enquanto se está a comer. O jantar é um assunto de vida ou morte. Há miúdos que até atacam os tabuleiros quando ainda estão na fila para o leite. Agora é Coyle que ferra o dente. Wayne fez uma sanduíche com as entradas, baixa a cabeça e dá uma dentada. Keith Freer tem os olhos meio fechados enquanto os músculos do maxilar se contraem e descontraem. É difícil ver as cabeças inclinadas de alguns jogadores por trás dos montes de comida. Struck e Schacht, lado a lado, dão uma dentada ao mesmo tempo e mastigam. Na mesa, o único que não está a comer como um refugiado é Trevor Axford, que quando era pequeno, em Short Beach, Connecticut, caiu da bicicleta e bateu com a cabeça no chão, sofrendo uma pequeníssima lesão cerebral que faz com que toda a comida, em todo o lado, lhe saiba horrivelmente. A explicação mais clara de que é capaz para que se perceba a que lhe sabe a comida é dizer que lhe sabe a cheiro de vómito. Foi dissuadido de falar às refeições e tapa o nariz enquanto vai comendo e comendo com a expressão triste e neutra de uma pessoa que está a pôr gasolina no carro. Hal Incandenza desmantela o puré de batata esteliforme da ATE, misturando-o com batatinhas cozidas. Petropolis Khan e Eliot Kornspan com uma voracidade de prisioneiros de guerra tão horrível que ninguém se quer sentar ao lado deles – estão sozinhos numa mesa pequena, atrás de Schacht e Struck, com os talheres a cintilarem no meio de uma espécie de névoa ou borrifos finos. Jim Troeltsch não para de levantar um copo transparente de leite

para as luzes de espectro total do teto e de agitar o leite contra a luz, observando-o. Pemulis mastiga com a boca aberta, soltando ruídos húmidos, um hábito herdado da família de origem e tão enraizado que não há pressão de grupo capaz de o fazer largá-lo.

A determinada altura, «Escuridão» acaba por aclarar a garganta para falar. Nos chuveiros, tinha ficado a meio de uma história de Natal sobre uma das épicas discussões dos pais. Que se tinham conhecido e apaixonado num bar de *Country/Western* em Partridge, Kansas – logo a seguir a Liberal, Kansas, na fronteira do Kansas com o Oklahoma –, conhecido e iniciado um amor maldito num bar a jogarem a um popular jogo de bar de *Country/Western* do Kansas, em que duas pessoas juntam os antebraços nus e enfiam um cigarro aceso no valezinho entre a pele dos dois antebraços, deixando-o lá ficar até que uma delas acabe por tirar o braço e se afastar meio titubeante, agarrada ao braço. O senhor e a senhora Stice descobriram alguém que não tirava o braço nem se afastava meio titubeante, explicou Stice. Ainda hoje tinham os antebraços repletos de pequenas cicatrizes brancas de queimaduras. Ficaram caidinhos um pelo outro desde o primeiro momento, explicou Stice. Tinham-se divorciado e voltado a casar quatro ou cinco vezes, dependendo de como se definissem certos preceitos jurisprudenciais. Nas alturas em que se davam bem, ficavam dias e dias no quarto, com as molas da cama a chiarem e a porta do quarto fechada à chave, exceto quando saíam por breves instantes para ir comprar gim *Beefeater* e comida chinesa em baldezinhos de cartão brancos com asas de arame, enquanto os filhos dos Stice deambulavam como fantasmas pela casa revestida de ripas, com fraldas a caírem ou em roupa interior de lã e subsistindo à base de batatas fritas tiradas de sacos de tamanho económico maiores do que a maioria deles, os filhos dos Stice. Em termos físicos, os miúdos passavam um pouco melhor durante os períodos de conflito matrimonial, altura em que o senhor Stice, de cara fechada, batia com a porta da cozinha e saía de casa todos os dias para ir vender seguros de colheitas enquanto a senhora Stice – que o senhor Stice e «Escuridão» tratavam por «Noiva» – enquanto a «Noiva» passava o dia inteiro e o início da noite a preparar refeições intricadas com múltiplos pratos, dando bocadinhos à ninhada (Stice refere-se a si e aos seis irmãos como «ninhada») e mantendo o resto quente em tachos tapados que chocalhavam suavemente, para depois atirar tudo às paredes da cozinha quando o senhor Stice chegava a casa a

cheirar a gim e a marcas de cigarro e de *eau de toilette* que não eram as da «Noiva». Ortho Stice adora os pais perdida mas não cegamente, e sempre que vai de férias a casa, em Partridge, Kansas, decora os momentos altos das suas batalhas conjugais para depois poder regalar os alunos da ATE dos anos mais adiantados com essas histórias, quase sempre às refeições, quando o burburinho inicial dos garfos e dos arquejos já acalmou e as pessoas já recuperaram todas os níveis necessários de açúcar no sangue e de noção do que as rodeia para poderem ser regaladas. Alguns alunos ouvem-no, mas a espaços. Troeltsch e Pemulis discutem a possibilidade de o pessoal da cozinha da ATE ter começado a tentar impingir-lhes leite em pó sorrateiramente. Freer e Wayne continuam debruçados sobre o prato e a mastigar, cheios de determinação. Hal está a fazer uma espécie de estrutura com a comida. Struck não tira os cotovelos de cima da mesa nem os talheres dos punhos cerrados, parodiando um homem a comer. Pemulis presta sempre atenção às histórias de Stice, repetindo muitas vezes pequenas expressões e abanando a cabeça em sinal de admiração.

– Não vou pura e simplesmente comer mais nada com talheres que já andaram pelo triturador do lixo – declara Schacht, mostrando um garfo com os dentes todos tortos. – Olhem-me só para isto. Quem é que pode comer com uma coisa destas?

– O meu velho é um cabrão com nervos de aço, no que respeita à «Noiva» – diz Stice, inclinando-se sobre a comida para dar uma dentada e mastigar.

Na ATE, a tendência é pegar na entrada e, a não ser que se trate de uma entrada com molho, em pão de trigo e fazer uma sanduíche para consumir mais hidratos de carbono. É como se Pemulis só conseguisse saborear mesmo a comida se a esmagasse contra o céu da boca. O pão de trigo da Academia é transportado de bicicleta por tipos com sandálias *Birkenstock* que trabalham no Bread & Circus Quality Provisions de Cambridge, pois não só não pode ter açúcar como também tem de ter poucos glútenes, que Tavis e Schtitt acham que promovem o torpor e o excesso de mucosidade. Axford, que foi derrotado por Tall Paul Shaw sem vencer nenhum *set* e que se voltar a ser derrotado por ele amanhã vai cair para número cinco da equipa A, olha de cara fechada para o vazio e os seus movimentos mais parecem os de uma pessoa a fingir que está a comer do que propriamente os de alguém a comer de verdade. Hal erigiu com a comida uma estrutura intricada que lembra uma fortificação, onde não faltam as

torres e as fendas para os arqueiros, e apesar de quase não estar a comer nem a beber os seus seis copos de sumo de uva-do-monte, não para de engolir enquanto analisa a estrutura com atenção. Quando os alunos da melhor mesa começam a comer a um ritmo mais lente, os mais perspicazes põem-se a olhar de esguelha para Hal e Axford, sem dar nas vistas, com as UCP[*2] dos vários jogadores a analisarem diagramas decisórios para tentarem perceber se o confronto, que ainda não foi discutido publicamente mas que já motivou bastantes rumores, com o doutor Tavis e o urologista da ONANTA, e agora esta derrota com Shaw e a quase derrota com Ortho Stice não terão abalado Inc e Axhandle ao ponto de os fazer resvalar em termos psicológicos e competitivos, e assim diferentes tipos com diferentes estatutos em termos de *ranking* vão magicando as vantagens que poderão obter, em relação à classificação que ocupam, se Hal e Axford tiverem uma semana profundamente problemática e agitada. Isto apesar de Michael Pemulis, o outro aluno que, segundo os rumores, também terá sido objeto de um controlo de urina da ONANTA, estar a ignorar por completo a expressão de Axford e o engolir excessivo de Hal, embora isso possa ser intencional, contemplando meditativamente os rodos[259] que foram tirados da parede e encostados à lareira apagada, com os dedos unidos por baixo dos lábios e a ouvir Troeltsch, que está a assoar o nariz com uma mão e a agitar o copo de leite meio vazio, em cima da mesa, com a outra.

Pemulis abana a cabeça muito seriamente e diz a Troeltsch:

– É impossível, mano.

– Já te disse, pá, isto é leite em pó – responde Troeltsch, espreitando para dentro do copo e remexendo na superfície do leite com o dedo grosso. – E eu cá sei ver quando é em pó. Tenho traumas confirmados por ter crescido com leite em pó em casa. Desde o dia em que a minha mãe anunciou que o leite era demasiado pesado para continuar a acartar com ele da loja e passou para o leite em pó com o acordo do meu pai. O meu pai cedeu como o Roosevelt em Ialta. A minha irmã mais velha fugiu de *casa* e nós ficámos traumatizados por termos crescido com isso, com essa mudança para o leite em pó, que é inconfundível se soubermos o que é que devemos procurar.

Freer finge que está a ressonar.

– E olhem que eu sei muito bem o que é que preciso procurar para não haver dúvidas. – Troeltsch fala com voz rouca e é daquelas pessoas que fala para várias

ao mesmo tempo olhando constantemente de uma para a outra; não nasceu para falar em público. – Nomeadamente, os resíduos denunciadores que ficam agarrados ao copo quando o agitamos. – E agora põe-se a agitar o copo com grandes floreados.

– Só que a questão, Troeltsch, é que basta virares-te para trás para veres os gajos a enfiar a porra dos sacos no distribuidor automático de vinte em vinte minutos. Sacos de leite. Que dizem leite, pá, os sacos. Uma cena líquida, espessa, escorregadia. É leite, meu.

– Vês os sacos e vês a palavra leite. Eles estão a contar com o aspeto exterior da coisa. Gestão da imagem. Gestão sensorial – respondendo a Pemulis mas olhando para Struck. – Parte de uma sacanice mais ampla e geral. Possivelmente, um castigo pela cena do *Eschaton*. – Os olhos a pousarem por breves instantes em Hal. – Possivelmente, seguem-se vitaminas à socapa. E o melhor é nem falarmos no nitrato de potássio. Há que pôr de lado as deduções feitas a partir de sacos por um segundo. Estou só a cingir-me aos factos. Facto: isto é comprovadamente leite em pó.

– Estás a dizer que misturam leite em pó e que depois tentam enfiá-lo em sacos de leite só para nos amansar?

Schacht aclara a garganta e engole com força.

– O Tavis nem sequer é capaz de voltar a pôr argamassa nos azulejos do balneário sem convocar uma reunião oficial ou designar uma comissão. A comissão para voltar a pôr argamassa já se anda a arrastar desde maio. E de repente iam pôr-se a mudar secretamente o leite às três da manhã? Não parece lá muito verosímil, Jim.

– E o Troeltsch disse que estava constipado – observa Freer, apontando para o frasco de *Seldane* ao lado da bola para apertar de Troeltsch, junto ao prato. – Nem sequer consegues sentir o sabor das coisas, Troeltsch, se estás mesmo constipado.

– O Trevor também devia estar constipado, não é, Axhandle? – diz Schacht, batendo com o seu próprio frasco cor de âmbar na palma da mão para saírem comprimidos de um carminativo.

Ao jantar, os alunos podem escolher entre leite e sumo de uva-do-monte, o sumo mais rico em calorias de hidratos de carbono, que espuma em tons de vermelho no seu próprio distribuidor automático transparente, junto ao balcão

das saladas. O distribuidor do leite está sozinho na parede oeste, uma coisa gigantesca que dá para vinte e quatro litros, com o leite a ser introduzido em três sacos ovaloides, que mais parecem seios, no compartimento refrigerado de aço escovado, com três recipientes para copos e três alavancas para uma distribuição controlada. Há duas alavancas para o leite desnatado e outra para o leite desnatado com chocolate supostamente rico em lecitina, que todos os alunos recém-chegados à ATE experimentam exatamente uma vez, descobrindo que sabe a leite desnatado com um lápis de cera castanho derretido lá dentro. Há um letreiro colado à fachada do distribuidor e escrito à mão, em letras maiúsculas e toscas, por um funcionário da cozinha que diz o leite enche; bebe o que tirares. Dantes o letreiro dizia o leite enche, bebe o que tirares, até a vírgula ter sido semicolonizada pela introdução de um pontinho azul por uma pessoa bastante óbvia[260]. A fila para repetir as entradas já passa o distribuidor do leite. A melhor coisa de nos sentirmos saciados e passarmos a comer a um ritmo mais lento é recostarmo-nos na cadeira, sentirmos a autólise a começar a atuar sobre aquilo que comemos e palitarmos os dentes enquanto contemplamos os grupos e cachos de miúdos no refeitório arejado, observando comportamentos e patologias com a cabeça limpa e saciada. Os miúdos mais novos a correrem em círculos apertados, tentando seguir a sombra da ventoinha no teto. As raparigas a rirem coladas aos ombros das colegas do lado. Gente a proteger os seus pratos. A sexualidade vaga e as posturas indecisas da puberdade. Dois alunos com classificações mais baixas no escalão dos dezasseis anos têm a cabeça enfiada nas tigelas do balcão das saladas e algumas das raparigas ali perto estão a comentar isso. Vários miúdos estão a ilustrar o que querem dizer com vários gestos. John Wayne e Keith Freer avançam decididamente pela multidão serpenteante, até ao início da fila para repetir as entradas, e enfiam-se à frente de um rapazinho que está a atacar um *bagel* com grandes e violentos movimentos da cabeça e do pescoço. Os membros da equipa A do escalão dos dezoito anos têm direito a enfiarem-se à frente dos outros nas filas; na ATE, a classificação no *ranking* tem os seus literais privilégios. Jim Struck espeta o garfo num dos tomates cereja na tigela da salada de Hal, num gesto selvático; Hal não diz nada.

Troeltsch enfiou o dedo dentro do copo e agora, depois de remexer no leite, está a mostrá-lo aos vários tipos sentados à mesa.

– Reparem num certo tom azulado. Vestígios e restos. Espuma suspeita. Grãos

diminutos de partículas de pó que não se chegaram a dissolver por completo. O leite em pó deixa sempre as suas pistas denunciadoras.

– A porra da tua cabeça é que é um grão diminuto, Troeltsch.

– Baixa lá o dedo.

– Estamos a tentar *comer,* pá.

– Que paranoia – diz Pemulis, apanhando ervilhas soltas com a superfície da faca.

– Propinas de vinte e um mil e setecentos dólares de base, por alto – diz Troeltsch, espetando o dedo para um lado e para o outro; é verdade que aquela coisa que tem no dedo não parece especialmente apetitosa –, e, no entanto, reparem que o Pulmão continua fechado apesar do tempo lixado e das queixas nos tendões de Aquiles, o almoço de hoje foi um autêntico *déjà vu* do de ontem, o pão e os *bagels* que nos começaram a dar já são de há não sei quantos dias, com os rótulos amarelos colados nos sacos, e há conjuntos de mesas e cadeiras para comer nos túneis e azulejos acústicos nos corredores e cortadores de relva na cozinha e tripés no relvado e rodos na parede e a cama do Stice mexe-se e há uma *máquina de lançar bolas* no balneário das miúdas, segundo a Longley, e mesmo com estas propinas o pessoal não é capaz de limpar nada desta porcaria antes d...

Stice levantou a cabeça de repente, com um bocadinho de puré no nariz.

– Quem é que disse que a minha cama se mexe? Como é que sabes seja o que for de camas a mexerem-se?

Mas é verdade. O tripé *Husky VI* do encontro quase fatal de Mario com a U.S.S. Millicent Kent foi apenas o início. A começar na misteriosa e contínua queda de azulejos acústicos dos tetos falsos dos subdormitórios, têm aparecido objetos inanimados, seja porque os puseram lá ou porque simplesmente surgiram do nada, nos sítios mais inapropriados da ATE durante os últimos dois meses, num ciclo cada vez mais acelerado e inquietante. Na semana passada, um cortador de relva do pessoal de manutenção dos terrenos apareceu todo limpo e silencioso, e de certa forma ameaçador, no meio da cozinha e pregou um susto de morte à senhora Clarke, resultando em dois dias seguidos de beringelas com parmesão ao jantar, coisa que provocou ondas de choque. Ontem de manhã, tinha surgido uma máquina de lançar bolas, mais parecida com um canhão – e nada fácil de deslocar de um lado para o outro ou de fazer passar por uma porta

–, na sauna feminina, e umas alunas dos anos mais adiantados tinham-se posto aos berros quando depararam com ela ao entrarem lá para ajudar a aliviar um qualquer vago problema feminino que nenhum dos rapazes conseguia entender. Ao que parece, duas raparigas negras do turno do pequeno-almoço deram com um conjunto de rodos na parede norte do refeitório, pendurados a vários metros de altura numa espécie de imitação da Cruz de Santo André e lá colocados por pessoas desconhecidas. Segundo também se dizia, o pessoal de FDV Harde do turno da manhã tinha tirado as coisas da parede, que agora estavam encostadas à lareira. Estes objetos encontrados em sítios inapropriados têm um aspeto sinistro de fósseis provocados por meteoritos: nenhum do aroma alegre das brincadeiras normais; não são divertidos. A níveis diferentes, puseram toda a gente de cabelos em pé. A senhora Clarke tinha voltado a tirar folga de manhã, daí o almoço repetido. Stice tem outra vez os olhos postos no prato, que está praticamente vazio. O que ainda ninguém referiu é que, ao almoço, Schacht e Tall Paul Shaw foram inspecionar toda a parte da parede norte onde as raparigas negras disseram que tinham dado com os rodos e não encontraram nem pregos nem buracos de pregos, ou seja, nenhum meio visível de fixar qualquer coisa. O assunto foi completa e cuidadosamente evitado por toda a gente, o que só aumentou o desconforto geral perante as queixas roucas de Troeltsch em relação às propinas, que variam nos pormenores mas são de resto rotineiras.

– E agora a cagada-mor em termos dietéticos: tentativa de leite em pó.

– Estão a tentar impingir-nos isso, é o que estás a querer dizer.

– É o que eu estou a dizer e olhem só para nós, o que é que fazemos?

– Fingimos que estamos constipados e ficamos na cama a brincar aos locutores de programas desportivos no telecomputador, em protesto? – retorquiu Pemulis.

Troeltsch serve-se do frasco de *Seldane* para dar mais ênfase às suas palavras.

– Não queremos ouvir falar disso. Olhamos para o lado com a cabeça enterrada na areia.

– Isso parece doloroso comó caralho.

– Vai mas é arranjar a porra duns sinónimos para *desaparece*.

Stice engole um pedaço de comida enorme.

– Nunca abras os olhos debaixo da terra: é a máxima do meu velho.

– E por isso desviamos a nossa atenção – continua Troeltsch –, gozamos com

a coisa feitos parvalhões por acharmos que é uma estupidez.

Pemulis faz um som parecido com um capa.

– A verdadeira questão é: até onde é que vai a estupidez do Troeltsch?

– O Troeltsch é tão estúpido que acha que uma pasta de manilha é um contorcionista filipino[*3].

– Troeltsch, quem é que está enterrado no túmulo do Grant?

Kyle Coyle diz que de certeza que já ouviram todos aquela piada sobre o que as miúdas canadianas põem atrás das orelhas para atrair os rapazes. John Wayne nem olha para ele. Wayne está a espreitar para dentro do copo que está a beber, onde de facto parece haver uns resíduos quaisquer. Tem restos de alface nas pestanas. As bochechas de Ortho Stice parecem uns balões, cheias de comida, os olhos estão fixados no pouco que lhe sobra da salada e a sua expressão é abstrata e séria. No refeitório inteiro, sente-se uma espécie de energia comunitária terrível, uma espécie de carpete sonora feita de ansiedade, sob a rebentação das vozes e o tilintar dos talheres, e, de algum modo, percebe-se que «Escuridão» está no centro, vago, desta energia. No campo, Hal e Wayne tinham-se revelado inacessíveis durante todo o outono. Os miúdos das outras mesas dizem coisas em voz baixa ao colega do lado e depois o colega do lado olha disfarçadamente para a mesa de Stice. Com a testa franzida e rosada, Stice olha fixamente para a salada e tenta bloquear as informações que vai recebendo da sua fenomenal visão periférica. Dois alunos do escalão dos catorze anos discutem por causa de uma torrada. Petropolis Kahn prepara-se para catapultar um grão-de-bico na direção de alguém. Jim Struck aponta para Bridgette Boone e para a U.S.S. Millicent Kent, que regressam aos seus lugares depois de terem ido buscar, segundo as contas de Struck, comida pela quarta vez, e Stice tapa essa visão. Lá fora, não se consegue ver o bonito e triste pôr do Sol sobre os cimos das colinas de Newton porque as grandes janelas do refeitório estão viradas para leste, para o outro lado da encosta, onde se encontra o complexo do Hospital da Marinha de Enfield que a Academia banhou nas sombras, o que explica que o HME já tenha as luzes do alpendre acesas, e, mais para diante, para fragmentos altos e cubistas da velha metrópole a leste, com as sombras a avançarem. A tarde que acabou de passar foi gloriosa, limpa, fresca, sem vento nem nuvens, com o Sol um autêntico disco e o céu uma cúpula encharcada em luz, e até os horizontes a norte se viam com perfeita nitidez, recortados em ténues tons de amarelo-

esverdeado. Schacht tem uns oito frascos cor de âmbar com remédios diferentes para a doença de Crohn e todo um ritual de administração. Conseguem ver-se, recortadas nas sombras da fila de árvores, duas das raparigas negras que trabalham na cozinha e como contínuas no turno do dia a descerem a encosta íngreme pelo trilho não autorizado para voltarem para aquele centro de reabilitação para gente desgraçada que vem para a Academia trabalhar em *part-time*. Os casacos berrantes e de má qualidade das raparigas saltam à vista nas sombras e no emaranhado de árvores. As raparigas têm de dar a mão para descer o declive, avançando de lado e cravando bem os pés no chão a cada passo. Clenette, a rapariga negra que Hal pressentiu estar com medo quando a viu sair do gabinete de C.T. com o lixo, leva agora às costas uma mochila protuberante, uma protuberância que se calhar era fruto de surripianços nos contentores do lixo[261], com os braços todos esticados entre Didi, a outra rapariga negra, e as árvores que vai agarrando ao mesmo tempo que continua a cravar os pés de lado no chão a cada passo, num titubear próprio de quem desce uma encosta íngreme e escura, cheia de raízes e silvas.

Uma rapariga com franja levanta-se e bate com uma colher no copo para anunciar qualquer coisa; ninguém lhe presta atenção.

Como é habitual deixarem-no fazer a seguir às refeições, Kahn vem sentar-se ao lado deles na melhor mesa.

Wayne e Stice arrepiam-se ao mesmo tempo quando as luzes do teto se transformam subitamente na iluminação principal do grande refeitório.

Segue-se uma discussão curta e um pouco ignorante sobre a razão para as raparigas que batem as esquerdas só com uma mão parecerem ter seios de tamanhos diferentes. Hal lembra-se da mania que o irmão tinha, lá para o fim da faculdade, de levar uma rapariga a um sítio público e depois encontrar-se com outra para fazer sexo às escondidas com ela quando ainda estava supostamente com a primeira. Isso já foi depois de a rapariga por quem Orin estava perdidamente apaixonado e que Ele Mesmo tinha utilizado compulsivamente nos seus filmes ter ficado desfigurada. Orin mantinha um registo das pessoas que era uma espécie de mistura de gráfico e diário. Costumava chegar a casa e deixá-lo simplesmente à vista, a implorar para ser lido. Isso foi na altura em que o irmão só precisava de ter relações sexuais com elas e não que ficassem tão loucamente apaixonadas por ele que nunca mais seriam capazes de olhar para mais ninguém.

Tinha feito cursos obscuros de massagens e psicologia e lido livros tântricos com ilustrações que pareciam a Hal tão *sexy* como o Twister.

– Os tornozelos delas – diz Coyle; ninguém lhe faz caso. Wayne já saiu da mesa.

O pequeno Bernard Makulic, da equipa C do escalão dos catorze anos, sentado a duas mesas do distribuidor do leite, de constituição delicada e a quem já não resta muito tempo na ATE, vomita para o chão, numa espécie de catarata sedosa e acastanhada, junto à cadeira, e ouvem-se o ranger dos pés das outras cadeiras a serem arrastadas, num padrão em forma de estrela, para longe da mesa e as vogais prolongadas a saírem da boca de miúdos enojados.

Struck, Pemulis, Schacht e Freer já tiveram todos experiências sexuais. Provavelmente, Coyle também, mas não é certo. Axford quase nem consegue tomar duche em público, muito menos submeter-se nu à inspeção de uma rapariga. Hal talvez seja o único aluno da ATE para quem a virgindade para a vida inteira é um objetivo consciente. Quase lhe parece que O. já anda a praticar coitos acrobáticos que cheguem para os três irmãos. Freer até tem uma espécie de colposcópio de recordação aparafusado à parte de dentro da porta do cacifo, onde em tempos idos estaria a foto de uma *pin-up*, e Pemulis e Struck supostamente já frequentaram a Zona de Combate[*4] depois de as autoridades municipais, num aperto fiscal, terem cedido e voltado a instalar as luzes vermelhas na Zona de Combate, a leste da Commonwealth. Mas Jim Troeltsch e sexo: nem pensar. E com Wayne e Stice, a questão parece ser de certa forma irrelevante. Hal parece ter a boca inundada de cuspo. O mais justo teria sido Stice tê-lo derrotado hoje e ele tem consciência disso. Stice tinha o controlo físico do terceiro *set*. Stice deitou tudo a perder só porque, lá bem no fundo, não acreditou que podia vencer já Hal, tendo em conta a explosão competitiva de Hal. Mas a crise de confiança que custou a partida a Stice referia-se a outro Hal. Hal tem noção disso. Agora há um Hal completamente novo, um Hal que não apanha mocas, nem se esconde, um Hal que dentro de vinte e nove dias vai entregar a sua urina às autoridades com um sorriso rasgado, uma postura exemplar e nem um único pensamento secreto na cabeça. Tirando Pemulis e Axford, ninguém sabe que foi um Hal completamente novo e livre de influências químicas que, por uma questão de justiça, devia ter sido derrotado em público por um rapaz de dezasseis anos, no que se havia revelado um deslumbrante dia

de outono da Nova Nova Inglaterra.

Wayne tinha-se levantado para arrumar o tabuleiro a meio daquela coisa imatura sobre seios. Ortho («Escuridão») Stice continua a fitar a salada. Se se pudesse abrir a cabeça de Stice, ver-se-ia uma roda dentro de outra roda, com engrenagens e peças a encaixarem-se umas nas outras. Stice tem uma secreta suspeita em relação a um segredo que tem mais que ver com a própria mesa do que com os tipos ali sentados. Muitos deles interpretam esta intensa abstração de Stice como um sinal de que ele ainda não saiu daquela dimensão mágica onde é impossível falhar desde a partida daquela tarde.

– A ideia é que as miúdas canadianas só conseguem atrair um gajo se forem mesmo fáceis de coisar, a piada é essa – diz Coyle no meio do barulho.

É então que se dá um curto momento de acalmia, carregado de murmúrios, em todo o refeitório quando o pequeno Evan Ingersoll sai do fundo da fila das entradas, de muletas, com o gesso novo e branco como um boné de marinheiro, ainda por assinar, e o pró-reitor Tony Nwangi atrás dele, com a cara angulosa fechada, a levar-lhe o tabuleiro. O desconforto no refeitório é quase visível, há um halo à volta de Ingersoll e do tendão rotuliano que rompeu e que lhe vai custar pelo menos seis meses de desenvolvimento competitivo. Penn, cuja fratura do fémur lhe vai custar um ano, ainda nem sequer voltou da ortopedia de St. E.’s. Mas pelo menos Ingersoll já regressou. Hal levanta-se para ir ter com ele, com Troeltsch a fazer o mesmo depois de lançar um longo olhar a Trevor Axford, o companheirão de Ingersoll em termos técnicos, que está sentado com os olhos completamente fechados, incapaz de fazer qualquer espécie de gesto conciliatório. Hal, sem coxear mas dorido do jogo, com as pernas presas e os ombros ligeiramente curvados para a frente, vai serpenteando com Troeltsch pelo meio das mesas, mantendo-se bem longe do empregado da limpeza, do balde de aço baço com rodinhas e da esfregona que espalha e dilui o vómito de Makulic num círculo cada vez mais aguado que esvazia três mesas, e Hal e Troeltsch evitam tudo isso descrevendo curvas hábeis por entre mesas cuja disposição todos eles conhecem bem, Hal para dizer Olá e Que tal vai a perna, Troeltsch para dizer Olá e sentir-se basicamente aliviado por ter escapado a uma discussão sobre raparigas enquanto objetos sexuais. Troeltsch nunca esteve sequer perto de sair com ninguém. O mesmo se passa com outros tipos ali. É o que acontece em todas as academias, há sempre um contingente assexuado. Há

juniores que, depois do ténis, ficam sem a energia emocional necessária para enfrentar os desafios de um encontro amoroso. Tipos cheios de arrojo e com nervos de aço no campo e que ficam todos frouxos e pálidos só de pensar em terem de abordar uma rapariga num contexto social qualquer. Há coisas que não só não se podem ensinar como podem ser retardadas por outras coisas que podem ser ensinadas. Supostamente, todo o programa Tavis/Schtitt é uma progressão em direção ao autoesquecimento; há alunos que acham que todo esse assunto das raparigas os faz enfrentar algo dentro deles que precisam de acreditar que já deixaram há muito para trás para poderem aguentar e desenvolverem-se. Troeltsch, Shaw, Axford: qualquer tipo de tensão sexual fá-los sentir que precisam de mais oxigénio do que o que está disponível naquele preciso momento. Na ATE, há uma ou outra rapariga que é assim para o porca, e alguns dos tipos mais agressivos, do género de Freer, conseguem convencer algumas raparigas a fazer sexo com eles – o que não falta ali é tempo e proximidade. Mas, em termos comparativos, a ATE é no geral um sítio assexuado, talvez quase surpreendentemente, considerando o rugir e o borbulhar constantes de glândulas adolescentes, a ênfase dada à fisicalidade, os medos relativos à mediocridade, as batalhas intermináveis com o ego, a solidão e a proximidade íntima. Aqui e acolá, há casos de homossexualidade, em grande parte emocional e não consumada. A teoria preferida de Keith Freer é a de que o grosso das alunas da ATE é composto por lésbicas em estado embrionário mas que ainda não o sabem. E que como qualquer verdadeira atleta feminina, são no fundo vigorosamente masculinas por dentro e, por isso, de tendências sáficas. Segundo eles, as que conseguirem chegar ao circuito WTA[262] serão provavelmente as únicas a descobrirem que o são – ou seja, fufas. As outras vão casar e passar uma vida inteira à beira da piscina do clube a interrogarem-se por que razão os pelos nas costas dos maridos as fazem estremecer. Veja-se, por exemplo, a U.S.S. Millicent Kent, de dezasseis anos e fenomenal a levantar pesos com o banco inclinado, com peitos que parecem artilharia e um rabo a lembrar dois buldogues dentro de um saco (uma expressão de Stice que pegou), e que já tem aspeto de diretora de prisão, como Freer gosta de referir. E ninguém acha piada ao facto de Carol Spodek já andar há cinco anos consecutivos a usar e a estimar a mesma e pesada raquete *Donnay*.

Ortho Stice, do Sudoeste do Kansas, olha por breves instantes para Hal e

Troeltsch a saírem da mesa e depois volta a virar a atenção para um determinado tomate cereja empoleirado, sem se perceber bem como, a meio da subtil inclinação da sua tigela da salada. É possível que o tomate cereja esteja preso a meio do declive por um bocado de molho de iogurte a servir de adesivo em vez de estar simplesmente ali a desafiar sozinho as leis da gravidade. Stice não se serve do dedo para mexer o tomate e verificar isso. Está a servir-se apenas da sua plena força de vontade. Está a tentar fazer com que o tomate, através da sua energia enquanto objeto, rebole pela inclinação até ao centro da tigela. Fita o tomate com enorme concentração enquanto mastiga a sua sanduíche com três camadas de lombo de frango sem pele. O mastigar faz com que num lado da cara se sobreponham placas de músculos até à cabeça e que o couro cabeludo incha e se mexa ao longo do corte à escovinha. Está a tentar fletir uma espécie de músculo psíquico que nem sequer sabe ao certo se tem. O corte à escovinha dá à cabeça um aspeto de bigorna. A concentração total faz-lhe a cara redonda, rubicunda e carnuda parecer enrugada. Stice é um daqueles atletas com um corpo que sabemos ser uma dádiva divina não merecida por dar azo a uma conjunção tão incongruente com a cara. Faz lembrar uma fotografia mal montada, uma *persona* sobre-humana de papelão com um buraco como cara. Um lindo corpo de desportista, ágil, adelgaçado, elegantemente musculado e suave – como o corpo de um Policleto, de um Hermes ou de um Teseu antes das tribulações –, sobre cujo pescoço gracioso assenta a cara de um devastado Winston Churchill, larga, a lembrar blocos de cimento, morena, carnuda, de poros grandes, com uma testa mosqueada sob a linha em V do corte à escovinha, papos de olheiras e bochechas descaídas que, sempre que ele se move súbita ou agilmente, produzem uma espécie de *staccato* carnudo, como um cão molhado a sacudir-se todo para se secar. Tony Nwangi está a dizer qualquer coisa cáustica a Hal, que parece estar a ajoelhar-se penitentemente diante de Ingersoll, com toda a gente sentada nas mesas à volta a inclinar-se muito ligeiramente para trás, afastando-se de Hal. Troeltsch está a assinar o gesso de Ingersoll enquanto fala para o punho. Quando não está a jogar, o cabelo à escovinha e achatado de Ortho Stice e a sua apetência por calças de ganga arregaçadas e camisas de manga curta de xadrez com o colarinho abotoado são tipicamente parolos. O contorcer da cara que acompanha a concentração acrescenta-lhe gretas e rugas e um rubor irregular ao focinho de buldogue. Tem as bochechas inchadas de comida

enquanto fita o tomate empoleirado, tentando respeitar este objeto com toda a sua força de vontade. Invocando a mesma espécie de reverência coerciva que tinha sentido à tarde quando as várias guinadas repentinas e anómalas, contra o vento e os próprios vetores das bolas, quase convenceram Stice de que estas se tinham tornado sensíveis à sua vontade interior, em momentos cruciais. Tinha batido mal um vólei cruzado e visto a bola dirigir-se para uma zona bem para lá da linha de pares e depois fazer uma curva como uma bola de beisebol encharcada de cuspo pelo lançador e voltar para trás, aterrando já no campo dos singulares, e tudo numa altura em que os pinheiros dos terrenos por trás de Hal Incandenza se inclinavam com a brisa precisamente no sentido contrário. Nessa jogada, Hal tinha olhado com estranheza para Stice. Mas Stice acabou por não conseguir perceber se Hal tinha achado ou não que havia qualquer coisa de esquisito nas misteriosas curvas e correntes de ar descendentes que pareciam favorecer apenas «Escuridão»; Hal tinha jogado com o ar esbugalhado mas pouco concentrado de um tenista quase à beira de entrar em colapso, e no entanto parecendo estranhamente insensível, como se estivesse mergulhado no fundo de um poço de problemas; e Stice obriga-se a não se interrogar sobre o que se teria passado com o reitor e o urologista da ONANTA, cuja carrinha com equipamento de laboratório tinha provocado um *tsunami* de pânico antes do jantar de ontem, ao aparecer de forma imprevista no parque de estacionamento da ATE, especialmente porque ninguém conseguiu encontrar em lado nenhum Pemulis nem o seu *stock* de frascos de *Visine* já prontos para a análise laboratorial.

Mesmo entre o pequeno círculo de pessoas que sabe que Hal apanha mocas às escondidas, não faz muito sentido que a razão para a angústia de Hal tenha que ver com Tavis ou com análises de urina, já que Pemulis nunca se tinha mostrado tão animado como hoje; e se alguém ia ser expulso, por motivos de ordem química ou outros, não seria o familiar da administração da ATE e segundo melhor jogador da Academia.

Hal e o irmão, Mario, sabem que o leite desnatado da ATE já é na realidade leite em pó pré-misturado desde que Charles Tavis assumiu os comandos há quatro anos e comunicou à senhora Clarke que queria ver o consumo de gordura animal pelos miúdos reduzido a metade no espaço de um mês, por todos os meios necessários. O pessoal da cozinha do turno da madrugada mistura o leite

com a ajuda de batedoras em enormes recipientes de aço inoxidável e depois deita fora a espuma e despeja o leite nos sacos do distribuidor automático do leite a sério para obter uma espécie de efeito placebo; em grande medida, é só o *conceito* de leite em pó que repugna as pessoas.

Struck trocou o seu prato completamente vazio e brilhante pelo prato do ausente Incandeza, com a estrutura a lembrar uma fortificação, feita de lombo, pão com pouco glúten, pão de milho, batatinhas cozidas, guisado à base de ervilhas e grão-de-bico e puré de batata esteliforme, e por uma tigela rasa de sobremesa com uma caçarola de vegetais e fruta que parecia ter essencialmente ameixas. Hal continua ajoelhado diante da cadeira de Ingersoll, com os cotovelos apoiados no joelho e a ouvir Tony Nwangi, atrás de Ingersoll e de Idris Arslanian, que tem os olhos vendados. Keith Freer comenta, como quem não quer a coisa, que Hal parece estar um pouco em baixo, olhando para Stice à procura de uma reação. Struck, com a boca cheia, solta banalidades sobre o desperdício de comida e a fome mundial. Traz um boné dos Sox enfiado de lado, o que faz com que a pala lhe tape metade da cara. O pão não é meigo para o aparelho que tem nos dentes. Freer está com o colete de cabedal sem *T-shirt* por baixo, que é o que prefere vestir depois de os pesos e halteres lhe terem enchido o peito de ar. Aos catorze anos, Stice teve uma experiência psíquica traumatizante quando colocou demasiado alto o peso que devia puxar e a doutora Dolores Rusk autorizou-o a utilizar apenas os pesos mais simples até que se consiga curar o seu medo dos pesos. A piada que se conta na ATE é que Stice, sem dúvida destinado ao circuito quando terminar os estudos, pode não ter medo das alturas, mas dos pesos sim. Apesar de ser um júnior de segunda categoria, a verdade é que Keith Freer fica mesmo bem com o colete de calfe – a cara e o corpo condizem um com o outro. Troeltsch quer seguir uma carreira de locutor de programas desportivos, mas o aluno da ATE com a aparência física ideal em termos de InterLace é Freer. Que é originário do interior do Maryland, de uma família de *riches nouveaux*, uma família com um negócio de venda direta Amway que conheceu grande sucesso na década de 90 A.S., com a invenção do seu falecido pai de uma bugiganga, parecida com a *Pet Rock*[*5], que foi omnipresente nos sapatinhos durante dois Natais consecutivos pré-novo milénio – o chamado telefone sem fios. Stice recorda-se vagamente de o pai lhe ter posto um telefone sem fios, ostentosamente embrulhado, no sapatinho, no primeiro

Natal de que Ortho se recorda, em Partridge, Kansas, com o pai a levantar a sobrancelha e a «Noiva» a rir-se e a bater com a mão no joelho grande. Só que hoje em dia quase ninguém percebe sequer a piada daquilo, já que há tão poucas coisas a precisarem ainda de fios. Mas o pai de Freer tinha investido os seus proveitos inesperados com argúcia.

---

*1 A Classificação no *Ranking* Tem os Seus Privilégios. *(N. dos T.)*

*2 Unidade Central de Processamento. *(N. dos T.)*

*3 Jogo de palavras intraduzível: em inglês, *manilha* diz-se *manila*, que também é a capital das Filipinas, e *folder* (*pasta*) tem como outro significado possível alguém ou algo que se contorce ou dobra. *(N. dos T.)*

*4 No original, *Combat Zone*, uma zona de Boston conhecida pela sua prostituição e *sex shops*. *(N. dos T.)*

*5 Uma popular rocha vendida nos EUA durante os anos 70 como o «animal de estimação» perfeito. *(N. dos T.)*

1 DE MAIO DO ARIAD
AFLORAMENTO A NOROESTE DE TUCSON, ARIZONA, EUA

– O MEU PRÓPRIO PAI – DISSE STEEPLY.

Steeply estava a olhar outra vez para a imensidão à sua frente, com a anca espetada e a mão apoiada nela. O arranhão que tinha no tricípite estava com um aspeto horrível e inchado. Além disso, tinha uma parte do quarto dedo esquerdo mais branca do que a pele em redor. Por ter tirado um anel da Universidade ou, o mais provável, uma aliança de casamento. Marathe achou curioso que Steeply se sujeitasse à eletrólise mas não se desse ao trabalho de corrigir a palidez anelar do dedo.

Steeply estava a dizer:

– O meu próprio pai, por volta da meia-idade. Vimo-lo a deixar-se consumir por uma espécie de entretenimento. Não foi bonito. Nunca percebi muito bem como é que começou nem do que é que se tratava.

– Agora estás a contar uma história pessoal tua – afirmou Marathe.

Steeply não encolheu os ombros. Estava a fazer de conta que estava a examinar qualquer coisa em particular no solo do deserto.

– Mas não era nada do género deste Entretenimento, era um simples programa de TV antigo.

– TV de radiodifusão e – como é que foi dito? – da passividade.

– Sim. Radiodifusão televisiva. O programa em questão chamava-se *M*A*S*H*. O título era um acrónimo[*1], nada mais do que isso. Quando era pequeno, lembro-me de haver alguma confusão quanto a essa questão.

– Tenho conhecimento do histórico programa de comédia de radiodifusão televisiva dos Estados Unidos *M*A*S*H* – afirmou Marathe.

– O raio da coisa parecia que nunca mais ia acabar. Aquilo era o programa que se recusava a morrer. Esteve no ar ao longo dos anos setenta e oitenta e depois lá acabou por se finar, misericordiosamente. Era passado num hospital militar durante a intervenção da ONU na Coreia.

Marathe manteve-se impassível.

– Intervenção policial.

Algures por cima e atrás deles, muitos dos pequenos pássaros da montanha tinham começado a assobiar e a chilrear. E talvez também se ouvisse o rastejar hesitante de uma serpente. Marathe fingiu que estava à procura do relógio no bolso.

Steeply disse:

– Bom, à primeira vista não há nada de excecional em ficar-se agarrado a uma série. Deus sabe que eu fiquei agarrado a bastantes. Começou por ser só isso. Um apego ou um hábito. Quinta-feira à noite, às vinte e uma horas. *Às Nove no Leste, às Oito no Centro e na Montanha*. Costumavam passar isso para nos avisarem quando é que ia dar ou caso fôssemos gravá-la. – Marathe observou o homem corpulento, que estava de costas, a encolher os ombros. – Pronto, para ele a série era importante. Pronto, ótimo. *Okay*. Pronto, divertia-se com o programa. Deus sabe que o tipo tinha todo o direito – trabalhara como um cão a vida inteira. Pronto, *okay*, então ao princípio começou a planificar as quintas-feiras em função da série, até certo ponto. Era difícil estar a apontar alguma coisa que fosse errada ou prejudicial. Sim, é verdade que às quintas chegava sempre a casa depois do trabalho às vinte e cinquenta. E jantava sempre a ver o programa. Parecia quase enternecedor. A mamãzita costumava meter-se com ele, achando que aquilo era amoroso.

– Coisas enternecedoras nos pais, isso é raro.

Era mais do que certo que Marathe não ia abordar a tão evidente expressão infantil dos EUA *mamãzita*.

– O meu velho trabalhava numa distribuidora de aquecimento a óleo. Aquecimento a óleo doméstico. Vem nos vossos arquivos? Uma informaçãozinha apetitosa para o M. Fortier: Steeply, H.H., do USOUS: o falecido pai era um distribuidor de aquecimento a óleo, para a Cheery Oil, em Troy, Nova Iorque.

– Estado de Nova Iorque, EUA, antes da Reconfiguração.

Hugh Steeply virou-se para trás mas não por completo, coçando os quistos sebáceos com ar ausente.

– Mas a seguir veio a distribuição local. *M*A*S*H*. A série era incrivelmente popular e, passados uns anos a dar à quinta à noite, começou também a ser exibida diariamente, durante o dia ou, às vezes, a altas horas da noite, graças a um processo que me lembro muito bem, mais do que gostaria, que se chamava

distribuição local, em que as estações locais compravam episódios antigos, cortavam-nos aos bocadinhos e enchiam-nos de anúncios para depois os passarem. E note-se que isso acontecia ao mesmo tempo que os episódios novinhos em folha da série continuavam a dar todas as quintas às vinte e uma horas. Acho que foi aí que começou.

– Deixou de ser enternecedor.

– O meu velho começou a achar que os episódios repetidos pelas estações locais também eram extremamente importantes para ele. Ou seja, não se podiam perder.

– Apesar de já os ter visto e se ter divertido com eles, com esses episódios repetidos.

– A porra da série dava em duas estações locais diferentes no Estado de Nova Iorque. Em Albany e nos outros municípios à volta. Durante uns tempos, houve uma estação que até tinha uma hora *M*A*S*H*, dois episódios, um a seguir ao outro, todas as noites, a partir das vinte e três horas. E mais uma meia hora ao início da tarde, para os desempregados ou qualquer coisa do género.

Marathe disse:

– Praticamente, um bombardeamento deste programa de comédia radiodifundido dos EUA.

Após uma curta pausa para dar atenção a alguns quistos sebáceos que tinha na cara, Steeply prosseguiu:

– Ele passou a ter uma pequena televisão no emprego. Na distribuidora.

– Para a emissão da tarde.

Para Marathe, Steeply parecia estar a falar sem medir as palavras.

– Televisões de radiodifusão, lá para o fim fizeram umas bem pequenas. Foi uma tentativa um bocado patética para impedir o avanço das emissões por cabo. Algumas eram tão pequenas que quase cabiam no pulso. És demasiado novo para te lembrares.

– Lembro-me bem da televisão pré-digital.

Marathe ainda não havia conseguido determinar se a história de Steeply tinha alguma razão ou implicação política.

Steeply passou o nauseabundo cigarro belga para a mão direita para o atirar para o espaço lá em baixo.

– Foi progredindo muito devagar. A imersão gradual. A renúncia à vida.

Lembro-me dos tipos do campeonato de *bowling* a telefonarem para dizer que ele tinha desistido. A nossa mamãzita descobriu que ele havia abandonado os Cavaleiros de Colombo. Às quintas, não houve mais brincadeiras nem nada de enternecedor – ele ficava ali todo debruçado à frente do televisor, quase sem tirar comida nenhuma do tabuleiro. E todas as noites, já tarde, à hora da emissão dupla, lá continuava o meio velho acordadinho da silva e debruçado de uma forma esquisita, com a cabeça toda esticada, como se estivesse a ser puxado para o ecrã.

– Eu também já vi essa postura enquanto se assiste a algo – revelou Marathe soturnamente, recordando-se do seu segundo irmão mais velho e da equipa de hóquei dos Montreal Canadiens.

– E ficava nervoso e desagradável se qualquer coisa o fazia perder sequer um episódio. Um só episódio. E era desagradável com quem lhe lembrasse que já tinha visto a maioria umas sete vezes. A mamãzita teve de começar a mentir para conseguirem escapar-se a compromissos que teriam constituído uma infração. Nenhum deles falava do assunto. Não me recordo de nenhum de nós ter tentado dar um nome à coisa – a essa alteração sinistra no apego que ele sentia pelo programa *M*A*S*H*.

– O organismo familiar simplesmente se alterou para se adaptar.

– E o programa nem era sequer um entretenimento assim tão viciante – continuou Steeply. Para Marathe, parecia algo imprudente e um pouco mais jovem. – Quer dizer, via-se bem. Mas era TV radiodifundida. Comédia grosseira e riso enlatado.

– Estou a lembrar-me bem deste programa em reposição, não te preocupes comigo – respondeu Marathe.

– Foi algures durante esta alteração gradual que o bloco de notas apareceu pela primeira vez. Ele começou a anotar o que via num bloco. Mas só quando via o *M*A*S*H*. E nunca deixava o bloco simplesmente em qualquer lado onde pudéssemos espreitar o que é que lá estava escrito. Mas não fazia abertamente segredo disso; não era coisa de que nos pudéssemos servir sequer para dizer que havia algum problema. Só que o bloco do *M*A*S*H* parecia nunca estar à vista em lado nenhum.

Com a mão que não estava debaixo da manta ainda a segurar com força a *Sterling UL35*, Marathe tinha o polegar e o indicador erguidos na direção da

mancha vermelha logo acima das montanhas Rincon e estava a esticar o pescoço para ver a sua sombra na encosta atrás deles.

Steeply mudou de posição, passando a espetar a anca contrária.

– Foi nessa altura da minha infância que se tornou impossível ignorar o odor a obsessão de tudo aquilo. O secretismo em relação ao bloco e o secretismo em relação ao secretismo. O registo escrupuloso dos pormenores mais ínfimos, seguindo uma ordem meticulosa, com vista a objetivos que se percebiam perfeitamente que eram ao mesmo tempo urgentes e furtivos.

– Isso é um desequilíbrio – concordou Marathe. – Essa atribuição de importância excessiva.

– Jesus, e nem sabes da missa a metade!

– E para ti também – continuou Marathe –, um desequilíbrio excessivo. Já que o teu pai se vai afundando cada vez mais nessa obsessão, mas sempre de forma tão lenta que tu podes sempre questionar-te a ti próprio, se não serias tu que estarias desequilibrado ao atribuir demasiada importância a simples coisas apenas – um bloco de notas, uma postura. Dá para endoidecer.

– E o peso para a mamãzita.

Marathe tinha rodado a cadeira ligeiramente para poder ver a sua sombra, que parecia romba e deformada pela topografia da encosta íngreme acima da rocha, e, no geral, patética e pequena. Não haveria nenhum titânico nem ameaçador *Bröckengespenstphänom* com o nascer do Sol ao amanhecer.

Marathe disse:

– Todo o organismo familiar fica desequilibrado e começa a questionar as suas perceções.

– O meu velho... depois começou a ganhar o hábito de citar pequenas falas e cenas do *M*A*S*H* para ilustrar uma determinada ideia, exemplificar um raciocínio qualquer. Ao princípio, esse hábito parecia ser uma coisa bastante natural, como se esses pequenos momentos e cenas lhe viessem simplesmente à cabeça. Mas isso mudou, também lentamente. Além disso, lembro-me que ele começou a andar à procura de filmes em que entrassem os atores da série.

Marathe fingiu fungar.

– Até que a determinada altura foi como se já não fosse capaz de conversar ou comunicar sobre qualquer assunto sem o programa ser para ali chamado. Ao assunto. Sem um sistema de referências ao programa. – Steeply deu pequenas

indicações de estar a prestar atenção aos chiozinhos que se ouviam sempre que Marathe rodava ligeiramente a cadeira para um lado e para o outro, conseguindo assim diferentes ângulos de visão da sua pequena sombra. Steeply suspirou pelas narinas com sonora convicção. – Embora não fosse completamente desprovido de sentido crítico em relação à série.

Por vezes, de forma totalmente inesperada, Marathe dava por si a pensar que não desgostava do tal Steeply, mas falar em *gostar* ou *respeitar* já seria estar a exagerar.

– Não era uma obsessão desse género, é o que estás a querer dizer.

– Foi uma coisa gradual e lenta. Lembro-me que, a partir de certa altura, se começou a referir à cozinha como a Tenda da Messe e ao seu escritório como o Charco ou o Pântano. Que eram locais fictícios da série. Começou a alugar filmes em que os atores da série não passavam de figurantes em cenas de multidão ou faziam apenas participações especiais. Comprou aquilo a que se chamava na altura uma *Betamixer*[263], uma espécie de videogravador magnético dos primórdios. A seguir, começou a fazer gravações magnéticas das vinte e nove emissões e reposições semanais. Guardava as cassetes organizando-as segundo intricados sistemas de referências cruzadas que não tinham qualquer relação discernível com as datas de gravação. Lembro-me que a mamãzita não disse nada quando ele pegou na roupa da cama e começou a dormir à noite na poltrona do escritório, do Pântano. Ou a fingir. Que dormia.

– Mas tu desconfiavas que ele não estivesse mesmo a dormir.

– Pouco a pouco, foi-se tornando gradualmente evidente que andava a ver as gravações magnéticas do programa *M*A*S*H* pela noite fora, provavelmente várias vezes repetidas, servindo-se de um rudimentar auscultador de plástico branco para ocultar o barulho e escrevinhando freneticamente no bloco.

Por contraste com a violência e a punção *transperçant*[*2] do crepúsculo, o sol do amanhecer parecia desprender-se lentamente da saliência mais redonda das montanhas Rincon, com o seu calor a mostrar-se mais húmido e a sua luz a assumir o vago tom avermelhado de um sentimento amoroso; e a sombra de Steeply, do USOUS, foi projetada pela rocha em direção a Marathe, que se encontrava mais atrás, ficando tão próxima que Marathe até podia esticar o braço e tocar nela.

– Dá para perceber que eu não me lembro bem da progressão exata da coisa –

disse Steeply.

– O processo gradual.

– Mas lembro-me que, um dia, a mamãzita encontrou no caixote do lixo nas traseiras da casa uma série de cartas endereçadas a uma personagem do *M*A*S*H* chamada – e disto lembro-me mesmo perfeitamente, porra – Major Burns. Encontrou-as.

Marathe não se permitiu soltar um risinho.

– Enquanto vasculhava no caixote do lixo das traseiras. À procura de provas de um desequilíbrio.

Steeply abanou a mão, não fazendo caso da observação de Marathe. Era incapaz de divertido.

– Ela não vasculhou o lixo. A mamãzita tinha demasiada classe para isso. Provavelmente, nesse dia esqueceu-se de tirar os cupões de desconto para a comida antes de deitar fora o *Troy Record*. Era uma colecionadora inveterada de cupões.

– Isto foi antes do período das leis norte-americanas de recirculação[264] dos jornais.

Steeply não voltou a abanar a mão nem lançou qualquer olhar furibundo a Marathe. Via-se pela cara que se estava a concentrar.

– Essa personagem – disso lembro-me muito bem, mais do que gostaria – era interpretada, lembro-me perfeitamente, pelo ator Maury Linville, um simples empregado da Twenthieth Century Fox.

– Que mais tarde se transformou de repente na quarta das quatro grandes estações de televisão.

A maquilhagem que na véspera tinha escorrido medonhamente pela cara de Steeply com o calor secara durante a noite, dando origem a uma configuração de quase absoluto terror.

– Mas as cartas, as cartas eram dirigidas ao Major Burns. Não ao Maury Linville. E não eram enviadas ao cuidado dos estúdios da Fox ou coisa do género mas para uma complexa morada militar, com um código de encaminhamento para Seul.

– Na Coreia do Sul de antigamente.

– As cartas eram agressivas, selváticas e com uma linguagem prodigamente descritiva. Ele tinha passado a acreditar que essa personagem da série, o Major

Burns, personificava uma espécie de tema cataclísmico, género Armagedão, que se estava a infiltrar lentamente no programa, sendo objeto de alusões cada vez mais frequentes, e a emergir na sucessão gradual de temporadas do tal *M*A*S*H*. – Steeply apalpou o lábio. – Lembro-me que a mamãzita nunca mencionou as cartas. Do lixo. Limitou-se a deixá-las num sítio onde eu e a minha irmã cabritinha as pudéssemos ver.

– Não estás a querer dizer que a tua irmã era uma cabra, pois não?

No entanto, não era possível provocar Steeply e fazê-lo enervar-se, conforme Marathe pôde observar.

– A minha irmã mais nova. Mas no caso do meu velho, nessa progressão do divertimento à obsessão com o programa, acho que agora as distinções cruciais tinham ido por água abaixo. Entre o Burns ficcional e esse Linville que interpretava o Burns.

Marathe levantou a sobrancelha para concordar:

– Isso significa uma perda de equilíbrio grave.

– Lembro-me de qualquer coisa do género de ele parecer achar que o nome dessa personagem, Burns, também tinha, por alguma razão, como significado oculto a promessa do fogo do Apocalipse que tudo consome contida no verbo inglês[*3].

Marathe parecia perplexo ou então estava a semicerrar os olhos por causa do sol-nascente.

– Mas ele atirou as cartas para o recipiente do lixo, disseste tu, em vez de as enviar pelo correio postal.

– Já tinha começado a faltar ao trabalho semanas inteiras. Já estava na Cheery há décadas. Só lhe faltavam uns anitos para a reforma.

Marathe estava a observar as cores da manta de xadrez que tinha no colo a começarem a iluminar-se.

– O Mo Cheery e o meu velho tinham jogado *bowling* um com o outro, tinham coincidido nos Cavaleiros de Colombo. Essas semanas todas a faltar ao trabalho vieram complicar as coisas. O Mo não queria despedir o meu velho. Queria que o meu velho fosse visto por alguém.

– Uma pessoa profissional.

– Mas eu não estive sequer presente durante muitas destas coisas. Deste assunto do *M*A*S*H*. Já estava na faculdade quando as distinções realmente

cruciais foram por água abaixo.

– A estudar as múltiplas culturas.

– A minha irmã foi tendo de me manter a par dos desenvolvimentos durante esse semestre. O bom do velho Mo Cheery passava lá por casa, via umas cassetes com as gravações magnéticas da série com o meu velho, ouvia as teorias e opiniões dele e, passado um bocado, ia-se embora, altura em que apanhava a mamãzita sozinha e a levava para a garagem para lhe dizer com toda a calma que o meu velho estava mergulhado numa profunda e acentuada depressão e que, na opinião dele e com todo o respeito, devia ser visto por alguém o mais depressa possível, porra. A minha irmã dizia que a mamãzita reagia sempre como se não fizesse ideia nenhuma do que o Mo Cheery estava a falar.

Marathe alisou a manta.

– *Mamãzita* era uma espécie de alcunha carinhosa usada na família – explicou Steeply, parecendo um bocadinho envergonhado.

Marathe assentiu com a cabeça.

– Estou a tentar reconstruir isto tudo de memória – disse Steeply. – Por esta altura, o meu velho já não era basicamente capaz de conversar sobre mais nada a não ser o programa de televisão *M*A*S*H*. E agora aquela teoria sobre o tema do Apocalipse Burns-barra-fogo estende-se e transforma-se em várias teorias gigantescas e complexas sobre uma multiplicidade de temas profundamente ocultos na série e relacionados com a morte e o tempo. Por exemplo, provas de uma espécie de comunicação em código dirigida a determinados espectadores, avisando-os do fim do nosso tipo familiar de tempo mundial e do advento de todo um sistema diferente de tempo mundial.

– Mas a tua mãe continua a fazer de conta que está tudo normal.

– Estou a tentar reconstruir coisas que na altura nem sequer eram certas – respondeu Steeply, com a maquilhagem primeiro húmida e depois seca a assumir agora um aspeto grotesco enquanto ele se concentrava com o nascer do Sol, como a máscara de um palhaço doente mental. – Uma teoria tinha que ver com o facto, que o meu velho achava extremamente significativo, de a intervenção policial histórica na Coreia por parte da ONU ter durado aproximadamente dois anos e picos, ao passo que o *M*A*S*H* propriamente dito já ia na altura em qualquer coisa como o sétimo ano de episódios novos. Havia personagens que já estavam a ficar com o cabelo grisalho ou sem ele e a fazer *liftings*. O meu velho

estava convencido de que isso significava temas intencionais. Segundo a minha irmã, que era quem tinha de aguentar mais tempo com ele, a ver a série – continuou Steeply –, as teorias do meu velho eram quase inconcebivelmente complexas e amplas. À medida que os anos das novas temporadas se iam sucedendo e havia atores que se reformavam e personagens que eram substituídas por outras, o meu velho ia produzindo teorias cada vez mais intricadas sobre o que tinha acontecido, e passo a citar, «*realmente*» às personagens desaparecidas. Para onde é que tinham ido, onde é que estavam, o que é que tudo aquilo augurava. E o que aconteceu a seguir foi que começou a aparecer uma ou outra carta, anulada e devolvida pelos correios, com um carimbo a dizer que não tinha podido ser entregue ou que a morada não só era inexistente como absurda.

– As cartas desequilibradas já não eram atiradas para o lixo, agora eram enviadas pelo correio.

– E a mamãzita sempre sem se queixar. Era de partir o coração. Ela era uma rocha. Mas é verdade que começou a tomar remédios que lhe tinham receitado para a ansiedade.

A terra dos livremente bravos: Marathe não disse isso em voz alta. Consultou o relógio de bolso e começou a tentar lembrar-se de alguma vez ter estado com Steeply e considerado se seria falta de consideração ir-se embora.

Por esta altura, Steeply dava a impressão de ter vários cigarros acesos ao mesmo tempo.

– Lá mais para o fim da progressão, o meu velho anunciou que estava a trabalhar num livro secreto que revia e interpretava grande parte da história mundial militar, médica, filosófica e religiosa através de analogias com determinados códigos temáticos subtis e complexos encontrados no *M*A*S*H*. – Steeply apoiava-se num pé para poder levantar o outro e verificar os danos infligidos ao sapato, tudo isto enquanto ia fumando. – E mesmo quando ia trabalhar, havia problemas. Os clientes do aquecimento a óleo que ligavam para pedir uma entrega ou informações ou fosse o que fosse começaram a queixar-se que o meu velho estava sempre a tentar convencê-los a terem bizarras discussões teóricas sobre as temáticas do *M*A*S*H*.

– Como eu preciso de me ir embora daqui a pouco tempo, tem de emergir o quanto antes uma razão central para tudo isto – tentou dizer Marathe o mais

elegantemente possível.

Steeply não pareceu ouvir o outro homem. Não parecia só imprudente e enredado em si mesmo; até o próprio comportamento parecia mais jovem, de uma pessoa jovem. A não ser que aquilo tudo fizesse parte de uma representação que ultrapassasse Marathe, que sabia que tinha de considerar essa hipótese.

– Foi então que veio o duplo golpe – prosseguiu Steeply. – No ano de mil novecentos e oitenta e três. Disso a minha memória tem a certeza. A mamãzita abriu uma alarmante carta de advogados ao serviço da CBS e da Twentieth Century Fox. Aparentemente, houve cartas que tinham sido reencaminhadas para a Fox por funcionários dos correios militares armados em bonzinhos. O meu velho tinha andado a tentar corresponder-se com personagens, antigas e atuais, do *M*A*S*H* através de cartas que a família nunca viu serem enviadas mas cujo conteúdo, disseram os advogados, causava, citando, sérias preocupações e podia, citando novamente, constituir motivo para vigorosas medidas legais.

Steeply levantou o pé para olhar para ele, com a dor estampada no rosto. Disse:

– E a seguir foi exibido o último episódio do programa. No final do outono do ano de mil novecentos e oitenta e três. Eu estava numa viagem da banda do Corpo de Treino de Oficiais da Reserva a Fort Ticonderoga. A minha irmã, que nesta altura também já tinha saído de casa, e quem é que podia censurar a miúda, informou-me de que a mamãzita andava a falar muito descontraidamente e sem se queixar nada do facto de o meu velho se recusar agora a sair do escritório.

– E isso foi o momento de enclausuramento final no isolamento provocado pela obsessão.

Apoiando-se de forma estranha num pé, Steeply espreitou por cima do ombro para lançar um olhar rápido a Marathe.

– Do género de nem sequer ir à casa de banho, agora o não querer sair chegava a esse ponto.

– Suponho que os remédios receitados à tua mãe tenham evitado episódios de grande ansiedade.

– Ele tinha arranjado uma ligação especial com um cabo AC/DC que lhe proporcionava ainda mais programas repetidos. E quando não estavam a dar reposições, punha as cassetes com as gravações magnéticas a passar constantemente no vídeo. Tinha um aspeto doentio, parecia um fantasma, e a

poltrona estava praticamente irreconhecível. A Cheery Oil mantinha-o ao serviço até ele poder completar trinta anos de trabalho quando fizesse sessenta. Eu e a minha irmã começámos a discutir com relutância a hipótese de intercedermos junto da mamãzita para que ela intercedesse junto do meu velho e o obrigasse a ser visto por alguém.

– Já que vocês não tinham contacto direto com ele.

– Morreu mesmo antes de fazer anos. Morreu na poltrona, que estava completamente reclinada, a ver um episódio em que o Hawkeye, a personagem interpretada pelo Alda[*4], tem ataques constantes de sonambulismo e começa a ficar com medo de estar a ficar maluquinho dos cornos até que um psiquiatra militar profissional o tranquiliza, lembro-me disso.

– E eu, eu também me lembro de ter visto esse episódio em reposição durante a infância.

– Só me consigo lembrar do profissional do Exército a dizer ao Alda para não se preocupar porque se estivesse realmente maluco dormia como um recém-nascido, como acontecia com o infame Burns-barra-Linville.

– Essa personagem da série, o Burns, dormia excecionalmente bem, lembro-me disso.

– Gastou carradas de blocos no manuscrito com vista ao livro secreto. Afinal, era para isso que os blocos de notas serviam. Tivemos de forçar um armário do escritório para o conseguirmos abrir. Caíram uma data de blocos. Só que aquilo estava tudo escrito numa espécie de código de aspeto médico-barra-militar, indecifrável – a mana, o primeiro marido dela e eu passámos algum tempo a tentar descodificá-los. Depois de ele ter morrido na poltrona.

– O desequilíbrio de tentação dele custou-lhe a vida. Um programa de radiodifusão televisiva dos EUA que de outro modo seria inofensivo roubou-lhe a vida por causa da obsessão devoradora. A tua história é esta.

– Não. Foi um infarto transmural. Rebentou-lhe um ventrículo inteiro. A família dele tinha toda um historial cardíaco. O patologista disse que era espantoso que ele tivesse durado tanto.

Marathe encolheu os ombros.

– Normalmente, os obcecados aguentam-se bem.

Steeply abanou a cabeça.

– Deve ter sido um inferno para a pobre da mamãzita.

– Mas nunca se queixou.

O Sol já estava lá no alto, pulsante. A luz cobria tudo de uma camada doentiamente amarela, como molho de carne. Todos os pássaros e animais vivos tinham sido silenciados, já atordoados pelo calor, e as brilhantes escavadoras das obras ainda não tinham sido postas a trabalhar. Tudo estava calmo. Tudo resplandecia. A sombra de Steeply na prateleira parecia agachada e romba, já mais pequena do que a própria figura em carne e osso de Steeply, que se estava a inclinar para a frente para tentar descobrir um sítio lá em baixo onde pudesse deitar fora o maço amassado dos cigarros belgas, que Marathe rezava para tivessem sido finalmente os últimos.

Marathe tirou o relógio do bolso do anoraque.

Steeply encolheu os ombros.

– Acho que tens razão, que tem tanto que ver com o horror como com o fascínio. Quando estou virado para leste e penso no laboratório do Flatto e olho para cima, sinto-me tentado.

– Em relação ao Entretenimento de agora.

– E quase que imagino mais ou menos o Hank Hoyne sentado na velha poltrona do meu velho, debruçado e a escrevinhar freneticamente.

– Num código militar.

– Os olhos dele, os olhos do meu velho, também ficaram assim, como os do Hoyne. De vez em quando.

O calor também começou a refulgir vindo do solo do deserto cor da pele de leão. As algarobeiras e os catos balançavam e Tucson, Arizona, recuperou uma vez mais o aspeto de uma miragem, tal como tinha parecido a Marathe quando lá chegara e achara o tamanho e o alcance da sua própria sombra tão fascinantes. O sol da manhã não irradiava punhais de luz. Parecia brutal, metódico e prejudicial à vista. Marathe permitiu-se perder uns segundos e distrair-se a observar as sombras dilatadas das montanhas Rincon a recuarem lentamente até desaparecerem no seu sopé. Steeply pigarreou e cuspiu, ainda agarrado ao último maço de *Flanderfumes*.

– O tempo que tinha para aqui estar finou-se por completo – disse Marathe. Sempre que mudava de postura, ouviam-se pequenos chios de cabedal e metal. – Ficava grato se te fosses embora primeiro.

Steeply calculou que Marathe não queria que ele tivesse qualquer ideia de

como subia e descia dali, de como lá chegava e partia. Não havia nenhum propósito genuíno nisso; era uma questão de orgulho pessoal. Steeply agachou-se para ajustar as tiras dos sapatos de salto alto. Continuava com as próteses ligeiramente desalinhadas. Falou com o tom levemente ofegante dos homens corpulentos quando se tentam dobrar:

– Bom, Rémy, não me parece que a expressão do Dick Willis, «vazios de propósitos», seja de facto a ideal. Para captar a coisa. A questão dos olhos. Do Hoyne, do médico internista árabe. Do meu velho. Não para olhos daqueles.

– Dirias então que não capta a expressão desses olhos.

Steeply olhou para cima ainda agachado, o que fez com que o seu pescoço parecesse grosso. Pôs-se a olhar para o xisto atrás de Marathe.

– As expressões parecem mais... foda-se, como é que hei de dizer? Foda-se – disse Steeply, concentrado.

– Petrificadas – respondeu Marathe. – Ossificadas. Inanimadas.

– Não. Inanimadas, não. É mais o contrário. Mais... *presas* de certa maneira.

Marathe tinha o próprio pescoço dorido depois de tanto tempo esticado a olhar para baixo de um sítio tão alto.

– E o que é que isso quer dizer? Coladas?

Steeply estava a fazer qualquer coisa ao verniz estalado de uma unha do pé.

– Presas. Fixadas. Entaladas. Apanhadas. Apanhadas no meio de qualquer coisa. Entre duas coisas. Puxadas em direções opostas.

Os olhos de Marathe perscrutaram o céu, que já estava demasiado azul-claro para o seu gosto, coberto por uma película que parecia uma espécie de pleura amarelada de calor.

– Ou seja, queres dizer com isso entre anseios de grande intensidade.

– Nem sequer chegam a ser anseios. É uma coisa mais vazia do que isso. Como se ele tivesse ficado preso a interrogar-se. Como se se tivesse esquecido de qualquer coisa.

– Qualquer coisa fora do lugar. Perdida.

– Fora do lugar.

– Perdida.

– Fora do lugar.

– Como queiras.

*1 *Mobile Army Surgical Hospital*. *(N. dos T.)*
*2 *Penetrante,* em francês. *(N. dos T.)*
*3 *Burn – arder* ou *queimar,* em inglês. *(N. dos T.)*
*4 Alan Alda (n. 1936), ator e realizador norte-americano, protagonista da série *M*A*S*H*. *(N. dos T.)*

13 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

02H45, ENNET HOUSE, as horas que são verdadeiramente as primeiras da madrugada. Eugenio M., que se ofereceu para substituir Johnette Foltz na Vigilância de Sonhos, está no gabinete a jogar a uma espécie de videojogo portátil de desporto que pisca e faz barulhinhos. Kate Gompert, Geoffrey Day, Ken Erdedy e Bruce Green estão na sala de estar, com as luzes quase todas apagadas e o velho monitor da DEC, já com a imagem aos saltos, ligado. Não são permitidos cartuchos depois das 00h00, para estimular o sono. Os viciados em cocaína e estimulantes passam a dormir bastante bem após o segundo mês de sobriedade, e os alcoólicos puros a partir do quarto. Já os viciados em marijuana e tranquilizantes podem basicamente esquecer a ideia de dormir durante o primeiro ano de abstinência. Embora Bruce Green esteja a dormir, no que seria uma violação da regra não-estar-deitado-no-sofá se não tivesse as pernas todas torcidas e os pés no chão. A única coisa que se consegue ver em Ennet House em termos de Disseminação Espontânea é InterLace básica e, entre as 02h00 e as 04h00, a InterLace da Nova Nova Inglaterra fica a carregar para o dia seguinte de disseminação e interrompe todas as transmissões exceto numa linha, com as quatro disseminações seguidas do *Programa Diário do Senhor Bouncey-Bounce*, e quando o senhor Bouncety-Bounce surge com a sua velha fralda de pano e alfinete de ama, a sua pança e a máscara de borracha de uma cabeça de bebé, não é uma figura nada tranquilizadora nem agradável para um adulto com insónias. Ken Erdedy começou a fumar cigarros e está sentado a fumar, a abanar um chinelo de couro. Kate Gompert e Geoffrey Day estão sentados no sofá que não é de couro. Kate Gompert está sentada de pernas cruzadas, com a cabeça toda inclinada para a frente e a testa a tocar no pé. Parece uma espécie de posição de ioga espiritualmente avançada ou de alongamento, mas na verdade é simplesmente como Kate Gompert se tem sentado no sofá a noite inteira, todas as noites, desde aquele desentendimento, que deu em batalha campal, de quarta-feira, com Lenz e Gately na ruazinha, do qual todo o Centro, espiritualmente paralisado, ainda está a recuperar. Day tem a barriga das pernas à mostra, sem

um único pelo e com um aspeto ligeiramente absurdo ao lado dos sapatos de cerimónia, meias pretas e roupão de banho de tecido aveludado, mas Day já demonstrou de certa forma uma resistência admirável ao que as outras pessoas possam pensar.

– Como se te importasses mesmo.

A voz de Kate Gompert surge inexpressiva e difícil de ouvir por vir do círculo formado pelas suas pernas cruzadas.

– Não é uma questão de me importar ou não – responde Day baixinho. – Só quis dizer que me identifico até certo ponto.

Gompert bufa sarcasticamente, fazendo levantar a franja por lavar.

Bruce Green não está a ressonar, mesmo com o nariz partido e cheio de adesivo branco. Nem ele nem Erdedy estão a ouvi-los.

Day está a falar baixinho e não cruza as pernas para se inclinar para junto dela.

– Quando eu era um rapazinho...

Gompert bufa outra vez.

– ... só um rapazinho com um violino e um sonho e uns caminhos especiais para chegar à escola, com desvios, para evitar os rapazes que me tiravam o estojo do violino e se punham a brincar à rabia com ele por cima da minha cabeça, numa tarde de verão estava eu no quarto do andar de cima que partilhava com o meu irmão mais novo, sozinho, a tocar violino. Estava muito calor e havia uma ventoinha elétrica na janela, a soprar ar, funcionando como um ventilador de aspiração.

– Eu percebo de ventiladores de aspiração, podes crer.

– O sentido do ar não interessa para o caso. A ventoinha estava ligada e a posição dela na janela fazia, sem se perceber bem como, a vidraça levantada vibrar. Produzia uma estranha vibração estridente, sempre igual e constante. Por si só, era uma coisa estranha mas benigna. Mas nessa tarde, a vibração da ventoinha aliou-se a um determinado conjunto de notas que eu estava a tentar tocar no violino e essas duas vibrações deram origem a uma ressonância que fez acontecer qualquer coisa na minha cabeça. É realmente impossível explicar o que era, mas foi uma determinada qualidade dessa ressonância que produziu isso.

– Uma coisa.

– Quando as duas vibrações se aliaram, foi como se uma figura grande, negra e esvoaçante tivesse saído a esvoaçar de um recanto qualquer da minha mente. Não consigo ser mais preciso do que isso, dizer *figura, grande, negra* e *esvoaçante* para descrever o que saiu a ondular de um recanto escondido da minha mente que eu nem sabia que existia.

– Mas só que estava dentro de ti.

– Katherine, Kate, era o horror mais absoluto. Era o horror existente por todo o lado, destilado e corporizado. Cresceu dentro de mim e saltou cá para fora, convocado, sem se perceber bem como, pela estranha confluência entre a ventoinha e aquelas notas. Foi crescendo cada vez mais, tornando-se descomunal e mais horrível do que eu alguma vez vou poder explicar. Larguei o violino e fugi do quarto.

– Era triangular? A figura? Quando dizes *esvoaçante*, queres dizer que era como um triângulo?

– Não tinha forma. O facto de não ter forma era uma das coisas horríveis dessa coisa. Só posso dizer, e é isso que quero dizer, *figura, negra* e ou *esvoaçante* ou *ondulante*. Mas como o horror se esbateu mal eu saí do quarto, passados minutos já se tinha tornado irreal. A figura e o horror. Parecia ter sido só a minha imaginação, um episódio fortuito de flatulência psíquica, uma anomalia.

Um riso tristonho na direção do tornozelo.

– Alcoólicos Anómalos.

Day ainda não mudou as pernas de posição nem se mexeu, e também não está a olhar para a orelha ou para o couro cabeludo dela, que estão à vista.

– Tal como qualquer criança se põe a mexer numa ferida ou a coçar uma crosta, voltei logo a seguir para o quarto e para a ventoinha e peguei outra vez no violino. E voltei de imediato a produzir a ressonância. E, de imediato, a figura negra e esvoaçante voltou a surgir na minha cabeça. Parecia um bocadinho a vela de um barco, ou uma pequena parte da asa de qualquer coisa demasiado grande para se poder ver por inteiro. Era o horror psicológico mais absoluto: morte, decomposição, dissolução, um espaço frio, vazio, negro, malévolo, solitário e ausente. Foi a pior coisa com que já me confrontei.

– Mas mesmo assim esqueceste-te, voltaste para lá e fizeste-a regressar. E estava dentro de ti.

De forma completamente incongruente, Ken Erdedy diz:

– A cabeça dele tem o feitio de um cogumelo.

Day não faz a mínima ideia daquilo a que ele se refere ou do que está a falar.

– Libertada, vá-se lá saber como, por aquela ressonância de violino e ventoinha que só aconteceu naquele dia, a figura negra começou a sair por si própria do recanto da minha mente. Larguei outra vez o violino e fugi outra vez do quarto, agarrado às partes da frente e de trás da cabeça, mas desta vez a coisa não se esbateu.

– O horror triangular.

– Era como se eu a tivesse acordado e ela agora estivesse ativa. Foi aparecendo e desaparecendo durante um ano. Em criança, vivi horrorizado com aquilo durante um ano, sem nunca saber quando é que ia surgir a esvoaçar para apagar toda a luz. Passado um ano, esbateu-se. Acho que tinha dez anos. Mas não foi por completo. Sem saber bem como, tinha-a acordado. E era isso que acontecia de tempos a tempos. De tantos em tantos meses, crescia dentro de mim.

Não se trata de uma verdadeira interação ou conversa. Day não parece estar a dirigir-se a ninguém em particular.

– A última vez que saiu de mim a esvoaçar foi no segundo ano da faculdade. Andei na Brown University, em Providence, Rhode Island, e licenciei-me *magna cum laude*[*1]. Uma noite, no meu segundo ano, aquela coisa surgiu do nada, a figura negra, pela primeira vez em vários anos.

– Mas também houve uma sensação de inevitabilidade quando a coisa apareceu.

– É a pior sensação que já imaginei, e que experimentei então nem se fala. Não é minimamente possível que a morte seja uma sensação tão má. A coisa cresceu. E foi pior agora que era mais velho.

– Conta-me lá.

– Pensei que tinha de me atirar da janela do dormitório. Não dava pura e simplesmente para aguentar aquela sensação.

Gompert não levantou a cabeça por completo, mas já está meio levantada; a testa ficou com uma grande marca vermelha do osso do tarso. Está mais ou menos a olhar meio para a frente meio para Day, ao seu lado no sofá.

– E havia essa ideia subjacente de que tinhas feito a coisa regressar, de que a

tinhas acordado. Foste direito à ventoinha daquela segunda vez. Tipo, detestavas-te por a teres acordado.

Day está a olhar para a frente. A cabeça do senhor Bouncety-Bounce não tem de todo o feitio de um cogumelo, embora seja grande e – com a máscara de borracha da cabeça de bebé – passível de parecer mais ou menos grotesca a um adulto que esteja a ver o programa.

– Um rapaz que eu mal conhecia, e que vivia no quarto por baixo do meu, ouviu-me aos tropeções de um lado para o outro, numa choradeira brutal. Foi ter ao meu quarto e ficou ali comigo até a coisa desaparecer. Levou quase a noite toda. Não conversámos, ele não me tentou confortar. Falou muito pouco, ficou só ali comigo. Não ficámos amigos. No fim do curso, já não me lembrava do nome dele nem do que é que estava a tirar. Mas, naquela noite, foi como que o fiozinho a que eu me estava a agarrar desesperadamente para não cair no próprio inferno.

A dormir, Green grita qualquer coisa que parece «Por amor de Deus, não, senhor Ho, não acenda isso!» Os seus olhos pretos inchados e as coisas sem nexo que vai dizendo a sonhar, para além do bebé de cento e trinta quilos aos pulinhos no monitor e de Day e Gompert a conversarem enquanto olham os dois para o vazio, e tudo isso tendo como pano de fundo os barulhinhos do videojogo de Gene M. no gabinete, dão à sala de estar às escuras um ambiente onírico e quase surreal.

Day muda finalmente as pernas de posição.

– Nunca mais voltou. Já passaram mais de vinte anos. Mas não me esqueci. E desde então, as vezes em que me senti pior foram uma brincadeirinha de crianças comparadas com a sensação daquela vela ou asa preta a ondular dentro de mim.

– A esvoaçar.

– As nozes, não, por amor de Deus, as nozes, nã*ooo*!

– Passei a compreender a palavra *inferno* desde aquele dia de verão e aquela noite no dormitório durante o segundo ano da faculdade. A compreender o que é que as pessoas queriam dizer com *inferno*. Não se referiam à vela negra. Referiam-se às sensações associadas a ela.

– Ou ao recanto interior de onde a coisa saiu, se é que se referem a um lugar.

Agora, Kate Gompert está a olhar para ele. A cara dela não está com melhor aspeto, mas já parece diferente. Tem o pescoço claramente dorido por ter estado

torcida.

– Desde esse dia que, independentemente de conseguir ou não articular isso de forma satisfatória – diz Day, agarrando o joelho da perna que acabou de cruzar –, passei a compreender a um nível intuitivo porque é que as pessoas se matavam. Se eu tivesse de aguentar aquela sensação durante muito tempo, matava-me de certeza.

– Tempo passado na sombra da asa da coisa que é demasiado grande para se ver e que cresce.

– Oh, meu Deus, por favor – diz Green de forma bem percetível.

Day conclui:

– Não é possível haver sensação pior, ponto final.

---

*1 Latim para *com altas honras. (N. dos T.)*

11 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

SEGUNDO PARECIA, ALGUÉM COM AUTORIDADE SUPERIOR tinha enviado Mary Esther Thode na sua *Vespa* amarela para dar a ordem para que se realizasse uma partida entre eles; ela parou ao lado de Stice e Wayne quando estes tinham acabado de sair do Campo de Golfe Hammond, com Hal um bom meio quilómetro atrás, ao pé de Kornspan e Kahn, que se divertiam a dar pinotes. Schtitt mostrou-se inescrutável em relação a todo esse assunto. A partida não tinha como objetivo subir de posição num *ranking*; nesse ano, Stice e Hal estavam em escalões diferentes. Era mais uma partida de exibição e, a partir do segundo *set,* depois de toda a gente já estar despachada da sala de pesos e halteres e dos chuveiros, foi presenciada como tal. A partida. Helen Steeply, da revista *Moment,* possuidora de um certo encanto abrutalhado mas nem por sombras a rebenta-pericárdios que Orin tinha dado a entender a Hal, assistiu a tudo, acompanhado no primeiro *set* por Aubrey DeLint, que depois viu o seu lugar na bancada ser roubado por Thierry Poutrincourt. Era a primeira partida de ténis júnior de alto nível que via, disse ela, a gigantesca jornalista. Jogaram no Campo 6, o melhor dos campos de exibição a leste. E também cenário de parte da recente e pior carnificina de sempre do *Eschaton.* Tinha sido um dia de intensa preparação física, com muito poucas partidas agendadas. Uma fumarada elevava-se continuamente do posto de observação de Schtitt, lá no alto, e às vezes ouvia-se o ponteiro de meteorologista a bater distraidamente no ferro da travessa. A única coisa que também estava a acontecer ali perto era no Campo 10, um desafio do escalão dos catorze anos femininos, duas jogadoras de linha de fundo a baterem balões uma à outra: rabos de cavalo, um ar de desgaste na linha de fundo, o arco pronunciado da bola a fazer lembrar uma escarreta cuspida para longe. Shaw e Axford também se estavam a preparar para jogar, aquecendo no distante Campo 23. Ninguém lhes prestou grande atenção, nem a eles nem às raparigas do escalão dos catorze anos. As filas da bancada por trás do campo de exibição começaram a encher-se. Schtitt pôs Mario a filmar todo o primeiro *set* lá de cima, completamente inclinado na travessa metálica, com Watson a agarrá-lo

com força, segurando-o pela parte de trás do colete, e o fecho de polícia de Mario todo espetado e a projetar uma estranha sombra pontiaguda e enviesada a nordeste da rede do Campo 9.

– Isto é a primeira partida a sério que eu vejo, depois de ouvir falar tanto do circuito júnior – disse Helen Steeply a DeLint, tentando cruzar as pernas numa fila apinhada perto do topo da bancada. O sorriso de Aubrey DeLint era famoso por ser desagradável, o seu rosto parecia romper-se numa série de fragmentos em meia-lua, inteiramente desprovido de alegria. Era quase um esgar. DeLint tinha recebido ordens explícitas e enfáticas para nunca tirar a descomunal redatora de perfis debaixo de olho. Helen Steeply tinha um bloco de notas e DeLint estava a preencher os nomes dos dois jogadores em tabelas de desempenho que Schtitt nunca deixa ninguém ver.

O dia estava a passar rapidamente do céu encoberto de um final de manhã fresco para uma tarde azul e gloriosa de outono, mas durante o primeiro *set* continuava muito frio, ainda com o sol fraco e parecendo tremeluzir como se estivesse mal ligado. Hal e Stice não tiveram de fazer alongamentos e praticamente não aqueceram depois de já terem corrido. Tinham mudado de roupa e mostravam-se ambos impávidos. Stice estava todo de preto e Hal trazia um fato de treino da ATE, com a protuberância na parte superior do sapato esquerdo esticada à volta da meia elástica *AirStirrup*.

Um jogador de rede nato, Ortho Stice possuía uma espécie de elegância férrea e fluida, como uma pantera com uma proteção para as costas. Era mais pequeno do que Hal mas com melhor constituição física e mais ágil. Um canhoto com os dâblios pintados de fábrica nas suas raquetas *Wilson Pro Staff 5.8*.

Hal também era canhoto, o que complicava horrendamente a estratégia e as percentagens, explicou DeLint à jornalista ao seu lado.

O movimento do serviço do «Escuridão» segue a tradição de McEnroe-Esconja, com as pernas bem abertas e os pés ao mesmo nível, uma figura saída de um friso egípcio, tão de lado em relação à rede que quase parece estar a olhar para outro sítio. Tem os dois braços completamente esticados e tesos quando vai bater a bola. Hal estava a balançar-se nas pontas dos pés no lado esquerdo do campo, à espera. Stice iniciou o seu movimento de serviço em pequenos segmentos – parece um bocadinho uma animação má – e depois fez uma careta, lançou a bola ao ar, girou na direção da rede e executou uma pancada seca e

potente para a esquerda de Hal, obrigando-o a esticar-se todo. A parte final da rotação de Stice permite-lhe que o ímpeto o carregue naturalmente até à rede, no seguimento do serviço. Hal lançou-se para responder ao serviço e conseguiu bater uma esquerda ao longo da linha, deslocando-se depois apressada e atabalhoadamente para a direita para regressar ao campo. Foi uma resposta de sorte, uma pancada débil que passou mesmo rente à rede, tão baixa que Stice foi obrigado a executar um meio vólei na linha de serviço, a meio caminho da rede, sendo que a sua direita tem de ser batida com as duas mãos e é demasiado desajeitada para meios vóleis; foi obrigado a levantar a bola e a batê-la suavemente para que não fosse demasiado profunda e alta e saísse do campo. Axioma: quem é obrigado a levantar a bola perto da rede vai apanhar com um *passing-shot*. E o meio vólei de Stice caiu lenta e frouxamente no lado esquerdo do campo, mesmo à mercê de Hal, que estava à espera. Hal tinha a raqueta puxada para trás, à espera, pronta para uma esquerda, e houve um momento de completa concentração mental enquanto a bola se encontrava suspensa no ar. Estatisticamente falando, era previsível que Hal optasse um vólei cruzado com uma bola assim tão a jeito, embora também adorasse sempre executar um humilhante balão cheio de efeito, e a única e ínfima hipótese de Stice conseguir salvar o ponto era adivinhar o que Hal iria fazer – Stice não podia aproximar-se demasiado da rede se não Hal passar-lhe-ia a bola por cima; deixou-se ficar à distância de algumas raquetas da rede, inclinando-se para uma bola cruzada. Agora, tudo parecia pairar distendido no céu, que, depois de passarem as nuvens, estava tão limpo que dava a ideia de lavado. As pessoas na bancada sentiam que Hal sentia que Stice, no seu íntimo, estava a desistir do ponto, julgando-o perdido, sabendo que só podia tentar adivinhar e responder, na esperança de ser bem-sucedido. Mas as esperanças de que Hal fizesse merda eram poucas: Hal Incandenza não desaproveitava a porra de um meio vólei frouxo. Hal escondeu bem a preparação da sua esquerda, a postos quer para um balão quer para um *passing-shot*. Quando a executou com tanta força que até se lhe viram os músculos do antebraço a mexerem, percebeu-se que era um *passing-shot* mas não cruzado; optou por uma esquerda de dentro para fora, seca e com o máximo de potência possível, do meio da linha de fundo para a direita de Stice. No início da pancada, Stice tinha acabado por decidir que seria um balão e começado a virar-se para correr para o sítio onde achava que a bola iria cair, mas o *passing-*

shot de dentro para fora trocou-lhe as voltas; só lhe restou ficar a ver, apanhado completamente de surpresa, a bola a cair um bom metro dentro do campo e a fazê-lo perder a vantagem que tinha no quinto jogo, que voltou a ficar empatado. Ouviram-se trinta mãos a aplaudirem o ponto no seu todo, que tinha sido impecável e, no que dizia respeito a Hal, imaginativo e nada previsível. Um dos pouquíssimos pontos totalmente inspirados de Incandenza, segundo a tabela de Schtitt. Nenhum dos jogadores esboçou qualquer reação quando algumas pessoas gritaram por Hal. A bancada UEPAR[265] básica com dez níveis da Universal Bleacher Co. ficava mesmo atrás do campo. De início, quase só lá estavam membros do pessoal da Academia e os jogadores da equipa A que também estavam a correr quando Thode havia comunicado a Stice e a Hal a ordem para se realizar a partida. Mas as filas tinham começado a encher-se pouco a pouco depois de se saber no balneário que «Escuridão» estava empatado com o número dois da equipa A do escalão dos dezoito anos no primeiro *set* de uma coisa que Schtitt até tinha mandado alguém de motoreta marcar. Os alunos da ATE inclinavam-se para a frente na bancada, aquecendo as mãos na cova entre o tendão do jarrete e a barriga das pernas, ou então de luvas, com várias camadas de roupa e esticados com a cabeça, o rabo e os calcanhares em três níveis diferentes, a observarem o céu e a partida. Os losangos de sombra projetados pela vedação do campo alongavam-se à medida que o Sol se ia deslocando de sudoeste para oeste. Vários pares de pernas e ténis abanavam do alto da claraboia. Mario deu-se ao luxo de filmar vários planos da bancada para captar as reações de membros do pessoal e de adeptos de cada um dos jogadores. Aubrey DeLint passou esse primeiro *set* ao lado da jornalista emocionalmente sobrecarregada e a braços com o perfil do pontapeador, que alegadamente viera ver Hal apenas para falar de Orin, mas Charles Tavis ainda não a tinha deixado estar com ele, nem sequer acompanhada, sendo as razões de Tavis para essa reticência provavelmente demasiado complexas para a compreensão de Helen Steeply, que estava então a ver a partida na última fila da bancada, debruçada sobre um bloco de notas, com um gorro de esqui fúcsia com uma crista de galo em cima, em vez de um pompom, e a soprar para o punho enquanto o seu peso faz com que a fila onde está sentada comece a ceder e incline estranhamente DeLint para junto de si. Para os espectadores que não estão empoleirados na claraboia, os jogadores parecem cortados em quadradinhos, como *waffles*, pela

malha da vedação. Os para-ventos verdes que prejudicavam a visão só eram utilizados na primavera, nas primeiras semanas a seguir à desmontagem do Pulmão. DeLint ainda não tinha parado de falar ao ouvido da senhora grande.

Todos os alunos da ATE adoravam os campos de exibição 6 a 9 porque adoravam que os observassem a jogar, mas também os detestavam porque a sombra da travessa metálica do posto de observação tapava a metade norte dos campos por volta do meio-dia e se deslocava durante a tarde gradualmente para leste, como se por ali passasse um gigante encapuçado e pensativo. Por vezes, bastava a visão da sombra da cabecinha de Schtitt para um dos miúdos mais novos congelar e ficar petrificado nos campos de exibição. Quando Hal e Stice chegaram ao sétimo jogo, não havia nenhuma nuvem no céu e a sombra monolítica da claraboia, preta como a tinta, deu calafrios a toda a assistência ao alongar-se pela rede, obscurecendo Stice por completo quando este subiu à rede depois de servir. Outra vantagem do Pulmão era não permitir ver as partidas lá de cima, o que era apenas mais uma razão para a Administração esperar o máximo de tempo possível até o mandar levantar. Não havia qualquer indicação de que Hal estivesse sequer a vê-la, à sombra, enquanto esperava agachado por Stice.

«Escuridão» estava com as pernas bem abertas, todo teso, no lado direito do campo, engrenando lentamente para dar início ao seu movimento de serviço. Executou o primeiro serviço com demasiada força e Hal limitou-se a bater suavemente a bola para fora do campo, dando dois passos à frente para se preparar para a tentativa seguinte. Stice voltou a executar o segundo serviço com toda a potência possível e a bola acabou na rede; franziu os lábios grossos um bocadinho ao entrar na sombra da rede para ir buscar a bola enquanto Hal deu um salto até à vedação atrás do campo do lado para apanhar a bola que tinha atirado para lá. DeLint estava a colocar um hieróglifo pejorativo num quadradinho da tabela com o nome stice.

Nesse preciso momento, a mil e duzentos metros para leste, do outro lado da encosta e um nível abaixo do solo, Don Gately, funcionário interno da Ennet House, estava a dormir profundamente, com a sua venda para os olhos à Mascarilha e a ressonar de tal forma que até fazia vibrar os canos já sem amianto isolante no teto do seu quartinho.

A quatro quilómetros e tal para noroeste, na casa de banho dos homens da

Biblioteca da Fundação Armeniana, mesmo ao lado do edifício do Watertown Arsenal, com a sua cúpula que parece uma cebola, Poor Tony Krause está sentado numa retrete, com os seus suspensórios horrendos e o seu gorro roubado, inclinado para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos e a cara enterrada nas mãos, a obter toda uma nova perspetiva do tempo e das várias passagens e personagens deste.

Ainda com o cabelo molhado das corridas da parte da tarde, M.M. Pemulis e J.G. Struck tinham conseguido entrar na biblioteca da Escola de Farmácia, dois quilómetros e oitocentos metros mais à frente na Commonwealth, no cruzamento desta com a Rua Cook, depois de convencerem a funcionária com falinhas mansas e estavam sentados numa mesa da zona de consulta, Pemulis com o seu boné de marinheiro puxado bastante para trás para deixar espaço às sobrancelhas que se erguiam, ao mesmo tempo que lambia o dedo para virar as páginas.

O grande carro verde de H. Steeply, com a sua nevrálgica e colorida publicidade à aspirina *Nunhagen* estampada na porta de trás direita, estava estacionado num lugar reservado a convidados autorizados no parque da ATE.

Numa pausa entre reuniões[266], e num gabinete cujas janelas oeste não permitiam ver a partida, Charles Tavis tinha a cabeça enterrada no sofá acolchoado e o braço enfiado debaixo da capa vermelha e cinzenta do sofá, vasculhando de um lado ao outro à procura da balança de casa de banho que costuma lá guardar.

Desconhece-se o paradeiro de Avril Incandenza durante este intervalo de tempo.

Nesse preciso momento, HM[*1], Orin Incandenza estava uma vez mais abraçado a uma certa modelo de mãos «suíça», diante de uma janela do tamanho da parede, numa suíte arrendada num andar mais ou menos a meio de um hotel alto diferente (do anterior), em Phoenix, Arizona. A vidraça da janela ardia de calor. Lá em baixo, os tejadilhos dos carros brilhavam refletindo tanto a luz que as suas cores até estavam obscurecidas. As pessoas encolhiam-se e faziam *sprints* entre diferentes zonas de sombra e refrigeração. A paisagem urbana de vidro e metal reluzia mas parecia estar a ceder – toda aquela paisagem parecia de certa forma atordoada. O ar fresco que saía do ventilador sussurrava pela suíte. Tinham pousado ambos os copos com gelo para se unirem num abraço. Não foi um abraço de amigos. Não falaram – apenas se ouviam o ventilador e a

respiração deles. Orin sondou com o joelho delicado a bifurcação deltoide das pernas abertas da modelo de mãos. Deixou a «suíça» roçar-se no joelho musculado da sua perna boa. Abraçaram-se com tanta força que deixou de haver espaço para a luz brilhar entre eles, apertados um contra o outro. Ela bateu as pálpebras; ele, fechou-as; a respiração de ambos tornou-se de certo modo codificada. Uma vez mais, o langor táctil e concentrado do modo sexual. Uma vez mais, despiram-se um ao outro até à cintura e ela, com aquela espécie de passo de dança brincalhão de que não se podem rir por lhes faltar o fôlego, pulou para cima dele e voltou a cruzar as pernas sobre os seus ombros, arqueando as costas até o braço dele lhe amparar a descida e ficar a segurá-la assim, com a mão esquerda e cheia de velhos calos espetada nos rins dela, carregando-a.

Às vezes, é difícil acreditar que o Sol é o mesmo em todas as partes do planeta. Naquele instante, o sol da Nova Nova Inglaterra tinha a cor do molho *hollandaise* e não libertava calor. No intervalo entre os pontos, tanto Hal como Stice passavam a raqueta para a mão direita e enfiavam a esquerda debaixo do braço para não perderem a sensibilidade com o frio. Stice estava a cometer mais duplas faltas do que era costume por estar a tentar pôr tudo no segundo serviço de modo a poder subir à rede com segurança depois de o executar. Pelas contas de DeLint, Stice cometia uma dupla falta a cada 1,3 jogos, e o seu rácio em termos de a./d.f.[267] correspondia a uns míseros 0,6, mas DeLint disse a Helen Steeply, da revista *Moment*, esparramada ao seu lado na terceira fila a contar de cima e a recorrer ao sistema de estenografia Gregg, DeLint disse a essa menina Steeply que mesmo assim Stice fazia bem em entrar com tudo no segundo serviço e apanhar com uma ou outra dupla falta. Stice preparou-se para servir de tal forma teso, com movimentos tão sincopados que mais pareciam de uma engrenagem, que a jornalista disse a DeLint, sem querer ofender ninguém, que Stice dava ideia de ter aprendido a servir estudando fotografias das várias fases dessa pancada. A verdadeira fluidez própria de um movimento de alta velocidade só se viu mesmo no fim, altura em que Stice girou na direção da rede e pareceu cair para dentro do campo, com a raqueta a subir rapidamente nas suas costas, esticando-se para bater na bola amarela, que estava suspensa precisamente à altura do seu alcance máximo, e ouvindo-se um forte *plock* quando Stice a enviou na direção do corpo do irmão de Orin, manietando Hal a uma tal velocidade que o movimento da bola não passou de uma imagem residual, um

cremoso rasto retiniano de qualquer coisa demasiado rápida para se seguir. A resposta desajeitada de Hal saiu com demasiado efeito e curta, com Stice a precipitar-se para a frente para efetuar um vólei ao nível do peito, batendo a bola em ângulo agudo para a zona desimpedida do campo e assegurando o ponto. Ouviram-se alguns aplausos. DeLint chamou a atenção a Helen Steeply para o facto do «Escuridão» ter ganho no fundo o ponto graças ao seu serviço. Impávido, Hal Incandenza foi até à vedação para ir buscar a bola, limpando o nariz à manga da camisola do fato de treino; vantagem para Stice. Hal estava a ganhar o primeiro *set* por 5-4 e tinha salvo três vantagens no quinto jogo com serviço de Stice, duas devido a duplas faltas; mas DeLint continuava a dizer que Stice fazia bem em insistir.

– Neste último ano, o Hal atingiu um nível em que um miúdo que jogue contra ele só tem realmente hipóteses se o pressionar por completo, se estiver sempre a atacar, se servir com toda a potência, se sair disparado para a rede, se assumir o papel de agressor.

– O Herr Schtitt pinta os olhos? – perguntou-lhe Helen Steeply. – Reparei em qualquer coisa.

– Se quem estiver a jogar contra este miúdo, o Hal, não sair da linha de fundo, se tentar ser mais esperto e fazê-lo andar a correr de um lado para o outro, ele vai destruir esse jogador, vai mastigá-lo e deitá-lo fora para depois espezinhar o que sobrar. Demorámos anos a fazê-lo chegar a este nível. Já ninguém consegue ficar na linha de fundo a controlar o Incandenza.

Fingindo estar a mudar de página, Helen Steeply deixou cair a esferográfica no meio dos esteios e suportes da bancada, com um estrépito inconfundível de uma coisa que cai num sistema de bancadas metálicas. O barulho prolongado fez Stice bater com a bola no chão mais um pouco antes de servir. Bateu a bola várias vezes, inclinado para a frente, com as pernas bem abertas e posicionando-se completamente de lado. Iniciou a sua estranha preparação segmentada; Helen Steeply tirou outra esferográfica do bolso do anoraque de fibra sintética; Stice disparou uma bola seca para o meio do campo, na tentativa de obter um ás no T da zona de serviço. A bola passou por Hal sem que este pudesse reagir e caiu tão perto da linha que era difícil perceber se era boa ou não. Não há juízes de linha nos jogos entre alunos da ATE. Hal olhou para a linha, para o sítio onde a bola tinha batido e deslizado, e fez uma pausa antes de anunciar a sua decisão, com a

mão encostada à face em sinal de ponderação. Encolheu os ombros, abanou a cabeça e levantou a mão aberta para indicar a Stice que estava a considerar o serviço bom. O que significava jogo para Stice. «Escuridão» estava a avançar para a rede, massajando o pescoço e olhando para onde Hal ainda se encontrava.

– Podemos repetir a jogada – disse Stice. – Eu também não a vi.

Hal estava a aproximar-se de Stice porque ia buscar a toalha a um dos postes da rede.

– Nem a tinhas de ver. – Parecia triste e tentou sorrir. – Bateste-a com tanta força que nem deu para vê-la, mereces o ponto.

Stice encolheu os ombros e assentiu com a cabeça, ao mesmo tempo que parecia mascar qualquer coisa.

– Então a próxima bola duvidosa é tua.

Bateu duas bolas suavemente e com efeito para que fossem parar à linha de fundo contrária, onde Hal as podia utilizar para servir. Durante os jogos, «Escuridão» continuava a fazer grandes caretas e a mexer os maxilares como se estivesse a mascar qualquer coisa apesar de já não o deixarem mascar pastilhas elásticas enquanto jogava desde que tinha engolido uma acidentalmente, obrigando o adversário a fazer a manobra de Heimlich para o salvar na meia-final do Easter Bowl da primavera passada.

– O Ortho está a dizer que a próxima bola duvidosa vai ser atribuída imediatamente ao Hal; não há repetições – explicou DeLint, preenchendo metade de dois quadradinhos nas duas tabelas.

– Repetições?

– Jogar outra vez, querida. Repetir o ponto. Dois serviços: um ponto. – Aubrey DeLint era um homem ligeiramente bexigoso, com cabelo espesso e louro a lembrar um capacete, ao estilo de um pivô televisivo, um rubor hipertenso e olhos, ovais, muito juntos e opacos, que pareciam umas segundas narinas na sua cara. – Escreve muito sobre desporto na *Moment,* é?

– Então estão a ser desportistas – respondeu Steeply. – Generosos, justos.

– Isso é uma das prioridades que lhes inculcamos aqui – retorquiu DeLint, gesticulando vagamente para o espaço à volta deles, com a cabeça enfiada nas tabelas.

– Parecem amigos.

– O ponto de vista ideal para a *Moment* é capaz de ser o ponto de vista dos

bons-amigos-fora-do-campo-e-inimigos-sem-escrúpulos-nem-piedade-dentro-do-campo.

– O que eu quero dizer é que parecem amigos mesmo a jogar – respondeu Helen Steeply, observando Hal a secar o cabo de couro da raqueta com uma toalha branca e Stice a saltar para cima e para baixo no lado direito do campo, com uma mão enfiada no sovaco.

Aos ouvidos apurados de Steeply, a gargalhada de DeLint pareceu ser a gargalhada de um homem muito mais velho e em pior forma física, a gargalhada mucoidal de punho no peito de um velho com uma manta no colo, sentado numa espreguiçadeira no quintal das traseiras, em Scottsdale, Arizona, e a ouvir o filho a dizer que a mulher diz que já não sabe quem ele é.

– Não se iluda, querida – soltou DeLint.

Sentadas na fila de baixo, as gémeas Vaught viraram a cabeça, olharam para cima e fingiram que o estavam a mandar calar, sorrindo com a boca esquerda, com DeLint a retribuir com aquele seu sorriso desagradável, frio e fragmentado, ao mesmo tempo que Hal Incandenza batia com a bola no chão três vezes e iniciava o seu movimento de serviço.

Vinte e seis metros abaixo dos campos de exibição, estavam vários rapazinhos atarefados e espalhados ao longo das paredes de um pequeno túnel de serviço.

A cara de Steeply dava a impressão de que a jornalista estava a tentar pensar em imagens concisas para um movimento tão irrepreensível e fluido como o serviço de Hal Incandenza. No início, talvez um violinista, muito concentrado, com a cabeça lustrosa inclinada, a raqueta esticada à sua frente e a mão com a bola à altura da garganta da raqueta como um arco. Os braços a subirem e a descerem ao mesmo tempo quando se prepara para bater a bola podiam ser uma criança a fazer anjos na neve, de faces rosadas e olhos no céu. Mas Hal tinha a cara pálida e com uma expressão nada infantil, e o seu olhar dava ideia de se projetar apenas meio metro à sua frente. Não se parecia nada com o pontapeador. O segmento intermédio do serviço podia ser um homem à beira de um precipício, a cair para a frente, sucumbindo suavemente ao peso do seu corpo, e o impacte final um homem a martelar em bicos de pés, com o prego precisamente à altura do seu alcance máximo. Mas tudo isto eram partes de um movimento, que o faziam parecer segmentado, quando era o miúdo mais novo, com cabelo à escovinha e maxilares a mexerem, que tinha um movimento de

serviço sincopado, quando era ele o homem dos segmentos. Steeply só havia jogado ténis algumas vezes, com a mulher, e tinha-se sentido deselegante e simiesco no campo. As dissertações do pontapeador a propósito do jogo tinham sido longas mas de pouca utilidade. Era improvável que qualquer jogo tivesse grande importância em termos do Entretenimento.

O primeiro serviço de Hal Incandenza era uma jogada taticamente agressiva mas não de imediato identificável como tal. Stice queria servir com potência suficiente para poder subir à rede e posicionar-se de forma a enviar a bola para fora do alcance de Hal na pancada seguinte. O serviço de Hal parecia colocar em funcionamento um mecanismo muito mais complexo, que só ao fim de várias trocas de bola se revelava como agressivo. O primeiro serviço de Hal não possuía o velocidade do de Stice, mas era profundo e levava um efeito que Hal obtinha arqueando as costas e roçando ao de leve na bola para a fazer curvar visivelmente no ar, traçando um efeito oval, e aterrar no fundo do campo e ressaltar bem alto, obrigando Stice a bater uma direita frouxa à altura do ombro e impossibilitando-o de subir à linha no seguimento de uma resposta desprovida de toda a velocidade. Stice passou para o meio da linha de fundo ao mesmo tempo que a bola voava para Hal. Hal girou para a direita para a poder devolver com uma esquerda[268], enviando outra bola cheia de efeito para o mesmo canto para onde tinha servido, para forçar Stice a parar e a ter de voltar a correr para trás. Stice bateu uma direita potente ao longo da linha, para a esquerda de Hal, uma pancada tão violenta que tinha feito a assistência suster a respiração, mas quando o outro filho do realizador do *samizdat* deslizou uns passos para a esquerda, Steeply apercebeu-se de que ele tinha agora toda uma zona desimpedida do campo para onde enviar uma bola cruzada, já que Stice havia dado a sua pancada com tanta força que até recuara um pouco, estando agora em dificuldades para voltar a sair do canto direito, e Hal bateu a bola cruzada e seca, como mandam os livros, para a zona desimpedida, com força mas não de forma exuberante, e a diagonal da bola manteve-se inalterada após bater na linha do lado esquerdo do campo de Stice, afastando-a da raqueta esticada pelo rapaz todo de preto, e, durante um segundo, pareceu que Stice, a correr a toda a velocidade, talvez ainda conseguisse tocar na bola, mas esta manteve-se desesperadamente fora de alcance, continuando a seguir numa diagonal pronunciada, e passou a meio metro do rebordo da raqueta, com o ímpeto de

Stice a levá-lo praticamente até meio do campo do lado. Stice abrandou e foi buscar a bola em passo rápido. Hal ficou de anca espetada no lado esquerdo do campo, à espera que Stice voltasse para poder servir outra vez. DeLint, cuja aguçada e dissimulada visão periférica era lendária na ATE, observou a jornalista corpulenta a mordiscar a esferográfica durante um instante e a seguir a escrever simplesmente o ideograma Gregg para *bonito*, abanando o gorro fúcsia.

– Foi mesmo bonito, não foi? – disse ele insipidamente.

Steeply pôs-se à procura de um lenço.

– Nem por isso.

– O Hal é essencialmente um torturador, se quer saber a essência dele enquanto jogador, e não um completo assassino como o Stice ou o canadiano, o Wayne – afirmou DeLint. – E é por isso que não se pode ficar na linha de fundo ou jogar na retranca contra o Hal. Ele tem esta maneira de fazer com que a bola pareça estar sempre ao alcance do adversário, para o obrigar a estar sempre a tentar apanhá-la, a estar sempre a correr. Puxa-o de um lado para o outro. Está sempre duas ou três pancadas à frente. Ganhou este último ponto graças à esquerda profunda a seguir ao serviço – mal conseguiu trocar as voltas ao Stice, percebeu-se que tinha ficado com o ângulo livre. Mas o serviço já tinha preparado tudo de antemão, e sem o risco de lhe aplicar demasiada velocidade. O miúdo não precisa de velocidade, ajudámo-lo a descobrir isso.

– E quando é que eu vou poder falar com ele?

– Foi preciso muito para fazer o Incandenza chegar a este nível. Não tinha ainda o jogo completo para poder fazer isto. Se dividirmos o campo em várias secções e frestazinhas, de repente, vemos que se faz luz numa delas e que ele já estava a preparar aquilo desde o começo do ponto. Faz-nos pensar em xadrez.

A jornalista assoou o nariz vermelho.

– «Xadrez em movimento.»

– Bela expressão.

Hal iniciou o movimento de serviço no lado esquerdo do campo.

– E aqui os alunos jogam xadrez?

Um risinho sem alegria.

– Não há tempo.

– E o senhor joga xadrez?

Stice respondeu ao segundo serviço de Hal com uma direita que lhe assegurou

o ponto; ouviram-se alguns aplausos.

– Não tenho tempo para jogar nada – respondeu DeLint, preenchendo um quadradinho.

Percebia-se pelo som que as cordas da raqueta do outro rapaz estavam mais apertadas do que as de Hal.

– Quando é que eu me vou sentar com o Hal, cara a cara?

– Não sei. Não me parece que isso vá acontecer.

O rápido movimento da cabeça da jornalista reconfigurou-lhe a pele do pescoço.

– Desculpe?

– A decisão não é minha. Mas palpita-me que não seja possível. O doutor Tavis não lhe disse já isso?

– Sinceramente, não percebi o que é que ele me estava a dizer.

– Nunca houve entrevistas aos nossos miúdos. O fundador deixava-vos entrar na Academia, mas com o Tavis, o facto de aqui estar agora já é uma exceção.

– Só cá vim recolher informações sobre o vosso ex-aluno, o pontapeador.

DeLint estava a juntar os lábios como se estivesse a assobiar, embora não saísse nenhum som de assobio.

– Nunca deixámos ninguém entrevistar nenhum dos nossos miúdos enquanto ainda os estávamos a treinar e a inculcar.

– E os miúdos não têm nenhum direito a dizer com quem é que querem falar e porquê? Então e se o rapaz quiser falar comigo da transição do irmão do ténis para o futebol americano?

DeLint manteve-se concentrado na partida e nas tabelas de forma a deixar bem claro que não estava a prestar grande atenção ao que lhe estavam a dizer.

– Fale com o Tavis acerca disso.

– Estive mais de duas horas lá dentro.

– Passado um bocado, uma pessoa aprende a fazer-lhe perguntas. Com o Tavis, temos de o encurralar de maneira a podermos acabar por lhe dizer que precisamos de ouvir um sim ou um não. Demora uns vinte minutos se formos inteligentes. O trabalho da menina é esse, arrancar respostas às pessoas. Não é a mim que me compete dizer qual é a resposta, mas palpita-me que seja um não. Quando os jornalistas de Boston aparecem cá depois de um evento importante, ficam a saber os resultados das partidas, as estatísticas físicas e onde é que os

jogadores nasceram, mais nada.

– A *Moment* é uma revista de distribuição nacional para e sobre pessoas excecionais, não é uma coisa de jornalistas desportivos com um charuto na boca e prazos para cumprir.

– É uma decisão superior, querida. E o superior não sou eu. Sei que nos ensinam a ensinarmos que o que é importante neste sítio é ver em vez de ser visto.

– Sou cá vim pelo interesse humano que representa a perspetiva de um rapaz talentoso sobre a arrojada transição do irmão igualmente talentoso para um desporto de grande importância onde revelou ainda mais talento. A opinião de um irmão excecional sobre outro irmão excecional. O Hal não é o centro do perfil.

– Encurrale o Tavis como deve ser e ele diz-lhe tudo sobre ver e ser visto. Estes miúdos, os melhores estão cá para aprenderem a ver. A cena do Schtitt é a autotranscendência através da dor. Estes miúdos – diz, gesticulando para Stice, que ia a correr desenfreadamente para responder a um vólei curto que caiu logo a seguir à rede e parou de rolar bem dentro da linha de serviço; ouviram-se alguns aplausos – estão cá para se perderem numa coisa maior do que eles. Para que as coisas continuem a ser iguais ao que eram quando eles começaram, com o jogo como uma coisa maior, no início. Depois demonstram talento, começam a ganhar, transformam-se em peixe graúdo nos tanquezinhos das terras onde nasceram, deixam de ser capazes de se perderem no jogo e de verem. Isso lixa a cabeça de um júnior, o talento. Pagam uma bela maquia para virem para cá para voltarem a ser peixe miúdo, serem atacados impiedosamente, sentirem-se pequenos, verem e desenvolverem-se. Para se esquecerem durante uns anos de si próprios enquanto objetos de atenção e verem o que são capazes de fazer quando já ninguém olha para eles. Não vieram para cá para as pessoas lerem sobre eles num artigo ou perfil qualquer. Querida.

DeLint interpretou a expressão de Steeply como uma espécie de tique. Tinha um tufo minúsculo de pelos a sair-lhe de uma das narinas, coisa que DeLint achou repelente. Ela perguntou:

– Alguma vez escreveram sobre si quando jogava?

DeLint sorriu friamente para as tabelas.

– Nunca tive uma classificação em termos de *ranking* nem um potencial que

justificassem que essa questão se colocasse sequer.

– Mas alguns destes jogadores têm. O irmão do Hal teve.

DeLint passou o lápis pelo contorno do lábio e fungou.

– O Orin não era mau. Essencialmente, o Orin era um jogador que só sabia fazer uma coisa mesmo bem. E aqui entre nós e a vedação, era assim um bocadinho para o maluco. Quando saiu daqui, o jogo dele já estava em declínio. Mas o irmãozinho tem futuro neste jogo, se quiser. E o Ortho. O Wayne, de certeza. Algumas das raparigas, a Kent, aqui a Caryn e a Sharyn – disse ele, apontando para a visão bizarra que eram as gémeas Vaught, sentadas na fila de baixo. – Os que têm verdadeiro talento, os que saem daqui ainda numa curva ascendente, se conseguirem chegar ao circuito...

– Ou seja, os que se tornarem profissionais, é isso que quer dizer.

– No circuito, vão conseguir tudo o que querem, vão ser transformados em estátuas, coisas para serem olhadas, tocadas e discutidas até à exaustão. Mas, para já, estão cá para poderem ser eles a observar e a ver e para se esquecerem de si próprios enquanto objetos para os quais as outras pessoas estão a olhar, isto para já.

– Mas até o senhor lhe chama «o Circuito». Vão tornar-se *entertainers*.

– Pode apostar que sim.

– Então o público vai ser tudo. Por que não prepará-los também para as pressões de entreter um público, habituá-los a que olhem para eles?

Os dois rapazes estavam ao pé do poste da rede mais perto da bancada, com Stice a assoar o nariz a uma toalha. DeLint pousou teatralmente o bloco de notas com mola no chão.

– Parta do princípio, só por um segundo, que eu posso falar pela Academia de Enfield. Digo-lhe que não está a perceber. A questão aqui é inculcar nos melhores miúdos a noção de que o que interessa nunca é serem vistos. Nunca. Se conseguirmos inculcar-lhes isso, o circuito nunca lhes lixará a cabeça, na opinião do Schtitt. Se conseguirem esquecer-se de tudo menos do jogo quando todos vocês que estão do lado de lá da vedação só os conseguem ver a eles e só os querem a eles, porque o jogo é uma coisa acessória, para vocês o que interessa é o entretenimento e a personalidade, só interessa a estátua, se os conseguirmos inculcar corretamente, nunca vão ser escravos da estátua, nunca vão dar um tiro nos miolos depois de vencerem um evento, quando vencerem, ou atirar-se do

terceiro andar quando as pessoas começarem a deixar de lhes querer tocar ou escrever perfis deles, quando a estrela deles começar a empalidecer. Mesmo que a vossa intenção não seja essa, querida, vocês sugam-nos, é isso que fazem.

– Sugamos estátuas?

– Mesmo que a vossa intenção não seja essa. Vocês, a *Moment*, a *World Tennis*, a *Self*, a InterLace, o público. As multidões em Itália, *literalmente*, porra. É essa a natureza do jogo. É essa a máquina para onde estão todos mortinhos por se atirarem. Eles não conhecem a máquina. Mas nós, sim. O Gerhardt está a ensiná-los a ver a bola de um lugar dentro deles que não pode ser sugado. É preciso tempo e concentração total. O homem é um génio, porra. Escreva o perfil do Schtitt, se quer escrever o perfil de alguém.

– E nem sequer me vão deixar perguntar aos alunos qual é o aspeto desse lugar dentro deles que não pode ser sugado. É um lugar secreto.

Hal falhou um segundo serviço, com a bola a sair da raqueta em direção às raparigas que iam trocando guinchos e balões, e Stice tinha-lhe quebrado o serviço e passado para a frente com 6-5, e os murmúrios vindos da bancada faziam lembrar a reação numa sala de audiências perante uma revelação desagradável. DeLint arredondou os lábios e fez uma espécie de som bovino na direção de Ortho Stice. Hal bateu as bolas suavemente ao longo da linha de fundo e ajustou um pouco as cordas da raqueta enquanto mudava de campo. Alguns dos miúdos mais maldosos aplaudiram o falhanço de Hal.

– Pode armar-se em sardónica comigo à vontade. Já lhe disse que é uma decisão superior e que não é minha. Mas eu cá não me armava em sardónico com o Tavis.

– Mas e se fosse sua? A decisão superior.

– Minha menina, se dependesse de mim, estava agora com o nariz colado às grades do portão de entrada porque não a deixava passar daí. Está a entrar numa porçãozinha de espaço e/ou tempo que foi concebida para proteger miúdos com talento precisamente do tipo de atividades que vocês vêm cá fazer. Mas porquê o Orin, já agora? O rapaz aparece quatro vezes por jogo, nunca o atiram ao chão, nem sequer usa proteções. Só sabe fazer uma coisa bem. Por que não o John Wayne? É uma história mais dramática, mete geopolítica, privações, exílio, drama. E até é melhor jogador do que o Hal. Tem um jogo mais completo. Está apontado como a porra de um míssil ao circuito, talvez aos cinco melhores se

não fizer merda nem se deixar lixar. O Wayne pertence ao vosso grupo alimentar ideal. E é por isso que o vamos manter longe de vocês enquanto ele aqui estiver.

A redatora de perfis olhou em redor, para os couros cabeludos e os joelhos na bancada, para os sacos com equipamento e para umas incongruentes latas de cera para móveis.

– Mas foi concebido a partir do quê, este lugar?

---

*1 Hora da Montanha. *(N. dos T.)*

Da Secretária de Helen Steeply
Editora-adjunta
Revista *Moment*
13 473 Blasted Expanse Blvd.
Tucson, Arizona, 857 048 787/2

Senhor Marlon K. Bain
Saprogenic Greetings Inc.
BPL – Waltham Bldg.
1214 Totten Pond Road
Waltham, Massachusetts, 021 549 872/4
novembro do ARIAD

Caro senhor Bain,

Estando em Phoenix por razões de trabalho, tive a sorte de conhecer o seu amigo adolescente, o senhor Orin J. Incandenza, e fiquei muito interessada com a possibilidade de escrever uma reportagem sobre a família Incandenza e os seus feitos não só no desporto como também em assuntos tão variados como o cinema independente na área metropolitana de Boston, passado e presente.
Estou a escrever-lhe para pedir a sua colaboração num questionário a que poderia responder por escrito, uma vez que fui informado pelo senhor Orin Incandenza de que não gosta de se encontrar com pessoas fora de casa ou do escritório.
Esperando uma resposta a este pedido o mais cedo que lhe seja conveniente,
Etc., etc., etc.

Saprogenic Greetings*

QUANDO SE PREOCUPA O SUFICIENTE PARA DEIXAR QUE UM PROFISSIONAL O DIGA POR SI

* um orgulhoso membro da Família ACMÉ de Piadas e Bugigangas, Emoções Pré-Preparadas, Partidas e Surpresas e Disfarces Excêntricos

Menina Helen Steepley
Etc. e tal
novembro do ARIAD

Cara menina Steepley,

Pergunte à vontade.

O seu
Marlon K. Bain
Saprogenic Greetings/ACMÉ

Da secretaria de Helen Steeply
Editora-adjunta
Revista Moment
13 473 Blasted Expanse Blvd.
Tucson, Arizona, 857 048 787/2

Senhor Marlon K. Bain
Saprogenic Greetings Inc.
BPL — Waltham Bldg.
1214 Totten Pond Road
Waltham, Massachusetts, 021 549 872/4
novembro do ARIAD

Caro senhor Bain,

P, P, P, (P, P [P]], P, P, P), P, P, (P), P, P[269].

Os abundantes túneis da ATE foram escavados em xisto sedimentar, granito ferroso e resíduos mórficos genéricos, mais ou menos na mesma altura em que o topo da encosta foi cortado, aplanado e preparado para os campos de ténis. Há túneis de acesso, túneis que servem de corredores, com salas, laboratórios e ligações da Sala das Máquinas ao Pulmão de ambos os lados, túneis de serviço, túneis de armazenamento e túneis pequenos que ligam a outros túneis. Talvez uns dezasseis túneis diferentes ao todo, com uma forma que, de modo geral, é mais ovoide do que outra coisa qualquer.

11/ 11, 16h25, LaMont Chu, Josh Gopnik, Audern Tallat-Kelpsa, Philip Traub, Tim («Sonolento T.P.») Peterson, Carl Whale, Kieran McKenna – o grosso dos jogadores de *Eschaton* até aos catorze anos ambulatórios – mais Kent Blott, de dez anos – estão a vinte e seis metros de profundidade, diretamente por baixo do campo de exibição onde se joga a partida entre Hal e o «Escuridão», com sacos *Glad Handle-Tie*[270] e lanternas compactas de mercúrio de baixa difusão. E mais, Chu tem um bloco de notas com uma caneta presa à mola com um cordel. Os ruídos do movimento competitivo dos ténis e os guinchos dos espectadores na bancada à superfície, viajando através de metros de resíduos compactos e tetos de cimento polimerizado com capas de revestimento de gesso soam como as corridas furtivas de roedores, pestes. E isso aumenta a excitação que é parte da razão por que eles estão de facto ali em baixo.

Uma parte da razão por que estão ali é que os rapazinhos dos Estados Unidos parecem ter este fetiche por se enfiarem em fundações fechadas debaixo de coisas – túneis, grutas, poços de ventilação, as áreas horrendas debaixo das varandas de madeira – tal como os rapazes mais velhos dos Estados Unidos gostam de grandes alturas com panoramas e vistas espetaculares que abarcam vastas áreas de território, sendo este último fetiche uma das razões da encosta da ATE ser um dos trunfos na guerra de recrutamento com a Academia de Port Washington e outras academias litorais da costa leste.

Outra parte é uma espécie de dever da treta e semipunitivo, com certos jogadores – considerados como tendo estado envolvidos no recente fiasco do combate não estratégico do *Eschaton*, mas que não ficaram feridos[271] e não foram castigados tão severamente como os companheirões que estiveram presentes – a serem mandados punitivamente para o subsolo, em turnos da parte

da tarde, para executarem uma tarefa considerada desagradável, inspecionar a rota de túneis que os profissionais da Companhia TesTar de Estruturas Insufláveis para qualquer situação climatérica terão de seguir quando transportarem, da Sala de Armazenamento Pulmonar, as escoras e as traves de fibra de vidro e as lonas de dendriuretano que constituem o Pulmão, para erigirem o Pulmão, quando a administração da ATE decidir finalmente que o tempo do final do outono já deixou de ser favorável para a formação do carácter e passou a ser um impedimento para o desenvolvimento e para o moral. Isso irá acontecer em breve. Como os pró-reitores vivem em quartos adjacentes aos túneis maiores e os tipos da Casa da Física e da Manutenção de FDV. Harde têm os gabinetes e materiais aqui em baixo, e como as instalações antigas de ótica e de montagem do doutor James Incandenza ficam aqui no final de um dos túneis principais e são usadas para as aulas de Leith/Ogilvie de produção de entretenimento e para seminários de ciência ótica, etc., e como alguns dos túneis secundários são usados como arrecadações temporárias pelos alunos mais velhos que já estão de abalada e que não conseguem transportar de uma só vez, quando terminam os estudos, o equivalente a oito ou mais anos de objetos acumulados – especialmente se forem fazer no verão um circuito dos torneios satélite, para iniciação na profissionalização, porque isso significa viagens de avião, duas malas despachadas e um saco de bagagem de mão, no máximo –, durante o verão, alguns dos túneis ficam cheios de lixo. E às vezes há um extravasamento de objetos pessoais volumosos dos pequenos e curvos túneis-armazéns que se ramificam a partir do corredor onde ficam as instalações dos pró-reitores. Os miúdos mais pequenos são perfeitos para fazerem o reconhecimento dos túneis compridos e estreitos parcialmente obstruídos com refugo e, embora não seja segredo na ATE que, de qualquer maneira, os rapazes mais pequenos passam bastante tempo nos túneis, é dado um aspeto punitivo a esta tarefa de reconhecimento ao fazerem com que os miúdos levem lá para baixo sacos do lixo *Handle-Tie* para apanharem as folhas dos exames e as fotocópias de instruções dos laboratórios, pilhas das calculadoras, cascas de banana e latas de tabaco sem fumo *Kodiak* e espirais de cordas de raquetas de tripa sintética e hediondas pontas de charuto dos tipos da manutenção – «Sonolento T.P.» encontra dois invólucros brilhantes de preservativos *Trojan* perto do túnel dos pró-reitores e, uns metros mais à frente, o brilho vermiforme de um preservativo

propriamente dito; segue-se um debate num registo agudo sobre se o preservativo foi usado ou não e, finalmente, o pobre do Kent Blott é encarregado de o apanhar e meter no saco do lixo, só para o caso de ser um preservativo usado – e caixas vazias de material oferecido por empresas e caixas cheias de tecidos efeminados ou pouco absorventes que ninguém quer, e latas de *Habitant*, baús velhos e frigoríficos em miniatura para quartos de dormir, etc.; e também que agarrem em todas as caixas que conseguirem levantar e as retirem do caminho dos tipos da TesTar, levando-as para as salas de Armazenamento Pulmonar e das Máquinas; e LaMont Chu tem de anotar a localização de quaisquer caixas ou objetos demasiado grandes para conseguirem tirá-los do caminho para depois mandarem uns vigilantes corpulentos irem buscá-los e levá-los para onde acharem melhor.

É por isto que uma quantidade considerável dos rapazes mais novos da ATE não vê Stice ganhar um *set* a Hal Incandenza e quase o derrotar, porque tinham sido mandados aqui para baixo por Neil Hartigan logo a seguir aos duches pós-exercícios físicos.

Como já foi referido, eles não se importam muito de estar aqui, agora, concretamente, num dos túneis com o diâmetro de uma criança entre o corredor dos pró-reitores e a Sala de Armazenamento Pulmonar. De qualquer maneira, os jogadores de *Eschaton* passam muito tempo aqui. De facto, historicamente, os alunos até aos catorze anos da ATE têm uma espécie de Clube dos Túneis. Como acontece com muitos clubes de miúdos, a *raison d'être* unificadora do Clube dos Túneis é algo vaga. A maior parte das atividades do Clube dos Túneis implica reunirem-se informalmente nos túneis mais bem iluminados, mandriarem e apanharem-se uns aos outros em mentiras sobre as suas vidas e carreiras antes da ATE, recapitularem as partidas de *Eschaton* mais recentes (geralmente, apenas cinco por período); e a única atividade formal do Clube é sentarem-se a ler em conjunto um exemplar amarelado de *Regras de Ordem de Robert*, refinando e emendando interminavelmente as regras sobre quem pode e quem não pode pertencer ao Clube dos Túneis. Enquanto verdadeiro clube de rapazes, a *raison d'être* menos vaga do Clube dos Túneis tem que ver com as exclusões. A exclusão vital das raparigas é a única parte blindada dos estatutos do Clube[272]. Com exceção de Kent Blott, todos os rapazes aqui presentes são jogadores de *Eschaton* e membros do Clube dos Túneis. Kent Blott, inelegível para o

Eschaton por ser um miúdo virado para as Humanidades e ainda nem sequer ter feito Álgebra Quadrivial, e excluído do Clube ao abrigo de todas as sucessivas encarnações dos requisitos de elegibilidade até agora existentes, está aqui somente porque o ouviram afirmar, ao almoço, que quando estava na parte norte do túnel principal entre os vestiários do edifício da Administração e a lavandaria subterrânea esta manhã, a atalhar o caminho de regresso ao seu quarto na West House depois dos treinos e da sauna, tinha avistado – ao apontar com a lanterna de mercúrio para um dos túneis secundários que levavam aos subdormitórios C e D e aos campos leste e a esta mesma zona onde está agora –, tinha visto o que era ou uma ratazana ou, disse ele, qualquer coisa que ainda era mais parecida com um hámster selvagem da Concavidade. Por isso, os jogadores de *Eschaton* também estão entusiasmados por estarem aqui em baixo para um potencial reconhecimento de roedores, para verificarem a afirmação de Blott, e trouxeram com eles um Blott ou muito nervoso ou muito excitado, para poderem traçar as rotas possíveis que Blott disse que viu, talvez, o roedor seguir e também para poderem imediatamente cercar e castigar Kent Blott se se vier a provar que ele estava a aldrabá-los.

Além disso, obrigam Blott a ser o que pega nos sacos do lixo cheios, ata as pegas de plásticos umas às outras e os arrasta de volta ao sítio onde a expedição começou – a entrada para o túnel grande junto da sauna dos rapazes –, uma vez que nenhum deles gosta de arrastar sozinho sacos do lixo cheios através de túneis escuros com os chios de roedores oriundos do jogo e dos espectadores lá muito em cima. Chu segura uma lanterninha entre os dentes e toma nota dos objetos grandes. Já encheram vários sacos e empilharam as porcarias mais leves de modo a criarem um caminho estreito que vai quase até à Sala das Máquinas, à volta da qual há um estranho odor a queimado, adocicado e bafiento que nenhum deles consegue identificar. Os aplausos quando Hal Incandenza ganha o primeiro *set* por uma unha negra, lá em cima, soam aqui em baixo como chuva distante. O túnel secundário está escuro como uma tumba, mas quente e seco, e, surpreendentemente, há pouco pó. As condutas e os cabos axiais ao longo do teto baixo obrigam Whale e Tallat-Kelpsa a agacharem-se enquanto seguem à frente do grupo, afastando caixas e tentando infrutiferamente afastar os pequenos frigoríficos do caminho. Há vários sítios com esses frigoríficos *Maytag* usados nos dormitórios, pequenos mas pesados, o tipo de coisa que ninguém leva

consigo quando termina os estudos, forrados de plástico de cor de madeira escura, alguns deles modelos antigos com fichas de três pernos em vez de carregadores. Alguns dos frigorificozinhos vazios foram limpos com pouco cuidado, têm as portas parcialmente abertas e cheiram a mofo. A maior parte do inventário de Chu para os objetos que os vigilantes corpulentos vão levar consiste em frigoríficos ou baús fechados à chave cheios do que parecem ser revistas e oito anos de acumulação de moedas de centavo. O chiar abafado e de roedor dos ténis lá em cima excita os rapazes do Clube dos Túneis e põe-nos à beira de um ataque de nervos. Philip Traub não para de dar guinchinhos e de fazer cócegas disfarçadamente nas nucas dos outros, causando uma enorme excitação com muitas paragens, muitos sobressaltos e muitas meias-voltas apertadas, até que Kieran McKenna apanha Traub a fazer cócegas a Josh Gopnik no feixe de luz forte da sua lanterna P.B. e Gopnik dá um soco no nervo radial de Traub e Traub agarra-se ao braço a chorar e diz que vai desistir e voltar para a superfície – Traub é o miúdo mais novo dos que aqui estão, excetuando Blott, e está à experiência como segundo lançador na maior parte dos jogos de *Eschaton* – e têm de parar para deixar que Chu aponte dois frigoríficos abandonados enquanto Peterson e Gopnik tentam distrair e divertir Traub para ele ficar e não ir fazer queixinhas a Nwangi.

Frigorificozinhos deitados fora, caixas vazias, malas inamovíveis com endereços postais complexos, bandas elásticas e ligaduras para atletas usadas, um ou outro frasco de *Visine* (que Blott enfia no bolso da *sweatshirt*, para a próxima competição de Mike Pemulis), folhetos dos laboratórios de Ótica I e II, máquinas avariadas de lançamento de bolas, bolas de ténis perdidas e demasiado esvaziadas até para a máquina de pressurização, cartuchos de telecomputadores avariados ou deitados fora com análise de jogadas de ténis ou com entretenimentos obsoletos, um anómalo conjunto de copos para *parfaites*, cascas de fruta e invólucros de barras energéticas *AminoPal* que o próprio Clube deixara ali ficar depois das reuniões, rolos de fita adesiva para os cabos das raquetas e para as cordas rotas, vários travessões de cabelo incongruentes, vários televisores velhos que alguns dos rapazes mais velhos gostavam de ter por ali para verem a estática e, ao longo da junção da parede com o chão, cascas quebradiças de pele esfoliada em forma de pernas e braços, grandes extensões de braços e pernas já quase reduzidas a pó fragrante: isto abrange o grosso do lixo

aqui em baixo e os miúdos não se importam muito de o vasculhar, inventariar e meter em sacos porque as suas cabeças estão concentradas em algo muito mais excitante, uma espécie de possível *raison d'être* do próprio clube, a não ser que Blott tivesse estado a gozá-los e, nesse caso, põe-te a pau, Blott, é esse o consenso geral.

Gopnik diz a Traub, que está a fungar, enquanto Peterson faz incidir a luz da lanterna no caderno de Chu:

– Mary tinha um cordeirinho, o seu velo eletrostático / E a todos os sítios onde Mary ia, as luzes tornavam-se erráticas.

Carl Whale finge ser imensamente gordo e desloca-se ao longo da parede com um bamboleio desajeitado e pesadão, de pernas abertas.

Peterson diz a Traub enquanto Gopnik segura na lanterna:

– John Wayne, o número um de dezoito anos/ Fez sexo com o senhor Schtitt num comboio/ Fizeram sexo outra vez / E outra vez e outra vez/ E outra vez e outra vez.

Os rapazes um bocadinho mais velhos acham isto mais divertido do que Traub.

Kent Blott pergunta por que razão um choramingas com uma picha insignificante como Phil consegue entrar para o Clube dos Túneis enquanto todas as suas candidaturas são recusadas e Tallat-Kelpsa interrompe-o repentinamente fazendo-lhe qualquer coisa na escuridão que faz com que Blott dê um guincho.

Está tudo completamente escuro salvo os discos do tamanho de moedas de um cêntimo das lanternas de luz pulsada de baixa difusão porque tinham deixado apagadas as enfiadas de lâmpadas nuas penduradas nos tetos dos túneis, porque Gopnik, que é de Brooklyn e é entendido em roedores, diz que só um rematado imbecil que come macacos do nariz iria procurar ratazanas com luz, e parece razoável partir do princípio de que os hámsteres selvagens também têm uma atitude basicamente igual à dos ratos em relação à luz.

Chu manda Blott ver se consegue levantar um volumoso micro-ondas sem porta que está deitado de lado ao pé de uma parede e Blott tenta, mas mal o consegue erguer e começa a choramingar; Chu aponta o micro-ondas para os adultos levarem e diz a Blott para o largar, convite que Blott interpreta literalmente e o estrondo e o retinir enfurecem Gopnik e McKenna, que dizem

que andar à procura de roedores com Blott é como pescar à linha com um epilético, o que põe Traub bastante mais animado.

Os hámsteres selvagens – que, em termos de coisas arrepiantes, estão no topo, ao nível dos bebés com uma milha de altura, dos espectros sem crânio, da flora carnívora e do gás dos pântanos que nos derrete a cara e nos deixa com a musculatura facial, cinzenta e vermelha, à mostra para o resto da nossa medonha vida de pária, segundo as narrativas noturnas de arrepiar os cabelos da Concavidade – raramente são vistos a sul dos muros de *Lucite* e dos postos de controlo com ventiladores ATHSCME que delimitam a Grande Concavidade e, só quando o rei faz anos, algures a sul da nova fronteira, o burgo de Methuen, Massachusetts, cuja Câmara de Comércio apelida de «A Cidade Que a Interdependência Reconstruiu», e de qualquer maneira, *segundo* Blott, raramente são vistos sozinhos, sendo do tipo de criaturas rapaces que se movem em hordas, tipo gafanhotos, a que os agrónomos canadianos chamam «Piranhas das Planícies». Uma invasão de hámsteres selvagens no terreno rico em lixo da área metropolitana de Boston, para não falar dos terrenos cheios de túneis da ATE, seria quase um desastre de saúde pública de grande escala, causaria simplesmente que um sem-fim de adultos desatasse a correr em círculos e a morder os nós dos dedos e consumiria megacalorias de stresse pré-adolescente deslocado aos jogadores da ATE. Esta tarde, todos os miúdos de orelhas espetadas e olhos bem abertos a arrastarem sacos no túnel estão ansiosos por um hámster, exceto Kent Blott, que está a desejar fervorosamente a visão de qualquer coisa minimamente roedora ou de uns montinhos de caganitas que o salve de ser disciplinarmente pendurado pelos pés num cubículo de uma casa de banho para que grite até que algum dos funcionários o encontre. Lembra aos membros do Clube que não disse exatamente que tinha visto a coisa a *dirigir-se* mesmo nesta direção, só tinha visto a coisa a fugir de uma forma que parecia sugerir uma *tendência* ou uma *probabilidade* de se estar a dirigir nesta direção.

Uma caixa inteira virada de lado, com as fitas partidas, tinha derramado parte do conteúdo de velhos cartuchos para telecomputador, velhos e a maioria sem identificação, no chão do túnel, espalhados em forma de leque, e Gopnik e Peterson queixam-se que as bordas afiadas das caixas dos cartuchos lhes fizeram buracos nos sacos *Glad* e Blott é recambiado com três sacos de cartuchos e cascas de fruta, cada um deles apenas meio cheio, para o vestíbulo iluminado da

entrada do túnel no edifício da Administração, onde um grande monte de sacos está a começar a empilhar-se perfumadamente.

Além disso, um avistamento confirmado de um hámster selvagem, tinham concordado Chu, Gopnik e «S.T.P.» Peterson, podia muito bem distrair o reitor e a Administração, fazendo com que se esquecessem das represálias pós-*Eschaton* contra os companheirões Pemulis, Incandenza e Axford, em particular, que a fação de jogadores de *Eschaton* do Clube não quer ver castigados, embora o consenso seja que ninguém se importariria muito se a maléfica Ann Kittenplan fosse lixada a sério. Além do mais, as incursões dos hámsteres podiam ser vistas como uma explicação para o aparecimento de objetos da ATE, grandes e incongruentes, em sítios inapropriados, que começara em agosto com os milhares de bolas de treino encontradas espalhadas pela carpete azul do átrio de entrada e com a pirâmide cuidadosamente construída de barras energéticas *AminoPal* encontrada no campo 6 nos treinos da madrugada em meados de setembro, e que tinha vindo a crescer a um ritmo que não agrada nada a ninguém – sendo os hámsteres selvagens famosos arrastadores e reordenadores de coisas que não conseguem comer mas com as quais se sentem à mesma compelidos a andarem às voltas – e assim aliviar a quase histeria comunitária que os objetos causaram tanto entre os funcionários manuais aborígenes como entre os alunos menores de dezasseis da ATE. O que, previsivelmente, converteria os tipos do Clube em algo parecido com heróis.

Deslocam-se ao longo do túnel, as luzes de mercúrio a cruzarem-se e a separarem-se, formando ângulos irregulares de um tom ligeiramente rosado.

Mas até a confirmação de uma ratazana seria um êxito. Deã dos Assuntos Académicos, a senhora Inc tem uma fobia violenta aos parasitas, ao lixo e aos insetos e à falta de higiene em geral, e exterminadores da Orkin com barrigonas de cerveja e cartas de jogar com raparigas nuas em sapatos de salto alto nas costas (segundo McKenna) pulverizam os terrenos da ATE de uma ponta à outra duas vezes por semestre. Nenhum dos rapazinhos mais novos da ATE – que têm o mesmo fetiche pós-latência pelos animais daninhos que têm por acessos subterrâneos e clubes exclusivos –, nenhum deles jamais conseguiu ver ou apanhar uma ratazana ou uma barata, nem mesmo um reles peixinho-de-prata, nas redondezas. Por isso, o consenso tácito é que um hámster seria ótimo, mas que se contentariam com uma ratazana. Uma simples e reles ratazana podia dar

ao Clube uma *raison* legítima, uma razão explicável para se reunirem nos túneis subterrâneos – todos eles se sentem um pouco incomodados por gostarem de se reunir nos túneis sem uma razão boa ou evidente.

– «Sono», achas que consegues levantar aquilo e levá-lo?

– Chu, meu, nem sequer me vou aproximar disso, quanto mais tocar-lhe.

Ao longe, conseguem ouvir os passos e o assobio desafinado de Blott, de regresso, e o chiar distante dos ténis por cima das cabeças.

Gopnik para e a luz da sua lanterna desloca-se de uma cara para a outra.

– *Okay*. Alguém se peidou.

– O que é isso aí ao lado, «Sono»? – pergunta Chu recuando para alargar o feixe de luz da sua lanterna sobre uma coisa larga, baixa e escura.

– Podem voltar as lanternas para aqui, rapazes?

– Porque é que alguém foi dar um peido neste sítio sem ventilação?

– Chu, é só um frigorífico de um quarto, mais nada.

– Mas é maior do que os frigoríficos dos quartos.

– Mas não é tão grande como um frigorífico a sério.

– Está a meio caminho.

– Mas sinto um cheiro qualquer, lá isso sinto, Gop.

– *Há* um cheiro. Se alguém se peidou, diga.

– Caso contrário, é um *cheiro*.

– Não tentes descrevê-lo.

– «Sono», isto não é igual a nenhum peido humano que eu já tenha cheirado.

– É demasiado forte para um peido.

– Se calhar, o Teddy Schacht estava a ter um ataque e veio para aqui para descarregar.

Peterson apontou a lanterna para o frigorífico castanho de tamanho médio.

– Não podes estar mesmo a pensar...

Chu diz:

– Impossível. Impossível.

– *O quê*? – pergunta Blott.

– Nem sequer penses nisso – diz Chu.

– Acho que não há nenhum tipo de *mamífero* que consiga peidar-se tão malcheirosamente, Chu.

Peterson está a olhar para Chu, as caras de ambos pálidas à luz mercurial.

– *Impossível,* ninguém era capaz de acabar a escola, de se ir embora e de pôr o frigorífico cá em baixo sem tirar a comida lá de dentro.

Blott pergunta:

– O cheiro é isso?

– Isto era o frigorífico do Pearson no ano passado?

«Sonolento T.P.» dá meia-volta.

– A quem é que cheira a... a uma coisa podre?

Luzes no teto do túnel por causa das mãos levantadas.

– *Quorum* para o cheiro a coisa podre.

– Devíamos ver? – pergunta Chu. – O hámster do Blott pode muito bem estar ali.

– A roer uma coisa horrenda, talvez.

– Queres dizer, abri-lo?

– O Pearson tinha um frigorífico maior do que o costume.

– *Abri*-lo?

Chu coça-se atrás da orelha.

– Eu e o Gop iluminamo-lo. E o Peterson abre-o.

– Porque é que sou eu?

– És o que estás mais perto, «Sono». Sustém a respiração.

– Jesus! Bem, recuem um bocado para eu poder saltar para trás se alguma coisa, tipo, saltar lá de dentro.

– Ninguém é capaz de ser tão rasca. Quem é que se iria embora e deixar um frigorífico cheio?

– É com todo o gosto que me afasto para bem longe – diz Carl Whale, a luz da lanterna a recuar.

– Nem sequer o Pearson era capaz de descer tão baixo, deixar comida num frigorífico desligado.

– Isto pode explicar a atração dos roedores e de outras coisas.

– Atenção... prontos?... *Hummf!*

– Au! Baza daqui!

– Aponta a luz pra... Oh, meu Deus!

– Ehhhhhhiu!

– Hiiiuuuu!

– Oh meu *Deus*!

– Bahhhhhhhhh!
– Mas que fedor que eu estou a sentir!
– Isto é maionese! Ele deixou maionese aí dentro!
– Porque é que há um alto na tampa?
– A embalagem de sumo de laranja toda inchada, quase a rebentar!
– Não há nada que possa viver aí, roedores ou seja o que for!
– Então porque é que a sanduíche de carne se está a mexer?
– Larvas?
– Larvas!
– Fecha isso, «Sono»! Dá-lhe um pontapé!
– Nunca mais me vou aproximar mais do que isto deste frigorífico, Chu!
– O cheiro está a espalhar-se!
– Estou a sentir o cheiro aqui! – diz a vozinha distante de Whale.
– Não estou a gostar nada disto!
– Isto é a Morte. Malditos sejam os que contemplam a Morte! Diz a Bíblia.
– O que é que são larvas?
– Acham que devemos correr na outra direção?
– Apoio a moção.
– Provavelmente, foi isto que a ratazana, ou o hámster, cheirou – atreve-se Blott a alvitrar.
– Corram!

Vozes agudas a desaparecerem, luzes a oscilarem, a luz de Whale bem à frente.

Depois de Stice e Incandenza terem dividido os dois primeiros *sets* e Hal ter corrido para o balneário no intervalo para pôr colírio nos olhos que o estavam a começar a incomodar e DeLint fazer um barulho estrondoso nas filas enquanto descia os degraus da bancada para trocar umas palavras com Stice, que estava de cócoras, encostado ao poste da rede, com o braço esquerdo erguido, como um cirurgião que se acabara de desinfetar, e a pôr uma toalha no braço, o lugar de DeLint ao lado de Helen Steeply foi ocupado pela pró-reitora Thierry Poutrincourt, de cara comprida, que acabara de tomar um duche e que não era cidadã dos Estados Unidos mas uma quebequense alta, antiga profissional dos torneios satélite, com óculos sem aros e um gorro de esqui de uma tonalidade

violeta suficientemente diferente do chapéu da jornalista ao seu lado para fazer com que as pessoas atrás delas fingissem proteger os olhos do contraste berrante. A putativa jornalista apresentou-se e perguntou a Poutrincourt quem era o miúdo de sobrancelhas grossas na extremidade da fila de cima, atrás delas, curvado sobre si mesmo e a falar para o punho vazio.

– É melhor deixar o James Troeltsch, de Filadélfia, sozinho a fazer o papel de repórter da rádio para si próprio. Ele é estranho e infeliz – disse Poutrincourt, a cara comprida e encovada que também não parecia muito feliz. Os seus encolherzinhos de ombros e a forma como desviava o olhar quando estava a falar com alguém não eram muito diferentes do que Rémy Marathe fazia. – Quando nos dizem que é uma jornalista de revistas perfumadas e brilhantes de modas e tendências, dizem-nos para sermos antipáticos, mas eu, eu acho que sou simpática. – O seu sorriso era um ricto e mostrava dentes tortos. – As pessoas da minha família também são grandes. É difícil ser-se grande.

A decisão tomada por Steeply antes desta missão tinha sido ignorar qualquer referência ao tamanho, como se tivesse uma capacidade qualquer para eliminar todas as referências ao tamanho ou volume, provavelmente desenvolvida na adolescência.

– Não há dúvida de que o vosso senhor DeLint se manteve à distância.

– O DeLint, quando nos sugerem, a nós, os pró-reitores, para fazermos uma coisa, ele só pergunta a si mesmo: como é que consigo fazer perfeitamente esta coisa para os superiores sorrirem com prazer ao DeLint?

O antebraço direito de Poutrincourt era quase o dobro do esquerdo. Ela calçava ténis brancos e vestia um fato de treino *Donnay*, num azul forte e brilhante que contrastava horrorosamente com os gorros de ambas. Os círculos por baixo dos seus olhos também eram azuis.

– E porquê a ordem para serem antipáticos?

Poutrincourt assentia sempre com a cabeça durante um bocado antes de responder a qualquer coisa, como se as coisas tivessem de passar através de vários circuitos de tradução. Acenou com a cabeça e coçou o queixo comprido, enquanto pensava.

– A Helen está aqui para fazer publicidade a jogador-criança, uma das nossas *étoiles*[273], e o doutor Tavis, ele está, como é que dizem, quantificado...

– De quarentena. Desconfiado. Em guarda.

– Não...

– Confuso. Dividido. Num dilema.

– Isso, num *dilema*. Porque isto é um sítio bom e o Hal é bom, melhor do que antes de agora, se calhar agora é uma *étoile*. – Um encolher de ombros, os braços compridos com as mãos na cintura.

Hal voltou a sair do edifício da Administração e, meia elástica ou não, exibiu o trote lento e descontraído de um puro-sangue ao passar pelo pavilhão e pelas bancadas em direção ao portão junto da vedação sul do campo 12, e agindo como se não estivesse a ser observado pelas pessoas nas bancadas, bateu com duas das suas raquetas grandes uma na outra para ouvir o som das cordas, enquanto trocava umas palavras banais com DeLint, que estava sentado com Stice na borda da sombra da travessa metálica, com Stice a soltar uma meia gargalhada a propósito de qualquer coisa, a rodopiar a raqueta e a recuar para servir enquanto Hal ia buscar uma bola junto à vedação norte. As raquetas dos dois jogadores eram grandes e tinham molduras grossas. Thierry Poutrincourt disse:

– E por natureza quem é que não deseja a atenção espampanante, que as revistas com água-de-colónia nas páginas digam que isto é *étoile,* que a Academia de Ténis de Enfield é boa?

– Estou aqui para escrever um perfil suave e inofensivo sobre o irmão dele, em que o Hal é apenas referido como membro de uma família americana excecional em vários aspetos. Não consigo perceber onde é que está o dilema para o Doutor Tavis.

O homenzinho rechonchudo e demasiado solícito que parecia ter sempre um telefone enfiado debaixo do queixo, o tipo de cooperação exagerada que é o pior pesadelo de um entrevistador técnico durante um interrogatório; o monólogo do homenzinho tinha feito ao cérebro de Steeply mais ou menos o que um *flash* faz aos olhos e se ele lhe havia explicitamente recusado acesso ao irmão, então a recusa tinha sido comunicada depois de ele ter esgotado Steeply.

Sentiu-se a leve oscilação da bancada enquanto DeLint voltava, o monte de gráficos apertados contra o peito como os livros de uma colegial, o seu sorriso para a jogadora quebequense sentada no seu lugar como se nunca a tivesse visto, sentando-se pesadamente do outro lado de Steeply, deitando uma olhadela às notas entre parênteses da jornalista sobre os sons possíveis de uma bola a bater

contra a rede no ar frio: *cut, king, ping, pons, pock, cop, thwa, thwat.*

O outro filho do realizador do Entretenimento conhecido como *samizdat* devolve uma bola com efeito que bate na banda da rede, fica uns instantes parada e cai para trás.

«*Veux que nous nous parlons en français? Serait plus facile, ça?*[*1]» Este convite deveu-se ao facto de os olhos de Poutrincourt terem ficado velados mal DeLint se lhes juntou.

O encolher de ombros de Poutrincourt foi *blasé:* os francófonos nunca se deixam impressionar por outras pessoas saberem falar francês.

– Muito bem, então vejam – disse ela (disse Potrincourt em quebequense) –, estrelas adolescentes não são nenhuma novidade neste desporto. Lenglen, Rosewall. No ano de mil oitocentos e oitenta e sete, uma rapariga de quinze anos ganhou Wimbledon, foi a primeira. O Evert chegou às meias-finais do Open dos Estados Unidos com dezasseis anos, em setenta e um ou setenta e dois. Austin, Jaeger, Graff, Sawamatsu, Venus Williams, Borg. Wilander, Chang, Treffert, Medvedev, Esconja. O Becker dos anos oitenta. Agora este argentino novo, o Kleckner.

Steeply acendeu um *Flanderfume*, o que fez com que a cara de DeLint se enchesse de repugnância.

– Comparamos é como ginástica, patinagem artística, natação competitiva.

Poutrincourt não fez nenhum comentário à sintaxe de Steeply.

– Mais ou menos. Ótimo.

Steeply estava a ajustar a saia comprida de camponesa e a cruzar as pernas para se afastar de DeLint, enquanto olhava para uma espécie de sinal translúcido no pescoço comprido de Poutrincourt. Os óculos grossos sem armações de Poutrincourt pareciam os de uma freira assustada. Parecia muito masculina, comprida e dura e sem seios. Steeply tentou soprar o fumo para longe de toda a gente.

– O ténis de nível mundial não sendo obrigado a ter nem o tamanho e músculo do hóquei nem do basquetebol nem do futebol americano, por exemplo.

Poutrincourt assentiu com a cabeça.

– Sim, mas também não tem a precisão milimétrica das vossas pancadas do beisebol, nem como os italianos dizem o *senza errori*, a consistência de nunca errar, que impede os golfistas de atingirem a verdadeira mestria até terem trinta

anos ou mais. – A pró-reitora mudou para inglês por breves instantes, possivelmente, para benefício de DeLint. – O seu francês é parisiense mas possível. Eu, o meu é quebequense.

Agora Steeply teve oportunidade de fazer o mesmo azedo encolher de ombros gaulês.

– Está a dizer-me que o ténis a sério não exige de um atleta nada que os adolescentes não possuam já, se forem excecionais nisso.

– Os médicos da ciência do desporto sabem bem o que o ténis de topo exige – disse Poutrincourt, de volta ao francês. – Demasiado bem, e são a agilidade, os reflexos[274], a velocidade de curta distância, o equilíbrio, alguma coordenação entre a mão e o olho e muita resistência. Mas tudo isto é alcançável no período da puberdade, para alguns. Mas sim, mas espere – disse ela pondo uma mão no bloco de notas quando Steeply começou a fingir que estava a escrever. – A coisa que me perguntou. O dilema é por isto. Os jogadores jovens, eles têm vantagem na psique, também.

– A vantagem da mentalidade – disse Steeply, tentando ignorar o rapaz a falar para a mão, vários lugares mais acima.

DeLint parecia abstraído de tudo o que o rodeava, absorvido no jogo e nas suas estatísticas. As mãos da pró-reitora canadiana traçavam pequenos círculos à frente dela, indicando que estava envolvida na conversa. As mãos dos Americanos quando conversam permanecem imóveis como uns bocados de massa de pão, como Rémy Marathe tinha dito numa ocasião.

– Mas sim, a formidável vantagem mental das suas psiques é ainda não serem totalmente adultas – por isso, bem, eles não sentem a ansiedade e a pressão da mesma maneira que os jogadores adultos. Isto é a história do adolescente que aparece do nada para perturbar o adulto famoso no circuito profissional – os efebos, não, eles não sentem a pressão, conseguem jogar com à vontade, não têm medo. – Um sorriso frio. A luz do Sol refulgiu nos seus óculos. – Ao princípio. Ao princípio, eles não têm medo, nem se sentem pressionados, e irrompem, aparentemente do nada, no mundo profissional, *étoiles* instantâneas, fenomenais, destemidas, imunes à pressão, insensíveis à ansiedade – ao princípio. Parecem ser como os atletas adultos, só que melhores – melhores nas emoções, mais à vontade, nada humanos perante o stresse, a fadiga ou as intermináveis viagens de avião, a publicidade.

– Aquilo a que em inglês se chama uma criança numa loja de doces.

– Aparentemente alheios à solidão e à alienação, e toda a gente quer uma coisa da *étoile*.

– E o dinheiro, também.

– Mas depressa se começa a ver o esgotamento que um sítio como o nosso tem esperança de evitar. Lembra-se do Jaeger, acabado aos dezasseis anos, e do Austin, aos vinte. O Arias, o Krickstein, o Esconja e o Treffert, demasiado lesionados para jogarem nos últimos anos da adolescência. A muito promissora Capriati, a tragédia bem conhecida. O Pat Cash, da Austrália, o quarto em terra batida aos dezoito anos de idade, desaparecido aos vinte.

– Para não estarmos a mencionar as grandes somas de dinheiro. E os patrocínios e as exibições.

– É sempre assim, para a jovem *étoile*. E é pior hoje, porque os patrocinadores não têm emissoras para fazerem publicidade. Agora, o efebo que é *étoile*, que está nas revistas e nos jornais desportivos *aux disques,* é pressionado para se tornar o Anúncio Que Anda. Usa isto, veste isto, por dinheiro. Atiram-te milhões ainda antes de poderes guiar os carros que compras. A cabeça incha-te como um balão. E porque não?

– Mas a pressão pode estar muito afastada? – perguntou Steeply.

– Muitas vezes a mesma coisa. Ganhar duas ou três partidas difíceis, sentir-se de repente tão amado, tanta gente a falar contigo como se te tivesse amor. Mas é sempre a mesma coisa, depois. Porque depois acordas para o facto de seres amado só porque ganhas. As duas ou três vitórias criaram-te, para as pessoas. Não é que as vitórias as façam reconhecer uma coisa que existia não reconhecida antes destas vitórias. O triunfo inesperado *criou-te*. Tens de continuar a ganhar para manteres a existência do amor e dos patrocínios e o desejo das revistas de luxo de publicarem o teu perfil.

– Entra a pressão – disse Steeply.

– Uma pressão que ninguém consegue imaginar, agora que para te manteres tens de continuar a ganhar. Agora que ganhar é o *esperado*. E completamente sozinho, nos hotéis e nos aviões, e qualquer outro jogador com quem pudesses falar da pressão que existe a querer vencer-te, a querer existir por cima e não por baixo. Ou os outros, a quererem de ti, e isso apenas enquanto jogares com descontração e ganhares.

– Daí os suicídios. O esgotamento. As drogas, a autoindulgência, a deterioração.

– Qual é a educação se moldamos o efebo no atleta que consegue ganhar destemidamente para ser amado, mas, todavia, não o preparamos para a altura depois do medo chegar, não é assim?

– Por isso, a terrível pressão que aqui se sente. Eles estão a ser fortalecidos. Endurecidos no forno.

Hal serviu e desta vez acompanhou-o, ao serviço, dando passos curtos e agachado na linha de serviço. O corpo de Stice pareceu alongar-se quando se esticou e levantou a raqueta para devolver a bola, com uma esquerda. Hal fez um vólei muito curto e recuou uns passos, afastando-se da rede quando Stice subiu, preparando-se para uma pancada cruzada fácil. Hal calculou uma direção e dirigiu-se para a esquerda e o «Escuridão» respondeu com um balão e bateu com a parte de trás do pulso nas cordas quando Hal desistiu a meio, sem querer exagerar na reação, mas exultando. O suor de Hal era muitíssimo mais intenso do que o do rapaz do Kansas, mas a cara de Stice estava quase grená do esforço. Os dois fizeram girar as raquetas nas mãos enquanto Hal retrocedia para ir buscar a bola. Stice voltou a colocar-se no lado direito do campo e puxou as meias para cima.

– Continua a ser inteligente da parte do Hal avançar para a rede uma ou duas vezes por jogo depois de servir – disse DeLint para o ouvido de Steeply.

Uma irritação total era o miúdo de narinas vermelhas e das sobrancelhas grossas, James Troeltsch, na ponta da última fila, a falar para o punho, dirigindo-se para o punho de um ângulo e depois de outro, fingindo ser duas pessoas.

– Incandenza, o controlador. Incandenza, o estratega.

– Um lapso tático raro da parte do Incandenza, subir à rede depois de servir quando começou finalmente a estabelecer o controlo a partir da linha de fundo.

– Olha para o Incandenza ali parado, à espera que o Ortho Stice acabe de brincar com as meias para poder executar o serviço. A parecença com as estátuas de Augusto de Roma. O porte régio, a postura da cabeça, o rosto impassível e a autoridade que emana. Os gélidos olhos azuis.

– A gélida película reptilínea de concentração nos frios olhos azuis, Jim.

– O Halster tem tido alguns problemas para lhe controlar os vóleis.

– Pessoalmente, Jim, penso que ele estaria muito melhor com a sua raqueta

antiga de grafite e de tamanho médio do que com esta enorme que o tipo sinistro da Dunlop lhe impingiu.

– Sendo o Stice o jogador mais novo, cresceu com a raqueta *extralarge*. A única coisa que o «Escuridão» conhece é uma raqueta grande.

– Podemos dizer que o Stice nasceu com uma raqueta grande e que o Incandenza é um homem que adaptou o seu jogo a uma raqueta grande.

– A carreira do Hal, Jim, também começou antes das resinas policarbonadas mudarem toda a matriz do ténis júnior.

– E que dia fantástico para o ténis.

– E que dia fantástico para um divertimento em família.

– Esta *Bud* é para toda a família. É o jogo da semana patrocinado pela *Bud*. Oferecido aos nossos ouvintes.

– O Incandenza até contou que tinha modificado a forma de a agarrar, tudo para acomodar a raqueta grande.

– E pela família Multiphasix de resinas policarbonadas de grafite fina e reforçada, Ray.

– Jim, o Ortho Stice – é impossível visualizar sequer o Stice sem a sua raqueta grande de confiança.

– É tudo o que sabem, estes miúdos.

DeLint apoiou um cotovelo na fila de trás e disse a James Troeltsch para regular o som ou ele mesmo iria encarregar-se de fazer com que Troeltsch sofresse.

Hal bateu com a bola no chão três vezes, atirou-a ao ar, recuou para ganhar ainda mais impulso e executou um serviço demolidor, sem efeito e com uma maldosa abertura de ângulo para fora; Stice, grotescamente desequilibrado, esticou-se demasiado e devolveu a bola com uma direita frouxa e baixa ao longo da linha. Hal deslocou-se para a linha de serviço, inclinado para a frente, com a raqueta levantada atrás dele, parecendo, de certo modo, um inseto. Stice ficou parado na linha de fundo à espera de uma bola rápida e ficou indefeso quando Hal encurtou a pancada e atirou uma bola cruzada que passou à tangente por cima da rede, com um grande efeito, e caiu no meio metro de espaço vazio facultado pelo ângulo fechado.

– O Hal Incandenza tem a melhor cabeça para o ténis – disse Poutrincourt em inglês.

Hal fez um ás a Stice, enviando a bola para o centro do campo, e o resultado passou para 2-1 ou 3-2 no terceiro *set*.

– Aquilo que quer saber sobre o Hal, querida, é que ele tem um jogo completo – disse DeLint enquanto os rapazes mudavam de campo, Stice a levar duas bolas em cima da raqueta esticada à frente dele. Hal voltou à toalha. As crianças ao longo da primeira fila a contar de baixo estavam a inclinar-se para a esquerda e depois para a direita, divertindo-se. Lá em cima, a aparição com a câmara de filmar e o suporte/vara de metal tinha desaparecido.

– O que quer saber, a ver juniores a este nível – disse DeLint, ainda inclinado para trás e apoiado no cotovelo, de modo que a parte de cima do corpo estava tapada e ele se resumia às pernas e a uma voz na orelha fria de Steeply –, é que têm todos pontos fortes diferentes, áreas do jogo em que são melhores, e pode ficar atolada a descrever um jogo ou um jogador em termos de pontos fortes diferentes e do número de pontos fortes individuais.

– Não estou aqui para escrever sobre o rapaz – disse Steeply, mas outra vez em francês.

DeLint ignorou-o.

– Não se trata apenas dos pontos fortes ou do número de pontos fortes. Trata-se de saber se eles se juntam para construir um bom jogo. Quão completo é o miúdo. Se tem um jogo. Esses miúdos, vai ter de os conhecer ao almoço.

– Mas não de falar com eles.

– O miúdo com o boné idiota, o Pemulis, o Mike, executa vóleis fabulosos, tem um talento inato para jogar na rede, um olho fantástico. O outro ponto forte do Mike é que tem, sem a menor dúvida, o melhor balão dos juniores da costa leste. São estes os seus pontos fortes. A razão por que estes miúdos que está a ver agora podem dar uma coça valente ao Pemulis é que os pontos fortes do Pemulis não lhe dão um jogo completo. Os vóleis são bolas ofensivas. Um balão é a arma de um jogador de linha de fundo, de respostas. Não se pode fazer um balão da rede ou um vólei da linha de fundo.

– Ele está a dizer que as capacidades do Michael Pemulis se anulam umas às outras[275] – disse Poutrincourt na outra orelha.

DeLint fez uma vénia.

– Os pontos fortes do Pemulis anulam-se uns aos outros. Agora, olhemos para o Todd Possalthwaite, o miúdo mais pequeno, com o penso no nariz por causa

daquela história de escorregar no sabão no duche. O Possalthwaite também tem um balão excelente e embora o Pemulis lhe ganhe agora em virtude da idade e da força, o Possalthwaite é o jogador tecnicamente superior e com melhor futuro, porque o Todd construiu um jogo completo a partir do seu balão.

– Este DeLint está enganado – disse Poutrincourt em quebequense, com um sorriso, que mais parecia um ricto, para DeLint, do outro lado de Steeply.

– Porque o Possalthwaite não sobe à rede. O Possalthwaite fica atrás custe o que custar e, ao contrário do Pemulis, esforça-se por desenvolver as pancadas que lhe permitam ficar atrás, atrair o outro jogador e usar o seu balão venenoso.

– O que quer dizer que, aos catorze anos, o seu jogo nunca irá mudar ou crescer, e se ele ganhar mais força e quiser atacar, nunca será capaz – disse Poutrincourt.

DeLint mostrou tão pouca curiosidade sobre o que Poutrincourt disse que Steeply se interrogou se ele afinal saberia francês e fez um ideograma privado sobre isso.

– O Possalthwaite é um estratega defensivo puro. Tem uma *Gestalt*, o termo que usamos aqui para um jogo completo é *Gestalt* ou *jogo completo*.

Stice voltou a fazer um ás a Hal e a bola ficou presa num interstício em forma de diamante da rede metálica e Hal teve de pousar a raqueta e usar as duas mãos para a tirar.

– Mas, se calhar para o seu artigo, a informação sobre este garoto, o irmão do pontapeador – o Hal não consegue fazer um balão nem com metade da qualidade do do Possalthwaite e, comparado com o Ortho ou o Mike, o jogo dele na rede é vulgar. Mas, ao contrário do irmão, quando estava cá, os pontos fortes do jogo do Hal começaram a encaixar uns nos outros. Tem um bom serviço, uma boa resposta ao serviço e uma panóplia de pancadas muito, muito boa, com grande controlo e um bom toque de bola, ótimo comando de toque e efeito; e consegue enfrentar um jogador defensivo e desnorteá-lo com o seu controlo superior, e consegue enfrentar um jogador atacante e usar a velocidade do tipo contra ele.

Hal respondeu a Stice com uma direita ao longo da linha e a bola pareceu mesmo que ia cair dentro do campo, mas no último segundo possível desviou-se, numa curva abrupta para fora, como se um estranho golpe de vento tivesse saído do nada e a tivesse empurrado, e Stice pareceu mais surpreendido do que Hal. A cara do irmão do pontapeador não registou qualquer expressão enquanto se

mantinha no canto esquerdo a ajustar qualquer coisa nas cordas da raqueta.

– Mas talvez se consiga atingir isto, ganhar. Imagine só. Converter-se naquilo para que se deu a vida. Não apenas bom, mas o melhor. A filosofia vigente daqui e do Schtitt – estou convencida de que a filosofia de Enfield é mais canadiana do que americana, por isso pode ver que tenho preconceitos – é que também se tem de ter – bem, deixemos de lado por uns instantes o talento e o trabalho para se tornar o melhor –, que se está condenado[276] se não se tiver também dentro de si a capacidade para transcender o objetivo, transcender o sucesso de ser o melhor, se se conseguir lá chegar.

Steeply conseguia ver no parque de estacionamento, por trás do pavoroso volume do cubo neogeorgiano do edifício da Administração, vários garotos a carregarem e a arrastarem sacos de plástico brancos para o conjunto de contentores do lixo que estava junto dos pinheiros ao fundo do estacionamento; as crianças pálidas e de olhos esbugalhados, conferenciando entre si e deitando olhares ansiosos para o outro lado dos campos de ténis, para a multidão atrás do campo de exibição.

– Por conseguinte – continuou Poutrincourt – e para aqueles que se transformam de facto em *étoiles*, os felizardos sobre quem se escreve e que são fotografados para os leitores e que, na religião dos EUA, *alcançam o sucesso*, eles têm de ter algo construído dentro de si ao longo do caminho que lhes permitirá transcendê-lo, ou estão condenados. Vemos isto na prática. Vemos isto em todas as culturas obsessivamente baseadas na procura do êxito. Veja os *japonois*, a taxa de suicídios dos últimos anos. Esta nossa tarefa em Enfield é ainda mais delicada, com as *étoiles*. Pois se consegues o teu objetivo objectivo e não consegues descobrir uma forma de transcender a experiência de teres esse objetivo como toda a tua existência, a tua *raison de faire*[277], então, bem, vamos ver acontecer uma de duas coisas.

Steeply tinha de estar sempre a respirar para cima da esferográfica para manter a ponta descongelada.

– Uma, uma é que atinges o teu objetivo objectivo e apercebes-te da realidade chocante de que atingires o teu objetivo não te completa nem te redime, não faz com que tudo na tua vida fique *okay*, como foste educado, nesta cultura, a pensar que ele fará isso, o objetivo. E depois enfrentas este facto de que aquilo que havias julgado que tinha significado não tem esse significado quando o

consegues e ficas trespassado pelo choque. Na História, vemos suicídios de pessoas que atingiram o topo; as crianças daqui são versadas naquilo a que se chama «a saga de Eric Clipperton».

– Com dois pês?

– Exatamente. Ou a outra possibilidade de condenação, para as *étoiles* que alcançam. Alcançam o objetivo objectivo e põem tanta paixão na celebração do que conseguiram como tinham posto na procura de o conseguirem. Aqui, chamamos-lhe «a síndrome da Festa Interminável». A fama, o dinheiro, os comportamentos sexuais, as drogas e substâncias. O *glamour*. Tornam-se celebridades em vez de jogadores, e como são celebridades apenas enquanto alimentam a fome da cultura do objetivo pelo *sucesso*, pela vitória, estão condenados, porque não podes celebrar e sofrer ao mesmo tempo e jogar é sempre sofrimento, exatamente isso.

– O melhor dos nossos rapazes é melhor do que o Hal, vai vê-lo jogar amanhã, se quiser. O John Wayne. Nada a ver com o verdadeiro John Wayne. Um compatriota aqui da Terry.

Aubrey DeLint estava sentado, reclinado para trás, ao lado deles, com o frio a dar às faces picadas das bexigas um segundo fulgor, duas febris rodelas ovais de arlequim.

– O John Wayne possui uma *Gestalt* porque o Wayne tem simplesmente tudo e esse tudo nele tem o tipo de velocidade com que um pensador e artista do toque como o Hal não consegue lidar de forma nenhuma.

– Esta também era a filosofia da condenação do fundador, o pai do pontapeador Incandenza, que, segundo me disseram, também se envolveu vagamente no cinema? – perguntou Steeply à canadiana.

O encolher de ombros de Poutrincourt podia ter significado demasiadas coisas para serem apontadas.

– Eu vim depois. O M. Schtitt, o seu objetivo diferente para as *étoiles* é andar no meio destas. – Steeply também não se apercebeu completamente das mudanças entre dialetos da mulher. – Traçar um caminho entre necessitar do êxito e fazer troça desse êxito.

DeLint intrometeu-se.

– O Wayne tem tudo. A força do Hal converteu-se em saber que ele não tem tudo e em construir um jogo a partir daquilo que falta assim como daquilo que lá

está.

Steeply fingiu arranjar o gorro, mas na realidade estava a ajustar a peruca.

– Isso parece tudo demasiado abstrato para uma coisa tão física.

O encolher de ombros de Poutrincourt empurrou-lhe os óculos um bocadinho para cima.

– É contraditório. Dois seres, um que não está aqui. O M. Schtitt, quando o fundador da Academia morreu...

– O pai do pontapeador, que se envolveu vagamente no cinema.

A camisola com mangas raglã de Steeply tinha sido da mulher.

Voltando a assentir brandamente, Poutrincourt disse:

– Este fundador académico, o M. Schtitt diz que este fundador era um estudioso de tipos de visão.

DeLint disse:

– Os únicos limites possíveis do Wayne são também a sua força, a vontade e a determinação de liga de aço e tungsténio, a insistência em impor o seu jogo e a sua vontade ao adversário, sem nenhuma vontade de mudar a velocidade do seu jogo se não lhe estiver a correr bem. O Wayne tem o toque e os balões para se aguentar num dia mau, mas não o faz – se está em baixo ou as coisas não lhe saem como quer, limita-se a bater com mais força. A velocidade dele é tão avassaladora que se pode permitir ser intransigente no ataque quando enfrenta juniores norte-americanos. Mas, no circuito, a que o Wayne chegará provavelmente no próximo ano, no circuito, a flexibilidade é mais importante, como ele irá descobrir. Aquilo a que chamamos humildade.

Poutrincourt estava a olhar para Steeply quase com demasiada indiferença, era o que quase parecia.

– O estudo dele não era tanto sobre como vemos uma coisa, mas esta relação entre nós mesmos e o que vemos. Ele transferiu isto abundantemente para campos diferentes, diz o M. Schtitt.

– O filho descreveu o pai como, e cito textualmente, «disfórico de género».

Poutrincourt levantou a cabeça.

– Isso não parece nada do Hal Incandenza.

DeLint fungou ruidosamente.

– Mas a principal vantagem da *Gestalt* do Wayne sobre o Hal é a cabeça. O Wayne é força pura. Não sente medo, piedade, remorsos – quando acaba um

ponto, é como se nunca tivesse acontecido. Para o Wayne. É verdade que o Hal tem uma panóplia de pancadas melhor do que a do Wayne e podia ter a velocidade do Wayne se quisesse. Mas a razão por que o Wayne é o terceiro no *ranking* continental e o Hal o sexto é a cabeça. O Hal parece impávido ali, mas é mais vulnerável em termos de... emocionais. O Hal lembra-se dos pontos, sente as tendências do jogo. O Wayne não. O Hal é sensível às flutuações. Desânimos. Grandes lapsos de concentração. Há dias em que quase conseguimos ver o Hal, tipo, a entrar e a sair de um jogo, como se uma parte dele se fosse embora, pairasse por ali e depois voltasse.

O tal Troeltsch exclamou:

– Chiça!

– Então sobreviver aqui para mais tarde é, finalmente, ter essas duas coisas – disse Poutrincourt baixinho, num inglês quase sem sotaque, como se estivesse a falar consigo mesma.

– A suscetibilidade emocional, em termos de esquecimento, é normalmente uma coisa feminina. O Schtitt e eu achamos que é uma questão de vontade. As vontades suscetíveis são mais comuns nas nossas melhores raparigas. Vemos isso na Longley, vemos isso na Millie Kent e na Frannie Unwin. Não vemos essa vontade negligente nas Vaught, ou na Spodek, que pode ver a jogar se quiser.

O tal Troeltsch disse:

– Podíamos ver isso outra vez, Ray? Que te parece?

Steeply estava a olhar para o lado da cara de Poutrincourt enquanto DeLint, do outro lado, estava a dizer:

– Mas a pessoa em quem vemos mais isso é o Hal.

---

*1 «Quer que falemos em francês? Seria mais fácil?» *(N. dos T.)*

14 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

O MAN O' WAR GRILLE NA PROSPECT: Matty estava sentado no meio da algazarra calorosa do restaurante português com as mãos no colo, a olhar para o vazio. Um empregado trouxe-lhe a sopa. O empregado tinha nódoas de sangue ou de sopa no avental e, sem qualquer razão discernível, trazia um fez na cabeça. Matty comeu a sopa sem nunca a sorver ruidosamente. Tinha sido a pessoa da família que tinha melhores modos à mesa. Matty Pemulis era um prostituto e fazia vinte e três anos nesse dia.

O Man o' War Grille fica na Rua Prospect, em Cambridge, e as janelas da frente dão para o intenso trânsito pedonal entre a Praça Inman e a Praça Central. Enquanto esperava pela sopa, Matty tinha estado a olhar para a rua, do lado de lá do vidro da janela, a ver uma mulher mais velha, tipo mulher que anda aos trapos, com várias camadas de roupa, levantar as saias, agachar-se no passeio e despejar as tripas velhas e enrugadas ali mesmo, à vista tanto das pessoas que passavam como das que estavam no restaurante, e depois agarrar em todos os sacos de compras de plástico e afastar-se impavidamente. O monte do que despejara ficou ali, no passeio, a fumegar ligeiramente. Matty tinha ouvido os estudantes universitários na mesa ao lado dizer que não sabiam se deviam ficar completamente agoniados ou completamente fascinados.

Um rapaz eenorme e esguio, com uma cara grande e afilada, cabelo muito curto, um sorriso e um queixo que tinha de ser barbeado duas vezes desde os catorze anos. Agora a ficar um pouco careca a partir da testa alta e lisa. Um sorriso permanente que dava sempre a ideia de que ele estava a tentar não o fazer, mas que não conseguia evitar. Antigamente, o pai sempre a dizer-lhe: «Para com isso.»

Praça Inman: a Little Lisbon. A sopa tinha bocados de lulas que faziam com que os músculos da cara dele se fletissem, a mastigar.

Agora, dois brasileiros com calças à boca de sino e sapatos de saltos altos no passeio à frente da janela por cima da cabeça dos comensais, o que podia ser o fermentar de uma luta de rua, um a andar para a frente, o outro a andar para trás,

confrontando-se enquanto se moviam, sem que nenhum pisasse o bocado despejado pelas tripas no passeio, falando muito alto num português de rua abafado pelas janelas e pela algazarra intensa, mas cada um a olhar em redor e depois para o seu próprio peito, tipo: «Estás a dizer-me essa merda a *mim*?» Depois a carga repentina do homem que avançava a atirar os dois para a direita, para fora do caixilho da janela.

Em 1989, o pai de Matty viera num barco de Louth, em Lenster. Matty tinha três ou quatro anos. O papá de Matty trabalhara nas docas de South Boston a enrolar cordas com a grossura de postes de telefone em cones altos, e morrera quando Matty tinha dezassete anos, de doença pancreática.

Matty levantou os olhos do pãozinho que estava a molhar na sopa e viu duas raparigas com peso a menos a passarem à frente da janela, cada uma da sua raça, uma delas preta e nenhuma a deitar sequer um olhar para a merda que toda a gente evitava; e depois, uns segundos atrás delas, Poor Tony Krause, que, por causa das calças e do gorro, Matty nem sequer reconheceu como Poor Tony Krause até ter olhado para baixo e depois outra vez para cima: Poor Tony Krause estava com um aspeto medonho: chupado, os olhos encovados, mais do que doente, pronto para o túmulo, a pele da cara do branco-esverdeado da vida marinha das profundidades abissais, parecendo mais morto do que vivo, identificável como o infeliz do velho Poor Tony Krause apenas pela boa e pelo casaco de cabedal e pela maneira como levava a mão à cova da garganta enquanto andava, daquela maneira que Equus Reese sempre dissera que lhe lembrava as *starlets* da era do cinema a preto e branco a descerem escadarias curvas para uma qualquer função cerimoniosa, Krause nunca andava normalmente, fazendo antes uma série infinita de entradas majestosas em espaços fechados, com uma altivez régia que agora era doentia e assustadora dado o aspeto fantasmagórico de Krause, ao passar pela janela do Grille, os olhos fixos ou a trespassarem as duas raparigas esqueléticas que se arrastavam à sua frente, seguindo-as até desaparecerem do lado direito da janela.

O pai de Matty havia começado a enrabá-lo quando Matty tinha dez anos. *Uma foda ne cuzinho*. Matty recordava-se perfeitamente de tudo. Por vezes, tinha visto pessoas a quem haviam acontecido coisas desagradáveis quando eram crianças afastarem-nas da cabeça e não se lembrarem de nada. Mas isso não acontecia com Matty Pemulis. Lembrava-se de todos os pormenores de cada

uma das vezes. O pai do outro lado da porta do quartinho onde Matty e Micky dormiam, a altas horas da noite, a nesga de luz do corredor iluminado, que parecia o olho de um gato, pela frecha da porta que o pai tinha aberto, a porta com dobradiças bem oleadas a abrir com a lentidão implacável da Lua a nascer, a sombra do pai a alongar-se pelo chão e depois o homem em pessoa a avançar furtivamente atrás dela, a atravessar o chão iluminado pelo luar, de peúgas remendadas, e com aquele cheiro que, mais tarde, Matty haveria de saber que era de licor de malte, mas a que naquela idade ele e Mickey chamavam outra coisa, quando o sentiam. Matty deixava-se ficar quieto, a fingir que estava a dormir; não sabia porque é que esta noite tinha fingido que não sabia que o homem estava ali; estava assustado. Mesmo da primeira vez. Micky tinha apenas cinco anos. Todas as vezes foram iguais. O pai bêbado. Aos ziguezagues pelo chão do quarto. Sub-repticiamente. Conseguindo nunca partir o pescoço nos minúsculos camiões e carrinhos de brincar espalhados pelo chão, deixados ali, daquela primeira vez, por acidente. Sentando-se na beira da cama, o seu peso a alterar o ângulo da cama. Um homem grande a cheirar a tabaco e a outra coisa qualquer, a respiração sempre audível quando estava bêbado. Sentando-se na beira da cama. Abanando Matty para o «acordar» de tal forma que Matty tinha de fingir que acordava. A perguntar se ele estava a dormir, ali a dormir, estava? Ternura, carícias que, de certo modo, ultrapassavam a linha do verdadeiro afeto paternal de etnia irlandesa, a liberalidade emocional de um homem sem autorização de residência que todos os dias se matava a trabalhar para alimentar a família. Carícias que ultrapassavam, de um modo algo vago, um pouco essa linha e a da liberalidade emocional de qualquer outra coisa, bêbada, quando todas as regras dos estados emotivos estavam suspensas e nunca se sabia, de um minuto para o outro, se se ia ser beijado ou agredido – impossível dizer como ou até mesmo saber como elas estavam ligeiramente acima dessas linhas. Mas existiam, as carícias. Ternura, carícias, o mau hálito quente, demasiado doce e baixo, desculpas em voz baixa por qualquer acesso de selvajaria ou de disciplina nesse dia. A maneira de agarrar a bochecha e o queixo quentes da almofada na concha da mão, o enorme dedo mindinho a traçar a depressão entre a garganta e o queixo. Matty encolhia-se: «Tamos envergonhados, filho? Tamos com medo?» Matty encolhia-se sempre mesmo depois de saber que o medo que o fazia encolher-se era parte do que provocava aquilo, pois o pai ficava furioso: «Então,

de quem é que temos medo? Então quem é que somos, um filho, pra termos assim tanto medo do próprio pai?» Como se o pai que se matava a trabalhar todos os dias não fosse mais do que um... Um pai não pode mostrar amor ao filho sem ser tomado por um...? Como se Matty pudesse estar ali deitado com a comida dele dentro de si, debaixo da roupa da cama que ele tinha comprado, e pensar que o pai não era melhor do que um... «Então é de uma foda que temos medo. Achas que um pai que vem falar com o filho e o abraça é um pai que não tem mais nada na cabeça a não ser uma foda? Como se o filho fosse uma puta de quarenta dólares lá das docas? Como se o pai fosse um... É isso que pensas de mim? Então é isso que pensas de mim.» Matty a encolher-se contra a almofada que o pai tinha pago, as molas do sofá cama a chiarem com o seu medo; tremia. «Pois então, estou decidido a dar-te exatamente aquilo que tás a pensar e a temer. O que achas que sou.» Matty soube logo no princípio que ter medo alimentava a coisa, fazia com que o pai o quisesse fazer. Não conseguia não ter medo. Tentou e tentou, amaldiçoou-se por ser um cobarde e por o merecer, fez tudo exceto chamar ao papá um... Passaram-se anos até ter percebido que o pai o teria *fodido no cuzinho* fizesse ele o que fizesse. Que esse acontecimento estava planeado antes da primeira risquinha da luz da porta se alargar e que fosse o que fosse que Matty sentisse ou deixasse perceber não fazia diferença. Uma vantagem de não afastarmos a recordação é podermos voltar a prestar-lhe atenção mais tarde, com uma perspetiva mais madura; podemos acabar por perceber que nenhum filho no planeta podia estar a pedir isso, fizesse ele o que fizesse. Posteriormente, numa certa idade, começou a deixar-se ficar deitado enquanto o pai o abanava e fingia que continuava a dormir, mesmo quando os abanões atingiam um ponto em que os dentes chocavam uns contra os outros numa boca que exibia o leve sorriso que Matty tinha decidido que as caras das pessoas que estavam realmente a dormir exibiam sempre. Quanto maior era a força com que o pai o abanava, maior era a força com que Matty fechava os olhos e mais fixo o sorriso leve e mais altos os roncos do ressonar de desenhos animados que alternava com assobios. Mickey, no catre ao pé da janela, sempre silencioso como uma tumba, de lado, com a cara voltada para a parede e escondida. Nunca uma palavra entre eles sobre algo mais do que as possibilidades de serem beijados ou agredidos. Por fim, o pai agarrava-o pelos dois ombros e virava-o para baixo com um ruído de desgosto e frustração. Matty pensava que só o cheiro do medo talvez já fosse

suficiente para merecer aquilo, até que (mais tarde) conseguiu ter uma perspetiva mais madura. Lembrava-se do som oval da tampa a sair do frasco de vaselina, aquele *plop* especial de uma pedra a cair no lago de uma tampa de vaselina (não segura para crianças, mesmo numa época de tampas seguras para crianças), de ouvir o pai a murmurar para consigo enquanto a aplicava em si próprio, de sentir o horrível dedo frio, frio como gelo, enquanto o Papá espalhava rudemente aquela coisa à volta do ânus de Matty, da sua estrela negra.

Foi só a perspetiva mais madura dos anos e da experiência que permitiu que Matty descobrisse uma coisa para se sentir grato: pelo menos, o pai tinha usado um lubrificante. Mas nem uma perspetiva adulta podia fazer com que Matty, agora com vinte e três anos de idade, compreendesse as origens da familiaridade evidente do homem grande com aquela coisa e a sua utilização noturna.

Ouve-se falar de, por exemplo, *cirrose* e *pancreatite aguda* e pensa-se numa pessoa agarrada à barriga como um ator dos filmes antigos atingido com um tiro na barriga e a afundar-se silenciosamente no descanso eterno com as pálpebras fechadas e o rosto composto. O pai de Matty morreu engasgado com sangue aspirado, uma verdadeira fonte do sangue mais escuro possível, Matty coberto com uma camada castanho-avermelhada, como tinta *spray*, enquanto agarrava os pulsos amarelos do homem e a mãe se arrastava penosamente pela enfermaria à procura de uma equipa com um carro de ressuscitação. As partículas aspiradas eram tão terrivelmente finas, quase atomizadas, que pairavam no ar como o próprio ar por cima da cama com grades enquanto o homem expirava, os olhos amarelos como os de um gato muito abertos e a cara contorcida num pavoroso ricto de dor, os seus pensamentos derradeiros (se os teve) impossíveis de conhecer. Matty ainda brindava à última recordação do homem com o primeiro trago do seu copo, sempre que bebia[278].

11 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

DEPOIS DO JANTAR, a primeira coisa que Hal faz é ir ao quarto de Schtitt, adjacente ao átrio do edifício da Administração, para fingir que queria informações sobre o que tinha corrido tão terrivelmente mal com Stice. E também, antes de mais, para ver se conseguia obter uma explicação para ter tido de jogar em público contra o «Escuridão», numa data tão próxima do WhataBurger. Ou seja, o que é que a partida de exibição podia ter significado. Esta tensão interminável entre os alunos da ATE em relação à forma como os treinadores os estão a classificar, a avaliar o seu progresso – é a reputação deles a subir ou a baixar. Mas A. DeLint é a única pessoa presente, a trabalhar numa tabela numa espécie de folha de cálculo gigantesca, sem camisa e deitado no chão nu com o queixo apoiado na mão e uma caneta de ponta de feltro *Magic Marker*, e diz-lhe que Schtitt saiu de bicicleta para ir buscar doces a um sítio qualquer, mas que se sente. Presumivelmente, querendo dizer numa cadeira. Por isso, Hal é sujeito a vários minutos da versão de DeLint da partida, acompanhada de estatísticas saídas da cabeça do pró-reitor. As costas de DeLint são pálidas e têm uma constelação de buraquinhos vermelhos de borbulhas antigas, embora as costas não sejam nada comparadas com as de Struck ou de Shaw. Há uma cadeira de verga e uma cadeira de madeira. O ecrã de cristal líquido do portátil de DeLint pulsa em tons de cinzento no chão, ao lado dele. O quarto de Schtitt está demasiado iluminado e não há pó em lado nenhum, nem nos cantos mais recônditos. As luzes da aparelhagem estão ligadas, mas não há nada a tocar. Nem Hal nem DeLint mencionam a presença da repórter que está a escrever sobre Orin na tribuna durante a partida, nem a longa conversa da senhora grande com Poutrincourt, que tinha sido conspícua. Os nomes de Stice e Wayne estão no cimo da tabela enorme estendida no chão, mas o nome de Hal não. Hal diz que não consegue dizer se fez algum erro tático básico ou se não estava simplesmente nos seus dias naquela tarde ou coisa parecida.

– Simplesmente, nunca estiveste lá, miúdo – diz-lhe DeLint. Utiliza análise estatística para justificar isto. A sua escolha de palavras faz com que Hal fique

gelado da cabeça aos pés.

Depois disto, durante o que é supostamente o período de estudo obrigatório da parte da tarde, e apesar dos três capítulos para os exames do quadro que o seu calendário desses exames exige, Hal fica sentado sozinho na Sala de Visionamento 6, a perna magoada estendida no sofá à frente dele, fletindo preguiçosamente o tornozelo magoado, segurando o outro joelho contra o peito, a apertar uma bola, mas com a mão com que não joga, a mascar *Kodiak* e a cuspir diretamente para um cesto de papéis que não está forrado, com uma expressão neutra, enquanto vê uns cartuchos de entretenimento do falecido pai. Esta noite, qualquer pessoa que estivesse ali a olhar para ele diria que Hal estava deprimido. Ele vê três cartuchos de enfiada. Vê *O Século Americano Visto através de Um Tijolo* e *Acordo Pré-Nupcial entre o Céu e o Inferno* e depois parte de *Um Valioso Cupão Foi Retirado*, que é enlouquecedor porque é só um monólogo de um contemporaneozinho de óculos de Miles Penn e Heath Pearson que era quase tão ubíquo como Reat e Bain na obra de Ele Mesmo, mas de cujo nome, neste preciso momento, Hal não consegue lembrar-se de maneira nenhuma. Vê partes de *Morte em Scarsdale*, *Sindicato dos Publicamente Escondidos em Lynn*, *Várias Chamazinhas* e *Tipos de Dor*. A Sala de Visionamento tem painéis isolantes atrás do papel de parede e é necessariamente à prova de som. Hal vê metade daquela coisa da *Medusa «versus» Odalisca*, mas tira-a abruptamente quando as pessoas do público começam a ficar transformadas em pedra.

Hal tortura-se a imaginar tipos morenos e de olhar malicioso a ameaçarem torturar várias pessoas que ama se Hal não conseguir lembrar-se do nome do miúdo que entra em *Um Valioso Cupão*, *Civismo de Baixa Temperatura* e *Despede-te do Burocrata*.

Há dois cartuchos nas prateleiras de vidro da SV 6 com Ele Mesmo a ser entrevistado em vários fóruns a armar ao artístico, tipo canais de cabo de acesso comunitário, que Hal se recusa a ver.

O leve tremeluzir da luz e a alteração subtil da pressão dentro da sala devem-se às fornalhas da ATE terem arrancado lá em baixo, nos túneis sob o edifício da Administração. Hal agita-se desconfortavelmente no sofá, cuspindo para o cesto dos papéis. O cheiro muito fraco a pó queimado também vem das fornalhas.

Uma curta-metragem didática de que Hal gosta e passa duas vezes seguidas é

Despede-te do Burocrata. Um burocrata numa espécie de complexo de escritórios esterilizados e iluminados com luzes fluorescentes é um trabalhador fantasticamente eficiente quando acordado, mas tem um problema terrível para acordar de manhã e chega consistentemente atrasado ao emprego, o que numa burocracia é idiossincrático, indisciplinado e totalmente inaceitável, e vemos este burocrata a ser chamado ao cubículo de vidro martelado do seu supervisor, e o supervisor, que veste um fato muitíssimo antiquado com o colarinho da camisa por cima das lapelas cor de ferrugem, diz ao burocrata que ele é um bom trabalhador e um bom homem, mas este atraso crónico de manhã não pode continuar e se acontecer mais uma vez, o burocrata irá ter de encontrar outro complexo de escritórios iluminados com luzes fluorescentes para trabalhar. Não é por acaso que numa burocracia se chama a ser despedido «eliminação», género obliteração ontológica, e o burocrata abandona o cubículo do seu supervisor devidamente abalado. Nessa noite, ele e a mulher percorrem todo o seu condomínio Bauhaus a recolherem todos os despertadores que possuem, todos eles elétricos, digitais e extremamente exatos, e engrinaldam o quarto com eles, de forma que há cerca de uma dúzia de relógios com os alarmes postos para as 06h15. Mas nessa noite há um apagão elétrico e todos os relógios perdem uma hora ou ficam a piscar 00h00 interminavelmente, e o burocrata volta a ficar a dormir de manhã. Acorda tarde, fica deitado uns instantes a olhar para os 00h00 a piscarem. Dá um grito, agarra-se à cabeça, veste a roupa amarrotada, ata os sapatos no elevador, faz a barba no carro, passa todos os sinais vermelhos no caminho até à estação do comboio. O comboio das 08h16 para a City para no nível inferior da estação no preciso instante em que o carro do burocrata enlouquecido entra com um chiar de travões no parque de estacionamento e o burocrata consegue ver o tejadilho do comboio parado do outro lado do parque de estacionamento. Este é o último comboio possível: se o burocrata o perder, chegará tarde e será eliminado. Estaciona num lugar para deficientes e deixa o carro ali, num ângulo disparatado, pula a cancela e desce as escadas, saltando de sete em sete degraus, até à plataforma, suado e de olhos esbugalhados. As pessoas gritam e afastam-se do caminho. Enquanto desce as escadas compridas numa correria, mantém os olhos enlouquecidos nas portas abertas do comboio das 08h16, tentando obrigá-las, com a sua força de vontade, a que se mantenham abertas só mais um bocadinho. Por fim, filmado numa câmara lenta glacial, o

burocrata salta do sétimo para o último degrau e atira-se para as portas abertas do comboio e, exatamente a meio da investida, choca de cabeça com um rapazinho de cara séria com óculos grossos, um laço e aqueles calções de menino da escola pacóvio que percorre titubeante a plataforma sob uma grande braçada de pacotes cuidadosamente embrulhados. Pumba, colidem. Tanto o burocrata como o miúdo cambaleiam para trás com o impacte. Os embrulhos do miúdo voam por todos os lados. O miúdo recupera o equilíbrio e fica ali parado, atordoado, os óculos e o laço à banda[279]. O burocrata olha como um louco do miúdo para os pacotes espalhados, outra vez para o miúdo e depois para as portas do comboio, que ainda estão abertas. O comboio vibra ruidosamente. O interior está iluminado com luz fluorescente e cheio de burocratas empregados, ontologicamente seguros. Ouve-se, pelo sistema sonoro da estação, dizerem qualquer coisa curta e incompreensível sobre partidas. A torrente de trânsito de peões na plataforma abre-se à volta do burocrata e do garoto atordoado e dos pacotes espalhados. Uma vez, Ogilvie discursara durante um período inteiro sobre a personagem deste miúdo como um exemplo da diferença entre um antagonista e um deuteragonista no drama moral; tinha mencionado o nome da criança-ator repetidas vezes. Hal experimenta dar várias sapatadas na cabeça, logo acima do olho direito, para fazer sair o nome. Os olhos esbugalhados do burocrata continuam a saltar entre as portas abertas do comboio e o rapazinho, que está a olhar fixamente para ele, quase como se o estivesse a estudar, os olhos grandes e líquidos por trás das lentes. Hal também não se lembra de quem fazia de burocrata, mas é o nome do miúdo que o está a pôr maluco. O burocrata está a inclinar-se para longe, a pender na direção das portas do comboio, como se todas as suas células o estivessem a puxar naquela direção. Mas continua a olhar para o miúdo e para os presentes, lutando consigo mesmo. É um claro momento de conflito interno, algo muito raro nos filmes de Ele Mesmo. De repente, os olhos do burocrata retrocedem para os seus lugares normais nas órbitas. Desvia o olhar das portas fluorescentes, inclina-se para o garoto e pergunta-lhe se está bem e diz que vai correr tudo bem. Limpa os óculos do miúdo com o lenço que tira do bolso, apanha os embrulhos do miúdo. Quando está a meio dos embrulhos, o altifalante comunica qualquer coisa definitiva e as portas do comboio fecham-se com um silvo pressurizado. O burocrata levanta o miúdo gentilmente com os embrulhos, ordenando-os. O comboio arranca. O burocrata

vê o comboio partir, impassivelmente. Ninguém sabe o que ele está a pensar. Endireita o laço do rapazinho, ajoelhando-se como fazem os adultos quando estão a socorrer uma criança, pede-lhe desculpa pelo choque e diz-lhe que está tudo bem. Volta-se para se ir embora. Agora a plataforma está quase vazia. O miúdo estica o pescoço por trás dos embrulhos e olha para cima, para o homem, quando este começa a afastar-se.

– Senhor? – chama o miúdo. – O senhor é Jesus?

– Isso queria eu – responde o ex-burocrata por cima do ombro, afastando-se ao mesmo tempo que o miúdo ajeita os embrulhos e liberta uma mãozinha para dizer adeus para as costas do sobretudo do tipo enquanto a câmara, que agora se percebe que estava montada na traseira do comboio das 08h16, se afasta da plataforma e ganha velocidade.

De todos os entretenimentos do falecido pai, *Despede-te do Burocrata* continua a ser o preferido de Mario, possivelmente por causa da sua sinceridade sem sofisticação. E embora continue a afirmar a Mario que o filme é basicamente uma lamechice, secretamente, Hal também gosta dele, do cartucho, e gosta de se projetar imaginariamente na personagem do ex-burocrata na sua tranquila viagem de regresso a casa e à sua obliteração ontológica.

Como um tipo de estranha autopunição, Hal também está a planear submeter-se aos horríficos *Divertimento com Dentes* e *Fotografias de Bebé de Ditadores Famosos* e, finalmente, a um dos êxitos póstumos de Ele Mesmo, um cartucho chamado *Irmã de Sangue: Uma Freira Dura de Roer* que sempre tinha achado gratuitamente sórdido e excessivamente elaborado, mas Hal não faz a menor ideia de que esta peça de entretenimento, na realidade, nasceu de uma breve e desagradável experiência de James O. Incandenza com os Alcoólicos Anónimos de Boston em meados dos anos 90 A.S., que Ele Mesmo aguentou durante dois meses e meio e de que se foi afastando gradualmente, desagradado com aquela treta simplista de Deus e do dogma encoberto. Agora, sem *Bob Hope*, Hal continua a cuspir mais do que é norma e também gosta de ter o cesto dos papéis bem ao lado dele para o caso de vomitar. Nessa tarde não tinha tido ponta de sensação cinestésica: não conseguia sentir a bola na raqueta. A sua náusea não tem nada que ver com o facto de estar prestes a visualizar os cartuchos do pai. Durante aquele último ano, o braço tinha sido uma extensão da mente e a raqueta uma extensão do braço, extremamente sensível. Cada um dos cartuchos é uma

disquete preta cuidadosamente identificada; todos os visionamentos estão ordenadamente anotados num bloco de notas com mola ao lado da estante de vidro em forma de ovo e os últimos três cartuchos estão carregados nas ranhuras sequenciais, à espera de caírem, por ordem, e de serem descodificadas digitalmente.

14 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

P.T. KRAUSE: NORTH CAMBRIDGE: aquela sensação infame e enganadora de bem-estar depois do ataque. Aquela febre vencida, a sensação de alegria e felicidade do tipo reviravolta da sorte depois de um episódio neuroelétrico. Poor Tony Krause acordou na ambulância sem lagarto, continente e a sentir-se às mil maravilhas. Ficou lá deitado a namoriscar com o paramédico de queixo azul debruçado sobre ele, dizendo piadas obscenas relativas a expressões como *sinais vitais* e *dilatação* até que o paramédico comunicou por rádio com as Urgências do Cambridge City para cancelar o carrinho de emergência. Manipulou os braços esqueléticos numa paródia de um mambo minimal, ali deitado. Marimbou-se para os avisos do paramédico de que as sensações de bem-estar depois de um ataque são geralmente enganadoras e transitórias.

E depois até a pouco mencionada vantagem de ser indigente e estar na posse de um cartão de saúde que já expirou e nem sequer está no teu nome: os hospitais demonstram-te uma espécie de respeito invertido; um sítio como o Hospital Cambridge City cede respeitosamente à tua vontade de não ficar; de repente, aceitam o teu diagnóstico subjetivo do teu próprio estado, que, esse estado pós-ataque, sentes que já está a melhorar; aceitam respeitosamente a tua vontade quixotesca: infelizmente, não é um hospital de livre admissão, mas é um país livre: honram os teus desejos, cumprimentam-te pelo teu mambo e dizem «Vá com Deus».

Mas é uma sorte que não possas ver o teu aspeto.

E o feliz acaso de o Hospital Cambridge City estar apenas a uma caminhada de oito quarteirões, na Rua Cambridge e depois para sul na Prospect, através do ar mentolado do outono, atravessando a Praça Inman, da Antitoi Entertainment, se calhar o último sítio onde um jovem disfórico de género, renovado, pós-ataque, na euforia do diagnóstico embora ainda ligeiramente trémulo, pode ainda esperar um bocadinho de bondade, crédito farmacológico, desde as histórias de Wo, da Biblioteca da Praça Copley e do coração.

O grande bolo de tijolo do hospital atrás de Krause no crepúsculo púrpura. O

clicar rápido dos tacões no passeio, a boa semiformalmente solta nos ombros e a cair-lhe ao longo de cada braço, a mão a segurar a gola de couro vermelho bem junto da garganta, a cabeça levantada e a manter-se assim sozinha, os olhos firmes cruzando-se com dignidade *blasée* com os olhos de quem quer que passe por ele. A dignidade de um homem erguido das cinzas da desabituação pela sua força de vontade e agora em alta e com sítios onde ir e canadianos potencialmente atenciosos com quem falar. Uma criatura sedutora e com o potencial de num futuro não muito distante ser outra vez deslumbrante, com os recursos renovados para agora poder olhar nos olhos os peões da Praça Inman que se desviam abruptamente dos cheiros residuais das casas de banho dos homens e do vomitado do metropolitano, as cinzas de onde tinha sido salvo e reerguido, sentindo-se mais do que maravilhosamente. Uma fatia da Lua pendurada por cima de uma igreja com quatro espirais. E as estrelas emergentes são ioiôs, pensa uma pessoa, a seguir a um ataque: Poor Tony sente-se como se as pudesse atirar ao ar e voltar a puxá-las a seu bel-prazer.

A forma como Poor Tony Krause, Lolasister e Susan T. Cheese se tornaram adjuntos mercenários de uma coisa a que o severo Bertraund Antitoi os tinha convidado a chamar a «Frente contra o ONANismo» foi: por um pacote muito cortado para ser dividido por seis, Lolasister, Susan T. Cheese, P.T. Krause, Bridget Tenderhole, Equus Reese e o falecido Stokely («Estrela Negra») McNair tinham tido de enfiar casacos de couro vermelho, perucas de um castanho-avermelhado e sapatos com saltos finos como agulhas e de irem saracotear-se para o átrio de entrada do Hotel Sheraton Commander da Praça Harvard com seis mulheres de aspeto masculino com as mesmas cabeleiras e os mesmos casacos, enquanto um insurgente andrógino quebequense, que enchia o casaco de couro vermelho dela/dele de uma forma que fazia com que Bridget Tenderhole enterrasse as unhas nas palmas das mãos de pura inveja, passava as portas giratórias de *Lucite* do Commander, avançava decididamente para o Salão de Baile Epaulet, cheio de gente, e atirava uma porcaria nauseabunda, de cor violeta e semilíquida, de uma miniatura de barril para deslocação de resíduos à cara do ministro canadiano do Comércio Inter-ONAN, que se estava a dirigir à imprensa dos Estados Unidos de um púlpito com a forma de uma folha. Nessa altura, os chamarizes tinham feito o que lhes competia e correram histericamente pelo átrio, os doze, e depois saíram pelas portas giratórias e dispersaram numa

dezena de direções diferentes ao mesmo tempo que o andrógino quebequense que atirara a porcaria saía a correr do Salão de Baile Epaulet e do átrio, perseguido por homens de fatos brancos com auriculares e semiautomáticas *Cobray M-11*, de modo que os seguranças só viram figuras epicenas idênticas a fugirem nos seus saltos altos em diferentes direções e ficaram confundidos sobre quem deviam perseguir. Susan T. Cheese e Poor Tony tinham conhecido os irmãos Antitoi – dos quais só um sabia e estava disposto a falar, e que tinham estado encarregados das manobras de diversão da operação Sheraton Commander, e que tinham estado, claramente, subordinados a outros quebequenses com QI muito mais elevados –, Krause e S.T.C. tinham-nos conhecido na Ryle's Tavern da Praça Inman, que organizava a Noite dos Disfóricos de Género todas as segundas quartas-feiras do mês e atraía uma clientela digna e nada bruta e por onde Poor Tony passava agora (pela Ryle's), logo a seguir ao Man o' War Grille, agora apenas a um quarteirão ou coisa assim da fachada da loja de vidros e bugigangas dos Antitoi, sentindo-se não tão doente como antes, mas profundamente cansado, depois de andar apenas cerca de cinco quarteirões – aquela fadiga celular a seguir à febre, do tipo dormir durante uma semana –, e está a debater consigo mesmo se deve abalançar-se às carteiras das duas mulheres novas e desinteressantes que vão uns passos à frente dele, as duas carteiras penduradas dos ombros curvados apenas por alças finíssimas do tipo das dos vestidos de noite, o duo inter-racial, raro e inquietante na área metropolitana de Boston, a rapariga negra a falar à velocidade da luz e a branca a não responder, o andar pesado, arrastado e apático e o ar desatento mesmo a pedirem um esticão à carteira, ambas com um ar de vitimização rotineira, o tipo de lassitude desmoralizada que Poor Tony achava sempre que garantia um mínimo de protesto ou de perseguição – embora a rapariga branca calçasse uns ténis de corrida com um aspeto formidável com a saia escocesa. Poor Tony Krause estava tão concentrado na logística e nas implicações dessas carteiras possíveis que baloiçavam, meu Deus, mesmo à sua frente – o diferente que seria chegar à porta dos Antitoi com dinheiro na mão, pedir uma transação em vez de simples caridade, quase mais uma visita social do que uma desprezível lamúria de desabituação a suplicar compaixão –, tão concentrado enquanto se desviava de um monte impressionante de merda de cão e passava à frente da janela ampla do Man o' War que não viu Mad Matty Pemulis, o seu

antigo companheiro de equipa, uma fonte certa de compaixão, a olhar para cima e para fora, para baixo e outra vez para cima, horrorizado ao ver o estado a que Poor Tony tinha chegado.

Geoffrey Day anotou o facto de a maioria dos residentes masculinos da Ennet House terem cognomezinhos especiais para os seus genitais. Por exemplo: «Bruno», «Jake», «Presa» (De Menta), «O Monge Zarolho», «Fritzie», «Russell, o Músculo do Amor». Especula que isso poderá ser uma questão de classe: nem ele, nem Ewell, nem Ken Erdedy deram nomes às suas Unidades. Tal como Ewell, Day regista uma certa quantidade de dados classistas no seu diário. Doony Glynn chamava ao seu pénis «Coitado do Richard»; Chandler Foss confessou dar ao dele a alcunha «Bam-Bam». Lenz tinha-se referido à sua própria Unidade como «o Porco Terrível». Day preferia morrer a confessar que sentia saudades quer de Lenz, quer dos seus solilóquios sobre «o Porco», que tinham sido frequentes. O pénis em causa era dois ou três tons mais escuros do que o resto de Lenz, como acontece às vezes com os pénis das pessoas. Lenz tinha-o exibido aos colegas de quarto sempre que desejava realçar um ponto. Era curto, grosso e rombo e Lenz descrevia «o Porco» como um exemplo perfeito daquilo a que chamava a «Maldição Polaca», quer dizer, um comprimento banal, mas uma circunferência que dava que pensar: «Suave no fundo, mas rebenta com tudo de lado, mano.» Isto tinha sido a sua descrição da «Maldição Polaca». Uma parte surpreendentemente grande do Diário da Recuperação de Day está cheia de citações de R. Lenz. A expulsão de Lenz tinha deslocado Tiny Ewell, advogado especialista em Direito Fiscal, para o quarto triplo masculino, que agora partilhava com Day. Ewell era o único homem na Ennet com quem se podia conversar sobre qualquer coisa que tivesse vagamente alguma profundidade, por isso, Day ficou perplexo quando deu por si, ao fim de umas quantas noites compridas, quase com saudades de Lenz, da sua obsessão com as horas, da sua tagarelice, do seu hábito de fazer o pino encostado à parede e de cuecas, ou de exibir «o Porco».

E em relação a Kate Gompert, residente da Ennet House, e a esta questão da depressão:

Alguns doentes psiquiátricos – mais uma certa percentagem de pessoas que se tornaram tão dependentes de substâncias químicas para se sentirem bem que,

quando os químicos têm de ser abandonados, sofrem um trauma de perda que os atinge profundamente no núcleo dos sistemas da alma –, estas pessoas sabem em primeira mão que há mais do que um tipo da chamada «depressão». Um dos tipos é de grau baixo e, por vezes, é denominado *anedonia*[280] ou *melancolia simples*. É um tipo de torpor espiritual em que se perde a capacidade de sentir prazer com ou de se apegar a coisas que anteriormente eram importantes. O jogador entusiasta de *bowling* desiste do campeonato e passa as noites em casa, a olhar apaticamente para cartuchos de *kickboxing*. O glutão desinteressa-se da comida. O sensualista apercebe-se de repente que a sua adorada Unidade não passa de uma cartilagem sem sensações, que está apenas ali pendurada. A mãe e esposa devotada descobre, de repente, que pensar na família é tão comovente como um teorema de Euclides. É uma espécie de novocaína emocional, esta forma de depressão e, embora não seja abertamente dolorosa, a sua indiferença é desconcertante e... bem, deprimente. Kate Gompert sempre considerou que este estado de anedonia era uma espécie de abstração radical de tudo, um esvaziamento de coisas que tinham tido conteúdo afetivo. Termos que os não deprimidos atiram aos quatro ventos e consideram amplos e cheios de substância – *felicidade, «joie de vivre», preferência, amor* – são descarnados até aos ossos e reduzidos a ideias abstratas. Têm, por assim dizer, denotação, mas não conotação. O indivíduo anedónico ainda pode falar sobre felicidade e significado e tudo isso, mas tornou-se incapaz de sentir seja o que for nessas palavras, de perceber seja o que for relacionado com elas, de esperar algo delas, ou de acreditar que existam como algo mais do que conceitos. Tudo se torna um contorno da coisa. Os objetos tornam-se esquemas. O mundo torna-se um mapa do mundo. Um indivíduo anedónico consegue navegar, mas não tem localização própria. Isto é, o anedónico torna-se, no jargão dos Alcoólicos Anónimos de Boston, incapaz de identificar.

Vale a pena referir que, entre os alunos mais novos da ATE, a versão comum do suicídio do doutor J.O. Incandenza atribui o facto de ele ter metido a cabeça no micro-ondas a este tipo de anedonia. Isto pode dever-se à anedonia estar frequentemente associada às crises que afligem as pessoas extremamente focadas nos seus objetivos e que chegam a uma certa idade tendo conseguido realizar tudo, ou mais do que tudo, por que tinham ansiado. O tipo de crise o-que-é-que-significa-isto-tudo dos americanos de meia-idade. De facto, isto não é

de facto o que matou Incandenza. De facto, a suposição de que ele tinha alcançado todos os seus objetivos e descoberto que esse feito não havia conferido significado ou alegria à sua existência diz mais sobre os estudantes da ATE do que sobre o pai de Orin e Hal: ainda sob a influência das filosofias à DeLint, do pau e da cenoura, dos treinadores das terras onde nasceram e não da escola mais paradoxal Schtitt/Incandenza/Lyle, os atletas mais jovens que não conseguem evitar medir todo o seu valor pelo lugar que ocupam num *ranking* numérico usam a ideia de que alcançar os seus objetivos e descobrirem a sensação dilacerante de falta de valor ainda ali, nas próprias entranhas, como uma espécie de papão psíquico, uma coisa que podem usar para justificar pararem, a caminho dos exercícios, para cheirarem as flores nos carreiros da ATE. A ideia de que a realização dos objetivos não confere automaticamente valor interior é, para eles, ainda, nesta idade, uma abstração, tal como a perspetiva da sua própria morte – «Caio É Mortal» e por aí fora. Bem no seu íntimo, todos eles ainda consideram a cenoura como o graal. Quando invocam a anedonia, só estão a fazê-lo por fazer. É preciso não nos esquecermos que ainda são crianças. Prestem atenção a qualquer conversa da rapaziada com menos de dezasseis anos que ouvem nas casas de banho ou nas filas para comerem: «Olá! Como estás?» «Número oito esta semana, é como estou.» Todos eles ainda idolatram a cenoura. Com a possível exceção do atormentado LaMont Chu, todos eles ainda subscrevem a ideia ilusória de que o segundo no *ranking* continental dos jogadores de catorze anos sente que vale exatamente o dobro do quarto nesse mesmo *ranking*.

Iludidos ou não, é à mesma uma forma afortunada de se viver. Mesmo que seja temporária. Pode muito bem acontecer que os miúdos mais novos da ATE com classificações mais baixas sejam proporcionalmente mais felizes do que os miúdos com classificações mais altas, uma vez que nós (que não somos maioritariamente miúdos) sabemos que é mais estimulante *querer* do que *ter*, ao que parece. Embora, se calhar, isto seja apenas o inverso da mesma ilusão.

Hal Incandenza, embora ainda não faça ideia da verdadeira razão por que o pai meteu a cabeça num micro-ondas especialmente modificado no Ano da Tablete de Chocolate *Dove* de Tamanho Experimental, tem a certeza absoluta de que não foi por causa da anedonia corriqueira nos Estados Unidos. O próprio Hal nunca tivera uma emoção genuína de vida interior intensa desde miúdo; acha que

termos como *joie* ou *valor* são iguais a muitas variáveis das equações esotéricas e consegue manipulá-los suficientemente bem para convencer toda a gente, exceto ele mesmo, de que está ali, dentro da sua própria casca, enquanto ser humano – mas, de facto é muito mais robótico do que John Wayne. Um dos seus problemas com a mã reside no facto de Avril Incandenza acreditar que o conhece por dentro e por fora enquanto ser humano, e, já agora, um ser humano interiormente valioso, quando, de facto, dentro de Hal não há praticamente nada, como ele sabe. A mã Avril ouve os seus próprios ecos dentro dele e julga que o que ouve é ele e isso faz com que Hal sinta a única coisa que, ultimamente, sente com intensidade: que está sozinho.

Tem algum interesse saber que as artes vivas dos EUA do novo milénio tratam a anedonia e o vazio interior como coisas na moda e fixes. Se calhar, são os vestígios da glorificação romântica da *Weltschmerz,* que significa cansaço do mundo ou tédio estiloso. Talvez seja o facto de que aqui a maioria das artes é produzida por gente mais velha, sofisticada e cansada do mundo e depois consumida por gente mais nova que não só consome arte como também a estuda à procura de pistas sobre como ser fixe, como estar na moda – e não nos podemos esquecer que, para os miúdos e pessoas mais novas, estar na moda e ser fixe é a mesma coisa do que ser admirado e aceite e incluído e tão ao contrário de estar sozinho. Esqueçamos a chamada pressão dos pares. É mais uma *fome de pares*. Não é verdade? Entramos na puberdade espiritual quando percebemos que o grande horror transcendente é a solidão, o enjaulamento no próprio eu. Mal atingimos esta idade, nós, os jovens, passamos a dar e a aceitar tudo, a usar uma máscara qualquer, para pertencermos, para sermos parte de, para não estarmos sozinhos. As artes dos Estados Unidos são o nosso guia para a inclusão. Um guia prático. Ensinam-nos a construir máscaras de tédio e de ironia fatigada numa idade jovem em que o rosto é suficientemente maleável para assumir a forma do que for que ostente. E depois fica lá colado, o cinismo cansado que nos salva do sentimentalismo piegas e da ingenuidade pura. Neste continente, o sentimento equivale a ingenuidade (pelo menos, desde a Reconfiguração). Uma das coisas de que os espectadores sofisticados sempre gostaram na obra *O Século Americano Visto através de Um Tijolo*, de J.O. Incandenza, é a sua tese nada subtil de que a ingenuidade é o último pecado verdadeiramente terrível na teologia da América do novo milénio. E, uma vez que o pecado é o tipo de coisa

de que se pode falar apenas figurativamente, é natural que o pequeno cartucho negro de Ele Mesmo fosse maioritariamente sobre um mito, isto é, o mito americano singularmente persistente de que o cinismo e a ingenuidade se excluem mutuamente. Hal, que é vazio, mas não é estúpido, teoriza em privado que aquilo que passa por transcendência cínica modernista do sentimento é, na realidade, uma espécie de medo de se ser realmente humano, uma vez que ser-se realmente humano (pelo menos, da forma como ele o conceptualiza) é, talvez, ser-se inevitavelmente sentimental e ingénuo, dado à pieguice e, de um modo geral, patético, é ser-se, numa qualquer forma interior básica, eternamente infantil, um tipo de criança que não tem um ar muito normal e que se arrasta anacliticamente à volta do mapa, com uns olhos grandes e húmidos, uma pele suave de sapo, um crânio enorme e uma baba pegajosa. Talvez uma das coisas verdadeiramente americanas de Hal é a forma como despreza aquilo de que sente na realidade falta: este ser interior hediondo, a transbordar de sentimentos e necessidades, que se contrai e choraminga por trás da máscara vazia da moda, anedonia[281].

A principal e famosa imagem-chave de *O Século Americano Visto através de Um Tijolo* é uma corda de piano a vibrar – em ré maior, ao que parece –, a vibrar e a produzir um som solitário realmente muito doce e simples e depois um polegarzinho entra no enquadramento, um polegar curto, pálido e húmido, mas sujo, com uma crosta com um aspeto repugnante enfiada num dos cantos da unha, pequena e sem riscas, claramente o dedo de uma criança pequena e quando ela toca na corda do piano, o som agudo e doce morre de imediato. E o silêncio que se segue é excruciante. Mais tarde, no filme, depois de muitas panorâmicas mordazes e didáticas que seguem o tijolo, voltamos à corda do piano, e o polegar é retirado e o som alto e doce recomeça, extremamente puro e solitário, e contudo agora, por qualquer razão, à medida que o volume de som aumenta, com qualquer coisa de podre subjacente, há algo de nauseantemente doce e potencialmente pútrido no ré maior, enquanto o seu volume vai aumentando, o som a tornar-se mais puro, mais alto e mais disfórico até que, após uns surpreendentemente poucos segundos, nos encontramos exatamente no meio do som puro e desobstruído a ansiar e, se calhar, até mesmo a rezar pelo regresso do polegar infantil, para o calar.

Hal ainda não tem idade para saber que isto acontece porque o vazio

adormecido não é o pior tipo de depressão. A anedonia de olhos mortos não passa de uma rémora-maior no flanco ventral do verdadeiro predador, o Grande Tubarão-Branco da dor. Os especialistas chamam a esta condição *depressão clínica* ou *depressão involutiva* ou *disforia unipolar.* Em vez de apenas uma incapacidade para sentir, uma insensibilização da alma, a depressão de grau predador que Kate Gompert sente sempre que faz uma desabituação da marijuana secreta é, *ela própria,* um sentimento. Tem vários nomes – *angústia, desespero, tormento,* ou então a *melancolia* de Burton ou a mais sancionada *depressão psicótica* de Yevtuschenko – mas Kate Gompert, enterrada nas trincheiras com a própria coisa, conhece-a apenas como a *Coisa*.

A *Coisa* é um grau de dor psíquica completamente incompatível com a vida humana tal como a conhecemos. A *Coisa* é uma sensação de um mal profundo e radical, não só como uma característica mas como a própria essência da existência consciente. A *Coisa* é uma sensação de envenenamento que impregna o ser nos seus níveis mais elementares. A *Coisa* é uma náusea das células e da alma. A *Coisa* é uma intuição não entorpecida em que o mundo é completamente rico e animado e o oposto de um mapa e também totalmente doloroso e maligno e antagonista do ser, esse ser deprimido em que a *Coisa* se encapela, se coagula em redor e envolve nas *Suas* pregas negras e absorve em *Si Própria,* de forma que é atingida uma unidade quase mística com um mundo cujos constituintes significam prejuízo doloroso para o ser. O *Seu* carácter emocional, o sentimento que Gompert descreve como sendo a *Coisa,* é, talvez, completamente indescritível exceto como uma espécie de dilema irresolúvel em que qualquer/todas as alternativas que associamos à ação humana – sentar-se ou levantar-se, trabalhar ou descansar, falar ou guardar silêncio, viver ou morrer – não são apenas desagradáveis, mas literalmente horríveis.

A *Coisa* também é solitária de uma forma impossível de expressar. Não há nenhuma maneira de Kate Gompert ser sequer capaz de tentar explicar a outra pessoa o que é a depressão clínica, nem mesmo a outra pessoa que esteja, ela própria, clinicamente deprimida, porque uma pessoa nesse estado é incapaz de sentir empatia por qualquer outro ser vivo. Esta incapacidade anedónica para se identificar é também uma parte integral da *Coisa*. Se uma pessoa em sofrimento físico tem grande dificuldade em lidar com qualquer outra coisa que não seja essa dor[282], uma pessoa clinicamente deprimida nem sequer é capaz de entender

que outra pessoa ou coisa seja independente da dor universal que a está a digerir célula a célula. Tudo faz parte do problema e não há solução. É um inferno.

A designação oficial *depressão psicótica* faz com que Kate Gompert se sinta sobretudo sozinha. Especificamente, a palavra *psicótica*. Pensemos nisto desta maneira. Duas pessoas estão a gritar de dor. Uma delas está a ser torturada com choques elétricos. A outra não. A pessoa que está a ser torturada com os choques elétricos não é psicótica: os seus gritos são circunstancialmente apropriados. Todavia, a pessoa que está a gritar, mas que não está a ser torturada, é psicótica, uma vez que quem está a observar e a fazer os diagnósticos não vê elétrodos, nem amperagem mensurável. Uma das coisas menos agradáveis de se estar psicoticamente deprimido numa ala psiquiátrica cheia de doentes psicoticamente deprimidos é acabar por perceber que nenhum deles é na verdade psicótico, que os seus gritos são inteiramente apropriados a certas circunstâncias, sendo que parte do encanto especial destas é não poderem ser detetadas por terceiros. Daí a solidão: é um circuito fechado: a corrente é aplicada e recebida a partir de dentro.

A pessoa considerada «psicoticamente deprimida» e que se tenta matar não o faz por «desespero» ou por qualquer convicção abstrata de que o deve e o haver da vida não batem certo. E de certeza que não é porque a morte parece subitamente apelativa. A pessoa em quem a agonia invisível da *Coisa* atinge um determinado nível insuportável matar-se-á, tal como uma pessoa encurralada acabará por saltar da janela de um hotel em chamas. Não se enganem com as pessoas que saltam de janelas a arder. O terror que sentem por saltarem de uma grande altura ainda é tão grande como seria para vocês ou para mim, se estivéssemos ali à mesma janela, apenas a ver a vista; isto é, o medo de cair permanece uma constante. A variável aqui é o outro terror, as chamas do fogo: quando as chamas se aproximam muito, atirar-se para a morte torna-se, dos dois, o terror ligeiramente menor. Não é desejar a queda; é o terror das chamas. E, contudo, ninguém no passeio, a olhar para cima e a gritar «Não!» e «Aguenta-te!» consegue compreender o salto. Compreender mesmo. Era preciso ter-se estado pessoalmente encurralado e sentir as chamas para compreender na realidade um terror muito maior do que o da queda.

Portanto, a ideia de uma pessoa nas garras da *Coisa* estar presa por um «Contrato Antissuicídio» que um qualquer centro de reabilitação de consumo de

drogas bem-intencionado a faz assinar é simplesmente absurda. Porque um contrato deste género vinculará uma pessoa destas só até que as circunstâncias psíquicas exatas que, para começar, tornaram o contrato necessário, se imponham, invisível e indescritivelmente. Que os funcionários bem-intencionados do centro de reabilitação não compreendam o terror que tudo anula provocado pela *Coisa* só fará com que o residente deprimido se sinta ainda mais só.

Um outro doente psicoticamente deprimido que Kate Gompert conheceu no Hospital Newton-Wellesley, em Newton, há dois anos era um homem na casa dos cinquenta. Era um engenheiro civil cujo passatempo eram os comboios miniatura – tipo os da Lionel Trains Inc., etc. –, para os quais construiu sistemas incrivelmente intricados de linhas e cruzamentos que enchiam a sua sala de jogos na cave. A mulher trazia-lhe fotografias dos comboios e dos circuitos das vias para o ajudar a lembrar-se. O homem disse que sofria de depressão psicótica há dezassete anos consecutivos e Kate Gompert não tinha tido qualquer motivo para não acreditar nele. Era entroncado e moreno, com cabelo ralo e mãos que mantinha muito quietas no colo quando estava sentado. Vinte anos antes, tinha escorregado numa pocinha de óleo 3-em-1 das linhas dos modelos de comboios e batido com a cabeça no chão de cimento da sala de jogos da cave, em Wellesley Hills, e quando acordara nas Urgências, estava deprimido para além dos limites suportáveis por um ser humano e assim continuara. Nunca tinha tentado suicidar-se, embora confessasse que ansiava pela inconsciência eterna. A mulher era-lhe muito dedicada e carinhosa. Católica, ia todos os dias à missa. Era muito devota. O homem psicoticamente deprimido também ia todos os dias à missa quando não estava internado. Rezava pedindo alívio. Ainda tinha o emprego e o passatempo. Ia para o trabalho regularmente, metendo baixas médicas apenas quando o tormento invisível se tornava demasiado terrível para que pudesse confiar em si próprio ou quando havia um tratamento radical novo que os psiquiatras queriam que ele experimentasse. Tinham tentado tricíclicos, IMAO, comas de insulina, inibidores seletivos da recaptação da serotonina[283], os novos quadracíclicos carregados de efeitos secundários. Fizeram-lhe TAC aos lobos e examinaram-lhe as matrizes afetivas à procura de lesões e cicatrizes. Nada funcionou. Nem sequer a TEC de alta amperagem aliviou a *Coisa*. Isto acontece às vezes. Alguns casos de depressão estão para lá da ajuda humana. O

caso do homem fez com que Kate Gompert ficasse com os cabelos em pé. A ideia deste homem a ir para o trabalho e à missa e a construir redes ferroviárias dia após dia enquanto sentia qualquer coisa semelhante ao que Kate Gompert sentia naquela ala psiquiátrica era algo que ela simplesmente não conseguia imaginar. A parte racional-espiritual dela sabia que este homem e a mulher deviam possuir uma coragem que ultrapassava todos os tipos de coragem conhecidos. Mas, na sua alma intoxicada, Kate Gompert sentia apenas um terror paralisante com a ideia do homem atarracado e de expressão vazia a assentar carris de brincar lenta e vagarosamente no silêncio da sua sala com painéis de madeira, o silêncio total excetuando os barulhos das linhas a serem oleadas, encaixadas umas nas outras e postas no lugar, a cabeça do homem cheia de veneno e minhocas e todas as células do seu corpo a gritarem que as libertassem das chamas que ninguém conseguia ver nem sentir.

O homem psicótica e permanentemente deprimido foi por fim transferido para um sítio em Long Island para ser avaliado tendo em vista um novo tipo de psicocirurgia em que, supostamente, se entra no cérebro e se arranca todo o sistema límbico, que é a parte do cérebro que causa todos os sentimentos e sensações. O sonho mais querido do homem era a anedonia, o entorpecimento psíquico completo, isto é, a morte em vida. A perspetiva da psicocirurgia radical era a cenoura que, pensava Kate, ainda dava à vida do homem suficiente significado para ele se agarrar com toda a força ao parapeito da janela com as unhas, que, talvez, estavam pretas e deformadas pelas chamas. Isso e a mulher: ele parecia amar verdadeiramente a mulher e ela amá-lo a ele. Todas as noites, ia para a cama abraçado a ela e chorava para que tudo acabasse, enquanto ela rezava ou fazia aquela coisa devota com as contas.

O casal havia conseguido a morada da mãe de Kate Gompert e tinha enviado um postal de Natal a Kate nos dois últimos anos, do senhor e da senhora Ernest Feaster, de Wellesley Hills, Massachusetts, dizendo-lhe que não a esqueciam nas suas orações e que lhe desejavam toda a alegria possível. Kate Gompert não sabe se o sistema límbico do senhor Ernest Feaster foi arrancado ou não. Se ele conseguiu a anedonia. Os postais de Natal tinham umas atrozes aguarelazinhas de locomotivas. Mal conseguia suportar pensar nelas, mesmo nos melhores momentos, coisa que o presente não era.

14 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

O PRIMEIRO DIA LIVRE da menina Ruth van Cleve depois de um castigo do Centro de três dias para novos residentes. Autorizada agora a ir a reuniões fora da Enfield quando acompanhada por um residente mais antigo que os funcionários considerem de confiança. Ruth van Cleve, de sapatos altos, a caminhar ao lado de Kate Gompert, psicoticamente deprimida, pela Prospect, a sul da Praça Inman, pouco depois das 22h00, a tagarelar sem parar.

A presença de Ruth van Cleve está a tornar-se excruciante para Kate Gompert. Ruth van Cleve é originária de Baintree, em South Shore, tem demasiados quilos a menos, usa batom cor de cobre e tem o cabelo seco ripado, num daqueles grandes penteados que estava na moda há décadas atrás. O rosto lembra o de um inseto com os maxilares compridos e as faces côncavas, próprio de um viciado em *Ice*[284] já em estado avançado. O cabelo é uma nuvem emaranhada e seca com olhinhos minúsculos, ossos e uma penca saliente a assomarem por baixo. Joelle v.D. tinha dito que até quase parecia que a cabeça de Ruth van Cleve lhe nascia do cabelo, em vez do contrário. O cabelo de Kate Gompert é curto e, pelo menos, tem uma cor reconhecível.

Kate Gompert não dorme há quatro noites e o seu andar arrastado e curvado pelo passeio da Prospect parece o rastro preguiçoso de um barco sem pressas. Ruth van Cleve fala ininterruptamente para a sua orelha direita. São cerca das 22h00, num sábado, e as luzes de sódio dos candeeiros da rua estão sempre a apagar-se e a acender com um zumbido intermitente, com uma ligação qualquer solta algures. O trânsito de peões é denso e os mortos-vivos e bêbados que vivem nas ruas à volta da Praça Inman também enchem as bordas do passeio e se Kate G. olha para as imagens dos transeuntes nas montras às escuras das lojas, eles tornam-se (os peões e os mendigos mortos-vivos) apenas cabeças que parecem flutuar pelas montras sem estarem ligadas a nada. Género cabeças flutuantes desligadas. Nos vãos das portas ao lado das lojas, estão pessoas incompletas em cadeiras de rodas com recetáculos criativos onde deviam estar os seus membros e pedidos de ajuda escritos à mão.

Começa a surgir uma narrativa oral. A menina Ruth v.C. tinha sido mandada para a Ennet House pelo Departamento dos Serviços Sociais e pelo Tribunal de Família depois de o seu bebé recém-nascido ter sido descoberto numa viela de Baintree, Massachusetts, embrulhado em panfletos publicitários do WalMart, cujos cupões de desconto *Harvest Moon* tinham expirado em 10 de janeiro, um domingo. Ruth van Cleve deixara, pouco inteligentemente, a pulseira de identificação do hospital com a data do nascimento do bebé e o seu próprio nome e o número do Cartão de Saúde no pulso da criança abandonada. Segundo parece, a criança está agora numa incubadora do Hospital South, ligada a máquinas e a reduzir a clonidina[285] que recebeu por causa da dependência *in utero* de substâncias sobre cuja natureza Kate Gompert só pode especular[286]. O pai da criança de Ruth van Cleve, informa ela, está sob a proteção e cuidados da autoridade correcional do condado de Norfolk, à espera da sentença por aquilo que Ruth van Cleve descreve várias vezes como a gestão de uma companhia farmacêutica sem a devida licença.

O que é extraordinário para Kate Gompert é que parece ser capaz de avançar sem nenhum tipo de volição consciente para avançar. Põe o pé esquerdo à frente do direito e depois o pé direito à frente do pé esquerdo, e está a avançar, todo o seu ser, quando a única coisa em que se consegue concentrar é num pé e depois no outro pé. Deslizam cabeças nas montras às escuras. Alguns dos machos latinos da vizinhança fazem uma espécie de avaliação sexual quando elas passam – apesar do peso a menos, do cabelo seco e a lembrar o de uma bruxa, os modos, a forma de vestir e o penteado vistoso de Ruth van Cleve anunciam-na como sendo toda ela sexo e sexualidade.

Um aspeto negativo em optar pela recuperação nos Narcóticos Anónimos e não nos Alcoólicos Anónimos é a disponibilidade e a localização das reuniões. Por outras palavras, menos reuniões nos Narcóticos Anónimos. Numa noite de sábado, podes estar de pé no telhado da Ennet House, em Enfield, e ter dificuldade em cuspir em qualquer direção sem atingir qualquer reunião dos Alcoólicos Anónimos na vizinhança. Ao passo que, num sábado à noite, a reunião dos Narcóticos Anónimos mais perto do centro é a do Grupo Sóbrios e Serenos Clean, em North Cambridge, famoso pelas altercações e pelo atirar de cadeiras pelo ar, e a reunião para novatos vai das 20h00 às 21h00, e a normal das 21h00 às 22h00, propositadamente tarde, para contrabalançar as ânsias de

sábado à noite que tantos drogados sofrem semanalmente, uma vez que o sábado continua a ser a mítica noite de festa da semana mesmo para as pessoas que já há muito deixaram de ser capazes de fazer seja o que for exceto andar em festa durante as vinte e quatro horas dos trezentos e sessenta e cinco dias do ano. Mas o regresso da Praça Inman para a Ennet House é um trajeto horroroso – subir à pata a Prospect até à Praça Central, apanhar a Linha Vermelha e seguir até à estação da Rua Park e depois o exasperante comboio B da Linha Verde que segue eternamente para oeste pela Av. Commonwealth – e agora são 22h15, o que quer dizer que Kate Gompert tem setenta e cinco minutos para voltar, mais esta horrorosa recém-chegada, de ar ordinário, lamurienta e produtora de desespero que vai ao lado dela, antes do recolher obrigatório. A tagarelice de Ruth van Cleve é a coisa mais independente do interesse do ouvinte que Kate Gompert ouviu desde que Randy Lenz tinha sido convidado a ingerir drogas e a maltratar animais noutro sítio, e se tinha ido embora, sabe-se lá há quantos dias ou semanas.

As duas deslocam-se para dentro e para fora dos cones de luz epilética dos candeeiros tremeluzentes da rua. Kate Gompert está a tentar não estremecer quando Ruth van Cleve lhe pergunta se conhece algum sítio onde se possa arranjar uma boa escova de dentes barata. Toda a atenção e a energia espiritual de Kate Gompert estão focadas primeiro no pé esquerdo e depois no pé direito. Umas das cabeças que ela não vê, a flutuar na janela com a sua própria cabeça irreconhecível e a nuvem de cabelo de Ruth van Cleve, é a cabeça escanzelada e espectral, com olhos encovados, de Poor Tony Krause, que vem vários passos atrás delas, a imitar-lhes, passo a passo, o percurso ligeiramente serpenteante, de olhos fixos nas carteiras de alças finas que imagina que contenham mais do que apenas bilhetes de comboio e porta-chaves para os recém-chegados aos Narcóticos Anónimos.

O vaporizador bufa e fervilha fazendo chorar as janelas do quarto enquanto Jim Troeltsch insere um cartucho de luta livre no pequeno monitor do telecomputador, veste o seu casaco de desporto mais piroso, penteia-se, alisando o cabelo com a ajuda de um pouco de água, fazendo com que pareça um chinó, e se reclina no beliche, rodeado de frascos de *Seldane* e lenços desmaquilhantes com duas capas, preparando-se para fazer o relato. Os colegas de quarto

perceberam logo o que aí vinha e puseram-se ao fresco.

Nas pontas dos pés na entrada curva do Subdormitório B, usando a pega de uma raqueta de ténis invertida cujo fecho da capa de vinil pode abrir e fechar distraidamente enquanto move a pega, Michael Pemulis está a levantar cuidadosamente um dos painéis do teto falso e a deslocá-lo na escora de alumínio, com o painel a mudar a forma quadrada como está apoiado na escora para uma forma de diamante, tendo muita cautela para não o deixar cair.

Lyle paira, de pernas cruzadas, um par de milímetros acima do topo do toalheiro na sala de pesos e halteres às escuras, os olhos revirados, com o branco à mostra, os lábios a moverem-se muito ligeiramente e sem fazerem um único som.

O treinador Schtitt e Mario descem como loucos a colina ao longo da W. Commonwealth, na velha mota *BMW* de Schtitt, em direção aos doces de baixa temperatura de Evangeline, em Newton Center, mesmo no fundo daquilo a que geralmente se chama Heartbreak Hill, Schtitt com uma cara muito concentrada e inclinado para a frente como um esquiador, o lenço branco a rodopiar e a fustigar a cara de Mario, no *sidecar,* enquanto Mario também se inclina para a frente no voo pela encosta abaixo, preparado para berrar de entusiasmo quando chegarem ao fim.

A senhora Avril Incandenza, que, por qualquer razão, dá a ideia de ter três ou quatro cigarros acesos ao mesmo tempo, consegue das Informações o telefone e o endereço de *e-mail* de uma agência jornalística na Alameda Blasted Expanse, em East Tucson, Arizona. Depois começa a marcar o número, usando a parte de trás de uma caneta de ponta de feltro para golpear as teclas da consola.

– *AIYEE!* – grita o homem precipitando-se para a freira e a brandir um berbequim.

A freira de aspeto robusto riposta imediatamente «*AIYEE!*» ao mesmo tempo que o pontapeia destramente, com as saias do hábito a ondularem complexamente à volta dela. Cautelosos, os combatentes traçam círculos em volta um do outro no armazém abandonado, os dois a rosnarem. A touca da

freira está torta e suja; as costas da mão, levantada num golpe de artes marciais, mostram parte de uma tatuagem esbatida, uma ave de rapina qualquer com garras maldosas. O cartucho começa assim, um início violento *in medias res,* depois a imagem paralisa no meio do salto do pontapé da freira, e o título, *Irmã Sangrenta: Uma Freira Dura de Roer,* surge sobreposto e uma luz de um vermelho-sangue assustador sangra sobre o genérico de abertura do filme que vai passando na parte debaixo do ecrã. Bridget Boone e Frances L. Unwin tinham entrado sem terem sido convidadas, juntando-se a Hal na SV 6, e estão enroscadas nos braços do outro sofá da sala, com as solas dos pés a tocarem-se, Boone a comer um iogurte gelado e proibido de uma caixa de cartão cilíndrica. Hal tinha baixado o reóstato e o título e o genérico do filme dão às caras deles um brilho vermelho. Bridget Boone estende convidativamente a caixa de cartão na direção de Hal e, para recusar, Hal aponta para o alto de *Kodiak* dentro da bochecha e finge que se inclina para cuspir. Parece estar a observar o genérico que vai passando com muita atenção.

– Então, o que é isto? – pergunta Fran Unwin.

Hal olha para ela muito devagar e depois, ainda mais devagar, levanta o braço direito e aponta com a bola de ténis que está a apertar para o monitor onde o título do cartucho, com letras garrafais, ainda está a pingar em tons vermelhos sobre o genérico e a cena paralisada.

Bridget Boone deita-lhe um olhar interrogativo.

– Que bicho é que te mordeu hoje?

– Estou a isolar-me. Vim para aqui para estar sozinho.

Ela tem aquela maneira, que perturba Hal, de tirar o iogurte de chocolate com a colher e depois inverter a colher, virando a colher ao contrário para que ela lhe entre na boca sempre virada ao contrário e a língua contacte imediatamente com o doce, sem a mediação da colher fria e, por qualquer razão, isto sempre enervara Hal.

– Então devias ter fechado a porta à chave.

– Só que não há fechaduras nas portas das salas de visionamento[287], como sabes muito bem.

Frannie Unwin, com a sua cara redonda, diz:

– Chiu!

Além do mais, às vezes, Boone brinca com a colher de pau, fá-la voar à frente da cara como se fosse um avião de uma criança, antes de a voltar a enfiar dentro da boca.

– Se calhar, em parte, é porque isto é uma sala comunitária, para toda a gente, e uma pessoa com miolos, provavelmente, não a iria escolher para se isolar.

Hal inclina-se para a frente para cuspir e deixa o cuspo pendurado durante um bocado antes de o largar e, por isso, este fica pendurado e a esticar vagarosamente.

Boone tira a colher limpa da boca igualmente devagar.

– Por muito mal-humorada e amuada que essa pessoa esteja com o jogo dessa própria pessoa e com a sua quase derrota à vista de toda a gente, segundo ouvi dizer.

– Bridget, esqueci-me de te dizer que o Rite Aid está a fazer um grande saldo de eméticos. Se fosse a ti, ia já a correr.

– És um nojento!

Bernadette Longley enfia a cabeça comprida e em forma de caixa na porta, vê Bridget Boone e diz:

– Bem me *parecia* que te tinha ouvido aqui dentro.

E entra sem ser convidada, com Jennie Bash atrás.

Hal geme.

Jennie Bash olha para o ecrã enorme. O tema musical do cartucho é um coro feminino, muito pesado e irónico nos contrapontos. Bernadette Longley olha para Hal.

– Sabes que anda uma senhora enorme pelos corredores à tua procura, com um bloco de notas e uma expressão muito determinada?

Boone abana distraidamente a colher de um lado para o outro.

– Ele está a isolar-se. Não responde e está a cuspir extrarrepulsivamente para passar a mensagem.

Jane Bash pergunta:

– Não tens de entregar uma composição enorme à Thierry amanhã? Pela porta do Shaw e do Struck só se ouviam gemidos.

Hal amassa tabaco de mascar com a língua.

– Está feito.

– Imagino – diz Bridget Boone.

– Feito, refeito, formatado, impresso, corrigido, organizado e agrafado.

– Corrigido mil vezes – diz Boone, rodando a colher como se fosse um avião.

Hal apercebe-se de que ela deu uns quantos bafos. Olha fixamente para o ecrã da parede, apertando a bola com tanta força que o antebraço incha até atingir o dobro do tamanho normal.

– Além disso, ouvi dizer que o teu melhor amigo no mundo inteiro fez uma coisa muito divertida hoje – diz Longley.

– Ela está a referir-se ao Pemulis – explica Fran Unwin a Hal.

Bridget Boone faz os barulhos de um bombardeiro em voo picado e desce a colher a pique.

– Isso parece uma história tão boa que só me apetece guardá-la para mais tarde e deixar que o meu desejo de a conhecer cresça e cresça até que, finalmente, seja, tipo, ou a ouço ou morro.

– O que é que deu ao tipo? – pergunta Jennie Bash a Fran Unwin.

Fran Unwin é uma rapariga com uma cara que lembra um langur e um torso e um tronco com o dobro do comprimento das pernas e um estilo de jogo rápido e vagamente simiesco. Bernadette Longley veste calças pelo joelho, às riscas vermelhas e brancas, e uma *sweatshirt* do avesso. Nesta altura, as raparigas já estão todas de meias e sem sapatos. Hal repara que quase todas as raparigas tendem a descalçar-se quando assumem uma postura de espectadoras. Oito ténis brancos e vazios repousam agora silenciosos e estranhos em vários sítios, ligeiramente enterrados na carpete espessa. Não há dois ténis que estejam voltados exatamente na mesma direção. Os jogadores do sexo masculino, pelo contrário, tendem a ficar calçados quando entram e se sentam num sítio qualquer. As raparigas encarnam literalmente a ideia de se porem à vontade. Os rapazes, quando entram num sítio e se sentam, projetam um ar de transitoriedade. Estão sempre equipados e móveis. Acontece a mesma coisa sempre que Hal entra e se senta num sítio qualquer onde as pessoas já estão reunidas. Tem noção de que elas se apercebem de que ele, de certo modo, está ali apenas num sentido muito técnico, que tem ar de estar pronto a partir a qualquer instante. Boone estende a embalagem de TCBY[288] a Longley num gesto convidativo, chegando mesmo a incliná-la para a frente e para trás convidativamente. Longley enche as bochechas e solta o ar com um tom fatigado. Pelo menos três cheiros diferentes de água-de-colónia e creme para a

pele lutam para terem a supremacia ali dentro. Os ténis *LA Gear* gratuitos de Bridget Boone estão caídos de lado, tal a força com que foram quase tirados a pontapé. O cuspo de Hal faz barulho ao bater no fundo do cesto de papéis. Os braços de Jenny Bash são maiores do que os de Hal. A Sala de Visionamento tem uma iluminação avermelhada. Bash pergunta a Unwin o que estão a ver.

Irmã de Sangue: Uma Freira Dura de Roer, um dos poucos sucessos comerciais de Ele Mesmo, não teria feito o dinheiro que fez se não tivesse saído na altura em que a InterLace estava a começar a comprar as primeiras longas-metragens inéditas para os menus dos seus alugueres e a fazer uma promoção tremenda aos cartuchos com disseminações espontâneas exclusivas. Era o tipo de filme de *shocksploitation* de aspeto manhoso que teria tido duas semanas de exibição em cinemas com oito ou mais salas pequenas e seguido de imediato para o limbo das caixas castanhas e anónimas dos vídeos magnéticos. A opinião crítica de Hal sobre o filme é que Ele Mesmo, em certos momentos negros em que as questões teóricas abstratas pareciam providenciar uma fuga ao trabalho criativo muitíssimo mais doloroso de fazer cartuchos humanamente verdadeiros ou divertidos, tinha feito filmes de género em determinados moldes mais comerciais que exageravam tão grotescamente as marcas identificadoras dos géneros que se tornavam paródias metacinemáticas dos mesmos: «sub/inversão dos géneros», como lhes chamaram os *cognoscenti* que os apreciavam. A própria ideia de paródia metacinemática era arrogante e demasiado espertalhona, para a maneira de pensar de Hal, que não se sente confortável com a maneira como Ele Mesmo parecia ficar sempre seduzido pelas próprias fórmulas comerciais que estava a tentar inverter, especialmente as fórmulas sedutoras da vingança violenta, isto é, o banho de sangue catártico, isto é, o herói a tentar com toda as fibras do seu ser evitar o mundo genérico dos punhos e das pistolas, mas que, empurrado por circunstâncias injustas, volta à violência outra vez, ao final do banho de sangue catártico que o público é levado a aplaudir em vez de chorar. O melhor filme, nesta veia, de Ele Mesmo foi *A Noite Usa Um Chapéu Mexicano,* um *western* ao estilo de Lang, mas também um *western* verdadeiramente bom, com interiores artesanais e baratos, mas exteriores espetaculares, filmados nas imediações de Tucson, Arizona, a história de um filho-ambivalente-mas-finalmente-vingativo que se desenrola sob céus cor de poeira e grandes ângulos de montanhas cor de carne e, mais ainda, com um derramamento de sangue

mínimo, homens baleados agarrados ao peito e a caírem deliciosamente para o lado, os chapéus sempre enfiados nas cabeças. *Irmã de Sangue: Uma Freira Dura de Roer* era supostamente uma sátira irónica aos filmes *splatter*[*1] de clérigos vingadores dos finais dos anos 90 AS. Ele Mesmo também não fez amigos em qualquer dos lados da Concavidade quando tentou filmá-la no Canadá.

Hal tenta imaginar a forma de cegonha trémula, alta e curvada de Ele Mesmo inclinado num ângulo osteoporótico sobre o equipamento de montagem digital durante horas infindas, a apagar e a inserir códigos, convertendo *Irmã de Sangue: Uma Freira Dura de Roer* numa subversão/inversão, e não consegue fazer a mais pequena ideia daquilo que Ele Mesmo poderia ter sentido enquanto trabalhava pacientemente. Talvez isso fosse o essencial de toda esta metatontice: não sentir realmente nada a acontecer[289].

Jennie Bash deixou a porta da SV 6 aberta de par em par e Idris Arslanian, Todd («Postal Weight») Possalthwaite e Ken Blott entram e sentam-se à indiana num hemisfério irregular, na carpete espessa, entre as figuras recostadas das raparigas e a figura recostada de Hal, e ficam respeitosamente mais ou menos em silêncio. Nenhum deles descalça os ténis. O nariz de «Postal Weight» é uma coisa enorme, tipo probóscide, com um grande penso. Kent Blott traz um boné de pescador desportivo com uma pala extremamente comprida. Aquele estranho cheiro a cachorros-quentes que parece perseguir Idris Arslanian por todo o lado começa a insinuar-se nas águas-de-colónia na sala. Não traz o lenço de seda artificial como venda, mas tem-no atado ao pescoço; ninguém lhe pergunta nada sobre isso. Todos os miúdos mais pequenos são uns espectadores consumados e são imediatamente sugados pela narrativa de *Irmã de Sangue* e as raparigas mais velhas parecem absorver uma espécie de influência psicológica dos rapazinhos e também se acalmam e começam a ver, e, passado um bocado, Hal é a única pessoa na sala que não está concentrado a cem por cento.

A história desse entretenimento é a de uma rapariga tipo-miúda-motoqueira-dura das ruas violentas de Toronto que é encontrada, com uma *overdose*, espancada, violada e sem o casaco de cabedal que lhe fora roubado, do lado de fora da grade do portão de um convento na baixa da cidade e é socorrida, tratada, protegida, orientada espiritualmente e convertida – «*salva*» é a interpretação simples a que se dá muita importância no diálogo do primeiro ato – por uma

freira mais velha e de aspeto duro que, como se vem a saber, revela ela (a freira mais velha e durona), tinha sido por sua vez arrancada a uma vida de *Harleys*, tráfico e consumo de drogas por uma freira ainda mais dura e ainda mais velha, uma freira que tinha sido *ela própria* salva por uma freira ex-motoqueira, etc., etc. A última miúda motoqueira salva converte-se numa freira dura e desenrascada dessa mesma ordem urbana e é conhecida nas ruas violentas por Irmã de Sangue, e, com touca de freira ou sem ela, ainda anda na sua *Hawg* de paróquia em paróquia, ainda sabe aiquidô e não é para brincadeiras, como se sabe nas ruas.

O aspeto motivacional mais interessante aqui é o facto de quase toda esta ordem de freiras ser constituída por freiras que foram salvas das ruas violentas e sem saída de Toronto por outras freiras mais velhas, mais duras e que também tinham sido salvas. Por isso, novenas intermináveis depois, a Irmã de Sangue acaba por sentir um anseio espiritual transitivo para ir ela própria à procura de uma adolescente perturbada, para a «salvar» e trazer para a ordem, liquidando assim a dívida da sua alma para com a velha freira dura que a tinha salvado a *ela*. Através de processos obscuros (uma espécie de diretório de raparigas de Toronto problemáticas mas passíveis de salvação?, troça Bridget Boone), a Irmã de Sangue acaba por tomar conta de uma adolescente de Toronto tipo *punk*, com cicatrizes de queimaduras e muitíssimo perturbada, que é taciturna e, sim, razoavelmente dura, mas que também é vulnerável e se sente emocionalmente atormentada (a cara da rapariga, de um cor-de-rosa brilhante e cheia de cicatrizes, tem tendência a contorcer-se de angústia sempre que ela julga que a Irmã de Sangue não está a ver) pelas terríveis depredações por que passou devido a uma dependência voraz e inabalável de cocaína misturada com *speed*, daquela que tem de ser a própria pessoa a converter e a preparar, e com éter, que é altamente combustível e que era o que se usava antes de alguém ter descoberto que o bicarbonato de sódio e o fluxo da temperatura faziam a mesma coisa, o que faz o filme remontar ao tempo AS ainda mais claramente do que o penteado esteliforme e violeta da torturada rapariga *punk*[290].

Mas a Irmã de Sangue acaba por pôr a rapariga sóbria, cuidando dela durante a desabituação numa sacristia trancada; e a rapariga vai-se tornando menos taciturna ao longo de uma série de fases a que só faltam uns cliques audíveis – a rapariga deixa de tentar arrombar a fechadura do armário onde está guardado o

vinho sacramental, deixa de se peidar de propósito durante as matinas e as vésperas, deixa de ir ter com os trapistas que andam nas redondezas do convento para lhes perguntar as horas e fazer outras perguntas manhosas para tentar fazer com que se descuidem e falem, etc. A cara da rapariga contorce-se umas quantas vezes de tormento emocional e vulnerabilidade até mesmo *quando* a Irmã de Sangue está a ver. Fazem-lhe um corte de cabelo drástico e de certa maneira lésbico, e as raízes do cabelo voltam ao castanho-claro natural. A Irmã de Sangue, revelando uns bicípites sem paralelo, ganha à rapariga no braço de ferro; riem-se ambas; comparam tatuagens: isto marca o início de uma montagem brutalmente prolongada de começar-a-conhecer-te-e-a-confiar-em-ti, uma convenção típica deste género cinematográfico, com esta montagem a envolver passeios de *Harley* a tais velocidades que a rapariga tem de manter a mão na cabeça da Irmã de Sangue para impedir que a touca da Irmã de Sangue voe, e longos passeios a pé de conversas filmados com uma grande angular e intermináveis jogos de charadas basicamente impossíveis de ganhar com os trapistas, mais umas cenas rápidas da Irmã de Sangue a encontrar os *Marlboros* e o isqueiro em forma de vibrador no caixote do lixo, da rapariga a desempenhar as suas tarefas de bom humor e sob o olhar disfarçadamente satisfeito da Irmã de Sangue, das sessões de estudo das Escrituras, à luz das velas, com o dedo da rapariga debaixo de cada palavra que ela lê, da rapariga a cortar cuidadosamente as últimas pontas espigadas e violeta do cabelo castanho-claro, das freiras veteranas e duras a darem palmadas de aprovação no ombro da Irmã de Sangue quando os olhos da rapariga começam a ter aquele brilho de conversão iminente e, finalmente, da Irmã de Sangue e da rapariga a comprarem o hábito, com o comprido e fino queixo com cicatrizes de queimaduras e as originais sobrancelhas sem pelos da rapariga paralisados num plano luminoso, que é o clímax da montagem, sob as asas da touca de noviciado – tudo acompanhado – a sério – pela canção *Getting to Know You*, cuja utilização Hal imagina que o «Cegonha» tenha justificado a si próprio como sendo subversivamente lamechas. Isto tudo leva cerca de meia hora. Bridget Boone, da diocese de Indianápolis, começa a perorar sobre a irónica subtese anticatólica de *Irmã de Sangue: Uma Freira Dura de Roer* – que aqui a «salvação» da rapariga desfigurada e drogada parecia simplesmente a troca de um «hábito» obliterador da vontade por outro, substituindo um tipo de decoração da cabeça exótico por outro – e leva um

beliscão de Jennie Bash e é mandada calar por praticamente toda a gente na sala, com exceção de Hal, que até poderia passar por estar a dormir se não fossem as breves inclinações para a esquerda, por cima do cesto de papéis, para cuspir e que, de facto, está a sentir a perda de concentração radical que acompanha a desabituação de THC e está a pensar noutro cartucho de J.O. Incandenza, ainda mais familiar, mesmo quando está a ver este com os outros colegas da ATE. Esse outro objeto de atenção é *Civismo de Baixa Temperatura*, a chamada «inversão» do género da política empresarial pelo falecido Ele Mesmo, uma telenovela passada em suítes executivas, cheia de jogos de poder, manipulações, adultérios tímidos, *Martinis*, executivas malevolamente lindas, trajadas para o sucesso com vestidos justos e elegantes, que comem as papas na cabeça aos seus homólogos pançudos e baralhados. Hal sabe que *Civismo de Baixa Temperatura* não era de modo algum uma inversão ou uma sátira, que provinha diretamente do período negro dos anos 80 AS quando Ele Mesmo tinha mudado de carreira, passando do serviço público para o empreendedorismo privado, quando uma infusão súbita de receitas provenientes de patentes o deixou num estado de anedonia pós-cenoura e existencialmente sem amarras e Ele Mesmo tirou um ano de férias para beber *Wild Turkey* e ver na TV de radiodifusão telenovelas sobre magnatas, como a *Dinastia* da Lorimar e quejandas, numa remota estância termal na costa noroeste do Canadá, onde, supostamente, conheceu e se tornou amigo de Lyle, agora na sala de pesos e halteres da ATE.

O que é intrigante, mas que ninguém na SV6 sabe, é que a visão de Boone sobre a visão de Ele Mesmo da substituição da devoção católica pela dependência química como a substituição de uma muleta por outra está muito próxima da forma como muitos dos recém-chegados aos Alcoólicos Anónimos de Boston, ainda-não-suficientemente-desesperados, veem os Alcoólicos Anónimos de Boston apenas como uma troca da dependência abjeta abjecta da garrafa/cachimbo pela dependência abjeta de reuniões, dogmas superficiais e piedade robótica, uma «postura de banalidades», e usam esta ideia de que continua a tratar-se de uma dependência abjeta como desculpa para deixarem de tentar experimentar os Alcoólicos Anónimos de Boston e voltarem à dependência abjeta das drogas, até que essa dependência os leva, por fim, a um desespero tão inescapável que, por fim, regressam com as caras cavadas e imploram que lhes digam exatamente que banalidades devem gritar e até que

ponto devem ajustar os seus sorrisos vazios.

Todavia, algumas pessoas dependentes de substâncias já se encontram tão destroçadas quando decidem entrar pela primeira vez que não querem saber de coisas como substituições e banalidades; dariam o testículo esquerdo para trocarem a sua dependência original por banalidades robóticas e gritos de encorajamento das bancadas. São aqueles que têm uma arma apontada à cabeça, aqueles que ficam e aguentam. Ainda está por determinar se Joelle van Dyne, cuja primeira aparição num projeto de James O. Incandenza se dera precisamente nesse *Civismo de Baixa Temperatura,* é uma dessas pessoas que entraram nos Alcoólicos Anónimos/Narcóticos Anónimos tão destroçadas que acabam por lá ficar, mas está a começar a identificar-se cada vez mais com os oradores dos compromissos que costuma ouvir e que entraram de facto tão destroçados que sabem que ou se endireitam ou morrem. A um quilómetro e meio da ATE, pela encosta abaixo, Joelle dirige-se para o Grupo A Realidade É para as Pessoas Que não Conseguem Lidar com as Drogas, uma reunião dos Cocainómanos Anónimos[291], uma ramificação dos Narcóticos Anónimos, principalmente porque a reunião é no Grande Auditório do St. Elizabeth's Hospital, apenas dois andares abaixo do sítio onde Don Gately, a quem ela acabou de visitar e de limpar a testa enorme e inconsciente, está deitado, na Unidade de Traumatologia, em muito mau estado. As reuniões dos Cocainómanos Anónimos têm um longo preâmbulo e infindáveis formalidadezinhas fotocopiadas que são lidas em voz alta no começo, o que é uma razão para Joelle evitar as reuniões dos Cocainómanos Anónimos, mas essa parte inicial já tinha acabado quando chega lá abaixo, entra, tira café queimado do fundo da cafeteira e arranja uma cadeira vazia. Os únicos lugares vagos são os da última fila – «A Fila da Negação», é como são conhecidas as últimas filas – e Joelle está rodeada por recém-chegados catéxicos que cruzam e descruzam as pernas a cada segundo, fungam compulsivamente e parecem ter vestido tudo o que possuem. Há ainda a fila dos homens em pé – nas associações de Boston, há um certo tipo de homens com caras empedernidas que recusa sentar-se nas reuniões –, atrás da última fila, de pernas afastadas, braços cruzados e a falarem uns com os outros pelo canto da boca, e Joelle percebe que os homens em pé estão a olhar por cima do ombro dela para os seus joelhos nus, fazendo comentariozinhos sobre os joelhos e o véu. Pensa, com um sentimento

temeroso[292], em Don Gately, com um tubo enfiado pela garganta abaixo, dilacerado pela febre, pela culpa e pelas dores no ombro, a quem os bem-intencionados mas ignorantes médicos propuseram dar demerol, a entrar e a sair de delírios, dilacerado, convencido de que certos homens com chapéus lhe desejavam mal, a olhar para o teto semiprivado do quarto como se este o fosse comer mal ele baixasse a guarda. O grande quadro preto no púlpito diz que o Grupo A Realidade É para as Pessoas Que não Conseguem Lidar com as Drogas dá as boas-vindas aos oradores dos compromissos, do Grupo Acesso à Autoestrada, de Mattapan, que está bem implantado na zona negra de Boston, onde os Cocainómanos Anónimos estão mais concentrados. No púlpito, o orador, que está mesmo a começar quando Joelle se senta, é uma pessoa de cor, alta, amarelada, com a constituição de um levantador de pesos e olhos assustadores, amendoados e de um castanho-tanino. Está há sete meses nos Cocainómanos Anónimos, diz ele. Evita as habituais histórias de guerra machistas de um típico monólogo dos Cocainómanos Anónimos e vai direito ao seu fundo, o seu ponto de partida. Joelle percebe que ele está a tentar contar a verdade e não apenas a armar-se e a representar como tantos Cocainómanos Anónimos parecem fazer. A história dele está cheia das expressões idiomáticas das pessoas de cor e daqueles pequenos e irritantes movimentos das mãos e gestos das pessoas de cor, mas, a Joelle, isso já não lhe parece importar muito. Consegue identificar-se. Nas reuniões, a verdade tem uma espécie de atração inconsciente irresistível, independentemente da cor ou das filiações. Até a Fila da Negação e os homens em pé estão absortos na história do homem de cor. O homem de cor diz que a história dele é que vivia com a mulher e a bebé em casa, nos Perry Hill Projects de Mattapan, e vinha outro bebé a caminho. Tinha conseguido aguentar o trabalho mal pago como assistente de rebitador na Universal Bleacher, em Enfield, mesmo ao cimo da rua onde estavam a fazer a reunião, porque o seu vício de cocaína misturada com *speed* não se manifestava diariamente; fumava numa base tipo farra, quase sempre aos fins de semana. Mas eram farras infernais, psicopáticas e de esvaziar as contas do banco. Como estares atado a um míssil *Raytheon* e só conseguires parar quando o míssil para, Jim. Diz que a mulher havia conseguido trabalho temporário a limpar casas, mas quando trabalhava tinham de pôr a filha pequenina numa creche que lhe limpava praticamente o salário do dia. Por isso, o ordenado dele era a única boia de

salvação da família e as farras do fim de semana com o cachimbo de vidro causavam-lhes uma infindável insegurança financeira, coisa que ele pronuncia mal. O que o leva à última farra, o fundo, que, como era de prever, calhou num dia de pagamento. E este cheque tinha *mesmo* de ir para a mercearia e a renda. A renda estava atrasada dois meses e não havia peva de comer em casa. Num intervalo para fumar na Universal Bleacher, teve o cuidado de comprar só um frasco, apenas dez dólares, para se divertir um bocadinho num domingo à noite depois de um fim de semana de abstinência, de compras e de tempo de qualidade com a mulher grávida e a filha pequena. A mulher e a menina iam encontrar-se com ele depois do trabalho, na paragem do autocarro à frente do Brighton Best Savings, mesmo por baixo do relógio grande, para o «ajudarem» a depositar o cheque logo ali e naquele preciso instante. Tinha deixado a mulher marcar o encontro no banco porque sabia já nessa altura, com um sentimento de vergonha de si próprio, que havia o risco de incidentes com o cheque do ordenado, devido às farras que tinha feito no passado e a insegurança financeira da família já ultrapassava a expressão *sarilho de merda* e ele sabia muito bem, *porra*, que não podia meter a pata na poça.

Diz que era assim que costumava pensar naquilo: meter a pata na poça.

Nem sequer chegou ao autocarro depois de ter picado o ponto à saída, disse ele. Dois outros *Holmeses*[293] em Riveting tinham três frascos cada, frascos que tinham a modos que *agitado* provocadoramente à sua frente, e ele havia logo mostrado o dele porque dois frascos e um terço em comparação com um triste frasquito para uma noite de domingo era uma coisa que só um idiota do caraças, sem a menor noção do conceito de agarrar uma oportunidade, podia deixar passar. Em resumo, foi a loucura familiar de ter dinheiro no bolso e de não ter defesas contra o impulso irresistível, e a ideia da mulher com a filha pequenina, com o gorrinho e as luvas de tricô, ao colo, parada debaixo do grande relógio num crepúsculo frio de março, mais do que ser afastada, foi encolhendo até ficar do tamanho de uma fotografiazinha de medalhão no centro de uma parte de si mesmo que ele e os *Holmeses*[*2] tinham começado decididamente a matar, com o cachimbo.

Diz que nunca chegou a apanhar o autocarro. Passaram entre eles uma garrafa de uísque dentro do *Ford Mystique* que um dos *Holmeses* tinha gamado e acenderam o cachimbo ali mesmo no carro, e a partir do momento em que deu o

primeiro bafo com dinheiro no bolso, já não havia *porra* de volta a dar, Jim[294].

As mãos do homem apertam os lados do púlpito e ele apoia o peso do corpo nos braços esticados de uma forma que exprime, ao mesmo tempo, abjeção e coragem. Convida os outros Cocainómanos Anónimos a, por uma questão de caridade, darem por terminada aquela cena noturna, que, de qualquer forma, depois da paragem para levantar o cheque, tinha ficado meio nebulosa de tanta fumarada supersónica; mas, pronto, no dia seguinte, sábado de manhã, chegou finalmente a casa, em Mattapan, doente e amarelo-esverdeado, naquele estado terrível depois da moca da cocaína com *speed* passar, a morrer por mais e disposto a matar por mais e, todavia, tão mortificado e envergonhado por ter metido a pata na poça (outra vez) que só o facto de ter subido no elevador até ao apartamento foi talvez a coisa mais corajosa que já tinha feito até àquele momento, achava ele.

Eram umas seis horas da manhã e elas não estavam lá. Não estava ninguém em casa e, de certo modo, o vazio do apartamento pulsava e respirava. Havia um envelope do IHB[295] metido debaixo da porta, não da cor salmão de um aviso de despejo, mas da verde de um último aviso referente à renda. E ele dirigiu-se para a cozinha e abriu o frigorífico, odiando-se por ter esperança de haver lá uma cerveja. No frigorífico, havia um frasco de geleia de uva quase vazio e meia lata de massa para fazer biscoitos, mais o cheiro azedo de um frigorífico vazio, e era tudo, Jim. Um frasquinho de plástico de manteiga de amendoim do Banco Alimentar, sem rótulo e tão vazio que os lados de dentro tinham arranhões de faca, e uma caixinha de sal húmido eram as únicas coisas no resto da cozinha.

Mas o que o fez entrar em choque e o fez ficar feito num oito foi, disse ele, ver o tabuleiro dos biscoitos, brilhante e vazio, em cima do fogão e a argola de plástico de segurança da tampa da manteiga de amendoim no cimo da pilha de lixo dentro do caixote. A imagem pequenina do medalhão no fundo da cabeça cresceu e tornou-se uma cena muito nítida da mulher, da pequenita e da criancinha por nascer a comerem o que agora conseguia perceber que deviam ter comido, na noite anterior e de manhã, enquanto ele andava lá fora a ingerir-lhes a comida e a renda. Para ele, isto foi a beira do precipício, a encruzilhada pessoal de decisões, ali parado, de cara frouxa, na cozinha, a passar um dedo pelos contornos de um tabuleiro cintilante sem uma única migalha de biscoitos lá dentro. Sentou-se nos mosaicos do chão da cozinha, com os olhos assustados

fechados com toda a força, mas ainda a verem a cara da sua menina. Elas tinham comido manteiga de amendoim dada por caridade, espalhada em cima dos biscoitos, empurrados para baixo com água da torneira e uma careta.

O apartamento ficava no sexto andar do Edifício 5 de Perry Hill. A janela não abria, mas podia ser partida se tomasse balanço e se atirasse contra ela.

Mas não se matou, diz ele. Limitou-se a levantar-se do chão e a ir-se embora. Não deixou nenhum bilhete à mulher. Nada de nada. Saiu e fez a pé os quatro quarteirões até ao Abrigo Shattuck, em Jamaica Plain. Tinha a certeza que elas ficariam melhor sem ele, disse. Mas disse que não sabia por que razão não se tinha matado. Mas não o fez. Acha que houve uma qualquer intervenção de Deus enquanto estava ali sentado no chão. Decidiu simplesmente ir para Shattuck e renunciar, endireitar-se e nunca mais ter de ver na cabeça ressacada a carinha da filhinha a fazer caretas, James.

E o Abrigo Shattuck – por coincidência –, que normalmente tinha uma lista de espera todos os meses de março até o tempo aquecer, haviam acabado de expulsar de lá um espécime desgraçado por defecar no chuveiro, e receberam-no, ao orador. Pediu imediatamente para ir uma reunião dos Cocainómanos Anónimos. E um tipo dos funcionários de Shattuck falou a um sujeito afro-americano com uma data de tempo de reabilitação sóbrio, e o orador foi levado à sua primeira reunião dos Cocainómanos Anónimos. Fazia duzentos e vinte e quatro dias esta noite. E naquela noite, quando o Crocodilo de cor dos Cocainómanos Anónimos o voltou a trazer para Shattuck – depois de ele ter chorado à frente dos outros homens de cor na sua primeira reunião e ter falado a homens que nunca tinha visto antes sobre o relógio grande e o cachimbo de vidro e o cheque e os biscoitos e a cara da filhinha – e depois de ter voltado para Shattuck, de lhe terem aberto a porta e da campainha ter tocado para o jantar, aconteceu – por coincidência – que o jantar de sábado à noite em Shattuck foi café e sanduíches de manteiga de amendoim. Era o final da semana e a comida doada ao Abrigo acabara; tinham apenas manteiga de amendoim numa porcaria de pão branco barato e café instantâneo *Sunny Square*, aquela merda barata que nem sequer se dissolve por completo.

Ele tem aquele estilo do orador autodidata com pausas dramáticas e emocionais que não parecem fingidas. Joelle traça outra linha pela chávena de café de isopor com a unha e escolhe conscientemente acreditar que não é

afetado, o drama emocional da história. Os olhos parecem-lhe estar cheios de areia por se esquecer de pestanejar. Isto acontece sempre quando não se espera, quando é uma reunião para onde uma pessoa se arrasta por obrigação e que tem quase a certeza de que vai ser uma chatice. A cara do orador tinha perdido a cor, a forma, todas as suas características. Uma coisa qualquer pegou no nó que estava a apertar a barriga de Joelle, deu-lhe três voltas e transformou-o numa coisa boa. É a primeira vez que Joelle tem a certeza de que quer continuar sóbria independentemente daquilo que tenha de enfrentar. Mesmo que Don Gately tome demerol, ou vá para a cadeia, ou a rejeite se ela não lhe puder mostrar a cara. É a primeira vez em muito tempo – esta noite, 14 de novembro – que Joelle até considera a possibilidade de mostrar a cara a alguém.

Depois da pausa, o orador diz que todos os outros desgraçados filhos da puta do Abrigo Shelter que lá estavam começaram a protestar, a perguntar que merda era aquilo das sanduíches de manteiga de amendoim para o jantar. O orador diz que fosse o que fosse aquilo a que estava a agradecer por aquela sanduíche em particular que tinha na mão e estava a comer, empurrando-a para baixo com o café arenoso *Sunny Square*, essa coisa tornou-se o seu Poder Superior. Agora já está sóbrio há mais de sete meses. A Universal Bleacher tinha-o despedido, mas ele havia arranjado trabalho fixo em Logan, a limpar com a esfregona no terceiro turno, e um *Holmes* da sua equipa também está no programa – por coincidência. Veio a descobrir que, naquela noite, a sua mulher grávida tinha ido para um abrigo para mães solteiras com Shantel. Ainda lá estavam. O DSS continuava a não o deixar contestar a proibição de contacto pedida pela mulher e a ver Shantel, mas tinha conseguido falar ao telefone com a filhinha no mês passado. E agora está sóbrio por ter largado a droga e se ter juntado ao Grupo Acesso à Autoestrada e ter-se tornado ativo e ter aceitado as sugestões voluntárias da irmandade dos Cocainómanos Anónimos. A mulher ia ter o bebé por volta do Natal. Disse que não sabia o que lhe ia acontecer nem à família. Mas diz que a sua nova família – o Grupo Acesso à Autoestrada dos Cocainómanos Anónimos – lhe havia feito certas promessas e, por isso, tinha alguns sentimentos, tipo, esperançosos em relação ao futuro, dentro de si. Não tirou qualquer conclusão, nem sequer a referência obrigatória à gratidão, nem aquelas merdas habituais, género agarrar-se ao atril, encolher os ombros e dizer que tinha começado a sentir precisamente no mês anterior que a decisão que havia tomado no chão da

cozinha tinha sido a decisão correta, falando em termos pessoais.

Voltando ao entretenimento, as coisas evoluem rapidamente para o sanguinolento quando a rapariga dura de roer que a Irmã de Sangue parecia ter salvado é encontrada azulada e morta no seu catre de noviça, os bolsos interiores do hábito atafulhados de todos os tipos de drogas e de parafernália e o braço uma verdadeira floresta de seringas. Um muito grande plano da cara da Irmã de Sangue a contorcer-se, arroxeada, a olhar para a ex-ex-delinquente. Desconfiando de crime em vez de recidivismo espiritual, a Irmã de Sangue, ignorando primeiro a beatice da Outra Face e depois as súplicas exaltadas e depois as ordens diretas da vice-madre superiora – que, sabe-se agora, era a freira dura de roer que tinha salvado a Irmã de Sangue há muito tempo atrás –, começa a reverter aos seus hábitos antigos, anteriores à salvação, de motoqueira das ruas violentas de Toronto: tira o silenciador da *Harley Hawg*, desencanta do armazém um velho blusão de cabedal, coberto de tachas, enfiando-o com dificuldade por cima do hábito e dos peitorais desenvolvidos, tira as ligaduras das tatuagens mais assustadoras, sacode violentamente antigos acolitozinhos para lhes extrair informações, atira pelo ar os motoristas que se metem no caminho da mota, encontra-se com os seus antigos contactos de rua em bares sombrios, e emborca uns *shots* mesmo com os mais cirróticos deles, ataca, soca, usa aiquidô e desarma rufiões, caçando-lhes as armas, vingando a «des-salvação» e eliminação do mapa da sua jovem pupila, decidida a provar que a morte da rapariga não tinha sido um acidente nem uma recaída, que a Irmã de Sangue não havia falhado com a alma que tinha escolhido salvar para pagar a divida da sua própria alma à velha e dura de roer vice-madre superiora que a tinha salvado a ela, Irmã de Sangue, há tanto tempo atrás. Vários duplos a fazer de rufiões e incontáveis litros de tiocianato de potássio[296] depois, a verdade é revelada: a noviça tinha sido assassinada pela madre superiora, a freira mais importante e mais dura da ordem. Esta madre superiora é a freira que tinha salvado a vice-madre superiora que tinha salvado a Irmã de Sangue, o que quer dizer, ironicamente, que as provas de que a Irmã de Sangue precisa para provar que a sua divida de salvação estava de facto paga são também provas prejudiciais para o interesse jurídico da freira dura de roer para com quem a salvadora da própria Irmã de Sangue está em dívida, por isso a Irmã de Sangue

vai ficando cada vez mais torturada e mal-humorada à medida que as provas da culpa da madre superiora aumentam. Numa cena, diz *foda-se*. Noutra, brande um turíbulo como se fosse uma maça e acerta num velho sacristão que é um dos paus-mandados da madre superiora, arrancando-lhe a cabeça desdentada. Depois, no Terceiro Ato, uma verdadeira orgia de retribuição segue-se à revelação completa da sórdida verdade: parece que a velha e dura de roer vice-madre superiora, isto é, a freira que havia salvado a Irmã de Sangue, afinal, *não* tinha de facto sido salva – de facto, durante os mais de vinte anos exemplares a dizer as novenas e a fazer hóstias, tinha estado a sofrer uma espécie de secreto apodrecimento degenerativo e reincidente da alma e havia recomeçado, a vice-madre superiora, mais ou menos na altura em que a Irmã de Sangue tinha envergado o hábito definitivo, e havia recomeçado não só com a dependência das drogas como também tinha começado a traficar os pesos pesados de fosse lá o que fosse que era mais lucrativo na altura (o que, ao fim de mais de vinte anos, tinha passado da heroína marselhesa para o *Bing Crosby* purificado colombiano) para sustentar o seu próprio vício secreto, dirigindo clandestinamente uma grande operação de retalho a partir dos muito pouco utilizados confessionários da Missão de Salvamento de Apoio à Comunidade da Ordem. A superiora desta freira, a freira dura de roer mais importante, a madre superiora, ao descobrir a rede de droga, depois de o sacristão, agora eliminado do mapa, a ter informado de que um número suspeito de limusinas andava a descarregar pessoas com fios de ouro, que não tinham o ar de serem muito penitentes, na Missão de Salvamento de Apoio à Comunidade da Ordem, e, infelizmente, incapaz de invocar a humildade pia para conseguir aceitar o facto de que tinha falhado, ao que parecia, na salvação verdadeira e permanente da ex-traficante de cuja salvação a madre superiora precisava para saldar a divida para com a agora reformada freira octogenária que a tinha salvado a *ela* – esta mesma madre superiora é quem assassinou a noviça ex-*punk* da Irmã de Sangue, para calar a rapariga. O que se vem a descobrir é que o local onde a *punk* agarrada da Irmã de Sangue se orientava, quando andava Lá Fora antes da salvação, tinha sido precisamente a Missão de Salvamento de Apoio à Comunidade da Ordem. Por outras palavras, a freira que havia salvado a Irmã de Sangue, mas que, no seu caso e secretamente, não tinha sido salva, servira de *dealer* de *Bing* à rapariga dura de roer e é por isso que a rapariga dura de roer não católica tinha sido tão

misteriosamente perita na oração do *Confiteor*. A madre superiora da ordem tinha julgado que seria apenas uma questão de tempo até que a conversão e a salvação da rapariga atingissem um nível espiritual em que o seu segredo tão bem guardado se quebrasse e ela contasse à Irmã de Sangue a verdade sórdida sobre a freira que ela (a Irmã de Sangue) julgava que lhe havia salvado a vida (à Irmã de Sangue). Por isso, ela (a madre superiora) tinha eliminado a rapariga do mapa – ostensivamente, disse ela (a madre superiora) à sua tenente, a vice-madre superiora, para a salvar (à vice-madre superiora) do escândalo e da excomunhão e, quem sabe, talvez de ainda pior se a rapariga não fosse silenciada[297].

Este material narrativamente prolixo e emaranhado é finalmente explicado com a emoção quase de um *kabuki* durante uma horrível batalha campal no gabinete da madre superiora que não havia salvado a vice-madre superiora que tinha salvado a Irmã de Sangue, com as duas freiras mais velhas – que haviam sido duras de roer e não tinham sido salvas nos velhos tempos de Ontário quando os homens eram homens, tal como as raparigas motoqueiras e drogadas – a juntarem-se para darem uma tareia na Irmã de Sangue, a cena da luta uma mancha confusa de hábitos a rodopiarem e de artes marciais a sério, tendo como pano de fundo o enorme crucifixo de mogno decorativo na parede intensamente iluminada por um projetor, com a Irmã de Sangue a dar boa conta do recado mas, mesmo assim, a ficar com a touca esborrachada e, finalmente, depois de vários pontapés rotativos na testa, a começar a dizer adeus ao seu corpo material e a encomendar-se a Deus; até que a reincidente vice-madre superiora, que não tinha sido salva mas que havia salvado a Irmã de Sangue, ao limpar o sangue dos olhos depois de uma cabeçada violenta, e vendo a madre superiora prestes a decapitar a Irmã de Sangue com um *tomahawk*, uma lembrança oriunda da era Champlain, que a freira Huron que tinha sido salva pela fundadora original da ordem de Toronto que salvava raparigas duras de roer tinha usado para decapitar missionários jesuítas antes de ela (a freira dura de roer Huron) ter sido salva, vendo o *tomahawk* levantado com os dois braços à frente da cara velha e habitualmente piedosa da madre superior – uma cara agora com um aspeto indescritível pela ausência de humildade e pela paixão pelo silenciamento da verdade a que se acrescentava o mal mais puro e radical –, vendo agora a machadinha levantada e a cara demoníaca da madre superiora, a vice-madre superiora tem um momento de claridade espiritual antirreincidente e epifânica e

evita a morte da Irmã de Sangue dando um salto desde o outro lado do gabinete e arrumando a madre superiora com um grande objeto objeto decorativo cristão de mogno tão simbolicamente óbvio que nem sequer precisa de ser nomeado, a falta de subtileza simbólica do objeto a fazer com que Hal e Bridget Boone se encolhessem. Agora a Irmã de Sangue tem a machadinha da era Champlain e a freira não salva que a tinha salvado tem um objeto não nomeado cujo mogno não conseguia fazer frente a uma machadinha e enfrentam-se por cima da confusão de saias da madre superiora deitada de borco, com os peitos a arfarem e a vice-madre superiora tem uma expressão dolorosamente contorcida sob a touca à banda como se dissesse *Vá, força, completa o círculo de retribuição recidivista contra a freira que julgavas que te tinha salvado, mas que, afinal, nem sequer conseguiu salvar-se a si mesma, completa o circuito lapsariano,* ou qualquer coisa do género. Olham-se fixamente durante inúmeros planos, a parede do gabinete atrás delas cruciformemente clara no sítio onde o objeto não mencionado tinha estado pendurado. Finalmente, a Irmã de Sangue encolhe os ombros, resignada, deixa cair o *tomahawk,* volta-se e, com uma veniazinha irónica, sai do gabinete da madre superiora, atravessa a pequena sacristia, passa à frente do altar, desce a navezinha do convento (as botas de motoqueira a ecoarem nos tijolos, realçando o silêncio) e sai pelas portas enormes cujo tímpano, no alto, está gravado com uma espada e o ferro de uma charrua e uma seringa e uma concha de sopa e o lema *contraria sunt complementa*, tão forçado que Hal se retrai de tal maneira que é Boone que tem de dar a tradução que Ken Blott pede[298]. No ecrã, continuamos a seguir a freira dura de roer (ou ex-freira). O facto de a machadinha que ela largou num gesto resignado ter acertado em cheio na madre superior caída de borco é apresentado como claramente acidental... porque ela (a Irmã de Sangue) continua a afastar-se do convento, movendo-se enfaticamente, aproximando-se cada vez mais da câmara. Coxeando com ar duro na direção leste, para a madrugada fremente de Toronto. A sequência final do cartucho mostra-a escarranchada na sua *Hawg* na rua mais violenta de Toronto. Prestes a perder-se? A voltar aos seus hábitos duros de roer anteriores a ter sido salva? Não fica claro, supõe-se que com a finalidade de ser prenhe de significado: a expressão dela é agnóstica, na melhor das hipóteses, mas o anúncio enorme de um *outlet com silenciadores* para as *Harley* mais baratos destaca-se no horizonte para onde ela se dirige atroando os ares. O

genérico final é da mesma cor estranha e verde-lima dos insetos num para-brisas.

É difícil perceber se os aplausos de Boone e Bash são sarcásticos ou não. Há aquela agitação do final de um entretenimento, quando as pessoas mudam de posição, esticam as pernas e fazem apartes críticos. Repentinamente, Hal recorda-se: Smothergill. Possalthwaite diz que ele e Id trouxeram Blott para falarem com Hal sobre uma coisa alarmante que encontraram quando estavam a cumprir os seus deveres disciplinares da treta nessa tarde. Hal levanta a mão para os miúdos esperarem enquanto vai passando as caixas dos cartuchos para ver se *Civismo de Baixa Temperatura* lá está. Todas as caixas estão claramente identificadas.

A aparição afastou-se, o vermelho do casaco a encolher contra a visão oscilante da Rua Prospect, do passeio, dos caixotes de lixo e das fachadas indistintas dos armazéns, com Ruth van Cleve, a perseguir essa figura tenebrosa e também a afastar-se, gritando fragmentos de calão urbano que em vez de se tornarem mais ténues, iam sendo engolidos. Kate Gompert agarrou a cabeça magoada e ouviu-a rugir. A perseguição movida por Ruth van Cleve era abrandada pelos braços, que esbracejavam enquanto ela gritava; e a aparição estava a balançar as carteiras delas para abrir caminho no passeio à sua frente. Kate Gompert conseguia ver os peões a saltarem para a rua para evitarem ser atingidos. Toda a cena visual parecia tingida de violeta.

Uma voz debaixo de um toldo de uma loja ali perto disse:

– Eu vi!

Kate Gompert voltou a dobrar-se e agarrou a parte da cabeça que rodeava o olho. O olho estava palpavelmente a inchar e a fechar-se e toda a sua visão era estranhamente violeta. Um barulho na cabeça, como o de uma ponte levadiça a subir, rodas dentadas e guinchos implacáveis. A boca estava a ficar inundada de cuspo quente e aguado e ela não parava de engolir para evitar as náuseas.

– Se eu vi? Podem apostar a porra da vossa *vida* que vi!

Uma espécie de gárgula pareceu soltar-se da montra de uma loja de ferragens e aproximou-se, os movimentos estranhamente sacudidos, como num filme a que faltassem fotogramas.

– Vi tudo! – disse ela e depois repetiu: – Sou testemunha!

Kate Gompert esticou o outro braço, agarrando-se ao poste do candeeiro e

puxou-se para cima, ficando quase direita, a olhar para aquela coisa.

– Assisti à *porra* da cena toda! – disse esta.

No olho que não estava a inchar e a fechar-se, a coisa revelou-se, em tons violeta, um homem barbudo com um casaco da tropa e um casaco da tropa sem mangas por cima desse casaco, cuspo na barba. Um olho tinha um sistema de artérias explodidas. O homem abanava como uma máquina velha. E havia também ali um cheiro. O velho aproximou-se, avultando-se, de tal forma que os peões tiveram de fazer uma curva à volta de ambos. Kate Gompert conseguia sentir a sua própria pulsação no olho.

– Testemunha! Testemunha *ocular*! A cena toda!

Mas ele estava a olhar para outro sítio, tipo mais à volta, para as pessoas que passavam.

– Se vi? *Sou* a testemunha!

Não era claro para quem é que estava a gritar. Não era para Kate e as pessoas que passavam estavam a prestar aquele tipo ponderado de não-atenção urbana enquanto dispersavam e se misturavam à volta deles junto do poste do candeeiro e depois voltavam a agrupar-se. Kate Gompert achava que apoiar-se ao poste do candeeiro iria impedi-la de vomitar. *Traumatismo craniano* é, na verdade, outra maneira de dizer cérebro ferido. Tentou não pensar nisso, que o impacte se calhar tinha atirado uma parte do seu cérebro contra o crânio e que agora essa parte estava a inchar e a ficar vermelha, esmagada contra a parte de dentro do crânio. O poste do candeeiro a que se estava a agarrar era o que lhe tinha batido.

– Amigo? *Sou* teu amigo. Testemunha? Vi tudo!

E o velho estava a pôr a palma da mão trémula mesmo por baixo da cara de Kate Gompert, como se quisesse que vomitassem nela. A palma era violeta, com manchas de uma possível infeção por fungos, e com linhas escuras que se ramificavam no sítio onde costumam estar as linhas cor-de-rosa das pessoas que não vivem em lixeiras, e Kate Gompert estudou a palma abstratamente e o bilhete GIGABUCKS[299] descolorido pelo tempo no passeio por baixo dela. O bilhete pareceu esbater-se numa névoa violeta e depois voltar a ficar mais nítido. Os peões olhavam para eles de relance e depois desviavam ponderadamente os olhos para outro lado qualquer: uma rapariga pálida e parecendo bêbada e um mendigo a mostrar-lhe qualquer coisa que tinha na palma da mão.

– Assisti a tudo o que se passou – comentou o homem para um transeunte com

um telemóvel no cinto.

Kate Gompert não conseguia reunir coragem para lhe dizer para bazar, caralho. Era assim que se dizia ali, na cidade a sério: Baza, caralho, com um gestozinho hábil do polegar. Nem sequer conseguia dizer Vai-te embora, ainda que o cheiro associado ao homem ainda a tornasse pior, a náusea. Parecia terrivelmente importante não vomitar. Conseguia sentir a pulsação no olho em que o poste tinha batido. Como se o esforço de vomitar pudesse agravar a parte do cérebro, que estava a ficar esponjosa e púrpura, amolgada pelo poste. Esta ideia fê-la ter vontade de vomitar naquela mão horrenda que não parava quieta. Tentou raciocinar. Se o homem havia presenciado tudo, então como é que podia pensar que ela tinha moedas para lhe pôr na mão? Ruth van Cleve estivera a fazer uma lista dos pseudónimos mais argutos do pai do seu bebé, agora engavetado, quando Kate Gompert tinha sentido uma mão bater-lhe nas costas e fechar-se em volta da alça da carteira. Ruth van Cleve soltara um grito quando a aparição da mulher mais horrorosa que Kate Gompert já tinha visto se atirou para a frente, entre as duas, separando-as. A alça da carteira de vinil de Ruth van Cleve tinha cedido imediatamente; no entanto, a alça fina mas de nós de macramé apertados de Kate Gompert havia permanecido presa ao ombro e Kate Gompert tinha sido violentamente puxada para a frente pelo impulso da aparição de aspeto feminino quando esta tentava fazer um *sprint* pela Rua Prospect e a figura vermelha que lembrava uma bruxa tinha sido violentamente puxada para trás quando a alça da bolsa de macramé, tecida em fio *Filene* francês, de boa qualidade e cem por cento algodão, resistiu, e Kate Gompert tinha sentido uma baforada de uma coisa mais fria e húmida do que os esgotos municipais mais frios e mais húmidos e um vislumbre daquilo que parecia uma barba de cinco dias na cara da bruxa, ao mesmo tempo que Ruth van Cleve, habituada à dureza das ruas, deitava a mão ao casaco de couro vermelho dela/dele/da coisa, berrando que a/o ladra/ladrão era uma/um filha/filho de uma grande puta. Kate Gompert estava a avançar aos tropeções ao mesmo tempo que tentava soltar-se do laço da alça. As/os três avançaram de supetão, ao mesmo tempo. A aparição girou violentamente, tentando sacudir Ruth van Cleve e a sua rotação com a bolsa dela levou a que, presa à alça, Kate Gompert (que não pesava muito) girasse num círculo amplo (tinha tido um *flashback* de reminiscência dos tempos de criança, em que fazia jogos de coordenação física durante a «Laminazinhas»,

a hora de patinagem infantil no ringue do Clube de Patinagem de Wellesley Hills), ganhando velocidade; e então um poste de candeeiro, manchado de ferrugem, na borda do passeio, rodou na direção dela, também a ganhar velocidade, e o barulho foi qualquer coisa entre um *bonk* e um *clang*, e o céu e o passeio trocaram de lugar e um sol violeta explodiu e toda a rua se tornou violeta e oscilou como um sino a tocar; e depois ela estava sozinha, sem carteira, e a ver as duas figuras a afastarem-se, parecendo estarem ambas a gritar por socorro.

---

*1 Filmes de terror com especial ênfase na exibição de efeitos sanguinolentos. *(N. dos T.)*

*2 A correspondência portuguesa poderá ser *mano*. *(N. dos T.)*

14 DE NOVEMBRO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

UMA DESVANTAGEM DA COCAÍNA ingerida nasalmente é que a certo ponto, algures depois do clímax da euforia – se já nem tivermos juízo para parar e limitarmo-nos a gozar essa euforia e, em vez disso, continuarmos a inalar –, leva-nos a regiões de um frio quase interestelar e ao entorpecimento nasal. Os seios nasais de Randy Lenz estavam congelados no crânio, dormentes e com cristais de gelo pendurados. Tinha a sensação que as pernas acabavam nos joelhos. Estava a seguir duas chinesas muito pequeninas que transportavam grandes sacos de papel com compras e se dirigiam para leste, ao longo da Bishop Allen Drive, por baixo da Praça Central. O coração parecia um sapato no secador da cave da Ennet House. Era assim tão ruidosamente que o coração estava a bater. As chinesas deslocavam-se com uma rapidez espantosa, tendo em conta o tamanho delas e o tamanho dos sacos. Eram cerca de 22 horas 12 minutos e 30 a 40 segundos, precisamente em cima do antigo Intervalo de Resolução de Problemas. As chinesas, mais do que andar, moviam-se com a rapidez de um inseto e Lenz sentia a pressão cardíaca do esforço tanto de não as perder de vista como de parecer que estava apenas a passear descontraidamente, dormente dos joelhos para baixo e das narinas para trás. Viraram para a Rua Prospect, uns dois quarteirões abaixo da Praça Central, e seguiram na direção da Praça Inman. Lenz seguiu-as, uns dez ou trinta passos atrás, os olhos presos às pegas de cordel dos sacos das compras. As chinesas eram mais ou menos do tamanho de bocas de incêndio e moviam-se como se tivessem mais pernas do que a quantidade normal, enquanto iam conversando na sua língua de macaco em tons agudos e ansiosos. A evolução provou que as línguas orientaloides estavam mais perto das línguas primatas do que afastadas. Ao princípio, nos passeios de tijolo da parte da Av. Mass. entre a Praça Harvard e a Praça Central, Lenz julgara que *elas* eram capazes de estar a segui-lo *a ele* – tinha sido seguido muitíssimas vezes no seu tempo e, tal como o culto Geoffrey D., sabia muito bem, obrigado, que a vigilância mais temível era levada a cabo por gente com o aspeto mais improvável, que seguia uma pessoa andando à frente dela com espelhinhos nas

hastes dos óculos ou sistemas elaborados de comunicações celulares para informar o Comando Central – ou então também por helicópteros, também, que voavam demasiado alto para se verem, planando, o barulhinho dos rotores disfarçados dos batimentos do próprio coração da pessoa. Mas depois de ter conseguido, por duas vezes, despistar com sucesso as chinesas – da segunda vez, com tanto sucesso que tinha tido de correr como um doido por vielas e de pular vedações de madeira para as voltar a apanhar uns quarteirões mais a norte, ainda ao longo da Bishop Allen Drive, a caminharem em passo rápido enquanto tagarelavam animadamente – tinha ficado convencido de quem estava a seguir quem, naquele caso. Ou seja, quem tinha o poder de decisão sobre a situação geral naquele preciso momento. A expulsão do Centro, expulsão que ao princípio lhe parecera o beijo fatal de uma sentença de morte, tinha-se revelado ser, se calhar, precisamente o que era preciso. Tentara manter-se na linha e, em compensação pelo seu sofrimento, tinha sido ameaçado e expulso sem contemplações; dera o seu melhor e, na maior parte das vezes, de forma impressionante; e tinha sido mandado embora, sozinho, e pelo menos agora podia esconder-se às claras. Aqui fora, nas ruas anónimas de North Cambridge e Somerville, R. Lenz podia viver da sua inteligência, muito bem disfarçado, sem nunca dormir, mesmo quando estava em movimento, escondendo-se em lugares públicos e profusamente iluminados, o último sítio onde Eles pensariam encontrá-lo.

Lenz traz umas calças para a neve de um amarelo fluorescente, uma casaca de abas de grilo ligeiramente brilhante, um chapéu mexicano com bolinhas de madeira penduradas à volta da aba, uns grandes óculos de tartaruga que escureciam automaticamente em reação a uma luz intensa, um vistoso bigode preto gamado do lábio superior de um manequim no Lechmere de Cambridge – um conjunto que resultava de roubos audaciosos e de corridas noturnas ao longo do Charles, depois de ter vindo pela primeira vez à superfície, a nordeste de Enfield, vários dias antes. O preto absoluto do bigode do manequim – muito bem preso com cola *Crazy* fanada e tornado ainda mais brilhante pela descarga de um nariz que Lenz não consegue sentir a pingar – dá à sua palidez um ar quase fantasmagórico na sombra portátil do chapéu mexicano – outra vantagem e também desvantagem da cocaína nasal é que comer se torna supérfluo e opcional, e uma pessoa esquece-se de comer durante longos períodos de tempo –

neste seu disfarce vistoso, um pastiche piroso, é facilmente confundido com um dos sem-abrigo ou vagabundos loucos do metro de Boston, os mortos ou moribundos ambulantes, e todos os transeuntes se afastam para lhe dar espaço. O truque, descobriu ele, é não dormir nem comer, manter-se em pé e em movimento permanente, dirigindo-se para a segurança de uma estação de metro ou de um centro comercial sempre que o barulho cardíaco dos rotores invisíveis denunciava a vigilância lá nas alturas.

Tinha-se familiarizado rapidamente com as redes de ruelas, lintéis e quintais das traseiras cheios de lixo de Little Lisbon e a sua (decrescente) população de gatos e cães selvagens. A zona era fértil em relógios no alto das fachadas de bancos e igrejas, ditando os movimentos. Levava a *Browning X444* de lâmina serrilhada na bainha para usar debaixo do sovaco, presa dentro da sua única meia, logo acima dos polainitos dos sapatos formais que tinha tirado do escaparate no passeio da loja A Formal Affair, Ltd., tal como a casaca de asas de grilo. O isqueiro estava num bolso fluorescente com fecho de correr; sacos do lixo de qualidade abundavam nos contentores e havia camiões do lixo parados nos semáforos. Aquela espécie de cofre recortado à navalha no *Princípios James e as Conferências Gifford* estava agora bem mais perto de ficar vazio, de tal forma que Lenz nem sequer queria pensar realmente nisso enquanto levava o livro na mão enfiada debaixo do braço, vestido formalmente. E as chinesas, ao lado uma da outra, caminhavam com a rapidez das centopeias, carregando os gigantescos sacos das compras na mão direita e na mão esquerda, respetivamente, de modo que os sacos estavam ao lado um do outro, no meio das duas. Lenz estava a encurtar a distância que o separava delas, mas de forma gradual, descontraída e furtiva, tendo em conta que era difícil andar furtivamente quando não se conseguia sentir os próprios pés e quando os óculos escureciam automaticamente sempre que se passava por um candeeiro e levavam o seu tempo a voltarem a ficar claros, depois disso, o que significava que Lenz tinha nada menos do que dois dos sentidos sensoriais vitais para andar na rua desorientados; mas, mesmo assim, conseguia mostrar-se não só furtivo como descontraído. Não fazia a menor ideia do seu próprio aspeto. Como muitos dos vagabundos loucos do centro de Boston, tinha tendência para confundir o amplo espaço de manobra que lhe davam com invisibilidade. Os sacos das compras pareciam pesados e impressionantes, com o peso a fazer com que as chinesas se

inclinassem ligeiramente uma para a outra. Digamos que eram 22 horas 14 minutos e 10 segundos. As chinesas e depois Lenz passaram todos por uma mulher de cara cinzenta agachada entre dois caixotes de lixo, com as múltiplas saias levantadas. Havia veículos estacionados colados uns aos outros, com os para-choques dianteiros encostados aos traseiros, e também muitos estacionados em segunda fila. As chinesas passaram por um homem parado na borda do passeio com um arco e flechas de brincar e, quando os óculos ficaram claros, Lenz também o conseguiu ver quando passou – o tipo trazia um fato cor de ratazana e estava a disparar flechas de ventosas para a parede de um edifício para arrendar, depois ia até lá e desenhava um círculo de giz em miniatura no tijolo, à volta da seta, e depois outro círculo à volta desse círculo e etc., como se fosse... qual é a palavra? As mulheres não lhe prestaram nenhuma da sua atenção orientaloide. A gravata fininha do fato também tinha um tom castanho, mas diferente da cauda de uma ratazana. O giz na parede era mais para o rosado. Uma das mulheres disse qualquer coisa num tom agudo, como uma exclamação para a outra. As exclamações nestas línguas de macaco têm um som de ricochete explosivo. Ou seja, ouve-se *boing* em todas as palavras. Durante todo este tempo, *The Star-Spanned Banner* tinha estado a sair de uma janela do outro lado da rua esteve. O homem trazia uma gravata fininha e umas luvinhas sem dedos, e quando se afastou da parede para examinar os círculos cor-de-rosa quase colidiu com Lenz; os dois olharam um para o outro e abanaram a cabeça como que a dizer: «Olhem para o desgraçado deste filho da puta urbano que está na mesma rua que eu.»

Era universalmente sabido que os típicos orientaloides comuns transportam a soma total da sua riqueza pessoal terrena sempre consigo. Tipo, na própria pessoa, enquanto andam por aí em passo rápido. A religião orientaloide proibia os bancos, e Lenz já tinha visto sacos das compras gigantescos com pegas duplas de cordel em mãozinhas de chinesas minúsculas que chegassem para ter deduzido que a espécie feminina chinesa dos Orientais usava sacos das compras para transportar a sua riqueza pessoal. Sentia a energia necessária para o puxão e para o *sprint* a aumentar a cada passo, enquanto se aproximava descontraidamente, agora já capaz de distinguir os diferentes padrões dos ganchos de plástico transparentes em que enrolavam o cabelinho. As chinesas. O bater do coração acelerou até chegar a um galope regular e reconfortante.

Começou a sentir os pés. A adrenalina, por causa daquilo que estava prestes a acontecer, secou-lhe o nariz e ajudou a que a boca parasse de se mexer descontroladamente na cara. O Porco Terrível não estava nem nunca estaria dormente e agora agitava-se ligeiramente nas calças para a neve com a excitação da sua sagacidade e a emoção da caçada. Nada de vigilâncias inovadoras: a situação tinha-se invertido: as orientais inconscientes não faziam a menor ideia com quem estavam a lidar, atrás delas, não faziam ideia de que ele estava ali atrás a vigiá-las e a encurtar o intervalo descontraidamente, tropeçando apenas ao de leve depois de passar por baixo da luz de cada candeeiro. Tinha o controlo total da situação. E elas nem sequer sabiam que existia uma situação. Na *mouche*! Lenz endireitou o bigode com um dedo e deu um saltinho de pura alegria controladora, como se estivesse a dançar na Estrada dos Tijolos Amarelos, com a adrenalina invisível à vista de toda a gente.

Havia duas maneiras de o fazer e *Les Assassins des Fauteuils Rollents* estavam preparados para usar ambas. A menos boa era a via indireta: vigiarem e infiltrarem-se entre as pessoas relacionadas com o *auteur* do Entretenimento, a atriz e suposta intérprete deste, os parentes – se necessário, apreendendo-os e submetendo-os a um interrogatório técnico, levando, esperava-se, ao cartucho original do Entretenimento do *auteur*. Isto tinha riscos e podia ser descoberto e foi deixado em *suspenso* até a via mais direta – localizar e assegurar pelos seus próprios meios o original do Entretenimento – ter sido esgotada. E era por isso que agora ainda estavam na loja dos Antitoi em Cambridge, para – *comme on dit* – não deixarem pedra sobre pedra.

14 DE NOVEMBRO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

O SEGREDO PARA CORRER COM SALTOS ALTOS, como sabia Poor Tony Krause, era correr em bicos de pés, bem inclinado para a frente, com tanto ímpeto que se ficava apoiado nos dedos dos pés e os calcanhares nunca eram usados. Evidentemente, esta perversa Criatura atrás dele também conhecia este segredo do ofício. Subiram a Prospect a toda a velocidade, a mão em forma de garra da Criatura a escassos milímetros da boa que se arrastava pelo chão. Poor Tony agarrava as duas carteiras, apertadas contra o flanco como uma bola numa partida de futebol americano. Os transeuntes desviavam-se agilmente, devido à longa prática. Poor Tony via muito claramente as caras dos peões enquanto o seu próprio cheiro o precedia como uma onda de choque. Um homem com um sobretudo curto fez uma careta por causa do mau cheiro e fez uma espécie de verónica artística para os deixar passar. A respiração de Poor Tony fazia-se em grandes arquejos entrecortados. Não tinha contado com a perseguição da vítima. Sentiu a mão da Criatura a tentar agarrar o resto da boa para poder puxar alguma coisa. O boné de *tweed Donegal* voou e não foi chorado. A respiração da Coisa também estava entrecortada, mas as obscenidades que atirava violentamente continuavam a vir do diafragma, com convicção e vigor. A outra Coisa tinha chocado com um poste com um ruído substancial que fez com que Tony estremecesse ao ouvi-lo. O seu próprio pai tinha-se espancado na cabeça e nos ombros enquanto chorava pelo filho simbolicamente morto. No instante a seguir ao impacte e à alça se romper, Tony já estava apoiado nos dedos dos pés e em fuga, sem contar com a perseguição da outra, esta Criatura preta a gritar e colada aos seus calcanhares. Durante os primeiros quarteirões, a Criatura tinha gritado por *Socorro* e que *Parassem o cabrão*, e Poor Tony, então com um bom avanço, também tinha berrado *Socorro!* e *Por favor, parem-na!*, confundindo todos os hipotéticos bons cidadãos. Um velho truque dos bandos que atuavam na Praça Harvard. Mas agora a Criatura preta aproximara-se tanto que estava a milímetros dele e agora tinha-se agarrado bem à boa enquanto corriam como loucos nas pontas dos pés e Krause soltou o objeto do pescoço com um floreado e sacrificou

a boa à Coisa, mas a mão da Criatura odiosa voltou logo a seguir, a agarrar o ar mesmo por cima da sua gola de couro, a respiração entrecortada no ouvido dele, a amaldiçoá-lo. Poor Tony chorou a meio da corrida com a ideia de que a Coisa se tinha, de certeza, limitado a atirar a boa para a rua ou para a sarjeta. As biqueiras dos sapatos de ambos marcavam ritmos variados e complexos no passeio; às vezes, os passos deles estavam sincronizados, depois deixavam de estar. A Coisa mantinha-se agoniantemente colada a ele. Letreiros que diziam com grandes letras de imprensa frangos acabados de abater e destruição total passavam velozmente por eles; a Antitoi Entertainment estava à distância de dois compridos quarteirões para norte e depois para sul. Krause e a sua perseguidora atravessaram em ziguezague um cruzamento engarrafado. Poor Tony berrava *Socorro!* e *Por favor!* A mão e a respiração ofegante atrás dele pareciam um daqueles sonhos simplesmente horrorosos onde uma coisa inimaginável persegue uma pessoa quilómetro atrás de quilómetro e, no preciso instante em que as suas garras se fecham na parte de trás do colarinho, a pessoa acorda com um salto; só que esta cena horrível da garra-da-Criatura-mesmo-atrás-dele continuava e continuava, com as fachadas das lojas e a beira do passeio e os peões aos saltos a fundir-se tudo na periferia à direita. Para se chegar à discreta porta das traseiras da Antitoi Entertainment, tinha de se atravessar uma viela que servia de estacionamento e que cortava a Prospect para ocidente mesmo antes da Broadway, cruzando mais à frente com uma viela mais pequena, com orientação norte-sul, cheia de contentores do lixo, um dos quais (onde Poor Tony havia dormido ocasionalmente, quando era muito tarde e não tinha dinheiro para o bilhete do comboio) estava a curta distância da porta das traseiras dos irmãos canadianos. Poor Tony, com as carteiras debaixo de um braço e a outra mão a segurar com força a peruca, calculou que se já tivesse conseguido ganhar um avanço razoável à Criatura quando chegassem à viela mais pequena, os contentores impediriam que a Coisa visse qual era a porta das traseiras, esperançosamente aberta, que P.T. procurava na tentativa de encontrar refúgio humano e amável. Fez uma finta, contornando os caixotes de fruta de uma pequena mercearia expostos no passeio, e olhou rapidamente para trás, esperando que a Criatura se espetasse de cabeça nos caixotes de fruta. Não aconteceu. Continuava mesmo ali a arquejar. Os seus passos cambaleantes, contornando duas caixas de cartão com mirtilos, foram desanimadoramente

hábeis. Era evidente que esta Coisa já havia perseguido pessoas. A sua respiração entrecortada tinha qualquer coisa de implacável. Já não estava a gritar *Para!* nem a gritar-lhe obscenidades. A respiração de Poor Tony parecia que queimava. Parecia que estava a chorar, quase. Tentou gritar *Socorro!* e não conseguiu; não tinha fôlego que chegasse; manchinhas negras voavam-lhe no campo de visão; só alguns dos candeeiros da rua estavam a funcionar; o coração batia *zuckungzuckungzuckung*. Poor Tony saltou por cima de um placar de cartão, colocado de forma estranha e a publicitar uma coisa qualquer em cadeira de rodas, e ouviu a Criatura a saltá-lo também e a aterrar com leveza na ponta dos pés. Os sapatos não eram de tiras e não aderiam tão bem como os elegantes *Aigner*; Tony sentia sangue nos pés. A entrada para a viela ficava entre um escritório de contabilidade e outra coisa qualquer; ficava já aqui; Krause piscou os olhos; as manchas pretas eram círculos minúsculos com centros opacos e flutuavam para cima, como balões, no seu campo de visão, preguiçosamente; Poor Tony estava mal, a recuperar de um ataque, enfermo, já para não falar da desabituação; a respiração saía entrecortada e em meios soluços; mal se conseguia aguentar em pé; a última vez que havia ingerido comida ainda tinha sido antes da casa de banho dos homens na biblioteca, já nem sabia há quantos dias; olhou de relance para as fachadas esborratadas das lojas que passavam depressa; um idoso caiu ruidosamente quando a Criatura lhe bateu com o braço esticado; algures, ouviu-se um apito antiviolação; o escritório de contabilidade tinha um anúncio estranho na fachada: *on parle le portugais ici*. O dedo da mão da Coisa batia na ponta da gola de couro de Tony a cada passo, até que subiu e Poor Tony passou a sentir os dedos no cabelo da peruca que estava a segurar com uma mão. O pai de Poor Tony costumava chegar a casa, no 412 da Rua Mount Auburn, em Watertown, ao fim de um longo dia de cesarianas e sentar-se numa cadeira na cozinha escurecida, a coçar a cabeça no sítio onde os fios verdes da máscara se tinham enterrado na cabeça. Os dedos da Criatura, de certeza com sinistras unhas compridas, estavam a juntar-se para agarrarem os cabelos da peruca quando eles chegaram ao escritório de contabilidade e Tony virou repentinamente para a direita, partindo um salto ao rodar mas ganhando vários passos de dianteira quando o ímpeto da Criatura a fez passar a reentrância da entrada para a viela. Krause choramingou, ofegante, e correu para oeste, na ponta dos dedos ensanguentados, ouvindo a sua própria respiração a ecoar nos

muros da viela, esquivando-se a vidros partidos e a vários sem-abrigo deitados de barriga para o ar, ouvindo a Criatura, outra vez vários passos atrás dele, a berrar tensamente: Para, caralho! *Para!* e depois o seu eco, com uma pessoa deitada, sobre quem Krause saltou, a levantar do chão da viela a cabeça em decomposição para replicar com um: *Força!*

Tendo descoberto – através do esgotante interrogatório técnico ao especialista em dor craniofacial excentricamente vestido, que tinham descoberto através do lamentavelmente fatal interrogatório técnico ao jovem gatuno[300] cuja tolerância à corrente elétrica se mostrou consideravelmente mais baixa do que a da maquinaria do computador do seu quarto –, tendo descoberto que as suas melhores hipóteses de arranjar um original estavam na loja dos infelizes Antitoi, a AFR tinha levado vários dias a encontrá-lo lá, o Entretenimento verdadeiro.

Fortier, o chefe da célula dos EUA da AFR, filho de um soprador de vidro de Glen Almond, não havia permitido que partissem ou desmantelassem nenhum dos espelhos. Em todos os outros aspetos, a busca tinha sido metódica e exaustiva. Foi uma busca meticulosa e ordenada, que levou tempo. Como o monitor da loja estava visualmente disfuncional, tinham comprado e montado um telecomputador para ser usado por voluntários na arrecadação da sala dos fundos da loja. Cada cartucho das prateleiras atafulhads foi visto por um voluntário e depois atirado para um dos enormes *coffre d'amas* na viela, do lado de fora da porta das traseiras da loja. Destacaram um grupo para enrolar os exterminados irmãos Antitoi em plástico para construção e metê-los numa arrecadação da sala dos fundos. Isto foi por razões higiénicas. Outro grupo foi destacado para arranjar uma cortina de oleado para o vidro da porta da frente e mais uns letreiros impressos que diziam fechado, *ropas* e relache. Por isso, passadas as primeiras horas, ninguém tinha batido à porta.

No primeiro dia, numa caixa de bebidas alcoólicas que estava húmida e cheirava mal, tinham encontrado rapidamente um exemplar dos cartuchos táticos dos expositores de rua dos rivais da FLQ, com a cara sorridente toscamente estampada e o lema *Il ne faut plus qu'on pursuive le bonheur* gravado. E o jovem Tassigny, com a sua coragem característica, ofereceu-se para ser empurrado para a arrecadação e atado para o poder verificar e Fortier deixou. Tinham feito todos uma saúde a Tassigny, prometendo cuidar do pai idoso e das

armadilhas para peles, e M. Fortier tinha abraçado o jovem voluntário, beijando-o nas duas faces enquanto o levavam lá para dentro e M. Broullîme lhe colocava os fios para o EEG e o amarrava à frente do monitor montado na arrecadação.

Afinal, o cartucho do expositor de rua estava em branco, vazio. Depois outro desta mesma caixa, também molhado: também em branco. Dois em branco. *Donc. D'accord*. Fortier, filosófico, deu conselhos contra a desilusão e as consequências negativas da frustração – ele e Marathe sempre tinham defendido que os expositores do Entretenimento e do homem da cadeira de rodas da FLQ não passavam de um embuste, apenas para inspirar terror. O facto de os expositores incluírem cadeiras de rodas, um pontapé nos testículos da AFR – isso foi ignorado. A AFR só queria reapossar-se do original do Entretenimento. E também, principalmente, determinar: o original de DuPlessis podia ser copiado? Era esse o verdadeiro objetivo: um cartucho original[301]. Ao contrário da FLQ, *Les Assassins des Fauteuils Rollents* não tinham qualquer interesse em chantagem ou extorsões cartográficas para o regresso da Convexidade. Nem na re-Reconfiguração da ONAN, nem sequer na dissolução da sua carta. A AFR estava apenas interessada em dar o tipo de *frappe* testicular no baixo-ventre dos interesses dos EUA que iria fazer com que o próprio Canadá ficasse sem vontade de enfrentar a retaliação dos EUA – se a AFR conseguisse deitar a mão, copiar e disseminar o Entretenimento, o Quebeque não seria só autorizado, seria obrigado por Otava a separar-se, para enfrentar sozinho a ira de um vizinho derrubado pela sua própria incapacidade de dizer «*Non*» aos prazeres fatais[302].

Fortier ordenou aos AFR que continuassem a fazer a revista meticulosamente. Voluntários mais novos eram empurrados nas cadeiras para dentro da arrecadação, numa lógica rotativa, para experimentarem cada conjunto de cartuchos. Para além de umas discussões por causa da pornografia portuguesa, a rotação prosseguiu com cuidado e coragem. Os cadáveres enrolados no plástico começaram a inchar, mas o plástico manteve as condições higiénicas adequadas para o visionamento dos muitos cartuchos na arrecadação. As buscas e o inventário continuaram lenta e arduamente.

M. Fortier foi obrigado a ausentar-se durante um período de tempo, a meio da busca, para ajudar as operações no Sudoeste, a infiltração junto daquele familiar do *auteur* que se acreditava com convicção (segundo Marathe) ter conhecimento de ou estar na posse de um original duplicável. Havia motivos para pensar que

M. Duplessis tinha recebido as suas cópias originais desse familiar, um atleta. Marathe achava que o USBSS julgava que esta pessoa podia ser responsável pelas farras em Berkeley e Boston, EUA. O agente de campo dos americanos, cheio de próteses, andava colado a essa pessoa como um cheiro desagradável.

A nação dos EUA tratava as pessoas em cadeiras de rodas com a solicitude que os fracos usam em vez do respeito. Como se ele fosse uma criança enferma, Fortier. Os autocarros ajoelhavam-se, as rampas suaves ladeavam as escadas, as assistentes de bordo empurravam-no para dentro dos aviões perante os olhares muito solícitos daqueles que estavam em pé sobre as próprias pernas. Fortier tinha pernas atarraxáveis de resinas de polímeros da cor da carne cujos circuitos internos respondiam aos muitos estímulos neurais dos seus cotos e que, juntamente com as muletas, cujas braçadeiras estavam presas aos pulsos, permitiam uma espécie de paródia desordenada da perambulação. Mas Fortier raramente usava as próteses, não o fazia nos EUA, e nunca em público. Preferia a condescendência, a fingida «sensibilidade» institucional em relação ao seu «direito» à «igualdade de acesso»; isso só lhe fortalecia a determinação. Como todos eles, Fortier estava disposto a sacrificar-se.

14 DE NOVEMBRO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

AO FIM DE TANTO TEMPO SEM SE RALAR, e agora que estava sóbria, a ralação volta em força e transforma-se facilmente em preocupação obsessiva. Uns dias antes do sururu em que Don Gately fora ferido, Joelle tinha começado a preocupar-se obsessivamente com os dentes. Fumar cocaína refinada come os dentes, corrói os dentes, ataca diretamente o esmalte. Chandler Foss tinha-lhe explicado tudo isto ao jantar, mostrando-lhe os dentes corroídos. Agora, na carteira de pano, traz uma escova de dentes de viagem e uma pasta de dentes cara com suposta ação revitalizadora e anticorrosiva do esmalte. Vários dos residentes da Ennet House que haviam batido no fundo com o cachimbo de vidro não tinham dentes, ou tinham dentes pretos e a desintegrarem-se; a visão dos dentes de Wade McDade ou de Chandler Foss punha-lhe os cabelos em pé mais do que qualquer outra coisa nas reuniões. A pasta de dentes só tinha sido posta à venda recentemente e estava muito acima, em eficácia e custo, das pastas comuns dos fumadores.

Deitada de lado, ao pé da cama vazia de Kate Gompert, a orla do véu bem presa entre o queixo e a almofada, e com Charlotte Treat também a dormir do outro lado do quarto iluminado, Joelle sonha que Don Gately, ileso e com um leve sotaque sulista, lhe está a tratar dos dentes. A bata é de um branco dental e ele está a cantarolar baixinho, as mãos grandes a revelarem-se hábeis enquanto vai tirando instrumentos do tabuleiro cintilante ao lado da cadeira. A cadeira dela é uma cadeira de dentista, inclinada para trás, levantando-lhe a cara para junto dele; tem as pernas juntas e estendidas à sua frente. Os olhos do doutor Don são abstratamente bondosos, preocupados com os dentes dela; e os dedos grossos e sem luvas, quando lhe enfia coisas para que fique com a boca aberta, têm um sabor quente e limpo. Até a luz parece extremamente limpa. Não há assistente; o dentista está a trabalhar sozinho, inclinando-se por cima dela, cantarolando enquanto examina. Tem uma cabeça muito grande e vagamente quadrada. No sonho, Joelle está preocupada com os dentes e sente que Gately partilha a sua preocupação. Agrada-lhe que ele não tente fazer conversa e que, provavelmente, nem saiba como ela se chama. Há muito pouco contacto visual. Está

completamente concentrado nos dentes dela. Está ali para ajudar, se possível, é a mensagem de toda a sua postura. A bata está segura por um colar de minúsculas bolinhas de aço e não podia ser mais branca, a cabeça apertada num halo formado por uma fita com um disco de metal polido logo acima dos olhos, um espelhinho minúsculo de aço inoxidável, tão limpo como o tabuleiro dos instrumentos; e a sensação de calma e segurança do sonho só é quebrada pela imagem da cara dela no espelhinho da fita, o disco que parece um terceiro olho na testa larga e limpa de Gately: porque ela consegue ver a própria cara, convexamente distorcida e devastada por anos de cocaína e falta de cuidados, a cara reduzida a olhos protuberantes e bochechas cavadas, manchas pretas por baixo dos olhos salientes. E, enquanto os dedos quentes e grossos do dentista lhe puxam delicadamente os lábios para trás, ela olha para o espelho que ele tem na cabeça e vê longas filas de dentes caninos, afunilados e pontiagudos, e depois mais filas de caninos atrás das primeiras, de reserva. Os dentes das inúmeras filas são todos afiados e fortes e não estão pretos, mas têm as pontas tingidas de um vermelho estranho, como sangue velho, os dentes de uma criatura que rasga carne despreocupadamente. São dentes que fizeram coisas que ela desconhece, tenta dizer por entre os dedos dele. O dentista cantarola, investiga. No sonho, Joelle olha para o disco do espelho de dentista na cabeça de Don Gately e fica cheia de medo dos seus próprios dentes, um terror enorme, e enquanto a boca aberta se abre ainda mais para gritar de medo, a única coisa que consegue ver no espelhinho redondo são intermináveis filas de dentes manchados de vermelho que se afastam e desaparecem num tubo preto como breu, e a imagem de todas estas filas de dentes no disco apaga a cara bondosa do dentista grande enquanto ele sonda com um gancho e lhe diz, garantidamente, que estes podem ser salvos.

Mais tarde, na altura em que Fortier conseguiu voltar à loja desmantelada, já tinham localizado o terceiro cartucho decorado com um sorriso e letras em relevo que negavam a necessidade de procurar a felicidade e, depois de algumas perdas lamentáveis, tinham-no posto em segurança e verificado, o cartucho *samizdat* do Entretenimento roubado depois da morte de DuPlessis.

Contaram a história a Fortier. Desjardins, o jovem membro da célula, tinha estado a fazer o seu turno na rotação de visionamento, sentado com Tassigny na arrecadação durante as primeiras horas da manhã, a ver os restos de

entretenimentos que não estavam nas prateleiras e tinham sido encontrados nos sacos do lixo da cozinha, no mesmo armário onde os cadáveres dos Antitoi estavam a inchar. Desjardins tinha acabado de se queixar, uns momentos antes, do tempo desperdiçado com cartuchos destinados ao *coffre d'amas*.

Tassigny, que tinha estado na arrecadação com Desjardins, foi salvo pela necessidade de sair dali para ir mudar o saco da sua colostomia parcial. Mas, contou Marathe, tinham perdido Desjardins e também o valioso, e mais velho, Joubet, que entrara para a arrecadação, desobedecendo às ordens recebidas, para ver por que razão não estava Desjardins a deitar fora as fitas para serem substituídas por outras fitas que tinham de ser vistas. Perderam-se ambos. Não haviam perdido mais só porque alguém se tinha lembrado de acordar Broullîme, a quem Fortier ensinara, minuciosamente, os procedimentos a tomar, caso o Entretenimento verdadeiro fosse encontrado durante o visionamento. Mas tinham perdido dois – Joubet, o trabalhador incansável de barba ruiva, que adorava fazer cavalinhos com a cadeira de rodas, e o jovem Desjardins, tão cheio de idealismo e tão jovem que ainda sentia dores fantasmas nos tocos. Rémy Marathe informou que tinham proporcionado todo o conforto aos dois desde que os haviam perdido, tinham sido autorizados a ficarem na arrecadação com a porta fechada e a verem o Entretenimento vezes sem conta, em silêncio atrás da porta, exceto quando os vigias informavam ouvir gritos de impaciência dirigidos ao rebobinador, para que rebobinasse. Marathe informou que se tinham recusado a sair para beberem água ou comerem, ou, no caso de Joubet, que era diabético, para tomar a insulina. M. Broullîme calculava que agora devia ser apenas uma questão de horas para Joubet, talvez um dia ou dois para Desjardins. Fortier tinha exclamado tristemente «Bah!» e encolhido os ombros resignadamente: todos sabiam os sacrifícios que podiam ser exigidos: todas as equipas de visionamento tinham corrido os seus riscos na rotação arbitrária dos visionamentos.

Quando Fortier regressou, Marathe também lhe deu as más notícias esperadas da descoberta: ainda não havia necessidade de *hardware* para duplicação de rpm altas: a cópia encontrada era Só de Leitura[303].

Filosoficamente, Fortier recordou aos AFR que agora sabiam, o que era encorajador, que o Entretenimento com um tal poder existia realmente e, assim, podiam reunir toda a sua coragem e fortitude para a tarefa mais indireta de

perder as esperanças de conseguirem uma cópia original e em vez disso esforçarem-se por conseguir o verdadeiro original, o cartucho do próprio *auteur,* a partir do qual todas as cópias Só de Leitura tinham sido, presumivelmente, feitas.

Daí, disse ele, a tarefa mais árdua e arriscada de se apoderarem de pessoas que se sabiam estarem relacionadas com o Entretenimento, para lhes realizarem interrogatórios técnicos, e de localizarem o original copiável do autor. Nada disto teria valido o risco se agora não tivessem concluído, através dos sacrifícios de Joublet e Desjardins, que o instrumento para levarem a lógica autodestrutiva da ONAN até à sua conclusão final estava ao seu árduo alcance.

Fortier deu imensas ordens. O pelotão da AFR permaneceu na Antitoi Entertainent, que estava fechada, atrás da persiana da montra. A vigilância movida ao odiado *bureau centrale* da FLQ, na casa pouco disciplinada da Rua de Brainerd, em Allston – essa foi suspensa, o pessoal da AFR foi chamado e deslocado para aquela loja, requisitada para fins militares, da Praça Inman, onde Fortier, Marathe e M. Broullîme coordenavam as fases de atividade nessa fase seguinte mais árdua e indireta e também reviam as táticas.

Os colegas e familiares do *auteur* falecido estavam sob vigilância constante. A sua concentração num lugar ajudava a isso. Tinham recrutado um empregado da Academia de Ténis de Enfield, que se juntara à instrutora e ao aluno canadiano que já lá tinham dentro para um trabalho de vigilância mais apertado. No deserto, a temível Mlle. Luria P... estava a conseguir as confidências necessárias com a sua vivacidade habitual. Uma fonte dispendiosa no antigo Departamento do Sujeito no MIT tinha revelado o último local de trabalho conhecido da provável intérprete do Entretenimento – a pequena estação de rádio de Cambridge, que Marathe e Beausoleil tinham pronunciado *Weee* – onde ela tinha usado o véu desfigurante da deformidade ONANista.

As atenções deviam focar-se na intérprete do cartucho e na Academia de Ténis do património do *auteur*. O facto de os jogadores da Academia irem defrontar uma equipa do Quebeque teria sido mais fácil de explorar se a AFR tivesse um jogador de ténis com talento e extremidades inferiores. Estavam a ser feitas averiguações sobre a composição da equipa e os seus planos de viagem recorrendo a informadores em Papineau, no Canadá.

Também no dia do regresso de Fortier, o técnico de rádio do programa

radiofónico da intérprete tinha sido adquirido numa operação pública, mas de baixo risco, cujo êxito os havia enchido de esperança de conseguirem aquisições de pessoas relacionadas mais diretamente com o Entretenimento nessa fase seguinte. Essa pessoa da rádio dos EUA tinha divulgado tudo o que sabia com a mera descrição ameaçadora dos procedimentos de um interrogatório técnico. Marathe, o melhor juiz da veracidade dos Americanos que a célula possuía, acreditou na veracidade do técnico; mas, ainda assim, tinha-se seguido um interrogatório técnico formal, justificado pela necessidade de verificação. O relato da pessoa jovem e coberta de borbulhas permaneceu consistente mesmo já com dois níveis acima da média da resistência americana, a única variação a ter que ver com várias afirmações curiosas de que o Instituto de Tecnologia de Massachusetts era defensivo na cama.

Hoje, o próprio Fortier, Marathe, o jovem Balbalis, R. Ossowiecke – todos os que tinham um inglês melhor – estavam por isso a fazer a ronda de todas as instituições de reabilitação de problemas relacionados com as drogas, em hospitais, instituições psiquiátricas e *demi-maisons*[*1] num raio de vinte e cinco quilómetros. Tinham sido pré-formulados procedimentos para alargar o raio duas a três vezes, tinham-se formado equipas e ensaiado linhas de atuação. Joube e logo a seguir Desjardins haviam sucumbido e tinham sido transportados para norte numa carrinha, juntamente com os restos mortais dos Antitoi. Àquela pessoa do técnico-estudante de rádio dos EUA, cuja veracidade das limitadas informações sobre o paradeiro do sujeito Broullîme tinha verificado com mais ou menos segurança (trinta e cinco por cento) muito antes de o interrogatório atingir níveis incompatíveis com a existência física, foram-lhe concedidas várias horas para recuperar e depois tinha entrado ao serviço como o primeiro Sujeito da AFR nos testes de campo do alcance motivacional do cartucho *samizdat*. Mais uma vez, a arrecadação foi utilizada para isso. Com a cabeça imobilizada com umas correias, o Sujeito tinha visto o Entretenimento duas vezes de graça, sem que lhe fosse aplicado nenhum inquérito motivacional. Para verificar o grau de motivação que o cartucho irá induzir, M. Broullîme tinha-se empurrado para dentro da arrecadação, com uma venda nos olhos e uma serra ortopédica, informando o Sujeito do teste de que, a partir dali, cada visionamento do Entretenimento teria o preço de um dedo das extremidades superiores do Sujeito. E entregou ao Sujeito a serra ortopédica em questão. A explicação que Broullîme

deu a Fortier foi que assim se podia criar uma matriz para calcular a relação estatística entre (n) o número de vezes que o Sujeito voltava a passar o Entretenimento e (t) a quantidade de tempo que levava para se decidir a tirar um dedo para cada visionamento subsequente (n+t). O objetivo era confirmar com segurança estatística que o desejo do Sujeito de ver e rever era incapaz de ser saciado. Não podia haver índice de diminuição da satisfação como na econometria das mercadorias comuns dos EUA. Para o fascínio do Entretenimento *samizdat* ser macropoliticamente letal, o nono dedo das extremidades tinha de sair tão rápida e voluntariamente como o segundo. Broullîme tinha, pessoalmente, algum ceticismo em relação a isso. Mas era essa a função de Broullîme no papel que desempenhava na célula: competência combinada com ceticismo *de coeur*.

E assim, naturalmente, também seria necessária uma maior variedade de Sujeitos para os testes, para se confirmar que as respostas daquele Sujeito não eram meramente subjetivas e típicas de uma determinada sensibilidade de consumidor de entretenimento. A janela do autocarro proporcionava um reflexo fraco e fantasmagórico de Fortier e, através dessa imagem fraca, viam-se as luzes da vida urbana no exterior do autocarro. O administrativo de Phoenix House, em Somerville, Massachusetts, EUA, tinha ouvido o discurso de Fortier com sinais de grande compaixão e depois explicou com paciência que não podiam admitir pessoas viciadas para quem o inglês fosse a segunda língua. *D'accord*, embora estivesse a fingir que se sentia desapontado. Fortier tinha podido ver os viciados admitidos em Phoenix House a fazerem uma reunião na sala de visitas à porta do gabinete: nenhuma pessoa entre eles usava véu ou qualquer tipo de encobrimento facial e, por isso, *c'est ça*. Neste momento, quatro equipas pequenas rolavam pelas ruas, ruazinhas e vielas do bairro desagradável do estabelecimento dos Antitoi, com o propósito de adquirirem Sujeitos adicionais para M. Broullîme para a altura em que os dedos do Sujeito se esgotassem. Os Sujeitos, para serem adequados, tinham de ser suficiente e passivamente indefesos para poderem ser adquiridos publicamente e com discrição, ainda que sem problemas cerebrais, nem sob a influência dos muitos compostos intoxicantes do bairro. Os AFR estavam muito bem treinados para serem pacientes e disciplinados.

O autocarro que ia para sul, vazio e (o que ele detestava) iluminado com uma

luz fluorescente, sobe uma colina estreita em Winter Park, norte de Cambridge, seguindo para a Praça Inman e para a Praça Central. Fortier olha para fora, para as luzes que passam. Consegue cheirar a neve que se aproxima; não vai tardar muito para começar a nevar. Vê, na sua imaginação, dois terços da população da maior cidade urbana da Nova Nova Inglaterra inertes, num transe sibarita, de olhos fixos, sem mexerem o corpo, a caminho de casa, a sujarem os divãs e as cadeiras que se podem reclinar. Vê o bairro das torres de escritórios e de apartamentos de luxo estriados, com dois de cada três andares escurecidos e reduzidos a um preto sem luz. Aqui e ali, com o piscar vagamente azul dos dispendiosos equipamentos digitais de entretenimento a luzir através das janelas escurecidas. Imagina M. Tine a segurar a mão que segura a caneta do presidente J. Gentle enquanto o presidente ONANista assina a declaração de guerra. Imagina chávenas de chá a tilintarem sob mãos trementes nos santuários interiores do santuário do poder em Otava. Endireita a lapela do casaco desportivo sobre a camisola e alisa o cabelo áspero que tem tendência a avolumar-se em redor da careca. Observa a nuca do motorista do autocarro enquanto este olha fixamente em frente.

Como seria de calcular, as chinocas tinham-se mostrado fracotas e levezinhas, voando como bonecas, e os sacos estavam realmente cheios de tesouros e eram difíceis de transportar; mas ao cortar para a esquerda, pela viela norte-sul abaixo, Lenz conseguiu segurar os sacos pelas pegas de cordel e ligeiramente à sua frente, de modo que o impulso do peso parecia que o empurrava para diante. As ruelas cruciformes através dos quarteirões entre a Praça Central e a Praça Inman, em Little Lisbon, eram uma espécie de segunda cidade. Lenz corria. Estava a respirar com facilidade e conseguia sentir todo o corpo, do couro cabeludo à sola dos sapatos. Contentores do lixo verdes e verde-avermelhados alinhavam-se nas duas paredes, estreitando a passagem. Saltou por cima de duas figuras sentadas no chão da ruela, de calças de caqui, a partilharem uma lata de *Sterno*. Deslizou pelo ar fedorento por cima deles, sem ser afetado por isso. Os sons atrás de si eram os dos seus próprios passos a ecoarem nos contentores do lixo e no ferro das escadas de incêndio. A mão esquerda doía-lhe a sério por estar a segurar ao mesmo tempo na pega de um saco e no seu enorme livro com letras grandes. Mais à frente, um contentor do lixo tinha sido preso a um camião da EWD e

deixado ali: provavelmente o dia de trabalho havia acabado. Os tipos da Empire tinham um sindicato incrível. No recanto da barra do engate, uma luzinha azul piscou e apagou-se. Isto era uma dúzia de contentores à frente. Lenz abrandou e passou para um andamento rápido. O sobretudo havia-lhe escorregado um bocadinho num dos ombros, mas não tinha nenhuma mão livre para o pôr no sítio e não ia perder tempo a pousar um dos sacos no chão. Tinha uma cãibra na mão esquerda. Eram vagamente cerca das 22h24 ou 22h26. A ruela estava escura como breu. Um leve estrondo algures a sul da rede de ruelas foi, na realidade, Poor Tony a rolar o barril de aço que fez Ruth van Cleve tropeçar. A chamazinha azul acendeu-se, ficou parada, piscou, moveu-se, parou, voltou a desaparecer. O clarão era azul-escuro e tinha como pano de fundo as traseiras do enorme camião da EWD. Os camiões da Empire não eram desmontáveis, os engates eram valiosos, mas estavam presos com um cadeado de bicicleta super resistente e era preciso uma ferramenta para cortar aço para o abrir. Ouviam-se uns barulhinhos vindos do recanto do engate. Quando o isqueiro se voltou a acender, Lenz estava quase em cima deles, dois rapazes em cima do engate e dois acocorados ao pé do engate e voltados para os outros, quatro ao todo, uma escada de incêndio puxada para baixo, como uma língua, e pendurada mesmo por cima deles. Nenhum dos rapazes tinha mais de doze anos. Usavam uma garrafa *M. Fizzy* em vez de um cachimbo e o cheiro de plástico queimado pairava misturado com o cheiro agoniantemente doce do *crack* demasiado carbonatado. Os rapazes eram todos pequenos, esguios e ou pretos ou latinos, e estavam gulosamente debruçados sobre a chama; pareciam ratos. Lenz observou-os pelo canto do olho enquanto passava rapidamente, carregando os sacos, com a coluna direita e exibindo uma expressão determinada e digna. O isqueiro apagou-se. Os rapazes em cima do engate miraram os sacos de Lenz. Os rapazes acocorados viraram a cabeça para olharem. Lenz continuou a observá-los pelo canto do olho. Nenhum deles usava relógio. Um deles trazia um gorro de lã e fitava-o atentamente. Cruzou o olhar com o olho esquerdo de Lenz, fez uma pistola com a mão magra e fingiu que fazia pontaria. Como que a representar para os outros. Lenz passou por eles com uma dignidade urbana, como se os visse e, ao mesmo tempo, não os visse. O cheiro era intenso, mas verdadeiramente característico da zona, à garrafa de plástico e ao *crack*. Teve de se desviar para evitar o espelho lateral do camião, no seu suporte de aço. Ouvi-os dizer coisas quando a grelha do camião ficou para

trás, risos maldosos, e depois uma coisa qualquer gritada numa gíria de minoria que não conhecia. Ouviu a pedra do isqueiro. Disse para consigo: «Parvalhões.» Estava à procura de um sítio vazio e um bocadinho mais iluminado para vasculhar os sacos. E mais limpo do que esta ruela que cheirava a lixo em decomposição e a pele a apodrecer. Ia separar o que tivesse valor daquilo que não tinha e transferir o que tivesse valor só para um saco. Ia vender a um recetador os valores não negociáveis em Little Lisbon, voltar a encher o recetáculo no *Dicionário de Termos Médicos* e comprar uns sapatos bonitos. Não havia gatos nem roedores na ruela; não parou para refletir porquê. Uma pedra, ou um bocado de tijolo, cortesia dos agarrados juniores lá ao fundo, aterrou atrás dele, deslizou pelo chão, bateu em qualquer coisa e alguém soltou um berro, uma figura assexuada que estava deitada, encostada ao que parecia ser uma mochila cilíndrica ou um saco de lona, encostado por seu turno a um contendor do lixo, com as mãos a mexerem-se furiosamente na virilha e os pés de lado e a apontarem para fora, para a ruela, como os de um cadáver, os sapatos diferentes um do outro, o cabelo uma massa empastada à volta da cara, a olhar para cima, para Lenz a passar, à luz fraca de um cruzamento com uma ruela mais larga, mais à frente, entoando baixinho aquilo que aos ouvidos de Lenz, quando passou cautelosamente por cima das pernas a cheirarem a podre, lhe soou como «Bonito, bonito, bonito». Lenz murmurou para consigo:

– Jesus! Que bando de *falhados* de merda, foda-se!

– O nosso culto queimava dinheiro como combustível.

– Tipo moeda corrente.

– Usávamos notas de um dólar. O Semidivino defendia a parcimónia. Levávamo-las a Ele, junto do fogão. Havia um fogão. Tínhamos de Lhas levar de joelhos sem que nenhuma parte dos nossos pés pudesse tocar no chão. Ele sentava-se ao lado do fogão, nos nossos cobertores, e alimentava-o com notas de um dólar. Apanhávamos um tabefe extra se a nota fosse nova.

– Quer dizer, estaladiça e nova.

– Era uma purificação. Havia sempre alguém a tocar tambor.

– O Líder Divinamente Escolhido do nosso culto conduzia um *Rolls*. Em ponto morto. Nós empurrávamo-Lo para onde quer que fosse chamado. Nunca o pôs a andar. O *Rolls*. Fiquei cheia de músculo.

– No verão, faziam-nos deslizar sobre a barriga. Tínhamos que abraçar a nossa natureza de serpentes. Era uma purificação.

– Deslizar a sério?

– Deslizar a sério. Agarravam em arame e atavam-nos os braços e as pernas.

– Pelo menos, o vosso arame não era farpado.

– Acabei por me sentir demasiado purificada para lá continuar.

– Quer dizer, demasiado pura, consigo identificar-me completamente.

– De certo modo, era demasiado amor para aguentar.

– Estou, tipo, a sentir a identificação por todo o lado, isto é...

– Além disso, estava a usar três sacos por dia, lá para o fim.

– E depois os Esquadrões do Amor do nosso Líder Divinamente Escolhido fizeram-nos cortar árvores com os dentes quando ficou frio. Tipo, abaixo de zero no inverno.

– Os vossos deixaram-vos ficar com os dentes?

– Só os que servem para mastigar. Estás a ver?

– Chiça!

– Só os que servem para mastigar.

Rémy Marathe estava sentado, com um véu na cara e uma manta no colo, na sala de estar cheia de gente de um tal Centro de Reabilitação de Drogas e Álcool da Ennet House, a última *demi-maison* na sua lista para aquele dia. As colinas da parte alta de Enfield eram *de l'infere*, mas a *demi-maison* propriamente dita tinha uma rampa. Uma pessoa com autoridade estava a fazer entrevistas para preencher umas vagas recentes no gabinete desse sítio, cuja porta fechada era visível do local onde ele estava sentado. Marathe, tal como os outros, foi convidado a sentar-se na sala de estar com uma chávena de café horrível. Incitado a fumar se lhe apetecesse. Todas as outras pessoas estavam a fumar. A sala cheirava como um cinzeiro e o teto era amarelo como os dedos dos grandes fumadores. Nesse final de tarde, a sala de estar também parecia um formigueiro que tivesse sido mexido com um pau; estava demasiado cheia de pessoas, todas elas agitadas e barulhentas. Havia doentes da *demi-maison* a ver um cartucho de artes marciais, antigos doentes e gente da parte alta de Enfield a coabitarem na mobília, a conversarem. Uma mulher perturbada, também numa *fauteuil de rollent* como Marathe, estava sentada *inutile* ao lado do leitor dos cartuchos, enquanto um homem, com uma palidez avançada, imitava os pontapés e os

golpes das artes marciais, dirigindo-os à cabeça imóvel da mulher, tentando obriga-la a encolher-se ou a gritar. Um homem sem mãos e sem pés a tentar subir as escadas. Outras pessoas, presumivelmente drogadas, à espera de serem admitidas no Centro de Reabilitação. A sala era ruidosa e estava muito quente. Marathe conseguiu ouvir uma pessoa que devia estar a tentar ser admitida a vomitar nos arbustos do lado de fora da janela. A cadeira de Marathe estava travada ao lado do braço de um divã e diretamente à frente de uma janela. A janela, bem, seria de desejar que estivesse aberta mais do que uma fresta, achava ele. Na carpete, de uma cor neutra, um homem de ar atormentado deslocava-se rapidamente como um caranguejo enquanto dois *hooligans,* vestidos de couro, brincavam cruelmente saltando por cima dele. Pessoas a lerem livros aos quadradinhos e a pintarem as unhas das extremidades. Uma mulher de cabelos compridos levou o pé à boca para soprar os dedos. Outra rapariga pareceu tirar o olho da cabeça e metê-lo na boca. Mais ninguém na sala usava o véu da organização AHID da intérprete do Entretenimento. O cheiro dos cigarros americanos infiltrava-se-lhe pelo véu e fazia com que os olhos de Marathe chorassem, e também ele pensou em vomitar. Foram abertas mais duas janelas, mas a sala continuava com falta de ar.

Durante o tempo em que Marathe esteve sentado, várias pessoas aproximaram-se dele, mas só lhe diziam em sussurros: «Faz festas aos cães» ou «Não te esqueças de fazer festas aos cães». Esta expressão idiomática não fazia parte do que Marathe sabia sobre o idioma dos EUA.

Também se aproximou uma pessoa com uma cara em que a pele parecia que estava a ficar podre e a despegar-se que lhe perguntou se ele, Marathe, tinha sido *mandado para ali pelo tribunal*.

Marathe era uma das poucas pessoas que não estava a fumar. Reparou que nenhuma das pessoas da sala parecia considerar que o véu de garça que ele tinha sobre a cara era invulgar, curioso ou digno de ser questionado. O velho casaco desportivo que Marathe trazia por cima de uma camisola de gola alta que pertencia a Desjardins fazia com que parecesse estar vestido mais formalmente do que os outros candidatos ao tratamento. Todavia, dois dos doentes atuais da *demi-maison* Ennet House usavam gravata. Marathe estava sempre a fingir que estava a fungar; não sabia porquê. Estava sentado ao lado de um divã de tecido aveludado falso, onde estavam sentadas, ao lado dele, duas mulheres que tinham

tentado fazer tratamento para a dependência das drogas em cultos religiosos e que falavam das suas experiências desagradáveis nas seitas.

A quem quer que se aproximasse, Marathe recitava cuidadosamente a frase de apresentação que ele e M. Fortier tinham criado rapidamente: «Boa noite, sou drogado e disforme e procuro tratamento residencial para a dependência, desesperadamente.» As respostas das pessoas a esta apresentação eram difíceis de interpretar. Um dos dois homens mais velhos de gravata, que se havia aproximado, esse dera uma palmada na bochecha da sua cara suave e tinha respondido «Mas que bom para ti!», no que Marathe conseguira detetar sarcasmo. As duas mulheres das experiências com os cultos estavam muito inclinadas uma para a outra no divã. Tocavam nos braços uma da outra várias vezes, muito excitadas enquanto conversavam. Quando se riam, deliciadas, pareciam morder o ar. O riso de uma também incluía um barulho tipo o resfolegar de um cavalo. Um estrondo e dois berros: estes vieram de uma das pontas da sala de jantar, que segundo as plantas da *demi-maison* era uma grande cozinha. Os ruídos foram seguidos de uma nuvem de vapor, com repetidas obscenidades da parte de pessoas invisíveis. A gargalhada de um preto grande e careca, com uma camisola interior branca, transformou-se numa tosse que não se acalmava. Os dois doentes de gravata e a rapariga cujo olho podia ser removido conversavam animada e também audivelmente na extremidade de outro divã.

– Mas considera lá esta qualidade de portabilidade no que respeita a um, digamos, um carro. Um carro é portátil? No que diz respeito a um carro, é mais como se *eu fosse* portátil.

– São portáteis quando estão num daqueles camiões com atrelados onde empilham os carros novos, com os preços nas janelas, umas quantas dúzias naqueles atrelados que abanam por todos os lados ao longo da noventa e três e nos fazem pensar que os carros vão começar a cair e a espalhar-se pela estrada quando estamos a tentar ultrapassá-los.

O gorducho que tinha sido irónico com Marathe, esse estava a concordar com a cabeça e a dizer:

– Ou, digamos, também em relação a um reboque ou a um veículo de assistência na estrada, se tiveres uma avaria. Podemos estar em posição de dizer que um carro desativado pode ser, entre aspas, portátil, mas no que respeita a um carro funcional, sou eu que sou portátil.

O aceno de concordância da rapariga fez com que aquele olho especial girasse repugnantemente na órbita.

– Estou de acordo com essa, Day.

– Isto se quisermos ser muito exatos com todas as possíveis definições de *portátil*.

O outro homem não parava de puxar o lustro aos sapatos com uma toalhita para a cara, fazendo com que a gravata tocasse no chão.

Estes conversadores formavam uma tríade num divã torcido de plástico cor de couro do outro lado da sala, que agora ainda tinha menos ar por causa do vapor que entrava da cozinha, infiltrando-se. Diretamente à frente de Marathe, numa cadeira amarela encostada à parede e ao lado do divã dos conversadores na outra ponta da sala, estava um drogado à espera de receber tratamento sendo admitido. Este, bem, este parecia ter vários cigarros acesos ao mesmo tempo. Segurava um cinzeiro de metal no colo e abanava vigorosamente a bota da perna cruzada. Para Marathe, não era difícil ignorar o facto de o drogado estar a fulminá-lo com o olhar. Apercebeu-se disso e não percebeu por que razão estava o homem a olhar com aquela expressão furiosa para ele, mas não estava preocupado. Marathe estava preparado para morrer de morte violenta a qualquer instante, o que o deixava livre para escolher as emoções. M. Steeply, do BSS dos EUA, tinha verificado que a gente dos EUA não compreendia, nem apreciava isto; era-lhes estranho. O véu dava a Marathe liberdade para fitar calmamente o drogado sem que o homem o soubesse, o que, como Marathe descobriu, lhe dava gozo. Marathe sentia-se terrivelmente agoniado por causa do fumo da sala. Uma vez, quando era uma criança com pernas, Marathe tinha-se baixado e virado um tronco podre na floresta do lago de Duas Montanhas, a região onde passara a sua infância ainda com quatro extremidades, antes de *Le Culte du Prochain Train*[304]. A palidez das coisas que se contorciam e fugiam velozmente debaixo do tronco molhado era igual à palidez deste drogado, que tinha um quadrado de pelo facial entre o lábio inferior e o queixo e também tinha uma agulha que atravessava a carne do cimo da orelha e que cintilava e não cintilava em rápida sucessão enquanto vibrava com o abanar da bota que abanava. Marathe olhou para ele calmamente através do véu, enquanto ensaiava, dentro da cabeça, as falas preparadas. O mais idiomático seria que a agulha abanava solidariamente com o abanar da bota, que era de um preto baço e tinha um tacão quadrado, uma bota

de motociclista género as das pessoas que não tinham motas mas que usavam as botas daqueles que tinham.

O drogado levantou-se devagarinho e levou com ele o cinzeiro a arder para mais perto de Marathe, tentando ajoelhar-se. As suas calças de ganga azuis *Levi's 501* estavam estranhamente rasgadas em vários sítios, com fios brancos que mostravam a palidez dos joelhos; os buracos rasgados tinham o tamanho e o perímetro dos estragos de buracos que Marathe percebeu que haviam sido feitos por disparos de caçadeiras de grande calibre. Marathe estava a memorizar mentalmente cada pormenor de todas as coisas, para os seus dois relatórios. O drogado ajoelhado à sua frente, ele inclinou-se para mais perto, tentando tirar qualquer coisa que achava que tinha nos lábios. Mais próxima, a expressão que através do véu havia parecido uma mirada fixa, corrigiu-se: a expressão era, na verdade, a dos olhos de um homem com a intensidade vazia daqueles que morreram violentamente.

O homem sussurrou:

– És real?

Marathe olhou através do véu para o quadrado de pelo facial dele.

– Tu és real? – voltou a perguntar o homem num sussurro, sempre a inclinar-se cada vez mais, devagarinho. – És real, estou a ver que sim – sussurrou o homem. Deitou um olhar rápido para trás de si, para a sala ruidosa, antes de voltar a inclinar-se para a frente. – Então, presta atenção.

Marathe manteve calmamente as mãos no colo, a pistola-metralhadora enfiada no coldre preso ao coto direito, por baixo da manta. Os dedos inquisitivos do homem estavam a deixar bocadinhos de porcaria no lábio.

– Os filhos da mãe destes desgraçados – o homem fez um gesto vago indicando a sala –, a maior parte não são reais. Por isso, tem cuidadinho com o teu couro. A maior parte destes filhos da mãe são... pessoas de metal.

– Sou suíço – disse Marathe experimentalmente. Era a segunda das suas frases de apresentação.

– A andarem por aí, fazem-nos pensar que estão vivos.

O drogado tinha aquela maneira de olhar à volta dele com subtileza que Marathe associava aos profissionais dos serviços secretos. Um dos olhos tinha um derrame.

– Mas é só uma camada – disse ele. Inclinou-se tanto que Marathe conseguia

ver-lhe os poros através do véu. – Têm uma microcamada de pele. Mas por baixo é metal. As cabeças cheias de partes. Sob uma camada orgânica que é microfina.

Os olhos iguais aos dos homens que tinham morrido violentamente eram também o olho de um peixe no gelo esmagado de um vendedor, não perscrutavam nada. O cheiro do homem lembrava o do gado num dia tórrido, qualquer coisa tipo cabra, apesar do fumo da sala. O ácido trans-3-metil-2-hexenoico era uma substância, conforme M. Broullîme explicara para ajudar a passar o tempo durante longas vigilâncias, uma substância química existente no suor das doenças mentais graves. Marathe, ele não teve problema em controlar a respiração para que a sua expiração correspondesse à do drogado, que se aproximou ainda mais.

– Há uma maneira de saber – disse ele. – Chega-te bem perto. Tipo, até ficares mesmo coladinho: vais conseguir ouvir um zumbido. Microligeiro. O zumbido. São as engrenagens dos processadores. É a falha delas. As máquinas zumbem sempre. São boas. Conseguem diminuir o zumbido.

– Não tenho couro.

– Mas não podem – *não conseguem* – eliminá-lo.

– Sou suíço e estou à procura de tratamento residencial com desespero.

– Não, debaixo da camada de tecido microfina, não conseguem.

Se o olhar não fosse vago, o olhar seria triste, assustado. Marathe lembrava-se vagamente da emoção do medo.

– Ouviste o que ela disse? – o homem irónico no divã soltou uma gargalhada. – *Potável* quer dizer bebível. Nem sequer tem a mesma *raiz*. Ouviste o que ela disse?

O hálito do homem também cheirava a ácido trans-3-metil.

– Estou a abrir-te a pestana – sussurrou ele. – Eles andam aí para nos enganarem. Nós, que somos reais, estamos a ser *enganados*. Noventa e nove por cento das vezes. – A carne dos joelhos, através dos buracos nas calças de ganga, era do branco da morte ocorrida há muito tempo. – Mas, tu, eu percebi logo que eras real. – Apontou para o véu. – Não é uma camada microfina. Os de metal... têm caras.

O fumo do cigarro no cinzeiro subia como um saca-rolhas.

– É por isso – disse ele, tocando no lábio –, é por isso que os que andam no

metro ou na rua... não nos deixam aproximar muito. Experimenta. Nunca te vão deixar aproximar-se muito. É uma coisa que está programada. Sabem que devem parecer assustados e... tipo... ofendidos e recuam e mudam de lugar. Os verdadeiramente avançados, esses até te dão trocos, para os deixar recuar. Experimenta. Aproxima-te muito... assim... perto.

Marathe continuou calmamente sentado, atrás do véu, sentindo o véu mover-se com a respiração do homem, esperando pacientemente para inalar. As mulheres da experiência com as seitas haviam sentido o cheiro a trans-3 do homem e tinham-se deslocado no divã, afastando-se ainda mais. A cara do homem sorriu com um só lado astuto da boca, mostrando que se tinha apercebido dessa movimentação. Estava tão perto que o nariz até tocava no véu quando Marathe inalou por fim. Marathe estava preparado para a morte em todas as suas formas. A pele da cara do homem cheirava a trans-3-metil-2, queijo digerido e sovaco. Marathe ignorou o impulso para lhe empalar as órbitas com um movimento de dois dedos. O homem tinha uma mão na orelha, numa mímica de estar a ouvir com muita atenção. O sorriso mostrou o que dantes deviam ter sido dentes.

– Nada – disse ele sorrindo. – Eu sabia. Nem um som.

– Nós, Suíços, somos uma gente sossegada e reservada. Além disso, eu sou disforme.

O homem abanou o cigarro com impaciência.

– Presta atenção. É por causa disto. Estou aqui por causa de ti. Pensei só que fosse o hábito. Eles conseguem *enganar* uma pessoa. – Coçou o lábio superior. – Estou aqui para te explicar. Ouve bem. Tu não estás aqui.

– Emigrei da minha Suíça natal.

Ainda a sussurrar:

– Tu não estás aqui. Estes filhos da puta são de *metal*. Nós... nós que somos reais... Não há assim tantos... não há muitos... Eles estão a *enganar*-nos. Estamos todos na mesma divisão. Os verdadeiros. Sempre numa única divisão. É tudo pro...jetado. Eles podem fazer isso com máquinas. Eles pro...jetam. Para nos enganarem. As imagens nas paredes mudam para pensarmos que vamos a outros sítios. Aqui e ali, isto e aquilo. É só porque eles mudam as pro...jeções. É sempre tudo o mesmo sítio. Eles enganam as nossas mentes com máquinas para pensarmos que nos estamos a mexer, a comer, a preparar uma dose, a fazer isto e

aquilo.

– Vim desesperadamente.

– O mundo real é só uma divisão. Estas pseudopessoas, estas pseudo – mais outro floreado – são todas as pessoas que conheces. Já as encontraste antes, centenas de vezes, com caras diferentes. São só vinte e seis no total. Desempenham papéis diferentes que tu pensas que conheces. Usam caras diferentes com as imagens diferentes que pro...jetam na parede. Compreendes-me?

– Este Centro de Reabilitação foi altamente recomendado.

– Estás a perceber? Conta. Coincidência? Há aqui vinte e seis, contando com o que não tem pés, ali nas escadas. Coincidência? Casualidade? Estão aqui todas as máquinas que representaram todas as pessoas que já encontraste. Tás a ouvir-me? Eles enganam-nos. Levam as máquinas para o gabinete dos fundos e... tipo...

A porta visível do gabinete fechado abriu-se e um doente viciado saiu de lá, acompanhado por uma pessoa com autoridade que segurava um bloco de notas com mola. O doente viciado coxeava e inclinava-se muito para um lado, embora fosse atraente segundo o estereótipo louro da cultura da imagem dos EUA.

– ... *mudam-nas*. As camadas orgânicas finas. Todas as pessoas diferentes que conheces. As pseudopessoas. São todas *as mesmas máquinas*.

– Pessoa estrangeira com deficiência física e um nome impronunciável! – chamou a autoridade com o bloco de notas com mola.

– Estou a ser indicado – disse Marathe, dobrando-se para soltar as molas das rodas da sua *fauteuil*.

– ... porque é que estou nesta pro...jeção, para te abrir a pestana. Para que agora já saibas.

Marathe manobrou a *fauteuil* para a direita com a fiável roda da esquerda.

– Tenho de me retirar para ir suplicar tratamento.

– Põe-te mesmo coladinho.

– Boa noite – disse por cima do ombro esquerdo. A mulher *inutile* pareceu torcer-se ligeiramente na sua pesada *fauteuil* quando ele passou.

– Tu só julgas que estás a ir para um sítio! – gritou-lhe o drogado, ainda com um joelho no chão.

Marathe fez rolar a cadeira até à pessoa com autoridade o mais devagar

possível, muito encolhido dentro do casaco desportivo e ziguezagueando pateticamente. Eloquentemente, a mulher grande com o bloco de notas pareceu não se perturbar com o véu da AHID. Marathe estendeu uma mão grande, que fez tremer, num cumprimento.

– Boa noite.

O homem que cheirava pavorosamente mal gritou-lhe da carpete:

– Não te esqueças de fazer festas aos cães!

Dantes, Joelle gostava de apanhar uma grande pedrada e depois pôr-se a limpar. Agora, estava a descobrir que gostava apenas de limpar. Limpou o pó do tampo da cómoda de contraplacado que partilhava com Nell Gunther. Limpou o pó à parte de cima oval da moldura do espelho da cómoda e limpou o espelho o melhor que pôde. Estava a usar *Kleenexes* e água de um copo ao lado da cama de Kate Gompert. Estranhamente, estava com muito pouca vontade de calçar meias e tamancos para descer à cozinha à procura de materiais de limpeza a sério. Conseguia ouvir o barulho dos residentes, depois da reunião noturna, das visitas e dos candidatos lá em baixo. Conseguia sentir as vozes deles no chão. Quando o pesadelo dental a acordou violentamente, tinha a boca aberta para gritar, mas o grito era Nell G. lá em baixo, na sala de estar; a sua gargalhada soa sempre como se ela estivesse a ser eviscerada. Nell antecipou-se ao grito de Joelle. E então, Joelle pôs-se a limpar. Limpar talvez seja uma forma de meditação para viciados que ainda estão muito no início da reabilitação para serem capazes de ficar sentados e quietos. O chão de madeira riscado da camarata feminina de cinco camas tinha tanto pó em todo o lado que Joelle conseguiu varrer um monte de pó apenas com um autocolante para o para-choques, não utilizado, que tinha ganho nos Jovens de Brookline. Depois podia usar *Kleenexes* húmidos para apanhar a maior parte do monte de pó. Tinha apenas o candeeirinho da mesinha de cabeceira de Kate G. aceso e não estava a ouvir nenhuma cassete da YYY, por respeito a Charlotte Treat, que não estava a sentir-se bem e tinha faltado à reunião animada de sábado à noite, com autorização de Pat, e que estava a dormir, com a sua máscara para os olhos, mas sem os tampões de espuma para os ouvidos. Eram distribuídos tampões de espuma expansível para os ouvidos a todos os novos residentes da Ennet, por razões que, segundo os funcionários, se tornariam rapidamente claras para todos, mas Joelle odiava usá-los –

silenciavam os ruídos exteriores, mas faziam com que a cabeça lhe pulsasse audivelmente e a respiração parecesse a de uma pessoa metida num fato de astronauta – e Charlotte Treat, Kate Gompert, April Cortelyu e Amy Johnson, que já se tinha ido embora, eram todas da mesma opinião. April dizia que os tampões de espuma lhe faziam comichão no cérebro.

Tinha começado com Orin Incandenza, a limpeza. Quando as relações estavam tensas, ou ela se sentia dominada pela ansiedade derivada da seriedade e possível impermanência da coisa no apartamento de Back Bay, ficar pedrada e pôr-se a limpar tornou-se um exercício importante, género visualização criativa, uma antevisão da disciplina e ordem com que poderia sobreviver sozinha se chegasse a esse ponto. Apanhava uma pedrada e visualizava-se sozinha num espaço espantosamente limpo, com todas as superfícies a cintilarem, e cada coisa no seu sítio. Via-se a poder apanhar, por exemplo, pipocas do tapete e a ingeri-las com confiança total. Uma aura de independência inquebrável rodeava-a quando limpava o apartamento, mesmo com os queixumezinhos e gemidos ansiosos que lhe saíam da boca contorcida quando limpava pedrada. A casa tinha sido arranjada quase de graça por Jim, que falou tão pouco com Joelle no primeiro dos seus muitos encontros que Orin teve de lhe garantir vezes sem conta que não era sinal de desaprovação: faltava a Ele Mesmo a parte do cérebro humano que permitia ter consciência suficiente das outras pessoas para não as aprovar, tinha dito Orin, ou não gostar delas. Era assim mesmo que o «Cegonha Louca» era. Orin referira-se a Jim tratando-o por «Ele Mesmo» ou «Cegonha Louca» – alcunhas familiares e que já nessa altura davam arrepios a Joelle.

Tinha sido Orin a dar-lhe a conhecer os filmes do pai. Nesse tempo, a obra era tão obscura que nem sequer os estudiosos de filmes sérios da zona conheciam o nome dele. Jim estava sempre a formar as suas próprias companhias de distribuição para garantir que teria distribuição. Só se tornou famoso depois de Joelle o ter conhecido. Por essa altura, ela já se tinha tornado mais íntima dele do que Orin alguma vez fora, e isso, em certa medida, causava parte das pressões que mantinham o apartamento de pedra castanha tão terrivelmente limpo.

Quase não tinha pensado em nenhum dos Incandenza durante quatro anos, antes de Don Gately, que, por qualquer razão, estava sempre a trazê-los à memória. Eram a segunda família mais triste que Joelle já conhecera. Orin achava que Jim o detestava ao ponto de nem sequer ter consciência da sua

existência. Orin havia falado extensamente da família, geralmente à noite. Tinha dito que nenhum dos seus êxitos como pontapeador conseguia apagar a mancha psíquica de uma elementar aversão paternal, a incapacidade de ser visto ou reconhecido. Orin não fazia a menor ideia de como os seus problemas com o progenitor do seu sexo eram banais e comuns; achava que eram uma coisa horrendamente excecional. Joelle ficou a saber que a mãe não gostava muito dela logo da primeira vez que o seu papá pessoal lhe disse que preferia levar Pokie ao cinema sozinho. Muitas das coisas que Orin lhe tinha contado eram desinteressantes, tinham-se tornado bafientas depois de todos aqueles anos em que não se atrevera a dizê-las. Atribuía a Joelle uma estranha generosidade por não gritar e não fugir da sala quando ele lhe revelava aquelas coisas tão banais. *Pokie* era alcunha familiar de Joelle, embora a mãe nunca lhe tivesse chamado outra coisa senão Joelle. O Orin que ela conhecia achava que a mãe era o centro e a energia da família, um raio de luz encarnado, com um amor profundo e uma clara preocupação maternal que quase compensavam um pai que praticamente não existia, parentalmente falando. A vida interna de Jim era para Orin um buraco negro, dizia Orin, como se a cara do pai nunca estivesse lá. Joelle tinha-se esforçado por se manter acordada e atenta, a ouvir, deixando que Orin deitasse cá para fora todas as queixas bafientas. Orin não fazia a menor ideia daquilo que o pai pensava ou sentia em relação a fosse o que fosse. Achava que Jim se servia da expressão facial opaca e inexpressiva a que a mãe, por vezes e em francês, chamava na brincadeira *Le Masque*. O homem estava tão terminante e irremediavelmente escondido que Orin dizia que tinha acabado por o considerar autista, quase catatónico. Jim só se abria com a mãe. Todos eles o faziam, dizia Orin. Ela estava ali para todos eles, psiquicamente. Era a luz e a energia da família, o centro que se mantinha firme. Joelle conseguia bocejar na cama sem parecer que estava a bocejar. O nome das crianças para a mãe era «a mã». Como se houvesse mais do que uma. Orin tinha dito que o irmão do meio era um atrasado, um caso perdido. Orin lembrava-se de que a mã costumava dizer-lhe que o amava umas cem vezes por dia. Quase conseguia compensar o olhar vazio de Ele Mesmo. A recordação essencial que Orin tinha de Jim durante a infância era a de um olhar inexpressivo vindo de uma grande altura. A mãe também era muito alta, para uma rapariga. Orin tinha dito que, secretamente, achara estranho que nenhum dos irmãos fosse mais alto. O irmão atrasado era tão raquítico que

era mais ou menos do tamanho de uma boca de incêndio, informou Orin. Joelle limpou por trás do radiador imundo do quarto, esticando-se até onde podia e tendo cuidado para não tocar no radiador. Orin descreveu a mãe da sua infância como o seu sol espiritual. Joelle recordava-se do tio T.S. do seu papá pessoal a contar que o papá pessoal achava que a mãe dele «era o Sol e a Lua». Os radiadores da ala feminina da Ennet House estavam permanentemente ligados, ou seja, todas as vinte e quatro horas dos trezentos e sessenta e cinco dias do ano. Ao princípio, Joelle pensou que, se calhar, o amor maternal de alta voltagem da senhora Avril Incandenza tinha afetado Orin negativamente ao contrastar tão fortemente com o egocentrismo distante de Jim, que, em comparação, deveria ter parecido indiferença ou aversão. Que se calhar tinha feito com que Orin ficasse, emocionalmente, demasiado dependente da mãe – por que outra razão teria ele ficado tão traumatizado quando, repentinamente, aparecera um irmão mais novo, com deficiências desde o nascimento e a precisar de ainda mais atenção maternal do que Orin? Uma noite, a altas horas, no *futon* do apartamento, Orin havia contado a Joelle como tinha amuado e ido buscar um cesto de roupa suja, virando-o ao contrário ao lado do berço especial do irmão ao mesmo tempo que segurava uma caixa pesada de aveia da Quaker por cima da cabeça, preparando-se para esborrachar o cérebro ao bebé com necessidades especiais. Joelle tinha tido Muito Bom em Psicologia do Desenvolvimento, no semestre anterior. E Orin, que também parecia dependente psicológica ou até metafisicamente, Orin tinha-lhe dito que crescera primeiro numa casa normal, em Weston, e depois na Academia, em Enfield, que crescera a dividir o mundo humano entre aqueles que eram francos, transparentes e de confiança, e aqueles que eram tão fechados e secretos que uma pessoa não fazia a menor ideia do que pensavam dela, mas que podia facilmente imaginar que não podia ser nada de muito bom, caso contrário, por que razão o esconderiam? Orin tinha-lhe contado que havia começado a perceber que também estava a ficar assim fechado, inexpressivo e secreto, enquanto jogador de ténis, no fim da sua carreira de júnior, apesar de todas as tentativas frenéticas da mã para o impedir de se esconder dentro de si próprio. Joelle tinha pensado no clamor de apoio inequívoco das trinta mil vozes a rugirem no Campo Nickerson da Universidade de Boston, o barulho a crescer com o pontapé até se tornar uma espécie de pulsar amniótico de puro ruído positivo. Em comparação com os aplausos sóbrios e

reservados do ténis. Tinha sido tão fácil ver e perceber e depois ouvir e amar Orin, sofrer por ele, o infeliz rapazinho rico e prodigioso – tudo isto fora antes de conhecer Jim e a obra.

Joelle esfregou o descolorido quadrado de impressões digitais à volta do interruptor da luz até o *Kleenex* húmido se desintegrar em ramelinhas.

Nunca se deve confiar num homem quando o assunto são os próprios pais. Por muito alto que um homem seja, por muito grossa que tenha a voz, vê sempre os pais com a perspetiva de um menino pequenino e continuará a fazê-lo. E quanto mais infeliz tiver sido a sua infância, mais fascinante será a visão que tem dela. Tinha aprendido isto por experiência própria.

Ramelinhas era a palavra que a mãe utilizava para os bocadinhos viscosos e amarelados que se formavam nos cantos dos olhos durante o sono. O seu papá pessoal chamava-lhes «macaquinhos dos olhos» e costumava tirar-lhas com o cantinho retorcido do lenço.

Embora também não se possa propriamente confiar nos pais no que respeita às recordações que têm dos próprios filhos.

O abajur de vidro barato da lâmpada do teto estava preto com o lixo e os insetos mortos lá dentro. Alguns dos insetos até pareciam que eram de espécies já extintas há muito tempo. Só o pó solto encheu meia caixa vazia de *Carefree*. O esterco mais agarrado iria precisar de um esfregão e de amónia. Joelle pôs o abajur de lado para ir dar primeiro uma corrida à cozinha para deitar fora várias caixas de lixo e pedaços de *Kleenexes* molhados e agarrar nuns produtos de limpeza a sério que estavam debaixo do lava-loiças.

Orin tinha-lhe dito que ela era a terceira pessoa mais maníaca da limpeza que ele conhecia, a seguir à mã e a um antigo jogador com quem tinha jogado e que sofria de distúrbio obsessivo compulsivo, um diagnóstico dual que abundava nos membros da AHID. Mas na altura a importância disso tinha-lhe escapado. Nessa altura, nunca lhe havia ocorrido que a atração que Orin sentia por ela podia ter qualquer coisa, quer a favor, quer contra, que ver com a mãe dele. O que mais a preocupava era a possibilidade de Orin se sentir atraído por ela apenas pela sua aparência, uma vez que, como o seu papá pessoal a tinha avisado, o xarope mais doce atrai sempre as moscas mais nojentas e, por isso, era preciso ter cuidado.

Orin não era nada parecido com o papá pessoal dela. Quando Orin saía da sala, isso nunca lhe dera uma sensação de alívio. Quando ela vivia com os pais, o

seu papá nunca parecia estar fora da sala onde ela estivesse por mais de uns segundos. A mãe dizia que nem sequer tentava falar com ele quando a sua Pokie estava em casa. Era como se ele a seguisse de divisão em divisão, um pouco pateticamente, a falar de bastões das chefes de claque e de reagentes químicos de pH baixo. Parecia que inspirava quando ela expirava e vice-versa. Estava em toda a casa. Estava sempre realmente presente. A sua presença impregnava uma sala e permanecia lá depois de ele sair. Já a ausência de Orin, quer estivesse nas aulas, quer nos treinos, esvaziava o apartamento. A casa parecia que tinha sido aspirada e esterilizada antes mesmo de a limpeza ter começado quando ele se ia embora. Não se sentia sozinha em casa sem ele, mas, de facto, sentia-se só, aquilo que iria ser a solidão no futuro, e ela, que não era parva nenhuma[305], começou a erguer fortificações logo no início da relação.

Foi Orin que os apresentou, claro. Tinha tido a ideia teimosa de que ele iria querer usá-la. Na sua obra. Era demasiado bonita para que uma pessoa não a quisesse moldar, captar. Era melhor ser Ele Mesmo do que um qualquer académico sem força de carácter. Joelle tinha-se oposto àquela ideia. Sentia o desconforto de uma rapariga muito inteligente em relação à sua própria beleza e ao efeito dela nas pessoas, uma cautela intensificada pelos avisos repetidos do seu papá pessoal. E, o mais importante, o que lhe interessava em termos cinematográficos era estar atrás da câmara. Ela é que captaria as imagens, muito obrigada. Queria fazer coisas, não queria aparecer nelas. Tinha aquele vago desdém dos estudantes de realização pelos atores. E o pior de tudo, o verdadeiro objetivo por trás da ideia de Orin era óbvio, em termos da sua evolução futura: achava que conseguiria chegar ao pai através dela. Imaginava-se a ter conversas sérias e profundas com o homem, sobre os temas da aparência e da qualidade da representação de Joelle. Uma ligação a três. Fazia-a sentir-se apreensiva. Teorizou que, inconscientemente, Orin queria que ela servisse de mediadora entre ele próprio e Ele Mesmo, tal como, ao que parecia, a mãe tinha feito. Sentia-se preocupada com a forma excitada como Orin vaticinava que o pai não iria ser capaz de *resistir a usá-la*. E sentia-se extrapreocupada com o facto de Orin se referir ao pai como «Ele Mesmo». Parecia-lhe um sinal dolorosamente evidente de um atraso em termos de desenvolvimento. Além disso, sentia-se – só um bocadinho menos do que dava a entender à noite, no *futon*, enquanto protestava –, sentia-se preocupada com a possibilidade de ter algum tipo de

ligação com o homem que tinha magoado tanto Orin, um homem tão monstruosamente alto, frio e reservado. Joelle ouviu um alarido e um estrondo na cozinha, seguidos pelo riso tuberculoso de McDade. Enquanto dormia, Charlotte Treat sentou-se duas vezes, a reluzir de febre, e disse, numa voz mortiça e monocórdica, uma coisa qualquer que pareceu mesmo «Transes em que ela não respirava», e depois caiu novamente para trás, apagada. Joelle estava a tentar identificar um estranho cheiro a canela rançosa que vinha da parte de trás de um armário a abarrotar de malas. Limpar é particularmente difícil quando não se está autorizado a mexer nas coisas dos outros residentes.

Ela devia ter percebido pela obra. Tinha visto que a obra do homem era própria de um amador quando Orin havia pedido ao irmão – o que não era atrasado – que lhes emprestasse algumas das cópias Só de Leitura do «Cegonha Louca». Seria *amador* a palavra certa? Era mais a obra de um especialista em ótica e técnico brilhante que era um amador em qualquer tipo de comunicação verdadeira. A obra era tecnicamente deslumbrante, com a iluminação e os ângulos meticulosamente planeados em cada enquadramento. Mas estranhamente oca, vazia, sem qualquer sentido de *finalidade* dramática – nenhum movimento narrativo em direção a uma verdadeira história; nenhum movimento emocional orientado para um público. Era como conversar com um prisioneiro através daquela divisória de plástico utilizando um telefone, tinha dito a finalista de doutoramento Molly Notkin sobre a obra inicial de Incandenza. Joelle achava que parecia mais uma pessoa muito inteligente a conversar consigo própria. Pensou no significado da alcunha «Ele Mesmo». Fria. *Acordo Pré-Nupcial entre o Céu e o Inferno* – mordaz, sofisticado, *kitsch*, estiloso, cínico, tecnicamente alucinante; mas frio, amador, obscuro: sem risco de empatia com o protagonista tipo Job, que ela achava que o público era induzido a equiparar a uma pessoa sentada em cima de um tanque de imersão numa feira de diversões. As sátiras aos géneros «invertidos»: maliciosamente cómicas e, às vezes, perspicazes, mas com qualquer coisa de provisório, como os exercícios com os dedos de alguém promissor, mas que se recusava a sentar-se realmente e a tocar qualquer coisa para comprovar essas esperanças. Mesmo quando ainda era estudante, Joelle já se tinha convencido de que os parodistas não passavam de apologistas do *kitsch* sob máscaras irónicas, e que as sátiras eram, geralmente, produto de pessoas sem nada de novo para dizer[306]. *A Medusa*

«versus» a Odalisca – frio, alusivo, virado para dentro, hostil: o único sentimento pelo público era o desprezo, com o metapúblico no teatro dentro do filme a ser apresentado como objetos muito antes de se transformarem em pedras.

Mas tinha havido lampejos de outra coisa. Mesmo na *oeuvre* inicial, antes de Ele Mesmo ter dado o salto para o melodrama narrativamente anticonfluencial mas não irónico, que ela ajudou a prolongar e onde ele abandonou a pirotecnia técnica e tentou fazer com que as personagens evoluíssem, embora de forma inconclusiva, e mostrou coragem, ao abandonar tudo o que fazia bem e correr voluntariamente o risco de parecer amador (o que tinha acontecido). Mas mesmo na obra inicial – lampejos de qualquer coisa. Muito escondidos e rápidos. Quase furtivos. Só se apercebeu deles quando ficou sozinha, a ver, sem Orin e o reóstato dele no mínimo, com as luzes da sala fortes como ela gostava, gostava de se ver e a toda as outras coisas na sala juntamente com o monitor – Orin gostava de se sentar às escuras e escolher o que queria ver, com o queixo descaído, uma criança que tinha crescido com os múltiplos canais da televisão por cabo. Mas Joelle começou – em visionamentos repetidos cujo propósito inicial era estudar como o homem tinha planificado as cenas, para um curso avançado de *storyboard* a que estava a dedicar um esforço enorme – começou a ver pequenos lampejos de qualquer coisa. Os três cortes abruptos, em *A Medusa «versus» a Odalisca*, para os perfis das maravilhosas combatentes, contorcidos ao ponto de ficarem irreconhecíveis devido a um suplício qualquer. Cada corte para um vislumbre de uma cara em sofrimento seguia-se ao estrépito de uma espectadora petrificada a cair da cadeira. Três frações de segundo, nada mais, de vislumbres de dor facial. E não dor motivada por ferimentos – nunca tocavam uma na outra enquanto rodopiavam com espelhos e punhais; as defesas de ambas eram impenetráveis. O que os vislumbres pareciam sugerir era que aquilo que a beleza delas estava a fazer àqueles que se sentiam atraídos a observá-la as estava a comer vivas, ali, em cima do palco. Mas apenas três vislumbres, cada um quase subliminarmente rápido. Acidentes? Mas não havia um único plano ou corte em todo aquele filme estranho e frio que fosse acidental – a coisa tinha sido claramente planeada através de *storyboards*, fotograma a fotograma. Devia ter demorado centenas de horas. Uma espantosa obcecação técnica. Joelle estava sempre a tentar parar o cartucho nos vislumbres do tormento facial, mas eram os

primeiros tempos dos cartuchos InterLace e a pausa ainda distorcia o ecrã a ponto de não a deixar ver o que queria analisar. Além disso, tinha a sensação arrepiante de que o homem havia aumentado a velocidade do filme nestes vislumbres humanos de poucos fotogramas exatamente para impossibilitar essa análise. Parecia que não havia conseguido evitar introduzir os vislumbres humanos, mas que tinha querido introduzi-los da forma mais rápida e impossível de analisar de que era capaz, como se, de algum modo, o comprometessem.

Orin Incandenza tinha sido apenas o segundo rapaz que a abordara de uma forma masculina-feminina[307]. O primeiro tinha o queixo brilhante e estava meio cego de tanto ponche *Everclear*, um jogador da equipa de futebol americano Shiny Prize Biting Shoats, de Shiny Prize, no Kentucky, durante um churrasco para o qual as chefes de claque tinham sido convidadas pela Associação de Adeptos; e o jogador pareceu um menininho tímido ao confessar, em jeito de desculpa por quase a ter sujado quando vomitou, que ela era tão bonita, de estarrecer, que uma pessoa só a podia abordar se estivesse bêbada a ponto de esquecer o terror. O jogador tinha-lhe confidenciado que toda a equipa estava paralisada de terror pela beleza da chefe de claque principal, Joelle. Orin revelara-lhe o nome privado que lhe dera. A recordação daquela tarde dos tempos da secundária continuava muito viva. Conseguia sentir o cheiro do fumo do algarrobo, dos pinheiros azuis e do *spray YardGuard*, ouvir os guinchos do gado que chacinavam e esventravam numa preparação simbólica para o jogo contra os N. Paducah Technical H.S. Rivermen. Ainda conseguia ver o jogador todo derretido, de lábios molhados e a abrir o coração, mantendo-se em pé por estar encostado a um pinheiro azul imaturo, até que o tronco do pinheiro azul cedeu com um estalido e caiu.

Até ao churrasco e à confissão, tinha pensado, por qualquer razão, que era o seu próprio papá pessoal que, de alguma forma, desencorajava encontros e abordagens masculinas-femininas. Fora tudo estranho e solitário até ter sido abordada por Orin, que não fazia segredo de que tinha tomates de aço no que se referia a raparigas horripilantemente bonitas.

Mas nem sequer foi uma identificação subjetiva que sentiu, ao ver, achou ela, os lampejos e as aparentes incongruências que revelavam algo mais do que uma abstração técnica fria e estilosa. Como, por exemplo, o plano fixo de baixo ângulo de duzentos e quarenta segundos do *Êxtase de Santa Teresa* de

Gianlorenzo Bernini, que – sim, é verdade, – fazia parar completa e irritantemente a progressão dramática de *Acordo Pré-Nupcial*... e que não acrescentava nada que um plano de quinze ou trinta segundos não tivesse acrescentado também; mas, no quinto ou sexto visionamento, Joelle começou a ver que esse plano fixo de quatro minutos era importante pelo que não estava lá: todo o filme se passava segundo o PDV[308] do vendedor alcoólico de sacos para sanduíches e o vendedor alcoólico de sacos para sanduíches – ou melhor, a sua cabeça – estava sempre no ecrã, mesmo quando o ecrã se dividia para mostrar simultaneamente a titânica maratona celestial de póquer com sete cartas jogada com cartas de tarô – os olhos espantados, as mossas nas têmporas e o rosário das gotas de suor no lábio superior estavam permanentemente no ecrã e eram impostos sem descanso aos espectadores... exceto durante aqueles quatro minutos da narrativa em que o vendedor alcoólico de sacos para sanduíches ficava parado na Sala Bernini de *Vittorio*[*2] e a estátua culminante enchia totalmente o ecrã. A estátua, a presença sensual da coisa, deixava o vendedor alcoólico de sacos para sanduíches fugir a si próprio, à sua cabeça involuta cansativamente ubíqua, isso é que era importante, percebeu ela. Se calhar, o plano fixo de quatro minutos não era apenas um gesto artístico denso ou uma manobra de diversão hostil para com o público. Libertar-se da própria cabeça, do inescapável PDV pessoal – Joelle começou a ver aqui, oblíqua ao ponto de estar escondida, uma dinâmica emocional, uma vez que a transcendência mediada do ser era precisamente o que a aparentemente decadente estátua da orgástica freira reclamava para si enquanto tema. Aqui estava, então, depois de uma análise meticulosa (e reconhecidamente aborrecida), uma tese não irónica e quase *moral* para aquele cartucho mordaz, abstrato e *kitsch*: a imobilidade da estátua culminante do filme apresentava o tema teórico como o efeito emocional – o autoesquecimento enquanto Santo Graal – e – num gesto dissimulado quase moralista, pensou Joelle ao deitar uma olhadela ao ecrã iluminado com a luz do quarto, completamente mocada, com a boca a contorcer-se enquanto limpava – apresentava o autoesquecimento produzido pelo álcool como inferior ao provocado pela religião/arte (uma vez que o consumo de *bourbon* fazia com que a cabeça do vendedor inchasse progressivamente, horrendamente, até que, no final do filme, as suas dimensões já não cabiam no enquadramento e ele passava por uma experiência desagradável e humilhante ao tentar enfiar a cabeça pela

porta da frente do Vittorio).

Contudo, isso deixou de ter muita importância assim que conheceu toda a família. A obra e as análises eram apenas um leve indício – sentido geralmente sob o efeito de dosezinhas controláveis de coca que a ajudavam a ver mais profundamente, mais intensamente, e, por isso, se calhar nem sequer objetivamente acessível na própria obra –, uma intuição visceral de que a visão do pontapeador em relação ao sofrimento causado pelo pai era limitada, subdesenvolvida e, se calhar, irreal.

Com Joelle sem maquilhagem, completamente sóbria e cabelo apanhado num carrapito malfeito, o jantar de apresentação que teve com Orin e Ele Mesmo no Legal Seafood em Brookline[309] não revelou nada, exceto que o realizador parecia mais do que capaz de resistir a «usar» Joelle fosse de que forma fosse – Joelle viu o homem alto deixar-se cair na cadeira e encolher-se quando Orin lhe disse que a RMBDS estava a tirar C&C[310] – mais tarde, Jim tinha-lhe dito que ela lhe parecera demasiado convencional e comercialmente bonita para que ele pensasse sequer em usá-la nesse período da sua obra, cujo projeto teórico passava, em parte, por militar contra as convenções de beleza comercial aceites como válidas nos Estados Unidos – e que Orin se mostrava tão tenso na presença de Ele Mesmo que não havia espaço para nenhuma outra emoção verdadeira à mesa, com Orin a começar a preencher gradualmente os silêncios com uma tagarelice cada vez mais intensa e rápida até Joelle e Jim terem acabado por se sentir desconfortáveis com o facto de o pontapeador não ter tocado na sua perca ao vapor nem ter dado oportunidade a ninguém para dizer uma palavra que fosse.

Mais tarde, Jim tinha dito a Joelle que, muito simplesmente, não sabia falar com nenhum dos filhos fisicamente sãos sem a presença e a mediação da mãe deles. Era impossível calar Orin e Hal fechava-se tanto quando estava na presença de Jim que os silêncios eram excruciantes. Jim disse que suspeitava que ele e Mario só se sentiam tão confortáveis um com o outro porque o rapaz tinha tantas lesões cerebrais que só começara a valer a pena falar com ele a partir dos seis anos de idade e, por isso, tanto ele como Jim tinham tido oportunidade de aprender a sentirem-se confortáveis num silêncio mútuo, ainda que Mario tivesse de facto um interesse genuíno pelas lentes e pelo cinema que não tinha nada que ver com o pai ou com uma necessidade de lhe agradar e, por isso, o interesse era algo que podiam partilhar verdadeiramente, os dois. E, mesmo quando Mario foi

autorizado a trabalhar com a equipa da rodagem em algumas das obras mais tardias de Jim, isso havia acontecido sem o tipo de pressões para interagir ou estabelecer laços afetivos através do cinema que tinha havido com Orin e Hal em relação ao ténis, em que Jim (tinha-a informado Orin) só havia começado a revelar o seu talento tardiamente, enquanto júnior, consolidando-se depois como um jogador de topo na faculdade.

Jim referia-se aos vários filmes da obra como «entretenimentos». Praticamente metade das vezes, fazia-o com ironia.

No táxi (que Jim havia mandado parar para eles), ao regressarem a casa depois do Legal Seafood, Orin tinha batido com a testa delicada contra a divisória de plástico, lamentando-se chorosamente de que não era capaz de comunicar com Ele Mesmo sem a mediação e a presença da mãe. Não era claro de que forma a mã mediava ou facilitava a comunicação entre os diferentes membros da família, disse ele. Mas fazia-o. Orin não fazia porra de ideia do que Ele Mesmo pensava de ele ter abandonado uma década de ténis para jogar futebol, choramingou. Ou de Orin ser muito bom nisso, de finalmente ser bom em qualquer coisa. Será que se sentia orgulhoso, ou invejosamente ameaçado, ou negativamente crítico por Orin ter abandonado o ténis? Ou quê?

Os colchões da camarata feminina de cinco camas eram demasiado finos para as armações e os rebordos das armações entre as ripas estavam horrivelmente cobertos de pó, com cabelo feminino enredado e envolvido no pó, e por isso foi preciso um *Kleenex* só para molhar e amaciar aquilo e vários secos para limpar a porcaria. Charlotte Treat estava tão doente que já não tomava duche há vários dias e era desagradável estar ao pé do colchão e da estrutura da cama dela.

Na primeira interação de Joelle com toda aquela triste unidade familiar – Dia de Ação de Graças, residência do reitor, ATE, Av. Comm., Enfield – a mã de Orin, a senhora Incandenza («Por favor, Joelle, trate-me por Avril») tinha-se mostrado delicada, atenciosa e calorosa, sem se impor, e havia-se esforçado imenso para, discretamente, pôr toda a gente à vontade e facilitar a comunicação, e para fazer com que Joelle se sentisse bem-vinda e um elemento apreciado na reunião familiar – e qualquer coisa na mulher fez com que todos os folículos no corpo de Joelle se pusessem em pé. Não era o facto de Avril Incandenza ser uma das mulheres mais altas que Joelle já tinha visto e, sem a menor dúvida, a mais alta das mulheres mais velhas e bonitas e de postura imaculada (o doutor

Incandenza curvava-se horrivelmente) que ela já conhecera. Nem o facto de a sua sintaxe ser tão natural, fluida e imponente. Também não era o asseio do rés do chão da casa, quase como se tivesse sido esterilizado (a sanita da casa de banho parecia não só ter sido esfregada como também encerada até ficar a reluzir). E não era que a amabilidade de Avril fosse, de alguma forma convencional, falsa. Joelle levou bastante tempo até identificar o que lhe punha os cabelos em pé na mãe de Orin. O próprio jantar – sem peru; uma piada político-familiar privada sobre não haver peru no Dia de Ação de Graças – foi delicioso, sem ser grandioso. Só se sentaram para comer às 23h00. Avril bebeu champanhe de uma flutezinha cujo nível, estranhamente, pareceu nunca baixar. O doutor Incandenza (não houve nenhum convite para o tratar por Jim) bebeu, de um copo trifacetado, uma coisa qualquer que fazia com que o ar por cima dele cintilasse levemente. Avril pôs toda a gente à vontade. Orin fez umas imitações credíveis de pessoas famosas. Ele e o pequeno Hal fizeram troça, com pouca graça, da pronúncia canadiana de Avril ao dizer certos ditongos. Avril e o doutor Incandenza cortaram à vez o salmão a Mario. Joelle teve uma estranha visão de Avril a levantar a faca, agarrando-a pelo cabo, e a enterrá-la no peito de Joelle. Hal Incandenza e dois outros rapazes assimetricamente musculosos da escola de ténis comeram como se fossem refugiados, mas a reação das outras pessoas foi de ligeiro divertimento. Avril limpava aristocraticamente a boca a cada garfada. Joelle estava vestida à menina e o decote do vestido era muito subido. Hal e Orin eram algo parecidos um com o outro. A intervalos regulares, Avril dirigia um comentário a Joelle, para a incluir. Mario, o outro irmão de Orin, era enfezado e complexamente deformado. Havia um prato para cão impecavelmente limpo debaixo da mesa, mas não havia cão e nunca foi feita nenhuma referência a um cão. Joelle reparou que Avril também dirigia comentários a Orin, Hal e Mario a intervalos regulares, como um ciclo de inclusão igualitária. Havia vinho branco de Nova Iorque e champanhe de Alberta. O doutor Incandenza bebia a sua bebida em vez do vinho e levantou-se várias vezes para voltar a encher o copo na cozinha. Um enorme jardim suspenso atrás das cadeiras de capitão onde Avril e Hal estavam sentados projetava sombras complexas na luz ultravioleta, o que dava ao clarão das velas em cima da mesa uma estranha tonalidade azulada. O realizador era tão alto que parecia nunca mais parar de se levantar quando saía da mesa com o copo. Joelle teve a sensação estranhíssima e injustificável de que

Avril lhe desejava que lhe acontecesse alguma coisa má; continuava a sentir os pelos a eriçarem-se em várias partes do corpo. Toda a gente dizia Se faz favor e Obrigado de uma maneira que era típica dos WASP ianques[*3]. Depois de ir pela segunda vez à cozinha, o doutor Incandenza moldou as suas batatas assadas numa intricada paisagem citadina futurista e, de repente, começou a discorrer animadamente sobre o desmantelamento do Studio System monolítico de Hollywood, em 1946, e a subsequente ascensão dos atores do Método, como Brando, Dean, Clift e outros, defendendo ter havido uma conexão causal. A sua voz era de alcance médio, suave e sem sotaque. A mã de Orin só podia ter mais de dois metros de altura, muito mais alta do que o papá pessoal de Joelle. Joelle percebeu, por qualquer razão, que Avril era o tipo de mulher que não tinha sido graciosa quando era rapariga e que depois havia desabrochado, mas que só se tornara realmente bela com o passar dos anos, tipo aos trinta e cinco. Tinha decidido que o doutor Incandenza parecia uma garça ecologicamente envenenada, e disse-lho mais tarde. A senhora Incandenza pôs toda a gente à vontade. Joelle imaginou-a com a batuta de um maestro. Nunca chegou a dizer a Jim que Orin lhe chamava «Cegonha Louca» ou «Triste». Toda a mesa desse Dia de Ação de Graças se inclinava muito subtilmente para Avril, muito leve e subtilmente, como heliotrópios. Joelle deu por si a fazer a mesma coisa, a inclinação. O doutor Incandenza estava sempre a proteger os olhos da luz ultravioleta das plantas, num gesto que lembrava uma continência. Avril referia-se às plantas como os seus «Bebés Verdes». A dada altura, a propósito de nada, o pequeno Hal Incandenza, talvez com uns dez anos, anunciou que a unidade base da intensidade luminosa era a candela, que definiu, para ninguém em especial, como a intensidade luminosa de 1/600 000 por metro quadrado de uma cavidade à temperatura de congelação da platina. O contingente masculino sentado à mesa estava de casaco e gravata. O maior dos dois companheiros de ténis de Hal ofereceu a todos escovilhões dentários e ninguém fez troça dele. O sorriso rasgado de Mario parecia tanto obsceno como sincero. Hal, a quem Joelle não achava lá muita piada, não parava de perguntar se ninguém lhe ia perguntar qual era a temperatura de congelação da platina. Joelle e o doutor Incandenza envolveram-se numa breve conversa sobre Bazin, um teórico do cinema que Ele Mesmo detestava, fazendo uma expressão de sofrimento à simples menção do nome. Joelle despertou o interesse do cientista ótico e realizador de cinema ao

explicar que o desprezo de Bazin pela expressão autoconsciente do realizador estava historicamente ligado ao realismo neotomista dos personalistas, uma escola estética com grande influência nos intelectuais católicos franceses *circa* 1930-1940 – muitos dos professores de Bazin tinham sido destacados personalistas. Avril incitou Joelle a descrever o Kentucky rural. Orin fez uma longa imitação de Carl Sagan, o falecido astrónomo/fenómeno *pop*, a expressar um espanto reverencial e televisual perante a escala do universo. «Biliões e biliões!», disse ele. Um dos amigos tenistas de Hal arrotou ruidosamente e ninguém reagiu ao barulho. Orin disse «*Biliões* e *biliões* e *biliões*», imitando a voz de Carl Sagan. Avril e Hal tiveram uma breve discussão bem-humorada sobre se o termo *circa* se podia aplicar a um intervalo de tempo ou apenas a um ano específico. Depois, Hal pediu vários exemplos de uma coisa chamada «haplologia». Joelle tinha de estar sempre a controlar a vontade de dar uma sapatada tão forte na cabeça do falinhas-mansas do miudinho convencido que lhe pusesse a gravata a andar à roda.

– O universo – continuou Orin, muito depois de a brincadeira ter perdido a piada – frio, imenso, inacreditavelmente universal.

O ténis, as chefes de claque e o futebol americano foram temas que nunca surgiram na conversa: os desportos organizados não foram mencionados uma única vez. Joelle reparou que ninguém parecia olhar diretamente para o doutor Incandenza, exceto ela. Uma curiosa cúpula flácida, branca e a lembrar uma mama, cobria parte dos jardins da Academia do lado de fora da janela da sala de jantar. Mario espetou o garfo especial na paisagem citadina das batatas do doutor Incandenza e ouviu um aplauso geral e uns trocadilhos irritantes sobre o termo *desconstrução* por parte do miúdo insuportável, Hal. Os dentes de toda a gente reluziam com a luz das velas e a luz ultravioleta. Hal limpou o nariz de Mario, que parecia estar sempre ranhoso. Avril convidou Joelle a, por favor, fazer um telefonema de Dia de Ação de Graças para a família no Kentucky rural, se lhe apetecesse. Orin disse que a própria mã era originária do Quebeque rural. Joelle ia no sétimo copo de vinho. O facto de Orin estar sempre a tocar com o dedo na gravata com um nó meio *Windsor* parecia cada vez mais ser um sinal para alguém. Avril incitou o doutor Incandenza a arranjar uma forma de incluir Joelle numa produção, uma vez que ela não só era uma estudante de Cinema como, a partir daquele momento, um novo e muito bem-vindo membro honorário

daquela família. Mario, ao esticar-se para tentar chegar à salada, caiu da cadeira e foi ajudado por um dos jogadores de ténis no meio de grande hilaridade. As deformidades de Mario pareciam muito abrangentes e difíceis de nomear. Joelle decidiu que ele parecia uma mistura de uma marioneta com um daqueles carnívoros de cabeça grande das antigas orgias de efeitos especiais de Spielberg sobre répteis. Avril e Hal discutiram exaustivamente se *mal pronunciado* era uma verdadeira palavra. A cabeça alta e estreita do doutor Incandenza estava constantemente a inclinar-se para o prato e a subir devagarinho de uma forma meditativa ou entornada. O sorriso rasgado do deformado Mario era tão constante que até daria para pendurar coisas nos cantos da boca. Com um sotaque fingido de beldade sulista, que não era de maneira nenhuma uma ferroada a Joelle, antes um sotaque à Scarlett O'Hara, Avril confessou que a verdade é que o champanhe de Alberta a punha sempre «neura». Joelle reparou que praticamente toda a gente à mesa sorria, rasgada e constantemente, com os olhos a brilharem na luz estranha das plantas. E ela também o estava a fazer, apercebeu-se; os músculos das bochechas estavam a começar a doer-lhe. O amigo maior de Hal estava sempre a fazer pausas para usar o escovilhão dentário. Mais ninguém estava a usar um escovilhão, mas todos tinham, educadamente, um na mão como se se estivessem a preparar para o fazer. Hal e os dois amigos faziam, periodicamente, estranhos movimentos espasmódicos com a mão como se estivessem a apertar qualquer coisa. Ninguém parecia dar por isso. Ninguém mencionou uma só vez que fosse a palavra *ténis* na presença de Orin. Ele tinha passado a noite anterior a pé e a vomitar com a ansiedade. Agora estava a desafiar Hal a dizer qual era a temperatura de congelação da platina. Por mais que tentasse, Joelle não conseguia lembrar-se dos nomes dos dinossauros de celuloide digitais do pobre do velho Spielberg, embora o papá dela a tivesse levado, pessoalmente, a todos eles. A dada altura, o pai de Orin levantou-se para ir encher o copo e nunca mais voltou.

Mesmo antes da sobremesa – que estava a arder –, a mã de Orin tinha perguntado se não poderiam, talvez, dar as mãos secularmente durante uns instantes só para agradecerem estarem todos juntos. Fez questão de pedir a Joelle que juntasse as mãos ao dar de mãos. Joelle agarrou na mão de Orin e na do amigo mais pequeno de Hal, que tinha tantas calosidades que parecia uma espécie de casca de árvore. Como sobremesa, comeram cerejas flambê com

gelado *gourmet New Brunswick*. A ausência do doutor Incandenza à mesa não foi mencionada, passando, ao que parecia, despercebida. Tanto Hal como o amigo que não estava a usar o escovilhão pediram *kahlua*[*4] e Mario bateu pateticamente na toalha, imitando-os. Teatralmente, Avril deitou a Orin um olhar de horror fingido quando este puxou de um charuto e de um corta-charutos. Também havia manjar-branco. O café era descafeinado e tinha chicória. Quando Joelle voltou a olhar para ele, Orin guardara o charuto sem o acender.

O jantar acabou numa espécie de explosão de boa vontade.

Joelle tinha-se sentido meio louca. Não conseguia detetar nada de falso na gentileza e boa disposição da senhora em relação a si. E, ao mesmo tempo, sentia, no seu âmago, que a mulher teria sido capaz de arrancar o pâncreas e o timo de Joelle, de os picar e fritar, e ficar ali sentada a comê-los frios e a limpar os lábios sem pestanejar uma única vez. E nenhuma das pessoas que se inclinava para ela repararia.

Ao voltarem para casa, num táxi de uma companhia de que Hal sabia o número de cor, Orin pendurou a perna por cima das pernas cruzadas de Joelle e disse que se havia alguém com quem se pudesse contar para perceber que o «Cegonha» precisava de usar Joelle em qualquer coisa, essa pessoa era a mã. Perguntou duas vezes a Joelle se tinha gostado dela. Os músculos das bochechas de Joelle doíam-lhe terrivelmente. Quando chegaram ao apartamento de pedra castanha, naquele último Dia de Ação de Graças antes da Subsidiação, foi a primeira e histórica vez que Joelle snifou intencionalmente umas linhas de coca para não dormir. Orin não podia ingerir nada durante a época desportiva mesmo que quisesse: as equipas da Universidade de Boston dos desportos mais importantes estavam sujeitas a análises aleatórias. Por isso, Joelle estava acordada às quatro da manhã, a limpar, pela segunda vez, atrás do frigorífico, quando Orin gritou durante um pesadelo que ela, por qualquer razão, achava que devia ter sido ela a ter.

Abalando a confiança que Marathe tinha na capacidade de avaliação daquelas pessoas, a que havia julgado ser uma drogada desesperada revelou-se a mulher com autoridade na *demi-maison* da Ennet. A mulher com o bloco de notas com mola era uma mera subalterna. Era muito raro Marathe enganar-se na avaliação que fazia das pessoas ou das funções delas.

A mulher com autoridade estava a ser negativa ao telefone.

– Não, não. Não – dizia ela para o telefone. – Não.

– Desculpa – disse ela a Marathe sem tapar o bucal do auscultador com a mão da privacidade –, isto não demora nada. Não, ela *não pode*, Mars. As promessas não interessam. Ela já prometeu antes. Quantas vezes? Não, Mars, porque isso vai acabar por nos prejudicar outra vez e só lhe vai dar força.

A voz do homem do outro lado da linha subiu de tom e a mulher com autoridade deteve um soluço com a parte de trás do pulso e depois ficou rígida. Marathe observava, impassível. Tinha a grande fadiga, altura em que o inglês ainda lhe custava mais. Havia cães no chão.

– Eu sei, mas não. Para hoje, não. Da próxima vez que ela telefonar, pede-lhe para ligar para mim, para aqui. Sim.

Desativou essa transmissão e ficou a olhar para o tampo da secretária durante uns instantes. Dois cães estavam deitados no chão, entre a cadeira dela e a *fauteuil* de Marathe, um deles a lamber os órgãos privados. Marathe controlou um estremecimento e puxou a manta ligeiramente para cima, curvando-se para minimizar também a musculatura da saúde do torso.

– Boa noite... – começou Marathe a dizer.

– Bem, não te vás embora – disse repentinamente a mulher com autoridade, saindo do seu devaneio de tristeza e fazendo rodar a cadeira para ficar de frente para ele. Tentou sorrir da maneira profissional dos EUA. – Depois de teres esperado todo esse tempo lá fora. Vi-te à conversa com o Selwyn. O Selwyn tem tendência a aparecer sempre que estamos a receber grupos novos.

– Eu, eu cá penso que ele sofre de doença mental.

Marathe reparou que uma perna da mulher era muito mais magra do que a outra perna. Estava também a ser distraído pelo hábito de fingir que estava a fungar. As fungadelas falsas vinham não sabia de onde.

Ela cruzou as pernas. Duas buzinas de carros tocaram ruidosamente na avenida, muito para lá da janela côncava do gabinete.

– Esse tipo, o Selwyn, ele aconselhou-me a fazer festas aos seus animais, o que, tenho pena, mas não vou fazer.

A mulher riu-se baixinho e inclinou-se para a frente por cima das pernas cruzadas. Além disso, um dos cães tinha flatulência.

– Registaste que a tua nacionalidade é suíça.

– Sou um estrangeiro residente viciado em cavalo, castanha e H[*5], procurando desesperadamente o tratamento residencial.

– Mas residente legal? Com Visto de Residência? Um Código de Residência OINS[311]?

Do casaco desportivo, Marathe tirou os documentos que M. DuPlessis tinha arranjado com antevisão no passado longínquo.

– Aleijado, também. E também deformado – disse Marathe, encolhendo os ombros estoicamente, inclinando o véu para a carpete escura.

A mulher estava a examinar os documentos OINS com a boca franzida e a cara de póquer das autoridades da ONAN em todos os sítios. Uma das mãos dela estava torcida na forma de uma garra.

– Todos vimos para cá com problemas, Henry.

– Henri. Perdão. Hen*ri*.

Uma mulher mesmo do lado de fora do gabinete, ao pé da porta da rua da *demi-maison,* ela riu-se como se fosse uma arma automática. Eram audíveis ruídos molhados saídos debaixo da pata traseira do cão com órgãos privados, cuja cabeça estava escondida atrás da perna levantada. A mulher com autoridade teve de apoiar o corpo pousando as mãos na secretária para se pôr em pé e destrancar e levantar a porta de um armário de metal preto por cima do telecomputador e da consola da secretária. A porta de velho metal preto levantou-se para fora. Marathe decorou os números do modelo desse telecomputador, que era indonésio e de preço baixo.

– Bem, Henri, na Ennet House, ao longo dos meus anos de funcionária, temos tido estrangeiros, residentes estrangeiros, estrangeiros com inglês como segunda língua, com um inglês muitíssimo pior do que o teu.

Levantou-se apoiada na perna mais grossa para tirar qualquer coisa bem dentro do tal armário. Marathe aproveitou a oportunidade da desatenção dela para decorar os factos do gabinete. A porta do gabinete tinha uma decoração de um triângulo dentro de um círculo e não tinha nenhum ferrolho para fechar, mas apenas uma tristeza de uma fechadura barata no puxador. Em lado nenhum havia a agulhetazinha de um alarme micro-ondas com a frequência habitual de 10,525 GHz. As janelas grandes não tinham pontinhas de fios nos caixilhos. Isto só deixava a possibilidade de um alarme de contacto magnético, que se assim fosse era difícil de tornear, mas também possível. Marathe deu por si a sentir

intensamente a falta da mulher, o que assinalava sempre a sua grande fadiga. Fungou duas vezes.

A mulher estava a falar para dentro do armário com ele:

– ... fazer-te assinar uns formulários para podermos fazer cópias dos teus documentos OINS e pedir um faxe confirmativo da tua última desintoxicação, que foi em...?

– No Centro de Reabilitação Chit Chat Farms do Estado da Pensilvânia. No mês passado.

O agente de ligação da AFR em Montreal tinha prometido arranjar todos os registos sem demoras.

– Em, quê, Wernersdale, ou assim?

Marathe levantou ligeiramente a cabeça coberta com o véu.

– Wernersberg da Pensilvânia.

– Bem, nós conhecemos o Chit Chat, temos tido por cá gente saída do Chit Chat. O maior... respeito.

A cabeça dela estava dentro do armário, com um braço. Parecia que estava a ser-lhe difícil vasculhar dento do armário e, ao mesmo tempo, manter o equilíbrio. Decidindo que as janelas de sacada eram a mais favorável entrada no gabinete se fosse preciso, Marathe observou a tentativa da mulher para se equilibrar e o velho armário. Depois pestanejou devagarinho. Nesse armário, visivelmente, em pilhas gémeas perto da entrada do armário aberto, estavam muitos cartuchos de entretenimento para telecomputador.

A mulher disse:

– E nós temos acessibilidade para deficientes desde o princípio. Só há um punhado de centros na área metropolitana que está completamente equipado para receber clientes deficientes e nós somos um deles, presumo que te disseram isso no Chit Chat.

A parede estremeceu com o impacte da barulheira na sala do lado e alguém se riu ou gritou de dor. Marathe fungou. A mulher continuava a falar:

– ... porque é que eu vim parar aqui, para começar. A propósito, também vim numa cadeira, ao princípio. – Saiu do armário a cambalear, com um envelope de papel de Manila. – Nessa altura, declarei a toda a gente que estava demasiado incapacitada para me ajoelhar e rezar, só para te dar uma ideia do estado em que me encontrava.

Soltou uma gargalhada bem-disposta. Era uma mulher atraente.

– Eu – respondeu Marathe –, eu vou tentar rezar sempre que me mandarem.

Ao planearem a fraude da candidatura, ele e Fortier descobriram que a reabilitação de dependências nos EUA tinha qualquer coisa de paramilitar. Havia as ordens e o obedecer às ordens. A AFR tinha estudado cartuchos de programas antigos dos EUA, que haviam sido encontrados, por pura sorte, no inventário da Antitoi, e tinha aprendido muita coisa. Mas virar desesperadamente a cara tapada para cima enquanto falava, permitia que Marathe passasse os olhos pelas lombadas das caixas de plástico. Entre os títulos de fonte pequena, como *Parâmetros X-XL de Distância Focal* e *Vólei Curto Ex. II,* estavam duas caixas de plástico castanho lisas, em branco, excetuando as – isto foi a razão por que o seu véu, o seu véu ficou inclinado para cima durante tanto tempo que ele ficou preocupado que aquela mulher com autoridade – excetuando as – mas era difícil haver certezas, pois a luz do gabinete era a fluorescência amortecida dos EUA, e a boca do armário na sombra da porta deste e o véu de gaze tornavam a focagem dele menor – excetuando talvez as minúsculas caras redondas de sorrisos em relevo nas caixas castanhas. Marathe sentiu de repente a excitação dele próprio – as palavras de M. Hugh Steeply para isto tinham sido *de nenhures*.

A autoridade falou também:

– Já para não falar nos membros da AHID, que és capaz de querer conhecer. – Apontou para o véu de Marathe que nenhum deles estava a mencionar. A mulher tentou afixar uma folha de tinta desbotada num quadro com um clipe. – De facto, temos um membro da AHID que é residente há pouco tempo.

Marathe voltou a pestanejar duas vezes. Disse:

– Eu sou disforme, eu.

– Ela é capaz de te poder ajudar a adaptares-te, a identificares-te. Também seria bom para ela.

Marathe tinha começado a gravar em RAM todos os pormenores de cada instante desde que entrara na *demi-maison* da Ennet House. Noutra parte do cérebro, pôs-se a pensar se iria informar lealmente primeiro M. Fortier ou Steeply do USBSS, cujo número de contacto tinha sempre o prefixo 8000, como tinha dito no gozo. E noutra parte ainda, se devia parecer ansioso por conhecer a intérprete do Entretenimento aqui e agora, uma companheira de véu. Pensar naquilo em que um drogado desesperado teria avidez. Marathe estava durante

todos esses pensamentos a sorrir largamente para a mulher, esquecendo-se que ela não o podia ver.

– Isto é feliz – disse ele finalmente.

– Os teus problemas faciais... – começou a pessoa a dizer, inclinando-se para a frente na cadeira, por cima das pernas cruzadas. – Estão ligados ao teu uso e abuso? Fizeste algum trabalho de progressão, TEE[312] e reconhecimento das consequências no Chit Chat?

Agora, Marathe estava com pouca pressa de se ir embora e voltar para *chez* Antitoi. Utilizou as suas capacidades para recitar linhas complexas de uma história de drogas inventada, ao mesmo tempo que revia e guardava as caras e as localizações de todas as pessoas da Ennet House que tinha visto. Pois iam voltar ali, os AFR, e talvez também os Serviços sem Especificidade de Steeply e Tine. Tinha a capacidade de dividir a mente e pensar ao longo de várias linhas paralelas ao mesmo tempo.

– As pernas... Faço uma *overdose* em Berna, que fica na minha pátria da Suíça, quando estou sozinho, e caio para a frente, de cara no chão, enquanto as minhas pernas, elas ficam, como é que se diz, emaranhadas, emaranhadas na cadeira em que ocorreu essa injeção, esse caldo. Um estúpido. Fico deitado sem consciência, sem me mexer durante muitos dias, e as minhas pernas, elas – *comment-on-dit?* –, elas estão a dormir, perdem a circulação, têm gangrena, ficam infecciosas. – Marathe fungou enquanto encolhia os ombros estoicamente. – Também o nariz e a boca, de esmagamento facial por estar deitado de cara para baixo numa posição sem consciência durante dias. Quase morro. É tudo amputado, pela minha vida. Larguei o cavalo, a castanha e a H, na *l'infirmière*. Um resultado de abuso das drogas.

– Isto é a tua história. Isto é o teu primeiro passo.

Marathe encolheu os ombros.

– As minhas pernas, o meu nariz e oral. Tudo como uma consequência da progressão. No Chit Chat, confesso todas as coisas, compreendo que sou um drogado desesperadamente.

Marathe estava a tentar decidir se devia arranjar maneira de a mulher com autoridade sair da sala por pouco tempo, para Marathe poder rapidamente trepar com os braços para o armário para ver de perto as caixas sorridentes dos cartuchos antes de o armário se fechar. Ou, em vez disso, voltar com um pretexto

para ficar às voltas na sala de estar para pessoas à espera, para ver quem é a residente mencionada com o véu feminino da AHID; pois esse é o objetivo de vir para a *demi-maison* que M. Fortier deu. Marathe podia dar o facto dos cartuchos a Fortier e da rapariga com véu a Steeply, ou ao contrário. A fadiga voltou. Mas Steeply, antes de se entregar a uma ação direta, vai querer confirmação que aqueles cartuchos no armário eram do verdadeiro Entretenimento, não os dos expositores da FLQ, em branco e de brincadeira. Havia mesmo um leve som de zunido a sair-lhe da cabeça, imaginou. A arma de Marathe estava no coldre debaixo do assento dele, escondida pela manta aos quadrados do colo. Matar facilmente a pessoa com autoridade era *inutile* nesta altura em que não vira a rapariga, tinha concluído, e mais, não era prático por causa das testemunhas à volta. A *fauteuil* de Marathe conseguia andar a quarenta e cinco quilómetros por hora numa superfície plana, numa distância curta. A pessoa com autoridade gostava de pentear o cabelo brilhante com a garra da mão deformada. Estava a dizer a Marathe, o falso drogado, que achava a honestidade dele encorajadora e a dizer-lhe para assinar os formulários. Enquanto Marathe assinava vagarosamente o nome de um administrador falecido dos Benefícios de Saúde na *Caisse de Dépôt et Placement*[313], a mulher começou a perguntar-lhe até que extremos acreditava que estava disposto a ir.

Toda a família estava infestada de segredos, tinha concluído ela, era parte da tristeza do jantar sem peru. De cada um, deles próprios, da família. E um dos maiores era o fingimento de que excentricidade manifesta era o mesmo que abertura. Isto é, que eles eram todos «exatamente tão loucos como parecem» – palavras do pontapeador.

Somos todos mais intuitivos em relação às famílias dos nossos amantes do que em relação às nossas próprias famílias, sabia ela. A cara de Charlotte Treat brilhava; as cicatrizes fundas das faces eram de um vermelho mais violento do que o resto. As costelas por baixo da *T-shirt Michelob Dry* estavam a começar a ficar salientes, o pescoço a ter aquele aspeto de caule esquelético da caquexia. Parecia uma ave destroçada. A cama de Kate Gompert estava por fazer, com um exemplar de um livro de bolso amarelado chamado *Feeling Good* aberto e virado para baixo, em cima do colchão, e a começar a encarquilhar. Joelle tinha um medo estranho de que Kate Gompert, que fazia com que Joelle se sentisse

extremamente nervosa, mesmo nas melhores circunstâncias, chegasse ao centro, entrasse e encontrasse Joelle a limpar, com o cabelo preso num lenço e o véu colado com a humidade. Usou o resto dos *Kleenexes* do quarto para limpar o pó a cinco mesas de cabeceira, limpando em círculos cuidadosos à volta dos objetos onde não devia tocar.

Depois houve uma complicação na situação quando a mulher da *demi-maison* ofereceu um lugar a Marathe. O desesperadamente drogado Henri, o suíço, podia dormir no sofá convertível no gabinete das traseiras nessa mesma noite, disse ela, se estivesse disposto a aguentar a confusão e às vezes os insetos do gabinete das traseiras. A mulher tinha um coração mole e *sympathique* para os aleijados, percebeu Marathe. Para a dificuldade da situação, não tinham sido preparadas frases por Fortier para recusar essa oferta de lugar de tratamento imediato na *demi-maison*. A mulher com autoridade sorriu e disse que conseguia ver na forma como ele brincava com as rodas da *fauteuil* a luta de um drogado entre o desespero e a negação. Marathe estava a calcular depressa se devia aceitar falsamente e ficar ali por uma noite para observar por si mesmo a descrição da paciente com véu da AHID, ou se devia sair e rolar, como se não fosse nada com ele, até ao sitio mais perto com telefone público para alertar a AFR, na loja, que ali naquela *demi-maison* havia a possibilidade de cartuchos verdadeiros do Entretenimento, incluindo talvez um original copiável ou o cartucho antídoto anti-*samizdat* da alegação da FLQ, voltar para *chez* Antitoi e regressar mais tarde em força chiadeira à *demi-maison* e adquirir tanto os cartuchos como a intérprete com o véu, se a doente da AHID do tratamento se revelar a intérprete disfarçada. O técnico de rádio tinha falado loquazmente do véu e do disfarce dessa pessoa. Ou a calcular também se devia telefonar não para a Antitoi Entertainment mas para o prefixo gratuito em funcionamento vinte e quatro horas por dia de M./Mlle. Steeply e transmitir a mesma informação, finalmente e em primeiro lugar, ao *Bureau des Services sans Spécificité,* apostando na ONAN e contra Fortier, pondo todas as suas fichas finalmente num só lado, transportando a restenótica mulher e os filhos com fome de entretenimento dos ermos devastados pela Convexidade de St.-Remi-d'Amherst para viverem com ele o resto das vidas ali entre a confusão de escolhas dos EUA, exigindo proteção secreta de Steeply e cuidados médicos caros para as dificuldades do

coração e da cabeça da adorada Gertraude.

Ou dizer a essa figura de autoridade médica para ter cuidado e olhar para trás por causa de uma grande aranha e logo a seguir quebrar-lhe o pescoço magrinho com uma mão e usar a consola do telefone no gabinete para chamar Fortier e um destacamento especial da AFR diretamente para esta *demi-maison*. Ou então chamar diretamente Steeply e as forças de uniformes brancos da ONAN. A autoridade fez uma flecha com os dedos debaixo do queixo e olhou para a cabeça inclinada de Marathe com uma cara de respeito e simpatia, mas não de solicitude, o que fez com que partir-lhe o pescoço com uma mão parecesse uma escolha triste a Marathe. Fingiu que era necessário fungar. Fortier e Broullîme, os outros da AFR que ele tinha conhecido bem desde os tempos em que ficavam juntos, tensos, nas interseções de muitos comboios, sob a Lua do céu – nenhum deles pressentiu verdadeiramente que Marathe tinha perdido o estômago para aquele tipo de trabalho. Que Marathe, ele tem de combater a náusea do estômago quando empurra o cabo afiado da vassoura *manche à balai*[*6] pelas entranhas do Antitoi durante o interrogatório técnico do Antitoi, e que mais tarde tinha vomitado na viela em segredo. Um dos cães do gabinete mordeu a pata traseira com grande ferocidade, em sofrimento. Nos EUA da ONAN, M/Mlle. Hugh Steeply, do clandestino USOUS/BSS, esconderia a família de Marathe em locais suburbanos obscuros, com documentos de identidade falsos feitos por especialistas acima de qualquer censura e alheios a qualquer suspeita; e Marathe, a familiaridade dele com o conhecimento da revolta quebequense seria confortavelmente recompensada mal *Notre Rai Pays* se separasse para sozinho provocar a ira de Gentle, o *chanteur-fou*[*7]. O triunfo da AFR na disseminação do Entretenimento letal asseguraria a Marathe umas valiosas boas-vindas de Gentle e os tratamentos para o ventrículo e a falta de crânio da adorada mulher. Marathe imaginou Gertraude com um capacete e um gancho de ouro, a respirar facilmente através de tubos caros. A variável do cálculo era quanto tempo ficar e trabalhar para a disseminação em oposição a quando saltar para a segurança das boas-vindas americanas. A cólera de Fortier seria implacável perante o *perdant son coeur* de Marathe[314], e seria capaz de ser muito mais sensato esperar até o Quebeque ter sido expulso e a AFR estar em plena atividade para revelar à ONAN que era um agente quádruplo, ele, Marathe.

Batendo à porta do gabinete ao mesmo tempo que entrava, apareceu uma

rapariga com falta de dentes, irradiando frio do exterior da *demi-maison,* inclinando só a metade superior do corpo para dentro do gabinete através da porta que tinha aberto.

– A picar o ponto, chefe – informou a rapariga com a nasalidade monocórdica de Boston, EUA.

A mulher com autoridade fez um sorriso e respondeu:

– Mais dois para entrevistar, Johnette, e depois raspo-me.

– Que seca.

– Podes abrir a porta às pessoas da barraca quando vierem buscar a senhora Lopate?

A rapariga inclinada assentiu com a cabeça estreita. Numa narina, um alfinete de ama estava *transpercé,* que cintilou na fluorescência da luz quando ela mexeu a cabeça.

– E a Janice diz que se vai pirar agora e se há algum recado para ela antes de ir.

A autoridade negou com a cabeça ao ouvir isto. A rapariga que estava à porta baixou os olhos para Marathe e disse «Ei!» ou «Eh!», num cumprimento de emoções neutras. Marathe sorriu com desespero e fingiu que fungava. Odor de fumo visível entrava pela porta aberta vindo do salão para lá do gabinete. Marathe decidiu-se firmemente contra partir quaisquer pescoços nesta visita, por causa de corpos que se inclinavam com subitaneidade para dentro do gabinete inesperadamente. O torso da pessoa começava a retirar-se quando de repente a autoridade olhou para cima e disse:

– Ah, e Johnette?

A porta abriu-se mais outra vez quando o regressado tronco respondeu:

– Iá?

– Fazes-me um favor? A Clenette H. trouxe uns cartuchos doados da ATE esta tarde.

– Deixa-me adivinhar.

– Os nativos estão impacientes. – A autoridade soltou uma gargalhada. – Uma novidade.

O torso riu-se também.

– Viste que o McDade está a ver *outra vez* aquela coisa coreana aqui na sala?

– Então podes passá-los em revista depois da hora de apagar as luzes, todos os

que puderes, verificá-los e certificares-te de que são apropriados?

– Nada de sexo, nada de drogas, bebidas só em pequenas quantidades – disse a rapariga como se estivesse a rever uma coisa ensaiada.

– Vê todos os que conseguires e depois deixa-los na secretária da Janice e, amanhã, mando-a distribuí-los ao início do turno do dia.

A rapariga com autoridade substituta traçou um círculo curioso com dois dedos no ar. Um sinal qualquer da mão para a autoridade principal. Cada um dos dedos da rapariga tinha um anel de tipo diferente.

– Os nativos vão ficar gratos, para variar.

– Estão no armário com as admissões – disse-lhe a autoridade.

– Vou vê-los durante a Vigilância de Sonhos, todos os que der tempo.

– E Johnette?

Mais uma vez, o torso voltou a esticar-se para dentro.

A mulher com autoridade disse:

– E não deixes que o Emil e o Wade atormentem o David K., está bem?

Marathe sorriu abertamente quando a porta se fechou por completo e a autoridade fez um pequeno gesto de desculpa por ter sido interrompida.

– Eu não tenho estes significados de *doados* e *nativos*, se posso perguntar com ousadia? – disse ele. – Nem de *atier*.

Uma gargalhada amigável. Ocorreu a Marathe que esta era uma pessoa feliz.

– Doados são coisas dadas. De que dependemos mais do que gostaríamos. Os residentes atuais e antigos estão sempre à coca. Às vezes, chamamos nativos aos residentes atuais; é um termo afetuoso. Aquela era a Johnette, é uma funcionária inteira[315]. Temos dois funcionários inteiros, ex-residentes do centro. Um está doente, mas a Johnette é... vais gostar da Johnette. A Johnette é preciosa. *ATE* são letras, A-T-E.

Marathe fingiu que ria alto.

– Peço perdão, pois pensei em *atier* com a pronúncia da minha Suíça natal.

A autoridade sorriu com compreensão.

– A ATE é uma escola privada. Geralmente, temos alguns residentes a trabalhar lá, em *part-time*. Fica no cimo da encosta.

Vendo o véu a ser puxado para trás por uns instantes com a inspiração dele, a autoridade mostrou surpresa na cara e disse:

– Mas sabias que Ennet é um centro de trabalho, não é assim? Normalmente,

os residentes têm um mês para arranjarem trabalho.

Exalando com cuidado, Marathe gesticulou debilmente como que a dizer Claro que sim.

---

*1 Palavra inventada em francês correspondente a *half-way house* («centro de reabilitação»). *(N. dos T.)*
*2 Possivelmente, a Capela de Santa Maria della Vittoria, onde se encontra a obra *Êxtase de Santa Teresa* de Bernini. *(N. dos T.)*
*3 White Anglo-Saxon Protestants. *(N. dos T.)*
*4 Licor mexicano à base de rum e café. *(N. dos T.)*
*5 Todos termos de calão para heroína. *(N. dos T.)*
*6 Cabo de vassoura. *(N. dos T.)*
*7 Cantor-louco. *(N. dos T.)*

11 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

PARTE DAS SEQUÊNCIAS DE MARIO para o documentário que o estão a deixar fazer sobre este outono na ATE consiste apenas em Mario a passear por diferentes partes da Academia com a câmara *Bolex H64* atada à cabeça e ligada por um cabo coaxial ao pedal, que ele segura, encostado ao peito por cima da camisola, com uma mão e faz funcionar com a outra. Às 21h00, está frio lá fora. Os campos centrais estão profusamente iluminados, mas só um está a ser utilizado; Gretchen Holt e Jolene Criess ainda estão a acabar uma espécie de maratona iniciada na sessão da tarde, com as mãos à volta dos punhos azuladas, o cabelo suado e congelado em espigões eletrificados, a pararem entre pontos para limparem o nariz com as mangas, com tantas camadas de camisolas que parecem uns barris, e Mario não se dá ao trabalho de mudar a velocidade da película, coisa que seria necessária para as filmar através da janela embaciada do quarto de Schtitt, onde se encontra. O barulho no quarto é ensurdecedor.

O quarto do treinador Schtitt é o 106, ao lado do gabinete dele, no rés do chão do edifício da Adm., a seguir ao gabinete da doutora Rusk, ao fundo de um corredor com duas esquinas, que sai do átrio.

É um quarto grande e vazio, construído para o seu sistema de som estereofónico. Chão de madeira a precisar de ser alisado, uma cadeira de madeira e uma cadeira de verga, uma cama militar. Uma mesinha baixa onde cabia à justa o suporte dos cachimbos de Schtitt. Uma mesa de jogo dobrável, fechada e encostada à parede. Azulejos de isolamento acústico em todas as paredes e nada decorativo pendurado ou montado nas paredes. Azulejos acústicos também no teto, com uma lâmpada nua com uma corrente comprida enganchada numa ventoinha de teto suja, com uma corrente curta. A ventoinha nunca gira, mas às vezes emite um ruído de má ligação. Há um ligeiro odor a canetas *Magic Marker* no quarto. Não há nada estofado, não há almofadas na cama, nada suave para absorver ou defletir o som do equipamento empilhado no chão, a negritude germânica de um sistema de som de alta qualidade, altifalantes do tamanho de Mario em cada canto do quarto, com o revestimento de tecido retirado, o que faz

com que cada cone dos altifalantes esteja à vista e a pulsar fortemente. O quarto de Sctitt é à prova de som. A janela dá para os campos centrais, a travessa metálica e o observatório diretamente por cima e a mutilar as sombras dos candeeiros dos campos. A janela fica por cima do radiador, que, quando o sistema estereofónico está desligado, faz uns estranhos ruídos surdos e metálicos como se alguém, nas profundezas dos subterrâneos, estivesse a martelar nas canalizações. A janela fria por cima do radiador está embaciada e estremece ligeiramente com os baixos wagnerianos.

Gerhart Schtitt está a dormir na cadeira de verga no meio do quarto vazio, a cabeça atirada para trás e os braços pendurados, as mãos sulcadas de artérias, onde se consegue ver a pulsação lenta. Os pés estão bem plantados no chão, os joelhos muito afastados, daquela maneira habitual de Schtitt se sentar por causa das varicoceles. Tem a boca parcialmente aberta e um cachimbo pendurado num ângulo perigoso num dos cantos. Mario filma-o a dormir durante um bocado, parecendo muito velho e branco e frágil, mas também, obscenamente, em boa forma física. O que está a tocar e a fazer com que a janela estremeça e que as gotas da condensação se juntem e escorram em linhas de pequenas bolinhas pelo vidro é um dueto que vai crescendo em volume e emoção: um segundo tenor alemão e uma soprano alemã estão ou muito felizes, ou muito infelizes, ou ambas as coisas. Os ouvidos de Mario são extremamente sensíveis. Schtitt só dorme no meio de óperas europeias excruciantemente altas. Tinha partilhado com Mario várias histórias de sinistras experiências infantis numa academia austríaca «Orientada para o Controlo da Qualidade», patrocinada pela BMW, que explicam as peculiaridades dele ao nível do sono REM[*1]. A soprano abandona o barítono e sobe a um ré alto, que fica ali, ou desfeito ou extático. Schtitt não se mexe, nem sequer quando Mario cai duas vezes ao tentar chegar à porta com as mãos a tapar as orelhas.

As escadas do edifício da Administração são estreitas e práticas. Corrimões de ferro vermelho, com o vermelho de uma primeira demão. Degraus e paredes da cor do cimento rugoso. Há nelas um eco arenoso que faz com que uma pessoa suba ou desça as escadas o mais depressa possível. O emplastro faz um ruído de sucção. Os corredores de cima estão vazios. Vozes baixas e luzes sob as portas no primeiro andar. As 21h00 ainda são período de estudo obrigatório. Não vai haver movimento a sério até às 22h00, quando as raparigas começarem a andar

de quarto em quarto, juntando-se, fazendo o quer que seja que os bandos de raparigas de robe e chinelas felpudas fazem às tantas da noite, até DeLint apagar todas as luzes dos dormitórios no disjuntor principal por volta das 23h00. Movimento isolado: uma porta ao fundo do corredor abre-se e fecha-se, as gémeas Vaught estão a ir para a casa de banho, ao fundo do corredor, apenas com uma enorme toalha, e uma das cabeças cheia de rolos. Uma das quedas de Mario no quarto do senhor Schtitt tinha sido sobre a anca queimada e o unguento do emplastro esborrachado está a começar a escurecer as calças de bombazina naquele lado da pélvis, embora não haja dor. Três vozes tensas atrás da porta de Carol Spodek e Shoshana Abram, listas de graus e distâncias focais, um grupo de estudo para o exame com o tema «Reflexões sobre a Refração» do senhor Olgivie, na manhã seguinte. Uma voz de rapariga, que ele não sabe de que quarto vem, diz «Íngreme, quente, praia, mar» duas vezes, muito claramente, e depois cala-se. Mario está encostado a uma parede do corredor, a mover a câmara numa panorâmica indolente. Felicity Zweig sai da porta do quarto ao lado da escada, com uma saboneteira na mão e com uma toalha enrolada à altura dos seios, como se houvesse seios, e avança na direção de Mario, a caminho da casa de banho. Estende o braço para a câmara, uma espécie de braço rígido e distante, quando passa:

– Só tenho uma toalha.

– Compreendo – diz Mario, usando os braços para se virar e apontar a objetiva para uma parede nua.

– Só tenho uma *toalha*.

Sons vivos e controlados de vómitos atrás da porta de Diane Prins. Mario apanha uns segundos de Zweig a afastar-se rapidamente com a toalha, passos minúsculos como os dos pássaros, parecendo terrivelmente frágil.

As escadas cheiram ao cimento de que são feitas.

Atrás da porta 310, a porta de Ingersoll e Penn, ouve-se o leve chiar da borracha de alguém a andar de um lado para o outro com canadianas. Alguém no quarto 311 está a gritar: «Controlo de tesão! Controlo de tesão!» Grande parte do segundo andar é para os rapazes com menos de catorze anos. A carpete do corredor está ectoplasmicamente manchada e os espaços de parede entre as portas cheios de cartazes de jogadores profissionais a promoverem equipamento. Alguém tinha desenhado uma barbicha e uns dentes afiados num velho póster

Donnay de Mats Wilander e o póster de Gilbert Treffert está desfigurado com insultos anticanadianos. A porta de Otis Lord tem a palavra enfermaria ao lado do nome dele no cartão de identificação. O nome no cartão de identificação na porta de Penn também tinha enfermaria. Sons de alguém a falar baixinho com alguém que está a soluçar a virem do quarto de Beak, Whale e Virgilio, com Mario a resistir ao impulso de bater à porta. A porta de LaMont Chu, logo ao lado, está completamente cheia de fotografias de jogos tiradas de revistas. Mario está a inclinar-se para trás para conseguir uns planos da porta quando LaMont Chu sai da casa de banho dessa extremidade do corredor, com um roupão turco, havaianas e o cabelo encharcado, literalmente a assobiar *Dixie*.

– Mario!

Mario apanha-o a avançar ameaçadoramente, as barrigas das pernas sem pelos e musculosas, a água do cabelo a pingar-lhe nos ombros do roupão a cada passo.

– LaMont Chu!

– O que é que se passa?

– Não se passa nada!

Chu para à distância normal para uma conversa. É apenas ligeiramente mais alto do que Mario. Ao fundo do corredor, abre-se uma porta e aparece uma cabeça que espreita e depois volta para dentro.

– Bem. – Chu endireita os ombros e olha para a câmara no cimo da cabeça de Mario. – Queres que eu diga qualquer coisa para a posteridade?

– Claro!

– O que é que eu devo dizer?

– Podes dizer o que quiseres!

Chu endireita-se e põe um olhar penetrante. Mario verifica o fotómetro no cinto e usa o pedal para encurtar a distância focal e ajusta o ângulo da lente da câmara um pouco para baixo, diretamente para Chu, e ouvem-se uns rangidozinhos do ajustamento saídos da *Bolex*.

Chu continua ali parado.

– Não consigo pensar em nada para dizer.

– Isso está sempre a acontecer-me.

– Mal o teu convite se tornou oficial, a minha cabeça ficou em branco.

– Acontece.

– Agora só há um campo estaticamente em branco.

– Sei perfeitamente do que é que estás a falar.

Ficam ali parados, em silêncio, o mecanismo da câmara a emitir um zumbidozinho.

Mario diz:

– Estou a ver que acabaste de sair do duche.

– Estive a falar com o bom do velho Lyle, lá em baixo.

– O Lyle é porreiro!

– Ia meter-me diretamente nos duches, mas o balneário tinha, tipo, uma espécie de odor.

– É sempre ótimo falar com o bom do velho Lyle.

– Por isso, vim cá para cima.

– Tudo o que estás a dizer é muito bom.

LaMont Chu fica uns instantes parado a olhar para Mario, que está a sorrir, e Chu percebe que ele quer assentir energicamente com a cabeça, mas não pode porque tem de manter a *Bolex* imóvel.

– O que eu estava a fazer era a informar o Lyle do fiasco do *Eschaton*, a falar-lhe da falta de informações fiáveis, dos boatos contraditórios que andam por aí, de que a Kittenplan e alguns dos companheirões vão ficar com as culpas. Da ação disciplinar contra os companheirões.

– O Lyle é uma pessoa excelente para falarmos das nossas preocupações – diz Mario, lutando para não assentir energicamente.

– A cabeça do Lord, a perna do Penn, o nariz partido do Postman. O que é que vai acontecer ao Incster?

– Estás a ser completamente natural. Isso é muito bom.

– Estou a perguntar-te se o Hal te disse o que é que eles vão fazer, se também vai ser castigado pelo Tavis. O Pemulis e a Kittenplan, até percebo, mas tenho dificuldade em aceitar que o Struck ou o teu irmão sejam castigados pelo que aconteceu. Foram apenas espectadores daquilo tudo. A companheirona da Kittenplan é a Spodek e ela nem sequer lá estava.

– Estou a filmar isto tudo, vais ficar satisfeito por saber.

Agora Chu está a olhar para Mario, o que para Mario é esquisito porque ele está a ver através do visor da câmara, com a perspetiva da lente, o que quer dizer que quando Chu baixa os olhos, afastando-os da lente para olhar para Mario, parece a Mario que ele está a olhar algures para sul, ao longo do tórax de Mario.

– Mario, estou a perguntar se o Hal te disse o que é que eles vão fazer a todos.

– É o que estás a dizer ou estás a perguntar-me?

– A perguntar.

A cara de Chu parece ligeiramente oval e convexa vista através da grande angular, com um aspeto saliente.

– Então e se eu quiser usar isto que estás a dizer para o documentário que me pediram para fazer?

– Jesus, Mario, usa o que quiseres. Só estou a dizer que tenho problemas de consciência com a ideia de o Hal e o Troeltsch serem castigados. E o Struck nem sequer pareceu que estivesse consciente na altura do fiasco propriamente dito.

– Devo dizer-te que acho que estamos a ver aqui o LaMont Chu completamente verdadeiro.

– Mario, esquece a câmara, estou aqui parado, a pingar e a perguntar-te se o Hal te contou o que se passou quando o Tavis os mandou chamar, ou seja, se ele te contou alguma coisa. Ao almoço, o Van Vleck disse que ontem viu o Pemulis e o Hal a saírem do gabinete do Tavis com o tipo da urina da Associação a agarrar os dois pela orelha. O Van Vleck disse que a cara do Hal estava da cor do *Kaopectate*.

Mario dirige a objetiva para as havaianas de Chu para poder olhar para ele por cima do visor.

– Estás a dizer-me isso, ou foi isso que aconteceu?

– Isso é o que te estou a perguntar *a ti*, Mario, se o Hal te contou o que aconteceu.

– Estou a perceber o que estás a dizer.

– Portanto, perguntaste-me se eu estava a perguntar e eu estou a perguntar-te.

Mario faz um *zoom* extremo: a pele de Chu é de um verde cremoso, sem um único folículo à vista.

– LaMont, vou ter contigo e conto-te tudo o que Hal me contar, isto está muito bom.

– Então não falaste com o Hal?

– Quando?

– Jesus, Mario, às vezes falar contigo é como tentar falar com uma porta.

– Isto está a correr muito bem!

Alguém gargareja. A voz de Guglielmo Redondo a passar as contas do rosário,

é o que parece, do lado de dentro da porta dele e de Esteban Reynes. A Clipperton Suite, na East House, tinha tido uma fita de plástico amarelo brilhante do Departamento da Polícia de Boston durante mais de um mês, lembra-se ele. A porta da casa de banho dos rapazes é de um tipo de madeira diferente do das portas dos quartos. A Suite Clipperton tinha colada uma fotografia de Ross Reat a fingir que beijava o anel de Clipperton junto à rede. O rugido de um autoclismo e o ranger da porta de um cubículo. A canalização da Academia é de alta pressão. Mario leva mais tempo a descer um lance de escadas do que a subir. A tinta vermelha da primeira demão mancha-lhe a mão, por se ter de agarrar ao corrimão com tanta força.

O silêncio especial da carpete do átrio e os cheiros a cigarros da marca *Benson & Hedges* na área da receção, a seguir ao átrio. As portas pequenas do corredor que estão sempre fechadas e nunca trancadas. Os forros de borracha nas maçanetas. Os maços de *Benson & Hedges* custam 5,60 dólares da ONAN na mercearia Father & Son, ao fundo da encosta. A luz da placa de identificação na secretária de Lateral Alice Moore, perigo: terceira via, não está acesa e o processador de texto está tapado com a sua capa de plástico baço. As cadeiras azuis têm marcas leves dos rabos das pessoas. A sala de espera está vazia e na penumbra. Alguma luz dos campos iluminados lá fora. Por baixo de portas duplas, vê-se luz, muito atenuada pelas portas duplas, que são do gabinete do reitor e que Mario não explora; Tavis fica tão enervado quando se vê numa situação de sociabilidade que envolva Mario que é embaraçoso para todos[316]. Se se perguntasse a Mario se ele se dava bem com o tio C.T., ele responderia: Claro. O fotómetro da *Bolex* está a indicar Impossível. A maior parte da luz disponível na área da receção vem do gabinete sem portas da deã das Mulheres. O que significa que a mã está lá dentro.

As carpetes muito espessas são particularmente perigosas para Mario quando está carregado de equipamento. Avril Incandenza, uma fanática pela luz, tem acesas todas as luzes do teto, dois *torchères* e alguns candeeiros de mesa e um cigarro *B&H* a arder no grande cinzeiro de barro que Mario lhe tinha feito na Rindge and Latin School. Está voltada de costas, na cadeira giratória, virada para a grande janela atrás da secretária, a ouvir alguém ao telefone, a segurar o auscultador debaixo do queixo como se fosse um violino e a levantar um agrafador para ver se está carregado. A secretária tem o que parece ser uma linha

de horizonte de pilhas de pastas e livros dispostas em grelha; nada oscila. O livro aberto em cima da mesa e virado para Mario é o seminal *Introduction to Montague Semantics* de Dowty, Wall e Peters[317], que tem ilustrações fascinantes, para as quais Mario desta vez não olha, tentando filmar a cabeça inclinada da mã e a antena esticada do telefone tendo como pano de fundo a nuvem do cabelo dela, apanhando-a por trás e desprevenida.

Mas o barulho de Mario a entrar numa sala, mesmo com uma carpete espessa, é inconfundível, além de que ela consegue ver o reflexo dele na janela.

– Mario!

Os braços dela levantam-se e fazem um V, o agrafador aberto numa mão, voltada para a janela.

– A mã!

São uns bons dez metros da mesa para seminários, do monitor e do quadro portátil até à parte mais afastada do gabinete, onde está a secretária e cada passo na carpete espessa é instável, com Mario a parecer um homem muito velho e de ossos frágeis ou uma pessoa a transportar uma carga de coisas frágeis por uma encosta muito íngreme.

– *Olá!*

Ela está a dirigir-se ao reflexo dele na janela dividida em quatro, observando-o a pousar cuidadosamente o pedal em cima da secretária e a debater-se para tirar a mochila que traz às costas.

– Não é contigo – diz ela para o telefone. Aponta o agrafador para a imagem da *Bolex* na imagem da cabeça dele. – Estamos no ar?

Mario dá uma gargalhada.

– Gostarias de estar?

Ela diz para o telefone que ainda lá está, que Mario acabou de entrar.

– Não quero interromper o teu telefonema.

– Não sejas absurdo – diz ela, não para o telefone, mas para a janela.

Roda a cadeira para ficar de frente para Mario, a antena do telefone a descrever uma meia-lua e agora a apontar para a janela atrás dela. Há duas cadeiras azuis iguais às cadeiras da receção à frente da secretária dela; não faz sinal a Mario para que se sente. Mario está muitíssimo confortável de pé, inclinado para o fecho de polícia que está a tentar soltar do colete de lona e depois baixar, ao mesmo tempo que tira a mochila das costas. Avril olha para ele

como o tipo de mãe excecional que só de olhar para o filho fica feliz. Não se oferece para o ajudar a tirar o suporte de chumbo de dentro da mochila porque sabe que ele se sentiria completamente à vontade para lhe pedir ajuda se precisasse. É como se sentisse que aqueles dois filhos são as únicas pessoas na vida dela a quem quase não precisa de dizer nada de importante, coisa que adora. A *Bolex*, a braçadeira e o visor por cima da testa e dos olhos de Mario dão-lhe um ar subaquático. Os movimentos dele para ajustar e apertar o fecho de polícia são ao mesmo tempo graciosos e hábeis. Os campos centrais iluminados, agora vazios, são visíveis do lado esquerdo da janela de Avril se uma pessoa se inclinar bastante para a frente e espreitar. Alguém se esqueceu de um saco de equipamento e de um monte de raquetas ao pé do poste da rede no Campo 17.

Os silêncios entre eles são perfeitamente confortáveis. Mario não sabe se a pessoa ao telefone ainda está a falar ou se Avril ainda não pousou o telefone desligado. Continua a segurar no agrafador preto. Este está aberto e lembra um crocodilo na mão dela.

– Estavas de passagem e resolveste espetar a cabeça aqui dentro para dizer olá? Ou, esta noite, sou um tema para ti?

– Podes ser um tema, mã. – Roda a cabeça enorme num círculo cansado. – Fico fatigado a usar isto.

– Fica pesado. Já lhe peguei.

– É bom.

– Lembro-me de quando ele fez isso. Teve tanto cuidado a fazê-lo. Acho que foi a última vez que ele se divertiu realmente a fazer uma coisa.

– É fantástico!

– Levou semanas a montar tudo.

Mario também gosta de olhar para ela, aproximando-se e deixando-a ver que gosta de olhar. São as duas pessoas menos embaraçáveis que tanto um como o outro conhece. Avril raramente fica ali até tão tarde; tem um grande escritório na residência do reitor. A única coisa que deixa entender que ela está fatigada é quando o cabelo se transforma num enorme remoinho branco, como uma onda do mar feita de cabelo, e só de um lado, o lado do telefone, espetado e a tocar na antena. O cabelo dela era branco como a neve desde que Mario se lembra de a ver pela primeira vez a olhar para ele através do vidro da incubadora. As fotografias do cabelo do pai dela eram iguais. O cabelo caía-lhe até meio das

costas coladas à cadeira e ao longo dos dois braços, chegando até perto dos cotovelos. O risco deixa ver o couro cabeludo rosado. Tem o cabelo sempre limpo e bem penteado. Traz um dos apitos grandes do senhor DeLint pendurado ao pescoço. O enorme remoinho branco projeta uma sombra curva no parapeito da janela. Há duas bandeiras, uma com a folha do ácer e outra com as cinquenta estrelas dos EUA, penduradas em mastros de latão de cada lado da janela; num canto afastado, estão pendões com flores-de-lis em postes finos, altos e polidos. O gabinete de C.T. tem uma bandeira da ONAN e uma bandeira dos EUA com quarenta e nove estrelas[318].

– Tive um diálogo de interação de qualidade com o LaMont Chu lá em cima. Mas fiz com que a miúda Felicity, aquela muito magrinha... ela ficou aborrecida. Disse que só tinha uma toalha.

– A Felicity está ótima. Então, estás só a passear. Umas sequências peripatéticas.

Ela recusa-se a adaptar a sintaxe, a falar-lhe num tom condescendente, não seria digno dele, embora ele não pareça importar-se quando a maioria das pessoas faz isso, lhe fala num tom condescendente.

Nem lhe vai perguntar pela queimadura na pélvis a não ser que ele mencione o assunto. Tem muito cuidado em não meter o nariz na saúde de Mario, a não ser que ele refira alguma coisa, com receio de que ele possa considerar que ela está a ser intrometida ou a sufocá-lo.

– Vi as tuas luzes acesas. Porque é que a mã ainda está aqui, pensei para comigo.

Ela fingiu que se agarrava à cabeça.

– O melhor é nem perguntares. Ainda me ponho a lamuriar. Amanhã vou ter um dia horrivelmente ocupado.

Mario não a ouviu despedir-se do homem quando pousou o telefone e agora a antena está apontada ao peito de Mario. Avril está a apagar a beata do *Benson & Hedges* no recipiente recortado que Mario apertou e retalhou com golpes de karaté e depois meteu no centro da taça, quando a fez, depois de ela lhe ter dito que queria que aquilo fosse um cinzeiro.

– Dá-me tanto prazer ver-te aí em pé, todo equipado para o trabalho – disse ela. – *À caça!*

Apagou umas fagulhas soltas na taça. Achava que fumar ao pé de Mario fazia

com que ele ficasse preocupado, embora ele nunca tivesse dito nada sobre o assunto, nem contra nem a favor.

– Tenho um compromisso para o pequeno-almoço às sete da manhã, o que quer dizer que tenho de me concentrar a sério para acabar de preparar agora as aulas da manhã, por isso esgueirei-me para aqui para fazer isso em vez de andar com as coisas para trás e para a frente.

– Estás cansada?

Ela limitou-se a sorrir-lhe.

– Isto está desligado. – Apontando para a cabeça. – Desliguei-o.

Olhando para eles, nunca se advinharia que eram família, um sentado e o outro de pé, inclinado para a frente.

– Jantas connosco? Nem sequer tinha pensado no jantar até te ver. Nem sequer sei o que é que poderá ser o jantar. Muitas *Maravilhas*[319]. Cartilagem de peru. O teu saco-cama está ao pé do rádio. Dormes lá outra vez? O Charles ainda está numa reunião, acho que foi o que ele disse.

– Sobre o fiasco com o *Eschaton* e o nariz do Postman?

– Apareceu por cá uma jornalista para fazer uma reportagem sobre o teu irmão. O Charles é que vai falar com ela, em vez dos alunos. Podes falar com ela sobre o Orin se te apetecer.

– Ela tem andado *à caça* do Hal, disse o Ortho.

Avril tem uma maneira especial de inclinar a linda cabeça para ele.

– O pobre do teu tio Charles tem estado com a Thierry e essa pessoa da revista desde o início da tarde.

– Falaste com ele?

– Tenho andado a tentar apanhar o teu irmão. Não está no vosso quarto. A Mary Esther viu o Pemulis a levar o camião-reboque antes do período de estudo. O Hal está com ele, Mario?

– Não vejo o Hal desde o almoço. Disse-me que tinha tido uma coisa qualquer com um dente.

– Só hoje é que soube que ele tinha ido ao Zeggarelli.

– Perguntou-me como é que está a queimadura na minha pélvis.

– E eu não vou perguntar nada sobre isso, a não ser que me queiras dizer como é que está a correr.

– Está ótima. Além disso, o Hal disse que gostava que eu voltasse e dormisse

no quarto com ele.

– Deixei-lhe duas mensagens a pedir-lhe que me desse notícias do dente. Queridinho, sinto-me mal por não ter estado lá para o apoiar. O Hal e os dentes dele.

– O C.T. contou-te o que aconteceu? Estava aborrecido? Era com o C.T. que estavas ao telefone?

Mario não consegue perceber por que razão a mã havia de falar com C.T. pelo telefone quando ele está mesmo ali, do outro lado do corredor, no gabinete. Quando não estava a fumar, Avril tinha muitas vezes uma caneta na boca; Mario não sabia porquê. Tem uma caneca da faculdade com umas cem canetas lá dentro, em cima da secretária. Gosta de se recostar, sentando-se superdireita e agarrando os braços da cadeira, numa postura de comando. Quando faz isso, lembra a Mario uma coisa que ele não é capaz de identificar. Não para de pensar na palavra *tufão*[*2]. Sabe que ela não está a tentar ser conscientemente autoritária com ele.

– Como é que foi o teu dia, quero saber.

– Ei, mã?

– Decidi há muitos anos que a minha posição tem de ser a de confiar nos meus filhos e de nunca dar crédito ao que terceiros dizem quando as linhas de comunicação com os meus filhos se revelam tão abertas e sem preconceitos, como tenho sorte nisso.

– Isso parece uma posição muito boa. Ei, mã?

– Por isso, não tenho problema nenhum em esperar para ouvir essa história do *Eschaton*, dos dentes e da urina contada pelo teu irmão, que virá falar comigo na altura em que achar que é indicado vir falar comigo.

– Ei, mã?

– Estou mesmo aqui, queridinho.

Magnata é o termo que a sua maneira autoritária de se sentar sugere, agarrada à cadeira, uma caneta presa nos dentes como o charuto de um homem de negócios. Havia outras marcas na carpete felpuda.

– Mã?

– Sim.

– Posso perguntar-te uma coisa?

– À vontade.

– Isto está desligado – diz Mario, a apontar outra vez para o aparelho silencioso que tem em cima da cabeça.

– Então quer dizer que é uma coisa confidencial?

– Não há nenhum segredo. O meu dia foi andar a pensar numa coisa. Na minha cabeça.

– Estou sempre aqui para ti a qualquer hora do dia ou da noite, Mario, tal como tu estás para mim, tal como eu estou para o Hal e tal como estamos todos uns para os outros. – Faz um gesto difícil de descrever. – Aqui mesmo.

– Mã?

– Estou aqui mesmo, com toda a minha atenção focada em ti.

– Como é que sabes que uma pessoa está triste?

Um sorriso rápido.

– Queres dizer se alguém está triste.

Mario retribui-lhe o sorriso, mas continua com um ar sério.

– Isso melhora imenso a coisa. *Se* alguém está triste, como é que podes saber de certeza?

Os dentes dela não estão descoloridos; está sempre a limpá-los no dentista por fumar, um hábito que detesta. Hal herdou os problemas dentários de Ele Mesmo; Ele Mesmo tinha problemas horríveis com os dentes; metade dos dentes dele eram pontes.

– Tu não és propriamente insensível quando se trata de pessoas, queridinho – diz ela.

– E se tu, tipo, só *suspeitasses* que alguém está triste. Como é que reforças essa suspeita?

– Confirmo a suspeita?

– Na tua cabeça.

Algumas das marcas na carpete felpuda são de sapatos, consegue ver, e algumas são diferentes, quase como nós dos dedos. A postura lordótica faz dele um observador arguto de coisas como marcas nas carpetes.

– Como é que eu, pela parte que me toca, confirmo uma suspeita de que alguém está triste, é o que queres dizer?

– Sim. Bom. Certo.

– Bem, a pessoa em questão pode chorar, soluçar, lamuriar-se e, em certas culturas, prantear, carpir ou rasgar a roupa.

Mario assente encorajadoramente e o aparelho em cima da cabeça retine um bocadinho.

– Mas, digamos, num caso em que a pessoa não chora nem rasga a roupa. Mas, mesmo assim, suspeitas que está triste.

Avril serve-se de uma mão para rodar a caneta na boca, como se fosse um bom charuto.

– Ele, ou ela, pode, em alternativa, suspirar, mostrar-se apático/a, franzir o sobrolho, sorrir sem vontade, parecer sorumbático/a, curvar os ombros, olhar para o chão mais do que é apropriado.

– Mas e se não fizer nada disso?

– Bem, ele, ou ela, pode agir mostrando-se distraído/a, perdendo o entusiasmo por interesses anteriores. A pessoa pode apresentar o que parece ser preguiça, letargia, fadiga, indolência, uma certa relutância passiva para comunicar contigo. Torpor.

– E que mais?

– Pode parecer invulgarmente deprimido/a, calado/a, literalmente «em baixo».

Mario apoia todo o peso do corpo no suporte, o que faz com que a cabeça se projete para a frente; a expressão dele tem algo de torturada e revela perplexidade, uma tentativa de compreender uma coisa difícil. Pemulis chamava-lhe a Cara de Pesquisa de Dados de Mario, o que agradava a Mario.

– E se, às vezes, a pessoa até agir de forma menos deprimida do que o normal? Mas, mesmo assim, continuas com essas suspeitas na cabeça?

Sentada, Avril tem quase a mesma altura que Mario em pé e inclinado para a frente. Nenhum deles está a olhar diretamente para o outro, ambos com um desvio de uns quantos graus. Avril bate ao de leve com a caneta nos dentes da frente. A luz do telefone está a piscar, mas não se ouve tocar. A antena do auscultador da coisa ainda está a apontar para Mario. As mãos não revelam a idade dela. Empurra ligeiramente a cadeira de executiva para trás para cruzar as pernas.

– Sentias-te mais confortável se me dissesses se estamos a falar de uma pessoa em particular?

– Ei, mã?

– Há alguma pessoa em concreto em que estejas a intuir tristeza?

– Mã?

– Isto tem que ver com o Hal? O Hal está triste e, por qualquer razão, ainda não é capaz de falar disso?

– Estou só a perguntar como é que se tem a certeza em termos gerais.

– E não fazes ideia de onde é que ele está ou se saiu triste da Academia hoje à tarde?

O almoço tinha sido exatamente igual ao do dia anterior: pasta com atum e alho e pão de trigo espesso, a salada obrigatória, leite ou sumo, e peras com molho numa taça. A senhora Clark havia faltado essa manhã por motivo de doença porque quando tinha vindo trabalhar, Pemulis disse ao almoço que uma das raparigas que servem o pequeno-almoço lhe tinha dito que estavam vassouras na parede, a formarem um X de vassouras, aparecidas do nada, na parede, quando ela entrou muito cedo para acender o caldeirão *Wheatina*, e o facto de ninguém saber como tinham ido lá parar as vassouras, por que razão ou quem as tinha colado lá pôs em franja os nervos da senhora Clark, que estava com os Incandenza há muito tempo, muito antes da ATE, e sofria dos nervos.

– Não vejo o Hal desde o almoço. Comeu uma maçã que cortou aos bocados e depois pôs-lhe manteiga de amendoim, em vez de comer as peras com molho.

Avril assentiu com a cabeça vigorosamente.

– O LaMont também não sabia. O senhor Schtitt está a dormir na cadeira no quarto dele. Ei, mã?

Avril Incandenza consegue passar uma *Bic* de um lado para o outro da boca sem usar a mão; nunca sabe que o está a fazer quando o está a fazer.

– E então, estamos ou não a falar de alguém em particular?

Mario sorri-lhe.

– Então, hipoteticamente, podes estar a perceber em alguém um tipo de tristeza muito estranha que surge como uma espécie de dissociação de si mesma, queridinho.

– Não percebo *dissociação*.

– Bom, querido, mas conheces a expressão «Não estares em ti». «Ele hoje não está em si», por exemplo – diz ela, curvando e abrindo os dedos para formar aspas de cada lado do que está a dizer, o que Mario adora. – Ao que parece, há pessoas que têm um medo profundo das suas próprias emoções, principalmente das dolorosas. Sofrimento profundo, arrependimento, tristeza. A tristeza, principalmente, talvez. A Dolores descreve essas pessoas dizendo que têm medo

da obliteração, da subjugação emocional. Como se uma coisa verdadeira e completamente sentida não tivesse fim ou fundo. Se tornasse infinita e as subjugasse.

– *Subjugar* quer dizer *obliterar*.

– Estou a dizer que essas pessoas têm uma opinião muito frágil de si próprias enquanto pessoas. Como se nem existissem. Esta interpretação é «existencial», Mario, o que quer dizer vaga e um bocadinho maluca. Mas acho que é capaz de ser verdade em certos casos. O meu próprio pai contava histórias do pai dele, que tinha tido uma quinta para cultivo de batatas em St. Pamphile e muito maior do que a do meu pai. O meu avô tinha tido uma colheita fabulosa numa estação e queria investir dinheiro. Isto foi no início dos anos vinte do século passado, quando havia muito dinheiro a ganhar em empresas que surgiam do dia para a noite e em novos produtos americanos. Ao que parece, reduziu a coisa a duas escolhas: um ponche *Delaware* ou um obscuro substituto de café, doce e gasoso, que se vendia em distribuidores automáticos para gasosas nas farmácias, e que se dizia que continha uma ínfima quantidade de cocaína, o que deu origem a uma grande controvérsia à época. O pai do meu pai escolheu o ponche *Delawre*, que, ao que parecia, sabia a sumo de mirtilos rançoso e cujo fabricante faliu. E depois as duas colheitas de batatas seguintes foram dizimadas por pulgões, o que o obrigou a ter de vender a quinta. E a *Coca-Cola* é agora a *Coca-Cola*. No entanto, o meu pai dizia que o pai dele mostrava muito pouca emoção, ou raiva, ou tristeza em relação a isso. Que, por qualquer razão, não era capaz. O meu pai dizia que o pai estava paralisado e só conseguia sentir emoções quando estava bêbado. Segundo parecia, embebedava-se quatro vezes por ano, chorava por causa da vida que tinha, atirava o meu pai pela janela da sala de estar e desaparecia durante vários dias, vagueando pelo campo de L'Islet Province, bêbado e enraivecido.

Durante todo esse tempo, Avril não esteve a olhar para Mario, embora Mario tivesse estado a olhar para ela.

Ela sorriu:

– O meu pai, claro, só conseguia contar esta história quando *ele próprio* estava bêbado. Mas nunca atirou ninguém de janela nenhuma. Limitava-se a ficar sentado na cadeira dele, a beber cerveja e a ler o jornal, durante horas, até cair da cadeira abaixo. E foi então que, um dia, caiu da cadeira e não se voltou a

levantar, e foi assim que o teu avô do lado materno morreu. Eu nunca teria entrado para a Universidade se ele não tivesse morrido quando eu ainda era uma rapariguinha. Ele achava que a educação era um desperdício para as raparigas. Era a maneira de pensar na época dele; não tinha culpa. A herança que deixou pagou-nos a Universidade, ao Charles e a mim.

Tinha estado a sorrir simpaticamente durante todo esse tempo, despejando as beatas do cinzeiro no cesto dos papéis, limpando a parte de dentro da taça com um *Kleenex*, endireitando pilhas de pastas já direitas em cima da secretária. Umas fitas enrugadas de papel vermelho vivo pendiam por cima da borda do cesto dos papéis, que normalmente estava despejado e limpo.

Avril Incandenza é o tipo de mulher alta e bonita, cuja beleza nunca foi exatamente de classe mundial, nem de revista cara, mas que cedo atingiu um ponto alto na escala da beleza e que se tem mantido nesse ponto à medida que envelhece e muitas outras mulheres bonitas também envelhecem e vão ficando menos bonitas. Tem cinquenta e seis anos e Mario ainda sente prazer apenas por poder olhar para a cara dela. Não se considera bonita, ele sabe. Orin e Hal herdaram partes da beleza dela, mas de formas diferentes. Mario gosta de olhar para Hal e para a mãe de ambos e tentar ver como o facto de se ter as feições mais esguias ou mais espaçadas torna a cara de uma mulher diferente da de um homem, em pessoas atraentes. Uma cara masculina contra uma cara que se consegue ver que é feminina. Avril acha que é demasiado alta para ser bonita. Tinha parecido muito menos alta em comparação com Ele Mesmo, que era extraordinariamente alto. Mario usa pequenos sapatos especiais, quase perfeitamente quadrados, com pesos nos calcanhares e tiras de *Velcro* em vez de atacadores, e um par de calças de bombazina que Orin Incandenza tinha usado na primária, que Mario continua a preferir em vez das calças novas em folha que lhe vão dando, e uma camisola às riscas, como uma pulga, quente e de decote redondo.

– O que eu quero dizer é que há certos tipos de pessoas que ficam aterrorizadas só de meterem o dedo grande do pé numa mágoa ou numa tristeza genuinamente sentidas, ou de se zangarem. Isto quer dizer que têm medo de viver. Estão aprisionados dentro de qualquer coisa, acho eu. Paralisados por dentro, emocionalmente. Porque é que isto acontece? Ninguém sabe, queridinho. Às vezes, chamam-lhe «supressão». – Volta a curvar e a abrir os dedos. – A

Dolores acha que isso resulta de um trauma de infância, mas eu desconfio que não é sempre assim. Pode haver pessoas que nascem aprisionadas. A ironia, claro, é que a própria prisão que proíbe a expressão da tristeza deve ser em si mesma triste e dolorosa. Para a hipotética pessoa em questão. É capaz de haver pessoas tristes aqui mesmo, na Academia, que são assim, Mario, e, se calhar, tu és sensível a isso. Não és propriamente insensível no que diz respeito às pessoas.

Mario volta a coçar o lábio.

– O que eu vou fazer – diz ela, inclinando-se para a frente para escrever qualquer coisa num *post-it* com outra caneta, não a que tem na boca – é escrever-te os termos *dissociação, submersão* e *supressão,* que vou pôr ao lado de outra palavra, *repressão,* com um sinal de desigual, sublinhado, entre cada uma delas, porque elas denotam coisas diferentes e não devem ser consideradas sinónimas.

Mario inclina-se ligeiramente para a frente.

– Às vezes, tenho medo quando te esqueces que tens de falar de forma mais simples comigo.

– Bem, então peço desculpa e ao mesmo tempo fico grata por conseguires dizer-me isso. A verdade é que me esqueço das coisas. Especialmente quando estou cansada. Esqueço-me e embalo.

Alisa o papelinho, dobra-o ao meio e depois novamente ao meio e atira-o para o cesto dos papéis, sem precisar de olhar para ver onde o cesto estava. A cadeira dela é uma bela cadeira giratória de couro, mas guincha um bocadinho quando ela se inclina para a frente ou para trás. Mario percebe que ela está a forçar-se a não olhar para o relógio de pulso, o que é uma coisa boa.

– Ei, mã?

– Então, as pessoas que estão tristes, mas que não podem permitir-se sentir-se tristes, ou a expressá-la, a tristeza... estou a tentar dizer, de uma forma bastante confusa, que estas pessoas podem parecer, a quem é sensível, que não estão lá muito bem. Que não estão bem ali. Inexpressivas. Distantes. Caladas. Distantes. *Aluadas,* era um termo americano com que crescemos. Paralisadas. Amortecidas. Desligadas. Distantes. Ou podem beber álcool ou tomar drogas. As drogas atenuam a tristeza real e ao mesmo tempo permitem que uma versão distorcida da tristeza tenha algum tipo de expressão, como, por exemplo, atirar uma pessoa pela janela de uma sala para uns canteiros que ela tinha reparado com tanto cuidado depois do último incidente.

– Mã, acho que estou a perceber.

– Então já estás mais descansado, para eu não ter de continuar para aqui a divagar?

Tinha-se levantado para se servir do último bocadinho de café que havia no jarro de vidro. Por isso, tem as costas quase voltadas para ele, enquanto está ali em pé, junto do pequeno aparador. Umas calças de uma equipa de futebol americano, velhas e dobradas, e um capacete estão em cima de um dos armários ao lado da bandeira. A única recordação que tem de Orin, que não fala nem contacta com eles seja de que maneira for. Tem uma caneca velha com um desenho de uma pessoa com um vestido, pequena e perspetivamente distante, num campo de trigo ou centeio que lhe chegava aos joelhos, que diz para uma mulher excecional no seu campo. Um *blazer* azul com a insígnia da ONANTA está cuidadosamente pendurado num cabide de madeira, no braço metálico de um bengaleiro no canto. Sempre tomou o café na caneca excecional no seu campo, mesmo em Weston. A mã pendura coisas, como camisas e *blazers,* com mais cuidado, para não enrugarem, do que qualquer pessoa viva. A caneca tem uma racha fina como um cabelo ao longo de um dos lados, mas não está suja nem manchada e ela nunca deixa batom na borda, como fazem outras senhoras com mais de cinquenta anos, que deixam as bordas cor-de-rosa. Mario foi involuntariamente incontinente até aos primeiros anos da adolescência. O pai e, mais tarde, Hal tinham-lhe mudado as fraldas durante anos, sem nunca terem feito juízos negativos ou enrugado as caras, nem agido como se estivessem aborrecidos ou tristes.

– Só que... ei, mã?

– Continuo aqui mesmo.

Avril não conseguia mudar fraldas. Viera ter com ele, lavada em lágrimas, quando ele tinha sete anos, e tinha-se explicado e pedido desculpa. Muito simplesmente, não conseguia lidar com fraldas. Não conseguia mesmo. Havia soluçado e pedido que lhe perdoasse e lhe garantisse que compreendia que isso não significava que ela não o amasse mais do que a própria vida ou que o achasse repelente.

– Podes ser sensível a uma coisa triste mesmo sem que a pessoa não esteja em si?

Ela gosta especialmente de agarrar a caneca de café com as duas mãos.

– Desculpa?

– Explicaste tudo muito bem. Ajudou imenso. Só que e se a pessoa estiver quase, tipo, ainda *mais* em si do que o normal? Do que estava antes? E se ele não estiver em branco ou morto? Se ainda está mais em si do que antes de uma coisa triste ter acontecido? E se isso acontecer e tu continuares a pensar que ele está triste, dentro dele, algures?

Uma coisa que acontece a Avril desde que fez cinquenta anos é ficar com uma linhazinha vermelha oblíqua na pele entre os olhos quando não compreende o que uma pessoa está a dizer. A menina Poutrincourt fica com a mesma linhazinha e só tem vinte e oito anos.

– Não te estou a perceber. Como é que uma pessoa pode ser demasiado ela própria?

– Acho que queria perguntar-te isso.

– Estamos a falar do teu tio Charles?

– Ei, mã?

Ela finge que bate na cabeça por ser obtusa.

– Mário, queridinho, és *tu* que estás triste? Estás a tentar averiguar se eu tenho andado a sentir que tu *próprio* estás triste?

O olhar de Mario não para de saltitar entre Avril e a janela atrás dela. Pode ativar o pedal da *Bolex* com as mãos, se for necessário. As luzes das torres dos campos centrais lançam uma estranha mortalha na noite. O céu agita-se com o vento e está com nuvens altas, escuras e finas, cujo padrão de movimentos tem uma espécie de ziguezague contorcido. Tudo isto é visível para lá dos pálidos reflexos da sala iluminada e dos pequenos e estranhos lúmenes que parecem manchas entrecruzadas das luzes dos campos de ténis.

– Embora, claro, o sol desaparecesse da minha vida se eu não pudesse partir do princípio que virias simplesmente ter comigo para me dizer que estavas triste. Não seria preciso intuição nenhuma em relação a isso.

E para além disso, para leste, a seguir a todos os campos, é possível ver-se, lá em baixo, algumas luzes nas casas do complexo do Hospital da Marinha de Enfield e, mais além, os faróis dos carros e as luzes das lojas da Commonwealth e a estátua da senhora vestida e iluminada, de ar deprimido, no cimo do St. Elizabeth’s Hospital. Para norte e à direita, por cima de diferentes luzes, está a ponta vermelha e giratória do transmissor da WYYY, o seu círculo vermelho a

rodar e a refletir-se no visível rio Charles, o Charles a transbordar com a chuva e a neve derretida, iluminado em certas partes pelos faróis na Memorial e na Storrow 500, o rio a espraiar-se, inchado e corcovado, a sua superfície um mosaico de arco-íris oleosos e troncos mortos, gaivotas a dormirem ou a chocarem ovos, oscilando para cima e para baixo, com as cabeças debaixo das asas.

A escuridão tinha uma forma sem distância. O teto do quarto até podia ter sido feito de nuvens.

– Skkkkk.

– Booboo?

– Skk-kk.

– Mario.

– Hal!

– Estavas a dormir, Boo?

– Acho que não.

– Porque eu não queria acordar-te se estivesses.

– Está escuro ou sou eu?

– O Sol só vai nascer daqui a um bom bocado, acho eu.

– Então está escuro.

– Booboo, tive um sonho mesmo horrível.

– Estavas a dizer «Obrigado, senhor, pode dar-me outra?» várias vezes.

– Desculpa, Boo.

– Muitas vezes.

– Desculpa.

– Acho que dormi durante esse tempo todo.

– Jesus, até se consegue ouvir o Schacht a ressonar lá do outro lado. Até se consegue sentir as vibrações dos roncos na barriga.

– Não ouvi nada. Nem sequer te ouvi entrar.

– Foi uma surpresa bastante agradável entrar e ver o bom do velho vulto do Mario, com as suas muitas almofadas, outra vez no beliche dele.

– ...

– Espero que não tenhas voltado a trazer o saco-cama para aqui só porque te pareceu que eu era capaz de te estar a pedir. Para o fazeres.

– Descobri uma pessoa que tem cassetes com emissões antigas da Madame Psicose, para ouvir até ela regressar. Preciso que me mostres como é que peço a uma pessoa que não conheço para me emprestar as cassetes, já que somos ambos fãs devotos.

– ...

– Ei, Hal?

– Booboo, sonhei que estava a perder os dentes. Sonhei que apodreciam e secavam e se transformavam em xisto e que se estilhaçavam quando eu comia ou falava, e eu estava a largar fragmentos por todo o lado e houve uma parte mais comprida em que eu estava a ver os preços de dentaduras.

– Ontem à noite, a noite inteira, as pessoas vinham ter comigo a perguntar onde está o Hal, viste o Hal, o que é que aconteceu com o C.T. e o médico da urina e a urina do Hal. A mã perguntou onde está o Hal e eu fiquei espantado com isso por ela fazer sempre tanta questão de nunca querer controlar onde é que estamos.

– Depois, sem nenhuma continuidade dentro do sonho, estou sentado num quarto frio, completamente nu, numa cadeira ignífuga, e estou sempre a receber pelo correio contas relacionadas com os dentes. Um carteiro não para de bater à porta e de entrar sem ser convidado para me entregar várias contas relacionadas com os dentes.

– Ela quer que saibas que tem sempre confiança em ti e que tu és demasiado digno de confiança para ela se preocupar ou ter de vigiar.

– Só que não são para os meus dentes, Boo. As contas são para os dentes de *outra* pessoa qualquer, não para os meus dentes, e parece que não consigo convencer o carteiro a reconhecer isso, que não são para os meus dentes.

– Prometi ao LaMont Chu que lhe passava qualquer informação que me desses, ele estava tão preocupado.

– As contas vêm em envelopezinhos com janelas plastificadas que mostram a parte do endereço das contas. Ponho-os no colo até que a pilha fica tão grande que começam a escorregar do topo e a cair no chão.

– O LaMont e eu tivemos um grande diálogo sobre as preocupações dele. Gosto muito do LaMont.

– Booboo, lembras-te por acaso do *S. Johnson*?

– O *S. Johnson* era o cão da mã. Que faleceu.

– Então lembras-te de como ele morreu.

– Ei, Hal, lembras-te de uma altura, lá em Weston, em que éramos pequenos e a mãe não ia a lado nenhum sem o *S. Johnson*? Levava-o com ela para o trabalho e tinha aquela cadeira de carro especial para ele quando tinha o *Volvo*, antes de Ele Mesmo ter o acidente com o *Volvo*. A cadeira era da Fisher-Price. Fomos com Ele Mesmo à estreia do *Tipos de Luz* na Hayden[320], que não deixava entrar nem cigarros nem cães, e a mã levou o *S. Johnson* com uma coleira e um peitoral para cães guias de cegos que lhe dava a volta ao peito, com aquela barra quadrada na trela, e a mã pôs aqueles óculos escuros e estava sempre a olhar para cima e para a direita, por isso parecia que era legalmente cega e eles deixaram o *S. Johnson* entrar na Hayden connosco, porque ele tinha de estar ali. E Ele Mesmo achou que era uma bela partida que se estava a pregar à Hayden, disse ele.

– Nunca me esqueço do Orin, ali parado, a mentir-lhe quando o *S. Johnson* foi eliminado do mapa.

– Ela ficou triste.

– Tenho andado a pensar compulsivamente no Orin desde que o C.T. nos mandou chamar. Quando pensas no Orin, em que é que pensas, Boo?

– O melhor era quando, lembras-te, ela tinha de andar de avião e não o queria enfiar numa caixa-jaula e eles nem sequer deixavam entrar um cão guia de cegos no avião, por isso, tinha de deixar o *S. Johnson* em terra, e ele ficava preso ao *Volvo*, e ela obrigava o Orin a pôr um telefone lá fora, com a antena esticada, durante o dia, ao pé do sítio onde o *S. Johnson* estava preso ao *Volvo*, para poder ligar para o telefone e deixá-lo tocar ao lado do *S. Johnson* porque dizia que o *S. Johnson* reconhecia o toque pessoal dela ao telefone e quando ouvisse o toque iria saber que estavam a pensar nele e que se preocupavam com ele mesmo estando muito longe, dizia ela, lembras-te?

– Era inflexível em relação àquele cão, lembro-me. Comprou um tipo de comida esotérica para ele. Lembras-te de quantas vezes lhe dava banho?

– ....

– O que é se passava com ela e aquele cão, Boo?

– E o dia em que estávamos lá fora a brincar com umas bolas no caminho de entrada e o Orin e o Marlon estavam lá e o *S. Johnson* também, deitado no caminho de entrada e preso ao para-choques, com o telefone mesmo ao lado, e o

telefone começou a tocar sem parar e o Orin agarrou nele, pôs-se a ladrar como um cão e depois desligou a chamada e desativou o telefone?

– ...

– Para ela pensar que era o *S. Johnson*? A partida que o Orin achava que tinha sido tão boa?

– Jesus, Boo, não me lembro nada disso.

– E ele disse que nos ia pôr os braços a arder com umas esfregadelas bem dadas se não fingíssemos que não sabíamos do que é que ela estava a falar se e quando ela nos interrogasse sobre o ladrar ao telefone quando chegasse a casa?

– Dos braços a arder com as esfregadelas lembro-me mais do que gostaria.

– Tínhamos de encolher os ombros e olhar para ela como se não estivesse a jogar com o baralho todo, caso contrário...

– O Orin mentia com uma intensidade verdadeiramente patológica, quando éramos miúdos, é disso que me tenho estado a lembrar.

– Mas fazia-nos rir à grande muitas vezes. Tenho saudades dele.

– Não sei se tenho saudades dele ou não.

– Tenho saudades do *Trivial Pursuit* familiar. Lembras-te das quatro vezes em que ele nos deixou ficar a ver quando estavam a jogar o *Trivial Pursuit* familiar?

– Tens uma memória fenomenal para estas coisas, Boo.

– ...

– Provavelmente, achas que eu estou a pensar com os meus botões porque é que não me perguntaste nada sobre aquela coisa com o C.T. e o Pemulis e a análise-surpresa à urina, depois do fiasco do *Eschaton*, quando o urologista nos levou para a casa de banho da administração e queria ficar a ver-nos, com os próprios olhos, a encher os recipientes, queria, tipo, vê-la a entrar, a urina, para ter a certeza que saía mesmo de nós.

– Acho que tenho uma memória fenomenal para as coisas de que me lembro que gostava.

– Podes perguntar, se quiseres.

– Ei, Hal?

– O dado importante aqui é que o tipo da ONANTA não nos chegou a extrair amostras de urina. Tivemos direito a ficar com a nossa urina, como de certeza a mã sabe muito bem, não te iludas, pelo C.T.

– Tenho uma memória fenomenal para as coisas que me fazem *rir,* é isso que

eu acho.

– Que o Pemulis, sem se rebaixar, sem fazer concessões ou qualquer coisa que nos comprometesse, conseguiu que o tipo nos desse trinta dias – primeiro há a angariação de fundos, o WhataBurger e as férias do Dia de Ação de Graças, e depois o Pemulis, o Axford e eu mijamos como cavalos de corrida para dentro dos recipientes, do tamanho que o tipo quiser, foi esse o acordo que fizemos.

– Consigo ouvir o Schacht, tens razão. E os ventiladores também.

– Boo?

– Gosto do barulho dos ventiladores à noite. E tu? É como se alguém grande estivesse a dizer de muito longe ‘stáBem’stáBem’stáBem’stáBem, sempre sem parar. De muito longe.

– O Pemulis – o alegado artista do desenrascanço de estômago fraco –, o Pemulis mostrou uns verdadeiros tomates de aço sob pressão, ali em pé junto do urinol. Manipulou o homem da ONANTA como queria. Dei por mim a sentir-me quase orgulhoso dele.

– ...

– Se calhar, achas que eu estou a pensar com os meus botões porque é que ainda não me perguntaste a razão por trás dos trinta dias, porque é que era tão importante sacar trinta dias ao tipo do *blazer* azul antes de fazer um teste GC-MS[*3]. Ou seja, o que é que há a temer, podias perguntar tu.

– Hal, basicamente, a única coisa que eu faço é adorar-te e dar-me por feliz por ter um irmão formidável em todos os sentidos, Hal.

– Jesus, Boo, às vezes falar contigo é a mesma coisa que falar com a mã.

– Ei, Hal?

– Só que contigo consigo perceber que estás a falar a sério.

– Estás apoiado no cotovelo. Estás de lado, virado para mim. Consigo ver a tua sombra.

– Como é que uma pessoa com a tua constituição panglossiana consegue perceber se lhe estão a mentir, pergunto-me por vezes, Booboo. Género, que critérios é que segues? Intuição, indução, redução, quais?

– É sempre mais difícil compreender-te quando te pões assim, de lado e apoiado no cotovelo.

– Se calhar, não te passa simplesmente pela cabeça. Essa possibilidade sequer. Se calhar, nunca te ocorreu que uma coisa estivesse a ser inventada, deturpada,

distorcida. Escondida.

– Ei, Hal?

– E, se calhar, a chave é essa. Se calhar, acreditas a tal ponto em tudo o que te dizem que, sei lá, se calhar isso passa a ser verdade a meio do caminho. Voa pelo ar, na tua direção, muda de efeito e acerta-te em cheio já como uma verdade, por maior que seja a falsidade com que sai da raqueta da outra pessoa.

– ...

– Sabes, Boo, para mim, parece que as pessoas mentem de maneiras diferentes mas categóricas, foi a conclusão a que cheguei. Se calhar, não sou capaz de mudar o efeito como tu fazes e só consigo fazer isso, compilar uma espécie de guia prático das várias maneiras de se mentir.

– ...

– Pelo que vi, Boo, algumas pessoas, quando mentem, ficam muito quietas e concentradas e o olhar delas ganha uma grande intensidade e concentração. Tentam dominar a pessoa a quem mentem. A pessoa a quem estão a mentir. Outras começam a ficar agitadas e pouco fiáveis, intercalando as mentiras com pequenos movimentos e sons autodepreciativos, como se a credulidade fosse a mesma coisa que a pena. E ainda há outras que escondem a mentira com tantas voltas e apartes que tentam, tipo, fazer a mentira passar despercebida no meio de toda essa informação supérflua, como um insetozinho minúsculo a passar por um mosquiteiro.

– Só que o Orin acabava por dizer a verdade mesmo quando pensava que não o estava a fazer.

– Quem dera que isso fosse uma característica de toda a família, Boo.

– Se calhar, se lhe telefonássemos, ele até vinha ao WhataBurger. Se calhar, se quisesses, podias vê-lo se lhe pedisses para vir.

– E depois há os mentirosos a quem podíamos chamar *kamikazes*. São os que nos contam uma mentira, uma mentira surreal e basicamente incrível e a seguir fingem que têm uma crise de consciência e retratam-se dessa mentira original, para depois nos presentearem com a mentira que querem impingir-nos realmente, e assim a mentira verdadeira parece uma espécie de concessão, um acordo com a verdade. Misericordiosamente, esses são fáceis de detetar.

– As mentiras misericordiosas.

– Ou então também há os que se põem como que a complicar demasiado as

mentiras, sustentando-as com formações rococó de pormenores e aditamentos, e é assim que os apanhamos sempre. O Pemulis era deste género, sempre achei isso, até ao desempenho dele diante do urinol.

– *Rococó* é uma palavra bonita.

– Portanto, agora defini um subtipo do mentiroso que complica demasiado a coisa. Estou a falar do mentiroso que dantes complicava demasiado a coisa mas que, de uma forma ou outra, se apercebe de que as elaborações rococó o lixam sempre e, por isso, muda de estilo e passa a mentir concisa e esparsamente, parecendo de certa maneira aborrecido, como se o que estivesse a dizer fosse tão obviamente verdade que nem valia a pena perder tempo com isso.

– ...

– Defini que isso era uma espécie de subtipo.

– Dá ideia que consegues perceber sempre.

– O Pemulis até podia ter vendido um terreno àquele urologista lá na casa de banho, Boo. Foi um momento de pressão incrivelmente alta. Nunca pensei que ele fosse capaz de fazer aquilo. Estava calmo e sem medo. Projetou uma espécie de pragmatismo cansado que o urologista não conseguiu ignorar. A cara dele era uma máscara de aço. Foi quase assustador. Disse-lhe que nunca na vida teria acreditado que ele fosse capaz de um desempenho daqueles.

– Nos diretos na rádio, a Madame Psicose costumava ler sempre uma brochura de produtos de beleza da Eve Arden, em que a Eve Arden dizia: «Uma máscara é importante para aumentar a nossa circulação», fim de citação.

– A verdade é que ninguém consegue perceber *sempre*, Boo. Há pessoas que são simplesmente demasiado boas, demasiado complexas e idiossincráticas, com mentiras demasiado próximas do cerne da verdade para conseguirmos perceber.

– Eu nunca consigo perceber. Querias saber isso. E tens razão. Nunca me passa sequer pela cabeça.

– ...

– Sou do género de pessoa que compraria um terreno, acho.

– Lembras-te daquela coisa horrenda que eu tinha, a minha fobia com os monstros quando era pequeno?

– Meu Deus, se me lembro!

– Boo, acho que já não acredito que os monstros sejam caras no chão, crianças selvagens, vampiros ou coisa que o valha. Aos dezassete, acho que agora

acredito que os únicos monstros verdadeiros talvez sejam os mentirosos que não conseguimos perceber que o são. Os que não revelam nada.

– Mas então como é que sabes que são monstros?

– A monstruosidade é precisamente essa, Boo, começo a achar.

– Safa!

– O facto de andarem entre nós. De ensinarem as nossas crianças. Inescrutáveis. Com caras como máscaras de aço.

– Posso perguntar-te como é estar nessa coisa?

– Coisa?

– Tu *sabes*. Não te armes em *burro* para me *envergonhares*.

– Uma cadeira de rodas é uma coisa que: ou a preferes ou não a preferes, não há distância. Diferença. Estás na cadeira mesmo que não a prefiras. Por isso, é melhor preferir, não?

– Nem acredito que estou a *beber*. O Centro está cheio de gente preocupada com a possibilidade de voltar a *beber*. Eu estou lá por causa das *drogas*. *Nunca* bebi mais do que uma cerveja em toda a minha *vida*. Só entrei aqui para vomitar por ter sido *assaltada*. Um tipo qualquer da rua ofereceu-se para ser testemunha e *não* me deixava em paz. Eu nem sequer tinha *dinheiro* nenhum. Entrei aqui para *vomitar*.

– Sei o significado do que estás a querer dizer.

– Como é que te chamas, mais uma vez?

– Chamo-me a mim mesmo Rémy.

– Isto é uma *coisa linda*, como diria a Hester. Já não me sinto horrível. Ramy, sinto-me *melhor* do que me sinto, do que me sentia nem sei *há quanto tempo*. Isto é como *novocaína da alma*. Estou, tipo, a perguntar: porque é que gastei todo aquele tempo a dar na passa quando *isto* é realmente aquilo a que *eu* chamo sentir-me *melhor*?

– Nós, eu não tomo drogas nenhumas. Bebo infrequentemente.

– Bem, estás *a compensar o tempo perdido*, devo dizer.

– Quando bebo, tomo muitas bebidas. É assim com a minha gente.

– A minha mamã nem sequer tinha álcool em *casa*. Dizia que foi o que fez o pai dela chocar com uma parede de *cimento* e liquidar a *família inteira*. Já estou, tipo, mesmo farta de ouvir isso. Entrei aqui... que sítio é este?

– Isto é o Ryle’s Jazz Club da Praça Inman. A minha mulher está a morrer em casa, na minha província natal.

– Há uma coisa no *Grande Livro* que eles nos obrigam a fazer, todos os domingos temos de nos *arrastar* para fora da cama, mesmo ao romper da *madrugada,* e de nos sentar num círculo a lê-lo em voz alta e, como metade das pessoas mal sabe *ler,* ouvir aquilo é *atroz*!

– Devias fazer a tua voz mais baixa, pois nas horas em que não há *jazz* eles gostam de vozes baixas, vêm cá para sossego.

– E há uma coisa sobre um vendedor de carros a tentar deixar de beber, é sobre a... chamam-lhe a insanidade da primeira de todas, da primeira bebida – ele entra num bar para comer uma sanduíche e beber um copo de leite – tens fome?

– *Non*.

– O que é que eu estou a dizer? Não tenho *dinheiro*. Nem sequer tenho a minha *mala*. Esta coisa torna-nos estúpidos, mas faz-nos sentir bastante *melhor*. Ele não estava a pensar numa bebida e, de repente, pensa numa bebida. O tal tipo.

– De nenhures, num rápido instante.

– *Exatamente*. Mas a parte da insanidade é que depois de passar uma data de tempo em *hospitais* e de perder o *negócio* e a *mulher* por causa da *bebida,* de repente, mete-se-lhe na cabeça que uma bebida não lhe fará mal se a enfiar num copo de *leite*.

– Maluco na cabeça.

– Por isso, quando aquele tipo absolutamente *reptiliano* de quem me *salvaste,* sentando-te, rolando, ou lá o que foi. *Descuulpa*. Quando ele me pergunta se me pode pagar uma bebida, o livro vem-me repentinamente à cabeça e assim a modos que a *brincar* pedi *Kahlúa* e leite.

– Eu, eu venho nas noites que estou cansado, depois da música se ter posto a andar, pelo sossego. Também uso o telefone aqui, às vezes.

– Quero dizer, mesmo antes do assalto, estava a andar sobriamente a decidir como me ia matar, por isso parece um bocado estúpido preocupar-me com a bebida.

– Tens uma certa expressão semelhante à da minha mulher.

– A tua mulher está a *morrer.* Jesus, estou aqui sentada, na *risota,* e a tua

mulher está a *morrer*. Acho que é porque não me sinto *decente* há *uma porrada de tempo*, percebes o que é que quero dizer? Não estou a falar de me sentir, tipo, *bem*, não estou a falar, tipo, de *prazer*, não queria estar a exagerar com esta coisa, mas, pelo menos, tipo, a *zero*, como é que chamam a isso, Não Sentir Dor.

– Conheço esse significado. Estou a passar um dia para encontrar uma pessoa que acho que os meus amigos vão matar, e durante todo esse tempo estou à espera da oportunidade para trair os meus amigos e entro aqui e telefono para trair e vejo uma pessoa ferida que se parece fortemente com a minha mulher. Penso: Rémy, está na hora de muitas bebidas.

– Bem, *eu* acho que és *simpático*. Acho que acabaste de me salvar a *vida*. Passei umas nove semanas a sentir-me tão mal que só queria *matar-me*, apanhando uma bruta moca ou não. O doutor Garton nunca me mencionou *isto*. Falava muito de *choque* mas, porra, nunca *mencionou Kahlúa* e leite.

– Katherine, vou contar-te uma história que tem que ver com sentirmo-nos muito mal e salvarmos uma vida. Não te conheço, mas agora estamos bêbados juntos, por isso queres ouvir esta história?

– Não tem que ver com uma pessoa bater no fundo ingerindo uma droga qualquer e tentar atingir a rendição, pois não?

– A minha gente, nós não batemos nos traseiros[*4] das mulheres. Eu sou, digamos, suíço. As minhas pernas, elas perderam-se nos anos da adolescência quando fui atropelado por um comboio.

– Isso deve ter *doído*!

– Teria a tentação de dizer que nem fazes ideia. Mas estou a sentir que tens uma ideia do que é sofrer.

– Nem fazes *ideia*.

– Estou no início dos meus vinte anos, sem pernas. Muitos dos meus amigos também: sem pernas.

– Deve ter sido um desastre de comboio *horrível*.

– Também o meu pai: morto quando o *pacemaker Kenbeck* dele ficou ao alcance de um número mal marcado de um telemóvel muito longe, em Trois Rivières, numa ocorrência bizarra de tragédia.

– O meu papá abandonou-nos emocionalmente e foi para Portland, que fica no Oregon, com a terapeuta.

– Também nesta altura, a minha nação suíça, nós somos um povo forte, mas

não fortes como nação, rodeada por nações fortes. Há muito ódio dos nossos vizinhos e injustiça.

– Começou tudo quando a minha mamã encontrou uma fotografia da terapeuta na carteira dele e pergunta: «O que é que *isso* está a fazer aqui?»

– É, para mim, que sou fraco, tão doloroso estar sem pernas no início dos meus vinte anos. Uma pessoa sente-se grotesca para os outros; a liberdade está restringida. Agora não tenho possibilidade nenhuma de arranjar emprego nas minas da Suíça.

– Os suíços têm minas de ouro.

– Pois. E muito território bonito, que as nações mais fortes na altura que perdi as pernas cometeram atrocidades decretadas em papel à terra da minha nação.

– Filhos da puta *de merda*.

– É uma longa história dentro desta história, mas a minha parte da nação suíça é no meu tempo sem pernas invadida e saqueada por nações vizinhas, mais fortes, más e odiosas, que afirmam, como no *Anschluss* de Hitler, que são amigas e não estão a invadir os Suíços mas a agraciar-nos com ofertas de aliança.

– Uns perfeitos *anormais*.

– É uma coisa lateral, mas para os meus amigos suíços e para mim, sem pernas, é um período escuro de injustiça e desonra e de um sofrimento terrível. Alguns dos meus amigos saem nas cadeiras para lutar contra a invasão decretada em papel, mas eu, eu tenho demasiadas dores para lutar. Para mim, a luta parece sem sentido: os nossos próprios líderes suíços foram subvertidos para fingir que a invasão é aliança; nós, muito poucos jovens sem pernas, não conseguimos repelir uma invasão; nem sequer conseguimos fazer com que o nosso Governo admita que há uma invasão. Estou fraco e, cheio de dores, vejo que é tudo inútil: não vejo o sentido de escolher lutar.

– Estás *deprimido,* é isso que estás.

– Não vejo a utilidade e não trabalho nem pertenço a nada; estou sozinho. Penso na morte. Não faço nada, mas bebo frequentemente, rolo na cadeira pelo campo pilhado, às vezes a esquivar-me a projéteis da invasão que caem, a pensar na morte, chorando a depredação da terra suíça, em grande sofrimento. Mas, na verdade, quem eu choro sou eu próprio. Tenho dores. Não tenho pernas.

– Identifico-me com tudo o que estás a dizer, Ramy. Oh, *Meu Deus*! O que é que eu *disse*?

– E nós, o nosso campo suíço é muito montanhoso. A *fauteuil*, é difícil empurrá-la para cima em muitas colinas, depois trava-se com toda a força para não se voar sem controlo pela encosta abaixo.

– Às vezes, andar também é assim.

– Katherine, eu estou, em inglês, *moribundo*. Não tenho pernas, não tenho honra suíça, não tenho líderes que lutem pela verdade. Não estou vivo, Katherine. Rolo de um chalé de esqui para a taberna, a beber frequentemente, sozinho, ansiando pela morte, fechado dentro da dor no meu coração. Anseio pela morte, mas não tenho coragem para fazer ações que causem a morte. Tentei, duas vezes, rolar pela encosta de uma montanha suíça alta, mas não consegui. Amaldiçoei a minha cobardia e inutilidade. Rolo por aí, esperando ser atropelado pelo veículo de outra pessoa, mas, no último segundo, rolo para fora do caminho dos veículos nas *autoroutes*, pois sou incapaz de me querer matar. Quanto maior é a dor em mim, mais dentro de mim estou e menos consigo querer a minha morte, acho eu. Sinto que estou acorrentado numa jaula do eu, por causa da dor. Incapaz de me importar ou de escolher qualquer coisa fora dela. Incapaz de ver ou de sentir qualquer coisa fora da minha dor.

– A asa negra, parecida com uma vela enfunada e esvoaçante. Estou a identificar-me tanto que nem sequer tem *piada*.

– A minha história é que um dia, no cimo de uma colina, bêbado, tinha subido arduamente durante muitos minutos para chegar ao cume, olhando pela encosta abaixo, vejo uma mulher pequena e curvada, com aquilo que me parece ser um chapéu de metal, muito lá em baixo, no fundo, tentando atravessar a Autoroute Provincial Suíça, lá no fundo, no meio da Autoroute Provincial, uma mulher de pé e a olhar aterrorizada para um dos odiosos e refulgentes camiões com muitas rodas dos nossos invasores decretados em papel, avançando para ela a alta velocidade, com a pressa de vir pilhar parte da terra suíça.

– É um daqueles capacetes de metal suíços? E ela está a movimentar-se como louca para sair do caminho?

– Está parada, petrificada com o medo do camião – identicamente como eu tinha ficado imóvel e petrificado pelo horror dentro de mim, incapaz de me mexer, como um dos muitos alces da Suíça petrificados com os faróis de um dos muitos camiões de transporte de madeira da Suíça. O sol está a refletir-se loucamente no chapéu de metal dela e ela está a abanar a cabeça de terror e está

a apertar – desculpa – os seios femininos, como se o coração dela fosse explodir de terror.

– E tu pensas: Oh, *porra para isto,* porreiro, mais uma coisa horrível que eu vou ter de ficar aqui a presenciar para depois sofrer.

– Mas a grande dádiva dessa altura, nesse dia no topo da colina por cima da Autoroute Provincial, é que não penso em mim. Não conheço esta mulher, nem a amo, mas, sem pensar, solto o travão e começo a descer vertiginosamente a encosta, quase caindo em vários sítios nos buracos e rochas da encosta, e, como dizemos na Suíça, eu *schüssch*[*5] com bastante velocidade para chegar à minha mulher, subi-la para a cadeira e atravessar a rolar a Autoroute Provincial até chegar ao talude mais à frente, passando mesmo rente ao focinho do camião que não tinha abrandado.

– Que me pendurem de cabeça para baixo e me fodam nas duas *orelhas*! Saíste de uma depressão clínica sendo o raio de um *herói*!

– Rolámos e caímos pelo talude, do lado mais distante da Autoroute Provincial, fazendo com que a minha cadeira se virasse e eu me magoasse num coto e com que o chapéu de metal duro dela fosse atirado para longe.

– Salvaste a porra da *vida* de uma pessoa, Ramy. Eu daria o meu ovário esquerdo por uma oportunidade de sair assim da sombra da asa, Ramy.

– Não estás a ver isto. Foi essa mulher gelada com o terror, ela salvou-me a vida. Porque isso salvou-me a vida. Esse momento quebrou as minhas correntes de moribundo, Katherine. Num instante e sem pensar, foi-me permitido escolher uma coisa que julguei mais importante do que aquilo que pensava da minha vida. Ela permitiu esta vontade sem pensar. De um só golpe, quebrou as correntes da jaula de dor pelo meu meio corpo e nação. Quando já tinha rastejado de volta à minha *fauteuil* e colocado direita a minha *fauteuil* que se virara e estava outra vez sentado, percebi que a dor dentro de mim já não me estava a doer. Tornei-me, nessa altura, adulto. Foi-me permitido deixar a dor da minha própria perda e sofrimento no cimo do monte Papineau da Suíça.

– Porque de repente olhaste para a rapariga sem o chapéu de metal e sentiste um arrebatamento de paixão e apaixonaste-te tão perdidamente que deu para casarem e rolarem juntos na direção do pôr...

– Ela não tinha crânio, essa mulher. Mais tarde, fico a saber que tinha sido das primeiras crianças suíças do Sudoeste da Suíça a nascerem sem crânio, por causa

das toxicidades em associação com a invasão do nosso inimigo decretada em papel. Sem a prisão do chapéu de metal, a cabeça estava suspensa nos ombros como um balão meio cheio ou uma bolsa vazia, os olhos e a cavidade bucal muito distendidos por causa dessa suspensão, e os sons que saíam dessa cavidade eram difíceis de ouvir.

– Mesmo assim, qualquer coisa nela levou a que te apaixonasses loucamente. A gratidão, humildade e aceitação dela e esse tipo de dignidade silenciosa que as pessoas horrivelmente aleij... as pessoas com defeitos de nascimento têm habitualmente.

– Não foi loucura. Eu já tinha escolhido. O soltar dos travões da *fauteuil* e o meu *schüssch* até à Autoroute Provincial – isso foi o amor. Eu tinha escolhido amá-la e sobrepor isso às minhas pernas perdidas e ao meu meio ser.

– E ela olhou para as tuas pernas perdidas e nem sequer as viu e escolheu-te imediata e reciprocamente – resultado: amor fervoroso.

– Não havia, para essa mulher no talude, nenhuma escolha possível, sem o capacete que a continha, todas as energias dela estavam concentradas em dar forma à cavidade oral, numa forma que permitisse respirar, o que era uma tarefa de grande enormidade, pois a cabeça dela também não tinha nem músculos, nem nervos. O chapéu especial ficara amolgado de um lado e eu não tinha habilidade para moldar a cabeça da minha mulher numa forma que desse para enfiar o saco da cabeça dela dentro do chapéu e decidi levá-la em ombros, a grande velocidade, para o hospital suíço especializado em deformidades de natureza grave mais próximo. Foi aí que fiquei a saber dos outros problemas.

– Acho que quero mais *Kahlúas* e leite.

– Havia o problema do aparelho digestivo. Também havia ataques apopléticos. Havia uma degeneração progressiva da circulação e das artérias, que dá pelo nome de reestenose. Havia mais do que as quantidades normais aceitáveis de olhos e cavidades em muitos estádios de desenvolvimento e em diferentes partes do corpo. Havia os estados de fuga, as fúrias e a frequência do coma. Ela tinha fugido de uma instituição pública de cuidados de caridade suíça. O pior para escolher amar eram os fluidos cerebrais e espinais que estavam sempre a pingar da cavidade oral distendida.

– Mas o vosso amor fervoroso um pelo outro secou a baba do cérebro e da medula espinal e acabou com os ataques e ela ficava tão bem com uns chapéus

que te punham louco de amor? Foi isso?

– *Garçon*!

– A parte do perdidos de amor está a chegar?

– Katherine, eu também tinha acreditado que não havia amor sem paixão. Prazer. Isso fazia parte da dor de não ter pernas, esse medo de que para mim não ia haver paixão. O medo da dor é muitas vezes pior do que a dor da dor, *n'est ce*....?

– Ramy, acho que começo a pensar que isto não é, de *maneira nenhuma*, uma história para nos sentirmos melhor.

– Tentei deixar a mulher da cabeça mole e incontinente do cérebro e da medula espinal, *m'épouse au future*, no *hôpital* para casos graves e partir na cadeira para a minha nova vida de aceitação e escolha sem jaulas. Ia entrar no fragor da batalha pela minha nação espoliada, pois agora via o sentido não de ganhar, mas de apenas escolher lutar. Mas não tinha viajado mais do que algumas rotações da *fauteuil* quando o velho desespero anterior à escolha daquela criatura sem crânio voltou a crescer dentro de mim. Ao fim de mais umas quantas rotações, já não havia outra vez sentido e pernas e só o medo da dor que me fazia não escolher. A dor fez-me rolar outra vez para aquela mulher, a minha esposa.

– Estás a dizer que isso é *amor*? Isso não é amor. Quando o amor aparecer, vou saber por causa da *sensação*. Não vai ter que ver com fluidos espinais e desespero, acredita em *mim*, amiguinho. Vai ter que ver com olhos que se cruzam num sítio qualquer e joelhos que ficam sem forças, e, a partir desse segundo, sabemos que não vamos ficar *sozinhos* e no *inferno*. Não és nem metade do homem que eu comecei por pensar que podias ser, Ray.

– Tive de enfrentar. Tinha escolhido. A minha escolha, isso era amor. Tinha escolhido, penso, a forma de me libertar das correntes da jaula. Precisava daquela mulher. Sem ela para escolher em vez de ter de pensar em mim, havia apenas dor e impossibilidade de escolha, rolar ebriamente e fazer fantasias acerca da morte.

– E isso é amor? É como se estivesses *acorrentado* a ela. É como se tentasses continuar com a tua vida, a dor da depressão clínica voltasse. É como se a depressão clínica fosse uma espingarda a empurrar-te pela nave da igreja. Havia uma nave na igreja? E ela conseguiria sequer avançar pela nave de uma igreja?

– O capacete de casamento da minha mulher era do melhor níquel extraído e moldado por amigos das minas de níquel do Sudoeste da Suíça. Tanto um como o outro, nós fomos levados pela nave em transportes especiais. O dela com bacias e tubos especiais, para os fluidos. Foi o dia mais feliz da minha vida, desde o comboio. O clérigo perguntou se eu escolhi aquela mulher. Houve um longo período de silêncio. Todo o meu ser ficou como que na ponta de uma faca naquele instante, Katherine, a minha mão a segurar ternamente o gancho da minha mulher.

– *Gancho*? Tipo, um *gancho na mão*?

– Sei desde a noite de núpcias que a morte dela estava a chegar. A reestenose do coração, isso é irreversível. Agora, a minha Gertraude, ela está num estado comatoso e vegetativo há quase um ano. É um coma sem saída, dizem. Os cardiologistas de saúde pública da Suíça dizem que o avançado coração artificial exterior *Jaarvik IX* é a única hipótese que ela tem de continuar viva. Com ele, dizem que a minha mulher pode viver muitos anos num estado comatoso e vegetativo.

– Então vieste cá, tipo, tentar fazer ver o teu caso às pessoas do *Jaarvik IX*, em Harvard ou lá onde for.

– É por ela que eu traio os meus amigos e a minha célula, a causa da minha nação, e agora que a vitória e a independência em relação aos vizinhos é possível, eu estou a traí-la.

– Estás a espiar e a trair a Suíça para tentar manter viva uma pessoa com um gancho e fluido espinal, sem crânio e num coma irreversível? E eu a pensar que *eu* é que estava perturbada. Estás a fazer-me reorientar completamente a ideia que tinha de *perturbação*, cavalheiro.

– Não te estou a contar para te perturbar, pobre Katherine. Estou a falar-te de dor e de salvar uma vida, e de amor.

– Bem, Ray longe de mim pensar... longe de mim, mas isso não é amor: isso é fraco amor-próprio e abuso de si mesmo e contentar-se com menos, escolher um coma em vez dos teus camaradas. Partindo do princípio que não me estás a mentir à força toda para me levares para a *cama* ou qualquer merda perturbada e psicótica desse tipo.

– Isto...

– E tenho de te dizer, dizeres que eu te faço *lembrar* a tua mulher não é

propriamente a forma de me conquistares, estás a perceber o que eu estou a dizer?

– Isto é o que é difícil de dizer. Pedir a uma pessoa que veja. Não é escolha. Não é escolher a Gertraude em vez da AFR, dos meus companheiros. Em vez das causas. Escolher a Gertraude para amar como minha mulher foi necessário para as outras, essas outras escolhas. Sem a escolha da vida dela não há outras escolhas. Tentei ir-me embora no começo. Consegui muito poucas rotações da *fauteuil*.

– Parece mais *uma arma apontada à tua cabeça* do que uma escolha. Se não podes escolher a outra opção, não há escolha.

– Não, mas esta escolha, Katherine, eu fi-la. Acorrenta-me, mas as correntes são escolha minha. As outras correntes, não. As outras eram as correntes de não escolher.

– Tens algum irmão gémeo que tenha acabado de entrar e de se sentar do teu lado esquerdo, mas que também está, tipo, a sobrepor-se a um terço de ti?

– Estás apenas bêbada. Isso acontece depressa se não se está habituado ao álcool. Frequentemente, a náusea acompanha isso. Não te alarmes se houver visão dupla, perda de equilíbrio e náusea do estômago.

– O preço de um aparelho digestivo humano completamente normal. Costumava vomitar todas as manhãs sem beber. Fizesse chuva ou sol.

– Achas que não há amor sem o prazer, o arrebatamento sem escolha da paixão.

– Agradeço as *bebidas* e tudo, mas não me parece que vá, tipo, memorizar um sermão sobre o *amor* vindo de alguém que casa com uma pessoa com fluido cerebral a sair-lhe da *boca*, sem querer ofender.

– Como quiseres. As minhas opiniões são só que o amor de que vocês deste país falam não produz nenhum do prazer que procuram no amor. Toda essa ideia do prazer e das sensações boas serem a coisa a escolher. A se entregarem. Que toda a escolha para vocês conduz aí – a esse prazer de não escolher.

– Não me leves a mal sentir-me bem um bocadinho, logo a mim, Ray, meu parvalhão, monte de merda, suíço da treta.

– ...

– É melhor vomitar já ou tentar esperar antes de ter de vomitar, senhor Perito em Beber?

– Estou a pensar: e se eu dissesse que podíamos ir embora e que eu te podia levar a umas meras três ruas daqui para te mostrar uma coisa com esta promessa: sentirias mais sensações boas e prazer como nunca na vida: nunca mais voltarias a sentir mágoa, ou pena de ti própria, ou a dor das correntes e da jaula de nunca escolher. Estou a pensar nesta proposta: responder-me-ias o quê?

– *Eu responderria* que já ouvi essa antes, parvalhão, e de... de tipos com um bocadinho mais a sul da cintura, se é que estás a ver.

– Não compreendo.

– O que eu responderia é que sou uma *merda na cama*. Ou seja, parceira sexual. Só fui sexual duas vezes e foi horrível em ambas, e o Brad Anderson, quando telefonei e lhe perguntei porque é que não me voltaste a telefonar, Brad Anderson, sabes o que é que ele me disse? Disse que eu era uma *merda na cama* e que a minha *rata* era mesmo *enorme* para uma pessoa com um *cuzinho tão escanzelado,* foi o que o Brad Anderson disse.

– Não. Não. Não estás a compreender.

– Foi exatamente isso que *eu* disse.

– Dirias Não obrigada, estás tu a dizer, mas isso é porque não acreditarias na minha proposta.

– ...

– Se a minha proposta, se ela fosse verdadeira, dirias que sim, não era, Katherine?

– ...

– Sim?

– Agora já não estás de lado, Hal, consigo perceber. Quando estás de costas, ficas sem sombra.

– ...

– Ei, Hal?

– Sim, Mario.

– Se estás triste, Hal, tenho pena. Pareces triste.

– Fumo *Bob Hope* de resina concentrada, às escondidas e sozinho, na Sala das Máquinas, à saída do túnel secundário de serviço. Utilizo *Visin*e e pasta de dentes com sabor a menta e tomo banho com *Irish Spring* para que praticamente ninguém se dê conta. O Pemulis é o único que sabe até que ponto é que a coisa

chega.

– ...

– Mas não sou eu que o C.T. e a mã querem despachar. Não é de mim que eles suspeitam. O Pemulis drogou publicamente o adversário em Port Washington. Era impossível não reparar nisso. O miúdo era um mórmon devoto. Era impossível não reparar na droga. Ao que parece, as vendas de frascos de *Visine* com urina pré-adolescente durante as análises trimestrais já foram registadas e classificadas como uma produção do Pemulis.

– Vendas de frascos de *Visine*?

– Mas, claro, sendo da família da mã, eu também estaria sempre imune a uma expulsão. Mas a única coisa de que sou suspeito é de ter tido uma irrefletida paralisa moral no Dia da Interdependência. A minha urina e a urina do Axhandle servem só para estabelecer um contexto de objetividade para a urina do Pemulis. É o Pemulis que eles querem. Tenho quase a certeza absoluta de que vão expulsar o Pemulis no final do período. Não sei é se o Pemulis sabe isso.

– Ei, Hal?

– Normalmente, quando fazem as análises, andam à caça de esteroides, hormonas sintéticas, ‘drinas ligeiras. Mas o tipo da ONANTA deu indicações para que desta vez se fizesse um teste de espectro total. Uma cromatografia gasosa seguida de um feixe de eletrões, com leitura do espectro dos fragmentos de massa resultantes. Uma cena mesmo a sério. Do género que se usa no circuito.

– Ei, Hal?

– E o Mike põe-se ali a dizer e se, hipoteticamente, uma pessoa tivesse ficado exposta por acidente a drogas. Disse que tinha uma ideia vaga de ter comido um *bagel* com sementes de papoila. Uma coisa nada parecida com as mentiras rococó normais no Pemulis. Esta tinha uma espécie de sinceridade cansada. E o tipo do *blazer* disse que sim, que nos dava trinta dias antes do teste de espectro total. O Mike também tinha realçado que estava para chegar uma senhora enorme da *Moment*, para andar por aí a bisbilhotar, e que por isso seria uma altura bastante inoportuna para a hipótese remota de rebentar algum escândalo inadvertido relacionado com a Academia. Não foi preciso insistir propriamente muito para o tipo nos dar tempo para limparmos o sistema. No fundo, a ONANTA não quer apanhar ninguém. O ténis como um divertimento normal e

sadio e essas coisas todas.

– ...

– A parte engenhosa da mentira foi que o tipo achou que essa cortesia dos trinta dias era para o Pemulis. Que era disso que o Pemulis precisava. Mas o Pemulis é capaz de passar num teste à urina de cabeça para baixo e com um vento forte a bater. Com ou sem um tipo a ver. Tem toda uma técnica de cateterização bastante desagradável e que o melhor é nem ouvires. E já a comprovou. E, pelos vistos, os *Tenuates* são uma espécie de carro de Fórmula Indy das ‘drinas, segundo ele; consegue ficar com a urina toda inocente e pálida só com dois dias de aviso, desde que não toque no *Bob*.

– ...

– Booboo, os trinta dias eram na verdade para mim, e o Mike deixou-me ficar ali parado, com a Unidade de fora e sem dizer nada, enquanto «vendia» ao urologista terrenos, subscrições para revistas e facas *Ginsu*. Fez isso por mim e nem sequer sou eu que eles querem.

– Podes dizer-me o que quer que tenhas dito.

– O que eu faço às escondidas, Boo, o Mike diz que não são precisos mais do que trinta dias para sair tudo do sistema com toda a certeza. Sumo de uva-do-monte, chá *Calli*, vinagre com água. Margem de erro de uns dias, para cima ou para baixo. O *Bob Hope* que eu fumo e escondo, Boo, dissolve-se na gordura. Fica lá, na gordura do corpo.

– A senhora Clarke disse à Bridget que o corpo humano tem muita gordura, foi o que a Bridget disse.

– Mario, se eu for apanhado, se apareço à frente da ONANTA com urina contaminada, o que é que o C.T. faria? A questão não é só perder o meu ano no escalão dos dezoito. Ele teria de me expulsar com a ONANTA metida ao barulho. E a memória de Ele Mesmo? Estou ligado diretamente a Ele Mesmo. Já para não falar do Orin. E, enquanto isso, anda essa senhora da *Moment* a arrastar-se por aí pesadamente, à cata da roupa suja da família.

– O Troeltsch diz que ela só quer suavizar o perfil do Orin.

– O mais horrendo seria o eco que teria eu chumbar num teste à urina. A ATE sairia prejudicada publicamente. E também a memória de Ele Mesmo, e também Ele Mesmo.

– ...

– E isso ia *matar* a mã, Mario. Seria uma partida terrível à mã. Não tanto pela questão do *Hope*. Mas pelo *secretismo* da coisa. Eu ter escondido isso dela. Ela ficar a achar que eu tive de esconder isso dela.

– Ei, Hal?

– Vai acontecer qualquer coisa terrível se ela descobrir que eu escondi isso dela.

– Trinta dias são um mês no calendário a beber chá *Calli* e sumo, é o que estás a dizer.

– Um mês de chá e vinagre e de abstinência total. Nada de drogas, sejam elas quais forem. Um mês de desabituação abrupta e total enquanto tento justificar a minha classificação no WhataBurger e se calhar me pedem para jogar contra o Wayne na angariação de fundos. E depois o teu dia de anos passadas duas semanas.

– Ei, Hal?

– Jesus, e depois os exames de entrada para a faculdade, em dezembro, vou ter de fazer o resto da preparação para os exames e a seguir fazê-los quando ainda estiver em desabituação abrupta.

– Vais ter uma nota altíssima. Toda a gente anda a apostar que vais ter uma nota altíssima. Estou farto de ouvir isso.

– Que maravilha. Só me faltava mesmo ouvir isso.

– Ei, Hal?

– E claro que tu ficaste magoado, Boo, por eu te ter tentado esconder isto tudo.

– Estou zero por cento magoado, Hal.

– E, claro, também estás a pensar com os teus botões porque é que eu não te contei logo quando tu, claro, já sabias, sabias que havia qualquer coisa, todas aquelas vezes que eu estava pendurado de cabeça para baixo, na sala de pesos e halteres, com uma testa de que o Lyle nem sequer se queria aproximar. E tu ali sentado, a deixares-me dizer que só estava mesmo muito cansado e a ter imensos pesadelos.

– Eu acho que me dizes sempre a verdade. Dizes-me quando achas que é a altura certa.

– Acho que és o único que sabe quando é que é a altura certa para o dizer. Não consigo saber isso por ti, por isso porque é que hei de estar magoado?

– Boo, porta-te uma vez que seja como a porra de um ser *humano*. Eu vivo contigo, escondi isto de ti e deixei que ficasses preocupado e magoado por estar a tentar esconder isto de ti.

– Não fiquei magoado. Não quero que estejas triste.

– Podes ficar magoado e zangado com as pessoas, Boo. Porra, miúdo, uma novidade do caraças quase aos dezanove anos. Chama-se a isso ser uma pessoa. Podes ficar zangado com alguém que isso não quer dizer que essa pessoa vá desaparecer. Não precisas de fazer um número à mã, de confiança e perdão totais. Já chega um mentiroso.

– Estás com medo que o teu chichi chumbe à mesma passado um mês no calendário.

– Jesus, parece que estou a falar com um póster grande de um tipo com um *smile* na cara. Está alguém aí *dentro*?

– E não podes usar um frasco de *Visine* com chichi porque o homem vai estar logo ali, a olhar para o teu pénis e para os pénis do Trevor e do Pemulis.

– ...

– O sol está a começar a pensar em aparecer pela janela. Dá para ver.

– Passaram-se umas quarenta horas sem o *Bob Hope* e já estou todo marado da cabeça e não consigo dormir sem ter mais daqueles sonhos tipo filme de terror. Parece que estou entalado a meio de uma chaminé.

– Derrotaste o Orhto e já não te doem os dentes.

– O Pemulis e o Axhandle dizem que um mês vai ser canja. A única preocupação do Pemulis é saber se o tal DMZ que arranjou para o WhataBurger é ou não detetável. Vai para a biblioteca e atira-se aos livros. Está completamente alerta e funcional[321]. Comigo parece que é diferente, Boo. Sinto um buraco. Daqui a um mês vai ser um buraco enorme. Um buraco bem maior do que o Hal.

– Então o que é que achas que deves fazer?

– E o buraco vai ficar um bocadinho maior, todos os dias, até eu me desfazer em vários pedacinhos e cada um ir para o seu lado. Vou desfazer-me no ar. Vou desfazer-me no Pulmão ou em Tucson, com uns duzentos graus e à frente de toda aquela gente que conhecia Ele Mesmo e acha que eu sou diferente. A quem eu menti e gostei de o fazer. De uma maneira ou outra, vai saber-se tudo, com ou sem chichi limpo.

– Ei, Hal?

– E isso vai matá-la. Eu sei que vai. Tenho mesmo medo que vá matá-la a sério, Booboo.

– Ei, Hal? O que é que vais fazer?

– ...

– Hal?

– Booboo, estou outra vez apoiado no cotovelo. Diz-me o que é que achas que eu devo fazer.

– Dizer-te a ti, eu?

– Sou todo ouvidos, Boo. Estou aqui mesmo a ouvir-te. Porque não sei o que fazer.

– Hal, se eu te disser a verdade, vais ficar zangado comigo e dizer-me para ser a porra de um...?

– Confio em ti. És inteligente, Boo.

– Então, Hal?

– Diz-me o que é que eu devo fazer.

– Acho que acabaste de fazer isso. O que deves fazer. Acho que acabaste de fazê-lo.

– ...

– Estás a ver o que é que eu quero dizer?

---

*1 Uma das fases do sono onde há movimentos oculares rápidos (*REM – Rapid Eye Movement*), também conhecido como «sono paradoxal». *(N. dos T.)*

*2 Mario confunde as palavras *thyphoon* e *tycoon*, que em português significam, respetivamente, *tufão* e *magnata*. *(N. dos T.)*

*3 Cromatografia Gasosa acoplada a Espetrometria de Massa (em inglês, *Gas Chromatography – Mass Spectrometry*), teste de despiste de drogas. *(N. dos T.)*

*4 No original, trocadilho com a palavra *bottom*, que pode significar *fundo* ou *traseiro*. *(N. dos T.)*

*5 Provavelmente, *schuss*, palavra alemã que aqui significaria *deslizar*. *(N. dos T.)*

17 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

NA AUSÊNCIA DE DON GATELY por motivos médicos, Johnette F. tinha feito cinco turnos da noite seguidos, a cargo da Vigilância de Sonhos, e estava no gabinete principal, pouco depois das 08h30, a anotar no registo o que se tinha passado na noite anterior, tentando lembrar-se de sinónimos para *tédio* e enfiando periodicamente o dedo na chávena de café a escaldar para se manter acordada, isto enquanto ouvia ao longe autoclismos a serem puxados, chuveiros a silvar e residentes ensonados aos tropeções na cozinha, na sala de jantar e coisa e tal, quando de repente começam a bater à porta do Centro, o que significava que essa pessoa era, tipo, um recém-chegado ou um estranho, já que toda a comunidade do centro de reabilitação da Ennet House sabe que a porta da rua é destrancada às 08h00 e que fica sempre completamente aberta para toda a gente, menos para a polícia, a partir das 08h01.

Nos tempos que correm, os residentes sabem todos que não devem ir abrir a porta quando alguém bate.

Por isso, primeiro Johnette F. achou que eram capazes de ser mais uns daqueles pseudopolícias[322] de fato e gravata, que tinham vindo recolher depoimentos de mais alguns residentes, na qualidade de testemunhas da embrulhada de Lenz e Gately com os canadianos e coisa e tal; e Johnette foi buscar o bloco de notas com mola que tinha os nomes de todos os residentes com questões legais por resolver e que precisavam de ser escondidos no andar de cima antes de algum polícia lá entrar. Alguns dos residentes dessa lista estavam na sala de jantar, à vista desarmada, a comerem cereais e a fumarem. Johnette levou o bloco consigo, como uma espécie de insígnia de autoridade, quando foi até à janela ao pé da porta ver quem estava a bater e coisa e tal.

Só que o miúdo que estava à porta não era, de maneira nenhuma, da polícia ou um funcionário do tribunal e Johnette abriu a porta destrancada para o deixar entrar, sem se dar ao trabalho de lhe explicar que ninguém precisava de bater à porta. Era um miúdo com ar de boas famílias, mais ou menos da idade de Johnette ou um pouco mais novo, que tossiu com o manto de fumo do tabaco

matinal que saía do *foyer* e disse que queria falar mais ou menos em privado com alguém que tivesse alguma autoridade ali, disse ele. O miúdo, o tipo tinha aquela espécie de brilho de alumínio de um miúdo de boas famílias, com um bronzeado esquisito, ou então uma queimadura provocada pelo vento em cima do bronzeado, e os ténis-bota *Nike* mais brancos que Johnette já tinha visto, mais umas calças de ganga passadas a ferro, ou seja, com um vinco à frente, um estranho blusão branco de lã, com ATE a vermelho numa manga e a cinzento na outra, e cabelo escuro puxado para trás e molhado, de ter tomado duche e não de ter posto brilhantina, que tinha ficado meio congelado, o cabelo, lá fora, com o frio, e estava todo espetado e congelado à frente, fazendo com que a cara morena dele parecesse pequena. As orelhas pareciam vermelhas do frio. Johnette observou-o friamente, enfiando o dedo mindinho no ouvido. Enquanto estudava a cara do rapaz, David Krone apareceu a passarinhar pela sala como um caranguejo, piscando os olhos, de pernas para o ar, na direção do rapaz umas quantas vezes antes de dar meia-volta e subir as escadas, com a testa a bater em cada degrau. Era bastante óbvio que o rapaz não era, tipo, amigalhaço nem namorado de nenhum residente e que não estava ali para dar boleia a ninguém para o trabalho ou coisa e tal. A aparência, a postura, o modo de falar e coisa e tal do rapaz irradiavam alta manutenção, privilégios e escolas em que ninguém andava com armas, basicamente todo um planeta diferente, em termos de privilégios, do planeta de Johnette Marie Foltz, de South Chelsea e, mais tarde, da Instituição do Ilustre Edmund F. Heany para Raparigas Manifestamente Incorrigíveis, em Brockton; e, já no gabinete de Pat, com a porta entreaberta, Johnette pôs aquela expressão suavemente hostil que utilizava com os rapazes de boas famílias sem tatuagens e com os dentes todos, que fora dos Narcóticos Anónimos nunca lhe ligariam a mínima ou que então seriam capazes de achar que o facto de ela não ter os dentes da frente e de usar *piercing* no nariz provava que eram, tipo, melhores do que ela e coisa e tal, vá-se lá saber porquê. Mas acabou por concluir que aquele miúdo não parecia ter força emocional suficiente para se interessar a ponto de julgar ou reparar sequer em alguém. Falava de uma maneira excitada, com demasiada saliva, que, para mal dos seus pecados, Johnette conhecia muito bem, a maneira de falar de uma pessoa que tinha acabado de largar o cachimbo e/ou o bongo. O cabelo do miúdo estava a começar a derreter com o calor do gabinete de Pat, pingando e assentando-lhe na

cabeça como um pneu rasgado, o que fez a cara dele ficar maior. O seu aspeto lembrava um bocadinho aquilo a que a quarta senhora Foltz chamava estar branco como a cal. O rapaz estava ali parado, muito direito, com as mãos atrás das costas, e disse que vivia perto e que há já algum tempo que andava interessado, assim de uma forma despreocupada e em grande parte especulativa, na possibilidade de ir dar um saltinho a uma reunião de Viciados Anónimos qualquer e coisa e tal, basicamente só para ter algo para fazer, precisamente o género de merdas evasivas de negação das pessoas sem dentes, só que, disse ele, não sabia onde é que havia alguma, alguma reunião, nem quando, mas sabia que a Ennet House[323] não ficava longe e que lidava diretamente com organizações de Alcoólicos Anónimos desse género, e então estava a pensar se não lhe poderiam dar – ou emprestar para ele fotocopiar e devolver logo a seguir, por *e-mail*, faxe ou correio azul, conforme preferissem – se calhar uma espécie de mapa com as reuniões relevantes. Pediu desculpa por estar a incomodar e disse que não sabia com quem mais falar. Era o género de pessoa, como Ewell, Day e Ken E., aquele empertigado que só olhava para uma mulher se a achasse digna da porra da capa de uma revista, que sabia fazer grandes divisões e dizer *com quem* mas que nem sequer sabia procurar cenas nas Páginas Amarelas.

Muito mais tarde, à luz dos acontecimentos subsequentes, Johnette F. recordar-se-ia claramente da visão do cabelo congelado do rapaz a assentar lentamente, de ele ter dito *com quem* e da visão da saliva clara, de boas famílias e sem cheiro quase a escorrer-lhe pelo lábio inferior ao mesmo tempo que se esforçava por pronunciar a palavra sem engolir.

[324]

Os interrogadores técnicos sob o comando de R. («o D.») Tine[325], diretor dos Serviços Não Especificados, fazem realmente isso, trazem um candeeiro portátil de alta voltagem, ligam-no à tomada e ajustam-no para a luz bater diretamente na cara do sujeito alvo do interrogatório, a quem neste caso tinham sido arrancados, após um pedido educado mas enfático, o chapéu de feltro para homem e as sobrancelhas que a poderiam proteger um pouco. E foi isso, a luz inclemente na sua cara pós-marxista completamente exposta, mais do que qualquer possível dureza do aperto, com base no cinema negro, infligido por R. Tine Jr. e o outro interrogador técnico, que fez com que Molly Notkin, prestes a

doutorar-se pelo MIT e acabada de sair do comboio de alta velocidade vindo de Nova Nova Iorque, sentada na cadeira de realizador moldada à semelhança de Sidney Peterson, no meio das malas largadas no chão da escura sala de estar do seu apartamento arrombado sorrateiramente, bufasse, cedesse à pressão, se chibasse, cantasse como um passarinho, dissesse tudo o que achava que sabia[326].

– Molly Notkin diz aos agentes do USOUS que, tanto quanto julga saber, no letalmente aliciante *A Piada Infinita* (*V*) ou (*VI*), realizado pelo *auteur après-garde* J.O. Incandenza, Madame Psicose surge como uma espécie de representação materna da figura arquetípica da Morte, sentada nua, deslumbrante em termos de corpo, arrebatadora, extremamente grávida, com a cara horrivelmente disforme tapada por um véu, ou apagada por quadrados coloridos e ondulantes criados por computador, ou tão anamorfizada pela nova e aparentemente muito estranha lente da câmara que deixa de ser sequer reconhecível como uma cara, ali sentada nua, a explicar, numa linguagem muito simples e infantil, a quem quer que a câmara represente que a Morte é sempre uma figura feminina e que essa figura é sempre materna. Isto é, que a mulher que nos mata é sempre a nossa mãe na vida seguinte. Isso, que Molly Notkin confessou que também não lhe tinha parecido fazer muito sentido quando o ouviu, era o suposto cerne da cosmologia da Morte que Madame Psicose supostamente devia transmitir aos espectadores, num monólogo ululante mediado pela lente muito especial. Era possível que ela estivesse a empunhar uma faca durante o monólogo, mas não havia certezas, e o grande chamariz técnico do filme (os filmes do *auteur* incluíam sempre uma espécie de chamariz técnico) prendia-se com um tipo muito invulgar de lente única montada no suporte da câmara *Bolex H32*[327], e a gravidez de Madame Psicose era inquestionavelmente um efeito especial, já que a verdadeira Madame Psicose nunca tinha estado visivelmente grávida, Molly Notkin tinha-a visto nua[328] e uma pessoa consegue sempre perceber se uma mulher já ultrapassou o primeiro trimestre de gravidez se a vir nua[329].

– Molly Notkin diz-lhes que a mãe de Madame Psicose se matou de uma maneira verdadeiramente horripilante, com um vulgar triturador do lixo de cozinha, na noite do Dia de Ação de Graças do Ano do Penso Medicinal *Tucks*, quatro meses depois de o próprio *auteur* se ter matado, também com um utensílio de cozinha, e também de uma maneira horripilante, embora vinque que

quaisquer eventuais ligações, à Lincoln e Kennedy, entre os dois suicídios terão de ser deslindadas pelos interrogadores por sua própria conta e risco, pois tanto quanto Molly Notkin sabe os dois pais nem sequer sabiam da existência um do outro.

– Que a câmara digital *Bolex H32* do cartucho letal – e que já era uma amálgama escusadamente complexa de vários aperfeiçoamentos e adaptações digitais feitos à clássica, e já de si extremamente modificada, *Bolex H16 Rex 5* –, um modelo canadiano, diga-se de passagem, pelo qual o *auteur* revelou uma predileção especial ao longo de toda a carreira, por ter um suporte compatível com três tipos de lentes e adaptadores C –, que a câmara de *A Piada Infinita* (*V*) ou (*VI*) havia sido equipada com uma lente extraordinariamente estranha e protuberante, e que tinha passado as filmagens instalada no chão ou numa espécie de berço ou cama, a câmara, com Madame Psicose, enquanto representação materna da Morte, debruçada sobre ela, parturiente e nua, a falar-lhe *de cima para baixo* – em ambas as aceções da expressão, o que, de um ponto de vista crítico, introduziria num filme uma espécie de duplo sentido cinestésico relacionado com as perspetivas auditiva e visual da câmara subjetiva –, a explicar à câmara enquanto sinédoque dos espectadores que era por esta razão que as mães amavam os filhos de forma tão obsessiva, devoradora, compulsiva e, ao mesmo tempo, narcisista: as mães estão a tentar reparar desesperadamente um assassínio de que nenhuma das partes se lembra realmente.

– Molly Notkin diz-lhes que poderia ser bem mais prestável e expansiva em matéria de pormenores se ao menos desligassem aquele candeeiro horroroso ou o apontassem para outro sítio qualquer, o que é uma mentira descarada, encarada como tal por R. Tine Jr., e por isso a luz continua a incidir mesmo na cara infeliz e glabra de Molly Notkin.

– Que Madame Psicose e o *auteur* do filme não estavam envolvidos sexualmente, o que não se devia apenas ao facto de a crença do *auteur* num número finito e máximo de ereções disponíveis no mundo o deixar sempre impotente ou cheio de sentimentos de culpa. Que, na verdade, Madame Psicose apenas tinha amado e estivera envolvida sexualmente com o filho do *auteur,* que, apesar de Molly Notkin nunca o ter conhecido pessoalmente e de Madame Psicose ter feito questão de nunca falar mal dele, era claramente um patifezinho do mais completo que havia em todo o cânone masculino de raça branca, em

termos de impulsos sexuais, covardia moral, trapaça emocional e podridão.

– Que Madame Psicose não tinha estado presente no suicídio nem no funeral do *auteur*. Que havia faltado ao funeral por o passaporte ter caducado. E que Madame Psicose também não tinha estado presente na leitura do testamento do falecido *auteur,* embora fosse um dos beneficiários. Que Madame Psicose nunca se havia referido ao destino ou paradeiro do cartucho inédito intitulado *A Piada Infinita* (*V*) ou *A Piada Infinita* (*VI*) e só o tinha descrito segundo a perspetiva da experiência de o ter interpretado, nua, sem nunca o ter visto, mas custava-lhe bastante acreditar que fosse sequer aliciante, quanto mais letalmente aliciante, e a opinião dela ia no sentido de que aquilo não representava mais do que os lamentos mal disfarçados de um homem que já não podia aguentar mais a sua existência, que havia atingido o limite das suas forças – segundo parecia, o *auteur* tinha sido muito chegado à mãe durante a infância –, e que isso tinha sido sem dúvida reconhecido pelo próprio *auteur* – que embora não fosse propriamente o maior exemplo de estabilidade nas águas agitadas da psique, mostrara-se em muitos aspetos capaz de analisar e criticar cinema de forma perspicaz e teria sido capaz de distinguir uma genuína obra cinematográfica de uns patéticos lamentos a quererem fazer passar-se por um filme, por mais desorientada que a sua bússola náutica pudesse estar, a dar as últimas, e teria, com toda a probabilidade, destruído o original desse objeto de arte falhado, tal como diziam que tinha destruído as primeiras quatro ou cinco tentativas falhadas anteriores, tentativas que contavam inegavelmente com atrizes de menor mística e fascínio.

– Que o funeral do *auteur* tinha supostamente realizado em L'Islet Province, no Nouveau Québec, a província natal da viúva do *auteur,* consistindo num enterro e não numa cremação.

– Que não queria estar a dizer ao Departamento dos Serviços Não Especificados dos Estados Unidos como devia fazer o seu trabalho, longe disso, mas por que não perguntar simplesmente à viúva de J.O.I. e confirmar diretamente a existência e localização do suposto cartucho?

– ...

– Que a ela, Molly Notkin, lhe parecia bastante improvável que a viúva do *auteur* tivesse alguma ligação a algum grupo, célula ou movimento antiamericanos, independentemente do que os dossiês acerca da sua juventude

imprudente pudessem sugerir, já que tendo em conta tudo o que Molly Notkin ouvira dizer dela, a mulher não tinha grande interesse em nenhum objetivo que se sobrepusesse aos seus próprios objetivos individuais e neuróticos, mesmo tendo sido toda querida e solícita com Madame Psicose. Que Madame Psicose tinha confessado a Molly Notkin que a viúva lhe parecera ser muito possivelmente a encarnação da Morte – o sorriso constante dela era como um ricto de uma espécie de figura tanatóptica – e que Madame Psicose achara bizarro que tivesse sido ela, Madame Psicose, a ser sempre escolhida pelo *auteur* para as várias representações femininas da Morte quando ele tinha debaixo do nariz o artigo genuíno, e ainda por cima bastante fotogénico, a futura viúva, aparentemente de uma verdadeira beleza de fazer calar um restaurante mesmo aos quarenta e muitos anos.

– Que o *auteur* tinha parado de ingerir bebidas destiladas por ter sido essa a condição de Madame Psicose para consentir aparecer no que ela sabia ser o seu último cartucho fílmico mas não o de J.O.I. e que o *auteur* tinha, ao que parecia e incrivelmente[330], cumprido a parte que lhe cabia do acordo – talvez, por ter ficado tão profundamente comovido com o consentimento de M.P. em voltar a aparecer diante das câmaras mesmo depois do terrível acidente e da deformação que tinha sofrido e de o patifezinho do filho ter abandonado a relação desprezivelmente, acusando Madame Psicose, e servindo-se disso como pretexto, de estar envolvida sexualmente com o seu pai – e aqui Molly Notkin explicou que o que queria dizer era, claro, *dele* – o *auteur*. E que, pelos vistos, o *auteur* tinha continuado sem tocar em álcool durante os três meses e meio seguintes, do Natal do Ano do Penso Medicinal *Tucks* ao dia 1 de abril do Ano da Tablete de Chocolate *Dove* de Tamanho Experimental, a data do seu suicídio.

– Que o problema secreto e oculto de abuso de drogas, o mesmo que tinha feito Madame Psicose ir parar a uma instituição para tratamento da dependência, privada e exclusiva, tão exclusiva que nem os amigos mais chegados de M.P. sabiam onde ficava, a não ser que era num sítio bem longe, muito longe, que o problema de abuso de drogas podia não ter passado de uma consequência da culpa terrível que Madame Psicose sentia pelo suicídio do *auteur* e constituído uma óbvia compulsão inconsciente para se castigar com o mesmo tipo de atividade de abuso de drogas que tinha coagido o *auteur* a abandonar, substituindo simplesmente com narcóticos o *Wild Turkey*, que Molly Notkin

podia atestar ser um uísque com um sabor verdadeiramente nauseabundo.

– Não, que o sentimento de culpa de Madame Psicose devido ao *suizídio* do *auteur* não tinha nada que ver com o supostamente letal *A Piada Infinita* (*V*) ou (*VI*), que tanto quanto Madame Psicose tinha conseguido perceber pela rodagem em si não passava de uma mixórdia de ideias depressivas coladas por uma utilização vistosa de lentes e inovações em termos de perspetiva. Que, não, que a culpa devoradora se tinha devido antes à condição de que o *auteur* suspendesse a ingestão de bebidas destiladas, o que se veio a descobrir, segundo afirmara M.P. retrospectivamente mas de forma iludida, que era precisamente o que ainda fazia o homem ir aguentando, essa ingestão, de tal modo que sem isso não foi capaz de suportar as pressões psíquicas que o transtornavam por completo e o levavam àquilo que Madame Psicose dizia que ela e o *auteur* classificavam por vezes de, entre comas, «autoapagamento».

– Que a ela, Molly Notkin, não lhe parecia improvável que a garrafa especial e numerada de uísque *Wild Turkey Blended*, preparada como um presente, com as fitas do lacinho de belbutina cor de cereja à volta do gargalo enfiadas por baixo do monco do peru do rótulo, no balcão da cozinha, ao lado do micro-ondas diante do qual o corpo do *auteur* tinha sido encontrado tão horripilantemente inclinado, tivesse sido lá posta pela mulher e futura viúva – que é bem capaz de ter ficado furiosa com o facto de o *auteur* nunca se ter mostrado disposto a deixar de beber, entre comas, «por ela», mas que pelos vistos tinha sido capaz de o fazer, entre comas, «por» Madame Psicose e a sua participação nua no *opus* final dele.

– Que Madame Psicose, que segundo a opinião generalizada era excecionalmente atraente, havia sofrido uma lesão facial irreparável, no mesmo Dia de Ação de Graças em que a mãe se tinha matado com um utensílio de cozinha, deixando-a (a Madame Psicose) horrível e improvavelmente disforme, e que o facto de fazer parte da Associação dos Horrível e Improvavelmente Disformes, uma organização de autoajuda com um programa de treze passos, não era metáfora nem estratagema nenhum.

– Que as pressões intoleráveis que levaram ao autoapagamento do *auteur* tiveram provavelmente muito menos que ver com o cinema ou a arte digital – sendo que a abordagem anticonfluencial do *auteur* ao meio em causa sempre parecera a Molly Notkin bastante fria e cerebralmente técnica, já para não falar

em ingenuamente pós-marxista na sua combinação autocongratulatória de fragmentação anamórfica e estase narrativa antipicaresca[331] – ou com o facto de ter alegadamente criado uma espécie de monstro angélico de gratificação dos espectadores – qualquer pessoa com um sistema nervoso que visse grande parte da obra dele perceberia que o divertimento ou o entretenimento vinham bem no fundo da lista de prioridades do falecido cineasta – e bastante mais com o facto de a futura viúva andar envolvida sexualmente com praticamente tudo o que tivesse um cromossoma Y, e segundo parecia há já muitos anos, incluindo possivelmente o próprio filho do *auteur* e covarde namorado de Madame Psicose, quando era pequeno, já que o patifezinho parecia ter problemas de ligação emocional negativa com a mãe mais do que suficientes para manter Viena inteira em plena atividade durante bastante tempo.

– E que, portanto – com a explicação da culpa prometaica para o suicídio do *auteur* posta em causa –, a quase professora doutora Notkin tinha muito poucas dúvidas de que todo o mito do entretenimento perfeito enquanto *Liebestod*[*1] à volta do cartucho final e supostamente letal não passava de um exemplo clássico da função antinomicamente esquizoide do mecanismo capitalista pós-industrial, cuja lógica apresentava o produto como escape para as ansiedades provocadas pela mortalidade, escape que em si mesmo era psicologicamente fatal, conforme foi claramente descrito por M. Gilles Deleuze no seu póstumo *Incesto e a Vida da Morte no Entretenimento Capitalista*, que ela teria todo o gosto em emprestar às figuras algures acima da forte luz branca do candeeiro, uma delas a bater de forma irritante com qualquer coisa no abajur metálico e cónico do candeeiro, desde que lhe prometessem que o devolveriam sem marcas.

– Que – em resposta aos pedidos respeitosos mas contundentes no sentido de limitar as respostas aos factos e poupá-los a todas aquelas abstrações intelectualoides – a lesão que tinha deformado Madame Psicose, num misto de coincidência e intenção maléfica, parecia uma coisa saída dos filmesca-tástrofe protoincestuosos mais horripilantes e irresolúveis do *auteur*, por exemplo, *A Noite Usa Chapéu Mexicano*, *Marque C para Concupiscência* e *O Infortúnio do Meu Caso*. Que Madame Psicose, que era filha única, tinha sido extrema e carinhosamente chegada ao pai, um químico especialista em pH baixo que trabalhava para uma empresa de reagentes químicos do Kentucky e que, pelos vistos, também tinha tido uma relação extremamente chegada, típica de filho

único e com base em idas ao cinema, com a própria mãe e parecia estar a reeditar essa proximidade com Madame Psicose, levando-a ao cinema quase todos os dias, no Kentucky, e de carro a uma série de competições de chefes de claque juvenis, por toda a faixa central do Sul dos EUA, enquanto a mulher, a mãe de Madame Psicose, uma religiosa devota, emocionalmente ferida e neurasténica, com medo de espaços públicos, ficava em casa, a enlatar compotas e a tratar da gestão da quinta da família, etc. Mas que, segundo parecia, as coisas tinham ficado primeiro estranhas e depois sinistras quando Madame Psicose entrou na puberdade; mais especificamente, o pai do pH baixo tinha ficado sinistro, parecendo comportar-se como se Madame Psicose estivesse a ficar mais nova em vez de mais velha: levando-a a ver filmes com classificações etárias cada vez mais infantis, no Cineplex local, ignorando propositadamente questões como a menstruação ou os seios, desencorajando fortemente os namoros, etc. Aparentemente, as coisas complicaram-se com o facto de Madame Psicose ter saído da puberdade como uma rapariga quase bizarramente linda, em especial numa zona dos Estados Unidos onde a má nutrição e a indiferença quanto à dentição e à higiene faziam da beleza física uma condição extremamente rara e meio desconcertante, que não era partilhada de forma alguma pela mãe de Madame Psicose, desdentada e do tamanho de uma boca de incêndio, que não disse uma única palavra enquanto o pai de Madame Psicose lhe proibia tudo e mais alguma coisa, desde usar sutiãs a fazer Papanicolaus, falando com a núbil Madame Psicose numa conversa de bebé cada vez mais pueril e continuando a referir-se a ela pelo diminutivo de infância, *Pookie* ou *Putti*, ao mesmo tempo que a tentava dissuadir de aceitar uma bolsa para se inscrever na Universidade de Boston, num Programa de Estudos de Cinema e Cartuchos Cinematográficos que, disse ele supostamente, estava cheio de horríveis, entre comas, *Pootem Wooky Bam-Bam,* fosse o que fosse de pejorativo que isso significasse em termos de código familiar.

– Que – para ir direito ao assunto, coisa que os interrogadores, como revelavam a postura de mãos nas ancas e a substituição da lâmpada do candeeiro por outra com muito maior voltagem, bem gostariam que acontecesse –, tal como costuma acontecer, foi só depois de entrar para a faculdade e de ir adquirindo gradualmente alguma distância psíquica e matéria para uma comparação em termos emocionais que Madame Psicose começou sequer a

perceber como a regressão promovida pelo papá especialista em reagentes tinha sido sinistra, e foi preciso que um autógrafo dado por um certo filho e estrela do desporto, numa bola de futebol americano furada, motivasse, por via de *e-mails* do Kentucky, mais suspeitas e sarcasmo do que gratidão para que começasse sequer a suspeitar que a ausência de uma vida social ao longo da puberdade pudesse ter tido tanto que ver com o desencorajamento intrusivo do papá como com os acteonizantes encantos púberes dela. Que – parando por breves instantes para soletrar *acteonizantes* – as coisas tinham finalmente dado merda, em termos psíquicos e intergeracionais, quando Madame Psicose levou o patifezinho desse filho à quinta no Kentucky pela terceira vez, para o Dia de Ação de Graças do Ano do Penso Medicinal *Tucks*, e ao assistir à forma infantilizante como o papá se dirigia a ela e ao enlatar e ao cozinhar compulsivos e silenciosos da mãe, já para não falar na tensão impressionante provocada pela tentativa de Madame Psicose de tirar alguns dos peluches do quarto para arranjar espaço para o filho do *auteur,* em resumo, ao confrontar-se com a vivência da sua casa e do seu papá através do filtro de comparação fornecido pelo envolvimento com o filho do *auteur,* Madame Psicose descambado na crise que leva a Dizer o Indizível; e que tinha sido no almoço do Dia de Ação de Graças, ao meio-dia de 24 de novembro do APMT, quando o papá do pH baixo começou não só a cortar o peru que Madame Psicose tinha no prato mas a desfazê-lo com os dentes do garfo, tudo isso perante as comparativas sobrancelhas levantadas de espanto do filho do *auteur,* que Madame Psicose deitou por fim cá para fora a pergunta até aí encravada: por que razão, sendo ela já adulta, vivendo com um homem e tendo abandonado as atividades de chefe de claque da infância para começar a construir com esforço uma carreira enquanto adulta à frente e potencialmente atrás das câmaras, parecia o papá pessoal achar que ela precisava de ajuda para mastigar? O relato em segunda mão de Molly Notkin acerca das erupções emocionais que se seguiram não é pormenorizado, mas ela acha que pode afirmar com segurança que é plausível que tenha sido um daqueles casos típicos de um sistema que se encontra há já algum tempo sob uma pressão enorme e silenciosa, ou seja, quando o sistema finalmente rebenta, a pressão acumulada é tanta que se dá quase sempre uma erupção em grande escala. E, pelos vistos, o enorme stresse do papá do pH baixo tinha entrado em erupção, ali mesmo à mesa, com a carne branca do prato da filha crescida por entre os dentes do garfo,

confessando que estava secreta e silenciosamente apaixonado por Madame Psicose desde há muito, muito tempo; que esse amor era a sério, puro, não declarado, servilmente respeitoso, intemporal, impossível; que nunca lhe tinha tocado, não era capaz de o fazer, nem olhado com desejo, não por lhe aterrorizar ser um daqueles pais do Sul profundo que tocava e olhava com desejo para a filha mas pela pureza do seu amor condenado pela menininha que havia levado diariamente ao cinema com o mesmo orgulho de um namorado; que a repressão e a dissimulação desse amor puro não tinham sido especialmente difíceis quando Madame Psicose era uma criança assexuada, mas que a chegada da puberdade e da nubilidade tinha tornado a pressão tão grande que só a podia contrabalançar fazendo regredir mentalmente a filha a uma idade de incontinência e de carne já desfeita, e que a noção do sinistro que devia parecer essa negação do amadurecimento dela – ainda que nem a filha nem a mãe, que mesmo naquele preciso instante continuava a trincar em silêncio uma batata-doce, tivessem feito alguma vez referência a isso, à negação e ao sinistra que era, embora os adorados perdigueiros do homem costumassem ganir e arranhar a porta quando a negação se tornava especialmente sinistra (sendo os animais muito mais sensíveis do que os humanos em relação a anomalias emocionais, segundo a experiência de Molly Notkin) – lhe tinha elevado a pressão do sistema límbico interno a níveis praticamente intoleráveis, e que há já quase uma década que se andava a agarrar com todas as forças à vida, mas que agora que tinha sido forçado a assistir à retirada de *Pooky*, *Urgle-Bear* e o resto do quarto com papel de parede de bailarina para arranjar espaço para um homem adulto que não era da família dela e cujo vigor físico, através do buraco que o papá tinha tentado, com todas as réstias de periclitante força de vontade que ainda possuía, não furar na parede da casa de banho, logo acima do espelho do lavatório, cujos canos faziam a parede por trás da cabeceira da cama no quarto de Madame Psicose assobiar e fazer ruídos surdos, e pelo qual, a altas horas da noite – dizendo à mulher que estava com diarreia por causa de tudo o que tinha comido –, curvado sobre o lavatório, todas as noites desde que Madame Psicose e o filho do *auteur* tinham lá chegado e dormido juntos na cama já sem peluches de uma infância durante a qual havia vivido praticamente torturado pela pureza do amor impossível pela...

– Que tinha sido nessa altura que o garfo e depois o prato inteiro da mãe de Madame Psicose haviam caído estrepitosamente ao chão e que, por entre o

barulho dos perdigueiros a lutarem por baixo da mesa pelo conteúdo do prato, a pressão do sistema de negação da própria mãe havia rebentado e ela se tinha passado, declarando publicamente, à mesa, que ela e o papá de Madame Psicose já não tinham relações sexuais, como seria normal entre um marido e uma mulher, desde a primeira menstruação da filha, e que ela percebera que se passava ali qualquer coisa incrivelmente sinistra mas que tinha entrado em negação, esvaziando as suspeitas e guardando-as, sob grande pressão, no balão de vidro da sua negação, já que, admite – *admite* é provavelmente menos preciso do que qualquer coisa como *lamenta-se, guincha* ou *diz atabalhoadamente* –, o próprio pai – um pregador itinerante em reuniões religiosas ao ar livre – a tinha molestado e à irmã durante toda a infância, olhando-as com desejo, tocando nelas e pior, e que tinha sido por isso que se havia casado logo aos dezasseis anos, para fugir, e que agora era óbvio que se tinha casado precisamente com o mesmo tipo de monstro, dos que desprezam a mulher consagrada por lei e desejam a filha.

– Que tinha dito que talvez fosse ela, a mãe, o monstro e que, sendo esse o caso, estava farta de esconder isso e de aparentar outra coisa perante Deus e o Homem.

– Que, a seguir, se havia levantado do lugar meio a cambalear, saltado por cima de três perdigueiros e desatado a correr para o laboratório dos ácidos do papá, na cave, para se desfigurar com ácido.

– Que o papá tinha uma coleção de classe mundial de vários ácidos dentro de frascos de pirex, em prateleiras de madeira, na cave.

– Que o papá, o patifezinho do filho e, por último, Madame Psicose, quase paralisada pelo choque, tinham descido a escada a correr, atrás da mãe, e chegado à cave no exato momento em que a mãe havia destapado o frasco de pirex com uma enorme caveira já meio desbotada, que, aliada ao bocado de papel de tornassol vermelho-vivo a flutuar lá dentro, era sinónimo de um ácido altamente corrosivo e de pH muito baixo.

– Que Madame Psicose se chamava na realidade Lucille Duquette e que o papá se chamava Earl ou Al Duquette e era do extremo sudeste do Kentucky, lá bem longe, perto do Tennessee e da Virginia.

– Que, apesar das manifestações de autorrecriminação do patifezinho por ter deixado que a deformidade ocorresse e da afirmação de que o turbilhão de culpa,

horror e perdão motivado pela negação tinha tornado cada vez mais insustentável uma relação empenhada com Madame Psicose, não era preciso ser-se perito em distúrbios e fraquezas de personalidade para perceber por que razão o tipo dera com os pés a Madame Psicose poucos meses depois da lesão que a tinha deformado, pois não?

– Que, no exato píncaro do histerismo que leva a raiva interiorizada a transformar-se com tanta facilidade em raiva exteriorizada, a mãe tinha atirado o frasco de pH baixo ao papá, que se desviara instintivamente; e que o patifezinho, um tal *Orin,* que estava logo atrás, um antigo campeão de ténis com soberbos reflexos do tronco superior, também se desviou instintivamente, deixando Madame Psicose – aturdida e quase paralisada pelo descarregar repentino de tantos sistemas familiares repressivos de alta pressão – completamente à mercê de um golpe facial direto que resultou na lesão que a havia deformado. E que tinha sido o facto de ninguém ter apresentado queixa que permitira à mãe não ir para a prisão, no Sudeste do Kentucky, e regressar uma vez mais à sua cozinha, onde, aparentemente arrasada, se suicidou enfiando as extremidades no triturador do lixo, primeiro um braço e depois, de forma um bocado milagrosa, se pensarmos nisso, o outro.

332

A reunião de terça-feira à tarde mais longínqua e obscura que vinha no livretezinho branco das Opções de Reabilitação da Área Metropolitana de Boston[333] que a rapariga sem incisivos e com o *piercing* no nariz da Ennet House lhe tinha dado parecia ser uma coisa exclusivamente masculina, às 17h30, em Natick, quase em Framingham, num sítio qualquer da Autoestrada 27 a que o livrete ORAMB se referia apenas como «SRQ-32A». Hal, que não tinha aulas na última hora, despachou os exercícios vespertinos, acabando de arrumar Shaw com um parcial de 1-3 quando os exercícios habituais quase nem tinham começado ainda, escapando-se depois ao circuito de fortalecimento da perna esquerda na sala de pesos e halteres, e também ia abdicar do frango de fricassé com pão de batata do jantar, tudo para ir a correr para Natick, a tempo de ver como era aquilo da reunião antidrogas da associação. Nem sabia bem porquê, pois o problema dele não parecia ser nenhuma incapacidade salivante de se abster – não tinha tocado sequer num único miligrama de droga, de nenhum tipo,

desde o indulto urológico dos trinta dias da semana anterior. O problema era a sensação horrível na cabeça, cada vez mais intensa, desde que tinha subitamente abandonado todo o *Hope*[*2 334]. E não eram só pesadelos e saliva. Agora, era como se tivesse a cabeça empoleirada no pé da cama a noite inteira e, logo de manhãzinha, terrivelmente cedo, quando Hal abria os olhos, lhe dissesse de rajada Ainda bem que estás ACORDADO, já andava para FALAR contigo há algum tempo e depois não o largasse o dia inteiro, sempre a azucriná-lo como uma serra elétrica a todo o gás, até ele ter finalmente possibilidade de tentar adormecer, enfiando-se na cama, deprimido, à espera de mais pesadelos. Sentindo-se permanentemente, sem um único minuto de descanso, deprimido e vazio.

Já começava a anoitecer mais cedo. Hal assinou o registo ao passar pelo portão e desceu a colina a toda a velocidade, atravessando a Av. Comm. ao volante do camião-reboque, em direção ao C.C. Reservoir, e seguindo depois para sul, pela Rua Hammond, o mesmo percurso entediante dos treinos de corrida da ATE, só que quando chegou à Rua Boylston, virou à direita e avançou para oeste. A seguir a West Newton, a Rua Boylston converte-se na estrada secundária Rte. 9, a principal alternativa à suicida I-90 para os habitantes dos subúrbios a oeste, serpenteando por entre os vários subúrbios até Natick e à Autoestrada 27.

Hal seguiu lentamente pelo meio do trânsito de uma estrada com muito movimento que tinha sido em tempos um caminho para vacas. Quando chegou a Wellesley Hills, o cor de laranja em combustão do céu tinha-se intensificado e assumido os tons de um vermelho infernal próprio das últimas brasas de um fogo. Pouco depois, a escuridão caiu abruptamente, e com ela o estado de espírito de Hal. Sentiu-se patético e absurdo por ir sequer ver como era aquela coisa da reunião dos Narcóticos Anónimos.

Toda a gente que passava por ele piscava os máximos por os faróis do camião-reboque, de forma bastante insensata, estarem colocados tão alto na grelha.

Pemulis ou Axford tinham tirado o leitorzinho de CD portátil sem o voltarem a pôr no sítio. Na WYYY, ouvia-se um ténue resquício de *jazz* com um oceano de estática em pano de fundo. Na AM, só estavam a passar *rock* comercial e notícias de que a administração Gentle tinha marcado e depois cancelado a disseminação espontânea de um comunicado especial à nação sobre assuntos de

natureza desconhecida. A Rádio Pública Nacional tinha no ar uma espécie de mesa-redonda acerca de possíveis assuntos – a prótese de laringectomia de George Will parecia uma coisa hedionda. Hal preferiu o silêncio e os sons do trânsito. Comeu dois dos três *muffins* de farelo que tinha comprado por quatro dólares numa padaria *gourmet* em Cleveland Circle, fazendo uma careta ao engolir por se ter esquecido de comprar também uma gasosa para acompanhar, e depois enfiou um pedaço gigantesco de *Kodiak* e foi cuspindo periodicamente para dentro do copo especial da NASA, que cabia perfeitamente na base junto às mudanças, passando os quinze minutos finais da aborrecida viagem a matutar na provável evolução etimológica da palavra *anónimo*, desde, pensou ele, o eólico *övμya* até à referência feita por Thynne, em 1580 A.S., às *anonymall Chronicals*; e se teria estado ligada, algures na raiz saxónica, ao *on-áne* do inglês antigo, que supostamente significava O todo como Um só ou um só corpo e acabou por se tornar o modelo de inversão de Cynewulf para o clássico *anon*, se calhar. A seguir, Hal convocou, no seu ecrã mnemónico, a história do desenvolvimento, desde 1935 A.S., do grupo inicial de substâncias dos Alcoólicos Anónimos, sobre o qual lera uma entrada tão extensa no *Dicionário Discursivo de Oxford* que nem tinha precisado de consultar nenhuma outra base de dados para se sentir mais ou menos factualmente preparado para dar um salto a um seu sucedâneo, os Narcóticos Anónimos, e passar os olhos pela coisa para a avaliar minimamente. Hal é capaz de produzir uma espécie de fotocópia mental de qualquer coisa que tenha lido e basicamente lê-la outra vez de uma ponta a outra, sempre que lhe apeteça, talento que o abandono de todo o *Hope* (ainda) não comprometeu, pois os efeitos da desabituação têm sido mais, tipo, emocionais/salivo-digestivos.

As rochas de ambos os lados do camião, na parte em que a Autoestada 27 passa por colinas rochosas, a orla da penumbra das montanhas Berkshire, são de granito ou de gnaisse.

Hal põe-se a treinar durante algum tempo, experimentando dizer «Chamo-me Mike», «Mike. Olá», «Tudo bom? Chamo-me Mike», etc., enquanto olha para o retrovisor do camião.

Cerca quinze minutos a leste de Natick, torna-se evidente que o conciso SRQ designa umas instalações que dão pelo nome de Sistemas de Recuperação Quabbin, fáceis de encontrar, com letreiros publicitários ao longo da autoestrada a começarem a anunciar o sítio a vários quilómetros de distância, cada um

ligeiramente diferente do anterior e concebido de forma a criar uma espécie de narrativazinha que culminaria na chegada propriamente dita à SRQ. Até o falecido pai de Hal era demasiado novo para se lembrar dos letreiros a anunciar o creme de barbear *Burma*.

Os Sistemas de Recuperação Quabbin ficam bem afastados da Autoestrada 27, numa sinuosa mas arranjada estrada de gravilha, inteiramente ladeada por elegantes e antiquados candeeiros, com abajures de vidro em cristal de rocha e facetados como taças para servir doces, que parecem ser mais para dar ambiente do que iluminação. E, a seguir, o caminho de entrada para o edifício propriamente dito é uma estradinha ainda mais sinuosa que mal passa de um túnel por entre pinheiros meditativos e choupos-da-lombardia com má postura. Depois de se sair da autoestrada, todo o cenário noturno daquele exúrbio – o verdadeiro campo de Boston – parece fantasmagórico e circunspecto. Os pneus do camião de Hal esmagam pinhas na estrada. Um pássaro qualquer caga-lhe no para-brisas. O caminho vai-se alargando progressivamente, dando lugar a uma espécie de delta e, a seguir, a um parque de estacionamento de gravilha branca e nova, e o edifício em si da SQR aparece de repente, em forma de cubo e pesado. É um daqueles cubos modernos e não deformados de painel de tijolo e cantos de granito em bruto. Melancolicamente iluminado a partir de baixo por mais candeeiros elegantes, parece um cubo de construção saído da arca de brinquedos de uma criança gigante. Tem janelas com vidros castanhos e fumados, daqueles que à luz do dia se transformam em espelhos escuros. O falecido pai de Hal tinha repudiado publicamente esse género de vidros numa entrevista dada à *Lens & Pane* quando o material foi lançado. Naquele momento, iluminadas por dentro, as janelas têm um aspeto sanguinolento e poluído.

Uns bons dois terços dos lugares no parque de estacionamento dizem reservado para os funcionários, o que Hal acha estranho. O camião tem tendência a continuar a trabalhar, resfolegando ruidosamente, depois de se desligar o motor, até parar por fim e de repente, com um solavanco que mais parece um peido. O silêncio é total, tirando o sibilar do pouco trânsito que se ouve a passar na Autoestrada 27 por trás de todas as árvores. Só vive no exúrbio de Natick quem trabalha em telecomputadores e quem gosta de fazer maratonas para ir e vir do emprego. Está muito menos calor do que devia estar ou então uma frente fria começou a aproximar-se enquanto Hal guiava. O ar a cheirar a

pinheiro do parque de estacionamento tem a ferroada etílica do inverno.

O lintel e as portas grandes da SRQ também são do tal vidro fumado. Não há campainha à vista, mas as portas não estão trancadas. Abrem-se daquela maneira pressurizada típica das portas de uma instituição. O átrio com cores de savana é amplo e ainda tem um leve odor médico/dentário. A carpete é um emaranhado espesso e curto de *Dacronyl*, castanho-claro, que abafa os sons. Há um balcão alto e circular, género posto de enfermeiras ou receção, mas não está lá ninguém.

O silêncio é tanto em todo aquele sítio que Hal consegue ouvir o sangue a correr na cabeça.

O 32A que se seguia ao SRQ no livretezinho branco da rapariga é presumivelmente o número de uma sala. Hal traz um casaco que não é da ATE e o copo da NASA para onde cospe. Teria de cuspir mesmo que não tivesse enfiado tabaco de mascar na boca; o *Kodiak* é quase um álibi ou uma desculpa.

Não há nenhum mapa nem diretório género Você Está Aqui à vista no átrio. O calor que ali se sente é intenso e abafado mas assim para o poroso; está numa espécie de luta incómoda com o frio radiante de todos os vidros fumados à entrada. Os candeeiros do parque de estacionamento e no caminho de entrada parecem borrões de luz sépia através dos vidros. Lá dentro, as luzes instaladas nas interseções entre as paredes e o teto dão origem a uma iluminação indireta que não produz sombra e parece vir dos próprios objetos do átrio. No primeiro corredor comprido por onde Hal experimenta avançar, a iluminação é a mesma, tal como a cor de pelo de leão da carpete. Os números das salas vão até ao 17 e, depois de Hal virar repentinamente a esquina, recomeçam no 34A. As portas das salas são de madeira falsa castanho-clara mas têm um aspeto robusto e privado, completamente fechadas. E também cheira a café velho. O esquema de cores das paredes está algures entre o castanho-avermelhado e a casca de uma beringela madura, uma coisa um bocado repugnante no contraste com a cor da areia da carpete. Todos os edifícios com qualquer coisa a ver com a saúde têm um leve subodor dentário adocicado e nauseabundo. A SRQ também parece ter uma espécie de ambientador balsâmico a funcionar no sistema de ventilação, mas acaba por não chegar para ocultar o fedor adocicado e médico ou o cheiro insípido e acre da comida típica de uma instituição.

Hal ainda não ouviu um único som humano desde que entrou. O silêncio daquele sítio tem o som cintilante de um silêncio total. Não consegue ouvir os

próprios passos no *Dacronyl*. Sente-se furtivo e como um ladrão, baixando o copo da NASA e encostando-o ao corpo, ao mesmo tempo que levanta um pouco mais o livrete dos Narcóticos Anónimos, com a capa virada para a frente, como uma espécie de identificação elucidativa. Há paisagens tratadas digitalmente nas paredes, mesinhas baixas com panfletos lustrosos, um quadro emoldurado do *Arlequim Sentado* de Picasso, e tudo o resto não passava de tretas típicas de uma instituição, lixo visual. Sem ouvir os próprios passos, é como se as filas de portas se limitassem a deslizar por ele. O silêncio contém uma espécie de ameaça. Para Hal, todo o edifício em forma de cubo parece conter a tensa ameaça de uma coisa viva que até então preferiu deixar-se ficar quieta. Se pedissem a Hal para descrever o que sentia enquanto procurava a sala 32A, o melhor que conseguiria fazer seria responder que gostaria de estar noutro sítio qualquer e a sentir-se de maneira diferente. Está a deitar imenso cuspo pela boca. Tem um terço do copo cheio e sente-o pesado, não lhe apetecendo muito olhar para lá. Já errou o alvo umas quantas vezes e, em vez do copo, sujou a carpete de cuspo escuro. Depois de dar duas voltas de noventa graus, torna-se evidente que o corredor forma um quadrado perfeito em redor do rés do chão do cubo. Não viu escadas nem entradas para escadas. Despeja o conteúdo bastante viscoso do copo da NASA para a terra do vaso de uma árvore-da-borracha. O edifício da SRQ é capaz de ser um daqueles abomináveis prédios, género cubo mágico, que parecem topologicamente não deformados mas são na verdade impossíveis de superar quando se lá entra. Mas, a seguir à terceira esquina, os números recomeçam no 18 e Hal consegue finalmente ouvir vozes muito distantes ou muito abafadas. Leva o livrete dos Narcóticos Anónimos à frente dele como um crucifixo. Tem à volta de cinquenta dólares em dinheiro, mais cem num vale com o emblema da águia, folha e vassoura da ONAN, já que não fazia ideia do tipo de custos iniciais que pudessem estar envolvidos. Mas a SRQ não tinha adquirido vários hectares de primeira qualidade em Natick nem os serviços inovadores de um arquiteto de geometria minimalista da Universidade de São Paulo só com uma reputação altruísta, isso era certo.

A porta de grão de madeira da sala 32A estava tão enfaticamente fechada como todas as outras, mas era dali que vinham as vozes abafadas. O livrete indicava que a reunião começava às 17h30 e ainda eram 17h20, e Hal achou que as vozes podiam significar que estava a haver alguma espécie de orientação pré-

reunião para as pessoas que vieram pela primeira vez, mais ou menos a título experimental, só para verem como funciona a coisa, e por isso não bate à porta.

Continua a ter aquele hábito intratável de fazer de conta que está a endireitar a gravata antes de entrar num sítio desconhecido.

E tirando o fino forro de borracha, as maçanetas das portas dos Sistemas de Recuperação Quabbin são iguais às da ATE – barras lisas de latão presas ao mecanismo do trinco com tarugos, de modo que é preciso pressionar a barra para baixo em vez de rodar alguma coisa para abrir a porta.

Mas, pelos vistos, a reunião já começou. Só que não é, nem por sombras, suficientemente grande para criar uma atmosfera de anonimato ou de observação descontraída. Estão nove ou dez adultos da classe média na sala quente, sentados em cadeiras de plástico cor de laranja com pernas em tubo de aço moldado. Os homens têm todos barba, calças de sarja e uma camisola, e estão todos sentados da mesma maneira, à indiana, de pernas cruzadas, com as mãos nos joelhos e os pés por baixo destes, e estão todos de meias, mas não há sapatos nem anoraques à vista. Hal fecha a porta devagar e desloca-se furtivamente ao longo da parede, até se sentar numa cadeira vazia, sempre a empunhar conspicuamente o livrete das reuniões. As cadeiras estão dispostas sem ordem discernível e o seu cor de laranja choca pavorosamente com as próprias cores da sala, com paredes e um teto da cor do molho *Thousand Island* – um esquema de cores com associações que Hal é incapaz de identificar mas que lhe causam mal-estar – e outra vez a carpete *Dacronyl* pele de leão. E o ar quente na sala 32A está carregado de CO^2 e desagradavelmente perfumado com o aroma de corpos masculinos e flácidos de meia-idade sem sapatos, um cheiro bafiento a carne e queijo, mais nauseabundo até do que o balneário da ATE depois de uma *fiesta* Tex-Mex cortesia da senhora Clarke.

O único tipo na reunião que parece dar pela entrada de Hal está na parte da frente da sala, um homem que Hal teria de considerar quase morbidamente redondo, com um corpo que é praticamente do tamanho do de Leith, esfericamente redondo, e que tem no topo uma cabeça mais pequena, mas que ainda assim parece um grande globo, meias de xadrez e pernas que não consegue cruzar por completo na cadeira, dando a ideia de que pode cair para trás a qualquer momento, sorrindo calorosamente enquanto olha para o anoraque e o copo da NASA de Hal, enquanto este se desloca furtivamente e se afunda na

cadeira. A cadeira do homem redondo está colocada por baixo de um pequeno quadro branco para escrever com marcador, e todas as outras cadeiras estão aproximadamente de frente para ele, com o homem a segurar um marcador numa mão e o que parece mesmo ser um urso de peluche, bem encostado ao peito, na outra, vestido com as calças de sarja e uma camisola norueguesa de torcidos e da cor acastanhada de uma torrada. Tem cabelo loiro lustroso, e aquelas sobrancelhas e sinistras pestanas loiras e a cara fortemente ruborizada de um verdadeiro loiro norueguês, com uma barbicha à Fu Manchu tão profusamente encerada que parece uma estrela truncada. É bastante óbvio que o loiro morbidamente redondo é o líder da reunião, possivelmente um alto funcionário dos Narcóticos Anónimos, a quem Hal poderia pedir informações, a seguir e descontraidamente, sobre panfletos e livros para comprar e estudar.

Lá à frente, outro tipo de meia-idade está a chorar e também tem o que parece ser um urso de peluche.

As sobrancelhas loiras sobem e descem enquanto o líder diz:

– Gostava de sugerir que abraçássemos todos os nossos ursinhos com força e deixássemos a nossa Criancinha Interior ouvir, sem fazer juízos de valor, a Criancinha Interior do Kevin a expressar a sua dor e perda.

Estão todos em ângulos subtilmente diferentes em relação a Hal, afundado na cadeira, junto à parede, na penúltima fila, mas que depois de estender um pouco o pescoço, subtil e descontraidamente, percebe que é mesmo verdade, aqueles tipos da classe média, no mínimo na casa dos trinta, estão todos ali sentados a apertarem ursos de peluche contra os peitos das camisolas – e ursos de peluche idênticos, rechonchudos e castanhos, com os braços e as pernas esticados e uma linguazinha vermelha em bombazina a sair-lhes da boca, o que faz os ursos parecerem todos estranhamente estrangulados. De repente, a sala ficou ameaçadoramente silenciosa, tirando o sibilar do aquecimento e o tal Kevin, o tipo que está a chorar, com o barulho da saliva de Hal a bater no fundo do copo vazio a ouvir-se muito mais alto do que ele gostaria.

A nuca do tipo que está a chorar vai ficando cada vez mais vermelha, à medida que ele aperta o ursinho e baloiça sobre as nádegas.

Hal tem as pernas cruzadas, com o tornozelo em bom estado em cima do joelho, e vai balançando o ténis-bota e olhando para o polegar cheio de calos enquanto ouve o tal tipo, Kevin, a chorar e a fungar. O tipo limpa o nariz com a

parte de trás do pulso, tal e qual como os companheirinhos da ATE. Hal imagina que as lágrimas e os ursinhos devem ter alguma coisa que ver com deixar as drogas e que a reunião provavelmente está prestes a começar a falar explicitamente de drogas e de como deixá-las durante um determinado período de tempo sem que uma pessoa se sinta indescritivelmente deprimida e vazia, ou então, se calhar, dar pelo menos algumas informações sobre o tempo que se deve esperar que continue essa sensação de depressão por se deixar as drogas até que os velhos sistema nervoso e glândulas salivares regressem ao normal. E embora *Criancinha Interior* lembrasse desconfortavelmente a temida *Criança Interior* da doutora Dolores Rusk, Hal está disposto a apostar que, neste caso, se trata de uma espécie de alcunha estenográfica dos Narcóticos Anónimos para qualquer coisa do género «componente límbico do sistema nervoso central» ou «a parte do nosso córtex que ainda não está completamente deprimida e vazia sem as drogas que até aqui nos têm feito aguentar o dia a dia, às escondidas» ou algo assim parecido, otimista e encorajador. Hal força-se a manter a objetividade e a não formar nenhuma opinião sem ter dados concretos, esperando desesperadamente que surja alguma sensação esperançosa.

O líder duplamente esférico fez uma gaiola com as mãos e apoiou-as na cabeça do urso de peluche, respirando lenta e pausadamente e observando Kevin com ternura, por baixo das sobrancelhas loiras, parecendo um autêntico Buda enquanto surfista da Califórnia. O líder inspira suavemente e diz:

– As energias que estou a sentir no grupo são energias de amor e aceitação incondicionais em relação à Criancinha Interior do Kevin.

Mais ninguém diz nada e o líder não parece precisar que alguém diga alguma coisa. Olha para a gaiola que formou com as mãos sobre o ursinho e começa a alterar-lhe a forma subtil e constantemente. O tal tipo, Kevin, que agora tem a nuca não só vermelha como uma beterraba mas reluzente do suor envergonhado, entre o colarinho da camisa e o início do cabelo, soluça ainda mais perante a afirmação de amor e apoio. A voz alta e rouca do líder redondo tinha o mesmo tom didático e insipidamente amável da de Rusk, como se estivesse sempre a falar com uma criança não muito inteligente.

Depois de brincar mais um pouco com a gaiola e de respirar fundo, o líder olha em redor, acena com a cabeça para nada em particular e diz:

– Talvez pudéssemos dizer todos o que estamos a sentir neste momento pelo

Kevin e partilhar como nos preocupamos com ele e com a Criancinha Interior dele, neste momento de sofrimento.

Vários tipos barbudos e de pernas cruzadas dizem em voz alta:

– Adoro-te, Kevin.

– Não estou a fazer juízos de valor, Kevin.

– Sei perfeitamente como tu e a tua Criancinha Interior se sentem.

– Sinto-me muito próximo de ti.

– Estou a sentir uma data de amor por ti neste momento, Kevin.

– Estás a chorar por dois, pá.

– Kevin Kevin Kevin Kevin Kevin.

– Não sinto nada que o facto de estares a chorar seja pouco masculino ou patético, amigo.

É nesta altura que Hal começa verdadeiramente a perder a objetividade e a abertura de espírito a que se forçara e a ficar com um mau pressentimento em relação àquela reunião dos Narcóticos Anónimos («NA»), que já parece estar bem a meio e não se assemelha nada ao que ele imaginou que fosse uma reunião antidrogas minimamente esperançosa. Parece mais uma cena tipo encontro de psicologia cosmética. Até agora, ainda não foi mencionada uma única droga ou sintoma de privação das drogas. E, se tivesse de dar um palpite, nenhum daqueles tipos parece ter estado metido em qualquer coisa mais substancial do que um ou outro copo de sangria.

O estado de espírito taciturno de Hal intensifica-se ao mesmo tempo que o homem redondo lá à frente se debruça precariamente para abrir uma espécie de caixa de brinquedos que se encontra por baixo do quadro, ao lado da cadeira, e tirar de lá um *scanner* laser portátil de CD, de plástico e baratucho, que coloca em cima da caixa de brinquedos, começando a produzir uma espécie de música ambiente de centro comercial, baixinha e lamechas, quase só violoncelo, mas com harpas e carrilhões esporádicos. A coisa espalha-se pela salinha quente como manteiga derretida e Hal afunda-se ainda mais na cadeira cor de laranja, olhando fixamente para o emblema com o espaço e a nave espacial do copo da NASA.

– Kevin? – chama o líder por cima da música. – Kevin?

O homem que está a soluçar tem a mão a tapar a cara como se fosse uma aranha e só começa a levantar os olhos depois de o líder perguntar várias vezes,

de uma forma suave e carinhosa:

– Kevin, achas que és capaz de olhar para o resto do grupo?

A nuca vermelha de Kevin enruga-se quando ele olha para o líder loiro por entre os dedos.

O líder voltou a fazer a gaiola em cima da cabeça esborrachada do seu pobre ursinho.

– És capaz de partilhar o que sentes, Kevin? – pergunta. – És capaz de expressá-lo?

A voz de Kevin surge abafada pela mão por trás da qual ele se esconde.

– Sinto os problemas de abandono e privação profunda da minha Criancinha Interior, Harv – diz ele, respirando entrecortadamente. Tem os ombros da camisola cor de malva a tremerem. – Sinto a minha Criancinha Interior em pé no berço, agarrada às grades e a olhar através delas... das grades do berço, e a chorar pela mamã e pelo papá, para virem pegar-lhe ao colo e acarinhá-la.

Kevin soluça duas vezes, como se tivesse apneia. Está a apertar com um braço o ursinho que tem ao colo com tanta força que Hal acha que consegue ver um bocadinho do estofo a começar a sair-lhe pela boca, junto à língua, ao passo que Kevin tem uma estalactite daquele muco fino e claro, tipo choramingoso, a pender-lhe do nariz, a poucos milímetros da cabeça do ursinho estrangulado.

– E ninguém *aparece* ! – exclama a soluçar. – Ninguém aparece. Sinto-me sozinho com o meu ursinho, o meu aviãozinho de plástico e a minha chupeta.

Está toda a gente a fazer que sim com a cabeça, com uma expressão de sofrimento. Não há ali duas barbas que sejam exatamente iguais, em termos de opulência e forma. De repente, ouve-se mais um ou outro soluço a vir do outro lado da sala. Os ursinhos estão todos a olhar em frente, fixa e inexpressivamente.

O líder acena com a cabeça de forma lenta e meditativa.

– E agora és capaz de partilhar as tuas angústias com o grupo, Kevin?

– Por favor, Kevin, partilha – diz um tipo magro, ao pé de um arquivador preto, que parece ser um veterano a sentar-se à indiana em cadeiras de plástico duras.

A música continua a tocar, a tocar sem ir a lado nenhum, tipo Philip Glass sob o efeito de *Quaaludes*.

– O nosso trabalho aqui – diz o líder por cima da música, agora com uma mão colada a uma das grandes bochechas pensativamente – é tentar terminar com a

nossa passividade disfuncional e a tendência para esperarmos em silêncio que as angústias da nossa Criancinha Interior sejam resolvidas por artes mágicas. Esta energia que eu estou a sentir agora no grupo diz-me que o grupo está a pedir ao Kevin, em sinal de apoio, que acarinhe a Criancinha Interior dele expressando e partilhando essas angústias em voz alta com o grupo. E estou a sentir que temos todos plena consciência da vulnerabilidade do Kevin neste preciso momento e do arriscado que lhe deve parecer ser expressar essas angústias em voz alta.

Está toda a gente com um ar seriíssimo. Dois dos tipos coçam a barriga aos ursinhos como se estes estivessem prenhes. A única coisa realmente infantil que Hal consegue sentir dentro dele é o borbulhar inguinal de dois *muffins* de farelo pesadões engolidos em grande velocidade e sem nenhum líquido a acompanhar. O fio de muco a pender do nariz de Kevin treme e balança. O tipo magro que tinha pedido a Kevin para fazer o favor de partilhar pôs-se a abanar os braços do ursinho de peluche de forma infantil. Hal sente uma vaga de náusea a inundar-lhe a boca com mais uma dose de saliva.

– Estamos a pedir-te para expressar o que a tua Criancinha Interior quer, neste preciso momento, mais do que qualquer outra coisa no mundo – diz o líder a Kevin.

– *Ser amada e abraçada!* – lamuria-se Kevin, soluçando ainda com mais força.

O muco lacrimal já se transformou num fino fio prateado que lhe liga o nariz ao cocuruto hirsuto do ursinho. A cada segundo que passa, a expressão do ursinho parece a Hal mais sinistra. Hal pergunta-se o que dirá a etiqueta dos Narcóticos Anónimos em relação a uma pessoa levantar-se da cadeira e ir-se embora a meio da revelação infantil de angústias de outra. Enquanto isso, Kevin vai dizendo que a Criancinha Interior dentro dele sempre tinha tido a esperança de que um dia a mamã e o papá estivessem presentes para cuidar dela, para abraçá-la e amá-la. Mas diz que, desde o início, nunca tinham estado presentes para cuidar dele, deixando-o e ao irmão com amas hispânicas enquanto se dedicavam aos empregos e a vários tipos de psicoterapia e de grupos de apoio. Isto demora algum tempo a ser dito, tendo em conta todas as fungadelas e os espasmos torturados. E, a seguir, Kevin diz que, aos oito anos, já eles não estavam mesmo presentes, tinham morrido, esmagados pela queda, na alameda Jamaica Way, de um helicóptero disfuncional que dava informações sobre o

trânsito pela rádio, quando iam a caminho de mais uma sessão de aconselhamento a casais.

É nesse momento que Hal levanta a cabeça subitamente, com a boca redonda de horror. De repente, apercebeu-se de que aquele tipo que está sentado num ângulo que só permite a Hal ver-lhe a parte mais oblíqua do perfil é na realidade Kevin Bain, o irmão mais velho de Marlon Bain, o antigo parceiro de pares e de tropelias químicas do seu irmão Orin na ATE, Kevin Bain, de Dedham, Massachusetts, e a última coisa que Hal tinha ouvido dizer é que tinha tirado o MBA em Wharton e feito uma fortuna com uma série de salões de jogos de Realidade Simulada, de uma ponta à outra de South Shore, na altura da moda da Realidade Simulada pré-Tempo Subsidiado, antes de os leitores de InterLace e os cartuchos digitais darem às pessoas a possibilidade de fazer em casa as suas próprias simulações, conforme quisessem, e de a novidade se tornar obsoleta[335]. O Kevin Bain cujo passatempo de infância era memorizar as tabelas de depreciação de capital fiscal e cuja ideia de uma grande maluquice[336], já em adulto, era pôr mais *marshmallows* no chocolate quente que bebia todas as noites, e que não seria capaz de reconhecer uma droga recreativa mesmo que esta fosse ter com ele e lhe espetasse o dedo no olho. Hal começa a procurar possíveis saídas. A única porta era aquela por onde tinha entrado, que está à vista de quase toda a gente. Não há nenhuma janela.

Hal arrepia-se todo ao dar conta de várias coisas. Aquilo não é nenhuma reunião dos Narcóticos Anónimos ou Antidrogas. É uma daquelas reuniões, género Movimento Masculino, para tratar de problemas masculinos a que o padrasto de K.D. Coyle ia e que Coyle gostava de imitar e de fazer troça durante os treinos, espetando o cabo da raqueta entre as pernas e gritando: «Acarinha isto! Honra o teu compromisso de estabelecer uma ligação com aquilo!»

Kevin Bain está a limpar o nariz à cabeça do seu pobre ursinho de peluche e a dizer que não lhe parecia que a sua Criancinha Interior fosse ver o seu desejo concretizado. O violoncelo da música sentimentaloide parece uma vaca qualquer a mugir angustiadamente, talvez por estar onde está.

E a verdade é que o homem redondo, que ficou com a marca da mão na bochecha macia, lá pede ao pobre do velho Kevin Bain para honrar o desejo magoado da Criancinha Interior dele e expressá-lo, dizendo «Por favor, mamã e papá, venham amar-me e abraçar-me», em voz alta, várias vezes, coisa que

Kevin Bain faz, balançando-se ligeiramente na cadeira e com a voz a revelar agora um laivo do velho embaraço mortificado de um adulto, além dos soluços atrozes. Alguns dos homens na sala estão a limpar a limpar os olhos muito brancos e livres de drogas aos braços dos ursinhos de peluche. Hal recorda dolorosamente os raros saquinhos, com fecho de correr, de marijuana hidropónica do condado de Humboldt que Pemulis de vez em quando orientava, via FedEx, junto do seu homólogo, em termos de comércio, da Academia Rolling Hills, com uns rebentos castanho-claros e curvos tão grandes e cheios de potente resina *Delta-9* que os saquinhos pareciam ter lá dentro bracinhos de ursinhos de peluche. Os sons húmidos que ouve logo atrás de si acabam por ser um homem mais velho e de cara simpática a comer um iogurte num copo de plástico. Hal não para de reconfirmar os dados relativos à reunião no livretezinho ORAMB que a rapariga lhe deu. Repara que o livrete tem grandes dedadas de chocolate em várias páginas e que duas delas estão completamente coladas com o que Hal teme ser um velho e seco macaco do nariz, e, agora, que a data na capa do livrete é de janeiro do Ano dos Produtos Lácteos da América Profunda, ou seja, de há quase dois anos, e que não é impossível que a rapariga desdentada e suavemente hostil daquela instituição, a Ennet House, lhe tenha pregado uma partida dando-lhe um guia ORAMB antigo e inútil.

Kevin Bain está sempre a repetir «Por favor, mamã e papá, venham amar-me e abraçar-me», numa espécie de tom monocórdico de *pathos*. O cecear cada vez mais acentuado ao dizer *Por favor* parece ser uma invocação performativa da velha Criancinha Interior. Escorrem e rolam lágrimas e outros fluidos. Os olhos azuis do próprio Harv, o líder redondo e caloroso, mostram-se húmidos e vítreos. O violoncelo que sai do *scanner* de CD entrou agora numa espécie de *pizzicato* meio *jazz* que parece ser um oximoro por contraste com o ambiente na sala. Hal está sempre a apanhar uns sopros de um cheiro quente e agridoce a civeta, o que significa que alguém ali perto dele tem uns problemas de pé de atleta para resolver, por baixo das meias. E a sala 32A não ter janelas é uma coisa desconcertante, tendo em conta todas as janelas com vidros castanhos e fumados que Hal tinha visto do lado de fora do cubo da SRQ. O homem que está a comer o iogurte tem uma daquelas barbinhas retangulares fáceis de manter afastadas da borda do copo. O cabelo de Kevin Bain formou, atrás e dos lados, várias madeixas espetadas e encharcadas de suor, por causa do calor na sala e das

emoções da criancinha.

Quando era bebé e mesmo até já estar a começar a aprender a andar, Hal tinha sido sempre abraçado e embalado, estavam constantemente a dizer-lhe, alto e bom som, que o amavam, e acha que podia ter dito à Criancinha Interior de K. Bain que ser abraçado e dizerem que nos amam não nos tornava automaticamente uma pessoa completa em termos emocionais e livre de drogas. Pelo contrário, Hal até inveja um homem que acha que tem qualquer coisa que pode explicar o facto de estar todo lixado, uns pais para culpar. Nem sequer Pemulis culpava o falecido pai, o senhor Pemulis, que não parecia ter sido propriamente o Fred MacMurray dos pais dos Estados Unidos. Mas a verdade é que Pemulis também não se considerava todo lixado ou agarrado às drogas.

A balançar o ursinho sobre o joelho, Harv, o Buda loiro da camisola de torcidos, pergunta numa voz calma a Kevin Bain se a Criancinha Interior dele acha que os pais iriam alguma vez aparecer ao pé do berço para resolver as angústias dela.

– Não – responde Kevin muito baixinho. – Não, não acha, Harv.

O líder está a mexer indolentemente nos braços esticados do ursinho, colocando-os em diversas posições, o que faz com que o ursinho pareça estar a acenar ou a render-se.

– E achas que és capaz de pedir a alguém aqui do grupo para te amar e abraçar, Kevin?

A nuca de Kevin Bain não se mexe. Hal sente todo o aparelho digestivo entrar em convulsão perante a perspetiva de ver dois adultos barbudos, de camisola e meias, a agarrarem-se um ao outro em substituição de um abraço a uma criancinha. Começa a perguntar-se por que razão não finge simplesmente um ataque de tosse horrendo e foge do SRQ.-32A com a mão a tapar-lhe a cara.

Agora, Harv está a abanar os braços do ursinho para trás e para a frente e a fazer uma vozinha estridente à desenho animado, fazendo de conta que o ursinho dele está a perguntar ao ursinho de Kevin Bain se não poderia talvez apontar para o homem do grupo que Kevin Bain mais gostaria que o abraçasse, acarinhasse e amasse *in loco parentis*. Hal está a deixar o cuspo escorrer pelo copo sem fazer barulho e a lamentar-se, deprimido, por ter feito cinquenta quilómetros sem jantar para ouvir um homem esférico, com meias de xadrez, a fingir que o ursinho de peluche dele está a falar latim quando desvia os olhos do

copo e se arrepia todo ao ver que Kevin Bain se virou na cadeira, ainda sentado à indiana, e levantou o ursinho bem alto, segurando-o por baixo dos braços, como um pai faria a uma criancinha numa oportunidade de espetáculo público ou num desfile, virando o ursinho de aspeto estrangulado para um lado e para o outro, perscrutando a sala – ao mesmo tempo que Hal tapa parte da cara com a mão, fazendo de conta que está a coçar a sobrancelha e rezando para não ser reconhecido – e, por fim, manipulando o braço do ursinho, com a mão rechonchuda e hirsuta, castanha e sem dedos, a apontar precisamente para Hal. Hal contorce-se todo, dobrando-se com um espasmo de tosse que é só meio fingido e analisando mentalmente várias hipóteses de estratagemas de fuga.

Tal como o irmão mais novo Marlon Bain, Kevin Bain é uma pessoa pequena e atarracada, com uma cara muito morena. Parece um *troll* demasiado desenvolvido. E tem a mesma capacidade para suar constante e incrivelmente que sempre fizera Marlon Bain parecer a Hal, tanto dentro como fora do campo, um sapo encolhido, molhado e sem nunca pestanejar, numa sombra húmida. Só que os olhinhos brilhantes de Kevin Bain também estão vermelhos e inchados por estar a chorar em público e as entradas que já tem dão-lhe um bico de viúva bem pronunciado, e não parece reconhecer um Hal pós-pubescente, apontando a mão sem dedos do ursinho não para Hal, apercebe-se este finalmente, depois de ter quase engolido o pedaço de *Kodiak*, mas para o tipo mais velho da cara simpática e barba retangular sentado atrás dele, que tem uma colher de iogurte intensamente cor-de-rosa diante da boca aberta do seu ursinho, a tocar-lhe ao de leve na linguazinha vermelha em bombazina, fazendo de conta que lhe está a dar de comer. Com grande descontração, Hal enfia o copo da NASA entre as pernas, põe as mãos debaixo do tampo da cadeira e faz com que esta dê uns saltinhos para o lado, afastando-se a pouco e pouco do campo de visão e do caminho entre Kevin Bain e o homem do iogurte. Lá à frente, Harv está a fazer um sinal complexo com a mão, para que o homem do iogurte não fale nem saia da cadeira cor de laranja da última fila aconteça o que acontecer; e a seguir, quando Kevin Bain, sempre com as pernas cruzadas, se volta a virar para a frente, Harv transforma subtilmente o sinal com a mão num outro movimento, como se estivesse apenas a alisar o cabelo. O movimento torna-se depois sincero e meditativo quando o líder respira fundo umas quantas vezes. A música voltou à narcose sonolenta original.

– Kevin – diz Harv –, como isto é um exercício de grupo à volta da passividade e das angústias das nossas Criancinhas Interiores, e visto que para ti o Jim é o membro do grupo de quem queres receber alguma coisa, precisamos que peças ao Jim em voz alta para resolver as tuas angústias. Pede-lhe para te vir abraçar e amar, já que os teus pais não virão. Nunca virão, Kevin.

Kevin Bain solta um som de mortificação e volta a tapar a cara morena e grande com a mão.

– Força aí, Kev – grita alguém perto do poster de Bly.

– Encorajamos-te e apoiamos-te – diz o tipo ao pé do arquivador.

Hal começa a percorrer mentalmente uma lista alfabética dos sítios bem longínquos onde preferiria estar naquele momento. Ainda nem chegou a Adis Abeba quando Kevin Bain aquiesce e começa a pedir, muito baixinho e hesitantemente, ao homem da cara simpática, Jim, que entretanto já pousou o iogurte mas não o ursinho, para vir, por favor, amá-lo e abraçá-lo. E quando Hal se imagina a cair pelas cataratas do Niágara abaixo, na extremidade sudoeste da Concavidade, dentro de um velho e enferrujado bidão de transporte de lixo nocivo, já Kevin Bain pediu a Jim onze vezes, e cada vez mais alto, para vir acarinha-lo e abraçá-lo, mas em vão. O tipo mais velho limita-se a ficar ali sentado, agarrado ao ursinho com iogurte na ponta da língua, com uma expressão algures entre o simpático e o vazio.

Hal nunca tinha visto uma pessoa a chorar como se estivesse a disparar projécteis. As lágrimas de Bain estão mesmo a sair-lhe disparadas dos olhos e a projetarem-se vários centímetros antes de caírem. A expressão facial dele está tão contorcida e esticada como a de uma criancinha em aflição total, as veias do pescoço todas inchadas e a cara a ficar tão escura que até parece uma luva gigante de beisebol. Uma capa brilhante de muco pende-lhe do lábio superior e o inferior parece estar a ter uma espécie de ataque epilético. Hal acha que essa expressão de birra na cara de um adulto é uma coisa empolgante. Segundo parece, a dada altura, a dor histérica torna-se indistinguível, em termos faciais, da alegria histérica. Hal imagina-se a ver Bain a chorar numa praia de areia branca com uns binóculos e na varanda de um quarto de hotel fresco e às escuras em Aruba.

– Ele não *vem!* – lamuria-se por fim Kevin ao líder.

Harv, o líder, assente com a cabeça, coçando uma sobrancelha, e confirma que

parece ser esse o caso. Finge que está a afagar a barbicha em sinal de perplexidade e pergunta retoricamente qual poderá ser o problema, por que razão o homem da cara simpática, Jim, não vem mal é chamado.

Com toda a frustração mortificada, Kevin Bain está praticamente a vivissectar o pobre do ursinho. Parece estar profundamente embrenhado na *persona* da criancinha e Hal espera sinceramente que aqueles tipos tenham procedimentos para fazerem Bain regressar no mínimo aos dezasseis anos antes de tentar ir de carro para casa. A dada altura, já se ouvem timbales na música do CD, e também um cornetim bastante mexido, e a música começou a ganhar finalmente um bocadinho de ritmo enquanto progride para o clímax ou então para o fim do CD.

Por esta altura, já vários homens do grupo começaram a gritar a Kevin Bain que a Criancinha Interior dele não estava a ver as angústias resolvidas, que ficar ali sentado passivamente a pedir que o carinho e o amor se levantassem e viessem ter com ele não estava a resolver as angústias, que Kevin tinha a obrigação, pela Criancinha Interior, de arranjar uma maneira ativa qualquer de resolver as angústias dela. Alguém gritou: «Honra essa criancinha!» Outra pessoa berrou: «Resolve essas angústias!» Hal está a passear mentalmente pela Via Ápia, debaixo de uma brilhante luz do sol europeia, a comer um *cannoli*, a rodopiar as raquetas *Dunlop*, agarrando-as pelos cabos como se fossem pistolas, a desfrutar do sol, do silêncio craniano e de um fluxo salivar normal.

Passado pouco tempo, as exortações em sinal de apoio gritadas pelos homens já desaguaram no cântico generalizado, excluindo Harv, Jim e Hal, de «Resolve essas angústias! Resolve essas angústias!», com o mesmo nível de intensidade de uma claque a exortar «Aguenta essas linhas!» ou «Bloqueia essa bola!».

Kevin Bain limpa o nariz à manga da camisola e pergunta ao descomunal Harv, o líder, o que deve fazer para conseguir ver resolvidas as angústias da Criancinha dele se a pessoa que escolheu para resolver essas angústias se recusa a vir.

Por esta altura, já o líder entrelaçou os dedos sobre a barriga e se recostou na cadeira, sorrindo, com as pernas ainda cruzadas e sem dizer nada. Tem o ursinho sentado em cima da saliência da barriga, com as perninhas rombas todas esticadas, como quando se vê um ursinho sentado numa prateleira. Hal começa a ficar com a sensação de que o oxigénio da sala 32A se está a esgotar a uma velocidade brutal. Nada que ver com as brisas frescas e de aroma a ovelha da

ilha de Ascensão, no Atlântico Sul. Na sala, os homens continuam a entoar: «Resolve essas angústias!»

– O que tu estás a dizer é que eu preciso de ir ter ativamente com o Jim e pedir-lhe para me abraçar – diz Kevin Bain, esfregando os olhos com toda a força com os nós dos dedos.

O líder sorri insipidamente.

– Em vez de, estás tu a dizer, tentar passivamente que o Jim venha ter comigo – continua Kevin Bain, cujas lágrimas já quase pararam de correr e cujo suor adquiriu o brilho pegajoso do verdadeiro suor do medo.

Harv revela-se uma daquelas pessoas capazes de levantar uma sobrancelha sem fazer o mesmo à outra.

– É preciso verdadeira coragem, amor e empenho em relação à nossa Criancinha Interior para correr o risco de ir ter ativamente com alguém que nos pode dar aquilo de que a nossa criancinha precisa – diz em voz baixa.

A dada altura, o leitor de CD passou para uma versão instrumental em violoncelo de *I Don't Know (How to Love Him)*, de uma velha ópera que Lyle às vezes ouvia à noite, na sala de pesos e halteres, depois de pedir emprestado um leitor a alguém. Lyle e Marlon Bain tinham sido bastante chegados, recorda Hal.

O cântico de três compassos dos homens reduziu-se a um monocórdico «*Angústias, Angústias, Angústias, Angústias, Angústias*» enquanto Kevin Bain descruza as pernas lenta e hesitantemente e se levanta da cadeira cor de laranja, virando-se e ficando de frente para Hal e para o tipo imóvel atrás dele, o tal Jim. Bain começa a aproximar-se deles lentamente, com os passos torturados de um mimo a imitar que está a tentar andar contra um vendaval com a força de um tornado. Hal está a imaginar-se a nadar ociosamente de costas nos Açores e a deitar um jato de água cristalina pela boca, em forma de pluma citológica. Está a inclinar-se tanto que quase cai da cadeira, afastando-se o mais possível do caminho de Kevin Bain, observando atentamente o líquido castanho no fundo do copo. A prece para que o regressivo Kevin Bain não o reconheça é a primeira prece verdadeiramente desesperada e sincera que Hal se lembra de dizer desde que deixou de usar pijamas com desenhos de pés.

– Kevin? – chama Harv baixinho da parte da frente da sala. – És tu que estás a avançar ativamente para o Jim ou será a criancinha dentro de ti, que tem as angústias?

– *Angústias, Angústias, Angústias* – entoam os barbudos, alguns erguendo ritmicamente os punhos arranjados.

Bain não para de olhar para Harv e Jim, mordendo o dedo de indecisão.

– É assim que uma criancinha avança para aquilo de que precisa, Kevin? – pergunta Harv.

– Força aí, Kevin! – grita um barbudo.

– Deixa *sair* a criancinha!

– Deixa que seja a tua criancinha a andar, Kev.

Portanto, a memória mais nítida e a cores de Hal da Reunião que não era antidrogas e o obrigou a fazer por engano cinquenta quilómetros com saliva em excesso vai ser a do irmão mais velho do antigo parceiro de pares do irmão mais velho dele de mãos e joelhos numa carpete *Dacronyl*, a gatinhar, com os movimentos dificultados pelo facto de levar o ursinho encostado ao peito, o que o fazia mergulhar e subir enquanto gatinhava, sem poder usar um dos braços, na direção de Hal e do solucionador de angústias atrás dele, os joelhos de Bain a deixarem marcas idênticas e pálidas na carpete, a cabeça no cimo de um pescoço periclitante e a olhar para trás de Hal, a cara indescritível.

O teto respirava. Inchava e encolhia. Dilatava e assentava. O quarto ficava na Unidade de Traumatologia do St. Elizabeth's Hospital. Sempre que olhava para lá, o teto inchava e depois esvaziava, reluzente como um pulmão. Quando Don era uma criança pequena mas já gigantesca, a mãe tinha-os instalado numa casinha de praia logo atrás das dunas, à saída de uma praia pública em Beverly. Podiam pagar a renda porque o sítio tinha um buraco grande e irregular no telhado. A origem do buraco era desconhecida. O berço enorme de Gately ficava na salinha de estar da casa, mesmo debaixo do buraco. O proprietário dos chalezinhos logo atrás das dunas tinha agrafado uma capa de poliuretano grossa e transparente ao teto da sala. Foi uma tentativa de resolver a questão do buraco. O poliuretano inchava e assentava ao sabor do vento de North Shore e parecia uma espécie de buraco monstruoso a inalar e a exalar mesmo por cima do pequeno Gately, ali deitado, de olhos esbugalhados. O buraco de poliuretano que respirava parecia ir adquirindo uma personalidade e um caráter à medida que o inverno avançava e os ventos ficavam mais fortes. Com cerca de quatro anos, Gately achava que o buraco era uma coisa viva, chamava-o Herman e tinha

medo dele. Não conseguia sentir o lado direito do tronco. Na verdade, não se conseguia mexer de todo. O quarto do hospital tinha aquela natureza nebulosa dos quartos em alturas de febre. Gately estava deitado de costas. Nas periferias da sua visão, iam-se materializando figuras fantasmagóricas, que ficavam ali a pairar e depois se desmaterializavam. O teto inchava e encolhia. A respiração de Gately fazia doer-lhe a garganta. Parecia que a garganta tinha sido violada. A figura desfocada da cama ao lado estava sentada, sem se mexer e muito direita, e parecia ter uma caixa em cima da cabeça. Gately não parava de ter um terrível sonho repetitivo e etnocêntrico, em que estava a assaltar a casa de um oriental e tinha atado o tipo a uma cadeira e estava a tentar vendá-lo com um forte cordel dos correios que tinha ido buscar à gaveta por baixo do telefone da cozinha do oriental. O oriental conseguia sempre ver o que se estava a passar mesmo com o cordel e não parava de olhar para Gately e de pestanejar inescrutavelmente. Além disso, o oriental não tinha nariz nem boca, só uma superfície suave de pele na parte inferior do rosto, trazia um roupão de seda e sandálias assustadoras e não tinha pelos nas pernas.

Aquilo que Gately achava serem ciclos de luz e acontecimentos completamente fora da sua sequência normal era, na realidade, Gately a perder e a recuperar a consciência. Mas não era assim que Gately via as coisas. O que lhe parecia era que estava sempre a vir à tona para respirar e depois a ser empurrado para o fundo de qualquer coisa. Numa das vezes em que veio à tona para respirar, viu que o residente Tiny Ewell estava sentado numa cadeira mesmo ao lado da cama. Tiny tinha a mãozinha esguia apoiada nas grades da cama, parecidas com as de um berço, e o queixo encostado a ela, o que significava que tinha a cara bem perto de Gately. O teto inchava e encolhia. A única luz no quarto era a que vinha do corredor noturno. As enfermeiras deslizavam pelo corredor e passavam à frente da porta, no seu calçado subsónico. Uma alta e curvada figura fantasmagórica surgiu à esquerda de Gately, passando pela cama onde estava sentado o desfocado rapaz da cabeça quadrada, uma figura curvada e esvoaçante que pareceu pousar o cóccix no parapeito da janela escura. O teto abaulava-se para baixo e depois voltava a endireitar-se. Gately revirou os olhos na direção de Ewell. Ewell havia rapado a barbicha branca e pontiaguda. Tinha um cabelo tão limpo e branco que até adquiria um ligeiro brilho cor-de-rosa do couro cabeludo. Ewell já estava a discursar sabe-se lá há quanto tempo. Era a

primeira noite completa de Gately na Unidade de Traumatologia do St. Elizabeth's Hospital. Não sabia que dia da semana era. Dos seus ritmos pessoais, o circadiano era o menos afetado de todos. Parecia ter o lado direito revestido de uma espécie de cimento quente. E também sentia um latejar pouco saudável no que julgava ser um dos dedos dos pés. Interrogou-se tenuemente sobre as idas à casa de banho, se e quando aconteceriam. Ewell estava mesmo a meio da dissertação. Gately não conseguia perceber se Ewell estava a sussurrar. As enfermeiras deslizavam sob a luz do corredor à entrada do quarto. Tinham ténis tão silenciosos que até pareciam estar a andar sobre rodas. A sombra impassível de uma pessoa com chapéu projetava-se obliquamente pelo chão de azulejos à porta do quarto, como se lá estivesse sentada, encostada à parede, uma figura impassível e com chapéu.

– O termo que a minha mulher usa para a alma é *personalidade*. Como, por exemplo: «Há qualquer coisa incorrigivelmente sinistra na tua personalidade, Eldred Ewell, e o *Dewars* faz isso vir ao de cima.»

Não havia dúvida de que o chão do corredor era de azulejos brancos, com um brilho nebuloso da cera a soltar-se da fluorescência luminosa. Uma espécie de risca branca ou cor-de-rosa percorria o centro do corredor. Gately não conseguia perceber se Tiny Ewell achava que ele estava a dormir, inconsciente ou o quê.

– Foi no início da terceira classe que, quando era criança, me comecei a dar com os maus elementos. Eram um grupo de rapazes irlandeses duros e da classe operária que vinham do bairro social de East Watertown para a escola num autocarro gratuito. Com o nariz a pingar, cabelo cortado em casa, punhos das camisas coçados, jeito para a pancada, malucos por desporto e adeptos do hóquei jogado na rua com ténis – disse Ewell. – E, no entanto, eu, que nem uma elevação era capaz de fazer, tornei-me rapidamente o líder do bando que acabámos por formar. Os rapazes da classe operária pareciam todos admirar-me em virtude de atributos que não eram muito evidentes. Formámos uma espécie de clube. O nosso uniforme era uma boina cinzenta. O nosso centro de reuniões era um dos bancos de um campo de beisebol da liga infantil que tinha caído em desuso. O nosso clube chamava-se Clube dos Ladrões de Dinheiro. Por sugestão minha, optámos por um nome descritivo em vez de eufemístico. O nome foi inventado por mim. Os rapazes irlandeses concordaram. Consideravam-me o cérebro do clube. Era como se estivessem sob o meu domínio. Em grande parte,

isso devia-se à minha capacidade para a retórica. Até o mais duro e abrutalhado rapaz irlandês respeita uma língua virtuosa. O nosso clube foi formado com o objetivo expresso de empreender uma operação da tanga. Depois da escola, íamos às casas das pessoas, tocávamos à campainha e pedíamos doações para o Projeto Esperança de Hóquei Juvenil. Coisa que não existia. O nosso recipiente para as doações era uma lata de café *Chock Full O' Nuts* com projeto esperança de hóquei juvenil escrito num bocado de fita adesiva colado à volta da lata. Numa primeira versão, o rapaz que tinha criado o recipiente tinha escrito projeto com g. Fiz troça dele por causa desse erro e o clube inteiro pôs-se a apontar para ele e a rir-se. Brutalmente. Ewell não tirava os olhos das tatuagens rudimentares e azuis de um quadrado a simbolizar uma prisão e de uma cruz enviesada que Gately tinha nos antebraços. As nossas únicas credenciais visíveis eram as joelheiras e os *sticks* que tínhamos roubado do armazém de Educação Física. De acordo com as minhas instruções, os *sticks* tinham de ser segurados com todo o cuidado para que não se visse que tinham propr. esc. prim. w. wttn. gravado de lado. Um dos rapazes usava uma máscara de guarda-redes por baixo da boina e os outros joalheiras e *sticks* que seguravam com todo o cuidado. E as joelheiras estavam viradas do avesso pela mesma razão. Eu nem sequer sabia andar de patins e a minha mãe proibia-me terminantemente de participar em brincadeiras mais duras na rua. Andava de gravata e penteava-me cuidadosamente entre as várias solicitações. Era o porta-voz. O tagarela, como me chamavam os rapazes maus. Eram todos católicos irlandeses. Em Watertown, da zona leste à oeste, havia católicos, arménios e gente mestiça. Aos rapazes da zona leste, só lhes faltava ajoelharem-se perante o meu talento para as tangas. Era excecionalmente convincente com os adultos. Tocava à campainha e os rapazes colocavam-se atrás de mim, no alpendre. Falava de jovens desfavorecidos e de espírito de equipa e de ar puro e do significado da competição e das alternativas aos maus elementos que rondavam as ruas depois da escola. Falava de mães com meias elásticas e de irmãos mais velhos feridos na guerra e com próteses complexas, a incentivarem os jovens desfavorecidos a vencerem equipas com muito melhores condições. Descobri que tinha um talento para aquilo, para o apelo emocional da retórica adulta. Foi a primeira vez que me senti com poder. Era espontâneo, criativo e comovente. Gente dura de roer, que abria a porta de casa com *T-shirts* de alças, grandes latas de cerveja na mão, barba de três dias e expressões de

caridade mínima, já estava muitas vezes a chorar desalmadamente quando saíamos do alpendre. Chamavam-me um ótimo rapaz e um bom miúdo, um orgulho para a minha mãe e o meu pai. Despenteavam-me tantas vezes que tinha de andar com um espelho e um pente. A lata do café começou a ficar difícil de levar para o banco, onde a escondíamos atrás de um suporte de tijolo. Quando chegou o Dia das Bruxas, já tínhamos amealhado mais de cem dólares. Naqueles tempos, era uma quantia respeitável.

Tiny Ewell e o teto não paravam de se afastar e de se agigantar, inchando e abaulando-se. Figuras que Gately não conhecia de lado nenhum estavam sempre a aparecer e a desaparecer, esvoaçantes, em vários cantos do quarto. O espaço entre a sua e a outra cama parecia dilatar-se e depois contrair-se com uma espécie de movimento de ressalto lento. Gately não parava de revirar os olhos e tinha como que um bigode de suor no lábio superior.

– E eu andava a deleitar-me com aquela fraude, com a descoberta desse talento – estava a dizer Ewell. – Transbordava de adrenalina. Tinha provado o poder, a manipulação verbal dos corações humanos. Os rapazes chamavam-me o falinhas-mansas de ouro. E aquela fraude de primeiro grau deixou de ser suficiente. Comecei a gamar secretamente recibos da lata de café *Chock Full O' Nuts* do clube. A desviar dinheiro. Convenci os rapazes de que era demasiado arriscado deixar a lata ali no banco, ao ar livre, e tomei eu conta dela. Guardei-a no meu quarto e convenci a minha mãe de que tinha lá dentro prendas relacionadas com o Natal e que ninguém devia lá espreitar, fosse em que circunstância fosse. E disse aos meus subordinados no clube que andava a juntar as moedas e a depositá-las numa conta-poupança com juros altos que tinha aberto para o clube utilizando o nome Franklin W. Dixon. Na verdade, andava a comprar *Pez*, chocolates *Milky Way*, revistas *Mad* e uma forma *Creeple Peeple Deluxe* com um conjunto de seis tipos de gelatina para levar ao forno. Estávamos no início dos anos 70. Primeiro, fui discreto. Grandioso mas discreto. Primeiro, o desvio de dinheiro foi uma coisa controlada. Mas o poder tinha despertado qualquer coisa sinistra na minha personalidade e a adrenalina impulsionou-a. A obstinação tornou-se desenfreada. Passado pouco tempo, a lata de café do clube já chegava vazia ao final do fim de semana. Os proveitos semanais eram invariavelmente gastos ao sábado numa orgia descontrolada de consumo pueril. Falsificava extratos bancários e mostrava esses documentos vistosos ao clube, no

banco do campo de basebol. Fui ficando cada vez mais loquaz e imperioso com os outros rapazes. Ninguém pensou em pôr-me em causa ou à caneta de ponta de feltro *Magic Marker* roxa que eu utilizava para preparar os extratos. Sabia que não estava a lidar com gigantes intelectuais. Eram só malícia e músculo, o que havia de pior na escola na categoria dos maus elementos. E eu mandava neles. Dominava-os. Confiavam em mim completamente, e no meu talento para a retórica. Olhando para trás, eles não conseguiam conceber que algum aluno da terceira classe com óculos e gravata e no seu perfeito juízo fosse tentar enganá-los, tendo em conta as consequências inevitavelmente brutais. Qualquer aluno da terceira classe no seu perfeito *juízo*. Mas eu já não era um aluno da terceira classe no seu perfeito juízo. Vivia apenas para alimentar aquela coisa sinistra na minha personalidade, que me dizia que quaisquer eventuais consequências podiam ser evitadas pelo meu talento e pela minha aura grandiosa.

– Mas, a seguir, é claro que o Natal acabou por se começar a avistar.

Gately tenta interromper Ewell e perguntar-lhe «Avistar?», mas descobre, para seu horror, que não consegue produzir nenhum som.

– Os corpulentos e católicos maus elementos da zona leste queriam recorrer à conta inexistente do Franklin W. Dixon para comprarem meias elásticas e *T-shirts* de alças às famílias morenas da classe operária. Consegui aguentá-los ao máximo com tagarelices pedantes sobre penalizações em termos de juros e anos fiscais. Mas um Natal católico e irlandês não é coisa com que se brinque e, pela primeira vez, começaram a olhar desconfiados para mim. As coisas foram ficando cada vez mais tensas na escola. Uma tarde, o maior e mais moreno dos rapazes assumiu o controlo da lata numa revolta desagradável perpetrada em pleno banco. Foi um golpe do qual a minha autoridade nunca recuperou. Comecei a sentir um medo devorador: tive de enfrentar a realidade; percebi que, aos poucos, tinha desviado muito mais dinheiro do que alguma vez podia recuperar. Em casa, passei a elogiar à mesa de jantar os méritos dos programas dos colégios privados. A receita semanal destinada à lata caiu acentuadamente quando as despesas natalícias começaram a esgotar os trocos e a paciência dos nossos clientes. Segundo alguns dos rapazes mais morenos do clube, essa queda no mercado das doações ficou a dever-se a deficiências da minha parte. Comecei a ouvir o clube inteiro a resmungar nas reuniões. E a aprender que se podia transpirar profusamente mesmo num sítio muitíssimo frio e ao ar livre. Depois,

no primeiro dia do Advento, o rapaz que agora era o responsável pela lata apresentou uns valores com uma caligrafia infantil e anunciou que todos os membros do clube queriam a parte que lhes cabia do saque acumulado na conta do Dixon. Consegui ganhar algum tempo com alusões vagas a coassinaturas e a uma caderneta bancária que já não me lembrava onde estava. Cheguei a casa com os dentes a rangerem e os lábios sem cor e a minha mãe obrigou-me a engolir óleo de peixe. Senti-me consumido por um medo pueril. Sentia-me pequeno, fraco e pérfido e consumido pelo temor de que os meus desfalques fossem descobertos. Já para não falar das consequências brutais. Disse que estava mal dos intestinos e não fui à escola. O telefone começou a tocar a meio da noite. Ouvia o meu pai a dizer: «Está lá? *Está lá?*» Não conseguia dormir. A parte sinistra da minha personalidade tinha ganho asas e um bico de cabedal, virando-se contra mim. Ainda faltavam vários dias para as férias de Natal. Durante as horas da escola, não saía da cama, em pânico, no meio de pilhas de revistas *Mad* e de formas *Creeple Peeple* adquiridas ilicitamente, a ouvir os sinos solitários que os Pais Natais do Exército de Salvação tocavam na rua e a pensar em sinónimos de *temor* e *perdição*. Fiquei a conhecer a vergonha, e a conhecê-la como a ajudante de campo da grandiosidade. A minha doença digestiva não especificada ia-se prolongando e os professores enviavam-me cartões e bilhetes a expressarem preocupação. Havia dias em que tocavam à campainha já depois da escola e, a seguir, a minha mãe subia as escadas para me dizer «Tão *queridos*, Eldred», referindo-se aos rapazes morenos, com boinas cinzentas e os punhos das camisas coçados mas claramente com bom coração, que apareciam no alpendre a perguntar por mim e a anunciar que aguardavam *ansiosamente* que eu voltasse à escola. De manhã, comecei a roer o sabão da casa de banho para que os meus argumentos para ficar em casa fossem mais convincentes. A minha mãe ficou alarmada com a quantidade de bolhas que eu vomitava e ameaçou levar-me a um especialista. Sentia que me estava a aproximar cada vez mais da borda de um precipício onde tudo sairia cá para fora. Desejava ardentemente ser capaz de encostar a cabeça ao regaço da minha mãe, desatar a chorar e confessar-lhe tudo. Mas não conseguia. Por causa da vergonha. À tarde, três ou quatro dos rapazes mais lixados do Clube dos Ladrões de Dinheiro posicionavam-se junto do presépio, no pátio da igreja à frente da nossa casa, e punham-se a olhar fixamente e de cara fechada para a janela do

meu quarto, batendo com o punho na palma da mão. Comecei a perceber como é que se devia sentir um protestante em Belfast. Mas ainda mais potencialmente aterradora do que uma coça aplicada por católicos irlandeses era a possibilidade de os meus pais descobrirem que a minha personalidade tinha um lado sinistro que me havia levado a uma malvadez grandiosa para depois me abandonar.

Gately não faz ideia do que Ewell acha do facto de não lhe estar a responder, se não lhe agrada, se repara sequer nisso ou sabe-se lá o quê. Gately consegue respirar bem, mas há qualquer coisa na garganta violada que não deixa vibrar seja lá o que for que supostamente devia vibrar para falar.

– Finalmente, na véspera da minha consulta de gastroenterologia, quando a minha mãe estava numa festa de espéculos, saí da minha cama de doente e desci sorrateiramente as escadas para roubar mais de cem dólares de uma caixa de sapatos com a indicação Ibew delegação local 517 fundo de maneio e guardada no fundo do armário do escritório do meu pai. Nunca me tinha passado pela cabeça recorrer à caixa de sapatos. Roubar os meus próprios pais. Para repor fundos que tinha roubado a rapazes um pouco lerdos, com quem havia roubado adultos a quem mentira. O que só fez aumentar o meu medo e a minha indignidade. Agora sentia-me mesmo doente. Vivia e movimentava-me na sombra de uma coisa sinistra que pairava por cima da minha cabeça. Desta vez, vomitei sem precisar de eméticos, mas fi-lo às escondidas, para poder voltar à escola; não conseguia enfrentar a perspetiva de umas férias de Natal inteiras com sentinelas morenas a baterem com o punho na palma da mão à porta de casa. Converti as notas provenientes do sindicato do meu pai em trocos, paguei o que devia ao Clube dos Ladrões de Dinheiro e apanhei à mesma uma coça. Aparentemente, por uma questão de princípios da parte dos maus elementos. Descobri a fúria latente que existe nos seguidores, o destino do líder que deixa de estar nas boas graças da populaça. Apanhei uma coça, puxaram-me as cuecas para cima com toda a força, entalando-mas no rabo, e penduraram-me no meu cacifo da escola, onde fiquei várias horas, dorido e brutalmente humilhado. E ir para casa foi ainda pior; a minha casa não servia de refúgio. Já que a casa era a cena do meu crime de terceiro grau. Do roubo elevado ao cubo. Não conseguia dormir. Dava voltas na cama. Tinha terrores noturnos. Não era capaz de comer, por mais tempo que me obrigassem a ficar à mesa depois de o jantar terminar. Quanto mais os meus pais ficavam preocupados comigo, maior era a minha

vergonha. Sentia uma vergonha e uma indignidade que nenhum aluno da terceira classe devia sentir. Não foi um Natal feliz. Quando recordava aquele outono, não conseguia reconhecer ninguém chamado Eldred K. Ewell Jr. Já não parecia uma questão de loucura ou de haver partes sinistras dentro de mim. Tinha roubado os meus vizinhos, crianças das barracas e a minha família para comprar doces e brinquedos. À luz de qualquer definição convincente de *mau,* eu era mau. Decidi-me a passar a seguir virtuosamente as regras. A vergonha e o pavor eram demasiado horríveis: tinha de me refazer. Decidi-me a fazer tudo o que fosse necessário para me poder considerar outra vez uma pessoa boa e refeita. Nunca mais cometi nenhum crime conscientemente. Todo esse período vergonhoso do Clube dos Ladrões de Dinheiro foi guardado numa espécie de armazém mental e por lá ficou, enterrado. Don, eu tinha-me esquecido que isso acontecera sequer. Até à outra noite. À outra noite, Don, depois daquela zaragata e da tua demonstração de relutante *se offendendo*[337], a seguir a teres ficado ferido e a tudo o que se passou... Don, tive um sonho em que revivi todo esse período louco e reprimido de perfídia grandiosa na terceira classe. Nítida e completamente. Não sei bem como mas, quando acordei, estava sem a minha barbicha e tinha o cabelo com um risco ao meio, coisa que já não usava há quarenta anos. A cama estava encharcada e eu tinha na mão um bocado do sabonete especial contra a acne do McDade, com aspeto de ter sido roído.

A memória de curto prazo de Gately recomeça a funcionar e ele lembra-se de lhe terem proposto dar demerol intravenoso para as dores provocadas pelo ferimento da bala mal entrou nas Urgências do hospital e que dois médicos de serviço já lhe propuseram dar demerol, não se tendo dado ao trabalho de ler a indicação historial de dependência de drogas que o próprio Gately tinha feito Pat Montesian jurar que os iria obrigar a colocar em itálico na sua ficha ou tabela ou lá o que fosse, antes de mais nada. A cirurgia de emergência da noite passada tinha sido corretiva e não extrativa, já que pelos vistos a bala da pistola grande havia-se fragmentado com o impacte e atravessado vários metros de músculo à volta da cabeça do úmero e da articulação da omoplata, não atingindo nenhum músculo mas causando grandes e variados danos aos tecidos moles. O especialista de Traumatologia das Urgências tinha-lhe receitado *Toradol*[338] intramuscular, mas avisou-o de que, quando o efeito da anestesia geral passasse, iria sentir dores que nunca tinha sequer imaginado. Quando Gately deu outra vez

por si, já estava na Unidade de Traumatologia, num quarto que fremia com a luz do Sol, e com outro médico a dizer a Pat M. ou a Calvin T. que era possível que o corpo invasor externo tivesse sido tratado com qualquer coisa que não tinha sido esterilizada previamente, já que Gately sofrera uma infeção brutal e estava sob observação para ver se tinha uma coisa que lhe pareceu ser *noxemia* mas que era na realidade toxemia. Gately quis protestar para afirmar que o seu corpo era cem por cento americano, mas parecia incapaz de verbalizar. Mais tarde, já era de noite e estava lá Ewell, na sua ladainha. Gately não fazia a mínima ideia do que Ewell poderia querer dele ou por que teria escolhido precisamente aquela altura para se pôr com confidências. Gately tem o ombro direito quase do tamanho da cabeça e teve de revirar os olhos como uma vaca louca para conseguir ver a mão de Ewell apoiada nas grades da cama e a cara dele a flutuar por cima dela.

– E como é que eu vou aplicar o nono passo quando chegar a altura de corrigir os meus erros? Como é que posso começar a compensar as pessoas? Mesmo que me conseguisse lembrar das casas das pessoas que defraudámos, quantas é que ainda estariam lá a viver? De certeza que os rapazes do clube se espraiaram por vários bairros de rendas baixas e carreiras sem futuro. O meu pai perdeu a posição dele na IBEW[339] na altura em que o Weld era o governador e morreu logo em mil novecentos e noventa e três. E as revelações matariam a minha mãe. A minha mãe está muito debilitada. Usa um andarilho e a artrite quase lhe virou a cabeça toda ao contrário. A minha mulher protege a minha mãe zelosamente de todos os factos desagradáveis relacionados comigo. Diz que alguém tem de o fazer. A minha mãe pensa que eu estou neste momento na Alsácia, num simpósio de Direito Fiscal patrocinado pelo Banque de Genève. Está sempre a mandar-me do lar roupa para esquiar tricotada que não me serve.

Don, este período que enterrei e o peso que carrego desde então podem ter enformado toda a minha vida. Pode ter sido por isso que me deixei atrair pelo Direito Fiscal e passei a ajudar a gente rica dos subúrbios a não pagar o que devia. Ou que casei com uma mulher que olha para mim como se eu fosse uma nódoa escura na parte de trás das calças do filho. E toda a minha queda numa espiral de bebida um pouco mais acentuada do que o habitual pode ter sido uma tentativa instintiva de enterrar sensações de indignidade oriundas da terceira classe, de submergi-las num mar de âmbar.

– Não sei o que fazer – disse Ewell.

Tinham dado tanto *Toradol* intramuscular a Gately que os ouvidos até lhe tiniam, para além de uma solução salina endovenosa com *Doryx*[340].

– Não me quero lembrar de indignidades em relação às quais não posso fazer nada. Se isto é uma amostra do «Mais Será Revelado», então quero apresentar um protesto. Há coisas que é melhor não virem à tona. Não achas?

E todo o lado direito de Gately estava a explodir. As dores começavam a ser do género situação de emergência, tipo berra-e-tira-a-mão-queimada-de-cima-do-fogão. Partes do seu corpo enviavam urgentemente foguetes luminosos para outras, mas ele não se conseguia mexer nem chamar ninguém.

«Tenho medo», elevando-se algures por cima de si, foi a última coisa que Gately ouviu Ewell ao mesmo tempo que o teto começou a abaular sobre eles. Gately queria dizer a Ewell que, porra, se identificava completamente com o que Ewell estava a sentir e que se ele, Tiny, conseguisse aguentar-se, continuar a carregar esse fardo e colocar um sapatinho bem engraxado à frente do outro, ia acabar tudo bem, o Deus pessoal de Ewell ia arranjar alguma maneira de ele corrigir as coisas, e depois Ewell podia deixar essas sensações de indignidade partirem para sempre em vez de as manter reprimidas com *Dewar's* mas Gately continuava a não conseguir ligar o impulso de falar ao falar propriamente dito. Contentou-se em tentar esticar a mão esquerda para tocar na de Ewell, ainda apoiada nas grades da cama. Mas a largura do seu corpo era tanta que não conseguiu chegar ao outro lado. E depois o teto branco desabou por completo e tornou tudo branco.

Pareceu dormir, mais ou menos. Teve um sonho febril com nuvens de tempestade escuras e revoltosas a revolverem-se sombriamente e a trovejarem na praia de Beverly, Massachusetts, com os ventos a aumentarem de velocidade por cima da sua cabeça até que Herman, o buraco de poliuretano, irrompeu com a força da tempestade, deixando à vista uma bocarra inalante e irregular que começou a puxar pelo pijama *Dr. Dentons* de tamanho XXL de Gately. Um brontossauro de peluche azul foi sugado do berço e rodopiou até desaparecer lá em cima, dentro da bocarra. A mãe estava a levar uma carga de porrada de um homem com um cajado de pastor, na cozinha, e não podia ouvir os gritos de socorro frenéticos de Gately. Conseguiu enfiar a cabeça pelo meio das grades e sair do berço, desatando a correr para a rua. Lá fora, as nuvens pretas por cima

da praia começaram a baixar e a agitar-se ainda mais, levantando areia, e Gately viu o focinho de um tornado a emergir das nuvens e depois a baixar lentamente. Parecia que as nuvens estavam a parir ou a cagar. Gately pôs-se a correr pela praia em direção ao mar para escapar ao tornado. Atravessou a rebentação tresloucada até chegar à parte mais funda e quente e a seguir mergulhou, ficando debaixo de água até ficar sem respiração. Já não era claro se continuava a ser o pequeno Bimmy ou se já era o adulto Don. Vinha constantemente à tona, por breves segundos, para respirar tão fundo quanto podia, e depois voltava a mergulhar nas águas profundas e calmas. O tornado manteve-se no mesmo sítio da praia, a inchar e a encolher, ribombando como um avião a jato, com a parte de cima uma bocarra a sugar e raios a saírem como cabelos das nuvens-funil. Conseguia ouvir o som fugaz e longínquo da mãe a chamá-lo. O tornado já estava mesmo ao lado da casa de praia, que tremia por tudo o que era sítio. A mãe saiu porta fora, de cabelo desgrenhado e segurando uma faca *Ginsu* cheia de sangue enquanto chamava por ele. Gately tentou dizer-lhe que se enfiasse no mar com ele, mas nem sequer conseguia ouvir os seus próprios gritos no meio do barulho da tempestade. A mãe largou a faca e agarrou-se à cabeça quando o funil do tornado apontou a bocarra pontiaguda na direção dela. A casa de praia explodiu e a mãe foi a voar em direção ao funil, esbracejando e esperneando como se estivesse a nadar no vento. Rodopiou até desaparecer dentro da bocarra, sugada para o vórtice do tornado. Seguiram-na ripas e tábuas da casa. Mas não havia sinal do cajado de pastor do homem que a tinha magoado. O pulmão direito de Gately ardia terrivelmente. Viu a mãe pela última vez quando um relâmpago iluminou o cone do funil. Ela estava a girar de um lado para o outro, como uma coisa num ralo, erguendo-se e parecendo nadar, sob um fundo azul. O relâmpago tinha sido a explosão de branco no quarto banhado pelo sol quando ele veio à tona respirar e abriu os olhos. O minúsculo e rodopiante imago da mãe esbateu-se no teto. O que lhe parecia uma respiração ofegante era ele a tentar gritar. Os lençóis da cama estreita estavam encharcados e ele estava a precisar imenso de mijar. Era de dia, o lado direito do seu corpo estava tudo menos dormente e ele sentiu imediatamente saudades da anterior e calorosa sensação de dormência. Tiny Ewell já lá não estava. Cada pulsação era como um ataque ao seu lado direito. Achou que não ia conseguir aguentar aquilo nem mais um segundo. Não sabia o que ia acontecer, mas achava que não ia conseguir

aguentar.

Mais tarde, estava alguém que era Joelle van D. ou uma enfermeira do St. E.'s com um véu da AHID a passar-lhe um pano molhado pela cara. Uma cara que era tão grande que demorava algum tempo até ser abarcada por inteiro. O toque do pano parecia demasiado delicado para ser de uma enfermeira, mas depois Gately ouviu, atrás de si e por cima da cabeça, o barulho dos frascos com a solução endovenosa a serem substituídos ou manipulados como que por uma enfermeira diplomada. Não conseguiu pedir para lhe mudarem os lençóis ou ir à casa de banho. Passado algum tempo de a senhora do véu se ter ido embora, rendeu-se pura e simplesmente e deixou que o mijo saísse, e em vez de sentir um calor molhado, ouviu o som metálico e cada vez mais alto de qualquer coisa a encher algures perto da cama. Não se conseguiu mexer para levantar os cobertores e ver a que estava ligado. As persianas tinham sido levantadas e o quarto estava tão branco, à luz do Sol, que parecia tudo descolorado e fervido. O rapaz da cabeça quadrada ou da caixa em cima da cabeça tinha sido levado para outro sítio e a cama dele ficara por fazer e com uma das grades, a lembrar um berço, para baixo. Não havia figuras fantasmagóricas nem envoltas em bruma. A luminosidade do corredor não era maior do que a do quarto e Gately não via sombras de pessoas com chapéus. Nem sequer sabia se a noite anterior tinha sido real. As dores não paravam de o fazer pestanejar. Já não chorava com dores desde os quatro anos. O seu último pensamento antes de manter as pálpebras fechadas para se proteger da brutal luz branca do quarto foi que se calhar havia sido castrado, que era a maneira como tinha ouvido sempre o termo *cateterizado*. Cheirava-lhe a álcool isopropílico, a uma espécie de fedor a vitamina e a si mesmo.

A dada altura, entrou no quarto uma Pat Montesian provavelmente real, que lhe enfiou o cabelo nos olhos quando se baixou para lhe dar um beijo na cara e lhe disse que só precisava de se aguentar e concentrar em recuperar e ficaria tudo bem, que no Centro havia voltado tudo ao normal, mais ou menos, e estava tudo basicamente bem, que ela tinha imensa pena que ele tivesse sido forçado a lidar sozinho com uma situação daquelas, sem nenhum tipo de apoio ou aconselhamento, e que tinha perfeita noção de que Lenz e os rufias canadianos não lhe haviam dado tempo suficiente para chamar alguém, que ele fizera sem dúvida o melhor que podia com os meios que tinha à disposição e que não

precisava de se sentir horrorizado com nada, que esquecesse aquilo e que a violência não tinha sido uma cedência às emoções, no que seria o exemplo típico de uma recaída, mas simplesmente ele a fazer o melhor que podia naquele preciso momento e a tentar defender-se a si mesmo e a um residente do Centro. Como sempre, Pat Montesian estava toda vestida de preto, mas formalmente, como se fosse levar alguém ao tribunal, e a sua indumentária formal parecia a de uma viúva mexicana. Tinha dito mesmo as palavras *rufias* e *horrorizado*. Disse-lhe que não se preocupasse, que o Centro era como uma comunidade e que tomava conta dos seus. Não parava de lhe perguntar se estava com sono. O vermelho do cabelo dela era de um vermelho diferente e menos radioso do que o vermelho do cabelo de Joelle van D. O lado esquerdo da cara dela mostrava-se amável. Gately percebia muito pouco do que ela estava a dizer. Estava ligeiramente surpreendido por a polícia ainda não ter aparecido. Pat não sabia nada do procurador implacável nem do canadiano que morrera sufocado: Gately tinha-se esforçado bastante para tentar ser franco e revelar os destroços do seu passado, mas continuava a parecer-lhe suicida revelar certos assuntos. Pat disse que Gately estava a demonstrar tremenda humildade e força de vontade ao decidir não tomar nada que fosse mais forte do que analgésicos não-narcóticos, mas que esperava que ele se lembrasse que a única coisa que lhe cabia fazer era colocar-se nas mãos do seu Poder Superior e seguir o que o coração lhe ditava. Que a codeína ou, se calhar, o *Percoset*[341] ou, se calhar, até o demerol só seriam considerados uma recaída se, no seu âmago, no fundo do coração conhecedor dos seus verdadeiros motivos, ele achasse que eram. O cabelo dela estava solto e parecia despenteado e amassado; Pat tinha um ar exausto. Gately queria imenso perguntar-lhe quais seriam as consequências jurídicas da zaragata com os rufias da outra noite. Apercebeu-se de que ela não parava de lhe perguntar se estava com sono por as tentativas dele de falar pareciam bocejos. A incapacidade para falar que continuava a revelar era como a mudez nos pesadelos, sufocante, infernal e horrenda.

O que fez com que toda a interação com Pat M. pudesse não ser real foi o facto de, mesmo no final e sem nenhuma razão, ela ter desatado a chorar, e Gately, também sem nenhuma razão, ficou tão atrapalhado que fingiu perder os sentidos, e acabou por voltar a adormecer e provavelmente sonhou.

O que foi quase de certeza sonhado e irreal foi o intervalo em que Gately

acordou sobressaltado e viu a senhora Lopate, o *objet d'art* da Barraca que instalam de vez em quando ao lado do monitor da Ennet House, ali sentada numa cadeira de rodas cinzento-escura, com a cara contorcida, a cabeça levantada e o cabelo pegajoso, sem estar a olhar para ele mas antes, segundo parece, para o conjunto dos frascos com a solução endovenosa e dos monitores importantes que possam estar pendurados atrás e por cima do berço grande dele, portanto sem estar a falar ou sequer a olhar para ele mas, ainda assim, estando de alguma forma ali *com* ele, num certo sentido. E embora não fosse de todo possível que ela lá estivesse realmente, foi só nessa altura que Gately se deu conta de que a catatónica senhora L. era a mesma senhora que ele tinha visto a tocar na árvore do relvado da Unidade # 5 a altas horas da noite, numa ou noutra noite, quando se tornou funcionário do Centro. Eram a mesma pessoa. Essa sua compreensão era real ainda que a presença da senhora no quarto não fosse, e as complexidades de tudo isso puseram-no a revirar outra vez os olhos antes de voltar a perder os sentidos.

A seguir, mais tarde, Joelle van Dyne estava sentada numa cadeira mesmo ao lado das grades da cama, com o véu, calças de fato de treino e uma camisola que estava a começar a descoser-se, o véu tinha um rebordo cor-de-rosa e ela não estava a dizer nada, provavelmente limitava-se a olhar para ele, provavelmente pensando que estaria inconsciente mas com os olhos abertos ou então a delirar por causa da noxemia. Todo o lado direito do corpo lhe doía tanto que de cada vez que respirava era como se estivesse a tomar uma decisão difícil. Apetecia-lhe chorar como uma criança pequena. O silêncio da rapariga e o vazio do véu começaram a assustá-lo passado um bocado e desejou poder pedir-lhe para voltar mais tarde.

Ninguém lhe tinha oferecido nada para comer, mas não estava com fome. Tinha tubos intravenosos a saírem-lhe das costas das mãos e da dobra do braço esquerdo. E havia outros tubos a saírem dele mais abaixo. Não queria saber. Não parava de tentar perguntar ao coração se, segundo este, a codeína seria considerada uma recaída, mas o coração recusava-se a comentar.

Foi então que, a dada altura, Calvin Thrust, ex-residente e alto conselheiro da Ennet House, entrou de rompante e puxou de uma cadeira, virando-a ao contrário e sentando-se com uma perna para cada lado, como uma *stripper* num *slow* provocante, pendurando os braços nas costas dela e gesticulando com um

cigarro por acender enquanto falava. Disse a Gately que, porra, ele estava mesmo com um aspeto horrível, parecia que lhe havia caído uma coisa pesada em cima. Mas também lhe disse que devia ver o estado em que tinham ficado os outros gajos, os canadianos da roupa polinésia. Thrust e a administradora do Centro tinham lá chegado antes de os seguranças do HSPME conseguirem convencer a polícia a parar de passar multas aos carros que, com a meia-noite, tinham passado a estar estacionados no lado errado da Av. Comm., explicou a Gately. Lenz, Green e Alfonso Parias-Carbo haviam arrastado/carregado Gately, desmaiado, para dentro do centro e tinham-no deitado no sofá de vinil preto do gabinete de Pat, onde Gately recuperara os sentidos e lhes tinha dito que esquecessem a ambulância e o acordassem, por favor, dali a cinco minutos antes de desmaiar mesmo a sério. Parias-Carbo parecia ter ficado com uma leve hérnia intestinal por ter arrastado/carregado Gately, mas estava a ser um verdadeiro homenzinho em relação a isso, tendo recusado codeína nas Urgências e mostrando-se grato por uma experiência que o tinha feito crescer, isto enquanto o alto no tórax diminuía a um bom ritmo. O hálito de Calvin Thrust cheirava a tabaco e a ovos mexidos já podres. Gately tinha visto uma vez um cartucho clandestino e de má qualidade em que um jovem Calvin Thrust fazia sexo com uma senhora maneta no que parecia ser um tosco trapézio caseiro. A iluminação e os valores de produção do cartucho eram mesmo muito rascas, e Gately tinha estado sob o efeito do demorol, mas estava noventa e oito por cento seguro de que era Calvin Thrust quando era novo. Calvin Thrust disse que Randy Lenz tinha começado a lamuriar-se como uma gaja logo ali no gabinete, junto à figura inconsciente de Gately, dizendo que era óbvio que ele, Randy Lenz, ia ser por alguma razão responsabilizado pelo facto de Gately e os canadianos terem ficado todos fodidos e que o melhor era despacharem o assunto e darem-lhe já o chuto no cu, administrativamente falando, sem terem de estar a passar pelas deliberações da treta. Bruce Green tinha empurrado Lenz com toda a força contra as estantes de Pat, sacudindo-o como uma *margarita*, mas recusou-se a delatar Lenz ou a explicar por que razão uns canadianos furibundos pensariam que um espécime tão cobardolas como Lenz pudesse ter eliminado o amigo deles do mapa. O assunto estava sob investigação, mas Thrust confessou uma certa admiração pela recusa de Green em chibar-se. Brucie G. tinha ficado com o nariz partido durante a rixa e agora estava com dois belos olhos negros. Calvin Thrust

disse que ele, Calvin Thrust, e a administradora do Centro haviam percebido logo, mal tinham chegado, que Lenz estava todo coquinado ou com uma moca brutal de ‘drinas, e que havia invocado todo o autocontrolo e mais algum que a sobriedade lhe tinha dado para levar calmamente Lenz para o quarto especial para deficientes ao lado do gabinete e lhe comunicar, muito controladamente e por cima do barulho de Burt F. Smith a tossir enquanto dormia, como se estivesse a deitar cá para fora pedacinhos do pulmão, que, das duas uma, ou Lenz abdicava imediatamente do seu estatuto de residente da Ennet House ou se submetia a uma recolha de urina, a uma revista ao quarto e etc. e tal, para além de ser interrogado pela polícia, que naquele preciso momento estava quase de certeza absoluta a caminho com a frota de ambulâncias para recolher os canadianos. Enquanto isso, disse Thrust – gesticulando com o cigarro e inclinando-se de vez em quando para a frente para ver se Gately ainda estava consciente e lhe repetir que estava com um aspeto horrível –, enquanto isso, Gately tinha estado ali desmaiado, entalado entre dois armários arquivadores para não cair do sofá que era mais pequeno do que ele e a sangrar imenso, e ninguém sabia, tipo, *afixar* um torniquete a um ombro, e a rapariga nova do corpo jeitoso e da máscara de pano estava dobrada sobre o braço do sofá a fazer pressão nas toalhas que tentavam estancar a hemorragia de Gately, com o roupão parcialmente aberto a proporcionar uma visão que até tinha feito Alfonso P.-C. sair da sua posição fetal e herniada no chão, e Thrust e a administradora do Centro estavam a pedir ajuda, à vez, para saberem intuitivamente o que deviam fazer em relação a Gately, pois era certo e sabido que ele estava em liberdade condicional por uma coisa bastante séria e, com todo o devido respeito e confiança em Don, naquela altura ainda não era evidente, tendo em conta as figuras canadianas estropiadas que se encontravam espalhadas e estendidas na rua, quem tinha feito o quê a quem e em defesa ou não fosse lá do que fosse, e a polícia costuma interessar-se bastante por tipos enormes que entram nas Urgências com ferimentos de bala aparatosos, só que depois, passados uns minutos, quando Pat M. apareceu, fazendo chiar os pneus do *Aventura*, tinha gritado de forma muito pouco serena com Thrust por este não ter levado logo Gately para St. E.’s por sua conta e risco. Thrust disse que não tinha feito caso nenhum da berraria de Pat, revelando que esta andava sob stresse devido a problemas domésticos de natureza criminosa, como ele sabia. Mas pronto, disse

ele, Gately era demasiado pesado para o carregarem inconsciente por mais do que alguns metros, mesmo com a rapariga da máscara a substituir Parias-Carbo, e quase não tinham conseguido levá-lo lá para fora, ainda com a camisa de *bowling* ensopada em sangue, e deitá-lo por uns instantes no passeio, com o sobretudo preto e comprido de camurça de Pat a tapá-lo, enquanto Thrust aproximava o seu adorado *Corvett*e o mais possível de Gately. Ouvia-se o som de sirenes a subir pela Av. Comm. misturado com os ruídos dos gravemente fodidos canadianos, que estavam a recuperar fosse lá o que fosse que equivalesse aos sentidos no caso dos canadianos e a clamar por aquilo a que chamavam *medecins*, e o barulho parecido com um esquilo enlouquecido de Lenz a tentar que o seu enferrujado *Duster* castanho, que tem um solenoide avariado, pegasse. Tinham enfiado o peso morto de Gately com dificuldade no *'Vette* e Pat M. foi abrindo caminho como uma louca no seu *Aventura* turbo. Pat deixou que a rapariga da máscara fosse com ela porque a rapariga da máscara não parava de lhe pedir para a deixar ir também. A administradora do Centro ficou para trás para representar a Ennet House perante os seguranças do HSPME e a polícia de Boston, um pouco menos sucetível a tangas. As sirenes foram-se aproximando cada vez mais, o que só fez aumentar a confusão, já que os residentes senis e os vegetais com locomoção da Unidade # 4 e da barraca tinham sido atraídos para os relvados gelados pela zaragata, e a mistura de vários tipos de sirenes não lhes fazia nada bem, e tinham começado a agitar os braços, a guinchar e a correr de um lado para o outro, contribuindo para a confusão médica de todo aquele cenário, que quando ele e Pat de lá saíram era a porra de um autêntico pandemónio e etc. e tal. Thrust pergunta retoricamente a Don, mas afinal quanto *pesa* ele, porra, já que, depois de puxarem para a frente os bancos dianteiros e de os deixarem como os anões os têm, foram precisas todas as mãos disponíveis e até os tocos de Burt F.S. para enfiar a carcaça de Gately no banco de trás do *'Vette*, tinha sido o mesmo que tentar fazer passar uma coisa gigantesca por uma porta que é bem mais pequena do que a coisa gigantesca e etc. e tal. De vez em quanto, Thrust batia ao de leve com a ponta do dedo no cigarro como se pensasse que estava aceso. Os primeiros carros de patrulha tinham entrado a derrapar na esquina da Warren com a Comm. no preciso momento em que eles estavam todos a sair do caminho de entrada do HME em direção à Warren. Pat ia à frente e tinha feito um gesto com o braço que podia ter sido ela a acenar para a

polícia descontraidamente ou a agarrar a cabeça nada descontraidamente. Thrust pergunta se já mencionou o sangue que Gately deitou. Gately tinha enchido de sangue o sofá de vinil, os armários arquivadores e a carpete de Pat, a ruazinha do HME, o passeio, o sobretudo preto e comprido de camurça de Pat, basicamente os casacos de inverno de toda a gente e o adorado estofo do adorado *Corvette* de Thrust, estofo que, acrescentou Thrust, era novo e muito prezado. Mas disse para não se preocupar com isso, foi o Thrust disse: a porra do sangue era o menor dos problemas. Gately não gostou nada de ouvir isso e começou a tentar pestanejar para lhe chamar a atenção, numa espécie de código rudimentar, mas Thrust não reparou ou então achou que era um tique pós-cirurgia. Thrust tinha sempre o cabelo todo puxado para trás como um mafioso. Thrust disse que nas Urgências do HME a equipa tinha sido rápida e eficiente a tirar Gately do ‘*Vette* e a passá-lo para uma maca extralarga, embora tivessem tido de facto alguma dificuldade em levantar a maca para conseguirem esticar as pernas com as rodinhas para a rapaziada de branco poder lá deitá-lo e mais rapazes de branco o acompanharem a passo rápido enquanto se debruçam sobre ele, vão fazendo pressão e disparando ordenzinhas num código conciso como acontece sempre nas Urgências e etc. e tal, durante uma emergência. Thrust diz que não conseguiu perceber se eles tinham percebido logo que se tratava de um ferimento de bala aparatoso, ninguém havia referido a palavra que começava por *b* nem nada do género. Thrust tinha balbuciado algo sobre uma serra elétrica, com Pat a assentir com a cabeça furiosamente. As duas principais coisas que Gately estava a tentar descobrir, não parando por isso de pestanejar ritmicamente, eram: se alguém tinha acabado por morrer, ou seja, os canadianos; e se uma certa figura que dava ares de procurador e andava sempre de chapéu tinha vindo de Essex County ou dado alguma indicação de que tivesse sabido do paradeiro ou envolvimento de Gately; e se – portanto, no fundo, três coisas –, e se algum dos residentes da Ennet House que assistiu a tudo do princípio ao fim será, em teoria, suficientemente respeitável para ter credibilidade como, tipo, testemunha num processo. E também não se importaria de saber em que porra estava Thrust a pensar quando afugentou Lenz, deixando-o desaparecer no meio da noite urbana e obrigando Gately a arcar se calhar com todas as culpas. A única experiência jurídica que Calvin Thrust tinha era fílmica e relacionada com delitos menores. Thrust acaba por descrever que uma das jogadas de mestre da administradora do

Centro em termos de raciocínio rápido foi dar uma vista de olhos no telecomputador para ver quais eram os residentes que andavam para ali na rua, de um lado para o outro, com os catatónicos que tinham assuntos legais pendentes que justificassem que os enclausurassem na zona protegida do Centro, fora da visão da lei, antes que a polícia de Boston lá chegasse. Diz que, na sua opinião, ele (Gately) até teve sorte por ser um filho da mãe tão gigantesco e ter tanto sangue, já que apesar de Gately ter perdido uma quantidade imensa de sangue, derramando-o sobre os estofos das outras pessoas, e de já estar em choque ou qualquer coisa do género quando o deitaram na maca extralarga, com a cara cor de queijo, os lábios azuis e a murmurar todas aquelas coisas próprias do choque, apesar disso tudo ali estava ele (Gately), não propriamente em estado de sair na capa da *GQ* mas ainda a respirar. Thrust disse que na sala de espera das Urgências, onde não deixavam sequer uma pessoa fumar, disse que depois a rapariga nova e arrogante, a residente do véu branco, tinha-se posto a tentar moer-lhe o juízo por ter deixado Randy L. ir-se embora e pôr-se a milhas antes que o papel dele no *embróglio* legal de Gately pudesse ficar esclarecido, e embora Pat M. tivesse apoiado Thrust de forma bastante incondicional, era evidente que também não estava lá muito entusiasmada com as táticas dele e etc. e tal. Gately pôs-se a pestanejar furiosamente em sinal de que concordava com a posição de Joelle. Calvin Thrust gesticulou estoicamente com o cigarro e disse que tinha dito a verdade a Pat M.: hoje em dia, dizia sempre a verdade, por mais desagradável que pudesse ser para ele: disse que tinha encorajado Lenz a pôr-se a mexer dali porque, caso contrário, ele (Thrust) receava que iria eliminar Lenz do mapa ali mesmo, por causa da raiva. O solenoide de Lenz parecia ter ido mesmo desta para melhor porque, de manhãzinha, a residente recém-chegada Amy J. tinha visto o *Duster* enferrujado a ser rebocado do lugar no lado errado da rua, à frente da Unidade # 3, quando Amy J. regressou sorrateiramente ao Centro, toda ressacada e cheia de desejos, para ir buscar o saco *Hefty* com as suas coisas despejadas, Lenz tinha aparentemente abandonado o carro e fugido a pé durante a toda a confusão e fricção da polícia com os condutores das ambulâncias, que não queriam, e ninguém os podia levar a mal, transportar os canadianos por causa da papelada horrível que isso implicaria em termos de reembolso do Cartão de Saúde. A administradora do Centro tinha chegado ao ponto de se plantar à frente da porta fechada à chave do Centro, com os braços e

as pernas nada pequenos bem abertos, a tapar a porta e a afirmar assertivamente a todos os polícias que tentavam entrar que a Ennet House estava protegida, por decisão dos tribunais, pela Commonwealth de Massachusetts e que só lá poderiam entrar com uma ordem judicial, caso em que o Centro teria direito a três dias úteis para interpor uma providência cautelar e esperar por uma decisão, e foi assim que ela, sozinha, conseguiu que os polícias e até os anormais dos seguranças do HSPME capazes de comer macacos do nariz se mantivessem à distância e não entrassem, e Pat M. está a pensar em premiar a frieza de espírito debaixo de fogo da administradora do Centro promovendo-a a diretora-assistente dali a um mês, altura em que a atual diretora-assistente vai sair do Centro para ir tirar um diploma em manutenção de motores de jatos, na East Coast Aerotech, com um subsídio da Comissão de Reabilitação de Massachusetts.

Gately não para de revirar os olhos, e só em parte devido às dores.

A não ser quando tinha de facto um cigarro aceso, Calvin Thrust parece sempre que só está tecnicamente onde quer que seja. Tinha sempre um ar de partida iminente, como um homem cujo *bip* está prestes a tocar. Era como se, para ele, um cigarro aceso fosse um balastro psicológico ou coisa que o valha. Tudo o que dizia a Gately parecia ser a última coisa que lhe iria dizer antes de olhar logo de seguida para o relógio, bater com a mão na testa e ir-se embora.

Thrust diz que fosse lá o que fosse que aquele canadiano que os residentes alegam que deu um tiro a Gately tivesse utilizado, era coisa séria, pois a ruazinha do complexo tinha ficado cheia de pedacinhos do ombro de Gately e da camisa de *bowling* dele. Thrust apontou para a ligadura enorme e perguntou se já tinham falado com Gately para lhe dizer se ia ficar ou não com o que lhe restava do ombro e braço mutilados. Gately deu-se conta de que o único som audível que era capaz de fazer parecia um gatinho a ser atropelado por um carro. Thrust mencionou que Danielle S. tinha ido com Burt F.S. à Comissão de Reabilitação de Massachusetts e dito que agora andavam a fazer coisas milagrosas com as *prófeses*. Gately tinha os olhos a revirar e estava a fazer, assustado, uns barulhinhos patéticos e aspirados ao se imaginar com um gancho e um papagaio, a fazer sons de pirata no estrado dos Alcoólicos Anónimos. Tinha a certeza terrível de que toda a rede de nervos que ligava a laringe humana ao cérebro humano e que permitia à pessoa pedir *feedback* crucial em termos jurídicos e médicos só podia passar pelo ombro direito humano. Todo o tipo de junções de

merda e de interconexões maradas com os nervos, tinha a certeza. Imaginou-se com uma daquelas *prófeses* para a laringe com bateria solar, género máquina de barbear elétrica, que é preciso encostar à garganta (se calhar, com o gancho), a tentar passar a mensagem com ela, no estrado, e parecendo uma caixa de multibanco ou um interface áudio-ROM. Gately queria saber que dia da semana era e se algum dos canadianos de Lenz havia sido eliminado do mapa, e qual era o cargo do tipo do chapéu que tinha estado sentado à porta do quarto na noite passada ou então na noite antes dessa, com a sombra do chapéu projetada numa espécie de paralelograma através da porta aberta, e se o tipo ainda lá estava, partindo do princípio de que a visão da sombra do chapéu do tipo tinha sido válida e não fantasmal, e pôs-se a pensar como fariam para algemar uma pessoa com um ombro mutilado e do tamanho da cabeça. Se Gately respirasse um bocadinho de nada fundo, dores alucinantes percorriam-lhe o lado direito do corpo. Até a respirar parecia um gatinho doente, palpitava mais do que respirava. Thrust disse que, segundo parecia, Hester Thrale havia desaparecido durante a zaragata e nunca mais tinha voltado. Gately lembrava-se de a ver a correr aos berros no meio da noite urbana. Thrust disse que o *Alfa Romeo* dela tinha sido rebocado de manhãzinha com o *Duster* miserável de Lenz, e que as coisas dela haviam sido devidamente enfiadas num saco e estavam no alpendre e etc. e tal, como mandam as regras. Thrust disse que os funcionários tinham encontrado uma quantidade misteriosamente enorme de «Bagagem Irlandesa» de grande qualidade durante a revista ao quarto de Lenz e que, pelos vistos, o Centro já está servido de sacos do lixo e para expulsões até ao final do próximo ano fiscal. Depois de enfiados nos sacos, os pertences dos residentes expulsos ficam três dias no alpendre, e Gately está a tentar calcular que dia é tendo em conta esse facto. Thrust diz que Emil Minty apanhou com um castigo total do Centro por ter sido visto a tirar uma peça de roupa interior *Hester Thrale* do saco no alpendre, por razões sobre as quais ninguém quer lá muito especular. Supostamente, Kate Gompert e Ruth van Cleve foram até à Praça Inman para irem a uma reunião dos Narcóticos Anónimos e, supostamente, foram assaltadas e separaram-se, e depois Ruth van Cleve foi a única a voltar para o Centro, com Pat a pedir a um juiz que assinasse um mandato de captura para Gompert por causa dos outros problemas da rapariga, psicológicos e relacionados com o suicídio. Gately apercebe-se de que nem sequer se importa por aí além em saber

se alguém se lembrou de ligar para o Shattuck e falar com Stavros L. sobre o emprego diurno dele. Thrust puxou o cabelo para trás e disse Que mais, vejamos. Johnette Foltz tem estado a assegurar os turnos de Gately e pediu para dizer que tem rezado por ele. Chandler Foss terminou os seus nove meses de reabilitação e formou-se, mas voltou na manhã seguinte e ficou para a meditação matinal, o que só pode ser bom sinal em termos de sobriedade no que diz respeito ao velho Chandulator. Jennifer Belbin tinha acabado por ser acusada a propósito da questão dos cheques sem cobertura, no Tribunal da Comarca de Wellfleet, mas vão deixá-la terminar a residência no Centro antes de alguma coisa ser julgada em tribunal e o advogado de defesa diz que se ela levar o internamento no Centro até ao fim, é garantido que verá a pena reduzida pelo menos a metade. A diretora-assistente tinha ido com Belbin a tribunal no seu próprio tempo livre. Doony Glynn ainda está de cama com aquela coisa da *diverite* e não há maneira de o convencer ou ameaçar a sair da sua posição fetal, e a administradora do Centro está a tentar despachar a papelada necessária para a Segurança Social dar o *okay* para que ele dê entrada em St. E.'s mesmo tendo antecedentes de fraude fiscal, parte dos destroços do seu passado. Um tipo que passou pelo Centro na mesma altura de Thrust e tinha passado uns bons quatro anos sóbrio nos Alcoólicos Anónimos teve de repente um deslize e bebeu o primeiro copo no dia da zaragata provocada por Lenz e, como era previsível, apanhou uma bezana brutal e foi cair do pontão Fort Point – pelos vistos, foi dar uma volta ao bilhar grande e nunca mais voltou –, afundando-se como uma rocha, e o serviço fúnebre é hoje e é por isso que Thrust vai ter de se ir embora daqui a nada, diz ele. Tingley, o miúdo novo, já é capaz de aguentar até uma hora seguida sempre que sai do armário da roupa, já está a comer alimentos sólidos e Johnette já deixou de fazer pressão para mandarem o miúdo para o Met State. E o tipo novo ainda mais novo que chegou agora a Ennet House para ocupar o lugar de Chandler Foss chama-se Dave K. e a história dele é uma coisa horrível, garante Thrust, era um executivo júnior da ATHSCME, empresa de deslocação de ar, um tipo cheio de pasta, com uma casa com vedação de madeira, filhos e uma mulher preocupada com cabelo armado, e o que se passou com este Dave K. foi que bebeu meio litro de *Cuerva*, numa festa do Dia da Interdependência lá no escritório e etc. e tal, se meteu numa tresloucada e bêbada competição de dança do limbo com um executivo rival, tentou fazer o limbo debaixo de uma

secretária ou de uma cadeira ou de qualquer coisa tresloucadamente baixa e ficou com a coluna toda lixada e presa na posição do limbo, se calhar para sempre: por isso, este novíssimo tipo novo anda a passarinhar pela sala de estar da Ennet House como um caranguejo, com o couro cabeludo a roçar o chão e os joelhos a tremerem de esforço. Danielle S. acha que Burt F.S. é capaz de ter *amónia batorial* ou uma coisa pulmonar crónica qualquer e Geoff D. anda a tentar convencer os outros residentes a assinarem uma petição para impedir o acesso de Burt à cozinha e à sala de jantar por ele não poder, compreensivelmente, tapar a boca quando tosse. Thrust diz que Clenette H. e Yolanda W. andam a comer as refeições no quarto e estão proibidas de descerem as escadas ou de se aproximarem das janelas por causa do canadiano que supostamente espezinharam e etc. e tal. Gately mia e pestaneja como um louco. Thrust diz que toda a gente está a apoiar imenso Jenny B. e a encorajá-la a deixar que o seu Poder Superior se encarregue da acusação formulada em Wellfleet. O pessoal da barraca continua a empurrar a cadeira de rodas da senhora catatónica da barraca para o Centro, nas manhãs agendadas, e Thrust diz que Johnette teve de apontar os nomes de Minty e Diehl no registo por terem posto na véspera uma daquelas setas de brincar, que são curvas no meio e que fazem com que a pessoa pareça ter uma seta atravessada na cabeça, em cima da cabeça paralisada da senhora catatónica, deixando-a curvada assim o dia inteiro, ao pé do telecomputador. Para além das cuecas de Thrale; ou seja, de repente e no espaço de doze horas, Minty ficou só a uma transgressão de apanhar um chuto no cu, e Thrust já está a engraxar a biqueira do seu sapato mais pontiagudo, na esperança de poder fazer isso mesmo. O assunto mais importante na reunião de queixas e protestos do Centro foi o facto de, no início da semana, se soube que Clenette H. tinha trazido uma catrefada monstruosa de cartuchos que, segundo ela, se estavam a preparar para deitar para o lixo na escola de ténis toda cocó onde trabalha, no lado de lá da encosta, e ela ficou com eles e levou-os para o Centro, e os residentes ficaram todos irritados porque Pat disse que os funcionários têm de ver os cartuchos para saber se são adequados ou se têm cenas de sexo antes de os poderem mostrar aos residentes, e os residentes estão todos a queixar-se de que isso vai demorar uma eternidade e que os cabrões dos funcionários vão estar a abocanhar os entretenimentos novos quando o telecomputador do Centro está praticamente a definhar no deserto do

entretenimento, sedento de entretenimentos novos. Na reunião, McDade queixou-se de que se tivesse de ver mais uma vez *Pesadelo em Elm Street XXII: A Senescência* ia atirar-se do telhado do Centro.

E Thrust também diz que Bruce Green ainda não disse uma só palavra sobre nada que tivesse que ver com Lenz ou com o *embróglio* de Gately; limita-se a ficar ali sentado, à espera que alguém lhe leia os pensamentos; e que os colegas de quarto se queixaram de que se põe a dar voltas na cama e a gritar coisas sobre nozes e charutos quando está a dormir.

Calvin Thrust, sóbrio há quatro anos e sentado com uma perna de cada lado na cadeira virada ao contrário, não para de se inclinar cada vez mais para a frente, com a postura de um homem que a qualquer instante se vai levantar da cadeira para se ir embora. Revela que qualquer coisa bem dentro de «Tiny» Ewell, que dantes parecia inapelavelmente arrogante, parece estar partida e derretida, espiritualmente falando: o tipo rapou a barbicha à Kentucky Chicken, ouviram-no a chorar na casa de banho da camarata de cinco camas e foi visto por Johnette a deitar o lixo da cozinha fora às escondidas, embora a tarefa dele para essa semana fosse limpar as janelas dos gabinetes. Com a sobriedade, Thrust tinha descoberto o prazer de comer requintadamente e estava a começar a ganhar papada. Tem o cabelo sempre puxado para trás, com a ajuda de uma coisa sem cheiro, e uma ferida mais ou menos permanente no lábio superior. Por um motivo qualquer, Gately não para de imaginar Joelle van Dyne vestida como Madame Psicose, sentada numa cadeira simples no quarto triplo feminino, a comer um pêssego e a olhar pela janela aberta para o crucifixo no topo do telhado prolixo do St. Elizabeth’s Hospital. O crucifixo não é grande, mas colocaram-no tão alto que se consegue vê-lo praticamente onde quer que se esteja em Enfield-Brighton. Vê Joelle a afastar o véu delicadamente para enfiar o pêssego por baixo. Thrust diz que Charlotte Treat está com uma contagem de células T baixa. Anda a bordar para Gately uma espécie de naperão que diz põe-te melhor um dia de cada vez supondo que é essa a vontade de deus, mas tem sido um processo lento, já que Treat apanhou uma infeção ocular viral toda viscosa que a pôs a chocar contra as paredes, e, na reunião dos funcionários, a conselheira dela, Maureen N., quis que Pat pensasse na hipótese de a transferir para um centro de reabilitação para pessoas infetadas com o HIV, em Everett, onde há alguns toxicodependentes em recuperação. Por falar em células T,

Morris Hanley fez uns *brownies* com queijo-creme para Gately, num gesto de apoio, mas as parvalhonas das enfermeiras da Unidade de Traumatologia, tipo, *confiscaram-nos* a Thrust quando ele subiu, mas Thrust tinha comido uns pelo caminho, no ‘*Vette* manchado de sangue, e podia garantir a Don que os *brownies* de Hanley eram mesmo bons de morrer e etc. e tal. Gately sente uma pontada de ansiedade quando se interroga subitamente sobre quem estará a preparar o jantar no Centro na sua ausência, se saberão, por exemplo, que se devem pôr *cornflakes* no rolo de carne, para dar textura. Acha Thrust insuportável e só quer que ele baze mas é dali, foda-se, mas tem de admitir que fica menos ciente das dores horríficas quando está ali alguém, mas isso deve-se essencialmente ao pânico asfixiante de não ser capaz de fazer perguntas nem de acrescentar nada ao que essa pessoa está a dizer ser tão horroroso que faz as dores parecerem menores. Thrust põe o cigarro por acender atrás da orelha, onde Gately prevê que o tónico capilar o tornará infumável, deita olhares conspiratórios por cima dos ombros, inclina-se mais para a frente, ficando com a cara visível entre duas barras das grades da cama, e inunda a cara de Gately com um bafo a ovos podres e a tabaco, ao se inclinar para dizer em voz baixa que Gately vai ficar todo entusiasmado por saber que todos os residentes que estiveram no *embróglio* – exceto Lenz, Thrale e os que, devido à sua situação legal, não podem dar a cara e etc. e tal, diz ele –, segundo ele, na sua esmagadora maioria deram todos a cara e prestaram depoimentos, que a polícia de Boston, mais uns tipos bastante mais estranhos e de aspeto federal, com cortes de cabelo à escovinha arcaicos e apatetados, que estão envolvidos provavelmente por causa do elemento, tipo, inter-ONANista representado pelos canadianos – com isto, o coração grande de Gately para de bater por um segundo e depois afunda-se –, voltou a aparecer no Centro e que desta vez a deixaram entrar, sob autorização escrita de Pat, para recolher os depoimentos, que são, tipo, testemunhos escritos, e basicamente os depoimentos parecem apoiar Don Gately a cento e dez por cento e fundamentar um *señório* justificado de legítima defesa ou de defesa de Lenz. Vários testemunhos indicam que os canadianos aparentavam estar sob a influência de drogas potenciadoras de comportamentos agressivos. O único e maior problema neste momento, diz Thrust que disse Pat, é o suposto ferro ter desaparecido. Ou seja, desconhece-se o paradeiro do revólver de calibre .44 com que Gately foi alvejado, diz Thrust. O último residente a depor tê-lo visto foi Green, que disse

que o arrancou ao canadiano que as raparigas pretas tinham espezinhado e que depois ele, Green, o largou no relvado. E depois, tipo, desapareceu da vista para efeitos legais. Thrust diz que, na visão legal dele, o ferro é a coisa que faz toda a diferença entre um *señório* férreo de legítima defesa e outro em que houve apenas, e se calhar, a porra de uma rixa enorme e em que Gately apanhou misteriosamente com um tiro, num momento indefinido qualquer, quando estava a tratar da saúde a um par de canadianos só com a ajuda das mãos gigantescas. Por esta altura, o coração de Gately já anda ao nível das canelas peludas, devido à referência aos cortes de cabelo federais. A tentativa de suplicar a Thrust que lhe diga de uma vez se matou realmente alguém, *matou?*, parece outra vez aquele gatinho esmagado. A dor desse terror é atroz e fá-lo render-se e desistir de tentar falar, descontraindo as pernas e decidindo que Thrust vai poder não dizer seja o que for que não quer dizer, que a realidade neste preciso instante é que está mudo e impotente perante Thrust. Thrust inclina-se mais um pouco para a frente, abraça as costas da cadeira e diz que Clenette Henderson e Yolanda Willis estão fechadas no quarto, com um castigo total do Centro, para impedir que desçam as escadas e acabem, se calhar, por se foder em termos legais num depoimento. Porque o canadiano do boné aos quadrados com as proteções para as orelhas e do suposto ferro desaparecido tinha morrido logo ali, por causa de um salto agulha espetado no olho direito quando estava a ser espezinhado à força toda como só umas pretas conseguem fazer, e etc. e tal, e Yolanda Willis, muito astutamente, tinha deixado o sapato e o salto espetados no olho do tipo, com as impressões digitais do dedo do pé por tudo o que era sítio lá dentro – ou seja, presumivelmente, dentro do sapato –, por isso, também seria de todo o interesse jurídico dela que o ferro aparecesse, segundo a análise de Thrust ao contexto legal. Thrust diz que a própria Pat foi a coxear falar com cada residente e que toda a gente se submeteu mais ou menos voluntariamente a uma revista ao quarto e aos objetos pessoais, e etc. e tal, e que mesmo assim não apareceu nenhum ferro de grande calibre, embora a coleção de facas orientais secreta de Nell Gunther tenha causado uma impressão e peras. Segundo a previsão de Thrust, Gately terá todo o interesse jurídico-judicial em esgravatar no cérebro e na cabeça para ver se se lembra de onde e viu o suposto revólver pela última vez. Agora, o Sol estava a pôr-se nas colinas de West Newton, do lado de lá das janelas de vidro duplo, tremendo ligeiramente, e a luz na parede mais distante

tinha uma tonalidade vermelho-sangue. Os ventiladores do aquecimento não paravam de fazer um som parecido com um pai a mandar calar, ao longe e delicadamente, o filho. Quando começa a ficar escuro é quando o teto respira. E etc. e tal.

Mais tarde, à noite, iluminado por trás pela luz do corredor, surge a figura do residente Geoffrey Day, sentado no mesmo lugar de Thrust, mas com a cadeira virada para o lado certo e as pernas cruzadas de modo formal, comendo um *brownie* com queijo-creme que informa que estão a oferecer às pessoas na enfermaria. Day diz que não há dúvida de que Johnette F. não é nenhum Don Gately em termos culinários. Ela parece ter uma espécie de relação de conivência, tipo suborno, com os fabricantes do presunto condimentado *Spam*, diz Day, é a teoria dele. É possível que seja uma noite completamente diferente. O teto noturno já não incha convexamente ao ritmo da respiração superficial de Gately e os sons, já com melhorias, que agora é capaz de fazer evoluíram do felino para uma coisa mais parecida com o bovino. Mas o lado direito do corpo dói-lhe tanto que mal consegue ouvir. Passou de uma dor ardente para uma dor fria, dormente, profunda e implacável, com um estranho sabor a perda emocional. No seu âmago mais profundo, consegue ouvir a dor a rir-se dos noventa miligramas de *Toradol* intramuscular que lhe puseram a correr na solução endovenosa. Como aconteceu com Ewell, quando Gately acorda não tem maneira de perceber há quanto tempo Day já lá está, ou exatamente porquê. Day está a contar penosamente uma história longa sobre, ao que parece, a relação dele com o irmão mais novo quando estavam a crescer. Gately tem dificuldades em imaginar que Day é parente de alguém. Day diz que o irmão tinha uns problemas de desenvolvimento quaisquer. Tinha enormes lábios vermelhos, húmidos e frouxos e uns óculos tão grossos que durante a infância os olhos dele pareciam os de uma formiga. E, pelos vistos, um dos problemas do irmão de Day era um medo paralisante e fóbico de folhas. Folhas normais, das árvores. Day tinha sido apanhado de surpresa por uma emergente memória de sobriedade que lhe recordou como costumava abusar emocionalmente do irmão mais novo pela simples ameaça de lhe tocar com uma folha. Day tem o hábito de apoiar o queixo e a bochecha na mão enquanto fala, lembrando fotografias recortadas do falecido J. Benny. Não é de todo evidente por que razão Day resolveu partilhar

estas coisas com Gately, mudo e febrilmente semiconsciente. Parece que Don G. se tornou muito mais popular enquanto alguém com quem falar desde que, para todos os efeitos, ficou mudo e paralisado. O teto estava a portar-se bem, mas Gately ainda era capaz de distinguir, no cinzento do quarto, uma alta e insubstancial figura fantasmagórica, que aparecia e desaparecia na névoa na periferia da sua visão. Havia uma relação sinistra qualquer entre as posturas da figura e o deslizar silencioso das enfermeiras a passarem no corredor. Não havia dúvida nenhuma de que essa figura parecia preferir a noite ao dia, ainda que por esta altura Gately pudesse muito bem já estar a dormir novamente, com Day a começar a descrever as diferentes espécies de folhas que levava na mão.

Um pesadelo recorrente que Gately tem tido desde que se rendeu, Entrou e passou a estar sóbrio consiste simplesmente numa oriental minúscula e com cicatrizes de acne a olhar para baixo, para ele. Não acontece mais nada; ela está só a olhar para baixo, para Gately. As cicatrizes de acne dela nem sequer são assim tão horríveis. A única coisa é ela ser minúscula. É uma daquelas orientaizinhas minúsculas e anónimas que se veem por toda a parte na área metropolitana de Boston, parecendo sempre estarem a carregar múltiplos sacos das compras. Mas no pesadelo recorrente ela está a olhar para *baixo*, para ele; na perspetiva que tem, Gately está a olhar para cima e ela para baixo, o que significa que, no pesadelo, Gately está (a) deitado de costas e a olhar vulneravelmente para cima, para ela, ou então (b) é ele próprio ainda mais incrivelmente minúsculo do que a mulher. Também há um cão envolvido no pesadelo, não se percebe muito bem como mas de forma ameaçadora, parado rigidamente ao longe, depois da oriental, imóvel e rígido, de perfil, ali parado sem se mexer e direito como um boneco. A oriental não tem uma expressão propriamente dita e nunca diz nada, embora as cicatrizes na cara tenham um certo padrão esquivo que parece querer significar qualquer coisa. Quando Gately volta a abrir os olhos, Geoffrey Day já lá não está e a cama de hospital, com as suas grades e os seus frascos com a solução endovenosa em suportes, foi colocada mesmo ao lado da cama de quem quer que seja a pessoa que está na outra cama do quarto, por isso é como se Gately e esse doente desconhecido fossem um velho casal que já não faz sexo e dorme um com o outro mas em camas separadas, e a boca de Gately fica oval e os olhos todos esbugalhados de horror, e o esforço que faz para gritar dói tanto que o acorda, com as pálpebras a

abrirem-se rapidamente e a chocalharem como persianas velhas, e a cama de hospital está outra vez onde sempre esteve, uma enfermeira está a dar ao tipo anónimo da outra cama uma injeção noturna, que se percebia ser de um narcótico, e o doente, que tem uma voz muito grave, está a chorar. A seguir, mais à frente, durante as últimas duas horas antes da sinfonia das pessoas a mudarem os carros de lugar à meia-noite, na Rua Washington, dá-se um sonho desagradavelmente pormenorizado, em que a figura fantasmagórica que tem andado a materializar-se e a desmaterializar-se pelo quarto fica por fim no mesmo sítio durante o tempo necessário para Gately poder de facto observá-la. No sonho, é a figura de um homem muito alto e de peito metido para dentro, com óculos com aros pretos, uma camisola e calças de sarja velhas e manchadas, recostado meio descontraidamente ou então todo curvado taciturnamente, com o cóccix encostado à grelha sussurrante do ventilador no parapeito da janela, os braços compridos caídos e os tornozelos cruzados com indiferença, permitindo que Gately repare no pormenor de as calças fantasmagóricas serem demasiado curtas para o seu tamanho, são do género das que, na infância de Gately, os miúdos chamavam «calças a três quartos» – alguns dos amigos mais selvagens de Bimmy Gately costumavam encurralar, no recreio, um desses miúdos totós com calças demasiado curtas e diziam-lhe «Ei, maninho, onde é que é a merda da *inundação*?» e depois estatelavam-no no chão com um calduço ou um empurrão no peito e lá ia o inevitável violino a rebolar pelo chão, dentro do estojo. Às vezes, o braço da figura fantasmagórica e sinistra, tipo, desaparece e depois reaparece junto à cana do nariz, a empurrar os óculos para cima num gesto fatigado, inconsciente e taciturno, tal e qual como, no recreio, esses miúdos das calças curtas faziam sempre, de uma maneira fraca e taciturna que dava sempre vontade ao próprio Gately, sem que percebesse muito bem porquê, de lhes dar um empurrão no peito selvaticamente. No sonho, Gately sentiu um doloroso e adrenal arrebate de remorsos e considerou a possibilidade de a figura representar um dos miúdos violinistas de North Shore que ele nunca tinha impedido os amigos selvagens de maltratarem e que agora vinha, num estado adulto e quando Gately se encontrava vulnerável e mudo, exercer algum tipo de vingança. A figura fantasmagórica encolheu os ombros e disse-lhe que não, que não era nada disso, que era um simples e velho espectro, sem quaisquer ressentimentos ou objetivos, só um espectro genérico e corriqueiro. No sonho,

Gately pensou sarcasticamente que Então, pronto, se era só um *espectro* corriqueiro, e nada mais, bom, mas que grande porra de *alívio*. A figura espectral sorriu, como que para se desculpar, e encolheu os ombros, roçando o cóccix um bocadinho na grelha sussurrante. No sonho, os seus movimentos tinham uma natureza invulgar: tinham uma velocidade normal, esses movimentos, mas pareciam invulgarmente segmentados e ponderados, como se por alguma razão exigissem mais esforço do que seria necessário. Foi então que Gately se pôs a pensar que ninguém podia saber o que era necessário ou normal para um autoproclamado espectro genérico num sonho febril provocado pelas dores. A seguir, pôs-se a pensar que era o único sonho de que se conseguia lembrar em que, até no próprio sonho, sabia que aquilo era um sonho e, ainda para mais, em que se punha ali deitado a pensar no facto de estar a pensar na natureza declaradamente onírica do sonho que estava a sonhar. As coisas começaram rapidamente a apresentar tantos níveis diferentes e a ficar tão confusas que os olhos dele se reviraram. O espectro fez outro gesto fatigado e taciturno, como se não quisesse dar-se ao trabalho de se meter em controvérsias confusas de sonhos *versus* realidade. O espectro disse a Gately que o melhor que ele tinha a fazer era parar de tentar perceber o que se estava a passar e aproveitar simplesmente a sua presença, a presença do espectro ali no quarto ou no sonho, tanto fazia, porque Gately, se é que se tinha dado ao trabalho de reparar nisso e de o valorizar, pelo menos não tinha de falar em voz alta para interagir com a figura espectral; e o espectro também disse que, já agora, era preciso uma paciência e uma firmeza incríveis para ele (espectro) se manter no mesmo sítio durante o tempo necessário para Gately poder realmente vê-lo e interagir com ele, e o espectro não prometia nada em relação aos meses em que ele (espectro) conseguiria continuar assim, visto que a firmeza nunca parecia ter sido o seu forte. O conjunto das luzes noturnas da cidade aclarava o céu que se via pela janela do quarto, dando-lhe a tonalidade rosa-escura que vemos quando fechamos os olhos, contribuindo para a ambiguidade onírica típica de um sonho. No sonho, Gately experimentou fazer o teste de fingir que perdia os sentidos para o espectro se ir embora e depois, a dado momento da pretensa perda de sentidos, acabou mesmo por adormecer, durante um bocadinho, no sonho, porque a oriental bexigosa tinha voltado e continuava a olhar para baixo, para ele, sem dizer nada, mais o sinistro cão rígido. E foi então que o doente sedado da cama

ao lado voltou a acordar Gately, no sonho original, com uma espécie de gorgolejo ou ronco narcotizado, e a suposta figura espectral continuava ali, visível, só que agora estava em cima das grades da cama, ao lado de Gately, a olhar para ele de uma altura imponente, que correspondia às grades mais a sua estatura original, e tendo que acentuar ainda mais a curvatura natural dos ombros para não bater no teto. Olhando para dentro das narinas do espectro, Gately pôde ver com clareza um tufo impressionante de pelos, tal como os ossozinhos do tarso, quando olhou lateralmente para os tornozelos escanzelados do espectro, a sobressaírem nas meias castanhas, por baixo da bainha das calças de sarja demasiado curtas. Por mais que lhe doessem o ombro, a barriga da perna, os dedos do pé e todo o lado direito do corpo, passou pela cabeça de Gately que não se costuma pensar normalmente se os espectros ou as aparições fantasmagóricas são altos ou baixos, ou se têm má postura, ou se trazem meias de determinada cor. E, muito menos, se têm alguma coisa tão específica como pelos salientes nas narinas. Havia um nível de, como dizer, *especificidade* nesta figura, neste sonho, que Gately achava inquietante. Já para não falar na presença do sonho da velha oriental *dentro* deste mesmíssimo sonho. Começou a desejar novamente poder pedir ajuda a alguém ou acordar-se. Mas agora já nem lhe saíam mugidos nem miaus, tudo o que conseguia fazer era *ofegar* imenso, como se o ar lhe tivesse, tipo, desaparecido completamente da laringe, ou como se a laringe tivesse sido completamente eliminada do mapa por causa dos danos nos nervos do ombro e agora estivesse simplesmente para ali, murcha e seca como um vespeiro velho, enquanto à sua volta o ar saía da garganta de Gately a toda a velocidade. Continuava a não sentir a garganta em condições. Era exatamente a mudez sufocada dos sonhos, dos pesadelos, apercebeu-se Gately. Sem se perceber bem como, isso era ao mesmo tempo aterrorizador e reconfortante. Provava que se tratava de um sonho e por aí fora. O espectro estava a olhar para ele e assentir com a cabeça de forma compreensiva. O espectro compreendia-o perfeitamente, disse ele. O espectro disse que até um espectro corriqueiro era capaz de se deslocar a uma velocidade quântica, estar em qualquer lado, em qualquer altura, e ouvir, numa sinfonia completa, os pensamentos de todos os homens vivos, mas não podia normalmente afetar ninguém nem nenhuma coisa sólida, tal como nunca podia falar com ninguém como deve ser, um espectro não tinha uma voz própria que se ouvisse alto e bom som e, por isso, tinha de se servir, tipo, da voz

mental interna de uma pessoa se quisesse tentar comunicar alguma coisa, e era por isso que os pensamentos e as perceções provenientes de um espectro pareciam sempre ser os pensamentos da própria pessoa, saídos da sua cabeça, se esse espectro estivesse a tentar interagir com ela. O espectro diz Só para exemplificar, para Gately ter em conta fenómenos como a intuição, a inspiração ou os palpites, ou quando alguém, por exemplo, diz que «uma vozinha cá dentro» lhes estava a dizer isto e aquilo com base na intuição. Agora, Gately não pode inspirar um terço do que seria normal sem ter vontade de vomitar com as dores. O espectro estava a empurrar os óculos para cima e a dizer que, para além disso, era preciso uma disciplina, uma firmeza e um esforço paciente incríveis para se ficar sem se mexer no mesmo sítio durante o tempo necessário para um homem vivo poder de facto ver e ser afetado de alguma forma por um espectro, e muito poucos espectros tinham alguma coisa suficientemente importante para interagir com alguém e que os fizesse estar dispostos a ficarem quietos durante tanto tempo, preferindo normalmente andar disparados de um lado para o outro, a uma velocidade quântica invisível. O espectro diz que não interessa realmente se Gately sabe ou não o significado da palavra *quântica*. Diz que na sua maioria, os espectros existem (estica os braços devagar e dobra as pontas dos dedos para imitar o sinal das aspas quando diz *existem*) numa dimensão heisenberguiana completamente diferente em termos de diferença de velocidade e passagem do tempo. A título de exemplo, continua, as ações e os movimentos normais dos homens vivos parecem ocorrer, para um espectro, mais ou menos à velocidade a que o ponteiro das horas se mexe num relógio e têm basicamente o mesmo interesse. Gately pôs-se a pensar, foda-se, mas que merda é esta, agora até em sonhos febris desagradáveis tem de levar com outras pessoas a contarem-lhe os problemas delas, agora que Gately não se pode escapar nem contrapor com nada que tivesse que ver com a experiência dele. Normalmente, nunca conseguia que Ewell ou Day se sentassem ao lado dele para uma partilha mútua que fosse minimamente autêntica ou honesta, e agora que estava completamente mudo, inerte e passivo, de repente toda a gente parecia considerá-lo uma pessoa com ouvidos compreensivos, mas nem sequer eram ouvidos compreensivos *verdadeiros*, pareciam mais uma xilogravura ou uma estátua de um ouvido. Um confessionário vazio. Don G. como um confessionário gigantesco e vazio. O espectro desaparece e reaparece imediatamente num canto distante do quarto,

dizendo-lhe olá com a mão. Lembrava vagamente as reposições de *Casei com Uma Feiticeira* da primeira infância de Gately. O espectro desaparece outra vez e volta a reaparecer de imediato, desta vez com uma das fotografias de celebridades recortadas e coladas com fita-cola que Gately tem no miserável quarto de funcionário interno na cave da Ennet House, neste caso uma foto antiga do presidente Gentle, *crooner* famoso, em palco, vestido com um tecido aveludado e a rodopiar o microfone, dos tempos em que ainda não tinha posto um capachinho cor de cobre, quando usava um estrigil em vez de uma cabina que emite raios ultravioleta e era apenas um *crooner* de Las Vegas. O espectro desaparece mais uma vez e reaparece de imediato, com uma lata de *Coca-Cola*, uma daquelas velhas latas com as letras vermelhas e brancas entrelaçadas, tão familiares e características da *Coca-Cola*, mas exibindo uns estranhos carateres de estilo oriental em vez das velhas e familiares palavras *Coca-Cola* e *Cola*. As letras desconhecidas na lata de *Coca-Cola* talvez sejam o pior momento de todo aquele sonho. O espectro avança aos solavancos e com excessiva ponderação ao longo do soalho e depois sobe uma parede, desaparecendo de vez em quando e reaparecendo logo a seguir, quase esvoaçando nebulosamente, e acaba por ficar parado de pernas para o ar no teto falso do quarto do hospital, mesmo por cima de Gately, encostando depois o joelho ao peito metido para dentro e começando a fazer aquilo que Gately saberia serem piruetas se alguma vez tivesse visto bailado, com as piruetas a sucederem-se cada mais rapidamente, até atingirem uma velocidade tal que o espectro passa a ser apenas um longo feixe luminoso cor de camisola e lata de *Coca-Cola* que parece sair do teto; e é então que, num momento que rivaliza com o da lata de *Cola* em termos de sensações desagradáveis, entra na cabeça de Gately, na sua própria voz mental mas com uma força montruosa e involuntária, o termo *PIRUETA*, em maiúsculas, termo que Gately tem a certeza de que não faz ideia nenhuma do que significa e de que não há qualquer razão para estar a pensar nele com uma força monstruosa, o que faz com que a sensação seja não só sinistra como também, e de certa maneira, violadora, uma espécie de violação lexical. Gately começa a considerar este sonho, que espera não se tornar recorrente, ainda mais desagradável, em termos gerais, do que o sonho da oriental minúscula e bexigosa. Outros termos e palavras que Gately sabe que não conhece de lado nenhum começam a enfiar-se-lhe em catadupa na cabeça, com a mesma e tenebrosa força intrusiva, como, por

exemplo, *acciacatura* e *alambique*, *latrodectus mactans* e *ponto de densidade neutra*, *claro-escuro* e *propriocepção* e *testudo* e *anelado* e *bricolage* e *cataléptico* e *falsificação do recenseamento eleitoral* e *escopofilia* e *laertes* – e, assim de repente, Gately lembra-se dos próprios e já pensados *saliente*, *estrigil* e *lexical* – e *lordose* e *tributo* e *sinistral* e *menisco* e *cronaxia* e *poor yorick* e *luculus* e *montclair cor de cereja* e depois *de sica neorrealista grua com dolly* e *circum-ambientedramaencontradocasamentolevirato* e, a seguir, mais termos e palavras lexicais a atropelarem-se cada vez mais depressa, como esquilos-listrados, e depois *voz de hélio* e depois sempre em crescendo até chegar ao som de um mosquito speedado, e Gately tenta agarrar as têmporas só com uma mão e gritar, mas não sai nada. Quando o espectro reaparece, está sentado bem atrás dele e Gately tem de revirar completamente os olhos para vê-lo, descobrindo que tem o coração sob vigilância médica e que o espectro está sentado em cima do monitor cardíaco, numa postura estranha com as pernas cruzadas e a bainha das calças tão puxada para cima que Gately até consegue ver a pele escanzelada e sem pelos, acima das meias, dos tornozelos do espectro, a brilhar um bocadinho na luz que entra do corredor da Unidade de Traumatologia. A lata oriental de *Cola* está agora pousada na testa ampla e lisa de Gately. Está fria e tem um cheiro esquisito, tipo a maré baixa, a lata. Ouvem-se passos e o som de um balão de pastilha elástica a rebentar no corredor. Um enfermeiro aponta uma lanterna para dentro do quarto, iluminando Gately, o vizinho narcotizado e o que estava à volta deles, e assinala qualquer coisa num bloco de notas com mola enquanto faz mais um balãozinho cor de laranja. E a luz não trespassa o espectro nem nada assim dramático – o espectro simplesmente desaparece mal a luz incide no monitor cardíaco e reaparece mal esta se afasta. Os sonhos desagradáveis de Gately não costumam, disso não há dúvidas, incluir cores específicas de pastilhas elásticas, um desconforto físico intenso e invasões de termos lexicais que ele não conhece de lado nenhum. Gately começa a concluir que não é impossível que o espectro corriqueiro que está sentado em cima do monitor cardíaco, embora não seja real em termos convencionais, possa constituir uma espécie de aparição sobrenatural, género epifania, proveniente do próprio entendimento confuso que Gately tem de Deus, um Poder Superior ou qualquer coisa assim, talvez no mesmo estilo da lendária luz azul pulsante que, segundo reza a história, Bill W., o fundador dos Alcoólicos Anónimos, viu durante a sua

desintoxicação e que se veio a revelar ser Deus a dizer-lhe que para se manter sóbrio devia criar os Alcoólicos Anónimos e passar a mensagem. O espectro sorri com tristeza e diz qualquer coisa como Isso era o que nós dois queríamos, meu jovem senhor. Gately tem a testa a franzir ao mesmo tempo que não para de revirar os olhos, fazendo a lata estrangeira oscilar friamente: claro que também há a possibilidade de o espectro alto, curvado e extremamente rápido representar o bailio, a doença, aproveitando-se da escassa estabilidade da mente de Gately baralhada pela febre, preparando-se para dar a volta aos argumentos dele e convencê-lo a aceitar demerol só uma vez, só uma última vez, por causa das dores médicas completamente legítimas. Gately permite-se imaginar como seria ser capaz de desaparecer para qualquer lado imediatamente e a uma velocidade quântica, ficar parado no teto e provavelmente roubar como nunca um ladrão sonhou sequer roubar, mas não ser capaz de afetar realmente nada nem interagir com ninguém, sem ninguém saber que ele estava ali, com as vidas quotidianas normalmente apressadas das pessoas a parecerem os movimentos dos planetas e dos sóis, e obrigado a ficar pacientemente quieto no mesmo sítio durante imenso tempo só para um pobre diabo todo baralhado poder sequer considerar a hipótese de ele ali estar. Pareceria superlivre, mas incrivelmente solitário, imagina ele. E será que *espectro* significa, tipo, fantasma, estar morto? Será que isto é uma mensagem de um Poder Superior sobre sobriedade e morte? Como seria tentar falar e a outra pessoa pensar que era só a cabeça dela a falar? Gately talvez se pudesse identificar com isso, até certo ponto, decide ele. É a primeira vez que fica verdadeiramente sem fala, tirando um curto mas horrível episódio de laringite pleurítica por que passou quando tinha vinte e quatro anos e andava a dormir na praia fria de Gloucester, e não gosta mesmo nada, disto de ficar sem fala. É uma espécie de combinação entre a invisibilidade e o ser enterrado vivo, em termos da sensação. É como estar a ser estrangulado num sítio qualquer ainda mais interior do que o pescoço. Gately imagina-se com um gancho de pirata, sem poder falar nos compromissos porque só consegue gorgolejar e arfar, condenado a uma vida de cinzeiros e urnas nos Alcoólicos Anónimos. O espectro estica-se para baixo e tira a lata de bebida não-americana da testa de Gately e assegura-lhe que se identifica plenamente com as sensações de impotência comunicativa e de estrangulamento mudo de um homem vivo. Os pensamentos de Gately agitam-se quando ele tenta berrar mentalmente que,

foda-se, nunca disse nada de nada sobre *impotência*. Tem uma visão muito mais clara e direta do que desejaria da extrema situação dos pelos nas narinas do espectro. Este levanta a lata com um ar ausente e diz que vinte e dois anos parecem ser idade suficiente para Gately provavelmente se lembrar das velhas *sitcoms* radiodifundidas da TV generalista dos Estados Unidos dos anos 80 e 90 B.S. Gately não pode deixar de sorrir perante a ignorância do espectro: afinal de contas, Gately era a porra de um agarrado, e a segunda relação mais importante de um agarrado é sempre a que estabelece com a sua unidade de entretenimento doméstico, TV/VCR ou HDTP. Por amor de Deus, o agarrado é capaz de ser a única espécie humana cuja própria visão tem um estabilizador vertical, acha ele. E Gately, mesmo em recuperação, continua a ser capaz de recordar tintim por tintim pedaços não só das séries da sua adolescência de agarrado, como *Seinfeld, Ren e Stimpy, Quem É Ele quando Está em Casa* e *No Mundo do Fim*[*3], mas também das reposições de *Casei com Uma Feiticeira, Hazel* e do ubíquo *M*A*S*H* com que cresceu na infância até ficar de um tamanho monstruoso, e em especial de *Cheers – Aquele Bar,* a série passada na sua cidade natal e com um elenco extenso, tanto da versão tardia, com a morena mamalhuda, como das reposições dos episódios mais antigos, com a loira sem mamas, e Gately sempre achou, mesmo depois da mudança para a disseminação via InterLace e HDTP, que tinha uma relação pessoal e especial com esse programa, não só por toda a gente na série ter sempre uma cervejola na mão, tal e qual como na vida real, mas também por Gately ser especialmente conhecido na infância devido a uma parecença invulgar com Nom, o contabilista gigantesco, sem pescoço e com sobrolhos simiescos que parecia mais ou menos viver no bar, era antipático mas não cruel, e bebia cervejola atrás de cervejola sem nunca bater na mãe de ninguém ou cair para o lado ou desmaiar em cima de vomitado que outra pessoa qualquer teria de limpar, e que era invulgarmente parecido – até na cabeça enorme e quadrada, na testa neandertal e nos polegares do tamanho de pás – com a criança D.W. («Bim») Gately, monstruosa, sem pescoço e tímida, montada no cabo da sua vassoura, Sir Osis de Thuliver. E, sentado no monitor cardíaco, o espectro olha pensativamente e de pernas para o ar para Gately e pergunta-lhe se se lembra dos múltiplos figurantes que apareciam, por exemplo, no seu adorado *Cheers – Aquele Bar,* não as personagens principais como Sam, Carla e Nom, mas os clientes sem nome que estavam sempre sentados às mesas, a

preencherem o grupo de pessoas do bar, concessões ao realismo, sempre relegados para pano de fundo ou para um primeiro plano invisível; e sempre com conversas completamente silenciosas: as caras ganhavam vida e as bocas moviam-se realisticamente mas sem som; só as vedetas ao balcão propriamente dito podiam ser ouvidas. O espectro diz que estes atores insignificantes, cenário humano, podiam ser vistos (mas não ouvidos) na maioria dos exemplos de entretenimento filmado. E Gately lembra-se deles, dos figurantes em todas as cenas em locais públicos, especialmente nas cenas em bares e restaurantes, ou melhor, lembra-se de não se lembrar realmente deles, de nunca lhe ter passado pela baralhada cabeça que era de facto surreal que as bocas deles se mexessem mas não saísse de lá nada, e que merda de trabalho mais miserável e baixo deve ser uma coisa dessas para um ator, servir como uma espécie de mobília humana, *figurants*, é assim que o espectro diz que se chamam, estas presenças em pano de fundo surrealmente mudas, cuja presença revelava no fundo que a câmara, como qualquer olho, possui um nicho percetual, opera uma triagem entre quem é suficientemente importante para ser visto e ouvido e quem é apenas visto. É originariamente um termo do bailado, *figurant*, explica o espectro. Que agora empurra os óculos para cima, com o gesto vagamente choramingas de um miúdo que acabou de levar uns tabefes no recreio, e diz que ele próprio passou grande parte da sua vida anterior de pessoa ativa basicamente como figurante, mobília na periferia precisamente dos olhos das pessoas mais próximas dele, como se veio a revelar, e que isso é o raio de uma maneira bastante ranhosa para se tentar viver. Gately, cuja autocomiseração crescente deixa pouco espaço ou paciência para a autocomiseração de mais alguma pessoa, tenta levantar a mão esquerda para abanar o dedo mindinho como se estivesse a dedilhar a viola mais pequena do mundo e a tocar o tema de *The Sorrow and the Pity*[*4], mas quase desmaia só de mexer o braço esquerdo. E o espectro está a dizer ou então é Gately que se está a dar conta de que só se pode compreender o *pathos* dramático de um figurante quando se tem noção de que ele está completamente *preso* e *enjaulado* no seu estatuto periférico e mudo, já que suponhamos, por exemplo, que um dos figurantes do bar da série *Cheers* decidia de repente que já não conseguia aguentar mais e resolvia levantar-se e começar a gritar e a gesticular desenfreadamente, tentando receber atenção e um estatuto não-periférico no programa, Gately apercebe-se de que a única coisa que aconteceria é que uma

das vedetas que se faziam ouvir sairia disparada da berlinda para o imobilizar, fazendo-lhe a manobra de *Heineken*[*5] ou reanimação cardiopulmonar, achando que o figurante silencioso a gesticular estaria a engasgar-se com uma noz para acompanhar a cerveja ou qualquer coisa do género, e de que depois o resto desse episódio consistiria em piadas relacionadas com o ato heroico e salvador da vedeta ou então com a borreguice de ter feito a manobra de Heineken a uma pessoa que não se estava a engasgar com nenhuma noz. Não havia maneira de um figurante sair a ganhar. Não havia voz ou atenção possíveis para o figurante enjaulado. Por breves instantes, Gately especula qual será a estatística em termos de suicídios para os atores menos importantes de todos. O espectro desaparece e a seguir reaparece na cadeira junto às grades da cama, inclinando-se para a frente com o queixo encostado às mãos apoiadas nas grades, no que Gately já começa a considerar a clássica posição conta-os-teus-problemas-ao-doente-de-traumatologia-que-não-te-consegue-interromper-nem-escapar-se. O espectro diz que ele próprio, espectro, quando estava vivo, andou envolvido em entretenimentos filmados, ou seja, fê-los, a esses cartuchos, para informação de Gately, quer ele acredite ou não, e nesses entretenimentos que ele próprio fez, diz que se certificava a cem por cento de que o raio do entretenimento era inteiramente mudo ou então, se não era mudo, de que se ouvia o raio das vozes de todos os intérpretes, por mais afastados que se encontrassem em termos da periferia cinematográfica ou narrativa; e não se tratava apenas dos diálogos autoconscientes e sobrepostos de pretensiosos como Schwulst ou Altman, ou seja, não se tratava apenas da imitação fabricada do caos auditivo: era o balbuciar autêntico e igualitário, próprio da vida real, das multidões sem figurantes, da verdadeira ágora do mundo vivo, o blablablá[342] das multidões em que cada membro era o protagonista central e eloquente do seu próprio entretenimento. Gately põe-se a pensar que nunca teve nenhum sonho em que alguém dissesse coisas como *periferia* e, muito menos, *ágora*, que Gately interpreta como sendo uma espécie de camisola cara. E era por isso, continua o especto, o absoluto e igualitário realismo auditivo desprovido de figurantes era a razão pela qual os críticos de entretenimento de linha partidária se queixavam sempre de que as cenas em locais públicos nos entretenimentos do espectro eram sempre incrivelmente chatas, autoconscientes e irritantes, porque nunca conseguiam ouvir as conversas realmente importantes da narrativa central por

causa de todo o blablablá que provinha sem filtros da multidão periférica, e partiam do princípio de que esse blablablá(/babel) era uma autoconsciente pose diretorial, forçadamente artística e antiespectador, em vez de um realismo radical. O sorriso taciturno do espectro quase desaparece antes de aparecer. O leve sorriso que Gately lhe retribui é a maneira como se percebe sempre que ele não está realmente a ouvir. Está a lembrar-se de que costumava fingir para consigo que Nom, o contabilista não violento e sarcástico de *Cheers – Aquele Bar,* era o próprio pai orgânico de Gately, esforçando-se para aguentar o jovem Bimmy ao colo, deixando-o fazer desenhos com o dedo nos círculos de condensação que ficavam marcados no balcão do bar e mostrando-se sarcástico e espirituoso quando estava chateado com a mãe de Gately em vez de a atirar para o chão e de lhe aplicar sovas horrivelmente cautelosas, do género das que se dão nas prisões dos navios de guerra da Marinha dos Estados Unidos, que doíam imenso mas que nunca deixavam marcas. A lata da *Cola* estrangeira deixou-lhe um círculo na testa que está mais frio do que a pele febril em redor, e Gately tenta concentrar-se no frio do círculo e não na absoluta dor dormente e fria que sente em todo o seu lado direito – destro – ou na memória sóbria do ex-mais que tudo da mãe, a senhora Gately, ou seja, o antigo polícia militar dos olhos pequeninos, debruçado, bêbado e em cuecas cor de caqui, sobre o bloco de notas onde regista diariamente as *Heinekens* que bebe, com a língua espetada no canto da boca e os olhos semicerrados, a tentar ver um bloco suficientemente unitário para poder lá escrever, enquanto a mãe de Gately está no chão a tentar arrastar-se sem fazer barulho, para que o polícia militar não volte a reparar nela, até à casa de banho que se pode trancar.

O espectro diz que só para dar a Gately uma ideia, ele, espectro, para lhe poder surgir visível e interagir com ele, Gately, ele, espectro, já está ali sentado, imóvel como uma rocha, naquela cadeira ao lado da cama de Gately há *três semanas,* em termos de tempo espectral, coisa que Gately nem sequer consegue imaginar. Ocorre a Gately que nenhuma das pessoas que por ali passou para lhe contar os seus problemas se deu ao trabalho de lhe dizer sequer há quantos dias está na Unidade de Traumatologia nem que dia será quando o Sol nascer, por isso Gately não faz ideia há quanto tempo já está sem ir a uma reunião dos Alcoólicos Anónimos. Gately bem gostava que Ferocious Francis G., o seu padrinho, lá aparecesse a coxear em vez de funcionários da Ennet que querem

falar de *prófeses* e de residentes que só lá vão para partilhar destroços do seu passado com uma pessoa que acham que nem sequer os consegue ouvir, mais ou menos como um miudinho faz confidências a um cão. Nem sequer se permite imaginar por que razão a polícia ou os tipos com o corte à escovinha federal ainda não o vieram visitar, se ele já ali está há algum tempo e se eles já andaram a enfiar-se no Centro como hámsteres no trigo, como disse Thrust. A sombra sentada de uma pessoa com chapéu ainda lá está, no corredor, mas se todo aquele interlúdio for um sonho então não está nem nunca lá esteve, dá-se conta Gately, semicerrando um pouco os olhos para ter a certeza de que a sombra é mesmo a sombra de um chapéu e não de uma caixa com um extintor de incêndios na parede do corredor ou de outra coisa qualquer. O espectro pede licença e desaparece mas depois reaparece, na mesma posição, no espaço de tempo que Gately leva a pestanejar lentamente duas vezes. «Era preciso pedir licença para isso?», pensa Gately para o espectro secamente, quase a rir-se. O mar de dores provocado pela quase gargalhada faz os olhos dele revirarem-se completamente. O suporte do monitor cardíaco não parece ser suficientemente amplo para sustentar sequer o cu de um espectro. O monitor é do tipo silencioso. Tem a linha branca em movimento, atravessada pelas lombas grandes que sinalizam a pulsação de Gately, mas não emite os bipes estéreis que os velhos monitores dos dramas de hospital emitiam. Nos dramas de hospital, os doentes eram frequentemente figurantes inconscientes, reflete Gately. O espectro diz que acabou de fazer uma pequena visita quântica ao velho e impecável prédio de dois andares, em Brighton, de um tal Ferocious Francis Gehaney e, a julgar pela forma como o velho Crocodilo se estava a barbear e a vestir uma *T-shirt* branca lavada, diz o espectro, é de prever que F.F. vá passar dentro de pouco tempo pela Unidade de Traumatologia para oferecer a Gately compreensão e companheirismo incondicionais e conselhos crocodilianos mordazes. A não ser que isto fosse só o próprio Gately a imaginar coisas para manter uma atitude firme, pensa Gately. O espectro empurra os óculos para cima com tristeza. Nunca se pensa se um espectro parece triste ou alegre, mas este espectro onírico dá mostras de toda a gama de emoções. Gately consegue ouvir as buzinadelas, as vozes a levantarem-se e os pneus a chiarem com as inversões de marcha, lá em baixo, na Rua Washington, que indicam que é perto da meia-noite, a hora de mudar o carro de lugar. Interroga-se a que soará uma coisa tão breve como uma

buzinadela a um figurante que tem de passar três semanas quieto para poder ser visto. Um espectro, não um figurante, era isso que Gately queria dizer, corrigindo-se. Está para ali deitado a corrigir os próprios pensamentos como se estivesse a falar. Interroga-se se a sua voz mental falará suficientemente depressa para o espectro não ter de bater com o pé e de olhar para o relógio entre as palavras. Mas serão palavras se estão apenas na cabeça dele? O espectro assoa o nariz a um lenço que já viu visivelmente melhores épocas e diz que ele, espectro, quando estava vivo no mundo dos homens ativos, tinha visto o seu próprio filho mais novo, um rapaz, o que era mais parecido consigo, o que considerava mais maravilhoso e assustador, tornar-se um figurante perto do fim. Do fim dele, não do filho, esclarece o espectro. Gately interroga-se se o espectro ficará ofendido quando às vezes se refere a ele mentalmente como *uma coisa*. O espectro abre e inspeciona o lenço utilizado, tal como uma pessoa viva nunca consegue evitar fazer e diz que não há maior horror, na terra ou em qualquer outro lado, do que ver o nosso próprio filho abrir a boca e não lhe sair nada. O espectro diz que a memória do fim da sua vida ativa fica estragada por isso, pela retirada desse filho para a periferia do enquadramento da vida. O espectro confessa que, a dada altura, tinha culpado a mãe do rapaz pelo silêncio dele. Mas o que se ganhava com uma coisa dessas, disse ele, com um movimento indistinto que podia ter sido um encolher de ombros. Gately lembra-se do antigo polícia militar da Marinha dizer à mãe de Gately que tinha perdido o emprego na fábrica de sopas de peixe por causa dela. «O rancor é a ofensa número um» é outro dos lugares-comuns dos Alcoólicos Anónimos de Boston em que Gately tinha começado a acreditar. Que a culpa é um embuste. Mas não se importaria nada de passar uns minutos sozinho com Randy Lenz num quarto fechado, assim que voltasse a ficar bom.

O espectro reaparece afundado na cadeira, com o peso do corpo apoiado no cóccix e as pernas cruzadas daquela maneira sofisticada ao estilo de Erdedy. Diz Imagina só o horror que é passarmos toda a infância itinerante e solitária, no Sudoeste e na costa oeste, a tentarmos convencer o nosso pai, sem conseguirmos, de que existimos sequer, a tentarmos fazer qualquer coisa suficientemente bem para sermos ouvidos e vistos, mas não tão bem ao ponto de nos tornarmos apenas um ecrã onde ele (o pai) pudesse projetar o seu próprio fracasso e o ódio por si mesmo, sem nunca conseguirmos ser realmente vistos,

gesticulando como loucos no meio da neblina destilada e chegando a adultos carregando ainda o peso húmido e flácido da incapacidade de alguma vez termos conseguido que ele nos ouvisse de facto *falar,* carregando-o ao longo dos anos ativos nos nossos ombros cada vez mais descaídos – e apenas para descobrirmos, já perto do fim, que o nosso próprio filho também se tinha tornado inexpressivo, ensimesmado, silencioso, assustador, mudo. Ou seja, que o filho se tinha tornado aquilo que ele (espectro) temia ser quando era criança. Gately revira os olhos. O rapaz, que fazia tudo bem e com uma graciosidade natural e nada curvada que o próprio espectro nunca possuíra, e que o espectro tinha querido imenso ver e ouvir e que ele (o filho) soubesse que era visto e ouvido, o filho tinha-se tornado um cada vez mais *escondido,* perto do fim da vida do espectro; e na família nuclear do espectro e do rapaz, mais ninguém era capaz de ver ou reconhecer isso, o facto de o rapaz gracioso e maravilhoso estar a desaparecer mesmo à frente dos olhos deles. Olhavam mas não viam a invisibilidade dele. E ouviam mas não prestavam atenção aos avisos do espectro. Gately está a fazer outra vez aquele leve sorriso tenso e ausente. O espectro diz que a família nuclear achava que ele (espectro) não andava bem e estava a confundir o rapaz com o rapaz que ele próprio (espectro) era na infância, ou com o pai do pai do espectro, o homem inexpressivo e rígido que, segundo a mitologia familiar, tinha «levado» o pai do espectro «à bebida», a um potencial não cumprido e a uma hemorragia cerebral precoce. Já perto do fim, tinha começado a recear, em privado, que o filho andasse metido nas drogas. O espectro está sempre a ter de empurrar os óculos para cima. Diz quase amargamente que quando se punha em pé e começava a agitar os braços para as outras pessoas repararem no facto de o seu filho mais novo e promissor estar a desaparecer, elas achavam que tudo o que essa agitação significava era que ele tinha ficado taralhouco de tanto beber *Wild Turkey* e que precisava de tentar ficar sóbrio novamente, mais uma vez.

Isso chama a atenção de Gately. Por fim, podia estar ali alguma espécie de sentido para um sonho tão desagradável e confuso. «Tentaste ficar sóbrio?», pensa ele, revirando os olhos para o espectro. «Tentaste mais do que uma vez? Foi a bem ou a mal?[343] Alguma vez te rendeste e entraste?»

O espectro passa a mão pelo queixo comprido e diz que passou todos os minutos dos últimos e sóbrios noventa dias da sua vida ativa a tentar incansavelmente inventar um meio através do qual ele e o filho emudecido

pudessem simplesmente *conversar*. Engendrar uma coisa que o talentoso rapaz não conseguisse simplesmente dominar e querer largar para poder passar a outro nível. Uma coisa que o rapaz adorasse suficientemente para o induzir a abrir a boca e a *falar* – mesmo que fosse apenas para pedir mais. Os jogos não deram conta do recado, os profissionais não deram conta do recado, fazer passar-se por profissionais também não deu conta do recado. O seu último recurso: entretenimento. Criar o raio de uma coisa tão irresistível que invertesse o impulso da queda de um jovem nas entranhas do solipsismo, da anedonia, da morte na vida. Um brinquedo que entretivesse magicamente e que se pudesse balouçar à frente da criança que ainda estava viva algures dentro do rapaz, para lhe fazer os olhos iluminarem-se e a boca abrir-se inconscientemente para se rir. Para o obrigar a «sair de si mesmo», como se costuma dizer. As entranhas podiam ser utilizadas em ambos os sentidos. Uma maneira de dizer PEÇO MESMO IMENSA DESCULPA e fazer com que isso se *ouvisse*. O sonho de uma vida inteira. Os académicos, as fundações e os disseminadores nunca perceberam que o desejo mais fervoroso dele era: *entreter*.

As dores e a febre de Gately não o impedem de reconhecer uma imensa autocomiseração quando a ouve, vinda ou não de um espectro. Como no slôgane «Pobrezinho de mim, pobrezinho de mim, serve-me um copo». Com o devido respeito, é difícil de acreditar que este espectro fosse capaz de manter-se sóbrio, se precisasse de ficar sóbrio, tendo em conta o misto de abstração e de atitude de tragicamente incompreendido que está a revelar no sonho.

Tinha-se mantido sóbrio como um colchoeiro menonista durante oitenta e nove dias, mesmo no fim da sua vida, assegura o espectro, que agora já está outra vez sentado em cima do silencioso monitor cardíaco, embora o lado de virulência evangélica e desprovida de humor dos Alcoólicos Anónimos de Boston não o tenha deixado ir mais do que esporadicamente às reuniões. E nunca tinha sido capaz de suportar os lugares-comuns enfadonhos e o desprezo pela abstração. Já para não falar no fumo do tabaco. O ambiente nas salas de reunião parecia o de um jogo de póquer no inferno, tinha ficado com essa impressão. O espectro para de falar e depois diz que aposta que Gately se está a esforçar imenso para esconder a curiosidade em saber se ele conseguiu ou não inventar um entretenimento sem figurantes e tão completamente arrebatador que até faria um rapaz ensimesmado, um autêntico figurante, rir-se e chorar por mais.

No que respeita a figuras paternas, Gately tem feito todos os possíveis nestes últimos meses de sobriedade para tentar repelir recordações não desejadas das suas próprias e terríveis conversas e interações com o polícia militar.

Ainda sentado no monitor, o espectro dobra-se bruscamente pela cintura, inclinando-se todo para a frente e ficando com a cara ao contrário, apenas a centímetros da de Gately – a cara do espectro é mais ou menos metade da de Gately e não tem cheiro –, e responde com veemência que Não! *Não! Qualquer* conversa ou interação é melhor do que nenhuma, ele que acredite nisso, que a pior e mais dolorosa interação intergeracional possível é melhor do que qualquer uma das partes afastar-se ou esconder-se. Pelos vistos, o espectro não é capaz de distinguir quando Gately está simplesmente a pensar consigo mesmo e quando está a servir-se da voz mental para pensar *para* o espectro. De repente, o ombro de Gately explode com uma dor tão lancinante que ele até tem medo de borrar a cama. O espectro arqueja e quase cai do monitor, como se se solidarizasse por completo com a explosão no lado destro. Gately interroga-se se o espectro terá de suportar as mesmas dores do que ele para lhe poder ouvir a voz mental e conversar com ele. Se isso fosse verdade, e mesmo num sonho, nunca ninguém teria pago um preço tão alto para interagir com D.W. Gately. Talvez a dor pretendesse dar credibilidade a um qualquer argumento doentio a favor do demerol que o espectro fosse utilizar. Por alguma razão, Gately sente-se demasiado envergonhado ou estúpido para perguntar ao espectro se está ali em nome do Poder Superior ou, se calhar, da doença, por isso, em vez de pensar para o espectro, limita-se a concentrar-se em fingir que se está a interrogar por que razão o espectro anda a passar provavelmente meses, em termos de tempo espectral somado, a esvoaçar por um quarto de hospital e a fazer demonstrações com piruetas, fotos de *crooners* e latas de bebida estrangeiras, no teto de um agarrado qualquer que não conhece de lado nenhum, em vez de simplesmente partir a uma velocidade quântica para onde quer que o suposto filho mais novo esteja e de ficar muito quietinho durante vários meses espectrais para tentar interagir com a porra do *filho*. Embora o filho talvez fosse ficar todo taralhoco se pensasse que estava a ver o falecido pai orgânico como um fantasma ou espectro, se calhar era isso. E, a julgar pelo que o espectro tinha contado, o filho já não parecia jogar exatamente com o baralho todo. Isto, claro, partindo do princípio de que este filho figurante e mudo existia sequer, partindo do princípio

de que isto não era só uma maneira arrevesada de a doença começar a convencer Gately a sucumbir a uma injeção de demerol. Tenta concentrar-se em tudo isto em vez de se recordar da torrente quente de completo bem-estar produzida pelo demerol, de se recordar do ruído surdo e confortável do queixo a cair-lhe no peito. Ou em vez de se recordar das interações com o antigo polícia militar que vivia com a mãe. Um dos preços mais altos a pagar pela sobriedade era uma pessoa não conseguir evitar recordar-se de coisas de que não se queria recordar, veja-se, por exemplo, o caso de Ewell e daquela coisa da grandiosidade fraudulenta da sua infância de trinca-espinhas. O ex-polícia militar referia-se às crianças pequenas e aos bebés como «fedelhos». Não era uma expressão de afeto rude. O polícia militar tinha obrigado a criança pequena que foi Don Gately a ir devolver as garrafas de *Heineken* vazias à loja de bebidas do bairro e depois voltar a correr com o dinheiro dos depósitos, medindo o tempo que Gately demorava com um cronómetro da Marinha dos Estados Unidos. Ele próprio nunca tinha posto a mão em cima de Gately, pelo menos que Don se lembrasse. Mas nem por isso tinha deixado de ter medo do polícia militar. Que tinha espancado a mãe dele quase diariamente. O período mais perigoso para a mãe de Gately era entre a oitava e a décima *Heineken*. Quando o polícia militar a atirava ao chão e lhe punha o joelho em cima com toda a concentração, parecia um pescador de lagostas a puxar pela corda do barco a motor. O polícia militar era ligeiramente mais pequeno do que a senhora Gately, mas era largo e muito musculoso, e tinha orgulho nos músculos, por isso andava sem camisa sempre que podia. Ou então vestia *T-shirts* militares sem mangas cor de caqui. Tinha barras, pesos e bancos para *spin*, e tinha ensinado à criança que foi Don Gately os princípios básicos do treino com pesos livres, com especial ênfase no controlo e na forma, por oposição a levantar desajeitadamente o máximo de peso possível. Os pesos eram velhos, ensebados e com medidas pré-métricas. O polícia militar era muito preciso e controlado na forma como abordava as coisas, algo que, sem perceber muito bem porquê, Gately passou a associar a todos os homens loiros. Quando, aos dez anos, Gately começou a ser capaz de levantar mais peso do que o polícia militar, este não achou piada nenhuma à brincadeira e começou, por seu turno, a recusar-se a monitorizar os treinos dele para garantir que não houvesse nenhum percalço. O polícia militar registava os pesos e repetições que fazia num bloquinho de notas com todo o cuidado, parando para

fazer isso a seguir a cada treino. Lambia sempre a ponta do lápis antes de escrever, um hábito que ainda hoje Gately considera repelente. Num bloquinho diferente, o polícia militar anotava a data e a hora de cada *Heineken* que consumia. Era o tipo de pessoa para quem um registo incrivelmente minucioso de tudo o que fazia correspondia a controlo. Por outras palavras, era por natureza um obsessivo compulsivo do caraças. Gately tinha-se apercebido disso bem cedo, e de que era um disparate e, se calhar, uma maluquice. Muito possivelmente, o polícia militar era maluco. As circunstâncias da sua saída da Marinha eram tipo: nebulosas. Quando Gately se lembra agora involuntariamente do polícia militar, também se lembra – e pergunta-se porquê e sente-se mal por isso – de que nunca perguntou à mãe, uma única vez, nada a propósito do polícia militar, por que raio estava ele sequer ali e se ela o amava realmente, e por que razão o amava se ele a atirava ao chão e a espancava há uma série interminável de anos, foda-se. As cores rosadas cada vez mais intensas atrás das pálpebras fechadas de Gately devem-se ao facto de o quarto do hospital estar a ficar mais claro à medida que a luz que entra pela janela ganha uma tonalidade do género do alcaçuz e pré-amanhecer. Gately está deitado por baixo do monitor cardíaco entretanto desocupado, a ressonar tanto que as grades de ambos os lados da cama estremecem e chocalham. Quando o polícia militar estava a dormir ou fora de casa, Don Gately e a senhora Gately nunca falavam dele, nem uma só vez. Disso recorda-se perfeitamente. Não era só uma questão de nunca falarem dele ou dos blocos de notas ou dos pesos ou do cronómetro ou dos espancamentos que aplicava à senhora Gately. O nome do polícia militar nunca era sequer mencionado. O polícia militar trabalhava muitas vezes à noite – a conduzir uma carrinha de distribuição de queijo e ovos, ao serviço da Cheese King Inc., até ter sido despedido por desviar rodas de queijo *Stilton* e vender o que roubava, trabalhando a seguir, durante um tempo, numa linha de montagem de produtos enlatados maioritariamente automatizada, puxando uma alavanca que fazia sair sopa de peixe da Nova Inglaterra de centenas de torneiras para dentro de centenas de latas sem tampa, com o som indescritível de qualquer coisa a cair pesadamente – e a casa dos Gately parecia um mundo diferente quando o polícia militar estava no emprego ou tinha saído: era como se a própria ideia da existência do polícia militar saísse porta fora com ele, deixando Don e a mãe não só atrás como também sozinhos, mas juntos, à noite, ela no sofá e ele

no chão, os dois a adormecerem aos poucos diante da TV, nas suas últimas temporadas de radiodifusão. Agora, Gately faz um esforço especialmente forte para tentar não explorar a razão por que nunca lhe ocorreu intervir e arrancar o polícia militar de cima da mãe, mesmo depois de já ser capaz de levantar mais peso do que ele. Os espancamentos diários meticulosos sempre lhe tinham parecido, de forma estranhamento enfática, não serem da sua conta. Lembra-se de que raramente sentia sequer alguma coisa quando o via a bater nela. O polícia militar não tinha pejo nenhum em bater nela à frente de Gately. Era como se toda a gente concordasse tacitamente que nada daquilo dizia respeito a Bimmy. Quando era uma criança muito pequena, fugia da sala e chorava por causa disso, parece lembrar-se. Mas quando chegou a uma certa idade, a única coisa que fazia era pôr a televisão mais alta, nem se incomodando sequer em assistir ao espancamento, vendo antes mais um episódio de *Cheers – Aquele Bar*. Às vezes, ia-se embora da sala e ia para a garagem levantar pesos, mas quando se ia embora da sala nunca era como se estivesse a fugir de lá. Quando era pequeno, ouvia às vezes as molas da cama deles e sons a virem desse quarto, de madrugada, e preocupava-o que o polícia militar pudesse estar a espancá-la na cama, mas a certa altura, sem que ninguém tivesse nenhuma conversa privada com ele para lhe explicar nada, percebeu que esses sons não queriam dizer que ele a estivesse a magoar. Mas a semelhança entre os sons que ela fazia quando a estavam a magoar na cozinha e na sala de estar e os sons que fazia durante o sexo, através das paredes com placas de fibra de amianto do quarto, é uma coisa que perturba Gately quando se lembra disso agora e uma das razões que o levam a evitar as recordações quando está acordado.

Durante o verão, de tronco nu – e branco, revelando a típica aversão ao sol dos loiros –, o polícia militar costumava sentar-se na cozinha, à mesa, com os pés esticados no chão de mosaico a imitar madeira, com uma fita de temática patriótica à volta da cabeça, a anotar *Heinekens* no seu bloquinho. Um inquilino anterior tinha atirado em tempos qualquer coisa pesada pela janela, que ficou com a rede mosquiteira toda lixada e bastante irregular, o que permitia às moscas entrarem e saírem mais ou menos consoante lhes apetecia. Quando era pequeno, Gately ficava às vezes ali na cozinha com o polícia militar; o chão de mosaico era melhor para a suspensão dos carrinhos dele do que a carpete nodosa. Do que Gately se lembra, por entre as dores, sob a capa borbulhante do sono, é da

maneira especial e meticulosa como o polícia militar lidava com as moscas que entravam na cozinha. Não usava mata-moscas nem exemplares enrolados do *Herald*. Tinha mãos rápidas, o polícia militar, grossas, brancas e rápidas. Dava-lhes uma sapatada quando pousavam na mesa da cozinha. As moscas. Mas de maneira controlada. Sem demasiada força, para não as matar. Era muito controlado e concentrado a fazer isso. Dava-lhes uma sapatada apenas suficientemente forte para as incapacitar. A seguir, pegava nelas com toda a precisão e arrancava-lhes uma asa ou, tipo, uma pata, qualquer coisa que fosse importante para a mosca. Levava a asa ou a pata para o caixote do lixo bege da cozinha e, com toda a ponderação, levantava a tampa carregando com o pé no pedal e depositava a asa ou a pata minúscula dentro do caixote, dobrando-se pela cintura. É uma recordação não desejada e muito clara. Depois, o polícia militar lavava as mãos no lava-loiças, servindo-se de um detergente genérico verde. Quanto à mosca estropiada, acabava por ignorá-la e deixá-la escapulir-se, dando círculos tresloucados em cima da mesa até ficar presa numa parte peganhenta de cerveja ou cair para o chão da cozinha. A conversa com o polícia militar que Gately revive, num rol de pormenores minuciosos e sonhados, dava-se quando o polícia militar, após beber umas cinco *Heinekens*, lhe explicava que, para as moscas, estropiar uma delas era muito mais eficaz do que matá-la. Estava uma mosca presa num sítio peganhento com *Heineken* seca, a agitar a asa, ao mesmo tempo que o polícia militar explicava que uma mosca bem estropiada soltava uns gritinhos minúsculos, próprios de mosca, de dor e medo. Os seres humanos não conseguiam ouvir os gritos de uma mosca estropiada, mas Gately podia apostar o cuzinho gordo de fedelho em como as outras moscas conseguiam, e os gritos das suas colegas estropiadas ajudavam a mantê-las longe. Quando o polícia militar enterrava a cabeça nos braços grandes e brancos para passar pelas brasas, no meio das garrafas de *Heineken* em cima da mesa quente do sol, havia muitas vezes várias moscas presas em nhanhã ou a andarem às voltas na mesa, dando de vez em quando pulinhos esquisitos, tentando voar só com uma asa ou sem nenhuma. Estavam possivelmente em negação, essas moscas, no que tocava, tipo, ao estado delas. Quando caíam ao chão, Gately aproximava-se logo, a gatinhar, e encostava o mais possível o ouvido grande e vermelho à mosca, escutando, com a testa grande e cor-de-rosa franzida. O que está a incomodar mais Gately, agora que começa a tentar acordar, na luz cor de limão de uma

verdadeira manhã de hospital, é não se conseguir lembrar de ter acabado com o sofrimento das moscas estropiadas, uma única vez, depois de o polícia militar desmaiar, não é capaz de se ver mentalmente a pisá-las ou a embrulhá-las em rolos de papel e mandá-las pela pia abaixo ou coisa que o valha, mas a sensação que tem é que deve tê-lo feito; por alguma razão, parece-lhe mesmo vital ser capaz de se lembrar de fazer mais qualquer coisa do que se limitar a agachar-se inexpressivamente, no meio dos carros dos *transformers*, para tentar ver se conseguia ouvir algum gritinho de agonia, escutando com muita atenção. Mas, por mais que se esforce, não se consegue lembrar de fazer mais nada que não fosse tentar ouvir, e só o imenso stresse cerebral de tentar forçar uma recordação mais nobre devia ter sido suficiente para acordá-lo, ainda para mais com as dores destras; mas só acorda completamente no berço grande quando o sonho realista da recordação se transforma num horrível sonho ficcionado em que tem vestido o sobretudo de estambre de Lenz e se está a debruçar muito meticulosa e cuidadosamente sobre a figura estendida do canadiano da roupa havaiana a quem tinha enfiado a cabeça no para-brisas do *Montego* repetidas vezes, apoiando todo o peso do seu corpo debruçado na mão esquerda, e em condições, encostada ao capô quente e a roncar, aproximando-se ao máximo da cabeça estropiada, com a orelha colada à cara a sangrar, escutando com muita atenção. A cabeça abre a boca vermelha.

O sobressalto húmido com que Gately acorda finalmente sacode-lhe o ombro e todo o lado direito, inundando-o de dores tenebrosas que quase o fazem gritar para a luz que entra pela janela. Em tempos, durante cerca de um ano, quando tinha vinte anos e em Malden, tinha dormido a maioria das noites numas águas-furtadas feitas em casa, no dormitório de um certo curso de enfermaria, em Malden, com uma estudante de Enfermagem ferozmente viciada, nas águas-furtadas, e era preciso uma escada de cinco degraus para lá chegar e aquilo ficava a menos de um metro do teto, e todas as manhãs Gately acordava depois de um pesadelo qualquer, endireitando-se sobressaltado, e batia com a cabeça no teto, até que passado algum tempo se formou uma concavidade permanente no teto e uma parte mais achatada na curva do cima da testa que ainda sente, ali deitado a pestanejar e a segurar a cabeça com a mão esquerda, ainda em condições. Durante um segundo, a pestanejar e vermelho da febre matinal, pensa que vê Ferocious Francis G. sentado na cadeira ao lado da cama, com o queixo

acabado de barbear e salpicado de pedacinhos de *Kleenex*, postura impassível, as tetazinhas descaídas de velhote a subirem e a descerem lentamente por baixo de uma *T-shirt* branca lavada, sorrindo sorumbaticamente no meio de tubos azuis, charuto por acender entre os dentes, e dizendo:

– Bom, miúdo, pelo menos ainda estás na porra deste mundo, suponho que isso já seja qualquer coisa. E então, continuas sóbrio?

O Crocodilo diz essas palavras como quem não quer a coisa, desaparecendo e, a seguir, reaparecendo só depois de Gately pestanejar várias vezes.

As formas e o som no quarto correspondem, na realidade, a três membros do Grupo Bandeira Branca que Gately nunca conheceu ou se deu assim tão bem, mas que pelos vistos passaram por lá a caminho do trabalho, para mostrar que estão solidários e que o apoiam, Bud O., Glenn K. e Jack J. Durante o dia, Glenn K. usa um macacão cinzento e o cinto de ferramentas complexo de um técnico de refrigeração.

– E quem é que é aquele tipo com o chapéu que está lá fora? – está ele a perguntar.

Gately grunhe freneticamente, parecendo sugerir o fonema *ü*.

– Alto, bem vestido, rabugento, com ar assim para o arrogante, olhos de porco e um chapéu. Com aspeto de funcionário público. Meias pretas e sapatos castanhos – descreve Glenn K., apontando para a porta onde por vezes tem estado a sombra ameaçadora de um chapéu.

Pelo sabor, os dentes de Gately já não são lavados há muito tempo.

– Parece estar preparado para ficar ali bastante tempo, com uma série de páginas desportivas de jornal e comida *takeaway* de várias culturas, rapazola – diz Bud O., que, segundo reza a história, anterior ao tempo de Gately, bateu na mulher com tanta força durante o *blackout* que o levou a entrar que lhe partiu o nariz e o deixou todo dobrado e espalmado na cara, pedindo-lhe depois para nunca o arranjar, para servir de recordação visual diária dos abismos a que a bebida o tinha feito descer, e por isso a senhora O. teve de andar com o nariz todo dobrado e espalmado na bochecha esquerda – Bud O. tinha-lhe espetado um cruzado de esquerda – até a AHID a ter encaminhado para o Al-Anon[*6], que foi estimulando e apoiando a senhora O. até ela acabar por se decidir a dizer a Bud O. para ir para a puta que o pariu e a pôr o nariz outra vez no sítio certo, trocando o marido por um tipo do Al-Anon com sandálias *Birkenstock*. Gately

tem as tripas a revirarem-se de pavor: lembra-se muito bem, melhor do que desejaria, dos sapatos castanhos, dos olhos de porco, do chapéu *Stetson* com uma pena e da predileção por comida *takeaway* do Terceiro Mundo de um certo procurador implacável de Revere. Continua a grunhir pateticamente.

Sem saberem muito bem como demonstrar o seu apoio, os membros do Grupo Bandeira Branca tentam durante algum tempo animar Gately com piadas sobre a IVP. «IVP» é como eles chamam ao Al-Anon, que para os Alcoólicos Anónimos de Boston é conhecido como a «Igreja da Vingança Perpétua».

– O que é uma recaída para o Al-Anon? – pergunta Glenn K.

– É um ataque súbito de compaixão – responde Jack J., que tem uma espécie de tique facial.

– Então e o que é uma saudação à Al-Anon? – devolve Jack J.

Ficam os três parados e, a seguir, Jack J. encosta a mão à testa e pestaneja com um ar de mártir na direção do teto falso. Riem-se os três. Não fazem ideia de que se Gately se risse também, rebentava os pontos que tem no ombro. Um dos lados da cara de Jack J. vai fazendo sucessivos esgares torturados que não afetam o outro minimamente, coisa que pôs sempre Gately com os cabelos em pé. Bud O. está a abanar um dedo a Glenn K., num gesto de desaprovação a gozar com um aperto de mão à Al-Anon. Glenn K. imita demoradamente uma mamã do Al-Anon a observar o filho alcoólico num desfile qualquer e a ficar cada vez mais zangada por estar toda a gente com o passo trocado menos o filho. Gately fecha os olhos e mexe o peito para cima e para baixo algumas vezes, numa pantomima de um riso educado, para que eles pensem que o animaram e se ponham a andar. O efeito dos movimentozinhos torácicos em toda a sua região destra dá-lhe vontade de morder a mão para tentar aguentar as dores. É como se uma grande colher de madeira não parasse de o empurrar para baixo da superfície do sono e depois o voltasse a fazer subir para uma coisa gigantesca o provar, uma e outra vez.

---

*1 Em alemão, *amor-morte*, referência à ária final da ópera de Richard Wagner, *Tristão e Isolda*. *(N. dos T.)*

*2 Jogo de sentidos com a palavra *hope:* droga/esperança.*(N. dos T.)*

*3 No original, *Exposed Northerners*, trocadilho com o título da série *Northern Exposure*/*No Fim do Mundo* (1990-1995). *(N. dos T.)*

*4 Documentário realizado por Marcel Ophüls, em 1969. *(N. dos T.)*

*5 De Heimlich. *(N. dos T.)*

*6 Grupo de apoio às famílias e amigos de alcoólicos. *(N. dos T.)*

19 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

Depois de RÉMY Marathe e Ossowiecke, e também Balbalis, terem todos informado que não tinham encontrado qualquer sinal da atriz do véu, M. Fortier e o próprio Marathe deram início à operação final e mais drástica com vista a localizar o original do Entretenimento. Ou seja, a aquisição de familiares imediatos do *auteur,* talvez em público.

Os pormenores da operação ficaram a cargo de Marathe, já que M. Broullîme estava agora completamente concentrado na resolução dos problemas técnicos relacionados com os novos testes no terreno à vontade de ver mais por parte dos espectadores do Entretenimento; isto porque se tinha descoberto que uma das cobaias recentemente adquiridas – um sem-abrigo, um habitante das ruas, excentricamente vestido e muitíssimo irritante, com uma peruca branca e sacos grandes cheios de utensílios de cozinha estrangeiros e roupa interior feminina extremamente pequena – andava a cortar e a empurrar por baixo da porta fechada da arrecadação os dedos cortados da segunda cobaia recentemente adquirida – um homem com roupa que não combinava, gravemente debilitado ou viciado, vestido como uma mulher estranha e trazendo várias carteiras de natureza suspeita – e não os seus próprios, prejudicando a tal ponto a estatística das experiências no terreno de Broullîme que M. Fortier se sentiu forçado a considerar a hipótese de deixar Broullîme efetuar um mortífero interrogatório técnico ao troca-dedos da peruca por razões de pura raiva. Essencialmente, havia um interrogatório técnico de muito maior importância para efetuar na cidade de Phoenix, a sul, do outro lado dos Estados Unidos, uma cidade cujo nome divertia Fortier e para onde partiu, antes que o mau tempo chegasse, para assistir Mlle. Luria P... nesse interrogatório, deixando os pormenores da aquisição preliminar a cargo do fiel Marathe.

Marathe, que já tinha tomado a sua decisão, fez o que pôde. Um ataque direto à Academia de Ténis propriamente dita era impossível. A única coisa que os AFR temiam em todo o hemisfério era as encostas altas e íngremes. O ataque não podia ser direto. Portanto, o passo preliminar consistia em adquirir e

substituir as crianças tenistas quebequenses, que a AFR sabia estarem nesse preciso momento a caminho do território dos Estados Unidos para competirem com as crianças tenistas dessa academia. Marathe escolheu o jovem Balbalis, o único que ainda tinha as duas pernas – embora se encontrassem paralisadas e reduzidas a paus raquíticos – para liderar a equipa da AFR que avançaria para o terreno para intercetar sem falhas os jogadores da província canadiana. Quanto a Marathe, ficou na loja de Cambridge dos Antitois, retirando-se frequentemente para as noites de *jazz* no restaurante Ryle's, ali perto. Balbalis seguiu para norte na carrinha *Dodge* modificada, em direção ao nevão que piorava a cada momento. Passaram o posto de controlo de Pongo, em Methuen, Massachusetts. Iriam colocar um espelho grande no meio da estrada deserta para iludir o autocarro do ténis, obrigando-o a sair da estrada para evitar o choque; os próprios faróis iriam iludi-lo. Um velho truque da FLQ. Na parte de trás da carrinha, iam duas equipas a montar as peças do espelho. Balbalis recusava-se a parar para que fosse feita essa montagem; na Convexidade, a neve caía com mais intensidade por causa dos ventiladores a sul. O que era anteriormente Montpelier, em Vermont, ficava entre grelhas da EWD, mas recebia muitos resíduos radioativos da região de Champlain, encontrando-se deserta e fantasmagoricamente branca com a neve. Balbalis permitiu que fizessem uma curta paragem em Montpelier, para a montagem final e para os incontinentes poderem mudar de saco. Depois, avançou a toda a velocidade para o que era dantes St. Johnsbury, onde o espelho foi instalado nas faixas sul da Autoestrada 91 dos Estados Unidos. Balbalis não se queixou por não haver vestígios na neve da estrada a seguir. Nunca se queixava. Chegaram bem cedo ao posto de controlo onde a Provincial Autoroute 55 se transformava na Autoestrada 91. Houve um curto período de tensão quando pareceu que já ninguém sabia onde estava o acessório de visão noturna para os binóculos. Balbalis manteve a calma e o objeto foi encontrado. O plano era intercetar a equipa de jogadores em plena viagem e permitir que os AFR chegassem ao destino no seu lugar. Marathe garantiu que iria inventar uma excelente artimanha para explicar as cadeiras de rodas e as barbas de adulto dos falsos jogadores. Ninguém fumou na carrinha enquanto esperavam que as crianças tenistas do país deles aparecessem no posto de controlo. O autocarro foi obrigado a parar no posto de controlo durante vários minutos. O autocarro era grande, tinha sido fretado e aparentava ter

aquecimento. Por cima do para-brisas, o retângulo iluminado que devia indicar o destino exibia a palavra *charter*. Se o autocarro sobrevivesse à guinada para escapar ao espelho na autoestrada e continuasse a funcionar depois do acidente provocado pela guinada, Balbalis conduzi-lo-ia. Houve uma curta discussão para se decidir quem teria de guiar a carrinha, já que Balbalis se recusava a deixá-la para trás mesmo que o autocarro continuasse a funcionar. Se o autocarro já não funcionasse, não caberiam mais do que seis juniores sobreviventes na carrinha. O resto das crianças teria direito a morrer pelo *leur rai pays*. Em termos de preferências, a Balbalis tanto lhe fazia.

Gately sonhou que estava com Joelle van Dyne, residente da Ennet House, num motel sulista cujo restaurante tinha um letreiro autoritário que dizia simplesmente comam, no Sul dos Estados Unidos, no pino do verão, um calor brutal, com a folhagem do lado de lá da rede mosquiteira partida de uma cor de caqui ressequido, o ar transparente do calor, a ventoinha a girar no teto à velocidade de uma coisa em segunda mão, a cama do quarto luxuosa e de dossel, alta e fofa, a colcha nodosa, Gately deitado de costas e com o lado direito a arder enquanto a recém-chegada Joelle v.D. levanta ligeiramente o véu para lhe lamber o suor das pálpebras e têmporas, sussurrando, o que faz o véu esvoaçar à volta dele e abaná-lo como um leque, prometendo-lhe uma tarde de prazeres quase terminais, despindo-se aos pés da cama velha e alta, lentamente, com a roupa folgada e leve húmida do suor e a escorregar facilmente para o chão descoberto, e um corpo feminino incrível, um corpo inumano, o género de corpo que Gately só tinha visto com um agrafo no umbigo, um corpo que parecia algo que sairia numa rifa; e forma-se um quinto poste, por assim dizer, na cama de dossel, e a altura há muito adormecida e agora ereta desse poste tapa a figura nua da recém-chegada; e é então que, depois de sair da sombra pulsante, se inclinar para junto dele e colar a cara do seu corpo inumano intimamente à dele, ela tira o véu e, em cima desse corpo de morrer está uma cara, desvelada e histórica, que parece exatamente a de Winston Churchill, porra, incluindo o charuto, as bochechas descaídas e o focinho de buldogue, e o choque tenebroso faz com que o resto do corpo de Gately fique rígido, e as dores que isso lhe provoca acordam-no com um sobressalto, tentando sentar-se repentinamente, algo que também lhe causa uma explosão de dor tão intensa que ele acaba por ficar outra vez meio

desmaiado, ali estendido com os olhos a revirarem-se e a boca aberta.

Gately também nada pode fazer contra as recordações de uma senhora mais velha que foi vizinha dele e da mãe quando viviam com o polícia militar. Uma senhora Waite. Não havia um senhor Waite. A janela suja da garagenzinha vazia onde o polícia militar guardava os pesos ficava mesmo ao lado do jardim espinhoso e desleixado da senhora Waite, no passadiço estreito entre as duas casas. A senhora Waite cuidava da sua casa com, digamos, indiferença. A casa da senhora Waite fazia a casa dos Gately parecer o Taj Mahal. Havia qualquer coisa de errado na senhora Waite. Nenhum pai dizia o que era, mas não havia um único miúdo que pudesse brincar no quintal dela ou tocar-lhe à campainha na noite do Dia das Bruxas. Gately nunca percebeu o que tinha ela supostamente de errado, mas a psique do bairrozinho pobre palpitava com qualquer coisa de sinistro acerca da senhora Waite. Os miúdos mais velhos passavam pelo jardim dela de bicicleta e gritavam merdas que Gately nunca conseguia decifrar completamente, à noite. Os miúdos mais pequenos achavam que sabiam o que se passava: tinham a certeza absoluta de que a senhora Waite era uma bruxa. Sim, é verdade que ela tinha um bocadinho ar de bruxa, mas quem é que, tipo, com mais de cinquenta anos não tinha? Mas a cena mais importante é que ela tinha na garagenzinha uns frascos com coisas que ela própria havia enfiado lá dentro, coisas viscosas e sem nome, entre o castanho e o verde e assim para o vegetal, dentro de frascos de maionese empilhados em prateleiras de aço, com tampas enferrujadas e camadas de pó. Os miúdos mais pequenos entraram lá à socapa, partiram alguns frascos, roubaram um e fugiram aterrorizados de morte para o partir noutro sítio e depois continuar a fugir. Desafiavam-se uns aos outros a fazerem diagonaizinhas com as bicicletas à entrada do jardim dela. Contavam uns aos outros histórias de que tinham visto a senhora Waite, com um chapéu bicudo, a assar miúdos desaparecidos, que tinham as fotografias nos pacotes de leite, e a deitar o suco resultante em frascos. Alguns dos miúdos pequenos mais crescidos até tentaram aquela brincadeira inevitável de pôr um saco de papel cheio de cocó de cão no alpendre dela e pegar-lhe fogo. De certa forma, o facto de nunca se ter queixado foi mais uma prova da culpabilidade da senhora Waite. Raramente saía de casa. A senhora Gately nunca quis explicar o que a senhora Waite tinha de errado mas proibiu Don terminantemente de se meter com ela fosse de que forma fosse. Como se a senhora Gately estivesse em posição de

aplicar quaisquer, tipo, proibições. Gately nunca mexeu nos frascos da senhora Waite nem andou de bicicleta pelo jardim dela, tal como nunca alinhou muito nas histórias da bruxa, pois para que eram precisas bruxas para temer e desprezar quando se tinha o bom do velho polícia militar ali mesmo à mesa da cozinha. Mas não deixava de ter medo dela. Uma vez, quando viu a cara dela encostada à janela suja da garagem, numa tarde em que tinha deixado o polícia militar a espancar a senhora Gately para ir levantar pesos, deu um berro e quase deixou cair a barra que estava a segurar em cima da maçã de Adão. Mas, com o passar do tempo, e durante uma infância em North Shore com poucos estímulos, acabou por estabelecer a pouco e pouco uma fugaz relação com a senhora Waite. Nunca tinha gostado especialmente dela; não era propriamente uma velhota adorável mas incompreendida; ele não ia propriamente a correr para casa em mau estado dela para lhe fazer confidências ou para criarem laços. Mas foi lá talvez uma ou duas vezes, em circunstâncias de que já não se lembrava, e tinha-se sentado na cozinha e interagido um pouco com ela. Era lúcida, a senhora Waite, e aparentemente continente, e não havia nenhum chapéu bicudo à vista, mas a casa cheirava mal e a senhora Waite tinha as veias dos tornozelos inchadas e pedacinhos brancos de pasta seca nos cantos da boca, além de à volta de um milhão de jornais empilhados pela cozinha e a encherem-na de mofo, e a velhota irradiava basicamente aquela mistura imprecisa de natureza desagradável e de vulnerabilidade que dá vontade de ser cruel com uma pessoa. Gately nunca tinha sido cruel com ela, mas não a adorava propriamente nem nada disso. Nas poucas vezes que Gately lá foi, tinha sido quase sempre quando o polícia militar estava a enlatar sopa de peixe e a mãe desmaiara em cima de um poça de vómito que esperava não ter de ser ela a limpar, e o mais provável era que quisesse dar vazão à sua raiva de miúdo fazendo uma coisa que a senhora G. tinha tentado pateticamente proibir. Não comia quase nada do que a senhora Waite lhe oferecia. Nunca lhe ofereceu material viscoso saído de qualquer frasco. As suas recordações do que possam ter falado não são claras. Acabou por se enforcar, a senhora Waite – ou seja, eliminou-se a ela própria do mapa –, e como era outono e já estava fresco só a encontraram para aí umas semanas depois. Não foi Gately que a encontrou. Um tipo que foi lá fazer a leitura do gás encontrou-a várias semanas a seguir ao oitavo ou nono aniversário de Gately. Por acaso, Gately fazia anos na mesma semana que vários miúdos do bairro. Normalmente, Gately

fazia a festa de anos em conjunto com alguns dos outros miúdos que também iam celebrar os aniversários com uma festa. Chapéus de aniversário e partidas de *Twister*, vídeos dos *X-Men*, bolo em pratos de papel, etc. A senhora Gately estava em condições para ir umas quantas vezes às festas. Olhando para trás, os pais dos outros miúdos deixavam que Gately celebrasse o aniversário com os filhos por terem pena dele, apercebeu-se involuntariamente. Mas numa festa de uns vizinhos sóbrios, que em parte também era para celebrar o seu oitavo ou nono aniversário, Gately lembra-se de a senhora Waite ter saído de casa para ir tocar à campainha do vizinho sóbrio trazendo um bolo de aniversário. Para o aniversário. Um gesto de boa vizinha. Gately tinha contado tudo sobre a festa anual conjunta numa interação com ela à mesa da cozinha. O bolo não era todo do mesmo tamanho e entortava ligeiramente para o lado, mas era de chocolate preto, estava decorado com quatro nomes em letras cursivas e era evidente que tinha sido feito com cuidado. A senhora Waite havia poupado Gately à humilhação de pôr só o nome dele no bolo, como se o bolo fosse especialmente para ele. Mas era. A senhora Waite tinha estado a poupar dinheiro durante muito tempo para poder fazer o bolo, Gately sabia disso. Sabia que ela fumava como uma chaminé e que havia largado os cigarros durante várias semanas para poupar dinheiro para qualquer coisa; não lhe quis dizer para quê; tinha tentado piscar-lhe os olhos assustadores quando se recusou a dizer; mas ele vira o frasco de maionese cheio de moedinhas, em cima de um monte de papéis, e feito um esforço imenso para não o roubar, conseguindo resistir. Mas só havia umas nove velas no bolo quando a mamã responsável pela festa o trouxe, e alguns dos miúdos aniversariantes já tinham uns doze anos, por isso foi esse o sinal secreto para indicar para quem era de facto o bolo. A mamã responsável pela festa tinha ficado com o bolo quando foi abrir a porta e disse obrigada, mas esqueceu-se de convidar a senhora Waite para entrar. Na garagem, durante uma partida de *Twister*, Gately estava numa posição que lhe permitiu ver a senhora Waite a atravessar a rua para voltar para casa, lentamente mas muito direita e com grande dignidade. Muitos miúdos foram até à porta da garagem espreitar: antes daquele dia, a senhora Waite raramente tinha sido vista fora de casa, muito menos longe da sua propriedade. A mamã sóbria levou o bolo para a garagem e disse que tinha sido um gesto bonito da senhora Waite, que vivia em frente; mas não deixou que ninguém experimentasse o bolo ou se aproximasse sequer o

suficiente para soprar as nove velas. Que não eram todas iguais. Foram ardendo e ardendo até já se sentir um cheiro a cobertura queimada quando se apagaram por fim. O bolo ficou ali sozinho, torto, num canto da garagem limpa. Gately não se opôs à mamã sóbria nem a nenhum dos miúdos comendo uma fatia; nem sequer se aproximou do bolo. Não participou nas deliciosas discussões sussurrantes sobre que tipo de lixo médico ou de gorduras derretidas de miúdos assados estariam no bolo, mas também não se impôs para pôr em causa o que os outros miúdos afirmavam acerca de um envenenamento. Antes do culminar da festa e de os outros miúdos, que tinham recebido presentes, abrirem as prendas, a mamã sóbria levara o bolo para a cozinha, numa altura em que achou que ninguém estava a olhar, para o despejar no caixote do lixo. Gately lembra-se de que o bolo deve ter lá caído de pernas para o ar, pois tinha a parte sem cobertura virada para cima quando ele se esgueirou para a cozinha e olhou para dentro do caixote. A senhora Waite já tinha desaparecido dentro de casa muito antes de a mamã deitar o bolo fora. Não podia ter visto a mamã a voltar a levar o bolo, sem ninguém o ter provado, para dentro de casa. Passados uns dias, Gately tinha roubado dois maços de *Benson & Hedges* de cem milímetros, numa Store 24, enfiando-os na caixa de correio da senhora Waite, que já estava a ficar cheia de publicidade e de faturas de serviços públicos. De vez em quando, tocava à campainha, mas nunca a via. A campainha não era uma campainha mas um intercomunicador, recorda-se disso. Algumas semanas depois, não se lembra bem de quantas, foi encontrada por um tipo frustrado que lhe veio ler o gás. As circunstâncias da sua morte e descoberta tornaram-se mais um mito sinistro para os miúdos mais pequenos. Gately não gostava assim tanto de se torturar para se pôr a pensar que o facto de o bolo não ter sido comido e ter sido deitado fora estivesse minimamente relacionado com o enforcamento da senhora Waite. Toda a gente tinha os seus problemas, como lhe explicara a senhora Gately, e mesmo naquela idade percebeu o que ela queria dizer. E não tinha propriamente, tipo, chorado a morte da senhora Waite, sentido saudades ou pensado sequer nela uma única vez durante uma série de anos.

E é isso que, de certa maneira, torna ainda pior o facto de o seu sonho seguinte com Joelle van Dyne, febril, provocado pelas dores e ainda mais desagradável do que o anterior, se passe naquilo que é, sem dúvida e inevitavelmente, a cozinha da senhora Waite, com toda uma série de pormenores, incluindo o candeeiro do

teto, cheio de insetos mortos e colados, os cinzeiros a transbordarem, as pilhas de exemplares do *Globe* que mais pareciam um gráfico de barras, a água a pingar arrítmica e exasperantemente no lava-loiças e o cheiro horrível – uma mistura de mofo com fruta podre. Gately está sentado na cadeira com costas de ripas em que costumava ficar, a que tinha uma ripa partida, e a senhora Waite na cadeira em frente, com o rabo em cima daquela coisa que na altura ele pensava ser um *donut* cor-de-rosa esquisito e não uma almofada hemorroidal, só que, no sonho, os pés de Gately chegam ao chão e ele está a tocar nos azulejos frios e húmidos, e a senhora Waite é interpretada por Joelle van D., a residente do Centro com o véu da AHID, só que sem o véu, e ainda para mais sem roupa nenhuma, ou seja, em pelota, deslumbrante, com o mesmo corpo incrível do outro sonho, só que desta vez não com a cara de um primeiro-ministro britânico de bochechas descaídas mas de um completo anjo feminino, mais angélico do que *sexy*, como se toda a luz do mundo se tivesse juntado para formar uma cara. Ou qualquer coisa assim. A cara de Joelle lembra-lhe alguém, mas Gately não consegue, por mais que tente, identificar essa pessoa, e não é só por causa da distração provocada pelo corpo nu e inumanamente deslumbrante que lhe está por baixo, porque o sonho não é um sonho sexual. Porque neste sonho, a senhora Waite, que é Joelle, é a Morte. Ou seja, a figura da Morte, a Morte personificada. Ninguém o chega a dizer com todas as letras; mas é uma coisa tácita: Gately está ali sentado, naquela cozinha deprimente, a interagir com a Morte. A Morte está a explicar que a Morte acontece vezes sem conta, uma pessoa tem muitas vidas e, no fim de cada uma (ou seja, vida), há uma mulher que nos mata e liberta para a vida seguinte. Gately não consegue perceber ao certo se aquilo é, tipo, um monólogo ou se ele está a fazer perguntas e ela a responder, género entrevista. A Morte diz que essa mulher que nos mata é sempre a nossa mãe na vida seguinte. É assim que funciona: ele não sabia? No sonho, não há ninguém no mundo que não pareça saber isso, tirando Gately, como se ele tivesse faltado à escola no dia em que abordaram o assunto, e por isso a Morte tem de estar ali sentada, nua e angélica, a explicar-lhe isso, com toda a paciência, mais ou menos como numa aula de apoio do Beverly High School. A Morte diz que a mulher que nos mata, seja consciente ou involuntariamente, é sempre uma pessoa que amamos e é sempre a nossa mãe na vida seguinte. É por isso que as mamãs são tão obsessivas no seu amor, que se esforçam tanto independentemente dos

problemas, questões ou vícios que elas próprias possam ter, é por isso que parecem valorizar o nosso bem-estar acima do delas e que o seu amor de mãe obsessivo tem sempre uma, tipo, ligeira pontinha de egoísmo: estão a tentar remediar um assassínio de que nenhum dos dois se lembra, a não ser talvez em sonhos. À medida que a explicação da Morte por parte da Morte avança, Gately começa a compreender cada vez mais coisas vagas e muito importantes, mas quanto mais compreende mais triste fica, e quanto mais triste fica menos nítida e mais desfocada se torna a sua visão de Joelle como a Morte, sentada no anel de plástico cor-de-rosa, até que, já mais perto do fim, é como se estivesse a vê-la através de uma espécie de névoa de luz, de um filtro leitoso igual ao borrão desfocado pelo qual um bebé vê a cara de um progenitor a inclinar-se sobre o berço, e começa a chorar, com o choro a fazer doer-lhe o peito, e pede à Morte para o libertar e ser a mãe dele, ao que Joelle, abanando ou assentindo com a sua encantadora e desfocada cabeça, responde: Espera.

20 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*
GAUDEAMUS IGITUR

EU ESTAVA NUM JARDIM ZOOLÓGICO. Não havia animais nem jaulas, mas era um jardim zoológico à mesma. Era quase um pesadelo e fez-me acordar antes das 05h00. Mario ainda estava a dormir, suavemente iluminado pelas luzes minúsculas, no fundo da encosta, que se viam pela janela. Estava completamente imóvel e silencioso, como de costume, com as pobres mãos cruzadas no peito, como se estivesse à espera de um lírio. Enfiei um bocado de *Kodiak* na mão. As quatro almofadas de Mario encostavam-lhe o queixo ao peito quando estava a dormia. Eu continuava a produzir saliva em excesso e a minha única almofada estava tão húmida que nem quis acender a luz para investigar. Não me sentia nada bem. Uma espécie de náusea na cabeça. Sentia-me pior logo pela manhãzinha. Há já quase uma semana que tinha a sensação de que precisava de chorar por alguma razão mas, sem que percebesse porquê, as lágrimas pareciam parar mesmo a milímetros de saírem dos meus olhos e ali ficar. E por aí fora.

Levantei-me e passei aos pés da cama de Mario a caminho da janela, onde fiquei apoiado num só pé. A dada altura da noite, tinha começado a cair um forte nevão. DeLint e Barry Loach tinham-me mandado ficar apoiado no pé esquerdo um quarto de hora por dia, como terapia para o tornozelo. Os inúmeros ajustezinhos necessários para uma pessoa se apoiar num só pé trabalhavam os músculos e os ligamentos do tornozelo a que, de outro modo, não se podia chegar terapeuticamente. Sentia-me sempre um bocado para o parvalhão, ali parado às escuras, apoiado num só pé e sem nada para fazer.

A neve que cobria o chão tinha uma tonalidade púrpura, mas a neve que estava a cair e a rodopiar no vento era de um branco imaculado. O branco de um boné de marinheiro. No máximo, fiquei cinco minutos apoiado no pé esquerdo. Os Boards e os AP[344] eram de amanhã a três semanas, às 08h00, no auditório do CBS[345], na BU. Conseguia ouvir o pessoal da limpeza do turno da noite a deslocar um balde com rodinhas e esfregona, algures noutro andar.

Esta era a primeira manhã sem exercícios desde o Dia da Interdependência, e

toda a gente foi convidada a ficar a dormir até ao pequeno-almoço. Não havia aulas durante o fim de semana inteiro.

Ontem também tinha acordado demasiado cedo. No meu sonho, não parava de ver Kevin Bain a rastejar na minha direção.

Dei um jeito à cama, virei a parte húmida da almofada para baixo e vesti umas calças de fato de treino lavadas e umas meias que não cheiravam mal.

O mais parecido com um ressonar de que Mario é capaz é um barulhinho fraco que lhe sai do fundo da garganta. O barulho é como se ele estivesse a dizer repetidamente a palavra *quem* numa voz arrastada. Não é um barulho desagradável. Calculei que estariam uns bons cinquenta centímetros de neve a cobrir o chão, e estava mesmo a nevar a sério. À meia-luz púrpura, as redes dos campos oeste estavam meio enterradas. As metades superiores estremeciam ao sabor de um vento terrível. Por todo o subdormitório, ouvia as portas a chocalharem ligeiramente nas ombreiras, como só acontecia com um vento forte. O vento dava um aspeto rodopiante e enviesado ao nevão. A neve estava a bater na parte de fora da janela com um som arenoso. O que se via pela janela correspondia basicamente a um pisa-papéis sacudido energicamente – do tipo dos que têm um diorama de Natal e neve que se pode sacudir. As árvores, vedações e edifícios dos terrenos pareciam brinquedos e, de certa forma, miniaturizados. Na verdade, era difícil distinguir a neve que estava a cair naquele momento da neve já existente que rodopiava simplesmente no vento. Foi só nessa altura que me ocorreu pensar se e onde iríamos jogar o torneio de exibição de hoje. O Pulmão ainda não estava montado, mas mesmo cobertos pelo Pulmão, os dezasseis campos também só chegariam para um torneio entre as equipas A. Senti uma espécie de esperança fria acender-se dentro de mim porque me apercebi de que com este tipo de tempo o torneio podia ser cancelado. A consequência negativa desta esperança foi uma sensação ainda pior do que a anterior: não me conseguia lembrar de já ter alguma vez desejado ativamente não ter de jogar. Na verdade, não me conseguia lembrar da última vez em que me tinha importado se jogava ou não.

Mario e eu tínhamos começado a ganhar o hábito de deixar o telefone ligado à noite, mas tirando-lhe o som. O gravador digital tinha uma luz que pulsava uma vez para cada mensagem nova. O piscar duplo da luz do gravador criava um interessante padrão de interferências com a luz vermelha da bateria do detetor de

fumo no teto, com as duas luzes a piscarem em sintonia a cada sétimo piscar do telefone e afastando-se depois lentamente, numa espécie de *doppler* visual. Deime conta de que uma fórmula que explicasse a relação temporal entre dois piscares de luz não sincopados se traduziria, em termos espaciais, na fórmula algébrica de uma elipse. Ao longo de duas semanas, Pemulis tinha despejado dentro da minha cabeça uma quantidade estonteante e útil de matemática pré-Boards, no seu próprio tempo livre e sem pedir nada em troca, mostrando-se tão generoso que era quase de desconfiar. Mas depois, a seguir ao colapso de Wayne, essas explicaçõezinhas haviam acabado e o próprio Pemulis tinha-se visto muito pouco, faltando a duas refeições e apropriando-se várias vezes do reboque durante longos períodos de tempo, sem nos perguntar se precisávamos dele. Nem sequer tentei levar em linha de conta o piscar de luz rápido e único da unidade de alimentação do telefone incorporada lateralmente no telecomputador; isso já seria uma coisa género cálculo e até Pemulis tinha reconhecido que eu não estava equipado para nada que ultrapassasse a álgebra e as secções cónicas.

Todos os novembros, entre o Dia da Interdependência e o Torneio WhataBurger de Tucson, Arizona, a Academia organiza um torneio de exibição semipúblico em «benefício» dos patrocinadores, dos antigos alunos e dos amigos da ATE da zona de Boston. A seguir ao torneio há um *cocktail*/baile semiformal no refeitório, onde se espera que os jogadores se apresentem de duche tomado, semiformais e disponíveis para o convívio social com os patrocinadores. A alguns só lhes falta inspecionarem-nos os dentes. No ano passado, Heath Pearson tinha aparecido na gala com um colete vermelho, um quépi de paquete e uma cauda de peluche, trazendo um pequeno órgão e convidando os patrocinadores a darem à manivela enquanto ele cabriolava de um lado para o outro fazendo conversa. C.T. não achou piada. Toda a ideia de um evento para angariação de fundos é uma inovação de Charles Tavis. C.T. é bastante melhor do que Ele Mesmo no que toca às relações públicas e a conseguir dinheiro. O torneio de exibição e a gala são, possivelmente, o apogeu de todo o ano administrativo de C.T. Tinha concluído que a melhor altura para um evento para angariação de fundos era em meados de novembro, quando o tempo ainda não estava mau, o ano fiscal se aproximava do fim e, ao mesmo tempo, a época natalícia nos Estados Unidos, com o seu próprio sistema de drenagem em termos de solicitações à boa vontade das pessoas, ainda não tinha começado. Nos

últimos três anos fiscais, as receitas obtidas com a angariação de fundos haviam pago praticamente a digressão pelo Sudeste na primavera e os encontros de *terre batu* europeus de junho e julho.

O torneio incluía as equipas A e B de ambos os sexos e era sempre contra uma equipa de juniores estrangeira, para dar à angariação de fundos todo um impulso patriótico. Para as equipas estrangeiras, a afável ficção que era o torneio não passava de mais uma data numa imprecisa digressão geral pelos Estados Unidos, mas a verdade é que C.T. tinha por hábito trazer especialmente os estrangeiros de avião, não se poupando a despesas. Noutros anos, já tínhamos medido forças com equipas de Gales, do Belize, do Sudão e de Moçambique. Os mais cínicos poderiam realçar a ausência de pesos pesados entre os adversários. O embate do ano passado com Moçambique tinha sido particularmente desnivelado, 70-2, uma autêntica cabazada, e entre os espectadores e patrocinadores não faltaram comentários xenorracistas desagradáveis, com alguns a compararem com entusiasmo o torneio com os tanques de Mussolini a passarem os pretuços etíopes a ferro. No ARIAD, os adversários seriam as equipas de juniores quebequenses que tinham disputado as taças Davis e Wightman, com Struck e Freer a aguardarem com ansiedade a sua chegada do AIM-D'Orval[346], afirmando que as juniores quebequenses da Taça Wightman passavam normalmente o tempo isoladas e iam a muito poucos eventos mistos, estando por isso disponíveis para ampliar todo o tipo de relações interculturais.

Em todo o caso, era improvável que alguma coisa fosse aterrar em Logan a tempo, com a neve a cair assim.

O vento também desencadeava um gemido desolado em todas as condutas de ventilação. Mario dizia «quem» e, às vezes, «esqui», arrastando as palavras. Dei-me conta de que, sem poder contar fumar uns charros sozinho no túnel, andava a acordar todas as manhãs com a sensação de que não havia nada para esperar nesse dia nem que desse significado a fosse o que fosse. Deixei-me ficar apoiado num só pé mais uns minutos, a cuspir para dentro de uma lata de café que tinha deixado na noite anterior junto ao telefone. A questão implícita seria, então, saber se, de alguma maneira, o *Bob Hope* se tinha transformado não só no ponto alto do dia mas também no seu verdadeiro significado. Isso seria bastante aterrador. A bola *Penn 4* que eu andava a utilizar em novembro para fortalecer a mão estava no parapeito da janela. Já há vários dias que não andava com a bola

nem a apertava. Ninguém parecia ter reparado.

Mario cede-me o controlo absoluto do telefone e do atendedor de chamadas, já que tem dificuldade em segurar o auscultador e as únicas mensagens que acaba por receber são internas, da mã. Eu gostava de gravar várias mensagens de atendimento automático. Mas sempre me recusei a acompanhar as mensagens com música ou excertos de entretenimentos digitalmente alterados. Nenhum telefone da ATE podia reproduzir vídeos – outra decisão de C.T. Sob o comando de C.T., o manual de códigos de honra, regras e procedimentos da Academia tinha quase triplicado de volume. Provavelmente, a melhor mensagem de sempre do nosso quarto foi a que tinha Ortho Stice a fazer a sua imitação mortífera de C.T., demorando oitenta segundos a enunciar uma lista de possíveis razões para Mario e eu não podermos atender o telefone e resumindo depois as nossas reações prováveis perante todas as emoções que a nossa indisponibilidade pudesse provocar em quem ligasse. Mas, esticando-se por oitenta segundos, a coisa acabava por fartar. Esta semana, a nossa mensagem era qualquer coisa do género «Ligou para a voz desencarnada de Hal Incandenza, cujo corpo não pode neste momento...» e por aí fora, finalizando com a sugestão da praxe para se deixar uma mensagem. Afinal de contas, estávamos na semana da honestidade e abstinência, e isto parecia uma mensagem mais verdadeira do que gravar o básico «Ligou para Hal Incandenza...», já que era evidente que quem ligasse estaria a ouvir uma gravação digital da minha voz e não a mim. Esta observação tinha a sua origem em Pemulis, que ao longo de vários anos e colegas de quarto, manteve sempre a mesma mensagem – «Ligou para o atendedor automático do atendedor automático do Mike Pemulis; o atendedor automático do Mike Pemulis lamenta não estar disponível para receber uma mensagem de primeira ordem para o Mike Pemulis, mas se deixar uma mensagem de segunda ordem quando ouvir bater palmas, o atendedor automático do Mike Pemulis irá...» e por aí fora, uma coisa que já cansa tanto que praticamente nenhum amigo ou cliente de Pemulis aguenta esperar até ao fim dessa chatice para deixar mensagem, o que Pemulis acha apropriado, já que nenhuma pessoa relevante que lhe telefonasse seria idiota ao ponto de deixar o nome numa máquina que lhe pertencesse.

E também foi bastante sinistro que, quando a refulgência da cara se

transforma no branco fervido do teto da Unidade de Traumatologia ao mesmo tempo que Gately acorda sobressaltado e com falta de ar, a aparentemente real e nada onírica Joelle van D. estivesse debruçada sobre as grades da cama que mais parecia um berço, a humedecer-lhe a testa grande e os lábios abertos de terror com um pano molhado, trazendo umas calças de fato de treino e uma espécie de blusa mexicana larga, de um tecido fino e brocado, cuja cor de alfazema é quase igual à do debrum do véu lavado. O decote da blusa é demasiado subido para que se possa ver grande coisa do peito quando ela se debruça sobre ele, coisa que Gately considera ser provavelmente uma espécie de bênção. Os dois *brownies* que Joelle segura na outra mão (e ela tem as unhas roídas até ao sabugo, tal e qual como as de Gately) foram, diz ela, desbloqueados da enfermaria para que ele os comesse, já que Morris H. os fizera para ele e, por isso, tinha todo o direito a eles. Mas já percebeu que ele não está em condições de engolir nada, diz ela. Joelle cheira a pêssego e a algodão, sente-se um odorzinho doce e maligno aos cigarros canadianos baratos que tantos residentes fumam e, por baixo desses cheiros, Gately consegue detetar que ela pôs um pouquinho de perfume[347].

Para o divertir, diz «Olhai» várias vezes. Gately faz o peito subir e descer rapidamente para comunicar que se está a divertir. Recusa-se a mugir ou a miar-lhe, por uma questão de vergonha. Nessa manhã, o véu dela apresenta uma tonalidade púrpura clara e elástica no debrum e o cabelo que lhe enquadra o véu parece de um ruivo mais escuro, mais sombrio, do que quando tinha entrado no Centro e recusado comer carne. Gately nunca tinha ligado muito à WYYY ou a Madame Psicose, mas por vezes encontrava pessoas que ligavam – adeptos de substâncias orgânicas, maioritariamente, de ópio e heroína castanha, de vinho quente e aromatizado horrível – e, para além das dores febris e da natureza sinistra dos sonhos do espectro anfetamínico e de Joelle com cara de Winston Churchill e como Morte materna e angélica, sente uma estranha vitalidade dentro de si por estar a ser limpo e talvez até admirado no geral por uma pessoa que é uma celebridade intelectual-barra-artística clandestina e local. Não sabe como explicá-lo, é como se o facto de ela ser uma personalidade pública o fizesse sentir-se de certa forma animado fisicamente, mais *ali*, consciente do modo como está a comprimir a cara, hesitando em fazer os seus sons saídos de um estábulo, respirando até pelo nariz para que ela não lhe sentisse o cheiro dos

dentes por lavar. Sente-se constrangido ao pé dela, Joelle percebe isso, mas o que é admirável é que ele não faz ideia do seu aspeto heroico ou até romântico, com a barba por fazer e entubado, enorme e indefeso, ferido a defender alguém que não merecia ser defendido, meio passado por causa das dores e por não querer tomar narcóticos. O último e basicamente o único homem que Joelle se permitiu admirar romanticamente tinha-se ido embora e nem sequer era capaz de encarar porquê, construindo em vez disso, e para si mesmo, uma fantasia ciumenta e patética acerca de Joelle e do seu próprio e desgraçado pai, cujo único interesse por Joelle tinha sido, primeiro, estético e depois antiestético.

Joelle não sabe que as pessoas recentemente sóbrias se revelam extraordinariamente vulneráveis à ilusão de que as pessoas sóbrias há mais tempo do que elas são românticas e heroicas, ao invés de tão completamente à nora, aterrorizadas e a tentarem desenrascar-se o melhor possível, um dia de cada vez, como toda a gente nos Alcoólicos Anónimos (excetuando talvez a porra dos Crocodilos).

Joelle diz que desta vez não pode ficar muito tempo: todos os residentes que não estão a trabalhar têm de se apresentar no Centro para reunião matinal de meditação diária, como Gately sabe perfeitamente. Não percebe lá muito bem o que ela quer dizer com «desta vez». Ela descreve-lhe a postura esquisita do mais recente residente, reflexo da lesão contraída a dançar o limbo, e a forma como Johnette Foltz tem de cortar o jantar a esse tipo chamado Dave e deixar cair-lhe a comida na boca aberta, aos bocadinhos, como um pássaro faz a uma cria. Quando ela levanta a cara para o teto, o véu de linho cola-se às feições que lhe estão por baixo, com a boca bem aberta a imitar uma cria. A blusa de decote subido e redondo faz-lhe os caracóis que usa soltos parecerem escuros e os pulsos e as mãos pálidas. Tem a pele das mãos esticada e cheia de sardas e veias. As barras metálicas da cama só permitem que Gately, ainda a revirar os olhos, veja alguma coisa a sul do tórax de Joelle quando ela acaba de o limpar com o pano e recua até à outra cama, que, a dada altura, ficou vazia e sem a tabela do tipo choroso, com as grades que lembravam um berço dobradas para baixo, e ela senta-se na borda da cama e cruza as pernas, apoiando o tacão de uma das sandálias mexicanas na junta das grades e deixando ver que trazia meias brancas por baixo das sandálias cor de carne e calças de fato de treino velhas e largueironas, cor de bétula e com bum estampado numa das pernas, calças que

Gately tem quase a certeza absoluta de que viu Ken Erdedy usar na reunião matinal de domingo do Grande Livro, e que são de Erdedy, e sente um acesso de qualquer coisa desagradável perante a possibilidade de ela ter vestidas as calças desse miúdo sofisticado. Lá fora, a luz da manhã passou de um amarelo-esbranquiçado e soalheiro para uma espécie de cinzento de moeda de dez cêntimos velha, com o que parece ser um vento bem forte.

Joelle come os *brownies* com queijo-creme que Gately não consegue comer e faz um esforço para tirar uma coisa grande, parecida com um bloco de notas, da carteira larga de pano. Fala-lhe da reunião de St. Columbkill[348] da noite passada, à qual tinham ido todos sem supervisão porque Johnette F. teve de ficar no Centro para vigiar Glynn, que estava doente, e Henderson e Willis, em quarentena legal no andar de cima. Gately puxa à força toda pela sua RAM para se tentar lembrar em que merda de noite é a reunião de St. Columbkill. Joelle diz que a reunião da noite passada teve o formato especial adotado por St. Collie uma vez por mês, em que em vez dos compromissos havia aquela discussão, género mesa-redonda, em que uma pessoa falava durante cinco minutos e depois escolhia o orador seguinte entre a assistência. Estava lá uma pessoa do Kentucky, será que Gately por acaso se lembrava que ela era do Kentucky? Estava lá um novato do Kentucky, Wayne qualquer coisa, um rapaz com aspeto verdadeiramente perturbado, que tinha abandonado o bom do seu velho estado e, segundo ele, vivia ultimamente num cano de esgoto desativado à saída de uma bacia hidrográfica no Allston Spur. Esse tipo, disse ela, afirmou que tinha dezanove anos ou à volta disso, mas parecia ter mais de quarenta e tal, trazia roupa que parecia estar a decompor-se no preciso momento em que se encontrava no púlpito e exalava um forte odor a esgoto que levava a que até na quarta fila as pessoas puxassem dos lenços, tendo explicado o odor admitindo que o cano de esgoto onde vivia só estava, na realidade, «a maior parte das vezes» desativado, ou seja, era pouco usado. A voz de Joelle não soa nada igual à voz radiofónica cavernosa e ressonante e ela está a servir-se imenso das mãos enquanto fala, tentando recriar tudo aquilo para Gately. Tentando dar-lhe um cheirinho de uma reunião, apercebe-se Gately, com um ligeiro sorriso fechado de incredulidade por não ser capaz de desencantar dentro da cabeça um calendário das reuniões para saber em que dia estava.

Algumas das pessoas em St. Columbkill estavam a dizer que nunca tinham

ouvido falar de um *blackout* tão longo. Esse tal Wayne havia dito que não fazia ideia de quando, como ou por que razão tinha ido parar tão a norte, à área metropolitana de Boston, dez anos depois da sua última recordação. O mais impressionante em Wayne, em termos visuais, era o sulco acentuado e diagonal que tinha na cara, estendendo-se da sobrancelha direita ao canto esquerdo do lábio – Joelle indica a extensão e o ângulo passando um dedo com uma unha roída e irregular pelo véu –, estreitando-lhe o nariz e o lábio superior e tornando-o tão vesgo que parecia estar a falar ao mesmo tempo para as duas pontas da fila da frente. Esse rapazola Wayne tinha explicado que a depressão facial – aquilo a que Wayne chamou «o defeito», apontando para lá como se as pessoas precisassem porventura de ajuda para perceber do que ele estava a falar – derivava do facto de o seu papá pessoal, um alcoólico inveterado e criador de galinhas, quando estava completamente dominado pelos horrores pós-farra e a ver parasitas subjetivos por todo o lado, ter um dia acertado em cheio com um machado em Wayne, que só tinha nove anos, quando este não foi capaz de lhe dizer onde um certo frasco *Ball* com uma bebida destilada tinha sido escondido na véspera, para evitar o surgimento dos horrores. Era só ele, o papá e a mamã – «que era fraca» – e mais de três hectares de terreno para criar galinhas, tinha dito Wayne. Disse que o defeito já tinha praticamente sarado, graças ao ar fresco e a bastante exercício, quando o papá, ao tentar sair de casa numa segunda-feira à tarde depois de um almoço tardio de papa de farinha de milho e groselha, se agarrou à cabeça, ficou vermelho e depois azul e depois roxo, e morreu. Aparentemente, o pequeno Wayne tinha-lhe limpo a cara cheia de papa, arrastado o cadáver para debaixo do alpendre da quinta, tapando-o com sacos de comida para galinhas *Purina* e disse à mamã fraca que o papá se tinha ido deitar por estar bêbado. Segundo parecia, o miúdo da depressão diagonal fora para a escola como de costume, divulgado a coisa passando discretamente a palavra e trazido todos os dias para casa um conjunto diferente de rapazes durante quase uma semana, cobrando uma nota de cinco por cabeça para os deixar enfiarem-se debaixo do alpendre e fitarem olhos nos olhos um morto cem por cento genuíno. Nessa sexta-feira à tarde, recordou ele, tinha ido, cheio de dinheiro, ao salão de bilhares onde paravam os pretos[349] que vendiam frascos *Ball* com bebidas destiladas ao seu falecido papá, preparado para «apanhar uma cadela monstra». Esse rapazinho Wayne diz que, a seguir, só se lembra de acordar no cano de

esgoto parcialmente desativado da Nova Nova Inglaterra, uma década mais velho, já num novo milénio e com uns problemas médicos «bem horríveis» que a campainha a assinalar o fim dos seus cinco minutos evita que ele descreva ao pormenor.

E esse rapazola Wayne tinha apontado para Joelle para ser ela a falar a seguir.

– Quase como se soubesse. Como se tivesse tido uma intuição instintiva de que havia ali uma proximidade qualquer, uma afinidade em termos de origens.

Gately grunhiu baixinho para si mesmo. Pôs-se a pensar que tipos que têm *blackouts* que duram dez anos e vivem em canos de esgoto não têm provavelmente muita coisa a que se agarrar a não ser intuições instintivas. Sabia que precisava de ser lembrado de que aquela rapariga estranha só estava sóbria há umas três semanas e que ainda estava a expulsar drogas do organismo e completamente à nora, mas parecia levar a mal sempre que isso acontecia. Joelle tinha o livro grande e achatado no colo e estava a olhar para o polegar e a dobrá-lo, a observá-lo a dobrar-se. O que era desconcertante era o facto de o véu continuar caído no mesmo ângulo vertical, como se ela tivesse a cabeça para cima, quando ela tinha a cabeça para baixo, só que agora estava perfeitamente liso e sem qualquer textura, um ecrã branco e liso sem nada por trás. Ao fundo do corredor, um altifalante não parava de dar aqueles tinidos de xilofone que significavam sabe-se lá o quê.

Quando Joelle voltou a levantar a cabeça, reapareceram por trás do ecrã as encostazinhas e os pequenos vales formados pelas feições veladas.

– Vou ter de me pôr a andar daqui a nada – disse ela. – Posso voltar mais tarde, se quiseres. Posso trazer-te qualquer coisa que aches que te apeteça.

Gately levantou uma sobrancelha para a fazer sorrir.

– Como disseram que a tua febre baixou, esperemos que decidam que já estás fora de perigo e te tirem finalmente isso – disse Joelle, olhando para a boca de Gately. – Só te pode doer, e a Pat disse que te vais sentir melhor quando puderes começar a, e passo a citar, partilhar o que estás a sentir.

Gately levantou as duas sobrancelhas.

– E me puderes dizer o que queres que te traga. Quem é que queres que te venha ver. Que pessoas.

Mexer o braço esquerdo para norte, ao longo do peito e da garganta, para conseguir que a mão esquerda suba e lhe apalpe a boca fez todo o lado direito do

seu corpo gemer de dor. Tinha um tubo de plástico, quente da pele, que lhe saía do lado direito, estava colado à bochecha direita e lhe entrava pela boca, passando pela garganta e descendo para lá do fundo da boca, que era até onde conseguia apalpar com os dedos. Não tinha conseguido senti-lo na boca nem a descer-lhe pela garganta até um sítio qualquer que ele não queria saber qual era, nem sequer o adesivo na bochecha. Tinha estado, tipo, com aquele, tipo, tubo o tempo todo e nem se havia apercebido disso. Aquilo já lá estava há tanto tempo quando ele acordou com falta de ar que já se tinha habituado inconscientemente à dita coisa e nem sequer havia percebido que ela ali estava. Se calhar, era um tubo de alimentação. Provavelmente, era por causa do tubo que só conseguia miar e grunhir. Provavelmente, não tinha ficado com lesões permanentes na voz. Graças a Deus. Pôs os pensamentos em maiúsculas e agradeceu a Deus várias vezes. Imaginou-se num púlpito majestoso para os compromissos, tipo, numa convenção dos Alcoólicos Anónimos, soltando, como quem não quer a coisa, um comentário qualquer que era recebido com uma enorme gargalhada geral.

Joelle tinha um problema qualquer no polegar ou então ficara simplesmente muitíssimo interessada em vê-lo a dobrar-se e a girar. Estava a dizer:

– É esquisito, não saber o que se vai passar e depois ir lá para cima falar. Para pessoas que não se conhece. De coisas que só me apercebo de que as penso quando as digo. Na rádio, estava habituada a saber muito bem aquilo que pensava antes de falar. Isto não tem nada que ver.

Parece estar a falar para o polegar.

– Segui o teu conselho e partilhei a minha queixa em relação ao «Se não fosse pela graça de Deus», e tinhas razão, eles limitaram-se a rir. Mas eu também... Só me apercebi quando dei por mim a dizer-lhes que já não via «Um dia de cada vez» e «Pensa apenas dia a dia» como lugares-comuns banais. Como coisas condescendentes.

Gately reparou que ela continua a falar das questões relacionadas com a recuperação de uma maneira formal e completamente intelectualoide que não usa para falar de outras coisas. É a maneira de ela continuar a manter tudo um bocadinho à distância. Um polegar mental para onde finge olhar enquanto fala. Mas não havia problema; a maneira de Gately manter tudo à distância no início até tinha metido um braço ao barulho. Imaginou-a a rir-se depois de ele lhe contar isso, com o véu a esvoaçar vigorosamente para dentro e para fora. Sorriu

à volta do tubo, coisa que Joelle tomou como encorajamento.

Continuou:

– E que, nas sessões de aconselhamento, a Pat me está sempre a dizer para erguer um muro à volta de cada período de vinte e quatro horas e não espreitar por cima ou para trás. E para não contar os dias. Mesmo quando já temos uma medalha a assinalar que já passaram catorze ou trinta dias, para não os somarmos. Durante o aconselhamento, limitava-me a sorrir e a assentir com a cabeça. A ser educada. Mas ali em cima, ontem à noite, nem sequer partilhei isso em voz alta, mas apercebi-me subitamente de que era por isso que nunca tinha sido capaz de largar a droga mais do que umas semanas. Ia-me sempre abaixo, voltava ao mesmo. Ao *crack*.

Olha para ele e depois diz:

– Eu fumava coca, sabes? Tu já sabias. Vocês veem todos os formulários de consumo.

Gately sorri.

Ela prosseguiu:

– Era por isso que eu não conseguia largar a cena de vez. Tal e qual como alerta o lugar-comum. Não estava, literalmente, a pensar apenas dia a dia. Andava a somar os dias de abstinência na minha cabeça.

Inclinou a cabeça para ele.

– Já ouviste falar alguma vez daquele tipo, o Evel Knievel? O gajo que saltava cenas de mota?

Gately assenta com a cabeça ligeiramente, tendo cuidado com o tubo, que agora já sente. Era por isso que a garganta lhe parecia que tinha sido violada. Por causa do tubo. Na verdade, ele até tem um recorte de uma foto do histórico Evel Knievel em ação, tirado de uma velha revista *Life*, com um fato de cabedal branco à Elvis, todo no ar, lá nas alturas, banhado pela auréola dos holofotes, em pé em cima de uma mota, uma fila de camiões bem encerados lá em baixo.

– Em St. Collie, só os Crocodilos é que tinham ouvido falar dele. O meu papá era um fã, recortava as fotografias dele, quando era miúdo – Gately percebe que ela está a sorrir debaixo do véu. – Mas o que eu costumava fazer era deitar o cachimbo fora, espetar o punho contra o céu e dizer *Deus é a porra da minha testemunha, NUNCA MAIS, a partir deste preciso momento, LARGO ISTO PARA SEMPRE*. – Ela também tem o hábito de dar distraidamente palmadinhas na

cabeça enquanto fala, na parte em que estão travessões e ganchinhos a segurar o véu. – E eu entaipava-me completamente, toda ansiosa e tensa, e entrava em abstinência. E contava os dias. Tinha orgulho em cada dia que não fumava. Cada dia parecia servir para provar qualquer coisa, e eu ia-os contando. Somava-os. Enfileirava-os uns atrás dos outros. Sabes como é?

Gately sabe perfeitamente mas não mexe a cabeça, deixando que ela despeje aquilo tudo sozinha. Ela diz:

– E, passado pouco tempo, as coisas começavam a ficar... improváveis. Como se cada dia fosse um carro que o Knievel tivesse de saltar. Um carro, dois carros. Quando chegava praí, por hipótese, aos catorze carros, isso começava a parecer um número mirabolante. Saltar por cima de catorze carros. E o resto do ano, ao olhar mais para a frente, centenas e centenas de carros, e eu no ar a tentar saltar por cima deles. – Deixou a cabeça em paz e inclinou-a. – Quem é que conseguia fazer isso? Como é que eu fui pensar que alguém conseguia fazer isso assim?

Gately lembrou-se de umas desintoxicações suas bem fodidas. Sem um tusto, em Malden. Cheio de dores por causa de uma pleurisia, em Salem. Em Billerica, numa passagem de quatro dias pela prisão que o apanhou desprevenido. Lembrou-se de quando tentou largar o vício durante as várias semanas que passou estendido no chão de uma cela, em Revere, cortesia do bom do velho procurador de Revere. Fechado a sete chaves, com um balde a servir de sanita e a cela a escaldar, mas a sentir uma terrível corrente de ar gelada junto ao chão. A ressacar. Uma desabituação abrupta. O vício. Ser incapaz de o largar, mas tendo ao mesmo tempo de o fazer, ali fechado. Uma jaula em Revere durante noventa e dois dias. A sentir a intensidade de cada segundo a passar. A aguentar um segundo de cada vez. A pegar no tempo e a enrolá-lo todo à volta dele. A desabituar-se. Qualquer segundo; lembrou-se: a sensação de estar a sentir esse segundo multiplicado por outros sessenta segundos – não conseguia aguentar. Não conseguia aguentar, porra. Teve de erguer um muro à volta de cada segundo só para poder aguentar. As primeiras duas semanas daquilo estão reduzidas na sua memória a, tipo, um segundo – menos ainda: ao espaço entre duas batidas do coração. Uma respiração e depois outra, a pausa e a recuperação entre cada cãibra. Um agora interminável a esticar as asas de gaivota de ambos os lados do bater do seu coração. E nunca se tinha sentido, nem antes nem depois, tão dolorosamente vivo. A viver no presente, entre pulsações. Aquilo de que os

membros do Grupo Bandeira Branca falam: viver completamente no momento. Quando ele entrou, uma dia inteiro parecia-lhe uma insignificanciazinha. Porque ele tinha aguentado o vício.

Mas este presente entre pulsações, esta sensação de um agora interminável – havia desaparecido na cela em Revere, juntamente com os espasmos e os calafrios. Tinha regressado a si mesmo, sentou-se na borda do beliche e deixou de aguentar porque já não era necessário.

As dores que sente no lado direito do corpo são insuportáveis, mas nada comparadas às dores provocadas pelo vício. Por vezes, interroga-se se será isso que Ferocious Francis e os outros querem que ele faça: aguentar outra vez entre batidas do coração; tenta imaginar que tipo de salto impossível seria preciso dar para viver sempre assim, por escolha, sóbrio: no segundo, no agora, emparedado e protegido entre lentas batidas do coração. O padrinho do próprio Ferocious Francis, um tipo praticamente morto que levam de cadeira de rodas às reuniões do Grupo Bandeira Branca e a quem chamam sargento, está sempre a dizer: É uma dádiva, o agora: é a verdadeira dádiva dos Alcoólicos Anónimos: não é por acaso que lhe chamam *o Presente*.

– E foi só quando o desgraçado daquele tipo novo do cano de esgoto, lá da minha terra, apontou para mim e me puxou lá para cima, e eu disse aquilo, que me dei conta – disse Joelle. – Não *preciso* de fazer isso dessa maneira. Posso escolher a maneira de fazer isso e eles vão ajudar-me a cumprir essa escolha. Acho que ainda não me tinha dado conta de que era capaz – sou mesmo capaz de *fazer* isto. Sou capaz de fazer isto durante um dia interminável. Sou, Don.

O olhar que ele lhe estava a lançar pretendia validar o progresso que ela tinha feito e confirmar que sim, era capaz, era capaz desde que continuasse a querer fazer isso. Ela estava a fitá-lo olhos nos olhos, Gately percebeu isso. Mas também tinha sentido um arrepio, género formigueiro, a percorrer-lhe o corpo todo por se ter posto a pensar. Podia fazer o mesmo em relação às dores destras: aguentar. Não havia um só instante que não fosse suportável. Ali estava agora mesmo um segundo: suportou-o. O que ele não conseguia mesmo lidar era com a ideia de todos os instantes em fila e a estenderem-se até ao horizonte, reluzentes. E o projetado medo futuro do procurador ou de quem quer que estivesse à porta do quarto, com um chapéu e a comer *fast food* do Terceiro Mundo; o medo de ser condenado por homicídio de canadiano ou por ter sufocado um VIP; de

passar o resto da vida na borda do beliche da prisão de ICM-Walpole, a recordar-se. É demasiado para estar a pensar nisso. Para aguentar ali. Mas, para já, nada disso é real. O que é real é o tubo, a noxemia e as dores. E em relação a isso podia fazer exatamente o mesmo que ao velho vício. Podia simplesmente agachar-se no espaço entre as batidas do coração e fazer de cada uma um muro e viver lá dentro. Sem deixar que a cabeça espreitasse por cima. O que era insuportável é o que a cabeça podia pensar de tudo aquilo. O que a cabeça lhe podia comunicar, quando espreitasse por cima e em frente e comunicasse. Mas ele podia optar por não a ouvir; podia tratar a cabeça como se fosse G. Day ou R. Lenz: ruído sem sentido. Ainda não tinha percebido realmente isso, que não era só uma questão de se libertar da necessidade da droga: tudo o que era insuportável estava na cabeça dele, era o facto de a cabeça não aguentar viver no presente e se pôr a pular o muro, a fazer reconhecimentos e a voltar a seguir com notícias insuportáveis em que depois, sem perceber bem porquê, a pessoa acreditava. Gately decidiu que se safasse disto ia tirar a foto de Knievel da parede, emoldurá-la e oferecê-la a Joelle, e depois iam rir-se os dois e ela ia começar a chamá-lo Don ou Bimster, etc.

Gately revira os olhos completamente para a direita para ver outra vez Joelle, que estava a usar as duas mãos pálidas para abrir o livro no colo, em cima das calças de fato de treino. A luz cinzenta que entra pela janela incide, brilhante, sobre as cortinas de plástico brancas, como se estas tivessem material laminado dentro delas.

– ... a ideia de ir buscar isto ontem à noite e estive a dar-lhe uma vista de olhos. Queria mostrar-te o meu papá pessoal – diz ela.

Está a mostrar-lhe o álbum de fotografias, bem aberto, como uma professora do infantário na altura de contar uma história. Gately esforça-se por semicerrar os olhos para ver. Joelle aproxima-se e pousa o álbum grande em cima das grades da cama de Gately, que mais parecia um berço, espreitando para baixo e apontando para uma fotografia atrás da sua capinha quadrada.

– Aqui está o meu papá.

À frente do anteparo branco e baixo de um alpendre, está um velho magro e de cara vulgar, com rugas à volta do nariz de semicerrar os olhos contra o Sol e o sorriso sereno de uma pessoa a quem lhe disseram para sorrir. Tem ao lado um cão escanzelado, meio de perfil. Gately está mais interessado na sombra de quem

quer que tenha tirado a fotografia, que aparece em primeiro plano, obliquamente, tapando metade do cão.

– E esse é um dos cães, um perdigueiro que foi atropelado por um camião da UPS na estrada cento e quatro – diz ela. – Onde qualquer animal com um mínimo de juízo saberia que não tinha nada de lá estar. O meu papá nunca dá nomes aos cães. Esse chamava-se simplesmente o que foi atropelado por um camião da UPS.

A voz dela está outra vez diferente.

Gately tenta aguentar ver aquilo para onde ela está a apontar. Quase todas as outras fotografias naquela página são de animais de quinta atrás de vedações de madeira, com o ar das coisas que não conseguem sorrir, que não sabem que têm uma máquina fotográfica apontada a elas. Joelle disse que o papá pessoal dela era um químico que trabalhava com reagentes de pH baixo, mas o papá da falecida mãe dela tinha-lhes deixado uma quinta e o papá de Joelle havia mudado a família para lá e andou a brincar aos agricultores, principalmente como desculpa para ter uma data de animais e enfiar cenas experimentais de pH baixo na terra.

A determinada altura, entra uma enfermeira toda profissional, que se põe a mexer nos frascos com a solução endovenosa e depois se agacha para mudar o recipiente do cateter que está debaixo da cama, e, durante um segundo, Gately tem vontade de morrer de tanta vergonha. Joelle parece nem sequer estar a fingir que não repara.

– E isto aqui é um touro a que costumávamos chamar *Mr. Man*. – O polegar esguio dela vai passando de foto em foto. A luz do Sol do Kentucky parece mais amarela e brilhante do que a da Nova Nova Inglaterra. As árvores são de um verde mais forte e têm umas merdas esquisitas e musgosas penduradas. – E isto aqui é uma mula chamada *Chet* que era capaz de pular a vedação e costumava dar cabo das flores de toda a gente ao longo da estrada quarenta e cinco até que o papá teve de o abater. E isto é uma vaca. E isto aqui é a mamã da *Chet*. É uma égua. Não me lembro de mais nenhum nome a não ser «mamã da *Chet*». O papá emprestava-a aos vizinhos que eram realmente agricultores, mais ou menos para os compensar pelas flores.

Gately assente com a cabeça enquanto olha com toda a atenção para cada foto, tentando aguentar. Não pensou uma única vez no espectro nem no sonho com o

espectro desde que acordou do sonho em que Joelle fazia da senhora Waite enquanto Morte materna. A mamã da *Chet* na vida seguinte. Abre bem os olhos para desanuviar a cabeça. Joelle tem a cabeça virada para baixo, está a olhar de cima para o álbum aberto. Tem outra vez o véu caído e em branco, tão perto que ele podia estender a mão esquerda e levantá-lo, se quisesse. O álbum aberto por onde ela está a passar a mão dá a Gately uma ideia que ele nem acredita que só está a ter agora. Só que fica preocupado por não ser canhoto. Que é o mesmo que dizer, *SINISTRAL*. Joelle tem o polegar em cima de uma foto esquisita, em tons sépia, do cu e das costas arqueadas de um tipo qualquer a subir desajeitadamente um telhado inclinado.

– O tio Lum – diz ela. – Mr. Riney, Lum Riney, colega do papá na empresa, que inalou uma espécie qualquer de vapor na fábrica quando eu era pequena, ficou esquisito e agora anda sempre tentar subir para cima de cenas, se o deixarmos.

Ele faz um esgar de dor ao mexer o braço esquerdo para pousar a mão no pulso dela e chamar-lhe a atenção. Ela tem o pulso fino na parte de cima mas estranhamente forte, parecendo grosso. Gately consegue que ela olhe para si e larga-lhe o pulso, servindo-se da mão para fingir desajeitadamente que escreve no ar, com os olhos a revirarem-se um bocadinho com as dores que isso provoca. A ideia dele é esta. Aponta para ela e, a seguir, para a janela e depois volta a girar a mão na direção dela. Recusa-se a grunhir ou a mugir para enfatizar seja o que for. O indicador é duas vezes maior do que o polegar dela e ele volta a fingir que está a pegar num implemento e a escrever no ar. Faz isso de forma tão deliberada e lenta porque não consegue ver os olhos dela para poder ter a certeza de que ela percebe onde ele quer chegar.

Basta uma mulher minimamente atraente sorrir para Don Gately, quando os dois se cruzam numa rua apinhada, para que Don Gately, como praticamente todos os drogados heterossexuais, já tenha, mentalmente e passados uns quarteirões, conquistado, ido viver com, casado e tido filhos com essa mulher, tudo no futuro, tudo na cabeça dele, a embalar mentalmente um jovem Gately no joelho, que mais parece um naco de carneiro, enquanto essa senhora G. mental anda num bulício, com um avental que às vezes, à noite, usa provocadoramente sem nada por baixo. Quando chega ao seu destino, o drogado já se divorciou mentalmente da mulher e está envolvido numa batalha violenta pela custódia dos

filhos ou então continua feliz e casado com ela, sempre mentalmente, nos seus últimos anos de vida, com os dois sentados ao lado um do outro, rodeados de netos de cabeça grande, num baloiço especial no alpendre, modificado a pensar no volume de Gately, ela de meias de descanso e sapatos ortopédicos, ainda ali para as curvas, quase sem terem de falar para conversar, tratando-se por «mãe» e «pai», sabendo que vão bater a bota com poucas semanas de distância um do outro porque nenhum podia alguma vez viver sem o outro, é esse o nível da ligação que construíram ao longo dos anos.

No entanto, essa união mental projetada de Gately com Joelle («M.P.») van Dyne está sempre a atolar-se na visão de Gately a embalar no joelho um miúdo com um gigantesco véu com um debrum azul ou cor-de-rosa. Ou então dele a tirar os ganchinhos que seguram o véu de Joelle, ao luar, na lua de mel em Atlantic City, e a descobrir só, tipo, um olho no meio da testa dela ou uma cara de Churchill horrível ou qualquer coisa do género[350]. Portanto, a fantasia mental de longo prazo própria de drogado fica um bocado periclitante, mas mesmo assim ele não consegue imaginá-los a coisar, com Joelle bem velada e a gritar «Olhai!» com aquele arrebatamento vazio do momento do orgasmo – o mais perto que Gately já tinha estado de coisar com uma celebridade tinha sido com a estudante de Enfermagem ferozmente viciada, das águas-furtadas onde ele batia com a cabeça no teto, que era incrivelmente parecida com um Dean Martin jovem. O facto de Joelle lhe estar a mostrar fotografias pessoais e históricas faz com que a cabeça dele passe imediatamente por cima do muro daquele segundo e imagine Joelle, irremediavelmente perdida de amores pelo heroico Don G., oferecendo-se para dar uma traulitada na cabeça do tipo do chapéu que está à porta do quarto e fazer Gately escapulir-se, com o tubo e o cateter, de St. E.'s dentro de um carrinho da lavandaria ou qualquer coisa assim, salvando-o da polícia de Boston, dos tipos com o corte à escovinha federal ou da retribuição legal mais medonha, fosse ela qual fosse, que o tipo do chapéu pudesse representar, ou então propondo altruisticamente passar-lhe o véu e um vestido grande para ele poder esconder o cateter por baixo do vestido largueirão e saracotear-se dali para fora enquanto ela se enfia toda debaixo da roupa da cama, fazendo passar-se por Gately e pondo romanticamente em risco a sua recuperação, a carreira na rádio e a liberdade em termos legais, tudo por um amor ardente, género *Liebestod,* por Gately.

Esta última fantasia fá-lo ficar envergonhado, por ser uma coisa tão cobarde. E só a ideia de uma coisa romântica com uma recém-chegada completamente à nora já é vergonhosa. Nos Alcoólicos Anónimos de Boston, seduzir um recém-chegado chama-se décimo terceiro passo[351] e é considerado um exclusivo da gente mais reles. É uma predação. Os recém-chegados entram completamente destrambelhados, à nora e assustados, com os sistemas nervosos ainda fora do corpo e a palpitarem da desintoxicação, perfeitamente desesperados por escapar ao seu próprio interior, por colocar a responsabilidade por si próprios aos pés de uma coisa tão sedutora e devoradora como a sua antiga amiga, a droga. Por evitar o espelho que os Alcoólicos Anónimos lhes põem à frente. Por evitar reconhecer a traição da sua velha e querida amiga, a droga, e chorá-la. Já para não mencionar sequer os problemas relacionados com o espelho e a vulnerabilidade de uma recém-chegada que tem de andar com um véu da AHID. Uma das sugestões mais enfáticas dos Alcoólicos Anónimos de Boston é que os recém-chegados evitem toda e qualquer relação amorosa durante pelo menos um ano. Por isso, uma pessoa já com algum tempo de sobriedade a aproveitar-se predatoriamente de um recém-chegado e a tentar seduzi-lo é quase o equivalente a uma violação, o consenso em Boston é esse. Não é que isso não seja feito. Mas os que fazem isso nunca conseguem atingir o tipo de sobriedade que todos os outros respeitam ou querem para si mesmos. Um tipo do décimo terceiro passo ainda continua a fugir do espelho.

Já para não mencionar que um funcionário que seduz um novo residente a quem deve supostamente ajudar estaria a trair Pat Montesian e a Ennet House em grande escala.

Gately percebe que provavelmente não é acidente que as suas fantasias mais intensas com Joelle coincidam com fantasias de fuga-à-polícia-e-às-responsabilidades-legais. Que a verdadeira fantasia da sua cabeça seja essa recém-chegada a ajudá-lo a evitar, a escapar e a fugir, para depois se juntar a ele, tipo no Kentucky, num baloiço de alpendre modificado. Também ainda é basicamente um novato: a querer que outra pessoa lhe resolva os problemas, que outra pessoa não o deixe entrar nas suas várias jaulas. Basicamente, é a mesma ilusão que a típica ilusão provocada por substâncias viciantes. Os olhos reviram-se-lhe na cabeça, repugnados com ele próprio, e assim continuam.

Atravessei o corredor para cuspir o tabaco, lavar os dentes e limpar a lata de *Spiru-Tein*, que tinha fica com uma crosta desagradável nos lados. Os corredores dos subdormitórios eram curvos e não tinham propriamente esquinas, mas conseguimos ver, no máximo, três portas e a ombreira de uma quarta, em qualquer ponto do corredor, antes de a curva se intrometer no nosso campo de visão. Pus-me a pensar, por breves instantes, se seria ou não verdade que as crianças pequenas achavam que os pais podiam vê-las mesmo do outro lado de esquinas e curvas.

O uivar do vendaval e o chocalhar das portas eram piores no corredor sem carpete. Conseguia ouvir os sons esbatidos dos choros matinais saídos de um ou outro quarto fora do meu campo de visão. Muitos dos melhores jogadores começam o dia com um rápido ataque de choro e depois põem-se basicamente robustos e em perfeitas condições para o resto da jornada.

As paredes dos corredores dos subdormitórios são azuis como um rebuçado de menta. As paredes dos quartos propriamente ditos são cor de creme. As madeiras são todas escuras e envernizadas, tal como o guilhoché por baixo de todos os tetos da ATE; e o odor dominante nos corredores é sempre uma mistura de verniz e tintura de benjoim.

Alguém tinha deixado uma janela aberta junto aos lavatórios da casa de banho dos rapazes e havia um monte de neve no parapeito, e, no chão, por baixo da janela ao lado do último lavatório, cujo cano de água quente guincha, e estava uma camada parabólica de neve, já a derreter-se no cume. Acendi as luzes e o ventilador de aspiração ligou-se automaticamente; não sei bem porquê, mas quase não conseguia aguentar o barulho. Quando espetei pela janela, o vento vinha de todos os lados e mais algum, a neve rodopiava em funis e remoinho e havia grãozinhos de gelo no manto que cobria o chão. Estava um frio de rachar. Na zona dos campos leste, os trilhos estavam tapados e os ramos do pinheiro tinham ficado quase horizontais sob o peso da neve. A travessa metálica e a torre de observação de Schtitt possuíam um aspeto ameaçador; ainda estava escuro e não havia vento no lado contrário ao vento, que dava para o edifício da Administração. A visão dos longínquos ventiladores ATHSCME a deslocarem grandes volumes de ar carregado de neve para norte é uma das melhores vistas de inverno do cimo da nossa encosta, mas agora a visibilidade era tão fraca que não dava para distinguir os ventiladores e o silvar líquido da neve era tão intenso

que nem se conseguia perceber se os ventiladores estavam sequer a funcionar. A residência do reitor não passava de uma figura curvada junto à fila de árvores a norte, mas podia imaginar o pobre C.T. à janela da sala de estar, com chinelos de pele e um roupão de xadrez escocês, parecendo andar de um lado para o outro mesmo estando parado, a levantar e a baixar a antena do telefone que tem na mão, depois de já ter feito várias chamadas para Logan, para o AIM-D'Orval, para o serviço de atualizações meteorológicas do WeatherNet-9000 e para figuras de sobrolho carregado no escritório da ONANTA no Quebeque, C.T. com a testa franzida e os lábios a mexerem-se sem produzirem nenhum som enquanto ia ficando cada vez mais perturbado, a caminho de um estado de preocupação total.

Voltei a enfiar a cabeça para dentro quando já não conseguia sentir a cara. Fiz as minhas abluçõezinhas. Há três dias que já não precisava de ir mesmo a sério à casa de banho.

O mostrador digital ao lado do intercomunicador do teto indicava: 11-18-EST04H56.

Quando a porta da casa de banho começou a chocalhar menos, ouvi uma voz baixinha, com um tom estranho, a vir do lado de lá da curva no corredor. Descobri que o bom do velho Ortho Stice estava sentado numa cadeira de quarto, em frente a uma janela do corredor. Estava virado para a janela. A janela estava fechada e ele tinha a testa encostada ao vidro, parecendo estar a falar ou a entoar qualquer coisa para si mesmo, muito baixinho. Tinha embaciado toda a parte de baixo da janela com a respiração. Pus-me atrás dele e fiquei a ouvir. A nuca era de um branco-acinzentado, típica dos cortes de cabelo à escovinha tão curtos que se consegue ver o couro cabeludo. Eu estava mais ou menos atrás da cadeira. Não conseguia perceber se ele estava a falar sozinho ou a entoar alguma coisa. Nem sequer se virou quando eu fiz chocalhar a escova de dentes no copo da NASA. Estava com a sua roupa clássica de «Escuridão»: camisola preta e calças de fato de treino pretas, onde tinha mandado coser duas aplicações em seda, com as letras ATE em vermelho e cinzento, em ambas as pernas. Tinha os pés descalços sobre o chão frio. Eu estava parado mesmo ao lado da cadeira e ele continuava a não olhar para cima.

– Quem é que está aí agora? – perguntou ele, sem tirar os olhos da janela.

– Olá, Orth.

– Hal. Levantaste-te assim para o cedo.

Chocalhei a escova um bocadinho no copo para indicar que estava a encolher os ombros.

– Sabes como é. Tenho andado por aí.

– O que é que se passa?

– O que é que queres dizer? – perguntei.

– A tua voz. Chiça, estás a chorar? O que é que se passa?

A minha voz tinha-se mostrado neutra e quanto muito um bocadinho intrigada.

– Não estou a chorar, Orth.

– Então está bem. – Stice respirou para a janela. Esticou o braço, sem mexer a cabeça, e coçou a nuca rapada. – A andar por aí. Hoje vamos jogar contra uns estranjas ou quê?

Nos últimos dez dias, senti-me sempre pior de manhãzinha, antes do amanhecer. Há qualquer coisa elementarmente horrenda em acordar antes do amanhecer. Por cima da linha de respiração do «Escuridão», a janela estava desobstruída. A neve não estava a rodopiar ou a fustigar tanto a janela no lado leste do prédio, mas o facto de não haver vento daquele lado permitia ver como a neve estava a cair com força. Era como uma cortina branca a descer interminavelmente. Aqui no lado leste, o céu estava a clarear, ganhando uma tonalidade branco-acinzentada mais pálida, semelhante ao corte de cabelo de Stice. Dei-me conta de que, na posição em que se encontrava, ele só conseguia ver a sua respiração condensada na janela, nada de reflexos. Fiz-lhe umas caretas grotescas, exageradas e esbugalhadas pelas costas. Fizeram sentir-me pior.

Chocalhei a escova outra vez.

– Bom, se jogarmos, não vai ser lá fora. A neve já chega à rede nos campos oeste. Vão ter de nos tentar meter num sítio qualquer coberto.

Stice respirou.

– Não há nenhum sítio coberto que tenha trinta e seis campos, Inc. O Winchester Club tem praí uns doze e é capaz de ser o máximo que há. A porra do Mount Auburn só tem oito.

– Vão ter de nos levar para vários sítios. É uma chatice do caraças, mas o Schtitt já fez isso. Acho que a única verdadeira variável será saber se ontem à noite os miúdos do Quebeque conseguiram aterrar no Logan antes de ter começado este temporal, seja lá quando isso foi.

– O Logan vai estar fechado, é o que estás a dizer.

– Mas acho que teríamos ouvido alguma coisa se eles tivessem aterrado ontem à noite. O Mario disse que o Freer e o Struck andavam a acompanhar superatentamente uma ligação à FAA[*1] desde a hora do jantar.

– Mas esses tipos estão à espera de coisar com umas estrangeiras lerdas e com pelos nas pernas ou *quê*?

– Cá para mim, estão presos no Dorval. Aposto que o C.T. já está em cima do assunto. Provavelmente, vamos ter direito a uma declaração ao pequeno-almoço.

Era a oportunidade perfeita para «Escuridão» imitar rapidamente C.T., a interrogar-se, em alto e bom som e enquanto falava ao telefone com o treinador quebequense, se ele, C.T., devia insistir para que alugassem um transporte que os trouxesse por terra de Montreal ou então pedir-lhes encarecidamente que não arriscassem atravessar a Concavidade durante uma tempestade, num gesto de generosidade desapontada que poria o quebequense a pensar que a ideia generosa de fazer os quatrocentos quilómetros de autocarro até Boston durante um nevão tinha partido dele próprio, C.T., mostrando-se completamente aberto, abrindo à inspeção do treinador toda uma panóplia de estratégias psicológicas, com o pano de fundo do barulho frenético do *Dicionário de Francês-Inglês* do treinador a ser folheado. Mas Stice limitou-se a ficar ali sentado, com a testa encostada ao vidro. Estava a marcar uma espécie de ritmo no chão com os pés descalços. O corredor estava um gelo e os dedos dos pés dele tinham um leve tom azul. Expeliu ar pelos lábios, num suspiro contraído, fazendo as bochechas gordas ondularem um bocadinho; chamávamos a isso o barulho de cavalo dele.

– Estavas aqui a falar sozinho, a entoar, ou quê?

Seguiu-se um silêncio.

– Contaram-me uma piada – disse Stice por fim.

– Então diz lá.

– Queres ouvi-la?

– Estou mesmo a precisar de uma boa gargalhada, «Escuro» – respondi.

– Tu também?

Seguiu-se outro silêncio. Estavam duas pessoas a chorar com intensidades diferentes atrás de portas fechadas. Alguém puxou um autoclismo no segundo andar. Uma das pessoas que estava a chorar praticamente guinchava, num carpir inumano. Não havia maneira de perceber de que aluno da ATE se tratava nem de

que porta do outro lado da curva do corredor vinha o som.

«Escuridão» coçou novamente a nuca sem mexer a cabeça. As mãos pareciam quase luminosas em contraste com as mangas pretas.

– Três estaticistas vão caçar patos – disse ele. Depois fez uma pausa. – O trabalho deles é, tipo, fazer estatísticas.

– Até agora, estou a perceber.

– E eles foram caçar patos e estão agachados no meio do lodo de um esconderijo, construído para caçar patos, com botas de água, bonés e tudo o resto, *Winchesters* e por aí fora. E estão a soprar num daqueles apitos em que os caçadores de pratos andam sempre a soprar.

– Cantos de patos – disse eu.

– Isso mesmo. – Stice tentou assentir com a cabeça sem a desencostar do vidro. – Bom, e então aparece um pato a voar por cima deles.

– A presa deles. A razão para ali estarem.

– Exatamente, a *raisin d'etre* deles e toda essa treta, e estão a preparar-se para rebentar com o filho da puta e transformá-lo num monte de penas e porcaria – disse Stice. – E o primeiro estaticista aponta a espingarda e dispara, com o coice a fazê-lo cair de cu e a estatelar-se no meio do lodo, só que ele não acertou no pato, o tiro saiu demasiado baixo, viram eles. Por isso, vai daí, o segundo estaticista aponta e dispara, caindo também de cu, aquelas espingardas têm um coice do caralho, e lá cai o segundo também de cu, por ter disparado, e veem que o tiro dele saiu demasiado alto.

– E também não acerta no pato.

– Não acerta por um triz, foi demasiado alto. E é então que o terceiro estaticista começa a dar pulos de alegria, numa excitação extrema, e a gritar: «Apanhámo-lo, rapazes, apanhámo-lo mesmo!»

Estava alguém a gritar por causa de um pesadelo e outra pessoa a berrar para que fizessem pouco barulho. Eu nem sequer estava a fingir que me ria. Stice não parecia estar à espera que eu o fizesse. Encolheu os ombros sem mexer a cabeça. Ainda não tinha afastado a testa do vidro frio uma única vez.

Fiquei ao lado dele em silêncio, a segurar o copo da NASA com a escova de dentes, e espreitei pela metade superior da janela, por cima da cabeça de Stice. A neve estava a cair com intensidade e parecia de seda. O telhado de lona verde do pavilhão dos campos leste arqueava ameaçadoramente, com o logótipo branco

da gatorade obscurecido. Estava lá uma figura, não sob a proteção do abrigo mas sentada na bancada por trás dos campos de exibição leste, recostada com os cotovelos numa fila, o rabo noutra e os pés esticados em baixo, sem se mexer, com uma coisa que parecia suficientemente volumosa e clara para ser um casaco, mas a ficar enterrada pela neve, ali simplesmente sentada. Era impossível dizer a idade e o sexo da pessoa. Os pináculos das igrejas de Brookline estão a ficar cada vez mais escuros em contraste com o céu a aclarar-se por trás deles. O início do amanhecer parecia o luar através da neve. Havia várias pessoas a rasparem o gelo dos para-brisas dos carros ao longo da Avenida Commonwealth. As suas imagens eram diminutas e escuras e tremiam; a fila de carros estacionados e enterrados ao longo da avenida parecia uma sucessão de iglus, uma espécie de zona habitacional construída por esquimós. Nunca tinha nevado assim a meio de novembro. Um comboio B coberto de neve esforçava-se ao máximo para subir a encosta como uma lesma branca. Parecia evidente que a Autoridade Metropolitana de Transportes não demoraria muito a começar a suspender trajetos. A neve e o frio nascer do Sol davam a tudo um aspeto de confeitaria. A grade que separava o caminho de entrada do parque de estacionamento estava meio levantada, provavelmente para evitar que congelasse e ficasse congelada para sempre. Não conseguia perceber quem estava na cabina de segurança junto à grade. Os empregados estavam sempre a mudar e a maioria vinha daquele sítio, Ennet House, e estavam a tentar «recuperar». As duas bandeiras do mastro estavam congeladas e completamente direitas, a virarem rigidamente para um lado e para o outro ao sabor do vento, como uma pessoa com um suporte para o pescoço, em vez de esvoaçarem. A caixa de correio da ATE, logo a seguir à grade, tinha uma crista de neve. Todo aquele cenário possuía um *pathos* indescritível. A respiração de Stice, que ia embaciando a janela, não me deixava ver nada que estivesse mais perto do que a caixa de correio e os campos leste. A luz estava a começar a difratar-se em várias cores no perímetro da zona da janela embaciada pela respiração de Stice.

– Contaram essa piada ao Schacht naquele sítio onde tratam dos crânios, disse que foi um tipo da BU, com umas dores horríveis na cara, que lhe contou – afirmou Stice.

– Tenho de te perguntar uma coisa...

– É uma piada de estatística. Tens de perceber de medianas, médias e valores

de frequência máxima.

– Eu percebo a piada, Orth. O que eu te queria perguntar é porque é que estás para aí com a testa encostada à janela se a tua respiração não te deixa ver nada? Para onde é que estás a tentar olhar? E não estás a ficar com a testa assim para o fria?

Stice não assentiu com a cabeça. Fez outra vez aquele barulho de cavalo. Sempre tinha tido uma cara de gordo no corpo magro de um tipo em forma. Nunca havia reparado que ele tinha um estranho bocadinho de carne extra, que parecia uma lágrima, no fundo da bochecha direita, como um pedacinho de pele com aspirações a ser um sinal. Disse-me:

– A testa já deixou de estar fria há um par de horas, que foi quando deixei de sentir alguma coisa nela.

– Estás aqui sentado, descalço e com a testa encostada ao vidro da janela há um par de *horas*?

– Há mais de quatro, acho.

Conseguia ouvir uma equipa de limpeza do turno da noite a rir e a arrastar um balde mesmo por baixo de nós. Só um é que está a rir. Eram Kenkle e Brandt.

– Então a minha próxima pergunta é bastante óbvia, Orth.

Encolheu outra vez os ombros de forma esquisita, sem mexer a cabeça.

– Bom, isto aqui é um bocadinho embaraçoso, Inc – disse ele. Depois fez uma pausa. – Estou aqui colado, é o que se passa.

– Tens a testa colada à janela?

– Tanto quanto me consigo lembrar, acordei pouco depois da uma hora e o cabrão do Coyle está outra vez a borrar-se todo e não dá para dormir quando isso acontece, rapaz.

– Até tremo só de pensar, Orth.

– E é claro que o Coyle nem sequer liga a luz, limita-se a sacar um lençol lavado da pilha por baixo do beliche e volta logo a chonar. Só que nesta altura eu já estou completamente acordado e depois não consegui apagar outra vez.

– Não conseguiste adormecer outra vez.

– Há qualquer coisa muito errada, podes crer – disse «Escuridão».

– Nervos antes do torneio de exibição? É o WhataBurger que está aí à porta? Sentes que estás a começar a subir de nível, a começar a jogar como esperavas um dia vir a jogar quando chegaste cá, e parte de ti não acredita nisso, parece-te

errado. Eu também passei por isso. Acredita, consigo compr...

Stice tentou automaticamente abanar a cabeça e, a seguir, soltou um gritinho de dor.

– Não é isso. Não é nada disso. É uma porra de uma história comprida. Nem sequer tenho a certeza se ia querer que alguém acreditasse nela. Mas esquece essa parte. A questão é que estou na cama, estou lá deitado, todo suado, cheio de calor e nervoso. Levanto-me, pego numa cadeira e levo-a para aqui, para me sentar num sítio fresco.

– E onde não tens de ficar estendido a contemplar o lençol do Coyle a apodrecer lentamente por baixo do beliche dele – acrescentei eu com um arrepiozinho.

– E está precisamente a começar a nevar. É praí uma hora. Achei que me podia simplesmente sentar ali e ficar a ver a neve um bocadinho, instalar-me ali e depois ir dormir um pouco para a Sala de Visionamento.

Voltou a coçar a nuca, com o couro cabeludo a ficar cada vez mais vermelho.

– E quando te puseste a olhar, encostaste a cabeça pensativamente ao vidro da janela só por um segundo.

– E já não me consegui mexer mais. Esqueci-me que tinha a testa toda suada. Pumba. Lixei-me a mim mesmo. Foi como quando o Rader e os outros convenceram o Ingersoll a tocar com a língua no poste daquela rede no último Ano Novo, lembras-te? Estou aqui coladinho como essa língua, Hal. E a zona que está colada é bem maior do que a do Ingersoll, caraças. Ele só ficou sem aquele pedacinho da ponta. Inc, eu tentei descolar a testa por volta das duas e meia e ouvi a porra de um... *som*. Um som e a sensação de que a primeira coisa a ceder ia ser a pele, de certeza. Completamente coladinho. E eu não gostava de dizer adeus a tanta pele, amiguinho.

Estava pouco mais do que a sussurrar.

– Jesus, e tens estado aqui sentado este tempo todo.

– Bem, porra, fiquei cheio de vergonha. E a coisa nunca chegou a um ponto em que eu tivesse de berrar. Estava sempre a pensar que se piorasse um bocadinho me punha a berrar. E depois, por volta das três horas, deixei de sentir a testa completamente.

– E tens estado aqui sentado à espera que alguém apareça. A entoar uns cânticos baixinho para não perderes a coragem.

– Pus-me a rezar comó caraças para que não aparecesse o Pemulis. Só Deus sabe o que é que aquele filho da puta se ia lembrar de me fazer se me apanhasse aqui completamente indefeso e imobilizado. E o Troeltsch está para ali a bezerrar atrás daquela porta, com a porra do microfone, do cabo e das ambições dele. Tenho estado a rezar para que ele não acorde. E não *mencionemos* sequer o filho da puta do Freer.

Olhei para a porta.

– Mas aquilo é o quarto do Axhandle. Porque é que o Troeltsch havia de estar a dormir no quarto do Axhandle?

Ortho encolheu os ombros.

– Acredita em mim, Inc, já estou aqui há tempo mais do que suficiente para poder ouvir e identificar os roncos das várias pessoas.

Os meus olhos saltitaram de Stice para a porta de Axford e depois outra vez para ele.

– Então tens estado simplesmente aqui a ouvir os barulhos que as pessoas fazem a dormir e a olhar para a tua respiração a estender-se e a congelar na janela? – perguntei.

Só imaginá-lo já era de certa forma insuportável: eu ali sentado, colado, muito antes do amanhecer, sozinho, demasiado envergonhado para chamar alguém, com a minha respiração a sujar a janela e a negar-me sequer uma vista para onde pudesse olhar e desviar a atenção daquele horror. Fiquei ali parado, horrorizado, a admirar a calma corajosa do «Escuridão».

– Tive uma espécie de meia hora bem lixada em que também fiquei com o lábio superior colado, com a respiração, quando a respiração congelou. Mas pus-me a respirar até soltar o sacana. Soltei uns bafos bem quentes e rápidos. Quase que hiperventilei, poça. Tive medo de desmaiar e de me deixar cair para a frente e ficar com a cara toda colada. O raio da testa já é suficientemente mau.

Pousei a escova de dentes e o copo da NASA na escora saliente do módulo da conduta de ventilação. As condutas dos quartos eram embutidas e as dos corredores, salientes. O sistema de aquecimento anelar da ATE emitia um zumbido lubrificado que, na realidade, eu já tinha deixado de ouvir há vários anos. A residência do reitor ainda tinha aquecimento a óleo; parecia sempre que estava um maníaco qualquer a martelar nos canos lá em baixo.

– «Escuro», prepara-te mentalmente – disse eu. – Vou ajudar-te a soltares-te.

Stice não pareceu ouvir-me. Parecia estranhamente absorto para um homem oclusivamente colado a uma janela congelada. Estava a apalpar a nuca com imenso vigor, que era o que fazia quando estava absorto.

– Acreditas em merda, Hal?

– Merdas?

– Não sei. Merdas de putos. *Telecinipção*[*2]. Fantasmas. Merdas paranormais.

– Vou só pôr-me atrás de ti para te puxar e vamos arrancar-te daí sem problemas – disse eu.

– É que houve alguém que apareceu aqui antes – disse ele. – Esteve alguém parado aí atrás, talvez há uma hora. Mas limitou-se a ficar aí parado. E depois foi-se embora. Ele ou... aquilo.

Um arrepio no corpo inteiro.

– Vai ser como arrancar o último bocadinho de adesivo do tornozelo. Vamos puxar-te com tanta força e tão depressa que não vais sentir nada.

– Estou a ter umas recordações mesmo desagradáveis daquele pedacinho de língua do Ingersoll colado ao poste da rede do Campo Nove e que ficou lá até à primavera.

– Isto aqui não se trata de saliva e de metal a temperaturas abaixo de zero, «Escuro». Isto é uma espécie de selo oclusivo e esquisito. O vidro não é um condutor de calor como o metal.

– Mas olha que não há grande porra de calor aqui nesta janela, amiguinho.

– E não estou bem a ver o que é que queres dizer com *paranormal*. Eu acreditava em vampiros quando era pequeno. Supostamente, Ele Mesmo via às vezes o fantasma do pai em escadas, mas a verdade é que, lá mais para o fim, também via viúvas-negras no cabelo e dizia que eu às vezes não falava quando estava mesmo ali a falar com ele. Por isso, não demos lá grande importância a todas essas cenas. Orth, acho que não sei bem o que pensar em relação a merdas paranormais.

– E, além disso, acho que me mordeu qualquer coisa. Aqui na nuca, um bicharoco qualquer que sabia que eu estava indefeso e não podia ver.

Stice voltou a coçar energicamente a zona vermelha atrás da orelha. Havia ali um alto, uma espécie de marca de ferida. Mas não era em nenhuma zona do pescoço que pudesse ter que ver com vampiros.

– E o bom do velho Mario diz que já viu figuras paranormais e não está a

brincar, o Mario nunca mente – disse eu. – Por isso, em termos de crenças, não sei o que pensar. As partículas minúsculas, tipo *quarks*, comportam-se de forma fantasmagórica. Acho que prefiro não fazer juízos prévios em relação a esse assunto.

– Pois então muito bem. Ainda bem que foste tu que passaste por aqui.

– O mais importante é descontraíres o pescocinho, «Escuro», para não haver nenhum traumatismo cervical. Vamos arrancar-te daí como a uma rolha de uma garrafa de *Moët*.

– Saca-me daqui, Inc, e este desgraçado que aqui está vai mostrar-te umas merdas para-anormais que te vão deixar mesmo de cara à banda – disse Stice, retesando-se todo. – Nã falei a mais ninguém, só ao Lyle, e estou farto deste secretismo. Eu sei que tu não vais pré-formular nenhum juízo, Inc.

– Vai correr tudo bem – respondi.

Pus-me atrás de Stice, inclinei-me ligeiramente para a frente e enfiei o braço por baixo do peito dele. A cadeira de madeira rangeu quando apoiei o joelho nela. Stice começou a respirar mais depressa e com força. Os seus papos, que mais pareciam de papeira, ondularam um bocadinho com a respiração. Tínhamos as bochechas praticamente encostadas uma à outra. Disse-lhe que ia contar até três e depois puxar. Mas só contei até dois e puxei logo, para o apanhar descontraído. Puxei com todas as minhas forças e, depois de uma curta resistência, Stice também puxou.

Ouviu-se um som horrível. A pele da testa estirou-se quando puxámos a cabeça para trás com toda a força. Estirou-se toda, até uma espécie de saliência de pele de testa, de meio metro, ficar esticada entre a cabeça e a janela. O som parecia um elástico do inferno. Stice continuava com a derme da testa bem colada, mas a abundante carne descaída da sua cara de buldogue tinha subido, juntando-se para se esticar também e ligar-lhe a cabeça à janela. E, por um segundo, vi o que se poderia considerar a cara verdadeira de Stice, as feições que ele teria se não estivessem fechadas na carne das suas bochechas campesinas descaídas: quando todos os milímetros de carne extra se juntaram à testa e esticaram, tive um vislumbre do aspeto que Stice teria depois de um *lifting* radical: uma cara estreita, de feições delicadas e lembrando vagamente um roedor, iluminado por uma espécie de revelação, espreitava pela janela, por baixo da viseira rosada de pele esticada.

Tudo isto demorou menos de um segundo. Durante um simples instante, ficámos os dois ali, a fazer força para trás e a ouvir o barulhinho, parecido com *Rice Krispies*, dos nódulos de colagénio da pele dele a esticarem-se e a estalarem. A cadeira estava toda inclinada para trás, apoiada nas pernas traseiras. Foi então que Stice guinchou de dor:

– Ó, meu Deus, *larga-me*!

Os olhos azuis da segunda carinha saltaram como olhos de desenhos animados. A segunda boquinha, delicada e de lábios finos, transformou-se num círculo de dor e medo.

– Larga-me, larga-me, larga-me! – berrou Stice.

Mas eu não podia largá-lo simplesmente, com medo de que a força elástica do esticão atirasse Stice contra a janela e fizesse a cabeça dele enfiar-se no vidro. Soltei-o aos poucos, observando as pernas da cadeira descerem até tocarem novamente no chão; a tensão na pele da testa diminuiu, toda a cara redonda e carnuda de Stice reapareceu sobre a segunda carinha, tapando-a, e soltámo-lo lentamente, até os únicos vestígios do esticão horrendo serem apenas uns poucos centímetros de pele de testa descolagenada, pendurados e a abanarem ao nível das pestanas.

– Meu Deus! – arfou Sice.

– Estás mesmo todo coladinho, Ortho.

– Foda-se, esta merda doeu *comó caraças*!

Tentei rodar o ombro para o descontrair.

– Vamos ter de descongelar isso, «Escuro».

– Ninguém se vai aproximar desta testazinha com nenhuma serra[*3], amigo. Mais depressa fico aqui sentadinho até à primavera, experimentem só.

Foi então que surgiu o imponente remoinho de cabelo matinal de Jim Troeltsch, e depois a cara e o punho, à porta do quarto de Axford, logo acima do ombro curvado de Stice. Stice tinha razão. Estar no quarto de outra pessoa depois de as luzes estarem apagadas já era uma infração; passar lá a noite era uma coisa tão descabelada que nem sequer vinha mencionada nos regulamentos.

– O nosso Centro de Notícias ao Vivo e em Direto recebeu informações sobre gritos – disse Troeltsch para o punho.

– Baza daqui, Troeltsch – disse Stice.

– *Descongelar,* Ortho. Água aquecida. Aquecer a janela. Água quente.

Dissolver a aderência. Um pacho aquecido. Uma embalagem do gabinete do Loach ou qualquer coisa do género.

– Não dá para entrar no gabinete do Loach sem fazer barulho – respondeu Stice. – Não o acordem já no dia do torneio de exibição.

Troeltsch esticou o punho.

– Informações sobre gritos estridentes levaram este repórter ao cenário de uma crise dramática a desenrolar-se neste momento e vamos tentar falar com o jovem que se encontra no centro de toda esta agitação.

– Diz-lhe para ele calar a boca e afastar essa mão ou juro por Deus, Hal, que...

– O «Escuridão» encostou-se sem querer à janela quando tinha a testa molhada, ficou com ela congelada e passou aqui a noite inteira, colado – expliquei a Troeltsch, ignorando o punho grande que ele tinha espetado à frente da minha cara. Apertei o ombro de Stice. – Vou buscar o Brandt para aquecer qualquer coisa.

Era como se se tivesse chegado a um acordo tácito para nem sequer se mencionar o facto de Troeltsch estar no quarto de Axford ou perguntar onde este estava. Era difícil saber o que seria mais perturbante, Axford ter passado a noite toda fora do quarto ou Axford estar ali dentro, atrás da porta entreaberta, o que significaria que Troeltsch e Axford haviam passado a noite no mesmo quartinho individual, que só tinha uma cama. O universo parecia ter-se alinhado para que o simples reconhecimento desse facto fosse uma violação de uma lei tácita qualquer. Troeltsch parecia a leste de qualquer aparência de impropriedade ou de possibilidades impensáveis. Era difícil imaginá-lo a ser tão irritante se achasse que havia de ser discreto em relação a alguma coisa. Tinha-se posto em bicos de pés para poder ver por cima da marca da respiração na janela, com uma mão, em concha, sobre a orelha como se estivesse a segurar um auscultador. Assobiou baixinho.

– E também estão a chegar ao Centro de Notícias informações de um nevão impressionante.

Tirei a escova de dentes e o copo da NASA de cima da saliência da conduta de ventilação; desde o golpe do Betel[352], só um verdadeiro ingénuo deixa a escova de dentes desprotegida na ATE.

– Jim, és capaz de ficar de olho no Stice e no meu copo da NASA, se fazes favor?

– Mr. Stice, quer fazer algum comentário sobre a mistura de dor, frio, vergonha e sensações relacionadas com a temperatura que deve estar a sentir?

– Hal, não me deixes aqui imobilizado com o Troeltsch, pá. Vai obrigar-me a falar com a mão dele.

– Um drama meteorológico está a desenrolar-se em torno do sofrimento inicial de um homem envergonhado a que a própria testa pregou uma armadilha.

Troeltsch está a falar para o punho, de frente para o seu reflexo na janela e a tentar, com a outra mão grande, alisar o remoinho enquanto eu avançava a passo rápido, de meias, parando já depois da porta que dava para as escadas.

Kenkle e Brandt não tinham idade definida, devido àquele aspeto ressequido característico dos contínuos, algures entre os trinta e cinco e os sessenta anos. Eram inseparáveis e basicamente ninguém lhes daria trabalho noutro sítio. Há vários anos, o tédio tinha-nos levado a abrir os ficheiros de funcionários de Lateral Alice Moore, protegidos por criptografia pouco elaborada, e o de Brandt indicava que o seu QI, segundo o teste de Stanford-Binet, estava entre o Subanormal e o Anormal. Era careca e, sem se perceber muito bem como, demasiado gordo mas, ao mesmo tempo, forte. Tinha, tanto na têmpora direita como na esquerda, cicatrizes cirúrgicas vermelhas e irregulares, de origem desconhecida. A sua amplitude afetiva consistia em sorrisos de diferente intensidade. Vivia com Kenkle numas águas-furtadas, em Roxbury Crossing, com vista para o recreio, fechado e isolado por um cordão policial, do Madison Park High School, famoso cenário de mutilações ritualísticas por resolver, ocorridas no Ano do Frango Maravilha *Perdue*. Para Kenkle, o que o atraía especialmente em Brandt parecia ser o facto de ele não se ir embora nem interromper quando Kenkle estava a falar. Mesmo ali na escada, conseguia ouvir Kenkle a discorrer sobre os planos que tinham para o Dia de Ação de Graças e a comandar os movimentos de Brandt com a esfregona. Tecnicamente, Kenkle era negro, ou seja, negroide, embora a cor dele fosse mais parecida com o tom de ocre queimado de uma abóbora estragada. Mas tinha cabelo de negro e usava tranças grossas que lembravam uma coroa de charutos húmidos. Um verdadeiro diamante académico numa zona perigosíssima como Roxbury Crossing, tinha-se doutorado em Física de Baixa Temperatura, na U.Mass., com vinte e um anos, e aceitado uma sinecura prestigiante no Laboratório de Investigação Naval da Marinha dos Estados Unidos, mas depois, aos vinte e três anos, foi levado a

tribunal militar e expulso do LIN por infrações que mudavam sempre que alguém lhe perguntava. Aparentemente, alguma coisa que lhe aconteceu entre os vinte e um e os vinte e três anos quebrou-o em vários pontos estratégicos, e ele tinha batido em retirada de Bethesda e regressado ao seu velho prédio de apartamentos, em Roxbury Crossing, onde lia livros sobre o bahaísmo, com sobrecapas que forrava com páginas de jornal intricadamente dobradas, e cuspia parábolas de expetoração tremente para a Rua New Dudley. Tinha sardas escuras, era carbunculoso e sofria de expetoração em excesso. Cuspia fantasticamente e afirmava que os incisivos que lhe faltavam tinham sido tirados «para facilitar o processo de expetoração». Suspeitávamos todos que ele era hipomaníaco ou viciado em ‘drinas ou então as duas coisas. Tinha sempre uma expressão muito séria. Discorria sem parar para o pobre Brandt, servindo-se do cuspo como uma espécie de conjunção entre orações. Falava alto porque usavam ambos tampões, de espuma extensível, nos ouvidos – os gritos que as pessoas davam quando tinham pesadelos punham-lhes os cabelos em pé. A técnica de limpeza deles funcionava assim: Kenkle cuspia, com precisão exata, para a superfície que Brandt devia limpar a seguir e Brandt ia, a passo rápido e como um bom cão de caça, de cuspo em cuspo, escutando e sorrindo, rindo quando achava apropriado. Estavam a afastar-se de mim, avançando pelo corredor em direção à janela leste do segundo andar, com Brandt a fazer grandes arcos brilhantes com a esfregona e Kenkle a arrastar o balde cinzento-metálico e a cuspir expetoração com significado por cima das costas curvadas de Brandt.

– E depois a quadra festiva, Brandt, meu amigo Brandt, o Natal, a manhã de Natal. Para uma criança, qual é a essência da manhã de Natal se não a contemporaneidade infantil da interação venérea? Um presente, Brandt. Uma coisa que não conquistámos e que antes disso não tínhamos está agora na nossa posse. És capaz de ficar aí especado e tentar dizer-me que não há nenhuma relação simbólica entre desembrulhar um presente de Natal e despir uma rapariga?

Brandt balançava a cabeça e esfregava o chão, sem saber se devia rir.

Ele Mesmo tinha conhecido Kenkle e Brandt no metro (pelos vistos, Kenkle e Brandt andavam de metro à noite, por recreação), a tentar, não se percebendo bem como, chegar a Enfield, vindo de Back Bay, apanhando a Linha Laranja[353], e em bastante mau estado. Kenkle e Brandt não só puseram Ele Mesmo num

metro da cor certa, segurando-o entre eles durante toda a eternidade da viagem pela Av. Comm., como o tinham feito descer em segurança as íngremes escadas de ferro da estação de metro, atravessar a rua no meio do trânsito e subir o tortuoso caminho de entrada até à grade da ATE, e Ele Mesmo tinha-os convidado a entrar, às 02h00, para continuar a discussão sobre baixa temperatura que ele e Kenkle estavam a ter enquanto Brandt carregava Ele Mesmo ao ombro, encosta acima (Kenkle lembra-se de que a discussão dessa noite era sobre o facto de o nariz humano ser um órgão eréctil, mas a única coisa de que se pode ter a certeza é que tinha sido um unilateral); e o duo acabou por ser escolhido para fazer de empregados, vestidos com véus negros ao estilo do teatro nô, na *Cerimónia do Chá em Gravidade Zero* de Ele Mesmo e começado a trabalhar na ATE desde então, mas sempre no turno da noite, já que o senhor Harde detestava Kenkle fervorosamente.

Kenkle escarrou e acertou numa pequena tira de pó, entre o rodapé e o chão, que tinha escapado ao arco da esfregona.

– Porque eu sou um missionário, Brandt, é isso que eu sou, Brandt, que é como quem diz, deem-me a básica interação venérea de missionário ou não me deem nada, nicles. Percebes o que é que eu quero dizer? Dá-me a tua opinião sobre as posições alternativas, Brandt. Para mim, pelo menos no que me toca, digo não e não à penetração por trás, que se calhar também já ouviste chamar interação à canzana ou canina, bastante popular em cabanas, cartuchos porno ou gravuras tântricas. Brandt, é animalesco. Porquê? Porquê, perguntas tu? Brandt, é uma forma de interação *curvada*. Ela está curvada, nós curvamo-nos por cima dela. É demasiada coisa curvada, na minha maneira de...

Foi Brandt que me ouviu aparecer por trás deles, a tentar que as minhas meias tocassem apenas nas partes mais secas. Quase escorreguei duas vezes. Pela janela leste, vi que continuava a nevar intensamente.

– Sou o Otto Brandt! – gritou-me Brandt, estendendo a mão, apesar de eu ainda estar a vários metros dele.

As tranças de Krenkle apareciam por baixo de um boné de xadrez. Virou-se ao mesmo tempo que Brandt e levantou a mão, ao estilo índio, para me cumprimentar.

– O bom príncipe Hal. Já de pé e vestido tão cedinho.

– Deixe que me apresente – disse Brandt.

Apertei-lhe a mão.

– De meias e com a escova de dentes. O príncipe anglo-saxão da ATE, Brandt, que aposto que raramente se curva.

– O «Escuridão» precisa que vão já lá acima – disse eu, a tentar secar uma meia na perna das calças. – O «Escuro» tem a cara colada à janela, está cheio de dores horríveis e não conseguimos arrancá-lo de lá, vai ser preciso água quente, mas não muito quente.

Apontei para o balde aos pés de Kenkle. Reparei que os sapatos de Kenkle não eram iguais.

– Então, se é que podemos perguntar, o que é que é assim tão divertido? – inquiriu Kenkle.

– Chamo-me Brandt e é um prazer conhecê-lo – disse Brandt, outra vez de mão estendida. Largou a esfregona no sítio para onde Kenkle estava a apontar.

– O Troeltsch está lá com ele agora, mas a coisa é bastante grave – disse eu, apertando novamente a mão de Brandt.

– Estamos a caminho – respondeu Kenkle –, mas porquê essa alegria toda?

– Qual alegria?

Os olhos de Kenkle saltitaram de mim para Brandt e depois outra vez para mim.

– Qual alegria, pergunta ele. A tua cara é uma cara de alegria. Está a mexer-se com alegria. Primeiro, parecia só divertida. Mas agora está a completamente a casquinar. Estás quase a desmanchar-te a rir. Mal consegues falar. Só te falta dar palmadas nos joelhos. *Essa* alegria, bom príncipe anglo-saxão Hal. Pensava que vocês, jogadores, eram todos amigalhaços na vida civil.

Brandt sorriu radiosamente ao recuar pelo corredor. Kenkle puxou o boné de xadrez para trás para coçar uma espécie de erupção cutânea junto à raiz do cabelo. Ergui-me a toda a altura e pus conscientemente uma cara muitíssimo sombria.

– Então e agora?

Brandt destrancou a arrecadação. Ouviu-se o som de um balde de metal a encher-se de água saída da torneira industrial da arrecadação.

Kenkle voltou a puxar o boné para a frente e semicerrou os olhos na minha direção. Aproximou-se. Tinha as pestanas cheias de pequenas ramelas amarelas e secas. Havia quistos faciais, parecidos com os de Struck, em várias fases de

desenvolvimento. O hálito de Kenkle cheirava sempre vagamente a salada de ovo. Apalpou a boca, sondando-a por um instante, e disse:

– Agora, está algures entre o divertida e o histérica. Risonha, talvez. Os olhos franzidos. As covinhas do riso. As gengivas à vista. Também podemos perguntar a opinião ao Brandt, se...

Mesmo por cima de nós, ouviu-se um «GYAAAAAAA» de Stice que até abanou o teto. Eu estava a apalpar a cara. Abriram-se algumas portas ao longo do corredor, com cabeças a espreitarem cá para fora. Brandt levava um balde de metal completamente cheio e estava a tentar ir a correr para as escadas, com o peso do balde a inclinar-lhe o ombro e a encher o chão limpo de água a ferver. Parou, já com a mão encostada à porta que dava para as escadas, e olhou para nós por cima do ombro, hesitando prosseguir sem Kenkle.

– A minha escolha vai para o *risonha* – decretou Kenkle, apertando-me o ombro ligeiramente ao passar.

Ouviu-o dizer várias coisas às cabeças que se sucediam à entrada dos quartos por todo o corredor.

– Jesus! – exclamei.

Com ou sem meias, avancei à mesma para a zona realmente molhada por onde a esfregona tinha passado e tentei perceber qual era a minha expressão no reflexo da janela leste. Mas agora já estava demasiado claro lá fora, por causa daquela neve toda. Eu tinha um aspeto superficial e esbatido, indeciso e fantasmagórico com todo aquele branco resplandecente em fundo.

TRANSCRIÇÃO PARCIAL DA REUNIÃO, ADIADA PELAS CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS, ENTRE:
(1) O SENHOR RODNEY TINE SR., DIRETOR DOS SERVIÇOS NÃO ESPECIFICADOS & ASSESSOR DA CASA BRANCA PARA AS RELAÇÕES INTERDEPENDENTES; (2) A MENINA MAUREEN HOOLEY, VICE-PRESIDENTE PARA A ÁREA DO ENTRETENIMENTO INFANTIL, DA INTERLACE TELENTERTAINMENT, INC.; (3) O SENHOR CARL E. («BUSTER») YEE, DIRETOR DE *MARKETING* E PERCEÇÃO DO PRODUTO, DA COMPANHIA DE RECIPIENTES DE PLÁSTICO FLÁCIDO *GLAD*; (4) O SENHOR R. TINE JR., COORDENADOR REGIONAL ADJUNTO, DO DEPARTAMENTO DOS SERVIÇOS NÃO ESPECIFICADOS; E (5) O SENHOR P. TOM VEALS, DA VINEY AND VEALS ADVERTISING, UNLTD.
OITAVO ANDAR DO ANEXO DO CAPITÓLIO, MASSACHUSETTS, EUA
20 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

Senhor Tine Sr.: Tom. Buster. Mo.
Senhor Veals: R., o D.
Senhor Yee: Rod.

Senhor Tine Sr.: Pessoal.

Senhor Tine Jr.: Boa tarde, senhor diretor!

Senhor Tine Sr.: Mmmph.

Menina Hooley: Ainda bem que conseguiste finalmente cá chegar, Rod. Deixa-me dizer-te que, pela nossa parte, estamos todos extremamente entusiasmados.

Senhor Tine Sr: Nunca vira um nevão destes. Já tinham visto alguma vez um nevão que se aproximasse sequer remotamente de uma coisa destas?

Senhor Veals: Cidade de merda.

Senhor Yee: Aquilo lá fora parece outra dimensão. Tem mais que ver com uma dimensão própria do que com condições atmosféricas.

Alguém: [O som de um sapato a esmagar alguma coisa debaixo da mesa.]

Senhor Yee: Com as suas próprias regras e leis. Imponente. Aterradora.

Senhor Veals: Fria. Molhada. Espessa. Escorregadia. É mais isso.

Senhor Tine Jr.: [Batendo com a ponta de uma régua no tampo da mesa.] A limusina que os trouxe de Logan deu uma volta de cento e oitenta graus na Storrow. O senhor Yee estava ainda agora a contar...

Senhor Tine Sr.: [Batendo com um ponteiro extensível de meteorologista no rebordo do tampo da mesa.] Então digam lá quais é que são os factos. A informação privilegiada. Do que é que estamos a falar.

Menina Hooley: O *spot* está pronto para ser apresentado. Precisamos da tua autorização. Vim de Phoenix, via Nova Nova Iorque.

Senhor Yee: E eu do Ohio. Trouxeram-me a mim e aqui à Mo de helicóptero desde Nova Nova Iorque.

Menina Hooley: O original do *spot* está em fase de pós-produção, no laboratório da V&V. Está tudo pronto tirando uns problemazinhos finais com a sobreposição de imagens.

Senhor Veals: A Maureen diz que precisamos que tu e o Buster deem autorização para disseminarmos.

Menina Hooley: Se tu e aqui o patrocinador oficial derem autorização, podemos ter um produto pronto para ser disseminado no final do fim de semana.

Senhor Veals: [Espirra.] Partindo do princípio que este nevão de merda não nos corta a eletricidade.

Senhor Tine Sr.: [Fazendo sinal, com o ponteiro de meteorologista, ao estenógrafo para transcrever tudo palavra por palavra.] Já o viste, Buster?

Senhor Yee: Negativo, Rod. Acabei de chegar e vim para aqui com o resto do pessoal. O Kennedy está completamente entupido. A Mo teve de alugar um helicóptero. E eu aqui estou sentado, todo contente.

Senhor Tine Jr.: [Batendo com a ponta da régua no tampo da mesa.] E como é que correu a viagem para aqui, senhor diretor, se posso perguntar?

Senhor Tine Sr.: A montanha vem a Maomé, não é, Tom?

Senhor Veals: E como é que eu só tive de fazer dois quilómetros para chegar cá e sou o único com uma constipação de merda?

Senhor Tine Jr.: Eu também estava aqui em Boston.

Senhor Veals: [A verificar as ligações do leitor digital *Infernatron 210-Y* com monitor.] Podemos começar?

Senhor Tine Sr.: *Okay*, para que fique registado. Mo. Demografia do público-alvo?

Menina Hooley: Dos seis aos dez anos de idade, com eficácia marginalmente reduzida dos quatro aos seis e dos dez aos treze. Digamos que o público-alvo vai dos quatro aos

doze anos, é branco, de língua nativa inglesa, rendimento médio e superior, capacidade na Escala de Abstração Kruger de três ou superior. [Consulta os apontamentos.] Tempo de atenção de dezasseis segundos, em termos de anúncios, com uma queda geométrica a partir dos treze.

Senhor Tine Sr.: Duração do *spot*?

Menina Hooley: Trinta segundos, com uma imagem traumatizante aos catorze.

Senhor Veals: [Cospe expetoração.]

Senhor Yee: Veículo de inserção proposto, Mo?

Menina Hooley: O *Programa do Senhor Bouncety-Bounce,* disseminação espontânea de segunda a sexta-feira, às 16h00. Às 15h00, no Centro e na montanha. A nata da nata. *Share* de oitenta e dois por cento em termos de receções espontâneas nesse horário.

Senhor Yee: E temos alguns dados que nos indiquem qual é a percentagem do visionamento total que corresponde à disseminação espontânea, por oposição aos cartuchos gravados?

Menina Hooley: Era de quarenta e sete, com margem de erro de um ou dois por cento, no Ano dois mil e sete do *Yushityu*. Foi o último ano em que os dados foram confirmados.

Senhor Tine Sr.: Então, digamos, à volta de quarenta por cento do visionamento total nesse horário.

Senhor Yee: Mais coisa menos coisa. Impressionante.

Senhor Tine Sr.: Então certo, certo, certo. Já temos custos brutos?

Senhor Yee: A produção ficou em pouco mais de meio milhão. A pós-produção...

Senhor Veals: Uma ninharia. Cento e cinquenta milenas antes da sobreposição de imagens.

Senhor Yee: Posso acrescentar que o Tom não vai pedir nada pela parte dele na produção.

Senhor Veals: Então estão todos prontos para ver isto ou quê?

Menina Hooley: Como o *Senhor B-B* é, por contrato, um veículo para *spots* que não sejam de serviço público, os custos de disseminação vão ficar em cento e oitenta milenas por cada passagem.

Senhor Yee: Que continuamos a dizer que nos parece um bocadinho puxado.

Senhor Tine Jr.: O próximo ano vai ser o Ano de *Glad*, Buster. Vocês queriam esse ano. Querem que o Ano de *Glad* seja o ano em que metade do país passou a não fazer mais nada a não ser ficar a olhar de olhos esbugalhados para um cartucho sinistro, com espiraizinhas a girarem nos olhos das pessoas até elas morrerem de fome, no meio do seu próprio excre...?

Senhor Tine Sr.: Cala a boca, Rodney. E para de bater com a régua. Tenho a certeza de que o Buster tem noção dos incríveis ganhos intangíveis que ainda agora estão a crescer com o patrocínio orgulhoso dado pela companhia aos *spots* de serviço público provavelmente mais importantes de sempre, tendo em conta a ameaça potencial em causa.

Senhor Veals: [Espirra duas vezes, numa sucessão abrupta.] [Comentário ininteligível.]

Senhor Tine Sr.: [Bate com o ponteiro extensível de meteorologista no rebordo do tampo da mesa.] Então muito bem. Passemos ao *spot* propriamente dito. A cena que vai servir de porta-voz/ícone. Ainda é o *Kleenex* cantor?

Senhor Yee: O, como é que era o nome dele, Frankie, «o Lencinho Não Obrigadinho», que alertava as crianças para dizerem «Não, Obrigadinho» aos cartuchos sem identificação ou suspeitos?

Menina Hooley: [Aclara a garganta.] Tom?

Senhor Tine Jr.: [Bate com a régua no rebordo do tampo da mesa.]

Senhor Veals: [Cospe.] Não. Tivemos de nos desfazer do *Kleenex* dançante depois de analisarmos os dados dos testes aos grupos de amostra. Vários problemas. A expressão em si, «Não, Obrigadinho», foi considerada arcaica. Foleira. De adulto rabugento. Demasiado à Nova Inglaterra ou coisa que o valha. Evocava imagens de um velho de fato-macaco e com a cara curtida pelo sol. Desviava a atenção daquilo a que eles supostamente deviam dizer «Não, Obrigado». Para além disso, os dados relacionados com o reconhecimento da expressão estavam muito abaixo dos parâmetros mínimos para um slôgane.

Menina Hooley: Problemas com o ícone propriamente dito.

Senhor Veals: [Assoando o nariz, uma narina de cada vez.] Os miúdos detestaram o Frankie, «o Lencinho». Estamos a falar de níveis que não deixavam espaço a ambivalências. Basicamente, associaram o lencinho a ranho. A palavra *burrié* não parou de aparecer. E a cantoria também não ajudou.

Menina Hooley: E é por isso que, neste caso, devemos dar graças a Deus por existirem os testes aos grupos de amostra.

Senhor Yee: Este negócio faz-nos velhos.

Senhor Veals: Tivemos de voltar atrás e recomeçar do zero.

Senhor Yee: Mais ninguém sente este cheiro esquisito a citrinos e a flores?

Menina Hooley: Os rapazes do Tom têm andado a trabalhar dia e noite durante toda a semana. Estamos extremamente entusiasmados com o resultado.

Senhor Veals: O *spot* já pode ser apresentado mas ainda é uma coisa em bruto. Ainda não está exatamente no ponto. As primeiras imagens digitais do Phil tinham um vírus.

Senhor Tine Jr.: Phil?

Senhor Veals: Um vírus pequeno, mas lixado. Resíduos de um turbovírus no codificador gráfico. A cabeça do Phil estava sempre a soltar-se e a ir parar ao canto superior direito. Não era de todo um efeito simpático, tendo em conta a mensagem que queremos passar.

Senhor Yee: Género flores de laranjeira, mas com uma espécie de doçura agoniante.

Menina Hooley: Oh, meu Deus.

Senhor Veals: [Espirra.] E eliminar o vírus atrasou-nos em relação a algumas fontes, por isso vão ter de puxar um pouco pela imaginação. Já fizeram o *download* necessário para a sobreposição de imagens esquemática nesta unidade 210?

Senhor Tine Jr.: Peço desculpa. Phil?

Senhor Veals: Apresento-vos o Phil «superfuncional», o jumento das cabriolices.

Menina Hooley: É mais uma mula, um burro. Um burro.

Senhor Tine Jr: [A bater com a régua furiosamente.] Um jumento?

Menina Hooley: Os direitos de autor das personagens da família dos cavalos pertencem à ChildSearch. Os tipos têm aqueles *spots* do *Patch, o Pónei Que Diz não aos Desconhecidos».*

Senhor Tine Jr.: Um jumento que faz cabriolices?

Menina Hooley: A perceção de ingenuidade e falta de jeito associada a uma mula como ícone provocou uma espécie de empatia nos grupos de amostra. O Phil não está a ser visto como uma espécie de figura-de-autoridade-castradora-da-alegria. É mais um igual. Por isso, o cartucho que ele alerta os miúdos para não verem não ganha nenhuma daquela promoção género fruto proibido que uma coisa recebe quando uma figura de autoridade alerta para que não a vejam.

Senhor Veals: Para além disso, o mercado dos putos é o raio de um filme de terror. Já foram comprados os direitos de autor para praticamente todas as espécies. O Garfield. O

McGruff, o raio do cão anticrime. O *Toucan Sam*. A ave de rapina da ONAN. E é melhor nem começarmos a falar dos ursos ou dos coelhinhos. Basicamente, era um jumento ou então uma barata. Juro por Deus, o mercado dos putos nunca mais. [Espirra.]

Menina Hooley: Assim que escolhemos o burro, o Tom optou por acentuar o fator da falta de jeito/incompetência. Para tornar o ícone quase irónico. Dentes salientes, olhos vesgos...

Senhor Veals: Extravagantemente vesgos. Como se tivesse acabado de levar com uma meia cheia de moedas. O nível de reação aos olhos foi estratosférico.

Menina Hooley: Orelhas que não são capazes de se espetar. As pernas parecem de borracha e estão sempre a ficar presas uma na outra quando ele se põe a tentar fazer cabriolices.

Senhor Veals: Mas nem por isso deixa de as fazer.

Senhor Yee: Mas com certeza que ele não se apresenta como um jumento. Com certeza que não se põe a fazer a cabriolices e a dizer: «Acreditem em mim, um jumento»

Senhor Veals: Um jumento *superfuncional*.

Menina Hooley: O Tom foi bastante engenhoso a puxar pelo fator da funcionalidade. A energia e o entusiasmo contra o fator da passividade. Nunca é só o Phil. É o Phil «Superfuncional». É um híbrido de várias atividades próprias dos putos – escola, jogos, interação ao telecomputador, cabriolices. O Tom já tem vários *storyboards* preparados em que o Phil aparece numa série de aventurazinhas de trinta segundos cheias de atividades. É um pateta, uma criança icónica, mas é *ativo*. Representa a atração da capacidade, da ação, da escolha. Ao contrário do adulto em versão animada que aparece no *spot* e que vemos numa cadeira reclinável, a ver ostensivamente o cartucho canadiano, com espiraizinhas a girarem-lhe nos olhos sem parar, ao mesmo tempo que o corpo dele se derrete e a cabeça começa a crescer e a alargar até que a imagem do adulto passivo que vê o cartucho já é só uma cabeça gigante na cadeira reclinável, com barba de fim do dia e os globos oculares enormes e a rodopiarem.

Senhor Tine Jr.: [Bate com a régua no rebordo do tampo da mesa.]

Senhor Veals: Vamos mas é mostrar-lhes essa coisa, Mo.

Senhor Tine Sr.: Devo dizer que prevejo problemas a tentar convencer um certo comandante-chefe de que um jumento que faz cabriolices é uma melhoria em relação a um *Kleenex* cantor.

Menina Hooley: A mensagem do Phil é que nem todos os cartuchos de entretenimento que por aí andam são necessariamente um produto de confiança, seguro e pré-aprovado da InterLace Entertainment. Diz que, durante as suas atividades diárias superfuncionais e cheias de diversão, soube da existência de um certo cartucho, muito malvado e traiçoeiro, que até tem uma carinha sorridente na caixa e que, quando se começa a vê-lo, parece que vai ser mais divertido do que qualquer coisa que um miúdo possa já ter desejado ao ver uma estrela cadente ou pensado ao apagar as velas do bolo de anos. E num balão de banda desenhada, visível quando as orelhas do Phil descaírem outra vez...

Senhor Veals: [Espirra.] E que é uma imagem que ainda não está completamente sobreposta...

Senhor Tine Sr.: Sabem como ele é em relação aos *Kleenexes*.

Menina Hooley:... vai aparecer uma imagem de uma caixa de cartucho icónica, com um sorriso simpático e bracinhos e perninhas inofensivos e rechonchudos, à *Pillsbury Doughboy*.

Senhor Yee: [Alargando o colarinho.] Mas não os verdadeiros códigos de animação para os membrozinhos icónicos, os direitos de autor pertencem à *Pillsbury*.

Senhor Veals: Calma. É mais uma referência. Uma alusão às coisas roliças e amorosas. Membrozinhos inofensivos e rechonchudos, é isso que queremos.

Senhor Tine Jr.: [Batendo no rebordo do tampo da mesa com a régua.]

Senhor Tine Sr.: [Apontando com o ponteiro de meteorologista para a régua.] Estás quase a ficar sem essa mão, pazinho.

Menina Hooley: [Consultando os apontamentos.] A seguir, o Phil olha para cima e rebenta o balão com uma agulha, explicando que esse cartucho sorridente é um mentiroso, uma coisa malvada, está a mentir, tal como o desconhecido que se debruça para fora do carro e oferece boleia até casa a um miúdo, para ele ir ter com a mamã e o papá, mas que na verdade só quer agarrá-lo, tapar-lhe a boca com a mão suada, trancá-lo no carro e levá-lo consigo para um sítio onde ele nunca mais vai ver a mamã e o papá, ou o senhor Bouncety-Bounce.

Senhor Veals: E é aqui que entra a imagem traumatizante aos catorze segundos, um novo balão, agora com um rebordo escuro, que aparece por cima do Phil e em que os braços e as pernas do cartucho parecem agora os de um trabalhador das docas, moreno e de olhar malicioso, com presas amarelas, unhas compridas, boné de xadrez e fato-macaco, a afastar-se de carro, com um miúdo em versão animada a gritar apavorado, todo esparramado contra o vidro da janela traseira e com espirais a começarem a girar-lhe nos olhos. Esperem só até ver.

Menina Hooley: É uma coisa tão assustadora que chega a ser empolgante.

Senhor Veals: [Espirra duas vezes.] Parece mesmo que saiu da porra de um pesadelo.

Senhor Yee: Urgh. Urgh urgh. Splarg. *Kaa*. [Cai da cadeira.]

Senhor Tine Jr.: Chiça, penico!

Senhor Tine Sr.: Buster? Buster?

Menina Hooley: O senhor Yee é epilético. É um caso grave. Sem tratamento. Já aconteceu duas vezes à vinda para cá, no helicóptero. O stresse ou a vergonha provocam-lhe isso. Ele já vai ficar bom daqui a nada. Ajam só naturalmente quando ele recuperar.

Senhor Yee: [Com os calcanhares a tamborilarem nos azulejos em *terrazzo* do chão do anexo do Capitólio.] Ack. Kaa.

Senhor Tine Sr.: Jesus!

Senhor Tine Jr.: [Batendo com a régua no rebordo do tampo da mesa.] Jesus Cristo, cum catano!

Senhor Tine Sr.: [Levantando-se e apontando com o ponteiro extensível de meteorologista para a régua.] Pronto, já chega, caraças! Dá-me essa coisa. Dá cá.

Senhor Tine Jr.: Mas, senhor diretor...

Senhor Tine Sr.: Já te disse, caraças! Sabes que isso me põe maluco. Devolvo-ta quando terminarmos. Dá-me cabo do juízo. Sempre deu. O que é que se passa contigo e essa régua?

Menina Hooley: Já vai ficar a cem por cento num instantinho. Mas não se vai lembrar do ataque. Não falem disso e pronto. Se falarem, a vergonha que ele vai sentir vai fazer com que tenha outro ataque. Foi por isso que aconteceu duas vezes no helicóptero. Aprendi da pior maneira.

Senhor Yee: Splat. Kak.

Senhor Veals: [Cuspindo.] Por amor de Deus!

Menina Hooley: [Consultando os apontamentos.] Enquanto o cartucho que vai no carro, dentro do balão, se afasta com o miúdo esparramado, o Phil faz umas cabriolicezinhas e avisa que nem sequer sabemos do que é que trata o cartucho a que se deve estar atento.

Avisa que a polícia só sabe que é algo que parece uma coisa que uma pessoa iria querer *mesmo* ver. Diz que tudo o que sabemos é que *parece* mesmo divertido. Mas que, *na realidade,* só nos quer roubar a funcionalidade. Diz que sabemos que é... *canadiano*.

Senhor Veals: Daí o boné de xadrez na imagem traumatizante. Os dados relativos às reações indicam que mais do que setenta por cento do público-alvo do *spot* associa um boné de xadrez com proteção para as orelhas ao Canadá. E o fato-macaco reforça a ideia.

Menina Hooley: A seguir, aos dezanove segundos, o Phil «Superfuncional» faz a sua Dança de Alerta, uma espécie de dança-índia-com-*breakdance* que esperamos que venha a ser popular com os dançarinos mais novos. O cerne da retórica dele é que se deve ser funcional e seguro e nunca deixar de confirmar com a mamã e/ou com o papá antes de se ver *qualquer* entretenimento que nunca se tenha visto. Ou seja, não aceitar nenhuma Disseminação Espontânea nem ver nenhum entretenimento entregue pelo correio sem confirmar primeiro com uma figura de autoridade.

Senhor Tine Jr.: Mas isso dito como se fosse um igual. Do género: «Acho que o melhor é *eu* fazer isto, se quero continuar superfuncional.»

Senhor Yee: [Sentado outra vez na cadeira.] Alguém mencionou os produtos associados como as orelhas caídas e os dentes salientes de plástico.

Senhor Tine Jr.: Jesus, senhor Yee, tem a certeza de que está bem?

Senhor Yee: [Encharcado em suor e a olhar em redor.] Do que é que ele está a falar? Não está a falar de...?

Senhor Tine Sr.: Raios te partam, Rodney.

Senhor Yee: Urgh. Splarg. [Cai da cadeira.]

Menina Hooley: [Aclara a garganta.] E, finalmente, com urgência – posso dizer com urgência?

Senhor Veals: Isto acontece aos 25,35 segundos.

Menina Hooley: Avisa enfaticamente que se virem a mamã e/ou o papá sentados na mesma posição, à frente do monitor lá de casa, durante muito tempo...

Senhor Veals:... Sem falar. Sem responder a estímulos.

Menina Hooley:... ou a agir de alguma maneira que possa ser considerada estranha, perturbada, arrepiante ou assustadora em relação ao entretenimento que está a passar no monitor...

Senhor Veals: Cortámos o *assustadora* no último teste.

Senhor Yee: Sklah. Nnngg.

Menina Hooley:... *nunca* tentarão, como bons miúdos superfuncionais que são, ser eles a fazer os pais saírem dessa apatia, e o Phil «Superfuncional» inclina-se todo para a frente, numa espécie de grande plano filmado com uma lente grande angular, e diz que «*nu-un-un-unca*» seria parvo ao ponto de abancar passivamente, um segundo que fosse, para dar uma olhadela ao que os pais estavam a ver num silêncio absoluto, tão absortos que era arrepiante, nada disso, iria pôr-se a cabriolar dali para fora o mais depressa possível e procurar um polícia, que saberá perfeitamente como ajudar a mamã e o papá, cortando a eletricidade da casa.

Senhor Veals: A imagem de marca dele é a expressão «*nu-un-un-unca*». Arranja maneira de dizer isso sempre que possível.

Senhor Tine Jr.: É o equivalente dele ao «Não, Obrigadinho» do *Kleenex*.

Senhor Tine Sr.: Acho que estamos prontos para a apresentação.

Senhor Yee: [Sentado outra vez na cadeira, agora com a gravata à volta do pescoço como o lenço de um aviador.] Ainda estou a ultimar os produtos associados com a Hasbro e as

outras empresas.

Senhor Veals: Estamos prontíssimos.

Senhor Tine Sr: Então vamos lá ver o raio da coisa.

Menina Hooley: Como o Tom é demasiado modesto para o dizer, acrescento eu que ele já preparou o *storyboard* para uma versão do Phil «Superfuncional» direcionada para os adolescentes e extremamente entusiasmante, para disseminação via vídeo musical e processador *soft-core*», em que o Phil assume uma postura autoparódica muito mais irónica, e nessa versão a expressão que é a imagem de marca dele passa a ser «A *pele* é tua, espertalhão».

Senhor Tine Jr: Então vamos lá ver esse sacaninha.

Senhor Tine Sr.: Puto, a partir de agora, a tua função é calar o bico, ou será que...?

Senhor Yee: Pediram-me para dizer, para efeitos da transcrição, que a Companhia de Recipientes de Plástico Flácido *Glad* está muito satisfeita por ser, neste período de tempo potencialmente perigoso, um orgulhoso...

Senhor Veals: [Junto ao monitor do *Infernatron 210-Y*.] Miúdo, apaga aí essas luzes atrás de ti.

Senhor Tine Jr.: Se me permitem, isso vai dificultar a transcrição ao transcritor.

Senhor Yee: Este *spot* por acaso não pulsa nem palpita de forma a poder fazer mal aos olhos, pois não?

Senhor Veals: Estamos todos prontos?

Senhor Tine Sr.: Então apaguem lá as luzes.

As recordações de Nom, da série *Cheers – Aquele Bar,* eram agora mais claras e precisas para Gately do que qualquer recordação do sonho com o espectro ou do espectro rodopiante que lhe disse que a morte não passava de tudo o que estava à nossa volta a ficar muito lento. A sugestão de que, a qualquer altura e em qualquer sítio, poderia haver autênticos magotes de espectros a esvoaçar pelo hospital, a tratar de coisas que não podiam afetar ninguém que estivesse vivo, todos demasiado rápidos para serem vistos e a visitar Gately para ficar a olhar para o peito dele a subir e a descer ao ritmo da rotação do Sol, nada disto lhe entrou suficientemente na cabeça para o pôr a berrar, não depois da visita de Joelle, das fantasias de romance e salvamento e da vergonha daí decorrente. Agora ouve-se o som arenoso de uma coisa áspera, género granizo, a ser arrastada pelo vento contra a janela do quarto, o sibilar do aquecimento e o barulho de tiros e charangas saído dos monitores de cartuchos ligados nos outros quartos. A outra cama do quarto continua vazia e com a roupa muito bem entalada. De poucos em poucos minutos, o altifalante dá aquele tinido triplo; Gately põe-se a pensar se não farão aquilo só para chatear as pessoas. O facto de não ter conseguido sequer acabar de ler *Ethan From* nas aulas de Inglês do décimo ano e de não fazer a mínima ideia do que querem dizer ou de onde vêm

palavras fantasmas como *SINISTRAL* ou *LIEBESTOD*, muito menos *OMATOFÓRICO*, está precisamente a começar a penetrar-lhe na consciência quando sente uma mão fria no ombro em condições e abre os olhos. Já para não falar em *palavras fantasmas*, que é uma coisa real e bastante esotérica. Tem estado outra vez a flutuar sob a capa do sono. Joelle van D. foi-se embora. A mão pertence à enfermeira que lhe tinha mudado o recipiente do cateter. Parece preocupada e pouco tranquila, tem uma maçã do rosto mais espetada do que a outra e a boquinha minúscula tem uma série de rugazinhas verticais à volta dela por estar sempre contraída, não muito diferente da boquinha contraída da basicamente falecida senhora G.

– A visita disse que o senhor tinha pedido isto, por causa do tubo. – É um bloquinho de estenografia e uma *Bic*. – É canhoto?

A enfermeira quer dizer *sinistral*. Lembra um pinguim e cheira a sabão barato. O bloco é de ESTENOGRAFIA porque se muda de página para cima e não para o lado. Gately abana a cabeça cautelosamente e abre a mão esquerda para receber aquelas coisas. O facto de Joelle ter percebido o que ele pretendia fá-lo voltar a sentir-se bem. Ela não tinha ido lá só para contar o que a apoquentava a uma pessoa que não podia fazer sons humanos opinativos. Ao abanar a cabeça lentamente, consegue ver o que está para lá da anca branca da enfermeira. Ferocious Francis está sentado na mesma cadeira onde já estiveram o espectro, Ewell e Calvin Thrust, com as pernas escanzeladas ao lado uma da outra, cheio de nós, cabelo cortado à escovinha, olhos vivos por trás dos óculos e completamente descontraído, segurando o tanque de oxigénio portátil, o peito a subir e a descer mais ou menos ao ritmo dos toques de um telefone, e ficando a ver a enfermeira a saracotear-se para fora do quarto de forma tensa. Gately consegue ver uma *T-shirt* branca lavada por baixo dos botões abertos da camisa de flanela de Ferocious Francis. F.F. tosse, e é como se dissesse olá.

– Estou a ver que ainda mexes – diz Ferocious Francis quando lhe passa o ataque, certificando-se que ainda tem os tubinhos azuis colados debaixo do nariz.

Gately faz um esforço tremendo para abrir o bloco com uma mão e escrever «OI!» em maiúsculas. Só que não há nada onde apoiar o bloco para poder escrever; tem de tentar equilibrá-lo, na horizontal, em cima da coxa e por isso não consegue ver o que está a escrever, e escrever com a mão esquerda fá-lo

sentir-se como uma pessoa que teve uma apoplexia se deve sentir, e aquilo que mostra ao padrinho parece mais ***O I***.

– Achaste que Deus precisava de uma ajudinha na outra noite, foi? – pergunta Francis, inclinando-se todo para o lado para tirar um lenço vermelho, género fita, de um bolso de trás. – Segundo ouvi dizer.

Gately tenta encolher os ombros, mas não consegue e sorri fracamente. O ombro direito está tão enfaixado que até parece uma cabeça com um turbante. O velho escarafuncha numa narina e depois inspeciona o lenço com interesse, tal e qual como o espectro onírico tinha feito. Tem os dedos inchados e deformados e as unhas compridas, quadradas e da cor de uma carapaça de tartaruga velha.

– O desgraçado desse doente andava por aí a cortar os animais das pessoas aos pedacinhos, deu cabo dos animais das pessoas erradas. Foi o que eu ouvi dizer.

Gately quer dizer a Ferocious Francis que descobriu que não há um único segundo, mesmo sem a ajuda dos narcóticos, de dores provocadas por infeções pós-traumáticas que não seja suportável. Que consegue aguentar se for preciso. Quer partilhar essa experiência com o seu padrinho Crocodilo. E mais, agora que ali está uma pessoa de que ele julga que precisa, Gately quer lamuriar-se das dores e revelar as dores horríveis que sente, o facto de achar que já não consegue aguentar nem mais um segundo.

– Achaste que tinhas de resolver a situação. Que precisavas de intervir. Proteger o teu semelhante das consequências das ações dele. Qual dos desgraçados desses doentes imbecis da Ennet House é que foi?

Gately faz um grande esforço para tentar subir o joelho para poder ver e escrever lenz. peruca branca. sempre a norte. sempre ao telefone. Mas, mais uma vez, volta a sair cuneiforme, ilegível. Ferocious Francis assoa uma narina e depois recoloca o tubinho. O tanque que tem ao colo não faz barulho. Tem uma valvulazinha mas nenhum mostrador nem ponteiros.

– Ouvi dizer que avançaste contra seis havaianos armados. Como o Plano Marshall. O Capitão Coragem. O Shane pessoal de Deus. – F.F. gosta de fazer sair o ar pelos tubos do nariz, numa explosão melancólica, uma espécie de antigargalhada. Tem um nariz grande, em forma de pepino e de poros largos, com praticamente todo o seu sistema circulatório visível. – O Glenny Kubitz liga-me e descreve-me a cena toda, golpe a golpe. Diz que eu devia ver os outros tipos. Diz qualquer coisa sobre partir o nariz a um havaiano, enfiar-lhe os

pedacinhos pelo cérebro acima. O velho golpe do braço teso, diz ele. O «Grande» Don G. é um cabrão satanicamente lixado: foi a avaliação dele. Diz que, pelo que lhe contaram, andas à porrada como se tivesses nascido no meio de uma rixa num bar. Disse ao Glenny que de certeza que ias ficar orgulhoso de ouvi-lo dizer isso.

Gately estava a tentar, com um cuidado sinistral exasperante, escrever feridos? algum morto? finito? quem chapéu no corredor?, mas era mais desenhar do que escrever, quando, sem aviso, entra de rompante um dos médicos do turno do dia da Unidade de Traumatologia, irradiando saúde vigorosa e alegria sem dores. Gately lembra-se de interagir há uns dias com esse mesmo médico, numa espécie de cinzenta confusão mental pós-cirúrgica. O médico é indiano ou paquistanês, de pele morena e brilhante, mas com umas feições estranha e classicamente características de um branco e que se podiam imaginar sem dificuldade estampadas de perfil numa moeda, para além de dentes tão reluzentes que até davam para ler. Gately detesta-o.

– Então aqui estou eu outra vez consigo neste quarto! – diz o médico numa voz que parece cantar. O nome bordado em letras douradas na bata branca dele tem um *D* e um *K* e uma catrefada de vogais. Gately quase teve de se esticar para enxotar o médico a seguir à operação, para o impedir de lhe dar demerol intravenoso. Isso foi, digamos, há uns quatro ou oito dias. Provavelmente, Se Não Fosse Pela Graça de Deus, o seu padrinho crocodiliano, Ferocious Francis G., não estaria ali sentado a observá-lo serenamente quando o médico paquistanês entrou desta vez.

Além disso, têm todos aquela maneira floreada e própria de médico de pegar na tabela de Gately junto à anca e segurarem-na perto da cara para a lerem. O paquistanês franze os lábios, sopra com ar ausente e enfia a caneta na boca um bocadinho.

– Toxemia de segundo grau. Inflamação sinovial. As dores provocadas pelo ferimento pioraram muito hoje, não foi? – diz o médico para a tabela. Levanta os olhos e os dentes ficam visíveis. – Inflamação sinovial: uma coisa mesmo horrível. Na literatura médica, as dores da inflamação sinovial são comparadas às do cálculo renal e da gravidez ectópica. – Em parte, é a escuridão da cara clássica que rodeia os dentes que os faz parecer ter uma voltagem tão alta. O sorriso alarga-se progressivamente sem aparentar ficar sem novos dentes para

mostrar. – Por isso, será que agora já está pronto para nos deixar providenciar-lhe o nível de analgesia que o ferimento exige, em vez do *Toradol*, um simples ibuprofeno para as dores de cabeça, os medicamentos que está a tomar são uns meninos a tentar fazer o trabalho de um homem grande, não é? Já reconsiderou, tendo em conta o nível das dores? Já?

Gately está a introduzir uma vogal gigantesca no bloco, com cuidado incrível.

– Informo-o dos analgésicos antipiréticos sintéticos, que não ultrapassam a categoria C-III em termos de dependência[354]. – Gately imagina o médico com um sorriso incandescente e a manejar um cajado de pastor. O tipo tem aquela esquisita maneira entrecortada e soporífera de falar, própria dos tipos magricelas que andam de tanga, no cimo das montanhas, nos filmes. Mentalmente, Gately sobrepõe um grande emblema dos piratas na cara brilhante. Mostra, no alto da página, um A paralítico, agitando o bloco na direção do médico, e depois baixa o bloco e volta a levantá-lo rapidamente, para ser o mais explícito possível, calculando que Ferocious Francis vá intervir e pôr este propagandista da doença na ordem de uma vez por todas, para que Gately nunca mais volte a ter de enfrentar esta espécie de tentação paquistanesa, ainda por cima podendo não ter ninguém para o apoiar da próxima vez. C-III o tanas. O cabrão do *Talwin* também é C-III.

– O *Oramorph SR*, por exemplo. Muito seguro, grande alívio. Alívio rápido.

Gately sabe que se trata apenas de um sulfato de morfina com um nome todo bonito inventado por uma empresa. Este cabeça de trapos não sabe com quem está a lidar nem o que ele é.

– Agora, devo dizer-lhe, neste caso, a minha primeira opção seria o cloridrato de hidromorfona titulado...

Jesus, isso é *Dilaudid*. Os Azulinhos. A Montanha da Perdição de Fackelmann. E também o declínio acentuado de Kite. A morte num Ritz. O Pântano Azul. Basicamente, o assassino de Gene Fackelmann. E Gately também se lembra do bom do velho Nooch, o alto e magricela Vinnie Nucci, da praia de Salem, que tinha uma predileção por *Dilaudid* e passou mais de um ano sem desapertar sequer o cinto do braço, a entrar pelas claraboias das farmácias Osco, à noite, com uma corda e o cinto já bem apertado e pronto acima do cotovelo, Nucci a não comer nunca e a ficar cada vez mais magricela, até que parecia já ser só duas altas e silenciosas maçãs do rosto, com o branco dos olhos a ficar

finalmente do azul do pântano; e Fackelmann eliminado do mapa, depois da vigarice desmiolada feita a Sorkin e das duas noites desastrosas de *Dilaudid*, quando Sorkin...

– ... e embora eu o recomende, isto é na realidade um medicamento C-II e eu quero respeitar todas as vontades e preocupações – diz o médico meio a cantar, dobrando-se agora pela cintura, junto às grades da cama de Gately, e observando atentamente o penso que ele tem no ombro, mas com as mãos atrás das costas, parecendo não ter a mínima intenção de lhe tocar sequer. E tem o rabo mais ou menos colado à cara de Ferocious Francis, que está simplesmente ali sentado. O médico não parece ter sequer noção de que Ferocious Francis, sóbrio há trinta e quatro anos, ali está. E Francis está caladinho que nem um rato.

E também pela cabeça de Gately que *esotérica* é mais uma dessas palavras fantasmas que ele não devia andar por aí a debitar, mentalmente.

– Porque eu sou muçulmano e também me abstenho, pelos ditames da minha religião, de todos os compostos viciantes – diz o médico. – No entanto, se tivesse sofrido um sofrimento ou se o dentista dos meus dentes propõe efetuar um procedimento doloroso, submeto-me, enquanto muçulmano, ao imperativo das minhas dores e aceito o alívio, sabendo que nenhum Deus, de nenhuma religião estabelecida, deseja um sofrimento escusado para os Seus filhos.

Gately escreveu mais dois AA tremidos e mais pequenos, na folha seguinte, onde está a espetar a *Bic* enfaticamente. Gostava que o médico, já que não se cala, pelo menos se mexesse, para Gately poder lançar um olhar desesperado, Porfavor,ajuda aqui, a Ferocious Francis. A questão das drogas não tem nada que ver com Deuses estabelecidos.

O médico oscila quando se inclina, com a cara a aproximar-se e depois a afastar-se.

– Aquilo que estamos a ver neste quarto é um ferimento de segundo grau. Permita-me que lhe explique que o mal-estar que agora sente só se vai intensificar à medida que os nervos sinoviais começarem a reanimar-se. As leis dos traumatismos ditam que as dores se vão intensificar quando a cura começar a ter início. Sou um profissional no que faço, meu senhor, bem como um muçulmano. Bitartarato de hidrocodona[355]– C-III. Tartarato de levorfanol[356]– C-III. Cloridrato de oximorfona[357] – sim, é verdade, C-II, mas mais do que indicado para este grau de sofrimento escusado.

Gately consegue ouvir Ferocious Francis a assoar-se outra vez, atrás do médico. A boca de Gately enche-se de saliva com a recordação do sabor antisséptico doce-enjoativo do cloridrato que se sente na língua com uma injeção de demerol, um sabor que dava vómitos a Kite, às ladras lésbicas e até Equus («Meto Qualquer Coisa em Qualquer Sítio do Corpo») Resse, mas que o pobre do velho Nooch, Gene Fackelmann e o próprio Gately adoravam, tinham aprendido a adorar como se fosse uma calorosa mão materna. Gately gira os olhos e espeta a língua para fora do reluzente canto da boca enquanto desenha versões toscas de uma seringa, um braço e um cinto, e depois tenta desenhar um emblema dos piratas sobre todo esse conjunto tremido, mas a caveira parece mais uma simples e básica cara sorridente. Mas mostra a folha à mesma ao estrangeiro. As dores destras são tão horríveis que ele só quer vomitar, com ou sem tubo na garganta.

O médico examina o desenho paralítico, fazendo que sim com a cabeça exatamente como Gately fazia com Alfonso Parias-Carbo, o cubano completamente incompreensível.

– Composto de oxicodona e naloxona[358], com uma meia vida curta, mas com um grau só de C-III em termos de dependência.

Era impossível que o tipo estivesse a fazer intencionalmente aquela vozinha tão sedutora; só podia ser a doença do próprio Gately. A aranha. Gately imagina o cérebro a debater-se dentro de um casulo de seda. Não para de se recordar da historiazinha de desintoxicação que Ferocious Francis conta no púlpito para os compromissos, que lhe deram *Librium*[359] para o ajudar a combater o mal-estar da desabituação e que ele se limitou, segundo conta, a atirar o *Librium* com força para trás das costas, para dar sorte, e que tem tido muita sorte desde então.

– Tal como o lactato de pentazocina, de eficácia há muito comprovada e que eu posso aconselhar com segurança enquanto profissional de traumatologia muçulmano, aqui neste quarto, em pessoa, ao seu lado, à cabeceira da sua cama.

Lactato de pentazocina é *Talwin*, o segundo narcótico mais utilizado quando estava Lá Fora, e cento e vinte miligramas consumidos de barriga vazia eram como flutuar em óleo à mesma temperatura do corpo, tal e qual o *Percocet*[360], só que sem a exasperante comichão no fundo do globo ocular que lhe dava sempre cabo de uma moca com *Percocet*.

– Renuncie ao seu corajoso medo da dependência e deixe-nos fazer a nossa

profissão, meu jovem senhor – resume o paquistanês, ali mesmo encostado à cama, do lado esquerdo, com a bata de profissional a tapar F.F., as mãos atrás das costas, o brilho fosco do canto metálico da tabela de Gately visível entre as pernas, postura imaculada, sorrindo-lhe alegremente, com o branco dos olhos tão impossivelmente branco como os dentes.

A recordação do *Talwin* faz com que se babem partes do corpo de Gately que ele não sabia que se podiam babar. Gately sabe o que vem a seguir. E se o paquistanês acabar mesmo por propor outra vez dar-lhe demerol, Gately não vai resistir. E, bem vistas as coisas, quem poderá culpá-lo, foda-se? Porque havia ele de ter de resistir? Tinha sofrido um autêntico ferimento sinovial destro de grau qualquer coisa. Levado um tiro de um ferro de calibre.44 profissionalmente modificado. Está em plena fase pós-traumática, com dores horríveis, e toda a gente ouviu o tipo: as dores só iam piorar. Estava ali um profissional de traumatologia, com bata branca, a assegurar-lhe que seria a porra de um uso legítimo. Gehaney ouviu-o; que merda queriam os gajos do Grupo Bandeira Branca dele? Não se tratava propriamente de ir sorrateiramente para a Unidade # 7 com uma seringa e um frasco de *Visine*. Tratava-se de uma medida excecional, uma medida de curta duração, a provável intervenção de um Deus não sentencioso e compassivo. Umas gotas rápidas de demerol – no máximo, provavelmente dois ou três dias de uma solução endovenosa com demerol, se calhar até uma em que ligassem a solução a uma ampola de borracha que Gately pudesse segurar para ser ele a administrar o demerol apenas conforme necessário. Se calhar, era a própria doença que lhe estava a dizer para ter medo que umas gotas medicamente necessárias fossem reavivar todos os seus velhos hábitos, fazê-lo voltar para dentro da jaula. Gately imagina-se a tentar livrar-se de um alarme antirroubo de contacto magnético com uma mão e um gancho. Mas se Ferocious Francis achasse minimamente suspeitas umas gotinhas medicamente aconselhadas e de curto prazo, de certeza que o velho sacana reptílico *diria* alguma coisa, faria a porra do seu dever enquanto Crocodilo e padrinho, em vez de ficar simplesmente ali sentado a brincar com o tubinho não-invasivo que tem nas narinas.

– Ouve, miúdo, vou dar de frosques para poderes resolver esta treta e volto mais tarde – diz a voz de Francis, baixa e neutra, sem indicar nada, e depois ouvem-se as pernas da cadeira a rasparem no chão e o conjunto de grunhidos que

acompanha sempre F.F. quando ele se levanta de uma cadeira. O seu cabelo branco à escovinha ergue-se como uma lua lenta por cima do ombro do paquistanês, cujo único sinal de reconhecimento da presença de Francis é encostar o queixo ao ombro como um violinista, dirigindo a palavra ao padrinho de Gately pela primeira vez:

– Então, senhor Gately Senior, se não se importasse, podia ajudar-nos a ajudar aqui o seu preocupado e corajoso rapaz, mas um rapaz à mesma, cuja atitude orgulhosa subestima, a meu ver, o nível de mal-estar futuro que é de todo desnecessário se ele nos deixar ajudá-lo – canta o paquistanês por cima do ombro, para Ferocious Francis, como se fossem os dois os únicos adultos no quarto. Está a partir do princípio de que Ferocious Francis é o pai orgânico de Gately.

Gately sabe que um Crocodilo nunca se dá ao trabalho de corrigir as ideias erradas dos outros. Já vai a meio caminho da porta, avançando, como sempre, com aquela cautela lenta e exasperante de quem está a andar no gelo, todo torto, parecendo coxear de ambas as pernas e desoladoramente sem cu, com as calças de bombazina de velho, largueironas, lustrosas nos fundilhos e com riscas grossas, que usa sempre, a nuca complexamente enrugada enquanto se afasta e levanta a mão num gesto de confirmação e rejeição do pedido do médico:

– Não me cabe a mim dar uma opinião. O miúdo vai fazer o que decidir que precisa de fazer e que é melhor para ele. Ele é que sabe o que está a sentir. Só ele é que pode decidir. – Para ou então começa a andar ainda mais devagar junto à porta aberta, virando-se para trás e olhando para Gately, mas sem fitar os seus olhos esbugalhados. – Mantém-te firme, miúdo, e eu depois passo cá outra vez e trago alguns filhos da puta para te visitar.

E ainda acrescenta:

– Se calhar, talvez queiras pedir ajuda, para decidir.

Esta última parte é dita já no corredor branco, no momento em que a cabeça brilhante do paquistanês, desta vez com um sorriso tenso, de paciência a esgotar-se, se volta a aproximar de Gately, que o consegue ouvir a inalar para se preparar para dizer que é claro que, com ferimentos de segundo grau assim tão graves, o tratamento aconselhado é a administração, extremamente controlada, de um comprimido de cinquenta miligramas de um analgésico reconhecidamente C-II e altamente viciante mas de eficácia inultrapassável, diluído numa solução salina

endovenosa para três ou quatro horas...

Gately esfola um dos nós dos dedos da mão esquerda, a que ainda está em condições, ao espetá-la rapidamente por entre as grades da cama que mais parece um berço e enfiá-la por baixo da bata do médico, agarrando os tomates do tipo e puxando com força. O farmacologista paquistanês berra como uma mulher. Não se trata de raiva ou de vontade de fazer mal, é mais não se lembrar pura e simplesmente de mais nada para impedir que o sacana proponha dar-lhe qualquer coisa que Gately sabe que neste momento não conseguirá recusar. O esforço súbito inunda-o com ondas de dores verde-azuladas que lhe fazem os olhos revirarem-se enquanto aperta os tomates com força, mas sem os esmagar. O paquistanês faz uma vénia profunda, inclinando-se para a frente e parecendo desfazer-se à volta da mão de Gately, mostrando todos os cento e doze dentes enquanto grita cada vez mais alto, até atingir uma nota estridente e irregular, como uma senhora da ópera com um capacete viquingue, tão arrasadora que faz as grades da cama-berço e o vidro da janela estremecerem, acordando Don Gately com um sobressalto, braço esquerdo enfiado entre as grades e todo torcido devido à força com que se tentou sentar direito, as dores a fazerem-no atingir quase a mesma nota estridente do médico estrangeiro do sonho. Do lado de lá da janela, o céu estava lindo, da cor do *Dilaudid*; o quarto estava repleto de uma forte luz matinal; não havia granizo na janela. O teto palpitava um bocadinho mas não respirava. A cadeira das visitas estava outra vez encostada à parede. Olhou para baixo. O bloquinho de estenografia e a esferográfica tinham ido parar ao chão ou então o sonho também havia inventado essa parte. A cama do lado continuava vazia e com a roupa muito bem entalada. De repente, percebeu por que razão chamavam a isso fazer os cantos à hospital. Mas a grade que Joelle van D. tinha dobrado para baixo para se sentar na borda da cama, com a porra das calças de fato de treino do miúdo, Erdedy, ainda estava dobrada para baixo, ao passo que a outra continuava para cima. Por isso, havia pelo menos, tipo, provas dessa parte, de que ela tinha mesmo lá estado, a mostrar-lhe as fotografias. Gately volta a passar, cautelosamente, a mão esfolada pelo meio das grades e pôs-se a apalpar para ver se tinha mesmo um grande tubo invasivo enfiado na boca, e tinha. Conseguia virar os olhos completamente para cima e ver o monitor cardíaco a passar-se silenciosamente. Escorria-lhe suor por todos os lados e, pela primeira vez desde que estava na Unidade de Traumatologia,

sentiu que tinha vontade de cagar, e não fazia a mínima ideia do tipo de procedimentos que se deviam seguir para cagar mas suspeitava que não seriam nada agradáveis. Segundo. Segundo. Não havia um só segundo que não fosse suportável. O altifalante estava a dar tinidos triplos. Ouviam-se mesmo sons a saírem de telecomputadores nos outros quartos e de um carrinho das refeições a ser arrastado pelo corredor, e sente o cheiro metálico da comida para os doentes que podem comer. Não conseguia ver nada que se parecesse com a sombra de um chapéu no corredor, mas podia ser só por causa da luz do Sol.

A vividez do sonho tinha-se devido à febre ou à doença mas, fosse como fosse, tinha-o abalado seriamente, porra. Ouviu a voz soporífera a assegurar-lhe que sentiria um mal-estar crescente. Tinha o ombro a latejar como um coração grande e as dores eram mais tenebrosas do que nunca. Não havia um só segundo que não se conseguisse aguentar. As recordações do bom do velho demerol vieram ao de cima, exigindo que lhes dessem atenção. O que se passa nos Alcoólicos Anónimos de Boston é que tentam ensinar uma pessoa a aceitar os desejos ocasionais, os pensamentos súbitos relacionados com as drogas; explicam-lhe que os desejos repentinos relativos às drogas surgirão na mente de um verdadeiro viciado espontaneamente, como bolhas no banho de imersão de uma criança pequena. É uma doença para a vida inteira: não se podem impedir os pensamentos de aparecerem de repente. O que tentam ensinar é simplesmente deixar passar os pensamentos. Deixá-los surgir conforme queiram, mas não lhes *dar atenção*. Não há necessidade de convidar um pensamento ou uma recordação relacionados com as drogas a entrar, de lhe oferecer uma bebida e a cadeira preferida e de conversar com essa coisa sobre os velhos tempos. No caso do demerol, o que estava em causa não era só a moca prazenteira, uma sensação parecida com a de um ventre aconchegante, de um narcótico a sério. Era mais a, como dizer, a estética da moca. Gately sempre tinha achado que o demerol, com um ligeiro coice cortesia do *Talwin*, lhe dava uma moca suave e ordeira. Uma moca de certa forma deliciosamente *simétrica:* a mente flutua sem entraves no centro exato de um cérebro que flutua amparado num crânio aconchegante que, por seu turno, se encontra perfeitamente centrado numa almofada de ar suave algures acima dos ombros, sem pescoço pelo meio, e dentro de tudo isso está um zumbido sonolento. O peito sobe e desce sozinho, lá ao longe. O sangue a correr livremente pela cabeça parecem as molas de uma cama a chiarem a uma

distância amável. O próprio Sol parece estar a sorrir. E quando adormecemos, dormimos como um homem de cera e acordamos na mesma posição em que nos lembramos de ter adormecido.

E a dor, de todo o tipo, transforma-se numa simples teoria, uma notícia dos climas mais frios e longínquos, bem abaixo do ar quente em que estamos a zumbir, e o que sentimos é principalmente gratidão pela distância abstrata a que estamos de tudo o que não se encontre dentro de círculos concêntricos e adore o que estiver a acontecer.

Gately aproveita o facto de já se encontrar virado para o teto para pedir ajuda seriamente em relação à sua obsessão. Esforça-se ao máximo por pensar noutra coisa, seja o que for. Partir para o mar com o velho Gary Carty, antes do amanhecer e com o cheiro nauseabundo da maré baixa, para ir apanhar lagostas junto à costa de Beverly. O polícia militar e as moscas. A mãe a dormir de boca aberta num divã forrado de chita. Limpar o canto mais imundo do Abrigo Shattuck. O véu da rapariga velada a esvoaçar. As grades cruzadas das jaulazinhas das armadilhas para as lagostas, sempre com os seus olhos pedunculados espetados para fora e a espreitarem para o mar alto. Ou os autocolantes no *Ford* velho do polícia militar – chauuuuzinhooooooo!! e não andes colado a mim senão atiro-te um macaco do nariz para o para-brisas! e desaparecidos em combate: e já não faço sexo há tanto tempo que me esqueci de quem fica amarrado! O peixe a perguntar o que é a água. A enfermeira de nariz pontiagudo, bochechas redondas e olhos mortiços, com um sotaque esquisito meio alemão, que vendia a Gately frasquinhos com amostras de xarope de demerol *Sanofi-Winthrop,* oitenta miligramas por frasco, com um sabor horrível a banana, e depois ficava estendida, toda mole e de olhos mortiços, enquanto Gately coisava com ela, praticamente sem respirar, num apartamento abafado em Ispwich, com estranhas persianas castanhas que o inundavam de uma luz da cor do chá fraco. Ela chamava-se Egede ou Egette e a dada altura começou a dizer a Gately que só conseguiria apenas pensar em vir-se se ela queimasse com um cigarro, coisa que assinalou a primeira vez em que Gately tentou seriamente parar de fumar.

Naquele momento, uma enfermeira negra do St. E.’s, que mais parece um defesa de futebol americano, entra ruidosamente no quarto, verifica a solução endovenosa, escreve qualquer coisa na tabela dele e aponta-lhe a artilharia das

mamas para lhe perguntar como se sente, chamando-lhe «Querido», coisa com que ninguém se importa vinda de enfermeiras negras gigantescas. Gately aponta para o abdómen, para a zona do cólon, e tenta fazer um gesto amplo e explosivo só com uma mão, sentindo pelo menos uma vergonha ligeiramente menor do que se tivesse feito isso com uma enfermeira branco de tamanho humano.

Gately descobriu o demerol aos vinte e três anos, altura em que a comichão intraocular o forçou a abandonar por fim os *Percocets* e a explorar novos horizontes. Em termos de miligramas, o demerol era mais caro do que a maioria dos narcóticos sintéticos, mas também era mais fácil de obter, sendo o tratamento medicamente aconselhado em caso de dores pós-operatórias alucinantes. Gately não consegue lembrar-se por nada deste mundo de quem ou simplesmente em que sítio de Salem lhe deram a conhecer aquilo a que os rapazes de North Shore chamavam *pedrinhas* ou *Bam-Bams*, comprimidos de demerol de cinquenta e cem miligramas, muito pequenos e pequenos, respetivamente, discos brancos como giz e estriados, com de um lado e a marca registada, que passado pouco tempo passaria a adorar, da Sanofi-Winthrop Co., uma espécie de , do outro, com esse elegante a alterar por completo a sua vida de olhos comichosos em North Shore. Basta a lembrança do para lhe apetecer dar largas à obsessão. Sabe que isso aconteceu pouco depois do funeral de Nooch, porque estava sozinho e sem bando nesse tal momento em que alguém, seja lá quem tenha sido, lhe passou dois comprimidos de cinquenta miligramas, que eram demasiado pequenos para os seus dedos grandes, em vez de fosse o que fosse que queria, rindo-se quando Gately disse Que merda é esta e Parece *Bufferin* para formigas ou uma merda do género, e respondendo: Confia em mim.

Deve ter sido no seu vigésimo terceiro verão Lá Fora, pois lembra-se de estar sem camisa e a fazer a noventa e três de carro quando se lhe acabou tudo o resto e teve de estacionar no parque da Biblioteca JFK para meter os comprimidos, que eram tão pequenos e sem sabor que precisou de abrir a boca e espreitar pelo retrovisor para confirmar que os tinha engolido. E lembra-se de estar sem camisa porque tinha podido examinar com atenção o peito grande, nu e sem pelos durante muito tempo. E a partir dessa tarde sonolenta no parque de estacionamento da JFK, tinha sido um frequentador fiel do templo da deusa Demerol, até ao último instante.

Gately lembra-se de andar – durante boa parte dessas épocas do *Percocet* e do demerol – com outros dois viciados em narcóticos de North Shore, tinha crescido com um e partido dedos para Whitey Sorkin, o corretor de apostas que sofria de enxaquecas, com o outro. Não eram ladrões, esses tipos, nenhum deles: Fackelmann e Kite. Fackelmann tinha um historial de criatividade com cheques, além de acesso a equipamento para forjar bilhetes de identidade, e Kite, um cromo dos computadores, tinha estudado na Salem State University até ser expulso por ter acedido às faturas telefónicas de determinados tipos a braços com graves problemas relacionados com linhas telefónicas sexuais e introduzido a informação na conta da linha WATS da Administração da S.S., e tornaram-se naturalmente companheiros, F. e K., inventando um esquema pouco ambicioso mas elegante em que Gately participava apenas marginalmente. O que Fackelmann e Kite faziam era forjar uma identidade e um registo de crédito que fosse suficiente para poderem arrendar um apartamento luxuoso mobilado, e, a seguir, alugavam uma série de utensílios topo de gama de sítios em Boston como o Rent-A-Center e o Rent 2 Own e vendiam os utensílios e a mobília de luxo a um ou dois recetadores de confiança, depois pegavam nas suas próprias coisas – colchões de ar, sacos-cama, cadeiras de lona e os telecomputadores, monitores e colunas adquiridos de forma legal – e acampavam no apartamento luxuoso vazio, apanhando grandes mocas graças à receita líquida do material alugado, até receberem o segundo aviso de renda em atraso; nessa altura, forjavam outra identidade, mudavam-se e repetiam todo o processo. De vez em quando, era a vez de Gately tomar banho, barbear-se e vestir roupa de *yuppie* para responder a um anúncio de arrendamento de um apartamento luxuoso, reunindo-se com as pessoas da imobiliária e deslumbrando-as com o seu BI e *rating* de crédito, e inventar um nome qualquer no contrato de arrendamento; e normalmente chonava e apanhava mocas com Fackelmann e Kite nos apartamentos, embora Gately tivesse tido a sua própria carreira de cobrador de apostas e, mais tarde, ladrão, e os seus próprios recetadores, e tendesse cada vez mais a orientar as suas próprias receitas médicas, os seus *Percocets* e, mais tarde, o demerol.

Ali deitado, a esforçar-se por aguentar e por não dar atenção, Gately lembra-se de que o bom do velho e condenado Gene Fackelmann – que, para agarrado aos narcóticos, tinha uma líbido verdadeiramente voraz – gostava de levar várias raparigas para o apartamento onde tivesse o esquema montado a dado momento

e de que, depois de abrir a porta, Fax se punha a olhar à volta, fingindo-se espantado por encontrar um apartamento luxuoso vazio e sem carpete, e gritava: «Foda-se, fomos assaltados!»

Para Fackelmann e Kite, Gately era um tipo formidável e (para um agarrado aos narcóticos, condição que impõe limites a uma confiança racional) honesto, além de um ótimo amigo e companheiro, mas, por mais que tentassem, não conseguiam compreender por que razão Gately havia decidido optar pelos narcóticos, por que tinham sido essas as drogas que escolhera, já que era um tipo formidável e honesto, sempre alegre e animado, mas, e essa era a única crítica que lhe faziam, quando estava sob o efeito das pedrinhas ou de qualquer outro narcótico, transformava-se numa pessoa mortiça, completamente taciturna e desligada, era isso que diziam sempre, um Gately completamente diferente, que ficava várias horas todo afundado na cadeira de lona, praticamente deitado na cadeira, com a lona a esticar-se e as pernas a arquearem, quase sem falar, e quando o fazia dizendo apenas as pouquíssimas palavras que fossem absolutamente necessárias, e nesse caso parecendo nunca abrir a boca. Fazia toda a gente com quem apanhava mocas sentir-se sozinha. Ficava super, tipo, interior. A expressão que Pamela Hoffman-Jeep utilizava era «Direcionado para outro lado». E era pior quando se injetava. Quase que era preciso *arrancar-lhe* o queixo do peito. Kite costumava dizer que era como se Gately se injetasse com cimento em vez de narcóticos.

McDade e Diehl aparecem por volta das 11h00, depois de irem visitar Doony Glynn ao Departamento de Gastroenterologia, algures no andar de baixo, tentam pôr Gately a fazer uns «Dá cá mais cinco» arcaicos, básicos e foleiros com a mão esquerda, na brincadeira, e dizem que os tipos dos intestinos estão a dar a Glynn uma solução endovenosa com um composto de *Levsin*[361] e codeína para a diverticulite e que Donn parecia ter passado por uma espécie de experiência espiritual relativamente a esse composto, já que lhes estava a fazer uns «Dá cá mais cinco» efusivos e a dizer-lhes que os médicos dos intestinos lhe tinham dito que era possível que o estado dele fosse inoperável e crónico e que D.G. teria de tomar o composto para o resto da vida, com uma ampola de borracha para autoadministração, e Doon, até aí fetal, estava sentado na posição do lótus e parecia estar mesmo muito contente. Gately vai fazendo uns barulhinhos patéticos à volta do tubo oral enquanto McDade e Diehl se começam a

interromper e a pedir desculpas por, pelos vistos, afinal se calhar já não poderem dar a cara e depor legalmente a favor de Gately conforme estariam prontos para fazer na porra de um *ápixe* se não fosse por várias questões legais em que ainda estão envolvidos, e os seus advogado oficioso e agente de liberdade condicional, respetivamente, dizem que irem voluntariamente ao Norfolk District Court, em Enfield, seria o *mexmo* que cometerem, tipo, suicídio judicial/penal, foi isso que lhes disseram.

Diehl olha para McDade e depois diz que também há novidades desfavoráveis quanto ao ferro de calibre .44, já que, segundo a reconstituição que toda a gente fez dos acontecimentos, é mais do que provável que Lenz tenha sacado o ferro do relvado quando se pôs ao fresco e desapareceu do complexo do HSPME antes que a polícia chegasse. Isto porque o raio da coisa sumiu-se, porra, e ninguém a teria escondido sem que depois a entregasse sabendo o que está em jogo para o bom do velho G-Man em todo aquele assunto. Gately faz um barulho completamente diferente.

McDade diz que a novidade mais animadora é que Lenz é capaz de ter sido localizado, que Ken E. e Burt F. Smith viram o que parecia ser R. Lenz, ou C. Romero depois de uma doença devastadora, quando regressavam de uma reunião na Praça Kenmore, com Ken E. a empurrar a cadeira de rodas de Burt F.S., e tinham-no visto principalmente de costas, com uma casaca de abas de grilo e um chapéu mexicano com bolinhas, e pelos vistos com uma recaída oficial, bêbado como um cacho, com as pernas tão bambas que quando o viram estava a fazer o velho andar de bêbado no meio de um furacão, debatendo-se para passar de um parquímetro de estacionamento para outro e agarrando-se a cada um com toda a força. É nesta altura que Wade McDade acha por bem introduzir na conversa que, segundo as mexeriquices que se julgam confirmadas, dizem que o HSPME se está a preparar para arrendar a longo prazo a Unidade # 3 a uma agência que cuida de pessoas que sofrem de agorafobia incapacitante e que toda a gente no Centro se pôs a especular que *isso*, sim, vai ser um sítio constantemente apinhado e stressado, especialmente com o inverno terrível que se prevê que esteja à porta. Diehl diz que o seu seio nasal consegue sempre perceber quando vai chover e o seio está a começar a prever pelo menos aguaceiros se calhar já para esta noite. Nunca lhes passa pela cabeça dizer a Gately que dia é. O facto de Gately não conseguir sequer comunicar um pedido assim tão simples fá-lo

querer gritar. McDade, no que pode ser um aparte íntimo ou uma facada num funcionário que não está em condições de exercer autoridade em relação a nada, confidencia que ele e Emil Minty estão a combinar com Parias-Carbo – que trabalha para um ex-residente da Ennet House, na All-Bright Printing, perto da Jackson-Mann School – mandar fazer convites formais, dos que parecem gravados, para o pessoal agorafóbico da Unidade # 3 aparecer todo na Ennet House para uma festança barulhenta e ao ar livre de boas-vindas-ao-bairro-do-HSPME. E agora Gately tem a certeza de que foram McDade e Minty que puseram o letreiro procura-se assistência por baixo da janela da senhora da Unidade # 4 que grita por socorro. O nível geral de tensão no quarto cresce. Gavin Diehl aclara a garganta e diz que toda a gente disse para dizer que sentem, tipo, bué a falta de Gately lá no Centro e que toda a gente disse para dizer «tá-se?» e que espera que o G-Man se ponha bom depressa para voltar a meter os residentes na ordem; e McDade saca do bolso um cartão a desejar as melhoras, por assinar, e passa-o com cuidado pelas grades da cama, pousando-o ao lado do braço de Gately, com o cartão a começar a abrir-se por ter estado dobrado e enfiado num bolso. É óbvio que foi roubado de uma loja.

A culpa é provavelmente do cartão quente dobrado e por assinar, mas Gately sente-se de repente destroçado pelo calor das ondas de autocomiseração e rancor em relação não só ao cartão mas também perante a perspetiva daqueles palhaços comedores de macacos do nariz não darem a cara para testemunharem a favor do seu *se offendendo* depois de ter tentado fazer simplesmente o seu trabalho sóbrio e ajudar um deles, estando agora ali deitado, com um nível de crescente mal-estar destro que aqueles miseráveis frouxos nem sequer seriam capazes de imaginar mesmo que tentassem, preparando-se para ter de recusar a droga de eleição da sua doença a paquistaneses sorridentes, com um tubo invasivo enfiado pela boca e nada de bloco de notas depois de ter pedido um, precisando de cagar e de saber que dia é e sem nenhuma enfermeira negra grande à vista, e incapaz de se mexer – subitamente, parece-lhe bastante ingénuo estar disposto a ver no rumo dos acontecimentos sinal da proteção e dos cuidados de um Poder Superior – é um bocadinho difícil de perceber por que razão um, citando, *Deus Carinhoso* o faria passar pela experiência tenebrosa de ficar sóbrio só para estar ali deitado, com um mal-estar total, ter de recusar drogas medicamente aconselhadas e preparar-se para ir para a cadeia só porque Pat M. não tem coragem para obrigar

aqueles anormais da pior espécie a darem a cara e a fazerem o que estava certo uma vez na vida. O rancor e o medo fazem os tendões de Gately sobressaírem-lhe no pescoço vermelho-escuro e ele está com um ar feroz e nada alegre. – Porque então e se Deus for realmente o figurante cruel e vingativo que os Alcoólicos Anónimos não se cansam de jurar que não é e nos puser sóbrios só para podermos sentir mais intensamente todos os pormenores mais ínfimos dos castigos especiais que tem preparados para nós? – Porque que porra de razão haverá para recusar uma ampola de borracha cheia do zumbido sonolento do demerol se são essas as, citando, *recompensas* da sobriedade e de uma atividade frenética nos Alcoólicos Anónimos? O rancor, o medo e a autocomiseração são quase narcotizantes. Bem mais do que qualquer coisa que tenha sentido quando os infelizes canadianos lhe espetaram com socos ou com um tiro. Era uma raiva repentina, total, cortante e impotente, tipo Job, que põe sempre qualquer agarrado que esteja sóbrio a revirar-se dentro de si mesmo, subindo depois como vapor por uma chaminé. Diehl e McDade estavam a recuar. E bem podiam, caralho. Gately tinha a cabeça a escaldar e gelada, e a linha que indicava a sua pulsação no monitor por cima da cabeça começava a parecer as montanhas Rochosas.

De olhos esbugalhados e a meio caminho entre Gately e a porta, os residentes afastam-se subitamente para deixar passar alguém. Primeiro, Gately só conseguiu ver aparecer entre eles a arrastadeira de plástico em forma de rim e uma espécie de frasco de *ketchup* cilíndrico, com uma seringa na ponta e *fleet* escrito de lado em letras verdes alegres. Demorou um segundo a descodificar o equipamento. A seguir, viu a enfermeira que avançava com essas coisas e o coração enfurecido caiu-lhe aos pés com um baque surdo. Diehl e McDade despediram-se com barulhinhos entusiásticos e desapareceram pela porta fora com a vaga alacridade dos agarrados experientes. A enfermeira não era nenhum pinguim de boquinha contraída nem uma negra ribombante. Esta enfermeira parecia uma coisa saída de um catálogo de roupa atrevida de enfermeira, alguém que à hora do almoço tinha de fazer desvios de quarteirões inteiros só para evitar passar por onde houvesse obras. A imagem que Gately projetou da sua união com esta enfermeira deslumbrante desenrolou-se e tornou-se imediatamente grotesca: ele deitado de borco, com o rabo espetado para cima, no baloiço do alpendre, e ela de cabelos brancos e aspeto angélico, a levar qualquer coisa em

forma de rim para a imponente pilha por trás do chalé para idosos. Tudo o que havia de zangado dentro dele evaporou-se ao preparar-se para morrer simplesmente de vergonha, porra. A enfermeira ficou ali parada a rodopiar a arrastadeira com um dedo e carregou um par de vezes no cilindro comprido com o clister *Fleet*, fazendo um arco de fluido claro esguichar da ponta, iluminado pela luz que entrava pela janela, como um pistoleiro a armar-se rodopiando o revólver como quem não quer a coisa, com um sorriso que partiu simplesmente a espinha a Gately. Ele começou a recitar a Oração da Serenidade. Quando se mexeu, conseguiu sentir o seu próprio cheiro rançoso. Já para não falar no tempo e nas dores de rebolar para o lado esquerdo, ficando com o rabo à mostra, e de puxar os joelhos para o peito só com um braço – «Abrace esses joelhos como se fossem o seu amorzinho, é o que nós dizemos», disse ela, pousando uma mão extremamente suave e fria no rabo de Gately –, sem mexer no cateter, na seringa da solução endovenosa nem no tubo grosso e colado que lhe entrava pela boca e só Deus sabia até onde chegava.

Eu ia subir as escadas outra vez para tratar de descolar Stice da janela, ver como estava Mario, trocar de meias e examinar a minha expressão ao espelho, à procura de sinais de alegria involuntária, ouvir as mensagens telefónicas de Orin e depois a ária da morte prolongada da *Tosca* uma ou duas vezes. Não há melhor música para a infelicidade generalizada do que a *Tosca*.

Estava a avançar pelo corredor húmido quando senti aquilo. Não sei de onde veio. Era uma espécie de variação do pânico telescopicamente autoconsciente que pode ser superdevastador durante uma partida. Nunca tinha sentido uma coisa assim fora do campo. Não era completamente desagradável. O pânico inexplicado aguça os sentidos de uma forma quase insuportável. Lyle tinha-nos ensinado isso. Apercebemo-nos das coisas com muita intensidade. O conselho que Lyle nos havia dado tinha sido centrarmos a perceção e a atenção no próprio medo, mas só nos mostrara como fazer isso no campo, a jogar. Estava tudo a suceder-se a demasiados fotogramas por segundo. Tinha tudo demasiados aspetos. Mas não era desorientador. A intensidade não era incontrolável. Era só intensa e vívida. Não era como estar mocado, mas não deixava de ser uma sensação extrema: *lucidez*. Subitamente, o mundo parecia quase comestível, pronto para ser ingerido. A fina camada de luz refletida no verniz dos rodapés

das paredes. A cor creme dos azulejos acústicos do teto. A longitudinal textura castanha, género camurça, da madeira escura das portas dos quartos. O baço brilho metálico das maçanetas. Não havia ali a qualidade abstrata e cognitiva do *Bob* ou da *Star*. A luz vermelha a piscar do sinal de saída aceso nas escadas. «Sonolento» T.P. Peterson saiu da casa de banho com um roupão de xadrez deslumbrante, a cara e os pés de cor salmão devido ao calor dos chuveiros, e desapareceu para dentro do quarto, atravessando o corredor sem me ver a cambalear, apoiado na fria parede verde menta do corredor.

Mas o pânico também lá estava, endócrino, paralisante e com um elemento de cognição excessiva, género má *trip*, que eu não reconheci dos ataques de pânico no campo, sempre muito viscerais. Uma coisa parecida com uma sombra surgia lado a lado com a vividez e a lucidez do mundo. Concentrar a atenção nela fez-lhe qualquer coisa. O que não parecia novo nem desconhecido, parecia de repente velho como a caruma. Aconteceu tudo no espaço de poucos segundos. A familiaridade da rotina da Academia assumiu um aspeto cumulativo arrasador. A quantidade total de vezes que me tinha arrastado pelos duros degraus de cimento das escadas, visto o meu reflexo vermelho e ténue na tinta da porta de saída de emergência, dado os cinquenta e seis passos para atravessar o corredor até ao nosso quarto e aberto a porta, fechando-a depois devagar e com todo o cuidado para não acordar Mario. Revivi a quantidade total de passos e movimentos ao longo dos anos, bem como as respirações e pulsações envolvidas. E, a seguir, a quantidade de vezes que teria de repetir os mesmos processos, dia após dia, com todo o tipo de luz, até terminar o liceu e sair da academia para começar depois o mesmo processo esgotante de ida e volta num dormitório de uma qualquer universidade com uma boa equipa de ténis. Talvez a pior parte das cognições tivesse a ver com a quantidade incrível de comida que eu iria ter de consumir até ao fim da vida. Refeição atrás de refeição, mais os *snacks*. Dia após dia após dia. Saboreando esta comida toda ao mesmo tempo. Só a ideia da carne já era demasiado. Um megagrama? Dois megagramas? Vivi, intensamente, a imagem de uma sala ampla, fresca e bem iluminada, atafulhada do chão ao teto só com os bifinhos de frango ligeiramente panados que eu iria consumir nos sessenta anos seguintes. A quantidade de aves vivissecadas para a carne a consumir numa vida. A quantidade de ácido clorídrico, bilirrubina, glucose e gloconol produzida, absorvida e reproduzida pelo meu corpo. E outra sala, mais escura, a abarrotar

com a quantidade cada vez maior de excrementos que eu produziria, a porta de aço da sala, fechada com duas voltas, a abaular cada vez mais com a pressão crescente... Tive de esticar a mão para me apoiar na parede e agachar-me até o pior passar. Pus-me a ver o chão a secar. O brilho baço aumentava atrás de mim com a luz da neve que entrava pela janela leste. O azul-bebé da parede estava repleto de intricadas filigranas formadas pelos altos e coágulos de tinta. Havia um bocado de cuspo de Kenkle, que a esfregona tinha deixado passar, no canto da porta da SV5, cuja ombreira tremia ligeiramente enquanto a porta chocalhava. Lá em cima, ouviam-se ruídos de coisas a serem arrastadas e pancadas surdas. Continuava a nevar comó caraças.

Deitei-me de costas na carpete da Sala de Visionamento 5, ainda no segundo andar, lutando contra a sensação de que nunca havia estado ali ou então de que tinha passado vidas inteiras precisamente aqui. A sala estava toda apainelada com um material amarelo, frio e reluzente chamado *Kevlon*. O monitor ocupava metade da parede sul, estava desligado e era verde acinzentado. O verde da carpete também era quase desse tom. Os cartuchos educativos e motivacionais estavam numa grande estante de vidro, com prateleiras centrais compridas, sendo que tanto a de cima como a de baixo afunilavam quase ao máximo. *Ovoide* seria a palavra ideal para descrever o formato da estante. Eu tinha o copo da NASA com a escova de dentes equilibrado no peito. Subia sempre que eu inalava. Já tinha o copo da NASA desde miudinho e o decalque com as figuras de capacete branco a acenarem com autoridade às janelas de um protótipo de vaivém estava desbotado e incompleto.

Passado algum tempo, «Sonolento» T.P. Peterson espetou a cabeça molhada e acabada de pentear dentro da sala e disse que LaMont Chu queria saber se o que estava a acontecer lá fora se podia considerar ou não um nevão. Foi preciso passar mais de um minuto depois de eu não ter respondido para que ele se fosse embora. Os painéis do teto eram grotescamente intricados. Pareciam atirar-se a nós como se fossem um patrocinador da ATE metediço a encostar-nos à parede numa gala. O tornozelo latejava ligeiramente devido à baixa pressão do nevão. Descontraí a garganta e deixei simplesmente que a saliva em excesso escorresse para cima e para baixo pós-nasalmente. A mãe da mã era de etnia quebequense, mas o pai era anglo-canadiano. A expressão utilizada para esse homem no *Yale Journal of Alcohol Studies* era «consumidor excessivo de álcool». Os meus avós

tinham falecido todos. O segundo nome de Ele Mesmo era Orin, o nome do pai do pai dele. Os cartuchos de entretenimento da SV estavam arrumados em prateleiras de polietileno translúcido que cobriam a parede. As caixas individuais eram todas de plástico claro ou então de plástico preto e brilhante. O meu nome completo é Harold James Incandenza e meço um metro e oitenta e seis descalço. Ele Mesmo concebeu o sistema de iluminação indireta da Academia, que é engenhoso e quase de espectro total. A SV5 tinha um sofá grande, quatro cadeiras reclináveis, uma poltrona de tamanho médio, seis almofadas de belbutina verdes para visionamento amontoadas a um canto, três mesinhas de apoio e uma mesa de café de poliéster com bases para copo embutidas. A iluminação suspensa de cada sala da ATE era fornecida por um pequeno foco de carbono grafite que incidia sobre uma placa refletora, com uma mistura complexa de metais, que se encontrava mais acima. Não era preciso reóstato; um pequeno *joystick* controlava a intensidade da luz alterando o ângulo de incidência do focozinho na placa. Os filmes de Ele Mesmo estavam arrumados na terceira prateleira da estante dos cartuchos. O nome completo da mã é Avril Mondragon Tavis Incandenza, doutora em Educação. Mede um metro e noventa e sete sem saltos altos e mesmo assim só chegava à altura da orelha de Ele Mesmo quando este se endireitava completamente. Há já mais de um mês que Lyle andava a dizer na sala de pesos e halteres que o nível de vaipassana ou meditação rumo à «Perspicácia» consistia em ficarmos sentados, completamente despertos, a contemplar a nossa própria morte. Durante o mês de setembro, eu tinha organizado reuniões dos companheirões na SV5. A mã havia crescido sem segundo nome. A etimologia do termo *nevão* é essencialmente desconhecida. O sistema de iluminação de espectro total tinha sido um ato de amor de Ele Mesmo para a mã, que aceitara deixar a Brandeis University para ser a deã dos Assuntos Académicos da Academia e tinha um pavor à iluminação fluorescente próprio dos Canadianos; mas quando o sistema foi finalmente instalado com garantias de segurança, a *Gestalt* da luminofobia da mã já se estendia a toda a iluminação suspensa e ela chegou a utilizar o sistema foco e placa do seu gabinete.

A seguir, foi a vez de Petropolis Kahn espetar a cabeçorra desgrenhada dentro da sala e perguntar que rebuliço era aquele lá em cima, as pancadas surdas e a berraria. Perguntou se eu ia tomar o pequeno-almoço. Disse que, segundo os rumores, o pequeno-almoço era qualquer coisa parecida com salsicha e sumo de

laranja com polpa palpável. Fechei os olhos e recordei que conhecia Petropolis Kahn há três anos e três meses. Kahn foi-se embora. Consegui sentir a retirada da cabeça dele da entrada da sala: houve uma muito ligeira sucção de ar. Precisava de me peidar mas ainda não me tinha peidado. O peso atómico do carbono é 12,01 e picos. O joguinho cuidadosamente vigiado de *Eschaton*, marcado para meio da manhã e com (segundo os rumores) o próprio Pemulis no papel de mestre, de certeza que não iria para a frente por causa da neve. Na terça-feira, quando estava a voltar de Natick, tinha começado a dar-me conta de que, se tivesse de acabar por escolher entre continuar a jogar de competição e continuar a poder apanhar mocas, seria uma escolha quase impossível de fazer. A própria forma distante como este facto me chocou acabou por me chocar também. Heath Pearson tinha sido o fundador do Clube dos Túneis dos sub-14 quando ainda era um rapazinho. Os rumores de que seria o próprio Pemulis a envergar o gorro no próximo *Eschaton* partiram de Kent Blott; Pemulis andava a evitar-me desde que eu tinha voltado de Natick, na terça-feira – como se pressentisse alguma coisa. Ontem à noite, na estação de serviço da Shell, a mulher da caixa registadora encolheu-se quando me aproximei com o cartão antes de meter gasolina, como se também tivesse visto alguma coisa na minha expressão que eu não sabia que estava lá. O *North American Collegiate Dictionary* afirmava que qualquer tempestade de neve «muito intensa» e com «ventos fortes» se podia qualificar como um nevão. Nos últimos dois anos antes de morrer, Ele Mesmo viveu sob uma ilusão de silêncio quando eu falava: eu achava que estava a falar e ele achava que eu não estava a falar. Mario assegurou-me que Ele Mesmo nunca o tinha acusado de não falar. Tentei lembrar-me se havia falado alguma vez no assunto com a mã. A mã fazia todos os esforços para se mostrar recetiva a qualquer assunto, à exceção de Ele Mesmo e do que se andava a passar entre ela e Ele Mesmo quando este se começou a afastar cada vez mais. Nunca proibiu que se fizessem perguntas sobre isso; mas ficava tão angustiada e tristonha que uma pessoa se sentia cruel por lhe estar a perguntar alguma coisa. Pus a hipótese de o facto de Pemulis ter terminado com as explicações de Matemática ser uma afirmação enviesada, uma espécie de estás preparado. Pemulis comunicava muitas vezes numa espécie de código esotérico. Era verdade que, na maior parte do tempo, eu não tinha saído do quarto desde terça-feira. O *OED* condensado, num raro exemplo de imprecisão

floreada, definia *nevão* como «Uma descarga furiosa de vento gélido e neve fustigante durante a qual homem e animal perecem frequentemente», afirmando que a palavra era um neologismo ou então uma corrupção do *blesser*[*4] francês, cunhada em inglês por um jornalista do *Northern Vindicator* do Iowa, em 1864 AS. No APMT, Orin afirmou que quando levava o carro da mã de manhã via às vezes marcas esborratadas de pés humanos descalços na parte de dentro do para-brisas. A grelha da conduta do aquecimento da SV5 produzia um sibilar estéril. Por todo o corredor, ouviam-se os sons da Academia a despertar, fazendo abluções competitivas, descarregando a ansiedade e queixando-se do possível nevão lá fora – querendo jogar. Por cima de mim, ouvia-se o movimento intenso dos pés a percorrerem o corredor do terceiro andar. Nessa altura, Orin andava a passar por um período em que só o atraíam mães novas com crianças pequenas. Uma forma curvada: ela curva-se, nós curvamo-nos. John Wayne tinha tido uma violenta reação alérgica a um descongestionante, deitando a mão ao microfone da WETA e, pelos vistos, envergonhando-se publicamente durante a emissão de terça-feira de Troeltsch, tendo sido levado para o St. Elizabeth's para passar lá a noite sob observação, mas tinha recuperado a tempo de voltar para a Academia e de terminar à frente até de Stice na corrida de resistência de quarta. Perdi isso tudo e Mario pôs-me ao corrente quando voltei de Natick – segundo parecia, Wayne tinha dito coisas pouco simpáticas sobre vários membros do pessoal e da administração da ATE, mas bastava conhecer Wayne e tudo aquilo em que ele acreditava para não levar nada daquilo a sério. Todos os relatos desse incidente se tinham centrado no alívio sentido por ele estar bem; pelos vistos, a própria mã tinha ficado até altas horas da noite ao lado da cama de Wayne, no St. E.'s, coisa que Booboo considera digna de apreço e típica da mã. A imaginar simplesmente a quantidade total de vezes que o meu peito vai subir, descer e subir outra vez. Se queremos especificidade prescritiva, temos de recorrer ao que não dá abébias: o *Dictionary of Environmental Sciences*, de Sitney e Schneewind, exigia doze centímetros por hora de neve a cair ininterruptamente, ventos mínimos de sessenta quilómetros por hora e visibilidade de menos de quinhentos metros; e só seria um nevão se estas condições se mantivessem por mais de três horas; menos de três horas era uma «borrasca C-IV». Só de pensar na dedicação e na energia continuada associadas à perspicácia e ao conhecimento verdadeiros já era esgotante.

Ultimamente, parecia-me às vezes uma espécie de milagre negro que as pessoas se conseguissem de facto interessar profundamente por um assunto ou uma atividade e fossem capazes de continuar a interessar-se por isso dessa forma durante anos a fio. De lhe dedicar vidas inteiras. Parecia-me admirável e, ao mesmo tempo, patético. Suponho que estejamos todos mortinhos por entregar as nossas vidas a qualquer coisa. A Deus ou ao Diabo, à política ou à gramática, à topologia ou à filatelia – o objeto em causa parecia incidental a esta vontade de nos entregarmos incondicionalmente. Aos jogos ou às agulhas, a outra pessoa. Havia qualquer coisa de patético nisso. Uma fuga de sob a forma de um mergulho em. Mas uma fuga de quê ao certo? Das tais salas entediantemente cheias de excrementos e carne? Com que objetivo? Era por isso que nos enviavam para aqui tão novos: para que nos entregássemos antes de chegar à idade em que as perguntas *porquê* e *para quê* ganham realmente bicos e garras. De certa maneira, era simpático. O alemão moderno está mais bem equipado para combinar gerúndios e preposições do que o seu primo mestiço, o inglês. O sentido original de *dependência* implicava estar vinculado e dedicado, tanto em termos legais como espirituais. Dedicar toda uma vida, mergulhar em. Tinha pesquisado isto. Stice havia perguntado se eu acreditava em fantasmas. Sempre me parecera um pouco ridículo que Hamlet, tão paralisado pelas dúvidas em relação a tudo, nunca duvidasse por um momento que o fantasma fosse real. Nunca questionasse que a sua própria loucura pudesse, na verdade, não ser fingida. Stice tinha prometido mostrar-me uma coisa desconcertante. Ou seja, se Hamlet não podia estar só a *fingir* que fingia. Não parava de pensar no solilóquio final do professor de Estudos Cinematográficos e de Cartuchos em *Homens Bem-Parecidos em Pequenas Salas Elegantes Que Utilizam cada Centímetro de Espaço Disponível com Uma Eficácia Desconcertante*, a paródia ácida da vida académica que Ele Mesmo deixou inacabada e que a mã considerou uma estranha bofetada pessoal. Não parava de pensar que devia mesmo subir as escadas para ir ver como estava o «Escuridão». O simples ato de pensar em sentar-me, levantar-me e sair da SV5 dando um determinado número de passos, que variaria consoante o alcance da passada, até chegar à porta que dava para as escadas, e por aí fora, parecia implicar já tanta coisa que só de pensar em levantar-me fiquei contente por estar deitado no chão.

Estava no chão. Apalpei a carpete verde-nilo com as costas das mãos. Estava

completamente horizontal. Sentia-me confortável deitado sem me mexer um milímetro e a olhar fixamente para o teto. Agradava-me ser um objeto horizontal numa sala repleta de horizontalidade. Provavelmente, Charles Tavis não é parente consanguíneo da mã. A mãe da mã, uma canadiana francesa extremamente alta, morreu quando ela tinha oito anos. Uns meses mais tarde, o pai partiu numa «viagem de negócios» e só voltou à quinta onde cultivavam batatas passadas várias semanas. Fazia coisas dessas com alguma frequência. Um consumidor excessivo de álcool. Mais tarde ou mais cedo, havia um telefonema de um estado ou província distantes dos EUA e um dos empregados ia pagar-lhe a fiança. Mas, depois deste desaparecimento específico, regressou com uma nova mulher, de quem a mã nunca tinha ouvido falar, uma viúva americana chamada Elizabeth Tavis, que, a julgar pela fotografia, muito pouco natural, do casamento celebrado em Vermont, só podia ser anã – a enorme cabeça quadrada, o tronco relativamente maior do que as pernas, a cana do nariz achatada e os olhos protuberantes, os braços extremamente pequenos abraçados à coxa direita do fidalgo rural Mondragon e a bochecha cor de caqui ternamente encostada à fivela do cinto dele. C.T. era o filho pequeno que ela tinha trazido para a nova união, tendo por pai um inútil que morrera num acidente bizarro a meio de um torneio de dardos numa taverna de Brattleboro no preciso momento em que tentavam ajustar os ganchos obstétricos para dar início ao trabalho de parto da acondroplásica senhora Tavis. Na foto de casamento, o sorriso dela revelava dentes homodontes. Mas, segundo Orin, C.T. e a mã dizem que a senhora T. não tem dentes verdadeiramente homodontes, não da mesma maneira – por exemplo – em que Mario os tem. Não há um único dente de Mario que não seja um segundo bicúspide. Por isso, era tudo uma coisa muito pouco clara. O relato do desaparecimento, do acidente a jogar dardos e da incongruência dentária foi feito por Orin, que disse ter extraído tudo isso de uma prolongada conversa unilateral com C.T., perturbadíssimo, na sala de espera da Unidade de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital Brigham and Women’s, onde a mã estava prematuramente a dar à luz Mario. Orin tinha sete anos; Ele Mesmo estava na sala de partos, onde pelos vistos Mario quase não chegava a nascer. Pelo menos no que me dizia respeito, o facto de Orin ser a nossa única fonte de informação em relação a todo esse assunto ensombrava-o de ainda maior ambiguidade. A precisão extrema nunca foi o forte de Orin. Claro que a foto de casamento podia

ser examinada e confirmava que a senhora Tavis tinha uma cabeça enorme e era incrivelmente pequena. Mario e eu nunca tínhamos abordado o assunto com a mã, possivelmente por temermos que isso pudesse reabrir feridas psíquicas de uma infância que sempre parecera infeliz. A única coisa que sabia com toda a certeza era que nunca tinha falado com ela acerca disso.

Quanto à mã e a C.T., sempre se haviam apresentado como duas pessoas sem nenhum parentesco mas extremamente chegadas.

De repente, o último espasmo do ataque de pânico e concentração profilática quase pareceu assoberbar-me com a intensa horizontalidade de tudo o que me rodeava na Sala de Visionamento – o teto, o chão, a carpete, os tampos das mesas, os assentos das cadeiras e os topos das prateleiras. E muito mais – as linhas horizontais e reluzentes dos painéis em *Kevlon* das paredes, o topo muito comprido do monitor, as bordas da porta, em cima e em baixo, as almofadas para visionamento, a parte de baixo do monitor, as partes de cima e de baixo, achatadas e pretas, do leitor dos cartuchos e os botõezinhos salientes como línguas atrofiadas. A horizontalidade aparentemente interminável dos assentos das cadeiras, do sofá e da poltrona, cada fila das prateleiras que cobriam a parede, o formato diverso das prateleiras horizontais da estante ovoide, dois dos quatro lados de cada caixa de cartucho e por aí fora. Continuei deitado no meu apertado sarcofagozinho de espaço. A horizontalidade amontoava-se à minha volta. Eu era a carne na sanduíche que era aquela sala. Senti despertar em mim uma dimensão essencial que tinha negligenciado durante vários anos de movimentos verticais, de estar em pé, de correr, de parar e de saltar, de atravessar o campo de um lado ao outro, sempre completamente direito. Durante anos, vi-me como um ser basicamente vertical, um estranho caule bifurcado feito de cenas e sangue. Agora sentia-me mais denso; sentia-me mais solidamente composto, agora que estava horizontal. Era impossível derrubarem-me.

Durante a infância e ao longo dos anos passados em escolas públicas, Gately tivera como cognome Bim, Bimmy ou Bimulator, etc., do acrónimo BIM, «Bisarma Indestrutível e Monga». Isto passou-se em Boston, na zona de North Shore, principalmente em Berverly e Salem. Tinha uma cabeça gigantesca, mesmo em miúdo. Aos doze anos, quando atingiu a puberdade, a cabeça parecia ter um metro de largura. Um capacete de futebol americano de tamanho normal

parecia um gorro na cabeça dele. Os treinadores tinham de encomendar capacetes especiais. Mas Gately valia o esforço financeiro. A partir do sexto ano, todos os treinadores lhe diziam que iria acabar de certeza numa equipa universitária da Primeira Divisão se avançasse para cima dos adversários e se mantivesse concentrado ao máximo. As recordações de meia dúzia de treinadores sem pescoço, com cabelo cortado à escovinha e à beira de um enfarte condensam-se numa ênfase áspera na importância de avançar para cima dos adversários e nas previsões de um futuro sem limites para Don G., Bimmy G., isto até ele deixar a escola no décimo primeiro ano.

Gately fazia de tudo – *fullback* ao ataque e *linebacker* à defesa. Era suficientemente grande para jogar encostado à linha, mas isso significaria desperdiçar a sua velocidade. No sétimo ano, quando já pesava duzentos e trinta quilos e levantava bem mais do que esse peso, Gately tinha demorado 4,4 segundos a fazer 40 metros e, segundo reza a lenda, o treinador da Beverly Middle School tinha corrido ainda mais depressa para o balneário para bater uma a olhar para o cronómetro. E o seu maior trunfo era a cabeça descomunal. De Gately. A cabeça era indestrutível. Quando a equipa precisava de ganhar metros, os colegas mudavam de posição para que Gately ficasse sozinho contra um defesa, passavam-lhe a bola e ele baixava a cabeça e avançava, de olhos postos no relvado. A parte de cima do capacete especial parecia a grelha de proteção de um comboio a investir sobre uma pessoa. Defesas, chumaços, capacetes e pitons, fazia tudo ricochete na cabeça, muitas vezes em várias direções. E a cabeça era destemida. Parecia que não tinha terminais nervosos ou recetores de dor ou coisa do género. Gately divertia os colegas de equipa deixando-os abrirem e fecharem portas de elevador em cima da cabeça dele. Deixava as pessoas partirem coisas nela – lancheiras, tabuleiros de cafetaria, estojos de violino de totós quatro-olhos, *sticks* de lacrosse. Com treze anos, nunca tinha de comprar cerveja: apostava um conjunto de seis cervejas com um miúdo qualquer, dizendo que era capaz de aguentar levar uma bordoada na cabeça com este ou aquele objeto. Tem a orelha esquerda mais ou menos permanentemente retorcida por apanhar com portas de elevador em cima e Gately opta por usar o cabelo à tigela, tipo Príncipe Valente, comprido dos lados para ajudar a esconder a orelha deformada. Ainda tem uma mossa, de tonalidade violeta, numa das maçãs do rosto, que o acompanha desde que, numa festa no décimo ano, um miúdo de North Reading

apostou um conjunto de doze cervejas em como ele não era capaz de aguentar levar com uma meia cheia de moedas de cêntimos e depois lhe deu uma mocada debaixo do olho e não na cabeça. Foi preciso toda a linha ofensiva de Beverly para arrancar Gately de cima do que restava do miúdo. O que se dizia de Gately nesses tempos juvenis era que ele era completamente alegre, tolerante e descontraído até certo ponto mas que se ultrapassássemos esse ponto, era melhor que conseguíssemos fazer 40 metros em menos de 4,4 segundos.

Sempre se deu melhor com os rapazes. Tinha uma ferocidade alegre que assustava as raparigas. E a única maneira que sabia de interagir com elas era tentar impressioná-las deixando-as ver alguém fazer-lhe qualquer coisa à cabeça. Nunca foi aquilo a que se chama um engatatão. Nas festas, estava sempre no centro do grupo que bebia em vez de dançar.

Tendo em conta o seu tamanho e situação familiar, talvez seja surpreendente que Gately não tenha sido um rufia. Não é que fosse bondoso, heroico ou um defensor dos oprimidos; não intercedia bondosamente para proteger os totós e os desajustados das predações dos miúdos que eram rufias. Só não tinha interesse em brutalizar os mais fracos. Ainda não sabe ao certo se isso é ou não mérito seu. As coisas podiam ter sido diferentes se o polícia militar tivesse dado alguma vez umas pantufadas em Gately em vez de centrar toda a atenção na senhora G., cada vez mais fraca.

Fumou o seu primeiro porro com nove anos, um charrito potente que parecia uma agulha e tinha sido comprado a uns pretos da secundária para depois ser fumado com mais três jogadores de futebol americano da primária, num chalé de verão vazio de que um tinha a chave, vendo na TV uns pretos a partirem tudo numa L.A. em chamas, depois de uns chuis terem sido filmados a atirarem-se à séria a um preto. A seguir, uns meses mais tarde, a sua primeira verdadeira bebedeira, quando ele e os outros jogadores se juntaram a um empregado da Orkin que gostava de embezanar miúdos com *cocktails*, usava camisas castanhas e botas de combate à nazi nos tempos livres e se punha a perorar sobre o Governo de Ocupação Sionista e *The Turner Diaries* enquanto os miúdos bebiam o sumo de laranja com vodca que ele lhes tinha pago, olhando para o tipo com desinteresse e revirando os olhos uns para os outros. Passado pouco tempo, os jogadores de futebol americano com que Gately se dava já só se interessavam praticamente por tentar apanhar mocas, fazer competições para ver

quem «tocava» melhor *air guitar* e mijava mais longe, teorizar sobre coisar com miúdas de North Shore de cabelo volumoso e tentar descobrir coisas para partir na cabeça de Gately. E também tinham todos, tipo, situações familiares. Gately era o único que se dedicava verdadeiramente ao futebol americano e o mais provável era isso dever-se apenas ao facto de lhe terem dito vezes sem conta que ele tinha realmente talento e um futuro sem limites. Da primária para a frente, passou a ser classificado como tendo um défice de atenção que implicava necessidades educativas especiais, com défices mais acentuados na disciplina de «Arte da Língua», mas isso explicava-se, pelo menos em parte, pelo facto de a senhora G. mal saber ler e Gately não querer fazê-la sentir-se pior. Mas não havia défice nenhum na atenção que dava ao futebol americano, às jolas fresquinhas, vodcas com laranja ou porros de alta resina ou, em especial, à farmacologia aplicada, não depois de ter metido o primeiro *Quaalude*[362] aos treze anos.

Tal como as memórias dos seus primeiros tempos de vodca com laranja e *sinsemilla* tendem a compactar-se numa única recordação de estar a mijar sumo de laranja para o Atlântico (ele e os lerdos e cruéis jogadores de futebol americano e rufias de Beverly, com quem andava na borga, a beberem quase um litro de sumo de laranja com vodca de enfiada, virados para leste, e a despejarem, com a garganta aquecida, longos arcos de mijo bem amarelo para as ondas que rebentavam junto à costa e lhes enchiam os pés de espuma quente e amarelada do mijo deles – como se estivessem a cuspir contra o vento – no púlpito, Gately tinha começado a dizer que afinal, no que tocava ao álcool, estivera a mijar em cima de si mesmo desde o princípio), exatamente da mesma maneira, esse par de anos antes de descobrir os narcóticos orais, todo o período entre os treze e os quinze em que tinha sido um fã de *Quaaludes* e de cerveja de marca *Hefenreffer*, colapsa para depois se recompor à volta daquilo a que ele ainda se recorda como «O Ataque dos Passeios Assassinos». Os *Quaaludes* e a *Hefenreffer* também assinalaram a entrada de Gately num círculo social da BMS inteiramente novo e bastante mais sinistro e menos atlético, do qual fazia parte Trent Kite[363], um totó de gema, sempre com um portátil atrás, sem queixo e com um nariz de anta, basicamente o último fanático dos Grateful Dead com menos de quarenta anos na costa leste dos Estados Unidos, cujo lugar de honra no sinistro círculo das drogas da Beverly Middle School se devia em exclusivo ao

dom de transformar a cozinha de qualquer casa em que os pais estivessem de férias num laboratório farmacêutico rudimentar, servindo-se de, tipo, frascos de molho de churrasco como balões de Erlenmeyer e de micro-ondas para ciclizar HO e carbono, transformando-os em compostos de três anéis, sintetizar drogas psicadélicas de dióxido de metileno[364] a partir de noz-moscada e óleo de sassafrás, éter de acendalhas, metanfetaminas sintéticas de triptofano e histidina, servindo-se às vezes apenas um bico de gás e utensílios de cozinha *Faberware* dos pais, capaz até de extrair concentrações utilizáveis de tetra-hidrofurano a partir de um desentupidor de PVC – e, nessa altura, era quase impossível encomendar tetra-hidrofurano a qualquer empresa química nos quarenta e oito estados contíguos dos EUA e nas seis províncias canadianas adjacentes sem receber de imediato uma visita dos tipos da DEA, com os seus fatos de três peças e óculos de sol espelhados – e de utilizar depois o tetra-hidrofurano, o etanol e qualquer catalisador de proteínas para transformar o simples e corriqueiro *Sominex* numa coisa apenas a uma molécula CH^3 da boa da velha metaqualona bifásica, aliás, o intrépido *Quaalude*. Kite chamava *QuoVadis* aos seus isótopos de *Quaalude*, que eram da especial predileção de Bimmy G., entre os treze e os quinze anos, e do círculo sinistro de morcões de cabelo espetado com quem metia *Ludes* e *QuoVadises*, emborcando-os com *Hefenreffers* e resultando num quase *blackout* mnemónico que fez com que todo esse período de dois anos – o mesmo período durante o qual o ex-polícia militar arranjou outra pessoa, uma divorciada de Newburyport que, pelos vistos, dava mais luta do que a senhora G., e se pôs a mexer no seu *Ford* cheio de autocolantes, levando o saco de marinheiro e o jaquetão de lã grossa –, todo esse período passasse a ser apenas, na memória sóbria de Gately, a época vaga do Ataque dos Passeios Assassinos. Os *Quaaludes* e as canecas de *Hefenreffer* fizeram Gately e os seus novos compinchas aperceberem-se da normalmente-adormecida-mas-aparentemente-sempre-à-espreita má vontade dos passeios públicos de aspeto inocente espalhados por todo o lado. Não era preciso ser um crânio como Trent Kite para se perceber a equação (*Quaaludes*) + (nem sequer assim tantas cervejas) = levar uma cacetada no passeio mais próximo – ou seja, estar a andar inocentemente num passeio e de repente o passeio ir de encontro à pessoa: PIMBA. Aconteceu a porra de um sem-número de vezes. No grupo, todos detestavam ter de ir a pé a qualquer sítio sob o efeito dos *QuoVadises*, já que ainda não tinham carta de

condução, o que dá uma ideia do QI acumulado que se debruçava sobre o problema dos ataques. Uma marca minúscula e permanente no olho esquerdo e o que parece uma covinha no queixo são o legado de Gately do período anterior à passagem para os *Percocets*, sendo que uma das vantagens do mergulho a fundo nos narcóticos orais foi o facto de os *Percocets* + as *Hefenreffers* não permitirem sequer mobilidade vertical suficiente para a pessoa ficar vulnerável à má vontade sempre à espreita dos passeios.

Era espantoso que nada disto pareça ter prejudicado por aí além o desempenho de Gately em termos do futebol americano, mas a verdade é que era tão dedicado a esse desporto como aos sedativos com efeitos sobre o sistema nervoso central. Pelo menos, durante um tempo. Nessa altura, tinha regras próprias e férreas. Absorvia drogas só à noite, depois dos treinos. Nem sequer um pingo de cerveja entre as 09h00 e as 18h00 durante a temporada de treinos e partidas e limitava-se a um único porro, às quintas-feiras ao fim da tarde, antes dos jogos propriamente ditos. Durante a época de futebol americano, impunha a si mesmo uma mão de ferro até o Sol cair e, a seguir, atirava-se à mercê dos passeios e do zumbido sonolento. Servia-se das aulas para recuperar o sono. No nono ano, já era titular dos Minutemen, a equipa do Beverly-Salem H.S., e estava à beira de ser suspenso do liceu. No décimo ano, a maioria dos elementos do círculo sinistro com quem se dava já tinha sido expulsa por faltar às aulas, traficar ou pior ainda. Gately lá foi conseguindo aguentar-se até aos dezassete.

Mas os *Quaaludes*, os *QuoVadises* e os *Percocets* são letais para os trabalhos de caso, especialmente se emborcados com *Hefenreffer*, e ainda mais especialmente se uma pessoa for ambivalente em termos académicos, classificada com distúrbio de défice de atenção, e já estiver a usar cada grama de autodisciplina para proteger o futebol americano dessas drogas. E – infelizmente – a secundária é totalmente distinta do ensino superior no que diz respeito à influência dos treinadores dos desportos mais importantes sobre os professores, em matéria das notas dos seus atletas. Kite ajudava Gately a passar a Matemática e na disciplina de Ciências para os alunos com necessidades educativas especiais, e o coordenador ofensivo dos Minutemen, um frequentador de bares sempre bronzeado, andava a partir a mona à estrábica da professora de Francês para deixar passar Gately e um avançado semiatrasado mental. Mas a porra do Inglês dava cabo dele, de Gately. O Departamento de Educação Física fez Gately

mudar três vezes de professor de Inglês e todos eles achavam, numa atitude muito *sieg-heil*, que era de certa forma cruel passar um miúdo que não conseguia fazer o que era exigido. E os argumentos do Departamento de Educação Física, explicando-lhes que Gately tinha uma situação familiar especialmente complicada e que chumbá-lo e deixá-lo inelegível para a equipa de futebol americano eliminaria a única razão que ele tinha para continuar sequer a ir à escola – tudo isto caiu, tipo, em saco *routo*. O Inglês era o vai ou racha dele, aquilo a que na altura chamou o seu «Water Lou». Conseguia safar-se nos trabalhos que tinha de fazer em cada período; o treinador da equipa de futebol americano tinha sempre uns cromos de reserva. Mas os exercícios e testes nas aulas lixaram Gately, que depois do pôr do sol já não tinha pura e simplesmente força de vontade suficiente para escolher, tipo, o terrivelmente chato *Ethan From* em vez dos *QuoVadises* e das *Hefenreffers*. Para além disso, a verdade é que por essa altura já as autoridades de três escolas o tinham convencido de que era basicamente estúpido. Mas a culpa principal foi das drogas. Houve um cromo contratado pelo Departamento de Educação Física do B-SHS para servir de explicador de Inglês que, no décimo ano, passou as noites todas de março na companhia de Gately e, quando chegou a Páscoa, o miúdo já só pesava quarenta e três quilos, tinha um brinco no nariz e as mãos tremiam-lhe, e os pais, funcionais mas desesperados, enfiaram-no num centro de reabilitação juvenil, onde o cromo passou a primeira semana de desabituação sem sair de um canto, a recitar aos altos berros *O Uivo* num inglês chauceriano. Em maio, Gately chumbou na disciplina de Composição do décimo ano, perdeu a possibilidade de se matricular no outono e saiu da escola durante um ano para poder jogar depois na equipa do décimo primeiro ano. Só que, sem a única outra coisa a que se dedicava de corpo e alma, o travão de emergência psíquico deixou de funcionar e os dezasseis anos de Gately continuam a ser essencialmente uma época em branco, só se lembrando do sofá novo da mãe, vermelho e forrado de chita, que ela utilizava para ver televisão, e de ter conhecido um prestável auxiliar de farmacêutico da Rite Aid com um eczema que o desfigurava e pesadas dívidas de jogo. E também tem recordações de uma terrível comichão intraocular e de uma alimentação à base de porcarias compradas em lojas de conveniência, mais as verduras do copo de vodca da mãe quando ela estava a dormir. Aos dezassete e já com cento e vinte e nove quilos, quando voltou finalmente à escola para

repetir o décimo ano e jogar na equipa de futebol americano do décimo primeiro, Gately estava debilitado, flácido, aparentemente narcoléptico e com uma agenda de dependência tão inflexível que, de três em três horas, precisava de quinze miligramas do bom do velho cloridrato de oxicodona, saído do frasco de *Tylenol* que trazia no bolso, para não começar a tremer por todos os lados. No campo, parecia um gatinho enorme e confuso – o treinador obrigou-a a ir fazer PET, temendo que ele tivesse esclerose múltipla ou lateral amiotrófica – e agora até a versão em quadradinhos de *Ethan From* se encontrava para lá das capacidades dele; e, nesse último setembro do Tempo Não Subsidiado, o bom do velho Kite já se tinha ido embora, tendo sido aceite, mais cedo e com uma bolsa integral, no curso de Informática da Salem State University, o que significava que Gately tinha de passar a safar-se sozinho nas aulas de apoio de Matemática e Química. No terceiro jogo, Gately perdeu o estatuto de titular na linha ofensiva da equipa e foi substituído por um caloiro grande e de olhos claros que o treinador dizia que demonstrava um potencial quase ilimitado. Foi então que, no final de outubro, a senhora Gately sofreu aquela coisa da hemorragia cirrótica e do sangue no cérebro, mesmo antes dos exames a meio do período a que Gately se preparava para ter negativa. Tipos com olhos enfadados e batas de algodão brancas, a rebentarem balões azuis de pastilha elástica, enfiaram-na na parte de trás de uma ambulância e levaram-na, sem pressas nem sirene, primeiro ao hospital e depois a um CCC[365] com cobertura Medicaid, do outro lado de Yirrell Beach, em Point Shirley. Gately sentia demasiada comichão no fundo dos olhos para conseguir sequer aguentar-se nos degraus do alpendre vermelho esburacado e ver o suficiente para lhe ficar a dizer adeus. Nesse dia, fumou o seu primeiríssimo cigarro, de cem milímetros e saído de um maço de tabaco genérico da mãe que ela tinha deixado a meio. Nem sequer chegou a voltar ao B-SHS para esvaziar os cacifos. Nunca mais jogou futebol americano de equipa.

Sou capaz de ter passado pelas brasas. Apareceram mais umas quantas cabeças que ficaram à espera de resposta e depois se foram embora. Se calhar, passei pelas brasas. Dei conta de que não tinha de comer se não estava com fome. Isso surgiu-me quase como uma revelação. Já não tinha fome há mais de uma semana. Conseguia lembrar-me de quando estava sempre com fome, constantemente com fome.

Foi então que, a dada altura, a cabeça de Pemulis surgiu à entrada da sala, com o estranho remoinho de cabelo matinal, a lembrar umas torres gémeas, a oscilar para um lado e para o outro quando ele olhou à vez por cima dos ombros para espreitar para o corredor. Tinha o olho direito com espasmos ou então estava inchado do sono; havia ali qualquer coisa que não estava bem.

– *Entonces* – disse ele.

Fingi que protegia os olhos.

– Olá, desconhecido.

Pemulis não costuma pedir desculpas, explicar-se ou ficar preocupado com o que possam pensar dele. Nesse aspeto, lembrava-me Mario. Era difícil conciliar essa ausência de insegurança quase régia com a neurastenia que tantos problemas lhe provocava no campo.

– Comé? – perguntou ele sem sair da entrada da sala.

Percebi que se lhe perguntasse onde tinha estado a semana inteira, isso daria azo a tantas possíveis respostas diferentes e perguntas adicionais que só essa perspetiva já era quase avassaladora, tão esgotante que mal fui capaz de responder que tinha estado simplesmente ali deitado no chão.

– Tenho estado só aqui deitado – respondi-lhe.

– Foi o que me acabaram de dizer – retorquiu ele. – O Pretropulator falou num ataque de riso.

Era quase impossível encolher os ombros deitado de costas numa carpete felpuda.

– Vê com os teus próprios olhos – disse eu.

Pemulis entrou finalmente na sala. Tornou-se a única coisa ali que se via como sendo basicamente vertical. Não estava com lá muito bom aspeto; a sua cor não era grande coisa. Não tinha feito a barba e uma dúzia de pelinhos pretos saía-lhe da ponta do queixo. Dava a impressão de estar a mascar pastilha elástica apesar de não estar a mascar pastilha elástica.

Perguntou:

– A pensar?

– O contrário. Profilaxia de pensamentos.

– Sentes-te um bocadinho fatela?

– Não me posso queixar – revirei os olhos na direção dele.

Pemulis fez um som repentino, como quem abre a boca para falar. Afastou-se

para a periferia do meu campo de visão e colocou-se no meio de duas paredes atrás de mim; ouvi-o baixar-se para ficar de cócoras e encostado à parede, algo que gostava de fazer às vezes.

Petropulator era Petropolis Kahn. Eu estava a pensar na palestra final sobre cinema em *Homens Bem-Parecidos em Pequenas Salas Elegantes...* e depois no infortúnio de C.T. no funeral de Ele Mesmo. A mã tinha mandado enterrar Ele Mesmo naquele que era, por tradição, o jazigo destinado à família dela, em L'Islet Province. Ouvi um grande berro e dois estrondos mesmo por cima de mim. A minha caixa torácica contraía-se e expandia-se.

– *Incster?* – perguntou Pemulis passado algum tempo.

Uma coisa que se veio a revelar digna de nota foi o facto de o monte de terra que fica depois de se acabar de tapar uma cova parece volumoso, elevado e fofo como massa.

– Hal? – perguntou Pemulis.

– *Javol*.

– Precisamos de ter um interface muito importante, mano.

Não disse nada. Havia demasiadas potenciais respostas, tanto espirituosas como sinceras. Consegui ouvir os remoinhos de cabelo de Pemulis a roçarem numa e noutra parede quando ele olhou para os dois lados e o barulhinho do fecho ecler com que ele estava a brincar.

– Estava a pensar que podíamos ir para um sítio discreto e interagir a sério.

– Sou como uma antena horizontal completamente sintonizada em ti, aqui deitadinho sem me mexer.

– O que eu estava a querer saber era se podíamos ir para outro sítio.

– Mas para que é que é essa pressa toda assim de repente? – Estava a tentar dar a voz uma entoação de mãe judia, aquela alternância melódica que desce, sobe e depois desce outra vez. – A semana inteira: nem um telefonema, nem um cartão. E agora vens-me com essa pressa toda?

– Tens visto a tua mãe ultimamente?

– Não a vi a semana inteira. De certeza que deve estar com o C.T. a tentar arranjar um sítio que dê para resolver o problema do tempo.

Fiz uma pausa.

– Pensando bem, também não o vi a semana inteira – acrescentei.

– O *Eschaton* não vai acontecer – anunciou Pemulis. – Ali fora, está tudo de

pantanas.

– Pressinto que nos vão dizer alguma coisa sobre os miúdos quebequenses não tarda nada – disse eu. – É para veres como estou sintonizado assim nesta posição.

– Então e que me dizes a dispensarmos a imitação de salsicha e irmos num instantinho comer qualquer coisa ao Steak ‘N Sundae?

Seguiu-se um momento de silêncio prolongado enquanto analisava todas as possíveis respostas. Pemulis estava a puxar o fechozinho ecler de qualquer coisa para cima e para baixo. Não me conseguia decidir. Por fim, fui quase forçado a escolher ao calhas.

– Ando a tentar evitar os sítios que se armam em superiores usando um ‘N no nome.

– Escuta – ouvi os joelhos dele a rangerem quando se debruçou para mais perto da minha cabeça –, em relação ao *tu-savez-quoi*...

– O D-M-coiso-e-tal-Z. O bacanal sintético. Isso está completamente cancelado, Mike. Bem podes falar em estar tudo de pantanas.

– Isso é uma das coisas de que precisamos de falar no nosso interface, se mexeres literalmente o cuzinho daí.

Fiquei um minuto a olhar para o copo da NASA a subir e a descer.

– Nem vale a pena começares, M.M.

– Começar com o quê?

– Estamos em hiato, lembras-te? Temos de viver como muçulmanos xiitas durante os trinta dias que tu conseguiste convencer o tipo milagrosamente com falinhas mansas a dar-nos.

– Não foi por causa de falinhas mansas que nos concederam isso, Inc, a questão é essa.

– E agora faltam, o quê, vinte dias? Vamos produzir uma urina tão pura como a gaja de um mulá, foi isso que combinámos.

– Isto não é... – começou a dizer Pemulis.

Peidei-me, mas não se ouviu nenhum som. Estava aborrecido. Não me conseguia lembrar de nenhuma altura em que Pemulis me tivesse aborrecido.

– E não preciso que te ponhas a aliciar-me com retórica – afirmei.

Keith Freer apareceu à entrada da sala, encostando-se à ombreira da porta com os braços cruzados. Ainda trazia o *body* esquisito que usava para dormir e que o

fazia parecer uma pessoa que rasgava listas telefónicas ao meio num espetáculo de feira.

– Alguém me pode explicar porque é que há carne humana na janela do corredor lá em cima? – perguntou.

– Estamos aqui a *conversar* – respondeu-lhe Pemulis.

Levantei as costas do chão.

– Carne?

Freer olhou para mim.

– Não me parece que seja motivo para rir, Hal. Foda-se, juro por Deus que está um bocado de carne de testa colado à janela do corredor lá em cima, mais o que parecem ser duas sobrancelhas e pedacinhos de nariz. E agora o Tall Paul anda a dizer que o Stice foi visto lá no átrio a sair da enfermaria com uma coisa que parecia saída do Zorro.

Pemulis estava outra vez de pé, completamente vertical; ouvi-lhe os joelhos a rangerem quando se levantou.

– Isto aqui é tipo um *tête-à-tête,* mano. Estamos aqui entrincheirados, mano a ma...

– O Stice ficou colado à janela – expliquei, voltando a deitar-me. – O Kenkle e o Brandt iam arrancá-lo de lá com um balde de água quente.

Pemulis perguntou:

– Como é que se fica colado a uma janela?

– Bom, pelos vistos, arrancaram-lhe metade da cara da cabeça – comentou Freer, apalpando a testa com um arrepiozinho.

O focinhozinho de porco de Kieran McKenna surgiu num pequeno espaço por baixo do braço de Freer. Continuava com aquela gaze estúpida enrolada à volta da cabeça supostamente lesionada.

– E vocês já viram o «Escuridão»? O Gopnik disse que ele parece um bocado de piza de mozarela a que arrancaram o queijo. O Gopnik disse que o Troeltsch anda a cobrar dois dólares por espreitadela.

Desatou a correr para as escadas sem esperar por uma resposta, com o bolso a chocalhar desenfreadamente. Freer olhou para Pemulis e abriu a boca, mas depois pareceu reconsiderar e também desapareceu para o corredor. Ouvimos uns quantos assobios sarcásticos dirigidos ao *body* de Freer.

Pemulis reapareceu no centro do meu campo de visão; o olho direito dele

estava mesmo com espasmos.

– Era disto que eu estava a falar quando disse para irmos para um sítio discreto. Alguma vez te pedi urgentemente para dialogar, Inc?

– Nos últimos dias de certeza que não, Mike, quanto a isso não há dúvidas.

Seguiu-se outro momento de silêncio prolongado. Pus as mãos à frente da cara e olhei para os contornos delas sob as luzes indiretas.

Pemulis disse finalmente:

– Bom, vou ver se como qualquer coisa antes de apanhar com o Stice sem a porra da testa.

– Come uma pseudosalsicha por mim – respondi. – E diz-me qualquer coisa se houver novidades do torneio. Como se tiver de jogar.

Pemulis lambeu a palma da mão e tentou amansar os remoinhos no cabelo. Da posição em que me encontrava, parecia estar lá bem no alto e de pernas para o ar.

– Então e a dada altura vais levantar-te, subir as escadas, vestir-te e ouvir aquela cena da ópera com um pé no ar? Porque eu posso comer e depois subir. Podemos dizer ao Mario que precisamos de ter um *mano-à-tête*.

Agora estava a fazer uma gaiola com as mãos e a observar a luz através da sua forma à medida que a rodava.

– Fazes-me um favor? Tira-me aí o *Homens Bem-Parecidos em Pequenas Salas Elegantes Que Utilizam Cada Centímetro de Espaço Disponível com Uma Eficácia Desconcertante*. Está na terceira prateleira da estante dos cartuchos, é para aí o décimo segundo a contar da direita. Depois passa-o para a frente, até aos vinte e três minutos, vinte e três minutos e cinquenta segundos, pode ser? Aí os últimos cinco minutos.

– Na terceira prateleira a contar de baixo – expliquei eu enquanto ele procurava e batia com o pé no chão. – Têm as cenas todas de Ele Mesmo na terceira prateleira.

Continuou à procura.

– *Fotografias de Bebé de Ditadores Célebres? Divertimento com Dentes? A Fusão Anelar É Nossa Amiba?* Nunca ouvi sequer falar em metade das cenas do teu pai que aqui está.

– *Amiga*, não é *Amiba*. Ou se enganaram ou o título já não se vê bem. E estão supostamente por ordem alfabética. Devia estar logo a seguir ao *Fluxo Numa Caixa*.

– E eu a usar o laboratório do pobre desgraçado – disse Pemulis. Pôs o cartucho no leitor e ligou o monitor, com os joelhos a aparecerem novamente no meu campo de visão quando se agachou para avançar até aos vinte e três minutos e cinquenta segundos. O ecrã gigante começou a zumbir baixinho, com a intensidade a aumentar à medida que o ecrã ia aquecendo e assumindo um aspeto azul como o olho de um pássaro morto. Pemulis estava descalço e olhei para os calos que tinha nos calcanhares. Atirou a caixa do cartucho descuidadamente para um sofá ou cadeira atrás de mim e olhou para baixo. – De que merda é que o *Divertimento com Dentes* trata?

Tentei encolher os ombros mesmo com a fricção da carpete.

– Basicamente do que o título diz que trata.

O funeral tinha sido realizado no dia 5 ou 6 de abril, em St. Adalbert, uma terrinha construída à volta de um armazém de batatas a menos de cinco quilómetros para oeste da Grande Concavidade. Nessa primavera, tínhamos sido todos forçados a voar de Newfoundland por causa da quantidade de resíduos despejados. E as companhias aéreas comerciais ainda não tinham recebido dados sobre os níveis de dioxina verificados a grandes altitudes na Concavidade. As nuvens impediam-nos de ver grande coisa da costa de New Brunswick, o que, pelo que me disseram, foi uma bênção. O que aconteceu no funeral propriamente dito foi que uma gaivota que andava a sobrevoar a zona conseguiu acertar em cheio com caca branca no ombro do *blazer* azul de C.T. e que quando ele abriu a boca, espantado com esse ataque em cheio, uma grande mosca azul enfiou-se-lhe na boca e revelou-se difícil de lá tirar. Várias pessoas riram-se. Não foi uma coisa importante ou dramática. Provavelmente, a mã foi quem se riu mais.

O sistema de busca do telecomputador disparou com um ruído abrupto e o monitor ganhou vida. Pemulis trazia umas calças largueironas, uma boina escocesa de lã e óculos sem lentes, mas não tinha sapatos. O cartucho começou perto daquilo que eu queria analisar, a palestra culminante do protagonista. Paul Anthony Heaven, no esplendor dos seus cinquenta quilos, agarrando com firmeza a mesa de leitura com as duas mãos, para se poder ver que não tinha polegares, os tristes e pintados fios de cabelo com que tentava esconder a careca visíveis porque tinha a cabeça para baixo, lendo a palestra no tom monótono, académico e atrofiante, de que Ele Mesmo gostava tanto. Esse tom monótono era a razão para Ele Mesmo ter utilizado Paul Anthony Heaven, um amador cuja

verdadeira profissão era ser um autómato ao serviço da Ocean Spray e que dava entrada a dados, em qualquer papel que exigisse uma presença institucional atrofiante – Paul Anthony Heaven também tinha interpretado o supervisor ameaçador em *Despede-te do Burocrata,* o comissário do Estado de Massachusetts para Praias e Águas Seguras em *Andar de Barco em Segurança não É Acidental* e o auditor empresarial que sofria de Parkinson em *Civismo de Baixa Temperatura*.

«Portanto, revela-se que a verdadeira consequência do Dilúvio é a dessecação, gerações com hidrofobia a uma escala pandémica», lia o protagonista em voz alta. *The Cage,* de Peterson, estava a passar num ecrã gigante por trás da mesa de leitura. Uma série de planos dos alunos com as cabeças enterradas nas secretárias, a lerem o correio, a fazerem origamis de animais e a esgravatarem as caras com uma intensidade inexpressiva, mostrava que a palestra culminante não estava a ser nada culminante para o público dentro do filme. «E assim tornamo-nos nós próprios, na ausência da morte enquanto fim teleológico, dessecados, privados de um qualquer fluido essencial, aridamente cerebrais, abstratos, conceptuais, pouco mais do que alucinações de Deus», leu o professor num terrivelmente monótono, sem nunca tirar os olhos do texto em cima da mesa de leitura. Os críticos e os estudiosos dos cartuchos de arte e ensaio que sublinham a presença frequente de espectadores dentro dos filmes de Ele Mesmo e que defendem que o facto de esses espectadores serem sempre estúpidos e indiferentes ou então vítimas de uma desgraça horrenda no contexto do entretenimento revela uma dose bastante considerável de hostilidade por parte de um *auteur* rotulado como tecnicamente dotado mas narrativamente chato, não linear, estático e incapaz de divertir o suficiente – os argumentos desses eruditos até parecem razoáveis em si mesmo, mas não explicam o *pathos* incrível de Paul Anthony Heaven a ler a palestra para uma assistência de miúdos de olhos mortiços a esgravatarem-se e a fazerem rabiscos ociosos de aviões e genitais nos blocos de notas pautados, a ler merdas atrofiantemente empoladas[366] – «Pois embora o *clinamen*[*5] e a *tessela* procurem reavivar ou rever o antepassado morto, e apesar de a *kenosis*[*6] e a *demonização* se esforcem por reprimir a consciência e as memórias do antepassado morto, é, por fim, a *askesis*[*7] artística que representa a contenda propriamente dita, a batalha até à morte com o ente querido morto – num tom monótono tão narcotizante como uma voz do além – e, no entanto,

passando o tempo todo a chorar, Paul Anthony Heaven, enquanto os miúdos que enchem a parte de cima do anfiteatro veem todos o correio, sem que o professor de Cinema se ponha a soluçar ou a limpar o nariz à manga do casaco de *tweed*, mas chorando silenciosamente, sem parar, com as lágrimas a escorrerem pelo rosto magro de Heaven, a juntarem-se no queixo caído e a desaparecerem do enquadramento, reluzindo ligeiramente, abaixo da mesa de leitura. Foi então que tudo isto também começou a parecer familiar.

No início, não era ladrão, Gately, quando se tornou um viciado a tempo inteiro, ainda que às vezes roubasse pequenos objetos de valor dos apartamentos das enfermeiras agarradas com quem coisava e orientava umas amostras. Depois de abandonar a escola, Gately trabalhou em *full-time* durante um tempo para um corretor de apostas de North Shore, Whitey Sorkin, um tipo que também era dono de vários clubes de *strip*, na Rua 1 em Saugus, e que se tinha tornado amigo dele, um pouco por acaso, quando Gately ainda jogava futebol americano de alto nível. A sua associação profissional a Whitey Sorkin continuou, num regime de *part-time*, mesmo depois de Gately ter descoberto que a sua verdadeira vocação era assaltar casas, embora tendesse cada vez mais para crimes não violentos e menos exigentes.

Mas entre os dezoito e os vinte e três anos, Gately e o já mencionado Gene Fackelmann – um viciado em *Dilaudid*, imponente, de ombros encurvados, ancas largas e pança prematura, que sofria de um estranho priapismo, era congenitamente agarrado e tinha um bigode com as pontas viradas para baixo que parecia ter vida própria –, os dois serviram, tipo, de agentes de campo a Whitey Sorkin, aceitando apostas e comunicando-as para Saugus, entregando as receitas e cobrando as dívidas. Gately nunca percebeu muito bem por que razão chamavam Whitey a Whitey Sorkin, já que ele passava uma data de tempo a apanhar raios ultravioleta, parte de um regime esotérico de tratamento contra as enxaquecas, e por isso tinha uma cor reluzente constante, parecida com a de um sabão escuro, quase a mesma cor, bem como o perfil clássico e corriqueiro, do jovem e alegre médico paquistanês do Hospital Our Lady of Solace, em Beverly, que disse a Gately que *lamentaba imenzo* que a cirrose e o ataque cirrótico da senhora G. a tivessem deixado aproximadamente com o nível neurológico de uma couve-de-bruxelas e que, a seguir, lhe explicou que transportes públicos

devia apanhar para o CCC de Point Shirley.

Eugene («Fax») Fackelmann, que havia abandonado o sistema educativo de Lynn, Massachusetts, por volta dos dez anos, tinha conhecido Whitey Sorkin através do mesmo auxiliar de farmacêutico com eczema e viciado no jogo que também servira de elo de ligação entre Gately e Sorkin. Nessa altura, já ninguém chamava Bimmy ou Doshka a Gately. Agora era Don, sem alcunha. Às vezes, Donny. Sorkin referia-se a Gately e a Fackelmann como as suas «Torres Gémeas». Eram mais ou menos os capangas que Sorkin tinha a soldo. Só que não se assemelhavam em nada à forma como eram representados os capangas a soldo dos barões do crime em termos de entretenimento popular. Não ladeavam impassivelmente Sorkin em reuniões do mundo do crime, não lhe acendiam charutos, não lhe chamavam «chefe» nem nada que se parecesse. Não eram guarda-costas de Sorkin. Na verdade, nem sequer estavam assim tão fisicamente perto dele; normalmente, interagiam com Sorkin, o seu escritório e a secretária, em Saugus, por via de bipes e telemóveis[367].

E embora cobrassem de facto dívidas a mando de Sorkin, incluindo as dívidas mais complicadas (principalmente Gately), Gately não andava propriamente por aí a partir as rótulas aos devedores. Até mesmo a ameaça de violência coerciva era bastante rara. Em parte, só o tamanho de Gately e Fackelmann já era suficiente para impedir que os delitos não escalassem descontroladamente. E o resto explicava-se por todos os implicados se conhecerem normalmente uns aos outros – Sorkin, os apostadores e os devedores, Gately e Fackelmann, outros viciados (que às vezes apostavam ou, mais frequentemente, lidavam com Gately e Fackelmann em representação de tipos que o faziam), até o pessoal da brigada de costumes da polícia de North Shore, já que muitos deles também apostavam às vezes através de Sorkin por este lhes fazer reduções especiais de funcionário público na percentagem que lhe cabia. Era tudo, tipo, uma comunidade. Normalmente, a função de Gately em relação às dívidas mais complicadas ou às percentagens por pagar era ir ter com o devedor ao bar onde calhava ele ver os canais de desporto por satélite e informá-lo simplesmente de que a dívida estava quase a passar dos limites – fazendo com que a própria dívida parecesse o devedor – e que Whitey estava preocupado com isso, e chegar a algum acordo ou plano de pagamentos com o tipo. A seguir, o jovem Gately ia à casa de banho do bar ligar a Sorkin pelo telemóvel para aprovar o acordo que tivesse sido

estabelecido. Gately era descontraído e afável e nunca se zangava com ninguém, ou quase nunca. Nem Whitey Sorkin: muitos dos apostadores eram clientes antigos e constantes e as linhas de crédito faziam parte da coisa. A maior parte dos raros problemas com dívidas em que era preciso fazer valer o tamanho e a coerção tinha que ver com tipos com problemas de jogo, uns tipos furtivos e assim para o patéticos, viciados na emoção das apostas, que se enfiavam num buraco e depois tentavam, num gesto suicida, sair de lá apostando, recorrendo a vários corretores ao mesmo tempo e mentindo ao concordarem com planos de pagamentos que não faziam qualquer intenção de honrar, apostando, de maneira suicida, que seriam capazes de dar conta de todas as apostas em simultâneo até terem a improvável grande fezada que achavam sempre, com toda a certeza, que estava já ao virar da esquina. Eram situações dolorosas, já que Gately conhecia normalmente os devedores e estes aproveitavam-se desse conhecimento, implorando, chorando e apelando à compaixão de Gately e de Whitey Sorkin com histórias de entes queridos e doenças devastadoras. Punham-se ali sentados a fitar Gately nos olhos, mentindo e acreditando nas próprias mentiras, e Gately tinha de telefonar a Sorkin para lhe contar as mentiras e histórias da carochinha dos devedores e pedir que lhe dissesse explicitamente se devia acreditar nelas e o que fazer. Este género de pessoas foi o primeiro contacto de Gately com o conceito de verdadeira dependência e aquilo em que pode transformar uma pessoa; ainda não tinha relacionado realmente o conceito às drogas, tirando os coquinados e o pessoal que dava no cavalo a sério, casos que, nessa altura e à sua maneira, lhe pareciam tão furtivos e patéticos como os viciados no jogo. Esses tipos das histórias da carochinha e dos pedidos de só mais uma oportunidade também eram o género de gente que dava cabo de Whitey Sorkin em termos emocionais, causando-lhe enxaquecas e terríveis neuralgias craniofaciais, e a dada altura Sorkin tinha começado a incluir (na percentagem por pagar e nos juros) despesas adicionais para as cápsulas de *Cafergot*[368] que precisava de tomar, a luz ultravioleta e as visitas à Fundação Nacional de Dores Craniofaciais, em Enfield, Massachusetts. A utilização, por parte de Gately e Fackelmann, dos punhos do tamanho da garupa de um animal num exemplo verdadeiro de coerção efetiva só era necessária quando as mentiras e o buraco em que se tinha enfiado um devedor compulsivo já eram suficientemente graves para Sorkin estar disposto a abdicar desse devedor como cliente, para o futuro.

Nessa altura, o objetivo empresarial de Whitey Sorkin passava a ser induzir, de alguma maneira, o devedor viciado a pagar as dívidas a Sorkin antes de fazer o mesmo em relação a qualquer dos outros corretores a quem devia, o que para Sorkin significava que tinha de demonstrar marcadamente ao devedor que o buraco de Sorkin era o menos agradável para se estar e o mais importante de onde sair. E era aí que entravam as «Torres Gémeas». A violência devia ser rigidamente controlada e gradualmente progressiva, tipo, em fases. A primeira leva de pressão física como incentivo – uma sova ligeira, talvez um dedo ou dois partidos – cabia normalmente a Gene Fackelmann, não só por ser, por natureza, a mais cruel das «Torres Gémeas» e até gostar de fechar a porta de um carro em cima de um dedo, mas também por saber controlar-se e exercer um comedimento que Gately não possuía: Sorkin descobriu que quando Gately começava a tratar fisicamente da saúde de alguém parecia que uma coisa feroz e descontrolada, numa encosta dentro do miúdo grandalhão, se soltava e começava a rebolar sozinha, e às vezes Gately não era capaz de parar antes de o devedor já estar reduzido a um estado em que nem sequer iria conseguir levantar a cabeça, muito menos fundos, e nessas alturas não só Sorkin já não podia reclamar a dívida como o grandalhão Doony ficava a sentir-se tão culpado e cheio de remorsos que triplicava o consumo de drogas e passava a não servir absolutamente para nada durante uma semana. Sorkin aprendeu a utilizar as «Torres» de forma a maximizar os seus pontos fortes. Fackelmann ficava com a primeira e mais ligeira leva de cobranças coercivas, mas Gately era melhor do que Fax a negociar planos de pagamentos com tipos para as coisas nunca terem de resvalar para a violência. E havia determinados casos mais complicados, casos que deixavam Sorkin de cama com stresse craniofacial, dias a fio, por serem casos muito complicados de viciados que estavam tão perdidos ou enfiados em tantos buracos que a crueldade suave de Fackelmann não chegava para resolver a situação. Quando atingia um ponto de não retorno com alguns destes casos, Sorkin estava disposto não só a abdicar dos devedores enquanto futuros clientes como também da quantia devida; a dada altura, o objetivo era minimizar *outros* casos complicados que pudessem surgir no futuro, deixando bem claro que W. Sorkin era um corretor com quem ninguém podia brincar, enfiando-se flagrantemente num buraco sem de lá sair e mentindo durante meses a fio sem apanhar um enxerto de porrada dos antigos. Também aqui, neste tipo de casos, a

ferocidade descontrolada que descia pela encosta interior de Gately era superior ao sadismo natural mas, em última análise, estéril de Fackelmann[369].

Como a maioria dos neuróticos de nível psicossomático, W. Sorkin era vingativo com os inimigos e generoso ao máximo com os amigos. Gately e Fackelmann recebiam cada um cinco por cento da taxa de dez por cento que Sorkin cobrava por cada aposta, e Sorkin fazia mais de duzentos mil dólares em apostas, de uma ponta à outra de North Shore, só numa semana de futebol americano profissional, e para a maioria dos jovens americanos sem o décimo segundo ano mais de mil dólares por semana, nos tempos pré-novo milénio, já seria um belíssimo ganha-pão, mas para o rígido programa de necessidades narcóticas das «Torres Gémeas» não era minimamente suficiente, em termos semanais. Gately e Fackelmann começaram a ter atividades paralelas, primeiro em separado – Fackelmann com o biscate dos BI e da criatividade com os cheques, Gately a trabalhar como segurança em regime de *freelancer* em importantes jogos de cartas e pequenas entregas de droga –, mas mesmo antes de serem uma verdadeira equipa já se orientavam como uma unidade, ou seja, juntos, e muito raramente também com o pobre do velho V. Nucci, a quem segurava de vez em quando a corda nas missões, a altas horas da noite, de ataque às claraboias da Osco e da Rite Aid, a sua entrada no mundo dos assaltos formais propriamente dito. O facto de Gately ter uma devoção pelos *Percocets* e *Bam-Bams* e Fackelmann pelo *Dilaudid* permitia-lhes confiarem extremamente um no outro no que dizia respeito ao *stock* de cada um. Gately só recorria ao *Dilaudid*, que era preciso injetar, quando não dava para orientar narcóticos orais e começava a enfrentar os primeiros sintomas da desabituação. Gately temia e abominava as agulhas e tinha terror do vírus, que naqueles tempos andava a matar o pessoal do cavalo a torto e a direito. Fackelmann preparava a dose para Gately, apertava-lhe o cinto no braço e deixava-o ficar a observar atentamente enquanto tirava a embalagem de plástico da caixa novinha em folha com uma seringa e agulha que Fackelmann arranjava graças a uma receita de *Iletin*[370], com cobertura Medicaid e uma identificação falsa, para diabetes *mellitus*. Para Gately, a pior coisa do *Dilaudid* era o facto de a passagem da hidromorfona pela barreira sanguínea do cérebro lhe provocar uma terrível alucinação mnemónica de cinco segundos em que ele era um bebé gigantesco dentro de um berço XXL da Fisher-Price, num campo arenoso sob um céu cheio de nuvens de tempestade

que inchava e encolhia como um grande pulmão cinzento. Fackelmann desapertava o cinto e deixava-se ficar a observar Gately a revirar os olhos, a começar a suar como se tivesse malária e a fitar o céu *respirítico* da alucinação ao mesmo tempo que estrangulava o ar à sua frente com as mãos enormes tal como um bebé abana as grades do berço. A seguir, passados mais ou menos cinco segundos, o *Dilaudid* ultrapassava a barreira e começava a bater, e o céu parava de respirar e ficava azul. Uma moca de *Dilaudid* punha Gately mudo e encharcado em suor durante três horas.

Para além da comichão exasperante no fundo dos olhos, Fackelmann não gostava dos narcóticos orais porque dizia que lhe davam uns desejos terríveis de açúcar que o seu peso enorme e cada vez mais flácido não conseguiria tolerar. Não sendo propriamente grande coisa no departamento da inteligência, Fackelmann não se deixava convencer quando Gately realçava que o *Dilaudid* também dava a Faxman uns desejos terríveis de açúcar, tal como acontecia praticamente com tudo. A verdade pura e dura era que Fackelmann gostava mesmo muito do *Dilaudid.*

Foi então que o bom do velho Trent Kite foi expulso da Salem State, que o informou de que nunca mais estudaria em nenhum sítio que tivesse que ver com aquela indústria, e Gately juntou-o à equipa, com Kite a preparar uns *QuoVadises* à moda antiga para uma festinha de boas-vindas da equipa e Fackelmann a apresentar-lhe o *Dilaudid* farmacêutico: e Kite disse que tinha encontrado um novo amigo para toda a vida; e Kite e Fackelmann haviam enveredado rapidamente pelo esquema dos bilhes-de-identidade-falsos-histórico-de-crédito-e-apartamentos-luxuosos-mobilados, sendo que nessa altura a participação de Gately já era mais estilo passatempo, pois preferia os roubos arrojados e noturnos de mercadorias à fraude, uma vez que esta implicava conhecer as pessoas a quem se roubava, coisa que Gately achava nojenta e um pouco esquisita.

Gately estava deitado numa cama da Unidade de Traumatologia, com dores terríveis e todo infetado, a tentar aguentar, entre desejos de alívio, lembrando-se de uma tarde intensamente branca, logo a seguir ao Natal, quando Fackelmann e Kite tinham ido vender alguma da mobília de um apartamento mobilado e Gately estava a passar tempo no apartamento a plastificar umas cartas de condução falsas com moradas do Massachusetts encomendadas à pressa por putos ricos da

Academia Philips Andover[371] para as utilizarem naquela que viria a ser a última véspera de Ano Novo do Tempo Não Subsidiado. Estava diante de uma tábua de engomar, num apartamento que já quase não tinha mobília, a plastificar com o ferro as cartas de condução falsas e a ver a boa da velha equipa de futebol americano da Universidade de Boston a jogar contra Clemson, para a Taça Forsítia Ken-L-Ration-Magnavox-Kemper-Insurance, num ineficiente HDV InterLace de primeira geração pendurado na parede despida, com o monitor de alta definição a ser já sempre o último artigo de luxo a ser vendido. A luz daquele dia de inverno que entrava pelas janelas da *penthouse* era estonteante e incidia sobre o ecrã grande e plano do monitor, fazendo os jogadores parecerem descolorados e fantasmagóricos. Pelas janelas, podia ver-se ao longe o oceano Atlântico, cinzento e baço do sal. O pontapeador da Universidade de Boston era um miúdo da casa, natural de Boston, e os comentadores estavam sempre a dizer que ele não tinha recebido uma bolsa para jogar futebol americano e que se tratava de uma história inspiradora porque nem sequer havia praticado nenhum desporto importante antes de ir para a faculdade e agora já era um dos melhores pontapeadores da história da NCAA e tinha, sem dúvida, potencial para uma carreira sem limites no futebol americano profissional se se mantivesse concentrado e nunca perdesse de vista o objetivo final. O pontapeador da BU era dois anos mais novo do que Don Gately. Os dedos grandes de Gately quase não cabiam na pega fácil de agarrar do ferro e ter de se debruçar sobre a tábua de engomar fazia-lhe doer a região lombar, e já há quase uma semana que só comia tretas fritas em imenso óleo e saídas de pacotes de plástico reluzentes, e o fedor do plástico por baixo do ferro era quase insuportável, e a sua cara grande e quadrada foi ficando cada vez mais caída enquanto olhava fixamente para a fantasmagórica imagem digital do pontapeador, até dar por si a começar a chorar como uma gaja. Foi uma coisa que, em termos emocionais, surgiu do nada, completamente de repente, e deu por si a chorar desalmadamente por ter deixado de jogar futebol americano de equipa, o único talento que possuía e o seu outro amor, e também por causa da sua própria estupidez e falta de disciplina, do raio do cabrão do *Ethan From,* da cirrose e vegetabilização da mãe e do facto de ainda não a ter ido visitar passados quatro anos, e sentiu-se subitamente mais rasca do que as coisas rascas, ali parado diante dos plásticos a escaldar, das fotos polaroide tipo passe e das letrinhas para colar da DGV para miúdos loiros e

ricos, na intensa luz de inverno, a chorar desalmadamente por entre o fedor fraudulento e o vapor. Foi passados dois dias que foi preso por atacar um segurança com o corpo inconsciente de outro segurança, em Danvers, Massachusetts, e três meses depois foi parar à Prisão de Segurança Mínima de Billerica.

A caminho do armazém, com espasmos no olho e olhando para ambos os lados à medida que avança, fazendo a curva do corredor do Subdormitório B com a sua raqueta e o resistente banquinho troncocónico, Michael Pemulis vê que pelo menos oito painéis do teto falso se desprenderam, por alguma razão, das escoras de alumínio e se encontram no chão – alguns estão partidos, daquela forma incompleta e articulada com que o material de construção se parte –, incluindo o painel relevante. Não encontra vestígios de ténis no chão quando afasta os painéis para instalar o banco, com a incrivelmente potente lanterninha *Bentley-Phelps* em forma de caneta presa nos dentes e a espreitar para a escuridão do entrançado de escoras.

Tendo em conta a histórica propensão de Faxter para esquemas fraudulentos, Gately acha extraordinário nunca ter percebido que Fackelmann andava a passar a perna a Whitey Sorkin de várias pequenas maneiras quase desde o início, coisa que só descobriu sequer por altura do esquema nada pequeno com Eighties Bill e Sixties Bob, que ocorreu durante os três meses em que Gately esteve em liberdade graças à fiança generosamente paga por Sorkin. Por essa altura, Gately já se dava com duas lésbicas viciadas em cocaína farmacêutica, que tinha conhecido no ginásio a fazer abdominais com a cabeça para baixo e as pernas presas na barra de elevações (as lésbicas e não Gately, que só fazia exercícios para o peito e bicípites, e agachamentos). Estas raparigas vigorosas tinham um esquema bastante intrigante de limpeza-doméstica-e-duplicação-de-chaves-e-assalto-a-casas, em Peabody e Wakefield, e Gately tinha começado a carregar mercadoria pesada e a roubar veículos todo o terreno para elas, gatunice a sério e a tempo inteiro, à medida que a sua apetência pela simples ameaça de violência foi diminuindo com os remorsos motivados pelas lesões que infligira aos seguranças naquele bar em Danvers, depois de umas meras sete *Hefenreffers* e de um comentário inocente sobre a inferioridade dos Minutemen da B-SHS em relação aos Roughriders do Danvers HS; e Gately foi deixando que Fackelmann

se ocupasse cada vez mais das atividades de comunicação de apostas e cobrança de dívidas para Sorkin, sendo que por essa altura já Fackelmann tinha voltado aos narcóticos orais devido ao medo do vírus, deixando de resistir aos desejos de açúcar que associava aos narcóticos orais e ficando tão gordo e flácido que o peito da camisa parecia um acordeão quando ele se sentava para comer *M&M'* de amendoim e a moca começava a bater, e Sorkin também tinha arranjado um tipo novo e má rês, de quem se havia tornado amigo, para lhe tratar dos assuntos, um *punk* da Praça Harvard, com cabelo fúcsia, um físico de touro e olhos redondos e pretos que nunca pestanejavam, um agarrado ao cavalo, autêntica escumalha da rua, que dava pela alcunha de Bobby C ou só «C» e que gostava de fazer mal às pessoas, o único viciado em heroína intravenosa que Gately conhecia que preferia de facto a violência, sem lábios nenhuns, com uma crista com três grandes e imponentes picos púrpura, pequenas peladas nos antebraços – por testar constantemente o gume da navalha que trazia escondida na bota –, um casaco de cabedal com mais fechos-ecler que seria possível precisar e um brinco pré-elétrico que lhe pendia até bem abaixo da orelha e era uma caveira vociferante envolta em chamas douradas.

Veio a descobrir-se que Gene Fackelmann andava já há vários anos a cometer uma série de desfalques no esquema de agenciamento de apostas de Whitey Sorkin, coisas mínimas de que Gately e Kite (segundo o próprio) não tinham conhecimento. Normalmente, era uma coisa deste género: Fax aceitava apostas com probabilidades pouco favoráveis de apostadores marginais que Sorkin não conhecia bem, não as comunicava à secretária deste e depois, quando a aposta saía furada, cobrava o calote mais o quinhão[372] ao apostador e ficava com a massa toda para si. Quando descobriu isso, Gately achou que era um risco suicida, já que se essas apostas alguma vez dessem *certo,* Fackelmann ficaria com a responsabilidade de entregar ao apostador os seus ganhos, em nome de «Whitey» – o que significava que seria Sorki a ouvir os protestos do apostador se Fackelmann não arranjasse o dinheiro por sua conta e lho entregasse –, e as despesas farmacológicas da equipa forçavam-na a uma existência permanente de liquidez mínima, pelo menos foi sempre isso que Gately e Kite (segundo o próprio) pensaram. Foi só depois de Fackelmann ter sido supostamente eliminado de vez do mapa e de Kite ter regressado do seu longo hiato, quando Gately e Kite estavam a juntar as coisas do falecido Fackelmann para dividir os

objetos valiosos e deitar fora o resto, com Gately a descobrir, presos com fita-cola à parte de baixo da caixa onde Fackelmann guardava os cartuchos porno, mais de vinte e dois mil dólares em notas novinhas em folha da ONAN, foi só nessa altura que Gately percebeu que Fackelmann, através de uma vontade de ferro, tinha guardado, sem nunca a gastar, uma reserva de emergência de pagamentos de calotes precisamente para a pior das hipóteses. Gately dividiu com Kite esse dinheiro de Fackelmann que havia descoberto, mas depois foi entregar a sua metade a Sorkin, afirmando que só tinham encontrado isso. Não foi de todo por medo que entregou a sua metade a Sorkin – este teria, contra a sua vontade, mandado o puto C e a equipa de maricas canadianos dele eliminar também Gately do mapa, além de Fackelmann, se achasse que Gately fazia parte do esquema de Fax – mas por se sentir culpado por ter estado completamente a leste e não se ter apercebido de que o próprio companheiro, a outra «Torre Gémea», andava a passar a perna a Sorkin depois de este ter sido tão neurasténica e extremamente generoso com os dois, e porque a traição de Fackelmann tinha acabado por prejudicar imenso Sorkin, provocando-lhe tanto sofrimento psicossomático que ele havia passado uma semana de cama, em Saugus, às escuras e com uma venda para os olhos à Mascarilha, a beber *VO* e *Cafergot*, agarrado ao crânio e à cara traumatizados e sentindo-se, segundo disse, traído e abandonado, com toda a sua fé nas criaturas humanas a sair abalada, tinha confessado a Gately ao telemóvel enquanto chorava, depois de se saber tudo. Em última análise, Gately deu a Sorkin a sua metade do dinheiro secreto de Fackelmann para tentar essencialmente animá-lo. Para que soubesse que havia quem se preocupasse. E também o fez em memória de Fackelmann, já que estava a chorar a morte horrenda de Fax ao mesmo tempo que lhe rogava pragas por ser um mentiroso e um verme desprezível. Foi uma época de confusão moral para Don G. e a sua metade do dinheiro *post mortem* pareceu-lhe o melhor que podia fazer em termos de, tipo, gesto. Não se chibou para dizer que Kite tinha uma metade igual, que Kite gastou em gravações piratas dos Grafetul Dead e numa unidade portátil semicondutora de refrigeração para a placa-mãe do seu DEC 2100 que aumentou a sua capacidade de processamento para 32 mb de RAM, mais ou menos o mesmo que uma subestação de Disseminação InterLace ou de uma rede SWITCH de telemóvel *Bell* da Nova Nova Inglaterra; mas passados menos de dois meses, já tinha posto o DEC no prego e gasto o dinheiro

a dar na veia, tornando-se um agarrado ao *Dilaudid* numa espiral descendente tão vertiginosa que quando passou a ser o novo companheiro de confiança de Gately nos assaltos às casas, depois de Gately ter saído de Billerica, o em tempos formidável Kite já nem era capaz de desativar um alarme ou de desviar a corrente de um contador, e Gately deu por si transformado no cérebro da equipa, facto que serviu de sinal do seu próprio declínio acentuado porque não o pôs mais nervoso.

A enfermeira diplomada que lhe havia limpo o cólon enquanto Gately chorava de vergonha está outra vez no quarto, com um médico que Gately nunca tinha visto. Fica ali deitado, com os olhos que mais parecem cata-ventos devido às dores e aos esforços para aguentar através da memória. Tem um olho com uma espécie de película enevoada e ensonada de matéria pegajosa que não sai nem pestanejando nem esfregando. Uma luz de tarde de inverno, melancólica, cinzenta e metálica, inunda o quarto. O médico e a enfermeira deslumbrante estão a fazer qualquer coisa à outra cama do quarto, prendendo-lhe uma coisa metalicamente complexa e saída de uma caixa grande parecida com a de um bom faqueiro, com um forro de veludo púrpura a cobrir as reentrâncias, em vez de hastes metálicas, e dois semicírculos de aço. O altifalante dá o seu tinido. O médico tem um bipe no cinto, um objeto que leva a associações ainda menos saudáveis. Gately não tem estado propriamente a dormir. O ardor da febre pós-operatória fá-lo sentir a pele da cara esticada, como se estivesse demasiado perto de uma fogueira. O lado direito do corpo estabilizou numa dor doentia, como uma virilha pontapeada. A frase preferida de Fackelmann era: «*Isso é uma mentira do caraças!*» Usava-a para responder a praticamente tudo. Tinha um bigode que parecia sempre estar prestes a escapulir-se de cima do lábio. Gately sempre odiou os pelos faciais. O antigo polícia militar da Marinha tinha um grande e imponente bigode grisalho amarelado que encerava, transformando-o em dois chifres de boi, afiados e pontiagudos. O polícia militar tinha imenso orgulho no bigode e passava um tempo monstruoso a apará-lo, a penteá-lo e a encerá-lo. Quando o polícia militar desmaiava, Gately costumava aproximar-se sem fazer barulho e puxar devagarinho as pontas enceradas e tesas do bigode, deixando-as em ângulos enviesados e tresloucados. C, o novo terceiro agente de campo de Sorkin, dizia que colecionava orelhas e que tinha uma coleção completa. Bobby C, com os seus olhos sem brilho e a sua cabeça lisa e sem

lábios, como um réptil. O médico era um desses aprendizes de médico residente que parecia ter uns doze anos, todo limpinho e arranjadinho, com um brilho cor-de-rosa baço. Irradiava o entusiasmo agitado que ensinam os médicos a irradiar para as pessoas. Tinha um corte de cabelo infantil, com um caracolinho ao pé da orelha e tudo, o pescoço magro ficava-lhe a nadar na gola da bata branca de médico, e o bolso onde guardava as canetas e os óculos de coruja que estava sempre a empurrar para cima, aliados ao pescocinho, fizeram com que Gately se apercebesse de repente de que a maioria dos médicos, procuradores, advogados oficiosos/agentes de liberdade condicional e psicólogos, as figuras de autoridade mais temíveis na vida de um toxicodependente, a maioria desses tipos saía das mesmas fileiras de gente com pescoço fininho de onde saíam os miúdos totós e fracotes que os toxicodependentes detestavam, insultavam e aterrorizavam em pequenos. Vista à luz cinzenta e através da película pegajosa e enevoada, a enfermeira era tão atraente que era quase grotesca. Tinha umas mamas tão grandes que sobressaíam mesmo por baixo do uniforme de enfermeira, que não era propriamente uma coisa com decote generoso. Via-se-lhe um bocadinho da linha que separa as mamas, que deviam ser daquelas leitosas, tipo duas suaves bolas de gelado de baunilha, como todas as raparigas de aspeto saudável provavelmente têm. Gately é obrigado a encarar o facto de nunca ter estado, uma única vez, com uma rapariga mesmo saudável, nem com nenhuma rapariga, ponto final, estando sóbrio. E depois, quando se estica toda para desatarraxar um parafuso de uma espécie de baixela de aço pendurada na parede por cima da cama vazia, a bainha do uniforme sobe para norte e ela fica com as curvas suculentas e violinescas no fim da parte de dentro das pernas, por trás das meias brancas em fio da Escócia, visíveis em contraluz e pelo vão da janela uma luz triste ilumina-lhe as pernas. A sexualidade saudável e em bruto de toda aquela cena quase põe Gately doente de ansiedade e autocomiseração e só quer desviar a cabeça. O jovem médico também está a olhar embasbacado para o corpo que se estica agilmente e a bainha que sobe, sem fingir sequer que está a ajudar a desatarraxar o parafuso, não acertando nos óculos quando os vai puxar para cima e espetando o dedo na testa. O médico e a enfermeira trocam várias palavras médicas supertécnicas. O médico deixa cair duas vezes o bloco de notas com mola. A enfermeira não se apercebe de toda a tensão sexual no quarto porque passou a vida no centro de uma tempestade de tensão sexual ou então finge

simplesmente que não se apercebe. Gately tem quase a certeza absoluta de que o médico já bateu uma a pensar nesta enfermeira e fica doente por compreendê-lo completamente. Uma tensão sexual CIRCUM-AMBIENTE, seria essa a palavra fantasma. Por uma questão de vergonha, Gately nunca deixava sequer que uma tipa agarrada e pouco saudável fosse à retrete antes de passar pelo menos uma hora depois de ele lá ter cagado e agora aquela criatura circum-ambiente que o põe doente tinha, com as próprias mãos suaves e uma seringa com um clister *Fleet,* convocado uma cagadela líquida e patética do fundo do ânus de Bimmy Gately, ânus que a seguir tinha visto fechar-se depois de soltar a cagadela.

Gately só se dá conta de que lá fora está a cair granizo depois de se obrigar a desviar a cabeça da janela e da enfermeira. O teto está a palpitar um bocadinho, como um cão quando está calor. A enfermeira tinha-lhe dito, de costas, que se chamava Cathy ou Kathy, mas Gately só quer pensar nela como a enfermeira. Consegue cheirar-se, um cheiro a carne de sanduíche deixada ao sol, sentir um suor gorduroso a escorrer-lhe pelo couro cabeludo e o queixo por barbear encostado à garganta, e o tubo que tem colado à boca está peganhento com a sujidade do sono. A almofada fina está quente e ele não tem maneira de a virar para o lado fresco. É como se o ombro tivesse ganho os seus próprios testículos e, sempre que o coração dele bate, um tipo muito pequeno lhes desse um pontapé, nos testículos. O médico vê os olhos de Gately abertos e diz à enfermeira que o doente que levou um tiro está outra vez semiconsciente e se deve tomar alguma medicação à tarde. O granizo é leve; parece que está alguém a atirar mãos-cheias de areia à janela, de muito longe. A mortífera enfermeira, a ajudar o médico a prender uma espécie de suporte para as costas, de aço e esquisito, com o que parece ser um halo metálico, e que montaram depois de tirarem da caixa grande as partes que o compõem, a prender a coisa à cabeceira da cama e a baixelazinhas de aço por baixo do monitor cardíaco da cama – parece mais ou menos a parte de cima de uma cadeira elétrica, acha ele –, a enfermeira olha para baixo enquanto se estica e diz Olá, senhor Gately, e diz O senhor Gately é alérgico e a única medicação que toma são antipiréticos e *Toradol* intravenoso, doutor Pressburger, pois não, senhor Gately, minha pobre e valente coisinha alérgica? A voz dela soa, tipo, tal e qual como podemos imaginar que soe quando está a ser coisada e a adorar. Gately sente-se repugnado consigo mesmo por ter cagado à frente de uma enfermeira assim. O nome do

médico tinha-lhe soado a «Pressburger» ou «Prissburger» e agora Gately tem a certeza que o pobre desgraçado levou mesmo enxertos de porrada diários de sinistros e futuros agarrados quando era miúdo. O médico está a transpirar com a sexualidade ambiental da enfermeira. Pergunta (o médico) Então para que é que ele está entubado se está consciente, a oxigenar sozinho e ligado a soro? Isto acontece enquanto o médico está a atarraxar o halo metálico propriamente dito à parte de cima da coisa parecida com um suporte para as costas apertando as cabeças de uns parafusos, com o joelho em cima da cama e esticando-se todo, ficando com o rego, vermelho e macio, à mostra por cima do cinto, sem ser capaz de apertar a coisa e abanando o halo metálico como se a culpa fosse do objeto por estar a ser teimoso, e mesmo ali deitado Gately percebe que o tipo está a apertar as cabeças dos parafusos para o lado contrário. A enfermeira aproxima-se e põe a mão suave e fria na testa de Gately, e o efeito é tal que a testa até quer morrer de vergonha. O que Gately consegue perceber do que ela está a dizer ao doutor Pressburger é que tinham ficado preocupados com a hipótese de um fragmento de fosse qual fosse o projétil que o tivesse atingido ter rasgado ou estar alojado perto da traqueia inferior qualquer coisa, já que ele tinha sofrido um traumatismo numa coisa-qualquer-com-seis-sílabas-que-começava-por-*esterno*, disse que os resultados radiológicos não eram esclarecedores mas levantavam suspeitas e que uma pessoa qualquer chamada Pendleton tinha querido que lhe pusessem um nebulizador tubular de dezasseis milímetros a administrar quatro mililitros de *Mucomyst* de vinte por cento[373] de duas em duas horas, na eventualidade improvável de hemorragia ou fluxo mucoso, tipo, só naquela. Gately não gosta nem um bocadinho das partes que vai percebendo daquilo. Não quer sequer saber que o seu corpo *tem* uma coisa qualquer com seis sílabas. A enfermeira apavorante limpa a cara de Gately com a mão o melhor que pode e diz que vai tentar arranjar tempo para lhe dar banho com uma esponja antes de acabar o turno às 16h00, coisa que faz Gately ficar rígido de terror. A mão da enfermeira cheira a loção para corpo e mãos orgânica da marca *Kiss My Face*, que Pat Montesian também usa. Diz ao pobre médico para a deixar experimentar aparafusar o suporte craniano, essas coisas são sempre muito difíceis de apertar. Os sapatos dela são daqueles sapatos subaudíveis das enfermeiras que não fazem barulho nenhum, por isso parece que ela se afasta da cama de Gately a deslizar e não a andar. As pernas dela só ficam

visíveis depois de já se ter afastado um bocado. Quanto aos sapatos do médico, o esquerdo chia como se estivesse molhado. O médico tem aspeto de já não dormir bem há quase um ano. Na opinião de Gately, há uma ligeira aura de ‘drinas com receita médica à volta do tipo. Vai chiando de um lado para o outro, aos pés da cama, observando a enfermeira a apertar os parafusos para o lado certo e puxando os óculos de coruja para cima, dizendo que Clifford Pendleton, independentemente de ser um não um bom golfista, é um totó em termos pós-traumáticos, *Mucomyst* nebulizado é para (e nesta altura a voz dele deixa bem evidente que está a recitar coisas decoradas, tipo para se armar) o muco pós-traumático anormal, viscoso ou inspissado e não para hemorragias ou edemas potenciais, e que a própria entubação com um tubo de dezasseis milímetros tinha sido especificamente desacreditada, no penúltimo número da *Morbid Trauma Quarterly,* enquanto profilaxia para edemas intratraqueais por ser tão diametralmente invasiva que era mais propensa a exacerbar do que a aliviar a hemoptise, segundo uma pessoa qualquer que ele diz chamar-se «Laird» ou «Layered». Gately está a ouvir com suma atenção mas sem compreender nada, tipo, como uma criança que ouve os pais a discutirem uma coisa adultamente complexa sobre cuidados infantis à frente dela. A condescendência com que Prissburger acrescenta que *hemoptise* significa uma coisa qualquer chamada «hemorragia por tosse convulsa», como se a enfermeira Kathy não fosse suficientemente profissional e precisasse que se pusesse a acrescentar explicaçõezinhas técnica, faz com que Gately sinta pena do tipo – é óbvio que ele acha, pateticamente, que esse género de merdinhas condescendentes a vai impressionar. Mas Gately tem de admitir que também tentaria impressioná-la se ela não o tivesse conhecido ao mesmo tempo que lhe segurava uma arrastadeira em forma de rim por baixo do ânus em funcionamento. Entretanto, a enfermeira já está a acabar de guardar as partes da coisa parecida com um suporte que parecia não haver meio de o médico conseguir prender. Ao saírem, estava a dizer que o médico parecia bastante versado em matéria de metodologia para uma coisa chamada 2R e Gately percebeu que o médico não tinha percebido que ela estava a ser um bocadinho sarcástica. O médico estava a esforçar-se ao máximo para tentar carregar a caixa com a coisa, que para Gately não pesa mais do que trinta quilos. Ocorre-lhe de repente, pela primeira vez, que a verdadeira razão que levava Stavros L. a contratar pessoal dos centros de reabilitação para tratar

da limpeza do abrigo era a de assim poder pagar-lhes, tipo, népia, sem ninguém a chatear, e que ele (Don G.) de certeza que, a um nível qualquer, sempre o soubera mas tinha preferido estar em negação e não ter de encarar de frente que estava a ser fodido por Stavros, o maluquinho dos sapatos, e que *vão da janela* era de certeza mais um caso de palavras fantasmas do espectro invasivo, e depois também que ninguém parece estar propriamente a dar-se a grandes esforços para lhe trazer o papel e a caneta que parecia mesmo que Joelle van D. tinha compreendido que Gately estava a pedir por gestos e que então se calhar a visita de Joelle e a apresentação das fotografias não tinham passado de uma alucinação febril ao nível do espectro com os seus figurantes, e que já parou de cair granizo mas as nuvens que se veem lá fora, sobre Brighton-Allston, continuam com aspeto de não estarem para brincadeiras, e que se a visita íntima de Joelle v.D. com o álbum de fotografias for uma alucinação, então isso significa pelo menos que também foi uma alucinação ela estar com as calças do cabrão do miúdo da faculdade, Ken Erdedy, e que a luz triste e de ângulo baixo da tarde nublada significava que já tinham de ser quase 16h00, hora padrão do Leste, e que talvez pela graça de Deus fosse capaz de evitar ficar se calhar com um tesão desenfreado quando a horripilantemente atraente K/Cathy lhe desse banho com a esponja, mas mesmo assim ainda podia acabar por fazê-lo a substituta, a tal que parece um defesa de futebol americano, porque o cheiro dele, rançoso e carnudo, já era desagradável, só que assim talvez não corresse o risco do tesão se quem lhe desse o banho com a esponja fosse a enfermeira gigantesca, com sinais com pelos e meias de descanso, do turno das 16h00-24h00, que não conhecia o ânus de Gately. E ainda que às 16h00, hora padrão do Leste, era altura da Disseminação Espontânea do senhor Bouncety-Bounce, o apresentador do programa infantil para atrasados mentais que Gately sempre tinha adorado, tentando ao máximo estar em casa a horas de o ver, o mais desperto possível, com Kite e o bom do velho Fackelmann, e que ninguém se ofereceu, uma única vez, para ligar o monitor HD que está pendurado ao lado de uma miópica e falsa gravura de Turner, com um barco e nevoeiro, na parede à frente das camas de Gately e do anterior miúdo, e que não tinha nenhum comando para ativar o telecomputador às 16h00 ou então pedir a outra pessoa para o fazer. Que sem nenhum bloco de notas ou lápis não podia comunicar sequer a pergunta ou o, tipo, conceito mais básicos a ninguém – era como se fosse uma vítima vegetativa

de um ataque hemorrágico. Sem um bloco de notas ou um lápis parecia que nem sequer conseguia comunicar que queria um bloco de notas e um lápis; era como se estivesse preso dentro da sua enorme cabeça tagarela. A não ser, realça a seguir a cabeça, que a visita de Joelle van Dyne tivesse sido real e que a sua compreensão do gesto que ele tinha feito para imitar uma caneta e um bloco de notas também tivesse sido real, só que depois alguém sentado lá fora, no corredor, com um chapéu, ou no gabinete do presidente do hospital ou na enfermaria onde estavam os *brownies* feitos por M. Hanley e inerditados, também tinha inerditado o pedido de material de escrita, a pedido da polícia, para ele não poder esclarecer a ninguém o que se havia passado antes de o virem buscar, e que aquilo era uma coisa tipo amolecimento pré-interrogatório, estavam a deixá-lo preso dentro de si mesmo, um figurante, mudo, imóvel e inexpressivo como a senhora catatónica do Centro, afundada, toda húmida e pálida, na cadeira, ou a irmã, autenticamente do reino vegetal, da rapariga adotada do Grupo de Coisas Essenciais e Avançadas, ou todo o grupo de catatónicos da barraca/Unidade # 5 do HSPME, mudos e inexpressivos mesmo quando estão a tocar numa árvore ou os instalam no meio de uma explosão de fogo de artifício no relvado. Ou o filho inexistente do espectro. De certeza que já passa das 16h00, a julgar pela luz, a não ser que sejam as nuvens a ficarem mais baixas. Agora, a visibilidade do lado de lá da janela coberta de granizo é mais ou menos de zero por cento ou inferior. A luz que entra pela janela do quarto está a escurecer e a ganhar aquela tonalidade à *Kaopectate* que sempre assinalou os momentos anteriores ao anoitecer, a altura do dia que Gately (tal como a maioria dos toxicodependentes) sempre temeu mais, baixando sempre o capacete para se lançar com ganas assassinas contra alguém para o afastar (a esse pavor de fim do dia) ou então metendo *QuoVadises* ou narcóticos orais ou vendo o programa do senhor Bouncety-Bounce aos altos berros ou pondo-se a fazer comida, com o seu chapéu de chefe pateta, na cozinha da Ennet House ou certificando-se de que estava numa reunião, sentado tão à frente que até via os poros do nariz de quem estava a falar, para o afastar (ao pavor de fim do dia), o pavor de final da tarde com a sua luz cinzenta, sempre pior no inverno, o pavor, à luz invernal mais fraca – tal e qual como o pavor secreto que sempre sentiu quando toda a gente se ia embora de uma sala e o deixava lá sozinho, um pavor terrível, de dar voltas ao estômago, que provavelmente já vem dos tempos em que ficava sozinho no

berço, com o seu pijama Dr. *Dentons* de tamanho XXL, por baixo de Herman, o Teto Que Respirava.

Gately dá-se conta de que o que se passa neste momento é precisamente a mesma coisa que acontecia quando era bebé e a mãe e o companheiro estavam desmaiados ou coisa pior: por mais aterrorizado ou assustado que possa ficar, agora também não consegue que ninguém o acuda, ouça ou *saiba* sequer disso; o tubo desacreditado, com o objetivo de impedir uma hemorragia violenta ou inspirada na traqueia sob suspeita, deixou-o completamente sozinho, pior ainda do que um bebé que podia ao menos berrar e chorar desalmadamente, abanando as grades do seu parquezinho portátil, aterrado com a possibilidade de nenhuma pessoa alta estar em condições de o ouvir. Para além disso, esta altura temível da luz cinzenta e fraca de final do dia é a altura, foi a altura em que o triste espectro, vestido como um totó, apareceu ontem. Partindo do princípio de que isso foi ontem. E partindo do princípio de que era um espectro real. Mas o espectro, com a sua *Cola* chinoca e as suas teorias sobre a velocidade *post mortem,* tinha sido capaz de interagir com Gately sem necessidade de palavras, gestos ou *Bic*, e era por isso que, mesmo estando passado da cabeça, Gately tivera de admitir para consigo que aquilo só podia ter sido uma alucinação, um sonho febril. Mas não pode deixar de admitir que até tinha gostado. Do diálogo. Do toma lá e dá cá. Da maneira como o espectro parecia conseguir entrar dentro dele. A maneira como disse que os melhores pensamentos de Gately eram na verdade comunicados dos mortos que aguentavam pacientemente. Gately põe-se a pensar se o seu pai orgânico, o metalúrgico, não estará se calhar já morto e a aparecer de vez em quando, ficando parado ao pé dele, sem se mexer, para um comunicado. Sentiu-se ligeiramente melhor. O teto do quarto não estava a respirar. Estava plano como uma camada de estuque, ondulando apenas muito ligeiramente com os vapores de petróleo da febre e o próprio cheiro de Gately. É então que é novamente confrontado com recordações muito nítidas, regressando à tona vindas não se sabe de onde, do destino final de Gene Fackelmann e da participação de Pamela Hoffman-Jeep nesse destino.

Durante vários meses antes da sua passagem pela prisão estadual por agressão, Gately andou desastrosamente envolvido com uma tal Pamela Hoffman-Jeep, a sua primeira miúda com um hífen no nome, uma miúda de Danvers mais ou menos sofisticada mas completamente à nora, não muito saudável, pálida e

incrivelmente passiva que trabalhava no Departamento de Compras para uma empresa que fornecia equipamento para hospitais, em Swampscott, e era uma alcoólica bastante consumada que bebia bebidas de cores vivas e com chapeuzinhos em bares da Rua 1, a altas horas da noite, até que desfalecia e desmaiava com sonoro aparato. Era assim que ela o descrevia – «*desfalecia*». Os desfalecimentos e os desmaios aparatosos com a cabeça a bater sonoramente na mesa eram uma coisa que acontecia mais ou menos todas as noites, e Pamela Hoffman-Jeep apaixonava-se automaticamente por qualquer homem que fosse, segundo ela, suficientemente «cavalheiresco[374]» para a carregar até ao parque de estacionamento e dar-lhe boleia para casa sem a violar, sendo que ela chamava «*aproveitar-se*» à violação de uma rapariga desmaiada e com a cabeça caída. Foi Fackelmann quem a apresentou a Gately, que uma noite estava a atravessar o parque de estacionamento de um bar de desporto chamado Pourhouse para dialogar com um dos devedores de Sorkin e viu Fackelmann a cambalear até ao carro carregando uma rapariga desmaiada, com a mão grande bem colada ao vestido de tafetá dela, que parecia saído de um baile de finalistas, muito mais acima do que era mesmo preciso para a carregar, e Fackelmann disse a Gately que se Don desse boleia para casa àquela chavala, ficava lá ele a tratar da cobrança, e como Gately já não se interessava pelas cobranças aceitou de imediato a proposta, desde que Fackelmann lhe pudesse garantir que ela não ia despejar nenhum fluído no todo o terreno que ela andava a guiar. E portanto foi Fackelmann que lhe disse, enquanto lhe passava o corpo pequenino e frouxo, mas ainda continente, para os braços, no parque de estacionamento do Pourhouse, para Gately ter cuidadinho e não se esquecer de abusar dela um bocadinho porque aquela chavala era como as chavalas das culturas dos mares do Sul, se Gately a levasse a casa e ela acordasse sem ter sido abusado, passava a ser de Gately para a vida inteira. Mas Gately não tinha obviamente intenção nenhuma de violar uma pessoa que estava desmaiada, nem sequer queria enfiar a mão por baixo do vestido de uma rapariga que podia despejar os fluídos a qualquer momento, e foi assim que ficou traçada a relação entre ambos. Pamela Hoffman-Jeep chamou a Gately o seu «Cavalheiro Andante» e apaixonou-se passivamente pela recusa dele em aproveitar-se. Gene Fackelmann, confidenciou ela, não era o cavalheiro que Gately era.

O que ajudou a tornar a relação desastrosa foi o facto de Pamela Hoffman-

Jeep estar sempre tão bêbada que nem um cacho ou tão passivamente ressacada, o tempo todo, que qualquer tipo de sexo com ela, a qualquer altura que fosse, seria o mesmo que aproveitar-se.

Essa rapariga era de longe a pessoa mais passiva que Gately já tinha conhecido. Nunca viu, uma única vez, P.H.-J. deslocar-se realmente de um sítio para o outro sozinha. Parecia que precisava sempre que alguém cavalheiresco pegasse nela, a carregasse e a deitasse, todas as vinte e quatro horas dos trezentos e sessenta e cinco dias do ano. Em termos sexuais, era como uma espécie de bebé índio enroladinho na sua bolsa. Passava a maior parte da vida desmaiada e a dormir. Era linda a dormir, parecia uma gatinha e estava sempre sossegada, nunca se babava. Fazia a passividade e a perda de sentidos parecerem quase lindas. Fackelmann chamava-a o modelo perfeito da morte. Mesmo no emprego, na fornecedora de equipamento para hospitais, Gately imaginava-a na horizontal, enroscada em posição fetal, em cima de qualquer coisa macia, com toda a intensidade facial acalorada e indolente de um bebé a dormir. Imaginava os chefes e os colegas a andarem em biquinhos de pés pelo Departamento de Compras, a cochicharem uns com os outros para não a acordarem. Nunca chegou a ir, uma única vez, no banco da frente de nenhum veículo em que ele lhe tivesse dado boleia para casa. Mas também nunca vomitou, nunca se mijou ou se queixou sequer, limitava-se a sorrir, a bocejar indolentemente como um bebé e aninhar-se ainda mais naquilo em que Gately tinha calhado enrolá-la. Gately começou a fazer aquela coisa de gritar que tinham sido assaltados quando a carregava para dentro do apartamento luxuoso e já sem mobília que o bando estivesse a usar na altura. Não se podia dizer que P.H.-J. fosse extraordinariamente bonita mas era incrivelmente *sexy*, achava Gately, porque conseguia sempre ter um ar de que tinham acabado de coisar com ela e deixá-la num estado de absoluto desfalecimento desmusculado, ali desmaiada. Trent Kite disse a Fackelmann que achava que Gately estava completamente passado dos cornos. Fax comentou que Kite também não era propriamente um W.T. Sherman no que dizia respeito às senhoras, nem sequer com as putas cocainómanas, as estudantes de Enfermagem agarradas e as bruxas bêbadas que atacavam os bares com as suas caras pintadas que pareciam desprender-se das cabeças e balançar-se. Fackelmann dizia que tinha começado a criar um registo só para apontar as deixas de engate de Kite – deixas infalíveis, do género «És a segunda mulher

mais linda que eu já vi, sendo a primeira de todas a antiga primeira-ministra inglesa Margaret Tatcher» e «Se fores para casa comigo, estou invulgarmente convicto de que consigo ter uma ereção», e dizia que se Kite já não fosse virgem, aos vinte e três anos e meio, isso provava que havia algum tipo de graça divina.

Às vezes, Gately saía de uma moca de demerol e olhava para Pamela, pálida e passiva, ali deitada a dormir lindamente, e passava por uma espécie de salto temporal, uma coisa à vidente, em que quase conseguia vê-la claramente a perder a formosura juvenil, à medida que avançava a caminho dos trinta, com a cara a começar a deslizar-lhe da cabeça para a almofada que agarrava como se fosse um peluche, transformando-se numa bruxa que atacava os bares mesmo à frente dos olhos dele. A visão despertava mais compaixão do que horror, coisa que Gately nunca pensou sequer que pudesse fazer de si uma pessoa decente.

As duas coisas que Gately preferia em Pamela Hoffman-Jeep eram: a maneira como saía da sua letargia pondo a mão na bochecha e rindo histericamente sempre que Gately entrava com ela às costas num apartamento qualquer já sem mobília e berrava que tinham sido roubados; e o facto de andar sempre com as luvas de linho branco compridas e o vestido de tafetá com alças que lhe davam sempre um ar de debutante sofisticada de North Shore que já tinha emborcado demasiadas taças de poncha num clube recreativo suburbano e está mesmo a pedir para que um tipo manhoso e tatuado se aproveite dela – fazia um gesto lânguido com a luva branca e comprida, como se estivesse a usar um chicote longo superlentamente, deitada onde quer que Gately a tivesse pousado, e dizia com uma entoação sofisticada e um sorriso afetado «Don, querido, traga um *cocktail* à mamã» (chamava *cocktail* às bebidas), coisa que Gately veio a descobrir ser uma imitação certeira da própria mãe dela, que, como Gately veio a descobrir, fazia a mãe dele parecer uma Carry Nation, em termos de bezanice: as únicas quatro vezes que Gately esteve com a senhora H.-J. foram sempre em urgências e sanatórios.

Gately está ali deitado com os olhos esbugalhados de culpa e ansiedade, no meio do sibilar e dos estalidos do granizo que recomeçou a cair, no quarto crepuscular do St. E.’s, ao lado da coisa reluzente que parece um suporte para as costas com um halo craniano e está exoesqueleticamente presa à cama vazia contígua, brilhando opacamente numa ou noutra soldadura, com Gately a tentar aguentar recordando-se. Tinha sido Pamela Hoffman-Jeep a pôr finalmente

Gately a par das pequenas maneiras como Gene Fackelmann andava historicamente a passar a perna a Whitey Sorkin, e alertou-o para a embrulhada suicida em que Fackelmann se havia metido com um certo esquema motivado por uma aposta trocada que lhe tinha rebentado mesmo nas trombas. Até Gately tinha sido capaz de perceber que havia qualquer coisa errada: Fackelmann tinha passado as duas semanas anteriores agachado, a suar por todos os lados, num canto da sala de estar já sem mobília, mesmo à porta do quartinho luxuoso onde Gately e Pamela se andavam a deitar, ali agachado diante do seu fogão *Sterno* e dos seus montes incríveis e iguais de *Dilaudid* azul-celeste e *M&M* de várias cores, praticamente sem falar, responder, mexer-se ou parecer sequer apanhar qualquer moca, limitando-se a ficar ali parado de cócoras, roliço e cintilante como uma espécie de sapo encurralado, com o bigode a agitar-se por cima do lábio. As coisas tinham de estar mesmo muito mal para Gately tentar sequer arrancar informações coerentes a P.H.-J. Segundo parecia, a cena era que uma das pessoas que apostava através de Sorkin por intermédio de Fackelmann era um tipo que Gately e Fackelmann conheciam apenas como Eighties Bill, um tipo impecavelmente arranjadinho que usava suspensórios vermelhos por baixo da roupa vistosa de marca *Zegna*, além de óculos de tartaruga e sapatos *Docksiders*, um homem de negócios à moda antiga, talvez com os seus cinquenta anos, que adquiria empresas e pilhava mais-valias, com escritório na zona financeira de New Jersey e um autocolante de recordação que dizia libertem milken no *BMW* – foi uma noite de muitos *cocktails* e oó, e Gately precisou de estar sempre a dar piparotes na cabeça de P.H.-J. para mantê-la acordada durante o tempo suficiente para ir chegando aos vários pormenores por meio de associações livres –, que estava no quarto casamento, com a sua terceira instrutora de aeróbica, e só gostava de apostar em jogos de basquetebol da Ivy League, mas que quando o fazia – apostar – apostava quantias tão gigantescas que Fackelmann tinha de pedir sempre a aprovação prévia de Sorkin em relação à aposta e depois falar outra vez ao telefone com Eighties Bill e por aí fora.

Mas então – segundo Pamela Hoffman-Jeep – esse Eighties Bill, que é um ex-aluno de Yale e normalmente se mostra, sem quaisquer pruridos, sentimental em relação ao que Pamela H.-J. diz, rindo-se, que Fackelmann chamava a sua *almometer* – bom, nesta ocasião específica, parece que um passarinho impecavelmente arranjadinho segredou alguma coisa à orelha peluda de Eighties

Bill, já que desta vez Eighties Bill quer apostar cento e vinte e cinco mil dólares na Universidade de Brown contra a de Yale, ou seja, está a apostar contra a sua *almometer,* só que quer uma margem de menos dois pontos em vez da margem uniforme que Sorkin e o resto dos corretores de Boston estão a utilizar a partir das linhas de apostas de Atlantic City. E Fackelmann tem de ligar para Saugus pelo telemóvel para consultar Sorkin mas Sorkin está na cidade, em Enfield, na Fundação Nacional de Dores Craniofaciais, a receber o bombardeamento com raios ultravioleta e o reabastecimento de *Cafergot* semanais da parte do doutor Robert («Sixties Bob») Monroe – o septuagenário da FNDC, especialista em tratamento das dores de cabeça vasculares com cravagem do centeio, que usava óculos de sol cor-de-rosa e casaco à Nehru, um tipo que nos dias do antigamente tinha estagiado em Sandoz e feito parte do círculo original de T. Leary, pessoal que metia ácidos guardados em frascos de maionese na agora lendária casa de T. Leary, em West Newton, Massachusetts, e que entretanto se tornou (60s B.) íntimo de Kite, já que Sixties Bob talvez seja ainda maior fanático dos Grateful Dead do que Kite e às vezes encontrava-se com Kite e vários outros entusiastas dos Dead (sendo que a maioria já usava bengalas e tanques de oxigénio) para trocar *souvenirs* históricos, género olhos de tigre, casacos justos com motivos de cornucópia, camisas tingidas, candeeiros de lava, fitas, globos de plasma e pósteres pintalgados com luz ultravioleta e complexos padrões geométricos, para discutir quais eram os melhores concertos e as melhores gravações piratas de concertos dos Dead de todos os tempos, sob diversos aspetos, e basicamente para curtirem comó caraças. Colecionador inveterado que adorava regatear preços e trocar merdinhas (60s B.), levava às vezes Kite nas suas expediçõezinhas a lojas ecléticas e manhosas, em busca de parafernália relacionada com os Dead, e às vezes até vendia informalmente cenas roubadas para ajudar Kite (e também Gately, indiretamente), adiantando dinheiro a Kite quando o rígido programa de necessidades narcóticas de Kite não lhe permitia utilizar um recetador mais formal e moroso, nessas alturas Sixties Bob ia a vários sítios manhosos e trocava a mercadoria por merdas relacionadas com os anos 60 que normalmente mais ninguém quereria. Gately chegou mesmo, umas quantas vezes, a ter de tirar com o dedo um cubo de gelo de um *cocktail* e enfiá-lo pelo decote do vestido com alças e à baile de finalistas de P.H.-J. para tentar que ela se mantivesse minimamente desperta. Como a maioria das pessoas incrivelmente passivas, a

rapariga sempre teve imensa dificuldade em separar os detalhes acessórios do que era realmente importante numa história, e era por isso que raramente lhe perguntavam alguma coisa. Mas, pronto, a questão é que a pessoa que atendeu o telefonema de Fackelmann sobre a gigantesca aposta de Eighties Bill no jogo entre Yale e Brown não foi na verdade Sorkin mas a secretária deste, uma tal Gwendine O'Shay, a velha ex-cúmplice do IRA, sem autorização de residência mas com mamas que pareciam morteiros, a quem um maldito chui de Belfast havia dado bastonadas a mais na cabeça, lá na terrinha, e que agora tinha uma cabeça tão (na terminologia do próprio Fackelmann) mole como merda de cachorrinho à chuva, mas tinha aquele ar gasto de avozinha distraída que a tornava perfeita para bater com as mãos velhas e com os nós dos dedos vermelhos na cara e anunciar a guinchar prémios na Lotaria do Estado de Massachusetts sempre que Whitey Sorkin e os seus compinchas do capitólio estadual que lhe cobravam as dívidas arranjavam maneira de fazer com que alguém ganhasse a lotaria com um bilhete comprado numa das inúmeras lojas de conveniência que Sorkin & compinchas detêm através de empresas-fantasmas espalhadas por North Shore, e que, não só por ser capaz de dar a única massagem cervical que Sorkin considerava aceitável a oeste das termas dos Alpes de Berna mas também por conseguir escrever ao computador umas impressionantes cento e dez palavras por minuto e manusear um cacete irlandês como uma profissional – e, para além disso, tinha sido a companheira de *Scrabble* da querida e falecida mamã de W. Sorkin, também ela cúmplice do IRA, em Belfast, lá na terrinha – ocupava o cargo de assessora administrativa principal de Whitey, atendendo os telemóveis quando Sorkin estava fora ou indisposto.

Mas, pronto, é a isto que P.H.-J. quer chegar, e Gately quase tem de lhe rachar a cabeça a tentar arrancá-lo à base de piparotes: Gwendine O'Shay, que conhecia Eighties Bill e sabia do seu sentimentalismo pelos Bulldogs da Universidade de Yale, para além de ter um crânio mole como a porra de uma uva, O'Shay *enganou-se* quando atendeu o telefonema de Fackelmann, achou que Fackelmann tinha dito que Eighties Bill queria apostar cento e vinte e cinco mil dólares, com uma margem de menos dois pontos, em *Yale* e não em *Brown*, pôs Fackelmann em espera e obrigou-o a ouvir *muzak* irlandês enquanto ligava para um espião do Departamento de Educação Física de Yale, cujo número vinha no

ficheiro toupeiras da base de dados protegida de Sorkin, e ficou a saber que tinham diagnosticado ao poste dos Bulldogs de Yale, a estrela da equipa, um distúrbio neurológico extremamente raro chamado vestibulite pós-coital[375], que durante várias horas a seguir a uma relação sexual deixava o poste com uma perda de propriocepção tão vertiginosa e terrível que não conseguia literalmente distinguir o cu do cotovelo, muito menos avançar autoritariamente para o cesto. E depois o segundo telefonema de O'Shay, para o espião do Departamento de Educação Física da Universidade de Brown (um funcionário dos balneários que toda a gente julga que é cego), revela que várias das alunas heterossexuais mais estonteantes e imbuídas do espírito da Universidade tinham sido recrutadas, testadas, instruídas, treinadas (ou seja, *sondadas*, diz Pamela Hoffman-Jeep por entre risinhos, risinhos que vêm acompanhados do género de ondulações de ombros de uma rapariga muito mais nova a quem uma figura de autoridade está a fazer cócegas, com ela a fingir que não gosta) e posicionadas em pontos estratégicos – nas áreas de descanso da Autoestrada 95, no compartimento para os pneus sobressalentes na parte de trás do autocarro alugado pelos Bulldogs, nos arbustos perenes junto à entrada especial para as equipas no Pizzitola Athletic Center, em Providence, nos recantos côncavos ao longo dos túneis do Pizzitola, entre a entrada especial e o balneário da equipa visitante, até num cacifo especialmente ampliado e sensualmente equipado ao lado do cacifo do poste, no balneário, todas preparadas – tal como as chefes de claque e as meninas do grupo de apoio da Universidade de Brown, induzidas a atuarem sem cuequinhas, eletrolisadas e a fazerem a espargata para ajudar a dar a todo o ambiente em redor do poste uma atmosfera glandular pirotécnica –, preparadas para fazerem o penúltimo sacrifício pela equipa, Universidade e membros influentes da Associação de Ex-Alunos de Brown Adeptos dos Bruins. Por isso, Gwendine O'Shay põe outra vez Fackelmann em linha e aceita a aposta gigantesca e a margem pedida, coisa que qualquer pessoa faria, com o arranjinho que estava preparado segundo as informações dos espiões. Só que é claro que ela aceitou a aposta ao contrário, ou seja, O'Shay acha que Eighties Bill acabou de apostar cento e vinte e cinco mil dólares em Yale com uma margem de menos dois pontos, ao passo que Eighties Bill – que, vem a saber-se, se fez passar por salvador ao apresentar uma proposta de aquisição do controlo maioritário da Federated Funnel and Cone Corp. de Providence, o principal fabricante de

recipientes cónicos da ONAN, sendo que o presidente da comissão executiva da FF&C é um proeminente ex-aluno da U. de Brown que era um adepto tão fanático dos Bruins que até leva uma cabeça oca de um urso a rosnar para os jogos da conferência e a quem Eighties Bill anda a lamber o cu como se não houvesse amanhã, acrescenta P.H.-J., dando a entender que foi Eighties Bill quem avisou a equipa técnica dos Bruins do calcanhar de Aquiles sexual do poste –, E.B. pensa, de forma bastante racional, que apostou cento e vinte e cinco mil mocas em Brown.

Aquilo que veio estragar os planos e com que ninguém em Providence contava foi o aparecimento de toda a Falange Dworkinista de Prevenção e Protesto Contra a Objectificação Feminina da Universidade de Brown à entrada dos portões do Pizzitola Athletic Center, mesmo à hora de início do jogo, com letreiros e soqueiras, duas falangistas por mota, que atravessam os portões intricadamente trabalhados como se não passassem de *Kleenexes* molhados e invadem o recinto, para além de uma divisão da NOW[*8] formada por algumas das alunas mais intrépidas da Brown que executam um movimento em tenaz a partir dos lugares mais baratos, lá em cima, durante o primeiro desconto de tempo, no preciso instante em que a primeira pirâmide executada pelas chefes de claque termina numa espargata em pleno ar que faz com que o responsável pelo marcador do Pizzitola se desequilibre para trás, encostando-se ao painel de controlo e apagando os zeros dos VIsitados e VIsitantes no marcador, ao mesmo tempo que as Hawgs das falangistas, com os tubos de escape a roncarem malevolamente, saem dos túneis e entram no campo; e, na confusão que se segue, não só são todas as chefes de claque, o grupo de apoio e as atraentes sereias da Brown deixadas no chão com a ajuda de letreiros empunhados como cacetes irlandeses ou atiradas para cima dos ombros corpulentos das falangistas, enquanto esperneiam e guincham, e levadas em Hawgs que rugem, deixando o delicado sistema nervoso do poste de Yale sobreaquecido mas intacto, como também acabam no chão dois jogadores do cinco inicial dos Bruins da Brown, um poste e um extremo – ambos demasiado estafados e aturdidos depois de uma semana esgotante passada a testar e a treinar sereias atraentes para terem o bom senso de se porem a milhas assim que a confusão se espalha ao campo do Pizzitola –, derrubados, respetivamente, pela soqueira de uma falangista e por um árbitro desorientado e com um passado de artes marciais; e, por isso, quando

os intrusos e as macas são retirados do campo e o jogo recomeça, a U. de Yale dá uma coça de mais de vinte pontos de diferença à de Brown.

E então depois Fackelmann liga a Eighties Bill para combinar receber o calote, cento e trinta e sete mil e quinhentos dólares incluindo a percentagem, que E.B. lhe entrega em notas grandes pré-ONAN, dentro de um saco de ginástica que diz força bruins da brown e que tinha levado para o jogo para ficar ao lado do presidente do presidente da comissão executiva com a cabeça de urso e que agora já não lhe serve absolutamente para nada; mas pronto, Fackelmann lá recebe o calote na baixa e segue sempre a abrir pela Rua 1 em Saugus para entregar o calote e receber logo a sua percentagem da percentagem (seiscentos e vinte e cinco dólares), já que precisa de orientar azulinhos desesperadamente, como parece que nunca precisou antes, etc. E Fackelmann também está a contar receber se calhar um pequeno bónus ou pelo menos algum tipo de validação emocional da parte de Sorkin por lhe trazer tão prontamente uma aposta tão gigantesca. Mas quando chega às traseiras do clube de *strip* onde Sorkin tinha o escritório, por trás de uma saída de emergência não assinalada, todo forrado com papel de parede que parece uma imitação de painéis em madeira, Gwendine O'Shay, sentada à secretária e sem dizer nada, aponta para a porta do gabinete de Sorkin com um gesto ríspido que Fackelmann não acha nada adequado a uma ocasião tão feliz. Está um póster grande de R. Limbaugh, antes do assassinato, colado na porta. Sorkin está lá dentro, a analisar folhas de cálculo com os óculos especiais que filtram a luz do ecrã do monitor. As lentes dos óculos, com as hastes compridas e salientes, parecem os olhos pedunculados das lagostas. Gately, Fackelmann e Bobby C nunca falavam com Sorkin antes de ele lhes dirigir a palavra, não por uma questão de obséquio próprio de capangas mas por só conseguirem saber qual era o estado vascular craniofacial de Sorkin ou se seria capaz de tolerar o som até o ouvirem e poderem confirmar que tolerava o seu próprio (som).

Por isso, G. Fackelmann fica à espera, sem dizer nada, para poder entregar o calote de Eighties Bill, ali parado, alto, mole, pálido e a suar, basicamente com a forma e a cor de um ovo cozido descascado. Quando Sorkin levanta a sobrancelha, espantado com o saco que diz força bruins da brown, e lhe diz que não está a perceber que piada hilariante é aquela, o bigode de Fackelmann começa a mexer-se desenfreadamente de um lado ao outro do lábio superior e ele

prepara-se para dizer aquilo que diz sempre que fica desorientado, que o que quer que esteja a ser dito é, com todo o respeito, uma mentira do caraças. Sorkin guarda os dados no computador e empurra a cadeira da secretária para trás para poder chegar com a mão à gaveta à prova de fogo. Os óculos são utilizados frequentemente em escritórios de análise intensiva de dados e compram-se por dois dólares. Sorkin grunhe ao tirar uma imensa e velha caixa da Lotaria do Estado de Massachusetts para cautelas *Quik-Pick* e pousá-la com esforço em cima da secretária, onde se alarga obscenamente, a abarrotar com cento e doze mil e quinhentos dólares – foda-se, estão ali dentro cento e doze mil e quinhentos dólares, tudo em notas de um, cento e vinte e cinco mil dólares menos a percentagem, o que Sorkin julga, através de O'Shay, que Eighties Bill ganhou, e tudo em notas pequenas porque Sorkin está furibundo e não resiste a uma espécie de gestozinho. Fackelmann não diz nada. O bigode perde toda a energia e a sua maquinaria mental começa a trabalhar. Enquanto massaja as têmporas, Sorkin fita Fackelmann por trás dos óculos, como um caranguejo num tanque, e diz-lhe que na realidade não pode culpar Fax ou O'Shay, que ele próprio teria aceitado a aposta, tendo em conta as informações neurológicas que tinham sobre o poste de Yale. Ninguém poderia ter previsto que umas feministas nazis iam dar cabo do arranjinho. Solta umas palavras em gaélico que Fackelmann não conhece mas presume serem fatalistas. Tira seis notas de cem dólares, mais uma de vinte e cinco já do tempo da ONAN, de um maço do tamanho de um cartucho de artilharia e arrasta-as pela secretária metálica, entregando-as a Fackelmann, a sua percentagem da percentagem. Diz (Sorkin) Que se foda, o sentimentalismo irracional desse miúdo, Eighties Bill, vai lixá-lo mais tarde ou mais cedo. Os corretores de apostas veteranos tendem a ser estatisticamente filosóficos e pacientes. Fackelmann nem se dá ao trabalho de se pôr a pensar por que razão Sorkin se refere a Eighties Bill como «miúdo» quando são mais ou menos da mesma idade. Mas há uma lâmpada de alta voltagem que está a começar a acender-se lentamente por cima da cabeça húmida de Fackelmann. Ou seja, Faxter começa a conceptualizar um conceito geral do que deve ter acontecido. E ainda não disse nada, realça Pamela Hoffman-Jeep. Sorkin olha para Fackelmann com atenção e pergunta-lhe se não terá engordado assimetricamente. E é verdade que a mama esquerda de Fackelmann parece notoriamente maior do que a direita, por baixo do casaco

desportivo, por causa do envelope com cento e trinta e sete notas de mil dólares e uma de quinhentos, o calote de Eighties Bill, que julgou que tinha perdido a aposta. Tal e qual como Sorkin julgou que ele tinha *ganho*. O ligeiro gemido agudo que se ouve no escritório e que Sorkin julga ser a unidade de disco do seu *Infernatron* é, na realidade, o gemido da atividade mental ultrarrápida de Fackelmann. O bigode agita-se como um chicote a estalar enquanto ele analisa a sua própria folha de cálculo mental e interna. Uma quantia global de duzentos e cinquenta mil dólares representava uns trezentos e setenta e cinco gramas azul-celestes de cloridrato de hidromorfona[376] ou então uns trinta e sete mil e quinhentos comprimidos solúveis de dez miligramas dessa droga, disponíveis através de um certo traficante de ópio de Chinatown, ganancioso mas discreto, que só traficava narcóticos sintéticos em doses de cem gramas – e tudo isso correspondia, partindo do princípio de que Kite podia ser convencido a pegar no DEC 2100 e mudar-se com Fackelmann para muito, muito longe dali para ajudá-lo a montar uma matriz de distribuição de rua num qualquer mercado urbano muito, muito longe dali, a uns, ora vejamos, e vai um, a uns um milhão e novecentos mil a preço de rua, quantia que significava que Fackelmann e, a um nível inferior de sócio minoritário, Kite podiam ficar de queixo colado ao peito para o resto da vida sem nunca terem de voltar a vender a mobília de mais nenhum apartamento, falsificar mais nenhum passaporte, partir mais nenhum polegar. E para tudo isso bastava que Fackelmann ficasse de bico calado em relação à confabulação de O'Shay com Yale/Brown//Brown/Yale, e por isso murmurou qualquer coisa sobre uma impureza numa solução endovenosa que o deixou com um gigantismo repentino e temporário numa mama e saiu dali disparado, seguindo a toda a velocidade pela Rua 1, em direção ao tal doutor Wo e Associados, o Empório do Chá Frio Hung Toy, em Chinatown.

Por esta altura, já Pamela Hoffman-Jeep tinha sucumbido aos *cocktails* e ao seu próprio calor, toda aninhada e enroladinha, desfalecendo irreversivelmente, de nada servindo os cubos de gelo ou os piparotes, agitando-se sinapticamente e murmurando para alguém chamado Monty, a quem estava a dizer que, para *ela*, não era mesmo nenhum cavalheiro. Mas Gately era capaz de traçar sozinho o resto do percurso de Fackelmann rumo à merda. Quando Fackelmann lhe apareceu à frente com um saco de ginástica que dizia força bruins da brown, cheio do melhor *Dilaudid* por atacado do doutor Wo, e lhe propôs que fugisse

com ele e montassem uma matriz de distribuição para o seu próprio império da droga muito, muito longe dali, Kite até deve ter cambaleado para trás, horrorizado com o facto evidente de Fackelmann não saber que o apostador Eighties Bill era nem mais nem menos do que o *filho de Sixities Bob,* isto é, o enxaquecologista pessoal de Whitey Sorkin, em quem Sorkin confia e a quem confidencia como só uma gigantesca dose endovenosa de *Cafergot* é capaz de fazer uma pessoa confiar e confidenciar, e a quem Sorkin contaria sem dúvida tudo sobre a mega-aposta que o próprio filho do tipo havia ganho com Yale, e que não tinha uma relação muito próxima com o filho, tipo à Ward e Wally[*9], Sixties Bob não a tinha, mas mantinha naturalmente um distante contacto parental com ele e saberia que na realidade E.B. tinha apostado em Brown, tentando cair nas boas graças do presidente da comissão executiva da empresa dos cones, e por isso saberia que tinha havido um engano qualquer; e também que (Sorkin ainda estaria a cambalear para trás, horrorizado, à medida que tudo isto se ia acumulando), além disso, mesmo que Sixties Bob, por alguma razão, não informasse Sorkin da aposta perdida por Eighties Bill e do esquema de Fackelmann, a verdade é que o mais recente e selvático capanga dos Estados Unidos de Sorkin, Bobby («C») C, um agarrado ao cavalo à moda antiga, comprava regularmente da boa e velha heroína normal e orgânica birmanesa ao tal doutor Wo e de certeza que ouviria falar dos mais de trezentos gramas de *Dilaudid* comprados por atacado por Fackelmann, que se sabia ser colega de C, trabalhando ambos para Sorkin... e, portanto, que Fackelmann, que quando veio ter com Kite para lhe fazer a proposta já ia com um saco de adepto dos Bruins cheio de trinta e sete mil e quinhentos *Dilaudids* de dez miligramas e sem os duzentos e cinquenta mil dólares de Sorkin – além de, como Gately soube mais tarde, ter apenas vinte e dois mil dólares como capital de reserva no caso de um esquema suicida lhe sair furado –, já estava morto: Fackelmann era um homem morto, deve ter dito Kite, cambaleando para trás, horrorizado com a idiotice de Fax; Kite deve ter dito que, ali sentado, até já conseguia sentir o cheiro de Fackelmann a biodegradar-se. Morto e enterrado, foda-se, deve ter dito a Fackelmann, e já a ficar preocupado por estar a ser visto com ele no clube de *strip*, fosse este qual fosse, onde se encontravam quando Fax lhe fez a proposta. E Gately, a ver P.H.-J. a dormir, podia não só imaginar como também se identificava plenamente com o facto de Fackelmann, ao ouvir Kite dizer que ele

já cheirava a morto e porquê, com o facto de Fackelmann, em vez de pegar no saco cheio de azulinhos, colar uma barbicha e fugir de imediato para terras onde nunca tivessem sequer ouvido *falar* da porra de North Shore nem da área metropolitana de Boston –, com o facto de Faxter ter feito o que qualquer viciado que tivesse a sua droga consigo faria quando confrontado com notícias fatais e o correspondente terror: Fackelmann tinha ido direto e sem parar, porra, para o apartamento luxuoso já sem mobília, o lar que já conhecia e onde se sentia seguro, abancando, ligando logo o fogão *Sterno*, preparando o caldo, apertando o elástico, chutando-se, colando o queixo ao peito e mantendo-o lá com quantidades assombrosas de *Dilaudid*, tentando apagar mentalmente a realidade do facto de estar prestes a ser eliminado do mapa se não tomasse imediatamente alguma iniciativa decisiva e corretiva. Porque, e mesmo nessa altura Gately já se apercebia disso, essa era basicamente a maneira como um viciado lidava com os problemas, servindo-se da boa da velha droga para apagar o problema. E também provavelmente medicando-se contra o terror que sentia empanturrando-se de *M&M* de amendoim, o que explicava todos os pacotes espalhados pelo canto de onde não se tinha mexido. E era por isso que Fackelmann já estava há vários dias agachado, húmido e em silêncio, num canto da sala de estar mesmo à porta do quarto de Gately; por aqui se explicava a aparente contradição da assombrosa quantidade de droga que Fackelmann tinha no saco de ginástica, ao lado dele, com o aspeto de sapo encurralado de um homem a braços com o grande medo que se costuma associar à desabituação. Continuando a traçar esse percurso e a pensar, tamborilando com os dedos distraidamente na cabeça desmaiada de P.H.-J., Gately deu-se conta de que se identificava extraordinariamente com a fuga de Fackelmann para o *Dilaudid* e os *M&M*, só que agora apercebe-se de que essa foi a primeira vez que teve realmente a noção completa de que um viciado era, no seu âmago, uma criatura cobarde e patética: uma coisa que basicamente se esconde.

A coisa mais sexual que Gately chegou a fazer com Pamela Hoffman-Jeep foi gostar de lhe desenrolar o casulo de cobertores e enfiar-se lá dentro, muito juntinho a ela, encostando o corpanzil a todos os seus pontos suaves e côncavos e depois adormecer com a cara colada à sua nuca. Gately sentia-se preocupado por ser capaz de se identificar com o desejo de Fackelmann de se esconder e apagar o problema, mas agora que está a recordar isso, olhando para trás,

preocupa-o mais só ter ficado ali deitado ao lado da rapariga comatosa durante pouquíssimos minutos, pois sentiu logo o desejo familiar que apaga toda a preocupação, e nessa noite ter desenrolado o casulo de cobertores para se levantar de forma tão automática ao serviço desse desejo. E o que o faz sentir-se pior é ter-se arrastado do quarto, só com as calças de ganga e o cinto, para a sala de estar a meia-luz, onde Fackelmann estava agachado, húmido e com a boca besuntada, no seu canto junto a uma montanha de *Dilaudids* de dez miligramas, à taça de água destilada, ao estojo e ao fogão *Sterno*, Gately ter-se arrastado tão automaticamente para junto de Fackelmann, sob o pretexto – e, para ele, o pretexto era a pior coisa –, o pretexto de que ia só ver como estava o pobre do velho Fackelmann, para se calhar tentar convencê-lo a tomar qualquer tipo de iniciativa, apresentar-se a Sorkin penitentemente ou fugir daquela região, em vez de se limitar a ficar escondido ali no canto, com a cabeça em ponto morto, o queixo colado ao peito e uma estalactite de baba achocolatada, cada vez maior, a pender-lhe do lábio inferior. Porque sabia que a primeira coisa que Fackelmann faria quando o visse a afastar-se de P.H.-J. e a arrastar-se para a sala de estar despida de mobília seria pôr-se à procura, dentro do estojo *GoreTex*, de uma seringa nova e ainda com a embalagem original e convidar Gately a agachar-se ao pé dele e ficar bem com o planeta. Ou seja, ingerir um bocado daquela montanha de *Dilaudid*, para lhe fazer companhia. Coisa que, para sua grande vergonha, Gately fez, tinha feito, sem que fosse sequer mencionada de raspão alguma coisa que tivesse a ver com a realidade da embrulhada em que Fackelmann se havia metido e a necessidade de este tomar uma iniciativa, de tão concentrados que estavam no zumbido sonolento dos azulinhos, a apagar tudo o resto, com Pamela Hoffman-Jeep deitada no quarto, toda enroladinha e a sonhar com donzelas e torres – Gately fez isso, lembra-se perfeitamente, deixou que Fackelmann lhes preparasse uma dose do caraças e disse a si mesmo que estava a fazer isso para fazer companhia a Fackelmann, como se ficasse acordado ao lado de um amigo doente, e (talvez o pior de tudo) acreditou nisso.

Pequenos entreatos de sonhos febris vão pontuando as recordações e o estar, tipo, consciente. Gately sonha que está a viajar para norte, num autocarro que tem a mesma cor do que o seu próprio escape, passando uma e outra vez pelos mesmos chalés esventrados e extensão de mar arquejante, chorando. O sonho continua por aí fora, sem qualquer tipo de resolução ou ponto de chegada, e ele

vai chorando e suando ali deitado, preso naquilo. Gately acorda bruscamente quando sente uma linguazinha áspera na testa – parecida com a língua hesitante de *Nimitz*, o gatinho do polícia militar, quando o polícia militar ainda tinha o gatinho, antes do período misterioso em que o gatinho desapareceu e o triturador do lixo deixou de funcionar bem durante vários dias e o polícia militar ficou sentado, ressacado, à mesa da cozinha, diante do bloco de notas e com as mãos agarradas à cabeça loira, limitou-se a ficar ali sentado durante vários dias, com a mamã de Gately a andar de um lado para o outro pálida como tudo e sem se aproximar do lava-loiças durante vários dias, até que foi a correr para a casa de banho quando Gately lhe perguntou finalmente o que se passava com o triturador do lixo e onde estava *Nimitz*. Mas quando Gately consegue abrir as pálpebras, a língua está muito longe de ser a de *Nimitz*. O espectro voltou e está mesmo ali à cabeceira, vestido como dantes e de contornos esbatidos pela luz que entra do corredor, projetando a sombra de um chapéu, só que agora vem acompanhado por outro espectro, mais jovem e em muito melhor condição física, com uma espécie de calções de ciclista meio apanascados e uma camisa de alças, que se está debruçar todo sobre as grades da cama de Gately e... foda-se, *a lamber a testa de Gately* com uma linguazinha áspera, e quando Gately se atira instintivamente ao tipo – não há homem que tenha posto a língua em cima de D.W. Gately e vivido para contar –, só tem tempo para se aperceber de que o hálito do espectro não tem qualquer calor ou cheiro antes de os dois espectros desaparecerem e de uma pontada de dor lancinante, por se ter atirado ao espectro repentinamente, o enterrar outra vez na almofada quente, com a coluna arqueada e um grito que o tubo impede de sair, os olhos a revirarem-se com o regresso da luz cinzenta e rosada daquilo que não é bem dormir.

Sente a febre a piorar imenso e os seus pequenos fragmentos de sonhos têm um aspeto cubista e desmantelado que, na sua memória, associa às gripes da infância. Sonha que olha para o espelho e, ao não ver nada, não para de tentar limpá-lo com a manga. Um dos sonhos consiste apenas na cor azul, demasiado intensa, como o azul de uma piscina. Um cheiro desagradável não para de lhe subir pela garganta. Está ao mesmo tempo dentro de um saco e a segurar um saco. As visitas entram e saem rapidamente, mas nunca Ferocious Francis ou Joelle van D. Sonha que estão pessoas no quarto mas que ele não é uma delas. Sonha que está com um rapaz muito triste, num cemitério, a desenterrarem a

cabeça de um morto qualquer, e que isso é muito importante, tipo Emergência Continental, e Gately é quem cava melhor, mas está superesfomeado, tipo irresistivelmente esfomeado, e está a comer com as duas mãos de sacos enormes de tamanho económico de *snacks* vendidos por multinacionais e, por isso, não pode realmente cavar e vai ficando cada vez mais tarde e o miúdo triste está a tentar gritar a Gately que a coisa importante está enterrada na cabeça do tipo, que é preciso afastar a Emergência Continental, é preciso começar a desenterrar a cabeça do tipo antes que seja tarde de mais, só que o miúdo mexe a boca e não sai de lá nada, e Joelle van D. aparece som asas e sem roupa interior e pergunta se o conheciam, ao morto da cabeça, e Gately começa a dizer que o conhece embora, lá bem no fundo, esteja em pânico porque não faz ideia de quem estão a falar, ao passo que o miúdo triste pega em qualquer coisa horrível pelo cabelo e faz uma cara de quem grita em pânico: *Tarde de mais*.

Ela tinha acabado sair do St. E.'s e virado à direita para fazer a curta caminhada até à Ennet quando uma mulher grotescamente gigantesca, com meias inchadas dos pelos e uma cara e uma cabeça que eram quatro vezes maiores do que a maior mulher que Joelle já tinha visto, a agarrou pelo braço e disse que lamentava ter de ser ela a dizê-lo mas, sem que o soubesse, Joelle corria um perigo terrível.

Joelle demorou bastante tempo a examiná-la de alto a baixo.

– E isso é para ser uma novidade?

Bom, mas então, na manhã seguinte, Gately e Fackelmann ainda continuavam no cantinho de Fackelmann, com os cintos apertados nos braços e os braços e os narizes vermelhos de tanto os coçarem, ainda continuavam naquilo, a ingerirem, com um andamento do caraças, sempre a prepararem o caldo, a injetarem-se e a comerem *M&M* quando conseguiam descobrir a boca com as mãos, mexendo-se como homens debaixo de água, a cabeça a balançar em cima de um pescoço sem força, com o teto da sala vazia de uma cor azul-celeste e a inchar e, por baixo, pendurado na parede à direita deles, o monitor do sofisticado telecomputador do apartamento, num *loop* recursivo e em câmara lenta de uma coisa sinistra de que Fackelmann gostava e que era só uma série de planos de chamas de isqueiros de bronze, fósforos de cozinha, luzes-piloto, velas de aniversário, velas votivas, velas pilar, aparas de bétula, bicos de Bunsen, etc., que Fackelmann havia

recebido de Kite, que, pouco antes do amanhecer, tinha saído do seu quarto já vestido, sem querer apanhar uma moca com eles, tossindo nervosamente e anunciando que tinha de passar uns dias ou mais fora para ir a uma feira de *software* «completamente crucial» e imperdível, num sítio já com outro indicativo de telefone, sem saber que Gately já sabia que ele sabia que Fackelmann era um homem morto, com Kite a tentar depois ir-se embora discretamente com todo o seu *hardware* nos braços, incluindo o DEC não portátil, e os cabos a arrastarem-se pelo chão. A seguir, um bocadinho mais tarde, quando a luz matinal começava a ficar cada vez mais forte e amarela, fazendo Gately e Fackelmann amaldiçoarem o facto de já terem arrancado e empenhado as cortinas, enquanto continuavam agachados, a prepararem o caldo e a chutarem-se, por volta das 08h30, Pamela Hoffman-Jeep levantou-se e pôs-se a vomitar energicamente, aplicando *mousse* no cabelo para mais um dia de trabalho, chamando querido e cavalheiro andante a Gately e perguntando-lhe se tinha feito alguma coisa ontem à noite que tivesse de explicar hoje a alguém – uma espécie de rotina matinal na relação deles –, aplicando *blush* e bebendo o seu habitual pequeno-almoço antirressaca[377] enquanto observava os queixos de Gately e Fackelmann descerem e subirem a velocidades subaquáticas ligeiramente diferentes. O cheiro do seu perfume e das pastilhas contra o mau hálito com forte sabor a menta ficou a pairar na sala vazia muito depois de ela se ter despedido dos dois com um *Ciao, bello*. À medida que o sol matinal foi ficando mais alto e intolerável, em vez de deitarem mãos à obra e pregarem um cobertor ou qualquer coisa para tapar a janela, optaram antes por obliterar a realidade dessa luz que lhes queimava os olhos e entraram mesmo numa curtição de azulinhos, arriscando uma *overdose*. Escalaram a montanha *Dilaudid* de Fackelmann a um ritmo vertiginoso. Fackelmann gostava, por natureza, de consumir desenfreadamente. Gately seguia, por norma, uma lógica mais de subsistência. Raramente se metia em curtições clássicas, que implicavam abancar num sítio, com um *stock* brutal, e apanhar mocas atrás de mocas, sem sair do mesmo sítio durante largos períodos de tempo. Mas quando entrava mesmo numa curtição, até parecia que estava amarrado à ponta de um míssil, tal a falta de controlo que tinha em termos de duração e ímpeto. Fackelmann estava a atirar-se à montanha de azulinhos de dez miligramas como se não houvesse amanhã. Sempre que Gately tentava sequer perguntar como Faxter tinha deitado

a mão a um carregamento tão gigantesco de azulinhos – tentando talvez incitar Fackelmann a enfrentar a realidade do sarilho em que estava, tipo, descrevendo-o –, Fackelmann interrompia-o com um suave «Isso é uma mentira do caraças». Basicamente, era só isso que Fackelmann dizia, quando estava todo mamado, mesmo em resposta a perguntas. É preciso pensar em todos os diálogos trocados durante a curtição como uma coisa que está a acontecer, tipo, muito devagar, estranhamente distendida, como se o tempo fosse mel:

– Bem, granda stockzão do caralho que conseguiste sacar sabe-se lá como, Fa...

– Isso é uma mentira do caraças.

– Meu. Meu, só espero que seja a Gwendine ou o C a andar hoje com o telemóvel. E não o Whitey. Hoje não se vai fazer negócio nenhum por estas bandas, cá para mi...

– É uma mentira do caraças.

– É que não tenhas dúvidas, Fax.

– É uma mentira do caraças.

– Fax. Faxter. O Conde Faxula.

Passado algum tempo, com aquela distensão toda, a coisa começou a parecer uma piada. Gately ia levantando a cabeça enorme e tentava asseverar o caráter redondo do planeta, a tridimensionalidade do mundo fenomenológico, a escuridão de todos os cães pretos...

– É uma mentira do caraças.

Foram achando cada vez mais piada àquilo. Depois de cada diálogo deste género, riam-se sem parar. Cada ataque de riso parecia durar vários minutos. O teto e a luz da janela começaram a afastar-se. Fackelmann fez chichi nas calças; isso foi ainda mais engraçado. Ficaram a ver a poça de urina a espalhar-se pelo chão de madeira, mudando de forma, ganhando braços curvos, explorando o belo chão de carvalho. As elevações, os vales e os pequenos veios. É capaz de ter ficado mais tarde e depois amanhecido outra vez. A miríade de chamazinhas do cartucho de entretenimento surgia refletida na poça cada vez maior e, passado pouco tempo, Gately já conseguia ver o filme sem tirar o queixo do peito.

Quando o telefone tocava, era apenas mais um facto. Os toques faziam parte do ambiente que os rodeava, não eram um sinal. O facto de o telefone estar a tocar foi-se tornando cada vez mais abstrato. O que quer que um telefone a tocar

pudesse significar foi, tipo, completamente esmagado pelo facto esmagador de estar a tocar. Gately referiu isso a Fackelmann e Fackelmann negou-o veementemente.

A dada altura, Gately tentou pôr-se de pé e foi atacado violentamente pelo chão, fazendo também chichi nas calças.

O telefone tocava sem parar.

Noutra altura, fixaram-se em pôr *M&M* de amendoim de várias cores a rolar nas poças de urina e em ver a tinta colorida a corroer e a deixar uma substância de *M&M* pálida como um vampiro e com o aspeto de uma bola de futebol americano, numa auréola de tinta berrante.

O intercomunicador que abria as portas de vidro à entrada do complexo de apartamentos de luxo tocou, esmagando-os com o facto de estar a tocar. Tocou sem parar. Disseram um ao outro que gostavam que aquilo parasse, da mesma maneira que uma pessoa diz que gostava que parasse de chover.

Aquela curtição era o míssil balístico intercontinental das curtições. A droga parecia inesgotável; a montanha *Dilaudid* ia mudando de forma mas, que eles vissem, nunca encolhia lá muito. Foi a primeira e única vez que Gately injetou tantos narcóticos num só braço que ficou sem veias para utilizar e teve de mudar para o outro braço. Fackelmann já não possuía a coordenação motora necessária para ajudá-lo a apertar o cinto no braço e chutar-se. Fackelmann não parava de fazer um fio de baba achocolatada aparecer e distender-se quase até ao chão. Era visível que a acidez da urina estava a corroer o acabamento do chão de madeira de carvalho do apartamento. A poça tinha ganho vários braços, como um deus hindu. Gately não conseguia perceber ao certo se a urina já tinha voltado para junto dos pés deles depois de explorar o apartamento ou se já estavam sentados nela. Fackelmann punha-se a ver até onde era capaz de fazer chegar a ponta do fio da baba, em relação à superfície do lago da urina misturada de ambos, antes de a sorver novamente para dentro da boca. Era um joguinho que tinha uma aura inebriante de perigo. A perceção de que a maioria das pessoas gosta de perigo a brincar mas não de perigo a sério atingiu Gately como uma epifania. Demorou um porradão de tempo viscoso para tentar articular essa perceção e comunicá-la a Fackelmann, para que Fackelmann a pudesse carimbar com o selo da negação.

O intercomunicador lá parou de tocar.

A frase «Mais tatuagens do que dentes» também não parava de ressoar na

cabeça de Gately enquanto ela (a cabeça) balançava, embora ele não fizesse ideia de onde vinha a frase ou a quem se referia supostamente. Ainda não tinha ido parar à Prisão de Segurança Mínima de Billerica; estava em liberdade depois de Whitey Sorkin lhe ter pago a fiança.

O sabor dos *M&M* não era capaz de cortar o sabor medicinal e estranhamente doce da hidromorfona na boca de Gately; ficou a ver a coroa da chama azul que saía de um velho bico de fogão a gás a reluzir no reflexo da urina.

Durante um período de luz de pôr do sol avermelhada, Fackelmann havia sofrido uma pequena convulsão, com uma descarga intestinal nas calças, e Gately não tinha tido a coordenação motora necessária para ir ter com Fackelmann durante o ataque, para ajudá-lo e ficar simplesmente ao lado dele. Teve a sensação, digna de pesadelo, de que havia qualquer coisa crucial que tinha de fazer mas tinha-se esquecido do que era. As injeções de dez miligramas do Pântano Azul foram mantendo essa sensação à distância cada vez por menos tempo. Nunca tinha ouvido dizer que uma *overdose* provocasse convulsões e a verdade é que Fackelmann lá pareceu recuperar, tanto quanto era possível.

Do lado de fora das janelas grandes, o sol parecia estar a subir e a descer como um ioió.

Gastaram toda a água destilada que Fackelmann tinha na taça e Fackelmann pegou numa mecha de algodão e ensopou-a com urina tingida de *M&M* e preparou mais um caldo com a urina tirada do chão. Gately deu a ideia de ficar enojado com isso. Mas tentar ir até à cozinha despida buscar a garrafa de água destilada estava fora de hipótese. Agora, Gately estava a apertar o cinto com os dentes no braço direito porque o esquerdo já não lhe servia para nada.

Fackelmann cheirava muito mal.

A moca fez Gately apagar e sonhar que estava num autocarro que ia de Beverly para Needham e tinha escrito de lado carreiras de autocarro paragon: a carreira cinzenta. Agora que se recorda letargicamente disso, mais de quatro anos depois, no St. E.’s, apercebe-se de que esse autocarro é o autocarro do sonho que nunca mais acabava e não ia a lado nenhum, mas tem a noção agoniante de que a ligação entre os dois autocarros é, em si mesma, um sonho, ou faz parte de um sonho, e é nessa altura que a febre regressa, a um nível ainda mais alto, e a linha do monitor cardíaco leva uma sacudidelazinha esquisita, como um recorte serreado na primeira e na terceira ondas, o que faz com que

comece a piscar uma luz âmbar na enfermaria ao fundo do corredor.

Quando o intercomunicador voltou a tocar, estavam a ver o filme das chamas a altas horas da noite. Nesse momento, a voz de Pamela Hoffman-Jeep chegou-lhes pelo intercomunicador. O intercomunicador e o botão para abrir as portas de entrada do complexo de apartamentos ficavam do outro lado da sala, ao pé da porta do apartamento. O teto inchava e encolhia. Fackelmann tinha transformado a mão numa garra e estava a examiná-la à luz das chamas no telecomputador. Um dos lados da montanha *Dilaudid* estava prestes a dar de si; uma avalanche desastrosa em direção ao lago Urina era uma possibilidade. Pela voz, P.H.-J. parecia bêbada que nem um cacho. Disse para a deixarem entrar. Disse que sabia que estavam ali. Utilizou o verbo *curtir* várias vezes. Fackelmann estava a sussurrar que era mentira. Gately lembra-se de que até teve de espetar o dedo na bexiga para ver se precisava de ir à casa de banho. Tinha a Unidade pequena e gelada, colada à perna, dentro das calças molhadas. O cheiro a amoníaco da urina, o céu a respirar e a voz feminina bêbada e longínqua... Gately esticou os braços, na escuridão, à procura das grades do seu parquezinho portátil e agarrando-as com punhos rechonchudos, levantando-se a custo. Mas foi mais o chão a baixar-se do que ele a levantar-se. Cambaleou como um bebé a aprender a andar. Por baixo dele, o chão do apartamento pôs-se a fintar para a direita e para a esquerda, em círculos, à espreita de uma abertura para atacar. A luz das estrelas enchia as janelas luxuosas. Fackelmann tinha dado vida à sua garra, transformando-a numa aranha e deixando que esta lhe trepasse pelo peito lentamente. A luz das estrelas surgia esbatida; as estrelas não se distinguiam. Tudo o que saísse da linha de chamas no monitor onde passava o cartucho estava escuro como breu. O intercomunicador pareceu-lhes furioso e a voz, patética. Gately levantou o pé na direção do intercomunicador. Ouviu Fackelmann a dizer à aranha, que já tinha sido uma garra feita com a mão, que estava a assistir ao nascimento de um império. A seguir, quando Gately pousou o pé, não havia lá nada. O chão esquivou-se do pé e atirou-se a ele. Gately teve um vislumbre do teto inchado e depois o chão acertou-lhe na têmpora. Soaram-lhe campainhas nos ouvidos. O impacte do chão a bater nele abanou a sala toda. Uma caixa com material laminado começou a balançar e caiu, espalhando pelo chão molhado tudo o que lá estava dentro. O monitor soltou-se da parede e começou a projetar chamas avermelhadas no teto. O chão comprimiu-se contra Gately, apertando-o

com força, e Gately quase perdeu os sentidos, com a cara esmagada virada para Fackelmann e para as janelas em frente, com Fackelmann a levantar bem a aranha e a mostrar-lha para que ele a inspecionasse.

– Oh, por todos os santinhos.

– Eu só entrei em duas cenas. Não faço ideia do que aparece lá além disso. Na primeira cena, estou a passar por uma porta giratória. Sabe quais são, aquelas portas giratórias de vidro, e quando eu vou a entrar, vem uma pessoa a sair que eu conheço mas, pelos vistos, já não vejo há muito tempo porque quando a reconheço fico com um ar espantado, e a pessoa vê-me e também faz um ar espantado – supostamente, fomos muito chegadas e já não nos vemos há imenso tempo, e o nosso encontro é um acaso do destino. E, em vez de entrar, estou sempre a dar voltas na porta para seguir essa pessoa que vai a sair, só que essa pessoa também continua às voltas na porta para ir atrás de mim quando eu entrar, e ficamos ali assim a rodopiar na porta durante vários rodopios.

P.

– Era um homem. Não era um dos atores habituais do Jim. Mas a personagem que eu reconheço na porta é epicena.

P.

– Hermafrodita. Andrógina. Não era evidente que a personagem tivesse forçosamente de ser um homem. Suponho que se consiga identificar com isso.

O outro tinha a câmara presa a um carrinho de bebé ou alcofa. Eu trazia um vestido incrível, branco e que ia até aos pés, feito de uma espécie de material esvoaçante, e debrucei-me sobre a câmara instalada no berço e pedi simplesmente desculpa.

P.

– Pedi desculpa. Ou seja, as minhas falas eram vários pedidos de desculpa. «Peço imensa desculpa. Peço mesmo imensa desculpa. Peço imensa, imensa desculpa. Por favor, aceita as minhas imensas, imensas, imensíssimas desculpas.» Durante uma data de tempo. Duvido que ele tenha usado tudo, duvido imenso que ele tenha usado tudo, mas foram pelo menos vinte minutos de variações à volta de «Peço desculpa».

P.

– Não propriamente. Não propriamente velada.

P.

– Sim, o ponto de vista da câmara era sempre o do berço. Um ponto de vista de berço. Mas não é a isso que me estou a refiro quando falo em impulsionar a cena. A câmara tinha uma lente equipada com uma coisa a que acho que o Jim chamava oscilador automático. Oscilador ocular, qualquer coisa do género. Uma junta universal por trás do suporte e que fazia a câmara tremer um bocadinho. Lembro-me que fazia um barulhinho esquisito e quase impercetível, como um zumbido.

P.

– O suporte. O suporte é onde se montam os componentes da lente. O suporte da lente da câmara instalada no berço permitia um alcance muito maior do que uma lente convencional, mas não chegava nem aos calcanhares de uma lente catadióptrica. Parecia mais um pedúnculo com um olho na ponta ou um telescópio de visão noturna do que uma lente. Era uma coisa comprida, fininha e espetada que tremia ligeiramente. Não percebo grande coisa de lentes, tirando os conceitos básicos como comprimento e velocidade. As lentes eram o forte do Jim. O que não pode ser considerado grande surpresa. Andava sempre com uma caixa cheia delas. Prestava mais atenção às lentes e à iluminação do que à câmara. O outro filho levava-as numa caixa especial. O Leith ocupava-se das câmaras e o filho, das lentes. O Jim dizia que as lentes eram a sua contribuição para todo aquele empreendimento. Para o cinema. Para si mesmo. Era ele que fabricava todas as que usava.

P.

– Bem, eu nunca passei tempo com eles. Mas sei que a visão deles supostamente tem qualquer coisa de esquisito e oscilante. Acho que quanto mais recém-nascidos forem, mais se nota essa tremedeira. Para além de uma névoa leitosa, acho eu. Nistagmo neonatal. Não sei onde ouvi esse termo. Não me lembro. Pode ter sido o Jim. Pode ter sido o filho. O que eu sei, pessoalmente, sobre bebés, dava para – se calhar, era uma lente astigmática. Mas não há grandes dúvidas de que a lente estava lá para reproduzir um campo visual infantil. Era isso que se sentia que estava a impulsionar a cena. A minha cara não era importante. A sensação com que fiquei sempre foi que a ideia nunca tinha sido capturá-la de forma realista com essa lente.

P.

– Nunca o vi. Não faço ideia.

P.

– Foram enterrados com ele. Os originais de tudo o que ficou inédito. Pelo menos, era o que vinha no testamento dele.

P.

– Não teve nada que ver com o suicídio dele. Absolutamente nada a ver.

P.

– Não, nunca vi a merda do testamento. Foi ele que me disse. Ele contava-me coisas.

Já tinha deixado de estar bêbado o tempo todo. Isso deu cabo dele. Não conseguia aguentar, mas tinha feito uma promessa.

P.

– Nunca ouvi dizer que ele tivesse sequer um original finalizado. Isso é o que *você* está a dizer. Não havia nada de insuportável ou escravizante em nenhuma das minhas cenas. Nada que se aproximasse desses rumores sobre perfeição absoluta. Isso são rumores académicos. Ele falava em fazer uma coisa que fosse, e passo a citar, demasiado perfeita. Só que era uma *piada*. Tinha uma pancada com o entretenimento, criticavam-no pela oposição entretenimento *versus* não-entretenimento e estatismo. Costumava-se referir à sua obra como «entretenimentos». Mas sempre de uma forma irónica. Mesmo a brincar, nunca falava de uma antiversão ou de um antídoto, por amor de Deus. Nunca levava a coisa tão longe. Era uma piada.

– ...

– Quando ele falava dessa coisa que seria, e passo a citar, um entretenimento perfeito, fatalmente irresistível – fazia-o sempre com ironia –, era sempre uma indiretazinha brincalhona dirigida a mim. Eu andava sempre a dizer que o véu servia para esconder a perfeição letal, que eu era tão letalmente bonita que as pessoas não conseguiriam aguentar. Era uma espécie de piada que eu tinha apanhado de um dos entretenimentos dele, aquela coisa da Medusa e da Odalisca. Que até na AHID eu me escondia, tapando-me, negando a minha própria deformidade. Por isso, o Jim pegou num filme falhado e disse-me que era demasiado perfeito para ser distribuído – paralisaria as pessoas. Era completamente evidente que era uma piada irónica. Para mim.

P.

– O Jim tinha um sentido de humor *sarcástico*.

P.

– Se esse original foi terminado e nunca ninguém o viu, então está lá dentro com ele. Enterrado. É só um palpite. Mas quase que aposto que sim.

– ...

– Digamos que é um palpite *com conhecimento de causa*.

P.

– ...

P, P, P.

– Essa é a parte da piada que ele não sabia. Agora, o sítio onde ele está enterrado *também* está enterrado. Fica na vossa zona de anelação. Nem sequer é *território* vosso. E agora, se quiserem a coisa – acho que ele ia achar imensa graça à piada. Ai isso é que ia, porra.

Por uma coincidência bastante arrepiante, Kyle Dempsy Coyle e Mario também estavam a ver, no nosso quarto, um dos filmes antigos de Ele Mesmo. Mario tinha vestido as calças e estava a servir-se da sua ferramenta especial para apertar o fecho e abotoá-las. Coyle parecia estranhamente traumatizado. Estava sentado na borda da minha cama, com os olhos esbugalhados e o corpo inteiro a tremer ligeiramente, como uma coisa suspensa na ponta de uma pipeta. Mario cumprimentou-me dizendo o meu nome. Do lado de lá da janela, a neve continuava a rodopiar num turbilhão. Era impossível precisar a posição do Sol. Os postes das redes já estavam soterrados quase até à parte onde se colavam as pontuações. O vento estava a amontoar a neve em tudo o que era ângulo reto na Academia e depois a fustigar esses montes, dando-lhes formas invulgares. Toda a vista da janela tinha a qualidade cinzenta e granulosa de uma má fotografia. O céu parecia doente. Mario servia-se da ferramenta com uma paciência imensa. Precisava muitas vezes de várias tentativas para enfiar e prender as mandíbulas da ferramenta na lingueta do fecho. Coyle, que ainda tinha posta a proteção bucal contra a apneia, estava a olhar fixamente para o monitorzinho do nosso quarto. O cartucho era de *Cúmplice!*, um curto melodrama de Ele Mesmo com Cosgrove Watt e um miúdo que ninguém tinha visto antes ou depois.

– Acordaste cedo – disse Mario, levantando os olhos da braguilha e sorrindo. Tinha a cama impecavelmente feita.

Sorri.

– Parece que não fui o único.

– Estás com um ar triste.

Ergui a mão com o copo da NASA para Coyle.

– Um prazer inesperado, K.D.C.

– O Ztice arrangou ua merd d caraça – respondeu Coyle.

Pousei o copo e a escova na cómoda e alisei o naperão. Peguei num monte de roupa e comecei a separá-la pelo cheiro, em utilizável e não utilizável.

– O Kyle diz que o Jim Troeltsch arrancou um bocado da cara ao Ortho quando o tentou desprender de uma janela onde ele tinha ficado com a cara colada – disse Mario. – E, a seguir, o Jim Troeltsch e o senhor Kenkle tentaram pôr papel higiénico nas partes rasgadas, como o Tall Paul põe às vezes bocadinhos de *Kleenex* num corte depois de fazer a barba, mas a cara do Ortho estava muito pior do que um corte depois de fazer a barba e tiveram de utilizar um rolo inteiro, e agora a cara do Ortho está cheia de papel higiénico e o papel higiénico ficou colado e o Ortho não o consegue tirar, e ao pequeno-almoço o senhor DeLint estava a gritar com o Ortho por ter deixado que lhe pusessem papel higiénico na cara e o Ortho foi a correr para o quarto dele e do Kyle e trancou a porta, e o Kyle ficou sem chave desde o acidente na piscina de hidromassagem.

Ajudei Mario a vestir o colete com fecho de polícia extensível e prendi o *Velcro* muito bem. Mario tem um peito que parece tão frágil que eu conseguia sentir a trepidação do coração dele a bater por baixo do colete e da camisola.

Coyle tirou a proteção contra a apneia. Apareceram-lhe fios brancos de material oral e noturno entre a boca e a proteção quando ele a tirou. Olhou para Mario.

– Conta-lhe a parte pior.

Estava a observar Coyle com toda a atenção para ver o que ele pensava fazer à repugnante proteção bucal que tinha na mão.

– Olha, Hal, tens mensagens no atendedor e o Mike Pemulis passou por cá para saber se já estavas a pé.

– Ainda não lhe contaste o pior de tudo – insistiu Coyle.

– Nem sequer penses em pousar essa coisa em nenhum sítio perto da minha cama, Kyle, por favor.

– Não a vou pousar em nenhum sítio, está descansado.

Mario serviu-se da ferramenta para apertar o fecho comprido e curvo da mochila.

– O Kyle disse que teve outro problema de descarga intestinal...

– Ouvi dizer que sim – interrompi.

– ... e o Kyle diz que quando acordou o Ortho não estava lá, e a cama dele também não, e por isso acendeu a luz...

Kyle gesticulou com a engenhoca e disse:

– E olhai e vede, caralho.

– ... sim, *olhai* –, disse Mario –, a cama do Ortho está colada ao teto do quarto. Sabe-se lá como, a estrutura subiu sozinha e ficou presa ao teto a dada altura da noite sem que o Kyle ouvisse ou acordasse.

– Ou seja, até à diarreia – disse eu.

– Para mim, chega – afirmou Coyle. – As latas e as acusações de que eu ando a passar as cenas dele de um lado para o outro ainda vá que não vá... Vou pedir à Lateral Alice para mudar de quarto como o Troeltsch fez. Isto é a última *gota*.

Mario disse:

– E a cama dele continua lá em cima, colada ao teto, e se cair vai atravessar o chão e aterrar em cheio no quarto do Graham e do Petropolis.

– E o gajo está lá dentro, todo mumificado com papel higiénico, a amuar, com a cama por cima dele e a porta trancada, por isso eu nem sequer posso ir buscar o material para limpar a minha proteção contra a apneia – queixou-se Coyle.

Não me tinha chegado aos ouvidos que Troeltsch tivesse, segundo parecia, trocado de quarto com Trevor Axford. Um monte gigantesco de neve deslizou por uma parte inclinada do telhado, por cima do nosso quarto, passou à frente da janela ao cair e bateu no chão lá em baixo com enorme estrondo. Por alguma, o facto de uma coisa tão importante como uma troca de quartos a meio de um período poder ter acontecido sem que eu soubesse de nada encheu-me de pavor. Senti outra vez uns lamirezinhos de um possível e incipiente ataque de pânico.

Na mesinha de cabeceira de Mario, está uma bisnaga de pomada, espremida aqui e acolá, para a queimadura que ele tem na pélvis. Mario estava a olhar para a minha cara.

– Estás triste porque não vais poder jogar se o torneio com os jogadores do Quebeque for cancelado?

– E depois, para fechar a noite em beleza, ele acaba com a cara colada a uma janela – diz Coyle, repugnado.

– Congelada – corrigi eu.

– Só que ouçam só a explicação do Stice.

– Deixa-me adivinhar – respondi.

– Para a cama a pairar.

Mario olhou para Coyle.

– Disseste que estava presa.

– Eu disse que estava *presumivelmente* presa, foi isso que eu disse. Disse que a única explicação racional era estar presa com parafusos.

– Deixa-me adivinhar – repeti.

– Deixa-o advinhar – disse Mario a Coyle.

– O «Escuridão» acha que foram fantasmas – disse Coyle, levantando-se e aproximando-se de nós. Não tinha os olhos exatamente ao mesmo nível. – A explicação do Stice, e que ele me obrigou a jurar que não contava a ninguém mas isso foi antes da cama no teto, é que acha, vá-se lá saber porquê, que foi selecionado ou escolhido para ser assombrado ou possuído por uma espécie qualquer de fantasma protetor ou da guarda que reside e/ou se manifesta em objetos físicos corriqueiros e que quer ensinar o «Escuridão» a não subestimar os objetos corriqueiros, para fazer o jogo dele atingir, tipo, um nível sobrenatural, para ajudar a melhorar o jogo dele.

Tinha um olho subtilmente mais baixo do que o outro e num ângulo diferente.

– Ou prejudicar o jogo de outra pessoa – disse eu.

– O Stice está a ir-se abaixo mentalmente – prosseguiu Coyle, continuando a aproximar-se. Tive o cuidado de me manter afastado do hálito matinal dele. – Está sempre a olhar fixamente para as coisas, com as veias das têmporas a latejarem, a tentar exercer a sua força de vontade nelas. Apostou comigo vinte cêntimos que era capaz de se pôr em cima da cadeira e levantá-la ao mesmo tempo, e depois não me deixou cancelar a aposta quando senti vergonha por ele, depois de estar meia hora ali em pé, com as têmporas a latejarem.

E eu também tinha a engenhoca oral dele debaixo de olho.

– Ouviram dizer que havia imitação de salsicha e sumo acabado de espremer para o pequeno-almoço?

Mario perguntou outra vez se eu estava triste.

Coyle disse:

– Eu estava *lá*. A fronha do Stice estava a tirar o apetite a toda a gente. Depois o DeLint começou a espingardar com ele. – Estava a olhar para mim de uma forma esquisita. – Não estou a ver qual é a piada, pá.

Mario deixou-se cair para trás, na cama, e enfiou-se nas alças da mochila com a facilidade de quem estava habituado a isso.

Coyle disse:

– Não sei se deva ir falar com o Schtitt, ou a Rusk, ou sei lá. Ou com a Lateral Alice. E se eles o mandam para algum sítio e a culpa é minha?

– Mas não há dúvida que o jogo do «Escuro» melhorou este outono.

– Tens mensagens na máquina, Hal – insistiu Mario quando eu lhe segurei as mãos com cuidado e o levantei.

– E se tiver sido o estar a ir-se abaixo mentalmente que fez o jogo dele melhorar? – perguntou Coyle. – Ainda conta como ir-se abaixo?

Cosgrove Watt tinha sido um dos pouquíssimos atores profissionais utilizados por Ele Mesmo. Ele Mesmo gostava de utilizar frequentemente completos amadores; só queria que eles lessem as falas, nos cartões de ponto que Mario ou Disney Leith seguravam bem virados para o sítio para onde a personagem tinha de olhar, com o constrangimento desajeitado próprio de um amador. Até à fase final da carreira, Ele Mesmo tinha achado aparentemente que a natureza rígida e desajeitada dos não profissionais contribuía para afastar a ilusão perniciosa de realismo e lembrar aos espectadores que estavam a ver na verdade atores a representar e não pessoas a agirem na vida real. Tal como o parisiense Bresson de quem tanto gostava, Ele Mesmo, segundo dizia, não tinha qualquer interesse em enganar os espectadores com um realismo ilusório. A aparente ironia de serem necessárias pessoas que *não* eram atores para conseguir essa qualidade rígida e artificial de estou-só-a-representar era uma das pouquíssimas coisas que interessavam verdadeiramente aos críticos académicos nos primeiros projetos de Ele Mesmo. Mas a verdade pura e dura é que, no início, Ele Mesmo não queria que interpretações talentosas ou credíveis ofuscassem as ideias abstratas e as inovações técnicas dos cartuchos, e eu sempre achei isso mais parecido com Brecht do que com Bresson. Só que a ingenuidade conceptual e técnica não interessava lá muito aos espectadores dos entretenimentos cinematográficos, e uma maneira de analisar o abandono do anticonfluencialismo por parte de Ele

Mesmo é defender que, nos seus projetos finais, queria tão desesperadamente fazer qualquer coisa que os espectadores comuns dos Estados Unidos pudessem achar entusiasmante, divertida e indutora de autoesquecimento[378] que tinha posto profissionais e amadores a teatralizarem todos desenfreadamente, como se não houvesse amanhã. Arrancar emoções dos atores ou dos espectadores nunca me pareceu ser um dos fortes de Ele Mesmo, embora eu me lembrasse de discussões em que Mario tinha dito que eu não via muita coisa que estava mesmo à minha frente.

Cosgrove Watt era um profissional, mas não era muito bom, e antes de Ele Mesmo o descobrir, a carreira de Watt consistia principalmente em anúncios para mercados regionais que passavam na TV radiodifundida. Em termos de anúncios, a série de *spots* em que fazia de Glândula Dançarina, para uma cadeia de clínicas de endocrinologia da costa leste, foi o que tornou mais conhecido. Usava um fato branco e bolboso, uma peruca branca e uma bola e corrente ou então sapatos brancos de sapateado, consoante fazia de Pré-Glândula ou de Pós-Glândula. Durante um desses anúncios, Ele Mesmo berrou «Eureca!» para a nossa *Sony HD* e foi de propósito até Glen Riddle, na Pennsylvania, onde Watt vivia com a mãe e os gatos dela, para o recrutar. Ao longo de dezoito meses, utilizou Cosgrove Watt em quase todos os seus projetos. Durante um tempo, Watt foi para Ele Mesmo o mesmo que DeNiro para Scorsese, McLachlin para Lynch e Allen para Allen. E até o problema de Watt nos lobos temporais ter tornado a sua presença social insuportável, Ele Mesmo até o tinha instalado, com a mãe e os gatos, numa suíte que mais tarde viria a dar lugar aos quartos adjacentes ao túnel principal da ATE, com a mã a consentir mas a ordenar a Orin, a Mario e a mim para nunca, em caso algum, ficarmos sozinhos numa divisão com Watt.

Cúmplice! foi um dos últimos papéis de Watt. É um cartucho triste e simples, e tão curto que o telecomputador voltou ao início do filme quase de imediato. O filme de Ele Mesmo começa com um lindo e jovem prostituto, que trabalha num terminal rodoviário, de ar triste, frágil e epiceno, tão loiro que até as sobrancelhas e as pestanas são dessa cor, a ser abordado, na cafetaria dos autocarros *Greyhound*, por um espécime velho, flácido e de aspeto dissoluto, com dentes cinzentos, sobrancelhas circunflexas e evidentes problemas nos lobos temporais. Cosgrove Watt interpreta o homem mais velho e depravado,

que leva o rapaz para o opulento mas ao mesmo tempo algo sórdido apartamento a que tinha acesso através de uma cooperativa e que era, na realidade, o sítio que Ele Mesmo tinha arrendado para O. e a RMBDS, decorado com várias nuances de sujidade para servir de cenário em quase todos os seus projetos finais.

O triste e lindo rapaz de aspeto ariano aceita ser seduzido pelo espécime velho e dissoluto, mas com a condição de que o homem use proteção. Apesar de ter dificuldades em expressar-se, o rapaz é extremamente claro quanto a essa estipulação. Sexo seguro ou nada de sexo, estipula ele, mostrando uma familiar embalagem de alumínio. O espécime velho e horrendo – que agora traz um casaco de *smoking* e um lenço de seda amarelo-alaranjado atado ao pescoço, e está a fumar por uma boquilha branca e comprida ao estilo de FDR – fica ofendido, acha que o jovem prostituto o considera um espécime velho tão depravado e dissoluto que até é capaz de ter a Coisa, o vírus imuno-humano, acha ele. Os seus pensamentos são comunicados através de balões de banda desenhada, que, naquela fase avançada da carreira, Ele Mesmo esperava que os espectadores achassem ao mesmo tempo não ilusórios, de uma forma autoconsciente, e extraordinariamente divertidos. O espécime velho faz um sorriso rasgado e cinzento, que julga ser agradável, ao pegar na embalagem de alumínio obsequiosamente e tirar o lenço com o que ele pensa ser um gesto floreado e sensual... mas, dentro do balão de banda desenhada, tem os lobos temporais a sofrerem espasmos de raiva sádica dirigida ao triste rapaz loiro por este parecer considerá-lo um risco para a saúde. O óbvio risco para a saúde de que aqui se fala é referido, tanto oralmente como no balão, apenas como a *Coisa*. Por exemplo: «O sacaninha acha que eu tenho um aspeto tão dissoluto que só posso andar nisto há imenso tempo e, por isso, o mais certo é ter a *Coisa,* não é?», pensa o espécime velho, com o balão a contorcer-se todo de raiva.

E então o espécime velho e flácido está agora, com apenas seis minutos de cartucho, Faixa 510, está agora a possuir o triste e lindo rapaz, na clássica (extravagantemente curvada) posição homossexual, na cama de dossel do seu quarto piroso: o jovem prostituto assumiu obedientemente a posição homossexual, curvada e submissa, porque o velho maricas lhe mostrou que pôs o preservativo. O jovem prostituto, que só é mostrado (curvado) do lado esquerdo durante o ato propriamente dito, com o seu ar frágil, flanco escanzelado e costelas protuberantes, projeta beleza, ao passo que o espécime velho tem o cu

flácido e os mamilozinhos pontiagudos de um homem que os anos de devassidão tornaram grotesco. A cena de sexo é filmada com muita luz e sem qualquer tipo de focagem difusa ou *jazz* ligeiro como pano de fundo musical para suavizar a atmosfera de indiferença clínica.

O que o triste e submisso rapaz loiro não sabe é que o espécime velho e dissoluto sacou secretamente uma lâmina à moda antiga, das que só cortam de um lado, na altura em que foi à casa de banho de azulejos *bordeaux* gargarejar com um elixir de sabor a canela e salpicar almíscar feromónico *Calvin Klein* nos pulsos flácidos, e quando se curva como uma animal sobre o rapaz tem a parte que corta da lâmina encostada ao ânus do rapaz triste enquanto vai levando a sua avante, fazendo com que a ponta da lâmina vá rasgando o preservativo e o falo ereto a cada penetração, sem que o espécime velho se importe com o sangue e a dor que possa estar a sentir enquanto vai ficando com o falo cortado, que continua a enfiar com força, ainda curvado, ao mesmo tempo que arranca o preservativo rasgado como se fosse a pele de uma salsicha. O jovem prostituto, curvado submissamente, sente o preservativo a ser arrancado e depois o sangue, começando a debater-se como um condenado, tentando tirar o espécime velho e flácido, já sem preservativo e a escorrer sangue, de dentro e de cima dele. Mas o rapaz é magro e delicado e o velho não sente dificuldade em prendê-lo com o peso do seu corpo macio e flácido até que os esgares e grunhidos de prazer cheguem ao fim. Pelos vistos, uma das convenções de uma cena de sexo homossexual explícito é que a pessoa que assuma a posição curvada submissa fique de costas para a câmara enquanto o falo do parceiro dominador estiver dentro dela, e Ele Mesmo honra essa convenção, embora uma legenda autoconsciente, ao estilo de uma nota de rodapé, apareça no fundo do ecrã para realçar de forma bastante irritante que a cena está a honrar uma convenção. O prostituto só vira a cara atormentada para a câmara depois de o homossexual mais velho e depravado ter tirado o falo ensanguentado e a murchar, já pós-prazer, de dentro dele, vira a cara e as suas sobrancelhas loiras para a esquerda, encarando os espectadores e soltando um gemido mudo ao prostrar o seu peito delicado na cama, com os braços abertos nos lençóis de cetim e o rabo violentado bem espetado, ficando de repente à vista, no rego e na parte de cima do tendão do jarrete, uma mancha púrpura e nítida, mais nítida do que qualquer nódoa negra, irradiando oito tentáculos aracnídeos que são, revela o horrorizado

balão de banda desenhada do velho, o inconfundível sinal mancha-contusão-nítida-de-oito-pernas do sarcoma de Kaposi, o mais universal dos sintomas da *Coisa*, e o rapaz está a dizer, por entre soluços, que o velho homossexual depravado fez dele – prostituto – um assassino, com os soluços atrozes do rapaz a fazerem-lhe o rabo espetado abanar à frente da cara horrorizada do espécime velho, o rapaz a soluçar com a cara enfiada nos lençóis de cetim amarelo-esverdeados, e a guinchar «Assassino! Assassino!» sem parar, de tal forma que praticamente um terço de *Cúmplice!* é dedicado à repetição torturante dessa palavra – por muitíssimo mais tempo do que seria necessário para os espectadores absorverem a reviravolta final e todas as suas possíveis implicações e significados. Era precisamente sobre este tipo de coisa que eu e Mario costumávamos discutir. Do meu ponto de vista, ainda que no final do cartucho as duas personagens estejam a dar largas às suas emoções que nem uns perdidos, o projeto subjacente a *Cúmplice!* continua a ser essencialmente abstrato e autorreflexivo; acabamos por nos preocupar e pensar não nas personagens mas no cartucho propriamente dito. Quando a última e repetitiva imagem escurece, cedendo o lugar a uma silhueta, o genérico final começa a passar, a cara do velho para de ter espasmos de horror e o rapaz se cala, a verdadeira tensão do cartucho está na seguinte pergunta: Será que Ele Mesmo nos forçou a ouvir repetidamente, durante quinhentos segundos, o grito de «Assassino!» por alguma razão, ou seja, será que a perplexidade e depois o aborrecimento e depois a impaciência e depois o martírio e depois, por fim, a quase raiva que o terço final, estático e repetitivo, do filme provoca nos espectadores tem algum objetivo teórico-estético ou é só Ele Mesmo que era incrivelmente merdoso a montar os próprios filmes?

Foi só depois de Ele Mesmo morrer que os críticos e teóricos começaram a tratar essa questão como sendo potencialmente importante. Houve uma mulher que passou a professora catedrática da U. Cal-Irvine graças a uma tese que defendia que o debate sobre se havia ou não razão para a filmografia de Ele Mesmo não ser divertida se podia alargar e iluminar o imbróglio central à volta do cinema *après-garde*, a maioria do qual, nesta época dos telecomputadores e de entretenimento de consumo puramente caseiro, suscitava a questão de saber por que razão tantos filmes esteticamente ambiciosos eram tão chatos e tanto entretenimento comercial redutor e merdoso tão divertido. A tese era tão

pomposa que chegava a ser impossível lê-la, para além de utilizar o verbo *referenciar* e substituir *imbróglio* por *embróglio*[379].

Da minha posição horizontal no chão do quarto podia servir-me do comando do telecomputador para tudo menos inserir e tirar cartuchos na drive. A janela do quarto era agora um coágulo translúcido de neve e vapor. As Disseminações Espontâneas de InterLace para a Nova Nova Inglaterra estavam todas a falar do tempo. Com o sistema de subscrição da ATE, tínhamos acesso a várias faixas espontâneas para mercados vastos. Cada faixa analisava o tempo segundo uma perspetiva ligeiramente diferente. As informações vindas de North e South Shore, em Boston, Providence, New Haven e Hartford-Springfield serviam para estabelecer o consenso de que tinha caído uma quantidade impressionante de neve, que continuava a cair, a rodopiar com o vento e a acumular-se. Viam-se carros abandonados à pressa, de qualquer maneira, e os carros cobertos de neve tinham todos a forma universal e branca de um «carocha» *VW*. Viam-se gangues de adolescentes montados em motas de neve e com capacetes pretos a rondarem as ruas de New Haven, claramente com más intenções. Os transeuntes andavam debruçados e aos tropeções; os jornalistas que iam enviando as informações tentavam, igualmente aos tropeções, ir ter com eles para recolherem as suas opiniões e impressões. Em Quincy, South Shore, um dos jornalistas aos tropeções desapareceu abruptamente, ficando a ver-se apenas a mão que segurava o microfone, saindo corajosamente de uma espécie de toca feita de neve; depois viam-se os técnicos, de costas e debruçados, a afastarem-se da câmara aos tropeções para irem em seu socorro. Pessoas com limpa-neves estavam no meio dos seus próprios nevõezinhos. Um transeunte foi filmado a dar um bate-cu dos diabos. Havia carros parados de todas as formas e feitios nas ruas, com os pneus a rodopiar, vibrando sem saírem do mesmo sítio. Numa das faixas, estavam sempre a voltar a um homem que não parava de tentar limpar um para-brisas que voltava a ficar imediatamente branco mal a escova passava. Um autocarro tinha o focinho enfiado num monte de neve monstruoso. Viam-se as ventoinhas ATHSCME, no alto da parede a norte de Ticonderoga, em Nova Nova Iorque, a provocarem ciclones de neve horizontais. Nos estúdios InterLace, mulheres sombrias e com ruge afirmavam unanimemente que aquele era o pior nevão a assolar a região desde 1998 AS e o segundo pior desde 1993 AS. Via-se um homem de cadeira de rodas a fitar, impávido, um monte de neve

de dois metros, do outro lado da rua, na rampa do Capitólio. Os mapas de satélite da zona leste e central da ONAN mostravam uma formação branca, em espiral e irregular, que parecia ter garras. Não era uma *nor'easter.* Uma crista quente e húmida, vinda do golfo do México, e uma frente fria do Ártico tinham colidido sobre a Concavidade. A foto de satélite da tempestade estava sobreposta nos diagramas do nevão brutal de 98 e era praticamente idêntica. Tinha regressado um velho e indesejado conhecido, disse uma mulher atraente, com uma franja preta e batom rutilante, sorrindo sombriamente. Noutra faixa, repetia-se: não era uma nor'easter. Talvez fosse mais apropriado dizer «sorrindo melancolicamente». Os olhos inexpressivos e vítreos do homem que limpava o para-brisas impotentemente pareciam representar uma imagem visual importante; em várias faixas, as câmaras estavam sempre a voltar a mostrar a cara dele. Mas o homem recusava-se a responder aos jornalistas ou aos pedidos para que dissesse o que lhe ia na cabeça. Estava com a cara sinistra e superconcentrada de uma pessoa a apanhar vidros da estrada com todo o cuidado, depois de um acidente que lhe deixou a mulher empalada no volante. Noutra faixa, a pivô era uma negra linda, com batom púrpura e o que parecia ser uma carapinha bastante grande. Surgiam notícias de neve vindas de todas as direções. Passado um bocado, deixei de prestar atenção à quantidade de vezes que a palavra *neve* era repetida. Todos os sinónimos de *nevão* foram esgotados rapidamente. Pessoal viciado em emoções fortes e sem capacete ia fazendo peões em motas de neve, na baixa, na Praça Copley. Vários sem-abrigo, curvados à porta dos prédios, praticamente tapados pela neve, preparavam tubos feitos de jornais enrolados para poderem respirar. Jim Troeltsch, que pelos vistos se tinha mudado para o quarto B-204, gostava de imitar, com bastante piada, uma pivô InterLace a ter um orgasmo. Um dos maluquinhos das emoções fortes perdeu o controlo da mota de neve, que se foi enfiar num monte de neve, com a câmara a manter-se focada no monte durante vários segundos, sem que nada saísse de lá. Os reservistas da Guarda Nacional do Connecticut tinham recebido ordens para se apresentarem ao serviço mas isso não acontecera porque era impossível atravessar o Connecticut. Três homens de uniforme e com capacetes cinzentos estavam a perseguir dois homens com capacetes brancos, todos montados em motas de neve, por razões que o repórter presente no local descreveu como não sendo ainda conhecidas. Os enviados especiais usavam

palavras como *conhecidas, individuais, alegadas, utilizar* e *em desenvolvimento*. Mas toda essa dicção impessoal era precedida do nome próprio do pivô, como se a reportagem fizesse parte de uma conversa íntima. Viu-se um moço de entregas da InterLace a distribuir cartuchos gravados montado numa mota de neve e alguém o classificou de valente. Segundo LaMont Chu, Otis P. Lord tinha sido operado na quinta-feira, para lhe retirarem o monitor *Hitachi* da cabeça. Eu nunca tinha andado numa mota de neve, esquiado ou patinado: na ATE, isso não era visto com bons olhos. Para DeLint, os desportos de inverno eram praticamente o mesmo que uma pessoa ajoelhar-se e implorar para se lesionar. As motas que se viam no monitor faziam todas uns barulhinhos que lembravam serras elétricas especialmente belicosas para compensarem o facto de serem tão pequeninas. Houve um plano pungente de um limpa-neves imobilizado, em Northampton. Um polícia estadual, com um chapéu preso por baixo do queixo, estava a desencorajar oficialmente «pessoas sem razões de emergência para viajar» (*sic*) de viajarem. Um habitante de Brockton, com um anoraque *Lands' End*, caiu de uma forma tão burlesca que só podia ter sido ensaiada.

Mal conseguia lembrar-me do nevão de 98. A Academia ainda só tinha uns meses de existência. Lembro-me de que as bordas do topo nivelado da colina ainda eram quadradas e íngremes, com riscas das camadas sedimentares, já que a fase final da construção tinha sido atrasada por um litígio desagradável com o hospital para veteranos de guerra, mais abaixo. A tempestade caiu-nos em cima em março, vinda do Sudeste, do Canadá. Dwight Flechette, Orin e os outros jogadores tiveram de ser levados para o Pulmão atados uns aos outros com uma corda, em fila indiana, com Schtitt à cabeça, segurando um foguete luminoso de autoestrada. Havia algumas fotos disso na sala de espera de C.T. O rapaz que vinha em último lugar na corda desaparecia, desamparado, no meio de um remoinho cinzento. A bolha nova do Pulmão teve de ser desmontada e arranjada quando o peso da neve a amassou de lado. Os transportes públicos deixaram de funcionar. Lembro-me de que alguns dos jogadores mais novos começaram a chorar e desataram a jurar que a culpa do nevão não era deles. Ao longo de vários dias, a neve não parou de cair de um céu plúmbeo. Ele Mesmo tinha-se sentado numa cadeira de costas verticais, à mesma janela da sala de estar onde agora C.T. se costuma preocupar por antecipação, e apontado uma série de câmaras não digitais à neve que se acumulava. Após vários anos em que,

segundo Orin, a sua obsessão devoradora era a criação da ATE, Ele Mesmo tinha dado início à obsessão pelo cinema quase imediatamente a seguir à Academia estar pronta e a funcionar. Orin disse em tempos que a mã tinha partido do princípio de que essa panca com o cinema seria uma obsessão passageira. No início, Ele Mesmo parecia de facto mais interessado nas lentes e nos padrões de linhas horizontais[380], e nas consequências da sua modificação. Passou a tempestade toda sentado nessa cadeira, a bebericar brande pelo seu copo especial e com uma manta de xadrez que não lhe tapava as pernas compridas completamente. Nessa altura, as pernas dele pareciam-me quase interminavelmente compridas. Parecia sempre estar à beira de ficar doente com qualquer coisa. O seu historial até então indicava que ele permanecia obcecado com uma coisa até ser bem-sucedido nela, e depois transferia a obsessão para outra coisa qualquer. Da ótica militar à ótica anelar, da ótica empresarial à pedagogia do ténis, e desta ao cinema. Ali sentado na cadeira, durante o nevão, tinha consigo vários tipos de câmaras e uma grande caixa de cabedal. Dentro desta, havia lentes de ambos os lados, em várias ranhuras. Costumava deixar que eu e Mario puséssemos diversos tipos de lentes nos olhos e depois os franzíssemos para as segurar, imitando Schtitt.

Uma maneira de olhar para a persistência da obsessão com o cinema é considerar que Ele Mesmo nunca foi realmente bem-sucedido ou talentoso no que toca a fazer filmes. Isso era outra coisa em que eu e Mario tínhamos concordado em discordar.

Demorámos quase um ano para nos mudarmos em definitivo de Weston para a ATE. A mã tinha amigos em Weston e foi arrastando as coisas. Eu era muito pequeno. Continuei deitado de costas na carpete do nosso quarto, a tentar recordar-me de pormenores da nossa casa em Weston, a manipular o comando do telecomputador com o polegar. Não tenho a cabeça do Mario no que diz respeito a recordar pormenores. Numa das faixas de disseminação, a câmara, instalada no alto da Torre Hancock, limita-se a fazer um *travelling* pelo céu e horizontes da área metropolitana de Boston. Na FM, a WYYY parecia estar a dar o seu boletim meteorológico através da mimese, emitindo pura estática enquanto a equipa estudantil se entretinha com certeza a fumar cachimbos de água, para celebrar a tempestade, e a escorregar depois pelo telhado cerebral da Associação. O *travelling* da câmara instalada no alto da Hancock apanhava o sincipúcio da

Associação de Estudantes do MIT, com as circunvoluções do telhado a encherem-se de neve primeiro do que o resto, sinistras filigranas brancas sobre o cinzento-escuro do telhado.

A única carpete do nosso quarto no subdormitório era uma corrupção em tamanho gigante da página do tapete dos Evangelhos de Lindisfarne, em que era preciso olhar com imensa atenção para distinguir as minúsculas cenas pornográficas no entrançado bizantino à volta da cruz. Tinha adquirido a carpete vários anos antes, durante um período de intenso interesse pela pornografia bizantina, inspirado pelo que tinha considerado uma referência excitante no *OED*. Eu também tinha saltitado constantemente de obsessão em obsessão quando era pequeno. Ajustei o ângulo do meu corpo na carpete. Estava a tentar realinhar-me com uma espécie de textura do mundo que mal conseguia sentir, desde que Pemulis e eu tínhamos parado. Refiro-me à textura, não ao mundo. Percebi que não era capaz de distinguir as minhas recordações visuais da casa de Weston das recordações de estar a ouvir as descrições pormenorizadas que Mario fazia das suas recordações. Lembro-me de uma casa de três andares do final da época vitoriana, numa rua baixa e sossegada revestida de elmos, relvados hiperfertilizados, casas altas com janelas ovais e armações de rede nas portas de entrada. Uma das casas da rua tinha um florão com um ananás; mas só a rua propriamente dita era baixa; os lotes estavam amontoados uns em cima dos outros e as casas eram tão altas que a rua, apesar de larga, parecia comprimida, uma espécie de desfiladeiro flanqueado por prosperidade. Parecia ser sempre verão ou primavera. Conseguia lembrar-me da voz estridente da mã, junto à armação de rede no alto de um alpendre, a chamar-nos para virmos para casa quando anoitecia e as bandeiras de vidro de chumbo das portas começavam a iluminar-se nas várias casas, numa espécie de sincronia linear. Do nosso caminho de entrada, ou de outro qualquer, demarcado com pedras caiadas com a forma de contas ou gotas. Do intricado jardim da mã no quintal das traseiras, cercado por uma fileira de árvores. De Ele Mesmo junto à armação de rede, a mexer um gim tónico com o dedo. De *S. Johnson*, o cão da mã, que ainda não tinha sido capado e estava confinado, por motivos de psicose, a uma espécie de grande redil com uma cerca, adjacente à garagem, a correr de um lado para o outro quando se ouviam trovões. Do cheiro a *Noxzema*: Ele Mesmo atrás de Orin, na casa de banho do último andar, debruçando-se sobre ele e ensinando-o a

fazer a barba a contrapelo, de baixo para cima. Lembro-me de *S. Johnson* aos saltos nas patas traseiras e a arranhar a cerca quando Mario se aproximava do redil: o barulho dos elos da corrente a chocalharem. Do círculo de terra deixado mais gasto pela órbita traçada por *S.J.* no redil quando se ouviam trovões ou passavam aviões por cima de nós. Ele Mesmo esparramava-se nas cadeiras, cruzava as pernas e ainda assim continuava a ter os pés bem assentes no chão. Pousava o queixo na mão enquanto olhava para nós. As minhas recordações de Weston pareciam quadros. Pareciam-se mais com instantâneos do que com filmes. Uma recordação esquisita e isolada de mosquitos a cruzarem o ar, no verão, sobre a cabeça de animal desgrenhada de um arbusto esculpido de um vizinho. Os nossos próprios arbustos redondos a serem aparados, planos como o tampo de uma mesa, pela mã. Mais coisas horizontais. O palrar dos cortadores de sebes, com os fios de um cor de laranja berrante. Tinha de engolir cuspo de cada vez que respirava. Lembrava-me de vir da rua e de subir, com passos pesados e preguiçosos, os degraus de cimento à entrada de uma casa do final da época vitoriana, com um telhado de quatro águas, cuja altura estreita lhe dava um aspeto distendido, como líquido espesso prestes a verter: beirais vistosos, ripas de madeira onduladas e de um vermelho desbotado, algerozes de zinco que os alunos da mã vinham limpar. Uma estrela azul na janela da frente e as palavras bloco e mãe, que sempre me tinham feito pensar numa mulher retangular ou numa espécie de cântico de futebol americano. Lá dentro, era fresco e escuro e cheirava a cera *Lemon Pledge*. Não tinha nenhuma recordação visual da minha mãe sem cabelos brancos; só o comprimento destes variava. Um telefone com botões e um fio ligado à parede, numa superfície horizontal num recanto escondido junto à porta da rua. Soalhos de cortiça e prateleiras já montadas que cheiravam imenso a madeira. A arrepiante fotografia emoldurada de Lang a dirigir *Metropolis* em 1924[381]. Uma descomunal arca preta com dobradiças de palheta em latão. Alguns velhos e pesados troféus de ténis de Ele Mesmo a servirem de suporte para os livros nas prateleiras. Um aparador cheio de antiquados vídeos magnéticos, dentro de garridas caixas publicitárias, com um conjunto de loiça de Delft azul e branco, na prateleira de cima, que tinha minguado progressivamente, à medida que as peças foram sendo derrubadas por Mario, que tropeçava ou era empurrado. As cadeiras azuis e brancas com o plástico protetor que nos punha as pernas a suar. Um divã de uma espécie de lã

iraniana parecida com serapilheira, tingida da cor da areia misturada com cinza – isto é capaz de ter sido o divã de um vizinho. Algumas queimaduras de cigarros no tecido dos braços do divã. Livros, cassetes de vídeo, latas de cozinha – tudo por ordem alfabética. Tudo escrupulosamente limpo. Várias cadeiras de capitão de costas verticais em madeira de diferentes árvores frutíferas. Uma recordação surreal de um espelho de casa de banho embaciado e com uma faca espetada na vidraça. Uma imensa consola de televisão estéreo com um olho verde-acinzentado que me assustava quando ela estava desligada. Algumas das recordações só podem ser confabuladas ou sonhadas – a mã nunca teria um divã com queimaduras de cigarro.

Uma janela panorâmica a leste, na direção de Boston, com figuras *bordeaux* e um Sol azul suspensos numa teia de chumbo. O nascer do Sol, cor de rebuçado, que eu via no verão por essa janela, durante as minhas sessões televisivas matinais.

O homem alto e calado, Ele Mesmo, com a sua queimadura provocada pela lâmina de barbear, os óculos tortos e as calças de sarja demasiado curtas, que tinha um pescoço esguio e ombros encurvados e ficava esparramado a apanhar a luz do Sol cor de rebuçado que entrava pela janela leste, com o cóccix apoiado no peitoril da janela, a mexer docilmente com o dedo um copo de qualquer coisa enquanto a mã se punha para ali a dizer-lhe que já tinha perdido há muito todas as esperanças de que ele fosse capaz de ouvir o que ela lhe dizia –, essa figura silenciosa, de quem me continuo a lembrar das pernas quase intermináveis e do cheiro do creme de barbear *Noxzema*, parece-me, ainda, impossível de conciliar com a sensibilidade de uma coisa como *Cúmplice!* Era-me impossível imaginar Ele Mesmo a pensar em sodomia e lâminas, por mais teoricamente que fosse. Continuei ali deitado e quase me consegui lembrar de Orin a contar-me uma coisa quase comovente que Ele Mesmo lhe tinha dito uma vez. Uma coisa que tinha a ver com *Cúmplice!* A recordação estava ali a pairar algures, quase ao alcance da minha consciência, e essa inacessibilidade na ponta da língua parecia-me demasiado o prefácio de outro ataque. Aceitei-o: não me conseguia lembrar.

Mais à frente, nessa rua de Weston, uma igreja com um placar instalado na relva, à entrada – letras brancas em plástico sobre uma superfície preta com ranhuras –, e eu e Mario vimos pelo menos uma vez um homem com barbicha a mudar as letras e, com isso, o placar. Uma das primeiras ocasiões em que me

lembro de ler alguma coisa foi quando o placar passou a anunciar:

A V I D A É C O M O O T É N I S
O S Q U E S E R V E M M E L H O R
N O R M A L M E N T E G A N H A M

com as letras assim bem espaçadas. Uma igreja grande, cor de cimento acabado de fazer, com bastantes vidros e uma denominação de que não me lembro, mas construída num estilo que provavelmente nos anos 80 AS era considerado moderno – uma forma parabólica, de betão despejado, encrespada e elevada como a crista de uma onda. Havia nela qualquer coisa que sugeria um vento paranormal, vindo não se sabe de onde, capaz de fazer o betão ondular e estalar como uma vela esticada.

O nosso quarto no subdormitório da ATE tem três dessas velhas cadeiras de capitão trazidas de Weston, cujas costas nos magoam a coluna se não a encaixarmos com cuidado entre duas traves. Também temos um cesto de verga para a roupa suja, onde não guardamos nada, estando lá empilhadas algumas almofadas de bombazina que utilizamos para ver coisas no monitor. Há esquemas dos pisos térreos da mesquita Hagia Sophia e do Mosteiro de São Simeão, em Qal'at Si'man, pendurados na parede por cima da minha cama, mais a parte verdadeiramente lasciva do *Consumação dos Leviratos* por cima das cadeiras, tudo devedor do meu antigo interesse pelas coisas bizantinas. Havia qualquer coisa na natureza rígida e desmantelada do porno à maneira grega: gente partida em vários pedacinhos e a tentar juntar-se, etc. Aos pés da cama de Mario, estão um baú comprado numa loja de excedentes militares, onde guarda o seu equipamento cinematográfico, e uma cadeira de realizador de lona que sempre utilizou para deixar o fecho de polícia, os pesos de chumbo e o colete durante a noite. Uma mesinha de conglomerado para o conjunto do telecomputador e monitor, e uma cadeira de estenógrafo para utilizar o telecomputador para escrever. Ao todo, cinco cadeiras num quarto em que ninguém se senta nelas. Tal como em todos os quartos dos subdormitórios e nos corredores, um guilhoché percorria as paredes a meio metro do teto. Os alunos que entravam para a ATE davam sempre cabo da cabeça a tentar contar os círculos entrelaçados do guilhoché dos seus quartos. O nosso quarto tinha oitocentos e onze e pedaços partidos de – doze e – treze, com duas metades

esquerdas coladas como parênteses abertos no canto sudoeste. Entre os onze e os treze anos, tive uma imitação em gesso de um obsceno friso constantino, com o imperador com um órgão intumescido e uma expressão impura, pendurada em dois ganchos presos ao rebordo inferior do guilhoché. Por mais que tentasse, já não me conseguia lembrar do que tinha feito ao friso ou qual era o harém bizantino que o original decorava. Noutros tempos, dados desse género estariam disponíveis de imediato.

A sala de estar em Weston tinha uma versão inicial do sistema de iluminação indireta de espectro total de Ele Mesmo e, numa ponta, uma lareira de pedra alta, com uma grande cobertura de cobre que dava uma excelente pele de tambor para bater com colheres de madeira, e lembro-me de uma adulta estrangeira, que não reconheci, agarrada às têmporas por causa do barulho ensurdecedor e a implorar: Para, por favor. A selva de «Bebés Verdes» da mã tinha-se espalhado pela sala desde outro canto, os vasos das plantas em mesinhas de várias alturas, suspensos em suportes de macramé, dispostos à altura dos olhos em treliças de ferro pintado de branco, tudo isto sob o brilho sobrenatural de um tubo de luz ultravioleta com cobertura branca, pendurado do teto por correntes finas. Mario lembra-se de rendas de fetos com uma tonalidade violeta e do brilho húmido e carnudo das folhas de árvores-da-borracha.

E uma mesa de apoio de mármore preto raiado de verde, demasiado pesada para a podermos mexer e em cujo canto Mario partiu um dente depois do que Orin jurou a pés juntos ter sido um empurrão acidental.

A barriga das pernas cheias de varizes da senhora Clarke, ao fogão. A maneira como ela franzia os lábios quando a mã mudava qualquer coisa de lugar na cozinha. O fungo que eu comi e a reação histérica da mã – a recordação que eu tinha era de Orin a contar-me a história; não me lembrava de ter comido nenhum fungo quando era pequeno.

Continuava com o meu fiel copo da NASA equilibrado no peito, a subir quando a minha caixa torácica subia. Quando olhava para o meu corpo estendido, a boca redonda do copo era uma ranhura estreita. Isso devia-se à minha perspetiva ótica. Havia um termo conciso para *perspetiva ótica* ao qual, uma vez mais, eu não conseguia chegar.

O que fazia com que fosse realmente difícil lembrar-me da sala de estar da nossa antiga casa era o facto de grande parte da mobília se encontrar agora na

sala de estar da residência do reitor, as mesmas coisas mas ainda assim diferentes, e não apenas por uma questão de disposição nova. A mesa de apoio em ónix na qual Mario batera (*especular* é aquilo que se refere à perspetiva ótica; veio-me à cabeça de repente, depois de ter parado de me tentar lembrar) tinha agora CD, revistas de ténis, um vaso em forma de violoncelo com um eucalipto ressequido e, na época devida, a base de aço vermelho para a árvore de Natal da família. A mesa tinha sido um presente de casamento da mãe de Ele Mesmo, que morreu de enfisema pouco antes do surpreendente nascimento de Mario. Orin diz que ela parecia um caniche embalsamado, com os tendões do pescoço à mostra, caracóis brancos e apertados e uns olhos onde só se viam as pupilas. A mãe da mã tinha morrido no Quebeque, de um enfarte, quando ela – a mã – tinha oito anos, e o pai no seu segundo ano em McGill, em circunstâncias que nenhum de nós conhecia. A senhora Tavis, do tamanho de uma boca de incêndio, ainda estava viva, algures em Alberta, mas a antiga quinta em L'Islet, onde cultivavam batatas, faz agora parte da Grande Concavidade e está perdida para sempre.

Orin, Bain e o resto a jogarem *Trivial Pursuit* familiar, durante aquele terrível nevão do primeiro ano, com Orin a imitar o sonoro e ofegante «O meu filho comeu isto! Meu Deus, por favor!» da mã, nunca se cansando disso.

Orin também gostava de nos presentear com a recriação da cifose arrepiante da mãe de Ele Mesmo, na sua cadeira de rodas, fazendo sinal com uma garra para ele se aproximar, parecendo estar sempre dobrada sobre o peito, como se lhe tivessem espetado uma lança. Segundo Orin, havia nela um ar de profunda desidratação, como se sugasse por osmose a humidade dos outros. Tinha passado os últimos anos de vida na casa em arenito vermelho-acastanhado, na Rua Marlboro, onde a família morava antes de Mario e eu nascermos, assistida por uma enfermeira gerontológica que Orin dizia ter sempre a típica carantonha de quem é obrigado a ter dois empregos. Quando a enfermeira estava de folga, a velhota tinha aparentemente uma pequena campainha de prata pendurada num dos braços da cadeira de rodas, que tocava quando não conseguia respirar. Um alegre tinido de prata a anunciar a asfixia no andar de cima. A senhora Clark ainda ficava pálida sempre que Mario perguntava por ela.

Passou a ser mais fácil observar as mudanças climatéricas no corpo da mã desde que ela se começou a confinar cada vez mais à residência do reitor. Isso

ocorreu após o funeral de Ele Mesmo, mas por fases – o afastamento progressivo e a relutância em sair dos terrenos da Academia, e os sinais de envelhecimento. É difícil reparar naquilo que se vê todos os dias. Nenhuma das mudanças físicas tinha sido dramática – as pernas musculosas de bailarina ficaram duras e fibrosas, as ancas encolheram-se e a cintura tornou-se mais grossa e a precisar de uma cinta. A cara descai-lhe um bocadinho mais do que há quatro anos, com um ligeiro papo a formar-se por baixo do queixo e o potencial emergente para, com o tempo e a meu ver, lhe vir a aparecer qualquer coisa franzida à volta da boca.

A palavra que melhor sugeria por que razão a boca do copo parecia uma ranhura era, provavelmente, *escorçado*.

O infantilista da SRQ juntar-se-ia sem dúvida ao velho que trata de traumas relacionados com o pesar e os dois perguntariam o que se sente cá dentro quando se vê a nossa mã a começar a envelhecer. Perguntas destas quase se transformam em *koans*: é preciso mentir quando a verdade é nada de nada, já que isso parece o exemplo clássico de uma mentira, segundo o modelo terapêutico. As perguntas brutais são as que nos *forçam* a mentir.

A nossa antiga cozinha ou então a de um vizinho, com painéis em madeira de nogueira e formas de patê em cobre e rebentos de ervas pendurados nas paredes. Uma mulher não identificada – que não era Avril nem a senhora Clarke – nessa cozinha, com calças largas e confortáveis cor de cereja, de mocassins e sem meias, mexendo algo com uma colher de pau e a rir-se de qualquer coisa, com um cometa de farinha de cauda comprida na bochecha.

Foi então que me ocorreu com bastante clareza que não queria jogar à tarde, mesmo que fosse possível algum torneio de exibição em recinto coberto. Apercebi-me de que nem sequer era uma questão de tanto me fazer. Preferiria, de todo, não ter de jogar. O que Schtitt teria a dizer sobre isso, por oposição ao que Lyle teria a dizer. Não consegui continuar a pensar nisso a tempo de imaginar a reação de Ele Mesmo perante a minha recusa em jogar, se é que teria alguma.

Mas estávamos a falar do homem que tinha feito *Cúmplice!* e cujo sensibilidade moldava *Fitas de Möbius, hardcore* hétero, e *Divertimento com Dentes,* sadoperiodontal, além de vários outros projetos igualmente desagradáveis e doentios até à medula.

A seguir, ocorreu-me que podia ir lá fora e arranjar maneira de cair ou então

escapulir-me pela janela que dava para as escadas traseiras da RdR e saltar para o talude vários metros abaixo, caindo de propósito sobre o tornozelo aleijado para o magoar ainda mais e não ter de jogar. Ou que, se planeasse bem a coisa, podia optar por uma queda da travessa metálica do posto de observação dos campos ou da galeria, onde se encontram os espectadores, de um qualquer clube a que C.T. e a mã nos mandassem para ajudar a angariar fundos, e cair tão mal, mas com cuidado, que daria cabo dos ligamentos todos do tornozelo e nunca mais voltaria a jogar. Nunca mais teria de e nunca mais conseguiria. Poderia ser a vítima inocente de um acidente bizarro e deixar de jogar quando ainda estava em ascensão. Converter-me no objeto de piedade compadecida e não de piedade desiludida.

Não fui capaz de prosseguir esta linha de raciocínio fantástica a tempo de discernir de quem seria a desilusão que eu queria tanto evitar (ou renunciar a) que até estava disposto a estropiar-me.

E foi então que, do nada, me lembrei daquilo, da coisa comovente que Ele Mesmo tinha dito a Orin. Dizia respeito a filmes «para adultos», que, pelo que me foi dado a ver, são tão irremediavelmente tristes que não chegam a ser realmente porcos, ou sequer verdadeiro entretenimento, embora a designação «para adultos» seja um termo impróprio.

Orin contou-me que, uma vez, ele e Smothergill, Flechette e, acho eu, o irmão mais velho de Penn, tinham conseguido deitar a mão a uma cassete de vídeo magnética com um velho filme *hardcore* XXX qualquer – *A Porta Verde* ou *Garganta Funda*, um desses festivais de esporra em película já com barbas. Entusiasmados, combinaram encontrar-se na SV3 para ver a tal coisa às escondidas depois da ordem para apagar as luzes. Nessa altura, as salas de visionamento tinham televisões de radiodifusão, leitores de VHS magnéticos, vídeos educativos de revistas de Galloway e Braden, etc. Na altura, Orin e companhia tinham todos à volta de quinze anos e as glândulas a bombarem – estavam excitadíssimos com a perspetiva de verem um porno autêntico. Os códigos de honra tinham regras sobre os vídeos que podiam ser visionados, mas Ele Mesmo não era conhecido pela sua disciplina e Schtitt ainda não tinha DeLint – a primeira geração de alunos da ATE podia fazer basicamente tudo o que lhe apetecesse fora dos campos, desde que fosse discreta.

Ainda assim, a notícia sobre esse filme «para adultos» foi-se espalhando e

alguém – provavelmente, a irmã de Mary Esther Thode, Ruth, na altura uma finalista insuportável – se chibou a Schtitt da sessão cinematográfica planeada pelos rapazes, e Schtitt foi falar com Ele Mesmo sobre esse assunto. Orin disse que Ele Mesmo não tinha chamado mais ninguém ao gabinete do reitor, que nessa época só tinha uma porta, que Ele Mesmo pediu a Orin que a fechasse. De acordo com o que contou, Orin não vislumbrou qualquer sinal do desconforto que acompanha invariavelmente as tentativas de Ele Mesmo dar mostras de uma disciplina férrea. Em vez disso, Ele Mesmo convidou Orin a sentar-se, ofereceu-lhe uma gasosa de limão e pôs-se à frente dele, recostando-se ligeiramente, com o cóccix apoiado no rebordo da secretária. Ele Mesmo tirou os óculos e massajou delicadamente os olhos fechados – quase como se fossem um precioso tesouro, os seus velhos globos oculares –, um gesto que Orin sabia que significava que Ele Mesmo estava triste e a ruminar. Bastaram uma ou duas perguntas gentis para que tudo viesse a lume. Era impossível mentir a Ele Mesmo; sabe-se lá porquê, nunca tínhamos coragem para isso. Ao passo que, para Orin, mentir à mã era quase um desporto olímpico. Bom, seja como for, Orin confessou rapidamente tudo.

O que Ele Mesmo disse a seguir comoveu-o, contou-me Orin. Ele Mesmo disse a Orin que não os ia proibir de ver a tal coisa se a queriam mesmo ver. Mas, por favor, que fossem discretos, só Bain, Smothergill e o círculo mais chegado de Orin, nada de gente mais nova e ninguém com pais que pudessem vir a saber daquilo, e, por amor de Deus, não deixes que a tua mãe descubra. E que Orin já tinha idade suficiente para tomar as suas decisões em matéria de entretenimento, e que se decidisse que queria ver a tal coisa... E por aí fora.

Mas Ele Mesmo também disse que se Orin quisesse a sua opinião enquanto pai, e não como reitor, então ele, o pai de Orin – apesar de não o ir proibir –, preferiria que Orin não visse já um filme pornográfico *hardcore*. Disse isso como uma sinceridade tão reticente que Orin não teve outra alternativa se não perguntar-lhe porquê. Ele Mesmo apalpou o queixo, puxou os óculos para cima várias vezes, encolheu os ombros e disse por fim que provavelmente tinha medo que o filme desse a Orin uma ideia errada sobre sexo. Disse que, por ele, preferiria que Orin esperasse até encontrar uma pessoa que amasse a ponto de querer fazer sexo com ela e que o fizesse de facto, que esperasse até sentir por si próprio como o sexo podia ser uma coisa profunda e verdadeiramente

comovente e só depois ver um filme em que o sexo era apresentado como nada mais do que órgãos a entrarem e a saírem de outros órgãos, uma coisa sem sentimento, terrivelmente solitária. Disse que provavelmente tinha medo que uma coisa como *A Porta Verde* desse a Orin uma ideia empobrecida e solitária da sexualidade.

O que o pobre do velho O. dizia ter achado tão comovente tinha sido a suposição, por parte de Ele Mesmo, de que O. ainda era virgem. E o que me comoveu a *mim* e me fez sentir pena de Orin foi o facto de parecer bastante evidente que o que Ele Mesmo estava a tentar dizer não tinha nada que ver com isso. Nunca tinha ouvido falar de tamanha sinceridade da parte de Ele Mesmo e parecia-me, de certa forma, terrivelmente triste que a tivesse desperdiçado com Orin. Eu nunca tinha tido uma conversa que fosse, nem de perto nem de longe, tão sincera ou íntima com Ele Mesmo. A minha recordação mais íntima de Ele Mesmo envolvia a aspereza do seu queixo e o cheiro do pescoço quando eu adormecia ao jantar e ele me levava para a cama, subindo as escadas comigo ao colo. Tinha um pescoço magro, mas com um cheiro bom, carnudo e quente; vá-se lá saber porquê, agora associo-o ao odor do cachimbo do treinador Schtitt.

Por breves instantes, tentei imaginar Ortho Stice a levantar a cama e a aparafusá-la ao teto sem acordar Coyle. A porta do nosso quarto continuava entreaberta depois de Mario e Coyle terem ido à procura de alguém que tivesse uma chave-mestra. Yardguard e Wagenknecht espetaram a cabeça dentro do quarto fugazmente e insistiram que eu devia ir ver a fronha rebentada do «Escuridão», retirando-se depois de não receberem resposta. O segundo andar estava bastante sossegado; a maioria dos alunos ainda estava a mandriar ao pequeno-almoço, à espera que anunciassem qualquer coisa sobre o tempo e as equipas quebequenses. A neve batia nas janelas com um barulho áspero. O ângulo do vento tinha feito com que um assobio saísse de um dos cantos do prédio, ouvindo-se apenas a espaços.

A seguir, ouvi os passos de John Wayne no corredor, ligeiros, regulares e delicados, os passos de um tipo com a barriga das pernas maravilhosamente desenvolvida. Ouvi-o suspirar baixinho. Depois, embora não conseguisse ver a porta por esta estar mesmo atrás de mim, tive a certeza, durante um ou dois segundos e sem saber bem como, de que John Wayne tinha espetado a cabeça dentro da porta. Sentia-o com clareza, quase de uma forma dolorosa. Estava a

olhar para mim, ali deitado na imitação do tapete de Lindisfarne. Não havia nenhuma da tensão que se acumula quando uma pessoa está a decidir se deve ou não falar. Sentia o equipamento que tinha na garganta a mexer-se quando eu engolia. John Wayne e eu nunca tínhamos grande coisa para dizer um ao outro. Nem sequer havia hostilidade entre nós. De vez em quando, jantava connosco na RdR por ele e a mã serem muito chegados. A mã não tentava propriamente esconder o carinho por Wayne. Naquele momento, a respiração dele atrás de mim era leve e muito regular. Sem desperdícios, uma utilização total de cada momento da respiração[382].

Dos três, foi Mario que passou mais tempo com Ele Mesmo, acompanhando-o às vezes em viagens à procura de locais de filmagens. Não faço ideia do que conversavam nem com que intimidade. Nunca tínhamos insistido com Mario para que nos falasse disso. Perguntei-me de repente qual seria a razão para isso.

Resolvi levantar-me mas depois acabei por não o fazer realmente. Orin estava convencido de que Ele Mesmo era virgem quando conheceu a mã com trinta e muitos anos. Custa-me bastante a acreditar nisso. E Orin também reconhece que não há dúvida que Ele Mesmo foi sempre fiel à mã, até ao fim, que a ligação com a noiva de Orin não era sexual. Tive uma visão súbita e lúcida da mã e de John Wayne enlaçados num qualquer abraço sexual. John Wayne andava envolvido sexualmente com a mã mais ou menos desde o seu segundo mês na Academia. Eram ambos expatriados. Ainda não tinha conseguido identificar nenhum sentimento forte que pudesse ter, tanto negativo como positivo, em relação a este *affair* ou ao próprio Wayne, tirando o facto de lhe admirar o talento e a concentração total. Não sabia se Mario tinha conhecimento deste *affair*, já para não falar do pobre C.T.

Para mim, era impossível imaginar Ele Mesmo e a mã envolvidos em qualquer coisa explicitamente sexual. Aposto que a maior parte dos filhos sente a mesma dificuldade no que diz respeito aos pais. Imaginava o sexo entre a mã e C.T. como uma coisa ao mesmo tempo frenética e penosa, com uma espécie de qualidade faulkneriana, intemporal e fatalista. Imaginava a mã com os olhos abertos e a fitar inexpressivamente o teto o tempo todo. Imaginava C.T. sem se calar um segundo, a falar sem parar durante o que quer que se estivesse a passar entre eles. Tinha ficado com o cóccix dormente devido à pressão do chão através da carpete fina. Bain, licenciados, colegas de Gramática, coreógrafos de lutas

japoneses, Ken N. Johnson e os seus ombros peludos, o médico islâmico que Ele Mesmo tinha achado especialmente torturante – esses encontros eram imagináveis mas de certo modo genéricos, em grande parte uma questão de desenvoltura atlética e flexibilidade, diferentes configurações de pernas e braços, um ambiente mais de cooperação do que de cumplicidade ou paixão. Tinha por hábito imaginar a mã a fitar inexpressivamente o teto ao longo de toda a coisa. Provavelmente, a paixão cúmplice viria mais tarde, com a necessidade que ela teria de que o encontro fosse secreto. Independentemente das alusões a Sidney Peterson, interroguei-me qual seria a ligação nebulosa entre essa paixão para o secretismo e o facto de Ele Mesmo ter feito tantos filmes chamados *Jaula* e de o intérprete amador com quem estabeleceu uma relação tão próxima ter sido a rapariga do véu, o amor de Orin. E interroguei-me se seria possível uma pessoa ficar deitada de costas e vomitar sem engolir o vómito ou sufocar. O jato de água em forma de pluma de uma baleia. O quadro de John Wayne com a minha mãe que formei na cabeça não era muito erótico. Era uma imagem completa e bem focada, mas estranhamente artificial, como se tivesse sido composta. Ela está recostada em quatro almofadas, num ângulo a meio caminho entre o sentado e o deitado de costas, a olhar fixamente para cima, imóvel e pálida. Wayne, esbelto e com os braços e as pernas morenos, elegantemente musculado e também completamente imóvel, está deitado em cima dela, com o rabo branco espetado, a cara estreita e inexpressiva entre os seios dela, os olhos sem pestanejar e a língua fina de fora, como a de um lagarto atordoado. Ficam simplesmente assim.

Ela não era parva – achou que o mais provável era que a deixassem ir-se embora só para verem para onde ela iria.

Foi para casa. Foi para o Centro. Apanhou um dos últimos metros antes de mandarem provavelmente parar os transportes públicos. Demorou uma eternidade a ir da Av. Comm. até ao Hospital da Marinha de Enfield, a atravessar a neve com os seus tamancos, a saia e o véu empapado que se estava a colar às feições. Esteve quase a tirar o véu para se escapar à senhora agente federal que mais parecia um defesa de futebol americano. Naquele momento, parecia uma versão pálida, cor de linho, do seu verdadeiro aspeto. Mas não havia mais ninguém ali na neve. Pensou que se pudesse falar com Pat M., Pat M. talvez se deixasse convencer a pô-la em quarentena com Clenette e Yolanda e a não deixar

entrar nenhum polícia. Podia contar a Pat das cadeiras de rodas, tentar persuadi-la a desmontar a rampa. A visibilidade era tão má que foi só depois de passar a barraca que o conseguiu ver, ao carro do xerife do condado de Middlesex, com pneus para a neve robustos e as luzes azuis a piscarem, estacionado, com o motor a trabalhar, no caminhozinho de entrada logo a seguir à rampa, os limpa-para-brisas a mexerem-se de vez em quando e um agente uniformizado ao volante, apalpando a cara com um ar ausente.

Ele diz:

– Chamo-me Mikey, sou alcoólico, toxicodependente e um doente do caraças, estão a ver?

E riem-se todos e gritam «És mesmo» enquanto ele está para ali em cima do púlpito, a abaná-lo ligeiramente, um pouco esborratado através do linho, manchando a cara com a mão suja de trabalhador e tentando pensar no que dizer a seguir. É mais uma daquelas coisas género mesa-redonda, em que cada orador escolhia o seguinte no grupo de fumadores que se tinha reunido à hora de almoço, que a seguir sobe ao púlpito de conglomerado em passo rápido, tentando pensar no que dizer, e como, durante os cinco minutos a que cada pessoa tem direito. O moderador da discussão está sentado a uma mesa junto ao púlpito, com um relógio e um gongo de loja de bugigangas.

– Bom – diz ele –, bom, então vi um bocadinho do velho Mikey a voltar a aparecer ontem, estão a ver? Apanhei um susto do caralho quando isso aconteceu. O que se passou foi que eu levar o meu filho a um salão de *bowling* para jogar um bocadinho. Com o meu filho. Que acabou de tirar o gesso. Por isso, estou todo contente e essas cenas todas, meti folga, vou ver o puto. Passar um tempinho sóbrio com o puto. E por aí fora. Estou todo numa de felicidade e coisa e tal, por ir ver o puto, estão a ver? Então, pronto, então ligo à puta da minha irmã. Ele vive com elas, com a minha mãe e a minha irmã, por isso ligo à minha irmã para saber se posso ir buscar o puto às xis horas e mais não sei quê. Porque, estão a ver, o juiz disse que eu precisava de uma daquelas merdas, um consentimento, para ver sequer o meu puto. Estão a ver a cena? Por causa da proibição de contacto que tinha sido imposta ao velho Mikey, de antigamente. Preciso da autorização delas. E eu, tipo, aceito isso, digo que sim, por isso ligo, todo numa de aceitar e de felicitação, para a minha irmã consentir a cena, e ela,

com toda a bondade que tem naquele coração, faz-me ficar à espera e diz-me que precisa de confirmar com a minha mãe. E lá acabam por consentir. E eu, tipo, aceito a cena, estão a ver? E digo que estou lá às xis horas e mais não sei quê, e a minha irmã pergunta se nem sequer vou agradecer. E eu respondo mas que merda é esta, o quê, querem a porra de uma medalha por me deixarem ver o meu próprio puto? E a puta *desliga-me* o telefone na cara. Foda-se. Mas foda-se *mesmo*. Desde o juiz e a porra daquela proibição que tem sido só arrogância para aqueles lados, a puta e a minha mãe. Por isso, depois de ela me desligar o telefone na cara, acho que me começa a reaparecer um bocadinho do velho Mikey e vou lá e, sim, tudo bem, tenho de ser sincero, é verdade que paro a carrinha no relvado delas e começo a avançar para a porta e vejo-a e ponho-me a dizer Foda-se, minha granda puta, e a minha mãe está ali no *hall* de entrada, atrás dela, e eu berro Foda-se, pões-te praí a desligar-me o telefone na cara, devias era ir pedir ajuda a alguém, caralho, estão a ver a cena? E nenhuma delas acha muita piada a esse comentário, certo? A puta quase começa a rir-se e vira-se para mim e responde-me É preciso ter lata, *eu* é que lhe estou a dizer para *ela* ir pedir ajuda a alguém?

Uma gargalhada geral.

– Quer dizer, a cena é que eu não estou propriamente a aparecer ali depois de um longo período de sobriedade, certo? E aceito isso. Mas a puta tem a manápula na porta e põe-se a dizer Foda-se, mas quem és *tu* para me dizer *a mim* para ir pedir ajuda a alguém, caralho, depois da brincadeirazinha doentia que tu e aquela *lambisgoia* fizeram ao miúdo, que só agora é que tirou o gesso? Ah, e não há sinal da porra do puto em lado nenhum. Só a vejo a ela e à minha mãe pela armação de rede, com aquela arrogância que nunca mais acaba. E agora começam a mandar-me bazar da porra do alpendre. Não, dizem-me elas, género autorização negada, o consentimento para ver o meu próprio, porra, foi *recusado*. E a puta ainda está de robe depois do meio-dia, caralho, com a minha Mãe, atrás dela, já meio bêbada e a agarrar-se à merda da parede. Estão a ver? E a minha serenidade está tipo: *Chauzinho!* E digo-lhes *Vocêses* vão levar as duas no cu, vim cá por causa do raio do meu filho. E a minha irmã põe-se a dizer que vai telefonar e a minha mãe começa, tipo, Foda-se, Mikey, baza daqui, caralho. E, além disso, não sei se já referi isto, mas não há sinal do puto, e eu que nem sequer me atreva a *tocar* na armação de rede, não sem consentimento. E começo

a ficar com vontade de matar alguém, estão a ver? E a minha irmã está a puxar a antena do telefone e por isso digo-lhes *Okay*, foda-se, vou-me embora, só que, tipo, agarro-me aos tomates e grito Chupem-mos, vocêses as duas, estão a ver? Porque agora é o velho Mikey que voltou, e agora também me ponho *eu* a armar em arrogantezinho de merda. Apetece-me tanto pegar fogo à puta da minha irmã que quase fico cego de raiva e não consigo tirar a carrinha do relvado para me ir embora. Mas, pronto, então estou a voltar para a casa e estou tão furibundo que de repente começo a tentar rezar. Tento rezar, a guiar e isso, e dou-me conta, percebo que, independentemente da arrogância de merda delas, preciso à mesma de lá voltar e pedir desculpa, independentemente disso, por me ter agarrado aos tomates e lhes ter dito o que disse, já que isso é um comportamento de merda que pertence ao passado. Percebo, a bem da minha própria sobriedade, que preciso de lá voltar para tentar pedir desculpa. Só de pensar nisso dá-me logo vontade de vomitar, estão a... mas, pronto, faço marcha atrás, estaciono a carrinha à porta da casa, rezo, faço outra vez o caminho até ao alpendre, peço desculpa e viro-me para a minha irmã e pergunto Por favor, posso pelo menos ver o puto para o ver sem o gesso, e a puta diz-me Vai-te foder, baza daqui, caralho, não aceitamos as tuas desculpas de merda. E não há sinal da minha mãe, e da porra do puto, também não há sinal dele, por isso tenho de me aguentar com o que ela está a dizer e nem sequer posso ter a certeza de que o puto já tirou sequer o gesso. Mas acho que precisava de partilhar isto porque foi uma cena que me assustou. *Eu* assustei-me a mim mesmo, estão a ver? Depois tive uma consulta com o meu psicólogo e virei-me para ele e disse-lhe que precisava de arranjar maneira de controlar a porra do meu mau génio se não ia parar outra vez à frente da merda do juiz por ter voltado a pegar fogo a alguém, estão a ver? E, foda-se, Deus me livre que seja alguém da minha família, já vi esse filme demasiadas vezes. E eu viro-me para ele e pergunto Sou maluco, doutor, ou quê? Tenho tendências suicidas ou quê? Estão a ver a cena? O puto acabou de tirar finalmente o gesso e eu a querer pegar fogo à puta daquela vaca que tem de *consentir* para eu poder estar a menos de cem metros dele? Será que ando a *tentar* pôr-me a jeito para beber ou que raio de coisa é esta com este mau génio que está sempre pronto a explodir, se ando sóbrio? Foi precisamente por causa do mau génio e do juiz que eu fiquei sóbrio. Portanto, que raio de merda é esta? Foda-se para isto. Mas ainda bem que pude deitar esta cena cá para fora. Tem

andado às voltas aqui na cabeça, a ocupar espaço, estão a ver? Já vi que o Vinnie está quase a bater no gongo para eu me calar. Quero ouvir o que o Tommy E., encostado à parede ali atrás, tem para dizer. Ei, Tom*my*! O que é que estás para aí a fazer, a bater uma ou quê? Mas ainda bem que aqui estou. Só queria mesmo deitar esta merda cá para fora.

O vinco das calças do homem desaparecia à altura do joelho e ele parecia ter dormido com o sobretudo *Cardin* vestido.

– Foi muito simpático da sua parte arranjar tempo para me receber.

Pat. M. tentou voltar a cruzar as pernas e encolheu os ombros.

– Disse-me que não tinha vindo por motivos profissionais.

– Foi muito simpático da sua parte acreditar em mim.

O chapéu do procurador adjunto da Quarta Vara Criminal do Tribunal da Comarca de Suffolk, em North Shore, era um *Stetson* impecável, com uma pena na fita. Tinha-o pousado sobre as pernas e girava-o lentamente, passando os dedos pela aba. Tinha cruzado e descruzado as pernas duas vezes.

– Conhecemo-la, a si e ao Mars, na Regata Marblehead, naquela coisa da McDonald's House para as crianças, não foi neste verão, mas foi ou no ver...

– Eu sei quem é o senhor.

O marido de Pat não era uma celebridade mas conhecia imensas celebridades da zona, que faziam parte do circuito de Boston de gente sofisticada e amante de carros desportivos impecáveis e modificados.

– Bom, seja como for, é muito simpático da sua parte. Vim cá por causa de um dos seus residentes.

– Mas não por motivos profissionais – retorquiu Pat.

Não foi uma pergunta nem uma confirmação. Era de uma frieza implacável quando se tratava de proteger os residentes e o Centro. E depois, em casa, na própria casa, mostrava-se um autêntico farrapo, como uma casca ressequida prestes a estalar.

– Para dizer a verdade, não sei muito bem porque é que cá vim. O Centro fica perto do hospital, é só descer a colina. E eu tenho andado pelo St. Elizabeth's nestes últimos três dias. Se calhar, só preciso de desabafar. Os rapazes da Quinta Vara – os advogados oficiosos – falam bem deste sítio. Aqui do vosso Centro. Se calhar, só preciso de partilhar isto com alguém, de ganhar coragem. O meu

padrinho não me serve de nada. Disse-me só para fazer isto caso queira ter esperança de que as coisas melhorem.

Qualquer pessoa que não correspondesse àquele misto de profissional consumada e veterana dos Alcoólicos Anónimos teria no mínimo levantado uma sobrancelha ao ouvir um dos procuradores mais poderosos e implacáveis em três condados dizer *padrinho*.

– É o Fob-Comp-Anon – disse o procurador. – Passei pela *Choices*[383] no inverno passado e desde essa altura que ando a fazer um programa de recuperação no Fob-Comp-Anon, um dia de cada vez, o melhor que posso.

– Compreendo.

– É a Tooty – disse o procurador.

Parou por uns instantes, com os olhos fechados, e depois sorriu, ainda com os olhos fechados.

– Ou melhor, sou eu e a maneira com estou preso ao... problema da Tooty.

Fob-Comp-Anon era um grupo seguidor do programa de doze passos, formado a partir do Al-Anon, para os problemas de codependência em relação a entes queridos nocivamente fóbicos ou compulsivos, ou ambas as coisas.

– É uma história comprida e não é particularmente interessante, tenho a certeza – continuou o procurador. – Basta dizer que a Tooty anda atormentada com uns problemas de violação da higiene oral e dental que, por sua vez, têm as suas raízes, estamos agora a descobrir, noutros problemas, oriundos de uma infância cuja disfuncionalidade nós, ou melhor, ela se recusou a reconhecer durante bastante tempo. Mas não interessa quais são. O programa é meu. Esconder as chaves do carro, cortar-lhe o crédito com vários dentistas, verificar se havia embalagens de escovas de dentes nos caixotes do lixo, cinco vezes por hora – a dificuldade em lidar com a situação é minha e estou a fazer todos os possíveis, a cada dia que passa, para ultrapassar isso e desprender-me com amor.

– Acho que compreendo.

– Neste momento, vou no nove.

Pat disse:

– No nono passo.

O procurador inverteu a rotação do chapéu, continuando a passar os dedos pela aba mas agora na direção contrária.

– Estou a tentar corrigir as coisas com todas a gente a quem, segundo os meus

quarto e oitavo passos, fiz mal, tirando os casos em que, para fazer isso, teria de prejudicar essas mesmas pessoas ou outras.

Um minúsculo deslize espiritual por parte de Pat, sob a forma de um sorriso condescendente.

– Também tenho uma ideia do que é esse nono passo.

Era quase como se o procurador não estivesse ali, tinha o olhar perdido e as pupilas dilatadas. O ângulo implacável das suas sobrancelhas juntas, que Pat sempre vira nas fotografias, estava completamente invertido. Agora, as sobrancelhas formavam uma espécie de telhadinho pontiagudo e revelador de *pathos*.

– Um dos seus residentes – disse ele. – Um senhor Gately, enviado para aqui, em liberdade condicional, pela Quinta Vara do Tribunal da Comarca de Peabody, segundo creio. É um dos conselheiros ou ex-residente, tem um estatuto qualquer.

Pat fez aquela cara exageradamente inocente de quem está a tentar associar um nome a uma pessoa.

O procurador disse:

– Não interessa. Tenho noção das suas limitações a este respeito. Não quero que me conte nada acerca dele. É ele que eu tenho ido ver ao Saint Elizabeth’s.

Pat permitiu-se dilatar ligeiramente uma narina perante esta revelação.

O procurador inclinou-se para a frente, fazendo girar o chapéu entre a barriga das pernas, com os cotovelos apoiados nos joelhos, naquela estranha posição defecatória que os homens utilizavam para transmitir sinceridade quando revelavam qualquer coisa.

– Segundo percebo... devo ao... senhor Gately... um pedido de desculpa. Preciso de corrigir as coisas com o senhor Gately. – Olhou para cima. – Isto fica só entre nós, como se fosse o meu anonimato. Certo?

– Sim.

– Não interessa porquê. Culpei o... guardei rancor desse Gately durante muito tempo, relativamente a um incidente que eu considerei responsável pelo reavivar da fobia da Tooty. Não interessa. Os pormenores, ou a culpabilidade ou a forma como fui acusado no seguimento do incidente... cheguei à conclusão de que nada disso interessa. Guardei esse rancor. A fotografia do rapaz esteve sempre no meu quadro prioritário, ao lado de fotografias de ameaças objetivamente muito mais importantes ao bem-estar público. Tenho estado a aguardar o momento indicado,

à espera para o apanhar. Este último incidente – não, não diga nada, não precisa de dizer nada – pareceu-me a abertura ideal. A minha última oportunidade passou a assunto federal e depois ficou em águas de bacalhau.

Pat permitiu-se franzir muito ligeiramente a testa, desorientada.

O homem fez um gesto de indiferença com o chapéu.

– Não interessa. Eu detestei, detestei *mesmo* esse homem. A senhora sabe que Enfield pertence ao condado de Suffolk. O incidente com a agressão aos canadianos, a suposta arma de fogo, as testemunhas que não querem depor para não se prejudicarem a elas próprias... O meu padrinho, o meu grupo inteiro... dizem que se eu agir motivado pelo rancor, vai ser o meu fim. Não vou sentir alívio nenhum. E isso não vai ajudar a Tooty. Os lábios da Tooty vão continuar reduzidos a uma polpa branca por causa do peróxido e o esmalte completamente destruído de estar sempre, constante e irracionalmente, a escovar e a escovar e a *escovar e a*...

Levou a mão fina e limpa à boca e soltou um ruído estridente, com espasmos na pálpebra direita, que pôs Pat verdadeiramente de cabelos em pé.

Respirou fundo várias vezes e prosseguiu:

– Preciso de ultrapassar isso. Não tenho dúvidas que sim. Não só a acusação – essa é a parte fácil. Já deitou o dossiê fora, embora o que possa acontecer ao... ao senhor Gately em termos de responsabilidade civil seja outra questão, que não me diz respeito. É terrivelmente *irónico*. O homem vai safar-se, no mínimo, de uma violação de liberdade condicional e de uma ação judicial com base em todas as suas velhas acusações, com *alto* grau de condenabilidade, por eu ter de mandar às malvas o caso, para bem da minha recuperação, eu, que só queria ver esse homem preso numa cela, na companhia de um psicopata, para o resto da vida, eu que brandi o punho e *jurei*...

Uma vez mais, o tal barulho, mas agora abafado pelo chapéu fino e, por isso mesmo, menos bem abafado, com os sapatos a baterem um bocadinho violentamente na carpete, em sinal de fúria, o que fez os cães de Pat levantarem a cabeça e olharem para ele, intrigados, com o epilético a ter um ataquezinho minúsculo por causa do barulho.

– Pelo que me diz, compreendo que isso seja bastante difícil, mas o senhor já decidiu o que precisa de fazer.

– E pior ainda – disse o procurador, limpando a testa com um lenço –, tenho

de corrigir as coisas, disse o meu padrinho. Se quiser atingir o crescimento com vista a um verdadeiro alívio. Tenho de corrigir mesmo as coisas, estender a mão, dizer que lamento e pedir perdão ao homem pela minha própria incapacidade de perdoar. Só assim é que o vou conseguir perdoar. E não me posso desprender com amor da compulsão fóbica da Tooty enquanto não perdoar o ca... o homem que culpei do fundo do coração.

Pat fitou-o olhos nos olhos.

– Claro que não posso dizer que já deitei fora o dossiê do caso dos canadianos, não preciso de ir tão longe, segundo eles. Isso deixar-me-ia vulnerável a um conflito de interesses – a *ironia* – e poderia prejudicar a Tooty, se a minha posição fosse ameaçada. Disseram-me que posso deixar ficar tudo em banho-maria até o tempo passar sem que aconteça nada. – Levantou os olhos. – O que quer dizer que também não pode contar isto a ninguém. A não interposição de uma ação por razões pessoais e espirituais... seria difícil que as outras pessoas do gabinte compreendessem. Foi por isso que vim falar consigo, em explícita confidência.

– Compreendo o seu pedido e vou respeitá-lo.

– Mas ouça. A questão é que eu não sou capaz. Não sou. Já estive sentado lá no hospital, à porta do quarto, a recitar vezes sem conta a Oração da Serenidade, a rezar por força de vontade e a pensar nos meus interesses espirituais, convicto de que esta retificação faz parte da vontade do meu Poder Superior para o meu crescimento, e mesmo assim ainda não fui capaz de lá entrar. Fico ali sentado durante horas, paralisado, no corredor à porta do quarto, depois volto para casa e arranco a Tooty do lavatório. Isto não pode continuar. Tenho de olhar para aquele miserável – não, *perverso*, estou convencido, no fundo do meu coração, que aquele filho da puta é *perverso* e *merece* ser afastado da comunidade. Tenho de entrar lá no quarto, estender-lhe a mão, dizer que lhe desejei mal e que o culpei, pedir-lhe perdão – a *ele* – se *soubesse* a coisa *doentia*, *retorcida*, sadicamente *perversa* e *doentia* que ele nos fez, que lhe fez a ela – e eu tenho de lhe pedir perdão. Se ele me perdoa ou não é indiferente. Só preciso de limpar a rua do meu lado.

– Parece-me muito, muito difícil – disse Pat.

O chapéu fino estava quase a rodopiar entre a barriga das pernas do homem, com as bainhas das calças a subirem por ele estar inclinado para a frente, na

posição defecatória, e a deixarem ver umas meias que pareciam não ter lã da mesma textura. Essas meias desirmanadas compadeceram Pat mais do que qualquer outra coisa.

– Nem sequer sei porque é que cá vim – insistiu ele. – Não podia simplesmente pegar outra vez no carro e ir para casa. Ontem, ela esteve de volta da língua com um daqueles velhos raspadores de língua *NoCoat* até começar a sangrar. Não posso voltar para casa e ver outra vez uma coisa dessas sem ter feito o que preciso de fazer.

– Compreendo.

– E era só descer a colina até ao Centro.

– Percebo.

– Não estou à espera de ajuda nem de aconselhamento. Já estou convicto de que tenho de fazê-lo. Já aceitei que tenho por mandamento fazê-lo. Acredito que não tenho outra opção. Mas não consigo fazê-lo. Não fui capaz de fazê-lo.

– Disposto, talvez.

– Ainda não estive disposto a fazê-lo. Ainda. Quero realçar o *ainda*.

---

*1 Federal Aviation Administration (Administração Federal de Aviação). *(N. dos T.)*

*2 Telecinesia. *(N. dos T.)*

*3 Jogo de palavras intraduzível: Ortho confunde o verbo *thaw* (descongelar) com *saw* (serrar). *(N. dos T.)*

*4 Jogo de palavras entre *blizzard* (*nevão*, em inglês) e *blesser* (*ferir, magoar, prejudicar*, em francês). *(N. dos T.)*

*5 Movimento imprevisível dos átomos. *(N. dos T.)*

*6 Palavra grega que significa *esvaziamento* e que, na teologia cristã, se refere à renúncia de Jesus Cristo a certos atributos divinos para melhor se identificar com a humanidade. *(N. dos T.)*

*7 Termo grego que significa *prática*, *treino* ou *exercício*, e de onde vem a palavra *ascese*. *(N. dos T.)*

*8 National Organization for Women. *(N. dos T.)*

*9 Referência a *Leave It to Beaver* (1957-1963), série de TV cómica norte-americana sobre uma típica família suburbana. *(N. dos T.)*

20 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND* IMEDIATAMENTE ANTES DA FESTA DE ANGARIAÇÃO DE FUNDOS DO TORNEIO DE EXIBIÇÃO *GAUDEAMUS IGITUR*

NORMALMENTE, PARTE DA EXPERIÊNCIA de ver o sítio onde vivemos organizar uma gala é observar as várias pessoas que chegam para as festividades – os Warshaver, os Gartons, os Peltasons e os Prines, os Chins, os Middlebrooks e os Gelbs, um ou outro Lowell, os Buckmans, no seu *Volvo bordeaux* conduzido pelo taciturno filho mais velho, que só é visto quando está a levar Kirk e Binnie Buckman a algum lado. O doutor Hickle e a sobrinha sinistra. Os Chawafs e os Heavens. Os Reehagens. A entrevada e mega rica senhora Warshaver, com as suas duas bengalas de marca. Os irmãos Donagan, da Svelte Nail. Mas, normalmente, nunca os vemos chegar, os amigos e patrocinadores da ATE, ao torneio de exibição e gala de angariação de fundos. Habitualmente, enquanto chegam e vão sendo recebidos por Tavis, nós estamos todos nos balneários, a vestirmo-nos e a fazermos alongamentos, a prepararmo-nos para nos exibirmos. Com Loach a rapar-nos os pelos e a pôr-nos as ligaduras elásticas, etc.

E também deve ser normalmente uma ocasião pouco normal para os convidados, já que passam as primeiras horas a ver-nos jogar – são todos espectadores – e depois, a dada altura, com as últimas partidas a aproximarem-se do fim, os tipos dos casacos brancos e das bandejas começam a aparecer no edifício da Administração e a gala tem início, e a partir daí são os convidados que se transformam nos participantes e intérpretes.

Vestir o equipamento e fazer os alongamentos, enfaixar os cabos das raquetas com *Gauze-Tex* ou encher o bolso com greda (Coyle, Freer, Stice, Traub) ou serradura (Wagenknecht, Chu), pôr as ligaduras elásticas, com os que estão na puberdade a serem rapados antes disso. Um ritual. Até as conversas, por mais inconsequentes que sejam, possuem normalmente um aspeto cerimonial intemporal. John Wayne sempre agachado no banco, diante do cacifo, com a toalha a tapar-lhe a cabeça como um capuz e passando repetidamente uma moeda entre os dedos. Shaw a beliscar-se entre o polegar e o indicador,

acupressão contra as dores de cabeça. Toda a gente tinha entrado no seu ritual, tipo, em piloto automático. Possalthwaite tinha os ténis virados para dentro, por baixo da porta de um dos cubículos. Kahn estava a tentar girar uma bola de ténis com o dedo, como se fosse de básquete. Eliot Kornspan estava a aliviar a sinusite com água quente, no lavatório; não havia mais ninguém nas imediações. Vários rumores, motivados pelo nervosismo pré-competição, sobre as equipas de juniores quebequenses e a inclemência do tempo, circulavam, eram refutados, alteravam-se como os antigénios e regressavam a quem os tinha iniciado. Mesmo cá em baixo, conseguíamos ouvir a violência do vento. O miúdo, Csikszentmihalyi, estava a fazer uma espécie de *piafé*, sem sair do mesmo sítio, com os joelhos a baterem no peito e esticando os músculos flexores da anca. Troeltsch estava sentado perto de Wayne, encostado ao cacifo, com uns auscultadores desligados e a comentar antecipadamente a sua própria partida. Faziam-se acusações e negava-se terem sido dados peidos. Rader bateu com uma toalha em Wagenknecht, que gostava de ficar imenso tempo seguido dobrado pela cintura, com a cabeça encostada aos joelhos. Arslanian estava sentado a um canto, sem se mexer, com os olhos tapados por uma venda que era um lenço para usar ao pescoço ou então uma gravata muito chique e a cabeça inclinada como se fosse cego. Não era certo que as equipas B fossem sequer jogar; ninguém podia dizer com toda a segurança quantos campos havia dentro da Associação de Estudantes do MIT. Os rumores vinham de todos os lados. Ninguém punha os olhos em cima de Michael Pemulis desde o início da manhã, altura em que Anton Doucette disse que tinha visto Pemulis a, citando, «rondar» os caixotes do lixo da West House, com um ar, citando novamente, «ansiosamente deprimido».

Foi então que se ouviram pequenos mas inequívocos aplausos de alguns jogadores quando Otis P. Lord apareceu à porta, com o pai cadavérico a acompanhá-lo, O.P.L. acabado de sair do pós-operatório, com um aspeto pálido mas igual ao que era dantes, apenas com uma pequena e fina gaze à volta do pescoço, resquício da extração do monitor, e uma estranha elipse de pele vermelha e seca em redor da boca e das narinas. Entrou no balneário, apertou a mão a algumas pessoas, serviu-se do cubículo ao lado do de Postal Weight e foi-se embora; hoje não ia jogar.

J.L. Struck estava a aplicar um adstringente em determinadas zonas do queixo.

Surgiu um rumor, envolto em nervosismo, de que os jogadores quebequenses

tinham sido vistos, no terreno principal, a descer por uma rampa de um autocarro alugado e que, tudo levava a crer, não eram as equipas de juniores que tinham disputado as taças Davis e Wightman mas uma espécie de contingente adulto de paralímpicos quebequenses *em cadeira de rodas* – rumor que correu desenfreadamente pelo balneário e que depois acabou por morrer quando uns quantos sub-14 que queimavam energias nervosas a correr de um lado para o outro a verificar rumores subiram as escadas a correr para o verificar e nunca mais voltaram.

Do outro lado da parede, no balneário feminino, ouvíamos sem problemas Thode e Donni Stott a invocarem Camilla, a deusa da velocidade e do passo ágil. Thode tinha-se passado e ficado histérica a seguir ao pequeno-almoço por Poutrincourt não ter ido àquela cena que o *staff* faz com as raparigas antes das partidas e parecer estar desaparecida. Loach e os assistentes tinham colocado uma joelheira complexa em Ted Schacht, com suportes de alumínio articulados de ambos os lados e um buraco, do tamanho de uma moeda, no elástico sobre a rótula para efeitos de ventilação dérmica, e Schacht estava a arrastar-se pesadamente entre os cubículos e o cacifo, com os braços esticados e o peso do corpo apoiado nos calcanhares, fingindo que andava como o Monstro de Frankenstein. Havia várias pessoas a falarem sozinhas junto aos cacifos. Barry Loach tinha um joelho no chão e estava a rapar o tornozelo esquerdo de Hal para lhe pôr uma ligadura elástica. Comentámos entre nós que Hal, ao contrário do que era habitual, não estava a comer a barra de *Snickers* nem o *AminoPal*. Hal tinha as mãos pousadas nos ombros de Loach enquanto a liga elástica ia sendo colocada. Uma faixa que se põe antes de uma partida corresponde a duas camadas horizontais logo acima daquela cena saliente, o maléolo, e depois tudo para baixo e quatro vezes à volta do tarso, mesmo à frente da articulação, para que haja espaço suficiente para a fletir mas, ao mesmo tempo, se fique com uma faixa que compacta e protege. A seguir, Loach coloca duas meias muito finas e leves por cima da ligadura e depois enfia aquela coisa insuflável da AirCast, que enche até ter a pressão certa, com a ajuda de um pequeno manómetro, e aperta com *Velcro* de forma a garantir proteção e o máximo de flexão. Hal passou todo o tempo que isto demorou sentado no banco, com as mãos nos ombros de Loach. Toda a gente já pousou as mãos nos ombros de Loach a dada altura. A rapadela e a colocação da ligadura elástica no tornozelo de Hal demoraram quatro minutos.

As coisas para o joelho de Schacht e para o tendão do jarrete de Fran Unwin levam, cada uma, mais de dez. A moeda de Wayne parecia estar a dançar entre os nós dos dedos dele. De quem, por causa da toalha a tapar-lhe a cabeça, só se via uma parte oval e muito fina, como a ponta de uma amêndoa. Wayne teve direito a ter um pequeno leitor de CD no cacifo, e estava a passar Joni Mitchell, e ninguém se importou nunca com isso porque ele punha sempre a música muito baixinha. Stice estava a fazer um balão roxo com uma pastilha elástica. Freer estava a tentar tocar nos dedos dos pés. Traub e Whale, que também estavam no banco para que lhes pusessem ligaduras, disseram mais tarde que Hal estava esquisito. Que tinha perguntado a Loach se, antes das partidas, o balneário nunca lhe dava uma sensação estranha, obstruída, elétrica, como se aquilo já tivesse sido feito e dito tantas vezes que até parecia ter sido gravado e que todos ali dentro não passavam de transformações de Fourier de posturas e pequenas rotinas, fixadas, armazenadas e prontas a ser reutilizadas em momentos específicos. O que Traub julgou ser *transformações de Fourier,* Whale julgou ser *transformações de Furrier*. Mas também podem ser, por consequência, apagadas, tinha dito Hal. Por quem? Antes de uma partida, Hal dava normalmente mostras de uma ansiedade ingénua e esbugalhada, própria de quem nunca tinha estado numa situação sequer remotamente parecida. Ao longo do dia, a cara dele tinha adotado diversas expressões, de uma alegria distendida a uma careta cabisbaixa, expressões que não pareciam estar relacionadas com nada que se estivesse a passar. Segundo se dizia, Travis e Schtitt tinham alugado três autocarros para levar as equipas para um recinto coberto que a senhora Inc havia pedido ao antigo aluno Corbett Th-Thorp, obrigado a cobrar uma série de gigantescos favores, para arranjar – vários campos, na sua maioria por utilizar, algures no tecido cerebral profundo da Associação de Estudantes do MIT – e que a gala seria completamente transferida para a Associação de Estudantes, e que as equipas quebequenses e a maior parte dos convidados estavam a ser contactados por telemóvel para comunicar o cancelamento do cancelamento prévio e a alteração de local, e que os convidados que não recebessem a notícia da alteração seguiriam viagem nos autocarros que transportariam os jogadores e o *staff*, alguns deles, convidados, provavelmente vestidos com trajes de cerimónia. Traub também disse que também ouviu Hal utilizar a palavra *moribundo,* mas Whale não foi capaz de confirmar. Schacht entrou num cubículo e correu o

trinco com um barulho revelador de uma determinação tal que desencadeou um silêncio momentâneo e abrupto no balneário, género pistoleiro a entrar num *saloon*. Ninguém que estivesse perto dos dois foi capaz de dizer que ouviu Barry Loach responder, fosse como fosse, às coisas estranhas e melancólicas que Hal estava a dizer enquanto Loach lhe preparava o tornozelo para ele poder jogar ao mais alto nível. E, pelos vistos, Wagenknecht tinha-se mesmo peidado.

A opinião consensual dos alunos da ATE é a de que o treinador principal Barry Loach parece uma mosca sem asas – compacto e de movimentos apressados, etc. Uma das tradições da ATE manda que os companheirões contem aos companheirinhos recém-chegados ou muito novos a saga de Loach e de como se tornou um treinador principal de prestígio apesar de não ter terminado oficialmente o curso de treinador ou lá o que era do Boston College, onde andou. Em linhas gerais, o que a saga nos diz é que Loach era o filho mais novo de uma família católica enorme, com pais que eram católicos fervorosos da velha guarda do catolicismo fervoroso, e que o mais ardente desejo da vida da senhora Loach (ou seja, a mãe) era que um dos seus inúmeros filhos entrasse para o clero católico romano, mas o filho mais velho tinha feito dois anos de serviço na Marinha dos Estados Unidos e morrido logo no início da intervenção conjunta da ONAN/ONU no Brasil, no APMT; e, poucas semanas após o velório, o filho seguinte tinha morrido envenenado com uma ciguatoxina depois de comer garoupa-preta estragada; e o Loach seguinte, Therese, por via de uma série de infortúnios ao longo da adolescência, tinha acabado em Atlantic City, New Jersey, como uma daquelas mulheres que andam, de maiô e saltos altos, de um lado para o outro do ringue, nos combates de boxe profissionais, com um grande letreiro de cartão a anunciar o número dos vários assaltos, e por isso as esperanças de que Therese se convertesse numa carmelita reduziram-se consideravelmente; e as coisas assim foram continuando, com um dos Loach a apaixonar-se perdidamente e a casar mal terminou o liceu, ao passo que outro só queria tocar címbalos com uma filarmónica de primeira água (e que agora andava a bater desenfreadamente neles na Orquestra Filarmónica de Houston). E por aí fora, até já só restar mais outro filho dos Loach e depois Barry Loach, que era o mais novo e se encontrava sob o completo domínio emocional da senhora L.; e o jovem Barry tinha soltado um enorme suspiro de alívio quando o irmão mais velho – desde sempre um miúdo pio, contemplativo e de coração grande, a

transbordar de amor abstrato e de uma fé inata na bondade interior de todas as almas humanas – começou a dar mostras de uma verdadeira vocação espiritual para uma vida ao serviço do clero católico romano e acabou por entrar para um seminário jesuíta, tirando um enorme peso psicológico de cima do irmão mais novo, pois o jovem Barry – a partir do momento em que tinha enfiado um penso rápido num boneco dos *X-Men* – sentia que a sua verdadeira vocação espiritual não residia no sacerdócio mas na aplicação de unguentos e adesivos própria do treino de atletas profissionais. No fim de contas, quem é capaz de explicar os motivos e as origens da verdadeira vocação de um homem? E então, pronto, Barry andava a tirar o curso de treinador ou lá o que era do B.C. e, de acordo com todas as informações, a avançar satisfatoriamente rumo a uma licenciatura, quando o irmão mais velho, já bastante perto de ser investido, ordenado, ou lá o que era, jesuíta encartado, sofreu, aos vinte e cinco anos, uma súbita e profunda crise espiritual que levou a que a sua fé elementar na bondade inata e interior dos homens entrasse, tipo, em combustão espontânea e desaparecesse – e sem nenhuma razão aparente ou dramática; parecia simplesmente que o irmão tinha contraído de repente uma visão espiritual misantrópica e negra, da mesma maneira que alguns jovens de vinte e cinco anos contraem ataxia de Marie ou esclerose múltipla, uma espécie de doença degenerativa, uma esclerose lateral amiotrófica do espírito – e o seu interesse em servir a humanidade e Deus na humanidade e em estimular a presença de Cristo no interior das pessoas através de atividades jesuítas caiu compreensivelmente a pique, passando a não fazer mais nada a não ser ficar sentado no seu quarto no dormitório, no Seminário de St. John – que, por coincidência, fica mesmo ao pé da Academia de Ténis de Enfield, na Rua Foster, no bairro de Brighton, logo a seguir à Av. Comm., mesmo ao lado do quartel-general da arquidiocese ou lá o que era –, ficar ali sentado a tentar atirar cartas de jogar para dentro de um caixote do lixo no meio do quarto, sem ir às aulas ou às vésperas nem ler as Horas, e a falar abertamente em desistir por completo da sua vocação, coisa que deixou a senhora Loach praticamente prostrada de desilusão e fez o jovem Barry sentir de novo o peso da angústia e da ansiedade, já que se o irmão abandonasse o clero, Barry, o último de todos os Loach, ver-se-ia quase irresistivelmente obrigado a desistir da sua verdadeira vocação para as talas e para a flexão dos músculos e a ter de entrar para o seminário para impedir que a fervorosa e adorada mãe morresse de

desilusão. Por isso, seguiu-se uma série de conversas pessoais com o irmão espiritualmente necrótico, com Barry a ter de se colocar do lado de lá do caixote do lixo com as cartas, só para que o irmão mais velho lhe prestasse sequer atenção, e a tentar convencer o irmão a afastar-se do seu abismo espiritual misantrópico. O irmão, espiritualmente doente, mostrou-se bastante cínico em relação às razões que levavam Barry Loach a tentar convencê-lo, visto que ambos sabiam que os próprios sonhos de Barry quanto à sua carreira também estavam ali em jogo; isto apesar de o irmão ter sorrido sardonicamente e dito que a verdade é que já quase não esperava outra coisa que não egoísmo puro por parte dos seres humanos desde que a tentativa de aplicação prática dos ensinamentos jesuítas junto dos rebanhos humanos de algumas das piores zonas da baixa de Boston – a impossibilidade de alterar as condições que encontrava, a ingratidão dos rebanhos miseráveis de gente sem abrigo viciada e mentalmente doente a quem se dedicava e a total falta de compaixão e de ajuda mínima por parte da generalidade dos cidadãos em relação a todas as iniciativas jesuítas – tinha extinguido qualquer centelha de inspirada fé que ele pudesse ter tido nas possibilidades superiores e na perfetibilidade da humanidade; por isso, opinou, o que poderia ele esperar a não ser que o irmão mais novo, tal e qual o mais insensível dos transeuntes passa, sem parar, diante das mãos estendidas dos sem-abrigo e necessitados, na estação de metro da Rua Park, se preocupasse apenas e exclusivamente, numa atitude tão caracteristicamente humana, com o bem-estar e a satisfação da sua própria pessoa? Isto porque a ausência da mais básica empatia, compaixão e vontade de assumir riscos para ajudar os outros lhe parecia agora parte inelutável da natureza humana. Compreensivelmente, toda aquela matéria teológica da apologia e da capacidade da humanidade se redimir era areia a mais para a camioneta de Barry Loach – embora tivesse sido capaz de aliviar uma ligeira cãibra que o irmão sentia no músculo flexor *carpi ulnaris* do braço com que estava a atirar as cartas para dentro do caixote do lixo, contribuindo assim para que ele aumentasse significativamente a percentagem de lançamentos corretos –, mas além de estar desesperado para preservar o sonho da mãe e, ao mesmo tempo, as suas próprias e indiretamente atléticas ambições, Barry era na verdade um tipo bastante otimista em termos espirituais, que se recusava a aceitar o súbito desespero do irmão perante a aparente ausência de compaixão e afeto na suposta criação automimética e divina de Deus, e lá

conseguiu puxar o irmão para algumas discussões bastante acaloradas e avançadas sobre a espiritualidade e o potencial da alma, que não se encontravam assim tão distantes das conversas entre Aliocha e Ivan no bom do velho *Os Irmãos Karamázov,* embora provavelmente longe de serem tão eruditas e literárias e sem nada dito pelo irmão mais velho que se aproxime sequer da acidez cancerígena do poema de Ivan do Grande Inquisidor.

Em linhas gerais, a coisa acabou por se resumir a isto: desesperado, Barry Loach – com a senhora L. a tomar já vinte e cinco miligramas de *Ativan*[384] por dia e praticamente acampada diante da abside, iluminada pelas velas, da igreja da paróquia dos Loach –, Loach desafia o irmão a deixá-lo provar de alguma forma – arriscando desperdiçar o seu tempo, dele, Barry, e talvez também pôr de alguma forma em causa a sua segurança – que, na sua essência, a natureza humana não era tão necrótica e pouco solidária como o presente estado de depressão do irmão o levava a crer. Depois de algumas sugestões de apostas recusadas por serem demasiado tresloucadas, mesmo tendo em conta o desespero de Barry Loach, os irmãos acabaram por acordar um, tipo, desafio experimental. Basicamente, o irmão espiritualmente abatido desafia Barry Loach a não tomar banho nem mudar de roupa durante um tempo, para parecer um sem-abrigo, com mau aspeto, cheio de piolhos e claramente a precisar da mais elementar caridade humana, e pôr-se à entrada da estação de metro da Rua Park, à beira do Parque de Boston, ao lado do resto da ralé deserdada da sociedade que costuma andar pela Baixa e ficar ali à frente da estação a pedinchar trocos, e Barry Loach tinha de estender a mão suja para, em vez de pedinchar uns trocos, pedir simplesmente a quem passasse que lhe tocasse. Que lhe tocasse simplesmente. Ou seja, oferecer-lhe um mínimo de afeto e contacto humanos. E é isso que Barry faz. E volta a fazer. Passam-se vários dias. A sua própria constituição espiritualmente otimista começa a levar golpes no plexo solar. Não é claro que a verminosidade do seu aspeto tenha tido especial importância; o que se passou foi só que ficar ali parado à porta da estação, de mão estendida a pedir às pessoas que lhe tocassem, garantiu que basicamente a última coisa que qualquer pessoa no seu perfeito juízo quisesse fazer fosse tocar-lhe. É possível que os cidadãos respeitáveis, com as suas pastas e mochilas, telemóveis e cães com coletezinhos vermelhos género camisolas achassem que estender a mão e implorar «Toquem-me, toquem-me só, *por favor*» era alguma espécie de novo

calão pedinchas para «Deem-me uns trocos», já que Barry Loach deu por si a arrecadar uma quantia diária de dinheiro bastante impressionante – significativamente mais do que o que andava a ganhar como trabalhador-estudante, a ligar tornozelos e a esterilizar próteses dentárias para os jogadores de lacrosse do Boston College. Pelos vistos, os cidadãos consideravam a abordagem dele suficientemente comovedora para lhe darem dinheiro; mas o irmão de B. Loach – que ficava muitas vezes encostado à coluna de plástico da saída da estação, vestido à paisana, sem o colarinho, com os ombros caídos, um sorrisinho idiota e as cartas que ia baralhando indolentemente – apressava-se sempre a realçar a delicadeza espasmódica com que quem patrocinava Barry Loach largava os trocos ou dinheiro na mão dele, com uma espécie de movimentos género chicote longo ou uns bruscos toca e foge como se estivessem a tentar tirar uma coisa a escaldar do fogão, sem nunca lhe tocarem e raramente interrompendo a marcha ou olhando sequer para B.L. quando lhe atiravam a esmola, muito menos fazendo a mão aproximar-se minimamente da de B.L., que tinha mau aspeto. Com a sua razão, o irmão não contou com o contacto acidental de um transeunte que tinha tropeçado ao tentar atirar uma moeda e deixado depois que Barry lhe amparasse a queda, já para não falar da sem-abrigo bipolar que prendeu a cabeça de Barry Loach com um golpe de luta livre e tentou arrancar-lhe a orelha à dentada, no final da terceira semana do desafio. Barry L. recusou-se a aceitar a derrota e a misantropia, e o desafio arrastou-se semanas a fio, até que a dada altura o irmão mais velho acabou por se aborrecer, deixou de aparecer, voltou para o quarto e ficou à espera que a administração do Seminário de St. John o pusesse na rua, e Barry Loach não pôde completar as cadeiras semestrais do curso de treinador e foi despedido do emprego por nunca aparecer, e passou por várias semanas e depois meses de crise espiritual, com transeunte atrás de transeunte a interpretar o seu apelo de contacto como um pedido de dinheiro e a substituir um genuíno contacto carnal por trocos abstratos; e alguns dos outros pedintes com mau aspeto à porta da estação ficaram intrigados com a abordagem de Barry – já para não falar das receitas líquidas – e começaram também a adotar a súplica «Toquem-me, por favor, por favor, *alguém*!», o que, é evidente, comprometeu ainda mais as hipóteses de Barry Loach conseguir que algum cidadão interpretasse o pedido dele literalmente e lhe tocasse de forma compassiva e humana; e a própria alma

de Loach começou a ganhar pequenos fungos de podridão necrótica, com a sua visão otimista da supostamente normal e respeitável raça humana a começar também a sofrer uma revisão negra; e quando os outros pedintes sujos e deserdados da zona da Baixa passaram a tratá-lo como um amigalhaço, falando com ele como se fossem verdadeiros colegas e oferecendo-lhe bebidas de garrafas em sacos de papel castanhos para o aquecer, sentiu-se demasiado desiludido e friamente sozinho para ser capaz de recusar, começando assim a dar-se com a mais baixa ralé no fundo do poço socioeconómico da área metropolitana de Boston. E depois o que aconteceu ao irmão mais velho e como lhe correram as coisas, o que se passou com a vocação dele, nunca é dito na história que se conta na ATE sobre Loach, já que o centro da saga passa a ser só Loach e o facto de estar quase a esquecer-se para sempre – após todos aqueles meses de repulsa por parte dos cidadãos e em que apenas recebeu algum apoio ou solidariedade de pedintes sem abrigo e viciados – do que eram sequer um chuveiro, uma máquina de lavar a roupa ou uma manipulação de ligamentos, quanto mais de ambições em termos de carreira ou de uma visão essencialmente otimista da bondade interior humana, e na verdade Barry Loach estava perigosamente perto de desaparecer para sempre nas margens mais recônditas da vida nas ruas da área metropolitana de Boston e de passar toda a vida adulta como um sem-abrigo cheio de piolhos, a pedir no Parque de Boston e a beber de garrafas em sacos de papel castanhos, quando, já mais para o fim do nono mês do desafio, o seu apelo – e, na realidade, também os apelos da dúzia ou coisa que o valha de pedintes cínicos ao lado de Loach, todos a implorarem por uma mão humana que lhes tocasse e a estenderem as suas –, quando todos estes apelos foram interpretados literalmente e receberam como resposta um caloroso aperto de mão – e, para além de Loach, só os pedintes mais intensamente intoxicados não se sentiram repugnados por quem o oferecia – de nada mais nada menos do que Mario Incandenza, da ATE, a quem tinham mandado sair à pressa do apartamento em Back Bay a que o pai tinha acesso através da cooperativa e onde estava a filmar uma coisa com uns atores vestidos de Deus e do Diabo, a jogarem póquer com cartas de tarô pela alma de Cosgrove Watt, utilizando bilhetes de metro para as apostas, e Mario tinha sido mandado sair à pressa para ir comprar mais uma caderneta de bilhetes à estação de metro mais próxima, que por causa de um incêndio num contentor do lixo perto da entrada para a estação

da Rua Arlington acabou por ser a da Rua Park, e Mario, sozinho, com apenas catorze anos e, em grande medida, desconhecedor das estratégias defensivas antipedintes a adotar à porta das estações de metro, não tinha tido a seu lado nenhuma pessoa experiente ou adulto que lhe explicasse por que razão o pedido de um simples aperto de mão ou dá cá mais cinco, feito por homens de mãos estendidas, não devia ser automaticamente honrado e concedido, e Mario tinha esticado a sua mão parecida com uma garra e tocado e apertado calorosamente a mão fuliginosa de Loach, o que levou, através de várias circunstâncias complexas mas até comoventes e renovadoras da fé, a que B. Loach, mesmo sem uma licenciatura oficial, passasse a ser treinador-adjunto na ATE, tendo sido promovido passados poucos meses, quando o então treinador principal sofreu o terrível acidente que fez com que todas as fechaduras fossem tiradas das portas das saunas da ATE e que a temperatura máxima das mesmas fosse programada para nunca ultrapassar os cinquenta graus centígrados.

O copo invertido tinha o tamanho de uma jaula ou de uma pequena cela, mas percebia-se à mesma que era um copo de casa de banho, daqueles que se usam para gargarejar ou bochechar depois de escovar os dentes, só que enorme e virado ao contrário, no chão, com ele lá dentro. O copo parecia um adereço ou algo a enfeitar uma montra; era o tipo de coisa que teria de ser feita especialmente. O vidro do copo era verde, o fundo, por cima da cabeça dele, era granulado e a luz no seu interior era de um verde dançante e aguado como o das maiores profundezas do oceano.

Havia uma espécie de rede ou respiradouro com ripas de um dos lados do copo, mas não saía de lá ar. Ou melhor, não entrava. E o ar dentro do copo enorme também era claramente bastante limitado, pois já se via de lado o vapor do CO^2. O copo era demasiado grosso para se poder partir ou escapar de lá ao pontapé e tudo indicava que ele já pudesse ter partido o pé a tentar fazer isso mesmo.

Através do vapor lateral do copo, viam-se umas caras verdes e distorcidas. A cara que estava ao nível dos olhos dele era a da pessoa mais recente, a habilidosa e extremosa modelo de mãos suíça. Estava ali parada a olhar para ele, com os braços cruzados e a fumar, deitando fumo verde pelo nariz, e depois olhou para baixo para conferenciar com outra cara, que parecia flutuar mais ou menos ao

nível da cintura, a do fã tímido e deficiente que Orin se apercebera que tinha o mesmo sotaque suíço da pessoa.

A pessoa, do outro lado do copo, retribuía o olhar de Orin mas não lhe prestava caso nem a nada do que ele gritava. Foi quando Orin tentou escapar a pontapé que percebeu que a pessoa estava a olhar-lhe *para* os olhos e não para *dentro* deles, como tinha feito antes. Agora, havia manchas de pegadas no vidro do copo.

De poucos em poucos segundos, Orin limpava o vidro grosso para afastar o vapor da sua respiração e ver o que as caras estavam a fazer.

Doía-lhe mesmo o pé e os resquícios do que quer que o tinha feito adormecer tão profundamente estavam mesmo a dar-lhe a volta ao estômago, e, em suma, era mais do que evidente que esta experiência não era um dos seus pesadelos, mas Orin, # 71, recusava-se terminantemente a admitir que aquilo não era um sonho. Era como se, mal acordou e deu por si dentro de um enorme copo ao contrário, tivesse optado por concluir: sonho. A voz afetada e amplificada que se ouvia periodicamente pela pequeno rede ou respiradouro por cima dele, exigindo saber onde é que o original está enterrado, era tão surreal, bizarra e inexplicável que Orin até se mostrou agradecido: era uma daquelas exigências surreais e desorientadoras, próprias de um pesadelo, incompreensíveis mas veementes, que são muitas vezes feitas nos sonhos mesmo horríveis. E isto a juntar à bizarra ansiedade de não conseguir que a pessoa extremosa ligasse a alguma coisa do que ele dizia através do copo. Quando a rede por onde entrava a voz foi retirada, Orin tinha desviado o olhar para cima, afastando-o das caras do outro lado do copo por achar que elas iam fazer alguma coisa ainda mais surreal e veemente que tornaria o estatuto onírico de toda aquela experiência perfeitamente inegável.

Mlle. Luria P..., que não apreciava os aspetos mais subtis dos interrogatórios técnicos e tinha feito pressão para que lhe dessem simplesmente um par de luvas de borracha e dois ou três minutos a sós com os testículos do sujeito (e que não era na verdade suíça), tinha previsto corretamente qual seria a reação do sujeito quando a rede fosse retirada e as baratas dos esgotos, e ao mesmo tempo que o sujeito se encostou de braços e pernas abertos ao vidro do copo, colando a cara à parte lateral do copo absurdo com tanta força que ela passou de verde a um branco lívido, e, bastante abafadamente, lhes berrou «Façam-no a ela! *Façam-no*

a ela!», Luria P... inclinou a cabeça e pôs-se a revirar os olhos para o líder da AFR, que já considerava há muito uma espécie de cabotino.

Iam entrando e saindo seres humanos. Uma enfermeira diplomada pôs-lhe a mão na testa e tirou-a logo de seguida com um gritinho. Estava alguém a falar atabalhoadamente e a chorar no corredor. A dada altura, Chandler F., o recém-formado vendedor de utensílios de cozinha antiaderentes, pareceu estar ali, na clássica posição do residente que se vem confessar, com o queixo encostado às mãos apoiadas nas grades da cama que mais parecia um berço. A luz no quarto era cinzenta e brilhante. A administradora da Ennet House estava lá, a tocar com o dedo no sítio onde dantes estava a sua sobrancelha e a tentar explicar qualquer coisa relacionada com Pat M. e com o facto de ela não ter podido vir por terem tido, ela e o senhor M., de expulsar a filhota de Pat de casa por ter consumido outra vez qualquer coisa sintética, o que deixou Pat num estado tão frágil em termos espirituais que nem foi capaz de sair de casa. Gately sentiu-se fisicamente a escaldar, como nunca antes. Era como se tivesse um sol na cabeça. As grades género berço começaram a ficar afuniladas em cima e a contorcer-se um bocadinho, como se fossem chamas. Imaginou-se na travessa de alumínio do Centro, com uma maçã enfiada na boca e a pele a brilhar e estaladiça. O médico que parecia ter doze anos apareceu com outros, envoltos numa névoa, e disse Aumentem para trinta, de duas em duas horas, e Vamos experimentar *Doris*[385], o pobre desgraçado está a arder de febre. Não estava a falar com Gately. O médico não se estava a dirigir a Don Gately. A única preocupação consciente de Gately era pedir ajuda para recusar o demerol. Não parava de tentar dizer *viciado*. Recordou-se de quando era pequeno ter dito, no recreio, a Maura Duffy para espreitar para dentro da própria camisa e soletrar *attic*[*1]. Outra pessoa qualquer disse banho de gelo. Gately sentiu qualquer coisa áspera e fria na cara. Uma voz que parecia a voz do seu próprio cérebro com um eco disse que nunca se devia tentar levantar um peso maior do que o nosso. Gately achou que era capaz de morrer. Não era uma coisa calma e pacífica como se dizia. Era mais parecido com tentar levantar uma coisa mais pesada do que a própria pessoa. Ouviu o falecido Gene Fackelmann a dizer *Olha-me só para isto*. Viu-se no centro de grande atividade junto à sua cama. O barulho brusco dos frascos com a solução endovenosa por cima da sua cabeça. Líquido a agitar-se dentro de sacos.

Nenhuma das vozes por cima da sua cabeça a falar com ele. Não era necessário o seu contributo. Parte dele desejava que lhe estivessem a pôr demerol no soro sem que o soubesse. Balbuciou e mugiu ao tentar dizer *viciado*. O que era verdade, era isso que ele era, sabia-o bem. O Crocodilo que gostava de usar roupa *Hanes*, Lenny, e que quando estava no púlpito gostava de dizer «A verdade vai libertar-te, mas primeiro trata-te da saúde». A voz no corredor estava a chorar baba e ranho, como se o coração estivesse prestes a partir-se-lhe. Imaginou o procurador de chapéu na mão, a rezar fervorosamente para que Gately sobrevivesse para o poder mandar para DCM-Walpole. O som áspero que ouviu bem de perto foi o do adesivo que tinha por cima da boca, na cara por barbear, a ser arrancado tão depressa que praticamente nem o sentiu. Tentou evitar imaginar o que sentiria no ombro se começassem a bater-lhe no peito como batem no peito das pessoas que estão a morrer. O altifalante tiniu calmamente. Ouviu pessoas a conversar no corredor e que ao passarem pela porta aberta do quarto paravam, mas continuando a conversar. Passou-lhe pela cabeça que se morresse toda a gente continuaria a existir, a ir para casa, a comer, a coisar com a mulher e a ir dormir. Uma voz que estava a conversar à porta do quarto riu-se e disse que naqueles tempos era cada vez mais difícil distinguir os homossexuais das pessoas que espancavam os homossexuais. Era-lhe impossível imaginar um mundo sem ele. Lembrou-se de dois colegas de equipa do Beverly High a espancarem um miúdo supostamente homossexual enquanto ele se ia embora, sem querer tomar partidos. Repugnado por ambos os lados do conflito. Imaginou ter de se tornar homossexual em Walpole. Imaginou-se a ir a uma reunião por semana, com um cajado de pastor e um papagaio, a jogar *cribbage* com os cigarros a valerem pontos e deitado no beliche da cela, virado para a parede, a masturbar-se lembrando-se de mamas. Viu o procurador com a cabeça inclinada para baixo e o chapéu encostado ao peito.

Alguém por cima da cabeça dele perguntou a outra pessoa se estavam prontos e uma terceira pessoa fez um comentário sobre o tamanho da cabeça de Gately e agarrou-a com força, e foi então que ele sentiu um movimento ascendente bem dentro de si, tão pessoal e horrível que o fez acordar. Só conseguiu abrir um olho porque o golpe que o chão lhe infligira tinha-lhe fechado o outro, que agora se apresentava inchado e teso como uma salsicha. Tinha toda a parte da frente do corpo fria por estar deitado no chão molhado. Algures atrás dele, Fackelmann

estava a murmurar qualquer coisa que consistia unicamente na letra *g*.

Pelo olho aberto, conseguia ver a janela do apartamento luxuoso. Lá fora, estava a amanhecer, um cinzento resplandecente, e os pássaros tinham bastante para dizer nas árvores despidas; e, junto à janela grande, estavam uma cara e braços a girarem como um moinho de vento. Gately tentou ajustar o estabilizador vertical da visão. Era Pamela Hoffman-Jeep que estava à janela. O apartamento deles ficava no segundo andar do complexo de luxo. Ela estava empoleirada numa árvore mesmo em frente à janela, com os pés num ramo, a espreitar, e a gesticular desenfreadamente ou a tentar manter o equilíbrio. Gately sentiu um ataque de preocupação com a possibilidade de ela cair da árvore e estava a preparar-se para pedir ao chão para se calhar largá-lo, por favor, um bocadinho quando a cara de P.H.-F. caiu de repente, desaparecendo pela parte de baixo da janela, e foi substituída pela de Bobby («C») C. Bobby C saudou-os levando dois dedos à têmpora lentamente, num olá gozão e impassível, enquanto passava os olhos pelas provas de que tinha havido uma curtição do caraças ali na sala, através da janela. Fitando a montanha *Dilaudid* com especial atenção e dizendo que sim com a cabeça a alguém que estava ao pé da árvore, lá em baixo. Foi avançando aos poucos no ramo até ficar mesmo encostado à janela e empurrou a ombreira com a mão, tentando abrir a janela fechada. O Sol que subia por trás dele projetou-lhe a sombra da cabeça no chão molhado. Gately chamou Fackelmann e tentou virar-se para se sentar. Sentiu os ossos cheios de vidros partidos. Bobby C trazia um conjunto de seis *Hefenreffers* e abanava-o sugestivamente, como se quisesse entrar. Gately tinha acabado de conseguir sentar-se parcialmente quando o punho de C, com a sua luva sem dedos, atravessou a janela, estilhaçando o vidro duplo. Gately viu que o ecrã do telecomputador que tinha caído ao chão continuava a mostrar planos de pequenas chamas. Depois de enfiar o braço pela janela, C pôs-se a apalpar à procura do trinco e subiu a janela. Fackelmann estava a balir como uma ovelha mas não se mexia; tinha uma seringa que não se dera ao trabalho de tirar pendurada na parte de dentro do cotovelo. Gately reparou que Bobby C tinha vidros no cabelo púrpura e uma clássica *Taurus-PT* de nove milímetros enfiada no cinto repleto de picos. Gately ficou ali sentado, aparvalhado, quando C entrou pela janela e se foi esquivando, quase em bicos de pés, às várias poças até chegar a Fackelmann, virando-lhe a cabeça para trás para verificar como tinha as

pupilas. C deu uns estalidos com a língua e deixou a cabeça de Fackelmann outra vez encostada à parede, com Fax ainda a balir baixinho. Rodou rapidamente sobre os tacões das botas e começou a dirigir-se para a porta do apartamento, e Gately ficou ali a olhar para ele. Quando chegou ao sítio onde Gately estava sentado no chão, com as pernas molhadas curvadas num parêntese à sua frente, como uma espécie de bebé gigantesco que ainda não anda nem fala, C parou como se lhe quisesse dizer qualquer coisa de que tivesse acabado de se lembrar, olhando para ele com um sorriso rasgado e caloroso, e Gately reparou que ele tinha um dente da frente preto no preciso instante em que C lhe acertou com a *Taurus-PT* por cima da orelha e o fez cair outra vez. O chão atingiu a nuca de Gately com mais força do que a coronha da pistola. Soaram-lhe campainhas nos ouvidos. Mas não viu estrelas. A seguir, Bobby C espetou-lhe um pontapé nos tomates, o procedimento habitual para impedir que um tipo se levante, e Gately puxou os joelhos para cima, virou a cabeça e vomitou no chão. Ouviu a porta do apartamento a abrir-se e o som das botas de C a descerem sem pressas as escadas, em direção à rua. Por entre espasmos, Gately disse a Fackelmann para ir à janela o mais depressa possível. Fackelmann estava esparramado na parede; estava a olhar para as pernas e a dizer que não as conseguia sentir, que estava dormente do couro cabeludo para baixo e a pairar.

C voltou pouco depois, à frente de um grupo de pessoas, um autêntico séquito, de que Gately não gostou nada da cara. Estavam lá DesMonts e Pointgravè, uma espécie de capangas canadianos de meia-tigela, que atuavam na Praça Harvard e que Gately conhecia de passagem, *freelancers* de meia-tigela, tão estúpidos, como bons canadianos que eram, que só serviam para os trabalhos mais brutais. Gately não gostou nada de vê-los. Traziam fatos-macacos e camisas de flanela que não condiziam. O pobre auxiliar de farmacêutico com eczema estava atrás deles, com uma maleta preta de médico. Gately estava deitado de costas, com as pernas a pedalar no ar, que é o que toda a gente que já jogou futebol americano de equipa sabe que se faz quando se leva uma patada na virilha. O auxiliar de farmacêutico parou atrás de C e ficou ali a olhar para os seus mocassins *Weejun*. Três raparigas grandes e desconhecidas entraram no apartamento, com casacos de cabedal vermelhos e colãs cheios de malhas. A seguir, a coitadinha da Pamela Hoffman-Jeep, com o vestido de tafetá rasgado e manchado e a cara cinzenta do susto, apareceu à porta do apartamento, carregada por dois rufias orientais com

casacos de cabedal reluzentes. Vinham com as mãos debaixo do rabo dela e traziam-na como se estivesse sentada, com uma perna esticada e um osso branco, que mais parecia um pau, a sair-lhe da canela, canela essa que estava um autêntico desastre. Gately viu tudo isto de pernas para o ar, continuando a pedalar até se conseguir levantar. Uma das raparigas grandes trazia um velho cachimbo de água *Graphix* e um saco para caixote do lixo *Cinch-Sack Glad*. Pointgravè ou DesMonts – Gately nunca se conseguia lembrar de qual era qual – trazia uma caixa de *bourbon* não adulterado. C perguntou, a ninguém em específico, se estava na hora da festa. A sala iluminava-se cada vez mais à medida que o Sol ia subindo. A sala estava a encher-se de gente. Outra das raparigas fez um comentário negativo sobre a urina no chão. Ao canto, Fackelmann começou a dizer que era tudo uma mentira do caraças. C fez de conta que estava a responder a si mesmo e disse, com uma voz de falsete, Sim, é mesmo verdadinha, está na hora da festa. Foi então que um tipo de ar universitário e muito amorfo, bem arranjadinho e com uma gravata *Wembley*, entrou com uma caixa da TaTung Corp., pousando-a ao lado do auxiliar de farmacêutico, que continuava parado no mesmo sítio, e o tipo de ar amorfo voltou a pendurar o monitor na parede e tirou do telecomputador o cartucho das chamas pequenas, que deixou cair no chão molhado. Os dois rufias orientais levaram Pamela Hoffman-Jeep até ao canto mais distante da sala e ela gritou quando eles a largaram em cima de uma caixa com pequenos selos autocolantes falsificados da Commonwealth de Massachusetts. Eram pequenos, os orientais, e estavam a olhar para ele ali deitado, mas nenhum tinha má pele. Uma mulher pequena e de aspeto severo, com um carrapito grisalho e sapatos confortáveis, foi a última a entrar, fechando a porta do apartamento. Gately virou-se lentamente, pondo-se de joelhos, e depois levantou-se, ainda ligeiramente dobrado pela cintura, sem se mexer, e com o olho inchado ainda fechado. Ouviu Fackelmann a tentar levantar-se. P.H.-J. parou de guinchar e perdeu os sentidos, afundando-se com o queixo colado ao peito e o rabo metade de fora da caixa. A sala cheirava a *Dilaudid*, a urina, ao vómito de Gately, à descarga intestinal de Fackelmann e aos casacos de cabedal de boa qualidade das raparigas do cabedal vermelho. C aproximou-se de Gately, pôs-lhe o braço por cima dos ombros e ficou ali assim com ele enquanto duas das raparigas duras dos casacos iam passando as garrafas de *bourbon* que tiravam da caixa. Gately conseguia focar

melhor quando semicerrava os olhos. O sol da manhã pairava à janela, subindo e passando a árvore, cada vez mais amarelo. As garrafas tinham a forma de caixa e o rótulo preto que significava *Jack Daniels*. Na praça, um sino de igreja deu as sete ou oito horas. Gately tinha tido uma má experiência com *Jack Daniels* aos catorze anos. O tipo arranjadinho e de ar amorfo e empresarial tinha introduzido outro cartucho de telecomputador e agora estava a tirar um leitor de CD portátil da caixa da TaTung enquanto o auxiliar de farmacêutico o observava. Fackelmann disse que, fosse lá o que fosse, era uma completa mentira do caraças. Pointgravè ou DesMonts pegou na garrafa que C tinha recebido das raparigas duras e passou-a a Gately. A luz que entrava pela janela e batia no chão desenhava teias de aranha com as sombras dos ramos. As sombras de toda a gente que estava na sala dançavam na parede oeste. C também tinha uma garrafa na mão. Passado pouco tempo, já praticamente toda a gente tinha a sua própria garrafa de *Jack*. Gately ouviu Fackelmann pedir que alguém abrisse a dele por estar completamente dormente e a pairar e não conseguir sentir as mãos. A mulher pequena e de aspeto severo, com ar de bibliotecária, foi ter com Fackelmann, tirando a carteira do ombro. Gately estava a pensar no que havia de dizer em defesa de Faxter quando Whitey Sorkin chegasse. Enquanto isso não acontecesse, partiu do princípio de quem mandava era C e que o melhor era não irritar desnecessariamente C. Parecia-lhe estar a demorar imenso tempo a formular pensamentos. A canela de Pamela Hoffman-Jeep parecia carne picada. C levantou a sua garrafa quadrada e pediu permissão geral para, tipo, fazer um brinde. P.H.-J. tinha os lábios azuis do susto. Gately sentiu-se mal por sentir tão pouca preocupação romântica agora que ela tinha caído da árvore. Não perdeu tempo a pensar se ela se teria chibado deles, se teria trazido Bobby C até ali ou *vice-verso*. Pelo menos uma das raparigas dos casacos de cabedal vermelhos tinha uma maçã de Adão bem grande para uma rapariga. C virou bruscamente os ombros de Gately para Fackelmann, ao canto, e brindou aos velhos e aos novos amigos e ao que parecia ser uma bela duma fezada do caralho para Gene Gene Fax Machine, tendo em conta o tamanho daquela pilha de *Dilaudid* e todas as provas, que podiam ver e cheirar, de que tinha havido ali uma puta duma curtição do caraças. Toda a gente bebeu da respetiva garrafa. A mulherzinha de cara severa teve de ajudar Fackelmann a encontrar a boca com o gargalo da garrafa. Viu-se que as três mulheres grandes tinham todas maçãs de Adão

quando inclinaram a cabeça para emborcar o *bourbon*. O gole de *Jack* que Gately deu por delicadeza quase o fez vomitar. O ferro que C trazia preso no cinto estava a pressionar a coxa de Gately, tal como alguns picos do cinto. DesMonts e Pointgravè tinham ambos ferros *Smith & Wesson* em coldres de ombro. Os rufias orientais não traziam armas à mostra mas tinham ar de quem nunca tomava sequer duche desarmado; o mais certo era que tivessem pelo menos aquelas coisinhas chinocas esquisitas e pontiagudas que se atiram às pessoas, pensou Gately. Houve muita gente no grupo de C que emborcou uma garrafa inteira. Uma das raparigas grandes atirou a garrafa à parede oeste, mas não se partiu. Por que será que quando se leva uma patada nas partes baixas se sente nas tripas e não nos tomates propriamente ditos? Gately estava a virar-se e a olhar para onde quer que C o voltasse com o braço. O rosto contorcido no monitor pendurado outra vez na parede, do cartucho do tipo de ar empresarial, era o de Whitey Sorkin, que tinha deixado que um pintor neurálgico fizesse um retrato dele a ter uma enxaqueca na Fundação Nacional de Dores Craniofaciais, na cidade, parte de uma série para um anúncio à *Aspirina*. O cartucho parecia ser só uma imagem contínua do quadro, dando a ideia de que Sorkin estava, ali na parede, a presidir àquela reunião de forma silenciosa e dolorosa. A mulherzinha com ar de bibliotecária estava a enfiar uma linha numa agulha de coser, com a boca cerrada. O auxiliar de farmacêutico estava a deixar a maleta preta toda repleta de escamas da pele enquanto tirava, de cócoras, várias seringas da maleta, enchendo-as a partir de uma ampola de 2500-UI e passando-as para que fossem distribuídas. O quadro da FNDC tinha um punho vermelho a puxar uma mão-cheia de cérebro do crânio de Sorkin ao mesmo tempo que a cara de Sorkin olhava para os espectadores com a clássica expressão de superintensa concentração de quem tem enxaquecas, uma coisa quase de aspeto mais meditativo do que doloroso. Um dos miúdos orientais estava agachado a um canto achinocadamente, a beber *Jack*, e o outro estava a varrer do chão o material laminado, com uma asa da caixa da TaTung a servir de pá. Os chinocas são capazes de varrer a sério, refletiu Gately. Outra das raparigas atirou também a garrafa à parede. Foi só quando C nem sequer o tinha virado para elas que Gately se deu conta de que as raparigas dos casacos e colãs desmazelados eram bichas mascaradas de mulheres, tipo travestais. Bobby C estava com um sorriso radiante. Gately começou a ficar realmente com medo de que lhe limpassem o

sebo quando se apercebeu de que aquelas pessoas tinham ar de fazer essencialmente parte do próprio bando de Bobby C, não eram o tipo de pessoas que Sorkin mandaria se estivesse a enviar primeiro a sua própria gente para aparecer depois ele, o quadro de Sorkin na parede simbolizava que Sorkin não iria aparecer, que Sorkin tinha dado rédea solta a Bobby C em relação a este assunto desagradável. O auxiliar de farmacêutico sacou da maleta duas seringas já preparadas, tirando-lhes o plástico amarrotado. C disse baixinho a Gately que Whitey tinha dito para dizer que sabia que Donnie não fazia parte do golpe de Fackelmann para lixar Sorkin e Eighties Bill. Que a única coisa que precisava de fazer era recostar-se, desfrutar da festa, deixar que Fackelmann enfrentasse as consequências do que tinha feito e evitar que qualquer noção à século XIX de defesa dos fracos e patéticos o arrastasse para o meio daquilo. C pediu desculpa pela parte da porrada mas tinha de se certificar que Gately não ia tentar ajudar Fackelmann a escapar-se pela janela enquanto ele estava lá em baixo a abrir a porta da rua. Disse que esperava que Gately não levasse isso a mal porque não desejava que lhe acontecesse nada de particularmente mau e não queria ter nenhuma rixa com ele mais para a frente. Isto foi tudo dito muito baixinho e com grande intensidade, ao mesmo tempo que as duas bichas com perucas que tinham tentado partir as garrafas estavam sentadas em cima de uma caixa, a encher o enorme cachimbo de água *Graphix* com erva saída do saco *Glad*, que tinha erva. DesMontes estava sentado numa cadeira de realizador. As outras pessoas estavam todas a beber das garrafas quadradas, espalhadas pela sala soalheira, com aquelas posturas de embaraço de quando há mais pessoas que lugares. Tinham os braços pálidos e sem pelos. Os dois rufias orientais estavam a apertar os cintos nos braços um ao outro. A corrente de ar que entrava pelo buraco do punho na janela fez Gately tremer. A outra bicha estava a fazer, tipo, comentários sobre o físico de Gately. Gately perguntou baixinho a C se ele e Fackelmann não se podiam ir lavar num instantinho para depois irem ter todos com Sorkin de maneira a Whitey e Gene poderem conversar e chegar a um acordo. Fackelmann recuperou a voz e perguntou em voz alta se ninguém queria abancar ali ao pé dele e apanhar uma moca *do caralho*. Gately encolheu-se todo. Bobby C sorriu para Fackelmann e disse que Fax parecia já ter tido a sua conta. Mas, ao mesmo tempo, o auxiliar psoriático aproximou-se de Fackelmann, verificou-lhe as pupilas com uma lanterninha de bolso e, a seguir, injetou-lhe

uma seringa já preparada, servindo-se de uma artéria no pescoço. Fackelmann bateu com a nuca na parede várias vezes e a cara ruborizou-se violentamente, a típica reação clínica ao *Narcan*[386]. O farmacêutico aproximou-se depois de C e de Gately. O leitor de CD portátil começou a tocar, ouvindo-se a coitadinha da Linda McCartney enquanto C agarrava Gately e o auxiliar de farmacêutico lhe apertava um tubo de borracha médico no braço. Gately ficou ali, ligeiramente agachado. Fackelmann estava a fazer barulhos como os de um homem submerso há muito tempo que vem à tona respirar. C disse a Gately para apertar o cinto de segurança. A urina tinha feito parte do acabamento do luxuoso chão de carvalho do apartamento ficar macia e branca, como escuma de sabão. O CD que estava a tocar era um que C tinha sempre a tocar a porra do tempo todo no carro sempre que Gately tinha andado com ele de carro: alguém pegara num disco antigo de McCartney com os Wings – ou seja, McCartney dos históricos Beatles –, tinha pegado nisso, utilizado um equipamento de remistura *Kurtzweil* e eliminado, nas várias canções, todas as pistas menos as da coitadinha da senhora Linda McCartney a fazer os coros e a tocar pandeireta. Quando as bichas chamaram à erva «Bob» foi confuso porque também chamavam a C «Bob». A coitadinha da senhora Linda McCartney não sabia mesmo cantar, porra, e ouvir a vozinha trémula e desafinada dela sem a cobertura de todo aquele vistoso som empresarial de múltiplas pistas e promovida ao estatuto de solista era, para Gately, indescritivelmente deprimente – a voz dela parecia tão perdida, a tentar esconder-se e embrenhar-se no meio das vozes profissionais responsáveis pelos coros; Gately imaginava a senhora Linda McCartney – cuja foto na parede do seu quarto de funcionário interno mostrava uma loira de cara marcada –, imaginava-a ali perdida na imensidão do ruído profissional do marido, com muito pouco apreço por si própria e a sussurrar desafinadamente, sem saber ao certo quando devia abanar a pandeireta: o CD deprimente de C era mais do que cruel, parecia de certa forma sádico, género fazer um furo na parede de uma casa de banho para deficientes para espreitar lá para dentro. Dois dos trasvestais estavam a dançar o *swim* ao som daquela gravação horrorosa, no centro varrido da sala; o outro estava a segurar Fackelmann pelo braço, ao passo que o tipo de ar amorfo e gravata *Wembley* lhe agarrava com força o outro braço e lhe dava umas chapadinhas suaves enquanto o *Dilaudid* tentava resistir ao *Narcan*. Tinham sentado Fackelmann no seu canto, na cadeira especial de Gately para o

demerol. Os tomates de Gately latejavam ao ritmo da sua pulsação. O auxiliar de farmacêutico tinha a cara colada à de Gately. As bochechas e o queixo eram uma confusão de escamas prateadas e uma gota de suor oleosa na testa foi iluminada pela luz do Sol que entrava pela janela quando ele esboçou um sorriso tenso a Gately.

– C, meu, já me passou basicamente a moca depois daquela patada nos tomates – disse Gately –, caso não queiras desperdiçar o *Narcan.*

– Ah, mas é que isto não é *Narcan* nenhum – respondeu C baixinho, segurando o braço de Gately.

– Nem por sombras – confirmou o auxiliar, destapando a seringa.

C disse:

– Agarra-te bem.

Tocou com o dedo no ombro do auxiliar.

– Diz-lhe.

– É *Sunshine*[387] farmacêutico – explicou o auxiliar, batendo no braço de Gately à procura de uma veia em condições.

– Não te passes com isto – disse C ao ver a agulha a entrar.

O farmacêutico enfiou a agulha com habilidade, na horizontal e diretamente na pele. Gately nunca tinha metido *Sunshine.* Era praticamente impossível de arranjar se não fosse num hospital canadiano. Ficou a ver o sangue a enrubescer o soro quando o farmacêutico esticou o polegar para começar a puxar o êmbolo para trás. O auxiliar de farmacêutico sabia mesmo como se devia dar na veia. C tinha a ponta da língua no canto da boca enquanto observava. O tipo de ar empresarial estava a agarrar os braços de Fackelmann com força e um dos travestais, que se tinha posto atrás da cadeira, prendia-lhe a cabeça, agarrando-o pelo queixo e cabelos, enquanto a senhora do carrapito grisalho se ajoelhava à frente dele com a agulha já com a linha. Gately não conseguia deixar de ver a droga a entrar. Não sentiu qualquer dor. Por um segundo, interrogou-se se seria uma injeção letal: parecia-lhe que isso seria estarem a dar-se a uma data de trabalho só para o despacharem. A unha do polegar do farmacêutico estava encravada. Tinham caído algumas escamas de eczema no braço de Gately, no sítio sobre o qual o tipo estava inclinado. Passado um bocado, uma pessoa começa a gostar de ver o seu próprio sangue. O farmacêutico já lhe tinha injetado metade da cena quando Fackelmann começou a berrar. O berro foi

ficando cada vez mais estridente à medida que ia saindo. Quando Gately conseguiu desviar os olhos da cena que lhe estava a entrar no corpo, viu que a senhora com ar de bibliotecária estava a coser as pálpebras de Fackelmann à pele por cima das sobrancelhas. Ou seja, estavam a coser os olhos ao pobre do velho Conde Faxula mas a deixá-los abertos. No recreio, havia um miúdo que costumava virar as pálpebras do avesso, para impressionar as raparigas, como estavam agora a fazer ao pobre do velho Faxter. Gately fez um movimento brusco na direção dele, mas C apertou-o com força só com um braço.

– *Calminha* – disse C baixinho.

O sabor do cloridrato no *Sunshine* era a mesma coisa, deliciosa, igual ao sabor do cheiro em qualquer consultório médico em qualquer parte. Gately nunca tinha tomado *Talwin-PX*. Era impossível arranjar receita para isso, para o *PX*, uma mistura canadiana; o *Talwin*[388] dos Estados Unidos tem meio miligrama de naloxona misturada, para suavizar a moca, e era por isso que Gately só tinha tomado *NX* depois de meter *Bam-Bams*. Pelo que percebia, tinham dado o antinarcótico a Fackelmann para que este sentisse a agulha enquanto lhe cosiam os olhos mas os deixavam abertos. *Cruel* escreve-se com *u*, lembrou-se. Os dois orientais saíram da sala a mando de C. Linda McC. parecia quase psicótica. A senhorazinha grisalha trabalhava depressa. O olho que já estava cosido inchava obscenamente. Toda a gente que estava na sala, tirando C, o tipo de ar empresarial e a senhora de aspeto severo, começou a injetar-se. Duas das bichas tinham os olhos fechados e a cara virada para o teto como se não conseguissem aguentar ver o que estavam a fazer aos braços. O farmacêutico estava a apertar um tubo de borracha no braço de Pamela Hoffman-Jeep, ainda desmaiada, o que parecia ser mesmo o cúmulo dos cúmulos. Viam-se ali todos os estilos e níveis de perícia possíveis de pessoal a chutar-se e a dar na veia. A cara de Fackelmann ainda era uma cara de quem estava a berrar. O tipo de ar empresarial estava a deitar um líquido de uma pipeta no olho cosido mas aberto de Fackelmann enquanto a senhora enfiava uma nova linha na agulha. Foi precisamente quando Gately parecia estar a lembrar-se de ter visto aquela coisa do líquido no olho num cartucho ou filme de que o polícia militar gostava, quando Gately ainda era um Bim que brincava com a bola em cima da chita no mar, que o *Sunshine* atravessou a barreira e começou a fazer efeito.

Deu para perceber por que razão os Estados Unidos tinham obrigado a

suavizar a moca daquilo. O ar da sala ficou superlímpido, um brilho a glicerina, as cores a ficarem terrivelmente intensas. Como se as próprias cores pudessem pegar fogo. O que se dizia do *Talwin-PX*, de categoria C-II, era que era intenso mas de curta duração, e muito caro. Não se dizia nada sobre a sua interação com quantidades residuais monstruosas de *Dilaudid* intravenoso. Gately tentou raciocinar enquanto ainda podia. Se fossem eliminá-lo do mapa com uma *overdose*, teriam usado uma coisa barata. E se a bibliotecária lhe fosse coser os olhos mas deixá-los abertos. Gately estava a tentar pensar. Também não teriam dado cabo. Dele. Dado cabo dele a sério.

O próprio ar da sala estava a inchar. Como um balão. Os berros de Fackelmann sobre coisas que eram mentira subiam e desciam de intensidade, difíceis de ouvir com o rugido do *Sunshine* nas artérias. McC. estava a tentar abafar a tosse. Gately não conseguia sentir as pernas. Mas conseguia sentir o braço de C à volta dele, a amparar-lhe cada vez mais o peso do corpo. Os músculos do braço de C a dilatarem e a endurecerem-se: também conseguia sentir isso. As pernas estavam, tipo, a abandoná-lo. O ataque dos soalhos e passeios. Kite costumava cantar uma musiquinha chamada *Trinta e Dois Usos para o Gel Sterno Meu Rapaz.* C estava a começar a baixá-lo devagarinho. Um miúdo forte, atarracado e musculoso. Na maioria dos casos, basta um «Bu!» para deitar um viciado em heroína ao chão. C: havia uma certa gentileza em C, para um miúdo com olhos de lagarto. Estava a baixá-lo muito devagarinho. C ia proteger Don Bimmy do ataque do chão mau. Esse desfalecimento amparado estava a fazer Gately girar, com C a andar à roda dele, como um bailarino, para lhe amortecer a queda. Gately teve direito a uma vista giratória de toda a sala, com um realce quase insuportável. Pointgravè estava a vomitar pedaços de coisas. Duas das bichas deslizavam pela parede a que estavam encostadas. Tinham os casacos vermelhos em chamas. A janela que ele viu a passar explodiu de luz. Ou então era DesMontes que estava a vomitar e Pointgravè estava a tirar o monitor do telecomputador da parede e a esticar o cabo fibroide na direção de Fackelmann, encostado à parede. Fax tinha um dos olhos tão abertos como a boca, mostrando muito mais olho do que alguém estaria alguma vez interessado em ver. Já não se debatia. Estava a olhar em frente fixamente, como um pirata. A bibliotecária estava a começar a tratar-lhe do outro olho. O tipo de ar amorfo tinha uma rosa na lapela e tinha posto uns óculos com lentes metálicas, estava

tão pedrado que parecia cego e não acertava metade das vezes no olho de Fax com o líquido que saía da pipeta enquanto dizia qualquer coisa a Pointgravè. Um travestal tinha puxado para cima a bainha rasgada do vestido de P.H-J. e enfiado a mão aracnídea na coxa rosada dela. P.H.-J. tinha a cara cinzenta e azul. O chão levantou-se lentamente. A cara atarracada de Bobby C parecia quase bonita, trágica, meio iluminada pela janela, enfiada debaixo do ombro de Gately, que girava. Gately sentia-se mais desencarnado do que propriamente pedrado. Era obscenamente agradável. A cabeça soltou-se-lhe dos ombros. Gene e Linda estavam ambos a berrar. O cartucho dos olhos mantidos abertos à força e do conta-gotas era aquele sobre a ultraviolência e o sadismo. Um dos preferidos de Kite. Gately acha que *sadismo* se pronuncia «sedismo». A última coisa que vê a girar são os chinocas a voltarem a entrar no apartamento, com quadrados grandes e reluzentes da sala nas mãos. Quando o chão flutuou na sua direção e C o largou por fim, a última coisa que Gately viu foi um dos orientais a avançar para ele com o quadrado nas mãos e quando olhou para o quadrado viu claramente o reflexo da sua própria cabeça grande, quadrada e pálida, com os olhos a fecharem-se no momento em que o chão o atacou finalmente. E quando voltou a si, estava deitado de costas na praia, na areia gelada, o céu estava baixo, chovia e a maré estava lá ao longe.

---

*1 *A titty I see* («Vejo uma maminha»), correspondendo ao som das letras da palavra *attic*. *(N. dos T.)*

NOTAS

1 Cloridrato de metanfetamina, aliás cristal de meta.

2 A propósito, Orin nunca passou o umbral da porta de nenhum profissional de terapia e por isso julga que os seus sonhos são sempre e em geral bastante superficiais.

3 A ATE está disposta como um cardioide, com os quatro edifícios principais para o interior e convexamente arredondados ao fundo e dos lados para propiciar uma curvatura de cardioide; com os campos de ténis e os pavilhões no centro, os parques de estacionamento do pessoal e dos estudantes atrás do edifício da Administração formando uma pequena amolgadela que vista do ar confere a toda a instalação o aspeto de coração do Dia dos Namorados, amolgadela que não seria verdadeiramente cardioide se os edifícios não tivessem os inchaços convexos derivados de arcos do mesmo *r*, uma realização assombrosa dada a irregularidade do solo e os selvaticamente diferenciados cabos elétricos e tubos de canalização nos muros que são requeridos pelos dormitórios, pelos escritórios administrativos, pelo Pulmão polirresinoso, uma realização que só uma pessoa em toda a costa leste conseguiu, o arquiteto original da ATE, o velho e muito querido amigo de Avril, o *Übermensch* das curvas fechadas da topografia mundial A. Y. («Campo-Vetor») Rickey, da Universidade de Brandeis, já falecido, que costumava deslumbrar Hal e Mario em Weston tirando o colete sem tirar o casaco, coisa que anos depois M. Pemulis definiu como um truque barato baseado em certas características básicas das funções contínuas, revelação que entristeceu em segredo, como quando dizem que o Pai Natal não existe, mas que Mario se limitou a ignorar, preferindo ver essa manobra do colete como pura magia.

4 As convenções das academias de ténis norte-americanas denominam *pró-reitores* aqueles instrutores que ministram aulas tanto de carácter académico como desportivo.

5 Conhecidas como ‘drinas – i. e., *speed* leve: *Cylert*, *Tenuate*[a], *Fastin*, *Preludin*, às vezes até *Ritalin*. Convém assinalar que, ao contrário de Jim Troeltsch e Bridget Boone, viciada em *Preludin*, Michael Pemulis (talvez devido a um equivocado princípio de honra operária) raramente ingere ‘drinas antes de um jogo e reserva-as para a recreação – algumas pessoas estão programadas para achar divertida a estimulação com ‘drinas e sequentes tremores oculares e taquicardia.

a. *Tenuate* é a marca do hidrocloreto de dietilpropion, Marion Merrell Dow Pharmaceuticals, tecnicamente um agente receitado para combater a obesidade, preferido por alguns atletas devido às suas propriedades levemente euforizantes e energéticas sem o Granger de dentes e o horroroso aumento de tensão arterial que são causados pelas ‘drinas potentes com o *Fastin* e o *Cylert*, ainda que tenha a desagradável tendência para causar nistagmo ocular. Com o sem nistagmo, o *Tenuate* é um dos preferidos de Michael Pemulis, que acumula para ingestão todas as cápsulas de 75 mm. a que consegue deitar a mão, escondendo-as no seu boné especial de capitão de iate; não as vende nem as troca, exceto às vezes com o seu companheiro de quarto, Jim Troeltsch, que lhas crava e também vasculha o boné especial de capitão de iate de Pemulis, promovendo-as ele sub-repticiamente, um par de cada vez, na expectativa de que podem ajudá-lo na sua loquacidade de comentador desportivo, coisa que Pemulis sabe bem, estando apenas à espera do momento propício para se vingar, sem a menor dúvida.

6 Tranquilizantes suaves: *Valium-III* e *Valrelease*, o velho e garantido *Xanax*, *Dalmane*, *Buspar*, *Serax*, até o *Halcion* (ainda legalmente disponível no Canadá, por mais incrível que pareça); os rapazes propensos a

coisas mais fortes usam vermelhos, *Meprospan*, transdérmicos *Happy Patch*, *Miltown*, *Stelazine*, o barato *Darvon*) mas nunca o fazem durante mais que um par de temporadas pela óbvia razão de que os tranquilizantes pesados podem fazer a própria respiração parecer demasiado difícil para que se continue a respirar; muitas das mortes causadas pelos tranquilizantes são denominadas pelo pessoal das Urgências PP ou Preguiça Pulmonar.

7 A maior parte dos bons jogadores juniores é bastante precavida quanto ao álcool porque as consequências físicas do seu consumo intenso – náuseas, desidratação e fraca inter-relação olho-mão – tornam quase impossível um rendimento de alto nível. Na verde, muito poucas outras substâncias padrão implicam proibitivas ressacas a curto prazo, embora um serão de cocaína sintética leve a que o treino matinal do dia seguinte seja bastante desagradável. Por essa razão, muito poucos rapazes da ATE são partidários da cocaína, que também apresenta o problema de ser cara; embora muitos sejam filhos de gente rica, a verdade é que raramente dispõem de dinheiro vivo já que a realização de quase todas as necessidades físicas é garantida ou é proibida pela ATE. É importante assinalar que as pessoas inclinadas a consumir ‘drinas recreativas são as mesmas que gravitam para a cocaína, a metradina e outros estimulantes. Por outro lado, as pessoas de interesses mais naturais e pacíficos movem-se em direção a outro tipo de substâncias: tranquilizantes, canábis, barbitúricos e, é claro, álcool.

8 I.e., psilocibina, *Happy Patches*[a], MDMA/Xtasis (embora mau, X), várias manipulações de baixa tecnologia do benzeno para conseguir material psicadélico do tipo metol, em geral de fabrico caseiro; drogas sintéticas como MMDA, DMA, DMMM, 2CB, para-DOT I-VI. Deve indicar-se que este tipo não inclui nem deve fazê-lo mercadoria mais potente como STP, DOM, o mal-afamado «Graves Danos Corporais» da costa oeste dos EUA (ácido gama hidroxibutírico) LSD-25 ou – 32, ou DMZ/M.P. O entusiasmo que estas substâncias geram parece ser independente de uma neurologia determinada.

a. Transdérmicos caseiros, normalmente MDMA com DDMS ou DMSO (à venda nas farmácias) como portadores transdérmicos.

9 Alcunhado LSD-25, com uma leve ‘drina potenciadora adicionada, chamada *Black Star* («Estrela Negra») porque na área metropolitana de Boston o ácido disponível vende-se geralmente em caixinhas quadradas de cartão com uma estrela desenhada na tampa, tudo proveniente de um tenebroso nódulo de aprovisionamento em New Bedford. Todos os ácidos e os «Graves Danos Corporais», como a cocaína e a heroína, chegam a Boston sobretudo de New Bedford, que por sua vez recebe grande parte da mercadoria de Bridgeport, que é o verdadeiro intestino grosso da América do Norte, e é útil saber isto se nunca se andou por lá.

10 Como muitas academias desportivas, a ATE sustenta a amável ficção de que cem por cento dos seus estudantes inscrevem-se por vontade e ambição próprias e não porque, digamos, os pais as têm. Alguns destes (pais de ténis, como as legendárias mães de cenário de Hollywood) não são flores que se cheirem.

11 Segundo os maridos médicos e diplomatas, trata-se de um jogo de mulheres árabes em que são utilizadas pequenas conchas e uma mesa acolchoada; uma coisa que se parece com o majongue mas sem regras.

12 Hidrocloreto de metepredina e hidrocloreto de pentazocina, narcóticos analgésicos de grau C-II e C-IV[a] respetivamente, oriundos da boa gente de Sanofi Winthrop Pharm-Labs, Inc.

a. Segundo a Lei Continental de Substâncias Controladas da ONAN, a hierarquia de analgésicos/antipiréticos/ansiolíticos estabelece diferentes classes de drogas de Categoria-II a Categoria-VI; as de C-II (isto é, *Dilaudid*, *Demerol*) são consideradas as mais potentes e com sérias probabilidades

de viciação e abuso; as de C-VI são tão potentes como uma carícia maternal.

13 Embora estivesse mascarado na foto probatória e apesar de Gately nunca ter sugerido ou mencionado o seu nome em relação a este caso, é de supor que se tratou de um tal Trent (*Quo Vadis?*) Kite, velho e promissor amigo de infância de Gately em Beverly.

14 A pequena marca pessoa deste procurador era trazer sempre um chapéu *Stetson* anacrónico mas de qualidade que tinha uma pena decorativa na fita; muitas vezes acariciava ou brincava com o chapéu em situações de tensão.

15 Agência de Álcool/Tabaco/Armas de Fogo, nessa época sob a égide temporária do Departamento dos Serviços Não Especificados dos Estados Unidos.

16 Factos subsequentes muito desagradáveis relacionados com insurrectos do Quebeque e cartuchos tornam evidente que se tratava outra vez de Trent (*Quo Vadis?*) Kite.

17 Do tipo sem codeína; foi o primeiro dado físico que Gately notou no feio incidente da luz que provinha do quarto ocupado. Só para que se tenha uma ideia da inversão psíquica que é capaz de fazer um homem viciado em narcóticos orais.

18 Em cima dos objetos mais negociáveis, estes em cima de um genuíno compacto telecomputador InterLace de última geração desligado com multiprateleiras na grande consola de entretenimento, com um carregador para cartuchos de cabeça de gravação e reprodução dupla num compartimento inferior, com portas e luxuosos puxadores de bronze em forma de folha de carvalho e várias prateleiras a abarrotar de cartuchos com aspeto artístico que depois o sócio de Gately espalhou pelo chão sem ligar ao seu potencial valor para venda a um recetador, isto é, sem cuidar de saber se eram cartuchos raros ou esgotados na Rede Comercial de InterLace.

19 Presumivelmente «*Une Personne de l'Importance Terrible*».

20 As luzes fluorescentes tinham sido proibidas no Quebeque, bem como os pedidos computorizados por telefone, os pequenos cartões publicitários que caem das revistas e têm de ser lidos do alto antes de serem apanhados e atirados para o lixo, para não falar da proibição de vender qualquer serviço ou produto em dias feriados religiosos, e essa tinha sido uma das razões pelas quais a vinda deste voluntário para aqui havia sido desinteressada.

21 Ver nota 211 *infra*.

22 Nome comercial da terfenadina, da Marion Merrell Dow Pharmaceuticals, a arma nuclear tática dos anti-histamínicos e secadores mucoidais que não causam sono.

23 Office of Naval Research, USDD (Gabinete de Investigação Naval, Departamento de Defesa dos Estados Unidos).

24

JAMES O. INCANDENZA: UMA FILMOGRAFIA[a]

A lista seguinte é a mais completa que conseguimos fazer. Devido ao facto de os doze anos de atividade de Incandenza como realizador também coincidirem com grandes mudanças no cinema – de salas públicas de arte e ensaio a gravações magnéticas VCR a disseminação por laser e armazenamento de cartuchos em discos laser de InterLace TelEntertainment – e devido ao facto de a produção de Incandenza contemplar

obras industriais, documentais, conceptuais, técnicas, paródicas, dramas não comerciais, não dramas («anticonfluenciais») não comerciais, comerciais e dramas comerciais, a carreira deste cineasta apresenta substantivos problemas de classificação. Estes problemas são agravados pelo facto de que, antes de mais por razões conceptuais, Incandenza se absteve de registar ou datar até ao advento do Tempo Subsidiado; por outro lado, devido ao facto de a sua produção aumentar a um ritmo constante até no final da vida Incandenza ter várias obras em produção ao mesmo tempo; por outro lado ainda, a sua companhia de produção era propriedade privada e foi objeto de pelo menos quatro nomes empresariais distintos; e finalmente alguns dos seus projetos altamente conceptuais requerem que se lhes desse um título e fossem submetidos à crítica mas nunca filmados, levando a que o seu estatuto como obras cinematográficas fosse alvo de controvérsia.

Portanto, embora as obras estejam aqui citadas segundo os arquivistas de acordo com a sua ordem de acabamento, não queremos deixar de afirmar que a ordem e o rigor da lista não são, neste momento, definitivos.

Cada título está seguido por: ano de acabamento ou por AS, designando que foi rodado antes da Subsidiação; a produtora: os atores mais importantes (quando referidos); a medida ou medidas do material de arquivo (película); a duração da obra até ao último minuto ou segundo; a indicação de a obra ser a preto e branco, a cores ou das duas maneiras; uma sinopse ou análise crítica (quando possível); e uma indicação sobre se a distribuição é em película de celuloide, vídeo magnético, Disseminação Espontânea InterLace, cartucho InterLace compatível com telecomputador ou privadamente distribuída pelas empresas de Incandenza. A designação INÉDITA é usada para aquelas obras que nunca foram distribuídas e não estão disponíveis no presente ou se perderam.

Cage/Jaula(b). Data apenas «Antes da Subsidiação». Meniscus Films, Ltd.; Genérico sem nomes de intérpretes. 16 mm. 5 min.; preto e branco; sonoro. Paródio de solilóquio a um anúncio publicitário televisivo de um champô utilizando quatro espelhos convexos, dois espelhos planos e uma atriz. INÉDITA.

Kinds of Light/Tipos de Luz. A.S. Meniscus Films, Ltd.; genérico sem nomes de intérpretes; 16 mm.; 3 min.; cor; mudo; 4444 fotogramas individuais, representado cada um deles luzes de diferentes fontes, longitudes de onda e potência, todas refletidas com o mesmo papel de alumínio sem polir e desorientadoras a velocidade normal devido à velocidade hiper-retinal com que ocorrem. CELULOIDE, DISTRIBUIÇÂO LIMITADA AO BOSTON METROPOLITAN, REQUER PROJEÇÃO A.25 COM PROJETOR NORMAL.

Dark Logics/Lógica Escura. A.S. Meniscus Films Ltd.; genérico sem nomes de intérpretes; 35 mm.; 21 min.; cor; mudo c/ ensurdecedora banda sonora Wagner/Sousa. Homenagem a Griffith, paródia de Iimura. Uma mão infantil mas severamente paralisada passa páginas de manuscritos incunábulos de matemática, alquimia, religião e autobiografia política falsa; cada página contém um manifesto ou defesa da intolerância e do ódio. Dedicatória em nome de D.W. Griffith e Taka Iimura. INÉDITA.

Tennis, Everyone?/Ténis, para Todos? A.S. Heliotrope Films, Ltd/USTA Films. Documentário com narração: Judith Fukuoka-Hearn; 35 mm.; 26 min. Produção publicitária e de relações públicas para a Associação de Ténis dos Estados Unidos conjuntamente com Wilson Sporting Goods, Inc. VÍDEO MAGNÉTICO.

‘*There Are No Losers Here*’/Aqui não Há Perdedores. A.S. Heliotrope Films, Ltd. Documentário com narração: P. A. Haven; 35 mm.; cor, sonoro. Documentário sobre o campeonato USTA júnior de ténis em Kalamazoo e Miami, conjuntamente com a Associação de Ténis dos Estados Unidos e Wilson Sporting Goods. VÍDEO MAGNÉTICO.

Flux in a Box/Fluxo Numa Caixa. A. S. Heliotrope Films, Ltd./Wilson Inc. Documentário com narração: Judith Fukuoka-Hearn; 35 mm.; 52 min.; preto e branco/cor; sonoro. História documental da caixa, plataforma, relvado e campo de ténis desde a Corte do Delfim (Século XVII) até ao presente. VÍDEO MAGNÈTICO.

Infinite Jest (I)/A Piada Infinita (I). A.S. Meniscus Films, Ltd.; Judith Fukuoka-Hearn;16/35 mm.; 90 (?) min.; preto e branco; mudo. A primeira tentativa de Incandenza, inédita e inacabada, de entretenimento comercial. INÉDITA.

Annular Fusion Is Our Friend/A Fusão Anelar É Nossa Amiga. A.S. Heliotrope Films, Ltd./Sunstrand Power & Light Co. Documentário com narração: C. N. Reilly; com linguagem gestual; 78 mm.; 45 min.; cor; sonoro. Produção publicitária e de relações públicas para as instalações de Sunstrand Power & Light na Nova Inglaterra, uma explicação não técnica dos processos do ciclo DT de fusão anelar litiomizada e suas aplicações na produção de energia doméstica. CELULOIDE, VÍDEO MAGNÉTICO:

Annular Amplified Light: Some Reflections /Luz Anelar Amplificada: Algumas Reflexões. A. S. Heliotrope Films/Sunstrand Power & Light Co. Documentário com narração: C. N. Reilly; com linguagem gestual; 78 mm.; 45 min.; cor; sonoro. Segundo comercial informativo para Sunstrand Co., uma explicação não técnica das aplicações de laser de fotões arrefecido no ciclo DT de fusão anelar litiomizada. CELULOIDE, VÍDEO MAGNÉTICO.

Union of Nurses in Berkeley/ Sindicato de Enfermeiras em Berkeley. A. S. Meniscus Films, Ltd. Documentário; 35 mm.; 26 min.; cor; mudo. Documentário com entrevistas de legendas de fotografias com enfermeiras surdas durante os distúrbios de 1996 em prol da reforma da saúde pública em Bay Area. VÍDEO MAGNÉTICO, DISTRIBUÍDO PRIVADAMENTE POR MENISCUS FILMS.

Union of Theoretical Grammarians in Cambridge/Sindicato dos Gramáticos Teóricos em Cambridge. A.S. Meniscus Films, Ltd. Documentário; 35 mm.; 26 min.; cor; mudo c/ intenso uso de distorção computorizada nos primeiros planos faciais. Documentário de entrevistas de notas de pé de fotografia com participantes no debate público entre Steven Pinker e Avril Incandenza sobre as implicações políticas da gramática prescritiva durante a infame convenção de Gramáticos Militantes de Massachusetts, que consta ter contribuído para incitar os distúrbios linguísticos do MIT em 1997. INÉDITO POR CAUSA DE LITÍGIO JUDICIAL.

Widower/Viúvo. A.S. Latrodectus Mactans Productions. Cosgrove Watt, Ross Reat; 35 mm.; 34 min.; preto e branco; sonoro. Filmado em Tucson, Arizona, paródia de comédia doméstica televisiva; um padre viciado em cocaína (Watt) leva o filho (Reat) pela sua propriedade deserta imolando aranhas venenosas. CELULOIDE; REESTREADO EM CARTUCHO INTERLACE TELENT #357-75-00 (AFMP.)

Cage II/Jaula II. A.S. Latrodectus Mactans Productions. Cosgrove Watt, Disney Leith; 35 mm.; 120 min.; preto e branco; sonoro. Sádicas autoridades prisionais põem um condenado cego (Watt) e um condenado surdo-mudo (Leith) «na solitária» e os dois homens tentam inventar modos de comunicar. RESERVAS LIMITAS DE CELULOIDE; REESTREADO EM VÍDEO MAGNÉTICO:

Death in Scarsdale/Morte em Scarsdale. A. S. Lastrodectus Mactans Productions. Cosgrove Watt, Marlon R. Bain; 78 mm.; 39 min.; cor; mudo c/ legendas em caixa. Paródia de Mann/Allen: um endocrinologista dermatológico famoso (Watt) deixa-se obcecar platonicamente por um rapaz (Bain) que anda a tratar devido a transpiração excessiva, começando ele próprio a ser afetado por transpiração excessiva. INÉDITO.

Fun with Teeth/Divertimento com Dentes. A. S. Lastrodectus Mactans Productions. Herbert G. Birch,

Billy Tolan, Pam Heath; 35 mm.; 73min.; preto e branco; mudo c/ gritos e uivos não humanos. Paródia de Kosinski/Updike/Peckinpah: um dentista (Birch) realiza dezasseis intervenções sem anestesia nas raízes dentais de um académico (Tolan) que suspeita andar metido com a sua mulher (Heath). VÍDEO MAGNÉTICO; DISTRIBUÍDO PRIVADAMENTE POR LATRODECTUS MACTANS PROD.

Infinite Jest (II)/A Piada Infinita (II). A.S. Latrodectus Mactans Productions. Pam Heath; 35/78 mm.; 90 (?) min.; preto e branco; mudo. Tentativa inacabada e inédita de refazer *Infinite Jest (I)*. INÉDITO.

Immanent Domain/Domínio Imanente. A.S. Latrodectus Mactans Productions. Cosgrove Watt, Judith Fukuoka-Hearn, Pam Heath, Pamela-Sue Voorheis, Herbert G. Birch; 35 mm.; 88 min.; preto e branco c/ microfotografia; sonoro. Três neurónios de memória (Fukuoka-Hearn, Heath, Voorheis (c/ guarda-roupa de poliuretano) no lóbulo frontal do cérebro de um homem (Watt) lutam heroicamente para evitar a sua deslocação às mãos de outros neurónios da memória enquanto o homem se submete a um intenso tratamento psicanalítico. CELULOIDE; REESTREIA EM CARTUCHOS INTERLACE TELENT #340-03-70 (AFMP.)

Kinds of Pain/Tipos de Dor. A.S. Latrodectus Mactans Productions. Elenco anónimo; 35/78 mm.; 6 min.; cor; mudo. 2222 fotogramas em primeiro plano de homens broncos de meia-idade que sofrem de quase todos os tipos de dor concebíveis, desde unhas dos pés encravadas a neuralgias craniofaciais ou neoplasias retais não operáveis. CELULOIDE; ESTREIA LIMITADA À ÁREA METROPOLITANA DE BOSTON; REQUER PROJEÇÃO A.25 COM CARRETO NORMAL.

Various Small Flames/Várias Chamazinhas. A.S. Latrodectus Mactans Productions. Cosgrove Watt, Pam Heath, Ken N. Johnson; 16 mm.; 25 min. c/ *looping* para *replay* automático; cor; mudo c/ sons de coito humano extraídos e creditados a Caballero Control Corp. de vídeos para adultos. Paródia dos filmes estruturalistas neoconceptuais de Golbout e Vodriard; fotogramas de diversas variedades de chamas domésticas, desde isqueiros e velas de aniversário a fogões a gás e chamas nas ervas causadas com uma lupa, alternando com sequências antinarrativas de um homem (Watt) sentado numa camarata às escuras bebendo *bourbon* enquanto a mulher (Heath) e um representante de Amway (Johnson) realizam um coito acrobático em segundo plano, no corredor iluminado. INÉDITO DEVIDO A LITÍGIO JUDICIAL PROMOVIDO PELO DIRETOR CONCEPTUAL ED RUSHA, AUTOR DE *VARIOUS SMALL FIRES* DE 1960, EUA. REESTREADO EM CARTUCHO INTERLACE TELENT #330-45-94 (ATCDTE).

Cage III – Free Show/Jaula III – Espetáculo Gratuito. A.S. Latrodectus Mactans Productions/Infernatron Animation Concepts, Canadá. Cosgrove Watt, P.A. Heaven, Everard Maynell, Pam Hseath; animação parcial; 35 mm.; 65 min.; preto e branco; sonoro. A figura da Morte (Heath) preside à entrada principal de um parque de diversões onde os espectadores observam atores que se sujeitam a degradações inconcebíveis e tão grotescamente fascinantes que os espectadores ficam de olhos escancarados até que eles próprios se transformam em olhos gigantescos e sentados enquanto no outro lado da barraca a figura da Vida (Heaven) se serve de um megafone para convidar os visitantes da feira a assistir a uma exibição em que, se consentirem submeter-se a inconcebíveis degradações, podem presenciar pessoas normais a tornarem-se gradualmente olhos descomunais. CARTUCHO INTERLACE TELENT #357-65-65.

The Medusa v. the Odalisque/A Medusa *versus* a Odalisca. A.S. Latrodectus Mactans Productions. Elenco não indicado; holografia a laser de James O. Incandenza e Urquhart Ogilvie, Jr.; coreografia holográfica de combate de Kenijiru Hirota por cortesia de Sony Entertainment-Asia; 78 mm.; 29 min.; preto e branco; muda com adequados sons de público de televisão comercial. Hologramas móveis de duas mulheres mitológicas e visualmente letais em duelo, com superfícies refletoras no cenário, enquanto os

muitos espectadores se convertem em pedra. DISTRIBUIÇÃO LIMITADA EM CELULOIDE; REEDITADA PRIVADAMENTE EM VÍDEO MAGNÉTICO POR LATRODECTUS MACTANS PRODUCTIONS.

The Machine in the Ghost: Annular Holography for Fun and Prophet/A Máquina no Fantasma: Holografia Anelar para Diversão e Profeta. A.S. Heliotrope Films, Ltd./National Film Board of Canada. Narração de P.A. Heaven; 78 mm.; 35 min.; cor; sonoro. Introdução não técnica às teorias de ampliação anelar e lentes de refração e suas aplicações na holografia a laser de alta resolução. INÉDITA DEVIDO ÀS TENSÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E O CANADÁ.

Homo Duplex. A.S. Latrodectus Mactans Productions. Narração P.A. Heaven. Super 8mm.; 70 min.; preto e branco; sonoro. Paródia dos «antidocumentários pós-estruturais» de Woititz e Shulgin, entrevistas com catorze norte-americanos chamados John Wayne, mas que não são o lendário ator do século XX John Wayne. VÍDEO MAGNÉTICO (DISTRIBUIÇÃO LIMITADA).

Zero-Gravity Tea Ceremony/Cerimónia do Chá em Gravidade Zero. A.S. Latrodectus Mactans Productions. Ken N. Johnson, Judith Fukuoka-Hearn, Otto Brandt, E.J. Kenkle; 35 mm.; 82 min.; preto e branco/cor; mudo. A intricada Ocha-Kai é celebrada a dois centímetros e meio acima do solo da câmara de simulação de gravidade zero do Johnson Space Center. CELULOIDE; REESTREIA INTERLACE TELENT # 357-40-01 (AFMP)

Pre-Nuptial Agreement of Heaven and Hell/Acordo Pré-nupcial entre o Céu e o Inferno. A.S. Latrodectus Mactans Productions/Infernatron Animation Concepts, Canadá. Animado c/ vozes sem estarem identificadas; 35 mm.; 59 min.; cor; sonoro. Deus e Satanás jogam póquer com cartas de tarô pela alma de um vendedor ambulante alcoólico obcecado pelo *Êxtase de Santa Teresa*, de Bernini. DISTRIBUÍDA PRIVADAMENTE POR LATRODECTUS MACTANS PRODUCTIONS.

The Joke/A Partida. A.S. Latrodectus Mactans Productions. Público com elenco reflexo; 35 mmx2 câmara; duração variável; preto e branco; mudo. Paródia de «acontecimentos específicos no público» de Hollis Frampton; duas câmaras de vídeo *Ikegami EC-35* rodam em teatro o «filme» e projetam o lixo resultante no ecrã: o público ver-se a si mesmo ver a óbvia «graça» e ficar cada vez mais irritado, desconfortável e hostil contém aparentemente o intricado fluxo «antinarrativo» do filme. Sendo o primeiro projeto verdadeiramente polémico de Incandenza, Sperber, de *Film & Kartridge Kultcher*, considerou-o «o involuntário estertor do cinema pós-estrutural em forma de mera irritação». VÍDEO MAGNÉTICO NÃO RODADO APENAS SUSCETÍVEL DE EXIBIÇÃO EM SALA, AGORA INDISPONÍVEL PARA DISTRIBUIÇÃO.

Various Lachrymose U.S. Corporate Middle-Management Figures/ Várias Figuras Lacrimogéneas das Chefias Médias de Empresas dos EUA. Inacabado. INÉDITA.

Every Inch of Disney Leith/Todos os Centímetros de Disney Leith. A.S. Lactrodectus Mactans Productions/Medical Imagery of Alberta, Ltd. Disney Leith; ampliações de computador 35mmx2 m; 253 min.; cor; mudo. Câmaras em miniatura, endoscópicas e microinvasoras atravessam todo o exterior e interior de um membro da equipa técnica de Incandenza enquanto ele está sentado num coxim no Parque de Boston a ouvir um debate público sobre a uniformização do sistema métrico na América do Norte. DISTRIBUIÇÃO PRIVADA EM VÍDEO MAGNÉTICO DE LATRODECTUS MACTANS PRODUCTIONS; REESTREIA INTERLACE TELENT #357-56-34 (AFMP)

Infinite Jest (III)/A Piada Infinita (III) A – S. Latrodectus Mactans Productions. Elenco sem identificar; 16/35 mm.; cor; som. *Remake* inacabado e inédito de *Infinite Jest (I), (II)*. SEM DISTRIBUIÇÃO.

Found Drama I/Drama Encontrado I

Found Drama II/Drama Encontrado II

Found Drama III/Drama Encontrado III... conceptuais, conceptualmente infilmáveis.

The Man Who Began To Suspect He Was Made of Glass/O Homem Que Começou a Suspeitar Que Era de Vidro. Ano do Whopper. Latrodectus Mactans Productions. Cosgrove Watt, Gerhardt Schtitt; 35 mm.; 21 minutos; preto e branco; sonoro. Um homem sujeito a um intenso tratamento descobre que para os outros é frágil, vácuo e transparente e torna-se transcendentalmente iluminado ou esquizofrénico. CARTUCHO INTERLACE TELENT # 357-59-90.

Found Drama V/Drama Encontrado V

Found Drama VI/Drama Encontrado VI... conceptuais, conceptualmente infilmáveis. SEM DISTRIBUIÇÃO.

The American Century as Seen Through a Brick/O Século Americano Visto através de Um Tijolo. Ano do Whopper. Latrodectus Mactans Productions. Elenco documental c/ narração de P.A. Heaven; 35 mm.; 52 min.; cor com filtro vermelho e oscilofotografia; mudo c/ narração. Nas históricas ruas do centro de Boston em Back Bay os tijolos são substituídos por cimento polimerizado. Filma-se a subsequente carreira de um tijolo individual desde instalação temporária de arte-encontrada a envio por meio de catapulta da EWD para uma lixeira no Sul do Quebeque e à sua utilização nos distúrbios anti-ONAN de janeiro/Whopper incitados pela FLQ, tudo intercalado com ambíguas planos das alterações num polegar humano no padrão de interferência de um anel arrancado. DISTRIBUÍDO PRIVADAMENTE EM VÍDEO MAGNÉTICO POR LATRODECTUS MACTANS PRODUCTIONS.

The ONANtiad/A ONANtíada. Ano do Whopper. Latrodectus Mactans Productions/Claymation; sequências de ação © Infernatron Animation Concepts, Canadá. Cosgrove Watt, P. A. Heaven, Pam Heath, Ken N. Johnson, Ibn-Said Chawaf, Sqyre Frydell, Marla-Dean Chumm, Herbert G. Birch, Everard Meynell; 35 mm.; 76 min.; preto e branco/cor; mudo/sonoro. Oblíquo, obsessive e pouco divertido triângulo amoroso com o pano de fundo do início da Interdependência e da Reconfiguração Continental Norte-Americana ao vivo. DISTRIBUÍDO PRIVADAMENTE EM VÍDEO MAGNÉTICO POR LATRODECTUS MACTANS PRODUCTIONS.

The Universe Lashes Out/O Universo Arremete. Ano do Whopper. Latrodectus Mactans Productions. Elenco documental c/ narração de Herbert G. Birch; 16 mm.; 28 min.; cor; mudo c/ narração. Documentário sobre a evacuação de Atkinson NH/Nova Quebeque no início da Reconfiguração Continental. VÍDEO MAGNÉTICO (DISTRIBUIÇÃO LIMITADA).

Poultry[1] *in*[1] *Motion*/Aves de Capoeira em Movimento. Ano do Whopper. Latrodectus Mactans Productions. Elenco documental c/ narração de P. A. Heaven; 16 mm.; 56 min.; cor; mudo c/ narração. Documentário sobre a ação dos criadores de perus de North Syracuse, NNY que, com o objetivo de evitar a intoxicação dos perus do Dia de Ação de Graças, contratam veículos longos e brilhantes da ONAN para transplantar 200 000 aves atacadas de tosse convulsa para o Sul de Ithaca. VÍDEO MAGNÉTICO (DISTRIBUIÇÃO LIMITADA).

Found[1] *Drama*[1] *IX*/Drama Encontrado IX

Found[1] *Drama*[1] *X*/Drama Encontrado X

Found[1] *Drama*[1] *XI*/Drama Encontrado XI... conceptuais, conceptualmente infilmáveis.

Möbius Strips/Fitas de Möbius. Ano do Whopper. Latrodectus Mactans Productions. «Hugh G. Reaction», Pam Heath, «Bunny Day», «Taffy Appel»; 35 mm.; 109 min.; preto e branco; sonoro. Paródia

pornográfica, provavelmente um tributo paródico a *All*[1] *That*[1] *Jazz*, de Fosse, em que um físico teórico («Reaction»), que apenas consegue alcançar uma visão matemática criativa durante o coito, concebe a Morte como uma mulher mortalmente bela (Heath). CARTUCHO COMERCIAL INTERLACE TELENT # 357-65-32 (AW).

Wave[1] *Bye-Bye*[1]*to*[1] *the*[1] *Bureaucrat*/Despede-te do Burocrata. Ano do Whopper. Latrodectus Mactans Productions. Everard Maynell, Phillip T. Smothergill, Paul Anthony Heaven, Pamela-Sue Voorheis; 16 mm.; 19 min.; preto e branco; sonoro. Possível paródia/homenagem ao ciclo de anúncios publicitários ao serviço público A. S. da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Diasc: um assediado funcionário a caminho do trabalho de carro é confundido com Cristo por uma criança que atropela.

Blood[1] *Sister*[1]*: One*[1] *Tough*[1] *Nun*/Irmã de Sangue: Uma Freira Dura de Roer. Ano do Penso Medicinal *Tucks*. Latrodectus Mactans Productions. Telma Hurley, Pam Heath, Marla-Dean Chumm, Diane Saltoone, Soma Richardson-Levy, Cosgrove Watt; 35 mm.; 90 min.; cor, sonoro. Paródia do género de vingança; o fracasso de uma freira ex-delinquente (Hurley) na sua tentativa de reformar uma delinquente juvenil (Chumm) desencadeia uma onda de vinganças. DISSEMINAÇÃO POR PULSAÇÃO INTERLACE TELENT. 21 DE JULHO DO APMT. CARTUCHO # 357-87-04.

Infinite[1] *Jest*[1] *(IV)*/A Piada Infinita (IV). Ano do Penso Medicinal *Tucks*. Latrodectus Mactans Productions. Pam Heath (?). «Madame Psicose» (?); 78 mm.; 90 min. (?); cor; sonoro. Tentativa inacabada e inédita de terminar *Infinite*[1] *Jest*[1] *(III*). SEM DISTRIBUIÇÃO.

Let[1] *There*[1] *Be*[1] Lite/Faça-se Luz. Ano do Penso Medicinal *Tucks*. Poor Yorick Enttertainment Unlimited. Elenco documental c/ narração de Ken N. Johnson; 16 mm.; 50 min. (?); preto e branco; mudo c/ narração. Documentário inacabado sobre a génese da indústria do *bourbon* baixo em calorias. INÉDITA.

Untitled/Sem Título. Inacabado. SEM DISTRIBUIÇÃO.

No[1] *Troy*. Ano do Whopper. Latrodectus Mactans Productions. Sem elenco; holografia de superfície líquida de Urquhart Ogilvie, Jr.; 35 mm; 7 min.; cor realçada; mudo. Modelo à escala de recriação holográfica do bombardeamento de Troy, Nova Iorque, devido a trajetórias erradas dos Veículos dec Transporte de Lixo Empire e subsequente eliminação pelos cartógrafos da ONAN. VÍDEO MAGNÉTICO (DISTRIBUIÇÃO PRIVADA E LIMITADA A NEW BRUNSWICK, ALBERTA, QUEBEQUE.) Nota: os arquivistas do Canadá e da costa oeste não incluem *No Troy* nas suas listas mas incluem títulos como *The Violet Cityy* e *The Violet Ex-City*, respetivamente, levando os estudiosos a concluir que o mesmo filme foi distribuído com distintas denominações.

Untitled/Sem Título. Inacabado. SEM DISTRIBUIÇÃO.

Valuable[1] *Coupon*[1] *Has*[1] *Been*[1] *Removed*/Um Valioso Cupão Foi Retirado. Ano do Penso Medicinal *Tucks*. Poor Yorick Entertainment Unlimited. Cosgrove Watt, Phillip T. Smothergill, Diane Saltoone; 16 mm.; 52 min.; cor, mudo. Possível paródia do psicodrama escandinavo: uma criança ajuda o pai alcoólico delirante e a mãe com psicose disassociativa a desmantelar a sua cama à procura de roedores; mais tarde intui a futura viabilidade do ciclo DT de fusão anelar litiomizada. CELULOIDE (SEM DISTRIBUIÇÃO).

Baby Pictures of Famous Dictators/Fotografias de Bebé de Ditadores Célebres. Ano do Penso Medicinal *Tucks*. Poor Yorick Entertainment Unlimited. Elenco documental ou não referido com narração de P. A. Heaven; 16 mm.; 45 min.; preto e branco; sonoro. Crianças e adolescentes praticam um jogo de estratégia termonuclear quase incompreensível com equipamento de ténis sobre um pano de fundo real ou holográfico (?) de torres sabotadas de deslocação atmosférica ATHSCME 1900 que explodem e ruem durante o Ano de Emergência Química da nova Nova Inglaterra no Ano do Whopper. CELULOIDE (SEM

DISTRIBUIÇÃO).

Stand Behind the Men Behind the Wire/Fiquem atrás dos Homens Que Estão atrás do Arame. Ano do Penso Medicinal *Tucks*. Poor Yorick Entertainment Unlimited. Documentário com narração de Soma Richardson-Levy; Super 8 mm.; 52 min.; preto e branco/cor; sonoro. Rodado no Norte de Lowell, Massachusetts, documentário sobre a expedição do Departamento do Xerife do Condado de Essex e do Departamento de Serviços Sociais de Massachusetts a fim de perseguir, identificar, capturar ou aplacar a desproporcionada criança selvagem que supostamente tinha esmagado, mascado, recolhido ou derrubado mais de uma dúzia de habitantes de Lowell em janeiro, APMT. INTERLACE TELENT CARTRIDGE 3 357-16-09

As of Yore/Outrora. Ano do Penso Medicinal *Tucks*. Poor Yorick Entertainment Unlimited. Cosgrove Watt, Marlon Bain; 16/78 mm.; 181 min.; preto e branco/cor; sonoro. Um instrutor de ténis de meia-idade, que está a preparar-se para ensinar ao filho a arte do ténis, embebeda-se na garagem familiar e submete o filho a um delirante monólogo enquanto este soluça e transpira. CARTUCHO INTERLACE TELENT # 357-16-09

The Clever Little Bastard/O Sacaninha Esperto. Inacabado, não visto. SEM DISTRIBUIÇÃO.

The Cold Majesty of the Numb/A Fria Majestade dos Tolhidos. Inacabado, não visto. SEM DISTRIBUIÇÃO.

Good-Looking Men in Small Clever Rooms That Utilize Every Centimeter of Available Space With Mind-Boggling Efficiency/ Homens Bonitos em Pequenos e Elegantes Quartos Que Utilizam Todos os Centímetros Disponíveis com Uma Eficácia Demolidora. Inacabado devido a internamento hospitalar. SEM DISTRIBUIÇÃO.

*Low-Temperature Civic*s/Civismo de Baixa Temperatura. Ano do Penso Medicinal *Tucks*. Poor Yorick Entertainment Unlimited. Cosgrove Watt, Herbert G. Birch, Ken N. Johnson, Soma Richardson-Levy, Everard Maynell, «Madame Psicose», Phillip T. Smothergill, Paul Anthony Heaven; 35 mm.; 80 min.; preto e branco, sonoro. Paódia de Wyler em que quarto filhos (Birch, Johnson, Maynell e Smothergill) se envolvem em intrigas para tentar controlar uma empresa de sacos de plástico para sanduíches depois de o pai (Watt) deles, que é o administrador-delegado, ter um encontro extático com a Morte («Psicose») tornando-se irreversivelmente catatónico. DISSEMINAÇÃO NACIONAL NA SÉRIE «CAVALGADA DO MAL» DE INTERLACE TELENT. JANEIRO/ ANO DA TABLETE DE CHOCOLATE *DOVE* DE TAMANHO EXPERIMENTAL. E CARTUCHO INTERLACE TELENT # 357-89-05.

(At Least) Three Cheers for Cause and Effect/ (Pelo menos) Três Vivas pela Causa e pelo Efeito. Ano do Penso Medicinal *Tucks*. Poor Yorick Entertainment Unlimited. Cosgrove Watt, Pam Heath, «Hugh G. Rection»; 78 mm.; 26 min.; preto e branco, sonoro. O diretor (Watt) de uma academia desportiva em altitude recentemente edificada fica neuroticamente obcecado pelo processo judicial originado pelos danos colaterais que a construção causa num hospital de veteranos localizado numa zona mais abaixo, como forma de não ter de se confrontar com o caso amoroso mal escondido que a sua mulher (Heath) mantém com o topólogo matemático («Rection») academicamente famoso que atua como arquiteto do projeto. CELULOIDE (SEM DISTRIBUIÇÃO).

(The) Desire to Disire/(O) Desejo de Desejar. Ano do Penso Medicinal *Tucks*. Poor Yorick Entertainment Unlimited. Robert Lingley, «Madame Psicose», Marla-Dean Chumm; 35 mm; 99 min. (?); preto e branco; mudo. Um patologista (Lindsey) apaixona-se por um belo cadáver («Madame Psicose») e pela irmã paralítica (Chumm) por quem aquela morreu ao tentar salvá-la de uma avantajada criança selvagem.

Segundo alguns arquivistas, inacabado. SEM DISTRIBUIÇÃO.

Safe Boating Is No Accident/Andar de Barco em Segurança não É Acidental. Ano do Penso Medicinal *Tucks* (?). Poor Yorick Entertainment Unlimited./Raios X e Fotografia infravermemelha de Shuco-Mist Pressure Systems, Enfield, Massachusetts. Ken N. Johnson, «Madame Psicose», P.A. Heaven. Paródia de Kierkegaard/Lynch (?): um instrutor de esqui aquático claustrofóbico (Johnson), em luta com a sua consciência romântica depois de o rosto da sua noiva («Psicose») ter sido grotescamente destroçado pela hélice de um motor fora de borda, fica fechado num elevador do hospital a abarrotar onde estão um frade trapista expulso da Ordem, dois missionários demasiado penteados da Igreja de Jesus Cristo dos Santos do Último Dia, um enigmático guru da boa forma física, o comissário do Estado de Massachusetts para a Segurança das Águas e das Praias e sete fortemente alcoolizados óticos com chapéus caricatos e charutos explosivos. Segundo alguns arquivistas, foi terminado no ano seguinte. ATCDTE, SEM DISTRIBUIÇÃO.

Very Low Impact/Impacte Limitado. Ano do Penso Medicinal *Tucks*. Poor Yorick Entertainment Unlimited. Marla-Dean Chumm, Pam Heath, Soma Richardson-Levy-O'Byrne; 35 mm.; 30 min.; cor, sonoro. Uma instrutora de aeróbica narcoléptica (Chumm) esforça-se por ocultar a sua condição a estudantes e empregados. DISTRIBUIÇÃO PÓSTUMA, AMLLSM.; CARTUCHO INTERLACE TELENT # 357-56-51.

The Night Wears a Sombrero/A Noite Usa Chapéu Mexicano. Ano do Penso Medicinal *Tucks* (?). Ken N. Johnson, Phillip T. Smothergill, Dianne Saltoone, «Madame Psicose»; 78 mm.; 105 min.; cor; mudo/sonoro. Paródia/homenagem a *O Rancho das Paixões*, de Lang: um aprendiz de vaqueiro curto de vistas (Smothergill) jura vingar-se da violação cometida pelo pistoleiro (Johnson) daquela que (o vaqueiro) julga erradamente ser a maternal proprietária (Saltoone) do bordel por quem pensa estar secretamente apaixonado; perde a pista do pistoleiro depois de se enganar ao ler um letreiro no caminho e chega ao sinistro rancho mexicano onde pistoleiros com problemas edipianos são ritualmente cegados por uma misteriosa freira velada («Psicosis»). Alguns arquivistas afirmam que foi terminado no ano anterior. A. W. CARTUCHO INTERLACE TELENT # 357-56-51.

Accomplice!/Cúmplice! Ano do Penso Medicinal *Tucks*. Poor Yorick Entertainment Unlimited. Cosgrove Watt, Stokely «Dark Star» McNair; 16 mm.; 26 min.; cor; sonoro. Um pederasta envelhecido mutila-se por amor de um prostituta de rua estranhamente tatuado. CARTUCHO INTERLACE TELENT # 357-10-10 retirado de disseminação após críticos de Cartridge Review terem afirmado que *Accomplice!* era «um dos produtos mais estúpidos, antiestéticos, menos subtis e canhestramente montados de uma carreira pretensiosa e infamemente irregular». AGORA SEM DISTRIBUIÇÃO.

Untitled/Sem Título. Inacabado. SEM DISTRIBUIÇÃO.

Untitled/Sem Título. Inacabado. SEM DISTRIBUIÇÃO.

Untitled/Sem Título. Inacabado. SEM DISTRIBUIÇÃO.

Dial C for Concupiscence/Marque C para Concupiscência. Ano da Tablete de Chocolate *Dove* de Tamanho Experimental. Poor Yorick Entertainment Unlimited. Soma Richardson-Levy-O'Byrne, Marla-Dean Chumm, Ibn-Said Chawaf, Yves Francoeur; 35 mm.; 122 min.; preto e branco; mudo c/legendas. Tributo paródico ao estilo *noir* de *Les Anges du Péché*, de Bresson: uma operadora de telefone móvel (Richardson-Levy-O'Byrne), que um terrorista do Quebeque (Francoeur) confunde com outra operadora de telefone móvel (Chumm) que a FLQ tentou assassinar por engano, confunde as tentativas que ele faz para se desculpar com tentativas para a assassinar a ela (Richardson-Levy-O'Byrne) e foge para uma curiosa comunidade islâmica cujos membros comunicam entre si por meio de bandeiras de sinais portuárias onde se

apaixona por um adido médico decepado do Próximo Oriente (Chawaf). DISTRIBUÍDA NA SÉRIE FÍLMICA CLANDESTINA «UIVOS MARGINAIS» DE INTERLACE TELENT – MARÇO/ATCDTE – E CARTUCHO INTERLACE TELENT # 357-75-43.

Insubstantial Country/País Insubstancial. Ano da Tablete de Chocolate *Dove* de Tamanho Experimental. Poor Yorick Entertainment Unlimited. Cosgrove Watt; 16 mm.; 30 min.; preto e branco; mudo/sonoro. Um impopular realizador de cinema *après-garde* (Watt) sofre um ataque no lóbulo temporal e emudece ou é vítima da ilusão de toda a gente de que o ataque no lóbulo temporal (o de Watt) o deixou mudo. DISTRIBUIÇÃO PRIVADA DE CARTUCHO DE POOR YORICK ENTERTAINMENT UNLIMITED.

It was a Great Marvel That He Was in the Father Without Knowing Him/Foi Uma Grande Maravilha Que Ele Estivesse no Pai sem o Conhecer. Ano da Tablete de Chocolate *Dove* de Tamanho Experimental. Poor Yorick Entertainment Unlimited. Cosgrove Watt, Phillip T. Smothergill; 16 mm.; 5 min.; preto e branco; mudo/sonoro. Um pai (Watt), ao ter a falsa impressão de que o filho etimologicamente precoce (Smothergill) finge ser mudo, posa como conversador profissional para conseguir que o filho fale. DISTRIBUÍDA NA SÉRIE FÍLMICA CLANDESTINA «UIVOS MARGINAIS» DE INTERLACE TELENT – MARÇO/APTCD – E CARTUCHO INTERLACE TELENT # 357-75-50.

Cage IV – Web/Jaula IV – Rede. Inacabado. SEM DISTRIBUIÇÃO.

Cage V – Infinite Jim/Jaula V – Jim Infinito. Inacabado. SEM DISTRIBUIÇÃO.

Death and the Single Girl/A Morte e a Rapariga Solteira. Inacabado. SEM DISTRIBUIÇÃO.

The Film Adaptation of Peter Weiss's 'The Persecution and Assassination of Marat as Performed by the Inmates of the Asylum at Charenton Under the Direction of the Marquis de Sade'/Adaptação Cinematográfica de «A Perseguição e Assassinato de Marat na Interpretação dos Reclusos do Manicómio de Charenton sob a Direção do Marquês de Sade». Ano da Tablete de Chocolate *Dove* de Tamanho Experimental. Poor Yorick Entertainment Unlimited. James O. Incandenza, Disney Leith, Urquhart Ogilvie, Jr., Jane Ann Prickett, Herbert G. Birch, «Madame Psicose», Marla-Dean Chumm, Marlon Bain, Pam Heath, Soma Richardson-Levy-O'Byrne-Chawaf, Ken N. Johnson, Dianne Saltoone. Super 8 mm.; 88 min.; preto e branco; mudo/sonoro. «Documentário interativo» ficcional sobre a produção teatral em Boston da obra dentro da obra de Weiss na qual o realizador do documentário (Incandenza) que está quimicamente afetado interrompe repetidamente as graças estúpidas dos reclusos e os diálogos entre Marat e Sade para discursar incoerentemente sobre as implicações do método de representação de Brando e do teatro da crueldade de Artaud na industria cinematográfica norte-americana do entretenimento; irrita o ator que faz de Marat (Leith) a ponto de causar uma hemorragia cerebral e sofrer um colapso muito antes da morte de Marat, o que leva a que o encenador quase cego da peça (Ogilvie) confunda o ator que faz de Sade (Johnson) com Incandenza atirando Sade para o banho medicinal de Marat e estrangulando-o, o que leva a que a figura extradramática da Morte («Psicose») desça *deus ex machina* para levar Marat (Leith) e Sade (Johnson) enquanto Incandenza fica enjoado e vomita para cima do público que ocupa toda a primeira fila do teatro. CELULOIDE DE PROJEÇÃO SINCRONIZADA DE 8 MM. SEM DISTRIBUIÇÃO DEVIDO A LITÍGIO JUDICIAL E INTERNAMENTO HOSPITALAR.

Too Much Fun/ Divertimento a mais. Inacabado. SEM DISTRIBUIÇÃO.

The Unfortunate Case of Me/O Infortúnio do Meu Caso. Inacabado. SEM DISTRIBUIÇÃO.

Sorry All Over the Place/Lamentos em Todo o Lado. Inacabado. SEM DISTRIBUIÇÃO.

*Infinite Jest (V?)/*A Piada Infinita (V?). Ano da Tablete de Chocolate *Dove* de Tamanho Experimental. Poor Yorick Entertainment Unlimited. «Madame Psicose»; sem mais dados definitivos. Espinhoso problema

para os arquivistas. Último filme de Incandenza; a morte de Incandenza ocorreu durante a pós-produção. Muitas autoridades arquivistas classificam a obra como inacabada e inédita. Outras classificam-na como a finalização de *Infinite Jest (IV)*, na qual Incandenza também usou «Psicose» e, por isso, datam-na do APMT. Embora não haja sinopse nem relato de visionamento académicos, dois curtos ensaios no *Cartridge Quaterly East* afirmam ser a obra mais extraordináriad e mais divertida e fascinantee de [James O. Incandenza]. Os arquivistas da costa oeste indicam que o formato é «16... 78...mm.», baseando-se em alusões críticasf a «experiências radicais na perspetiva ótica e no contexto dos espectadores» que presumivelmente caracterizam *IF (V?)*. Ainda que o arquivista canadiano Tête-Bêche afirme que o filme está acabado e foi privadamente distribuído por PYEU de acordo com instruções contidas no testamento do cineasta, todas as outras filmografias dão o filme como inacabado ou SEM DISTRIBUIÇÃO, tendo sido a cópia original destruída ou enterrada *sui testator*.

25 Na realidade, talvez entre julho e outubro.

26 Encefalina sinteticamente processada, parecida de certo modo com um opiáceo como a pentapéptida ou a chamada endorfina fabrica na espinha dorsal humana, um dos compostos proeminentemente relacionados com o terrível escândalo «Porta do Cadáver», que fez cair muitos diretores funerários no Ano do Frango Maravilha Perdue.

27 Calão subdialetal do Centro de Boston, de origem desconhecida, que significa canábis, ganza, erva, chamon, porro, charro, xito, haxixe, marijuana, *kif*, etc. *Bing Crosby* designa a cocaína e os *speeds* orgânicos e, inexplicavelmente, *Doris* refere-se às drogas sintéticas.

28 Inibidores da monoamina oxidasa, um venerável tipo de antidepressivos/ansiolíticos, entre os quais se conta o *Parnate*, um produto da SmithKline Beecham. O *Zoloft* é hidrocloreto de sertralina fabricado por Pfizer-Roerig, um inibidor da serotonina não muito diferente do *Prozac*.

29 Terapia Eletroconvulsiva.

30 Solução oftálmica, uma espécie de *Visine* turbopropulsado, distribuída comercialmente por Wyeth Labs, com o seu próprio copo de plástico azul-farmacêutico que é muito bonito que se olha a contraluz à janela.

31 É o termo que Schtitt utiliza para se referir a DeLint e que tecnicamente significa «irmão espiritual» ou «marido», mas que Schtitt usa sem a menor conotação sexual, disso podemos ter a certeza.

32 *Grosso modo:* «Podem matar-te, mas os pormenores legais para te comer são bastante mais arriscados.»

33 Isto é, Antes da Subsidiação ou início do calendário lunar ONANista sob a tutela do Governo do presidente Gentle; ver *infra*.

34 DEL, esse rebento ainda verde do ramo da matemática pura que se ocupa de sistemas e fenómenos cujo caos supera as próprias Equações Estranhas e os Atraentes Aleatórios das matemáticas de Mandelbrotion, uma reação delimitadora contra as Teorias do Caos propugnadas pelos meteorologistas fractais e os analistas de sistemas; DEL, cujos teoremas pós-gödelianos e provas de inexistência equivalem em certos casos a admissões de derrota extremamente lúcidas e elegantes e ergue as mãos para os céus com completa justificação dedutiva. Incandenza, cujo interesse no fracasso em grande escala nunca fraquejou nas suas diversas carreiras profissionais, se tivesse sobrevivido, teria ficado fascinado com a Dinâmica ExtraLinear.

35 I.e., presumivelmente «de Georg Cantor»; Cantor foi um teórico dos conjuntos do século XX (também

alemão) e fundou mais ou menos a matemática transfinita, o homem que demonstrou que alguns infinitos são maiores do que outros infinitos e cuja Prova Diagonal dos anos 50 demonstrou que pode haver uma infinidade de coisas entre duas coisas por mais perto que essas duas coisas estejam; esta Prova D. influenciou profundamente o conceito do doutor J. Incandenza sobre a estética transestatística do ténis de alto nível.

36 Baixo bávaro para uma coisa do género de «deambulando sozinho num território desolado e confuso para lá de quaisquer limites cartografados e sem marcos orientadores», supostamente.

37 Cadeira de rodas.

38 Fenómeno fantasmaticamente de luz e de sombras monstruosas que é característico de certas montanhas; por exemplo na I Parte do *Fausto* de Goethe, uma maratona de dança de seis dedos tipo Sonho da Noite de Walpurgis no Harz-Bröcken em que se descreve um clássico *Bröckengespenstphänom*. (*Gespenst* significa espectro ou aparição.)

39 Superior de Marathe na AFR[a], chefe da célula dos Assassinos de Cadeira de Rodas nos EUA, antigo amigo de juventude dos falecidos irmãos mais velhos de Marathe, ambos atropelados e mortos por comboiosb.

a. *Les Assassins des Fauteuils Rollents,* i.e., Assassinos de Cadeira de Rodas, provavelmente a célula terrorista anti-ONAN mais temida e rapace de Quebeque.

b. Vide nota 304 *infra*.

40 Por outras palavras, M. Fortier e a AFR (tanto quanto Marathe sabia) julgavam que Marathe funcionava como uma espécie de «agente triplo» ou dúplice «agente duplo»: por ordem de Fortier, Marathe tinha fingido aproximar-se do BSS pedindo uma troca de informações sobre as atividades da AFR anti-ONAN a troco de proteção e tratamento médico para a mulher gravemente doente. Apenas Marathe (tanto quanto Marathe sabia) e um punhado de agentes do BSS sabem que Marathe agora só *finge* que finge atraiçoar, que M. Steeply está perfeitamente consciente de que Marathe responde ao chamamento do BSS segundo aquilo que Fortier julga ser o seu (dele, Fortier) total conhecimento, que M. Fortier (tanto quanto Marathe e Steeply podem saber) não está consciente de que Steeply e o BSS estão conscientes de que Fortier está consciente dos encontros de Marathe com Steeply, e que a morte violenta de Marathe representaria o menor dos seus (dele, Marathe) problemas se os seus compatriotas de Mont-Tremblant chegassem a suspeitar de que a sua lealdade estava equitativamente distribuída.

41 Calão intra-ONAN para «servir de agente duplo»; o mesmo c/ «triplo» e assim por diante.

42 O «importante» parece ser que os dirigentes da AFR de Marathe acreditavam que ele só fingia traí-los a fim de garantir a evoluída tecnologia cardiológica e protésica estado-unidense para a mulher; mas como efetivamente ele os traía (aos dirigente, à pátria) talvez por causa dessa tecnologia médica, ele finge fingir.

43 Inflamação crónica do íleo delgado e do tecido adjacente, assim batizada em duvidosa honra de um certo doutor Crohn em 1932 (A.S.).

44 Eufemismo da profissão para interrogatório involuntário, tanto com como sem incentivos físicos.

45 Ver nota 304 *infra*.

46 Sendo um produto tópico de venda às claras para o tratamento cortical da pele, a tintura de benzoína

facilita o desenvolvimento daqueles tipos de calos que não fazem bolhas de sangue. É muito mais comum e universal entre os verdadeiros jogadores do que o *Lemon Pledge*. Muitos jogadores, porque acham nauseabundo o cheiro da tintura de bezoína, preferem aplicar uma camada de fécula de milho ou talco de bebés, que torna mais fácil a remoção da tintura mas que também deixa estranhas pequenas impressões digitais brancas onde quer que se toque.

47 *Le Front de la Libération de la Québec*, uma célula mais jovem e mais desordeiro e menos implacavelmente profissional do que a AFR que simbolicamente adota certas características culturais, musicais e temáticas associadas com o Havai, pretensamente uma forma irónica de sublinhar a ideia de que o Quebeque também é uma espécie de anexo ou território dos EUA, uma província canadiana apenas no papel, e separada da sua verdadeira nação opressora por distâncias espaciais e culturais que são inultrapassáveis.

48 Progressivo estreitamento assimétrico dos seios cardíacos; pode ser de origem aterosclerótica ou neoplásica; raro antes da Interdependência continental, é agora a terceira causa de morte entre os adultos do Quebeque e de New Brunswick e a sétima entre os adultos do Nordeste americano; está associado à exposição crónica de baixo nível aos compostos 2,3,7,8 do tetraclorodibenzo P-DI e –trioxina.

49 *Sic* redundância.

50 Estes rufiões também são conhecidos, no círculo do velho fundador dos Alcoólicos Anónimos, do Grupo Bandeira Branca dos Alcoólicos Anónimos de Enfield, como «Os Crocodilos».

51 Sintaxe *sic* que tinha ajudado a motivar a senhora Avril Incandenza – cujas cartas Op-Ed e queixas formais tinham aparentemente sido ignoradas a todos os níveis políticos – a ajudar a fundar os Gramáticos Militantes de Massachusetts, a partir daí um espinho cravado no flanco de publicitários, empresas e todos aqueles que põem em causa a integridade do discurso público – ver *infra*.

52 O exame de Cromatografia de Gás e Espectrometria de Massa utiliza um bombardeamento de partículas e um ião positivo que é lido pelo espectrómetro. É o teste padrão de opções para as corporações e instituições desportivas, muito menos dispendioso do que as análises cromossomáticas de amostras de cabelo e é, além disso – sempre que se observem estritamente os controlos do impacte do ambiente no *hardware* –, muito mais completo e fidedigno do que os velhos testes de urina EMIT e Abus Screen/RIA.

53 O *Eschaton* é uma versão modificada com participantes reais e campos de ténis do jogo EndStar ROM de conflagração nuclear.

54 A saber: Gramática Prescritiva (Grau 10), Gramática Descritiva (11) e Gramática e Sentido (12).

55 Hal, que crê que o termo mais preciso para descrever esta situação é *ser subornado* e não *ser alvo de uma cilada*, a não ser que o telefonema seja feito pela própria polícia, reserva a sua opinião e basicamente passa adiante.

56 ... ou PMA, ou «Ferida Grave», princípio ativo da miristicina, ou de sementes de trepadeira-elefante-havaiana, ou a ibogaína da iboga africana, ou a harmalina do iagê... ou a mosca-agárica do fungo conhecido como muscimol, cujo derivado DMZ de certa maneira se lhe assemelha quimicamente, como um *F-18* se pode parecer com um *Piper Cub*...

57 Os relatos dos consumidores sobre as consequências percetivo-temporais do DMZ na literatura

disponível, no que respeita a Pemulis, são vagos, pouco elegantes e místicos, à maneira de *O Livro dos Mortos* tibetano; resumindo, nada rigorosos nem referencialmente nítidos. Uma relação que Pemulis não compreende de todo, mas da qual pelo menos capta que o núcleo neurotitilante é uma citação de um litógrafo italiano que ingeriu DMZ numa dada ocasião e fez uma litografia em que se comparava sob o efeito do DMZ a uma escultura futurista avançando a toda a gáspea através do tempo, cinético mesmo em estase, lavrando temporalmente para diante, com o tempo que saía dele como água de aspersores e esteiras.

58 Conselheiro em Abuso de Substâncias Certificado (pela Comunidade de Massachusetts).

59 Hidrocloreto oxicodone com acetaminofeno, Classe C-II, Du Pont Pharmaceuticals.

a «Os Patologistas Hilariantes: Obras Exemplares da *Après-Garde* Anticonfluencial: Algumas Análises do Movimento à Estase no Cinema Conceptual Norte-Americano (Beth B., Vivienne Dick, James O. Incandenza, Vigdis Simpson, E. e K. Snow)», de Comstock, Posner e Duquette. ONANite Film and Cartridges Studies Annual, vol. 8, n.ºs 1-3 (AHW), pp. 44-117.

b Com a possível exceção de *Cage II-Free Show*/Jaula III – Espetáculo Gratuito, a série Cage de Incandenza não tem qualquer relação discernível com *The Cage*, o clássico de Sidney Peterson.

c V. «Será que James O. Incandenza produziu alguma vez uma obra genuinamente original ou inapropriada ou não derivativa?», de Romney e Sperber, *Post-Millennium Film Cartridge Journal*, 7-9, (outono/inverno, AFMP), pp. 4-26.

d E. Duquette, «Beholden to Vision: Optics and Desire in Four Après Garde Filme», *Cartridge Quaterly East*, vol. 4, n.º 2, Y.W. -Q.M.D., pp. 35-39.

e Anónimo, «Seeing v. Believing», *Cartridge Quaterly East*, vol. 4, n.º 4, YW-QMS, pp. 93-95.

f *Ibidem*.

60 Substituindo o velho Centro de Estudantes J.A. Stratton, em estilo georgiano, muito perto da Avenida Massachusetts, esventrado com C4 há mais de doze anos, durante os chamados «distúrbios linguísticos do MIT».

61 Movimento digital *après-garde*, também conhecido como «Paralelismo Digital» ou «Cinema de Estase Caótica», caracterizou-se por uma recusa teimosa e talvez intencionalmente irritante de qualquer linha narrativa que pudesse conduzir a um tipo de confluência significante; esta escola, em certo sentido derivada da narrativa bradycinética de Antonioni e do formalismo dissociativo de Stan Brakhage e Hollis Frampton, influenciou períodos das carreiras da malograda Beth B., dos irmãos Snow, de Vigdis Simpson e do falecido J.O. Incandenza (no seu período intermédio).

62 No zénite do movimento de autoajuda coletiva, em meados dos anos 90 AS, calcula-se que havia nos EUA mais de seiscentas irmandades completamente diferenciadas, mas todas baseadas em etapas e seguindo o modelo, ainda que de uma maneira herética ou polémica, das «12 Etapas» dos Alcoólicos Anónimos. No ARIAD, o número caiu para cerca de um terço daquele.

63 (analogia do estudante-técnico)

64 Este aspeto não é cem por cento certo, mas há algum consenso quanto ao facto de que T e Q são os cursos básicos que remetem historicamente para o equivalente do século XVIII dos diplomas HS e BA ou talvez MA, respetivamente, em centros de vetusto classicismo como as Universidades de Oxford e Cambridge durante os tempos de Samuel Johnson – mais ou menos o durão dos estudos gramático-léxico-pedagógicos – e que *trivium* obriga a estudar Gramática, Lógica e Retórica, e se a pessoa ainda se aguenta

de pé passa para o *quadrivium* da Matemática, Geometria, Astronomia e Música, e nenhuma destas disciplinas – incluindo as potencialmente leves Astronomia e Música – é de facto leve, razão pela qual todos estes retratos clássicos e neoclássicos BA.s e D.Phil.s de Oxford e Cambridge têm um ar tão pálido, gasto, angustiado e sombrio. Para não mencionar que o único dia sem aulas na ATE é o domingo, em parte para compensar os dias que se perdem nas digressões; e o domingo sem aulas na ATE é um dia de sessão tripla nos campos, o que leva as pessoas alheias a academias a considerarem isso uma brutalidade quase fanática. Para mais pedagogia geral, veja-se o antiquado (AS) e um pouco desleixado *Revival of the Humanities in American Education* («Renascimento das Humanidades na Educação Americana»), de P. Beesley, ou, ainda melhor, a versão atualizado da referida obra da autoria da Dra. A.M. Incandenza, com a prosa revista, erros tipográficos erradicados e os argumentos mais agudamente afinados, e disponível em CD-ROM através de InterLace@cornup3.COM ou em edição de capa mole de Cornell University Press, 3.ª edição©, Ano do Penso Medicinal *Tucks*.

65 Alcunha na ATE de Residência do Reitor.

66 Alguns membros do MIT são compulsivos quanto a gravar os programas e voltar a ouvir a música e tentar encontrá-los em lojas e arquivos da Universidade, de uma maneira que não se diferencia muito daquilo que os pais deles faziam tardes inteiras tentando analisar cuidadosamente as letras dos REM e dos Pearl Jam, etc.

67 Um par de funcionários de segurança do Hospital de Saúde Pública da Marinha de Enfield conhece Hal Incandenza da ATE por ter conhecido o irmão dele, Mario, quando James O. Incandenza os utilizou como figurantes (seguranças) de segundo plano tanto em *Marque C para Concupiscência* como em (pelo menos) *Três Vivas pela Causa e pelo Efeito*. Estes funcionários param às vezes na taberna The Unexamined Life nas noites dedicadas ao Segurança Cego em que Hal também está com Axford; Hal frequenta-a bastante menos que Axford, Struck e Troeltsch, que raras vezes perdem as noites temáticas Traga-a-Sua-Identificação-Braille em The Unexamined Life e parecem capazes de funcionar nos treinos matinais mesmo depois de vários copos com guarda-sóis ou das especialidades da casa, as «chamas azuis», bebidas à base de conhaque que é preciso apagar antes de serem bebericadas por grandes copos de bordas azuladas. Os seguranças são jovens bostonianos normais, grandes e burros com origens de colarinho (literalmente) azul, cujas placagens começaram a perder força, com as mandíbulas irritadas pelas giletes e arroxeadas pelo gim, que às vezes obsequiam os da ATE com histórias sobre os espécimes mais curiosos de que devem tomar conta. Há qualquer coisa de compulsivo no especial interesse dos seguranças pelos catatónicos crónicos da Unidade # 5. Os seguranças chamam «A Barraca» à Unidade # 5 porque, segundo eles, os residentes mais parecem estar *armazenados* que alojados. Os seguranças pronunciam *armazenados* com um sotaque pretensioso. Referem-se aos catatónicos crónicos como *objetes darte*, coisa que Don G., da # 6, nunca conseguiu entender. Depois de alguns *cocktails*, contam muitas vezes curiosas histórias sobre vários *objetes darte* de A Barraca, e outras das razões por que as obsequiam aos da ATE apenas quando Hal está presente em The Unexamined Life reside no facto de Hal parecer o único dos da ATE verdadeiramente interessado, que é aquele género de coisa que os seguranças lícias veteranos fora de serviço conseguem sempre captar. Por exemplo, um dos *objetes darte* de que falam é a senhora que se senta muito imóvel com os olhos fechados. Explicam que essa senhora não é catatónica no sentido estrito de *catatónico*, mas uma «DF», que é o calão dos manicómios para *Debilitantemente Fóbico*. O caso dela é que parece estar quase psicoticamente aterrorizada com a possibilidade de ser cega ou paralítica ou ambas as coisas. Por isso,

mantém os olhos fechados durante as vinte e quatro horas dos trezentos e sessenta e cinco dias do ano, partindo da noção de que enquanto mantiver os olhos fechados pode ter esperança na possibilidade de, se os abrir, poder ver, dizem eles; mas se ela efetivamente os abre e não pode ver, raciocina ela, então perderá essa margem preciosa e mínima de esperança de talvez não estar cega. Depois passam para o facto, idêntico ao primeiro, de que deve manter-se perfeitamente imóvel devido à fobia de ficar paralítica. Depois de cada história (os guardas já estão rotinados nisso), o segurança mais baixo usa a língua para mover o pequeno guarda-sol verde de um lado para o outro da boca enquanto segura o copo com as duas mãos e faz as mandíbulas acordeonizar ao mexer a cabeça para baixo e para cima e afirmar que aquilo que é mais aterrador é que o sintoma comum unificador da maioria dos *objetes darte* de A Barraca é um terror tão aterrorizador que de certa maneira torna real aquilo de que se tem medo, observação esta que causa sempre nos dois operários burros e grandes um idêntico e quase delicioso tremor ao mesmo tempo que empurram os chapéus para trás e sacodem as cabeças diante dos copos enquanto Hal, depois de ter pensado num desejo, apaga com um sopro a segunda «chama azul» que lhe foi oferecida.

68 A alcunha de «O Viking» atribuída a Freer é invenção sua e só ele a usa, pois todos se referem a ele como «Freer» e consideram que se trata de uma típica e patética característica dele andar sempre a tentar que lhe chamem «O Viking».

69 Na=Narcóticos Anónimos; CA=Cocainómanos Anónimos. Nalgumas cidades também há Psicadélicos Anónimos, Nicotinómanos Anónimos (igualmente chamados Na, o que causa confusão), Viciados em Drogas Sintéticas Anónimos, Esteroidicos Anónimos e (especialmente em e nos arredores de Manhattan) Prozaquianos Anónimos. Em nenhuma destas fraternidades anónimas é possível, em última instância, deixar de tratar da questão de Deus.

70 Para não mencionar, segundo algumas escolas de 12 Fases mais ortodoxas, o ioga, a leitura, a política, mascar pastilha elástica, as palavras cruzadas, jogos de solitário, as intrigas românticas, o trabalho de benemerência, o ativismo político, ser sócio da NRA, a música, a arte, a limpeza, a cirurgia plástica, o visionamento de cartuchos mesmo a uma distância normal, a lealdade de um bom cão, o fervor religioso, a implacável impotência, o implacável ato-de-fazer-o-inventário-de-alguém, a sucessão quase *ad infinitum* de escolas de 12 Fases de pensamento ortodoxo, incluindo fraternidades de 12 Fases propriamente ditas, de modo que às vezes circulam na comunidade de Alcoólicos Anónimos de Boston amáveis histórias sobre certas pessoas incrivelmente avançadas e de linha dura que superaram potenciais escapes atrás de potenciais escapes até que no final, segundo as referidas histórias, acabam sentadas numa cadeira, nuas num quarto sem móveis, imóveis mas também sem dormir nem meditar nem abstrair-se, demasiado avançadas para tolerar a mera ideia de um potencial escape emocional e fazer alguma coisa, e para ali ficam sem movimento nem escape até que muito tempo depois a única coisa que resta na cadeira vazia é uma poeira muito fina, uma espécie de cinza esbranquiçada, que se pode limpar completamente com uma simples toalha de papel humedecida.

71 O lema dos Alcoólicos Anónimos de Boston e/r/a este fenómeno é o seguinte: «Não se pode desfazer o que foi feito.»

72 Sobre este gerente paquistanês e antepassados e pequeno bigode de rato e estilo de gerência oficioso, McDade tem uma ou duas coisitas muito curiosas para contar, rapaz.

73 Uma das tarefas menores que devem ser realizadas pelos pró-reitores graduados é a de supostamente

andarem pelos diferentes subdormitórios fiscalizando os quartos para verem se as camas estão impecavelmente bem-feitas, com pequenos exercícios suplementares acrescentados aos regimes de fazer camas, e os tubos de pasta dos dentes bem fechados e devidamente guardados, embora poucos pró-reitores tenham a combinação de analidade e dinamismo para visitar os quartos atribuídos com uma lista; as exceções são Aubrey DeLint, Mary Esther Thode e Tony Nwangi, o queniano com cara de machada, que tem a suíte de Pemulis/Troeltsch/Schacht sob constante e apertado escrutínio.

74 A Taça Davis é para homens e a Taça Wightman para senhoras.

75 O medo íntimo de Hal é que Tavis queira que ele exiba a sua competitividade e a sua dignidade pessoal desafiando John Wayne, que nunca perdeu mais de três jogos por *set* quando jogou com Hal, para agradar aos antigos alunos e patronos da ATE nas exibições de novembro, altura em que é realizada a recolha de fundos, embora isto seja improvável imediatamente antes do Torneio WhataBurger, porque o mais provável é que Hal e Wayne se defrontem nas semifinais e, aliás, Schtitt não iria gostar que Hal tivesse na cabeça uma tareia antes de um torneio importante.

76 Quando Hal Incandenza era criança, pensaram que sofria de uma forma de Desordem de Défice de Atenção – por um lado, porque lia tão depressa e demorava tão pouco tempo em cada nível dos videojogos de CD-ROM e, por outro, porque os especialistas pensavam que um rapaz rico que estivesse ligeiramente a bombordo ou a estibordo do cume da curva de Bell sofria certamente de DDA. Durante algum tempo houve mudanças de especialistas e como muitos dos especialistas eram veteranos de Mario e estavam pré-condicionados para encarar Hal como estando deteriorado; mas graças à sabedoria de diagnóstico do Centro de Desenvolvimento Infantil de Brandeis, as avaliações das possíveis lesões de Hal foram não só contestadas mas também revertidas para a outra extremidade do *continuum* Atrasado-Dotado e durante grande parte da sua imberbe infância Hal foi classificado como «sobredotado» e «dotado», embora este alto nível cerebral se tenha parcialmente devido ao facto de o diagnóstico do CDIB não ser muito ajustado quanto à distinção entre dotes naturais e o interesse e o esforço monomaniacamente obsessivos de jovem Hal, como se Hal tentasse, como se a sua própria vida estivesse em jogo, agradar a uma pessoa ou a várias mesmo quando ninguém tinha sugerido que a vida dele dependia de parecer dotado ou precoce ou até excecionalmente complacente. E quando ele começou a decorar dicionários inteiros, *software* de verificação lexical e manuais de sintaxe, e teve mesmo a oportunidade de recitar uma parte daquilo que tinha guardado no seu RAM a uma mãe orgulhosamente displicente ou a um pai que nessa altura não parecia estar muito interessado na vida familiar, naqueles tempos de atuações públicas e de prazer, no início dos anos 90 o distrito escolar de Weston tinha organizado concursos interescolares de leitura, memória e ortografia chamados «A Batalha dos Livros» que para Hal representaram triunfos e reconhecimento público. Quando extraía tudo o que precisava da sua memória para o recitar sem falhas diante de certas pessoas, sentia essa pálida e doce auréola que os resquícios do LSD conferem, uma espécie de coroa leitosa, quase um halo de aprovada graça, tornada ainda mais leitosa pela impecável displicência da mã, que deixava bem claro que o valor dele não dependia de ficar em primeiro ou segundo lugar.

77 É garantido que Pemulis, durante o verão (reside na ATE no verão mas não se qualificou para a digressão europeia desde o AFMP), tinha feito e distribuído (a preço de custo) algumas cópias de um jogo de TC muito divertido de baixa memória cuja parte gráfica apresentava uma fotografia de DeLint e uma maqueta do painel do inferno do tríptico d'*O Jardim das Delícias*, de H. Bosch; este jogo continua a gozar de um certo apreço a altas horas da noite entre os menores de dezasseis anos.

78 (Sujeito à ratificação pela Comissão de Supervisão do Departamento de Pesos e Medidas da ONAN do contrato entre GFR Co., de Zanesville, Ohio, e o Departamento dos Serviços Não Especificados dos Estados Unidos, Vienna, Virgínia, 15 de dezembro do ARIAD.)

79 E não vale a pena mencionar que sem uma dessas notas de suicídio ou afetuosas despedidas gravadas em vídeo de doentes terminais cujos chamamentos digitais do além foram, depois de um breve período de moda videofónica, por volta do Ano da Tablete de Chocolate *Dove* de Tamanho Experimental, exclusivamente usados por pessoas ordinárias e de mau gosto, com as mais ordinárias a usarem *tableaux* de mortos célebres como Elvis ou Carson para comunicar as suas despedidas.

80 Orin Incandenza sabia que Joelle van Dyne e o doutor James O. Incandenza não eram amantes; a senhora Avril Incandenza não sabia que não eram amantes, embora na época em que Jim a conhecera não estava em condições de ser amante de ninguém, neurologicamente falando, ainda que não fosse claro para Joelle se Avril sabia porque Jim e Avril não tinham intimidades, isto é, conjugais, desde há muito tempo, embora Jim desconhecesse a razão exata pela qual Avril era tão veemente acerca da sua falta de intimidade até ao incidente com o *Volvo*, onde aparentemente Avril estava com alguém (Orin não dizia quem nem se sabia quem) no *Volvo* e tinha escrito despreocupadamente – e desastrosamente, fosse ou não com intenção inconsciente – e presumivelmente tinha escrito no pós-coito o nome dessa pessoa no vidro embaciado, mas o nome havia desaparecido com o vapor, embora tivesse reaparecido quando o carro foi aquecido, como aconteceu quando James conduzia a caminho desta moradia para filmar Joelle na maternal cena com lentes oscilantes do monólogo «Como lamento» da última coisa que fizera; nunca a havia mostrado a Joelle, dando instruções para que metessem no seu caixão esse cartucho, isto no mesmo testamento em que tinha deixado a Joelle uma anuidade absurda (que financiava o vício) que Avril nunca se havia rebaixado a impugnar judicialmente, mas que a levava a crer com alguma solidez que tinham sido amantes, Joelle e Jim.

81 «Teoria e Práxis no Uso do Vermelho por Peckinpah», *Classic Cartridge Studies*, Vol. IX, n.º 2 & 3, YY207MRCVMETIUFI/ITPSFH,O,OM(s).

82 Talvez como reação psicótica aos hábitos de limpeza compulsiva de mã, tanto Orin, quando estava na ATE, como agora Hal são dois desleixados de marca maior. No caso de Hal, isto é facilitado pelo facto de que o pró-reitor do terceiro piso do Subdormitório C é o incrivelmente tranquilo e pouco exigente Corbertt Thorp, que é capaz de se ocupar de experiências motivacionais com os jogadores mais jovens, mas que nunca usa uma luva branca para verificar se há pó nas prateleiras. Mario faz sempre a cama, mas convém ter em conta que pouco mais tem que fazer. Os lençóis de baixo de Hal são *Bean-James River*, que condizem em verde e preto com as *Night Watch* de cima. Como edredão usa um saco de dormir verde recheado a fibra de origem e preço desconhecidos, já que foi um presente de Natal e não trazia nenhuma etiqueta.

83 Departamento de Polícia de Boston.

84 Disponível em CD-ROM via InterLace @deltad3.COM ou em livro de bolso (resto de edição), divisão Delta/Delacorte de Bantam-Doubleday-Dell-Little, Brown, por sua vez uma divisão de Bell Atlantic/TCI.

85 Sem filiação académica.

86 A digressão júnior da ONANTA permite que se tenham garrafas de oxigénio junto do campo desde que ocorreu a infeliz embolia em Raleigh, Carolina do Norte.

87 Ver nota 24 *supra.*

88 Desde a denúncia de roturas endémicas e misteriosas e desde que um representante da Dunlop, vindo da ATE para Allston a fim de sair de Boston, viu não um mas três rapazes em lugares diferentes a esgrimir novas e brilhantes raquetas *Dunlop* que eram de promoção, a Dunlop levou o caso a tribunal, quase com base numa acusação de Associação para Cometer Fraude, em YY2007MRCVMETIUFI/ITPSFH, O, OM(s).

89 A questão é que não se torna claro no dia a dia o que significa esta coisa de uma pessoa se não importar ou como se pode esperar que se importe apaixonadamente ou se não importe nada, ou como pode gastar-se uma espantosa quantidade de energia psíquica interna para tentar chegar a uma compreensão aceitável disto tudo, em especial entre os dezasseis e os dezoito anos, mas nada disto é acidental nem uma fraqueza da pedagogia da ATE, na opinião de Schtitt, embora um contingente considerável da ATE pense que Schtitt está passado e tem a cabeça cheia de números e que se deixa levar pelas estatísticas redutivas e pelas notas da prancheta do pró-reitor DeLint, o que pelo menos dá uma ideia bastante exata de onde se está, comparativamente, em todos os momentos.

90 Exemplo:

EXCERTOS SELECIONADOS DAS HORAS DE INTERFACE INFORMAL E INDIVIDUAL DE D.W. GATELY, FUNCIONÁRIO INTERNO DO CENTRO ENNET HOUSE PARA A REABILITAÇÃO DO ÁLCOOL E DAS DROGAS, ENFIELD, MASSACHUSETTS, IMEDIATAMENTE DEPOIS DA REUNIÃO EM BROOKLINE POR VOLTA DAS 23H29 DE QUARTA-FEIRA, 11 DE NOVEMBRO DO ARIAD

– Receio que tenha pura e simplesmente de negar a insinuação de que é desleal ou ingrato sentir-me perturbado por certas incoerências *clamorosas* neste programa mestre, entre comas, que esperais que engulamos cegamente e depois andemos por aí com os olhos alucinados e os braços esticados à nossa frente a palrar, a recitar.

– Geoff...Geoffrey, não me parece que alguém esteja a insinuar o que quer que seja, meu irmão. Sei que não estou a tentar fazer isso.

– Não, tu limitas-te a ficar para aí sentado e de braços cruzados movendo a cabeça com a infinita paciência que veicula condescendência e juízo sem exposição à responsabilidade de dizer alguma coisa em voz alta.

– Quando me mostro paciente talvez esteja a tentar ser paciente comigo mesmo por não ter acabado a escola e por aí fora, além de estar a tentar entender o que tu dizes.

– A tática de Alcoólico Anónimo para tentar mascarar a condescendência atrás da humildade...

– Acho que estou apenas triste com o facto de hoje te sentires frustrado com o programa. Também me acontece isso muitas vezes. Por isso não sei o que possa dizer para te ajudar a não ser o que me dizem a mim, que aguente.

– Um dia de cada vez, um dia de cada vez.

– Companheiro, é a única coisa que tenho para te dizer que tenha funcionado comigo. Sei que não importa se houver dias em que *odeio* isto. Só que tenho de aguentar. E não me vai ajudar, ou a quem quer que seja, passar mensagens negativas aos recém-chegados nem tentar confundi-los com quebra-cabeças sobre Deus.

– Caro senhor Gately, encontro-me aqui esta noite noutra reunião de Alcoólicos Anónimos cuja mensagem principal é a importância de assistir a mais reuniões de Alcoólicos Anónimos. É muito irritante assistir a reuniões apenas para que nos digam que temos de assistir a mais reuniões.

– Percebo.

– Como se, quer dizer, o que supostamente vai ser comunicado nessas reuniões *futuras* a que me exortam a assistir não possa ser comunicado *agora*, *nesta* reunião, em vez da melíflua recitação de exortações para assistir a essas vagas reuniões futuras em que nos vão transmitir a revelação?

– Faço o que posso para seguir as tuas palavras, companheiro Day.

– E esta noite volto a sentar-me nesta cadeira coxa, cultivando este passivo e congelado estado mental que é *claramente* o que estão a tentar inspirar nos efebos, ao lado de um Emil M. definitivamente *fragrante*, tentando manter aberta com toda a força a minha pobre e confusa mente inclinada para a denegação, ouvindo este universitário de Yale de calças amarelas pormenorizar episódios de *tremens* cujo carácter macabro interditou qualquer possível identificação...

– Lembro-me de ter ouvido a Pat dizer-te que pensar que as pessoas que vão à tua frente te estão a seguir é um tipo bastante mau de D.T., companheiro.

– E eu in*formei*-a de que há uma tática bastante conhecida de vigilância denominada *Caixa* que implica que certos membros da equipa de vigilância se posicionem *diante* do sujeito.

– Só que não me lembro de que me tenhas explicado por que razão um professor de Sociologia que vai do quarto para o quinto bar é suficientemente importante para que quatro tipos de uma conspiração qualquer que nunca mencionaste estejam a organizar esta realmente complexa vigilância.

– ...

– Só que acabei por interromper o ponto de vista que estavas a partilhar connosco. Desculpa.

– A tua decência básica é a razão que me leva a contar-te os meus pensamentos, Don. Sabes disso.

– Isso faz-me sentir bem, companheiro Day.

– Isto é, com quem mais posso falar? Com a rapariga que tira o olho para se pôr a acaricia-lo? Com o pobre Ewell, obcecado como está pelas tatuagens? Com o *Lenz*?

– Faz-me sentir bem que penses que sou suficientemente decente para falares comigo. Deve ser por isso que estou aqui. É claro que eu também precisei de falar ao princípio. Lembras-te do que estavas a dizer quando te interrompi?

– De uma coisa que esse tal académico disse, um gracejo de Alcoólico Anónimo. O tipo disse que só um recém-chegado num milhão assiste a uma reunião de Alcoólicos Anónimos sem realmente ter que ver com aquilo.

– Quer dizer que então não sofre da doença.

– Isso mesmo. E disse, e cito, que – olhando-te diretamente nos olhos com aquela expressão cansadamente divertida que se deve praticar diante do espelho – só um recém-chegado entre um milhão não tem realmente nada que ver com este lugar, e que se tu pensas que és essa pessoa, então estás mesmo no sítio certo, o que levou toda a gente a rir-se às gargalhadas, a bater com os pés no chão, a deitar café pelo nariz, a limpar os olhos com as palmas das mãos e a dar cotoveladas uns aos outros. Uivavam de riso.

– Mas tu nem sequer sorriste.

– E toda a gente classifica como ingratidão ou denegação aquilo que é na verdade *horror*, Don. O horror de reconhecer que se tem aparentemente um problema com sedativos suaves e bom *chianti*, querendo com toda a sinceridade dar o máximo de oportunidade a uma modalidade de tratamento que milhões de pessoas juram tê-las ajudado a resolver os seus problemas.

– Estás a falar dos Alcoólicos Anónimos.

– De querer muito acreditar, e tentar, e depois descobrir, com *horror*, que o programa está carregado de

falácias óbvias e idiotas e *reductia ad absurdum* que...

– Preciso que repitas essas palavras para poder continuar a seguir o que dizes, Geoffrey, se é que queres que me mantenha a teu lado. E peço desculpa se te parecer condescendência da minha parte.

– Don, sou sincero se te disser que me *assusto* muito quando descubro que este programa pretensamente milagroso tem coisas que carecem pura e simplesmente de sentido. Que são incoerentes. Que não têm nada de racionais.

– Estou contigo nisso, companheiro.

– O exemplo desta noite de um num milhão, digamos. Don, deixa que te faça uma pergunta, Don. Com toda a franqueza. Por que razão não estão nos Alcoólicos Anónimos todos os seres humanos?

– Volto a não ser capaz de acompanhar o teu raciocínio, Geoffrey.

– Don, por que raio todos os bípedes sem penas deste mundo não estão habilitados a entrar nos Alcoólicos Anónimos? De acordo com o pensamento da associação, por que não é toda a gente em todo o lado alcoólica?

– Bem, Geoffrey, esta coisa de assumir a doença é uma decisão de carácter pessoal, ninguém pode dizer a outra pessoa que é...

– Mas ouve-me só um momento, Don. Segundo a lógica manifesta dos Alcoólicos Anónimos, toda a gente devia estar na associação. Se se tem um problema com substâncias, então pertence-se aos Alcoólicos Anónimos. Mas se se disser que *não* se tem um problema com substâncias, por outras palavras, se se denegar que se tem um problema com substâncias, então está-se por definição em estado de denegação e, portanto, parece que é muito mais importante fazer parte dos Alcoólicos Anónimos para destruir essa denegação do que os que são capazes de admitir que tem o problema.

– ...

– Não olhes para mim dessa maneira. Vê lá se és capaz de expor alguma falha no meu raciocínio. Peço-te que o faças. Diz-me por que razão não está toda a gente nos Alcoólicos Anónimos perante a maneira como a associação considera aquelas que não acreditam que lá pertencem.

– ...

– E agora não sabes o que dizer. Não há nenhum lugar-comum que possas utilizar.

– O lema que me ocorre e que poderia funcionar é: *Análise-Parálise*.

– Que maravilha. Muito bonito. Seja como for, não *penses* na validade daquilo de que dizem depender a tua vida. Não perguntes o que *é*. Não perguntes não se não é uma loucura. Abre-te apenas ao que possa ser.

– Para mim, o lema significa que não há uma maneira estabelecida de discutir material de tipo intelectual em relação ao programa. Capitula para Vencer, Dá para Guardar. Deus como o Compreendes. Não podes pensar nisto como se fosse uma coisa intelectual. Companheiro, confia em mim porque já tive essa experiência. Não consegues fazer uma análise enquanto não estiveres a partir mesas à cabeçada e a tentar descobrir uma causa para te ires embora, para voltar Lá para Fora, onde a doença está. Ou podes ficar e aguentar o melhor que puderes.

– Portanto, a resposta dos Alcoólicos Anónimos a uma pergunta sobre os seus axiomas é invocar um axioma sobre a indiscrição de perguntas desse tipo.

– Não sou o porta-voz dos Alcoólicos Anónimos, companheiro Day. Nenhum indivíduo pode falar em nome dos Alcoólicos Anónimos.

– Estarei a passar as baias se te disser que vejo qualquer coisa de totalitário nisto? Uma coisa que ouso classificar de contrária ao espírito americano? Interditar um questão doutrinal fundamental invocando uma

doutrina contra as perguntas? Não foi este o horror que horrorizou os partidários de Madison em 1791? Adendas I e IX? A minha queixa é refutada porque a minha Petição de Reparação é *a priori* interditada pela indiscrição de todas as petições?

– Já não estou a perceber a ponta de um corno. Francamente não percebes que o que estás a dizer sobre denegação é um bocado amalucado?

– Penso que a tua recusa em responder à minha pergunta significa que tenho razão e que a matriz de Pertença *versus* Denegação dos Alcoólicos Anónimos assenta em areia lógica, em cujo caso é o *horror* ou, de outro modo, quer dizer que estás estupidificado pela pena condescendente que tens de mim e cuja razão me escapa, sem dúvida com origem na denegação, na recusa em aceitar a realidade; por isso tens essa expressão de cansada paciência que me leva a querer *gritar* nas reuniões.

– Então grita. Não podem correr contigo.

– Que reconfortante isso é.

– Isso é uma coisa que eu sei. Não podem correr contigo.

91 Morde-almofadas é um termo de North Shore que Gately conhece desde a sua juventude; este e a palavra que começa por *p* são os únicos termos que ele conhece para homossexual masculino.

92 Diane Prins, Perth Amboy, New Jersey.

93 Uma imagem de ansiedade certeiramente captada por um cartaz em forma de bandeira que DeLint costumava mandar D. Harde colocar todos os outonos por cima das secções seniores dos armários de ambos os vestiários que tinha escrito os vencedores nunca têm de desistir até que um dos outros pró-reitores foi ter com Schtitt e este ordenou a DeLint que o retirasse.

94 Já deve ter sido bem esclarecido que os pró-reitores só dão uma aula marginal por semestre e funcionam como ajudandes de campo do *Lebensgefährtin* Aubrey deLint, que a sua presença na ATE é marginal, o seu prestígio baixo e o seu estado espiritual no baixo *continuum* entre amargurado e complacente; para muitos dos alunos mais neurasténicos da ATE, os pró-reitores são repelentes da mesma maneira que os horrivelmente velhos são repelentes, já que lhes fazem lembrar o destino de purgatório e nulo prestígio que espera os jogadores marginais e de *ranking* baixo; embora um par de pró-reitores seja temido, nenhum é respeitado e são evitados, pelo que eles se unem, formam um grupo e em conjunto dão uma imagem de tristeza generalizada e a sensação pré-universitária de fim da adolescência e de fuga da realidade.

95 *Cor-de-Rosa* significa o primeiro pós-Windows DOS da Microsoft Inc., pouco depois promovido a *Cor-de-Rosa*2 quando InterLace assumiu a cem por cento tudo o que era interativo e digital; no ARIAD já é uma espécie de dinossauro, mas ainda é o único DOS capaz de processar uma árvore Mathpack/EndSat sem ter de parar para recompilar ao fim de alguns segundos.

96 Uma espécie de triste cargo ao estilo de pró-reitor na Administração de Desportos Amadores na minúscula Faculdade Provincial Throppinghamshire em Fredericton, Nebraska, instituição onde Tavis tinha estudado.

97 Uma vez que a maioria dos alunos da ATE não tem propriamente necessidades financeiras (e por certo não Orin Incandenza), as bolsas universitárias adquirem um matiz perverso mas também são compreensíveis, já que têm grande importância como elemento de amor-próprio, porque optar pelo ténis universitário e de digressão equivale em primeiro lugar a admitir a derrota e a renunciar ao magnífico sonho do circuito profissional.

98 E a manter, de uma maneira estranhamente obsessiva mas distante, sob vigilância de Mario, de cuja presença lordósica num quarto Tavis fugia a correr assim como Avril fugia da tentação de pressionar Orin para entrar na Universidade de Boston; por essa razão, quando Orin e Mario entravam numa divisão ouvia-se um estrépito no corredor devido à tremenda colisão causada pelo encontro dos vetores de fuga de C.T. e Avril.

99 Direção-Geral de Finanças de Massachusetts.

100 A maneira como um membro do Grupo Bandeira Branca formula esta ideia é que noventa e nove por cento daquilo que na vida acontece a alguém não tem nada que ver com ele e o restante um por cento que se controla consiste quase na totalidade em aceitar ou refutar a impotência que existe quanto aos outros noventa e nove por cento; o simples facto de tentar decifrar isto faz a testa de Gately ruborescer.

101 Alguns dos primeiros encontros deles consistiram em ver filmes comerciais de grande orçamento; numa dada ocasião e sem a menor premeditação, Orin disse a Joelle que era uma sensação muito estranha estar a ver cinema comercial ao lado de uma rapariga que era muito mais bonita do que as mulheres do filme e ela deu-lhe um murro no braço que o deixou louco.

102 International Brotherhood of Pier, Wharf and Dock Workers (Irmandade [Sindicato] dos Trabalhadores Portuários).

103 Um «episódio de excessiva descarga neuronal que se manifesta na forma de disfunção motora, sensorial e/ou [psíquica], com ou sem perda de sentidos e/ou [movimentos] convulsivos», além de fazer girar os olhos e engolir a língua.

104 Para que as academias da ONANTA sejam classificadas como verdadeiras escolas e não como meros espaços desportivos, todos os instrutores e pró-reitores, com a exceção do reitor, devem estar registados mais como instrutores académicos que exercem as funções de pró-reitores lateralmente.

105 Organização dworkinista radical que chegou a ter milhares de membros femininos na costa leste dos EUA até aos horrendos distúrbios ocorridos em Pizzitola, Providence, no AMLLSM, que levaram ao seu descrédito e fragmentação.

106 Há uma sala de visionamento em cada piso de subdormitórios, telecomputadores de tamanho gigante com consolas telefónicas e (se algum dos rapazes quiser) *modems*, mas só os alunos juniores e seniores da ATE podem ter projetores de cartuchos nos seus quartos do subdormitório, uma concessão administrativa que tem dois anos e é em grande parte devida a Troeltsch, que se mostrou tão chato a esse respeito que Tavis acabou por ceder só para não ter de aturar mais o rapaz, que lhe aparecia no gabinete com um punho na boca como se um microfone fingindo estar a dar informações acerca das «labaredas da polémica sobre direitos individuais que foram atiçadas nesta Enfield pacífica e bucólica», e nenhum dos projetores (nem as unidades das salas de visionamento) pode ter cartões de Disseminações Espontâneas InterLace nem de jogos de calibre ROM, já que essas programações e esses jogos de vídeo propiciam a passividade letárgica que a filosofia da ATE considera perniciosa para todo o conjunto de razões que levou os rapazes a inscreverem-se na escola.

107 Por exemplo, o torneio WhataBurger será em princípio gravado para o mercado secundário, com venta exclusivamente por correspondência, no final do mês.

108 Às vezes, especialmente no início da primavera e no final do outono, isto pode tardar várias semanas; a

WATE não transmite quando a maior parte dos rapazes estão em viagem ou em digressão; é frequente que as aulas dos sábados sejam canceladas. Esta é uma das razões pelas quais a senhora A.M.I. relega para o sábado tantas aulas dos pró-reitores.

109 Parece que o Parti Q. é provincial e intraquebequense; o Bloc é a sua contrapartida federal, com membros no Parlamento e tudo o resto.

110 Note-se neste ponto que várias horas depois nesse mesmo dia, 7 de novembro, Hal Incandenza está sentado na borda da cama por fazer, sem estar vestido, com a perna direita boa dobrada debaixo do corpo e o tornozelo mau de molho num alguidar cheio de água com sais *Epsom*, a revistar as velhas caixas *Hush Puppy* de Mario repletas de cartas e fotografias. Aos sábados há aulas, exercícios e jogos à tarde, mas não há corridas nem treinos com pesos. Os raros e desirmanados jogos ao desafio da tarde são realizados nos campos centrais sob um céu metálico e sem sol. O ar ainda está húmido da chuva do meio-dia. O próprio jogo de Hal foi truncado quando Hugh Pemberton, da equipa C, apanhou uma bolada no olho quando subiu à rede e começou às voltas na zona do serviço. Hal regressou rapidamente e tomou duche sozinho no vestiário. O jantar coletivo do Dia da Interdependência que terá lugar no dia seguinte é um grande acontecimento na ATE e inclui geralmente um chapéu especialmente escolhido para cada um, sobremesa a sério e um filme pós-prandial de Mario e às vezes canções em coro. Hal e Pemulis, Struck e Axford, Troeltsch e Schacht, às vezes Stice, celebram o seu próprio jantar de gala ritual e privado em The Unexamined Life, já que o domingo é dia de descanso obrigatório. Os jogos não truncados aproximam-se do fim, como Hal pode ouvir. O Sol está a aparecer mesmo antes de se pôr. As canalizações do ed. da Adm. Começam a gemer e a cantar com a multidão de miúdos que está a tomar bano. As pálidas sombras das redes começam a estender-se agudamente ao longo dos lados dos campos a norte. Mario é mais ou menos o arquivista *ex oficio* da família Incandenza. Mario está todo o dia fechado com Disney Leith a preparar-se para o jantar e para o filme pós-prandial de domingo. O telefone descansa em silêncio sobre o atendedor automático, na consola telefónica. Tem a antena dobrada e está apenas a irradiar a vaga e contida ameaça dos telefones silenciosos. O telefone faz uma espécie de gorjeios em vez de tocar. A consola do sistema só de áudio está ligada a um recetáculo ao lado do telecomputador de Hal e Mario e a sua luz vermelha palpita com o lento ritmo líquido de uma torre radiofónica. O telefone e o atendedor automático são um legado dos tempos de Orin na ATE, velhos modelos de plástico transparente que exibem todos os cabos às cores, os discos minúsculos e as fichas metálicas. A única mensagem para Hal era de Orin, às 14h12. Orin disse que tinha acabado de telefonar para ver se por acaso Hal se tinha apercebido de que tudo de Emily Dickinson – como em a Belle de Amherst Emily Dickinson, a canónica poetisa agorafóbica – de que todo e qualquer poema canónico da menina Dickinson podia ser cantado sem uma única perda ou distorção silábica ao ritmo de *The Yellow Rose (of Texas)*. «*Como eu* não *podia esperar* pela *Morte*, Ela *esperou amavelmente por mim*», cantou Orin à maneira de ilustração. «*Espero que* o Pai que *está* no céu faça *subir* a *sua Menina*.» Na verdade era apenas uma espécie de canto. Em segundo plano havia ruídos de vestiário profissionais – portas de cacifos a baterem, vozes de baixo sobre azulejos e aço, estéreos pessoais, zumbidos de desodorizantes e lacas. O estranho e fechado eco de todos os balneários. «No *meu* vul*cão cresce* a Erva Um lugar de meditação», e por aí fora. O estalo carnoso de uma toalha que estala profissionalmente na pele de um adulto. Uma risada em *falsetto* de um negro. A voz gravada de Orin diz que tinha acabado de dedicar uns segundos a pensar no que acharia o atendedor de tudo isto.

Hal cospe o suco do tabaco *Kodiak* para dentro do velho copo da NASA com um foguetão gravado, remexendo ociosamente e sem nenhum razão especial os grossos maços de cartas dobradas em três e

empacotadas na vertical, uma espécie de *rolodex* de diferentes recordação e correspondência postal que Mario resgatou de cestos de papéis, caixotes de reciclagem e do lixo para guardar pactamente as caixas de sapatos. Mario não se importa que Hal reviste as coisas que tem no armário. O cacifo de Mario tem uma tira de lona em vez de um puxador. Idealmente, também deveria haver um alguidar de água muito fria e Hal teria de passar o tornozelo mau de um alguidar para outro. Soa um apito nos campos a oeste das raparigas. No corredor, do outro lado da porta fechada, alguém de pequena dimensão grita «Adivinha quem sou!» para uma pessoa que está na outra extremidade. Nenhuma das cartas da caixa *Hush Puppy* é de Mario ou a ele dirigida. A cama dele está desajeitamente feita. A de Hal não está feita. A mãe de Hal e de Mario fez um trabalho de pré-graduação em McGill sobre o uso do hífen, de dois e três ponto na obra de E.Dickinson. A água com sais *Epsom* branqueia as calosidades do pé de Hal. A roupa de cama por lavar nada à volta dele. O telefone solta o seu gorjeio. *Ampla torna esta cama* ou *Am*pla *tor*na esta *cama*. O telefone solta novamente o seu gorjeio.

UM EXEMPLO COMOVENTE DO TIPO DE CORRESPONDÊNCIA POSTAL QUE A SENHORA AVRIL INCANDENZA REMETEU AO SEU FILHO MAIS VELHO ORIN DESDE O FALECIMENTO DO DOUTOR J. O. INCANDENZA, O GÉNERO DE CARTA ALEGRE E QUOTIDIANA – ENTRA AQUI A PARTE COMOVENTE – QUE PARECE NO ENTANTO INDICIAR UM CONTEXTO COMUNICACIONAL REGULAR ENTRE AS PARTES

20 de junho AMLLSM

Querido Filbert,[a]

Foi uma semana tranquila aqui no Monte Esquecido por Deusb – hoje está um calor de morte, sem vento, sossegado como um túmulo, exuberante e agradável. Todas as unidades florais do terreno têm os pistilos tesos e as pétalas estão dispostas de uma maneira verdadeiramente desavergonhada, já que há abelhas por todo o lado. Toda a colina zumbe amodorradamente. Ontem o tio Charles foi atacado no caminho norte por um zângão que, segundo ele, era tão grande que o zumbido parecia o som de uma tuba, e destacou o senhor Harde e a sua equipa com carabinas de caça e ordens terminantes «para abater o inseto do tamanho de um avião». Não vou entrar em pormenores quanto aos percalços sofridos por essa equipa, só que dois dos seus membros estão a recuperar satisfatoriamente.

Aqui a ausência de decibéis deve-se em parte à partida ontem das seis equipas A para Milão, acompanhadas por Gerhardt, Aubrey, Carolyn e Urquhart, como apoio pedagógico. Parece que não passaram muitas luas desde que te vimos, juntamente com o Marlon, a Rosa e o resto, partir para os torneios de terra batida europeus. Lembro-me de ter encostado o meu bico maternal ao vidro da janela do terminal na expectativa de que o meu Filbert me visse pelo pequeno e impossível orifício da janela do avião. Chorava como uma louca sempre que isso acontecia. Como voltei a fazer ontem, envergonhando toda a gente menos o Mario, que também chorou.

Quanto a mim, preocupei-me e afadiguei-me toda a manhã com o videofone do tio Charles, tentando pressionar vários editores de publicações de supermercados para que aceitem e disseminem as últimas indicações dos GMMc sobre o uso correto de *Melhor* e *Mais bem* nos corredores das caixas expresso. Um velho editor excêntrico disse que teria muito gosto em ajudar-me mas a *newsletter* dele dedicava-se exclusivamente a questões de carácter promocional. Quando lhe sugeri que um curto alívio cómico na forma do boletim *L—>F* podia não ser despicienda, deu uma gargalhada. Dar gargalhadas é bom. Eu gosto dar gargalhadas. Mas consegui torcer o braço (mais difícil de conseguir telefonicamente do que se possa

pensar) de *Produce Weekly*, de *Quaterly Register* do Star Market e de *Shelf and Cart* do PriceChopper; portanto, as rodas da justiça gramatical continuam a girar, ainda que seja aos solavancos.

O último naco de notícias da Academia é que o tio Charles fez a análise ao colesterol na semana passada. Apesar de o veredito dado não ser pior do que um bastante imperspícuo «Normal a Muito Normal» (*sic*), o penúltimo modificado, como podes imaginar, deu azo a muito movimento e a lamúrias de muitos decibéis, bem como a juras de eterna disciplina gastronómica a partir de agora. Há já três meses que o tio Charles resolveu começar a tomar três colheres vespertinas de óleo de fígado de bacalhau antes de enfiar o esqueleto administrativo na cama. Os teus irmãos ganharam o hábito de nalgumas noites virem ver como é que toma o óleo só pelo entusiasmo que lhes causa olhar para as caretas que Charles faz quando engole aquilo. Comprei, no e-Bay, um livro para o pobre homem com receitas baixas em lípidos e amáveis para as artérias no dia em que soubemos os resultados. O Charles já o leu e assinalou várias alternativas. Esta noite faremos um estudo aprofundado de puré à base de couves, atiradiços como somos. Creio que o pobre homem encontrará forma de misturar a pasta de dentes com farelo de arrozd antes de este espasmo de ansiedade desaparecer. Abençoado seja o coração dele... por assim dizer!

Pois é, como me faz divagar esta máquina. O melhor será voltar para os torturantes supermercados. Uns dos matriculadose deste outono é filho de um homem que se tornou extraordinariamente rico com uma telemerceariaf no Upper Midwest, por isso é provável que os solecismos-das-caixas-expresso também desaparecem nestas terras de cá.

Não é preciso acrescentar que deves usar sempre o teu capacete protetor nos momentos adequados e que tenho a certeza de que todos os dias comes pelo menos uma vez legumes frescos.

Oh... foi *mara*vilhoso ter sabido da arbitragem e o novo contrato. O senhor DeLint leu-me um relatório pormenorizado e contou-nos tudo. Orgulhosa, como sempre, de te conhecer.

Saudades e montes de beijos

E UM EXEMPLO DA INVARIÁVEL RESPOSTA QUE ESTAS PEÇAS DE CORREIO RECEBERAM

Cara senhora Incandenza,

Devido à grande quantidade de correspondência que os New Orleans Saints© têm a felicidade de receber de toda a 2.ª Grelha InterLace®, lamentamos informar que ORIN INCANDENZA #71 não pode responder à sua carta pessoalmente, mas em nome dos New Orleans Saints© « ORIN » solicitou-me que agradecesse a sua mensagem de apoio e saudação.

Segue junto uma fotografia especial a cores, 20X25 centímetros, autografada por ORIN INCANDENZA #71, como forma de nós agradecermos e dizermos como para nós foi importante a sua carta.

Cordjalmente,

Jethro Bodine

Técnico de Correspondência Adjunto

e c.

– Olá.

– Apresentando a Estratégia de Sedução Rápida número sete.

– Orin. Feliz véspera do Dia da Inter. *E Unibus Pluram* e etc. Ainda andas a esquivar-te aos deficientes?

– Uma condição ganhadora, Hallie: o número sete nunca falha.

– E nem todos os poemas de Emily Dickinson podem ser cantados ao ritmo de *Yellow Rose*, O. Lamento desapontar-te. Por exemplo «*Am*pla *tor*na esta *cama* – *Faz* esta *cama* com *reverência*» nem sequer é jâmbico, muito menos de quatro/três pés métricos.

– Era só uma teoria. Estava apenas a atirar isso ao ar para consideração da máquina.

– Uma prática que deve ser encorajada. Mas esta teoria é infelizmente uma treta. E além disso não creio que quisesses dizer *condição*.

– Mas a número sete continua a ser uma estratégia ganhadora. Atenta nisto. Arranja uma aliança. Como em aliança de casamento. Para te apresentares à pessoa como sendo visivelmente casado.

– Bem sabes que detesto estes telefonemas sobre estratégia.

– Também funciona se fores *mesmo* casado. Nesse caso já tens uma aliança.

– Estou aqui sentado a pôr o meu pé de molho, O.

– O objetivo é apresentares-te diante da pessoa como alguém já casado e felizmente casado, e começas uma conversa sobre quão apaixonado pela tua mulher estás, como é maravilhosa, como é azul e limpa a chama do piloto da paixão que ainda está a arder mo sistema de aquecimento central do teu amor por ela, tua mulher, inclusive depois de tantos anos de casamento.

– Estou a revistar uma velha caixa cheia de cartas só para passar alguns minutos antes de entrarmos no camião para ir à gala anual de Pemulis na véspera da Interdependência.

– Mas enquanto dizes tudo isto à pessoa, as tuas maneiras revelam de qualquer modo que te sentes atraído por ela.

– É patético que uses *pessoa* quando queres dizer exatamente o contrário.

– Mas os teus modos não são insinuantes nem lacivos. Revelam apenas que te sentes intensa e involuntariamente atraído. Como se estivesses hipnotizado contra vontade. Os teus modos podem indicar isso apenas seguindo os movimentos da conversa da pessoa e as suas alterações de postura ou de expressão facial da maneira intensa que um esfomeado olha para alguém que está a comer. Seguindo os movimentos como garfo como se estivesses hipnotizado. Com, é óbvio, o ocasional piscar de olhos de dor e conflito pelo facto de estares ali involuntariamente memerizado por alguém que não é a tua serápica mulher, que é a questão...

– Tempo. Suponho que quiseste dizer *seráfica*. Também me parece que quiseste dizer *lascivos* e *mesmerizado*.

– Sabes qual é o teu problema, Hallie.

– Só tenho um problema?

– Mas aguenta até veres que vale a pena que não me desvie do tema da número sete, porque a questão é conseguir prestar uma homenagem tão incrível aos avassaladores encantos femininos da pessoa que podes efetivamente *vê-la*, a pessoa, já que estás tão apaixonado pela tua mulher que já quase não podes ver as outras mulheres como seres do sexo feminino e muito menos sentires-te atraído por elas e ainda muito menos pensar sequer em ser infiel por mais involuntariamente que te tenha passado pela cabeça. A pessoa tirará as suas próprias conclusões. É essa a razão dos pestanejos de dor que ela nota nos teus olhos memerizados ou, no máximo, um torturado gemido involuntário, um rápido mordiscar da ponta do dedo indicador.

– Uma palmada na testa ou coisa do género.

– Se fores capaz de garantir o carácter de claro conflito nos teus modos, a pessoa aperceber-se-á da atração involuntária que sentes e que tanta dor te causa, mas a ela lisonja e vaidade.

– Espera aí. Isto é uma conversa em que tu finges todos os pestanejos e gemidos? Uma conversa género conversa-fiada-numa-festa? Ou limitas-te a mostrar a tua aliança falsa a qualquer rapariga numa paragem de autocarro e inicias uma torturada homenagem à tua seráfica mulher?

– Serve para qualquer lugar. Adaptável às circunstâncias. A sete é portátil e nunca falha. A questão é manobrar bem a dor causado pelo conflito da atração até ao ponto em que transmitas a impressão de estar quase vencido e poderes perguntar à pessoa com uma torturada sinceridade se pensa que o facto de que involuntariamente a aches tão visivelmente feminina e atraente te torna um mau marido. Mostras vulnerabilidade e pedes-lhe que avalie a integridade do teu coração. Deves parecer desesperado. Toda a tua conceção da vida marital está a ser posta em causa. Pede-lhe que te tranquilize dizendo-te que não tens mau coração. Pede-lhe que te diga que encantos é que ela acha que tem que sejam capazes de afastar a tua serápica mulher, mesmo que momentaneamente, do teu coração. Apresenta a atração que sentes involuntariamente pela pessoa como uma espécie de crise que faz perigar tanto a tua integridade que precisas desesperadamente de ajuda dela, de pessoa da pessoa para pessoa.

– Parece muito tocante.

– E se fores mesmo casado, a vantagem adicional da sete é que, embora por momentos, tanto tu como a pessoa acreditam no que estão a dizer. O tom involuntariamente apaixonado de um cavaleiro andante desfeito.

– E, é claro, O., acontece que a pessoa também está casada, muitas vezes tem filhos pequenos, e cai imediatamente na tua rede.

-Nenhum assunto de preferências ou gostos pessoais afeta a qualidade infalível da sete. Trata-se da queda involuntária de um homem bom em conflito com os seus sentimentos, uma coisa a que nenhuma pessoa aparentemente consegue resistir.

– ...

– *Ainsi*, então.

– Bom, O., esta coisa é doentia. É ainda mais doentia do que a quatro. Era a quatro? Aquela que disseste ter sido inspirada por Loach, na qual tu abandonaste precisamente nesse dia o seminário jesuíta depois de incontáveis anos de disciplinado celibato por causa de anseios carnoespirituais que nem tinhas percebido que eram de natureza carnoespiritual a não ser quando pousaste os olhos na pessoa? Com o breviário e cabeção alugados?

– Sim, essa era a quatro. A quatro também era uma espécie de ginoscopia, mas num âmbito demográfico e psicológico mais reduzido de potenciais pessoas. Repara que nunca disse que a quatro era infalível.

– Bom, deves ser um jovem muito orgulhoso de ti próprio. Isso é ainda mais doentio. A aliança falsa e a mulher ficcional. É como se inventasses alguém a quem amas apenas para seduzir outra pessoa que te ajuda a traí-la. Como é isso? É como subornar alguém que te ajude a profanar um túmulo que não se sabe se está vazio.

– É isto que ganha por estar a ceder os frutos valiosíssimos de duras experiências a alguém que ainda julga que fazer a barba é uma coisa excitante.

– Tenho de me ir embora. Tenho um comedão que precisa de ser tratado.

– Não perguntaste por que razão te telefonei. Por que te liguei durante as horas do trabalho.

– Aliás, parece que me começam a doer os dentes, e é fim de semana, e quero encontrar-me com o Schacht antes dos doces da senhora Clarke amanhã. Além disso, estou nu.

– Fiquei surpreendido por te ter apanhado aí. Estava à espera de ouvir a voz descarnada e ter de perdir que me devolvesses a chamada o mais rapidamente possível. Que horas são aí, dezasseis? Por que razão não estás a jogar no duro? Não me digas que o Schtitt decidiu cancelar os jogos da tarde por ser véspera do Dia da Interdependência.

– Acertei sem querer com a bola no olho do Pemberton quando ele subiu à rede. Não foi intencional. Só tínhamos feito quatro jogos. Fez um *amorti* muito chocho e devolvi-lhe a bola em direção ao corpo para que não tivesse hipótese de responder. Só fiz isso para que não tivesse espaço nem tempo para bater a bola. Não chegou sequer a erguer a raqueta. Atingi-o no olho esquerdo. Fez um som que parecia a rolha de uma garrafa de champanhe a saltar. Um pró-reitor chamado Corbett Thorp disse que o Pemberton podia ter um descolamento da retina. Havia qualquer que parecia estar solta. Começou a andar em círculos cada vez mais pequenos, como se tivesse sido agredido com uma marreta.

– Parece que estás mesmo com remorsos.

– Temos de saber aguentar, O. Também me fartei de levar boladas em várias zonas do corpo. E quando é que engendraste essas bizarras teorias métricas sobre a obra de Emily Dickinson? E como é que vão as coisas com os emboscados de cadeira de rodas?

– Este ano já estás no Top-Dez, Hallie. Por que raio é que o Schtitt te pôs a jogar contra um adversário tão fracalhote como o Pemberton?

-Lembras-te dele?

– Quem é que popde esquecer de um miúdo que parece estar a fazer uma reverência quando serve? Com a viseira branca e os pequenos óculos cor de âmbar? Esse miúdo tem estado pendurado pelas unhas do último degrau da escada desde os nove anos de idade.

– Foi uma carnificina durante toda a semana. O Schtitt pôs a equipa C a jogar contra a A. Donni diz que é para que os C melhorem. Também chegou uma notícia vinda da torre segundo a qual os treinadores acham que os A não foram suficientemente seguros contra Port Wash.

– Eles desprezam a insegurança.

– Penso que nos querem pôr em forma para os jogos de recolha de fundos e o WhataBurger, onde Wayne vai ter a oportunidade de dar cabo desse tal Veach.

– Mas também não nos podemos esquecer de H. Acho que sou capaz de poder aparecer nas semifinais do WhataBurger se chegares até lá, para o caso de precisares de quem te incentive.

– Em pessoa, O.?

– Disseram-me que agora vale a pena ver-te jogar.

– Disseram-te?

– Mantenho o ouvido encostado ao chão, Hallie.

– Pelo menos para algumas pessoas, calculo eu.

– Vamos jogar contra os Patriots nessa sexta, deve ser dia vinte e sete ou vinte e oito, mas é um jogo de sábado à tarde. Posso aparecer domingo por volta do meio-dia se ainda estiveres em competição.

– Vais ter de trazer um sinal bem visível para eu saber que és tu.

– ...

– Então vais estar a jogar por cá enquanto nós vamos estar a jogar por lá.

– Não é preciso dizer que me deves avisar se por acaso alguém que não quero ver viajar convosco...

– Esta treta de os C jogarem contra os A não é nada bom para o moral; é pura e simplesmente grotesco. A malta de hoje elimina a tensão de maneiras muito retorcidas. O Struck venceu o Gloeckner em quarenta minutos e depois gabou-se de ter feito isso com uns pesos de três quilos escondidos nas peúgas. O Wayne fez o Van Slack chorar diante de toda a gente.

– Dizem que o motor do Wayne só tem uma velocidade.

– Depois, na quinta, o Coyle atou o pulso esquerdo ao tornozelo esquerdo e ainda assim ganhou ao miúdo novo, o Stockhausen, até que o Schtitt mandou o Tex Watson acabar com aquela palhaçada.

– Mas a verdadeira razão por que te telefonei, Hallie...

– Estás a ser evasivo sobre o medo que os deficientes te causam. Os perseguidores rolantes.

– Há dias que não vejo uma única cadeira de rodas. Acho que talvez fossem de um clube especial de admiradores meus muito tímidos e sem pernas.

– Uma interpretação grotesca, O.

– ... como, tipo, a última perna. Usam diferentes artimanhas para me seguirem e nunca se aproximam nem me dizem nada porque são muito tímidos devido ao facto de não terem pernas. Agora estou mais tranquilo.

– Ora, se o medo que sentes de baratas e aranhas desapareceu, vais poder andar com a cabeça bem levantada.

– Portanto, a razão por que te telefonei...

– Já disse que te informo de quando e se. Nada de jornalistas. A tua redatora de perfis da *Moment*.

– De facto estou muito feliz por te ter apanhado. Ia pedir-te que me ligasses o mais depressa possível.

– Agrada-me chamar-te sempre à pressa, O.

– Isso não está ao teu nível. E consigo perceber pelo som que continuas a mascar essa merda horrorosa. Ainda vais ficar sem mandíbula por causa disso. Já vi isso acontecer aqui, acredita. E ainda te interrogas sobre as dores de dentes que tens súbita e repetidamente.

– O tabaco de mascar estimula a salivação. Faz muito bem à higiene da boca porque é como lavar os dentes com pasta. As cáries são uma herança de Ele Mesmo. Sabes que é assim. As raízes dos dentes de Ele Mesmo pagaram os colégios dos filhos do doutor Zegarelli.

– Este telefonema, na sua essência não social, é porque preciso de saber a tua opinião sobre algumas questões discutidas em conversas profundas e de longo alcance que mantive com uma dada pessoa.

– Certamente não é a pessoa da rulote.

– Um género de pessoa muito diferente. A teoria dickinsoniana surgiu, tenho de o admitir, nessas conversas.

– Parece uma senhora muito profunda.

– De nível e dimensão completamente distintos. Temos tido uma série de trocas verbais muito intensas. A poética dos transcendentalistas é um dos muitos temas que temos analisado em profundidade. Esta pessoa mantém o meu cérebro em atividade permanente.

– Dickinson é tão transcendentalista como Poe. A tua pessoa leva zero a dois.

– Isso é uma parte do telefonema. Disse à pessoa que pensaria com cuidado em certas coisas antes de lhe responder.

– O que significa que pensarás naquilo que ela quer ouvir e como deves dizer isso para que te peça que faças sexo com ela.

– Daí que necessite de respostas muito bem estruturadas para duas perguntas básicas.

– Por que terás essa mania de me tornar cúmplice das tuas caçadas estratégicas quando sabes que são problemáticas e doentias? É como se estivesses a pedir a alguém para te ajudar a produzir uma cultura de bactérias de carbúnculo ou coisa do género.

– São apenas duas perguntas.

– E já quase consigo sentir a pulsação nos dentes, parece que a infeção está a ganhar força muito depressa.

– Em primeiro lugar, o que é que significa uma palavra que não consigo encontrar no dicionário: *s-a-m-i-z-d-a-t*.

– *Samizdat*. Substantivo composto russo. Palavra soviética do século vinte. *Sam:* radica: «ser»; *izdat:* verbo sem declinar: «publicar». Creio que o significado literal é tecnicamente arcaico: disseminação subrosa de materiais politicamente comprometidos que estavam proibidos quando o Kremlin da época do *Eschaton* andava por todo o lado a proibir coisas. A conotoação atual, o significado genérico, é qualquer assunto político clandestino ou que vá além da imprensa oficial ou do que se publica nesse contexto. Não há nada de verdadeiramente *samizdat* nos EUA *per se*, acho eu, devido à questão da Primeira Emenda. Julgo que o material dos quebequenses e albertanos ultrarradicais pode ser considerado *samizdat* ONANista.

– Safa.

– Não uns meros panfletos separatistas. Tem de ser uma coisa mais incendiária. Material a favor da violência, da destruição da destruição da propriedade, da disrupção da grelha, terrorismo anti-ONAN e por aí fora. Não creio que *per se* a ONAN tenha tecnicamente poderes de proibição, mas Poutrincourt diz que RPMC tem poderes para apreender certo tipo de literatura, proibir edições informáticas e até intervir no *hardware* de InterLace sem qualquer tipo de autorização legal.

– RPMC?

– A Polícia Montada, O.

– Esses tipos à Nelson Eddy com chapéus ridículos e polainas.

– Estás perto. Pergunta seguinte.

– Portanto não fazes a menor ideia por que razão o nome do «Cegonha Louca» pode aparecer ligado a alguém que use a palavra *samizdat*.

– É a segunda pergunta?

– Chama-lhe primeira (a).

– Não no sentido estrito do termo. Posso imaginar alguns separatistas a tentar interpretar *ONANtíada* ou *Tijolo* como filmes anti-Reconfiguração. Talvez uma obra como *Aves de Capoeira em Movimento*. Uma data de obras de Ele Mesmo foram distribuídas pelo próprio. E *Domínio Imanente*, a um dado nível, é suposto ser uma alegoria sobre a Concavidade, embora isso não tenha em conta que o Gentle nem candidato era a presidente nesses tempos. Mas podes dizer à tua pessoa que toda a obra de Ele Mesmo é conscientemente americana. O interesse dele pela política estava subordinado às formas. Sempre. E nenhuma das suas obras está proibida. Tudo o que ainda está no catálogo de InterLace é intergrelha: é possível comprar A ONANtíada em Manitoba, Vera Cruz, seja lá onde for.

– Interessante, em termos de separatismo do Quebeque.

– Por que será que tenho o vago pressentimento de que é a primeira (a)-ponto-um ou coisa semelhante. Talvez me possas telefonar amanhã para continuarmos a nossa conversa. Estarei aqui a estudar para os exaqmes até ao *Eschaton* das catorze horas. O telefone é mais barato durante o fim de semana.

– Quem está a pagar sou eu.

– Ou então podias telefonar à pessoa com quem devias falar de tudo o que diga respeito ao Canadá, O.

– Que engraçadinho.

– Passa então à segunda pergunta. A água com sais *Epsom* está a arrefecer.

– A pergunta seguinte é sobre o que dirias se uma pessoa espetacular e prática te perguntasse o que te apraz dizer da maneira de qualquer separatista, desde os do Bloc Québecois e Fils de Montcalm aos das seitas marginais radicais e fanáticas...

– Ei,ei, vou ter de objetar ao uso da palavra *separatista*, O.

– Desculpa. A pergunta é: por que raio todos os separatista de Quebeque deixam um dia cair como uma pedra o objetivo original da independência para passarem a dedicar-se por inteiro à agitação contra a ONAN e a Reconfiguração e forçar o regresso da Concavidade ao nosso mapa.

– O., isso é política ONANista. Eu olharia para os grandes olhos azuis da minha pessoa e atirar-lhe-ia com a ideia de que o campo da nanomicroscopia ainda não está suficientemente avançado para medir o meu interesse pelas complexidades da política ONANista. O curso de Poutrincourt já é muito angustiante. Todo esse tema é desagradável, antipático, repetitivo e sobretudo chato. Mesmo assim, Thevet tem uma espécie de versão romântico-histórica que é digna de ser considerada acerca de...

– Estou a falar a sério. Tu pelo menos tiveste alguma formação de base. O único professor separatista que tive ensinava Cerâmica.

– Mas és tu que tens a Pléiade e as notas altas nos exames de Francês e a capacidade de pronunciar rolando os teus erres.

– Isso é parisiense. E já não vejo os resumos desportivos, muito menos os políticos. Tenta nem que seja apenas um segundo. Esta pessoa levantou questões que estão muito para lá das minhas capacidades.

– Isso nem sequer é bastante coerente para ser uma metáfora mista, O. Estás a ser honesto comigo quando me dizes que queres tornar-te mais profundo? Ou estás a ver se captas alguns apontamentos para parecer um tipo profundo numa nova campanha para tirar as calcinhas a alguém? Ou vais-lhe contar que estudaste política ONANista com os Jesuítas?

– Isto é complicado. Tive de dizer à pessoa que tinha de pensar e refletir, que preciso sempre de algum tempo de reflexão antes de avançar com uma opinião.

– E não me digas: trata-se da jornalista da *Moment*? O teu Boswell de copa um. É por isso que ela está *en route?* Toda a reportagem histórica e familiar não era senão uma farsa? É suposto que me sente com ela e te pinte como um antigo seminarista apaixonado por política e casado com alguém de quem só podes ser afastado por uma deusa de proporções heroicas? Porque quero desde já informar-te que o Schtitt não vai autorizar que nenhum de nós fale a alguém de uma revista como a *Moment* sem que ele ou o DeLint estejam presentes. Acabaram-se os tempos em que Ele Mesmo não se incomodava com a presença de uma jornalista atraente e coscuvilheira nos terrenos da Academia. Quem manda agora é o Schtitt e é ele que decide quem fala com quem. O DeLint tem todo um apêndice cruel ao manual de admissão sobre o desenvolvimento júnior e conversas tóxicas.

– A Helen vai conseguir entrar.

– O Schtitt não me vai autorizar a dar notícia da tua agudeza política nem da tua pretensa mulher nem de coisa nenhuma. Convenceu o C.T. a considerar este sítio como uma espécie de profilático contra a atenção comercial. Entende que a atenção comercial deforma os miúdos. O manual convida agora a que nos vejamos como se estivéssemos *in utero* e apresenta-nos como talidomidas. O Schtitt vai deixá-la entrar e depois entrega-a ao C.T. para que este a massacre até que ela se atire da janela abaixo, como aconteceu no

outono passado com aquela jornalista de Condé Nast.

– Esquece o perfil. Fala ou não com ela. É uma coisa pessoal.

– Quer isso dizer que descobriste que é casada e tem filhos e talvez possas desfigurar o casamento dela?

– Não quero saber disso. A Helen é um género diferente de pessoa. Descobri que há nela níveis e dimensões que nada têm que ver com uma mera reportagem.

– O que significa que é um osso duro de roer. Significa que deitaste a rede e ela não sucumbiu. E sabe que não és casado nem um jesuíta atormentado. É resistente à estratégia por que sabe o suficiente para não engolir uma *persona*.

– Pondera um segundo comigo, se é que já acabaste. Manda-me calar quando quiseres. Interrompe-me em qualquer altura. Tanto para ultraesquerda como para a ultradireita, a questão central foi sempre, historicamente, a secessão independentista do Quebeque, não é verdade? Estou enganado? A Fronte de Libération e etc.? Os Fils de Montcalm. Ou será *du*? São esses que usam roupa de licra e se maquilham com massa de panquecas? As tartes gigantescas que foram lançadas sobre Otava depois do Terceiro Acordo do Lago Meech?

– ...

– Parizeau e todos os outros. Quando quiseres, podes mandar-me calar ou entrar na conversa. A intenção foi sempre separar o Quebeque do Canadá, não é assim? As rebeliões de Charlottetown e do lago Meech. O assassínio de Crétien. «Notre Rai Pays.» Terroristas com roupa de flanela aos quadrados. O Canadá francês para os francófonos. Sionismo acadiano. «La Québecois Toujours.» «*On ne parle d'anglais ici*.»

– Com todo o terrorismo especialmente dirigido para Otava, pressão sobre Otava e o Canadá. «*Permettez nous partir, permettez nous être*.» Ou rebentamos com o Frontenac.Ou limpamos Winnipeg. Ou enfiámos uma travessa de caminho de ferro num olho de Crétien. Isto não é particularmente profundo, O.

– Pois, mas subitamente tudo muda quando Otava, sob coação ou não, se submete à cirurgia esterilizada da ONAN, com o advento da ONAN, de Gentle e «experialismo».

– Dá-me a impressão que não precisas que te dê nenhuma informação sobre o tema, O.

– Mas então e simultaneamente todos os diferentes grupos separatistas deixam cair a ideia de secessão e independência como se fosse uma pedra para transferirem o seu ressentimento insurrecional para a ONAN e os Estados Unidos, e agora rebelam-se contra a ONAN em nome daquele Canadá que passaram décadas a tratar como inimigo. Não te parece um pouco estranho?

– ...

– Não te parece um pouco estranho, Hallie?

– Não sou o parente mais indicado para questionares sobre as complexidades do espírito radical canadiano, O. Temos ambos uma parente com dupla nacionalidade, se bem te recordas. Tenho a certeza de que ficará encantado por poder estudar contigo o fluxo ideológico separatista. Tenho a certeza. Depois de ter recuperado da deslocação da mandíbula causada pela alegria do teu telefonema.

– Estou a dar palmadas não num mas nos dois joelhos...

– Sabes que ela nunca me perguntou, nem ao Booboo, se tenho notícias tuas? Nem uma única vez. Uma espécie de orgulho consternado. Tem vergonha de se sentir ferida por isso, uma...

– Ponhamos de lado essas brincadeiras. Estou a falar a sério. Muito estranho. Sabes que tenho muito respeito pelos teus lóbulos frontais, Hallie. Estou a pedir profundidade e não uma espécie de perícia qualquer.

– Acabas de te esquecer da parte essencial daquilo que te disse. Pareces um velho nesta matéria: tens o

ouvido seletivo dos velhos.

– Vou passar por alto todos esses insultos sobre consciência seletiva das coisas. Para te provar que se trata de um telefonema sério. Por que mudaram todos de opinião ao mesmo tempo?

– Então queres que te dê uma explicação para o facto de passarem todos a agir em nome do Canadá e do Quebeque. Ou queres apenas que te confirme que se trata de uma coisa estranha?

– A pessoa citou inquéritos do tempo em que ainda se incomodavam a fazer inquéritos que diziam que para cima de quatro quintos dos canadianos queriam sair da ONAN e esperavam que o presidente Gentle tivesse um acidente horroroso na sua cabina de raios UV, etc.

– Portanta a segunda e última pergunta diz respeito a esta mudança do nacionalismo quebequense anti-Canadá para o nacionalismo canadiano anti-ONAN.

– O que eu pensei foi que isto é o resultado direto da teoria de Johnny Gentle de que para reunificar um país dividido há que arranjar um inimigo comum e atirar para cima dele a culpa de tudo. Seja como for, está o Quebeque a atuar com as outras províncias, como Alberta, contra um inimigo comum?

– ...

– Hal?

– Podes sempre assinalar à tua redatora de perfis que há uma leve ironia no facto de a estratégia de Gentle acabar por unir o Canadá à nossa custa quando era evidente que a intenção seria a de nos unir à custa do Canadá.

– Mas dá-me a ideia que tu pensas que a resposta mais profundamente ponderada é outra.

– O que eu sei é uma história escolar muito básica aprendida nas aulas de Poutrincourt.. E da vantagem do contacto ocasional com a mã.

– Diz lá então.

– A literatura histórica indica com bastante nitidez que o único nacionalismo da alma quebequense é o nacionalismo quebequense. Foi «*Nous v. La Plupart Toujours*» e quanto mais isso, tanto mais nas margens nos encontramos. Não consigo conceber que os separatistas considerem o Quebeque parte integrante do Canadá, assim como não é possível conceber que o Lesoto se considere parte da AFRASUL. Poutrincourt não se cansa de sublinhar que não existe uma comparação válida entre o Quebeque e o nosso Sul antes da Guerra de Secessão. Por que razão achas que fracassou o Terceiro Acordo do Lago Meechh? Porque no fundo sempre se viram como reféns de Otava e das províncias anglófonas. Mesmo os separatistas moderados como Parizeau falavam da rendição final nas planícies de Abraham como uma espécie de transferência forçada de propriedade e de toda a guerrai original como uma guerra em que os franco-canadianos não foram os derrotados mas os troféus de guerra, o saque.

– Tudo isso bate certo com a versão da pessoa.

– Tenho a convicção de que o ódio que o Quebeque sente em relação ao Canadá supera qualquer coisa que possam inventar contra a ONAN. Os lábios da mã desaparecem quando ouve falar em mil setecentos e cinquenta e nove. Pemulis e Axford continuam a entrar na sala de aula cedo para escreverem mil setecentos e cinquenta e nove em grandes letras góticas na lousa antes da aula de G&S só para ver como se transmuta a cara da mã.

– Tenho a sensação de que a pessoa concorda com essa análise do ódio. Querem estar de fora; foi sempre assim. Que se lixem a NAFTA e a Segurança Social. Foi por isso que sabotaram os três Acordos do Lago Meech, diz ela. Parece estar a sugerir que esta coisa anti-ONAN não passa de um desvio anómalo ou coisa do género.

– Devo confessar que sinto uma certa curiosidade por essa jornalista a quem na semana passada estavas disposto a informar sobre Ele Mesmo. Para não referir que a comparaste a um defesa de futebol. As rubensianas nunca foram o teu tipo, acho eu que não.

– ...

– Aliás, nunca te mostraste interessado em pessoas profundas. Esta exige mais trabalho do que o teu tipo de pessoa costuma habitualmente dar, não é assim?

– ...

– Eis mais uma coisa que não tem nada que ver contigo. Nunca foste tímido a discutir pessoas comigo.

– É complicado. Comecei a achar-lhe graça.

– Deve ser por causa da maneira que ela tem de anotar as explicações dos pontapés de caixão à cova que lhe dás.

– É complicado. Há muitas coisas que não conto. Tem nível. Descobri nela níveis e dimensões que eu não sabia que estavam lá desde o princípio.

– Oh! O., *por amor de Deus,* não me digas que descobriste que é casada e tem filhos pequenos. Não é isso, pois não? Diz-me, se fazes favor, que não se trata de filhos pequenos.

– ...

– Espero que seja diferente das hordas daquelas pessoas de quem me contaste longa e pormenorizadamente as sinistras estratégias que usaste paras conquistar. Orin «O Destruidor de Lares» Incandenza, é assim que te chamam os teus colegas de equipa, tipo piada? Pobre cachorrinho doente.

– *Sou* um cachorrinho doente? Eu é que *sou* o doente?

– ... queres deitar as culpas todas para cima dela, não o admites, não queres, não admites que lhe atiras para cima as culpas do que se passou com Ele Mesmo; não falas com ela, ou pior ainda, nem sequer reconheces a sua existência, aborrece-te até que tenha perdoado ao Marlon Bain e a ti que tenhais matado o cão...

– ... sempre a massacrar com a mesma coisa, já te disse que...

– ... arranja o RP mais imbecil que existe para segurar o lápis com que escreve as grotescas e solecísticas respostas pseudoimpessoais às patéticas cartas dela. Jethro Bodine, O.? Jethro *Bodine*?

– Uma brincadeira privada. Nunca a receberia.

– Repudia-la... ou pior, mais doentio, dizes a ti mesmo que ela nem sequer existe, como se nunca tivesse existido, mas por uma estranha coincidência tens uma rapace obsessão por jovens mães casadas que, com as tuas estratégias, levas a atraiçoar os maridos e porventura a ferir os filhos para sempre, e tens, ao que parece, esta necessidade compulsiva e ainda mais rapace de telefonares ao teu irmão, a quem não vês há quatro anos, para lhe contares tudo sobre todas as pessoas e todas as estratégias, passo a passo, a longa distância e em nanomicroscópico pormenor. Pensemos um pouco *nisto* tudo, pode ser, O.?

– O que me estás a dizer é como chuva a escorrer das penas de um pato. Parece-me que é a dor de dentes a falar. Sou capaz de recordar a tensão do sítio. A única coisa que posso dizer é: confia em mim quando te digo que esta pessoa da *Moment* é muito diferente do que tu indicias. Os níveis e as circunstâncias não são nada como aquelas a que tanto anseias por chamar rapaces. É só isso que posso dizer nesta conjuntura.

– Por que será que suspeito que tentaste papá-la e ela objetou e isso estimulou ainda mais o teu interesse? Durante o telefonema que coincidiu com o corte das unhas dos pés estavas a contar como os enormes médios interiores comentavam o facto de o traseiro dela ser tão gigantesco e mole que poderias bater-lhe com uma antena de carro as vezes que quisesses sem que isso lhe causasse qualquer dano.

– Hallie, nunca disse uma porra dessas. Inventaste isso. E *estou* doente?

– Disseste que ela era obesa.

– Disse que era uma mulher e meia em todas as direções. E subitamente pareceu-me que havia ali qualquer coisa como um cruzamento cultural: compreendi de imediato por que certas culturas consideram que o tamanho é erótico. Mais de alguém para amar. Para não falar de todas as coisas estranhamente intensas, vivas e vibrantes.

– E ela declinou uma abordagem casual e mostrou as fotografias da vasta prole, e tu ficaste em sentido.

– Com um rosto de uma beleza esplendorosa, Hallie. A pele parecia casca de pêssego e era ágil, como é próprio das raparigas grandes e bonitas.

– Vou ter de a manter longe do Ortho Stice porque esse rapaz é um verdadeiro rubensófilo. Quando nos sentamos à tarde para conversar, ele põe-se a perorar sobre tetas enormes e barrigas como melões e colos vibrantes até que todos nós começamos a fazer caretas e a apertar o nariz. E o que quer que tenhas querido dizer não era *ágil*.

– O jogador de reserva que está ao meu lado nos horríveis pré-aquecimentos equipados a rigor disse uma coisa de que gostei. A Helen passou por ele no balneário e ele... queres ouvir o que disse?

– Estava no balneário?

– É de lei. Os profissionais não são um *gulag* de relações públicas. Disse que ela tinha uma cara que partia o coração para depois correr em teu auxílio quando estivesses a cair para o lado agarrado ao peito.

– Muito bonito, O.

– Mas até agora só concordamos na questão da estranheza básica, segundo parece. Se os radicais ainda querem que o Quebeque se separe do Canadá e se esse foi sempre o seu objetivo principal, por que se terão dispersado a tentar organizar conflitos quase no mesmo momento em que a Interdependência foi declarada? *‘ce pas?*

– Prefiro concordar apenas com a ideia de que se trata de uma questão muito difícil e ir secar o meu tornozelo, encontrar uma camisa lavada e pedir um pouco de *Anbesol* ao Schacht antes de entrar no camião.

– Certo? E E todos estes grupos diferentes se dão bem, entre eles, com as diferentes falanges separatistas.

– Segundo a Poutrincourt não.

– Então porquê a mudança unânime e concertada de, por exemplo, que o Quebeque seja livre ou espetaremos navalhas nos olhos dos VIP canadianos e lançaremos tartes gigantescas na Rue Sherbrooke no Dia de São João Batista para que o Canádá seja livre ou faremos explodir todas as torres ATHSCME e poremos espelhos nas estradas dos Estados Unidos e penduraremos bandeiras com a flor-de-lis nos monumentos americanos e interromperemos as pulsações de InterLace e escreveremos obscenidades sobre Buffalo e desviaremos as catapultas de lixo para que chova trampa de alce em New Haven e mataremos a tiro os VIP ONANistas em território norte-americano e injetaremos toxinas anaeróbicas nos recipientes de amendoins *Planters*?

– Mas a chuva castanha de New Haven foi de gargalhada, tens de admitir.

– As gargalhadas fazem bem. Gostamos de gargalhadas. Mas qual é a motivação política de uma mudança de posição destas? Como é possível explicá-la? Só quero uma interpretação sóbria e sensata.

– Orin, estou a tentar conciliar a tua inegavelmente sincera seriedade com o facto de me teres escolhido para copensador.

– Tudo...

– Sou um americano, branco e privilegiado com dezassete anos. Sou aluno de uma academia de ténis que

se considera profilática. Como, durmo, evacuo, sublinho as coisas com marcadores amarelos e bate bolas. Levanto coisas e faço mover coisas e corro ao ar livre em grandes círculos. Sou tão apolítico como qualquer outra pessoa. Estou livre de todos os compromissos menos um. Estou aqui sentado nu com um tornozelo num alguidar. O que é tu realmente esperas de mim? Não sei se queres um novo e sólido argumento para facilitar o trabalho de coisar essa carnuda pessoa ou se porventura te convenceram de que vale a pena dilucidar os espinhosos processos mentais dos canadianos marginais. De *quaisquer* marginais. São coerentes os objetivos dos *Novos Contras* brasileiros? E do *Noie Störkraft?* Do *Sendero Luminoso?* Dos *CCC* belgas? Das brigadas de assalto pró-vida? Do *Ez-ed-Dean-el-Qassan?* E que dizer do objetivo da PETA de incendiar as quintas de criadores de animais para lhes tirar as peles? De Jesus, Gentle e o pobre PEULk?

– O *pobre* PEUL?

– Por que não hás de sobriamente encolher os ombros e invocar o termo *loucura* e deixar as coisas como estão? Por que não hás de dizer à pessoa que és apenas um jovem radicalmente simples e um pouco doente cujo ganha-pão é pontapear bolas bem alto?

– A única coisa que...

– Por que não te limitas a dizer: *Quem é que se interessa por isso?* Esse assunto não nos diz respeito. A pessoa com a qual este assunto está relacionado é a pessoa que tu mesmo dizes ter apagado todos os teus RAM. Por não dizer uma vez que seja a verdade?

– *Eu* dizer a verdade? *Eu* mentir?

– Essa ascapártica jornalista de revistas para casas de banho vai fazer o quê, um exame especial de admissão sobre extremismo francófono? Como um exame ginecológico? Tens de subir às alturas dela para que te deixe coisá-la no chão da creche ao lado do berço? Quem é que queres enganar? Quem é que julgas que se importa? Será que estás tão doente que não és capaz de admitir isso na merda de um *telefonema*?

– ...

– Ou então?

– ...

– Desculpa, O. Peço perdão.

– Não tem importância. Sei que não estavas a falar a sério.

– Odeio perder as estribeiras.

– Não pareces estar muito bem, Hallie. Pareces deprimido.

Hal coça um olho com um dedo.

– Esta dor de dentes faz-me sentir como se fosse aquela figura cambaleante que está a gritar na litografia de Munch.

– Essa mania de mascar tabaco vai corroer-te as membranas. É um vício muito mau. Estou a avisar-te muito a sério. Pergunta ao Schacht.

Michael Pemulis abre lentamente a porta de Hal e mete a cabeça e um ombro sem dizer nada. Acabou de tomar duche e está corado; treme-lhe o olho direito daquele modo que indica que o efeito de dois ou três *Tenuate* está a acabar. Traz na cabeça o boné de comandante de iate e nos ombros as divisas douradas de um falso posto da Marinha e tem numa orelha uma argola de pirata que se ilumina em sintonia com a pulsação dele. Com a porta entreaberta e a cabeça a espreitar para o quarto, mete o outro braço que tem atrás das costas para dentro como se não fosse o braço dele, a mão em forma de garra por cima da cabeça e finge que a garra o está a puxar para o corredor. Com uma expressão de falso terror nos olhos que faz girar.

Hal está agachado a examinar o dedo em busca de material ocular.

– Com toda esta excitação até me esqueci da resposta mais óbvia, O. A tua resposta no exame, e depois vou secar o tornozelo

Consegue ouvir Pemulis a perguntar qualquer a Petropolis Khan e e a Stephan Wagenknecht no corredor.

– Creio já ter tentado dar essa resposta óbvia, mas seja como for diz.

– O Pemulis acabou de fazer a primeira tentativa e deixou a porta entreaberta. Estou nu e na corrente de ar e esqueci-me do facto bastante óbvio de que quase três quartas partes da fronteira norte da Concavidade são contíguas ao Quebeque.

– Exatamundo.

– O que é que aconteceria se Otava se recusasse a aceitar que a Concavidade ficasse apensa a uma dada província? Seria um grande favor, tenho a certeza. Porque o mapa fala por si. Fora uns pedacinhos a oeste de New Brunswick e um bocado de Ontário, a Concavidade – o facto físico e a chuva radioativa da Concavidade – é um problema do Quebeque. Cerca de setecentos e cinquenta quilómetros de fronteira com a Concavidade e as respetivas infiltrações tóxicas para Notre Rai Pays.

– Sim, além de ser a zona mais atingida pelo lixo aéreo dos ATHSCME e a província que é mais afetada quando os veículos da EWD sobrevoam pela Concavidade. Foi isso que lhe disse.

– Portanto, qual é o problema? Coloca-te no lugar do Quebeque. Mais uma vez, é aos Quebequenses que toca a pior parte do Canadá. São essencialmente miúdos da zona oeste quebequense do tamanho de *Volkswagens* que andam por lá a cirandar sem crânio. São de lá os que são afligidos por cloracne, tremores e alucinações olfativas e os que têm filhos nascidos com um grande olho no meio da testa. Na parte leste do Quebeque há crepúsculos verdes e rios de cor azul-anilado, cristais de neve grotescamente assimétricos e jardins que é preciso atravessar com uma catana na mão para conseguir chegar a casa. Têm as incursões dos hámsteres selvagens, as depredações dos infantes e os nevoeiros corrosivos.

– Mas também não há grandes deslocações de pessoas para New Brunswick ou o lago Ontário. E os ATHSCME da costa enviam os fenóis até Fundy e as lagostas de lá parecem os monstros dos filmes japoneses e de noite a Nova Escócia brilha nas fotografias de satélite.

– Portanto, deves dizer-lhe que, proporcionalmente falando, Quebeque é que fica com a pior parte daquilo que o Canadá recebe. Os Quebequenses são *outra vez* os mais castigados e já sabes o que isso representa para a maneira de pensar deles. Não admira que as mentes radicais sejam violentamente anti-ONAN. Deve prevalecer um sentimento do tipo o copo já está a transbordar há muito tempo.

A porta abre-se totalmente e bate contra a parede. Michael Pemulis finge tê-la pontapeado.

– Que o Santo Unto nos livre e guarde, ele está em pelota – diz e fecha a porta depois de ver se há alguém no corredor.

Hal faz-lhe um sinal com a mão para que espere.

– Só que há uma coisa – diz Orin.

Pemulis fica de pé com ar de expectativa num espaço que não está desarrumado da metade do chão de Hal e faz de conta que está a olhar para o pulso como se lá tivesse um relógio.

– Só que há uma coisa – está Orin a dizer. – O que ela pretende saber é se há uma hipótese realista de que o Quebeque consiga que o Gentle convença a ONAN a inverter a Reconfiguração. Que volte a receber a Concavidade, que desligue os ventiladores, que nos faça entender que o lixo é fundamentalmente lixo americano.

– Bem, provavelmente é claro que não. – Hal olha para Pemulis e faz uma garra com a mão e começa a

fingir que ataca com ela o auscultador. Pemulis anda compulsivamente de um lado para o outro abrindo e fechando tudo o que tenha possibilidade de ser fechado. É um hábito que não agrada nada a Hal. – Não é possível pedir coisas coperentes e lógicas a mentes marginais.

– Mas espera aí, Hallie. O Canadá no seu todo não pode opor-se à ONAN. Não devia. Até agora Otava ainda não disse merda nenhuma e não o vai fazer nem que tenha a boca três vezes mais cheia. De merda, é claro.

Pemulis está a apontar com veemência para o lado de lá da janela onde o camião está parado no parque de estacionamento; o rapaz está também a fazer gestos excessivos à Henrique VIII. Os olhos dele, sob o efeito que se desvanece dos estimulantes vespertinos, não estão alegres nem vidrados. Ficam só mais reduzidos e sem brilho na cara delgada como um segundo par de orifícios nasais. O leve tremor do olho direito não está sintonizado com a pulsação do brinco.

Ouve-se o som de Orin a passar o telefone de uma mão para a outra.

– Então perguntar-te-ei o que parece que ela me perguntou retoricamente: os pequenos e patéticos gestos e campanhas anti-ONAN dos separatistas e das células marginais são apenas e essencialmente atos sem esperança e patéticos?

– Orin, achas que as cagadelas de peixe descem lentamente para o fundo? Como é que pode pensar que sejam outras coisa se é assim tão sabedora como tu dizes?

Hal tira o pé esbranquiçado do alguidar e seca-o com o lençol. Aponta para um par de cuecas que estão ao lado dos ténis de Pemulis. Este apanha-as com dois dedos e atira-lhas com um arrepio a fingir.

– Portanto, quer dizer que no melhor dos casos não passa tudo de uma coisa simbólica.

Hal, de costas, tenta vestir as cuecas só com uma mão.

– Diz-lhe, depois de teres acariciado durante algum tempo o queixo, que *sim*, O. O., o Pemulis já aqui está à espera com o chapéu posto e a fingir que está a tocar uma sineta. Já tem fios de baba a caírem-lhe do lábio inferior.

Na verdade, Pemulis está a fazer um complexo sistema de movimentos que explicam como se enrola um *duBois* e indicam que já é tarde. Nos últimos dois anos, Hal, Pemulis, Struck e Troeltsch (e às vezes B. Boone) têm organizado um pequeno ritual que consiste em ir à lareira escondida atrás dos contentores de lixo do parque de estacionamento da Casa Oeste para partilharem um obsceno *duBois* do tamanho de um charuto antes da expedição da véspera do Dia da Independência. para jantar fora, enquanto Schacht e algumas vezes Ortho Stice fazem guarda no camião, com as caras esverdeadas por causa do verde resplendor do painel do veículo, a aquecer os motores. Hal senta-se e pede com um gesto a Pemulis para que continue.

– Mas és tu que tens o senhor *Hope* – sussurra Pemulis.

– Um momento, se fazes favor. – Hal tapa o bocal com uma mão, põe-lhe com a outra várias almofadas e cobertores em cima e diz baixinho: – Onde é que meteste a tua parte do *ssenhor Hope*? Por que havemos de enrolar um grande zepelim com a parte que te comprei apenas há dois dias?

O nistagmo torna o tremor do olho ainda mais escabroso.

– Já acabou. Depois acertamos as coisas. Ninguém te quer *explorar*.

E Hal tem dificuldade em extrair a mão e o telefone.

– O., vou ter de me ir embora daqui já.

– Só mais uma coisa. Pensa na questão por mim e quando a tiveres solucionado telefona-me. Esta foi a proposta crucial da pessoa. Podes telefonar-me a pagar no destino, se quiseres.

– Não tenho de responder – diz Hal.

– Exato.

– Vou então ouvir o que tens para me dizer e desligar.

– E telefonas-me esta noite ou amanhã antes do almoço. A pagar no destino, se quiseres. Amanhã paga-se menos.

– Aguardo um momento, ouço e depois dá-se por terminada a conversa.

Hal está também a falar para Pemulis, que ciranda por ali com o busto de Constantino nas mãos. Observa-o de perto sacudindo a cabeça.

– Estás pronto? Aqui vai. Pronto?

– Fala de uma vez por todas.

– A posição dela é aproximadamente esta. Se o grande objetivo dos separatistas foi sempre a secessão independentista, e se tem uma possibilidade quase nula de alguma vez re-Configurarem a ONAN, e se uma grande parte do Canadá detesta o Gentle e a transferência da Concavidade e toda a sanduíche de *merde,* mas especialmente a Concavidade, o facto cartográfico de uma concavidade no nosso mapa e uma Convexidade no deles, que os mapas dizem agora ser território canadiano, esta área contaminada: aceitado estes dados como adquiridos, por que razão os separatistas do Quebeque não utilizam o ódio que desperta a Concavidade no Parlamento e vão a Otava e dizem uma coisa deste género aos outros canadianos: Olhem, separemo-nos e levaremos a Concavidade *connosco* nessa altura; será problema nosso e não vosso; ficará no mapa do Quebeque e não no do Canadá; será mancha *nossa* e argumento *nosso* de dissensão com a ONAN, a honra do Canadá estará a salvo e reabilitar-se-á não só a patética posição do Canadá na ONAN, mas também das comunidades mundiais em circunstâncias similares devido às formas engenhosas que o Parlamento de Otava terá adotado para redividir o mapa da ONAN sem atacar diretamente os Estados Unidos? Por que não? Por que não hão de ir a Otava para dizer que desta maneira toda a gente ganha? Nós conseguimos o Notre Rai Pays e vós conseguis tirar do vosso mapa a mancha da Concavidade. A pessoa interroga-se sobre a razão pela qual os Quebequenses não consideram o carácter odioso da Concavidade como o melhor que lhes poderia ter acontecido em termos de poder persuadir o Canadá a deixar que o Quebeque se separe. Atirou-me à cara com a seguinte ideia: Por que raio não hão de os quebequenses militantes com cabeça usar a Concavidade como moeda de troca na obtenção da independência, por que hão de querer que a ONAN recupere a única coisa suficientemente odiosa para servir de moeda de troca?

– Com quem é que estás a falar que não lhe possas telefonar mais tarde? – diz Pemulis em voz alta andando de um lado para o outro e dando meias-voltas de soldadinho de chumbo, como brinco a rebrilhar loucamente.

Hal baixa o auscultador mas não tapa o bocal.

– É o Orin, que quer saber por que razão o Quebeque e o FLQ não tentaram negociar com o Governo canadiano propondo a adoção cartográfica da Concavidade a troco da independência. – Hal abana ligeiramente a cabeça. – Suponho que isto é o que a Poutrincouurt denomina separação e regresso ao verdadeiro significado.

– Orin? O teu irmão? O da perna?

– Está muito preocupado com a política inter-ONANista.

Pemulis faz um megafone com as mãos.

– Diz-lhe que isso nem um peido vale! Diz-lhe que vá ler um livro! Diz-lhe que aceda a um banco de dados da Net! Diz-lhe que tens a certeza de que se pode dar a esse luxo! – Pemulis tem mãos finas, com nós

avermelhados e dedos longos e um pouco tortos. – Diz-lhe que já estás a ouvir o ruído do motor do camião a aquecer impacientemente, que está disposto a partir sem ti numa das poucas noites realmente livres que tens. Lembra-lhe que aqui se não comemos a horas ficamos doentes. Diz-lhe que aqui lemos livros e acedemos a bancos de dados e precisamos de comer e que não nos limitamos a levantar e a baixar uma perna de vez em quando para ganhar a pasta que ele ganha.

– Diz a esse tipo que se sente numa coisa aguçada – diz Orin.

– O., ele tem razão. Estou a sentir uma parte do meu corpo começar a alimentar-se da outra. Disseste que te podia telefonar. Ligo-te para o *pager*, se quiseres.

– Pemulis usou o pé para abrir um caminho pelo meio da roupa, das disquetes, dos livros e do equipamento de ténis até à janela oeste, onde começa a gesticular para uma ou mais pessoas do outro lado que o alto parapeito não deixa Hal ver. As cuecas de Hal estão em diagonal em cima do pélvis dele. Orin diz ao telefone:

– Imagina a coisa e pensa no assunto. Imagina o seguinte. O FLQ e várias outras células separatistas de repente desviam as suas energias terroristas do Canadá e concentram-nas nos Estados Unidos e México. Mas fazem um grande alarido propagandístico dizendo que esta rebelião terrorista se faz um nome de todo o Canadá. Descobrem mesmo uma maneira de comprometer os albertanos de extrema-direita, além de outros grupúsculos provinciais, de modo a que a ONAN é levada a crer que todo o Canadá está envolvido na revolta.

– Não preciso de imaginar isso. Já está a acontecer. A FCPCl faz constantes incursões em Montana. Há engarrafamentos infernais em InterLace e a substituição de programas infantis por pornográficos ocorrida em junho em Duluth foi levada a cabo por um quinteto de psicopatas do Sudoeste de Ontário. As estradas a norte de Saratoga ainda não podem ser usadas depois do anoitecer.

– Exatamente.

– Portanto, se quiseres que pense nalguma coisa, diz-me já, Orin.

– A questão é que a pessoa me convidou retoricamente a que considerasse a possibilidade de que na realidade se trata dos separatistas. Que a treta pan-canadiana não passa de um disfarce. Seja como for, todos os separatistas se uniram para orquestrar o anti-ONANismo. A pergunta retórica consiste em imaginar isso e fazer a pergunta: por que terão feito isto?

– Voltamos a estar na mesma história, O. Deve-se essencialmente ao facto de que a Concavidade afeta sobretudo o Quebeque.

– Não, o que quero dizer é que a pessoa quer dizer: porquê fazer tanto barulho com a história da revolta em nome de todo o *Canadá* e porquê fazer tantos esforços para dar a entender que se trata de uma coisa pan-*canadiana* contra o ONANismo.

– E então, a julgar pelo precedente, a pessoa deu uma resposta hipotética à sua própria pergunta. Conseguiste dizer alguma palavra ao longo dessa longa série de entrevistas, O.?

– E o que é que acontece se os separatistas estão convencidos de que se o governo da ONAN é levado a crer que o Canadá está envolvido até ao pescoço nisto o Gentle e os rapazes de branco dos Serviços Não Especificados podem unir-se ao Governo mexicano vichyficado e tornar as coisas muito difíceis para Otava? Podem transformar o Canadá no grande bode expiatório de toda a ONAN. É difícil conceber uma coisa pior do que ser um país membro de um *Anschluss* continental de três nações e ver que as outras duas se aliam para lhe fazer a vida negra.

– *Vichyficado? Anschluss?* Quem está a falar não é o Orin que eu conheço. Isso é conversa raivosamente

política. Que género de rubensiana jornalista da *Moment* te enfeitiçou para estares tão decidido a...?

– Não é nada difícil imaginar uma coisa tão desagradável. Os vetores da EWD podiam ser facilmente recalibrados mais a norte, se o Gentle lhes dissesse para o fazerem. Os nossos recursos em lixo são imensos. Numa hipótese mediana, poder-se-á dizer, nacos de razoável dimensão do Canadá podiam ser concavidados.

– Tenho de ir. O Pemulis está encostado à parede com ambas as mãos no estômago e começa a deslizar para o chão com aspeto pálido e trémulo.

– Imagina o Parlamento de Otava a roer as unhas até ao sabugo enquanto os separatistas conseguem que o terrorismo se pareça cada vez mais com uma ação do Canadá contra a ONAN.

Hal já vestiu as calças, tem calçado uma peúga normal e outra de desporto e apanha do chão diversas camisas que vai cheirando uma a uma.

– Mas tudo isto é...

– Basta! – brama Pemulis, que deita para o chão o que há a um canto da cama de Hal e tenta deitar a mão à antena transparente do telefone cono se a fosse partir enquanto Hal dá meia volta para a proteger com o ombro e chicoteia Pemulis com um polo.

Orin diz:

– O que te estou a perguntar é se isto pode acabar, depois de vários incidentes por cá que pareçam ser obra do Canadá, os tipos do PQ ou alguém respeitável decidem ir a Otava para propor o seguinte acordo: o Parlamento convence o Governo e o PM a convencerem as outras províncias a deixar que o Quebeque se vá, se separe, *aller, partir*, e em troca o Quebeque intensifica a rebelião anti-ONAN enquanto *renuncia* a fazer crer que as outras províncias também estão envolvidas e o resto do Canadá e torna público que é o Quebeque e só o Quebeque a verdadeira Némesis da ONAN. Dizem a Otava que lhe oferecem a fronteira com a Concavidade e enviam contra o Gentle e a ONAN tudo o que têm em termos de terrorismo e reivindicam todos os seus atos. Apresentam-se como os maus da fita e o seu objetivo é a des-Reconfiguração.

– Portanto a hipótese da tua jornalista multinível é uma espécie de metaextorsão. – Hal consegue ouvir a respiração entrecortada e sibilante de Pemulis. – A independência continua a ser o objetivo real dos insurretos do Quebeque e os seus ataques anti-ONAN não são o que parecem. – Hal está na penumbra, debaixo da secretária num canto da qual estão amontoados o telecomputador, os comandos, a consola, o *modem* e uma grande confusão de cabos, tentando encontrar o sapato que lhe falta. – Tratar-se-ia apenas de um ardil para que a ONAN se enfureça com o Canadá e assim os Quebequenses possam utilizar os Estados Unidos e o México para fazer pressão sobre o Canadá.

– Montar tudo de modo a que o Canadá fique contente por se ver libvre deles – diz Orin. – E estou a dizer que não tenho conhecimentos nem perspicácia suficientes para que percebe se está a gozar comigo ou a examinar a ms minhas capacidades de compreensão.

– Os exames sempre te assustaram.

– Por que não me passas o Bob e Axhandle e eu preparamos tudo e ficamos à tua espera? – sussurra Pemulis para as calças de Hal, que é a única coisa visível debaixo da secretária.

Uma mão de Hal sai de baixo da secretária e levante um dedo que sacode para dar mais ênfase. Pemulis está ao lado do pequeno ecrã do telecomputador, que está colocado como uma fotografia com um suporte para não cair, e o leitor de cartuchos e de discos, que ocupa menos de um quarto do tampo da secretária e tem a consola do telefone e uma unidade elétrica aparafusada a um recetáculo num dos lados do leitor.

A voz de Hal soa abafada e tem o tom forçado de quem examina um monte de cabos poeirentos à procura de qualquer coisa.

– Só que, Orin, não vejo necessidade de ponderar muito neste caso. Até agora a subversão antinorte-americana tem sido demasiado pobre e raquítica para que a teoria dela funcione. Os extravagantes bombardeamentos com tartes e trampa, os espelhos colocados em estradas solitárias, mesmo o assassínio de alguns funcionários públicos e o botulismo em recipientes de amendoins, nada disso serve para pôr de joelhos quem quer que seja. Nada disso faz do Canadá ou do Quebeque uma ameaça séria.

Michael Pemulis, com o seu vistoso boné puxado para trás e os lábios semicerrados como se estivesse a assobiar, embora não esteja a assobiar, passa muito tranquilamente a mão pela consola como se estivesse a limpar o pó. Com a outra mão faz tilintar as moedas que tem no bolso. Ouve-se o ruído da cabeça de Hal a bater contra qualquer coisa debaixo da secretária. Tem o traseiro ossudo e o cinto não passou por duas presilhas. A cavilha da unidade de energia está perto de uma luz vermelha que pisca à cadência de um alarme de fumo que a cavilha está ligada.

Hal espirra duas vezes. Pemulis tamborila com os dedos na superfície da unida num pequeno galope anapéstico. A voz de Orin soa como se ele estivesse sentado com as costas direitas.

– Hallie, meu rapaz, agora estás sintonizado comigo, aqui é que os teus lóbulos entram em ação, porque essa foi a minha resposta, que não havia nada na insurreição que justificasse grande preocupação, que foi quando ela ultrapassou a minha pergunta (a), se bem te lembras, quando ela usou a tal palavra *samizdat* em relação com...

a. Não perguntem.

b. *Ibid*.

c. Isto é, os Gramáticos Militantes de Massachusetts, um CAP para a defesa da integridade sintática que Avril tinha fundado com dois ou três muito queridos amigos e colegas na zona metropolitana de Boston.

d. A loucura da miraculosa comida antiesclerótica do Ano da Máquina de Lavar Louça Supersilenciosa *Maytag*.

e. O então magricela Eliot Kornspan, antes de Loach e Freer tomarem conta dele.

f. Os serviços de telecompra de alimentos, simultaneamente muito tecnológicos e de certa maneira atávicos, permitem-nos fazer uma encomenda através do telecomputador que depois é levada a nossa casa por tipos com ar de estudantes universitários, frequentemente aso fim de poucas horas, poupando-nos à tensão e ao fluorescente incómodo da compra pública. Desde o ARIAD tem mostrado ser um negócio em expansão mais numas zonas do que noutras. O primeiro serviço de telecompra na zona metropolitana de Boston só foi lançado em AY2007MRCVMETIUFI/ITPSFH,O,OM(s) e, estranhamente, é um negócio de baixo nível e da classe operária.

g. InterLace funciona em quase todo o território habitável da ONAN; cada nação tem (grosso modo) uma «grelha» de disseminação de entretenimento.

h. Depois do Lago Meech I, Charlottetown I e II e Lago Meech II, este foi a quinta e última tentativa para aplacar o Quebeque com uma emenda constitucional que formalizava o direito da província gálica a «preservar e promover uma sociedade e uma cultura específicas».

i. Na guerra franco-índia, conhecida no Quebeque como «La Guerre des Britanniques et des Sauvages», AS c. 1754-60, nas últimas batalhas do conflito, como as da planície de Abraham em 1759 e Montreal em 1760, os Ingleses e os Americanos deram porrada à brava e mataram que se fartaram, coisa que os Quebequenses, cuja memória em meteria de insultos é proverbial, nunca mais esqueceram. O engenhoso

Amherst também andou por Ticonderoga e Montreal com as suas fiáveis mantas empestadas de varíola.
j. Gramática e Significado.
k. Falange de Calgary Pró-Canadiana.

111 O termo de Hal, de facto um termo da família Incandenza, não é aqui desadequado, já que muitas dessas palavras foram introduzidas no uso familiar por Avril Incandenza, uma expatriada do Quebeque, onde este vocábulo tem ressonâncias especiais.

112 Trata-se do conhecido e muito temido grupo *Les Assassins des Fauteuils Rollents*, da região de Papineau, ornamentada com os veículos da EWD, no Sudoeste do Quebeque.

113 Este material nervoso é descrito pelo especialista de OB-GIN no seu Dictael como «neural-cinzento».

114 ©AS MCMLXII, The Glad Flaccid Receptacle Corporation (Companhia do Recipiente Flácido *Glad*), de Zanesville, Ohio, patrocinador do ultimo ano do Tempo Subsidiado da ONAN (vide nota 78). Todos os direitos reservados.

115 A contractura de Volkmann é uma severa deformação em forma de serpentina dos braços que é causada por uma fratura que não tenha soldado ou por um osso lascado ou por um braço ferido que se deixou ficar doentiamente dobrado durante a cura; *bradyauxesis* refere-se a uma parte ou a várias partes do corpo que não crescem tão depressa como outras. Ele Mesmo e a mã familiarizaram-se com estes termos alusivos a problemas congénitos por meio de Mario, sobretudo as variantes da raiz médica *brady*, que provém do grego *bradys* e significa lento, como em bradilexia (rel. à leitura), bradifemia (rel. ao pensamento prático para solucionar problemas), bradipneia noturna (respiração perigosamente lenta durante o sono, razão pela qual Mario usa pelo menos quatro almofadas), bradipedestrianismo (óbvio) e especialmente bradiquinésia, um quase gerontológico *lentissimo* em quase todos os movimentos de Mario, uma exagerada lentidão que tanto se assemelha como permite uma atenção extremamente lenta e de perto a tudo aquilo que esteja a ser feito.

116 Mais ou menos o *BMW* das máquinas de filmar digitais de cartuchos, artefacto produzido em séries limitadas por Paillard Cinématique, de Sherbrooke, Quebeque, semanas antes de as suas instalações de produção terem recebido uma potente dose de radiação anular e a empresa fosse desta para melhor.

117 ... ultrapassado o lugar para referir que a cabeça de Mario – em perversa contradição com o problemas dos braços – é hiperauxética e duas ou três vezes maior do que a cabeça e o fácies de um gnomo ou de um jóquei.

118 Poderia pensar-se, por esta ou aquela razão, que Mario seria unha com carne com os funcionários da manutenção, da cozinha ou da jardinagem, mas, coisa estranha, nunca tiveram nada que dizer uns aos outros e, com raras exceções, nenhum membro da ATE, incluindo Mario, tem alguma coisa de interpessoal a fazer com os operários contratados por noves meses provenientes do centro de reabilitação, que basicamente se limitam a varrer e a esfregar o chão e a esvaziar os caixotes do lixo e a levar os ratos até ao aparelho para os manter aquecidos que há na sala de jantar, e que irradiam uma espécie de reserva dos olhos semicerrados que mais parece de ressentimento e ingratidão que de timidez.

119 ... também se ultrapassa o sítio para dizer que Mario é homodôntico: todos os dentes dele são bicúspides e idênticos, os da frente e os de trás, não muito diferentes dos das tartarugas. É uma fonte de perpétua curiosidade para Ted Schacht, que procura evitar Mario porque quando o tem por perto é obrigado

a lutar contra a vontade que sente de lhe abrir a boca para o submeter a um exame, o que, segundo parece a Schacht, iria ferir as suas suscetibilidades: ninguém quer ser objeto de tal manifestação de interesse clínico.

120 Este fenómeno é aquilo que os adultos hegelianos e capazes de abstração denominam «consciência histórica».

121 Os procedimentos pré e pós-*Eschaton* são muito complexos, de modo que apenas se faz um jogo a sério no máximo uma vez por mês, quase sempre ao domingo, mas nem assim todos os menores de doze anos têm tempo livre suficiente para poderem participar, daí a latitude e o número excedentário de jogadores.

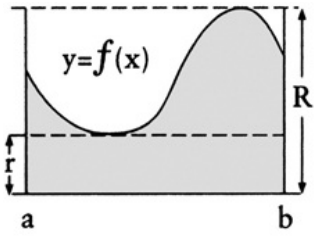
122 Séries Cartográficas e Escolares ONANistas W-520-500-268-6w – 9w – 9w – 14w^4. © AS 1944, Rand McNally & Company.

123 Pemulis dita a Hal, que, sentado, faz uma espécie de campanário com os dedos que leva aos lábios querendo dizer que não vai tomar notas, que esperará para as inscrever (*sic*) numa altura qualquer da semana seguinte e de modo literal, o pobre diabo. Se se usar a fórmula de valor médio para dividir a megatonelagem disponível pelos combatentes cujo *ratio* PIB/Militar//Militar/Nuclear varia em cada *Eschaton* não é necessário determinar um novo *ratio* para cada combatente de cada vez, além de permitir experimentar uma multirregressão aos resultados já conseguidos a fim de que os combatentes sejam recompensados pela sua *largesse* termonuclear passada (ocasionais floreados verbais de Hal's –HJI). A fórmula também é demostrável por meio do Teorema de Valor Extremo, que representa em si mesmo uma prova de que é o retorcido e lixado elemento de toda diferenciação aplicada, mas vê-se que Hal sorri, de modo que o melhor é manter a coisa compacta, embora seja de facto muito interessante para alguém muito interessado.

Digamos que se tem um combatente e a informação sobre o seu anterior *ratio* PIB/Militar//Militar/Nuclear. Queremos dar a esse combatente a média exata de toda a megatonelagem que teve no passado. Essa média exata denomina-se «valor médio», o que nos provocaria uma risada, dado o contexto hostil.

Então, digamos que A representa o valor médio do ratio de um combatente em contínua flutuação e, portanto, também flutua constantemente a megatonelagem inicial. Queremos conhecer A a dar ao combatente um número exato de megatonelagem. A maneira de fazer isto é bastante elegante e só é preciso ter os dados: o máximo e o mínimo do *ratio* que se tenha conseguido. Estes dois *datum* (*sic*) são denominados valores extremos da função cn-n para a qual A é o valor médio, a propósito.

Mas então permitamos que f seja uma função não negativa contínua (querendo significar o *ratio*) no intervalo [a, b] (querendo significar a diferença entre o menor e o maior *ratio* de sempre e sabe-se lá que mais). Estas explicações são irritantes (*sic*)? O Inc está a olhar para mim como manteiga prestes a congelar. É difícil saber o que se tem de intuir o que se tem de explicar. Tento ser o mais claro que posso (*sic*). E agora olha para mim como se eu estivesse a divagar. Por que não passamos um certo *item* de novo para aqui, Inculador? Assim, temos f e temos [a, b]. Agora verifiquemos os retângulos da altura r e da altura R sobre o intervalo [a, b] com o diagrama abaixo e com a marca PEEMSTER:



PEEMSTER

A, o valor médio que procuramos, pode agora expressar-se integralmente como a área de um retângulo de tipo intermédio cuja altura é mais alta (*sic*) do que r mas mais baixa (*sic*) do que R. Daqui para a frente é apenas treta. Precisamos de uma constante. É sempre necessário uma constante. Inc abana a cabeça sarcasticamente, como se eu estivesse a pensar que estava dizer uma coisa sábia. Que d seja a constante; por razões computacionais, quanto mais próximo de 1, melhor, pelo que devemos deixar que d tenha o mesmo tamanho que a Unidade de Hal.

Apêndice de Hal: Em metros.

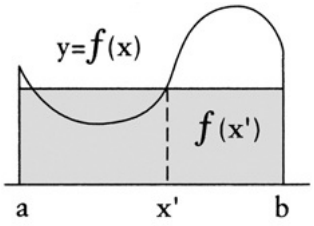
Resposta de Michael Pemulis: Que engraçadinho. Agora, olhando o perversamente iluminado diagrama PEEMSTER acima, é possível ver que esta área que queremos:

$$A=\int_a^b f(x)dx$$

Vai ser maior do que a área do retângulo com altura r mas menor do que a área do retângulo com altura R. Uma pura razão mental (*sic*) impõe, então, que (*sic*) em algum lugar, lá entre r e R, esteja a altura exata, f(x'), de modo que (devo dizer que toda a demonstração de um teorema estatístico tem vários *de modo* que *deixemos*, suponho que sobretudo porque dá gozo dizê-los) de modo que o retângulo desta altura f(x') sobre todo o intervalo [a, b] tem exatamente a área que queremos, o valor médio de todo o histórico *(sic) ratio* de despesas.; por outras palavras, numa fórmula abstrata:

$$\int_a^b f(x)dx = f(x')(b-a)$$

em que (b – a) tem o tamanho de todo o intervalo. E deita uma vista de olhos ao revelador diagrama chamado PIÇADHAL:



HALSADICK

Porra, isto *funciona*. Não é preciso calcular um novo *ratio* de cada vez e por cada um dos combatentes para atribuir os explosivos. A única coisa que se tem de fazer é retirar o *ratio* mais alto e o ratio mais baixo dos registos que o homem do gorro tem para cada vez. Isto é *perverso*. Isto é *elegante*, porra. Note-se que (*Note-se que* é outro termo obrigatulório [*sic*]) note-se que valor médio da megatonelagem do combatente mudará ligeiramente de *Eschaton* para *Eschaton* excactamente da maneira que a média anual de pontos de um jogador de basquetebol muda um pouco de um dia para outro dependendo dos pontos obtidos em cada jogo. Note-se também que é possível usar este valor médio como uma coisa que varia dentro de um conjunto (definível) de limites, como uma linha, os limites de um campo de ténis, ou como o nível de uma determinada droga no sangue que a pessoa entre Limpa e Regiamente Tesa. Como exercício, caso se esteja interessado, jogue-se três horas seguidas ténis de alto nível competitivo (*sic*) e depois calcule-se o valor médio do *ratio* entre primeiros serviços e subidas à rede nos pontos ganhadores; o mesmo para quem serva-e-faça-vólei; assim será possível saber quanto depende do primeiro serviço. DeLint faz este género de exercício todas as manhãs. Vai ser interessante ver se (*sic*) Hal, que se acha muito esperto a explicar o *Eschaton* no tempo (*sic*) da terceira pessoa como um velho eschatonologista com papada e remendos de cabedal nos cotovelos (*sic*), se Hal consegue transpor (*sic?*) esta matemática sem ajuda da mamã. Veremos.

124 Tanto *EdnStat* como *Mathpack* são marcas registadas de Aapps Inc., que é agora uma divisão de InterLace TelEntertainment.

125 Devem usar-se as duas mãos para levar os cestos de plástico para a roupa, o que é impeditivo de levar bolas em cima da raqueta colocada em posição horizontal; os baldes de serviço descartados têm a dimensão de um cesto pequeno, mas possuem uma sólida asa de ferro e a sua dura composição de polímeros garante-lhes uma longa vida. Foi neste tipo de baldes que Pemulis vomitou antes do seu jogo em Port Washington.

(Várias empresas de artigos desportivos vendem recetáculos especialmente concebidos para bolas com nomes como «Funil de Bolas» e «Banco de Bolas», mas o consenso generalizado na Academia é de que são para diletantes e maricas.)

126 Sendo quase impossível evitar que o presente infete mesmo uma lúdica e infantil consciência histórica, os Canadianos acabam por ter papéis de pouca monta mas de vilões na SITACT do *Eschaton*.

127 Todos estes pequenos pormenores e adornos são da autoria de Inc, que se diverte com isso, e não da SITACT de Otis, que é cem por cento votado à eficiência.

128 Mais Valioso Lobista.

129 Na melhor tradição de Allston, Massachusetts, é um amigo leal e um inimigo perigoso. Mesmo os membros da ATE que não sentem nenhuma simpatia por ele tem muito cuidado quando fazem ou dizem alguma coisa que possa desencadear uma represália posterior, já que Pemulis é um consumado *gourmet* em matéria de vinganças, e não lhe importa nada drogar um jarro de água, eletrificar o puxador de uma porta,

procurar e encontrar uma coisa horrível sobre alguém no arquivo médico da ATE, ou manipular o espelho da cómoda na parte mais recôndita do teu subdormitório de modo que quando alguém se olha ao espelho de manhã para se pentear ou espremer uma espinha, vê uma coisa que lhe devolve o olhar e que nunca mais se consegue superar, e foi isso que aconteceu durante anos a M.H. Penn, que depois não contou o que tinha visto, mas deixou de vez de fazer a barba e, segundo se diz, nunca mais voltou a ser a mesma pessoa.

130 Na verdade, Pemulis não disse literalmente «pão e sal».

131 Antes das reuniões com orados dos grupos de Boston, têm frequentemente lugar reuniões de discussão de novatos onde os recém-chegados podem partilhar a sua confusão, as suas fraquezas e o seu desespero num caloroso ambiente privado e solidário.

132 A palavra Grupo em Grupo AA é sempre escrita com maiúscula porque os Alcoólicos Anónimos de Boston atribuem grande importância ao facto de uma pessoa se tornar membro e se identificar com esta identidade maior que é o Grupo. Pelo mesmo motivo usam-se maiúsculas em outras expressões.

133 O pequeno quarto de Gately na húmida cave da Ennet House tem as paredes, pelo menos nas zonas secas onde se pode aplicar fita-cola, totalmente cobertas com fotografias de todos os géneros de variadas e esotéricas celebridades passadas e presentes extraídas das revistas que os residentes deitam para os contentores do lixo; estas fotografias são escolhidas porque os famosos são de certa maneira grotescos; é uma espécie de hábito compulsivo que Gately trouxe dos tempos da sua infância bastante disfuncional em North Shore, quando era um empedernido viciado em recortar e colar.

134 E quando se é recém-chegado, digamos que nos primeiros três dias, e portanto em compulsiva mas não punitiva restrição – como a velada Joelle van Dyne, que acaba de entrar hoje, 8 de novembro, Dia da Interdependência, depois de o médico das Urgências do Hospital para Mulheres de Brigham lhe ter injectado[a] *Inderal* e nitro e lhe ter visto a cara sem o véu; ficou muito afetado e decidiu interessar-se particularmente pelo caso, o que teve como consequência a recuperação do conhecimento e da fala por parte de Joelle. O médico telefonou a Pat Montesian, que tinha tratado por causa de um ataque de paralisia alcoólica há quase sete anos, e por cujo caso tinha mostrado interesse, a ponto de seguir o caso dela; de maneira que era agora amigo pessoal da sóbria Pat M. e membro honorário da direção da Ennet House; o telefonema dele para casa de Pat no sábado à noite tinha tido efeito imediato e Joelle dera entrada na Ennet House. Teve alta no próprio Dia da Interdependência, passou à frente de dúzias de pessoas que estavam na lista de espera e entrou logo para o programa intensivo de tratamento residencial antes mesmo de ela tomar conhecimento disso, circunstância que vista retrospetivamente talvez tenho sido uma sorte – quando se é assim tão novato tem de se ficar à guarda constante de um enfermeiro, embora na prática esta regra não seja cumprida quando se tem de ir à casa de banho das senhoras quando o funcionário é do sexo masculino ou vice-versa.

a. Hidrocloreto de propranolol, de Wyeth-Ayerst, um antidepressivo beta-bloqueante.

135 Ao fim de algum tempo, uma convicção de todos aqueles que aguentam nos AA e que tem a sua expressão abstrata no lema «Foi a Minha Melhor Ideia Que Me Trouxe Para Cá».

136 Nome comercial: *Fastin*, ©SmithKline Beecham Inc., uma droga de baixa potência bastante idêntica ao *Tenuate*, embora mais associado ao ranger de dentes.

137 Nenhum destes termos é de Gately.

138 Em Boston, por exemplo: juntar-se ao Grupo, ser ativo, atender o telefone, arranjar um padrinho, telefonar ao padrinho todos os dias, assistir às reuniões todos os dias, rezar como um louco para vencer a doença, não cometer o erro de que é possível comprar gasosas nas lojas que vendem vinho nem ter encontros com a sobrinha do passador nem pensar um instante que seja que é possível frequentar bares só para jogar aos dardos e beber *Millennial* ou *Yoo-Hoo* de baunilha, etc.

139 Eugenio Martínez, conselheiro voluntário, aprecia os tropos e as analogias entomológicos que são particularmente eficazes com os recém-chegados que vão participar no safari subjetivo ao longo do Reino dos Insetos.

140 Na vulgata de North Shore de Don G. o termo para banal/corriqueiro é *coxo*.

141 Da mesma maneira, o termo que conhece para negro é *escarumba;* e infelizmente continua a ser o único que conhece

142 Efetivamente, a oradora não usa termos como *coiffure*, pós-coital ou sistema operativo, embora tivesse dito antes família dos vertebrados.

143 *Sic*.

144 Veja-se, por exemplo, «Observando a Erva Crescer Enquanto Se É Atingido Várias Vezes na Cabeça Com um Objeto Rombo: Fragmentação e Estase em *Viúvo, Divertimento com Dentes, Cerimónia do Chá em Gravidade Zero* e *Acordo Pré-nupcial entre o Céu e a Terra*, de James O. Incandenza», de Ursula Emrich-Levine (Universidade da Califórnia-Irvine), Art Cartridge Quaterly, Vol. II, nos. 1-3, Ano do Frango Maravilha Perdue.

145

FRAGMENTOS DA TRANSCRIÇÃO DE PARTE DE UMA SÉRIE DE ENTREVISTAS PARA O PUTATIVO PERFIL DE ORIN INCANDENZA, PONTAPEADOR PROFISSIONAL DOS PHOENIX CARDINALS, A PUBLICAR PELA REVISTA MOMENT E DA AUTORIA DE HELEN STEEPLY, PUTATIVA REDATORA DE PERFIS PARA A REVISTA MOMENT

P:

– Bom, há sempre algum consolo quando temos diante dos olhos uma pessoa que vai gradualmente enlouquecendo; por exemplo, O Cegonha Louca às vezes fazia coisas bastante engraçadas. Pensávamos muitas vezes que era uma pessoa divertida.

É conveniente recordar que se meteu no entretenimento sobretudo por causa de interesse que tinha por lentes e por iluminação. Penso que a maior parte dos realizadores com ambições artísticas se vão tornando cada vez mais abstratos. Com ele deu-se a situação oposta. Grande parte da sua produção mais divertida era muito abstrata. Esse brincos são de cobre verdadeiro? Podes usar cobre verdadeiro?

P:

– É preciso recordar que ele pertencia àquele grupo de velhos realizadores pseudo-artísticos que de facto já eram «ne pas à la mode» quando ele surgiu, não só Lang e Bresson e Deren mas também os abstracionistas anti-Nova vaga como Frampton, canádios loucos como Godbout, anticonfluencias como Dick e os Snow, que não só pertencia verdadeiramente a um mundo tranquilo e cor-de-rosa, como estava afectadamente para lá do seu tempo e faziam aquele tipo de filmes pesados e gestuais sobre o próprio cinema e a consciência, os ismos, a difração e a estase, etc. A imensa maioria das mulheres bomitas que conheci queixam-se de que o cobre lhes provoca a inflamação das orelhas. Por isso, os críticos e os académicos que aplaudiam este novo e milenar Neorrealismo Ortocromático como sendo a nova vanguarda

estavam de facto a manter os seus lugares malhando em Dick e Godbout e detestávamos Snow e O Cegonha Louca por tentarem ser vanguardistas quando afinal tentavam conscientemente ser o mais *après-garde* possível. Nunca se esclareceu totalmente o significado de *Ortocromático,* mas foi uma coisa muito na moda. O Cegonha Louca dissertava longamente sobre atavismo intencional e, retrogradismo e estase. Além disso, os académicos que o odiavam amaldiçoavam os seus sets artificiais e a iluminação cloro-escura, que o Cegonha acalentava como um fetiche propiciado pelo uso de lentes esquisitas e o claro-escuro.

Depois daquela coisa sobre a Medusa e a Odalisca e depois de A Partida – e os teóricos-homossexuais defensores do *establishment* cinematográfico taparam o nariz e disseram que Incandenza ainda seguia os caminhos do formalismo e da abstração não realista do século anterior –, Ele Mesmo, O Cegonha Louca, de uma maneira cada vez mais louca, decidiu vingar-se. Planeou quase tudo no Hospital McLean, que está situado em Belmont, e onde Ele Mesmo tinha nessa altura um quarto privado. Criou um género que considerou como o último neorrealismo e conseguiu que algumas revistas de cinema publicassem uma espécie de proclamações escritas por ele e convenceu Duquette, doMIT, e outros dois críticos jovens a escreverem pequenos artigos nos jornais e revistas e a falarem dele em inaugurações de galerias, teatros de vanguarda estreias de filmes, alimento os rumores e louvando o novo movimento que denominaram Drama Encontrado, supostamente o último grito do neorrealismo, e declararam que era por assim dizer o futuro da arte dramática e cinematográfica, etc.

Porque estou a pensar que como gostas de coisas de cobre e destes pequenos sóis aztecas há uma loja em Temper, conheço o dono, que vende umas peças incríveis de cobre que poderás ir ver e comprar com desconto. A minha teoria pessoal é que é preciso ter uma cútis de extrema naturalidade para se poder usar estes metais de mais baixa qualidade, embora possam provocar alergias, pela maneira como algumas mulheres reagem e outras não.

P:

– E isso foi o Drama Encontrado, e é preciso ter em mente que tanto Duquette como um crítico de Brandeis chamado Posener, ambos envolvidos na vingança, receberam uma data de massa para fazer aquilo, e O Cegonha Louca arranjou para outros dois menos importantes bolsas para que andassem pelo país onde houvesse programas de pós-graduação a dar conferências brutamente sérias sobre o pretenso Drama Encontrado, e então, quando regressaram a Boston, O Cegonha Louca e os outros dois críticos embebedaram-se e riram-se como desalmados até que se tornou uma evidência que O Cegonha Louca tinha de voltar para o programa de desintoxicação.

P:

Como uma alcunha de família. O Hal e eu chamávamos-lhe Ele Mesmo ou O Cegonha Louca. A Mã foi a primeira a chamar-lhe *Ele Mesmo;* creio que deve ser uma coisa de canadianos. O Hal quase se limita a dizer Ele Mesmo. Só Deus sabe como é que o Mario lhe chama. Quem sabe. Eu disse *Louca,* O Cegonha Louca.

P:

Não, não *existia* qualquer cartucho ou obra de Drama Encontrado. Era uma brincadeira. A única coisa que acontecia é que ele, juntamente com dois amigalhaços, o Leith e o Duquette, pegava numa lista telefónica de Boston, rasgava uma página, colavam-na à parede e então O Cegonha Louca lançava um dardo da outra ponta da sala. À página. E o nome em que acertava convertia-se no protagonista do Drama Encontrado. E o que quer que acontecesse ao protagonista cujo nome tinha sido encontrada desta maneira na próxima hora e meia hora constituía o Drama. E quando a hora e meia acaba, vai-se beber um copo com

os críticos que entre risadas, apresentam as suas felicitações por ter sido criado o último grito do neorrealismo.

P:

Faz-se o que se quer durante o Drama. Não se está lá. Ninguém sabe o que está a fazer o nome da lista telefónica.

P:

– A teoria da brincadeira é que não havia público nem realizador nem palco nem set porque, como argumentavam O Cegonha Louca e os seus acólitos, na Realidade não há nada disso. E o protagonista não sabe que é o protagonista de um Drama Encontrado porque na Realidade ninguém pensa estar num tipo de Drama, qualquer que ele seja.

P:

– Quase ninguém. E é uma ideia excelente. Quase ninguém. E vou correr o risco de te dizer que estou um pouco intimidado.

P:

– Preocupa que possa parecer machista ou ofensivo. Vivi rodeado de mulheres muito bonitas, mas não estou habituado a que me digam coisas tão genuinamente pertinentes, assustadoramente, multifacetadas e politicamente sábias e penetrantes. Lamento se isto parece machista. É apenas a minha experiência pessoal. Dir-te-ei simplesmente a verdade e correrei o risco de que penses que sou um estereótipo de atleta Neandertal ou de palhaço machista.

P:

– Não, absolutamente nada foi gravado ou filmado. Porque a Realidade está isenta de máquinas de filmar, repito-te que não passou de uma brincadeira. Nunca ninguém soube o que tinha feito o tipo do telefone nem ninguém soube em que tinha consistido o Drama. Só gostavam de especular sobre isso quando saíam uma hora e meia depois para ir beber e fingir que estavam a analisar o modo como tinha decorrido o Drama. Em geral, Ele Mesmo imaginava o tipo sentado a olhar para cartuchos ou a contar quantos desenhos havia no papel de parede ou a olhar para a rua pela janela. Talvez não fosse impossível que o nome em que se tinha cravado o darde pertencesse a alguém que já houvesse morrido há um ano e que a companhia dos telefones ainda não tinha suprimido, e ali estava aquele morto não passava de um nome tirado ao acaso da lista telefónica e, no entanto, o nove dele andava na boca de toda a gente durante meses, até que Ele Mesmo desse por concluída a farsa ou já se considerasse suficientemente vingado porque os críticos a quem pagava para avaliarem, criticarem ou aclamarem tudo aquilo como o último grito do neorrealismo de vanguarda diziam que talvez fosse necessário reconsiderar a obra do Cegonha Louca devido à genialidade de ter criado um Drama sem público e com atores tão alheados de tudo que podiam ter-se mudado ou morrido. O Cegonha Louca conseguiu um apoio de um par de milhares de dólares e depois arranjou uma data de inimigos porque se recusou a devolvê-los quando confessou a fraude. O assunto teve contornos muito loucos. Gastou o dinheiro da bolsa para o Drama Encontrado num par de companhias locais de teatro improvisado. Não ficou com o dinheiro. Não precisava dele. Creio que aquilo que mais lhe agradou foi a ideia de que a estrela do espetáculo pudesse ter-se mudado ou ter morrido e de que não havia forma de saber isso.

146 Veja-se, por exemplo, a primeira coprodução narrativa, *Acordo Pré-nupcial entre o Céu e o Inferno*, de Incandenza e Infernatron-Canada, realizado no apogeu do seu período anticonfluencial. Distribuiçao privada. LMP.

147 O caráter festivo desta ordem deve-se ao facto de que tanto ele como Gerhardt Schtitt acabam de regressar de vária apresentações da ATE em diferentes clubes de ténis demasiado tarde para terem sido informados do pandemónio degenerativo do Eschaton e das graves lesões de Lord, Ingersoll e Penn. O pró-reitor Rik Dunkel e o massagista Barry Loach contaram o que se tinha passado a Avril; Schtitt seria informado por Nwangi ou DeLint, o primeiro que marcasse o número de telefone, e a tarefa de contar a Tavis caberia a Avril, que – devido à circunstância de Tavis já ter perdido bastantes horas de sono para se preparar emocional e retoricamente para a iminente chegada da putativa jornalista «Helen» Steeply da revista Moment, que ele tinha sido convencido a deixar entrar nos terrenos da Academia com base no argumento apresentado por Avril de que os responsáveis da revista prometeram que o perfil do sujeito (e consequente falatório) seria apenas apresentado como sendo de um antigo aluno da ATE (Avril esqueceu-se de dizer a Tavis que tinha quase a certeza de que se tratava de Orin) e de que alguma boa publicidade a favor da ATE não seria nada prejudicial em termos de recolha de fundos e de recrutamento de novos alunos – certamente vai aguardar e deixar para a manhã seguinte essa tarefa (Tavis está num estado de espírito demasiado festivo para notar que há três ou quatro rapazes agoirentamente ausentes do jantar de gala) para que o pobre homem possa dormir um pouco (também dando tempo a Avril para pensar como podem cair, pois têm de cair, as cabeças de alguns alunos, dado o caos e os ferimentos de fim de temporada sob a vigilância presencial de da Companheirões, incluindo Hal, que, ao contrário de John, graças a Deus, assistiu a tudo na companhia daquele tal Pemulis. Hal consegue perceber através do *gestalt* emocional da sala de jantar que nem Tavis nem Schtitt foram informado do que se tinha assado durante o jogo de Eschaton, mas que a Mã é quase impenetrável, e que ele, Hal, não poderá saber se ela já sabe da débacle até conseguir afastar Mario de Anton («O Homem do Saco») Doucette para perguntar diretamente a Booboo quando o filme acabar.

148 Troeltsch usa um boné debeisebol InterLace Sports; Keith Freer um elmo viquingue operístico de dois cornos e um colete de cabedal; Fran Unwin um fez; o pequeno e feroz Josh Gopnik o gorro branco com a marca dos rodados do carrinho na sequência da débacle da tarde. Tex Watson usa umk Steson castanho de copa bastante alta; a pequena Tina Echt, uma estranhíssima boina com grandes quadrados que lhe cobre metade da pequena cabeça; as gémeas Vaughtum esquisito chapéu de coco com duas cúpulas e uma aba; Stephan Wagenknecht um morrião dee plástico – isto deitando uma vista de lhos ao acaso; os abrigos vde cabeça são muito variados, toda uma topografia de chapéus – e Carol Spodek um chapéu de pintor com o nome de uma empresa de tintas; e Bernardette Longley um boné de alpaca que impede a visão de quem está atrás dela. Duncan van Slack, uma espécie de arcabuz c/ fivela. Talvez se devesse mencionar o facto de Avril usar uma máscara de microfiltro Fukoama, uma vez que anda era muito cedo para que pudesse começar a jantar. Ortho Stice traz um solidéu, USS Millicent um leve chapéu de feltro preto, Tall Paul Shaw, lá ao fundo, um elmo e um escudo de conquistador e Mary Esther hode um simples bocado de cartão colocado verticalmente em cima da cabeça com os dizeres CHAPÉU. A espetacular barretina de pele de urso de Idris Arslanian está presa com uma correia por debaixo do queixo.

149 (I.e., vocalistas vestidos de seda que estalam os dedos e dizem aos espectadores dos casinos que são gente maravilhosa, mas quando chega a altura de cantar esses vocalistas mexem os lábios mas não sai nada das suas boca, muito menos uma coisa aveludada, todo o som desaparece, uma situação ainda mais dramática devido à habilidade com que os Frankies e os Tonies movem os lábios sincronizados em absoluto silêncio – e a maneira como o público maravilhoso dos casinos, atingido onde quer que esteja, de uma forma qualquer, claramente, reage com sentimentos quase psicóticos de privação e abandono: converte-se

numa turbamulta, quase destrói as salas, derruba pequenas mesas redondas, arroja copos de bebidas oferecidas e em geral, na sua imensa maioria, o público comporta-se como se fosse composto por crianças disfuncionais ou inadequadamente alimentas.)

150 Os anos à volta do milénio representaram uma época terrível para o lixo nos Estados Unidos no que respeita ao ozono, a lixeiras e a dioxinas indevidamente tratadas, com o ciclo DT de fusão anelar numa fase de desenvolvimento em que não-gerava-maciças-quantidades-de-lixo-de-alta-toxicidade quando comparado com o processo-nuclear-de-consumo-de-lixo-cujo-próprio-lixo-era-o-combustível-da primeira-fase-intensiva-do-ciclo-de-reações-de-produção-de-lixo.

151 A expressão usada foi *do tipo depressivo*.

152 Uma sala de pesos e alteres às escuras e nada agradável não é exatamente o melhor lugar de reunião.

153 Às vezes, é uma coisa tão direta como dizer à pessoa para dar ao noivo o chapadão de mão aberta que ela já ansiava secretamente dar-lhe desde que ele se metera com ela e lhe dissera para pôr uns pensos nas picadas de mosquito que tinha no peito.

154 = ao anticonfluencial *Jaula III – Espetáculo Gratuito;* ver Nota 24 *supra*.

155 A Medusa traz um vestido de noite sem costas, feito de metal género cota de malha, e umas sandálias helénicas, e a Odalisca, um corpete Viúva Alegre.

156 O especulativo teatro de fantoches de Mario talvez sublinhe as implicações de que Rodney P. Tine, antigo patrocinador do grupo OCD, depois diretor de campanha do Partido dos Estados Unidos Limpos e agora chefe dos SNE, é o verdadeiro poder oculto atrás da Reconfiguração, do remapeamento da Nova Inglaterra e da transferência da Grande Concavidade; Johnny Gentle, o Famoso Cantor Romântico, continua a ser uma figura relaxada e essencialmente cordial e aturdida, contente por poder fazer girar o seu microfone e imolar a sua epiderme desde que tenha o gabinete limpo e a comida pré-provada; de facto foi Tine que esteve por trás da analidade geopolítica do PEUL e do Experialismo, e quem moveu os cordelinhos de Gentle por meio do Gabinete da Concavidade para a subsequente Reconfiguração e deslocalização maciça de pessoas. Na verdade, isto não passa de uma teoria e de uma direção para a qual apontar com o dedo e tende a basear-se na conclusão não explicada sobre os motivos que levaram Tine a tomar todas estas iniciativas, uma vez que os seus SNE eram mais ruminativos do que higiénicos, para não mencionar o de que está inquestionavelmente ligado a Luria P., do Quebeque. *A ONANtíada,* de James O. Incandenza, sendo uma produção para adultos, foi considerada como uma obra mais contida e ambígua no que diz respeito à questão de Tine com força negra.

157 Pequeno e oblíquo tributo de Mario à Mã, que quando a obra chega a este passo, na Mesa do Reitor, tira o chapéu de bruxa, segura-o pela aba e fá-lo girar três vezes entusiasticamente ao redor da cabeça.

158 Os juízes de linha do circuito júnior nacional tendem a ser diretores reformados de institutos cuja única remuneração é a oportunidade de voltar a exercer uma ténue autoridade sobre os jovens.

159 Clipperton aperfeiçoou ao longo do tempo o serviço lançando a bola ao ar com a mão da raquete, manobra em que foi pioneiro Colin van der Hingle, o sul-africano especialista em pares, depois de um sinistro acidente aéreo em Durban no qual perdeu o braço, a orelha e a patilha direitos no segundo ano da sua carreira no Circuito.

160 Outras sequências indubitavelmente inquietantes do suicídio de Clipperton ainda existem; juntamente com talvez meia dúzia de matrizes originais emocional ou profissionalmente sensíveis, foram declaradas de exibição proibida pelo codicilo e, tanto quanto sabem Orin e Hal, guardados numa espécie de abóbada a que só têm acesso os advogados de Ele Mesmo e talvez Avril. Tanto quanto se pode determinar, só esses advogados, Avril, Disney Leith e talvez Mario sabem que de facto esses cartuchos, juntamente com a caixa de lentes especiais, foram enterrados com o cadáver de James O. Incandeza[a], uma vez que havia espaço suficiente no caixão porque, dada a tremenda estatura de Incandenza, o seu corpo magro não enchiam o espaço disponível dos lados.

a. (no túmulo da família Mondragon no Cimetière du SAdalbert, agora na zona de produção de batatas da Autoroute Provincial 2004 em L'Islet, Quebeque, imediatamente após a fronteira do que é agora o leste da Concavidade, de modo que o funeral teve de ser adiado para encaixar entre ciclos de anelarização)

161 A outra foi aquela chamada profética ao herói catatónico, também para o curso de Entretenimento de Ogilvie.

162 A reação do público pareceu concordar com uma especial repulsa neural perante um ou outro anúncio. Havia um de uma mulher com todas as ferramentas de carpintaria a saírem-lhe do rosto. Outro com um jovem que tinha uma lança de luz escarlate que lhe entrava pela têmpora direita e lhe saía pela esquerda. Umamulher com a coroa entre os incisivos de umtipo de tubarão qualquer que tão grande que saía do ecrã. Havia uma espécie de avó com rosas, mãos humanas, uma lápis ediversos tipos de flora exuberante que lhe saíam como serpentinas do cRãnio aberto. Uma que saía como uma londa fita de um tubo de pasta; um estudioso do Talmud tinha uma barba de agulhas, um papa baconiano exibia uma mitra envolta em chamas. Havia três ou quatro anúncios dentais que levavam as pessoas a correr para as casas de banho onde limpavam os dentes com fio dental até fazer sangue. A pintura que teve mais impacte sobre a criança de nove anos que era Hal e que o levou a engolir Nunhagen compulsivamente até que os ouvidos lhe começaram a zumbir durante quase uma semana foi o de um homem de meia ideade, muito bronzeado, da classe alta e vagamente conhecido ao qual um punho arrancava os milos pelo ouvido esquerdo enquanto a cara saudável dele, como a maior parte das caras da publicidade, era mais de concentração que uma expressão convencional de dor.

163 NoCoat Inc. acabou por ocupar o n.º 346, lugar deixado pela CBS da Hoechst, assinalou Hal profunda ironia.

164 É um dado adquirido que todo este material está grosseiramente simplificado no juvenil ensaio de Hal: Lace-Forché e Veals são efetivamente dois génios transcendentais capazes de estar no sítio e no momento certos e os apelos deles a favor de uma ideologia americana comprometida com a *aparência da liberdade* são quase incomparavelmente convincentes.

165 É claro, e com o respeito que os críticos mercem, isto foi em parte para impedir que prosperasse o processo judicial do CADC segundo o qual InterLace andva aos saltinhos em cima da Lei Sherman de 1890 AS com saltos pontiagudos.

166 Reduced Instruct-Set Computers, os descendentes dos Power PC da IBM/Apple com resposta temporal de calibre de unidade central e.25 tetrabytes de DRAM e numerosos periféricos de expansão.

167 Um par dos primeiros comentários mais acessíveis de Incandenza foi adquirido por InterLace numa bas de distribuição contigente, mas a não ser um sobre os princípios da anelarização DT para não iniciados

nunca compraram a Meniscus/Latrodectus mais do que uma fração do interesse que podia suscitar a má sorte de Ele Mesmo. InterLace acabou por optar em vida de ele mesmo pelos direitos de apenas duas das suas produções mais importantes para a série «Uivos Marginais», uma linha de produção de reduzidas expectativas comerciais; o grosso da sua obra só chegou aos menus de IL depois da morte dele, tão fora de tempo.

168 Não fez nenhum bem à primeira e intensa campanha eleitoral de J. Gentle, na Enfield ultraliberal, o facto de que um dos seus primeiros simpatizantes tenha sido Gerhardt Schtitt, da ATE que estva catalogado num extremo tão radical do espectro ideológico que até pessoas com relógio olhavam para os seus relógios e se desculpavam referindo-se vagamente a ter esquecido um encontro sempre que Schtitt ficava com os olhos de cor azul-marinho, e pronunciava palavras como América, decadência, Estado ou Lei; mas Mario I. era quase o único que sabia ao certo que a atração de Schtitt por Gentle tinha mais a ver com a postura de Schtitt perante o ténis que outra coisa: o treinador deixa-se arrebatar pelas implicações wagnerianas das propostas de Gentle em relação ao lixo, essa coisa de tirar de cima de nós aquilo que se espera que não volte.

169 A triaminotetralina, uma alucinógeno sintético cuja alta biodisponibilidade transdérmica é um ingrediente popular dos Happy Patches muito corrente no oeste e no sudoeste americanos no Tempo Subsidiado (*Pharmochemical Quaterly*, 127, 18, primavera, Ano da Tablete de Choclate dove de Tamanho Experimental, proporcional um pormenorizado relato da síntese e fisioquímica transdérmica das aminotetralinas em geral)

170 Francês do Quebeque: estava a ganhar gás.

171 «Estilo caseiro. Pronto a servir.»

172 «Buscar a felicidade.»

173 Ver nota 304 *infra*.

174 «Nada de fodas», presumivelmente.

175 A logística de fazer isso com ambas as mãos é difícil de imaginar, mas o realismo não era o ponto forte desta imagem.

176 É também onde Mario se mostra mais influenciado por Ele Mesmo, cuja própria *ONANtíada* se concentrava mais num fatídico romance em grandes escritórios de executivos que no comentário político, embora a trama amorosa no filme de Incandenza não se refira a Tine e a uma mulher fatal do Quebeque, mas ao fatídico e não consumado romance entre o presidente J. Gentle e a mulher, igualmente obcecada com a higiene, do ministro do Meio Ambiente e Recursos Naturais do Canadá; o romance apresenta-se como fatídico e não consumado porque o ministro usa um malévolo especialista em *Candida albicans*, um jovem canadiano, para que induza na mulher uma infeção bacteriana mais ou menos permanente, o que conduz tanto a mulher como Gentle a graves conflitos neuróticos entre o ardente desejo e a neurose higiénica durante os quais a mulher se atira para debaixo das rodas de um comboio no Quebeque e Gentle decide vingar-se a uma escala macrocartográfica. A *ONANtíada* não foi de maneira nenhuma o maior esforço criativo de Ele Mesmo, e quase toda a gente na AT concorda que a paródia da Reconfiguração de Mario é mais divertida e acessível do que a obra de Ele Mesmo, embora um pouco mais torpe.

177 Termo oficial para que o Canadá fique com território norte-americano e nos permita deitar tudo o que

queremos na sua Reconfiguração Territorial. «Grande Concavidade» e «Grand Convexité» são expressões de rua nos Estados Unidos e no Canadá adotadas e popularizadas pelos meios de comunicação.

178 Um epigrama mais abstrato e verdadeiro que os Bandeiras Brancas com muito tempo de sobriedade às costas utilizam diz uma coisa assim: «Não te preocupes exatamente em pôr-te em contacto com os teus sentimentos, eles acabarão por se pôr em contacto contigo.»

179 Possivelmente reuniões de AA em North Shore, mas Gately não se lembra da palavra AA; a única coisa de que se recorda dessa época é reuniões e um diagnóstico a que dá um significado cavalheiresco.

180 Mas Avril mandou Corbett Thorp, antigo número um de singulares no MIT, levar Mario ao centro cerebral V.F.Rickey da Associação de Estudantes, onde Thorp usou o seu velho cartão de identificação universitária (com o polegar sobre a data de caducidade) para poder passar pela segurança no Rectus Bulbi e chegar à fria cave cor-de-rosa da YYY, onde a única pessoa que não falava como um indignado personagem de banda desenhada, um homem cheio de furúnculos, apontou como se estivesse a fazer um comentário para uma tela tripartida de papel de cebola que estava pendurada por baixo de um relógio de parede sem ponteiros, querendo possivelmente dizer que nenhum hiato podia ser tão prolongado se a pessoa ausente não tinha levado a sua fiel tela. Mario não fazia a menor a ideia da razão que poderia levar um médico a usar um tela no ar. Foi então que ficou nervoso.

181 A alcunha de Corbett Thorp entre os miúdos menos bondosos é «de...de...de...».

182 Também chamados «Vomitórios».

183 Do tipo metálico de Kenkle & Brandt e não como os baldes de plástico branco associados ao *Eschaton* e à *débacle* de ontem.

184 Quando um jogador se desloca rapidamente para um lado para receber a bola que vem precisamente na direção oposta àquela para a qual ele se move chama-se contrapé ou *contre-pied*. A mudança abrupta de direção tem como resultado um bom número de lesões em tornozelos e joelhos; ironicamente, é Hal, desde que passou a ser considerado um bom jogador, que é conhecido na ATE como um mestre a fazer enjoar o adversário por meio de contrapés. Abra-se um breve parêntesis para dizer que Dennis van der Meer, o pai do «lado a lado», é um imigrante holandês, profissional de pouca categoria, que se tornou um importante treinador e guru da teoria educacional do ténis, ao mesmo nível de Harry Hopman ou Vic Braden.

185 Os lendários pais disfuncionais de Stice vivem no Kansas, mas têm duas tias solteironas e vagamente lésbicas em Chelsea que lhe trazem sempre alimentos proibidos pelos responsáveis da Academia.

186 Os jogadores a sério nunca apanham as bolas de ténis com as mãos. Os homens tendem a baixar-se ligeiramente para as fazer saltitar com a raqueta; há vários subestilos para fazer isso. As raparigas e alguns homens mais jovens prendem a bola entre um dos ténis e a raqueta, levantam o pé com alguma rapidez e fazem ascender a bola com a raqueta. Os homens que fazem isto prendem a bola contra o interior do pé, enquanto as mulheres fazem isso com a parte exterior, porque este gesto lhes parece mais feminino. O antisnobismo que predomina na ATE nunca chegou ao ponto de levar as pessoas a baixarem-se para recolher a bola à mão, o que, como usar viseira, é considerado sinal de se ser um novato ou um piroso.

187 N.b.: Os europeus e os australianos referem aos vóleis como «bolas altas» (*overhands*), enquanto os sul-africanos usam o termo *pointers*.

188 O orçamento não permite refeições ao fim de semana e o menu semanal tem, por baixo de SAB e DOM, a palavra *forragem*, o que para boa parte dos residentes deste outono acabou por ter um sentido literal.

189 Ampliando no que é apropriado a nota 12: demerol é um hidrocloreto de meperidina, um narcótico de síntese comercializado por Sanofi Winthrop Laboratories como um xarope com sabor a banana; ampolas de 25, 50, 75 e 100 mg/ml cada uma; e (muito ao gosto de DWG) as tabletes de 50 e 100 conhecidas em Shore como *Seixos* ou *Bam-Bam*, respetivamente.

190 Se alguém morre enquanto outro comete um crime grave, mesmo que a morte seja causada por um *pacemaker* defeituoso ou por um relâmpago, o delinquente será acusado de assassínio em segundo grau e não terá a possibilidade de obter a liberdade condicional pelo menos em Massachusetts, onde esta horrenda disposição prejudica principalmente os drogados mais ativos, já que, embora não tenham vocação para a violência, a consciência da eficácia e da segurança não é exatamente a principal característica dos delitos motivados pela droga, tendendo a atuar de forma impulsiva e tresloucada.

191 Também conhecido como caso «azul», significando que fica suspenso num limbo judicial durante um período sem especificar e com a possibilidade de ser reaberto («vermelho») em qualquer momento se as autoridades competentes decidirem que o réu não está a ter «melhoras substanciais».

192 Ela não disse exatamente «tempestade de merda».

193 Gately não soube isto através de Pat Montesian; em grande trata-se da mitologia da Ennet House, com algumas notas concretas de Gene M. e Calvin Thrust que garantem que Pat é uma maravilha.

194 Uma coisa completamente distinta da contratura de Volkmann (veja-se a nota 115).

195 Para cuja reparação teve de dar um contributo sério, mas teve a sorte de que Sven R., um quaseCrocodilo, era um especialista em acabamentos e arranjou-lhe voluntariamente a greta com uma imitação de resina de madeira, de modo que Gately só teve de pagar o tubo da resina em vez de toda uma nova mesa institucional.

196 Por exemplo: «Rapaz, a sobriedade é como o tesão: quando o tens, queres usá-lo»; dizem coisas assim e têm milhares de expressões idênticas.

197 (Ainda não olhou para o lado de uma caixa de pasta à procura das instruções.)

198 Projeto MK-Ultra, US-CIA, início 4/3/53 A.S.: «A atividade central do programa MK-Ultra consistia na realização e no financiamento de experiências de lavagem cerebral, com recurso a drogas perigosas e outras técnicas [*sic*], em não voluntários, por agentes, funcionários e fornecedores externos da Divisão de Serviços Técnicos da CIA» – Ação Civil n.º 80-3163, *Orlikow e Outros contra Estados Unidos da América*, 1980 A.S.

199 Alprazolam, a entrada em força da Upjohn Inc. no negócio da benzodiazepina, apenas de grau IV mas terrivelmente aditivo, com graves e desagradáveis consequências em caso de paragem abrupta.

200 Análise de Chandler Foss, um quase ex-residente da Ennet House, que foi feita de certeza longe dos ouvidos de Gately.

201 Outro vestígio: Gately ainda repara sempre automaticamente nas grades e nas redes, nas chapas e nos pequenos contactos magnéticos dos alarmes das casas particulares, nos êmbolos no interior das dobradiças,

etc.

202 Gíria local para a Storrow Drive, que segue ao longo do rio Charles, desde Back Bay até Alewife, com várias faixas, sinais de trânsito alucinantes e rampas de entrada e saída em cima umas das outras, sem limite de velocidade mas com bifurcações repentinas, e a experiência de conduzir ali é, no geral, tão enervante que o contrato assinado pelo Sindicato da Polícia Metropolitana diz que os agentes não têm sequer de se aproximar dela.

203 Erro ortográfico em inglês ou solecismo do Quebeque, *sic*.

204 Besouros elétricos *Jolly-Jolt*®, almofadas *Whoopi-Daisy*® (promovidas por celebridades), charutos *Blammo*®, cubos de gelo de plástico com mosca *Oh, Waiter*®, óculos de raio X *I See London*®, etc., por norma transportados simplesmente por camião, com os cartões de parabéns sentimentais *Saprogenic Greetings*®, desde a fábrica em Waltham da Acmé, Inc., aliás «A Família ACMÉ de Piadas e Bugigangas, Emoções Pré-Preparadas, Partidas e Surpresas e Disfarces Excêntricos», com um desconto substancial e politicamente motivado, uma vez que a empresa é propriedade do misterioso magnata de Alberta e pró-Quebeque que tinha sido uma força muito importante por trás da antiemissora ACDC e que, mais de uma década antes, havia tirado partido dos graves problemas de relações públicas e liquidez que então assolavam a Acmé, então em mãos americanas, no seguimento das tragédias em série dos charutos *Blammo*, e assim avançar para uma aquisição hostil da empresa por cerca de trinta por cento do seu verdadeiro valor.

205 Sem que os desafortunados Antitois o saibam, isso não quer dizer que estejam necessariamente em branco. Os cartuchos que podem ser copiados, que é o mesmo que dizer os originais, só funcionam num telecomputador ou monitor com leitor 585 rpm, ao passo que num leitor convencional de 450 se recusam a produzir sequer estática, dando a impressão de estarem bem vazios e em branco. Ver Nota 301 *infra*.

206 Por desconhecer a sociolinguística, L.A. não tem possibilidade de saber que «ouvir a chiadela» é, em si mesmo, o mais tenebroso dos eufemismos do Canadá atual para uma súbita e violenta eliminação.

207 Com L.A. a intuir perfeitamente que a sua única forma de comunicação oral, «*va chier, putain!*», não seria boa ideia neste contexto.

208 Do Capítulo 16, «O Despertar do Meu Interesse pelos Sistemas Anelares», do livro *O Arrepio da Inspiração: Reminiscências Espontâneas de Dezassete Pioneiros da Fusão Anelar Litiomizada de Ciclo-DT*, ed. Prof. Dr. Günther Sperber, Institut für Neutronenphysik und Reaktortechnik, Kernforschungszentrum Karlsruhe, URG, apenas disponível em inglês numa edição de capa dura ferozmente cara, © APMT, publicada pela Springer-Verlag de Viena, Nova Nova Iorque.

209 Por exemplo: Ted Schacht a ajustar as fitas para os pulsos e a faixa. Carol Spodek a esticar-se para um vólei na rede, com o corpo todo distendido e o rosto determinado e com as veias à mostra. Uma foto antiga de Marlon Bain a seguir a uma grande direita, com uma auréola de suor a cintilar à sua volta e o braço mais forte cruzado à frente da garganta. Ortho Stice a fazer o pino. Yardguard a deslizar para bater uma esquerda baixa. Wayne, neste verão, a deslizar no ótimo campo de terra batida de Roma, com uma névoa vermelha a não deixar ver nada abaixo dos joelhos. Pemulis e Stice de braços cruzados, tendo como pano de fundo a luz do deserto e uma vedação. Shaw sem o seu pateta e fininho bigode supostamente ao estilo de Newcombe. As fotografias já foram vistas tantas vezes que perderam a cor. Hal em pleno serviço, com os joelhos mais dobrados do que gostaria. Wayne mostrando um troféu de prata. O contingente masculino que viajou para a Europa há três verões, em fila diante de uma carrinha quadrada com o volante do lado errado,

e alguém tem dois ou três dedos espetados por cima da cabeça de Axford. Schtitt a falar com miúdos de quem só se veem as costas. Todd Possalthwaite a apertar a mão a um miúdo negro na rede. Troeltsch a fingir que está a entrevistar Felicity Zweig. As gémeas Vaught a dividirem um cachorro-quente de trinta centímetros numa barraquinha no Open Júnior do Bronx. Todd Possalthwaite na rede com um miúdo da ATPW. Amy Wingo com os músculos da perna todos visíveis quando se adianta um bocadinho de mais para bater uma esquerda. E por aí fora. As fotos não estão ordenadas; estão mais dispostas de forma caótica. Heath Pearson, antigo coproprietário do reboque, agora em Pepperdine, a desviar a cara da máquina fotográfica, sob a luz do Pulmão, e a correr. Os campos da Academia Palmer com aspeto desagradável devido ao calor. Muitas das fotografias são instantâneos tirados por Mario. Peter Beak a cair com violência depois de se esticar todo para um vólei, com os pés no ar, no que parece ser o relvado sintético de Longwood. As fotos rodeadas por um céu e nuvens de um lugar desconhecido. Freer com havaianas e uma camisa de alças nas bancadas de Brisbane, a fazer o sinal da paz. Um ajuntamento no Pulmão, com Pearson, Penn, Vandervoort, Mackey e o resto dos finalistas desse ano sentados nas cadeiras reticuladas, com os pés no ar, a observarem Hal, Schacht e os outros miúdos a arrastarem coisas. Uma das cozinheiras da senhora Clarke com uma rede para o cabelo, a moer qualquer coisa com um almofariz do tamanho de um braço numa tigela que tem de inclinar para poder segurar. Não há nenhuma com Mario ou Orin. Um batalhão de miúdos de fato de treino a sprintarem por uma colina acima no meio de imensa neve, com dois ou três bastante atrasados e inclinados para a frente de modo agourento. Alguns retângulos de um azul mais claro, de onde foram tiradas fotografias que ainda estão por substituir. Freer, sem camisa, a jogar microténis com Lori Clow. Um grande plano de Gretchen Holt, com os seus óculos, a olhar com ar incrédulo para um juiz de linha perante a decisão deste. Wayne e um tipo de Manitoba com *T-shirts* com folhas e a mão sobre o coração, virados para norte. Kent Blott com a boca aberta de horror e o nariz uma protuberância por baixo da proteção para as orelhas e o nariz e Traub e Lord com um ataque de riso ou de pavor. Hal e Wayne na rede num jogo de pares, os dois superinclinados para a esquerda como se o campo estivesse todo inclinado.

210 Há já muito tempo que Hal e Mario tiveram de aceitar[a] o facto de Avril, com mais de cinquenta anos, ainda ser endocrinologicamente atraente para os homens.

a. «Aceitar» não é o mesmo que «achar grande piada», claro.

211 Tal como em relação à questão neurogástrica, Ted Schacht e Hal são as únicas pessoas que sabem que o maior medo de Pemulis é ser expulso da Academia, ter de se arrastar pela Avenida Commonwealth e voltar para o seu bairro de classe operária de Allston, sem diploma nem bilhete, e agora que está no seu último ano na ATE esse medo aumentou exponencialmente e é um dos motivos para que Pemulis tome tantas e tão complexas precauções em todas as atividades extracurriculares – fazer com que um cliente que lhe compra drogas pareça estar a corrompê-lo, etc. – e também a razão pela qual Hal e Schacht lhe ofereceram no último aniversário o póster que se encontra por cima da consola no quarto de Pemulis, com um atormentado rei com uma grande coroa sentado no trono a afagar o queixo e a matutar, com a legenda: sim, sou paranoico – mas serei *suficientemente* paranoico?

212 Embora ninguém o mencione, toda a gente que se encontra na sala de espera, menos Ann Kittenplan, tem plena consciência de que Lord e Postal Weight estão a cargo de Pemulis; Penn e Ingersoll, de Axhandle; e, além disso, de que nem Struck nem Troeltsch parecem ter sido chamados para aplicação de potenciais castigos disciplinares.

213 Como os campos de ténis estão ao lado uns dos outros e quem joga neles são seres humanos com muita

potência mas falíveis, as bolas estão sempre a ressaltar no rebordo da raqueta, nos postes da rede e até nas vedações e a ir parar ao território das outras pessoas. Normalmente, a partir dos quartos de final dos torneios mais a sério, há apanha-bolas que as vão buscar. No entanto, nas primeiras eliminatórias e nos treinos, as regras de etiqueta dizem para parar de jogar e ir buscar as bolas das outras pessoas se elas aparecerem por ali a rebolar e devolvê-las ao campo de origem. A maneira de pedir este tipo de ajuda é gritar «Desculpe!» ou «Dão uma ajudinha no Campo Três?» ou qualquer coisa do género. Mas tanto Hal como Axford parecem ser constitucionalmente incapazes de fazer isso, pedir ajuda em relação às bolas transviadas. Têm ambos de parar tudo e desatar a correr até ao outro campo, com sucessivas pausas nos campos de permeio, à espera de que termine um ponto, para irem buscar as próprias bolas. Trata-se de uma curiosa incapacidade de pedir ajuda que nenhuma dose de reforço negativo por parte de Tex Watson ou Aubrey DeLint parece conseguir corrigir.

214 É uma corrida-até-à-linha-de-fundo-do-campo-para-ir-atrás-de-um-balão-ofensivo-e-depois-voltar-a-correr-até-à-rede-para-tocar-nela-com-a-raqueta-no-preciso-momento-em-que-Nwangi-ou-Thode-disparam-mais-outro-balão-ofensivo-por-cima-da-nossa-cabeça-e-temos-de-ir-outra-vez-a-correr-até-à-linha-de-fundo-e-voltar-à-rede-a-tempo-caso-contrário-vão-aviando-cada-vez-mais-balões, um autêntico festival de sofrimento.

215 Uma lenda ao nível da de Clipperton diz respeito a um jovenzinho da ATE, há muito desaparecido, que, no YWQMD, telefonou ao Departamento dos Serviços Sociais de Massachusetts e caracterizou os vomitórios disciplinares como abuso infantil, com a consequência de terem surgido ao portão da Academia duas ariscas e carrancudas senhoras do DSS que andaram o dia inteiro a rondar por ali sinistramente, obrigando mesmo Schtitt a fechar Aubrey DeLint no seu quarto, de tão furibundo que este estava com o miúdo que tinha dado com a língua nos dentes.

216 Nenhuma ideia do que seja.

217 Hal tinha falhado os *slams* para juniores em relva, terra batida e superfície Har-Tru devido a uma singular desvantagem que representa frequentar uma academia norte-americana: as regras da ONANTA relativamente aos *slams* para juniores apenas permitem um jogador por academia em cada escalão, tendo sido John Wayne a conquistar essa distinção.

218 A empresa Meniscus Optical Products Ltd., detida pelo falecido J. O. Incandenza, criou e desenvolveu uns retrovisores esquisitos, de ângulo aberto, que se colocam de lado nos automóveis e diminuem tanto os carros que vêm atrás que, por lei, os retrovisores são obrigados a ter escrito no vidro que os objetos que surgem no retrovisor estão mais próximos do que parecem, e Incandenza achou essas letrinhas tão desconcertantes que ficou assim para o chocado quando, há imenso tempo atrás, os importadores e os fabricantes de automóveis dos Estados Unidos compraram os direitos relativos aos retrovisores, naquele que foi o primeiro e inquietante negócio de Incandenza enquanto empreendedor – os alunos da ATE gostam de postular que os retrovisores foram inspirados pelo sempre reduzido Charles Tavis.

219 O apresentador extremamente irritante do programa infantil de Disseminação Espontânea de InterLace.

220 ® CardioMed Fitness Products, uma coisa de quarta geração no género de um *StairMaster*, só que mais parecida com uma escada rolante que desce e tem uma quantidade sádica de rotações, de tal forma que quem está a fazer exercício tem quase de trepar a toda a velocidade para poder escapar com vida e evitar que a máquina o atire com toda a força para trás, o que explica o grande colchão quadrado de ginásio que

está preso à parede do outro lado do gabinete, atrás da máquina, que Tavis tinha passado a utilizar quando largou o mais antiquado *StairMaster* depois de uma assustadora análise de colesterol e com a qual tinha tido inicialmente algumas dificuldades, chegando a precisar em tempos de um suporte para as costas.

221 O profissional dos Torneios Satélite a quem Hal tinha ganho um *set*, um letão entroncado que achava que o nome de Hal era *All*.

222 Note-se, uma vez mais, que a língua nativa de Marathe não é o bem conhecido francês idiomático contemporâneo parisiense/europeu, mas o francês idiomático contemporâneo do Quebeque, que está mais ou menos ao nível do basco em termos de dificuldade, cheio de expressões idiomáticas esquisitas e com características sintáticas flexivas e não flexivas, um dialeto endogâmico e barulhento, em que Steeply, na verdade, não teve mais do que um «Aceitável» nos testes técnicos e nas entrevistas do estágio de formação do USO, em Vienna/Falls Church, Virgínia, e que não admite facilmente expressões inglesas coevas.

223 A saber, a alusão à suposta oposição Medusa versus Odalisca, anticonfluencial, de metaentretenimento e intensa atividade hologramática, do *samizdateur*, sendo que a parte da cena de luta da peça de teatro dentro do filme pode, na verdade, dividir-se numa série daquilo a que se chama «Transformações Rápidas de Fourier», embora ninguém saiba o que raio quer dizer «ALGOL», a não ser que não seja um acrónimo mas um termo quebequense qualquer, só que, se for esse o caso, não aparece em nenhum dicionário ou fonte lexical *online* disponíveis.

224 Ver William James, «... com esse processo latente de preparação inconsciente a preceder frequentemente a súbita perceção de que o dano causado é irreparável», a citação que fez com que Lenz compreendesse de repente o que estava a fazer quando a leu por acaso numa enorme edição com letras grandes, que tinha encontrado por trás de uma estante na parede norte da sala de estar da Ennet House, de uma coisa chamada *Os Princípios de Psicologia nas Conferências Gifford sobre Religião Natural*, de William James (obviamente), publicada com grandes caracteres EZC e disponível através da Microsoft/NAL-Random House-Ticknor, Fields, Little, Brown and Co., © A. P. M. T., um livro que se tornou bastante importante para Lenz.

225 Divisão de Produtos de Plástico da Secção dos Bens de Consumo da ® Mobil Chemical Co., Pittsford, Nova Nova Iorque.

226 ® *Ibid*.

227 Também conhecido como haloperidol, da McNeil Pharmaceutical, em seringas já cheias com 5 mg/ml: imaginem várias chávenas de chá calmante de canela *Celestial Seasonings* e, a seguir, uma bordoada na nuca com uma moca revestida de chumbo.

228 A Agência de Segurança Nacional, absorvida, tal como a ATF, a DEA, a CIA e a ONR, pelo Departamento dos Serviços Não Especificados.

229 A AAOAA, a divisão mais de elite e menos específica dos Serviços Não Especificados, que é quem está a pagar o ordenado a Hugh Steeply na sua mais recente missão, embora os cheques e a pensão de alimentos lhe cheguem através de uma coisa chamada «Fundação para a Liberdade Continental», que se espera fervorosamente que seja uma empresa-fachada/fantoche.

230 Termo de linguagem da rua utilizado nos bairros de Charlestown e South Boston para dizer metros.

231 Vitamina B12 em pó, convincentemente amarga e com consistência de talco, que Lenz sempre preferiu ao Manitol, para cortar e diluir cocaína, porque o manitol lhe provoca uma reação alérgica e lhe deixa as pontas dos dedos com inchaçozinhos vermelhos minúsculos e manchitas brancas esquisitas.

232 Hidrólise é o processo metabólico através do qual a cocaína orgânica é decomposta em benzoilecgonina, metanol, ecgonina e ácido benzoico, e uma das razões pela qual nem toda a gente está preparada para desfrutar do *Bing Crosby* reside no facto de se tratar de um processo essencialmente tóxico, capaz de produzir consequências neurossomáticas desagradáveis em determinados sistemas: por exemplo, no neurossistema de Don Gately, angiomas em aranha e uma tendência para puxar a pele das costas das mãos, tendência que sempre o fez desprezar e odiar coca e a maioria dos coquinados; no sistema de Bruce Green, nistagmo binocular e uma depressão galopante, mesmo quando a moca da coca ainda está a bater, que explica a tendência para os ataques de choro com a cara nistágmica escondida na curva do grande braço direito; em Ken Erdedy, uma rinorragia imparável que o pôs nas Urgências das duas únicas vezes que meteu cocaína; em Kate Gompert, blefarite e atualmente uma automática hemorragia cerebral por estar a tomar *Parnate*, um antidepressivo IMAO; em Emil Minty, um hemibalismo tão descontrolado que só tinha snifado *Bing* uma vez. Os hemiespasmos dos lábios são um efeito comum da hidrólise da cocaína, mas suficientemente ligeiro para as pessoas os terem e continuarem a curtir imenso *Bing*; os espasmos podem ir de um ligeiro ranger de dentes/estremecimento da boca, como acontece com Lenz, Thrale, Cortilyu e Foss, a uma série alternada de contorções expressivas, género Edvard Munch-Jimmy Carter-*Paliacci*-Mick Jagger, tão extremas que toda a gente que estiver numa sala com essa pessoa se vai sentir incomodada, só ela é que não. Ao ex-coquinado Calvin Thrust, a eletrólise provocou um priapismo que levou diretamente à sua escolha inicial em termos de carreira. Randy Lenz também sofre de nistagmo, mas só do olho direito, para além de constrição vascular, diurese extrema, fosfenismo, ranger dos dentes compulsivo, megalomania, fobofobia, memória eufórica, delírios de perseguição e/ou inveja homicida, sociofobia, gotejamento pós-nasal, um ligeiro priapismo que torna a diurese uma questão complicada e de ginástica, acne-rosácea ocasional e/ou rinofima, e – em especial, se houver sinergia com um maço praticamente inteiro de *Winstons* sem filtro e quatro chávenas do café dos Jovens de Brookline, alcalino e tão forte que até faz endurecer os mamilos – confabulação concomitante com verbosidade maníaca capaz de causar tendinite na língua, dessincronização pulmonar e uma total incapacidade de mandar embora qualquer pessoa que se mostrasse disposta a ouvi-lo.

233 Aliás, lignocaína, xilocaína-L, um composto de dietilamnina e oxilidina utilizado como anestésico dentário e maxilofacial, a melhor coisa para cortar e diluir *Bing* porque dá uma sensação de dormência e produz um sabor amargo exatamente como o *Bing*, e além disso até aumenta temporariamente a moca da coca intravenosa, embora se for refinada não vá saber nada a cocaína oxidada, e também é mais cara do que o manitol ou a vitamina B12 e mais difícil de arranjar por ser preciso receita médica, o que queria dizer que o ortodontista era mesmo um tipo muito popular junto dos traficantes.

234 FRAGMENTOS DA TRANSCRIÇÃO DE PARTE DE UMA SÉRIE DE ENTREVISTAS PARA O PUTATIVO PERFIL DE ORIN INCANDENZA, PONTAPEADOR PROFISSIONAL DOS PHOENIX CARDINALS, A PUBLICAR PELA REVISTA MOMENT E DA AUTORIA DE HELEN STEEPLY, PUTATIVA REDATORA DE PERFIS PARA A REVISTA MOMENT – NOVEMBRO DO ARIAD.

– Não vou dizer porque é que já não falo com a mã.

P.

– Nem falar das aventuras do «Cegonha Louca» na comunidade da saúde mental.

P.

– Não estamos a começar lá muito bem, minha senhora, por mais linda que esteja com esse fato de calças e casaco.

P.

– Porque a pergunta não quer dizer nada, é só por isso. *Loucura* é como um slôgane, não descreve nada, não é uma razão para nada. O «Cegonha» foi um completo alcoólico demente nos últimos três anos de vida e enfiou a cabeça no micro-ondas, e para mim, tendo em conta o desagradável que isso deve ser, seria preciso uma pessoa ser meio louca para se matar de uma forma tão dolorosa. Mas será que era louco? Nos últimos cinco anos de vida, criou uma academia de ténis e conseguiu uma equipa de treinadores de calibre nacional, acreditação e aprovação por parte da USTA e financiamento multirrede, garantindo o início de uma dotação para a ATE, e também inventou aquele novo tipo de vidro de janela, que não embacia nem se mancha quando as pessoas lhe tocam ou respiram para cima ou fazem desenhos com os dedos oleosos, e que depois vendeu à Mitsubishi, e isto enquanto geria as receitas de todas as suas patentes anteriores, além de, claro, se emborrachar todo diariamente e a seguir precisar de passar pelo menos duas horas sentado, nu e enrolado num cobertor áspero, a tremer, e depois andava a fazer passar-se por vários tipos de profissionais dos cuidados de saúde durante os períodos em que julgava que era um profissional dos cuidados de saúde, nas alturas em que tinha os delírios acerca da carreira provocados por uma espécie de *delirium tremens*, e, nos seus *tempos livres*, ainda fez documentários minuciosos e uma dúzia de filmes de arte e ensaio sobre os quais ainda há gente a fazer teses de doutoramento. Portanto, será que ele era louco? É verdade, o tipo da *New Yorker*, o tipo que escrevia sobre cinema e que substituiu o tipo que substituiu o Rafferty, não me lembro agora do nome, é verdade que ele estava sempre a dizer que esses filmes eram como se a psique mais psicótica do planeta estivesse a resolver as suas merdas ali no ecrã e a pedir às pessoas para pagarem para ver. Mas é preciso não esquecer que esse tipo sofreu queimaduras de terceiro grau com todo aquele embuste do drama encontrado. Esse tipo foi um dos críticos de alto calibre que escreveu que, com isso, Incandenza tinha feito o drama dar vários passos em frente, num único e visionário salto qualitativo, e quando o «Cegonha» deixou finalmente de ser capaz de manter uma cara séria e confessou tudo na Rádio Pública Nacional, durante um painel sobre dramaturgia do programa *Fresh Air*, o tipo da *New Yorker* desapareceu de vista, em termos da crítica cinematográfica, durante, tipo, um ano, e depois quando voltou vinha com vontade de lixar à força toda Ele Mesmo, o que é compreensível.

P.

– O que eu comecei por dizer foi que se as suas supostas «fontes», de que a senhora não pode dizer o nome, dizem que a razão para eu não estar em contacto com a mã é por achar que ela é louca, bom, o que é que é isso da *loucura*? Se confio nela? Não, não confio. Se quero estar ligado a ela seja de que forma for? Também não. Mas se acho que ela está maluquinha de todo? Uma das melhores amigas dela é a psicóloga da ATE, a Rusk, doutorada em Género e Desviância. Será que ela acha que a mã está maluquinha?

P.

– Com os critérios que eu estava a aplicar ao «Cegonha», a pergunta é se a mã funciona. E lá funcionar, a mã funciona. A mã passa o dia com o turbo ligado e em quinta. Tem as várias atividades como deã na ATE. Tem toda a carga de aulas que lá dá. Tem os relatórios de acreditação e a estruturação dos modelos dos planos de estudos *Quadrivium* e *Trivium* com três anos de antecedência, no início de cada ano letivo. Tem de escrever os livros de linguística prescritiva que saem sempre de trinta e seis em trinta e seis meses, até dá

para acertar o relógio com eles. Tem as conferências e as convenções de gramática, para as quais já não sai da Academia mas não deixa de estar presente em todas via videofone, faça sol ou faça chuva. Tem os Gramáticos Militantes de Massachusetts, que cofundou com mais uns quantos, entre aspas, queridos amigos académicos, também maluquinhos, em que os membros andam, por exemplo, pelos supermercados de Massachusetts a melgarem os gerentes para mudarem os avisos de Vende-se eletrodomésticos para *Vendem-se* e por aí fora. Um ano antes de o «Cegonha» morrer, o pessoal do sumo *Orange Crush* colocou um anúncio em placares e nos desdobraveizinhos das revistas, que dizia *crush: um sabor diferente dos outros todos*, e não *de todos os outros*, e juro que a malta da GMM se passou; a mã andou cinco semanas a ir e vir de Nova Nova Iorque, organizou dois comícios na Avenida Madison que terminaram muito mal, representou-se a si mesma na ação que o pessoal da Crush instaurou, nunca dormiu, não dormiu uma única vez, alimentava-se de cigarros e saladas, saladas enormes que comia sempre a altas horas da noite, a mã tem a mania de só comer muito tarde.

P.

– Ao que parece, é o barulho, ela não suporta o barulho da cidade, diz ela, e é por isso que, segundo o Hallie, ela já não põe o pezinho fora da Academia há... vai ter de perguntar ao Hallie. O *Volvo* já estava para venda quando eu andava na faculdade, na Baixa. Mas sei que ela foi ao funeral do «Cegonha», que não foi na Academia. Agora, tem uma consola de *modem* tripla e videofonia a dar com um pau, mas sei que ela nunca utilizaria um *tableau* na vida.

P.

– Bom, sempre foi bastante evidente desde o início, ainda em Weston, que a mã sofre de DOC, Distúrbio Obsessivo Compulsivo. A única razão para nunca lhe terem diagnosticado isso nem ter tomado nada é que, no caso dela, o Distúrbio não a impede de funcionar. Parece que vem sempre tudo dar à questão do funcionamento. A *traversão* é um sinal de carácter, segundo o Schtitt. Um sujeito com quem eu me dei muito durante vários anos na ATE desenvolveu o tipo de DOC incapacitante que exige tratamento – o Bain perdia uma quantidade imensa de tempo com uma série de rituaizinhos intermináveis, a lavar-se, a limpar-se, a verificar coisas, a andar, precisava de levar para o campo uma régua em T para se certificar de que as cordas todas da raqueta se intersetavam num ângulo de noventa graus, só conseguia passar por uma porta se apalpasse primeiro a ombreira toda, à procura sabe lá Deus do quê, e depois era incapaz de confiar nos seus próprios sentidos e tinha sempre de voltar a verificar a porta que tinha acabado de verificar. Tínhamos sempre de levar o Bain em peso para fora do balneário, antes dos torneios. Na verdade, eu e ele temos sido sempre muito chegados, independentemente do facto de o Marlon Bain ser a pessoa que mais sua no mundo e da qual quereríamos estar bem longe. Acho que o DOC dele é capaz de ter sido consequência desse suor compulsivo, que, por seu turno, começou depois de os pais, do Bain, terem morrido num acidente bizarro e grotesco. A não ser que a tensão dos rituais e preocupação constantes potencie a transpiração. O «Cegonha» utilizou o Marlon no *Morte em Scarsdale*, caso lhe apeteça ver bem mais do que poderá querer saber sobre transpiração. Mas o pessoal da ATE não tentava contrariar a patologia do Bain em relação às portas porque o próprio mentor do Schtitt se tinha dedicado patologicamente à ideia de que somos aquilo que atravessamos. Meu Deus, é tão bom acabar uma frase com um verbo quando é mais fácil. Jesus, estou outra vez a pensar na utilização da sintaxe. É por isso que eu evito falar da mã. É um tema que me começa logo a infetar. Demoro vários dias a libertar-me disso. Da questão da *traversão* ser um sinal de carácter, segundo o Schtitt. Não é uma mulher qualquer que fica assim tão bem com um fato desses, na minha opinião. Eu sempre...

P.

– Onde eu quero chegar é que, por causa de um verdadeiro Distúrbio Obsessivo Compulsivo clínico, fui obrigado a ver grande parte da vida do meu antigo parceiro de pares parar por completo, por ele demorar três horas a tomar duche e depois mais duas a tentar passar pela porta do chuveiro. Estava preso numa espécie de paralisia de movimentos compulsivos que não servia para nada. A mã, por outro lado, consegue funcionar com as suas compulsões porque também é compulsivamente eficiente e prática em relação a elas. Se isso a faz ser mais ou menos louca do que o Marlon Bain, quem é que pode, tipo, dizer? Por exemplo, a mã resolveu muitos dos problemas dela em atravessar coisas mandando que não fossem feitas verdadeiras portas ou entradas no rés do chão da RdR, e por isso as salas estão todas delimitadas por ângulos, divisórias e plantas. A mã mantinha um plano prussiano de idas à casa de banho para não poder passar lá horas a lavar as mãos até a pele lhe cair, como o Bain fazia, que no último verão que passou na ATE teve de usar luvas de algodão o tempo todo. Houve uma fase em que a mã mandou instalar câmaras de vídeo para poder controlar obsessivamente se a senhora Clarke deixava ou não o forno ligado, ou para verificar a disposição das flores ou se as toalhas da casa de banho estavam todas alinhadas e com as franjas direitas sem precisar de verificar fisicamente; tinha uma paredezinha repleta de monitores no escritório na RdR; o «Cegonha» aguentou as câmaras mas dá-me ideia de que o Tavis não vai achar lá muito piada a que gravem imagens dele na casa de banho ou noutro sítio qualquer, por isso se calhar ela teve de recorrer a outra solução[a]. Pode verificar isso quando lá for. O que eu estou a tentar dizer é que até em relação às obsessões e compulsões ela é compulsivamente eficiente. É claro que no andar de cima há portas, portas que se podem fechar à chave, mas isso deve-se a outras compulsões. Da mã. Esteja à vontade para lhe perguntar do que é que eu estou a falar. Ela é tão compulsiva que tem as próprias compulsões ordenadas com tamanha eficiência que consegue tratar de tudo e ainda ter uma data de tempo livre para os filhos. Que lhe sugam constantemente a energia. Tem de ter sempre a cabecinha do Hal bem agarrada à dela e fazer isso de uma forma que não seja demasiado explícita, para que o Hallie não perceba nada do que se está a passar, para não tentar afastar a cabecinha. O miúdo continua obcecado em conseguir a aprovação dela. Vive para receber aplausos sempre das mesmas duas mãos. Com dezassete anos, continua a exibir-se para ela, em matéria de sintaxe e vocabulário, como fazia quando tinha dez. O miúdo está tão fechado sobre si mesmo que falar com ele é a mesma coisa que falar com uma pedra. O miúdo não sabe sequer se há alguma coisa errada. E, além disso, a mã ainda tem de andar obcecada com o Mario e os vários problemas, tribulações e coisinhas patéticas do Mario e venerar o Mario e achar que o Mario é uma espécie de mártir secular da trapalhada que ela fez da vida de adulta, ao mesmo tempo que tenta manter uma fachada de descontração *laissez-faire*, fingindo que deixa o Mario seguir o seu próprio caminho e ser independente.

P.

– Não vou falar disso.

P.

– Não, e não insulte a minha inteligência, não vou dizer porque é que não quero falar disso. Se isto vai ser um artigo da *Moment*, o Hallie vai lê-lo, e depois vai lê-lo ao Booboo, e eu não vou falar da morte do «Cegonha» ou da estabilidade da mã numa coisa onde eles vão ler sobre isso e terão de ler um relato supostamente oficial da minha opinião, em vez de formularem a deles. Que seja a sua. A deles, a sua. Não, a deles.

– ...

– Eles se calhar vão ter de esperar até saírem de lá para poderem ter sequer noção do que é que se está a

passar, de que a mã é uma completa maluquinha de merda. Todos esses termos que se tornaram lugares-comuns – *negação, fissíparo, sistemas patogénicos tipo família* e por aí fora. Um antigo conhecido meu dizia que o «Cegonha Louca» costumava dizer sempre que os lugares-comuns ganhavam o estatuto de lugares-comuns por serem tão evidentemente verdadeiros.

– ...

– Nunca os vi discutir, uma única vez, durante dezoito anos de vida em família e na Academia, não vou dizer mais do que isso.

P.

– Na minha opinião, o falecido «Cegonha» foi vítima da partida mais monstruosa de sempre, não vou dizer mais do que isso.

– ...

– Muito bem, vou contar-lhe um *antídoto*b que talvez seja mais reveladora do clima emocional da mã do que qualquer adjetivo. Jesus, veja só, começo a referir-me explicitamente a partes do discurso só de pensar nisto tudo. Há uma coisa que as pessoas verdadeira e malignamente loucas têm: o seu verdadeiro talento é fazer as pessoas que estão à volta delas pensarem que *elas* é que são loucas. Na ciência militar, chama-se a isso Operações Psicológicas, para sua informação.

P.

– Desculpe? Então muito bem, um exemplo demonstrativo. Que coisa escolher? São tantas as opções que nem sei. Vou escolher uma ao calhas. Acho que eu devia ter doze. Pelo menos, estava no escalão dos doze anos durante a digressão desse verão. Embora já jogasse nesse escalão quando ainda só tinha dez anos. Foi entre os dez e os treze que fui considerado um talento, tinha um futuro no ténis. Comecei a entrar em declínio aí por volta da puberdade. Digamos que tinha doze. As pessoas andavam a falar da NAFTA e de uma coisa chamada, entre aspas, Portagem de Informação e ainda havia a TV de radiodifusão, embora nós tivéssemos uma antena parabólica. Ainda ninguém pensava sequer na hipótese de uma academia. O «Cegonha» desaparecia periodicamente, quando entrava dinheiro. Acho que ele estava sempre a voltar a Lyle, no Ontário. Digamos que eu tinha dez. Ainda vivíamos em Weston, também conhecida como Volvoland. A mã jardinava desalmadamente. Era mais uma coisa que ela *tinha* de fazer. Tinha uma pancada com isso. Ainda não se havia dedicado às plantas interiores. Chamava ao que colhia da horta os seus «Bebés Verdes». Não nos deixava comer as curgetes. Nunca as colhia, ficavam monstruosas e secas, caíam e apodreciam. Muito giro. Mas do que ela gostava mesmo era de preparar a horta na primavera. Em janeiro, começava a fazer listas, a ver o preço dos materiais e a traçar um plano. Já mencionei que o pai dela cultivava batatas e que chegou a ser uma espécie de barão das batatas milionário no Quebeque?

Mas, pronto, estávamos no início de março. Esses brincos são elétricos ou isso é tudo a senhora? Como é que eu nunca tinha visto esses brincos antes? Pensava que as mulheres que conseguiam usar brincos de cobre nunca usavam mais nada a não ser cobre. Devia ver-se sob esta luz. As luzes fluorescentes não costumam ser simpáticas para a maioria das mulheres. É preciso ser uma excecional...

P.

– No jazigo da família da mã. No Quebeque, St.-Quelquechose ou algo assim. Nunca lá fui. O testamento dele só dizia que podia ser em todo o lado menos no jazigo do pai. Fica mesmo ao pé do Maine. No coração da Concavidade. A terra natal da mã foi apagada do mapa. Uns ecociclos maus, uma verdadeira selva. Vou tentar lembrar-me do nome da terra. Mas, pronto, a mã está lá fora na horta e está frio. Estamos em março e faz um frio *de rachar*. Sei esta história de cor e salteado, já contei este incidente a vários especialistas em

questões de família e não houve um que não levantasse o sobrolho. É o tipo de *antídoto* que faz os profissionais dos sistemas patogénicos ficarem de sobrolho levantado, tão levantado que até lhes sobe pela cabeça e desaparece pela nuca abaixo.

– ...

– Então, pronto, digamos que tenho treze, o que significa que o Hallie tem quatro. A mã está nas traseiras, a cuidar da horta, a lavrar o solo da Nova Inglaterra, conhecido pela sua dureza, com o arado alugado. É uma situação ambígua, não se percebe bem se é a mã que está a conduzir o arado ou se é o contrário. Essa máquina velha, cheia de gasolina que eu tinha enfiado com um funil – a mã acredita secretamente que os produtos que trabalham a petróleo provocam leucemia e a solução dela é fingir para si mesma que não sabe o que é que se está a passar quando a coisa se recusa a trabalhar, e por isso fica ali a torcer as mãos e deixa que um miúdo de treze anos, desejoso de agradar, se ponha todo inchado por ser capaz de diagnosticar o problema, e é então que eu despejo a gasolina. O arado faz muito barulho e é difícil de controlar. Ruge, funga e dá pinotes, e a passada da minha mãe, atrás daquilo, parece a passada de uma pessoa a passear um são-bernardo que ainda não foi ensinado, vai deixando pegadas trôpegas e bêbadas ao passar pela terra lavrada, sempre atrás da coisa. Há qualquer coisa de especial numa mulher muitíssimo alta a tentar trabalhar com um arado. A mã é incrivelmente alta, muito mais alta do que todos nós, menos o «Cegonha», que ainda era mais alto do que a mã. É claro que ela ficaria horrorizada se alguma vez fosse capaz de reconhecer o que é que estava a fazer, a manobrar um miudinho para que ele tratasse da gasolina que ela acha que pode ser cancerígena; ela nem sequer *sabe* que tem uma fobia à gasolina. Tem enfiados dois pares de luvas de trabalho e uns sacos de plástico, daqueles que se usam nas operações, por cima das sapatilhas de pano, que eram o único calçado com que conseguia jardinar. E uma máscara antipoluição de microfiltração Fukoama, que a senhora talvez se recorde dessa época. Tem os dedos dos pés azuis dentro dos sacos de plástico sujos. Estou uns metros à frente da mã, encarregado da remoção preventiva de pedras e torrões. É uma expressão dela. Remoção preventiva de pedras e torrões.

Agora, preste atenção, ouça bem o que eu vou dizer. A meio desta lavragem, aparece o meu irmãozinho Hallie, na altura para aí com uns quatro anos, com um pijama vermelho e felpudo, um *Kispo* e uns chinelos com aqueles horríveis *smiles* amarelos nos dois dedos grandes. Já andávamos naquilo talvez há uma hora e meia e a terra da horta já está praticamente lavrada quando o Hal aparece, saindo do *deck* de madeira vermelha prensada e avançando, com grande determinação e seriedade, em direção ao rebordo da horta, que a mã tinha delimitado com pauzinhos e cordel. Tem a mãozinha estendida, traz qualquer coisa pequena e escura e está a avançar para a horta enquanto o arado funga e chocalha atrás de mim, arrastando a mã. Quando ele se aproxima, vê-se que a coisa que traz na mão não tem um aspeto nada agradável. O Hal e eu olhamos um para o outro. Ele está com uma expressão muito séria, apesar de o lábio inferior parecer estar a ter um ataquezinho epilético, o que quer dizer que se prepara para desatar num bruaá. Isso escreve-se com *u*. Lembro-me que o ar estava cinzento da poeira e a mã tinha os óculos postos. Estende a coisa para a figura da mã. Eu semicerro os olhos. A coisa que lhe tapa a palma da mão e derrama para os lados é um pedaço de fungo romboide. Um pedaço grande e velho de bolor de casa. Pode sublinhar *grande* e *velho*. Deve ter saído de algum canto da cave quente, tapado pela fornalha, algum canto onde ela se tinha esquecido de passar com o lança-chamas, a seguir a umas das inundações que tínhamos sempre em janeiro, na altura do degelo. Levanto um torrão ou uma pedra e ponho-me a olhar fixamente, com os folículos todos eriçados. A tensão era palpável, foi como quando puseram os transformadores a funcionar na Praça Sunstrand, os folículos todos eriçados. Era uma coisa de um verde nasal, com pintinhas pretas, penugento

como um pêssego. E também tinha umas pintinhas cor de laranja. Um pedaço de bolor com péssimo aspeto. O Hal olha para mim no meio da berraria, com o lábio inferior a tremer por todos os lados. Olha para a mã e a mã está concentrada em tentar seguir uma linha reta com o arado ziguezagueante. A questão essencial é que o fungo parece, tipo, incompleto. Como se tivesse sido, e é disso que me apercebo nesse preciso momento, Helen, *mastigado*. E, sim, ao semicerrar os olhos vejo que o miúdo ainda tem um bocado daquela coisa penugenta e nauseabunda colada aos dentes da frente e a boca manchada de pelos.

Ponha-se lá ao meu lado, Helen. Sinta as nuvens wagnerianas a formarem-se. O Hallie dizia que, em criança, tinha sempre a sensação, no que dizia respeito à mã, de que o cosmo inteiro estava prestes a converter-se fulminantemente em nuvens fervilhantes de gás elementar e que só não se desconjuntava materialmente graças a um heroico exercício de vontade e ingenuidade da parte da mã.

Abranda tudo *imenso*. Ela está a dar a volta com a máquina, no fim de um sulco, vê o Hallie ali fora, com os seus chinelos sorridentes e a apanhar frio, e isso, por si só, é como um murro no estômago do cosmo, no que a mã diz respeito. Agora, estamos a vê-la a desligar o arado, com a mã a ter de se baixar imenso para chegar ao sítio que eu lhe tinha mostrado. A máquina solta um gemido e peida-se, deitando um bocadinho de fumo azul. A máquina suga o nozinho do cordão de arranque para dentro. Ainda consigo sentir a voltagem como se lá estivesse. Cai um silêncio arrepiante pós-barulheira. Ouve-se o chilrear hesitante de um pássaro. A mã aproxima-se do Hal, que está ali parado, com o seu *Kispo* vermelho. Ela está a enfiar um tufo de cabelo por baixo do elástico da touca especial de plástico. Nessa altura, tinha o cabelo castanho-escuro, e está a falar com o Hal, tratando o miúdo pelo diminutivozinho de família incrivelmente humilhante que eu, por uma questão de piedade, nunca vou revelar a ninguém.

Mas, pronto, ela está a aproximar-se. E o Hal está ali parado. A estender a mão com o pedaço de fungo. Primeiro, a mã vê só o filho a mostrar uma coisa e, como todas as mães programadas para serem mães, estica a mão para pegar no que o bebé dela lhe está a mostrar. O único caso em que ela seria capaz de pegar numa coisa que lhe estivessem a mostrar sem a verificar primeiro.

P.

– Só que a mã para junto ao rebordo do cordel e semicerra os olhos, tem os óculos cheios de poeira, e começa a ver e a processar aquilo que o filho lhe está de facto a mostrar. Tem a mão esticada no ar, por cima do cordel da horta, e para.

O Hallie dá um passo em frente, com o braço levantado e esticado, tipo saudação nazi. E diz: «Comi isto.»

A mã diz que não percebe.

Helen, você é que sabe. Mas tenha em atenção a fragilidade do controlo de um obsessivo compulsivo. As fobias terríveis que lhe dominam a vida. Os quatro cavaleiros do Apocalipse dela: clausura, imprecisão comunicativa e desmazelo, e não há maior desmazelo do que bolor numa cave.

P.

– O quarto cavaleiro vai continuar a ser segredo, claro, como todas as escatologias de qualidade, a carta por virar, só revelada na altura do próprio jogo.

«Comi isto», repete o Hal, e continua de mão estendida, a mostrar a coisa, mas sem chorar, com um tipo de soturnidade clínica, como se o fungo fosse uma espécie de autoria que ele tivesse de lhe apresentar. E quer saber se ela tocou naquilo?

P.

– De repente, ocorreu-me que se quer saber coisas sobre a mã e o «Cegonha Louca», pode contactar o

Bain. Viveu praticamente connosco em Weston. Seria, tipo, uma fonte secundária. Tenho a certeza de que iria ter todo o gosto em falar consigo das idiossincrasias da mã. O homem quase que levanta um crucifixo à menor menção desse tema. A firmazinha de cartões de parabéns dele acabou de ser comprada por uma empresa de bugigangas gigantesca, por isso de certeza que deve estar no quarto grande dele, com gente a abaná-lo com folhas de palmeira e a limpar-lhe a testa, sentindo-se cheio de vida e loquaz. Preferia que não lhe perguntasse nada sobre as minhas idiossincrasias, mas ele é inesgotável no que toca à mã e ao DOC. Nunca sai de casa, que no fundo é um quarto, a reconvertida Sala de Leitura Infantil do que dantes era a Biblioteca Pública de Waltham e que corresponde a todo o segundo andar. Aprendeu com a mã a minimizar as portas que tem de atravessar. Lamento muito, mas ele não tem Internet e tem uma típica fobia DOC aos *e-mails*. O endereço postal dele é Marlon K. Bain, Saprogenic Greetings, Inc., BPL-Waltham Bldg., 1214 Totten Pond Road, Waltham, Massachusetts, 021 549 872/4. E também seria boa ideia evitar referir o número 2. Ele tem problemas com o número 2. Não sei se a circunstância de não sair de casa tem alguma coisa que ver com o facto de a mã não sair de casa. Para ser sincero, eu já não pensava assim tanto na mã há imenso tempo. A Helen tem um dom para me arrancar coisas. Parece que nem sequer faz nada, que se limita a ficar aí sentada com esse cigarro, e eu não consigo ver mais nada e a única coisa que quero é agradar-lhe. Parece que não consigo evitá-lo. Isto é só bom jornalismo, Helen?

– ...

– Ou passa-se aqui mais qualquer coisa, uma espécie de estranha ligação que sinto entre nós e que, tipo, me deita abaixo todas as barreiras normais em relação à minha vida pessoal e que faz com que me abra completamente consigo? Suponho que só me reste esperar que não se aproveite. Isto tudo parece-lhe uma espécie de engate? Se calhar, se fosse um engate, soava menos foleiro. Acho que gostava mesmo de poder parecer mais sofisticado. Não sei que mais fazer a não ser dizer simplesmente o que me vai na alma, mesmo que isso soe foleiro. Nunca faço ideia do que acha daquilo que eu estou a dizer.

– ...

– «Socorro! O meu filho comeu isto!» Ela não parava de gritar a mesma coisa, segurando o fugo romboide como uma tocha, a correr ao redor do rebordo do cordel ao mesmo tempo que eu e o Hallie recuávamos aos tropeções, recuávamos literalmente aos tropeções, de boca aberta perante a nossa primeira visão do Apocalipse, um canto do Universo que se abria repentinamente e revelava o que fervilhava ao longe, por trás do asseio. O que ficava logo a norte da ordem.

«Socorro! O meu filho comeu isto! O meu filho comeu isto! Socorro!», estava sempre a gritar isso enquanto corria ao redor do quadrado perfeito delimitado pelo cordel, e eu vejo a cara do «Cegonha Louca» do outro lado da porta de vidro, junto ao *deck*, com as palmas das mãos abertas e os polegares juntos, como se estivesse a fazer um enquadramento, e o meu outro irmão, o Mario, ao lado dele, como de costume, enroscado no joelho do «Cegonha» e com a cara toda colada ao vidro por estar a aguentar com o peso do corpo, a respiração de ambos a espalhar-se pelo vidro, com o Hal finalmente dentro do rebordo do cordel, a tentar segui-la e a chorar, e eu também estou a chorar um bocadinho, coisa nada inverosímil, só por causa do stresse contagiante, enquanto aqueles dois se limitam a continuar a assistir a tudo pelo vidro da porta das traseiras, com o cabrão do Booboo a tentar fazer também o enquadramento com as mãos, e, por isso, acabou por ter de ser o senhor Reehagen, o nosso vizinho do lado e um suposto «amigo» dela, a lá ir e a ligar a mangueira.

a. Isto talvez seja mentira – na ATE, mais ninguém ouviu falar de câmaras na cozinha, casa de banho e etc. da RdR.

b. *Sic*.

235 Tinha sido ela própria a dispor as fotos, tirando-as da carteira, sobre a cómoda; ele não teve de lhe pedir para o fazer; foi algo que fez aumentar a sensação de misericórdia sincrónica, uma bondade cósmica a servir de contraposição ao pássaro morto caído no jacúzi e à jornalista frigidamente intrometida.

236 Estenografia da ATE: Vetor/Ângulo/Velocidade/Efeito.

237 O ângulo noroeste para nordeste na antiga zona de Montpelier, Vermont, não é bem de noventa graus, mas anda lá muito perto. Já agora, o triângulo formado por Syracuse-Ticonderoga-Salem é um daqueles triângulos 25-130-25 de base infinita que têm um aspeto super-hediondo quando são projetados num dos globos terrestres deformadores de Corbett Thorp utilizados na aula de Trigonometria Cubular do modelo do plano de estudos *Trivium*.

238 Ver o Capítulo 7, «Começou Tudo com Uma Neoplasia Colo-Retal, Uma Abertura às Manifestações Comunicativas da Graça Divina, e Um Sujeito com Mau Aspeto Que Levantou em Público Uma Cadeira Estando em pé em cima Dela, e isso Foi Clara e Precisamente Uma Manifestação Desse Género», de *O Arrepio da Inspiração: Reminiscências Espontâneas de Dezassete Pioneiros da Fusão Anelar Litiomizada de Ciclo-DT*, ed. Prof. Dr. Günther Sperber, Institut für Neutronenphysik und Reaktortechnik, Kernforschungszentrum Karlsruhe, URG, apenas disponível em inglês numa edição de capa dura ferozmente cara, © APMT, publicada pela Springer-Verlag de Viena, Nova Nova Iorque. (Note-se que embora o tratamento anelar com metadoenças seja altamente eficaz para os cancros metastáticos, revelou-se uma desilusão em relação aos vírus do espetro-HIV, já que a sida é em si mesma uma metadoença.)

239 Como tinha jurado segredo, Green não conta a Lenz que Charlotte Treat lhe havia revelado que o pai adotivo tinha sido, em tempos, presidente da Direção Regional do Nordeste dos Anestesistas Dentários e que havia utilizado com bastante liberalidade o velho N^2O e o sódio tiopental em casa dos Treat, em Revere, Massachusetts, por motivos pessoais e extremamente desagradáveis.

240 The Mauna Loa Macadamia Nut Corp., Hilo, HI – um alimento com pouco sódio.

241 Bandas populares de *hard rock* sob contrato de multinacionais, embora isto mostre onde começou realmente o declínio psíquico de Bruce Green, já que, tirando os TBA^5, estas bandas estavam todas no auge da carreira há dois ou três anos e agora já se encontram ligeiramente fora de moda, com os Choosy Mothers a terem mesmo acabado para poderem explorar caminhos criativos individuais.

242 E esse é um dos motivos que o levam a consentir que o pendurem no posto de observação de Schtitt para filmar os jogos a decorrerem nos campos, ficando ali suspenso no meio do espaço, só com um pró-reitor a segurá-lo com força pela parte de trás do colete com fecho de polícia, coisa que quem está a jogar e olha para Mario, na sua postura de salto de esqui, todo inclinado para a frente na travessa metálica, acha incrivelmente assustadora, audaciosa e valente, e Avril nem sequer é capaz de sair da RdR durante as filmagens dos jogos nos campos.

243 Isto apesar de Avril nunca ter chegado ao ponto de verbalizar as suas preocupações relativamente à segurança noturna de Mario junto do próprio filho, por não querer parecer estar a dar especial atenção aos défices e à vulnerabilidade dele, parecer inconsistente por deixar Hal sair à noite para onde lhe apeteça, ou basicamente inibir seja de que maneira for a sensação de autonomia e liberdade de Mario fazendo com que ele se preocupe com as preocupações dela – coisa que faz, e bastante, preocupar-se com as preocupações de

Avril em relação a ele. Se é que isso faz algum sentido.

244 Tal como Charles Tavis, o seu tio materno, Hal não gosta de luzes fluorescentes.

245 A saber:

– Sentes-te melhor?

– Já me vou sentir daqui a pouco.

– O que é que queres dizer com isso? Isso quer dizer alguma coisa?

– Nada. Literalmente nada.

246 Um novo e deprimente Clube de Sobriedade na Praça Davis, Sommerville, onde os Alcoólicos Anónimos e os Narcóticos Anónimos – na sua maioria, recém-chegados e jovens –, tão arranjadinhos que é de partir o coração, dançam rigidamente, tremem de sóbria ansiedade sexual e se põem para ali a beber *Coca-Colas* e *M.F.* e a dizer uns aos outros como é formidável estar num sítio intensamente social com todas as suas conscientes e não medicadas inibições a berrarem-lhes na cabeça. Nestes sítios, só os sorrisos já são dolorosos de ver.

247 Um castigo significa simplesmente que não haverá saídas noturnas nessa semana e que será aplicada uma tarefa extra; um castigo do Centro significa que se tem de regressar uma hora depois do trabalho e das reuniões noturnas; o castigo total é não se poder sair do Centro a não ser para ir trabalhar e às reuniões, com quinze minutos para regressar, e nem sequer se poder sair para comprar tabaco ou o jornal, nem sequer para ir ao relvado apanhar um pouco de oxigénio, e uma violação significa a expulsão: o CTC é a versão da Ennet da solitária e é uma coisa temida.

248 Na Ennet House, a urina é levada para a clínica de metadona, onde os mais variados clientes são obrigados a submeterem amostras de urina semanais a tribunais e a programas, e a clínica deixa que a urina proveniente da Ennet seja incluída gratuitamente na leva semanal que envia para outra clínica, onde se faz o teste EMIT, lá bem longe, em Natick, e, em contrapartida, de vez em quando Pat recebe um telefonema da pequenina assistente social, parecida com um *troll*, que dirige a Unidade # 2 por causa de algum cliente da clínica que resolveu que também quer largar a metadona, e Pat passa-o logo para o topo da lista de entrevistas, entrevista-o e por norma admite-o – Calvin T. e Danielle S. entraram os dois para a Ennet House dessa maneira, ou seja, através da Unidade # 2.

249 Talvez seja significativo dizer que Don Gately nunca deixou de limpar todos os vómitos ou incontinências que a mãe, embriagada, tinha despejado algures ou nos quais havia desmaiado, mesmo que estivesse muito chateado ou enojado, ou se sentisse ele próprio mal: nunca.

250 (que tem um *Lincoln*, Henderson, de origem desconhecida e suspeita)

251 Isto é tudo por motivos relacionados com o seguro, o documento para os funcionários em que Gately não entende tudo o que está escrito e de que tem medo.

252 As regras do Centro proíbem que se fume lá em cima, nos quartos – mais motivos relacionados com o seguro – e supostamente é obrigatório aplicar um castigo de uma semana, uma regra em relação à qual Pat é uma verdadeira fanática, mas Gately, por mais que receie as sinistras cláusulas contratuais gerais do documento do seguro, finge sempre que não vê nada quando vê alguém a fumar lá em cima, já que quando era residente chegava até a fumar às vezes *durante o sono*, por estar tão tenso, e, de vez em quando, ainda acorda e percebe que fez isso outra vez, ou seja, acender um cigarro e, pelos vistos, fumá-lo e apagá-lo,

tudo a dormir, na cama da sua masmorra secreta de funcionário na cave.

253 (são raríssimas as peças de roupa, nos cestos com as doações ao Centro, que servem a Gately)

254 Gately tomou a firme decisão de nunca mais voltar a correr quando largasse o vício.

255 Calão de rua da Nova Nova Inglaterra para qualquer tipo de pistola.

256 (Erdedy ainda tem as mãos no ar, a segurar as chaves)

257 (da região da Nova Nova Inglaterra, esforçando-se por não irritar Tine Sr. mexendo-se muito)

258 (da região do deserto do Sudoeste, de aspeto discreto com a sua gigantesca saia de camponesa e os seus práticos sapatos rasos)

259 Disponibilizados por várias empresas de qualidade, são uma espécie de versão enorme dos implementos para lavar os para-brisas que há nas estações de serviço – um cabo de esfregona industrial com uma pá de borracha enviesada na ponta, utilizada para ir espalhando a água para que seque mais depressa, e que em algumas academias é substituído por um secador de campo EZ-DRI com cilindro articulado de esponja densa na ponta, opção rejeitada pela ATE devido à facilidade com que o cilindro de esponja na ponta ganha bolor e começa a cheirar mal.

260 A senhora Incandenza dá sempre as notas todas com tinta azul.

261 Um fenómeno que não é invulgar, a saber: funcionários com cargos pouco importantes e trabalhadores por turnos a vasculharem no lixo acumulado pela ATE, à caça de objetos de valor deitados fora, algo que a Administração e o senhor Harde permitem, ou pelo menos não desencorajam ativamente, visto que «O lixo de um homem...» e por aí fora, sendo que apenas se exige uma certa discrição em termos visuais quando se leva o refugo da ATE, simplesmente porque todo esse assunto é um bocadinho embaraçoso para toda a gente.

262 Ou seja, a Associação de Ténis Feminino, equivalente à ATP.

263 *Sic*, presumivelmente para Betamax (®Sony).

264 *Sic*, mas o que Marathe quer dizer com isso é bastante óbvio.

265 Unidade de Espetáculo Público em Alumínio Reforçado.

266 Era possível ver um ou outro pai abastado a sair do edifício da Administração e a dirigir-se, passando por trás da vedação sul dos campos oeste, para o parque de estacionamento de asfalto e para o que eram inconfundíveis carros de pais, todos eles dignos de nota pelos pneus com pressão de ar como mandam as regras, as antenas para telemóvel que mais parecem pelos e a ausência de sorrisinhos desenhados no pó nos vidros das janelas traseiras ou laterais. Charles Tavis passara a manhã a interagir com os pais dos alunos que se tinham magoado na batalha campal do *Eschaton* do Dia da Interdependência. Para se divertir, Lateral Alice Moore tinha estado a ouvir Tavis e os pais nos fones, enquanto teclava, em vez dos seus temas de aeróbica preferidos. Struck e Pemulis tinham lá passado antes do almoço e conseguido convencê-la, com falinhas mansas, a deixá-los ouvir uns minutos da conversa pelas colunas do intercomunicador. Ouvir C.T. fechado no gabinete com pais era uma coisa que toda a gente devia fazer. Só lá estavam alguns pais – o pai de Todd Possalthwaite tinha ido passar a lua de mel aos Açores e a mãe de Otis P. Lord tinha um problema qualquer no ouvido interno e os Lord não puderam apanhar um avião. Mas Pemulis e Struck eram da

opinião de que qualquer pessoa com qualquer tipo de apetência administrativa devia ouvir o reitor da ATE a falar com pais quando numa missão de aplacar ânimos, um mestre sedutor que ultrapassava todas as escalas de medição de competências sociais, um Houdini a desenvencilhar-se das algemas dos factos, com interações que mais pareciam seduções – Pemulis dizia que o homem tinha desaproveitado uma vocação genuína para vendedor – no fim, toda a gente queria quase fumar um cigarro, com os pais a saírem a chorar, a apertarem a mão a Tavis com força – um pai por mão – e praticamente a implorarem-lhe que aceitasse não só os seus agradecimentos como as desculpas por terem ousado sequer *pensar*, sequer por um *momento*. A seguir, apoiando-se uns aos outros, passam ao lado da terceira via de Lateral Alice e dos rapazes sorridentes e extremamente *educados* que se encontram encostados à secretária, saem pelas portas de vidro pressurizadas do átrio de entrada, atravessam o alpendre neogeorgiano, com os seus pilares brancos, e avançam por campos e bancadas até chegarem aos carros bem cuidados, cruzando depois a grade de ferro e percorrendo muito lentamente o caminho de entrada em tijolo para só então se lembrarem sequer de que se tinham esquecido de ir visitar os filhos lesionados, assinar-lhes o gesso, ver se tinham febre, dizer-lhes «Olá».

267 Ou seja, em termos de ases/duplas faltas, bastante parecida com a rácio, no beisebol, entre os jogadores que um lançador consegue eliminar e aqueles a quem permite avançar até à primeira base.

268 Steeply nunca tinha visto tantos canhotos juntos: tanto Hal Incandenza como o rapaz todo de preto eram canhotos, uma das duas rapariguinhas a quatro campos dali era canhota, DeLint estava a preencher a tabela com a mão esquerda. E Rémy Marathe, o vira-casacas da AFR, e Luria P..., a agente tripla quebequense, também eram canhotos, ainda que Steeply tivesse consciência que isto dificilmente se poderia considerar significativo.

269

Saprogenic Greetings*

QUANDO SE PREOCUPA O SUFICIENTE PARA DEIXAR QUE UM PROFISSIONAL O DIGA POR SI

* um orgulhoso membro da Família ACMÉ de Piadas e Bugigangas, Emoções Pré-Preparadas, Partidas e Surpresas e Disfarces Excêntricos

Menina Helen Steepley
Etc. e tal
novembro do ARIAD

... (1) O Orin Incandenza e eu jogámos, treinámos e, de um modo geral, divertimo-nos juntos durante a maior parte do que, na altura, nos parecia serem os nossos anos formativos. Conhecemo-nos porque eu estava sempre a encontrá-lo do outro lado da rede nos torneios de ténis amador que disputávamos na área de Boston. Éramos os dois melhores jogadores masculinos de dez anos em Boston. Depressa nos tornámos parceiros e as nossas mães levavam-nos de carro todas as tardes da semana a um programa de treino de ténis para juniores no Clube de Ténis de Auburndale, em West Newton. Depois de os meus pais terem morrido tragicamente na alameda Jamaica Way, na manhã do inesperado acidente provocado pela queda de um helicóptero que dava informações sobre o trânsito, tornei-me uma espécie de pendura permanente em casa dos Incandeza, em Weston. Quando o J.O.I. fundou a Academia, fui um dos primeiros a matricular-me. O Orin e eu fomos inseparáveis até por volta dos quinze anos, quando atingi o meu apogeu em termos de puberdade precoce e promessa atlética e comecei a conseguir vencê-lo. Ele levou isso muito a mal. Nunca

mais fomos inseparáveis. Voltámos a passar bastante tempo juntos durante uns meses no ano seguinte, durante uma temporada em que ambos andámos profundamente metidos nas drogas recreativas. Acabámos os dois por perder o interesse pelas drogas ao fim de um par de anos; o Orin porque tinha finalmente entrado na puberdade e descoberto o sexo mais fraco e concluído que precisava de todas as suas faculdades e manhas e eu porque umas quantas experiências psicadélicas com metoxi verdadeiramente negativas me deixaram com umas incapacidades que ainda hoje fazem com que uma vida normal seja um desafio excecional e que atribuo a ter usado alucinogénios quase letais num estádio psicológico larval durante o qual nenhum adolescente norte-americano devia ser autorizado a tomar alucinogénios. Estas incapacidades levaram a que eu saísse da Academia de Ténis de Enfield com dezassete anos, antes de terminar os estudos, e à minha retirada do ténis competitivo júnior e da vida contemporânea tal como a conhecemos. O Orin também estava acabado para o ténis por volta dos dezassete anos, embora ninguém no seu perfeito juízo pudesse ter previsto uma deserção para o futebol americano profissional no seu futuro.

Na minha opinião, menina Steepley, o futebol é um bailado de grunhidos e pisadelas de homoerotismo reprimido. A largura exagerada dos ombros, a erradicação mascarada da personalidade facial, a ênfase no contacto *versus* a fuga ao contacto. Os ganhos em termos de penetração e resistência. As calças justas que realçam os glúteos e os tendões e aquilo que parecem mesmo umas grandes braguilhas. A lenta e gradual mudança dos campos de jogos para «superfície artificial», «relva artificial». As partes da frente das calças não parecem providas de braguilhas? E olhe para estes homens a darem palmadas nos rabos uns dos outros no fim de um jogo. É como se o Swinburne se tivesse sentado na noite mais escura da sua alma e inventado um desporto organizado. E não dê nenhuma atenção à defesa feita pelo Orin do futebol como um substituto ritualizado do conflito armado. O conflito armado já é suficientemente ritualizado e, uma vez que temos conflitos armados verdadeiros (dê uma volta pelos bairros Roxbury e Mattapan de Boston numa destas noites), não há qualquer necessidade nem justificação para um substituto. O futebol é uma pura mariquice homofobicamente reprimida e não deixe que o Orin a convença do contrário.

... (3c) Não posso ajudá-la muito no que respeita aos factos que envolveram o suicídio do doutor Incandenza. Sei que ele apagou a sua própria cartografia de uma forma arrepiante. Contaram-me que no ano anterior à sua morte, o doutor Incandenza andava a abusar do álcool etílico diariamente e a trabalhar num novo género de cartuchos de filme que, na altura, o Orin dizia que estava a dar com o doutor Inc em doido.

... (3e) A suposta causa da sua separação foi o doutor Incandenza ter começado a usá-la cada vez mais no seu trabalho e ter acabado por lhe pedir que atuasse no novo e completamente radical tipo de entretenimento filmado referido que supostamente o estava a enlouquecer. Supostamente, eles tornaram-se íntimos, o James e a Jo-Ellen, embora, na minha opinião, o Orin não seja uma fonte de fiar no que se refere a esta relação.

O único outro facto pertinente de que tenho conhecimento – e que não provém do Orin mas de uma inocente parente minha que esteve (brevemente) na situação de interagir com o nosso pontapeador de uma forma íntima e sem reservas impossível entre homens hetero – é que houve um incidente qualquer no *Volvo* do Incandenza que envolveu uma das janelas e uma palavra – tudo o que sei é que, segundo o O., dias antes do suicídio do doutor Incandenza, uma alegada «palavra» apareceu numa «janela embaciada» do *Volvo* amarelo-pálido da senhora Incandenza e que a palavra provocou uma tempestade conjugal em todas as direções. É tudo.

... (5) O «aviso valado» (erro tipográfico?) a que a menina se refere na minha resposta por via postal quer dizer apenas que deve aceitar o que o Orin conta com grandes cautelas. Não tenho a certeza de que fosse capaz de apontar o Orin como um exemplo clássico de um mentiroso patológico, mas a menina só tem de o

observar quando ele age em certas ocasiões para ver que pode existir uma coisa como *sinceridade com uma intenção*. Não faço ideia de qual é a sua relação com o Orin nem de quais são os seus sentimentos por ele – e se o Orin assim o quiser, receio poder predizer que os seus sentimentos por ele serão fortes – por isso, direi apenas que, por exemplo, na ATE, vi o Orin, em bares ou em bailes depois dos torneios, a dirigir-se a uma jovem senhora que queria engatar e usar uma estratégia de engate à prova de falhas que envolvia uma introdução do tipo: «Diz-me que género de homem é que preferes que eu vou imitar o comportamento desse homem.» O que, claro, de certa maneira, é ser quase patologicamente franco e sincero em relação a todo o esforço para o engate, mas também tem uma qualidade de Olha-Para-Mim-A-SerTão-Completamente-Sincero-E-Aberto-Que-Desprezo-Toda-A-Pose-Insincera-Do-Processo-De-Engatar-Uma-Pessoa-E-Transcendo-A-Hipocrisia-Normal-Do-Vulgar-Frequentador-De-Bares-De-Uma-Forma-Paricularmente-Fixe-Espirituosa-E-Consciente-E-Se-Me-Deixares-Engatar-te-Não-Só-Vou-Continuar-A-Ser-Espirituosa-E-Transcendentemente-Aberto-Como-Te-Introduzirei-Neste-Mundo-Transcendente-De-Falsidade-Social, o que, evidentemente, ele não pode fazer porque toda esta coisa da atitude aberta é *em si própria* uma falsidade social propositada; é uma pose de não-pose; o Orin Incandenza é o *homem menos aberto* que conheço. Passe algum tempo com o tio do Orin, o Charles Tavis, também conhecido como «Gretel, a Vaca Leiteira Seccionada» se quiser ver uma pessoa verdadeiramente aberta em atuação e verá que a abertura patologicamente genuína é tão sedutora como a síndrome de Tourette.

Não é que o Orin Incandenza seja um mentiroso, mas eu acho que ele acabou por considerar a verdade como algo de *construído* em vez de *relatado*. Ele chegou a isto pela educação, é tudo o que tenho a acrescentar. Estudou quase dezoito anos com o mais consumado aldrabão e manipulador que conheci e, mesmo agora, continua tão confundido que julga que a forma de escapar à influência dessa pessoa é através da renúncia e do ódio por essa pessoa. Definirmo-nos em oposição a uma coisa significa que continuamos a ser anaclíticos em relação a essa coisa, não é verdade? Eu estou completamente convencido disso. E os homens que acreditam que odeiam aquilo que realmente *temem* que *precisem* têm pouco interesse, acho eu.

... Volto a recordar-lhe que eu e o Orin estamos, de momento, um pouco zangados, por isso, algumas das minhas opiniões podem sofrer, temporariamente, de falta de caridade.

Uma das razões por que o Orin não é um rematado mentiroso é ele não ser um mentiroso particularmente hábil. As poucas vezes que o vi tentar mentir conscientemente foram patéticas. Isso foi um dos motivos para a sua fase juvenil de químicos recreativos ter passado tão depressa, comparada com as de alguns dos nossos colegas na ATE. Se te vais meter a sério nas drogas quando ainda és um menor a viver sob o teto dos pais, vais ter de mentir muitas vezes e de mentir bem. O Orin era um mentiroso estranhamente estúpido. Estou a lembrar-me de uma tarde no dia de folga da senhora Clarke, quando a senhora Inc teve de sair para ir trabalhar num sítio qualquer e o Orin teve de ficar a tomar conta do Mario e do Hal, que estavam na idade travessa das crianças muito pequenas e se podiam magoar se não fossem controlados de perto, e eu estava lá e o Orin e eu decidimos escapar para o sótão da garagem da casa de Weston para fumar um bocadinho de *Bob Hope*, o que quer dizer marijuana com muita resina, e no sótão, pedrados, divagámos desastrosamente por aquele labirinto mental pseudofilosófico por onde os fumadores de *Bob Hope* estão sempre a vaguear e a perderem-se e a gastarem inutilmente imensas quantidades de tempo* no interior de uma sala intelectual de que não conseguem sair; e, na altura em que não tínhamos resolvido o problema abstrato que nos havia metido no labirinto, mas, como sempre, tínhamos ficado com tanta fome que o abandonámos e descemos aos tropeções o escadote de madeira do sótão, o Sol já estava do outro lado do céu por cima de Wayland e Sudbury, e a tarde toda tinha passado sem que o Mario e o Hal tivessem recebido qualquer supervisão

protetora; e o Hal e o Mario tinham, sabe-se lá como, sobrevivido à tarde. Mas nessa noite, quando a senhora Incandenza voltou para casa, perguntou ao Orin o que é que nós e as criancinhas supervisionadas tínhamos feito durante toda a tarde e o Orin mentiu e disse que tínhamos estado ali mesmo, a brincar e a supervisionar respetivamente, e a senhora Incandenza exprimiu a sua perplexidade ao Orin dizendo que tinha tentado telefonar para casa várias vezes nessa tarde, mas não havia conseguido ligação, e o Orin replicou que enquanto estava a supervisionar tinha dirigido cuidadosamente as crianças para divisões com tomadas de telefone e estivera várias vezes ao telefone durante longos períodos de tempo por isto ou por aquilo e fora por isso que ela não tinha conseguido ligar; e ao ouvir isto, a senhora Incandenza (que era muitíssimo alta) havia pestanejado várias vezes, parecendo muito confusa, e dito que o telefone não tinha estado ocupado, havia tocado e tocado repetidamente. Em circunstâncias como esta, os homens e os rapazes diferem em termos de prevaricação, defendo eu. E a única coisa de que o Orin se conseguiu lembrar foi pôr um ar muito sério enquanto dizia, como se estivesse a falar do Jardim das Rosas: «Não tenho resposta para isso.» Uma resposta incrivelmente estúpida que eu e ele achámos divertidíssima durante várias semanas, principalmente porque a senhora Incandenza *nunca castigava* e se recusava a agir como se acreditasse que a mentira fosse sequer uma possibilidade no que dizia respeito aos filhos, tratando uma mentira descarada como se fosse um mistério cósmico insolúvel em vez de uma mentira descarada.

O pior exemplo tanto da idotice embusteira do Orin como da relutância da senhora Incandenza em contrariar uma mentira idiota aconteceu num dia fatídico pouco tempo depois de o Orin ter, finalmente, conseguido tirar a carta de condução. O Orin e eu vimo-nos com uma tarde livre num dia de semana em agosto, depois de termos sido eliminados muito cedo num torneio em piso sintético em Longwood, e o Hal ainda estava a jogar no que era então o escalão dos dez anos e, por isso, uma grande parte da comunidade estival da ATE ainda se encontrava em Longwood, incluindo Mario e a senhora Incandenza, que tinham sido levados, ainda me lembro, por um médico internista, especializado em monilíase, moreno e com ar de estrangeiro, que a senhora Incandenza havia apresentado como «um grande e querido amigo», sem contudo explicar como se tinham conhecido, e lembro-me que naquele dia o doutor Incandenza estava indisposto e impossibilitado de incomodar fosse quem fosse; o Orin e eu tínhamos a maior parte da ATE só para nós e até a grade de ferro do portão estava sem guarda e levantada e, acontecendo isto no auge do nosso interesse por estas coisas, não desperdiçámos tempo a ingerir umas substâncias recreativas quaisquer, não me consigo lembrar de que tipo, mas lembro-me de que eram particularmente prejudiciais. Todavia, decidimos que ainda não estávamos suficientemente afetados e resolvemos descer a colina até a uma das lojas de bebidas alcoólicas ao longo da Avenida Commonwealth que aceitavam a nossa palavra de honra como prova de idade; saltámos para dentro do *Volvo* e disparámos pela encosta abaixo e pela Commonwealth, muitíssimo afetados, interrogando-nos especulativamente sobre a razão de as pessoas ao longo da Commonwealth parecerem estar a acenar-nos e a segurar as cabeças nas mãos, apontando e saltando desvairadamente nos passeios; o Orin retribuiu os acenos alegremente e agarrou a cabeça com as duas mãos, numa imitação amigável. Mas foi só quando chegámos ao cruzamento entre a Commonwealth e a Brighton que compreendemos repentinamente o horror da situação: nos dias de verão, a senhora Incandenza deixava frequentemente *S. Johnson*, o cão adorado da família, atado pela trela ao para-choques da traseira do *Volvo*, com as tigelas de água e da ração *Science Diet* ao seu alcance e eu e o Orin tínhamos arrancado a toda a velocidade com o carro sem nos lembrarmos de ir ver se o *S. Johnson* estava preso a ele. Nem vou tentar descrever o que descobrimos quando entrámos num parque de estacionamento e nos aproximámos do porta-bagagem. Digamos que era um bocadinho de uma coisa qualquer. Digamos que o que encontrámos foi uma

trela e uma coleira e um bocadinho de uma coisa qualquer. Segundo um par de testemunhas que estavam capazes de falar, o *S. Johnson* tinha feito uma valente tentativa de se aguentar lá atrás pelo menos durante uns dois quarteirões da Commonwealth, mas a dada altura, havia tropeçado, ou posto em ordem os seus assuntos caninos e achado que era altura de partir, e tinha caído no chão, sendo que a cena que se seguiu e que as testemunhas descreveram era inenarrável. Havia pelos e, digamos assim, material ao longo do meio da faixa que seguia para leste durante cinco ou seis quarteirões. O que nos tinha restado para levarmos de volta à Academia, subindo a colina vagarosamente, foi uma trela, uma coleira com etiquetas que descreviam as alergias a medicamentos e as sensibilidades alimentares, e um pedacinho de, chamemos-lhe assim, material agarrado.

O que interessa é que vos desafio a imaginar o que foi, mais tarde nesse dia, estar sentado com o Orin na sala de estar da RdR perante a senhora Incandenza, deitada de bruços e a chorar lastimosamente, a ouvir o Orin a tentar construir uma versão dos acontecimentos em que ele e eu nos tínhamos apercebido por qualquer razão de que o *S. Johnson* estava mortinho por dar um belo e enérgico passeio de agosto e o tínhamos levado a passear pela Commonwealth[**], dizendo que estávamos a levar o bom do velho *S. Johnson* pacatamente ao longo do passeio quando um assassino de um condutor não só subiu o passeio e atropelou o cão como fez marcha atrás e voltou a passar por cima dele, uma e outra vez, parecendo mais um condutor *pulverizador*, enquanto o Orin e eu ficámos ali demasiado paralisados pelo horror e desgosto para repararmos na cor e na marca do carro, quanto mais na matrícula do demónio. A senhora Incandenza, de joelhos (há qualquer coisa surreal numa mulher muito alta de joelhos) a chorar e a comprimir uma clavícula com a mão, mas a assentir com a cabeça, corroborando todas as sílabas do Orin enquanto este construía esta mentira patética, exibindo a trela e a coleira (e o bocadinho) como se fossem a Prova A e comigo ao lado, a limpar a testa e a desejar que o chão de madeira encerado e esterilizado engolisse toda esta cena.

... (7) Menina Steeples, na minha maneira de pensar, a palavra «abuso» é vácua. Quem é que consegue definir «abuso»? A dificuldade em relação aos casos de abusos verdadeiramente interessantes é que a ambiguidade do abuso se torna parte do abuso. Graças a décadas inteiras do exercício enérgico da sua própria profissão, menina Steely, todos ouvimos ACOAs e AlaTeens e ACONAs e ACOGS e WHINERS relatar casos de diferentes tipos de abusos: tareias, masturbações, violações, privações, tiranias, humilhações, cativeiros, torturas, críticas excessivas ou até apenas um simples e completo desinteresse. Mas, pelo menos, as vítimas destes tipos de abuso podem, quando os arrastam desde a infância, chamar-lhes com segurança «abuso». Contudo, há casos mais ambíguos. Mais difíceis de traçar o perfil, poderíamos dizer. O que é que chamaria a um pai que é tão neurasténico e depressivo que qualquer oposição à sua vontade paternal o mergulha naquele tipo de depressão psicótica em que não sai da cama durante dias, limitando-se a ficar sentado na cama a limpar o revólver de modo que o filho fica aterrorizadíssimo com a ideia de se opor à sua vontade e de o mergulhar numa depressão e, sabe-se lá, de fazer com que ele se suicide? Essa criança pode ser classificada como «abusada»? Ou a um pai tão absorvido pela matemática que se absorve tanto a ajudar a criança com o trabalho de casa de álgebra que acaba por se esquecer do filho e de fazer o trabalho sozinho de modo que este tem um «Excelente» a Frações, mas, de facto, nunca aprende a resolver frações? Ou até, digamos, a um pai que é extraordinariamente habilidoso e consegue arranjar tudo em casa e que pede a ajuda do filho, mas que fica tão absorvido nas suas tarefas (o pai) que nunca se lembra de explicar ao filho como é que essas tarefas são feitas, de modo que a «ajuda» do filho nunca passa de entregar ao pai uma chave de fendas especifica, de lhe trazer uma limonada ou chaves de parafusos até que um dia o pai fica transformado em papa num acidente terrível na Jamaica Way e todas as

oportunidades para a instrução transgeracional se perdem para sempre e o filho nunca aprende a ser um faz-tudo engenhoso e quando as coisas não funcionam na sua casa de uma só divisão tem de contratar homens de unhas sujas e ar desdenhoso para as arranjar e sente-se terrivelmente incompetente (o filho), não só por não ter jeito mas porque este jeito lhe parecia ter representado para o pai tudo o que era independente e masculino e não incapacitado no homem americano? Gritaria «Abuso!» se fosse esse filho desajeitado, ao olhar para o passado? Pior, *poderia* chamar-lhe abuso sem sentir que era uma mariquinhas patética e autocondescendente, perante todos os casos genuínos de abuso físico e emocional de pôr os cabelos em pé que jornalistas conscienciosos diligentemente relatam e analisam diariamente (e biografam?)?

Não tenho a certeza de se poder chamar abuso a isto, mas quando eu estava (há muito tempo) no estrangeiro, no mundo de proibicionistas, vi pais, geralmente prósperos, educados, talentosos, funcionais e brancos, pacientes, carinhosos, interessados, compreensivos e participantes nas vidas dos filhos, pródigos em elogios e diplomáticos nas suas críticas construtivas, loquazes nas suas declarações de amor e apoio incondicionais aos filhos, que se ajustavam a todos os detalhes de qualquer definição concebível de um bom progenitor, vi pais irrepreensíveis atrás de pais irrepreensíveis que criaram filhos que eram (a) emocionalmente atrasados ou (b) letalmente autocondescendentes ou (c) cronicamente deprimidos ou (d) totalmente psicóticos ou (e) consumidos por um ódio por si próprios narcisista ou (f) neuroticamente drogados ou (g) psicossomaticamente deficientes ou (h) uma permutação conjuntiva qualquer de (a)... (g).

Porque é que isto acontece? Porque é que tantos pais que parecem incansavelmente dedicados a produzirem filhos que sintam que são boas pessoas e merecedoras de amor produzem filhos que, quando crescem, sentem que são pessoas hediondas que não merecem amor e que apenas tiveram a sorte de terem pais tão maravilhosos que os amam mesmo quando eles são hediondos?

É um sinal de abuso que uma mãe produza uma criança que acredita não que é inatamente bela e adorável e merecedora de um tratamento maternal sublime, mas que, por qualquer razão, é uma criança hedionda que não desperta amor e que teve apenas a sorte de ter uma mãe verdadeiramente sublime? Talvez, não.

Mas será que uma mãe destas pode ser *realmente* assim tão sublime se a opinião que o filho tem de si próprio é essa?

Não estou a falar da minha mãe, que foi decapitada por uma hélice de helicóptero muito antes de poder ter tido qualquer efeito no meu irmão mais velho, na minha inocente irmã e em mim.

Acho, senhora Starkly, que estou a falar da senhora Avril M.-T. Incandenza, embora a mulher seja tão multifacetada e à prova de acusações que é difícil sentir-me confortável a fazer qualquer tipo de acusação unívoca. Havia qualquer coisa que não estava exatamente *bem*, é a única maneira de o explicar. Algo de *sinistro*, mesmo tendo em conta a aparência culturalmente excelente. Por exemplo, depois de o Orin lhe ter claramente matado o seu adorado cão *S. Johnson* de uma maneira verdadeiramente horrível ainda que acidental e depois ter fugido à responsabilidade com uma mentira que uma mãe muito menos inteligente do que a Avril podia ter detetado imediatamente, a resposta da senhora Inc não foi apenas não convencionalmente abusiva, como pareceu quase demasiado incondicionalmente amorosa e compassiva e altruísta para poder ser verdadeira. A sua resposta à mentira do Orin do condutor que pulverizou e fugiu não foi reagir de forma crédula mas agir como se toda aquela ficção grotesca não lhe tivesse sequer chegado aos ouvidos. E a sua reação à morte do cão foi bizarramente ambivalente. Por um lado, chorou muito a morte do *S. Johnson*, agarrou ternamente na trela, coleira e nos restos caninos e organizou um funeral luxuoso, incluindo um caixãozinho de cerejeira de partir o coração, chorou, audivelmente, em privado durante semanas, etc. Mas a outra metade das suas energias emocionais dedicou-se a ser abertamente solícita e

delicada para com o Orin, aumentando a dose quotidiana de elogios e reforços positivos, conseguindo que lhe preparassem os pratos preferidos nas refeições na ATE, fazendo com que os seus acessórios para o ténis preferidos aparecessem magicamente na cama e no cacifo acompanhados de bilhetinhos carinhosos, fazendo, basicamente, os milhares de pequenos gestos com que um progenitor tecnicamente excelente consegue que o filho se sinta particularmente valorizado[***] – tudo para que o Orin não pudesse pensar *de forma nenhuma* que ela estava zangada com ele por causa da morte do *S. Johnson*, ou que o censurava ou amava menos por causa deste incidente. Não só não houve castigo nem mesmo ressentimento visível, como o bombardeamento de amor e apoio *aumentou*. E tudo isto foi conjugado com maquinações elaboradas para manter o luto e a organização do funeral e dos momentos de homenagem ao cão escondidos do Orin, com medo de que ele pudesse perceber que a mã estava a sofrer e com isso sentir-se mal e culpado; daí que, na sua presença, a senhora Inc se mostrasse ainda mais alegre, loquaz, espirituosa, íntima e afável, chegando mesmo a sugerir, de forma indireta, que a vida tinha ficado repentinamente *melhor* sem o cão, que um peso invisível lhe tinha sido retirado dos ombros, etc., etc.

O que é que uma analista profissional dos contornos suaves do nosso perfil cultural, como a senhora, pensa disto, senhora Starksaddle? É uma atitude assombrosamente atenciosa, carinhosa e solidária, ou há qualquer coisa... *sinistra* nela? Talvez uma pergunta mais pertinente: a generosidade quase patológica com que a senhora Inc reagiu ao filho lhe ter levado o carro quando estava bêbado e lhe ter arrastado o cão adorado para uma morte grotesca e depois se ter tentado livrar das consequências com uma mentira era para benefício do Orin ou para benefício da Avril? Era o «amor-próprio» do Orin que ela estava a salvaguardar ou a sua própria imagem da mã mais excelente que qualquer filho humano pode ter esperança de sentir que merece?

Quando o Orin faz a sua imitação da Avril – que eu duvido que a senhora, ou outra pessoa qualquer, o consiga convencer a fazer agora, embora fosse um êxito estrondoso nas festas da Academia do nosso tempo –, o que ele faz é pôr um enorme sorriso caloroso e cheio de amor e dirigir-se determinadamente para nós até ficar tão perto que a cara fica quase colada à nossa e as respirações se misturam. Se conseguir ter essa experiência – essa impressão –, o que é que lhe parecerá pior: a proximidade sufocante, ou a cordialidade e o amor irrepreensíveis que a caracterizam?

Por qualquer razão, neste momento, estou a pensar no tipo de filantropo que parece humanamente repelente não apesar da sua caridade, mas *por causa* dela: num certo sentido, conseguimos perceber que ele considera os recipientes da sua caridade não como pessoas, mas como peças de equipamento necessárias ao exercício em que pode aplicar e demonstrar a sua própria virtude. O que é arrepiante e repelente é que este tipo de filantropo *precisa* claramente que a privação e o sofrimento continuem, uma vez que aquilo a que dá valor é a sua virtude e não os fins a que essa virtude é ostensivamente dirigida.

Tudo o que define a mãe do Orin está sempre terrivelmente bem ordenado e é polivalente. Suspeito que tenha sido horrivelmente abusada quando criança. Não tenho nada de concreto em que me basear.

Mas, menina Bainbridge, se tiver entregado os seus próprios encantos ao Orin, e se o Orin lhe parece um amante generoso e maravilhosamente dotado – o que, segundo vários relatos, é – não apenas hábil e sensual, mas magnificentemente generoso, sensível, atento e carinhoso –, se lhe parece que ele realmente retira o seu máximo prazer de lhe dar prazer a si, é possível que queira refletir sobriamente nesta visão do Orin a imitar a sua querida mã enquanto filantropa: uma pessoa que se aproxima de nós, de braços abertos e com um sorriso enorme.

270 A Companhia de Recipientes de Plástico Flácido *Glad*, de Zanesville, OH.

271 (incluindo K. McKenna, que insiste que tem o crânio ferido, mas que de facto não tem o crânio ferido)

272 É por isto que Ann Kittenplan, bem mais culpada pelos estragos causados pelo *Eschaton* do que qualquer dos outros miúdos, não está aqui em baixo na equipa de limpeza como forma de punição, por isto se ter tornado *de facto* uma operação do Clube dos Túneis. LaMont Chu foi encarregado de lhe dizer que se podia safar daquilo porque eles a dariam como presente, o que foi ótimo para Ann Kittenplan, uma vez que até as rapariguinhas mais machonas pareciam não ter este fetiche protomasculino por lugares fechados e subterrâneos.

273 = Estrelas, estrelas cadentes.

274 Poutrincourt usa a palavra do dialeto canadiano *réflechis* em vez da palavra mais aceite *réflexes*, e, de facto, soa como uma verdadeira canadiana, embora a sua pronuncia não tenha os longos e chorosos sufixos de Marathe, mas, de qualquer maneira é mais do que certo que uma certa «jornalista» irá enviar um *e-mail* para Falls Church, Virgínia, pela ligação cem por cento segura do USO, a pedir os ficheiros completos sobre uma tal «Poutrincourt, Thierry T.»

275 Usando *s'annuler* em vez do termo mais quebequense *se detruire*.

276 Usando o vernáculo quebequense *transperçant*, cuja conotação idiomática de desgraça Poutrincourt não deveria ter nenhuma razão para pensar que Steeply, que falava francês parisiense, compreendesse, que é o deslize que indica que Poutrincourt tinha percebido que Steeply não era uma vulgar redatora de perfis, nem mesmo uma mulher, o que Poutrincourt provavelmente sabia desde que Steeply acendera o *Flanderfume* com o cotovelo do braço com o isqueiro para *fora* em vez de para *dentro*, o que só os homens e as lésbicas radicalmente machonas fazem, e que, juntamente com a erupção cutânea da eletrólise, é a única fenda verdadeira na *persona* feminina do agente que só uma pessoa profissionalmente hipervigilante e desconfiada conseguiria detetar e compreender o significado.

277 Expressão idiomática da região Trois-Rivières, que significa basicamente «razão para nos levantarmos da cama de manhã».

278 Onde estava a senhora Pemulis durante todo este tempo, a altas horas da noite, quando o querido e velho pai pessoal «acordava» Matty abanando-o até os dentes chocalharem e o pequeno Micky se enrolava virado para a parede, contendo a respiração, silencioso como a morte, é o que eu gostaria de saber.

279 O miúdo é o antigo aluno da ATE cujo nome continua a escapar a Hal e a frustrá-lo. Hal, que há mais de um ano não passa mais de vinte e quatro horas sem apanhar uma moca às escondidas e que não se sente nada bem, acha a incapacidade de se lembrar do nome do miúdo enfurecedora.

280 Ao que parece, o termo *anedonia* foi cunhado por Ribot, um francês continental, que na sua obra *Psychologie des Sentiments*, do século XIX, diz que quer com isso denotar o equivalente psicológico de *analgesia*, que é a supressão neurológica da dor.

281 Esta tinha sido uma das abstrações mais profundas de Hal, a que havia chegado um dia quando estava a apanhar uma moca às escondidas na Sala das Máquinas. Que estamos todos sozinhos e sentimos falta daquilo que não sabemos que sentimos falta. De que outra forma pode ele explicar a sensação que tem permanentemente como se sentisse a falta de alguém que nem sequer conhece? Sem a abstração universalizante, a sensação não faria sentido.

282 (a grande razão por que as pessoas em sofrimento são tão egocêntricas e é tão desagradável estar na sua companhia)

283 I.S.R.S., de que o *Zoloft* e o malogrado *Prozac* foram os antepassados.

284 Uma forma barata e rudimentar da metadrina combustível, apreciada pela mesma classe de pessoas que snifa vapores de gasolina ou que forra a parte de dentro de um saco de papel com cola de aviões, cobre a cara com o saco e inala até cair no chão e começar a ter convulsões.

285 Isto tem de ser uma pronúncia errada ou uma catacrese, por parte de R.v.C., uma vez que a clonidina – 2-(2,6-Dichloroanilino)-2-imidazoline – é, sem qualquer dúvida, um anti-hipertensivo para adultos. A criança teria de ser do tamanho de um jogador da NFL para a tolerar.

286 Kate G. nunca tinha consumido *Ice*, *crack* básico, nem sequer cocaína ou ‘drinas de baixo impacto. Os drogados dividem-se em classes diferentes: aqueles que gostam de depressivos e do senhor *Hope* raramente gostam de estimulantes, ao passo que os agarrados que dão na coca e nas ‘drinas, em regra, odeiam marijuana. Esta é uma área potencialmente frutífera no estudo das dependências. Contudo, é de notar que praticamente todas as classes de drogados bebem.

287 Desde o inverno passado, altura em que um cheiro bafiento, restos de estimuladores dentais e uma única beata molhada de cuspo deram a entender que um certo aluno de um dos anos mais adiantados andava a fumar charutos a altas horas da noite na S.V.3.

288 The Continent’s Best Yogurt.

289 De facto, e sem que Hal fizesse a menor ideia disso, *IS:UFDR* era na verdade um festival muito triste de ódio a si próprio por parte de Ele Mesmo, uma alegoria velada dos padrinhos e da aversão de Ele Mesmo aos sorrisos vácuos e banalidades redutoras dos Alcoólicos Anónimos de Boston a que os médicos e psicólogos o estavam sempre a remeter.

290 Nunca é explicitado no filme se as horrendas cicatrizes das queimaduras faciais são resultado de um acidente com cocaína refinada. Bernadette Longley diz que espera que seja esse o caso porque, de outra forma, as cicatrizes funcionariam como símbolos de uma ferida/hediondez mais profunda e mais espiritual, e a correspondência simbólica entre deformidade facial e moral parece a toda a gente na sala com mais de treze anos terrivelmente lamechas, aborrecida e néscia.

291 Depois de um período de apogeu durante a loucura da autoajuda no pré-novo milénio, os Cocainómanos Anónimos perderam a sua importância e voltaram a ser uma fação dissidente dos ainda enormes Narcóticos Anónimos; e Pat Montesian e os funcionários da Ennet House, embora não tenham nada contra um residente com problemas de cocaína ir ocasionalmente a um encontro de Cocainómanos Anónimos, recomendam veementemente que os residentes continuem com os Alcoólicos Anónimos ou os Narcóticos Anónimos e não façam das fações dissidentes como os Cocainómanos Anónimos ou os Viciados em Drogas Sintéticas Anónimos ou os Viciados em Tranquilizantes com Receita Médica Anónimos a sua associação de reabilitação prioritária, principalmente porque os dissidentes tendem a ter menos grupos e reuniões – e alguns até nenhuns, em certas partes dos Estados Unidos – e porque o seu foco numa droga extremamente específica estreita a abertura da reabilitação e foca-se demasiado na abstinência de uma só droga e não na sobriedade completa e num modo de vida espiritual totalmente novo.

292 Temeroso em parte porque os funcionários da Ennet House desencorajam fortemente os residentes de

criarem qualquer tipo de ligação sentimental com membros do sexo oposto durante a sua estada de nove meses[a], já para não falar de ligações com os funcionários.

a. Isto é um corolário da sugestão dos Alcoólicos Anónimos de Boston de que os recém-chegados solteiros não se envolvam romanticamente durante o primeiro ano de sobriedade. A grande razão para isto, como os Alcoólicos Anónimos de Boston com tempo explicarão se forem pressionados, é que a retirada repentina de drogas deixa um enorme buraco irregular na psique do recém-chegado cuja dor o recém-chegado deve sentir e que o deve fazer cair de joelhos e rezar para que seja preenchido pelos Alcoólicos Anónimos de Boston e pelo Poder Superior, e os envolvimentos românticos intensos funcionam como um analgésico ilusório para a dor do buraco e têm tendência a fazer com que os envolvidos se agarrem uns aos outros como isótopos esfomeados por covalência e substituam as reuniões, a atividade num grupo e a rendição pela companhia um do outro, e depois, se o envolvimento não der resultado (quantos, entre recém-chegados, calculam que resultam?), ambos os envolvidos ficam devastados e com uma dor do buraco ainda maior do que antes e já não têm a força dependente do trabalho intensivo nos Alcoólicos Anónimos para resistirem à devastação sem voltarem a recorrer à droga. Aqui, os aforismos relevantes incluem «Os drogados não têm relações, fazem reféns» (*sic*) e «Um alcoólico é um míssil guiado pelo alívio». E assim por diante. Aquela história do não envolvimento tende a ser o Waterloo de todas as sugestões, para os recém-chegados, e o celibato é frequentemente a questão que separa aqueles que aguentam dos que voltam Lá para Fora.

293 Aparentemente, a palavra na moda utilizada pelas pessoas de cor para as outras pessoas de cor. Diga-se a propósito que a aculturação de Joelle van Dyne se deu numa parte dos EUA onde as atitudes verbais para com os Negros estão datadas e são inconscientemente depreciativas, e está a fazer o melhor que é capaz – *de cor,* etc – e, seja como for, é um modelo de sensibilidade racial comparada com o tipo de cultura que condicionara Don Gately.

294 É uma característica das pessoas de cor de Boston, aquando dos compromissos, fazerem de todo o discurso uma longa apóstrofe a um «Jim» ausente, observou Joelle de uma forma sociologicamente neutra.

295 Instituto da Habitação de Boston.

296 Misturado, numa proporção de 5 para 1, com cloreto de ferro produz «sangue A+B», um efeito especial típico dos filmes sanguinolentos de baixo orçamento.

297 A ênfase repetitiva do cartucho no desejo da madre superiora de *silenciar* a noviça leva B. Boone – uma estudante preguiçosa, mas uma rapariga muito inteligente – a opinar que os silenciosos trapistas de capuzes castanhos que têm aparecido superfluamente pelas margens do filme como um coro grego mudo têm tido uma função simbólica e não narrativa, o que Hal acha muito perspicaz.

298 É também, claro, uma referência trocista dirigida a Schtitt, que se resume a qualquer coisa como Nós Somos Aquilo Que Insultamos ou Nós Somos Aquilo de Que Fugimos o Mais Depressa Possível e Com os Olhos Desviados, embora quando Schtitt refira o lema nunca lhe atribua qualquer conotação moral nem, já agora, o traduza, permitindo que os pró-reitores e os companheirões adaptem as suas traduções às necessidades do momento pedagógico.

299 A Autoridade de Lotarias da Commonwealth de Massachusetts.

300 Encontrado com facilidade quando empenhava uma máquina de *café au lait* da M. Café numa casa de penhores de Brookline, pois Fortier e Marathe e a AFR conheciam muito bem a paixão de M. DuPlessis

pelo *café au lait* ao pequeno-almoço.

301 Tendo no programa do seu MBA absorvido as lições sobre as litigações dos produtores musicais contra os fabricantes de cassetes e das produtoras cinematográficas contra as cadeias de aluguer de vídeos, Noreen Lace-Forché protegeu os direitos da galinha dos ovos de ouro da InterLace especificando que todos os cartuchos laser compatíveis com telecomputador disponíveis no mercado fossem apenas Só de Leitura – os cartuchos originais que podem ser copiados exigem códigos do sistema operativo especiais e *hardware* especial para funcionarem[a], e são precisas licenças tanto para os códigos como para o *hardware*, o que deixa a maioria dos consumidores fora do negócio dos cartuchos piratas, mas não é uma barreira impossível de transpor quando se tem recursos financeiros e incentivo político (ou seja, para piratear um original).

a. N.L.-F. até tinha preparado as coisas para que os originais só pudessem funcionar num leitor de 585 rpm e não de 450 rpm, a velocidade normal de um leitor de cartuchos de telecomputador para o público consumidor.

302 Graças à traição de Marathe, esta agenda de pura maldade é conhecida no Departamento dos Serviços Não Especificados, embora não seja impossível que Fortier tenha permitido deliberadamente que Marathe passasse este dado, como Marathe sabe, com a esperança de instilar arrepios de medo ainda mais intensos em Gentle *Sans-Christe* e nos seus *chiens-courants* da ONAN. Sem que Marathe saiba, embora desconfie, Fortier planeia obrigar, à força, Marathe a ver o Entretenimento antes que os planos para a disseminação de cópias de um original já estejam em plena execução. Isto não é porque Fortier desconfie, nem por um momento, que o amor de Marathe pela saúde da mulher o tenha levado a trair *Leur Rai Pays* – Fortier tinha supervisionado os *jeux du prochain* train[a] em que os irmãos mais velhos de Marathe tinham sido mortos e Fortier há muito que suspeitava que Marathe alimentava sonhos de vingança por causa disso.

a. Ver nota 304 *infra*.

303 Embora a esperança brote eternamente nos peitos, Broullîme e Fortier já estavam à espera desta notícia desde que tinham visto os irmãos da loja ativos e alerta. Pois estavam convencidos de que nenhum cartucho original teria ficado fora de uma prateleira, dentro de um saco de plástico ou de uma caixa húmida: até os lerdos irmãos Antitoi, vendo a caixa especial e o tamanho ligeiramente maior de um original, tê-lo-iam posto num sítio especial e arranjado maneira de o verem com o *hardware* especial de 585 rpm para avaliarem o seu valor e já estariam perdidos.

304 Veja-se: às 20h30, de 11 de novembro do ARIAD, 308, Subdormitório B, Academia de Ténis de Enfield, onde James Albrecht Lockley Struck Jr. está sentado, todo curvado, queixo apoiado nas mãos, testa coberta com uma camada de $(C^{2}H^{5}CO)^{2}$ O^{2a}, cotovelos apoiados em minúsculos espacinhos livres no tampo da secretária, telecomputador a zumbir compactamente, conversor do processador de texto ligado à doca iluminada a verde, ecrã HD em cima do chassi do leitor de cartuchos no seu suporte aberto como a fotografia de uma pessoa querida, teclado tirado do caos do armário e definido para «Teclas Lentas», cursor a pulsar suavemente no canto superior esquerdo do ecrã à frente de Struck, de olhos congestionados, curvado sobre o que estava a começar a parecer serem quantidades impossíveis de apreender de material de pesquisa para a sua dissertação do final do segundo período para aquela coisa da História da Guerra da Secessão Canadiana dada pela senhora Poutrincourt. Struck refere-se sempre, mentalmente, às suas aulas como «coisas». As esperanças iniciais de, pelo menos, ser um tópico original já há muito tinham ido pela borda fora, em termos emocionais. Afinal, quanto mais sinistramente fascinante é a abordagem do tópico que escolhemos, mais pessoas já lá andaram antes de nós, daí resultando a necessidade de estar ao nível

delas e de tentar ler, apreender e, tipo, sintetizar os seus artigos obscuros próprios de revistas académicas. Struck estava nisto há mais de uma hora e as suas expectativas originais tinham baixado consideravelmente. Tinha estado a sentir-se um bocado em baixo durante todo o dia, a sinusite com aquela infalível sensação de peso e entupimento, de uma tempestade a aproximar-se, e uma valente dor de cabeça que pulsa com o coração e agora está a tentar descobrir uma fonte nova no meio daquele montão de coisas que seja suficientemente obscura e amadora para a poder transpor e semiplagiar sem se preocupar com a possibilidade de Poutrincourt a ter lido ou desconfiar de uma trapaça.

«Sabe-se quase tão pouco que seja definitiva e eruditamente irrepreensível sobre os infames «Assassinos de Cadeira de Rodas» separatistas (*Les Assassins des Fauteuils Rollents* ou *AFR*) do Sudoeste do Quebeque como o que é aceite como sendo axiomático sobre as manadas de «Crianças Selvagens» que alegadamente vivem nas secções da Reconfiguração oriental que, em determinados períodos, se tornam excessivamente florestadas para poderem ser habitadas.»

Uma pesquisa levada a cabo na base de dados dos Arquivos de Fac-Símiles da Biblioteca Pública de Boston utilizando os termos *A.F.R., cadeira de rodas, fauteuil rollent, Quebeque, Québec, Separatismo, Terrorista, Experialismo, História* e *Culto,* que seria de esperar que limitassem muito os resultados, deu origem a mais de quatrocentas entradas de artigos, ensaios e dissertações, de uma série de fontes, desde *The Continent to Us* a *Foreign Affairs,* passando por uma coisa chamada *Wild Conceits*, uma triste publicaçãozinha eletrónica marginal e arcaica distribuída por um sítio qualquer chamado Bayside Community College, na I-93, em Medford, que não fica perto de nenhuma baía, e editada pelo tipo com o mesmo nome do autor cujo ensaio sobre os assassinos de cadeira de rodas na *Wild Conceits* Struck, depois de ter de ler a primeira frase uma data de vezes para a conseguir compreender, considera que não corre grandes riscos em roubar, uma vez que era impossível que Poutrincourt tivesse gasto tempo a desbravar esta linguagem académica americana tão insuportável.

«... que as já mencionadas crianças gigantescas, que, segundo se diz, existem de facto, são anómalas e enormes, crescem, mas não se desenvolvem, alimentam-se da abundância de comestíveis anelarmente disponíveis que os períodos de vegetação excessiva na região representam, depositam de facto quantidades titanicamente desmesuradas de excrementos e, presumivelmente, gatinham por ali com um barulho ensurdecedor, saindo ocasionalmente para sul das linhas muradas de retenção, entrando nas áreas povoadas da Nova Nova Inglaterra». Numa reviravolta da habitual situação de plágio, o trabalho mais árduo para Struck vai ser adocicar a prosa desta coisa do tipo da *Wild Conceits,* ou, pelo menos, tirar os verbos e os modificadores daquele, tipo, ozono todo, cuja linguagem pomposa e académica parece a Struck o género de grandiosidade megalómana cheia de espuma que ele associa a *Quaaludes* e a vinho tinto e depois também a um ou outro *Preludin* para sair da imponente descida a pique provocada pelos *Quaaludes* e pelo vinho tinto. E nem sequer vale a pena mencionar o trabalho de reparação necessário nas transições informais; Poutrincourt tem uma obsessão com as transições.

«Todavia, as crianças gigantescas e selvagens, formadas pela toxicidade e sustentadas pela anelação, são, segundo a perspetiva vulgarmente aceite neste Ano da Máquina de Lavar Loiça Supersilenciosa *Maytag*, ícones essencialmente passivos da *Gestalt* experialista. Quem dera que os infames *Assassins des Fauteuils Rollents* também assim o fossem.» Struck quase consegue ver Poutrincourt a escrever um grande e vermelho *QUOI*?, sublinhando-o três vezes, por baixo de uma transição assim tão tortuosa e informal. Struck imagina o tipo da *Wild Conceits* completamente mamado à medida que avança, quase a desviar-se de coisas invisíveis sobre o computador, no meio de toda aquela espuma. «Pois as razões que apoiam a

reivindicação de um estatuto irredutivelmente ativo por parte da infame célula separatista quebequense AFR incluem as seguintes: Os Assassinos de Cadeira de Rodas, sem pernas e quebequenses, apesar de não terem pernas e se encontrarem confinados a cadeiras de rodas, engendraram a colocação de grandes instrumentos refletores ao longo de várias autoestradas de número ímpar dos Estados Unidos, com o objetivo de desorientar e pôr em perigo os americanos que viagem para norte, romperam condutas entre pontos de processamento na grelha de fusão anelar da zona de Reconfiguração oriental, foram ligados a tentativas de infligir danos sistémicos às instalações federalmente contratadas de lançamento e receção da Empire Waste Displacement, em ambos os lados da fronteira intracontinental Reconfigurada, e, talvez o aspeto mais infame de todos, veem a própria alcunha da sua célula na *vox populi* – «Os Assassinos de Cadeira de Rodas» – derivar da prática ativa de assassinarem proeminentes funcionários canadianos que apoiam ou apenas toleram aquilo que eles – os AFR, segundo os pouco frequentes comunicados públicos – consideram a «sudetalização» do Quebeque e do Canadá em geral pela – conforme a AFR a caracteriza – mesma Organização das Nações Norte-Americanas, dominada pela América, que obrigou a que território ecologicamente distorcido e possivelmente mutagénico passasse a ficar sob a sua – da nação do Canadá e, mais concreta e intensivamente, da província do Quebeque – égide, no recém-subsidiado Ano do *Whopper*...» – Struck, ligeiramente inclinado na cadeira da secretária devido ao desenvolvimento excessivo do lado direito do corpo, também está a tentar retalhar as orações deste tipo, um diarreico G.T. Day, mestre, para as transformar em frases menos longas e mais autónomas que pareçam mais sinceras e pubescentes, como se a pessoa estivesse a esforçar-se sinceramente para atingir uma verdade e não a salpicar a testa de cuspo enquanto escrevia empolada e grandiosamente – «... Os Assassinos de Cadeira de Rodas, em todos estes assassinatos tão excessivamente familiares para a opinião pública, a materializarem-se, e passando a citar, “do nada”, mestres furtivos, a encherem de terror proeminentes corações canadianos, sem concederem qualquer aviso à exceção da chiadela agoirenta de rodas lentas, atacando rapidamente e sem aviso, assassinando canadianos proeminentes e voltando a dissolver-se a seguir pela noite escura dentro» – por oposição a uma noite clara? Subitamente, Struck inspira fundo pelo nariz, produzindo um ténue som trocista, como o de uma buzina – «atacando sempre à noite, uma espécie de assinatura em termos de atuação, deixando apenas no seu rasto redes sinuosas de marcas duplas e finas na neve, orvalho, folhas ou terra, como assinaturas de atuação, de tal forma que uma sinuosa linha dupla em *S* a atravessar uma *fleur de lis*, o emblema tradicional do separatismo quebequense, é a insígnia da célula da AFR, o seu brasão ou “símbolo”, se preferirem, nos pouco frequentes e sempre hostis comunicados às administrações do Canadá e da ONAN. De tal forma que, citando novamente, “Ouvir a chiadela” é agora uma locução eufemística que, para os altos funcionários das estruturas de poder quebequenses, canadianas e ONANistas, significa uma morte violenta, aterrorizadora e imediata. E para os média também. Por exemplo, e citando, “Perante vários milhares de subscritores em estado de choque, Gilles Duceppe, o recém-eleito líder do Bloc Quebecois, e um assessor, ainda que protegidos por nada menos do que uma dúzia de unidades de elite do Serviço Nacional de Couraceiros Montados, ouviram a chiadela ontem à noite, durante um discurso de disseminação espontânea na estância à beira de um lago de Point Claré”[4].

Struck, agarrado à cabeça com a mão, está a tentar encontrar *eufemística* na base de dados do telecomputador.

«... As afiliações, por vezes supostas, entre o núcleo central de *Les Assassins*, por um lado, e as organizações *séparatisteurs* quebequenses mais extremas e violentamente subversivas – a *Fronte de la Libération de la Quebec*, a *Fils de Montcalm*, o vixnu antirreconfigurativa e ultradireitista do *Bloc*

Quebecois – tendem, no entanto, a ser contrariadas pelos objetivos declarados de ambos os lados – as falanges separatistas convencionais exigem apenas a secessão independente da província do Quebeque e a eliminação dos cognatos anglo-americanos do discurso público, ao passo que os objetivos declarados dos AFR são nada mais nada menos do que a completa devolução de todos os territórios reconfigurados à Administração americana, a cessação de todos os lançamentos aéreos de resíduos pela EWD e da atividade de deslocação de massa giratória de ar pela ATHSCME a menos de 175 quilómetros do território canadiano, a remoção de toda a fissão de resíduos/fusão anelar a norte do paralelo 42.º N e a secessão *completa* do Canadá em relação à Organização das Nações Norte-Americanas – e pelo facto de demasiadas figuras proeminentes da recente história social do movimento separatista – por exemplo, Schnede, Charest, Remillard, os dois Bouchard, Sr. e Jr. – terem, nestes últimos vinte e quatro meses – particularmente, no violento e sangrento outono do Ano da Tablete de Chocolate *Dove* de Tamanho Experimental –, "ouvido a chiadela".»

Os ficheiros da base de dados do telecomputadorzinho de Struck confirmam, pelo menos, *vixnu*. E, além disso, a incoerência do artigo tem um lado quase selvagem que Struck quase começa a apreciar um bocadinho: não para de imaginar a ruga, parecida com um hifenzinho, que Poutrincourt faz entre as sobrancelhas quando não compreende uma coisa e não consegue perceber ao certo se a culpa é do inglês do aluno ou do seu. «Antes da Lei da Liberdade de Especulação do AFMP, os dados socio-históricos credíveis sobre as origens e a evolução de *Les Assassins des Fauteuils Rollents*, de um culto de base obscuro, adolescente e niilista para uma das células mais temidas nos anais do extremismo canadiano, mostravam-se infelizmente incompletos e dependentes de rumores oriundos de fontes cuja veracidade académica não revelava uma integridade propriamente inimpugnável.» Neste ponto, Struck imagina Thierry Poutrincourt, que às vezes até com os trabalhos mais lúcidos costuma ficar com aquela rugazinha de irritação/confusão, a baixar a cabeça alta e lançando-se contra a parede. Um dos seios nasais de Struck parecia bem maior do que o outro e havia qualquer coisa que não estava lá muito bem com o pescoço depois de tanto tempo ali debruçado, estava capaz de matar alguém da família só para dar um bafinho num porro.

«*Les Assassins des Fauteuils Rollents* são essencialmente membros de um culto, situando a sua *raison d'etre* política e a sua *Dasein* filosófica no seio do intervalo socio-histórico norte-americano de difração intensiva de interesses especiais que precedeu – ou melhor, poderemos até arriscar dizer que estabeleceu uma relação causal direta no que respeita a – as inaugurações quase simultâneas da governação ONANista, da Interdependência continental e da subsidiação comercial de um calendário lunar da ONAN. Mas tal como a maioria das extensões de cultos canadianas, Os Assassinos de Cadeira de Rodas e as suas derivações sectárias revelaram-se substancialmente mais fanáticos, meninos benignos e sensatos, e substancialmente mais malignos – em suma, mais difíceis, do ponto de vista das autoridades responsáveis, de prever, controlar, interditar ou dialogar com do que até as mais fervorosas cabalas dos Estados Unidos. Neste ensaio académico, concordamos em muitos aspetos essenciais com a tese de que os cultos de base canadianos e não americanos, em contraste com todos os outros menos aquilo que Phelps e Phelps defendem ser bolsas isoladas de esteliformismo americano anti-histórico, persistem tão curiosamente em dirigir a sua reverente fidelidade a princípios, passando a citar, "muitas vezes não apenas isomórficos mas tão ativamente *contrários* ao prazer, conforto, *cui bono*, ou entretenimento individuais dos próprios membros do culto que se encontram praticamente fora do alcance tanto dos sofisticados modelos preditivos da ciência psicossocial como da rudimentar compreensão da razão humana"»[5].

Tudo isto implica um sério esforço da parte de Struck para conseguir chegar ao cerne do discurso e

depois reformulá-lo numa prosa estudantil menos sofisticada e mais básica. Lá fora, no corredor, Rader, Wagenknecht e o que parecem ser outros jogadores do escalão dos dezasseis anos passam à porta do quarto que Struck divide com Shaw e Pemberton, entoando em coro «*Er, ah, ee, oo, ah, er, ah, ee*...» e por aí fora. «É ponto assente que o culto de base de *Les Assassins*, no que é típico daqueles cujos objetivos se encontram divorciados do desenvolvimento racional do interesse individual, adota, em matéria de ritos e de personalidade, rituais intimamente ligados aos *Les jeux pour-memes*, jogos competitivos formais cuja finalidade é não tanto um "prémio" qualquer mas uma questão de identidade básica: isto é, o "jogo" enquanto ambiente metafísico e *locus* e *Gestalt* psico-históricos.» O próprio pai histórico de Struck, durante a infância que Jim passou em Rancho Mirage, era um consumidor inveterado de vinho-tinto-com-tranquilizantes-potentes-a-acompanhar que costumava telefonar a altas horas da noite a pessoas que não conhecia muito bem, para fazer afirmações das quais mais tarde tinha de se retratar demoradamente, até que, por fim, num outono, o pai tinha saído de casa a cambalear e tentado mergulhar, em posição fetal e com uma pirueta e meia, para dentro da piscina do quintal das traseiras da família Struck, piscina que ele se tinha esquecido que tinha sido despejada, ficando com um colar cervical para o resto da vida, o que lhe acabou com a carreira de golfista e provocou uma amargura incrível e traumas familiares anteriores à ida do pequeno J.A.L.S. Jr. para a Academia Rolling Hills.

«Por exemplo, há uma aceitação generalizada de que é possível atribuir a origem do confinamento de *Les Assassins* às suas epitéticas cadeiras de rodas ao infame *Le Jeu du Prochain Train* do Sudoeste rural do Quebeque pré-experialista, e de que o próprio culto de base da AFR se compõe maioritária ou até inteiramente de veteranos entusiastas e praticantes deste *jeu pour-meme* selvagem, niilista e avaliador da coragem.

Sabe-se que o *La Culte du Prochain Train*, frequentemente traduzido como O Culto do Comboio Seguinte», teve a sua origem pelo menos uma década antes da Reconfiguração, no seio dos filhos varões dos mineiros de amianto, níquel e zinco da desolada região Papineau do que era então o extremo sudoeste do Quebeque. A prática deste jogo arrepiante e o nascente culto à sua volta cedo se espalharam pela rede de linhas ferroviárias não ionizadas e pré-Interdependência que transportavam matérias-primas para sul, a caminho de Otava e dos portos dos Grandes Lagos dos Estados Unidos. Struck tinha um modelo de avião, feito inteiramente de partes de latas de cerveja, pendurado por cima da secretariazinha. Ao passo que Inc se interessava por toda aquela coisa terrorista e sinistra dos espelhos nas autoestradas do início da ONAN e o trabalho de Schacht se centrava nos violentos protesto católico-franceses contra a fluoretação municipal durante o governo de Mulroney, Struck tinha escolhido a ligação entre a AFR e a tal coisa do culto à volta dos saltos para a frente dos comboios, género roleta russa, e mantinha-se fiel à sua opção com a mesma tenacidade que o levava a continuar a fazer parte da equipa A do escalão dos dezoito anos apesar de ter um serviço que, segundo DeLint, parecia a vénia de uma debutante. O avião tinha latas achatadas a fazerem de asas, latas arredondadas a servirem de rodas e parte de uma grande lata de cerveja para a fuselagem e o nariz.

«Como acontece em muitos jogos, *Le Jeu du Prochain Train* era, em si mesmo, substancialmente mais simples do que a organização da própria competição.» Struck esboça um sorriso descontraído. «Jogava-se após o pôr do sol, em locais especificados, especificamente *les passages à niveau de voie ferrée* que assinalavam todas as interseções de estradas rurais do Quebeque com uma via-férrea. No Ano do *Whopper*, havia mais de duas mil (2000) dessas interseções só na região Papineau, embora nem todas possuíssem suficiente fluxo para fazer face às complexidades de uma verdadeira competição.

Seis rapazes, filhos de mineiros, entre os dez e os cerca de dezasseis anos de idade, rapazes que falavam quebequense francês, colocam-se em fila sobre as saliências de seis travessas junto à via. Duzentos e dezasseis (216) rapazes – nem um a mais nem menos – participam na primeira eliminatória dessa noite, distribuídos em grupos de seis, e a cada grupo corresponde um comboio diferente, com os seus membros posicionados sobre uma fila de saliências junto a uma das vias, à espera, sem dúvida tensos, à espera da procissão de uma noiva verdadeiramente temível. O horário dos comboios que passam naquela noite pela interseção fortemente concorrida é do conhecimento do episcopado dos *les directeurs de jeu* de *Le Jeu du Prochain Train* – rapazes mais velhos, já saídos da adolescência, veteranos de anteriores *les jeux*, muitos deles sem pernas e em cadeiras de rodas ou – no caso dos filhos dos mineiros de amianto, na sua maioria órfãos e desesperadamente pobres – tábuas caseiras com rodas. Não são permitidos relógios aos jogadores, que se encontram sob a absoluta discricionariedade dos *directeurs* do jogo, cujas decisões são finais e muitas vezes brutalmente aplicadas. Ficam todos em silêncio, à espera de ouvir o apito da locomotiva, um som ao mesmo tempo triste e cruel, à medida que o som se aproxima e começa a sofrer subtilmente os efeitos Doppler. Retesam os músculos das pernas pálidas, por baixo de calças de bombazina em segunda mão, no momento em que o olho branco e único do comboio seguinte faz a curva e avança ameaçadoramente para os rapazes à espera.»

Struck não consegue deixar de engonhar nestas partes em que o tipo parece abandonar completamente o seu tom académico e provavelmente até começa a inventar ou a alucinar pormenores que não há maneira de Jim Struck poder apresentar como tendo lá estado para os observar, e por isso farta-se de apagar coisas e de saltar várias passagens, para além de estar a esfregar o olho e a beliscar a testa, as suas duas reações mais ou menos constantes ao stresse criativo.

«*Le Jeu du Prochain Train* propriamente dito é simplicidade em movimento. O objetivo: ser o último dos seis a saltar de um lado ao outro da via – ou seja, atravessar a via – antes de passar o comboio. Os únicos verdadeiros adversários de cada jogador são os outros cinco do seu grupo. O comboio propriamente dito nunca é visto como um adversário. O comboio, rugindo a toda a velocidade, é visto antes como o limite, a arena e a razão de ser do *jeu*. O seu tamanho, a velocidade com que atravessava a passagem de nível extremamente gradual, de norte para sul, do que era então o Sudoeste do Quebeque, e as precisas especificações mecânicas de cada comboio que deveria passar – tudo isso era do conhecimento dos *directeurs* e correspondia ao que era constante num jogo cujas variáveis consistiam nas respetivas vontades dos seis jogadores posicionados ao longo da via e nos cálculos que cada um fazia em relação à vontade dos outros em arriscar tudo para vencer.»

Struck transpõe material deste género, claramente sofisticado e não-adolescente, para: «A variável do jogo não tem tanto a ver com o comboio mas com a coragem e vontade de cada jogador.»

«Os últimos instantes, tão curtos que parecem desvanecer-se de imediato, durante os quais o jogador se pode lançar transversalmente sobre a via, saltando sobre travessas de madeira, no meio do fedor a creosote, da gravilha e do ferro riscado, por entre o uivo ensurdecedor do apito quase em cima da pessoa, que consegue sentir a força do ar terrível da deslocação da grelha metálica do comboio ou da frente arredondada de um expresso e depois aterra na gravilha, do outro lado da via, rebolando e vendo rodas e verdugos, atrelagens e varetas, o furioso movimento para a frente e para trás dos eixos transversais, sentindo o vapor do apito a condensar-se à sua volta e a provocar chuviscos –, esses últimos instantes são conhecidos, familiares como a própria pulsação, dos rapazes que se juntam para jogar.» Neste momento, Struck já está a enfiar toda a parte de trás do pulso na órbita, dando origem a uma espécie de girândola ectoplásmica

vermelha de tanto esfregar. Mas será que as locomotivas dos comboios pré-TGV tinham sequer verdugos, grelhas metálicas e apitos que deitavam vapor?

Num lapso desastroso, Struck copia textualmente para o trabalho *lançar transversalmente*, um sintagma verbal que não soa nada ao seu estilo.

«... que a verdadeira variável que faz de *Le Jeu du Prochain Train* uma competição e não um mero jogo tem que ver com o sangue-frio, a coragem e a determinação de se arriscar tudo por parte de qualquer um ou de todos os que estão à espera na via com a pessoa. Quanto tempo conseguirão aguentar? Quando se irão decidir? Quanto dinheiro valerão as suas vidas e os seus membros esta noite? Bem mais radical do que o jogo automobilístico «Medricas» disputado pelos jovens americanos, com o qual o seu princípio organizador é frequentemente comparado (cinco, e não uma, vontades para comparar e avaliar, além da determinação da própria pessoa, e nenhuma movimentação ou ação que distraia da tensão de se ficar à espera, completamente imóvel, para se poder mexer, à espera que, um por um, os outros cinco se acobardem e salvem, saltando para escaparem ao comboio...», e a frase termina pura e simplesmente, sem fechar sequer o parênteses, ainda que Struck, com olho para este tipo de coisa, perceba logo que a analogia com o «Medricas» será mais do que perfeita para o seu trabalho.

«Ainda assim, e segundo consta, os melhores jogadores do *Jeu* em termos históricos ignoram por completo os seus cinco rivais, preferindo concentrar toda a sua atenção na determinação do último instante viável para saltar, considerando que o seu último, final e único verdadeiro adversário no jogo é a sua própria vontade, a sua coragem, a sua intuição em relação ao último instante viável para saltar. Estes intrépidos eleitos, os melhores do *Jeu* – muitos dos quais acabarão por servir de *directeur* em futuros *jeux* (ou até, muitas vezes, tornarem-se membros de *Les Assassins* ou das ramificações esteliformes destes) –, estes intrépidos e contidos virtuosos nunca veem os adversários a retraírem-se, os seus tiques ou as manchas escuras que se formam nas entrepernas das calças de bombazina, nenhum dos sinais normais de uma vontade a fraquejar, coisa que os jogadores menos bons procuram – isto porque os melhores jogadores fecham frequentemente os olhos por completo enquanto esperam, confiando na vibração das travessas e na intensidade do apito, bem como na intuição, no destino e nas eventuais influências misteriosos que se encontram para lá do destino.» Em determinadas alturas, Struck imagina-se a agarrar o tipo da *Wild Conceits* pelas lapelas só com uma mão e a esbofeteá-lo selvática e repetidamente com a outra – palma da mão, costas da mão, palma da mão.

«O princípio do jogo deste culto é simples. O último dos seis a saltar antes de passar o comboio e a aterrar intacto vence a eliminatória. Do quinto ao segundo, perderam todos mas saíram-se bem.

O primeiro a acobardar-se e a saltar numa eliminatória vai a pé para casa, sozinho sob o luar, desonrado e envergonhado.

Mas até o primeiro a acobardar-se e a saltar saltou. Muito mais do proibido, não saltar pura e simplesmente é algo considerado impossível. *Perdre son coeur* e não saltar pura e simplesmente é algo que se encontra fora dos limites do *Jeu*. Essa possibilidade não existe pura e simplesmente. É impensável. Apenas por uma vez, na extensa história oral de *Le Jeu du Prochain Train*, um filho de mineiro não saltou, perdeu a coragem e ficou petrificado, não saindo da saliência quando passou o comboio dessa eliminatória. Esse jogador acabou por morrer afogado. *Perdre son coeur*, nas ocasiões em que é sequer mencionado, é também conhecido por *Faire un Bernard Wayne*, em dúbia honra desse único filho de mineiro de amianto que não chegou a saltar e de quem pouco se sabe além de que se veio a afogar no Baskatong Reservoir, o seu nome simbolizando algo ridículo e causador de aversão para quem fala o vernáculo da região

Papineau.» Desastrosamente, Struck também transpõe despreocupadamente esta parte, sem que sequer uma lampadazinha minúscula ameace acender-se na sua cabeça.

«O objetivo do jogo é saltar em último lugar e aterrar do outro lado da via, com os braços e pernas no mesmo sítio.

Os expressos são trinta quilómetros por hora mais rápidos do que os comboios convencionais, mas uma grelha metálica destes últimos estropia. Um rapaz atingido em cheio por um comboio em movimento é disparado como se saísse de um canhão, levanta voo, descreve um imponente e violento arco e volta para casa num saco de serapilheira. Um jogador que seja apanhado por uma roda e atropelado acaba frequentemente espalhado ao longo de cem ou mais metros de uma via entretanto avermelhada e volta para casa numa série de pás cerimoniais de mineiros de amianto e níquel providenciadas pelos *directeurs* do *Jeu*, mais velhos e frequentemente mutilados.

Conforme acontece com maior assiduidade, segundo consta, um rapaz que tenha saltado e já esteja a meio da via quando é atingido, perde uma ou mais pernas – ali mesmo, se tiver sorte, ou mais tarde, sob os efeitos da anestesia geral e de serras ortopédicas aplicadas ao que costumam ser quantidades violentamente angulosas de carne irreconhecivelmente estropiada.» Para Struck, enquanto plagiador que precisa de uma coisa suficientemente pormenorizada para a poder basicamente reapresentar com nova roupagem, o paradoxo é que esta coisa tem quase demasiados pormenores, e em grande medida empolados; nem sequer parece especialmente académico; dá mais a ideia de que o tipo da *Wild Conceits* da *Bayside C.C.* parece ter começado a ficar cada vez mais entornado à medida que a coisa ia avançando, até que resolveu pôr-se a inventar uma data de coisas, como por exemplo as partes da carne estropiada, etc.

O que é interessante para Hal Incandenza, na análise que faz de Struck, e por vezes também de Pemulis, Evan Ingersoll e todos os outros, é que um plagiador congénito acabe por ter mais trabalho a camuflar o seu plágio do que teria se escrevesse simplesmente um trabalho do zero, em termos conceptuais. Por norma, um plagiador não parece ser especialmente preguiçoso, mostra-se é inseguro em matéria de navegação. Tem problemas em navegar sem que um mapa pormenorizado lhe garanta que já passou por ali alguém antes dele. Mas sobre esse incrível e meticuloso cuidado em ocultar e camuflar o plágio – seja por desonestidade, uma sede de emoções cleptomaníaca ou outra razão qualquer – Hal ainda não formou propriamente nenhuma opinião.

«É algo assustadoramente simples e direto. Por vezes, o último dos seis a saltar é atingido; nessa altura, o penúltimo a saltar passa a ser o último e o vencedor, avançando no jogo, com o vencedor de cada grupo a "sobreviver" literalmente para competir na eliminatória seguinte, uma espécie de meia-final sêxtupla, seis grupos de seis rapazes canadianos: os, passando a citar, *Les Trente-Six* dessa noite. Os rapazes da primeira eliminatória – os que não foram nem os últimos nem os vergonhosos primeiros a saltar – têm permissão para permanecer na *passage à niveau de voie ferree*, constituindo o silencioso público da meia-final. Todo *Le Jeu du Prochain Train* é habitualmente realizado em silêncio.» Num conjunto desastroso e talvez inconscientemente autodestrutivo de lapsos, Struck reabilita a prosa mas deixa ficar muitas das partes descritivas pormenorizadas e alucinatórias, sem notas de rodapé e pese embora não possa fingir de maneira nenhuma ter lá estado.

«Os sobreviventes de *Les Trente-Six* que perderam engrossam de seguida as fileiras do silencioso público, ao mesmo tempo que os seis intrépidos vencedores – os finalistas, os *attendants longtemps ses tours* dessa noite –, alguns a sangrar ou com a cara cinzenta do choque, depois de já terem sobrevivido a dois saltos adiados até ao último momento e escapado por um triz duas vezes, de olhos inexpressivos ou

fechados, a boca com um esgar de repugnância, esperam pelo expresso das 23h59, o ultraionizado *Le Train de la Foudre*, que vai de Mont Tremblant para Otava. Saltarão transversalmente sobre a via, diante da sua vertiginosa frente e no último instante, cada um tentando ser o último a fazê-lo e a sobreviver. Não é raro vários dos finalistas do *Jeu* serem atingidos.» Struck tenta decidir se seria irrealista ou, por outra, realista de uma forma não autoconsciente, continuar a utilizar o seu próprio nome como verbo – um homem com alguma coisa a camuflar utilizaria o próprio nome como verbo?

«... que vários dos sobreviventes e dos membros da direção organizadora vieram a fundar e formar *Les Assassins des Fauteuils Rollents* é um facto socio-historicamente indisputável, pese embora a exata ligação ideológica entre os torneios selváticos da era A.S. do simultaneamente cavalheiresco e niilista culto do comboio e a atual célula sem pernas de extremistas anti-ONAN continue a ser alvo do mesmo tipo de discussão académica que rodeia a evolução de *La Culte de Baiser Sans Fin* do Norte do Quebeque e a sua transformação na célula *Fils de Montcalm*, não especialmente temível mas conhecedora dos meandros dos média, à qual se atribui o lançamento, de um helicóptero, da tarte-projétil de doze metros, e cheia de excrementos humanos, sobre o púlpito onde o presidente Gentle, dos Estados Unidos, realizava o seu segundo discurso inaugural.

Tal como *La Culte du Prochain Train*, o Culto do Beijo Interminável, das regiões mineiras do ferro à volta do golfo de St. Lawrence, aglutinou-se em redor de uma competição periódica, do género de um torneio, abarcando neste caso 64 adolescentes canadianos, sendo metade dos participantes mulheres[6]. Assim, a primeira eliminatória colocava em confronto 32 parelhas, cada uma consistindo num rapaz e numa rapariga quebequenses. Struck está a tentar telefonar a Hal, mas só apanha a enfadonha mensagem do atendedor de chamadas que ele tem no quarto; será que se pode dizer alguma vez *confronto* sem incluir uma espécie de *contra* mais lá para a frente na frase? Struck imagina o tipo da *Wild Conceits* já mesmo todo mamado, a entortar os olhos e com a cabeça a abanar, a ter de tapar um olho com a mão só para conseguir ver um único ecrã, e a escrever com o nariz. Mas com a aparente credulidade autodestrutiva que caracteriza muitos plagiadores, por mais dotados que sejam, Struck decide incluir *confronto* sem preposição, ao mesmo tempo que se imagina a dar a torto e a direito chapadas com a palma e as costas da mão. «Por sorteio, uma das metades de cada parelha enchia ao máximo os pulmões de ar enquanto a outra exalava todo o ar que pudesse deitar cá para fora. Juntavam-lhes depois as bocas, que um dos organizadores prendia rapidamente com fita oclusiva, empregando a seguir habilmente o polegar e o indicador de ambas as mãos para tapar as narinas dos combatentes. E assim tinha início a batalha do Beijo Interminável. Tudo o que o jogador a quem calhara respirar o mais fundo possível tinha nos pulmões era então oralmente exalado para os pulmões vazios do/a adversário/a, que, por seu turno, exalava o que tinha inalado, devolvendo-o ao proprietário original, e assim por diante, para trás e para a frente, com o mesmo ar a ser repetidamente transferido de um para o outro e as taxas de oxigénio e dióxido de carbono a tornarem-se progressivamente mais escassas, até que o organizador que lhes tapava as narinas declarava um dos combatentes oficialmente *evanoui* ou desfalecido, caído por terra ou simplesmente desmaiado mas ainda de pé. Toda a teoria subjacente a esta competição presta-se a uma análise das táticas pacientes, de desgaste e subjugadoras de organizações *séparatisteurs* quebequenses tradicionais como *Les Fils de Montcalm* e a *Fronte de la Libération du Québec*, por oposição à violência e audácia do culto de base constituído pelos herdeiros aleijados de *Le Prochain Train*. O objetivo, em sentido figurado, da competição do *Baisser* parece – segundo Phelps e Phelps – ter que ver com a utilização exaustiva daquilo que é dado, ou seja, com os máximos níveis de eficácia e resistência, antes de ser excretado de volta à procedência, uma postura estoica a favor da

utilização dos resíduos que os Phelps empregam, com uma certa descontração, para explicar a relativa indiferença dos *Montcalmistes* em relação à Reconfiguração continental, que constitui toda a *raison de la guerre outrance*b de *Les Assassins des Fauteuils Rollents*.»

4. CBC/PATHÉ 12h00-00h00 Cartucho de Síntese # 911-24-04, 4 de maio, A.F.M.P. ® A.F.M.P., PATHÉ Nouvelle Toujours, Ltd.

5. *in* Phelps e Phelps, *Os Cultos dos Inquebrantáveis I: Um Guia Prático dos Cultos de Especulação Monetária, Melanina, Saúde, Bioflavonoides, Observação, Assassinato, Estase, Propriedade, Agorafobia, Reputação, Celebridade, Acrofobia, Performance, Amway, Fama, Infâmia, Deformidade, Escopofobia, Sintaxe, Tecnologia do Consumidor, Escopofilia, Presleyismo, Hunterismo, Crianças Interiores, Eros, Xenofobia, Melhoramentos Cirúrgicos, Retórica Motivacional, Dores Crónicas, Solipsismo, Sobrevivencialismo, Preterição, Antiaborto, Kevorkianismo, Alergia, Albinismo, Desporto, Quiliasmo e Telentretenimento na América do Norte pré-ONAN,* ® A.F.M.P.

6. Salvo em determinadas e bastante esotéricas variações do jogo.

a. Creme para as borbulhas.

b. «Razão para a guerra total», que Struck introduz sem sequer se dar ao trabalho de verificar primeiro a definição que Day não tinha dado por estar demasiado obnubilado, o que é em si mesmo quase suicida, visto que Poutrincourt conhece perfeitamente a capacidade, ou melhor, incapacidade, de Struck para o francês.

305 (pensava ela na altura)

306 Algumas das melhores discussões entre ela e Jim tinham sido sobre as conotações de «Toda a gente se arma em crítico», que Jim gostava de repetir com todas as diferentes entoações e matizes de uma ironia com duplo sentido.

307 Joelle van Dyne e Orin Incandenza lembram-se ambos de terem sido eles a ser abordados. Não é claro qual das recordações está certa, embora valha a pena ter em conta que esta é apenas uma de duas vezes em que Orin se viu como a pessoa que foi abordada, sendo a outra a da «modelo de mãos suíça», em cujo flanco nu tem estado a desenhar furiosa e repetidamente o símbolo do infinito desde que a pessoa da *Moment* se foi embora.

308 = ponto de vista.

309 No Centro Comercial Chestnut Hills em Boylston/Rte 9, por onde a equipa A da ATE se arrasta a correr várias vezes por semana – uma cadeia, mas muito chique e de grande qualidade, e o Legal Seafood de Brookline serve um creme de barrar de marisco especialmente bom e o dono, que parecia conhecer o doutora Incandenza, tratou-o pelo nome e trouxe-lhe uma dose dupla sem lhe ser pedida.

310 Gíria: Estudos de Cinema/Cartuchos Cinematográficos.

311 Burocracia trilateral norte-americana para a imigração.

312 Calão dos Alcoólicos Anónimos de Boston. TEE significa Também És Elegível, uma forma de combate da negação dos que comparam as consequências pavorosas do comportamento dos outros com o deles até ao momento, com o objetivo de fazer ver a essa pessoa que o tipo que vive na rua e tem meias a servirem de luvas e bebe *Listerine* às sete da manhã só está um bocadinho mais à frente da mesma rua em que ela está. Ou qualquer coisa parecida com isso.

313 A autoridade responsável pelas pensões quebequenses, que se tinha oposto à compra de fosse o que fosse que excedesse um *pacemaker Kenbeck* em segunda mão para o pai de Marathe, agora falecido.

314 Ver nota 304 *supra*.

315 *Malentendu* de Marathe para *interna*.

316 Como, por exemplo, as vezes em que C.T. e a mã vinham a Logan para irem buscar Mario e Ele Mesmo, que vinham de uma viagem de filmagens, com Mario a carregar o equipamento, Ele Mesmo húmido e pegajoso da pressão da cabina e falta de espaço para as pernas, as algibeiras sempre a chocalharem com frasquinhos de plástico com tampas impossíveis de abrir, e, no carro, a caminho de Enfield, o tio de Mario embalava num monólogo de loucura ofélica que punha os pobres dentes de Ele Mesmo a rangerem tanto que quando paravam no estacionamento e Mario dava a volta para abrir a porta e deixar que Ele Mesmo se inclinasse para fora e vomitasse, havia uma espécie de areia grossa no vómito que saía, bocadinhos brancos de dentes visíveis, de todo aquele ranger.

317 © 1981 A.S., Routledge & Kegan Paul Plc., Londres, Reino Unido, uma edição de capa dura, extremamente cara; não disponível em CD.

318 Uma vez que, como se recordam, o Maine desaparecera do mapa.

319 Expressão da família Incandenza para os restos.

320 Biblioteca principal, MIT, Cambridge.

321 A título de confirmação, veja-se este exemplo, às 19h30 de quinta-feira, 12 de novembro do ARIAD, Quarto 204, Subdormitório B:

– Não, vê, continua a ser uma equação diferencial ordinária de primeira ordem. A derivada corresponde ao declive da tangente num dado ponto da função. Só interessa qual é o ponto quando to disserem no teste.

– Mas isto vai aparecer sequer no exame? Não vai ser só trigonometria?

– Isto *é* trigonometria, porra. Vais ter de resolver problemas verbais que poderão implicar quantidades mutáveis – qualquer coisa a acelerar, uma voltagem, a inflação da moeda da ONAN por comparação à dos Estados Unidos. A diferenciação vai poupar-te uma data de tempo, todos aqueles triângulos dentro de triângulos para fazer cálculos trigonométricos. A trigonometria facilita imenso as derivadas. As derivadas são só trigonometria com um pouco de imaginação. Imaginas que os pontos se estão a aproximar inexoravelmente um do outro até que, para todos os efeitos, se transformam no mesmo ponto. O declive de uma reta definida transforma-se no declive de uma tangente num ponto.

– Um ponto que na realidade são dois pontos?

– Usa a porra da *imaginação*, Inc, mais uns quantos limites que forem determinados. Não te vão foder a cabeça com os limites no teste geral, confia em mim. Isto é uma brincadeirinha de crianças comparada com os cálculos do *Eschaton*. Se fores aproximando infinitesimamente os dois pontos da equação diferencial ordinária de primeira ordem, vais acabar com uma fórmula pronta a utilizar.

– Posso contar-te o meu sonho agora e depois aproveitamos o ímpeto da coisa para ver se conseguimos avançar com isto?

– Escreve só isto no pulso ou coisa do género. Se a função é *x*, e o expoente *n*, a derivada será $nx + x^{n-1}$ para qualquer cena diferencial de primeiro grau que te peçam para resolver. Isto pressupõe um limite definível, claro, e de certeza que não te vão foder a cabeça com os limites na porra do exame.

– Sonhei com o DMZ.

– Já percebeste como é que vais aplicar isto à historieta diferencial que te derem para resolver?

– Tinha que ver com o teu soldado experimental, a dose maciça.

– Deixa-me só fechar a porta.

– Era o preso de Leavenworth. O que tu disseste que tinha deixado o planeta. O que cantarolava com a voz da Ethel Merman. Foi horrível, Mikey. No sonho, eu é que era o soldado.

– E então agora vais partir do princípio de que uma experiência verdadeira com sabes bem o quê vai ser semelhante à experiência num pesadelo.

– Ah! Porquê pesadelo? Porque é que partes do princípio de que foi um pesadelo? Utilizei por acaso a palavra *pesadelo*?

– Utilizaste a palavra *horrível*. Parto do princípio de que não foi uma coisa lá muito agradável.

– No sonho, a parte horrível foi que eu não estava realmente a cantar o *There's No Business Like Show Business*. O que eu estava a fazer era a gritar por ajuda. Estava, tipo, a berrar «Ajudem-me! Estou aqui aos berros a pedir ajuda e toda a gente parece achar que estou a cantar versões da Ethel Merman! Sou eu! Sou eu, a gritar por ajuda!»

– Um sonho à Rusk, Inc. O típico sonho ninguém-me-compreende. O DMZ e a mermanização foram incidentais.

– Mas aquilo tinha um lado de *solidão*. Diferente de tudo o resto. Estar a berrar que estou a gritar por ajuda e não a cantar canções de musicais, com os guardas e os médicos à minha volta a estalarem os dedos e a baterem com os pés no chão.

– Já referi que o DMZ não aparece num GC/MS? O Struck descobriu isso numa nota de rodapé obscura sobre as bactérias da flora digestiva. Qualquer coisa que ver com o lema militar «Avançar através da Força». Se chegar a aparecer, aparece como um ligeiro caso de candidíase.

– Julgava que só as miúdas é que apanhavam candidíase.

– Não sejas tão ingénuo, Inc. Segundo dado importante: o Struck está prestes a poder afirmar com toda a certeza que o objetivo original desta coisa era a induzir aquilo a que chamavam, entre aspas, experiências transcendentes em, vê-me bem, alcoólicos crónicos, tipo nos anos sessenta, no Hospital Verdun Protestante de Montreal.

– Mas porque é que este outono, para onde quer que me vire, só oiço falar de repente do Quebeque, numa série de contextos radicalmente diferentes? O Orin anda a ligar por causa de uma obsessão com quebequenses anti-ONAN que nunca mais acaba.

– ... o Tavis anuncia subitamente que os cordeirinhos do torneio para angariação de fundos deste ano vêm do Quebeque. E a tua mãe é do Quebeque.

– E depois, logo neste período, começo as aulas de insurgência dadas pela Poutrincourt, que são basicamente um nunca mais acabar de Quebeque.

– Oh, eu cá, eu cá *de certeza* que suspeitava que havia aí alguma conspiração ou armadilha. É óbvio que tudo aponta para que te estejam a tentar enfiar numa cela a cantar a plenos pulmões coisas da Merman. Acho que essas dobradiças estão a começar a chiar, Inc. Acho que é isto que acontece a quem salta de nível até chegar ao topo. Acho que essas velhas dobradiças, diz aqui o carpinteiro, estão mesmo a precisar de um interlúdio importante, transcendente e de repercussões não urémicas com o DMZ. Vai evitar que continues a fumar o *Bob Hope* dia sim dia não depois do teste de urina. Essa merda vai destruir-te os pulmões. Essa merda vai fazer com que fiques gordo, mole, suado e pálido, Inc. Já vi isso a acontecer. Precisas de mais do que trinta dias sóbrio. O *tu-sais-qué* é capaz de ser precisamente a reconfiguração de que precisas para

começar a diversificar atividades, deixar o *Bob Hope* em paz, descobrir qualquer coisa que possas levar para a faculdade ou para o circuito e que não te paralise. Com o tempo, essa merda vai paralisar-te, Incblob. Já vi isso acontecer uma série de vezes lá no bairro. Tipos à maneira e que em tempos foram promissores começam a passar a vida à frente do telecomputador, a comer biscoitos *Nutter Butter* e a baterem punhetas para dentro de uma meia velha. A Fada da Merda instala-se de armas e bagagens para uma estada prolongada, Inc. E indeciso? Nem sabes o que é indeciso enquanto não vires um tipo com tetazinhas gordas afundado numa cadeira, no décimo ano consecutivo de *Bob Hope*. Não é bonito de se ver. Incster, meu amigo, não é nada bonito. Se calhar, essas dobradiças estão a chiar é por uma experiência transcendente comigo e o Axhandle. Vê lá se estás com mais gente, para variar. Não me faças ficar para ali a ouvir o Axhandle a tagarelar sobre Yale. Deixa o *Visine* em casa.

– Foi *transcendente*? A palavra no material consultado pelo Struck? Ou foi *transcendental*?

– Que diferença é que faz, por amor de Deus?

– Mike, e se eu te dissesse que estou a tentar ficar mais de um mês sóbrio.

– O abandono de todo o *Hope*ª. Era disso que eu estava a falar.

– O que eu quero dizer é tomar se calhar uma decisão. Permanente. E se por acaso eu estivesse a fumar cada vez mais e a coisa fosse ficando cada vez menos divertida mas eu continuasse a fumar cada vez mais e a única maneira de moderar isso fosse, tipo, dizer-lhe adeus para sempre?

– Aplaudo isso. Um pouco de transcendentalismo de baixo risco comigo e o Machado Humano é capaz de significar precisamente a impotência para esta, tipo, importante mu...

– Mas seria tudo. As Chamas Azuis, as ‘drinas ocasionais. Se eu tomasse alguma coisa, sei que voltava logo ao *Bob*. Se metesse Madame Psicose convosco, a minha firme determinação ia derreter-se toda e eu sacava logo do cachimbo e punha-me a choramingar para me darem um bocadinho de *Hope*.

– És tão ingénuo, Inc. És tão perspicaz numas coisas e um bebezinho pateta, careca e de pernas gordinhas noutras. Achas que é só dizer Vamos lá a isto, decidir, fazer marcha atrás e largar tudo?

– O que eu disse foi «e se».

– Hal, és meu amigo e eu tenho sido teu amigo de uma série de maneiras que nem sequer imaginas. Por isso, prepara-te para um choque que te vai fazer crescer depressa. Queres largar tudo porque estás a começar a perceber que precisas disso e...

– É precisamente isso. Pensa no horrível que isso seria, Peems, uma pessoa *precisar* disso. E não *gostar* só disso mesmo imenso. Precisar disso é uma coisa completamente diferente de... Parece horrível. Parece a diferença entre adorar mesmo uma coisa e ser...

– Diz a palavra, Inc.

– ...

– Porque sabes que mais? E se for verdade? A palavra. E se fores? Achas que a resposta é simplesmente afastares-te? Se fores viciado, *precisas* disso, Hallie, e se *precisas* disso, o que é que imaginas que vai acontecer se te puseres a abanar a bandeira branca e tentares seguir em frente sem isso, sem nada?

– ...

– Passas-te da cabeça, Inc. Morres por dentro. O que é que acontece se tentares passar sem uma coisa de que a máquina *precise*? Comida, água, dormir, oxigénio? O que é que acontece à máquina? Pensa nisso.

– Ainda agora estavas a aplaudir a ideia de abandonar todo o *Hope*. Acabaste de invocar uma imagem minha com mamas, a masturbar-me para dentro de peças de roupa, com teias de aranha entre o rabo e a cadeira.

– Isso é o *Bob*. Não me ouvi a dizer *tudo*. Se precisas do *Bob*, Inc, só vais conseguir largar o *Bob* se passares para outra coisa mais avançada.

– Drogas mais duras. Tal e qual como naqueles antigos filmes em que a ganza abre a porta a drogas mais duras, em que o Grilo Falante...

– Oh, vai-te foder. Não tem de ser nada mais duro. Só tem de ser qualquer coisa. Conheço tipos que largaram a heroína, coca. Como? Fazem uma mudança estratégica para uma grade diária de *Coors*. Ou para a metadona, o que seja. Conheço grandes esponjas, Inc, que largaram a bebida passando para o *Bob Hope*. Eu próprio, como tu já visto, passo a vida a mudar. O truque é acertar na mudança certa para as características de cada uma. Estou a dizer que uma cena para limpar a sério as teias de aranha comigo e com o Axford depois da angariação de fundos era capaz de te ajudar a pôr as coisas mesmo em perspetiva, a parar com as conversas de bebé e as decisões da treta que nunca vais conseguir cumprir e a começar a definir finalmente como é que te vais diversificar para largar essa coisa do *Bob*, e eu aplaudo que largues o *Bob*, Inc, não é coisa para ti, estavas a começar a ficar com aquele ar de um tipo que vai acabar com tetas.

– Então, de forma muito subtil, estás a fazer força para eu meter DMZ dizendo que não acreditas que eu fosse capaz de largar simplesmente tudo. Já que não há dúvida que tu não estás a pensar em largar nada. Com o teu olho esquerdo a tremer por todos os lados. Nem sequer largaste o *Tenuate*. «Os vencedores nunca têm de largar nada» e todas aquelas tretazinhas que o DeLint...

– Não me ouvi a dizer nada disso. E acho que provavelmente eras capaz de largar tudo. Durante uns tempos. Não és nenhum coninhas. Tens tomates, eu sei. Aposto que conseguias fazer isso.

– Durante uns tempos, dizes tu.

– Mas só que o que é que achas que ia acontecer passados uns tempos? Sem uma coisa de que *precisas*?

– O quê, estás a dizer que me ia agarrar ao peito e cair para o lado? Agarrar-me à cabeça a meio de um *Tap & Whack* e morrer com um aneurisma como aquela miúda de Atwood o ano passado?

– Não. Mas morrias por dentro. E, se calhar, por fora também. Mas pelo que vi, quando és um gajo a sério e *precisas* da cena e largas tudo por completo, morres por dentro. Passas-te da cabeça. Já vi isso a acontecer. A cura à força, chamam-lhe, o vício. O pânico. Tipos que tinham acabado de largar tudo porque se estavam a afundar demasiado, largaram tudo e morreram simplesmente.

– Um Clipperton, queres tu dizer? Estás a dizer que Ele Mesmo se matou por ter ficado sóbrio? É que ele não ficou sóbrio. Havia uma garrafa de *Wild Turkey* em cima do balcão ao lado do micro-ondas onde ele rebentou com a cabeça. Por isso, não me tentes dar a volta com *ele*, Mike.

– Inc, o que eu sei do teu pai podia ser escrito com um lápis de cor sem bico no rebordo de um copo de *shot*. Estou a falar de tipos que *conheço*. Tarântulas. Tipos de Allston que largaram tudo. Alguns fizeram um Clipperton, sim. Outros foram parar ao Mental Marriott. E outros aguentaram-se entrando para os Narcóticos Anónimos, para um culto ou para uma igreja amalucada qualquer, a andar de um lado para o outro, de gravata, a falar de Jesus ou da Rendição, mas essa merda não vai funcionar contigo porque és demasiado esperto para acreditar nas tretas do pessoal da Patrulha de Deus. Na maior parte dos casos em que as pessoas precisavam e largaram a cena, não aconteceu nada importante. Levantavam-se, iam trabalhar, voltavam para casa, comiam, iam dormir e levantavam-se outra vez, todos os dias. Mas estavam mortos. Eram como máquinas; quase dava para ver as chaves nas costas deles. Olhávamos para a fronha deles e tinha desaparecido qualquer coisa. Os mortos-vivos. Gostavam tanto da cena que precisavam disso, tinham largado tudo e agora estavam à espera de morrer. Tinha-se acabado qualquer coisa, por dentro.

– A *joie de vivre* deles. O sangue na guelra.

– Hal, já estás há uns, quê, dois dias e meio sem fumar? Três dias? Como é que te sentes aí dentro, camarada?

– Estou fino.

– Pois, *pois*. Só sei que sou teu amigo, Incpuddle. Sou mesmo. Se não queres comungar com a Madame Psicose, podes segurar-nos as carteiras, a mim e ao Ax. Fazes o que quiseres e mostra-me quem é que te diz o contrário. Só te estou a aconselhar para veres um bocadinho mais além daquele segundo em que vais decidir uma coisa em relação à qual eu sei que não te vais permitir voltar atrás.

– Uma parte vital da minha, tipo, personalidade morria sem qualquer coisa para ingerir. É a tua opinião.

– Às vezes, não ouves lá muito bem, Hallie. Mas não faz mal. Dedica algum tempo a tentar perceber essa *necessidade*. Género, que parte de ti é que começou a *precisar* da cena, o que é que te parece.

– Estás a afirmar que essa é a parte que vai morrer.

– Só a parte de ti, seja ela qual for, que aches que começou a *precisar* do que lhe estás a pensar tirar.

– A parte que é dependente ou incompleta, queres tu dizer. O *viciado*.

– Isso é só uma palavra.

a. Ver nota 334 *sub*.

322 Johnette F., cuja primeira madrasta tinha sido uma agente da polícia de Chelsea, Massachusetts, foi condicionada desde muito cedo a referir-se à polícia como «polícia» ou «a Lei», já que a maioria do pessoal da polícia de Boston acha sardónica a gíria de rua *Os Maiores*.

323 As pessoas que não pertencessem à comunidade dos Alcoólicos Anónimos de Boston utilizam sempre o *O* e dizem *O Centro Ennet;* é uma das maneiras de saber sempre com toda a certeza se uma pessoa é nova na comunidade ou não pertence a ela.

324

17 DE NOVEMBRO DO ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

Às vezes, em raros momentos do dia, o balneário masculino da ATE, no andar de baixo do ed. da Adm., fica vazio e podemos andar por lá de um lado para o outro, a ouvir os chuveiros a pingarem e os ralos a gorgolejarem. Podemos sentir a estranha qualidade aturdida que os sítios habitualmente apinhados de gente têm nas horas mortas. Podemos demorar o tempo que quisermos a vestirmo-nos, fazendo músculo diante do grande espelho de vidro laminado por cima do lavatório; o espelho tem espelhinhos laterais salientes que nos permitem observar os velhos bicípites de ambos os lados, ver o queixo de perfil, treinar expressões, tentar fazer um ar natural e completamente descontraído para podermos tentar qual é normalmente o nosso verdadeiro aspeto para as outras pessoas. No balneário, o ar está carregado do cheiro a sovaco, desodorizante, benjoim, cânfora em pó, chulé a sério e vapor velho. E também a cera *Lemon Pledge* e a um ligeiro odor a sobreaquecimento elétrico de secadores utilizados demasiado tempo. Vestígios de pó de talco e greda[a] na carpete azul, tão entranhados que só se podem lavar com máquina a vapor. Podemos tirar um pente do grande frasco de desinfetante *Barbicide* que está na prateira ao pé do lavatório, e num secador tipo revólver de calibre .38, e fazer uma data de experiências ousadas. É o melhor espelho da Academia, intricadamente iluminado de todas as perspetivas. O doutor J.O. Incandenza conhecia os seus adolescentes. Nas horas mortas, podemos às vezes encontrar lá Dave («F.D.V.») Harde, o chefe da equipa da manutenção, a dormir uma sonecazinha num dos bancos à frente dos cacifos, bancos que diz serem um paliativo para os funículos da medula espinhal. A maioria das vezes, está lá um dos contínuos de Harde, incrivelmente velhos e praticamente iguais, a varrer a carpete ou a borrifar os urinóis com desinfetante industrial. Podemos entrar

na zona dos chuveiros, sem abrir a água, e cantar a plenos pulmões. As capacidades vocais de Michael Pemulis parecem-lhe bastante boas, de profissional, mas só quando tem à volta os azulejos dos chuveiros. Às vezes, quando está tudo vazio, podemos apanhar fragmentos de vozes e barulhos intrigantes de higiene feminina vindos do balneário das raparigas, do outro lado da parede.

Em quase todas as outras alturas do dia, os juniores da ATE de constituição mais delicada servem-se dos chuveiros e lavatórios primitivos dos subdormitórios e evitam quase a todo o custo o balneário congestionado. O homem ocidental nunca teria concebido retretes e chuveiros com água quente no mesmo espaço atafulhado de gente. T. Schacht consegue esvaziar praticamente um balneário apinhado limitando-se a arrastar-se para dentro de um cubículo e a trancar a porta com uma certa determinação.

Os pró-reitores têm os seus próprios chuveiros numa espécie de sala de estar pertos dos quartos, no túnel secundário, com um monitor, cadeiras reclináveis, um frigorificozinho e uma porta que impede que lá se entre sorrateiramente.

Quando M.M. Pemulis entrou no balneário para se equipar para os exercícios da tarde, por volta das 14h20b, as únicas pessoas que lá estavam eram Todd Possalthwaite, jogador da equipa A do escalão dos catorze anos possuidor de um balão sem par, de cabeça baixa e a chorar, e Keith Freer, contra quem Pemulis ia jogar e que não parecia estar com pressa nenhuma para se equipar e ir para o campo, e que podia muito bem ser a razão do choro de Postal Weight. O intitulado «Viquingue» estava em tronco nu, com uma toalha ao pescoço, e a tratar da pele ao espelho. Tinha cabelo loiro quase branco, volumoso e espesso, e um pescoço e uma mandíbula inferior extremamente musculosos, com gónios protuberantes que davam um aspeto afilado e matreiro à parte superior da cara. O cabelo dele lembrava sempre a Hal Incandenza espuma de ondas congelada, dizia Hal. Todd Possalthwaite estava praticamente nu, curvado no banco por baixo do cacifo, a cara enterrada nas mãos, as ligaduras brancas no nariz visíveis por entre os dedos, a chorar baixinho, os ombros a tremerem.

Pemulis, que é o companheirão e uma espécie de mentor de balões e *Eschaton* de Postal Weight e gosta mesmo do miúdo, pousou o equipamento e deu-lhe dois murrinhos rápidos e fingidos, em sinal de afeto masculino.

– O nariz tá a ir, Todder?

Como todos os outros, Pemulis é capaz de marcar a combinação do cacifo sem olhar, só pelo tato, depois de meses e anos a fazer a mesma coisa constantemente. Estava a olhar à sua volta e para todo o balneário. Freer fez um barulho ligeiro quando Pemulis perguntou a Postman se podia fazer alguma coisa.

– Não há nada que seja verdade – soluçou Postal Weight, a voz abafada pela palma da mão, balançando-se ligeiramente no banco. O cacifo estava aberto e desordenado, como era típico dos rapazinhos. Só trazia postas uma camisinha de flanela aberta e uma coquilha *Johnson & Johnson* para juniores, e tinha uns pés minúsculos e brancosc com dedinhos delicados parecidos com conchas. Pemulis sabia que ele devia estar nesse momento noutro sítio com Donni Stott.

– O quê, angústias metafísicas aos treze?

Pemulis dirige a pergunta ao reflexo no espelho do olho do suposto «Viquingue». As costas de Freer são em V, não têm gordura e, para as costas de um jogador de ténis, possuem uma definição soberba do músculo latíssimo do dorso, embora estejam ligeiramente mosqueadas por causa das repetidas aplicações e desfoliações com cera *Pledge*, uma vez que Freer é um utilizador desregrado de *Pledge*, devido à obsessão com a tez e ao facto de ter daquela pele nordicular que cai em vez de ficar bronzeada. Pemulis repara que ele ainda está de calças de ganga e mocassins. Pemulis espera ansiosamente que se faça sentir o efeito de

fortalecimento de atitude das duas cápsulas de *Tenuate*d que tomou antes da partida. O cacifo de Pemulis está ao mesmo tempo cheio e arrumado de forma muito precisa, quase alfabetizada, como a mala de um marinheiro experiente. A balança desmontável, o material médico e as substâncias alteradoras do estado de espírito costumavam estar escondidos em vários nichos ocultos do sistema especial de prateleiras portáteis e repletas de nichos que Pemulis tinha instalado aos quinze anos. Para além de umas pequenas embalagens de pano com pimenta-de-caiena moída, para enganar os sempre remotamente possíveis cães farejadores, nos seus tempos de jovem ingénuo. Isso tinha sido antes da descoberta do supremo armazém, por cima do teto falso no corredor masculino do Subdormitório B.

– É só um pirralho desapontado – o risinho de Freer tende a ser triste. – Pelo que consegui perceber antes de começar a choradeira, o velhote do Postal Weight prometeu-lhe coisa e tal se o puto conseguisse isto e aquilo. – As palavras saíam distorcidas porque estava a esticar a bochecha com a língua e a aplicar creme cor de pele numa possível borbulha. – E o nosso Postmaster acha que cumpriu a parte dele, conseguiu fazer o que lhe competia, e dá-me ideia que agora o papá está a fugir ao prometido.

Possalthwaite continuava com os ombros a tremer enquanto chorava com a cara enfiada nas mãos.

– Por outras palavras, estás a dizer que o pai se está a cortar – disse Pemulis a Freer.

– Pelo que percebo, o pai agora está a tentar reestruturar o acordo assim de repente.

Pemulis desapertou o cinto.

– Tiraram-lhe a cenoura da recompensa, o prémio final está a armar-se em difícil, por assim dizer.

– Qualquer coisa sobre a Disney World, antes de ter começado a choraminguice.

Pemulis descalçou os ténis que usava no dia a dia, fazendo força no calcanhar com a ponta do outro pé, ao mesmo tempo que olhava para o delicado remoinhozinho no meio do cabelo de Possalthwaite. Nunca se mostraria tão efébico ao ponto de perguntar explicitamente se Freer fazia tenções de se equipar para poderem ir jogar; nunca deixaria Freer pensar que estava a ocupar espaço na cabeça dele antes de começar a partida.

– Postman, isso é por causa do incidente do *Eschaton*? É por causa do nariz? Porque eu posso telefonar para o Postal Weight Sr. e dizer-lhe que afinal não estão a responsabilizar ninguém com menos de dezassete anos, devias dizer-lhe isso, Todder. Há merda a dar com um pau, mas a vocês não vos vai tocar nada, podes ficar descansado.

– *Não há nada que seja verdade* – lamuriou-se Possalthwaite, sem olhar para cima, com a cara tapada, mamilos lisos, nenhuma gordura na barriguinha de miúdo, pés espectrais por baixo do castanho das pernas, a balançar-se e a abanar a cabeça, com um ar terrivelmente novo e inocentemente vulnerável, género pré-moral. Tinha fiozinhos brancos de ligaduras a sobressaírem das bordas das palmas das mãos, devido ao apocalipse do Dia da Interdependência.

– Bom, pelo menos, não há nada que seja *justo* – admitiu Pemulis. O «Viquingue» fez um barulho dirigido a si próprio.

Pemulis visualiza mentalmente o pai de Postal Weight. Um empreiteiro da zona de Minneapolis. Centros comerciais, parques empresariais, sítios movimentados perto de circunvalações ruidosas. Quarenta e muitos anos, magro, um bronzeado artificial, um bocadinho demasiado finório em termos de roupa, com um charme de vendedor agressivo num seminário motivacional. Um pai bruto como as casas, com um bigode fininho e sapatos ofuscantes de tão engraxados. Tentou imaginar essa figura paterna a acertar com um rolo da massa na mona de Keith Freer e um galo imenso, à desenho animado, a aparecer na cabeça deste. (Pelos cálculos de Pemulis, uma vitória ou mesmo um derrota em três *sets* perante Freer garantir-lhe-iam a

participação no WhataBurger, e é por isso que está disposto a violar uma espécie de código de honra pessoal e tomar *Tenuate* antes de uma partida, coisa que, mesmo com as trinta e seis horas que os efeitos da droga levam a desaparecer do corpo, não deixa de ser um pouco insolente, tendo em conta que ele e Inc escaparam a uma análise de urina imediata só porque Pemulis deu a entender à senhora Incandenza que contaria a Incster o interlúdio desportivo de Avril com John Wayne, e Avril é uma figura administrativa capaz de esperar friamente pela sua oportunidade e com quem não se deve brincar, além de que, tal como C. [«Gretel, a Vaca Transversal»] Tavis, também não é propriamente fã de Pemulis, especialmente desde o incidente da maçaneta eletrificada de Rusk e posterior ligitação. Mas as ‘drinas não pareciam estar a fazer efeito. Em vez da falta de apetite e do súbito aumento de energia competitiva, Pemulis só sentia uma ligeira e desagradável tontura e uma espécie de secura forçada nos olhos e na boca, como se estivesse de frente para um vento quente.) Pemulis nunca tinha visto o próprio pai com outra coisa que não fosse uma *T-shirt Hanes* branca permanentemente amarela por baixo dos braços.

– Não há nada que seja justo porque não há nada que seja *verdade* – disse Possalthwaite a chorar para as palmas das mãos. Os ombrozinhos de flanela tremiam-lhe.

Qualquer coisa velha suspirou e gorgolejou num dos ralos dos chuveiros, um som repugnante.

– Anima-te. – Pemulis estava a tirar do cacifo todos os artigos necessários para a partida e a dobrá-los outra vez para os arrumar no saco de equipamento *Dunlop* não gratuito com precisão militar. Pôs um pé em cima do banco e olhou para um lado e para o outro. – Porque se é isso que te está a irritar, então podes ficar descansado, Postalcode: garanto-te que há coisas que são verdades inabaláveis e absolutas.

Freer tinha transformado os dedos numa pinça e estava a ocupar-se da outra bochecha.

– Deixa-o chorar. Deixa o bebezinho lamuriar-se. Protestar à vontade. Treze anos, por amor de Deus! Um puto com treze anos ainda nem sequer esteve perto de uma verdadeira desilusão. Ainda nem sequer sabe o que é a verdadeira desilusão, frustração, dor. Treze anos: a dor não passa de um rumor. Qual é que é a palavra? Angústia. O bebezinho não era capaz de reconhecer uma angústia genuína nem que ela lhe mordesse o cu.

– Ou seja, não uma verdadeira e séria angústia de uma possível borbulhinha na bochecha, hã, «Vikingue»?

– Vai levar num sítio que eu cá sei, Pemulis – sem sequer se incomodar em olhar. Pemulis e Freer tinham dito *angústia* acentuando o *g*, teria observado Hal. O «Vikingue» contorceu a boca e levantou o queixo grande para esticar a pele da mandíbula, virando-se ligeiramente para se servir também dos espelhos laterais.

Pemulis fez um sorriso rasgado, tentando imaginar Keith Freer com uma camisa de forças, sentado na posição de lótus e de olhar inexpressivo, a atingir todas as notas altas da canção *No Business Like Show Business* enquanto auxiliares vestidos de branco fervido e enfermeiras elegantes com chapéus dobrados estão a estalar os dedos e a baterem no chão com as sapatilhas de instituição de cuidados de saúde, limpas e brancas, silenciosamente e até ao fim da eternidade. Já só tinha as calças de sarja vestidas e estava descalço, com os pés castanho-claros à mostra. Ficou indeciso entre uma *T-shirt* azul com o desenho de uma tarântula preta e outra vermelha e cinzenta que dizia *A Vodca é a Inimiga da Produção* presumivelmente em russo. As suas quatro raquetas *Dunlop* de qualidade estavam no banco, em cima umas das outras e à esquerda de Possalthwaite. Pegou em duas e testou a tensão das cordas batendo com a parte de cima de uma nas cordas da outra, ouvindo o barulho que faziam, e repetindo depois o processo trocando as raquetas. A tensão certa tem uma determinada intensidade. Raquetas *Dunlop Enqvist TL* de material compósito de tamanho médio:

304,95 dólares venda a retalho. As verdadeiras cordas de tripa têm uma espécie de fedor adocicado e dentário. O logótipo da pinta e do acento circunflexo. Quase não olhou para Possalthwaite. Escolheu a *T-shirt* cirílica com o símbolo da garrafa. Puxou as mangas para cima e enfiou a cabeça primeiro, à maneira do grande e falecido pai. Os miúdos mais finos que ali estudavam enfiavam sempre os braços primeiro. E só depois a cabeça. Também é possível identificar os miúdos que têm bolsas de estudo porque, por qualquer razão, calçam uma meia e o sapato e depois a outra meia e o outro sapato. Veja-se, por exemplo, Wayne, que estava no quarto de Pemulis quando este, logo a seguir ao almoço, decidiu subir para meter *Tenuate* antes da partida. O quarto de Wayne era logo ao lado e ele estava inclinado sobre a mesinha de cabeceira *farmacópica* de Troeltsch, em tronco nu e com o cabelo molhado, remeloso e de narinas brilhantes da loção hidratante que pôs no nariz ferido pelos *Kleenexes*. O «Vikingue» estava a apertar uma bola de ténis húmida com a mão esquerda enquanto sondava a testa maioritariamente pelo tato. A contraestratégia psicológica de Pemulis era também não parecer nada apressado em vestir-se, fazer os alongamentos e ir lá para fora. Pemulis – que temia e odiava que entrassem pessoas não autorizadas no quarto, e que não se sentia intimidado pelo talento, sucesso e reserva nada afetada de Wayne mas se mostrava prudente quando estava ao pé dele, John Wayne, mais ou menos da mesma forma como um predador formidável não se sente intimidado mas se mostra prudente na presença de outro predador formidável, em especial desde a tenso mas virtuoso desempenho num certo gabinete administrativo uma semana antes, coisa que não havia sido referida por nenhum dos dois – tinha perguntado descontraidamente a Wayne se o podia ajudar em alguma coisa e Wayne, com igual descontração e sem tirar os olhos das coisas que estava a vasculhar na mesinha de cabeceira do frágil Jim Troeltsch, tinha respondido que andava à procura do *Seldane*e de Troeltsch, e de facto Pemulis tinha ouvido, ao pequeno-almoço, Troeltsch a descrever o *Seldane* a Wayne, que ia assoando o nariz, como a bomba nuclear dos anti-histamínicos que não fazia uma pessoa ficar demasiado sonolenta para deixar de poder funcionar a um nível incrivelmente alto de funcionamento. Pemulis ajustou as alças de trás da coquilha, tentando lembrar-se por que razão tinha começado a pensar em Wayne. Wayne queria estar com a cabeça limpa e um funcionamento pulmonar elevado porque ia jogar com o sírio dos torneios satélite numa partida de exibição informal, às 15h15, Wayne não lhe tinha explicado isso; Pemulis percebeu pelo placar eletrónico. Um dos motivos para que Pemulis se tivesse mostrado prudentemente não assertivo em relação à presença não autorizada de Wayne no quarto era o folheto, não sendo impossível, e tendo em conta um certo incidente num gabinete, que Wayne pudesse suspeitar que Pemulis tivesse alguma coisa que ver com isso, com o folheto escrito com carateres do inglês antigo que estava afixado em vários placards e tinha sido introduzido no placar eletrónico comunitário dos telecomputadores da ATE, para o dia 14 de novembro, anunciando uma apresentação aritmética conjunta de John Wayne e da doutora Avril Incandenza para explicar aos alunos de 14 e sub-14 anos, pré-modelo do plano de estudos *Quadrivium*, que na verdade 17 cabem em 56 muito mais do que 3,294 vezes. A questão é que Wayne, apenas meio vestido, tinha estado ali no quarto de Pemulis com um pé descalço e o outro com meia e sapato. Pemulis sacudiu a cabeça ligeiramente, olhou para Possalthwaite e tentou juntar cuspo.

O altifalante ao lado do relógio no corredor de cimento junto à sauna ganhou vida, crepitando para o começo da emissão semanal da WETA com o tema ensurdecedor de Joan Sutherland. Pemulis pôs os ténis para andar na rua na prateleira dos sapatos para andar na rua.

– Anima-te, T.P. É só um espasmo de angústia. Estás só sob o efeito de uma sacanice paterna temporária. Há por aí verdades filosóficas a dar com um pau. Com ou sem Disney World. Com ou sem nariz. O *Eschaton* continua vivo, acredita em mim. Clandestino ou não. Tu tens uma vocação, um talento. Um tipo

capaz de mandar mísseis do teu calibre. Faz um esforço e arrebita, minha florzinha.

Possalthwaite tinha tirado as mãos da cara e estava a olhar fixamente para um sítio qualquer atrás de Pemulis, mexendo os lábios naquela forma instintiva habitual de quem está a chuchar e que era tão gozada. E a verdade é que a cara tinha aquele aspeto rosado e reluzente de um bebé que esteve a chorar. As mãos tinham-lhe deixado marcas castanhas, parecidas com uma aranha, de tintura de benjoim nas bochechas. Tinha duas nodoazinhas negras por baixo dos olhos. Fungou energicamente pelo nariz ainda coberto de ligaduras e pensos horizontais.

– Dão zou nenhuma florzinha.

– Isso é o que as florezinhas todas dizem, puto – disse o «Vikingue» com indiferença, tirando qualquer coisa de uma narina com uma pinça.

Os seios nasais de Pemulis pareciam uma autoestrada de quatro faixas e estava com o olfato muito mais apurado do que uma pessoa quereria num balneário. O cacifo de Freer, ao lado do de Gloeckner, ao lado do de Inc, estava completamente aberto, o colposcópio aparafusado a cintilar sob a iluminação vertical e as raquetas grandes *Fox* a soltarem um repugnante brilho fluorescente cor de laranja a lembrar a costa oeste, com o símbolo característico da raposa pintado nas cordas.

Possalthwaite coçou um pé com as unhas do outro.

– Se não podemos confiar nos nossos pais...

– Deixa-me afirmar e lembrar-te que a sacanice que te pôs assim tem um fundo emocional e não factual.

Possalthwaite abriu a boca.

– Estás a preparar-te para dizer que se não podemos confiar no regaço patriarcal ostensivamente extremoso, não podemos confiar pura e simplesmente em ninguém, e se não podemos confiar nas pessoas em que é que podemos confiar, com segurança imutável, é ou não é assim, Postal Weight?

– Oh, minha nossa senhorazinha, lá vamos nós outra vez – disse o «Vikingue» para o reflexo da testa.

Pemulis estava a calçar uma meia e um ténis, com a boca colada ao ouvido de Postal Weight.

– Isto não é um problema da treta. Estás a enfrentar uma cena, tipo, muito séria em termos emocionais e filosóficos. Acho que é bom sinal teres vindo falar comigo em vez de ficares com isso tudo preso aí dentro.

– Mas quem é que veio falar contigo? – Freer virou a cara grande para um lado e para o outro. – Ele já estava aqui dentro a chorar baba e ranho como um bebezinho.

Pemulis tentou imaginar beduínos de turbantes púrpura a dobrarem Keith Freer sobre a rede e a enrabarem-no sem contemplações, com Freer a fazer o género de sons que o histórico e a p/b J. Gleason de Leith fazia quando estava a sofrer. Estava a dizer a Possalthwaite:

– Porque eu me lembro de enfrentar precisamente o mesmo tipo de coisa, só que no meu caso a sacanice foi mais filosófica do que emocional.

Freer disse:

– Não lhe perguntes o que é que ele quer dizer, puto.

Foi então que entraram dois rapazes do escalão dos dezasseis anos, G. («Yardguard») Rader e um miúdo eslavo menos relevante que se chamava Zoltan e tinha um apelido que ninguém era capaz de pronunciar, ignorando ambos o conselho de Freer para fugirem enquanto podiam porque o bom do doutor Pemulis se tinha automedicado outra vez e ia começar a disparatar sem nexo, e pousando o equipamento para irem buscar imediatamente toalhas lavadas aos distribuidor automático ao lado dos chuveiros e baterem com elas um no outro.

– O que é que queres dizer com isso? – perguntou Possalthwaite.

– A cilada funcionou, a armadilha fechou-se, aqui vamos nós.

Rader girou os pulsos e fez a toalha rodopiar para obter aquilo a que chamava dor máxima. O «Vikingue» voltou-se e disse que se sentisse alguma das toalhas a passar sequer perto do cuzinho dele estavam os dois feitos ao bife. Pemulis estava a tirar raquetas do cacifo. Os rapazes do escalão dos dezasseis anos da ATE eram um grupo fechado, dado a conspirações, glandular, exclusivista. Excluíam qualquer pessoa que não pertencesse ao círculo deles. Possuíam técnicas e estratagemas de exclusão bem mais avançados do que os dos escalões dos dezoito ou catorze anos. (Costumavam excluir Stice, maioritariamente por ser companheiro de quarto de Coyle e treinar muitas vezes com os do escalão dos dezoito anos, dando-se com eles, e mais recentemente Kornspan também tinha sido excluído, basicamente por ser um cretino cruel e toda a gente suspeitar que havia torturado e matado os dois gatos sem coleira cujos cadáveres queimados tinham sido descobertos na encosta durante os *sprints* pré-exercícios umas semanas antes.) Tinham o seu próprio dialeto e os seus próprios códigos, piadas privadas dentro de piadas privadasf. E na ATE só os do escalão dos dezasseis anos batiam com as toalhas uns nos outros, e apenas durante um ano ou dois, mas faziam-no com imenso entusiasmo, essas vergastadas com as toalhas, um curto mas intenso resvalar para o estereótipo do atleta desmiolado, uma fase em que há uma paixão primata pela camaradagem de rabo vermelho em espaços cheios de vapor. Em vez de Há alguma coisa verdadeira, estavam na idade de perguntar Existo verdadeiramente, ou O que sou eu, ou O que é esta coisa, e isso tornava-os estranhos.

Foi então que Duncan van Slack, que saltava eternamente entre as equipas B e C do escalão dos dezoito anos, o miúdo que levava sempre uma guitarra para todo o lado mas que nunca a tocava, que recusava todos os pedidos para tocar nos encontros a altas horas da noite num ou noutro quarto e se suspeitava que não fosse capaz de tocar sequer uma nota, e cujo pai era supostamente um cientista formidável que investigava a sequenciação genética em Savannah, espetou a cabeça e o braço da guitarra dentro do balneário, disse *Venham depressa* e depois retirou a cabeça antes de alguém poder perguntar o que se passava.

– Se não tivesses tanto jeito para o serviço, não ia ter a certeza que estás preparado para ouvir isto, Postalscale.

– Veio-me agora à cabeça que é este o talento de um chato: o talento para armar ciladas às pessoas – diz o «Vikingue». – Foge enquanto podes, puto.

Possalthwaite assoou o nariz na curva do cotovelo e deixou-o ficar lá.

Pemulis, que continuava a usar cordas de tripa genuínas, enfiou as duas raquetas que tinha escolhido nas capas *Dunlop* e correu os fechos. Pôs um ténis com uma palmilha ortopédica em cima do banco, ao lado do rabo de Postalweight, olhando rapidamente para um lado e para o outro:

– Todder, podes confiar na Matemática.

Freer disse:

– Foi aqui que ouviste essa novidade.

Pemulis abriu e fechou compulsivamente uma das capas.

– Cala-te lá um bocadinho, Keith. Todd, confia na Matemática. Ma-te-má-ti-ca. Lógica predicativa de primeira ordem. Nunca te vai deixar mal. Quantidades e a relação entre elas. Derivadas. A estatística vital de Deus ou equivalente. Quando tudo o resto falha. Quando o pedregulho voltou a rebolar até ao fundo da colina. Quando os que perderam a cabeça te culpam. Podes dar uns passos atrás e reorganizar-te em torno da Matemática. Cuja verdade é uma verdade dedutiva. Independente da razão ou das emoções. O silogismo. A identidade. *Modus Tollens*. Transitividade. A canção do céu. A luz noturna na parede escura da vida, a altas horas da noite. O livro de receitas do céu. A espiral de hidrogénio. O metano, o amoníaco, o H2O. Os

ácidos nucleicos. A e G, T e C. A inevitabilidade sorrateira. Caio é mortal. A matemática não é mortal. O que ela é, é isto: presta atenção: é verdadeira.

– E isto vindo de um tipo com uma suspensão académica sabe-se lá de quanto tempo.

Uma imagem qualquer que metia Freer e um aguilhão para picar gado, humedecido com soro fisiológico, recusou formar-se nitidamente. Continuava a não sentir nada da falta de apetite nem do vigor ou bem-estar do *Tenuate*, só um zumbido faiscante na cabeça e seios nasais que pareciam túneis de vento. Pemulis costumava respirar pela boca. O «Vikingue» levantou uma perna para se peidar na direção de Pemulis, como num número de *vaudeville*, arrancando uma gargalhada a Csikszentmihalyi e a Rader, já praticamente despidos e sentados no banco, à frente de Pemulis e Postal Weight, com as toalhas penduradas nas mãos e a começarem a desenrolar-se, observando e fingindo apenas muito de vez em quando, e sem grande entusiasmo, que pareciam estar prestes a baterem um no outro.

– O meu pai diz que eu não sou dado à Matemática – disse Postal Weight.

Mais uma vez, o nariz fez com que as palavras saíssem *dão, zou* e *batebática*. Csikszentmihalyi fingiu que ia mergulhar e depois mergulhou mesmo, provocando um breve alvoroço de pano turco.

Pemulis abriu a capa.

– O axioma. O lema. Ouve bem: «Se dois conjuntos de equações paramétricas representam a mesma curva J, mas a curva é traçada em direções opostas em cada um dos casos, então os dois conjuntos de equações produzem valores para uma linha integral sobre J que são negativos em relação um ao outro.» Não é «*Se* isto e aquilo». Não é «*a não ser* que um empreiteiro de Boardman, Minneapolis, de aperto de mão insincero e mocassins *Banfi* de quatrocentos dólares mude de ideias». Sempre e eternamente. Como *a priori* tem de ter um *a*. Uma luz a incidir diretamente no preto mais preto, Toddleposter.

Ouviam-se vozes e pessoas a correr como se houvesse alguma confusão. McKenna enfiou a cabeça dentro do balneário, olhou à volta desenfreadamente e foi-se embora sem dizer nada. Csikszentmihalyi correu atrás dele. Freer e Rader disseram os dois Mas que merda é esta. Pemulis só tinha um botão da braguilha apertado e estava a apontar para o teto com um dedo:

– ... Só que em alturas destas, em que estás perdido num bosque escuro, deposita a tua confiança no método abstrato dedutivo. Quando te deitarem abaixo, ajoelha-te e reverencia o duplo S. Salta como um cavaleiro da fé e atira-te para os braços do Peano, do Leibniz, do Hilbert, do L'Hôpital. Vão levantar-te. O Fourier, o Gauss, o LaPlace, o Rickey. Elevar-te. Nunca te vão deixar cair. O Wiener, o Reimann, o Frege, o Green.

Csikszentmihalyi regressou com Ortho Stice, os dois com a cara muito vermelha.

Pemulis abre e fecha compulsivamente fechos de correr, é por esse motivo que só usa calças com botões na braguilha e calções de ténis.

Cs/yi disse:

– Há uma expressão. Têm imediatamente de vir.

Freer virou-se, desviando os olhos do espelho e segurando um pente com as duas mãos:

– Mas que merda é que se passa?

– O John Wayne está a debitar tresloucadamente os pensamentos mais íntimos para toda a gente ouvir.

– Nunca confies no pai que consegues ver – disse Pemulis a Possalthwaite.

Stice já estava a sair do balneário e atirou por cima do ombro:

– O Troeltsch pôs o Wayne no ar e o Wayne passou-se da cabeça.

a. Uma espécie de argila seca e barrenta, muito absorvente, utilizada por alguns jogadores para obter

tração nos cabos das raquetas e descartada por outros por ter imensos silicatos de alumínio e o pânico do «alumínio provoca impotência» do APMT ainda pesa bastante na cabeça de alguns jogadores pubescentes.

b. Muitos finalistas da ATE não têm aulas no último período, ou então têm coisas de Estudo Interdependente marcadas para o último período, e quando está agendado que dois desses finalistas – por exemplo, Pemulis & Freer – se encontrem para uma partida vespertina, têm direito a começar às 14h30 e não às 15h15, e depois, regra geral, terminam cedo, o que é uma grande regalia, visto que poderão ir para a sala de pesos e halteres e para o balneário nas horas mortas e sem ninguém.

c. Uma das vantagens de se ser medíocre em termos competitivos é poder ficar sentado na bancada e apanhar uma data de sol nos pés e no peito, já que se fica de fora, tipo, logo à segunda eliminatória. E daí os pés grotescamente pálidos serem uma espécie de marca perversa de alto estatuto competitivo, se calhar o mesmo que não ter dentes no hóquei ou uma coisa assim.

d. Especialmente concebido para reagir muito depressa com a esterase, enzima hidrolítica, e assim estar completamente fora dos tecidos no espaço de trinta e seis horas.

e. Ver nota 22 *supra*.

f. Por exemplo, no primeiro mês da digressão *Euroclay* do verão passado, perante um sinal qualquer pré-combinado, os rapazes do escalão dos dezasseis anos punham todos a saltitar simiescamente, com os nós dos dedos quase a tocarem no chão, a baterem no peito e a fazerem «*Er ah ee oo ah*» repetidamente, até que o pró-reitor N. Hartigan acabou por perder a paciência quando voltaram a fazer isso na fila para a alfândega do Aeroporto de Orly e teve um ataque de histeria tão horripilante numa pessoa com a altura dele que esse hábito parou tão misteriosamente como tinha começado.

325 (cujas teorias de deteção e interrogatório se baseiam fortemente nos *films noirs* a p/b que Tine gostava tanto de ver quando era novo, a altas horas da noite, nas estações de TV de radiodifusão locais, e de que sente saudades)

326 (e mais alguma coisa)

327 Os modelos H64, 32 e 16 das câmaras *Bolex* vêm equipados com um suporte compatível com lentes C, o que lhes dá uma espécie de aspeto alienígena multiolhos.

328 (mas nunca sem o véu)

329 (o que, por acaso, até é uma treta pegada, mas que não é questionada pelos agentes do USOUS, que se mostram bastante astutos na escolha das suas batalhas heurísticas)

330 (dado o registo do tipo no que à ingestão dizia respeito)

331 *Picaresca*, numa referência bastante óbvia à tradição cómico-surrealista de cineastas *avant-garde* da Bay Area como Peterson & Broughton, já que aquelas coisas da mãe-e-da-Morte do *Potted Psalm* de Peterson e as do aprisionamento craniano e do globo ocular desconectado do *The Cage* são referências bastante óbvias em muitas das produções de Ele Mesmo mais viradas para a paródia *slapstick*.

332

17 DE NOVEMBRO DO ARIAD

– Minha nossa santinha – disse Pemulis, agarrando o tornozelo da perna que tinha cruzado para evitar que o pé abanasse.

– A Rusk, o Charles e a senhora Incandenza estão com ele neste momento. O Schtitt já foi vê-lo. E o Loach fez-lhe um exame completo aos reflexos. O John Wayne vai ficar bom.

– Então demos graças aos deuses por toda a gente já poder dormir descansada – disse Pemulis.

Pemulis, DeLint, Nwangi e Watson estavam no Gabinete da deã dos Assuntos Académicos. O ar condicionado da senhora Inc silvava e havia qualquer coisa lá dentro a zumbir um bocadinho. DeLint estava sentado à secretária alta, com ar de rapazinho mau. Ninguém disse se ia aparecer alguém com mais autoridade do que DeLint. Pemulis não sabia se isso era bom ou mau.

– Vamos lá certificar-nos de que temos isto perfeitamente esclarecido e nas tuas palavras. – Nwangi e Watson eram mera decoração. Quem estava ao comando das operações era A. DeLint. A cara dele quase se rompia quando sorria. – Sem que soubesses de antemão que se passava algo de insólito, fazem-te sair do balneário e ficas parado no corredor com vários outros alunos, e é nesse momento que tens pela primeira vez conhecimento de que se passava algo de insólito com o Wayne.

Pemulis calculou que nenhum dos administradores tinha ouvido aquilo; fecham sempre as portas à prova de som às 14h53; Pemulis não fazia ideia do que Wayne pudesse ter dito sobre fosse o que fosse, ou Jim Troeltsch, que não pôs os pés no quarto uma única vez, e de forma muito sensata, desde a emissão apocalíptica. Pemulis tinha demorado metade da corrida sem saliva até ao quarto B-204 para perceber o que havia acontecido e mais ou menos o mesmo tempo para descobrir os *Tenuates* surripiados no frasco de *Seldane* do estuporzinho. Pemulis quase estremeceu ao imaginar o impacto das ‘drinas na corrente sanguínea vermelho-cereja e virgem de Wayne. O ligeiro zumbido do córtex dele a funcionar a toda a velocidade foi ocultado pelo silvar do ar condicionado, pelo som de assobios e de partidas e pelo megafone de Schtitt lá fora.

– Eu estava lá dentro a equipar-me, à espera do Freer e a fazer uma intervençãozinha de companheirão para ajudar o Possalthwaite, que estava com uma crise, e o Zoltan e o «Escuridão» entram por ali dentro, tipo, a passarem-se e a dizerem que o Troeltsch tinha arranjado maneira de pôr o Duke a revelar coisas íntimas e estava a transmitir isso na emissão da WETA.

– Disseram o quê, que o Troeltsch tinha enganado o Wayne para o pôr a falar candidamente sem perceber que isso estava a ser transmitido pela WETA para toda a ATE?

Pemulis deu-se conta das debilidades daquela história, ou seja, toda a gente perceberia que Wayne teria de estar sentado ao lado de Troeltsch, mesmo ao pé do velhinho e metálico microfone portátil em cima da secretária curva de Lateral Alice Moore. Já tinha ouvido Lateral Alice dizer que o que havia acontecido foi que Wayne tinha entrado por ali dentro, esbaforido, empurrado Troeltsch, agarrado no microfone e começado a disparatar sem nexo enquanto Troeltsch e Lateral Alice olhavam para ele, horrorizados; e que Dave Harde, que tinha ido lá tratar da desativada terceira via de LAM, ficara tão horrorizado que tinha caído de borco narcoleticamente e ficado assim, sem se mexer, com a cara enterrada na carpete azul e o rabo espetado, praticamente durante uma hora, e que o stresse de Lateral Alice lhe tinha piorado a cianose crónica ao ponto de ela ainda ter toda a cara tingida de azul e enfiada entre os joelhos quando Pemulis lá chegou.

– Isto foi mais uma espécie de impressão geral que acho que sou capaz de ter interpretado mal por causa da agitação do pessoal. Isso e o facto de o Wayne não parecer nada ele, tipo, como é que uma pessoa podia ter dito aquelas tretas se não achasse que estava ali sozinha com o Troeltsch, e logo o Wayne, que é basicamente a reserva em pessoa.

As narinas de DeLint revelaram aquele brilho pálido com que ficavam, sabia Pemulis, quando lhe

cheirava a esturro e sabia que a outra pessoa o sabia. Pemulis sabia que DeLint andava desejoso de o apanhar desde o incidente com o tipo da ATPW que havia começado a cambalear e depois a disparatar na ATPW, só que isso tinha sido uma coisa completamente diferente. A ironia era que a dose de Wayne fora um completo acidente e Pemulis não tinha nada que ver com isso, quando muito, Troeltsch, mas o córtex dele não conseguia encontrar maneira de fazer passar isso sem reconhecer estar na possa de uma ‘drina, o que, tendo em conta a situação periclitante em matéria farmacêutica desde o *Eschaton* e o urologista da ONANTA, seria o mesmo que clippertonizar-se. Nwangi mostrava uns dentes de Terceiro Mundo que quase cegavam de tão reluzentes, mas não dizia nada. Os olhos de Watson revelavam quase uma fina película de estupidez, mais mortos do que mortiços, a luz de alpendre fundida que significava que não estava ninguém *chez* Tex Watson. Pemulis viu o folheto sobre Wayne e a senhora I. e a conta de dividir pervertida no meio dos papéis que DeLint tinha na mão.

– Nas tuas palavras, quando é que tiveste pela primeira vez conhecimento de que se passava algo de insólito com o Wayne?

– A primeira vez foi quando saí do balneário, ainda a tentar aconselhar o Postheimer, e ouço pelo altifalante o Wayne a fazer o que Keith comentou que podia ser uma imitação do doutor Tavis.

Tinha sido assombroso. Fizera Stice parecer um perfeito amador. Wayne tinha dito a Troeltsch para fazer de conta que era uma adolescente: aquilo era o Tavis adolescente a convidá-la para sair; Pemulis estremeceu; não se conseguia lembrar ao certo de todos os maneirismozinhos, que Wayne tinha obviamente apanhado por Tavis se sentar sempre ao lado dele nas viagens de autocarro pós-vitórias, falando sem parar, mas em linhas gerais era Chuckie Tavis a ir ter com uma chefe de claque canadiana ou coisa do género e a dizer-lhe que ia ser completamente franco com ela: tinha um medo terrível de ser rejeitado; estava a dizer-lhe já e sem rodeios que amanhã a ia convidar para sair e a *implorar-lhe* para não o rejeitar abertamente se não quisesse aceitar, para inventar uma desculpa qualquer plausível – embora, claro, tenha dito que tinha noção de que o que estava a dizer ia fazer com que fosse difícil de acreditar nessa desculpa, agora que lhe tinha pedido abertamente para inventar uma.

– Após o que toda a Academia ouve o senhor Troeltsch a induzir o Wayne a recriminar publicamente os colegas e os instrutores dele.

– Devo dizer que parecia realmente que o Troeltsch tinha orquestrado as coisas de alguma maneira, foi essa a minha impressão.

– Referindo-se ao Corbett Thorp como um... – fingindo folhear os papéis que tem na mão para que Pemulis não possa deixar de ver o folheto com as vezes em que 17 cabem em 56 ao passar por ele.

– Penso que o termo foi «um idiota entrevado» – disse Nwangi a DeLint.

– Sim, «idiota entrevado». E a Francis Unwin, passo a citar, «parece um roedor encurralado quando está no campo». E o Disney R. Leith: o, citando novamente, «tipo de homem que uma pessoa tem sempre o azar de apanhar sentado ao nosso lado nos eventos comunitários». A menina Richardson-Levy-o’Byrne-Chawaf como presidente de uma espécie de comissão para discutir o tópico da, e passo outra vez a citar, «Tetazinha Minúscula». Sobre o treinador Schtitt, disse, citando uma vez mais, que parecia que lhe haviam «negado uma espécie de fluido vitalmente importante desde que tinha nascido». E aqui do nosso senhor Nwangi disse, mais ou menos por estas palavras, se não estou enganado, que era «o género de pessoa que vai a um restaurante chinês connosco e nem sequer divide a comida nem nos deixa experimentar nada».

– Ou seja, mesquinho. – Nwangi atirou a cabeça para trás e fez um sorriso rasgado como se fosse cego.

O que era arrepiante era que, na situação inventada por Wayne, Tavis conseguia de facto, segundo

projetou Wayne, seduzir a chefe de claque canadiana ou coisa que o valha, mesmo tendo sido totalmente franco e confessando, durante a saída, que lhe dissera propositadamente e logo de antemão que tinha medo de ser rejeitado só como estratégia para se fazer passar por diferente dos outros rapazes, mais honesto e franco, e então nessa situação a honestidade revelava-se tão esgotante que ela se tinha basicamente deitado, exausta, e deixado que ele a coisasse só para o calar. Só que – e era isso que era arrepiante – ele não se tinha calado.

– ... incluindo uma espécie de imitação de um longo monólogo do doutor Tavis durante o ato sexual – disse DeLint, tentando encontrar isso no molho de papéis. – Sobre a Bernadette Longley: «À Bernadette Longley parece que foi a cabeça que cresceu no cabelo e não o contrário.» Sobre a Mary Esther Thode: «uma cara de panqueca». Sobre o próprio e falecido fundador da Academia e marido da deã dos Ass. Ac.: «tão cheio de bazófia que até podia ter cagado os braços e as pernas». Fim de citação. Sobre o próprio parceiro de pares, o Hal Incadenza: «pelo que dá para ver, viciado em tudo o que não esteja preso, não consiga correr mais depressa do que ele e lhe caiba na boca».

– Lembro-me que a palavra utilizada foi *inserível*. – Pemulis pontapeou-se mentalmente. A diatribe da panqueca tinha-se prolongado uns quinze segundos, com Wayne a descrever a cara de M.E. Thode como circular, queimada, sardenta, cheia de crateras, pastosa, reluzente, pesadona, e por aí fora. E o que, de certa maneira, ainda era mais arrepiante era o facto de Pemulis saber, porque Inc lhe tinha contado, que o estratagema do «vivo-com-medo-de-ser-rejeitado» do pseudo-Tavis inventado por Wayne fazia na verdade parte do *top* cinco ou dez das perturbadoras «Estratégias» que Orin, o irmão pontapeador de Inc, tinha revelado ao telefone a Hal para que este as utilizasse para coisar com raparigas casadas.

– Segundo as informações que recebemos, a pele do Donni Stott «lembra uma pasta de diplomata e é uma publicidade convincente aos protetores solares». E eu próprio sou, e estou a citar, «um homem que não emprestaria vinte cêntimos à mãe para comprar uma ponta de borracha para a muleta».

– O que se está aqui a querer dar a entender é que isto vai afetar a minha ida ao WhataBurger?

Nwangi contorceu-se e bateu com a mão no joelho. A cara dele parecia literalmente um machado muito escuro. Tex Watson esticou o braço por trás da consola ao lado da qual estava sentado, afundado na cadeira, e tirou de lá o boné especial de marinheiro de Pemulis, abanando-o como uma coisa que se quer que um cão salte para apanhar. Algures por baixo da cadeira de Nwangi, foram desencantadas duas balanças farmacêuticas, várias lupas de joalheiro, o *stock* do camião-reboque de frascos de *Visine* vazios e esterilizados e, ainda, todos os frascos da mesinha de cabeceira de Troeltsch, que, como era evidente, se tinha chibado à força toda, mesmo à porco, e feito um acordo qualquer.

Pemulis sentiu o sabor metálico de um estômago seriamente agitado.

– Peço que me deixem falar com a deã dos Ass. Ac. antes de avançarmos com isto.

– E agora temos novamente a menina Heath, que pelos vistos foi muito recordada hoje, e que neste caso se diz ser o género de pessoa que, e passo a citar, «chora com truques de cartas». Temos o Rik Dunkel, que «nem com as duas mãos e uma bússola de precisão exata seria capaz de descobrir o próprio rabo». E a menina Heath tem direito a uma repetição dos elogios, descrita como «estando sempre à beira de um vasto continente de histeria menstrual». E temos o nosso querido e adorado Tex, sentado aqui ao lado, que é descrito como tendo «uma ervilhinha mal enjorcada no cimo da coluna», em vez de funções corticais superiores.

– A sério, Aubs: tenho mesmo uma coisa urgente que preciso de discutir com a senhora Inc. Diga-lhe que tem que ver com as relações entre os Estados Unidos e o Canadá.

Nwangi soltou uma gargalhada sonora, com aquele ligeiro chiar de uma chaleira próprio das gargalhadas dos negros corpulentos pelo mundo fora.

– Ela manda-te *cumprimentos*, a deã pediu para te dizer isso – bateu três vezes com a mão no joelho.

DeLint não parecia tão feliz, já que era óbvio que não fazia ideia do que se estava a passar ali e não gostava de andar a enviar mensagens em código, mas mesmo assim ainda parecia bastante feliz:

– Michael Mathew Pemulis, a deã dos Assuntos Académicos desta Academia pediu para te dizer que a Administração está, como é natural, bastante preocupada com o estado em que se encontra um dos nossos dois melhores talentos atuais, sendo que é evidente que lhe deram, numa brincadeira sem piada nenhuma, uma dose de um estimulante artificial proibido por decreto federal, pelos regulamentos da ONANTA e pelas normas relativas a Substâncias Artificiais dos Códigos de Honra da Academia de Ténis de Enfield, e que se permite a satisfação de te transmitir os melhores cumprimentos da deã e o desejo de que, e passo a citar novamente, «a estrada te acolha de braços abertos para onde quer que o futuro te leve.» – DeLint enfiou o dedo na orelha. – Resumindo, acho que era isso.

Pemulis ficou muito calmo e pôs uma máscara de impassibilidade. Estava a respirar pelo nariz com grande fluidez e o ar no gabinete parecia mentolado. Ficou tudo muito calmo, formal e transparente como a glicerina.

– Aubs, antes que fique alguma coisa escrita na pedra e de que todos nós nos vamos, garanto-lhe a si e à senhora Inc, todos nós nos vamos arrepender...

DeLint interrompeu-o:

– Pelo que me foi dado a entender, tens duas opções: ou terminas o período para receberes créditos ou pões-te na alheta de mãos a abanar, com o teu bonezinho de marinheiro e uma trouxa de vagabundo, e vais a outra instituição qualquer da ONANTA ver se aceitam um finalista sem referências positivas, já que, tanto quanto percebo, a Administração diz que podes tirar o cavalinho da chuva se estás à espera de alguma.

Tex Watson disse qualquer sobre urina.

Pemulis voltou a cruzar a perna. DeLint olhou para Nwangi:

– Quer-me parecer que o miúdo ficou sem fala.

– Quer-me parecer que não tem nada para dizer.

– Nem acredito.

– E a Administração também te convidou, ou qualquer coisa do género, a berrar seja o que for que ameaçaste que ias berrar da encosta mais alta que consigas encontrar, que daqui a muito pouco vai deixar de ser esta.

Nwangi conseguiu dizer entre gargalhadas:

– E que as maçanetas do gabinete administrativo foram isoladas e ligadas à terra, os ficheiros administrativos foram todos reencriptados e os espelhos de toda a gente readonizados e tapados com madeira plástica, segundo o que a senhora Inc pediu para te dizer.

O esvoaçarzinho, como um baralho de cartas, das asas da Fada da Merda, que ele imagina para consigo ser uma espécie de íncubo violeta com a carranca descaída do pai. Pemulis coçou-se ao lado da orelha muito descontraidamente.

– E isto afeta as minhas hipóteses de ir ao WhataBurger?

DeLint disse a Pemulis que ele o tinha acabado de matar todo com aquela, enquanto Watson olhava para uma cara e para a outra e Nwangi se balançava, arquejava e batia com a mão no joelho, e Pemulis, com a boca fechada e a respirar com extrema descontração, achou que a boa disposição deles era quase

contagiante.

333 Publicado pela Divisão dos Serviços de Substâncias Ilícitas de Massachusetts, com uma lista de todos os grupos (excetuando apenas os mais lunáticos e marginais) com programas de doze passos na cidade, subúrbios e exúrbios, em North e South Shore, Cape e Nantucket.

334 Tropo, inspirado em Pemulis, que Hal utiliza para o abandono do *Bob H.* secreto e diário, coisa que começou por ser uma sarcástica e sombria piada mental mas que agora, uma semana depois, passou a ser a forma como Hal caracteriza a abstinência para si mesmo, o que qualquer alcoólico anónimo de Boston lhe dirá não ser uma maneira muito prometedora de pensar na coisa, em termos de autocomiseração.

335 Exceto, claro, para um determinado tipo de tarado sexual congénito, viciado em pornografia e onanista, o que deu azo a umas quantas irmandades, com base em programas de passos, excecionalmente nojentas.

336 (segundo M. Bain, o sudorífero irmão mais novo, viciado em compras)

337 Um erro na tentativa de utilizar a expressão latina *se defendendo*, que significa autodefesa, e que poderá ser, *sic*, um termo jurídico mal empregue, um lapso pós-freudiano ou (hipótese menos provável) uma indireta muito subtil e obscura a Gately por parte de Ewell, se este for porventura muito conhecedor da cena do cemitério do *Hamlet* – nomeadamente, o verso 9 da Cena I do Ato V.

338 Cetorolao de trometamina, um analgésico não-narcótico, pouco mais do que *Motrin* com ambições – ®Syntex Labs.

339 International Brotherhood of Electrical Workers.

340 Hiclato de doxiciclina, um antibiótico intravenoso – ®Parke-Davis Pharmaceuticals.

341 Cloridrato de oxicodona + acetaminofeno, um analgésico narcótico oral de terceiro grau – ®Du Pont Pharmaceuticals.

342 Ou, possivelmente, a *Babel*.

343 Slôgane dos Alcoólicos Anónimos de Boston que significa tentar abandonar o uso de substâncias viciantes sem passar por nenhum tipo de programa de recuperação.

344 Os Testes Estandardizados de Colocação Avançada da E.T.S.[a], em que Hal Incandenza se inscreveu, nas disciplinas de Inglês e Francês (parisiense).

a. Educational Testing Service Inc., Princeton, New Jersey.

345 O edifício do College of Basic Studies, no cruzamento da Commonwealth com a Rua Granby, aproximadamente a três quilómetros para leste-sudeste da ATE.

346 Aeroporto Internacional de Montreal, funcionando agora o Aeroporto de Cartierville exclusivamente para voos dentro do Quebeque.

347 (Que, na realidade, não pôs, só que tinha posto perfume da última vez que tinha vestido a blusa.)

348 Uma igreja católica romana logo à saída de Brighton Center.

349 *Sic*.

350 Ou, se calhar, uma cara a contorcer-se ela própria de repulsa perante o gancho de pirata de Don G. ou o braço que lhe faltava.

351 Ou seja, e segundo a piada que se conta nos Alcoólicos Anónimos, uma combinação entre o primeiro e o décimo segundo passos: «A minha vida é Ingovernável e quero partilhá-la contigo.»

352 Referência aos meses de janeiro e fevereiro do ARIAD, período em que uma pessoa ou pessoas desconhecidas andaram pela ATE a cobrir determinadas escovas de dentes dos rapazes e raparigas do escalão dos dezasseis anos com o que acabou por ser identificado como extrato de noz-de-bétele, provocando o pânico e acusações mútuas e resultando numa série de visitas ao doutor E. Zegarelli, odontologista, para tratamento por oxidação, por parte de meia dúzia de alunos, até que a adulteração das escovas terminou tão repentinamente como começou; e atualmente, passados nove meses, continua tudo na mesma: ninguém faz ideia de quem possa ter sido ou qual teria sido o motivo.

353 Que não vai para Enfield-Brighton mas para Roxbury e Mattapan, e ir parar a esses sítios à noite era um azar dos diabos se fôssemos brancos e estivéssemos incapacitados.

354 Ver subnota (a) à nota 12.

355 Anexsia – ®SmithKline Beecham Laboratories.

356 Levo-Dromoran – ®Roche Laboratories.

357 *Numorphan*, uma espécie de *Dilaudid* mais fraco – ®Du Pont Pharmaceuticals.

358 *Perwin NX* – ®Boswell Medications Ltd., Canadá – o que explica o C-III, já que os Canadianos são reconhecidamente loucos quando se trata de calcular o potencial de um medicamento em termos de dependência.

359 Aliás, cloridrato de clordiazepóxido – ®Roche, Inc. – um tranquilizante suave, género *Valium*.

360 Um narcótico oral C-III, tipo porta de entrada, cujos efeitos secundários e a sensação de bem-estar inconsistente levam muitas vezes os viciados a avançarem para os compostos C-II.

361 Aliás, sulfato de hiosciamina – ®Schwarz Pharma Kremers Urban, Inc. – um antiespasmódico utilizado para um sem-número de coisas, da colite ao síndroma do intestino irritável.

362 Aliás, metaqualona, agora produzida fora da juridisção da ONAN, sob o nome comercial de *Parestol*.

363 Mais tarde, um terço da equipa do esquema de arrendamento-e-desfalque-de-apartamentos-luxuosos e, ainda mais tarde, colega de confiança de Gately em algumas das mais desastrosas e apressadas invasões de casas, incluindo a de um tal G. Duplessis, de que Kite acabou por se arrepender exponencialmente mais do que Gately depois de a AFR ter tratado dele.

364 MDA, MDMA («X»), MMDA-2 («Barco do Amor»), MMDA-3.ª («Eva»), DMMDA-2 («Noite Estrelada»), etc.

365 Centro de Cuidados Continuados.

366 Lembrando, de forma bastante suspeita, os estudos empolados do professor H. Bloom sobre a *influenza* artística – embora não se perceba bem qual poderá ser a ligação entre dissertações sobre o Dilúvio ou antepassados mortos e *The Cage*, o clássico de baixo orçamento de S. Peterson, que é essencialmente sobre um globo ocular peripatético a andar de um lado para o outro, tirando o facto de J.O. Incandenza adorar o filme e enfiar pequenos excertos ou referências a ele praticamente onde quer que pudesse; talvez a «disjunção» ou «desconexão» entre o filme que estava a passar no ecrã e a dissertação académica do

professor sobre a arte tenha a ver com o assunto[a].

a. (Partindo do princípio, claro, de que há um assunto.)

367 Embora trocassem muitas vezes, tal como acontecia nas representações do crime organizado em termos de entretenimento popular, de telemóvel para evitar potenciais escutas ou registos de chamadas telefónicas – Sorkin comprava novos aparelhos e números, Gately, na maior parte das vezes, pedia emprestado os telemóveis a estudantes de Enfermagem e depois devolvia-os passados alguns dias. Um dos maiores desafios para Gately nesta sua carreira era lembrar-se da porra dos vários números de telemóvel e das moradas de todos os apartamentos luxuosos quando andava mocado com *Bam-Bams* praticamente o tempo todo.

368 Cimetidina – ®SmithKline Beecham Pharmaceuticals – cápsulas de 800 mg para problemas cardiovasculares generalizados (derivada, interessantemente, da cravagem do centeio, tal como o LSD).

369 Talvez valha a pena referir que, nos dois casos em que mandou realmente eliminar devedores do mapa, Sorkin não recorreu às «Torres», utilizando antes os serviços dos capangas e ex-quebequenses, autênticos rufiões, DesMontes e Pointgravè, que no fundo não pertenciam a nenhuma fação ou comunidade e serviam de executores a corretores de apostas e ao pessoal que emprestava dinheiro cobrando juros altíssimos, tanto em North como em South Shore. É verdade que Gately, no seu papel de cobrador coercivo, tinha eliminado uma pessoa do mapa, mas tratou-se basicamente de um acidente – o devedor era loiro, estava a beber *Heinekens* e quando as coisas ficaram violentas borrifou Gately na cara com *mace*, e a visão de Gately toldou-se com uma cortina vermelha de fúria e quando ele voltou a si, já a cabeça do devedor tinha dado uma volta de cento e oitenta graus no pescoço e a lata de *mace* estava enfiada por uma narina acima, o que foi o momento profissional mais horrorizante para Gately até àquela coisa com o PIT canadiano que morreu sufocado, o que em todo o caso só ocorreu muito mais tarde e numa altura em que Gately já era muito menos dado a violências.

370 Insulina de porco purificada numa suspensão de zinco – ®Lilly Pharmaceuticals.

371 Um liceu privado de elite perto de Methuen.

372 De certeza que *calote* e *quinhão*, ou seja, a dívida e a percentagem automática do corretor de apostas (normalmente, dez por cento descontados aos ganhos ou acrescentados ao quinhão) não são só termos utilizados na área metropolitana de Boston.

373 Aliás, Acetilcisteína-20 – ®Bristol Laboratories –, profilaxia nebulizável para prevenir a acumulação pós-traumática de muco anormal, viscoso ou inspissado.

374 Com o *ch* carregado típico da forma como em North Shore se pronunciam palavras como *Chicago* e *champanhe*.

375 Conhecido, de forma menos delicada, entre os médicos residentes de neurourologia, como «Distúrbio da Picha Tonta» ou, às vezes, «3-D».

376 O bom do velho *Dilaudid* dos Knoll Laboratories – 666 doláres/g por atacado e 5 dólares/mg na rua, preços em vigor no AMLLSM.

377 Um «Phillips Screwdriver», vodca com leite de magnésia, coisa que Gately achada nauseabunda e a que, em privado, chama um «anti-*cocktail*».

378 (Por oposição ao autoconfronto, presumivelmente.)

379 Ver nota 144 *supra*.

380 O retângulo da rácio de aspeto de tela 4:3 que é lido pelos raios de eletrões nas imagens vídeo, hoje em dia substituído pela imagem digital HD multi-*interlace*[a] de campo sólido.

a. A razão pela qual o seminal nome da empresa de Noreen Lace-Forché era uma espécie de trocadilho irónico: 2:1 *interlace* era o termo, na altura da televisão pré-HD, para a divisão do enquadramento da imagem em dois campos de 262,5 linhas para uma leitura normal de 525 linhas... Uma piada só para entendidos, com o objetivo de apelar às mesmas quatro grandes estações de televisão que Noreen L.-F. andava a cortejar na altura.

381 Mais, tipo, 1926 A.S., segundo o Arquivo Fotográfico do MoMA de Nova Nova Iorque. Além disso, note-se que a fotografia – que Hal se lembra corretamente que Avril sempre detestara[a] – antecedia em muitos anos a primeira vez que J.O.I. pegou numa câmara.

a. E daí a relativa estranheza de continuar pendurada na parede da sala de estar da RdR quatro anos depois de Incandeza se ter suicidado – até parece que alguém lhe pediu para deixar ficar aquilo ali.

382 Seja numa partida de singulares ou numa de pares, com os dois a formarem equipa, quando Hal está no campo com Wayne, tem sempre a sensação sinistra de que Wayne possui controlo absoluto não só do seu sistema nervoso central mas também da frequência cardíaca e tensão arterial, do diâmetro das pupilas, etc., sensação que não só arrepia como também distrai Hal, contribuindo para aumentar a tensão de jogar contra/com Wayne.

383 Instituição, em Winter Park, Forida, para problemas relacionados com o enredamento, a codependência e a compulsividade.

384 Aliás, *Lorazepam* – ®Wyeth-Aherst Labs –, um venerável tranquilizante antiansiedade, sendo que 25 mg/dia são suficientes para ansiolitizar um cavalo clydesdale de bom tamanho.

385 Provavelmente, refere-se a *Doryx*, hiclato de doxiciclina da Parke-Davis, o míssil *Cruise* dos antibióticos contra bactérias gram-negativas.

386 Cloridrato de naloxona, o míssil *Exocet* dos antagonistas narcóticos – ®DuPont Pharm. – seringas já preparadas com solução salina de 2 ml/20 ml.

387 Na área metropolitana de Boston, a terceira coisa mais difícil de orientar na rua, a seguir ao ópio puro vietnamita e ao incrivelmente potente DMZ, é o *Sunshine*, cloridrato de pentazocina e ácido mefenâmico[a] – ®Sanofi Winthrop, Canadá, Inc. – c/ o nome comercial de *Talwin-PX* – seringas já preparadas com solução salina de 7 ml/20 ml de soro amarelo *Day-Glo*.

a. Um analgésico não-narcótico comercializado nos Estados Unidos como *Ponstel* – ®Parke-Davis –, principalmente (e de forma bastante estranha) para a dismenorreia, uma espécie de *Mydol* de nível nuclear.

388 *Talwin-NX* – ®Sanofi Winthrop, Estados Unidos.

---

* [a] Esta tendência para a abstração intricada é por vezes denominada «pensamento marijuano»; e, a propósito, a chamada «síndrome amotivacional», consequência do consumo excessivo de *Bob Hope*, é uma

designação inexata, pois não é verdade que os fumadores de *Bob Hope* percam o interesse pelo funcionamento prático, mas sim que o pensamento marijuano os leva para um labirinto de reflexão abstrata que parece pôr em dúvida até a própria possibilidade de funcionarem de forma prática e o esforço mental de arranjarem uma saída consome toda a atenção disponível e faz com que os fumadores de *Bob Hope* pareçam fisicamente tórpidos e apáticos e desmotivados quando, de facto, estão a tentar escapar do labirinto. Note-se que a fome esmagadora (o chamado «ataque de fome») que acompanha a intoxicação com canábis pode ser um mecanismo de defesa natural contra esta perda de função prática, uma vez que não existe nenhuma função mais prática em lado nenhum do que procurar comida.

** [b] Ora bem, o Orin nunca tinha levado o *S. Johnson* a passear. O Orin nem sequer gostava muito do *S. Johnson* porque o cão estava sempre a tentar acasalar com a sua perna esquerda. E, de qualquer forma, o *S. Johnson* era o cão da senhora Incandenza e era, normalmente, exercitado apenas pela senhora Incandenza e a horas do dia muito específicas.

*** [c] Sim, é isso mesmo – isto é capaz de ter mais a ver com o cerne da coisa – não «valioso», mas «valorizado».